Proponente: Adriano Furtado Holanda

Área da Psicologia: História da Psicologia

HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTOS DA FENOMENOLOGIA NO BRASIL: PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E PESQUISA QUALITATIVA

Justificativa: O resgate da história da Fenomenologia no Brasil é relevante por ser uma das perspectivas com maior penetração no campo da Pesquisa Qualitativa, bem como por sua influência nos desenvolvimentos de uma psicologia fenomenológica e existencial. O pensamento fenomenológico, originalmente projetado no campo da Filosofia, por Edmund Husserl, possui raízes largamente associadas à Psicologia, com um projeto de crítica ao Naturalismo da psicologia científica nascente. Posteriormente esta crítica redundou em novos desdobramentos, como a abertura para uma leitura do ser humano como sujeito concreto e histórico em íntimas relações com o mundo, abrindo leituras existenciais que encontram alicerces em inúmeros pensadores contemporâneos que extrapolam o campo filosófico, adentrando em terrenos como a Educação, dentre outros. Resgatar sas diversas formulações que este pensamento teve no nosso país, auxilia na compreensão de modos atuais de concepções de mundo, além de ir ao encontro da proposta de uma psicologia plural e generalista. Assim, a mesa proposta se coloca na direção de traçar perfis do pensamento fenomenológico em três campos diversos: o da construção das ideias fenomenológicas e existenciais (com suas repercussões nos modelos humanistas, e fenomenológico-existenciais de Psicologia); sua penetração, desenvolvimento e sedimentação no campo das pesquisas qualitativas; e a reflexão em torno de uma das figuras centrais desse pensamento no país, Edith Stein

Coordenador: Adriano Furtado Holanda

DA EXISTÊNCIA AO FENÔMENO. ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DA FENOMENOLOGIA NO BRASIL. Adriano Furtado Holanda (Universidade Federal do Paraná)
A Fenomenologia representa um marco não apenas da história da Filosofia, como também uma das mais importantes contribuições ao pensamento contemporâneo. Uma prova desta relevância pode ser facilmente observada a partir das múltiplas influências que a Fenomenologia exerceu e ainda exerce em numerosos campos do conhecimento. A proposta deste trabalho é apresentar o projeto de pesquisa sobre as raízes do pensamento fenomenológico no Brasil e seu desenvolvimento contemporâneo. O projeto, ora em andamento, chama-se “História do Movimento Fenomenológico no Brasil”, e busca traçar o panorama da chegada, desenvolvimento e ramificações da Fenomenologia em solo brasileiro, a partir do destaque aos temas, obras e nomes dos primeiros leitores e difusores do pensamento fenomenológico no país, na expectativa de compreender o momento atual deste movimento. As idéias fenomenológicas no Brasil se fazem presentes desde o princípio dos anos 1910 – através de seu grande precursor, Farias Brito – e ganha destaque a partir da década de 1940, com o que comumente se chama de “ideário existencialista”, em duas vertentes: uma, de reflexão filosófica (com relações estreitas com a filosofia do Direito), e outra, de reflexão psicológica, com significativas repercussões na psiquiatria. O projeto se constitui em torno de dois eixos de trabalho: a) Um levantamento bio-bibliográfico referente aos primórdios desse movimento no Brasil, através da compilação de dados referentes aos autores e suas obras, e; b) uma análise das obras compiladas, cuja temática esteja relacionada à Fenomenologia. Uma leitura desse processo de chegada e consolidação da fenomenologia

por seu ideário existencialista aponta para algumas das características desse movimento no país, e que nos remete à atualidade – em especial no campo psi – respondendo e justificando algumas das interpretações que este pensamento carregou até os nossos dias. Destacamos algumas das conseqüências desse processo histórico, que serão analisadas em referência a alguns contextos: a) um dos impactos desse "ideário existencialista" é o fato que a obra precursora de Brentano e a filosofia seminal de Husserl só vem a ser conhecidas tardiamente no Brasil; b) outra conseqüência derivada desse processo histórico remete à não-consolidação de um "movimento" propriamente dito, derivado da apropriação extremamente diversa de temáticas e autores considerados sob a mesma alcunha de "fenomenologia" ou de "fenomenologia existencial"; c) decorre disto, igualmente, que as fronteiras entre os diversos leitores existenciais fica igualmente prejudicada, e; d) por fim, reflete-se sobre a indefinição de conceitos chave do pensamento husserliano, acarretando leituras simplificadas do mesmo nos mais diversos campos de aplicação. O projeto como um todo parte do reconhecimento dos primeiros leitores e difusores da fenomenologia no Brasil, e suas respectivas aplicações. Serão apresentados os dados preliminares desse levantamento, cujos primeiros resultados apontam para alguns nomes e suas áreas de interesse, tais como: Miguel Reale e Moacir Teixeira de Aguiar (Filosofia do Direito); Evaldo Paulo, Vicente Ferreira da Silva, Leonardo Van Acker e Euryalo Cannabrava (Filosofia); e Nilton Campos e Elso Arruda (no contexto da Psicologia e da Psiquiatria). Sem seguida serão apontadas algumas das ramificações especificas dessas leituras no campo da psicologia.

Palavras-Chave: Fenomenologia. História da Psicologia. Psicologia no Brasil.

HIST

2º Apresentador: William Barbosa Gomes

O PROJETO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DA DUQUESNE UNIVERSITY E SUAS REPERCUSSÕES NO BRASIL. William Barbosa Gomes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O trabalho ressalta os motivos da criação do Departamento de Psicologia da Duquesne University of the Holy Ghost em Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, como uma formação dedicada à fenomenologia existencial, no início dos anos 1960. A seguir discute os argumentos que sustentaram a prática de uma fenomenologia empírica com suas repercussões nos EUA e no Brasil, com atenção à contribuição de Amedeo Giorgi. Por fim, aborda desenvolvimentos posteriores de modelos que incluem a conjunção entre fenomenologia e experimentação. O objetivo da psicologia de Duquesne era desenvolver uma abordagem antropológica e filosófica, coerente com uma visão que pudesse acolher e integrar contribuições de diferentes escolas de psicologia. A proposta decorria da insatisfação com o reducionismo e as distorções filosóficas presentes nas abordagens psicanalíticas e comportamentais de então. A iniciativa trouxe mais atenção à escassa presença da fenomenologia e do existencialismo na psicologia norte-americana e promoveu a pesquisa qualitativa. Contudo, a influência do programa foi modesta. O currículo, com ênfase no estudo de filosofia e na visão da psicologia como ciência humana, deixou de lado outros domínios da formação, como psicofisiologia, psicopatologia e psicometria. O resultado prático não foi favorável, pois o curso não atendendo aos critérios de acreditabilidade da American Psychological Association, não se mostrou atrativo, pela dificuldade posterior de colocação profissional. Mesmo assim, durante a década de 1980 sua influência percorreu o mundo com a série Duquesne Studies in Phenomenological Psychology. Nesta tarefa, destacou-se A.Giorgi com o argumento de que a psicologia deveria investigar todo o espectro do comportamento e da experiência das pessoas, atendendo as exigências da "ciência rigorosa" sem, contudo, submeter-se ao critério da ciência natural. Na década de

1970, Giorgi lança Psychology as a Human Science: A Phenomenologically based Approach e funda o Journal of Phenomenological Psychology. Na década seguinte, visita o Brasil e consolida núcleos de pesquisas qualitativas fenomenológicas em Porto Alegre e em São Paulo, que se propagaram para outros estados, graças ao interesse de psicólogos humanistas, principalmente da Abordagem Centrada na Pessoa. Sua principal contribuição foi o desenvolvimento de esquema prático e eficiente de análise textual, orientado pelas recomendações fenomenológicas de compreensão hermenêutica. O material para análise eram transcrições de entrevistas, narrativas, observações, ou anotações do próprio pensamento. No Brasil foram publicados estudos clarificando experiências humanas nas mais diversas situações. Passados esses anos, a pesquisa qualitativa se tornou hegemônica no Brasil, embora seja pequeno o número de pesquisadores dedicados à fenomenologia e a sua exigente proposição para pesquisa empírica. Nas palavras dos gestores atuais do Departamento de Psicologia da Duquesne, o currículo amadureceu, tornou-se abrangente, incluindo outros temas. Em 2001, o curso obteve, enfim, a acreditabilidade da American Psychological Association, mas manteve a ênfase na psicologia filosófica e na pesquisa qualitativa. Com a revolução cognitiva e suas repercussões na inteligência artificial e neurociências, a fenomenologia volta à cena em intenso debate com a filosofia analítica e o budismo, sobre a natureza do qualia, as possibilidades e limites do acesso à consciência, e a inclusão da perspectiva de primeira pessoa nos experimentos em neurociências

Palavras-Chave: Psicologia Fenomenológica. História da Psicologia. Fenomenologia.

HIST

3º Apresentador: Tommy Akira Goto

A (RE) CONSTITUIÇÃO DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN NO BRASIL. Tommy Akira Goto (Universidade Federal de Uberlândia)

O pensamento de Edith Stein (1891-1942) se fez presente no Brasil quando Maria Anna Nabuco publicou em 1955 o livro “Edith Stein – Convertida, Carmelita, Mártir” pela Editora Vozes. Pode-se dizer que esse livro foi a primeira obra publicada que indiretamente apresentou a Fenomenologia para o público brasileiro, já que a intenção primeira da autora era apresentar a biografia de Edith Stein. Como se sabe, Edith Stein foi aluna, discípula e assistente de Edmund Husserl (1859 – 1938), tornando-se umas das principais representantes do pensamento fenomenológico na filosofia, psicologia, pedagogia e teologia. No Brasil tivemos alguns pesquisadores como Nilton Campos e Elso Arruda que desde a decada de 40 trataram diretamente do pensamento fenomenológico husserliano na psicologia e psiquiatria, porém seus trabalhos (teses de habilitação) não foram publicados para o público geral, ficando restrito à biblioteca acadêmica e poucos alunos. Diante do fato, pode-se afirmar que até o ano de 1955 não se teve nenhuma obra de Husserl ou algum representante da escola fenomenológica, fazendo de Maria Anna Nabuco a primeira autora a escrever “publicamente” sobre Edith Stein e, consequentemente, da escola fenomenológica. O presente trabalho tem a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa “Contribuições da Fenomenologia à Psicologia” (UFU), que buscou re-constituir a presença e a influência do pensamento filosófico, psicológico, pedagógico e teológico de Edith Stein e seu desdobramento nas pesquisas e estudos psicológicos e filosóficos no Brasil. O método utilizado na pesquisa foi qualitativo-histórico e hermenêutico com objetivo de reconstituir por meio dos trabalhos publicados em livros e teses às contribuições fenomenológicas. Para o desenvolvimento da pesquisa foi explicitado: a) a presença da Fenomenologia na filosofia e psicologia brasileira; b) a aparição do pensamento de Edith Stein no contexto brasileiro e seus principais responsáveis, tais como: Maria Anna Nabuco (escritora), Manuel Bandeira (escritor e tradutor), Frei Patrício Sciadini

(teólogo e religioso) e a Irmã Jacinta Turolo Garcia (filósofa e pedagoga); e, por fim, c) o atual contexto de seu pensamento e suas repercussões filosóficas, teológicas, pedagógicas e psicológicas no país. Com isso concluiu-se que o pensamento de Stein se mostrou importante no Brasil, porque mesmo tendo sido E. Husserl o fundador da fenomenologia, foram as obras sobre e de Stein que primeiramente apareceram na literatura brasileira. Além disso, Stein destaca-se pelo avanço de sua influência teórica e metodológica em diversos estudos psicológicos e filosóficos, observados em teses, dissertações, artigos, além de monografias. Por fim, vale destacar as contribuições da Psicologia Fenomenológica de Stein na atual psicologia brasileira, evidenciado por alguns pesquisadores brasileiros que têm se dedicado às contribuições psicológicas feitas pela autora em questão.

Palavras-Chave: Fenomenologia. Edith Stein. História da Psicologia.

HIS

Proponente: Alessandra Brunoro Motta

Área da Psicologia: Psicologia da Saúde

SITUAÇÕES DE RISCO NA INFÂNCIA: ESTUDOS SOBRE COMPORTAMENTO E COMPETÊNCIA SOCIAL.

Justificativa: A mesa redonda intitulada Situações de risco na infância: estudos sobre comportamento e competência social tem, como proposta de apresentação na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, a discussão referente à vivência da criança em situação de risco biológico e/ou social e suas conseqüências para o desenvolvimento. Desse modo, pretende-se abordar resultados de pesquisas que investigaram o repertório de comportamentos e competências sociais em crianças: com câncer, institucionalizadas após abandono e com doença falciforme.

O estudo desse tema relacionado às situações de risco dessas crianças pode ser considerado sob diferentes perspectivas, entre as quais abordaremos questões conceituais, metodológicas e sócio-políticas. A primeira perspectiva se refere ao aspecto conceitual de desenvolvimento, que inclui a compreensão das etapas evolutivas da criança (longitudinal), as quais, ao longo do seu desenvolvimento, estão relacionadas aos contextos de desenvolvimento (transversal), de modo a formar eixos que se cruzam e permitem uma compreensão ampla e integral do desenvolvimento. Uma segunda perspectiva refere-se ao aspecto metodológico no qual se inserem os estudos que abordam a criança em situação de risco, no sentido de buscar compreender uma faceta do desenvolvimento a partir de comportamentos e competências sociais da criança. Uma terceira perspectiva diz respeito ao aspecto sócio-político, que inclui as políticas públicas de atendimento à criança e ao adolescente e o impacto sobre o desenvolvimento infantil.

Neste ano de realização do evento da SBP, em que a temática central trata da Psicologia sem fronteiras, consideramos que se pode compreender o conceito de fronteira para além do seu significado geopolítico, considerando uma fronteira que aborde aspectos interculturais e subjetivos, entre outros. Assim, esta possibilidade de refletir sobre aspectos do comportamento e da competência social de crianças com problemas de saúde e em situação de risco, junto com alunos, profissionais e pesquisadores, é uma forma de buscar transpor fronteiras na ciência psicológica.

A temática da criança em situação de risco tornou-se, nos últimos anos, um dos focos de investigação na Psicologia e áreas afins, tendo como objeto de estudo as políticas públicas, os contextos de vida da criança (escola, família, comunidade, por exemplo), aspectos de sua saúde, bem como seus atributos individuais. Desse modo, a presente proposta de mesa redonda visa a contribuir com esses estudos, a partir da compreensão do comportamento e competência social da criança que se encontra com problemas de saúde e em situação de risco.

A mesa redonda será composta por três pesquisadoras de instituições públicas do Ensino Superior, situadas em duas Regiões do país (Sudeste e Centro-Oeste), que desenvolvem pesquisas na temática proposta. Nesta proposta, duas pesquisadoras integram o Grupo de Trabalho (GT) de Psicologia Pediátrica e a outrao, o GT de Técnicas Projetivas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPPEP). A coordenadora da mesa, Professora Doutora Tatiane Lebre Dias. é docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), desenvolvendo pesquisas na área de avaliação do desenvolvimento infantil, em situação de doença crônica, no contexto ambulatorial e hospitalar. A Professora Doutora Alessandra Brunoro Motta-Loss é docente

Departamento de Educação Integrada em Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, desenvolvendo pesquisas na área de avaliação e intervenção psicológica de crianças com câncer e seus familiares. A professora Dra. Tatiane Lebre Dias, pertence ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso e desenvolve pesquisas na área de avaliação do desenvolvimento infantil e família, em situação de doença crônica, no contexto ambulatorial e hospitalar. A professora Dra. Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro é professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso e desenvolve pesquisas na área de avaliação psicológica, com ênfase em avaliação de crianças vítimas de violência doméstica.

Coordenador: Alessandra Brunoro Motta

COMPETÊNCIA SOCIAL E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS COM CÂNCER HOSPITALIZADAS. Alessandra Brunoro Motta-Loss (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES) e Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).
Estudos na área do câncer infantil têm mostrado que o diagnóstico e o tratamento da doença constituem fatores de risco psicossocial para a criança e seus familiares. Especificamente a ruptura da vida cotidiana da criança no ambiente familiar, escolar e social, somada à exposição aos freqüentes e prolongados períodos de hospitalização geram stress e sofrimento, exigindo da criança recursos para o enfrentamento que leve a um ajustamento positivo durante e após o tratamento. Entre os recursos disponíveis, estão os atributos individuais da criança, que podem se constituir em fatores de proteção nesse contexto de adversidade. Sendo assim, propõe-se, nesta apresentação, a discussão sobre como variáveis da criança, tais como a competência social e problemas de comportamento, têm sido investigadas junto a crianças com câncer. Serão apresentados os dados empíricos de um estudo que avaliou problemas de comportamento e competência social em 12 crianças com câncer, de ambos os sexos, com idade entre 7-12 anos, em internadas no Hospital Infantil de Vitória, ES. Utilizou-se o Child Behavior Checklist (CBCL- 6-18 anos) que permite, a partir do relato dos pais, a caracterização dos comportamentos da criança e sua competência social. O CBCL oferece indicadores clínicos e não clínicos para a Escala Total de Problemas de Comportamento e por tipo de problema: externalizante (DE) e internalizante (DI). Além disso, é possível obter a classificação por subescala de Problemas de Comportamento: Retraimento; Ansiedade/Depressão; Queixas somáticas, Problemas com o contato social; Problemas de atenção; Problemas com os pensamentos; Comportamento de quebrar regras e Comportamento agressivo. Na avaliação da Competência Social, o perfil da criança é obtido a partir de três escalas separadas: Atividades, Sociabilidade e Escolaridade, cuja soma compreende a Escala Total de Competência Social. Os resultados foram submetidos à análise estatística descritiva. Entre os respondentes, houve a predominância de mães (76,5%), coerente com o fato de que é a mãe quem, na maioria das vezes, permanece internada com a criança. A maioria das crianças foi referida como não clínica na Escala de Problemas Totais (Cl= 4; NC= 8). A análise dos distúrbios que compõem a Escala de Problemas Totais - internalizante e externalizante - mostrou que, para esta amostra, os problemas de comportamento se caracterizam, em sua maioria, por distúrbios internalizantes, tais como Ansiedade/depressão (CL= 7; NC= 5) e Retraimento (CL= 7; NC= 5), com maior freqüência de crianças referidas como clínicas. Em relação à Competência Social, a maioria das crianças foi referida como não clínica em todas as escalas.

Os achados deste estudo, ainda que limitados pelo tamanho da amostra, permitem uma visão mais positiva do ajustamento psicológico da criança com câncer, informando aos profissionais de saúde que lidam com ela, bem como aos seus familiares, como e quais recursos internos poderão ser empregados no manejo das exigências do tratamento. Corrobora-se, assim, a literatura da área, enfatizando a importância da avaliação de comportamentos externalizantes e internalizantes ao longo do tratamento contra o câncer e da intervenção psicológica específica para cada grupo de problemas.

Apoio financeiro: CNPq/MCT (bolsa de doutorado; auxílio Proc. n. 481483/2009-8)
Palavras-chave: 1) Problemas de comportamento; 2) Competência social; 3) Câncer infantil.
Doutorado □ D
SAÚDE - Psicologia da Saúde

2º Apresentador: Tatiane Lebre Dias

HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS COM DOENÇA FALCIFORME. Tatiane Lebre Dias (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT; Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT); Gleyca Reis Arruda* (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT) e Paula Pereira Alves* (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT).

A presença da anemia falciforme, principalmente, em crianças provoca uma série de problemas no quotidiano em função do quadro clínico da doença. Dentre os sintomas da anemia falciforme que provocam comprometimento do crescimento e desenvolvimento, a dor crônica que pode ter duração de horas até dias se caracteriza como um sintoma que ocasiona frequentes internações, ausência na escola e privação de atividades de lazer. Desse modo, observa-se um comprometimento na qualidade de vida da criança com doença falciforme. A partir desses aspectos o presente estudo propôs-se a investigar as habilidades sociais e possíveis problemas de comportamento de crianças com doença falciforme. A realização do estudo contou com a participação de doze crianças, com idade entre 9 e 11 anos, sendo cinco do sexo feminino e sete do sexo masculino, com diagnóstico de doença falciforme. As crianças realizam tratamento em uma unidade de saúde pública de Cuiabá/MT. Os instrumentos utilizados foram a Child Behavior Checklist (CBCL - 6 a 18 anos) respondida pelo cuidador da criança e o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças (SMHSC-Del-Prette) de Del-Prette e Del-Prette (2005) aplicado na criança. A aplicação dos instrumentos foi realizada em duas sessões na unidade de saúde no período de março a dezembro de 2011. A realização estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso. Observou-se nos resultados da CBCL que do total de crianças, oito (quatro meninas e quatro meninos) apresentaram perfil clínico no funcionamento global. Quanto à competência em atividades quatro crianças (dois meninos e duas meninas) apresentaram perfil clínico. Em competência social todos os participantes apresentaram perfil normal. Nas competências escolares três crianças apresentaram perfil clínico, sendo uma do sexo feminino e três do sexo masculino. Em relação ao total de problemas internalizantes e externalizantes, seis crianças apresentaram perfil clínico (quatro meninas e dois meninos). Quanto aos problemas internalizantes seis apresentaram perfil clínico, sendo esse perfil presente em quatro meninas. Já em relação aos problemas externalizantes três apresentaram perfil clínico, sendo todas do sexo feminino. Das doze crianças estudadas, cinco apresentaram perfil clínico no comportamento de stress pós-traumático, sendo três meninas e dois meninos. No SMHSC-Del-Prette seis crianças (três meninos e três meninas) responderam ao instrumento apresentando todas comportamentos habilidosos. Observou-se relação nos resultados apresentados em relação às competências sociais no CBCL e no SMHSC-Del-Prette, demonstrando que as

crianças do estudo não demonstram problemas relacionados às competências sociais. Com base nos resultados observou-se que, de modo geral, as crianças demonstraram-se habilidosas para lidar com as situações do quotidiano. Do total de crianças, metade delas (n=6) apresentou perfil clínico para comportamentos externalizantes e internalizantes no CBCL, com maior ocorrência nas meninas. Quanto ao funcionamento global, oito crianças apresentaram escores na faixa clínica, o que sugere segundo a literatura um risco de desenvolvimento de problemas. Assim, nota-se a importância de uma atenção terapêutica a essas crianças, de modo que, possíveis problemas de comportamento possam ser prevenidos.

Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: 1) Doença falciforme; 2) Habilidades sociais; 3) Problemas de comportamento.
Pesquisador - P
SAÚDE - Psicologia da Saúde

3º Apresentador: Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro

VIOLÊNCIA FAMILIAR E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO NA VIVÊNCIA DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL. Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro (Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá) e Letícia Ferreira Lima* (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT).

A qualidade da relação de um casal está relacionada à maior disponibilidade, tanto materna quanto paterna para envolver-se com os filhos. Casais que consideram as relações conjugais como satisfatórias apresentam também envolvimento satisfatório com seus filhos. Quanto maior a dificuldade na relação de um casal, pior será o envolvimento e a disponibilidade parental, principalmente a paterna. A comorbidade entre conflito conjugal e violência familiar é um aspecto adverso, que aumenta as chances de ocorrência de episódios de maus-tratos dirigidos à criança. Conflito conjugal está presente em casos de abuso, negligência infantil e violência familiar. A deterioração da relação conjugal pode levar à reprodução de práticas abusivas na relação entre pais e filhos. Muitas vezes as crianças, além de testemunharem o conflito entre os pais, também são vítimas dessa situação. Considerando a fragilidade dessa vinculação em relações que envolvem violência familiar, este estudo propôs-se a avaliar indicativos de problemas de comportamento em crianças que vivenciaram violência familiar e que estão em situação de acolhimento institucional provisório junto com suas mães, como medida protetiva. Como amostra, o estudo contou com a participação de seis crianças, sendo quatro do sexo masculino e duas do sexo feminino, com idade entre seis a 10 anos. Para a avaliação foi utilizado o Child Behavior Checklist (CBCL - 6 a 18 anos) respondido individualmente pela mãe de cada criança. A coleta de dados foi realizada em uma instituição que acolhe provisoriamente mulheres e filhos/filhas vítimas de violência familiar, perpetrada pelo genitor. Após a aplicação, os resultados foram interpretados respeitando a classificação em percentis, em que são considerados casos clínicos os percentis ≥ 91, casos limítrofes com percentis entre 84-90 e casos não clínicos com percentis <84. Segundo a Escala Problemas Totais de Comportamento, quatro crianças foram classificadas como casos clínicos e duas como casos limítrofes (borderline). Quanto à competência em atividades, três crianças apresentaram classificação como caso clínico, duas como casos limítrofes e uma criança como caso não clínico. Em relação às competências sociais, uma criança classificou-se como caso clínico, uma como limítrofe e quatro como casos não clínicos. Quanto às competências escolares, três crianças foram classificadas na faixa clínica. Quanto ao total de problemas internalizantes e externalizantes, duas crianças foram classificadas como caso clínico, duas crianças como caso limítrofe e duas como caso não clínico. Diante desses resultados, conclui-se que as crianças vítimas de violência familiar perpetrada pelo genitor

apresentam mais indicativos de terem problemas de comportamento, mais comprometimento nas competências escolares e em atividades. Tais dificuldades remetem não somente à violência vivenciada, mas também às questões macroestruturais e socioeconômicas que possivelmente interferem nessa problemática.

Palavras-chave: 1) Violência Familiar; 2) Crianças; 3) Problemas de Comportamento.

Pesquisador P

SAÚDE - Psicologia da Saúde

Proponente: Ana Maria Martins Serra

Área da Psicologia**:** Psicologia Clínica e da Personalidade

MODELO, TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS PARA O TRATAMENTO DA SÍNDROME DO ADSP - ABUSO E DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Justiticativa: A síndrome do ADSP – Abuso e Dependência de Substâncias Psicoativas pode ter efeitos devastadores sobre indivíduos, famílias, comunidades e sociedade em geral, preocupando profissionais de Saúde e de Saúde Mental, especialmente em vista da eficácia limitada de programas tradicionais de tratamento. O transtorno adquire atualmente maior relevância devido a diversos fatores, dentre os quais se destacam o fato de que o tráfico e o consumo de drogas não param de crescer e que consumidores e traficantes correspondem hoje a 25% das prisões no país. Por outro lado, o STF recentemente promulgou a decisão polêmica de que traficantes presos em flagrante aguardem julgamento em liberdade, em contraposição à Lei de Drogas de 2006, que havia tornado as penas mais rigorosas. Diante da magnitude do problema e da falta de consenso quanto ao controle do consumo e do tráfico de substâncias psicoativas ilícitas, são justificados os esforços para familiarizar o profissional de saúde e de saúde mental com os modelos, técnicas e estratégias terapêuticas que apresentam evidências de sua eficácia. Nesse sentido, os governos federal e locais têm-se responsabilizado, de forma crescente, por elaborar políticas de saúde que incluem programas de prevenção e tratamento. Nesse contexto, destacam-se as Terapias Cognitiva e Cognitivo-Comportamental, que ocupam hoje posição de destaque no cenário contemporâneo das psicoterapias; e que, com suas técnicas e estratégias terapêuticas, contribuem de forma significativa para a ampliação do arsenal de ferramentas clínicas à disposição de profissionais envolvidos com esse grupo de pacientes, oferecendo-lhes recursos eficazes, tendo em vista os resultados buscados na prevenção e tratamento da síndrome.
Na mesa-redonda, objeto da presente proposta, a primeira apresentação abordará o modelo cognitivo do ADSP, que se destaca no cenário científico e clínico atual por sua fundamentação empírica e alto poder heurístico e pragmático. A segunda apresentação versará sobre o uso de técnicas e estratégias específicas para o grupo de portadores do ADSP, e que, em conjunto, viabilizam a obtenção de resultados terapêuticos. E a terceira apresentação discorrerá sobre uma técnica consagrada, a entrevista motivacional breve, que representa um recurso valioso na resolução da ambivalência e que vem se mostrando efetiva em motivar pacientes que se encontram nas fases de negação, contemplação, ação ou tratamento, e de manutenção de ganhos terapêuticos. As três apresentações, enfim, se complementam, a fim de oferecer aos participantes o que há de mais eficaz, atualmente, para a abordagem desse grupo de difícil intervenção. A atividade será valorizada pelo fato de complementar, de forma rica e oportuna, o lançamento nacional, durante a Reunião Anual da SBP de 2012, de uma obra sobre o mesmo tema, em que as três apresentadoras são autoras de capítulos, sendo que a segunda autora é editora da publicação.

Coordenador: Ana Maria Martins Serra

MODELO COGNITIVO DO ADSP - ABUSO E DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS. Ana Maria Martins Serra (Instituto de Terapias Cognitivas, São Paulo, SP)

Terapia Cognitiva (TC) é um sistema de psicoterapia aplicável a uma ampla gama de transtornos mentais. Ocupa hoje posição de destaque no cenário contemporâneo das psicoterapias, refletindo a abordagem de escolha por clínicos ao redor do mundo. Esta apresentação focalizará o transtorno de abuso e dependência de substâncias psicoativas (ADSP). Nessa área, de difícil intervenção, a TC se destaca devido a fatores como eficácia, em contraposição à visão tradicional do tratamento desse grupo como um processo complexo e de êxito limitado, e à conceituação determinista do transtorno como "doença" ou herança genética. Ao contrário, o modelo cognitivo da instalação e manutenção do transtorno baseia-se no conceito de esquemas cognitivos, propondo-o como reversível. Iniciaremos apresentando princípios fundamentais do modelo de psicopatologia e do modelo aplicado da TC, noções introdutórias que permitirão a compreensão do modelo cognitivo específico do ADSP. A configuração básica desse modelo refere-se à influência de estímulos internos e externos sobre a tendência de indivíduos a recorrer a substâncias, o que, freqüentemente, ocasiona ou exacerba problemas financeiros, sociais e de saúde, que agravam sua situação inicial, em um ciclo vicioso. A instalação do ADSP é proposta como um sintoma e não um quadro disfuncional primário. TC propõe que, com base em experiências de vida relevantes, o indivíduo desenvolve um sistema de esquemas cognitivos, através do qual organiza e processa o real, que ele percebe sensorialmente. O sistema de esquemas resume o paradigma pessoal do individuo para a representação do "seu" real. O produto do processamento esquemático – as representações pessoais – determina, em grande parte, respostas afetivas e comportamentais. O modelo específico para o ADSP propõe que, durante o desenvolvimento, instala-se um sistema disfuncional de esquemas e crenças, favorecendo respostas afetivas e comportamentais inadequadas e a ineficácia de recursos de enfrentamento. Frente à exposição a, ou experimentação com, substâncias psicoativas, o surgimento do ADSP refletiria uma estratégia compensatória, ou o produto de uma estrutura cognitiva falha, cuja instalação antecedeu a exposição a substâncias. Essa combinação potencialmente patológica propiciaria o desenvolvimento de crenças disfuncionais relacionadas a drogas e seu uso. O modelo destaca o papel das crenças facilitadoras ou de permissão, que, em um estado disposicional favorável – a "fissura" – resultam no uso ou recaída. A intervenção em TC concentra-se sobre o sistema disfuncional de esquemas e crenças, que predispuseram esse indivíduo ao ADSP, e sobre as crenças a respeito de substâncias psicoativas e seu uso. As crenças de permissão, bem como o recurso a estratégias instrumentais para obtenção e uso de substâncias, constituem igualmente objetos valiosos de intervenção cognitiva. Fatores complicadores de diversas classes são também foco de intervenção cognitiva e serão abordados. Em resumo, o modelo da TC aplicado ao ADSP sustenta que, além da intervenção sobre o abuso e a dependência, faz-se necessária a intervenção paralela sobre o quadro disfuncional primário que predispôs o indivíduo à instalação e manutenção do transtorno.

Palavras-Chave: Terapia Cognitiva, dependência química, sistema esquemático disfuncional.

CLIN

2º Apresentador: Neide A. Zanelatto

O TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA SOB O ENFOQUE COGNITIVO-COMPORTAMENTAL. Neide A. Zanelatto (UNIAD-Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas, UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP).

A dependência de substâncias é considerada um fenômeno complexo, inserido em um contexto de igual complexidade, dada a quantidade de variáveis que nele interferem e são influenciadas por sua presença. O tratamento deste transtorno, portanto, também deve ser planejado levando-se em conta um sem número de condições, visando à obtenção de desfechos mais positivos. Cada paciente deve ser considerado em sua individualidade, e não se deve perder de vista o objetivo principal do clínico que atua nesta área: auxiliar o indivíduo, objetivando modificar seus comportamentos facilitadores da manutenção da dependência e utilizando as ferramentas terapêuticas que têm apresentado resultados baseados em evidências. As terapias cognitivo-comportamentais, que partem do racional teórico em que o pensamento é determinante na forma como o indivíduo interpreta o mundo e os eventos à sua volta, podem ser definidas como abordagens que, no processo de intervenção, combinam um conjunto de técnicas cognitivas e comportamentais, objetivando : 1) re-estruturação cognitiva, 2) treinamento de habilidades e 3) treinamento em resolução de problemas. Estas abordagens têm sido referenciadas como eficazes no tratamento de transtornos psiquiátricos diversos, incluindo o transtorno por uso de substâncias; e a aplicação deste conjunto de técnicas no contexto do tratamento tem se mostrado eficaz, tanto para o alcance como para a manutenção da abstinência, em dependentes de álcool, tabaco, maconha, cocaína, medicações prescritas, e em vários segmentos/grupos que têm necessidades específicas, como adolescentes, mulheres ou idosos. Os modelos de tratamento com sessões estruturadas variam no número de sessões sugerido, mas são unânimes em sugerir temas centrais (que não podem faltar em um tratamento para a dependência química) e temas específicos, que variarão de acordo com a necessidade de cada paciente em especial. Prevenção da recaída, manejo da fissura, treino da assertividade, técnicas de resolução de problemas, mudança de estilo de vida são temas centrais. O manejo do humor, do impulso e da raiva, o desenvolvimento da auto-estima e o desenvolvimento de estrutura para lidar com situações de trauma e abuso podem ser considerados temas complementares. A abordagem destes temas, segundo a necessidade do paciente, permite que este seja visto de maneira completa, e o atendimento a estas demandas pode influenciar tanto a adesão, quanto, em termos de resultados, o desfecho final do tratamento. Esperamos com este trabalho contribuir para a prática da terapia cognitivo-comportamental, em qualquer de suas modalidades, aplicada ao tratamento da dependência química, de modo que os pacientes tenham a adesão ao tratamento facilitada e obtenham resultados duradouros, relacionados a uma melhor qualidade de vida, superando as dificuldades e armadilhas geradas pelo transtorno.

Palavras-chave: terapias cognitivo-comportamentais, tratamento, dependência química.

CLIN

3º Apresentador: Neliana Buzi Figlie

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 – 20/10/2012

ENTREVISTA MOTIVACIONAL E SUA APLICABILIDADE EM USUÁRIOS NOCIVOS E DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS. Neliana Buzi Figlie (Pesquisadora Senior do INPAD - Instituto Nacional de Políticas do Álcool e Drogas do CNPq; Professora Orientadora do Curso de Pós-Graduação em Psiquiatria da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, SP).

A apresentação abordará a Entrevista Motivacional Breve, bem como sua construção e transformações ao longo do tempo. Discorrerá sobre os elementos necessários para a utilização da Entrevista Motivacional Breve em usuários nocivos e dependentes de substâncias psicoativas. A Entrevista Motivacional Breve consiste de uma abordagem eficaz no tratamento da dependência química, com metodologia prática e objetiva e que permite ser aplicada por qualquer profissional treinado. Pode ser utilizada sozinha, em combinação com outras técnicas, ou mesmo como prelúdio para outros tratamentos, representando, nesse caso, uma base motivacional para os mesmos. A Entrevista Motivacional é uma abordagem que tem como finalidade auxiliar as pessoas em seus processos de mudança de comportamento. Desde 1983, quando foi lançada, vêm sofrendo modificações, a fim de tentar se adaptar às diversas conjunturas humanas, bem como à complexidade que pauta a relação terapeuta-cliente. A essência da Entrevista Motivacional implica na presença de três atitudes preponderantes do profissional de saúde em relação ao seu cliente: Colaboração, Evocação e Respeito pela autonomia do cliente. (1) A Colaboração diz respeito à parceria cooperativa que deve haver entre o clínico e o cliente. O diálogo se estabelece de forma colaborativa, ativa e o processo decisório é feito em conjunto; (2) A Evocação consiste em ativar a motivação e recursos inerentes ao cliente para a mudança; (3) O respeito pela Autonomia do cliente requer a aceitação de que a pessoa pode e deve fazer as escolhas sobre o curso de sua vida. Os profissionais podem informar e aconselhar, mas é o cliente que decidirá o que fazer, quando e como. Reconhecer e respeitar essa autonomia são elementos fundamentais para facilitar a mudança do comportamento relacionado a saúde. Paradoxalmente, o reconhecimento do direito e da liberdade do outro é o que torna a mudança possível. Isso requer que o profissional abra mão da persuasão e valorize o seu cliente, comunicando-se com empatia, respeito e constantemente oferecendo apoio. Faz parte da essência da Entrevista Motivacional reconhecer que o cliente tem competência, recursos e força própria para construir uma mudança em sua vida. Neste sentido, quando o profissional vê o seu cliente como 'capaz', torna-se mais fácil para o profissional utilizar os princípios essenciais da Entrevista Motivacional, de colaboração, autonomia e evocação. Esta diferente visão a respeito do cliente torna mais fácil ao profissional entender a diferença entre esta abordagem e outros tipos de aconselhamento.

Palavras-Chave**:** entrevista motivacional; tratamento; síndrome de dependência de substâncias.

CLIN

Proponente: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Área da Psicologia: Psicologia Clinica e da Personalidade

FUNDAMENTOS DA PSICOTERAPIA NA PSICOPATOLOGIA E FILOSOFIAS FENOMENOLÓGICAS.

Justificativa: A psicoterapia é uma modalidade de atendimento clínico que foi desenvolvida ao longo da história de nosso país pela orientação psicanalítica, bem como pela cognitivo-comportamental. Nessa evolução histórica também apareceram as psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial. No entanto, apresentaremos três outras possibilidades de orientações teórico-clínicas, a partir de uma reflexão rigorosa da filosofia fenomenológica ou fenomenologia pura. Essas três perspectivas são pouco conhecidas em nosso país, mas vem se desenvolvendo nos Programas de Pós-graduação da Universidade de São Paulo, Campus Butantã e Campus Ribeirão Preto com intercâmbios internacionais com a *Université de Savoie*, França, com a *Universidade Católica Portuguesa*, Portugal e *Pontificia Universidade Lateranense* de Roma, Itália. A relevância do tema é poder fundamentar a psicoterapia à luz da psicopatologia fenomenológica do russo-polonês Eugene Minkowski, da filosofia alemã de Edith Stein e do filósofo francês contemporâneo, Michel Henry. Essas filosofias fenomenológicas são aplicadas à psicoterapia em seus fundamentos, nas semelhanças e diferenças, em um campo interdisciplinar que articula psicologia como prática e filosofia como teoria. O objetivo é mostrar como se revelam as evidências fenomenológicas das psicoterapias, a objetividade dos métodos qualitativos em ciências humanas, as possibilidades e os limites dessas relações. Incluir tal tema na reunião é uma forma de apresentar à comunidade científica três propostas distintas de inovação tecnológica na área das ciências humanas, especificamente a psicoterapia. O método fenomenológico puro contribui com a psicologia, para que esta encontre seus fundamentos e possa prosseguir seu caminho investigativo sem riscos de reduções interpretativas do fenômeno estudado. Os participantes tem competência no tema: (1) Prof. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez trabalha com o método fenômeno-estrutural desde 1993, na *Société Internationale de Psychopathologie Phénoméno-structurale*, France, e tem trabalhado efetivamente no Programa de Pós-graduação do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP nos últimos quatro anos com o professor estrangeiro convidado, o Prof. Emérito Jean-Marie Barthélémy.daUniversité de Savoie, e Presidente da *Société Internationale de Psychopathologie Phénoméno-structurale*, França; ambos trabalharam com a Profa Emérita Zéna Helman, que por sua vez trabalhou com Eugène Minkowski. O trabalho do Prof Andrés Antúnez se insere na psicoterapia e recebeu apoio FAPESP de 200 a 2004; (2) a Doutora Nara Helena Lopes Pereira da Silva, USP Ribeirão Preto, recebeu menção honrosa CAPES pelo seu doutorado em Edith Stein e Saúde da Família, que teve apoio da FAPESP, em 2011 e nessa nossa proposta ampliarásuas reflexões para a psicoterapia refletida à luz da teoria antropológica da filósofa alemã Edith Stein. Nara tem experiência internacional de um ano na Pontifícia Universitas Lateranensis e no Centro Italiano de Pesquisas fenomenológicas, Roma, Itália (Centro de Altos Estudos), sob co-orientação da Profa Emérita Angela Ales Bello, referencia mundial na obra de Edmund Husserl e Edith Stein; (3) Maristela Vendramel Ferreira é pós-doutoranda do IPUSP e tem sido co-orientada pela filósofa portuguesa Profa Emérita Florinda Martins, do Centro de Estudos em Filosofia da Universidade

Católica Portuguesa, que trabalhou mais de vinte anos com o filósofo francês Michel Henry. Ela apresentará as contribuições da Fenomenologia da Vida de Michel Henry às psicoterapias, relatando um estudo de caso. Assim, a proposta contribui com o avanço no conhecimento da psicoterapia fundamentada na tradição de três vertentesda fenomenologia pura e rigorosa aplicada como referencial teórico à clínica psicoterapêutica, ampliando as noções da afetividade, da intropatia e de uma nova compreensão de psicopatologia e noção de Homem, úteis à psicoterapia, pois não reduz o outro a teorias abstratas e pré-concebidas, mas fundamenta-se nas evidências fenomenológicas e evoluções que a clínica nos apresenta.

Coordenador: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

A PSICOTERAPIA NO MÉTODO FENÔMENO-ESTRUTURAL. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).
Interessado em ampliar toda potencialidade existente no método fenômeno-estrutural, já reconhecido na área da psicopatologia fenomenológica e na área psicodiagnóstica, investigamos quais são as possibilidade que o método alcança ao voltar sua atenção à psicoterapia. A análise fenômeno-estrutural, desde as análises da linguagem de pacientes esquizofrênicos, bipolares e deprimidos feitas por Eugène Minkowski, mostrou sua amplitude na análise aprofundada da linguagem dada por pacientes ao método de Rorschach, aos desenhos e pinturas, à literatura e poesias, à música, de modo que nos parece legítimo investigar as potencialidades desse método na avaliação da evolução e compreensão do que acontece em psicoterapia. As noções de intersubjetividade, de intropatia, de expressão, da afetividade e suas alterações, os mecanismos essenciais da linguagem (*lien* e *coupure*) e de compensação fenomenológico são alguns dos conceitos teórico-práticos a serem articulados aos processos psicoterapêuticos. Mais que observar o paciente como o objeto em estudo, é o *nós* que será evidenciado. A linguagem como expressão verbal e não verbal, o verbo e as manifestações do corpo. É na área intropática que se abre o campo para o diagnóstico pela razão e pela compenetração ou sentimento e nessa área investigaremos as singularidades nas psicoterapias. A co-afetividade pode ser acompanhada em seus movimentos interiores, íntimos e na exterioridade, bem como o pathos-com. Nesse sentido, a noção de psicopatologia é distinta daquela das ciências naturais, mas procura compreender como o paciente vive a doença que o afeta. É na psicoterapia que observaremos os movimentos ou pseudas-paralizações, os recursos de aproximação (*lien*) e os de esquiva ou corte (*coupure*), a vitalidade e falta de dinamismo, a sensorialidade em suas relações com a racionalidade, mas antes de tudo é na afetividade que recai nosso interesse. O terapeuta mantém um estado de abertura fenomenológica para conhecer o outro a partir do modo dele ser e de se comportar ao longo do tempo. São as vivências temporais e espaciais que nos fornecerão dados do modo de ser semelhante e distinto do paciente. A psicoterapia é compreendida nesta vertente como uma interlocução que respeita a liberdade, a cultura e a singularidade do outro. As hipóteses de trabalho não podem ser determinadas antes da con-vivência, mas a partir dela podem ser levantadas hipóteses no decorrer do tempo, nunca antes. Acompanhar

alguém nessa perspectiva restitui o valor do encontro humano em sua essência, no *elan vital* necessário para viver a vida em sua manifestação e mistério.

Palavras-chave: psicoterapia, psicopatologia fenômeno-estrutural.

P- Pesquisador

CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

2º Apresentador: Nara Helena Lopes Pereira da Silva

PSICOTERAPIA E FENOMENOLOGIA: UM OLHAR REFLEXIVO A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN. Nara Helena Lopes Pereira da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).

Este trabalho tem como objetivo principal evidenciar alguns conceitos da fenomenologia, em especial, da antropologia fenomenológica de Edith Stein, visando uma reflexão sobre as contribuições do pensamento desta filósofa para a atuação clínica do psicólogo. A presente discussão tem como embasamento as obras da filósofa traduzidas da língua original (alemão) para a língua italiana e também as contribuições de pesquisadores italianos especialistas, a saber, Angela Ales Bello, Ana Maria Pezzella, Patrízia Manganaro. Edith Stein (1891-1942) é de origem alemã, estudou rigorosamente a fenomenologia de Edmund Husserl entre os períodos de 1911 a 1933, sendo orientada por ele em sua Tese de doutorado intitulada "Sobre o problema da empatia (1917)". É uma estudiosa pouco conhecida no Brasil, em especial no que se refere a suas contribuições ao saber psicológico. Sua principal busca foi constituir uma antropologia filosófica de impostação fenomenológica, que se complementa e se sustenta na tradição metafísica antiga e medieval, em busca de uma estrutura essencial humana. A temática central de seus estudos é a constituição do ser humano e, correlativamente, de suas manifestações exteriores. Dessa forma, suas questões fundamentais dialogam diretamente com a importância de compreender a natureza singular humana e o significado das suas expressões e produções, que possuem um valor intersubjetivo. No que se refere à psicoterapia, Stein oferece um convite à reflexão acerca dos fundamentos do conceito de estrutura humana, ao fundamentá-la rigorosamente, na busca de compreender o significado mais profundo da interioridade. Aborda as temáticas acerca de uma subjetividade corpórea, psíquica e espiritual envoltos por uma alma e, para além do indivíduo, trata do tema da intersubjetividade e da religiosidade como necessidades essenciais da pessoa, além de apontar a existência de uma profunda unidade no interno da comunidade humana, atingindo o tema da alteridade e da universalidade. Tal compreensão permite outro olhar para as problemáticas vivenciais encontradas no cotidiano do atendimento clínico, que muitas vezes resultam no sofrimento e na estagnação do sentido da vida, na medida em que o psicoterapeuta, enquanto um profissional preocupado com o desvelar da subjetividade, pode promover o reconhecimento das múltiplas experiências do ser, a partir da abertura ao outro e de questionamentos acerca dos sentidos da vida, no reconhecimento e legitimação das diversidades da experiência humana. A filosofia antropológica de Stein e seu modo de compreender o mundo configuram um convite para a reflexão da prática clínica, ao fundamentar a existência de uma profunda unidade no interno da comunidade humana, o que permite abordar não apenas o tema da singularidade e da intersubjetividade, mas também da alteridade.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia; Edith Stein.
P- Pesquisador
CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

3º Apresentador: Maristela Vendramel Ferreira

A DIALÉTICA DOS AFETOS EM UMA RELAÇÃO TERAPÊUTICA. Maristela Vendramel Ferreira** (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

O objetivo desse trabalho é discutir a dialética dos afetos em uma relação terapêutica a partir dos conceitos tecidos por Michel Henry em sua Fenomenologia da Vida. Filósofo e romancista francês, Michel Henry (1922-2002) preocupou-se sobre como os fenômenos aparecem e assevera que eles revelam-se na auto-afecção, na afetividade originária, no *pathos*.O *pathos* é considerado o núcleo da vida, sendo esta o que se experiência em si mesmo sem distancia ou diferenciação de si. Nesta relação de si consigo na vida, no *pathos,* no sofrer e no fruir, o Si constitui-se, desenvolve-se, encarnado. A fenomenalidade pura do afeto, que abre para a alteridade, é o aspecto central da fenomenologia de Henry que nos oferece uma base ontológica para compreendermos as relações terapêuticas. A dialética dos afetos, estruturante e constitutiva do desenvolvimento humano, será apresentada nos elementos que a compõe, a saber: co-*pathos,* passibilidade, consentimento, co-propriedade, co-moção e adesão a si e a vida. Estes aspectos são discutidos a partir de um caso clínico através da narrativa do *pathos,* método da Fenomenologia da Vida utilizado para a análise dos dados clínicos. Neste a afetividade é narrada como ela se dá, em sua subjetividade imediata, indo à raiz da vida, sem distanciamento do fenômeno, sem atribuir significados, com suas ressonâncias, tonalidades, formas e temas, sem separações ou explicitações do que é exterior ou interior, visível ou invisível. O *pathos* narrado é relativo a duas sessões, realizadas com intervalo de seis meses entre elas, nas quais Ângelo, um menino surdo de oito anos com queixas de agressividade e agitação, é atendido por uma psicoterapeuta que não dominava sua língua de sinais. A comunicação e a psicoterapia aconteceram sem o uso da linguagem oral, num ambiente que albergava a vida, possibilitando o desenvolvimento do paciente no que diz respeito à constituição do Si, à modalização de suas tonalidades afetivas, ao surgimento de novas tonalidades e à mudança de comportamento. A Fenomenologia da Vida permitiu a compreensão deste caso de uma forma profunda, indo às raízes ontológicas da comunicação e dos relacionamentos humanos, fundamentais à clínica. O atendimento realizado na dialética dos afetos possibilitou uma comunicação integral e sensível com o paciente permitindo que o processo psicoterapêutico ocorresse. Através desse caso e dos conceitos cunhados pela abordagem fenomenológica de Henry, constata-se que a comunicação e a relação terapêutica se constituíram pela afetividade, na dialética dos afetos, tanto pela impossibilidade de comunicação oral do paciente quanto pelo fato de que esta é a forma originária e a premissa ontológica da possibilidade de comunicação e de relacionamento entre as pessoas, ser afetado e afetar o outro.

Palavras chaves: relação terapêutica, afeto, fenomenologia.
**PD
CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

Proponente: Angela Donato Oliva

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA E A EXPLICAÇÃO DO COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL: UM DIÁLOGO ENTRE NEUROCIÊNCIAS, PSICOLOGIA ANIMAL E PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Justificativa: Os presentes trabalhos, a partir de diferentes enfoques da perspectiva evolucionista, buscam compreender a importância do outro para a sobrevivência humana, agregando áreas da psicologia do desenvolvimento, da psicologia animal e das neurociências. Fatores como imitação, cooperação e empatia contribuem de maneira crucial para a formação e manutenção de grupos. As apresentações darão ênfase a cada um deles. O trabalho apresentado por Anuska Alencar, da UFRN, busca problematizar questões sobre generosidade, simpatia, partilha, divisão e ajuda voluntária, expressões do que se denomina comportamentos pró-sociais. Presentes em todas as sociedades humanas, esses comportamentos também ocorrem em outras espécies e cedo no desenvolvimento. A professora irá comparar comportamentos pró-sociais observados em algumas espécies de primatas, tais como Calithrix jacchus (sagüi comum), Saguinus oedipus (pequenos primatas neotropicais) e Pan troglodytes (chimpanzés), e discutir em que medida se aproximam do que se observa em humanos. O trabalho de Briseida Resende et al., da USP, destaca a questão da ontogênese da imitação, indicando como os humanos tendem a repetir o que observam em modelos. Será problematizado o papel que desempenham modelos diferentes, considerando aspectos culturais, ressaltando que a imitação parece ser precursora da empatia. O tema da empatia será tratado pela exposição de Angela Donato Oliva, da UERJ em co-autoria com Vera Bussab da USP. Essa apresentação se debruça sobre o papel social da empatia e da cooperação para a convivência em grupos, e buscará identificar correlatos neurais que participam para possibilitar essas condutas. A importância desse trabalho é fornecer substrato empírico a hipóteses formuladas pela psicologia evolucionista. A finalidade de propor essa Mesa Redonda é a de propiciar um debate amplo sobre habilidades subjacentes aos comportamentos socioculturais e enfatizar a necessidade da interdisciplinaridade para compreensão dos mesmos, inserindo-os em uma dimensão evolucionista. Espera-se com isso contribuir para ampliar o entendimento dos fatores que possibilitam a vida social, repensando o papel da competição e da cooperação em diferentes espécies animais. A análise sobre ganhos e perdas da competição e cooperação envolve considerável inteligência social. Essa Mesa considera que comportamentos sociais residem sobre uma base moral e que um sistema complexo de programas mentais regularia as trocas e negociações sociais. Tais programas, selecionados pelas demandas do curso da evolução, não seriam exclusivos dos humanos e envolveriam empatia, reciprocidade, cooperação, imitação e senso de justiça e todos estes se apóiam em bases emocionais. Não há uma estrutura cerebral que dita a moral; há uma série de estruturas que interagem de maneira orquestrada de modo a produzir uma decisão moral e o papel das emoções é crucial nesse processo. Por mais que celebremos a racionalidade, as emoções são nosso compasso e os estudos em neurociências têm tornado isso mais evidente. Entender a cultura e a organização social humana por intermédio de programas esculpidos pela seleção natural leva ao desafio de descobrir os correlatos cerebrais desses programas que possibilitam nossos variados comportamentos sociais.

Coordenador: Angela Donato Oliva

EMPATIA E COOPERAÇÃO: O QUE É NECESSÁRIO PARA VIVER EM GRUPO? Angela Donato Oliva (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ) e Vera Silvia Raad Bussab (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, SP).

O objetivo deste trabalho é discutir teoricamente que aspectos, ao longo do processo evolutivo, contribuíram para que humanos e alguns outros animais pudessem viver em grupos, conseguindo superar conflitos e estabelecendo trocas sociais. A partir de uma perspectiva evolucionista, pretende-se fazer isso indicando, quando possível, os correlatos neurais que, de acordo com as neurociências, possibilitariam essas condutas. A cooperação social é uma capacidade que envolve sofisticada análise e um elevado nível de inteligência. De acordo com a chamada de hipótese da inteligência social, viver em grupos enseja sofisticadas interações sociais e elas teriam funcionado como pressões seletivas necessárias para aumento e evolução de áreas do neocórtex. Cabe lembrar que esta área cerebral é responsável em grande parte pelas habilidades cognitivas complexas. Assim, aumento do tamanho do cérebro e, consequentemente, da inteligência, teriam decorrido dessas pressões sociais. Uma habilidade essencial para a vida social é a empatia. Ela teria sido selecionada ao longo da evolução por permitir: formação e manutenção de coalizões sociais; resolução de conflitos; satisfação pessoal e interpessoal, etc. Empatia pode ser definida como capacidade de compreender, de forma acurada, sentimentos, necessidades e perspectivas dos outros. Pesquisas em neurociência cognitiva indicam ativação de partes do córtex pré-frontal em situações nas quais as pessoas demonstram flexibilidade cognitiva e conseguem entender a perspectiva dos outros. Essas áreas cerebrais participam também nas funções executivas, especialmente no controle inibitório. Cada vez mais se reconhece que ser cooperativo traz benefícios para o próprio sujeito e para o grupo e, ao que parece, para ser cooperativo é necessário ser empático. O viver em grupo estimula o cérebro, pois constantemente são apresentados desafios relacionados às interações sociais. Cooperar, portanto, seria uma maneira de impulsionar a inteligência. Os primatas, em sua maioria, são animais que vivem em grupos caracterizados por fortes laços sociais e seus membros passam grande parte do tempo a serviço de relações sociais. Estudos empíricos em grupos de primatas sugerem a existência de relações entre o tamanho do grupo, o tamanho total do cérebro e a proporção do neocórtex. O tamanho do neocórtex parece ser um preditor de redes sociais complexas melhor do que o volume total craniano. Porém, à medida que o grupo aumenta de tamanho, como os indivíduos tendem a se comportar? Como lidar, em grandes grupos, cuja consequência indesejável é propiciar o surgimento de free riders, indivíduos oportunistas que se beneficiam dos esforços dos outros membros do grupo de maneira a não ser descoberto. Esses indivíduos estão sujeitos às mesmas pressões seletivas e sua capacidade de enganar também vai se aprimorando. O esperado, então, seria que os free riders conduzissem a cooperação à destruição. De um ponto de vista evolucionista, poderia ser difícil explicar a cooperação. Porém, a empatia parece contribuir para que os grupos sociais permaneçam cooperativos. Espera-se com este trabalho aproximar neurociências das hipóteses evolucionistas de modo a ampliar nossa compreensão do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: empatia; cooperação; evolucionismo

DES

2º Apresentador: Briseida Dogo de Resende

IMITAÇÃO E RESOLUÇÃO DE TAREFAS POR CRIANÇAS PRÉ-VERBAIS: COMPARAÇÃO ENTRE DEMONSTRADOR ADULTO E DEMONSTRADOR CRIANÇA. Briseida Dogo de Resende (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), Ligia Mariane Nishida* (Escola de Artes Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP) e Jéssica de Carvalho

Rodrigues da Silva* (Escola de Artes Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Este trabalho tem como objetivo comparar o desempenho de crianças que assistiram a demonstração de uma tarefa feita por um adulto ou por uma criança dois anos mais velha, utilizando a perspectiva a percepção e ação. Por esta perspectiva, o comportamento emerge da interação do indivíduo com o ambiente e, portanto, as dicas ambientais e a experiência com os objetos e substratos são importantes elementos para que haja apreensão das potencialidades de tarefas e ações. Partindo do princípio de que seres humanos são biologicamente culturais, acreditamos que a aprendizagem social desempenha um papel de destaque na emergência dos comportamentos, especialmente a imitação, que tem sido apontada como um importante diferencial humano no desenvolvimento. Experimentos ligados à psicologia comparada mostraram que primatas não-humanos, especialmente o chimpanzé, são capazes de compreender o objetivo de uma tarefa demonstrada por um modelo humano e, ao ter a oportunidade de solucionar tal tarefa, utilizam ações idiossincráticas para chegar ao objetivo. Crianças, por outro lado, tendem a replicar as exatas ações que viram o adulto demonstrar, o que é interpretado como um indicador de que, em humanos, a imitação seria fundamental para a aquisição de comportamentos socialmente construídos. Colocamos, então, a seguinte questão: crianças pequenas imitam após verem uma tarefa com ferramentas ser demonstrada? Haverá diferença entre assistir a um demonstrador adulto ou um demonstrador criança? O procedimento foi realizado em duas turmas com crianças com idade entre 18 a 24 meses de uma creche pública da Zona Leste de São Paulo. Nas duas turmas, as crianças eram instruídas a prestar atenção nas ações do demonstrador, que, por três vezes, posicionava um ovo de plástico no chão e o golpeava com um copinho de plástico, abrindo-o e expondo um brinquedo. Em seguida, as crianças tinham acesso a ovinhos fechados e copinhos semelhantes ao utilizado pelo demonstrador e suas ações eram registradas por filmadora. Para a análise, computamos a primeira ação de cada criança ao ter acesso aos elementos da tarefa. Em uma turma (N= 15), a tarefa foi demonstrada por uma pesquisadora; na outra turma (N=13), foi demonstrada por uma criança com quatro anos de idade da própria creche, treinada previamente na execução da tarefa. Verificamos que, das crianças que observaram o adulto, duas apresentaram imitação completa das ações, sete golpearam o copo de plástico contra o ovo e seis abriram o ovo puxando suas duas metades em sentidos opostos, sendo esta a forma mais simples de se abrir o ovo. Na turma em que houve a observação do demonstrador de quatro anos, uma criança apresentou imitação incompleta, onze abriram o ovo puxando as suas metades em sentido oposto, e duas apenas brincaram com os objetos. Nossos dados indicam que crianças pré-verbais tendem a replicar ações que adultos utilizam para solucionar tarefas, o que não ocorre da mesma forma quando as demonstradoras são crianças um pouco mais velhas. Este é um comportamento adaptativo para humanos, cujo desenvolvimento se dá em sociedades marcadas pelo acúmulo de construções culturais.

Palavras-chave: imitação; resolução de tarefas; interação

DES

3º Apresentador: Anuska Irene de Alencar

COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL EM CRIANÇAS E OUTROS PRIMATAS. Anuska Irene de Alencar (Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN).

Ser generoso, expressar simpatia, partilhar, dividir ou ajudar alguém voluntariamente, são comportamentos denominados pró-sociais. A expressão desses atos são apreciados em todas as sociedades humanas, no entanto, não são exclusivos da nossa espécie nem surgem apenas nos adultos. Do ponto de vista evolutivo esses comportamentos são aparentemente opostos à

ideia de seleção natural, pois dispensam tempo e energia do executor, portanto, são custosos. E por que os indivíduos se engajam nestas atividades? Provavelmente as consequências são benéficas. Uma delas pode ser a manutenção da coesão do grupo, fator que em espécies sociais, é primordial para a sobrevivência, logo, otimiza a aptidão individual. Explicações evolucionistas discutem mecanismos de manutenção da cooperação como a Seleção de Parentesco, Altruísmo Recíproco e Altruísmo Recíproco Indireto. O objetivo deste trabalho é relatar a ocorrência desses mecanismos em primatas, humanos e não humanos. A seleção de parentesco propõe que os indivíduos cooperam com parentes, pois haveria uma contribuição aos próprios genes do indivíduo. O Calithrix jacchus (sagüi comum) possui um sistema de cuidado parental que suporta essa idéia, pois os parentes ajudam no cuidado dos filhotes. Trabalhos com humanos demonstram que crianças dão preferência a contribuir com um parente, especialmente, em situações de escassez de recursos. No Altruísmo Recíproco deve haver a possibilidade de retribuir um ato cooperativo. Saguinus oedipus, pequenos primatas neotropicais, demonstraram esta capacidade ao retribuir atos cooperativos a quem cooperou anteriormente e ao punir trapaceiros. Do mesmo modo os chimpanzés (Pan troglodytes) também são considerados capazes de empatia, gratidão, ciúmes, senso de lealdade, sentimentos de reciprocidade e consolação. Vários estudos relatam que este também é o caso em crianças pequenas, de dois ou três anos, que retribuem gentilezas. Mais tarde a partir dos quatro anos, as crianças apresentam comportamentos mais complexos e altruístas observados por meio de ações simples e imitativas. O Altruísmo Recíproco Indireto implica em cooperar com indivíduos que são considerados cooperadores. Para que isso ocorra é necessário que haja confiança de que os membros do grupo cooperarão, ocorrendo então o aumento da cooperação. Este mecanismo está relacionado à reputação dos indivíduos.Tanto em chimpanzés como em crianças há estudos que sugerem a existência deste mecanismo, porém também há a possibilidade de simulação. Trapacear fazendo com que os outros pensem que são indivíduos que cooperam e, assim, receber os benefícios da benevolência com menor custo. Reconhecer os que trapaceiam também pode trazer vantagens para quem o faz, pois evita um gasto energético sem um possível benefício futuro. O comportamento pró-social também é modulado pela emoção e possivelmente a trapaça e o engano não são atitudes racionalmente calculadas. A importância das emoções na tomada de decisões morais é evidenciada pelo fato de que um indivíduo estritamente racional provavelmente não resistiria à tentação momentânea do egoísmo e perderia os benefícios de longo prazo da cooperação. Situações de trocas sociais podem eliciar respostas emocionais tais como culpa, indignação, gratidão e ressentimento, que não são respostas exclusiva dos humanos adultos.

Palavras-chave: comportamento pró-social

DES

Proponente: Audrey Setton Lopes de Souza

Área da Psicologia: Avaliação Psicológica

O USO DO DESENHO COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO DA PERSONALIDADE - NOVAS CONTRIBUIÇÕES

Justificativa: As técnicas projetivas gráficas configuram-se como um importante instrumento de avaliação da personalidade amplamente utilizado tanto no contexto clínico, inserido em um processo psicodiagnóstico, quanto em outros contextos de avaliação psicológica. Ampliar o alcance do uso do desenho nestes contextos é o objetivo dos trabalhos incluídos nesta mesa. A inclusão da proposta de um desenho conjunto realizado pela família apresenta-se como uma inovação no uso desta ferramenta que permite que esta opere tanto no nível diagnóstico quanto alcance uma possibilidade de transformação da dinâmica familiar. Trata-se da proposta de um psicodiagnóstico de caráter interventivo, modalidade que permite tornar ainda mais proveitoso o processo psicodiagnóstico ao além de atender às demandas solicitadas pela família também engajá-las no processo tornando-as mais responsáveis por suas demandas. Incluir a dimensão do desenvolvimento na análise destes procedimentos é um cuidado imprescindível para permitir uma maior acuidade e precisão na análise destes resultados. Os participantes da mesa são experientes professores e pesquisadores na área de avaliação psicológica e estão inseridos em diferentes instituições de ensino e pesquisa do estado de São Paulo (IPUSP; UNESP - Univ. Estadual Paulista; Universidade de Taubaté ; Universidade Guarulhos – SP e Universidade Plesbiteriana Mackenzie) o que permitirá um diálogo rico que sem dúvida ampliará o alcance destas novas propostas de avaliação fomentando a produção de novos conhecimentos na área.

Coordenador: Audrey Setton Lopes de Souza

O USO DO DESENHO CONJUNTO NA ENTREVISTA FAMILIAR: UMA PROPOSTA PARA O PSICODIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS. Audrey Setton Lopes de Souza (Universidade de São Paulo/São Paulo/SP) e Maria Regina Brecht Albertini (Universidade Presbiteriana Mackenzie/São Paulo/SP).

Na área do psicodiagnóstico de crianças, a literatura científica tem apontado para a orientação de que o uso do desenho pode ser utilizado como um valioso recurso. Além disso, a clínica com crianças tem exigido mudanças no manejo de algumas situações, modificações no enquadre clássico proposto para atendimento, como a inclusão dos pais na sessão. Nessa perspectiva de trabalho, os atendimentos com crianças têm considerado cada vez mais a possibilidade do uso da entrevista familiar nos processos de psicodiagnóstico e de psicoterapias. A premissa básica apontada é a de observar in loco as situações descritas pelos pais nas entrevistas de anamnese, as queixas trazidas por eles e, ao mesmo tempo, as atitudes das crianças na presença deles. Inserido nesse campo de estudos, esta investigação objetiva discutir a possibilidade do emprego desse recurso com a ampliação de mais um elemento, qual seja: a realização de um desenho conjunto pelo grupo familiar presente na entrevista familiar diagnóstica. Como método, utilizamos o clínico-qualitativo, com fundamentação psicanalítica, sobretudo a desenvolvida por Donald Winnicott. Em termos de procedimento, em uma instituição de ensino superior, dois psicodiagnósticos de crianças foram efetuados. Em ambos, o trabalho consistiu nos seguintes passos sequenciais: entrevista de anamnese com os pais, observação lúdica com a criança, Procedimento de Desenho de Família com Estória (DF-E), entrevista familiar, entrevista devolutiva. Os resultados apontaram que nos dois processos de

psicodiagnóstico efetuados a entrevista familiar propiciou a observação do conflito da criança no grupo familiar; o uso do desenho conjunto facilitou a expressão e a comunicação de conflitos; a experiência compartilhada teve um caráter de diagnóstico interventivo. Nesse sentido, além de uma avaliação psicológica, o processo de psicodiagnóstico realizado implicou numa forma de intervenção clínica que surge da concepção de que toda entrevista clínica é interventiva, na medida em que é oferecido um campo de escuta por parte do analista. Tal campo delimita um lugar para a comunicação, de modo em que a confiança é compartilhada e as expressões são recebidas, contidas e sustentadas. Em outras palavras, é oferecido um limite, uma espécie de moldura em um campo de experiência, um lócus a fim de buscar facilitar a comunicação significativa. Assim, esse espaço potencial é o lugar onde ocorre a comunicação significativa e transformadora. Se fundado nessa orientação, o atendimento clínico pode ser considerado interventivo e rompe-se, assim, a separação entre a fase de psicodiagnóstico e a de tratamento, aproximando-nos de um diagnóstico interventivo. O modelo construído e aqui apresentado procura um modo de realizar a coleta de dados no psicodiagnóstico, ampliando o campo de observação a partir de um dispositivo clínico, no caso o desenho realizado nas sessões facilitando a criação de condições para que ocorra uma experiência e uma comunicação significativa para a família.

Palavras-chave: psicodiagnóstico de crianças, Donald Winnicott, espaço potencial, desenho familiar conjunto.

Nível do Trabalho: Pesquisador - P

AVAL – Avaliação Psicológica

2º Apresentador: Maria Luisa Louro de Castro Valente

O USO DA TÉCNICA DE DESENHO "A NOSSA CASA" ENQUANTO RECURSO NUM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO. Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente, Nelson Silva Filho (Universidade Estadual Paulista, Assis, SP).

Quando fazemos um psicodiagnóstico procuramos que seja interventivo, pois consideramos que à medida que o processo de pesquisa da realidade do paciente vai se constituindo no processo de coleta de dados, no levantamento da queixa, no entendimento dos sintomas que se apresentam, vamos também mobilizando os recursos positivos existentes na família e devolvendo dados reflexivos à medida que esse entendimento é realizado. Só assim entendemos como proveitoso este período em que nos colocamos disponíveis e atentos às demandas que nos são feitas procurando, no entanto, que a família se engaje no processo sentindo-se responsável pelas suas demandas. Neste sentido e visando aos nossos objetivos de realizar um processo interativo é que propomos a realização da técnica de desenho "a nossa casa" em nossos atendimentos. A possibilidade de disponibilizar um momento lúdico para a família durante a realização do desenho que propomos, de integrar os adultos e as crianças no mesmo atendimento já que este pode tomar a forma de um jogo que conta com a participação de todos, ao mesmo tempo, facilitando a interrelação na consecussão de um desenho único em que cada um dos membros se utiliza de uma única cor, previamente escolhida. Buscamos entender a família como um sistema e que o desenho não é o resultado da somatória das individualidades dos vários membros, mas sim a representação da interação entre eles num processo consensual para a sua realização. Falar da nossa casa é um modo de poder falar da nossa família, dos sintomas que levaram à procura pelo atendimento e poder olhar para eles com um certo distanciamento integrando a demanda com o que vai sendo elaborado. Além do produzido, o modo como se articulam e interagem ao combinar o que e como vão desenhar é o que nos interessa, observamos esse relacionamento e podemos refletir, junto com a família,

como executam o solicitado. Consideramos que o desenho é um instrumento de valor inestimável tanto no diagnóstico, na compreensão dos casos como se constitui por si só em momento terapêutico para a família. Apresentamos um caso clínico que nos levou às reflexões apresentadas, em que desenhar serviu tanto para uma melhor compreensão do que estava acontecendo com o paciente identificado quanto para a facilitação da constituição do vínculo da família com o terapeuta, melhorando a comunicação e contato entre eles e sendo facilitador no processo de elaboração de seus conflitos. Concluímos que os sintomas apresentados foram representações, tanto individuais quanto relacionais e que a possibilidade lúdica de realizar em família uma tarefa se constituiu em momentos psicoterápicos interventivos durante a realização de um procedimento que, em princípio, é apenas de diagnóstico e que pode ser realizado com sucesso em instituições, seja em unidades básicas de saúde ou clínicas-escolas.

Palavras chave: Psicodiagnóstico interventivo, família, avaliação psicológica, desenho Nossa Casa.

Nível do trabalho: P - Pesquisador

AVAL – Avaliação Psicológica.

3º Apresentador: Paulo Francisco de Castro

ASPECTOS FORMAIS E DE CONTEÚDO OBSERVADOS NOS DESENHOS LIVRES EM UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS. Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos – SP).

Resumo

O ato de desenhar é natural nas crianças que utilizam tal recurso em suas atividades rotineiras. O presente trabalho objetiva refletir sobre as diferenças observadas nos conteúdos do desenho livre de crianças entre seis e dez anos de idade, com vistas aos elementos evolutivos apresentados. Foram estudados os desenhos elaborados por 74 crianças, com idade entre seis e dez anos, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e privadas, sem queixas psicológicas ou dificuldades de qualquer ordem. A cada uma delas foi solicitado que realizasse um desenho, com o tema que escolhessem. Os desenhos foram analisados de acordo com a literatura disponível e os dados foram comparados; não foram observadas diferenças quanto ao sexo da criança ou tipo de escola. Os desenhos das crianças de seis anos (N=15) indicaram predomínio de figuras humanas, com poucos detalhes, combinadas com outros conteúdos, revelando busca e valorização das relações humanas. A maior combinação observada foi a produção de figuras humanas com diferentes formas de paisagem. Além disso, houve uso de várias cores, principalmente em tonalidades fortes e com pressão forte tanto no desenho como para colorir os mesmos. Nos desenhos das crianças de sete anos (N=12), observa-se que ainda persiste o predomínio de figuras humanas, com mais detalhes no desenho; tem-se a inclusão de representações de casas e observa-se um aumento da incidência de paisagem como temática escolhida. O uso das cores e pressão do lápis é semelhante à faixa etária anterior. Nas produções das crianças de oito anos (N=20), tem-se predomínio absoluto de paisagens, revelando uma atitude emocional condicionada à realidade e sensibilidade com seres vivos; além disso, o desenho de paisagem também foi associado a outros conteúdos. Embora haja a continuidade de cores e tons fortes, a pressão passa a ser verificada como média a forte, revelando mais domínio do grafismo.

O estudo dos desenhos das crianças de nove anos (N=15) indica que se mantém o predomínio de paisagem, observa-se mais precisão gráfica, melhor detalhamento dos desenhos e mais controle da pressão que passa a ser de média a fraca. Em termos formais, foi a faixa etária que utilizou maior extensão da folha, podendo relatar necessidade de expansão e de se posicionar no ambiente. Por fim, a análise dos desenhos das crianças de dez anos (N=12), indicou grande variedade de conteúdos únicos, houve a incidência de paisagem, figura humana e, pela primeira vez, simbolismo, revelando o início dos processos de abstração. Os desenhos eram mais elaborados e com mais detalhes, utilizando-se de cores mais claras e com pressão leve. É possível acompanhar o desenvolvimento psicológico a partir da produção gráfica realizada por crianças entre seis e dez anos, aspecto corroborado pela literatura na área. Verificou-se uma evolução nos desenhos de figuras humanas, com o acréscimo sucessivo de detalhes. Ao longo do crescimento, o conteúdo passa de figuras humanas a paisagem, e, por fim, há grande variedade de conteúdos escolhidos, o que indica maior particularidade na exposição dos conteúdos.
Palavras chave: Avaliação Psicológica; Técnicas Gráficas; Desenho Livre; Avaliação da Personalidade; Psicologia do Desenvolvimento.
Nível do Trabalho: Pesquisador - P
Código da Área: AVAL – Avaliação Psicológica

Introdução

O ato de desenhar é natural nas crianças, que utilizam a expressão gráfica como forma de exteriorizar um conjunto de conteúdos psicológicos de forma livre e lúdica. Em suas atividades cotidianas e na hora de jogo diagnóstica é comum que a criança faça desenhos espontaneamente, configurando a presente técnica como uma importante via de acesso a seus dinamismos psicológicos.

Na maior parte das vezes, a criança, ao desenhar, rabiscar ou pintar expressa grande prazer, uma vez que integralmente envolve-se na atividade de desenhar. Durante a tarefa, sorri, faz expressões e caretas, mexe-se, interage. No decorrer do desenvolvimento, a partir da adolescência, perde-se, usualmente, essa satisfação com a ação de desenhar (Silva, 2008).

O ser humano apropriou-se dos desenhos antes mesmo de conseguir expressar-se pela fala, fato observado em registros pictóricos em cavernas, onde é possível verificar estados emocionais e acontecimentos cotidianos da vida desses seres. Mesmo após a aquisição da linguagem, a prática de desenhos sempre permeou as culturas e civilizações, sendo verificada em pirâmides, templos, igrejas e outros lugares com grande significação para os homens (Hammer, 1980/1991).

Silva (2008) assinala que a expressão gráfica que tem como resultado um rabisco ou desenho, tem sua origem no gesto, ou seja, é o resultado de um movimento que fica registrado na folha de papel por meio de um objeto que deixa sua marca por meio da experimentação.

Os desenhos podem ser considerados como expressão do desenvolvimento geral, uma vez que o processo de crescimento pode ser verificado na maturação gráfica da criança, considerando-se a evolução dos aspectos relacionais de objeto, noções de espaço e de perspectiva, além da percepção visual, elementos de psicomotricidade e psiconeurológicos (Van Kolck, 1984).

A mesma autora ainda explica que o desenho, como estratégica psicodiagnóstica, ocupa lugar de destaque e configura-se como técnica indispensável na atividade de avaliação psicológica.

Na análise dos desenhos é possível, segundo Van Kolck (1981), verificar processos adaptativos, expressivos e projetivos:

O processo adaptativo envolve o material apresentado e a tarefa solicitada, ao dispor do material é pedido ao indivíduo uma produção gráfica livre ou dirigida. Produções livres solicitam um desenho qualquer e as produções dirigidas impõem uma determinada tarefa, por exemplo, casa, pessoa ou outro.

O comportamento expressivo diz respeito às respostas particulares do indivíduo, desde o próprio traçado que é fruto gráfico de um movimento como sua pressão, continuidade entre outros observados na produção gráfica, até reações faciais, gestos e condutas que são desencadeados no momento pelo ato de desenhar.

O componente projetivo relaciona-se ao conjunto de conteúdos psicológicos que são expressos no desenho, assim, o indivíduo atribui simbolicamente um conjunto de significados ao desenho, a partir de suas vivências e sentimentos.

Pesquisas sobre o tema

Os dados levantados por meio de desenhos são utilizados sob diferentes enfoques com vários objetivos em pesquisas. Apresenta-se, a seguir, um conjunto de investigações científicas que possuem o desenho como instrumento para coleta de dados:

Fernandes (2006) em um estudo clínico sobre o uso de desenhos em um grupo de crianças entre seis e 8 anos de idade, reflete sobre a importância do uso dos desenhos como recurso psicoterapêutico para a expressão de seus conflitos e habilidades de desenvolvimento. Conclui que o desenho serve como objeto de integração transferencial entre as crianças e com o terapeuta.

Araújo e Lacerda (2008) descreveram um estudo sobre a utilização do desenho na clínica fonoaudiológica no atendimento a duas crianças surdas com nove e dez anos de idade, com vistas ao desenvolvimento das interações e da linguagem. Explicam que por meio dos desenhos e da linguagem de sinais as crianças surdas podem intermediar a aquisição da linguagem e sua interação social.

Natividade, Coutinho e Zanella (2008) em estudo com a utilização de desenhos verificaram a possibilidade do uso dessa estratégia para análise de componentes histórico-culturais em sete crianças com idade entre 7 e 8 anos e concluíram que o

desenho e suas verbalizações são instrumentos muito importantes para complementar dados colhidos nas entrevistas com pais e crianças, auxiliando na compreensão dos significados atribuídos às vivências infantis e suas representações na história dessas crianças.

Dias e Almeida (2009) desenvolveram uma pesquisa envolvendo a participação de 28 crianças, onde o desenho foi utilizado como recurso mediador para facilitação da interação social entre crianças entre dois e cinco anos de idade. Observaram que a utilização do desenho nessa faixa de idade pode promover maior interação e diversidade na interação entre as crianças.

Alexandroff (2010) levantou material bibliográfico e técnico sobre a relação entre a aquisição da linguagem e o desenvolvimento de desenhos. Relata que o aprendizado da escrita envolve a incorporação de um sistema de representação simbólica da realidade que é auxiliado pelo desenho, dessa maneira, considera que o desenho é precursor da escrita e que permite a assimilação das regras que serão utilizadas na expressão verbal.

Silva (2010) realizou pesquisa acerca da utilização de desenhos como forma de expressão de sentimentos e vivências em crianças hospitalizadas. Compreende o desenho como estratégia projetiva que permite acesso à realidade interna das crianças, seus conflitos, emoções e sentimentos. Conclui o estudo sobre a eficiência do uso do desenho no atendimento psicológico no contexto hospitalar.

Observa-se que o desenho pode ser empregado em diversos contextos para pesquisas e atendimentos clínicos em várias áreas.

Objetivo

Refletir sobre as diferenças observadas nos conteúdos do desenho livre de crianças entre seis e dez anos de idade, com vistas aos elementos evolutivos apresentados.

Método

Foram estudados os desenhos elaborados por 74 crianças, com idade entre seis e dez anos, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e privadas, sem queixas psicológicas ou dificuldades de qualquer ordem.

A cada uma delas foi solicitado que realizasse um desenho, com o tema que escolhessem, sendo fornecidos uma folha de papel em branco, lápis do tipo grafite, lápis coloridos e borracha.

Resultados

Os desenhos foram analisados de acordo com as propostas interpretativas observadas nas obras de Buck (1984/2003), Hammer (1980/1991), Van Kolck (1981, 1984).

Os dados foram comparados, não foram observadas diferenças quanto ao sexo da criança ou no que tange ao tipo de escola frequentada. Por esse motivo, as reflexões a seguir foram organizadas considerando-se a idade das crianças:

Os desenhos das crianças de seis anos (N=15) indicaram predomínio de produções relacionadas à figura humana, com poucos detalhes, combinada com outros conteúdos, revelando busca no contato humano, identificação e valorização das relações humanas. A maior combinação observada foi a produção de figuras humanas com diferentes formas de paisagem. Além disso, houve o uso de várias cores, principalmente em tonalidades fortes e com pressão forte tanto no desenho como para colorir os mesmos, tal aspecto pode estar relacionado ao momento evolutivo da criança e ao início do processo de aprendizagem e alfabetização.

Quando se verifica os desenhos das crianças de sete anos (N=12), observa-se que ainda persiste o predomínio de figuras humanas, agora com mais detalhes no desenho, entretanto com menor incidência do que na fase anterior; tem-se a inclusão de representações de casas e observa-se um aumento da incidência de paisagem como temática escolhida. O uso das cores e pressão do lápis mantem-se como na faixa etária anterior.

Ao verificar as produções das crianças de oito anos (N=20), tem-se predomínio absoluto do desenho de paisagem, revelando uma atitude emocional condicionada à realidade e sensibilidade com seres vivos; além disso, o desenho de paisagem também foi associado a outros conteúdos. Embora haja a continuidade de cores e tons intensos, a pressão passa a ser verificada como média a forte, revelando mais domínio do grafismo.

No que se refere ao estudo dos desenhos das crianças de nove anos (N=15), continua o predomínio de paisagem, observa-se mais precisão gráfica, melhor detalhamento dos desenhos e mais controle da pressão que passa a ser de média a fraca. Em termos formais, foi a faixa etária que utilizou maior extensão da folha, podendo relatar necessidade de expansão e de se posicionar no ambiente.

Por fim, a análise dos desenhos das crianças de dez anos (N=12), indicou grande variedade de conteúdos únicos, houve a incidência de paisagem, figura humana e, pela primeira vez, simbolismo, revelando o início dos processos de abstração. Os desenhos, embora de conteúdo único, eram mais elaborados e com mais detalhes, utilizando-se de cores mais claras e com pressão leve.

Considerações Finais

É possível acompanhar o desenvolvimento psicológico a partir da produção gráfica realizada por crianças entre seis e dez anos, aspecto corroborado pela literatura na área. Verificou-se uma evolução nos desenhos de figuras humanas, com o acréscimo sucessivo de detalhes.

Ao longo do crescimento, o conteúdo passa de figuras humanas a paisagem, e, por fim, há grande variedade de conteúdos escolhidos, o que indica maior particularidade na exposição dos conteúdos.

Pela relevância do tema, sugere-se a realização de estudos mais amplos, incluindo-se outras fixas de idade, além de estudos com grupos clínicos e outras variáveis que possam levantar elementos próprios dos desenhos.

Referências

Alexandroff, M.C. (2010). Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. *Construção Psicopedagógica, 18* (17), 20-41.

Araújo, C.C.M. & Lacerda, C.B.F. (2008). Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 13* (2), 186-192.

Buck, J.N. (2003). *Manual e guia de interpretação do HTP – Casa-Árvore-Pessoa*. Tradução de Renato Cury Tardivo e Revisão de Irai Cristina Boccato Alves. São Paulo: Vetor Editora. (Original publicado em 1992).

Dias, T.P. & Almeida, N.V.F. (2009). Atividade de desenho como mediadora de interações sociais entre crianças. *Paideia, 19* (44), 313-322.

Fernandes, B.S. (2006). O desenho como recurso auxiliar em psicoterapia de grupo com crianças. *Vínculo, 3* (3), 46-55.

Hammer, E.F. (1991). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Tradução Eva Nick. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1980).

Natividade, M.R.; Coutinho, M.C. & Zanella, A.V. (2008). Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos,* 1 (1), 9-18.

Silva, J.M.M. (2010). O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas. *Fractal: Revista de Psicologia, 22* (2), 447-456.

Silva, M.C.V.M. (2008). Técnicas projetivas gráficas e o desenho infantil. In: A.E. Villemor-Amaral & B.S.G. Werlang (org.) *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica.* São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 195-203.

Van Kolck, O.L. (1981). *Interpretação psicológica de desenhos.* (2a ed.). São Paulo: Pioneira.

Van Kolck, O.L. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU.

Proponente: Daniela Ribeiro Schneider

Área da Psicologia: Saúde Mental

USO DE DROGAS E FENOMENOLOGIA: PESQUISAS E INTERVENÇÕES

Justificativa: O uso de drogas é hodiernamente um dos mais graves problemas de saúde pública do mundo, sendo que as características do seu consumo modificaram-se significativamente nas últimas décadas, agravando a situação do uso abusivo e dependente e suas consequências. Sendo assim, representa um dos paradoxos da contemporaneidade, pois, por um lado, espelha os rumos da sociedade de consumo e seus valores de instantaneidade e volubilidade e, ao mesmo tempo, mostra seus limites e fragilidades. Em muitas intervenções nesta área há uma tendência a uma visão reducionista do problema, ora centrado na droga em si, ora culpabilizando o usuário, outras vezes reduzindo aos condicionantes sociais. Uma abordagem do uso de drogas deve buscar abordar a complexidade envolvida neste fenômeno, tendo com objetivo desvelar o sentido deste uso, tanto para os sujeitos quanto para a sociedade. Nesta direção, o método fenomenológico constitui excelente ferramenta de pesquisa e compreensão do significado da situação singular/universal envolvida nas drogodependências, na medida em que sua abordagem eminentemente relacional implica a compreensão do fenômeno em sua dialética entre a dimensão subjetiva e o mundo objetivo ou contextual em que estão inseridos os vários aspectos que envolvem o uso e abuso de álcool e outras drogas. O primeiro trabalho discutirá uma pesquisa sobre histórias de vida de dez sujeitos com longas trajetórias no uso de drogas, utilizando a psicologia fenomenológica-existencialista de Jean-Paul Sartre para a compreensão dos conteúdos descritos nas entrevistas em profundidade. O segundo trabalho, com base na fenomenologia de Eugène Minkowski e Françoise Minkowska, discutirá um estudo que aplicou algumas avaliações psicológicas, entre elas o método Rorschach, com usuários de álcool, buscando desvelar o significado da realidade vivida por estes pacientes. A terceira discutirá práticas em prevenção de drogas, a partir de pesquisas que abordam a baixa efetividade de modelos de prevenção, principalmente os de caráter proibicionista, indicando novas possibilidades de atuação na área com a perspectiva da redução de danos e a fenomenologia de Heidegger. Através dos estudos acima descritos, a mesa-redonda discutirá diferentes abordagens da fenomenologia para a compreensão do uso de álcool e outras drogas, contribuindo, assim, para formulação de novas estratégias de intervenção em prevenção e tratamento, bem como para a formulação de políticas sobre o tema.

Palavras-Chaves: Álcool e outras drogas, Fenomenologia, Existencialismo, Pesquisa qualitativa
P
SMENTAL- Saúde Mental

Coordenador: Daniela Ribeiro Schneider

HISTÓRIAS DE VIDA QUE PASSAM PELO USO DE DROGAS: COMPREENSÃO EXISTENCIALISTA. *Daniela Ribeiro Schneider* (Núcleo de Pesquisas em Psicologia Clínica, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina); *Fabiani Cabral Lima*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina); *Flávia Trento Rost*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa

Catarina)*; Larissa Antunes*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina).

Introdução

A pesquisa aqui relatada teve como objetivo, a partir da descrição de histórias de vidas envolvidas com o uso de drogas, verificar os aspectos subjetivos e contextuais que interferiram para a entrada no mundo das drogas e para a constituição da dependência de sujeitos com longa história de uso de substâncias psicoativas. A partir das experiências concretas dos sujeitos pesquisados buscou-se verificar os aspectos comuns em suas histórias, a fim de contribuir para a compreensão dessa problemática, com base em uma perspectiva qualitativa, sustentada no método fenomenológico e na psicologia existencialista.

Segundo Sartre (1960), a compreensão da realidade humana deve ser dialética, ou seja, faz-se necessário compreender o homem como um "produto de seu produto, modelado pelo seu trabalho e pelas condições sociais da produção, ele existe ao mesmo tempo no meio de seus produtos e fornece a substância dos 'coletivos' que o corroem" (Sartre, 1960: 56). Sendo assim, o projeto de ser do sujeito se forja no embate entre as condições materiais, sociais, familiares em que ele está inscrito (objetividade) e a apropriação ativa destas condições por parte do sujeito (subjetividade). A compreensão de cada ação, escolha empírica, comportamento humana, como é o caso do uso de drogas e sua adição, passa, portanto, pela análise do movimento dialético entre o objetivo e o subjetivo.

É o que Sartre vai chamar de método progressivo-regressivo: a compreensão deve partir da situação singular para esclarecer a universal e, ao mesmo tempo, investigar a situação universal para esclarecer a singular. "O método existencialista não terá, assim, outro meio senão o vaivém: determinará progressivamente a biografia aprofundando a época, e a época, aprofundando a biografia" (Sartre, 1960: 87).

A compreensão do mundo das drogas passa, segundo a antropologia de base fenomenológica, pela "observação das redes sociais que organizam sua produção, distribuição e consumo, bem como pelo conjunto de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade" (Velho, 2003: 84). Dessa forma, os projetos individuais interagem com outros projetos dentro de um campo de possibilidades, construindo-se nesta relação entre a dimensão antropológica macrossocial (contexto cultural) e sociológica microssocial (contexto da rede de mediações sociais específicas do sujeito). "O consumo de drogas é uma forma de expressão e percepção de si mesmo, numa relação que inclui os outros e o ambiente em que se vive" (Rigotto & Gomes, 2002: p. 95).

Sendo assim, as biografias, que se consolidam através de trajetórias pessoais e ações complexas no meio social, são parte constitutiva da organização social. É tarefa da pesquisa em ciências sociais, portanto, procurar compreender como "a gramática social e cultural que se expressa ao nível biográfico" (Velho, 2002: 56).

A psicologia narrativa, ao pretender fazer uma compreensão da existência humana, é uma psicologia da significação. A construção de significados por parte do sujeito está ligada aos seus contextos sociais e culturais, e são construídos na relação entre os sujeitos e seu meio (Fonte, 2006). Além disso, a pesquisa fenomenológica se encaminha na perspectiva da vivência concreta dos sujeitos e enfatiza a dimensão dos significados atribuídos pelos indivíduos. Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador (Dutra, 2002).

Sendo assim, através do recurso metodológico das narrativas, ou seja, do estudo de "histórias de vida", buscar-se-á compreender a complexidade da situação contemporânea

do uso de drogas e de sua dependência, bem como suas repercussões em situações singulares de vida.

Metodologia:

A pesquisa teve um delineamento descritivo, baseado em estudo exploratório, tendo-se utilizado o método de "estudo de caso".

Para atingir os objetivos propostos foi utilizada entrevista em profundidade, com roteiro semi-estruturado, visando à verificação da história de vida em torno do uso e da constituição da dependência de drogas dos sujeitos pesquisados. Utilizou-se o método progressivo-regressivo de Sartre (1960) como orientação das entrevistas.

Na organização dos dados utilizou-se a análise de conteúdo baseada em Ruiz-Olubuénaga (1999), segundo a qual o texto (a transcrição das entrevistas realizadas) sempre implica em um contexto, ou seja, em um conjunto de sentidos, significados, racionalidades subjacentes ao discurso dos usuários entrevistados e que tem seus desdobramentos na compreensão pessoal da própria trajetória no uso e dependência de drogas e na relação com os diferentes tratamentos a que se submeteu.

As categorias passaram por uma verificação no sentido de serem claras, significativas, exaustivas e mutuamente excludentes, o que resultou na categorização final a ser analisada, com 22 categorias, sendo 9 referentes ao histórico de uso de drogas, 6 referentes ao histórico dos tratamentos e 7 referentes à situação atual dos entrevistados.

A discussão dos dados foi realizada com base na psicologia existencialista de Jean-Paul Sartre.

Participantes:

Foram sujeitos da pesquisa dez pessoas com trajetórias longas de uso de drogas. Estes sujeitos tinham passado por um ou mais tipos de tratamento da dependência de substâncias psicoativas. A seleção da amostra foi feita através da indicação das equipes técnicas das instituições participantes de uma pesquisa anterior realizada pelo Núcleo de Pesquisa em Psicologia Clínica – PSICLIN/UFSC. Também se utilizou a metodologia "bola de neve", na qual um usuário já contatado pela equipe indicava pares que poderiam ter disponibilidade de participar da pesquisa. Utilizou-se os seguintes critérios de seleção: ter pelo menos 10 anos de uso de drogas, ter passado por ao menos um tipo de tratamento para drogadição na grande Florianópolis e ter sido diagnosticado como dependente de drogas pelos critérios do DSM IV.

Ética

Essa pesquisa seguiu todos os procedimentos éticos exigidos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, processo nº 065/05, como parte de um projeto maior intitulado "Avaliação de Serviços de Atenção à Dependência de Substâncias Psicoativas a partir do ponto de vista dos usuários".

Resultados:

Perfil do usuário

Fizeram parte da pesquisa dez sujeitos, todos do sexo masculino, com idade variante entre 31 e 53 anos. Em termos de escolaridade cinco tinham nível superior incompleto, quatro tinham ensino médio e um, ensino fundamental.

Em termos das drogas de preferência, três usavam somente o álcool, dois usavam o tripé álcool/maconha/cocaína e cinco fizeram uso abusivo de múltiplas drogas. A droga que mais causou dependência, além do álcool (que foi utilizado abusivamente por todos),

foi a cocaína. A média de uso inicial do álcool foi aos 12,2 anos e de uso regular os 19,9 anos, sendo que um teve início do uso aos 9 anos e outro aos 10 anos. A média do uso inicial de drogas ilícitas (para os sete que as utilizaram) foi de 14 anos.

Sete dos entrevistados estavam sem fazer uso abusivo e dependente de substâncias psicoativas no momento da pesquisa. Entre estes, quatro estavam há mais de 10 anos, um há mais de 5 anos e dois estavam há mais de 2 anos sem fazer uso abusivo de drogas. Três sujeitos, no entanto, ainda utilizavam drogas de forma abusiva, principalmente o álcool.

Neste trabalho vamos destacar somente duas das categorias referentes ao histórico de uso de drogas por parte dos entrevistados, que serão discutidas à luz da teoria existencialista:

1) Formação do cogito

O *cogito* no existencialismo sartriano é a forma como o sujeito compreende a si mesmo, forja sua *certeza de ser* e está na base de sua forma de se lançar no mundo. "O cogito (...) é unicamente, do ponto de vista metodológico, o momento da compreensão, porque a compreensão é, ao mesmo tempo, consciência de si como compreensão" (Sartre, 1987: p. 87). A experimentação concreta que o sujeito tem das ocorrências de sua história, leva-o a sua temporalização psíquica e acaba por estabelecer-lhe o cogito psicológico, pois ele se experimenta na dinâmica temporal entre passado/presente/futuro e nela se reconhece enquanto sujeito.

Na pesquisa seis dos entrevistados descrevem sua entrada no mundo das drogas a partir de certas experiências em que desde cedo encaravam o proibido como um desafio, sabiam-se sendo diferentes, não se adaptavam às normas e regras do sistema social. Desejavam fazer as coisas de maneira diferente, não queria uma vida conformada (casar, ter filhos, ter horários, etc). Dentre estes, dois referiram que quando pequenos foram expulsos da escola por mau comportamento, o que os levou a intuir-se como que "destinados" ao lado "underground" da vida.

> *O proibido era um desafio. Assim é: o impossível eu faço na hora, o milagre daí demora mais um pouquinho, mas rola também. Pra mim o desafio sempre marcou muito. Ainda é assim, só que hoje os valores são outros (Sujeito 1).*
>
> *Mas eu gostava sempre de fazer o contrário, né? Não era aquela pessoa que sentava na primeira fila, sempre fui de sentar lá atrás. Aí tinha um grupo e algo surgia: "Ah, vou nessa!" Sabe? "Vou também!"(Sujeito 4).*

A entrada para o mundo das drogas representou, para os referidos sujeitos, uma forma de demarcar suas *certezas* de serem *rebeldes, ousados, contestadores*, ou de assumirem certa liderança no grupo de amigos. Como afirma Rigotto e Gomes (2002), o uso de droga, enquanto tal, é um ato comunicativo e requer o reconhecimento da ambigüidade na constituição de sentidos. Sendo assim, essa certeza foi vivida por eles como se fora um *destino,* como se fossem arrastados para ela, por sua história, sem conseguir compreender o conjunto de determinantes psicossociais que estavam em torno da construção destas *certezas* ou do seu cogito*,* isto porque, pelos relatos, verifica-se a presença de certas circunstâncias familiares comuns à história de quase todos os entrevistados: uso abusivo de álcool e outras drogas pelos progenitores, alcoolismo paterno ou em parentes próximos, problemas de violência intrafamiliar, excesso de autoritarismo em casa. Também relataram circunstâncias sociais comuns: amigos envolvidos com drogas, pressão dos pares para inclusão no grupo, entre outros. Mas estes fatores são desconsiderados por eles como possíveis determinantes para a adoção de atitudes de rebeldia e contestação. Compreendem a si mesmos como que *destinados à contestação,* como se fosse de "sua natureza". Não compreendem que o que estava em questão neste jogo dialético entre o contexto

sociológico e antropológico onde se encontravam e a sua vivência subjetiva, era, no fundo, o seu futuro e o seu projeto de ser. Quem eles seriam? Quem resultaria como sujeitos nesse embate entre circunstâncias objetivas e possibilidades de ser?

Daí o sentido do uso abusivo de drogas, como veículo de sua expressão de sua elaboração de sua história, de suas certezas e compreensão de si. "*O uso de drogas fazia eu me sentir mais vivo, fazia me sentir alguém mais forte, podia enfrentar tudo* (sujeito 9)". Sendo assim, o motivo do uso de drogas está relacionado aos efeitos da drogas na percepção de si mesmo como pessoa (Wiklund, 2008).

Assim, a grande maioria dos entrevistados experimentou-se como que determinada pelas circunstâncias da sua vida, entre elas as "*drogas"*. É como se as forças virtuais do passado fossem as que forjassem o seu ser, definissem suas atitudes, emoções e pensamentos e fizessem seu futuro e seu cogito pessoal (Schneider, 2011). Pode-se considerar este movimento como uma temporalização aparente, pois, na realidade a temporalização, segundo Sartre (1943) se dá sempre do futuro para o passado. No entanto, o sujeito concreto, absorvido em suas experiências psicossociais cotidianas, tem a certeza de ser determinado pelo passado, da mesma forma como ocorre com um observador leigo, que ao olhar para o movimento no céu percebe como se o sol girasse ao redor da terra. Não é um engano dos sentidos, nem um equívoco, mas sim uma condição de constatação do fenômeno tomada a partir dos elementos empíricos, sem que consiga produzir um distanciamento, uma abstração da situação (Bertolino, 2005), portanto, sem levar em consideração o conjunto de fatores familiares, sociais, culturais e pessoais que ali estão atuando, ou seja, sem uma reflexão purificadora (Sartre, 1965). Daí a certeza do sujeito de ser determinado pelo passado, sem que tenha condições de verificar que, na realidade, essas situações passadas ganham força em função de sua correlação *noemática* com acontecimentos futuros, que levam à afetação do sujeito (Schneider, 2011).

Desta forma, tem-se que esclarecer com o usuário a função do uso de drogas, que se produz nesta relação entre as condições objetivas vividas em sua história e o campo de possibilidades de ser futuro que se impõe para ele e o faz intuir-se como que *determinado* a certo tipo de comportamento aditivo.

2) Conseqüências do uso de drogas para o projeto e desejo de ser

Como vimos, o sentido da existência de um sujeito é dado pelas suas possibilidades de ser futuras. O *projeto* caracteriza-se justamente pela busca do sujeito realizar seu ser, ir em direção a estas possibilidades. Não existe indivíduo sem projeto. Mesmo não ter projeto é ainda um projeto, ou seja, um modo de lançar-se em direção ao futuro, mesmo que não tenha clareza de qual se quer. Em cada posicionamento, em cada comportamento do sujeito existe uma significação que o transcende (Sartre, 1943). Sendo assim, a escolha pela droga é uma forma de expressar a forma de se lançar para suas possibilidades, ou ainda, uma forma de lidar com a certeza de impossibilidades futuras.

A droga, por seus efeitos, traz a promessa e a experiência de "sentir-se melhor", de fornecer "armas" para enfrentar as dificuldades cotidianas. Dessa forma, a dependência se sustenta nessa promessa, que se sabe ser *falsa*, pelo preço que a droga cobra posteriormente. No entanto, a dependência, faz com que "o cuidado consigo mesmo fique limitado a esta única forma de promoção de um viver melhor" (Sipahi & Vianna, 2001: p. 504). A relação compulsiva com o uso de drogas constituiu-se, assim, como que uma saída inventada em um momento de desespero (Sartre, 2002). Com isso, o uso dependente, onde a vida do sujeito passa a girar em torno do uso da droga, na qual ele experimenta-se levado pelo seu *destino*, marca a perda do movimento dialético em direção a este futuro.

> *Estava no desespero por que não via futuro nenhum. Você só se lembra das coisas erradas que tinha feito, eu não tinha nenhuma perspectiva (Sujeito 2).*

Sendo assim, durante a trajetória do uso, oito participantes relataram rupturas em seu projeto de ser, o que foi identificado em conseqüência da perda de prazer pelas coisas antes significativas, do abandono de atividades rotineiras, perda de valores, perda do discernimento em relação a dinheiro, família, emprego. Com isso, "(...) *chegou um momento em que não me importavam mais com nada*" (sujeito 7) e, assim, o conseqüente desprezo por si mesmo e a baixa da auto-estima. Muitos tinham a certeza de que não tinham mais um lugar para si no mundo, havendo restrição no ciclo de relacionamentos.

> *Não tava nem aí, eu sabia que todo mundo sabia, eu cheirava dentro do camarim, eu cheirava em qualquer lugar, cheirava antes de subir no palco, comecei a fazer a coisa bem descontrolada mesmo. Fui perdendo tudo que tinha valor para mim. Até o momento em que eu tive de pedir as contas e renunciei ao meu sucesso e a minha vida (Sujeito 3).*
>
> *Continuava vivendo num mundo de ilusão, do passado. Simplesmente o álcool na minha vida me tirou do sério, ou seja, vivia num outro mundo que não cabia mais ninguém. Num mundo de tristeza, num mundo de muita dor, a palavra mais certa é, assim, num desprezo total por mim mesmo. No meu caso, foi isso que o álcool fez comigo, todos os meus valores foram embora (Sujeito 2).*

Nas narrativas pudemos verificar que maioria dos sujeitos, após seu envolvimento com as drogas, perdeu a perspectiva de futuro, fato que gerou um enorme desespero nos mesmos e os fazia, cada vez, consumirem mais droga para aliviar o sofrimento. Geralmente a dependência da droga, que domina o ser da pessoa, vai implica na ruptura com o projeto originário. O uso repetitivo altera a relação do usuário com a temporalidade, aliviando a necessidade de cuidar de seu futuro. Sem ter que cuidar do seu devir, o dependente encontra possibilidade de alívio em algo já dado de antemão, ou seja, no prazer imediato proporcionado pela droga, ficando preso nesta experiência de um presente sem fim (Sipahi & Vianna, 2001).

Eis o paradoxo: o sujeito entra no uso abusivo da droga para tentar, de alguma forma, lidar com suas dificuldades e viabilizar seu ser, seu projeto, mas o faz por vias que o submetem a uma passividade existencial, pois ao usar substâncias cujos efeitos são alterar os estados de consciência e nas quais, em sua grande maioria, fica jogado na espontaneidade e perde sua posição de sujeito, perde o "mando" de seu projeto.

Sendo assim, o tratamento com adictos deve resgatar o projeto de ser que, geralmente, é abandonado durante o uso das drogas. Para tanto, faz-se necessário retomar o círculo de mediações familiares e sociais que ajudaram a constituir o projeto original rompido.

Considerações finais

A partir dos dados obtidos através das entrevistas é possível delinear algumas das variáveis constituintes do fenômeno da drogadição. verifica-se que este fenômeno não se dá em decorrência de uma determinante única, mas ocorre pelo entrelaçamento de vários fatores que culminam no uso e dependência de drogas. Assim, o ambiente familiar conturbado, o uso de drogas pelos pais, o convívio em ambientes de festas e amizades onde a droga está presente, situações emocionais de felicidade extrema ou de fracasso são alguns destes fatores que influenciaram na trajetória de uso dos entrevistados nesta pesquisa. Todos esses aspectos implicam a condição do sujeito lidar com o mundo e suas adversidades e conformam a *compreensão de si* e suas *possibilidades de ser*.

O uso de drogas e, principalmente, a perda de seus limites, que levam à dependência, é uma das formas do sujeito lidar com as situações vividas em sua história, significadas a partir de seu *projeto*, que se desdobram nas *certezas de ser* e constituem o cogito deste sujeito, e sua relação com o mundo (outros, corpo, objetos, tempo). Assim, a

intervenção com os dependentes precisa trabalhar a função da droga na vida do sujeito. Aponta-se a necessidade de intervenção junto aos familiares, já que os problemas no sociológico familiar estavam entre os aspectos mais referidos como relacionados ao abuso de substâncias e estão na base da formação do cogito e do projeto de ser dos sujeitos.

O método qualitativo, fenomenológico e existencialista, nos demonstra a importância da compreensão da realidade a partir da significação de situações singulares, que ajudam a esclarecer a universal. Estes dados qualitativos auxiliam numa melhor compreensão do fenômeno do uso abusivo e dependente de drogas e no planejamento e avaliação de métodos de intervenção no problema.

Referências

Bertolino, P. (2005). *Processo de temporalização psíquica*. Disponível em: www.nuca.org.br (consulta em 10/07/2005).

Cardim, M. S., Azevedo, B. A. (1991). Repercussões psicossociais do alcoolismo. *J bras Psiq*, 40 (7): 365-370.

Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*. 7(2), 371-378.

Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2):123-131.

Rigotto, S. D.; Gomes, W. B., (2002). Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 18 n. 1: 095-106.

Ruiz-Olabuénaga, J. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Bilbao: Univ. de Deusto.

Sartre, J-P. (1943). *L'Être et le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*. Paris: Gallimard.

Sartre, J-P. (1960). *Critique de la Raison Dialectique* (précédé de *Question de Méthode*). Paris: Gallimard.

Sartre, J-P. (1965). *La Transcendance de L'Ego. Esquisse d'une Description Phénoménologique*. Paris: J. Vrin,

Sartre, J. P. (2002). *Saint Genet: Ator e Mártir*. Petrópolis: Vozes.

Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a Psicologia Clínica*. Florianópolis: EdUFSC.

Sipahi, F. M., Vianna, F. C. (2001). Uma análise da dependência de drogas em uma perspectiva fenomenológica existencial. *Análise Psicológica*. 4 (XIX): 503-507.

Velho, G. (2002). *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Velho, G. (2003). *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Wiklund, L. (2008). Existential aspects of living with addiction – Part I: meeting challenges, patient perspectives. *Journal of Clinical Nursing*. 17, 2426–2434.

Palavras-chave: História de vida; dependência de drogas; método fenomenológico, psicologia existencialista, Jean-Paul Sartre.

P

S Mental

2º Apresentador: Andres Eduardo Aguirre Antunez

DESINTOXICAÇÃO ALCÓOLICA: RORSCHACH NO METODO FENÔMENO-ESTRUTURAL. Andrés Eduardo Aguirre Antunez (Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).

Hermann Rorschach descreveu seu método das manchas de tinta e os resultados de uma experiência psicológica, que se mostrou valiosa tanto como teste de pesquisa quanto como teste de exame. O trabalho em sua totalidade possui caráter eminentemente empírico. As conclusões às quais a prova nos conduz devem ser consideradas mais como dados do que deduções teóricas. Françoise Minkowska analisou a linguagem no Rorschach e os mecanismos essenciais que se exprimem diretamente nela, no modo de visão, na triagem das respostas e no comportamento. Apresentava com fundamentos sólidos as reações contra a interpretação puramente psicanalíticaou estatística dessa prova, e analisa a reprodução do protocolo por inteiro, palavra por palavra. Observou na linguagem os recursos e as deficiências, as características qualitativas do teste, os mecanismos de spaltung e lien da estrutura da personalidade humana, para além da esquizofrenia e epilepsia, podiam ser observados em qualquer pessoa. A obra de Françoise Minkowskafoi um prolongamento daquela de Rorschach.Nesse método, um caso é o suficiente para se aprofundar ao modo de ser do paciente, tal como fundamentado por Karl Jaspers e Eugène Minkowski.Na estrutura de personalidade observamos cuidadosamente os mecanismos que a compõem, singularizam e diferenciam cada sujeito.Assim, a perspectiva fenômeno-estrutural procura estabelecer uma descrição rigorosa dos fenômenos e não se posiciona no estudo de inumeráveis casos, mas na compreensão profunda de casos particulares. Seguindo esse método e orientado por Zéna Helman, Jean-Marie Barthélémy observou pacientes que entravam em uma clínica para tratamento de desintoxicação alcóolica. Entre outras provas ele aplicou o método de Rorschach e o que chamava a atenção eram as respostas típicas do polo sensorial da personalidade, muitas respostas de movimento, respostas de cor e uma percepção concreta da realidade. A visão em imagens vista em movimento mostrava a sensorialidade predominante.A surpresa ocorreu na re-aplicação da prova semanas após o tratamento e próximo da alta, onde os pacientes apresentaram uma mudança significativa na qualidade das respostas dadas. Já não apareciam as respostas de movimento. Mas sim as respostas com determinantes formais, já nãoapareciam as respostas com determinante cor. O que predominava eram as características formais, racionais, abstratas, geométricas e simétricas.Esses resultados nos levam a refletir sobre a percepção da realidade dos pacientes intoxicados alcoolicamente. Quando sob o uso do álcool eles se mostram sensitivos e sem o uso dele, racionais e mais rígidos. De modo que podemos levantar a hipótese que predomina na base da personalidade dos mesmos uma visão abstrata e racional do mundo e deles mesmos. Talvez o contato com a realidade seja tão difícil e insuportável que necessitam transformar essa realidade com o entorpecimento. Após o uso do álcool a realidade se torna mais colorida e movimentada, no entanto sofrem consequências bem conhecidas, como a agressividade, a intolerância e a perda da noção do outro, que tantas dificuldades geram para si e para aqueles que estão em seu entorno.Na desintoxicação alcóolica ocorreu uma mudança significativa, pacientes apresentaram-se mais racionais e formais quando desintoxicados.

Palavras-chave: Drogas – método de Rorschach – fenomenologia

P

SMENTAL

3º Apresentador: Marcelo Sodelli

FENOMENOLOGIA E DROGAS: DESCONSTRUINDO O MODELO PROIBICIONISTA. Marcelo Sodelli (Depto de Métodos e Técnicas; Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Ao examinarmos a condição humana, na perspectiva Fenomenológica-Existencial, é possível rapidamente entender por que o uso de drogas se fez presente, pelo menos até onde sabemos, desde as civilizações mais antigas, como os Fenícios (4.000 A.C.), por exemplo. Documentos antigos descrevem a produção de cerveja por meio da fermentação do pão, que continua até os dias de hoje. O presente trabalho pretende por meio do pensamento da Fenomenologia Existencial desconstruir o Modelo Proibicionista ao uso de drogas, conhecido mundialmente como "Guerra as drogas". Ao compreender o Homem como um ser inacabado, sempre entregue ao seu próprio cuidado, o estudo caminhará na direção de demonstrar a incompatibilidade dos objetivos Proibicionista com o modo singular de ser do Homem. Na compreensão Fenomenológica Existencial, o ser humano, por sua própria constituição ontológica, se apresenta vulnerável em relação ao cuidar do seu existir. Esta vulnerabilidade, por sua vez, possibilita uma procura interminável em minimizar as disposições afetivas de angústia e de culpa. Demonstraremos que é a própria condição existencial do Homem que gera o que nomearemos como "vulnerabilidade existencial", condição esta impossível de ser modificada. Com efeito, argumentaremos que qualquer abordagem preventiva que tenha como princípio fundamental erradicar o uso de drogas já estaria fadada ao fracasso. Depois de caracterizar o modelo proibicionista como indicativo de uma postura que dificulta ao professor integrar a função preventiva com a função educacional, o estudo elabora diretrizes para um novo modelo preventivo ao uso nocivo de drogas: a tarefa preventiva na escola é compreendida no sentido de desenvolver ações redutoras de vulnerabilidade. Fundamentando-nos ainda neste posicionamento, rejeitaremos a compreensão Proibicionista que o "uso de drogas" é sempre e invariavelmente um comportamento desviante (patologia). O estudo aponta para a importância do desenvolvimento de uma nova abordagem preventiva que absorva de modo integral a singularidade da condição humana (vulnerabilidade existencial), rompendo definitivamente com os preceitos proibicionistas, a saber, a abordagem de Redução de Danos. Assim, identificamos que a noção de vulnerabilidade, a abordagem de Redução de Danos Libertadora e a aproximação do sentido de educar ao sentido de prevenir são elementos importantes para a apropriação da tarefa preventiva na escola. Torna-se clara a importância de pensar a formação de professores para a prevenção ao uso nocivo de drogas a partir de um continuum, no sentido de formá-lo para ações educativas mais autênticas e próprias, construindo e fortalecendo uma rede cuidadora permanente entre o professor e o aluno. Por fim, este estudo sinaliza uma direção para superarmos as dificuldades na formação de professores para a tarefa preventiva ao uso nocivo de drogas; na verdade, um sentido: o do conhecimento (noção de vulnerabilidade e redução de danos libertadora), da atitude (aproximação do sentido de educar ao sentido de prevenir) e do tempo (formação inicial e continuada).

Palavras-chave: Drogas – prevenção – fenomenologia

P

SMENTAL

Proponente: Danilo Saretta Verissimo

Área da Psicologia: História da Psicologia

"UMA FILOSOFIA SOBRE OS FATOS": DIÁLOGOS ENTRE MERLEAU-PONTY E A PSICOLOGIA

Justificativa: Ao longo do século XX, a fenomenologia e as ciências humanas, particularmente a psicologia, articularam-se no debate em torno de seus pontos de tangência. De diferentes maneiras, Husserl e Heidegger despertaram interesses entre psicólogos e psiquiatras. Uma segunda geração de fenomenólogos, entre os quais se encontram Sartre e Merleau-Ponty, dedicou-se a debates mais estreitos com a psicologia, valendo-se dela na elaboração de suas reflexões e, em troca, estabelecendo, direta ou indiretamente, importantes análises acerca dos fundamentos da ciência psicológica. No que diz respeito a Merleau-Ponty, cumpre salientar sua preocupação em debater o legado cartesiano na filosofia e nas ciências. Ao longo de toda a sua obra, o autor ocupou-se da discordância entre a concepção que o homem obtém de si mesmo a partir da reflexão, ou seja, da perspectiva da consciência, e a concepção que advém da consideração da relação entre suas condutas e as condições exteriores das quais elas dependem. Em outras palavras, trata-se de se perguntar como o homem pode ser, simultaneamente, sujeito e objeto. Esta dificuldade, herança cartesiana, implica dois pontos de vista irreconciliáveis sobre o ser: de um lado, o ponto de vista interior ou idealista da reflexão filosófica, de outro, o ponto de vista exterior ou realista da ciência. No âmago dessa antinomia, o sujeito reflexivo, na condição de eu absoluto, rompe o pacto entre o corpo próprio e o mundo, entre nós e o nosso corpo. E, através da impessoalidade da ciência, fenômenos como a corporeidade, a percepção e o comportamento são reduzidos a uma soma de eventos naturais. Diante desse impasse, Merleau-Ponty adota o que denomina de filosofia concreta, um pensamento que se mantém próximo da experiência e que, no entanto, não se restringe ao empírico, na medida em que visa o "código ontológico" de cada experiência. Daí o recurso às ciências, buscando nelas uma reflexão filosófica latente. A atividade ora proposta refere-se à proximidade de Merleau-Ponty com as ciências humanas, particularmente com a psicologia. Pretendemos apresentar discussões relativas à percepção, à linguagem, à aprendizagem e à clínica psicológica a partir das incursões do filósofo na teoria do diacronismo linguístico, na psicologia da forma e no behaviorismo. É preciso salientar que a filosofia de Merleau-Ponty remete-nos diretamente às psicologias e ciências do funcionamento nervoso do século XIX e da primeira metade do século XX, constituindo, ao mesmo tempo, um precioso retrato e uma inestimável crítica do pensamento científico daquele período. Ainda há muito o que se explorar acerca do teor da contribuição histórica e epistemológica de Merleau-Ponty à psicologia. A mesa redonda será composta pelos docentes Danilo Saretta Verissimo, Fernando de Almeida Silveira e Matheus Hidalgo. Danilo Verissimo vem dedicando-se ao estudo da obra de Merleau-Ponty, particularmente à presença de dispositivos teóricos advindos das ciências do homem nos trabalhos do filósofo. Suas pesquisas atuais são voltadas à investigação do papel da noção de esquema corporal na filosofia de Merleau-Ponty. Na mesa redonda, tratará das análises que o filósofo dispensou ao tema da percepção em um curso que ministrou no Collège de France, em 1953, e cujas notas acabam de ser publicadas. Fernando Silveira discute questões relativas à subjetivação e à corporeidade a partir de autores como Merleau-Ponty e Foucault. Em seus estudos atuais, ocupa-se das críticas desses autores a conceitos centrais da ciência psicológica. Seu trabalho de cunho epistemológico une-se à preocupação de gerar recursos teórico-metodológicos adequados à atuação do psicólogo nas áreas de saúde mental e saúde coletiva. Na mesa redonda, abordará as implicações da concepção merleau-pontiana de linguagem na clínica psicológica. Matheus Hidalgo também se dedica à compreensão da obra de Merleau-Ponty a partir da aproximação do filósofo com os aportes teóricos da

psicologia. Em sua tese de doutorado, investigou as consequências ontológicas da ideia de forma percebida (Gestalt), tal como explorada por Merleau-Ponty em sua crítica às concepções empirista e intelectualista da percepção. Na mesa redonda, estabelecerá um diálogo crítico entre Merleau-Ponty e Skinner, com a intenção de esclarecer as diferentes concepções sobre a noção de comportamento que balizam o pensamento dos dois autores. A atividade proposta possui um caráter histórico e epistemológico em relação à psicologia. Sua realização deverá evidenciar a relevância das articulações entre a fenomenologia e a psicologia, especialmente a importância das análises realizadas por Merleau-Ponty acerca da percepção, da corporeidade e da alteridade. Estudantes, pesquisadores e profissionais interessados no tema proposto terão ocasião para aprofundar seus conhecimentos. Além disso, os docentes envolvidos na atividade poderão constituir um rico diálogo com implicações diretas no avanço de seus estudos e no estabelecimento de novas e promissoras redes de colaboração científica.

Coordenador: Danilo Saretta Verissimo

LÓGICA PERCEPTIVA E LÓGICA LINGUAGEIRA: A PERCEPÇÃO REDISCUTIDA A PARTIR DO CONCEITO DE EXPRESSÃO EM MERLEAU-PONTY. Danilo Saretta Verissimo (Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista).

Em 1953, no Collège de France, Merleau-Ponty ministrou o curso Le monde sensible et le monde de l'expression. Nele, o filósofo rediscute o problema da percepção à luz do conceito de expressão. No presente trabalho, nosso intuito é apresentar estas análises acerca da percepção a partir da consideração de que o conceito de expressão denota a posição de Merleau-Ponty no interstício da filosofia e das ciências humanas. A ideia de expressão situa a percepção a meio caminho da sua teleologia expressiva, ou seja, da linguagem, e da sua modalidade dinâmica, da percepção como atividade, movimento do percebido e do sujeito perceptivo. O principal instrumento teórico mobilizado por Merleau-Ponty na elaboração da noção de expressão é o caráter diacrítico do signo linguístico, aspecto que advém da sua livre apropriação de formulações devidas ao linguista Ferdinand de Saussure. Merleau-Ponty mostra que o sistema diacrítico entre signos e significações opõe-se ao caráter frontal de uma linguagem cujo sentido dos signos utilizados seria atribuído através de um ato subjetivo doador de significação. O que torna os signos significantes é a diferença, a variação entre eles, de sorte que as significações aparecem ao sujeito falante enquanto ente que as faz "existir a título de entidades identificáveis" na oposição. Cumpre destacar que, nestas análises sobre a expressão linguística, observa-se a presença de um léxico próprio à psicologia da Gestalt. Com efeito, Merleau-Ponty opera uma aproximação entre a "lógica perceptiva" e a "lógica linguageira". Segundo o filósofo, é pouco afirmar que os elementos perceptivos não possuem uma existência separada. É preciso reconhecer que eles possuem uma existência opositiva e diacrítica, capaz de articular significações a partir de suas variações internas. Neste contexto, o dispositivo gestaltista de figura-fundo adquire uma conotação diacrítica. Toda figura pressupõe, lateralmente, a posição de um fundo que, se não é objeto explícito de percepção, faz parte da articulação perceptiva. Deparar-se com uma figura implica a expressão de um "fundo inarticulado" que se faz presente numa relação de "impercepção eficaz". Com efeito, o sentido percebido é a variação diacrítica em relação a um nível. O nível, a norma em relação ao qual há variação, não é posto, "é subentendido como fundo". Mais ainda: a própria variação não é posta por ela mesma. Exemplo: as dimensões vertical e horizontal de uma paisagem não são notadas a partir delas mesmas. Elas simplesmente funcionam na estrutura percebida, sendo efetivamente sentidas apenas caso sejam desarranjadas, como num experimento de Wertheimer em que, diante de um espelho modificado, o sujeito tem a sensação de estar

numa sala oblíqua. Normalmente, a percepção dessas dimensões é "impercepção", afirma Merleau-Ponty. Estas análises revelam, por parte do autor, a necessidade de uma "filosofia concreta", que se mantenha próxima da experiência e que, todavia, não se limite ao empírico, que recorra às ciências para encontrar nelas uma filosofia latente que é preciso explicitar. No caso em apreço, trata-se de mostrar que a ideia de diacronismo exclui todo termo positivo que advenha da consideração, tanto de um sujeito pensante, quanto de um mundo percebido estático.

Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP, FAPESP
Palavras-chave: Merleau-Ponty, linguística, percepção
P
HIST

2º Apresentador: Fernando de Almeida Silveira

A QUESTÃO DA LINGUAGEM EM MERLEAU-PONTY E SUA INTERFACE NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DA CLÍNICA PSICOLÓGICA. Fernando de Almeida Silveira (Departamento Saúde Educação e Sociedade – Laboratório de Pesquisa Social – Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista – Santos - SP)

Merleau-Ponty, ao investigar o processo de produção do sujeito psicológico, possibilita articular, através da obra "Prosa do Mundo", a questão da gênese da linguagem - enquanto fenômeno de expressão do ser-no-mundo, em suas dimensões ontológicas e científicas - com o papel da dinâmica da fala enquanto elemento-chave do encontro eu-outro no setting terapêutico. Para Merleau-Ponty, a linguagem é "o começo da ciência" e sua instauração civilizatória se destina à depuração de sentidos e de ideias,visando "substituir as alusões confusas que cada um de nossos pensamentos faz a todos os outros, por atos de significação". Esta depuração acentua seu caráter objetivador através da linguagem científica moderna - dentre elas, a psicológica – com a produção de sujeitos psi epistemicamente transparentes, associados a uma concepção de um eu fechado, independente da experiência singular de nossos corpos e almas. A única possibilidade de abertura para o mundo deste homo clausus seria a linguagem enquanto articulação expressiva de contato eu-outro-coisas-mundo. Neste sentido, a experiência humana é atravessada pelo encontro transversal de um processo histórico de sedimentação da linguagem falada, reconhecida por Merleau-Ponty enquanto "a linguagem de depois, a que é adquirida e que desaparece diante do sentido do qual se tornou portadora", a qual que se apoia "sobre um alfabeto de significações já adquiridas", fazendo com que "se retorne ao ser a partir de lá"; a qual pode vir a objetivar os sujeitos, seja pelo seu hipotético cartesianismo, seja por se remeter à experiência inatual; simultaneamente, há uma perspectiva de contato eu-outro, articulada pela linguagem falante: "a que se faz no momento da expressão, que vai justamente fazer-me passar dos signos ao sentido", a qual pode desconstruir o referido processo de objetivação dos sujeitos, já que afeita à opacidade da articulação sentido-ideia, emergente, a cada momento presente, enquanto acontecimento expressivo - uma praxis da qual advém um novo sentido que nada o premeditaria: "a operação primeira da qual se constitui os signos em signos, na qual se faz habitado o exprimido somente pela eloquência de seu arranjo e de sua configuração, na implantação de um sentido no que não havia". Esta pesquisa – teórica, com leitura de bibliografia do autor e comentaristas - analisa o estatuto da dialogia no setting terapêutico enquanto acontecimento expressivo na co-construção de sentidos e significações e sua hipotética relação no contexto psicológico, a partir dos referidos enunciados da linguagem, presentes na "Prosa do Mundo". Partindo-se da hipótese de que a clínica psi é espaço expressivo da linguagem do sujeito, através do contato

eu-outro: tanto enquanto campo - contraditoriamente identitário e de reinvenção do sujeito de experiência - como enquanto espaço epistêmico do "começo da ciência", verificou-se que o setting psicoterapêutico é um campo de presença em aberto na constituição de um devir da verdade, cujo caráter não tem valor atemporal e absoluto, na medida em que episteme e percepção brotam mutuamente, de maneira interarticulada, singular e de efeitos potencialmente transformadores da percepção dos sujeitos – cliente e terapeuta – presentes neste encontro único.

CNPq
Palavras-chave: Merleau-Ponty, linguagem, psicoterapia
P
HIST

3º Apresentador: Matheus Hidalgo

ÀS VOLTAS COM A NOÇÃO DE APRENDIZAGEM – SKINNER E MERLEAU-PONTY. Matheus Hidalgo (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, SE).

Embora histórica e intelectualmente ligados a tradições filosóficas radicalmente distintas, a reflexão acerca do estatuto filosófico da noção de comportamento (behavior) foi uma preocupação comum tanto ao psicólogo americano B. F. Skinner (c.f., Sobre o behaviorismo, Contingências de reforçamento) quanto ao filósofo francês M. Merleau-Ponty (c.f., A estrutura do comportamento). Em frentes diferentes, e sem que tenham tido conhecimento dos trabalhos um do outro, ambos combateram, já em seus livros inaugurais (respectivamente: O comportamento dos organismos e A estrutura do comportamento, escritos por volta da mesma época, 1938), um adversário comum, que podemos denominar, em termos genéricos, de mentalismo, ou seja: o pressuposto, implícito ou explícito às teorias psicológicas modernas, segundo o qual os fenômenos ou processos mentais - ou, se se quiser, o objeto de estudo da psicologia - seria uma entidade encerrada em si mesma, uma interioridade privada essencialmente separada do corpo, o piloto de uma nave. Embora não tenham sido os únicos a combater, com noção de comportamento, o mito do ghost in the machine (na expressão do filósofo analítico G. Ryle - ver O conceito de mente, também de 1938), apostamos que o paralelo entre as duas empresas, de Skinner e de Merleau-Ponty, possa ser particularmente instrutivo no que diz respeito a algumas das questões teóricas pendentes da psicologia contemporânea, das quais destacamos, por uma questão de proximidade temática, a noção de aprendizagem. Com efeito, o que justifica a aproximação proposta diz respeito a um forte revés teórico, diretamente ligado à compreensão mesma do fenômeno da aprendizagem, ao qual ambos, e cada um ao seu próprio modo, foram sensíveis: como fortalecer uma resposta que já ocorreu? De que modo se esquivar do patente absurdo da afirmação de uma causa posterior ao seu efeito? Ou, mais precisamente, como explicar a aparente inversão temporal das variáveis dependente e independente quando do fenômeno da aprendizagem? Eis o óbice teórico ao qual estamos nos referindo, cujas soluções distintas se desdobram em consequências, epistêmicas e ontológicas, emblemáticas para que possamos compreender o que cada um dos autores em pauta entende pela noção de comportamento (concebido como estrutura, no caso do filósofo francês; como classe de respostas, no caso do psicólogo americano). A partir do escrutínio de dois textos principais – As teorias da aprendizagem são necessárias?, de Skinner, e As estruturas do comportamento, terceira parte do segundo capítulo do livro supracitado de M.-Ponty - este trabalho tem por objetivo estabelecer uma contraposição sistemática, uma espécie de diálogo imaginário, entre as teorias de Skinner e de Merleau-Ponty acerca do fenômeno da aprendizagem.

Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFS
Palavras-chave: aprendizagem; Merleau-Ponty; Skinner.
P
HIST

Proponente: Diana de Souza Pinto

Área da Psicologia: Saúde Mental

DESINSTITUCIONALIZAÇÃO, RECLUSÃO E ACOLHIMENTO: PARADOXOS E DESLIZAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO HEITOR CARRILHO NO CONTEXTO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

Justificativa: Esta mesa redonda tem por objetivo geral discutir a atual situação das instituições híbridas ou hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico no contexto da reforma antimanicomial à luz de uma pesquisa em curso de natureza interdisciplinar junto ao Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho, o primeiro manicômio judiciário do país, localizado na cidade do Rio de Janeiro A Lei 10.216/2001, que propõe o fim das internações psiquiátricas compulsórias, o término de instituições com perfil asilar e estabelece uma política de assistência ao doente mental com base na noção de cidadania, já preconizava, em seu artigo n. 5, que pacientes com alto grau de dependência da instituição devem ser alvos de políticas públicas para que possam ser reinseridos na sociedade. As resoluções n° 5 (2004) e n°4 (2010) do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária expandiram esta norma aos manicômios judiciários, que deverão ser fechados até 2019. Pretende-se discutir os percursos, caminhos e impasses da referida instituição no contexto da reforma citado acima à luz do caso da loucacriminosa/paciente/abrigada, aqui chamada de Maria dos Anjos, com vistas à problematização de três eixos que concorrem e orientam as práticas institucionais no caso: o eixo da desinternação, do âmbito do campo jurídico, o eixo da deshospitalização, do campo da Saúde Mental, e o eixo do abrigamento, do campo da Assistência Social.

Justifica-se a pertinência e a relevância deste tema e discussão face às inquietações de vários segmentos da sociedade frente ao futuro ainda nebuloso dos mais de 4.000 internos nos manicômios judiciários no país, considerando, sobretudo, a fragilidade das atuais políticas públicas fundamentais para a implementação de um processo de desinstitucionalização consistente e consonante com os desejos de uma sociedade que garanta os direitos básicos à cidadania para todos. A discussão transdisciplinar do caso de uma interna, institucionalizada há mais de duas décadas no HH, evidencia estratégias de resistência dos setores envolvidos face à ambiguidade estrutural de custodiar e tratar, punir e curar, agudizadas no contexto da reforma, em uma instituição que outrora fora inaugurada "sob pompa e circunstância", como marco do progresso e do desenvolvimento do país no trato do louco criminoso.

Para este fim, a mesa é composta por profissionais e pesquisadore(a)s oriundos de campos disciplinares distintos que atuam no encaminhamento e no exame do caso de Maria Dos Anjos a partir de suas respectivas áreas e que buscam promover uma interlocução intersetorial no referido hospital. A representante do setor jurídico, defensora pública do Estado do Rio de Janeiro, com atuação junto a todos os Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico ali localizados, discorrerá sobre a atuação da defensoria no que tange às execuções das Medidas de Segurança e as discussões, no âmbito do setor jurídico, relativas a esse instrumento legal. Destacará também os desafios, impasses, paradoxos e sucessos relativos à implementação da reforma em instituições com tal perfil no Estado do Rio de Janeiro A representante dos profissionais

de saúde mental do HH que acompanha o caso da paciente, juntamente com um dos coordenadores da pesquisa, debaterão os reflexos de tal política nas práticas institucionais e os obstáculos no gerenciamento do tratamento multidisciplinar no referido contexto, refletindo sobre os impasses resultantes da deshospitalização dos internos face à ausência de dispositivos alternativos para a almejada reinserção social. Utilizando, como base para a discussão, o extenso prontuário da interna, ambos apresentarão os contextos de produção dos vários diagnósticos construídos ao longo da carreira de paciente de Maria dos Anjos, entre outros documentos, que destacam reiteradamente os traços de agressividade e impulsividade, informações que, confrontadas com seu atual estado, não se coadunam com as suas atitudes e disposições. Por fim, os pesquisadores do discurso abordarão o caso a partir das narrativas de e sobre a interna/desabrigada, que emergem de dados coletados no prontuário, em entrevistas/conversas informais com ela e com profissionais que atuam na instituição. Serão focalizadas algumas narrativas consideradas icônicas da experiência da paciente ao longo de seu percurso institucional.

Espera-se contribuir para o aprofundamento da discussão sobre a categoria loucocriminoso, apontando para os paradoxos e deslizamentos institucionais no atual cenário, resultantes, em grande medida, da carência de políticas públicas e ações de órgãos competentes que consolidem o acesso à cidadania a esta população historicamente segregada e marginal.

Considerando a corrente favorável à progressiva desinstitucionalização do doente mental, uma questão, portanto, se impõe: qual será o futuro desse(a)s desabrigado(a)s à luz das determinações que preconizam que, a partir de 2020, o fechamento dos hospitais de custódia e tratamento no contexto de grande escassez dispositivos alternativos da rede de saúde mental no Estado do Rio de Janeiro?

Coordenador: Diana de Souza Pinto

NARRATIVAS, IDENTIDADES E MEMÓRIAS NO HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO HEITOR CARRILHO (RJ) NOS PERCURSOS DA DESINSTITUCIONALIZAÇÃO. Diana de Souza Pinto (Programa de Pós Graduação em Memória Social/UNIRIO) e José Paulo de Morais Souza (Secretaria de Adminsitração Penitenciária/UNIRIO).

Este trabalho integra um projeto de pesquisa inter/transdisciplinar na interface entre os campos da Memória Social, da Saúde Mental e dos Estudos do Discurso que objetiva construir a memória social de uma instituição híbrida hospital/prisão, o hospital de custódia e tratamento psiquiátrico Heitor Carrilho (HH) cuja função é tratar pessoas adultas com transtorno mental em conflito com a lei, os chamados loucos criminosos. Focalizaremos as narrativas de/sobre uma interna institucionalizada no referido hospital desde a década de 80 que emergem do corpus composto por diferentes tipos de dados: prontuário, notas de campo etnográficas, entrevistas individuais e conversas informais com a equipe gestora, com os profissionais de saúde, com o(a)s agentes penitenciário(a)s e com o(a)s interno(a)s e desabrigado(a)s. Objetivamos examinar como se dá a construção polifônica desses diferentes discursos e vozes sobre os crimes cometidos, suas consequências, a experiência do confinamento e os diversos arranjos subjetivos nessa instituição à luz das recentes mudanças institucionais resultantes das políticas de

saúde mental que preconizam o fechamento de instituições de tal natureza. Nos últimos anos, a instituição total Heitor Carrilho, na tentativa de se adequar às resoluções n° 5 (2004) e n°4 (2010) do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, que expandem aos manicômios judiciários a determinação da lei 10.216/2001 de que os pacientes com grande grau de dependência institucional devem ser alvos de políticas públicas, tem enfrentado desafios e impasses no manejo de internado(a)s. Em sua maioria, tiveram sua cessação de periculosidade atestadas por peritos, acatadas pelo jurídico e, consequentemente, foram consideradas passíveis de retornar ao convívio social. Face ao esgarçamento das redes familiares e sociais como um todo, experiência frequente na vida do(a)s interno(a)s, tais sujeitos são mantidos no HH em condição de abrigamento na medida em que há escassez de outros dispositivos preconizados pela Lei Antimanicomial (CAPs, RTs, entre outros) que possam recebê-los. Deparamo-nos, assim, com o paradoxo de pacientes desinternados confinados cujo outrora "conflito com a lei" (seu crime) e a consequente "dívida com a sociedade" supostamente integram seu passado. Ambicionamos investigar tais questões sob a tríade identidade, narrativa e memória, considerando tais conceitos como dinâmicos visto que são construções sociais que se realizam no processo da interação. Segundo os nossos pressupostos, o diálogo entre as narrativas, as memórias e as identidades se dá através da linguagem em uso, concebida aqui como prática social. As narrativas pessoais são consideradas verdadeiras performances de identidades e se concretizam na relação dialógica entre o "eu" e o "outro". Sendo assim, nossas identidades são processos intersubjetivos, dialógicos e relacionais. A memória social, por sua vez, é construída no presente não sendo possível representar uma recapitulação exata de eventos, pois ela não se reduz à representação do passado, posto que é construída através de uma interação entre as lembranças de algo que passou e de uma situação do momento presente. A construção da memória dessa instituição deve, assim, considerar: a) o momento anterior à admissão do(a) internado(a), ou seja, ao crime perpetrado; b) o fato de que o(a)s internado(a)s e abrigado(a)s compartilham o espaço institucional entre si, com agentes penitenciário(a)s, profissionais de saúde mental e agentes da justiça e c) a interação com outros internado(a)s e abrigado(a)s que compartilham das mesmas condições, ou seja, são, por um lado, presos inimputáveis confinados em um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico, cuja insanidade, ao menos teoricamente, é eleita como o fator determinante para o crime e, por outro, são abrigado(a)s vivendo em situação de reclusão por ausência de políticas públicas que operacionalizem o efetivo uso de sua liberdade. Nossa reflexão sobre as narrativas far-se-á em duas etapas interdependentes: a) observar os elementos comuns que evidenciam uma estabilidade discursiva na construção da memória social dessa instituição a partir das várias vozes de seus atores sociais; b) compreender as diferentes percepções/construções discursivas sobre a instituição em seus vários momentos, particularmente ao longo das ultimas três décadas, destacando os pontos de virada, ou seja, momentos considerados pelos narradore(a)s como centrais nas experiências que nos permitam analisar os vários arranjos subjetivos engendrados ao longo de suas permanências na instituição.

2º Apresentador: Francisco Ramos de Farias

IMPASSES DA DESINTERNAÇÃO EM UM HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO: O CASO MARIA DOS ANJOS. Francisco Ramos de Farias (Programa de Pós Graduação em Memória Social/UNIRIO) e Ana Luiza Gonçalves Santos (Secretaria de Adminsitração Penitenciária/UNIRIO).

A custódia de pessoas adultas com transtornos mentais em conflito com a lei para tratamento é uma situação bastante complexa pelo fato de a medida de segurança ser um procedimento jurídico e o tratamento ser de natureza médica que depende, em grande medida, das políticas de saúde mental. Nem sempre essas duas instâncias dialogam: a instituição de tratamento conserva muitas características dos espaços prisionais. Porém, uma situação paradoxal evidencia-se com a lei 20.216: com a política de desospitalização, qual o destino dessas pessoas? Atualmente, em função do crime, são segregados pela medida de segurança, mas por serem pessoas adultas com transtornos psíquicos deveriam ser tratadas nos diversos serviços de saúde mental. Na hipótese de serem internadas e desinternadas, como efetivar as condições em termos do acesso à rede de serviços de saúde mental, se esta rede apresenta inúmeras falhas e precariedades? Sob essa perspectiva, objetiva-se produzir uma reflexão acerca da política de desinternação, considerando as possibilidades de reinserção do desinternado na sociedade para que não passe do status de estigmatizado institucional a um estigmatizado de rua. Diante dos impasses da desinstitucionalização de internados focaliza-se a situação de Maria dos Anjos que, em três décadas, foi reclusa em três instituições totais: prisão, hospício e manicômio. Antes de identificar suas peculiaridades, apresentamos aspectos biográficos que se vertem em complexidades em sua trajetória. Nordestina de origem pobre, morava com a mãe, o pai e dois irmãos. Chegou ao Rio de Janeiro, de carona de caminhão, para ficar em casa de familiares depois que seu pai abandonou a família em função do etilismo, e sua mãe alegava não poder criá-la, por ser muito bagunceira. Aos doze anos começou a usar drogas, época em que abandonou a escola no quarto ano do ensino fundamental. Nessa mesma idade, durante uma crise explosiva quebrou a perna de sua tia, tendo sido internada em uma clínica psiquiátrica. Aos quinze anos foi entregue, pela tia, ao Juizado de Menores, permanecendo reclusa até os dezenove anos, idade em que começou a prostituir-se, na praça Mauá, e realizar pequenos roubos. Engravidou e depois do parto doou a criança sob a legação de não ter condições de cria-la. Em sua segunda gravidez, chegou a ver seu filho, mas a maternidade PróMatre informou que a criança teria nascido morta, versão que não aceitou, sendo este fato o motivo de incidentes agressivos, pelos quais foi presa em flagrante quando agrediu uma enfermeira com caco de vidro. Encaminhada ao Hospital Pedro II por problemas mentais e agressividade incontida, matou outra internada, motivo pelo qual passou a ser custodiada para tratamento. Atualmente, apesar de desinternada, ainda convive na instituição devido a circunstâncias burocráticas referentes de sua documentação, o que inviabiliza o seu encaminhamento para um abrigo ou uma residência terapêutica. Essa é uma segunda vertente problemática que expressa a complexidade desse caso. Frente a tais circunstâncias, indaga-se como deverá ser o processo de reinserção social uma vez que Maria dos Anjos já está desinternada, mas permanece na instituição? Maria dos Anjos, como outros desinternados, fica a espera dos serviços relativos às políticas públicas de saúde para possibilitar condições de convivência na sociedade. Sem a ajuda de familiares, esta tarefa fica cada vez mais árdua, mas não é impossível. Ao focalizarmos os três volumes de seu prontuário, mais de seiscentas páginas, deparamo-nos com um extenso número de documentos, que explicitam a problemática em termos da produção de diferentes

diagnósticos desde sua primeira prisão até a guia de desinternação. Os diferentes diagnósticos, certamente, produziram diferentes estigmas. O teor desses documentos é variado, mas em sua maioria apresentam informações relativas ao seu estado, às classificações diagnósticas e contem a narrativa de algum episódio que segundo o saber assistencial ou jurídico, mereceu destaque. Para análise, foram considerados: a) vinte e quatro encaminhamentos à clínica psiquiátrica; b) uma sentença do ano de 1990; c) um laudo de exame de sanidade mental do ano de 1997; d) um parecer psiquiátrico do ano de 1995; e) uma sinopse psiquiátrica do ano de 1993, f) uma sinopse psiquiátrica do ano de 2007 e, g) uma sinopse psiquiátrica não datada. Os temas recorrentes foram agrupados da seguinte maneira: ameaça a terceiros, saúde, vício em medicação de contenção, porte de medicamentos/drogas, agressividade, luta corporal e agitação. Trata-se de características sobre a internada que servem para justificar os diferentes diagnósticos produzidos ao longo de seu percurso institucional. Além disso, alguns episódios são peças fundamentais na montagem dos diagnósticos, dentre os quais se destacam: a) os constantes transtornos na maternidade PróMatre, reivindicando o direito ao seu filho dado como morto; e b) o assassinato de uma mulher no Hospital Pedro II. Ambos os episódios encontram-se registrados em seu prontuário. A análise dos documentos revela uma internada com diversos conflitos, que dificultam sua relação interpessoal, com funcionários e outros internados. Por vezes, os documentos apresentam características da internada como: agitada, agressiva, impaciente e viciada na medicação de contenção. Do conteúdo dos documentos podemos deduzir as dificuldades da internada em se adequar às normas institucionais, o que gerou, várias vezes, questionamentos nos profissionais de saúde sobre o lugar onde deveria ficar em decorrência dos vários episódios ocorridos e da rotulação diagnosticada: prisão ou manicômio? Deve-se destacar a existência de um parecer psiquiátrico que foi alterado a mão antes de ser oficializado, explicitando, assim, a dúvida. A expressão “personalidade psicopática” foi escrita e riscada e, em seu lugar, aparece “transtorno bipolar”. As dúvidas quanto ao lugar e ao diagnóstico não minimizaram, pelas estratégias de tratamento, o seu sofrimento na tentativa de realizar um propósito: encontrar um filho perdido, convicção de que não abre mão. Com relação aos diagnósticos presentes nos documentos, contata-se que: a) a sentença faz referência à internada como “portadora de psicopatia, capaz de atos de extrema violência”; diagnóstico extraído de um documento anexo a um laudo que não consta em seu prontuário, b) o laudo de sanidade mental apresenta Maria dos Anjos como “portadora de desenvolvimento mental retardado”, c) o parecer psiquiátrico registra que se “trata de quadro esquizofrênico crônico”; d) a sinopse psiquiátrica de 1993, contém os diagnósticos do CID 10 expressos pelos números: 301.7/1, (transtornos da personalidade com predomínio de manifestações sociopáticas e associais), e 301.3/9 (transtorno explosivo da personalidade); d) a sinopse psiquiátrica de 2007, traz o diagnóstico do CID 10, F20.1, (esquizofrenia hebefrênica). O confronto entre as informações detectadas nos documentos e o atual estado de desinternada, porém ainda abrigada, revela a clara impressão de que a pessoa presentificada neles difere daquela que, atualmente, vive na instituição. Alguns documentos apontam a sombra de um caso sem solução, e, por vezes, em outros, percebe-se o desânimo dos profissionais de assistência com relação aos resultados do tratamento. Atualmente, Maria dos Anjos apresenta disponibilidade em participar de entrevistas, porém com questões não resolvidas, como o dilema entre permanecer na instituição ou viver fora dela. Expressa o temor de morrer na instituição. Seu atual

estado sugere que as medidas terapêuticas produziram resultados positivos no controle de sua agressividade e na contenção parcial de seu "delírio".

IMPASSES DA DESINTERNAÇÃO EM UM HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO: O CASO MARIA DOS ANJOS. Francisco Ramos de Farias (PPGMS/UNIRIO) e *Ana Luiza Gonçalves Santos* (SEAP/UNIRIO)
Palavras-chave: Desinternação, loucocriminoso, memória social.
Nível: P e PD.
Área: SMENTAL

1. Introdução

A exclusão dos sujeitos que incomodam a sociedade é uma característica pertinente à história do homem, pois sempre foram produziram agentes para conter os focos de tensão na sociedade e os autores desses focos de tensão variam podendo ser personagens com rostos distintos. Cabe salientar que tais personagens, produzidos socialmente, são inscritos como diferenças negativas, no contexto das relações sociais. A contenção desses diferentes era feita e ainda é comum essa prática pela segregação de uma camada da população do contexto social com a justificativa de ser necessário para a segurança da sociedade. Ao percorrer a história dos segregados, percebe-se, na Idade Média, uma maior preocupação com essa questão, principalmente em virtude do surgimento e da rápida disseminação da lepra. Para essa categoria, são criados os leprosários, que tinham o objetivo de separar os leprosos do restante da população em prol da não propagação dessa doença que levou à morte milhares de pessoas. Ao final da Idade Média a lepra desaparece, quase por completo, do mundo ocidental, restando apenas pequenos focos de contaminação e daí produzem-se uma série de estabelecimentos desprovidos de uso. Coube as autoridades da época procurar uma nova forma de ocupar tais locais. A título de ilustração podemos pensar que os hospitais gerais que funcionavam nos espaços onde haviam antigos leprosários, são doravante locais de exclusão destinados aos portadores de doenças venéreas, aos pobres, aos vagabundos, às prostitutas, aos alcoólatras e às "cabeças alienadas"; categoria que futuramente é segregada como doente dos nervos e finalmente louco (FOUCAULT, 1966).

A segregação dessas diferentes categorias produziu no interior dessa instituições focos de tensão e conflito, além da saturação destes lugares, bem como para o inconformismo de certos grupos segregados, no caso os loucos, iniciando assim a construção de novos estabelecimentos de segregação. Curiosamente os próprios alienados começam por reivindicar a existência de um espaço mais apropriado para seu tratamento, pelo fato de que não consideram adequada a mistura com outras categorias, além do que a cultura vigente destes estabelecimentos estava norteada pelo enquadramento moral, primando pela correção de maus hábitos, de paixões excessivas, de vícios, da preguiça e de convicções inadequadas para os costumes da época. Adveio então o surgimento de espaços diferenciados, entre os quais surgiu o hospício para loucos. Nesses espaços de confinamento e segregação, "o louco ficará isolado, excluído da vida em sociedade, até a segunda metade do século XX, quando as atrocidades praticadas por médicos nazistas, em campo de concentração, inclusive contra pessoas com transtorno mental, durante a Segunda Guerra Mundial, vem à tona." (MUSSE, 2008:3).

No que concerne à loucura, levando-se em consideração as diferentes concepções, em termos de conflito com a moral, de desordem psíquica ou de inadaptação social, a medida relativa à exclusão do contexto social, até recentemente, justificava-se como estratégia que visava à cura e ao controle de determinados sujeitos considerados perigosos pelo fato de colocar em risco a própria vida ou a vida de outras pessoas em função de suas crises. É importante salientar que as definições da loucura variam de acordo com as percepções e representações de cada época, ao longo da história da humanidade, sendo significadas em função de injunções sociais e políticas. Na Antiguidade a loucura era pensada com relação a motivações explicadas pela intervenção dos deuses, tendo uma conotação mística. Na Idade Média, a ideia de um castigo originalmente imputado à lepra estendeu-se à loucura. De acordo com Castro (2009:52) com o desenvolvimento e fortalecimento de uma ciência colocada nos ideais positivistas no século XVII, ocorreu uma revolução científica, estabelecendo a ruptura com as concepções cientificas e filosóficas existentes naquele momento. Dai então a loucura toma a forma de doença e o louco então passa a ser visto como doente reconhecido pelas características do aparelho destinado ao controle, segregação e tratamento. Considerando o recorte histórico do processo de exclusão dos segregados, voltamos nosso olhar para a loucura na contemporaneidade, que teve um percurso de pesquisas e tomadas de decisão, sempre priorizando o confinamento do louco para tratamento. O mesmo processo de segregação era também verificado no âmbito da criminalidade: onde os criminosos eram confinados, à espera de um castigo. Atualmente são punidos com a restrição de liberdade.

Um fato notável no final do século XIX concerniu à intervenção do saber médico no âmbito das práticas jurídicas, e assim foi produzida a categoria louco delinquente, terminologia que já passou por várias mudanças até a atual identificação de pessoas adultas com transtornos mentais em conflito com a lei. A segregação da referida categoria, resulta de uma dinâmica que comporta várias fases: a) o sujeito após cometer um crime, caso seja preso, é declarado legalmente criminoso; b) posteriormente, na fase do inquérito, em condição de suspeito, a critério do juiz, ou de outros profissionais, poderá ser encaminhado a um exame pericial que ateste o estado psíquico (ROVINSKI, 2007); c) em caso de existência de enfermidade psíquica, o criminoso será considerado, pela motivação para o crime, portador de um transtorno psíquico, ao se evidenciar a ausência momentânea de juízo crítico na avaliação das consequências do crime (DIANA, FARIAS e GONDAR, 2012). No processo de avaliação pericial o saber médico, ao evidenciar um transtorno psíquico no criminoso e apresentá-lo como nexo causal para a prática do crime, interfere de forma decisiva no âmbito do saber jurídico. Não obstante, apesar desse tipo de avaliação gozar elevado grau de credibilidade na esfera do saber jurídico, nem sempre são predições seguras, mesmo "trazendo efeitos concretos sobre o destino do sujeito" (RAUTER, 2003:84). Tal intervenção produz a categoria social híbrida, denominada loucocriminoso que por ser criminoso e louco comporta as duas nuanças e não encontra lugar nas prisões, nem nos hospícios, embora saiba-se que houve época, na qual os loucos e os loucoscriminosos viviam juntos. Com o passar do tempo tal conjunção mostrou-se inadequada para o tratamento dos loucos não criminosos, motivo pelo qual ocorreu a criação de um terceiro espaço de segregação, destinado ao loucocriminoso, considerando que já existiam os hospícios para os loucos, e os presídios para os criminosos. Assim, Com isso, surgiu no cenário dos segregados da sociedade, um novo tipo de instituição: o manicômio judiciário que abriga dois fantasmas que ameaçam a sociedade: o loucura e o crime (CARRARA,

1998). Tais instituições poderiam funcionar em uma construção própria, ou em anexos às prisões, ambas destinadas a custódia e tratamento. Porém na realidade, traduz-se como mais uma instituição segregadora, onde os indesejáveis são colocados. Tais instituições apesar de terem sido pensadas "para abrigar de um modo geral, qualquer doente mental ou alienado que cometesse crimes; destinavam-se especialmente aos criminosos considerados degenerados natos, de índole, ou, mais amplamente anômalos morais" (CARRARA, 1998:195). Além de debruçarmos nosso olhar sob a categoria do loucocriminoso, consideramos também a instituição destinada ao tratamento destes, como um lugar de memória. Não obstante, esse olhares convergem para a construção de sua memória social; conceito ético e político, além de polissêmico e transdisciplinar (GONDAR, 2005). Com esse espírito, refletiremos sobre uma dessas instituições em termos da construção de sua memória, não apenas em termos da reprodução ou da organização dos fatos que compõem a história de tal instituição. Trata-se de um processo delicado de investigação das memórias que estão difundidas nos diversos ambientes da instituição, e também as histórias construídas ao longo de quase um século de existência da mesma.

Para fins desse estudo, tomamos como objeto de investigação, o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho, a primeira instituição na América latina, fundada em 1921, na cidade do Rio de Janeiro em um anexo à casa de correção, conhecida como complexo penitenciário da rua Frei Caneca, demolida em 2009 (DANTAS e PEREIRA, 2009). Tal manicômio foi idealizado nos moldes de funcionamentos e princípios norteadores europeus vigentes na França e na Inglaterra, porém esse espaço tornou-se alvo das repercussões da política de saúde mental que culminou com o fim dos hospícios para a internação dos loucos.

A política de desinternação no Brasil é consequência do movimento da reforma psiquiátrica que tem seu início junto à eclosão do movimento sanitário, nos anos 1970, e que apresenta inscrito em um contexto internacional que visava à aplicação de mudanças em prol da superação da violência asilar. O movimento da reforma psiquiátrica traduz-se em um processo político e social complexo, composto de atores, instituições e forças de diferentes origens, e que atuam em diferentes territórios e em todas as esferas governamentais. A reforma é "compreendida como um conjunto de transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais, é no cotidiano da vida das instituições, dos serviços e das relações interpessoais que o processo da Reforma Psiquiátrica avança, marcado por impasses, tensões, conflitos e desafios" (BRASIL, 2005:6). Uma das conquistas dessa Reforma foi a aprovação da lei n° 10.216 de 2001, a lei Paulo Delgado, sancionada após doze anos de tramitação no Congresso Nacional, e que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Uma das determinações dessa lei é a reinserção social de todo paciente psiquiátrico, claramente expressa no artigo 5°, porém o teor da lei é direcionado aos portadores de transtornos mentais em geral. Por esse motivo, a sua aplicabilidade encontrou entraves na sua execução em relação ao loucocriminoso.

O processo de reinserção social do sujeito é bastante complexo, pois envolve o término da aplicação da medida de segurança, a saída da instituição e as tensões presentes em torno da possibilidade de o sujeito se encaixar, como usuário de saúde mental nos diferentes espaços criados para tal finalidade. No que tange a medida de segurança, sua finalidade consiste na legalização da internação, justificada em prol da segurança do sujeito e da sociedade. Face esses entraves foram editadas a resolução n°

05 de 2004 e a n° 4 de 2010, cujo conteúdo versa sobre a atenção ao loucocriminoso e à medida de segurança (MATTOS, 2006). Deve-se ressaltar que também será tomada como objeto de investigação uma internada deste hospital, devido a sua longa estadia no mesmo, onde tal ocorrência foi responsável por lhe transmitir, uma série de hábitos próprios da institucionalização, o que acaba por ser visto como uma possível leitura de construção de memória social. Esses hábitos funcionam como expressões no cotidiano, na condição de memórias subterrâneas, nem sempre passíveis de serem manifestas. Apesar de se encontrarem na condição de memória subterrânea, trata-se de fragmentos da vida que interferem na existência.

A custódia de pessoas adultas com transtornos mentais em conflito com a lei para tratamento é uma situação bastante complexa pelo fato de a medida de segurança ser um procedimento jurídico e o tratamento ser de natureza médica que depende, em grande medida, das políticas de saúde mental. Nem sempre essas duas instâncias dialogam: a instituição de tratamento conserva muitas características dos espaços prisionais. Porém, uma situação paradoxal evidencia-se com a lei 20.216: com a política de desospitalização, qual o destino dessas pessoas? Atualmente, em função do crime, são segregados pela medida de segurança, mas por serem pessoas adultas com transtornos psíquicos deveriam ser tratadas nos diversos serviços de saúde mental. Na hipótese de serem internadas e desinternadas, como efetivar as condições em termos do acesso à rede de serviços de saúde mental, se esta rede apresenta inúmeras falhas e precariedades? Sob essa perspectiva, objetiva-se produzir uma reflexão acerca da política de desinternação, considerando as possibilidades de reinserção do desinternado na sociedade para que não passe do status de estigmatizado institucional a um estigmatizado de rua.

2. Desenvolvimento

2.1. Caracterização do caso em estudo

Diante dos impasses da desinstitucionalização de internados focaliza-se a situação de Maria dos Anjos que, em três décadas, foi reclusa em três instituições totais: prisão, hospício e manicômio. Antes de identificar suas peculiaridades, apresentamos aspectos biográficos que se vertem em complexidades em sua trajetória. Nordestina de origem pobre, morava com a mãe, o pai e dois irmãos. Chegou ao Rio de Janeiro, de carona de caminhão, para ficar em casa de familiares depois que seu pai abandonou a família em função do etilismo, e sua mãe alegava não poder criá-la, por ser muito bagunceira. Aos doze anos começou a usar drogas, época em que abandonou a escola no quarto ano do ensino fundamental. Nessa mesma idade, durante uma crise explosiva quebrou a perna de sua tia, tendo sido internada em uma clínica psiquiátrica. Aos quinze anos foi entregue, pela tia, ao Juizado de Menores, permanecendo reclusa até os dezenove anos, idade em que começou a prostituir-se, na praça Mauá, e realizar pequenos roubos. Engravidou e depois do parto doou a criança sob a legação de não ter condições de cria-la. Em sua segunda gravidez, chegou a ver seu filho, mas a maternidade PróMatre informou que a criança teria nascido morta, versão que não aceitou, sendo este fato o motivo de incidentes agressivos, pelos quais foi presa em flagrante quando agrediu uma enfermeira com caco de vidro.

Encaminhada ao Hospital Pedro II por problemas mentais e agressividade incontida, matou outra internada, motivo pelo qual passou a ser custodiada para tratamento. Atualmente, apesar de desinternada, ainda convive na instituição devido a circunstâncias burocráticas referentes de sua documentação, o que inviabiliza o seu

encaminhamento para um abrigo ou uma residência terapêutica. Essa é uma segunda vertente problemática que expressa a complexidade desse caso. Frente a tais circunstâncias, indaga-se como deverá ser o processo de reinserção social uma vez que Maria dos Anjos já está desinternada, mas permanece na instituição?

2.2. O processo de desinternação e suas consequências

Maria dos Anjos, como outros desinternados, fica a espera dos serviços relativos às políticas públicas de saúde para possibilitar condições de convivência na sociedade. Sem a ajuda de familiares, esta tarefa fica cada vez mais árdua, mas não é impossível. Ao focalizarmos os três volumes de seu prontuário, mais de seiscentas páginas, deparamo-nos com um extenso número de documentos, que explicitam a problemática em termos da produção de diferentes diagnósticos desde sua primeira prisão até a guia de desinternação. Os diferentes diagnósticos, certamente, produziram diferentes estigmas. O teor desses documentos é variado, mas em sua maioria apresentam informações relativas ao seu estado, às classificações diagnósticas e contem a narrativa de algum episódio que segundo o saber assistencial ou jurídico, mereceu destaque. Para análise, foram considerados: a) vinte e quatro encaminhamentos à clínica psiquiátrica; b) uma sentença do ano de 1990; c) um laudo de exame de sanidade mental do ano de 1997; d) um parecer psiquiátrico do ano de 1995; e) uma sinopse psiquiátrica do ano de 1993, f) uma sinopse psiquiátrica do ano de 2007 e, g) uma sinopse psiquiátrica não datada. Os temas recorrentes foram agrupados da seguinte maneira: ameaça a terceiros, saúde, vício em medicação de contenção, porte de medicamentos/drogas, agressividade, luta corporal e agitação. Trata-se de características sobre a internada que servem para justificar os diferentes diagnósticos produzidos ao longo de seu percurso institucional. Além disso, alguns episódios são peças fundamentais na montagem dos diagnósticos, dentre os quais se destacam: a) os constantes transtornos na maternidade PróMatre, reivindicando o direito ao seu filho dado como morto; e b) o assassinato de uma mulher no Hospital Pedro II. Ambos os episódios encontram-se registrados em seu prontuário.

3. Considerações finais

A análise dos documentos revela uma internada com diversos conflitos, que dificultam sua relação interpessoal, com funcionários e outros internados. Por vezes, os documentos apresentam características da internada como: agitada, agressiva, impaciente e viciada na medicação de contenção. Do conteúdo dos documentos podemos deduzir as dificuldades da internada em se adequar às normas institucionais, o que gerou, várias vezes, questionamentos nos profissionais de saúde sobre o lugar onde deveria ficar em decorrência dos vários episódios ocorridos e da rotulação diagnosticada: prisão ou manicômio? Deve-se destacar a existência de um parecer psiquiátrico que foi alterado a mão antes de ser oficializado, explicitando, assim, a dúvida. A expressão “personalidade psicopática” foi escrita e riscada e, em seu lugar, aparece “transtorno bipolar”. As dúvidas quanto ao lugar e ao diagnóstico não minimizaram, pelas estratégias de tratamento, o seu sofrimento na tentativa de realizar um propósito: encontrar um filho perdido, convicção de que não abre mão.

Com relação aos diagnósticos presentes nos documentos, contata-se que: a) a sentença faz referência à internada como “portadora de psicopatia, capaz de atos de extrema violência”; diagnóstico extraído de um documento anexo a um laudo que não consta em seu prontuário, b) o laudo de sanidade mental apresenta Maria dos Anjos como “portadora de desenvolvimento mental retardado”, c) o parecer psiquiátrico

registra que se "trata de quadro esquizofrênico crônico"; d) a sinopse psiquiátrica de 1993, contém os diagnósticos do CID 10 expressos pelos números: 301.7/1, (transtornos da personalidade com predomínio de manifestações sociopáticas e associais), e 301.3/9 (transtorno explosivo da personalidade); d) a sinopse psiquiátrica de 2007, traz o diagnóstico do CID 10, F20.1, (esquizofrenia hebefrênica).

O confronto entre as informações detectadas nos documentos e o atual estado de desinternada, porém ainda abrigada, revela a clara impressão de que a pessoa presentificada neles difere daquela que, atualmente, vive na instituição. Alguns documentos apontam a sombra de um caso sem solução, e, por vezes, em outros, percebe-se o desânimo dos profissionais de assistência com relação aos resultados do tratamento. Atualmente, Maria dos Anjos apresenta disponibilidade em participar de entrevistas, porém com questões não resolvidas, como o dilema entre permanecer na instituição ou viver fora dela. Expressa o temor de morrer na instituição. Seu atual estado sugere que as medidas terapêuticas produziram resultados positivos no controle de sua agressividade e na contenção parcial de seu "delírio".

Referências

Brasil. (2005) Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil.** Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental : 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília.

Castro, U. R. (2009) **Reforma psiquiátrica e o louco infrator.** Brasília: Hinterlândia.

Carrara, S. (1998) **Crime e loucura**. Rio de Janeiro: Eduerj.

Dantas, R. e Pereira, T. M. D. (2009) Notas reflexivas sobre a relação de custodia e o exercício profissional: o caso do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico. Em: Forti, V. e Guerra, Y. (orgs.) **Ética e direitos: ensaios críticos.** Rio de Janeiro: Lumen & Juris.

Foucault, M. (1996) **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva.

Gondar, J. (2005) Quatro proposições sobre memória social. Em: Gondar, J e Dodebei, V. (org.). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Mattos, V. (2006) **Crime e psiquiatria: uma saída.** Rio de Janeiro: Revan.

Musse, L. B. (2008) **Novos sujeitos de direito.** Rio de Janeiro: Elsevier.

Pinto, D. S.; Farias, F. R. e Gondar, J. (2012) Experiência traumática: a construção de memória no cenário do crime e da loucura. Em: Pinto, D. S. e Farias, F. R. (orgs) **Novos Apontamentos em Memória Social.** Rio de Janeiro: 7 Letras.

Rauter, C. (2003) **Criminologia e subjetividade no Brasil.** Rio de Janeiro: Revan.

Rovinski, S. L. R. (2007) **Fundamentos da perícia psicológica forense.** São Paulo: Casa do Psicólogo.

3º Apresentador: Silvia Maria de Sequeira

A ATUAÇÃO DA DEFENSORIA NAS MEDIDAS DE SEGURANÇA NO ESTADO DO RIO NO CONTEXTO DA LEI 10.216. Silvia Maria de Sequeira (Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro/Núcleo do Sistema Penitenciário).

Este trabalho visa à apresentação e discussão da atuação da Defensoria Pública na execução das Medidas de Segurança no Estado do Rio, no contexto da reforma psiquiátrica, nos hospitais de custódia e tratamento, focalizando os impasses e desafios vividos pelo setor jurídico consequentes da implementação das determinações da Lei 10.216 e da Resolução e Recomendação do CNJ. Inicialmente, proceder-se-á esclarecimentos sobre o conceito de Medida de Segurança, instrumento legal e jurídico que dá amparo às internações nos hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico, sublinhando-se o seu caráter de tratamento médico e de restrição ao direito de liberdade. Na imposição da Medida de Segurança de internação ao portador de transtorno mental pune-se o autor do fato e não a prática do fato, sem a limitação do quantum da pena, mantendo-o preso/internado até que seja declarada cessada a sua periculosidade. A Medida de Segurança até os dias atuais não mereceu dos legisladores e dos doutrinadores a atenção merecida. Desta forma, os operadores do direito se veem constantemente diante de casos concretos sem solução aparente. Será demonstrado que a Lei 10.216 derrogou os artigos do Código Penal e da Lei de Execução Penal que dela divergem, por ser lei posterior e especial. A Medida de Segurança de internação é a internação compulsória, prevista no artigo 6 inciso III e na forma do artigo 4 ambos da Lei 10.216 e só deverá ser indicada quando "os recursos hospitalares se mostrarem insuficientes". Assim, a Medida de Segurança de internação está delimitada pela necessidade de tratamento e não mais pela pena aplicada ao fato. E, a despeito da falta de políticas públicas para atender dignamente a demanda decorrente dos novos termos legais, tais como residências terapêuticas, centros de atenção psicossocial (CAPs), entre outros, cabe aos Defensores Públicos, entre outros setores do jurídico, atuar no sentido de garantir a aplicação da acertada lei da reforma. No Estado do Rio de Janeiro, algumas práticas institucionais já vêm surtindo alguns bons resultados: alteração nos quesitos e atendimento dos pacientes nas unidades e realização de audiências de desinternação em conjunto com a equipe multidisciplinar responsável pelo caso do paciente. Esta última tem-se revelado um formidável lócus para o esclarecimento de dúvidas relativas ao caso a ser julgado configurando-se, por vezes, como a única oportunidade para o contato direto da parte com o Juiz e Ministério Público. Muito frequentemente, a ausência da figura do responsável pelo internado, não preconizada por nenhum dispositivo legal, é apontada como uma questão a ser resolvida na esfera penal, a despeito de ser claramente do âmbito da esfera social. Como resultado, um dos hospitais de custodia e tratamento psiquiátrico do Estado vem abrigando muitos desinternados mesmo ser esta sua função, ampliando a situação de confinamento de um internado que, por um lado, já está em condições de retornar à sociedade, mas não o faz por absoluta ausência de ofertas de serviços do poder público particularmente na esfera da saúde , mais especificamente da saúde mental. O portador de transtorno mental infrator da legislação penal (ou pessoa adulta com transtorno mental em conflito com a lei) é, assim, um duplo discriminado. Tem a sua situação jurídica agravada; é um sem direito que, sob a justificativa de protegê-lo, restringe-se a sua liberdade. Por fim, serão apresentadas iniciativas da Defensoria para divulgar a necessidade da alteração da postura dos atores jurídicos sobre o tema, a tarefa de cobrar do Poder Judiciário o cumprimento da lei, com alteração na forma de defesa na Vara de Criminal e na Vara de Execução Penal. No Estado do Rio de Janeiro alguns resultados já foram alcançados:

redução do número de “internados", do número de pacientes de longa permanência e do período de internação. Serão apresentadas também ações junto ao Conselho Nacional de Justiça para fortalecer a rede de apoio ao portador de transtorno mental, para efetivar a Lei da Reforma Psiquiátrica, com a participação de todos os atores envolvidos a fim garantir ao portador de transtorno mental a sua qualidade de sujeito de direito e não mero objeto. A Lei da Reforma Psiquiátrica foi um grande avanço, porém, ainda não é sequer conhecida por todos os aplicadores do Direito, pelo que não alcançou a sua plena eficácia. No Direito como na vida, há de se vencer um obstáculo de cada vez; por isso, a luta continua.

Proponente: Joanneliese de Lucas Freitas

Área da Psicologia: Psicologia Clínica e da Personalidade

CLÍNICA FENOMENOLÓGICA E CORPOREIDADE: REFLEXÕES POSSÍVEIS

Justificativa: Pensar o corpo é uma outra forma de pensar o mundo e a constituição humana. No campo da psicologia há indicadores que apontam para o fato de que o interesse sobre os temas "corpo" e "corporeidade" tem crescido, apesar de tais temas carecerem de melhor compreensão e definição do ponto de vista psicológico. A fenomenologia, se apresenta como campo profícuo para a discussão do lugar da corporeidade como fenômeno humano. Ao reconhecer a incapacidade dos modelos naturalistas e subjetivistas para alcançar a compreensão do mundo da vida, a fenomenologia nasce com a intenção de recuperar a razão como um olhar rigoroso sobre o homem não apenas como participante do mundo, mas também como origem de toda reflexão. Oferece uma alternativa às concepções contemporâneas onde o "bios" se anexa à psiqué através de tentativas de derrotar os limites biológicos de nossa condição - tema classicamente psicológico. A questão iminente frente aos avanços das neurociências é a produção de uma reflexão mais acurada sobre a "alma" que transborda esse corpo-máquina, mas que, todavia, não se encontra destacada desta. Em Husserl, o corpo é como uma estrutura originária para todas as outras formas de expressão e pensamento. A ressignificação de corpo como "corpo vivido" (leib) oferecida pela fenomenologia abre novas perspectivas para as formas pelas quais a psicologia compreende a subjetividade, as relações homem-mundo e a consciência. Em Merleau-Ponty o aspecto expressivo da corporeidade emerge como elemento significante de sentido, tornando-se tema central de análise que permite-nos uma reflexão mais aprofundada sobre os problemas da linguagem, da comunicação e no campo da psicologia, da clínica, dentre tantos outros temas. Em sua perspectiva gestáltica do esquema corporal como todo figurado entre o homem e o mundo, o movimento é o elo entre os arranjos neuronais e a consciência, é a expressão no espaço do movimento do pensamento. A obra de Edith Stein nos permite aprofundar o corpo como articulação entre experiência e consciência na apreensão do mundo. O corpo em sua obra, nos revela o outro em situação, o que tem implicações para uma reflexão sobre a psicoterapia, especialmente no que condiz ao papel do psicoterapeuta. Apresentando a perspectiva de Merleau-Ponty e Edith Stein, a mesa proposta busca traçar caminhos que permitam pensar a clínica psicológica a partir da expressão tendo a corporeidade, ou consciência encarnada, como ponto centrais para uma nova perspectiva, problematizando a intersubjetividade, as possibilidades de diálogo entre terapeuta e cliente, bem como sublinhando as implicações de tal reflexão para o campo psicológico.

Coordenador: Joanneliese de Lucas Freitas

CORPO E SUBJETIVAÇÃO - CLÍNICA E EXPRESSÃO. Joanneliese de Lucas Freitas (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR).
A experiência humana é dada na unidade de dois aspectos fundamentais: corpo e consciência que apesar de articulados, são irredutíveis um ao outro. Os avanços das neurociências demonstram tais afinidades e relações, entretanto, mantém e acirram a discussão a respeito das diferenças, da irredutibilidade de tais instâncias e suas relações. A psicologia tradicionalmente tem tratado o corpo a partir de noções de "esquema corporal" e "imagem corporal", noções que se desenvolvem sob influência dos campos da neurologia e da psicanálise. No presente trabalho, apresentamos a perspectiva fenomenológica de corpo em

Merleau-Ponty que faz frente às concepções mentalistas e naturalistas da corporeidade. O autor critica o uso que os psicólogos fazem do constructo "esquema corporal" que segundo o autor, seguiria uma lógica associassionista. Sua proposta ultrapassa tal perspectiva quando desenvolve uma concepção de esquema corporal como uma organização estrutural tal como uma gestalt, onde a articulação de cada gesto, de cada movimento, se estrutura em uma relação de figura-fundo entre consciência e mundo. Suas concepções de esquema corporal e de corpo como fenômeno humano serão discutidas para a compreensão do contexto de uma clínica fenomenológica da expressão. O corpo vivido (leib) é consciência encarnada e, portanto, reafirma a existência de uma dualidade de manifestação de uma só experiência que é a experiência humana. É negar, portanto, uma visão monista que reduz o psíquico ao físico, bem como uma visão dualista onde corpo e sujeito são absolutamente diferenciados, sendo uma parte o simples efeito da outra. A partir da noção de corpo vivido, Merleau-Ponty nos demonstra que somos corpo expressivo no mundo, pois, ser pura expressão é ser em condição de relação com o outro, intersubjetivamente. A experiência humana é uma direção, portanto, marcante para o sentido, é a possibilidade de ruptura frente às imposições culturais. Dentro de uma perspectiva psicológica, a expressão pode ser compreendida como possibilidade de ruptura frente aos determinantes sociais que perpassam o homem. A diferença e a especificidade da vida humana doravante podem ser compreendidas do ponto de vista da produção de novidade e sentido frente às estruturas sociais, linguísticas ou psicológicas, supostamente "determinantes" do humano e dos sentidos que apesar de partilhados, são tão pessoais e subjetivos. A fala pode ser pensada como uma corporeidade anônima e que, por um movimento, a princípio violento, pode ultrapassar toda a significação para atingir o sentido. Neste contexto, perguntamo-nos sobre as possibilidades e implicações de uma clínica psicológica centrada na expressão e na corporeidade. Nesta, o cliente não é para o psicoterapeuta um objeto para o "eu penso" e a relação psicoterapêutica não é reafirmada pelo poder de um saber, mas pela possibilidade de expressão, para a disponibilidade para o sentido, onde o próprio corpo do terapeuta se apresenta como campo expressivo e precisamente por ser expressão, permite novos sentidos, anuncia-se, enquanto comunicação como um sistema de interpretação.

Palavras-chave: expressão, psicoterapia, corporeidade, fenomenologia

P - Pesquisador

CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

2º Apresentador: Mônica Botelho Alvim

RELAÇÕES ENTRE CORPOREIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDO: PERSPECTIVAS DE DIFERENTES DISCIPLINAS. Mônica Botelho Alvim (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).

Tomando a corporeidade e a produção de sentidos como uma temática fundamental na clínica psicológica, o presente trabalho está inserido em um projeto de pesquisa que adota uma perspectiva interdisciplinar para discutir essa temática no âmbito da Gestalt-Terapia. Pretende-se, no recorte aqui proposto, colocar as variáveis: corpo e expressão em diálogo com os campos da filosofia e da arte. O projeto busca aprimorar fundamentos teóricos, revisando e ampliando conceitos e tem uma dimensão de pesquisa metodológica, buscando subsidiar a discussão sobre procedimentos e métodos de intervenção clínica. Parte, na fenomenologia, da perspectiva de Merleau-Ponty, filósofo que confere ao corpo um espaço central em sua obra. Propondo que nossas experiências são primordialmente corporais, o corpo a que ele se refere é Leib – corpo vivo. Assim, não trata do corpo como uma instância em si mesmo, não está

interessado em estudar os processos corporais de um Körper – corpo físico ou biológico, mas interessa-se, sim, pelo corpo fenomenal, pela corporeidade, pelo corpo vivo, sentiente e movente. Para ele, é através do corpo que nos encontramos com o mundo e com o outro, é o corpo que nos dirige e nos liga intencionalmente ao mundo. O corpo é cognoscente e produz significados através de uma práxis, motora, que cria algo novo a partir de um passado que se atualiza diante de um horizonte de futuro, o que ele denomina praktognosia. A intencionalidade é, assim, um processo que implica um campo de presença: eu-outro-mundo envolvidos em uma experiência que é temporal. O corpo é poder de expressão, projeta o Ser no âmbito das possibilidades: "Ich cann (eu posso)". Sou um ser de possibilidades e posso transformar o mundo e a cultura, instituir. Merleau-Ponty aborda o corpo como expressão e fala, entendendo que é como corpo que o sujeito se situa no mundo, se relaciona, percebe o outro e a si, dando sentidos e significando a existência. Significação que é ato comunicativo: na arte, no discurso falado ou escrito. Grande parte da arte contemporânea preconiza a experiência do espectador, visando produzir no campo do trabalho artístico uma possibilidade expressiva. Lygia Clark e Helio Oiticica são dois artistas brasileiros com grande projeção no cenário mundial da arte e desenvolveram obras e escritos nessa perspectiva. A teoria da arte discute a temática das relações entre artista, obra de arte e público e um movimento que acentua a participação do espectador no ambiente que expõe a arte. Buscamos, em nossas pesquisas, promover uma aproximação entre os dois campos, em torno da compreensão, com fundamentos fenomenológicos, do ato artístico e do ato psicoterápico. Neste trabalho pretende-se discutir as compreensões dadas à relação entre corporeidade e trabalho de produção de sentido na fenomenologia-ontologia de Merleau-Ponty e em alguns trabalhos de arte contemporânea que se fundam na experiência do corpo, com o objetivo de fomentar a discussão dessa mesma relação no âmbito da clínica da Gestalt-Terapia e de outras psicoterapias de tradição fenomenológico-existencial.

Apoio Financeiro: FAPERJ
Palavras-Chave: Merleau-Ponty, Gestalt-Terapia, Corpo
P - Pesquisador
CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

3º Apresentador: Andres Eduardo Aguirre Antunez

CORPOREIDADE NA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN: IMPORTÂNCIA CLÍNICA. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez. (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

A obra de Edith Stein pode ser dividida em três períodos: o fenomenológico, o pedagógico e místico. Dentro do período fenomenológico, Stein estudou a fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito. Ao discorrer sobre a corporeidade, Edith Stein divide o tema em duas partes. A primeira explora o corpo como uma coisa material: figura, constituição material, movimento e manifestações acústicas. Em seguida, discorre sobre o homem como organismo vivo: configuração desde dentro, movimento orgânico, a linha de separação entre o organismo e o animal, o processo vital para além do indivíduo e o vegetal do homem. Ao considerar o homem meramente em sua corporeidade, trata-se de uma consideração abstrata, na qual prescindimos artificialmente de muitas coisas que pertencem ao fenômeno completo do homem: da vida, da alma e do espírito, que nos falam através de seu exterior. Essa consideração nos ajudará a compreender o homem em sua peculiaridade corporal. O homem como organismo vivo: a configuração desde dentro leva o corpo a atravessar mudanças em sua configuração. Este configurar-se desde dentro é um peculiar modo de ser dos seres vivos. O processo de configuração aponta para um fim. O fim é a estrutura plenamente configurada com todos os seus membros. Há órgãos no organismo. O organismo vivo aponta para além de

si mesmo. De modo que a percepção do mundo é matéria formalizada e a formalização é um processo vital. A forma é o que comunica existência. A força vital é finita. Com o tempo ocorre a decadência e a força diminui. A forma vital, a alma, faz do corpo humano um organismo. Quando nele não há vida, só é uma coisa material como outras muitas. Husserl afirma que temos um corpo baseando-nos na análise dos atos registrados por nós, das sensações corpóreas que registramos. A corporeidade nos dá a constituição do ser que nos localiza. No espaço vivido está a corporeidade e está em um espaço que permite o movimento, assim, evitamos obstáculos. Damo-nos conta de nossa corporeidade por que temos as vivências relativas às sensações corpóreas. Nesse sentido, a corporeidade apreende o sentido e essência das coisas. O corpo fala antes da linguagem expressa verbalmente e nos revela muito do outro. Portanto é importante não só pensarmos na corporeidade do outro, mas como vivemos e sentimos a nossa própria corporeidade, a do terapeuta. Ao alojar o psiquismo em nosso corpo deixando-se afetar pelas organizações imagéticas que emergem do contato com o paciente e ao buscar a comunicação real e subjetiva na sensibilidade humana será possível revelar um saber que brota na relação humana. A corporeidade compreendida como corpo ou coisa material e o homem como organismo vivo traz os alicerces dos estudos de Edith Stein sobre a estrutura da pessoa humana, compreendida em sua dimensão corporal, psíquica (emoções e impulsos) e espiritual (capacidade de refletir, elaborar e tomar decisões). Tais estudos fenomenológicos são úteis às ciências humanas e a partir dessa compreensão fenomenológica é possível refletir e aprofundar os conhecimentos e experiências vividas na prática clínica.

Palavras-chave: corporeidade, fenomenologia, psicologia clínica.

P – Pesquisador

CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

Proponente: Leonardo Lana de Carvalho

Área da Psicologia: Psicologia Cognitiva

PSICOLOGIA COGNITIVA E CIÊNCIAS COGNITIVAS: PERSPECTIVAS ATUAIS E DIREÇÕES FUTURAS

Justificativa: As Ciências Cognitivas, apesar de esforços recentes em torná-la uma disciplina, constitui-se como uma área interdisciplinar levando o pensamento cognitivo a interpretar e reinterpretar domínios de estudo clássicos de diversas disciplinas como a Inteligência Artificial (IA), a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Linguística, a Ergonomia, a Psicologia e também domínios já interdisciplinares como o da Educação ou das Neurociências. Nos anos 50 e 60 a IA exerceu o papel central neste que foi o período de surgimento das Ciências Cognitivas, sendo a IA mesmo chamada por Newell de a "interdisciplina". Nesta época a modelagem e simulação computacionais se instauram como metodologia privilegiada de estudo das Ciências Cognitivas, existindo atualmente uma variedade enorme de formalismos e implementações computacionais em todas as disciplinas cognitivas. Na década de 70 as Neurociências não ocupavam ainda um lugar central nas Ciências Cognitivas. Durante um longo período, até o final dos anos 80, a abordagem cognitivista ou também chamada de IA Clássica ocultou a abordagem conexionista. O conexionismo se caracteriza por uma metodologia bioinspirada ao exemplo dos neurônios formais de McCulloch & Pitts concebidos de modo a reproduzir o modo de funcionamento dos neurônios naturais, isso ainda no início da década de 40. Neste sentido, na década de 90 ocorre um "retorno" das Neurociências ocupando nas Ciências Cognitivas uma posição central. Essa importância das Neurociências dura até os dias de hoje tendo ocorrido devido ao surgimento de modernas técnicas de estudo do cérebro, como o imageamento por resonância magnética funcional, a tomografia por emissão de positrons, o eletroencefalograma, a magnetoencefalografia, etc. Os resultados mais recentes associam técnicas intrusivas à robótica. A Psicologia compõe o quadro das Ciências Cognitivas como uma importante disciplina mas sem um papel de destaque maior como no caso da IA e das Neurociências, apesar de citada junto da Matemática e da Filosofia como disciplinas que orientaram o surgimento da Inteligência Artificial. Este processo continua a existir e de modo mais amplo. Novos sistemas de inteligência artificial são concebidos e implementados inspirados em fenômenos e teorias das Ciências Humanas, Sociais e Biológicas ao mesmo tempo que estas áreas do conhecimento retornam enriquecidas de modelos e simulações computacionais. A presente mesa-redonda visa neste contexto das Ciências Cognitivas apresentar um quadro do desenvolvimento da noção de representação mental como o objeto fundamental e diferencial de estudo da Psicologia Cognitiva em diversos cenários, retomando autores clássicos como L. S. Vygotski e as implicações epistemológicas para a psicologia cognitiva. Num cenário de multidisciplinaridade, áreas se juntam ou ganham conformações diferentes conforme seu desenvolvimento teórico-metodológico. Um exemplo de modelagem computacional entre a Psicologia e a Sociologia é apresentado ao tratar de normas, práticas e usos. Ao que parece, entretanto, a busca da compreensão da mente vem sendo feita à base de possíveis reducionismos, o que não é desejável para a Psicologia como um todo. Cada método tem suas limitações e é nessa medida que se deve compreender as dificuldades de descobertas sobre a mente, seu estatuto ontológico e epistemológico.

Coordenador: Leonardo Lana de Carvalho

O QUE É SEGUIR UMA REGRA? REFLEXÃO SOBRE AS NORMAS E OS USOS. Jacques Ferber (Laboratoire d'Informatique de Robotique et de Microélectronique de Montpellier, Université de Montpellier II, França), Leonardo Lana de Carvalho (Groupe d'Etude des Méthodes de l'Analyse Sociologique de la Sorbonne, Université de Paris IV Sorbonne, França & Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG), Denis Phan (Groupe d'Etude des Méthodes de l'Analyse Sociologique de la Sorbonne, Université de Paris IV Sorbonne, França), Franck Varenne (UFR de Lettres et Sciences Humaines, Departement de Philosophie, Université de Rouen, França).

A informática pode ser vista como a implementação de uma estrutura simbólica para a execução de sistemas de regras formalizadas em uma linguagem não ambígua. As regras são formalizadas em uma estrutura de símbolos ou representações materiais. Todavia, em formalismo multi-agente, unidades "móveis" de processamento da informação, em interação, executando regras previamente elaboradas (programas) exibem comportamentos não planejados a priori, o que na literatura se convencionou chamar de comportamentos emergentes. Adotando a posição do segundo Wittgenstein, seguir uma regra não pode ser reduzida à obediência de instruções (descontextualizadas) desta regra. Segundo a metáfora de Wittgenstein, ela não é comparável com o deslocamento sobre as "linhas" por uma locomotiva. O objetivo da contribuição foi operacionalizar o aforismo elaborado em trabalhos anteriores: "os agentes levam em conta as regras em uso para induzir o surgimento da utilização de uma determinada regra". Para isto foi prevista a necessidade de concepção de um ciclo social da regra, visando implementação computacional. Metodologia: As diversas fontes de incompletude da regra nos contextos de interação foram analisadas de modo a propor uma estrutura ontológica suficientemente rigorosa e não ambígua para permitir a implementação computacional e suficientemente flexível para deixar lugar para certa forma de "criatividade social". Para isto foi utilizada respectivamente a modelagem UML e a simulação Multi-Agente. Resultados: O ciclo social da regra se encontra formalizado e está sendo utilizado em algumas aplicações de informática. O ciclo pode assim ser descrito: No contexto dos usos existentes, associada a regras anteriores, os termos de uma regra induzem estratégias individuais que resultarão em práticas que ainda não estão em uso como tal. Os novos usos são a base croncreta de elaboração de novas regras pelos agentes, reinicializando o processo. O formalismo proposto discrimina bem regra social (ou norma explícita) e norma implícita como o conjunto de regras interindividuais que dão suporte a um uso. Assim, surge claramente o interesse pela frase de Wittgenstein: "O significado de uma regra situa-se no uso", claro que sabendo-se que o quadrante cultural é o lugar onde as coisas tomam um "sentido coletivo". O aspecto semântico não é a chave do problema mas sim parte do problema, uma vez que o "sentido" depende das normas implícitas, por exemplo, do conjunto de regras individuais em uma ação mas também do conjunto de regras sociais interindividuais ligadas a um uso. Com esta visão e a partir do processo cíclico do seguir uma regra está proposto o caráter essencialmente construtivo da semântica, que parece aqui poder ser melhor considerado. Conclusão: Um importante campo de pesquisa se extende entre o pensamento de Wittgenstein e a abordagem cognitiva-comportamental. A construção social de normas e usos através do seguir uma regra constitui parte privilegiada deste campo de pesquisa, revigorando a tradição não reducionista do ponto de vista cognitivo-comportamental ao abordar com grande densidade a subjetividade, a intersubjetividade e outros aspectos dinâmicos e complexos das relações humanas como as normas e os usos.

Bolsa de Pós-Doutorado concedida pelo CNRS – Univ. de Paris IV Sorbonne
Palavras-chave: Regras, Normas, Usos
PD
COG

2º Apresentador: Ederaldo José Lopes

O FUTURO DA REPRESENTAÇÃO MENTAL E AS IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS PARA A PSICOLOGIA COGNITIVA EXPERIMENTAL. Ederaldo José Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG); João de Fernandes Teixeira (Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, SP).

O nascimento da Psicologia Cognitiva Experimental, para alguns, representou um movimento tão forte a ponto de ser chamado de "revolução cognitiva". A despeito do exagero dessa afirmação, o fato é que a psicologia cognitiva apresentou uma volta ao mentalismo na psicologia e a possibilidade de retomar temas até então abandonados pelo behaviorismo. No entanto, como alternativa ao behaviorismo, o projeto da psicologia cognitiva nasceu sob um clima de uma pretensa interdisciplinaridade, ou seja, a Psicologia Cognitiva (essencialmente experimental) não apresentou uma coerência capaz de trazer uma unificação teórica. Identificando-se mais como um novo sistema psicológico, ela partiu de seu objeto primordial, a representação mental, marcada por uma profunda identificação com a metáfora computacional da mente. Aproximadamente nos anos 1970, o desenvolvimento dos métodos computacionais e das Neurociências, principalmente, trouxeram novos desafios teóricos para a Psicologia Cognitiva Experimental, que foi sofrendo um esfacelamento e uma perda da sua tenacidade tal qual nos seus primórdios. Novos modelos explicativos dos processos cognitivos foram sendo propostos a partir de estudos de indivíduos com déficits cerebrais. Além disso, críticas contundentes sobre a extensão do método experimental a contextos ecológicos (validade ecológica) e sobre a noção de representação mental tal como colocada pelo cognitivismo, foram transformando a Psicologia Cognitiva num emaranhado de experimentos e modelos quase infindáveis, gerando uma dificuldade de unificação teórica. Embora a noção de representação mental simbólica – a tese central do cognitivismo – tenha sido colocada em xeque por diversos modelos posteriores (conexionismo, sistemas dinâmicos, entre outros), a Psicologia Cognitiva se firmou como uma área eminentemente científica, calcada no método hipotético-dedutivo, e os modelos teóricos propostos nos seus diversos campos de estudo parecem ter uma aliança tanto com o método experimental quanto com a noção de representação mental. Pelo menos nos campos da pesquisa básica na área predominam os testes de hipóteses, a rejeição e proposta de novas hipóteses de trabalho, no estilo proposto por Popper (uma interessante interpretação do processo de cientificidade da Psicologia é dada também por Laudan). Desse modo, embora os métodos computacionais e neurocientíficos tenham trazido novos desafios, a Psicologia Cognitiva se mantém como uma área com limites relativamente definidos em termos da grande área multidisciplinar, as Ciências Cognitivas. Os conhecimentos de outras áreas se somam e complementam as inferências obtidas experimentalmente, não deixando que aspectos psicológicos sejam reduzidos nem a elementos neurais nem a elementos computacionais.

Palavras-chave: Epistemologia da Psicologia; Representação mental; Psicologia Cognitiva

P

COG

3º Apresentador: Elayne de Moura Braga

REPRESENTAÇÃO, SIGNO E CONCEITO NA TEORIA DE VYGOTSKI: IMPACTO SOBRE O CONCEITO DE METACOGNIÇÃO. Elayne de Moura Braga (Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG),

Leonardo Lana de Carvalho (Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG).

O objetivo deste trabalho é apresentar as principais idéias da perspectiva de Vygotski sobre a representação, signo e conceito e seus impactos no conceito de metacognição. A metodologia utilizada foi um estudo bibliográfico de obras originais e de autores que estudam este teórico com influência marxista e de grande importância para a Psicologia Cognitiva. Vygotski propõe uma psicologia histórica e cultural da formação e desenvolvimento do psiquismo humano. Para ele as atividades práticas são a base da vida, a partir das quais pode-se estudar, explicar e analisar o movimento concreto, histórico e dialético do psiquismo humano. Vygotski entende o ser humano como um ser social, onde o psiquismo, além de ser determinado pelos fatores físico e biológico, também o é pelo desenvolvimento histórico-cultural. Segundo sua perspectiva, o homem é efeito da sociedade e da cultura na qual está inserido como ser ativo, exercendo uma atividade prática transformadora, tanto das relações sociais quanto do meio natural. Vygotski enfatiza o uso de instrumentos e seus correlatos no plano psíquico, sendo a linguagem o principal instrumento do pensamento humano pois ela potencializa a interação social. As funções psicológicas superiores (oral, gestual, escrita, artística, musical e analítica) possuem um suporte biológico (atividades cerebrais) e um suporte baseado nas relações sociais entre indivíduo e meio. Esses suportes se influenciam de forma a se desenvolver e formar novas e mais complexas funções mentais. Neste sentido, Vygotski defende que as funções psicológicas simples se transformam em superiores, as quais comportam signos que servem como mediadores internos. A linguagem é a principal mediadora da formação e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois permite a regulação do comportamento, o pensamento, a reflexão do mundo exterior, o planejamento e as ações. Para Vygotski os signos proporcionam a capacidade de operar mentalmente sobre o mundo: planejar, estabelece relações, associar, compreender, sendo essa capacidade de utilizarmos instrumentos simbólicos o que nos torna humanos. Os conceitos são entendidos como estruturas significativas que se formam a partir de complexos formados por representações (imagens, sons, etc.) com base no emprego da palavra (signos da linguagem) realizando um movimento que vai no sentido do todo para a discriminação das partes. Por isso ele defende que na formação dos conceitos a palavra é elemento indispensável pois é o seu uso funcional que permite a formação de conceitos. Os signos, assim como as atividades práticas individuais e as relações interpessoais são mediadores do conhecimento, são capazes de oferecer um estímulo que o aprendiz pode elaborar a partir da experiência. O conhecimento dos processos cognitivos, da importância das relações sociais e dos signos na formação de conceitos favorece a metacognição, que, segundo Flavell, é a capacidade de controlar o curso de seus próprios processos mentais e orientar sua atividade na direção da solução de problemas. A metacognição, ou seja, o conhecimento que o aprendiz possui de seu modo de aprendizagem lhe permite segunto Vygotski “submeter ao seu poder suas próprias operações mentais”, o que lança a cognição a níveis superiores.

Palavras-chave: Representação, Signo, Conceito

P

COG

Proponente: Neliana Buzi Figlie

Área da Psicologia: Saúde Mental

TERAPIA DE GRUPO E DINÂMICAS DE GRUPO NO CONTEXTO DE ÁLCOOL E SUBSTANCIAS ILÍCITAS

Justificativa: Com um histórico rico e de longa data a Terapia de Grupo é uma forma popular de tratamento para diversas disciplinas, como a psicologia, psiquiatria, assistência social. Também indicada a um vasto grupo de problemas clínicos como, transtorno de ansiedade e de humor, obesidade e transtorno pós traumático (Barlow et al, 2000; Guimon, 2004). Já no campo da dependência química é a modalidade de tratamento mais comum (Weiss et al., 2004).

A ampla utilização dessa abordagem para o tratamento do abuso e dependência de substancias psicoativas está baseada no consenso dos especialistas de que a psicoterapia de grupo é uma intervenção valiosa com dependentes, podendo ser aplicada em tratamentos de diferentes substâncias (Nicotina, álcool, cocaína, anfetaminas e outras - Stead e Lancaster, 2000; Flores e Mahon, 1993; Edwards et al., 1999), e para diferentes populações de atendimento (Adultos, adolescentes, mulheres, filhos de dependentes químicos, usuários moradores de rua, pacientes com comorbidades e etc.).

Devido à amplitude do tema, e dos desafios presentes na pratica clinica com pacientes usuários, este trabalho tem como objetivo apresentar um modelo de intervenção pautado na pratica ambulatorial, da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) da Universidade Federal de São Paulo.

Nosso objetivo é elucidar a importância desta intervenção, por meio de preceitos teóricos e práticos, como:

Conceitos da Dependência Química;

Síntese dos Modelos de Terapia de Grupo no Contexto de Álcool e Substancias Ilícitas;

Populações Específicas para a Terapia de Grupo em DQ;

Diversidade das Dinâmicas de Grupo e sua Aplicação.

Coordenador: Neliana Buzi Figlie

BOAS PRÁTICAS DE TERAPIA GRUPAL NO CONTEXTO DE ÁLCOOL E SUBSTANCIAS ILÍCITAS. Neliana Buzi Figlie e Roberta Payá (Universidade Federal de São Paulo, Santo André, SP).

Esta aula se propõe a oferecer preceitos teóricos-práticos aos profissionais que trabalham com dinâmicas de grupo e terapia de grupo no contexto do uso de substâncias psicoativas e que acreditam na ampliação de recursos técnicos como forma de aprimoramento e crescimento para lidar com os desafios da área. Serão abordados os seguintes tópicos: formação do grupo; a importância do contrato; a participação da equipe multidisciplinar no trabalho de grupo; como observar o funcionamento grupal; o papel do coordenador do grupo; a importância do feedback ao grupo; permanência dos clientes em grupo e o momento da alta, bem como questões práticas que envolvem clientes e profissionais.

2º Apresentador: Roberta Paya

DIVERSIDADE DAS DINÂMICAS DE GRUPO E SUA APLICAÇÃO EM POPULAÇÕES ESPECIFICAS. Roberta Payá e Neliana Buzi Figlie (Universidade Federal de São Paulo, Santo André, SP).
A aula discorrerá sobre a aplicação e procedimentos das dinâmicas de grupo para as diversas fases e/ou etapas de tratamento da dependência química, dentre elas: Início de Tratamento; Início ou Término de Ano; Conceitos Gerais sobre Dependência Química; Motivação para Tratamento; Prevenção da Recaída;Integração de Grupo; Auto-estima e Autoconhecimento; Treinamento em Habilidades de Enfrentamento e Resolução de Problemas; Comunicação. Também apresentará sugestões para o trabalho com populações especificas, garantindo dessa forma uma atuação endereçada as necessidades e características particulares de adolescentes; filhos de dependentes químicos; mulheres; diversidade sexual; pacientes com danos cognitivos; idosos e comorbidades psiquiátricas mediante o uso de substancias.

3º Apresentador: Neide Aparecida Zanelatto Alves da Silva

PREVENÇÃO DA RECAÍDA E O TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO DE SITUAÇÕES DE ALTO RISCO. Neide Aparecida Zanelatto Alves da Silva (Universidade Federal de São Paulo, Santo André, SP / UNIAD).
Um dos maiores desafios que um dependente de álcool ou outras drogas enfrenta ao longo de seu tratamento, é justamente manter-se abstinente. Iniciar o processo de abstinência, não parece ser uma tarefa difícil, principalmente quando o indivíduo reconhece que as desvantagens de usar a substância são maiores do que as vantagens de manter o uso. No entanto, a dificuldade se põe mais fortemente, quando a questão é a manutenção da abstinência. A ocorrência de estímulos de ordem cognitiva, emocional, física e social, interfere na estabilidade desta condição. O modelo cognitivo da recaída pressupõe que diante de um estímulo determinado, crenças sobre o individuo e sobre a substância utilizada são ativadas, gerando pensamentos automáticos que eliciam a vontade de usar. O conflito entre usar ou não pode surgir, e da resolução deste conflito, no caso dele aparecer, surgem pensamentos permissivos ou de controle, que levarão a estratégias de ação para o uso da substância ou para abstinência. Um dos pilares do modelo da recaída é o treino de habilidades de enfrentamento, associado à conscientização do problema e à mudança de estilo de vida. O treinamento de habilidades sociais e de enfrentamento de situações de risco, baseado na teria de aprendizagem de Bandura, preconiza que o dependente de substâncias segue um modelo de déficit de enfrentamento de situações de risco não somente para o uso de substâncias, como também em situações estressantes, tanto no âmbito intrapessoal como interpessoal. Nesse modelo, os indivíduos com déficits nas habilidades para enfrentar qualquer uma das varias situações de vida têm um risco aumentado para o uso de substâncias. O tratamento baseado na aprendizagem social visa melhorar as habilidades de enfrentamento como um meio de prevenir recaídas. Neste contexto, a resolução de problemas é fundamental uma vez que a solução bem sucedida de problemas reduz o mau ajustamento e melhora o ajustamento positivo, na medida em que a vida está repleta de problemas que devem ser superados para que se possa atuar de modo eficaz, em especial quando falamos da vida de um dependente de substâncias que busca manter seu estágio de manutenção da mudança. Os exercícios praticados em grupo, com objetivos específicos e um desenho voltado para o auxílio na identificação de situações de risco para a recaída, bem como para habilidades de enfrentamento de situações e risco e para a resolução de problemas, são ferramentas importantes nesta modalidade de tratamento.

Proponente: Simone Cerqueira da Silva

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

FAMÍLIA E DEFICIÊNCIA: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Justificativa: A família, principal contexto de desenvolvimento humano, é responsável por propiciar condições favoráveis ao desenvolvimento infantil, facilitando, assim, a adaptação da criança e do próprio grupo familiar. Esta Mesa Redonda tem como finalidade discutir aspectos relativos ao papel e ao funcionamento da família no desenvolvimento de crianças e adolescentes com deficiência. A primeira apresentação, intitulada "A familia como contexto de desenvolvimento de crianças com deficiência", focaliza o papel da família, e da qualidade de suas relações, para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, enfatizando os efeitos de fatores associados à adaptação do grupo familiar, tais como condição social e econômica, nível educacional, condições de saúde da família, bem como características individuais, tanto dos genitores quanto dos irmãos e da própria criança. A segunda apresentação, "As relações em familias com filhos com deficiência intelectual", aprofunda a discussão, ressaltando as reações dos familiares à notícia do diagnóstico de deficiência do(a) filho(a), os sentimentos, estresse, estados emocionais e depressão vivenciados pelos genitores e irmãos, bem como a qualidade dos relacionamentos nos diferentes subsistemas: conjugal, parental e fraternal. Na terceira e última apresentação, ênfase é dada à "Colaboração da familia nos processos educacionais de crianças com necessidades especiais", focalizando algumas dimensões importantes para uma análise sistêmica. Destaque especial é dado à identificação de um conjunto de barreiras estruturais e psicológicas que dificultam o envolvimento parental referente a três condições – a familiar, a escolar e a da relação família-escola. O foco principal desta Mesa Redonda está na argumentação de que a presença de um familiar com deficiência não representa, necessariamente, um evento adverso para o grupo familiar, desde que haja qualidade nas relações e uma eficiente rede social de apoio. As apresentações reiteram a importância de se adotar uma visão integrada de familia e desenvolvimento, isto é, uma visão que focaliza o indíviduo em desenvolvimento inserido em um contexto familiar também em desenvolvimento, que, por sua vez, interage com outros contextos de desenvolvimento, sobretudo com a escola. Reitera-se o fato de que, para compreender o funcionamento familiar e o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual é necessário ampliar o escopo das pesquisas, adotando perspectivas longitudinais que incluam toda a família como fonte de informação. Mas, é preciso também adotar delineamentos que priorizem a análise da relação da família com outros contextos, tendo em mente que a produção do conhecimento sobre o papel da familia e seu funcionamento é construída a partir da compreensão dos sistemas de crenças e das práticas familiares das pessoas com deficiência intelectual, o que requer o emprego de diferentes metodologias.

Coordenador: Simone Cerqueira da Silva

FAMÍLIA: A BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA. Simone Cerqueira da Silva (Centro Universitário IESB/Brasília-DF) e Maria Auxiliadora Dessen (Universidade de Brasília/Brasília-DF).
Para que a família, principal contexto de desenvolvimento humano, possa exercer a sua função de agência socializadora primária, preparando seus filhos para a sociedade em que vive, ela recorre às práticas educativas. Em se tratando de famílias que têm filhos com deficiência, o seu papel se torna maximizado, uma vez que também cabe a ela atuar como moderadora na

atenuação dos efeitos negativos dessa condição, propiciando à criança um ambiente facilitador para o seu envolvimento em atividades sociais. Nesta apresentação, discutiremos o papel da família, e da qualidade de suas relações, para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, enfatizando os efeitos da rede intrincada de inter-relações que integra a condição social e econômica, o nível educacional, as condições de saúde da família, bem como as características individuais, tanto dos genitores quanto dos irmãos e da própria criança. Estes fatores têm sido associados à adaptação das famílias à pessoa com deficiência. A vulnerabilidade da família para desenvolver tensões, problemas nas relações e nos comportamentos individuais depende da presença de fatores que podem estar localizados tanto nas características dos genitores e das crianças (e seus tipos de deficiência), quanto no funcionamento das famílias e nos serviços disponíveis no ambiente. Essas famílias têm apresentado maior necessidade de suporte, cuidado, informação, acolhimento e orientação para poder cumprir, como qualquer outra, as tarefas normativas do curso de vida familiar. Visando o enfrentamento bem sucedido das adversidades decorrentes da presença da deficiência no sistema familiar, a rede social de apoio tem sido considerada como uma alternativa promissora na atenção a essas famílias. Dessa rede social de apoio, maior importância tem sido dada à rede de relacionamentos pessoais da família (família próxima, extensa ou avós) e aos recursos sociais (organizações privadas e serviços públicos), uma vez que eles próprios estabelecem uma teia de solidariedade social que afeta diretamente o funcionamento familiar. A fim de desenvolver padrões de relação que favoreçam o seu desenvolvimento e o de suas crianças com deficiência, as famílias podem contar com a ajuda dos Programas de Educação Familiar, tanto para orientá-las no que se refere às tarefas de desenvolvimento do seu curso de vida quanto para apoiá-las, fortalecê-las e encorajá-las na busca por soluções dos seus problemas de adaptação à criança com deficiência. As famílias necessitam desse tipo de apoio para que possam desenvolver a autoconfiança, a capacidade crítica e a autonomia no gerenciamento de suas próprias vidas. Para finalizar, destacamos que a presença de um familiar com deficiência não representa, necessariamente, um evento adverso para o grupo familiar, desde que haja qualidade nas relações e uma eficiente rede social de apoio.

CAPES
Palavras-chave: deficiência, família, rede de apoio.
Nível: D
DES e FAMI

2º Apresentador: Nara Liana Pereira Silva

AS RELAÇÕES EM FAMÍLIAS COM FILHOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. Nara Liana Pereira-Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG) e Maria Auxiliadora Dessen (Universidade de Brasília, Brasília-DF).

As relações familiares apresentam peculiaridades bastante complexas, particularmente quando se leva em consideração as influências mútuas e bidirecionais características da natureza sistêmica deste microssistema. Até o final do século XX, as pesquisas sobre as famílias com filhos com deficiência intelectual enfatizavam os aspectos patológicos, tanto do funcionamento familiar quanto do desenvolvimento da criança. Entretanto, com a ampliação do número de pesquisas e do uso de metodologias de coleta de dados mais coerentes com a visão sistêmica da família, tem-se verificado que a adaptação da família ao membro com deficiência é mais positiva e que as dinâmicas familiares nem sempre são 'patológicas'. Considerando a influência da família no desenvolvimento de seus membros, pretende-se

discutir, nesta apresentação, as reações dos familiares à notícia do diagnóstico de deficiência do(a) filho(a), os sentimentos, estresse, estados emocionais e depressão vivenciados pelos genitores e irmãos, bem como a qualidade dos relacionamentos nos diferentes subsistemas: conjugal, parental e fraternal. A literatura vem enfatizando que o impacto do nascimento de uma criança com deficiência intelectual pode causar uma forte desestruturação na estabilidade familiar, particularmente nos primeiros meses de vida da criança. O momento do diagnóstico é considerado o mais difícil para a família, mas, dependendo dos recursos psicológicos do próprio grupo e dos apoios recebidos, as famílias vão, aos poucos, acomodando e integrando o novo membro. Neste processo, os sentimentos e as reações dos genitores em relação ao(à) filho(a) com deficiência intelectual constituem fatores preponderantes para a adaptação e o bem-estar do grupo. Investigações com delineamentos longitudinais têm demonstrado que o estresse, a sobrecarga, a depressão e o isolamento social presentes nas famílias com pessoas com deficiência intelectual não devem ser vistos como decorrentes, apenas, da deficiência, mas de fatores inter-relacionados. No que tange aos relacionamentos, os estudos tem priorizado as díades mãe-bebê e crianças pequenas, em detrimento das interações com adolescentes e adultos. Com o aumento recente de pesquisas sobre díades pai-criança e irmão-irmão, tem sido possível compreender melhor a dinâmica de relações destas famílias, cujos padrões de interação e relação, em muitos aspectos, se assemelham aos de famílias de crianças com desenvolvimento típico. No que concerne às relações no âmbito do subsistema conjugal, as pesquisas têm priorizado a correlação entre variáveis que influenciam a qualidade da relação entre o casal, não sendo a deficiência do(a) filho(a) ressaltada como fator determinante para a qualidade das relaçoes entre o casal. No que tange ao subsistema fraternal, há consenso no que se refere ao papel de cuidador desempenhado pelo irmão sem deficiência, passando este a constituir uma fonte importante de apoio da rede social da família. Ao final, ênfase é dada à necessidade de os estudos ampliarem o seu escopo de investigação adotando perspectivas longitudinais que incluam toda a família como fonte de informação.

Palavras-chave: família, deficiência, relações familiares.
Nível: P
DES e FAMI

3º Apresentador: Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo

A COLABORAÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA: DIMENSÕES PARA UMA ANÁLISE SISTÊMICA. Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo (Departamento de Psicologia da Educação/ Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – FCL/UNESP- Araraquara- SP).

Atualmente, as escolas têm enfrentado grandes desafios, dentre os quais o desenvolvimento de uma relação positiva com as famílias. A visão preponderante de que o envolvimento parental exerce influência positiva no desempenho acadêmico é intuitivamente difundida na sociedade e, no que tange à educação, os educadores têm defendido o envolvimento parental como uma importante variável para minorar parte dos problemas com que a área se defronta. No entanto, a literatura tem demonstrado poucas evidências empíricas para a correlação entre relação família-escola adequada e desempenho acadêmico. Esta relação vem sendo caracterizada por uma ausência de sistematização nas medidas de suas dimensões, que, por sua vez, refletem a variedade de conceitos atribuídos a tais dimensões. Há várias maneiras de conceituar envolvimento familiar na educação, embora todas enfatizem o valor da participação parental nos processos educacionais dos alunos e a concepção da família como contexto significativo para aprendizagem. Nesta apresentação, argumentamos em favor do

emprego de uma visão que aponta como condições definidoras de envolvimento parental: uma filosofia focalizada no estudante, crença na responsabilidade partilhada para educar e socializar a criança, ênfase na qualidade da interface e na conexão em andamento entre família e escola, além de apoiar-se em um foco preventivo. Nesta orientação, os professores são proativos com os pais, facilitando a negociação de papéis factíveis para o engajamento parental com a aprendizagem da criança, no decorrer dos anos escolares, especialmente para estudante de alto risco educacional. É ainda necessário notar a relevância do ambiente imediato e de contextos mais amplos para o conjunto de resultados obtidos pela criança, focalizar a relação recíproca entre sistemas e estar atento às percepções individuais e significados subjetivos de uma dada situação, a fim de compreender as circunstâncias variáveis nas quais a criança vive e aprende. Neste sentido, é importante sublinhar que os sistemas de crenças partilhados pelos pais podem influenciar objetivos familiares e práticas educativas levadas a efeito e, consequentemente, afetar o desempenho acadêmico da criança. Por outro lado, também se faz necessário o reconhecimento da influência do mesossistema para o desempenho acadêmico, o que nem sempre está presente nas concepções de professores e outros integrantes da escola. Nesta perspectiva, pode ser identificado um conjunto de barreiras estruturais e psicológicas que dificultam o envolvimento parental ligado a três condições – a familiar, a escolar e a da relação família-escola. Por fim, serão abordadas questões relativas à escolarização de crianças com deficiência, ressaltando a colaboração da família como recurso imprescindível para que a inclusão escolar se concretize, bem como a necessidade de os estudos incorporarem em seus delineamentos a análise da relação família-escola e a concepção de envolvimento parental como um papel a ser construído a partir da compreensão dos sistemas de crenças que fundamentam as práticas familiares.

Palavras-chave: envolvimento familiar, inclusão escolar, deficiência.

Nível: P

DES e FAMI

Proponente: Sonia Beatriz Meyer

Área da Psicologia: Analise Experimental do Comportamento

PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS EM PSICOLOGIA

Justificativa: A tomada de decisão, tanto na prática psicológica, quanto na definição de políticas públicas, deve ser norteada pelo juízo ético, rigor e cuidado do profissional em psicologia e do gestor, na busca, seleção e aplicação das evidências. Para que os tomadores de decisão possam se valer da evidência, é necessário aperfeiçoar a capacidade nacional em produzir e utilizar o conhecimento construído e publicado em revistas científicas.

Coordenador: Sonia Beatriz Meyer

IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS EM PSICOLOGIA. Sonia Beatriz Meyer *(*Departamento de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).

A Psicologia Baseada em Evidências foi definida, em 2005, pela American Psychological Association (APA) como a integração da pesquisa de alta qualidade metodológica à habilidade clínica, considerando as características individuais e culturais dos pacientes, bem como as suas preferências. É resposta a fatores sociais, econômicos e políticos nos Estados Unidos (e cada vez mais no Brasil), relacionados ao papel central desempenhado pelos sistemas de saúde vigentes, com repercussões na formação do terapeuta e na organização da psicologia como profissão. Como grande número de pesquisas são publicadas continuamente é difícil manter conhecimento atualizado. Revisões sistemáticas com ou sem meta análises são importantes para a prática clínica, resumindo a evidência de estudos primários pertinentes a um determinado tópico de interesse e evitando duplicação de esforços. Os clínicos podem utilizar revisões sistemáticas para se manterem bem informados; os pesquisadores se beneficiam dela para identificar, justificar e formular mais hipóteses; os administradores da saúde para formular diretrizes e legislação para diagnóstico e estratégias de tratamento e prevenção. E consumidores baseiam suas decisões nas evidências existentes para reduzirem seus riscos relacionados à saúde.

Palavras-chave: Práticas baseadas em evidências, psicoterapias baseadas em evidências, revisão sistemática.

2º Apresentador: Simone Neno

O CONCEITO DE PSICOTERAPIA BASEADA EM EVIDÊNCIA. Simone Neno *(*Clínica de Psicologia, Universidade Federal do Pará, Belém, PA).

A expressão “psicoterapias baseadas em evidências” (PBEs) é uma variação da referência mais geral a “práticas baseadas em evidências” (evidence-based practices), empregada, a partir do final dos anos 90, na literatura sobre resultados da psicoterapia. A expressão designa intervenções amparadas em evidências empíricas, produzidas por vias metodológicas diversas. O presente trabalho assinala diferentes usos da expressão “PBEs” e o modo como foi sendo apropriada na pesquisa sobre resultados da psicoterapia. Em linhas gerais, o conceito de “psicoterapias baseadas em evidências” vem substituir a perspectiva de considerar válidas apenas as intervenções referidas como “tratamentos empiricamente sustentados”. Enquanto as últimas baseiam-se em investigações de eficácia com delineamentos de ensaios clínicos

randomizados, as primeiras definem-se pela sustentação em evidências produzidas também por meio de meta-análises, estudos correlacionais, ou estudos empíricos que se utilizam de outros recursos metodológicos e/ou se voltam para outros aspectos relevantes na intervenção psicoterápica, diversos dos procedimentos técnicos aferidos nos estudos de eficácia. Conclui-se que a perspectiva contemporânea de olhar para a vinculação da atividade psicoterápica à luz do conceito de PBEs alarga o debate sobre as condições de oferta de serviços psicoterápicos e suas relações com a investigação científica.

Palavras-chave: Práticas baseadas em evidências, psicoterapias baseadas em evidências, validação empírica das psicoterapias.

3º Apresentador: Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIA: REVISÃO CRÍTICA E IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS.

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams* (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência – Laprev, Universidade Federal de São Carlos, SP).

Essa apresentação fará uma revisão do que se entende por Práticas Baseadas em Evidência tendo como base as colocações de Alan Kazdin enquanto Presidente da American Psychological Association. Segundo o autor, Tratamentos Baseados em Evidências (EBT) seriam intervenções ou técnicas que produziram mudanças terapêuticas em situações controladas. O conceito de Práticas Baseadas em Evidência (EBP) é mais amplo, referindo-se à prática clínica que utiliza como critério os RTCs ou ensaios controlados randomizados. Em tal situação, comparam-se os resultados de grupos (controle e comparação), sendo que a evidência apóia-se na apresentação de diferenças significativas do ponto de vista estatístico após a intervenção. No entanto, o autor aponta diversas limitações com o tratamento estatístico, sendo que para isso uma alternativa encontrada foi a de se almejar resultados com significância clínica (Apenas citando um exemplo: a significância estatística apoia-se no tamanho da amostra e não necessariamente envolve uma melhora do paciente individual). Em seguida, a apresentação fará uma breve revisão dos estudos brasileiros que envolvem treinamento ou intervenções com pais ou familiares para constatar que poucos atingem o critério de EBP, embora sejam sistemáticos e apoiados em pesquisas sólidas. Finalmente, o trabalho se encerrará com exemplos de como o Laprev vem enfrentando os desafios metodológicos da intervenção sistemática de natureza clínica apresentando dados de dois estudos do Projeto Parceria, projeto voltado ao ensino de habilidades maternas para mulheres com histórico de violência pelo parceiro. Em ambos os estudos não se utilizou RTCs, porém dados pertinentes foram coletados com medidas diárias de autorregistro dos clientes ao longo de quatro meses de duas variáveis (senso de competência parental e senso de bem-estar). Serão apresentadas análises estatísticas da autocorrelação de tais variáveis, mostrando mudanças significativas ao longo da intervenção. O trabalho se encerra com reflexões e questionamentos sobre como enfrentar as exigências metodológicas incorporando e integrando a qualidade dos resultados do ponto de vista da relevância clínica.

*Bolsista de Produtividade do CNPq.

Palavras-Chave: metodologia de pesquisa, psicoterapia baseada em evidências, validação empírica.

Proponente: Yara Kuperstein Ingberman

Área da Psicologia: Psicologia Clinica e da Personalidade

TERAPEUTAS COMPORTAMENTAIS DE TERCEIRA ONDA RESPONDEM A QUAIS VALORES?

Justificativa: A questão dos valores está sempre presente nas atividades humanas. É um ponto de reflexão do homem contemporâneo, que valores se devem ser seguidos, quais suas influencias na vida diária? Na Psicologia, principalmente no que se refere a prática clínica estamos a todo tempo nos deparando com esta questão. Embora na psicoterapia se deva evitar a imposição de valores do terapeuta, inevitavelmente esta questão estará presente. Mudanças no comportamento estão ligadas a mudanças na maneira de analisar as questões de vida. Isto impõe ao terapeuta duas tarefas: refletir sobre seus próprios valores e os de seu cliente como espaços que não devem ser ignorados uma vez que se tem o risco de produzir efeitos que podem ser prejudiciais aos participes desta empreitada. A terapia comportamental, em suas propostas mais recentes, tem focado seu trabalho no que o cliente valoriza como elemento chave para a mudança no comportamento e isso tem sido estudado através de pesquisas e tem demonstrado avanços no que se refere a elemento central para a produção da mudança do comportamento. Esta mesa tem por objeto discutir estas propostas do ponto de vista das discussões teóricas e das práticas clinicas do terapeuta comportamental. O trabalho com valores em psicoterapia deve ser visto em diferentes níveis: filosófico, teórico, de pesquisa e de aplicação. Do ponto de vista filosófico temos a questão ética do lidar com valores, que é socialmente estabelecida pela cultura através dos códigos de ética. Do ponto de vista teórico, temos a compreensão da questão dos valores a partir da descrição do uso da palavra valor em nossa cultura, conforme proposto por Skinner, e a proposta da Teoria dos Quadros Relacionais (FRT), e sua forma de aplicação em psicoterapia e pesquisas acerca da efetividade destas aplicações. A Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), como uma proposta em terapia comportamental, traz a consideração da questão dos valores como central para o trabalho terapêutico, o que se considera um avanço, um elemento importante para aumentar a eficiência na condução do processo terapêutico. Trataremos neste trabalho da discussão e análise destas interações partindo da discussão de alguns pontos dispostos no Código de Ética do Psicólogo e como considerar, enquanto analista do comportamento, os princípios fundamentais do código de ética do psicólogo. Considerando que valores podem ser entendidos como padrões de comportamento, terapeutas comportamentais, além de identificarem variáveis de controle do comportamento de seus clientes no contexto natural, permanecem atentos às variáveis que operam sobre sua interação com o cliente na sessão: os valores que controlam o cliente em sua vida e os que influenciam o terapeuta enquanto ele interage com cada cliente. Ao iniciarem a terapia, cliente e psicoterapeuta são controlados por conjuntos pessoais de valores enquanto se relacionam na sessão. Neste contexto, podem apresentar-se algumas situações difíceis para o terapeuta, nas quais questões de valores podem colocar em risco qualquer esforço de atender com zelo, ética e de acordo com as melhores praticas profissionais. Faz-se necessário que o terapeuta reconheça os valores, tanto seus como do cliente, e suas implicações, bem como que se estime a capacidade do cliente de reconhecer seus valores e os efeitos deles para si. Busca-se auxiliar o cliente a identificar se suas ações

se compatibilizam com seus valores, assim como avaliar com o cliente as consequências de suas ações sobre terceiros, identificando incompatibilidades e se posicionando frente a elas. As pessoas, com bastante facilidade, caem nas armadilhas de suas narrativas sobre os seus próprios comportamentos ao classificá-los em seus valores "teóricos" sobre a vida. Essas armadilhas são construídas de um modo geral, como decorrência dos valores e princípios enunciados pela comunidade em que vivem. Aprendem quais comportamentos são avaliados como certos e quais são os errados, quais são os desejáveis e quais são indesejáveis. Nem sempre as pessoas percebem que seus discursos sobre a vida e sobre a maneira como se relacionam não correspondem ao que fazem. Examinar as incongruências entre o falar e o fazer, juntamente com o cliente, o auxiliará a sair do controle de comportamento por regras e o habilitará a considerar o que faz concretamente e quais são as consequências reais. Esta ampliação do repertório de comportamentos do cliente, de acordo com seus valores ético-morais, poderá ajudar a pessoa a sair de seu estado de sofrimento e facilitar a aquisição de novos padrões de interação mais 'desejáveis'. Como é impossível falar do terapeuta como alguém neutro, resta reconhecer os efeitos das diferenças existentes e buscar o bloqueio de ações eventualmente prejudiciais, oriundas do terapeuta ou do cliente.

Coordenador: Yara Kuperstein Ingberman

VALORES EM PSICOTERAPIA: O ENFOQUE DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO. Yara Kuperstein Ingberman (Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Instituto de Estudos e Psicoterapia Analítico Comportamental (IEPAC)).

O trabalho com valores em psicoterapia deve ser visto em diferentes níveis: filosófico, teórico de pesquisa e de aplicação. Do ponto de vista filosófico temos a questão ética do lidar com valores que é socialmente estabelecida pela cultura através dos códigos de ética. Do ponto de vista teórico temos a compreensão da questão dos valores a partir da descrição do uso da palavra valor em nossa cultura, conforme proposto por Skinner e a proposta da FRT para o desenvolvimento da aplicação em psicoterapia e pesquisas de efetividade destas aplicações. Trata-se de campo controverso no qual os vários níveis de discussão se cruzam o que torna difícil a compreensão e a tomada de decisões no campo da aplicação em psicoterapia. Trataremos neste trabalho de descrever e analisar estes níveis começando pela análise do Código de Ética do Psicólogo e como considerar, enquanto analista do comportamento, o primeiro dos princípios fundamentais do código de ética do psicólogo " O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos". Do ponto de vista skinneriano diferentes descrições de valores como termos utilizados para se referir a construções, tais como crenças, preferências e atitudes sobre o que é "bom". Nesta perspectiva os valores são inferidos a partir do comportamento dos indivíduos. Serão diferenciados os termos *valorização, valores funcionais e declarações de valores* para esclarecer a distinção entre ocasiões quando os valores são inevitavelmente alterados durante o processo de terapia e ocasiões em que a mudança de comportamento e mudança de valores correspondente deve ser tão completamente sob o controle do cliente quanto possível. Outra questão importante quando se trata da questão de valores é sua função enquanto operações estabelecedoras (OE) para a mudança de

comportamento na clínica. Será analisada ainda questão da descrição de valores enquanto regras que produzem seguimento ou tatear e sua importância para o trabalho terapêutico e ainda um tipo de regra verbal que muda a maneira pela qual os estímulos funcionam como consequências do comportamento, *motivadora* que altera o grau em que uma consequência anteriormente estabelecida serve como um reforçador ou punidor e *formativa* quando estabelece um evento como uma consequência funcional para o comportamento. A teoria dos quadros relacionais(FRT) discute estes tipos de regras que são importantes para o trabalho com a terapia de aceitação e compromisso (ACT).
Palavras chave: valores, terapia comportamental, psicoterapia
CLIN

2º Apresentador: *Regina Christina Wielenska*

CLIENTE E TERAPEUTA DIVERGEM: CONFLITOS DE VALORES E A CONDUÇÃO DA TERAPIA. Regina Christina Wielenska (IPqHCFMUSP - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).
Terapeutas comportamentais, além de identificarem variáveis de controle do comportamento de seus clientes no contexto natural, permanecem atentos às variáveis que operam sobre sua interação com o cliente na sessão. A presente discussão recai sobre dois conjuntos de variáveis: os valores que controlam o cliente em sua vida e os que influenciam o terapeuta enquanto ele interage com cada cliente. Valores podem ser entendidos como dois padrões principais de comportamento. Diz-se, por exemplo, que alguém tem como valor o dinheiro se suas ações são principalmente controladas pela obtenção de mais riqueza. Uma segunda forma de entender um valor é quando ele tem função de regra, descreve uma contingência, sendo capaz de controlar o comportamento de alguém. Seria o caso da pessoa que ao falar de seu relacionamento amoroso afirma que "se a miséria bate na porta, o amor sai pela janela", e descreve ansiedade pelo fato do marido perder o emprego, teme que seu casamento acabe e sofre antecipadamente, sobre o controle da regra aprendida com mãe e avó. Ao iniciarem a terapia, cliente e psicoterapeuta são controlados por conjuntos pessoais de valores enquanto se relacionam na sessão. O presente trabalho visa apresentar algumas situações difíceis para o terapeuta, nas quais questões de valores podem por colocar em risco qualquer esforço de atender com zelo, ética e de acordo com as melhores praticas profissionais. A primeira delas é quando o cliente apresenta comportamentos, dentro ou fora da sessão, indicadores de insensibilidade ao sofrimento alheio, pouca empatia e busca de satisfação de necessidades próprias a qualquer preço, num padrão de transtorno de personalidade antissocial. A segunda situação a ser discutida refere-se aos efeitos de um padrão rígido de valores muito estimados pelo cliente e que pareça, segundo o olhar do terapeuta, se relacionar com a origem de seus problemas. Um exemplo seria o cliente que não aceita sua homossexualidade e que julga fortemente que está em pecado por se sentir atraído por pessoas do mesmo sexo. A terceira situação refere-se a diferenças de valores entre terapeuta e cliente que obscureçam o entendimento do caso ou criem impasses para a continuidade do atendimento. Por exemplo, um terapeuta dar uma explicação darwiniana sobre a fobia quando o cliente rejeita a teoria da evolução e sente que quem pensa diferente dele "provavelmente não é pessoa com quem deva discutir seus problemas". Em todos esses casos, faz-se necessário que o terapeuta reconheça os

valores e suas implicações, tanto seus como do cliente. A seguir, que estime a capacidade do cliente de reconhecer seus valores e os efeitos deles para si. Busca-se auxiliar o cliente a identificar se suas ações se compatibilizam com seus valores. Outro passo seria avaliar com o cliente as consequências de suas ações sobre terceiros, identificando incompatibilidades e se posicionando frente a elas. Como é impossível falar do terapeuta como alguém neutro, resta reconhecer os efeitos das diferenças existentes e buscar o bloqueio de ações eventualmente prejudiciais, oriundas do terapeuta ou do cliente.

Palavras-chave: terapia analítico-comportamental, valores, controle por regras.
Nível do Trabalho: Outro
CLIN

3º Apresentador: *Vera Regina Lignelli Otero*

VALORES DE VIDA: A BUSCA DA CONGRUÊNCIA ENTRE O FALAR E O FAZER DURANTE O PROCESSO DE TERAPIA. Vera Regina Lignelli Otero (Clínica ORTEC, Ribeirão Preto, SP).

Um processo de psicoterapia trabalha com relatos verbais e observação direta do comportamento do cliente. Quando uma pessoa procura a ajuda de um clínico geralmente está passando por algum grau de desconforto ou mesmo de sofrimento em sua vida. As dificuldades relatadas estão quase sempre relacionadas às suas interações com pessoas significativas na sua vida. Ao examinar gradativamente os dados de seu cliente, sessão a sessão, o terapeuta poderá identificar, dentre outros aspectos, a incongruência entre o que é falado e o que realmente é feito pela pessoa. Na prática clínica, observa-se frequentemente que as pessoas, com bastante facilidade, caem nas armadilhas de suas narrativas sobre os seus próprios comportamentos ao classificá-los em seus valores 'teóricos sobre a vida. Essas armadilhas são construídas de um modo geral, como decorrência dos valores e princípios enunciados pela comunidade em que vivem. Aprendem quais comportamentos são avaliados como certos e quais são os errados, quais são os desejáveis e quais são indesejáveis. Nem sempre as pessoas percebem que seus discursos sobre a vida e sobre a maneira como se relacionam não correspondem ao que fazem. São narrativas quase sem nenhuma correspondência com o que realmente fazem. Alguns dos objetivos da terapia estão ligados à aquisição, desenvolvimento e aprimoramento de habilidades, por parte do cliente, tais como: aprender a observar-se, observar o outro e os contextos nos quais ocorrem determinados comportamentos; aprender a analisar os dados de suas observações, tentando inseri-los em categorias que contém juízos de valores, a partir de seus autorrelatos comparados com seus comportamentos 'concretos', também descritos e/ou observados pelo terapeuta. Os juízos de valores são regras que controlam, muitas vezes, apenas o comportamento verbal de uma pessoa e não necessariamente suas atitudes em geral. Examinar as incongruências entre o falar e o fazer, juntamente com o cliente, o auxiliará a sair do controle de comportamento por regras e o habilitará a considerar o que faz concretamente e quais são as consequências reais. Esta ampliação do repertório de comportamentos do cliente, de acordo com seus valores ético-morais poderá ajudar a pessoa a sair de seu estado de sofrimento e facilitará a aquisição de novos padrões de interação mais 'desejáveis'. Serão apresentados e analisados alguns dados de um caso

clínico de terapia de casal e outro de um jovem adulto para exemplificar a mudança de padrões comportamentais incongruentes para os que revelam congruência entre o falar e o fazer.

CLIN

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 – 20/10/2012

Código: simpósio 16

Proponente: Adriana Leonidas de Oliveira

Área da Psicologia: Avaliação Psicológica

DIFERENTES ENFOQUES DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM IDOSOS: QUALIDADE DE VIDA, ADAPTAÇÃO E TIPOLOGIA PSICOLÓGICA

Justificativa: A mudança do perfil demográfico da população mundial vem suscitando uma série de investigações sob diferentes óticas e em diferentes áreas do conhecimento. Isso se deve ao fato de que a proporção de pessoas idosas acima de 60 anos tem aumentado mais do que qualquer outro grupo etário desde 1970. Segundo a Organização Mundial de Saúde essa realidade se faz especialmente presente em países desenvolvidos, onde há uma expectativa de que a população idosa alcance 67% da população até 2020.

Com relação ao Brasil essa realidade não é diferente. O Brasil é um país que envelhece a passos largos, sendo as alterações na dinâmica populacional claras e irreversíveis. No ano de 2000 a população idosa brasileira apresentou crescimento oito vezes maior quando comparada às taxas de crescimento da população jovem. Em um intervalo de 25 anos (de 1980 a 2005) o crescimento total da população brasileira foi de 55,3% e o referente a idosos superou 126,3%. Destaca-se ainda nesses números a faixa etária com mais de 80 anos, que apresentou crescimento de 246,0%. A previsão é que em 2020 o Brasil possua a quinta maior população idosa do mundo.

A Organização Mundial de Saúde descreve essa mudança demográfica como uma grande conquista da sociedade, assim como um grande desafio. A mudança na pirâmide etária demanda grande investimento em pesquisas, especialmente voltadas ao processo de envelhecimento, com atenção à construção de conhecimentos que subsidiem estratégias em prol de um processo de envelhecimento ativo. O envelhecimento ativo foi definido pela Organização Mundial de Saúde (2002) como o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. Os determinantes do envelhecimento ativo envolvem um complexo sistema de promoção de saúde e prevenção de doenças, assim como envolvem fatores comportamentais, psicológicos, ambientais e econômicos. No campo de conhecimento psicológico a demanda de investigações deve versar sobre os elementos psíquicos que estão relacionados ao envelhecer, suas consequências e recursos que esses indivíduos dispõem para se adequar às mudanças físicas e emocionais decorrentes de sua existência.

O presente simpósio tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas de campo que avaliaram aspectos relevantes sobre o idoso em nossa realidade: qualidade de vida, aspectos adaptativos na terceira idade e a tipologia psicológica de idosos com hipertensão e diabetes.

Acredita-se que este simpósio possa contribuir com informações que sirvam de fomento para discussões acerca de ações que promovam o bem-estar do indivíduo na terceira idade, reconhecendo a importância de se aumentar não apenas a longevidade da população, mas proporcionar condições para que esta etapa da vida seja acompanhada de satisfação e boa qualidade de vida para o idoso e para as pessoas que o cercam. Espera-se que os dados apresentados, advindos das pesquisas de campo, possam subsidiar reflexões sobre a oferta de serviços e a implementação de políticas públicas e educacionais que levam em conta as necessidades e as especificidades desta faixa etária.

Coordenador: Adriana Leonidas de Oliveira

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS. Adriana Leonidas de Oliveira (Universidade de Taubaté, Taubaté, S.P), Alyne Souza Monteiro* (Universidade de Taubaté, Taubaté, S.P) e Jemima Marques* (Universidade de Taubaté, Taubaté, S.P).

Nas últimas décadas, a proporção de pessoas idosas em todo o mundo tem aumentado mais do que qualquer outro grupo etário. A previsão é que em 2020 o Brasil possua a quinta maior população idosa do mundo. Assim, se fazem importantes investimentos em pesquisas voltadas ao processo de envelhecimento, com especial atenção à construção de conhecimentos que subsidiem estratégias em prol de um processo de envelhecimento ativo. O objetivo geral deste estudo foi caracterizar a qualidade de vida de idosos de duas cidades do Vale do Paraíba Paulista: Caçapava e Pindamonhangaba. A qualidade de vida pode ser compreendida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Foi realizada uma pesquisa descritiva, quantitativa, com aplicação de três diferentes instrumentos de medida de Qualidade de Vida, procedimento que possibilitou analisar a adequação da utilização de cada instrumento junto à população idosa: Escala de Qualidade de Vida de Flanagan (em Caçapava) e escalas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos sobre Qualidade de Vida da OMS- WHOLQOL-bref em conjunto com WHOQOL-OLD (em Pindamonhangaba). Foi estudada uma amostra de 291 idosos, sendo 107 de Caçapava e 184 de Pindamonhangaba. Os dados foram analisados utilizando o Programa Excel, para tabulação e análise percentual. Os testes estatísticos foram realizados no aplicativo Bioestat 5.0. A escala WHOLQOL-bref permitiu caracterizar a qualidade de vida com relação aos domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio-ambiente. A escala WHOQOLOLD, a qual deve ser aplicada juntamente com o WHOQOL-bref, permitiu analisar os seguintes domínios: funcionamento do sensório, autonomia, atividades passadas, presentes e futuras, participação social, morte e morrer e intimidade. A Escala de Qualidade de Vida de Flanagan permitiu caracterizar a qualidade de vida com relação às dimensões: Bem-estar físico e material, Relações com outras pessoas, Atividades sociais, comunitárias e cívicas, Desenvolvimento pessoal e realização e Recreação. Na amostra de idosos de Caçapava, resultados revelaram prevalência de percepção positiva com relação à qualidade de vida, prevalecendo satisfação com relação a todas as dimensões investigadas, com especial atenção à dimensão Recreação, que obteve índice de 39,25% de insatisfação. Na amostra de Pindamonhangaba 53,8% dos idosos avaliaram sua qualidade de vida boa, 26,63% muito boa e 19,57% nem ruim, nem boa. As médias gerais dos domínios investigados indicaram prevalência de satisfação, sendo as maiores médias relativas aos domínios físico e psicológico (ambas 3,98) e a menor relativa ao domínio meio-ambiente (3,63). Pode se concluir que ambos instrumentos são adequados para a avaliação da qualidade de vida do idoso, entretanto, os instrumentos WHOLQOL-bref em conjunto com WHOQOL-OLD permitiram um maior detalhamento da compreensão da qualidade de vida a partir da especificidade da vivência da velhice, uma vez que permitiram investigar aspectos que usualmente se fazem presentes na terceira idade e impactam na percepção do indivíduo de sua Qualidade de Vida, tais como a perda das habilidades sensoriais, a perda ou manutenção da autonomia, o medo frente à proximidade da morte, entre outros aspectos.

Apoio: PIBIC-CNPQ/Unitau (Programa Institucional de Iniciação Científica CNPQ/Unitau) e PIC-Unitau (Programa de Iniciação Científica da Unitau)
Palavras-chave: Terceira Idade; Qualidade de Vida; Avaliação Psicológica
Nível do trabalho: Iniciação Científica- IC
Código da área: AVAL – Avaliação Psicológica.

2º Apresentador: Paulo Francisco de Castro

TIPOLOGIA PSICOLÓGICA OBSERVADA EM UMA AMOSTRA DE IDOSOS COM HIPERTENSÃO E DIABETES. Ilka Camargo de Morais* (Universidade de Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos - SP).

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar um levantamento sobre a tipologia psicológica, realizado com um grupo de idosos com quadros de hipertensão e diabetes. A partir do conceito de saúde integral, os aspectos psicológicos dos diferentes quadros clínicos passaram a ter destaque no atendimento aos indivíduos. Mesmo uma doença com etiologia puramente física possui, em decorrência de sua vivência, estados psicológicos como consequência do sofrimento. Além disso, sabe-se que vários quadros físicos possuem como um dos fatores desencadeadores situações ou conteúdos de ordem psicológica. O conceito de psicossomática surge no sentido de suprir a compreensão dessa interação entre o mundo psíquico com suas manifestações e desdobramentos físicos. Os quadros em foco na presente investigação, hipertensão e diabetes, são compreendidos nesse princípio, além de estarem em destaque por sua incidência que, inclusive, inspira um conjunto de ações de saúde pública. Participaram do estudo 36 colaboradores, com idade entre 51 e 83 anos, de ambos os sexos, com nível socioeconômico e escolar variados, todos com quadros clínicos de hipertensão, diabetes ou ambos, em tratamento. Todos os participantes foram submetidos ao Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI, de acordo com as especificações técnicas do instrumento. Após correção e análise dos dados, observou-se que a maior parte dos idosos possui uma atitude introversiva, ou seja, possuem uma tendência à valorização do mundo interno, com busca à subjetividade dos indivíduos e uma postura mais introspectiva. Tal perfil coaduna-se com quadros clínicos onde há maior interiorização dos conteúdos, com comportamentos de maior interiorização, que pode contribuir, quando desorganizado, para o surgimento de diversos quadros de ordem psicossomática. Em relação à tipologia psicológica, alvo de investigação do QUATI, o perfil de maior incidência observado na amostra foi classificado como I Ss St (N=17) - atitude de introversão, função principal sensação e função secundária sentimento, indivíduos com esse perfil indicam são considerados indivíduos confiáveis, sensatos e prezam a responsabilidade; realistas valorizam os fatos na tomada de decisões, entretanto, buscam a reponsabilidade das ações para si. São minuciosas e prezam os pormenores do que é percebido. São pessoas que vivem intensamente suas vidas, apesar de expressarem calma na maior parte das vezes, pois preferem incorporar os sentimentos ao invés de expressá-los, já que preferem agir de forma controlada. Indicam interesse verdadeiro de auxílio ao próximo, interesse e preocupação com o outro. Assim, os dados sugerem que há uma relação entre um funcionamento psíquico de maior interiorização com os quadros estudados. Os resultados expressos são provenientes da amostra investigada, portanto, para possíveis generalizações mais estudos são necessários, principalmente no que tange à comparação dos dados psicológicos dos dois quadros assinalados, no sentido de se verificar possíveis diferenças.

Apoio: PIC/Unitau - Programa de Iniciação Científica da Universidade de Taubaté.
Palavras chave: Avaliação Psicológica; Tipologia Psicológica; Idosos.
Nível do Trabalho: Iniciação Científica - IC
Código da Área: AVAL – Avaliação Psicológica

Introdução

A preocupação da psicologia com a saúde geral data de muito tempo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (on-line), saúde é o "estado de completo desenvolvimento físico, mental e bem-estar social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade". Sendo assim, de acordo com Straub (2005) a psicologia da saúde é um estado positivo e multidimensional que engloba três domínios: saúde física, saúde psicológica e saúde social. Dessa forma, segundo Angerami-Camon (2002), a psicologia da saúde seria a forma de levar o paciente em busca de bem-estar físico, mental e social, a partir de uma abordagem que incluiria participação de outros profissionais da área. Assim, psicologia da saúde englobaria práticas de atuação para a integração da saúde mental com a saúde física e social do indivíduo. A psicologia da saúde pode ser considerada uma consequência das transformações que ocorreram na sociedade, pois aborda em sua área de compreensão os desejos das pessoas que bradam pela construção de um modelo teórico de atuação essencial à realidade do paciente. Essa nova psicologia envolve todos os profissionais da saúde como instrumentos de sua construção. No entanto, apesar da prática ser exclusiva dos psicólogos, a construção teórica de seus limites e compreensão não poderá dispensar os recursos dos demais profissionais da saúde (Angerami-Camon, 2002).

A hipertensão arterial (HA) enquadra-se como uma moléstia de resistência. Na medicina, a resistência do paciente é positiva para o tratamento, mas em psicanálise, refere-se à dificuldade do indivíduo em entrar em contato com suas situações, suas questões inconscientes (Thalenberg, 2005). Embora tenham ocorrido muitos estudos sobre a HA, não se encontrou um motivo para a sua ocorrência. Porém pesquisas mostraram que ela possa ocorrer devido a distúrbios genéticos (Campos, 2010). Além dos fatores somáticos e hereditários também se tem a influência de fatores emocionais como responsáveis pela origem e evolução da HA. Devido às consequências da HA ao organismo, há estudos sobre agentes de natureza química, física e psíquica que podem levar a HA (Mac Fadden & Ribeiro, 1998; Fonseca et al., 2009).

O organismo realiza a tensão e o relaxamento a partir de situações vividas, e isso ocorre tanto no aspecto físico quanto no aspecto psíquico. Quando se tem uma situação de alta tensão, o corpo arruma uma maneira de enfrentá-la, sendo a elevação da pressão arterial (PA) um meio. Ela se dá através da resposta de luta ou fuga. Depois de passar por tal situação os níveis de tensão se normalizam, bem como a PA. Porém, se o indivíduo passar por períodos de tensão muito longos sem haver o relaxamento necessário, a PA pode persistir e dessa forma tornar-se crônica, passando a ser patológico e a se chamar hipertensão arterial (Thalenberg, 2005).

Pesquisas atuais sobre HA mostram como responsáveis por tal doença, a ingestão excessiva de sal e o estresse. De acordo com os estudos de Selye a HA seria uma doença adaptativa, por isso o estresse está relacionado a ela. Isso quer dizer que em situações estressantes a PA eleva-se como resposta, fazendo a pessoa adaptar-se e enfrentá-las. Ao terminar tais situações a PA normaliza-se, mas no hipertenso os níveis tensionais permanecem elevados fazendo com que a PA fique elevada. Essas situações podem ser provocadas pelo ambiente ou por conflitos intrapsíquicos do indivíduo (Campos, 2010). A pessoa hipertensa tem dificuldade para lidar com sua própria agressividade. A HA atinge pessoas com diferentes personalidades, raças e posições sociais. Essa inibição da agressividade faz com que o indivíduo não tenha o devido relaxamento, permanecendo com alta tensão. "É um corpo que se mantém preparado para uma luta que nunca ocorre de forma atenuada, pouco eficaz" (Thalenberg, 2005, p. 203-204).

Problemas cardíacos podem ser reflexo ou expressão de agressividades reprimidas, como a hostilidade intensa que pode elevar a PA. Indivíduos que enfrentam tensão emocional constante e prolongada, geralmente têm HA (Mac Fadden & Ribeiro, 1998).

O indivíduo hipertenso faz muito pelos outros e não tem um retorno esperado. Assim, quanto mais ele faz, mais tem que fazer, sendo excessivo. Isso leva a uma indignação, uma vez que faz o máximo e não é reconhecido como gostaria e necessitaria ser. Isso faz com que o indivíduo tenha fantasias agressivas e queira terminar com tudo. Só que o hipertenso, assim como os demais, tem medo de perder o afeto dos outros, e isso faz com ele iniba e camufle sua agressividade. Assim, a alta tensão se cronifica, fazendo com que a raiva latente seja expressa como gentileza reativa, isso tudo acontece de forma inconsciente (Thalenberg, 2005).

O diabetes é uma doença muito significante, cuja relação entre percepção e realidade é preocupante, pois atualmente há grande aumento de diabéticos, intolerantes à glicose e de pré-diabéticos. Embora seja uma doença crônica, é tratável, sendo assim há uma variedade de medicamentos e de ferramentas que promovem a melhora da qualidade dos cuidados dos doentes (Burd, 2010). A presença de uma doença crônica degenerativa provoca sentimentos de angústia, temor, incerteza, entre outros, nos diabéticos e nos familiares (Maia & Araújo, 2004). Essa doença pode afetar a área psicoemocional do indivíduo, podendo apresentar preocupação, frustração e desesperança em relação ao caráter crônico da doença e suas complicações; além de sobrecarga, esgotamento ou desânimo com seu manejo (Araújo, Souza & Menezes, 2008).

Pode ser considerada de origem psicossomática, ou seja, a partir de sofrimentos psíquicos, originaram-se alterações físicas, que neste caso trata-se de alterações no pâncreas referente à produção de insulina. Mas também pode ser uma doença somatopsíquica, ou seja, a partir de uma causa física provou-se alterações psíquicas (Burd, 2010). Segundo a mesma autora, quem tem estresse emocional pode fazer com que o diabetes evolua de forma mais rápida, mas ele não é o motivo para tal. Foi observado que alguns indivíduos têm vergonha em dizer que são diabéticos e outros têm medo de passar mal em público, ambos apresentam pior controle de glicemia comparados aos que lidam e aceitam bem a doença (Maia & Araújo, 2004). Frente o controle exigido por esta doença, o indivíduo torna-se escravo do tratamento, dessa forma, o controle é bem mais difícil para crianças e adolescentes, sendo que é necessário uma racionalização da doença e como consequência do que é ou não permitido. Assim, os adultos apresentam maior consciência acerca do diabetes e de suas complicações, já as crianças não o concebem da mesma forma, sofrendo com limitações alimentares e incômodo com aplicação da insulina, entre outros aspectos. Os adolescentes ficam entre os primeiros e os últimos, sendo intermediários (Araújo, Souza & Menezes, 2008; Marcelino & Carvalho, 2005).

Como o diabetes é uma doença incurável é importante que haja investimento no diagnóstico precoce e no seu tratamento para que se tenha uma melhora na qualidade de vida (QV) do portador. Não basta que o indivíduo tenha consciência da doença e suas consequências, visto que ela afeta o emocional, o qual não é determinado somente por conteúdos conscientes. O emocional é formado por aspectos profundos internamente e inconscientes, os quais podem fazer com que o indivíduo não tenha um bom controle da doença se ele não a tiver aceitado internamente (Marcelino & Carvalho, 2005).

Ao adoecer o indivíduo passa a ser acompanhado por sentimentos negativos, uma vez que ao se defrontar com algo diferente e invasivo, demonstra sentimentos de menos-valia, inferioridade, medo, raiva, ansiedade e até mesmo depressão, além de regressão, desesperança, revolta, incapacidade de amar e se relacionar bem com outras pessoas. O

diabetes provoca uma série de mudanças no comportamento do indivíduo, tanto físicos quanto alimentares e isso pode levar a transtornos depressivos, de ansiedade, interferência nas relações de trabalho, bem como nas tarefas domiciliares e escolares. A autoestima e o equilíbrio das emoções também podem ser afetados por ela e causar surpresas aos pacientes. A forma como isso tudo atingirá o indivíduo dependerá de como ele e sua família veem a doença, de como lidam com o autocuidado e também com o funcionamento da família no todo (Araújo, Souza & Menezes, 2008; Burd, 2010; Maia & Araújo, 2004; Marcelino & Carvalho, 2005).

É importante que o portador tenha um acompanhamento multidisciplinar, visto que essa doença afeta todos os aspectos da vida, e uma integridade biopsicossocial poderá melhorar a QV do paciente (Burd, 2010; Ferraz et al., 2000). Foi observado em pesquisas que o diabetes relaciona-se com o estado emocional do doente, por isso é importante que faça um acompanhamento psicológico e, se possível, sua família também, para que possam elaborar os aspectos emocionais da doença a fim de minimizar os sofrimentos psíquicos (Burd, 2010).

O psicólogo tem importante papel com o paciente diabético, objetivando o desenvolvimento do autocontrole, conscientização, promovendo acompanhamento comportamental, a fim de se obter elaboração e aceitação da doença para que se tenha melhora na QV, além de fazer com que o indivíduo se responsabilize por seu autocuidado e também se perceba como pessoa íntegra. Em relação aos aspectos emocionais, o psicólogo também é importante, para que possa oferecer ao paciente um espaço onde possa lidar com as dificuldades emocionais, diante do diabetes (Ferraz et al., 2000; Maia & Araújo, 2002; Marcelino & Carvalho, 2005; Scaranci et al., 1988). Para Scaranci et al. (1988) a integração do paciente diabético em tratamento só será possível quando houver a integração dos profissionais com ele envolvidos, pois nem todo profissional é preparado para lidar simultaneamente com o bio, o psico e o social. Conclui-se assim que a integridade biopsicossocial do indivíduo é essencial para permitir os cuidados com a doença, levando a melhor QV para ele (Scaranci et al., 1988).

Objetivo

Descrever a tipologia psicológica em um grupo de idosos com quadros de hipertensão e diabetes, por meio dos dados do Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI.

Método

Participaram do presente estudo 36 indivíduos idosos, com idade entre 51 e 83 anos, de ambos os sexos, escolaridade e nível socioeconômico variado. Destes 20 idosos com hipertensão, 12 com diabetes e quatro com hipertensão e diabetes. Todos os pacientes se encontram em tratamento médico para acompanhamento dos quadros assinalados. Todos foram submetidos ao Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI, de acordo com as especificações técnicas constantes no Manual do Teste (Zacarias, 2003).

O QUATI foi criado por José Jorge de Morais Zacharias, através dos tipos psicológicos criados por Carl Gustav Jung. Trata-se de uma observação tipológica que busca "identificar de modo geral o que algumas pessoas têm em comum com as outras e também suas diferenças" (Zacharias, 2003, p. 3).

Este modelo tipológico jungiano tem vantagens e desvantagens como qualquer outro modelo científico. Apesar de não possuir uma comprovação estatística, ele é empiricamente observável e é difícil de ser contestado. Ele está baseado na visão quaternária, a qual é arquetípica, sendo similar à mandala, e dessa forma, está muito ligado ao conjunto da psicologia analítica (Zacharias, 2003). Segundo o autor, trata-se de um questionário que tem

como meta avaliar a personalidade por meio de escolhas situacionais que os indivíduos fazem.

As funções são avaliadas em pares, denominadas de função superior e função inferior. A *função superior* é aquela que é mais diferenciada de todas as funções e é dominante na consciência. A que for menos diferenciada será a *função inferior*, sendo reprimida e inconsciente, expressando-se nos sonhos e fantasias; esta sempre será outro membro do par que obtiver a função superior. O membro do par que não conter a função superior e inferior servirá como *função auxiliar* para a função superior. Podem existir dezesseis tipos ou orientações no total, em decorrência Da combinação entre as funções como foi exposto (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

Na folha de respostas existem seis blocos de respostas, sendo um para cada situação proposta, com respostas a e b. Cada situação tem a possibilidade de 15 respostas, dividas em a e b, com exceção da última, na qual há 18 respostas e é pessoal. Dessa forma, o QUATI é composto por um total de 93 questões, dividas em 15 para as situações "A festa", "O trabalho", "A viagem", "O estudo", "O lazer", e 18 para situação "Vida pessoal" (Zacharias, 2003).

Resultados e Considerações Finais

Os testes foram corrigidos e os resultados encontrados foram os seguintes:

Quadro 1. Tipologia Psicológica observada na amostra

Tipo Psicológico	N
E In St	1
E Ps In	1
E Ss St	2
E St In	1
E St Ss	6
E Ss St	1
I Ss Ps	1
I Ss St	17
I St Ss	6
Total	36

Observa-se que a maior parte dos indivíduos idosos que compuseram a amostra indicaram uma atitude introversiva (N=24) enquanto o restante apresentou atitude de extroversão (N=12). Quando o tipo psicológico é considerado como um todo, ou seja, atitude associada às funções principal e auxiliar, observa-se que o predomínio centrou-se no tipo I Ss St, Atitude de introversão, função principal sensação e função auxiliar sentimento.

Em linhas gerais esse tipo psicológico possui como característica serem confiáveis e aceitarem responsabilidades além do que deveriam. Tendem a reações pessoais mais intensas, entretanto não exprimem tal condição, buscando refúgio para suas angústias e problemas em si mesmos. Tendem a buscar a perfeição, além de ter muita atenção a pormenores do que percebem do meio externo, diante disso podem apresentar dificuldades de julgamento (Zacharias, 2003).

A *atitude de introversão* orienta a pessoa para um mundo interno, subjetivo; a pessoa introvertida é introspectiva e tende à reflexão, é aquela pessoa que pensa antes de agir. Já

atitude de extroversão orienta a pessoa para um mundo externo e objetivo, a pessoa extrovertida caracteriza-se por uma impulsividade frente ao mundo, pode agir sem pensar. Ambas as atitudes fazem parte da personalidade, porém somente uma é dominante e consciente, enquanto a outra será subordinada e inconsciente (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Zacharias, 2003).

A *função pensamento* é ideacional e intelectual, está voltada para a razão; a pessoa com esta função gosta de organização e de lógica. A *função sentimento*, não pode ser confundida com emoção. É uma função de avaliação; a pessoa sentimental leva em conta o que sente e também toma decisões de acordo com seus valores pessoais. Estas são chamadas de funções racionais, por usarem a razão, o julgamento, a abstração e a generalização. A *função sensação* é perceptual ou de realidade, é responsável por transmitir fatos ou representações concretas sobre o mundo; a pessoa sensitiva interessa-se pelo aqui e agora. A *função intuição* é a percepção através dos processos inconscientes e dos conteúdos subliminares; a pessoa intuitiva observa o todo e não as particularidades das coisas. Estas são denominadas funções irracionais, por basearem-se na percepção do concreto, do particular e acidental (Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Zacharias, 2003).

Os sujeitos com perfil psicológico **I Ss St**, predominantes nos sujeitos da pesquisa (N=17) são extremamente confiáveis, sensatos e capazes de aceitar responsabilidades que vão além de suas obrigações. Realistas e práticos com os fatos concretos utilizam e lembram-se de um grande número de fatos, dando grande importância a sua fidedignidade. Quando pensam sobre alguma situação qualquer, podem aceitar a responsabilidade deles para si. Vivem com intensidade suas reações de modo muito próprio, mostrando raramente suas emoções por meio de sua expressão facial, podendo parecer extremamente calmo. Perfeccionistas, diligentes e perseverantes, são capazes de trabalhar com afinco, sendo muito pacientes com procedimentos e pormenores. Dificilmente entram impulsivamente em situações. Com sua observação cuidadosa, bondade, compassividade e diplomacia demonstram um interesse genuíno em ajudar as pessoas. Precisos, organizados e conservadores, possuem o cuidado de conhecer todos os fatos necessários para apoiar suas avaliações e decisões. Possuem a tendência a comparar os problemas atuais aos que tiveram que enfrentar antes.

Embora os resultados apresentados expressem o perfil observado no grupo de idosos estudados, a ampliação da pesquisa faz-se necessária para generalizações mais consistentes. Principalmente no que tange à comparação do tipo psicológico nos dois quadros clínicos apontados, a saber: hipertensão e diabetes.

Referências

Angerami-Camon, V. (2002). O ressignificado da prática clínica e suas implicações na realidade da saúde. In: V. Angerami-Camon et al. (org.). *Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica.* (pp. 7-21). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Araújo, A.F., Souza, M.E.A. & Menezes, C.A. (2008). Qualidade de vida e aspectos socioeconômicos em diabéticos tipo 1. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia Metabólica, 52* (7), 1124-1130.

Burd, M. (2010). Diabetes Mellitus: uma visão psicossomática. In: J. Mello Filho & M. Burd. *Psicossomática Hoje.* (2a ed.). (pp. 582-599). Porto Alegre: Artmed.

Campos, E. P. Aspectos psicossomáticos em cardiologia: mecanismos de somatização e meios de reagir ao estresse. In: In: J. Mello Filho & M. Burd. *Psicossomática Hoje.* (2a ed.). (pp. 318-342). Porto Alegre: Artmed.

Ferraz, A.E.P. et al. (2000). Atendimento multiprofissional ao paciente com diabetes mellitus no ambulatório de diabetes do HCFMRP-USP. *Ponto de Vista, 33*, p.170-175.

Fonseca, F.C.A. et al. (2009). A influência de fatores emocionais sobre a hipertensão arterial. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 58* (2), 128-134.

Hall, C.S., Lindzey, G. & Campbell, J.B. (2000). *Teorias da Personalidade.* (4a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Mac Fadden, M.A.J. & Ribeiro, A.V. (1998). Aspectos psicológicos e hipertensão essencial**.** *Revista da Associação Médica Brasileira, 44* (1), 4-10

Maia, F.F.R. & Araújo, L.R. (2002). Projeto "Diabetes Weekend"-Proposta de Educação em Diabetes Mellitus Tipo 1. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia Metabólica, 46* (5), 566-573.

Maia, F.F.R. & Araújo, L.R. (2004). Aspectos psicológicos e controle glicêmico de um grupo de pacientes com diabetes mellitus tipo 1 em Minas Gerais. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia Metabólica, 48* (2), 261-266.

Marcelino, D.B. & Carvalho, M.D. (2005). Reflexões sobre o Diabetes Tipo 1 e sua relação com o emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18* (1), 72-77.

Organização Mundial da Saúde. (on-line). *Frequently asked questions: What is the WHO definition of health?* Recuperado em 25 de maio de 2011 de www.who.int/suggestions/faq/en/ (tradução eletrônica).

Scaranci, I.C. et al. (1998). Atuação da psicologia no atendimento interdisciplinar ao diabético. *Semina, 9* (3), 151-156.

Straub, R. (2005). *Psicologia da Saúde.* Porto Alegre: Artmed.

Thalenberg, J.M. (2005). Aspectos psicossomáticos da hipertensão arterial essencial. In: F.C. Ferraz & R.M. Volich (org.). *Psicossoma I: Psicanálise e Psicossomática*. (2a ed.). (pp. 199-209). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Zacharias, J.J.M. (2003). *QUATI: Questionário de Avaliação Tipológica (versão II): Manual*. (5a ed. rev. e ampl.). São Paulo: Vetor.

3º Apresentador: Helena Rinaldi Rosa

ESCUTA E AVALIAÇÃO DE ASPECTOS ADAPTATIVOS NA TERCEIRA IDADE. Maria Luísa Louro de Castro Valente, Helena Rinaldi Rosa (UNESP Univ. Estadual Paulista – Assis – SP).

INTRODUÇÃO

Quando falamos em velhos hoje nos distanciamos da imagem de velhos que tínhamos há alguns anos, mudamos de anciãs na cadeira de balanço tricotando e vovôs jogando truco na praça para velhos ativos se exercitando nas piscinas e academias de ginástica e namorando e dançando alegremente. Monteiro (2008) considera que quando não exercitamos a reflexão com uma boa fundamentação, ficamos sujeitos a acreditar inteiramente na opinião infundada dos outros. Completa este pensamento com a resposta dada quando se pergunta a alguém porque acredita em algo tão ilógico; 'porque aprendi assim'. Continua dizendo que como o assunto está em moda, nunca ouviu tantas asserções infundadas, impensadas, incompetentes nos meios de comunicação. Acrescenta que estas asserções infundadas se estendem aos profissionais que trabalham com os mais velhos, às famílias, às instituições religiosas, ao mercado farmacêutico e à indústria do envelhecimento. E é uma crença que segundo o autor é

arraigada e negativa. Enquanto produto e produtores de cultura, necessitamos trabalhar de modo científico, não amador. Considera ainda este autor, enquanto proposta que se encarrega de alimentar em todo o seu provocante livro,

> *"que é necessário criar novas lentes, com a finalidade de examinar as antigas crenças sobre o envelhecimento; sem ressignificá-las se corre o risco de cair na melancolia e no sofrimento da repressão do prazer" e acrescenta "na solidão do quarto dos fundos, na limitação da expressão da vida, na doença destrutiva do corpo, na ruína de uma morte indigna"* (p.14).

Todos estes infortúnios ocorrem se não houver a ressignificação da velhice e do que é ser velho. Não que a beleza da juventude não seja autêntica, ela é bela porque própria à idade, porque não é fruto de acréscimos. Mesmo esta idéia é considerada simplista, já que os atributos necessários ao ser-se belo é poder exibir um corpo perfeito, aparecer na mídia, seja a propósito do que for: em programa de humor que debocha, no palco de programa sensacionalista que humilha, mas que está na TV, então é bonito, valorizado, desejado. Os exercícios físicos e as academias proliferam e oferecem programas cada vez mais maravilhosos, à custa de muito suor, alguns anabolizantes e, sem dúvida, muito sofrimento. Tais programas podem melhorar as condições de vida, diminuir o colesterol, eliminar dores pelo exercício muscular, mas não rejuvenescem nem um único dia e não melhoram o tônus facial.

O que propomos neste trabalho, enquanto psicólogas, é o retorno a uma esfera de interioridade, a busca e a vivência de uma beleza que é bem mais complexa, que necessita de ir além da máscara externa, que precisa buscar e comtemplar o latente, aquilo que lá está, mas não se vê de pronto, que é independente da idade cronológica, porque intemporal, que depende de um olhar que precisa se exercitar na sensibilidade e no silêncio, uma adaptabilidade às características gerais que o tempo coloca em todos nós, mais ou menos generosamente. Afinal não passa também de outra proposta, só que coincidente com o que Eco (2004) pensa e conclui no seu tratado sobre a Beleza: "o século XX define-se por uma orgia de tolerância, de sincretismo total, de absoluto e irrefutável politeísmo da Beleza" (p.428).

*A **terceira idade**, também conhecida como, a **idade da caduquice**, **velhice** (claro), ou onde a teta cai e o pênis não sobe mais, é atingida assim que se completa 60 anos. É uma idade que cada dia é um milagre de se estar vivo, onde você nunca planeja o dia seguinte, pois diferente da idade infantil, adolescência ou a idade adulta, onde sempre pensamos no amanhã, a terceira idade pensa sempre no dia de hoje com medo que no dia de amanhã não pensa em mais nada pro resto da vida.* Desiclopédia.ws/wiki/terceira idade, acesso a 18/01/2012.

Esta pesquisa teve como objetivos:

a) Entender como a personalidade dos velhos responde às circunstâncias da vida cotidiana e identificar zonas de disfuncionalidade que se revelam pelos atritos existentes entre o idoso e o meio que o circunda por meio do uso da técnica projetiva utilizada, no caso o TAT;

b) Identificar as expectativas, sentimentos pressões, sensações e necessidades dos idosos em relação ao cotidiano e em relação aos relacionamentos significativos;

c) Possibilitar a reflexão científica sobre esta problemática, contribuindo com a instalação e se possível programas destinados a esta população.

DESENVOLVIMENTO

Foram sujeitos da pesquisa 14 participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), programa de Extensão da Universidade Estadual Paulista que busca a inserção do idoso no contexto acadêmico.

Foram realizadas entrevistas com os idosos para levantamento de dados subjetivos da história de vida e posteriormente foi aplicado o Teste de Apercepção Temática TAT (pranchas 1, 2, 4, 5, 6RH ou 6MF, 10, 11, 14, 15, 16 e a 20). As provas foram aplicadas numa sala de

treinamento, previamente agendada no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada- CPPA da UNESP, Assis.

Dos 14 sujeitos, nove eram mulheres e apenas cinco homens. Esta disparidade de gênero nos remete a dados obtidos por Sugahara (2005) que mostra que nascem mais homens que mulheres, mas os diferenciais de mortalidade por sexo favorecem as mulheres e segundo o último autor, desde os primeiros anos de vida, o que pode significar uma proporção de mulheres superior em todos os grupos etários desde a infância e que aumenta nos grupos mais velhos. Esses velhos se localizam predominantemente no sudeste e em áreas urbanas. Tradicionalmente também as mulheres são maioria na participação em programas sociais do qual a UNATI é um bom exemplo.

As idades dos participantes masculinos estendem-se dos 58 até os 83 anos. A rigor, uma pessoa de 58 anos não poderia ser considerada velha, até mesmo por definição oficial, velho é aquele/a que tem 60 anos ou mais e as participantes femininas da pesquisa também têm idades que vão dos 58 anos aos 70.

Quanto ao estado civil os homens são casados, divorciados, viúvo, e sobre um deles não foi levantado o seu estado civil, quanto às mulheres, duas são solteiras, uma delas tem uma filha e a outra não, quatro são casadas, uma é separada, outra divorciada e uma viúva. Filhos e netos são presenças constantes na vida destas pessoas, à exceção de uma mulher que é solteira e nunca teve filhos.

Também no item escolaridade suas habilidades se estendem do primário ao superior, duas têm formação superior, duas cursaram o ensino médio e as outras têm o ensino fundamental. Como atividade profissional os homens, todos eles, falam de suas atividades profissionais, já as mulheres são/foram donas de casa, com pouca ou nenhuma experiência no mercado de trabalho formal e são também menos escolarizadas, um maior número delas vivem sozinhas.

A aposentadoria é a ocupação de todos os participantes desta pesquisa. A aposentadoria é o marco da saída do indivíduo do mercado de trabalho. Mas este não é um tempo de facilidades nem de certezas. As aposentadorias reduzem os proventos recebidos, no entanto entre os sujeitos pesquisados não detectamos aposentados que estivessem buscando novas colocações no mercado de trabalho. Os velhos atuais, estes com quem trabalhamos, viveram um tempo produtivo em que a aposentadoria era uma certeza, paga com os descontos que regularmente faziam em seus salários, sentem-na como o amparo que deve estar subsidiando os seus últimos dias. Pensada para ser 'concedida' pelas instituições de seguridade social por alguns parcos anos aqueles que a ela faziam jus, com o aumento da longevidade e da expectativa de vida das populações, passou a ser 'concedida' por um período de tempo bem maior e levou ou está levando a situações de falência dos esquemas propostos para a sua viabilização e concessão.

Mas se vivemos em uma sociedade contemporânea, 'fluida' em que tudo se compartilha via redes sociais e não só, como ficam os velhos na sua solidão? Será que também ela é compartilhada? Compartilhar significa pertencimento, significa reconhecer como seu o outro que lhe é semelhante, o outro com quem se estudou junto, viveu junto, era do mesmo sindicato, partido político, empresa, grupo de lazer, de ensino. O grupo da terceira idade, enfim. Neste grupo, além das muitas atividades de que participam e na qual se sentem felizes e integrados, também dividem conversas, sonhos e memórias. Falam de suas vidas, dos filhos, do trabalho, de referências a acontecimentos marcantes vividos por todos e das características mais comuns ao ser velho: a preocupação com a solidão, a segurança e a saúde. Estes grandes temas se fizeram presenças constantes no material produzido nos testes aplicados.

Pesquisando os aspetos adaptativos a que nos propusemos, percebemos que num universo tão diferente e tão rico como este com que trabalhamos o passado sempre é referido

como um lugar de saudade e de delícias onde tudo era bom, puro, ideal, interessante e prazeroso. Estas palavras e estes conceitos podem ser entendidos nas histórias que foram produzidas.

Para B. o tempo antigo era um tempo de saudade *"Ah! Isso me lembra aqueles tempos antigos, primitivos".* A sra. D. considera que *"nos dias de hoje a vida está muito difícil, a gente tem que correr muito, ter mais de um trabalho ou relacionamento".* Evidenciando uma relação antagônica com o tempo e a memória do antigo, o sr. S. é uma pessoa ativa, que fala bem, para ocupar o tempo frequenta a UNATI três vezes por semana, faz oficina de arte, de psicologia e de inglês, além de fazer serviços de banco para a sua família. Uma nostalgia que parece colorir de tintas amarelecidas um passado pacato e respeitoso que se contrapõe ao presente afobado e agressivo. Um tempo como a sra. B. considera que *"Isso é em uma época que os mais novos respeitavam os antigos, se fosse hoje ele iria enfrentar a velhinha. Isso deve ser lá dos tempos de trás né?"*

Um tempo em que a autoridade paterna falava e era a lei, uma lei que está em vigência até hoje para alguns dos velhos pesquisados. Uma busca pela autoridade paterna estabelecida na infância que ainda se faz presente em grande parte das mulheres, que buscam agradar a esse pai rígido, autoritário e muitas vezes preconceituoso das crianças que foram. A sra. I. coloca que *"meu pai não deixava a gente dançar, era o meu pai que dava ordem do que tínhamos que gostar"* e a sra G. diz que "*Papai não aprovava, papai não queria"*, de um modo mais articulado a sra. M. se questiona *"será que fiz tudo o que tinha que fazer pela minha família? Faltou algo?"* e a sra. AM. declara *"naquela época os pais não permitiam que as mulheres estudassem, esse talvez seja meu pai, eu não tive oportunidade de estudar, tinha loucura para ser professora, algumas moças conseguiram, mas eu não"*.

Estas são falas proferidas em projeções maciças, situações em que, pela emoção suscitada, pouca ou nenhuma distância pode ser tomada para a elaboração intelectual do material apresentado. Meninas obedientes e submissas que mesmo com mais de sessenta anos de idade ainda precisam considerar, seja papai ou marido, ou filhos, numa procura pela aprovação internalizada da autoridade masculina e que sofrem por regras e imposições que lhes foram colocadas há mais de trinta, quarenta anos.

Mais uma vez a sra. B. vem expressar o orgulho de ser diferente, de ser estrangeira que também perpassou neste universo. *"Eles são europeus, pela inclinação do telhado, frio, quando abre o sol o homem tira a camisa para trabalhar, vida difícil mais abençoada, eu já fui da roça"*. E B.R. considera que *"a figura parece arquitetura italiana", "Esta foto parece com as fotos que tenho do meu sogro e da minha sogra de quando eles moravam na Itália"*. Um orgulho misturado com algo de preconceituoso como defesa para sofrimentos passados? Mas para ser estrangeiro precisa pertencer a um grupo de outra nacionalidade mais do que fazer parte de um universo tão pouco conhecido como este dos velhos do cotidiano em nosso país? Pois que o mundo dos velhos é um universo diferente do dos outros seres, desconhecido e distante.

As histórias de amores e de traição se fazem constantes nas nossas entrevistadas, a sra. B.R. coloca *"Ele está com cara de gato que quebrou o pires e ela está brava, chama atenção dele por causa de algo. Parece que ele fez algo errado, quem sabe uma cena de ciúmes."* E as projeções maciças pontuam mais uma vez quando a sra A.M. coloca que *"Vejo a mulher, ela está tentando fazer carinho no marido e ele não está retribuindo, ela olhando com amor querendo abraçar e ele se esquivando. Me lembra primeira paquera, se descobrindo, lembrança da adolescência. Estou lembrando uma fase do meu casamento, mas já passou, eu vejo meu marido no homem, ele ficava frio e ela tinha que mendigar o amor dele. Ele está com ar de deboche".* Numa prancha, a 4 e que envolveu uma grande riqueza de conteúdo, ela continua *"Eu amo ler, o tempo de sossego que tinha era quando ela não estava lá. Eu estou vigiando sempre, fiquei dois anos na insegurança",* um tempo que podemos considerar que foi

o de maior sofrimento: se ver traída, com a sua ajudante doméstica, por um marido sem caráter, na sua casa. E termina a sua história *"Passou! Mas foi muito sofrido"*. Uma história maior do que a relatada como resposta a uma prancha apresentada, a história da sua vida e do seu sofrimento. Mas deu a volta por cima ou então deixou de procurar traições, senão vejamos, pois se torna impossível não apresentar a sua resposta a outra prancha: *"O carinho, tudo passou, olha que delícia... cabelos brancos... a tempestade passou... Hoje eu acordei pra vida, a gente vai acomodando em tudo, com a vaidade, na cama, eu mudei da água pro vinho. Hoje com 64 anos, vivendo esse carinho, se beijando, parece que estou me vendo eles em mim... sou eu e meu marido aí."* Final feliz para uma vida que se tornou sábia? Será?

Se para as mulheres a busca pela aceitação da autoridade paterna é quase que uma constante que só varia em intensidade, com os homens também ocorre esta necessidade e de modo tão claro quanto com as mulheres ouvidas. O sr. S. coloca que *"Para agradar o avô dele que era simpatizante, ele tenta até tocar para o avô. Ele até consegue tocar o violino, apesar de não ter aptidão para tocar. Ele gosta de tocar? Veja bem, ele tenta tocar para agradar o avô, mas não tem aptidão."* Continua dizendo que esse avô deve ter ficado feliz. Um avô que ensinou o que se espera de um homem e de uma mulher, *"ele consegue alimentar a família. Diante da dedicação, tem uma relação de dedicação total à família."* Para este homem houve um aprendizado cultural em que os papéis masculinos e femininos foram bem talhados e definidos, para ele e para o sr. A. do caso 12 fica bem claro que são as mulheres que consertam o relacionamento, que é a elas que cabe a manutenção da harmonia familiar, numa vivência do tradicional em que à mulher cabe o 'conforto', o 'cuidado' e ao homem a responsabilidade pela provisão de sua família. Papéis e atribuições que podem ter sido vividos sem contestações, mas que deixam antever sofrimento e desacertos nos romances amorosos que lhes coube e cabe viver.

Percebemos que para vários dos velhos ouvidos a questão da morte se faz presente em seus imaginários e é apresentada em várias histórias produzidas, mas quando se torna possível ser tratada com um grau menor de angústia deixa espaço para um entendimento de que existe uma busca pela espiritualidade, como se antes isso não fosse possível.

A sra. B. na prancha relativa às questões que envolvem a morte obteve uma resposta interessante: *"Ele não tá lá, o que tá lá é o corpo, a matéria já foi embora. Ele foi rezar, não tem vaso, vela, flor"* e na prancha seguinte, ao ser solicitada a se referir a si mesma se torna poeta: *"aqui eu posso desenhar, mais eu não sei desenhar...natureza, pássaros, borboletas, árvores, fadas voando, pode ser infantil? Gnomos, sinfonia da natureza, cascata formando arco-íris."* A sra U. na mesma prancha 15 se refere à morte, à sua morte assim: *"Nossa, um cemitério (+++) Apesar de ser o fim de todos ainda tenho muito o que fazer aqui na terra, por hora lá é só para visitar meus entes queridos. Quero ter a oportunidade de continuar aqui por bons tempos, tentando fazer o bem, compreender o próximo e cumprir as missões que deus me deu."* Para em seguida se referir a si mesma como *"Um quadro branco, este quadro é lindo + ele está aqui para eu fazer minhas anotações, pois a vida não pode ser passada em branco, no final da vida eu quero vê-lo todo escrito, quando nasci ele era assim, no final da vida quero ele cheio de cor, alegria, porque não tristeza também? Mas que seja um balanço positivo."*

Considera-se que um caminho para o desenvolvimento saudável é a aceitação espiritual de que a morte é um processo que faz parte da vida, pois que a vida se repassa e que a regeneração, mais que o conflito deve preponderar neste debate existencial. Assim as questões maiores da adaptação humana: a vivência da dependência e o ser independente se fazem presentes no universo dos velhos. Questões ligadas à fragilidade perpassam nas histórias narradas, mas não são determinantes e a lucidez, assunto que

acreditamos ser relevante no universo dos velhos também não se apresentou tão drasticamente quanto poderíamos supor da leitura da bibliografia realizada. Concluímos que os velhos atuais são 'menos velhos' do que o pré-conceito que se tem do velho, que questões sociais são importantes na adaptabilidade do idoso e que numa perspectiva da psicologia do desenvolvimento envelhecer pode ser fator de saúde mental desde que se aceitando e elaborando o processo.

CONCLUSÕES

O que mais nos chama a atenção neste momento é o fato de os velhos não serem tão velhos assim. Encontramos um modo de viver e de entender novo, valorizando o fenômeno da terceira idade, um tempo em que, para muitos, se criou um espaço de liberdade, cultural e político. Melhoria na qualidade de vida, programas de saúde desenvolvidos e direcionados aos adultos, melhoria dos programas assistenciais e de saúde para os velhos já existentes, todos fatores que promoveram um adiantamento no envelhecer da população.

A família, instituição a que todos os entrevistados se referiram como sendo o centro de suas vidas, lócus de significado existencial, é também lugar de estereótipos quando se pensa na relação dos velhos com ela. Para Debert (2005) o isolamento e o abandono não expressam a condição da totalidade dos velhos e acrescenta que há poucas modificações no que diz respeito às relações dos velhos com seus filhos adultos. Fala de estatísticas européias em que número considerável deles vive com pelo menos um dos seus filhos. Acreditamos que esse número deverá ser maior em nosso país pela nossa cultura de proximidade familiar e também porque o fato de um velho desejar viver só não significa necessariamente que ele está abandonado pelos seus. Características de independência e orgulho pessoal, além de características próprias, fazem com que esta seja a escolha de muitos deles.

Faz parte do processo adaptativo do ser humano o reconhecimento e a aceitação da solidão existencial, esta é a conclusão maior a ser obtida neste trabalho sobre o envelhecimento e algo que a nossa jovem aluna ainda não pode viver com uma maior ou menor frequência. Bobbio (1997) escreve na primeira pessoa, *"dizem que para um velho a sabedoria consiste em aceitar resignadamente os próprios limites. Mas para aceitá-los é preciso conhecê-los. Para conhecê-los, é preciso tratar de encontrar um motivo. Não me tornei sábio. Conheço bem os meus limites, mas não os aceito. Admito-os, unicamente porque não posso fazer de conta que não existem"* (p.50).

Ambos os autores reafirmam então que enquanto seres humanos precisamos aceitar as nossas limitações, aceitar o que somos, nossas vidas, nossas histórias, o percurso que realizamos, o que pudemos construir com o que nos foi dado, com o que somos e no meio em que vivemos. Continuar sempre curiosos, vivos, críticos e questionadores, construtivos da sociedade em que nos inserimos. Esta é também a conclusão das pesquisadoras que encantadas com o que descobriram pretendem continuar a estudar o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, N. (1997). *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus.

DEBERT, G.G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, FAPESP.

ECO, U. (2004). *História da beleza*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record.

MONTEIRO, P.P. (2008). *A beleza do corpo na dinâmica do envelhecer*. Belo Horizonte. Gutenberg.

SUGAHARA, G.T.L. (2005). *Contando os "novos idosos brasileiros".* IN: BELTRINA,C.(org) *Psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento....* São Paulo: Vetor.

Palavras-chave: Terceira Idade, Avaliação Psicológica, Teste de Apercepção Temática, aspectos adaptativos.

Nível do trabalho: P - Pesquisador
Código da área: AVAL – Avaliação Psicológica.

Proponente: Ana Cristina Barros da Cunha

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

MATERNIDADE EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE E POSSIBILIDADES DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NO CAMPO DA PSICOLOGIA PEDIÁTRICA

Justificativa: No Brasil, a Psicologia Pediátrica vem se consolidando como um campo de pesquisa e de intervenção que estabelece interface entre os conhecimentos da Psicologia da Saúde, da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Clínica. Com o principal objetivo de se dedicar ao estudo dos aspectos gerais do desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional e do seu relacionamento com a saúde, essa área tem se preocupado em enfatizar estudos sobre a eficácia e eficiência de propostas metodológicas de avaliação e de intervenção com vistas a identificar fatores de risco e implementar mecanismos de proteção ao desenvolvimento humano o mais precocemente possível, sobretudo em populações em situação de vulnerabilidade, ou seja, em condições clinicas e psicossociais que resultem em problemas de saúde e de desenvolvimento. Na presente proposta de mesa-redonda pretende-se apresentar e discutir pesquisas realizadas em nível de pós-graduação, com enfoque na avaliação e intervenção na área da Psicologia Pediátrica com gestantes e mães que vivenciam a maternidade sob uma condição de vulnerabilidade devido a fatores de risco para problemas de desenvolvimento materno (gestação de risco: diabetes mellitus gestacional ou malformação fetal) ou infantil (crianças autistas). A Comunicação 1 apresentará dados de pesquisa sobre avaliação do apego materno-fetal e de níveis de ansiedade e de depressão, associado aos modos de enfrentamento (coping) de gestantes com diagnóstico de malformação fetal, atendidas nos Serviços de Ginecologia e Obstetrícia de duas cidades do estado de São Paulo, que foram avaliadas pelas Escalas BECK e a Escala Modos de Enfrentamento (EMEP). Ambas as escalas foram também utilizadas no estudo da Comunicação 2, que apresenta dados de pesquisa sobre avaliação dos indicadores de ansiedade e depressão e do coping de gestantes diabéticas atendidas em ambulatório pré-natal especializado, em uma maternidade-escola na cidade do Rio de Janeiro. Nesse estudo, ainda discute-se como dados de pesquisa podem subsidiar uma proposta de atenção interdisciplinar com intervenção psicológica voltada para promoção de comportamentos de adesão ao tratamento. Com ênfase especifica na mãe após o nascimento, no estudo da Comunicação 3 são apresentados dados de pesquisa sobre avaliação de indicadores emocionais, estresse e qualidade de vida de mães de crianças com autismo que frequentam o ambulatório da UFPA e do CESUPA. Nesse estudo analisa-se ainda como essas mulheres vivenciam e percebem a experiência da maternidade. Como conclusão, pretende-se discutir como os dados de pesquisa sobre avaliação e intervenção psicológicas apresentados nas diferentes comunicações dessa mesa-redonda podem contribuir para a compreensão da vivencia da maternidade em condição de vulnerabilidade, além de colaborar na expansão da área da Psicologia Pediátrica como campo de estudo, pesquisa e intervenção no contexto acadêmico – científico brasileiro.

Coordenador: Ana Cristina Barros da Cunha

GESTAÇÃO COM DIABETES MELLITUS: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO PSICOLÓGICAS. Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica/Instituto de Psicologia; Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal/Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde/Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ);

Solange Frid Patrício (Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde/Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ); Eduarda Lima*; Julia Alves*; Gabriela Serpa* e Mariana Prado* (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).

Toda gravidez de risco coloca o casal grávido e sua família em uma condição de vulnerabilidade física e psicológica, já que mobiliza variáveis psicoafetivas desaforáveis à criação de um vinculo saudável entre a gestante, o bebê e a família. A Diabetes Mellitus Gestacional (DMG) é uma condição de risco na gravidez que predispõem o desenvolvimento da díade mãe-bebê à riscos físicos (aborto, macrossomia fetal) e psíquicos (ansiedade, depressão). Com enfoque na prevenção aos riscos e na promoção de mecanismos protetores do desenvolvimento, o presente estudo apresenta resultados de uma proposta de avaliação e intervenção psicológicas com enfoque na atenção interdisciplinar à gestação com DMG realizada por equipe multiprofissional (médicos, nutricionistas e psicólogos). Essa proposta tem como objetivo oferecer suporte psicológico para vivência da gestação de risco sob condições emocionais favoráveis ao vinculo afetivo mãe-bebê-família saudável. Seguindo um delineamento de pesquisa descritiva integrada a atendimento clinico terapêutico, são atendidas grávidas diabéticas e suas famílias durante o pré-natal, parto e puerpério em uma maternidade-escola no Rio de Janeiro. Para a pesquisa as gestantes são abordadas na espera para consulta e/ou exame pré-natal e convidadas a participar do estudo, que tem como objetivo identificar o estado emocional e as estratégias de enfrentamento da gestante diante da gravidez com DMG, através da aplicação das Escalas BECK (Inventários de Ansiedade e de Depressão) e da Escala de Modos de Enfretamento do Problema (EMEP). Para o atendimento clinico, em consulta conjunta com Nutrição, Obstetrícia e/ou Nutrologia, é identificada a demanda e convidada a gestante para o acompanhamento psicológico. Com base nos dados da pesquisa e da avaliação do psicólogo em consulta individual, é elaborado uma hipótese diagnóstica e planejado o acompanhamento psicológico pré-natal, que inclui atendimento clinico individual à gestante e/ou casal grávido e sua família, com objetivo de promover estratégias de enfrentamento facilitadoras da adesão ao tratamento. No período de parto e puerpério o atendimento inclui o acompanhamento da mulher no parto e/ou ações educativas de preparação para o parto que inclui discutir suas percepções, crenças, sentimentos e duvidas relativos à vivência da maternidade. Desde 2010, foram acompanhadas um total de 110 gestantes, cuja maioria tinha companheiro (n=84) e pelo menos um filho (n=70). Com relação ao diagnóstico de DMG, durante o atendimento clinico terapêutico, as gestantes relataram experimentar sentimentos de tristeza e medo, de estar prejudicando o bebê, por exemplo. Do total, foi aplicado as Escalas BECK e EMEP em 59 gestantes que apresentaram sinais de ansiedade de leve a moderado. Segundo a EMEP, para enfrentar a gravidez de risco com DMG, as gestantes usavam com maior freqüência estratégias de enfretamento focado na busca de suporte social, que significa que elas se apoiavam no suporte psicossocial da família tanto quanto no acolhimento da equipe de saúde para se sentirem encorajadas e confiantes. Discutem-se a condição de vulnerabilidade emocional que a DMG representa, assim como uma proposta de avaliação e intervenção psicológicas para promoção da adesão ao tratamento e do enfrentamento dessa situação de risco gestacional.

Palavras-chave: gestão de risco; diabetes gestacional; avaliação e intevenção psicológica
DES

2º Apresentador: Eucia Beatriz Lopes Petean

APEGO MATERNO FETAL E INDICADORES EMOCIONAIS: O ENFRENTAMENTO DE GESTANTES COM FETOS MALFORMADOS. Eucia Beatriz Lopes Petean (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, SP); Livia Vasconcelos

(Mestre em Psicologia, Psicóloga Clinica) e Fernanda Saviani- Zeoti (Universidade de Franca, SP).

A gravidez é um fenômeno complexo que envolve fatores de diversas ordens e se constitui um período marcado por ansiedades específicas, sendo comuns fantasias, expectativas e projeções de anseios e desejos. Envolve adaptações físicas e emocionais da mulher gestante, em que indicadores emocionais, como a ansiedade e a depressão, podem ocorrer e até alterar. É também nesse período que a vinculação da mãe com seu bebê, que vai nascer, começa a ser estabelecida. Tal vinculação, chamada de apego materno-fetal, é importante para a construção e qualidade de todos os laços afetivos futuros que o indivíduo irá estabelecer, sendo fundamental que seja bem compreendida. O objetivo desse estudo foi avaliar o grau de apego materno-fetal, os níveis de ansiedade e depressão e os modos de enfrentamento utilizados por gestantes com diagnóstico de malformação fetal. Participaram 31 gestantes atendidas nos Serviços de Ginecologia e Obstetrícia de duas cidades do estado de São Paulo, Brasil que foram avaliadas pela Escala de Apego Materno-Fetal, pela Escala BECK (Inventários de Ansiedade, BAI, e de Depressão, BDI) e pela Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP), além de um roteiro para entrevistas, as quais foram transcritas na íntegra e analisadas com base no sistema quantitativo-interpretativo. Os resultados das escalas, analisados quantitativamente de acordo com as normas estabelecidas para cada instrumento, mostraram que, apesar do impacto da notícia da malformação fetal e independente da religião, as gestantes mantiveram o apego com seus fetos; sendo que para a maioria delas, o grau de apego foi superior à média preconizada pelo instrumento. Em relação aos modos de enfrentamento, a estratégia de enfrentamento focalizado na Busca de Praticas Religiosas e/ou Pensamentos Fantasiosos, isto é, estratégias que englobam sentimentos de esperança e fé diante do diagnóstico de malformação fetal foi a mais utilizada pelas gestantes. Em relação aos indicadores afetivos, a maioria das gestantes apresentou escores elevados para ansiedade, sendo que, para depressão, a maioria delas não apresentou indicadores clínicos. Na entrevista, a maioria relatou ter ficado em “choque” após a confirmação da malformação fetal e sustentam explicações culpalizantes para a causa da malformação fetal, buscando algo em suas atitudes que possa ter desencadeado o problema. Pode-se concluir que mesmo frente ao diagnóstico de malformação fetal, as gestantes tendem a manter o apego materno-fetal, utilizando como principal estratégia de enfrentamento a busca pelas práticas religiosas. Os resultados demonstram a importância na compreensão da relação mãe-feto malformado e as estratégias de enfrentamento que envolvem essa relação, visando estabelecer programas de acompanhamento psicológico, propiciando apoio a estas gestantes, minimizando seu sofrimento e, assim, auxiliando-as a tomar as decisões que se fazem necessárias.

Palavras-chave: apego materno-fetal; gestão de risco, malformação fetal

DES

3º Apresentador: Ana Emília Vita Carvalho

INDICADORES EMOCIONAIS E QUALIDADE DE VIDA EM MÃES DE CRIANÇAS COM DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNOS AUTISTICOS. Ana Emília Vita Carvalho (Curso de Medicina, Centro Universitário do Pará, PA) e Amira Consuelo de Melo Figueiras (Doutora em Pediatria, Médica Pediatra/Universidade Federal do Pará).

O transtorno autista (ou autismo infantil) faz parte de um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento denominados Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs), Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs) ou Transtornos do Espectro do Autismo (TEAs). Esse grupo de transtornos compartilha sintomas centrais no comprometimento em três áreas específicas do desenvolvimento: déficits de habilidades sociais, déficits de habilidades comunicativas (verbais e não-verbais) e presença de comportamentos, interesses e/ou

atividades restritos, repetitivos e/ou estereotipados. Estudos vêm apontando que, além de realizar o diagnóstico precoce e identificar as características inerentes ao transtorno, é relevante compreender e analisar o impacto gerado nos pais e irmãos. As famílias de crianças autistas se vêem frente ao desafio de ajustar seus planos e expectativas de futuro às limitações desta condição, além da necessidade de se adaptar à intensa dedicação e prestação de cuidados as necessidades específicas do filho. As características clínicas do transtorno afetam as condições físicas e mentais do indivíduo, com isso aumenta a demanda por cuidados e, conseqüentemente, o nível de dependência da criança aos pais, constituindo-se em um estressor potencial para os familiares. O presente estudo, que está inserido em um estudo mais amplo, tem por objetivos: a) avaliar indicadores emocionais e o estresse familiar em função de cada sintoma do autismo para determinar possíveis diferenças quanto ao impacto destes nas mães; b) avaliar as concepções, expectativas e percepções maternas sobre a criança com autismo; e c) avaliar a qualidade de vida das mães de crianças com TA. Participaram do estudo mães de crianças com diagnóstico clínico de TEA atendidas no Centro de Especialidades Médicas do CESUPA e no Programa de Desenvolvimento Infantil Caminhar do HUBFS/UFPA. Foram utilizados os seguintes instrumentos: a) Escalas BECK (Inventário de Depressão, BDI e de Ansiedade, BAI); b) ISSL, Inventário de Sintomas de Stress para adultos (Lipp); c) Inventário de Qualidade de Vida WHOQOL-Bref; e d) Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP); além de um roteiro de entrevista. Os dados foram coletados nas consultas de rotina das crianças nos retornos médicos. Como resultados parciais verificou-se no BAI a presença de indicadores de ansiedade em 50% das mães; enquanto que no BDI não houve registro de indicadores de depressão. No Whoqol-Bref, 75% das mães avaliaram a qualidade de vida como “boa”. Entretanto, ao analisar o Whoqol-Bref por domínios registrou-se maior média no Físico (23,00) e menor média (10,75) no Social. Conclui-se que se faz necessário a implementação de suporte psicológico para auxiliar na estabilidade emocional de mães de crianças com autismo e, consequentemente, na promoção de qualidade de vida nessa experiência da maternidade em condição de vulnerabilidade.

Palavras-chave: autismo, mãe, indicadores emocionais

DES

Proponente: Ana Irene Fonseca Mendes

Área da Psicologia: Psicologia Clinica e da Personalidade

TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: AVALIAÇÃO, PROMOÇÃO DE SAÚDE E INTERVENÇÃO CLÍNICA

Justificativa: A infância é o momento em que ocorre o início da aprendizagem de convivência social com o auxílio do grupo familiar. Este é um período crítico para o aprendizado de diversas habilidades. A Terapia Cognitivo-Comportamental TCC é uma intervenção psicoterápica breve e focada no presente. Por pressupor que pensamento, emoção e comportamento são interligados, sua técnica propõe intervenções tanto em pensamento quanto em emoção e comportamento. Atualmente, esta abordagem psicoterápica tem sido amplamente aplicada em uma gama de transtornos, sintomatologias e contextos. Recentemente, os relatos de intervenções direcionadas para o público infantil têm aumentado. A intervenção Cognitivo-Comportamental em crianças apresenta especificidades e adaptações necessárias para sua condução e explicação do modelo. Este simpósio aborda três possibilidades de aplicação dos pressupostos teóricos da TCC com crianças e adolescentes: avaliação, prevenção e promoção de saúde, e intervenção clínica. A avaliação é uma das etapas mais importantes do tratamento, feita tanto no início para guiar as intervenções, quanto no final da intervenção para fornecer dados sobre sua eficácia. Entretando, ainda são poucos os instrumentos de avaliação para a população infantil brasileira. Um dos trabalhos deste simpósio apresenta os dados da investigação da eficácia das escalas Beck em crianças abrigadas. O segundo trabalho apresenta um relato de experiência com grupo de habilidades sociais e promoção de saúde com escolares. Aponta-se para a importância de se trabalhar com prevenção enfatizando-se a diminuição dos fatores de risco e aumento dos fatores de proteção ao desenvolvimento. Na clínica psicoterápica, a aplicação da TCC enfatiza o tratamento de psicopatologias. O terceiro trabalho apresenta um caso bem sucedido tratamento em TCC para transtorno disruptivo com intervenções com a criança, com seus pais e na escola. Atráves da apresentação destes trabalhos, pretende-se divulgar e ampliar as possibilidades de aplicação das intervenções em TCC em diferentes contextos.

Coordenador: Ana Irene Fonseca Mendes

TRANSTORNOS DISRUPTIVOS NA INFÂNCIA SOB ENFOQUE DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL. Ana Irene Fonseca Mendes (Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental — LaPICC — Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP).

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), com suas bases nas ciências cognitivas e nos princípios da aprendizagem, propõe que há interação entre pensamentos, emoções e comportamentos. Segundo esta abordagem, os problemas emocionais e comportamentais são derivados do modo distorcido ou disfuncional de processar informações. O objetivo da TCC é que o paciente desenvolva habilidades para modificar ou corrigir as distorções cognitivas que geram sofrimento. A prática clínica da TCC com crianças implica no atendimento da criança, a orientação a pais e quando

necessário, intervenções na escola. A orientação a pais e professores tem um carater mais diretivo e pedagógico. O atendimento da criança é indireto, levando-se em consideração que ela possui formas próprias de pensar e se comunicar, adotando-se técnicas adaptadas ao seu estágio de desenvolvimento, como atividades lúdicas, jogos e metáforas ajustadas ao objetivo do tratamento. Os transtornos disruptivos, geralmente diagnosticados pela primeira vez na infância, são caracterizados por um padrão repetitivo e persistente de comportamento desafiador, agressivo e contra as regras de convivência social. Estes comportamentos devem ser suficientemente graves, com prejuízo significativo para a criança ou adolescente. Segundo a literatura, o uso de técnicas cognitivo-comportamentais tem sido eficazes para tratar comportamentos disruptivos na infância e adolescência. Para ilustrar como a TCC aborda os comportamentos disruptivos, será apresentado o caso de um menino de 7 anos diagnosticado com Transtorno Desafiador Opositivo. O caso foi atendido na clínica particular com sessões semanais de 50min pelo período de 1 ano. Além disso, foram feitas 8 sessões com os pais e 4 sessões na escola para avaliação e orientações relacionadas ao tratamento. Na entrevista de anamnese, a queixa principal da mãe foi a agressividade e desobediência do filho, o que foi confirmada na visita à escola. Na escola ele havia agredido outras crianças e adultos. Durante as sessões, observou-se a agressividade e oposição do paciente em relação às atividades propostas. Nas intervenções com a criança na clínica foram utilizadas as seguintes técnicas cognitivas e comportamentais: psicoeducação sobre o modelo cognitivo e sobre emoções, conceitualização, técnicas de respiração, distração e relaxamento, treino de empatia, técnica de economia de fichas, time-out. As intervenções com os pais e professores focaram na reestruturação cognitiva da crença de incapacidade de lidar com os comportamentos da criança. A técnica de economia de fichas e de time-out foram utilizadas também em casa e na escola, o que propiciou a generalização dos comportamentos desejados. Após as intervenções, houve extinção dos comportamentos agressivos na escola, em casa e no consultório. Os resultados são promissores e corroboram os achados da literatura apontando para a eficácia das intervenções baseadas na TCC para o tratamento do Transtorno Desafiador Opositivo.

Palavras-chave: Terapia Cognitivo-Comportamental com Crianças, Transtorno Disruptivo, Economia de fichas

P

CLIN

1º Apresentador: Renata Ferrarez Fernandes Lopes

O INVENTÁRIO DE BECK PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES (BYI-II) EM AMOSTRA DE CRIANÇAS ABRIGADAS. Renata Ferrarez Fernandes Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia–UFU-MG; Karolina Murakami. Prefeitura Municipal de Altinópolis- SP; Ederaldo José Lopes. Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia –UFU-MG).

O objetivo do estudo apresentado neste simpósio foi avaliar a eficácia dos Inventários de Beck para Crianças e Adolescentes (BYI-II) para aferir cognições e comportamentos disfuncionais de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional. O BYI-II contém cinco subescalas de autorrelato. O BDI avalia depressão, o BAI avalia ansiedade, o BANI avalia o sentimento de raiva, o BDBI avalia comportamento

disruptivo e o BSCI avalia autoconceito. As subescalas podem ser empregadas em combinação ou separadamente. Nesta pesquisa o BYI-II foi aplicado em 21 participantes em situação de acolhimento institucional de cidades do interior do estado de São Paulo. A amostra foi constituída por 9 crianças e 12 adolescentes (10 meninos e 11meninas) com média de idade de 12 anos. Os motivos que levaram tais crianças ao acolhimento institucional referem-se à negligência familiar (48%), abandono (33%) e abuso sexual (19%). Não houve dificuldades na administração das subescalas. Todos os participantes cooperaram na aplicação dos Inventários. A amostra é normal, tanto quando levamos em consideração o BYI-II como um todo (Skewness= 0,597), quanto quando calculamos a normalidade da amostra para cada subescala (BSCI (Skewness= 0,422); BAI (Skewness=0,177); BDI (Skewness=0,497); BANI (Skewness=0,103); BDBI (Skewness=1,28). A análise dos dados brutos mostraram escores altos para ansiedade-BAI (X=30, dp=9,8); depressão-BDI (X=21; dp=8,0); raiva-BANI (X=22,1; dp=8,5) e comportamento disruptivo-BDBI (X=12,7; dp= 9,4). O autoconceito-BSCI (X= 39,1; dp=9,39) indicou, entretanto, um autoconceito na média. Este parece ser um dado discrepante, pois o esperado seriam escores baixos ligados ao autoconceito, numa amostra de crianças abrigadas. Este índice impactou o alfa de Cronbach do teste como um todo (α= 0,515). Quando retirou-se da análise os dados do BSCI, o alfa foi incrementado (α= 0,735) mostrando que o instrumento, sem esta subescala, possui bom índice de fidedignidade. Os dados no geral mostram que o BYI-II é preciso em avaliar aspectos como depressão, ansiedade, comportamento disruptivo e raiva, em crianças abrigadas. No entanto, a escala de autoconceito parece ter avaliado a visão que as crianças desejariam que as pessoas tivessem sobre elas e não as próprias crenças pessoais. Esse resultado sugere que o que foi aferido pela BSCI foi o mecanismo de compensação dos esquemas de falta de amor, dificuldades no desempenho e desvalor. Novos estudos serão necessários para avaliar a capacidade de aferição da BSCI em específico. Embora as características psicométricas das Escalas Beck para crianças e adolescentes estejam sendo determinadas para amostras brasileiras, os resultados parciais obtidos nesse estudo são bastantes sugestivos de sua eficácia enquanto ferramenta para diagnósticos clínicos, mesmo em amostras que fogem ao padrão clínico tradicional.

Palavras Chave: BYI-II, acolhimento institucional, avaliação psicológica.

P

CLIN

2º Apresentador: Carmem Beatriz Neufeuld

AÇÕES DE PROMOÇÃO SAÚDE DO PONTO DE VISTA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL EM GRUPOS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.

Carmem Beatriz Neufeld (Coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental – LaPICC, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia - DP da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP da Universidade de São Paulo - USP).

A infância e a adolescência são momentos nos quais as aprendizagens de convivência social se generalizam e se solidificam. São períodos críticos para o aprendizado de habilidades sociais e o manejo de sentimentos como ansiedade, estresse, depressão e

raiva. Estas habilidades colaboram para a competência social e o estabelecimento de relacionamentos interpessoais saudáveis. Estudos apontam que tais habilidades na infância e na adolescência têm relação com indicadores de funcionamento adaptativo, como responsabilidade, independência, cooperação e rendimento escolar. Os déficits nestas habilidades podem gerar relações sociais conflituosas, sintomas de ansiedade e depressão, acessos de raiva e atuarem como fatores de vulnerabilidade para o desenvolvimento de transtornos ao longo de todo o desenvolvimento. Atualmente diferentes áreas de atuação tem se beneficiado dos pressupostos tanto teóricos quanto técnicos da Terapia Cognitivo-Comportamental. Considerando os aspectos educativos da Terapia Cognitivo-Comportamental, esta tem se mostrado eficiente para intervenções tanto preventivas quanto de promoção de saúde em diferentes contextos. O âmbito educacional pode ser citado como um dos contextos a ser beneficiado por ações de promoção de saúde e de psicoeducação em Terapia Cognitivo-Comportamental, por ser esse um dos palcos do desenvolvimento de diferentes habilidades na criança e no adolescente, dentre elas a sociabilidade, o manejo e a expressão emocional. A infância e a adolescência podem ser identificadas como fases do desenvolvimento em que os indivíduos são especialmente vulneráveis, dadas as mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. No intuito de fortalecer essas habilidades, intervenções de prevenção e promoção de saúde vêm sendo estimuladas e desenvolvidas. Considerando tais aspectos, o presente trabalho relata a experiência de implantação de programas, baseado em programas de Treinamento de Habilidades Sociais e programas de prevenção de ansiedade e depressão, em escola pública com alunos de diferentes faixas etárias, visando oferecer uma intervenção preventiva. Fazem parte das habilidades a serem desenvolvidas neste tipo de programa, que crianças e adolescentes sejam mais aptos a expressar seus sentimentos e a manejar a ansiedade, a tristeza, a raiva e o estresse, ouvir os colegas, iniciar e manter conversas, fazer e responder perguntas, além de comportamentos relacionados a se comunicar eficazmente com os colegas sem expressar agressividade, fazer pedidos e dar notícias a outras pessoas. As intervenções contam com o uso de diversas técnicas cognitivo-comportamentais, tais como: psicoeducação, conceitualização cognitiva, modelação, treino de empatia, treino de assertividade, manejo emocional e técnicas para a resolução de problemas. Os programas têm se mostrado como recursos efetivos para a aquisição de tais habilidades podendo servir como fator de proteção ao desenvolvimento de tais crianças e adolescentes. Este tipo de intervenção é importante tanto por minimizar fatores de risco quanto por incrementar fatores de proteção ao desenvolvimento, podendo ser uma das intervenções a serem implementadas em contextos educacionais.

Palavras-chave: Terapia Cognitivo-Comportamental em Grupos; Treinamento de habilidades sociais; Promoção de saúde em escolas.

P

CLIN

Proponente: Ana Maria Klein

Área da Psicologia: Psicologia Escolar e da Educação

O AMBIENTE ESCOLAR E AS MÚLTIPLAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS EM SEU INTERIOR

Justificativa: Uma escola é muito mais do que salas de aula, livros e quadros-negros. Embora o ambiente físico faça parte, esta instituição se caracteriza pela sua forma de existir e pelo fluxo de interações entre as pessoas que dela participam. A noção de escola emerge das pessoas que interagem entre si e das relações que estabelecem com o conhecimento veiculado. Trata-se de uma instituição onde se encontram diferentes atores, em diferentes situações e que desenvolvem ações distintas. As múltiplas relações que se estabelecem na escola e as experiências vivenciadas pelos sujeitos integram o conceito de ambiente escolar aqui adotado.

O ambiente escolar envolve o ser humano e as ações pedagógicas que possibilitam aos sujeitos estar em condições de refletir sobre sua própria ação e sobre as ações de outras pessoas em relação com o ambiente. Compreendido nesta acepção o ambiente transcende o reducionismo que o vincula apenas ao espaço físico, tornando-se poroso às relações humanas e consequentemente à dimensão ética e moral que orienta tais relações. Nesta perspectiva o ambiente escolar é um espaço de desenvolvimento e formação moral.

A escola é um lugar potencialmente favorável para que seus sujeitos: expressem-se sob diferentes formas e em diferentes contextos; vivenciem experiências que auxiliem na identificação de projetos ou objetivos de vida; sintam-se aceitos como são; aprendam a autorregular seus comportamentos de forma autônoma; possam construir valores e serem capazes de conviver em uma sociedade multicultural e complexa como a nossa.

Estar na escola implica em aprender a agir e conviver com o outro e com toda a diversidade humana que a instituição abriga. Por meio da relação com o meio e com o outro é que os valores, com significado social, passam a compor o universo axiológico de cada pessoa e o sentido que adquirem, para cada indivíduo, depende da qualidade da interação estabelecida.

Considerando que uma das funções da escola é a formação para a cidadania e esta por sua vez implica na construção de valores democráticos, como respeito, igualdade, justiça, não podemos prescindir da reflexão sobre a importância que as relações estabelecidas no ambiente escolar podem ter na formação moral dos indivíduos.

Esta proposta apresenta o resultado de três pesquisas que tratam de diferentes relações estabelecidas no ambiente escolar: relação professor-aluno, relação dos estudantes com os conhecimentos e experiências proporcionados pela escola; relação de estudantes e docentes com as diferenças individuais.

Iniciando pela Educação Infantil, discutir-se-á a gênese dos sentimentos, em especial do sentimento de respeito entre crianças e docentes. Investigou-se a compreensão das crianças de educação infantil no que se refere às regras e limites que regulam a vida em comum, tendo como foco a relação professor-aluno.

O segundo trabalho aborda os significados que os estudantes de ensino-médio atribuem às experiências que vivenciam na escola quando têm em mente seus projetos de vida. Trata-se da relação entre os conhecimentos adquiridos na escola e os objetivos de vida dos jovens em questão.

O terceiro trabalho apresenta um estudo desenvolvido com estudantes e docentes sobre a forma como estes se relacionam com a diversidade de gênero e sexual.

Isto posto, acredita-se que a percepção da multiplicidade de relações estabelecidas na escola e suas implicações éticas e morais pode contribuir para a discussão sobre a importância da instituição em relação à formação dos indivíduos, notadamente no que tange aos valores e à cidadania.

Coordenador: Ana Maria Klein

PROJETOS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS ESCOLARES: A RELAÇÃO ENTRE O VIVENCIADO E OS PLANOS FUTUROS. Ana Maria Klein (Universidade do Estado de São Paulo / Universidade de São Paulo).

O presente trabalho é parte da tese de doutoramento Projetos de vida escola: a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida defendida em abril de 2011 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). A pesquisa investigou a percepção dos(as) estudantes do Ensino Médio sobre a contribuição que as experiências escolares podem trazer aos seus projetos de vida. Tomamos por referência o conceito de projetos vitais formulado por Damon, adotando a perspectiva da psicologia positiva (Seligman & Csikszentmihalyi). A identificação e consecução de projetos vitais pressupõem experiências significativas capazes de suscitar, nos indivíduos, a valorização de seus potenciais e, ao mesmo tempo, contribuir para a construção de valores socialmente desejáveis. Por ter um caráter eminentemente formativo e pela sua extensão social, a escola apresenta-se como uma das instituições potencialmente favoráveis ao desenvolvimento de projetos desta natureza. A escola é uma instituição que pode favorecer este processo por ser portadora e difusora de valores morais, pela possibilidade de apresentar exemplos de projetos e por permitir que estudantes desenvolvam aptidões diversas. A escola, também, promove o encontro da diversidade de modos de vida, culturas e valores, contribuindo para concepções mais amplas e complexas da realidade, o que pode resultar na sensibilidade individual para perceber e envolver-se com problemas ou causas que, muitas vezes, só se tornam visíveis por meio da problematização e discussão. Pelo exposto, a escola integra o universo de possibilidades vitais dos indivíduos e, portanto, pode ser um local que propicia a identificação de projetos de vida, quer seja pela extensão dessa instituição na vida das crianças e dos(as) jovens – ao menos doze anos são passados na escola – quer seja pela gama de experiências que ela proporciona. O conceito de experiências escolares tem por base o trabalho de Dewey. A experiência educativa localiza-se no plano da reflexão. Através do pensamento, ela possibilita a percepção das relações entre fatos/elementos/acontecimentos e também permite relações de continuidade (olhar para o antes e o depois do processo). O resultado deste tipo de experiência é o conhecimento, seja na sua aquisição ou na sua extensão. A experiência, portanto, pode ser considerada como a essência da educação, na medida em que alarga conhecimentos, enriquece e traz significado à vida do ser humano. Dewey utiliza a idéia de experiência para definir a educação, nas palavras do autor: "processo de reconstrução e organização da experiência, pelo qual percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras". O sentido atribuído à escolarização, geralmente, remete os sujeitos ao futuro. Neste estudo privilegiamos o

tempo presente, pois projetos se desenvolvem no presente, mas têm sempre uma orientação para o futuro, sem esta perspectiva não se projeta. O conceito de experiência que estendemos à instituição escolar articula os tempos passado e futuro no significado construído no presente. O nosso objeto de estudo reside na discussão sobre o sentido das experiências escolares. Interessam-nos os sujeitos que encontram relação entre as experiências escolares e seus projetos de vida. Optamos por uma abordagem positiva do tema, ou seja, detemo-nos nos elementos que contribuem para o desenvolvimento de projetos de vida. A abordagem da psicologia positiva nos ajudou a olhar para a escola, buscando elementos que pudessem contribuir para a compreensão do valor que essa instituição tem a partir da percepção dos(as) estudantes. O plano de investigação apresenta os dados de uma pesquisa realizada com 305 estudantes do primeiro e segundo anos do Ensino Médio oriundos das redes pública e particular da cidade de São Paulo. A pesquisa, ao buscar a percepção dos sujeitos, adota uma abordagem qualitativa do problema, mas faz uso, também, de procedimentos quantitativos para alcançar seus objetivos.. Para tanto, foi utilizado um instrumento com questões fechadas em uma escala do tipo Likert e questões abertas destinadas à identificação da contribuição da escola aos projetos de vida sob a ótica dos sujeitos envolvidos. A análise dos dados indica que a escola é percebida positivamente, 81% dos(as) participantes consideram que ela contribui para seus projetos de vida, principalmente por meio das disciplinas curriculares que têm seu significado associado ao futuro, à formação para o trabalho e ao vestibular por razões instrumentais que visam a satisfação de necessidades imediatas como moradia e subsistência e a projeção futura relacionada à continuidade dos estudos. Compreender e poder discutir temas contemporâneos, saber se expressar, falar em público, dominar uma língua estrangeira, superar a timidez são conhecimentos e habilidades valorizadas pelos(as) estudantes em face aos seus projetos de vida. O lugar ocupado pelos(as) estudantes na escola continua sendo, prioritariamente, a sala de aula. As disciplinas curriculares são identificadas como importantes aos projetos de vida pela grande maioria dos(as) participantes. As experiências vivenciadas em sala de aula (desenvolvimento de conteúdos curriculares, seminários e debates) são as mais mencionadas pelos(as) estudantes como sendo significativas aos seus projetos de vida. Se, por um lado, a valorização das disciplinas curriculares e das atividades em sala de aula nos permite afirmar que a despeito de todas as críticas feitas à falta de relação entre o que é ensinado na escola e a vida cotidiana, os(as) estudantes conseguem encontrar sentido naquilo que aprendem. Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer que as atividades que favorecem o protagonismo dos(as) estudantes são importantes para uma educação que almeja a autonomia, o desenvolvimento da responsabilidade e o comprometimento frente a assuntos que envolvem interesses coletivos. Experiências dessa natureza ainda não podem ser consideradas como parte constituinte do espaço ocupado pelos discentes, na escola. Ainda que entre os(as) participantes predominem os objetivos e os projetos de vida auto-centrados e que os sentidos atribuídos às experiências escolares estejam mais relacionados ao próprio indivíduo, onde o outro não é considerado, há elementos que apontam caminhos para o fomento da articulação entre projetos de vida e interesses coletivos. Os sentidos atribuídos aos projetos temáticos e sociais e à representação estudantil, situações destacadas pelos(as) participantes como significativas para seus projetos de vida, revelam que tais experiências são um caminho para a fusão entre projetos individuais e interesses coletivos. Os(as) estudantes entendem que a participação em projetos e a representação estudantil são importantes para seus projetos de vida na medida em que possibilitam a compreensão e a ação frente

à sociedade. Os projetos temáticos e/ou sociais mencionados pelos(as) participantes, na maioria das vezes, desenvolvem-se mediante a adoção de temáticas contemporâneas como: meio ambiente, diversidade cultural e ações solidárias. Os sentidos atribuídos pelos(as) estudantes aos projetos temáticos e/ou sociais indicam o compromisso e a responsabilidade sociais que essas experiências ensejam, além de revelarem o seu potencial, no que tange à formação em valores, viabilizando a fusão entre projetos individuais e interesses coletivos.

Palavras-chave: experiências escolares significativas, projetos de vida, projetos vitais, adolescência e juventude, valores.

2º Apresentador: Raul Aragão Martins

A RAIVA NO DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE RESPEITO EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Raul Aragão Martins (IBILCE/UNESP) e Ana Carla Cividanes Furlan Scarin (FACERES).

Observamos na contemporaneidade uma dificuldade acentuada no referente a lidar com as pessoas de modo respeitoso. Temos assistido a cenas de desrespeito em escolas, hospitais, nas ruas, nos transportes coletivos, e essas cenas variam enquanto conteúdo, mas na forma não deixam dúvidas: na sociedade que vivemos, respeitar tornou-se algo secundário. Experienciar ilusões parece ter assumido o formato do que realmente importa ao considerarmos o conviver social, o que corresponde à ênfase ao que seria o oposto da busca pela experiência de reconhecimento do outro em nossas vida e, assim, a possibilidade da vigência da alteridade. Assim, o presente trabalho objetivou averiguar como acontece a constituição e exercício do respeito por aqueles que estão no início da vida e, portanto, estariam vivenciando os meandros deste processo, ou seja: as crianças. Com base em um trabalho anterior, onde averiguou-se se o respeito nasceria e se estabeleceria tendo como esteio a vigência dos sentimentos de amor e medo, segundo premissa de Bovet citada por Piaget em O juízo moral na criança (1994), e obteve-se enquanto resultado a constatação que sim, esta condição existe e contempla a constituição do mesmo, nos foi acrescida esta constatação de um dado complementar: há inerente ao processo de constituição do respeito a vigência e atuação também da raiva, bastante presente diante da perspectiva de atuação respeitosa da parte da criança pelo adulto, seu semelhante e fonte da determinação de tal exigência. Prosseguimos então a leitura das condições em que o respeito se constitui e pode atuar considerando os dados que nos levaram a fazer o apontamento. E encontramos em Piaget mais dados significativos enquanto esclarecedores das condições de formação e estabelecimento da subjetividade infantil ligados ao desenvolvimento moral, em especial em sua discussão acerca da experiência da regularidade na ação, vivida pela criança durante o Período Sensório-Motor, e a noção da constituição da estabilidade perceptual, vigente no Período Pré-Operacional, por ocasião do desenvolvimento da capacidade da Função Simbólica, e a sua contrapartida: a também vigência do egocentrismo. Pudemos refletir em torno desta condição elucidando o teor destas relações com o reconhecimento da vigência também da heteronomia moral, a qual se estabelece e existe porque fomentada pelo egocentrismo. A heteronomia, tecida por esta condição, assegura-se na impossibilidade da criança de viver o todo, havendo um predomínio funcional da coação como âmbito de relacionamento. A coação, funcionalmente, chega através da atuação de alguém que representa o sagrado, a lei máxima e irrefutável. Ao heterônomo

nada resta senão acatar a coação, sorvendo dessa o que lhe chega e faz sentido nas ações de quem coage: o fascínio pela magia da autoridade. Pelo saber fazer. A heteronomia inscreve a força do domínio do pensamento e da vontade de quem exercita a coação, bem como abre precedente para que a criança (ou o adulto) possa pensar e querer por si mesmo à medida em que vive a ambiguidade presente necessariamente nestas relações de domínio. Possa, portanto, separar-se do outro pela raiva instaurada, pela ambiguidade presente, pela ambivalência resultante. No tocante à moral, a descontinuidade trazida pela vigência da díade ambiguidade-ambivalência provoca sucessivos recortes na estabilidade perceptual afetiva em constituição, o que obriga a uma releitura permanentemente impossibilitada pelo próprio raciocínio fragmentado. Podemos observar o quanto a heteronomia moral atrelada ao egocentrismo cognitivo sustentam relações onde impera a vigência da ilusão, se fazendo necessário lidar educacionalmente com o que mantém esse contexto a fim de viabilizar o desenvolvimento da moral humana. A experiência da raiva aliada ao tratamento dado à mesma é determinante neste sentido. Enquanto metodologia nos utilizamos da entrevista clínica piagetiana. Tivemos, enquanto participantes, 20 crianças, alunas de uma escola Municipal de São José do Rio Preto – SP. Estas crianças foram acompanhadas durante os anos completos a partir de seu ingresso no Jardim I, ou seja, o ano letivo de 2004, até a finalização do Pré, em 2006, através de observação em sala de aula e entrevistas clínicas. Durante o ano de 2004 estando, então, as crianças no Jardim I, o acompanhamento foi realizado na forma de observação, também a fim de habituar as crianças à presença de alguém não pertinente ao grupo de professoras, colegas e funcionários. No ano de 2005, as entrevistas clínicas tiveram início. Foram concretizadas em dois momentos: uma primeira etapa em maio e a outra em novembro. O terceiro momento foi concretizado em 2006, no mês de maio, ou seja, entre as etapas das entrevistas houve um intervalo de seis meses. O foco das entrevistas consistiu na relação entre a criança e sua professora, sendo a última o alvo dos questionamentos. As entrevistas constaram da apresentação de uma história ilustrada por animais envolvendo ordens e obediência, seguida por perguntas formalizadas em um questionário, o qual foi utilizado nos três momentos da coleta de dados. No tocante aos resultados, obtivemos que as crianças compreendem: que devem obedecer ao adulto; ordens quando são dadas, e mesmo a temporalidade envolvida quando da necessidade da permanência da mesma; e vivem dificuldades quando questionadas sobre sentimentos vigentes quando da ordem de um adulto. Além disso, as crianças: gostam de suas professoras; têm reações físicas intensas quando se sentem agredidas por suas professoras; acham a professora brava; dizem não sentir medo nem raiva da professora. As respostas, quando da inserção da análise de sentimentos às perguntas, giraram em torno do "não sei" notoriamente. A dificuldade de identificação do sentimento vigente no momento em que uma situação de conflito ocorre atrelada às queixas de caráter físico quando da submissão inegável da criança diante não de uma ordem, mas de uma reprimenda, a qual gera ansiedade, apontam para a necessidade de encampar a raiva despertada no processo de constituição do respeito pela criança de 04 a 06 anos de idade. Faz parte do respeitar não negar que a criança não gosta de certas ordens, e poder lidar com isso com equilíbrio. A capitulação infantil em relação à construção de um mundo de ilusões pode também depender dessa compreensão.

Palavras-chave: desenvolvimento moral, respeito, raiva, relação professor-aluno, heteronomia

3º Apresentador: Leonardo Lemos de Souza

DIVERSIDADES, JUVENTUDE E ESCOLA: UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO BASEADA NA PESQUISA-INTERVENÇÃO. Leonardo Lemos de Souza (UFMT – Financiamento Fapemat).

Um dos debates atuais sobre a educação brasileira traz a temática da diversidade sexual e de gênero na pauta da formação de professores e na produção de relações democráticas na escola e na universidade. Os recentes dados apresentados pela Fundação Perseu Abramo e Fundação Rosa Luxemburg em pesquisa colaborativa sobre homofobia e diversidade sexual no Brasil (2009) indicam ainda um alto índice de intolerância à população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros). Em outra pesquisa a UNESCO retrata a violência e o preconceito na escola entre jovens, apontando para uma realidade de discriminação e violência acerca da diversidade sexual e de gênero nas relações entre alunos e entre professores e alunos. A presente pesquisa, desse modo, é fundamentada na proposta de pesquisa-intervenção tem sua formação em dois eixos: a) enquanto extensão: propõe a construção de espaços articuladores do debate sobre o cotidiano e as diversidade sexuais e de gêneros nas instituições educativas para jovens e adolescentes, redimensionando os propósitos da educação escolar e universitária. Desse modo, serão propostos espaços coletivos (grupos) de escuta e de negociação de significados produzidos pelos jovens, adolescentes e dirigentes educacionais (professores, coordenadores etc.); b) enquanto pesquisa: produzir conhecimentos sobre as representações de jovens de instituições educativas sobre a diversidade e as diferenças de gênero e sexual em suas narrativas sobre si/identidade, os outros/alteridade e o mundo; contribuir para a produção de pesquisas na perspectiva do construtivismo sociocultural no campo de estudos da moralidade humana. O trabalho se insere no modelo de trabalho de pesquisa-intervenção. Segundo Castro dentre as possibilidades de investigação com crianças e jovens, podemos destacar aquelas que: a) naturalizam a desigualdade na pesquisa; b) problematizam essa desigualdade. A pesquisa-intervenção deve ter com base as concepções que temos desses sujeitos. O dispositivo oficina sobre diversidade de gênero e sexual foi proposto para a produção de um espaço dialógico, no qual os discursos circulem e seja objeto de negociação de significados e sentidos sobre as diferenças de gênero e sexuais. Foram realizados registros escritos sobre as oficinas e depois discutidos coletivamente com o grupo de pesquisa envolvido (alunos e alunas da graduação do Curso de Psicologia). Os grupos das oficinas tiveram três tipos de composições: a) grupos de jovens e adolescentes de ambos os sexos (10 grupos com 10 participantes); b) grupos de professores/educadores (5 grupos com 10 participantes); c) grupos com jovens, adolescentes e educadores (5 grupos com 10 participantes jovens e 5 educadores). Paralelamente a essas atividades, foram realizados debates públicos, abertos à comunidade, no ambiente universitário, dirigidos por docentes especialistas em cada um dos eixos temáticos, nos quais o diálogo entre a sociedade civil, escolas e a universidades seja possível. Após o registro e transcrição das informações coletadas em todos os espaços de problematização produzidos (oficinas e; debates públicos) a análise das informações buscou identificar: os modelos organizadores construídos por educandos e educadores sobre a diversidade sexual e de gênero no cotidiano das instituições educativas; os valores (morais ou não) nos modelos organizadores de educadores e educandos sobre o tema diversidade sexual e de gênero; propostas de educadores e educandos, para a mudança da realidade de invisibilidade e exclusão vivida por jovens e adolescentes gays, lésbicas e travestis/transexuais/transgêneros na

escola e na universidade. Como resultados das atividades desenvolvidas podemos destacar que um elemento organizador das representações sobre diversidade sexual e gênero entre os jovens destaca o estranhamento e a dificuldade de entendimento. Nas relações em sala de aula, os alunos relatam terem colegas com orientação sexual que escapa à heteronormatividade, e isso parece ser aceito. No entanto, estão presentes as ações de bullying entre os pares, além de chacotas e outras formas de exclusão (restrições quanto às relações intragrupais; atividades escolares etc.). Alguns jovens que são declaradamente homossexuais foram entrevistados e relatam a busca para serem aceitos e os conflitos vivenciados, principalmente fora da escola, com as famílias. De alguma maneira, a discriminação no interior da escola parece ser algo visto como comum e aceito, parte da convivência com os outros. Outros dados foram obtidos com os professores nas oficinas desenvolvidas. Tais professores produziram narrativas sobre a diversidade ainda marcada pelas explicações da biológica, se aventurando a considerar as questões das diferenças enquanto direito humano. No entanto, na origem dessas diferenças, a explicação é voltada para a genética e a hereditariedade. Os demais professores, de outras áreas de conhecimento, principalmente das ciências humanas, revelam ter pouca familiaridade com o tema, pois diversas vezes manifestaram dúvidas e estereótipos em relação à homossexualidade e à travestilidade. A diferença que marca as sexualidades e gêneros são colocados à margem, pois a eles são atribuídas uma história familiar e escolar com problemas afetivos e relacionais, que explicam seus desejos e identidades. Assim, o discurso da "cura" está presente implicitamente, pois é revelado causas para os comportamentos manifestos cuja sexualidade é oposta ao esperado numa sociedade patriarcal e heteronormativa. Questionados diante de situações de preconceito e discriminação enfrentados por jovens, os professores revelam a indignação diante do problema do outro. No entanto as estratégias sugeridas como formas de se educar diante do problema, demonstram mais ações de verbalização e esclarecimento dos fatos do que na direção de ações reflexivas e problematizadoras das pessoas envolvidas. O debate entre alunos e professores foi profícuo, no sentido de que posicionamentos (ideológicos, sociais e pedagógicos) foram questionados sobre o tema por ambas as partes. Os diálogos viabilizaram a mudança de posição e de papéis que oportunizaram conflitos entre os significados produzidos pelos participantes, na direção de mudança dos modelos que organizam suas formas de interpretar o mundo e a si mesmos. Nos debates públicos, pudemos levantar os sistemas de representação dos professores e demais participantes sobre o tema. Foi um espaço de trocas entre docentes de diversas instituições de ensino, do ensino superior ao ensino básico, estudantes de graduação e pós-graduação de universidades públicas e particulares, estudantes de escolas públicas. Em suas representações, fica claro a falta de informações e o grande interesse de professores da rede de educação básica de mais esclarecimentos sobre o tema. Muitos mitos e crenças acerca da educação sexual foram debatidos, bem como o cenário das novas configurações familiares que demandam novas ações por parte da escola. O cenário das atividades nesse espaço demonstrou ser um efetivo meio de comunicação e de produção de formação de educadores para/com a comunidade. A comunidade acadêmica também foi beneficiada pela oportunidade de receber convidados/pesquisadores que desenvolvem trabalhos de referência no contexto brasileiro.

Palavras-chave: diversidade sexual, gênero, homossexualidade, heteronormatividade, relações interpessoais.

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 – 20/10/2012

Proponente: Andréia Schmidt

Área da Psicologia: Análise Experimental do Comportamento

AQUISIÇÃO DE VOCABULÁRIO VIA RESPONDER POR EXCLUSÃO: APRENDIZAGEM E MANUTENÇÃO EM CRIANÇAS E EM PARTICIPANTES COM DESENVOLVIMENTO ATÍPICO

Justificativa: O responder por exclusão é um padrão de comportamento estudado por pesquisadores de diferentes tradições teóricas e metodológicas. Autores ligados à Psicolingüística referem-se a esse fenômeno como "mapeamento rápido" e têm interesse especial em sua ocorrência em crianças em fase de aquisição de vocabulário. Analistas do comportamento têm se dedicado ao estudo experimental desse fenômeno nas últimas décadas com diferentes populações e em situações experimentais diversas (discriminações condicionais envolvendo estímulos auditivos, visuais e olfativos, em diferentes combinações, a depender da amostra estudada e dos objetivos específicos dos estudos). A presente proposta adota como referencial teórico a Análise do Comportamento e se concentra no estudo do comportamento de crianças em fase de aquisição/expansão de vocabulário e de participantes com problemas de desenvolvimento que afetam a linguagem.

O responder por exclusão tem sido definido como um padrão típico de responder em uma situação de discriminação condicional no qual ocorre a seleção de um estímulo de comparação indefinido (desconhecido) diante de um estímulo modelo também indefinido. Esse tipo de responder é considerado emergente porque não há uma história anterior que tenha tornado o estímulo de comparação discriminativo para a resposta de seleção, o que o torna de especial interesse na investigação dos processos relacionados à aquisição de vocabulário. A despeito das inúmeras investigações sobre o tema, que têm encontrado evidências de que esse é um fenômeno consistente em todas as populações estudadas, muitos problemas ainda devem ser resolvidos para o entendimento do papel que esse desempenho tem na aquisição não apenas de substantivos, mas de palavras de outras categorias lexicais, bem como na manutenção das relações estabelecidas via exclusão. A discussão de dados nesse sentido é importante para que seja possível o planejamento de metodologias mais adequadas, tanto para a investigação do fenômeno, como, também, para o desenvolvimento de estratégias de ensino e ampliação de vocabulário em populações que necessitem desse tipo de intervenção. Essas questões serão tratadas nas três apresentações propostas, o que pode representar um avanço para a compreensão do papel do responder por exclusão na aprendizagem de linguagem e de algumas das variáveis com potencial para a facilitação da aprendizagem e da manutenção de vocabulário.

As três pesquisadoras participantes do simpósio vêm estudando essa temática há bastante tempo. Aline R. da Costa, professora do curso de Fonoaudiologia da USP Bauru, desenvolve projetos nessa área há 15 anos, tendo publicado artigos sobre o tema no Brasil e no exterior. Seu foco tem sido o estudo de exclusão com crianças e adultos com diferentes características desenvolvimentais. Camila Domeniconi, professora do curso de Psicologia da UFSCar, estuda o fenômeno com participantes com desenvolvimento atípico e animais não humanos, tendo, também, vários artigos publicados sobre o assunto. Andréia Schmidt, professora do curso de Psicologia da USP Ribeirão Preto, tem se dedicado ao estudo do comportamento verbal ao longo de sua carreira e conduz diversos projetos sobre aquisição de vocabulário por exclusão com bebês e crianças com desenvolvimento típico. As pesquisadoras consideram que a

reunião anual da SBP é um fórum privilegiado para discussão da temática proposta por congregar pesquisadores de diversas orientações teóricas que têm interesse no desenvolvimento humano, tanto em aspectos de investigação básica, quanto em possíveis aplicações dos conhecimentos apresentados.

Palavras-chave: Responder por exclusão; aprendizagem relaciocional; aquisição de vocabulário.

Coordenador: Andréia Schmidt

APRENDIZAGEM DA RELAÇÃO NOME-OBJETO A PARTIR DO RESPONDER POR EXCLUSÃO, EM CRIANÇAS DE 18 A 48 MESES. Andréia Schmidt, Mariana Guedes de Oliveira Franco*, Lucas dos Santos Lotério*, Geovana Figueira Gomes* (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).

Um dos processos estudados na rápida ampliação de vocabulário em crianças pequenas é o responder por exclusão, por meio do qual a criança, sem ensino prévio, tende a relacionar uma palavra desconhecida a um objeto também desconhecido. Apesar da documentação consistente sobre a ocorrência desse desempenho mesmo em crianças muito jovens, os dados sobre a manutenção das relações palavra-objeto após o episódio de exclusão são muito variáveis, sugerindo a necessidade de investigar as variáveis que podem facilitar a aprendizagem dessas relações após uma única exposição aos estímulos. O objetivo dessa pesquisa foi verificar, em uma amostra ampla de crianças de diferentes faixas etárias (entre 18 e 48 meses), se a aprendizagem da relação nome-objeto em uma tentativa pode estar relacionada à idade. Participaram da pesquisa 80 crianças, com idade entre 18 e 48 meses, divididas em quatro grupos, por faixa etária: 18 a 24 meses; 25 a 30 meses; 31 a 36 meses e 37 a 48 meses. Foi realizado um procedimento de emparelhamento de acordo com o modelo empregando brinquedos conhecidos e objetos não familiares (não relacionados a qualquer nome no repertório dos participantes). Após o estabelecimento de uma linha de base de discriminações auditivo-visuais, na qual a criança escolhia um dentre quatro brinquedos conhecidos diante de um nome familiar ditado, foram conduzidos três blocos de sonda. Cada bloco era composto de oito tentativas de linha de base (com nomes e objetos conhecidos) e duas tentativas de teste: uma de exclusão, em que um nome indefinido era ditado e os estímulos de escolha eram dois brinquedos conhecidos, um indefinido e uma máscara (uma caixa de papelão fechada, dentro da qual havia um brinquedo definido); e uma sonda de aprendizagem, em que um nome indefinido era ditado (igual ou diferente ao da tentativa de exclusão) e os estímulos de escolha eram a máscara, brinquedos definidos e indefinidos, a depender da configuração da tentativa de teste. Nas sondas de exclusão, observou-se que, ao longo dos blocos de teste, a experiência na tarefa pareceu favorecer o desempenho por exclusão das poucas crianças que não escolheram o brinquedo indefinido diante do nome também indefinido desde a primeira sonda. Ao analisar a proporção dos participantes de cada grupo que apresentaram respostas indicativas de aprendizagem nas sondas de aprendizagem, foi observada uma diferença significativa entre o desempenho do grupo mais jovem (18 a 24 meses) e o grupo mais velho (37 a 48 meses), sugerindo que a idade pode favorecer a aprendizagem da relação nome-objeto após uma única tentativa de exclusão. Diferenças significativas não foram encontradas comparando-se o desempenho dos grupos intermediários entre si. Ao

analisar o número de participantes que demonstrou respostas indicativas de aprendizagem em todas as três sondas de aprendizagem, observou-se também uma diferença entre as crianças mais jovens e as mais velhas, apesar desse número ser baixo em todos os grupos analisados. São discutidos possíveis fatores relacionados à idade que podem favorecer a aprendizagem estudada, assim como questões relacionadas a procedimentos adotados nesta e em outras pesquisas sobre o tema. (FAPESP, processo 2010/12156-7)
Palavras-chave: Responder por exclusão, aprendizagem relacional, crianças.
Nível do trabalho: P
Código de área: AEC

2º Apresentador: Aline Roberta Aceituno da Costa

INVESTIGAÇÕES SOBRE EXCLUSÃO NA AQUISIÇÃO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS AUDITIVO-VISUAIS POR CRIANÇAS DE 24 A 36 MESES.
Aline Roberta Aceituno da Costa (Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, SP), Deisy das Graças de Souza (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)
O responder por exclusão, definido como a seleção de um estímulo de comparação indefinido entre outros definidos após a apresentação de um estímulo modelo indefinido, vem sendo extensivamente relatado na literatura. Esse padrão consistente de responder pode estar na origem da aprendizagem de relações nome-objeto, por isso ele tem sido alvo de intensa investigação, mas ainda não foram suficientemente esclarecidas as condições sob as quais o responder por exclusão ocorre ou pode deixar de ocorrer. A metodologia empregada na investigação do responder por exclusão utiliza, frequentemente, um formato no qual todos os estímulos são objetos, figuras ou eventos inteiros e a palavra empregada como modelo tem, portanto, a topografia de um substantivo. Porém, palavras podem relacionar-se a ações (verbos), a propriedades de objetos ou eventos (adjetivos), entre outros tipos de relações. O presente estudo pretendeu investigar, com crianças em fase inicial de aquisição de vocabulário, se ocorre ou não o responder por exclusão em situações em que tanto na linha de base quanto nas sondas sejam incluídas palavras de outras categorias. Um segundo objetivo do estudo foi investigar se ocorre aprendizagem da relação entre cada palavra e figura nova apresentadas em sondas de exclusão, após uma ou várias exposições ao par palavra indefinida-figura indefinida. Os participantes do estudo foram 60 crianças com idades entre dois e três anos. Foram empregadas três condições, de acordo com um delineamento de grupos. A Condição 1 foi usada como controle, portanto, empregou substantivos, como nos estudos prévios; a Condição 2 apresentou, tanto no treino de linha de base quanto nos testes de exclusão, palavras do tipo adjetivo; na Condição 3 foram apresentados apenas estímulos do tipo verbo. Nas sondas de exclusão a maioria dos participantes selecionou estímulos indefinidos sob controle dos modelos indefinidos, replicando os resultados de estudos prévios na Condição 1 e estendendo esses resultados para adjetivos (Condição 2) e verbos (Condição 3). Nas sondas de aprendizagem, nenhum participante apresentou resultados positivos após uma única tentativa de exposição ao par palavra-figura, porém, depois de 10 exposições a maioria das crianças mostrou aprendizagem da relação palavra-estímulo visual, para as três

categorias de palavras. Os resultados consistem em uma contribuição original sobre exclusão com outras categorias de palavras, mas sua generalidade poderá ser fortalecida com uma ampliação da amostra de participantes. Será importante verificar, também, a quantidade mínima de exposições necessárias para que ocorra aprendizagem, isto poderá ser feito a partir de investigações dos efeitos de variações paramétricas da quantidade de treino.

(Este estudo é parte do programa de pesquisas do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino, aprovado no edital 15/2008 (MCT/CNPq/FAPESP) e apoiado pela FAPESP (Processo 2008/57705-8) e pelo CNPq (Processo 3972/2008-8), Deisy de Souza é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. A primeira autora desenvolveu o presente trabalho durante o pós-doutorado com apoio da FAPESP (Processo 07/53575-0)).

Palavras-chave: exclusão, aquisição de vocabulário, substantivo, adjetivo, verbo

Nível – PD

Código de área - AEC

3º Apresentador: Luiza A. Langdorff Costa

APRENDIZAGEM DE RELAÇÕES NOVAS VIA TENTATIVAS DE EXCLUSÃO POR ADULTOS DIAGNOSTICADOS COM AUTISMO E COM SÍNDROME DE DOWN. Luiza A. Langdorff Costa**, Camila Graciela Gomes e Camila Domeniconi (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)

O responder por exclusão é um fenômeno robusto entre humanos com diferentes repertórios. Entretanto, a aprendizagem da relação entre os estímulos indefinidos (geralmente, entre nome e objeto) não parece ocorrer após uma única tentativa de exclusão. Este estudo, conduzido com oito participantes adultos, com idades entre 16 e 46 anos – cinco deles diagnosticados com autismo e três com Síndrome de Down – teve por objetivo investigar o número de tentativas necessárias para a aprendizagem da relação entre figuras indefinidas e nomes indefinidos. A cada tentativa, a experimentadora dizia uma palavra e o participante selecionava a figura que considerava correta, diante de três comparações. Para coleta de dados foi utilizado um caderno onde cada página representava uma tentativa discreta. A tarefa do participante consistia em retirar uma das figuras afixadas na porção inferior da página e fixa-la na porção central/superior. O método foi composto por cinco fases; linha de base (1), introdução da máscara como estímulo neutro (2), tentativas de exclusão, onde um par de estímulos novos (nome e figura) era apresentado por duas vezes em meio a tentativas de linha de base (3), testes de aprendizagem (4) e teste de nomeação (5). O critério para encerrar as atividades foi a aprendizagem das relações ou a repetição por 10 vezes das fases 3 e 4. O procedimento foi realizado 4 vezes, ou seja, quatro pares de estímulos novos foram apresentados, a saber, as palavras pagu, mido, fani e duca e seus respectivos estímulos visuais. Os três participantes com Síndrome de Down aprenderam todas as relações ensinadas; dois deles aprenderam todas as relações com o número mínimo de repetições e o terceiro aprendeu as relações com as palavras pagu e duca com o número mínimo de repetições e com fani e mido em oito e seis repetições, respectivamente. Os resultados dos participantes com autismo foram mais heterogêneos; um participante não respondeu por exclusão e por tal razão não participou da Fase 4 do

procedimento; dois participantes responderam por exclusão, mas não demonstraram aprendizagem na Fase 4, mesmo após as 10 repetições previstas pelo procedimento. O quarto participante aprendeu as relações com os estímulos duca e pagu com o número mínimo de repetições e com as palavras mido e fani com seis e oito repetições, respectivamente. O quinto participante com autismo aprendeu as relações entre todos os estímulos com o número mínimo de repetições. Os resultados mostraram que adultos especiais com diferentes diagnósticos respondem por exclusão e, ainda, que aprendem relações novas entre nomes e figuras com poucas repetições (no máximo oito repetições, o que significa em média 1 hora de ensino). O procedimento pode ser adaptado como uma ferramenta eficaz de ensino de relações novas a pessoas com desenvolvimento atípico. (FAPESP - processo 2011/05157-0)

Palavras-chave: Aprendizagem por exclusão; Síndrome de Down; Autistas.
Nível: M
Código de área: AEC

Proponente: Arrilton Araujo

Área da Psicologia: Psicobiologia e Neurociências

INFLUÊNCIAS SOCIAIS SOBRE O COMPORTAMENTO ALIMENTAR EM PRIMATAS

Justificativa: Os recursos alimentares são fatores ambientais críticos para a sobrevivência dos indivíduos. Buscar e obter uma fonte de recursos nutricionais constitui um dos princípios básicos para a sobrevivência de qualquer indivíduo, independente da espécie e do ambiente em que viva. Dessa forma, as espécies podem selecionar recursos que melhor satisfaçam as necessidades básicas nutricionais para a sua sobrevivência, sendo possível descrever sua dieta e os modos de obtenção da mesma. Além disso, os recursos quase sempre não estão distribuídos de modo uniforme, mas em parcelas que variam no tempo e no espaço. Assim, um recurso pode ser utilizado de forma desproporcional em relação à sua disponibilidade, significando uma importância crucial na vida dos consumidores. A teoria do forrageio ótimo vem desenvolvendo modelos para compreender a complexa tomada de decisão realizada pelos animais quanto ao consumo dos itens alimentares disponíveis.

Apesar de não incluída na teoria do forrageio ótimo, o reconhecimento de um item disponível no ambiente como alimento por parte do animal, também pode ser um fator importante em suas tomadas de decisão. Considerando que o ambiente passa por constantes mudanças, um animal apresentar a capacidade de inovar e de aceitar alimentos novos, e dessa forma diversificar sua dieta, pode desempenhar um papel essencial para sua sobrevivência, uma vez que a flexibilidade comportamental permite aos animais lidarem com as mudanças ambientais. No entanto, apesar de vantajosa, a inclusão de novos itens à dieta pode trazer riscos, que podem ser equilibrados com a cautela de ingestão dos mesmos, caracterizada como neofobia alimentar.

Além do exposto anteriormente, não podemos desconsiderar que vários grupos taxonômicos, entre eles os primatas, vivem ou desenvolvem parte de suas atividades diárias em agregações ou grupos sociais. Os indivíduos que compõem as agregações ou grupos sociais têm sexo, idade, relações de parentesco, experiência e postos em hierarquias de dominância diferentes. Essas características impõem ao modelo de forrageio ótimo limitações de aplicação, pois o que se aplica ao indivíduo não é observado quando consideramos o grupo/agregação. A competição pelos recursos não pode ser desconsiderada. Por outro lado, o papel do grupo pode ser essencial no desenvolvimento do reconhecimento dos itens alimentares, bem como na aprendizagem das estratégias de captura de presas ou de exploração de recursos.

Assim, pretendemos discutir no presente simpósio, a partir de uma perspectiva comparativa, a influência social no comportamento alimentar em três espécies distintas de primatas, a saber, saguis, macacos-prego e seres humanos. O primeiro trabalho, realizado por Araújo e Mantilla, colocará em discussão a acessibilidade aos recursos alimentares de acordo com a hierarquia social em saguis. O segundo trabalho, de autoria de Izar e colaboradores, traz uma discussão importante sobre o papel da aprendizagem social na composição da dieta em macacos-prego. Por fim, Lopes e colaboradores discutem o papel da facilitação social sobre a neofobia alimentar em humanos.

Coordenador: Arrilton Araujo

INFLUÊNCIA DE HIERARQUIA SOCIAL E REPRODUÇÃO SOBRE A ALIMENTAÇÃO EM SAGUIS (Callithrix jacchus). Arrilton Araújo e Gina Rodo Mantilla**. (Laboratório de Biologia Comportamental, PPG Psicobiologia – UFRN).

A alimentação é afetada por diversos fatores, dentre eles: necessidades metabólicas; relações de dominância e subordinação; disponibilidade de alimentos. Diversos estudos discutem a dieta de primatas considerando a quantidade de alimento ingerida e/ou a nutrição e energética. Existem poucos dados sobre esse aspecto para primatas neotropicais e nenhum para Callithrix jacchus. O objetivo deste trabalho foi estimar a ingestão alimentar e nutricional, e a taxa de alimentação de Callithrix jacchus relacionando-as com a hierarquia social e período com presença de filhote dependente. Acompanhamos um grupo de Callithrix jacchus na FLONA Assu – RN, remanescente de Caatinga, durante 11 meses com método animal focal de dias completos sobre os adultos. Registramos os comportamentos de forragear, locomoção, parado, catação, alimentação, agressão, submissão, cuidado parental e interações sexuais. Em função do nascimento de filhotes determinamos os períodos com presença de filhotes dependentes. Amostras dos alimentos consumidos foram coletadas para análise da composição nutricional e estimativa de ingestão alimentar (peso úmido), ingestão nutricional (peso seco), ingestão de cada nutriente e de energia calórica. Avaliamos a disponibilidade de alimento através de amostragens mensais. Os resultados mostraram que fruto foi o item mais consumido em termos de peso, mas presa animal é o recurso chave, pois é responsável pela maior parte da nutrição e energia da espécie. Verificou-se que existe relação entre hierarquia social e alimentação, sobretudo para presa animal. Dominantes maximizam a ingestão de energia e de proteína, e, devido a sua eficiência de forrageio, podem minimizar o tempo de busca. Subordinados maximizam somente a ingestão de energia, já que sua baixa eficiência de forrageio não permite maximizar também proteína, logo, apresentam dieta de menor qualidade que os dominantes. O status social interfere quanto a sazonalidade afeta a alimentação do indivíduo. Dominantes não foram afetados por esse fator, apresentando a mesma nutrição em ambas as estações, enquanto subordinados possuíam nutrição de menor qualidade na estação chuvosa, quando havia menos disponibilidade de fruto. Por fim, não se verificou maior ingestão de alimento em períodos com filhote dependente, embora tenha ocorrido mais forrageio e aumento da velocidade de ingestão alimentar. O custo extra do período com filhotes parece ser dividido entre os indivíduos da tríade dominante: fêmea com lactação, macho 1 com transferência de alimento, e macho 2 com transporte dos infantes. Sendo assim, a ingestão de alimento e a nutrição de Callithrix jacchus são afetadas por relações de dominância e disponibilidade de alimento, todavia como e quanto cada um desses fatores irá afetar cada indivíduo depende do seu status social e do tipo de recurso alimentar. Para períodos com maior necessidade nutricional, a estratégia adotada é a reserva antecipada de nutrientes e energia.

Palavras-chave: competição alimentar; hierarquia social; recursos alimentares

2º Apresentador: Patricia Izar

INFLUÊNCIA SOCIAL SOBRE O COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE MACACOS-PREGO (GÊNERO SAPAJUS). Patrícia Izar, Lucas Peternelli Corrêa dos Santos**, Michele Pereira Verderane (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Aprender a partir do comportamento de co-específicos é uma característica humana, de forma que as crianças adquirem informações sobre os alimentos por meio de interações sociais. Defende-se, de forma geral, que a aprendizagem social, especialmente de hábitos alimentares, é uma característica partilhada por toda a ordem dos primatas. A influência social sobre o forrageamento permitira aos imaturos aprender sobre os hábitos alimentares de seu grupo social, particularmente o que e como comer. De acordo com essa hipótese, o comportamento alimentar de indivíduos imaturos deveria ser sincronizado ao de indivíduos adultos,

particularmente aqueles mais próximos. No entanto, imaturos podem ter menos força e habilidade que os adultos, levando a uma menor proporção de itens de difícil obtenção na sua dieta. Neste trabalho, comparamos o comportamento alimentar de imaturos (infantes e juvenis) e de adultos (machos e fêmeas) de duas populações selvagens de macacos-prego (uma de Sapajus nigritus, numa área de Mata Atlântica, Parque Estadual Carlos Botelho, SP e outra de S. libidinosus, numa área de ecótono Cerrado/Caatinga, Fazenda Boa Vista, PI, a qual faz uso de ferramentas para obtenção de alimento), estudados ao longo de dois anos, com base em observações conduzidas pelo método de varredura, permitindo o cálculo da proporção de atividade de forrageamento, de cada classe de sexo e idade, dedicada a diferentes itens alimentares e a sincronia de atividades entre os imaturos e seus vizinhos mais próximos. Em ambas as populações, os resultados mostraram que a dieta de infantes foi mais similar à dos adultos, enquanto juvenis dedicaram menos tempo, do que os adultos, a itens alimentares que geram disputa agonística (como frutos, que apresentam distribuição concentrada no habitat). Imaturos, de forma geral, apresentaram sincronia de atividades significativa com os vizinhos mais próximos, mas esse efeito foi maior em relação ao macho dominante do que a outros indivíduos adultos, incluindo as mães de alguns infantes. Em ambas as populações, imaturos dedicaram-se menos que os adultos à extração de itens alimentares que exigem habilidades mais complexas, especialmente o uso de ferramentas por S. libidinosus. Nossos resultados confirmam a hipótese de que a influência social exerce papel importante na aquisição dos hábitos alimentares de primatas, mas evitação de competição agonística e menor habilidade são fatores que também afetam os hábitos alimentares de imaturos.

Palavras-chave: desenvolvimento; comportamento alimentar; aprendizagem social

3º Apresentador: Fívia de Araújo Lopes

FACILITAÇÃO SOCIAL E COMPORTAMENTO ALIMENTAR EM UNIVERSITÁRIOS. Fívia de Araújo Lopes, Wallisen Tadashi Hattori e Maria Emília Yamamoto (PPG Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

O comportamento alimentar é bastante complexo, uma vez que ele é composto por vários processos que vão desde a identificação e localização dos itens que podem ser ingeridos, até as estratégias de aquisição dos mesmos. Quando consideramos animais onívoros, outros fatores podem ser acrescidos nessas decisões. Por um lado, a possibilidade de inclusão de um novo item na dieta pode trazer vantagens quanto à utilização dos recursos alimentares disponíveis num dado ambiente. Por outro lado, a inclusão de itens deve ser cautelosa uma vez que pode trazer riscos associados à ingestão de alimentos tóxicos. A espécie humana é caracterizada por sua onivoridade quanto à composição da dieta. Dessa forma, enfrentamos o dilema do onívoro, descrito anteriormente mesmo na atualidade, em que dispomos de informações seguras sobre os itens alimentares disponíveis. A manutenção de padrões ancestrais diante da decisão de consumo de alimentos como a neofobia alimentar, nos dá pistas importantes sobre o valor adaptativo dos mesmos. A neofobia alimentar pode ser caracterizada como a relutância ou recusa de consumo de itens alimentares desconhecidos. Ela pode ser útil na redução do risco de intoxicação alimentar, mas não é uma característica rígida quanto à sua expressão ao longo do desenvolvimento. De maneira geral ela vem sendo descrita como pouco evidente nas fases iniciais de desenvolvimento, tornando-se acentuada por volta dos dois anos de idade, e tendendo à redução posteriormente. Alguns fatores têm sido apontados como essenciais na redução da neofobia, tais como exposição a dietas variadas, exposição repetida aos itens alimentares novos, tornando-os conhecidos, bem como a facilitação social. Uma vez que comer é um evento social em nossa espécie, o objetivo de

nosso trabalho foi investigar a influência social na escolha alimentar em estudantes universitários, comparando o consumo de alimentos novos em diferentes condições: sozinho, com influência do experimentador, e na condição de consumo alimentar em grupo. Participaram 589 indivíduos distribuídos nas três condições anteriores (respectivamente, 290, 252 e 47 participantes). Aos sujeitos era solicitado que escolhessem entre dois alimentos (um novo e um familiar) qual eles gostariam de consumir. Realizamos testes de qui-quadrado para comparar as respostas de acordo com a escolha alimentar. De uma maneira geral, foi possível observar que quanto maior o nível de influência social sobre os sujeitos, menor a ocorrência de escolhas neofóbicas. Esse tipo de resultado ressalta a importância da presença de outros indivíduos sobre nossos padrões alimentares, sobretudo quando se tratam de pessoas conhecidas, e pode não somente ser utilizado para um aprofundamento da compreensão dos nossos hábitos alimentares, como também pode ser usado de maneira aplicada, no desenvolvimento de estratégias que favoreçam a inclusão de alimentos saudáveis à dieta de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: neofobia alimentar; facilitação social; comportamento alimentar

Proponente: Beatriz Servilha Brocchi

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

EFEITOS DIFERENCIAIS DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO NO DESENVOLVIMENTO DE MENINOS E MENINAS

Justificativa: Estudos longitudinais são de extrema importância para a compreensão do processo de desenvolvimento humano. Poucos são as pesquisas que acompanham mulheres cujos sintomas depressivos estão presentes no período pós-natal. Pensando nisso, iniciou-se em 2007 um projeto no Instituto de Psicologia da USP, denominado Projeto Ipê, "Depressão pós-parto como um fator de risco para o desenvolvimento do bebê: estudo interdisciplinar dos fatores envolvidos na gênese do quadro e em suas conseqüências", envolvendo diversos pesquisadores de diferentes áreas do saber para realizar um acompanhamento longitudinal com o compromisso de favorecer estudos, aprofundando a compreensão da origem da depressão pós-parto (DPP), visando a análise da incidência do quadro relacionado às condições de suporte social (material, afetivo e emocional), à fase da vida reprodutiva da mãe, às questões hormonais, de desenvolvimento e à vinculação diádica. Visa também avaliar implicações potenciais para a mãe e para o desenvolvimento global do bebê, avaliado quanto aos índices de desenvolvimento geral e neuro-psico-motor e aos níveis de cortisol.

Uma pesquisa longitudinal de longa duração vem sendo realizada na Inglaterra, reunindo grandes Universidades do país (University of Cambridge; University of Oxford) a fim de examinar a(s) rota(s) através da qual a depressão materna afeta o funcionamento cognitivo e emocional dos filhos. Este estudo também está sendo realizado com diversos pesquisadores de diferentes áreas, que visam compreender se a depressão pós-parto estava associada com baixo desenvolvimento cognitivo (avaliado através do desempenho acadêmico aos 16 anos) e a extensão que esta associação é mediada (pelo impacto da DPP no desenvolvimento cognitivo em estágios iniciais do desenvolvimento, pela exposição à depressão após o periodo pós parto; pelas dificuldades de interação mãe-bebê); se a DPP estava associada ao maior risco de desenvolvimento de transtornos depressivos nos filhos e a extensão em que isso é mediado(pelos fatores de vulnerabilidade infantis (ex: apego inseguro e baixa resiliência) e fatores de adversidades externos (baixo suporte emocional materno, duração da depressão materna, conflito conjugal).

Estes estudos acima descritos compõem o simpósio proposto e envolvem, portanto, áreas de pesquisa básica e clínica, com uma diversidade de profissionais de várias especialidades que se relacionam com o tema DPP, destacando a relevância dos subsídios que podem fornecer para práticas de intervenção precoce.

A interação pode ser definida como um "interjogo" entre parceiros, em que um influencia o outro em um processo contínuo de desenvolvimento, a partir de mecanismos de regulação recíproca (Pinto, 2001). É um processo constituído por fenômenos dinâmicos que ocorrem ao longo do tempo entre a mãe e o bebê, envolvendo reciprocidade e interdependência (Pinto, 2001; Oliva, 2001,2004). O vínculo afetivo com o bebê pode ser desenvolvido ainda na gravidez, mas tende a aumentar consideravelmente após o nascimento. As experiências iniciais são consideradas de extrema importância no processo de desenvolvimento e fortalecimento dos vínculos afetivos entre a mãe e o filho (Thomaz et al, 2005; Araújo, 2007).

Contudo, nesse período, a mulher vivencia mudanças profundas em diferentes aspectos desde a preparação corpórea para gerar (física e hormonal) até fatores psicológicos (Zelkowitz et al, 2004). Tais mudanças psicobiológicas e endócrinas e adaptações psicológicas, sociais e culturais da mulher frente à maternidade têm suscitado a hipótese de que a gestante teria uma vulnerabilidade maior para depressão (Lima e Tsunechiro, 2008; Silva et al, 2010).

A depressão pós-parto é um problema de saúde pública que afeta tanto a saúde materna quanto o desenvolvimento da criança. Caracteriza-se por um episódio depressivo ou uma soma de episódios após o nascimento de um filho. A referida depressão se distingue por um conjunto de sintomas que se iniciam geralmente entre a quarta e oitava semanas após o parto, alcançando sua intensidade máxima nos seis primeiros meses (Klaus et al., 2000, Schwengber e Piccinini 2003).

Os primeiros anos de vida são considerados como sensíveis ou críticos do desenvolvimento (como Motta et al 2005; e Schmid et al (2011). Esses períodos são cruciais para a aquisição de informações sociais, afetivas e cognitivas e ocorre uma estabilização e maior proliferação de determinadas sinapses em detrimento a outras. Se não houver estímulo adequado ao bebê, principalmente vindo da mãe, as chances de prejuízo dos processos do desenvolvimento neurobiológico e psicológico aumentam significantemente, levando a repercussões a médio e longo prazo.

Por outro lado, esta responsividade durante os contextos interativos podem ser influenciadas pelas características individuais de cada criança, tais como: nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico, faixa etária e as diferenças entre crianças no que se refere a seus estilos ou estratégias para se inserirem no sistema linguístico. Contudo, uma característica infantil tem sido apontada como uma das possíveis responsáveis pelas variações na interação diádica: o gênero da criança. Poucos são os estudos nacionais e internacionais que exploram e observam o gênero com a DPP, nas questões relacionadas à interação diádica e ao desenvolvimento infantil. Embora mais estudos sejam necessários, há razões para se supor que meninos sejam mais afetados. Em média, o desenvolvimento dos meninos é mais atrasado do que o de meninas e eles têm mais dificuldades em regular a ativação e a emoção. Passam mais tempo expressando afetos positivos e negativos, além de apresentarem maior. probabilidade de desenvolver apego inseguro (Murray, Fiori-Cowley, Hooper & Cooper, 1996). Outro exemplo: nas tarefas de permanência de objeto, meninos e meninas de mães deprimidas apresentam-se prejudicados aos nove meses, mas as meninas recuperam-se aos 18 meses (Murray et al 1993).

A depressão pode afetar a criança pela alteração dos modelos de interação diádica, mas este efeito pode depender, dentre outros fatores, do gênero da criança, além das suas demais características, pois a criança não é considerada passiva, mas um participante ativo na formação de suas trajetórias. A exposição da criança a estilos de interação não adequados representa diferentes tipos de risco para o desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança.

Com ênfase no entendimento dos fatores relevantes para o desenvolvimento infantil o presente simpósio visa analisar os efeitos diferenciais da depressão pós-parto no desenvolvimento infantil, dando destaque para a diferença entre meninos e meninas. O presente simpósio objetiva aprofundar reflexões teóricas e metodológicas sobre questões pouco exploradas na área como sexo e DPP, integrando níveis de análise via pesquisa interdisciplinar e formação de redes, além de conhecimentos já produzidos. Os trabalhos ilustram um esforço de integração, reunindo pesquisadores de diferentes formações e inserções institucionais em torno de aspectos relacionados ao desenvolvimento humano, representativos da integração de processos afetivos e cognitivos. Dois dos trabalhos referem-se ao desenvolvimento de crianças de três anos de idade. Um analisa o impacto da DPP no desenvolvimento da linguagem de meninos e meninas e o outro visa avaliar os efeitos da mesma no desenvolvimento psico-neuro-afetivo da criança aos 3 anos de idade pelo instrumento Inventário dos Comportamentos de Crianças entre 1 ½ e 5 Anos (CBCL). O último trabalho discutirá o desenvolvimento emocional e cognitiva de adolescentes, com relação ao gênero e DPP.

Dessa forma, a composição dos diferentes resultados em função do gênero e depressão pós-parto revelará uma discussão pouco explorada na área, aprofundando conhecimentos já

adquiridos, promovendo novas conclusões, que poderão ser ponto de partida para futuras reflexões e pesquisas.

Coordenador: Beatriz Servilha Brocchi

INFLUÊNCIA DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA INTERAÇÃO DIÁDICA E NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DE MENINOS E MENINAS DE 3 ANOS. Beatriz Servilha Brocchi** e Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP).

As mães adotam um estilo de fala peculiar ao se dirigirem às crianças, indicando ajustamento às habilidades linguísticas limitadas de crianças pequenas. Esta responsividade pode ser prejudicada no caso de Depressão pós-parto (DPP). A DPP pode afetar o vínculo mãe-bebê, acarretando em consequências no desenvolvimento infantil, inclusive da linguagem. Além disso, a interação diádica pode ser influenciada também por características individuais de cada criança, como o sexo, que tem sido apontado como um dos responsáveis por variações durante o processo interacional. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi comparar o desenvolvimento da linguagem de meninos e meninas e verificar a influência da DPP neste processo. Foram analisadas 80 díades mães-crianças atendidas pelo sistema público de saúde, participantes do Projeto Temático FAPESP ("Depressão pós-parto como um fator de risco para o desenvolvimento do bebê: estudo interdisciplinar dos fatores envolvidos na gênese do quadro e em suas consequências") desde a gestação: 31 meninos e 49 meninas, entre 3 e 3 anos e 5 meses; dentre as mães, 30 apresentaram indicativos de DPP, pela Escala de Edinburgh. Foi avaliado o aspecto pragmático do desenvolvimento de linguagem, em filmagens de quinze minutos de brincadeira livre com a mãe, em função de informações colhidas desde o nascimento. O resultado do teste foi analisado quanto aos atos comunicativos totais durante a interação, atos específicos das crianças e atos por minuto realizados pelas crianças. Foram também observadas as funções e meios comunicativos mais utilizados. Não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos com e sem DPP em relação aos atos comunicativos da díade e aos atos das crianças. A principal diferença foi encontrada na comparação da proporção entre os meios pelo qual a criança se comunicou (verbal, vocal e gestual). Constatou-se que o grupo sem DPP utilizou, proporcionalmente, mais o meio verbal para se comunicar ($F=0,08$; $p<0,05$), enquanto que o grupo com DPP mais o meio gestual ($F=0,11$; $p<0,05$). O meio vocal foi pouco usado por ambos. Com relação aos demais fatores do contexto sócio-afetivo de criação analisados em conjunto com a DPP, não foi observado o efeito do apoio social, trabalho materno e da creche no desempenho das crianças dos grupos com e sem depressão pós-parto, com o teste ANOVA. Quando analisado o gênero com relação à presença de depressão, constatou-se diferenças em quase todos os aspectos pesquisados. As meninas falaram mais, interagiram mais com suas mães e utilizaram significantemente mais o meio verbal ($F=0,62$; $p<0,05$ no grupo com DPP e $F=0,039$; $p<0,05$ no grupo sem DPP) para transmitir e apreender informações durante a comunicação. Os meninos usaram mais a comunicação para explorar o ambiente, tanto no grupo DPP ($F=0,036$; $p<0,005$;) quanto no grupo sem DPP ($F=0,008$; $p<0,005$ no meio gestual) e para chamar a atenção da mãe (no grupo sem DPP: $F=0,002$; $p<0,005$, no meio vocal). A presente pesquisa

mostra também efeitos diferenciados em meninos e meninas da condição DPP e demais fatores do ambiente de criação. No grupo com DPP, as meninas que frequentam a creche, a mãe possui apoio social e não trabalhavam fora, apresentaram melhor desempenho no teste ($F=0,018$; $p<0,005$). Em contraste, foram os meninos do grupo sem DPP, que também frequentavam a creche, a mãe não trabalhava fora e não possuía ajuda que obtiveram melhores resultados ($F=0,049$; $p<0,005$). Assim, com os dados expostos acima, constatou-se a importância da interação mãe-criança no desenvolvimento comunicativo-linguístico da criança e as consequências da DPP na atividade diádica, mediadas pelas necessidades específicas de meninos e meninas.

FAPESP
PALAVRAS-CHAVE: depressão pós-parto, linguagem, interação mãe-criança
Pós-Doutorado-PD
DES - Psicologia do Desenvolvimento

2º Apresentador: Célia Regina de Souza Cauduro

AS CONSEQUÊNCIAS DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA AUTO-REGULAÇÃO EMOCIONAL DAS CRIANÇAS AOS TRÊS ANOS DE IDADE: UM DIÁLOGO ENTRE WINNICOTT E A NEUROCIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO. Célia Regina de Souza Cauduro (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP), Vinicius F. David (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP) e Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP).

A depressão pós-parto é considerada um importante problema de saúde pública que está associado a inúmeros fatores médicos e psicossociais maternos e infantis. Os bebês humanos destacam-se por um período longo de dependência extrema do cuidador. A depressão pós-parto pode tornar o cuidador inábil para ser suficientemente responsivo à criança nas primeiras etapas da vida pós-natal, exatamente em períodos sensíveis do desenvolvimento, quando as bases dos vínculos seguros estão sendo desenvolvidas. Tanto para Winnicott como para a Neurociência do Desenvolvimento, a sensibilidade materna para decodificar as necessidades do bebê, durante as primeiras etapas do desenvolvimento pós-natal, é considerada um fator importante para desenvolvimento emocional e cognitivo do bebê. A falta de uma responsividade consistente interrompe as trocas interacionais entre os bebês e os adultos, fundamentais para o desenvolvimento da arquitetura cerebral saudável. A ausência de respostas adequadas pode conduzir às consequências adversas para a saúde física e mental na vida futura. Os cuidados que os bebês recebem estabelecem a base para o desenvolvimento de uma ampla faixa de processos biológicos básicos que apoiam a regulação emocional, os padrões de sono e vigília, atenção, e basicamente todo funcionamento psicossocial. A auto regulação emocional é a habilidade para controlar estados internos ou respostas relacionadas aos pensamentos, emoções, atenção e desempenho. Os mecanismos neurais que sustentam os processos regulatórios podem ser os mesmos que fundamentam os processos cognitivos superiores. Existem processos complexos pelos quais a emoção relaciona-se à cognição e ao comportamento, que, consequentemente, interferem no processo de desenvolvimento. Esta habilidade (a auto regulação emocional) que desempenha um papel central na socialização e no desenvolvimento do comportamento moral, depende

do desenvolvimento do córtex pré-frontal; está associada ao desenvolvimento de diferentes estratégias de adaptação durante as etapas subsequentes do ciclo vital. O Projeto Longitudinal Temático FAPESP "Depressão pós-parto como um fator de risco para o desenvolvimento do bebê: estudo interdisciplinar dos fatores envolvidos na gênese do quadro e em suas consequências" realizou avaliações dos perfis comportamentais das crianças, filhos de mães que apresentaram DPP e não DPP, aos trinta e seis meses, utilizando como instrumento o Inventário dos Comportamentos de Crianças entre 1 ½ e 5 Anos (CBCL/1½ -5). Em relação ao total de problemas indicado pelo CBCL, foi verificado que existe uma proporção maior de crianças filhas de mães sem DPP que puderam ser consideradas normais, em relação aos filhos de mães com indicativos de depressão (61,3% X 27,6%). A análise em função do sexo da criança, embora confirme uma associação geral entre DPP e problemas nas crianças, mostra efeitos específicos: 1) há uma porcentagem mais acentuada de problemas externalizantes (borderline + clínico) entre os meninos do grupo DPP (DPP 58,3% e sem DPP 28,6%), ainda que entre as meninas do grupo DPP também ocorra um aumento destes (de 23,5% para 35,3%); 2) efeito inverso ocorre quanto aos problemas internalizantes- meninas do grupo sem DPP =47,1% e do com = 70% e meninos do grupo DPP 50% e sem DPP = 58%. Constataram-se, portanto, associações entre DPP e problemas avaliados pelo CBCL, de um modo geral, e interpretações deste efeito com o sexo da criança, relevantes para a compreensão do processo e que merecem aprofundamento.

FAPESP

Auto-regulação emocional, neurociência do desenvolvimento, depressão pós-parto.

Pós-Doutorado-PD

DES-PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

3º Apresentador: Adriane Xavier Arteche

O IMPACTO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL DE ADOLESCENTES: EFEITOS MODERADORES DO SEXO. Adriane Xavier Arteche (PUCRS, Porto Alegre, RS), Lynne Murray (Winnicott Research Unit, University of Reading, Reading, Inglaterra) e colaboradores da Winnicott Research Unit, (Reading, UK).

A depressão pós parto (DPP) afeta aproximadamente 15% das mulheres e é associada a dificuldades na interação mãe-filho nos primeiros anos de vida. Além disso, pesquisas sugerem que filhos de mães com depressão pós-parto apresentam prejuízos no funcionamento cognitivo e emocional em estágios iniciais do desenvolvimento. Alguns estudos apontaram efeitos diferenciais do sexo em especial nas variáveis cognitivas, sugerindo que os meninos são mais vulneráveis aos efeitos da depressão pós-parto. No entanto, pouco se sabe sobre a trajetória longitudinal dos efeitos da depressão pós-parto e, especificamente, sobre a estabilidade do efeito moderador do sexo. Nesta medida dois estudos foram desenvolvidos a fim de investigar os efeitos da depressão pós-parto no desenvolvimento cognitivo e emocional de adolescentes. Utilizando um delineamento longitudinal prospectivo 58 mães com depressão pós-parto e 42 controles foram recrutadas e as díades mãe-filho avaliadas em diversos momentos do desenvolvimento desde a primeira infância até a adolescência. Para os estudos aqui descritos foram participantes 96% das famílias originalmente recrutadas. Foram utilizadas como variáveis dependentes o coeficiente geral de rendimento escolar e a presença ou não de transtorno depressivo avaliados aos 16 anos de idade. Para cada variável dependente foram elaborados modelos de equações estruturais investigando a contribuição

de fatores mediadores da depressão pós-parto e análises multi-grupo foram conduzidas a fim de verificar o efeito moderador do sexo. No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, os meninos, mas não as meninas, filhos de mães com depressão pós-parto apresentaram rendimento mais baixo que os controles. Este resultado foi explicado especialmente pelos efeitos da depressão pós-parto no desenvolvimento cognitivo em estágios iniciais (18 meses, 5 anos e 8 anos; interação sexo*DPP, F=3.26, p<.10, ŋ2=.03) e pelo efeito da depressão pós-parto na interação mãe-filho. Exposição crônica e recente à depressão materna não tiveram contribuição adicional à depressão pós-parto. Os resultados referentes ao desenvolvimento emocional indicaram que filhos de mães com depressão pós-parto tem mais probabilidade de apresentar depressão aos 16 anos de idade (41.5% vs 12.5%; odds ratio _ 4.99; 95% intervalo de confiança 1.68 –14.70) e não observadas diferenças entre os sexos. Os principais fatores mediadores da depressão pós-parto foram vulnerabilidade na primeira infância (e.g. baixa resiliência e apego inseguro) e exposição à adversidade familiar como depressão materna recorrente após o período pós-parto e conflito conjugal. Os resultados evidenciam a importância de intervenções precoces e de atenção especial aos meninos filhos de mães com depressão pós-parto e reforçam a continuidade dos efeitos observados da depressão pós-parto ao longo do desenvolvimento.

Esta pesquisa foi financiada pelo Medical Research Council (G9324094) e pela Tedworth Charitable Trust (TED76).

Palavras-chave: depressão pós-parto; desenvolvimento; adolescente

Nível do trabalho: Pesquisador (P)

DES- Psicologia do Desenvolvimento

Proponente: Maria Beatriz Martins Linhares

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

Título da Proposta: **DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS: INDICADORES E PROCESSOS ENVOLVIDOS EM CONDIÇÕES DE RISCO E PROTEÇÃO**

Justificativa: O presente simpósio reúne três pesquisadoras da área de Psicologia do Desenvolvimento e Saúde e da Criança, que são docentes de universidades públicas com atuação em programas da saúde e vinculação com hospitais universitários, que coordenam pesquisas e orientam alunos de pós-graduação e que integram o Grupo de Trabalho da ANPEPP na área de Psicologia Pediátrica. Neste simpósio será tratado o tema Desenvolvimento de crianças: indicadores e processos envolvidos em condições de risco e proteção. O objetivo do simpósio consiste em apresentar resultados de pesquisas sobre crianças em desenvolvimento e seus contextos, focalizando os seguintes tópicos: processos autorregulação, temperamento e comportamento em crianças em condição de risco biológico e psicossocial; indicadores de temperamento da criança e dinâmica do relacionamento conjugal dos pais; o papel de crianças pequenas nas interações com as mães e a relação com o desenvolvimento. Destacam-se, portanto, as contribuições do modelo de autorregulação na trajetória do desenvolvimento, que compreende os processos que modulam a reatividade dos indivíduos a mudanças no ambiente interno e externo, como proposto por diferentes autores, a saber: Sameroff, Rothbart, Posner, Calkins e Fox. A reatividade, assim como a regulação do indivíduo, pode ser verificada nas alterações fisiológicas, emocionais e comportamentais das crianças. Por outro lado, as relações da criança com o meio permitem que se estabeleçam as coregulações advindas das interações do indivíduo com os contextos em que a criança se insere. O modelo de autorregulação desenvolvimental refere-se a uma organização hierárquica e integrativa dos sistemas fisiológico, emocional, cognitivo e comportamental. Apresenta uma grande evolução nos primeiros anos de vida, destacando-se a regulação fisiológica na fase neonatal, a regulação emocional nos dois primeiros anos, a regulação da atenção a partir do segundo ano e culminando com a regulação comportamental na fase pré-escolar. No simpósio serão apresentadas evidências empíricas deste modelo na compreensão do desenvolvimento de crianças em condição de risco biológico e psicossocial. Paralelamente, o estudo do temperamento da criança na associação com as relações dos pais avança na compreensão da bidirecionalidade entre a pessoa e os seus contextos de desenvolvimento. A compreensão dos processos desenvolvimentais avança com a literatura sobre temperamento, que trata das diferenças constitucionais na reatividade e autorregulação do indivíduo, de acordo com a abordagem de Mary Rothbart. O aspecto constitucional é definido como a composição relativamente biológica do indivíduo influenciada pela hereditariedade, maturação e experiência. A reatividade é definida como a reação biocomportamental do indivíduo a mudanças no ambiente, que envolve os sistemas somático, endrócrino e nervoso autonômico. A autorregulação, por sua vez, compreende os processos que modulam a reatividade. O ambiente pode influenciar a capacidade de autorregulação dos indivíduos. Por outro lado, também avança quando são estudadas as características pessoais associadas ao estudo da dinâmica das relações conjugais e nas interações mãe e filhos, que fazem parte do contexto proximal de desenvolvimento das crianças. Focalizar o papel ativo das crianças nas interações e a associação com o seu desenvolvimento permite melhorar a compreensão sobre a qualificação da mediação materna no microcontexto das regulações desenvolvimentais. As pesquisas que serão apresentadas no Simpósio foram conduzidas com instrumentos e procedimentos validados para os constructos estudados (reatividade, temperamento, comportamento, desenvolvimento) e procedimentos adequados para obtenção de evidências

empíricas sobre os temas estudados. O conhecimento produzido permitiu avanços na área da Psicologia do Desenvolvimento com desdobramentos práticos. Destaca-se que os grupos da USP/RP, UFSC e UNESP/Botucatu têm contribuído ao longo dos anos com estudos sobre riscos biológicos, psicológicos e sociais no desenvolvimento infantil, interação mãe-criança e o papel do pai no desenvolvimento e saúde das crianças. Estes grupos de pesquisadoras são os únicos no Brasil até o presente que têm estudado o temperamento de crianças na abordagem de Mary Rothbart, que é a mais pesquisada na literatura internacional atual sobre o tema.

Coordenador: Maria Beatriz Martins Linhares

O MODELO DE AUTORREGULAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS EM CONDIÇÃO DE RISCO: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE REGULAÇÃO FISIOLÓGICA, EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL. Maria Beatriz Martins Linhares, Beatriz Oliveira Valeri**, Luciana Cosentino Rocha**, Vivian Caroline Klein, Fabíola A. N. A de Carvalho ** (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).

O modelo de autorregulação na trajetória do desenvolvimento compreende os processos que modulam a reatividade dos indivíduos a mudanças no ambiente interno e externo, como proposto por diferentes autores (Sameroff, Rothbart, Posner, Calkins e Fox). A reatividade, assim como a regulação do indivíduo, pode ser verificada nas alterações fisiológicas, emocionais e comportamentais. Por outro lado, as relações entre a criança e o meio permitem que as coregulações se estabeleçam, as quais são advindas das interações proximais do indivíduo com o microcontexto em que a criança se insere. O modelo de autorregulação desenvolvimental se refere a uma organização hierárquica e integrativa dos sistemas fisiológico, emocional, cognitivo e comportamental. Apresenta uma grande evolução nos primeiros anos de idade, destacando-se a regulação fisiológica na fase neonatal, a regulação emocional nos dois primeiros anos, a regulação da atenção a partir do segundo ano e culminando com a regulação comportamental na fase pré-escolar. Nesta fase, os esquemas afetivos e cognitivos internalizados facilitam os processos de autorregulação, que são moderadores de funções executivas e comportamentos adaptativos. No presente simpósio serão apresentados os resultados de quatro estudos interrelacionados sobre o desenvolvimento de bebês nascidos pré-termo (< 37 semanas de idade gestacional) e muito baixo peso (<1.500g), em diferentes momentos de sua trajetória de desenvolvimento, os quais analisaram indicadores e processos de reatividade e regulação desenvolvimental. Na fase neonatal, o primeiro estudo teve por objetivo avaliar a reatividade e recuperação fisiológica e comportamental de bebês pré-termo a um procedimento doloroso de rotina no tratamento intensivo dispensado nas primeiras semanas após o nascimento. Os resultados mostraram que os bebês nascidos pré-termo, independentemente do nível de gravidade clínica neonatal, reagiram à dor e posteriormente se recuperaram, a fim de obter a regulação fisiológica em meio à adversidade. Na fase de 2-3 anos, um segundo estudo examinou a reatividade-regulação à dor observada na fase neonatal como variável preditora do temperamento em fase posterior. Entre os principais resultados, foi verificado que a maior reatividade e a maior dificuldade de regulação fisiológica (batimento cardíaco) na fase neonatal estiveram associadas à maior afetividade negativa e impulsividade na fase de 2-3 anos. Na fase pré-escolar, por sua vez, quando comparados com um grupo de bebês nascidos a termo, os bebês nascidos pré-termo mostraram indicadores de problema de comportamento, especialmente nos sistemas de atenção; este achado tem associação significativa com risco para transtornos de atenção e problemas de aprendizagem na fase escolar. Os resultados dos estudos serão discutidos à luz do modelo de regulação desenvolvimental e da Psicopatologia do Desenvolvimento. Serão também considerados os desdobramentos práticos para programas

de follow-up de prematuros, focalizando estratégias de prevenção de problemas de desenvolvimento em crianças nascidas pré-termo.

Bolsa de Produtividade CNPq- 1A (MBMLinhares)
** Bolsa de Doutorado FAPESP (BOValeri); Bolsa de Mestrado CAPES (LCRocha)
Palavras-chave: Reatividade-Regulação; Temperamento; Comportamento
P
Código da área da Psicologia: DES

2º Apresentador: Maria Aparecida Crepaldi

TEMPERAMENTO DE CRIANÇAS COM IDADE ENTRE QUATRO E SEIS ANOS E RELACIONAMENTO CONJUGAL DE SEUS PAIS. Maria Aparecida Crepaldi (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC), Beatriz Schmidt** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).

Esta pesquisa teve por objetivo verificar a relação entre temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos e relacionamento conjugal de seus pais. Define-se temperamento como diferenças individuais com base constitucional na reatividade e na autorregulação, observadas nos domínios de emocionalidade, atividade motora e atenção, influenciadas ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência. Assim, concebe-se que o temperamento é passível de transformação ao longo do processo desenvolvimental. Dessa forma, é possível pensar que as relações estabelecidas no contexto familiar são capazes de provocar influências sobre o temperamento, sendo os pais uma importante variável no desenvolvimento das disposições temperamentais de seus filhos. Do mesmo modo, o temperamento dos filhos interfere nas interações conjugais, haja vista a bidirecionalidade das relações entre pais-crianças. Com o objetivo de atender ao objetivo proposto (qual seja, o de verificar a relação entre temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos e relacionamento conjugal de seus pais), a pesquisa abrangeu uma amostra composta por 104 famílias biparentais residentes em quatro municípios do estado de Santa Catarina. Os seguintes instrumentos foram aplicados ao pai e à mãe das crianças focais: Questionário sobre Relacionamento Conjugal (QRC), Questionário Floreal e Children`s Behavior Questionnaire (CBQ). Os dados obtidos foram compilados e tabulados em uma planilha do programa informático Statistical Package for Social Sciences (SPSS). Por meio da análise quantitativa dos dados, constatou-se que: a) a relação de casal dos participantes se caracterizou, em média, pela harmonia conjugal, sendo que os membros da díade consideram o seu relacionamento marital satisfatório e pouco conflituoso; b) quanto ao temperamento infantil, o fator controle com esforço foi o que recebeu os maiores escores médios, de acordo com as respostas de pai e de mãe; c) identificou-se relações entre os fatores do temperamento da criança, notadamente o afeto negativo, e o relacionamento conjugal dos pais, especialmente nas variáveis ligadas à qualidade do relacionamento conjugal, ao conflito conjugal, à reciprocidade negativa e à evitação. Há indicativos de que quanto maiores são as reações de raiva, desconforto, tristeza, medo e baixa capacidade de se acalmar dos filhos (reações concernentes ao fator afeto negativo do temperamento), também mais o relacionamento de casal é caracterizado por interações conflitivas ($p<0,01$), evitação ($p<0,05$) e reciprocidade negativa ($p<0,01$). Os resultados apontam para o fato de que as relações conjugais e o temperamento das crianças afetam-se reciprocamente. Destaca-se, assim, a importância de se considerar a bidirecionalidade das relações entre pais e filhos em intervenções profissionais e em programas de promoção de desenvolvimento saudável de crianças e de famílias.

**Bolsa de Mestrado CAPES (BSchmidt).
Palavras-chave: Temperamento; Desenvolvimento Infantil; Relações Conjugais.
M
Código da área da Psicologia: DES

3º Apresentador: Gimol Benzaquen Perosa

O PAPEL DE CRIANÇAS DE UM ANO NA INTERAÇÃO MÃE-FILHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Gimol Benzaquen Perosa, Debora Gerardo Ribeiro** e Flavia Helena Pereira Padovani (Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP-SP).

Uma das prioridades do atual modelo de saúde brasileiro, especificamente na atenção primária, é de detectar problemas no processo evolutivo de crianças que vivem em ambientes desfavorecidos, identificar fatores de risco e proteção, visando aliviar e neutralizar efeitos das adversidades e criar ações promotoras do desenvolvimento. A literatura tem apontado vários fatores de risco pra o desenvolvimento dessas crianças como estimulação inadequada, conflitos e violência familiar, problemas de saúde mental e pouca escolaridade do cuidador, entre outros. Paralelamente, identificou-se que o comportamento da mãe, quando exerce uma função moderadora, desempenha um papel de proteção, ou seja, alivia ou neutraliza a ação do risco. Estudos mais recentes, tendo em vista o caráter bidirecional da relação mãe/filho e o papel regulador dos parceiros da díade têm apontado algumas características interativas como desejáveis e necessárias, para assegurar um bom desenvolvimento. Grande parte deles centrou-se na responsividade materna, apesar de fortes evidências que, desde o início do desenvolvimento, a criança tem uma participação ativa na relação. Nesse sentido, o presente estudo pretendeu analisar o papel de várias características interativas da relação mãe-filho, de um ponto de vista bidirecional, no desenvolvimento neuropsicomotor de 65 crianças com um ano de idade, moradoras de bairros periféricos. Para avaliar o desenvolvimento neuropsicomotor utilizou-se o teste de Triagem de Desenvolvimento DENVER-II. Um episódio interativo, de aproximadamente 7 minutos, da mãe brincando com o filho, foi gravado e avaliado segundo o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica, por dois observadores independentes. Os resultados mostraram que as crianças eram saudáveis: todas nasceram a termo, 80% de parto normal e 92,3% tiveram alta junto com a mãe. Não tiveram nenhuma intercorrencia grave no primeiro ano de vida, 89,2% foram amamentadas no peito e a mediana do tempo de desmame foi de 8,5 meses. Apesar disso, 43,1% das crianças estavam em risco para o seu desenvolvimento global, sendo a área mais afetada a linguagem (24%). No episódio interativo, observou-se alta correlação entre comportamentos da mãe e da criança: mães mais sensíveis, estimuladoras e positivamente afetivas tinham filhos mais envolvidos na brincadeira, interativos e positivamente afetivos. Ao relacionar as diferentes categorias de comportamentos interativos, da mãe e da criança, com o desenvolvimento neuropsicomotor, observou-se que os comportamentos maternos de pouca estimulação cognitiva, desengajamento e intrusividade tiveram uma associação estatisticamente significativa com risco para o desenvolvimento. Com relação aos comportamentos da criança, as mais envolvidas durante a interação apresentaram menor risco para o desenvolvimento global. Na análise multivariada o único preditor de risco foi estimulação cognitiva; mães com baixa estimulação cognitiva tinham 3,83 vezes mais chance de ter filhos com risco para o desenvolvimento. Nesta apresentação, além de discutir o papel da mediação materna, pretende-se dar atenção especial ao papel regulador e ativo do comportamento da criança na interação que, nesta pesquisa e em outros estudos do grupo, vem mostrando importante papel no fluxo interativo, com repercussões no desenvolvimento infantil.

Bolsa de Mestrado CAPES (DGRibeiro)
Palavras-chave: Interação mãe-filho; Desenvolvimento Infantil; Fator de proteção.
M
Código da área da psicologia: DES

Proponente: Carla Witter

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

ENVELHECIMENTO, CONTINGÊNCIAS E QUALIDADE DE VIDA

Justificativa: A proposta deste Simpósio é apresentar e discutir questões importantes relacionadas ao Envelhecimento e qualidade de vida (QV), destacando algumas contingências de vida sob a perspectiva interdisciplinar, tais como: educação e qualidade de vida; cuidadores de idosos e a importância da família, das redes sociais para o bem-estar subjetivo do idoso. Desta forma, foram convidados três doutores, de instituições diferentes que estudam o processo de envelhecimento, sendo duas da área de Psicologia e uma de Letras. Os participantes são pesquisadores do grupo de pesquisa Psicologia do Idoso cadastrado no diretório de grupos do CNPq, desde 2002, portanto serão apresentados dados de pesquisas em todas as exposições. As apresentações possibilitaram a discussão, de forma aprofundada, sobre o conhecimento existente sobre idosos e o processo de envelhecimento com ênfase na manutenção e promoção da qualidade de vida. A Dra. Geraldina Porto Witter apresenta um estudo destacando aspectos educacionais que podem promover a qualidade de vida (QV) na velhice, por meio da análise da produção científica publicada na SciELO, PsycINFO e ERIC. A Dra. Elza Maria Tavares Silva discorre sobre os tipos e funções dos cuidadores de Idosos, relatando os resultados de pesquisas científicas sobre a temática, levantada na análise da produção científica de quatro revistas brasileiras: em Ciências da Saúde, Cadernos de Saúde Pública (2007 a 2011) e em Ciências Humanas, foram analisadas Psicologia Ciência e Profissão (2007 a 2011), Psicologia & Sociedade (2007 a 2011) e Psicologia: Reflexão e Crítica (2007 a 2011). A Dra. Carla Witter salienta a relevância da família e das redes sociais na saúde dos idosos, destacando os aspectos positivos e negativos das relações interpessoais no processo de envelhecimento com base nos dados dos 191 artigos publicados na (SciELO) e dos 239 artigos publicados na base de dados da PsycINFO no ano de 2011. A proposta do simpósio se justifica na medida em que serão apresentados dados sobre a produção científica, principalmente, na área da psicologia sobre contingências de vida importantes para o bem estar dos idosos no seu processo de envelhecimento. Além disso, a população idosa tem aumentado de forma exponencial, sendo cada vez mais necessário o aumento da produção de conhecimento sobre o envelhecimento e, consequentemente, a discussão avançada dos temas e sobre a própria qualidade da produção científica que está sendo realizada - estudos de metaciência. O objetivo principal é apresentar um panorama atual, dos últimos cinco anos, das pesquisas realizadas e publicadas sobre as temáticas da educação, cuidadores, família e redes sócias para a qualidade de vida dos idosos, destacando as lacunas na produção e apresentando diretrizes para novas investigações na área.

Palavras-chave: idosos, bem estar, interdisciplinar.

P – Pesquisador

DES – Psicologia do Desenvolvimento

Coordenador: Carla Witter

FAMÍLIA E REDES SOCIAIS: IMPORTÂNCIA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).

A familia é uma das redes sociais mais importante para o ser humano, pois além de ser a primeira instituição social na qual é inserido ao nascer, muitas vezes, na velhice é a única rede social na qual o idoso permanece. A família é fundamental na manutenção da saúde física e mental dos idosos, inclusive a maioria dos cuidadores é algum familiar do idoso (filhos, esposa(o), netos, irmãos). O apoio famíliar garante o convívio social e as possibilidades de acesso as atividades sociais, culturais e de lazer que permitem a melhoria na qualidade de vida (QV), principalmente, se o arranjo familiar for intergeracional. Os benefícios do convivio familiar vão da companhia e apoio emocional até a ajuda física e financeira. A família é um suporte social importante para a qualidade de vida dos idosos. Os idosos que convivem com seus familiares tem menos problemas de depressão, tem melhor autoestima e vivem bem melhor o processo de envelhecimento. Há aspectos negativos, como: maus-tratos (67% dos agressores são familiares), divergências de idéias e de valores, problemas socio-econômicos, falta de informação. A análise da produção científica sobre idosos e família disponível na Scielo e na PsycINFO revelou, respectivamente, 191 e 5.602 resumos de artigos, de 1978 à 2011, utilizando as palavras-chave: idoso (elderly) e família (family). Os resultados revelaram que a publicação na base de dados brasileira é 28 vezes menor que na estrangeira, sendo a média de seis e de 169 artigos/ano. Em 2011, foram publicados 30 estudos na Scielo contra 239 na PsycINFO. Na Scielo, a pesquisa de campo foi identificada em 89% dos resumos, sendo 100% do tipo descritivas. No PsycINFO, 100% eram artigos de pesquisa, sendo 4,6% de revisões da literatura, o que denota o avanço científica sobre o assunto na literatura estrangeira, pois este resultado é um indicador do conhecimento na área de idosos e família. O mesmo registro de revisão da literatura não é encontrado na base de dados brasileira, o que estabelece a necessidade de estudos sobre os idosos brasileiros e as dinâmicas familiares, tendo em vista a importância do seu papel na manutenção e promoção das redes sociais dos idosos como fator de proteção e promoção do bem estar no Envelhecimento. Os participantes dos estudos foram: 73% idosos e 27% cuidadores e a entrevista foi o instrumento mais utilizado (32%) e questionário (7%) na SciELO. Na PsycINFO foram 87% de participantes idosos e 13% sobre cuidadores, sendo a entrevista (40%) e o Teste Mini-Mental (11%) os instrumentos mais utilizados. Conclui-se que a produção científica sobre os idosos e a família no Brasil é incipiente e merece mais atenção por parte dos pesquisadores e agências de fomento, assim como é notoria a necessidade de pesquisas de revisão sistemática e a realização de novos trabalhos de meta-análise com o uso de estatísticas mais complexas que permitam uma melhor compreensão sobre a influência da família no envelhecimento saudável dos idosos.

Palavras-chave: idosos, metaciência, familiares

Pesquisador – P

DES – Psicologia do Desenvolvimento

2º Apresentador: Geraldina Porto Witter

EDUCAÇÃO, QUALIDADE DE VIDA E VELHICE. Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo - SP).

Envelhecer é um processo natural que muitos não chegam a vivenciar. O segmento de idosos vem crescendo nas últimas décadas em decorrência de maiores conhecimentos sobre a sua saúde biopsicossocial e da sua utilização no atendimento a estas pessoas. Todavia, também verifica-se que nem a sociedade nem as próprias pessoas mostram-se suficientemente preparadas para esta fase do ciclo de vida. Múltiplas variáveis estão presentes mas a educação, incluindo aprendizagem e desenvolvimento de competências especificas, está subjacente a todas elas. É necessário cuidar dos aspectos educacionais para que se possa

efetivar uma boa qualidade de vida (QV) durante a velhice. Entretanto, há poucos dados disponíveis. Usando por expressão de busca Educação e QV independentemente da idade, e a mesma expressão mas associada à velhice, constatou-se na SciELO no primeiro caso 78 artigos já no segundo nenhum; na base ERIC foram listados 1140 artigos mas só 22 envolvendo idosos, na mesma apareceram no geral 34 livros e 88 dissertações e teses, mas nenhum privilegiando os idosos. No PsycINFO foram referidos sem focar a velhice 48 artigos e 5 livros, ao se focar na velhice nenhum texto foi obtido. Restringindo o campo para Aprendizagem e QV de vida na velhice, na SciELO nenhum texto foi encontrado, em ERIC, seis artigos, um livro e uma tese, no PsycINFO o quadro é bem melhor com 98 artigos, 6 livros e 160 dissertações e teses. Isto pode ser visto como indicativo de que os que atuam na psicologia tendem a focar mais especialmente a aprendizagem, enquanto que na Educação (ERIC) são aspectos mais globais. Todavia se está diante de uma questão bastante complexa que não envolve só o idoso e como ele se preparou, o que aprendeu e usa para assegurar boa QV o que de fato, envolve toda a comunidade e as gerações anteriores. Tal educação deve começar na educação infantil focando as diferenças entre gerações e como uns podem ajudar o viver dos outros melhorando a QV de todos. Implica em cuidar da questão tanto no lar como ao longo da vida acadêmica, da pré- escola à universidade, por exemplo em projetos de extensão e de Universidade para a 3ª idade. Em um país com tantos problemas educacionais, sociais e carência de recursos humanos, além dos econômicos, inserir os idosos em programas de motivação, remediação e de apoio a escolares em todos os níveis educacionais seria um grande avanço, o que já se registra há décadas em outros países. Inclui capacitar cuidadores, aprender a conviver com o cuidador dentro dos limites de suas condições biopsicosociais e preparar as famílias para o envelhecimento de seus membros e estes para mudarem o que for preciso para facilitar a manutenção da QV. Governo, sistema educacional, família e cada geração precisam preparar-se e promover programas para assegurar melhor QV para todos, inclusive para os idosos. Entretanto tudo requer pesquisas para gerar evidências científicas do proposto e de avaliação de sua implantação.

Palavras- chave: Aprendizagem, Velhice, Desenvolvimento Humano

Pesquisador - P

DES – Psicologia do Desenvolvimento

3º Apresentador: Elza Maria Tavares Silva

CUIDADOR DO IDOSO E QUALIDADE DE VIDA. Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo - SP).

Envelhecimento é um processo complexo, geralmente associado a doenças, incapacidades, dependência e perda de autonomia. Tal condição requer a atenção de outras pessoas para oportunizar qualidade de vida. Qualidade de vida (QV) que pode ser entendida como sentido, objetivos, expectativas que o indivíduo dá à sua vida. Para dar apoio a esses propósitos surgem os cuidadores divididos em graduações variadas, entre o setor público e o privado, incluindo benefícios, políticas e serviços previdenciários, organizações sindicais, empresas e seguro saúde. O quadro apresentado de sobrevivência dos idosos, no Brasil, põe em destaque para muitos a dependência de uma ou mais pessoas que suprem as suas capacidades para a realização das atividades diárias. De acordo com o grau de envolvimento podem ser eles principais ou primários (os que se encarregam da maior parcela de tarefas); secundários (colaboram com tarefas mais específicas) e terciários (realizam tarefas esporádicas). Preparo, atenção, carinho e educação são itens essenciais para o papel complexo do cuidador no atendimento ao idoso, para que lhe seja garantida a qualidade de vida. Esta tem relação com

saber ser companhia adequada, ser paciente, ter autocontrole, respeitar as características individuais, compartilhar, saber ouvir, tomar decisões conjuntas com membros da família e outros profissionais, numa demonstração de que, com estes princípios educacionais referentes ao cuidador, o idoso por ele atendido e também sua família sintam-se amparados. Considerando que esse novo tempo dos velhos requer planejamento, logística, formação adequada de cuidadores, qualidade de vida e, sobretudo, sensibilidade para saber que de agora em diante a população idosa continuará aumentando até os anos 2050, pesquisas são necessárias, pois, em algumas áreas, ainda elas são poucas. Levantamento feito na área de Ciências da Saúde em Cadernos de Saúde Pública – revista mensal – num período de cinco anos (2007 a 2011) houve a publicação de 74 artigos referentes aos idosos, fato este relevante; já na área de Ciências Humanas, três periódicos foram analisados: o primeiro, Psicologia Ciência e Profissão – periódico trimestral – análise feita no intervalo de 2009 a 2011 publicou cinco artigos referentes aos idosos; em Psicologia & Sociedade – periódico quadrimestral – no período de 2007 a 2011 publicou um único artigo; em Psicologia: Reflexão e Crítica - periódico trimestral – no mesmo período, publicou quatro artigos enfocando idosos, o que demonstra carência de estudo do tema nesta área. Na verdade, há carência de evidências em todas as áreas. Há pouca produção sobre o envelhecimento, em particular focando os cuidadores. Portanto, é fundamental investir em pesquisas que auxiliem na promoção da autonomia e da vida saudável desse grupo social, como também prover adequada atenção às suas necessidades.

Palavras-chave: tipologia do cuidador; interação cuidador-idoso; bem-estar.

Pesquisador – P

DES – Psicologia do Desenvolvimento

Proponente: Carmem Beatriz Neufeld

Área da Psicologia: Psicologia Cognitiva

INTEGRANDO OS PROCESSOS BÁSICOS COM A CLÍNICA: A INTERSECÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E TERAPIA COGNITIVA

Justificativa: O presente simpósio apresenta dados da literatura sobre pesquisa básica em Psicologia Cognitiva referindo-se a diferentes Processos Cognitivos Básicos e traça sua relevância e intersecção com a Terapia Cognitiva. Tal proposta torna-se relevante na medida em que oportuniza, tanto para pesquisadores quanto para terapeutas, vislumbrar as interações entre diferentes áreas do conhecimento. Tais áreas apesar de complementares desenvolvem-se em paralelo dentro do ensino formal de psicologia e isso muitas vezes dificulta para os profissionais promover a necessária integração entre tais conhecimentos.

Coordenador: Carmem Beatriz Neufeld

QUALIDADE DA MEMÓRIA EM POPULAÇÃO CLÍNICA DE PORTADORES DE FOBIA SOCIAL. Carmem Beatriz Neufeld, Priscila de Camargo Palma** e Carolina Prates Ferreira Rosseto (Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental - LaPICC, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).
As falsas memórias são recordações de situações, eventos que na realidade não ocorreram exatamente como lembramos. No processo de recuperação da memória, envolve voltar mentalmente e reviver a experiência, e durante essa recuperação podem ocorrer erros, fazendo com que a memória não seja recordada exatamente como aconteceu. Desde a década de 90 pesquisadores vêm estudando processos mnemônicos e acreditam que as falsas memórias ocorreriam apenas para fatos periféricos da vida das pessoas, com isso, tarefas fáceis não utilizariam recursos atencionais suficientes para serem memoráveis. Nesse mesmo sentido, alguns pesquisadores também ressaltam que a sugestão de informações falsas não ocorreria para a memória de eventos que realmente foram vivenciados, ou seja, estariam imunes a tais erros. No entanto, estudos recentes têm indicado que tais premissas não são necessariamente verdadeiras. Tem se mostrado que o tempo pode transformar nossas memórias. Além disso, sabe-se que o nível de desajustamento e instabilidade emocional, interfere para um maior número de falsas memórias. A ansiedade é uma resposta adaptativa, normal e passa a ser patológica quando é desproporcional diante da situação desencadeante. Indivíduos com ansiedade social acabam por apresentar altos índices de desajustamento social e sendo assim, poder-se-ia hipotetizar que tais sujeitos fossem mais suscetíveis a erros de memória. O presente estudou visou comprar participantes adultos portadores de Transtorno de Ansiedade Social (TAS) e participantes adultos sem esses sintomas (n = 119), a partir de uma sequência de onze slides e dois tipos de narrativa, com impacto emocional e sem impacto emocional. Os participantes foram contatados por telefone, e após aceite dos mesmos, a coleta de dados foi realizada individualmente e ocorreu no laboratório de Psicofarmacologia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. Inicialmente foi apresentado o material alvo, depois uma tarefa de distração e por fim o teste de memória autoadministrado. Foram realizadas análises paramétricas utilizando o test t de student e análises de Variância (ANOVA). Todos os tratamentos estatísticos utilizaram um α < 0,05 para o teste de hipóteses e testes post hoc com correção para Bonferroni para identificar as possíveis diferenças encontradas. Os resultados sugerem que os participantes os quais foram submetidos à versão com impacto

emocional obtiveram índices maiores de memória verdadeira, sugerindo que a emoção agiu como protetora. Porém quando se analisa tais resultados separados por grupos clínicos, tal resultado desaparece. Além disso, participantes portadores de TAS obtiveram índices superiores de falsas memórias e também de respostas não–mnemônicas, sugerindo que a ansiedade social tem uma ação significativa sobre a performance de memória. Tais dados sugerem que indivíduos com TAS podem estar mais suscetíveis a lembranças distorcidas e ainda à recuperação de informações que nem sequer tenham relação com o evento vivenciado, tendo importantes implicações na manutenção de seu transtorno. Considerando a falta de pesquisas em população clínica, vê-se a necessidade de abordar tal tema o qual pode ter repercussões dentro do âmbito clínico, assim como dentro do âmbito jurídico, acarretando consequências decisivas na vida das pessoas.

Apoio financeiro: FAPESP e CAPES

Palavras-chave: Falsas memórias, processos básicos, população clínica.

P

COG

2º Apresentador: Sérgio Sheiji Fukusima

PÓS-EFEITO DE ADAPTAÇÃO VISUAL A FACES COM EXPRESSÕES DE ALEGRIA E TRISTEZA NOS HEMICAMPOS VISUAIS DIREITO E ESQUERDO. Sérgio Sheiji Fukusima e Juliana Siquinelli Padula* (Departamento de Psicologia, FFCLRP, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).

Há evidências que as informações sobre emoções são processadas diferentemente pelos hemisférios cerebrais, sendo que duas teorias são predominantes para explicar essa assimetria. Uma delas preconiza que o hemisfério direito prevalece no processamento de todos os tipos de emoções em relação ao hemisfério esquerdo enquanto a outra teoria preconiza que o hemisfério direito prioriza o processamento de emoções de valência negativa e o hemisfério esquerdo prioriza o processamento de emoções de valência positiva. Relatos em literatura favorecem tanto uma quanto outra teoria, não se chegando a um a conclusão definitiva. Com o intuito de investigar as diferenças entre hemisférios cerebrais nos processos de faces emotivas com valência positiva e negativa, planejou-se um novo paradigma que se fundamenta na investigação do pós-efeito causado pela adaptação visual a faces com expressões emocionais nos hemicampos visuais direito e esquerdo. Esse pós-efeito consiste em perceber alterações transitórias na aparência de um novo estimulo apresentado no mesmo local do estímulo anteriormente exposto por um período de tempo. No caso de adaptação visual a faces, sabe-se que a adaptação a imagens de faces alegres no centro do campo visual produz um pós-efeito de face triste sobre faces neutras; e a adaptação a faces alegres, pós-efeito de face triste. No entanto, nada se sabe sobre esse pós-efeito a faces emotivas se a adaptação visual ocorre de forma lateralizada no campo visual. Para checar isso foi planejado um experimento em que imagens de faces alegres ou tristes foram mostradas por 60s numa tela de computador de modo que elas fossem projetadas nas retinas nasais ou temporais de adultos jovens e destros (homens e mulheres), com acuidade visual normal e em condição de visão binocular. Logo em seguida, a imagem a qual ocorreu a adaptação visual era substituída por uma face neutra. Após observar o pós-efeito na face neutra, os participantes registraram a intensidade do pós-efeito numa escala de faces emotivas morfimizadas, cuja variação das expressões emocionais se dava entre face triste e neutra e entre a face neutra e alegre. Os resultados mostraram que para as mulheres, as adaptações à face alegre e triste conduziram ao pós-efeito esperado, ou seja, a face neutra foi percebida como triste e alegre respectivamente em ambos hemiscampos visuais. Porém, para os homens, a adaptação

causou pós-efeito esperado somente para a adaptação a face alegre no hemicampo esquerdo; enquanto que no hemicampo direito a adaptação às faces emotivas causou pós-efeitos não esperados: a face neutra não foi percebida como alegre após adaptação a face triste, mas sim, como triste. E adaptação a faces alegres não causou pós-efeito significativo sobre a face neutra. Esses resultados acrescentam novidades quanto a modulação do pós-efeito de adaptação visual a faces emotivas e sugerem que expressões faciais com valências positivas e negativas são processadas diferentemente pelos hemisférios cerebrais direito e esquerdo de homens e mulheres.

Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: pós-efeito visual, percepção de faces emotivas, assimetria cerebral

3º Apresentador: Ana Irene Fonseca Mendes

PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO NA DEPRESSÃO E SUAS IMPLICAÇÕES EM INTERVENÇÕES PSICOTERÁPICAS. Ana Irene Fonseca Mendes (Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental – LaPICC, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP/RP).

A depressão é um transtorno do humor caracterizado pelo humor deprimido ou perda de interesse ou prazer em quase todas as atividades. Além disso, pode apresentar sintomas físicos identificados pela modificação no apetite, no sono e perda ou ganho de peso. Os estudos sobre processamento da informação com pacientes deprimidos têm como objetivo descrever as eventuais alterações cognitivas durante um episódio depressivo, fornecendo melhor entendimento do transtorno. O presente trabalho visa apresentar uma revisão da literatura sobre os estudos sobre processamento de informação no transtorno depressivo com intuito de auxiliar na elaboração de intervenções terapêuticas mais efetivas. Nas pesquisas encontradas, têm-se que as alterações cognitivas durante o estado depressivo incluem redução das habilidades atentiva e mnêmica e lentidão do pensamento. Adicionamente, as pesquisas indicam que estas alterações não podem ser atribuídas exclusivamente a aspectos motivacionais. No que tange a atenção, encontrou-se comprometimento da capacidade de sustentar a atividade cognitiva e motora, de alternar o foco de atenção, apresentando dificuldade na atenção dividida. As pesquisam apontam que esses déficits têm relação com a gravidade do quadro depressivo, sendo mais intensos em pacientes que necessitam de internação hospitalar. Com relação a memória, têm-se que pacientes deprimidos apresentam seletividade na evocação do material mnemônico, evocando maior quantidade de material com conteúdo negativo do que com conteúdo positivo. Quanto a velocidade de processamento cognitivo, encontrou-se que há lentidão deste em pacientes bipolares, unipolares, jovens e idosos. A capacidade de tomada de decisão também encontra-se prejudicada em pacientes deprimidos. Em pessoas normais, a emoção guia a cognição facilitando o processo de tomada de decisão. Entretando, estudos com pacientes deprimidos demonstram que eles têm dificuldades em tomar decisões, são mais lentos no processo de deliberação, mais inseguros e aplicam estratégias mais conservadoras de resolução de problemas. As pesquisas encontradas também indicam que pacientes deprimidos apresentam distorção na percepção do feedback ambiental, respondendo anormalmente, sobretudo quando o feedback é negativo. Olhando-se para estudos de neurofisiologia, têm-se que, em pacientes deprimidos, esta resposta comportamental anormal está associada a resposta neural anormal na região do caudado medial e do córtex órbito-frontal ventro-medial. Essas áreas estão na base do processamento cognitivo de significados emocionais, sendo ligadas a estruturas límbicas envolvidas no processo de motivação, incentivo e reforço. Apesar dos

dados de literatura não serem conclusivos em relação a etiologia do transtorno, os achados devem ser considerados de grande importância para a compreensão da depressão. Os resultados acima descritos devem, de algum modo, guiar as intervenções psicoterápicas. Sugere-se que estas atendem para tomada de decisão e resolução de problemas, e utilizem técnicas que propiciem a mudança do foco atencional e promovam a capacidade de memorização e evocação de memórias positivas do paciente. Ressalta-se que deve-se dar atenção especial a percepção do paciente, uma vez que os dados indicam que esta encontra-se distorcida.

Palavras-chave: processamento da informação, psicologia cognitiva, depressão

P

Proponente: Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré

Área da Psicologia: Psicologia da Saúde

PESQUISA E INTERVENÇÃO SOBRE A REDE SOCIAL SIGNIFICATIVA NO CONTEXTO DA SAÚDE: OS DESAFIOS DE SUA VISIBILIZAÇÃO.

Justificativa: Considera-se que a rede social, seja da ordem individual, familiar, seja da ordem institucional ou comunitária, pode ser considerada como um dos principais recursos de que dispõe um indivíduo, principalmente, no que diz respeito ao apoio recebido e percebido. Dos diferentes campos das ciências humanas e da saúde, estudos e pesquisas em torno desta temática, são unânimes, em afirmar a estreita relação entre a qualidade do desenvolvimento humano e a qualidade das redes sociais com as quais o indivíduo interage. Essa relação traz à tona, por sua vez, a importância dos fatores potencialmente de risco e potencialmente de proteção, aos quais indivíduos estão expostos. Nesse sentido as investigações científicas que tratam das redes põem em evidência que a pobreza das redes sociais afeta, negativamente, a qualidade de vida dos sujeitos e, de modo inverso que, as redes sociais estáveis e variadas favorecem positivamente a auto-estima, gerando a capacidade de enfrentamento das situações vitais difíceis, de forma adequada, sejam elas crônicas ou temporárias.Tendo como referência a atualidade da temática e centralidade dos estudos sobre a configuração, dinâmica e impacto das redes sociais, para o indivíduo e sua família, destaca-se a relevância das redes para o desenvolvimento dos sujeitos ao longo do ciclo vital . Nesse contexto, a presente proposta de simpósio tem como objetivo apresentar dados atuais de investigações relacionadas ao tema, em diferentes fases do ciclo vital do indivíduo e família, assim como instrumentos de pesquisa e intervenção, que visam mapear as redes sociais significativas do indivíiduo e ou família. Pretende-se gerar subsídios para um debate problematizador sobre a temática de redes sociais no âmbito da investigação, assim como sobre suas repercussões na intervenção psicológica propriamente dita no contexto da saúde.
Palavras chaves: Redes sociais - Saúde - Metodologia qualitativa.

Coordenador: Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré

CONFIGURAÇÃO E DINÂMICA RELACIONAL DAS REDES SOCIAIS SIGNIFICATIVAS DO INDIVÍDUO E DA FAMÍLIA ATRAVÉS DO MAPA DE REDE. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Programa de Pós-graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina - SC).
A temática das redes sociais e seu efetivo reconhecimento, no campo da produção científica, sustenta-se a partir da emergência de uma nova posição epistemológica de se pensar e fazer ciência. Essa posição caracteriza-se, eminentemente, pela problematização de crenças básicas que sustentam o saber produzido pelas diferentes disciplinas científicas, presentes no paradigma tradicional. Por sua vez, caracteriza-se também pela incorporação dos pressupostos que sustentam o pensamento sistêmico, tais como: o da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, enquanto perspectivas que tentam responder ao reconhecimento de uma realidade multifacetada, multidimensional, contextual e co-construída pelos seus protagonistas. Nesse sentido, tendo como referência o pensamento sistêmico e o olhar do construcionismo social, considera-se que aprofundar os estudos das redes sociais implica no desafio de reconhecer as pessoas, tanto como produtores de sentido, como produzidos pelas construções da trama social. Assim, o sujeito pode ser considerado uma unidade heterogênea,

aberta ao intercâmbio produzido através de sua participação nos jogos sociais e pela linguagem enquanto construtora de sentidos e significados atribuídos à realidade. As redes sociais influenciam diretamente o sentimento de autoestima, identidade e competência de um indivíduo, sendo centrais em situações de crises. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é a apresentação do mapa de rede social pessoal proposto por Carlos E. Sluzki, como instrumento de coleta de dados no contexto da pesquisa qualitativa. Ancorados na experiência de investigações desenvolvidas, evidencia-se sua construção, tendo como referência quatro quadrantes de registro: família, amizades, comunidade e trabalho, e seus três diferentes níveis de intimidade e compromisso relacional. Aponta-se seu potencial gráfico, descritivo e de conteúdo e as possibilidades de construção e nomeação de categorias de análises resultantes da triangulação, seja de conceitos teóricos, seja do próprio instrumento ou da narrativa dos participantes. Considera-se que a busca de instrumentos sensíveis para mostrar e possibilitar descrições da dinâmica das redes sociais constitui-se num desafio permanente, tendo em vista o processo de constante mudança de suas configurações ao longo do ciclo vital e pela influência das transformações sociais de um modo geral. Nesse contexto o mapa de redes constitui-se numa possibilidade relevante de acesso às redes, pela sua potencialidade descritiva de concretizar informações, através de um registro específico de um dado momento ou situação de vida de um indivíduo ou família, a qual pode ser relacionada com outros momentos do desenvolvimento e variáveis escolhidas para a investigação.

Palavras chaves: redes social, metodologia qualitativa, instrumento qualitativo

Pos-doutorado –PD

Apoio CAPES/Fundação Carolina

SAÚDE – Psicologia da Saúde

2º Apresentador: MARINA MENEZES

VISIBILIZANDO AS REDES SOCIAIS SIGNIFICATIVAS DE FAMILIARES ACOMPANHANTES DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS ATRAVÉS DO MAPA DE REDE. Marina Menezes (Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí-SC) e Luisa Barros (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa - FPUL, Lisboa – Portugal).

A rede social tem um papel fundamental no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento de situações de crise, pois, as diversas aprendizagens efetuadas pelas pessoas podem ser potencializadas quando são partilhadas socialmente na busca de soluções para problemas comuns. O presente estudo objetivou descrever as redes de relações significativas citadas pelo familiar acompanhante da criança hospitalizada durante o período de internação e identificar as estruturas relativas a tamanho, distribuição de membros e funções nas redes. Este trabalho faz parte de uma Tese de Doutorado em Psicologia, na qual participaram 20 acompanhantes de crianças entre 5 a 12 anos, de ambos os sexos que se encontravam hospitalizadas pelo tempo médio de 3 a 5 dias, nas clínicas médica e cirúrgica em um hospital pediátrico público de uma cidade do Sul do Brasil. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, seguida do Mapa de Rede, que é uma forma de registro da rede social através de um mapa sistematizado em quatro quadrantes: a) família; b) amizades; c) relações de trabalho ou escolares; e d) relações comunitárias, de serviços ou de credo. Tais quadrantes são inscritos em três áreas (círculos): um círculo interno de relações íntimas; um círculo intermediário das relações pessoais com menor grau de compromisso e um círculo externo de conhecidos e relações ocasionais. Nesta pesquisa, o Mapa de Rede foi adaptado para o contexto hospitalar, incluindo as relações no contexto do hospital, aas relações com outros serviços fora do hospital e as relações com a equipe de saúde do hospital, substituindo as relações com a

comunidade que acabaram sendo contempladas nas relações fora do hospital. Os dados foram analisados a partir da Teoria Fundamentada Empiricamente. A elaboração do Mapa de Rede com os participantes ocorria após a entrevista com o familiar acompanhante da criança e para tanto, a pesquisadora apresentava o desenho do mapa em folha A3. Os dados indicaram que a Rede Social com mais indivíduos citados foi a Familiar (187); seguida da Rede de relações com a Equipe de Saúde do Hospital (113) e da Rede de relações no Contexto do Hospital (112); na seqüência foram citadas a Rede de Amizades (101); a Rede de relações de Trabalho ou Estudo (42) e a Rede de relações com Outros Serviços Fora do Hospital (33). O pai foi citado como quem fornece maior apoio à família durante a hospitalização, além dos vizinhos e amigos que auxiliam com os cuidados da casa e filhos. No contexto do hospital, os porteiros e copeiros foram considerados as pessoas que apresentaram uma atitude mais acolhedora e próxima, além dos enfermeiros que foram citados como as pessoas mais significativas da equipe de saúde. Os familiares quando podem contar com uma rede de apoio atuante, vivenciam a internação hospitalar do filho de forma mais positiva. Além disso, o conhecimento das características das famílias com membros hospitalizados possibilita à equipe de saúde uma escuta mais integradora, favorecendo o desenvolvimento da perspectiva da clinica ampliada , e, portanto, mais próxima das necessidades dos envolvidos.

Apoio: Capes
Palavras-chave: redes sociais significativas; família; hospitalização
Doutorado –D
SAÚDE – Psicologia da Saúde

3º Apresentador: Ana Claudia Nunes de Souza Wanderbroocke

REDES SOCIAIS SIGNIFICATIVAS DE MULHERES IDOSAS NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DA ATENÇÃO BÁSICA. Ana Claudia Wanderbrooke (Curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná -PR.)

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, teve por objetivo analisar os recursos de enfrentamento diante da violência familiar por idosas no contexto da atenção primária. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que subsidiaram a construção do mapa de rede, com idosas identificadas por profissionais como vítimas de violência. Para a análise dos dados utilizou-se a Teoria Fundamentada Empiricamente, que permitiu a construção de categorias, subcategorias e elementos de análise. A partir da categoria “aspectos que sustentam violência familiar e ações que facilitam o enfrentamento” foi possível perceber que o enfrentamento deste agravo está diretamente relacionado com os significados de violência construídos pelos idosos, possibilitando o seu enfrentamento ou, restringindo a identificação da situação e a busca por solução. Assim, a construção do Mapa de Rede pelos participantes evidenciou, por um lado, a fragilidade da rede pessoal significativa das idosas, e por outro, o seu potencial para o enfrentamento de situações de violência familiar. Considerando-se a rede familiar das participantes, observou-se a significativa proximidade com o agressor e simultaneamente, o distanciamento com os demais membros da família que moravam distante ou estavam pouco envolvidos. Essa ocorrência permitiu manter a violência em segredo, durante um período. No entanto, os integrantes da rede familiar foram os primeiros a serem acionados quando da revelação da agressão. A rede de relações de amizade indicou diminuição do número de integrantes em decorrência do afastamento social, associado ao processo de envelhecimento humano, intensificado pelas vivências de violência familiar. Dessa forma, deduz-se que a limitação da rede de amizades é um fator, tanto para aumentar a vulnerabilidade para a violência, quanto é conseqüência da violência sofrida. O quadrante de relações comunitárias

mostrou a relevância da participação dos vizinhos para a regulação social da violência, porque eram as pessoas facilmente acionáveis e disponíveis durante os episódios de agressão mais graves. Contudo, os mecanismos de tolerância social, ainda são um impedimento para aumentar a efetividade de sua participação. Os funcionários dos órgãos de Justiça e da Saúde constam entre os indicados para compor as redes de relações comunitárias. Os primeiros foram os mais procurados quando as participantes decidiram romper o silêncio e buscar ajuda fora das fronteiras familiares. É importante ressaltar a falta de participação dessas idosas em outros grupos de pertença e dessa maneira, a ausência de membros da comunidade, representantes de órgãos que também poderiam ser fonte de apoio diante de problemas familiares. A UBS demonstrou ser um local potencial para a ampliação da rede de idosos vítimas de violência familiar, apesar de ainda pouco reconhecido e explorado. Mesmo sem a sistematização do trabalho para atender a essas situações, pela experiência das participantes, percebeu-se que as intervenções profissionais foram fundamentais para que algumas idosas conseguissem romper o ciclo de violências familiares a que estavam sujeitas. As intervenções se mostraram mais eficazes nos casos em que os profissionais, em parceria ou não, com outros órgãos públicos, acolheram o pedido de ajuda com prontidão, ofereceram apoio emocional seqüencial, orientação e encaminhamentos para serviços competentes. Serviram ainda como mediadores entre a idosa e seu agressor, atendendo à demanda em sua integralidade e estabelecendo assim, um vínculo de confiança. Quanto ao serviço de atenção primária à saúde, ficou evidente a necessidade de ampliar o diálogo sobre o tema, entre os profissionais e os usuários. Promover a conscientização da população para casos de violência e a identificação da US como um espaço de auxílio, é outro investimento necessário. Esta pesquisa mostrou que entre os entrevistados, nem todos conseguiram perceber a US como uma fonte de ajuda para a violência sofrida ou buscaram ajuda para problemas concorrentes e não revelaram que a situação também envolvia violência familiar. Outro aspecto para viabilizar são as medidas de rastreamento de casos para estabelecer ações preventivas ou intervir precocemente em situações suspeitas ou confirmadas, e assim, estabelecer uma busca ativa.

Palavras-chave: redes sociais, violência, enfrentamento

Doutorado –D

SAÚDE – Psicologia da Saúde

Proponente: Cibele Cunha Lima da Motta

Área da Psicologia: Psicologia da Saúde

A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DA CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS NA ESCUTA DA ASSISTÊNCIA AOS USUÁRIOS DE SAÚDE.

Justificativa: Os significados são fruto de um processo humano de linguagem que organiza e sustenta a trajetória das narrativas sociais. Nesse sentido, o processo de significar se dá nos espaços interacionais das relações humanas num contexto determinado, que se configura como campo de constituição de subjetividades e se co-constroem recursivamente a partir dessas interações. A busca do reconhecimento da construção dos significados num dado contexto se constitui em uma via de acesso aos componentes da narrativa dos sujeitos e evidencia as construções desenvolvidas nessas interações. Nesse sentido, investigar a construção dos significados na assistência aos usuários de saúde possibilita compreender a realidade construída nos contextos de serviços de atenção à saúde tendo como foco a temática investigada. Portanto, o objetivo desse trabalho é abordar a importância do reconhecimento da construção dos significados na escuta da assistência aos usuários de saúde. A proposta da mesa redonda congrega quatro pesquisas de natureza qualitativa cujos objetivos abordam a questão do significado, realizadas tanto em contexto hospitalar quanto em contexto de saúde comunitária. Um trabalho foi realizado com base na perspectiva do profissional de saúde tendo como contexto as redes de municipais de saúde, sendo esse: (1) os significados acerca da compreensão conceitual da depressão na perspectiva da prática do psicólogo no contexto da rede municipal de saúde. O contexto hospitalar e a perspectiva do usuário foram contemplados pelas pesquisas: (2) Expectativas diante da cirurgia cardíaca eletiva: significados atribuídos por pacientes pré-cirúrgicos e (3) Significados de saúde, doença e hospitalização na infância para cuidadores de crianças hospitalizadas. As propostas de trabalhos apresentadas abarcam os principais contextos de assistência e têm como sujeitos a díade interacional - o profissional e o usuário, o que possibilita uma amplitude na discussão acerca dos significados na assistência em saúde. Dado a compreensão sobre o significado na construção das narrativas sociais, a realização dessa mesa redonda, com a participação desses trabalhos, possibilita uma discussão sobre o (re)conhecimento ou ainda um aprofundamento sobre as interações existentes nesses contextos de saúde e uma reflexão de como esses espaços de interações se constroem em suas potencialidades ou limitações.

Coordenador: Cibele Cunha Lima da Motta

OS SIGNIFICADOS ACERCA DA COMPREENSÃO CONCEITUAL DA DEPRESSÃO NA PERSPECTIVA DA PRÁTICA DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DA REDE MUNICIPAL DE SAÚDE. Cibele Cunha Lima da Motta** (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC); Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).

A compreensão dos significados acerca do conceito da depressão constitui-se uma via de acesso à forma de direcionar o agir nos distintos contextos. A proposta desse trabalho foi de compreender a construção dos significados acerca do conceito da depressão que sustentam a luz das práticas dos psicólogos de uma rede municipal de saúde mental e refletir sobre as possíveis implicações desses significados na atuação do psicólogo. O estudo foi realizado sob a perspectiva dos pressupostos epistemológicos do pensamento complexo, sendo este de

natureza qualitativa ancorado nos princípios da teoria fundamentada empiricamente (Grounded Theory). Participaram da pesquisa 22 psicólogos atuantes na rede municipal de saúde mental. A coleta de dados iniciou-se por meio de um processo de observação participante de campo que possibilitou conhecer o contexto institucional considerando as políticas públicas de atenção à saúde mental e processos de trabalho. A etapa seguinte constituiu-se da realização da entrevista semi-estruturada. A análise foi realizada por meio da teoria fundamentada nos dados (Grounded Theory) e em conjunto com o recurso do software Atlas/ti 5.0, que possibilitou a integração e organização dos dados em categorias. Os resultados evidenciaram a presença de uma pluralidade de significados sobre o conceito da depressão, que foram organizados em três categorias: (A) Depressão Como Construção Subjetiva, cujos significados conceituais se ancoraram em uma compreensão psicodinâmica da depressão; (B) Depressão como Quadro Clínico, em que se apresentaram significados conceituais baseados na descrição sintomática do quadro depressivo; (C) Depressão na Perspectiva Biológico Funcionalista, cujo significado representa o conceito de transtorno mental. A maior parte dos psicólogos conceituou a depressão a partir da perspectiva de transtorno mental baseado na descrição de sintomas, evidenciando uma adesão ao conceito de depressão que sustenta os processos de diagnóstico e modos de atendimento que perpetuam as formas de tratamento vigentes. O predomínio dessa concepção pode ser compreendido como um elemento limitador na construção de propostas terapêuticas frente aos princípios do conceito norteador da clínica ampliada e compartilhada, que preconiza uma compreensão multidimensional dos processos de saúde e doença.

Bolsa CAPES/PNPD
Palavras-chave: prática psicológica, depressão, conceito, saúde mental, atenção básica.
Nível do trabalho: PD
SAÚDE Psicologia da Saúde

2º Apresentador: Marina Menezes

SIGNIFICADOS DE SAÚDE, DOENÇA E HOSPITALIZAÇÃO NA INFÂNCIA PARA CUIDADORES DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS. Marina Menezes (Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí UNIVALI, Itajaí-SC); Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis-SC); Luisa Barros (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa - FPUL, Lisboa Portugal).
As evidências sobre os efeitos da separação, privação e institucionalização para a saúde mental das crianças incentivaram a tomada de medidas efetivas para a inclusão de familiares durante o processo de hospitalização infantil, assim como a constatação de que a presença da família durante esse processo, favorece o desenvolvimento da criança e possibilita aos acompanhantes o aprendizado de cuidados básicos com a criança hospitalizada. O conhecimento sobre as significações dos adultos, que representam as explicações ou idéias sobre como estes interpretam a realidade, possibilita compreender a construção das signficados das crianças, visto a influência que as crenças e atitudes parentais têm sobre o desenvolvimento infantil. O presente estudo objetivou compreender as signficados do processo de hospitalização a partir da perspectiva do cuidador da criança hospitalizada, identificando também os conhecimentos sobre saúde, doenças e tratamentos na infância. Este trabalho faz parte de uma Tese de Doutorado em Psicologia, na qual participaram 20 cuidadores de crianças com idades entre 5 a 12 anos, de ambos os sexos que se encontravam hospitalizadas pelo tempo médio de 3 a 5 dias, nas clínicas médica e cirúrgica (SUS), acometidas por doenças agudas (15) e crônicas (5) em um hospital pediátrico de uma cidade

do Sul do Brasil. Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, além de observações sistemáticas, realizadas com registro cursivo e anotações do diário de campo. Os dados foram analisados a partir da Teoria Fundamentada Empiricamente através da análise de conteúdo das entrevistas. Os cuidadores eram 15 mães, 3 pais, 1 avô e 1 irmã. A análise de conteúdo possibilitou a organização dos dados em cinco grandes categorias: 1) conceitos gerais de saúde, doenças, hospitalização e tratamentos de crianças para o cuidador; 2) conhecimentos do cuidador sobre a doença e a hospitalização da criança; 3) vivência do cuidador mediante a doença e a hospitalização da criança; 4) relação do cuidador com a equipe de saúde do hospital; e 5) redes de suporte familiar, social, de serviços de saúde e hospitalar. Os resultados evidenciaram significados dos cuidadores sobre saúde e doença de crianças, relacionadas à evitação de comportamentos de risco e à falta de cuidados parentais. O hospital foi definido como um local que trata as doenças, mas restringe e isola, causando sofrimento. Os cuidadores relataram sentimentos e experiências positivas e negativas referentes à vivência de acompanhar a criança hospitalizada, indicando a utilização de estratégias de enfrentamento caracterizadas como facilitadoras. As relações com a equipe de saúde evidenciaram que os cuidadores valorizam o interesse e o cuidado que a equipe dispensa aos mesmos, indicando que na comunicação com os médicos, existem lacunas relacionais, o que já não ocorre na relação com os enfermeiros. Os cuidadores de crianças possuem um papel central que precisa ser por eles reconhecido com a ajuda da equipe de saúde, pois, lhes permite conhecer e compreender as reações infantis mais comuns e esperadas, possibilitando a utilização dessa relação mais privilegiada para auxiliar a criança hospitalizada.

Apoio: Capes
Palavras-chave: signficados; cuidador; hospitalização infantil
Doutorado □D
SAÚDE □ Psicologia da Saúde

3º Apresentador: Shana Hastenpflug Wottrich

EXPECTATIVAS DIANTE DA CIRURGIA CARDÍACA ELETIVA: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR PACIENTES PRÉ-CIRÚRGICOS. Shana Hastenpflug Wottrich** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS) e Alberto Manuel Quintana (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)

As práticas de cuidados à saúde, por parte dos pacientes, são balizadas na compreensão que esses têm da doença e dos tratamentos possíveis. Para conseguir atuar de forma efetiva, junto aos pacientes, na seara dos processos de cuidado em saúde, os profissionais, portanto, devem ter conhecimento dos significados atribuídos por eles à suas experiências. Considerando-se esses pressupostos, realizou-se um estudo clínico-qualitativo, de cunho exploratório e descritivo, cujo objetivo foi compreender os significados atribuídos à cirurgia cardíaca por pacientes pré-cirúrgicos. Participaram 15 pacientes cardíacos pré-cirúrgicos, usuários de um ambulatório de cardiologia de hospital universitário do interior do Rio Grande do Sul. A coleta dos dados ocorreu a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas individuais, gravadas e posteriormente transcritas. Os dados foram analisados seguindo a proposta da análise de conteúdo, sendo que uma das categorias emergentes foi denominada □Expectativas de vida após a realização da cirurgia cardíaca: a □normalidade□ em questão□. Os relatos que balizaram a construção dessa categoria remetem ao significado atribuído pelos pacientes, de que a

cirurgia permitiria o resgate dos hábitos de vida anteriores à doença, podendo vivenciá-la o mais próximo possível do "normal". Tal realidade pressuposta é referida como a que mobiliza os pacientes a se submeterem ao procedimento, entendendo que o nível de perigo à vida envolvido no procedimento é grande e, portanto, os resultados devem ser equivalentes. Assim, alguns trazem em suas falas a expectativa de retomar as atividades de rotina anteriores à própria doença, considerando a cirurgia como um tratamento resolutivo e definitivo. A cirurgia aparece nos relatos principalmente como um meio de superação das limitações físicas atribuídas à doença. Tal postura pode implicar em um comportamento de desconsideração com relação à realização dos demais cuidados e tratamentos necessários após o procedimento, comprometendo a manutenção das condições de saúde dos pacientes. Conclui-se que, de forma geral, os resultados descritos remetem a uma interlocução entre expectativas diante da cirurgia e práticas de cuidados à saúde significadas como necessárias após o procedimento cirúrgico. Nesse escopo, parece haver uma lacuna entre o que o paciente espera como resultado do procedimento e o que ele realmente pode oferecer. Assim, advoga-se que os significados atribuídos à cirurgia cardíaca pelos pacientes sejam mais amplamente estudados e apreendidos pelos profissionais de saúde que acompanham os tratamentos no contexto da atenção terciária. Entende-se que este esforço deve culminar na construção de políticas públicas e estratégias de cuidados à saúde que considerem o princípio da integralidade como eixo norteador.

Bolsa CAPES/Demanda Social
Bolsa PIBIC/CNPq
Palavras-chave: Psicologia clínica da saúde; atitudes frente à doença; cirurgia.
Nível do trabalho: M

Proponente: Cleia Zanatta Clavery Guarnido Duarte

Área da Psicologia: Psicologia Social

CRENÇAS, LIVRE ARBÍTRIO E SENTIDO DE VIDA

Justificativa: No simpósio ora proposto serão apresentados resultados de estudos teóricos de três pesquisadores sobre a possibilidade de se admitir sistemas de crenças relativos a autonomia como determinante para as ações: na primeira dessas comunicações discutir-se-á uma análise fenomenológica do conceito de sentido de vida como um sistema de crenças, sustentado por valores; o tema da segunda comunicação fará uma apresentação sobre a crença em explicações comportamentais com base no livre-arbítrio; e, a última comunicação tratará de um estudo comparativo sobre o sentido de vida, no qual se identifica convergências partir de sistemas de crenças baseado na autonomia do ser humano para realizar escolhas. Na proposição deste simpósio, foram considerados dois objetivos: avaliar o alcance teórico e a utilidade prática dos estudos realizados; e, incentivar a reflexão sobre temas por eles considerados cientificamente relevantes.

Coordenador: Cleia Zanatta Clavery Guarnido Duarte

SENTIDO DE VIDA EM LOGOTERAPIA, FILOSOFIA E TEOLOGIA. *Cleia Zanatta Clavery Guarnido Duarte* (Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ)
A Era Contemporânea tem revelado um desencontro do Homem com o seu tempo, dando a parecer que de alguma forma ele está mais lento do que o próprio mundo que criou. Trata-se de uma época de imprevisibilidade, de crise de valores morais, de vazio existencial e de sede de sentido, tema este que diz respeito aos anseios mais íntimos do ser humano que é a razão de seu viver. Pretende-se, neste estudo, realizar uma investigação comparativa do conceito de sentido de vida na Logoterapia, Filosofia e Teologia, áreas temáticas que se interessam por refletir acerca desta questão que aborda o Homem numa das suas dimensões mais humanas que é a vida moral e ética. O conceito de sentido de vida, proposto na Logoterapia, pressupõe um dinamismo constante, uma ação consciente, direcionada aos objetivos de busca de realização de ideais superiores que determinam as razões para a nossa existência, decorrente da situação da pessoa no seu contexto ambiental, em função das experiências que vivencia, considerando como instrumentos mediadores desta construção os valores, a cultura, a relação intersubjetiva, as crenças e a educação, dentre outros. Filósofos da Antiguidade, também atribuíam ao sentido de vida a idéia de prática do bem e das virtudes que levaria o Homem à felicidade, e de modo similar os filósofos modernos, tendem a se referir ao sentido de vida como busca da felicidade, prática do bem e cultivo da atitude moral e de respeito pela dignidade humana. Filósofos contemporâneos pessimistas, que predominam nos tempos atuais, reduzem o Homem à idéia de coisa, de vazio, do nada, pois pressupõem a vida como um tempo de espera e de atitude de conformação diante da morte. Assim, o sentido de vida decorreria de um dinamismo intenso, voltado para a realização de projetos que teriam por objetivos distrair o Homem da consciência de sua

morte, e do vazio existencial. Os otimistas, admitem que o sentido de vida decorre da escolha do Homem pela dignidade de ser feliz e da consciência de que depende de algo, além de si, para sua auto-superação. No âmbito da Teologia, investigaram-se, predominantemente, estudiosos cristãos católicos e protestantes que atribuem ao sentido de vida a idéia de caminho para Deus, para a transcendência ao plano espiritual, que permite ao Homem a esperança para viver, já para o Budismo, o sentido de vida objetiva o autoconhecimento, a transcendência, a busca de significado em tudo, e o apreço às atitudes positivas e de solidariedade. Parece haver uma convergência de entendimento entre os princípios da Logoterapia, de filósofos considerados otimistas frente à vida e de teólogos, em admitir que o sentido de vida esteja diretamente relacionado à idéia de aprimoramento do Homem enquanto ser humano, de sua possibilidade de transcender e auto-transcender, tanto no sentido humano desta possibilidade, quanto no sentido da busca pelo sagrado, pelo divino, e que estes princípios ou preceitos estão nos sistemas de crenças de pessoas, influenciadas por dimensões filosóficas e teológicas, dentro do contexto sócio, histórico e cultural do Homem.

Apoio Financeiro: Bolsas PIBIC CNPq e FCRM/UCP
Palavras-chave: sentido de vida em Logoterapia; Filosofia e Teologia.

P
SOCIAL

1º Apresentador: Helmuth Krüger

CRENÇAS E SENTIDO DE VIDA. Helmuth Krüger (Universidade Católica de Petrópolis, RJ).

A bibliografia religiosa, literária e filosófica do passado comprova a antiguidade e a importância concedida ao tema do sentido de vida, considerado tanto na perspectiva de um estado psicológico desejável quanto sob o ponto de vista das consequências psicológicas e sociais que a sua ausência produz. Entretanto, esse tema só veio a ganhar maior expressão na Psicologia do século passado, notadamente na Psicologia Profunda, na Psicologia Individual, na Psicologia Existencial – Humanista e, sobretudo, numa visão clínica, na Logoterapia. Cabe acrescentar que, não obstante todo esse interesse tem faltado clareza na definição do conceito sentido de vida. Este é então, precisamente, o objeto desta comunicação, que contém o resultado de uma análise fenomenológica desse conceito. A condição preliminar a ser atendida na busca de sentido é a tomada de consciência de si, concluindo-se, portanto, que esse empenho visando à formulação desse sentido só se torna possível sob determinadas condições de saúde e maturidade psicológica. De outro lado, o fato de nos colocarmos pessoalmente diante da questão do sentido de vida revela a incompletude de nossa condição humana. A consciência dessa lacuna nos mobiliza, desencadeando motivações, com as quais, orientados por crenças, visamos ao preenchimento dessa carência que identificamos na imagem que formamos de nós mesmos. Dessa maneira, o sentido de vida inclui uma dimensão de tempo, uma vez que se trata de um projeto pessoal a ser realizado em algum momento futuro. Nessa visão, a busca de sentido, objetivamente manifestada através de condutas impulsionadas por motivos, da-se no eixo temporal, sendo essas condutas contínuas e até mesmo recorrentes enquanto não nos damos por satisfeitos nessa busca. Há duas conclusões implicadas pelas observações anteriores: o sentido de vida não é obtido apenas mediante experiências sociais é antes o resultado de um esforço pessoal dirigido para tal fim; e,

em segundo lugar, o sentido de vida consiste num sistema de crenças, sustentado por valores. Significativas experiências pessoais poderão determinar mudanças em tal sistema de crenças ou até mesmo promover sua substituição por outro, mais consentâneo com as alterações introduzidas na escala de valores, tal como acontece nos casos de conversão religiosa e política. A situação subjetiva oposta à busca do sentido de vida é da sua ausência por recusa pessoal ou como resultado da percepção de uma convergência negativa de fatores culturais e sociais marcados pelo niilismo.

Palavras – chave: crença, sentido de vida, Psicologia Existencial – Humanista

P

SOCIAL

2º Apresentador: Gstavo Arja Castañon

A CRENÇA NO LIVRE-ARBÍTRIO E SEU CONFLITO COM A EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA DO COMPORTAMENTO. Gustavo Arja Castañon (Universidade Federal de Juiz de Fora)

A crença no livre-arbítrio, na vontade livre e fonte de causalidade, é central a quase todas as maiores confissões religiosas do mundo. Mais do que isso, é uma crença sem a qual considerações de natureza ética acerca dos comportamentos humanos nem sequer é possível, estrito senso. No entanto, explicações comportamentais com base no livre-arbítrio ou vontade continuam totalmente excluídas das considerações científicas sobre os comportamentos humanos. Cientistas costumam a atribuir essa exclusão a um problema ontológico. Se concebermos a consciência como entidade real, fonte de causalidade eficiente e criadora de novas representações da realidade, o pressuposto científico da regularidade do objeto estaria descumprido, e o comportamento humano não seria passível de descrição através de leis. Mas essa conclusão é falsa. O problema da exclusão da vontade das leis e explicações psicológicas não é ontológico, mas epistemológico. É derivado da aceitação irrefletida do pressuposto de que (T1) os modelos hipotético-dedutivos de lei e dedutivo-nomológico de explicação são os únicos aceitáveis à ciência. Por sua vez, esse pressuposto epistemológico é consequência da tese ontológica que (T2) todo objeto do universo está regido em todos os seus aspectos por leis (Hard Determinism: HD). A explicação dedutivo-nomológica determina de maneira necessária e suficiente que, tendo em vista as leis A, B e C e os fatos *a, b* e *c*, a sentença *explanandum d* decorre necessariamente dos enunciados explanatórios (*explanans*). Embora esse formato pareça funcionar bem na Física e Química, na Psicologia, a multiplicidade de níveis explicativos e respectivos conjuntos de leis (cognitivas, neuronais e de desenvolvimento) torna este tipo de explicação uma quimera, como argumentou Davidson. Não é possível haver leis hipotético-dedutivas psicológicas ou psicofísicas estritas, pois não há meios de precisar as condições para que uma proposição universal se cumpra sem exceções. Apesar disso, essa meta ideal permanece na disciplina, e tem o efeito político de excluir da candidatura à explicação científica de um comportamento em particular toda explicação comprometida com o *soft determinism* (SD: alguns aspectos do universo obedecem a leis causais). Entre estas, as que usam o conceito de consciência e livre-arbítrio. A armadilha contida em toda essa questão é que o HD (T2), de fato, não é um pressuposto necessário à atividade científica. O pressuposto metafísico necessário para o estabelecimento de predições testáveis sobre o objeto é que *ele apresente aspectos regulares* (SD)*, não*

necessariamente que apresente regularidades em todos os aspectos (HD). Assim, embora seja legítimo um pesquisador ter tal compromisso metafísico (HD), é ilegítima a imposição a todos os pesquisadores do compromisso epistemológico derivado (leis hipotético-dedutivas e explicações nomológico-dedutivas), porque ambos não são modelos necessários à falsificabilidade das leis psicológicas, implicando portanto numa *petição de princípio* que entre outras coisas *exclui explicações não HD da Psicologia*.

Palavras-chave: Livre-arbítrio, Filosofia da Psicologia, Explicação psicológica.

P

SOCIAL

Proponente: Edwiges Ferreira de Mattos Silvares

Área da Psicologia: Psicologia Clínica e da Personalidade

ENURESE , PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E PUNIÇÃO : ESTUDOS BRASILEIROS RECENTES

Justificativa: O simpósio proposto é justificado por representar uma tentativa de atualização cientifica do que está sendo produzido cientificamente por três centros de pesquisa, distintos, todos nacionais, voltados para o estudo do problema da enurese (sua epidemiologia, patologia e tratamento). Essa condição é entendida aqui, como incontinência urinária, durante o sono, de uma criança, com pelo menos cinco anos de idade. Esse disturbio infantil, muito comum entre crianças e adolescentes não tem o estado da arte sobre ele devidamente disseminado junto ao publico leigo ou especializado. Procura-se dessa forma, suprir uma lacuna que os investigadores têm sentido na sua atuação como clinicos/pesquisadores, em contato tanto com portadores do problema, como com seus pais e mesmo com profissionais da saúde, os quais ainda se encontram com informações equivocadas e sem fundamento cientifico. Essa lacuna pode ter repercussões negativas uma vez que não auxilia na aquisição do controle vesical (não alcançado pelos enuréticos na idade em que a maioria das crianças o alcança). Sabidamente o problema quando não superado coloca o seu portador em condições de risco, as quais poderiam ser superadas com novas informações já de domínio dos meios acadêmicos mas ainda não devidamente divulgadas. Julga-se que o simpósio é também relevante por se considerar que em função da disseminação do conhecimento construído dá-se o primeiro passo no sentido de prevençao de ações negativas assumidas pelos responsáveis pelos portadores do problema tais como serão mostradas no desenvolvimento do simpósio. Nesse sentido é bom acrescentar que tem sido crescente a evolução do conhecimento cientifico relativo à eficácia do tratamento da Enurese (muitas vezes chamada de Enurese Noturna, ou mais especificamente de Enurese Noturna Monossintomatica- MNE-).. Para resolução desse problema existem dois tratamentos, reconhecidamente considerados padrão ouro : o tratamento com alarme de urina ou o medicamentoso, com desmopressina . Seria esperado que em função de os progressos na área, falsas idéias sobre o tratamento dessa condição fossem deixadas de lado na medida em que o conhecimento construído fosse mais amplamente difundido mas não é o que tem acontecido. Duas concepções errôneas muito comuns, nos mais diferentes meios são a de que não haveria um tratamento específico para essa condição particular e a crença de que não haveria nenhuma necessidade de tratamento para Enurese uma vez que com o decorrer do tempo essa condição se dissiparia, ou seja, o controle vesical, nunca antes alcançado desde o nascimento da pessoa, seria obtido de forma natural sem necessidade de nenhuma intervenção. Essas falsas concepções, infelizmente, não estão só no imaginário popular; podem também serem encontradas no de vários profissionais da saúde. Tentar resolver o problema indevidamente por estratégias caseiras é um dos três motivos encontrados em revisão da literatura sobre os motivos que levam o grande publico a não levar portadores de enurese para o tratamento. Seja pelo insucesso de seus esforços fracassados, seja por outros motivos, há estudos brasileiros mostrando ser muito alto o número de pais de portadores de enurese que agem com eles como se considerassem seus filhos culpados pela condição e porisso os punem fisicamente ou de forma verbal. Ao invés de os encaminharem para os especialistas no assunto para serem tratados adequadamente, contribuem, com sua ação indevida, para um aumento do risco de problemas de comportamento e/ou para a diminuição da auto estima neles. Especialistas no tratamento padrão ouro, não medicamentoso, na área, no Brasil, não são muitos mas tem crescido o interesse de centros de estudo nacionais

especializados e multiprofissionais (envolvendo médicos, enfermeiros e psicólogos entre outros), interessados por prestarem atendimento adequado à população necessitada, bem como por desenvolverem estudos que possibilitem futuras ações voltadas para prevenção de riscos a que estão submetidos os portadores do problema.São, no simpósio, apresentados três estudos sendo que um deles analisa o risco de problemas e comportamento em portadores de enurese e dois outros, cada um deles, produzido em um diferente centro especializado nacional, analisam as respostas dos pais de portadores de enurese, dadas a questionarios sobre o tema, apresentados em duas cidades brasileiras, de dois estados diferentes. As respostas alvo de atenção, nos dois casos, foram obtidas através de instrumentos diversos mas principalmente pelo uso comum de uma mesma escala nacional sobre reações negativas e punitivas ao problema, instrumento este criado por um desses centros. APOIO - FAPESP/ CNPq

Palavras-chave: Punição, enurese, família.

Nível P

CLIN

Coordenador: Edwiges Ferreira de Mattos Silvares

O OQUE AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ENURESE RELATAM SOBRE AS PUNIÇÕES QUE RECEBEM? Edwiges Ferreira de Mattos Silvares, Paula Ferreira Braga-Porto**, Rafaela Almeida Ferrari**,(Laboratório de Terapia Comportamental, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP).

A enurese noturna é um dos problemas mais comuns da infância. Ainda assim, é frequentemente negligenciado pelos profissionais e serviços de saúde e mal compreendida pelas famílias. Caracterizada pela perda de urina durante o sono sem causa médica conhecida, a enurese tem causas primordialmente orgânicas: a poliúria noturna, ou seja, uma produção exagerada de urina durante o sono; hiperatividade da musculatura da bexiga e, necessariamente, uma incapacidade em despertar frente aos sinais da bexiga cheia. A enurese pode levar a criança ou adolescente que a apresentam a sérias dificuldades emocionais e comportamentais. Sabe-se que os pais podem lidar de formas diferentes com a enurese. Pais intolerantes tendem a culpar a criança e podem agredir física ou verbalmente os filhos ou expô-los a situações embaraçosas. Pais tolerantes tendem a não atribuir a responsabilidade à criança e apresentam reações de acolhimento e apoio frente aos episódios. Frequentemente a enurese leva a uma redução da autoestima e a um aumento dos problemas de comportamento quando se comparam as crianças que molham a cama com as que não apresentam esse problema. As dificuldades emocionais enfrentadas geralmente são decorrentes de reações punitivas oriundas da família e de pares. No Brasil, existem estudos mostrando que os níveis de punição podem chegar até os 80%, mas frequentemente os pais não assumem a atitude punitiva em relação aos filhos. Esse trabalho teve como objetivo identificar em que medida a criança ou adolescente com enurese relatam uma série de reações possíveis aos episódios de molhadas na cama, apontando a frequência na qual essas situações ocorrem e quem emite a reação investigada. Para tanto, foram avaliados 20 crianças e adolescentes dos 6 aos 18 anos inscritos em um programa de tratamento psicológico para a enurese em uma clínica numa instituição pública de ensino superior da cidade de São Paulo, SP. Foi utilizada uma escala de possíveis reações à enurese, englobando comportamentos de culpabilização da criança, punição física, punição ou ameaça verbal, restrições, restituição do ambiente e reações positivas, criadas no proprio laboratorio. A punição verbal se destaca como uma das consequências mais comuns aos episódios de enurese. Por outro lado, também

há um alto nível de reações positivas. Esse trabalho mostra que a enurese pode trazer sérios impactos para a criança ou adolescente, indicando a necessidade de difundir o conhecimento sobre esse assunto, tanto para que os pais possam lidar adquadamente com o problema como para que os profissionais de saúde saibam encaminhar esses pacientes para o tratamento adequado assim que o quadro for identificado.Apoios: FAPESP e CNPq
Palavras-chave: enurese, família, punição
Nível P
CLIN

2º Apresentador: Teresa Helena Schoen Ferreira

PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS COM ENURESE NOTURNA. Teresa Helena Schoen (Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente, Departamento de Pediatria, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo - SP).
A Enurese Noturna aflige milhares pessoas no mundo inteiro, sendo um dos transtornos psiquiátricos mais comuns em crianças. Caracteriza-se pela perda repetitiva involuntária de urina durante o sono, ou mesmo durante a vigília, quando este controle já deveria ter sido adquirido. Esta patologia pode ser considerada estabelecida em crianças a partir dos cinco anos que apresentam dois ou mais episódios de molhadas de cama por mês e em crianças com mais de seis anos de idade que apresentam pelo menos um episódio por mês. Embora varie conforme a idade, muitas dessas crianças ou adolescentes não são identificadas como tendo a patologia e não são encaminhadas para atendimento especializado. A relação entre problemas de comportamento e enurese noturna vem sendo estudada, com resultados controversos. Alguns estudos observaram associação entre enurese noturna e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, outros com aumento de agressividade ou mesmo dificuldades escolares e há aqueles que não observam diferenças com o grupo controle. Este estudo investigou a associação entre a falta de controle urinário noturno e a presença de problemas de comportamento em crianças e adolescentes. Foi um estudo transversal, que envolveu a análise de 774 questionários preenchidos pelo responsável de crianças de 5 a 18 anos, moradoras da cidade de São Paulo. Os pais completaram o Child Behavior Checklist – CBCL - nas escolas de seus filhos ou no seu local de trabalho. O CBCL é um instrumento de rastreamento para problemas emocionais ou de comportamento e competência social. Da lista dos 113 problemas de comportamento que constituem o instrumento, foi selecionado o item 108: "faz xixi na cama", além dos dados demográficos e os resultados no instrumento. As 69 (8,91%) crianças cujos pais assinalaram positivamente o item 108 foram consideradas como tendo problemas de controle urinário noturno e os seus resultados foram comparados aos resultados das 705 crianças cujo item foi assinalado negativamente. O sexo masculino esteve mais associado à falta de controle urinário noturno do que o feminino, como encontrado na literatura. Em todas as escalas e subescalas de problemas de comportamento do CBCL, as crianças com comportamento indicativo de enurese apresentaram escores significativamente mais altos que o grupo controle, incluido problemas com a atenção e agressividade. As crianças/adolescentes que não possuíam o controle urinário noturno também tiveram piores índices em competência escolar e competência social. Estes resultados mostram que os pais percebem os filhos com enurese noturna como aqueles que necessitam de ajuda também para outros problemas emocionais e comportamentais. Neste estudo não foi possível verificar se a enurese noturna é causa ou consequência dos problemas emocionais, ou mesmo se estes são uma reação à forma como a famíia reage frente à cama molhada; entretanto, obsevou-se que

estas crianças e adolescentes necessitam de ajuda especializada. Intervenções voltadas à atenção integral da criança seriam importantes no tratamento da Enurese Noturna.

Palavras-chave: enurese, problemas de comportamento, CBCL

Nível P

CLIN

3º Apresentador: Cacilda Andrade de Sá

PUNIÇÃO EM PORTADORES DE ENURESE DE JUIZ DE FORA: DADOS PRELIMINARES. Cacilda Andrade de Sá**, André Avarese de figueiredo, José Murillo Bastos Netto (Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).

A enurese é a micção normal que ocorre inapropriadamente em idade cujo controle vesical já deveria ter sido alcançado. A falta de orientação aos pais sobre a enurese de seus filhos tem como uma das consequências a punição. O presente estudo faz parte de um maior no qual vem sendo estudado o efeito da intervenção com pais na diminuição da punição com crianças com enurese monossintomática. Na presente investigação foi comparada a frequência de punição relatada utilizando-se diferentes formatos de entrevista (semiestruturada e escalas objetivas). Trata-se de um estudo quantitativo, transversal no qual foram feitas análises descritivas. Na coleta de dados dos responsáveis pela criança foram realizadas entrevista semiestruturada e aplicação da versão em português do Conflict Tactics Scales – Parent-Child (CTSPC) e com as crianças e adolescentes entrevista semiestruturada e a Escala de reação ao xixi na cama. A população estudada foram crianças e adolescentes (N =18) com enurese monossintomática e idade média de 9 anos (DP=2,42). Sendo maior a frequência de população masculina (70%), história familiar de enurese (61%), baixa escolaridade do responsável (ensino fundamental: 72%), corroborando com os dados da literatura internacional. Os tipos mais frequentes de punição apontados pelas crianças na Escala de reação ao xixi foram à restrição líquida (sempre: 64%), reclamações sobre o xixi na cama (as vezes: 29%) e fazer piada do xixi (sempre 21%). As respostas com menor frequência foram: castigo (nunca: 100%), bater (nunca: 93%) e apertar/chacoalhar/sacudir ou beliscar (nunca: 86%). No CTSPC os resultados foram: palmada no bumbum (83%), sacudir (72%), falar alto, gritar ou berrar (94%), tirar regalias (83%), ou castigo (72%). Nas respostas dos responsáveis à entrevista semiestruturada foi relatado punição verbal (100%), punição física sem contato (61%) e punição física (28%). A mãe foi a mais apontada como responsável pelos vários tipos de punição (100%) seguida do pai (46%), irmãos (46%) e primos (38%). Entre os responsáveis com histórico familiar de enurese 18,2% relataram que batem, 100% relataram que xingam e 63,6% relataram que castigam. Entre os responsáveis com ensino médio 20% relataram que batem; entre aqueles com ensino fundamental este percentual foi de 30,8%. Os resultados preliminares obtidos com a utilização da Escala de reação ao xixi na cama sugerem que a percepção de punição por parte da criança pode ser diferente do declarado pelos responsáveis. No relato dos responsáveis a punição verbal, a punição física e a punição física sem contato foram as mais citadas e no CTSPC foram as menos citadas. A impressão preliminar sobre o uso de instrumentos objetivos e subjetivos para mensurar a punição mostrou que a utilização de métodos diferentes pode gerar resultados divergentes quando se quer avaliar punição de crianças enuréticas por seus responsáveis. Este estudo, ainda que preliminar, reforça a importância da continuidade das investigações em andamento, para que seja possível traçar condutas direcionadas no atendimento de crianças com enurese, fomentando possíveis intervenções. Futuros estudos pretendem investigar alteração nas respostas a Escala de reação ao xixi na cama, como a diminuição da punição, em função da orientação aos pais.

Palavras-chave: enurese, família, punição
Nível D
CLIN

Proponente: Eliana Cristina Gallo Penna

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO: MANIFESTAÇÕES LINGUÍSTICAS DE CRIANÇAS EM ESTUDOS DE TEORIA DA MENTE

Justificativa: Nos últimos 25 anos as pesquisas sobre desenvolvimento sociocognitivo infantil vêm se debruçando no estudo das habilidades das crianças em atribuir estados mentais a si e aos outros, e assim, serem capazes de atribuir sentido ao mundo social em que estão inseridas. A teoria da mente é um conceito usado para designar a compreensão que as crianças desenvolvem a respeito das outras pessoas, uma maneira de entender suas crenças, desejos, intenções e emoções, o que lhes possibilita prever as ações do outro oriundas desses estados mentais. Os avanços teóricos sobre a manifestação da teoria da mente têm demonstrado a existência de uma relação entre teoria da mente e as habilidades linguísticas de crianças com desenvolvimento normal, e também em crianças com autismo. Do ponto de vista teórico, os estudos apresentados nesse simpósio pretendem contribuir para a discussão e o avanço do conhecimento sobre o papel da linguagem no desenvolvimento de uma teoria da mente em crianças. Alguns autores afirmam que um dos fatores que mais contribuem para aquisição de uma teoria da mente é a linguagem. Porém, ainda não há um consenso de que forma essa influencia é exercida. A relevância social e educacional dessas pesquisas reside na possibilidade de dar origem e sustentação a práticas que possam ser realizadas em contextos educacionais, tanto familiares quanto escolares, visando favorecer o desenvolvimento da habilidade de compreensão de estados mentais.

Coordenador: Eliana Cristina Gallo Penna

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM MATERNA EXPLICATIVA DE ESTADOS MENTAIS EM UM PROCEDIMENTO DE INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS AUTISTAS. Eliana Cristina Gallo Penna (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Criciúma, Criciúma/SC) e Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo)

A presente pesquisa refere-se à manifestação da teoria da mente em crianças autistas, em situação de interação com suas mães. Os estudos sobre o desenvolvimento sociocognitivo no autismo tratam a hipótese de que haja um déficit na teoria da mente. O autismo é caracterizado como uma desordem no neurodesenvolvimento, que abrange déficits nas áreas de linguagem, de comportamento e interesse restritivo, bem como na interação social. Pesquisas experimentais demonstram que poucas dessas crianças acertam as tarefas de teoria da mente. Estudos promissores têm evidenciado que as crianças autistas que acertam essas tarefas apresentam melhores habilidades linguísticas, indicando a linguagem como favorecedora da manifestação da teoria da mente, também no autismo. Esses estudiosos acreditam na existência de uma rota alternativa para atribuição de estados mentais no autismo, sendo a linguagem um importante preditor da teoria da mente nessas crianças. Esse estudo tem como objetivo investigar os efeitos de um procedimento, baseado em linguagem, sobre a habilidade de atribuição de estados mentais ao outro, em crianças com autismo. Trata-se de orientar as mães para o uso de narrativas de histórias infantis, baseadas no uso de termos mentais e explicações dos estados mentais dos personagens, com o propósito de favorecer a capacidade de compreensão de estados mentais do outro. Participaram três crianças e suas mães, com idades de 11 e 16 anos. A teoria da mente foi avaliada no pré-teste e no pós-teste. Durante os seis meses de intervenção foram realizadas orientações individuais

semanais, logo após as narrativas de histórias infantis. Essas narrativas, realizadas pelas mães, foram videogravadas e submetidas para tratamento e categorização de termos de atribuição de estados mentais. Os resultados demonstram que a linguagem explicativa adotada pelas mães a partir das orientações foi favorecedora na manifestação da teoria da mente de seus filhos, com aumento no uso de termos emocionais nas falas das crianças, e de termos cognitivos nas falas maternas. Duas crianças com melhores habilidades linguísticas evocaram maior número de termos mentais e acertaram as tarefas de crença falsa. Esses dados corroboram a hipótese de que a linguagem é preditora na atribuição de estados mentais ao outro. As conversações pautadas no uso de explicações mentais, também em crianças autistas, auxiliam a atribuição de estados mentais.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-Chave: Teoria da Mente; linguagem; intervenção.

Nível do trabalho: Pesquisador – P

DES-Psicologia do Desenvolvimento

2º Apresentador: Simone Ferreira da Silva Domingues

REAÇÕES E MANIFESTAÇÕES LINGUISTICAS DE CRIANÇAS DURANTE UM PROCEDIMENTO DE INTERVENÇÃO. Simone Ferreira da Silva Domingues (Universidade Guarulhos, Guarulhos, SP /Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP) e Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo)

O presente estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão do desenvolvimento sociocognitivo nos primeiros anos de vida da criança, no quadro da teoria da mente. A teoria da mente refere-se a um sistema cognitivo que desempenha um importante papel na adaptação social da criança, trata-se de uma habilidade para explicar e predizer o comportando humano em diferentes situações. O estudo da origem e desenvolvimento da habilidade da criança para atribuir e compreender os estados mentais humanos é hoje uma importante área de investigação. Mais recentemente, as pesquisas têm mostrado evidências que um fator decisivo na investigação do desenvolvimento da habilidade de atribuir estados mentais é a linguagem. O objetivo da pesquisa é analisar as reações e manifestações linguísticas das crianças durante um procedimento de intervenção e investigar os efeitos desse procedimento sobre o desempenho em tarefas de crença falsa. A intervenção é baseada na explicação de tarefas de crença falsa e acompanhada por demonstrações com a ajuda de gestos e de objetos, além da fala explicativa. O estudo teve início com a aplicação individual de duas tarefas de crença falsa, com objetivo de selecionar as crianças que preenchessem os critérios para participar da pesquisa: idade e não ter acertado nenhuma das duas tarefas de crença falsa aplicadas como pré-teste. Foram selecionadas, para participar da pesquisa 22 crianças de ambos os sexos, com idade variando de 3,5 a 4,7 anos. As sessões de intervenção, visando o desenvolvimento da habilidade de atribuição de crença ao outro, foram aplicadas individualmente pelo pesquisador sob a forma de situações lúdicas envolvendo historias de crença falsa. O material utilizado nas sessões de intervenção consta de um cenário, montado numa casinha de madeira. Foram realizadas 4 sessões com duração aproximada de dez minutos. Em cada sessão, foi entregue o material para o manuseio da criança, cuja atividade ocorreu ao longo de duas semanas, com a realização de duas sessões por semana. O pós-teste 1 foi aplicado no dia seguinte à quarta e última sessão de intervenção e o pós-teste 2 ocorreu após três semanas do primeiro pós-teste, as crianças foram avaliadas com duas tarefas de crença falsa. Nossos resultados mostraram que essas crianças puderam, com ajuda desse procedimento, desenvolver a habilidade de atribuir estados mentais de crença, indicando que

se beneficiaram com os efeitos do procedimento de intervenção, mostrando-se mais hábeis na atribuição de estados mentais de crença. Considerando a análise qualitativa, verificou-se que as crianças que mantiveram mais atenção e demonstraram capacidade de compreensão dos verbos mentais, apresentaram melhor desempenho nas tarefas de crença falsa, confirmando a hipótese de que as crianças que avançaram no pós-teste foram aquelas que, durante a intervenção, participaram das conversas, mantendo-se atentas a respeito das condutas dos personagens das histórias. Esses resultados evidenciam que procedimentos que utilizam discussões para descrever estados mentais contribuem para o desenvolvimento da habilidade de atribuir crença falsa. O que reforça a ideia de que as conversações realizadas com as crianças, sobre eventos, possibilitam o desenvolvimento da habilidade de compreender e atribuir estados mentais.

Palavras-Chave: Teoria da Mente; linguagem; intervenção.

Nível do trabalho: Pesquisador – P

DES-Psicologia do Desenvolvimento

3º Apresentador: Sara Del Prete Panciera

USO DE TERMOS MENTAIS E TAREFAS DE TEORIA DA MENTE: PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DE COMPREENSÃO DA MENTE DO OUTRO. Eduardo dos Santos Prezotto* e Sara Del Prete Panciera (Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP, Santos, SP)

Teoria da mente é uma área de estudos do desenvolvimento sociocognitivo que diz respeito à habilidade para compreender, explicar e predizer comportamentos através de estados mentais. Muitos autores têm evidenciado a importância da experiência linguística para o desenvolvimento da capacidade de se representar estados mentais, principalmente os relacionados a crenças. Pesquisas em teoria da mente têm-se valido de duas formas para acessar a compreensão que a criança tem do mundo social: através do uso que fazem de termos mentais em situações não estruturadas ou semi-estruturadas e também através de tarefas experimentais. Relações entre a produção espontânea de termos mentais e o desempenho da criança em tarefas experimentais, entretanto, têm sido pouco exploradas. O objetivo deste estudo foi o de avaliar o desenvolvimento da teoria da mente manifestado por crianças pré-escolares através do uso que fazem de termos mentais durante a participação em atividade lúdica e na realização de tarefas de teoria da mente. Participaram da pesquisa 11 crianças, 8 meninas e 7 meninos, de 2;6 a 5;2 anos de idade, frequentadoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Santos, que atende crianças provenientes de famílias de nível socioeconômico médio-baixo e baixo, cujos pais, em sua grade maioria, trabalham no cais do porto da cidade. Para a observação da produção linguística em situação lúdica semi-estruturada, as crianças foram divididas em trios ou duplas de mesma faixa etária e convidadas a participar de uma brincadeira que consistia na encenação da história "Chapeuzinho Vermelho" com o uso de bonecos. As situações lúdicas foram videogravadas para posterior análise. As crianças também responderam as 7 tarefas que compõem a escala de tarefas em teoria da mente. Para efeito de análise, as crianças foram divididas em 3 grupos: de 2;6 a 3;2 anos; de 3;9 a 3;11 anos; e, de 4;9 a 5;2 anos. Diferentemente do encontrado em estudos anteriores realizados com crianças de mesma faixa etária, mas de NSE médio e alto, apenas 2 crianças (4;9 e 5;2 anos) fizeram uso nas suas manifestações linguísticas de termos mentais. Os verbos "lembrar" e "esquecer" foram utilizados pela criança de 5;2 anos, mas para se referir a estados mentais próprios. A criança de 4;9 anos empregou os verbos "esquecer", "lembrar"e "fingir", sendo que os dois últimos configuraram atribuições de estados mentais ao personagem da historia ou ao colega de brincadeira. Estes participantes estão entre os que

obtiveram maiores pontuações na escala de tarefas. Na comparação dos 3 grupos quanto ao número de acertos na escala de tarefas em teoria da mente não foi encontrada diferença significativa (p = 0,110), apesar das maiores ocorrências de acerto terem sido verificadas no grupo de crianças mais velhas. Esses resultados foram analisados levando-se em conta as experiências conversacionais da criança no âmbito da família e da escola. Considera-se de grande relevância que outros estudos sejam realizados, tanto para a compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento de uma teoria da mente, como para a elaboração de estratégias que favoreçam a aquisição dessa habilidade.

Palavras-chave: teoria da mente; linguagem; desenvolvimento sociocognitivo

Nível do trabalho: Iniciação Cientifica – IC

DES-Psicologia do Desenvolvimento

Proponente: Fívia de Araújo Lopes

Área da Psicologia: Psicobiologia e Neurociências

ESCOLHA DE PARCEIROS NA VISÃO DA PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA

Justificativa: O processo de escolha de parceiros é de extrema relevância para qualquer espécie, pois a partir dele é possível deixar descendentes, garantindo o seu sucesso reprodutivo. Isso não é diferente para a espécie humana. No entanto, várias especificidades podem ser observadas quando a escolha precisa ser, de fato, realizada.
As preferências (que antecedem a escolha propriamente dita) por determinados traços vêm sendo amplamente discutidas na literatura sobretudo à luz da Teoria do Investimento Parental, proposta por Trivers (1972). A partir dela discute-se diferenças entre os sexos quanto aos traços preferidos em um parceiro em potencial, baseadas no investimento que é feito a prole. Mulheres, por apresentarem maior investimento fisiológico, teriam sua reprodução limitada pelo acesso a recursos, preferindo parceiros que os possuíssem e que apresentassem disposição para investir nela e em sua prole. Além disso, mulheres seriam mais exigentes no momento da escolha, apresentando uma estratégia qualitativa no acasalamento.
Homens, por sua vez, em função de um potencial reprodutivo maior, apresentariam uma estratégia quantitativa no acasalamento, preferindo traços indicativos de saúde e juventude, dando ênfase a características físicas em parceiras em potencial.
No entanto, essas preferências não têm se mostrado absolutas quando as investigamos empiricamente. Transformar a preferência em escolha pode depender de uma série de fatores. Entre eles podemos elencar: o próprio valor enquanto parceiro, o tipo de relacionamento que se pretende estabelecer, se de curto ou de longo prazo, o contexto no momento da escolha (presença e qualidade de competidores em potencial pelos parceiros de acasalamento) e a orientação sexual dos indivíduos.
No presente simpósio, pretendemos discutir mais fortemente dois desses aspectos: o tipo de relacionamento pretendido (curto ou longo prazo) e até que ponto a orientação sexual pode influenciar as preferências por parceiros românticos.
O primeiro trabalho de autoria de Alencar e colaboradores, discutirá os relacionamentos de curto prazo, enfatizando a compreensão que adultos têm do que seria o "ficar" com um parceiro, uma modalidade que poderia favorecer a estratégia masculina. No segundo trabalho, Lopes e colaboradores apresentam uma comparação entre as características pretendida em um parceiro de longo prazo e as características observadas em seus parceiros atuais em adolescentes e jovens adultos. Por fim, Brito e Corrêa trazem uma avaliação das características preferidas por mulheres homossexuais para relacionamentos românticos.

Coordenador: Fívia de Araújo Lopes

AS PESSOAS SEMPRE ATENDEM ÀS SUAS PREFERÊNCIAS QUANDO SELECIONAM PARCEIROS DE LONGO PRAZO? Fívia de Araújo Lopes, Felipe Nalon Castro**, Wallisen Tadashi Hattori e Maria Emília Yamamoto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).
Vários estudos que investigam a universalidade nos padrões de escolha de parceiros destacam as preferências apresentadas pelos sexos, evidenciando o que é mais importante para um homem e uma mulher quando o assunto é relacionamento amoroso. Tais preferências seriam o resultado de diferentes pressões seletivas que agiram sobre cada um dos sexos, reflexo do grau de investimento apresentado por homens e mulheres na produção de sua descendência. Nesse sentido, em decorrência do alto investimento fisiológico feminino, os homens tendem a

buscar em suas parceiras sinais de saúde reprodutiva. Por sua vez, o investimento masculino está mais focado no tempo, energia e recursos que podem ser oferecidos à sua parceira e à prole, fazendo com que mulheres busquem parceiros que possuam e estejam dispostos a oferecer seus recursos. A maior parte das pesquisas fornece resultados com adultos, deixando em aberto o questionamento sobre em que momento do desenvolvimento seria possível verificar os padrões descritos. Diante disso, os objetivos do presente trabalho foram investigar e comparar os perfis de preferência apresentados por adolescentes e jovens adultos para parceiros românticos de longo prazo, considerando cada um dos sexos, e verificar se as preferências descritas são satisfeitas em seus relacionamentos atuais. Trabalhamos com uma amostra de 353 adolescentes (12 a 19 anos) que avaliaram, a partir de uma escala Likert de cinco pontos, 21 características considerando um parceiro ideal de longo prazo e o parceiro atual. A amostra de jovens adultos contou com 145 participantes (18 a 29 anos), envolvidos em relacionamentos românticos de pelo menos 12 meses, que idealizaram parceiros românticos a partir da atribuição de importância a nove características utilizando um número de pontos pré-estabelecido. As avaliações para os jovens adultos também foram para parceiros de longo prazo e para o parceiro atual. As preferências de longo prazo foram analisadas utilizando testes GLM de medidas repetidas, comparando as avaliações para cada característica e entre os sexos (adolescentes), bem como testes GLM para comparar as simulações e os sexos (jovens adultos). Para estes últimos, testes t foram realizados para comparar as preferências e as características nos parceiros atuais. As adolescentes valorizaram características como fidelidade e comprometimento com a relação tanto nos parceiros idealizados quanto nos atuais. Os meninos destacaram maior comprometimento em suas parceiras, bem como mais ciúmes. Nos adultos, as mulheres mostraram grande interesse em características relacionadas a recursos, enquanto os homens valorizaram mais as características físicas, ambos os sexos também descrevendo tais características em seus parceiros atuais. De acordo com os resultados obtidos, podemos concluir que tanto adolescentes quanto jovens adultos relataram uma concordância entre suas preferências e o parceiro que conseguem para relacionamentos de longo prazo. Além disso, nosso trabalho reforça as preferências típicas de cada sexo amplamente descritas na literatura, acrescentando que tais padrões já começam a se estabelecer na adolescência, uma vez que observamos que nessa faixa etária os adolescentes já se percebem no mercado biológico de acasalamentos.

Palavras-chave: escolha de parceiros; relacionamento de longo prazo; diferenças sexuais; Psicologia Evolucionista

2º Apresentador: Anuska Irene de Alencar

RELACIONAMENTO DE CURTO PRAZO: O QUE HOMENS E MULHERES PENSAM SOBRE ISSO?

Anuska Irene De Alencar, Elaine Cristina Anaya*, Elvira de Sá Santos*,; Iana Dutra Passos Sales*, Ingryd Dayanne Gouveia de Medeiros*e Stella Marinho de Oliveira* (Faculdade de Ciência, Cultura e Extensão do RN).

Sob a perspectiva evolucionista homens e mulheres possuem diferentes objetivos quando o assunto é relacionamentos amorosos. Em função disso, apresentam diferentes estratégias na hora de escolher os parceiros. De uma forma geral, as mulheres são vistas como mais seletivas, especialmente em casos de relacionamentos de longo prazo (acima de sete anos) nos quais elas buscariam parceiros com qualidades que aumentassem seu sucesso reprodutivo, como um pai que fosse um bom cuidador, por exemplo. Enquanto os homens teriam a tendência a investir em quantidade, fato que nos leva a pensar que seria mais vantajoso que eles investissem em vários relacionamentos de curto prazo, podendo ter diversos filhos de diferentes mulheres. O comportamento de ficar é um bom exemplo de uma estratégia que

poderia trazer mais vantagem para o homem enquanto que as mulheres poderiam ter prejuízo, pois colocaria em risco sua reputação diminuindo, dessa forma, a chance de investimento duradouro, além do aumento do risco de violência e abuso sexual. Diversos autores têm descrito as preferências de ambos os sexos em relação as características dos parceiros em termos de atributos físicos e personalidade relacionando a duração dos relacionamentos. No entanto, poucos investigam a opinião dos atores envolvidos quanto ao comportamento de ficar. Nesse sentido, o presente trabalho visa investigar a diferença entre as opiniões de homens e mulheres, solteiros e casados, sobre o ficar. A amostra foi composta por 200 estudantes universitários, sendo 129 mulheres (idade média 25,20 ±6,57 anos) e 71 homens (idade média 26,99 ±8,20 anos). Os estados civis foram divididos entre 150 solteiros (idade média 23,33 ±4,54 anos) e 50 casados (idade média 33,34 ±8,53 anos). As faixas etárias estão divididas em dois grupos: em indivíduos até 29 anos (idade média 22,66 ±2,78 anos) e indivíduos com 30 anos ou mais (idade média 37,76 ±6,28 anos). Foi aplicado um questionário, cujas respostas foram dadas em uma escala Likert de seis pontos, variando de discordo totalmente a concordo plenamente, sobre a ralação entre ficar e atividade sexual; promiscuidade; qualidade; importância da aparência física e banalização da prática. Utilizamos o teste de Mann-Whitney para avaliar as diferenças entre sexo, estado civil e idade. Encontramos diferenças entres os sexos na maioria das questões. As únicas respostas semelhantes estatisticamente foram relacionadas a investimento na qualidade do parceiro e a possibilidade de ficar com alguém que já ficou com conhecidos. Quando avaliamos participantes solteiros, encontramos diferenças significantes entre as respostas de mulheres e homens no que se refere a relação entre ficar associado à prática sexual; promiscuidade; importância da aparências e banalização da prática. Entre os casados só foi identificado diferença em relação a ficar com alguém mesmo estando comprometido, nesse caso os homens pontuaram mais do que as mulheres. Quanto à idade não verificamos diferenças entre os mais novos e mais velhos em nenhuma das questões. Pelos resultados encontrados homens e mulheres diferem nas opiniões sobre o comportamento de curto prazo, especialmente quando são solteiros sugerindo as respostas estão de acordo com os postulados evolucionistas para relacionamentos românticos.

Palavras-chave: escolha de parceiros; relacionamentos de curto prazo; ficar; Psicologia Evolucionista

3º Apresentador: Regina Brito

COMO MULHERES QUE AMAM MULHERES ESCOLHEM SUAS COMPANHEIRAS? Regina Brito e Hellen Vivianni Veloso Corrêa** (Universidade Federal do Pará).

Dados sobre comportamento homossexual entre mulheres são escassos. Há uma grande lacuna de conhecimentos sobre o que uma mulher prefere em outra para compartilhar com ela sua vida afetiva. Entretanto, a psicologia Evolucionista (PE) já produziu um bom acervo de dados sobre a seleção de parceiros entre casais heterossexuais. Esses dados indicam que mulheres possuem mais critérios de escolha de parceiros que homens, e que valorizam menos o aspecto físico que estes últimos. Diferenças intrassexuais em tipo de relacionamentos também são encontradas, pois, se a mulher utiliza como estratégia reprodutiva o relacionamento de curto prazo, ela pode preferir mais os aspectos físicos do que o faria em longo prazo. Neste ultimo, há grande preferência por atributos voltados a provimento de recursos e afetividade. Para o presente estudo coletou-se uma série de informações cujo objetivo era identificar quais as características físicas, educacionais e financeiras eram importantes quando mulheres

homossexuais escolhiam suas parceiras. Um total de 100 participantes, entre 18 e 40 anos, que se identificavam como homossexuais e estavam vivendo, portanto, seu período reprodutivo, responderam a um questionário auto-aplicável. O instrumento de coleta de dados foi dividido em: 1) Dados Demográficos; 2) Dados da parceira; 3) Critérios valorizados na escolha de uma parceira; 4) Critérios valorizados na escolha de uma parceira de curto e longo prazo; 5) Variáveis relacionadas ao desempenho sexual. Neste trabalho apresentaremos resultados preliminares desta pesquisa, um deles é de que há grande semelhança na escolha de parceiros entre mulheres homo e heterossexuais. Na comparação dos padrões de escolha entre tipos de relacionamento, em longo prazo ambos os grupos valorizaram aspectos relacionados à afetividade e bom provimento de recursos. Já em curto prazo, há maior valorização de características indicativas de bons genes (referentes a boa saúde e simetria, ex. belo, atrativo e voluptuoso). Os mecanismos parecem ser os mesmos, mas há algumas modulações. Os resultados mostraram que mulheres heterossexuais se envolvem com parceiros mais velhos e que homossexuais não apresentam diferenças significativas de idade entre elas e suas parceiras. Além disso, há maior exigência de atrativos físicos em uma parceira em ambos os tipos de relacionamento, quando os dados são comparados aos das mulheres heterossexuais. Como coordenar essas preferências se ambos os grupos são de mulheres e tem motivações aparentemente semelhantes? Estas questões estão começando a ser investigadas em nosso laboratório. As conclusões apontam para diferenças e idiossincrasias destas relações que devem ser aprofundadas em novas pesquisas. O fato das parceiras atuais das mulheres homossexuais não apresentarem diferenças de idade, ao contrário do que ocorre com heterossexuais - cujos parceiros são mais velhos-, tem sido encontrado nas pesquisas atuais com esse tema. Nestas, mulheres homossexuais são flexíveis em relação à juventude das parceiras e ficam em um nível intermediário, entre homens e mulheres. Os dados que, aqui, indicaram maior preferência por atributos físicos não são amplamente compreendidos, mas são compatíveis com dados indiretos da literatura, nos quais, há valorização de estímulos visuais por lésbicas, mais uma vez, em um nível intermediário entre homens e mulheres heterossexuais. Alguns pesquisadores correlacionam esses achados a níveis diferenciados de exposição a hormônios pré-natais, mas esse tipo de dado não foi coletado nesse estudo.

Palavras-chave: escolha de parceiros; comportamento homossexual; Psicologia Evolucionista

Proponente: Giana Bitencourt Frizzo

Área da Psicologia: Psicologia da Saúde

DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A GESTAÇÃO

Justificativa: A depressão pós-parto é uma condição que interfere na relação mãe-bebê e pode dificultar a formação de vínculo mãe-bebê. Dificuldades na aceitação da gestação também podem dificultar o vínculo mãe-criança, especialmente em contexto de depressão da mãe. O diagnóstico da DPP é uma tarefa difícil, dado que a sintomatologia pode variar em apresentação e intensidade, além dos sintomas serem normalmente negligenciados pela mãe e familiares, pois podem ser confundidos com o desgaste e cansaço típicos da demanda do puerpério. Embora alguns autores relatem que a depressão pós-parto tenda a ser leve, ainda sim pode ocorrer prejuízo, pois a relação mãe-bebê está em uma fase importante para seu desenvolvimento e a mãe sofre tanto por seus sintomas como pela indisponibilidade emocional com seu bebê. Nesse sentido, o presente estudo buscou descrever os sintomas depressivos de mães com depressão pós-parto. Participaram 21 mulheres diagnosticadas com depressão pós-parto, de diferentes níveis socioeconômicos.,A idade média das mães foi de 32,70 (DP = 7,82). Metade das mães era primípara e a maioria vivia com o pai do bebê. A avaliação de depressão foi feita com base no Inventário de Depressão de Beck (BDI) e em uma entrevista diagnóstica baseada no DSM-IV-TR. A média do escore do BDI foi 25 (DP = 8,1).Todas as mães foram encaminhados para tratamento psicológico, especificamente para Psicoterapia Breve Pais-bebê. Foi realizada uma análise qualitativa dos sintomas depressivos das entrevistas transcritas. Todas as mães relataram fadiga severa, preocupação, ansiedade, mudanças negativas no sono e vontade frequente de chorar. Poucas mães disseram que queriam morrer e nenhum relatou sentir-se inútil ou ter pensamentos suicidas. Boa parte das mães relatou intensa irritabilidade. A maioria relatou um aumento no apetite e sentimentos de culpa em função da gravidez não planejada. A dificuldade em aceitar a gestação pode colocar em risco o estabelecimento do vínculo mãe-criança, especialmente quanto às expectativas com relação ao bebê e as mudanças provocadas por sua chegada. Os resultados mostraram intenso sofrimento das mães, que pode afetar a família como um todo.Os resultados também indicaram possíveis sinais de ansiedade associados aos sintomas depressivos, o que merece ser avaliado mais pormenorizadamente. Nesse sentido, atenção especial deve ser dada quanto ao planejamento e aceitação da gravidez em contexto de depressão pós-parto, ainda na gestação. A dificuldade nesse aspecto pode afetar negativamente o estabelecimento de vínculo mãe-bebê. Cabe ressaltar a importância de critérios claros para o diagnóstico correto da depressão pós-parto, pois esta doença tende a ser sub-diagnosticada, e por vezes surgem co-morbidades com sintomas de ansiedade, que podem potencializar o risco de cronificação do quadro depressivo.
Justificativa: Apoio financeiro: CNPq e FAPERGS
Palavras-chave: depressão pós-parto, família, sintomas depressivos
Nível do trabalho: P - Pesquisador
Área da Psicologia: SAÚDE

Coordenador: Giana Bitencourt Frizzo

ACEITAÇÃO DA GRAVIDEZ EM CONTEXTO DE DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ANÁLISE QUALITATIVA DE SINTOMAS DEPRESSIVOS EM UMA AMOSTRA CLÍNICA. Giana Bitencourt

Frizzo, Wagner Campelo Rohde*, Cesar Augusto Piccinini e Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A depressão pós-parto é uma condição que interfere na relação mãe-bebê e pode dificultar a formação de vínculo mãe-bebê. Dificuldades na aceitação da gestação também podem dificultar o vínculo mãe-criança, especialmente em contexto de depressão da mãe. O diagnóstico da DPP é uma tarefa difícil, dado que a sintomatologia pode variar em apresentação e intensidade, além dos sintomas serem normalmente negligenciados pela mãe e familiares, pois podem ser confundidos com o desgaste e cansaço típicos da demanda do puerpério. Embora alguns autores relatem que a depressão pós-parto tenda a ser leve, ainda sim pode ocorrer prejuízo, pois a relação mãe-bebê está em uma fase importante para seu desenvolvimento e a mãe sofre tanto por seus sintomas como pela indisponibilidade emocional com seu bebê. Nesse sentido, o presente estudo buscou descrever os sintomas depressivos de mães com depressão pós-parto. Participaram 21 mulheres diagnosticadas com depressão pós-parto, de diferentes níveis socioeconômicos.,A idade média das mães foi de 32,70 (DP = 7,82). Metade das mães era primípara e a maioria vivia com o pai do bebê. A avaliação de depressão foi feita com base no Inventário de Depressão de Beck (BDI) e em uma entrevista diagnóstica baseada no DSM-IV-TR. A média do escore do BDI foi 25 (DP = 8,1).Todas as mães foram encaminhados para tratamento psicológico, especificamente para Psicoterapia Breve Pais-bebê. Foi realizada uma análise qualitativa dos sintomas depressivos das entrevistas transcritas. Todas as mães relataram fadiga severa, preocupação, ansiedade, mudanças negativas no sono e vontade frequente de chorar. Poucas mães disseram que queriam morrer e nenhum relatou sentir-se inútil ou ter pensamentos suicidas. Boa parte das mães relatou intensa irritabilidade. A maioria relatou um aumento no apetite e sentimentos de culpa em função da gravidez não planejada. A dificuldade em aceitar a gestação pode colocar em risco o estabelecimento do vínculo mãe-criança, especialmente quanto às expectativas com relação ao bebê e as mudanças provocadas por sua chegada. Os resultados mostraram intenso sofrimento das mães, que pode afetar a família como um todo.Os resultados também indicaram possíveis sinais de ansiedade associados aos sintomas depressivos, o que merece ser avaliado mais pormenorizadamente. Nesse sentido, atenção especial deve ser dada quanto ao planejamento e aceitação da gravidez em contexto de depressão pós-parto, ainda na gestação. A dificuldade nesse aspecto pode afetar negativamente o estabelecimento de vínculo mãe-bebê. Cabe ressaltar a importância de critérios claros para o diagnóstico correto da depressão pós-parto, pois esta doença tende a ser sub-diagnosticada, e por vezes surgem co-morbidades com sintomas de ansiedade, que podem potencializar o risco de cronificação do quadro depressivo.

2º Apresentador: Daniela Centenaro Levandowski

EXPERIÊNCIAS DE GESTANTES ADOLESCENTES GAÚCHAS COM O ACOMPANHAMENTO PRÉ-NATAL. Daniela Centenaro Levandowski, (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre), Marcieli Lima da Silva (Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS/Brasil), Jaqueline Wendland (Institut de Psychologie, Laboratoire de Psychopathologie et Processus de Santé Universidade Paris Descartes, Paris/França).

O acompanhamento pré-natal é uma estratégia importante para garantir a saúde materno-infantil. No caso de uma gestação na adolescência, cujos riscos de complicações de saúde para a gestante e o bebê são maiores, a realização de tal acompanhamento adquire ainda mais relevância. O presente estudo qualitativo, derivado do projeto de pesquisa Avaliação de Aspectos Emocionais de Adolescentes do Vale dos Sinos na Transição para a Parentalidade: Um Estudo Longitudinal (Levandowski, 2008), objetivou descrever as experiências de gestantes

adolescentes gaúchas com o acompanhamento pré-natal. Quatorze adolescentes, que estavam no segundo trimestre de sua primeira gestação, não apresentavam complicações clínicas e realizavam tal acompanhamento em unidades básicas de saúde da região do Vale dos Sinos/RS (Brasil), participaram do estudo. A idade das participantes variou de 13 a 18 anos e o nível socioeconômico era baixo. Apenas uma delas exercia atividade ocupacional como diarista e nenhuma havia finalizado o Ensino Médio. Em relação ao estado civil, sete participantes coabitavam com o namorado. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada, realizada individualmente e gravada em áudio para posterior transcrição, que investigava, dentre outros temas, a experiência da adolescente com o acompanhamento pré-natal. A análise de conteúdo qualitativa das entrevistas, que seguiu um modelo fechado, revelou o início precoce do acompanhamento pré-natal e sua realização de maneira assídua pelas adolescentes, de acordo com o preconizado pelo Ministério da Saúde. As participantes demonstraram envolvimento com essa atividade, sendo geralmente acompanhadas nas consultas e exames por familiares (mãe, irmã, companheiro, tia e sogra). Entretanto, relatos de não acompanhamento foram encontrados, tanto por desejo da adolescente como por impossibilidade dos familiares. A relação com os profissionais de saúde foi considerada positiva pelas participantes, que manifestaram seu contentamento em relação aos cuidados deles recebidos. Contudo, foi mencionada a necessidade de redução do tempo de espera para as consultas como um aspecto a ser aprimorado no atendimento. Percebeu-se a importância do trabalho realizado pelos enfermeiros e agentes comunitários de saúde para a adesão das adolescentes às consultas e outras atividades ligadas ao pré-natal, o que reforça a necessidade de educação continuada para tais profissionais. Sugere-se que novos estudos investiguem essa temática, abordando aspectos como: as necessidades apresentadas pelas adolescentes acerca da gestação e do parto; a avaliação longitudinal das experiências das adolescentes com o acompanhamento pré-natal, tendo em vista as diferentes questões emocionais que perpassam cada trimestre gestacional; a investigação dos motivos pelos quais as adolescentes aderem ou não ao acompanhamento pré-natal, bem como as expectativas que nutrem em relação a esse acompanhamento antes de seu início. Com base nesse conhecimento, pode-se aprimorar o acesso das adolescentes aos serviços de saúde, bem como sua adesão a esse importante acompanhamento.

Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: gestação; adolescência; pré-natal.
Nível do trabalho: P - Pesquisador / Outro: TCC
Área da Psicologia: SAÚDE

3º Apresentador: Angela Helena Marin

A CONSTITUIÇÃO DA MATERNIDADE EM GESTANTES SOLTEIRAS. Angela Helena Marin (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Aline Grill Gomes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Rita Sobreira Lopes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Cesar Augusto Piccinini (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).

A gravidez é um período marcado por diversas mudanças e significa para a mulher uma experiência singular, repleta de intensos sentimentos, os quais podem incitar mudanças de diversas ordens. Tais aspectos já fazem com que esse período seja vivenciado com algumas dificuldades, que podem se intensificar quando o pai do bebê não está presente, considerando que o seu apoio tem sido indicado como o mais importante para a mãe durante a gestação e os primeiros meses de vida do bebê. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi investigar a

constituição da maternidade em gestantes solteiras. Participaram nove gestantes primíparas, que estavam no último trimestre de gestação e não apresentavam problemas de saúde. Todas eram solteiras e assumiram a responsabilidade de ter um filho sem a presença do pai biológico ou de outro companheiro que o substituísse. Elas tinham idades entre 19 e 28 anos, eram de níveis socioeconômicos variados e residiam na região metropolitana de Porto Alegre. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com questões relacionadas às percepções da gestante em relação ao planejamento da gravidez, sua aceitação, seu estado de humor predominante, assim como sobre o contexto da relação com o pai do bebê e demais membros de sua família. Além disso, investigaram-se as percepções e fantasias da gestante sobre o bebê e a maternidade. As respostas foram submetidas à análise de conteúdo qualitativa, considerando quatro categorias temáticas, a saber: sentimentos em relação 1) às transformações corporais; 2) às transformações psicológicas; 3) ao apoio recebido; e, 4) ao tornar-se mãe. Os resultados revelaram que a constituição da maternidade em mães solteiras esteve associada tanto a transformações corporais, como psicológicas e sociais, que acabaram por interferir no âmbito intrapsíquico e inter-relacional das gestantes, principalmente devido ao fato de a gravidez não ter sido planejada e elas se sentirem culpadas por esta situação. A vivência da maternidade apareceu ligada a sentimentos de tristeza, raiva e solidão e a dúvidas sobre o desejo de ficar com o bebê. Contudo, percebeu-se, também, um gradual processo de aceitação da gestação, especialmente se a gestante contava com o apoio de familiares. No tocante as expectativas para depois do nascimento do bebê, destacou-se um sentimento de insegurança e temor sobre como iriam educar seus filhos sozinhas. Para compensar essa sensação de incapacidade, parece ter sido necessário um movimento de idealização da maternidade, como se elas precisassem se ver totalmente disponíveis para suprir todas as demandas da criança e como se pudessem assumir a função de mãe e de pai. Por fim, é plausível pensar que mesmo que ser mãe solteira possa implicar em uma sobrecarga de tarefas, especialmente na gestação e nos primeiros anos de vida da criança, a ausência do pai não pode ser entendida como determinante para o prejuízo da relação mãe-bebê, pois essa dependerá de como a mãe vivencia esta falta e a transmite para a criança.

Palavras-chave: mãe solteira; gestação; maternidade.

Pesquisador – P
DES-Psicologia do Desenvolvimento

Proponente: Giovana Veloso Munhoz da Rocha

Área da Psicologia: Psicologia Juridica, Forense e Criminal

AVALIAÇÃO DE RISCO E CRIMES SEXUAIS: PESQUISA E INTERVENÇÃO COM ADULTOS E ADOLESCENTES

Justificativa: A Psicologia Forense é um campo emergente da Psicologia brasileira . Dentre as múltiplas ações do psicólogo forense está a Avaliação de Risco. Este é um procedimento baseado na avaliação de variáveis estáticas e dinâmicas relacionadas ao individuo e que visa personalizar as medidas e intervenções jurídicas e clínicas para cada sujeito. Sendo assim, constitui-se em procedimento baseado em conhecimento científico, amplamente utilizado sobretudo em países como Estados Unidos Canadá, Austrália, dentre outros. É preciso discutir tal procedimento do ponto de vista técnico-científico a fim de fornecer subsídios aos profissionais que atuam na área, sobretudo adaptando instrumental para utilização com a população brasileira. Torna-se relevante apresentar a experiência de profissionais que atuem na área e que conhecem e desenvolvem pesquisas na área, pois sabe-se que grande número de psicólogos forenses acabam por trabalhar apoiados em suas vivências profissionais, sendo a maior parte dessas empírica e não baseada em evidências científicas. Espera-se por meio deste trabalho apresentar um panorama da avaliação de risco em casos ligados a crimes sexuais, proporcionando à audiência uma reflexão, bem como instrumentalização neste tema.

Coordenador: Giovana Veloso Munhoz da Rocha

AVALIAÇÃO DE RISCO DE ADOLESCENTE ACUSADO DE ESTUPRO: O PROCESSO CLÍNICO E A UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO. Giovana Veloso Munhoz da Rocha (Programa de Psicologia Forense do Mestrado em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba – PR).

O presente trabalho trata do processo que na Psicologia Forense é chamado de Avaliação de Risco, mais especificamente em relação à população de adolescentes que cometeram agressão sexual. A palavra risco comunica um importante ponto que em sua avaliação psicólogos forenses proporcionam às cortes ou outras agências da lei ou de serviço social, com um enunciado da probabilidade de que um individuo poderá vir a se comportar de uma maneira inapropriada. A avaliação da probabilidade pode se basear no julgamento clinico ou em certas "variáveis preditoras" que existem na história do indivíduo. Algumas destas variáveis podem ser: comportamento violento prévio, idade, falta de suporte social, abuso de álcool ou outras substâncias e um histórico de desordem mental grave. Avaliações de agressores sexuais são extremamente desafiadoras de se realizar devido à natureza heterogênea e multidirecional das pessoas que cometem tais crimes, ainda mais quando se trata de adolescentes, cuja flexibilidade comportamental é ainda mais evidente do que em adultos. Será apresentado um instrumento americano em sua versão de 2003, o Juvenile *Sex Offender Assessment Protocol–II (J-Soap–II)*, ainda em fase de pesquisa para validação pelos autores Robert

Prentky (PhD) e Sue Rightrand (PhD), que pode servir de base para investigações de amplo espectro, que associam às avaliações atuariais de risco (estatísticas) às entrevistas clínicas realizadas por especialistas. Este instrumento possui quatro subescalas que visam dar conta de fatores dinâmicos e estáticos considerados para avaliar risco. Para este fim serão apresentados dados relativos a um adolescente que foi acusado de cometer dois atos infracionais graves, definidos pela legislação penal como estupro. O mesmo é um dos oito indivíduos encaminhados no ano de 2011 para atendimento no Laboratório de Estudos Forenses do Mestrado de Psicologia, na área de concentração Psicologia Forense. Destes apenas um caso, o que será discutido, veio por encaminhamento extra-oficial. Contudo, após inicio da intervenção clínica psiquiátrica e psicológica, as famílias das vítimas desencadearam o processo junto à Vara de Justiça competente, e este ainda encontra-se em andamento, estando o jovem em medida socioeducativa em meio aberto. Como a avaliação de risco não deve valer-se de apenas instrumental atuarial, será demonstrado como o processo de avaliação pode e deve valer-se de intervenções clínicas. Para tanto serão apresentados dados relativos à história de vida, histórico familiar, variáveis de desenvolvimento global, características acadêmicas, além da avaliação realizada em três momentos do acompanhamento médico psiquiátrico e psicológico em análise do comportamento com a utilização da J-SOAP-II.

Palavras-chave: Psicologia Forense, Avaliação de Risco, Agressão Sexual

1º Apresentador: Antonio de Pádua Serafim

AVALIAÇÃO DE RISCO PARA CRIMES SEXUAIS. Antonio de Pádua Serafim (Programa de Psiquiatria e Psicologia Forense – Instituto de Psiquiatria – HCFMUSP; Núcleo de Apoio à Pesquisa em Neurociência Aplicada (NAPNA), Universidade de São Paulo)

A prática de latrocínios, homicídios, estupros, sequestros etc., nunca é "normal", independentemente da forma de se perpetuar, pois a norma é não cometer tais crimes. O consenso é que fenômeno como a violência deve ser estudado de modo interdisciplinar pela Sociologia, Criminologia, Antropologia, Psiquiatria e Psicologia, dado que, apesar de "anormal", na minoria das vezes pode ser atribuído a algum transtorno. O fator motivacional do homicídio, por exemplo, é uma questão de difícil compreensão e que pede investigações também mais complexas e reflexões multifacetadas acerca da correlação entre uma possível psicopatologia e esta conduta antissocial. Ressalta-se que tais características ou condutas individuais não podem ser tomadas por transtornos mentais, e ideias superadas em relação ao doente mental "*stricto sensu*" com violência ainda devem ser abandonadas, sob risco de alimentarmos o mito de que um indivíduo portador de uma doença mental como a esquizofrenia, transtorno afetivo bipolar e mesmo quadros epilépticos é um "louco perigoso", que sai atacando estranhos inocentes em lugares públicos. Pesquisas internacionais tem demonstrado que de uma maneira geral os doentes mentais graves (psicóticos e portadores de TAB) cometem menos crimes que a população geral de doentes mentais e da população geral sem histórico psiquiátrico. O Estado de São Paulo comporta hoje cerca de 160.000 mil encarcerados. Destes, apenas 1.400 são considerados portadores de uma doença mental grave, que afeta de fato o seu senso de realidade o que corresponde a menos de 1% (0,9) da população carcerária no estado. Vários autores enfatizam que a avaliação do risco de comportamento violento deve ser uma das funções atribuídas ao profissional da

psiquiatria e psicologia forense. Para estes profissionais não tratam de todas as pessoas consideradas perigosas, mas somente daquelas que apresentam um transtorno mental com risco potencial para comportamentos violentos. Frente ao exposto o objetivo deste trabalho é apresentar os fatores de riscos para ocorrências de crimes de natureza sexual praticados por adultos. Foram avaliados 89 sujeitos do sexo masculino internados no em uma Unidade de Custódia e Tratamento Psiquiátrico. A análise consistiu na avaliação de dois grupos de estudo: Grupo I, composto de 46 sujeitos que cometeram crimes sexuais, e Grupo II, formado por 43 sujeitos que foram condenados por outros crimes que não de natureza sexual. As variáveis analisadas foram: idade, grau de escolaridade, estado civil, cútis, naturalidade, internações psiquiátricas anteriores e diagnóstico psiquiátrico. Os principais resultados demonstraram que entre os sujeitos do Grupo I (condenados por crimes sexuais), observou-se maior prevalência de diagnóstico de retardo mental (61,76%) e transtorno de personalidade (29,41%). Já no Grupo II (condenados por crimes de outra natureza que não sexual), houve predominância do diagnóstico de esquizofrenia (82,93%). Conclusão: Diferentemente do encontrado na literatura internacional, em nosso meio observou-se baixo índice de transtorno de personalidade entre os sujeitos estudados, o que pode ser justificado pelo fato de o sistema penal brasileiro considerar tal diagnóstico apenas como perturbação da saúde mental, não acarretando em medida de segurança ou internação psiquiátrica.
Palavras-chave: Avaliação de Risco, crimes sexuais, transtornos mentais

ABUSO SEXUAL DE MENINOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOSSEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA. Mery Candido de Oliveira (Programa de Psiquiatria e Psicologia Forense (NUFOR) do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP

As várias formas de violência dirigidas a crianças e adolescentes se faz presente em várias realidades mundiais. Dentre elas o abuso sexual tem sido enfatizado como um evento de importante conteúdo traumático com elevadas probabilidades de se traduzir em fatores de riscos para o desenvolvimento, em função das variadas e graves sequelas emocionais, comportamentais, sociais e cognitivas associadas a sua ocorrência. Os estudos e pesquisas em Neurociências têm comprovado de maneira cada vez mais substancial os graves efeitos dos traumas ligados a violência no desenvolvimento da arquitetura neural durante a primeira infância. Quando a situação abusiva ocorre de forma prolongada e nos períodos das chamadas "janelas de vulnerabilidade", durante os processos de poda neural, os riscos tornam-se mais graves. O abuso sexual masculino tem sido considerado um dos maiores fatores de risco na reprodução do ciclo da violência, pela freqüência em que o papel de vítima é substituído pelo de agressor. O objetivo desse estudo foi investigar as características psicológicas e sexuais de adolescentes do sexo masculino que foram enquanto crianças, vítimas de abuso sexual. Trata-se de um estudo exploratório, retrospectivo e seccional realizado no Programa de Psiquiatria e Psicologia Forense (NUFOR) do Ipq-HC-FMUSP e na Fundação Casa, para menores em medida sócio-educativa. Foram formados três grupos de participantes sendo 20 de adolescentes de 16 a 18 anos, internos da Fundação, (GA), com histórico de abuso sexual na infância, 06 adolescentes (GC) com a mesma idade e o mesmo histórico, que procuraram tratamento psicológico no ambulatório NUFOR e 21 adolescentes, sem histórico de abuso, na mesma faixa etária e escolaridade, que

formaram o grupo controle (GB). Avaliou-se o desempenho cognitivo quanto as funções da memória, o nível de estresse, impulsividade, nível de neuroticismo e o desenvolvimento da vida sexual dos adolescentes. Foram usados como instrumentos, testes padronizados e um questionário elaborado pela pesquisadora. Os resultados da comparação entre as variáveis dos grupos A e B apontaram diferenças significativas no que se refere ao processo de recuperação total da memória, na recuperação consistente e inconsistente. Houve significância também quanto à estabilidade emocional, no fator Desajustamento Psicossocial, que contem itens relacionados a comportamentos sexuais de risco e atípicos. Os achados da análise qualitativa, com relação ao comportamento sexual atual, revelaram que 50% dos adolescentes com ou sem transgressões legais, assumiram a prática de sexo com crianças, com uma ou mais vítimas. Quanto às características do abuso sofrido, a violência intrafamiliar, unida ao maior tempo de duração, revelou-se como fator de gravidade no *modus operandi* do comportamento agressor. Como conclusão constatou-se que uma história de abuso sexual em meninos pode ser um dos fatores de risco para posteriores déficits de memória, e pode estar associado com a repetição e a gravidade do comportamento sexualmente agressivo na adolescência.

Palavras-chave: Abuso Sexual; delitos sexuais, adolescência.

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 - 20/10/2012

Proponente: Helena Rinaldi Rosa

Área da Psicologia: Avaliação Psicológica

INVESTIGAÇÕES COM O DESENHO DA FIGURA HUMANA EM GRUPOS DIVERSOS

Justificativa: O Desenho da Figura Humana é uma das técnicas gráficas mais empregadas na clínica psicológica e também uma das mais estudadas em pesquisas nas diversas áreas de atuação em psicologia. Inicialmente proposto para análise do desenvolvimento infantil, seu uso enquanto técnica projetiva de diagnóstico de personalidade expandiu-se a tal ponto que atualmente apresenta uma literatura muito vasta. Este simpósio apresenta pesquisas realizadas com esta técnica enquanto instrumento para avaliação intelectual e projetiva de alguns grupos específicos. O primeiro trabalho relata uma pesquisa desenvolvida em um estágio no Setor de Gestação de Alto Risco do hospital geral, no qual são atendidas adolescentes gestantes que, por sua faixa etária, são consideradas de risco. O DFH realizado pelas adolescentes foi avaliado pela técnica de Machover e teve como objetivo caracterizar o estado emocional e afetivo desta difícil fase, que é a gestação na adolescência e assim contribuir para subsidiar as intervenções terapêuticas bem como ações de prevenção da saúde. No segundo trabalho é relatada a pesquisa junto a pré-adolescentes com sobrepeso e obesidade, empregando o DFH, também segundo a proposta de Machover, para investigação da personalidade, com o objetivo de determinar as características psicológicas relacionadas à auto-imagem e ao simbolismo do esquema corporal. Dessa forma pretende-se aprofundar a compreensão e conhecimento dos aspectos envolvidos no psiquismo dessas adolescentes, de modo a poder planejar formas de intervenção que possam auxiliá-las. O terceiro trabalho pretende verificar quais as principais características encontradas no DFH de adultos analfabetos, mostrando como a ausência da escolarização formal pode afetar os desenhos desse grupo, o que torna necessária maior cautela no uso dessa técnica para avaliar a personalidade dos mesmos.

Coordenador: Helena Rinaldi Rosa

O DESENHO DA FIGURA HUMANA EM ADOLESCENTES GRÁVIDAS: UM ESTUDO NO HOSPITAL GERAL

Hélimi Iwata*, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente (UNESP Univ. Estadual Paulista – Assis/SP).

INTRODUÇÃO

Numa perspectiva médica a adolescência é, segundo Yazlle (2006), um período compreendido entre os 10 e os 19 anos, *"no qual ocorrem profundas mudanças, caracterizadas principalmente por crescimento rápido, surgimento das características sexuais secundárias, conscientização da sexualidade, estruturação da personalidade, adaptação ambiental e integração social"* (p. 443).

Já para a psicanalista Aberastury (1981) o período da adolescência é uma etapa decisiva de desprendimento que se iniciou com o nascimento. Este período causa mudanças psicológicas que vão além das mudanças corporais, ocorrendo uma nova relação com os pais e com o mundo. O adolescente precisa elaborar o luto pelo corpo de criança e pela relação com os pais da infância. Além disso, é necessário reformular-se a respeito de alguns conceitos que tem sobre si mesmo e que o levam a abandonar sua auto-imagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta. Percebemos então que

de um ponto de vista psicológico a adolescência é um período não muito bem delimitado cronologicamente e também engloba um número bem maior de vivências e alterações do que se o considerarmos numa abordagem unicamente médica.

Para Maldonado (1997), no ciclo vital da mulher há três períodos críticos de transição que constituem fases do desenvolvimento da personalidade, que são a adolescência, a gravidez e o climatério. Esses períodos se caracterizam por mudanças metabólicas complexas, estado temporário de equilíbrio instável devido às mudanças nos aspectos de papel social, necessidade de novas adaptações, reajustamentos interpessoais e intrapsíquicos e mudança de identidade. Portanto, as gestantes adolescentes se encontram nos dois períodos críticos no ciclo vital da mulher, merecendo, então, uma atenção redobrada dos profissionais, tanto da psicologia, quanto dos demais profissionais da saúde para ajudá-la a prosseguir a gestação da melhor forma possível.

Segundo Francine Dauphin apud Szejer e Stewart (2002) *"a gravidez é um período de transição, de metamorfose, período de iniciação. E como em todas as experiências de iniciação, não se sai do mesmo modo como se entrou"* (p. 117). Este período pode ser caracterizado como uma fase de transição e/ou crise, dependendo da situação. Desse modo, cada mulher vive a gravidez de uma maneira, porém todas elas saem da gestação modificadas, com novas emoções e pensamentos em relação à criança e à vida. Maldonado (1997) afirma que além de ser um período de transição, há uma reestruturação e reajustamento em várias dimensões, como a mudança de identidade, passando de filha e mulher para ser mãe; isso acontece mesmo em mulheres que já possuem filhos, pois a vinda de outro membro da família altera toda a dinâmica familiar já existente.

Segundo Szejer e Stewart (2002), toda gravidez tem uma história e não existe gravidez ideal, algumas mulheres vivem um sentimento de plenitude; outras vivem estados de angústia. Essa diversidade de estados e de sentimentos também pode ser observada numa mesma mulher ao curso de diferentes gestações e até numa mesma gravidez. Devemos então, observar como cada gestante se sente em relação à gravidez, levando em conta sua história de vida, pois cada uma a percebe de uma maneira, tendo diferentes reações ao longo da gestação.

De acordo com Soifer (1980), ao longo da gestação, a mulher tem episódios de ansiedade, que podem durar dias ou semanas podendo chegar, dependendo da intensidade, a causar sintomatologia física própria como aborto ou parto prematuro. Além disso, a gravidez envolve, não apenas a mulher, mas também seu companheiro e as pessoas que a rodeiam, participando assim, de seu processo psicológico de regressão. Esta regressão é evidenciada pela sonolência, que ocorre principalmente nos primeiros meses da gestação, e *"a mulher torna-se ensimesmada, encontra-se em um estado de torpor e, por conseguinte, um tanto afastada dos demais"* (p. 23).

Langer (1981) também destaca a regressão que ocorre na gestante, necessitando, pelo uso deste mecanismo, de amparo e proteção. Este estado desperta nela as suas angústias precoces, principalmente ligadas ao relacionamento com a sua mãe. Pode temer por sentir que está roubando o bebê dela ou pode ocorrer grande apego e submissão à mesma. A mulher grávida identifica-se com o bebê, revivendo assim sua própria vida intra-uterina. Assim, tratando-se de adolescentes grávidas, que geralmente, ainda estão mais fortemente ligadas à figura materna, por estarem no processo de desprendimento das figuras parentais, este estado pode ser intensificado. Ainda segundo esta autora, a gravidez e o parto são acompanhados de mal-estar, angústia e dor. Por

isso, o papel das mães destas gestantes é o de criar filhas com o mínimo de angústia e sentimentos de culpa possível, para que elas possam aceitar prazerosamente sua feminilidade, e assim considerar a gravidez e o parto como a conquista máxima de seu corpo, que é conceber e alimentar um ser dentro de si. Neste sentido percebemos a importância do apoio familiar diante da notícia de uma gravidez, principalmente no que se refere à gestação na adolescência, para que assim, ela possa sentir-se mais segura e vivenciar a gravidez com menos ansiedade.

As gestantes atendidas no Setor de Gestação de Alto Risco do Hospital Regional de Assis são exclusivamente as que apresentam gravidez de alto risco. Esta é uma parcela das gestantes que, por terem características específicas ou por sofrerem algum agravo, apresentam maiores probabilidades de evolução desfavorável, tanto para o feto como para a mãe. Segundo o Ministério da Saúde (2001), por gestação de alto risco entende-se como sendo aquela na qual a vida ou a saúde da mãe e/ou do feto tem maiores chances de serem atingidas por complicações que a média das gestações. Estão incluídas na gestação de alto risco as adolescentes de até 15 anos, mulheres que já ultrapassaram a idade considerada ideal para a concepção, 35 anos, além das que apresentam algum problema de saúde, como hipertensão, diabetes, obesidade, problemas cardíacos, entre outras condições de saúde física que podem comprometer o desenvolvimento normal da gestação.

As adolescentes grávidas são atendidas neste setor, por ter maior "risco" durante a gestação, pois, segundo Dias e Teixeira (2010), fatores fisiológicos e psicológicos característicos da adolescência fariam a gravidez, neste período, ser uma situação de risco biopsicossocial, capaz de trazer consequências negativas não apenas para as adolescentes, mas para toda a sociedade. A vivência da maternidade durante a adolescência torna-se mais complicada, pois as exigências que aparecem na busca da identidade do adolescente acrescentam-se à exigência do "tornar-se mãe".

O trabalho de Santos e Carvalho (2006) encontrou certo empobrecimento da capacidade de discriminação e avaliação e despreparo para enfrentar situações da vida nas adolescentes grávidas, em que elas, muitas vezes, não conseguem lidar com seus desejos, impulsos e angústias e os conflitos conscientes e inconscientes que afligem. Devido a essas questões, as adolescentes ficam expostas às pressões internas e externas, não conseguindo discriminar o que é melhor e pior para sua vida. Esta falta de perspectiva e ideais em sua vida, acaba tornando a gravidez em si o seu projeto de vida e assim, movidas pelo impulso, acabam engravidando. Esta gravidez pode esconder um desejo inconsciente de sair da escola, garantir que o namorado não a abandone, ou seja, prendê-lo, ou então de tornar-se adulta e respeitada na sua fantasia. Portanto, a gravidez permite à adolescente estruturar sua vida a partir de uma nova perspectiva, mesmo que não planejada.

Aguirre (1995) ressalta que tanto a adolescência quanto a gravidez podem ocorrer estados ou condutas aparentemente psicopatológicas, porém para algumas adolescentes ou gestantes estas podem se configurar como passageiras e para outras podem acentuar-se ou cristalizar-se sem a assistência adequada. Dessa forma, faz-se necessário o acompanhamento psicológico dessas gestantes ao longo da gestação e, em alguns casos, após o parto se necessário.

Ainda segundo esta autora, o estado psíquico destas adolescentes grávidas remete aos conflitos anteriores à concepção, ligados ao processo da adolescência. Ocorre a dificuldade de elaboração do corpo infantil; a desidealização dos pais da infância e os conflitos maternos existentes, pois o processo de tornar-se independente,

principalmente em relação à mãe, é carregado de ambivalência, portanto, todos esses conflitos devem ser levados em conta na compreensão do estado psíquico de cada adolescente grávida. A resolução incompleta ou inadequada das etapas normais do desenvolvimento psicossexual compromete a possibilidade do estabelecimento de relações afetivas. Assim, o relacionamento com o pai do bebê remete a uma dinâmica inconsciente relacionada às dificuldades com a família de origem e assim por diante. Observamos, então, a importância da compreensão da dinâmica familiar existente no acompanhamento dessas adolescentes.

Em sua tese de doutorado, Herzberg (1993) comparou um grupo de gestantes com um de mulheres não gestantes através do DFH e TAT. Duas psicólogas com experiência na clínica e conhecimento sobre técnicas projetivas atuaram como juízas e ambas ratificaram quanto à pobreza dos desenhos, relatadas anteriormente pela própria criadora da técnica, devido ao fato da população ser de um baixo nível socioeconômico, possuindo um esquema corporal pobre, mal estruturado, apesar de ter todos os elementos, como cabeça, tronco e membros. Elas atribuem esta deficiência não somente aos aspectos emocionais específicos, mas também às dificuldades advindas de um trabalho com o corpo muito deficiente nas escolas públicas. A análise estatística também mostrou que existem características "típicas" da gravidez como maior inclinação das figuras, quadris maiores e abdomens grandes, maior frequência de representação de seios e cintura e também maior frequência de Desenhos de Figuras Femininas Compensatórias e Desenhos de Figuras Normais.

Por todas essas razões, *"a preparação profilática válida deveria iniciar-se pelo esclarecimento psicológico do casal progenitor, desde o início, praticamente desde a confirmação diagnóstica da gravidez"* (Soifer, 1980, p. 25). Portanto, tratando-se de gestação na adolescência, esta profilaxia deve ser realizada ainda com maior intensidade, pois um bebê traz consigo vários sentimentos e consequências em relação à maternidade, paternidade e a própria vida de cada um dos progenitores.

O Desenho da Figura Humana foi escolhido enquanto método projetivo de rápida aplicação e que não gera constrangimento nas gestantes adolescentes, que não se recusam a participar da pesquisa. Segundo Anzieu (1978), as técnicas projetivas permitem a abordagem da personalidade como uma estrutura em evolução, em que os elementos que o constituem se encontram em interação. Essas técnicas se diferenciam dos testes de aptidão pela liberdade com que o sujeito pode responder, portanto, as várias formas de interpretação desse material permite um modo preciso de abordagem da pesonalidade. A situação ambígua e de liberdade nas respostas com que o sujeito se depara em relação ao teste projetivo, fazem com que ele sinta um certo vazio que deve ser preenchido não com sua aptidão intelectual, mas sim com os recursos mais profundos de sua personalidade. Entendemos que o Desenho da Figura Humana era adequado para o objetivo proposto por revelar-se como uma expressão direta da imagem corporal daquele que desenha; pois reflete a *"capacidade do indivíduo para atuar em relacionamentos e para submeter o self e as relações interpessoais à avaliação crítica e subjetiva"* (Buck, 2003, p. 57).

Segundo Machover (1949), a personalidade não se desenvolve no vazio, mas sim através do movimento, sentimento e pensamento de um corpo específico. Os métodos projetivos possuem determinantes profundas e muitas vezes inconscientes de autoexpressão, nas quais pode não se manifestar em comunicação direta. Machover (1949) indica ainda que há uma íntima ligação entre a figura desenhada e a personalidade do indivíduo que está desenhando, pois quando a pessoa recebe a ordem

"desenhe uma pessoa" é preciso partir de alguma fonte. Em algum momento aparecem processos de seleção que envolve a identificação, projeção e introjeção; portanto, a imagem corporal, a experiência pessoal, entre outras, guiam o indivíduo para a expressão das necessidades e conflitos de um corpo. A figura desenhada está, então, intimamente relacionada com o sujeito, assim como sua escrita ou qualquer outro movimento expressivo.

Os desenhos projetivos, segundo Hammer (1991), *"estão ligados ao fluxo das necessidades pessoais que invadem a área da criatividade gráfica"* (p. 39). Além disso, há uma tendência do homem a ver o mundo de acordo com sua imagem, ou seja, cada pessoa carrega em seu aparelho psíquico uma imagem, física em sua estrutura e em grande parte inconsciente, do tipo de pessoa que é. Por isso, o Desenho da Figura Humana é um instrumento que permite a gestante se projetar, ou seja, se desenhar de acordo com o que ela vê e sente, e assim podemos estudar o que se passa com ela pela análise de sua produção.

Dessa forma o objetivo deste estudo foi investigar o funcionamento psíquico de adolescentes gestantes que passam pelo momento de uma gestação através da análise do Desenho da Figura Humana, em diferentes momentos de gestação, dependendo do momento em que é iniciado o pré-natal no hospital, a fim de subsidiar as intervenções terapêuticas bem como ações de prevenção da saúde junto à população;

DESENVOLVIMENTO

Participaram da pesquisa 10 (dez) adolescentes grávidas, com o consentimento de seus responsáveis, escolhidas por conveniência entre as que são atendidas pelo serviço do Setor de Gestação de Alto Risco do Hospital Regional de Assis. Este está localizado na cidade de Assis, interior do Estado de São Paulo. A coleta de dados foi realizada no Setor de Gestação de Alto Risco, em uma sala adequada à aplicação de técnicas psicológicas, quando a adolescente veio à sua primeira consulta e era realizada a entrevista psicológica de avaliação e triagem. As participantes foram abordadas por ocasião desta entrevista.

A partir da primeira consulta a adolescente torna-se paciente do Hospital Regional de Assis e toda vez que ela retornar ao pré-natal, é atendida individualmente pela psicóloga responsável pelo setor ou por um(a) estagiário(a). Após o parto são feitas algumas visitas ao quarto, até que ela e o bebê tenham alta.

A aplicação foi individual e, após a entrevista e com seu consentimento e o de seu responsável (com a assinatura do TCLE), a adolescente foi convidada a realizar o desenho de uma pessoa, o melhor possível; o de uma pessoa do sexo oposto ao que ela desenhou primeiro; e a seguir respondeu ao inquérito a respeito das figuras desenhadas.
O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis, processo nº 1282/2011.

A maioria dos desenhos foi de tamanho pequeno ou muito pequeno, o que mostra a dificuldade das adolescentes se perceberem enquanto pessoas adultas e inseridas no mundo. Por outro lado três fizeram a figura masculina em primeiro lugar o que, em se tratando de mulheres e gestantes, nos mostra a dificuldade em viverem a sua feminilidade, perceberem-se adultas e em expressarem a continência da criança que estão gestando já que são ainda adolescentes; indica também a supervalorização da figura masculina.

Metade dos desenhos possui os braços e as mãos para trás, o que significa a fuga do contato, rejeição e, mesmo, atitude primitiva; também necessidade de controlar a expressão dos impulsos hostis ou agressivos. Percebe-se assim, a dificuldade da capacidade de discriminação e avaliação e despreparo para enfrentar situações da vida nas adolescentes grávidas, em que não conseguem lidar com seus desejos, impulsos e angústias que afligem.

A maioria dos desenhos foi na metade esquerda, mostrando o quanto a regressão se faz presente na vida delas, o quanto vivem no passado e na sua impossibilidade de amadurecimento pessoal. Mais do que regressão podemos falar em um desenvolvimento que ainda não ocorreu. Chama a atenção a ênfase dada aos cabelos na grande maioria dos desenhos, bem como à cintura, revelando como as questões da sexualidade e dos impulsos estão presentes e mais ainda afloradas no momento de gestação. A pobreza de detalhes nos desenhos sugere falta na estrutura do esquema corporal, dificuldade em se perceberem adultos, representando as pessoas de modo semelhante aos desenhos realizados por crianças de idades bem inferiores. Trata-se em todos os casos de uma produção imatura, regredida, em que pese o nível socioeconômico e cultural a que os sujeitos pertencem. Podemos então pensar que o alto nível de ansiedade vivido pelas gestantes demonstrado no traçado, no sombreamento, na pobreza de detalhes, vai levar também ao aparecimento de problemas relacionados com a continuidade da gravidez e o parto, além do relacionamento com o restante da família e o próprio bebê.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que o DFH mostrou-se sensível e adequado para avaliar a psicodinâmica das adolescentes gestantes e assim oferecer uma compreensão que possa subsidiar ações preventivas nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY. A; KNOBEL, M. (1992). Adolescência Normal. In: ABERASTURY, A. *O adolescente e a liberdade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

AGUIRRE, A. M. B. (1995). *Aspectos psicodinâmicos de adolescentes grávidas: entrevistas clínicas e Rorschach no contexto hospitalar.* Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

ANZIEU, D. *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2001). *Gestantes de Alto Risco: sistemas estaduais de referência hospitalar à gestante de alto risco*. Brasília.

BUCK, J. *Manual e guia para interpretação do H.T.P*. (2003). São Paulo: Vetor Editora.

DIAS, A. M. e TEIXEIRA, M. A. (2010). Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, Ribeirão Preto, 20 (45), 123-131.

HAMMER, E. F. (1991). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.* São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 12-41.

HERZBERG, E. (1993). *Estudos normativos do Desenho da Figura Humana (DFH) e do Teste de Apercepção Temática (TAT) em mulheres: implicações para o atendimento a gestantes.* Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

LANGER, M. (1981). Gravidez e Parto. In: _____ *Maternidade e Sexo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

MACHOVER, K. (1949). *Proyeccion de la personalidad*. (1. ed.) Cuba: Cultural.

MALDONADO, M. T. P. (1997). *Psicologia da Gravidez*. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Saraiva.

SANTOS, A.; CARVALHO, C. V. (2006). Gravidez na adolescência: um estudo exploratório. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, 56 (125).

SOIFER, R. (1980). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Porto Alegre: Artes Médicas.

SZEJER, M.; STEWART, R. (2002). *Nove meses na vida da mulher*: uma abordagem psicanalítica da gravidez ao nascimento. São Paulo: Casa do Psicólogo.

YAZLLE, M. E. H. D. (2006). Gravidez na adolescência. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, Rio de Janeiro, 28 (8).

Apoio Financeiro: FAPESP

Palavras chave: avaliação psicológica, gravidez na adolescência, Desenho de Figuras Humanas.

Nível do trabalho: IC – Iniciação Científica

Código da área: AVAL – Avaliação Psicológica.

2º Apresentador: Paulo Francisco de Castro

ASPECTOS DE PERSONALIDADE OBSERVADOS EM PRÉ-ADOLESCENTES COM OBESIDADE: CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO DA FIGURA HUMANA. Vanesca Bueno Yokota* (Universidade de Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos - SP).

O objetivo do presente trabalho é discutir traços de personalidade observados em um grupo de pré-adolescentes com obesidade, avaliados pelo Desenho da Figura Humana DFH, segundo a técnica de interpretação de Machover. Os diferentes quadros de obesidade são

considerados, atualmente, como um problema de saúde pública. Sua incidência atinge proporções que inspiram cuidado por parte do sistema de saúde, pois podem influenciar a etiologia de outros problemas de saúde na população. A obesidade envolve causas metabólicas, hormonais, comportamentais, culturais, psicológicas, sociais e em alguns casos, genéticas. Caracteriza-se pelo excesso de tecido adiposo, que causa prejuízos à saúde. O número de adolescentes com obesidade cresce a cada dia, os hábitos alimentares, associados a um grande conjunto de aspectos psicológicos fazem dessa faixa etária alvo de fatores etiopatogênicos, dentre eles, a obesidade. As consequências físicas e psicológicas da obesidade na adolescência são varias, tais como diabetes, colesterol aumentado, inibição social, isolamento, retraimento, entre tantas outras reações particulares. Os fatores relacionais encontram-se entre os mais prejudicados no caso de adolescentes que sofrem com quadros de obesidade, suas relações interpessoais podem ser comprometidas em todos os níveis de interação: família, escola, comunidade. Participaram desse estudo de caso um grupo de oito adolescentes, entre 11 e 13 anos de idade, escolares, de nível socioeconômico médio, todos com diferentes quadros de obesidade. Foi aplicado o DFH, de acordo com as especificações técnicas propostas pelo sistema Machover. O DFH se constitui como um importante recurso para avaliação dos aspectos psicológicos, tanto no que se refere à personalidade, quanto à avaliação da autoimagem e do simbolismo do esquema corporal e suas representações. Após análise dos itens do referido sistema de aplicação e correção, chegou-se aos seguintes resultados: Temática de figuras mais velhas (N=5) que revela desejo de crescer, identificação estreita com as figuras paterna e materna; papel influente de pai ou mãe dominantes. Indicadores de conflitos (N=5), reforços e sombreamento, revelando certa agressividade, ansiedade e expressão autoafirmativa. Omissão simples de orelha (N=6) que significa sinal de indiferença em relação ao sexo masculino e sua aparência. Tronco retangular ou quadrangular (N=5), que indica certa característica esquizóide. No desenho dos pés, sapatos com detalhes (N=5), revelando certa conduta obsessivo-compulsiva. Assim, é possível verificar que, na amostra investigada, existem componentes psicológicos que podem caracterizar o grupo de pré-adolescentes com obesidade que participaram do estudo. Para generalizações mais amplas, é necessária a ampliação dos estudos com esta população.

Apoio: PIC/Unitau - Programa de Iniciação Científica da Universidade de Taubaté.
Palavras chave: Avaliação Psicológica; Desenho da Figura Humana; Obesidade; Adolescência.
Nível do Trabalho: Iniciação Científica - IC
Código da Área: AVAL Avaliação Psicológica.

3º Apresentador: Maria Olinda Gottsfritz Sementille

OMISSÕES COMUNS DO DFH DE ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS. Maria Olinda Gottsfritz Sementille (Pós-graduação SENAC São Paulo SP, LITEP Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo São Paulo SP).

O analfabetismo ainda está presente em nosso país com cerca de 13,9 milhões de analfabetos acima de quinze anos. O presente estudo objetiva discriminar a partir de uma amostra obtida em uma pesquisa sobre o Desenho da Figura Humana - DFH com adultos analfabetos, quais as características mais frequentes nos desenhos realizados por este grupo. O DFH foi aplicado de acordo com a proposta de Machover pedindo-se duas figuras, a primeira uma pessoa e a segunda do sexo oposto. A técnica propicia a expressão da auto-imagem pela projeção de características próprias ao ambiente, pessoas ou coisas que a pessoa representa. Revela aspectos de como o indivíduo se percebe no meio e nas relações, suas ambições e a imagem corporal. O teste foi aplicado a 153 adultos analfabetos que freqüentavam um curso de

alfabetização de jovens e adultos (EJA) na zona sul de São Paulo, cujas idades variavam entre 39 e 60 anos. Os aplicadores foram treinados no procedimento da técnica utilizada. Pelos resultados obtidos percebeu-se que as principais diferenças encontradas entre a presente pesquisa e outras que também apresentaram dados normativos para o DFH é a imaturidade geral dos desenhos, as omissões de detalhes e de proporções que podem estar relacionadas à falta de desenvolvimento do grafismo em termos evolutivos e também ao desenvolvimento intelectual. As características apresentadas a seguir referem-se às omissões mais comuns na amostra. Foram encontradas um total de 62,1% de omissões de detalhes e partes na figura feminina e 69,3% na masculina. As omissões mais freqüentes foram: 13,7% omitiram o nariz na figura masculina; 31,4% não representaram o pescoço na figura feminina e 29,4 na masculina; 36,2% não desenharam os ombros na figura feminina e 31,6% na masculina; 25% desenharam o tronco só da cintura para cima na figura feminina e 40,1% na masculina; 67,8% não assinalaram os seios na figura feminina; 37,5% não representaram a cintura na figura feminina e 41,4% na masculina; 50,7% não desenharam cadeiras na figura masculina; 90,1% não representaram a zona genital na figura feminina e 76,3% na masculina; 47,4% omitiram as mãos na figura feminina e 48% na figura masculina; 27,6% não colocaram roupas na figura feminina e 38,8% não colocaram na masculina. Estes dados sugerem falta de habilidade em desenhar, pouca discriminação cognitiva, dificuldade de adaptação à tarefa e podem estar associadas à falta de treino no uso de lápis e papel e da aprendizagem formal escolar. Indicam baixa auto-estima, sentimento de inadequação social, desvalorização e dificuldades em relação à sexualidade. Revelam também que o conceito do corpo está pouco estabelecido o que denota imaturidade intelectual.

Palavras-Chave: Auto-imagem, Desenho da Figura Humana, Analfabetismo
Nível do Trabalho: Doutorado □ D
Código da Área: AVAL □ Avaliação Psicológica

Proponente: Helmuth Krüger

Área da Psicologia: História da Psicologia

QUESTÕES FILOSÓFICAS DA PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Justificativa: No simpósio ora proposto serão apresentados resultados de estudos teóricos de três pesquisadores sobre problemas filosóficos identificados na Psicologia Contemporânea: na primeira dessas comunicações discutir-se-á a relação entre a Psicologia Teórica e a Psicologia Experimental, na perspectiva da obtenção de maior maturidade científica para esta última; o tema da segunda comunicação é um paralelo entre a Psicologia Racional do século XVIII e a Psicologia que se encontra em delineamento no século atual; e, a última comunicação tratará da natureza da crença, entendida como importante conceito psicológico. Na proposição deste simpósio, foram considerados dois objetivos: avaliar o alcance teórico e a utilidade prática dos estudos realizados; e, incentivar a reflexão sobre temas por eles considerados cientificamente relevantes.

Coordenador: Helmuth Krüger

A NATUREZA DA CRENÇA. Helmuth Krüger (Universidade Católica de Petrópolis, RJ).
Um dos fundamentos de qualquer ciência é a terminologia especializada, necessária à formulação de hipóteses e teorias. Essa terminologia, que também pode ser referida como matriz conceitual deve ser continuamente analisada, visando à obtenção da maior clareza possível quanto ao significado de seus termos e expressões, bem como de sua relação com os conceitos que expressam, pois tanto uma mesma palavra pode subentender diversos conceitos quanto uma única idéia pode ser comunicada mediante termos diferentes. Em particular, um problema bem conhecido desta ordem é o da crença. Trata-se de um conceito bastante empregado na Psicologia contemporânea, notadamente na Psicologia Social, a despeito dos argumentos contrários ao seu uso oriundos da folk-psychology. Num sentido abrangente, a idéia de crença é ao mesmo tempo objeto de análise na Filosofia e na Psicologia. Na Filosofia, distingue-se a crença do conhecimento, o crer do saber, tratando-se, por conseguinte, de um problema inserido na Teoria do Conhecimento. De outro lado, na Psicologia, crenças são consideradas de uma forma pragmática e numa perspectiva funcional, declarações descritivas de experiências sensoriais ou cognitivas, expressas afirmativamente, aceitas por ao menos uma pessoa. O grau da aceitação subjetiva de crenças é um significativo aspecto a considerar na investigação empírica da influência dessas representações mentais simbólicas em processos, estados e conteúdos psicológicos. Assim, parte-se do pressuposto da utilidade epistemológica da crença na explicação e na compreensão da experiência humana, mas tem-se por igual o entendimento de que este conceito envolve questões filosóficas, que convém investigar tendo em vista o objetivo da elevação da validade do conhecimento psicológico nele baseado. Nesse sentido, submetendo-se a idéia de crença à análise fenomenológica, foram obtidas cinco conclusões: crença é uma variável interveniente, situando-se, portanto, entre termos observacionais e construções lógicas; é possível inserir esse conceito em hipóteses empíricas; a considerar suas

características, sobretudo a variabilidade do nível de aceitação subjetiva, crenças podem ser quantificadas; em razão de sua possibilidade de comunicação oral ou escrita, crenças são acessíveis à observação e à metodologia empírica; e, devido à nossa condição simbólica, crenças constituem elementos ideativos úteis na formulação de teorias dotadas de grande amplitude explicativa.

Palavras-chave: cognição, crença; teoria psicológica.

P

HIS

2º Apresentador: Gustavo Arja Castañon

PORQUE A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DEPENDE DA PSICOLOGIA TEÓRICA. *Gustavo Arja Castañon (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

A Filosofia da Psicologia possui quatro campos razoavelmente diversos. São a *Epistemologia da Psicologia*, a *Psicologia Teórica*, a *Psicologia Filosófica* e a *Filosofia da Mente*. Entre estes, a *Psicologia Teórica,* que corresponde na Psicologia ao papel que tem a Física Teórica para a Física, é uma disciplina logicamente necessária à existência da Psicologia Experimental. A Psicologia Teórica não se pretende nem fundamento da Psicologia Científica (como a Epistemologia da Psicologia), nem alternativa a ela (como a Psicologia Filosófica). O papel dela é o de atividade integrante do processo de investigação científica na Psicologia, executando investigações que são ao mesmo tempo: (a) indispensáveis para o avanço do conhecimento científico psicológico; (b) totalmente não empíricas. Podemos citar entre estas atividades a construção de teorias, a clarificação ou inovação conceitual, a dedução de consequências empiricamente testáveis de corpos teóricos, a identificação de dados empíricos que refutam hipótese atualmente corroborada, a avaliação da adequação da metodologia ao problema investigado, a análise do significado dos dados em relação a outras teorias, a descoberta de verdades logicamente necessárias, a análise de consistência de teorias e a identificação de seus pressupostos. Mas, mesmo se nos atermos ao próprio processo necessário à plena consecução de uma determinada pesquisa quantitativa (seja descritiva ou experimental), veremos que sete de suas nove etapas necessárias são, absolutamente, não empíricas. A primeira, a criação de uma teoria, é evidentemente filosófica. O segundo passo, a formulação da hipótese ou dedução de consequência empiricamente testável de uma teoria é também uma atividade puramente teórica. O trabalho de definição operacional das variáveis a serem testadas é, ele mesmo, uma atividade teórica difícil e sujeita a críticas teóricas. A quarta etapa, a da escolha do instrumento de recolhimento dos dados é também totalmente não empírica, o que não acontece, no entanto, com a avaliação do instrumento escolhido, que é o primeiro momento do processo inteiro em que entram em cena dados empíricos. Quando entretanto se parte para o desenho da pesquisa, ou mesmo ainda para a escolha do tipo dela, voltamos a um processo totalmente teórico (e teórico em bom nível de sofisticação). Finalmente então, somente sete passos depois do início da pesquisa científica, temos dados empíricos sobre o fenômeno investigado. Estes dados por sua vez vão ser submetidos à análise estatística, um ramo da matemática que é, ele próprio, uma disciplina científica formal, totalmente não empírica. Depois disso, os dados estatísticos terão que ser interpretados e analisados em suas implicações para a teoria testada e as teorias concorrentes. Desnecessário seria dizer, mas isso também é filosofia. De repente, ao considerar todos os passos de uma pesquisa empírica quantitativa, a Psicologia Moderna se revela uma atividade que não é muito mais que um barquinho de

empiria navegando num oceano de atividade teórica. É claro entretanto que este barquinho é fundamental, porque seres humanos se perdem e se afogam, e o oceano metafísico é um ambiente muito vasto e hostil para nós.

Palavras-chave: Filosofia da Psicologia, Psicologia Teórica, Psicologia Moderna, Ciência Moderna.

P

HIST

3º Apresentador: William Barbosa Gomes

O QUE A PSICOLOGIA EMPÍRICA E RACIONAL DE CHRISTIAN WOLFF, SÉCULO XVIII, TEM A VER COM A PSICOLOGIA SÉCULO XXI? *William B. Gomes* (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Christian Wolff (1679-1754) ganhou projeção na história da nossa disciplina por ter utilizado, talvez pela primeira vez, o termo Psicologia no título de dois dos seus livros: Psicologia Empírica, de 1732, e Psicologia Racional, de 1734, ambos dedicados ao estudo da mente. A psicologia empírica tomava a introspecção como método para o estudo das operações ordinárias da mente, utilizando artifícios experimentais para captar determinados atos com clareza. A psicologia racional examinava as verdades conceituais sobre a mente por critérios *a priori* e dedutivos para atender o ideal de ciência com a enunciação de proposições ordenadas, nas quais os antecedentes providenciavam razões suficientes para os consequentes. Para tanto, dependia dos fundamentos da metafísica, da física e da psicologia empírica. Contudo, o que tomo de Wolff para organizar essa exposição é a sua visão geral de ontologia, como apresentada no *Discursus Praeliminaris de Philosophia in Genere,* escrito em 1728. Baseado nesta ontologia, eu definirei como vejo esse grande campo de conhecimento identificado como psicologia e como entendo suas relações com a filosofia. Na ontologia de Wolff, o campo do conhecimento dividia-se em três grandes partes: 1) História (fatos), 2) Filosofia (razão dos fatos), e 3) Matemática (quantidade dos seres). A Filosofia dividia-se em duas: 1) Filosofia dos seres em geral, e 2) Filosofia das ações humanas. A primeira ocupava-se da física e da metafísica, e a segunda dividia-se em cognição (pensamento lógico e descoberta), das apetições (moral, ética, economia), da produção (comportamento verbal) e da tecnologia (engenharia, arquitetura). A psicologia estava localizada no campo da metafísica e o seu objeto era o estudo da natureza da alma. Contudo, a análise das questões e práticas contemporâneas do psicólogo indicará que quase a totalidade de suas atividades dirige-se às ações humanas. As ações humanas podem ser interrogadas de dois modos: 1) por sua sustentação e manutenção como atividade inteligente e intencional, e 2) pela articulação dos modos de relação intencional entre os agentes humanos e suas ações. Eu posso, inicialmente, pressupor que as perguntas tratam de dois campos interligados, sendo o primeiro conceitual e teórico, e o segundo prático e aplicado. Contudo, a expansão do conhecimento filosófico, científico e tecnológico, principalmente na virada do século XX para o século XXI fez desses campos duas proposições conceituais e teóricas com alcances práticos e aplicados que se sustentam por mérito próprio. Deste modo, retorno a Wolff para justificar que esses campos, apesar da interdependência entre os diferentes níveis

ontológicos do conhecimento, podem ser propostos como campos distintos. O estudo da natureza da alma ou da mente está hoje associado à neurocognição e entendimento da relação mente-cérebro. Em contraste, o estudo das ações humanas está hoje associado às interações interpessoais e às redes sociais, tendo como fundo as lutas por liberdade, dignidade e justiça. As relações com a filosofia ocorrem em intercepções conceituais polêmicas, por exemplo, no estudo da mente a questão atual é a natureza da consciência ou qualia, o *hard problem*, ela seria fisicalista ou fenomenal? Reafirma-se o materialismo e assume-se uma ontologia monista ou arquiteta-se saídas materialistas com espaço para certa dualidade? Por outro lado, qual seria a natureza conceitual das teorias que sustentam políticas de liberdade, dignidade e justiça? Se no primeiro caso temos um problema ontológico (qual a natureza da mente), no segundo temos um problema ontoaxiológica (qual a imbricação entre fato e valor numa teoria). Enfim, o exercício filosófico nos habilita ao escrutínio lógico conceptual das nossas teorias e à deontologia das nossas ações. O que eu não entendo é por que ainda insistimos em tomar esses dois campos em um único projeto de formação e profissão. De qualquer modo, estamos de acordo com Wolff que devemos procurar em ambos os campos em atender: 1) a exigência lógica na busca da verdade sobre nossos conceitos, mas críticos aos nossos equívocos e confusões; 2) a justificativa e clareza explicativa dos nossos procedimentos na definição de qualidades e na verificação da efetividade probabilística de nossas ações.

Apoio do CNPq

P

Palavras-chave: Ontologia, Lógica, História da Psicologia, Christian Wolff, Psicologia Teórica.

Proponente: João dos Santos Carmo

Área da Psicologia: Psicologia Escolar e da Educação

Título da Proposta: **INVESTIGAÇÃO SOBRE PROBLEMAS ADITIVOS: INTEGRANDO DADOS E APROXIMANDO PESQUISAS**

Justificativa: Em nossa sociedade dados de avaliações amplas têm indicado a necessidade de intervir em situações de aprendizagem da matemática. Dentre essas situações, a aprendizagem dos fatos aditivos ainda representa dificuldades para parte significativa dos estudantes. Entender aspectos cruciais envolvidos nas dificuldades de aprendizagem dos fatos aditivos pode fornecer importantes indícios no trabalho com professores em serviço e com estudantes. A presente Mesa Redonda constitui-se na oportunidade de divulgação e interação de estudos advindos de diferentes grupos de pesquisa e diferentes vertentes teórico-metodológicas. Os autores de cada trabalho comungam do interesse em investigações acerca da aprendizagem da matemática e, sobretudo, estão abertos ao diálogo a partir das possibilidades que se colocam em suas formas de fazer pesquisas. No primeiro trabalho, será apresentado um estudo sobre dificuldades específicas na solução de problemas aditivos. Esse estudo utiliza o modelo de equivalência de estímulos e buscou auxiliar estudantes a desenvolverem estratégias de solução de problemas de soma e subtração. O segundo estudo investigou como se configuram e como se desenvolvem a noção de compensação e a noção de número como um operador na resolução de problemas de adição e subtração. O terceiro estudo objetivou discutir as concepções que professores polivalentes, que ensinam Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no que tange à estrutura aditiva. Juntos os estudos aqui apresentados constituem possibilidades diferenciadas e, ao mesmo tempo, complementares e fornecem elementos teóricos e metodológicos que possibilitam pensar em futuras pesquisas em torno do objeto estudado.

Coordenador: João dos Santos Carmo

EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS E DIFICULDADES ESPECÍFICAS NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS ADITIVOS. Marcelo Henrique Oliveira Henklain** (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP) e João dos Santos Carmo (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-SP; Instituto de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino)

A habilidade de resolver problemas aditivos é especialmente importante de ser aprendida porque, além de essencial na resolução de problemas práticos do cotidiano, é pré-requisito para a aprendizagem de habilidades matemáticas mais complexas. Foram realizados dois experimentos, com diferenças metodológicas, mas ambos com o objetivo de avaliar se a formação de uma classe entre diferentes formas de apresentação de problemas melhora o desempenho na resolução de problemas aditivos, independente da posição da incógnita e da estrutura semântica dos problemas escritos (word-problems). No Experimento 1, foram ensinadas relações entre quatro diferentes formas de apresentação de problemas de adição: algarismos, coleções, sentença e balança. Participaram sete estudantes do 2° ao 5° ano do Ensino Fundamental com dificuldades

em problemas aditivos na forma de sentença e com incógnitas nas posições a e b, o que foi indicado pelos resultados do Pré-teste. Aplicou-se um procedimento de ensino de discriminações condicionais entre os diferentes tipos de problemas de adição, seguido por um Pós-teste. Houve aumento na porcentagem de acertos, com uma diferença média de 13% entre Pré e Pós-teste. Um dado surpreendente foi o de que muitos participantes tiveram dificuldades com os problemas na forma de balança, contrariando dados da literatura científica. Em seguida, foi avaliado se um procedimento adicional de ensino explícito de um algoritmo para resolução de problemas aditivos com incógnitas nas posições a e b poderia aprimorar o desempenho dos participantes. Foi realizada uma sessão de ensino e treino do algoritmo de adição, seguida pelo Pós-teste II, e outra para o algoritmo de subtração, sucedida pelo Pós-teste III e teste de generalização. Três participantes apresentaram aumento da porcentagem de acertos no Pós-teste II, e cinco no Pós-teste III. Todos apresentaram 100% de acertos no teste de generalização. No Experimento 2, foram empregadas apenas três formas de apresentação: algarismos, sentença e balança; e, desta vez, o objetivo era produzir a formação de duas classes: uma de adição e outra de subtração. Com o intuito de reduzir dificuldades com a balança, foram planejadas duas sessões para ensinar e avaliar a compreensão dos participantes sobre o funcionamento da balança. Participaram quatro estudantes do 3º ao 5º ano que apresentaram dificuldades específicas no Pré-teste. Após a formação das classes, verificou-se no Pós-teste que todos os participantes aumentaram a porcentagem de acertos, com ganho médio de 20% entre Pré-teste e Pós-teste. Serão conduzidas mais seis fases: treino de solução de problemas na forma de balança, Pós-teste II e teste de generalização; e ensino dos algoritmos de adição e subtração, Pós-teste III e reaplicação do teste de generalização. Resultados parciais do Pós-teste II indicam que os participantes aumentaram a porcentagem de acertos. Verificou-se que a formação de classe entre diferentes formas de apresentação de problemas, o treino de resolução de problemas na forma de uma balança e o ensino de algoritmos constituem aprendizagens importantes para reduzir dificuldades na resolução de problemas aditivos.

CAPES (primeiro autor)/FAPESP/CNPq (segundo autor)
Palavras-chave: Resolução de problemas aditivos, Dificuldades específicas, Análise experimental do comportamento.

M
AEC

2º Apresentador: Alina Galvão Spinillo

COMPREENDENDO O NÚMERO COMO UM OPERADOR EM PROBLEMAS COM ADIÇÕES E SUBTRAÇÕES SUCESSIVAS. Alina Galvão Spinillo (Núcleo de Pesquisa em Psicologia da Educação Matemática, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE).

Números podem ser medidas estáticas ou referir-se a transformações. No problema "Havia 30 crianças na festa de aniversário de Maria. Quando o bolo estava sendo cortado, chegaram 9 crianças. Depois que o bolo foi cortado 30 crianças foram embora. O número de crianças na festa aumentou, diminuiu ou ficou o mesmo?", o primeiro número é uma medida estática, o segundo e o terceiro números referem-se a transformações, sendo, portanto, operadores. Operadores têm um efeito sobre números

que são medidas estáticas. Para resolver problemas como esse, as crianças precisam usar a noção de compensação, compreendendo que quando duas operações sucessivas e inversas (transformações) são aplicadas a uma quantidade inicial (medida estática) isso pode provocar um aumento ou uma diminuição desta quantidade ou pode também não alterá-la. Problemas semelhantes a esse foram aplicados a 126 crianças de 6, 7 e 8 anos alunas de escolas públicas com o objetivo de investigar como se configuram e como se desenvolvem a noção de compensação e a noção de número como um operador na resolução de problemas de adição e subtração. As crianças foram individualmente entrevistadas em duas sessões gravadas em áudio. Na primeira sessão foi aplicado um pré-teste que tinha por objetivo examinar a capacidade de reconhecer operações de adição e de subtração. Na segunda sessão as crianças foram solicitadas a resolver oralmente 12 problemas com adições e subtrações sucessivas. Três tipos de problemas foram apresentados: nos problemas Tipo 1 o resultado envolvia um aumento da quantidade inicial; nos Tipo 2 o resultado envolvia uma diminuição desta quantidade e nos problemas Tipo 3 não havia alteração da quantidade inicial. Justificativas eram solicitadas tanto na primeira como na segunda sessão. Os dados foram analisados em função do número de respostas corretas e das justificativas apresentadas. Com base nas justificativas foram identificadas três formas de resolução dos problemas: repetição de parte do enunciado do problema; a criança considerava apenas a última operação do enunciado; e a criança levava em consideração as duas operações, compensando o efeito de uma sobre a outra. Os dados mostraram que a criança parece ter uma noção geral de que quando a quantidade inicial aumenta, a operação envolvida é a adição; e que quando a quantidade inicial diminui, a operação é de subtração, como evidenciado no pré-teste. Esta noção intuitiva sobre adição e subtração, embora necessária, não é suficiente para garantir a compreensão do efeito das operações inversas e sucessivas sobre os números. Em uma perspectiva de desenvolvimento, parece que inicialmente a criança entende o efeito de adicionar e subtrair uma quantidade de outra; contudo, apenas por volta dos 8 anos é que se torna capaz de fazer compensações e compreender que uma operação pode anular a outra. A principal dificuldade experimentada pelas crianças de 6 e 7 anos residiu na forma inadequada de lidar com a relação inversa entre adição e subtração. Os resultados deste estudo contribuem para uma compreensão do raciocínio lógico-matemático de crianças.

CNPq
Palavras-chave: Problemas com adições e subtrações sucessivas, Compreensão de número, Raciocínio lógico-matemático.
P
COG

3º Apresentador: Sandra Magina

AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES POLIVALENTES SOBRE A ESTRUTURA ADITIVA. Sandra Magina (Pos-Graduação em Educação Matemática, PUC-SP, São Paulo).

Este trabalho visa discutir as concepções que professores polivalentes, que ensinam Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no que tange à estrutura aditiva. Inicia-se com a questão dos fracos desempenhos dos alunos da 4a série (atual 5o ano) nos testes do SAEB e SARESP, propondo discutir que tal desempenho tem ligação estrita com a formação do professor. A hipótese central é que esse saber não se constitui

sozinho, ele vem atrelado a vários outros fatores, tais como a formação do professor, suas crenças – Por exemplo, alguns professores acham que a Matemática é uma verdade eterna esperando para ser descoberta, outros acham que a Matemática pode ser completamente re-inventada pelos estudantes – suas concepções – o que e como entendem a estrutura aditiva, o que acham que seus alunos devem ser capazes de realizar para que se considerem que eles dominam essa estrutura – a relação estabelecida entre professor e alunos, os meios físico e social (tal qual usado por Piaget, 1998) nos quais se encontram inseridos esses alunos, etc. Todos esses fatores e muitos outros são objetos de estudo da Educação Matemática, afinal não podemos perder de vista que ela tem lugar dentro de uma certa sociedade, uma instituição e numa certa sala de aula, e que apresenta diferentes objetivos. Assim, o artigo apresenta um estudo diagnóstico, realizado com 103 professores que atuam nos anos iniciais da rede pública de São Paulo, abordando conteúdos relativos à estrutura aditiva. O diagnóstico consistiu de pedir para que os professores elaborassem, como quisessem, 4 problemas no campo aditivo – problemas de adição e/ou de subtração. Foram contabilizados 389 problemas aditivos, os quais foram analisados segundo a classificação proposta por Vergnaud (1994) e discutida por Magina et al (2001), que que se enquadra os problemas em três classes: composição, transformação e comparação. Problemas de composição são aqueles em que duas partes se juntam para formar um todo, podendo a situação variar dizendo para a criança o total e uma das partes e perguntando sobre a outra parte. Alternativamente pode-se apresentar uma situação em que o todo e uma das partes são conhecidos e perguntar sobre a outra parte. Problemas de transformação são aqueles que têm um estado inicial, uma transformação (positiva ou negativa) e um estado final e que se pode informar sobre um dos estados e a transformação e perguntar pelo outro estado, ou, ainda, informar sobre os dois estados e perguntar sobre a transformação. Por fim, os problemas de comparação podem ser de relação estática entre dois todos ou de relação dinâmica, quando é dada a relação entre dois todos e apenas um é conhecido.

Palavra-chave: Estudo diagnóstico, formação de professor, estrutura aditiva.

P

COG

Proponente: Júlia Scarano de Mendonça

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

ANÁLISES COMPLEMENTARES DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: CORRELATOS FAMILIARES, HORMONAIS E DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DA CRIANÇA

Justificativa: A depressão pós-parto tem sido continuamente investigada nos últimos anos devido à alta prevalência no mundo todo, em especial nos países mais pobres cuja população vive em piores condições de vida, e pelo seu impacto no bem estar das famílias. Apesar do grande número de estudos voltados à temática da depressão pós-parto em todo o mundo, há ainda muitas questões que necessitam de um maior entendimento. O presente simpósio reúne pesquisadores de diferentes formações, laboratórios de pesquisa e inserções institucionais e pretende oferecer análises complementares da depressão pós-parto com o objetivo de integrar o conhecimento. As pesquisas que serão apresentadas inserem-se em um projeto Temático FAPESP - Processo 06/59192-2) cujo objetivo é verificar a prevalência de depressão pós-parto materna (DPP) em São Paulo, relacionando-a com condições de suporte (material, afetivo e emocional), fase de vida reprodutiva da mãe assim como ao seu padrão de interação com os bebês, ao seu perfil hormonal e a marcadores genéticos. O projeto acompanhou longitudinalmente 400 mães, atendidas pelo sistema público de saúde, desde a gestação até os quatro anos de idade da criança. A grande maioria dos estudos sobre DPP foram realizados no hemisfério norte, sendo necessária uma maior compreensão da DPP em outros contextos sociais, especialmente, em condições sociais adversas. O primeiro trabalho (Mendonça, Bussab & Siqueira) analisa o contexto familiar dessas mães, com foco no papel do parceiro no quadro da DPP e demonstra a influência do parceiro na constituição da DPP e a inter-relação entre os comportamentos da mãe, do parceiro e da criança de forma a reiterar a importância do estudo sistêmico da DPP. O segundo trabalho (Chelini, Lucci & Otta) demonstra que uma baixa concentração de TSH, em mães com histórico prévio de depressão, aumenta significativamente o risco de DPP enquanto que uma concentração elevada de progesterona dois dias após o parto, em mães que nunca sofreram de depressão, pode estar associada a um risco maior de DPP, abrindo portas para a possibilidade de detecção precoce do risco de DPP a partir da análise hormonal. O terceiro trabalho (Salum e Morais) demonstra que o efeito da DPP sobre o desenvolvimento psicomotor das crianças no primeiro ano de vida é pequeno, e remete à necessidade de analisar outros fatores que possam estar mediando as relações mãe-bebê, sendo, porém, o momento e/ou a duração da depressão fatores importantes a se considerar em estudos a respeito da influência da depressão materna sobre o comportamento da criança. O conjunto dos trabalhos demonstra que a compreensão da DPP só é possível a partir de uma visão integrada entre os diversos elementos envolvidos no quadro da DPP e indica aspectos peculiares que merecem ser alvo de maior entendimento e de aplicação a políticas de prevenção e intervenção.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2
Palavras-chave: Depressão pós-parto, família, hormônios
PD, P
DES, SMENTAL

Coordenador: Júlia Scarano de Mendonça

PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE O COMPORTAMENTO DO PARCEIRO NO CONTEXTO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ESTUDOS COM MÃES PAULISTAS DE BAIXA RENDA. Júlia Scarano de Mendonça, Vera Sílvia Raad Bussab e José de Oliveira Siqueira (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

A depressão pós-parto materna (DPP) tem sido frequentemente considerada um distúrbio emocional com sérias implicações para a mãe e o bebê. Predominam estudos com foco exclusivo na mãe e na criança, sendo o parceiro e outros membros da família menos estudados. Estudos recentes apontam associações entre a DPP e disfunções familiares e sugerem a ocorrência de um "distúrbio psicosocial na família" associado à depressão. O presente trabalho, inserido em um Projeto Temático FAPESP é composto por uma série de estudos que têm como objetivo compreender o papel da família, e mais especificamente o do parceiro, no quadro da DPP. Quatrocentas famílias de baixa renda atendidas pelo Hospital Universitário da USP e pelo SUS participaram dos estudos. A depressão pós-parto materna foi avaliada pela Escala de Depressão Pós-natal de Edinburgh aos 4, 8, 24 e 36 meses. Entrevistas (gestação, 4, 8, 12, 24 e 36 meses) foram realizadas para coletar informações sobre a relação conjugal e coparental, e o nível de envolvimento do parceiro na família. O primeiro estudo demonstrou associação entre percepção materna de pouco conflito conjugal com ausência de DPP e percepção de níveis mais altos de conflito na presença de DPP aos 4 e 8 meses da criança, o que levantou a questão sobre o sentido da associação entre DPP e conflito conjugal: o segundo estudo testou a hipótese da bidirecionalidade desses efeitos. Contrariamente ao esperado, não foram encontradas relações bidirecionais entre conflito conjugal e DPP. A DPP teve um impacto no conflito conjugal aos 4 e aos 24 meses da criança, enquanto que o conflito conjugal não influenciou a DPP em nenhum dos momentos testados, não se apresentando como fator determinante da DPP. O terceiro estudo demonstrou menor incidência de DPP aos quatro meses associada à presença do parceiro durante o trabalho de parto, o parto e a ajuda em casa durante o primeiro ano de vida da criança, sugerindo que o envolvimento do parceiro traz benefícios para o bem estar da mãe. O quarto trabalho considerou os sintomas depressivos de ambos os pais e demonstrou que mães sem sintomas depressivos aos 4 e aos 36 meses da criança percebem os comportamentos do parceiro de maneira mais positiva do que mães deprimidas. Na presença de sintomas depressivos nos parceiros aos 36 meses, as mães percebem mais negativamente os comportamentos do parceiro relacionados à vida conjugal, mas não aqueles relacionados aos cuidados com a criança sugerindo que a depressão do parceiro afeta os subsistemas marido-mulher e pai-criança de forma diferente. O conjunto dos trabalhos sugere a influência do parceiro na constituição da DPP e reitera a necessidade de se estudar os comportamentos dos membros da família de forma interdependente, em consonância com abordagens sistêmicas do desenvolvimento humano.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2
Palavras chave: Depressão pós-parto, relação marido-mulher, relação pai-criança
PD
DES, SMENTAL

2º Apresentador: Marie Odile Monier Chelini

DEPRESSÃO PÓS-PARTO: POTENCIAIS INDICADORES ENDÓCRINOS. Marie Odile Monier Chelini, Tania K. Lucci** e Emma Otta (Laboratório de Endocrinologia Comportamental, Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Os riscos associados à depressão pós-parto (DPP), tanto para a mãe como para seu relacionamento com o bebê e o desenvolvimento deste já foram amplamente demonstrados na literatura. Diversos estudos sugerem que os efeitos deletérios da DPP sobre a criança poderiam antecipar o próprio diagnóstico do distúrbio, geralmente estabelecido alguns meses após o nascimento. A etiologia deste distúrbio ainda não está claramente elucidada, a não ser quanto à complexidade e o caráter multifatorial. Além das condições de suporte e da história de vida da mulher, aspectos endócrinos têm sido apontados como possíveis fatores de risco para a DPP. Neste contexto, intervenções precoces visando a prevenir os efeitos deletérios da DPP são dificultadas e a investigação de indicadores precoces da DPP se reveste de fundamental importância. O presente estudo inscreve-se no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo envolvendo gestantes cujo parto seria realizado no HU da USP. Nosso objetivo específico era comparar mães com e sem DPP quanto ao seu perfil hormonal e pesquisar potenciais indicadores precoces de DPP. Amostras de sangue foram coletadas das mães durante o trabalho de parto, 2 dias após o parto e 4 meses depois. Estas amostras foram analisadas quanto à concentração de nove hormônios (estradiol, progesterona, testosterona, cortisol, sulfato de dehidroepiandrosterona (DHEAs), hormônio tireotrófico (TSH), triiodotironina (T3), tiroxina (T4) e tiroxina livre (FT4)) pela técnica de quimioluminescência. Aos três meses após o parto foi aplicada a Escala de Edinburgh para Detecção de Depressão Pós-Parto. As concentrações hormonais medidas nas amostras coletadas 2 dias após o parto foram analisadas. O modelo elaborado incluiu como variáveis principais as concentrações dos nove hormônios considerando-se variáveis de confundimento a idade da mãe, o sexo do bebê, o tipo de parto e um eventual histórico anterior de depressão. O histórico prévio de depressão ($p = 0,0036$), a concentração de progesterona ($p = 0,035$) e a concentração de TSH ($p = 0,019$), assim como a associação de um histórico prévio de depressão com a concentração de TSH ($p = 0,073$) apresentaram efeitos significantes sobre o desenvolvimento de DPP. Para aquelas mulheres que nunca sofreram de depressão, uma concentração elevada de progesterona dois dias após o parto pode estar associada a um risco maior de DPP. Como já foi relatado na literatura, uma depressão anterior aparece como um fator de risco considerável para a depressão pós-parto. Além disso, para estas mães com histórico prévio de depressão, uma baixa concentração de TSH aumenta significativamente este risco de DPP. Nossos resultados sugerem a possibilidade de uma detecção precoce do risco de DPP, semanas antes da aparição dos sintomas.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2

Palavras-chave: Depressão pós-parto, hormônios, prevenção

P

SMENTAL

3º Apresentador: Maria de Lima Salum e Morais

DEPRESSÃO MATERNA E SEUS EFEITOS SOBRE INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DO BEBÊ NO PRIMEIRO ANO DE VIDA. Maria de Lima Salum e Morais (Instituto de Saúde, São Paulo, SP).

Estudos sobre o impacto da depressão pós-parto (DPP) na interação mãe–bebê sugerem que um dos efeitos mais importantes diz respeito ao comprometimento nas trocas face a face. A capacidade de regulação mútua da díade mãe-bebê nas trocas intersubjetivas determina em parte o curso do desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança Embora grande parte dos trabalhos a respeito do tema evidencie o risco que representa a depressão para a mãe e para o desenvolvimento de seu bebê, os dados não são inequívocos, havendo pesquisas

cujos achados demonstram que diversos fatores podem compensar os efeitos da depressão no comportamento parental. Alguns desses fatores são: por parte da mãe, o apoio familiar e do companheiro, a habilidade em tamponar os sintomas depressivos em sua relação com o bebê, a duração e gravidade da depressão e, por parte do bebê, o temperamento, a resiliência, o tempo que passa com a mãe, entre outros. O presente trabalho teve dois objetivos principais: verificar o efeito da depressão medida no terceiro mês após o parto pela Escala de Depressão Pós-parto de Edimburgo (EDPE) sobre indicadores do desenvolvimento infantil no quarto, oitavo e 12º mês de vida do bebê e comparar o efeito do momento da depressão materna (medida no 3º. e no 8º. mês após o parto) sobre o desenvolvimento da criança aos 12 meses de idade. Foram estudadas 78 díades, sendo 25% das mães avaliadas como portadoras de sinais de DPP no 3º mês após o parto e 23 % no oitavo mês de vida do bebê. O roteiro das entrevistas e/ou observações da díades consistiu de itens adaptados das escalas de Denver, Gesell-Amatruda, M-Chat e de Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil de (IRDI). Constatou-se pior desempenho de bebês de mães com depressão medida no 3º. mês após o parto em: dois indicadores interacionais aos quatro meses, dois indicadores motores aos oito meses; e em um indicador motor amplo aos doze meses. Contudo, filhos de mães com DPP mostraram melhores resultados em um indicador de motricidade fina e em dois de linguagem aos 12 meses. O quadro é bastante diverso quando se analisam os efeitos sobre o desenvolvimento das crianças aos 12 meses quando a mãe está deprimida no oitavo mês: os filhos dessas mães mostraram desempenho inferior ao daquelas não deprimidas em dois aspectos interacionais, um de linguagem e dois motores amplos, desaparecendo as diferenças favoráveis aos filhos de mães deprimidas nos aspectos de linguagem. Conclui-se que: (i) foi pequeno o efeito da DPP sobre o desenvolvimento das crianças, remetendo à necessidade de analisar outros fatores que possam estar mediando as relações mãe-bebê; (ii) o momento e/ou a duração da depressão são fatores importantes a se considerar em estudos a respeito da influência da depressão materna sobre o comportamento da criança.

Projeto subsidiado pela FAPESP - processo 06/59192-2

Palavras-chave: Depressão pós-parto, desenvolvimento infantil

P

DES, SMENTAL

Proponente: Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

Título da Proposta: **ESTILOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS EM FAMÍLIAS COM ADOLESCENTES**

Justificativa: As interações que se estabelecem entre pais e filhos constituem-se em um dos principais fatores que determinam o processo de desenvolvimento global da criança ou do adolescente. As práticas e os estilos educativos parentais fazem parte de um rol de atividades parentais com o objetivo de socialização de seus filhos. A compreensão dessas interações familiares durante a adolescência dos filhos é de suma importância por trazer algumas vulnerabilidades inerentes. As autoras dedicam-se a analisar essa área em suas pesquisas e apontam dados de pesquisas recentes acerca de práticas parentais e aspectos do desenvolvimento de filhos adolescentes, da transição do filho primogênito para a adolescência e dos aspectos familiares intergeracionais de jovens em liberdade assistida. Os três temas contribuem para a compreensão mais ampla da fase da adolescência, da dinâmica familiar envolvida e suas conseqüência ao comportamento dos jovens.

As três participantes são pós-doutoras em Psicologia e estudam o tema "desenvolvimento familiar" há décadas, pesquisando diversos momentos das famílias e, em especial, a fase em que existem adolescentes em casa. Maria Auxiliadora Dessen (UnB) apresentará uma pesquisa que faz uma análise intergeracional focando em estratégias punitivas. Lígia Ebner Melchiori investiga três gerações de uma famílias de adolescentes em conflito com a lei e os vínculos de apego de três gerações investigadas. Lidia Natalia Dobrianskyj Weber relata uma ampla pesquisa correlacional com análise de regressão e cluster acerca das relações entre estilos e práticas parentais e comportamentos interiorizados e exteriorizados de adolescentes. As três pesquisas enfocam a importância e os aspectos de proteção e de risco em famílias cujos filhos estão na adolescência mostrando os principais aspectos que favorecem a autonomia do adolescente em sua trajetória para a vida adulta, sem prejudicar a manutenção do equilíbrio familiar.

Coordenador: Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS PARENTAIS PERCEBIDOS E COMPORTAMENTOS EXTERIORIZADOS E INTERIORIZADOS DE ADOLESCENTES. Lidia Natalia Dobrianskyj Weber e Cláudia Tucunduva Ton (Universidade Federal do Paraná).

As interações entre pais e filhos são amplamente reconhecidas na pesquisa acadêmica como fundamentais para o contexto de desenvolvimento de adolescentes. Esta pesquisa investigou as relações entre estilos e práticas parentais percebidas e sinais de depressão, autoestima e comportamento antissocial de adolescentes. Participaram da pesquisa 1.800 estudantes com idade entre 12 e 18 anos, os quais responderam as Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF), Escalas de Responsividade e Exigência, Inventário de Depressão para Crianças (CDI), Escala de Autoestima e questionário sobre comportamento antissocial elaborado para a presente pesquisa. Os escores das nove dimensões do instrumento EQIF e da escala de autoestima foram categorizados em alto, médio e baixo e do CDI em "sem sintomas de depressão" (escore <18) e "com sintomas de depressão" (escore > 18 ou questão 9 com escore 3). A Escala de Exigência e Responsividade foi utilizada para classificar os estilos parentais em autoritativo, autoritário, indulgente e negligente. Os resultados revelam diversas relações

estatisticamente significativas entre a percepção de estilos e de práticas educativas parentais e comportamento autorrelatado de adolescentes. A grande maioria dos adolescentes que apresentaram sinais de depressão indicaram alta freqüência de comunicação negativa da parte de seus pais, ausência de regras claras e supervisão e consideram que o modelo parental é inadequado, uma vez que os pais não cumprem as exigências que fazem aos filhos e tem pouco envolvimento ($p<0,001$). Adolescentes com sinais de depressão podem ter pais dos quatro estilos parentais, mas a maioria absoluta daqueles que não apresentam sinais depressivos percebem seus pais com estilo autoritativo, aquele onde existe equilíbrio entre exigência e responsividade ($p<0,001$). Os participantes que obtiveram escores elevados de autoestima consideram seus pais como bons modelos parentais, uma vez que demonstram alta freqüência de envovimento na vida dos filhos e conseguem equilibrar níveis de exigência e de responsividade ($p<0,001$). Por outro lado, aqueles adolescentes que assinalaram alta freqüência de comportamentos de desobediência aos pais e de comportamentos antissociais na escola também relataram ausência de supervisão e monitoria na dinâmica familiar, bem como baixo escore de envolvimento e alto nível de comunicação parental negativa e coercitiva ($p<0,001$). Por meio dos dados, conclui-se que existe relações significativas entre práticas parentais e comportamento de adolescentes. Os estilos e as práticas educativas positivas estão relacionadas à autoestima elevada, ausência de sinais de depressão e de comportamentos opositores e/ou antissociais. O contrário também é verdadeiro, práticas negativas estão intimamente ligadas tanto com problemas de comportamentos exteriorizados. Investir em intervenções preventivas que visem otimizar as práticas educativas de mães e pais /e uma estratégia que pode promover melhor dinâmica familiar, autonomia e desenvolvimento psicológico de adolescentes.

Palavras-chave: práticas parentais, adolescência, família.

Nível do trabalho: P

DES

2º Apresentador: Maria Auxiliadora da Silva Campos Dessen

PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ADOLESCÊNCIA: UMA VISÃO INTERGERACIONAL. Sylvia Regina Carmo Magalhães Senna e Maria Auxiliadora da Silva Campos Dessen (Universidade de Brasília).

O subsistema parental continua a ser reconhecido como a fonte mais significativa de influências sobre o desenvolvimento do adolescente. Para desempenhar as tarefas parentais, sobretudo a socialização dos filhos, os genitores fazem uso de uma combinação de estratégias específicas de disciplina e cuidado que refletem as metas, a história de interação e a disposição pessoal em direção aos filhos. A adoção de uma prática pode variar em função de aspectos individuais, relacionais, contextuais ou intergeracionais. À luz da perspectiva sistêmica e do Modelo (Bio)Ecológico de Bronfenbrenner, este estudo investigou a transição do filho primogênito para a adolescência, tendo como participantes o adolescente-foco (10 a 13 anos de idade) e seus genitores, totalizando 30 famílias de classe socioeconômica média. A coleta incluiu informações provenientes de dois roteiros de entrevista semiestruturada, aplicados aos adolescentes e seus pais e mães, contendo questões sobre as relações entre os genitores e seus próprios pais (os avós do adolescente), em suas famílias de origem (FO), e entre os genitores e seus filhos (o adolescente-foco), em suas famílias atuais (FA). O tratamento dos dados compreendeu uma análise de conteúdo ampliada, gerando sistemas de categorias, e os resultados indicaram semelhanças e diferenças entre as FO e as FA. Nas FO, os genitores adotavam mais práticas negativas do que positivas, e estas envolviam, principalmente,

frequentes e intensas punições físicas, com o uso de chinelos, réguas e varinhas, entre outros. As mães educavam seus filhos repreendendo-os por meio de brigas, gritos e ameaças, enquanto os pais se mostravam mais rigorosos; conversavam pouco e exerciam controle rígido sobre seus comportamentos, gerando medo e distanciamento nas relações parentais. Poucas práticas positivas, dentre elas a conversa e o estabelecimento de limites, estavam presentes na criação dos filhos, nas FO. Por outro lado, nas FA, tanto os genitores quanto seus filhos adolescentes percebiam a si próprios como mais próximos um do outro e mais abertos ao diálogo e ao compartilhamento. Nas relações percebidas como mais igualitárias, as mães relataram adotar práticas parentais incluindo mais conversas e manifestações de afeto, enquanto os pais ainda manifestaram dúvidas quanto à forma mais adequada de negociar regras e limites durante a adolescência de seus filhos. Entretanto, os genitores ainda adotavam, em menor grau, práticas educativas tradicionais, envolvendo punições verbais e físicas. Para os filhos, as condutas educativas de pais e mães eram percebidas como similares, com ambos não lhes dando chances de ponderar, responder ou expor, com tranquilidade, as suas próprias opiniões. Nem sempre aquilo que os genitores consideravam como um diálogo com os filhos era percebido como tal por eles. Diferenças nas percepções de genitores e filhos sobre as práticas parentais educativas demonstram que, apesar de ter havido mudanças das famílias de origem (FO) para as famílias atuais (FA), a comunicação entre genitores e filhos adolescentes, hoje, ainda requer aprendizagem de novas habilidades de negociação, de modo a favorecer o desenvolvimento da autonomia do adolescente em sua trajetória para a vida adulta, sem prejudicar a manutenção do equilíbrio familiar.

Palavras-chave: práticas parentais, adolescência, família.

Nível do trabalho: D

DES

3º Apresentador: Lígia Ebner Melchiori

ADOLESCENTES EM LIBERDADE ASSISTIDA E SUAS FAMÍLIAS: AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS INTERGERACIONAIS. Viviane Terres Ribeiro e Ligia Ebner Melchiori (Universidade Estadual Paulista/Bauru).

Esta pesquisa é parte de uma mais ampla que procurou compreender, á luz da abordagem bioecológica de Bronfenbrenner, como é a família de adolescentes em conflito com a lei, quais os vínculos de apego das três gerações investigadas – adolescente, genitores e avós - as relações afetivas dos adolescentes em diferentes contextos e também as práticas educativas: as vivenciadas pelos adolescentes; como seus genitores avaliam que os educaram; como os genitores avaliam que foram educados e como as avós dos adolescentes avaliam que educaram seus filhos. Neste simpósio serão apresentados os dois últimos objetivos descritos, ou seja, as relações afetivas dos adolescentes em contextos diversos e as práticas educativas intergeracionais. Participaram 10 adolescentes do gênero masculino em liberdade assistida (15 a 18 anos), suas respectivas mães, um pai e um padrasto e 10 avós, totalizando 32 pessoas em 10 famílias, de classe econômica baixa, com configurações familiares diversas. As mães estão presentes na maioria das famílias, os pais não. Os adolescentes apresentaram vários problemas em sua história acadêmica, e cursavam, por ordem judicial, da 3ª a 8ª série. A coleta de dados ocorreu através do Inventário de Estilos Parentais - IEP e a Técnica do Modelo Esquemático do Tapete. Os vínculos sociais dos adolescentes no ambiente familiar têm destaque para as mães, citadas como figuras que eles amam na família, seguidos em menor número de pai, avós, tias, irmãs e irmãos. No âmbito escolar, aparece o afeto positivo para com alguns professores, servente e amigos. No entanto, neste ambiente, metade dos

adolescentes refere não ter pessoas com quem tenham sentimentos positivos. Em relação ao estilo parental, adolescentes e genitoras apresentaram um acordo de 60% e, entre pai/padrasto e adolescentes o acordo foi de 100%. Em relação à média dos valores dos índices parentais (iep) intergeracionais, observa-se prevalência de valores de iep negativos para todas as díades do ramo materno (adolescentes/mães, mães/adolescentes, mães/avós, mães/avôs, avós/mães). Já com as díades do ramo paterno (adolescentes/pais ou padrastos, pai ou padrasto/adolescentes, pai e padrasto/avós, pai e padrasto/avôs, avós/pai e padrasto) foram encontrados valores predominantemente positivos, embora ocorresse um neutro. Quando se analisa individualmente as práticas positivas e as negativas, nas três gerações, há indícios de transmissão intergeracional em pouco mais da metade das práticas educativas, tanto do ramo materno (Comportamento Moral, Monitoria Negativa, Punição Inconsistente e Disciplina Relaxada) quanto do paterno (Monitoria Positiva, Comportamento Moral, Abuso Físico e Punição Inconsistente), o que corrobora com dados de alguns pesquisadores da área que demonstram a tendência da repetição de padrões comportamentais entre gerações. Sugere-se a adoção de políticas públicas e sociais envolvendo todo o conjunto de estruturas no qual se insere o adolescente e seus familiares que vivem em condição de vulnerabilidade social, promovendo transformações nos diversos sistemas que os adolescentes participam: a família, a escola e a comunidade.

Palavras-chave: práticas parentais; adolescente em conflito com a lei; família.

Nível do trabalho: D

DES

Proponente: Lucianne Sant'Anna de Menezes

Área da Psicologia: Saúde Mental

SUBJETIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: A ATIVIDADE CRIADORA COMO MEDIADORA DE SAÚDE MENTAL

Justificativa: Um dos aspectos das estratégias do poder, na contemporaneidade, é incidir sobre o sentido da vida, procurando reduzi-la a sua modalidade biológica, o que abala a experiência compartilhada e desencanta o corpo, tendo em vista que o destino erótico do sujeito vai sendo reduzido a passividade e a submissão. O trabalho, enquanto atividade psíquica, ligado tanto a formas diversas de processo criativo ou como atividade produtiva e laboral que não esteja reduzida a repetições mecânicas e destituída de sentido para o sujeito, pode ser um meio de promoção de saúde mental. Desse modo, considera-se fundamental o desenvolvimento de pesquisas em psicologia que priorizem investigações sobre as relações entre o processo criativo, a intersubjetivade e a constituição do sujeito. Tais aspectos fundamentam a relevância na apresentação desta mesa, que traz estudos competentes neste campo, podendo contribuir para os debates atuais sobre este tema.

Coordenador: Lucianne Sant'Anna de Menezes

TRABALHO, SAÚDE E DESAMPARO. Lucianne Sant'Anna de Menezes (Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo-SP).
O presente trabalho traz aspectos da pesquisa de doutorado, finalizada em 2010, no IP-USP, em que a proposta geral foi examinar como o referencial psicanalítico freudiano poderia colaborar na abordagem do fenômeno da precarização do trabalho, investigando os modos de subjetivação presentes na contemporaneidade. Foi estabelecido um diálogo na interface psicanálise, saúde e trabalho, a partir da observação psicanalítica de um caso investigado na Vigilância em Saúde do Trabalhador do Município de São Paulo (uma pequena indústria no segmento de fabricação de manequins), dispondo de dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade e recuperando o fundamento do método psicanalítico na sua dimensão de extensão. A análise da organização do processo produtivo demonstrou que o trabalhador é submetido a uma condição de trabalho precarizada com exposições múltiplas que podem levá-lo a perda da saúde e morte precoce. A situação encontrada na "fábrica de manequins", foi remetida ao conceito de "cadeia produtiva" que, sob um olhar psicanalítico, revelou uma "montagem perversa", marcada pelo viés da servidão e sustentada por uma modalidade de manipulação do poder na contemporaneidade. Na pequena fábrica o 'trabalho' aparece fortemente marcado como uma questão de sobrevivência, expressando uma sujeição à necessidade, em que o trabalhador vai perdendo a modalidade 'bios', ficando reduzido à modalidade 'zoé', ao labor, à pura vida biológica, conforme Arendt. A captura do sujeito na sua sobrevivência é fruto das estratégias de poder na contemporaneidade que buscam incidir sobre o sentido da vida. Do ponto de vista freudiano, o trabalho é um elemento essencial da vida humana, tendo em vista sua função estruturante, seja ao possibilitar destinos para as pulsões, seja ao assegurar ao sujeito um lugar no circuito social. A essência da noção freudiana de 'trabalho' (Arbeit) reside nas operações do psiquismo. O trabalho é uma ocasião para elaboração psíquica; constitui-se em um dos meios de expressão do sujeito, podendo ser compreendido como uma resposta sublimatória ao desamparo (Hilflosigkeit). Para Freud (1930), o trabalho é um instrumento que o homem criou para lidar com seu desamparo e viver em sociedade. A noção freudiana de desamparo (Hilflosigkeit) expressa a dimensão

fundamental e insuperável sobre a qual repousa a vida humana: a condição de existência do sujeito no mundo (na civilização) é apoiada numa condição de desamparo do psiquismo. O enfrentamento da condição fundamental de desamparo é essencial para o desenvolvimento psíquico e para manutenção da civilização. Para viver as pessoas criam possibilidades afetivas neste enfrentamento, o que se refere a dupla modalidade de destino frente ao desamparo: destinos criativos (sua aceitação) e destinos funestos (seu evitamento). Nesse sentido, a situação de 'fábrica de manequins' foi pensada, dentre outros aspectos, como uma negação da condição de desamparo. E, na medida em que a montagem perversa se caracteriza como uma aliança no evitamento do desamparo, o processo de precarização do trabalho poderia ser compreendido como um dos destinos funestos para o desamparo, sendo esta uma possível articulação metapsicológica entre o desamparo (Hilflosigkeit) e a precarização do trabalho.
Palavras-chave: Trabalho, desamparo, psicanálise e cultura
Doutorado – D
SMENTAL

2º Apresentador: ELIANE REGINA PEREIRA

PSICOLOGIA E ARTE: INVESTIGANDO AS POSSIBILIDADES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UM CIRCO ESCOLA. Eliane Regina Pereira (Núcleo de Psicologia da Saúde, Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG).
A investigação aqui apresentada é um recorte da pesquisa concluída em 2011, onde foram entrevistados quatro educadores de um Circo Escola e doze aprendizes, mas aqui apresentaremos apenas o "aprendiz do rola-bola". Por meio de entrevistas e videogravação das aulas e apresentações produzimos informações a respeito de como o sujeito define a atividade circense; como significa essa atividade em seu cotidiano; como se dá o processo de ensinar e aprender; e que relações são estabelecidas com a arte circense, com o público, com os colegas de circo e com a escola regular. A partir de uma orientação histórico-dialética, com contribuições teórico-metodológicas de Vygotski, Sartre, Bakhtin e interlocutores que pudessem fornecer uma perspectiva dialética e dialógica de análise, analisamos as informações produzidas priorizando a articulação entre os sentidos contidos nas falas dos aprendizes e educadores entrevistados, além do árduo processo de leitura das imagens contidas nas vídeogravações. A análise se constituiu num movimento que foi da situação singular para a situação coletiva em que o sujeito está inserido, voltando a esta singularidade, buscando entender suas ideologias, produção de valores, suas aspirações, necessidades, possibilidades e impossibilidades concretas. Muitas são as modalidades circenses, entre elas "o rola-bola" que consiste em um cilindro sobre o qual se coloca uma prancha e onde o artista precisa mostrar o controle do equilíbrio. Ao subir sobre a tábua, que desliza sobre o cilindro, o artista, busca a estabilidade, controlando o equilíbrio apesar da instabilidade da superfície. Quando entrevistamos Emilio, o aprendiz do rola-bola, identificamos o aprender se fazendo atividade estética, ofertando a ele a possibilidade de fazer algo que outros não fazem e por isso se fazer sujeito diferente. O rola-bola, portanto, é para Emilio um espaço de produção de novos sentidos, como possibilidade de olhar diferentemente o cotidiano e suas possibilidades de se constituir sujeito. A atividade circense, aqui descrita como rola-bola, se faz atividade estética, transformando o contexto histórico em dialógico, ou seja, em ambiente cujo acabamento abre possibilidades de sentidos. A experiência estética, portanto, determina a existência de um sujeito que transcende a si e ao seu contexto e, sai dessa relação de forma diferente passando a significar diferentemente seu contexto. Compreendemos que saúde é muito mais que manter um corpo vivo, um corpo em movimento, é sim, "corpo/mente com potência de ação para perseverar na autonomia e lutar contra tudo que nega a liberdade e

felicidade de cada um e do coletivo. Negar as necessidades básicas do ser humano – potência de liberdade e felicidade, que podem ser traduzidas por reconhecimento, carinho, (com)-paixão, ter em quem confiar –, é negar sua humanidade e gerar um profundo sofrimento que pode ser qualificado de ético-político". (Sawaia, 2003). O circo escola e, mais especificamente a atividade rola-bola potencializam o sujeito, ofertam a Emilio autonomia para lutar pela liberdade, superação de medo, possibilidade de criação e reconhecimento. A atividade promove saúde, potencializando Emílio, atuando em suas necessidades e emoções, atingindo a base afetivo-volitiva de sua constituição.

Palavras-chaves: Atividade estética; Potencia de ação; Promoção de saúde.

Doutorado-D

SMENTAL

3º Apresentador: Joyce Marly Gonçalves Freire

ESCRITA E ANOREXIA: POSSIBILIDADES DE SUBJETIVAÇÃO. Joyce Marly Gonçalves Freire (Núcleo de Intersubjetividade, Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG / Pesquisa realizada na Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Esta pesquisa tem por objetivo realizar uma reflexão clínico-teórica sobre a Anorexiaà luz da metapsicologia psicanalítica. Considerando que, do ponto de vista da psicanálise, o quadro psicopatológico da Anorexia, com sintomas ou não de bulimia, é torneado pela pulsão de morte e esta se inscreve nos corpos das pessoas portadoras dessa patologia, encaminha-se esta pesquisa com o intuito de elaborar uma reflexão sobreos efeitos que a escrita dessa pulsão (sobre o papel, a parede, e, sobretudo, na tela virtual do computador ligado à Internet) deixariam como novas formas de inscrição psíquicas, ou ainda, se a escrita de fora do sujeito (no diário, no computador) instrumentalizaria uma elaboração da escrita (traço, inscrição) psíquica interior, de dentro, de modo a criarem uma outra posição subjetiva, diversa daquela que as enclausura no sintoma. Tendo a psicanálise como método teórico e clínico, o objeto desta pesquisa é a escrita que esses pacientes fazem em seus próprios corpos, emdiários e em sites da internet (os blogs e comunidades), lugares esses nos quais muitas jovens, em tratamento ou não, escrevem incessantemente sobre si mesmos e suas dores de existir, cristalizadas em seus sintomas. Ao longo desta pesquisa, pudemos atender e supervisionar em clínica psicanalítica algumas pacientes anoréxicas, nas quais a questão a magreza corporal expressaria a inscrição psíquica da pulsão de morte, encaminhadas a um Ambulatório de Psicoterapia Psicanalítica. Enredada pelas questões suscitadas pela anorexia e pela bulimia e suas relações com a escrita, a pesquisadora visitou também, como observadora e leitora externa, alguns siteseblogs do mundo virtual da Internet , nos quais, de forma atualmente muito difundida, muitas garotas portadoras do quadro psicopatológico da anorexia deixam o testemunho escrito de seu padecer psíquico, criando laços sociais e fraternos, umas com as outras, por meio dessas comunidades virtuais. Considera-se as inscrições corporais das anoréxicascomo o próprio estado radical de emagrecimento que, ao deixar a pele sobre os ossos, acaba por imprimir no corpo uma outra imagem de identidade do Eu. Considera-se que os diversos modos pelos quais muitasdelas escrevem sobre essas inscrições no corpo são tentativas singulares de simbolizar os traços mudos, as letras psíquicas que marcam esses sujeitos. Se, de um lado, as anoréxicas, com seus sintomas de não comer e de emagrecer até o limite insuportável para a vida, são movidas pela mortífera pulsão, por outro lado, ao escreverem e se identificarem umas com as outras nas comunidades virtuais, nessa escrita que é veneno, mas também um phármaco, buscam reescreverem-se através do laço de pulsão de vida que se expressa nesse lócus de identificação, criando para si, a partir do objeto que toma o lugar do ideal de eu (a escrita do definhamento de si), uma identidade – a de Ana e Mia. O

laço amoroso de vida que as une através da escrita as move em direção a uma ressignificação subjetiva que contorna seus corpos e a si mesmas.

Palavras-Chave: Escrita, Anorexia, Psicanálise

Pesquisador – P

SMENTAL

Proponente: Luísa Fernanda Habigzang

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

Título da Proposta: **TECNOLOGIAS SOCIAIS DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL PARA COMBATE À VIOLÊNCIA**

Justificativa: A violência contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo que envolve aspectos psicológicos, sociais e forenses. A atuação efetiva dos profissionais que compõem a rede de proteção é fundamental para minimizar o impacto da violência e contribuir para o desenvolvimento psicossocial saudável das vítimas. Contudo, se verifica a formação deficitária dos profissionais para identificar, encaminhar e intervir adequadamente nos casos de violência. O desenvolvimento de tecnologias sociais de capacitação é uma estratégia para qualificar os profissionais e melhorar o funcionamento da rede de proteção. A presente proposta visa a apresentar a estrutura e os resultados alcançados por três tecnologias sociais de capacitação desenvolvidas para o combate à violência.

Coordenador: Luísa Fernanda Habigzang

TECNOLOGIA SOCIAL DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL PARA INTERVENÇÃO COM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL. Luísa Fernanda Habigzang**; Clarissa Pizarro de Freitas**; Bruno Figueiredo Damásio** e Sílvia Helena Koller (Centro de Estudos Psicológicos CEP-Rua/PPG em Psicologia UFRGS/Porto Alegre/RS).

A violência sexual pode desencadear consequências negativas para o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes. A complexidade intrínseca a essa situação e ao atendimento das vítimas e suas famílias explicitam a necessidade de intervenções efetivas e baseadas em evidências. Observa-se que no Brasil os serviços públicos apresentam dificuldades para identificar e intervir adequadamente. Diante disso, o Centro de Estudos Psicológicos CEP-Rua promoveu a Tecnologia Social de Capacitação Profissional para Intervenção com Vítimas de Violência Sexual aos profissionais de psicologia e serviço social que atuam em serviços públicos. Esta objetivou instrumentalizar os profissionais em relação: à definição, dinâmica e impacto da violência sexual; atuação profissional nestes casos; modelo de avaliação psicológica e modelo de grupoterapia cognitivo-comportamental para vítimas de violência sexual aos psicólogos; e modelo de grupo para cuidadores não-abusivos aos assistentes sociais. A capacitação é constituída por quatro módulos. Os três primeiros módulos compõem à parte instrucional da capacitação, e o quarto módulo refere-se às cinco supervisões dos atendimentos clínicos realizados pelos profissionais capacitados. A efetividade da capacitação tem sido investigada por meio da análise do impacto desta sobre o comportamento ocupacional, efeitos indiretos sobre os níveis de burnout e avaliação de processo. Até o momento, foram capacitados 51 profissionais da rede de proteção do estado do Rio Grande do Sul, 32 psicólogos e 19 assistentes sociais. Do total 90% mulheres, com idade média de 37 anos (DP=9,5). O impacto da capacitação sobre o comportamento ocupacional dos participantes foi avaliado ao final desta, por meio da Escala de Impacto do Treinamento. Observou-se um índice elevado de impacto no comportamento ocupacional dos psicólogos e assistentes sociais. Os efeitos indiretos da capacitação sobre os níveis de burnout foram investigados através do Maslach Burnout Inventory (MBI), que avalia as dimensões de exaustão emocional, baixa realização profissional e despersonalização, e sobre os índices de tensão ocupacional pelo Job Content Questionnaire (JCQ), que avalia as variáveis ‘demanda psicológica’ e ‘controle’. Observou-se que a capacitação apresentou efeitos indiretos sobre os

níveis de burnout e tensão ocupacional. Isso foi notado ao se comparar os escores de 19 psicólogos que participaram desta, avaliados no início e final da capacitação, e 11 que não participaram da capacitação, avaliados em dois momentos. Referente aos índices de burnout, entre os participantes da capacitação os níveis de exaustão emocional e baixa realização no trabalho mantiveram-se estáveis, com a diminuição dos índices de despersonalização, enquanto os indicadores das três dimensões aumentaram entre os que não participaram desta. Em relação aos índices de tensão ocupacional, os participantes da capacitação apresentaram maiores níveis de demanda de trabalho, enquanto aqueles que não participaram desta indicaram uma diminuição nos índices de controle no trabalho. Os resultados da avaliação de processo indicaram um alto nível de satisfação com a capacitação. Estes resultados demonstram que a capacitação tem sido desenvolvida de forma efetiva e indicam o potencial dos profissionais aplicarem os conteúdos e as técnicas trabalhados durante a capacitação ao seu contexto laboral.

Financiamentos: CNPq, FAPERGS, CAPES

Palavras-chave: Violência sexual, capacitação profissional, tecnologia social

Pós-Doutorado

2º Apresentador: Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

TECNOLOGIA SOCIAL DE CAPACITAÇÃO PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DO LAPREV/UFSCAR. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams* (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência – Laprev, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP).

Essa apresentação terá início com uma breve reflexão sobre o que se entende por tecnologia social, seguido por uma descrição da experiência de avaliação de capacitação dada a profissionais diversos (policiais, conselheiros tutelares, professores, profissionais da saúde e membros do judiciário) pela equipe do Laprev. Em específico dois projetos serão apresentados e discutidos: O Projeto Escola que Protege (EQP) e o Curso para capacitação de profissionais de saúde sobre prevenção da violência e abusos de crianças e adolescentes no programa Telessáude Brasil (Núcleo Rio de Janeiro). O objetivo final da apresentação consiste em refletir sobre as vantagens de se oferecer cursos presenciais versus cursos à distância. O EQP consiste em uma iniciativa do (MEC) que visa a formação de profissionais da educação e demais profissionais para o enfrentamento da violência a crianças e adolescentes em geral, e, em específico à violência escolar. O Laprev atuou em tal projeto durante 3 anos: no ano de 2008 ofereceu curso online para profissionais da educação do Estado de São Paulo, participando do curso 123 profissionais de 83 escolas situadas em 42 municípios considerados de risco e de vulnerabilidade social para a violência contra a criança. O curso, desenvolvido via ferramenta Moodle, teve duração de cinco meses, perfazendo um total de 70 horas teórico-práticas. Fóruns desenvolvidos no âmbito da prevenção dos maus tratos infantis e orientação de atividades, segundo roteiro previamente planejados foram utilizados. Os resultados mostraram a relevância do curso no processo de formação de agentes multiplicadores e também, o repertório deficitário de educadores no processo de encaminhamento de casos de suspeita ou confirmação de maus tratos infantis. Nos anos de 2009/2010, o Laprev participou do EQP oferecendo curso presencial para cerca de 1700 profissionais do estado de SP, sendo cerca de 700 da capital. Será apresentado um recorte dos dados referentes à avaliação e as atividades realizadas por participantes da Grande São Paulo (n= 545). Esses avaliaram o curso por meio de questionário, no qual deveriam julgar em escala de 5 pontos, o planejamento, a execução do curso e sua contribuição à formação profissional, quanto a conceitos, domínio dos professores, esclarecimento do assunto, seqüência na apresentação do conteúdo,

exemplos relevantes, estratégias de ensino e recursos audiovisuais adequados. A análise dos dados demonstrou que a maioria dos participantes avaliou positivamente o curso, sendo apresentados exemplos de produtos desenvolvidos no mesmo. O curso da Telessáude foi gravado em 2010, e encontra-se em andamento até o momento. Tal curso apóia-se em 10 web-conferência,s cada com 60 minutos de duração, dispostas na plataforma moodle, sendo metade planejada e ministrada por uma pesquisadora pediatra da UERJ e metade pela autora desse trabalho. Trata-se de o curso com o maior número de inscrições na Telessáude, Brasil. De julho/2010 a julho/2011 inscreveram-se no curso 820 pessoas, mas apenas 20% receberam certificado, resultado compatível com outros cursos à distância. Argumenta-se que apesar das dificuldades geradas pelo curso online (maior taxa de desistência, maior dificuldade de avaliação) tal tecnologia é vantajosa pela abrangência.

*Bolsista Produtividade CNPq.

Palavras-chave: violência contra a criança, maus-tratos infanto-juvenis, prevenção

3º Apresentador: Paula Inez Cunha Gomide

PROGRAMA DE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA PAIS SOCIAIS. Paula Inez Cunha Gomide*(Universidade Tuiuti do Paraná).

O processo educativo normalmente se alicerça em determinados valores que pais e mães procuram transmitir a seus filhos. Esses valores embasam suas metas educativas. Com o objetivo de educar, corrigir e socializar os filhos, os pais se utilizam de práticas educativas positivas e negativas. A presente pesquisa teve por objetivo aplicar e avaliar um Programa de Práticas Educativas para pais sociais de Instituições de Abrigamento. O Programa foi dividido em dois módulos, sendo um teórico, e o outro prático. O modulo teórico ocorreu em uma sala de aula e o prático ocorreu nas casas-lares, tendo como foco o estabelecimento de regras, a manutenção de comportamentos pró-sociais e a redução de comportamentos antissociais. Foram participantes dessa pesquisa sete pais sociais e 58 crianças, filhos acolhidos ou biológicos, com idade entre 4 e 16 anos, que viviam nos abrigos. O programa, segundo o modelo teórico de Gomide (2006) constou de 11 sessões que versaram sobre os seguintes temas: polidez, obediência, importância das regras, monitoria negativa ou supervisão estressante, punição inconsistente ou humor instável, disciplina relaxada, abuso físico, negligência, monitoria positiva e comportamento moral. Em pré-teste e pos-teste foram medidas as praticas parentais dos participantes (pais e filhos) por meio do IEP, registros de comportamentos inadequados e adequados dos filhos e filmagem de uma situação planejada onde filhos e pais executavam uma tarefa acadêmica. As médias dos IEPsdos filhos em relação às praticas parentais dos pais sociais mostrou um aumento das práticas educativas positivas e diminuição das práticas educativas negativas. Na situação de tarefa acadêmica planejada verificou-se um aumento em posteste na interação entre pais e filhos, com aumento dos comportamentos de pedir ajuda dos filhos, assim como ajudar e olhar para os pais. Também houve redução de 4,44 para 1,55 na média do comportamento de ignorar dos pais. Setenta por cento das crianças participantes reduziram os comportamentos inadequados alvos do estudo e 48% aumentaram os adequados. O estudo mostrou-se uma tecnologia educacional promissora para a capacitação de pais sociais que convivem com crianças e adolescentes abrigados.

Financiamento: Instituto Brasileiro de Transformação Social

Palavras chave: práticas educativas, pais sociais, capacitação

Proponente: Maria Luisa Louro de Castro Valente

Área da Psicologia: Avaliação Psicológica

RECURSOS EXPRESSIVOS NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA INFANTIL

Justificativa: Realizar avaliação psicológica com crianças tem sido sempre um desafio, especialmente em instituições e em clínicas escolas, onde existe uma grande demanda de casos a serem atendidos e necessidade de agilidade nesses atendimentos. O estudo e o desenvolvimento de recursos para avaliação psicológica é objeto de investigação de diversos pesquisadores e este simpósio irá apresentar o trabalho de alguns destes profissionais que vêm atuando no diagnóstico e na psicoterapia de crianças e adolescentes, buscando aprimorar os recursos empregados neste atendimento. O primeiro trabalho aborda o emprego do desenho como um instrumento indispensável para o diagnóstico psicológico e também na intervenção psicoterapêutica. A apresentação é ilustrada com casos oriundos da clínica escola, onde atuam as autoras. O uso do desenho serviu tanto para uma melhor compreensão do que estava acontecendo com a criança, como para aproximá-la da terapeuta, facilitando a comunicação e o contato entre ambas e também o processo de elaboração dos conflitos do paciente. No segundo trabalho o autor reflete sobre o uso da argila como recurso nas entrevistas iniciais, segundo o modelo winnicottiano, definido como um método clínico de avaliação e intervenção terapêutica. Descreve um procedimento, que possibilita a expressão dos conflitos e angústias da criança por meio da modelagem em argila de uma figura humana. São apresentadas algumas vinhetas e o relato de sua experiência em uma clínica escola. No terceiro trabalho são apresentados os resultados de pesquisa feita com arquivos de três clínicas escolas, acerca de avaliações psicológicas realizadas com crianças e adolescentes. Tendo por fundamento a teoria piagetiana, o trabalho aborda a relevância de se considerar a presença, ou não, no comportamento e no discurso da criança, das noções de espaço, tempo e causalidade. Neste sentido, a autora propõe incorporar na análise do ludodiagnóstico, das técnicas projetivas e de nível intelectual, a investigação desses indicadores e de suas implicações no processo de socialização da criança. O aspecto lúdico está presente em todos os trabalhos e se mantém como de fundamental importância para a abordagem de crianças na clínica, seja tanto de avaliação diagnóstica como de intervenção.

Coordenador: Maria Luisa Louro de Castro Valente

O USO DO DESENHO NA CLÍNICA COM CRIANÇAS. Helena Rinaldi Rosa e Maria Luísa Louro de Castro Valente (UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP).

Ao recebermos uma demanda na clínica psicológica, temos que fazer uma avaliação do que está ocorrendo e lançamos mão dos mais variados recursos, entre eles, lápis e papel, dada a facilidade de encontrá-los e a boa aceitação pela maioria dos pacientes. O objetivo deste trabalho é ilustrar como isso tem acontecido nos atendimentos realizados na clínica escola da universidade e apontar possibilidades de exploração das técnicas gráficas durante esse processo. Os desenhos são usados como forma de comunicação, às vezes, como início para o diálogo por meio de histórias contadas sobre o que foi desenhado. As técnicas gráficas têm mostrado valor inestimável para o processo de avaliação infantil. Seu caráter expressivo e projetivo dos conflitos e angústias inconscientes favorece as mais diversas formas de uso do grafismo. Contudo os desenhos livres e as estórias contadas sobre eles podem ser usados também como técnica psicoterápica infantil. Se partimos da idéia da semelhança entre o desenho, o sonho e a associação livre, e se é possível uma psicoterapia baseada na associação

livre, também é possível uma psicoterapia baseada no desenho. Se as associações livres, assim como os relatos de sonhos, são principalmente utilizadas na análise de adultos, a psicoterapia pelo desenho pode ser destinada às crianças, desde a época em que se mostram capazes de colocar imagens no papel, mesmo que rabiscos, até o início da adolescência, aproximadamente dos quatro aos onze anos. A psicoterapia pelo desenho permite a criação ilimitada de personagens, como também que o paciente vivencie, pela projeção, associação livre e uso de símbolos, as situações de conflito que constituem a base de seus sintomas neuróticos. O desenho, enquanto linguagem simbólica, pode ser comparado ao brincar e a história contada sobre ele facilita que a criança fale de seus conflitos como se estes fossem de outra pessoa, o que provoca uma diminuição da angústia diante do conflito. Ilustramos deste ponto de vista que o desenho é um instrumento de valor inestimável tanto no diagnóstico e na compreensão dos casos quanto na psicoterapia, com a apresentação de alguns casos clínicos oriundos de nossa prática na clínica psicológica infantil em que observamos que desenhar serviu tanto para uma melhor compreensão do que estava acontecendo com a criança, como para aproximá-la da terapeuta melhorando a comunicação e contato entre elas e mesmo como facilitador no processo de elaboração de seus conflitos. Concluímos que a psicoterapia pelo desenho tem se mostrado um método muito útil para o atendimento de crianças em instituições, tais como em hospitais, unidades básicas de saúde ou clínicas escolas.

Palavras-Chave: Desenho; Psicologia Infantil; Avaliação Psicológica.
Nível do trabalho: P - Pesquisador
Código da área: AVAL Avaliação Psicológica

2º Apresentador: Walter Jose Martins Migliorini

O USO DA ARGILA COMO MATERIAL EXPRESSIVO NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS. Walter José Martins Migliorini (UNESP – Univ. Estadual Paulista, SP)

Introdução

A consulta ou entrevista terapêutica é uma modalidade de trabalho clínico na qual o diagnóstico e a intervenção ocorrem simultaneamente, sendo a própria entrevista utilizada como um recurso técnico. Embora a consulta enquanto modalidade de intervenção seja utilizada por diferentes autores, o foco do presente estudo é o modelo winnicottiano. O objetivo é relatar os resultados da investigação (1) da aplicabilidade de um procedimento para entrevistas iniciais evolvendo o uso da argila como material expressivo e (2) do uso desse procedimento em contexto de serviço público multidisciplinar de atendimento a crianças em idade escolar.

Nas entrevistas iniciais, Winnicott utilizava um procedimento padrão (o que não significa padronizado, como os testes psicológicos) que consistia em uma série de rabiscos desenhados e completados alternadamente pelo psicólogo e pela criança (Winnicott, 1971/1984). O emprego do jogo de rabiscos não é uma garantia de aproveitamento de seu alcance diagnóstico ou terapêutico. Ele não é simplesmente uma técnica e os seus efeitos podem ser extraídos de forma satisfatória quando compreendidos sob a perspectiva da teoria do desenvolvimento emocional. O fundamental não é o jogo em si, mas a potencialidade que ele tem de colocar em movimento (em trânsito) as questões, angústias e conflitos trazidos pela criança . E isso pode ser feito também por meio de outros materiais e procedimentos.

Os limites da utilização das consultas com crianças tem se ampliado consideravelmente nas duas últimas décadas, podendo-se identificar as seguintes tendências: (1) uso crescente da família como um elemento atuante no processo de intervenção; (2) exploração de recursos materiais e expressivos, diferentes do lápis e papel; (3) uso de consultas em contexto institucional e (4) estabelecimento de aproximação com outras abordagens teóricas (MIGLIORINI, 2008). Em sua maioria, os trabalhos sobre consultas terapêuticas têm sido desevolvidos em contexto institucional e frequentemente não utilizam o jogo de rabiscos como procedimento único ou principal. Alguns desses trabalhos propõem novas modalidades de intervenção inspiradas no modelo winnicottiano, geralmente explorando o uso de diferentes recursos expressivos, tais como histórias, cartas, material projetivo, material gráfico e outros, como argila, papel artesanal e arranjos florais (*idem*).

O modelo winnicottino de entrevista inicial é fundamentalmente um método clínico de avaliação e intervenção terapêutica. A finalidade é fornecer um *setting* confiável, de modo que que a criança possa usá-lo para **comunicar** o seu sofrimento e os seus conflitos, no estilo e modo de expressão que lhe são próprios. Nesse sentido, apresento a seguir, um procedimento no qual a argila é utilizada como recurso expressivo.

Desenvolvimento

O procedimento pode ser considerado uma variante do jogos de rabiscos e consiste na modelagem de uma figura humana elementar, que é entregue à criança para que ela acrescente detalhes alternadamente com o psicólogo (Migliorini, 2005). Eventualmente, a massa de modelar pode ser utilizada também como material para realização do jogo. Esse procedimento alinha-se aos modelos em psicologia que centralizam na figura humana o processo diagnóstico e interventivo (Dolto, 1981) e cuja vantagem é a universalidade e simplicidade da própria representação da figura humana.

Embora o manejo da argila não seja tão simples, acessível e prático como o papel e lápis, o uso da argila ou de outros materiais expressivos coloca em questão a própria escolha que a criança faz de determinado material para expressar suas angústias ou aspectos significativos de sua subjetividade. Por exemplo, um garoto separado precocemente de sua mãe, saia correndo em torno do prédio da instituição em que vivia e quebrava as vidraças que encontrasse pela frente, em um estado de muita agitação. Isso se repetia a cada vez que alguma funcionária – por quem tivesse desenvolvido um apego – partia ou o decepcionava. Embora ele tivesse seis anos de idade, usava pouco a palavra para se comunicar ou o fazia de forma precária. O vidro era o material que se prestava à expressão, nesses momentos, de seu sofrimento frente à fragilidade e a inconsistência dos vínculos humanos. A idéia de utilizar uma figura humana modelada em argila ocorreu pela primeira vez, no contexto de supervisão ao atendimento desse menino, como meio de auxiliá-lo a elaborar a angústia da separação, provocada pelas minhas férias, num momento de relação simbiótica em que a comunicação através de palavras era bastante limitada. Durante a sessão, modelei em argila vários bonecos e cada vez que os entregava ao garoto, ele os despedaçava. Repetimos isso muitas vezes, até que finalmente um deles foi preservado e mantido até o momento do meu retorno.

A modelagem da figura humana em argila mostrou-se útil na entrevista inicial tanto (1) como recurso para estabelecer um bom *rapport* - aliviando a ansiedade inicial da criança - quanto como (2) um meio para facilitar a expressão de sua angústia e de seus conflitos. Em alguns casos, (3) sua utilização abreviou consideravelmente o número de entrevistas durante o processo psicodiagnóstico.

O procedimento de modelagem da figura humana em argila foi utilizado em um serviço público de atendimento à criança, o *Centro de Pesquisa da Infância e da Adolescência "Dante Moreira Leite"* (CENPE), unidade auxiliar vinculada à Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara (Migliorini, 2004). Foram atendidas dez crianças, sendo cinco meninos e cinco meninas, na faixa etária dos sete aos onze anos de idade. Elas foram selecionadas independentemente de gênero ou nível socioeconômico, mas a partir da ordem de inscrição na lista de espera do programa de atendimento do CENPE. A maioria das crianças (70%) estudava em escolas públicas e o grau de escolaridade variou da primeira a quinta séries do ensino fundamental. A idade média de suas mães era de trinta e três anos e a de seus pais era de trinta e sete anos. O grau de instrução de aproximadamente metade do conjunto de pais e mães era o primeiro grau incompleto, sendo que duas das mães tinham nível superior completo. A religião predominante dos pais era a católica.

A maioria dessas crianças vivia numa condição de instabilidade ou de desestruturação familiar. Algumas das situações vividas por elas envolviam elaboração de luto parental, separação, convivência com parentes que sofriam de transtornos mentais, tentativa de suicídio da mãe, contato com situações de agressão ou violência física entre os pais, abuso sexual, ameaças de assassinato entre os pais, alcoolismo ou uso de drogas e abandono paterno. Três entre as dez famílias apresentaram um ambiente relativamente estável para a criança, ou seja, um ambiente em que os pais forneciam suporte emocional e eram continentes aos conflitos de seus filhos, apesar de eventuais dificuldades do grupo familiar. A motivação fundamental da família ao procurar ajuda especializada foi, adotando-se classificação proposta por Catafesta (1992), o *sintoma apresentado pela criança* (50%) e *crise familiar* (40%).

Foi realizada uma série de entrevistas com cada uma das crianças, com finalidade diagnóstica e/ou interventiva, durante as quais o procedimento de modelagem de uma figura humana em argila foi introduzido. Além da entrevista com a criança, foram realizadas as seguintes entrevistas com os familiares: (1) anamnese; (2) devolutiva e (3) avaliação.

Em quatro dos casos atendidos, a modelagem da figura humana em argila foi utilizada como procedimento diagnóstico ou interventivo único. Em outros três casos ela foi utilizada em associação com o jogo de rabiscos. Quanto aos três casos restantes, o procedimento não foi utilizado: no primeiro, houve desistência do atendimento por parte da família; no segundo, a criança preferiu a manipulação livre da argila e, no terceiro, foi utilizado apenas o jogo de rabiscos. Convém esclarecer que, embora o procedimento com argila tenha sido proposto e utilizado na maioria dos casos, foram respeitadas a forma de comunicação e o recurso expressivo preferido da própria criança. Quando a comunicação verbal era o recurso principal, esta foi privilegiada na interação.

Durante uma entrevista, pode ocorrer a sobreposição ou o predomínio das funções diagnóstica e interventiva do procedimento. Na metade dos casos atendidos, houve associação de diagnóstico e intervenção, seja na forma de (1) consultas ou de (2) intervenção breve realizada com a criança, associada à orientação familiar. Nessa última situação, as entrevistas foram realizadas com o objetivo de provocar alterações na dinâmica dos relacionamentos familiares, de modo a facilitar o processo de elaboração dos sintomas inicialmente apresentados pela criança.

Em dois casos atendidos, a entrevista estruturou-se como consulta propriamente dita. Isso significa que, **por meio da própria intervenção realizada com a criança**, alguma ajuda lhe foi oferecida e seu desenvolvimento emocional pode ser retomado. Nestes casos, houve a culminância de alguns fatores críticos que possibilitaram a realização satisfatória das consultas ou entrevistas terapêuticas: (1) a presença de sintomas da criança que não haviam se tornado crônicos; (2) a presença de um processo regressivo normal ou do tipo reativo, ou seja, uma

interrupção no desenvolvimento infantil e (3) uma família em condições de fornecer um suporte emocional para a criança naquele momento.

Por outro lado, **a função diagnóstica predominou sobre a interventiva em 40% das entrevistas realizadas**. Não foi possível fornecer à criança uma ajuda consistente nessas situações, no sentido auxiliá-la a lidar com suas dificuldades emocionais **durante** as entrevistas, uma vez que foi identificada a necessidade de psicoterapia ou de outro tipo ajuda profissional. Essas entrevistas e os encaminhamentos realizados, entretanto, subsidiaram o serviço de triagem do CENPE. No Caso B, foi utilizada uma modalidade de intervenção que Winnicott denominava de *placement* (Safra, 2005), ou seja, a provisão de um contexto humano estruturante para a criança, quando a família não se encontra em condições de fornecer aos filhos um suporte emocional. O *placement* pode ser realizado por meio de intervenções complementares à psicoterapia, realizadas em instituições que ofereçam atividades pedagógicas, culturais, artísticas, esportivas e de lazer contínuas, que sirvam como um ponto de referência e de reorganização da personalidade da criança, principalmente nos casos de conduta antissocial.

A seguir, apresento duas vinhetas cuja finalidade é ilustrar a função diagnóstica do procedimento e uma das duas consultas terapêuticas realizadas. H. é um menino de dez anos de idade que possui uma aparência melancólica. Ele perdeu o pai em um acidente automobilístico aos três anos de idade. Na época, H. não mostrou uma reação imediata de luto, mas, depois, vieram os problemas: tentativa de suicídio, autoagressões e dificuldades de aprendizagem (tanto de atenção quanto de memorização). Eventualmente, ele dizia que estar cansado e que gostaria de morrer. Propus a ele a modelagem da figura humana em argila e a experiência foi surpreendente: H. fez um paraquedista. Como as cordas de argila partissem, resolvi ajudá-lo, modelando uma corda mais resistente. Enquanto isso, ele providenciou proteções extras ao paraquedista, como cotoveleira, joelheira, capacete e óculos. Fazendo agora o boneco voar com segurança, ele constatou que algo estava faltando. Perguntei se não seria um colete a prova de balas. Ele respondeu: “Isso! Pode vir um ladrão e atirar nele... se pegar no joelho também não acontece nada...”. Enquanto modelava o colete, conversávamos o quanto o boneco estava protegido. Reconheci que esse momento era decisivo e questionei se era assim que gostaria de ter feito com seu pai. Como resposta, sua feição demonstrou uma profunda tristeza. Proteger seu boneco com acessórios de segurança foi a forma que H. encontrou para expressar sua angústia frente à vulnerabilidade do pai e seus esforços de reparação e de elaboração do luto, permitindo-nos observar de que forma uma experiência traumática é comunicada pela criança. Uma experiência de perda ocorrida quando o pai, do ponto de vista do desenvolvimento emocional, começava a entrar em sua vida.

Um segundo exemplo é de o D., uma menina de dez anos de idade que também presenciou, desde muito cedo, cenas de violência doméstica, sofrendo de ansiedades persecutórias. Seu pai é alcoólico, está desempregado e faz ameaças de morte à sua mãe, apesar de estarem separados. Na primeira entrevista, modelamos uma figura humana em argila, que ela disse ser um menino, mas que me parecia um homem: seu pai. Fizemos alguns objetos para esse boneco que é pai e menino ao mesmo tempo. Há certo reconhecimento de aspectos imaturos na personalidade paterna, porém, D. parece antes defendê-lo do que atacá-lo. Há também o medo de uma ameaça concreta, de um perigo real. Na terceira entrevista, a menina relatou um pesadelo de quando tinha quatro anos de idade, no qual a mãe morria e o pai ficava cuidando dela. Nessa época, o pai bebia e brigava com a esposa. Perguntei se havia imaginado o pai matando a mãe. Ela respondeu que não. Os aspectos regressivos do pai são apresentados de forma ambígua como um homem que é, ao mesmo tempo, um menino. Em outras palavras como alguém que, ao invés de cuidar, precisa ser constantemente cuidado. A condição traumática em que D. se desenvolveu é assim comunicada. Embora pareça haver

uma sobreposição de fantasias edípicas com a situação de violência doméstica, essa criança não conseguira sequer atingir a conflitiva edípica.

Considerações finais

Nas vinhetas apresentadas observa-se que a comunicação da criança é o fator essencial nesse tipo de intervenção e que o material expressivo, seja ele qual for, é um recurso que a criança utiliza de modo singular nesse processo. Assim, as entrevistas terapêuticas suspendem (mas não ignoram) a interpretação em favor da comunicação realizada pela própria criança.

Os resultados demonstram a eficácia do procedimento de modelagem da figura humana em argila quando utilizado sozinho ou em associação com o jogo de rabiscos, tanto para o diagnóstico quanto, simultaneamente, para diagnóstico e intervenção.

Os resultados também confirmam os dados da literatura segundo os quais a consulta é um recurso eficaz em situações de interrupção no desenvolvimento infantil, seja porque houve uma intensificação da angústia e consequente formação de sintomas, seja porque uma alteração crítica no ambiente - como morte, separação, mudanças ou nascimento de um irmão - provocou essa interrupção. Uma de suas principais vantagens é possibilitar ao psicólogo intervir diretamente na angústia e no conflito da criança, expondo-a, o mínimo possível, à intervenção clínica. O envolvimento da família e as condições emocionais dos pais são fatores limitantes críticos para que o trabalho tenha um bom resultado.

Referências

Catafesta, I. F. M. (1992). *Intervenções no desenvolvimento psicológico: um trabalho preventivo.* Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Dolto, F. (1949). Tratamento psicanalítico com a ajuda da boneca-flor. In F. Dolto, 1981, *No jogo do desejo: Ensaios clínicos* (2ª ed.). São Paulo: Ática.

Migliorini, W. J. M. (2008). Modalidades de Consulta Terapêutica com Crianças. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, v.194, São Paulo, 17-23.

Migliorini, W. J. M. (2005). Um procedimento para entrevistas iniciais com crianças. In: José Ottoni Outeiral & Sueli Hisada & Rita Gabriades & Afrânio Ferreira, A. (Org.) *Winnicott: Seminários Brasileiros.* Rio de Janeiro: Revinter.

Migliorini, W. J. M. (2004). O uso de consultas em contexto de serviço público de atendimento à criança In: XIII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de Donald Winnicott. *Anais*, Porto Alegre.

Safra, G. (2005). Considerações sobre o *placement*. In *Clinica winnicottiana por Gilberto Safra.* [CD-ROM]. São Paulo: Edições *Sobornost*.

Winnicott, D. W. (1971). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

Palavras-chaves: entrevista inicial, Winnicott, consulta terapêutica.
Nível do trabalho: D - Doutorado
Código da área: AVAL – Avaliação Psicológica.

3º Apresentador: Rosa Maria Lopes Affonso

LUDODIAGNÓSTICO: INDICADORES PARA O DIAGNÓSTICO E REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS NA REPRESENTAÇÃO. Rosa Maria Lopes Affonso (Universidade Presbiteriana Mackenzie e Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Psicossocial do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Parte-se do pressuposto de que a avaliação psicológica ludodiagnóstica realizada num atendimento clínico possibilita a investigação do processo de representação da criança permitindo o diagnóstico clínico de como está a organização da experiência vivida por ela, suas angústias, sua problemática e de como acredita ou não que possa ser curada de seus sintomas. Trata-se, portanto, de uma técnica projetiva em que a criança, por meio de materiais lúdicos, pode expressar porque e como pode receber ajuda psicoterapêutica. Nosso objetivo foi estudar a importância de se considerar nas avaliações psicológicas infantis a presença, ou não, no comportamento da criança e em seu discurso, das noções de espaço, tempo e causalidade, tal como entendidas pela teoria do conhecimento piagetiana. Outro objetivo foi demonstrar a importância do instrumento ludodiagnóstico a ser utilizado pelos profissionais para a avaliação do processo de representação infantil observando-se a consideração dessas mesmas noções. O método consistiu em analisar os prontuários de avaliação psicológica de crianças de dois a quatorze anos atendidas em três Clínicas Psicológicas, nos últimos seis anos, procurando identificar na análise das representações da criança na hora-lúdica, desenhos livres, testes projetivos e intelectuais as noções de espaço, tempo e causalidade. Foram analisados 282 prontuários de crianças atendidas no contexto de psicodiagnóstico, sendo 281 de crianças □normais□ com testes projetivos (H-T-P e Desenho Livre) e de testes intelectuais (WISC-III e RAVEN) e 126 de ludodiagnóstico. Os resultados demonstraram a relevância da análise dos indicadores de espaço, tempo e causalidade para a conclusão diagnóstica sobre o processo de socialização da criança, ressaltando o valor do ludodiagnóstico enquanto técnica expressiva para as investigações do processo de representação infantil. Ainda neste contexto verificamos que a análise qualitativa de determinados testes indica o comprometimento ou não dessas noções o que, associado ao ludodiagnóstico, revela o comprometimento no processo de socialização da criança. Ao mesmo tempo verificamos que alguns instrumentos de investigação psicológica não são passíveis da análise dessas noções e que, por outro lado, quando estas não são consideradas pelo profissional, comprometem a avaliação do processo de socialização da criança e, consequentemente, a conclusão diagnóstica do caso. Os casos com queixas graves de socialização em que comumente o profissional é procurado requerem um conhecimento muito específico da construção das estruturas mentais bem como de todo o processo de significação □ como o sujeito organiza sua experiência vivida e o que é necessário para viver em sociedade, pois ao analisar a brincadeira simbólica da criança, pretende-se investigar suas possibilidades de interação social com o meio; se houver um comprometimento anterior na capacidade da criança de representar, não podem ser propostas intervenções que pressuponham a existência de determinadas estruturas de funcionamento cognitivo.

Palavras-Chave: Ludodiagnóstico; Testes Psicológicos; Avaliação Psicológica.
Nível de trabalho: PD □ Pós-Doutorado
Código da área: AVAL □ Avaliação Psicológica

Proponente: Maria Regina Maluf

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: CONHECIMENTO E PRÁTICA

Justificativa: Alfabetização na Perspectiva da Psicologia Cognitiva da Leitura é uma escolha que se justifica pelo fato de que nos últimos 10 anos a ciência cognitiva da leitura se destacou no contexto científico internacional por suas contribuições que vêm permitindo um grande avanço na compreensão e explicação da aprendizagem da linguagem escrita. A literatura estrangeira é abundante nessa área e pesquisas brasileiras se somam a esses estudos. A perspectiva cognitiva nos estudos sobre Alfabetização é a que mais avançou nos últimos anos e se apoia em evidências nas áreas da Psicologia, da Educação e das Neurociências do Comportamento. Controvérsias sobre ensino da linguagem escrita são muito conhecidas e geram enormes confusões entre pais e professores. A relevância do tema da Alfabetização para a educação brasileira fala por si mesma. Este Simpósio pretende contribuir para o debate, criando pontes que possam ampliá-lo, para que possa chegar a professores alfabetizadores, gestores de secretarias de educação, bem como famílias dos alunos. Defendemos neste Simpósio a importância de se oferecer a estudantes e professores uma oportunidade de conhecer a fundo o tema da alfabetização, na perspectiva que é a mais aceita na literatura atual, porque baseada em evidências sobre o ensino e a aprendizagem do sistema alfabético em diferentes idiomas. Alfabetizar com sucesso é um desafio global, enfrentado também pelos países de economia avançada. Na América Latina é crucial, frente às condições de extrema desigualdade de vida da população. O Brasil ainda apresenta uma taxa de cerca de 10% de analfabetismo na população de 15 anos ou mais, o que representa 14,2 milhões de pessoas analfabetas. Essa desigualdade extrema persiste, embora estejam ocorrendo grandes avanços na educação nos últimos 15 anos. Outros dados atuais são encontrados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Mais de 70% dos municípios brasileiros superaram ou atingiram as metas do desenvolvimento da educação básica referentes aos anos iniciais do Ensino Fundamental para 2007; 97,5% de todas as crianças estão matriculadas nas escolas. As escolas públicas e gratuitas atendem cerca de 80 % das crianças brasileiras. Frequentemente o ensino inicial da linguagem escrita é tratado como questão política e ideológica, sem levar em conta suficientemente as contribuições das pesquisas baseadas em evidências. A questão de saber como ensinar melhor a ler e a escrever é talvez a questão mais politizada na área da educação. Com frequência as discussões levam em conta os aspectos globais da alfabetização, porém não incluem os elementos específicos da aprendizagem da leitura e escrita. O conhecimento dos elementos específicos do ensino e aprendizagem da leitura é mais recente e ainda encontra fortes resistências nos sistemas de ensino dos países latino-americanos, incluído o Brasil. Por seu caráter mais específico e exigente é facilmente confundido com perspectivas teóricas discriminatórias e não populares. Com frequência as explicações mais baseadas em resultados de pesquisa, de valor pedagógico porque demonstram como chegar aos melhores resultados, são abandonadas em benefício de outras que prometem resultados mais fáceis e são aceitas como mais atraentes, porém são desmentidas pela prática que mostra que não dão bom resultado. As pesquisas a respeito da linguagem escrita avançaram muito, mas permanecerão estéreis se seus resultados não atingirem a prática dos professores alfabetizadores. A Psicologia Cognitiva da leitura mostra como a escrita codifica os sons da fala e como diferentes níveis de controle cognitivo coexistem nos tratamentos linguísticos presentes na oralidade. Esses níveis de tratamento cognitivo vão desde os mais precoces e espontâneos encontrados nas crianças em idade pré-

escolar até aqueles autocontrolados que aparecem fundamentalmente na idade escolar, quando a criança é colocada em situação de aprendizagem sistemática da linguagem escrita. Os sistemas de escrita, mesmo os ideográficos como os hieróglifos (diferentemente das formas arcaicas de produção de notações que se limitaram a listas de objetos e significados, como as escritas pictográficas), desde seu surgimento incluíram em seus signos a representação de sons da fala. Hoje escrevemos em sistemas alfabéticos que usam sinais para representar sons. Sendo um sistema de escrita fonográfica, a escrita em português depende diretamente dos elementos sonoros da língua para poder ser decifrada e lida. É mais transparente do que o inglês ou o francês. As escritas alfabéticas, como é o caso do português do Brasil, baseiam-se em regras de notação, que têm como primeira finalidade expressar os sons da fala utilizando combinações entre as letras da base alfabética. Compreender que letras representam sons e que combinações de letras formam palavras (que podem ou não ter significado) é o primeiro passo para compreender o princípio alfabético de escrita. Essa compreensão não resulta de simples descoberta; ela é o resultado de uma descoberta que só ocorre com a mediação do ensino. Pesquisas recentes no campo da Psicologia Cognitiva da Leitura fornecem numerosas evidências de ser esse o caminho mais rápido e eficiente para ensinar a ler e escrever. Já no início do século XX, psicólogos e educadores se referiram ao espaço reduzido que a preocupação com a escrita ocupava nas práticas escolares, se comparada ao importantíssimo papel que ela tem no desenvolvimento social da criança. Parece ser ainda verdadeiro em nossos dias, que alguns estudiosos e práticos da alfabetização têm dificuldade para compreender que a linguagem escrita é um sistema específico de símbolos e signos cujo domínio marca um momento crítico fundamental no processo de desenvolvimento e escolarização inicial da criança. A Psicologia Cognitiva da Leitura à qual nos referimos coloca em primeiro plano o fato de que o aprendiz da linguagem escrita já dispõe de uma linguagem receptiva e expressiva. Ele a utiliza de forma espontânea e tem um conhecimento implícito de sua estrutura e constituição. Para aprender o código alfabético que lhe permitirá ler e escrever na mesma língua falada, deverá passar para um novo plano no uso da língua, ou seja, refletir sobre ela, tomar consciência de seus vários aspectos. Em outras palavras, deverá adquirir um conhecimento explícito, que se expressa em habilidades metalinguísticas, ou seja, em diversas habilidades de manipulação da língua falada.

Coordenador: Maria Regina Maluf

SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES METALINGUÍSTICAS E DA INSTRUÇÃO FONOLÓGICA: REVENDO A LITERATURA. Maria Regina Maluf (PUCSP) e Maura Spada Zanella (AEDU).

A relação entre habilidades metalinguísticas e aprendizagem da linguagem escrita vem sendo alvo de numerosos estudos na atualidade. Esta apresentação analisa o estado da questão considerando o que diz a literatura brasileira e a estrangeira, sobre relações entre as habilidades metalinguísticas e a alfabetização em sistemas de escrita alfabética em diferentes idiomas. É dada especial atenção à aprendizagem da linguagem escrita em idiomas relativamente opacos como o inglês e o francês, e idiomas mais transparentes, como é o caso do português e do espanhol. São ressaltadas as diferenças e as semelhanças no processo de aprender a ler e escrever que tem no seu início a compreensão do princípio alfabético da escrita. A análise da literatura mostra que os estudos nessa perspectiva teórica designada como Psicologia Cognitiva da Leitura vêm aumentando de modo contínuo e em diferentes idiomas, sugerindo ser esse o enfoque teórico que reúne as evidências mais rigorosas e mais abundantes. Sugere também a conveniência e a necessidade de fazer distinções entre uso de

métodos mais ou menos ortodoxos e a assunção de princípios teóricos baseados em evidências científicas, sendo esta segunda vertente a mais recomendada. A instrução fonológica vem sendo aceita com crescente regularidade como fundamental para facilitar a aprendizagem da linguagem escrita em sistemas alfabéticos. Outras habilidades metalinguísticas também aparecem como relacionadas ao processo de alfabetização inicial. No Brasil a literatura aponta que as pesquisas mais numerosas se situam na área das habilidades metafonológicas, mas incluem também resultados sobre outras habilidades metalinguísticas como são as metassintáticas e a metatextual. Pesquisas de intervenção experimental começam a surgir e trazem novos resultados para o debate nessa área de fundamental importância para a educação e o desenvolvimento do País. A literatura sugere também o distanciamento entre os enfoques teórico-metodológicos que sustentam as pesquisas e suas implicações na prática e aponta para as necessárias relações com as políticas públicas na área da alfabetização. É dada especial atenção à necessidade de políticas públicas voltadas para o ensino das crianças nos anos pré-escolares, bem como à alfabetização de adultos, sendo esta uma prevalente questão na história da educação brasileira. Conclui-se pela necessidade e importância da disseminação do conhecimento disponível, oferecendo aos professores alfabetizadores, bem como a estudantes e pesquisadores da área, oportunidades de conhecer a fundo o tema da alfabetização, na perspectiva que vem a ser, atualmente, a mais aceita na literatura internacional e que está baseada nos avanços da ciência da leitura. Conclui-se também pela necessidade de iniciativas que favoreçam o diálogo entre a teoria e a prática nesse campo fundamental da educação brasileira.

2º Apresentador: Cláudia Cardoso-Martins

UMA AVALIAÇÃO LONGITUDINAL DA HIPÓTESE SILÁBICA. Claudia Cardoso-Martins (Universidade Federal de Minas Gerais) e Tatiana Cury Pollo (UFSJ).

De acordo com o modelo de E. Ferreiro, o desenvolvimento da escrita pode ser descrito em termos de três estágios principais: pré-silábico, silábico e alfabético. O estágio silábico é assinalado por escritas em que o número de letras corresponde ao número de sílabas na pronúncia das palavras (e.g., a escrita XYS para a palavra cavalo) e, segundo Ferreiro, constitui a primeira manifestação da compreensão de que a escrita representa a fala. A despeito de sua enorme popularidade no Brasil, o modelo de Ferreiro, sobretudo sua caracterização das chamadas escritas silábicas como um marco importante no desenvolvimento da escrita, tem sido questionado. Por exemplo, alguns pesquisadores, como Cardoso-Martins e Pollo, têm argumentado que as escritas silábicas são muito raras e, como tal, dificilmente poderiam caracterizar um estágio especial no desenvolvimento da escrita. Uma limitação desses estudos é que as avaliações da escrita foram espaçadas por intervalos relativamente longos, o que pode ter dificultado a observação de escritas silábicas. Além disso, uma vez que a classificação de uma criança como silábica não levou em consideração o número de escritas silábicas que seria esperado ao acaso, é possível que esses estudos tenham subestimado o número de crianças silábicas. O presente estudo foi concebido com o objetivo de superar essas limitações. Participaram do estudo 50 crianças matriculadas em classes da educação infantil de escolas particulares. Sua idade no início do estudo era, em média, quatro anos. O estudo foi longitudinal e a escrita das crianças foi avaliada a cada três meses, por um período de aproximadamente 18 meses. Os resultados mostraram que 12 das 50 crianças apresentaram um número maior de escritas silábicas do que seria esperado por acaso, em pelo menos uma ocasião ao longo do estudo. Esse número é maior do que o que seria esperado com base nos estudos anteriores, sugerindo que esses estudos, de fato, subestimaram o número de crianças silábicas. Contudo, como esse número também revela, a imensa maioria das crianças

aparentemente não passou pelo estágio silábico no decorrer do estudo. Além disso, nossos resultados questionam a interpretação que Ferreiro oferece das escritas silábicas. Por exemplo, ao contrário do que seria esperado com base nessa interpretação, escritas silábicas com letras arbitrárias foram raramente observadas. Ao invés disso, as letras nas escritas das crianças classificadas como silábicas correspondiam frequentemente a letras cujos nomes podiam ser detectados na pronúncia das palavras. Finalmente, as escritas das crianças classificadas como silábicas foram frequentemente precedidas de escritas não-silábicas em que as letras representavam sons na pronúncia das palavras, ainda que de forma rudimentar (e.g., DVUA para dedo). Tomados em conjunto, esses resultados sugerem que, ao invés de estágios caracterizados por transformações conceituais bruscas, o desenvolvimento da escrita é mais adequadamente descrito em termos de mudanças contínuas e graduais na habilidade de a criança detectar segmentos fonológicos na pronúncia das palavras e conectar esses segmentos aos segmentos ortográficos apropriados.

3º Apresentador: Alina Galvão Spinillo

DESENVOLVENDO A LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DA CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA.
Alina Galvão Spinillo (Universidade Federal de Pernambuco).

O fim último da alfabetização é tornar as crianças usuárias competentes da linguagem escrita de modo que sejam capazes de dominar o sistema de representação do português e assim, compreender e produzir textos escritos. Embora tenha como função primária ser um objeto de comunicação, a linguagem escrita, no contexto escolar, é considerada um objeto de ensino; e como tal, torna-se, também, objeto de reflexão, passando a ser ela própria o foco de atenção deliberada por parte do indivíduo; no caso, da criança na condição de aprendiz. Esta atividade de natureza recursiva é denominada atividade metalinguística, e permite que o indivíduo trate a linguagem escrita como um objeto cujas características podem ser examinadas a partir de um monitoramento intencional, que exige um distanciamento em relação a seus usos e uma aproximação da forma em que ela se apresenta. Ao explicitamente focalizar sua atenção na linguagem em seus diversos níveis (do fonema ao texto), o indivíduo torna-se capaz de analisá-la e manipulá-la. No caso da compreensão e da produção de textos a capacidade de refletir sobre a linguagem é fundamental. Como exemplo da importância desta questão para a alfabetização e também como exemplo da possibilidade de se gerar situações de ensino que levem as crianças a se tonarem melhores leitoras e produtoras de textos são discutidos dois estudos de intervenção. O primeiro volta-se para o desenvolvimento da compreensão de textos (Estudo 1) e o segundo para o desenvolvimento da produção escrita de textos (Estudo 2), ambos realizados com crianças alunas do ensino fundamental. Em ambos os estudos adotou-se um planejamento experimental típico de pesquisas de intervenção, tendo grupos experimentais e de controle, assim como diferentes momentos de testagem (pré-teste e pós-testes). No Estudo 1 (compreensão de textos), a intervenção proporcionada ao grupo experimental se caracterizava por um conjunto de atividades que envolviam tanto a tomada de consciência por parte das crianças acerca da origem das inferências como uma reflexão sobre informações textuais. No Estudo 2 (produção escrita de textos) a intervenção propiciada ao grupo experimental se caracterizava por atividades de natureza metatextual em que as crianças identificavam, refletiam e analisavam os componentes estruturais, a organização e as convenções linguísticas próprias de histórias. Em ambos os estudos, não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos controle e experimental no pré-teste. Contudo, no pós-teste, o grupo experimental teve um desempenho significativamente superior ao do grupo controle, sendo aquelas crianças as que efetivamente melhoraram a compreensão de textos

do pré para o pós-teste no Estudo 1, e as únicas que avançaram na escrita de textos no Estudo 2. De modo geral, os dados mostraram que a intervenção nas duas investigações teve um papel facilitador sobre a compreensão e sobre a produção escrita de textos. Implicações educacionais são discutidas em termos de práticas de ensino da linguagem escrita que forneçam um tratamento linguístico ao texto escrito e não apenas funcional (situações de uso)

Proponente: Marina Massimi

Área da Psicologia: História da Psicologia

AUTOBIOGRAFIA NO MUNDO PSI: PERSPECTIVAS

Justificativa: A fonte autobiográfica, objeto de estudo psicológicos desde os inícios da cultura ocidental, tem sido recentemente retomada no âmbito da psicologia científica, e enfocada sob diferentes perspectivas: história da psicologia; psicologia cultural; psicopatologia, psicologia fenomenológica, dentre outras. Este simpósio visa propor a discussão sobre este objeto bem como exemplos diferentes de abordagens de pesquisa da narrativa autobiográfica: história da psicologia (Massimi), psicologia cultural e poética da experiência (Rabinovich), experiência elementar em psicologia (Mahfoud). Esperamos com isto contribuir e ampliar o debate acerca deste tema.

Coordenador: Marina Massimi

A AUTOBIOGRAFIA COMO RECURSO PARA A APREENSÃO DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE AGOSTINHO. Marina Massimi (Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto)

A comunicação discute a fonte autobiográfica como material documentário para a reconstituição histórica de formas de conhecimento de si mesmo no âmbito da cultura, aprofundando especialmente a contribuição de Agostinho de Hipona (354-430). Objeto de estudos deste a antiguidade, o pensamento de Agostinho tem sido retomado por vários autores contemporâneos, dentre eles E. Gilson, E. Przwara, M. Zambrano, P. Courcelle, P. Haddot, e H. Arendt, pela sua importância no que diz respeito à conceituação da subjetividade. No que consiste a contemporaneidade deste autor? Por qual motivo, filósofos que lidam com a temática da subjetividade contemporânea, têm se interessado por um pensador da antiguidade? Haveria aspectos da contribuição de Agostinho que permanecem validos ainda hoje? E, por outro lado, quais aspectos marcam a sua inerência histórica ao fim do Mundo Romano e aos inícios da Idade Média? Alguns autores de história da psicologia (como Chatellier) definem-no utilizando-se de linguagem um tanto anacrônica, como sendo o primeiro psicólogo da história ocidental. O que teria Agostinho a dizer hoje aos psicólogos contemporâneos? Várias podem ser as respostas a esta pergunta, desde a visão tridimensional da mente humana, até a importância da memória, etc. A presente comunicação irá enfocar a discussão acerca da possibilidade do ser humano conhecer-se a si mesmo e das modalidades de fazê-lo. Questionada pela filosofia kantiana acerca desta possibilidade, a psicologia moderna tentou lidar com tal desafio buscando construir métodos conforme ao modelo das ciências experimentais e chegando a conclusões de vários tipos: desde a afirmação de que somente pode-se conhecer o sujeito se for reduzido aos termos de objeto até a negação hodierna da existência de 'si mesmo' enquanto objeto, ou sua tematização em termos de constructo sócio-cultural. Todavia, recentemente, várias abordagens da psicologia e da psiquiatria têm retomado o estudo das fontes autobiográficas com novo interesse. Na contribuição de Agostinho, a afirmação da possibilidade gnosiológica do ser humano conhecer-se a si mesmo e a reflexão acerca das condições metodológicas deste conhecimento constituíram-se num acontecimento que se deu conjuntamente à definição conceitual de pessoa. As retomadas atuais de Agostinho pelos autores acima assinalados evidenciam o fato de que nas Confissões é possível encontrar alguns elementos da narrativa autobiográfica que apresenta semelhanças estruturais com as expressões do gênero que de desenvolveram na

história até a atualidade. Tais elementos seriam: a complementaridade entre o eu que narra e o mundo da vida que o remete à alteridade e proporciona-lhe horizontes de totalidade; o fato de que o acontecer deste conhecimento de si acompanha-se a uma vivência afetiva que abre à descoberta de uma correspondência entre o mundo e o si mesmo. Ao proporcionar esta experiência, o conhecimento de si mesmo pode vir a coincidir com a cura de si, com o querer-se bem a si mesmo.

2º Apresentador: Elaine Pedreira Rabinovich

SOBRE AUTOBIOGRAFIA, INFÂNCIA E POÉTICA. Elaine Pedreira Rabinovich (Universidade Católica de Salvador)

A autobiografia tem sido apontada como um caminho metodológico para explorar a condição humana, ao mesmo tempo em que é vista impedindo um "verdadeiro" conhecimento científico. Esta questão pode ser associada à sua dimensão poética na medida em que tal relato se aproxima da literatura imaginativa, o que pode abrir o caminho em direção a uma compreensão mais plena da narrativa e de sua promessa de compreender a condição humana e da condição da ciência em si. Pela narrativa autobiográfica, um novo self é moldado: dimensões do ser são reveladas que literalmente não teriam existido, não teriam alcançado uma forma articulada, se o projeto de uma compreensão autobiográfica não tivesse ocorrido. A vida recontada toma uma perspectiva inacessível à percepção comum e marca uma extrapolação poética que remodela nossas relações com relação ao mundo. Assim, há uma dupla poiesis neste processo: a síntese de elementos heterogêneos de uma vida e a reconstrução do self como uma experiência poética que pode ser compreendida como uma revelação de nossa condição original, a criação de nós mesmos. É nesta direção que acreditamos que relatos, imersos em uma profundidade subjetiva de uma re-criação de um olhar infantil, podem olhar para e perceber um momento de vidas que permita ordenar retrospectivamente escolhas. Com isto, estamos supondo que há, na infância, como uma profecia do futuro. Enquanto a tendência das autobiografias é serem convencionais, estamos valorizando o modo como as experiências informam a auto-compreensão. Infância e desenvolvimento, poética e historicidade, termos aparentemente dissociados, talvez devido às inúmeras reduções ocorridas através dos tempos, re-aparecem, então, como intimamente relacionados. Na história de cada pessoa, há uma atualização de um passado longo, o que estamos denominando de dimensão poética, que co-existe ao lado de várias outras temporalidades, como a individual e a social. As histórias autobiográficas que tentam recuperar um passado presente no modo de ser da infância não estariam lidando com aspectos inconscientes, mas com aspectos que foram deixados à sombra. Pensamos que sua revivescência pode trazer elementos que transcendem as narrativas em geral, elaboradas consciente e racionalmente. Vários poetas e escritores revelaram reter, quando adultos, a capacidade de ver o mundo de um modo infantil, sem moralismos ou prisão em hábitos, o mundo visto com um sentido de um potencial do que poderia ser. Criança e poeta também se assemelham quanto à sensualidade de seu encontro com o mundo, a linguagem incorporando a relação das pessoas ao seu meio. Assim, a dimensão poética converge para o futuro, orientada por desejos pessoais de uma vida diferente, em vários níveis. Foi nosso propósito "recoletar" em nossas trajetórias as histórias não totalmente ditas e que passam a ser ditas num relato autobiográfico. A compreensão autobiográfica assim emerge como um instrumento fundamental para a re-coleção ética e moral, tomada aqui no sentido clássico de juntar o que de outra maneira estaria perdido devido à nossa própria tendência para o esquecimento.

3º Apresentador: Miguel Mahfoud

AUTOCONSCIÊNCIA E AUTOBIOGRAFIA: CONCEITOS E DIRETRIZES METODOLÓGICAS. Miguel Mahfoud (Universidade Federal de Minas Gerais)

A contribuição da psicologia ao campo interdisciplinar de análises de autobiografias pode se dar no delineamento da autoconsciência em suas relações de mútua constituição entre sujeito e mundo-da-vida. Tal contribuição permite tomar o material a ser analisado como expressão de vivências e concomitantemente como elaboração dessa vivências através da linguagem. Pode-se assim evitar limitar tal análise ao estilo literário ou à simples sobreposição sujeito-linguagem. Tomando contribuições de Luigi Giussani sobre autoconsciência, ressalta-se o movimento de voltar-se para a própria origem como condição de possibilidade de elaboração da consciência de si, em que sujeito e mundo aparecem indissociados mas não diluídos um no outro. Tal movimento do sujeito de voltar-se para sua origem permite o delinear-se de algum horizonte de totalidade de sua vida individual, dentro do qual uma autobiografia pode, então, ser concebida e problematizada. A consciência da origem como fonte de dinamismo pessoal pode ser precisa mas permanece inapreensível, solicitando contínua elaboração. Assim, consciência de si se delineia no contato com tudo que vem a acentuar a distinção entre si mesmo e tudo o que toca, a distinção ente si mesmo e tudo mais de humano que vem a encontrar,a distinção entre si mesmo e tudo o que acontece em si e consigo. Posicionamento pessoal no mundo implica em tirar consequências de tal distinção, daí derivando contribuições originais na construção do mundo e consolidação do si mesmo sempre problematizado na relação ativa com o mundo. O mundo problematizado a partir da consciência de si permite tematizar a afeição também como função de mútua constituição entre sujeito e mundo, de onde pode brotar autoconsciência não apenas como saber de certas características mas como consciência ontológica. Com tal consciência de si a problematização do mundo pode ser continuamente aberta à dimensão pessoal, superando a alienação típica da tomada do mundo como antagônica ao sujeito, permitindo a experiência de liberdade de tomar em consideração inclusive aspectos dolorosos, contraditórios e provocadores da própria experiência pessoal e colocá-los no mundo como contribuição coletiva. Tal apreensão do dinamismo da autoconsciência permite tomar como objetivo da análise a subjetividade em contínua re-elaboração, em sua relação íntima com o mundo-da-vida, identificando o característico dinamismo pessoal (evidenciado nos mais diversos acontecimentos relatados com linguagem pessoal), apreendendo o sujeito mesmo que se põe no mundo através da autobiografia.

Proponente: Matheus Batalha Moreira Nery

Área da Psicologia: Psicologia Escolar e da Educação

NOVOS OLHARES SOBRE OS PROCESSOS E AS FORMAS DE EDUCAR NO BRASIL

Justificativa: Pretendemos discutir as possibilidades de constituição de novos olhares sobre os processos e as formas de educar no Brasil. Estamos interessados em estudar os processos educativos para além de suas estruturas formais, a exemplo a sala de aula. A ideia é que a discussão seja permeada por três aspectos fundamentais: as emoções enquanto elemento fundamental no processo educativo; a responsabilidade social e a formação continuada para a inclusão; e a construção de materiais pedagógicos adaptados para alunos com necessidades especiais a partir do conceito de tecnologias assistivas.
Nosso interesse é que as experiências profissionais e os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelos três autores possam dialogar e constituir novas alternativas para o trabalho de profissionais que se interessam por educação no Brasil. A troca de saberes e de experiências é um meio importante para a constituição de novos estudos e de compreensões sobre as possibilidades de novos olhares sobre os processos e as formas de educar no Brasil.

Coordenador: Matheus Batalha Moreira Nery

O PROCESSO DE AFILIAÇÃO EMOCIONAL ENTRE ESTUDANTES DO PROGRAMA PERMANECER. Matheus Batalha Moreira Nery (Universidade Tiradentes, Doutor, Aracaju, SE).
O processo de modificação nas formas de atuação das universidades públicas, a partir da inclusão de programas de Ações Afirmativas, tem alterado o cotidiano dos seus estudantes e suscitado muito debate. No centro desse processo estão os jovens que chegam a estas instituições. Ao ingressarem, alguns estudantes vivenciam dificuldades de adaptação ao ensino superior. Este estudo tomou o Programa Permanecer, principal programa de auxilio à permanência aos estudantes de origem popular da Universidade Federal da Bahia, como campo de estudos. Seu principal objetivo foi investigar a existência de uma dimensão emocional para o conceito de afiliação estudantil, que entende que a permanência dos estudantes nas universidades depende da aquisição de competências relacionadas às regras acadêmicas e institucionais, que devem ser adquiridas ainda no primeiro ano de estudo no ensino superior. O "tornar-se estudante" toma lugar central nesta discussão, considerando-se que a permanência nas universidades brasileiras é um fenômeno permeado pela desigualdade social. O estudo encontrou sustentação teórica no Interacionismo Simbólico e na Etnometodologia e teve um delineamento metodológico inspirado nos pressupostos pra pesquisa empírica da Escola de Chicago. Os dados coletados foram organizados em dois grupos. No primeiro, são analisados os resultados obtidos através da metodologia survey, com 252 estudantes que pertenciam ao referido programa no biênio 2008/2009. O objetivo foi traçar um perfil sociodemografico desses estudantes, além de elencar as suas principais dificuldades para permanência: problemas de acesso ao material didático, para se alimentar adequadamente durante o período de aula e insuficiência de recursos para

locomover-se na cidade. O segundo grupo de dados envolveu uma estratégia de coleta qualitativa, em que foram realizadas visitas a projetos do Programa Permanecer. A partir dos encontros, foram realizadas entrevistas em profundidade com os estudantes que aceitaram participar do estudo. Os resultados demonstraram que a dimensão emocional atua como um elemento psicológico importante para a integração dos estudantes na vida universitária. Ela é o momento em que ele reconhece que os benefícios de ser parte deste ambiente são positivos, trazem estabilidade emocional e possibilitam uma perspectiva para o futuro, permitindo que o elemento "ser estudante universitário" se integre ao ser jovem.

Palavras-chaves: Afiliação Emocional, Juventude, Universidade Pública, Educação Superior e Vida Universitária.

2º Apresentador: Paulo França Santos

RESPONSABILIDADE SOCIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA PARA INCLUSÃO. Paulo França Santos (Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, Brasília, DF).

Temos discutido muito sobre o processo de inclusão social e escolar de pessoas com deficiências em vários âmbitos de atuação profissional. Por outro lado, temos trabalhado arduamente para que tanto nosso contato com essas pessoas, assim como as políticas públicas, sejam capazes de transformar a realidade que por ora apresenta-se desfavorável aos anseios de uma sociedade cada vez mais inclusiva. As dificuldades são muitas e vão desde a formação inicial e continuada de profissionais da educação e apoio, quanto na aplicação e desenvolvimento de projetos sociais capazes de ampliar a inclusão. Ao atuarmos junto as escolas, percebemos que aos educadores faltam recurso que os auxiliem na tomada de decisão para intervir, no sentido de promover ações alternativas para a construção de novas condições de socialização que promova a inclusão. Ao mesmo tempo, não dispomos de ações mais efetivas para o enfrentamento e mediação em interlocuções com os professores que contribuam a mudança de suas práticas na escola. O processo de inclusão também passa pela necessidade de formação dos profissionais envolvidos, visando a descoberta de novas formas de interlocução e negociação de outras possibilidades de construção cultural. Temos visto em nossas pesquisas que a exclusão de pessoas com deficiências se dá porque a história da humanidade é permeada por crenças e valores que estão ligados a significados que constroem identidades negativas, relacionadas à morte precoce, a doenças recorrentes e à impossibilidade de aprendizagem e mudança. Por isso, o trabalho dos profissionais em instituições que cuidam de pessoas com deficiência se apresenta como uma possibilidade real e concreta para a mudança de perspectivas e de ação. Por exemplo, destacamos o processo de formação que ocorre na Rede Sarah de Hospitais com sua equipe interdisciplinar de reabilitação. A equipe é formada por profissionais das diferentes áreas de atuação e os trabalhos desenvolvidos integram não somente o atendimento às pessoas, como também a formação da própria equipe, como de outros espaços educativos, como escolas, associações e organizações

Palavras-chave: Formação continuada; responsabilidade social; inclusão; reabilitação.

3º Apresentador: Juliana Eugênia Caixeta

ENSINO DE CIÊNCIAS PARA TODOS: AS POSSIBILIDADES DA DISCIPLINA O EDUCANDO COM NECESSIDADES ESPECIAIS. Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

O ensino de ciências para alunos com necessidades especiais tem sido um desafio dado o grau de abstração que envolvem seus conteúdos. Com o objetivo de capacitar melhor os alunos de Licenciatura em Ciências Naturais, a Faculdade UnB Planaltina oferece a disciplina O Educando com Necessidades Especiais. Trata-se de uma disciplina de 60 horas, em que se discute o significado de inclusão, diversidade, estigma e exclusão e, também, estratégias que possibilitem os futuros professores mediar os conteúdos de ciências para todos os alunos em sala de aula. Desde 2010, a disciplina está sendo ministrada com vistas a incentivar os futuros professores a construírem materiais pedagógicos adaptados para alunos com necessidades especiais a partir do conceito de tecnologias assistivas. A proposta é que os alunos criem materiais para uma feira de ciências, que nós chamamos de Feira Especial, com jogos, modelos, enfim, com materiais pedagógicos adaptados para as mais diferentes necessidades especiais. Para que os 25 alunos matriculados pudessem criar os materiais, eles estudaram sobre Tecnologias Assistivas, leram artigos científicos sobre a construção de experiências e materiais adaptados para pessoas com necessidades especiais e realizaram visitas técnicas a escolas e instituições que trabalham com pessoas com necessidades especiais. Ao todo, foram construídos 24 modelos e 16 jogos que abarcavam conteúdos da geologia, biologia, física e química. Os materiais pedagógicos construídos foram criados para o ensino de ciências para alunos cegos e com baixa visão, alunos com limitações motoras (como paralíticos cerebrais, por exemplo) e superdotados. Todos foram feitos com materiais de papelaria e sucata, ou seja, eram materiais de baixo custo que poderiam ser construídos pelos alunos em parceria com os professores das salas inclusivas. Os resultados da experiência evidenciaram a viabilidade do projeto tanto na facilidade e custo de produção do material adaptado quanto na preparação de professores para o ensino adaptado de conteúdos de ciências. A avaliação da disciplina evidenciou a motivação dos alunos na construção dos materiais e, também, maior comprometimento deles, na sua futura atuação, com o ensino para todos.

Palavras-Chaves: Ensino de ciências, Jogos adaptados e Inclusão

Proponente: Mauro Luís Vieira

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

INVESTIMENTO PARENTAL: MODULAÇÕES CAUSAIS E EXPLICAÇÕES FILOGENÉTICAS

Justificativa: A visão evolucionista sobre parentalidade supõe que os genitores dedicam consideráveis períodos de tempo, recursos e energia para criar sua prole. Algumas condições, tais como sexo dos genitores e características do desenvolvimento da prole, além de condições ecológicas podem afetar o investimento e, consequentemente, aumentam ou diminuem os níveis de investimento parental. No caso específico do ser humano, práticas de cuidado direto e indireto podem ser expressadas diferentemente em contextos específicos e estão associados a diversas variáveis ecológicas, pessoais, sociais e culturais, tais como classe social, contexto, apoio social disponível para ajudar no cuidado com os filhos, condições materiais, presença de outras crianças, saúde das crianças, idade dos pais e sua capacidade reprodutiva, história familiar, etc.

O investimento parental é um tema clássico da Etologia e Psicologia Evolucionista. Nesse sentido, o presente simpósio tem como objetivo apresentar, por meio de dados empíricos e reflexões teóricas, pesquisas relacionadas ao tema por pesquisadores com expressiva experiência na área, por meio de estudos com animais ou seres humanos.

O primeiro estudo que será apresentado tem como objetivo caracterizar perfis de cuidado e investimento materno em uma amostra 315 de mães brasileiras residentes em diferentes contextos, usando uma perspectiva biológico-cultural. Os autores concluem que: "...os perfis descritos indicam que nenhum fator individual pode isoladamente explicar as variações no investimento maternal. Sendo assim, podemos concluir que investimento parental é um fenômeno determinado por múltiplos aspectos e que o método empregado nesse estudo pode dar ideias sobre como uma combinação de diversos fatores sociobiológicos e individuais pode resultar em um conjunto de práticas de cuidado."

O segundo estudo também apresenta dados sobre investimento materno de 98 mães de crianças de 0-9 anos e incluindo a perspectiva da 'expectativa de futuro'. Os autores também demonstram a complexidade dos fatores que modulam o investimento materno e concluem "...que, embora as expectativas da mãe sobre o futuro expliquem em parte o investimento materno, outras variáveis do relacionamento mãe-criança independem daquelas e influenciam mais diretamente o investimento."

Por fim, temos um estudo que investiga a participação de pais e irmãos mais em saguis no cuidado à prole como modulador da resposta hormonal. Por meio do relato de estudos realizados com saguis, as autoras mostram que a exposição aos filhotes produzem alterações hormonais nos pais e irmãos mais velhos do filhote. Além disso, também constatam-se alterações comportamentais na exposição aos filhotes na responsividade parental e aloparental. Com seres humanos também parece haver certa similaridade com esses dados.

Portanto, entendemos que nesse simpósio fica claro o valor heurístico da perspectiva comparativa, pois nos permite pensar de forma integrativa nas dimensões filo e ontogenéticas (nesse caso incluindo a experiência de vida), não deixando de considerar o contexto ecológico, social e cultural onde o animal e o ser humano estão inseridos. Essa perspectiva tem como objetivo ampliar nossa visão sobre a modulação do investimento e cuidado parental ao invés de cair no dilema insolúvel da questão do inato e aprendido. O objetivo, portanto, não é separar essas dimensões, mas apresentar evidências que possam superar essa dicotomia.

Coordenador: Mauro Luís Vieira

PERFIS DE INVESTIMENTO E CUIDADO MATERNO EM MÃES DE SEIS CIDADES BRASILEIRAS.

Mauro Luís Vieira (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC), Maria Lucia Seidl-de-Moura, Angela Donato Oliva, Tatiana Targino** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ), Altay L. de Souza (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), Eulina Lordelo (Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA) e Rosana Suemi Tokumaru (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).

Investimento parental pode ocorrer de diferentes modos, tempo, energia, riscos de vida e estilos de parentalidade. Especificamente no caso dos seres humanos, práticas de cuidado direto e indireto podem ser expressadas diferentemente em contextos específicos e estão associados a diversas variáveis ecológicas, pessoais, sociais e culturais. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é caracterizar perfis de cuidado e investimento materno em uma amostra de mães brasileiras residentes em diferentes contextos, usando uma perspectiva biológico-cultural. Os participantes foram 315 mulheres entre 18 e 49 anos de idade (M = 30,92; dois terços das quais tinham entre 23 e 35 anos), que tinham pelo menos um filho até seis anos de idade. Elas foram inicialmente selecionadas dos seguintes Estados brasileiros: Pará, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Em cada estado, dois grupos de mães foram estudados, um da capital do estado e outro de uma cidade pequena (com menos de 23.000 habitantes). As mães foram entrevistadas e responderam à escalas de alocentrismo, apoio social, apego adulto e práticas de cuidado. Características das mães, o contexto e o relato sobre as práticas foram analisadas através da Tree analysis. Foi realizada uma análise de correspondência utilizando os clusters obtidos e as respostas das mães sobre o seu filho mais novo. Análises univaridas (GLM) foram realizadas para comparar mães dos quatro clusters em relação aos escores das diferentes escalas. Por meio de análises de Clusteres, foram identificados quatro perfis maternos que apresentaram diferentes padrões de associação entre características das mães e práticas de cuidado em relação ao filho mais jovem. Eles refletem a variedade de estratégias de cuidados maternos e de investimento. Com base nas análises realizadas, propomos que cada grupo obtido indicaria um perfil de investimento materno. A) P1: Mães com poucos recursos e alto potencial reprodutivo; B) P2: Mães de pequenas cidades com recursos médios e médio potencial reprodutivo; C) P3: Mães das capitais com recursos médios e potencial reprodutivo médio; e D) P4. Mães com alto nível de recursos e potencial reprodutivo baixo. Os resultados mostraram, de acordo com outros resultados apresentados na literatura, que uma variedade de fatores podem estar associados a diferenças no investimento e cuidado materno. Especificamente em relação ao presente estudo, verificou-se que a idade das mães, a classe socioeconômica e local de residência mostraram associação significativa ($p < 0,05$) com o planejamento da gravidez, desejo de ter o filho, cuidado pré-natal, período de amamentação e o peso da criança ao nascer. Portanto, conclui-se que os perfis descritos indicam que nenhum fator individual pode isoladamente explicar as variações no investimento maternal. Sendo assim, podemos concluir que investimento parental é um fenômeno determinado por múltiplos aspectos e que o método empregado nesse estudo pode dar ideias sobre como uma combinação de diversos fatores sociobiológicos e individuais pode resultar em um conjunto de práticas de cuidado.

Financiamento: CNPq.
Palavras-chave: investimento materno; perfis, estimulação, cuidados básicos, contextos.
Pesquisador-P
Des

2º Apresentador: Rosana Suemi Tokumaru

MODELANDO O INVESTIMENTO MATERNO. Rosana Suemi Tokumaru e Tiago Carlos Zortéa** (Laboratório de Etologia, Universidade Federal do Espírio Santo, Vitória, ES).

O investimento parental (IP) varia de acordo com vários fatores como características da prole, variáveis ecológicas e as características do cuidador. A partir deste pressuposto, amplamente demonstrado na literatura, este estudo levanta a hipótese de que estes efeitos são mediados pelas expectativas de futuro das mães. Voluntariamente participaram neste estudo 98 mães de crianças de 0-9 anos, com renda familiar variando de R$ 102,00 a R$ 21.800,00, que vivem na área metropolitana de Vitória, capital do Espírito Santo, Brasil. O instrumento foi composto de um questionário acessando (a) variáveis da criança, (b) variáveis da mãe, (c) variáveis ecológicas d) investimento materno (participação em vários tipos de cuidados), (e) expectativas de futuro das mães, incluindo desconto do futuro, expectativa de vida e sentimentos sobre o futuro. Embora algumas correlações esperadas tenham ocorrido e os constructos latentes 'expectativas de futuro da mãe' e 'investimento materno" tenham emergido, os constructos 'condições ecológicas', 'história materna' e 'história da criança' não emergiram. O modelo de equações estruturais obtido indicou que as expectativas de futuro da mãe foram afetadas pelo sexo da criança e pela qualidade da vida familiar e, por sua vez, exerceram efeito leve sobre o investimento materno. A qualidade da vida familiar correlacionou-se negativamente com as expectativas de futuro das mães e as mães de meninas apresentaram maiores expectativas de futuro que as mães de meninos. A proximidade mãe-criança teve um efeito direto e forte sobre o investimento materno, não mediado pelas expectativas de futuro da mãe. Tanto as expectativas de futuro das maes quanto a proximidade mãe-criança correlacionaram-se positivamente com o investimento materno. As variáveis socioeconômicas foram negativamente correlacionados com desconto do futuro, como previsto pela literatura. Concluímos que, embora as expectativas da mãe sobre o futuro expliquem em parte o investimento materno, outras variáveis do relacionamento mãe-criança independem daquelas e influenciam mais diretamente o investimento. Sugerimos que o conjunto de variáveis que afetam as expectativas de futuro das mães variam de acordo com características socioeconômicas da amostra. Estudos futuros devem investigar 1) a possibilidade de compor os constructos 'condições ecológicas', 'história materna' e 'história da criança' e, 2) possibilidade de variação da força explicativa do investimento materno pelas variáveis presentes no modelo em função de grupos maternos específicos.

Auxilio: Bolsa Capes (TCZ)
Palavras-chave: Investimento parental, Cuidado materno, Equação estrutural.
Des

3º Apresentador: Maria Teresa da Silva Mota

PARTICIPAÇÃO NO CUIDADO À PROLE COMO MODULADOR DA RESPOSTA HORMONAL DE PRIMATAS NÃO HUMANOS E HUMANOS. Maria Teresa da Silva Mota e Maricele Nascimento Barbosa (Departamento de Fisiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)

O cuidado à prole é importante para a sobrevivência e desenvolvimento dos filhotes, podendo ser apresentada pelos pais e outros indivíduos do grupo social. Dessa forma, o investimento na prole pode ser observado antes (defesa do território e fontes de alimento) e depois do seu nascimento (transporte dos filhotes). Em mamíferos, o cuidado é predominantemente oferecido pela mãe e parece estar associado ao seu perfil hormonal durante a gestação e lactação. Em primatas não humanos e no homem, os machos participam ativamente dessa atividade e apresentam mudanças no seu padrão comportamental e hormonal. Um exemplo interessante são os machos de sagüi, Callithrix jacchus, que cuidam da prole desde o 1º. dia

após o parto. Estudos em cativeiro com pais e ajudantes não reprodutivos vivendo no grupo familiar avaliaram o níveis de prolactina e cortisol dos cuidadores associados a sua participação no cuidado. No estudo 1 pais e irmãos mais velhos foram investigados antes e após o nascimento de filhotes. Ambos apresentaram uma elevação nos níveis de prolactina quando carregando filhotes. Apenas os irmãos mais velhos apresentaram aumento nos níveis hormonais relacionado ao número de filhotes carregados, se 1 ou 2. Essa resposta parece estar relacionada ao esforço físico durante o carregar e não a modulação fisiológica do cuidado parental. Pais experientes apresentaram níveis de cortisol mais elevados antes do parto. Essa resposta poderia reforçar o vínculo afetivo entre o par, que asseguraria a participação do macho no cuidado, ou na habilidade do macho em detectar a proximidade do parto. No estudo 2 avaliamos a responsividade aloparental de machos adultos à pistas sensoriais provenientes dos filhotes como visão, cheiro, vocalização e contato físico. Machos foram expostos a uma caixa acrílica que poderia estar vazia ou com um filhote recém-nascido no seu interior. Machos se aproximaram e cheiraram mais, e passaram mais tempo próximos à caixa quando o filhote estava presente. Não houve alteração nos níveis de cortisol à apresentação do filhote e à experiência prévia no cuidado. No estudo 3, a caixa acrílica poderia estar aberta e permitindo a interação macho-filhote, ou fechada. Machos se deslocaram mais quando a caixa estava fechada. Animais experientes se aproximaram mais e passaram mais tempo próximos à caixa, e carregaram e recuperaram mais rapidamente os filhotes que os inexperientes. Exposição sucessiva a filhotes recém-nascidos aumentou a responsividade aloparental nos inexperientes. Pistas sensoriais dos filhotes regulam o comportamento aloparental de machos de sagüi por aumentarem sua motivação para interagir com a prole. Ademais, a exposição sucessiva a filhotes e a experiência prévia no cuidado influenciam sua responsividade parental. Em humanos, mães expostas a odores corporais de seus filhos apresentaram uma elevação nos níveis de cortisol. Mães com níveis hormonais mais elevados exibiram uma melhor performance no reconhecimento dos odores. Pais também são responsivos a estímulos advindos de bebês. Pais experientes respondem mais fortemente e rapidamente ao choro de bebês aparentados ou não do que os inexperientes. Eles também apresentaram uma elevação nos níveis de prolactina. A exposição prévia os torna mais complacentes e alertas ao choro.

Apoio financeiro: CNPq, FINEP e UFRN.
Palavras chaves: cuidado parental, resposta hormonal, pistas sensoriais

P

Bio

Proponente: Neide Emy Kurokawa e Silva

Área da Psicologia: Psicologia Social

ÓRFÃOS E HIV/AIDS: REVELAÇÃO DE DIAGNÓSTICO, CUIDADOS À SAÚDE, EDUCAÇÃO E PLANOS DE FUTURO

Justificativa: O simpósio tratará de um tema que se constitui em desafio no contexto da epidemia global de Aids e pouco abordado no Brasil: como vivem os órfãos de pais que morreram de aids. Os resultados obtidos pelo conjunto dessas pesquisas apontam para a necessidade de investimentos públicos em benefício dos afetados pela epidemia de HIV/AIDS, em especial dos órfãos.Os estudos reunidos nesse Simpósio tomam como base o quadro de direitos humanos e têm como elemento articulador compreender diferentes âmbitos da esfera social que atuam sobre as condições de vida dos órfãos do HIV/AIDS. O estudo "*Revelação da causa da morte de seus pais por Órfãos por AIDS"* objetivou descrever como dez jovens entrevistados em seu domicilio focalizaram sua experiência de orfandade, como e se revelaram o diagnóstico (causa morte) dos pais para outras pessoas de seu convívio. Entre os que não revelaram o diagnóstico de seus pais, o motivo mais relatado é o medo do preconceito e da discriminação. O estudo "*Educação e planos de futuros para os órfãos do HIV/AIDS, segundo seus cuidadores"* objetivou descrever e analisar as opiniões que cuidadores têm sobre educação e sobre as expectativas de futuro referentes aos órfãos do HIV/Aids sob seus cuidados. Analisou-se se quesito raça/etnia das crianças órfãs pelo HIV/Aids incide em diferenças significativas. No que se refere ao quesito raça/etnia, não foram verificadas diferenças significativas nos aspectos concernentes às condições educacionais e aos planos de futuro concebidos pelos cuidadores. Por outro lado, as crianças órfãs negras e indígenas na escola, tendem a sofrer maior preconceito de seus colegas e professores devido a cor da pele, e apresentam mais problemas de aprendizagem de conteúdos escolares. Seus cuidadores também acreditam que ainda conviverão com o preconceito, quando forem mais velhos. O estudo "*Entre o tratamento e o convívio familiar: conflitos morais na atenção a crianças órfãs vivendo com AIDS"* objetivou compreender como os profissionais de saúde entrevistados avaliam se a criança órfã e que vive com AIDS faz uso adequado dos medicamentos específicos para o tratamento e a capacidade dos familiares responsáveis na gestão do mesmo. oram evidenciadas duas iniciativas: 1 - a priorização da garantia de tratamento, por meio do acionamento do Conselho Tutelar e consequente abrigamento da criança em casa de apoio; 2 – a busca do que foi julgado pelos profissionais de saúde como sendo o melhor interesse da criança, no caso, a manutenção dos vínculos afetivos e familiares. Sob contexto de divergentes opiniões e desconforto dos profissionais de saúde, ambas iniciativas foram tomadas como deveres e expressaram decisões apoiadas em cursos extremos. Essa situação pode ser caracterizada como conflito de ordem moral que envolveu deveres, ou seja, quando um mesmo ato parece ao mesmo tempo legítimo e ilegítimo conforme a regra com a qual se relacione.

Palavras – chave: Órfãos, HIV/AIDS; Cuidados à Saúde; Revelação e educação

SOCIAL - Psicologia Social

Coordenador: Neide Emy Kurokawa e Silva

ENTRE O TRATAMENTO E O CONVÍVIO FAMILIAR: CONFLITOS MORAIS NA ATENÇÃO A CRIANÇAS VIVENDO COM AIDS. Luzia Aparecida Oliveira (Núcleo de Estudos para Prevenção da Aids. Programa Municipal de DST/Aids de São Paulo. São Paulo - SP) e Neide Emy Kurokawa e Silva (Núcleo de Estudos para Prevenção da Aids. São Paulo – SP. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro – RJ)

A orfandade impõe desafios adicionais na atenção à saúde das crianças vivendo com aids, considerando a dependência à algum responsável que garanta seu cuidado e tratamento. Pautados na evolução do quadro clínico, os profissionais de saúde podem inferir se a criança está ou não fazendo uso adequado dos medicamentos específicos para o tratamento da aids, levando-os a indagar sobre a capacidade dos familiares e/ou responsáveis na gestão do referido tratamento. Para compreender como os profissionais de saúde lidam com esse tipo de situação, foi desenvolvido estudo qualitativo em dois serviços de saúde especializados em aids, do município de São Paulo, com entrevistas a profissionais de saúde. Foram evidenciadas duas iniciativas: 1 - a priorização da garantia de tratamento, por meio do acionamento do Conselho Tutelar e consequente abrigamento da criança em casa de apoio; 2 – a busca do que foi julgado pelos profissionais de saúde como sendo o melhor interesse da criança, no caso, a manutenção dos vínculos afetivos e familiares. Sob contexto de divergentes opiniões e desconforto dos profissionais de saúde, ambas iniciativas foram tomadas como deveres e expressaram decisões apoiadas em cursos extremos. Essa situação pode ser caracterizada como conflito de ordem moral que envolveu deveres, ou seja, quando um mesmo ato parece ao mesmo tempo legítimo e ilegítimo conforme a regra com a qual se relacione. Ao privilegiar o tratamento, negaria-se a convivência familiar e os laços de afeto. No entanto, a manutenção dos vínculos afetivos poderia ter implicações nos indicadores da doença, ainda que as falhas na administração dos medicamentos não fossem caracterizadas como negligência dos responsáveis. Sob a perspectiva de uma ética do cuidado de base discursiva, os encaminhamentos apontados careceram do estabelecimento de bases argumentativas que evidenciassem ativamente as razões e os interesses envolvidos, inclusive da criança e dos familiares/responsáveis envolvidos, que permitissem a emergência de encaminhamentos e soluções compartilhadas e não ancoradas em deveres tomados a priori. A natureza desse problema sugere que os profissionais o submetam a uma lógica dialética, recorrendo-se a um saber que possibilite a compreensão e interpretação das situações subsidiem a decisão sobre as ações apropriadas a cada uma delas. Esse tipo de saber é ético no sentido da busca por promover um dado "Bem" a partir de considerações que não esgotam de uma só vez o problema, abrindo-se a outras possibilidades de argumentos que, mesmo sendo contraditórios, podem ser defensáveis, visto que neles são reconhecidos valores ou um Bem. A deliberação, nesses termos, consiste na ponderação dos fatores intervenientes nas situações concretas, com vistas à tomada de decisões razoáveis e prudentes. Ao acrescentar compromissos aos serviços de saúde com novos horizontes normativos nos quais também é possível apoiar o fazer profissional, expande-se a referência do controle da doença para a inclusão da experiência vivida daqueles que são cuidados.

Sem apoio financeiro
Palavras-chave: órfãos da aids, conflito moral, cuidado à saúde
Pesquisador – P
SOCIAL – Psicologia Social

2º Apresentador: Vera S. F. Paiva

REVELAÇÃO DA CAUSA DA MORTE DE SEUS PAIS POR ÓRFÃOS POR AIDS. Vera S. F. Paiva (Depto. Psicologia Social e do Trabalho, IP/USP), Ivan França Junior (Depto. Medicina Saúde Materno Infantil, FMUSP), Yone Xavier Felipe da Fonseca** (Depto. Psicologia Social e do Trabalho, IP/USP), Ana Claudia Wendt** (Depto. Psicologia Social e do Trabalho, IP/USP) e Claudia Barros** (Depto. Medicina Saúde Materno Infantil, FMUSP)

Os estudos sobre a revelação da condição de pessoa vivendo com aids descrevem e analisam como as pessoas contam o seu diagnóstico para parceiros, filhos e profissionais de saúde. Pais e/ou cuidadores enfrentam muitas dificuldades e tendem a postergar a revelação do seu próprio diagnóstico para a criança/adolescente ou a revelar que ela/ele é portador(a) do HIV. Um aspecto pouco explorado é a revelação do diagnóstico (causa morte) dos pais por aqueles que sobreviveram, os chamados "órfãos da aids" (portadores ou não). O objetivo desta apresentação é descrever como jovens lidaram com a revelação (ou não) da causa morte dos pais, focalizando em particular sua experiência de orfandade. A metodologia adotada foi qualitativa, foram entrevistados nove jovens com idades variando entre 15 a 24 anos - sete meninas e dois meninos cujas famílias são residentes nas zonas noroeste e oeste da cidade de São Paulo. Foram selecionados jovens que participaram anteriormente da pesquisa "Estigma e Discriminação relacionados ao HIV/AIDS: impactos da epidemia em crianças e jovens cujos pais morreram de aids na cidade de SP". O grupo total de jovens residentes nessas regiões foi de 108, porém ao contatarmos as famílias, algumas recusaram participar da pesquisa, outras mudaram de endereço, alguns jovens que estavam morando em outra cidade ou, que no momento da coleta de dados tinham idade superior a 24 anos, dois estão presos e quatro morreram. Com as entrevistas semiestruturadas, foram obtidas informações sobre a estrutura familiar, circulação e processo de revelação na perspectiva dos jovens. Foi utilizada análise temática de conteúdo e a interpretação foi realizada com base no quadro de Direitos Humanos. Para metade dos jovens entrevistados, houve melhora na situação socioeconômica e de moradia, mas piorou a condição psicológica/emocional após a morte do pai/mãe. Orfandade não é percebida como abandono- todos os jovens não se percebem com órfãos no sentido de não ter apoio ou proteção, porém em alguns momentos sentem a ausência da pessoa falecida. Quando questionados sobre o sentido da família, todos os jovens responderam que a família "é tudo, é a base, a estrutura". Observou-se também que no grupo analisado a orfandade não é obstáculo à escolarização- a maior parte dos jovens entrevistados já completou o Ensino Médio ou está para completar. Alguns deles pretendem cursar o ensino superior. A maior parte do grupo é constituída por órfãos por parte de pai e residem com suas mães e irmãos. Sete jovens já revelaram a causa morte dos pais para outras pessoas (amigos, vizinhos, namorado(a)), outros três jovens não, ainda, dois em respeito à decisão da mãe preferiram não contar. Os motivos mais relatados para não revelar a causa morte dos pais é o medo do preconceito e da discriminação.

Sem apoio financeiro
Palavras-chave: revelação; circulação; órfãos da Aids; Direitos Humanos
Doutorado - D,

SOCIAL-Psicologia Social,

3º Apresentador: Ricardo Casco

EDUCAÇÃO E PLANOS DE FUTURO PARA OS ÓRFÃOS DO HIV/AIDS, SEGUNDO SEUS CUIDADORES. Vera S. F. Paiva (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia/USP. São Paulo / SP), Ivan França Junior (Departamento de Medicina Saúde Materno Infantil, Faculdade de Medicina/USP. São Paulo/SP), Ricardo Casco (Bolsista PRODOC/CAPES do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo/SP) e Claudia Barros** (Departamento de Medicina Saúde Materno Infantil, Faculdade de Medicina/USP. São Paulo/SP)

Trata-se de um estudo qualitativo/qualitativo do tipo descritivo que investigou as opiniões que 334 cuidadores têm com relação à educação e aos planos de futuro para os órfãos de pais mortos pelo HIV/AIDS. Os dados foram coletados no banco de dados do projeto de pesquisa *Estigma e Discriminação relacionados ao HIV/AIDS: impactos da epidemia em crianças e jovens da cidade de São Paulo*, financiado pela FAPESP processo no. 3110883/2005 e CNPq processo nº 476210/2004-6, coordenado pelo Prof. Dr. Ivan França Júnior, do Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública, FSP/USP. A pesquisa foi aprovada junto à Comissão de Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. O estudo objetivou descrever e analisar as opiniões que cuidadores têm sobre educação e sobre as expectativas de futuro referentes aos órfãos do HIV/Aids sob seus cuidados. Pretendeu também verificar se o quesito raça/etnia, das crianças órfãs pelo HIV/Aids, incide em diferenças significativas no que diz respeito às opiniões dos seus cuidadores. Não foram verificadas diferenças significativas com relação às condições educacionais e aos planos de futuro, segundo a opinião dos cuidadores, das crianças órfãs de pais mortos pelo HIV/AIDS, segundo o quesito raça/etnia. Porém, o estudo apresenta tendências nas quais é possível verificar distinções. As crianças órfãs negras e indígenas, segundo a opinião de seus cuidadores, na escola, tendem a sofrer maior preconceito de seus colegas e professsores devido a cor da pele; apresentam mais problemas de aprendizagem de conteúdos escolares. Seus cuidadores também acreditam que os órfãos por eles cuidados, ainda conviverão com o preconceito, quando forem mais velhos.

Apoio financeiro: Programa de Apoio à Excelência - CAPES
Palavras – chave: Órfãos do HIV/Aids; Educação; Planos de futuro
Pós – Doutorado – PD
SOCIAL – Psicologia Social

Proponente: Nelson Silva Filho

Área da Psicologia: Avaliação Psicológica

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM DIFERENTES CONTEXTOS DA SAÚDE

Justificativa: Considera-se importante o estudo dos aspectos psicológicos presentes nas doenças crônicas. Fatores psicodinâmicos em interação com agravos orgânicos produzidos pelas doenças podem ser complicadores e comprometedores da sobrevida do paciente, bem como da qualidade de vida. A avaliação psicológica pode indicar formas de intervenção psicoterápica, prognóstico e subsidiar ações preventivas. As pesquisas apresentadas neste simpósio pretendem discutir parâmetros de avaliação em diferentes contextos e assim sugerir modelos de intervenção. Os participantes da mesa são experientes professores e pesquisadores na área de avaliação psicológica e estão inseridos em diferentes instituições de ensino e pesquisa do estado de São Paulo (UNESP - Univ. Estadual Paulista; Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos – SP) o que permitirá um diálogo rico que sem dúvida ampliará o alcance destas novas propostas de avaliação fomentando a produção de novos conhecimentos na área.

Coordenador: Nelson Silva Filho

UM MODELO PARA A ETIOLOGIA DA DEPRESSÃO E DA DEMÊNCIA EM PACIENTES COM HIV/ AIDS. Nelson Silva Filho (Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP); João da Costa Chaves Júnior (Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP); Eng. Biotecnológico Daniel Campos Silva.

Introdução

Esta comunicação discute as construções teóricas que fizemos a partir de dados recolhidos dos atendimentos psicoterápicos e, das pesquisas realizadas no núcleo de estágio supervisionado: "Assistência e pesquisa aos indivíduos com doenças crônicas". Começamos por mencionar alguns aspectos do funcionamento do sistema imune (SI) e do aparelho psíquico nos processos de depressão crônica, para depois apresentar um modelo para explicar a etiologia da demência em pacientes imunodeprimidos. O SI é formado por diversos tipos de células, entre elas, os linfócitos T que constituem três sub-populações: os Th0, que são precursores das células Th1 e Th2 (Romagnani, 1991), e podem se diferenciar em células T citotóxicas (CTL); os linfócitos B virgens e os linfócitos B maduros. Também fazem parte do SI as células dendríticas, os macrófagos, os granulócitos e as células matadoras NK (natural Killers), entre outras. Os efetores finais da resposta imune específica são os anticorpos, macromoléculas proteicas secretadas pelos linfócitos B maduros, que têm a propriedade de se ligar quimicamente aos antígenos; e as células T citotóxicas (CTL), que num estado especial chamado estado ativado (CTL*), podem induzir processos de paralisia nas células antigênicas e levá-las à morte. A interação entre os elementos que compõem o SI é mediada por uma rede complexa de fenômenos envolvendo a participação de mediadores químicos (citocinas[1], TCR, anticorpos, proteínas do complemento, etc.) e celulares (células dendríticas, macrófagos etc.). A

[1] Citocinas são substâncias capazes de produzir diversos efeitos nas células do SI como estimulação, ou inibição da expansão clonal, ou de outras citocinas, além de funcionarem eventualmente como recrutadoras de células do SI a um determinado local.

diversidade de especificidades é gerada por um processo aleatório de "embaralhamento" (Tonegawa S., 1983) dos genes que codificam as regiões variáveis dos anticorpos[2] denominado mutação somática. Há em cada um de nós um conjunto de populações de linfócitos B[3] que produzem anticorpos distintos com diferentes regiões variáveis e, portanto com a propriedade de se ligarem a diferentes determinantes antigênicos (epítopos). Considerando os linfócitos B e seus produtos, o repertório atual de especificidades presentes num dado sistema imune é constituído pelo conjunto de anticorpos distintos – e das populações de linfócitos que os produzem - que foram selecionados pelos determinantes antigênicos com os quais este animal interagiu ao longo do tempo, e é representado por moléculas proteicas (anticorpos) - e suas respectivas células produtoras - que têm sítios capazes de se ligar quimicamente a esses antígenos. Podemos conceber a ligação antígeno-anticorpo como uma interação tipo chave-fechadura e, isto implica que, num dado momento, o sistema imune possui uma coleção de fechaduras selecionadas pelas chaves com as quais interagiu. Esta "coleção de fechaduras" é, pode ser vista como uma imagem às avessas do conjunto de chaves. Do mesmo modo, podemos considerar o conjunto de especificidades exibida num dado momento pelo sistema imune constitui uma imagem (que passaremos a chamar imagem interna) do universo antigênico com o qual interagiu ao longo do tempo pregresso. Consequentemente, deste ponto de vista, o sistema imune parece estar permanentemente construindo uma imagem interna do mundo externo, imagem esta que é construída historicamente a partir do conjunto de determinantes antigênicos com os quais interagiu, e isto também vale para os linfócitos T e seus produtos. O SI opera a partir de interações químicas entre seus elementos e os determinantes antigênicos. Objetos que não tenham fragmentos, ou sítios, capazes de se ligar com os elementos do SI não são por ele processados de maneira alguma. A operação do Sistema Imune depende da interação entre o epítopo e o seu respectivo anticorpo (ou entre TCR e o complexo MHC-fragmento antigênico). Portanto, considerando o conceito de imagem interna exposto acima, o SI só interage com objetos que previamente fazem parte da sua imagem interna e, portanto, com objetos, quimicamente falando, "conhecidos". Inferimos, portanto, que uma das funções mais importantes do SI é a construção, e manutenção, da identidade bioquímica do indivíduo. Ele faz isto construindo frenéticamente imagens internas do mundo externo, um processo cognitivo que propicia a distinção entre aquilo que não somos e aquilo que somos e, o que somos (bioquimicamente), é tudo aquilo que não interage com os efetores da resposta imune. A diversidade de especificidades gerada pelo sistema imune é um processo aleatório (mutação somática) (Tomegawa,1983), o que implica na eventual produção de efetores da RI auto-reativos, aptos a se ligar a moléculas de superfície de células do próprio organismo, tornando-as alvos da RI, fato este que pode tomar proporções patológicas caracterizando as doenças auto-imunes. Os linfócitos auto-reativos eventualmente produzidos pelo organismo são eliminados ou neutralizados por meio de dispositivos que não cabe mencionar aqui e que e que permitem que sobrevivam, predominantemente, os clones que não são auto-reativos e exercem a função fisiológica de responder, e eventualmente aniquilar, agentes antigênicos potencialmente deletérios (micro-organismos patogênicos, células neoplásicas e um conjunto de macromoléculas vindas do mundo exterior). A lógica da operação do SI gera os mecanismos de auto-tolerância. Ela está baseada no controle, e

[2] Esse processo também ocorre com outras moléculas envolvidas na resposta imune específica tais como os receptores das células T (CTR) e o complexo de histocompatibilidade principal (MHC).

[3] O que distingue cada uma das populações aqui referidas é capacidade de cada uma delas de produzir apenas um tipo de anticorpo. Há também outros tipos de linfócitos que produzem moléculas que interagem com os determinantes antigênicos conforme descreveremos oportunamente.

eventual deleção, de clones auto-reativos, ou seja, na interdição dos efetores da resposta imune portadores de moléculas que interagem com os elementos do próprio organismo e, portanto, potencialmente autodestrutivos. Por outro lado, este complexo de interações parece ser um processo permanente de atualização das populações relativas de efetores com diferentes especificidades.

Desenvolvimento

O conjunto de efetores com uma dada especificidade presente no SI é, de certa forma, decorrente das interações entre efetores pré-existentes e seus respectivos antígenos. Assim, o perfil[4] atual do SI é constituído de um conjunto de efetores capazes de interagir - por meio de interações basicamente moleculares – com certo conjunto de antígenos, portanto, o repertório atual de respostas imunológicas compreende a existência de uma variedade de macromoléculas com afinidade química por um conjunto singular de antígenos. Isto implica na existência de um conjunto de sequencias de aminoácidos nas moléculas de MHC[5], nos TCR, e nos anticorpos, que são capazes de se ligar quimicamente a determinado conjunto de antígenos e isto constitui o que denominamos imagem interna que o SI constrói deste universo antigênico. A imagem interna que produzimos do mundo externo é a base sobre a qual construímos nossa identidade singular. Nossa imagem interna do mundo externo nos informa o que nós não somos e, deste modo, contribui para a construção da nossa auto-imagem. A geração aleatória da diversidade de especificidades habilita o SI a produzir (aleatoriamente) imagens que, eventualmente, ainda não têm correspondência com o mundo externo, que passamos a designar por quimeras. Assim, parte da operação do SI consiste em produzir quimeras do mundo externo, que adquirem o status de imagem interna quando ocorre uma interação efetiva com elementos externos ao organismo. Desta forma, a imagem interna do meio externo, construída pelo SI é um subconjunto das "imagens" geradas pela operação do SI. A construção de imagens internas pode ser considerada como parte de um processo cognitivo associado à definição da nossa identidade bioquímica. O SI opera produzindo freneticamente variantes imagéticas do mundo externo (quimeras). Nas situações envolvendo pacientes com AIDS parece haver um processo paradoxal envolvendo mecanismos de tolerância imunológica em concomitância com mecanismos associados a hipersensibilidade e alergia. Por um lado, uma vez instalada a imunodeficiência é estabelecido um processo de "atenuação" da resposta imune a certos objetos que, em situações "normais" têm alto potencial antigênico e, consequentemente, seriam alvo de resposta imune intensa como é o caso de alguns patógenos e de células neoplásicas produzidas pelo próprio organismo. Este fenômeno se assemelha, pelo menos em suas consequências macroscópicas (clínicas), ao processo de auto-tolerância imunológica, que poupa as células e tecidos próprios de ocuparem o lugar de estimuladores de resposta imunológica exuberante, o que seria altamente deletério para o organismo. Quando há alguma "falha" no mecanismo de auto-tolerância, fica caracterizado aquilo que se denomina uma doença auto-imune. Muitos pacientes com AIDS apresentam lesões neurológicas produzidas, ao que tudo indica, pela ação de efetores da resposta imune. Pacientes portadores de alguns tipos de depressão apresentam alterações nas concentrações de diversas interleucinas, entre elas, o fator de necrose tumoral (TNF-α) (Raison, C. L. *et al*, 2006). Assim, existem indicações concretas de que há relações entre o estado atual do aparelho psíquico e o estado atual do sistema imune. Segundo Carvalhal

[4] A palavra perfil se refere ao conjunto de especificidades e aos contingentes populacionais de efetores com uma dada especificidade.

[5] O MHC é uma proteína capaz de estabelecer ligações com determinados determinantes antigênicos e está envolvida no processo de estimulação da expansão clonal de linfócitos T por meio da interação entre o complexo MHC-antígeno e o receptor (específico) desses linfócitos T.

(2004), a liberação de TNF-α , IL-2, IL-6 teria um importante papel na produção do "dano neuronal da infecção pelo HIV no SNC". Raison, C.; Capuron, L.; Miller, A.H. (2006) sugerem uma mudança de paradigma, no entendimento da depressão ao relacionarem associações de manifestações orgânicas e psicológicas. Para estes autores a depressão seria um efeito da resposta imunológica, indicando uma relação de causa e efeito, uma co-morbidade que poderia ser percebida através do aumento de algumas interleucinas. Diversos trabalhos apontam a presença e associação das interleucinas com comportamentos e quadros psiquiátricos: Motivala (2001); Silva Filho (2003), Malbergier e Schöffel (2001); Riedel et al (2006); Fleck et al (2002); Carvalhal (2004), Coimbra & Coimbra-Sinigaglia (2004); Raison, Capuron e Miller (2006), CHRISTO (2010); Marques, Cizza e Sternberg (2007).

Considerações Finais

Embora, nestes trabalhos, existam indicações de associação entre alguns parâmetros propostos em nosso estudo, contudo, na literatura, não foi encontrado nenhum trabalho anterior que tenha verificado associações entre diferentes variáveis em uma mesma amostra de pacientes com HIV/aids de parâmetros laboratoriais, psicodinâmicos e psiquiátricos, com esta população. Além disso, há indicações (Silva Filho, 2003) de que quanto maior o comprometimento do indivíduo do ponto de vista do funcionamento psicodinâmico, piores as condições do ponto de vista de funcionamento do sistema imunológico. Os indivíduos com depressão crônica neurótica obtiveram melhores resultados do que os com depressão psicótica do tipo esquizo–afetivo e maníaco-depressivo, definida depressão segundo critérios propostos por Simon (2000, 2005). Possivelmente os quadros descritos como demência e depressão não são sejam excludentes, fazendo parte de um mesmo processo insidioso e progressivo sendo necessário o diagnóstico diferencial, uma vez que a condição de demência seria precedida por depressão, o que poderia permitir ações na redução do dano neurológico e conseqüentemente das seqüelas. O SI age de forma semelhante ao modelo proposto por Bion (1988) ao discutir a formação dos pensamentos, considera que "Os pensamentos podem ser classificados, conforme a natureza de sua história evolutiva, como preconcepções, concepções, pensamentos e, finalmente, conceitos; os conceitos têm nome e são, portanto, concepções, ou então pensamentos fixos. A concepção se inicia através da conjunção de uma preconcepção com uma "realização" (interação com o mundo externo). Quando uma preconcepção é posta em contato com uma "realização" que dela se aproxime, o produto mental é uma concepção. O encontro das preconcepções com realizações, enquanto condições para construir pensamentos, possui um papel equivalente ao das quimeras na formação da identidade imunológica. Propomos aqui que demência e depressão são estágios distintos de um mesmo processo patológico. Durante processos depressivos há um aumento de citocinas pró-inflamatórias, o que também ocorre no stress (Vismari L., et al 2008). Há atualmente fortes indícios de que há alterações na concentração de certas citocinas pró-inflamatórias em indivíduos deprimidos,, tanto que alguns autores (Goodkin, K., et al 2008) sugerem que a dosagem dessas citocinas deva servir como elemento diagnóstico e, seus antagonistas, ou drogas que as inibam, sejam utilizadas como tratamento medicamentoso para a depressão. Essas citocinas pró-inflamatórias estão relacionadas com a resposta Th1, cujos efetores são as células T citotóxicas (CTL*) que, mediadas por TNF-α são indutoras de apoptose (morte celular programada) podendo produzir o dano neuronal (morte de neurônios) associado a demência. Da maneira como estamos vendo, a demência é uma fase grave e irreversível de um processo depressivo. A demência se instala na medida em que ocorre apoptose neural, levando o paciente a um comprometimento psico-neuro-cognitivo. Do ponto de vista do aparelho psíquico, a depressão se vincula à pulsão de morte, e é caracterizada pelo comprometimento da afetividade, por meio de uma interdição progressiva, e em parte consciente, dos processos de comunicação com o mundo e por uma focalização

exacerbada das energias psíquicas no self em detrimento do mundo externo; e na eventual produção de ideação suicida. O comprometimento progressivo da afetividade pode ser interpretado como um fenômeno autodestrutivo do self na medida em que nossa identidade (psicológica) enquanto alteridade é determinada, em grande parte, pelas relações que estabelecemos com outros seres humanos e, a afetividade é, certamente, a dimensão mais importante da comunicação interpessoal produtora de identidade. A construção da nossa identidade pessoal (psicológica) envolve necessariamente a construção de imagens internas do mundo, cujos substratos físicos e fisiológicos são os circuitos neurais (Edelman, 1987) que constituem o locus onde se processam as respostas aos estímulos internos e externos. É o repertório atual de circuitos neurais que possibilita a representação interna do mundo externo e determina nossa capacidade de interagir com ele. Conforme já mencionamos acima, ocorre, em concomitância com este processo, uma série de fenômenos envolvendo modificações na concentração de efetores da resposta imune cujo efeito é o aumento de eventos apoptóticos ,o que certamente, no caso de serem os neurônios as células afetadas, tem consequências psico-neuro-cognitivas. Essas modificações tendem a destruir neurônios e, por isso podem afetar a eficácia das interações com o mundo externo, diminuindo a plasticidade da resposta neuro-cognitiva, rebaixando a capacidade de construção de imagens internas por falta de substrato neuronal para tal. Interpretamos este acontecimento como uma dinânica auto destrutiva porque, ao mesmo tempo em que limita severamente a comunicação com o mundo externo pelo dano em estruturas neurais, diminui a eficácia adaptativa. Ficam prejudicadas as leituras do mundo externo e a possibilidade de sintonia com ele, ou seja, há flagrante processo de perda de identidade. Considerando a dinâmica que se estabelece no SI, com a produção de citocinas pró-inflamatórias, passam a ser a estimuladas a produção de clones de linfócitos auto-reativos que acabam por interagir com células próprias do organismo (neurônios, por exemplo) destruindo-as. Aqui também se estabelece, ao que tudo indica, uma dinâmica auto-destrutiva cuja instalação pode ser interpretada como um processo de perda de identidade bioquímica. Tanto os fenômenos que ocorrem em nível neuronal, quanto imunológico, quanto no aparelho psíquico podem ser interpretados como processos de perda de identidade. Assim, a dinâmica psíquica da depressão pode ser interpretada como um processo auto-destrutivo, de perda de identidade, que introduz progressivamente limitações na interação com o mundo externo, o que enfraquece, ou atenua, a habilidade do sujeito de produzir e sintonizar suas imagens internas com o mundo externo e, dirige toda a energia psíquica para o processamento das interações com sua alto-imagem em situação de deterioração Isto pode ser a base para a produção de ideação suicida num dado momento e, em última análise, também pode ser interpretado como um processo de perda de identidade. Finalmente, propomos que a construção do mundo interno ocorre de forma concomitante com as vivências, tanto na dimensão bioquímica quanto psicológica do mundo externo, e que eventuais danos produzidos no substrato e no funcionamento do sistema imunológico, ou no sistema nervoso podem perturbar a identidade imunológica e simultaneamente as representações do mundo interno. A demência se instala na medida em que ocorre o comprometimento das estruturas neurológicas em decorrência do processo de perda de identidade bioquímica (SI) que, por sua vez, é estabelecido em concomitância com o comprometimento das estruturas egóicas devido à dinâmica da depressão crônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

.Bion WR. Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro: Imago Editores; 1988.

Carvalhal A. S. A infecção pelo HIV – Aspectos psiquiátricos. In: Kapczinski, F., Quevedo, J. Izquierdo, I. Bases Biológicas dos Transtornos Psiquiátricos, Artmed Editora, Porto Alegre, 445-452, 2004.

Coimbra, G.C., Coimbra- Sinigaglia, R. Psicoimunologia, cap. 6, pág. 101-112.In; Kapczinski, F., Quevedo, J. Izquierdo, I. Bases Biológicas dos Transtornos Psiquiátricos, Artmed Editora, Porto Alegre, 2004.

CHRISTO, P. P; Alterações cognitivas na infecção pelo HIV e AIDS. Rev. Assoc. Med. Bras. Vol. 56, n. 2, São Paulo, 2010.

Edelman, G. M.,. Neural Darwinism The Theory of Neuronal Group Selection. Basic Books, Inc. USA, 1987.

Fleck MPA.; Lima A. F. B. S.; Louzada S. et al Associação entre Sintomas Depressivos e Funcionamento Social em Cuidados Primários À Saúde. Revista Saúde Pública; 36: 431-438, 2002.

Goodkin, K.; Aaron,A.; Baldwin,G.; Molina, R.; Zheng,W.; Hardy,W.D. HIV-1-Associated Neurocognitive Disorders in the HAART Era. In The spectrum of Neuro-AIDS: Pathophysiology, Diagnosis, and Treatment. Edited by K. Goodkin et al., ASM Press, Washington,DC., 2008

Malbergier A, Schöffel,AC. Tratamento de depressão em indivíduos infectados pelo HIV. Revista Brasileira de Psiquiatria;23:160-167, 2001.

Marques,A.H.; Cizza,G.; e Sternberg,E. Interações imunocerebrais e implicações nos transtornos psiquiátricos. Revista Brasileira de Psiquiatria. 29; 529-532, 2007.

Motivala, S.J. Psychological Distress impacts immunity depending upon level of HIV viral load in pre-aids men and women.[tese] Miami: University Of Miami; 2001.

Raison, C.; Capuron, L.; Miiier, A.H. Cytokines sing the blues: inflammation and the pathogenesis of depression. TRENDS in Immunology. 27 (1): 24-31, 2006.

Riedel D, Ghate M, Nene M, Paranjape R, Mehendale S, Bollinger R, Sacktor N, Mcarthur J, Nath A.Screening for human immunodeficiency virus (HIV) dementia in an HIV clade C-infected population in India. J Neurovirol. Feb;12(1):34-8, 2006.

Romagnani, S.,. Human TH1 and TH2 subsets: doubt no more. Immunology Today. 12(8):256-7, 1991.

Silva Filho, N. Associação entre o diagnóstico adaptativo, indicadores de evolução clínica e o teste de relações objetais em pacientes com infecção pelo HIV-1, doentes ou não. [tese] Botucatu: UNESP; 2003.

Simon R. Psicoterapia Breve Operacionalizada.São Paulo:Casa do Psicólogo,2005.

Simon R. Relações entre o diagnóstico operacionalizado, a psicopatologia da depressão e psicoterapia psicanalítica. Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais. 8: 165-190, 2000.

Tonegawa S. Somatic generation of antibody diversity *Nature* 302:575–81,1983.

Janeway Jr., C. A.; Travers, P.; Walport, M. & Shlomchik, M. J. Imunobiologia: o sistema imune na saude e na doença. 6ª ed. Porto Alegre:Artmed. Trad. da Silva, A. C. A. 2007.

Maturana H Autopoiesis, structural coupling and cognition: a history of these and other notions in the biology of cognition. Cybernetics & Human Knowing 9, 5-34, 2002.

Vismari L, et al. Depressão, antidepressivos e sistema imune: um novo olhar sobre um velho problema Revista de Psiquiatria Clínica; 35(5):196-204, 2008.

Palavras Chave: Depressão; Sistema Imunológico; Demência.

Pesquisador - P

Área – Avaliação Psicológica

2º Apresentador: Paulo Francisco de Castro

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 – 20/10/2012

O TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA COMO RECURSO PARA AVALIAÇÃO DA ANGÚSTIA EM INDIVÍDUOS COM ASMA. *Michele Aline Gomes de Camargo* (Universidade de Taubaté - SP) e *Paulo Francisco de Castro* (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos - SP).

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar dados sobre a avaliação psicológica em um grupo de adultos com asma por meio do Teste de Apercepção Temática – TAT, com vistas à reflexão do uso do referido instrumento como estratégia para identificação de fatores psicológicos associados ao referido quadro. Sob uma perspectiva de compreensão psicossomática, o quadro de asma está ligado a um conjunto de fatores psicológicos que interferem diretamente sobre o quadro clínico, levando o indivíduo ao desenvolvimento de crises (amenas ou fortes) desencadeadas por disparadores psíquicos. A etiologia da asma, então, está associada a fatores psicológicos que desencadeiam sintomatologia respiratória. Em termos simbólicos, quadros psicossomáticos de cunho respiratório podem estar associados à ansiedade e angústia que levam a um 'sufocamento' representado física e concretamente pelos sintomas orgânicos da asma. Nesse sentido, mostra-se importante a avaliação psicodinâmica desses pacientes, buscando uma compreensão do fenômeno psíquico existente e sua relação com a asma. Participaram do estudo 20 adultos, sendo dez com asma e dez sem qualquer tipo de problema respiratório; a todos foram aplicadas lâminas do TAT de acordo com o objetivo da investigação. Na presente reflexão, serão apresentados os dados oriundos da lâmina número três do teste. A lâmina três possui duas variações, de acordo com o sexo do avaliado: 3MF para mulheres e 3 RH para homens, ambas evocam questões relativas à angústia ou vivências de tristeza e abandono. Após análise das narrativas expressas no TAT, observou-se certa diferença qualitativa entre os resultados das mulheres e dos homens. As mulheres com asma apresentaram uma emocionalidade lábil, fragilidade egóica, e tendem a reagir impulsivamente, de tal forma que o conflito evocado é de natureza interpessoal. Também foi possível verificar que essas mulheres têm maior propensão a procurar auxílio ou consolo, solicitam ou dependem de alguém para serem estimuladas para ter apoio, proteção, cuidados. Já os homens asmáticos tendem a não demonstrar sensações de desapontamento, tristeza, sofrimento, infelicidade, desespero. Têm dificuldade em articular ordens, persuasões violentas ou suaves, estimulação direta e sedução. Também mostraram que possuem uma maior necessidade de aprovação, atenção, orientação ou apoio externo. Esses homens tiveram uma atitude de distanciamento em relação ao estímulo e à situação do teste, que reflete pouca disponibilidade do sujeito em entrar em contato com seus conteúdos mais pessoais, levando o sujeito a se isentar da responsabilidade por suas respostas. Os dados sugerem que, na amostra investigada, conteúdos relacionados à angústia e tristeza podem estar associados à asma, demonstrando que fatores psicológicos negativos podem interferir no funcionamento orgânico dessas pessoas, levando-as a desenvolver sintomas físicos. Para que essas considerações possam ser generalizadas, outras pesquisas com maior amostragem e evolvendo outras patologias devem ser desenvolvidas.

Palavras chave: Avaliação Psicológica; Teste de Apercepção Temática; Asma; Psicossomática.

Nível do Trabalho: Pesquisador - P

Código da Área: AVAL – Avaliação Psicológica

1 Introdução

Mello Filho (1979) apresenta a conceituação histórica e filosófica sobre a relação entre quadros orgânicos e estrutura psicológica, com vistas à inclusão de conceitos da área psicossomática. Na visão de Hipócrates a doença era tida como um desequilíbrio no corpo, como conseqüência das disposições naturais do paciente ou temperamento, bem como as influências do meio ambiental e do comportamento atual do paciente. Desde os tempos de Hipócrates, existia a proposição de que as emoções já influenciavam as funções do corpo, que poderiam causar doenças, e o pai da medicina já dizia sobre o medo, vergonha, paixão, prazer, e para cada um destes, uma parte do corpo responde às suas ações, como por exemplo, suores, palpitações do coração, etc.

A incapacidade de simbolizar, expressar, transmitir emoções e sentimentos, pode resultar em importante mecanismo de agressão ao corpo, e, conseqüentemente em doença.

Mello Filho (1979) tem a concepção de que toda doença humana é psicossomática, onde existe um ser provido de soma e psique, inseparáveis, anatomicamente e funcionalmente. Também diz que todas as doenças orgânicas sofrem, inevitavelmente, influências da mente de quem as apresenta e as doenças mentais são traduzidas por processos bioquímicos que são acompanhados por todos os momentos da vida.

A asma é uma doença puramente psíquica, onde os fatores psíquicos influenciam largamente, tanto de maneira positiva, quanto de maneira negativa, a evolução da doença, mas eles não são a causa da asma (Nolte, 1983).

Ainda segundo Nolte (1983), a causa da asma está sempre situada na região somática, só que se deve procurá-la metodicamente. A psique representa um fator desencadeante das crises asmáticas, por esta razão que a asma é aceita como uma doença psicossomática.

O indivíduo com asma tem dificuldade em respirar, sente-se asfixiado, com cansaço, chiado no peito e tosse, às vezes seca ou com catarro. A intensidade dos sintomas é muito variável, indo desde a leve sensação de cansaço até sufocação grave. Os sintomas de pouca intensidade, muitas vezes passam despercebidos pelo doente ou, quando crianças, pelos pais. São sintomas que só se tornam aparentes na presença de fatores desencadeantes, como mudanças de temperatura, emoções e outros. (Carvalho & Rios, 1994).

2 Objetivo

Descrever as características de personalidade comuns em indivíduos com asma

3 Método

Participaram do estudo 20 indivíduos, sendo dez pacientes com asma e dez sujeitos não-pacientes para comparação. As idades variaram entre 18 e 32 anos, com escolaridade superior (em andamento ou concluída), com participação equitativa de homens e mulheres.

Todos foram entrevistados para coleta de dados sócio-demográficos e foram submetidos ao Teste de Apercepção Temática – TAT. O TAT De acordo com Cunha (2000), o TAT consiste em uma técnica de investigação da dinâmica da personalidade. O procedimento básico consiste em apresentar ao sujeito que está em avaliação um conjunto de imagens (lâminas), incentivando-o que relate uma história, de acordo com os personagens da imagem.

Para Murray (1943/2005), o valor do TAT está no poder de evocar fantasias suscetíveis de traduzir tendências inconscientes inibidas. Em função disso, o conceito fundamental para a compreensão e interpretação dos conteúdos das histórias das lâminas, é o da projeção.

O TAT é composto por 20 lâminas para aplicação, de acordo com a área de investigação necessária. No presente estudo serão expostos os dados da lâmina 3.

4 Resultados

Os estímulos apresentados na prancha três para homens (3RH) envolvem grande carga dramática, pois evocam associações referentes à angústia, tristeza, abandono, desespero, depressão, suicídio. Para mulheres, esta prancha (3MF) também abarca a área do desespero, angústia e culpa.

Quadro 1. Necessidades expressas pelo herói.

Necessidades	Com Asma		Sem Asma	
	homem	mulher	homem	mulher
Agressão	1	-	-	3
Ajuda	2	5	3	2
Afiliação	2	-	-	-
Abatimento	-	3	4	5
Conflito	-	1	-	-

Instabilidade Emocional	-	1	-	-

É possível observar no quadro 1, que as mulheres asmáticas revelam diferença no que se refere ao item ajuda, quando comparada as mulheres não-asmáticas. A necessidade do herói está ligada às forças propulsoras e motivações. É possível verificar que as mulheres com asma têm maior propensão a procurar auxílio ou consolo, que solicitam ou dependem de alguém para serem estimuladas para ter apoio, proteção, cuidados. Geralmente essas mulheres têm prazer em receber simpatia, alimentação, ou presentes úteis e se sentem solitárias quando desacompanhadas e desesperadas numa crise. Também tentam obter algum prazer por meio do sofrimento.

Já quanto ao item abatimento, existe uma diferença entre os homens asmáticos, que há ausência deste item em relação aos não-asmáticos. É possível perceber que os homens asmáticos tendem a não demonstrar sensações de desapontamento, tristeza, sofrimento, infelicidade, desespero.

Quadro 2. Pressões do ambiente

Pressões	Com Asma		Sem Asma	
	homem	mulher	homem	mulher
Afiliação	1	-	-	-
Agressão	1	1	-	1
Dominância	3	1	-	-
Falta, Perda	-	3	5	4

De acordo com os dados apresentados no quadro 2, há diferença no item dominância quando comparado os homens asmáticos e não-asmáticos. A pressão ou força ambiental está relacionada ao efeito que possuem, ou que prometem ou ameaçam ter sobre o herói, ou seja, as necessidades das pessoas com que o herói lida. Portanto, nas histórias dos homens asmáticos mostram que uma pessoa/ambiente tenta forçar, impedir ou influenciar o herói (a fazer ou não fazer alguma coisa) por meio de ordens, persuasões violentas, ou por uma suave persuasão, estimulação ou por hábil estratégia e sedução.

Por outro lado, o item falta/perda, mostra ausência nos homens asmáticos, enquanto há o predomínio nos homens não-asmáticos. Neste item, os indivíduos não carecem do indispensável para viver, para ter êxito ou ser feliz.

Quadro 3. Ansiedades e Mecanismos de Defesa expressos.

Ansiedades / Mecanismos de Defesa	Com Asma		Sem Asma	
	homem	mulher	homem	mulher
Auto-Imagem, Própria Capacidade	1	2	2	1
Abandono, Perda do Objeto	1	1	1	4
Depressão, Tristeza, Desespero	4	3	2	4
Punição, Desaprovação	-	-	-	1
Males ou Danos Físicos	3	2	-	-
Agressividade	1	-	-	-
Perdas	1	1	-	-
Racionalização	2	2	2	1
Isolamento	-	-	2	-
Destruição, Morte	-	-	1	2

Conforme os dados expostos no quadro 3, notou-se a diferença no item males ou danos físicos entre os indivíduos asmáticos (tanto homens quanto mulheres), quando comparados aos não-asmáticos. Este item está relacionado às defesas que os indivíduos utilizaram contra a ansiedade por ele provocada, revelando grande preocupação dos pacientes asmáticos no que tange aos componentes físicos e de saúde.

Quadro 4. Comportamentos expressos durante a narrativa.

Comportamentos	Com Asma		Sem Asma	
	homem	mulher	homem	mulher
Exclamações e Comentários	3	2	3	3
Necessidade de Aprovação	4	4	1	4
Ansiedade Manifesta	2	4	3	3
Observações Criticas	2	-	-	1

Cinismo	1	-	-	1
Recusa	1	-	2	-

No quadro 4 que se refere ao comportamento dos indivíduos, pode-se perceber que os homens asmáticos possuem uma maior necessidade de aprovação que os homens não-asmáticos. Indica uma emocionalidade lábil e também a presença da ansiedade nesses indivíduos. O sujeito procura resgatar sua segurança através da aprovação, atenção, orientação ou apoio do aplicador ("É assim que é para fazer?" ou "Mais alguma coisa?", entre outros).

Quadro 5. Estruturação dinâmica do tema das narrações.

Estruturação	**Com Asma**		**Sem Asma**	
	homem	**mulher**	**homem**	**mulher**
Rigidez	4	2	1	3
Labilidade	-	3	1	1
Inibição	1	-	3	-
Emergência dos Processos Primários	-	-	-	1

No item Estruturação da Dinâmica do Tema, observa-se que homens asmáticos possuem uma maior rigidez quando comparado aos homens não-asmáticos. Através desta análise, pode-se averiguar a atitude do indivíduo frente ao estímulo e ao teste de um modo em geral. Esta atitude revela o maior investimento de energia frente às estruturas conscientes ou inconscientes. Assim, pode-se observar que os homens asmáticos tiveram uma atitude de distanciamento em relação ao estímulo e à situação do teste. Estes indivíduos aparecem com maior força do ego, utilizando-se de mecanismos de defesa eficientes. Também refletem pouca disponibilidade do sujeito em entrar em contato com seus conteúdos mais pessoais, levando o sujeito a se isentar da responsabilidade por suas respostas, procurando apoiar seu relato em dados objetivos do estímulo e conflitos intrapessoais.

Em contrapartida, as mulheres com asma apresentam uma maior labilidade que as não-asmáticas. Sendo assim, as mulheres asmáticas mostraram uma emocionalidade lábil, cujas respostas demonstraram uma perda de distância em relação ao estímulo, tendo um envolvimento maior com a situação. O uso dos mecanismos de defesa apareceram em geral ineficientes, havendo a expressão do impulso. Essas mulheres mostram uma fragilidade

egóica, e tendem a reagir impulsivamente, atirando-se na situação proposta, de tal forma que o conflito evocado é de natureza interpessoal.

5 Considerações Finais

Quando são considerados conteúdos relativos à angústia nos pacientes, observou-se o seguinte:

As mulheres com asma apresentaram uma emocionalidade lábil, fragilidade egóica, e tendem a reagir impulsivamente, de tal forma que o conflito evocado é de natureza interpessoal. Também foi possível verificar que essas mulheres têm maior propensão a procurar auxílio ou consolo, que solicitam ou dependem de alguém para serem estimuladas para ter apoio, proteção, cuidados.

Já os homens asmáticos tendem a não demonstrar sensações de desapontamento, tristeza, sofrimento, infelicidade, desespero. Têm dificuldade em articular ordens, persuasões violentas ou suaves, estimulação direta e sedução. Também mostraram que possuem uma maior necessidade de aprovação, atenção, orientação ou apoio externo. Esses homens tiveram uma atitude de distanciamento em relação ao estímulo e à situação do teste, que reflete pouca disponibilidade do sujeito em entrar em contato com seus conteúdos mais pessoais, levando o sujeito a se isentar da responsabilidade por suas respostas.

Os indivíduos asmáticos (tanto homens quanto mulheres), mostram utilização de um conjunto de recursos defensivos contra a ansiedade, revelando grande preocupação quanto aos componentes físicos e de saúde.

Os dados expressos no presente estudo referem-se à amostra investigada, a partir dos dados de uma lâmina do TAT. Sendo assim, para generalizações faz-se necessário a aplicação do estudo com outros indivíduos e outras técnicas.

Referências

Carvalho, L.C.P. & Rios, J.B.M. (1994). *Como enfrentar a asma e outras alergias*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter.

Cunha, J.A. (2000). Capítulo TAT In: J.A. Cunha e cols. *Psicodiagnóstico-V*. (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Mello Filho, J. (1979). *Concepção Psicossomática: visão atual*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: INL.

Murray, H. A. (2005). *T.A.T.: Teste de Apercepção Temática.* Adaptação e padronização brasileira Maria Cecília Vilhena M. Silva. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1943)

Nolte, D. (1983). *Asma: Tratamento precoce e eficaz dos sintomas iniciais: como evitar a asma crônica e suas complicações posteriores*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

3º Apresentador: Helena Rinaldi Rosa

AVALIAÇÃO DA DEPRESSÃO DE PACIENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS E DE SEUS FAMILIARES POR MEIO DO INVENTÁRIO DE DEPRESSÃO DE BECK. Carolina Beatriz Savegnago Martins*, Hélimi Iwata*, Helena Rinaldi Rosa, Maria Laura Nogueira Pires, Maria Luísa Louro de Castro Valente, Nelson Silva Filho (Univ. Estadual Paulista – Assis/SP).

As doenças crônicas são aquelas que necessitam de um tempo de tratamento maior do que três meses. Elas são de evolução prolongada, permanente e afetam negativamente a saúde e funcionalidade do paciente. Dentre as doenças crônicas estão a insuficiência renal crônica (IRC) e o câncer. A IRC consiste na perda progressiva e irreversível das funções dos rins, provocada por vários tipos de doenças. Dessa forma, o indivíduo torna-se dependente da hemodiálise, que modifica sua rotina e traz graves consequências físicas, psicológicas e sociais. O câncer é definido como um tumor maligno, caracterizado pelo crescimento descontrolado de células anormais (malignas) e como consequência ocorre a invasão de órgãos e tecidos adjacentes envolvidos, podendo se disseminar para outras regiões do corpo, dando origem a tumores em outros locais. A descoberta de que um membro da família foi diagnosticado com uma doença crônica como o câncer ou IRC pode acarretar danos físicos e psicológicos tanto para o paciente como para seus familiares, uma vez que ambos têm suas rotinas alteradas, com constantes visitas ao médico, tratamento contra a doença, hospitalização e o paciente doente que passa a exigir cuidados específicos. Esta pesquisa teve como objetivo avaliar e discutir a depressão em pacientes com insuficiência renal crônica bem como nos familiares de pacientes que se encontram em tratamento contra o câncer. Foram avaliados 36 pacientes diagnosticados com IRC que estão em tratamento de hemodiálise e 40 familiares que acompanhavam os pacientes com câncer no tratamento quimioterápico. Para a avaliação, foi utilizado o Inventário de Depressão de Beck, sendo uma medida de autoavaliação de depressão amplamente usada tanto em pesquisa como na clínica. A maioria dos pacientes renais crônicos investigados (83,3%) bem como a maioria dos familiares de pacientes que estavam em tratamento contra o câncer (55%) obteve pontuação mínima no Inventário de Depressão de Beck, porém é necessário que estudos possam ampliar o conhecimento sobre a depressão nestes pacientes e familiares uma vez que a depressão pode causar a não aderência ao tratamento, independentemente de variáveis como idade, sexo ou doenças concomitantes. Quanto ao cuidador, o fato de cuidar requer que o mesmo disponha de um longo período de tempo para se dedicar ao familiar doente e a depressão do familiar cuidador pode ser um agravante. Concluiu-se que tanto os pacientes renais crônicos quanto os familiares de pacientes com câncer obtiveram pontuação mínima no Inventário de Depressão de Beck possivelmente devido à fé e a esperança que têm em relação ao transplante no caso dos pacientes renais crônicos e à cura em pacientes com câncer através da quimioterapia, além de os pacientes e familiares mostrarem através destes resultados uma boa adaptação ao diagnóstico e tratamento de suas respectivas doenças.

Palavras chave: doenças crônicas, depressão, Inventário de Depressão de Beck.
Nível do trabalho: IC – Iniciação Científica

Código da área: AVAL – Avaliação Psicológica.

Proponente: Paulo Francisco de Castro

Área da Psicologia: Avaliação Psicológica

ANÁLISE DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Justificativa: A revisão de literatura é sempre oportuna e possibilita uma rica análise do material publicado, apoiando o desenvolvimento de investigações científicas na área. Esses estudos ampliam a possibilidade para o desenvolvimento de recortes, analisando a produção científica, contribuindo e incentivando novas investigações, desde que critérios bem estabelecidos permeiem o desenvolvimento dessas reflexões para que, amparados em um rigor científico, possibilite considerações consistentes. Os dados da efetividade do conhecimento produzido em determinadas áreas do conhecimento podem ser estudados, observando-se, assim, o próprio progresso científico. Esse conhecimento está relacionado ou dependente da avaliação sistemática da produção e do trabalho dos pesquisadores, garantindo o aperfeiçoamento constante em benefício da sociedade Devido ao avanço que a avaliação psicológica tem tido no Brasil e da importância e relevância dos testes psicológicos nessa prática, torna-se necessário realizar um acompanhamento constante das publicações pertinentes à mesma. Para isto, utilizam-se veículos no qual estas informações são mais acessíveis e confiáveis, entre eles os periódicos que constituem um grande recurso para divulgar os trabalhos produzidos na área. A avaliação psicológica é exclusiva do psicólogo, por isso que os instrumentos disponíveis devem ser adequados a prática desse profissional. Preocupados com essa prática e que foi publicada a resolução do CFP 02/2003, que cria critérios rigorosos na criação de testes e proíbe a utilização de um teste internacional sem adaptações concernentes à nossa cultura. Após essa resolução foi publicada uma lista com os instrumentos que receberam parecer favorável. Os instrumentos que receberam parecer desfavorável foram porque não apresentaram em seus manuais: fundamentação teórica; evidencias empíricas de validade e precisão; procedimentos de aplicação e o sistema de correção e interpretação dos escores. Diante desse novo cenário é fundamental conhecermos o que essa mudança produziu na área e se provocou avanços em avaliação psicológica e os estudos sobre análise de produção científica podem proporcionar tais informações.

Coordenador: Paulo Francisco de Castro

ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE PERSONALIDADE E QUADROS ORGÂNICOS POR MEIO DO MÉTODO DE RORSCHACH. Paulo Francisco de Castro (Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté – SP).

RESUMO

O presente estudo possui como objetivo apresentar uma análise acerca da produção científica sobre o Rorschach em pesquisas sobre personalidade em diferentes quadros orgânicos. A relação entre o mundo físico e o mundo psíquico está cada vez mais evidente em diversos estudos da área de psicologia e de outros campos do conhecimento da área de saúde, valorizando os conceitos relacionados à psicossomática e sua função na compreensão do quadro clínico que o paciente possui. Foram analisados 892 resumos de artigos publicados no período compreendido entre 2000 e 2010, indexados em sete bases de dados e destacados os artigos que tratavam de assuntos relacionados a estudos de personalidade observados em diversos quadros orgânicos. Após a leitura e análise dos resumos dos artigos, foi possível a verificação e sistematização dos dados em vários elementos de investigação, os dados mais

incidentes são os seguintes: Do total investigado, 83 textos referiam-se a questões sobre o assunto destacado, perfazendo 9,3% do material analisado. a maior parte dos artigos foi publicada em 2003 (16,9% - N=14) e 2004 (13,2% - N=11). A média anual de publicação dos artigos foi de sete artigos. Observa-se que nos anos indicados o número de trabalhos superou a média sobre o assunto, sendo que em 2003 houve a publicação do dobro da média indicada. Os textos foram publicados em 50 diferentes periódicos, sendo o Psychologie Clinique et Projective a revista com maior quantidade de publicações, com oito trabalhos no período (9,6%). Segue-se: Journal of Personality Assessment e Rorschachiana com a publicação de cinco artigos cada (6,1%), Medicina Psicosomatica e Revista del Hospital Psiquiátrico de La Habana com três publicações cada (3,6%). Depois disso, tem-se 14 periódicos com duas publicações e 31 revistas que publicaram apenas um texto sobre avaliação de personalidade em diferentes quadros orgânicos no tempo analisado. De acordo com a caracterização utilizada nesta análise, 98,8% dos artigos tratavam de investigações empíricas (N=82), sendo quase a totalidade dos trabalhos. Observa-se que 57,9% (N=55) dos trabalhos foi desenvolvido exclusivamente com os dados do Método de Rorschach e 14 outras estratégias de avaliação psicológica foram empregadas nos estudos e reflexões das pesquisas: diferentes tipos de escalas e inventários (11,6% - N=11), além do TAT e MMPI (cinco trabalhos cada) e WISC (quatro estudos). Houve a publicação de artigos em 49 diferentes áreas de investigação. As mais incidentes foram categorizadas como reflexões que tiveram como foco Obesidade (9,6% - N=8), Epilepsia e HIV (6,1 % - N=5 cada), Psicossomática em geral (4,8% - N=4) e Dor crônica, Insônia e Lúpus (3,6% - N=3 cada), entre outras patologias orgânicas. Cada vez mais o conhecimento psicológico é utilizado na compreensão de dinamismos em diferentes quadros clínicos orgânicos. Nesse cenário, o Método de Rorschach mostra-se como um dos principais recursos de avaliação psicológica, por sua profundidade de análise e ampla possibilidade de investigação de diferentes aspectos da personalidade e sua relação com a saúde integral.

Apoio: PESQDOC/UnG - Programa de Pesquisa Científica Docente da Universidade Guarulhos.

Palavras chave: Avaliação Psicológica; Teste de Rorschach; Quadros Orgânicos; Psicossomática.

Nível do Trabalho: Pesquisador - P

Código da Área: AVAL – Avaliação Psicológica

INTRODUÇÃO

Em 1921, Hermann Rorschach promoveu uma evolução nas estratégias de avaliação psicológica, a partir da publicação de uma obra denominada de Psicodiagnóstico. Há 90 anos o Método de Rorschach configura-se como um dos principais instrumentos de avaliação psicológica, permitindo ampla análise de vários aspectos do funcionamento psicológico dos indivíduos nos campos de personalidade, cognição, relacional, entre outros.

Por sua importância, o Método de Rorschach conta, em todo o mundo, com várias sociedades científicas que contemplam ampla produção sobre o mesmo, a saber: a Sociedade Internacional de Rorschach (IRS) e a Associação Brasileira de Rorschach e métodos projetivos (ASBRo).

A produção científica com o método é muito ampla, realizada em vários temas relacionados à psicologia, psiquiatria e saúde. Por esse motivo e em comemoração aos 90 anos de publicação desse importante recurso de avaliação, é que essa proposta se configura.

Vaz (1997) ressalta a estreita relação entre os componentes físicos com estados psicológicos no campo da avaliação psicológica em casos de quadros psicossomáticos. Ao relatar estudo sobre hipertensão e Rorschach, assinala um conjunto de variáveis que podem ser identificadas nesses pacientes, com elevação do controle racional, ansiedade, nível de exigência e oposicionismo.

Em um estudo com homens que sofriam de câncer de próstata, pelo Método de Rorschach, observou-se sentimentos de impotência e fracasso relativos à sexualidade com indicação de sintomas depressivos e diminuição da capacidade produtiva. Além disso, identificou-se diminuição da capacidade associativa com certa tendência à fuga da realidade como recurso defensivo diante da dificuldade em elaborar os conteúdos psíquicos advindos do quadro. Em termos psicodinâmicos constatou-se extrema preocupação com as questões relativas à sexualidade, evidenciando de forma simbólica temores em perder permanentemente a função e satisfação sexual e erétil (Tofani, Vaz & Carvalho, 2006; Tofani, Vaz & Iglesias, 2006).

Ao estudar aspectos psicológicos em um jovem prestes a um transplante cardíaco, Esquivel e Antúnez (2006) a partir dos dados do Rorschach, observaram intensa vivência de estresse situacional, ocasionado pela condição de grande intervenção cirúrgica, associado a um prejuízo da imagem corporal além de uma atitude de afastamento diante das relações estabelecidas. Manifestou alterações na percepção e na articulação do pensamento, como estratégia defensiva diante da angústia gerada pela condição de saúde que vivia.

Outra investigação, utilizando-se do Método de Rorschach, identificou que a estrutura afetiva dos pacientes com quadros psicossomáticos possui os mesmos índices esperados para a população normativa de não pacientes, sendo compatíveis entre si. Levanta-se, a partir desses dados, a hipótese dos quadros psicossomáticos serem provenientes de conteúdos psicodinâmicos da personalidade dos pacientes (Hilário Filho, Fernandes & Castro, 2008).

OBJETIVO

Apresentar uma análise acerca da produção científica sobre o Rorschach em pesquisas sobre personalidade em diferentes quadros orgânicos.

MÉTODO

A revisão de literatura é sempre oportuna e possibilita uma rica análise do material publicado, apoiando o desenvolvimento de investigações científicas na área. Witter (1997, 1999, 2005a, 2005b), apresentou ampla discussão e reflexão sobre a metodologia empregada para pesquisas envolvendo produção científica, bem como expôs vários exemplos de pesquisas sobre o tema. Ampliando as possibilidades de investigações que envolvessem produção científica nos mais diferentes contextos e com as mais diferentes estratégias.

Material

Foram analisados 892 resumos de artigos publicados no período compreendido entre 2000 e 2010, indexados em sete bases de dados:

- ADOLEC BRASIL - Saúde de Adolescentes e Jovens no Brasil;
- IBECS - Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud;
- LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde;
- PEPSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia;
- PSYCINFO - Psychological Information of American Psychological Association;
- REDALYC - Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal;
- SCIELO - Scientific Electronic Library Online.

Procedimento

As bases de dados indicadas possuem acesso eletrônico e o levantamento foi realizado com a inclusão do termo 'Rorschach' para a busca de artigos. Após esse levantamento, os resumos dos artigos foram lidos detalhadamente, para a verificação dos itens previstos.

Dentre as diferentes possibilidades de investigação em análise de produção, está o estudo a partir de artigos publicados em periódicos científicos. Os periódicos científicos são

responsáveis pela divulgação mais ágil das recentes descobertas nas mais variadas áreas do conhecimento, configurando-se como uma das principais fontes bibliográficas para o desenvolvimento e fundamentação de pesquisas (Castro, 2011; Malozze, 1999).

A análise dos resumos (*abstracts*) dos periódicos possibilita uma rica visão do material publicado, pois um resumo bem redigido pode descrever, de forma sintetizada, todas as informações relevantes sobre o material que trata o artigo publicado: objetivos, introdução, método, resultados e conclusões, possibilitando uma visão ampla do trabalho investigado (Domingos, 1999).

RESULTADOS

Após a leitura e análise dos resumos dos artigos, foi possível a verificação e sistematização dos dados em vários elementos de investigação. Foram destacados os artigos que tratavam de assuntos relacionados a estudos de personalidade observados em diversos quadros orgânicos. Do total investigado, 83 textos referiam-se a questões sobre o assunto destacado, perfazendo 9,3% do material analisado. Os dados são os seguintes:

Tabela 1. Ano de publicação dos artigos

Ano	N	%
2000	9	10,8
2001	9	10,8
2002	4	4,8
2003	**14**	**16,9**
2004	**11**	**13,2**
2005	6	7,2
2006	9	10,8
2007	3	3,6
2008	6	7,2
2009	4	4,8
2010	8	9,6
Total	83	99,7

Os dados expostos na Tabela 1 revelam que a maior parte dos artigos foi publicada em 2003 (16,9% - N=14) e 2004 (13,2% - N=11). A média anual de publicação dos artigos foi de sete artigos. Observa-se que nos anos indicados o número de trabalhos superou a média sobre o assunto, sendo que em 2003 houve a publicação do dobro da média indicada

Tabela 2. Periódicos responsáveis pelas publicações dos artigos

Periódico	N	%
Psychologie Clinique et Projective	8	9,6
Journal of Personality Assessment	5	6,1
Rorschachiana	5	6,1
Medicina Psicosomatica	3	3,6
Revista del Hospital Psiquiátrico de La Habana	3	3,6
Análise Psicológica	2	2,4
Annales Médico-Psychologiques	2	2,4
Arquivos de Neuro-psiquiatria *	2	2,4
Boletim de Psicologia *	2	2,4
Bulletin de Psychologie	2	2,4
European Review of Applied Psychology/Revue Européenne de Psychologie Appliquée	2	2,4
Minerva Psichiatrica	2	2,4

NeuroReport: For Rapid Communication of Neuroscience Research	2	2,4
Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação *	2	2,4
Psicologia em Estudo *	2	2,4
Psicologia: Teoria e Pesquisa *	2	2,4
Psychogeriatrics	2	2,4
Seishin Igaku (Clinical Psychiatry)	2	2,4
Terapia Psicológica	2	2,4
Periódicos com um artigo publicado	31	37,3
Total	83	99,9

*Periódicos brasileiros.

A Tabela 2 apresenta a lista de periódicos onde os artigos sobre avaliação psicológica de quadros orgânicos foram publicados. Os textos foram publicados em 50 diferentes periódicos, sendo o Psychologie Clinique et Projective a revista com maior quantidade de publicações, com oito trabalhos no período (9,6%). Segue-se: Journal of Personality Assessment e Rorschachiana com a publicação de cinco artigos cada (6,1%), Medicina Psicosomatica e Revista del Hospital Psiquiátrico de La Habana com três publicações cada (3,6%). Depois disso, tem-se 14 periódicos com duas publicações e 31 revistas que publicaram apenas um texto sobre avaliação de personalidade em diferentes quadros orgânicos no tempo analisado.

De acordo com a caracterização utilizada nesta análise, 98,8% dos artigos tratavam de investigações empíricas (N=82), sendo quase a totalidade dos trabalhos. Nessas investigações diferentes delineamentos de pesquisas de campo foram empregadas, sempre na busca de compreensão factual das hipóteses levantadas. O restante, ou seja, um artigo (1,2%) tratou de reflexões de cunho teórico (N=5) a partir das discussões de amplo material publicado sobre o Método de Rorschach. A prevalência de trabalhos empíricos com o Rorschach é uma constante nos levantamentos em metanálise realizados com o referido instrumento. Todos os estudos realizados apontam para essa tendência que, a partir desses dados, revelam uma característica das pesquisas sobre o teste (Castro, 2004a, 2004b, 2006).

Foi feito um levantamento de outros instrumentos de avaliação psicológica utilizados para o desenvolvimentos das pesquisas analisadas.

Tabela 3. Outros instrumentos de avaliação psicológica utilizados

Outros instrumentos	N	%
Não utilizou outro instrumento	55	57,9
Escalas	11	11,6
MMPI	5	5,3
TAT	5	5,3
WISC	4	4,2
Beck	3	3,1
DFH	2	2,1
Luscher	2	2,1
WAIS	2	2,1
CAT	1	1,0
Desenhos	1	1,0
Millon	1	1,0
Neuroimagem	1	1,0
Staxi	1	1,0
Testes Neuropsicológicos	1	1,0

Observa-se que 57,9% (N=55) dos trabalhos foi desenvolvido exclusivamente com os dados do Método de Rorschach, isso possivelmente se deve ao fato do teste fornecer amplo conjunto de dados que possibilita a investigação de vários aspectos psicológicos importantes para avaliação de personalidade nos diferentes quadros orgânicos.

Além do uso do Rorschach, 14 outras estratégias de avaliação psicológica foram empregadas nos estudos e reflexões das pesquisas. Os dados apresentados na Tabela 7 trazem os outros testes que foram utilizados nos estudos e observa-se a utilização de diferentes tipos de escalas e inventários (11,6% - N=11) para associação dos dados orgânicos. Atualmente, amplo material sobre escalas e inventários está disponível para utilização de clínicos e pesquisadores, possibilitam a avaliação objetiva de vários quadros psicológicos e orgânicos. Seguem-se outros instrumentos de avaliação psicológica utilizados em conjunto com o Rorschach em cinco estudos cada: o Teste de Apercepção Temática – TAT e Inventário Multifásico de Personalidade Minnesota – MMPI; quatro pesquisas utilizaram a Escala Wechsler de Inteligência para Crianças - WISC.

A área de investigação constitui-se como uma das informações mais importantes dos estudos em metanálise. No presente trabalho os resumos sobre personalidade em quadros orgânicos foram categorizados segundo os seguintes critérios:

Tabela 8. Áreas de investigação das pesquisas quadros orgânicos

Área de investigação	N	%
Obesidade	8	9,6
Epilepsia	5	6,1
HIV	5	6,1
Psicossomática em geral	4	4,8
Dor crônica	3	3,6
Insônia	3	3,6
Lúpus	3	3,6
Alopecia areata	2	2,4
Alzheimer	2	2,4
Câncer de mama	2	2,4
Câncer de próstata	2	2,4
Dermatite atópica	2	2,4
Diabetes	2	2,4
Fibrose cística	2	2,4
Inflamação intestinal	2	2,4
Narcolepsia	2	2,4
Síndrome de Asperger	2	2,4
Outros quadros (incidência única)	32	38,6
Total	83	100

Segundo é possível observar na Tabela 8, houve a publicação de artigos em 49 diferentes áreas de investigação. As mais incidentes foram categorizadas como reflexões que tiveram como foco Obesidade (9,6% - N=8), Epilepsia e HIV (6,1% - N=5 cada), Psicossomática em geral (4,8% - N=4) e Dor crônica, Insônia e Lúpus (3,6% - N=3 cada).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais o conhecimento psicológico é utilizado na compreensão de dinamismos em diferentes quadros clínicos orgânicos. Nesse cenário, o Método de Rorschach mostra-se como um dos principais recursos de avaliação psicológica, por sua profundidade de análise e

ampla possibilidade de investigação de diferentes aspectos da personalidade e sua relação com a saúde integral.

O levantamento apresentado mostra as diferentes possibilidades de uso do Rorschach quando há necessidade de avaliação da personalidade em casos psicossomáticos. Importante salientar a necessidade de mais estudos sobre o tema, ampliando a possibilidade de uso do Rorschach e outras técnicas de avaliação na importante tarefa de se realizar a avaliação psicológica diante de diferentes quadros orgânicos.

REFERÊNCIAS

Castro, P.F. (2004a). Caracterização da produção científica da Sociedade Brasileira de Rorschach. In: C.E. VAZ & R.L. GRAEFF (org.). *Técnicas projetivas: produtividade em pesquisa*. (pp. 385-390). Porto Alegre: ASBRo.

Castro, P.F. (2006). Histórico da produção científica do sistema compreensivo no Brasil a partir dos eventos da ASBRo. In: N.A. Silva Neto & D.M. Amparo (Org.). *Métodos projetivos: instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura.* (pp. 114-123). Brasília: ASBRo.

Castro, P.F. (2011). Pesquisas em metanálise: o uso artigos na investigação científica. *Anais do Encontro de Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo, 19* (pp. 97-102). Guarulhos: Universidade Guarulhos.

Castro. P.F. (2004b). Descrição da produção científica publicada em artigos no Boletim da Sociedade de Rorschach de São Paulo. **Boletim** *da Sociedade Rorschach de São Paulo, 14* (1), 19-37.

Domingos, N.A.M. (1999). Análise da estrutura dos resumos de dissertações e teses em psicologia. In G.P. Witter (org.) *Produção científica em psicologia e educação.* (pp 47-78). Campinas: Editora Alínea.

Esquivel, D.A. & Antúnez, A.E.A. Rorschach, transplante cardíaco e o psiquismo. In: N.A. Silva Neto & D.M. Amparo (Org.). *Métodos projetivos: instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura.* (pp. 547-553). Brasília: ASBRo.

Hilário Filho, J.R., Fernandes, R.S. & Castro, P.F. Componentes afetivos observados em um grupo de pacientes hospitalizados por quadros psicossomáticos a partir dos dados do Método de Rorschach. *Livro de Programas e Resumos do Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 5* (p. 92). Ribeirão Preto: ASBRo.

Malozze, G.L.M. (1999). Produção científica: periódicos. In: G.P. Witter (org.). *Produção científica em psicologia e educação.* (pp.103-122). Campinas: Alínea.

Tofani, A.C.A., Vaz, C.E. & Carvalho. M.M. Masculinidade, sexualidade em pacientes com câncer de próstata e os cartões IV e VI do Rorschach. In: N.A. Silva Neto & D.M. Amparo (Org.). *Métodos projetivos: instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura.* (pp. 532-538). Brasília: ASBRo.

Tofani, A.C.A., Vaz, C.E. & Iglesias, J. Seleção de cartões IV, V e X do Rorschach em pacientes com câncer de próstata. In: N.A. Silva Neto & D.M. Amparo (Org.). *Métodos projetivos: instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura.* (pp. 554-559). Brasília: ASBRo.

Vaz, C. E. (1997). *O Rorschach: teoria e desempenho.* (3a ed.). São Paulo: Editora Manole.

Witter, G.P. (2005b). Leitura no Reading Research Quaterly (2000/2002). In: G.P. Witter (org.). *Metaciência e psicologia.* (pp. 137-154). Campinas: Alínea.

Witter, G.P. (org.). (1997). *Produção científica.* Campinas: Editora Átomo.

Witter, G.P. (org.). (1999). *Produção científica em psicologia e educação.* Campinas: Alínea.

Witter, G.P. (org.). (2005a). *Metaciência e psicologia.* Campinas: Alínea.

2º Apresentador: Simone Ferreira da Silva Domingues

REVISÃO DE PESQUISAS SOBRE TESTES DE INTELIGÊNCIA. Aline Cacciatore Fernandes (Universidade Guarulhos, Guarulhos, SP) e Simone Ferreira da Silva Domingues (Universidade Guarulhos, Guarulhos, SP /Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP)
A Avaliação Psicológica é uma prática realizada exclusivamente por psicólogos com o intuito de reunir informações acerca de uma situação-problema. Um dos instrumentos mais utilizados dentro do contexto de avaliação psicológica são os testes psicológicos, que consistem em avaliar certos aspectos específicos do comportamento humano. Os testes psicológicos são instrumentos considerados privativos da profissão devido seu caráter de avaliação de seres humanos e se for manejado por leigos se tornará banalizado, perdendo seu valor como ferramenta psicológica. A presente pesquisa constitui-se em um estudo exploratório de levantamento da produção cientifica brasileira sobre testes de inteligência. Estudos sobre análise de produção científica, além de atender às preocupações de uma determinada área, nos permite conhecer as contribuições, bem como suas necessidades e carências, oferecendo subsídios para que se redimensionem novas pesquisas. Foram analisados seis periódicos nacionais no período de 1999 a 2009 que receberam classificações A1 e A2 na avaliação qualis de 2009, além de dois periódicos específicos da área de Avaliação Psicológica. Foi encontrado um total de 129 artigos e todos trouxeram no seu título ou corpo alguma referência sobre testes de inteligência. Procedeu-se a leitura de todo material a fim de identificar o ano de publicação, autoria (filiação institucional, gênero, titulação), tipo de pesquisa (teórica ou empírica), amostra da população e teste utilizado. O levantamento identificou que 33 artigos foram publicados na Revista Psicologia Reflexão e Crítica, 29 na Avaliação Psicológica, 21 na Teoria e Pesquisa, 24 na Psicologia em Estudo, 10 no Boletim de Psicologia e 12 na Estudos de Psicologia. Os dados evidenciaram um aumento de publicações após a resolução do CFP 02/2003, sendo 2009 o ano com maior número de artigos. Houve a predominância de autoria múltipla, feminina e de autores doutores. Quanto ao tipo de pesquisa, houve predomínio de texto de caráter empírico. A amostra da população foi em sua maioria composta por crianças, com idade mínima de 4 anos. O número de sujeitos participantes das pesquisas variou de 3 a 9929. Os testes mais utilizados foram WISC-III/WAIS-III, aparecendo em 27,13% das pesquisas seguido do Raven com 26,35%. Considera-se que o estudo traçou um panorama dos conhecimentos produzidos, identificando estudos de padronização ou validação de instrumentos. Confrontando os resultados dessa análise com outras semelhantes já realizadas, verificamos que o número de publicações sobre testes de inteligência aumentou significativamente, evidenciando interesse e preocupação dos pesquisadores com a utilização desses instrumentos.
Apoio: PIBIC/UnG
Palavras Chave: Avaliação Psicológica; Testes de Inteligência; Metaciência.
Nível do trabalho: Iniciação Cientifica - IC
AVAL – Avaliação Psicológica

3º Apresentador: Marlene Alves da Silva

ANÁLISE DOS PAINÉIS PUBLICADOS NO III CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO. Marlene Alves da Silva (Universidade Federal da Bahia - Campus Anísio Teixeira -

BA), Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly e Itor Finotelli Júnior (Universidade São Francisco - SP).

A avaliação psicológica, seja como prática profissional, seja como objeto de estudo oferece grandes provocações. Do ponto de vista de sua contribuição para a Ciência, pesquisas sobre produção científica na área podem acrescentar visibilidade ao tema, o que permite vislumbrar o que esta sendo estudado e divulgado. A qualidade e a credibilidade das publicações científicas no âmbito de uma temática como a avaliação psicológica é averiguada pela visibilidade de suas produções por meios como, periódicos, teses, congressos, entre outros. A análise constante dessas produções faz-se necessário para a tomada de decisão dos novos rumos da ciência e da política científica, assim como, do aperfeiçoamento constante do conhecimento. Dentre as várias formas de atingir esse resultado, encontram-se os estudos da metaciência. A presente pesquisa objetivou caracterizar a produção científica de comunicação de pesquisa e de prática profissional na área de avaliação, métodos e medidas em psicologia, realizada por meio de pôsteres no III Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão; realizado de 03 a 07 de setembro de 2010 em São Paulo, capital. Promovido pelo Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), o Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência & Profissão é caracterizado como um espaço de encontro da ciência e profissão, cujo objetivo é debater temas, abordagens e construções da psicologia para contribuição significativa na produção dos saberes e fazeres. A sua terceira edição durou quatro dias e reuniu sete mil participantes em aproximadamente de 4.800 atividades, entre elas comunicações em pôsteres. Para a área de avaliação, métodos e medidas em psicologia essas comunicações totalizaram 6% dos resumos publicados. Quando divididos entre práticas profissionais e de pesquisa, observou-se a predominância de 94% dos resumos em comunicações de pesquisas. Para a seleção dos resumos utilizou-se o próprio mecanismo de busca disponível no site do congresso, http://www.cienciaeprofissao.com.br/III/anais/anais.cfm. No total, foram publicados 2550 resumos, desta quantia 156 (6%) referenciaram à área da Avaliação Psicológica. A análise baseou-se em critérios da metaciência, a saber, autoria, temática, metodologia, enfoques e análise dos tipos de avaliações. Foram analisados 156 painéis. Os resultados evidenciaram que a maior concentração dos pesquisadores foram da região Sudeste e do sexo feminino, vinculados à universidades públicas e privadas e sem financiamento. Verificou-se que 134 dos resumos apresentados foram relatos de pesquisa, o delineamento quase-experimental (93) foi o mais frequente, destacou-se a amostra mista (93) contando com participantes do sexo masculino e feminino e os instrumentos de medidas (122) mais utilizados foram os objetivos (99) e houve utilização preferencial pelos métodos quantitativos para análise de dados. Sugere-se que outras pesquisas similares sejam realizadas, visando à verificação no campo da avaliação psicológica no Brasil que ainda é relativamente pequena, se comparada a outras áreas.

Palavras chave: Avaliação Psicológica, Metaciência, Congresso de Psicologia.
Nível do Trabalho: Pesquisador - P
AVAL – Avaliação Psicológica

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 - 20/10/2012

Proponente: Paulo Sérgio Teixeira do Prado

Área da Psicologia: Psicologia Cognitiva

COGNIÇÃO NUMÉRICA E MATEMÁTICA: IMPLICAÇÕES DA CONTINUIDADE ENTRE BIOLOGIA E CULTURA

Justificativa: Por longo tempo biologia e cultura foram vistas como coisas distintas e separadas. Essa dicotomia antropocentrista é notadamente presente tanto no dualismo cartesiano quanto no empirismo. Não foi sem graves equívocos cometidos em nome da teoria da evolução, como a eugenia, que se começou a vislumbrar a continuidade entre as duas coisas e a dar-se consequência teórica, metodológica e prática a essa visão. O entendimento de que o comportamento animal poderia ser estudado com proveito para a compreensão do comportamento humano é um exemplo a ser destacado. Infelizmente, disputas teóricas -- cujo aspecto salutar não pode ser negado -- frequentemente confunde, de várias formas, profissionais que atuam em áreas afins à psicologia -- como a educação -- e os próprios psicólogos. Uns apressam-se em anunciar vencedores e vencidos, ao passo que outros contentam-se, resignados, em compor o séquito de líderes imortalizados, expoentes de ideias eternalizadas. Felizmente, por outro lado, a disputa científica ultrapassa em muito a busca por vitórias pretensas e efêmeras, perseguindo, implacável, a verdade demonstrável, testável e, portanto, renovável. O conhecimento científico produzido pela pesquisa em psicologia, cuja relação com a educação seria, respeitadas as diferenças, comparável com a relaçao entre a bioquímica e a medicina, custa, por diversas razões, a chegar ao professor. Este, destituído de quaisquer condições práticas que lhe favoreçam a crítica, adere, em muitos casos até por coação, a um determinado discurso hegemônico. Nessa frágil base composta por elementos fragmentários e sem coesão ou consistência, ele tenta fundamentar sua prática pedagógica.
O resultado é conhecido e vergonhoso. A pesquisa, contudo, prossegue e faz avançar o conhecimento, cunha e refina conceitos, desenvolve instrumentos, cria medidas, propõe intervenções, busca o diálogo. O simpósio aqui proposto aborda um importante aspecto da cognição, com implicações diretas para o processo educativo: as habilidades numéricas, sua gênese e desenvolvimento, sua relação com a aprendizagem da matemática escolar e suas relações com outros processos cognitivos. Num dos trabalhos, parte-se da constatação de que "Observações do comportamento de várias espécies não-humanas e de bebês humanos autorizam autores a afirmarem que algumas habilidades surgiram antes do aparecimento da nossa espécie, foram filogeneticamente herdadas por nós e constituem a base do desenvolvimento cultural e da aprendizagem individual da matemática." Em seguida, é descrito um padrão de ruptura encontrado em diversas pesquisas, nas quais estímulos numéricos
expostos por milésimos de segundos geraram respostas virtualmente sem erros para as numerosidades 1 a 4, com deterioração do desempenho a partir da numerosidade 5. O processamento de numerosidades até 4 com grande acurácia e pequeno tempo de reação é denominado subitização. O padrão de respostas a numerosidades de 5 em diante, com mais erros e maior tempo de reação, é denominado estimativa aroximada. Ambos compõem o senso numérico, considerado inato. Assim sendo, o mesmo padrão deveria ser encontrado numa amostra de estudantes brasileira, sem interferência de variáveis ambientais, como o tipo de escola frequentada: pública ou privada. O padrão de ruptura descrito foi replicado, independente da escola que os alunos frequentavam. A matemática, embora tenha sido possível desenvolver-se culturalmente em função de capacidades neurocognitivas
com que nos dotou o desenvolvimento filogenético, vai muito além dos limites biológicos, envolve a linguagem e lida de maneira exata com valores infinitamente superiores aos

subitizáveis. Esse contraste permite supor uma correlação fraca ou inexistente entre subitização/estimativa e a matemática escolar. O desempenho dos alunos nesta foi avaliado por meio do subteste de aritmética do Teste de Desempenho Escolar (TDE) e a correlação entre ambos os testes foi de r = 0,38 (p = 0,01), confirmando a hipótese. Ademais, alunos da escola privada apresentaram escores médios mais altos (18,1) do que os da pública (16,0), sendo a diferença estatisticamente significante: t(60) = 2,44 (p = 0,018). "Os dados [...] replicam os de pesquisas anteriores, robustecendo evidências favoráveis à tese inatista e confirmando a hipótese de correlação fraca entre habilidades inatas e aquelas aprendidas no contexto sociocultural". Um segundo trabalho detalha o senso numérico como um sistema primário
que, junto com sistemas secundários, constitui a cognição numérica. Entre os sistemas secundários incluem-se o cálculo e o processamento numérico, este subdividindo-se em "Compreensão Numérica, que envolve o entendimento de símbolos numéricos e a
produção numérica, que inclui a leitura, escrita e contagem de números". Partindo da constatação que o desenvolvimento desses sistemas quantitativos é pouco conhecido em pré-escolares, foi conduzido um estudo com crianças de 5 a 6 anos, o primeiro utilizando a ZAREKI-K (Bateria Neuropsicológica para Avaliação do Tratamento dos Números e do Cálculo para Crianças pré-escolares) adaptada para a língua portuguesa e a cultura brasileira. O desempenho dos participantes foi comparado quanto quanto ao gênero, idade e ambiente: urbano e rural. Além disso, checou-se a validade de construto da ZAERKI-K, correlacionando-se seus escores com os produzidos pelo WISC-III (Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças, 3ª edição). Crianças de seis anos saíram-se melhor nos itens relacionados a produção numérica, cálculo e compreensão numérica. “O desempenho nos vários sistemas quantitativos foi associado ao desenvolvimento (idade), mas não relacionado a fatores ambientais (rural x urbano) e gênero”. E quanto à ZAREKI-K, foram observadas altas correlações entre os seus subtestes e os do WISC-III, atestando sua validade de construto. O estudo, portanto, obteve dados normativos para esse instrumento, revelando-o como “promissor para a avaliação de habilidades matemáticas em crianças pré-escolares”. Concluindo o simpósio, são apresentados resultados de uma pesquisa com 2104 estudantes do primeiro ao quinto ano de Belo Horizonte e Mariana (MG), cujo propósito foi o de trazer à luz a relação entre dificuldades específicas de aprendizagem da matemática (DAM) e endofenótipos. Estes são definidos como "mecanismos intermediários entre as influências interativas genéticas e experienciais de um lado e o fenótipo do outro". Eles contribuem para esclarecer os mecanismos genéticos de várias condições multifatoriais, tais como as DAM. Os resultados forneceram evidências da contribuição de quatro endofenótipos cognitivos para as DAM: processamento fonológico, memória de trabalho, senso numérico e ansiedade matemática. A conclusão decorrente é que "A expressão fenotípica das DAM pode ser concebida como um mosaico de endofenótipos, potencialmente explicando a alta
comorbidade com outras condições tais como dislexia (processamento fonológico) e TDAH (memória de trabalho)". Em seu conjunto, os três trabalhos contribuem com o fornecimento de evidências adicionais da continuidade entre biologia e cultura, particularmente no que diz respeito ao senso numérico e à aprendizagem da matemática, descrevem um instrumento útil e
relevante para a descrição do repertório individual ou grupal e descreve as dificuldades de aprendizagem da matemática como um mosaico de endofenótipos, o que pode ajudar a explicar porque tais dificuldades frequentemente não ocorrem sozinhas. Trata-se de um conhecimento de elevado potencial elucidativo, frontalmente contrário ao mito de que os transtornos de
aprendizagem são apenas uma suposição e que permite a superação de atitudes improdutivas, como a rotulação pejorativa e estigmatizante de alunos que não aprendem, por meio da

formulação de propostas pedagógicas cientificamente embasadas e realmente inclusivas e democráticas.

Coordenador: Paulo Sérgio Teixeira do Prado

DESEMPENHO DE ALUNOS DO QUARTO ANO EM TESTES DE SUBITIZAÇÃO/ESTIMATIVA E NO TDE. Paulo Sérgio Teixeira do Prado (Departamento de Psicologia da Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Marília), Mariana de Freitas Betetto, Ivana Gisel Casali, Rogério Crevelenti Fioraneli, Alessandra Campanini Mendes, Júlia Zanetti Rocca, Leila Estevão da Silva, Marília Zampieri (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos – PPGPsi/UFSCar) e João dos Santos Carmo (Universidade Federal de São Carlos e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino).

Observações do comportamento de várias espécies não-humanas e de bebês humanos autorizam autores a afirmarem que algumas habilidades surgiram antes do aparecimento da nossa espécie, foram filogeneticamente herdadas por nós e constituem a base do desenvolvimento cultural e da aprendizagem individual da matemática. O senso numérico inato teria como componentes as habilidades de subitização (capacidade de discriminação súbita e sem a intervenção de fatores linguísticos, de numerosidades até quatro) e de estimativa aproximada (capacidade de julgamento aproximado de quantidades iguais ou superiores a cinco). Resultados de pesquisas anteriores mostram uma ruptura no desempenho em testes de habilidades numéricas: grande acurácia com numerosidades subitizáveis e queda acentuada a partir da numerosidade cinco. Um dos objetivos da pesquisa foi testar a hipótese de que se o senso numérico é, de fato, inato, o mesmo padrão de ruptura se apresentaria numa amostra de estudantes brasileiros do ensino fundamental, independente do tipo de escola em que estudassem: pública ou privada e também de gênero ou idade. Para isso foi desenvolvido um teste em que conjuntos de um a dez pontos (círculos pretos sólidos) foram apresentados por 200 ms. Um segundo objetivo foi o de testar a hipótese de que entre o senso numérico inato e a matemática escolar haveria uma correlação fraca ou inexistente, dado que esta última lida com valores muito superiores aos subitizáveis, envolve a linguagem e é exata. Para isso, aplicou-se o subteste de aritmética do Teste de Desempenho Escolar (TDE), cujos resultados foram correlacionados com os do teste de subitização/estimativa. Participaram da pesquisa 62 alunos do quarto ano escolar de duas escolas do interior de São Paulo: uma da rede privada e outra pública. Os resultados mostraram que virtualmente todos os participantes responderam corretamente às numerosidades 1 a 4, caindo este número para menos da metade com relação à numerosidade 5, a partir da qual o número de respostas corretas segue decrescendo. Não houve diferença de desempenho entre os participantes em função do tipo de escola frequentada: $t(60) = 1,5$ ($p = 0,171$). Também não foram observadas diferenças em função de gênero: $t = -0,381$ ($p = 0,703$) nem de idade: $F(3; 58) = 1,300$; ($p = 0,283$). Com relação aos resultados do TDE, ao contrário, embora também não tenham sido observadas diferenças em função de gênero e idade, houve diferença estatisticamente significante em função do tipo de escola frequentada: $t(60) = 2,44$ ($p = 0,018$), com pontuação média mais elevada da escola privada (18,1) do que da pública (16,0). Finalmente, o índice de correlação de Pearson revelou um $r = 0,38$ ($p = 0,01$), de força moderada a baixa, portanto. Os dados do presente estudo replicam os de pesquisas anteriores, robustecendo evidências favoráveis à tese inatista e confirmando a hipótese de correlação fraca entre habilidades inatas e aquelas aprendidas no contexto sociocultural.

2º Apresentador: Flávia Heloísa Dos Santos

DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO NUMÉRICA EM PRÉ-ESCOLARES. Flávia Heloísa Dos Santos (UNESP, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo), Juliana Molina (UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo), Fabiana Silva Ribeiro (UNESP, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo) e Michael von Aster (University Children's Hospital, Zurique, Suíça).

A Cognição Numérica relaciona-se aos padrões de ativação cerebrais transmitidos pelo número e que são modulados pela magnitude numérica. É influenciada por fatores biológicos, cognitivos, educacionais e culturais. Constitui-se tanto de um sistema primário que é inato e de abrangência universal, o Senso Numérico, quanto de sistemas secundários: o Cálculo, para realização de operações matemáticas por meio de símbolos ou palavras e o Processamento Numérico, que se divide em dois componentes, a Compreensão Numérica, que envolve o entendimento de símbolos numéricos e a Produção Numérica que inclui a leitura, escrita e contagem de números. Pouco se sabe sobre o desenvolvimento destes sistemas quantitativos em crianças de idade pré-escolar, de forma sistematizada, tal como pode ser proporcionado pela ZAREKI-K (Bateria Neuropsicológica para Avaliação do Tratamento dos Números e do Cálculo para Crianças pré-escolares; Weinhold-Zulauf, Schweiter e von Aster, 2003). Este constitui o primeiro estudo utilizando a ZAREKI-K, adaptada para a língua portuguesa e cultura brasileira junto ao Laboratório de Neuropsicologia da UNESP, Campus de Assis. Os objetivos específicos foram: comparar o desempenho de crianças quanto ao gênero, idade e ambiente; verificar possíveis relações entre testes e subtestes psicológicos e consequentemente entre seus construtos teóricos. Participaram do estudo 42 crianças, entre 5 e 6 anos de idade, de ambos os sexos, que estudavam em escolas públicas de educação pré-primária, residentes em regiões rurais e urbanas dos municípios de Assis e Ourinhos, localizadas no centro-oeste paulista. As crianças foram avaliadas pelos subtestes da ZAREKI-K e por subtestes do WISC-III (Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças, 3ª edição). Resultados indicaram diferenças associadas à idade em que crianças de 6 anos obtiveram melhores pontuações em subtestes relacionados a Produção numérica, Cálculo e Compreensão numérica. Houve correlações altas e moderadas entre alguns subtestes da ZAREKI-K e subtestes do WISC-III, sendo a principal correlação obtida entre o subteste de Aritmética do WISC-III e o escore total da bateria (r = 0,83), demonstrando a validade de constructo da bateria. O desempenho nos vários sistemas quantitativos foi associado ao desenvolvimento (idade), mas não relacionado a fatores ambientais (rural x urbano) e gênero. Em conclusão, o presente estudo obteve dados normativos preliminares para a ZAREKI-K e de acordo com as análises efetuadas trata-se de um instrumento promissor para a avaliação de habilidades matemáticas em crianças pré-escolares.

3º Apresentador: Vitor Geraldi Haase

ENDOFENÓTIPOS COGNITIVOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA. Vitor Geraldi Haase (Departamento de Psicologia, FAFICH-UFMG).

Endofenótipos são mecanismos intermediários entre as influências interativas genéticas e experienciais de um lado e o fenótipo do outro. Os endofenótipos neurobiológicos e cognitivos contribuem para esclarecer os mecanismos genéticos de várias condições multifatoriais, tais como as dificuldades específicas de aprendizagem da matemática (DAM). Neste trabalho são apresentados os resultados de estudos empíricos conduzidos no programa de pesquisa sobre cognição numérica da UFMG. Foram triadas a inteligência (Raven) e o desempenho em aritmética (TDE) de uma amostra representativa da população escolar de Belo Horizonte e

Mariana (n = 2104) entre o 1º e o 5º anos do ensino fundamental. Duzentos e quarenta e uma crianças com Raven acima do percentil 17 e TDE Aritmética igual ou acima do percentil 25 participaram do grupo controle. O grupo DAM foi composto de 100 indivíduos com Raven acima do percentil 17 e TDE Aritmética abaixo do percentil 25. As análises evidenciam a contribuição de quatro endofenótipos cognitivos para a aprendizagem da matemática e DAM: 1) Processamento fonológico: Análises de dependência estatística mostram que a consciência fonêmica é associada ao desempenho em aritmética. Adicionalmente, é descrito o caso de um menino de 10 anos portador de dislexia que apresenta comprometimento seletivo dos aspectos verbais da aritmética, principalmente fatos de multiplicação e problemas verbalmente formulados; 2) Memória de trabalho: A introdução de variância relacionada a gnosias digitais nos modelos estatísticos reduz a associação entre memória de trabalho e desempenho aritmético, sugerindo que contar nos dedos é um mecanismo para aliviar a sobrecarga de processamento; 3) Senso numérico: crianças com DAM apresentam menor acurácia numérica, avaliada pela fracção de Weber em uma tarefa de comparação não-simbólica de magnitude. Adicionalmente é descrito o caso de uma menina com inteligência elevada e que apresenta discalculia do desenvolvimento secundária a comprometimento específico do senso numérico; 4) Ansiedade matemática: Crianças com DAM apresentam baixo autoconceito matemático. O autoconceito matemático é preditivo do desempenho em aritmética, mas não do desempenho em ortografia. Sintomas de ansiedade generalizada não são preditivos do autoconceito matemático. Os resultados estão de acordo com as previsões do modelo do código triplo, segundo o qual o senso numérico e as representações verbais fazem contribuições singulares, porém integradas para a habilidade aritmética. Contribuições adicionais são realizadas por mecanismos cognitivos genéricos tais como a memória de trabalho e o autoconceito matemático. A expressão fenotípica das DAM pode ser concebida como um mosaico de endofenótipos, potencialmente explicando a alta comorbidade com outras condições tais como dislexia (processamento fonológico) e TDAH (memória de trabalho). O senso numérico é claramente identificado como um endofenótipo importante. As dificuldades iniciais de aprendizagem da matemática comprometem o autoconceito e o desempenho em aritmética.

Proponente: Perla Klautau

Área da Psicologia: Psicologia Clínica e da Personalidade

MAIS ALÉM DOS CONSULTÓRIOS PRIVADOS: TRÊS PROPOSTAS DE TRABALHO COM A PSICANÁLISE EM AMBIENTES DIVERSIFICADOS

Justificativa: Os desafios impostos pelos quadros psicopatológicos que questionam a eficácia da técnica psicanalítica clássica serviram como peça chave para a valorização do uso de ferramentas clínicas alternativas ao método interpretativo. A consequência direta desta valorização é o alargamento do raio de ação da psicanálise, tanto em seus aspectos teóricos quanto em suas formulações e dispositivos clínicos. Desta forma, a psicanálise deixa de se restringir ao âmbito do sofrimento neurótico e passa a poder intervir em outros campos da patologia do mental, quer nos quadros de origem psicogênica, quer nos quadros em que alterações de natureza orgânica precipitam alterações do funcionamento mental. Além de ultrapassar as fronteiras do consultório e ampliar o raio de ação da psicanálise, as três pesquisas a serem apresentadas apostam, cada uma a seu modo, no desenvolvimento de investigações capazes de oferecer suporte teórico e técnico para casos e situações que diferem em pontos consideravelmente importantes, daqueles encontrados na clínica psicanalítica clássica. Sendo assim, consideramos que as três propostas se apresentam em grande sintonia com a temática do atual evento: Psicologia sem Fronteiras.

A pesquisa “Aspectos subjetivos do adoecimento neurológico”, realizada com o apoio à Pós-Doutorado - parceria CAPES/FAPERJ – 2011, é parte integrante da pesquisa “Do cérebro à palavra: aspectos subjetivos do adoecimento neurológico”, atualmente contemplada com o prêmio Jovem Cientista do Nosso Estado 2010. Estas investigações derivam de projetos anteriores. Em 2005, através da bolsa de Pesquisador Associado/FAPERJ, a coordenadora da presente pesquisa iniciou uma investigação das condições de (im)possibilidade do diálogo entre psicanálise e neurociências, desenvolvendo o projeto de pesquisa ‘Matéria Pensante’. Em 2007, esta pesquisa obteve um auxílio através do Edital MCT/CNPq 50/2006 Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Na ocasião, o projeto visava à implementação de estudo exploratório sobre a clínica psicanalítica com portadores de lesão cerebral por acidente vascular cerebral (AVC) ou traumatismo crânio-encefálico (TCE) com sequelas cognitivas. A partir de 2007, verificou-se a necessidade de desdobrar a investigação, até então exclusivamente teórica, para o campo da clínica, realizando um retorno das bordas da psicanálise para o seu centro. A clínica com portadores de lesão cerebral apresentou-se como um solo interessante de pesquisa, pois permitia formular e investigar questões novas. No presente, ampliamos o escopo de nossa pesquisa, incluindo, além dos que sofreram lesão cerebral por AVC ou TCE, também aqueles que apresentam síndromes neurológicas com déficit cognitivo, tais como doença de Parkinson, de Alzheimer, de Pick, Esclerose Múltipla e outras, somente em seus estágios iniciais de modo a não comprometer a possibilidade de atendimento e a exequibilidade desta pesquisa.

A pesquisa “Corpo e Psicanálise: reflexões sobre os fenômenos psicossomáticos a partir do trabalho clínico” se configura como o desdobramento de um projeto anterior desenvolvido no âmbito de um ambulatório de Psicologia de um Hospital Geral situado na cidade do Rio de Janeiro. Dessa experiência foi concluída uma pesquisa de doutoramento junto à Puc/RJ intitulada “Uma casa com paredes de cristal: a clínica psicanalítica no ambulatório hospitalar”. O posterior ingresso em uma instituição pública de ensino superior trouxe a possibilidade de abertura de um novo projeto de pesquisa acadêmica deslocando o eixo de nosso questionamento da clínica psicanalítica ambulatorial para a especificidade dos padecimentos que se expressam por meio da corporalidade, denominados, na literatura psicanalítica atual,

de psicossomáticos. Desse projeto de pesquisa, que vem sendo desenvolvido desde 2006, no âmbito do Laboratório de Psicanálise (UFPR), participam alunos da graduação e pós-graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Podemos destacar a importância desse projeto tanto em relação a sua especificidade em produzir conhecimento teórico e clínico sobre adoecimentos bastante comuns de serem encontrados na clínica contemporânea, quanto na possibilidade de produzir uma intensa circulação dos resultados alcançados em nossas investigações. Por estar inserida no campo universitário, esta pesquisa oferece solo para a germinação de novas investigações. Consolidando nossa perspectiva de trabalho focada na teoria e na clínica da psicanálise para além dos consultórios particulares, foram concluídas, nos últimos anos, um total de 31 trabalhos de conclusão de curso e 4 dissertações de Mestrado. A participação em eventos científicos na área assim como a escritura e publicação de artigos e capítulos de livros se revelam como importantes oportunidades de apresentarmos os resultados de nossos esforços investigativos.

A pesquisa “Entre a Necessidade de Avaliação, as Possibilidades de Pesquisa e a Construção de Indicadores em um Dispositivo Clínico Inovador”, surgiu como resultado de um atendimento iniciado em 2001, com a implantação da metodologia de trabalho da “Casa da Árvore”. Desde o início, esta proposta teórico clínica tem sido alvo de inúmeros seminários, projetos pesquisa, dissertações de mestrado e teses de doutorados, etc. Dentre as contribuições mais significativas destacamos a pesquisa que teve início 2005, financiada pela FINEP, cujo objetivo era explicitar, sustentar e discutir a metodologia de trabalho e que culminou com a publicação, em 2008, do livro “A Casa da Árvore uma experiência inovadora na atenção à infância”. De igual modo, a tese de doutorado da autora da presente proposta, intitulada “Do Amor em Tempos de Cólera: agressividade, subjetividade e cultua”. Defendida em 2007, ela aborda a questão do manejo clínico da agressividade no contexto do dispositivo Casa da Árvore.

Coordenador: Perla Klautau

ASPECTOS SUBJETIVOS DO ADOECIMENTO NEUROLÓGICO: RESULTADOS PARCIAIS E UM EXEMPLO CLÍNICO. Perla Klautau** e Monah Winograd (PUC-Rio, departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ).

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados parciais da pesquisa intitulada “Aspectos subjetivos do adoecimento neurológico”. Tal tarefa será realizada a partir da análise de um caso clínico. A pesquisa em questão, desenvolvida através da parceria estabelecida entre o departamento de Psicologia da PUC-Rio e o ambulatório de fonoaudiologia da UFRJ, visa descrever os conjuntos de processos psíquicos pregnantes em pacientes neurológicos a fim de aprofundar o entendimento da experiência da doença e consolidar um modelo específico de atendimento para este tipo de caso. Para tal, três etapas são seguidas: 1) primeira entrevista e o encaminhamento para avaliação neuropsicológica; 2) realização de sessões regulares de psicoterapia psicanalítica durante 18 a 24 meses, nas quais são abordados aspectos psicodinâmicos, testadas variações no enquadre, identificados e investigados os conjuntos significativos; 3) confrontação dos dados com elementos fornecidos pelas avaliações neuropsicológicas, fonoaudiológicas e neurológicas. Seguindo esta metodologia foi possível estabelecer alguns conjuntos significativos pregnantes: a experiência da atopia; as feridas na identidade subjetiva; a ressocialização; a regressão e construção de mitos; o confronto com a morte e com a dependência extrema; as dúvidas dos cuidadores, dos pacientes e dos familiares; a prosódia e outras linguagens não-verbais; a doença como passagem ao ato ou ato de origem; a vergonha e a culpabilidade; a transmissão (im)possível da experiência do adoecimento; a construção de próteses de representação; os afetos ansiosos ou depressivos;

os mecanismos de defesa; a negação da limitação física e cognitiva; as reações catastróficas e a fúria narcísica.
Bolsista FAPERJ
Palavras chaves: adoecimento neurológico, clínica psicanalítica, psicanálise
PD
CLIN

2º Apresentador: Nadja Nara Barbosa Pinheiro

PSICANÁLISE E FENÔMEMOS PSICOSSOMÁTICOS: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS E UM EXEMPLO CLÍNICO. Nadja Nara Barbosa Pinheiro (Laboratório de Psicanálise, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Pr).
Proponho apresentar os resultados parciais da pesquisa intitulada Psicanálise e corpo: reflexões sobre os fenômenos psicossomáticos a partir do trabalho clínico cuja questão foi construída a partir de atendimentos psicanalíticos transcorridos no âmbito de um hospital geral nos quais era comum encontrarmos pacientes que portavam uma afecção corporal que se mostrava resistente tanto ao tratamento medicamentoso quanto psicoterapêutico. Tal resistência nos levou a considerar que estávamos diante de um tipo de adoecimento bastante próximo ao que se convencionou denominar, na literatura psicanalítica, de psicossomático. Objetivando o alcance de um arcabouço teórico que sustentasse nossa instrumentalização clínica, construímos um projeto de pesquisa acadêmica sobre a questão. Nossa proposta de trabalho foi a de percorrermos as obras de Freud e Winnicott de forma a depreendermos os modos como cada autor entendeu as relações soma/psique na construção da subjetividade e de alguns quadros patológicos, assim como seus posicionamentos clínicos para com eles lidar. Operacionalmente, elegemos a noção de angústia como fio condutor de nossas investigações na medida em que, em ambos os autores, a angústia é concebida como afeto originário intrinsecamente relacionado com o soma e a psique se posicionando em uma área fronteiriça entre esses dois registros podendo ser percebida paradoxalmente como resultado dessas relações assim como índice de uma inexorável não harmonização entre ambos. De nossos esforços investigativos podemos situar alguns resultados. Em termos teóricos percebemos que Freud, desde o início de sua obra, se envolveu com patologias que não se inseriam na lógica das psiconeuroses (histeria e neurose obsessiva) as quais denominou de neuroses atuais (neurose de angústia e neurastenia). Em nossa opinião podemos tomar as neuroses atuais, em especial a neurose de angústia, como paradigma dos adoecimentos psicossomáticos na medida em que elas podem ser compreendidas como relativas ao originário da constituição subjetiva no que concerne às precárias relações empreendidas entre o soma e a psique as quais deixam, como resultado, um resto que, ao não se inscrever na cadeia dos eventos psíquicos, pode se expressar, em alguns momentos da existência humana, como adoecimento. Nossos estudos sugerem que o conceito de psique-soma, posteriormente proposto por Winnicott para abarcar as rudimentares relações estabelecidas entre soma e psique nos estágios primitivos do processo de desenvolvimento subjetivo, segue a aposta freudiana de que nesse espaço fronteiriço se situa nossas possibilidades de compreensão teórica e de instrumentalização clínica dos adoecimentos psicossomáticos. A apresentação de um caso clínico, que tivemos a oportunidade de desenvolver, nos auxiliará na tarefa de sustentar nossa hipótese que os adoecimentos psicossomáticos dizem respeito a algo primitivo e fundamental da constituição subjetiva. Em decorrência, o manejo clínico se situa na possibilidade do analista de re-fundar a função materna no interior do espaço analítico. Nesse sentido

acreditamos seguir a proposta alicerçada por Winnicott ao inserir na clínica a noção de holding como instrumento indispensável e insubstituível.

Psicossomática; Psicanálise; Clínica Psicanalítica.

P

CLIN

3º Apresentador: Beatriz de Souza Lima

CASA DA ÁRVORE, 10 ANOS DEPOIS: ENTRE A NECESSIDADE DE AVALIAÇÃO, AS POSSIBILIDADES DE PESQUISA E A CONSTRUÇÃO DE INDICADORES EM UM DISPOSITIVO CLÍNICO INOVADOR. Beatriz de Souza Lima (Casa da Árvore, RJ).

Como avaliar os efeitos clínicos de dispositivos que não têm na queixa do paciente o seu ponto de partida? É possível falar de prevenção em saúde mental? A Casa da Árvore é uma ONG que há 10 anos vem desenvolvendo estratégias de atenção à infância a partir, principalmente, de dois eixos de atuação. O primeiro e mais antigo, responsável pelo nome Casa da Árvore, foi criado em 2001 como um dispositivo inovador de atenção psicológica em favelas do Rio de Janeiro. Um espaço de convivência, para crianças de 0 a 12 anos de idade e seus responsáveis, que melhor se define como um lugar para conversar e brincar. O segundo surgiu em 2004, e se caracteriza pela atuação de psicólogos em creches comunitárias. Ambos têm em comum o fato de que as intervenções se dão em um espaço de convivência social e, apesar de não se constituírem como dispositivos terapêuticos, os efeitos terapêuticos são inequívocos. Do mesmo modo, em virtude da faixa etária a questão da prevenção emerge com todo vigor, especialmente no caso das creches. Paralelamente à reflexão teórica que se faz necessária para a fundamentação teórica dos dispositivos e a compreensão dos seus efeitos; a busca por patrocínio tem cada vez mais nos colocado diante da exigência, presente na maioria das agências de fomento de projetos sociais, de uma avaliação dos resultados que comprove a eficácia e justifique a importância do trabalho de forma objetiva. A partir de fragmentos da história de uma criança que há seis anos freqüenta a Casa da Árvore e de situações nas creches, proponho uma discussão acerca das possibilidades em pesquisa clínica e da construção de indicadores que permitam a avaliação desse trabalho, que tem na psicanálise o seu principal referência teórico.

Clínica psicanalítica; Possibilidades de pesquisa clínica; Construção de indicadores

P

CLIN

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 – 20/10/2012

Código: simpósio 13

Proponente: Ronaldo Pilati

Área da Psicologia: Psicologia Social

COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL: INTERLOCUÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA E A PSICOLOGIA SOCIAL

Justificativa: O comportamento pró-social é um tema clássico e central em Psicologia. Esta categoria de comportamentos pode ser definida como ações com o intuito de produzir benefício à outra pessoa ou grupo. Trata-se de uma categoria central de análise sobre a psicologia humana, pois é graças a este tipo de comportamento que as relações sociais são mantidas e coordenadas, permitindo a convivência dos grupos sociais nos mesmos ambientes, bem como a consecução de objetivos comuns. Recentemente tem-se modelado os antecedentes do comportamento pró-social a partir de uma perspectiva multinível, na qual antecedentes de múltiplos níveis desempenham papel relevante em sua determinação. Penner et al. apresentam uma taxonomia em que classificam os determinantes do comportamento pró-social em três níveis: micro, meso e macro. O micronível envolve o conjunto de fatores relativos aos aspectos evolucionistas, bem como aqueles relacionados aos processos da cognição social. O mesonível, por sua vez, envolve os determinantes situacionais e a interação destes com os fatores adscritos ao micronível. O presente simpósio tem como objetivo discutir avanços teóricos e metodológicos fornecidos por dois campos da psicologia que buscam compreender, há décadas, o comportamento pró-social: a Psicologia Evolucionista e a Psicologia Social. O tema do comportamento pró-social se confunde com a própria existência da Psicologia Evolucionista, uma vez que o paradoxo do comportamento pró-social, no âmbito da teoria de Darwin, motivou o desenvolvimento de modelos teóricos posteriores para explicar os comportamentos pró-sociais (ex: Hamilton, Trivers, Boyd e Richerson, entre outros). Dentro desta perspectiva de compreensão duas apresentações deste simpósio versam sobre as contribuições da Psicologia Evolucionista para a compreensão do comportamento pró-social. A primeira utiliza como variável compreensiva dos aspectos evolutivos da prosocialidade a vinculação religiosa, uma vez que movimentos religiosos, de forma generalizada, orientam os fiéis para condutas pró-sociais. O segundo estudo a ser apresentado utiliza um paradigma da teoria dos jogos para testar o comportamento cooperativo entre crianças, lançando mão de explicações situacionais do contexto experimental para a interpretação dos resultados. Por sua vez a Psicologia Social tem no comportamento pró-social um tema central de estudos, pois se referem a comportamentos socialmente desejáveis que devem ser encorajados. Várias produções teóricas e metodológicas em Psicologia Social têm auxiliado na compreensão dos determinantes destes tipos de comportamento. Mais especificamente, graças ao desenvolvimento, nas últimas décadas, dos estudos sobre os processos sócio-cognitivos automáticos, vários mecanismos processuais que consideram a interação entre variáveis disposicionais e situacionais tem se demonstrado como determinantes da conduta pró-social. O terceiro trabalho deste simpósio apresenta resultados de pesquisas em que são produzidas evidencias do impacto de fatores disposicionais explícitos e implícitos, como empatia, prestatividade e valores, na relação entre eventos situacionais, manipulados por meio do paradigma de priming, e o comportamento pró-social. Tem-se como função principal, neste simpósio, criar uma interlocução teórica e metodológica entre a Psicologia Evolucionista e a Cognição Social com vistas à produção de conhecimento integrado sobre os determinantes do comportamento pró-social.

No concernente aos expositores deste Simpósio todos são pesquisadores envolvidos na temática, conduzindo pesquisas sobre o assunto de pró-social, seja bom uma matriz teórica da Psicologia Evolucionista, seja a partir da Psicologia Social, há vários anos. Dois são bolsistas produtividade do CNPq, sendo um dos expositores 1A. De forma geral todos os três expositores tem experiência acadêmica e científica que os habilita a apresentar os resultados de pesquisa e discutir aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa em pró-social que trarão contribuições relevantes para os congressistas interessados na área.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras chave: Comportamento pró-social, Psicologia Evolucionista, Cognição Social

P

BIO e SOCIAL

Coordenador: Ronaldo Pilati

VARIÁVEIS DISPOSICIONAIS COMO MODERADORAS DA COGNIÇÃO SOCIAL DO COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL. Ronaldo Pilati (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF).

Os modelos teóricos na cognição social, sejam estes focados em conteúdos específicos ou gerais, tem convergido para a compreensão do sistema cognitivo como um aparato que possui dois mecanismos de processamento da informação: Sistema 1 e Sistema 2. O Sistema 1 possui os seguintes atributos do processamento: inconsciente, implícito, automático, baixo esforço, rápido, alta capacidade, evolutivamente antigo, paralelo, pragmático, associativo. Já o Sistema 2 possui os seguintes: consciente, explícito, controlado, alto esforço, baixa capacidade, analítico, reflexivo, evolutivamente recente, relativo a linguagem, abstrato, sequencial. Os efeitos diretos dos processos automáticos no comportamento pró-social têm sido amplamente demonstrados na literatura de psicologia social, desde meados dos anos 1990. Nos últimos 10 anos uma linha de investigação em cognição social tem procurado modelar o efeito que os processos automáticos possuem sobre o comportamento social, mas considerando como fatores moderadores as características disposicionais. O objetivo desta apresentação é relatar resultados de estudos empíricos que testaram a relação moderadora da personalidade pró-social, construto disposicional que se refere a uma tendência duradoura em comportar-se prosocialmente em diversas situações, entre o *priming* de comportamento pró-social e indicadores de prosocialidade. O raciocínio geral do programa de investigação é que a manipulação de elementos situacionais, por meio da técnica de *priming*, aumenta a chance de emissão de comportamentos pró-sociais. Estas evidências foram produzidas em projetos que utilizaram diferentes estratégias de manipulação de *priming*, como a tarefa de desembaralhamento de sentenças, tarefas de memorização e ativações de construtos físicos (como peso e doçura), que guardam uma relação metafórica com a prosocialidade. Também foram produzidas evidencias sobre o efeito de moderação entre as estratégias de *priming* empregadas e medidas explícitas de variáveis disposicionais relacionadas à prosocialidade, como é o caso da Bateria de Personalidade Pró-social, o Inventário de Valores de Schwartz ou a medida de Orientação a Valores Sociais. Em geral, indivíduos que endossam menos construtos pró-sociais tendem a ser mais afetados pelas variações situacionais na emissão de comportamentos pró-sociais, mas esta relação de moderação não é verdadeira para todos os construtos disposicionais investigados. Considerando a limitação de medidas explícitas para acessar processos implícitos relativos ao Sistema 1 estão em desenvolvimento, no âmbito do programa de investigação, procedimentos de mensuração implícita de tendência pró-social, de forma a avaliar a relação de moderação que esta disposição implícita pode exerce entre a ativação de metas pró-sociais e o comportamento pró-social. De forma geral, há resultados que indicam que as características disposicionais de prosocialidade exercem um efeito moderador na relação entre o *priming* e o comportamento pró-social, mas este efeito não é observado com todos os construtos disposicionais. Estes fatores

exercem um papel que facilita a acessibilidade crônica de uma representação de comportamento pró-social e o estudo das interações entre fatores disposicionais e situacionais da prosocialidade parece ser uma linha profícua para a compreensão dos determinantes do micro e mesonível de análise do comportamento pró-social.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras chave: Comportamento pró-social, Cognição Social, Personalidade Pró-social

P

SOCIAL

2º Apresentador: Maria Emilia Yamamoto

O COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL NA PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA: O CASO DA RELIGIÃO. Maria Emilia Yamamoto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

A cooperação representou um problema para a teoria da evolução desde sua formulação por Darwin. Como explicar sua ocorrência sem se contrapor à ideia da seleção natural agindo sobre o indivíduo? Várias alternativas de solução têm sido propostas: a seleção de parentesco proposta por Hamilton sugere que parentes ganhariam em termos de aptidão ao colaborar com outros parentes; o altruísmo recíproco, proposto por Trivers, sugere que o comportamento de cooperação ou ajuda dirigido a outros indivíduos, não aparentados, poderia beneficiar aquele que ajuda ao receber o favor de volta; derivado desse conceito, Milinski propõe a reciprocidade indireta, na qual a reputação do indivíduo atrai a cooperação de outros indivíduos com os quais nunca cooperou; mais recentemente, a teoria da evolução cultural, de Boyd e Richerson, sugere que a cultura criou ambientes sociais que permitiram a seleção de traços, tais como cooperação, que por sua vez deu margem à competição entre grupos, favorecendo aqueles com maior cooperação interna. Brewer, retomando uma proposta da Psicologia Social, usa os marcadores de grupo como facilitadores da cooperação e levando ao altruísmo contingente, que não requer reciprocidade. Vários sinais podem agir como marcadores de grupo, entre eles, raça, nacionalidade e pertinência a grupos organizados, como religiões. Este último é especialmente interessante por vários motivos: o Brasil, considerado o maior país católico do mundo, experimentou várias mudanças no panorama religioso, com a queda acentuada do número de católicos e o crescimento de outras religiões, principalmente a evangélica, além dos que se declaram sem religião; religiões preconizam o comportamento do bom samaritano, de fazer o bem sem olhar a quem, em outras palavras, comportamento pró-social indiscriminado; e finalmente, a diversidade de padrões de comportamento, seja entre religiões ou dentro de grupos religiosos. Vários estudos sobre religião em nossos laboratórios permitiram responder questões tais como: indivíduos religiosos são mais generosos/cooperadores do que aqueles sem religião? A religião (ou sua ausência) age como um marcador de grupo, mediando a escolha dos alvos da generosidade/cooperação? Qual a maior influência na pró-socialidade, o marcador de grupo ou a reputação? Nossos resultados mostraram que a generosidade não é maior entre os que professam uma religião quando comparados aos que não tem religião. Também verificamos que tanto a reciprocidade quanto os marcadores de grupo são importantes na expressão da generosidade e na determinação de seus receptores. Este é, no entanto, um comportamento complexo e outros fatores, tais como intensidade da prática religiosa, as características do grupo de pertinência e fatores de personalidade influenciam o comportamento a pró-socialidade. Estes resultados sugerem que a utilização de conceitos da Psicologia Evolucionista, associados a conceitos e instrumentos de outras áreas da Psicologia, permitem uma melhor avaliação de fenômenos psicológicos, tais como o comportamento pró-social.

Apoio financeiro: CNPq/FAPERN(PRONEX); CNPq; CAPES

Palavras chave: Comportamento pró-social, Religião, Perspectiva evolucionista

P

BIO

3º Apresentador: Anuska Irene de Alencar

DOAR OU NÃO DOAR – EIS AS CIRCUNSTÂNCIAS. Anuska Irene de Alencar (Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN; Universidade Federal do RN); Natália Bezerra Dutra**; Natália Boccardi**, Phiética Raíssa Rodrigues da Silva* e Maria Emília Yamamoto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Ações voluntárias como fazer uma doação ou partilhar um alimento são considerados comportamentos pró-sociais, pois beneficiam um terceiro indivíduo ou um grupo. Diversas ações no cotidiano podem implicar em colaborar ou não e até mesmo usufruir da doação de alguém. Manter-se cooperando ou deserdar depende, possivelmente, das condições sociais e de aparatos biológicos para avaliar tais situações. Comportamentos como esses não são exclusivos dos humanos nem surgem apenas nos adultos. Crianças parecem apresentar capacidades para decidir qual a melhor situação para ajudar um terceiro ou um grupo. Estudos que avaliam dilemas como esses utilizam a teoria dos jogos como metodologia de investigação. Um dos jogos utilizado é o dos bens públicos, no qual mais de dois jogadores contribuem para um bem comum e os benefícios são partilhado igualmente por todos, independentemente de quem faz as doações. Dessa forma, se todos cooperarem o ganho será maior, mas se um indivíduo deserdar os que cooperam poderão ter prejuízo. Nesse sentido, qual o melhor momento para cooperar? O objetivo deste trabalho foi verificar em crianças em idade escolar as circunstâncias que favorecem ou dificultam a cooperação em um jogo dos bens públicos. Investigamos a média de doações a um bem comum de 539 crianças (259 meninos e 280 meninas) com idades variando de cinco a 11 anos. A critério da criança elas poderiam, individualmente e anonimamente, doar até três *wafers* a um bem comum ou não doar. As doações foram realizadas colocando *wafers* em um envelope depositados em uma urna que ficava atrás de um biombo. Após a doação do último participante recolhíamos a urna, abríamos os envelopes, na frente das crianças, e adicionávamos dois *wafers* a cada um doado. Posteriormente dividíamos o total igualmente entre todos. Subdividimos as crianças em quatro grupos nos quais manipulamos a influência do pesquisador: 1) Oito grupos controle. Nesses grupos fazíamos o procedimento sem comentar nada sobre as doações e sem monitorar a criança no momento da doação; 2) Seis grupos em que um pesquisador via o quanto a criança doava, pois estava com ela atrás do biombo, mas não fazia comentários (grupos monitorados) nem informava a doação aos demais; 3) Sete grupos nos quais ao final das doações elogiávamos as maiores doações, sem identificar o autor (*feedback* positivo); 4) Seis grupos em que criticávamos as menores doações sem identificar o autor (*feedback* negativo). A média de doações foi maior nos grupos monitorados e com *feedback* negativo quando comparados aos demais. Apesar das situações de jogo não envolverem punições diretas aos não cooperadores, acreditamos que a vigilância e a crítica, mesmo que indireta, contribuíram para manutenção das doações porque, provavelmente, a expectativa dessa punição pode ter provocado sentimentos de vergonha e culpa, que são sentimento negativos. Dessa forma, cooperar evitaria a possibilidade de senti-los.

Apoio financeiro: FAPERN/PRONEX/CNPq
Palavras chave: Bens públicos, cooperação, Psicologia evolucionista.

P

BIO

Proponente: Sérgio Sheiji Fukusima

Área da Psicologia: Psicobiologia e Neurociências

PROCESSAMENTO DA ATENÇÃO: ESTUDOS EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL E APLICADA

Justificativa: Relatos sobre o interesse acadêmico em relação à atenção como processo psicológico básico remete-se aos 'Principles of Psychology' (1890), de William James. Entretanto, os estudos da atenção e suas teorias até então se fundamentavam mais em observações de comportamentos e tarefas do cotidiano das pessoas. A pesquisa científica em atenção de maneira sistemática dentro da psicologia e áreas afins é algo mais recente, sendo que a abundância dessas investigações experimentais culmina após os anos 80 do sec. XX, principalmente com a popularização de microcomputadores. Devido à profusão de pesquisas sobre atenção nas áreas básicas e aplicadas, com diversidade em abordagens teóricas e metodológicas, esse simpósio tem por objetivo discutir concordâncias e discordâncias sobre conceitos e metodologias nas pesquisas básicas e aplicadas sobre os processos atentivos na psicologia e áreas afins. Para viabilizar esse objetivo, na primeira exposição, prof. Dr. Sérgio Fukusima enfocará pesquisa por meio de métodos psicofísicos de modo que a orientação da atenção visual possa ser manipulada com a presença de sinalizadores visuais no campo visual e como ela afeta a percepção de tamanhos nos hemicampos visuais direito e esquerdo, podendo-se interpretar os resultados como indicadores de assimetrias funcionais entre os hemisférios cerebrais. Na segunda exposição, prof.a Dr.a Lisiane Bizarro enfocará aplicações dos conhecimentos sobre manipulação da orientação da atenção, designada de “viés da atenção” em sessões terapêuticas comportamentais para tratamento de dependência de drogas, por exemplo, no tratamento de tabagismo. E por fim, na terceira exposição, prof.a Dr.a Rochele Fonseca enfocará a avaliação neuropsicológica da atenção por meio do Teste de Cancelamento dos Sinos, um instrumento auxiliar no diagnóstico de heminegligência visual, em déficits atencionais pós-acidente vascular cerebral ou após traumatismo cranioencefálico e em Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Supõe-se que essas três exposições possam conduzir a discussões acadêmicas de modo a buscar integração e aproximação de conhecimentos sobre a “atenção” entre as áreas básicas, como aquelas da psicologia experimental, e as aplicadas, como a terapia comportamental e a neuropsicologia.

Coordenador: Sérgio Sheiji Fukusima

ATENÇÃO VISUAL, ASSIMETRIAS ENTRE HEMISFÉRIOS CEREBRAIS E COMPARAÇÕES DE TAMANHOS PERCEBIDOS VISUALMENTE. Sérgio Sheiji Fukusima e Cinthia Freire Stecchini* (Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).
Menções sobre a atenção como um dos processos psicológicos básicos mais notórios ecoam desde a famosa declaração de William James (1890) que "...todos sabem o que é atenção...", aceitando-a sem uma definição ou conceituação formal. Mas somente com aprimoramento de modelos teóricos e métodos para investigá-la experimentalmente que houve uma compreensão mais clara dos processos atentivos, culminando-se em avanços incontestáveis a partir dos anos de 1980, com o advento dos computadores que permitiram facilidades na manipulação e controle de apresentações de estímulos visuais e sonoros com precisão temporal, análises de dados e correlações de fenômenos atentivos a áreas cerebrais por meio de técnicas não invasivas. Essa palestra tem por objetivo mostrar a evolução dos principais paradigmas experimentais utilizados atualmente para investigar os processos visuais atentivos, alguns fenômenos visuais relacionados à atenção e alguns modelos para explicar os resultados

provenientes desses paradigmas. Além disso, exemplifica-se a aplicação de alguns desses paradigmas para investigar o papel da alocação da atenção nos hemicampos visuais direito e esquerdo, que podem indicar assimetrias funcionais dos hemisférios cerebrais nas comparações de tamanhos percebidos em condições visuais monoculares e binoculares. Para essa finalidade, pontos de igualdade subjetiva (PIS) de 36 observadores (12 Monocular Direito, 12 Monocular Esquerdo, 12 Binocular) foram determinados por método psicofísico durante a manipulação da orientação exógena da atenção por meio de sinalizadores. A tarefa consistiu em comparar duas barras horizontais, apresentadas uma à direita e outra à esquerda do ponto de fixação (PF) e simultaneamente por 100ms na tela de um computador em cinco condições: (A) sem apresentação de sinalizador atentivo, (B) após apresentação antecipada de sinalizador atentivo por 50ms na extremidade mais distante do PF, (C) no centro da barra de comparação, (D) na extremidade da barra de comparação mais próxima do PF e (E) no centro da tela. A barra de comparação e a barra padrão (6,9o de ângulo visual) foram apresentadas aleatoriamente tanto à direita quanto à esquerda do PF e a tarefa do observador era indicar em que lado estava a barra maior. Os resultados mostraram que todos os coeficientes de correlação entre os PIS do hemicampo visual esquerdo e do hemicampo visual direito em todas as condições foram negativos, sugerindo assimetria entre os hemisférios cerebrais nas comparações de tamanhos percebidos. Análises dos coeficientes angulares das retas de regressão indicaram que a redução do PIS no hemicampo visual esquerdo em relação ao hemicampo visual direito foi mais acentuada nas condições de visão binocular e monocular esquerdo, enquanto que o oposto ocorreu na condição de visão monocular direito. Os resultados sugerem que há assimetrias funcionais entre os hemisférios cerebrais ao se comparar tamanhos percebidos visualmente e evidência que a alocação da atenção nos hemicampos visuais é um fator modulador desses tamanhos percebidos.

Apoio: CNPq e FAPESP
Palavras-chave: atenção visual, assimetria cerebral, percepção visual de tamanho
Nível do trabalho: P
BIO

2º Apresentador: Lisiane Bizarro Araujo

MODIFICAÇÃO DO VIÉS DE ATENÇÃO COMO UM TRATAMENTO PARA DEPENDÊNCIA DE DROGAS. Lisiane Bizarro Araujo; Fernanda Machado Lopes**; Silvia Mendes da Cunha**; Ana Carolina Peuker** (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).

O viés de atenção é a tendência de uma pessoa em dirigir ou manter a atenção para uma classe particular de estímulos. Indivíduos afetados por transtornos emocionais como ansiedade, depressão, fobias, transtornos de stress pós-traumático e transtornos alimentares demonstram um aumento da atenção em direção aos eventos relacionados à patologia que apresentam. No caso do uso de drogas, as pistas condicionadas aos efeitos da droga recebem mais atenção do usuário em detrimento de outros estímulos do meio. Pistas são estímulos condicionados pela associação ao efeito incondicionado de uma substância psicoativa. Por exemplo, considerando o uso do cigarro, cinzeiros, isqueiros ou a imagem de alguém fumando podem tornar-se pistas associadas ao fumar. Assim, estímulos relacionados ao uso da droga produzem uma variedade de respostas associadas aos seus efeitos, incluindo fissura, excitação e dificuldade para manter a abstinência. O viés de atenção parece estar relacionado à maior frequência e intensidade dessas respostas (reatividade a pistas), pois mantém os indivíduos engajados no uso da droga. Por essa razão, a tendência para direcionar e manter a atenção

para esses estímulos, ou viés de atenção, pode desempenhar um papel decisivo no uso de drogas e na recaída. Uma das tarefas mais utilizadas para investigar o viés de atenção na dependência de drogas é a visual-probe task (VPT). Nessa tarefa computadorizada o participante deve localizar e identificar um alvo (um ponto ou uma seta) que aparecerá à esquerda ou à direita do campo visual. O aparecimento do alvo é antecedido pelo aparecimento (em geral por 500 ms) de um par de imagens, sendo uma relevante (Ex.: foto de uma pessoa fumando para fumantes) e outra não relevantes (Ex.: foto de uma pessoa com um lápis na mão). O viés é calculado subtraindo-se a média dos tempos de reação para alvos que substituem imagens relevantes daquele apresentado para imagens não relevantes. Dependentes de drogas apresentam viés de atenção para estímulos relacionados à droga da qual são dependentes. Uma vez que a atenção para eventos relacionados à droga pode gerar a expectativa do futuro reforço propiciado pelo consumo e, com isso, motivar o comportamento de busca. A modificação do viés de atenção tem sido estudada, recentemente, como uma tecnologia de prevenção da recaída em dependentes de drogas. Nesse treinamento de modificação da atenção, o alvo substitui sempre imagens não relevantes. Desta forma, aprende-se a regra implícita de atender automaticamente a estímulos não relacionados à droga. O objetivo do treino da atenção é que a aprendizagem da evitação ou do "desengajamento" da atenção se generalize para situações reais de exposição a pistas e que o usuário consiga ignorar o estímulo relevante. Isso reduziria o controle de estímulos, aumentando as chances de manter a abstinência no tratamento da dependência química. Nesta apresentação, discutiremos o potencial terapêutico desta tecnologia.
Bolsista PQ CNPq
Palavras-chave: viés de atenção, retreinamento, drogas
Nível do trabalho: P
BIO

3º Apresentador: Rochele Paz Fonseca

AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA DA ATENÇÃO: APICAÇÕES DO TESTE DE CANCELAMENTO DOS SINOS EM DIFERENTES POPULAÇÕES CLÍNICAS. Rochele Paz Fonseca (Faculdade de Psicologia, PPG de Psicologia, Cognição Humana, PUCRS, Porto Alegre, RS), Caroline Cardoso**; Luara Calvetti**; Hosana Gonçalves* (PPG de Psicologia, Cognição Humana, PUCRS, Porto Alegre, RS), Yves Joanette (Faculdade de Medicina, Centre de Recherche de l'Institut de gériatrie de Montréal, Montreal, Quebec, Canada)
A avaliação neuropsicológica da atenção baseia-se em um conjunto de métodos, observação, entrevistas, aplicação de tarefas clínicas, ecológicas e experimentais. Dentre as tarefas experimentais padronizadas, destacam-se os paradigmas de cancelamento visual. O Teste de Cancelamento dos Sinos (Bells Test, Test de Cloches) – TS – é uma das tarefas de cancelamento visual consideradas sensíveis para o exame da atenção concentrada seletiva, com destaque para o componente de sondagem, com participação ainda de componentes executivos (velocidade de processamento e estratégias de busca) e práxicos. Foi desenvolvido para auxiliar no diagnóstico da síndrome de heminegligência visual, que se caracteriza por uma dificuldade em processar estímulos provenientes em geral do campo contralateral ao lado da lesão cerebral. Este teste foi adaptado e padronizado com normas para crianças e adultos do RS e de SP. São apresentados três estudos que visaram a buscar evidências de sua aplicabilidade clínica em populações neurológicas e neuropsiquiátrica. Foram desenvolvidas três versões, com níveis progressivos de dificuldade: a) 35 alvos a serem cancelados, com 280 distratores não visualmente relacionados, b) 35 alvos, com 17 distratores visualmente

relacionados (sinos sem badalo) e 263 não relacionados, c) 35 alvos, 17 sinos sem badalo, 17 sinos sem argola e 246 distratores não relacionados, distribuídos pseudoaleatoriamente em uma folha A4 horizontal, com cinco sinos por coluna (sete colunas). As variáveis de desempenho analisadas são de acurácia (acertos, omissões e erros), de velocidade (tempo de resposta) e de estratégias (coluna do primeiro sino cancelado e padrão de busca). O Estudo 1 teve por objetivo examinar a frequência de heminegligência visual e déficits atencionais pós-acidente vascular cerebral (AVC) de hemisfério direito (HD) ou esquerdo (HE). Participaram 46 adultos com AVC unilateral, n=23 para gada grupo (AVC de HD e AVC de HE) examinados com o TS versão 'a'. Houve maior frequência de heminegligência no grupo de pacientes com AVC de HD (22%). O Estudo 2 visou a verificar a ocorrência de heminegligência visual e déficits atencionais após traumatismo cranioencefálico (TCE). A amostra constituiu-se por 21 adultos pós-TCE, tendo 38% deles indícios de heminegligência na versão 'a' do TS. O Estudo 3 buscou averiguar se há diferenças de desempenho no Teste de Cancelamento dos Sinos entre crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e crianças pares saudáveis. Participaram sete meninos com TDAH e um grupo controle pareado de 14 meninos sem tal diagnóstico, em delineamento 2:1. Os grupos diferenciaram-se no escore de omissões e de erros por distratores relacionados cancelados, com desempenho inferior pelo grupo com TDAH. Discutem-se tais evidências da aplicabilidade deste paradigma de cancelamento visual, que parece contribuir para o diagnóstico de dificuldades de atenção concentrada, de distribuição da atenção para os dois hemicampos visuais, e de síndrome disexecutiva (componentes de planejamento estratégico e de velocidade visuomotora atencional), mostrando-se mais discriminativo do que outros paradigmas renomados como cancelamento de linhas e cópia de figuras. Futuros estudos devem buscar índices de sensibilidade e de especificidade para cada quadro neurológico e neuropsiquiátrico.

Apoio financeiro: FAPERGS, CNPq, CAPES
Palavras-chave: atenção, testes neuropsicológicos, heminegligência
Nível do Trabalho: P
BIO

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 – 20/10/2012

Proponente: Sílvia Maria Melo Gonçalves

Área da Psicologia: Psicologia Social

A VIDA E O ESTRESSE: ESTUDOS COM ALUNOS, TRABALHADORES E IDOSOS

Justificativa: A interpretação que se tem do mundo é determinante para a saúde física e emocional das pessoas, pois estas criam sua própria realidade a partir de suas percepções do mundo que a cerca. Neste sentido, quando alguém vive sob estresse, este afeta o organismo de várias maneiras e a gravidade dos sintomas pode se dar tanto fisicamente; dores de cabeça, dores musculares, insônia, taquicardia, alergias, queda de cabelo, mudança de apetite, gastrite, dermatoses, esgotamento físico etc.; como pode, também, desencadear desordens de caráter psicológico: ansiedade, depressão, apatia, tiques nervosos, isolamento, retraimento, introspecção, sentimentos de perseguição, problemas de memória, desmotivação, autoritarismo, irritabilidade, emotividade exacerbada etc. Então, a presença ou ausência de estresse, em níveis elevados, é preditora da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo, além da própria saúde física.

Considerando que o estresse causa inúmeros transtornos na vida de crianças, adolescentes, adultos e idosos e que, apesar de inúmeros trabalhos científicos nesta área, ainda não consideramos que sejam suficientes na medida em que o estresse continua causando morbidade para as pessoas.

Coordenador: Sílvia Maria Melo Gonçalves

***BULLYING:* ESTRESSE NA ESCOLA.** *Sílvia Maria Melo Gonçalves* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ); Dílson Fagundes Ribeiro (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)**; Denilce Salvador (Instituto Federal do Espírito Santo-Campus Itapina); Sandra Burin Sbardelotto (PPGEA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)**; Tássia Donadello Ferreira (PPGPSI, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)**.

INTRODUÇÃO

A preocupação em pesquisar o *bullying* entre alunos na escola deve-se ao fato de os níveis de violência causarem preocupação, assim como a grande evasão escolar. Investigar o *bullying* faz-se necessário visto ser uma forma silenciosa de violência na medida em que a manutenção do silêncio faz parte da agressão. Em alguns casos, pais e professores só ficam sabendo do problema através dos danos causados pelo estresse do *bullying*, como a resistência em voltar à escola, queda de rendimento escolar, retraimento, depressão, distúrbios psicossomáticos, fobias etc.

O objetivo deste trabalho foi investigar a percepção e atitude de estudantes em relação ao *bullying*. A metodologia desta pesquisa é bibliográfica e de campo, de cunho qualitativo uma vez que busca a percepção subjetiva dos participantes. Esta modalidade de investigação científica permite, através de autorrelatos, alcançar uma maior quantidade de significados, motivações, opiniões, crenças, valores e atitudes frente ao *bullying*. Participaram deste estudo 120 estudantes, de ambos os sexos, do ensino médio

de escolas públicas do Rio de Janeiro. Como instrumento, foi elaborado um questionário aberto contendo oito perguntas acerca da percepção e atitude sobre o *bullying* e suas consequências para os envolvidos.

Os questionários foram aplicados individualmente, com consentimento dos participantes e de seus responsáveis, quando estes tinham idade inferior a 18 anos; da direção da escola e dos professores. Foi explicado que se tratava de uma pesquisa sobre *bullying* e que a colaboração destes seria de vital importância para a consecução do estudo em questão. Foi esclarecido que haveria garantia de anonimato e de sigilo absoluto, bem como o compromisso de apresentação dos resultados obtidos na pesquisa. Os resultados foram categorizados através da análise de conteúdo (Bardin, 1994).

DESENVOLVIMENTO:

Por que os seres humanos são violentos e agressivos? A resposta a esta questão continua aberta ainda que pesquisadores, ao longo da história da humanidade, tenham tentado respondê-la. Mas, independente da concepção adotada por diferentes enfoques teóricos, a agressão sempre será fonte de preocupação de pais, diretores de escola, gestores, governantes e da sociedade, pois esta infringe normas, regras e leis inerentes à vida de seres civilizados.

Segundo Sposito (2001), há na literatura descrição de dois tipos de agressão: agressão reativa e proativa**.** As características da agressão reativa correspondem à agressão automática e defensiva, diante da percepção de uma ameaça. Tais pessoas são intolerantes às frustrações, impulsivas, sujeitas a explosões diante de qualquer fonte de estresse.

Por outro lado, a agressão proativa não acontece de forma defensiva, automática e emocional a uma ameaça; trata-se de uma resposta organizada, com objetivo e premeditação. Para a autora supracitada, a agressão proativa, é segundo vários autores, utilizada como instrumento de ganho pessoal (*status*, controle, autoconfirmação, gratificação etc.), sendo usada de forma metódica e sutil, até que a meta desejada seja alcançada. Estes agressores iniciam seus atos de agressividade sem provocações e contra aqueles que consideram mais vulneráveis.

Os agressores proativos são considerados pelos professores como *bullies.* Quando estes são fisicamente grandes e fortes, ameaçam ou intimidam os mais fracos; já os que não possuem força física, manipulam para atingirem o controle de que precisam para uma autoimagem positiva, utilizando-se da razão e da lógica, não demonstrando remorso pelos seus atos e apresentando desculpas racionais para justificarem comportamentos agressivos, sendo capazes de calcular o momento certo para as atitudes de agressividade e para não serem percebidos.

Embora este trabalho esteja direcionado às escolas, o *bullying* pode acontecer em qualquer contexto em que haja interação entre as pessoas, tais como escolas, universidades, famílias, vizinhos e locais de trabalho.

> "O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar "traumas" ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além do escolar: nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral), nos

> asilos de idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais, enfim onde existem relações interpessoais." (FANTE, 2005).

A violência entre alunos de escola, vizinhos, de clubes e de outras situações onde crianças e adolescentes se encontram não é antiga, mas, pode-se dizer que *bullying* é um fenômeno novo porque só recentemente vem recebendo atenção e se constituiu de objeto de investigação nas últimas décadas. Trata-se de um fenômeno de consequências trágicas para a sociedade e para as vítimas desta violência marcada pela desigualdade entre iguais.

Bullying é uma palavra de origem inglesa, utilizada em muitos países, que significa usar o poder ou a força para intimidar, humilhar, excluir, fazer pouco caso, não dar atenção e perseguir os outros. Trata-se de um fenômeno mundial, encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição, pode ser no ensino fundamental, médio ou técnico; pública ou privada; rural ou urbana (Giannoni, 2009; Fante, 2005; Costantini, 2004; Guimarães, 1996). *Bullying* deve ser compreendido por um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, sem que haja motivação aparente, direcionado a um aluno ou mais alunos por um ou por um grupo de outros alunos agressores (FANTE, 2005).

As modalidades de agressão e possibilidades de intimidação para aquele que é vitimado pelo *bullying* são diversificadas, podendo-se destacar as formas mais comuns de *bullying*: insultar, depreciar e humilhar a vítima; ataques físicos repetidos contra a vítima; danificar objetos pessoais, tais como material escolar, roupas etc; utilização de expressões ameaçadoras para amedrontar a vítima; intimidar a vítima a fazer coisas que ela não deseja, ameaçando-a para que continue a seguir as ordens; propagar entre os pares rumores negativos sobre a vítima; utilizar a internet (*cyberbullying*) para propagar, em páginas falsas, publicação de fotos, de situações da vítima em *sites* de relacionamento, de frases que teriam sido proferidas pela vítima etc.; grafitagem depreciativa sobre a vítima; emissão de comentários depreciativos sobre a família da vítima (principalmente a mãe), local de moradia, aparência pessoal, nível de socioeconômico, orientação sexual, religião, etnia, nacionalidade ou qualquer outra diferença em relação ao grupo; chantagem de várias modalidades; colocar a vítima em situação constrangerdora, principalmente com uma autoridade, para que venha a sofrer sanções sobre algo que não tenha feito; diante de pessoas externas ao grupo, é comum a utilização do sarcasmo, para passar a falsa ideia de amigo da vítima, assegurando, assim, o controle da situação e a confirmação da submissão total da vítima; isolamento social da vítima.

Mas, quem são os praticantes de *bullying*? De maneira geral, são descritos como pessoas desagradáveis, antissociais arrogantes e antipáticas. É provável que levem estas características para a vida adulta, para a vida familiar ou para o ambiente de trabalho. Há estudos que apontam que vêm de família pouco estruturada, embora este seja um conceito bastante controverso devido às grandes especulações sobre como seriam estas famílias que se enquadram neste padrão de definição. Mas, sem dúvida, tais estudos sugerem que suas famílias têm relacionamentos afetivos fracos entre seus membros e que falta supervisão mais eficaz pelos pais, quando o modelo de solucionar impasses adotado é baseado em comportamentos agressivos.

Fazendo-se uma comparação entre os gêneros, os meninos envolvem-se em uma frequência muito maior com o *bullying*, tanto como autores quanto como vítimas da agressão. Em relação às meninas, estas, embora com menor frequência, também implicam-se com *bullying,* que se caracteriza, principalmente, pela difamação ou pela

exclusão. As vítimas de *bullying* são desrespeitadas em relação à sua liberdade e autonomia, às suas escolhas e vontades, pois são impedidas de se relacionarem com quem deseja, de brincar livremente, de fazer a tarefa na escola em grupo, porque os agressores são mais fortes e intolerantes e lhes impõem tal sofrimento (FANTE, 2005).

Como consequência, desenvolvem medo, distúrbios psicossomáticos, depressão, pânico e frequentemente evitam retornar à escola quando esta não é capaz de defendê-la. A fobia escolar geralmente tem como causa algum tipo de violência psicológica. Estas crianças ou adolescentes, além de conviverem em estresse constante, talvez sejam as que mais sofrem com a rejeição, isolamento, humilhação, a tal ponto que existem casos em que a vítima aprende a conviver com a situação se tornando uma voluntária servil do dominador, tamanha é sua impotência e falta de apoio para lidar com a situação. A solidão é uma característica perversa da violência do *bullying*, pois as crianças ou os adolescentes sentem-se sozinhos, não tendo como se defender, pois também faz parte dessa violência impor à vítima o silêncio, pois se esta vir a denunciar a violência que sofrera à direção da escola ou a seus pais, a pena que lhe será imposta é a de piorar sua condição de alvo e de ser discriminada ainda mais (ROSS, RYAN, VOIGT, EIDE, 1991).

Embora os colegas afirmem repúdio ao *bullying* e digam-se solidários à vítima, tornam-se inseguros e temerosos de que possam vir a se tornar as próximas vítimas e declaram que nada podem fazer para defendê-la (Lopes Neto, 2005). Mas, sem dúvida, esta situação os afeta indiretamente, pois lhes está sendo imposto aprender em um ambiente inseguro, onde não há solidariedade entre as pessoas.

De acordo com Lopes Neto (2005), considera-se alvo do *bullying* o aluno exposto de forma repetida ou por algum tempo às atitudes negativas de um ou mais alunos, com a intenção de ferir e incomodar a outra pessoa.

Os escolhidos para vítima dos *bullies* geralmente têm dificuldade de socialização, sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e não apresenta habilidades para reação e fazer com que essas condutas que a prejudicam parem.

Fante (2005) aponta as características mais comuns das possíveis vítimas como: aspecto físico frágil; medo de que lhe machuquem ou de ser fisicamente fraco nos esportes e nas brigas, principalmente no caso dos meninos com coordenação motora deficiente. Dentre outras características também podem apresentar timidez, sensibilidade, passividade, submissão, insegurança e perfil depressivo. Ainda, para Fante (2005), a vítima tem poucos amigos, é retraída, infeliz e sofre por sentir vergonha, medo e ansiedade; tem baixa autoestima e acredita que merece os maus-tratos que sofre; relaciona-se melhor com adultos do que com pessoas da sua idade; tem dificuldades de se impor no grupo, tanto física como verbalmente; não apresenta agressividade, o que favorece a ação dos agressores. Fante (2005) conclui que a possível vítima é aquela pessoa que serve de bode expiatório para um grupo.

De acordo com Sposito (2001), no ambiente doméstico a vítima começa a apresentar desculpas, que podem ser sintomas de doenças físicas para faltar às aulas. Também aparentam irritação, ansiedade, depressão e sonolência durante o dia, e apresentam desleixo nos afazeres escolares.

Para Olweus (1991), pioneiro nos estudos e pesquisas de *bullying,* a união das características físicas com as psicológicas faz com que alguém se torne "presa fácil", como por exemplo, isolamento e falta de comunicação com outras crianças. Na verdade,

a falta de habilidade para fazer amigos e manter boas amizades é importante para que uma criança se torne vulnerável ao *bullying*.

Para Beaudoin e Taylor (2006) e Blatchford (1998), é importante que as vítimas de *bullying* sejam identificadas e que os professores observem comportamentos de isolamento durante a recreação; de separação do grupo com aproximação do professor ou de algum adulto, de dificuldades em falar em sala de aula, por estarem diante dos demais, aparentando insegurança ou ansiedade; e se nos jogos em equipe é o último a ser escolhido.

Fante (2005) alerta para a necessidade de se atentar para possível desleixo do aluno em tarefas escolares, tristeza, depressão, ansiedade, e se, ocasionalmente, apresenta contusões, feridas, cortes, arranhões ou roupa rasgada de forma não-natural, absenteísmo, e se perde constantemente seus pertences.

Do mesmo modo, segundo Fante (2005), é importante que se preste atenção ao agressor. Dentre os comportamentos habituais, deve-se observar se o agressor faz brincadeiras ou gozações, rindo com desdenho e hostilidade; se coloca apelidos em colegas, de forma maldosa, insultando, menosprezando, ridicularizando ou difamando; se faz ameaças; dá ordens; incomoda; intimida; empurra, bate, dá socos, beliscões ou puxa os cabelos; se está sempre envolvido em discussões e desentendimentos; se pega material escolar, dinheiro, lanches e outros pertences dos demais, sem o devido consentimento.

Para Guimarães (1996), assim como outros autores, atos de violência e a prática de agressões interpessoais entre os estudantes vêm aumentando. Dentre as agressões, as verbais e ameaças são as mais frequentes. Este autor focaliza a depredação escolar e faz uma análise sobre a violência escolar explicando o fato de que tanto pobres quanto ricos agridem o patrimônio público, porém, cada classe social se apropria de maneira diferente dessas ações, ou seja, os vândalos destroem o patrimônio por simples diversão e outros o quebram por não sentirem o patrimônio público como algo que lhes pertença.

Fante (2005) argumenta que o *bullying* ocorre em todas as instituições educacionais, independente de suas tradições, localizações e até mesmo do poder aquisitivo dos alunos, pois uma boa escola não é aquela onde o *bullying* não acontece, mas aquela em que quando houver *bullying*, saberá enfrentar com coragem, determinação e ética. Contudo, só haverá sucesso na redução do *bullying* se houver cooperação, participação e comprometimento de todos os envolvidos: pais, alunos, professores e de todos aqueles que trabalham no espaço escolar (GABRIEL, 2008).

CONCLUSÕES

As respostas dadas ao questionário mostraram que 112 (93,33%) alunos sabem o que significa *bullying* e que 102 (85%) já presenciaram alguma situação de *bullying*. Para as reações descritas diante da presença em situação de *bullying*, 17,65% (f=18) dos participantes afirmaram que defenderam a vítima; 75,49% (f=77) não fizeram nada, ou por medo ou por acharem que não deveriam se intrometer naquela situação, pois esta não lhes dizia respeito.

Quando foi perguntado aos participantes que tipo de situação de *bullying* estes haviam presenciado, as respostas totalizaram 404, sendo 23,76% (f=96) relativas à violência física, tais como soco, pontapé, tapas etc. e 76,24% (f=308) em relação à violência psicológica, distribuídas em: 28,57% (f=88) para apelido, 25,65% (f=79)

relativas a xingamento, 21,10% (f=65) sobre discriminação, 12,66% (f=39) referiram-se a exclusão e 12,01% (f=37) apontaram para ridicularização.

Dentre os participantes, 75 (62,5%) afirmaram terem sido vítimas de *bullying*. Estes resultados não correspondem às estatísticas apresentadas por Fante (2005) e este índice elevado deve representar a grande propaganda que a mídia vem apresentando nos últimos meses sobre o fenômeno *bullying*, chamando atenção para possíveis tragédias que seriam atribuídas a pessoas que foram vítimas desta agressão.

Entretanto, quando foram indagados sobre a participação em situações de agressão a outrem, como *bullies*, somente 15 (12,5%) admitiram que já participaram deste tipo de violência. Para 13 estudantes (10,83%), a escola está atenta para reprimir o *bullying* em seus alunos.

Diante da pergunta sobre as consequências do *bullying* para a vítima, 32,69% (f=85) dos participantes apontaram problemas de saúde devido ao medo e ao estresse; 21,92% (f=57) mencionaram problemas de aprendizagem; 17,31% (f=45) apontaram para medo de se relacionar; 12,31% (f=32) mencionaram solidão; 5,77% (f=15) pensaram em depressão; 5% (f=13) isolamento, e 4,23% (f=11) mencionaram suicídio para casos extremos.

No tocante à pergunta "O que você acha que deveria ser feito para prevenir o *bullying* nas escolas?", 83,33% (f=100) dos estudantes entrevistados responderam que pensam que a escola deveria atuar mais ativamente na repressão contra o *bullying*, e apontaram como algumas possibilidades de se tentar resolver o problema de violência nas escolas: palestra (f=85, sendo 38,46%), adoção de regras mais rígidas (f=80, sendo 36,20%), contratação de psicólogos (f=23, sendo 10,41%), esclarecimentos sobre como se deve proceder em situações de *bullying* (f=18, sendo 8,14%), orientar os pais dos alunos que foram vítimas e os pais dos agressores (f=15, sendo 6,79%).

Para concluir, é importante ressaltar que o *bullying* tem estado na mídia e vem sendo alvo de debate em vários programas de rádio, televisão e jornais de grande circulação. Alguns estados já adotaram políticas públicas para combatê-lo no intuito de diminuir a violência nas escolas, pois são apontadas consequências nefastas para as vítimas deste tipo de agressão. Deste modo, espera-se que estas ações de prevenção ao *bullying* nas escolas venham garantir saúde e qualidade de vida, assim como melhoria da educação.

O *bullying* pode ser compreendido como situação limite para o nível de tolerância da sociedade, pois se esta não estiver preparada para lidar, superar e combater o *bullying*, as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos estarão comprometidas. Entretanto, há que se destacar que inúmeras crianças e adolescentes ainda estão expostos ao risco de sofrerem com a violência nas escolas, do mesmo modo que os *bullies* não estão recebendo apoio necessário para retirá-los de caminhos que possam vir a causar danos permanentes para sua vida assim como para outras pessoas.

A compreensão de que atos agressivos derivam de influências sociais e afetivas, e que são construídas historicamente e justificadas por questões familiares e comunitárias devem possibilitar a descoberta de formas de vida mais felizes, produtivas, saudáveis e seguras. Para tanto, é preciso considerar que todas as crianças e jovens adolescentes possuem direito a mudanças e a reconstrução de seus projetos de vida, ainda que em situações muito adversas, podem vir a protagonizar uma vida apoiada na paz, na segurança e também caminharem em direção à felicidade. Como não se trata de um desafio simples, depende de intervenção interdisciplinar competente, não só por

profissionais das áreas de educação e saúde, mas também de sua família, além da vontade política dos governantes.

REFERÊNCIAS:

BARDIN, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Personna.

BEAUDOIN, M.H.; TAYLOR, M. (2006). *Bullying e Desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.* Porto Alegre: Artmed.

BLATCHFORD, P. (1998). *Social Life in School: pupils' experience of breaktime and recess from 7 to 16 years*. London: Falmer Press, 1998.

COSTANTINI, A. (2004). *Bullying: como combatê-lo?* São Paulo: Italia Nova.

FANTE, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo:Verus.

GABRIEL, C. (2008). *Pedagogia da Amizade - bullying - o sofrimento as vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente.

GIANNONI, C.C. (2009). *Brincadeiras que Fazem Chorar! introdução ao fenômeno*. São Paulo: All Print.

GUIMARÃES, A. (1996). *A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambiguidade.* Autores Associados: Campinas.

LOPES NETO, A.A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Violência escolar, violência juvenil. *J Pediatr*. Rio de Janeiro. 2005.

OLWEUS, D. (1991). Bully/victim problems among school children: Basic facts and Effects of a School Based Intervention Program. In: RUBIN, K. & PEPLER, D. (Orgs.). *The development and Treatment of Childhood Aggression*. Hillsdale: Erlbaum, p.45–102.

ROSS, C.A; RYAN, L; VOIGT, H; EIDE, L. (1991). Dissociators in a College Student Population. *Dissociation*, v.4, p. 147-151.

SPOSITO, M.P. (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa***.** v.27, n.1, p.87-103.

Palavras-chave: *Bullying*, escola, violência, agressão.
Nível: Pesquisador - P
Código da área da pesquisa: Social

2º Apresentador: Valéria Marques de Oliveira

ESTRESSE OCUPACIONAL E ESTRESSORES EM CAMINHONEIROS: PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA. Valéria Marques de Oliveira (Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ); *Célia Regina de Oliveira* (Universidade Estácio de Sá e GEPAPIC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Assistência Psicossocial ao Idoso e ao seu Cuidador, Resende/RJ); *Marcos Aguiar de Souza* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ).

O estresse ocupacional é um tema atual no contexto das relações laborais que demandam intensa atualização e muitas vezes se situam além do limite saudável, fator que justificaria considerar-se o estresse ocupacional uma área de estudo e não apenas um tema. O estresse pode ser estudado a partir: a) dos estímulos estressores; b) das respostas aos eventos estressores, e c) do processo geral dos estímulos estressores-respostas. Evidências na literatura relatam as precárias condições de trabalho dos caminhoneiros que vivenciam jornadas de trabalho com carga horária excessiva, prazos

de entrega apertados, longos períodos distantes da família, exposição constante a riscos e violência nas estradas, dentre outras. A especificidade do tema estresse em seu recorte ocupacional, e mais estritamente dirigido à população de caminhoneiros se justifica dada a singularidade da questão. Optou-se pelo estudo a partir da relação descrita na última opção relacionada à questão subjetiva, isto é, de que forma o caminhoneiro identifica e avalia os eventos como estressores e a forma como interfere/lida em sua vida. Percepção e cognição são, portanto, conceitos chave nesta proposta de interação entre estímulos potencialmente estressores e as habilidades de enfrentamento. Os estressores organizacionais têm sido diferenciados em dois grupos: de natureza física ou psicossocial. O primeiro refere-se a questões ambientais tais como barulho, ventilação, iluminação, entre outros fatores que compõem o ambiente. O segundo refere-se aos estressores baseados nos papéis, os fatores intrínsecos ao trabalho, aos aspectos de relacionamento interpessoal, a autonomia/controle no trabalho e aos fatores relacionados à carreira. Para o aprofundamento do estudo acerca do entrelaçamento entre as variáveis, propõe-se discutir a escala de avaliação de estresse ocupacional em caminhoneiros construída na parceria de pesquisadores de duas instituições do ensino superior (UFRRJ e UNESA) aplicada no Programa Estrada para a Saúde coordenada pela CCR. O presente estudo objetiva apresentar o resultado da revisão bibliográfica que fundamenta a proposta desta escala que partiu de estudos atuais, enfocando o estresse como uma reação do organismo que ocorre quando ele vivencia situações que exijam grande esforço emocional relacionado à intensidade e duração. Assim, o estresse tem sido investigado considerando-se três estágios: alarme, resistência, exaustão. Recentemente, outro estágio tem sido também discutido: o da quase-exaustão. Especificamente no âmbito ocupacional, tem sido proposta a integração dos aspectos psicológicos, sociais e fisiológicos que afetam o indivíduo em seu contexto laboral. Considera-se, assim, o estresse ocupacional resultante da avaliação subjetiva das complexas relações entre condições de trabalho, variáveis de personalidade e eventos externos, acompanhada da percepção de incapacidade para lidar com as fontes de estresse. A construção do instrumento proposto permitirá o desenvolvimento de estudos mais aprofundados com caminhoneiros, fator que contribuirá para investigações futuras visando à redução das altas taxas de acidentes e comportamentos de risco observados atualmente.

Palavras-chave: Saúde de caminhoneiros, Formação profissional, Desenvolvimento humano.

Nível: Pesquisador - P

Código da área da pesquisa: Social

3º Apresentador: Fátima Niemeyer da Rocha

O ESTRESSE COMO OBSTÁCULO PARA A QUALIDADE DE VIDA E A FELICIDADE NA VELHICE. Fátima Niemeyer da Rocha (Curso de Psicologia, Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ), Maria Elisa Carvalho Bartholo (Curso de Pedagogia, Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ)

A Psicologia Positiva tem investigado a qualidade de vida em várias etapas da vida. A qualidade de vida se compõe de bem-estar objetivo, referindo-se aos recursos que propiciam a satisfação das necessidades básicas de vida e segurança, com os componentes: bem-estar econômico e bem-estar sóciodemográfíco; e de bem-estar

subjetivo, referindo-se ao que as pessoas pensam e sentem sobre suas vidas, com os componentes: satisfação com a vida, afeto positivo, afeto negativo e felicidade. A qualidade de vida foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações", e abrange os domínios: estado psicológico, níveis de independência, saúde física, padrão espiritual, características ambientais e relacionamento social. O estresse é definido como uma alteração global do organismo para se adaptar às mudanças de um modo geral, surge da ação direta dos persistentes esforços adaptativos da pessoa à sua situação existencial. Em qualquer idade a pessoa está sujeita a eventos estressantes, capazes de perturbar o comportamento normal ou exacerbar um transtorno psíquico. A OMS projeta que em 2025 existirão 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos e de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 a expectativa de vida do brasileiro ao nascer alcançou 73,5 anos. A qualidade de vida na velhice é com frequência associada a fatores relacionados com o problema da dependência e a capacidade de autonomia do idoso, onde as dependências podem resultar tanto de alterações biológicas, como de mudanças nas exigências sociais. O crescimento relativamente acelerado do número de velhos aponta para a necessidade de conhecimento de suas necessidades e possibilidades de viver uma vida com qualidade, para que se mantenha como cidadão ativo na sociedade. O estudo que objetivou verificar a relação entre a avaliação de qualidade de vida e a percepção das fontes cotidianas de estresse na velhice, foi desenvolvido em 5 municípios da Região Centro-Sul Fluminense, com uma amostra de 63 participantes, através da aplicação dos instrumentos de coleta de dados: WHOQOL-bref, do Inventario de Sintomas de Stress de Lipp e um Questionário de Levantamento das Fontes de Estresse. Os resultados indicaram: 57.1% dos participantes apresentaram sintomas de estresse; o estresse foi identificado principalmente como: cansaço mental, nervosismo, impaciência, pressa, desgaste físico, mau humor, esgotamento nervoso, irritação, tensão, desequilíbrio emocional, doença; os eventos estressores mais apontados foram: falta de dinheiro, dívidas, trabalho em excesso, decepção com os outros, política, problemas familiares, frustração, atividades em excesso, doença, tristeza, violência, preocupação e aborrecimento; os fatores que diminuem o estresse destacados foram: ter dinheiro, conviver com amigos, exercícios, tranquilidade, relaxar, ler, ouvir música, passear, ir à igreja, rezar e ter paz; 55% dos Idosos Masculinos e 60.4% dos Idosos Femininos avaliaram sua qualidade de vida como "Boa".

Apoio financeiro: Universidade Severino Sombra
Palavras-chave: Estresse, Qualidade de Vida, Felicidade, Velhice.
Nível do trabalho: P
Código da área da pesquisa: Social

Proponente: Suzane Schmidlin Löhr

Área da Psicologia: Psicologia da Saúde

PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE SAÚDE: UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

Justificativa: Pretende-se nesta Mesa redonda discutir como ações preventivas e de promoção da saúde constituem temas em que a psicologia tem especial manejo e podem ser implementadas visando diminuir o risco de problemas nas mais diversas áreas de atuação, em distintos contextos e com medidas dirigidas a populações variadas. Promoção de saúde vem ganhando espaço nas discussões internacionais e nacionais. Em 1986 foi redigida a Carta de Otawa a qual defendia a promoção de saúde como capacitação da família e comunidade para atuar na qualidade de vida e saúde das pessoas. A Organização Mundial da Saúde propôs, em 1998 sete princípios para a promoção de saúde: concepção holística, intersetorialidade, empoderamento, participação social, equidade, ações multiestrategicas e sustentabilidade. Promoção de saúde constitui uma perspectiva de vanguarda, rompendo com a visão que predominou até meados do século XX, centrada na doença e cuja meta era desenvolver tratamentos para recuperação da saúde perdida. O custo emocional e financeiro de ações visando a promoção de saúde é bem menor do que o custo para a implementação de programas curativos e de reabilitação. Ações voltadas para a promoção de saúde são eminentemente educativas, uma vez que a aprendizagem, fruto direto da educação, pode ser definida como modificação de padrões prévios de comportamento, requerendo do aprendiz a)motivação; b)estabelecimento de objetivo; c)prontidão para a nova habilidade; d)lidar com as dificuldades; e)produzir respostas na direção do objetivo, as quais sejam f)consequenciadas positivamente, ou seja, reforçadas e possam ser g) generalizadas para outros contextos. Assim, a promoção de saúde, ao propor modificação de padrões comportamentais prévios, com o intuito de promover qualidade de vida, incide diretamente no âmbito educacional. O estudo e a busca da compreensão do comportamento humano, constituem objetivos da psicologia. Identificar fatores motivacionais, auxiliar no estabelecimento de objetivos, avaliar a prontidão dos envolvidos para novas práticas, superar as dificuldades e ter as novas classes de comportamentos reforçadas para depois aplicá-las em outros contextos, são aspectos que a psicologia, apoiada na análise do comportamento, realiza de forma rotineira. Uma pessoa ou comunidade que tenha domínio de tal tecnologia, torna-se capaz de agir sobre o ambiente, contracontrolando-o, o que pode ser visto como contribuição para o "empoderamento". Analisar o processo educativo envolvido na promoção de saúde, tomando como exemplo de promoção de saúde programas de controle da enurese - um quadro clínico que pode comprometer a qualidade de vida da criança que dela sofre e a de seus familiares - ou refletindo sobre um programa preventivo de manejo de estresse implementado em contexto hospitalar, ou ainda sobre ações desenvolvidas em escolas visando favorecer o relacionamento interpessoal, são alvo da presente mesa.

Coordenador: Suzane Schmidlin Löhr

AÇÕES EDUCATIVAS E A PROMOÇÃO DE SAÚDE. Suzane Schmidlin Löhr (Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Paraná – PR)
Os últimos anos do século XX e início do séc. XXI tem propiciado novas perspectivas tanto na saúde quanto na educação. Promoção de saúde vem sendo discutida com mais intensidade desde então, ocorrendo, em conseqüência, ruptura do paradigma médico centrado na doença, passando a enfocar no aspecto saudável das pessoas. Revisão de literatura neste sentido

mostra predomínio de estudos no âmbito sócio-comunitário, ligados à saúde coletiva, mas estudos recentes mostram que conhecimentos psicológicos, especialmente aqueles oriundos da análise do comportamento, fornecem também ferramentas importantes para a intervenção na área de promoção de saúde. A leitura global da situação, viabilizada por macro analises funcionais, é apontada como a primeira etapa da intervenção, possibilitando a identificação de pontos de risco que merecem atenção profissional. Definindo o âmbito de ação, a etapa seguinte consiste na elaboração de programas e ações a serem implementados para que o risco de dificuldade não se concretize em problemas reais. Ações voltadas à promoção de saúde são, eminentemente, ações educativas e podem vir a beneficiar a população auxiliando no desenvolvimento de habilidades que contribuam para o bem estar individual e grupal. Educação e saúde se mesclam neste momento. Alem das ações de saúde terem cunho educativo, ao veicular informações sobre programas e ações que contribuem para melhorar a vida da população, a escola é um espaço privilegiado para a promoção de saúde. A natureza da escola, como um contexto que aglutina um contingente grande de pessoas com valores e histórias de aprendizagem distintas, que precisam manter continuamente comunicação, exige dos envolvidos um domínio razoável das chamadas habilidades sociais (empatia, assertividade, leitura do ambiente, habilidade de solução de problemas, dentre outras), que quando empregadas de forma produtiva, podem ser consideradas fatores promotores de saúde. Durante muito tempo a escola foi vista como o espaço voltado à formação acadêmica, sistemática dos educandos. Somente a partir do final do século XX, o importante papel da escola na formação integral dos educandos ganha espaço e é legitimado por leis nacionais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propostos pelo MEC em 1997 estabelecem que além do conteúdo específico das diversas áreas do conhecimento, o ensino fundamental deve trabalhar com os chamados eixos transversais. Um destes eixos é denominado Ética e convívio interpessoal. Discutiremos algumas propostas de ação implementadas por professores da rede pública estadual visando tal eixo. Ao estimular o desenvolvimento de habilidades que facilitem o relacionamento interpessoal nas escolas tais programas podem ser vistos como exemplos de promoção da saúde. Fortalecem os vínculos entre os envolvidos e ajudam aos mesmos a distanciarem-se de situações de risco.

Palavras-chave: promoção de saúde, prevenção, ações educativas

SAÚDE

2º Apresentador: Edwiges Ferreira de Mattos Silvares

ENURESE E ABUSO NA INFÂNCIA: QUE AÇÕES PARA A PREVENÇÃO SÃO POSSÍVEIS? Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Departamento de Psicologia Clinica da Universidade de São Paulo-SP)

O presente trabalho objetiva discutir, com base em revisão na literatura internacional, os fatores de risco associados com a enurese bem como ações para preveni-los. A revisão abrangeu estudos epidemiológicos sobre enurese em geral e também estudos brasileiros acerca da violência contra crianças e adolescentes portadores do problema. Dentre os motivos que levam o grande publico a não levar portadores de enurese para o tratamento, foram encontrados três principais, a saber: a) desconsiderar a enurese como objeto de intensa preocupação; b) ignorar a condição como médica e passível de tratamento; c) tentar resolver o problema por estratégias caseiras. Os dois primeiros motivos podem ser vistos como negligencia e o ultimo, como ignorância parental. Pior, no entanto, é encontrar estudos evidenciando que cerca de 80% dos portadores de enurese não passam por nenhum tratamento e não são encontrados motivos para justificar essa situação. Alem disso, estudos

sobre violência com essas crianças e adolescentes, realizados no Brasil, mostram que uma grande porcentagem dos portadores de enurese são abusados fisicamente pelos seus responsáveis. Devem ser acrescidos a esses fatores de risco dois outros importantes: os portadores de enurese, em média, apresentam mais problemas de comportamento e mais baixa auto-estima (vistos como associados à enurese) do que os não enuréticos ainda que apresentem menos problemas comportamentais do que os encaminhados para clinicas psicológicas por outros problemas que não a enurese. E mais, a autoestima é alterada positivamente depois que passam por tratamento específico e bem sucedido do problema. Todos esses pontos justificam a presente discussão e a situação exposta sugere que ações devem ser pensadas e empreendidas para que esse estado de coisas seja alterado. A apresentação e discussão de tais ações pode ser visto como o que dá relevância ao presente trabalho. Uma das ações possíveis, de larga escala é sugerida por dados derivados de dois estudos asiáticos desenvolvidos, ao longo do tempo (com intervalo de 8 anos), por um mesmo autor. Ambos estudos determinaram fatores associados à enurese na família e outros aspectos relacionados tais como indicar a forma pela qual as famílias tornaram-se conscientes de que o molhar a cama era um problema merecedor de atenção médica. 89% das famílias do estudo mais recente declararam que só se tornaram totalmente conscientes de que urinar na cama era um problema medico significante, através de material visto na mídia nos últimos 3-4 anos, cuja divulgação dependera da atuação do próprio pesquisador, depois do primeiro estudo. O estudo mais recente inclusive, mudou o status da prevalência do problema no país, uma vez que os cuidadores tornaram-se conscientes do problema. Ações de menor alcance foram empreendidas pelo Projeto Enurese, no Brasil, ações estas que implicaram na construção de conhecimento voltada para a população em geral e não só para a população acadêmica (construção de escala sobre punição e enurese, elaboração de livros para os portadores e cuidadores) mas também na disseminação do conhecimento construído - uma ação educativa. Diante do exposto, podemos concluir que cabe aos clínicos/pesquisadores não só favorecer o conhecimento e o domínio do estado da arte sobre o manejo da enurese, mas também disseminar o estado, ou seja, é preciso ser mais proativo do que reativo.

Apoio CNPq & FAPESP
Palavras-chave: enurese, punição,prevenção
Nível do trabalho: P
CLIN

3º Apresentador: Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki

PREVENÇÃO NO HOSPITAL GERAL: A SAÚDE DOS PROFISSIONAIS. Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki, Marcos Datti Micheletto e Kazuo Kawano Nagamine (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto e IPECS, São José do Rio Preto, SP)

O objetivo deste trabalho é discutir a saúde mental de profissionais que trabalham em hospital geral a partir de uma revisão da literatura sobre o tema e de dados obtidos no Hospital de Base de São José do Rio Preto/SP, um hospital de ensino de alta complexidade. O trabalho na área da saúde tem uma característica fundamental: ocorre mediante a interação entre trabalhador e usuários. Esta interação, muitas vezes denominada relação de ajuda, visa solucionar problemas e ocorre em condições de trabalho frequentemente estressantes. Profissionais da saúde, portanto, têm uma vulnerabilidade aumentada para diversos problemas, decorrentes do estresse crônico no trabalho. Pesquisas sobre estresse em médicos, enfermeiros e outros profissionais da área indicam que estes têm risco aumentado para depressão, ansiedade, absenteísmo, abuso de substâncias, redução do comprometimento

e da motivação para o trabalho, dores crônicas, problemas de sono e alta rotatividade. Estudo realizado na instituição indicou que profissionais da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de pacientes adultos (n=135) experimentam altos níveis de estresse, burnout, sintomas de depressão e de ansiedade, com uma parcela destes profissionais em nível preocupante de comprometimento. Os principais estressores foram "carga mental" do trabalho, trabalhar com o sofrimento e com a morte, falta de autonomia, deficiência nos treinamentos e distribuição "injusta" de tarefas. Como existem evidências a respeito do impacto positivo da prática de atividade física sobre a saúde física e mental, bem como do aumento do bem-estar geral, um programa de atividade física foi oferecido aos funcionários. Foram avaliados prospectivamente sintomas de ansiedade, depressão, fadiga, burnout e qualidade de vida antes, durante e após a participação em programa de atividade física regular durante seis meses, oferecido dentro da própria instituição. Funcionárias que responderam a anúncio sobre disponibilidade do programa (n=39, sexo feminino) atenderam aos critérios de inclusão (sedentárias, regime de trabalho de 40 horas semanais, frequência de 75% e ausência de problemas de saúde) e concordaram em participar (média de idade: 35; dp:7,5). Após exame físico, anamnese, avaliação antropométrica e treino para obter frequência cardíaca, participantes iniciaram programa de atividade física (duas vezes por semana, após o expediente: caminhada e/ou corrida e ginástica localizada. No início, no terceiro e após o sexto mês no programa todas responderam a instrumentos sobre ansiedade e depressão, fadiga, burnout e qualidade de vida. Após o sexto mês, responderam também a um questionário sobre sua participação no programa. Das 39 participantes iniciais, 12 concluíram o programa. Houve redução nos sintomas de ansiedade, de depressão (p=0,006), de fadiga (p=0,01) e de burnout (p=0,02) e aumento em todos os domínios de QV. Justificativas em relação ao abandono do programa incluíram atividades domésticas, acadêmicas e de trabalho. Os benefícios apontados incluíram relacionamento com colegas, bem-estar, melhora na saúde, no trabalho e na autoestima. Os dados obtidos são compatíveis com os benefícios da prática regular de atividade física. As dificuldades vivenciadas pelos profissionais avaliados e os benefícios observados com o programa de atividade física justificam programas como este, que podem ser realizados no próprio ambiente de trabalho e são de baixo custo.

Apoio CNPq
Palavras-chave: profissionais da saúde; estresse laboral; atividade física
SAÚDE

Proponente: Silvia Domingos Barrera

Área da Psicologia: Psicologia Escolar e da Educação

PARA ALÉM DO PRINCÍPIO ALFABÉTICO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COGNITIVA PARA A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS ENVOLVIDOS NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA

Justificativa: A partir da década de 80, resultados de pesquisas no enfoque da Psicologia Cognitiva têm contribuído para a compreensão e explicação de diversas habilidades e processos psicológicos subjacentes à aprendizagem e domínio da leitura e escrita. Dentre os constructos relacionados a essa área, destacam-se aqueles relativos às habilidades metalinguísticas e às aprendizagens implícitas e explícitas envolvidas na construção do conhecimento da língua escrita. Este simpósio visa à apresentação e discussão de resultados de pesquisas que investigam as relações entre esses constructos e os comportamentos mais complexos de escrita e produção de textos, os quais, além de contribuírem para a ampliação do conhecimento na área, oferecem subsídios para a melhoria da prática pedagógica e, consequentemente, do aprendizado escolar.

Coordenador: Silvia Domingos Barrera

CONHECIMENTO EXPLÍCITO DA ORTOGRAFIA E DESEMPENHO ORTOGRÁFICO EM ALUNOS DA 4ª. SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Sylvia Domingos Barrera (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP) e Maria José dos Santos (Universidade Federal de Goiás)

Aprender a ler e escrever em uma língua de base alfabética exige que o aprendiz realize uma reflexão sobre os aspectos sonoros da língua oral e compreenda as relações entre sons e letras, ou seja, que domine o princípio alfabético de escrita. Entretanto, escrever corretamente em língua portuguesa demanda, além do domínio do sistema de notação alfabética, o domínio das normas que regem esse sistema, ou seja, das normas ortográficas de escrita de palavras. Persiste ainda entre os educadores a ideia de que as regras ortográficas são assimiladas pelo aprendiz, por meio do treino de escrita de palavras corretas e de que a leitura favorece tal aquisição. Se por um lado é impossível negar o caráter convencional e reprodutivo da norma ortográfica, por outro lado há que se reconhecer que a apropriação das regras ortográficas por parte do aprendiz não é um processo passivo. Nesse sentido, os erros ortográficos, muitas vezes, evidenciam a exploração cognitiva do aprendiz durante o processo de aquisição desse conhecimento. Resultados de pesquisas sugerem que o desempenho ortográfico varia em função do nível de elaboração das representações ortográficas do aprendiz. Neste estudo investigamos a relação entre desempenho ortográfico e nível de explicitação do conhecimento ortográfico, através de uma tarefa de produção intencional de violações ortográficas. Os participantes foram 22 crianças da 4ª série do Ensino Fundamental da

rede pública de uma escola do Estado de Goiás. As crianças realizaram três atividades: (1) ditado de frases, (2) escrita com violação proposital da ortografia e (3) entrevista para verificar a explicitação do conhecimento elaborado. Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente. Os resultados obtidos mostram uma relação entre desempenho ortográfico e natureza da violação proposital da regra ortográfica. As crianças que apresentavam melhor desempenho ortográfico, ao serem solicitadas a violar propositadamente a ortografia, o faziam de forma a não alterar a fonologia das palavras, além de serem capazes de justificar de forma mais elaborada as violações cometidas, com base na referência às regras ortográficas, demonstrando assim, maior domínio destas últimas. Esses dados corroboram achados anteriores, isto é, quanto maior o nível de explicitação do conhecimento das crianças sobre a norma ortográfica, melhor seu desempenho ortográfico. Os resultados sugerem a necessidade de introduzir no processo de ensino-aprendizagem atividades que favoreçam a reflexão sobre a ortografia. Conclui-se que a aquisição do conhecimento ortográfico pode beneficiar-se da utilização de metodologias que proporcionem reflexões explícitas e sistemáticas sobre as os diversos tipos de regularidade ortográfica.
Palavras-chave: ortografia; escrita; conhecimento explícito

2º Apresentador: Maria José dos Santos

ESTUDO DA ESTRUTURA NARRATIVA DE HISTÓRIAS SOB DIFERENTES CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO. Maria José dos Santos (Universidade Federal de Goiás) e Sylvia Domingos Barrera (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP)

A aprendizagem da leitura e da escrita é uma das grandes realizações da infância, uma vez que permite a evolução na escolaridade. A habilidade para produzir textos há muito interessa pesquisadores e teóricos tanto da Linguística como da Psicologia, uma vez que se constitui em habilidade tanto comunicativa quanto cognitiva Pesquisas recentes demonstram que habilidades de reflexão e manipulação da estrutura da linguagem presente nos diferentes gêneros textuais é fator fundamental na aprendizagem de produção escrita de textos. Dentre os fatores apontados como importantes no desenvolvimento da habilidade de produzir textos narrativos estão: idade; escolaridade; interações sociais diversas; experiências com textos no ambiente familiar; tipo de solicitação da produção, ou seja, produção a partir de gravuras, de ilustrações de livros de literatura infantil, relatos de fatos ocorridos, reprodução de histórias contadas, entre outros. Estudos que investigam a influência das condições de solicitação de produção de histórias sobre a qualidade narrativa das mesmas demonstram que histórias produzidas a partir de um apoio visual são mais elaboradas e sofisticadas do que aquelas cuja solicitação não apresenta apoio visual. Tais estudos sugerem que as crianças são sensíveis às situações de produção de tal forma que a estrutura narrativa apresentada pode ser mais sofisticada nas situações em que é oferecido apoio visual, como por exemplo, uma sequência de gravuras, e, menos elaboradas em situações em que não se oferece apoio visual. Neste estudo, tivemos por objetivo examinar a influência de condições de solicitação de produção sobre a estrutura narrativa de histórias elaboradas

por alunos do ensino fundamental. Foram investigados 26 alunos matriculados no 5º ano de uma escola da rede pública estadual de Goiás. Os alunos foram solicitados a produzir uma história a partir de três condições: uma sequência de gravuras com explicitação de um conflito, uma gravura em que não há conflito explícito e um tema com sugestão de conflito proposto pelos pesquisadores. As produções foram analisadas e agrupadas em categorias em função da qualidade da estrutura narrativa das mesmas, observando-se os seguintes critérios: introdução da cena e dos personagens; presença de uma ação que sugere uma situação problema; desfecho com resolução da situação problema. Nossos resultados mostram que a condição de solicitação é fator importante na qualidade da estrutura narrativa, pois as histórias produzidas a partir de uma sequência de gravuras apresentaram estrutura narrativa mais elaborada. Entretanto, os resultados sugerem que o fator primordial não é o apoio visual, mas sim a explicitação de um conflito.
palavras-chave: produção textual; narrativas; escrita.

2º Apresentador: Fraulein Vidigal de Paula

HABILIDADES COGNITIVAS, CONHECIMENTOS SOBRE MORFOLOGIA DA LÍNGUA E ORTOGRAFIA. Fraulein Vidigal de Paula (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo)

O aperfeiçoamento da escrita e a compreensão da ortografia da língua envolvem habilidades de inferência e generalização das regras ortográficas e de outros conhecimentos sobre a língua que favorecem seu uso adequado na escrita de palavras e textos. A esse respeito, em línguas escritas alfabéticas, como o português, em que a ortografia não corresponde à transcrição pura da fala, a expressão ortográfica consiste em um código gráfico para representar significados e não apenas um código gráfico para transcrição das unidades sonoras da fala. Há evidências de que os conhecimentos sobre a morfologia da língua (menores unidades de significado que estruturam as palavras) começam a ser aprendidos de modo implícito no início da escolarização formal. Porém, somente quando este se torna mais consolidado e explícito para o aprendiz é que passa se correlacionar mais fortemente com o aperfeiçoamento da escrita ortográfica. Alguns estudos identificam que a morfologia se torna especialmente importante na aprendizagem da escrita de palavras cuja ortografia é determinada por regras morfossintáticas. Neste sentido, o presente estudo objetivou verificar o desempenho de 210 alunos de 4° e 6° anos em uma prova de ditado de palavras e em uma prova de extração de regras em língua desconhecida, a qual requeria inferência e generalização de regras de formação de palavras para a escolha da resposta. A prova de extração de regras é composta de 26 itens, sendo 2 itens de treino e 24 itens experimentais. Os itens são apresentados em termos de construções morfológicas típicas do português formadas por prefixação e por sufixação, além de uma construção por uso de infixo, um tipo de afixo que é posicionado no interior do radical ou morfema lexical da palavra, o qual não existe no português. Para avaliar a escrita ortográfica foi utilizada a escrita sob ditado de 72 palavras isoladas, variando os itens quanto à regularidade, frequência e lexicalidade. As duas provas foram aplicadas coletivamente em sala de

aula. Foi identificada uma correlação positiva entre as duas provas, tanto no 4° ano, quanto no 6° ano. Os participantes do 6° ano tiveram um desempenho melhor do que os do 4° ano nas duas provas, além disto no 6° ano o desempenho não se diferenciou quanto aos itens relativos às construções morfológicas típicas e atípicas do português, emergindo a hipótese de que seu desempenho seja afetado pelas habilidades de raciocínio geral, independente do conhecimento linguístico, o que deu origem a um estudo subsequente. Os resultados são discutidos em termos das habilidades cognitivas em desenvolvimento e dos conhecimentos linguísticos em processo de aprendizagem que se relacionam com o aperfeiçoamento da escrita nos anos escolares.
Palavras-chave: escrita; morfologia (línguísitca), habilidades cognitivas.

Proponente: Verônica Bender Haydu

Área da Psicologia: Análise Experimental do Comportamento

TECNOLOGIAS DE ENSINO DE LEITURA DERIVADAS DOS ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: AVANÇOS E LIMITAÇÕES

Justificativa: Pesquisas experimentais desenvolvidas principalmente nas duas últimas décadas, investigaram e permitiram desenvolver tecnologias de ensino para estabelecer e aperfeiçoar diferentes repertórios comportamentais, dentre os quais se destacam o de leitura e o de escrita. Os resultados desses estudos são promissores, pois demonstraram a eficácia e a eficiência dessa tecnologia na emergência de comportamentos que não são diretamente ensinados, comprovando a produtividade do ensino. Além disso, foi demonstrado que essa tecnologia resulta em tempo menor para a aprendizagem de leitura com significado. No simpósio aqui proposto serão descritas duas linhas de pesquisa e um estudo que analisou criticamente alguns estudos da bibliografia com vistas a identificar variáveis que podem ser consideradas facilitadoras ou impeditivas da transposição para situações naturais dos conhecimentos e tecnologias derivadas dessas pesquisas experimentais. Uma das linhas de pesquisa que será apresentada envolveu dois estudos que investigaram o efeito da aplicação de uma das tecnologias produzidas a partir de estudos experimentais, o Programa de Ensino de Leitura de Palavras Substantivadas (PELPS). Participaram desses estudos jovens e adultos no início do processo de letramento da EJA, de duas cidades brasileiras de regiões diferentes da federação: Rolândia no Paraná e Belém no Pará. O PELPS envolve o ensino de relações condicionais por meio de escolha de acordo com modelo entre palavra ditada e palavra impressa, e a construção das palavras com letras diante da palavra impressa, e testes de relações emergentes. A segunda linha de pesquisa a ser apresentada é baseada em dados experimentais de que o ensino explícito de discriminação de sílabas promove a emergência da leitura de sílabas de ensino e de novas sílabas com recombinação de letras, além de promover a emergência da leitura de palavras e os desempenhos de cópia e ditado com resposta construída. Serão relatados dois estudos com participantes cegos, aos quais foram ensinados discriminações de sílabas impressas em Braille e do alfabeto romano impresso em relevo. O estudo de revisão da bibliografia, bem como os dados dos estudos das duas linhas de pesquisa a serem relatadas, permitem identificar variáveis relevantes para aumentar a validade dos procedimentos e das tecnologias derivados das pesquisas de Análise Experimental do Comportamento aos contextos da realidade escolar.

Coordenador: Verônica Bender Haydu

O PROCEDIMENTO DE CRMTS E O MODELO DA EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS APLICADOS AO ENSINO DE LEITURA A ALUNOS DA ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS. Verônica Bender Haydu (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR), Olívia Misae Kato (Universidade Federal do Pará, Belém-PA) e Melania Moroz (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP).
Analistas do comportamento têm investigado a eficácia e eficiência de estratégias de ensino de leitura baseadas no modelo da equivalência de estímulos. Essas estratégias, geralmente, incluem o CRMTS (Constructed Response Matching to Sample), o qual possibilita a leitura textual recombinativa. No entanto, a maioria dos procedimentos de ensino testados é de aplicação individualizada e poucos estudos foram desenvolvidos em contexto de sala de aula. Dois estudos que visaram avaliar o efeito do Programa de Ensino de Leitura de Palavras Substantivadas (PELPS), a jovens e adultos no início do processo de letramento da EJA, da

cidade de Rolândia-PR (Estudo 1) e da cidade de Belém-PA (Estudo 2). Para selecionar os participantes foi realizado um pré-teste de leitura, tendo sido escolhidos os alunos que não foram capazes de ler palavras dissílabas sem encontros consonantais ou acentos gráficos. O PELPS, que envolve o ensino de relações condicionais por meio de escolha de acordo com modelo entre palavra ditada e palavra impressa, e a construção das palavras com letras diante da palavra impressa, foi aplicado em seguida. Após o ensino de cada palavra nova, eram testadas individualmente as relações emergentes (palavra impressa e nomeação; palavra ditada e montagem da palavra, palavra impressa e figura, figura e palavra impressa). Ao completar cada uma das cinco etapas que envolviam o ensino de 9 a 17 palavras, era aplicado um teste de leitura envolvendo as palavras de ensino e 10 palavras de generalização. Após esse teste, eram realizados dois jogos adaptados (bingo e gincana de montagem de palavras com letras). Em seguida, um novo teste individualizado era realizado. Os dados de dois dos nove participantes do Estudo 1 e de cinco dos dez participantes do Estudo 2, que realizaram apenas a Etapa 1 do estudo não foram considerados para análise. Verificou-se desempenho superior a 80% na leitura das palavras de ensino de seis dentre os sete participantes do Estudo 1 nas cinco etapas; e dos cinco participantes do Estudo 2, nas Etapas 1 e 2. Quanto a leitura de palavras de generalização, no Estudo 1, quatro dos sete participantes apresentaram porcentagem de acertos acima de 80%. Dos participantes do Estudo 2, um participante apresentou entre 40 e 60% de acertos e os demais abaixo de 40%. A redução no percentual de acertos nas últimas etapas pode ser atribuída, em parte, a variáveis de procedimento não controladas como um aumento do grau de dificuldade com uma gradação acima do que os participantes foram capazes de acompanhar. Os resultados indicam a necessidade de estabelecer maior controle pelas sílabas durante o ensino para promover a emergência da leitura textual recombinativa. Conclui-se que o PELPS foi eficiente e é aplicável em situação coletiva de ensino, devendo ser reformulado, principalmente, em relação ao grau de dificuldade das palavras nas etapas finais do procedimento e quanto ao estabelecimento do controle por unidades menores que a palavras, e que novos estudos devem ser conduzidos com diferentes populações para que sua eficácia seja comprovada.
Apoio: Verônica Bender Haydu é bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Araucária.
AEC

2º Apresentador: Olívia Misae Kato

ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES DE SÍLABAS E A EMERGÊNCIA DA LEITURA DE PALAVRAS EM BRAILLE E DO ALFABETO ROMANO EM RELEVO EM CEGOS. Olivia Misae Kato, Andréa Sales Melo** e Karine Hamad Vieira** (Universidade Federal do Pará, Belém, PA).
O ensino explícito de discriminação de sílabas promove a emergência da leitura de sílabas de ensino e de novas sílabas com recombinação de letras, além de promover prontamente a leitura de palavras com sentido cultural e inventadas, sem estabelecimento de controle restrito e sem a utilização de procedimentos especiais. Os desempenhos de cópia e ditado com resposta construída também emergem prontamente. Seguindo essa mesma linha de pesquisa, foram desenvolvidos dois estudos com participantes cegos, ensinando a discriminação de sílabas impressas em Braille e do alfabeto romano impresso em relevo. No Estudo 1 foi utilizado o alfabeto romano na fonte Arial e o Estudo 2, na fonte Times New Roman. Os dois estudos investigaram se o ensino de discriminações condicionais de sílabas promove a emergência de nomeação oral de sílabas de ensino e de novas sílabas com recombinação de letras. Em ambos os estudos, verificou-se, ainda, a emergência da leitura textual e com compreensão de palavras formadas pelas sílabas de ensino e recombinadas, além de verificar a emergência do desempenho em cópia e ditado com resposta construída. Em cada estudo, dois

participantes cegos foram submetidos a uma sequência das duas condições (Braille e Alfabeto Romano em Relevo), sendo cada um exposto a uma sequência diferente das duas condições. Cada condição consistiu de duas etapas. Na Etapa 1, eram ensinadas as discriminações condicionais das sílabas de ensino "no", "bo", "na", "do", "ne", "to" e era testada a leitura textual dessas sílabas e das sílabas com recombinação das letras das sílabas de ensino ba, be, da, de, ta, te. Na Etapa 2, era aplicado o teste da leitura textual e com compreensão das palavras, documentada pelas relações de equivalência entre palavras ditadas (A), objetos (B) e palavras impressas (C). Verificou-se, também, o desempenho emergente em cópia e ditado das mesmas palavras. As palavras eram formadas pelas sílabas de ensino e recombinadas (dado, dedo, teta, nabo, boto, bata, bota e bote). Todos os participantes cegos dos dois estudos apresentaram prontamente a leitura textual das sílabas de ensino e recombinadas em Braille e em relevo, além de demonstrar a emergência imediata da leitura textual e com compreensão das palavras formadas por essas sílabas. Todos também apresentaram prontamente os desempenhos emergentes de cópia e ditado dessas palavras. Nas fases de ensino, todos os participantes também atingiram 100% de acertos na primeira exposição às fases. O ensino explícito das discriminações das sílabas promoveu prontamente todos os desempenhos testados, sem necessitar de procedimentos especiais de ensino e sem estabelecer o controle restrito de estímulos.

Palavras-chave: Leitura recombinativa, equivalência de estímulos, Braille/Alfabeto Romano em Relevo, Cegos.

M

AEC

3º Apresentador: Melania Moroz

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA POR MEIO DE DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS – TRANSPOSIÇÃO PARA SITUAÇÕES NATURAIS. Melania Moroz (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, NEPEN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP).

A educação brasileira, especialmente a pública, não tem cumprido com eficácia a função que lhe é atribuída pela sociedade – ensinar. Conforme evidenciado pelos dados divulgados por órgãos oficiais, o desempenho dos alunos está aquém do esperado para a série cursada, nas mais diferentes áreas curriculares (língua portuguesa, matemática, química, física, por exemplo). Tal situação torna premente que pesquisadores possam formular conhecimentos sistemáticos sobre propostas metodológicas que se demonstrem eficazes na instalação e aperfeiçoamento dos repertórios alvo da ação educativa. Ainda, é fundamental que se evidencie que tais propostas sejam factíveis de serem aplicadas em contexto escolar, especialmente pelo professor. Pesquisas sobre/com base nas relações de equivalência de estímulos, nas últimas décadas, foram realizadas por analistas do comportamento nos mais diferentes países. Tais pesquisas focalizaram tanto o ensino de repertórios em nível básico – como leitura e escrita de palavras, operações matemáticas – como de repertórios verbais mais complexos, o que foi feito a partir de relações entre definições e seus exemplos, entre características e elementos químicos, pronomes e verbos em duas línguas, entre outros aspectos. No Brasil, a frequência de estudos aumentou, particularmente nas duas últimas décadas, focalizando-se a instalação e aperfeiçoamento de diferentes repertórios, dentre os quais se destacam o de leitura e escrita, notadamente o primeiro deles. Os resultados são promissores, pois demonstraram a eficácia do ensino de discriminações condicionais na instalação e aperfeiçoamento do repertório alvo. No entanto, a maioria dos estudos foi

realizada em contextos controlados (laboratório, relação pesquisador-participante), situações essas que permitem questionar o quanto os resultados obtidos podem ser transpostos para situações do cotidiano. Há, pois, a necessidade de proceder à transposição do conhecimento adquirido em contexto laboratorial para o contexto escolar, no qual o processo ensino-aprendizagem, via de regra, envolve um único professor para um grupo de aluno. No presente trabalho, teve-se, por objetivo, analisar pesquisas que possuem, como contexto da investigação, a especificidade de as condições experimentais terem sido aplicadas para grupos de alunos, na própria escola. As pesquisas analisadas ensinaram discriminações condicionais para instalar ou aperfeiçoar repertórios de leitura, algumas delas inserindo também o repertório de escrita. Diversos foram os aspectos analisados, dentre os quais foram abordados: características do contexto de investigação, do pesquisador, dos participantes cujos repertórios foram alvo da ação educativa, e dos procedimentos utilizados. A partir de tais características, foram levantadas variáveis que podem ser consideradas facilitadoras ou impeditivas da transposição, para situações naturais, daqueles conhecimentos produzidos sistematicamente em contextos controlados. Conclui-se que, diante de questionamentos sobre a validade ecológica, são necessárias mais pesquisas que permitam afirmar o poder de aplicação dos conhecimentos produzidos pela Análise do Comportamento para contextos da realidade escolar.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, Ensino de Discriminações Condicionais, Validade Externa.

P

AEC

Proponente: William Barbosa Gomes

Área da Psicologia: Psicologia Cognitiva

CONSCIÊNCIA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS E AS IMPLICAÇÕES PARA AS CIÊNCIAS COGNITIVAS

Justificativa: A virada do século XX para o século XXI trouxe mudanças sem precedentes no desenvolvimento da psicologia como ciência. Avanços nas ciências cognitivas e nas neurociências, nos debates entre filosofia analítica e fenomenologia, e nas discussões continuadas e revistas sobre a relação mente-cérebro, vem estimulando o pensamento teórico e a renovação de métodos e modelos em pesquisa empírica. Em contraste com os movimentos sociais das três últimas décadas do XX, apresenta-se na atualidade possibilidades auspiciosa para a retomada das origens gnosiológicas da psicologia, o estudo da mente, sustentado por embasamento neurocognitivo e bioquímico nunca alcançado, e ainda pouco difundido entre nós. A consciência, primeiro objeto de investigação experimental, aparece como o grande exemplar de todas essas mudanças. Este Simpósio que, a critério desta Comissão Científica e da Diretoria desta Sociedade, propõe-se a ser uma homenagem ao querido Prof. Arno Engelmann, conferencista assíduo destas Reuniões Anuais e o maior estudioso da consciência entre nós. O ponto de partida do Simpósio é a psicologia da consciência de Wilhelm Wundt, quando o Prof. Saulo Araújo, um dos maiores estudiosos contemporâneos da teoria, analisará dois princípios teóricos fundamentais: o paralelismo psicofísico e a causalidade psíquica. O objetivo é mostrar como os dois princípios estão diretamente relacionados à solução que Wundt apresentou para o problema mente-cérebro no plano científico, incluindo aí os estudos empíricos sobre a consciência. Em seguida o conselheiro e ex-presidente da SBP Ederaldo Lopes fará um retrospecto histórico dos estudos da consciência no século XX, no contexto da revolução cognitiva, para indicar possibilidades e limites da psicologia cognitiva experimental no estudo da consciência. O argumento de Lopes é que a consciência funciona como um espaço de trabalho mental e que a experiência fenomenológica que acompanha a consciência proporciona diferentes níveis de representação. Nesse espaço de integração, as informações do ambiente se ligam às informações passadas, permitindo modelar o presente e planejar ações futuras. No entanto, a psicologia cognitiva experimental restringe-se a inferir processos conscientes/inconscientes a partir de estudos experimentais, mas não permite ir além dessas inferências. Por fim, o proponente deste Simpósio, Prof. William B. Gomes retomará o problema da experiência fenomenologia para demonstrar como a fenomenologia experimental, combinando dados de primeira e de terceira pessoa investiga o "qualia" (subjetividade da experiência) e a intencionalidade da consciência. As apresentações desse Simpósio, além de trazer dados de pesquisas empíricas e historiografia, repercutem capítulos do livro "Temas em Ciências Cognitivas" (organizado por Ederaldo Lopes e em lançamento por Sinopsys Editora de São Leopoldo –RS, incluindo capítulos de Araújo, e Gomes & Gauer). Estudos associados as apresentações são publicados por periódicos como *Phenomenology and Cognitive Sciences, Phenomenology and Cognition*; *Journal of Consciousness Studies, Theory and Psychology, History of Psychology.*

Coordenador: William Barbosa Gomes

PRESENTAÇÃO OU REPRESENTAÇÃO: CONSTITUINTES FENOMENAIS DA INTENCIONALIDADE COGNITIVA. William B. Gomes e Gustavo Gauer (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Avanços no estudo da consciência vêm propiciando debates promissores entre ciências cognitivas e fenomenologia. A ciência cognitiva é tributária de transformações conceituais e metodológicas da psicologia experimental, da neuroquímica, da filosofia, e da inteligência artificial para explicar as funções e desempenho da mente. Por sua vez, a fenomenologia é uma tradição filosófica firmemente estabelecida por Edmund Husserl (1859-1938) no início do século XX, voltada à descrição dos processos apreensivos e reflexivos da mente. Um importante indicador da aproximação entre ciências cognitivas e fenomenologia é a inclusão da perspectiva de primeira pessoa em estudos neurocognitivos e experimentais. O interesse de neurocientistas pela fenomenologia está associado a Francisco Varela (1946-2001), principalmente ao projeto de naturalização de fenomenologia e das aproximações com o budismo. No centro do debate entre a fenomenologia e as ciências cognitivas está a filosofia da mente que dispensa a intencionalidade fenomenal como recurso necessário às explicações dos processos reflexivos e das deliberações humanas, como exemplificam as publicações e conferências de Daniel Dennett. O problema central desta exposição volta-se à relação que o sujeito cognoscente estabelece com o objeto de sua atenção. As perguntas são clássicas: (i) O que é sujeito e o que é objeto nos atos conscientes? (ii) Os objetos presentam-se aos sujeitos ou os sujeitos re-presentam os objetos? (iii) Como estudiosos da fenomenologia e cientistas da cognição explicam a relação entre sujeito e objeto? As perguntas implicam em posições ontológicas (o que é a relação, qual a sua natureza) e epistemológicas (como conhecê-la e como estudá-la). Aqueles que assumem uma posição monista (naturalização da mente) tendem a se despreocupar das questões ontológicas, por entenderem que tais problemas já estão resolvidos. Por outro lado, herdeiros do idealismo subjetivista também desprezam a ontologia da relação sujeito-objeto, por entender que as duas instâncias são inseparáveis, indissolúveis e indiferenciadas, ou por reduzirem o mundo à subjetividade. A presente exposição assume, em concordância com a tradição fenomenológica, que a relação entre sujeito e objeto é caracterizada pela intenção, isto é, a focalização do sujeito para o objeto, uma ligação conhecida desde os pensadores medievais como intencionalidade, cujas origens conceituais procedem de Aristóteles. Ressaltam-se as contribuições de pesquisas recentes que sugerem novos rumos para a compreensão da teoria fenomenológica e para a condução de experimentos em psicologia, com a inclusão da perspectiva de primeira pessoa. Conclui-se que o retorno crítico ao estudo da intencionalidade e das articulações entre fenomenologia e ciências cognitivas, e entre psicologia e filosofia da mente, estão abrindo novas frentes para exploração científica e para atividades aplicadas. Neste início de século, nós estamos diante da renovação da ciência psicológica com as contribuições da neurocognição, na verdade um retorno às nossas origens, e à afirmação da gnosiologia (teoria do conhecimento) e da ética que a tradição fenomenológica nos ensinou.

CNPq

Palavras chaves: consciência, primeira pessoa, neurofenomenologia, neurocognição

P

COG

1º apresentador: Ederaldo José Lopes

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COGNITIVA EXPERIMENTAL AO ESTUDO DA CONSCIÊNCIA. Ederaldo José Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).

Este trabalho objetiva apresentar um panorama dos principais estudos sobre processos conscientes/inconscientes a partir da psicologia cognitiva experimental (PCE). No final do século XIX e no começo do século XX, as ideias freudianas de processos inconscientes podem ter impedido o uso desses processos como tema de pesquisa na psicologia experimental. Nos Estados Unidos o tema da consciência foi banido do vocabulário psicológico pelo behaviorismo, de modo que no primeiro quarto do século XIX a consciência/inconsciência ficou fadada a um plano secundário. O cenário foi reavivado com a chegada das ciências cognitivas, na metade do século, donde o trabalho original de George A. Miller ("número mágico") sobre as limitações da nossa capacidade cognitiva pode ser citado como marco no estudo da consciência, embora não fosse esse seu objetivo primeiro. Os trabalhos experimentais mostraram-se ferramentas fundamentais no estudo da consciência: As pesquisas de Marcel sobre "priming" semântico, os trabalhos de Shepard sobre rotação de imagens mentais e a distinção processamento automático x controlado, no campo da atenção, são os exemplos mais importantes na história da PCE, mas não se restringem a eles. Talvez o modelo de memória de trabalho (MT) de Baddeley e Hitch, formulado no começo da década de 1970, é o que tem uma relação mais estreita e profícua com o tema da consciência. Como um modelo que considera a mente como um espaço de trabalho que mantém e processa informação, a MT tem ajudado na compreensão de resultados importantes sobre o processamento da informação verbal (alça fonológica), visoespacial (rascunho visoespacial) e dos mecanismos atencionais (executivo central). Em diversos experimentos, os pesquisadores mostraram a capacidade de lidar com a informação primária e secundária (interferente) e de como mecanismos inconscientes ou pré-conscientes participam do processamento da informação, o que pode ser inferido a partir da principal medida na área, o tempo de reação (TR). O último componente do modelo (buffer episódico) permite integrar as informações "on line" à memória episódica ou autobiográfica, gerando um modelo parcimonioso de como lidar com a complexidade informacional e dos aspectos conscientes ou não numa dada situação experimental. A suposição fundamental é que a consciência funciona como um espaço de trabalho mental e que a experiência fenomenológica que acompanha a consciência proporciona diferentes níveis de representação. Nesse espaço de integração de informações, as informações do ambiente se ligam às informações passadas, permitindo modelar o presente e planejar ações futuras. Assim, pode-se dizer que a psicologia cognitiva experimental restringe-se a inferir processos conscientes/inconscientes a partir de estudos experimentais, mas não permite ir além dessas inferências. Problemas como os "qualia" e a intencionalidade requerem outros níveis de análise, obtidos, talvez, com outros métodos e teorias.

FAPEMIG

Palavras-chave: psicologia cognitiva experimental; consciência; memória de trabalho

P

COG

2º Apresentador: Saulo Freitas de Araújo

PARALELISMO PSICOFÍSICO E CAUSALIDADE PSÍQUICA EM WILHELM WUNDT: UMA ESTRATÉGIA ANTI-REDUCIONISTA PARA O ESTUDO DA CONSCIÊNCIA. Saulo de Freitas Araujo (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).

Wilhelm Wundt tem sido corretamente apontado na historiografia da psicologia como um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da idéia de uma psicologia científica. No entanto, seu projeto psicológico tem sido amiúde tratado separadamente de seu sistema filosófico, gerando grandes equívocos e distorções na compreensão de seu pensamento. Como tenho procurado mostrar, a psicologia ocupa de fato um lugar importante na obra de Wundt, mas ela é apenas parte de um projeto filosófico muito maior, que visa à elaboração de uma nova visão de mundo (*Weltanschauung*) baseada no progresso das ciências empíricas. Considerada a partir dessa perspectiva, a psicologia wundtiana ganha seu sentido no interior de um projeto filosófico que a ultrapassa. A melhor forma de entender essa relação entre filosofia e psicologia no pensamento de Wundt é fornecer um exemplo concreto. Meu objetivo aqui é analisar dois princípios teóricos fundamentais da psicologia wundtiana – a saber, o paralelismo psicofísico e a causalidade psíquica – e mostrar como eles estão diretamente relacionados à solução que Wundt apresenta para o problema mente-cérebro no plano científico, incluindo aí os estudos empíricos sobre a consciência. O paralelismo psicofísico de Wundt assume dois sentidos diferentes – um empírico e um metafísico –, dependendo do contexto em que ele aparece. De um lado, ele serve apenas como princípio heurístico ou máxima metodológica para a investigação psicológica e se limita à esfera da experiência imediata; de outro, ele é parte integrante das especulações metafísicas de Wundt e extrapola aqueles limites. É somente no primeiro sentido que ele representa uma estratégia para a psicologia, já que, no segundo, ele adentra o plano metafísico, extrapolando, assim, a esfera da experiência. A primeira conseqüência que o princípio do paralelismo psicofísico traz para a psicologia de Wundt é a necessidade de se rejeitar o localizacionismo, tese segundo a qual é possível localizar os processos e atividades mentais em áreas específicas do cérebro. A segunda é que ele garante a autonomia da psicologia como campo de investigação científico. A noção de uma causalidade psicológica autônoma em relação à causalidade física é um complemento do princípio do paralelismo psicofísico. A partir daí, Wundt estabelece então que um evento psíquico só pode ser explicado por outro evento psíquico, e que é exatamente nisso que consiste a tarefa da psicologia. Wundt vai reconhecer, contudo, que esse princípio, mesmo carregando consigo uma dupla e irredutível causalidade, aponta para a necessidade de uma cooperação entre as duas perspectivas. Isso acontece porque a cada uma das esferas fenomênicas escapam certos elementos, cujos paralelos estão dados na outra. A função primordial do paralelismo psicofísico e da causalidade psíquica é assegurar a autonomia epistemológica da psicologia, na medida em que afirmam a impossibilidade de redução dos fenômenos mentais aos estados e processos físicos ou fisiológicos. Com isto, as investigações sobre a consciência, embora possam ser combinadas com e complementadas por pesquisas neurofisiológicas, têm um nível próprio e irredutível de significação, que se perde em qualquer tentativa de eliminá-la ou traduzi-la em termos de outras linguagens.

Palavras-chave: paralelismo psicofísico; causalidade psíquica; Wilhelm Wundt

P

COG

ADOLESCENTES Y JÓVENES

CONDUCTA ANTISOCIAL, TRASTORNO DISOCIAL Y CONDUCTA DELINCUENTE. Gualberto Buela-Casal (Catedrático, Dto. Personalidad, Evaluación y TT.PP., Facultad de Psicología, Universidad de Granada)

La conducta antisocial, el trastorno disocial y la conducta delincuente se está convirtiendo en un problema serio en la infancia y la adolescencia a nivel mundial y de forma concreta en España. En la actualidad, según datos del Ministerio de Justicia y Consejo General del Poder Judicial, existen en España un total de 10 homicidios, 292 delitos sexuales, 1.493 lesiones y 3.275 robos al año. Los lugares donde se encuentran más condenados entre 14 y 17 años por cada 1.000 habitares, fueron Ceuta, Melilla, La Rioja, Castilla y León y Andalucía. Comparando esta información, se verifica que en todas las comunidades, menos en tres, estos índices han ido aumentando de forma importante en el trascurso de los años. En este sentido, la evolución de las cifras de delincuencia protagonizada por menores contra sus familiares, también crece cada año y todo indica que estas cifras seguirán aumentando de forma progresiva. A modo de ejemplo, las denuncias por malos tratos presentadas por madres contra sus hijos fueron de 3.177 en 2002, 3.363 en 2003 y de 3.964 en 2004. De forma más concreta, la conducta antisocial es aquella que atenta contra la integridad física emocional de las personas y/o de sus bienes. Se trata de una problemática que surge por la combinación de diversos factores entre los que destacan la conducta turbulenta en la escuela, el consumo de drogas, el alcoholismo, la relación antisocial con sus pares, las alteraciones emocionales, el maltrato, los problemas familiares, entre otras situaciones que hacen a los individuos más vulnerables. Ante el intento de abordar este problema, se han propuesto diversas medidas. Actualmente existen en España más de 50.000 menores encerrados por alcohol, drogas y mala conducta. A modo de ejemplo, la ONU da un aviso a España por la administración de psicofármacos en los centros de reforma. Además, los centros penitenciarios se encuentran a más del 200% de su capacidad prevista de ocupación y el 70% de los nuevos reclusos son extranjeros. Las intervenciones ante este tipo de conductas, que ejercen su principal repercusión a nivel social, deben ir dirigidas principalmente a los padres, amigos, maestros/profesores, además del menor. En este sentido, los profesionales de la salud tienen una función muy importante en este tipo de conductas y por ello, pueden desempeñar una labor primordial llevando a cabo intervenciones sistemáticas y estructuradas atendiendo a las diferencias individuales y contextuales de cada caso. Por todo ello, es evidente la existencia de una necesidad social para prevenir y en su caso evitar este tipo de conductas y trastornos en la población general y más concretamente en niños y adolescentes.

JUR

EFICACIA DE UN PROGRAMA DE FOMENTO DE LA CONDUCTA PROSOCIAL EN UNA MUESTRA DE ADOLESCENTES EN RIESGO SOCIAL. Wenceslao Peñate Castro (Catedrático, Dto. Personalidad, Evaluación y TT.PP., Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna)

Los programas de intervención sobre la conducta antisocial han sido muy variados, implicando a su vez distintas perspectivas y acercamientos terapéuticos (biológicos, psicológicos, sociales…). Uno de esos modos ha consistido en centrarse en qué estructuras o enlaces son funcionalmente responsables en la explicación de la conducta antisocial que sean susceptibles de modificarse.En ese sentido, un grupo de trabajos se ha dirigido hacia el fomento de conductas teóricamente incompatibles con la conducta antisocial: la conducta prosocial. Los primeros programas se dirigieron al fomento de habilidades sociales en adolescentes con

conductas antisociales o en riesgo, subrayando el papel de la comunicación efectiva, la asertividad y el éxito social. Algunas dudas sobre su efectividad han hecho que esos programas se hayan modificado incluyendo en entrenamiento en habilidades interpersonales. Estas habilidades favorecen la adquisición de estrategias de comunicación interpersonal, basadas un análisis ordenado de la conflictividad interpersonal, el conocimiento del otro, el desarrollo de alternativas de solución de problemas y la puesta en práctica de las mismas.Dentro de esa perspectiva se presenta un trabajo empírico basado en un programa de habilidades interpersonales, aplicado a una muestra de adolescentes en riesgo social (casas de acogida, casa-cuna y hogares-escuela), frente a una muestra control. El programa extenso se compuso de 29 sesiones, en pequeño grupo, por medio de las cuales se trató de fomentar las cinco habilidades interpersonales básicas (asunción de perspectivas, determinación del problema interpersonal y análisis causal, alternativas de solución, determinación de las consecuencia y planificación en la puesta en marcha de la solución). Los resultados muestran escasos cambios en la conducta antisocial y un aumento significativo antes-después en la conducta prosocial, alcanzando niveles del grupo control, de acuerdo a la valoración que sus tutores hacían de su comportamiento. El seguimiento a seis meses mostró una ligera pérdida de las ganancias en el grupo de alto riesgo social. Estos resultados se discuten en tres áreas diferenciadas: conceptualmente se discute la dimensión antisocial-prosocial, metodológicamente se discute qué componentes del programa son los realmente efectivos y prácticamente se discute sobre la necesidad de la continuidad en el entrenamiento en habilidades interpersonales como una garantía de consolidación de las ganancias.
JUR

VIOLENCIA FILIO-PARENTAL. Francisco Javier Urra Portillo (Psicólogo de la Fiscalía del Tribunal Superior de Justicia de Madrid. Profesor de Psicología Jurídica en la Universidad Complutense de Madrid. Primer Defensor del Menor.)
Abordaremos la violencia filio-parental analizando sus causas, evolución y prevención. Desde la realidad empírica de haber explorado psicológicamente a trescientas familias de tener en un Campus residencial terapéutico tratamental a cuarenta y nueve jóvenes que ejercían violencia ascendente informaré cuantitativa y cualitativamente de sus características y sus interrelaciones. Especificaré que la edad del mayor brote de violencia se produce a los 16 años. Que un tercio de las agresoras son chicas. Que existe incidencia en el abuso de alcohol y de cannabis. Estos jóvenes dictadores tienen diagnósticos psicopatológicos en aproximadamente de un 30 por cierto, recibiendo psicofármacos, primordialmente ansiolíticos y antipsicóticos. Aproximadamente un tercio de la violencia es física, otro tercio verbal –emocional y el otro tercio de chantaje económico y de rotura de objetos. Resulta manifiesto que esta patología social se incrementa en el día a día, en los países ricos o con marcado desarrollo. Analizaremos frases dichas por progenitores e hijos, así como sus vivencias, miedos, rencores, ideas obsesivas. Compartiré el programa terapéutico tratamental y las consecuciones alcanzadas. Me haré eco de las conclusiones obtenidas en los congresos que hemos organizado en los que agentes sociales de distintos hábitos han aportado su visión sanitaria, educativa, jurídica, social. Al fin captamos mucho dolor en padres e hijos e interés en ambas partes por mejorar la relación que exigen un tratamiento prolongado, pues es muy difícil erradicar hábitos inadecuados y nocivos. Trasmitiré a los colegas algunos temas que me preocupan como es el número de hijos adoptados que se vuelven contra sus padres. El programa que expondré es precursor en España y absolutamente referente. Ha sido mostrado en los telediarios nacionales de máxima audiencia. El programa recURRA GINSO nació en conjunción con las universidades más prestigiosas del país pues no queremos quedarnos solo en el trabajo

cotidiano sino estudiar, investigar y obtener conclusiones para prevenir una conducta tan antinatura. Habrá ocasión para mencionar otras figuras relevantes como son los profesores y los abuelos. También comentaré en relación a los medios de comunicación y a las redes sociales. Entendemos que esta patología social es todo un síntoma en una sociedad cambiante.
JUR

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 – 20/10/2012

Proponente: GUALBERTO BUELA CASAL

Área da Psicologia: Psicología Jurídica, Forense y Criminal

CONDUCTA ANTISOCIAL Y DELINCUENCIA JUVENIL

La conducta antisocial es aquella que atenta contra la integridad física emocional de las personas y/o de sus bienes. Se trata de una problemática que surge por la combinación de diversos factores entre los que destacan la conducta turbulenta en la escuela, el consumo de drogas, el alcoholismo, la relación antisocial con sus pares, las alteraciones emocionales, el maltrato, los problemas familiares, entre otras situaciones que hacen a los individuos más vulnerables. Ante el intento de abordar este problema, se han propuesto diversas medidas. Actualmente existen en España más de 50.000 menores encerrados por alcohol, drogas y mala conducta. A modo de ejemplo, la ONU da un aviso a España por la administración de psicofármacos en los centros de reforma. Además, los centros penitenciarios se encuentran a más del 200% de su capacidad prevista de ocupación y el 70% de los nuevos reclusos son extranjeros. Las intervenciones ante este tipo de conductas, que ejercen su principal repercusión a nivel social, deben ir dirigidas principalmente a los padres, amigos, maestros/profesores, además del menor. En este sentido, los profesionales de la salud tienen una función muy importante en este tipo de conductas y por ello, pueden desempeñar una labor primordial llevando a cabo intervenciones sistemáticas y estructuradas atendiendo a las diferencias individuales y contextuales de cada caso. Por todo ello, es evidente la existencia de una necesidad social para prevenir y en su caso evitar este tipo de conductas y trastornos en la población general y más concretamente en niños y adolescentes. En este simposio se analizará la relación entre trastorno disocial, conducta antisocial y delincuencia juvenil, se tratará sobre como evaluarla y tratarla

CONDUCTA ANTISOCIAL, TRASTORNO DISOCIAL Y CONDUCTA DELINCUENTE. Gualberto Buela Casal (Colegio de Psicólogos de Andalucía Oriental)

La conducta antisocial, el trastorno disocial y la conducta delincuente se está convirtiendo en un problema serio en la infancia y la adolescencia a nivel mundial y de forma concreta en España. En la actualidad, según datos del Ministerio de Justicia y Consejo General del Poder Judicial, existen en España un total de 10 homicidios, 292 delitos sexuales, 1.493 lesiones y 3.275 robos al año. Los lugares donde se encuentran más condenados entre 14 y 17 años por cada 1.000 habitares, fueron Ceuta, Melilla, La Rioja, Castilla y León y Andalucía. Comparando esta información, se verifica que en todas las comunidades, menos en tres, estos índices han ido aumentando de forma importante en el trascurso de los años. En este sentido, la evolución de las cifras de delincuencia protagonizada por menores contra sus familiares, también crece cada año y todo indica que estas cifras seguirán aumentando de forma progresiva. A modo de ejemplo, las denuncias por malos tratos presentadas por madres contra sus hijos fueron de 3.177 en 2002, 3.363 en 2003 y de 3.964 en 2004. De forma más concreta, la conducta antisocial es aquella que atenta contra la integridad física emocional de las personas y/o de sus bienes. Se trata de una problemática que surge por la combinación de diversos factores entre los que destacan la conducta turbulenta en la escuela, el consumo de drogas, el alcoholismo, la relación antisocial con sus pares, las alteraciones emocionales, el maltrato, los problemas familiares, entre otras situaciones que hacen a los individuos más vulnerables. Ante el intento de abordar este problema, se han propuesto diversas medidas. Actualmente existen en España más de 50.000 menores encerrados por alcohol, drogas y mala conducta. A modo de ejemplo, la ONU da un aviso a España por la administración de psicofármacos en los centros de reforma. Además, los centros penitenciarios se encuentran a más del 200% de su capacidad prevista de ocupación y el 70% de los nuevos reclusos son extranjeros. Las intervenciones ante este tipo de conductas, que ejercen su principal repercusión a nivel social, deben ir dirigidas principalmente a los padres, amigos, maestros/profesores, además del menor. En este sentido, los profesionales de la salud tienen una función muy importante en este tipo de conductas y por ello, pueden desempeñar una labor primordial llevando a cabo intervenciones sistemáticas y estructuradas atendiendo a las diferencias individuales y contextuales de cada caso. Por todo ello, es evidente la existencia de una necesidad social para prevenir y en su caso evitar este tipo de conductas y trastornos en la población general y más concretamente en niños y adolescentes.
Psicología Clínica y de la Personalidad

EFICACIA DE UN PROGRAMA DE FOMENTO DE LA CONDUCTA PROSOCIAL EN UNA MUESTRA DE ADOLESCENTES EN RIESGO SOCIAL. Wenceslao Peñate Castro (Colegio de Psicólogos de Sta. Cruz Tenerife)

Los programas de intervención sobre la conducta antisocial han sido muy variados, implicando a su vez distintas perspectivas y acercamientos terapéuticos (biológicos, psicológicos, sociales…). Uno de esos modos ha consistido en centrarse en qué estructuras o enlaces son funcionalmente responsables en la explicación de la conducta antisocial que sean susceptibles de modificarse.En ese sentido, un grupo de trabajos se ha dirigido hacia el fomento de conductas teóricamente incompatibles con la conducta antisocial: la conducta prosocial. Los primeros programas se dirigieron al fomento de habilidades sociales en adolescentes con conductas antisociales o en riesgo, subrayando el papel de la comunicación efectiva, la asertividad y el éxito social. Algunas dudas sobre su efectividad han hecho que esos programas se hayan modificado incluyendo en entrenamiento en habilidades interpersonales. Estas habilidades favorecen la adquisición de estrategias de comunicación interpersonal, basadas un análisis ordenado de la conflictividad interpersonal, el conocimiento del otro, el desarrollo de alternativas de solución de problemas y la puesta en práctica de las mismas.Dentro de esa perspectiva se presenta un trabajo empírico basado en un programa de habilidades interpersonales, aplicado a una muestra de adolescentes en riesgo social (casas de acogida, casa-cuna y hogares-escuela), frente a una muestra control. El programa extenso se compuso de 29 sesiones, en pequeño grupo, por medio de las cuales se trató de fomentar las cinco habilidades interpersonales básicas (asunción de perspectivas, determinación del problema interpersonal y análisis causal, alternativas de solución, determinación de las consecuencia y planificación en la puesta en marcha de la solución).Los resultados muestran escasos cambios en la conducta antisocial y un aumento significativo antes-después en la conducta prosocial, alcanzando niveles del grupo control, de acuerdo a la valoración que sus tutores hacían de su comportamiento. El seguimiento a seis meses mostró una ligera pérdida de las ganancias en el grupo de alto riesgo social. Estos resultados se discuten en tres áreas diferenciadas: conceptualmente se discute la dimensión antisocial-prosocial, metodológicamente se discute qué componentes del programa son los realmente efectivos y prácticamente se discute sobre la necesidad de la continuidad en el entrenamiento en habilidades interpersonales como una garantía de consolidación de las ganancias.
Psicología Clínica y de la Personalidad

VIOLENCIA FILIO-PARENTAL. Javier Urra Portillo (Colegio Oficial De Psicólogos De Madrid)

Abordaremos la violencia filio-parental analizando sus causas, evolución y prevención. Desde la realidad empírica de haber explorado psicológicamente a trescientas familias de tener en un Campus residencial terapéutico tratamental a cuarenta y nueve jóvenes que ejercían violencia ascendente informaré cuantitativa y cualitativamente de sus características y sus interrelaciones. Especificaré que la edad del mayor brote de violencia se produce a los 16 años. Que un tercio de las agresoras son chicas. Que existe incidencia en el abuso de alcohol y de cannabis. Estos jóvenes dictadores tienen diagnósticos psicopatológicos en aproximadamente de un 30 por cierto, recibiendo psicofármacos, primordialmente ansiolíticos y antipsicóticos. Aproximadamente un tercio de la violencia es física, otro tercio verbal – emocional y el otro tercio de chantaje económico y de rotura de objetos. Resulta manifiesto que esta patología social se incrementa en el día a día, en los países ricos o con marcado desarrollo. Analizaremos frases dichas por progenitores e hijos, así como sus vivencias, miedos, rencores, ideas obsesivas. Compartiré el programa terapéutico tratamental y las consecuciones alcanzadas. Me haré eco de las conclusiones obtenidas en los congresos que hemos organizado en los que agentes sociales de distintos hábitos han aportado su visión sanitaria, educativa, jurídica, social. Al fin captamos mucho dolor en padres e hijos e interés en ambas partes por mejorar la relación que exigen un tratamiento prolongado, pues es muy difícil erradicar hábitos inadecuados y nocivos. Trasmitiré a los colegas algunos temas que me preocupan como es el número de hijos adoptados que se vuelven contra sus padres. El programa que expondré es precursor en España y absolutamente referente. Ha sido mostrado en los telediarios nacionales de máxima audiencia. El programa recURRA GINSO nació en conjunción con las universidades más prestigiosas del país pues no queremos quedarnos solo en el trabajo cotidiano sino estudiar, investigar y obtener conclusiones para prevenir una conducta tan antinatura. Habrá ocasión para mencionar otras figuras relevantes como son los profesores y los abuelos. También comentaré en relación a los medios de comunicación y a las redes sociales. Entendemos que esta patología social es todo un síntoma en una sociedad cambiante.
Psicología Jurídica, Forense y Criminal

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 - 20/10/2012

Proponente: JESUS DE LA FUENTE ARIAS

Área da Psicologia: Psicología Escolar y de la Educación

RELACIÓN ENTRE LA AUTORREGULACIÓN PERSONAL Y VARIABLES MOTIVACIONALES-AFECTIVAS DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

La autorregulación personal se ha definido como la capacidad de los individuos persona para planificar, supervisar y dirigir su comportamiento, en situaciones cambiantes. Sin embargo, está por definir su relación con los procesos motivacionales-afectivos de los estudiantes universitarios, tales como los enfoques de aprendizaje, la resiliencia, la ansiedad de evaluación y el estilo de acción-emoción, en situaciones de estrés académico. El objetivo de la investigación fue establecer las relaciones de asociación e interdependencia con tales variables motivaciones- afectivas.
La muestra estuvo compuesta por un total de 121 alumnos de 2º y 4º curso de la Titulación de Psicología, de la Universidad de Almería (España). El diseño fue de tipo correlacional e inferencial. Se utilizaron diferentes medidas: 1. Niveles de autorregulación con el SRQ; 2. Los enfoques de aprendizaje, con el R-SPQ-2F, 3. la resiliencia, con el CD-RISC, .3 la Ansiedad ante la evaluación, con el TAI80, y 4. el estilo de acción-emoción, a través JASE-H. Se realizaron análisis correlacionales de Pearson, ANOVAs y MANOVAs. De manera previa a los Anovas, se realizaron análisis de cluster, para categorizar los tipos de autorregulación. Los resultados mostraron diversas relaciones de asociación positiva y significativa, así como relaciones de interdependencia entre las variables.
En el estudio 1, los resultados mostraron una relación de asociación positiva y significativa entre la autorregulación y el enfoque profundo y una correlación negativa significativa entre la autorregulación y el enfoque superficial (incluidas la motivación y las estrategias, así como un efecto significativo de la autorregulación personal en los enfoques superficiales y profundos del aprendizaje.
En el estudio 2, los resultados evidenciaron la autorregulación correlacina con la tenancidad y con el control. Los objetivos correlacionan con casi la totalidad de los comportamientos de resiliencia, salvo la espiritualidad. La autorregulación correlaciona con la tenacidad y el control. El alumnado con niveles altos de autorregulación son más constantes y consistentes tanto en tenacidad como en la percepción de control de la situación, aspectos que los hace más resistentes a la frustración y, por tanto, con niveles de resiliencia más elevados.
El estudio 3, los resultados mostraron una relación general de asociación negativa significativa entre la Preocupación con los distintos factores de la autorregulación; de igual modo ocurrió entre la Ansiedad con respecto a la toma de decisiones. Aparecieron efectos parcialmente significativos en los Anovas en Preocupación, con diferencias significativas entre los grupos bajos en autorregulación, con respecto a los medios y los altos. El alumnado alto en autorregulación es menos propenso a la preocupación.
Finalmente, en el estudio 4, los resultados mostraron una relación de asociación positiva y significativa entre la competitividad-sobrecarga laboral, y la autorregulación personal, y negativos de la impaciencia-hostilidad con la misma, y un efecto del estilo de accióne-emoción en la autorregulación personal. El estilo competitivo-trabajador es el que lleva consigo mayores niveles de objetivos, perseverancia y toma de decisiones.
Se evidencia, por tanto, el valor de la autorregulación personal, como construcción psicoeducativa (presagio) de las variables motivacionales-afectivas (proceso), presentes en los procesos de aprendizaje universitario, como contexto de estrés académico. Se establecen las limitaciones del estudio y las implicaciones del mismo.
Agradecimientos
Esta investigación se realizará en el marco del Proyecto I+D ref. EDU2011-24805 (2012-2014). MICINN y Fondos FEDER.

RELACIÓN ENTRE LA AUTORREGULACIÓN PERSONAL Y LA RESILIENCIA EN ALUMOS UNIVERSITARIOS. Jesus De La Fuente Arias (Universidad De Almeria)

Podemos entender la autorregulación como un proceso de carácter personal, conductual y contextual añadiendo las metas como un factor clave. Se ha definido como la capacidad de la persona para planificar, supervisar y dirigir su comportamiento en situaciones cambiantes. La resiliencia, como la capacidad para sobreponerse a las situaciones adversas de la vida. El objetivo de esta investigación fue establecer las relaciones de asociación e interdependencia entre ambos constructos, en estudiantes universitarios.
La muestra estuvo compuesta por un total de 121 alumnos de 2º y 4º curso de la Titulación de Psicología, de la Universidad de Almería (España). El diseño fue de tipo correlacional e inferencial. Se utilizaron diferentes medidas: 1. Niveles de autorregulación con el SRQ. 2. Resiliencia a través de CD-RISC. Se realizaron análisis correlacionales de Pearson, ANOVAs y MANOVAs. De manera previa a los Anovas, se

realizaron análisis de cluster, para categorizar los tipos de autorregulación. Los resultados mostraron una relación general de asociación positiva significativa de la Tenacidad y el Control con los distintos factores de la autorregulación; de igual modo de la aceptación del Cambio y la Resiliencia total con la formulación de Objetivos en autorregulación; mientras que la espiritualidad muestra una asociación negativa y significativa con las Decisiones de autorregulación. De forma complementaria, aparecieron efectos parcialmente significativos en los Manovas en Tenacidad, con diferencias significativas entre los grupos bajos en autorregulación, con respecto a los medios y los altos. Iguales resultados se obtuvieron en Control, con diferencias significativas entre los grupos medios y altos en autorregulación, constatándose que el alumnado alto en autorregulación es más tenaz y tiene mejor percepción de control de la situación

RELACIÓN ENTRE LA AUTORREGULACIÓN PERSONAL Y LOS ENFOQUES DE APRENDIZAJE EN ALUMNOS UNIVERSITARIOS. Jose Manuel Martinez Vicente (Universidad De Almeria)

La autorregulación personal se ha definido como la capacidad de la persona para planificar, supervisar y dirigir su comportamiento en situaciones cambiantes. Paralelamente, el enfoque de aprendizaje se ha conceptuado como la forma estable de enfrentarse a las tareas académicas de aprendizaje universitario. El objetivo de esta investigación fue establecer las relaciones de asociación e interdependencia entre ambas variables.
La muestra estuvo compuesta por un total de 121 alumnos de 2º y 4º curso de la Titulación de Psicología, de la Universidad de Almería (España). El diseño fue de tipo correlacional e inferencial. Se utilizaron diferentes medidas: 1. Enfoque superficial y Enfoque profundo, con el R-SPQ- 2F 2. Niveles de autorregulación con el SRQ. Se realizaron análisis correlacionales de Pearson, ANOVAs y MANOVAs. De manera previa a los Anovas, se realizaron análisis de cluster, para categorizar los tipos de autorregulación.
Los resultados mostraron una relación de asociación positiva y significativa entre la autorregulación y el enfoque profundo y una correlación negativa significativa entre la autorregulación y el enfoque superficial (incluidas la motivación y las estrategias). De forma complementaria, apareció un efecto significativo de la autorregulación personal en los enfoques superficiales y profundos del aprendizaje. Se evidencia, por tanto, el valor de la autorregulación personal (como variable presagio del aprendizaje) en los enfoques de aprendizaje (como variable proceso) para diferenciar al alumnado y se aporta evidencia de la importancia de la autorregulación personal

RELACIÓN ENTRE AUTORREGULACIÓN PERSONAL Y ANSIEDAD DE EVALUACIÓN EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS. María Cardelle-Elawar (Arizona State University)

Podemos entender la autorregulación como un proceso de carácter personal, conductual y contextual añadiendo las metas como un factor clave. Ha sido definida como la capacidad de la persona para planificar, supervisar y dirigir su comportamiento en situaciones cambiantes. La ansiedad evaluativa o de prueba (test anxiety)está referidas a la preocupación y emocionalidad que experimentan los alumnos ante situaciones evaluativos. El objetivo de esta investigación fue comprobar las relaciones de asociación e interdependencia entre ambas, en los estudiantes universitarios.
La muestra estuvo compuesta por un total de 121 alumnos de 2º y 4º curso de la Titulación de Psicología, de la Universidad de Almería (España). El diseño fue de tipo correlacional e inferencial. Se utilizaron diferentes medidas: 1. La Ansiedad de Evaluación, con el TAI-80 2. Niveles de autorregulación con el SRQ. Se realizaron análisis correlacionales de Pearson, ANOVAs y MANOVAs. De manera previa a los Anovas, se realizaron análisis de cluster, para categorizar los tipos de autorregulación. Los resultados mostraron una relación general de asociación negativa significativa entre la Preocupación con los distintos factores de la autorregulación; de igual modo ocurrió entre la Ansiedad con respecto a la toma de decisiones. De forma complementaria, aparecieron efectos parcialmente significativos en los Anovas en Preocupación, con diferencias significativas entre los grupos bajos en autorregulación, con respecto a los medios y los altos, constatándose que el alumnado alto en autorregulación es menos propenso a la preocupación.

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 - 20/10/2012

Proponente: João Carlos Alchieri

Área da Psicologia: Formación en Psicología

COOPERACIÓN INTERNACIONAL EN PSICOLOGIA EN EL MERCOSUR

Trata-se de uma proposta que visa mostrar as atuais ações de intercambio da psicologia com os paises proximos, neste caso chancelada por projetos de integração como Programa de Centros Associados de Pós-Graduação (CAPG-BA)
Programa de Centros Associados para o Fortalecimento da Pós-Graduação (CAFP-BA) Argentina – Brasil e Movilidad Académica para la Integración (MAPI). Red de Facultades de Psicología del MERCOSUR. Nestes projetos de ambitos distintos para a posgraduação e graduação as ações integradas, os plejamentos, abrangencias e as possiveis limitações são abordadas por professores participantes de 3 paises (Argentina, Brasil e Uruguai) muito embora outros dois (Chile e paraguai) tambem estejam presentes.
Busca-se informar aos participantes da SBP as ações realizadas, o potencial de novas articulações entre instituições nacionais e internacionais, alem de problematizar novas interfaces de trabalhos conjuntos para os proximos editais

FUNDAMENTOS Y ACCIONES EN POS DE LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR. João Carlos Alchieri (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

La asociación AUAPsi, es un ente que agrupa a los departamentos, escuelas y facultades de psicología de las universidades estatales de Argentina y Uruguay, desde Agosto del 1991. AUAPSI es un foro para debatir sobre las principales preocupaciones que tiene el desafío de la formación de los psicólogos en la Región. El campo de los problemas que aborda la intervención y la investigación en psicología, así como el trayecto académico y la realidad de los espacios laborales y las trayectorias posibles, locales, nacionales e internacionales, son objeto de su reflexión. Es en este sentido que la mirada regional e internacional viene teniendo una dedicada motivación por parte de sus miembros.
Los procesos de internacionalización se abordan desde el limite de un espacio de reflexión, análisis y discusión de la formación, y las estrategia que los distintos estado se dan para reglamentar y legislar la profesión de psicólogo. Se realizan diversas acciones que en ese marco muestran el compromiso con la internacionalización. En principio, desde el 91 AUAPsi es un organismo regional. (Argentina y Uruguay) Y en especial, a lo largo de los últimos tres años han mostrados logros concretos: Ampliar canales de comunicación y de intercambio con los distintos referentes de las universidades participantes. Se llevaron adelante programas que facilitaron el intercambio docente y estudiantil. Esta red funcionando posibilito fortalecer las acciones de cada unidad académica, accediendo a programas disponibles. En el 2010, AUAPsi a su vez elevo al Ministerio de Educación de la Argentina, su voluntad de ser incluida como carrera en el plan trienal de MERCOSUR sobre reconocimiento de títulos y trayectos de acreditación. En particular expresamos nuestra voluntad de participar del Mecanismo Experimental de Acreditación del MERCOSUR, Programa de Movilidad Asociado a las carreras acreditadas. Con el propósito de contribuir a la mejora de la calidad de la enseñanza superior visualizamos como acciones importantes a seguir: estimular la cooperación interinstitucional e internacional, impulsar la movilidad y el intercambio académico entre estudiantes, docentes, investigadores y gestores de las carreras de psicología, promover la reflexión y la producción de conocimiento, propender a la integración de la Educación Superior en el MERCOSUR, proponer iniciativas y acciones que fortalezcan el proceso de formulación de políticas públicas y orienten la toma de decisiones. A partir de las últimas grandes áreas identificadas en el Protocolo de Intenciones suscripto por los Ministros de Educación y del diseño del Plan Trienal, con el ánimo de trabajar como bloque para encontrar soluciones conjuntas a las necesidades nacionales y de integración, y a la importante tarea desarrollada por otras disciplinas, es que consideramos que la psicología debe participar en el marco ordenador de los emprendimientos, proyectos y acciones a llevarse a cabo en los próximos años y ser incluida en el Plan Estratégico 2011-2013. Si bien esto todavía no se ha logrado, hay intenciones de los estados en la línea propuesta. Y teniendo como norte, el interés de propender a la homologación de titulaciones y a la libre circulación de profesionales, considerando pertinente que las carreras de psicología tuvieran prevista la oferta de cursos, que pudieran ser acreditados en el ámbito del MERCOSUR. Y teniendo en cuenta la existencia de acuerdos, en todo lo

referente a docencia de grado, postgrado, investigación, transferencia de tecnología y extensión, que preexisten a esta iniciativa.
En el marco de la red de los Ministerios de Salud de la Región, AUAPsi ha participado de distintos eventos profundizando y movilizando los acuerdos regionales en torno al reconocimiento de títulos para el ejercicio profesional de psicólogos en los ámbitos de los estados del MERCOSUR. La problemática de internacionalización, en este caso vincula los problemas articulados a la salud mental de las poblaciones, y tiene como uno de los ejes de discusión la libre circulación de las profesiones, los sistemas de matriculación de especialistas, los trayectos formativos que luego acreditan para la actividad profesional. En estos eventos, las asociaciones exponen su parecer e integran documentos que finalmente acompañan las acciones de los Estados en el proceso de confluencia regional. Como corolario, pero también como puntapié inicial, AUAPsi propone el 1.er Encuentro de Unidades Académicas de Psicología de Gestión Pública en Latinoamérica que tuvo lugar en Montevideo los días 1ro y 2 de marzo del 2012. Proponer un foro de discusiones sobre el modelo de universidad y las estrategias formativas en psicología. Este encuentro dio lugar a sendos debates que se vieron reflejados en una publicación, producto de la reflexión contemporánea.Fruto de ese encuentro AUAPsi, decidió dar otro impulso a internacionalización y propuso una iniciativa en torno a organizar una red latinoamericana que nos permita recrear estos espacios de debate a nivel regional.

PROGRAMAS CAFP BA Y MAPI. Patricia Altamirano (Universidad Nacional de Cordoba)

Son presentados los principales aspectos de los programas CAFP e MAPI con vistas al desarrollo de practicas efectivas en la docencia superior y la colaboración entre los países. Se espera fortalecer los lazos de integración entre ambas instituciones participantes, para lograr la continuidad de la cooperación después del término del proyecto. Esta cooperación debe producir como resultado la producción de conocimiento pertinente para la región, que de lugar a publicaciones científicas conjuntas, y programas compartidos de extensión y desarrollo social. En cuanto a las Unidades Académicas asociadas, la mejora en la calidad educativa se verá reflejada a la hora de acreditar los doctorados para competir en el panorama internacional. La función de la Unidad Promotora dentro del proyecto incluye tres aspectos: a) recibir a los doctorandos que viajan en misiones de estudio y orientarlos en los cursos o trabajos de investigación que realicen allá, b) enviar docentes en misiones de trabajo para dictar cursos de posgrado en áreas de vacancia en la Unidad Receptora y c) co-dirección de tesis doctorales, co-tutoría de trabajos de investigación y publicación conjunta de resultados, formación de investigadores en áreas de vacancia en la Unidad Receptora. El criterio utilizado para seleccionar las misiones de trabajo es que los cursos que se dicten correspondan a áreas de vacancia dentro de la disciplina y respondan a las necesidades de los doctorandos. El criterio utilizado para las misiones de estudio es que todos los doctorandos que cumplen funciones docentes en la UNMDP puedan viajar a realizar un curso o trabajo de investigación que guarde relación con el tema de su tesis. Los objetivo son Reducción de las desigualdades regionales en el ámbito de la Educación Superior. Consolidación de lazos de cooperación internacional entre ambos centros asociados, sustentables más allá del término del proyecto. En cuanto a las principales líneas de investigación, la Unidad Promotora tiene dos líneas amplias que engloban a la mayoría de los investigadores. Éstas son : Procesos Psicosociales y Prácticas Psicosociales. La Unidad Receptora cuenta con un Centro de Investigaciones en Procesos Básicos, Metodología y Educación que concentra las investigaciones en estas áreas y además, diversos proyectos en otros campos, como se detalla supra (punto). Pero se vería altamente beneficiada por la posibilidad de avanzar en investigaciones conjuntas sobre temas específicos relacionados con procesos y prácticas psicosociales. Ambas currículos prevén también la obligación del doctorando de dictar un curso sobre el tema de su investigación para los alumnos del grado. Las currículos de la Unidad Promotora y de la Unidad Receptora comparten el objetivo principal de formar recursos humanos de alto nivel para la investigación y enseñanza de la Psicología y áreas conexas. En ambas hay un plan de estudios personalizado, realizado por el doctorando con su director y aprobado por el respectivo comité de posgrado.

ACCIONES EN POS DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR DE LA FACULTAD DE PSICOLOGÍA DE LA UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA EN COOPERACIÓN INTERNACIONAL CON PAÍSES DEL MERCOSUR. Hugo Selma Sánchez (Universidad de la República)

El presente trabajo pretende exponer la experiencia de la Facultad de Psicología de la Universidad de la República en Cooperación Internacional (CI) con países del MERCOSUR en el período 2009-2012. La misma se enmarca a su vez en un determinado contexto nacional e internacional, así como en la especificidad de nuestra institución. Un punto de partida necesario para contextualizar la experiencia de nuestra institución, es el concepto de Globalización, del cual la Educación Superior (ES) no es ajena. La globalización supone un cambio en la forma de producción, a través de equipos de trabajo cada vez más multidisciplinarios y multinacionales. En los últimos años se ha diversificado en forma notable el grado de participación de un mayor número de países en investigación científica. En América Latina y el Caribe (ALC), la participación global en publicaciones científicas representaba el 1.6% en la década de los 90 (González, J., Rojas, M., & Brovetto, J., 2002), pasando al 2.6% hacia finales de la década del 2010

(Gazzola, A.L. & Didriksson, A., 2008), aunque aún insuficiente para el 8.6% de la población mundial (CELADE - División de Población de la CEPAL, 2012). El desarrollo científico comienza a tener un mayor peso en las políticas estatales y universitarias de nuestra región. El surgimiento de modalidades de educación a distancia y el aumento de las movilidades (Gazzola, A.L. & Didriksson, A., 2008) han favorecido la globalización de la ES. En este nuevo marco de "sociedad de la información" y de las TIC´s, las universidades deben jugar un papel fundamental (Gazzola, A.L. & Didriksson, A., 2008). En ALC además se está produciendo un fenómeno de masificación de la matrícula universitaria, debida en parte a la estructura de la pirámide poblacional (CELADE - División de Población de la CEPAL, 2003) y a la universalización de la Educación Terciaria (Fernández Lamarra, N., 2004). El desafío para las universidades es la de la búsqueda de la excelencia en ese contexto, y la internacionalización ha sido una de las líneas de acción fortalecidas. Tal como señalan Brandenburg y De Wit (2010), "A lo largo de las dos últimas décadas, el concepto de internacionalización de la enseñanza superior se ha desplazado del margen del interés institucional al mismo núcleo".

Nuestro país en los últimos años ha experimentado un ciclo de crecimiento económico sostenido que era inédito desde la primera mitad del siglo XX. Ello representa, tal como lo ha sostenido el propio Rector de la UdelaR, Dr. Rodrigo Arocena, "una oportunidad histórica" (Arocena, R. & Carrato, V., 2010). Al ciclo económico favorable del país se han unido diversas políticas estatales que apuntan al fortalecimiento del sistema educativo y de la investigación científica, áreas en las que la UdelaR debe jugar un rol fundamental. En función de los desafíos que se plantean a las universidades de la región, expuestos anteriormente, la Cooperación Internacional está orientada fundamentalmente hacia tres objetivos (Beneitone, P., González, J., & Wagenaar, R., 2007): búsqueda de "excelencia académica" (Silva, 2007), mejora de la competitividad, y el intercambio científico y cultural. Estos objetivos pueden a su vez encararse a través de diferentes estrategias, entre las que destacan (Beneitone, P. et al., 2007):

ñ Movilidades (grado, posgrado, docentes).
ñ Redes internacionales.
ñ Titulaciones conjuntas.
ñ Convenios.
ñ Investigaciones conjuntas.
ñ Enseñanza de idiomas.
ñ Cooperación para el Desarrollo.
ñ Internacionalización de la currícula.

Podría decirse que el punto de partida del proceso de internacionalización de la FP-UdelaR se sitúa en el año 2009, cuando se solicitó un "Informe sobre la actividad investigadora en la FP-UdelaR" por parte de evaluadores externos (de la UAB, la UNC y la UNAM). Dicho informe puso de manifiesto una serie de necesidades, entre ellas la de una mayor internacionalización. Hacia finales del 2009 se crea la "Secretaría de Relacionamiento y Posgrado". Se comenzó a trabajar sistemáticamente en torno a múltiples programas y fondos concursables de la propia UdelaR, de otras instituciones nacionales, extranjeras y organismos internacionales. Nuestra facultad fue la primera institución en obtener dos proyectos financiados por la AECID española, lo cual fue un espaldarazo importantísimo para la adquisición de equipamiento y capacitación necesarios para investigación de calidad. Además de ello se han aumentado de manera significativa las movilidades de docentes, estudiantes e investigadores, la realización de convenios, y la participación en proyectos y redes interuniversitarias. El ejemplo más gráfico es el de las movilidades de estudiantes de grado, que en el período 2009-2012 se han multiplicado por 10. Otro ejemplo que vale la pena destacar es lo que ha significado el "Programa de Movilidad MERCOSUR en Educación Superior" (PMM). A través del mismo se han podido establecer lazos y redes que han permitido la presentación de varios proyectos en los últimos dos años, dos de los cuales han sido financiados. A modo de resumen, la CI ha colaborado en la consecución de los siguientes objetivos institucionales:

- Desarrollo de la CI: movilidades, proyectos, convenios, becas.
- Desarrollo académico.
- Aumento de grado académico del cuerpo docente.
- Aumento de producción académica.
- Recepción de investigadores del extranjero.
- Modernización de la gestión.
- Inversiones en infraestructura.

Es también digno de señalar que han diversas dificultades y obstáculos en el proceso de internacionalización de la institución. Entre los mismos, podemos destacar los siguientes:

- Inercia institucional.
- Inercia cultural.
- Dificultades en la gestión.
- Falta de experiencia institucional.

Los últimos años en la FP-UdelaR han supuesto un proceso de transformación a todos los niveles. En tal sentido, la internacionalización de la institución ha supuesto un aporte sustancial de dicho proceso. La misma ha facilitado el desarrollo de los posgrados, la mejora de la oferta académica de grado y de Educación Permanente, y el desarrollo científico de la institución.

Una vez iniciado el proceso, el desafío mayor consiste en definir estrategias que permitan un crecimiento sostenido de la CI, la profesionalización de la gestión, una mayor integración al conjunto de la vida institucional, y la imbricación con el desarrollo académico integral de la facultad.

42ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS
SHERATON WTC HOTEL SÃO PAULO, BRASIL 17 - 20/10/2012

Proponente: MANUEL MARIANO VERA MARTINEZ

Área da Psicologia: Psicología Escolar y de la Educación

Psicología de la Educación, Innovación y Emprendimiento (I+D+i)

El componente científico-tecnológico de la Psicología Educativa para la innovación. La Psicología Educativa, como área de la Psicología especializada en los procesos formativos, tiene varios retos importantes para el siglo XXI. De una parte, contribuir a que se produzca un cambio de paradigma, que propicie la evolución desde un enfoque -casi exclusivo- centrado en las ciencias sociales a un enfoque científico-tecnológico, propio de una disciplina que produce innovación y transferencia científico-tecnológica relevante en la sociedad de la información y del conocimiento del siglo XXI.

LA CADENA DE VALOR I+D+I EN LA ACCIÓN PSICOEDUCATIVA. Manuel Mariano Vera Martinez (Universidad De Granada)

La cadena de valor I+D+i (De la Fuente y Vera, 2010) supone asumir, tanto en la vertiente académica como profesional, los tres eslabones de la misma en las actividades de la Psicología Educativa. Por ello, es un heurístico que permite la integración de la actividad académica o investigadora (I), la actividad de desarrollo científico-tecnológico investigadora y profesional (D) y la actividad innovadora (i). La generación de transferencia e innovación, aplicada a los contextos educativos, puede ser un revulsivo importante de la actividad psicoeducativa para los nuevos psicólogos profesionales.

COMPONENTES Y FUNCIONES DEL ÁREA DE I+D+I EN LAS ORGANIZACIONES Y SERVICIOS PSICOEDUCATIVOS. Jesus De La Fuente Arias (Universidad De Almeria)

La materialización de esta concepción supone crear un área transversal en las organizaciones, instituciones profesionales y educativas. En concreto, lleva consigo la creación del Departamento de I+D+i o, en su caso, de un área transversal a las demás (De la Fuente, Justicia, Peralta y Sánchez, 2009). Esta área transversal tendría como misión, tanto la implementación real de la cadena I+D+i en la organización educativa, como el incentivo de las actividades de innovación en las mismas, en los diferentes programas psicoeducativos: utilización de aplicaciones TICs, la mejora de la vertiente organizacional, la vertiente evaluativa, el análisis de la información que genera la propia organización, análisis de costes-beneficios, procesos de toma de decisiones estratégicos, etc.

EJEMPLOS DE APLICACIÓN DE LA CADENA I+D+I EN DIFERENTES PROCESOS, PRODUCTOS Y SERVICIOS PSICOEDUCATIVOS. Lucía Zapata Sevillano (Universidad De Almeria)

La cadena de valor I+D+i puede suponer una ventaja académica, investigadora y profesional en diferentes actividades, respecto a los procesos, productos y servicios que se generan en el ámbito psicoeducativo. Se explicitan diversos ejemplos de cómo la cadena I+D+i, puede ayudar a mejorar diferentes acciones psicoeducativas. En primer lugar, se analiza qué mejoras competitivas puede suponer la cadena I+D+i, en los concursos públicos de Proyectos de Investigación I+D+i, al plantearse en colaboración con un agente de transferencia como una Empresa de Base Tecnológica (Education & Psychology I+D+i). En segundo lugar, se ejemplifica la cadena I+D+i, en el desarrollo de nuevos procesos, productos y servicios, en Proyectos de Innovación Psicoeducativa, ejemplificando dicha cadena en un caso concreto.

Sessão Coordenada: **A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA CLINICA E OS MULTIPLOS INFORMANTES**

Na área de avaliação de psicologia clinica (infantil ou adulta) não há consenso sobre quais seriam as melhores estratégias a serem seguidas para se conseguir o melhor encaminhamento para casos clínicos que se apresentam ao psicólogo, especialmente considerando-se que elas são das mais diferentes naturezas. Este fato está associado a outro, qual seja o de que não há um instrumento de medida cuja exatidão (validade) e precisão (confiabilidade) sejam suficientemente altas. É reconhecido, no entanto, a dificuldade que tais fatos trazem para a tomada de decisões clínicas sobre o uso de tais instrumento ou sobre as aplicações de tais instrumentos clinicamente ou em pesquisas. Esses pontos associados o conhecimento científico de que as condições ambientais influenciam o comportamento , que sabidamente varia em função da situação e dos padrões de relacionamento solidamente estabelecidos levam a conclusão de que para haver uma avaliação compreensiva de qualquer pessoa que busque o atendimento clinico psicológico torna-se cada vez mais necessária a utilização de diversas fontes de informação. As pesquisas que utilizam mais de uma fonte de informação, no entanto, têm encontrado e taxas de concordância entre diferentes informantes baixas e, quando muito, os índices de correlação que variam de baixo a moderado, cuja explicação para as discrepâncias têm suscitado novas investigações e outras análises. Visando entender melhor esta temática propõe-se a presente coordenada para a qual foram convidados pesquisadores que têm se dedicado à investigação de tais temas, com o foco principal sobre o uso de instrumentos ASEBA O primeiro trabalho analisa níveis de concordância e discordância entre as avaliações realizadas por pais ou cuidador principal e pelo psicólogo clínico em relação a dificuldades internalizantes e externalizantes de crianças com idade entre sete e 11 anos.. O segundo teve por objetivo demonstrar a importância de múltiplos informantes na coleta de dados sobre pacientes adolescentes, identificando as principais concordâncias em um instrumento padronizado para triagem. O terceiro objetivou comparar a queixa inicial de clientes adultos avaliada pelo psicólogo com a queixa identificada a partir da resposta do paciente ao Inventario de Autoavaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-Report; ASR), em amostra coletada em Curitiba-PR, Goiânia-GO, São Paulo-SP e São José do Rio Preto-SP. Os três últimos são recortes de uma pesquisa transcultural com o Inventario de Autoavaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-Report; ASR) e o inventario para avaliação de adultos (ABCL) que se encontra em andamento, sob a responsabilidade da proponente da coordenada. Nessa pesquisa foram coletados dados de diferentes cidades de vários estados do pais e o trabalho objetivou comparar as informações fornecidas por pessoas adultas com a de seus informantes, verificando a convergência ou não destas informações. O quarto trabalho avalia essa convergencia na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O quinto tem o mesmo recorte da anterior mas com referencia a cidade de São Paulo, SP e o ultimo diz respeito a cidade de Juiz de Fora, M.G. Pretende-se discutir e comparar os resultados de cada um dos trabalhos apresentados na coordenada entre si e verificar os encaminhamentos clínicos e de pesquisa que os resultados de todos eles sugerem.
Apoio: CNPq e FAPESP

Psicologia Clínica e da Personalidade

INCLUSÃO DE MÚLTIPLOS INFORMANTES NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO INFANTIL: UMA COMPARAÇÃO DO RELATO DOS PAIS AO INVENTÁRIO DE COMPORTAMENTOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES CBCL/6-18 E DA PERCEPÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO. *Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Instituto de Psicologia Departamento de Psicologia Clinica da Universidade de São Paulo - SP); Deisy Ribas Emerich** (Instituto de Psicologia- Departamento de Psicologia Clinica da Universidade de São Paulo)*

As dificuldades comportamentais e emocionais, iniciadas na infância, podem estender-se ao longo do desenvolvimento, impactando a vida da criança e de sua família. Para haver uma avaliação compreensiva é necessária a utilização de diversas fontes de informação, que não exclusivamente os pais. Mapear as dificuldades permite elaborar um plano de intervenção adequado a elas, sendo a entrevista clínica de fundamental importância nesta etapa. O objetivo do presente trabalho foi analisar níveis de concordância e discordância entre as avaliações realizadas por pais ou cuidador principal e pelo psicólogo clínico em relação a dificuldades internalizantes e externalizantes de crianças com idade entre sete e 11 anos. Para tanto, foram realizadas a Entrevista Clínica Semiestruturada para Crianças e Adolescentes (SCICA) com 12 crianças (2 meninas; 10 meninos; idade média=8,58; desvio padrão=1,379) encaminhadas para atendimento em serviços de saúde mental, a fim de compará-las com as respostas dos pais/cuidador ao Inventário dos Comportamentos de Crianças e Adolescentes de 6 a 18 anos (CBCL/6-18). De modo geral, em resposta do CBCL/6-18 os pais (11 mães; 1 pai; idade média=35,58; desvio padrão=4,602) indicaram escores médios elevados, a ponto de atingir um nível clínico, para as Escalas de Internalização e Externalização, indicando que metade da amostra avaliada, quando comparada a outras crianças do mesmo sexo e idade, apresentava problemas, em intensidade ou frequência, que mereceriam atenção de profissionais de saúde mental. Considerando apenas as escalas síndromes e o orientadas pelo DSM-V, observou-se que oito das 12 crianças avaliados apresentaram escores clínicos na escala de ansiedade/depressão e problemas de ansiedade. A partir da entrevista clínica e da resposta do clínico à SCICA, observou-se que em média, as crianças da amostra não apresentaram qualquer um dos problemas de comportamento com uma potencial severidade. No entanto, ao considerarmos as escalas síndromes, percebemos que a amostra obteve escores médios elevados para queixas Ansiedade/Depressão, Retraimento/Depressão, Agressividade/Violação de regras e Problemas de Atenção, que embora não indiquem uma potencial severidade, revela a necessidade de intervenção para prevenir o agravamento destas. As pesquisas que utilizam múltiplos informantes têm encontrado baixas taxas de concordância. No presente estudo, observou-se haver concordância entre os informantes no que tange as dificuldades com ansiedade e depressão, no entanto, ao consideramos um grupo de dificuldades internalizantes e externalizantes houve diferença na avaliação quanto a severidade do problema com os pais apontando maior severidade. Tal discrepância era esperada, visto que os pais tendem a maximizar as dificuldades dos filhos em função de fatores como o próprio estresse, as noções que têm como ideal para a sociedade na qual estão inseridos ou a elegibilidade para o tratamento pais podem reportar mais aspectos negativos no comportamento da criança como forma de garantir a vaga para receber atendimento. Analisar as concordâncias e discordâncias permite identificar em qual área encontram-se as reais dificuldades da criança e facilita a delimitação dos objetivos da intervenção. Por fim, a entrevista clínica mostrou-se uma ferramenta de grande valia para garantir a obtenção de dados relevantes, além de propiciar a inclusão da criança em seu próprio processo de avaliação.

Apoio : FAPESP & CNPq

A IMPORTÂNCIA DE MÚLTIPLOS INFORMANTES PARA A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DO ADOLESCENTE. *Teresa Helena Schoen (Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente, Departamento de Pediatria, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo - SP)*

O psicólogo, na tentativa de avaliar de forma mais ampla possível o adolescente encaminhado para atendimento, deve ter em mente a importância de buscar informações a respeito de seu paciente em diferentes fontes. Geralmente os pais são os primeiros a serem ouvidos, assim como o próprio adolescente. Quando o motivo da procura por um atendimento especializado é devido a queixas escolares, deve-se também obter informações advindas dos professores. Entretanto, deparamo-nos com a dificuldade de atendimento aos pais, principalmente em serviços de saúde mental que só funcionam durante o dia. O mesmo ocorre com a coleta de dados na escola, pois muitos psicólogos não dispõem de tempo ou recursos para conversar com os professores ou coordenadores e observar seu cliente no ambiente natural onde ocorrem os comportamentos que levaram ao encaminhamento psicológico. A utilização de instrumentos padronizados, que também possibilitem a coleta de dados por parte de múltiplos informantes, é bastante útil. Um dos instrumentros que pode colaborar com a coleta e organização das informações sobre o paciente é o Achenbach System of Empirically Based Assessment (ASEBA), que oferece uma abordagem abrangente para avaliar o funcionamento adaptativo e desadaptativo, procurando identificar os padrões reais de comportamento de quem está sendo avaliado. O presente trabalho teve por objetivo demonstrar a importância de múltiplos informantes na coleta de dados sobre pacientes adolescentes, identificando as principais concordâncias em um instrumento padronizado para triagem. Foram analisados os prontuários de 49 adolescentes que procuraram atendimento psicológico nos anos de 2010 e 2011 em um ambulatório de pediatria. Os instrumentos utilizados foram o Youth Self Report (47 protocolos), o Child Behavior Checklist (49 protocolos) e o Teacher Report Form (17 protocolos). Quinze adolescentes tinham os três instrumentos preenchidos. Com relação a todos os participantes, os responsáveis informaram mais problemas de comportamento dos adolescentes e menos competência social, quando comparados às respostas do próprio adolescente ou de seus professores. Os professores informaram menos problemas de comportamento que os pais ou seus alunos, com exceção do agrupamento quebra de regras e comportamento externalizante, cujas médias foram maiores que as do próprio adolescente, embora ainda menores que as dos responsáveis. A correlação entre as respostas dos responsáveis e dos adolescentes variou de 0,02 a 0,78 (=0,33); entre as dos responsáveis e dos professores variou de -0,06 a 0,68 (=0,31); e entre as dos adolescentes e de seus professores, de -0,04 a 0, 61 (=0,24). Observou-se que a utilização de um instrumento padronizado ajudou ao responsável informar sobre os problemas e competências do seu flho. O adolescente pode melhor identificar os motivos da busca de um atendimento especializado, embora muitas vezes tivesse dificuldade em quantificar suas competências. Como nem sempre é possível ao psicólogo ir à escola, o instrumento permitiu a coleta de informações com o professor de classe. Concluiu-se que a participação de múltiplos informantes, utilizando instrumentos padronizados, facilitou a caracterização das competências e dos problemas apresentados por adolescentes e colaborou com o diagnóstico e intervenções mais adequadas.

UMA COMPARAÇÃO DA AUTOAVALIAÇÃO DO ADULTO/CLIENTE COM A DO SEU TERAPEUTA. *Marina Monzani da Rocha (Consultório Particular, São Paulo, SP); Fabiana Vieira Gauy (Clínica Vitally, Brasília, DF) ; Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

Um dos motivos da baixa adesão em psicoterapia se deve a falha na identificação dos comportamentos que devem ser alvo de intervenção. O presente trabalho teve como objetivo comparar a queixa inicial identificada pelo psicólogo com a queixa identificada a partir da resposta do paciente ao Inventario de Autoavaliação para Adultos de 18 a 59 anos (Adult Self-

Report; ASR) em amostra coletada em Curitiba-PR, Goiânia-GO, São Paulo-SP e São José do Rio Preto-SP. Tal inventário, desenvolvido nos Estados Unidos e em processo de validação no Brasil, é um instrumento empiricamente baseado que permite que o adulto encaminhado para atendimento em serviços de saúde mental avalie seus comportamentos em diversas áreas, incluindo problemas emocionais e comportamentais. A aplicação e correção dos dados é rápida e de baixo custo, o que faz com que o ASR possa ser inserido, com pouco esforço, na rotina da prática clínica. Participaram deste estudo 50 clientes e quatro psicólogos. Para inclusão na amostra foi estabelecido o critério de que o cliente estivesse em atendimento há no máximo quatro sessões, de maneira que a avaliação fosse realizada no início do tratamento. Foram utilizados: 1) Ficha de identificação de queixa, preenchida pelo psicólogo responsável pelo caso a partir da percepção clínica das queixas-alvo do paciente a partir das primeiras entrevistas clínicas iniciais; 2) ASR para clientes de 18 a 59 anos, que avalia em 126 itens o funcionamento adaptativos nas áreas amigos, família, trabalho, educação e relacionamento com companheiro(a) ou esposo(a), os problemas emocionais/comportamentais em oito escalas-síndromes (Ansiedade/Depressão, Retraimento, Queixas Somáticas, Problemas de Pensamento, Problemas de Atenção, Comportamento Agressivo, Violação de Regras e Comportamento Intrusivo) e três somas de escalas (Problemas Internalizantes, Externalizantes e Total de Problemas Emocionais/Comportamentais), além de avaliar uso de substâncias; e 3) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelo cliente e pelo terapeuta. Os dados foram comparados considerando a queixa identificada pelo clínico e pelo paciente no ASR nas escalas-síndromes e somas de escalas e por categorias em cada escala. Observou-se que, com exceção de dificuldades alimentares, estresse e procrastinação, o ASR identificou com precisão as mesmas dificuldades indicadas pelo psicólogo clínico nas entrevistas iniciais. No entanto, o clinico, em uma primeira avaliação, não conseguiu identificar todas as queixas reportadas pelo cliente na resposta ao ASR. Tais resultados sugerem que o ASR tem utilidade clínica e pode agilizar a identificação dos comportamentos-alvos de intervenção, contribuindo, dessa forma, para uma avaliação mais abrangente dos problemas que levaram o cliente à terapia.

CONCORDÂNCIA ENTRE INFORMANTES (ASR) E RESPONDENTES (ABCL) EM AMOSTRA DE ADULTOS DE PORTO ALEGRE. *Irani I. de Lima Argimon (Pós-Graduação em Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Margareth da Silva Oliveira (Pós-Graduação em Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Introdução: As escalas ASEBA foram desenvolvidas durante vários anos de pesquisa e se destinam a avaliar as competências individuais, funcionamento adaptativo, emocional e social, assim como problemas de comportamento. Os instrumentos da família ASEBA possibilitam avaliar pessoas de todas as idades a partir da percepção do próprio avaliado e/ou responsável, pessoa próxima ou educador. O informante deve responder as questões considerando os últimos seis meses. Levando isso em consideração, o presente estudo objetivou comparar as informações fornecidas por pessoas adultas com a de seus informantes, verificando a convergência ou não destas informações. Método: Delineamento quantitativo, transversal. A amostra foi constituída de 184 participantes da população geral, sendo 92 adultos que responderam o ASR (Adult Self-Report) e 92 familiares que responderam o ABCL (Adult Behavior Check List) acerca de seu parente adulto. Resultados: A amostra de adultos que responderam ao ASR possuía idade média de 30,96 anos (DP=11,73; Mín. 18 e Máx. 57 anos) e era constituída em sua maioria por pessoas do sexo feminino (71%, n=65),a média de idade foi de 29,23(DP11,12)e o sexo masculino a média de idade foi de 34,51(12,51). Em relação à escolaridade a amostra total apresenta , 5,5% (n=5) na faixa do Ensino Fundamental, 18,3% (n=17) no Ensino Médio, 63,4% (n=59) no Ensino Superior, 9,8% (n=9) na Pós Graduação e

3,0% (n=2) não responderam esta questão. No que diz respeito ao poder aquisitivo destes adultos (de acordo com os Critérios Brasil de Classificação Econômica), 20,5% pertenciam a Classe A, 44,1% a Classe B, 12,9% a Classe C e 22,5% não responderam. Na amostra dos informantes, 67,8% (n=61) era padrasto ou madrasta dos adultos, fato este que chama a atenção. Quanto às respostas aos itens que compõem os instrumentos, não houve diferença estatisticamente significativa entre o grupo de adultos e de informantes em nenhuma das subescalas avaliadas pelos instrumentos (valor de p variou de 0,131 a 0,880 nas subescalas, de acordo com os resultados do Teste de Mann-Whitney). A seguir são descritos os Mean-Ranks (Teste de Mann-Whitney) obtidos nos escores de cada subescala segundo as respostas de cada grupo de participantes: Ansiedade e Depressão (ABCL=88,81; ASR=97,15), Isolamento e Depressão (ABCL=98,30; ASR=87,76), Problemas Somáticos (ABCL=89,03; ASR=96,92), Problemas de Pensamento (ABCL= 90,71; ASR=95,26), Problemas de Atenção (ABCL=89,03; ASR=96,93), Comportamento Agressivo (ABCL=94,18; ASR=91,83), Comportamento de Quebra de Regras (ABCL=88,84; ABCL=97,12), Comportamento Intrusivo (ABCL=96,33; ASR=89,71), Pontos Fortes (ABCL=87,03; ASR=98,90), Ponto Crítico (ABCL=93,63; ASR=92,38), Problemas Internalizantes (ABCL=90,91; ASR=95,07), Problemas Externalizantes (ABCL=93,60; ASR=92,41), Total de Problemas (ABCL=95,29; ASR=90,73), Amizades (ABCL=89,46; ASR=94,57), Casamento (ABCL=21,25; ASR=28,34), Tabaco (ABCL=88,06; ASR=90,87), Álcool (ABCL=88,45; ASR=95,44), Drogas (ABCL=92,53, ASR=91,48), Média de Uso de Substâncias (ABCL=88,24; ASR=90,70), Depressão/DSM-IV (ABCL=94,49; ASR=91,53), Ansiedade/DSM-IV (ABCL=91,89, ASR=94,10), Problemas Somáticos/DSM-IV (ABCL=87,84; ASR=98,10), Personalidade Esquiva/DSM-IV (ABCL=98,43; ASR=87,62), TDAH/DSM-IV (ABCL=90,01; ASR=95,96), Personalidade Antisocial/DSM-IV (ABCL=91,18; ASR=94,80). Conclusão: Este estudo conclui que os adultos e seus familiares apresentaram concordância em relação às suas percepções em relação ao funcionamento adaptativo e aspectos psicopatológicos dos primeiros.

CONCORDÂNCIA ENTRE RESPONDENTES DE DOIS INVENTÁRIOS DE COMPORTAMENTO PARA ADULTOS (HETERO E AUTO AVALIAÇÃO) EM UMA AMOSTRA DE SÃO PAULO. *Camila dos Reis Santos da Silva (Laboratorio de Terapia Comportamental do Instituto de Psicologia da USP e Especialização em Terapia Comportamental USP, São Paulo, SP);Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O Sistema Achenbach de Avaliação Empiricamente Baseada (ASEBA) contêm instrumentos de avaliação que proporcionam aos profissionais de saúde mental inventários que se aplicam da faixa etária pré-escolar até a terceira idade. Esses instrumentos traçam muitas situações do cotidiano do pesquisado, abrangendo desde competências individuais, funcionamento adaptativo, emocional e social, até os problemas de comportamento. O Sistema Achenbach oportuniza que múltiplos informantes forneçam sua percepção sobre o mesmo pesquisado através de procedimentos de avaliação padronizados, como o inventário de Autoavaliação para Adultos (Adult Self-Report ASR) que visa obter o relato do adulto sobre seu próprio comportamento e o Inventário de Comportamentos para Adultos (Adult Behavior Check List ABCL) que obtêm informações de outras fontes, na maioria das vezes familiares de quem responde o ASR. Assim, o estudo teve como objetivo comparar as informações fornecidas por pessoas adultas com a de seus informantes, verificando a convergência ou não destas informações. Método: Delineamento quantitativo, transversal. A amostra foi constituída de 27 participantes, da população geral, que responderam o ASR (Adult Self Report) e 27 familiares que responderam o ABCL sobre o adulto que respondeu o ASR. Resultados: A idade média dos respondentes foi de 31,75 (DP= 9,91), com idade mínima de 20 anos e idade máxima 56 anos. Os 27 participantes sobre os quais foram respondidos os ASRs e ABCLs dividiam-se entre 16

participantes do sexo feminino (59,3%) e 11 do sexo masculino (40,7%). A escolaridade relatada pelos respondentes é na sua maioria do ensino superior completo (44,4%), sendo que apenas 11,1% têm o ensino fundamental. Quanto ao nível sócio econômico: Classe A 7,4%, B 44,4% e C 48,2%. A seguir são descritos os Mean-Ranks (Teste de Mann-Whitney) obtidos nos escores de cada subescala segundo as respostas de cada grupo de participantes: Ansiedade e Depressão (ABCL=57,69; ASR=58,62), Isolamento e Depressão (ABCL=58,02; ASR=57,35), Problemas Somáticos (ABCL=54,18; ASR=56,62), Problemas de Pensamento (ABCL= 54,82; ASR=56,62), Problemas de Atenção (ABCL=56,04; ASR=56,30), Comportamento Agressivo (ABCL=56,22; ASR=56,86), Comportamento de Quebra de Regras (ABCL=54,48; ASR=56,41), Comportamento Intrusivo (ABCL=55,20; ASR=55,03), Pontos Fortes (ABCL=49,82; ASR=49,41), Ponto Crítico (ABCL=55,28; ASR=56,75), Problemas Internalizantes (ABCL=55,42; ASR=57,03), Problemas Externalizantes (ABCL=53,55; ASR=55,26), Total de Problemas (ABCL=54,62; ASR=54,95), Amizades (ABCL=46,20; ASR=48,59), Tabaco (ABCL=50,70; ASR=52,71), Álcool (ABCL=53,31; ASR=53,82), Drogas (ABCL=50,56, ASR=53,88), Média de Uso de Substâncias (ABCL=52,56; ASR=53,79), Depressão/DSM-IV (ABCL=55,40; ASR=56,62), Ansiedade/DSM-IV (ABCL=60,60, ASR=60,65), Problemas Somáticos/DSM-IV (ABCL=54,15; ASR=56,86), Personalidade Esquiva/DSM-IV (ABCL=56,95; ASR=55,15), TDAH/DSM-IV (ABCL=56,33; ASR=58,03), Personalidade Antisocial/DSM-IV (ABCL=54,84; ASR=56,23). Conclusão: o teste de médias mostrou que não houve diferença significativa entre os instrumentos em nenhuma das escalas, evidenciando que os escores foram semelhantes independentemente do respondente. Este resultado preliminar de uma pesquisa mais ampla evidencia a capacidade dos questionários na avaliação de problemas de comportamento da população normal e encaminhada.

Apoio CNPq e FAPESP

CONCORDÂNCIA ENTRE INFORMANTES DOS QUESTIONARIOS ASR/ABCL E RESPONDENTES EM UMA AMOSTRA DE ADULTOS DE Juiz de Fora. *Cacilda Andrade de Sá**, André Avarese de Figueiredo, José Murillo Bastos Netto (Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

O Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado do Achenbach (Achenbach System of Empirically Based Assessment ASEBA) é um sistema integrado de avaliação por meio de múltiplos informantes. É o sistema de avaliação empiricamente baseado mais usado e pesquisado, com mais de 6500 publicações relatando pesquisas em mais de 80 culturas e em mais de 85 idiomas. Oferecendo para os profissionais de saúde mental uma ampla coleção de inventários de avaliação que são aplicáveis para diversos tipos de clientes sob várias situações. Sua ampla utilização se deve principalmente devido ao rigor metodológico com que foi elaborado, por seu valor em pesquisa e pela utilidade na prática clínica. A um custo baixo, estes instrumentos conseguem avaliar semelhanças e diferenças do funcionamento humano em diferentes faixas etárias, condições e interações. Os inventários são autoaplicáveis, podem ser preenchidos por pais, professores, cuidadores, entrevistadores clínicos, profissionais que aplicam testes de habilidades e desempenho, e observadores de comportamento em contexto de grupo, como em sala de aula, considerando os últimos seis meses. Suas escalas são adaptadas para uso em pessoas com idades entre um ano e meio a 90 anos, ou mais. O que permite a comparação de perfis individuais com um grupo normatizado de pessoas de mesma faixa etária e sexo, através do software ADM (Assessment Data Manager), fornecendo um relatório narrativo e uma lista com itens críticos e os escores obtidos nesses itens. O sistema ASEBA avalia as competências sociais e problemas de comportamento, classificando em cada uma das somas de escalas a faixa limítrofe e a faixa clínica para os escores que indicam problemas suficientes para gerar preocupação. O objetivo deste estudo foi comparar as informações dadas por pessoas adultas com a de seus informantes verificando a convergência

ou não destas informações. Método: Delineamento quantitativo, transversal. A amostra foi constituída de 138 participantes, da população geral, que responderam o ASR (Adult Self Report) e 138 adultos de convívio do respondente que responderam sobre o seu adulto (ABCL). Resultados: A idade média dos respondentes foi de 31,03,(DP= 11,69) com idade mínima de 18 anos e idade máxima 57 anos Destes, 54 (29,2%) participantes do sexo masculino e 131 (70,8%) do sexo feminino. A escolaridade relatada pelos respondentes é na sua maioria do ensino médio completo 38 (%), ensino superior incompleto 32(%), ensino fundamental completo 21(%)e analfabeto foi 20 (%). Quanto ao nível sócio econômico: Classe A 0,7% B 12,3% C 50% D 19,6% e E 2,9%. Na amostra dos 138 informantes que responderam o ABCL, foi de mães 15 (9,2%) esposo ou companheiro 28 (20%) e amigo 40 (29%). Os resultados obtidos pelo ASR quando comparados com os dados obtidos pelo ABCL, expressam uma correlação entre as informações dos informantes, quando comparadas as médias entre os grupos verificou-se que não houve diferença estatística entre os mesmos ($p > 0,01$) , a correlação entre as variáveis no Teste de Pearson também mostram uma correlação entre as variáveis. O que sugere, em uma análise preliminar, uma semelhança entre os escores das escalas respondidas por diferentes informantes.

Sessão Coordenada: **A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA DA SAÚDE PARA A COMPREENSÃO E INTERVENÇÃO EM DOENÇAS CRÔNICAS**

A Psicologia da Saúde é uma área de pesquisa que envolve muitas linhas de investigação, havendo uma grande quantidade de periódicos dedicados a publicar artigos específicos da área. Nos últimos anos, tem sido observado um crescimento significativo de pesquisas que investigam a relação entre comportamento e saúde. Tais pesquisas procuram identificar as variáveis comportamentais responsáveis pela determinação dos estados de saúde/doença, analisar os efeitos da morbidade sobre a qualidade de vida dos indivíduos e desenvolver procedimentos de intervenção que possam contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas. A Psicologia da Saúde tem produzido dados extremamente relevantes do ponto de vista teórico-conceitual e de aplicação. A sessão coordenada proposta apresentará pesquisas com portadores de doenças crônicas, especialmente portadores de diabetes tipos 1 e 2 e pacientes com insuficiência renal e seus familiares
Psicologia da Saúde

O QUE A PSICOLOGIA TEM A OFERECER AO JOVEM PORTADOR DE DIABETES. *Dra. Fani Eta Korn Malerbi (Faculdade de Ciência Humanas e da Saúde PUCSP, São Paulo SP)*
Um grande interesse na pesquisa de aspectos psicológicos do diabetes começou há cerca de 30 anos paralelamente ao fortalecimento da ideia de que controlar os níveis de glicemia deveria ser mais do que impedir episódios agudos de ameaça à vida. Para manter os níveis glicêmicos dentro de uma amplitude normal - condição necessária para prevenir a ocorrência de complicações crônicas - o portador de diabetes precisa enfrentar uma série de desafios. No caso do diabetes tipo 1, que acomete principalmente crianças e adolescentes, o tratamento requer múltiplas mensurações da glicemia capilar, várias injeções diárias de insulina ou administração de uma bomba de infusão de insulina, atenção constante ao que é comido e à atividade física praticada. A regulação dos níveis glicêmicos num portador de diabetes depende de muitos fatores, sendo o comportamento do paciente um dos mais importantes. O objetivo desta apresentação é apresentar uma pesquisa que avaliou uma intervenção comportamental com portadores de diabetes tipo 1 e seus familiares. Trinta jovens portadores de diabetes (idades entre 9 -17 anos) e seus familiares (idade média 38,8 DP=6,9 anos) responderam antes e depois da intervenção a questionários que avaliaram o conhecimento sobre diabetes, o apoio da família ao jovem e o ajustamento emocional ao diabetes. Dezesseis jovens e suas mães participaram da intervenção e o restante constituiu o grupo de controle. A intervenção envolveu encontros semanais dos jovens e, em separado, de seus familiares (7 a 8 encontros) com duração de uma hora e meia na sede de uma associação de portadores de diabetes em São Paulo, coordenados pela autora e por estagiários de Psicologia. Esses encontros tinham como objetivos: 1) promover a aceitação dos limites impostos pelo diabetes; 2) estimular a busca de informações sobre a doença e seu tratamento; 3) encorajar verbalizações a respeito das dificuldades relacionadas ao diabetes; 4) salientar a importância do apoio familiar para a adesão ao tratamento; 5) incentivar o fortalecimento de comportamentos independentes de auto-cuidado e 6) estimular uma vida normal. Foram empregados recursos didáticos (orais, visuais e audio-visuais), estratégias comportamentais (modelação e reforçamento social) e estratégias afetivas (apoio e aconselhamento). As atividades envolveram basicamente a discussão de temas relacionados ao diabetes, o emprego de jogos e dramatizações de situações. Para os jovens que participaram dos encontros avaliou-se também a adesão aos diversos itens do tratamento em cada encontro Os resultados mostraram que a intervenção contribuiu para o aumento do nível de informação sobre o diabetes, a adaptação emocional à doença e o apoio dos pais aos comportamentos de auto-

cuidado de seus filhos. Também mostraram que os jovens cujos pais participavam mais da sua rotina apresentaram índices mais elevados de adesão ao tratamento.
Palavras-chave: diabetes, adesão ao tratamento, família, intervenção comportamental
SAÚDE-Psicologia da Saúde

INSUFICIÊNCIA RENAL E COMPROMETIMENTO COGNITIVO. *Dra. Ana Teresa de Abreu Ramos Cerqueira, Mestre Camila de Morais Teixeira Queiroz, Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, Botucatu (SP)*
A presente pesquisa teve como objetivo estimar a prevalência de comprometimento cognitivo em pacientes com insuficiência renal crônica em três formas de tratamento: pré-diálise, diálise peritoneal e hemodiálise; estudando ainda a associação desse desfecho com variáveis sociodemográficas e clínicas. Método: Trata-se de estudo transversal, descritivo e analítico que avaliou 182 pacientes (75,2%) dos 242 em tratamento na Unidade de Diálise do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, em 2008. Destes, 39 realizavam diálise peritoneal, 112 realizavam hemodiálise e 31 estavam em pré-diálise. Os instrumentos utilizados para obtenção dos dados foram: um formulário sociodedemográfico e clínico; o Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) para avaliação da função cognitiva. Resultados: Verificou-se que 55.0% dos indivíduos estudados eram homens e a idade média era de 57,5 anos. Diabetes foi a doença de base predominante (32,5%) e o tempo médio de tratamento era de 36 meses. A prevalência de comprometimento cognitivo foi de 56,6%. A partir do resultado da análise univariada, que estimou a associação dos casos de comprometimento cognitivo com variáveis sociodemográficas e clínicas, elaborou-se o modelo de regressão logística (stepwise forward). Constatou-se que os fatores de risco, após se ajustar para idade, sexo e renda, foram: apresentar baixa escolaridade (OR 3,05; IC 1,38-6,77); ter diabetes mellitus (OR 2,34; IC 1,24-9,02), estar em hemodiálise (OR 3,34; IC 1,24-9,02) e em pré-diálise (OR 6,79; 1,83-25,18). Conclusão: Concluiu-se que a prevalência de comprometimento cognitivo, entre portadores de doença renal em estágio 5, em pré-diálise, hemodiálise e diálise peritoneal, é extremamente alta, superior à da população geral, e demanda que esses indivíduos sejam sistematicamente avaliados em relação à função cognitiva. Pacientes portadores de doença renal crônica e com prejuízo cognitivo podem ser ainda mais vulneráveis e apresentar limitações para participarem do auto-cuidado necessário para enfrentarem sua doença e tratamento.
Palavras-chaves: Comprometimento cognitivo; Insuficiência renal crônica; Diálise peritoneal; Hemodiálise; Pré-diálise;
Saúde - Psicologia da Saúde

SOBRECARGA EMOCIONAL E TRANSTORNO MENTAL COMUM ENTRE CUIDADORES DE PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA. *Dra. CRISTIANE LARA MENDES CHILOFF , Mestre Flavia Vieira Leite , Dra. Ana Teresa de Abreu Ramos-Cerqueira, Dr. André Luiz Balbi FMB- UNESP, Botucatu, SP*
Considera-se fundamental o apoio familiar para pacientes com insuficiência renal crônica em terapia renal substitutiva (diálise peritoneal ou hemodiálise). No entanto, cuidar destes pacientes pode sobrecarregar emocionalmente quem exerce esse papel, sendo necessário identificar os aspectos envolvidos nesta sobrecarga. Objetivo: O presente estudo propôs-se a avaliar a sobrecarga emocional percebida e o sofrimento psíquico em familiares de pacientes portadores de insuficiência renal crônica, em tratamento dialítico, e estudar a associação de variáveis clínicas e sociodemográficas com esses dois desfechos. Método: Num estudo de corte transversal, foram estudados 85 cuidadores, utilizando-se um formulário especialmente

preparado para este estudo para obter dados sociodemográficos e clínicos. Para avaliar o transtorno mental comum (TMC), utilizou-se o Self Report Questionnaire (SRQ-20) e para avaliar a sobrecarga percebida a Zarit Burden Interview (ZBI). Resultados: Transtorno mental comum foi observado em 34,1% dos cuidadores, indicando presença de sofrimento psíquico. A sobrecarga percebida ocorreu em 40 cuidadores (47,1%), sendo a média de pontuação na ZBI 29,6 (DP± 17,2), obtendo-se uma associação estatisticamente significante entre essas duas medidas, sugerindo que a sobrecarga por cuidar pode ser um dos fatores que interfere nesse sofrimento. TMC também se associou significativamente com pior auto-avaliação da saúde. Presença de sobrecarga emocional associou-se com falta de ajuda para cuidar, baixa escolaridade do paciente, auto-avaliação da saúde pelo cuidador como negativa e com não adequação (segundo parâmetros clínicos e laboratoriais) do paciente à diálise. Intervenções para apoio e orientação dos cuidadores de pacientes em tratamento dialítico devem ser implementadas, levando-se em conta as variáveis aqui identificadas no sentido de diminuir a sobrecarga emocional no desempenho deste papel.

Palavras - Chave: cuidadores; insuficiência renal crônica; sobrecarga emocional; transtorno mental comum.

Saúde - Psicologia da Saúde

ORIENTAÇÃO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL EM GRUPO PARA PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 2. *Dr. Nelson Iguimar Valerio, Mestre Lara Silveira Rodrigues, Dra. Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki, e Dra. Neide Aparecida Micelli Domingos, Hospital de Base e Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP) São José do Rio Preto, SP*

Dificuldade para aderir ao tratamento é um importante problema no manejo adequado do diabetes. Além do uso de medicação, educação sobre a doença, alimentação adequada, prática regular de atividade física e uma colaboração próxima e constante entre paciente e equipe de saúde são fundamentais para o controle da doença. Grupos educativos têm sido frequentemente utilizados para promover adesão ao tratamento nestes pacientes, uma vez que informam sobre a doença, promovem troca de experiência entre os integrantes e desenvolvem habilidades para o auto-cuidado. O presente estudo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, avaliou o impacto de um Programa de Orientação Cognitivo-Comportamental em Grupo sobre o controle glicêmico, atitudes e qualidade de vida de pacientes com Diabetes Mellitus Tipo 2 (DM2). Participaram do estudo treze portadores de DM2 de ambos os sexos, adultos, com idade entre 35 e 55 anos, divididos aleatoriamente em dois grupos (Experimental e Controle), atendidos em Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, S.P. Foram utilizados como estratégias de avaliação dos pacientes: exames de Glicemia Capilar e Hemoglobina Glicada; Questionário de Qualidade de Vida (SF-36); Questionário de Atitudes de Diabetes Mellitus (ATT-19); Questionário de Conhecimento de Diabete Mellitus (DKN-4), Questionário de Auto-cuidado; Ficha de Anotações de Resultados de Exames de Hemoglobina e Glicemia Capilar. O Grupo Controle recebeu o atendimento de rotina oferecido pelo Centro de Saúde Escola para pacientes com DM2. Com o Grupo Experimental foram realizados, além do tratamento de rotina, doze encontros de orientação cognitiva-comportamental em grupo, de duas horas cada, uma vez por semana e todos os pacientes foram avaliados pré e pós intervenção. O Grupo Experimental apresentou mudanças positivas significantes na qualidade de vida, quando comparado ao Grupo Controle, nos seguintes domínios: capacidade funcional (p=0,013), dor (p=0,013), estado geral de saúde (p=0,013), vitalidade (p=0,02), aspectos sociais (p=0,026), aspectos emocionais(p=0,008) e saúde mental (p=0,026). Em relação à avaliação inicial, houve para o Grupo Experimental aumento de informações, de atitudes adequadas em relação à doença, da frequência de comportamentos de auto-cuidado e de níveis glicêmicos adequados e estáveis (p=0,006), quando comparado ao Grupo Controle. Os dados indicam que

a implementação de um Programa de Orientação Cognitivo-Comportamental em Grupo obteve resultados positivos para pacientes com DM2 quando comparados a um grupo controle. Estudos controlados, com maior número de pacientes, ainda são necessários.
Palavras Chave: Diabetes, Grupo Educativo, Adesão a Tratamento, Abordagem Cognitiva-Comportamental.
Área: Psicologia da Saúde

Sessão Coordenada: **A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO ONLINE E A CONSTRUÇÃO DA COOPERAÇÃO E AUTONOMIA DO ESTUDANTE NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM.**

A expansão do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) nas escolas e universidades tem representado um crescimento exponencial inigualável com a modalidade do ensino presencial. Para muitos gestores e educadores a expansão é resultado de políticas sociais e programas educativos que apoiam-se nas TIC como elementos potencializadores do processo de ensino aprendizagem. A utilização destes recursos tem modificado, muitas vezes de forma silenciosa, a cultura escolar, as formas de organização dos grupos sociais, as formas de pensar o currículo, o papel dos professores, o perfil dos alunos, as tarefas e conteúdos de aprendizagem e as formas de interação social. Partimos do princípio de que as redes sociais, os ambientes virtuais de aprendizagem e as ferramentas da web, nos oferecem acesso a uma grande quantidade de recursos, convertendo-se em potentes ferramentas psicológicas. Neste contexto, enquanto professores pesquisadores, buscamos compreender os processos e fenômenos psicossociais e educacionais emergentes da intersecção da psicologia escolar e da educação e do uso das tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino. Especialmente, o Laboratório do Grupo de Pesquisas e Estudos Ágora Psyché do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília tem se constituído em um espaço/tempo de encontro entre a psicologia, a filosofia, a política, a ética, a educação, e outras áreas afins, e neste espaço o grupo busca analisar e construir metodologias de pesquisa na área de educação a distancia com enfoque para o uso das redes sociais, o trabalho colaborativo, a autonomia e a subjetividade em comunidades virtuais de aprendizagem e as formas de mediação semiótica, sócio-cultural e instrumental decorrentes da interação entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-conteúdo. Nesta linha, convidamos para a sessão os pesquisadores do Laboratório EDUCCO, Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Comunicação pertencente ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O EDUCCO tem investigado os processos educativos, metodologias e estratégias de ensino e aprendizagem que fortalecem a autonomia dos estudantes na modalidade a distância. Assim, por compreendermos a psicologia escolar, enquanto ciência social, contemporânea, que se preocupa com as mudanças da sociedade da informação e comunicação e seus impactos nos processos educativos e de desenvolvimento humano, trazemos contribuições para a análise dos usos e práticas que os estudantes fazem das novas tecnologias com ênfase para os elementos essenciais que organizam, configuram e transformam as interações sociais e a subjetividade humana mediadas sócio-culturalmente.
Psicologia Escolar e da Educação

A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO ONLINE E A CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM BASEADAS NA AUTONOMIA.. *Wilsa Maria Ramos (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório Àgora Psique, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Brasília, DF).*

Geane de Jesus Silva (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF.)

Na educação online na perspectiva da psicologia socioconstrutivista a experiência de aprendizagem requer envolvimento ativo, autônomo, no qual o educando interage construtivamente com os colegas, professores, conteúdos, recursos multimidiáticos no ambiente virtual mediado pelas TIC. Os novos ambientes de construção de saberes na web envolvem desafios extraordinários para os professores no planejamento e construção do processo de ensino e aprendizagem para o fortalecimento da autonomia. Neste contexto realizamos uma pesquisa sobre a construção de um ambiente virtual de aprendizagem, no qual foi oferecida a disciplina Psicologia e a Construção do Conhecimento , obrigatória para os estudantes do primeiro semestre dos cursos de Licenciatura no programa Universidade Aberta do Brasil na Universidade de Brasília. Entre os princípios educativos da UAB-UnB, a construção de ambientes de aprendizagem deve imprimir a autonomia do estudante como uma ação educativa intencional e filosófica. Espera-se que os ambientes introduzam estratégias que resultem no desenvolvimento da criatividade, da intuição, da investigação, da resolução de problemas e do desenvolvimento do senso crítico. Estas estratégias devem ser planejadas intencionalmente, acompanhadas e ajustadas durante o processo. Tomando por base o potencial dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) para a autonomia, perguntamos: quais metodologias e didáticas podem possibilitar essa autonomia nos AVA? As ações planejadas e a forma como o AVA é organizado potencializam e geram autonomia? Neste contexto, a investigação visava analisar os aspectos pedagógicos e psicossociais de um ambiente virtual de uma disciplina on-line e o seu potencial gerador da autonomia do sujeito que aprende a partir do marco teórico do Triangulo Interativo (Coll, 2005). Adotou-se o estudo de caso, e utilizou como instrumentos de coleta dos dados: 1) observação do ambiente virtual de aprendizagem; 2) aplicação do protocolo de indicadores do potencial para a autonomia (PIPA) e, 3) entrevista com a professora. A organização e análise dos dados coletados estruturou-se a partir das três dimensões da análise do AVA: planejamento do ensino; estratégias pedagógicas mobilizadoras da autonomia; interação e processos mediacionais como provocadores da autonomia. Os dados obtidos pelos três instrumentos de coleta de dados foram comparados entre si, visando verificar a coesão dos dados. Os resultados apontam que o desenho técnico pedagógica, a organização das atividades no tempo e espaço virtual, as atividades conjuntas criativas e as crenças e experiências anteriores da professora com a educação online foram propícios à geração de atitudes de autonomia. Isto foi observado, especialmente no tipo de atividades propostas que buscavam garantir as relações interativas entre os sujeitos (educador-educando) e o objeto do conhecimento (conteúdo), no qual exploraram vários recursos sempre buscando aliar teoria e prática, especialmente por trabalhar com a atividade de pesquisa de campo. O estudo identificou que o ambiente virtual de aprendizagem utilizou-se, potencialmente, recursos de comunicação como: fórum (de discussão didática, de notícia, de socialização sem caráter de sistematização didática), chat, atividades individuais e coletivas. Conclui-se que o fazer docente quanto ao planejamento e execução do plano propiciou o uso pedagógico e social da tecnologia, colocando as TIC em prol do desenvolvimento social e da autonomia dos estudantes.

Palavras-chave: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); Autonomia; Construção de Disciplina On-Line; Triangulo Interativo.

Nível: PD - Pesquisador

Área: ESC Psicologia Escolar e da Educação

A APRENDIZAGEM DOS NATIVOS DIGITAIS.. *Maristela Rossato. (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório Àgora Psique, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Brasília, DF).*

O uso das ferramentas/instrumentos (tecnológicos) transforma a cultura e, ao mesmo tempo, interfere nos processos humanos. Estamos vivendo, possivelmente, a terceira etapa no desenvolvimento das tecnologias da comunicação, iniciada pela linguagem natural fala, gestualidade marcada pela transmissão oral, em que a observação, a memória e a capacidade de repetição eram as habilidades mais importantes que as pessoas deveriam desenvolver. A segunda etapa foi marcada pelo nascimento da escrita junto com as necessidades de adaptar a natureza às necessidades humanas (técnicas alimentares, construção, etc.) e, a terceira etapa, é marcada pelas tecnologias da comunicação e informação caracterizada pelas possibilidades das pessoas obterem e compartilharem informações de maneira quase instantânea. Compreender como os nativos digitais aprendem, fora das exigências do espaço acadêmico, já que uma grande parcela das pessoas nascidas a partir da década de 80 encontra-se na condição de estudante, tem sido o objetivo das nossas investigações. A pesquisa foi desenvolvida com base na Epistemologia Qualitativa de González Rey, sem nenhuma intencionalidade de produzir generalizações sobre a aprendizagem dos nativos digitais, mas de levantar alguns elementos que contribuíssem nas discussões do tema. A produção da informação foi orientada por um instrumento denominado Fatos e Versões com o objetivo de identificar como se organizam os comportamentos de aprendizagem dos nativos digitais. Trata-se de uma atividade escrita onde os participantes tiveram que descrever como agem diante de situações concretas do cotidiano envolvendo aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a ser e aprender a fazer. A pesquisa foi realizada com dez estudantes do ensino superior da Universidade de Brasília que, numa exploração prévia, se identificaram como usuários em grande potencial das tecnologias da comunicação e informação. Ao realizarmos essa discussão de como a aprendizagem dos nativos digitais vem se configurando acreditamos ter gerado contribuições para a educação formalmente institucionalizada, presencial e a distância. Nesse sentido, possibilitar situações de aprendizagem escolar de onde emergem sentidos subjetivos capazes de impactar positivamente no sistema de configurações subjetivas dos estudantes é o caminho do desenvolvimento psicológico saudável, tão requerido para o enfrentamento da complexidade que cada vez mais se constitui como marca da sociedade contemporânea. A compreensão desses novos modos de aprender pode contribuir para pensar em novos modos de ensinar, onde professores e estudantes sejam sujeitos do processo. Outra expectativa é poder contribuir para a construção de políticas educacionais que sejam inovadoras e que possam se aproximar dos modos de viver e de aprender que estão emergindo diante do impacto crescente das TIC, gerando, com isso, condições favorecedoras da constituição de estudantes sujeitos de sua própria aprendizagem, capazes de uma presença ativa, crítica e criativa na sociedade. Uma educação que seja por natureza inclusiva e permita o enfrentamento das condições de vulnerabilidade social nas quais vivem milhões de crianças e jovens.

Palavras-Chaves: nativos digitais, aprendizagem, subjetividade

Nível: PD - Pesquisador

Área: ESC Psicologia Escolar e da Educação

A IDEALIZAÇÃO E A REALIDADE: A AUTONOMIA DO ALUNO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.. *Alessandra Menezes dos Santos Serafini (Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Mestre pelo Programa de pós-graduação em Educação, Juiz de Fora, MG)*

Na intersecção da psicologia escolar e da aprendizagem mediada pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), buscamos analisar os processos pedagógicos que favorecem

a construção da autonomia do estudante do ensino superior, na modalidade a distância, que ocorre online. Essa autonomia é uma idealização presente nas propostas dos cursos a distância ou configura, de fato, uma realidade, na qual os alunos são realmente autônomos? Que processos de aprendizagem autônoma podem ser construídos ou reforçados no interior de um curso a distância? Qual é o impacto das tecnologias de informação e comunicação na construção da autonomia do educando do curso superior a distância? A pesquisa objetivou identificar alguns pressupostos filosóficos e epistemológicos da concepção de autonomia para, em seguida, analisar os processos psicossociais e pedagógicos que favorecem a construção da autonomia do aluno em Educação a Distância (EaD). Pretendeu-se analisar o perfil e os hábitos de estudo do aluno de EaD, especificamente do curso de Pedagogia a distância da UFJF, bem como verificar se há uma metodologia e materiais didáticos que promovam a autonomia do aluno. Investigamos também o papel do professor e das tecnologias de informação e comunicação na construção da autonomia desse estudante. Tecemos reflexões acerca do significado e relevância do termo autonomia e buscamos a compreensão do seu oposto, a heteronomia, à luz de Rousseau, Kant, Durkheim, Piaget e Freire. Analisamos o que os teóricos atuais discutem sobre a autonomia nesse contexto educacional, reportando-a ao desenvolvimento de competências específicas que exigem constante uso dos meios de comunicação e o desenvolvimento de estratégias pessoais de acesso ao conhecimento. Recorremos, então, a Maria Luiza Belloni, Oreste Preti, Marco Silva, Otto Peters e outros autores que têm pesquisado sobre EaD. A pesquisa de base qualitativa, descritiva e interpretativa, contou com instrumentos de coleta de dados documental da Universidade sobre o perfil do estudante de EaD, entrevistas realizadas com tutores a distância e aplicação de questionários em algumas turmas do curso. Investigamos os hábitos de estudo dos estudantes, buscando, no cruzamento dos dados, evidenciar a ocorrência ou não da autonomia do estudante no seu processo de aprendizagem. Os resultados revelaram que o estudante de EaD com plena autonomia ainda é um ideal; a autonomia não é uma realidade para a maioria dos estudantes. Para reverter o quadro, é necessário que a concebamos como um processo em construção ao longo do curso, que não depende somente do aluno, mas requer a consciência de uma educação para a autonomia por parte dos gestores, professores e tutores em organizar um Projeto Político-pedagógico e um planejamento de curso que contemplem em seus propósitos a promoção da autonomia do estudante. Entendemos, portanto, que a construção da autonomia está assentada em princípios psicossociais essenciais na relação professor-aluno, aluno-aluno e aluno-conteúdo, tanto na organização do ensino a distância, como do presencial, tais como, a inclusão social, interação, mediação, atitudes de respeito e liberdade, de compromisso, de construção, de cidadania, que precisam estar presentes (não distantes) nos processos de ensino e aprendizagem para que o sujeito se faça autônomo.

PALAVRAS-CHAVE: autonomia, educação a distância, tecnologias de informação e comunicação.

Nível do trabalho: Mestrado M

Área: ESC - Psicologia Escolar e da Educação

ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA DE PESQUISA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: POTENCIALIZANDO A APRENDIZAGEM EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E AUTÔNOMA POR MEIO DA METODOLOGIA WEBQUEST.. *Olga Ennela Bastos Cardoso (Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Mestre pelo Programa de pós-graduação em Educação, Juiz de Fora, MG)*

A pesquisa tem como objeto de estudo a análise do potencial da Metodologia Webquest para a pesquisa como ensino e a autonomia do estudante no contexto da formação superior a

distância. O objetivo foi analisar as potencialidades e os limites para a implementação da Metodologia Webquest, criada do Dodge (1995), em ambientes virtuais de aprendizagem, na perspectiva do ensinar através da pesquisa , a partir do conceito de Demo e outros autores. O estudo pautou-se nas reflexões de autores como Edméa Santos, Celina A. A. Abar, Jarbas Novelino Barato, José Armando Valente, José Manuel Moran, Marco Silva, Otto Peters, Simão Pedro Marinho e outros que, de alguma maneira, abordam a Metodologia Webquest como possibilidade de pesquisa e interatividade na web. Abordamos também a relação entre a internet e a pesquisa e trouxemos um breve relato sobre a Educação a distância. Para o estudo, apresentamos a Metodologia Webquest desde sua criação até os detalhes de sua construção e estrutura, como também sua relação com a Taxonomia Digital de Bloom (CHURCHES, 2009). Adotou-se a pesquisa intervenção, de perspectiva qualitativa, que possibilitou a criação de uma experiência de usos e práticas da Webquest, seu acompanhamento e análise de sua implementação. A experiência envolveu o professor da disciplina, os tutores e os alunos da UAB do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora ofertado em nove pólos. A Webquest construída para o estudo, Mobilização Familiar , agregou diversos recursos disponíveis na plataforma Moodle e na Web, visando ampliar os momentos de interatividade, imprescindíveis para os alunos de cursos a distância. Para identificar o perfil dos alunos, utilizou-se o banco de dados da pesquisa de monitoramento realizada pela Coordenação do referido curso, além de incluir no questionário da pesquisa direcionado aos alunos algumas questões com este objetivo. O questionário foi aplicado em todos os sujeitos envolvidos no processo que pudessem analisar as potencialidades e os limites que essa estratégia pedagógica pode apresentar quando incorporada nos cursos de ensino a distância, sendo possível verificar o grau de envolvimento dos alunos, tutores e professores sobre o trabalho que estava em desenvolvimento na plataforma Moodle. Outro instrumento de coleta de dados foi a entrevista direcionada ao professor da disciplina e aos alunos do pólo de Coromandel. Os resultados permitiram aferir que, para a implementação da Metodologia Webquest em ambientes virtuais de aprendizagem, há necessidade de formação dos professores/tutores, já que a maioria não a conhece e, em alguns casos, também não conhece todos os recursos da plataforma Moodle e as potencialidades de agregar estes às estratégias pedagógicas para a Educação a distância. Assim como os alunos, professores/tutores necessitam continuar pesquisando os múltiplos recursos oferecidos pela Web 2.0, que podem trazer para as práticas pedagógicas. Os resultados da pesquisa apontaram para a aceitação de todos ao trabalhar com a Metodologia Webquest, mas, também demonstraram que ainda há questões internas no processo de aprendizagem da modalidade a distância que ainda carecem de maior aprofundamento.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa; webquest; autonomia; educação a distância.

Nível do trabalho: Mestrado M

Área: ESC - Psicologia Escolar e da Educação

Sessão Coordenada: **A RELAÇÃO DOS ESTILOS PARENTAIS COM AS HABILIDADES SOCIAIS DE PAIS, FILHOS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTOS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES.**

A importância da qualidade da interação entre pais e filhos no desenvolvimento social das crianças tem sido objeto de inúmeros estudos. A família é caracterizada como o primeiro ambiente no qual a criança participa ativamente, interagindo e aprendendo comportamentos que irão proporcionar um acesso favorável aos diferentes contextos sociais e interrelacionais. A aprendizagem destes comportamentos sociais é influenciada pelas práticas educativas parentais, caracterizadas como estratégias usadas pelos pais para propiciarem independência, disciplina e autonomia, comportamentos estes considerados por eles adequados aos seus filhos. Desse modo, a forma como os pais interagem e educam seus filhos pode levar à promoção ou não de comportamentos apropriados ou que prejudicam a interação da criança com seu ambiente. O Inventário de Estilos Parentais Paterno (IEP-Paterno) tem como objetivo avaliar práticas educativas que comporiam o Estilo Parental Negativo, relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais: abuso físico; punição inconsistente; disciplina relaxada; monitoria negativa e negligência e o Estilo Parental Positivo, favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos próssociais: monitoria positiva e comportamento moral. A presente sessão coordenada apresentará quatro pesquisas conduzidas por pesquisadoras de duas universidades particulares do estado de São Paulo envolvendo os estilos parentais. Os quatro trabalhos tratam-se de estudos correlacionais que investigaram a relação dos estilos parentais com as habilidades sociais (de pais ou filhos) ou com os problemas de comportamento em crianças e adolescentes. Todos os estudos têm em comum a utilização do IEP-Paterno. Os outros instrumentos utilizados foram: Inventário de Habilidades Sociais (IHS); Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para crianças (IMHSC); Inventário de autoavaliação de habilidades sociais da criança pelo professor e de avaliação do professor sobre os itens de habilidades (SMHSC) e o Child Behavior Checklist (CBCL). A primeira pesquisa teve como objetivo correlacionar indicadores do repertório de habilidades sociais dos pais e do estilo parental adotado por estes na educação dos filhos, já a segunda, por sua vez, correlacionou os estilos parentais maternos com as habilidades sociais dos filhos. O terceiro estudo investigou a correlação dos estilos parentais com problemas de comportamento de crianças e adolescentes e por último, o quarto trabalho, teve por objetivo identificar e analisar a relação entre as habilidades sociais, as práticas educativas parentais e o rendimento acadêmico em adolescentes com queixa de problemas de comportamento e de aprendizagem.
Psicologia Clínica e da Personalidade

CORRELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E OS ESTILOS PARENTAIS APRESENTADOS POR PAIS NA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS. *Emileane Costa Assis de Oliveira - UNINOVE/UNIANCHIETA, Simone de Oliveira Barreto - UNINOVE*
A forma como os pais interagem e educam seus filhos pode levar à promoção ou não de comportamentos apropriados ou que prejudicam a interação da criança com seu ambiente. O Inventário de Estilos Parentais Paterno - IEP-Paterno (Gomide, 2006) tem como objetivo avaliar práticas educativas que comporiam o Estilo Parental Negativo, relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais: abuso físico; punição inconsistente; disciplina relaxada; monitoria negativa e negligência e Positivo, favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos próssociais: monitoria positiva e comportamento moral. Estudos mostraram que pais com habilidades sociais tendem a exercer a monitoria positiva e o comportamento moral como estratégias educacionais, evitando comportamentos antissociais dos filhos, enquanto o déficit em habilidades sociais constitui-se em um fator de risco. Tal repertório pode ser identificado pelo Inventário de Habilidades Socias - IHS-Del Prette (2001) e avalia fatores tais como: enfrentamento e autoafirmação com risco; autoafirmação na

expressão de sentimento positivo; conversação e desenvoltura social; autoexposição a desconhecidos e situações novas e autocontrole da agressividade. Considerando a importância das habilidades sociais dos pais para a qualidade na relação educativa com os filhos; das práticas educativas parentais adotadas por ele e da escassez de estudos que correlacionam estes dois fatores, o presente trabalho teve como objetivo correlacionar indicadores do repertório de habilidades sociais e do estilo parental dos pais adotado na educação dos filhos. Isso foi feito por meio da aplicação do IEP-Paterno e do IHS-Del Prette em 8 participantes, 5 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, pais de crianças atendidas na Clínica Escola da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Fazendo-se uma análise descritiva preliminar entre o Escore Geral obtido por meio de Autoavaliação de Habilidades Sociais com o IHS-Del Prette e o IEP, encontrou-se correlação positiva entre estilo parental de risco e repertório bastante deficitário de habilidades sociais em apenas uma mãe, havendo indicação de treinamento em todas as habilidades sociais avaliadas. Em um Estilo Parental de risco aconselha-se a participação em programas de intervenção terapêutica, em grupo, de casal ou individualmente, especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas nas quais possam ser enfocadas as consequência do uso de práticas negativas em detrimento das positivas. As outras quatro mães também apresentaram IEP de risco, no entanto com bom repertório de Habilidades Sociais, acima da média obtida pelo grupo amostral. Dos 3 pais, 2 apresentaram Estilo Parental regular, abaixo da média, onde também aconselha-se a participação em grupos de treinamento de pais. No entanto estes pais também foram bem avaliados no IHS-Del Prette. Por fim, o último pai apresentou correlação positiva entre os fatores avaliados, mostrando Estilo Parental ótimo, com presença marcante das práticas positivas e ausência das práticas negativas e repertório bastante elaborado de habilidades sociais, acima da média obtida pelo grupo amostral. A análise pretende contribuir para a ampliação do conhecimento acerca das dificuldades encontradas pelos pais na educação dos filhos e das dificuldades pessoais apresentadas pelos mesmos. Serão apresentadas análises detalhadas por fatores do IHS-Del Prette e análises correlacionais entre os dois instrumentos utilizados.

Palavras chave: Estilos Parentais; Habilidades Sociais; Práticas educativas parentais

PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE AS CLASSES DE HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA. *Samanta Palmieri – UNIANCHIETA, Lissandra Rocha Pereira - UNIANCHIETA*

A importância da qualidade da interação entre pais e filhos no desenvolvimento social das crianças tem sido objeto de inúmeros estudos. O presente trabalho teve por objetivo correlacionar os estilos parentais maternos com as habilidades sociais dos filhos. Participaram desse estudo sete crianças, sendo seis do sexo feminino e uma do sexo masculino, e suas respectivas mães que passaram por atendimento no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) do Centro Universitário Padre Anchieta na cidade de Jundiaí, SP. As crianças responderam ao Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para crianças (IMHSC-Del Prette) para a obtenção de três tipos de reações: Reação Habilidosa, Reação Não Habilidosa Passiva ou Internalizante e Reação Não Habilidosa Ativa ou Externalizante e as suas mães responderam ao Inventário de Estilos Parentais (IEP) para a classificação de três categorias: Estilo Parental Ótimo, Estilo Parental Regular e o Estilo Parental de Risco. Os dados foram analisados quantitativamente e qualitativamente e indicaram que, de forma geral, mães que apresentam um Estilo Parental Ótimo, ou seja, que utilizam somente práticas educativas positivas nas suas relações, possuem filhos com alta frequência de reações habilidosas frente a diferentes contextos. No entanto, mães que adotam um Estilo Parental Regular, onde há um equilíbrio entre práticas educativas positivas e negativas, possuem filhos cuja reação as diferentes situações é predominante habilidosa, porém observa-se também uma frequência considerável de reações não

habilidosas passivas que podem ser indicadoras de problemas internalizantes. Em contrapartida, mães em que o Estilo Parental predominante é o de Risco em que há prevalência do uso de práticas educativas negativas nas suas relações, têm em seus filhos um baixo repertório de reações habilidosas e uma frequência considerável de reações do tipo não habilidosa passiva. Tais resultados são tomados como sugestivos para a importância do Estilo Parental adotado pelos pais, ou seja, o conjunto de suas práticas educativas ou atitudes parentais para o desenvolvimento de um repertório de habilidades sociais nos filhos. . A forma como os pais educam seus filhos, ou seja, a prevalência de suas práticas educativas parentais, parece influenciar significativamente no desenvolvimento de um bom repertório de habilidades sociais na infância.

Palavras Chaves: Estilo Parental, Habilidades Sociais, Práticas Educativas Parentais.

A INFLUÊNCIA DOS ESTILOS PARENTAIS NA MANIFESTAÇÃO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Márcia Regina Fumagalli Marteleto - UNINOVE*

A família é caracterizada como o primeiro ambiente no qual a criança participa ativamente, interagindo e aprendendo comportamentos que irão proporcionar um acesso favorável aos diferentes contextos sociais e interrelacionais. Inicialmente, estas interações ocorrem pela relação da mãe com a criança, aos poucos, as relações vão se expandindo dentro do grupo familiar, como a relação pai-criança e a relação entre irmãos para estenderem-se para o mundo externo à família. A aprendizagem destes comportamentos sociais é influenciada pelas práticas educativas parentais caracterizadas como estratégias usadas pelos pais para propiciarem independência, disciplina, autonomia, comportamentos estes considerados por eles adequados aos seus filhos. O interesse pelo impacto das práticas parentais nos comportamentos dos filhos é crescente, pois as interações familiares vêm sofrendo mudanças nas últimas décadas; comportamentos até então compreendidos como culturalmente aceitáveis e esperados, como a utilização de força física na educação das crianças por parte dos pais ou cuidadores, atualmente são criticados e coibidos pelos direitos constitucionais em função dos problemas e prejuízos sociais associados que envolvem o indivíduo, a família e a comunidade. Encontramos, também, vários tipos de problemas de comportamento em crianças e adolescentes interferindo nas interações sociais dos indivíduos, mas muitos deles não são identificados e compreendidos precocemente pela família como sendo decorrentes de suas práticas parentais. O objetivo deste estudo foi verificar a correlação de estilos parentais com problemas de comportamento de crianças e adolescentes. Participaram 10 mães de crianças e adolescentes entre 11 e 14 anos, de ambos os sexos e inseridos na 5ª. e 6ª. séries do ensino regular do município de Osasco, que haviam apresentado problemas de comportamento pelo Child Behavior Checklist CBCL (questionário de triagem que indica problemas nessa área). As mães destas crianças e adolescentes foram convidadas a responderem, de forma individual, o Inventário de Estilos Parentais (IEP) que tem por finalidade avaliar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Para verificar a correlação entre as variáveis foi utilizada a Correlação de Sperman e para validar as correlações usou-se o Teste de Correlação. Os resultados não apontaram correlação entre o escore Total do IEP e o escore Total do CBCL; no entanto algumas práticas educativas foram correlacionadas à problemas comportamentais específicos. Houve correlação negativa entre o item punição inconsciente do IEP e o item quebra regras do CBCL; o item comportamento moral do IEP apresentou correlação negativa com a síndrome ansiedade depressão do CBCL.O item negligência apresentou correlação positiva com problemas sociais.T externalizante apresentou correlação negativa com monitorias negativas. No contexto deste trabalho concluiu-se que a maneira como as famílias educam e criam seus filhos não acarreta de modo significativo problemas de comportamento nas crianças e adolescentes, no entanto algumas

monitorias negativas ou positivas influenciam, de modo específico, o aparecimento de problemas de comportamento identificados em crianças e adolescentes.
Palavras chave: problemas de comportamento, estilos parentais, crianças e adolescentes

AMBIENTE FAMILIAR E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO APRESENTADO POR ADOLESCENTES COM BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR. *Rita de Cássia de Almeida Marinho – UNIANCHIETA, Natália Menegócio- UNIANCHIETA, Kátia Alessandra Stocco - UNIANCHIETA*
Entre as questões que vêm ganhando destaque no cotidiano dos brasileiros, está a questão da adolescência e problemas de comportamento. Nos dias atuais as pesquisas sobre crianças com queixa escolar têm encontrado predomínio e altas taxas de problemas de comportamento, que estão associados a um prognostico pobre quando ocorrem em contexto de adversidade ambiental. A forma como os pais interagem e educam seus filhos é crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados ou de comportamentos considerados, pelos pais e/ou professores, como inadequados, os quais são entendidos como déficits comportamentais que causam danos à interação do indivíduo com seu meio. Dessa forma, esse estudo teve por objetivo identificar e analisar a relação entre as habilidades sociais, as práticas educativas parentais e o rendimento acadêmico em adolescentes com queixa de problemas de comportamento e de aprendizagem. Este estudo teve a participação de quatro adolescentes cursando o Ensino Fundamental II, de uma escola estadual situada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Caracteriza-se como uma pesquisa do tipo descritiva, de natureza quantitativa, que utilizou como instrumentos de coleta de dados: 1)Termo de Autorização da Direção de Ensino; 2) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Conforme Resolução CNS 196/06); 3) Inventário de auto avaliação de habilidades sociais da criança pelo professor e de avaliação do professor sobre os itens de habilidades (SMHSC - DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2005); 4) Inventário de Estilos Parentais (IEP - GOMIDE, 2011); 5) Boletim das notas dos alunos, referente ao 1º semestre de 2011 (fornecido pela escola). Os resultados apontados pelo estudo corroboram com os encontrados na literatura, no que se refere a importância da interação entre pais e filhos, e na participação deles na vida do adolescente, enquanto fatores que contribuem para um desenvolvimento socioemocional saudável na adolescência, bem como algumas diferenças quanto às características desse envolvimento com os filhos e quanto ao seu efeito sobre o repertório social deles. Verificou-se que os pais dos adolescentes com baixo rendimento acadêmico apresentam praticas educativas negativas, principalmente no que se refere ao estabelecimento de disciplina e regras e no abuso físico, demonstram pouca atenção e afeto. Os dados também indicam que o rendimento acadêmico pode ser influenciado pela competência social e pelo estilo parental dos pais. Esses aspectos mostram-se relevantes e devem ser levados em consideração no estabelecimento de medidas preventivas a fim de se promover melhorias no desenvolvimento de comportamentos mais ajustados ao contexto escolar, bem como no rendimento acadêmico dos adolescentes.
Palavras-chave: ambiente familiar, comportamento, rendimento escolar.

Sessão Coordenada: **ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E ADOÇÃO: UMA INTERLOCUÇÃO NECESSÁRIA**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990, através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, dispõe a todas as crianças e adolescente proteção integral e cuidados especiais. Sempre que seus direitos forem violados ou ameaçados a autoridade judiciária fica encarregada de utilizar medidas protetoras e, dependendo da situação, torna-se necessário retirá-las da família de origem e inseri-las em programa de acolhimento familiar ou institucional. Segundo a Nova Lei da Adoção de 2009 (Lei 12.010/09), o acolhimento em instituições é considerado uma medida provisória e excepcional, sendo que deve ser privilegiada sua reinserção na família de origem, não devendo ultrapassar o período de dois anos. O acolhimento é, pois uma forma de espera pela reestruturação familiar e de preparo para retornar à família biológica quando a criança se encontra em situação de risco social ou pessoal. É também uma transição para o processo de adoção, quando não há mais possibilidades de serem reinseridas na família de origem. Se por um lado a institucionalização acolhe e contém, por outro pode provocar ansiedade devido a mudanças no ambiente, na rotina, nas pessoas com quem a criança passa a conviver, levando-a a ter de se adaptar às novas situações. Da mesma forma a adoção não deixa de ser um fenômeno social complexo. Tanto o desligamento da família biológica, com suas implicações, tais como, tristeza, luto, quanto a espera pela família adotante, quando não mais se faz possível a reinserção familiar, vem acompanhada de ansiedade inerente à construção de um novo vínculo filial, envolvendo esperança, desafios, possibilidades e impossibilidades, fato que aponta importantes aspectos psicossociais e que necessitam de acompanhamento, estudo e uma profunda sensibilidade no trato desse fenômeno. Dessa forma a Lei n º 12.010/09, visando otimizar as relações entre adotantes e adotandos, na construção de laços familiares duradouros também determina, através de seu artigo 50, que os candidatos à adoção obrigatoriamente participem de um curso preparatório. No preparo psicossocial dos pretendentes a adoção, pode-se esclarecer as pessoas envolvidas, os meandros da adoção, seu procedimento e dificuldades de forma a minimizar a possibilidade de devolução da criança ou do adolescente, que quando ocorre, faz aumentar ainda mais a vivência de abandono. Ainda a Lei 12.010/09, assegura àqueles em condições de serem adotados, que antes de serem colocados junto à família substituta, passem por período gradativo de preparação e por acompanhamento posterior realizado pelos profissionais da Justiça da Infância e Juventude. Diante do exposto, observa-se hoje um contexto em que tanto a adoção quanto a reinserção na família de origem e a situação de acolhimento de crianças e adolescentes são pontos intimamente ligados. Destaca-se que precisam ser temas de discussão em congressos e afins de forma a dar sustentação àqueles profissionais que atuam com crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade psicossocial, assim como despertar o interesse naqueles que pretendem trabalhar na área. Dessa forma justifica-se a proposição da Sessão Coordenada nomeada de Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária.
Psicologia da Família e da Comunidade

MATERNAGEM SONHADA: DESEJOS E MOTIVAÇÕES PARA ADOÇÃO EM MULHERES QUE PARTICIPARAM DO CURSO PREPARATORIO PROMOVIDO PELO GIPA. *Ana Flavia Campeiz*, Laís Cristina de Souza*, Laís Lídia Morais Dornelas*, Pâmela Suelen Galego*, Dra. Martha Franco Diniz Hueb (Departamento de Psicologia Clinica e Sociedade da Universidade Federal do Triangulo Mineiro. Uberaba- MG)*
Preparar-se para ter filhos não significa apenas tomar consciência dos limites e possibilidades de si, dos outros e do mundo, é preciso que essa conscientização seja contínua e esteja sujeita as mudanças, pois se trata de um processo dinâmico de construção e reconstrução.

Atualmente a Lei n.º 12.010/09, denominada Nova Lei de Adoção , em seu artigo 50, parágrafo 3º aponta a obrigatoriedade de participação em atividades de preparação para todos os postulantes a adoção. Em Uberaba, priorizou-se a organização de um curso com a metodologia de oficinas participativas e construtivas, nas quais os pretendentes vivenciam situações muito próximas da realidade que viverão com seus futuros filhos adotivos, podendo discuti-las em um grupo fechado sob a coordenação de dois profissionais com diferentes formações. Pesquisas anteriores à Nova Lei da Adoção apontam que na maioria absoluta dos adotantes a verdadeira motivação para a adoção foi à impossibilidade para gerar filhos biológicos embora manifestassem que o principal motivo fosse o próprio desejo de adotar. O objetivo geral deste trabalho foi investigar o desejo e as motivações para ser mãe em mulheres postulantes à adoção após a conclusão do curso preparatório. Em seguida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, 33 mulheres de 49 que concluíram o referido curso entre 2010 e 2012 foram entrevistadas em salas privativas do CEPPA. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e agrupadas em categorias. Os resultados parciais apontam diferenças em relação a pesquisas anteriores. Verificou-se que se 71% das mães adotam devido a incapacidade de gerar filhos biológicos, em contra partida 21% pretendem adotar para proporcionar uma família a uma criança. Dessas, 10% são pessoas que trabalham com crianças institucionalizadas e 10% se sensibilizaram com a adoção a partir da mídia. Ainda 34% acredita que a mulher nasce com instinto materno, as demais 66% apontam que não há instinto materno, mas apenas 32% dessas conseguem expressar que o amor materno pode ser construído na relação que se estabelece. Poucas são com visão crítica a apontar que a sociedade estimula e cobra a maternidade, da mulher, desencadeando o sentimento de incompletude naquelas que não podem sê-lo. Algumas relatam adotar devido à perda dos pais na tenra infância (10%). Através da identificação projetiva, tentam fazer uma reparação na vida adulta ao cuidarem de alguém que como elas não recebeu amor materno/paterno. Interessante apontar que 25% do total dessas mães têm filhos com mais de 26 anos e 18% procuram a adoção para dar corpo a um novo relacionamento que se constitui. Os resultados parciais sugerem que há uma evolução no que diz respeito ao social. Se antes 100% adotavam devido à infertilidade, hoje 21% o fazem para proporcionar uma família para quem não tem. No entanto ainda há várias motivações inconscientes que permanecem. Como no passado, os dados sugerem, que a angustia depressiva da entrada na menopausa atinge o Ideal de Ego e para precaver-se da depressão da perda narcísica, a afeição pode ser endereçada a um objeto que acalme suas inquietudes: um novo filho. Palavras chave: maternidade, curso preparatório, adoção.
Nível do trabalho: IC- Iniciação Científica
Código de área: FAMI- Psicologia da Família e da Comunidade

SIMBOLISMOS E EXPECTATIVAS DIANTE DO DESEJO DE ADOTAR A PARTIR DOS DADOS DO DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA. *Gleice de Souza Ferreira (Universidade de Taubaté, Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté - SP e Universidade Guarulhos - SP)*
O objetivo deste trabalho foi descrever as representações simbólicas e as expectativas sobre o desejo de adotar em um grupo de adultos, expressos nos elementos dinâmicos observados no desenho-estória com tema. Várias discussões cercam as motivações e desejos diante da adoção de uma criança, dentre elas os elementos psicológicos que os futuros pais apresentam diante da representação da paternidade e maternidade, demandas pessoais envolvidas no processo, elementos de cunho social ou assistencialista, entre outros. Foram entrevistadas 13 pessoas, sendo seis do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idade entre 26 a 62 anos. Todos os participantes da pesquisa eram casados, com escolaridade entre fundamental e superior. Quanto ao fato de terem filhos, três participantes tinham filhos naturais; cinco

participantes tinham filhos adotivos; dois participantes tinham filhos naturais e adotivos e três participantes não tinham filhos. Todos os colaboradores produziram dois desenhos, o primeiro com o seguinte tema uma família ou uma pessoa que deseja adotar uma criança, mas que ainda não está com ela que visou o levantamento das expectativas diante da adoção, a segunda produção centrou-se no desenho de uma família ou pessoa que já adotou essa criança e está com ela que pretendia identificar a representação simbólica da adoção, após a realização do desenho, foi solicitado que o sujeito narrasse uma história sobre sua produção, seguindo-se para um inquérito dos pontos importantes da narrativa. Após análise, foi possível observar os seguintes aspectos com maior incidência: Quanto à atitude, observou-se insegurança frente à adoção no desenho 1 (N=6) e aceitação no desenho 2 (N=9), as figuras representadas nos desenhos e narrativas foram consideradas fraterna positiva em ambos os desenhos (N=11 no desenho 1 e N=13 no desenho 2), os sentimentos expressos foram predominantemente identificados como derivados do instinto de vida (N=9 no desenho 1 e N=11 no desenho 2), as motivações do protagonista da história centravam-se em tendências construtivas (N=12 no desenho 1 e N=13 no desenho 2), todos os colaboradores expressaram impulsos amorosos em ambas as produções gráficas e temáticas; a análise da ansiedade apresentada indicou a presença de ansiedade depressiva (N=12 no desenho 1 e 11 no desenho 2), no que tange ao mecanismo de defesa expresso nas narrativas, observou-se a incidência de vários tipos de movimentos defensivos do ego nas produções, com destaque para projeção, regressão e idealização no desenho 1 (N=3 cada um) e projeção e idealização no desenho 2 (N=4 cada um). Diante do que foi apresentado, foi possível verificar que a representação do desejo de adotar expressou, predominantemente, uma atitude de insegurança frente aos acontecimentos e mudanças a partir da chegada do filho adotivo, mas aceitação diante da concretização do fato, apesar disso, as relações eram identificadas como positivas e derivadas do instinto de vida, revelando uma busca por construção e crescimento; e no que se refere aos processos defensivos defesas mais primitivas foram observadas diante das expectativas da adoção, mas processos defensivos melhor elaborados são verificados diante da simbolização da adoção.

Palavras chave: Avaliação Psicológica, Desenho-Estória, Adoção.
Nível do trabalho: P- Pesquisador
Código de área: FAMI- Psicologia da Família e da Comunidade

ABRIGAR E DESABRIGAR ADOLESCENTES: UMA TRAJETÓRIA COMPLEXA. *Ana Mafalda Guedes Cabral Courinha Vassalo Azôr (Universidade de Uberaba, Uberaba-MG)*

O estudo objetivou conhecer o processo de institucionalização/desinstitucionalização de adolescentes abrigados por um período de tempo, em uma instituição de acolhimento no município de Uberaba, MG, através da ótica do(s) genitor(s) e do(s) adolescente(s). Esclarece-se que a literatura aponta que 86,7% das crianças e adolescentes abrigados têm família, todavia somente 14,1% das instituições de acolhimento desenvolvem trabalhos com as famílias. Neste estudo identificaram-se aspectos contributivos para o abrigamento do adolescente; alterações ocorridas na estrutura familiar no decorrer do período de abrigamento; aspectos contributivos para a reinserção do adolescente na família biológica e situação das famílias após a desinstitucionalização dos filhos. A pesquisa, de cunho qualitativo, realizou-se com cinco famílias, escolhidas em função dos seguintes critérios: a) presença do genitor(a) que recuperou o direito a (re) convivência com os filhos; b) filhos abrigados por um período igual ou superior a 12 meses;c) desligamento dos filhos ocorrido há pelo menos 12 meses; d) filhos com idade igual ou superior a 12 anos. Utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas com o(s) genitore(s), adolescente(s) e diretor do abrigo; fichas de identificação sócio econômica; livros de registros do abrigo; pastas arquivadas contendo informações dos

adolescentes e diários de campo da pesquisa. Através das entrevistas e das fichas de identificação, definiram-se as seguintes categorias: a) o processo de institucionalização; b) período de abrigamento; c) período de desligamento. Os outros instrumentos auxiliaram na corroboração e análise das categorias supra citadas. Os resultados apontaram que as causas do abrigamento são multifatoriais envolvendo maternidade precoce, ausência da figura paterna, adoecimento psíquico implicando uso de álcool ou drogas, numero elevado de filhos, abandono da genitora, ausência de rede de apoio sócio econômico para a família; Todavia esses apresentam-se sempre, associados ao baixo nível sócio econômico das famílias. O período do abrigamento apresentou-se doloroso para os genitore(s), informando terem sentido revolta e tristeza e para os filhos que apontaram a saudade da família, o medo e a dificuldade de lidar com regras e castigos institucionais como dificultadores. O trabalho dos profissionais vinculados às instituições envolvidas, o desejo do(s) genitor(a) de recuperar a guarda dos filhos, a reestruturação financeira e a possibilidade de acesso à educação formal ou informal propiciada pela instituição de acolhimento foram fatores facilitadores para conquistar o direito ao (re) convívio familiar. O período pós-desligamento apresentou-se repleto de dificuldades no que se refere a convivência familiar, dificuldades financeiras, compromisso escolar dos filhos, e saudades da instituição de acolhimento em função de cuidado e atenção apontados pelos adolescentes e sugerindo a necessidade de um acompanhamento profissional frequente e atrelado a políticas públicas federais, estaduais e municipais comprometidas com o desenvolvimento das famílias, da infância e da adolescência. Compreende-se que o desabrigamento de adolescentes não é o final de um processo de desestruturação/reestruturação familiar biológica, mas apenas uma etapa do processo que demanda um acompanhamento pós-abrigamento, sistemático e criterioso.
Palavras chave: família; instituição de acolhimento; adolescentes.
Nível do trabalho: P- Pesquisador
Código de área: FAMI- Psicologia da Família e da Comunidade

ADOÇÃO E FAMÍLIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: CURSO PREPARATÓRIO PARA PRETENDENTES À ADOÇÃO. *Carolina Beatriz Savegnago Martins*, Bruno Pereira*, Camila Fernanda Sant Ana*, Hélimi Iwata*, José Pace Júnior*, Kátia de Mendonça Oliveira*, Lidiane da Silva Baptista*, Dra. Maria Luisa Louro de Castro Valente (UNESP Univ. Estadual Paulista Assis SP)*

Quando um processo de adoção é iniciado, é possível observar que muitas questões passam a ser problematizadas, fantasiadas e até mesmo idealizadas pelos pais pretendentes à adoção. O pensamento de que apenas o vínculo afetivo não é suficiente para assegurar a relação parental é notado na ânsia destes pais buscarem crianças com características físicas parecidas com as deles, desta forma, acreditam que reduzirão o vazio da impossibilidade dos laços sanguíneos . O receio de que o filho adotivo queira buscar a sua origem também assombra o imaginário destes pais, que sentem medo de perder o amor da criança. Entretanto, sabe-se que essa busca é importante para o desenvolvimento psicológico da criança, pois a partir disso, ela conseguirá dar o verdadeiro sentido à sua história. O medo de serem trocados pelos pais biológicos permeia o imaginário dos pais adotivos, que têem dificuldade em entender que a partir de uma referência concreta da imagem corporal, os laços afetivos com o filho podem ser reafirmados, contribuindo para uma maior identificação com os mesmos. A partir disto, os alunos do 7º e 9º semestre do curso de Psicologia promovem discussões sobre os temas de adoção, família e psicanálise com o intuito de colaborar para a formação acadêmica dos mesmos. Os estagiários têm como objetivo oferecer espaços para grupos de discussões sobre questões relativas à adoção, orientação e atendimento clínico às famílias com indivíduos adotados e/ou pretendentes à adoção. Em parceria com o Fórum da cidade de Cândido

Mota/SP, os estagiários realizam o Curso Preparatório para Pais Pretendentes á Adoção , uma vez que este é parte obrigatória do processo para efetivação do interesse em adotar. Questões sobre fertilidade/infertilidade, a criança fantasiada e a real, a possibilidade de serem pais e mães e exercerem adequadamente a maternagem de uma criança fazem parte dos temas de discussões com os casais pretendentes à adoção. Abordando esta temática, realiza-se ainda atendimento clínico individual, de casais ou de famílias no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA) que tenham demandas relacionadas à adoção. Matérias sobre o tema de adoção já foram publicadas no jornal local da cidade pelos estagiários com a finalidade de mobilizar uma parcela maior da população sobre o tema adoção. Entende-se por adoção a possibilidade de um casal bem como de uma criança formar uma família através de vínculos afetivos, uma vez que ser adotado e fazer parte de uma família é um direito da criança e do adolescente garantido pelo ECA. Realizou-se, duas vezes por ano Cursos de Capacitação para a Adoção, numa iniciativa conjunta com os Fóruns de três cidades da região. Trabalhou-se com questões tais como: fertilidade/infertilidade, maternagem, a criança real e a imaginada, razões para a adoção. Neste ano de 2012 o primeiro curso contou com cerca de vinte casais. Espera-se que com este trabalho algumas questões relacionadas à adoção possam ser problematizadas e que adotar uma criança possa ser vivido com menos problemas e mais satisfação para ambos os lados.
Apoio financeiro Proex
Palavras chave: família, adoção, psicanálise.
Nível de Trabalho: Outro
Código da área: FAMI Psicologia da Família e da Comunidade.

UMA NOVA HISTÓRIA EM CONSTRUÇAO: AVALIAÇÃO DO CURSO PREPARATÓRIO PARA ADOÇÃO EM UBERABA-MG. *Martha Franco Diniz Hueb, (Departamento de Psicologia Clinica e Sociedade da Universidade Federal do Triangulo Mineiro) Claudia Helena Julião, Marta Regina Farinelli (Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Triangulo Mineiro), Ana Mafalda Guedes Cabral Courinha Vassalo Azôr (Universidade de Uberaba, Uberaba-MG)*
Com a promulgação da Lei n.º 12.010/09, denominada Nova Lei de Adoção , os candidatos à adoção devem obrigatoriamente participar de um curso preparatório. No mês de junho/2012, o nomeado Curso de Preparação para Candidatos à Adoção em Uberaba encerrou sua sétima e oitava edições. A metodologia adotada no Curso é participativa e utiliza-se de técnicas e recursos da Dinâmica de Grupo, de jogos, de dramatizações, de expressões gráficas e discussões. Os temas trabalhados obedecem a uma ordem definida enquanto aproximação sucessiva dos pontos pertinentes e significativos no processo de adoção. As turmas são coordenadas por duplas de profissionais/docentes de duas instituições de ensino (UFTM e UNIUBE) que, juntamente com o Ministério Público, Vara da Infância e Juventude e Grupo de Apoio a Adoção de Uberaba (GRAAU) constituem o Grupo Interinstitucional Pró-Adoção (GIPA). Acompanham também o processo dois discentes dos cursos envolvidos, Psicologia e Serviço Social. No primeiro encontro do grupo de candidatos/pais, após atividade de apresentação dos integrantes, faz-se o levantamento das expectativas, a apresentação do curso e cronograma previsto; no segundo encontro discute-se a visão do amor enquanto construção. Os terceiro e quarto encontros são reservados para aprofundar as questões ligadas às motivações para a adoção. A idealização do filho versus o filho real disponibilizado comumente para adoção é o tema do quinto encontro. É no sexto encontro que o tema sobre a família de origem e as visões que se tem dela é discutido. E no sétimo encontro, trabalham-se as cenas temidas após a adoção consumada e é realizada a avaliação escrita do curso, por meio de questionário preenchido de forma individual pelos participantes. O oitavo encontro é reservado para a participação do promotor da Infância e Juventude e assistentes sociais

judiciários para esclarecerem dúvidas quanto aos aspectos legais de adoção e são entregues os certificados de conclusão de curso. Apresentar a avaliação de três turmas que realizaram o curso no campus da UFTM, num total de 54 pessoas, é o objetivo deste trabalho. Os resultados podem ser sintetizados da seguinte forma: quanto ao curso, 54% dos integrantes o consideraram ótimo; 25% como muito bom e 21% como bom. Em relação às expectativas, 45% dos participantes reconheceram que o curso atendeu às suas expectativas e para 55% elas foram superadas. A maioria dos participantes (89%) avaliou a metodologia adotada como interessante e inovadora, enquanto que 50% a considerou dinâmica e proporcionadora da relação grupal. Quanto à contribuição do conteúdo; para 78% o curso contribuiu para o enriquecimento pessoal sobre a adoção, e 56% considerou que colaborou para a diminuição de medos e construção de confiança. O relato de experiências e a discussão sobre as motivações e os medos relativos à adoção foram apontados como os pontos mais importantes abordados pelo curso. Os resultados obtidos após a finalização de cada turma, apontam que para os pais/postulantes à adoção a metodologia utilizada pelo GIPA que integra diversas frentes ligadas a adoção, tem atingido as metas propostas.

Palavras chave: curso preparatório, adoção, família.

Nível de Trabalho: Outro

Código da área: FAMI Psicologia da Família e da Comunidade.

Sessão Coordenada: **ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E RELAÇÕES FAMILIARES**

Nas duas últimas décadas, foram vários os estudos que procuraram demonstrar a centralidade da família na política de proteção à infância em vulnerabilidade social. Nesse cenário, compreende-se que proteger a criança é acima de tudo manter e fortalecer seus vínculos familiares: com os pais, os irmãos e outros membros da família de origem, como por exemplo, os avós. Por meio dos serviços de acolhimento institucional, crianças têm recebido atendimento às suas necessidades básicas e proteção especial diante de situações em que há risco à sua integridade física e psicológica. Entretanto, por vezes, esses mesmos estudos mostram que esta medida de proteção sociojurídica coloca à criança novas ameaças: de um lado, favorece a ruptura dos vínculos familiares pelo seu progressivo distanciamento dos pais e irmãos, e de outro, impõe-lhe uma longa permanência em ambiente institucional geralmente pobre em estímulos sociais, o que também pode comprometer o seu desenvolvimento inicial. Na perspectiva de superar essa situação, planos, leis e orientações técnicas foram sendo aprovados e executados no decorrer dos anos, procurando regulamentar os serviços de acolhimento de crianças e adolescentes e evitar assim graves sequelas a sua saúde física e mental. Esta proposta de Sessão Coordenada visa abrir espaço para a discussão de questões próprias das rotinas e práticas de cuidado infantil em instituições de acolhimento, assim como aspectos da convivência e preservação das relações que as crianças, na maioria das vezes, mantêm com sua família. Os estudos aqui reunidos têm em comum a compreensão de que as rotinas de cuidado na instituição e o esforço da sua equipe técnica para preservar os vínculos familiares são definidores da qualidade do serviço disponibilizado à criança e sua família. A atividade prevê a apresentação de quatro trabalhos, sendo dois de pesquisadores do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI) da Universidade de São Paulo (USP), e outros dois de membros do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED) da Universidade Federal do Pará. Desde 2009, estes grupos de pesquisa têm construído formas de intercâmbio e cooperação com o debate sobre temas relacionados ao acolhimento institucional e as relações familiares de crianças em situação de vulnerabilidade social.
Psicologia do Desenvolvimento

ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E RELAÇÕES FAMILIARES. *Lília Iêda Chaves Cavalcante (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará)*
E-mail do coordenador: liliaccavalcante@gmail.com
Telefone: +55(91)81128006 e +55(91)32018482,
Nas duas últimas décadas, foram vários os estudos que procuraram demonstrar a centralidade da família na política de proteção à infância em vulnerabilidade social. Nesse cenário, compreende-se que proteger a criança é acima de tudo manter e fortalecer seus vínculos familiares: com os pais, os irmãos e outros membros da família de origem, como por exemplo, os avós. Por meio dos serviços de acolhimento institucional, crianças têm recebido atendimento às suas necessidades básicas e proteção especial diante de situações em que há risco à sua integridade física e psicológica. Entretanto, por vezes, esses mesmos estudos mostram que esta medida de proteção sociojurídica coloca à criança novas ameaças: de um lado, favorece a ruptura dos vínculos familiares pelo seu progressivo distanciamento dos pais e irmãos, e de outro, impõe-lhe uma longa permanência em ambiente institucional geralmente pobre em estímulos sociais, o que também pode comprometer o seu desenvolvimento inicial. Na perspectiva de superar essa situação, planos, leis e orientações técnicas foram sendo aprovados e executados no decorrer dos anos, procurando regulamentar os serviços de acolhimento de crianças e adolescentes e evitar assim graves sequelas a sua saúde física e mental. Esta proposta de Sessão Coordenada visa abrir espaço para a discussão de questões

próprias das rotinas e práticas de cuidado infantil em instituições de acolhimento, assim como aspectos da convivência e preservação das relações que as crianças, na maioria das vezes, mantêm com sua família. Os estudos aqui reunidos têm em comum a compreensão de que as rotinas de cuidado na instituição e o esforço da sua equipe técnica para preservar os vínculos familiares são definidores da qualidade do serviço disponibilizado à criança e sua família. A atividade prevê a apresentação de quatro trabalhos, sendo dois de pesquisadores do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI) da Universidade de São Paulo (USP), e outros dois de membros do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED) da Universidade Federal do Pará. Desde 2009, estes grupos de pesquisa têm construído formas de intercâmbio e cooperação com o debate sobre temas relacionados ao acolhimento institucional e as relações familiares de crianças em situação de vulnerabilidade social. O primeiro trabalho abre a discussão sobre a qualidade do cuidado infantil em instituições de acolhimento institucional a partir da apresentação de dados sobre a rotina de trabalho e as práticas dos educadores no abrigo onde foi realizada a pesquisa, situado na Região Metropolitana de Belém. O trabalho descreve a rotina desses profissionais e analisa suas práticas de cuidado em razão das características do ambiente. O segundo trabalho investigou especificamente o processo de reintegração familiar de crianças de zero a sete anos que foram atendidas por serviços de acolhimento institucional, em Ribeirão Preto-SP, entre 2008 e 2010. Foi realizada a caracterização dessas crianças a partir de dados coletados em fontes documentais e destacaram-se aspectos que podem contribuir para o conhecimento dos processos reintegração da criança em seu meio familiar. O terceiro e o quarto trabalhos abordam igualmente questões relacionadas à relação entre irmãos acolhidos em instituições infantis, sendo que um deles descreve as interações e aponta a frequência com que tais eventos acontecem envolvendo quatro grupos de grupos de irmãos em uma instituição de Belém, enquanto que o outro trabalho leva em conta aspectos do atendimento conjunto de grupos de irmãos em um abrigo sediado na cidade de Ribeirão Preto, em São Paulo. Os trabalhos acima relacionados dão relevo às diferentes dimensões que envolvem a qualidade do acolhimento oferecido à criança pela instituição, seja porque o abrigo preza pelas práticas dos educadores que integram o cotidiano institucional, seja por ter atenção redobrada com as relações familiares, em particular ao buscar preservar a convivência e a ligação entre irmãos.
Palavras-chave: acolhimento institucional; relações familiares; criança;

ROTINA E PRÁTICAS DE CUIDADO EM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL INFANTIL: O TRABALHO DE EDUCADORES. *Laiane da Silva Corrêa**, Celina Maria Colino Magalhães, Lília Iêda Chaves Cavalcante, (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A literatura mostra que dados da rotina da vida diária e a organização dos ambientes podem fornecer o ponto de partida para uma compreensão abrangente das práticas que envolvem as interações cuidador-criança. Nessa perspectiva, este estudo se propõe apresentar dados da rotina de trabalho de educadores que lidam com crianças em uma instituição de acolhimento infantil, com destaque para a descrição de atividades realizadas ao longo de uma jornada de trabalho de doze horas de 7 a 19 horas. O conjunto dos dados observacionais reúne uma sucessão de episódios interativos que reconstituem práticas adotadas pelas educadoras em situações cotidianas. Fizeram parte do estudo 10 educadores responsáveis pelo cuidado diário a crianças encaminhadas a um espaço de acolhimento institucional de Belém do Pará. Cada uma das dez participantes foi acompanhada em diferentes situações que caracterizam a rotina institucional, totalizando 120 horas de observação de suas práticas no cuidado infantil. Os resultados indicam a ocorrência de práticas de cuidado habituais, difundidas e consolidadas ao

longo do tempo. Nesta perspectiva, vê-se que tais práticas estão geralmente em consonância com a política de atendimento às necessidades da criança acolhida pela instituição. Verificou-se ainda que normas e regras institucionais tendem a ser observadas por técnicos, educadores e crianças, assim como o controle de horários e escalas procura assegurar o cumprimento das atividades programadas dentro das condições determinadas pela instituição. Tais atividades obedecem a uma ordem institucional, compõem a rotina de trabalho desses cuidadores profissionais e orientam o cotidiano das crianças. Entretanto, é importante notar que cada educadora, em razão de uma conjunção de fatores ambientais e pessoais, tem a sua própria rotina alterada por padrões de comportamento inscritos no cotidiano. Isto significa modificar o conteúdo das práticas de cuidado e sequências temporais que organizam as atividades diárias, o que resulta em formas individuais de trabalho que não podem ser desconsideradas quando se pretende ter uma visão ecológica desse ambiente institucional. Além disso, observou-se que a rotina institucional pode sofrer alterações por razões as mais diversas, como fatos e dinâmicas que forçam a re-organização do trabalho das educadoras e a grade de atividades com as crianças. Pelo exposto, considera-se que a jornada de doze horas de trabalho envolve diferentes espaços, agentes e atividades. É a partir deste cenário que se constrói a vida e a história de cada pessoa envolvida neste processo, dinâmico e complexo, por ser ditado pela interação entre educadoras e crianças. Da mesma forma que fornece subsídios para conhecer como é o dia-a-dia do profissional que trabalha em instituições de acolhimento infantil, procurando, a partir disso, encontrar soluções para os desafios colocados à qualidade do cuidado nesse ambiente específico.
Apoio financeiro: bolsa de mestrado CAPES (1ª autora); bolsa de produtividade CNPq (2ª autora) e auxílio pesquisa PARD (3ª autora).
Palavras-chave: acolhimento institucional, rotina, práticas de cuidado

COMO SE DÁ A REINTEGRAÇÃO FAMILIAR? ABORDANDO ESSE PROCESSO EM UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS ACOLHIDAS. *Fernanda Lacerda Silva** e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Centro de Investigação sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).,*

Reintegração familiar é o termo utilizado no âmbito jurídico para se referir ao processo de crianças/adolescentes que retornaram as suas famílias de origem (natural ou extensa) após terem passado por acolhimento institucional ou familiar. Documentos jurídicos que regulamentam a reintegração e a literatura sobre esse tema enfatizam a necessidade de se investir na família para viabilizar o retorno seguro ao convívio familiar, mas não indicam como isso deve ou pode ocorrer na prática. Há também um desconhecimento significativo sobre famílias que sofrem intervenções da Justiça e do Estado. Assim, a partir do referencial da Rede de Significações, objetivou-se investigar o processo de reintegração familiar de crianças de zero a sete anos e seis meses que estiveram nos serviços de acolhimento institucional, em uma cidade do interior de São Paulo (período de Setembro/2008 a Setembro/2010). Foi realizada a caracterização dessas crianças, de suas famílias e de sua trajetória de acolhimento - reintegração familiar, a partir de 50 autos processuais na Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça e seus respectivos prontuários. Os dados foram analisados quantitativamente, através de estatística descritiva. Ressaltam-se alguns resultados: número de participantes foi de 50 crianças, dentre elas havia 13 grupos de irmãos, totalizando 36 famílias (36 mães, 29 pais). Sobre as crianças, 25 são do sexo feminino e 25 do sexo masculino; 66% foram registradas pelos pais juntos; 34% tinham até seis meses de idade; 62% são brancas e 32% afrodescendentes; 88% têm irmãos e 56% mantém os vínculos com eles; 86% têm

outros parentes além da família natural e 14% vivenciaram acolhimento(s) anterior(es). Sobre as famílias, verificou-se uma significativa ausência de informações; famílias dirigidas por mulheres; pais com idade entre 17 a 39 anos, predominantemente solteiros e separados, com baixa escolaridade, desempregados ou com trabalhos que exigem pouca qualificação e oferecem baixa. Com relação a reintegração familiar, há um desencontro de com quem estava antes do acolhimento e quem recebeu recebeu a criança, a maioria estava com os pais, sobretudo com as mães e foi reinserida na família extensa, principalmente sob os cuidados das avós; foi notória a predominância da participação da família materna neste processo. Os acolhimentos foram breves, 76% das crianças permaneceram até 75 dias na instituição: as crianças maiores foram reintegradas mais rapidamente, principalmente as que faziam parte dos grupos de irmãos e os bebês (0 a 6 meses) permaneceram acolhidos por um período maior (2,5 meses a 3 anos). Principais motivos do acolhimento registrados foram: negligência (66%), abandono (34%), falta temporária de condições, moradia e problemas socioeconômicos (30%), associados ao uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas pelos pais (76%). Intervenções que visam à reintegração resumem-se, basicamente, a entrevistas com as famílias e visitas domiciliares, realizadas pela equipe técnica das instituições e do judiciário. Há muitas omissões de dados, principalmente, a respeito do acompanhamento pós-reintegração. Tais resultados revelam a importância de pesquisas que mostrem como o trabalho de reinserção vem sendo feito na prática a fim de embasar as necessárias adequações nas políticas públicas e no trabalho em rede.

Apoio financeiro: CAPES e CNPq
Palavras-chaves: reintegração familiar; criança; família; acolhimento institucional
Nível do trabalho: Mestrado M
Código da área da psicologia: DES

A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO COM A MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE VÍNCULOS AFETIVOS NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE GRUPOS DE IRMÃOS.. *Ivy Gonçalves de Almeida** e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Centro de Investigação sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto,Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

,

Instituições que acolhem crianças/adolescentes devem preservar os vínculos familiares e não desmembrar grupos de irmãos. Seres humanos necessitam estabelecer ligações afetivas e na separação/ausência de um adulto de referência, é provável que a criança estabeleça com pares/irmãos este tipo de relação. Negligência é uma das principais causas do acolhimento de crianças e considera-se que, sob esta condição, é possível que irmãos assumam funções importantes na vida uns do outros. Porém, há poucas pesquisas sobre irmãos acolhidos institucionalmente. A partir do referencial da Rede de Significações, objetivou-se conhecer a rede social de crianças em acolhimento institucional, buscando investigar, sob a perspectiva da criança, como os irmãos e outras pessoas aparecem na rede. A pesquisa foi realizada em três abrigos institucionais, tendo participado sete grupos de irmãos (18 crianças) com idades entre 6 a 12 anos. As crianças foram entrevistas individualmente (quatro encontros) com intuito de conhecer quem procuram em situações relacionadas às funções de cuidados e atividades diárias, proteção, educação, apoio emocional e relação afetiva, e brincadeira e lazer. Complementarmente, foram utilizados desenho e uma adaptação do Four Field Map. Realizou-se análises quantitativas e qualitativas. Resultados indicaram que a rede social das crianças é composta principalmente por pessoas do abrigo institucional e da família. Pessoas do contexto escolar são pouco mencionadas. Irmãos são os membros da família mais citados. Irmãos mais velhos e os que estão na mesma instituição são os mais mencionados. A organização da

estrutura e da rotina da instituição, pautada na faixa etária das crianças, não privilegia a manutenção ou desenvolvimento dos vínculos afetivos entre irmãos. Os resultados sinalizam a importância do relacionamento entre irmãos, bem como da proximidade entre eles para sua manutenção. Apontam a necessidade das instituições de acolhimento reverem suas concepções e práticas relacionadas ao acolhimento de irmãos. Sugerem a necessidade de ampliação da rede social das crianças acolhidas.
Apoio financeiro: CAPES e CNPq
Palavras-chave: Acolhimento institucional; Irmãos; Rede social
Nível do trabalho: Doutorado D
Código da área da psicologia: DES

CONDIÇÕES CONTEXTUAIS DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E SUA INFLUÊNCIA NAS INTERAÇÕES ENTRE IRMÃOS.. *Lígia Negrão Costa**, Celina Maria Colino Magalhães, Lília Iêda Chaves Cavalcante (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-Pará),*
Estudiosos do desenvolvimento têm apontado para a influência das interações estabalecidas entre irmãos sobre o desenvolvimento infantil nos diversos contextos nos quais convivem. Estes estudos trazem contribuições para a compreensão da dinâmica e organização da estrutura social dos grupos de irmãos, das preferências e tipos de interações estabelecidas. Quando se trata de crianças em acolhimento institucional o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) enfatiza que se deve resguardar e fortalecer os vínculos familiares - e particularmente os fraternos -, a fim de contribuir para a formação da identidade das crianças, a preservação da sua história de vida e referencial familiar. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo descrever e analisar as interações entre irmãos em acolhimento institucional e seus pares, discutindo as condições contextuais da instituição. Participaram da pesquisa 10 crianças que compunham quatro grupos de irmãos, sendo três meninas e sete meninos, com idades que variaram entre três e sete anos, acolhidos em um espaço institucional governamental no município de Belém, Pará. Na instituição pesquisada, as crianças eram divididas em dormitórios de acordo com a faixa etária, tendo sido encontrados somente dois irmãos juntos no mesmo dormitório. Os dados foram coletados por meio de consulta aos prontuários e observação das interações entre as crianças. Foi utilizada a técnica do sujeito-focal, com alvo em cada irmão. Para cada criança foram realizadas seis seções observacionais de dez minutos cada, perfazendo um total de 60 minutos. Os episódios interativos foram categorizados em interações envolvendo compartilhamento, conflito, cooperação, competição, similaridade de comportamentos, afeto e busca de proximidade. Os principais resultados mostraram que: 1) As crianças são oriundas de famílias de classe social baixa, tendo como causas do acolhimento o abandono, a negligência, a pobreza e os problemas relacionados aos pais. Na maioria dos casos, as crianças são reincidentes no abrigo, sendo o tempo de acolhimento institucional superior ao período de convivência familiar em sete das dez crianças. 2) Ao analisar os parceiros e o tempo de interação, os irmãos do grupo 1 apresentaram maior número de interação entre si e maior tempo foi dispensado nestas interações, sobretudo entre irmãos que estavam acolhidos no mesmo dormitório e em outros que acolhiam faixa etária próxima. Nos demais grupos predominaram as interações entre pares coetâneos, tanto na frequência, como no tempo de interação, sendo que no grupo 3 houve apenas um episódio interativo entre os irmãos, e no grupo 4, não foram observadas interações entre os irmãos. 3) No tocante ao conteúdo das interações entre os irmãos, houve maior frequência das categorias de busca de proximidade, afeto e cooperação, enquanto que entre os pares prevaleceram interações relacionadas à cooperação, conflito e similaridade de comportamentos. Os resultados apontam para o debate necessário em torno das instituições

de acolhimento, sobretudo a permanência de irmãos em abrigos infantis, estimulando o cumprimento das resoluções normativas e atuando no fortalecimento das relações familiares.
Apoio financeiro: bolsa de mestrado CAPES (1ª autora); bolsa de produtividade CNPq (2ª autora) e auxílio pesquisa PARD (3ª autora).
Palavras-chave: acolhimento institucional, relações familiares, irmãos, interação
Trabalho de Mestrado M
Código da área: DES

Sessão Coordenada: **ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ENSINO, PESQUISA E APLICAÇÕES.**

Levando-se em conta que a análise do comportamento (AC) é uma das abordagens ensinadas em diversos contextos acadêmicos: graduação e pós-graduação (stricto e latu sensu), torna-se relevante a investigação da aprendizagem dos conceitos da AC. Além da aprendizagem em si, podemos investigar também variáveis que influenciariam a mesma. Nos contextos acadêmicos essa aprendizagem, geralmente, é aplicada em análises de atendimentos clínicos e em pesquisas. Dessa forma, apresentamos investigações e aplicações do processo de aprendizagem da AC. Em uma dessas investigações, foram verificadas alterações e manutenções em relação ao conhecimento sobre AC. Outro estudo investigou expectativas e sentimentos dos usuários de um ambulatório-escola de nutrição tendo como base, para a análise dos dados, a AC. A aplicação dos conhecimentos em AC em atendimentos realizados em uma clínica-escola foi discutida por outro trabalho. E a aplicação dos conhecimentos em AC em supervisões para residentes de medicina foi discutida pelo quarto trabalho que será apresentado nessa sessão coordenada. Apresentar essa sessão nessa reunião é oportuno por atingir públicos diversos da área da saúde e da educação que poderão beneficiar-se de investigações e discussões sobre AC, no que se refere a aspectos acadêmicos e, aplicados a diferentes contextos. Essa apresentação também pode abrir espaço para discutir e repensar novos meios de ensino da AC nos anos iniciais dos cursos de graduação e nos cursos de pós-graduação. Esses novos meios de ensino da AC devem, necessariamente, focar a relação professor - aluno e/ou supervisor supervisionando tendo em vista que a AC é uma abordagem que investiga as relações entre os organismos. Todos os autores são professores, pesquisadores e/ou supervisores em diferentes instituições de ensino o que mostra a competência dos mesmos para análise do tema.
Formação em Psicologia

UMA INVESTIGAÇÃO LONGITUDINAL SOBRE O ENSINO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO.. *Angelica Capelari (Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP); Mariantonia Chippari (Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP); Mariana Januário Samelo (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP),*

O presente trabalho teve por objetivos investigar e analisar possíveis alterações e/ou manutenções em relação ao conhecimento de alunos sobre Análise do Comportamento (AC) e verificar a influência da relação professor aluno no processo de aprendizagem sobre AC. A investigação foi realizada longitudinalmente em uma universidade privada. A disciplina AC está alocada na grade curricular do 3º ao 6º períodos. Um questionário misto contendo 23 questões a respeito do conteúdo teórico da abordagem e das relações entre professores e alunos foi aplicado coletivamente, em uma mesma turma do período noturno, do 4º ao 10º períodos. Portanto, a partir do 7º período, o questionário continuou sendo aplicado a despeito dos alunos terem aulas de AC. Participaram das aplicações, em média, 26 alunos. Verificou-se ao longo das sete aplicações a manutenção do conhecimento sobre alguns conceitos e alteração do conhecimento de outros. Em relação à manutenção, os alunos apontaram que a AC trabalha com ratos e homens buscando traços comuns entre ambos e tem interesse pelos princípios gerais e não pela individualidade. Uma das alterações foi que cerca de 50% dos alunos considerava a AC como sendo a Psicologia do S-R e essa porcentagem diminuiu, ao final do estudo, em 30% aproximadamente. Em outra alteração 69,57% dos alunos consideraram na primeira aplicação que a AC não ignora a consciência e sentimentos, enquanto que na última aplicação essa frequência caiu. No geral, verifica-se aquisição e manutenção errônea sobre alguns pressupostos, mas também a aprendizagem correta sobre outros. A partir desses dados, uma variável que foi levantada e passou a ser investigada como relevante em relação ao processo de aprendizagem (manutenção e alteração) foi à relação professor aluno. Em

média 98% dos alunos apontaram essa como uma variável importante no processo de aprendizagem. A presença de contingências positivas na relação professor aluno facilitaria o aprendizado quanto à compreensão, motivação, questionamentos e comunicação. Inversamente, a presença de contingências aversivas dificultaria o processo de aprendizagem, podendo ocorrer o aumento de desinteresse por parte do aluno. Analisa-se que modificações nas contingências que permeiam os comportamentos do professor e do aluno fazem-se necessárias na aquisição e manutenção dos conhecimentos da AC. Uma relação é bi-direcional, deste modo, ambos devem operar no ambiente buscando gerar consequências reforçadoras positivas, que certamente retroagirão sobre o responder, alterando a probabilidade futura de ocorrência dos comportamentos de ensinar e aprender. Os dados de toda a investigação apontaram indicadores que justificam o investimento não apenas no ensino do conteúdo teórico prático, mas também na relação professor aluno.

ATIVIDADES DE PESQUISA DESENVOLVIDAS EM ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE INSTITUCIONAL.. *Eliana Isabel de Moraes Hamasaki, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*

Como parte da sessão coordenada intitulada: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ENSINO, PESQUISA E APLICAÇÕES, esse trabalho apresenta atividades desenvolvidas por estudantes de psicologia como parte de uma modalidade obrigatória de estágio profissionalizante institucional, cujas características foram: (1) a apresentação de uma proposta de atuação voltada para usuários de um ambulatório-escola que presta serviços de orientação e acompanhamento nutricionais e (2) a execução de investigação para mapear questões que se mostrassem pertinentes para a atuação voltada aos serviços prestados a esses usuários. Para tanto, os alunos estagiários de psicologia desenvolveram uma proposta que constituiu-se de um estudo preliminar acerca das expectativas e sentimentos dos usuários de um ambulatório-escola de nutrição de uma universidade paulistana. Vale ressaltar que a demanda que se apresentou a esse grupo de alunos estagiários era a relativa baixa aderência aos serviços, segundo os gestores responsáveis pelo ambulatório. Para a condução da investigação, foi elaborado um roteiro de entrevista semidirigida, além de cinco questões, cujas respostas apresentavam-se em formato de escala do tipo Likert. Ambos os instrumentos foram especialmente elaborados para a investigação proposta pelos alunos, sob supervisão de professora responsável pelo estágio. Os alunos, distribuídos em duplas, dirigiam-se semanalmente ao ambulatório-escola, em horários determinados nos diferentes períodos de atendimento: matutino; vespertino e noturno. Durante a permanência dos alunos estagiários, os mesmos aguardavam os atendimentos realizados ou a serem realizados pela equipe de nutricionistas (alunos também estagiários do curso de nutrição, sob supervisão de professores responsáveis). O contato dos alunos de psicologia com os usuários do serviço, portanto, ocorria antes ou após o atendimento da equipe de nutrição, a depender da disponibilidade dos usuários. Participaram, voluntariamente, 18 usuários. Dentre estes, a maioria (82%) encontrava-se em acompanhamento entre um e três meses, em uma população predominantemente feminina (88%), composta por adultos jovens (64% entre 19 e 35 anos de idade). Os resultados indicaram que, em geral, o usuário buscava o serviço por (a) encaminhamento profissional interno ou externo à universidade e (b) sugestões de amigos ou parentes. Além disso, o usuário descreveu o serviço oferecido pelo ambulatório, bem como os alunos estagiários responsáveis pelos atendimentos da equipe de nutrição, com adjetivos considerados bastante positivos (esclarecedor; ótimo; eficiente). Contudo, observou-se, dentre todos os usuários do ambulatório, relativa baixa adesão ao acompanhamento, especialmente dentre os usuários cujas consultas eram agendadas nos períodos da tarde e noite: 42% e 45% do total geral dos usuários. Discute-se as questões relacionadas aos sentimentos que, muitas vezes, são descritos como ansiogênicos da parte dos usuários e as expectativas depositadas

por eles no processo. Quanto ao desempenho dos alunos estagiários de psicologia, destaca-se a importância de atividades de pesquisa aplicada para a compreensão de determinada demanda e posterior planejamento voltado a um tipo específico de serviço prestado por um ambulatório de saúde.

O ENSINO DA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL PARA RESIDENTES DE PSIQUIATRIA: CONTRIBUIÇÕES DA FAP E DE ROLE-PLAY PARA O DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIOS CLÍNICOS.. *Regina Christina Wielenska (IPqHCFMUSP, São Paulo, SP).,*

O presente trabalho discutirá entraves e soluções encontradas para prover supervisão e aulas de natureza teórica para residentes de terceiro ano (R3s) de Psiquiatria no IPqHCFMUSP, no contexto de um programa, inédito no Brasil, de formação de residentes em Psiquiatria na abordagem analítico-comportamental. Até 2010 a formação dos residentes compreendia abordagens psicodinâmicas e, eventualmente, a pratica de alguns procedimentos de terapia comportamental-cognitiva, isolados da teoria subjacente, num ambulatório especializado em transtornos de ansiedade. Em 2011 foi implantado um programa de terapia analítico-comportamental. O presente trabalho discutirá aspectos da supervisão, exercida em parceria com a psicóloga Carolina Perroni, bem como partes do trabalho com o grupo inteiro, com os demais professores (Francisco Lotufo Neto, Felipe Corchs, Giovanna Del Prette e Karen Vogel). Um problema inicial se refere ao fato de, com alguma frequência, nos deparamos com alunos que se sentem, ao início, obrigados a cumprir a carga horária com algo que não lhes é particularmente interessante ou familiar. Sentem-se sobrecarregados de atribuições e nem sempre encontram tempo para se dedicarem adequadamente a um corpo teórico que lhes parece pouco atrativo. Conhecem precariamente algumas técnicas, que imaginam serem aplicadas de modo mecanicista a indivíduos com diagnósticos psiquiátricos específicos (por exemplo, terapia de exposição se for caso de fobia). Nossa tarefa tem sido quebrar estes paradigmas, ensinar princípios do comportamento que fundamentem a atividade do terapeuta, principalmente a análise de contingências aplicada a contextos clínicos e de atendimento institucional hospitalar. Uma forte ênfase é dada a um estilo de supervisão focado nas cinco regras da Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), o que exige dos supervisores o comportamento de identificar os comportamentos relevantes dos terapeutas, consequenciar diferencialmente as respostas (de modo a serem fortalecidas ou enfraquecidas, conforme a classe a que pertencem). Este modo de supervisionar implica em correr riscos e produz sentimentos de vulnerabilidade. A supervisão baseada em FAP requer que nos comportemos compassivamente frente às dificuldades dos supervisionandos, construindo um ambiente de intimidade pessoal e profissional, propício ao bloqueio de esquivas experienciais dos participantes da supervisão. Será também discutido o bem sucedido uso de role-play de sessão inicial como estratégia de ensino na supervisão e também com o grande grupo. Na supervisão, ao se dramatizar um atendimento inicial e discuti-lo passo a passo com o grupo, busca-se reduzir o controle por regras arbitrárias, exercido sobre o comportamento do residente na sessão. Colocar o terapeuta sob controle sutil do comportamento do cliente exige um treino refinado, pontual e constante. Quanto à estratégia de discussão de caso clínico com a classe, feita em paralelo à introdução de conceitos novos, entende-se que tal mescla de teoria com a prática pode reduzir a aversividade do ensino de princípios do comportamento, e funciona como operação estabelecedora para o surgimento e manutenção de comportamentos de interesse e colaboração acadêmica.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA À CLÍNICA: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIOS PROFISSINALIZANTES EM UMA UNIVERSIDADE.. *Mariliz Vasconcellos, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*

Como parte da sessão coordenada intitulada: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ENSINO, PESQUISA E APLICAÇÕE,. esse trabalho tem como objetivo ilustrar as experiências que ocorreram em diversos estágios profissionalizantes (ao longo de oito semestres) voltados à área clínica do curso de Psicologia em uma universidade da cidade de São Paulo. Como é sabido as atividades de estágio são parte obrigatória da formação acadêmica do curso aqui abordado, nas áreas clínicas, institucionais e organizacionais. Tratando especificamente das atividades clínicas, foram organizadas nesse tipo de estágio algumas classes de comportamentos relevantes a serem modelados no aluno de Psicologia para adquirirem repertório investigativo, crítico e com bom embasamento teórico acerca da teoria Skinneriana. Para isso os estágios iniciavam com aulas teóricas de conceitos básicos. Em seguida eram estudados alguns casos clínicos publicados na literatura científica, a fim de aplicar os conceitos básicos. Posteriormente os alunos iniciavam seus atendimentos clínicos na clínica escola da Universidade. Cada caso atendido recebia supervisões, de forma que a teoria contemplada anteriormente em sala tivesse a função aplicada a contextos reais de psicoterapia. Um tipo de repertório altamente objetivado por parte da professora era o ensino de análises funcionais do comportamento, de modo que o aluno não ficasse sob controle apenas da topografia do comportamento, mas de sua função. É possível dizer que dos oito semestres em que essa disciplina foi ministrada foi observado que: 1) embora os alunos tivessem tido quatro disciplinas de conceitos básicos em Análise do Comportamento ao longo do curso, dentre outras oportunidades de cursar disciplinas nessa abordagem, havia grande falha em seu repertório acerca dos conceitos, somada à grande dificuldade na aplicação da teoria; 2) mesmo com as falhas apontadas no item 1 houve aproveitamento por boa parte dos alunos, de modo que eles puderam iniciar análises funcionais; 3) foi surpreendente a percepção de que os alunos tinham uma idéia bastante distorcida da Análise do Comportamento, já que achavam que ela era proveitosa para tratamento de sintomas específicos e não era uma abordagem que possibilitava uma intervenção mais profunda do ser humano. Dessa forma vale ressaltar que é necessário repensar em novos meios de ensino da teoria comportamental nos anos iniciais do curso. Além disso é importante rever novos meios de ensino da aplicação da teoria na prática clínica, sobretudo através do uso de recursos de multimídia, dentre outros.

Sessão Coordenada: **Aprendendo ouvir e falar: o modelo da equivalência de estímulos para avaliar e ensinar repertório discriminativo para surdos**

A pesquisa comportamental básica, translacional e aplicada vem buscando contribuir para maximizar as conquistas na área médica para restaurar a sensibilidade auditiva em indivíduos surdos que passam a utilizar o AASI e implantes cocleares. Restaurada a sensibilidade, os indivíduos precisam aprender a ouvir e "aprender a falar" e as condições para isto estão sendo investigadas experimentalmente por meio de procedimentos aplicados desenvolvidos a partir do modelo da equivalência de estímulos.
Além de possibilitar o conhecimento a respeito de como se dá a aprendizagem de repertórios discriminativos complexos envolvidos na habilidade de ouvir e falar, os estudos objetivam o desenvolvimento de tecnologia de ensino para, futuramente, tornar os procedimentos disponíveis e amplamente disseminados para fonoaudiólogos, professores e pais. Os estudos do grupo de pesquisadores reunidos nesta proposta têm documentado o processo de aprendizagem de repertórios discriminativos em surdos passo a passo, sob rigoroso controle experimental; as metodologias que vêm sendo desenvolvidas podem contribuir para gerar tecnologias de reabilitação para esta população e, também, para a elucidação das razões para fracassos ou para sucesso apenas parcial em alguns casos.

Análise Experimental do Comportamento

ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES AUDITIVO-VISUAIS COM PISTAS OROFACIAIS EM CRIANÇAS SURDAS. *Anna Christina Porto Maia Passarelli**, Thaís Porlan de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG), Raquel Melo Golfeto (Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP), Robson Cardinali*, Júnio Vieira de Rezende, Marina Castana Fenner* (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino),*
O presente estudo teve como objetivo ensinar discriminações auditivo-visuais, com e sem o auxílio de pistas orofaciais, entre estímulos auditivos e estímulos visuais em dois problemas sucessivos de aprendizagem, a partir de tarefas em um contexto de brincadeira. Participaram cinco crianças usuárias de implante coclear, com surdez pré-lingual, três implantadas precocemente e duas implantadas tardiamente. A deficiência auditiva profunda pré-lingual submete a pessoa à grande privação sensorial. Nesses casos, deve haver encaminhamento para reabilitação auditiva e oferecimento do Implante Coclear. As crianças participantes do presente estudo não conseguem adquirir linguagem sem que haja exposição a eventos concretos cuja relação funcional simbólica seja treinada. O paradigma da equivalência de estímulos oferece uma ferramenta para estudar a aquisição de função simbólica com crianças mais novas a partir de tarefas em um contexto de brincadeira, Em cada problema foram ensinadas relações condicionais entre palavras faladas e figuras (AB) e entre palavras faladas e estímulos textuais (AC), a partir do modelo de emparelhamento com o modelo, apresentado em tarefas através de um microcomputador e o software MST®. Para alguns participantes, se erros fossem cometidos em tentativas auditivo-visuais, as mesmas eram repetidas com a apresentação de pistas orofaciais pareadas ao estímulo auditivo. Testes de formação de classes de equivalência (BC e CB) avaliaram se os participantes estabeleceriam relações condicionais não ensinadas diretamente, entre as palavras escritas e as figuras. Testes adicionais, de comportamento ecoico, nomeação e emparelhamento de estímulos visuais avaliaram os repertórios expressivos e receptivos antes e depois das tarefas de ensino. Os participantes aprenderam as relações condicionais com e sem o uso de pistas orofaciais progredindo da aprendizagem de palavras convencionais, no Problema de Aprendizagem 1, até pseudopalavras, no Problema de Aprendizagem 2. Passaram para o Problema 2 três

participantes. Quatro participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 1 e dois participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 2. Nos testes adcionais, foram observados melhores desempenhos nos testes finais dos repertórios expressivos e receptivos em relação aos desempenhos iniciais, embora não de forma equitativa para os dois repertórios. O implante realizado precocemente para alguns participantes pareceu favorecer as habilidades de discriminação auditiva e, assim, seu desempenho nas tarefas. O uso de pistas orofaciais combinado com procedimentos de ensino de discriminações condicionais parece favorecer o desempenho de usuários de implante coclear nas tarefas receptivas e expressivas. Foi observado que é preciso discutir melhores formas para manter crianças pequenas sob controle das tarefas e possíveis controles de variáveis que podem influenciar o aprendizado dos participantes, amenizando os desafios encontrados pelos pesquisadores na manutenção destes participantes nos estudos.
Financiamento: CNPq e INCT/ECCE
Palavras-chave: deficiência auditiva, implante coclear, equivalência de estímulos
M
AEC

ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES AUDITIVO-VISUAIS COM PISTAS OROFACIAIS EM CRIANÇAS SURDAS. *Anna Christina Porto Maia Passarelli**, Thaís Porlan de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG), Raquel Melo Golfeto (Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP), Robson Cardinali*, Júnio Vieira de Rezende, Marina Castana Fenner* (Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte/MG, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino),*
O presente estudo teve como objetivo ensinar discriminações auditivo-visuais, com e sem o auxílio de pistas orofaciais, entre estímulos auditivos e estímulos visuais em dois problemas sucessivos de aprendizagem, a partir de tarefas em um contexto de brincadeira. Participaram cinco crianças usuárias de implante coclear, com surdez pré-lingual, três implantadas precocemente e duas implantadas tardiamente. A deficiência auditiva profunda pré-lingual submete a pessoa à grande privação sensorial. Nesses casos, deve haver encaminhamento para reabilitação auditiva e oferecimento do Implante Coclear. As crianças participantes do presente estudo não conseguem adquirir linguagem sem que haja exposição a eventos concretos cuja relação funcional simbólica seja treinada. O paradigma da equivalência de estímulos oferece uma ferramenta para estudar a aquisição de função simbólica com crianças mais novas a partir de tarefas em um contexto de brincadeira, Em cada problema foram ensinadas relações condicionais entre palavras faladas e figuras (AB) e entre palavras faladas e estímulos textuais (AC), a partir do modelo de emparelhamento com o modelo, apresentado em tarefas através de um microcomputador e o software MST®. Para alguns participantes, se erros fossem cometidos em tentativas auditivo-visuais, as mesmas eram repetidas com a apresentação de pistas orofaciais pareadas ao estímulo auditivo. Testes de formação de classes de equivalência (BC e CB) avaliaram se os participantes estabeleceriam relações condicionais não ensinadas diretamente, entre as palavras escritas e as figuras. Testes adicionais, de comportamento ecoico, nomeação e emparelhamento de estímulos visuais avaliaram os repertórios expressivos e receptivos antes e depois das tarefas de ensino. Os participantes aprenderam as relações condicionais com e sem o uso de pistas orofaciais progredindo da aprendizagem de palavras convencionais, no Problema de Aprendizagem 1, até pseudopalavras, no Problema de Aprendizagem 2. Passaram para o Problema 2 três participantes. Quatro participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 1 e dois participantes formaram classes de estímulos equivalentes no Problema 2. Nos testes adcionais, foram observados melhores desempenhos nos testes finais dos repertórios

expressivos e receptivos em relação aos desempenhos iniciais, embora não de forma equitativa para os dois repertórios. O implante realizado precocemente para alguns participantes pareceu favorecer as habilidades de discriminação auditiva e, assim, seu desempenho nas tarefas. O uso de pistas orofaciais combinado com procedimentos de ensino de discriminações condicionais parece favorecer o desempenho de usuários de implante coclear nas tarefas receptivas e expressivas. Foi observado que é preciso discutir melhores formas para manter crianças pequenas sob controle das tarefas e possíveis controles de variáveis que podem influenciar o aprendizado dos participantes, amenizando os desafios encontrados pelos pesquisadores na manutenção destes participantes nos estudos.
Financiamento: CNPq e INCT/ECCE
Palavras-chave: deficiência auditiva, implante coclear, equivalência de estímulos
M
AEC

NOMEAÇÃO DE FIGURAS APÓS FORTALECIMENTO DE REDE DE RELAÇÕES ENVOLVENDO LEITURA E OUVIR BASEADO EM SELEÇÃO.. *Fernanda da Luz Anastácio-Pessan**, Ana Claudia Moreira Almeida Verdu (Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino).,*
Considerando a privação severa da audição e a reabilitação pelo implante coclear, alguns estudos têm demonstrado que a fala é mais precisa quando é controlada pela palavra escrita do que quando é controlada pela figura. O presente estudo teve como objetivos verificar os efeitos de um programa sistemático de fortalecimento da leitura e do ouvir baseado em seleção sobre a precisão da fala em nomeação de figuras. Para coleta de dados foi utilizado um microcomputador e o software MST® para a programação das rotinas de ensino, teste e registro das respostas do participante. Os participantes foram seis crianças com deficiência auditiva com implante coclear, com idades entre 11 a 14 anos, com escores superiores a 60% em tarefas de seleção de figuras e de palavras impressas condicionalmente à palavra ditada e em tarefas de leitura, mas com baixas porcentagens de acertos em tarefas de nomeação de figuras. As tarefas de ensino e testes foram conduzidas com dois conjuntos de três palavras de acordo com um delineamento de linha de base múltipla entre conjuntos. Os passos do delineamento consistiram no fortalecimento de relações condicionais entre palavra ditada e figura (AB), entre palavra ditada e palavra impressa (AC), seguido dos testes de formação de classes de equivalência (BC e CB) e este pelo fortalecimento da relação entre sílaba ditada e sílaba impressa (ACsil). Além do pré-teste, o repertório de falante foi avaliado após as três tarefas de relações auditivo-visuais baseadas em seleção (AB, AC e ACsil), e após testes de formação de classes de equivalência (BC e CB). Todos os participantes apresentaram precisão nas discriminações condicionais auditivo-visuais e formaram classes de equivalência envolvendo palavras impressas, palavras faladas e figuras com ao menos um dos conjuntos. Nas tarefas de leitura o desempenho se manteve alto e, em muitas vezes chegando a 100% de acertos; nas tarefas de nomeação de figuras, o repertório de falante aumentou gradualmente ao longo das sucessivas medidas, chegando à precisão para cinco dos seis participantes em mais de um pós-teste. Um aspecto que parece ter sido crítico para a melhora em nomeação foi o desempenho vocal emitido na presença da palavra impressa ter sido estendido, por equivalência de estímulos, para a figura. Futuras pesquisas devem identificar quais são as variáveis críticas para reduzir a variabilidade inter-individual assim como da ordem de ensino de tarefas auditivo-visuais nessa população.
FAPESP (Auxílio # 2009/51798-7)
Palavras Chave: nomeação de figuras, classes de equivalência, deficiência auditiva
M

AEC

AVALIAÇÃO DA REDE DE RELAÇÕES ENVOLVIDAS NO LER E NO ESCREVER EM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA. *Sandra de Lima Ribeiro dos Santos**, Ana Claudia Moreira Almeida Verdu (Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino).,*

Considerando os casos de privação sensorial auditiva, os procedimentos de reabilitação têm demonstrado sucesso no restabelecimento da detecção da audição, mas a compreensão do que se ouve requer aprendizagem. Considerando as convenções da nossa comunidade verbal, cuja musculatura vocal está sob controle operante, ouvir e falar são repertórios relevantes para a compreensão de muitos conceitos, embora não sejam os únicos. Este trabalho adotou o modelo de compreensão do paradigma das relações de equivalência que apresenta uma descrição operacional de comportamento simbólico e teve como objetivo avaliar o desempenho de ouvir, falar, ler e escrever descritos por esse paradigma em crianças com deficiência auditiva. Participaram deste estudo vinte crianças, com idades entre seis e doze anos sendo 12 usuárias de implante coclear (que restabelece a detecção auditiva) e oito usuárias de AASI (que amplifica a sensação auditiva). Os participantes foram avaliados pelo Diagnóstico de Leitura e Escrita 1 (DLE-1) componente do ProgLeit®, um softwere cuja proposta é avaliar e ensinar repertório rudimentar de leitura e escrita. As tarefas são gerenciadas por um computador que apresenta sucessivas tentativas de avaliação e/ou de ensino e registra a resposta dos participantes. Considerando a topografia da resposta, o DLE-1 é constituído de três tipos de tarefas: de seleção que, mediante palavra ditada, palavra escrita ou figura a tarefa é selecionar uma dentre três comparações que se relaciona com o modelo; de composição que, mediante palavra ditada ou palavra escrita, a tarefa do participante é compor com letras dispostas na tela do computador ou escrever no caderno, uma palavra com correspondência formal com o modelo apresentado; e vocalização que, mediante figura, sílaba, letras ou mesmo a palavra impressa, a tarefa é oralizar a palavra correspondente ao modelo. Os resultados revelaram pouca diferença de repertório entre os dois grupos. Ambos, com IC e com AASI são bons ouvintes, com resultados superiores a 90% de acertos na seleção de figura e de palavra impressa mediante palavra ditada (AB/AC); a maioria não precisa de apoio orofacial para selecionar figuras e palavras, com resultados abaixo de 30% de acertos na seleção de figura ou de palavra mediante movimentos orofaciais (MofB/MofC); em relação à fala, a maioria dos participantes nomeia a lista de figuras com alta porcentagem de acertos, mas não tem leitura de palavras bem estabelecida com resultados abaixo de 40% (CD), somente em leitura de sílabas e de palavras os resultados são superiores a 80% de acertos; em leitura baseada em seleção de figuras mediante a palavra escrita e vice-versa (BC/CB) a porcentagem de acertos é intermediária, dentro da zona de acaso; desempenho preciso em cópia (CE/CF); e desempenho muito rasos em ditado (AE/AF). Os resultados evidenciam que se essa população for exposta a procedimentos de ensino de leitura mais sistemáticos como o Módulo de Ensino do ProgLeit®, dentre outros, a partir do fortalecimento de relações consideradas chave, pois estabelecem relação nodal com outras relações importantes, poderão demonstrar melhora no desempenho de leitura e de escrita sob ditado.

FAPESP (Auxílio # 2009/51798-7)

Palavras-Chave: classes de equivalência, avaliação, deficiência auditiva.

M

AEC

AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO DE CLASSES DE EQUIVALÊNCIA POR INDIVÍDUOS COM SURDEZ PROFUNDA SEM LINGUAGEM FORMAL. *Lucas Tadeu Garcia**; Deisy das Graças de Souza (Laboratório de Estudos do Comportamento Humano, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino),*

Investigar a formação de classes de estímulos equivalentes (modelo de significado) em indivíduos com baixo repertório verbal é importante para elucidar suas condições fundamentais. Indivíduos com surdez profunda, sem aprendizagem de uma língua formal, constituem uma população importante para se investigar o impacto da privação sensorial sobre seu funcionamento simbólico. Considerando a dificuldade apresentada por indivíduos com surdez profunda em aprender a ler, objetivou-se avaliar a formação de classes de equivalência entre três conjuntos de sinais (conjunto A), figuras (B) e palavras impressas (C), bem como a emergência de tato gestual (D). Os participantes foram uma mulher de 26 anos de idade, uma adolescente de 16 anos e uma criança de 5 anos. Todos estavam matriculados no ensino regular, apresentavam baixo vocabulário de LIBRAS e se comunicavam principalmente por meio de sinais idiossincráticos. Inicialmente foram realizados os pré-testes das relações entre os estímulos dos três conjuntos (AB, BC, CB, e CC) e das relações entre estímulos e respostas (AD, BD, CD), que implicam, respectivamente, em imitar o gesto e emitir o gesto diante da figura e diante da palavra impressa. Para o ensino das discriminações condicionais foi utilizado um procedimento de emparelhamento com o modelo computadorizado. As relações AB de linha de base foram ensinadas em um estudo prévio sobre aprendizagem de sinais da LIBRAS por exclusão. As relações simétricas BA foram avaliadas antes do ensino das discriminações CB de linha de base, assim como as relações potencialmente emergentes AC, CA e CD. O ensino das relações CB foi realizado por meio de um procedimento blocado, depois do qual foram avaliadas as relações simétricas BC. Sondas para as relações emergentes AC e CA foram inseridas entre 12 tentativas de linha de base após um treino e revisão de todas as relações AB e CB. Procedimentos remediativos (fading, treino de discriminações componentes) foram utilizados para os participantes que apresentaram dificuldade em aprender as discriminações de linha de base. A participante adolescente aprendeu as discriminações BC de linha de base e demonstrou formação de três classes de equivalência entre sinais, figuras e palavras. Esta participante demonstrou a formação de mais dois conjuntos de três classes de equivalência e seu desempenho sugere estabelecimento de learning set durante a linha de base, além da emergência da resposta gestual diante de todas as palavras ensinadas. O participante mais jovem demonstrou a formação de três classes de equivalência, mas não apresentou emergência das respostas gestuais. A participante mais velha não aprendeu a linha de base BC, mesmo com diferentes procedimentos remediativos. Um treino para relações entre sinais e figuras abstratas foi programado para superar as dificuldades apresentadas pela participante e, apesar do desempenho ter melhorado, o treino não foi concluído. Os resultados indicam que mesmo indivíduos com linguagem idiossincrática formam classes de equivalência, o que tem implicações sobre a caracterização destes indivíduos. A falha da participante mais velha é discutida em termos de outras dificuldades, além da ausência de uma língua formal, mas possibilidades para superá-las foram levantadas.

Apoio: FAPESP/INCT-ECCE

Palavras-Chave: Equivalência de Estímulos, Surdez, LIBRAS, Leitura.

D

AEC

Sessão Coordenada: **ASPECTOS EXPERIMENTAIS, NEUROBIOLÓGICOS E CLÍNICOS DA ANSIEDADE**

Os transtornos de ansiedade estão entre os mais freqüentes transtornos psiquiátricos, associados a sofrimento psicológico importante e grande prejuízo funcional. As terapias cognitiva e comportamental, baseadas na reestruturação cognitiva e na técnica de exposição, respectivamente, são as abordagens psicoterápicas mais estudadas e apontadas como primeira escolha para o tratamento destes transtornos, ao lado dos psicofármacos antidepressivos inibidores seletivos da recaptação da serotonina (ISRS). A eficácia dos tratamentos psicoterápico e farmacológico é bastante similar, e pesquisas apontam aspectos neurobiológicos comuns entre essas terapêuticas, sugerindo a possibilidade delas compartilharem, em nível neural, os mesmos mecanismos terapêuticos. O objetivo desta sessão é apresentar a concepção neuropsicológica atual das respostas emocionais de defesa, os modelos experimentais utilizados em seu estudo, e a aplicação dos modelos cognitivo e comportamental na clínica dos transtornos de ansiedade. Além disso, apresentaremos uma articulação destes modelos experimentais, neuropsicológicos e clínicos, buscando elementos comuns dos processos de aprendizagem envolvidos na resposta clínica a essas diferentes propostas de intervenção terapêutica. A identificação desses elementos poderá favorecer o aprimoramento dessas intervenções, bem como o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas, ainda mais eficazes e eficientes que as atualmente disponíveis.
Saúde Mental

ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS COMUNS DAS TERAPIAS COMPORTAMENTAL E COGNITIVA DOS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE.. *Thiago Pacheco de Almeida Sampaio (Programa Ansiedade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo AMBAN-IPq-HC-FMUSP/Episteme Psicologia.,*
Conforme a quarta edição do Manual Estatístico e Diagnóstico dos Transtornos Mentais (DSM-IV) os transtornos que apresentam a ansiedade, medo ou pânico como condição patológica primária, estão dentro da ampla categoria dos transtornos de ansiedade. Entretanto, as teorias neuropsicológicas atuais entendem a ansiedade como uma resposta emocional de defesa que guarda distinções neuroanatômicas e funcionais importantes de outras emoções tradicionalmente a ela relacionadas como o medo e o pânico. Embora essas diferenças favoreçam uma explicação neurobiológica para o sucesso diferencial da psicoterapia em relação à psicofarmacologia em alguns quadros de ansiedade (especialmente nas fobias), a literatura científica apresenta as terapias cognitiva e comportamental e a psicofarmacoterapia como os tratamentos mais eficazes para os transtornos de ansiedade em geral. Essas duas abordagens psicoterapêuticas, apesar de apresentarem divergências teórico-filosóficas importantes entre si, compartilham o objetivo de promover, de algum modo, mudanças consistentes e duradouras nas relações que a pessoa atendida estabelece com seu ambiente. No caso dos transtornos de ansiedade, o foco está fundamentalmente nas contingências aversivas (e seus respectivos comportamentos de esquiva), nas próprias relações respondentes presentes na experiência afetiva, e nas crenças e regras que, de algum modo, tomam parte na manutenção da ansiedade patológica. Em termos comportamentais, essas relações podem ser operantes ou respondentes, abertas ou encobertas, e incluem os aspectos cognitivo, afetivo, comportamental (motor e glandular) e fisiológico. Essas categorias descrevem diferentes níveis de análise dessas relações. Uma análise completa das relações organismo-ambiente não deve desconsiderar nenhum desses aspectos. O arsenal técnico das duas abordagens vem sendo estudado há anos, e o conhecimento dos processos fisiológicos (e mais especificamente os neurobiológicos) subjacentes à resposta clínica às intervenções cognitivas e comportamentais em indivíduos com diagnóstico de transtornos de ansiedade

apontam para uma convergência anatômico-funcional. Os estudos indicam que esses processos são, em ambos os casos, semelhantes aos responsáveis pela resposta clínica à psicofarmacoterapia, envolvendo as mesmas estruturas e circuitos e o mesmo tipo de alteração/normalização neurofuncional. Dados de pesquisas básica e aplicada sobre os processos neurobiológicos subjacentes à ansiedade patológica e aos seus três principais tipos de tratamentos serão analisados em conjunto, numa tentativa de articulação dos modelos cognitivo, comportamental e neurobiológico dos transtornos de ansiedade e de sua terapêutica, considerando o papel central de estruturas específicas do sistema cerebral de defesa nas respostas de ansiedade, medo e pânico e do córtex pré-frontal na produção dos efeitos terapêuticos. Palavras chave: Sistema cerebral de defesa, Sistema de inibição comportamental, Neuropsicologia da ansiedade, medo e pânico.

DISCUSSÃO SOBRE APLICAÇÃO CLÍNICA DE ALGUNS ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE ANSIEDADE NA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL. *Mariliz Vasconcellos**, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo -SP/ AMBAN-IPq-HC-FMUSP.,*

Como parte da sessão coordenada intitulada: Aspectos experimentais, neuropsicológicos e clínicos da ansiedade. esse trabalho tem como objetivo fazer a discussão de alguns experimentos de pesquisa básica relacionados à incontrolabilidade sobre o meio em Análise do Comportamento, e sua aplicação clínica em um ambulatório destinado ao atendimento de indivíduos portadores de algum transtorno de ansiedade, situado no Hospital das Clínicas (HC) da cidade de São Paulo. Esse ambulatório é denominado Amban (Ambulatório de Ansiedade) e é composto por psiquiatras e psicólogos. O serviço de psicologia utiliza-se das abordagens cognitiva e comportamental para o atendimento aos pacientes. Assim tanto terapeutas de orientação cognitivista quanto comportaemntalista participam do corpo psicoterapêutico . . Ater-me-ei nesta apresentação a alguns experimentos da abordagem comportamental. . Há uma área de estudos em Análise do Comportamento denominada incontrolabilidade sobre o ambiente, que se caracteriza pela idéia de que ter controle ou poder sobre o meio produz sensações de bem estar, alívio e felicidade, por exemplo. Por outro lado, a falta de controle produz o inverso, ou seja, sensações de fracasso, desânimo, ansiedade e até depressão. Há alguns modelos experimentais relacionados à incontrolabilidade, a saber: supressão condicionada, desamparo adquirido ou aprendido, anedonia ou Estresse Crônico Moderado (CMS) e depressão por separação. Especificamente o presente trabalho se interessa pelas pesquisas relacionadas ao 1) desamparo adquirido ou aprendido e 2) supressão condicionada, que apontam que os organismos expostos à condição 1 apresentam inicialmente respostas de ansiedade (respondentes e operantes), alta de taxa de respostas de fuga ou esquiva mal sucedidas e por último depressão, ou supressão de respostas, mesmo que elas pudessem ser bem sucedidas no futuro. Esse modelo aponta que em um primeiro momento ocorrem ansiedade e sintomas de pânico e em um segundo momento o quadro de depressão. O modelo experimental 2 aponta que a aprendizagem de que estímulos aversivos irão surgir no ambiente, produzem supressão comportamental perante estímulos (pré aversivos) que sinalizam a ocorrência da estimulação aversiva. Além do indivíduo parar de responder quando há sinalização de aversividade, ele também apresenta respondentes de ansiedade. Vale ressaltar que esses dois modelos são apenas dois modos de explicação da ansiedade e que ajudam a atuação profissional dos psicólogos do serviço anteriormente mencionado. Vale ainda dizer que são necessárias mais pesquisas aplicadas dos modelos experimentais relacionados à incontrolabilidade, a fim de se obter mais clareza da eficácia e fidedignidade desses modelos para posterior utilização por parte dos profissionais da área de saúde mental. Palavras-chave: ansiedade, incontrolabilidade, experimentos, Análise do Comportamento.

ANSIEDADE, MEDO E PÂNICO: ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS. *Daisy Hernandes. Programa Ansiedade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo AMBAN-IPq-HC-FMUSP,*

Com o lançamento do livro The expression of emotions in man and animals em 1872 Charles Darwin iniciou uma nova abordagem em relação às emoções . Desde então , emoções como medo e ansiedade e seus correspondentes comportamentos passaram a ser vistos por muitos como estratégias de defesa filogenéticamente herdadas a partir de um ancestral comum ao homem e demais vertebrados . Disto se depreende que , assim como os mecanismos de seleção natural foram determinantes para a presença das características fenotípicas de cada espécie hoje presente em nosso planeta , o foram também em relação a circuitos neurais pré programados para dispararem emoções e comportamentos frente a estímulos de perigo que eliciem tais reações . Três sistemas cerebrais comuns aos animais mais desenvolvidos e ao homem estariam então ligados direta ou indiretamente à defesa e portanto à sobrevivência (1) Sistema de luta- fuga : Ele se ativa diante de estímulos inatos aversivos (dor, predador..) e estímulos aversivos aprendidos. Desencadeia cptos de luta fuga e emoções de medo e pânico . Assim , se o animal em questão estiver frente à frente com seu predador , será liberado um padrão fixo de ação : se a fuga não for possível , alternará entre ataques repentinos ao predador e postura de completa imobilidade. Se , entretanto , a distância entre o animal e seu predador for um pouco maior , seu cpto será de fuga mais direcionada . A emoção aqui será de medo

Se , por fim houver uma distância ainda maior , onde haja tempo para melhor avaliação , o animal fará uso de suas memórias ontogenéticas para procurar a melhor saída para a situação . A emoção será também de medo. (2) Sistema do prazer : Ele se ativa diante de estímulos inatos de prazer (alimento, sexo..) e estímulos de prazer aprendidos . Desencadeia cptos de busca de prazer e emoção de prazer. Este sistema será importante para explicarmos os mecanismos neurobiológicos da ansiedade . (3) Sistema de inibição Comportamental : Ele se ativa diante de estímulos conflito , isto é, estímulos que contenham ao mesmo tempo um valor aversivo e um valor de prazer (inatos ou aprendidos) . Desencadeia inibição de cptos e ansiedade. Assim , se o animal estiver diante de uma situação onde ele possa obter uma recompensa mas ao mesmo tempo houver a possibilidade de uma punição , seu sistema de inibição comportamental determinará a inibição tanto de um cpto de aproximação para a busca do estímulo apetitivo . Esta inibição estará associada a uma análise detalhada dos riscos , um estado de alerta com ativação do sistema nervoso autônomo , aumento de atenção (avaliação do ambiente) e o sentimento de ansiedade.

Palavras chave: - Sistema de luta- fuga, Sistema do prazer, Sistema de inibição Comportamental

Evidências da eficácia da Terapia Cognitivo Comportamental no tratamento de transtornos de ansiedade. *Mariângela Gentil Savoia*

AMBAN FMUSP

Conscientia Núcleo de Estudos de Comportamento

,

A Ansiedade é uma experiência universal da espécie humana. Embora existam divergências teóricas, um ponto comum parece caracterizá-la: a sensação de apreensão quanto a algum perigo futuro não bem delineado. Encontramos perspectivas filogenéticas na ansiedade, sendo essa resposta resultante da seleção natural. Os homens ansiosos conseguiram sobreviver em detrimento dos não ansiosos. Portanto, sentir ansiedade é normal e adaptativo para os seres humanos.

Em contrapartida, a ansiedade é também um sintoma predominante de um grupo de transtornos, os transtornos de ansiedade, que são uma condição na qual a ansiedade, como sintoma diretamente relatado ou observado, está anormalmente elevada ou é desproporcional ao contexto ambiental. São estados emocionais repetitivos ou persistentes nos quais a ansiedade patológica desempenha papel fundamental, causando sofrimento e/ou prejuízo no funcionamento cotidiano do Indivíduo e que não se devem à presença de outros quadros clínicos. Cada um dos transtornos tem descrições comportamentais diferentes, mas o tratamento combinado Terapia Cognitivo Comportamental e farmacoterapia é o mais eficaz. O tratamento dentro da abordagem cognitiva comportamental tem como principais objetivos a redução da ansiedade o aumento das habilidades de enfrentamento e a melhora da qualidade de vida. Muitas são as definições utilizadas para se compreender TCC e diferenças quanto aos seus princípios, contudo na área clinica a integração das suas vertentes tem se propagado e sendo amplamente utilizada. Com corpo de conhecimento validado empiricamente, a TCC propicia uma contribuição importante às psicoterapias. Com objetivos claros acompanhados de uma boa análise da situação definem-se os fatores desencadeantes e mantenedores da queixa observando as relações de contingências e manipulação das mesmas proporcionando melhor resultado terapêutico. O emprego da análise funcional como ponto básico de diagnóstico e seguimento psicoterápico é imprescindível. Não existe um manual de atendimento a problemas específicos e sim um arsenal de técnicas que deverá ser empregado de acordo com cada paciente, de acordo com o repertório de cada um. Neste processo identificam-se os problemas decorrentes do transtorno ansioso, determinam-se os objetivos terapêuticos e um planejamento terapêutico em colaboração, terapeuta-cliente é implantado. Os procedimentos devem ser avaliados continuamente. A automonitoria e tarefas de casa são muito relevantes na TCC, a primeira nos dá quantitativa e qualitativamente os resultados das mudanças e a segunda a possibilidade de treinamento em ambiente natural dos comportamentos alvo. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir algumas pesquisas aplicadas em psicoterapia que embasam as afirmações acima.

Palavras chave: ansiedade, pesquisa aplicada, TCC

Sessão Coordenada: **Bullying e fatores associados: interações com a gestão escolar, a ansiedade social, a violência familiar e a criminalidade adulta.**

O Bullying tem sido uma das principais temáticas em estudos sobre educação e violência em todo o mundo. Observa-se tal afirmativa através da quantidade de publicações observadas nas revistas de diversos países, onde são apresentados resultados de inúmeras pesquisas, tais como: Journal of School Psychology, Agressive Behavior, School Psychology Quaterly, Educational Research, criminal Behavior and Mental Health. Neste sentido, a discussão sobre a temática associando-se com outras variáveis: gestão escolar, fobia social, violência familiar, criminalidade adulta e bullying, constitui-se algo relevante mediante a necessidade de compreensão abrangente e dinâmica do assunto. Dessa forma, caminha-se para uma concepção mais estruturada e contextualizada para a compreensão de um fenômeno que é caracteristicamente multideterminado e que sofre influência de fatores sociais, pessoais, biológicos e organizacionais para se consolidar. O conhecimento desse conjunto de fatores pode facilitar a prevenção e intervenção junto a essa temática preocupante para diversos segmentos de atuação profissional seja do psicólogo ou do profissional de educação, bem como, estimular outras pesquisas a testar as várias associações possíveis com outros desenhos metodológicos.
Psicologia Social

CRENÇAS DOS EDUCADORES SOBRE BULLYING E A GESTÃO EDUCACIONAL: RESULTADOS PRELIMINARES. *Fellipe Soares Salgado** (Universidade Federal de Juiz de Fora), Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*
O bullying vem sendo cada vez mais apontado pela literatura cientifica como um tipo específico de violência que, pela sua repetição ao longo da experiência escolar do aluno, é responsável pelo impacto negativo nos aspectos psicossociais, desenvolvimentais e de aprendizagem da criança e do adolescente. Este fenômeno é definido como o ataque físico, verbal ou psicológico entre colegas com o objetivo deliberado do agressor ou grupo de agressores de causar medo e angústia nos alvos. Caracteriza-se, também, pelo desequilíbrio de poder na relação agressor-vítima e os incidentes são repetidos ao longo de semanas ou meses, sendo a conduta caracterizada pela ação intencional. A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar as crenças (sistemas de crenças) dos educadores com relação ao Bullying justificada pela literatura sobre o tema que referencia tais educadores como pessoas importantes na intervenção escolar dessa violência, responsáveis pela socialização dos alunos, pelo estimulo ao aprendizado e pela formação de valores e crenças. Tais profissionais podem eliciar condutas positivo propiciando condutas pró sociais bem administrados. Nesse sentido, suas crenças são relevantes para o entendimento do processo de gestão deste ambiente, bem como para a proposta de aplicação coerente de um clima favorável para alunos e educadores conviverem. O estudo das crenças está inserido na Psicologia Social de orientação cognitiva. É compreendida como sendo uma representação mental, uma cognição aceita por pelo menos uma pessoa. Apresenta valor empírico através de proposições declaradas abertamente pelo indivíduo que as comunica e é considerada o componente cognitivo das atitudes humanas. Participaram da pesquisa 19 educadores, dentre eles: professores, coordenadores pedagógicos, diretores e vice-diretores de duas escolas da rede municipal de ensino. Foi utilizada a metodologia qualitativa; os educadores responderam a uma entrevista semi-estruturada e o tratamento das entrevistas foi feito através da técnica de análise de conteúdo organizada através do software NVivo. Pôde-se observar, nos resultados preliminares, que os educadores são marcadamente composta de mulheres (84%), a adesão dos educadores em realizar alguma intervenção é fraca pela desmotivação para o trabalho interventivo em 72%. Apontam que não adiantar muito fazer algo ou mesmo não saberem o que fazer. Soma-se à

essa categoria a crença no bullying como algo normal (32%) ao período de desenvolvimento, algo como um teste de habilidades e busca por espaço no ambiente, sem maiores consequências psicossociais. A falta de apoio e participação dos pais os fazer acreditar (83%) que nada funcione já que os alunos passam um tempo em casa que não tem qualidade nas relações somada ao fato de ser de casa que trazem seus modelos de comportamento e valores. Quanto ao conceito de bullying 87% deles o caracterizam de forma difusa ou incompleta ou mesmo incluindo todo tipo de comportamento avaliado como negativo, como o aluno xingar pelo corredor sozinho. 81% dos educadores acreditam que o agressor é culpado pela agressão devendo ser punido por isso. O uso de métodos punitivos é o mais empregado; pois, segundo eles, é o único que funciona. Dessa forma, programas interventivos podem considerar tais aspectos em seus modelos de ação.

Apoio financeiro: Bolsa Monitoria-UFJF
Palavras-chaves: bullying, gestão educacional, escola, crença.

M
SOCIAL

BULLYING ESCOLAR E CRIMINALIDADE ADULTA: QUAL A POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE ELES?.

*Adriana A. de Almeida** (Universidade Federal de Juiz de Fora), Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*

Criminalidade é entendida como um conjunto de atos criminosos que ocorrem em um determinado local. Estes atos vão contra as regras estabelecidas por uma sociedade, podendo ser alteradas ao longo do tempo. Tentar entender porque as pessoas cometem crimes não é fácil. Não há uma verdade universal, tendo apenas diferentes fatores que quando combinados tentam explicar a causa de tais comportamentos, havendo na literatura vários modelos teóricos que focam alguns fatores em particular. A criminalidade possui inúmeras motivações e fatores, internos ou externos, concorrentes que facilitam o surgimento dos crimes. Alguns fatores determinantes podem estar envolvidos no início de comportamentos infratores como fatores individuais: baixa realização escolar, bullying; familiares: supervisão parental pobre, abuso físico infantil; socioeconômicos: baixa renda familiar, tamanho da família; de pares: ter pares delinquentes, ser rejeitado; escolares: como taxa de delinquência alta, gestão ruim; e da vizinhança: como alto número de crimes. Nos últimos anos, o bullyingtem sido um dos tipos de violência escolar com maior destaque no meio acadêmico. Ele traz consequências prejudiciais a curto e longo prazo para todos os envolvidos neste contexto, em especial para as vítimas que podem apresentar quadros de depressão, baixa autoestima, pensamentos suicidas, dores de cabeça e de estômago, entre outros; e para os agressores que podem apresentar comportamentos de risco como consumir álcool e outras drogas, portar armas, se envolver em brigas e em comportamentos agressivos, delinquentes e violentos. Com relação às consequências a longo prazo, esta parte da sessão coordenada visa discutir a possível ligação existente entre bullying escolar e o envolvimento em atos de criminalidade na idade adulta. Em revisão sistemática da literatura feita pelo autorentre os anos de 2007-2012, nas bases de dados Web of Science, Scopus, Eric, PsycInfo, Jstor, BVS, Redalyc e Dialnet, com os descritos crime, criminality, offender e delinquency associados ao descritor bullying no campo título de cada base e selecionados apenas os artigos com texto completo,foram encontrados 16 artigos. Com relação aos resultados 90,4% das publicações encontraram alguma associação entre bullying infantil e criminalidade posterior, apenas 9,4% não encontraram associação ou encontraram de forma limitada. Dentre as publicações que encontraram associação, os papéis nos episódios de violência entre pares que mais apareceram relacionados à criminalidade posterior foram: agressores 31,5% e vítimas 15,7% (26,3% das publicações não especificaram).Assim sendo, essa discussãovisacontribuir para o aumento do conhecimento

sobre o tema ediscutir a importância de uma maiorênfase dos programas de intervenção contra o bullying na escola como forma também de diminuir a criminalidade posterior.Criar medidas preventivas contra comportamentos antissociais em fases ainda precoces do desenvolvimento influencia também na diminuição da probabilidade de envolvimento em situações que inflijam a lei. Essa discussão é importante para aumentar o conhecimento dos profissionais que trabalham diretamente com esta população, assim como mostrar para os governantes de forma geral que investir apenas no sistema de segurança pública de forma a reprimir o crime não é uma medida eficaz, se pontos que são cruciais para a perpetuação do crime não são alterados.

Apoio financeiro: Bolsa CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Palavras-chaves: bullying, criminalidade, consequências.

M

SOCIAL

A RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E BULLYING ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Luciana Xavier Senra**(Universidade Federal de Juiz de Fora), Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora), Marcel de Toledo Vieira (Universidade Federal de Juiz de Fora),*

O fenômeno da violência afeta a população mundial causando prejuízos sociais e de saúde para indivíduos, famílias e comunidades. No âmbito doméstico, a violência ocorre entre membros com vínculo afetivo, convivendo no mesmo ambiente. Envolve condutas agressivas física, sexual, psicológica, patrimonial e financeira, de abuso e negligência, expressas entre pessoas em condições desiguais de poder. As principais vítimas são idosos, mulheres, adolescentes e crianças. Os danos causados, sobretudo para crianças e adolescentes são: problemas fisiológicos, transtornos de stress pós-traumático, depressão, ansiedade, isolamento e conduta agressiva, baixo desempenho acadêmico, envolvimento em situações de bullying, violência escolar e delinquência juvenil. A violência escolar consiste em danos patrimoniais e em atos de agressão contra gestores e entre os pares escolares. A agressão entre pares é denominada bullying, o qual é definido como um fenômeno sem motivação aparente, caracterizado por agressão física e psicológica intencionais, repetitivas e contínuas ao longo do tempo contra um indivíduo em situação de desigualdade de poder, sem condições de defesa ou reversão da situação. Tais situações se devem às características psicológicas, físicas, étnicas, sociais, culturais e econômicas específicas. O bullying consiste em atos de bater, chutar, empurrar, apelidar, humilhar, ameaçar, coagir, xingar, falar depreciativamente de alguém, excluir e isolar socialmente. No Brasil, os principais envolvidos são adolescentes com faixa etária entre os onze e os quinze anos, cursando o ensino fundamental. A literatura recente sobre a temática tem evidenciado uma relação entre os fenômenos supracitados. Com base nisso, foi feita uma pesquisa (submetida e aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos) em um município brasileiro visando identificar e estudar características da relação entre Violência Doméstica e Bullying entre adolescentes do sexto ao nono anos do ensino fundamental. O estudo teve delineamento transversal de natureza observacional, com alocação probabilística dos participantes e duas etapas de abordagem: (I) pesquisa de campo quantitativa e descritiva, visando o levantamento da prevalência de bullying e para explorar os tipos de envolvimento nas situações de bullying, utilizando o Questionário de Bullying, com testagens paramétricas e não paramétricas; e (II) estudo de campo qualitativo com entrevistas semiestruturadas submetidas à técnica de análise de conteúdo, que objetivou identificar e estudar os contextos e perspectivas relativas à violência doméstica(VD) e ao bullying com os adolescentes. Todos os participantes receberam informações relativas à pesquisa e a adesão,

voluntária, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Os resultados corroboraram a literatura mostrando a estreita relação entre os fenômenos, embora nessa pesquisa não tenham sido identificadas vítimas diretas de VD, apenas espectadores. Em relação ao gênero, constatou-se que 36.98% eram meninos e 63.02% meninas. Observou-se que 5.35% dos envolvidos em bullying eram agressores e 12.37% vítimas. Constatou-se 37% de meninos e 63% meninas. As condutas de bullying mais comuns foram: apelidar (31.5%), pegar objetos sem permissão (14.5%) e isolamento (10.2%). Os tipos de VD que estiveram mais expostos foram à psicológica/verbal (41.7%) e a física (33%), correlacionadas àquelas reproduzidas entre os estudantes, conforme evidenciado pelas entrevistas.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES
Palavras-chave: violência doméstica, bullying, adolescentes, ensino fundamental.
M
SOCIAL

BULLYING E VIOLÊNCIA ESCOLAR: IMAGENS PRODUZINDO CONCEPÇÕES.. *Juliana Soares da Silva* (Universidade Federal de Sergipe) Jackeline Maria de Souza** (Universidade Federal de Sergipe) Joilson Pereira da Silva** (Universidade Federal de Sergipe),*

A ocorrência frequente de bullying constitui-se uma das questões mais inquietantes da atualidade incidida no ambiente escolar, e sobre tal fenômeno entende-se que é todo tipo de prática agressiva, repetitiva, sem motivação evidente, intencional, que ocorre entre pares em uma relação desigual de poder, podendo ser física, verbal, psicológica ou sexual. É um comportamento que produz consequências individuais e sociais relevantes, e, sobretudo, negativas, como sofrimento, angústia, baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar. Acerca disso, observa-se que a imagem é um importante meio revelador desse cenário, uma vez que, oferece grande riqueza de informações sobre vários aspectos da vida de uma pessoa e o conhecimento de diferentes contextos e situações, algo que é potencialmente útil ao estudo da psicologia. Nessa perspectiva a violência escolar se refere a bullying, dano ao patrimônio e violência simbólica. Para tanto, esse estudo teve como objetivo investigar a representação de bullying e violência escolar que possuíam escolares do ensino fundamental, assim como, verificar quais práticas agressivas eram mais frequentes na escola. Para isso, realizou-se uma intervenção de cunho qualitativo em uma escola pública do estado de Sergipe. A amostra foi composta por oito participantes, sendo cinco meninos e três meninas, com idade média entre 12 e 14 anos, e escolhidos de forma aleatória. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, bem como, utilizadas 12 fotografias (escolhidas em um site de buscas de domínio público, com situações de violência física, psicológica e verbal) e um gravador de voz. As imagens foram apresentadas ao decorrer da entrevista após a realização de perguntas sobre se os sujeitos já foram ou eram autores, foram ou eram alvos ou testemunhas de bullying e/ou violência escolar. As entrevistas foram individuais e tiveram a duração aproximada de 30 minutos. De acordo com os resultados, através da análise de conteúdo, observamos que 87% já presenciaram violência na escola, principalmente bullying, através de agressões verbais, como apelidos e xingamentos. Quando presenciavam cenas de violência na escola apenas 37% dos participantes relataram ajudar o alvo. Dos entrevistados, 50% já foram alvos de bullying por meio de agressões físicas e verbais e 50% afirmaram terem sido autores deste tipo de prática. Com relação às fotografias, observamos que as imagens mais representativas de violência na escola, são aquelas onde há um grupo contra um individuo e a vítima encontra-se frequentemente em posição inferior, seja em agressões físicas ou verbais. As imagens que mais presenciaram na escola apresentavam em seu conteúdo cenas de dano ao patrimônio e exclusão, no entanto, 62% afirmaram que a agressão física produz mais

sofrimento do que a agressão verbal e a exclusão. Discute-se que fotografias que contém em seu conteúdo cenas de agressão física representam mais a violência escolar e bullying do que imagens contendo outro tipo de agressão. No entanto, este estudo aponta que, a incidência mais recorrente de bullying e violência escolar se encontram em práticas de exclusão e agressão verbal, assim como dano ao patrimônio.
Palavras-chave: Bullying, Violência Escolar, Fotografia.
IC (Bolsista PIIC - Programa Especial de Inclusão a Iniciação Científica, financiado pela Fundação Universidade Federal de Sergipe).
OUTRO
SOCIAL

BULLYING NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E ANSIEDADE SOCIAL NA VIDA ADULTA. *Francesca Stephan** (Universidade Federal de Juiz de Fora) e Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*
O Bullying é um tipo específico de violência entre pares, interrelacional, descrito como um abuso de poder continuado ao longo do tempo, com a intenção clara de afligir, intimidar e agredir outra pessoa no convívio permanente em locais coletivos, ocorrendo, preferencial, mas não exclusivamente, nas escolas. Bullying pode então ser considerado como um fator de forte interferência negativa para o desenvolvimento psicológico, social e afetivo do individuo. A Ansiedade Social\\Fobia Social é caracterizada como um quadro patológico no qual uma pessoa teme a convivência social por estar preocupada em ser humilhada e constrangida. A dificuldade em situações sociais durante a infância e adolescência pode influenciar no desenvolvimento de habilidades sociais necessárias para posterior funcionamento acadêmico, social e profissional. Torna-se necessário um maior entendimento entre dificuldades de socialização na infância e adolescência, e o desenvolvimento de Fobia social na idade adulta. Com o objetivo de analisar a relação que os participantes estabelecem entre as experiências de Bullying na infância e adolescência e os sintomas atuais de Ansiedade Social, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pacientes fóbico sociais do Programa de Transtornos de Ansiedade da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Juiz de Fora. As entrevistas foram analisadas segundo a técnica de análise do conteúdo de material transcrito à partir das entrevistas gravadas realizadas com os pacientes. Como resultados podemos destacar o número importante dos participantes pesquisados que tiveram experiências significativas de vitimização escolar. Todos os quinze participantes tiveram experiência de violência escolar, dos quais doze tiveram lembranças de experiências de vitimização no período escolar. Grande parte dos participantes foi alvo de apelidos durante todo o período escolar, e também sofreram experiências de isolamento ou exclusão. Essas experiências em sua maioria ocorreram em sala de aula, e os participantes não contaram para ninguém os episódios sofridos. Os participantes relataram memórias fortes dessas experiências ruins na escola, com presença de pesadelos com esses eventos na escola. Os relatos de perseguição na escola, humilhação, insegurança e exclusão também foram exemplificados em situações de convivência familiar, com relatos de perseguição por membros da família, brigas entre os pais e familiares. Como consequência atual da experiência de vitimização vivida os participantes apontaram as dificuldades de convivência no trabalho, com episódios de perseguição por colegas e isolamento, dificuldade em confiar nos demais e de fazer amigos. A pesquisa aponta para aspectos multidirecionais das experiências de bullying no período escolar no que se refere ao comprometimento social dos envolvidos.
Palavras-chave: Bullying, Ansiedade Social, Consequências.
M
SOCIAL

A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR / BULLYING, SUAS PRINCIPAIS INTERAÇÕES E FENÔMENOS CORRELATOS.. *Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora),*

De origem latina, o vocábulo violência vem da palavra vis, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e superioridade física sobre o outro. No sentido material os eventos violentos são relativos a conflitos de autoridade, às lutas pelo poder e à vontade de domínio. A consideração sobre a mesma é plástica, variando de acordo com épocas, circunstâncias, locais e culturas. Frequentemente o fenômeno integra o âmbito familiar, afetando as relações interpessoais nesse e desse organismo. Embora ocorra entre todas as faixas etárias, são as crianças e adolescentes, por estarem em processo de crescimento, os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade. A preocupação com a temática da violência escolar traduz-se no grande aumento da investigação sobre a mesma, sendo entendida ou descrita em suas diversas especificidades. O bullying é uma dessas realidades, vivenciada e analisada neste universo. O bullying identificado por se tratar de uma agressão continuada corresponde a um abuso sistemático de poder entre pares, devido a diferenças de variada natureza, como força/tamanho, habilidade/capacidade, hierarquia ou, ainda, características de personalidade. É fenômeno de intimidação física, verbal ou psicológica; produzida com a intenção de causar medo, perturbação ou injúria, e associam-lhe igualmente, a diferenciação do agressor pela sua força ou dominância. Trata-se de uma forma de agressão sistemática, repetida e intencional, seja ela física, verbal ou relacional e que se manifesta de maneiras diversas, como bater, provocar repetidamente, extorquir dinheiro, chamar nomes, excluir ou ainda espalhar histórias humilhantes sobre a pessoa alvo. O Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social - NEVAS é um grupo de estudos, pesquisa e extensão, que desenvolve trabalhos de intervenção comunitária e clínica nas temáticas de violência, violência doméstica, bullying, contextos sócioeducativos, avaliação psicológica e ansiedade social. O NEVAS participa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG e conta com parcerias nacionais e internacionais, tais como a Professora Doutora Beatriz Oliveira Pereira do Instituto de Educação da Universidade do Minho em Portugal e o professor Doutor Makilim Nunes Baptista Universidade São Francisco em Itatiba - SP. Este núcleo integra, através das pesquisas de seus discentes e orientados pelos docentes, aspectos do bullying com a temática da violência mais ampla e a ansiedade social observando de que forma eles se aproximam. Aspectos como gestão escolar; fobia social, violência familiar, entre outras questões, interagem com o fenômeno; aumentando o interesse da academia por esse estudo.

Palavras-chave: violência, violência escolar, bullying.

SOCIAL

Sessão Coordenada: **Comportamento normativo do brasileiro: Jeitinho, política e identificação com o grupo**

Trata-se de um conjunto de trabalhos que investigaram aspectos normativos do comportamento social do brasileiro em contextos que incluem a identificação com o grupo usando a teoria do gerenciamento do terror, dimensões diversas do jeitinho brasileiro e tomadas de decisão política em eleições. Os autores pertencem a diferentes grupos, de duas instituições. A sessão coordenada se justifica por apresentar dados de programas sistemáticos de pesquisa sobre esses temas, considerando a emergência do jeitinho brasileiro como objeto relevante para a psicologia social brasileira e das normas sociais como construto central na área.
Psicologia Social

COMO O BRASILEIRO VOTA? AUTO E HETEROPERCEPÇÕES DE NORMAS SOCIAIS EM CENÁRIOS DE ELEIÇÕES. *Bárbara Monteiro*, Fabio Iglesias, Beatriz Amorim da Cruz*, Esther de Lima Duarte* e Fernanda Barreto Borgatto* / Universidade de Brasília, Amalia Raquel Pérez-Nebra / Centro Universitário de Brasília ,*
A divulgação de pesquisas sobre a intenção de voto é frequentemente identificada como um fator que influencia a escolha de candidatos em eleições, considerando fenômenos de conformidade e de prova social. De um lado, candidatos com baixa intenção de voto podem ter seu eleitorado diminuído, enquanto de outro, candidatos com alta intenção de voto podem angariar mais eleitores. A maneira pela qual o indivíduo vota pode ser diretamente influenciada pela maneira com que eles acredita que as outras pessoas se comportam. Além disso, o fenômeno de ignorância pluralística, caracterizada pela discrepância entre a percepção da norma social do indivíduo sobre ele e sobre os outros, pode influenciar como os eleitores percebem a política como um todo. O objetivo deste estudo foi investigar a influência da ignorância pluralística na escolha de candidatos a cargos políticos. Participaram 288 eleitores (165 mulheres) com faixa etária entre 17 e 70 anos. Foram utilizados uma escala de 17 itens atitudinais sobre política (com 5 categorias de discordância) e um cenário que simulava o dia de eleição em que o participante deveria escolher um candidato fictício ao ser informado por gráficos de porcentagem de intenção de votos para cada concorrente. Os gráficos variaram em três condições, com distintas distribuições das porcentagens de voto, dando ao participante a chancer de manter ou mudar seu voto depois de visualizá-los. Testes t para amostras pareadas revelaram que todas as médias de auto-percepções se mostraram significativamente maiores que as hetero-percepções (ps < 0,05). Não foram encontradas diferenças em função do sexo e da faixa etária dos participantes. Os gráficos divulgando resultados das pesquisas eleitorais não parecem ter gerado efeito nesses julgamentos, mas testes de Mann-Whitney revelaram que quem mudou o voto possui escolaridade mais baixa, $Z = 4,85$, $p < 0,001$; e menor renda, $Z = 2,44$, $p < 0,001$. Os resultados evidenciam a ocorrência de ignorância pluralística, ao se verificar que que os eleitores mantêm julgamentos sistematicamente equivocados sobre os outros. Isso pode significar que as pessoas se consideram mais conscientes e engajadas, mas ironicamente pode provocar ilusão de invulnerabilidade e portanto más escolhas. Embora as pesquisas eleitorais não tenham gerado efeito nesses julgamentos, os eleitores mudaram seu voto em algumas condições, especialmente os participantes de baixa escolaridade e baixa renda. Dada a escassez de trabalhos no Brasil sobre o efeito da divulgação de pesquisas eleitorais, reuniram-se aqui dados preliminares para que se possa discutir esse tipo de problema, o que pode envolver a mídia, a legislação eleitoral e sondagens de opinião pública.

ENTRE A SIMPATIA E A CORRUPÇÃO: UM ESTUDO SOBRE FATORES DE PERSONALIDADE RELACIONADOS COM O JEITINHO BRASILEIRO.. *Rebeca Harumi Guenka*, Marco Akira*

*Miura**, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF),*

O jeitinho brasileiro é entendido em termos das estratégias adotadas em situações especiais e/ou difíceis. Indivíduos pedem um jeitinho ao lidar com obstáculos que envolvem regras pré-estabelecidas e relações de poder. Portanto, ele é um conceito ambíguo, relacionado tanto à simpatia e criatividade quanto à corrupção. Um estudo prévio observou a distinção entre o jeitinho criativo, de quebra de normas e de quebra de leis por meio de cenários típicos. O objetivo deste estudo foi desenvolver e testar a estrutura de uma escala de auto relato sobre comportamentos relacionados ao jeitinho brasileiro. Além disso, também foram investigados possíveis preditores do jeitinho a partir das características sociodemográficas e do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Um questionário contendo 37 itens referentes a cinco dimensões teóricas do jeitinho foi aplicado nas cinco regiões do Brasil por meio da internet. Paralelamente, os participantes responderam à versão reduzida do questionário de personalidade dos Cinco Grandes Fatores. Participaram da pesquisa 362 brasileiros, predominantemente mulheres (73%), residentes nas cinco regiões do país, com idade entre 18 e 73 anos. Primeiramente, realizou-se a análise fatorial exploratória dos itens de jeitinho e, em seguida, foram investigadas as relações dos fatores observados com os perfis sociodemográficos e com os traços de personalidade. Os resultados confirmam observações prévias sobre a dimensionalidade do construto do jeitinho. A fatoração por eixos principais indicou que a escala é composta por dois fatores correlacionados. Jeitinho simpático , composto por itens de cordialidade e criatividade, é predito por traços de abertura a novas experiências, β = 0,223, t(134) = 3,00, p < .01 e agradabilidade, β = 0,403, t(134) = 5,353, p < 0,001. Contudo, as médias deste fator não diferiram de acordo com as regiões do país, F (4, 309) = 1,417, p = ns. O fator malandragem , composto por itens de estratégia, desrespeito à normas e prejuízo, é predito pelo traço de conscienciosidade, β = -0,242, t(134) = -2,798, p < 0,01, e pela idade do indivíduo, β = -0,261, t(134) = -3,126, p < 0,01. Observou-se um efeito significativo da região do país sobre a média deste fator, F (4,309) = 6,561, p < 0,001. Comparações post hoc indicaram que a média na região Nordeste (M = 2,08, DP = 0,420) foi significativamente maior que na região Centro-Oeste (M = 2,04, DP = 0,42) e na região Sudeste (M = 1,78, DP = 0,458). O jeitinho brasileiro tem gradualmente atraído a atenção de cientistas sociais brasileiros e estrangeiros. Por exemplo, psicólogos transculturais comparam o jeitinho brasileiro com fenômenos semelhantes, como o Guanxi, na China. Os resultados obtidos neste estudo confirmaram as expectativas acerca da dimensionalidade do jeitinho. Além disso, observou-se que diferentes formas de jeitinho estão relacionadas a diferentes traços de personalidade. Este estudo faz parte de uma linha de pesquisa envolvendo pesquisadores do Brasil e da Nova Zelândia, que busca compreender os processos psicossociais envolvidos no comportamento do jeitinho brasileiro.

AVALIAÇÃO DE UM MODELO MULTIDIMENSIONAL DO JEITINHO.. *Rebeca Harumi Guenka*, Marco Akira Miura**, Ronaldo Pilati / Universidade de Brasília,*

As teorias sobre o jeitinho brasileiro o reconhecem como um construto cultural complexo, multidimensional. No âmbito da psicologia, observou-se a existência de sete temas centrais do jeitinho brasileiro. Neste trabalho, são relatados dois estudos que tiveram como objetivo avaliar aspectos de validade deste modelo multidimensional. No primeiro estudo, realizou-se a análise fatorial exploratória de uma escala baseada nas dimensões hipotetizadas. Em seguida, realizou-se a análise confirmatória da escala e comparou-se o instrumento com medidas do jeitinho previamente desenvolvidas. Estudo 1: Participaram do primeiro estudo 393 brasileiros residentes nas cinco regiões do país, dos quais 71,8% eram mulheres e apresentaram idade variando entre 18 e 73 anos (M = 33,15, DP = 12,18). A aplicação da escala ocorreu via internet e os participantes responderam aos itens de jeitinho e, em seguida, medidas de personalidade

e valores humanos. A partir da fatoração por eixos principais, foram observados cinco fatores distintos - simpatia , criatividade , malandragem , desrespeito a normas e prejuízo - com cargas fatoriais que variaram de 0,356 a 0,808 e coeficientes de confiabilidade de 0,60 a 0,77. Estudo 2: O segundo estudo foi realizado com estudantes universitários da região centro-oeste (N = 277) com idade variando entre 18 e 79 (M = 26,16, DP = 9,83), dos quais 72,6% eram mulheres. Os participantes responderam, juntamente com a escala desenvolvida no primeiro estudo, o Questionário do Jeitinho Brasileiro (JB), composto por cenários típicos do jeitinho e dividido em três fatores: quebra de normas, criatividade e quebra de leis. A análise fatorial confirmatória mostrou índices marginais de adequação dos dados ao modelo [χ²(265) = 709,90; χ²/df = 2,67; IFI = 0,74; GFI = 0,83; AIC = 879,87; SRMR = 0,08; RMSEA (90%CI) = 0,077 (0,070; 0,084)]. Para comparação entre as medidas, foi realizada uma análise de regressão múltipla tendo como variáveis preditoras os fatores da escala desenvolvida no Estudo 1 e os fatores do Questionário do JB como variáveis critério. O jeitinho criativo foi predito pelos fatores de simpatia [β = 0,172; t(271) = 2,491; p < 0,05] e criatividade [β = 0,187; t(271) = 2,856; p < 0,01]. Os cenários de quebra de normas foram preditos pelos fatores de criatividade [β = 0,168; t(271) = 2,674; p < 0,01] malandragem [β = 0,333; t(271) = 5,972; p < 0,001] e prejuízo [β = 0,180; t(271) = 3,011; p < 0,01]. Por fim, o jeitinho corrupto (quebra de lei) foi predito pelo fator de malandragem [β = 0,296; t(271) = 5,163; p < 0,001]. O fator de desrespeito a normas não se mostrou preditor de nenhuma modalidade do jeitinho. Os resultados encontrados suportam a hipótese de que o jeitinho brasileiro é um construto bidimensional e que a simpatia - traço tipicamente atribuído ao brasileiro - não tem relação direta com os comportamentos transgressivos do jeitinho. Além disso, observamos que o jeitinho pode ser reconhecido como norma social. Este estudo faz parte de uma linha de pesquisa de pesquisadores do Brasil e da Nova Zelândia, que busca compreender os processos psicossociais envolvidos no jeitinho brasileiro.

JULGAMENTO DE CONCORDÂNCIA DO JEITINHO BRASILEIRO. *Rebeca Harumi da Nóbrega Guenka*, Ronaldo Pilati / Universidade de Brasília,*

O jeitinho brasileiro é um componente da identidade nacional do brasileiro e é percebido como uma estratégia de resolução de problemas que envolve a quebra de regras, leis ou convenções sociais por meio da influência social. O jeitinho pode ser visto como uma estratégia que demanda habilidades (simpatia, malandragem e criatividade), exerce um impacto sobre outros e sobre a ordem social, funciona como uma ferramenta de desafio às relações hierárquicas e a obstáculos sociais e pode ser visto como positivo ou negativo. Apesar da descrição apresentada anteriormente, o jeitinho é, ainda, um construto em processo de definição, com baixo consenso entre os autores e poucos estudos empíricos, sendo esta produção concentrada majoritariamente nas áreas de antropologia e comportamento organizacional. Esta pesquisa se insere em uma linha de estudos que busca investigar os processos envolvidos no jeitinho brasileiro, partindo da perspectiva da psicologia social. Estudos demonstraram que o jeitinho é constituído de quatro dimensões, sendo elas: simpatia, malandragem, criatividade e corrupção. O presente trabalho teve como objetivo verificar o julgamento da concordância como variável dependente da manipulação do priming de jeitinho nos participantes, por meio de julgamentos de cenários após a apresentação do mindset priming que era feito por imagens, que variavam com as condições, sendo a hipótese principal que os participantes que compuseram grupos experimentais apresentariam maior concordância com situações típicas de jeitinho do que participantes que compuseram o grupo controle. Além disso, foi pesquisado também se o nível de desejabilidade, moralidade e identificação do participante como brasileiro influenciaria no julgamento dos cenários. Os sujeitos foram divididos em quatro grupos que variavam de acordo com as condições de

priming: corrupção, malandragem, criatividade e neutro (como condição controle). Era entregue um questionário contendo um escala de identificação, uma página com o mindset priming, uma escala de desejabilidade, os cenários referentes a jeitinho que deveriam ser julgados e uma escala de moralidade. Participaram 62 sujeitos. Foi encontrado que quanto menor o escore do participante na escala de desejabilidade, mais ele de identificava com os cenários de malandragem ($r=-0,511$; $p<0,001$) e corrupção ($r=-0,297$; $p=0,019$). Isso também aconteceu com a escala de moralidade, em que quanto maior o escore do sujeito nesta escala menos ele se identificava com o cenário de corrupção ($r=0,273$; $p=0,032$) e de malandragem ($r=0,352$; $p=0,005$). Os resultados acerca da efetividade da ativação dos primings indicaram que nenhum deles teve efeitos significativos sobre o julgamento dos cenários de malandragem [$F(2, 58) = 1,95$; $p=0,13$], corrupção [$F(2,58) =1,024$; $p=0,38$] e criatividade [$F(2,58) =1,24$; $p=0,513$], o que demonstra que não ocorreu efeito da ativação sobre o julgamento dos cenários. Os resultados obtidos nesta pesquisa, por meio da manipulação do priming, contribuem para os estudos de psicologia social acerca do construto do jeitinho brasileiro demonstrando que são necessárias mais pesquisas que tentem descobrir variáveis que ativem diretamente o conceito de jeitinho, como isso ocorre e por que ocorre, podendo então ter uma conceituação mais coesa do construto, das dimensões que o compõem e de seus antecedentes e consequentes.

O QUE ME FAZ MAIS BRASILEIRO? : TESTANDO A TEORIA DO GERENCIAMENTO DO TERROR SOBRE A IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO. *Luiza Fernandes Lootens Machado* e Fabio Iglesias / Universidade de Brasília ,*

A premissa básica da teoria do gerenciamento do terror (terror management theory) é a de que o sistema de crenças de um grupo a que um sujeito se apega tem papel fundamental em minimizar a angústia derivada da certeza de sua mortalidade. Assim, o sentimento de pertença a um grupo mantém afastados pensamentos ligados à própria morte, dado que imbui à vida um certo sentido e ao membro do grupo uma certa importância. No Brasil, o uso dessa teoria é evidente, por exemplo, nas embalagens de maços de cigarro (com fotografias que mostram efeitos negativos do tabagismo), assim como em campanhas de trânsito (com imagens de acidentes e mortes). A teoria tem sistematicamente recebido suporte empírico, por meio de pesquisas com o seguinte padrão: expõem-se os participantes a condições de saliência da morte e, em seguida, medem-se suas atitudes com relação a seus grupos culturais (nacionalidade, religião etc) ou a grupos que coloquem em xeque as suas crenças. O objetivo deste estudo foi testar essa relação em contexto brasileiro, dado que não se tem conhecimento de explorações nacionais desse cunho. Participaram 93 universitários (26 homens), com média de idade de 20,2 anos. Ao grupo experimental ($n = 48$) foi aplicado um questionário composto de três partes: 1) uma tarefa com priming de pensamento de morte, em que o participante era requisitado a responder duas questões abertas acerca de suas crenças e emoções sobre a própria morte (variável independente); 2) uma escala de 14 itens de identificação com os brasileiros (variável dependente); 3) dados sociodemográficos. Aos demais participantes, que formaram o grupo controle, foi aplicado um questionário com a mesma estrutura, substituindo as perguntas sobre morte por perguntas a respeito de emoções advindas do pensar em restaurante/comida (estímulo neutro). Nas respostas do grupo controle perceberam-se, no entanto, referências à família, amigos e comidas étnicas nas respostas abertas. Podendo isto gerar efeito na escala de identificação com os brasileiros, resolveu-se dividir o grupo controle em dois: o dos participantes que fizeram referência a grupos em suas respostas ($n = 30$) e os que não fizeram referência ($n = 18$). Verificou-se diferenças marginalmente significativas nos escores da escala de identificação com os brasileiros entre os três grupos $F(2,90) = 2,829$, $p = 0,06$. Em análises post-hoc, encontrou-se diferença de médias marginalmente significativa ($p=0,06$) entre o grupo controle com

referência a grupo e o sem referência. No entanto, não foi encontrada diferença significativa entre o grupo experimental e os dois de controle, sugerindo que o priming de morte não teve efeito na escala e que novas manipulações experimentais precisam ser testadas neste contexto. Deve-se considerar que grande parte das pesquisas com esse tema tem sido realizadas nos Estados Unidos, país de orientação mais individualista. No Brasil, coletivista, o fato de os valores de grupo serem mais evidentes pode restringir o efeito da saliência da morte na identificação com o grupo, assim como alterar o efeito de estímulos ligado a alimentação, que já costuma ser feita coletivamente.

Sessão Coordenada: **Comportamento Prosocial: Efeito de processos automáticos, temporais e evolutivos na gentileza e cooperação**

O estudo do comportamento prosocial é central hoje na psicologia e em outras ciências como a biologia. Tal investigação demanda uma melhor compreensão tanto de como determinantes imediatos atuam na conduta prosocial, como processos sócio-cognitivos e diferenças individuais, quanto de determinantes ontogenéticos e filogenéticos. Esta proposta de sessão conta com cinco trabalhos e tem como objetivo agrupar um conjunto de pesquisas recentes e feitas em âmbito nacional que oferecem contribuições para a compreensão destes diferentes antecedentes do comportamento prosocial. O primeiro trabalho traz o relato do desenvolvimento de uma medida implícita de prosocialidade, o que representa um avanço metodológico e tecnológico considerável para o estudo de diferenças individuais na prosocialidade. Dois trabalhos se focam na investigação do efeito de processos cognitivos automáticos na gentileza, através da pré-ativação de conceitos relacionados à valores ou à gentileza, além de avaliar o papel que diferenças individuais na prosocialidade exercem no quão suscetíveis os indivíduos são aos efeitos destes processos. Se focando na identificação de outras variáveis relevantes para compreender o comportamento prosocial, o quarto trabalho relaciona a perspectiva temporal a condutas cooperativas e competitivas. Por fim, o quinto trabalho apresenta uma investigação acerca do desenvolvimento da cooperação e dos aspectos evolutivos relacionados com tendências de cuidado parental em nossa espécie. O objetivo desta sessão coordenada é discutir resultados de pesquisas feitas sobre comportamento prosocial na intersecção entre a psicologia social e a psicologia evolucionista, proporcionando discussão teórica e metodológica que contribui para a teorização do comportamento prosocial.
Psicologia Social

O EFEITO DO PRIMING DE GENTILEZA SOBRE A INTENÇÃO E O COMPORTAMENTO DE GENTILEZA. *André Luiz Alves Rabelo*, Maria Alexandra Gaiofatto Hees*, Mariane Franca da Silva*, Raquel Raíssa de Sousa Silva*, Saulo Maciel Oliveira*, Thais Vaz de Paula*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF). ,*
O comportamento prosocial compreende condutas consideradas como benéficas ao outro por parcela significativa de uma população. A gentileza, um tipo específico de comportamento prosocial, corresponde a uma ação espontânea guiada por normas sociais tácitas e de baixo custo que ocorre durante uma interação breve entre duas pessoas, sendo que uma beneficia a outra. A compreensão de fatores subjacentes à gentileza pode contribuir para a promoção de interações cotidianas mais harmoniosas em diversos contextos. Nesse processo de determinação da conduta gentil, interagem de forma complexa fatores disposicionais e situacionais. A despeito do importante papel de variáveis disposicionais no comportamento prosocial, estudos na área de cognição social têm demonstrado que, tanto normas sociais, quanto metas de comportamento podem ser ativados na memória do indivíduo, de modo a afetar sua percepção e comportamento subsequentes, de forma automática e inconsciente. A literatura tem mostrado ainda que a ativação (ou priming) desses elementos na memória pode ser feita de várias formas, a exemplo de tarefas de memorização e de recordação livre. Fazendo uso desta estratégia metodológica, o presente trabalho teve como objetivo investigar o efeito do priming de termos relacionados à gentileza sobre a intenção de comportamento prosocial e sobre o próprio comportamento de gentileza. Para alcançar este objetivo, foi realizado um experimento com delineamento entre sujeitos, sendo a variável independente a condição de priming (gentileza x controle) e as variáveis dependentes o tempo despendido oferecendo informações a um confederado e a resposta às escalas de intenção de agir

prosocialmente. Participaram do estudo até o momento 16 estudantes (7 mulheres), com idade média de 19,75 anos (DP = 0,51). Informados de que participariam de pesquisas distintas, os participantes completaram tarefas de memorização de palavras (priming de gentileza), seguidas de tarefa de problemas aritméticos simples. Nesse momento, o experimentador saía da sala e, pouco depois, o participante era interrompido por um confederado em busca de informações. Na volta do experimentador, o participante respondia um questionário de intenção de participação em pesquisas e trabalhos voluntários, a Bateria de Personalidade Prosocial (BPP), a Escala de Orientação de Valor Social e um questionário sócio-demográfico. Ao final, era realizada sessão de debriefing para esclarecimento do participante e verificação de eventual percepção do objetivo da pesquisa e de relação entre as tarefas realizadas. Análises preliminares indicam ausência de efeito do priming sobre o comportamento de gentileza [F (1, 14) = 0,19; p = 0,66], sobre a intenção de fazer trabalho voluntário [F (1,14) = 0,60; p = 0,45] e de participar de pesquisas futuras [F (1, 14) < 0,001; p = 0,98]. Uma análise de covariância (ANCOVA) indicou que a dimensão prestatividade da BPP foi um covariante significativo, com relação positiva, da intenção de fazer trabalho voluntário [F (1, 14) = 5,43; p = 0,03]. A coleta de dados e análises adicionais estão em andamento. Demais implicações teóricas e empíricas são discutidas.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Cognição Social, Priming, Comportamento Prosocial
IC
SOCIAL

EFEITO DO PRIMING DE VALORES NO COMPORTAMENTO E INTENÇÃO DE GENTILEZA: RESULTADOS PRELIMINARES. *Mariane Franca da Silva*, André Luiz Alves Rabelo*, Maria Alexandra Gaiofatto Hees*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
De acordo com o Modelo Circular de Valores de Schwartz, os valores humanos se relacionam em uma estrutura circular, que pode ser divida em dez tipos motivacionais de primeira ordem. Dois tipos motivacionais são de interesse para a presente pesquisa, pois inibem ou estimulam o comportamento prosocial. O tipo de Realização está orientado para o alcance de metas de sucesso e reconhecimento pessoal; e o de Benevolência está orientadopara promover o bem estar de alguém próximo. Estudos em cognição social têm indicado que é possível ativar de forma automática metas de comportamento, como é o caso dos comportamentos prosociais. Isto também pode ser verdadeiro para metas relacionadas aos tipos motivacionais, o que já foi evidenciado na literatura. Portanto, o objetivo do presente estudo foi medir o efeito do priming de valores, feito por meio de uma tarefa de memorização, sobre a intenção de se comportar e sobre o comportamento de gentileza. Hipotetiza-se que a ativação de valores relacionados à Benevolência aumentaria a chance do indivíduo se comportar gentilmente , ao passo que os s a ativação de valores de Realização teriam um efeito contrário. Também foi investigado o possível efeito moderador da Escala de Prestatividade da Bateria de Personalidade Prosocial(BPP) e dos tipos motivacionais de Universalismo, Benevolência e Realização sobre a intenção de gentileza. Por meio de uma análise de variância, observou-se que o priming não obteve efeito significativo sobre nenhuma das variáveis dependentes: tempo para dar um informação a um confederado [F(2, 23)=0,47; p=0,63]; intenção de se engajar em trabalho voluntário [F(2, 23) =0,94; p=0,41]; quantidade de dias em que pretende iniciar trabalho voluntário [F(2, 21)=1,22; p=031]; horas de dedicação semanal quando iniciar o trabalho voluntário [F(2, 21)=1,61; p=0,22]; intenção de participar de pesquisas futuras [F(2, 23)=0,33; p=0,73]; disponibilidade de minutos para participar em pesquisas futuras [F(2, 22)=1,69; p=0,21]. Apesar dos resultados não significativos, acredita-se que com o aumento da amostra pesquisada seja possível encontrar o efeito nas variáveis dependentes, já que esses

são resultados preliminares. Um resultado digno de notacorresponde ao efeito encontrado do priming sobre as respostas do PVQ40 para o tipo motivacional de Realização [F(2, 22)=4,13; p=0,03], de forma que aqueles participantes que estão no grupo do priming de Realização (M=2,19; DP=1,23) endossam mais esse valor, os do grupo de Benevolência (M=3,33; DP=1,23) menos e os do grupo controle o endossam (M=2,38; DP=0,58) intermediariamente. Já por meio de uma análise de covariância, observou-se que a Escala de Prestatividade da BPP foi uma covariante significativa [F(1, 22)=10,77; p=0,005]da quantidade de horas de dedicação semanal que os participantes pretendiam disponibilizar para o trabalho voluntário, indicando que a dimensão de prestatividade é uma possível moderadora do efeito do priming.A partir dos resultados preliminares, pode-se concluir que é necessário o aumento da amostra, para que conclusões mais sólidas sobre o papel moderador da prestatividade e do efeito do priming de valores no comportamento e intenção de comportamento de gentileza possam ser tiradas.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Valores, Cognição Social, Priming, Comportamento Prosocial
IC
SOCIAL

DESENVOLVIMENTO DE UMA MEDIDA IMPLÍCITA DE PROSOCIALIDADE. *Victor Nahuel Felix de Souza Keller *, André Luiz Alves Rabelo*, Saulo Maciel Oliveira*, Ronaldo Pilati, Maurício Miranda Sarmet (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
As medidas implícitas têm sido muito exploradas no âmbito da cognição social. Entre estas medidas, o Teste de Associação Implícita (TAI) destaca-se por ter sido uma das primeiras medidas desenvolvidas e pelos bons níveis de fidedignidade que tem apresentado. Como sugere o nome, o TAI foi desenvolvido para determinar a força das associações implícitas entre conceitos e atributos. Essas associações são implícitas, pois os indivíduos normalmente não têm acesso explícito a estas relações estabelecidas entre conceitos e atributos. No TAI, as pessoas devem categorizar estímulos apresentados em uma tela de computador apertando a tecla correspondente à dupla de categorias da qual a palavra apresentada faz parte, sendo que se usam duas duplas de categorias (e.g. prosocialidade/positivo, individualidade/negativo). A depender de quais categorias são combinadas e destinadas às teclas (e.g.prosocialidade/positivo para uma tecla e individualidade/negativo para a outra), os tempos de resposta podem variar. Quanto mais rápida for a resposta, maior é a associação entre as categorias da dupla (e.g. individualidade/desagradável), e quanto mais lenta, menor é a associação (e.g. individualidade/agradável). Dois conceitos cujas associações têm implicações significantes na conduta social são a prosocialidade e o seu oposto, a individualidade. Prosocialidade define-se como uma variável disposicional relacionada à propensão a beneficiar uma pessoa ou grupo em diferentes situações e ao longo do tempo, e a individualidade, a propensão a beneficiar a si próprio. Assim sendo, este estudo tem como objetivo desenvolver e avaliar uma medida implícita de prosocialidade/individualidade. Esta medida implícita avaliará as associações implícitas entre prosocialidade/individualidade e positivo/negativo. Também será desenvolvida uma versão desta medida com o uso das categorias eu/outro ao invés de positivo/negativo, visando a avaliar o quanto os indivíduos atribuem prosocialidade e individualidade ao outro e a si mesmo. Para desenvolver os TAIs, definiram-se estímulos pertencentes aos campos semânticos dos conceitos e atributos, esta foi a fase inicial da pesquisa. Com buscas em artigos científicos e dicionários de sinônimos e antônimos, foram obtidas 21 palavras pertencentes à categoria prosocialidade (e.g. cooperação, gentileza, altruísmo), 20 palavras da categoria individualidade (e.g. egoísta, egocêntrico, mesquinho), 18 da categoria positivo (e.g. feliz, alegre, disposto), 19 da categoria negativo (e.g. tenso, nervoso, frustrado), 5 da categoria eu (e.g. eu, mim, meu) e 5 da categoria outros (e.g.

eles, deles, outros). Terminada a seleção dos estímulos, fase em que se encontra o projeto neste momento, será feita uma coleta com participantes que avaliarão quais palavras eles consideram mais representativas das categorias, logo serão elaboradas e aplicadas as duas versões da medida implícita de prosocialidade. Espera-se que os participantes tenham associações mais fortes entre prosocialidade, positivo e eu, do que outras associações possíveis. Isso seria congruente com estudos anteriores que indicam que a população brasileira tem uma orientação maior ao grupo que ao indivíduo, e é mais dependente do grupo em relação a outras culturas. O projeto está em execução e até a apresentação os dados serão analisados.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Cognição Social, Medidas implícitas, Prosocialidade
IC
SOCIAL

EFEITOS DA PERSPECTIVA E DA PRESSÃO TEMPORAL EM COMPORTAMENTOS DE COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO. *Renan Saraiva*, Fabio Iglesias, Lucas Caldas** (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília,*
Brasília, DF).,
Trabalhos sobre perspectiva temporal mostram que as pessoas se diferenciam na maneira como mantêm uma orientação de pensamentos e comportamentos para eventos do passado (positivo e negativo), do presente (hedonista e fatalista) ou do futuro. Esse construto tem sido associado a comportamentos pró-ambientais, cuidados em saúde e relações pessoais, mas não parece ter sido investigado na escolha por padrões mais competitivos ou cooperativos em dilemas simulados, especialmente quando existe uma pressão de tempo para a tomada de decisão. O dilema do prisioneiro (prisoner\'s dilemma game - PDG) é um protocolo de quantificação de interações sociais e seus produtos, a partir de preceitos da teoria dos jogos em matemática. Dois ou mais participantes jogam ao mesmo tempo e a tarefa consiste em escolher entre duas opções, uma favorecendo o grupo e outra favorecendo o indivíduo. A combinação de respostas de todos os membros envolvidos no jogo produz consequências na forma de pontuação específica para cada situação. Esse jogo é um dilema do tipo social, devido à possibilidade das escolhas serem analisadas tanto sob controle dos interesses individuais (competir), como dos interesses do grupo (cooperar). Planejou-se um experimento para investigar preliminarmente a hipótese de que comportamentos cooperativos estão relacionados a perspectivas temporais voltadas para o futuro, assim como pressões temporais aumentam a ocorrência de comportamentos competitivos. O PDG foi desenvolvido com seis duplas, Cada participante deveria escolher entre dois cartões, sinalizando em cada rodada a escolha de cooperação (cartão branco) ou a escolha de competição (cartão preto). Caso os dois participantes apresentassem o cartão branco ambos ganhavam duas fichas, caso os dois apresentassem o cartão preto cada um pedia uma ficha, e caso um apresentasse o branco e o outro apresentasse o preto, este ganhava três fichas e aquele somente uma. Após a quinta rodada um cronômetro regressivo era acionado, avisando que faltavam 40 segundos para o fim do jogo. Todas as escolhas individuais durante o jogo foram registradas e ao final os participantes responderam à Escala de

Competitividade e Cooperação e a uma versão reduzida do Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo (sem os itens referentes ao passado, irrelevantes para a pesquisa). Uma análise preliminar dos dados usando o programa SPSS revelou uma forte correlação negativa entre atitudes competitivas e perspectiva temporal voltada para o futuro, ρ = - 0,79, p < 0,01. Averiguou-se também que o número de comportamentos competitivos aumentou após a sinalização do tempo (pressão temporal). Espera-se que com uma amostra maior de participantes o estudo revele um efeito maior da pressão temporal na ocorrência de comportamentos competitivos, assim como mais relações entre a perspectiva temporal dos sujeitos com os comportamentos no jogo. Implicações deste estudo envolvem tanto avanços no âmbito teórico quanto no prático e aplicável. sobre comportamentos de cooperação ou competição e a influência do tempo sobre estes. Diversos problemas envolvendo dilemas sociais e pressão temporal tais como filas, trânsito e trabalho são mais facilmente compreendidos e revertidos conforme pesquisas nessa área são realizadas.

Apoio financeiro: CNPq
Palavras chave: Dilemas Sociais, Perspectiva Temporal, Dilema do Prisioneiro
IC
SOCIAL

JOGANDO PARA GANHAR? ESTUDO DA COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO ENTRE CRIANÇAS.

*Monique Leitão** (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN), Aline Anúzia de Oliveira* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN), Danyelle Soares da Costa*, Renara Rocha de Oliveira* (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal/RN), Maria Emília Yamamoto* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN).,*

Os chamados traços infantis referem-se a um conjunto de características físicas e comportamentais que são comumente encontradas em bebês ou filhotes de outras espécies e estão relacionadas com a percepção de graciosidade, juventude e a motivação para o cuidado. A presença destes traços em indivíduos adultos está associada à percepção de ingenuidade, honestidade e fragilidade, além disso, certas características físicas que denotam vulnerabilidade, como idade e sexo, também estão relacionadas à piedade e tendência à proteção. Teóricos defendem que os sentimentos afetuosos evocados nestas situações seriam produto de uma generalizada tendência ao cuidado a infantes. Alguns estudos examinam a relação entre cooperação e traços infantis, entretanto, não há trabalhos que testem estas variáveis entre crianças. O objetivo deste trabalho foi investigar a expressão de comportamentos cooperativos e competitivos entre crianças, avaliando, a partir da diferença de idade e conhecimento, o efeito das características infantis sobre estes comportamentos. Participaram desta pesquisa crianças, de ambos os sexos, entre 8 e 9 anos que jogaram dez rodadas do jogo da velha com crianças entre 4 e 5 anos de idade. Antes de jogarem, as crianças mais novas eram testadas em relação à compreensão das regras do jogo. Às crianças mais velhas era ensinada, previamente, uma estratégia que aumenta as chances de vitória no jogo. Este treinamento objetivou garantir que as crianças de faixas distintas apresentassem disparidade no nível de conhecimento no jogo. Durante o experimento, era registrada a interação dos indivíduos e, posteriormente, eram coletadas informações sobre o jogo. Resultados preliminares revelaram que a maior parte das crianças na faixa entre 8-9 anos

utilizou a estratégia ensinada em sua interação com as crianças mais novas, apresentando frequentemente comportamentos competitivos durante o jogo, como comemorar a vitória ou rir do parceiro. Além disso, os mais velhos venceram em média oito a nove rodadas das dez realizadas entre a díade e, em média, demonstraram ajudar o parceiro mais novo (ensinar algo ou deixar de bater intencionalmente) em apenas uma rodada. Após o jogo, as crianças que relataram ter ajudado o outro justificaram que o fizeram porque a criança era pequena ou porque queriam que ela ganhasse alguma vez. Pode-se concluir, a partir dos dados, que existe alta competitividade entre crianças nestas faixas etárias, especialmente por parte dos mais velhos, que estão na fase de se envolver em brincadeiras com disputas e jogos. Por outro lado, ainda que exista pouca cooperação em relação às crianças mais novas, sua ocorrência está relacionada à idéia de infantilidade ou vulnerabilidade das mesmas e a certa benevolência, aspectos que, em última instância, remetem aos traços infantis. Por uma perspectiva evolucionista, é possível supor que aos 8 e 9 anos esta tendência seja uma sutil expressão dos mecanismos de cuidado parental que atingirão a maturidade na fase adulta. Estes achados contribuem para o estudo do comportamento cooperativo em crianças, bem como auxiliam na compreensão de como características infantis podem influenciar a cooperação ao longo do desenvolvimento.

CNPq; Pró-reitoria de Pesquisa IFRN.
Palavras-chave: cooperação, jogos, crianças.
D e IC
BIO

Sessão Coordenada: **COMPORTAMENTO PROSOCIAL: TEMAS EMERGENTES E SUAS IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

O comportamento prosocial é um tema clássico em psicologia. Várias subáreas se interessam em investigar fatores antecedentes desta conduta. Muito já se produziu sobre os fatores situacionais desencadeadores desta conduta na psicologia social, psicologia do desenvolvimento, psicologia evolucionista e psicologia ambiental. A área tem recebido atenção continuada nas últimas décadas e alguns assuntos emergentes tem se tornado frequentes na literatura. Uma temática nova, que remonta o estudo do efeito de mídias sobre o comportamento, tem focado em compreender o efeito que vídeo-games tem sobre o comportamento prosocial. Outro tema recente tem aplicado os modelos teóricos da cognição corporificada (embodied cognition) para se compreender os efeitos destes mecanismos em condutas prosociais. Também tem sido recorrentes na literatura estudos que busquem compreender os efeitos que a compreensão de regras em jogos de bens públicos tem no comportamento cooperativo de crianças. No âmbito dos estudos sobre fatores ambientais, tem sido investigado o impacto de diversos estilos musicais sobre o comportamento de cooperação no contexto laboratorial. Por fim, e como elemento transversal, o desenvolvimento de medidas válidas e precisas é essencial para a pesquisa emergente no campo, o que revigora a necessidade do desenvolvimento de estudos de validação de medidas sobre fenômenos relativos à prosocialidade. A presente sessão coordenada, que tem por objetivo discutir temas emergentes no campo e seus impactos teóricos e metodológicos, é composta por cinco trabalhos que discutem pontualmente as cinco temáticas descritas. A expectativa é permitir o debate e o intercâmbio sobre os impactos teóricos e metodológicos que a pesquisa emergente em prosocial tem para a produção teórica na temática.
Psicologia Social

O EFEITO DA SENSAÇÃO DE PESO NA GENTILEZA. *André Luiz Alves Rabelo*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
O conceito físico de peso é usado em diversas culturas para se referir ao conceito abstrato de importância ou severidade de situações sociais. Isso pode ser observado em usos comuns desta metáfora expressões como pesar melhor as coisas e a gravidade da situação são ilustrações de como esta metáfora é usada em nossa cultura. Pesquisas recentes no âmbito da cognição situada (embodied cognition) têm demonstrado empiricamente que o conceito mais concreto de peso serve como base para o conceito mais abstrato de importância. Nestas pesquisas, têm-se evidenciado que sensações de peso podem ativar o conceito de importância e influenciar a percepção e o comportamento dos indivíduos de maneira inconsciente. Indivíduos que vivem experiências relacionadas ao peso físico apresentam uma maior tendência de perceber estímulos no ambiente como mais importantes e sérios. O presente estudo foi realizado com o objetivo de averiguar se a percepção dos indivíduos em relação a um cenário de gentileza poderia ser influenciada pela ativação automática do conceito de peso. Formulou-se a hipótese de que sensações de peso levariam as pessoas a perceber uma situação em que poderiam ser gentis com outra pessoa como mais importante e grave; que, por sua vez, levá-las-ia a terem mais intenção de gentileza, a sentirem maiores emoções negativas e menores emoções positivas, assim como a atribuírem mais responsabilidade à pessoa em necessidade de ajuda. O estudo foi de delineamento entre sujeitos e contou com 53 transeuntes (28 homens) nas imediações de uma instituição de ensino superior. A variável independente foi a condição de priming (prancheta pesada x leve) e a variável dependente foram as respostas dos indivíduos ao questionário. Para a manipulação experimental, foram usadas duas pranchetas, uma pesada (1560g) e uma leve (298g). Para avaliar o efeito, foi

usado um cenário descrevendo uma situação hipotética de gentileza em relação ao qual o participante respondeu às escalas de intenção de gentileza, atribuição de responsabilidade e emoções simpáticas, que eram agrupadas em um questionário preso às pranchetas usadas na manipulação. Os participantes eram abordados enquanto transitavam na instituição e tinham que segurar uma prancheta enquanto respondiam o questionário. Os resultados não indicaram nenhum efeito significativo, mas apontaram tendências coerentes com as hipóteses iniciais. Participantes na condição de prancheta pesada apresentaram maior nível de emoções negativas (M = 2,67; DP = 1,19) do que participantes na condição leve (M = 2,38; DP = 1,18) [F (1, 51) = 0,76; p = 0,39]. Além disso, participantes na condição pesada indicaram maiores tendências a ser gentis (M = 5,75; DP = 0,93) do que participantes na condição leve (M = 5,64; DP = 1,26) [F (1, 51) = 0,13; p = 0,72]. Estes resultados, embora coerentes com a hipótese inicial, não demonstraram a influência prevista. Discussões recentes na área em relação ao tamanho de efeito e à replicabilidade de estudos são relevantes para compreender a ausência de efeito significativo. Questões relacionadas ao efeito do experimentador são discutidas.
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Cognição Social, Priming, Comportamento Prosocial
IC
SOCIAL

EFEITOS DA AMBIENTAÇÃO NA COOPERAÇÃO EM DILEMAS SOCIAIS: UM EXPERIMENTO PRELIMINAR COM MÚSICA. *EFEITOS DA AMBIENTAÇÃO NA COOPERAÇÃO EM DILEMAS SOCIAIS: UM*
EXPERIMENTO PRELIMINAR COM MÚSICA. *Beatriz Yamada* e Fabio Iglesias. (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*
Dilemas sociais são situações de disputa por recursos em que os interesses individuais (ex: maximizar os ganhos) são conflitantes com os intereses coletivos (ex: garantir sustentabilidade). Variáveis situacionais, associadas às características imediatas do ambiente, têm recebido atenção menor nesse tipo de literatura, por razões que alguns autores associam à dificuldade de controlá-las nas tarefas experimentais. Tal é o caso da chamada ambientação (atmospherics) na área de comportamento do consumidor, que se expressa nos estudos empíricos focados principalmente em música e seus efeitos. Esses estudos têm sido realizados, por exemplo, em restaurantes, shoppings e supermercados, em que existe uma confluência de variáveis pouco distinguíveis. É fundamental, portanto, que se investigue essas variáveis em dilemas sociais simulados no laboratório, antes que possam ser devidamente generalizados para ambientes reais, fornecendo respostas para questões teoricamente relevantes, mas também para que possam ser aplicados de maneira robusta em contextos de consumo. Não se trata, assim, de um tipo de investigação trivial, nem pouco relevante, uma vez que pode envolver medidas simples e de baixo custo que muitas instituições podem facilmente implementar, como alternativa aos altos custos com segurança, recursos humanos, infraestrutura física ou fiscalização que são constante preocupação nos contextos de consumo. Isso é de especial destaque quando se visa à promoção de comportamentos cooperativos, na forma de consumo responsável, ambientalmente orientado e em situações de recursos escassos. Nesta

pesquisa o objetivo foi testar de forma experimental em laboratório a influência de diferentes ritmos e estilos musicais em ambientes simulados de competição e cooperação, por meio do uso do software FISH 3.0, que operacionaliza dilemas sociais em ambiente virtual, simulando uma tarefa de pesca em que os peixes obedecem a um certo padrão de reprodução. Foram utilizadas 2 condições experimentais (música com o número de batidas por minuto maior que 94 e, em outra, menor que 72) e um grupo controle (sem música). A amostra contou com 11 participantes (7 mulheres). A tarefa foi realizada usando-se um laptop, apresentando-se efetivamente como um jogo. Os instrumentos incluiram, além do software FISH, o uso da Escala de Cooperação e Competitividade, estruturada nessas duas dimensões fatoriais. Os resultados mostraram que músicas mais lentas geraram maiores escores atitudinais de cooperação, $F(2, 8) = 5{,}54$; $p = 0{,}31$. No entanto, teste Post-Hoc mostraram que essas diferenças se mantiveram apenas nos extremos (com música rápida ou lenta). Não houve efeito na medida comportamental dos dilemas. Espera-se que a análise e interpretação dos dados atitudinais e comportamentais como esses, bem como das variáveis controláveis no experimento possam evidenciar uma influência significativa da música em contextos de cooperação e competição. Estudos nessa área são de especial relevância uma vez que podem ser entendidos dentro do contexto de preservação ambiental, por exemplo, assim como de comportamentos prosociais. Como um resultado mais geral, espera-se fornecer evidências preliminares para fomentar o estudo da psicologia social da música e seu desenvolvimento no contexto brasileiro.

Atmospherics, dilemas, música, ambientação, cooperação, competição

IC

SOCIAL

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO TIPO DE JOGO ELETRÔNICO NA OCORRÊNCIA DE COGNIÇÕES E COMPORTAMENTOS PROSOCIAIS. *Daniel Pompeu*, Guilherme Raposo*, Lucas Caldas*, Marcello Santos*, Alice Rios*, Beatriz Dantas* e Mauricio Sarmet (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF).,*

Com a evolução das tecnologias de comunicação e informação, observa-se também um crescimento significativo dos mercados de tecnologias voltadas ao entretenimento digital, como o de jogos eletrônicos. As últimas décadas apresentaram um aprofundamento de estudos que buscam avaliar as possíveis consequências do consumo de jogos eletrônicos por crianças, jovens e adultos. Nos últimos anos passou-se a ter um interesse também por consequências positivas, como o comportamento prosocial - comportamentos que tem como finalidade beneficiar outro indivíduo ou grupo. Estudos sobre esta temática tem utilizado como modelo teórico o General Learning Model GLM, que prediz a influência de características pessoais e situacionais sobre estados internos, dentro das dimensões de excitação (arousal), afeto e cognição que, por sua vez, influenciam o comportamento. A pesquisa nesta área tem evidências de que características do jogo influenciam o comportamento dos indivíduos em situações posteriores. O objetivo desta pesquisa é analisar a influência do tipo de objetivo estabelecido pelo jogo (antissocial ou prosocial) no comportamento prosocial em contexto além-jogo. Inicialmente, realizou-se uma análise de

nove estudos empíricos sobre a influência dos jogos no comportamento dos indivíduos, com o intuito de verificar os principais critérios utilizados na seleção dos jogos-estímulo, bem como possíveis variáveis mediadoras. A análise de estudos empíricos apontou para a comparação entre jogos: agressivos e prosociais (4 casos); prosociais e neutros (3 casos) e; agressivos e neutros (2 casos). Revelou, ainda, que os jogos, em todos os casos, foram categorizados em função de seu objetivo final e do tipo de ação do jogador que é recompensada, utilizando jogos distintos em cada condição experimental. Com isso, há, como limitação, a interferência de características distintas entre jogos, como qualidade gráfica, efeitos sonoros, dinâmica e jogabilidade. Tais resultados permitiram a definição de um delineamento experimental que tem como objetivo auxiliar na resolução desta lacuna, pois permite o controle de variáveis interferentes recorrentemente presentes na pesquisa da área. Este delineamento consiste em três condições: agressiva, prosocial e controle. Para tal, é utilizado como estímulo um mesmo jogo, no qual é possível assumir papéis agressivos ou prosociais. A seleção dos participantes se dá de forma aleatória para cada um dos grupos e, no caso dos grupos experimentais (agressivo e prosocial), são instruídos a jogar por 10 minutos sob o pretexto de participar de uma avaliação das características do jogo. Em seguida, são coletadas, em todas as condições, informações sobre cognições agressivas ou prosociais - a partir de uma tarefa de completar histórias ambíguas - bem como a ocorrência de comportamentos prosociais - a partir de uma situação simulada de ajuda com a participação de confederados. Por fim, são coletadas informações sociodemográficas e de hábitos de jogo. A coleta total dos dados permitirá a comparação, por meio de análises de variância e covariância, do nível de influência da variável independente nas medidas de prosocialidade. Como hipótese principal do estudo, espera-se que a frequência de cognições e comportamentos prosociais seja maior na condição prosocial e menor na condição agressiva, quando comparadas com a condição controle.

Prosocialidade, jogos eletrônicos, GLM
IC
SOCIAL

COMPREENSÃO DO JOGO DOS BENS PÚBLICOS NA VISÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 11 ANOS.

*Natália Andrea Craciun Boccardi**, Natália Bezerra Dutra**, Phiética Raíssa Rodrigues da Silva*, Anuska Irene de Alencar (Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte, Natal, RN), Maria Emilia Yamamoto (Departamento de Fisiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),*

O jogo dos bens públicos tem sido utilizado para a compreensão do comportamento social na infância especialmente em situações de dilemas sociais nos quais a criança tem que escolher entre o benefício próprio e o benefício coletivo. Tal jogo consiste na simulação de investimento de um grupo de indivíduos em um bem comum (por exemplo doces, em estudos com crianças), com a possibilidade de que indivíduos usufruam desse bem ganhem mais doces sem investir o mesmo que os outros. No entanto há poucos trabalhos que analisam a compreensão das crianças submetidas a esse tipo de jogo, bem como os fatores que determinam suas escolhas. Além disso, a interação do pesquisador com a criança pode ser considerada um fator importante de análise. Visando analisar tanto a compreensão do jogo como o efeito da interação entre pesquisador e participante, foi realizado um estudo qualitativo, dividido em duas fases. A primeira delas consistiu na aplicação de entrevistas com crianças que participaram de um outro estudo que tinha por objetivo analisar a influência do estímulo social, sob a forma de feedback verbal ou monitoramento de um adulto, sobre o comportamento de crianças de seis a onze anos em um jogo de bens públicos. Foram entrevistadas 137 crianças de escolas públicas de Natal/RN, entre meninos e meninas, sorteadas dos três grupos (47 do grupo de feedback positivo; 52 do grupo de feedback

negativo; e 38 do grupo cujas doações foram monitoradas por um adulto durante os jogos). A entrevista consistiu de oito questões sobre a compreensão do jogo e a motivação por trás das estratégias adotadas pelas crianças. Também foi avaliado se o tipo de resposta da criança indicava uma tentativa de estabelecer uma boa reputação como participante do jogo frente ao pesquisador. A segunda fase consistiu em uma análise mais detalhada do comportamento das crianças durante o jogo dos bens públicos. O jogo foi aplicado em um grupo de 16 crianças de seis anos de idade, durante o qual as crianças respondiam a duas questões sobre as estratégias adotadas durante o jogo. Verificamos que na primeira fase as crianças, em geral, compreendem as regras. As crianças mais velhas, acima de nove anos, tendem a dar respostas que as mostrem como sendo mais generosas, ainda que isso não necessariamente corresponda à realidade das suas ações no jogo. Crianças mais jovens tendem a responder de forma mais espontânea e correspondente à realidade. Na segunda fase do estudo, foi observado que as crianças, mesmo jovens, consideram as relações sociais do seu grupo quando tomam decisões relacionadas ao jogo, e não se limitam às regras do jogo para tomar decisões quanto à estratégia adotada.
Projeto financiado pelo PRONEX/FAPERN/CNPq/SEDEC e bolsista financiado pela CAPES.
Palavras-chave: Psicologia Evolucionista; cooperação em crianças; Teoria dos jogos.
BIO-Psicobiologia e Neurociências

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA BATERIA DE PERSONALIDADE PROSOCIAL. *André Luiz Alves Rabelo*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF). ,*
Algumas pessoas exibem uma tendência duradoura e relativamente estável ao longo de suas vidas para agir em benefício das outras pessoas. Um exemplo famoso deste tipo de conduta pode ser encontrado na figura religiosa da Madre Teresa de Calcutá. Pessoas como ela costumam ser consideradas pessoas boas e caridosas por conta desta característica individual. Há algumas décadas, psicólogos sociais têm investigado como variáveis disposicionais e situacionais interagem para produzir o comportamento prosocial. A despeito do poder que variáveis situacionais podem exercer, também existem evidências na literatura de que as diferenças individuais na prosocialidade são uma variável relevante para compreender o comportamento prosocial. Nesse sentido, pesquisadores da área desenvolveram maneiras de medir tal prosocialidade, e entre elas, a Bateria de Personalidade Prosocial (BPP), configura-se como uma importante medida. Este instrumento mede a orientação de personalidade prosocial, definida como uma tendência estável de pensar no bem-estar e no direito de outras pessoas e de agir de maneira a beneficiá-las. Esta orientação de personalidade prosocial possui as dimensões empatia orientada a outra pessoa , que agrupa sentimentos e pensamentos prosociais dirigidos a outras pessoas e prestatividade , que agrupa comportamentos auto-relatados que demonstram ajuda e cuidado de outras pessoas. Tais dimensões se dividem em sete subdimensões: Responsabilidade Social, Preocupação Empática, Tomada de Perspectiva, Aflição Pessoal, Raciocínio Orientado aos Outros, Raciocínio Moral Mútuo e Altruísmo Auto-Relatado. A bateria possui 30 itens e a resposta a ela é feita em uma escala Likert de cinco pontos. O presente trabalho teve como objetivo adaptar e produzir evidências de validade da BPP para o português. Dois estudos foram conduzidos para atingir este objetivo. O Estudo 1 contou com 556 participantes. Fez-se uso do método de tradução-retradução para traduzir a versão original da BPP, e esta tradução foi aplicada na amostra. Foi realizada uma análise fatorial exploratória para averiguar a adequação dos itens aos fatores postulados originalmente pelos autores do instrumento. A análise indicou como melhor solução fatorial a estrutura de sete fatores, coerente com a estrutura original. Entretanto, alguns fatores apresentaram alfas de Cronbach abaixo de 0,70. O Estudo 2 contou com 548 participantes que

responderam à mesma versão traduzida do Estudo 1. Neste estudo, foi realizada uma análise fatorial confirmatória, uma vez que o Estudo 1 indicou que as subdimensões do instrumento se adequavam à estrutura original e apresentaram índices psicométricos semelhantes aos da versão original. A análise fatorial confirmatória indicou índices pouco satisfatórios, o que é coerente com os índices psicométricos baixos encontrados no Estudo 1. Questões relacionadas à qualidade da construção deste instrumento e da necessidade do desenvolvimento de medidas aprimoradas de diferenças individuais na prosocialidade são discutidas no trabalho.

Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

Psicologia Social, Personalidade, Prosocialidade

IC

SOCIAL

Sessão Coordenada: **COMPREENSÃO LEITORA: FATORES FACILITADORES SEGUNDO O REFERENCIAL DA CIÊNCIA COGNITIVA DA LEITURA**

Aprender a ler e escrever é condição indispensável para o sucesso escolar e profissional. Ler é, por definição, extrair sentido do material escrito, portanto, não se pode falar em leitura se não houver compreensão do material lido. A Ciência Cognitiva da Leitura tem demonstrado que a habilidade de leitura proficiente em uma escrita alfabética é o produto de vários fatores e implica na ativação de um conjunto de processos. Alguns desses processos são básicos, como o conhecimento da relação entre letras e sons (princípio alfabético) e reconhecimento de palavras, mas outros são bem mais sofisticados e complexos, envolvendo, entre outros aspectos, a habilidade para realizar inferências e a apropriação de estratégias de monitoramento da leitura. Investigações recentes mostram que a eficácia da aprendizagem da leitura depende do ensino explícito da decodificação (desenvolvimento da consciência fonológica e aprendizagem da correspondência fonema/grafema); do reconhecimento rápido e eficaz de palavras; do ensino explícito de estratégias para a compreensão e do contato frequente com textos escritos. Nesta sessão coordenada apresentaremos um conjunto de pesquisas que investigaram habilidades necessárias para a aprendizagem da leitura e pesquisas que testaram hipóteses de relações entre variáveis utilizando métodos correlacionais e de intervenção experimental.

Psicologia Cognitiva

COMPREENSÃO LEITORA E DESEMPENHO ESCOLAR: UM ESTUDO COM ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Sylvia Domingos Barrera (Universidade de São Paulo Ribeirão Preto SP)*
Maria José dos Santos (Universidade Federal de Goiás- GO)

A aprendizagem da leitura é um grande desafio para a escola e uma exigência social A compreensão leitora é uma atividade complexa que envolve diferentes aspectos: habilidades de decodificação, elaboração das informações contidas no texto, competências cognitivas e conhecimentos gerais. É, portanto, um processo construtivo, que vai além da mera informação textual. Avaliações nacionais e internacionais recentes dão conta das precárias habilidades de leitura e escrita dos estudantes brasileiros, o que compromete o rendimento escolar. A compreensão leitora comporta quatro aspectos: compreensão literal (recuperação da informação explícita no texto), inferencial (conjecturas e hipóteses levantadas pelo leitor a partir das informações explicitadas no texto), crítica (juízo de critério realidade/fantasia) e de reorganização (capacidade do leitor em dar uma nova organização às ideias e informações). Várias técnicas têm sido propostas para avaliar a compreensão leitora, entre as quais se destacam a reprodução oral ou escrita do texto lido, a resposta a questões de interpretação do texto e a técnica de Cloze. sta última foi elaborada por Taylor, em 1953, com o objetivo de avaliar a competência linguística para compreender a informação escrita. Tal técnica tem sido usada em vários estudos que investigam a compreensão leitora e demonstra ser eficiente. Neste estudo, tivemos por objetivo investigar a relação entre competência em compreensão leitora e desempenho escolar de alunos de 5º ano de ensino fundamental. Os alunos participantes realizaram uma tarefa de leitura de um texto adaptado segundo a Técnica de Cloze para a avaliação do nível de compreensão leitora. Posteriormente, foram realizadas análises de correlação entre o desempenho obtido no Cloze e as médias nas diversas disciplinas escolares. Nossos resultados mostram que um número significativo de alunos não

compreende o que lê. A análise dos dados mostra correlações moderadas entre o nível de compreensão em leitura e o desempenho escolar dos alunos da amostra estudada. Observou-se também algumas diferenças na correlação entre compreensão e desempenho acadêmico de acordo com as disciplinas escolares, sendo que o nível de compreensão leitora mostrou-se mais fortemente correlacionado com o rendimento dos alunos nas disciplinas de Português, História e Matemática do que com o rendimento dos mesmos nas disciplinas de Ciências e Geografia. Dada a relação observada entre habilidades de compreensão em leitura e desempenho escolar pode-se supor que uma das formas de melhorar esse desempenho seria investir em metodologias de ensino que privilegiem as habilidades de compreensão. Nesse sentido, a abordagem metalinguística do ensino da língua tem se mostrado promissora ao demonstrar que o texto pode ser objeto de uma análise explícita e intencional por parte das crianças. Discute-se a importância de práticas pedagógicas que desenvolvam capacidades cognitivas de ordens mais elevadas, ligadas à consciência metalinguística que permitiriam a ampliação de estratégias de leitura.

Palavras-chave: compreensão leitora; técnica close; desempenho escolar.

P

COG

É SENDO ENSINADO QUE SE APRENDE: RESULTADOS DE UM TREINO EM INFERÊNCIAS NA COMPREENSÃO DE TEXTOS DE CRIANÇAS DO 4º ANO. *Ioana da Cunha Pereira Yacalos** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo SP)*

Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo SP)

,

Esta pesquisa teve como objetivo verificar os efeitos de um procedimento de treino em fazer inferências sobre a habilidade de compreensão de textos em uma turma de alunos de 4º ano do Ensino Fundamental. O referencial teórico utilizado encontra-se situado na perspectiva da Psicologia Cognitiva da Leitura, e tem seu foco nos conceitos que tratam das atividades envolvidas nos processos de aquisição da leitura e com compreensão. O modelo utilizado para o tratamento da habilidade de compreensão de textos foi o proposto por Kintsch, em 1998, e denominado modelo de Construção-Integração (CI). Também foram abordadas as atividades que podem interferir na compreensão de texto, tendo sido dada ênfase à elaboração das inferências, foco da presente pesquisa. Por fim, foram apontadas algumas pesquisas existentes nesta área do conhecimento, que tratam da compreensão leitora. O método do estudo partiu do delineamento com um Grupo de Intervenção (GI) e um Grupo Controle (GC), tendo participado 38 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual do município de São Paulo, que foram divididos em 19 alunos para o Grupo de Intervenção, e 19 para o Grupo Controle. Inicialmente, foi aplicada uma Tarefa de Sondagem de Decodificação, que eliminou da amostra os alunos que possuíam problemas na decodificação de palavras, já que a boa decodificação é um pré-requisito para que o leitor possa compreender um texto. Após a composição da amostra, foi feito um Pré-Teste com o GC e GI. Com as crianças do GI a pesquisadora planejou e realizou uma intervenção coletiva em sala de aula, com 12 sessões de aproximadamente 60 minutos cada uma. Foram levados textos de histórias infantis, de diferentes gêneros, apresentados em datashow, retroprojetor, papel e quadro-negro. As atividades foram propostas em grupo e individualmente. Nestas sessões, os alunos foram estimulados e ensinados a procurar pistas que os levassem a fazer inferências e justificar as bases geradoras destas inferências, relacionando informações textuais com seu conhecimento de mundo e relacionando informações diferentes presentes no mesmo texto. Após as sessões de intervenção, foi aplicado um Pós-teste 1 e após uma semana foi aplicado um Pós-teste 2. Não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos no Pré-teste. No Pós-teste,

todas as crianças do GI tiveram desempenho melhor do que as do GC. Foram as únicas que melhoraram significativamente seu desempenho do Pré-teste para os Pós-testes 1 e 2. A estas comparações entre os grupos, foi aplicado o Teste t de Student, que possibilitou maior confiabilidade nos resultados encontrados. Os procedimentos de intervenção e suas implicações educacionais são analisados e discutidos em termos de práticas de ensino que podem ser utilizadas para desenvolver a compreensão de texto em sala de aula, pois houve melhoras no desempenho das crianças em compreensão de textos após as 12 sessões de intervenção voltadas para o treino na habilidade de fazer inferências. Os resultados obtidos dão suporte à hipótese de que o programa pode ser utilizado por professoras em escolas com o objetivo de desenvolver a compreensão leitora por meio do treino em inferências.
Bolsa: CAPES
Palavras-chave: compreensão de textos; inferências; sala de aula.
M
COG

A INFLUÊNCIA DAS HABILIDADES METASSINTÁTICAS NA APRENDIZAGEM DAS HABILIDADES DE RECONHECIMENTO DE PALAVRAS E DE COMPREENSÃO. *Édiva de Sousa Martins (Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA),*
O trabalho aborda a influência das habilidades metassintáticas na aquisição da leitura. Investiga de que maneira o conhecimento de aspectos morfológicos da frase e do conhecimento sobre a ordem de palavras na frase influencia o desenvolvimento posterior das habilidades de reconhecimento de palavras e da compreensão. Participaram da pesquisa 31 crianças que se encontravam em momentos iniciais de aquisição da linguagem escrita. Foram aplicadas tarefas de julgamento e correção de violações morfológicas e tarefas de julgamento e correção de violações na ordem das palavras, no início do ano e tarefas de leitura de palavras e de compreensão de frases, no meio do ano. Os dados foram submetidos ao Teste de Correlação de Pearson e a duas análises de regressão: a primeira tendo como variável dependente (ou variável a predizer) a tarefa de reconhecimento de palavras e a segunda tendo como variável dependente a tarefa de compreensão de frases. A partir do teste de correlação de Pearson foi possível verificar uma correlação positiva forte ($r = 0,5$; $p < 0,01$) entre a habilidade de julgar e corrigir frases com violações morfológicas e a habilidade de reconhecer palavras. Foi também verificada uma correlação positiva forte ($r = 0,49$; $p<0,01$) entre a tarefa de julgar e corrigir frases com violações morfológicas e a tarefa de compreensão de frases e uma correlação de efeito menor entre a tarefa de julgar e corrigir frases com violações na ordem das palavras e a habilidade de reconhecimento de palavras ($r = 0,39$; $p<0,05$). Os resultados das regressões indicam que a habilidade de julgar e corrigir frases com violações morfológicas continua a ter valor preditivo, como indicado anteriormente no teste de correlação, sobre o desempenho nas tarefas de reconhecimento de palavras ($p<0,01$) e de compreensão de frases ($p< 0,05$). A habilidade de julgar e corrigir frases com violações na ordem das palavras não aparece como preditora de nenhuma das habilidades de leitura investigadas. De um modo geral, os resultados confirmam a importância das habilidades metassintáticas para o desenvolvimento das habilidades de leitura, mas em especial da decodificação. O fato da habilidade de julgar e corrigir frases com violações na ordem das palavras não aparecer como preditora da compreensão parece ter ocorrido porque essas crianças se encontram em estágios muito iniciais da aquisição da leitura. Os resultados revelam, assim, o papel preponderante dos processos voltados para o reconhecimento de palavras no desenvolvimento da leitura nos estágios iniciais dessa aprendizagem e parecem confirmar a ideia de que a habilidade metassintática pode desempenhar papel relevante na

aprendizagem da decodificação e, na medida em que contribui para melhorar o nível da decodificação, influencia também a compreensão.
Apoio Financeiro: CAPES
Palavras-chave: compreensão; habilidades metassintáticas; reconhecimento de palavras.
P
COG

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E AQUISIÇÃO DA LEITURA: RESULTADOS DE UMA PESQUISA DE INTERVENÇÃO. *Lina Maria de Moraes Carvalho** (Universidade Federal do Piauí/Teresina-PI)*
Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP)
,
Pesquisas recentes da área da Ciência Cognitiva da Leitura, realizadas com falantes de diferentes idiomas, mostram uma correlação positiva entre o desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem da linguagem escrita. Uma grande parte das dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita parece estar relacionada com déficits de habilidades fonológicas que podem ser superados por meio da aplicação de programas de intervenção em consciência fonológica. Este estudo teve como objetivo investigar os efeitos que uma intervenção para desenvolver habilidades de consciência fonológica produz no desenvolvimento dessas habilidades e no desempenho em leitura de alunos com atrasos na aprendizagem da linguagem escrita. O estudo foi realizado em uma escola pública de Teresina-PI e teve como participantes 18 alunos de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, com idades entre 7;1 e 9;3 anos, distribuídos em grupo experimental e grupo controle. A pesquisa do tipo quase experimental foi desenvolvida em três fases: pré-teste, intervenção e pós-teste. Os instrumentos utilizados foram: uma prova de consciência fonológica e uma de leitura de palavras, aplicadas pela pesquisadora aos alunos de ambos os grupos no pré e pós-teste, e o programa de intervenção composto de cinco unidades de atividades e jogos visando o desenvolvimento da consciência fonológica nos níveis suprassegmentar (sílabas, rimas) e segmentar da fala (fonemas). O programa foi aplicado pela pesquisadora aos alunos do grupo experimental, em 24 sessões com 90 minutos cada, três vezes por semana. Os dados foram submetidos à análise estatística com o Teste t de Student (para amostras pareadas e independentes), analisados e discutidos em confronto com outros resultados de pesquisas da área. Os resultados da avaliação inicial, feita como pré-teste, mostraram desempenhos muito baixos de todos os participantes desta pesquisa nas habilidades de consciência fonológica, sobretudo nas tarefas de manipulação e síntese fonêmicas, e desempenhos nulos nas de segmentação e transposição fonêmicas, dando suporte às hipóteses de correlação entre déficit em consciência fonológica e dificuldades na aquisição da leitura. Na avaliação pós-intervenção, os alunos do grupo experimental apresentaram melhor desempenho do que os do grupo controle tanto nas habilidades de consciência fonológica quanto na leitura de palavras, com diferença significativa ($p<0,05$). Os resultados do presente estudo convergem com resultados de outras pesquisas de intervenção estrangeiras e brasileiras que têm demonstrado efeitos positivos de programas de atividades instrutivas para desenvolver consciência fonológica sobre o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica e na aquisição da leitura.
BOLSA CAPES
Palavras-chave: Consciência Fonológica; Leitura; Dificuldades de Aprendizagem.
D
COG

Sessão Coordenada: **CONHECENDO OS TRANSTORNOS ALIMENTARES: A EXPERIÊNCIA DOS PACIENTES, CUIDADORES, FAMILIARES E O PROCESSO TERAPÊUTICO**

A presente proposta se submete às considerações do comitê científico da 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia na modalidade Sessões Coordenadas . Trata-se de uma proposta de trabalho de duas instituições universitárias Universidade de Brasília e Universidade de São Paulo cujos interesses científicos sobre os Transtornos Alimentares (TA) têm encontrado convergência para uma discussão relevante para essa temática.

Os TA configuram relações problemáticas com a alimentação e a imagem de si, que podem acarretar sérios problemas de saúde, inclusive expor a pessoa acometida ao risco de morte. Atualmente, percebe-se um aumento considerável nos casos de TA, principalmente em adolescentes e jovens adultos do sexo feminino. A Anorexia Nervosa e a Bulimia Nervosa figuram como os quadros mais recorrentes.

Por sua crescente incidência no mundo contemporâneo, esses transtornos são considerados, atualmente, um importante problema de saúde pública, remetendo-nos a discussões sobre as dinâmicas subjetivas e sociais envolvidas nesse processo de adoecimento. Nesse sentido, a busca por uma compreensão mais abrangente dos múltiplos aspectos envolvidos para sua ocorrência e crescente incidência, bem como a criação de alternativas mais profícuas de tratamento para as pessoas acometidas são objetivos sociais prementes, para os quais, a psicologia pode contribuir em grande medida.

Os TA podem se manifestar pela primeira vez já na infância, podendo haver perda de peso ou falha em ganhar peso, o que prejudica o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. Na maioria dos casos, porém, como foi dito acima, as manifestações psicopatológicas tomam forma pela primeira vez na adolescência e ocorrem, sobretudo, entre as mulheres, gerando intensa repercussão emocional em seu contexto familiar.

Percebe-se que averiguar as características do funcionamento psicodinâmico de pessoas diagnosticadas com TA pode ser um caminho interessante para refletir sobre intervenções adequadas que evitem o agravamento dos quadros. A literatura aponta para pacientes que apresentam a capacidade intelectual preservada, mas não conseguem utilizar plenamente seus recursos cognitivos. Já com relação aos aspectos emocionais, por vezes, seus impulsos deficitários se fazem marcantes, podendo ocorrer episódios de auto e hetero agressividade.

Todavia, apesar desse padrão geral, a experiência clínica aponta que os pacientes vêm apresentando, atualmente, características cada vez mais diferenciadas, como comorbidades com outros transtornos mentais (transtorno de personalidade borderline, por exemplo); maior número de homens com diagnóstico; comorbidade com problemas de natureza sindrómica, como a síndrome de Turner; dentre outros aspectos que tornam o assunto mais complexo e amplo, demandando por investigações e debates científicos.

No que se refere aos prejuízos causados pelo transtorno, tem-se conhecimento de que os indivíduos com diagnóstico de TA demonstram, em geral, altos níveis de comprometimento dos aspectos vitais, com prejuízos significativos na adaptação e na qualidade de vida. É característico destes pacientes vivenciarem, além de prejuízos na saúde física, alterações no funcionamento psicossocial. Todos esses fatores reafirmam, mais uma vez, o fato destes transtornos serem considerados problemas merecedores de atenção pública.

Aspectos socioculturais, características da personalidade do indivíduo e da dinâmica familiar são fatores que influenciam o surgimento e curso dos transtornos alimentares. Há também estudos que relatam a influência de características biológicas, como fatores genéticos, envolvidos na manifestação dessas doenças. Assim, percebe-se que a etiologia dos TA é multifatorial, apontando, novamente, para a complexidade da compreensão destas psicopatologias e a necessidade de investigações científicas que englobem esses diversos âmbitos dos TA.

No contexto dos TA, as famílias desempenham papel relevante, já que influenciam e, por sua vez, são afetadas pelo transtorno, demandando também por atenção e cuidados. A literatura aponta que as famílias são as principais fontes de apoio social dos pacientes com TA, entretanto, a dinâmica dessas famílias é marcada por relações conflituosas e instáveis. Desse modo, os familiares e cuidadores devem também ser considerados ao se planejar o tratamento para pessoas com TA. Além disso, a investigação da dinâmica dessas unidades familiares aparece como uma das estratégias interessantes de engajamento para profissionais que se propõem a trabalhar com TA, permitindo-nos lançar novos olhares sobre os fenômenos decorrentes.

No que se refere à organização dessas famílias, a literatura aponta que estas apresentam dificuldades no estabelecimento de limites entre seus membros, o que leva a uma confusão nos papéis que cada um assume dentro da dinâmica familiar, prejudicando a constituição da identidade e a preservação da individualidade. A maioria dos trabalhos dedicam-se à investigação das dificuldades de separação mãe-filha, enquanto a figura paterna é reconhecida pela ausência, ou seja, por um contato superficial, não se fazendo presente em momentos críticos para o desenvolvimento da(o) filha(o). Entretanto, pela grande carência de estudos que abordem a função paterna no contexto dos transtornos alimentares, investigações nessa direção podem oferecer contribuições inovadoras para o entendimento de múltiplos processos envolvidos nesse tipo de adoecimento, considerando que o pai apresenta-se como figura importante no cuidado da(o) filha(o) desde o nascimento. Assim, a compreensão da inserção da figura paterna nos psicodinamismos dos quadros de TA pode ser um elemento diferencial no tratamento destes pacientes.

Por se tratarem de quadros de tamanha gravidade e complexidade, o tratamento dos transtornos alimentares deve abordar estratégias de múltiplas naturezas e ser articulado por uma equipe multidisciplinar. Nesse sentido, a intervenção psicológica é possível em diversos âmbitos, de modo que a reflexão sobre modalidades terapêuticas possíveis e o compartilhamento de estudos baseados em experiências clínicas aparecem como alternativas para o amadurecimento do trabalho na área, com vistas a um atendimento mais comprometido e eficaz no cuidado aos pacientes acometidos por esses transtornos.

Tendo em vista essa visão panorâmica do problema em questão, observa-se a necessidade de uma discussão ampla e rica, que consiga abarcar diferentes âmbitos que influenciam e são influenciados pela vivência dos TA. A partir desse debate, reflexões pertinentes podem emergir, apontando para estratégias de atuação profissional que contribuam para um cuidado mais integral de pacientes e familiares que convivem com essa problemática.

Psicologia Clínica e da Personalidade

PSICOTERAPIA INDIVIDUAL EM UM CASO GRAVE DE ANOREXIA NERVOSA ATENDIDO EM SERVIÇO MULTIDISCIPLINAR: CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS E POTENCIALIZANDO MUDANÇAS. *Daniel Magalhães Goulart** (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, Brasília DF), Manoel Antônio dos Santos. (Universidade de São Paulo),*

Transtornos alimentares configuram relações problemáticas com a alimentação e a imagem de si, que podem acarretar sérias complicações de saúde, chegando, inclusive, a expor a pessoa acometida ao risco de morte. Uma das expressões mais recorrentes desses transtornos é a Anorexia Nervosa, caracterizada por uma busca incansável pela magreza, seguida de redução de peso e sua manutenção abaixo do padrão de normalidade por processos inadequados de controle, que levam à desnutrição severa. Por se tratarem de quadros graves e complexos, a atenção especializada a esses casos requer um tratamento com enfoque multidisciplinar e que adote múltiplas estratégias, incluindo psicoterapia individual. Nesse contexto, o presente

estudo teve por objetivo problematizar o manejo psicoterápico na Anorexia Nervosa, a partir do acompanhamento de uma paciente com 16 anos de tratamento em um serviço multidisciplinar de referência nacional. A estratégia metodológica utilizada é o estudo de caso individual, tendo como fio condutor a sistematização de relatos do psicoterapeuta transcritos após as sessões realizadas em um período de nove meses. Ao longo desse processo, em virtude do agravamento de seu quadro psicopatológico, a paciente ficou internada na Unidade de Psiquiatria e Psicologia de um hospital geral, por um período aproximado de três meses. Nesse período, optou-se por dar seguimento ao processo psicoterápico da paciente, mesmo no contexto hospitalar, mediante o deslocamento do psicoterapeuta para esse cenário. Após este período, os atendimentos voltaram a ser realizados no local de costume. O material clínico foi extraído dos registros anotados em diário de campo após cada sessão, com frequência de duas sessões semanais e duração de 50 minutos. O material foi posteriormente submetido à análise de conteúdo temática, seguindo abordagem qualitativa em pesquisa, tendo por base os aportes teóricos da psicanálise. Na análise dos aspectos selecionados, destacou-se, primeiramente, o período de atendimento realizado durante a internação. Esse momento foi vivenciado com intenso medo e angústia pela paciente. A relação terapêutica foi construída como sustentáculo para as adversidades experienciadas e sentida como remoto elo de ligação com a realidade perdida . Posteriormente, a análise deteve-se na reconstrução do setting terapêutico, enfatizando oportunidades para refletir sobre aspectos transferenciais e contratransferenciais intensificados nesses períodos de constantes transformações da relação terapêutica. Finalmente, foram destacados alguns momentos de mudança subjetiva, nos quais foi possível resgatar recursos próprios para lidar melhor com frustrações inerentes à vida. Nesses momentos, a paciente foi capaz de reconhecer em si a esperança em novas e conquistas, buscando criar novas alternativas que a desafiavam e a colocavam na posição de superar a si mesma. Ao final do contato terapêutico, muitas das dificuldades que a paciente apresentava no início se mantiveram, sobretudo a intensa insatisfação com seu corpo e os problemas em relação à alimentação. No entanto, a capacidade de olhar para essas dificuldades e o modo de utilizar alguns recursos próprios passaram por uma significativa transformação, no sentido de confiar mais em suas potencialidades e acreditar mais em si. Tais mudanças foram compreendidas e valorizadas pela paciente, que se mostrou mais próxima e consciente do seu processo singular de desenvolvimento.

Palavras-chave: Transtornos alimentares, anorexia nervosa, psicoterapia individual
Nível do trabalho: Pesquisador - P.
Área da psicologia: CLIN Psicologia Clínica e da Personalidade.

FUNCIONAMENTO PSICODINÂMICO DE MULHERES COM BULIMIA NERVOSA E OBESIDADE: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS. *Dra. Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Valéria Barbieri, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*

No mundo contemporâneo os transtornos alimentares são considerados um dos mais importantes problemas de saúde pública, que acarreta prejuízos tanto para a saúde física quanto para a saúde mental. Somado a esse aspecto, estes transtornos prejudicam a vida dos indivíduos na esfera nuclear e social, acarretando graves consequências, o que indica a necessidade de sua ampla compreensão para o uso dos recursos terapêuticos pelos profissionais de saúde. Além disso, apesar da existência de diversos tratamentos e estudos relacionados a este tema, tem-se que nem sempre os tipos de tratamentos utilizados são eficazes, já que se faz necessário a presença de uma equipe multidisciplinar na conduta terapêutica. Pensando em conhecer e, assim, abranger novas modalidades de tratamentos mais eficazes, em particular para a esfera psicológica, este trabalho teve por objetivo averiguar as características do funcionamento psicodinâmico de mulheres com bulimia nervosa e

mulheres com obesidade, dois tipos de transtornos alimentares atuais e disseminados entre a população feminina. O estudo buscou destacar similaridades e divergências da organização da personalidade das mulheres com ambos os transtornos, no intuito de compreender de forma mais ampla a dinâmica psíquica e aprimorar os recursos de atendimento terapêutico. Para tanto, houve a participação de três mulheres bulímicas e três obesas, com idades que variaram entre 30 e 42 anos. Todas passaram por avaliação psicológica por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação do Teste de Apercepção Temática (TAT), técnica avaliada de acordo com a proposta de Morval. Após avaliação das técnicas propostas, foi possível assinalar similaridades e diferenças no funcionamento psicodinâmico das pacientes. Como resultados semelhantes todas as mulheres apresentaram percepção das figuras parentais como sendo ambivalentes, que ora apoiavam, ora agrediam, transmitindo mensagens ambíguas, o que gerava insegurança e receio de tais figuras. Também denotaram sentimentos de menos valia e sinais de angústia na introjeção da imagem de si como mulheres, com características sexuais e femininas. Todas apresentaram dificuldades no contato interpessoal, em especial, devido à desvalorização e baixa autoestima; elas demonstraram necessidade de apoio e proteção, mostrando-se dependentes do afeto e da aprovação vinda do outro. Apesar dessas dificuldades afetivas apresentadas pelas mulheres serem semelhantes, houve diferenças quanto à maneira de lidar com as mesmas: as mulheres bulímicas defendiam-se do desamparo afetivo por meio da agressividade diante de tudo que provinha da figura materna, em especial, a função alimentar; já as obesas recorriam de maneira compulsiva ao alimento para abrandar a experiência da lacuna emocional. Tais resultados apontam para a diversidade nos psicodinamismos de mulheres bulímicas e obesas, em particular, na maneira como reagem à deficiência afetiva provinda de um ambiente que não foi suficientemente bom. Assim, o tratamento de tais pacientes deve considerar essa diversidade a fim de auxiliar no processo de intervenção terapêutica. Sugere-se a possibilidade de conduzir maneiras distintas ao estabelecer a relação transferencial no cuidado com essas pacientes, já que este conhecimento torna-se essencial para melhor compreender o desenrolar do processo terapêutico e, também, para proporcionar o fornecimento de suporte emocional e a experiência de um ambiente suficientemente bom durante o tratamento.

Palavras-chave: bulimia, obesidade, psicodinamismos.
Nível do trabalho: Pesquisador - P.
Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade.

RELAÇÃO PAI-FILHA NO CONTEXTO DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES: A PERSPECTIVA DO PAI. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

Transtornos Alimentares (TA) são quadros psicopatológicos, nos quais se percebem graves alterações no comportamento alimentar. Aspectos socioculturais, características da personalidade do indivíduo e da dinâmica familiar são fatores que influenciam o surgimento e curso dos TA. A dinâmica familiar da pessoa com TA caracteriza-se pelas dificuldades de separação mãe-filha, enquanto que a figura paterna é reconhecida pela ausência: fala-se de um pai que parece apoiador, mas de forma superficial, e que nos momentos mais críticos não está próximo ou presente. São raríssimos os estudos que abordam o pai no contexto dos TA, assim como a relação destes com suas filhas. Winnicott lembra que o pai tem função importante em cada etapa do desenvolvimento do filho, influenciando a constituição de sua identidade e personalidade desde o nascimento. O presente estudo teve como objetivo investigar aspectos da relação pai-filha no contexto dos TA, a partir da perspectiva do pai. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três pais (progenitores do sexo masculino) de mulheres diagnosticadas com anorexia nervosa, em atendimento no Grupo de Apoio em

Transtornos Alimentares (GRATA), serviço especializado do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - HC-FMRP-USP. Os pais são: Edson, 74 anos; Dimas, 61 anos e Laércio, 55 anos (nomes fictícios). As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo e interpretados à luz do referencial teórico psicanalítico. Os entrevistados julgaram-se pais protetores e exigentes, sempre atentos aos cuidados das filhas, destoando do que aponta a literatura da área. Edson e Dimas relataram dificuldades de aproximação afetiva com as filhas, bem como de associar as exigências com demonstração de afeto. Observaram-se prejuízos na função de interditor na díade mãe-filha. Laércio apresentou uma vinculação controladora em relação à filha, mais característico do relacionamento mãe-filha no contexto dos TA. Os três pais relataram sentimentos de angústia com o surgimento dos sintomas nas filhas, além de vivenciarem sentimentos de culpa. Percebeu-se que o TA provocou modificações de sua percepção como pai: Dirceu refere que buscava ser o pai perfeito , mas que, com a doença da filha, descobriu que não era nada daquilo que imaginava . Esse relato lembra o que Winnicott fala sobre o cuidador suficientemente bom , que é aquele que também falha. Os três pais indicaram o GRATA como fonte de apoio não só para as filhas, mas, principalmente, para si próprios, valorizando o suporte oferecido nos grupos de apoio destinados aos familiares acompanhantes. Os dados apontaram para necessidade de mais estudos sobre a participação do pai no contexto dos TA. Parece que o envolvimento paterno nestes quadros psicopatológicos é complexo e merecedor de investigação científica. Percebeu-se a necessidade de estudos que abordem também a perspectiva das filhas em relação ao pai. Pesquisas como esta podem instrumentalizar a inclusão do pai no tratamento de pacientes, possibilitando um espaço de elaboração das angústias vivenciadas pelos familiares após o aparecimento do transtorno.

Palavras-chave: Transtornos alimentres, anorexia nervosa, pai, família.
Nível do trabalho: Mestrado - M.
Área da psicologia: SAÚDE - Psicologia da Saúde.

A REJEIÇÃO DO ALIMENTO DURANTE A INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Carolina Ruiz Longato, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*

Os transtornos alimentares podem se manifestar pela primeira vez na infância ou na adolescência. Os transtornos de alimentação da primeira infância caracterizam-se por uma dificuldade em se alimentar adequadamente, podendo haver perda de peso ou falha em ganhar peso, iniciando antes dos seis anos de idade, o que prejudica o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. Este trabalho apresenta um caso clínico atendido em um Serviço de Triagem Infantil, realizado em cinco sessões: entrevista com os pais, sessão lúdica com a criança, sessão familiar, devolutiva com os pais e devolutiva com a criança. A menina, de quatro anos de idade, foi encaminhada para atendimento psicológico pela fonoaudióloga, com a queixa principal de não aceitação de alimentos, mesmo sem alteração na fisiologia da deglutição. Durante a entrevista os pais relataram que a criança sentia vontade de comer quando sentia o cheiro da comida, mas não tinha prazer em comer, chorando e sentindo náuseas quando precisava se alimentar. Muitas vezes, a criança dizia que havia comido, sem tê-lo feito, além de não aceitar que ninguém a visse comendo. Eles relataram que logo após o nascimento a criança não sugava e ganhava pouco peso. Ela foi diagnosticada com laringomalácia e hipotonia, o que faz pensar na hipótese de que essas doenças desencadearam emoções intensas de ameaça à sua integridade, prejudicando seu desenvolvimento emocional. Além disso, há evidência de ansiedade e insegurança dos pais, que resultaram em comportamentos rígidos e intrusivos da família, refletindo no comportamento alimentar da

criança. Na sessão lúdica a menina interagiu com a psicóloga, envolvendo-se em diversas atividades. Destaca-se o momento em que fez comidas com massa de modelar, dizendo que era para as bonecas, mas, em nenhum momento, a comida era dada a elas. De modo geral, foi possível perceber que a paciente possui capacidade de simbolizar, por meio do brincar criativo. Entretanto, nota-se falta de limites com a perda das fronteiras da identidade, comprometendo o reconhecimento do próprio corpo e de suas sensações. Na sessão familiar, com a criança e seus pais, a paciente se envolveu em diversas atividades, principalmente com o pai. Ambos pareciam ter um bom relacionamento, expressos por naturalidade e afeto. O pai a ajudava a simbolizar e expressar sua criatividade. Já a mãe parecia bastante deprimida e frequentemente buscava a atenção e aprovação da filha. Notou-se que a dificuldade em relação à comida ocorre principalmente pela forma de relacionamento dos pais com a criança: há dificuldade em estabelecer limites, que impedem que a filha se diferencie do outro e estabeleça limites para o próprio corpo. Muitas vezes, os pais impunham suas próprias necessidades à filha, impedindo, assim, a satisfação de suas principais necessidades, tanto afetivas quanto materiais. É possível pensar que a rejeição por comida reflete uma rejeição à forma como é cuidada pela mãe, além de uma estratégia de manifestação de necessidade de separação e busca por sua individualidade. Destaca-se a importância da realização de psicoterapia para a mãe e para a criança, para retomar seu desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: triagem infantil, transtorno alimentar, estudo de caso.
Nível do trabalho: Pesquisador - P.
Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade.

O CUIDADO AO CUIDADOR: A PSICOTERAPIA COMO IMPORTANTE RECURSO DE DESENVOLVIMENTO PARA CUIDADORES DE PACIENTES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES.

Andressa Carolina de Souza, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP).,*

Os transtornos alimentares (TA) constituem quadros psiquiátricos complexos, sendo considerados graves distúrbios do comportamento alimentar, com sintomas diversos, como perturbações nutricionais e endocrinológicas, que acarretam prejuízos, inclusive emocionais. Devido à complexidade que envolve a dinâmica psicopatológica, o manejo desses quadros representa um desafio para o profissional. Recomenda-se que o tratamento seja multidisciplinar, com aplicação de diversas abordagens, entre as quais a psicoterapia individual. Nesse contexto, as famílias desempenham papel relevante, pois influenciam e, por sua vez, são afetadas pelo transtorno, que exige atenção e cuidados recorrentes. Deve-se incluir na assistência o cuidado aos familiares, que é considerado importante recurso para auxiliar na atenção a esses pacientes. Este estudo teve por objetivo refletir sobre o cuidado oferecido aos cuidadores de pacientes com TA, a partir do atendimento psicoterápico de uma mãe de uma paciente com anorexia nervosa do tipo purgativo. O atendimento teve duração de 20 sessões, que ocorreram no Centro de Psicologia Aplicada de uma universidade pública. O material utilizado se baseou nos registros sistematizados após as sessões, que foram submetidos à análise de conteúdo. Como referencial teórico-metodológico foi utilizada a teoria psicanalítica. Os resultados mostram que a vivência singular da psicoterapia corroborou a importância da criação, junto com a paciente, de um espaço destinado ao cuidado emocional da cuidadora, na tentativa de incluí-la no processo de descoberta de si mesma, e não apenas como parte do tratamento de sua filha. Nesse sentido, a existência de sentimentos ambivalentes de amor e ódio na relação com a filha pôde ser focalizada, permitindo que fossem aceitos de forma mais integrada. Desse modo, os conflitos relacionados à experiência do TA e ao exercício da parentalidade puderam ser melhor manejados. Além disso, as tentativas de controle foram trabalhadas, considerando as dimensões da imprevisibilidade e

do desconhecido como inerentes à condição humana. Os altos e baixos níveis de motivação, também presentes nas vivências da paciente em relação ao seu tratamento, puderam ser trabalhados, preparando o caminho para as mudanças em relação à esperança/desesperança, que oscilavam conforme as dificuldades enfrentadas no contexto dos TA. Houve momentos em que era possível notar as tentativas de se manter os bons objetos dentro de si. No encerramento do atendimento psicoterápico, foi explorada a questão de que, com o início de uma nova psicoterapia, as experiências pudessem ser integradas, levando junto de si os aprendizados conquistados. Pode-se concluir, a partir das reflexões extraídas da experiência psicoterapêutica, que o atendimento psicológico a familiares de pessoas diagnosticadas com TA pôde contribuir com a evolução do tratamento da psicopatologia do paciente identificado, em sinergia com as demais intervenções da equipe multiprofissional, já que possibilitou o fortalecimento egóico da mãe. Com base nos benefícios terapêuticos auferidos, conclui-se que o bom vínculo desenvolvido entre psicoterapeuta e paciente pode ser elemento-chave para que aspectos psíquicos menos acessíveis, relacionados a essa vivência, possam ser trabalhados de forma integral, minimizando o sofrimento psíquico da cuidadora e auxiliando seu desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: transtornos alimentares, psicoterapia, família.
Nível do trabalho: Pesquisador - P.
Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade

Sessão Coordenada: **Depressão pós-parto e suas potenciais consequências para a funcionalidade materna: contribuição de variáveis endócrinas, afetivas e socioeconômicas.**

A depressão pós-parto (DPP) é um transtorno mental associado ao período puerperal, especificado nos sistemas de classificação diagnóstica em psiquiatria (CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde 10ª. revisão; DSM-IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 4ª. edição). Segundo o CID-10, a DPP tem início até a sexta semana após o parto e, de acordo com o DSM-IV, até a quarta semana pós-natal. Embora isto seja estabelecido pelos manuais diagnósticos, alguns pesquisadores acreditam que a DPP possa surgir em outros momentos do primeiro ano pós-parto e não, necessariamente, nas primeiras semanas. Os sintomas observados são: humor deprimido; alterações no apetite com consequente perda ou ganho de peso; alterações no sono com consequente insônia ou hipersônia; dificuldades de dormir especialmente após amamentar o bebê; agitação ou retardo psicomotor; crises de choro; desinteresse sexual; problemas de concentração; falta de energia e de interesse em atividades que antes eram consideradas agradáveis; ideias suicidas e sentimentos de culpa (HAGEN, 1999). A DPP se manifesta em semanas ou meses após o parto, podendo se estender por um período de seis meses a um ano. Existem autores que acreditam que a DPP pode persistir por mais de um ano ou dois. Desta forma, há certa variabilidade quanto ao período em que a DPP se inicia e se encerra. Indica-se para o tratamento da DPP os mesmos métodos empregados no tratamento de depressões gerais correntes em outros períodos do ciclo feminino, tais como: psicoterapia, farmacologia e, em casos extremos, eletroconvulsoterapia. Grande parte da literatura sobre o tema indica que a DPP atinge entre 10% e 15% das mulheres. Entretanto, a prevalência para este transtorno pode variar de quase 0% a cerca 60% das mulheres avaliadas ao redor do mundo (HALBREICH & KARKUN, 2006). As variações na taxa de prevalência, controladas as questões metodológicas, remetem para a investigação dos fatores de risco subjacentes. Beck (2002) traçou um perfil de risco para diagnosticar mulheres propensas à DPP e segundo esta autora elas seriam em sua maioria: solteiras, ou, se casadas, estariam insatisfeitas com o marido; teriam baixo status socioeconômico; baixa autoestima; história prévia de depressão; vivenciariam eventos de vida estressantes, incluindo estresse oriundo da criação de outros filhos; não planejariam nem desejariam sua gravidez; vivenciariam ansiedade ou depressão durante a gravidez; vivenciariam melancolia da maternidade; descreveriam seus bebês como crianças difíceis e irritadiças; e, por fim, não sentiriam suporte adequado vindo de potenciais parceiros, famílias e amigos. Além dos fatores de risco maternos, existem ainda os fatores de risco infantis. Murray e Cooper (1997a) consideraram que menor desempenho motor em escalas de desenvolvimento e alta irritabilidade do bebê estavam altamente ligados à DPP e ao comportamento menos eficaz em interações face-a-face aos dois meses de idade da criança. Desta forma, fatores de riscos maternos e infantis devem ser analisados conjuntamente, pois ambos possuem relação com a ocorrência de DPP.

Após tratar da definição, surgimento, cronicidade, terapêutica, prevalência e fatores de risco relacionados à DPP, deve-se lembrar que a literatura que versa sobre a DPP se subdivide entre estudos que examinam os fatores de risco que a ocasionam (e.g. BECK, 1995; 2002) e que, juntamente com ela (fatores de risco associados), acarretam potenciais prejuízos para a funcionalidade materna (e.g. STERN, 1997), para a relação mãe-bebê (e.g. FIELD et al., 1985) e para o desenvolvimento infantil posterior (e.g. MURRAY & COOPER, 1997). Inseridos nesta literatura, encontram-se os estudos que compõem a presente proposta de Sessão Coordenada. Os mesmos fazem parte de um projeto temático, longitudinal e multicêntrico maior idealizado pelas Profas. Dras. Emma Otta e Vera Silvia Raad Bussab (Instituto de Psicologia da USP) em conjunto com a Dras. Maria Teresa Zullini da Costa (Divisão de Pediatria do Hospital Universitário, in memorium) e Maria de Lima Salum e Moraes (Instituto de Saúde

de São Paulo). Intitulado Depressão pós-parto como um fator de risco para o desenvolvimento do bebê: estudo interdisciplinar dos fatores envolvidos na gênese do quadro e em suas consequências , o mesmo busca relacionar a incidência da DPP às condições de suporte social (material, afetivo e emocional), à fase da vida reprodutiva da mãe, às questões hormonais, ontogenéticas e de vinculação diádica. Este visa também avaliar implicações potenciais para a mãe e para o desenvolvimento global do bebê, avaliado quanto aos índices de desenvolvimento geral e neuro-psico-motor e aos níveis de cortisol. Dado que a DPP é um problema de saúde pública de natureza multideterminada e não linear que afeta tanto a saúde materna quanto o desenvolvimento da criança, buscou-se conjugar nesta Sessão Coordenada estudos que tratassem do mesmo tema (DPP), mas que tivessem diferentes enfoques para enriquecer e aprofundar a discussão sobre o mesmo.

Saúde Mental

ASSOCIAÇÃO ENTRE DEPRESSÃO PÓS-PARTO, IMPACIÊNCIA E BAIXA RENDA MATERNA..
*Renata Pereira de Felipe** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Bruna Karen (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).

,
A depressão pós-parto (DPP) é uma desordem de humor que afeta mães e, consequentemente, suas crianças e famílias. Mães deprimidas podem atribuir intenções e motivações negativas ao comportamento de seus filhos mais prontamente do que mães sem DPP. Além disso, essas mães, geralmente, se percebem em sofrimento e precisando de conforto. Dessa forma, poderiam esperar mais competência social e responsabilidade de suas crianças. Nesse contexto, inúmeras reações podem ser esperadas, tais como impaciência e raiva para com seus filhos. Existem inúmeros fatores psicossociais de risco que podem potencializar o efeito da DPP, incluindo a adversidade social. Pessoas que vivem em contextos caracteristicamente adversos possuem menos controle sobre a ocorrência de estressores, ficando cronicamente habituadas a conviver com inúmeros eventos de vida estressantes. Sendo assim, mulheres potencialmente deprimidas e de baixa renda teriam maior probabilidade de vivenciar situações de vulnerabilidade. O presente estudo faz parte de um projeto longitudinal e multicêntrico maior que versa sobre as possíveis causas e consequências da DPP sobre a relação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil posterior. Aplicou-se a EPDE (Escala De Depressão Pós-parto de Edimburgo) aos 2-4, 8, 24 e 36 meses do pós-parto em 113 participantes. A partir desta aplicação, dois grupos foram formados: potencialmente deprimidas em algum período do puerpério (N = 54; 47,8%) e nunca deprimidas (N = 59; 52,2%). Outros instrumentos foram aplicados ao longo dos períodos supracitados: 1) Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB); e 2) Entrevistas semiestruturadas sobre características sócio-demográficas, familiares, reprodutivas, obstétricas, infantis e relacionadas a cuidados maternos e alo-maternos. Uma análise de árvore foi realizada através do método Exhaustive CHAID (Chi-square Automatic Interaction Detector), utilizando a razão da verossimilhança indicada para pequenas amostras e critério de 50 casos para o nó inicial e 25 para os demais. Considerando incidência de DPP como variável dependente, a análise incluiu no modelo Frequência com que a mãe fica impaciente com a criança aos 4 meses (χ21 = 18,002; p ajustado < 0,001) como a primeira variável independente, Renda familiar mensal (χ21 = 5,930; p ajustado = 0,015) como a segunda, e Frequência com que a mãe fica impaciente com a criança aos 8 meses (χ21 = 7,851; p ajustado = 0,005) como a

terceira. O modelo apresentou um percentual de classificação correta de 72,2% para mães que estiveram potencialmente deprimidas em algum período do puerpério e de 78% para aquelas nunca deprimidas. O percentual de classificação correta geral de 75,2% e o risco estimado de 0,248 (± 0,041) apontam que o modelo foi razoavelmente adequado para estimar a incidência da DPP em função da impaciência e da renda familiar mensal materna. Portanto, baseado na presente amostra, mães que possuíam baixa renda (menos que 800 reais mensais) e que foram mais impacientes com seus filhos durante o primeiro ano do pós-parto (4 e 8 meses) tinham, aproximadamente, 75% de chance de apresentar DPP. O resultado corrobora o caráter multideterminado da DPP, pois demonstra que esta desordem associa-se tanto a aspectos socioeconômicos quanto a aspectos comportamentais maternos.
Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
Palavras-chave: depressão pós-parto; impaciência; baixa renda.
Doutorado D.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

A POSSIBILIDADE DE ESCUTA NA CLINICA PSICOLÓGICA VOLTADA ÀS MÃES QUE APRESENTAM ESPECTROS DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: O CUIDADO PARA QUEM É SOLICITADA A CUIDAR DE UM RECÉM-NASCIDO.. *Marina Cecchini** (Departamento de Neurologia; Faculdade de Medicina; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).,
Muitas mulheres após o parto, ao invés de compartilhar da alegria ou mesmo da euforia social pela chegada do bebê à família, iniciam um quadro de depressão pós-parto (DPP). A DPP é considerada um espectro de transtorno depressivo e ansioso que surge no período perinatal, caracterizado, principalmente, por sintomas tais como desesperança, labilidade emocional, culpa, incompetência para lidar com a criança, dentre outros. O quadro de depressão pós-parto pode ser de difícil percepção. Nesse período, a insegurança, a angústia e a tristeza da mãe tendem a ser minimizadas tanto pelos cuidados intensivos dispensados ao bebê quanto pela questão social e moral vigente de que este período deve ser encarado como uma fase de muita alegria e plena disponibilidade ao bebê. Assim sendo, constata-se que o papel materno já está estabelecido e não em formação. Contudo, a sutileza da sintomatologia materna não minimiza suas implicações na relação diádica mãe-bebê, em que mesmo as formas mais brandas de depressão materna podem afetar o bebê. O recém-nascido reage a prejuízos na contingência do comportamento materno. Assim, aspectos da relação mulher-mãe e mãe-criança voltados ao humor da gestante/puérpera, assim como à qualidade da relação mãe-bebê devem ser melhor investigados. Recomenda-se também considerar a história e a qualidade de vida da mulher no sentido de detectar eventuais fatores de risco para DPP, com vistas à prevenção e intervenção precoces. Desta maneira, considerar o que a mãe e a criança expressam no momento da avaliação se mostra fundamental para o estabelecimento da intervenção precoce. O presente estudo faz parte de um projeto longitudinal maior que versa sobre as possíveis causas e consequências da DPP sobre a relação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil. Neste buscou-se investigar os relatos das mães que mais necessitavam de um acompanhamento terapêutico (potencialmente deprimidas), pontuando suas percepções quanto às suas experiências sociais, cuidados com o filho, atenção do seu grupo social, questões psíquicas e estado mental. Das 55 mães com indicativo de DPP que aceitaram o tratamento, apenas 13 (18%) completaram as 10 sessões propostas para o mesmo. Nestas sessões, estas mães com indicativo de DPP relataram dificuldades em lidar com a total dependência do recém-nascido, principalmente por se encontrarem em um

momento de vulnerabilidade com o seu próprio cuidado. Além disso, este relato trazia elementos da falta de um suporte social advindo tanto do companheiro quanto de sua rede social mais ampla. Falta de suporte social esta que intensificava a vulnerabilidade materna em lidar com as demandas infantis. À mãe fica a sensação de que só lhe resta o medo e a insegurança, somados à responsabilidade total de garantir a sobrevivência do dependente e indefeso recém-nascido. Em suma, diante da consideração de tantas questões, cabe ressaltar a ênfase da psicopatologia voltada ao relato da vivência materna após o parto favorecendo assim o conhecimento de quais seriam as determinantes favoráveis e desfavoráveis que permeiam o discurso materno no pós-parto.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Palavras-chave: depressão pós-parto; intervenção; psicoterapia.
Mestrado M.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

ASSOCIAÇÃO ENTRE CONCENTRAÇÃO HORMONAL, DEPRESSÃO PÓS-PARTO E PERCEPÇÃO DAS MÃES SOBRE SEUS BEBÊS.. *Tania Kiehl Lucci** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Maria de Lima Salum e Morais (Instituto de Saúde; São Paulo; SP).
Vinicius Frayze David (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Luiz da Silva Santos (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Marie Odile Monier Chelini (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
,
Depressão pós-parto (DPP) é um distúrbio diagnosticado semanas após o parto, que pode interferir de forma negativa nas relações familiares. Diversas pesquisas têm investigado o efeito da depressão no estabelecimento do vínculo mãe-bebê e, apesar de não existirem dados conclusivos sobre a qualidade de interação da díade, estudos têm demonstrado que as mães com DPP relatam maior dificuldade na interação com seus filhos. Além da percepção negativa da relação com os filhos, muitos estudos sugerem a ocorrência de alterações hormonais ligadas à depressão. Níveis alterados de cortisol (ligado a estresse) e baixa concentração de dehydroepiandrosterona (DHEA) têm sido associados a diversas condições neuropsiquiátricas, inclusive depressão. No entanto, a relação entre alterações hormonais, depressão pós-parto e percepção materna ainda não foi claramente estabelecida. Pretendeu-se neste estudo verificar as possíveis associações entre esses três fatores e verificar como se dão essas relações. A presente pesquisa faz parte de um Projeto Temático que busca verificar os fatores de risco para a DPP e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil nos três primeiros anos de vida. A amostra foi composta por 58 mulheres moradoras do bairro do Butantã (São Paulo). Foi aplicada a Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo (EDPE) na 12° semana após o parto e foram consideradas deprimidas as que tiveram pontuação igual ou superior a 12 (29,3%). Aos quatro meses após o parto foi realizada uma entrevista contendo cinco questões em que as mães avaliavam aspectos da sua relação com o bebê através de uma escala likert. Nessa ocasião, foram coletadas amostras de saliva para análise hormonal. Foi realizada uma análise estatística usando o modelo de equações estruturais (MEE). O modelo proposto relacionava as variáveis entre si: ocorrência de depressão em ocasiões anteriores,

DPP, concentrações dos hormônios DHEA e cortisol e percepção materna com relação aos filhos. Este método de análise permite a exploração de relações explicativas entre múltiplas variáveis simultaneamente, sejam essas latentes ou observadas. O ajuste do modelo possibilitou verificar que episódios anteriores de depressão, assim como baixas concentrações do hormônio DHEA (p=0,043) influenciam o desenvolvimento da Depressão Pós-parto. A condição de saúde mental da mãe, por sua vez, influencia uma percepção mais negativa com relação ao tempo dedicado ao bebê (p=0,058), trabalho que o bebê dá (p=0,041) e impaciência com relação aos cuidados do bebê (p<0,01). O modelo não mostrou haver relação entre níveis de cortisol e depressão pós-parto e nem relação direta entre os níveis hormonais e as variáveis de percepção materna.
Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
Palavras-chave: depressão pós-parto; hormônios; percepção materna.
Mestrado M.
Área SMENTAL Saúde Mental.

REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA AMÉRICA LATINA E CARIBE.. *Gabriela Andrade da Silva** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Maria Imaculada Cardoso Sampaio (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Samuel Andrade da Silva (Instituto de Geociências e Ciências Exatas; Universidade Estadual Paulista \"Júlio de Mesquita Filho\"; Rio Claro; SP).*
Luiz Silva dos Santos (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).

,
Estudos realizados em diversos países sobre a prevalência de Depressão Pós-Parto (DPP) têm encontrado resultados variando de 1,5% a 62,8%. Metanálises chegaram a valores de 12,6% a 19,2%. Os objetivos do presente estudo foram investigar a prevalência média de depressão pós-parto (DPP) em estudos realizados em populações residentes na América Latina e Caribe e qual é a influência dos fatores metodológicos sobre esses resultados. Foi realizada revisão sistemática de literatura, consultando-se as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, CINAHL, Biblioteca Virtual Latino-americana de Psicologia, EMBASE, ERIC, LILACS, Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD), Psicodoc, PsycInfo, PubMed, Redalyc, Scielo, Scopus e Web of Science, usando-se os termos depressão pós-parto e prevalência . Também foram consultadas referências bibliográficas dos estudos incluídos. Os estudos foram avaliados de acordo com sete critérios pré-estabelecidos: a) delineamento transversal ou de coorte longitudinal, b) investigou prevalência de DPP, c) participantes foram mães humanas, d) não foram realizadas intervenções para prevenir DPP, e) critério de diagnóstico claro e objetivo, f) período após o parto entre 8 e 365 dias, g) estudo realizado em população geral. A seleção de estudos por esses critérios foi realizada de forma independente por duas revisoras, verificando-se as taxas de concordância e buscando consenso nas divergências, em três etapas: avaliação de título, resumo e texto completo. A qualidade metodológica de todos os estudos incluídos foi avaliada usando o Guidelines for critically appraising studies of prevalence or incidence of a health problem , cuja pontuação varia de zero a oito. A busca sistemática localizou 211 registros na América Latina e Caribe, dos quais 38 atenderam aos critérios de inclusão. A prevalência média variou de 10% (IC95%: 6,7%-13,2%) na Colômbia a 50% (IC95%: 40,5%-59,5%) na Guyana. A maior

parte dos estudos foi realizada no Brasil, cuja prevalência média de DPP foi de 20,8%, variando entre 8,9% em Caxias do Sul (IC95%: 3,4%-14,5%) e 39,4% em Vitória (IC95%: 33,8%-45,0%). Embora grande parte dos trabalhos tenha sido aprovada nos critérios de inclusão da RS, a qualidade metodológica dos estudos, em geral, foi fraca, com média = 1,95 e desvio padrão = 1,1 na escala de avaliação de qualidade. A variação entre as características metodológicas dos estudos sobre prevalência de DPP (por exemplo: diferenças em delineamento, método de diagnóstico, técnicas de amostragem, tamanho da amostra e perfil da população estudada) prejudicou a comparação dos resultados. A Psicologia precisa se apoderar da RS como ferramenta na tomada de decisão clínica e, também, para o avanço das pesquisas, para tanto os autores devem ser orientados em relação à apresentação dos relatos com maior rigor e qualidade.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
Palavras-chave: depressão pós-parto; prevalência; América Latina.
Doutorado D.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

INTERAÇÃO VERBAL MÃE-CRIANÇA E DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ANÁLISE DO DISCURSO MATERNO QUANTO À ORIENTAÇÃO CULTURAL PARA AUTÔNOMIA OU INTERDEPENDÊNCIA..

*Alessandra Bonassoli Prado** (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Vera Silvia Raad Bussab (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).
Daniela Bulow (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Indira Yasmini (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).*
Juraci Mendonça (Departamento de Psicologia Experimental; Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; São Paulo; SP).

,

O desenvolvimento de uma concepção de indivíduo ou de self resulta da interação do organismo em crescimento com outros seres humanos, na qual o meio social é assimilado. A relação de aprendizagem, dentro da perspectiva evolucionista, consiste na decodificação de informação de parceiros sociais significativos durante a fase de socialização, com consequências para o desenvolvimento de uma concepção inicial de self e um padrão de funcionamento interno. Uma matriz social básica é desenvolvida na inter-relação da criança com seus pares significativos (pais e outras pessoas) e diz respeito ao modo como o indivíduo percebe a si mesmos no contexto social mais amplo. Os indivíduos podem se perceber como independentes e autônomos em relação aos seus pares quanto às suas decisões, afetos e metas individuais, ou podem se perceber como inter-relacionados e dependentes. Esta matriz é modulada pelo modo como os pares, principalmente os progenitores, interagem com o bebê e a criança: atentando, respondendo aos sinais de desconforto e alegria (conforto), expressando calor emocional e contingência, por meio de sistemas universais de cuidado parental, como: cuidado primário, estimulação corporal, contato corporal, contato face a face, estimulação por objetos e envelope narrativo. Na fala dirigida à criança, ou pelo envelope narrativo, a mãe transmite seus modelos culturais, ou etno-teorias parentais. A presente proposta consiste na análise do discurso materno, em termos de orientação cultural para a interdependência e/ou autonomia, identificando possíveis correlações com variáveis do contexto sócio econômico e afetivo da mãe, como a depressão pós-parto, avaliada aos quatro

e 36 meses por meio da Escala Edimburgo. Este trabalho faz parte de um estudo interdisciplinar maior longitudinal, que segue uma amostra de díades mãe-criança atendidas pelo sistema público de saúde. A amostra foi composta de 90 mães com idade média de 25,72 anos (DP = 5,996) e escolaridade predominante de ensino médio (completo ou incompleto = 63,4%). Foram realizadas gravações de vídeo da interação da mãe-criança (aos 36 meses) por 10 minutos. O estilo do discurso foi classificado de acordo com categorias desenvolvidas por Heidi Keller, associadas ao conceito de Agência/Autonomia (ex: agência, avaliação, auto-referência, características pessoais, afirmação de necessidade) ou Relacionamento (ex: co-agência, referência à autoridade, contexto social, tratamento e crítica). Os escores correspondentes foram calculados pela soma das frequências das respectivas categorias, e controlados pelo número de emissões da fala materna. Houve predominância do estilo autônomo, a classificação média foi de 70.2% de emissões com autônomas versus 29.8% relacionais. Foi identificada correlação negativa entre o escore de DPP no puerpério e o percentual de emissões autônomas (r=-0,262; p=0,015). A importância deste resultado aponta para novas investigações de associações com outras variáveis socioeconômicas e, também, com diferentes aspectos do discurso materno, como fazer perguntas, dar informação, direcionar a atenção e diretivas de ação, em andamento no projeto mais amplo. A fala materna apresentou-se como um excelente recurso para análise da interação mãe-criança e reveladora sobre orientações culturais.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Palavras chaves: discurso materno; depressão pós-parto; aprendizagem social.
Doutorado D.
Área (classificação SBP): SMENTAL - Saúde Mental.

Sessão Coordenada: **Desenvolvimento sociocognitivo: As manifestações do pensamento e da linguagem da primeira infância ao ensino fundamental**

Os estudos sobre o desenvolvimento sociocognitivo, a forma como a criança tem manifestado suas escolhas, compreendido o pensamento, suas crenças e as crenças das outras pessoas tem sido alvo de crescente interesse. A linguagem, seja a oral ou a escrita, tem sido apontada como favorecedora do desenvolvimento das habilidades sociocognitivas. A escolarização, o ingresso da criança no ambiente educacional exige dela constante adaptação e ajustamento social. Nesse sentido a constituição da identidade da criança, as diferenças de gêneros levam as condutas imitativas, importantes para o início da vida social. A compreensão dos estados mentais do outro vislumbram uma importância aquisição sociocognitiva de ler a mente do outro , em outras palavras, entender o mundo e as representações mentais, além das próprias crenças. A habilidade de teoria da mente que se inicia na educação infantil, prediz o entendimento e a antecipação do comportamento do outro, habilidade cognitiva essencial para o convívio social. A entrada para o mundo letrado por meio da linguagem oral e escrita, se concretiza na compreensão da leitura. Nessa sessão coordenada pretende-se apresentar os resultados de alguns dos estudos experimentais realizados pelo grupo EIDEP Escolarização Inicial e Desenvolvimento Psicológico. A relevância social e educacional dessas pesquisas reside no fato de discutirem as manifestações do pensamento, linguagem e a aprendizagem de crianças, tanto de desenvolvimento típico quanto atípico, desde a primeira infância até o ensino fundamental.
Psicologia do Desenvolvimento

Manifestação da teoria da mente e da linguagem: desenvolvimento de uma criança autista.
Eliana Cristina Gallo Penna (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Criciúma, Criciúma); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo),
MANIFESTAÇÃO DA TEORIA DA MENTE E DA LINGUAGEM: DESENVOLVIMENTO DE UMA CRIANÇA AUTISTA Eliana Cristina Gallo Penna (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Criciúma, Criciúma); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo)
A presente pesquisa refere-se à manifestação da teoria da mente em uma criança autista, considerando sua linguagem e o acerto de tarefas de crença falsa. Nos últimos vinte anos, muitos esforços têm sido empreendidos no sentido de descobrir como ocorre o funcionamento da cognição social no autismo. Os achados dos diferentes estudos têm referido que há um déficit metarrepresentacional, que pode ser decorrente dos prejuízos qualitativos dos sintomas típicos do autismo nas áreas da linguagem, da interação social e do comportamento. Os resultados têm demonstrado que uma minoria destas crianças acerta as tarefas de teoria da mente. Esse estudo tem como objetivo investigar a habilidade de atribuição de estados mentais ao outro, em um procedimento baseado em linguagem. Essa criança do sexo masculino, com idade de 11 anos, aluno da 4ª série do ensino fundamental, foi acompanhada semanalmente, durante seis meses. Foi realizado um treinamento com sua mãe para que ela usasse narrativas de histórias infantis clássicas da Turma da Mônica, e que empregasse uma linguagem baseadas no uso de termos mentais e explicações dos estados mentais dos personagens, com o propósito de favorecer a capacidade de compreensão de estados mentais do outro. A teoria da mente foi avaliada em dois momentos do estudo, no pré-teste e no pós-teste, por meio da Escala da Teoria da Mente de Wellman e Liu. As sessões de treinamento foram feitas na casa da criança, uma vez por semana, as narrativas realizadas pelas mães, foram videogravadas e submetidas para tratamento e categorização de termos de atribuição de estados mentais. Os resultados demonstram que houve uma modificação da linguagem empregada pela mãe, ela passou a adotar uma linguagem explicativa, apontando as

idéias, crenças e emoções dos personagens, explorando de diferentes maneiras o pensamento e a linguagem dos personagens. Com uma maior ênfase a termos cognitivos e emocionais. A criança, no início do procedimento descrevia a ação dos personagens, em torno da décima semana passou a adotar termos e expressões que designavam os estados mentais dos personagens, com uso dos verbos mentais pensar e saber de forma significativa, o que está de acordo com os resultados de pesquisas realizadas com crianças de desenvolvimento típico. No que se refere ao desempenho nas tarefas de teoria da mente, verificou-se um aumento de acertos nas tarefas, do pré-teste para o pós-teste, com o acerto das duas tarefas de crença falsa. Ainda que não se possa afirmar, que essa criança tenha desenvolvido a teoria da mente, durante ao longo dos meses em questão, pode-se concluir as narrativas de histórias pautadas no uso de explicações mentais auxiliou a atribuição de estados mentais aos personagens das histórias. As interações linguísticas entre mãe e filho foram importantes para a compreensão de que as outras personagens e pessoas podem apresentar idéias, pensamentos e crenças divergentes dessa criança. Do ponto de vista social e educacional, espera-se que práticas de interações sociais e linguísticas aplicadas nos diferentes contextos, possam ser favorecedoras no desenvolvimento sociocognitivo de crianças autistas.
Apoio financeiro: CAPES
Palavras-Chave: teoria da Mente; linguagem; autismo.
Nível do trabalho: Doutorado
DES-Psicologia do Desenvolvimento

O desenvolvimento sociocognitivo na educação infantil. *Adriana Soares Freitas de Souza (Universidade Braz Cubas, São Paulo; Pontifícia Universidade Católica, São Paulo); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo),*
O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Adriana Soares Freitas de Souza (Universidade Braz Cubas, São Paulo; Pontifícia Universidade Católica, São Paulo); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo)
A pesquisa tem origem na hipótese segundo a qual a compreensão de estados mentais das outras pessoas, vista como importante dimensão do desenvolvimento sociocognitivo, pode ser favorecida por meio de intervenções utilizando a linguagem. Foi utilizado um procedimento em três fases pré-teste, intervenção, pós-teste com um grupo de 10 crianças (6 meninos e 4 meninas), com idade de 4,9 a 5,11 anos, provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade social. No pré-teste foram aplicadas uma prova de nível verbal e as cinco primeiras tarefas em teoria da mente da escala de Wellman e Liu. Como intervenção foram realizadas quatro sessões lúdicas, em encontros individuais entre a pesquisadora e a criança, com narração de histórias que envolviam compreensão e atribuição de estados mentais aos personagens, com ênfase no uso de verbos mentais e personagens das tarefas clássicas de teoria da mente. No pós-teste1, realizado no dia seguinte à última intervenção, foram reaplicadas as cinco tarefas do pré-teste; no pós-teste2, realizado após duas semanas do pós-teste1, foram utilizadas as mesmas tarefas. Os resultados mostraram que as crianças progrediram na compreensão social e atribuição de estados mentais ao outro. Conclui-se que as estratégias de conversação empregadas favoreceram avanços no desenvolvimento da teoria da mente e que esses avanços se mantiveram após algumas semanas da intervenção. São feitas considerações sobre a implicação dos resultados para a educação infantil.
Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: teoria da mente; crença falsa; educação infantil.
Nível do trabalho: Mestrado
DES-Psicologia do Desenvolvimento

A compreensão da leitura em um grupo de alunos da 4ª série do ensino fundamental.. *Marcella Meirelles Ardito (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP).,*

A COMPREENSÃO DA LEITURA EM UM GRUPO DE ALUNOS DA 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL. Marcella Meirelles Ardito (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica - São Paulo/SP).

A alfabetização é um tema muito estudado e discutido, uma vez que ler e escrever são fatores primordiais para se viver em uma sociedade letrada. Estudos da linguagem escrita com base na metalinguagem ainda são muito recentes no Brasil. Entende-se que a compreensão da leitura é possível por meio da decodificação, embora sejam necessários também outros fatores como a consciência fonológica, sintática e semântica. A decodificação juntamente com a identificação de palavras auxilia a compreensão da leitura, porem enquanto a leitura não estiver automatizada será necessário um trabalho interventivo que auxilie na compreensão do que foi lido. A presente pesquisa tem como objetivo verificar a habilidade de compreensão de palavras, frases e texto, comparando os resultados obtidos nas tarefas de compreensão de palavras, frases e texto. Trabalhou-se com a hipótese de que tais alunos já tivessem adquirido domínio em relação à compreensão da leitura de palavras, de frases e de texto. Para tal questiona-se, como se apresenta a compreensão da leitura de palavras, frases e texto em um grupo de crianças da 4ª série do ensino fundamental? Entre as diferenças observadas nas habilidades de compreensão de leitura, quais delas estão relacionadas ao tipo de escola frequentada? Este estudo foi realizado em duas escolas públicas municipais da região leste da cidade de São Paulo. Participaram 150 alunos da antiga 4ª série do ensino fundamental, com idade média entre 10 e 13 anos. Foram aplicadas três tarefas, sendo elas: tarefa de reconhecimento de palavras, de compreensão de frases e de compreensão de texto. Todas tarefas foram corrigidas, pontuadas e submetidas a teste estatístico do tipo T Student. Os achados mostram diferenças significativas em relação a compreensão da leitura, em todas as tarefas aplicadas, de palavras, frases e texto. Embora em ambas as escolas, os alunos pesquisados apresentam defasagem em relação à compreensão da leitura, tendo como base as Orientações Curriculares do Município de São Paulo, porém a escola Francisca conseguiu atingir melhores resultados em todas as tarefas em relação à escola Maria. Concluiu-se, que tais dados apontaram que, muitas crianças ainda necessitam de um suporte em relação à aprendizagem da linguagem escrita mesmo estando na antiga 4ª série do ensino fundamental. Alguns alunos apresentaram evolução na aquisição da linguagem escrita, enquanto outros mostraram oscilações em relação à compreensão da leitura. Tal pesquisa se mostra relevante, uma vez que as habilidades de ler e escrever são necessárias para uma aprendizagem significativa tanto no ambiente escolar quanto na vida social. Afinal, o indivíduo vive em uma sociedade letrada, em que o uso da linguagem escrita é fator primordial para aquisição de outros conhecimentos. Espera-se então, que desta forma esta pesquisa auxilie em outros estudos na área de compreensão da leitura, para favorecer um novo olhar para profissionais da educação.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: linguagem escrita; compreensão da leitura; ensino fundamental.

Nível do Trabalho: Mestrado

DES - Psicologia do Desenvolvimento

A aquisição da identidade de gênero na primeira infância. *Simone Priscila Paludeto (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Ensino); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo).,*

A AQUISIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA PRIMEIRA INFÂNCIA. Simone Priscila Paludeto (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Escola Superior de Ensino); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo).

A presente pesquisa apresenta os resultados de um estudo realizado com crianças pequenas. O propósito desse estudo foi investigar as manifestações de identidade de gênero em crianças de 21 a 30 meses de idade, sob a influência da companhia de outra criança do mesmo sexo ou do sexo oposto. Nesta investigação, foram procuradas evidências de um corpo coerente de comportamentos relacionados ao gênero masculino e feminino. O estudo trabalhou com duas hipóteses: a de que as crianças são influenciadas, durante a escolha e a manipulação de objetos, pelo sexo da criança parceira; e a de que, se essa referência de gênero existe entre meninos e meninas, a manifestação de comportamentos imitativos será influenciada pelo gênero da criança parceira. Para a verificação dessas hipóteses, foram formadas três díades de crianças do mesmo gênero e três díades de crianças mistas. Essas díades foram colocadas diante de objetos considerados apropriados ao gênero masculino e de objetos considerados apropriados ao gênero feminino e suas escolhas e imitações filmadas. Foram analisadas as escolhas das crianças, sua linguagem, os comportamentos imitativos e o tempo de manipulação dos objetos. O estudo demonstrou que houve influência da criança parceira nas escolhas e nas manipulações de objetos. A frequência de escolha e manipulação de objetos femininos pelos meninos aumentou em díades mistas. No que se refere à imitação, os meninos mostraram uma tendência maior em imitar as meninas do que as meninas em imitar os meninos. O estudo concluiu que, meninos e meninas fizeram escolhas de brinquedos considerados culturalmente apropriados ao seu sexo típico.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-Chave: identidade de gênero; diferenças de gênero; primeira infância.

Nível do trabalho: Mestrado

DES - Psicologia do Desenvolvimento

Sessão Coordenada: **Desenvolvimento, sociossexualidade e satisfação nos relacionamentos românticos**

A compreensão dos relacionamentos românticos é uma área de estudo estimulante e ao mesmo tempo desafiadora dada a sua complexidade. A cada pesquisa desenvolvida, tenta-se ampliar o olhar sobre os diversos fatores envolvidos nas preferências, escolhas e manutenção dos relacionamentos. A utilização de um referencial evolucionista tem acrescido de forma consistente argumentos para elucidar alguns aspectos dos relacionamentos românticos. Nessa direção, a proposta que trazemos para a presente sessão coordenada é a de incluir, dentre tais fatores, o desenvolvimento e a orientação sociossexual para compreender mais a fundo a escolha, a satisfação nos relacionamentos, bem como a própria experiência do amor. Os trabalhos que constituirão a sessão coordenada irão: 1) discutir o desenvolvimento do padrão de escolhas de parceiros, abordado na proposta de Lopes et al., numa caracterização dos padrões observados em adolescentes em Natal (RN); 2) compreender até que ponto a experiência do amor pode ser influenciada pela orientação sociossexual, na proposta de Shiramizu et al.;3) identificar elementos que conduzem à satisfação marital em homens e mulheres, na discussão de Rebello e Brito; e 4) comparar as semelhanças entre homessexuais e heterossexuais quanto à sociossexualidade, com a proposta de Fernandes et al. É nosso objetivo, portanto, com a presente proposta, ampliar a discussão nesse campo de conhecimento, com o acréscimo dos fatores supracitados, utilizando um referencial evolucionista, bem como permitir uma comparação dos estudos desenvolvidos em nosso país com as propostas apresentadas em âmbito internacional, uma vez que bem sabemos, que apesar de sermos primatas, e apresentarmos tendências comportamentais organizadas segundo nossa biologia, somos seres sociais, inseridos culturalmente, e que podem ter sua noção de relacionamento organizada de acordo com regras sociais diferentes.
Psicobiologia e Neurociências

CAMINHANDO PARA A VIDA ADULTA: DESENVOLVIMENTO DE PADRÕES DE ESCOLHA DE PARCEIRO ENTRE ADOLESCENTES. *Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Felipe Nalon Castro** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Anthonieta Looman Mafra** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Maria Emília Yamamoto (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Wallisen Tadashi Hattori (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
Numerosos estudos têm investigado a universalidade dos padrões de escolha de parceiros e diferenças sexuais têm sido bem documentadas. No entanto, estudos sobre adolescência são raros, embora sejam de grande importância para compreender o desenvolvimento desses padrões no início da idade reprodutiva. Participaram desta pesquisa de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE pelos pais/responsáveis, 659 adolescentes de duas escolas públicas (Escolas Estaduais Atheneu Norte Riograndense e Desembargador Floriano Cavalcanti) de Natal-RN. Deste total, foram 482 meninas (média de idade 15,37±1,48) e 177 meninos (média de idade 15,79±1,50). Os adolescentes responderam a um questionário indicando o sexo e a idade e uma escala Likert de cinco pontos para avaliação da importância de 21 características em parceiros ideais para relacionamentos de curto e de longo prazo. Os sujeitos foram divididos em três faixas etárias: 12-14 anos, 15-16 anos e 17-19 anos. Para cada

sexo, fizemos um Modelo Linear geral [GLM] Univariado, utilizando como variáveis dependentes a avaliação das 21 características e como variável independente a faixa etária dos sujeitos; o teste post hoc de Bonferroni foi aplicado. Quando idealizaram parceiros de curto prazo, somente as meninas apresentaram variação na avaliação da importância de determinadas características: as adolescentes de 12-14 anos avaliaram como mais importante que as de 17-19 anos a característica Gosto por festa (F(2, 462)=7,04; p=0,001); as adolescentes de 15-16 e 17-19 anos avaliaram como mais importante que as de 12-14 anos a característica Desejo por casamento e filhos (F(2, 469)=4,84; p=0,008); as adolescentes de 17-19 anos avaliam como mais importante que as de 12-14 e 15-16 anos as características Ambição e disposição ao trabalho, Bom humor, Boas perspectivas financeiras, Educação e inteligência (F(2, 455)≥3,63; p≤0,027). Quando idealizaram parceiros de longo prazo, as meninas apresentaram variação na avaliação da importância de determinadas características: as adolescentes de 12-14 anos avaliaram como mais importante que as de 15-16 e 17-19 anos a característica Castidade (F(2, 458)=5,39; p=0,005); as adolescentes de 12-14 anos avaliaram como mais importante que as de 17-19 anos a característica Gosto por festa (F(2, 459)=5,55; p=0,004); as adolescentes de 15-16 anos avaliaram como mais importante que as de 12-14 anos a característica Fidelidade (F(2, 462)=5,06; p=0,007); as adolescentes de 17-19 anos avaliaram como mais importante que as de 12-14 e 15-16 anos as características Boas perspectivas financeiras (F(2, 468)=3,56; p=0,029). Os meninos apresentaram variação na avaliação da importância apenas da característica Boas perspectivas financeiras: os adolescentes de 15-16 e 17-19 anos avaliam este traço como mais importante que os de 12-14 anos (F(2, 170)=3,74; p=0,026). Esses padrões sugerem que as meninas, durante a adolescência, já se apresentam mais exigentes quando comparadas com os meninos, além de apresentarem preferências para curto e longo prazo semelhante à preferência dos adultos conforme ficam mais velhas. O mesmo não foi observado para os meninos, que mostraram quase nenhuma alteração nos padrões de preferências românticas. Este estudo acrescenta evidências sobre o desenvolvimento do comportamento reprodutivo e nos fornece pistas sobre a história natural da escolha de parceiros em nossa espécie.

Apoio: UFRN, CNPq, CAPES
Palavras-chave: comportamento reprodutivo, relacionamentos românticos, perspectiva evolucionista.
Nível do trabalho: P
Código da área da psicologia: BIO

ENVOLVER-ME, EU? COMPREENDENDO A EXPERIÊNCIA DO AMOR EM FUNÇÃO DA ORIENTAÇÃO SOCIOSSEXUAL. *Victor Kenji M. Shiramizu** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Maria Helena C. Spyrides (Departamento de Estatística, Programa de Pós-graduação em Ciências Climáticas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
Os relacionamentos românticos, descritos em vários contextos culturais, parecem extrair as mais variadas emoções, levando pessoas à mentir, enganar, roubar e até matar em seu nome. Diversas teorias buscam compreender o motivo pelo qual alguns indivíduos envolvem-se de forma tão intensa num relacionamento romântico, enquanto outros demonstram pouco ou nenhum envolvimento. Dentro da psicologia cognitiva, a Teoria Triangular do Amor de Sternberg afirma que Intimidade, Paixão e Decisão/Comprometimento são componentes centrais para o desenvolvimento do amor na sua forma completa. Dentro da perspectiva evolucionista, a Teoria do Investimento Parental justifica essas diferenças pelo fato de que

homens apresentam um investimento mínimo e opcional na prole, já mulheres apresentam um investimento maciço e obrigatório. Isso levaria homens a evitarem o comprometimento, buscando maximizar o acesso a várias parceiras sexuais. Já mulheres tenderiam a apresentar maiores níveis de intimidade junto ao parceiro, como forma de fazer com que o mesmo se envolvesse emocionalmente. Entretanto, avaliando o perfil de Orientação Sociossexual, podemos averiguar também a variação individual em relação ao tipo de estratégia reprodutiva adotada, o que pode influenciar na experiência do amor. Assim, este trabalho teve como objetivo verificar se o tipo de estratégia reprodutiva adotada pelo indivíduo poderia influenciar na experiência do amor. Participaram desse estudo 137 indivíduos, sendo 44 homens e 93 mulheres, os quais estavam envolvidos em um relacionamento romântico durante a pesquisa. Os participantes completaram um questionário sociodemográfico, a Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) e o Inventário de Orientação Sociossexual (IOS). Os resultados demostraram que mulheres apresentando uma orientação sociossexual restrita apresentaram níveis significativamente superiores nos componentes Intimidade, Paixão e Decisão/Comprometimento quando comparadas àquelas com orientação sociossexual irrestrita. Já homens com uma orientação restrita diferiram dos irrestritos nos componentes Paixão e Decisão/Comprometimento, apresentando maiores níveis nos componentes citados. Sugerimos que, independente da orientação sociossexual, homens apresentam baixos níveis de Intimidade nas relações românticas como uma estratégia para evitar envolvimento emocional e, assim, maximar o sucesso reprodutivo. Mulheres com uma sociossexualidade irrestrita apresentam características que apontam para a organização de uma estratégia reprodutiva de curto prazo, com baixos níveis de envolvimento emocional e comprometimento. Dessa forma, podemos demonstrar como a Orientação Sociossexual pode estar direcionando, de certa forma, o modo como indivíduos envolvem-se e experienciam os relacionamentos românticos. Uma vez que o amor é um fenômeno multidimensional, sugerimos que pesquisas futuras possam ser realizadas, buscando incluir variáveis fisiológicas, além de outras comportamentais, para assim integrar teorias sociais e biológicas.
Apoio: UFRN, CAPES
Palavras-chave: relações românticas, orientação sociossexual, perspectiva evolucionista.
Nível do trabalho: M
Código da área de Psicologia: BIO

IDENTIFICANDO A SATISFAÇÃO CONJUGAL DE HOMENS E MULHERES RESIDENTES NO PARÁ.

*Keila do Socorro da Silva Rebello** (Núcleo em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA)*
Regina Célia de Souza Brito (Núcleo em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA),

Neste estudo investigamos as percepções que homens e mulheres têm de seus relacionamentos conjugais. Estas percepções seriam parte dos mecanismos de monitoramento da satisfação com o relacionamento, de acordo com a Psicologia Evolucionista, referencial téorico utilizado neste trabalho, baseado fundamentalmente na teoria evolutiva darwinista. Especificamente, nosso objetivo foi verificar de que forma os homens e mulheres casados ou em união estável, residentes na região metropolitana de Belém, avaliam a qualidade de seu relacionamento conjugal atual. Utilizando a escala MARQ como instrumento de medida de satisfação conjugal, tanto os homens quanto as mulheres apontaram o ciúme sexual como fator mais importante para a satisfação conjugal - para 99% das mulheres e 98% dos homens - o que indica a preocupação de ambos com a fidelidade do parceiro. Como segundo fator mais

importante, foi apontada a conciliação - por 94% das mulheres e por 93% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de assertividade no contexto de seus relacionamentos. Como terceiro fator mais importante, foi apontada a detecção de problemas com o relacionamento - por 96,5% das mulheres e 95% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de comprometimento do parceiro com o relacionamento conjugal. Utilizando estatística descritiva, encontramos que, dos 100 homens e das 100 mulheres participantes desta pesquisa (N=200), 86% deles avaliaram como satisfatórios seus relacionamentos conjugais, cuja duração média foi 12,62 anos, a maioria oriundos da classe média, segundo a escala Hollinshead, utilizada para avaliar o status socioeconômico dos participantes. A média de idade dos homens em 39,9 anos e das mulheres de 37,08. Os homens tiveram, em média, rendas ligeiramente mais altas que suas esposas e estas por sua vez tiveram, em média, seus níveis de escolaridade ligeiramente maior que os de seus maridos, concentradas na graduação e pós-graduação, enquanto que eles concentrados no ensino médio e técnico. Estas diferenças encontradas nas características sociodemográficas entre os sexos estão de acordo com os pressupostos teóricos da Psicologia Evolucionista relacionados às preferências na seleção de parceiros para homens e mulheres. O ciúme estaria influenciando fortemente o comportamento amoroso de homens e mulheres paraenses. Diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos foram bastante diluídas entre os fatores e não afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento. Ainda que milhares de anos tenham decorrido entre a seleção dos mecanismos psicológicos como o do amor, do ciúme e do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/conjugal, estes mecanismos continuam proporcionando adaptabilidade aos hominíneos na contemporaneidade, especialmente na manutenção de parcerias amorosas.
Apoio: UFPA
Palavras-chave: satisfação conjugal, mecanismos psicológicos, psicologia evolucionista.
Nível do trabalho: M
Código da área da Psicologia: BIO

HETEROSSEXUAIS QUEREM, MAS NÃO PODEM: SEMELHANÇAS EM DIMENSÕES DA SOCIOSSEXUALIDADE ENTRE HETEROSSEXUAIS E HOMOSSEXUAIS. *Heitor Barcellos Ferreira Fernandes* (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
*Jean Carlos Natividade** (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),
Os homossexuais geralmente são descritos como pessoas com menor restrição sociossexual, especialmente homossexuais homens. Há hipóteses evolucionistas que sustentam que a maior restrição sexual entre os heterossexuais ocorre em função da limitação exercida pelas mulheres para o engajamento em relações sexuais. Não foram encontrados estudos sobre a menor restrição sexual dos homossexuais em aspectos para além daqueles comportamentais, tais como atitudes e desejo. Os poucos estudos que abordaram as possíveis origens evolutivas de comportamentos homossexuais sugerem histórico de seleção positiva, porém não de forma que altere a sociossexualidade. Há também evidências em outras espécies, pouco exploradas em humanos, de que comportamentos homossexuais podem funcionar como facilitadores da formação e manutenção de alianças. Tendo em vista essas lacunas no entendimento da orientação sexual, o primeiro objetivo deste estudo foi testar a hipótese de que não há diferenças entre homossexuais e heterossexuais nas dimensões da sociossexualidade relacionadas a atitudes e desejo. O segundo objetivo foi testar a hipótese de maior investimento em amigos entre os homossexuais, considerando-se isso como um facilitador da

formação e manutenção de alianças. Participaram 136 homens, sendo 69,9% heterossexuais, e 338 mulheres, sendo 95,6% heterossexuais. Não houve diferenças de idade entre sexos, em geral, a média foi de 26,7 anos. Os participantes responderam um questionário online contendo a Escala de Orientação Sexual, Inventário de Sociossexualidade, Escala de Valor de Mercado no Amor, Escala de Estratégias de História de Vida. Ao se testarem diferenças entre os heterossexuais e homossexuais, verificou-se que entre os homens não houve diferenças nas dimensões da sociossexualidade relacionadas à atitude e desejo sexual. Contudo, na dimensão comportamental os homossexuais mostraram-se menos restritos que os heterossexuais. Já entre as mulheres, as homossexuais mostraram-se menos restritas nos fatores da sociossexualidade relacionados à atitude e desejo. Quanto à dimensão comportamental, as diferenças não foram significativas. Também não houve diferenças entre homossexuais e heterossexuais, tanto homens quanto mulheres, para os escores de valor de mercado e estratégias de história de vida. Verificou-se que, entre os homens, os homossexuais julgaram-se menos entusiasmados por sexo e emocionalmente estáveis que os heterossexuais. Além disso, os homossexuais afirmaram dar e receber mais apoio emocional dos amigos. Já entre as mulheres, as homossexuais julgaram-se mais leais, tendo mais contato e dando mais apoio emocional aos amigos. Curiosamente, tanto para homens quanto para mulheres, a avaliação sobre a qualidade do relacionamento com o pai na infância foi menor para os homossexuais. Os resultados suportam a hipótese de que as diferenças entre homens heterossexuais e homossexuais observadas no comportamento sociossexual são devidas à limitação exercida pelas mulheres às relações sexuais. Os achados para a sociossexualidade entre as mulheres homossexuais e heterossexuais permitem, por enquanto, apenas sugerir que as homossexuais têm padrões mais próximos dos homens. Por fim, o maior investimento reportado por homossexuais aos seus amigos, em ambos os sexos, é sugestivo de que uma função social (o fortalecimento de alianças) foi selecionada associadamente a comportamentos sexuais. As evidências encontradas neste estudo fortalecem hipóteses evolucionistas pouco exploradas a respeito da sexualidade humana.

Apoio: CNPq, CAPES
Palavras-chave: homossexualidade, orientação sociossexual, alianças.
Nível do trabalho: IC
Código da área de Psicologia: BIO

Sessão Coordenada: **DIMENSÃO ÉTICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

A construção de uma cultura inclusiva implica mudanças paradigmáticas no sentido de um enquadramento ético para relações assimétricas de poder. Consideramos que nenhuma mudança paradigmática se dá sem a mudança do self - mediador entre conhecimento e práticas - entendido como estrutura semiótica, criada por meio da ação na esfera dos significados, em relação dialógica entre os interlocutores. Nesse sentido, o grande desafio é pensar contextos que favoreçam a configuração do self implicando uma dimensão ética no processo de desenvolvimento humano. Desenvolvimento humano está entendido como processos de transformações que ocorrem na interação Eu-Outro, marcadas pelas negociações de significados que se concretizam nessas interações no contexto cultural, e pelas diferentes relações de poder nessas interações. A ética está sendo definida como a colocação do outro no primeiro plano da ação assente na solidariedade, justiça e responsabilidade. Nesse sentido, ela implica o engajamento em um processo de reflexão com vistas à melhor decisão, considerando todos os elementos implicados na situação, e todos aqueles passíveis de serem afetados pela ação. Ética está sendo definida, também, como a exploração de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, de modo que a liberdade implicada na ética é um instrumento para o futuro, não apenas uma escolha entre alternativas dadas. O foco dos trabalhos apresentados nesta sessão são os contextos e as interações favorecedoras da emancipação de seus membros. O objetivo é ampliar a compreensão sobre quais contextos favorecem o desenvolvimento de uma cultura inclusiva e de seres humanos eticamente perspicazes e sensíveis ao estabelecimento de relações solidárias, justas e responsáveis. O primeiro trabalho apresenta pesquisa realizada com estudantes universitários que atuaram como voluntários em uma comunidade soropositiva situada nas imediações de Brasília, enfocando o impacto da atuação voluntária nas identificações dos estudantes segundo seus relatos. A segunda pesquisa foi realizada com estudantes universitárias de graduação e pós-graduação na modalidade EaD, por meio de entrevistas semi-estruturadas e relatos de vida, demonstrando mudanças na estrutura identitária, especialmente, na forma como elas se posicionam no mundo após e durante vivência dos cursos on-line. A terceira pesquisa, sobre planejamento de futuro por parte de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas numa cidade satélite do Distrito Federal, enfoca a percepção de seis adolescentes sobre onze oficinas coordenadas por estudantes universitários sobre os temas: planejamento de futuro e motivações para o estudo. A quarta pesquisa aborda o programa Agenda Cultural, criado em 2010, na Faculdade UnB Planaltina, com o objetivo de oportunizar a visita e participação de estudantes de diversos cursos de graduação a exposições, espetáculos, eventos culturais e visitas a espaços ligados ao turismo cívico e turismo convencional no Distrito Federal; o foco foi avaliar se o programa tem atendido seus objetivos e identificar novas demandas e interesses dos estudantes. Os resultados indicam a possibilidade de construção de contextos universitários favorecedores de uma cultura inclusiva e do desenvolvimento de um ser humano com mais habilidade para o exercício da cidadania em contextos diversos, complexos e fluídos.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano; Ética; Contexto Universitário.

Psicologia do Desenvolvimento

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS RELACIONADAS À EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO UNIVERSITÁRIO: A DIMENSÃO ÉTICA. *Maria do Amparo de Sousa (Universidade Católica de Brasília UCB, Taguatinga, DF) ,*

Voluntariado é definido neste trabalho como uma forma de solidariedade que direciona atuações diferenciadas do indivíduo no coletivo, implicando justiça e responsabilidade com o outro, consigo mesmo, e com a sociedade. Ética implica uma reflexão com vistas à melhor escolha, considerando todos os elementos envolvidos na situação e todos, próximos e distantes no espaço e no tempo, passíveis de serem afetados pela ação. Ela se configura, neste estudo, pela tendência a posicionar o outro no primeiro plano da atuação assente na solidariedade, justiça e responsabilidade. A solidariedade está relacionada à construção e reconhecimento da intersubjetividade, experimentada como a capacidade de ver o outro como tendo capacidade de reciprocidade, de troca, de produção de conhecimentos e significados, e de realização conjunta. A justiça tem a ver com os critérios adotados no uso do poder, que neste estudo implica um modo de relação possibilitador de igualdades, abridor de novos caminhos, que flexibiliza fronteiras, e assume características capacitantes. A responsabilidade decorre da aptidão inerente à condição humana de poder escolher entre alternativas de ação com saber e vontade. Admitindo-se o imperativo de que o poder leva consigo o dever, e que, na medida em que meus atos afetam o outro, ele se torna objeto da minha responsabilidade, é no âmbito da responsabilidade, da necessária resposta à demanda de um outro, que encontramos a dimensão ética por excelência. Além de orientado para as expectativas e demandas externas, o significado de responsabilidade se refere a uma relação especial que a pessoa tem com a própria subjetividade, quando ela faz a si mesma responsável por comportar-se moralmente, dentro dos limites do seu entendimento. Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada com estudantes universitários que atuaram em uma comunidade soropositiva situada nas imediações de Brasília. A pesquisa enfoca o impacto da atuação de responsabilidade social nas identificações dos estudantes segundo seus relatos, analisados na perspectiva ética. A prática se deu ao longo de um semestre no âmbito da disciplina Ética, organizada em três eixos - introdução ao estudo da ética, visão histórica, e a práxis em temas éticos contemporâneos - e tem como foco a formação humanística do universitário. A metodologia de ensino inclui a realização de projetos de extensão em equipes multiprofissionais, aproveitando que a disciplina congrega variados cursos. Os resultados corroboram estudo anterior indicando que a experiência de voluntariado favorece posicionamentos de: (a) complexificação dos elementos considerados para decisão; (b) flexibilização de posicionamentos e superação de preconceitos diversos; e (c) interatuação dessas tendências em outras dimensões da vida. Esses posicionamentos, por sua vez, indicam o potencial das experiências de responsabilidade social para favorecer o desenvolvimento de um ser humano mais reflexivo no seu fazer social e profissional, mais sensível para estabelecer formas solidárias de sociabilidade e maior capacidade para propor e realizar intervenções em seu entorno sociocultural.

Palavras-chave: Voluntariado; Ética; Formação universitária.
Nível do trabalho: D
Código da pesquisa: DES

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): A CONSTRUÇÃO DE REDES SOLIDÁRIAS PARA ALÉM DO CONTEXTO WEB. *Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Lucas Benevides Lima Ribeiro (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Mayara Cristina de Medeiros Leite (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*

,

Neste trabalho discutimos o conceito de comunidades de aprendizagem a partir de estudos teóricos e empíricos assente na solidariedade como construção e reconhecimento da intersubjetividade. Há na literatura, três concepções de comunidades de aprendizagem

quando se trata de educação a distância: (a) comunidades de aprendizagem como um grupo de estudantes que se encontram virtualmente para cooperarem em suas atividades acadêmicas; (b) comunidades de aprendizagem como um espaço de encontro de diferentes grupos virtuais, por exemplo, estudantes de diferentes escolas/turmas/estados etc, com o objetivo comum de construção coletiva; e (c) comunidades de aprendizagem como uma rede de interação e de aplicação do conhecimento discutido e aprendido no espaço virtual que transcende a própria comunidade autora daquele conhecimento, possibilitando a geração de novas comunidades de construção e divulgação do conhecimento. Do ponto de vista da solidariedade como reconhecimento e atuação da/na reciprocidade, todos os conceitos de comunidade de aprendizagem parecem apontar para a formação de redes solidárias, na medida em que posicionam seus participantes para a atuação com e para o grupo ao qual está vinculado. No entanto, damos foco à terceira concepção de comunidade de aprendizagem, por acreditarmos que ela seja especialmente valorosa no que diz respeito à prática da solidariedade. Duas pesquisas realizadas com estudantes universitárias de graduação e pós-graduação na modalidade EaD, por meio de entrevistas semi-estruturadas e relatos de vida, tem demonstrado mudanças na estrutura identitária, especialmente, na forma como as estudantes se posicionam no mundo após e durante vivência dos cursos on-line. Por exemplo, as estudantes passaram a usar as tecnologias de informação e comunicação para se comunicar com parentes que moravam distantes de suas localidades; mudaram suas práticas profissionais, desenvolvendo projetos inovadores a partir das mediações que construíram com os professores e colegas do curso on-line, ou ainda, modificaram sua forma de se verem no mundo na medida em que se posicionavam como universitárias. Os resultados da pesquisa teórica e empírica evidenciaram as comunidades de aprendizagem como espaços de construção de si, do outro e das possibilidades que emergem nesses encontros e desencontros sociais, já que as comunidades não integram apenas o que é comum, mas, ao contrário, congregam semelhanças e diferenças que podem, inclusive, terem emergido da convivência no espaço da própria comunidade e que geram, num espaço de aprendizagem como o ambiente virtual de aprendizagem, ricas possibilidades de trocas oportunizadas pelo encontro de diferentes zonas de desenvolvimento proximal.

Palavras chave: identidade, comunidades de aprendizagem, solidariedade.
Nível do trabalho: P
Código da pesquisa: DES

PLANEJAMENTO DE FUTURO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO DE ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS. *Gislâine Cardoso Cláudio* (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Fernando Barboza Granjeiro * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Helena Barroso da Silva * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Ilda Rodrigues da Silva * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Patrícia Rodrigues da Silva * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Renato Lopes Barbosa (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

A psicologia sociocultural entende o desenvolvimento humano como transformações que ocorrem na interação Eu-Outro imersos na cultura. Assim, a adolescência só pode ser compreendida como um fenômeno complexo, a partir do contexto sociocultural em que ela é vivenciada. Pesquisas sobre adolescência e motivação têm evidenciado que os adolescentes têm dificuldades de planejar seus futuros. No contexto das medidas socioeducativas, o planejamento de futuro por parte dos adolescentes costuma ser inexistente ou de curto prazo,

haja vista a condição de internação dos adolescentes em conflito com a lei. Esta pesquisa apresenta resultados de um estudo realizado com seis adolescentes que cumprem medidas socioeducativas numa cidade satélite do Distrito Federal sobre a percepção deles sobre onze oficinas executadas por estudantes universitários sobre os temas: planejamento de futuro e motivações para o estudo. As oficinas tiveram como mediadores jogos, textos e dinâmicas de grupo. A última atividade do projeto foi a visita dos adolescentes à universidade, para participação de oficinas de física, química, biologia e geologia e palestras sobre os cursos superiores da unidade, além de debates sobre os benefícios de ser universitário. Sobre a pesquisa, a metodologia que permitiu a construção dos dados foi a qualitativa. Para a construção de dados, o grupo de pesquisadores construiu um roteiro de entrevista que foi mediador de entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes. A construção dos dados foi feita na Unidade de Internação e realizada individualmente. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para concretizar as oficinas e a pesquisa, o grupo de pesquisadores obteve autorização da diretora da unidade e da Vara da Infância e Juventude responsável pelos adolescentes. Para análise de dados, o grupo utilizou a análise temática dialógica que compreende três fases: leitura intensiva dos textos, construção dos temas individuais e construção dos temas grupais. Os resultados evidenciaram: (a) dificuldade de frequência dos adolescentes nas oficinas; (b) dificuldade de presença de adolescentes de gangues diferentes; (c) satisfação de terem participado de atividades na universidade e (d) desejo de continuar as atividades, especialmente, se elas acontecerem fora da unidade de internação. As oficinas, se expandidas em horários, frequência e temáticas, podem se tornar espaços ricos de troca de experiências, ressignificação da identidade desses adolescentes e de geração de estratégias de superação da condição de excluídos sociais.
Palavras chave: adolescente, identidade, inclusão, medidas socioeducativas.
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

INCLUSÃO, EDUCAÇÃO SUPERIOR E IDENTIDADE PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA AGENDA CULTURAL. *Daniella Fernandes Linhares * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Fabiana Miranda de Souza * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
*Milena Fernandes Sales de Oliveira * (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

Neste trabalho discutimos o programa Agenda Cultural a partir da visão de seus participantes: estudantes universitários. Os estudos de identidade profissional evidenciam que as experiências na educação superior devem ir além das mediações de conhecimentos técnico-científicos. Nesse sentido, a psicologia do desenvolvimento, por compreender a pessoa completa, oportuniza reflexões e propostas de atuação na educação superior que prevejam a participação ativa do estudante em múltiplos espaços de aprendizagem que não só a sala de aula. As experiências de formação humana, nesse contexto, são compreendidas como atividades fundamentais para a construção de posicionamentos profissionais éticos, solidários e sensíveis à diversidade. O programa Agenda Cultural foi criado em 2010, na Faculdade UnB Planaltina, com o objetivo de oportunizar a visita e participação de estudantes de diversos cursos de graduação a exposições, espetáculos de teatro/dança/música, mostras de cinema, entre outros eventos culturais e, também, visitas a espaços ligados ao turismo cívico e turismo convencional no Distrito Federal. Os espaços não formais de aprendizagem desafiam os estudantes a se posicionarem de forma diferente do contexto convencional da universidade, em função da diversidade de linguagens, profissionais, áreas de conhecimento e de interações

que transcendem o espaço convencional dos seus próprios cursos. O programa oportuniza a inclusão dos estudantes universitários de um campus inclusivo em espaços não formais de aprendizagem diversos. Para tanto, divulga e operacionaliza visitas a eventos culturais e espaços públicos ligados ao turismo cívico e ecológico do Distrito Federal. Este trabalho consistiu na realização de pesquisa quantiqualitativa, on-line, para avaliar se o programa tem atendido seus objetivos e identificar novas demandas e interesses dos estudantes. O link do formulário foi encaminhado por email e divulgado nas redes sociais específicas dos cursos e nas disciplinas do moodle (ambiente virtual de aprendizagem) onde ocorre a divulgação dos eventos. Para a análise, foi utilizada estatística descritiva para os dados quantitativos e análise temática dialógica para os dados qualitativos. Os resultados indicaram que as maiores motivações para a participação dos estudantes no programa são: oportunidade de acesso a conhecimentos e experiências novas e o transporte ofertado pela universidade. Os benefícios apontados foram: novos aprendizados e ampliação das experiências culturais e interações sociais. O desafio apontado pelos estudantes foi a divulgação, para a qual sugerem: criação de grupo no facebook e maior antecedência. A pesquisa permitiu concluir que o programa atingiu seu principal objetivo - oportunizar experiências culturais diversas para os estudantes universitários, mas que precisa ser aprimorado quanto a sua execução.

Palavras chave: identidade profissional, inclusão, agenda cultural
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

Sessão Coordenada: **Discutindo aspectos psicológicos na gestação normal e de risco: indicadores emocionais, malformação fetal e luto**

A gestação é um momento na vida da mulher e ou casal de grandes mudanças, tanto de ordem física quanto psicossocial, já que nesse período ocorrem tanto mudanças biofisiológicas quanto mudanças psicossociais, que requerem uma reorganização da dinâmica psíquica dos indivíduos envolvidos para assumir novos papéis. Tanto na gravidez normal como na gestação de risco, é comum a mulher e ou o casal experimentar períodos de instabilidade emocional, próprios dessa nova configuração psíquica e social. No entanto, essa situação é particularmente importante quando a gravidez é considerada de risco, ou seja, quando estão presentes fatores de risco gestacionais relacionados à intercorrências presentes nos diferentes períodos da gravidez, tais como a Diabetes Melittus Gestacional (DMG) e/ou o diagnóstico de Malformação Fetal.
Gestantes nessas condições são mais vulneráveis a problemas físicos (morte fetal, macrossomia) e psíquicos (estresse, ansiedade e depressão) durante a gravidez. Nesse sentido, indicadores emocionais de ansiedade e depressão, por exemplo, podem estar relacionados a fatores de risco gestacionais específicos, afetando o desenvolvimento da díade mãe-bebê, sobretudo a mãe e ou o casal, porque mobiliza neles variáveis psicoafetivas desfavoráveis à criação de um vínculo afetivo saudável entre a mulher, o bebê e sua família. Assim sendo, faz-se importante estudos que discutam os vários aspectos relacionados à gravidez, sobretudo naquela que ocorrem sob condições de vulnerabilidade como as anteriormente citadas.
Psicologia do Desenvolvimento

CONDIÇÕES EMOCIONAIS E DE ENFRETAMENTO DE GESTANTES DIANTE DA INVESTIGAÇÃO DIAGNÓSTICA DE MALFORMAÇÃO FETAL. *Ana Cristina Barros da Cunha (Instituto de Psicologia; Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal/Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde/Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ); Solange Frid Patrício (Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde/Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ); Eduarda Lima & Gabriela Serpa (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).,*
A gravidez é um período de grandes mudanças físicas e psíquicas que podem resultar na vivencia da maternidade sob condições emocionais (ansiedade, por exemplo) desfavoráveis à criação de um vinculo materno-fetal saudável. Entre a 10º a e 13º semana de gestação, é comum a realização de exames pré-natais para investigação de intercorrências que comprometam à saúde da gestante e do feto. Quando ocorre a suspeita de um comprometimento com o bebê (malformação fetal, por exemplo) a gravidez pode ser mais estressante e a gestante ter dificuldades de enfrentar essa situação, tornando-se mais vulnerável aos riscos físicos e psíquicos durante a gestação. Assim, tornam-se importantes estudos que avaliem as condições emocionais e de enfretamento envolvidas na situação de investigação diagnóstica da malformação fetal na gravidez. O objetivo desse estudo foi verificar indicadores emocionais envolvidos no processo de enfrentamento de gestantes sob avaliação diagnóstica no Setor de Medicina Fetal de uma maternidade-escola na cidade do Rio de Janeiro. Participaram 30 gestantes cuja média de idade era de 23 anos, sendo 26 casadas que contavam com suporte familiar para auxilio durante a gravidez. Durante a consulta conjunta com a equipe médica, a gestante era convidada a participar da pesquisa quando assinava o Termo de Livre Consentimento Esclarecido e respondia, individualmente, aos seguintes instrumentos: 1) Protocolo de dados gerais, para identificação das variáveis psicossociais pessoais e familiares; 2) Escalas BECK, para avaliação psicológica de sinais e

sintomas de ansiedade (BAI) e depressão (BDI); e 3) Escalas EMEP Escala Modos de Enfretamento de Problemas, para avaliação psicológica das estratégias de enfrentamento (coping) frente ao diagnóstico de malformação fetal. Do total, 10 gestantes apresentavam sinais de ansiedade leve, seguido de 7 com sinais de ansiedade moderada e mais 7 com sinais de ansiedade grave; as demais (n=6) não apresentavam sinais de ansiedade pela BAI. Referente ao BDI, 15 gestantes apresentavam sinais de depressão de leve a moderado, 5 apresentavam sinais de depressão moderados a grave e somente 2 apresentavam sinais de depressão grave; as 8 restantes não apresentavam sinais de depressão. Em relação ao enfrentamento, das 30 gestantes apenas 18 responderam a EMEP, sendo que a maioria apresentou estratégias de coping focada na busca de práticas religiosas (n=7), seguida do coping centrado na focalização do problema (n=6) e na busca de suporte social (n=5). Quando comparado o coping com os níveis de ansiedade e depressão, verificou-se que das gestantes que apresentaram ansiedade e/ ou depressão moderada a maior parte delas teve o coping focado no problema, seguido do enfrentamento por práticas religiosas. Dessa forma, confirma-se que a simples suspeita de um diagnóstico de malformação fetal mobilizaria variáveis psicoafetivas relacionadas ao enfrentamento (coping) e constituiria condição desfavorável à criação de um vinculo afetivo mãe-bebê saudável. Dessa forma, são importantes medidas de proteção ao desenvolvimento e de promoção da saúde materno-infantil, o que inclui um manejo adequado da equipe de saúde durante todo o processo de investigação de um risco gestacional como a malformação fetal, desde o momento de dar a notícia até o final da gestação.

MALFORMAÇÃO FETAL E LUTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Camilla Ramos Medalane Cravinho (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES) & Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal & Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro/RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES),*
Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal&Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro/RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)
As malformações congênitas, segunda maior causa de mortalidade infantil, são fatores de risco gestacional decorrentes de anomalias anatômica, cromossômica ou funcional, que acometem aproximadamente 5% dos bebês nascidos vivos no Brasil. Traz sérias consequências psicológicas para a família, já que a relação mãe-bebê pode ser afetada pela perda do bebê saudável idealizado e a confrontação com um bebê real malformado, o que exige dos pais a elaboração de um luto simbólico e, por vezes, também real quando do óbito do bebê. Sobre o tema da malformação congênita associado ao luto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com consulta as seguintes bases de dados bibliográficos: SciELO, LILACS, PePSIC e BVS-PSI e utilizando-se como descritores: a) morte AND malformação ; b) luto AND malformação ; e c) luto materno AND malformação fetal . Como critério único de inclusão o trabalho devia ser nacional e publicado nos últimos 10 anos sobre o tema citado. Dentre o total de 100 artigos encontrados, apenas 27 satisfizeram o critério e foram divididos em estudos bibliográficos (n=08) e estudos empíricos (n=19). Os estudos bibliográficos foram analisados nas categorias: a) tipo do estudo; b) enfoque teórico; e c) objetivos. Para os estudos empíricos as categorias foram: a) enfoque teórico; b) objetivos; c) delineamento da pesquisa; d) participantes; e) local de realização; f) instrumentos utilizados; g) procedimentos adotados;

e h) resultados gerais encontrados. Observou-se que metade (n=04) dos estudos bibliográficos se tratava de revisão sistemática da literatura e a outra representava revisão teórico-conceitual, publicados nas áreas de Enfermagem (n=03), Medicina (n=01) e Psicologia (n=04). Nos estudos empíricos, destaca-se como principal enfoque teórico a Psicanálise e dos 19 estudos encontrados o objetivo, em geral, era investigar aspectos psicológicos, como depressão, ansiedade e apego materno-fetal. Referente ao delineamento de pesquisa, 18 estudos realizaram pesquisas descritivas e um seguiu delineamento experimental. Como participantes, cinco estudos tiveram como foco o casal, 13 a mãe e somente um estudo foi realizado com profissionais de saúde. Como local de realização, a maioria das pesquisas foi conduzida em hospitais ou centros de atenção, tendo usado como instrumentos de coleta de dados a entrevista (n=16), Escalas Beck de Ansiedade e Depressão (n=02) e Escala de Apego Materno Fetal (n=01). Dentre os procedimentos adotados, as pesquisas seguiam um protocolo semelhante com a apresentação da pesquisa aos participantes, seguido da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, por fim, a aplicação dos instrumentos. Como resultados, em geral, os estudos apontaram para a importância do acompanhamento psicológico e do suporte oferecido pela equipe de saúde. Conclui-se que poucos estudos nacionais enfatizam a questão do luto, seja simbólico ou real, associado à malformação fetal, o que é um dado relevante, visto que a literatura aponta necessariamente essa relação. Destaca-se também que muitos estudos têm como foco a mãe, descartando a importância do pai e dos profissionais de saúde relacionados a esse tema. Por fim, esta pesquisa pretende apontar novas direções no campo do estudo e pesquisa sobre o luto relacionado a malformação fetal.

INDICADORES DE ESTRESSE E ANSIEDADE ENTRE PRIMIGESTAS E MULTÍPARAS NO TERCEIRO TRIMESTRE DE GESTAÇÃO. *Rafaela de Almeida Schiavo (Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP) & Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP),*

Estresse e ansiedade são condições normais no final da gestação, pois é um momento de inseguranças e expectativas quanto ao futuro. O problema ocorre quando o estresse e/ou ansiedade são vivenciados de forma intensa nesse período, pois em níveis elevados ambos podem se tornar prejudiciais para a saúde materno-infantil. O presente trabalho buscou comparar os indicadores de estresse e ansiedade entre primigestas e multíparas no terceiro trimestre e investigar a associação entre tais indicadores com variáveis sociodemográficas e dados da gestação. Para essa pesquisa utilizou-se os instrumentos IDATE, ISSL e uma Entrevista Inicial. Participaram 159 gestantes, sendo 98 primigestas e 61 multíparas, usuárias de uma Unidade Básica de Saúde de uma cidade do interior paulista. Utilizou-se de estatística para a análise dos resultados. Os resultados indicam que 78% das primigestas apresentaram estresse, sendo que destas 72% estavam na fase de resistência, 25% na fase de quase exaustão e 3% na fase de exaustão, 87% apresentaram sintomas psicológicos e 10% sintomas físicos e 3% apresentaram sintomas físicos e psicológicos concomitantemente. Já as multíparas 95% delas apresentaram estresse, sendo que destas 5% estavam na fase de alerta, 62% na fase de resistência, 31% na fase de quase exaustão, 2% na fase de exaustão, 21% apresentaram sintomas físicos, 74% sintomas psicológicos e 5% sintomas físicos e psicológicos concomitantemente. Quanto alta ansiedade, das primigestas 37% apresentou e das multíparas 51%. Realizando o Teste t independente para verificar se existe diferença estatística entre o estresse apresentado entre primigestas e multíparas, observou-se que há diferença ($t(157) = 2{,}51$; $p < 0.05$), onde as multíparas apresentam maior estresse do que primigestas, e associando as variáveis de estresse com a Entrevista Inicial por meio do teste X2, observou-se que não há associação entre tais variáveis. Quanto ansiedade observou- se por meio do Teste t independente que existe diferença significativa entre a ansiedade manifestada por primigestas e multíparas ($t(157) = 2{,}09$; $p < 0{,}05$), onde as multíparas apresentam níveis de ansiedade mais

elevados do que primigestas, e associando as variáveis de ansiedade com as da Entrevista Inicial por meio do teste X2, observou-se que há relacionamento entre, a idade das gestantes ($X2 (1) = 4,31$; $p < 0,05$), a escolaridade ($X2 (3) = 12,39$; $p < 0,05$), o não planejamento da gravidez ($X2 (1) = 15,94$; $p < 0,01$), o não desejar a gravidez ($X2 (2) = 29,95$; $p < 0,01$), e o não desejo do parceiro pela gravidez ($X2 (2) = 19,16$; $p < 0,01$). Com esses resultados, ainda que com um número limitado de participantes, é possível concluir que mães de pelo menos um filho já nascido apresentam maior estresse e ansiedade durante o terceiro trimestre do que as gestantes que não têm filhos nascidos, pode se concluir também que o estresse no terceiro trimestre não está associado aos dados sociodemográficos e as condições da gestação, entretanto a alta ansiedade no terceiro trimestre está associada com menor grau de instrução, ao não planejamento da gravidez, ao não desejo da gestante e do parceiro pela gestação.

ANÁLISE DE INDICADORES DE RISCO PSICOLÓGICO NA GESTAÇÃO COM DIABETES MELITTUS.
Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal & Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade-Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro/RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES).,
A gravidez de risco é aquela em que tanto a mãe quanto o bebê estão em condição de vulnerabilidade pelos riscos físicos (alterações biofisiológicas, como macrossomia fetal, doenças crônicas na gestante) e psíquicos (condições emocionais negativas, como ansiedade, depressão) que resultam em intercorrências na gestação e afetam o desenvolvimento da díade mãe-bebê. A Diabetes Mellitus Gestacional (DMG) é uma condição de risco gestacional que afeta a díade, sobretudo a mãe, porque mobiliza variáveis psicoafetivas desaforáveis à criação de um vinculo saudável entre a gestante, o bebê e sua família. Nesse contexto, faz-se importante a avaliação e intervenção interdisciplinar à gestação com DMG, com acompanhamento de grávidas diabéticas e suas famílias durante os períodos do pré-natal, do parto e do puerpério. O objetivo do presente estudo foi identificar e analisar indicadores de risco psicológico na gravidez com DMG, particularmente indicadores de ansiedade e depressão associados ao impacto da noticia da DMG durante a gravidez. Participaram 24 gestantes que eram abordadas para a pesquisa durante a espera para a consulta e/ou exame pré-natal e convidadas a participar do estudo, quando eram aplicados os instrumentos: 1) Protocolo de dados gerais, para identificação de variáveis psicossociais pessoais e familiares; e 2) Questionário Momento da noticia , para identificação das variáveis psicossociais relacionadas ao impacto do diagnóstico de DMG; e 3) Escalas BECK, para avaliação psicológica de sinais e sintomas de ansiedade (BAI) e depressão (BDI). Desde agosto de 2011, foram avaliadas um total de 24 gestantes, cuja média de idade era 35 anos. Desse total, 23 gestantes tinham companheiro e 12 contavam com suporte social de familiares e amigos para ajudá-las durante a gestação. Com relação ao impacto da noticia do diagnóstico de DMG, 22 gestantes relataram terem sido informadas por um médico, em geral pelo obstetra (n=13), sendo a maioria (n=10) durante o 2º trimestre de gestação. Do total, 22 gestantes consideraram adequada a maneira como o médico transmitiu o diagnóstico, apesar de a grande maioria inicialmente relatou sertinr-se tristes ou/e preocupadas. Os dados do BAI, mostraram que seis gestantes apresentaram sinais de ansiedade mínima/leve, sete gestantes apresentavam sinais de ansiedade leve/moderado, cinco apresentavam sinais de ansiedade moderada/grave e seis apresentavam sinais graves de ansiedade. Em relação aos sinais de depressão pelo BDI, seis gestantes apresentavam sinais de depressão mínima/leve, 14 gestantes apresentavam sinais de depressão de leve/moderado, duas apresentavam sinais de depressão moderados/grave e duas apresentavam sinais de depressão grave. Discutem-se possíveis riscos psicológicos presentes na gravidez com DMG, considerando que mais da metade das gestantes apresentou

sinais leve/moderado a grave de ansiedade e de depressão, ambos representados pela amostra de 18 gestantes. Nesse sentido, o manejo da equipe de saúde no momento de dar a noticia do diagnóstico de DMG é importante e deve ser pautado em uma prática humanizada que proporcione a elaboração de sentimentos iniciais de tristeza e de medo para uma condição emocional de confiança e tranqüilidade que favoreça a adesão ao tratamento e um enfrentamento resiliente dessa situação de risco gestacional.

Sessão Coordenada: **EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DESAFIOS E AVANÇOS DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI**

As mudanças no atual mundo globalizado perpassam diferentes setores da vida, tais como tecnologias, saúde, economia, ciências e também a educação. As diferentes inovações tecnológicas impulsionaram o desenvolvimento dessas e de outras áreas fazendo com muitos avanços ocorressem, mas também nos incitando novos desafios. No caso específico da Educação, como uma área interdisciplinar, os desafios são ainda mais notórios e constantemente avaliados socialmente. Diariamente observam-se notícias nos mais diferentes meios de comunicação sobre problemas educacionais como educação especial, alfabetização, formação de professores e dificuldades de aprendizagem. Assim, frente a esses desafios da Educação, áreas correlatas como a Psicologia da Educação podem fornecer elementos para contribuir e auxiliar na resolução dessas demandas. A Psicologia da Educação como uma disciplina-ponte entre a Psicologia e a Educação, se consolida atualmente como uma área teórica e prática que objetiva responder de modo científico as demandas práticas da Educação. Trata-se de uma área de estudos de grande relevância e com um conjunto de evidências científicas vigorosas acerca dos processos ensino-aprendizagem. Nesta sessão coordenada, objetivamos demonstrar como diferentes problemáticas atuais da Educação Brasileira têm sido analisadas e estudadas na área de Psicologia da Educação. Igualmente, objetivamos apresentar alguns dados de pesquisas que oferecem evidências de possíveis caminhos e novos desafios da Educação Brasileira. As apresentações que compõe esta sessão coordenada discutem pesquisas sobre temas relevantes no contexto educacional brasileiro, tais como dificuldades de aprendizagem, alfabetização, educação especial e formação de professores. Esses temas têm sido constantes alvos de discussões tanto nos campos da ciência Psicológica e da Educação quanto na mídia e na sociedade em geral. Esse fato ressalta a relevância científica e social desta sessão coordenada ao procurar demonstrar o que a Psicologia da Educação tem a oferecer como contribuições, ainda que em progresso, para esses temas importantes. Na primeira apresentação, os autores irão apresentar um estudo de caso sobre dificuldades de aprendizagem, considerada uma das mais frequentes queixas escolares, discutirão ainda como esses casos mantêm relação com as dificuldades de aprendizagem da linguagem escrita, questionando os métodos de ensino e a formação dos psicólogos acerca das questões educacionais. Na segunda apresentação, a autora irá discutir o papel facilitador do conhecimento morfológico na aprendizagem da linguagem escrita e como este tem sido pouco estudado no Brasil. Na terceira apresentação, os autores apresentarão pesquisas sobre instrumentos para avaliar e desenvolver as habilidades fonológicas em Português do Brasil. Na quarta apresentação, a autora discutirá as propostas educacionais para a educação de surdos, focando-se na perspectiva da proposta bilíngue, um tema atual e que vem sido discutido frequentemente em termos de educação especial. Por fim, na quinta apresentação a autora apresenta uma revisão da literatura demonstrando alguns aspectos que precisam ser considerados nos estudos sobre a construção da identidade dos professores, um tema ainda pouco explorado no Brasil. Todas as comunicações estão interligadas por fornecerem evidências de pesquisas em Psicologia da Educação acerca de temas atuais e importantes da Educação Brasileira. Nesse sentido, oferecem contribuições possibilitando novos rumos e tentando responder aos novos desafios do século XXI.

Palavras-chave: Educação Brasileira; Psicologia da Educação; Psicologia Escolar
Psicologia Escolar e da Educação

SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA. *Renan de Almeida Sargiani** (Programa de Pós*

Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP)
*Elisa Teixeira Bernardes** (Programa de Diagnóstico e Intervenção Precoce ProDIP, Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) ,*
Todos os dias diversas crianças são encaminhadas aos consultórios ou clínicas psicológicas seja por solicitação de professores, diretores de escola ou até mesmo levadas espontaneamente pelos próprios pais. Em outras palavras, o psicólogo é um dos primeiros profissionais a lidar com crianças em idade escolar e com as queixas escolares. No entanto, uma questão fundamental que se impõe é saber se esses psicólogos estão de fato avaliando uma queixa escolar como tal, considerando as condições específicas da escola e da educação. Inúmeras pesquisas demonstram que as queixas escolares são frequentemente tratadas como queixas clínicas, sem se se considerar as questões pontuais do processo de escolarização. Alguns estudos também apontam que muitas vezes os psicólogos não conhecem ou pouco se interessam pela Psicologia Escolar/Educacional e pela Educação em geral, o que explicaria também parte dessas dificuldades em lidar com tais queixas, além da pouca ênfase dada ao tema nos cursos de formação de Psicólogos. Dentre as mais frequentes queixas escolares estão as chamadas dificuldades de aprendizagem , problemas de aprendizagem ou ainda distúrbios de aprendizagem . Esses conceitos tão amplos e inespecíficos são a principal queixa escolar com que os psicólogos têm que lidar diariamente. Entretanto, após uma análise mais apurada, observa-se que crianças que nunca apresentaram dificuldades até por volta dos 6 anos, começam justamente a apresentar dificuldades nesse período quando ingressam no Ensino fundamental, quando são expostas a situações de aprendizagem formal que não haviam sido expostas anteriormente. O que sugere que na realidade, na maioria dos casos, o problema não está na criança, mas em outros fatores como o modo de ensino, os professores, a escola. Afinal, se todos são capazes de aprender desde que estejam em condições apropriadas de ensino, deve-se questionar o que se ensina e o como se ensina. Além disso, de modo geral, essas dificuldades de aprendizagem aparecem justamente quando as crianças começam a aprender a ler e a escrever, o que justifica a necessidade de que os psicólogos se apropriem também desse tipo de conhecimento a fim de melhor contribuir para as queixas escolares. Nesta apresentação objetivamos primeiramente apresentar e discutir um estudo de caso de duas criança com 7 anos, alunos da 1ª série do ensino fundamental de uma escola pública de São Paulo com a queixa de dificuldades de aprendizagem . No princípio ambos os casos sugeriam quadros patológicos de acordo com informações da escola, o que indicava atendimento clínico. Com a investigação dos casos, após observações na escola e entrevistas com as crianças, pais e professores, observou-se que as queixas refletiam na realidade dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita e na forma como as professoras ensinavam e não em distúrbios patológicos das crianças. Evidenciando-se, portanto, a necessidade de que os psicólogos se instrumentalizem mais sobre as questões educacionais e sobre a aprendizagem da linguagem escrita. Dessa forma, na segunda parte desta apresentação iremos apresentar alguns dados de pesquisas da Psicologia Cognitiva da leitura que vem apresentando fortes evidencias de como se aprende a ler e a escrever.
Palavras-chaves: dificuldades de aprendizagem, alfabetização, queixa escolar.
M mestrado
ESC Psicologia Escolar e da Educação

CONHECIMENTO MORFOLÓGICO E APRENDIZAGEM DA ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR.
*Júlia Maria Migot** (IPUSP/PSA - Instituto de Psicologia Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo; São Paulo-SP),*

A aprendizagem da escrita implica a habilidade de decompor palavras faladas em segmentos menores, como os morfemas e os fonemas, e a conversão desses segmentos da fala em seus correspondentes na escrita. A Psicologia Cognitiva tem contribuído para o entendimento das estratégias cognitivas envolvidas no processo de aquisição, organização e uso da linguagem escrita, e afirma que sua aprendizagem consiste no estabelecimento de conexões particulares que refletem os conhecimentos do leitor sobre unidades fonológicas, ortográficas e semânticas. Um ponto importante diz respeito à capacidade da criança de manipular conscientemente a linguagem sob a forma de compreensão e produção, ou seja, a capacidade metalinguística, que se refere aos conhecimentos fonológicos, como também aos conhecimentos morfológicos e sintáticos. Nas últimas décadas multiplicaram-se as pesquisas que têm investigado o papel das habilidades metalinguísticas na aquisição da linguagem escrita e como elas se relacionam e com que eficácia nesse processo. Estudos têm mostrado a importância das habilidades para reconhecer e manipular de maneira consciente as relações entre sons da fala e as letras (consciência fonológica) no processo de alfabetização. É importante ressaltar que a escrita representa sons, mas também significados de uma língua. Nesse sentido, a escrita somente existe pela combinação de dois princípios: o fonográfico, que possibilita às unidades gráficas correspondências com as unidades sonoras, os fonemas; e o semiográfico, que permite às unidades gráficas correspondências de significados. Em função desse fato, a dimensão morfológica passou recentemente a ser investigada e considerada enquanto elemento importante na estruturação de significados e na aprendizagem da língua escrita. Esta dimensão enfoca os morfemas, as menores unidades de sentido que constituem as palavras, e suas características e contribuições para o processamento da língua escrita, e, refere-se à habilidade para refletir e manipular intencionalmente a estrutura morfológica da língua, isto é, de fazer uso explícito dos processos de formação, flexão e classificação das palavras. No Brasil e mais frequentemente no exterior destacam a importância das habilidades metalinguísticas para o processo de alfabetização, principalmente acerca da consciência fonológica. Pesquisas recentes sinalizam para a manifestação de maneira implícita do conhecimento morfológico em crianças já no processo inicial de alfabetização, momento no qual as palavras são identificadas não apenas pelas relações de decodificação grafo-fonológica, mas também por outros fatores como a análise dos componentes morfológicos da palavra. Verifica-se um interesse gradativo sobre a habilidade morfológica e seu papel e contribuição para o aprendizado da linguagem escrita. Nesta apresentação serão discutidas inicialmente evidências sobre a relevância do estudo sobre a dimensão morfológica na aprendizagem da escrita, os principais resultados de estudos e possíveis desvelamentos futuros. É necessário que nos apropriemos desses novos conhecimentos para que, a partir de seu entendimento, ações colaborativas possam ser elaboradas para o avanço das práticas no campo do domínio da escrita e da leitura.

Palavras-chaves: conhecimento morfológico, alfabetização, habilidades metalinguísticas.
Bolsista da FAPESP
M mestrado
ESC Psicologia Escolar e da Educação

DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ATIVIDADES DE TREINO. *Sandra Puliezi** (Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP)*
*Renan de Almeida Sargiani** (Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP),*

O termo consciência fonológica refere-se à habilidade de refletir sobre características sonoras das palavras e manipular os sons da fala de forma consciente, tais como sílabas e rimas. O

desenvolvimento dessa habilidade tem sido frequentemente relacionado ao sucesso de aprendizagem da leitura e da escrita no português falado no Brasil e também em outras línguas. A consciência fonológica é formada por várias habilidades correlacionadas que são avaliadas por tarefas de rima, aliteração (comparação do som nas consoantes iniciais), contagem, adição ou subtração de sílabas, adição ou subtração de fonemas em palavras faladas. Podemos distinguir três níveis de consciência fonológica: nível das sílabas, nível das unidades intra-silábicas e nível dos fonemas. O nível das sílabas compreende a habilidade de segmentar a palavra em sílabas e aglutinar sílabas para formar palavras. A consciência fonológica de nível silábico é considerada a capacidade mais simples de ser adquirida pelas crianças. As atividades que medem esse nível de consciência fonológica são as de síntese (união de sílabas para formar palavras), segmentação (separar uma palavra em sílabas), contagem do número de sílabas, localização da sílaba inicial, medial ou final em uma palavra e exclusão (subtração de sílabas na palavra). O nível intra-silábico corresponde à consciência de que as palavras podem ser divididas em unidades que são maiores que um fonema individual, mas menores que uma sílaba. Essas correspondem à divisão da sílaba em aliteração e rima. A consciência fonológica no nível dos fonemas é denominada consciência fonêmica e compreende a capacidade de dividir as palavras em unidades ainda menores que as intra-silábicas: os fonemas. O fonema é a menor unidade de som que pode mudar o significado de uma palavra. Por exemplo, as palavras mala e bala se diferenciam somente pelo fonema inicial (/mala/ e /bala/). Na primeira parte desta comunicação, serão apresentadas três tarefas que avaliam a consciência fonológica: intruso de rima, intruso de fonema inicial e segmentação de palavras. Esses instrumentos foram testados em uma pesquisa com 28 crianças do 1º ano do ensino fundamental. Os resultados sugeriram que as tarefas além de fidedignas para avaliar as habilidades fonológicas também são de baixo custo material e de fácil aplicabilidade. Além disso, observou-se que os instrumentos despertaram a curiosidade e interesse por parte dos alunos que demostraram, de modo geral, terem muito interesse e prazer em realizar as tarefas. Assim, na segunda parte desta comunicação serão apresentadas algumas atividades que foram desenvolvidas para o ensino de leitura e que têm como objetivo desenvolver a consciência fonológica. Essas atividades foram elaboradas com base nos resultados do primeiro estudo e também mostraram-se fidedignas e de fácil aplicabilidade, podendo servir tanto para auxiliar nas práticas pedagógicas de ensino de leitura e escrita quanto em futuras pesquisas no campo da Psicologia Cognitiva da Leitura, auxiliando na produção do conhecimento da área.

Palavras-chave: Avaliação, consciência fonológica; alfabetização.
Mestrado-M.
ESC - Psicologia Escolar e da Educação

EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: PERSPECTIVAS E CRÍTICAS. *Camila Ramos Franco de Souza ** (Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP),*

A surdez é o distúrbio no processo normal da audição que, independentemente de sua causa, tipo ou grau de severidade, implicará uma alteração auditiva e, consequentemente, a diminuição da capacidade do indivíduo de ouvir e perceber os sons. O grau e o período de aquisição de perda auditiva influenciam diretamente o desempenho linguístico das crianças com surdez, sendo fatores determinantes para a escolha da melhor forma de comunicação, de recursos terapêuticos necessários e consequentemente da melhor forma de escolarização. A educação de surdos, assim como a educação especial, vem passando por diversas mudanças desde 1996, quando a LDB apresenta a proposta da educação inclusiva. Com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva as escolas especiais

mudaram seu caráter de atendimento e, entre elas, as escolas de alunos surdos. Essa ação levou a diversos protestos dos movimentos e comunidade de surdos para a manutenção das escolas especiais destinadas a esse público pela garantia do direito à utilização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).Ao longo da história da educação de surdos sempre esteve em pauta qual seria a melhor forma de ensinar e se comunicar com alunos surdos, levando a diversas propostas pedagógicas que diferem quanto à forma de ensino e comunicação com essas pessoas, sempre questionando práticas e concepções e buscando evidenciar o sucesso ou da oralidade ou dos sinais. As principais propostas educacionais são o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. O bilinguismo é proposta atual adotada pelas políticas de educação por reconhecer a Língua de Sinais como a primeira língua da pessoa com surdez e a língua oficial do país como segunda língua, no caso do Brasil, a língua portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita. Essa abordagem se contrapõe ao oralismo na medida em que considera o canal visogestual como fundamental para aquisição de linguagem da criança com surdez e se opõe à comunicação total por defender e definir um espaço efetivo para a língua de sinais no âmbito educacional, mantendo suas próprias características. Nesta apresentação iremos discutir a abordagem bilíngue de educação para surdos apontando suas definições, princípios, vantagens e dificuldades e o impacto desse acesso comunicativo no desenvolvimento do sujeito com surdez. Para isso foi realizado levantamento bibliográfico sobre o tema em periódicos, legislações federais e municipais e documentos oficiais destinados aos educadores de surdos na perspectiva bilíngue. Com esse estudo esperou-se discutir o que a educação especial tem enfrentado com relação à educação de pessoas com surdez e em que aspectos a Psicologia da Educação poderia contribuir. O estudo evidenciou que a proposta de educação bilíngue para surdo é uma proposta que respeita o sujeito surdo por reconhecer que esse percebe as informações visualmente e tem na língua de sinais a possibilidade de comunicação viso-espacial que as outras abordagens não ofereciam. Além disso o bilinguismo retoma o aspecto educacional na educação de surdos, uma vez que as propostas anteriores enfatizavam o caráter clínico e terapêutico da aprendizagem da fala da pessoa com surdez.

Palavras chaves: educação especial; educação de surdos; bilinguismo; surdez

M- mestrado

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DOCENTE: IMPLICAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO. *Eliana Cristina Zanette Cipriano** (Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP; São Paulo; SP),*

Estudar sobre professores e suas identidades, em Psicologia da Educação, requer compreender as transformações que a profissão de professor vem sofrendo nos últimos anos em decorrência de vários fatores, como por exemplo, o crescimento do número de alunos, a demanda da população pela qualidade da escolarização e as novas formas metodológicas e tecnológicas de tratar o conhecimento e o ensino. As pesquisas sobre formação docente, de um modo geral, pouco focam no estudo da constituição da identidade profissional do professor. No entanto, esse fator é crucial, uma vez que a constituição da identidade profissional do professor permeia a construção do papel social deles, implicando também na constituição de sua profissionalidade. Assim, a compreensão desta identidade proporciona a interação do professor como sujeito/ator no processo de formação, o que poderá levar a possibilidades concretas de mudança e uma melhoria na qualidade da educação brasileira. Diante do exposto, nesta apresentação será discutida, a partir de um levantamento bibliográfico, a relevância do estudo da constituição identitária docente para uma maior compreensão sobre o desenvolvimento profissional do professor e de sua profissionalidade.

Como consequência, também serão discutidas possibilidades de melhoria na qualidade da educação brasileira. Para este estudo, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico sobre o tema em periódicos, dissertações, teses, legislações federais e municipais da área de Psicologia da Educação, buscando encontrar na literatura os estudos que tratavam do tema da constituição identitária do professor. Evidenciou-se que estudar sobre a constituição identitária do professor requer conhecer a história deste profissional docente, suas crenças, valores, formação básica e continuada e os saberes construídos com a experiência em sala de aula. É importante ressaltar que identidade, de modo geral, é aqui é entendida como a forma como nos percebemos no mundo e, mais especificamente, a identidade profissional é a maneira como nos percebemos, avaliamos, refletimos a nossa atividade diária, em nosso caso de ser professor. Desta forma, a identidade não é fixa, mas passível de mudanças ao longo do processo de desenvolvimento. Mudar em consonância com as transformações ocorridas no mundo e, particularmente, na instituição educacional é o esperado deste profissional que lida com o ser humano em pleno desenvolvimento. No entanto, muitas vezes ele não se percebe como ser agente, atuante e pertencente ao processo de mudança. Com este estudo, evidenciou-se também muitos avanços nas pesquisas encontradas, mas por outro lado, igualmente muitos desafios na qualidade da educação brasileira relacionados ao processo de conscientização sobre a constituição identitária docente para melhor compreender o processo do desenvolvimento profissional do professor.

Palavras-chave: constituição identitária docente; formação de professores; profissionalidade docente; qualidade na educação brasileira.

M- mestrado

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

Sessão Coordenada: **EFEITOS DA EXPOSIÇÃO A MAUS TRATOS SOBRE DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO**

A exposição a experiências traumáticas de natureza interpessoal na infância, tais como abuso físico ou negligência, tem um importante impacto sobre o desenvolvimento psicológico e neurobiológico de crianças (Lee & Hoaken, 2007). Além disso, o abuso infantil representa um importante risco para a ocorrência de psicopatologia na adultez (Collishaw et al, 2007). A pesquisa sobre os efeitos dos maus-tratos infantis vem evoluindo nas últimas décadas, no sentido de estudar mais profundamente os mecanismos através dos quais essa experiência influencia resultados negativos (Lee & Hoaken, 2007).

A investigação sobre os efeitos dos maus-tratos em crianças e adolescentes evoluiu nas últimas décadas como uma tentativa de superar limitações metodológicas e conceituais. Por um período, as pesquisas sobre os efeitos dos maus-tratos no desenvolvimento conceituaram a vivência do trauma na infância como um evento dicotômico, isto é, se o evento ocorreu ou não (Lipschitz et al, 1999). Tal posição refletiu-se nos instrumentos desenvolvidos para a avaliação sobre a exposição a maus-tratos que desprezavam o aspecto dimensional da experiência (Grassi-Oliveira et al, 2006). Atualmente os trabalhos e os instrumentos abordam a experiência traumática como algo que varia ao longo de uma dimensão contínua que inclui freqüência, severidade e duração (Bernstein et al, 2003; Lipschitz et al, 1999; Walker et al., 1997). Os instrumentos de avaliação sobre a exposição ao trauma na infância vêm sendo desenvolvidos incorporando uma abordagem metodologicamente mais sofisticada (Bernstein et al, 2003). Cada vez mais, há evidências de que as conseqüências dos maus tratos dependem não somente do tipo de abuso experienciado, mas também da severidade deste (Pears, Kim e Fisher, 2008).

A exposição ao abuso e à negligência durante a infância tem sido consistentemente associada ao risco aumentado para a ocorrência de prejuízos psicológicos, sociais e comportamentais (Kim e Cicchetti, 2010), representando um fator de risco para desordens psiquiátricas, incluindo depressão, ansiedade, transtornos da conduta, transtorno de personalidade antissocial, abuso de substância e suicídio (Fergusson, Boden & Horwood, 2008).

Com base nesses dados, a sessão coordenada proposta objetiva apresentar trabalhos que investigam a prevalência e os efeitos da exposição a maus tratos em diferentes etapas do desenvolvimento. Trata-se de trabalhos atuais, que utilizam metodologias diversificadas e que podem contribuir para a área de conhecimento, bem como para a prática psicológica. Pretende-se ainda que a sessão coordenada constitua-se em um momento de discussão com profissionais e pesquisadores de diferentes locais e experiências acerca do tema.

Os trabalhos apresentados versarão sobre os seguintes temas: 1) a prevalência de maus tratos na população idosa da cidade de Porto Alegre; 2) o impacto da negligência na infância sobre a abstinência e os sintomas depressivos em adultas dependentes de crack; 3) a relação entre maus tratos na velhice, desempenho cognitivo e depressão em idosos; 4) os efeitos da exposição a maus tratos na infância sobre a autoestima de crianças e adultos.

Psicologia Clínica e da Personalidade

OS EFEITOS DA EXPOSIÇÃO A MAUS TRATOS SOBRE A AUTOESTIMA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.. *Janaína Thais Barbosa Pacheco (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, RS), Tatiana Quarti Irigaray (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Maria Lucia Tiellet Nunes (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Blanca Werlang (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do*

Sul, Porto Alegre, RS) e Irani Argimon (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).,

A exposição ao abuso e à negligência durante a infância tem sido consistentemente associada ao risco aumentado para a ocorrência de prejuízos psicológicos, sociais e comportamentais. Considerando as evidências do impacto da exposição a maus tratos na infância sobre o desenvolvimento, este estudo pretende responder, por meio de revisão sistemática da literatura, a seguinte questão de pesquisa: quais os efeitos da exposição a maus tratos na infância sobre a autoestima? Este trabalho é parte de estudo maior desenvolvido pelo Programa de Pós Graduação da Faculdade de Psicologia/PUCRS, através do Programa Nacional de Pós Doutorado/Capes, que investigará a relação entre exposição a maus tratos com a cognição, a adaptação psicológica e a ocorrência de psicopatologia. Os bancos de dados Medline, PsycoINFO, Embase e Amed na base Ovid foram consultados usando os seguintes termos: maltreatment and child* and self-esteem . Os critérios de inclusão utilizados foram: (a) investigar empiricamente as variáveis maus-tratos e autoestima; (b) apresentar pelo menos um grupo controle composto de pessoas que não foram expostas a maus tratos; (c) utilizar delineamento transversal, caso-controle, ensaio clínico randomizado ou estudo de coorte. Após aplicados os critérios de inclusão, a presente revisão sistemática da literatura incluiu oito artigos, publicados entre 1989 e 2010. Os instrumentos utilizados nos artigos para avaliar a autoestima foram: Self-Esteem Inventory de Coopersmith; Self-Esteem Scale de Rosenberg; Janis-Field Feelings of Inadequecy Scale; Self-Perception Profile de Harter; California Child Q-sort; como um estudo investigou especificamente autoestima sexual foi utilizado o Sexual Self-Esteem Inventory for Women. Nos resultados encontrados pela análise dos artigos, destaca-se: 1) os estudos realizados com crianças não encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de crianças expostas (GE) e crianças não expostas (GC) quanto à autoestima. No entanto, as análises de regressão indicaram associação entre maus-tratos (abuso sexual, abuso físico e negligência) e autoestima. 2) Encontrou-se associação entre a severidade e a cronicidade dos maus tratos e a autoestima. 3) Os estudos realizados com adultos encontraram diferenças entre os grupos GE e GC, observando-se piores níveis de autoestima no grupo exposto a maus-tratos. Os resultados indicaram que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre crianças expostas e não expostas a maus tratos, no entanto essas diferenças foram encontradas nos adultos. Esse dado sugere que o prejuízo sobre a autoestima se estabelece ao longo do desenvolvimento do indivíduo e pode ser influenciado por outros aspectos, como, por exemplo, o vínculo familiar. Alguns autores encontraram que a exposição a maus tratos e a insegurança na relação materna prejudicam o ajustamento infantil na medida em que afetam negativamente a autoestima e a competência social da criança. A exposição a maus tratos tem sido avaliada considerando-se a ocorrência de múltiplos maus tratos, a cronicidade e a severidade da exposição, indicando uma relação positiva desses fatores com diferentes medidas de ajustamento psicológico, como o resultado encontrado na autoestima.

Apoio: CAPES

Palavras-Chave: maus tratos, autoestima, infância

Nível de Pesquisa: Pós Doutorado

Área da pesquisa: CLIN

PREVALÊNCIA DE MAUS-TRATOS EM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE. *Tatiana Quarti Irigaray (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS), Cristiane Silva Esteves** (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS), Janaína Thaís Barbosa Pacheco (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, RS), Rodrigo Grassi de*

Oliveira (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS), Irani Iracema de Lima Argimon (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS)

,

Com o envelhecimento da população, cresce o número de indivíduos portadores de algum tipo de declínio funcional e cognitivo, aumentando o risco para a ocorrência de maus-tratos na terceira idade. A violência contra os idosos pode ser classificada em: a) maus-tratos físicos; b) maus-tratos psicológicos; c) abuso financeiro ou material; d) abuso sexual; e) negligência. Considerando o contexto da exposição de idosos a situações de maus-tratos, o presente estudo objetivou identificar e descrever situações de maus-tratos a idosos; descrever o perfil da vítima e do agressor; e identificar os motivos relatados relacionados à ocorrência de maus-tratos nesse grupo etário. Realizou-se um estudo documental, retrospectivo, a partir da análise dos dados de 224 boletins de ocorrência da Delegacia de Proteção ao Idoso de Porto Alegre registrados nos meses de abril e maio de 2011. Dentre os 224 boletins de ocorrência avaliados, verificou-se que 175 (78,1%) denunciavam situações de maus-tratos e 49 (21,9%) denunciavam perda de documentos, desaparecimento de pessoas, entre outros, sem mencionar maus-tratos. Os maus-tratos psicológicos foram os mais frequentes (47,4%), seguido pelo abuso financeiro ou material (17,7%), maus-tratos físicos (14,3%), maus-tratos múltiplos (14,3%) e negligência (6,3%). Dentre os maus-tratos múltiplos, os mais frequentes foram os maus-tratos psicológicos com maus-tratos físico (28%). A vítima, na maioria das vezes, é mulher (78,9%), com média de idade de 70,8 anos (desvio padrão de 8,1), sem companheiro, ou seja, viúvo(a), solteiro(a) ou separado(a) (54,2%), com baixa escolaridade (42,3% tinham apenas Ensino Fundamental) e brancas (78,3%). O agressor era um adulto do sexo masculino (68,6%), de meia-idade (idade média de 46,4 anos; desvio-padrão de 17,4, familiar da vítima (62,8%), com predominância dos filhos (66,4%), seguido por companheiro (22,7%) e outros familiares (10,9%). Em relação ao local de ocorrência de maus-tratos, verificou-se que 84,6% ocorreram na residência do idoso. A análise qualitativa dos dados produziu as seguintes categorias relacionadas aos motivos relacionados à violência: 1) interesse financeiro do agressor no idoso (26,6%); 2) o idoso apresenta-se vulnerável (21,7%), ou seja, com alguma doença ou limitação física; 3) o agressor é usuário de drogas ou álcool (17,2%); 4) problemas com os vizinhos (11,8%); cobrança de dívidas (11,3%); 5) discussão com familiares (7,9%) e; 6) outros (3,5%). O abuso psicológico pode ser decorrente de uma ameaça do agressor de abandono e do uso de autoritarismo para manter a submissão do idoso. Por outro lado, o abuso financeiro pode estar relacionado à dependência do familiar da renda do idoso, ou da incapacidade do idoso de gerenciar sua própria vida financeira. Considerando as questões relacionadas às dificuldades de denúncia pelo fato do agressor ser um membro da família do idoso, é possível que os maus-tratos contra idosos sejam ainda mais prevalentes e, portanto, subnotificados na cidade de Porto Alegre. A identificação de maus-tratos nessa faixa etária implicará, para o planejamento de intervenções diretas e indiretas e o desenvolvimento de políticas de prevenção.

Apoio: FAPERGS
Palavras-chave: maus tratos, idosos, agressor
Nível da pesquisa:Pesquisador - P
Área da pesquisa: SMENTAL

NEGLIGÊNCIA NA INFÂNCIA: IMPACTO NA GRAVIDADE DA ABSTINÊNCIA E SINTOMAS DEPRESSIVOS DE MULHERES DEPENDENTES DE CRACK. *Ingrid D Avila Francke**(Sistema de Saúde Mãe de Deus/ PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Rodrigo Grassi-Oliveira (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).*

,

Este é um estudo longitudinal comparativo entre grupos de mulheres com auto relato de negligência física na infância (NF+) e outro sem negligência física na infância (NF-). Os dados derivam de um estudo de coorte que deverá acompanhar um substancial número de usuárias de crack internadas em uma unidade hospitalar para desintoxicação, durante o período de 20 dias de internação cada uma. Estes resultados preliminares contemplam as primeiras 96 mulheres que participaram do estudo e foram analisados e tabulados com o objetivo investigar como a NF impacta na gravidade dos sintomas de abstinência e nos sintomas depressivos durante um primeiro período de interrupção do uso da droga. Durante o período de internação os sujeitos foram convidados a responder diversos questionários e a participar de tarefas de avaliação neuropsicológica a fim de gerar o maior número de dados e controlar variáveis, contemplando avaliações periódicas de abstinência (total de 5), de humor (total de 3) e cognitivas, além de uma completa avaliação sociodemográfica e de gravidade da dependência. A distribuição das variáveis foi descrita como média e desvio padrão ou frequência e proporção, quando cabíveis. Em todas as análises foram adotados os valores de alfa como 0,05 e de beta como 0,20. Foram utilizados diversos testes estatísticos, principalmente ANOVA de medidas repetidas e Pearson Correlation, e estão descritos junto aos respectivos resultados conforme a característica de cada variável. Os resultados sugerem que as pacientes do grupo (NF+) demonstram níveis exacerbados de sintomas de abstinência durante a desintoxicação do crack. Tais sintomas perduram por um período maior de tempo nesse grupo, visto que o declínio dos sintomas, tanto em intensidade quanto em tempo, comporta-se de forma diferente entre os grupos NF+ e NF-. Além disso, foi encontrada relação positiva entre os sintomas de abstinência e depressivos, sendo que as pacientes com maior gravidade de sintomas depressivos eram as que apresentavam maior grau de sintomas de abstinência. Esses achados sugerem uma associação entre maus tratos na infância sobre o desenvolvimento dessas mulheres e sua baixa resistência ao estresse provocado pela retirada da droga. Frente à escassez de trabalhos voltados exclusivamente à pesquisa sobre o crack e inexistência de bibliografia relacionando as contingências do processo de desintoxicação com formas de negligência na infância, esse é um trabalho que traz a importância destes aspectos como relevantes para a discussão nos bastidores das políticas de cuidado à criança e adolescentes, bem como à saúde pública em geral.

Apoio: CAPES, FAPERGS, CNPQ
Palavras-chave: Negligência física, Abstinência, Crack
Nível da pesquisa: Mestrado.
Área da pesquisa: SMENTAL

MAUS TRATOS NA VELHICE, DESEMPENHO COGNITIVO E SINTOMAS DEPRESSIVOS EM IDOSOS. *Luíza Mothes** (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Cristiane Silva Esteves** (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Irani Iracema de Lima Argimon (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS) e Tatiana Quarti Irigaray (PPG Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*

Devido ao envelhecimento da população, cresce o número de idosos com declínio funcional e cognitivo, aumentando o risco para a ocorrência de maus-tratos. Os maus-tratos contra idosos podem ser classificados em maus-tratos físicos, que corresponde ao uso de força física que pode produzir lesão, dor ou incapacidade; maus-tratos psicológicos, que é a ação de infligir pena ou angústia através de expressões verbais ou não-verbais; abuso financeiro, que é a

exploração ilegal e/ou uso não consentido de recursos financeiros de um idoso; abuso sexual, que se caracteriza pelo contato sexual não-consentido e; negligência, que é a recusa ou falha em exercer a responsabilidade no ato de cuidar do idoso. O presente estudo busca identificar e descrever situações de maus-tratos contra idosos e verificar a associação entre maus-tratos na velhice, desempenho cognitivo e presença de sintomas depressivos. Trata-se de um estudo transversal que teve a participação de 250 idosos, sendo 159 mulheres e 91 homens, com idades entre 60 a 95 anos, com média de 3,9 anos de estudo (DP=2,9). A amostra deste estudo foi composta por idosos atendidos pela Estratégia de Saúde da Família (ESF) do Município de Porto Alegre. Os participantes foram avaliados através de uma entrevista individual, na qual preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam aos testes Lista de Palavras da Bateria Cognitiva CERAD, Teste de Memória Lógica da Escala de Memória de Wechsler Revisada- WMS-R (evocação imediata e tardia), Teste de Nomeação de Boston, Teste de Fluência Verbal Fonêmica (FAS) e Teste de Fluência Verbal Semântica (Categoria Animais). Para avaliar a presença de maus-tratos na velhice, foi utilizado um questionário, composto por 10 questões fechadas que avaliam a presença de maus-tratos físicos, maus-tratos psicológicos, abuso financeiro ou material, abuso sexual e negligência. O Mini-Exame do Estado Mental foi utilizado para excluir os idosos que apresentassem pontuação sugestiva de demência. Além disso, a Escala de Depressão Geriátrica, composta por 15 itens, foi aplicada para verificar a presença de sintomas depressivos. A análise dos dados mostrou que 138 indivíduos relataram ter sido vítimas de maus-tratos na velhice, enquanto que 112 afirmaram não ter sofrido maus-tratos na velhice. O grupo de idosos formado por vítimas de maus-tratos apresentou uma média de 3,7 anos de estudo e eram indivíduos que não tinham companheiro em sua maioria (62%). Esse grupo foi composto predominantemente por mulheres (70,3%). mulheres, acima do G2, que teve uma média de 55,4% de mulheres. Por meio do Teste t de Student, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, com e sem maus-tratos, no teste de Memória Lógica da Escala de Memória de Wechsler Revisada (evocação imediata) e na Escala de Depressão Geriátrica. Esses resultados evidenciaram que os idosos vítimas de maus-tratos na velhice apresentaram pior desempenho na memória episódica verbal (evocação imediata) e mais sintomas depressivos em comparação aos participantes que não sofreram maus-tratos na velhice. Desta forma, pode-se concluir que os maus-tratos sofridos na velhice levam a um pior desempenho da memória episódica verbal e a uma maior prevalência de sintomatologia depressiva.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS
Palavras-Chave: MAUS-TRATOS, IDOSOS, COGNIÇÃO.
Nível do trabalho: Pesquisador P
Área da pesquisa: COG

Sessão Coordenada: **EFEITOS DE CONTINGÊNCIA E CONTIGUIDADE SOBRE O COMPORTAMENTO OPERANTE: CONTRIBUIÇÕES EXPERIMENTAIS**

Essa Sessão Coordenada agrega cinco trabalhos experimentais que têm em comum o fato de investigarem os efeitos de contingências e contiguidades na análise do comportamento operante. Esse conjunto de experimentos, realizados por pesquisadores de quatro diferentes instituições, é relevante por explorar variáveis críticas para análise do papel da contiguidade e da contingência na seleção do comportamento operante. Sabe-se que a mudança ambiental importante na determinação do comportamento ocorre depois da resposta, sendo ou não por ela produzida. Os trabalhos apresentarão e discutirão que é possível observar os mesmos efeitos esperados de contingências operantes sem que haja uma relação operante real: a resposta pode ser selecionada pelo ambiente quando há apenas uma relação de proximidade temporal ente ela e o ambiente. Será enfatizada a noção de comportamento supersticioso , o que mostra o papel seletivo do ambiente no comportamento operante. Esta temática é de extrema importância para a Psicologia e a Análise do Comportamento como um todo, o que inclui a pesquisa básica, as aplicações e os pressupostos Behavioristas Radicais. Em uma das pesquisas foi investigada a "transmissão" de comportamento supersticioso ao longo de gerações de participantes. Outro estudo investigou a questão da contiguidade na determinação do desamparo aprendido ou do comportamento supersticioso. A mesma investigação foi realizada em outro trabalho sobre incontrolabilidade e imprevisibilidade. O papel do atraso do reforço foi pesquisado por um quarto trabalho com um procedimento de non resetting através de um treino discriminativo. Uma quinta apresentação reportará dados sobre resistência do comportamento à mudança, com observação de desempenho em fase posterior de extinção. Apresentar esta Sessão Coordenada é oportuno por, a partir de dados experimentais, propiciar discussões referentes a pressupostos básicos da abordagem e do comportamento humano como um todo. Questões aplicadas relacionadas a rituais supersticiosos, ilusões, distorções cognitivas, podem ser analisados com base no papel da contiguidade e das contingências em vigor. Todos os autores são professores e/ou pesquisadores de renomadas instituições de ensino, com anos de prática em laboratório, o que mostra a competência dos mesmos para investigação experimental e discussão da temática proposta.
Análise Experimental do Comportamento

TRANSMISSÃO SOCIAL DO COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO. *Marcelo Frota Lobato Benvenuti*
Flávia Meneses Duarte
Saulo Missiaggia Velasco
Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
,
Estudos experimentais sugerem que o comportamento supersticioso, responder mantido por relação acidental com reforço, pode ser facilitado por variáveis sociais como instruções e modelação. O presente estudo investigou se ocorreria a transmissão do comportamento supersticioso ao longo de gerações de participantes expostos a uma mesma situação experimental em que pontos eram apresentados independentemente do comportamento. A tarefa básica, em um computador, envolveu a programação de um esquema múltiplo com dois componentes: tempo variável (VT) e extinção (EXT). Os participantes podiam emitir respostas, por meio da manipulação de um mouse, em um retângulo colorido apresentado na tela do computador e cuja cor sinalizava qual dos componentes do esquema múltiplo estava em vigor. Durante a vigência de VT, pontos eram apresentados em média a cada oito segundos, independente das respostas do participante (VT 8 s). Durante o componente EXT, os pontos

não eram apresentados. Entre os componentes, havia um time-out de 5 s, período em que o retângulo colorido não aparecia na tela e era apresentada a mensagem AGUARDE . O relato do participante sobre o grau de controle que julgava ter sobre a situação experimental foi coletado ao final de cada sessão. Participaram da pesquisa treze estudantes de uma escola técnica pública divididos em dois grupos: Geração Experimental I, observação e instrução e Geração Experimental II, observação. Nas duas gerações experimentais, um participante executava a tarefa no computador enquanto outro participante o observava. Assim que terminava a tarefa, o participante se retirava da sala, era encaminhado para um local onde era coletado o relato verbal, o observador era colocado na tarefa do computador e um outro observador entrava na sala. O primeiro participante de cada geração era sempre um confederado, instruído para responder apenas no componente VT. Na Geração Experimental I, os participantes deveriam sempre instruir o observador na troca de participantes. Na Geração Experimental II, havia apenas a observação e nunca instrução para os novos participantes na tarefa experimental. Os resultados mostraram que houve a aquisição do comportamento supersticioso para 12 dos 13 participantes (apenas o último participante da Geração Experimental II respondeu tanto em VT como em EXT). Estimativas de controle na situação foram perto de 8 em uma escala de 0 a 10, sendo que 0 significava nenhum controle e 10 controle total sobre a apresentação dos pontos.

OS EFEITOS DA EXPOSIÇÃO A ESTÍMULOS AVERSIVOS INCONTROLÁVEIS: DESAMPARO APRENDIDO E COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO. *Mariana Januário Samelo*
Maria Helena Leite Hunziker
Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo,

Em uma condição de incontrolabilidade podem ocorrer, com maior ou menor frequência, contiguidades temporais entre uma resposta qualquer do sujeito e a ocorrência do estímulo. Estas relações contíguas caracterizam-se pela justaposição temporal entre respostas e eventos que a seguem, não havendo nenhuma relação de dependência no sentido de que a consequência é produto da resposta, como no caso das relações de contingência. Mudanças ambientais possuem tão forte poder de seleção que respostas podem ser selecionadas mesmo quando são apenas contíguas a eventos ambientais. Dados experimentais dos estudos com animais sugerem que a exposição a estímulos aversivos incontroláveis produz dificuldade de aprendizagem de uma nova resposta operante. Essa dificuldade de aprendizagem vem sendo denominada Desamparo Aprendido. Com humanos os resultados experimentais tem sido inconsistentes. Isto provavelmente devido ocorrência, na sessão de incontrolabilidade, de contiguidades sistemáticas entre o término do estímulo aversivo e a resposta imediatamente precedente, mimetizando uma condição de controle, embora acidental. Com o objetivo de estabelecer um procedimento que permita controle experimental suficiente para que se analise o efeito de uma história de fato incontrolável, foram manipuladas algumas variáveis a fim de evitar a seleção acidental das respostas dos sujeitos submetidos a estímulos não contingentes: (1) a durações do estímulo aversivo; (2) o número de tentativas; (3) o custo da resposta e por fim, (4) a instrução inicial. Dois grupos de participantes foram expostos a sons aversivos (grupos C e I), e um não foi manipulado (Grupo N). Para o grupo C, a interrupção de um som agudo era contingente a emissão de sequências variáveis; para o grupo I, a duração do som era independente das respostas emitidas. Para o grupo incontrolável, os sujeitos foram divididos em dois subgrupos de acordo com diferentes tipos de feedbacks fornecidos (Ip e Ia). Após essa manipulação, todos os participantes foram submetidos a uma tarefa de resolução de um labirinto. Os grupos C e N apresentaram menor latência e maior número de respostas corretas em comparação aos grupos incontroláveis. Entre estes últimos, foi verificada uma correlação negativa entre a frequência de contiguidades no tratamento e o desempenho no teste. Mais contiguidades foram correspondentes a menores latências e falhas

(aprendizagem). O Grupo Ia apresentou baixa frequência de contiguidades no tratamento e latências e falhas mais elevadas no teste; o Grupo Ip mostrou padrão intermediário. Estes resultados replicam o efeito desamparo aprendido em humanos, sugerindo que este procedimento é adequado para o seu estudo e demonstram o papel da seleção acidental na sessão de incontrolabilidade como impeditivo da verificação do efeito no teste (Grupo Ip). O papel do feedback, parâmetros utilizados e a presença de contiguidades sistemáticas foram discutidos.

(IN)CONTROLABILIDADE E (IM)PREVISIBILIDADE DE ESTÍMULOS NA DETERMINAÇÃO DO DESAMPARO APRENDIDO. *Lorena Lima*
Josele Abreu-Rodrigues
Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília,
O presente estudo investigou o papel da incontrolabilidade e da imprevisibilidade de estímulos sobre o desamparo aprendido em humanos. Estudantes universitários foram expostos a um procedimento que compreendia duas fases, Treino e Teste. Em ambas as fases, a tarefa consistiu em emitir sequências de quatro respostas, distribuídas entre duas teclas do teclado de um computador. Os participantes foram divididos em cinco grupos: Controlável-Previsível (CP), Controlável-Imprevisível (CI), Incontrolável-Previsível (IP), Incontrolável-Imprevisível (II) e Controle (CT), os quais diferiam quanto à programação da relação resposta-estímulo e da relação estímulo-estímulo durante a Fase de Treino (com exceção dos participantes do Grupo CT, os quais passaram apenas pela Fase de Teste). Para os grupos expostos à Fase de Treino, um tom era apresentado em um fone de ouvido. Para os participantes dos grupos controláveis, esse tom poderia ser interrompido caso a sequência emitida diferisse das cinco sequências imediatamente anteriores (critério Lag 5 de variação). Para os participantes dos grupos incontroláveis, os tons não poderiam ser interrompidos, sendo sua duração acoplada à dos participantes dos grupos controláveis. Para os participantes dos grupos previsíveis, o intervalo entre apresentações dos tons era fixo e para os participantes dos grupos imprevisíveis, os tons eram apresentados após intervalos variados. Na Fase de Teste, uma contingência de repetição foi implementada para todos os participantes, de modo que a sequência só era reforçada se fosse igual a uma das cinco sequências previamente emitidas (critério Lag 5 de repetição). Na Fase de Treino, os níveis de variabilidade foram similares entre os grupos, a despeito de haver ou não contingência entre a sequência e a interrupção do tom. A análise do intervalo entre a emissão da sequência e o término do tom, realizada apenas para os participantes dos grupos incontroláveis, indicou que esse intervalo foi igual ou inferior a 1 s em aproximadamente 40% das tentativas. Na Fase de Teste, o nível de variabilidade foi semelhante entre os grupos e inferior àquele observado na fase anterior. Outras medidas, tais como o número de sequências incorretas, a latência da emissão da sequência, o tempo de exposição ao tom e o número de sequências emitidas também não revelaram diferenças entre os grupos. A similaridade entre os grupos pode ter ocorrido em função de dois aspectos principais: (1) a alta ocorrência de contiguidade na Fase de Treino, o que pode ter gerado reforçamento acidental das sequências para os participantes dos grupos incontroláveis; e (2) o baixo grau de dificuldade da tarefa na Fase de Teste, o que pode ter impedido a avaliação de possíveis efeitos diferenciais das variáveis manipuladas. Esses resultados corroboram aqueles relatados na literatura que mostram ser difícil estabelecer incontrolabilidade com humanos.

A PRODUÇÃO DE ATRASO FIXO DE REFORÇO COM PROCEDIMENTO DE NON RESETTING ATRAVÉS DE UM TREINO DISCRIMINATIVO DE AUMENTO GRADUAL NA DURAÇÃO DO ATRASO. *Paulo André Barbosa Panetta (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP*

Roberto Alves Banaco (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Núcleo Paradigma, São Paulo, SP)

,

Atraso de reforço pode ser definido como tempo entre resposta e reforço. A duração do período de atraso pode ser fixo, no qual não há manipulação no valor temporal da relação resposta reforço a cada entrega sucessiva de reforços, ou pode ser variado, com manipulação desse valor temporal a cada entrega. Dois são os procedimentos mais utilizados no estudo do atraso de reforço. Com procedimento de resetting, o reforço é apresentado somente se não houver emissões de respostas durante o período de atraso. Caso contrário, o período de atraso é reiniciado a cada resposta adicional. Com procedimento de non resetting, o reforço é apresentado decorrido um período de tempo, independentemente do comportamento do sujeito. As respostas que ocorrem durante o período de atraso não produzem quaisquer consequências programadas elas não reiniciam o período. A duração dos períodos de atraso com resetting são, tipicamente, fixos. Porém é possível arranjá-los como variados. Já as durações dos períodos de atraso produzidos com non resetting são inevitavelmente variadas, pois não é conhecido um arranjo que garanta a produção de atraso fixo de reforço com esse procedimento. O objetivo da presente pesquisa é produzir atraso de fixo de reforço com procedimento de non resetting através de um treino discriminativo. Quatro ratos são utilizados como sujeitos experimentais, distribuídos em três grupos. Para os sujeitos do Grupo A, na Fase Experimental da pesquisa, iniciado o período de atraso de reforço, um produtor de ruídos é acionado por 0.5 segundo. Para o sujeito do Grupo B, o produtor de ruídos é mantido desligado durante o período de atraso. No caso de ambos os grupos, a Fase Experimental é iniciada com o período de atraso tendo um segundo de duração, com aumento gradual de um segundo entre sessões, até que a duração do período de atraso seja de oito segundos. O aumento na duração do período de atraso ocorre somente após três sessões consecutivas sem registro de emissões durante os períodos. Para o sujeito do Grupo C, o período de atraso é introduzido já com oito segundos de duração. Na Fase Experimental, para os sujeitos dos três grupos, as respostas emitidas durante o período de atraso o reiniciam (resetting). Para os sujeitos dos Grupos A e B, uma vez atingido o critério de três sessões consecutivas sem emissões durante o período de atraso (com oito segundos de duração), o procedimento é alterado para non resetting. Já para o sujeito do Grupo C, essa alteração ocorrerá após 120 sessões. A pesquisa está em andamento, com o inicio da Fase Experimental em Junho de 2012 e termino da pesquisa em Outubro do mesmo ano.

DIFERENCIAÇÃO DA TAXA DE RESPOSTAS EM UM MÚLTIPLO VI-VI E RESISTÊNCIA DO COMPORTAMENTO À EXTINÇÃO COM HUMANOS. *Carlos Eduardo Costa*
Raquel Fernanda Ferreira Lacerda
Orlando Amaro de Oliveira e Souza Junior
Carla Jordão Suarez
Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR,

Observa-se, em um múltiplo VI-VI com não-humanos, que quanto maior taxa de reforço, maior a taxa de respostas; e, também, que quanto maior a taxa de reforço, maior a resistência do comportamento a mudanças. O objetivo foi investigar (1) o efeito de diferentes taxas de reforço e de diferentes distribuições dos intervalos de VI sobre a diferenciação taxa de respostas em um múltiplo VI-VI e (2) a resistência do comportamento à extinção, quando a contingência é alterada para um múltiplo EXT-EXT, com humanos. Participaram 20 universitários, distribuídos em quatro grupos. A tarefa era pressionar um botão na tela de um computador e acumular pontos trocados por dinheiro. Os participantes de G1 e G3 foram expostos a um múltiplo VI10s-VI50s e os de G2 e G4 foram expostos a um múltiplo VI10s-

VI100s. Para os participantes de G1 e G2 os intervalos do VI se sobrepunham (i.e., para VI10s os intervalos variaram entre 1s e 28s; para VI50s variaram entre 6s e 136s e para VI100s variaram entre 12s e 273s). Para os participantes de G3 e G4 os intervalos de VI não eram sobrepostos (i.e., para VI10s os intervalos variaram entre 2s e 19s; para VI50s variaram entre 34s e 90s e para VI100s variaram entre 68s e 180s). A cor do botão de respostas era diferente em cada componente do múltiplo. Após oito sessões de 30 minutos em um múltiplo VI-VI, todos os participantes foram expostos a cinco sessões em um múltiplo EXT-EXT, que preservava o controle de estímulos da fase anterior. Os resultados indicaram que quatro de 10 participantes de G3 e G4 (intervalos de VI não sobrepostos) e dois de 10 participantes de G1 e G2 (intervalos de VI sobrepostos) emitiram taxas de respostas maiores no componente com maior taxa de reforço (Índice de Diferenciação ID≥0,6). Entretanto, a maioria dos participantes, independente do grupo, emitiram taxas de respostas indiferenciadas (11 de 20, ID0,5) ou maior taxa de respostas no componente com menor taxa de reforço (três de 20, ID≤0,4). Assim, a diferenciação da taxa de respostas não foi sistemática como encontrado com não-humanos, embora a não sobreposição dos valores de intervalos de VI pareceu favorecer maior diferenciação. Com relação à resistência à extinção, observou-se que oito de 20 participantes apresentaram maior resistência à extinção no componente com maior taxa de reforço, sendo que três participantes eram do G1 e dois do G3 (múltiplo VI10s-VI50s), e três participantes eram do G4 (múltiplo VI10s-VI100s).Tomados em conjunto, os dados da diferenciação e da resistência à extinção indicaram que a distribuição dos intervalos do VI com valores não sobrepostos somado a maior discrepância de taxa de reforço (1:10) entre os componentes (G4), favoreceu um maior número de participantes com diferenciação na taxa de respostas (ID≥0,6) e maior resistência à extinção no componente com maior taxa de reforço. Sugere-se que alguns aspectos do procedimento possamser modificados (e.g., o custo da resposta; ordem de apresentação dos componentes) em pesquisas futuras.

Sessão Coordenada: **ENSINO E PESQUISA EM PÓS DOUTORADO FOCANDO PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

A proposta objetiva apresentar vivência do grupo em um programa de Pós- Doutorado que visa uma integração com a capacitação de docentes do curso de graduação da Universidade em que realizam o programa de pós- doutorado. Concomitantemente objetivou-se também o desenvolvimento dos pós doutorando em competências para avaliação de produção científica tendo em vista os parâmetros da cientometria e as novas possibilidades. A ênfase na apresentação será no relato dos primeiros resultados da parte já elaborada da ampla pesquisa e profunda que estão conduzindo. Ainda estão com o compromisso em andamento com outras análises e novos procedimentos estatísticos criados especialmente para este tipo de trabalho. Cada autor focará, conforme consta na apresentação da Coordenadora, seus dados específicos e também relatará a sua própria vivência no contato com docentes as quais ministraram cursos e outras ocorrências que considerem relevantes no processo de pós-doutorado. Entretanto a ênfase será no caso dos autores na apresentação de parte da análise já concluída. A Coordenadora apresentará um panorama geral de como foi planejado e está sendo conduzido o trabalho, fará também uma avaliação geral da evolução dos trabalhos tanto de curso ministrados pelos pós- doutorandos como em relação aos seus projetos pessoais de pesquisa. Justifica-se assim a explicitação de um modelo de desenvolvimento de pós-doutorado e parte de resultados já alcançados, enseja também a divulgação de um processo de produção colaborativa envolvendo pessoas de diversas universidades que estão fazendo o mesmo curso. Do prisma dos pós- doutorando justifica-se pela apresentação pública de parte do trabalho já realizado e de um encontro paralelo com a orientadora que deverá ocorrer na mesma ocasião. O conjunto dos trabalhos permite aquilatar a produtividade científica, tendências nas áreas especificas dos trabalhos e na própria análise da produção. Em síntese justifica-se a Sessão Coordenada por enfocar ensino em nível de pós- doutorado, análise de revistas científicas e uma vivência científico- educacional de autonomia criativa.
Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ENSINO E PESQUISA EM PÓS DOUTORADO FOCANDO PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Profª. Drª Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo SP),*
A busca de aprimoramento e desenvolvimento deve ser uma constante na vida de profissionais . no caso dos já detentores do título de doutor isto é ainda mais esperado. Pode ter projetos que levam à Livre Docência, cumprir um programa de pós- doutorado, participar ativamente de associações científicas, grupos de pesquisa e eventos. A presente sessão coordenada apresenta parte do realizado em um pós- doutorado com foco em produção científico que integrou os esforços de cinco pós doutorandos que participam desta apresentação. Uma primeira parte consistiu em juntamente com a Coordenadora/Orientadora ministrar para mestres e doutores da Universidade dois cursos avançados: Discurso Científico e Metodologia de Pesquisa, com ênfase nos aspectos éticos, estratégias e delineamento. Por ser em nível de avançado, foi estabelecido como pré- requisito que o participante tivesse pelo o menos o título de Mestre. Foi obtido um bom resultado. A segunda parte foi trabalhada concomitantemente e consistiu em análise de revistas científicas focando tema de escolha de cada pós graduando portanto, a escolha do tema e das revistas especializadas ficou a cargo de cada pós doutorando mas foi, em seguida, discutida em reunião do grupo. A proposta incluía uma avaliação convencional seguindo os indicadores de adequação e progresso da Cientometria e em uma segunda etapa requeria usar as novas estratégias e análises estabelecidas na primeira década do presente século, mais complexas, profundas e generalizáveis, contando também novos procedimentos de análise estatística. Na presente sessão são enfocados apenas dados da primeira etapa da pesquisa. A Dra. Ana Esmeralda

Carelli escolheu como área Informação, a Dra. Carla Witter optou pelo estudo da Velhice, a Dra. Elza Maria Tavares Silva focou a leitura, o Dr. Marcelo de Almeida Buriti ficou com a área da atividade-física e esporte. Integra o grupo um outro doutor que, por motivo pessoais não poderia estar presente nesta apresentação. Cada membro do grupo devia selecionar revistas nacionais ou estrangeiras, mas pelo menos uma delas deveria ser estrangeira. A parte que apresentarão também decorreu de escolha pessoal, pois não haveria tempo para se apresentar a 1ª etapa da pesquisa completa. Espera-se em um próximo evento da SBP, poder apresentar apresentar outros aspectos das primeira e da segunda partes, que, por ser mais complexa, também requer mais tempo e investimento. Com as apresentações pretende-se dar uma perspectiva geral de desenvolvimento dos temas conforme aparecem retratados em uma das revistas científicas escolhidas para as pesquisas realizadas. Cada membro do grupo fará a apresentação dos dados obtidos decorrentes da primeira análise de uma das revistas que escolheu. No final serão debatidos os pontos similares e distintos das publicações e as necessidades do setor de avaliação cientométrica no que diz respeito a avaliação de periódicos.

Palavras-chave: pós-doutorado, metaciência, educação continuada.

Pós-Doutorado

MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO JOURNAL OF INFORMETRICS. *Drª. Ana Esmeralda Carelli (Universidade Estadual Londrina- Londrina/ Paraná),*

O periódico eletrônico tem alcançado, com o uso das TICs, uma audiência crescente, que permitiu ultrapassar as fronteiras de espaço, tempo e de acessibilidade. Neste trabalho apresenta-se um estudo da produtividade científica na área de Ciência da Informação veiculada no Journal of Informetrics, que publica estudos inter-multi-disciplinares, nas diversas áreas de conhecimento que realizam estudos quantitativos. É editado pela editora Elsevier. Nestes quatro primeiros anos de existência (2007-2010) já é analisado pelo Journal Citation Reports (JCR) e apresenta um fator de Impacto de 3.119 (JCR-2010), o que parece indicar a sua aceitação pela comunidade científica. As variáveis aqui estudadas são total da produção por volume, autoria e os títulos dos artigos deste periódico. A autoria foi estudada quanto: ao tipo, se individual e coletiva; gênero; da afiliação institucional; produtividade dos autores e os países de origem. Do título, se verificou o número de palavras, tipo de frase usada para a composição do título. Os dados foram coletados numa planilha de dados para posterior produção de tabelas e análise. O primeiro resultado foi referente ao total de artigos publicados por volume; nos três primeiros volumes, dos anos de 2007 a 2009, houve pouca variação, no entanto, em 2010 houve uma produção diferenciada com decorrência da maior concentração da produção no volume 04, que quase dobrou a dos anos anteriores. Quanto ao número de vocábulos dos títulos dos artigos observou-se uma concentração entre 6 a 12 vocábulos, totalizando quase 65% dos artigos (104), destaca-se que a faixa compreendida entre 7 e 12, ultrapassou os 50% (81 artigos). Nos artigos analisados foram identificados os tipos de orações, se declarativas afirmativas ou interrogativas Dos 161 artigos analisados, apenas três deste total apresentam-se com frase interrogativa, este resultado é considerado muito satisfatório. No número de autores por artigos, a autoria coletiva está presente em 67% dos artigos focados no estudo. O resultado, quanto ao gênero dos autores mostra que prevalece o masculino foi identificado que há significância estatística da maior participação do gênero masculino (73%) na produção veiculada pela revista (χ²o=74,00). Na análise da variável produtividade os resultados obtidos parecem indicar compatibilidade com a lei de Lotka, isto é, poucos autores publicaram diversos trabalhos e uma grande quantidade de autores publicaram um único trabalho (78,8%). Da afiliação institucional a maior incidência foi para

apenas vinculado com uma única instituição por artigo (58,76%). Conclui-se que neste periódico, nos anos estudados, houve preferência por publicar textos com autoria múltipla, o gênero masculino é dominante, prevalece uma instituição nos artigos analisados nas afiliações institucionais, e instituições europeias. Quanto aos títulos dos artigos, tanto para o número de vocábulos quanto ao tipo de frase, o periódico encontra-se no esperado para uma revista de bom nível científico. Concluiu-se que apesar da revista estudada ser nova, apresenta bom desempenho nas variáveis estudadas, trazendo contribuições relevantes. Há necessidade de incentivar o trabalho inter institucional.
Palavras- chave: cientometria, revista científica, avaliação de produção
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

LEITURA: ANÁLISE DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICO BRASILEIRO (2007/2009). *Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP),*
Os fatores qualidade e quantidade da pesquisa feita são, dentre outros, pontos principais diretamente relacionados com a observação do desenvolvimento de qualquer área de conhecimento. Considerando que o periódico ainda é um dos canais mais utilizados para a comunicação de pesquisa científica, nota-se a preocupação e o interesse de estudiosos pesquisadores por uma avaliação. Assim o foco especial da pesquisa está voltado para a da área de leitura, pois é ela a ferramenta importante de aprendizagem e ocupa papel de grande valor na vida do indivíduo, uma vez que favorece sua inserção cultural e social. A competência em leitura tem sua influência no desempenho de linguagem oral e na elaboração da escrita, além de enriquecer o vocabulário, aumentando o nível de informação e conhecimentos gerais, desenvolve o senso crítico, desperta a curiosidade, a sensibilidade e o raciocínio. Pela importância da leitura e, também, de uma análise de sua produção nacional, o presente estudo objetivou analisar a produção veiculada na revista nacional Leitura: teoria e prática no período de 2007 a 2009 num total de seis números. Ela é classificada como B1 (Qualis/CAPES), escolhida por difundir trabalhos da área de leitura, sendo a única revista brasileira especializada neste assunto. Os objetivos específicos foram assim delimitados: a autoria das produções quanto a gênero, número e vínculo profissional; título quanto a número de vocábulos, tipo de oração e, qual tipo de trabalho. Os registros foram feitos em planilhas, que viabilizam atender aos objetivos com o tema específico. Na análise, desconsideraram-se as poesias, resenhas e comentários. Ficando apenas com os artigos por seu potencial de contribuição para o conhecimento da leitura. Os dados analisados demonstraram que quanto ao gênero dos autores nos 53 trabalhos estudados predominou a autoria feminina e única (χ2o=3,93 e χ2c=3,84); quanto ao vínculo as IES Estaduais apresentaram uma frequência estatisticamente superior de artigos (χ2o=22,57 e χ2c=5,99, ≤0,05); quanto ao título houve diferença estatística, com mais ocorrência para o uso de um menor número de vocábulo (χ2o = 7,39 e χ2c = 5,99, ≤0,05); predominam os textos teóricos (χ2o=13,75 e χ2c=3,84, ≤0,05). Verificou-se que no ano de 2007 houve 15 publicações de artigos (62,5%), em 2008 houve 19 (63,5%) e em 2009 também 19 publicações (79%), aspecto este que permitiu concluir que houve um ascendente crescimento de publicações em torno dessa temática, porém melhor contribuição a revista poderia dar com a publicação de um maior número de pesquisas com delineamentos e análises de dados mais sofisticados que permitissem realmente se ter evidências sobre o problema. De fato observou-se que no período analisado somente um artigo da área de Psicologia tenha esta característica. Os resultados sugerem a necessidade de fornecer subsídios e melhorar a capacitação metodológica dos pesquisadores, bem como estimular o

interessa por esta área de pesquisa, o que é relevante, face aos resultados que se têm obtido no mundo acadêmico.
Palavras-chave: cientometria; avaliação de produção; aprendizagem
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA REVISTA MOVIMENTO (2008 a 2011). *Dr. Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu São Paulo),*
É notório o aumento da população idosa tanto nos países desenvolvidos como nos países que estão em desenvolvimento. Com a idade o controle do equilíbrio torna-se menos eficiente, particularmente no adulto idoso. Muitos fatores podem contribuir para esse declínio que pode ocasionar queda, influenciar na marcha e resultar em problemas de saúde mais graves, o que torna relevante o estudo do processo de envelhecimento. Além disso, a realização da produção científica é uma tarefa complexa que deve gerar informações assegurando o desenvolvimento e o aprimoramento das áreas e das atividades de pesquisa. É importante que se avalie a quantidade e a qualidade das produções. A presente pesquisa teve como objetivo investigar a produção cientifica da Revista Movimento (2008/2011). Foram analisados sete números da revista, totalizando 82 artigos, nos quais foram focados os seguintes objetivos: (a)classificar por tipo de trabalho; (b) classificar a temática; (c) verificar o gênero dos participantes da pesquisa; (d) detectar o tipo de analise de dados; (e) constatar os instrumentos utilizados; (f) relacionar os participantes das pesquisas; e (g) comparar as conclusões com os objetivos das mesmas pesquisa. Destes trabalhos apenas 26 (31,70%) diziam respeito a idosos. Optou-se por análise de todos os trabalhos deixando em situações específicas a atenção ao idoso. Os dados foram analisados quantitativamente por meio do teste de Qui-quadrado, e evidenciaram a predominância de pesquisas descritivas (χ2o = 20,23 > χ2c = 5,99); quanto à temática, a maioria dos trabalhos era voltada para a Educação Física Escolar (χ2o = 8,74 > χ2c = 7,82), observou-se ainda, quanto ao gênero dos participantes da pesquisa uma superioridade dos artigos que não identificavam esta variável (χ2o = 18,00 > χ2c = 5,99), houve predominância também dos trabalhos do tipo qualitativo (χ2o = 9,31 > χ2c = 5,99), e a predominância de artigos teóricos (revisão) instrumento e artigos que utilizaram como instrumento a entrevista (χ2o = 9,13 < χ2c = 9,40). A maior ocorrência foi de artigos que não usaram participantes (χ2o = 1,65 < χ2c = 5,99). Na comparação das conclusões com os objetivos das pesquisas, a predominância foi de trabalhos em que a relação foi viável (χ2o = 30,56 > χ2c =5,99).Nota-se que não se obteve diferença estatisticamente significante apenas quanto aos instrumentos utilizados e quanto aos participantes da pesquisa. Considera-se que o estudo traçou um panorama dos conhecimentos produzidos, identificando carências que podem ser abordadas futuramente. Vale destacar a pouca pesquisa com idosos. Vale destacar a pouca pesquisa com idosos.
Palavras Chave: Metaciência ; idosos; atividade física; pós doutorado
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ENVELHECIMENTO NA REVISTA BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (RBGG).. *Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).,*
A temática do envelhecimento é um objeto de estudo com características multifacetadas e multideterminadas exigindo dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema.

A Psicologia tem contribuido com as pesquisas sobre o envelhecimento investigando diversas temáticas, tais como: depressão, atividades físicas, demências, habilidades sociais, qualidade de vida e bem estar, funções cognitivas etc. A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (RBGG) publica artigos sobre o envelhecimento dentro de uma perspectiva interdisciplinar, sendo importante a análise da produção científica para verificar a contribuição da psicologia. O objetivo geral foi levantar, analisar e avaliar a produção científica publicada na RBGG, no período de 2007 a 2010. O foco das análises foram os artigos, nos quais foram estudados: autoria (gênero e número), título (número de vocábulos e tipo de oração) e tipo de trabalho (teórico, pesquisa descritiva e pesquisa inferencial). Foram usadas três planilhas no software Access da Microsoft, versão 2007, as quais foram denominadas: Registro de Artigos, Classificação do Artigo e Análise do Titulo. O principal critério de escolha do material foi o tema e o conteúdo dos artigos publicados pela RBGG, no caso, sobre o envelhecimento. Além desse critério, foram utilizados: (1) local de publicação, (2) avaliação da revista pelas comunidades científicas; (3) acesso aberto (open access) aos artigos completos nas bases de dados; (4) acesso dos artigos nos últimos quatro anos de publicação da revista, de 2007 até 2010 e (5) existência continua da publicação por mais de dez anos. Os resultados revelaram que 93,43% dos 137 artigos eram de múltipla autoria cuja amplitude foi de um único autor até dez colaboradores, sendo 68,99% do gênero feminino do total de 503 autores. Os títulos dos artigos tiveram a amplitude de seis até 28 vocábulos, sendo que 43,79% estavam dentro do esperado, entre oito e 14 vocábulos e 97,81% dos artigos eram de orações afirmativas e descritivas. Os tipos de trabalhos publicados eram de pesquisas descritivas (75,91%) e inferenciais (13,87%). O teste de qui-quadrado revelou que a múltipla autoria (χ2o=103,36; p<0.0001), o gênero feminino (χ2o=75,27), o número de vocábulos (χ2o=21,73) e a pesquisa descritiva (χ2o=112,04) são características significantes nos 137 artigos publicados na RBGG de 2007 à 2010. A análise dessas variáveis revelam que a produção publicada sobre envelhecimento na RBGG apresenta evolução e tendências mundiais quanto a autoria múltipla, porém em relação aos demais aspectos precisa evoluir, pois o esperado é que haja um equilibrio quanto ao gênero, uma vez que homens e mulheres observam e analisam o mundo de forma diferente. Também, se espera que a maioria dos títulos estejam entre os oito e 14 vocábulos e que seja o suficientemente compreensível, claro e objetivo. Outra variável importante é o tipo de pesquisa, pois para que haja uma verticalização na produção do conhecimento é fundamental o aumento de estudos do tipo inferencial. Conclui-se que é notoria a necessidade de pesquisas de metaciência com revisão sistemática e metanálise sobre o envelhecimento para que a produção seja analisada e, consequentemente, produza diretrizes para que haja evolução do conhecimento na área.

Palavras-chave: velhice, metaciência, avaliação de revista
Pós-Doutorado
MET-Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

Sessão Coordenada: **ENSINO INFORMATIZADO E INDIVIDUALIZADO DE LEITURA E ESCRITA: MANIPULAÇÃO DE VARIÁVEIS PARA DIFERENTES POPULAÇÕES**

A presente proposta reúne uma série de estudos que abordaram a temática do ensino informatizado de leitura, na perspectiva da Análise do Comportamento, para indivíduos com e sem necessidades educacionais especiais e com diversas faixas etárias. A sessão visa reunir esses estudos, permitindo a compilação de dados que ilustram os procedimentos que vêm sendo desenvolvidos para esses casos, assim como a identificação das variáveis que estão sendo controladas e quais ainda necessitam de manipulação adicional, quais os principais resultados encontrados e o que ainda carece para que esses programas caminhem na direção de serem bem sucedidos para todos os aprendizes, especialmente no que concerne a motivação dos aprendizes (desde crianças matriculadas nas séries iniciais do ensino fundamental, com e sem deficiência intelectual, até adultos não alfabetizados) para a realização dessas tarefas. Os dois primeiros estudos abordaram a manipulação de variáveis diferentes no ensino de leitura para indivíduos com deficiência intelectual: o primeiro deles ilustrou a importância de propor um programa de intervenções simultâneas aplicadas por diversos monitores (professor da educação especial, da sala de aula regular e pais), vislumbrando o ensino de leitura para crianças com deficiência intelectual e autismo, com o propósito de avaliar a leitura com compreensão; o segundo mostra a importância da construção de um programa de pré-requisitos, que contemplou desde tarefas mais simples até tarefas mais complexas, com aumento gradual da dificuldade ao longo do treino e alterações na estrutura do programa de ensino. Os resultados desses dois estudos demonstraram progresso dos aprendizes, tanto para ensinar habilidades de pré-requisitos, como para fornecerem pistas importantes sobre as condições necessárias para aprendizagem de leitura, envolvendo aprendizes da educação especial. O terceiro estudo constituiu como tentativa bem sucedida para investigar as variáveis motivacionais que estão presentes no ensino de leitura e que podem favorecer o desempenho nas tarefas de ensino deste repertório para crianças matriculadas no início do processo de alfabetização sem deficiência intelectual. O quarto estudo procurou investigar a aplicação de um programa de ensino de leitura e escrita informatizado para duas mulheres não alfabetizadas (uma com 40 anos e outra com 70). Os resultados alcançados com esse estudo replicaram os dados da literatura prévia, demonstrando maior porcentagem de acertos nas tarefas de leitura após exposição ao procedimento de ensino. Espera-se que o conjunto de estudos forneça subsídios para uma discussão ampla sobre a eficácia dos procedimentos adotados para o ensino de leitura e escrita a diversas populações, evidenciando os sucessos, mas também as dificuldades e propostas de resolução desses problemas, visando à elaboração de procedimentos cada vez mais eficazes destinados ao ensino de leitura e escrita.
Análise Experimental do Comportamento

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS E SUFICIENTES PARA APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA POR ALUNOS ESPECIAIS INCLUÍDOS NA ESCOLA REGULAR. *Priscila Benitez (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Leticia Barbieri (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Camila Domeniconi (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino INCT-ECCE),*
O baixo desempenho nas tarefas de leitura e escrita tem sido observado em alunos incluídos no ensino regular. Esse trabalho objetivou avaliar um conjunto de atividades aplicadas por professores (da sala de aula e da educação especial) e pais para ensino de leitura e escrita em aprendizes, com deficiência intelectual e autismo, incluídos na escola regular, a partir da mensuração do desempenho dos aprendizes nas diferentes tarefas realizadas ao longo de cada

intervenção. Foram manipuladas três intervenções, aplicadas pelos professores da educação especial, da sala de aula e pais, em um esquema de delineamento com tratamentos alternados, a partir de sete condições experimentais. Cada palavra foi treinada em uma condição específica que era composta por trinta tentativas. As atividades foram desenvolvidas conforme o contexto natural em que eram ensinadas. Na condição A (intervenção aplicada apenas pelo educador especial), a palavra tatu foi ensinada num bloco de trinta tentativas distribuídas nas tarefas de emparelhamento palavra ditada-palavra impressa, cópia e ditado por composição e de modo isolado em um programa informatizado; a palavra vaca foi ensinada na condição B (intervenção aplicada apenas pelos pais), em que os pais eram instruídos a ler em voz alta todas as frases (n=30) de um livro elaborado para esta finalidade, logo após, o aplicador solicitava que o filho apontasse para a palavra treinada; já a palavra gato foi ensinada na condição C (intervenção aplicada apenas pelo professor da sala de aula regular), em que o professor lia oralmente um texto em voz alta para toda a classe, composto por trinta frases; a palavra mula foi ensinada na condição AB (intervenções simultâneas aplicadas pelo educador especial e pais), ou seja, quinze tentativas foram ensinadas no modelo da condição A e quinze na condição B; para lobo o ensino foi dividido em quinze tentativas para a condição A e quinze para a condição C simultaneamente, o que foi denominado como condição AC (intervenções simultâneas aplicadas pelo educador especial e professor da sala de aula); a palavra pato foi ensinada na condição BC (intervenções simultâneas aplicadas por pais e professor da sala de aula), em que foram distribuídas quinze tentativas para B e quinze para C e a palavra sapo foi ensinada na condição ABC (intervenções simultâneas aplicadas pelo professor da educação especial, pais e da sala de aula), ou seja, foram treinadas dez tentativas em A, dez em B e dez em C. Participaram cinco aprendizes, um com diagnóstico de autismo (A1) e os outros quatro com deficiência intelectual (A2, A3, A4 e A5), incluídos no ensino regular. Cada um deles foi exposto às sete condições de ensino alternadas. Na avaliação parcial de Unidade (AP-pré) os cinco participantes não leram qualquer palavra e na final (AP-pós), A1 nomeou corretamente tatu, vaca e sapo (que foram ensinadas nas condições A, B e ABC) e os demais nomearam corretamente todas as palavras ensinadas nas sete condições experimentais propostas. Espera-se que os resultados possam auxiliar na elaboração de intervenções de ensino de leitura para esses aprendizes, envolvendo educadores formais e informais.

PROGRAMA DE ENSINO INDIVIDUALIZADO DE LEITURA E ESCRITA PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Priscila Benitez (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Maria Clara de Freitas (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos), Julio Cesar de Rose (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino INCT-ECCE).,*

A Análise do Comportamento há muitos anos tem se destacado na busca por modos de ensinar repertórios complexos a pessoas com deficiência intelectual. Neste sentido, metodologias com base em equivalência de estímulos têm sido de extrema contribuição e se mostrado altamente eficazes e econômicas, especialmente com relação a conteúdos acadêmicos e habilidades simbólicas. Nesse contexto, foi desenvolvido na UFSCar, um programa de ensino de leitura e escrita pelo computador, o qual tem sido aplicado, com sucesso, como atividade de reforço escolar para centenas de crianças que não têm apresentado o desempenho esperado para a sala de aula em que estão inseridas. Com a crescente inclusão de aprendizes com deficiência intelectual nas escolas regulares e frente às dificuldades enfrentadas por eles quando expostos ao procedimento regular do programa informatizado de ensino, o presente programa foi adaptado para contemplar também tal alunado. As tarefas ensinadas mantiveram-se as mesmas do procedimento regular, ou seja,

seleção de palavras e sílabas escritas mediante modelo ditado e cópia de palavras por meio da seleção de letras na tela do computador. Para a adaptação, foram realizadas modificações formais, como, por exemplo, troca de estímulos, e outras mais estruturais, como a introdução de um procedimento em blocos e inserção de tentativas com palavras que mantinham diferenças críticas entre si. A adaptação do programa obteve grande sucesso, visto que as crianças com deficiência intelectual obtiveram resultados de habilidades de leitura e escrita compatíveis com os obtidos com os alunos com dificuldades de aprendizagem. Contudo, as duas crianças que passaram apenas pelo programa adaptado realizaram partes do programa de ensino, de acordo com o delineamento de linha de base múltipla escolhido para o experimento. Assim, o presente estudo teve como objetivo expor e analisar os dados das duas primeiras crianças que completaram o programa adaptado em sua versão final e comparar com os dados de outros dois alunos que passaram pelo programa regular de ensino em condições similares (i.e. ambos com idades similares e com início da exposição ao procedimento de modo simultâneo). Os resultados mostraram que os alunos alcançaram, com poucos erros durante o ensino, índices altos nas habilidades de leitura e escrita treinadas ao longo do procedimento, um aproveitamento muito alto, comparável (e em alguns casos, superior) àquele alcançado pelas crianças com dificuldades de aprendizagem que passaram pelo programa regular. Como conclusão, reitera-se a efetividade deste programa no apoio à alfabetização de pessoas com deficiência intelectual e recomenda-se a ampliação de sua aplicação para mais alunos e em outros contextos.

DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS MOTIVACIONAIS EM UM PROGRAMA DE ENSINO DE LEITURA INDIVIDUALIZADO. *Dhayana Inthamoussu Veiga**2,3, Leonardo Brandão Marques**2,3, Deisy das Graças de Souza1,2,3, (1Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 3Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino INCT-ECCE),*

A versão computadorizada do programa de ensino individualizado Aprendendo a Ler e a Escrever em Pequenos Passos , baseado no paradigma de equivalência de estímulos e em procedimentos de exclusão, vem sendo aprimorada há mais de 20 anos. Objetivos mais recentes têm traçado o desenvolvimento de sistemas motivacionais efetivos que potencializem sua tecnologia instrucional. O presente trabalho discute os procedimentos empregados em dois estudos e os resultados obtidos até o momento. Utilizou-se o programa em uma versão disponibilizada pelo Gerenciador de Ensino Individualizado por Computador (GEIC). Realizaram-se os estudos em uma escola municipal de ensino fundamental de uma cidade de pequeno porte no interior de São Paulo com crianças no início do processo de alfabetização, de 8 a 10 anos, do 2º, 3º ou 4º ano. O Estudo 1 foi uma análise experimental de tipos de conseqüências para o desempenho nas tarefas de ensino, com o objetivo verificar se a implantação de sistemas de consequências adicionais àqueles previstos na versão original do software altera a eficiência do ensino de leitura. Participaram 13 crianças que completaram o Módulo I do programa (composto por cinco unidades/ 20 passos de ensino/ 60 palavras). Para o Grupo 1 (7 participantes), o programa foi apresentado sem alterações em seus componentes: elogios ou sons gerados pelo programa são produzidos a cada tentativa de acerto. No Grupo 2 (6 participantes), o programa foi apresentado com um sistema de pontos adicional às conseqüências originais: elogios ou sons + pontos acrescidos em um contador a cada tentativa de acerto; ao final da sessão, pontos eram trocados por tempo de acesso a vídeos infantis. Aumentos sistemáticos nos repertórios de leitura, ditado e relações de equivalência foram observados para todos os participantes, contudo, não se observaram diferenças sistemáticas entre os Grupos 1 e 2 no que se refere à presença de consequências adicionais. O Estudo 2 foi uma avaliação da preferência por procedimentos de ensino

mediados ou não por jogo. Participaram 17 crianças que passavam por um procedimento de escolha antes de iniciar a sessão de ensino, escolhendo uma de duas condições de ensino clicando sobre a tela: na condição de ensino padrão, tarefas de ensino originalmente previstas pelo programa eram apresentadas; na condição de ensino por meio de jogo, as tarefas de ensino eram intercaladas com atividades de jogo. Os cliques liberavam fichas virtuais a uma taxa que variava no decorrer do tempo (VI). Após a aprendizagem de 15 palavras (Unidade 1 do Módulo I), os participantes respondiam uma versão informatizada da Escala de Motivação para Aprender para o Ensino Fundamental (EMA), que identificava os fatores de motivação intrínseca e extrínseca segundo a teoria que a embasa. O procedimento de escolha mostrou-se um preditor confiável de preferência por meio da taxa relativa de reforços e porcentagem total de escolhas. Não foi encontrada correlação entre os escores de motivação aferidos pela EMA e o desempenho em leitura. Discute-se os resultados obtidos nos Estudos 1 e 2, considerando seus procedimentos e resultados. São também discutidos ajustes realizados nos estudos subseqüentes.

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS UTILIZANDO O PROGRAMA INFORMATIZADO APRENDENDO A LER E ESCREVER EM PEQUENOS PASSOS. *Alessandra Rocha de Albuquerque (Universidade Católica de Brasília); Elenice Seixas Hanna (Universidade de Brasília e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino); Yara Barbosa Gonçalves*(Universidade Católica de Brasília); Vicente Paulo Alves (Universidade Católica de Brasília) ,*

Os índices de analfabetismo de jovens e adultos no país encontram-se em 10%. No DF, 3,3% dos moradores acima dos 15 anos de idade (85 mil) são analfabetos, destes, a maior parte concentra-se acima dos 60 anos. Restrições socioeconômicas e dificuldades de acesso à educação explicam uma parcela destes índices, todavia outro aspecto a ser considerado, refere-se à ineficácia de métodos de ensino que não produzem os resultados esperados e contribuem para um aumento da evasão escolar. A presente pesquisa teve por objetivo avaliar a eficácia de um programa informatizado de ensino de leitura (Aprendendo a Ler e Escrever em Pequenos Passos Módulo 1), de base analítico-comportamental, com duas mulheres não alfabetizados de 40 (MAR) e 70 (VIT) anos de idade. O referido programa tem sido utilizado em contextos de pesquisa e de aplicação, especialmente com crianças com dificuldade de aprendizagem, e tem mostrado resultados positivos sistemáticos. A versão completa do programa divide-se em 5 unidades; cada unidade é composta de pré e pós-teste e por 3 a 5 passos de ensino. Em cada passo de ensino 3 palavras, compostas por sílabas simples, são ensinadas com o uso de diferentes procedimentos. Na presente pesquisa, as participantes foram expostas apenas à primeira unidade do programa, composta por 5 passos de ensino. Deste modo, 15 palavras foram diretamente ensinadas às participantes. Os resultados evidenciam aumento nos percentuais médios de acerto do pré (VIT=20,5%; MAR=36%) para o pós teste (VIT e MAR=57%) para as duas participantes. A participante VIT apresentou aumento nos percentuais de acerto em todas as tarefas no pós-teste: leitura expressiva, leitura receptiva e ditado composição, tanto com palavras diretamente ensinadas, quanto com palavras novas. Os resultados da participante MAR replicam os de VIT, exceto nas tarefas de leitura (receptiva e expressiva) de palavras novas nas quais foram observados decréscimos dos percentuais de acerto. A análise dos passos de ensino indicam altos índices de acerto para as duas participantes, entre 66,7% e 100% nas diferentes tarefas componentes destes passos. Os percentuais de acerto observados ao longo dos passos de ensino são compatíveis com a estrutura do programa, que usa procedimentos para reduzir erros. Os resultados, em geral, replicam os obtidos com crianças e ampliam as evidências da eficácia do programa investigado, dada a escassez de pesquisas com adultos e especialmente com idosos.

Investigações adicionais, com a exposição de adultos e idosos à versão integral do programa precisam, contudo, ser realizadas.

Sessão Coordenada: **ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO À CRIANÇAS E ADOLESCENTES : DA NOTIFICAÇÃO AO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL**

Parafraseando um pesquisador do século passado, a condição da infância está associada ao futuro de qualquer sociedade, pois as crianças e adolescentes são os principais transmissores dos valores para as próximas gerações. Um grande marco no olhar para infância foi a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, onde os direitos destes tornaram-se mais conhecidos, favorecendo não só a visibilidade do fenômeno, mas a identificação daquelas que estão em risco. A sessão coordenada aqui proposta, articula três instituições (UFPA, UFRGS e UNAMA) e cinco estudos que elucidam a condição da infância e as estratégias de proteção a crianças e adolescentes. O primeiro trabalho, uma revisão de literatura, caracteriza a produção científica sobre a rede social e afetiva dos agressores sexuais, enfatizando que dentre as medidas de prevenção e enfrentamento da violência sexual de crianças e adolescentes a condição psicossocial do agressor tem ficado em aberto. O segundo estudo é uma pesquisa empírica que parte da premissa que quando uma criança/adolescente revela que foi abusado sexualmente, é possível que intervenções psicossociais e legais sejam efetivadas, o que tornará necessária a oferta de suporte e proteção, criando um contexto no qual a experiência de abuso sexual terá menor ou maior impacto. O terceiro estudo investiga a notificação de suspeita ou confirmação de maus tratos contra crianças e adolescentes, que é uma das dimensões da linha de cuidado oferecida pela rede pública de saúde e constitui-se em um instrumento de garantia dos direitos e proteção social de crianças e adolescentes, permitindo aos profissionais de saúde, de educação, da assistência social, assim como os Conselhos Tutelares e a Justiça, adotar medidas imediatas para cessar a violência. O quarto trabalho, caracteriza os casos de violência sexual atendidos no CREAS no município de Abaetetuba-Pará, considerando que a violência sexual é uma das situações que tem presença constante na Região. O último estudo é um relato de caso, de como uma adolescente, vítima de violência sexual intrafamiliar, e sua mãe perceberam o caminho percorrido desde a notificação até o depoimento no processo.

Apoio Financeiro: CAPES/ PROCD-NF, CNPq e FAPESPA
Palavras-chave: violência sexual; agressores sexuais, descoberta e revelação, rede de apoio, crianças, adolescentes, mães
Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade

Psicologia da Família e da Comunidade

A CONDIÇÃO PSICOSSOCIAL DOS AGRESSORES SEXUAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM DUAS DÉCADAS DE PESQUISAS. *Daniela Castro dos Reis (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, UFPA, Belém-Pará)*
Lilia Iêda Chaves Cavalcante (Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

,

As medidas de prevenção e enfrentamento da violência sexual, em suas diferentes facetas e contextos, vêm sendo adotadas por governos e sociedades de forma isolada, não conseguindo alcançar o problema em toda a sua amplitude e complexidade. Além disso, várias questões relacionadas ao tema têm ficado em aberto, principalmente a respeito da condição psicossocial do agressor. As políticas públicas de atendimento ao agressor e a produção acadêmica sobre seu perfil e redes de relações sociais têm ficado à margem da discussão que cerca o tema. O objetivo deste trabalho foi caracterizar a produção científica sobre a rede social e afetiva dos agressores sexuais. O estudo envolveu a produção científica nas duas últimas décadas a partir do levantamento de artigos em bases bibliográficas eletrônicas que compõem o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES). Os descritores utilizados para o levantamento foram, em português, violência sexual, abuso sexual, rede social e rede afetiva, e, em inglês, sexual violence, sexual abuse, social network e affective network. O total de combinações destes descritores possibilitou 26 cruzamentos que orientaram a busca e seleção dos títulos posteriormente revisados. No total, foram identificados 157 artigos científicos indexados completos, publicados no período de 1989 a 2011, com 134 pesquisas internacionais e 23 nacionais. As categorias de análise dos dados foram elencadas previamente, buscando-se responder a três informações preliminares: ano de publicação, características da amostra e método de pesquisa utilizado. Verificou-se que no período 1989 a 1999 concentraram 17 trabalhos, tendo sido os demais publicados nos anos de 2000 a 2001, somando 140 artigos. Quanto às publicações identificadas pelos descritores selecionados, constatou-se que 54 dos trabalhos utilizam o termo abuso sexual, 64 violência sexual, e 39 estão associados a outros pesquisados. Constatou-se ainda que 126 artigos referem-se às vítimas, quatro trabalhos estão voltados para os agressores sexuais, cinco envolvem vítimas e agressores e os demais são situações que não se aplicam à pesquisa. Quanto ao gênero, identificou-se 59 trabalhos estão relacionados exclusivamente ao feminino, 46 envolvem os dois gêneros, sobretudo os que retratam as vítimas, e sete remetem à condição masculina e 45 referem à revisão de literatura. No que se refere ao método utilizado pelas pesquisas, 105 foram estudos de natureza empírica e 52 teóricas. Quanto à classificação por objetivos, a ênfase foi para estudos descritivos (100), pesquisas explicativas (49) e exploratórias (8). No que tange ao procedimento técnico, 90 artigos estavam relacionados ao tipo levantamento, sendo 53 bibliográficos, quatro documentais, cinco estudos de caso, duas pesquisa ação, e três ex pos facto/experimental/explicativa. Percebe-se que o número de trabalhos com agressores sexuais é baixo quando comparado aos que focalizam a vítima, sobretudo na literatura internacional. O gênero é outra variável importante para o debate deste assunto, uma vez que a condição masculina ainda é pouco explorada nesse tipo de investigação. Este estudo ao se propor explorar a produção sobre o tema permite identificar lacunas na produção acadêmica e a proposição de pesquisas sobre questões específicas que envolvem a condição psicossocial do agressor sexual.

Apoio Financeiro: CNPq
Palavra Chaves: Violência Sexual, Agressores Sexuais, Crianças, Adolescentes.

APÓS A REVELAÇÃO: O TEMPO ENTRE A DESCOBERTA DO ABUSO SEXUAL E O APOIO PSICOSSOCIAL ÀS VÍTIMAS. *Pedro Augusto Dias Baía (Universidade Federal do Pará, Belém, PA), Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A revelação do abuso sexual por parte das vítimas é considerada um importante meio para alcançar a prevenção primária e secundária. Quando uma criança/adolescente revela que foi abusado sexualmente, é possível que intervenções psicossociais e legais sejam efetivadas. A possibilidade de suporte e proteção cria um contexto no qual a experiência de abuso sexual poderá ter menor ou maior impacto. Estudos mostram que quanto mais cedo estas vítimas recebem atendimentos especializados após a revelação, maiores serão as possibilidades de ajustamento psicossocial. Entretanto, poucas pesquisas têm buscado avaliar se, após a descoberta do abuso sexual, as vítimas recebem atendimento psicossocial imediato. Assim, esta pesquisa objetivou caracterizar o tempo transcorrido entre a revelação/descoberta do abuso sexual e o início dos atendimentos psicossociais. Foram analisados 12 prontuários referentes a casos de abuso sexual registrados em um município no estado do Rio Grande do Sul, considerando como critérios de inclusão as informações sobre a idade da criança/adolescente quando ocorreu o abuso sexual, a revelação, a notificação ou boletim de ocorrência, e o início das intervenções psicossociais. Os casos analisados envolveram abuso

sexual intrafamiliar, com vítimas do gênero masculino (n=2) e feminino (n=10), de 2 a 12 anos de idade. A descoberta do abuso sexual pelos familiares ocorreu nos seguintes eixos: a) revelação intencional por parte das vítimas (n=6), mudanças comportamentais e indícios físicos das vítimas ocasionando a suspeita e revelação (n=5), detecção por testemunha (n=1). O tempo entre o abuso e a revelação/descoberta variou de imediato (<1 mês) a 5 anos. O tempo transcorrido entre a descoberta do abuso sexual pelos familiares e a denúncia aos conselhos tutelares ou delegacias foi imediato na maioria dos casos. Entretanto, o tempo entre a notificação aos conselhos tutelares ou boletim de ocorrência e o início dos atendimentos psicossociais, bem como o tempo entre a revelação e estes atendimentos variaram de imediato a seis anos. Os dados apresentados sugerem que, a despeito de haver um atraso na ocorrência de revelação do abuso sexual, como aponta a literatura, também o tempo entre a descoberta do abuso sexual e a efetivação dos atendimentos psicossociais pode variar da mesma maneira, o que dificultaria a implementação de intervenções imediatas a estas crianças e adolescentes. Além disso, na maioria dos casos analisados, houve revelação intencional pela própria vítima, mas isto por si só não garantiu o atendimento especializado imediato. Há necessidade de estratégias que favoreçam a articulação da rede de apoio às vítimas de abuso sexual, pois se a revelação funciona como um possível mediador entre as características aversivas do abuso e o ajustamento psicossocial das vítimas, a demora na implementação de intervenções especializadas pode maximizar a possibilidade que estas crianças e adolescentes permaneçam em situação de vulnerabilidade.

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA)
Palavras-chave: violência sexual; descoberta e revelação, rede de apoio.
Nível do Trabalho: Mestrado - M
Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade.

A IMPORTÂNCIA DA NOTIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO. *Milene Maria Xavier Veloso (Doutoranda do Programa de Pós-Graduãção em Teoria e Pesquisa do Comportamento, UFPA, Belém, Pará)*
Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará),

A notificação de suspeita ou confirmação de maus tratos contra crianças e adolescentes é uma das dimensões da linha de cuidado oferecida pela rede pública de saúde e constitui-se em um instrumento de garantia dos direitos e proteção social de crianças e adolescentes, permitindo aos profissionais de saúde, de educação, da assistência social, assim como os Conselhos Tutelares e a Justiça, adotarem medidas imediatas para cessar a violência. Cabe aos serviços de saúde, avaliar qual o melhor momento de registro na ficha de notificação, da responsabilização pelo preenchimento, bem como o seu encaminhamento aos Conselhos Tutelares. Mesmo se a família não quiser ou não aceitar a notificação, o profissional de saúde terá que notificar o caso aos órgãos competentes, amparado pelos artigos 13 e 245 do ECA, sem prejuízo de outras providencias legais. Com o objetivo de dar visibilidade aos casos de violência contra a criança e o adolescente o estudo utilizou os dados do Sistema de Notificação de Violência para descrever o perfil dessas violências. Foram respeitados todos os aspectos éticos legalmente previstos, com aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CAAE 0078.0.073.073-11 e parecer número 087/11 CEP-ICS/UFPA) e a manutenção do respeito ao sigilo dos informantes. Os resultados revelaram a ocorrência de 3.267 casos notificados em Belém, entre os anos de 2009 a 2011. Em 2011, o número chegou a 1.519 casos notificados, indicando um aumento importante nas ocorrências em torno de 240% quando comparados ao ano de 2009. Em relação aos casos de violência de acordo com a unidade notificadora foi observado que um hospital materno infantil do Pará, que mantém um programa de atendimento integral a

crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, foi responsável por 100% das notificações em 2009 e 99% em 2010 e 72% em 2011. Na análise por faixa etária observou-se uma maior incidência dos casos de violência nas faixas de 1 a 9 anos e de 10 a 19 anos, atingindo, portanto, mais crianças e adolescentes. A faixa etária mais vulnerável parece ser a de crianças e adolescentes com 85,1% dos casos notificados. Os principais autores da agressão são do sexo masculino (90,5%) e pessoas próximas às vítimas, sendo os amigos e conhecidos responsáveis por 38,2% da violência notificada. Em relação ao nível de escolaridade das vítimas 69,1% das notificações foram relativas a pessoas com no máximo o ensino fundamental, sendo que 74,6% dessas referiram ter concluído apenas a ensino fundamental menor (até 4a série). Considerando-se os tipos de violência identificados os mais prevalentes foram: violência sexual (41,8%); violência psicológica/moral (26,3%) e violência física (24,0%) respectivamente. A literatura têm demonstrado que os dados notificados não correspondem a realidade dos casos existentes, mas apontam que a notificação pode ser uma ação imprescindível no enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes, bem como representa uma importante medida de proteção e prevenção.

Agência Financiadora: CAPES
Palavras-Chave: Violência, crianças e adolescentes. notificação compulsória
Nível do Trabalho: Doutorado-D
Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade. e-mail: mveloso@ufpa.br

VIOLENCIA SEXUAL NA AMAZÔNIA: ESTUDO PRELIMINAR DE CASOS ATENDIDOS NO CREAS EM UM MUNICÍPIO PARAENSE. *Maria Lucia Dias Gaspar Garcia (Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém Pará)*
Dalcinara Guimarães da Silva (Assistente Social do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de Abaetetuba, Pará.
Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará),

A violência sexual é uma das situações que tem presença constante na Região. É reconhecida como uma das formas de violação de direitos mais devastadora, especialmente na infância e adolescência, pois compromete o pleno desenvolvimento, afetando o aspecto social, afetivo e psicológico. Várias ações têm sido feitas no sentido de prevenir e intervir em casos dessa natureza. Dentro da PNAS cabe ao CREAS acompanhar os casos de violência sexual no nível municipal. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo caracterizar os casos de violência sexual atendidos no CREAS Abaetetuba-Pará. As categorias de análises levantadas foram: sexo, idade, relação com o agressor, bairro e forma de entrada de serviço. Os dados foram analisados a partir da estatística descritiva, por técnica de descrição tabular e paramétrica. O levantamento das informações foi realizado nos prontuários de atendimento no período de 2009 a 2011, totalizando 183 casos identificados. Sendo, 70 no ano de 2009, 58 no ano de 2010 e 55 em 2011. Quanto ao sexo, os dados demonstraram que 143 são do sexo feminino e 38 masculino, que significa que 21% estão relacionados com meninos e 79% a meninas. Com relação à idade, o pode-se se observar é que dos 70 casos, aproximadamente 40% refere-se a crianças de 1 até 10 anos e somente um caso com idade superior a 18 anos. As informações relativas ao agressor expressam que estes se encontram entre as pessoas próximas e conhecidas da vítima: predominam figuras como o vizinho (33), seguido do padrasto (29) e do tio (28). No que se refere ao bairro, há uma diversidade muito grande, com prevalência na área urbana nos bairros de Algodoal com 21 casos, seguido do bairro de Francilândia com 17 situações. Do total de casos no ano de 2010, cerca de 24% referem-se à situações ocorridas na região das ilhas e na Estrada. Como porta de entrada para este serviço prevalece o Conselho Tutelar com 44 casos, em 2009, 41 em 2010 e 49 em 2011. É possível perceber que há certa

similaridade entre as categorias apresentadas na série histórica de três anos e que são situações que precisam ser enfrentadas pela equipe do CREAS. Ressalta-se que os dados apontam ocorrências de violência sexual contra meninos e proporcionalmente este número aumentou, do que se pode inferir que há o reconhecimento de que estes também são vítimas e precisam de atendimento qualificado para superar eventuais sequelas psicológicas decorrentes dessa experiência traumática. Recomenda-se definir um plano de prevenção nos bairros de maior incidência de ocorrências. É significativo o número de situações que apresentam o vizinho como agressor. É possível perceber ainda que a porta de entrada que permite dar início ao fluxo de atendimento em geral é o Conselho Tutelar, que encaminha a maior parte dos casos atendidos pelo CREAS. Este estudo tem um cunho exploratório e preliminar, portanto as questões precisam ser aprofundadas para aprimorar o serviço de atendimento especializado, bem como apontar ações preventivas dentro do município.
Palavras-chave: Violência sexual, infância e adolescência e CREAS

VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR E O CONTEXTO PROCESSUAL-PENAL. *Samara Silva dos Santos (Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul), Veleda Maria Dobke (Procuradora do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul) e Débora Dalbosco Dell Aglio (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul).*

,

A violência sexual corresponde a atos de natureza sexual impostos a uma criança/adolescente por um adulto que explora seu poder hierarquicamente superior, com invasão de limites corporais ou psicológicos, expressos por palavras, toques, ou relações sexuais orais, anais ou genitais. Quando perpetrada por algum familiar ou conhecido tem como principais aspectos envolvidos na sua dinâmica a questão da confiança e do segredo. O processo de revelação pode durar pouco, muitos anos, ou nunca ocorrer, dependendo das características pessoais da própria criança ou adolescente vítima, de sua família, do perpetrador e da própria interação abusiva. Quando o silêncio é rompido e a violência sexual intrafamiliar é notificada e ingressa no contexto judicial-penal, a família passa por uma nova experiência, também marcante, permeada por dúvidas e incertezas. A utilidade da intervenção legal reside, em primeiro lugar, na possibilidade de quebrar a situação de segredo e ocultamento em que ocorrem os abusos sexuais, fazendo com que a família, a Sociedade e o Poder Judiciário tomem medidas para garantir a segurança dos cidadãos mais vulneráveis. O desconhecimento sobre a natureza do processo-penal, sobre princípios a ele inerentes, sobre a sua tramitação e outros fatores, pode levar a vítima e sua mãe a expectativas que, ao final, podem não se realizar. Este trabalho investigou, através de um estudo de caso, como uma adolescente, vítima de violência sexual intrafamiliar, e sua mãe perceberam o caminho percorrido desde a notificação até o depoimento no processo. Participaram deste estudo uma adolescente vítima de violência sexual intrafamiliar e sua mãe. A participante mãe tinha 42 anos, cursou o ensino fundamental completo e, estava trabalhando como secretária. A participante filha tinha 17 anos, estava completando o ensino médio e realizava alguns trabalhos voluntários com crianças. Os critérios de seleção do caso foram: envolver abuso sexual intrafamiliar, o processo estar em andamento e a adolescente vítima e sua mãe já terem prestado depoimento. O projeto foi aprovado em Comitê de Ética e as participantes deram seus consentimentos através do TCLE. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individualmente com as participantes, e o eixo principal da análise qualitativa foi a violência sexual intrafamiliar no sistema de justiça da notificação ao depoimento judicial no contexto processual-penal. Através da análise das entrevistas foi possível verificar que a inexistência de orientação e de informação, sobre os trâmites da notificação até o depoimento judicial, bem como o tempo transcorrido entre um

procedimento e outro contribuíram para uma falta de proteção à adolescente e sua mãe, gerando uma sensação de desamparo e impunidade. Conclui-se que a minimização da importância social do problema torna difícil a tomada de consciência de sua realidade e amplitude e, portanto, dificulta a busca de soluções efetivas para proteger ou ajudar as vítimas. Dessa forma, destaca-se a necessidade de um maior conhecimento da dinâmica da violência sexual intrafamiliar para uma atuação ministerial e judicial adequada e a tomada de providências ligadas ao sistema de justiça para proteger as vítimas e suas mães.

Apoio Financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Palavras-chave: Violência sexual; Revelação; Mães.

Nível do Trabalho: Doutorado - D

Código da área da Psicologia: FAMI Psicologia da família e da comunidade.

Sessão Coordenada: **ÉTICA EM PESQUISA: VIVÊNCIAS EM COMITÊS DE ÉTICA.**

ÉTICA EM PESQUISA: VIVÊNCIAS EM COMITÊS DE ÉTICA. Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP) e Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo - SP).
A sessão coordenada pretende apresentar dados e informações relativas às vivencias dos autores no que concerne aos Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPs). Não resta dúvida quanto à importância de se cuidar dos aspectos éticos em pesquisa. Sem ética não é valida a pesquisa, assim sendo, discutir dados sobre a matéria é fundamental para o progresso científico e a qualidade da produção. Todos os doutores participantes da presente sessão coordenados vivenciam e já vivenciaram intensamente o trabalhar em CEPs. Focarão diversos aspectos. A Dra. Elza Maria Tavares Silva apresenta um quadro geral dos CEPs no Brasil, seus papeis e funções, com dados sobre a distribuição quantitativa dos CEPs nas regiões do país. A Dra. Carla Witter focará a Plataforma Brasil, avanços e dificuldades na implantação do sistema para os pesquisadores e membros dos CEPs. Dr. Wagner Wuo focará autoria, áreas de conhecimento que encaminharam a pesquisa, decisão do Plenário e aprovação que ocorreram em um CEP no período de instalação da Plataforma Brasil. A Dra. Maria Madalena de Freitas Lopes focará as áreas mais problemáticas, isto é, que levam a Não Aceitação ou Pendência de processos, conforme se registra na Plataforma Brasil tendo por suporte os dados de um CEP, ou seja, de janeiro até maio. A Dra. Geraldina Porto Witter apresentará dados relativos aos problemas apresentados pelos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido no mesmo CEP sendo que se trata de documento obrigatório e que apresenta mais frequentemente problemas o que leva a Não Aprovação e a Pendência. São debatidas questões sobre motivação para capacitação em pesquisa, em ética na pesquisa e para assumir a orientação e a realização de projetos de pesquisa. São considerados ainda aspectos que requerem maior atenção e rigor. Também são discutidas as dificuldades em avaliar a ética nas publicações e o papel das revistas científicas, seus editores e pareceristas no que diz respeito à ética nos vários tipos de trabalho, especialmente no que concerne aos vários componentes do discurso, artigo decorrente de pesquisa, ou seja, do título às referências bibliográficas.
Palavras-chave: CONEP, protocolos de pesquisa, ética em ciências
PD Pós- Doutorado
MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

PLATAFORMA BRASIL: AVANÇOS E DIFICULDADES. *Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP),*
PLATAFORMA BRASIL: AVANÇOS E DIFICULDADES. Dra. Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP)
A Plataforma Brasil foi apresentada pelo Conselho Nacional de Saúde, em 2011, criada para substituir o Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (SISNEP). A principal ideia foi criar um banco de dados nacional atualizado constantemente e de acesso livre aos pesquisadores, gestores, participantes e sociedade de uma forma geral. O sistema on-line tem mecanismos de busca que permitem analisar retrospectivamente as pesquisas em andamento no País, o qual é composto por um banco de dados com quatro fontes primárias: pesquisadores, CEPs, CONEP e o Público em geral. A Plataforma Brasil informatizou os procedimentos realizados pelo Sistema CEP/CONEP, incluindo-se a implantação de arquivos eletrônicos em substituição aos documentos impressos. Outro objetivo do sistema foi agilizar o processo de revisão e de acompanhamento ético das pesquisas, permitindo cadastramento online de todos os projetos submetidos à avaliação, dessa forma o processo de encaminhamento do projeto de pesquisa e os

documentos adicionais são preenchidos, assinados e encaminhados (anexados) pela Plataforma via internet. Até início de julho a Plataforma Brasil recebeu 5.061 projetos, emitiu 13.701 pareceres com o tempo médio de 21 dias do primeiro parecer emitido, dos quais 6.302 foram pendências. Estão em andamento 4.511 projetos com 114.491.638 participantes envolvidos, os quais podem ser consultados na Plataforma Brasil, porém a ferramenta de busca precisa ser aprimorada para otimizar o acesso ao banco de dados. A CONEP recebeu 161 projetos, emitiu 61 pareceres no tempo médio de 15 dias, sendo emitidas 29 pendências; estão em andamento 115 projetos com 1.637 participantes. Para exemplificar, o CEP/USJT já emitiu 44 pareceres, com o tempo médio de 13 dias para o primeiro parecer e o final, foram emitidos 13 pendências, estão em andamento 37 projetos desde o começo de 2012 com 1.755 participantes envolvidos. Todos os projetos em andamento tem acesso público, basta acessar a Plataforma, entretanto a ferramenta precisa ser aperfeiçoada, pois os projetos só são recuperados pelo titulo, nome do pesquisador principal, instituição proponente, contato público, patrocinador e palavra-chave, porém nem todas as possibilidades estão funcionando adequadamente pois a resposta do sistema informa que o projeto não foi encontrado ou há necessidade de refinar a busca porque foram encontrados mais de 100 projetos. A Plataforma Brasil iniciou com a versão 1.0 e já está na versão 2.7, os reajustes no sistema foram feitos para atender melhor as necessidades dos pesquisadores, CEPs/CONEP e a sociedade civil, agilizar e otimizar os trabalhos dos membros dos comitês de ética. Há algumas dificuldades na implantação do sistema e na utilização da plataforma pelos usuários que precisam ser aprimoradas e superadas para que seja possível a transparência do sistema CEP/CONEP quanto à ética nas pesquisas realizadas com seres humanos.

Palavras-chave: ética em pesquisa, comitês de ética, sistemas de informação

PD Pós-Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

PANORAMA ATUAL DOS CEPs NO BRASIL. *Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP)*

,

PANORAMA ATUAL DOS CEPs NO BRASIL. Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP)

A ciência e a tecnologia, nos últimos anos, têm avançado vertiginosamente, principalmente nas pesquisas relativas ao temas que envolvem seres humanos, sejam elas experimentais ou não. Isso reforça que as pesquisas merecem ser analisadas com critérios e correções para proteção da sociedade. Para tanto, as organizações e os meios de comunicação científica têm papéis e funções muito importantes nessa produção do conhecimento científico. Dentre eles está o CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) que é um colegiado interdisciplinar e independente, com o propósito de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa dentro de padrões éticos e contribuir no desenvolvimento da pesquisa. O CEP deve existir nas instituições que realizam pesquisa, sejam elas públicas ou particulares, para que o controle social seja efetivado. No Brasil, a preocupação com a ética em pesquisas sempre houve, porém teve seu registro no início na década de 80 com a Resolução nº 1/88 editado pelo Conselho Nacional de Saúde. A partir dessa resolução e a contribuição de uma revisão da literatura específica sobre o assunto, mais a observação do que já estava sendo executado em outros países, chegou-se à Resolução 196/96, publicada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), que criou instâncias regionais, os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), órgão nacional de controle de pesquisas envolvendo seres humanos. Já em 2001, a CONEP criou o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (SISNEP), cujo objetivo foi o de fazer, com abrangência nacional, um acompanhamento e controle social dos

aspectos éticos das pesquisas realizadas. Porém, pelas limitações de cobertura da totalidade dos CEPs existentes no Brasil, houve a necessidade de sua revisão que aconteceu em 2007 com um novo e mais completo sistema de acompanhamento de pesquisas denominado PLATAFORMA BRASIL, que integra todos os CEPs e a CONEP e permite a interação com agências regulatórias e de fomento à pesquisa. Assim, onde há pesquisa, preferencialmente, deve haver um CEP e, as direções de instituições devem tomar a iniciativa de criar e organizar o seu CEP devidamente registrado na CONEP, o que a qualifica e a legitima para a pesquisa. Pela importância de seu papel consultivo e educativo há necessidade de que em todos os estados brasileiros sejam implantados CEPs. O levantamento feito sobre o número de CEPs existentes no Brasil, com base no SISNEP (abril/2012), mostrou que a região Sudeste é a que tem o maior número com 329, fato este que pode estar associado ao grande número de processos de pesquisa existentes, grupos de pesquisa, cursos de pós-graduação e de doutores da referida região; a região Sul possui 120; a Nordeste com 117; a Centro-Oeste com 36 e, a Norte com 43, num total de 645 CEPs. É apresentado um quadro descritivo geral de CEPs e de Grupos de Pesquisa, dando perspectiva geral da situação brasileira. A legislação básica está em fase de reformulação, sendo amplamente discutidas, sendo básica a atuação dos CEPs

Palavras-chave: comissão de ética; localização; ética em pesquisa.

PD Pós- Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ÉTICA EM PESQUISA: APROVAÇÃO DE PROJETOS E AS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.

Dr. Wagner Wuo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP e Universidade Camilo Castelo Branco UNICASTELO - SP)

,

ÉTICA EM PESQUISA: APROVAÇÃO DE PROJETOS E AS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.

Prof. Dr. Wagner Wuo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP e Universidade Camilo Castelo Branco UNICASTELO - SP)

Nos projetos de pesquisa em que o humano é um eixo essencial do próprio projeto, em que sua atuação direta é indispensável como parte da esquemática intrínseca da pesquisa, seja quanto ao conteúdo de estudo seja como fonte de informação, o olhar sobre esse humano, e as considerações necessárias que resguardam a sua liberdade de viver, podem diferir em termos de intensidade e extensão entre pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento. Em toda pesquisa com pessoas há que se ter de forma clara a imagem do humano a que se refere. Isso deve estar de maneira muito bem definida no corpo do próprio projeto, sendo o ponto nodal das considerações ética que devem estar expressas de forma clara e distinta pelo autor da proposta. São diversos os elementos que permitem visualizar essas considerações nos constituintes formais de um projeto e que refletem, por outro lado, o grau de maturidade do autor para tratar dos assuntos de humanidade. Ao analisar e decidir sobre um projeto de pesquisa o Plenário de um CEP alberga toda a responsabilidade do humano para com o humano, podendo emitir assim um juízo dialético sobre um dado projeto de construção de conhecimento sobre seres humanos, tal como deveria ser a finalidade última de toda pesquisa nesse âmbito. Nesta dimensão é que procuramos focar a questão da autoria das pesquisas, as considerações éticas e as decisões do CEP quanto à aprovação dos projetos encaminhados por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, durante o período de implantação da Plataforma Brasil, de janeiro a maio de 2012. Neste período, dos 65 projetos com entrada no CEP 13 encontravam-se em tramitação de relatoria no momento da coleta. Dos 52 projetos que passaram por análise as principais contribuições foram: 25 (48,1%) do curso de enfermagem, 10 (19,2%) do curso de educação física, 5 (9,6%) do curso de bioengenharia, 4 (7,7%) do curso de engenharia biomédica e 3 (5,8%) do curso de odontologia. Os índices de

aprovação correspondentes aos projetos enviados por cada um desses cursos teve a seguinte ordem: bioengenharia com 60% de projetos aprovados, engenharia biomédica com 50%, seguida pela educação física com 10% e odontologia que não teve nenhum projeto aprovado. Os dois cursos com melhores índices de aprovação (bioengenharia e engenharia biomédica) são de stricto sensu, enquanto nos demais, de graduação, predominam projetos de iniciação científica e de conclusão de curso. Quanto ao gênero, as mulheres participaram com 71,2% dos projetos analisados (37 entre os 52) e obtiveram 87,5% do total de projetos aprovados (14 entre os 16 aprovados), denotando maior atenção aos requisitos éticos analisados. Ainda que possam se apresentar com características um tanto diferentes em relação às áreas, as considerações da ética em pesquisa já alçaram no mundo atual status de critérios objetivos aplicáveis a toda humanidade, o que remete por parte dos CEPs ao desenvolvimento de ações educacionais, de motivação e capacitação, para os interessados em pesquisas com seres humanos.

Palavras-chave: protocolo de pesquisa; avaliação; saber científico.

PD Pós- Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

ÉTICA EM PESQUISA: PROBLEMAS DETECTADOS EM PROJETOS PELO CEP/UNICASTELO.. *Drª Maria Madalena de Freitas Lopes (Universidade Camilo Castelo Branco/SP)*

,

ÉTICA EM PESQUISA: PROBLEMAS DETECTADOS EM PROJETOS PELO CEP/UNICASTELO. Drª Maria Madalena de Freitas Lopes (Universidade Camilo Castelo Branco/SP)

Os itens que compõem o projeto expressam a consistência da pesquisa e revelam o que é pesquisado. Neste sentido, os itens a confirmam. Para efetivar a relatoria é necessário apreender o conjunto, que traduz o que será pesquisado. Os itens são principais: título, introdução, objetivos, metodologia, referências bibliográficas, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cronograma e orçamento. Para cada um deles, e no seu todo, considerações são feitas nesta comunicação, que tem por objetivo narrar e debater como ocorrem ou favorecem a compreensão do modo como os participantes são envolvidos na pesquisa. Deste modo, a pesquisa sendo esclarecida se traduz na informação pública desta ao participante, no TCLE. Subjacente a todo este processo está a revisão bibliográfica, que subsidia a pesquisa inicialmente e ao longo desta, refletindo o cuidado na escolha da área a ser pesquisada, na função do pesquisador e do assistente de pesquisa. Todos estes parâmetros permitem, por fim, a consideração sobre Aprovação, Pendente e Não Aprovado, como parecer final à compreensão e esclarecimento da pesquisa. Quando a ideia está clara comparece na proposta, delineamentos confusos surgem e revelam a inconsistência da pesquisa, aspectos que não foram considerados e não comparecem por exemplo no TCLE, sugerem pendências. A partir das propostas de pesquisas no período de janeiro a maio, conforme registradas na Plataforma Brasil tendo por suporte os dados do CEP/UNICASTELO foram analisadas as ocorrências de problemas em partes de análise obrigatória pelos pareceristas. No período foram inseridos na Plataforma 67 projetos, dos quais os próprios autores cientes de problemas pediram a exclusão de sete e em tramitação estavam 13, ou seja, 20 (29,8%) não foram aqui contabilizados. No restante (N=47), verificou-se a seguinte distribuição: Título-3 (6,4%), Preenchimentos de itens ou Termos obrigatórios N=23(49,0%), Participantes N=14(29,0%), Material N=6(13,0%), Procedimento N=10 (21,3%), Análise de dados N=13(28,0%), Cronograma N=16(34,0%), Orçamento N=12(26,0%) e TCLE N=23(68,0%). A maior limitação nos projetos submetidos ao CEP na Plataforma situa-se no TCLE, vindo a seguir Preenchimento de termos obrigatórios, participantes, análise de dados e outros. Um mesmo projeto pode ter mais de um tipo de folha. A média foi de 2,74 áreas problemáticas. Obteve-se

χ²o=41,90> χ²c=15,51, ou seja, tem significância estatística a maior concentração de falhas na produção do TCLE. De qualquer forma há muitas áreas com problemas. Há necessidade de mais atualização científica o que pede empenho tanto dos pesquisadores como da instituição. Na apresentação será feita a comparação com o obtido até julho, ou seja, cobrindo o 1º semestre da Plataforma Brasil.

Palavras- chave: problemas éticos, projetos de pesquisa, avaliação ética.

D Doutorado

MET - Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. *Profª. Drª Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo SP)*

,

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. Profª. Drª Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo SP)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento obrigatório para qualquer pesquisa que tenha por foco o ser humano. Se for encaminhado ao CEP sem ter este documento em anexo não poderá ser aprovado. Se não fizer a inclusão do projeto já deve ser restituído ao pesquisador antes do processo interno ser liberado. Se o documento foi devidamente anexado ao processo será rigorosamente avaliado pelo relator, caso não tenha os elementos essenciais terá que voltar obrigatoriamente para o pesquisador refazer o documento. O objetivo da presente apresentação é analisar a ocorrência de problemas detectados nos TCLEs de processos com ingresso no CEP/UNICASTELO, via Plataforma Brasil, de janeiro a maio, ou seja, do inicio do novo sistema de cadastro até maio, totalizando cinco meses e um total de 65 termos a serem avaliados. Destes projetos, 7 ou 10,8% foram retirados pelos autores face a multiplicidade de falhas e limitações apresentadas ou impossibilidade do pesquisador poder dar continuidade refazendo a proposta. Dos sete retirados 71,4% apresentaram problemas no TCLE e os dois restantes foram retirados do sistema a pedido dos autores antes do processamento analítico interno já que muitos aspectos não estavam satisfatórios. No todo no momento da coleta alguns ainda estavam em tramitação (N=13). Desta forma, restaram analisados com pendências, entre os quais está incluso o TCLE um total de 21 projetos (32,31%). Excluindo os em tramite, ficando com o total de Aprovados (1º e 2º apresentação) só 13 projetos não apresentaram problema neste documento. Isto evidência a dificuldade dos pesquisadores em elaborar o documento. Muitos copiam de livros modelos incompletos sem mesmo adaptá-los (até no título e instituição). O CEP ofereceu cursos, orientações constam na Home Page da Universidade item a item do que é necessário constar no TCLE, há disponibilidade de membros do CEP atender as dúvidas via e-mail e pessoalmente, mas as falhas persistem. As falhas mais frequentes no TCLE são os seguintes elementos: 1) falta endereço do CEP, de informações sobre a pesquisa (objetivo, método, direitos, riscos etc.), de endereço do participante e do pesquisador e seu registro profissional, 2) redação com falhas quanto ao nível (fora da capacidade do participante), com pouca clareza, mistura de pessoas gramaticais, completude. Devem constar uma série de componentes obrigatórios para realmente assegurar os direitos éticos do participante e para a própria segurança do pesquisador na hipótese de posteriormente ocorrer alguma queixa ou processo contra ele. Os dados serão cotejados com o que for obtido de registros no CEP/UNICASTELO ao longo do primeiro semestre de implantação da Plataforma Brasil cobrindo o período de janeiro até junho.

Palavras-chave: ética em pesquisa, proteção ao participante, prevenção de falta do pesquisador

PD Pós- Doutorado

MET- Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

Sessão Coordenada: **Eventos estressores no ciclo vital do desenvolvimento humano vistos à luz do contexto da saúde pública**

No cenário das instituições de saúde cada vez mais os profissionais de saúde são desafiados quanto aos significados e crenças atribuídos aos eventos estressores no ciclo vital do desenvolvimento humano, como também quanto à construção de condutas e ações específicas diante de situações de crise e sofrimento psicológico gerados por eles. O tema principal da sessão coordenada consiste em visualizar e discutir, a partir do contexto da saúde pública, cinco eventos estressores do ciclo vital do desenvolvimento humano como, HIV/Aids, luto, violência, depressão e cirurgia cardíaca. Portanto, serão apresentados cinco trabalhos de pesquisa que enfocam distintos olhares, como o do profissional da área da saúde e o olhar das pessoas que convivem com um dos eventos estressores apontados. Esses trabalhos discutem a necessidade de observar a dinâmica das redes sociais significativas no enfrentamento do HIV/Aids; o impacto dos legados das perdas sobre as transições no ciclo de vida individual e familiar ; os significados que favorecem a violência relacional por parte da equipe de trabalho que atua com situações de violência; os aspectos relevantes para a inclusão da família no atendimento da depressão no contexto da atenção básica à saúde e os significados atribuídos pelos indivíduos com relação às vivências pós-cirurgia cardíaca. Aponta-se que a tríade - indivíduo, família e profissionais de saúde - está mutuamente implicada na construção de significados e estratégias de enfrentamento, cabendo a ela implementar contextos colaborativos e participativos, pois assim, se possibilitará trabalhar não somente sob a ótica da vulnerabilidade e riscos ao adoecimento psíquico, mas também no âmbito da promoção à saúde no ciclo vital do desenvolvimento humano.
Palavras-chave: eventos estressores; desenvolvimento humano; significados; saúde, enfrentamento.

Psicologia da Saúde

Revisitando os legados das perdas na família diante do atendimento em clínica-escola. *Ivânia Jann Luna ** (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).*
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)

,

A morte de um membro familiar é um dos eventos estressores que imprime uma dinâmica relacional de reajustamento e adaptação denominada de luto e a qualidade deste processo desafia as tarefas desenvolvimentais no ciclo de vida do indivíduo e da família. Na perspectiva de minimizar o impacto da perda sobre o ciclo vital individual e familiar realizou-se atendimentos psicoterápicos a duas famílias, que vivenciaram perdas prematuras e repentinas, sendo estes efetivados no contexto de uma clínica-escola vinculada ao Sistema Único de Saúde. Os atendimentos clínicos realizados geraram documentos e registros que possibilitaram a realização de uma pesquisa documental sobre os efeitos multigeracionais de um luto familiar sobre as transições no ciclo de vida individual e familiar. Os documentos pesquisados foram os registros dos atendimentos, o genograma e a linha do tempo familiar construídas com a família. Cada caso foi analisado qualitativamente a partir de quatro categorias como: as perdas significativas; as mudanças na família, o luto familiar e os legados das perdas. Assim, foram observadas perdas significativas nos dois casos, como o cônjuge e filhos. As mudanças nas famílias, após a perda, referiam-se, na família 1, à paternidade precoce, ao divórcio e ao recasamento; na família 2 referiram-se à problemas de saúde e financeiros. Quanto aos

aspectos do luto familiar observou-se, nas duas famílias. dificuldades de compartilhar significados, o isolamento emocional dos membros familiares, havendo alterações significativas no sistema quanto aos papéis dos filhos, mas não um processo de reorganização familiar e construção de novos projetos de vida. Os legados das perdas observados no caso 1 foram quanto as relações de confiança, intimidade e proteção, impossibilitando a filha confiar no sexo oposto e assumir os riscos de uma relação amorosa e os filhos não permitirem que a mãe assuma a sua condição de vida. No caso 2 observou-se prejuízos na saúde e a falta de expectativas quanto ao futuro. Discutiu-se que os legados na família 1 dificultaram o processo de individuação dos filhos e da mãe, interferindo tanto em seu processo de autonomia quanto na construção de relações de intimidade. Na família 2 discutiu-se as repercussões do luto na saúde de um dos membros familiares. Conclui-se que os legados das perdas tiveram um impacto intergeracional significativo para que as famílias pudessem enfrentar os desafios da transição para a vida adulta e velhice.

Palavras-chave: morte; luto familiar, significado, desenvolvimento, saúde.
IC
SAUDE - Psicologia da Saúde

Estudio de caso: la violencia relacional en contextos laborales que trabajan contra la violencia. *Paulina Andrea Quiñones Santelices ** (Escuela de Psicología, Universidad de Valparaíso, Chile)*
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)
Leonor María Cantera Espinosa (Departamento de Psicología Social, Unversidad Autónoma de Barcelona, España)

El trabajo aborda la problemática de la violencia en los espacios laborales que trabajan contra la violencia a través de la presentación de los resultados de una investigación cuyo objetivo fue comprender los significados que favorecen la reproducción de la violencia en estos contextos de trabajo. La investigación se desarrolló a partir de una perspectiva cualitativa, y participaron 4 profesionales que se desempeñaban en un centro de atención que acoge demandas de violencia, y que, a la vez, en este espacio laboral han vivido experiencias de violencia ejercidas por compañeros de trabajo. Para la recolección de los datos se utilizó la entrevista en profundidad, y para la producción de los resultados se utilizó el análisis de contenido categorial. Los resultados evidenciaron las formas que adopta la violencia y sus estrategias , permitiendo conocer los tipos de violencia y la forma en que las agresiones se instalaban en la vida de las participantes, todo ello de una manera sutil e invisible, pero a la vez penetrante, llegando, incluso, a anularlas y paralizarlas; lo que queda de manifiesto en los efectos de la violencia , las narraciones dan cuenta del sufrimiento y el desgaste emocional, de los síntomas físicos, los sentimientos de paralización, la forma en cómo el trabajo inundó sus vidas, y la incapacidad conceptual en que quedan las participantes para identificar la violencia como tal. Consideramos que este último punto es crucial, pues repercute negativamente en la vida de las participantes, ya que al no reconocer la violencia como tal, se instala una visión negativa, en la que ellas están fallando en el desempeño de su trabajo o en la forma en que se están relacionando, lo que las deja atrapadas y sin salida. Más si se considera el contexto de la violencia , el que en este caso en particular, favorece la reproducción de la misma, a partir del abandono, el silencio, la pasividad, la desorganización y el no reconocimiento de la violencia. Consideramos que la relevancia del aporte de esta investigación está dada por la escasa existencia de estudios en esta problemática, y por tanto en la visibilizacion de la situación

paradojal vivida en ese contexto laboral específico. Asimismo, los resultados que emergieron de esta investigación se constituyen en aportes importantes para auxiliar y subsidiar una reflexión necesaria, tanto en nivel organizacional como humano, sobre la intervención de los eventos estresores en estos contextos de trabajo, propiciando el abordaje adecuado y oportuno de estas situaciones y generando acciones en pos de su prevención.
CONICYT, Chile
Palabras claves: violencia, significados, equipos de trabajo, saúde.
M
SAUDE - psicologia da Saúde

Os significados sobre a inclusão da família no tratamento da depressão na perspectiva da prática do psicólogo no contexto da rede municipal de saúde. *Cibele Cunha Lima da Motta ** (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)
,
A inclusão da família nos processos terapêuticos configura-se uma das diretrizes preconizadas pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2003) no desenvolvimento de ações em saúde mental. A família é considerada um dos pilares da assistência integral à saúde na medida em que é concebida como uma unidade de cuidado, além de se configurar como um mediador entre o usuário e a sociedade. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa foi investigar sobre os significados da inclusão da família no tratamento da depressão no contexto de uma rede municipal de saúde. O estudo foi realizado sob a perspectiva do pressuposto epistemológico do pensamento complexo, sendo este de natureza qualitativa ancorado nos princípios da teoria fundamentada empiricamente (Grounded Theory). Participaram da pesquisa 22 psicólogos atuantes na rede municipal de saúde mental. A coleta de dados iniciou-se por meio de um processo de observação participante de campo que possibilitou conhecer o contexto institucional considerando as políticas públicas de atenção à saúde mental e processos de trabalho. A etapa seguinte constituiu-se da realização da entrevista semi-estruturada. A análise foi realizada por meio da teoria fundamentada nos dados (Grounded Theory) e em conjunto com o recurso do software Atlas/ti 5.0, que possibilitou a integração e organização dos dados em categorias. Os resultados foram organizados em três categorias: (A) Reconhecimento do papel da família; (B) Acolhimento e orientação da família; (C) Limites e dificuldades da inclusão da família no atendimento ao paciente deprimido. Os significados presentes nas falas dos psicólogos reconhecem tanto as potencialidades quanto as limitações da família na vivência desse evento estressor no cotidiano familiar. A partir do reconhecimento dessa gama de habilidades, os resultados evidenciam também a necessidade de que as ações de acolhimento e orientação da família constituam-se em temáticas de educação permanente com vistas a desenvolver esse recurso entre os profissionais de saúde para o tratamento da depressão ou para outros tipos de sofrimentos psíquicos.
Bolsa CAPES/PNPD
Palavras-chave: prática psicológica, depressão, significado, saúde, atenção básica.
PD
SAÚDE - Psicologia da Saúde

A participação da rede social de mulheres que vivem e convivem com o hiv no processo de enfrentamento da soropositividade.. *Renata Orlandi ** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Realeza, PR),*
Carmen Leontina OjedaO\'campo Moré (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).

,

O recebimento da notícia diagnóstica abre precedentes para uma infinidade de mudanças no cotidiano das pessoas que vivem e convivem com o HIV, atuando como um evento estressor que repercute no seu processo de constituição, assim como desenvolvimento de sua família e de sua rede social. No que tange ao apoio recebido, face à revelação diagnóstica, as pessoas que vivem com o HIV podem acionar a sua rede ou manter em segredo o seu status sorológico, tornando o enfrentamento da contaminação um processo desgastante e solitário. Haja vista a tendência mundial e também brasileira de feminização da epidemia torna-se estratégico o investimento em pesquisas voltadas para essa população. O objetivo deste estudo foi investigar como a rede social significativa de mulheres que vivem e convivem com o HIV participa do enfrentamento da soropositividade. Metodologicamente, o trabalho se caracteriza como qualitativo, transversal, descritivo e exploratório. Para a coleta de dados foram empregados a entrevista semi-estruturada, o mapa de redes e o genograma, bem como foram consultados os prontuários médicos das entrevistadas. Participaram do estudo mulheres infectadas pelo HIV com idades compreendidas entre 20 e 59 anos que haviam recebido o diagnóstico há mais de um ano e que apresentavam condições emocionais para lidar com o procedimento de investigação. Os dados foram coletados em uma cidade situada no sul do Brasil com altos índices de casos notificados. O procedimento de análise foi ancorado na Teoria Fundamentada Empiricamente. Para a organização e processamento dos dados foi utilizado o software Atlas/ti 5.0. O segredo e/ou a impossibilidade de falar abertamente sobre o vírus HIV foi mencionado pelas entrevistadas e o estigma atrelado à Aids destacou-se nos relatos. Referente aos recursos pessoais empregados na resolução de problemas relacionados ao HIV foram destacados: as medidas de auto-cuidado em saúde, o delineamento de projetos de vida, as estratégias psicológicas para ressignificar soropositividade e a atuação da rede social significativa. As participantes que apresentaram mais recursos no enfrentamento do problema, as que referiram maior bem estar, assim como melhores condições clínicas de saúde as apresentaram redes sociais significativas mais eficientes e dinâmicas no que diz respeito à composição, às funções, à heterogeneidade, à freqüência de contatos, à proximidade geográfica, à intimidade e às interconexões. Ainda que isoladas, as iniciativas de profissionais de saúde no sentido de acolher membros da rede social dessas mulheres no processo de enfrentamento da soropositividade foram bem vistas e pareceram repercutir na qualidade da ajuda. Para além do mapeamento e acionamento de membros, a articulação da ajuda e o favorecimento dos processos comunicacionais entre todos estes e as pessoas que demandam o apoio parece ser um foco estratégico de atuação das equipes de saúde, as quais podem atuar tanto no envolvimento de pessoas, como no fortalecimento e na criação de conexões entre os sub-sistemas que compõem as redes sociais significativas. Os dados coletados sugerem que a participação da rede social significativa das mulheres entrevistadas foi decisiva para o processo de enfrentamento da soropositividade.
Apoio financeiro: CNPq

Palavras- Chave: Rede Social Significativa; HIV/Aids; Enfrentamento, significado, saúde.
SAÚDE-Psicologia da Saúde

Vivências após a cirurgia cardíaca: significados atribuídos por pacientes submetidos à cirurgia. *Shana Hastenpflug Wottrich ** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC)*
Alberto Manuel Quintana (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)

,

Estudos referem a cirurgia cardíaca como um procedimento que traz consigo uma carga significativa de dramaticidade para os indivíduos que a ele se submetem, pois é um tratamento invasivo, considerado agressivo, em que estão presentes a ansiedade e o medo. Nesse sentido, tal experiência causa um grande impacto na vida do paciente, caracterizando-se como um evento estressor em seu ciclo vital. A partir dessas considerações, empreendeu-se um estudo clínico-qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, cujo objetivo foi compreender os significados atribuídos à cirurgia cardíaca por pacientes pós-cirúrgicos. Participaram do estudo 13 pacientes cardíacos pós-cirúrgicos, usuários de um ambulatório de cardiologia de hospital universitário do interior do Rio Grande do Sul. Entrevistas semi-estruturadas individuais e a auto-fotografia foram utilizadas como método de coleta de dados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo e de um roteiro de leitura das imagens, sendo as análises das narrativas e das imagens realizadas de forma complementar. Os resultados evidenciaram referências à sensação de estranhamento do corpo após o procedimento, bem como à necessidade de reconhecimento de si, enquanto sujeito. As narrativas dos participantes aludem à falta de referenciais com relação ao que é possível ou não o corpo suportar após a cirurgia, havendo relatos de sentimento de fragilização e de desamparo. Em função da situação pós-cirúrgica, os participantes apontaram a necessidade de cautela em relação à retomada de atividades anteriores ao próprio adoecimento e à cirurgia, bem como o medo de ultrapassar os limites do corpo, com relação ao desempenho das atividades cotidianas, principalmente no que concerne à capacidade para as atividades de trabalho e sexual. Salienta-se que, mediante a impossibilidade de desempenho nas atividades produtivas, os participantes mencionaram sensação de desvalia, enquanto sujeitos. A virilidade também foi colocada em questão pelos homens, mediante a impossibilidade de um desempenho satisfatório nas relações sexuais. Em suma, a cirurgia foi mencionada como acarretando uma série de mudanças nas possibilidades dos sujeitos vivenciarem os seus cotidianos, sendo compreendida como experiência que demanda um esforço de reconhecimento das possibilidades de ser e estar no mundo. Conclui-se afirmando a necessidade de que os significados atribuídos pelos indivíduos com relação às vivências pós-cirúrgicas sejam considerados no planejamento e nas ações de saúde que os envolvem, norteando o entendimento de atenção à saúde sob a perspectiva da integralidade.

Bolsa CAPES/Demanda Social
Palavras-chave: Cirurgia; significados; corpo, saúde.

M

SAUDE -Psicologia da saúde

Sessão Coordenada: **Experiência elementar em psicologia**

A utilização do conceito de experiência elementar no campo da Psicologia é um tema emergente. A sessão coordenada quer reunir contribuições de pesquisa teórica e empírica sobre o tema. A diversidade de universidades e de regiões do país mostram o amplo interesse pelo assunto. Buscando identificar a dinâmica fundante da experiência propriamente humana, o conceito fenomenológico vem se desenvolvendo em âmbito interdisciplinar e a sessão coordenada aponta a importância da relação entre Psicologia, Filosofia e literatura. A interdisciplinaridade interna à Psicologia está contemplada na sessão coordenada por trabalhos das áreas Social e História (fundamentos).
Psicologia Social

EXPERIÊNCIA ELEMENTAR EM PSICOLOGIA: A TENSÃO FINITO/INFINITO NO DIÁRIO DO ESCRITOR LÚCIO CARDOSO. *Miguel Mahfoud, Marcela Alves Silva* (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade. Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG),*
O presente trabalho tem como objeto identificar as formas como aparecem a tensão entre a finitude e a infinitude no material analisado, o diário de caráter autobiográfico de Lúcio Cardoso, escritor mineiro. Tomando a elaboração de Luigi Giussani sobre experiência elementar, no contato com a realidade esta tensão é a raiz da experiência humana, em que, dentro de nossa limitada condição, vislumbramos um horizonte de totalidade, temos uma busca contínua por sentido. Através do método fenomenológico, o encontro com o diário de Lúcio é a maneira de deixar aparecer as vivências narradas e no mesmo movimento, trazer à tona aspectos fundantes da vida humana, de forma a poder agregar diálogos férteis no campo da Psicologia. A tensão finito/infinito apareceu de diversas formas durante a análise como: a) na forma como Lúcio toma a religião, vislumbrando no relacionamento com o infinito a única forma de viver sua existência finita; b) em sua condição de escritor, contínua busca por realização totalizante que sempre resistiu às inúmeras limitações pelas quais passara para ir adiante em seu trabalho; c) na tematização da morte, que permeia a obra como aviso da finitude e lembrete da importância de sentido. Ora através da afirmação do que lhe importava, ora por pesadas críticas à superficialidade que encontrava em seu cotidiano, visualizamos a mesma tensão, o mesmo vislumbre de um horizonte de significado em uma existência limitada, que o mantinha com urgência de atentar as pessoas para o drama de viver. Observamos a mesma problematização, sob formas paradoxais e contraditórias, quando tomava a morte de tudo como componente saudável de transformação ou a tratava como duro exercício traiçoeiro do tempo. Em outros momentos, falando de Deus ou da maneira como seu trabalho era estruturante para sua pessoa, nota-se a manifestação da infinitude que está além do que ele pode se dar. Concluímos que sob a forma da tensão finito/infinito, que não implica que um pólo exclua outro, mas que, ao contrário, coexistam, Lúcio mantém um diálogo íntimo com a vida vida finita e limitada que sempre o lançou a um horizonte maior. Dessa forma apreendida, os fatos de sua vida narrados não foram tomados como isolados, desconexos, mas como uma possibilidade de se conhecer a pessoa Lúcio Cardoso, em unidade. Ao mesmo tempo, enxergar a unidade do escritor nos lança para a unidade do humano, que, manifestada de inúmeras maneiras, indica aspectos universais necessários para a Psicologia que pretenda ser ciência do homem.
Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: Experiência Elementar, Fenomenologia, Psicologia e Literatura
IC
SOCIAL

EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE: INTERFACES ENTRE LUIGI GIUSSANI E CLAUDE ROMANO. *Paulo Coelho Castelo Branco** (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG),*

Objetiva-se analisar as filosofias de Luigi Giussani e Claude Romano, de modo a entender o paradigma de experiência em que eles inserem-se, e estabelecer suas convergências e divergências. Para discutir tais proposições, fez-se uso da pesquisa de natureza teórica exploratória, focando as teorias da experiência dos aludidos autores. Constatam-se dois paradigmas para se pensar experiência. O primeiro aborda a experiência como um fluxo de permanência e continuidade. Isto permite formular essências que são possíveis de serem captadas pela consciência e permite acessar um conhecimento que transcende a experiência singular. Esse paradigma é adotado por filosofias racionalistas e empiristas que abordam a relação do sujeito com o mundo, enfocando suas vertentes de conhecimento válido. O segundo paradigma entende a experiência como resposta a um acontecimento, que provoca a pessoa e não evoca repetições e acúmulos de vivências. Ainda que incida numa transformação pessoal, esse paradigma não proporciona conhecimento - não por destituir o sujeito do saber, mas por lançá-lo a possibilidade de compreender-se com base nos eventos que lhe acontecem. Giussani e Romano encontram-se nesse último paradigma, que possibilita outra concepção de subjetividade para a primeira vertente, em que a Fenomenologia está inserida. Ao compreender-se pela forma como responde à provocação que um evento apresenta como realidade, a subjetividade deixa de ser fundamento absoluto e origem do sujeito. Tal concepção encontra-se nas premissas de realismo, razoabilidade e moralidade, presentes na concepção de experiência elementar em Giussani, e nos momentos de passibilidade, implicação e singularidade, propostos pela hermenêutica do advenant de Romano. Nesse aspecto, a subjetividade não é anterior ou superior a qualquer realidade que se impõe, e ela não se reporta a isto como sujeito, mas ipsiedade - uma capacidade de se reconhecer no que acontece e singularizar-se em função da própria experiência e não por estruturas subjetivas a prioris e transcendentais. Para ambos os autores: (1) a experiência surge a partir de uma provocação que a realidade manifesta enquanto evento, e de como o afetado é capaz de acolher essa provocação e reconfigurar o seu mundo e a si mesmo; (2) a emergência da subjetividade não está na relação de aquisição epistêmica de conhecimento entre sujeito e mundo, mas situa-se segundo o evento que acompanha a experiência e em como esta acolhe uma provocação da realidade, se confronta com ela e se estabelece diante dela. Entretanto, os filósofos divergem, pois: Giussani, ao se aproximar de um tomismo, entende que há componentes que são elementares a experiência humana, tais como exigências de liberdade, amor e justiça; e, Romano, ao propor uma crítica a eidética husserliana e a ontologia heideggeriana, estabelece que a experiência não demanda condições de possibilidade de estruturas universais, exigências elementares ou do Dasein. Conclui-se que Giussani e Romano, em suas interfaces, possibilitam uma nova pauta para pensar a fenomenologia da experiência, ao descentralizá-la de uma posição de aquisição de conhecimento e subjetivação dominante a realidade. A totalidade é maior que a experiência, contudo esta pode encontrar nas provocações da realidade uma ocasião de subjetivação.

Palavras-chave: Experiência, Fenomenologia, Subjetividade.

D

HIST

A EXPERIÊNCIA ELEMENTAR PELO ROSTO DO OUTRO REFLEXÕES SOBRE O ÉTICO NO PENSAMENTO DE GIUSSANI. *Emanuel Meireles Vieira (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Pará, Belém, PA),*

Pretende-se discutir a noção de alteridade na concepção de experiência elementar, de Liugi Giussani, a partir da ética da alteridade radical, desenvolvida pelo filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas. Para tanto, procedeu-se pesquisa bibliográfica que englobou tanto os referidos autores quanto comentadores de ambos. O conceito de experiência elementar pode ser definido como ímpeto primeiro através do qual o humano se lança ao mundo e que serve como critério para o julgamento de suas ações no mundo. Este ímpeto, por vezes, é apontado por Giussani como a relação com o infinito, ou seja, com uma alteridade absoluta. Neste sentido, compreende-se que a filosofia de Lévinas pode ser muito útil no aprofundamento do entendimento da constituição da subjetividade pela relação com o infinito, pois, segundo esse autor, a subjetividade se funda com base em uma relação vertical e não-sintética com o absolutamente Outro. Lévinas contrapõe o Outro ao Mesmo, afirmando a ética como filosofia primeira. Assim, ao invés de se ocupar da questão do Ser (ontologia), Lévinas o questiona através da ética. O Outro, para Lévinas, me chama a uma intransferível responsabilidade para consigo. Além disto, ela escapa à totalização empreendida pelo saber moderno e se revela a partir do Infinito revelado por um Rosto não-fenomênico diferença que não pode ser totalizada, nem apreendida através de uma imagem, por exemplo. Giussani, por sua vez, apresenta apontamentos que podem dialogar com a filosofia levinasiana, ao propor que, para se acessar a experiência elementar que constitui o humano como tal são necessárias as premissas do realismo, da razoabilidade e da incidência da moralidade sobre a dinâmica do conhecimento. O realismo é o reconhecimento de que o método de investigação é imposto pelo objeto, de modo que é necessário abrir à sua diferença para conhecê-lo adequadamente. Já a razoabilidade versa acerca da necessidade de uma razão diferente da que habitualmente conhecemos, pois ao invés de reduzir a realidade a elementos fragmentados (atitude corrente na razão moderna), adere-se a ela, de modo a conhecê-la como abertura à sua totalidade. Quanto à incidência da moralidade sobre a dinâmica do conhecimento, trata-se de um amor à verdade maior do que a si mesmo, o que não significa a negação do sentimento no processo de conhecer, mas reconhecê-lo como elemento constituinte deste processo e colocá-lo no devido lugar e, portanto, assumir um posicionamento diante do objeto a ser conhecido. Nas três premissas postuladas por Giussani é possível perceber constante preocupação em não cair numa postura reducionista da realidade, presente na razão moderna, e em não capturá-la de modo totalizante, pois há sempre espaço para uma imposição desta sobre o sujeito que tenta conhecê-la uma abertura à alteridade, segundo a compreensão aqui desenvolvida. Percebeu-se, portanto, neste trabalho, que o pensamento levinasiano pode evocar profícuo diálogo com a concepção de experiência elementar, possibilitando-lhe o fundamento de um ethos para a experiência humana.

Palavras-chave: Experiência Elementar; Subjetividade; Alteridade

P

HIST

UM ESTUDO DE FELICIDADE CLANDESTINA , DE CLARICE LISPECTOR, A PARTIR DA EXPERIÊNCIA ELEMENTAR.

Jenifer Cortes Demeterco (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR) Miguel Mahfoud (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais),*

A literatura intimista de Clarice Lispector é reconhecida por abordar temáticas marcadamente existenciais e tratar de questões de alcance ontológico para o humano. Ao refletirem a respeito da própria existência, relacionando-a com as experiências, as personagens clariceanas falam de suas vivências. Na análise destas, a psicologia encontra um importante material em que se pode basear para versar a respeito das exigências e evidências humanas que emergem nas experiências cotidianas. Neste trabalho, objetiva-se explicitar as vivências, contidas no

conto Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector, que revelem como se estrutura a relação das personagens/sujeitos com o mundo. Para análise do material, é utilizado o instrumento conceitual experiência elementar . Segundo a formulação de Giussani, trata-se de um critério primordial, reconhecido por meio de investigação existencial, e que se constitui em um conjunto de evidências e exigências originárias que guia o posicionamento do ser humano em suas relações. A análise fenomenológica do texto é feita, portanto, a partir da identificação e compreensão de vivências da personagem central inserida no contexto do próprio conto. Apreende-se, como resultado, por meio das experiências da protagonista, a tensão constante vivenciada pela pessoa na busca incessante da unidade de sentimento e razão em vistas à realização pessoal e a vivência da liberdade quando da concretização desse objetivo. O conto, narrado em primeira pessoa, traz a visão da protagonista adulta a respeito daquilo que vivenciara enquanto criança, já que, à época, não compreendia as situações pelas quais passava. A garota que protagoniza a história ansia por tomar emprestado de uma colega um livro de Monteiro Lobato, mas sofre duras penas até consegui-lo. Sem reconhecer as próprias exigências, a menina permite que a outra lhe cause a dor de limitar o acesso ao que, para ela, representava um horizonte totalizante. A garota vive, então, uma dor fundante que remete à sua Experiência Elementar. É a exigência de bem diante do que, para ela, é uma evidência de mal. A realidade, entretanto, ao provocar esse desejo na menina, coloca-a em movimento. Diante de um acontecimento, entretanto, há um desconcerto que permite que tudo se reorganize. A mãe da garota que se negava a emprestar o livro faz a experiência da razoabilidade, dando-se conta do comportamento da filha. Obriga-a, então, a emprestar o livro. Com ele em mãos, a protagonista vive, ao mesmo tempo, um maravilhamento e uma experiência de liberdade, já que lhe é permitido, por meio do encontro com o livro, afirmar o próprio ser. Nessa experiência, emerge o que é essencialmente humano - a menina, então adulta, compara a relação com o objeto livro ao mesmo sentimento que tem a mulher com seu amante. Conclui-se que, embora se trate de uma obra de ficção, o material literário mostra-se rico em exemplificar as relações da pessoa com as próprias vivências. Além disso, demonstra a necessidade de o homem revisitar constantemente a sua situação no mundo, a fim de reconhecer as exigências que o constituem, podendo assumir, assim, a responsabilidade pela própria existência e viver a experiência de liberdade.

Palavras-chave: Literatura, Experiência Elementar, Fenomenologia.

Outro

SOCIAL

MARKETING INFANTIL E EXPERIÊNCIAS DE CONSUMO: EXPERIÊNCIA ELEMENTAR E ENCONTRO. *Carmen Silvia Porto Brunialti Justo** e Marina Massimi (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

A presente pesquisa está no âmbito temático da relação entre Marketing Infantil e Psicologia. Esta pesquisa teórica tem por objetivo responder à questão como as crianças fazem experiências de encontro a partir de produtos mercadológicos infantis? tomada pelo aporte de dois conceitos fundamentais: o de Experiência Elementar proposto por Luigi Giussani e o de Encontro sistematizado por Romano Guardini. Ambos discutem - dentro de suas respectivas abordagens - a experiência do encontro com o real e particularmente com o outro como constitutivo da pessoa. Giussani tematiza a abertura do sujeito para o encontro examinando as modalidades de reação diante da realidade social que lhe são impostas. Guardini analisa a experiência do encontro com a alteridade como fundamental por guardar em si a possibilidade de interação e reciprocidade. Foram abordados os temas motivação e consumo, especificamente do público infantil. Analisarem-se tanto o impacto negativo que o marketing

pode vir a exercer em crianças bem como estratégias para envolvê-las mediante produtos e serviços. Discutiram-se os problemas gerados pela exposição desse público a peças publicitárias que estimulam a erotização precoce. A criança, ao se encantar com objetos de consumo estampados em peças publicitárias, entra em relação com um outro podendo vir a estabelecer vínculo de caráter emocional. Estabelecer relações entre os conceitos de Experiência Elementar e de Encontro e consumo infantil resulta útil para identificar nos desejos e exigências constitutivas o elemento propriamente humano no consumidor infantil, enquanto sujeito do ato de consumir. Conclui-se que o público infantil em sua característica abertura para o real enquanto movimento de descobertas tende a assimilar com interesse os produtos tendo efeitos estruturais em seu processo de formação. Esses encontros podem vir a impactar o seu dia a dia e podem ser significativos para seu processo de formação. O caso específico da erotização precoce é particularmente importante, em que o impacto se apresenta em todas as dimensões da pessoa: corpórea, psíquica, relacional, espiritual. As implicações psicológicas no público infantil estão ligadas ao fenômeno chamado de encurtamento da infância . Conclui-se que a abordagem da antropologia filosófica daqueles dois autores de referência da presente pesquisa possibilita uma nova forma de se analisar e discutir as implicações psicológicas do Marketing Infatil.

Palavras-chave: experiência elementar; psicologia; marketing

M

SOCIAL

Sessão Coordenada: **Família, Vínculos e Contemporaneidade**

A contemporaneidade tem propiciado o surgimento de novas configurações familiares e o estabelecimento de diferentes tipos de vinculação amorosa, dissociados do modelo tradicional de família. Considerando-se a importância destes modelos na constituição subjetiva dos indivíduos, torna-se importante a produção de conhecimentos acerca dos diferentes padrões de vinculação. Nesta sessão coordenada, o tema família e seus vínculos serão abordados, sob diferentes perspectivas, considerando-se desde o estabelecimento de vínculos amorosos duradouros, até o fenômeno dos vínculos sem compromisso. Perpassando os vínculos conjugais estabelecidos na interface do parental e a concepção de família adotada pelos técnicos do judiciário no processo de adoção.
Psicologia da Família e da Comunidade

CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE INTERDEPENDENTES: SUAS RELAÇÕES COM MODELO GERACIONAL. *Laura Fernandes Merli (Universidade de São Paulo); Isabel Cristina Gomes (Universidade de São Paulo),*
Neste trabalho, o conceito vínculo é utilizado referindo-se à condição de ligação de pelo menos duas estruturas distintas, ou seja, dois egos inteiros. O contato com o outro ativa em cada sujeito alguns funcionamentos e conteúdos conscientes e inconscientes, o outro é ao mesmo tempo lugar e realização dos desejos primitivos. Considerando-se o vínculo conjugal, complexos familiares e imagos parentais estão envolvidos e são reeditados no encontro com o outro. Com a contemporaneidade e a evolução do feminismo, surgiram novas possibilidades de vinculações, incluindo a vivência de uma parentalidade dissociada da conjugalidade. Aqui enfatiza-se compreender o estabelecimento do vínculo conjugal a partir de uma gravidez, tendo-se como base uma pesquisa de Mestrado, que objetivou investigar a influência da parentalidade precoce no estabelecimento e manutenção da conjugalidade, bem como, a influência da transmissão transgeracional nesta forma de vinculação. A amostra foi constituída por quatro casais na faixa etária dos 25 aos 35 anos, que estavam casados legalmente ou vivendo juntos por um período mínimo de três e máximo de oito anos, sendo estas relações precedidas e determinadas pela concepção do primogênito. A metodologia aplicada foi da pesquisa clínico-qualitativa, os dados foram coletados através de entrevistas gravadas, utilizando-se um roteiro de entrevista semiaberta, que abordou questões sobre a dinâmica conjugal, histórico da família nuclear e de origem de cada um dos cônjuges. Apresentaremos os resultados parciais da pesquisa, analisando-os a partir do referencial psicanalítico, mais especificamente da psicanálise de família e casal, buscando contribuir para a construção de conhecimento na área. Dos casais entrevistados, o período entre o início do relacionamento e a descoberta da gravidez varia de três meses à um ano e nove meses. Diante da notícia da gravidez, todos enfrentam um momento conturbado, incluindo discussões com a família de origem, entretanto, optam pela construção de um vínculo familiar. O início da conjugalidade é marcado por conflitos, incluindo interferência das famílias de origem, discussões freqüentes a respeito dos valores e do futuro da relação; e reclamações por parte das figuras femininas do não comprometimento da(s) figura(s) masculina(s) na construção do grupo familiar. Os casamentos são perpassados por separações e suspeitas de traições, todas elas reavaliadas em função dos filhos, atentando para influência desta gravidez na continuidade do vínculo conjugal. Os casais relatam interferências das famílias de origem na estruturação e manutenção da dinâmica conjugal e familiar, demonstrando muitas vezes a necessidade de inserção de terceiros na manutenção do vínculo do casal. A respeito da transmissão geracional, os casais referem semelhanças em relação às famílias de origem na atuação de cada um dentro do vínculo conjugal e na construção da história familiar. Observou-se uma identidade conjugal enfraquecida, em detrimento do exercício da função parental, levando à inserção de terceiros como mediadores desse vínculo. Desta forma, concluímos a presença de

dificuldades na construção e vivência de uma conjugalidade plena e independente da parentalidade, bem como, forte influência do modelo geracional tradicional na estruturação e continuidade do vínculo conjugal.

AS HERANÇAS PSÍQUICAS E A CONSTIUIÇÃO DO VÍNCULO CONJUGAL. *Maria Lucia de Souza Campos Paiva (Universidade Presbiteriana Mackenzie),*
Na contemporaneidade, mulheres e homens têm estabelecido diversos tipos de vínculos amorosos. Já não podemos dizer que existe um modelo único de casamento e família, tampouco fazer previsões a respeito da durabilidade de uma relação matrimonial. Durante muitos anos, os estudos acadêmicos focaram a questão do rompimento do vínculo conjugal, dando pouca relevância aos casamentos duradouros. Este trabalho pretende apresentar os resultados da pesquisa de doutorado realizada por Paiva que versa a respeito dos casais que permanecem casados por muitos anos e a formação do laço conjugal. Assim sendo, o objetivo geral da tese foi estudar a transmissão psíquica entre as gerações e a interferência da mesma na constituição e manutenção do vínculo conjugal. Pretendemos entender as influências que os casais receberam das famílias de origem e como elas interferiram na possibilidade de o casal desenvolver uma identidade conjugal própria, enfocando tanto as influências conscientes como as inconscientes. Utilizamos a psicanálise como referencial teórico, mais precisamente as formulações teóricas de René Kaës a respeito da transmissão psíquica e o peso que o Negativo assume neste processo. Abordamos, então, o mecanismo de transmissão psíquica intergeracional e transgeracional na formação e manutenção do vínculo conjugal. O método utilizado foi o clínico-qualitativo, proposto por Turato. A pesquisa foi realizada com dois casais casados entre vinte e trinta anos; com filhos ainda morando com os pais; e que o casal não estivesse em processo terapêutico. A coleta de dados foi feita por meio de entrevista semi-aberta, com os dois em conjunto, e pela aplicação das pranchas 2, 4, 7RH, 7MF, 19 e 16 do Teste de Apercepção Temática, com cada cônjuge, separadamente. O Teste de Apercepção Temática foi usado enquanto um objeto mediador que favorece a associação livre. Entendemos que o uso do TAT serviu como uma via de acesso às formações psíquicas intermediárias, que ligam o afeto à representação de palavra. Com base no material coletado, evidenciamos a presença do declínio do masculino nas várias gerações das famílias de origem desses casais e apontamos para a transmissão psíquica transgeracional da fragilidade masculina. As principais conclusões indicam que as heranças psíquicas transgeracionais foram determinantes na constituição do vínculo conjugal para esses casais pesquisados e dificultaram o estabelecimento de uma identidade conjugal e familiar própria. Apesar dos casais almejarem viver um vínculo diferente dos vividos em suas famílias de origem, encontraram dificuldade em tal processo, pois não conseguiram elaborar e se apropriar das heranças transgeracionais recebidas.

VÍNCULOS SEM COMPROMISSO COMO EFEITO DAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA CONTEMPORÂNEAS E DA HERANÇA PSÍQUICA GERACIONAL. *Sandra Aparecida Serra Zanetti (Universidade de São Paulo); Isabel Cristina Gomes (Universidade de São Paulo),*
Transformações socioculturais são uma importante fonte de influência para a formação das novas configurações familiares e dos vínculos, de modo geral. Fenômenos contemporâneos como o narcisismo exacerbado e o consumismo fazem alguns autores se questionarem a respeito, por exemplo, da estabilidade e da permanência com que são formados os vínculos na atualidade. Contudo, o papel da transmissão psíquica geracional desempenha também forte influência sobre estas configurações. De acordo com a psicanálise vincular, somos sujeitos da herança , o que faz de cada indivíduo um elo de ligação em sua cadeia geracional, entre aquele que o precede e aquele que o descende, e destas ligações uma malha psíquica intersubjetiva. Pensando nestes dois polos de influência, o objetivo deste trabalho é

compreender a construção subjetiva de adultos que optam por não se vincular amorosamente de maneira compromissada em meio às condições contemporâneas de existência e a herança psíquica familiar. Partindo de um referencial clínico-qualitativo de pesquisa, foram realizadas entrevistas semidirigidas com dois participantes, um de cada sexo, com a idade entre 25 e 35 anos, provenientes da classe média da população, que não tivessem tido nenhum tipo de vínculo amoroso compromissado por pelo menos um ano e nem desejassem ter; e que não tivessem filhos. O material coletado foi transcrito e analisado visando uma interpretação psicanalítica profunda de cada caso, privilegiando aspectos da herança psíquica geracional e das características da subjetividade oriundas das condições de existências contemporâneas (como o fenômeno do narcisismo e do consumismo), que culminassem na opção por permanecer sem um vínculo amoroso compromissado. Os resultados apontam para construções subjetivas perpassadas pelas características do narcisismo: ambos mostram-se altamente preocupados com o próprio bem-estar e pouco predispostos a conciliar seus hábitos de vida com o de mais ninguém. Possuem como principal objetivo de vida o desenvolvimento profissional; passeiam; viajam; divertem-se; têm vínculos amorosos esporádicos e sem compromisso. Com relação à herança psíquica, é claro o modo como tais construções subjetivas estão ligadas a aspectos conscientes e inconscientes advindos de material psíquico herdado. No caso de nosso entrevistado, dentre outros aspectos, segue o modelo geracional do pai que casou-se com a mãe quando tinha 40 anos e ela, 23. Logo, sente que tem bastante tempo ainda para construir um possível vínculo compromissado. No caso da entrevistada, o luto pela separação dos pais quando era pequena permanece sem elaboração e ela não pretende repetir o mesmo erro dos pais, avós e bisavós, apaixonando-se, pois, segundo ela, ninguém em sua família teve um bom casamento. Concluindo, os resultados demonstram que, se por um lado esse fenômeno atrela-se às características da contemporaneidade podendo dificultar a construção de vínculos estáveis, sofre também a influência do legado geracional, pois juntos resultam numa construção subjetiva que traz à tona o desejo pelo vínculo amoroso sem compromisso.

A FAMÍLIA ADOTIVA E OS TÉCNICOS JUDICIÁRIOS PSICÓLOGOS. *Rosilene Ribeiro de Oliveira(Universidade de São Paulo); Isabel Cristina Gomes (Universidade de São Paulo),*
A família é um tema amplo e complexo somado á diversas transformações que vêm ocorrendo e suas diferentes configurações presente na história da sociedade e de indivíduos, tanto como objeto de análise social, antropológica, histórica e psicológica. Na área da Psicologia e Psicanálise, a família tem fundamental importância na constituição do sujeito, no que diz respeito à construção de sua identidade, por meio dos sentimentos de pertença e diferença enquanto indivíduo. Escolheu-se conhecer como acontece à intervenção do Psicólogo Judiciário no processo de adoção, tanto sob o ponto de vista da criança ou adolescente quanto da sua futura família. Desta forma, este projeto de pesquisa objetiva refletir sobre a prática destes profissionais acerca do tema família no processo de adoção. A metodologia aplicada refere-se à pesquisa clínico-qualitativa, onde os sentidos e as significações dos fenômenos são o foco principal do pesquisador. A amostragem é formada por profissionais (em número de 6) Técnicos Judiciários, Psicólogos das Varas da Infância e da Juventude que atuam nos casos de adoção, sem distinção de gênero, idade e tempo mínimo de trabalho na área. Atuantes no Estado, Cidade e Zonas Centro - Leste de São Paulo. A pesquisa esta em andamento. Os contatos iniciais com tais profissionais aconteceram por telefone. A participação dos colaboradores foi voluntária após conhecimento do teor da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-dirigidas, previamente autorizadas, que foram gravadas e vem sendo transcritas para maior fidedignidade das informações colhidas. Foram realizados no máximo dois encontros com duração de duas horas cada, em um local previamente escolhido pelo entrevistado(a). A análise dos dados vem sendo

feita a partir de referenciais psicanalíticos, de forma qualitativa. Todos os psicólogos entrevistados declararam serem trabalhosas as avaliações realizadas em processo de adoção, uma vez que se reconhecem como quem da assistência, seleciona, não somente no sentido de decidir sobre a aptidão ou não do pretendente a adoção, mas, também aquele(a) que intermedia um procedimento burocrático que interfere na história que esta realidade oferece (candidatos a pais e filhos). As profissionais com menor tempo de serviço mostram-se mais propensas às concepções que levam em conta os novos arranjos familiares. Já os profissionais com mais de dez anos de atuação no serviço judiciário, demonstram que suas intervenções passam por reformulações mediante as novas concepções de família. Aos novos arranjos familiares são geralmente direcionados como possibilidade a adoção de crianças maiores ou grupo de irmãos. Nenhuma das profissionais entrevistadas acompanhou adoção homoparental.

Sessão Coordenada: **Fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a Humanização do cuidado: saúde, educação e gestão**

Esta sessão coordenada vida apresentar os trabalhos científicos realizados por profissionais da área da psicologia, da educação e gestão, que utilizam como embasamento teórico a fenomenologia da filósofa alemã Edith Stein para a formação do psicólogo, do educador e do gestor. A Professora Joelma Ana Espíndula (Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista) mostra como se dá o processo de humanização no atendimento hospitalar e em saúde a paciente e seus familiares, ao discutir a subjetividade e crenças religiosas e espirituais. No atendimento o psicólogo tem uma visão ampla da pessoa, em seus aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, e da reinserção à sociedade. Os resultados mostram que para os profissionais que interagem com pessoas que sofrem de doenças crônicas, como o câncer, a angústia se faz presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e de sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. * A doutoranda Magna Celi Mendes da Rocha (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) discorre sobre a educação no ambiente hospitalar como educação inclusiva, que visa dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos que ficariam excluídos da escola. As bases do pensamento de Edith Stein servem como suporte para a educação inclusiva. O olhar fenomenológico sobre o aluno em tratamento permite ao professor enxergar não só as limitações físicas, mas o potencial e as possibilidades de aprendizagem do aluno. O estudo da empatia de Edith Stein nos permite reconhecer o outro como semelhante, de forma a partilhar sua interioridade, esse conceito é importante para pensar criticamente a educação no ambiente hospitalar, uma vez que o professor que lida com situação-limite deve ter uma identificação com seu aluno e um reconhecimento de sua individualidade. * A mestre Suzana Filizola Brasiliense Carneiro e a Profa Heloisa Szymanski (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) apresentam um relato sobre a articulação entre escola e comunidade local em diálogo com a fenomenologia de Edith Stein e com a discussão da relação entre sociedade e comunidade. Stein estuda os agrupamentos humanos a partir da qualidade das relações entre as pessoas, sendo a comunidade compreendida por relações de abertura, reciprocidade e mútua responsabilidade. Assim, a escola e a classe escolar são compreendidas como uma sociedade, onde o desafio para gestores e educadores visa oferecer um ambiente que propicie o estabelecimento e a manutenção de relações comunitárias, fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As autoras mostram como humanizar a escola e fortalecer o papel educativo da comunidade local. * O doutor José Mario Brasiliense Carneiro e Mônica Ulson Brandão Teixeira (Oficina Municipal Escola de Cidadania e Gestão Pública, São Paulo SP) apresentam uma pesquisa participativa sobre um programa de formação de gestores da educação que se realiza em um consórcio intermunicipal. De acordo com Edith Stein, o processo formativo acontece a partir de vivências comunitárias. O desenvolvimento pessoal depende de um ambiente comunitário que se desenvolva a partir do crescimento pessoal de seus membros. Com base nesta visão fenomenológica buscam motivar os participantes à construção de relações comunitárias resgatando a dimensão cidadã e conscientizando os gestores de sua pertença à comunidade local em que se inserem a partir da valorização de sua história e cultura. Tal trabalho de formação procura integrar as dimensões pessoal, cívica e de gestor. Esta experiência pode ser transposta para a área da saúde e da assistência social. * A Dra Nara Helena Lopes Pereira da Silva e Profa Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo) apresentam um estudo sobre o cuidado humanizado na atuação do psicólogo na atenção primária à saúde, com fundamentação teórica na fenomenologia de

Edith Stein em prol de um diálogo ampliado e interdisciplinar. O estudo busca compreender as vivências singulares e coletivas do ser humano. Os estudos de Edith Stein oferecem fundamentações rigorosas acerca da estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades e a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano. O estudo propõe uma ponte entre filosofia, antropologia e práticas em saúde mental na atenção primária. A análise do material procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na Estratégia Saúde da Família (ESF); a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; e, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. Ressalta-se a necessidade de uma abordagem que legitime a dupla face do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, superando as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A tese busca evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia, destacando a relevância de uma formação interdisciplinar e a necessidade de uma formação que possibilite uma compreensão integral do cuidado humano. Assim mostraremos a potencialidade dos estudos dos fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a humanização do cuidado em saúde, na educação e na psicologia.
Formação em Psicologia

Fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a Humanização do cuidado: saúde, educação e gestão. *Andrés Eduardo Aguirre Antúnez/Universidade de São Paulo,*
Esta sessão coordenada vida apresentar os trabalhos científicos realizados por profissionais da área da psicologia, da educação e gestão, que utilizam como embasamento teórico a fenomenologia da filósofa alemã Edith Stein para a formação do psicólogo, do educador e do gestor. A Professora Joelma Ana Espíndula (Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista) mostra como se dá o processo de humanização no atendimento hospitalar e em saúde a paciente e seus familiares, ao discutir a subjetividade e crenças religiosas e espirituais. No atendimento o psicólogo tem uma visão ampla da pessoa, em seus aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, e da reinserção à sociedade. Os resultados mostram que para os profissionais que interagem com pessoas que sofrem de doenças crônicas, como o câncer, a angústia se faz presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e de sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. * A doutoranda Magna Celi Mendes da Rocha (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) discorre sobre a educação no ambiente hospitalar como educação inclusiva, que visa dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos que ficariam excluídos da escola. As bases do pensamento de Edith Stein servem como suporte para a educação inclusiva. O olhar fenomenológico sobre o aluno em tratamento permite ao professor enxergar não só as limitações físicas, mas o potencial e as possibilidades de aprendizagem do aluno. O estudo da empatia de Edith Stein nos permite reconhecer o outro como semelhante, de forma a partilhar sua interioridade, esse conceito é importante para pensar criticamente a educação no ambiente hospitalar, uma vez que o professor que lida com situação-limite deve ter uma identificação com seu aluno e um reconhecimento de sua individualidade. * A mestre Suzana Filizola Brasiliense Carneiro e a Profa Heloisa Szymanski (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) apresentam um relato sobre a articulação entre escola e comunidade local em diálogo com a fenomenologia de Edith Stein e com a discussão da relação entre sociedade e comunidade. Stein estuda os agrupamentos humanos a partir da qualidade das relações entre as pessoas, sendo a comunidade compreendida por relações de abertura, reciprocidade e mútua responsabilidade. Assim, a

escola e a classe escolar são compreendidas como uma sociedade, onde o desafio para gestores e educadores visa oferecer um ambiente que propicie o estabelecimento e a manutenção de relações comunitárias, fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As autoras mostram como humanizar a escola e fortalecer o papel educativo da comunidade local. * O doutor José Mario Brasiliense Carneiro e Mônica Ulson Brandão Teixeira (Oficina Municipal Escola de Cidadania e Gestão Pública, São Paulo SP) apresentam uma pesquisa participativa sobre um programa de formação de gestores da educação que se realiza em um consórcio intermunicipal. De acordo com Edith Stein, o processo formativo acontece a partir de vivências comunitárias. O desenvolvimento pessoal depende de um ambiente comunitário que se desenvolva a partir do crescimento pessoal de seus membros. Com base nesta visão fenomenológica buscam motivar os participantes à construção de relações comunitárias resgatando a dimensão cidadã e conscientizando os gestores de sua pertença à comunidade local em que se inserem a partir da valorização de sua história e cultura. Tal trabalho de formação procura integrar as dimensões pessoal, cívica e de gestor. Esta experiência pode ser transposta para a área da saúde e da assistência social. * A Dra Nara Helena Lopes Pereira da Silva e Profa Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo) apresentam um estudo sobre o cuidado humanizado na atuação do psicólogo na atenção primária à saúde, com fundamentação teórica na fenomenologia de Edith Stein em prol de um diálogo ampliado e interdisciplinar. O estudo busca compreender as vivências singulares e coletivas do ser humano. Os estudos de Edith Stein oferecem fundamentações rigorosas acerca da estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades e a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano. O estudo propõe uma ponte entre filosofia, antropologia e práticas em saúde mental na atenção primária. A análise do material procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na Estratégia Saúde da Família (ESF); a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; e, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. Ressalta-se a necessidade de uma abordagem que legitime a dupla face do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, superando as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A tese busca evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia, destacando a relevância de uma formação interdisciplinar e a necessidade de uma formação que possibilite uma compreensão integral do cuidado humano. Assim mostraremos a potencialidade dos estudos dos fundamentos fenomenológicos de Edith Stein para a humanização do cuidado em saúde, na educação e na psicologia.

A HUMANIZAÇÃO NO ATENDIMENTO NA SAÚDE: UMA COMPREENSÃO DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN. *Joelma Ana Espíndula (Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR),*

Este trabalho visa proporcionar reflexões para o processo de humanização do atendimento em saúde coletiva. O estudo baseia-se em dados de pesquisas realizadas em hospitais-escola de Ribeirão Preto e que tratam do atendimento de profissionais da área da saúde, pacientes e família. Neste sentido, discute-se a questão da subjetividade de crenças nos eixos, religiosidade e espiritualidade. É necessário pensar em novas direções de atendimento a partir da realidade dos usuários e das novas tecnologias de trabalho e gestão, que apontem à humanização e ao empenho com a vida das pessoas. A humanização hospitalar precisa abranger toda a equipe multiprofissional, trazendo para o atendimento uma visão ampla da pessoa, nos aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, sem restrição da avaliação. O papel do profissional é favorecer a promoção à vida, o restabelecimento do equilíbrio físico e psicossocial e a reinserção da pessoa à sociedade. Como suporte metodológico adotou-se a

fundamentação fenomenológica de Edith Stein, que favorece o aspecto subjetivo e intersubjetivo do fenômeno estudado. Esta abordagem se apresenta como recurso apropriado para pesquisar as vivências, tais como percepção, memória, reflexão e decisão; também possibilita ampliar a compreensão em relação ao fenômeno vivido. As pesquisas foram avaliadas e aprovadas pelo Comitê de Ética da Universidade de São Paulo. Para obter o material discursivo, foram realizadas entrevistas abertas. Os resultados mostraram que para os profissionais que interagem com pessoas que sofrem de doenças crônicas, principalmente daquelas que sofrem de câncer, a angústia se faz muito presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e a sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. Contudo, a razão de uma visão parcial do profissional em saúde decorre essencialmente das estruturas fragmentadas e hierarquizadas que se apresenta na maneira naturalista e pragmática de perceber as coisas, sendo que isso parece influenciar o pensamento científico que predomina na mentalidade dos profissionais de nossa cultura. Diante disso, mostra a importância da humanização desses centros a partir do desafio de superar a tentação tecnológica , isto é, do esforço de \"enxergar\" o paciente apenas por partes. Deve-se buscar reunir os fragmentos e compor novamente o \"todo\" dessa pessoa e reformular a relação médico/paciente, psicólogo/paciente.
Palavras-chave: humanização da assistência; saúde; psicólogo
Pesquisador - P
FORM Formação em Psicologia

CLASSES HOSPITALARES E A FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN: ENCONTRO POSSÍVEL.
Magna Celi Mendes da Rocha (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo - SP),
A temática classes hospitalares, no Brasil, tem sido olhada de modo mais atencioso a partir da década de 1990, que foi marcada pela intensificação das propostas de democratização do ensino, acessibilidade e inclusão. As discussões sobre uma educação de qualidade para todos, independente de condição social, cultural ou biológica se intensificaram. Tal concepção tem seu impulso, em princípio, com a Declaração de Salamanca, em 1994, mas, torna-se mais expressiva ainda, em 1996, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei Nº 9394/96, ao deixar claro que se deverá ofertar a todos os educandos portadores de necessidades especiais atendimento educacional. Crianças e jovens internados, que estejam impossibilitados de frequentar a escola, por questão de tratamento médico, são considerados portadores de necessidades especiais e é assegurado por lei o atendimento educacional, no ambiente hospitalar. Crianças com problemas cardíacos, oncológicos, hepáticos, renais, entre outros são prejudicadas em seu rendimento escolar devido ao longo tempo que permanecem no ambiente hospitalar, quer seja internadas, quer seja em consultas e tratamentos prolongados. Esse fato por si já justifica a grande importância da existência das classes hospitalares, com currículos flexibilizados, para que o suporte escolar às crianças em tratamento seja garantido, favorecendo seu retorno ao ambiente escolar regular, logo que possível. Falar em educação no ambiente hospitalar é falar de educação inclusiva, pois visa dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos que, de outra forma, ficariam excluídos da escola. Em busca de fundamentos teóricos para pensar a Educação Inclusiva, encontramos em Edith Stein (1891-1942) filósofa fenomenóloga alemã, elementos para discutir e favorecer práticas inclusivas, sobretudo no tocante a seus estudos sobre a pessoa humana e seu itinerário formativo. Edith Stein, em seus estudos sobre as ciências humanas, estabelece interligações entre a filosofia, a psicologia, a história, a sociologia, a religião e a fenomenologia. Embora na obra de Edith Stein não tenha nenhuma referência ao

que hoje chamamos inclusão, as bases de seu pensamento são coerentes e servem como suporte para pensarmos o que hoje chamamos educação inclusiva. No caso específico das classes hospitalares, o olhar fenomenológico sobre o aluno em tratamento é fundamental, pois permite ao professor enxergar além de todas as limitações físicas, o potencial e as possibilidades de aprendizagem do seu aluno, ainda que enfermo. Uma das contribuições de Edith Stein é seu estudo sobre uma vivência particular, que é a empatia. A empatia, para ela, nos permite reconhecer o outro como semelhante, como humano, não apenas fisicamente, mas de forma a partilhar sua interioridade, sendo, porém, um alter ego. Acreditamos ser esse um conceito importante para pensar a educação no ambiente hospitalar, uma vez que o professor que lida com situação-limite deve ter uma identificação com seu aluno, que lhe é semelhante, mas um reconhecimento também de sua individualidade, para um distanciamento saudável das suas vivências.

Capes
Palavras-Chaves: classe hospitalar; Edith Stein; fenomenologia
Doutorado D
FORM Formação em Psicologia

O PAPEL DOS GESTORES NA ARTICULAÇÃO DA ESCOLA COM A COMUNIDADE LOCAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS. *Suzana Filizola Brasiliense Carneiro**; Heloisa Szymanski (Programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo- SP),*

Este relato é o recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em uma escola pública da periferia de São Paulo que buscou investigar a articulação entre escola e comunidade local. Discutiremos o papel dos gestores nos projetos que integram a comunidade a partir de relatos do diretor e da coordenadora pedagógica da escola. Faremos isso em diálogo com a fenomenologia de Edith Stein e com a discussão que esta autora realiza a respeito da relação entre sociedade e comunidade. Stein estuda os agrupamentos humanos a partir da qualidade das relações entre as pessoas. Uma comunidade é compreendida por relações de abertura, reciprocidade e mútua responsabilidade. A vivência comunitária respeita e valoriza a singularidade de seus membros, unidos não pela uniformidade no sentir ou no agir, mas por um sentido comum em torno do qual se relacionam. A sociedade por sua vez, existe em função das pessoas e da vida comunitária na qual estão inseridas. Sua estrutura legal possui a função de proteger a vida comunitária gerada autonomamente. Neste contexto, a autora compreende a escola e a classe escolar como uma sociedade onde o desafio para gestores e educadores é oferecer um ambiente que propicie o estabelecimento e a manutenção de relações comunitárias, fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. Ao nosso ver, esta concepção se aproxima da visão da equipe gestora da escola em discussão. De acordo com relato do diretor, as ações da instituição escolar estão pautadas, dentre outros princípios, pela promoção do diálogo, atitude reflexiva, respeito mútuo, participação, saber ouvir, falar e agir, pela diversidade e pelo fortalecimento de valores humanizadores. Em concordância com a visão de Torres, para quem a escola é parte da comunidade local, deve-se a ela e existe em função dela; a equipe gestora acreditava na aproximação com os moradores do entorno como um caminho para humanizar a educação. Tal aproximação foi possível e sustentada em grande parte, pela adesão do diretor ao projeto. Retomando a noção de sociedade e comunidade de Stein, o diretor possuía um papel de liderança na estrutura da sociedade escola e de intermediador entre a sociedade a qual lidera e a comunidade do entorno, e buscou integrar os dois ambientes de forma que o encontro favorecesse a ambos; humanizando a escola e fortalecendo o papel educativo da comunidade local. Ao relatar sua experiência em projetos com a comunidade local, ele percebia uma estrutura escolar muitas vezes rígida e estressante,

que dificultava a prática de ações inovadoras como esta, que exigem tempo de reflexão e diálogo para acontecer. Por outro lado, compreendia que abrir as portas da escola trazia riquezas, mas também conflitos de valores entre os dois ambientes. Neste caso, caberia aos gestores zelar para que os projetos acontecessem em consonância com os princípios do ambiente escolar, tarefa complexa que a os seu ver, exigia de gestores e educadores abertura para uma formação continuada que permitisse alinhar os a riqueza da comunidade ao projeto pedagógico da escola.

CNPq
Palavras-chave: gestão escolar; Edith Stein; relação escola e comunidade
Mestrado M
FORM Formação em Psicologia

A FORMAÇÃO DE GESTORES DA EDUCAÇÃO EM UM CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL FUNDADA NO CONCEITO DE COMUNIDADE DE EDITH STEIN. *José Mario Brasiliense Carneiro; Mônica Ulson Brandão Teixeira (Oficina Municipal Escola de Cidadania e Gestão Pública, São Paulo SP)*

,

Este é o resumo de uma pesquisa participativa sobre um programa de formação de gestores da educação que se realiza em um consórcio intermunicipal. Trata-se de um trabalho inovador na medida em que, de acordo com Edith Stein, compreende que o processo formativo acontece a partir de vivências comunitárias. Para autora, existe uma interdependência ontológica entre pessoa e comunidade: o desenvolvimento pessoal depende de um ambiente comunitário ao mesmo tempo que a comunidade se desenvolve a partir do crescimento pessoal de seus membros. Com base nesta visão fenomenológica este programa busca motivar os participantes à construção de relações comunitárias em três dimensões. Primeiramente resgatando a dimensão cidadã e conscientizando os gestores de sua pertença à comunidade local em que se inserem a partir da valorização de sua história e cultura. A conscientização cidadã é o ponto de partida para que as pessoas assumam a função político-administrativa com clareza sobre o papel sustentador da vida comunitária a qual pertencem. Um exemplo desta necessidade de aproximar cidadania e gestão é o relato de participantes que sentem uma nostalgia do contato com a comunidade e gostariam de voltar à sala de aula. Sentem-se insatisfeitas no seu papel profissional que, muitas vezes, é assumido com base na ilusão do poder sem uma ressonância interna com o projeto pessoal mais profundo. Dar-se conta desta insatisfação é importante para este trabalho de formação que procura integrar as dimensões pessoal, cívica e de gestor. Para isso utilizamos a expressão cidadão-gestor que define o profissional que utiliza os instrumentos integradores de formulação participativa e implementação democrática de políticas públicas. A segunda dimensão a ser observada é que esta experiência pode ser transposta para outras áreas tais como a da saúde e da assistência social. Mais do que isso, o programa mostra que é necessário construir uma perspectiva intersetorial que abra caminhos para melhora efetiva da gestão aproximando os gestores à pessoa humana na sua integralidade e aos seus contextos comunitários. Neste programa pudemos compreender ainda que tal melhora também se faz a partir da cooperação intermunicipal. Esta é exatamente a terceira dimensão das vivências comunitárias propostas aos participantes que passam a ter a clara percepção de que todos são gestores e podem trabalhar em rede para otimizar processos de caráter regional. Reconheceram a necessidade de caminhar juntos na troca de experiências, no processo contínuo de formação ligado à prática e na unidade dos municípios que integram a bacia hidrográfica do Paranapanema. Puderam descobrir um núcleo de sentido comum de caráter regional, princípio fundamental

para constituição de uma comunidade de aprendizagem com grande potencial para o trabalho coletivo e para transformação da educação. Esta ideia é ilustrada com o seguinte relato de uma participante: O que vale é a forma de lidar com as dificuldades. Compartilhar o que faço e que deu certo. Como a colega disse, um cidadão deve ser atuante e participativo na sociedade onde se insere. O gestor é quem trabalha coletivamente. Concordo embora nem sempre funcione assim. Este grupo vai passar a ser equipe! .
Palavras-chave: formação de gestores; consórcio intermunicipal de educação; Edith Stein
Pesquisador P
FORM Formação em Psicologia

POR UM CUIDADO HUMANIZADO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN PARA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE (APS).. *Nara Helena Lopes Pereira da Silva; Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP). ,*
A fenomenologia de Edith Stein surge como uma possibilidade de fundamentação filosófica para os diversos níveis de atenção psicológica, desde a promoção do desenvolvimento humano, a elaboração de estratégias integrais no campo preventivo, e ainda, na atenção às vivências e necessidades singulares e sociais, em prol de um diálogo ampliado e interdisciplinar. Neste sentido, este trabalho surge como parte de uma Tese de doutorado que trata da temática sobre a Saúde Mental na Estratégia Saúde da Família (ESF), a partir dos fundamentos fenomenológicos de Edith Stein. O estudo está embasado em um olhar filosófico-fenomenológico para o contexto, tendo como inovação a leitura de tal realidade a partir dos conceitos de uma filósofa alemã chamada Edith Stein. Discípula de Husserl, fundador da fenomenologia, ela fez seu estudo de doutorado, sendo orientada por ele, o que significa que suas concepções estão fortemente enraizadas no método fenomenológico clássico. O interesse de Stein parte da busca em compreender as vivências singulares e coletivas do ser humano. Seus estudos oferecem fundamentações rigorosas acerca da estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades, bem como a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano. Nesse sentido, a partir de um olhar fenomenológico-antropológico, o presente estudo propõe uma ponte entre filosofia, antropologia e práticas em saúde mental na atenção primária. Neste contexto, a análise do material, a partir dos conceitos fenomenológicos que se referem ao indivíduo e à comunidade, procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na ESF; a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; por fim, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. A fenomenologia de Stein ofereceu subsídios para a compreensão da estrutura humana em sua singularidade, bem como as relações da equipe de saúde com os usuários, ou desta com os demais profissionais e também o lugar desta equipe enquanto representante das diretrizes provenientes do Estado, favorecendo uma reflexão aprofundada sobre a integralidade do cuidado em prol de uma atenção humanizada, a necessidade de ações intersetoriais fundamentadas em uma concepção global do humano, a potencialidade da construção de redes de apoio social, bem como a formação e o desenvolvimento humano a partir do cuidado e do respeito às singularidades nas diversas formas de atuação. Foi ressaltada a necessidade de uma abordagem que legitime a dupla face do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, no ideal fenomenológico de Homem e Comunidade, superando, assim, as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A tese, em síntese, busca evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia, destacando a relevância

de uma formação interdisciplinar e também a necessidade de uma formação que possibilite o alargamento das fronteiras para uma compreensão integral do cuidado humano.
FAPESP/ CAPES (PDEE)
Palavras-chave: formação do psicólogo; humanização; atenção primária à Saúde
Doutorado - D
FORM Formação em Psicologia

Sessão Coordenada: **Habilidades Sociais e Contextos de Saúde**

A Psicologia da Saúde apoia-se nos pressupostos do modelo biopsicossocial. Uma das premissas básicas desse modelo aponta que os estilos de vida adotados pelos indivíduos podem tanto auxiliar na promoção de sua saúde, prevenção de doenças, quanto podem criar condições para o desenvolvimento de doenças e transtornos psicológicos. Parte dos estilos de vida adotados pelos indivíduos diz respeito aos relacionamentos sociais estabelecidos. Isto porque, tais relacionamentos podem auxiliar na formação de redes sociais e apoio emocional, prover qualidade de vida, porém, também podem ser fontes de conflitos, o que traz consequências negativas à saúde física e emocional das pessoas. Um dos aportes teóricos que pode assistir nesse aspecto é o campo teórico-prático das habilidades sociais. A relevância das habilidades sociais tem sido cada vez mais referendada em diversos contextos, inclusive no âmbito da saúde. A literatura da área tem indicado que o repertório socialmente habilidoso é importante, por exemplo, para os profissionais de saúde, como a relação médico-paciente, à população adolescente, à população dependente do uso de drogas, às relações conjugais. O pressuposto é que as habilidades sociais podem ser consideradas como um fator de proteção em qualquer fase do desenvolvimento. Apesar da importância de investigações que contemplem estes problemas de pesquisa, ainda existem lacunas na literatura e, por isso, faz-se necessário conhecer e descrever alguns aspectos como os propostos nesta sessão coordenada. O estudo intitulado: O ensino das habilidades sociais para promoção da relação médico paciente na graduação de medicina discute sobre a importância da sistematização de ensino formal do repertório de habilidades sociais nos contextos de saúde e as implicações dessa formação para o mercado de trabalho e os benefícios tanto para o paciente quanto para o profissional. Posteriormente, a pesquisa denominada Saúde do adolescente e habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura discutirá o perfil dos estudos dessa temática realizado em âmbito nacional e internacional, as principais temáticas associadas e encaminhamentos de pesquisa. O estudo nomeado A relação entre habilidades sociais e estilos de apego em sujeito com dependência de substância proverá uma discussão sobre o padrão de vínculos aprendidos por indivíduos que se encontram em situação de dependência psicoativa e a relação com o repertório de habilidades sociais, bem como as implicações dessa relação para o investimento de treinamento de habilidades sociais, nessa população. Por fim, será apresentado um instrumento padronizado chamado de Habilidades sociais conjugais: IHSC-VILLA&DEL-PRETTE, como ferramenta para investigação e desenvolvimento , além da apresentação do instrumento, pretende-se discutir a importância do desenvolvimento dessa tecnologia tanto para a produção de novas pesquisas como os benefícios trazidos aos profissionais psicólogos e à população atendida.
Psicologia da Saúde

O ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA PROMOÇÃO DA RELAÇÃO MÉDICO PACIENTE NA GRADUAÇÃO DE MEDICINA.. *Janaína Bianca Barletta (Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE); Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, Brasília/DF); Rosana Cipolotti (Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE).,*
A competência profissional é resultante do desenvolvimento e da aprendizagem que contempla a intersecção de três dimensões durante a graduação: o conhecimento teórico, a habilidade prática e a habilidade social/relacional. Desta forma, atualmente entende-se que a relação de qualidade estabelecida no contexto da saúde entre o médico e seu paciente é fundamental para o sucesso do tratamento, uma vez que favorece o melhor entendimento da problemática, da terapia e das barreiras existentes neste processo, assim como fortalece o vínculo e a confiança entre os envolvidos. Outro fator importante é que a relação médico paciente (RMP) de qualidade aumenta a motivação e emissão de comportamentos promocionais de saúde do paciente, como a adesão, a colaboração, a capacidade de expressar

com maior precisão suas queixas, dúvidas e sentimentos tanto positivos quanto negativos. Da mesma forma, aumenta a capacidade do médico em compreender seu paciente, assim como favorece as habilidades comunicação terapêutica, de empatia, de assertividade, de civilidade, de expressividade emocional e de trabalho conhecidas como habilidades sociais. Estas habilidades incluem componentes comportamentais e cognitivo-afetivos, e podem ser aprendidas. A fim de identificar como essas habilidades são ensinadas, todos os 93 professores do curso de Medicina de uma universidade de Sergipe receberam um questionário sobre a temática contendo 16 questões via e-mail. Do total, 30 questionários foram devolvidos respondidos. A maioria dos participantes era do sexo masculino (19), casado (21), com idade média de 45 anos (34-68) e continua exercendo a medicina além da docência (25). O tempo de docência na graduação de medicina variou de 2 anos a 38 anos (média=12,7). A maior parte dos professores (28) afirmou que a relação médico paciente pode ser aprendida na faculdade, mas 26 ressaltam que as características pessoais do estudante são complementares. Apenas dois professores discordam da sua possibilidade de ensino na universidade, afirmando que as vivências pregressas e as características pessoais são o ponto chave. Apesar disto, apenas um acredita que é pouco importante ensinar para os estudantes as habilidades sociais para o estabelecimento de uma relação médico paciente de qualidade. E apenas um respondente afirmou que não as ensina, mesmo acreditando na sua importância. De um total de 37 menções sobre diferentes estratégias didáticas utilizadas para o ensino da relação interpessoal, as mais citadas foram: a) a promoção de discussões (16), seja a partir de caos clínicos ou após os atendimentos e b) o professor como modelo de postura e conduta (9), cabendo, portanto, ao aluno observar o professor no seu cotidiano e no atendimento ao paciente. Apenas 2 professores indicam leituras específicas e 3 não responderam essa questão. A principal vantagem indicada para seu ensino foi a melhor preparação para a vida profissional (14) e as desvantagens foram: pouco tempo (8) e desinteresse de alunos e professores (6). Conclui-se, que apesar da preocupação com a qualidade da RMP, as habilidades sociais são ensinadas de maneira informal pelos professores, não havendo uma sistematização ou treinamento específico.
APOIO: FAPITEC/CAPES

SAÚDE DO ADOLESCENTE E HABILIDADES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.. *Josiane Rosa Campos (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP); Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquista Filho, Bauru-SP)*

,

A presença de habilidades sociais no repertório do adolescente pode funcionar enquanto fator de proteção e auxiliar na promoção de sua saúde, assim como o déficit pode funcionar como fator de risco para o desenvolvimento de doenças e transtornos psicológicos. Entretanto, poucas são as pesquisas que tentam mapear quais variáveis são protetivas ou de risco à saúde dos adolescentes. Menos frequentes são ainda as pesquisas de revisão sistemática da literatura sobre esse tema, o que justifica investimentos nessa direção. Nesse sentido, torna-se necessário investigar qual o estado da arte dos estudos com a temática habilidades sociais, adolescência e saúde. Analisaram-se 83 resumos publicados, entre os anos de 1990 a dezembro de 2010. As bases de dados consultadas foram: Lilacs, PsycInfo, Scielo, Medline e Index-Psi/Periódicos. As palavras-chaves utilizadas e cruzadas entre si, em todas as bases de dados foram: social skills, social competence, assertiveness, assertive training, interpersonal communication, interpersonal relationships nonverbal communication, interpersonal problem, friendship, empathy, social skills training, problem resolution, adolescents e health. Os termos poderiam aparecer no resumo, no título, nas palavras-chave, ou seja, em qualquer campo de indexação. As bases de dados foram consultadas entre fevereiro e março de 2011. Os critérios

de inclusão dos resumos foram: (a) estudos que contemplassem amostras clínicas ou que apresentassem condições de risco para desenvolvimento de doenças e transtornos psicológicos e amostras não clínicas; (b) desenvolvimento de instrumentos; (c) revisão. Os critérios de exclusão utilizados foram: (a) estudos farmacológicos; (b) problemas endócrinos; (c) estudos sobre problemas de saúde (como doença crônica, anemia falciforme, AIDS, fibrose cística, diabete, obesidade, oncologia pediátrica, aborto, tabagismo), violência doméstica, vício em internet, delinquência, estudos psicométricos que não se relacionavam ao tema de habilidades sociais e/ou a nenhuma palavra-chave; (d) estudos sobre autoimagem e lócus de controle. As análises dos resumos foram conduzidas a partir de um protocolo que incluiu as seguintes categorias: bibliográfica, temática e metodológica As análises dos resultados apontaram que: (a) houve um aumento de interesse pelo tema, especialmente a partir de 2006-2010; (b) as pesquisas são predominantemente empíricas e internacionais; (c) a maioria das amostras é constituída por cem a mil participantes; (d) os estudos, em sua maioria, são de relato e os tratamentos de dados são estatísticos inferenciais; (e) as temáticas são variadas, porém, predomina-se a investigação de Habilidades Sociais e Transtornos de Substâncias e Comportamento Sexual/Saúde Reprodutiva e, dentre os transtornos psicológicos, os Transtornos Depressivos apareceram com maior destaque quando comparados aos outros. Este trabalho discute encaminhamentos de pesquisa, contribuições e limitações do estudo.

HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS: IHSC-VILLA&DEL-PRETTE COMO FERRAMENTA PARA INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.. *Miriam Bratfisch Villa (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. Pereira Del-Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

,

A literatura tem mostrado a importância das habilidades sociais nos diversos relacionamentos, potencialmente trazendo impacto sobre a saúde emocional das pessoas envolvidas e dos que estão próximos. Um dos contextos nos quais os comportamentos interpessoais tornam-se essenciais para a qualidade do relacionamento é o contexto conjugal, podendo afetar cônjuges, filhos, relações no trabalho, na comunidade entre outros. Estudos recentes apontam algumas classes de comportamentos interpessoais especialmente relevantes no contexto conjugal, estando, inclusive, relacionadas à satisfação conjugal dos parceiros, à maximização da qualidade do relacionamento, como sua estabilidade e duração. Neste sentido, torna-se crucial dispor de ferramentas confiáveis para avaliação e desenvolvimento do repertório de habilidades sociais específicas do contexto conjugal, auxiliando no diagnóstico de déficits e no desenvolvimento de comportamentos adequados. No sentido de preencher esta lacuna, foi desenvolvido em 2005, o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-Villa&Del-Prette). Este instrumento é composto de 32 itens nos quais está descrito uma situação e um comportamento possível diante da mesma. O respondente deve avaliar a frequência com que apresenta o comportamento descrito, preenchendo, numa escala likert de 5 pontos. O presente estudo propôs a realização de análises complementares para verificação das características psicométricas deste instrumento, dentre elas a Análise Fatorial. Na fase de validação e padronização participaram 406 respondentes, sendo 217 mulheres e 188 homens, com nível mínimo de escolaridade de segundo grau e idades de 20 a 73 anos, que responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e ao Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-Villa&Del-Prette). Foram obtidos escores individuais para cada instrumento, procedendo-se a análises descritivas e a comparações entre eles. A consistência interna foi boa (Alfa de Cronbach= 0,82 para a escala total e os coeficientes alfa dos fatores variaram de 0,56 a 0,75), com correlação significativa no teste de duas metades (r=0,62; p=0,00), bem como nas correlações teste-reteste (r=,64, p=,000), evidenciando estabilidade temporal. A Análise Fatorial reteve 28 itens em cinco fatores, são eles: (1)

Expressividade/Empatia; (2) Autoafirmação assertiva; (3) Autocontrole reativo; (4) Autocontrole proativo; (5) Conversação assertiva. O instrumento permite ainda a verificação da Significância Clínica e do Índice de Mudança Confiável, fornecendo os pontes de corte necessários para estes cálculos. São discutidas a aplicabilidade do instrumento a novos estudos e ao contexto prático do psicólogo em psicoterapia individual e de casal, treinamentos pré nupciais, bem como implicações dos resultados obtidos para novas pesquisas. Propõem-se a utilização do instrumento para a avaliação das habilidades sociais conjugais e também como ferramenta facilitadora para o desenvolvimento de habilidades sociais conjugais.
APOIO: CAPES

A RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E ESTILOS DE APEGO EM SUJEITO COM DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA.. *Vanuza Francischetto (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói RJ); Adriana Benevides Soares(Universidade Salgado de Oliveira, Niterói RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro),*

As habilidades sociais são consideradas por muitos pesquisadores importantes para a saúde psicológica e qualidade de vida das pessoas. O comportamento socialmente habilidoso possibilita que as relações sejam satisfatórias e prazerosas. No entanto, os déficits em habilidades sociais podem levar o indivíduo a utilizar estratégias comportamentais disfuncionais, como por exemplo, o uso de drogas. As primeiras interações sociais e o estabelecimento dos primeiros vínculos afetivos se iniciam na família. Este vínculo afetivo (apego) é construído na infância através das experiências com os pais ou cuidadores. Se os pais ou figuras de apego proporcionarem segurança e conforto para a criança fazer suas descobertas no mundo em que a cerca, esta poderá desenvolver uma vinculação segura, porém se existir uma ameaça constante em relação a tais figuras, a vinculação será estabelecida de forma insegura. As organizações de apego seguro possibilitam o indivíduo a lidar de forma competente com os conflitos interpessoais diários e são consideradas fatores de proteção aos problemas mentais, enquanto as organizações inseguras podem proporcionar formas inadequadas de expressão de afeto, baixa autoestima e uma vulnerabilidade aos transtornos psicológicos. Portanto, tanto os déficits de habilidades sociais e estilos de apego inseguro podem contribuir para ocorrência de comportamento de abuso de substâncias psicoativas e consequentemente a dependência. Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo, investigar a relação entre as habilidades sociais e os estilos de apego em sujeitos com dependência de substância psicoativa. A amostra foi composta de 142 sujeitos, entre 21 a 59 anos, sendo que 71 sujeitos com dependência de substância psicoativa e 71 não dependentes de substância. Foram utilizados o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e a Escala de Apego Adulto (EAA-Collins-Read). Conforme os resultados, os dependentes de substância psicoativa apresentaram escores mais baixos em habilidades sociais e níveis mais elevados de apego inseguro que os não dependentes. Este estudo contribui para a compreensão dos fatores que desencadeiam a dependência de substância psicoativa bem como para a prática clinica no que se refere ao desenvolvimento de treinamentos em habilidades sociais, suporte ao familiar para a promoção de organizações seguras de apego e orientação ao indivíduo com problemas com drogas, levando a conhecer e reavaliar seu padrão de vinculação e aprender estratégias saudáveis para lidar com o seu meio.

Sessão Coordenada: **Habilidades sociais: infância, adolescência e juventude**

Durante o processo de socialização, é por meio, principalmente, das relações interpessoais que ocorrem no ambiente da família e, posteriormente, da escola e da vizinhança que a criança amplia o seu repertório de habilidades sociais. Dessa forma, pode-se dizer que, segundo Del Prette e Del Prette (2001, 2005), as habilidades sociais são sempre aprendidas e que essa aprendizagem ocorre durante toda a vida, nos mais diversos contextos dos quais a pessoa participa diretamente (Del Prette & Del Prette, 2005). Desde o seu nascimento, a criança é exposta a determinados contextos, com características sociais e culturais específicas que irão possibilitar, de maneira formal ou informal, a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades sociais, tais como reconhecer e nomear as emoções próprias e as dos outros, fazer amizades, expressar sentimentos e defender seus próprios direitos (Del Prette & Del Prette, 2005).

Assim, em cada fase do desenvolvimento, a pessoa se depara com demandas específicas que se alteram conforme o contexto em que está inserida. Quando, por exemplo, a criança entra na escola, ela não só muda (e amplia) de ambiente (do familiar para o escolar), como também, essa transição requer novas habilidades sociais e acadêmicas e habilidades específicas do novo papel social, antes de filho, e agora de aluno. Já a adolescência é um período de vida particularmente rico em mudanças biológicas e sociais que requer o desempenho de novos papéis e a aquisição de novas habilidades sociais. Dessa maneira, à medida que a rede social é ampliada e diversificada, é esperada, por parte dos pais, professores, pares e demais interlocutores, a manifestação de um reportório comportamental progressivamente mais complexo e elaborado pelos adolescentes (Del Prette & Del, 2002). Outro importante momento de transição de vida ocorre da adolescência para o início da vida adulta. Nesse sentido, estudos indicam que a entrada na universidade é para o jovem uma fase caracterizada por novos desafios, seja no âmbito dos relacionamentos interpessoais, seja quanto às demandas acadêmicas (Bariani & Pavani, 2008).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a aprendizagem das habilidades sociais torna-se mais complexa com o passar dos anos e sua aquisição é interdependente com as tarefas desenvolvimentais. Para Masten e Coastworf (1998), tarefas desenvolvimentais são critérios universais ou específicos de uma cultura ou momento histórico, utilizados para avaliar a competência da pessoa em atender as demandas da sociedade, em diferentes fases do desenvolvimento. Em cada fase de desenvolvimento (na infância, adolescência e vida adulta) há diferentes demandas por habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2001), sendo que a aquisição de um repertório num determinado momento da vida pode alterar a competência na realização das tarefas desenvolvimentais de uma etapa posterior, levando a trajetórias favoráveis ao desenvolvimento saudável (Masten & Coastworf, 1998). Por sua vez, déficits em habilidades sociais na infância ou na adolescência, por exemplo, podem dificultar a realização das tarefas desenvolvimentais nas fases seguintes do ciclo vital (Masten & Coastworf, 1998).

Portanto, diferentes variáveis pessoais (tais como as habilidades sociais, o desempenho acadêmico, a inteligência, as expectativas, etc.), de processo (por exemplo, práticas educativas parentais, estilos de apego, etc.) e de contexto (tais como configuração familiar, variáveis demográficas etc.) podem estar relacionadas à realização das tarefas desenvolvimentais (Masten & Coastworf, 1998). Considerando as habilidades sociais como mecanismo de proteção para dificuldades sócioemocionais e comportamentais, a presente sessão coordenada tem por objetivo apresentar seis estudos que procuram, de maneira geral, investigar e relacionar as habilidades sociais na infância, adolescência e juventude com diferentes indicadores de ajustamento e aspectos do desenvolvimento humano. Os três primeiros estudos focalizam a infância. O segundo e terceiro estudo abordam a adolescência. E o último enfatiza o início da vida adulta. O primeiro estudo apresenta um delineamento de intervenção com pré-escolares para a avaliação e promoção de automonitoria. O segundo

estudo investiga as relações entre habilidades sociais de crianças do primeiro ano do ensino fundamental e outras variáveis de ajustamento da criança no contexto escolar, por exemplo, potencial cognitivo, sintomas de estresse, percepção sobre estressores escolares, desempenho escolar, competência acadêmica e problemas de comportamento. O terceiro estudo procura caracterizar o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento em crianças que cursavam do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental. O quarto estudo tem por objetivo comparar as práticas educativas de mães e as habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares, bem como investigar as influências de variáveis demográficas gênero, escolaridade e nível socioeconômico em relação aos comportamentos dos adolescentes e às práticas parentais. O quinto estudo compara e investiga as relações entre apego e as habilidades sociais de adolescentes com e sem histórico de infração legal. O último estudo verifica se as expectativas acadêmicas, as habilidades sociais e a inteligência fluida de estudantes universitários poderiam afetar o desempenho acadêmico do aluno. Os resultados obtidos em todas as pesquisas poderão contribuir para o melhor entendimento teórico entre o conceito de habilidades sociais e os demais constructos abordados nos estudos. Além disso, será possível traçar estratégias de intervenção baseadas em programas de Treinamento em Habilidades Sociais com aquelas populações que apresentam dificuldades de adaptação psicossocial e transtornos psicológicos.

Psicologia do Desenvolvimento

PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE FAMÍLIAS NUCLEARES, MONOPARENTAIS E RECASADAS. *Vanessa Barbosa Romera Leme (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. P. Del Prette (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Susana Coimbra (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal).*

,

Constata-se, na atualidade, que o modelo de família nuclear formado por pai, mãe e filhos biológicos da primeira união conjugal já não é mais o hegemônico na sociedade ocidental, da mesma forma como os papéis parentais vêm se redefinindo. Verifica-se, por exemplo, que a emergência de famílias monoparentais e recasadas vêm reconstruindo um novo cenário para o conceito de família. Diante da pluralidade das configurações familiares, muitos estudos focalizaram aspectos negativos das transições familiares sobre diversas dimensões do desenvolvimento dos filhos. Entretanto, pesquisas têm sinalizado que a separação conjugal e o recasamento podem ser oportunidade de crescimento pessoal e de desenvolvimento de habilidades sociais dos filhos. Diante disso, a partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, o presente estudo teve por objetivos: a) comparar práticas educativas positivas e negativas maternas e habilidades sociais de adolescentes provenientes de diferentes tipos de famílias; b) investigar as relações entre as práticas educativas das mães e as habilidades sociais dos filhos; c) investigar as influências de variáveis demográficas gênero dos adolescentes, escolaridade materna e nível socioeconômico em relação aos comportamentos dos adolescentes e às práticas educativas maternas. Para isso, participaram da pesquisa 477 adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas. Os alunos (53,7% do sexo feminino, idade compreendida entre 13 e 17 anos - M = 15,33, DP = 0,83) frequentavam o primeiro ano e o segundo ano do Ensino Médio de escolas estaduais públicas de uma cidade do Estado de Minas Gerais. Os dados foram coletados com os adolescentes de forma coletiva, nas salas de aula das escolas. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: a) Questionário sobre caracterização familiar; b) Inventário de Estilos Parentais - versão materna (IEP); c) Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette);

c) Questionário sobre nível socioeconômico. Foram avaliadas as propriedades psicométricas dos instrumentos (validade fatorial e confiabilidade). A amostra foi homogênea em relação ao gênero dos adolescentes, à escolaridade materna e ao nível socioeconômico. Os dados das análises de variância indicaram que, segundo a percepção dos adolescentes de diferentes configurações familiares, não foram encontradas diferenças nas práticas educativas positivas e negativas das mães. Comparados aos adolescentes de famílias nucleares e monoparentais, os adolescentes de famílias recasadas apresentaram mais habilidades sociais de abordagem afetiva. As práticas educativas positivas maternas associaram-se positivamente às habilidades sociais dos adolescentes, ao passo que, as práticas educativas negativas maternas correlacionaram-se negativamente com as habilidades sociais dos filhos. As análises comparativas por gênero indicaram que as mães monitoram positivamente mais os comportamentos dos filhos do que das filhas. Além disso, as mães apresentam mais punição inconsistente e negligência na educação das filhas do que dos filhos. De forma geral, o estudo sugere que as transições familiares não têm impacto negativo sobre várias dimensões do desenvolvimento interpessoal dos adolescentes, especialmente para as habilidades sociais. Assim, a pesquisa destaca a importância de investigar a separação/recasamento não apenas como um fator de risco, mas também como uma oportunidade para promover os recursos individuais que podem ajudar a enfrentar os desafios trazidos pelas transições familiares.
Apoio Financeiro: FAPESP
Palavras-chave: Transição familiar; Adolescência; Habilidades sociais.
PD
DES.

HABILIDADES SOCIAS E SUA RELAÇÕES COM VARIÁVEIS DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO LONGITUDINAL. *Marta Regina Gonçalves Correia-Zanini** (Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP); Edna Maria Marturano (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP)*

,

O primeiro ano do Ensino Fundamental (EF) é período de adaptação a um novo contexto de relações interpessoais, que exige da criança um repertório social elaborado, mas pode contribuir para o incremento de habilidades já existentes em seu repertório. Este trabalho tem como objetivos: (a) investigar relações entre habilidades sociais e outras variáveis de ajustamento da criança no contexto escolar, quais sejam: potencial cognitivo, sintomas de estresse, percepção sobre estressores escolares, desempenho escolar, competência acadêmica e problemas de comportamento externalizante e internalizante; (b) verificar em que medida essas variáveis se alteram do primeiro para o segundo ano escolar. Participaram 178 crianças que na primeira avaliação cursavam o 1º ano do EF, em setes escolas públicas municipais de uma cidade de médio porte do estado de SP. Também participaram os professores de primeiro e segundo ano, como informantes. Os instrumentos utilizados foram o Social Skill Rating Sistems - SSRS, versão para professores, as Matrizes Coloridas de Raven, a Escala de Estresse Infantil-ESI, o Inventário de Estressores Escolares-IEE e a Provinha Brasil - PB, usada como medida de desempenho acadêmico. Em um delineamento longitudinal, os instrumentos foram aplicados duas vezes, no 1º e no 2º ano. A análise de dados incluiu o teste de correlação de Pearson e o t de Student para amostras emparelhadas e foi processada no Software SPSS Statistics versão IBM-19. O nível de significância estabelecido foi 0,05. Como principais resultados tem-se que nas duas avaliações, as habilidades sociais apresentaram correlações moderadas, negativas e significativas com sintomas de estresse, percepção de estresse e problemas de comportamento externalizante e internalizante. Também apresentaram correlações positivas com competência acadêmica, desempenho intelectual e resultados da

Provinha Brasil. A comparação entre as médias do 1º e do 2º ano indicou aumento nos indicadores de desempenho intelectual e escolar e nas medidas de estresse, assim como diminuição dos comportamentos externalizantes e internalizantes. O aumento do desempenho acadêmico e potencial cognitivo eram esperados tendo em vista o avanço escolar. Embora mais sintomas de estresse infantil tenham sido relatados no segundo ano, também houve declínio de problemas de comportamento. De maneira geral, o repertório social não obteve ganhos significativos: as habilidades de autodefesa aumentaram, ao passo que o autocontrole e a cooperação com os pares diminuíram. Mas vale ressaltar que tanto no primeiro, quanto no segundo ano, foram observadas relações ainda que moderadas entre habilidades sociais e as demais variáveis de ajustamento, indicando que elas podem ser importantes durante o período de adaptação da criança e para o bom desempenho social e acadêmico no contexto escolar. A configuração dos resultados de correlação entre habilidades sociais e outros indicadores reitera achados prévios e tem sido interpretada como sugestiva de um efeito protetor das habilidades sociais sobre o desenvolvimento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Contudo, são necessárias pesquisas que investiguem qual a relevância das habilidades sociais para o ajustamento não só no início, mas também e ao longo do ensino fundamental, bem como seus efeitos no contexto escolar.

Apoio financeiro: Capes - Demanda Social
Palavra-chave: Habilidades sociais; Anos iniciais; Ajustamento
D
DES

HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA: PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE AUTOMONITORIA PARA PRÉ-ESCOLARES.. *Talita Pereira Dias**(Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. P. Del Prette (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos,SP)*

,

O autoconhecimento, enquanto descrição de contingências, é um dos componentes da automonitoria. Na área de Habilidades Sociais, a automonitoria é considerada pré-requisito para competência social. Admite-se que desenvolver aspectos da automonitoria já na infância, como autodescrever comportamentos e descrever contingências sociais, podem contribuir para a promoção de comportamentos sociais competentes e minimização ou prevenção de problemas de comportamento. Nesse sentido, desenvolver recursos que promovam comportamentos relacionados à automonitoria pode contribuir para competência social. Contudo, no campo de Habilidades Sociais ainda não se dispõe desse tipo de recurso. Um possível caminho para a aquisição do autoconhecimento e, por consequência, da automonitoria, pode envolver o uso de instruções que podem ser associadas à ilustração de contingências em situações interativas com recursos como desenhos gráficos. Ainda, a literatura tem destacado que é importante associar ao procedimento instrucional, a exposição direta a contingências em situações interativas onde são estruturadas demandas para a emissão de habilidades sociais. Considerando a importância da automonitoria para a competência social e a falta de estratégias para promovê-la, principalmente na infância, o presente estudo teve por objetivos: (1) Apresentar um delineamento de intervenção envolvendo instrução, por meio da adoção Recurso para Avaliação e Promoção de Automonitoria em Crianças (RAPAC), em formato impresso, e exposição a contingências sociais em situações estruturadas para crianças pré-escolares com dificuldades na identificação e descrição de contingências sociais; (2) Apresentar resultados disponíveis sobre a avaliação de efetividade do programa, considerando indicadores de descrição do próprio comportamento e

previsão de consequências. A semelhança do Sistema Multimídia de Habilidades Sociais pra Crianças (SMHSC-Del-Prette), o RAPAC, em formato impresso, apresenta 12 conjuntos de desenhos coloridos sendo que cada um desses conjuntos é composto por uma situação social do cotidiano da criança e três possíveis respostas: uma socialmente habilidosa e duas reações não-habilidosas, uma ativa e outra passiva. Adicionalmente, o recurso contém uma possível consequência para cada tipo de resposta. O programa de intervenção envolveu 12 sessões individuais com nove crianças pré-escolares compostas por duas fases: instrucional e de desempenho. Na fase instrucional, era apresentada uma situação interativa do RAPAC em versão impressão e discutida a adequação ou pertinência de cada resposta (passiva, agressiva e habilidosa) e prováveis consequências de cada uma delas para aquela situação do recurso. Após isso, a criança participava da fase de desempenho na qual era apresentada uma situação estruturada que tinha como demanda a apresentação da habilidade social antes discutida na fase instrucional. De forma geral, foi possível verificar com a intervenção uma melhora da descrição de comportamentos e de previsão de consequências por parte das crianças participantes do estudo, comparando-se os dados de pré e pós-teste. Discute-se a importância da promoção de automonitoria em diferentes etapas do desenvolvimento, em função dos recursos e possibilidades cognitivas do indivíduo, em particular a necessidade de pesquisas nas etapas iniciais do desenvolvimento. As formas de uso, possíveis aplicações terapêuticas adotando esse recurso e sua contribuição para a área de Habilidades Sociais também são discutidas no contexto da apresentação.

Apoio Financeiro: FAPESP
Palavras-chave: Habilidades sociais; Automonitoria; Intervenção psicológica;
D
DES

HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS. *Ivana Gisel Casali** (Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); Zilda A. P. Del Prette (Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

,

Ao longo do tempo tem se reconhecido a importância das relações sociais no processo de desenvolvimento infantil, sendo crucial para isto um bom repertório de habilidades sociais, para lidar de forma competente com as demandas das situações interpessoais. Crianças socialmente competentes têm maior probabilidade de estabelecer relações sociais saudáveis e, consequentemente, perspectivas mais favoráveis para o futuro. Pesquisas revelam, por outro lado, que um repertório deficitário de habilidades sociais representa um fator de risco que pode levar a criança a apresentar problemas de comportamento, externalizantes ou internalizantes, podendo comprometer fases posteriores do ciclo vital. Não obstante ainda são muitas as questões pendentes a respeito das relações entre habilidades sociais e problemas de comportamento, entre elas, a perspectiva dos pais sobre as habilidades sociais e o papel de outras variáveis associadas, como as sociodemográficas. Diante disso, o presente estudo tem por objetivos: (a) caracterizar o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento em crianças escolares; (b) identificar a importância que pais/responsáveis atribuem às habilidades sociais; (c) comparar a autoavaliação do repertório de habilidades sociais da criança com a avaliação realizada pelos pais/responsáveis; (d) avaliar se o repertório de habilidades sociais prediz os problemas de comportamento nas crianças; (e) analisar a influência de variáveis sociodemográficas (gênero, tipo de escola e nível socioeconômico) sobre as habilidades sociais e problemas de comportamento na infância. Participaram 220

crianças, de ambos os sexos, que cursavam do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental em escolas públicas e particulares de uma cidade do interior de São Paulo. Elas foram avaliadas por meio do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR), na versão para as crianças e para os pais ou responsáveis. As análises estatísticas, realizadas utilizando o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), apontaram que: (a) a maior parte das crianças parece ter um repertório enriquecido de habilidades sociais (n = 117; 53,2%) e um nível médio de problemas de comportamento (n = 109; 49,5%). Porém, a hiperatividade constitui, de acordo com os pais/responsáveis, um dos mais frequentes problemas de comportamento; (b) as habilidades sociais de civilidade são consideradas pelos pais/responsáveis como as de maior relevância social (M = 1,399; DP = 0,347); (c) houve correlação significativa entre a autoavaliação e a avaliação dos pais sobre as habilidades sociais da criança (r = 0,257; p = 0,000); (d) segundo as análises de regressão linear, as habilidades sociais das crianças predizem significativamente os problemas de comportamento (F(1,218) = 1,661; p = 0,000), explicando aproximadamente o 22% da variância deles e revelando que quanto mais enriquecido o repertório de habilidades sociais da criança, menor o nível de problemas de comportamento que apresenta; (e) de acordo com análises de variância, existem diferenças significativas no repertório de habilidades sociais das crianças segundo o gênero (F (1,218)= 12,813; p = 0,000), favoráveis ao sexo feminino. Nesta apresentação serão discutidas algumas implicações educacionais e clínicas desses resultados bem como implicações de pesquisa considerando o contexto da produção científica para o campo teórico-prático das habilidades sociais e novas questões a serem investigadas.

Apoio financeiro: Capes
Palavras-chave: Habilidades sociais; Automonitoria; Problemas de comportamento.
M
DES

A RELAÇÃO ENTRE APEGO, HABILIDADES SOCIAIS E ADOLESCENTES COM HISTORICO DE INFRAÇÃO LEGAL. *Betânia Marques Dutra**(Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ); Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*

,

A adolescência é considerada uma fase de várias transformações que abrange o desenvolvimento de habilidades fundamentais para que o jovem enfrente de maneira adaptativa e apropriada as questões emocionais e sociais nas suas relações interpessoais. Os adolescentes quando passam por perdas ou separações tendem a apresentar dificuldades na regulação de afeto, quando não podem contar com as figuras de apego, tendem a ficar inseguros e desenvolver estratégias disfuncionais. A relação familiar segura, com afeto, carinho, confiança são fatores de proteção para que o adolescente não incorra em infração legal. Desta forma, é importante ressaltar a necessidade de vínculos afetivos que possam oferecer apoio e que possibilitem aos adolescentes desenvolverem padrões seguros de apego. Sendo os afetos importantes moduladores dos comportamentos e facilitadores da aprendizagem de outros comportamentos mais adequados, exerce, por sua vez sua influencia, nas habilidades sociais como uma capacidade para agir de modo competente nas interações sociais. Portanto, esta pesquisa teve como objetivos comparar e investigar relações entre apego e habilidades sociais de adolescentes. Para isso, participarem do estudo 69 adolescentes, sendo que 34 com histórico de infração legal e 35 sem histórico de infração legal, com idade média de 16 anos. Foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette) e a Escala de Apego Adulto (EAA-Collins-Read). Conforme os resultados, adolescentes com histórico de infração legal apresentaram maior escore na

habilidade de autocontrole no indicador de dificuldade em relação a adolescentes sem histórico de infração legal. Adolescentes com histórico de infração legal apresentaram menor grau de confiança e maior grau de proximidade na escala de apego em relação a adolescentes sem histórico de infração legal. Adolescentes com histórico de infração legal apresentaram correlação positiva significativa entre confiança e habilidade de autocontrole no indicador de frequência e correlação entre ansiedade e habilidade de civilidade no indicador dificuldade. Apresentaram correlação negativa e significativa entre confiança e habilidade de autocontrole no indicador de dificuldade. Não houve correlação significativa entre padrões de apego e habilidades sociais em adolescentes sem histórico de infração legal. Esta pesquisa contribui para se compreender que apego e habilidades sociais podem ser fatores de proteção ao comportamento de infração legal. Orientação para formação de organizações segura de apego e treinamento em habilidades sociais podem ajudar no processo socioeducativo nas instituições, escolas e clínicas com este segmento. Além de contribuir para discussões sobre o processo de resiliência que pode ser atribuído aos jovens que passam por medidas restritivas de liberdade.

Palavras-chave: Apego; Habilidades sociais; Adolescente com histórico de infração legal.

M

DES.

A RELAÇÃO ENTRE EXPECTATIVAS ACADÊMICAS, HABILIDADES SOCIAIS, INTELIGÊNCIA FLUIDA E DESEMPENHO ACADÊMICO EM UNIVERSITÁRIOS. *Gil Gomes** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói - RJ); Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro , RJ).*

,

A evasão escolar gera custos financeiros consideráveis para as universidades públicas e privadas, além dos custos sociais e econômicos para o país, traduzidos na falta de quantidade e qualidade de mão de obra que possibilite ao Brasil consolidar um crescimento sustentável. Algumas pesquisas foram realizadas para identificar as causas para o abandono do curso superior pelo estudante. Diversos pesquisadores procuraram entender o impacto das expectativas acadêmicas em estudantes universitários, partindo da hipótese de que expectativas altas e irracionais acerca do Ensino Superior poderiam de algum modo afetar o desempenho acadêmico do estudante, principalmente no início do curso. Estudos indicam que as expectativas iniciais podem provocar no estudante ideias sobre as relações sociais e interpessoais e sobre suas capacidades cognitivas para atender as demandas do ambiente universitário. Nesse caso, os estudantes que depositam o seu sucesso acadêmico nas relações sociais e interpessoais com os seus colegas e professores podem sofrer prejuízos, caso não possuam habilidades sociais que os habilite a atendê-las. Não obstante, os estudantes necessitam de inteligência fluida para resolver problemas dentro e fora de sala de aula, num ambiente com demandas novas que na maioria das vezes exigem estratégias finas de raciocínio. Dessa forma, do aluno será exigido adequação de suas expectativas à realidade, habilidades sociais e inteligência fluida que o capacite atender as demandas efetivas do Ensino Superior. Assim, o presente estudo teve como objetivo verificar se as expectativas acadêmicas, as habilidades sociais e a inteligência fluida poderiam afetar o desempenho acadêmico do estudante, que foi avaliado através das suas médias conseguidas ao final de cada semestre conhecido como coeficiente de rendimento (CR). Para isso, participaram 196 universitários de faculdades públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro, no 1º ano do curso, e de ambos os sexos. Foram utilizados o Questionário de Envolvimento Acadêmico (QEA-Soares-Almeida, versão A-Expectativas), o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e a Bateria de provas de raciocínio (BPR-5-Almeida-Primi). O estudo pode constatar que as expectativas

acadêmicas e as habilidades sociais podem afetar o desempenho acadêmico do estudante no 1º ano de curso. A pesquisa indicou que os alunos que possuem habilidades sociais de autocontrole, de enfrentamento das relações interpessoais, que aparentemente ofereçam riscos e que se auto afirmam perante o outro, conseguem melhor desempenho acadêmico. Por outro lado, os estudantes com mais habilidades de conversação podem obter desempenho acadêmico abaixo do esperado. Ressalta-se que a inteligência fluida não se correlacionou com o desempenho acadêmico. Dessa forma, considerando a importância do desempenho acadêmico para tomada de decisão do estudante em dar continuidade ao curso do Ensino Superior iniciado, o estudo contribui para compreensão de variáveis, tais como as habilidades sociais que podem afetar o desempenho acadêmico do estudante recém-chegado na universidade.

Palavras-chave: Expectativas Acadêmicas; Habilidades sociais; Inteligência Fluida.

M

DES.

Sessão Coordenada: **IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS**

SESSÃO COORDENADA
PROPONENTE: Dra. Vera Socci
TITULO:
IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS
PARTICIPANTES:
Dra. Adriana Aparecida Ferreira de Souza - CRIATIVIDADE E A PROMOÇÃO DO BEM ESTAR NA VELHICE.
Dra. Ana Lucia Gatti, Thabata Ventura e Marcelo Ferro ENVELHECIMENTO NA MIDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUENIOS.
Emy Suelen Pereira e Eliane Florêncio Gama PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO.
Dra. Carla Witter e Sueli dos Santos Vitorino ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Marcelo de Almeida Buriti - EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Dra. Vera Socci - IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE.
JUSTIFICATIVA
Coordenação Dra. Vera Socci
A questão do envelhecimento populacional vem sendo exaustivamente tratado nos últimos anos, em seus múltiplos e multifacetados aspectos biopsicossocias. Este crescimento é mundial, entretanto, em relação a estrutura social nos países desenvolvidos e ricos houve possibilidade da criação de uma infraestrutura adequada para acompanha-lo, enquanto que nos países em desenvolvimento, como no Brasil, o envelhecimento populacional se dá em meio a desigualdade social, o que dificulta, ou mesmo impede que este grupo etário emergente seja atendido adequadamente em suas necessidades biopsicossociais.
Esta Sessão Coordenada se propõe refletir sobre algumas questões pertinentes, além de propor aspectos interventivos importantes quando se trata de ações de promoção da saúde integral, e prevenção da doença do Idoso, buscando seu Bem Estar.
A Dra. Ana Lucia coloca a importância da comunicação dos achados cientifico para além dos periódicos especializados, e sua pesquisa demonstra que embora haja um aumento de publicações na mídia, esta ainda apresenta vieses indesejáveis.
A Dra. Carla apresenta um levantamento de estudos interventivos, comparando a literatura nacional com a internacional, concluindo o quanto estamos defasados neste aspecto.
Os demais autores/ apresentadores contribuem de forma contundente para programas interventivos, chamando atenção de aspectos fundamentais que devem ser levados em consideração ao se tratar dos Programas de Promoção do Bem Estar do Idoso:
A Dra. Adriana apresenta o desenvolvimento do potencial criativo (que se refere a capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível, portanto em seus aspectos cognitivos e afetivos) como um elemento fundamental para o enfrentamento de situações adversas, tão comum nesta fase da vida.;
O Dr. Marcelo enfatiza a importância da atividade física após 60 anos de idade, afirmando, em conclusão a pesquisas apresentadas, o seu potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento, devendo ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, para melhoria de vários aspectos de sua saúde biopsicossocial.
Neste sentido, a Dra. Eliane e sua orientanda apresentam um Programa de Exercícios Ritmados, que simulam atividades do cotidiano, que parece contribuir efetivamente para a melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais facilitando portanto a vida do Idoso.

Finalmente, como coordenadora da Sessão, Dra. Vera Socci farei o fechamento as apresentações destacando o papel precípuo da religiosidade/espiritualidade na vida do Adulto Idoso, destacando sua influência na manutenção da saúde e prevenção da doença. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. A pesquisa apresentada corrobora com a literatura nacional e internacional e demonstra que, embora todos participantes tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada.

Psicologia do Desenvolvimento

IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE. *DRA. VERA SOCCI (Universidade de Mogi das Cruzes),*
Ao contrário da tradição da medicina oriental, que sempre buscou integrar de forma explícita a dimensão religiosa/espiritual ao binômio saúde/doença, no Ocidente tanto a Medicina como a Psicologia negligenciaram, durante anos, este estudo. A partir da década de 80, entretanto, as evidências de que a espiritualidade assim como as práticas religiosas são decisivas na recuperação da saúde das pessoas foram extensivamente documentadas, em pesquisas multidisciplinares. Revisões da literatura especializada, relatam uma relação positiva entre a variável religiosidade e indicadores de saúde. Nestes estudos revisionais os autores demonstram resultados com significância estatística que revelam os efeitos positivos da frequência e das práticas religiosas no controle de doenças cardiovasculares, na recuperação de cirurgias, alem de uma variedade de síndromes relacionadas a neoplasias, e outras síndromes. Também em relação a saúde mental, existem revisões que concluem que as pessoas religiosas, principalmente as idosas, são mais saudáveis, mais felizes e mais satisfeitas com suas vidas, além de se sentirem menos deprimidas, ansiosas e solitárias. Estudos da psicogerontologia demonstram que a religiosidade é um recurso de enfrentamento importante frente aos eventos estressantes próprios da velhice. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. O presente estudo procurou caracterizar a religiosidade de um grupo de idosos que participam de um programa para a Terceira Idade, ligado a Prefeitura Municipal de uma pequena cidade do Vale do Paraíba, cuja missão é promover o envelhecimento saudável e a integração social do idoso. Os principais resultados da caracterização sócio-demográfica: 120 idosos, 30% na faixa etária entre 60 e 65 anos, 40% entre 66 a 75 anos, 30% acima de 71 anos. Aproximadamente 60% dos participantes do gênero feminino. Quanto ao estado civil, 50% estavam casados, 31% viúvos, e os demais solteiros ou divorciados. Em relação a afiliação religiosa 44% eram Católicos, 37% protestantes/evangélicos, 18% de outras religiões, 1% declarou-se sem crença religiosa. Em segundo lugar pretendeu verificar o nível de religiosidade desta amostra, assim como sua percepção sobre a própria saúde, através de uma entrevista semi estruturada, utilizando-se o método de análise de conteúdo de Bardin para a interpretação das respostas abertas. Encontrou-se que 90% desta amostra reza/ora diariamente; 50% realiza leituras religiosas, ao menos uma vez por semana, 70% freqüentam assiduamente uma igreja. O que se pôde perceber, foi que, embora todos tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada. Atualmente, numa segunda etapa, esta pesquisa está confrontando a avaliação subjetiva do estado de saúde, com medidas clínicas mais objetivas e confiáveis. Estes resultados

corroboram os achados da literatura apontada, e sinalizam sua importância para profissionais da saúde pública, que devem levá-los em consideração em suas intervenções.

Palavras-chave: velhice, espiritualidade, qualidade de vida
P
DES

ENVELHECIMENTO NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUÊNIOS.. *ANA LUCIA GATTI - THABATA VENTURA - MARCELO FERRO,*

A preocupação com o envelhecimento dos indivíduos e das populações tem sido tema de vários trabalhos científicos nos últimos anos e constitui-se como campo que pode ser chamado de multi ou interdisciplinar, dado concorrerem para sua compreensão e a melhoria das condições das pessoas os saberes advindos de várias áreas. A difusão do conhecimento gerado, de modo amplo à sociedade, é realizada por meios de comunicação que não pode se restringir às revistas científicas, dado o caráter e abrangência mais técnico de que estas se revestem. Por outro lado, a sociedade, como um todo, necessita e busca informação acerca do fenômeno que se faz cada vez mais presente em todo mundo, especialmente nos países em desenvolvimento- a ampliação do topo da pirâmide etária. O objetivo da investigação foi realizar um levantamento na revista semanal de maior circulação nacional quanto ao tema envelhecimento, tomando dois lustros (1997/2001 e 2007/2011), comparar como foi tratado o tema, quais os aspectos mais enfocados, os profissionais envolvidos nos artigos e o fluxo das notícias no período. A busca foi realizada manualmente a partir da leitura dos índices das 514 edições do período escolhido, disponibilizadas no portal eletrônico da publicação. Quando a chamada do artigo sugeria a possibilidade da existência de referência ao assunto, o artigo era lido na íntegra e tabulados os parâmetros de interesse pré-determinados. O ano que apresentou o maior número de artigos foi 2009, com 30, quando houve uma edição com o especial longevidade , e o ano de 1997 como o de menor incidência, com oito reportagens. Entretanto, o número dos artigos levantados em ambos os períodos (81 e 99) não apresenta diferença estatisticamente significante (2o= 1,80; g.l.=1; 2c=2,706). O total dos artigos se distribui por 38 seções, sendo que apenas seis com incidência superior a 10 (saúde= 30; medicina= 24; beleza= 20; longevidade= 20; especial= 16; guia=14) e 20 seções que apresentam apenas uma citação. Do total de 218 citações de profissionais, os da área médica são responsáveis por 65,59% das menções, o que configura, segundo o veículo, o envelhecimento como assunto predominantemente médico. Assim, de um total de 66 tipos diferentes de profissionais que aparece nas reportagens, 40 tipos surgem com apenas uma citação e dentre os mais citados estão os médicos (sem especificação, N=33 referências), dermatologistas (N=17), cirurgiões plásticos (N=15), geriatras (N=13), psicólogos (N=12) e psiquiatras (N=12). Questões como a impotência, as rugas e a calvície são periodicamente revisitadas na pauta, evidenciando a preocupação dos cientistas e o possível interesse da população em retardar aspectos externos e de desempenho sexual da passagem do tempo no indivíduo. Entretanto, temas sobre atividade física e cognitiva, bem como problemas políticos, econômicos, demográficos e previdenciários foram tratados ao longo do período analisado. Conclui que, ainda que haja uma ampliação sobre os temas tratados e de profissionais envolvidos quanto ao envelhecimento, há ênfase nos problemas estéticos e a multi e interdisciplinaridade do assunto tem se concentrado nos profissionais da área da saúde, dado serem esses que se apresentam como grupo consultado em várias reportagens.

Palavras-chave: idosos, senescência, social.
P
DES

CRIATIVIDADE E PROMOÇÃO DE BEM ESTAR NA VELHICE.. *ADRIANA APARECIDA FERREIRA DE SOUZA (Universidade de Mogi das cruzes)*

,

Ao tratar dos aspectos psicológicos do envelhecimento, uma preocupação constante é a promoção do bem estar na velhice, sendo que o envelhecimento bem sucedido é resultado de critérios como longevidade, saúde física e mental, eficácia cognitiva, competência social e produtividade, controle pessoal e satisfação com a vida. A criatividade se refere à capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível sobre os fenômenos apresentados, o que envolve aspectos cognitivos e emocionais. Nesse sentido, idosos que apresentam um potencial criativo tendem a enfrentar as situações adversas desta fase da vida de maneira mais saudável, o que promove um bem estar psicológico. O potencial criativo pode ser desenvolvido em qualquer fase da vida, inclusive na velhice.O termo late-lifebloomer tem sido utilizado para se referir a pessoas que apenas na velhice tendem a revelar talentos criativos e intelectuais. É uma metáfora a plantas que florescem na primavera, verão e no inverno. Algumas árvores americanas não florescem antes da primeira geada. Por analogia, algumas pessoas mostram seus frutos apenas quando seus cabelos estão grisalhos. A relação entre criatividade e bem estar vem sendo estudada na literatura psicológica e é objetivo do presente estudo. Para cumprir ao objetivo foi realizadauma busca na base de dados PsycINFO nos anos de 2011 e 2012 utilizando a palavra-chave creativity e selecionando-se os trabalhos com idosos participantes.Foram encontrados29 estudos (72% em 2011 e 28% até 06/2012). Destes 88% são artigos de periódicos, há duas teses/ dissertações e três livros ou capítulos de livros sobre criatividade do idoso. Uma análise dos temas dos estudos permite verificar a relação entre criatividade e bem estar em idosos. O tema mais frequente foi o desenvolvimento da criatividade em idosos com doenças degenerativas ou mentais (21%), ou seja, o desenvolvimento da criatividade para promoção do bem estar em idosos com doenças. Em segundo lugar ficou Arte, arte terapia, criatividade e saúde (17%), seguidos porResolução de problemas e promoção do bem estar e Clima organizacional/ liderança para criatividade (ambos com 10%). Com 7% dos temas ficaram Criatividade e cognição em idosos, Criatividade traços de personalidade e Criatividade e Educação. Finalmente, apareceram apenas uma vez os temas Criatividade e mortalidade, Processo criativo inconsciente, Registros de família sobre criatividade, Criatividade percepção de pesquisadores educacionais, Criatividade e auto-estima e Pensamento contrafatuais e criatividade. Conclui-se que a relação entre criatividade e bem estar em idosos aparece com diversas facetas entre os estudos internacionais, relacionado a promoção da saúde, resolução de problemas da faixa etária, arte terapia, cognição, auto-estima e educação. Faz-se necessária a realização de estudos no âmbito nacional além de trabalhos voltados para o desenvolvimento do potencial criativo em idosos e promoção do bem estar.

Palavras-chave: Envelhecimento, Criatividade, Saúde

P

DES

ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *CARLA WITTER - SUELI DOS SANTOS VITORINO (Universidade São Judas Tadeu),*

O idoso e o processo de envelhecimento são objetos de estudo com características multifacetadas e multideterminadas exigindo dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema. A Psicologia tem contribuido com as pesquisas sobre o envelhecimento investigando diversas temáticas, tais como: depressão, atividades físicas, demências, habilidades sociais, qualidade de vida e bem estar, funçoes cognitivas, etc., porém

poucos são os trabalhos no Brasil que relatam intervenções psicológicas realizadas com os idosos. A análise da produção científica sobre idosos e intervenções psicológicas disponível na Scielo e na PsycINFO revelou, respectivamente, quatro e 81 resumos de artigos, de 2009 à 2011, utilizando as palavras-chave: idosos (elderly) e intervenção psicológica (psychological intervention). Os resultados revelaram que a publicação na base de dados brasileira é 20 vezes menor que na estrangeira, sendo a média de 1,33 e de 27 artigos/ano, respectivamente. Em 2011, foi publicado um estudo na Scielo contra 28 na PsycINFO. Dos quatro artigos publicados na Scielo, apenas dois relatavam intervenções psicológicas realizadas em grupos de idosos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), um artigo tratava de barreiras arquitetônicas nas UBS e outro sobre a validação de um instrumento de compreensão verbal. Todas as pesquisas eram de campo e descritivas. No PsycINFO, 65,43% eram artigos de estudos empíricos, 62,96% de pesquisas quantitativas, 13,58% de intervenções, 8,64% de revisões da literatura, o que denota o avanço científica sobre o assunto na literatura estrangeira, pois este resultado é um indicador do conhecimento na área de idosos e intervenção psicológica. Nenhum registro de revisão da literatura foi encontrado na base de dados brasileira devido ao baixo número de publicações, o que denota a necessidade de aumento da produtividade sobre os idosos brasileiros com pesquisas de intervenção psicológica. Assim como é importante que a área da psicologia desenvolva pesquisa baseada em evidências para uma melhor atuação dos profissionais nos atendimentos aos idosos. Na PsycINFO foram 82,71% de participantes idosos, 53,08% do gênero feminino e 50,62% do masculino, sendo o Teste Mini-Mental (14,81%) e duas escalas diferentes de depressão (ambas com 7,41%), os instrumentos mais utilizados nas pesquisas. Os trabalhos de intervenção publicados investigaram problemas de depressão e comorbidades, cognição, demência, diabetes e outras doenças crônicas, estresse, ansiedade, atividade física e quedas, cuidadores entre outros temas relacionados ao idoso e o processo de envelhecimento. Os resultados das intervenções, na maioria dos artigos, relataram a manutenção ou promoção no bem-estar do idoso. As intervenções, geralmente, envolviam mais de uma área de conhecimento, como a médica/psiquiátrica, atividades físicas (yoga e massagem), nutricionais, etc, o que revela a interdisciplinaridade no estudo da velhice. Conclui-se que a produção científica sobre os idosos e intervenção psicológica no Brasil é incipiente e merece mais atenção por parte dos pesquisadores e agências de fomento, assim como é notoria a necessidade de pesquisas de revisão sistemática sobre o assunto.

Palavras-chave: velhice, metaciência, psicologia
Pesquisador P
DES Psicologia do Desenvolvimento

PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO. *ELIANE FLORENCIO GAMA - EMY SUELEN PEREIRA,*
O envelhecimento é um processo progressivo e natural que se caracteriza por uma série de alterações nas funções biológicas, psicológicas e sociais e que, ao longo do tempo, levam a redução das capacidades de execução de tarefas cotidianas e até à dependência. A percepção da forma e dimensão do corpo, bem como sua relação com o ambiente ao redor, denominado esquema corporal, tem fundamental importância para o planejamento e execução das atividades motoras. Observa-se que com o avançar da idade há uma tendência dos idosos subestimarem suas dimensões corporais (hipoesquematia). Além disso, observa-se também insatisfação com o corpo (imagem corporal) devido às mudanças na sua aparência (aparecimento de rugas, redistribuição gordura corporal) e declínio da funcionalidade. A prática de atividades corporais tem sido relacionada à melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais e mais satisfação como próprio corpo. O objetivo desse estudo foi analisar os efeitos de um programa de exercícios ritmados que simulem atividades do

cotidiano no esquema corporal e imagem corporal de idosos. Participaram dessa pesquisa 29 voluntários de ambos os sexos, divididos em 2 grupos, o grupo controle composto por 13 indivíduos (11 mulheres e 2 homens) com idade média de 73±8 anos, e o grupo experimental composto por 16 indivíduos (13 mulheres e 3 homens) com idade média de 68±8 anos. Os sujeitos do grupo experimental participaram do programa de exercícios ritmados, que consistiu em aulas coreografadas, simulando atividades do cotidiano, realizadas duas vezes por semana, com duração de 60 minutos, durante 12 semanas. Para avaliação dos indivíduos foi aplicado o teste de marcação do esquema corporal, a partir do qual foi calculado o índice de percepção corporal e uma escala de Figuras de Silhuetas para avaliação da Imagem Corporal. O grupo controle foi avaliado duas vezes, com intervalo de 3 meses, já o grupo experimental foi avaliado antes e após a intervenção. Os resultados obtidos foram: no grupo controle, 46% dos indivíduos apresentaram piora no esquema corporal, já no grupo experimental 62% dos indivíduos se perceberam mais simétricos. O índice de percepção corporal do grupo controle piorou 9% e do grupo experimental melhorou em 4% após a prática das atividades propostas. Com relação à imagem corporal o grupo grupo controle apresentou insatisfação com o próprio corpo nos dois momentos da avaliação; e o grupo experimental apresentou satisfação corporal antes da prática das atividades corporais e após a mesma. Portanto, não houve modificação na imagem corporal em ambos os grupos. Sendo assim, observamos que o programa de exercícios ritmados que simulavam atividades do cotidiano foi capaz de interferir positivamente no esquema corporal dos idosos analisados.

Bolsa CAPES
Palavras-chave: percepção corporal, atividade física, envelhecimento
M
DES

EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *MARCELO DE ALMEIDA BURITI (Universidade São Judas Tadeu),*

A educação para prática de atividade física tem sido mencionada como instrumento de recuperação, manutenção e promoção da saúde. No entanto, só recentemente estudos epidemiológicos com melhor rigor conseguiram demonstrar com maior clareza essa associação. Dados recentes do Centers for Disease Control and Prevention de Atlanta apontam que mais de 2 milhões de mortes por ano podem ser atribuídas à inatividade física, em função de sua repercussão no incremento de doenças crônicas não-transmissíveis, como problemas cardiovasculares, câncer e diabetes, os quais responderam em 1998, por quase 60% das mortes no mundo, índice que deve alcançar em 2020 o total de 71,7 milhões se forem mantidas as tendências atuais. No Brasil, constatou-se tendência à inatividade física de forma semelhante a observada nos Estados Unidos segundo o relatório sobre padrões de vida dos brasileiros, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, indicando que 26% dos homens realizam atividade física regular e somente 12,7% das mulheres estão envolvidas em algum programa de treinamento. Quando se verifica a quantidade de pessoas que se exercitam pelo menos trinta minutos ou mais por dia, no mínimo três dias na semana, encontra-se 10,8% e 5,2% de homens e mulheres respectivamente. A prática de atividade física, regular e sistematizada aumenta ou mantém a aptidão física da população idosa, contribuindo para o bem estar funcional, diminuindo a taxa de morbidade e de mortalidade desse segmento da população. A atividade física protege o velho jovem (tipicamente idade entre 65 a 75 anos) contra a maior parte das doenças crônicas mencionadas. Também é importante na prevenção das doenças emocionais e físicas da atividade de vida diária, assim conservando a independência evitando a institucionalização. Pesquisas revelam que a participação dos idosos em programas de atividade físicas e de lazer em grupos pode colaborar

com o individuo a lidar com a perda do (a) companheiro (a), auxilia na recuperação da imagem corporal , na auto estima e no estado depressivo, o trabalho em grupo de atividade física tem papel fundamental na consciência de participar e fazer parte de um grupo e sentir se vivo. Para o meio velho (76 85 anos) e o muito velho (maior que 86 anos) os programas de exercícios regulares factíveis e seguros, podem levar a melhora na força muscular, melhor coordenação e equilíbrio, menor tempo de reação, maior velocidade natural do andar e maior flexibilidade. Pesquisas mostram ainda que o exercício regular pode melhorar as funções a tal ponto que o individuo possa manter a independência por mais sete a 11 anos com melhora substancial na qualidade de vida. Assim, a participação do idoso (velho jovem, meio velho e muito velho) em programas de atividade física regular poderá influenciar no processo de envelhecimento, com impacto positivo sobre a qualidade de vida. Dessa forma, o incentivo à prática de atividade física regular deveria ser rotina na vida do idoso. A atividade física tem potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento e para ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, melhorando vários aspectos da saúde biológica e psicológica, além dos aspectos relacionados ao viver social.

Palavras- Chave Envelhecimento, Independência funcional e qualidade de vida

P

DES

Sessão Coordenada: **IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS**

SESSÃO COORDENADA
PROPONENTE: Dra. Vera Socci
TITULO:
IDOSO E ENVELHECIMENTO: BEM ESTAR E QUESTÕES BIOPSICOSSOCIAIS
PARTICIPANTES:
Dra. Adriana Aparecida Ferreira de Souza - CRIATIVIDADE E A PROMOÇÃO DO BEM ESTAR NA VELHICE.
Dra. Ana Lucia Gatti, Thabata Ventura e Marcelo Ferro ENVELHECIMENTO NA MIDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUENIOS.
Emy Suelen Pereira e Eliane Florêncio Gama PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO.
Dra. Carla Witter e Sueli dos Santos Vitorino ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Marcelo de Almeida Buriti - EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO.
Dra. Vera Socci - IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE.
JUSTIFICATIVA
Coordenação Dra. Vera Socci
A questão do envelhecimento populacional vem sendo exaustivamente tratado nos últimos anos, em seus múltiplos e multifacetados aspectos biopsicossocias. Este crescimento é mundial, entretanto, em relação a estrutura social nos países desenvolvidos e ricos houve possibilidade da criação de uma infraestrutura adequada para acompanha-lo, enquanto que nos países em desenvolvimento, como no Brasil, o envelhecimento populacional se dá em meio a desigualdade social, o que dificulta, ou mesmo impede que este grupo etário emergente seja atendido adequadamente em suas necessidades biopsicossociais.
Esta Sessão Coordenada se propõe refletir sobre algumas questões pertinentes, além de propor aspectos interventivos importantes quando se trata de ações de promoção da saúde integral, e prevenção da doença do Idoso, buscando seu Bem Estar.
A Dra. Ana Lucia coloca a importância da comunicação dos achados cientifico para além dos periódicos especializados, e sua pesquisa demonstra que embora haja um aumento de publicações na mídia, esta ainda apresenta vieses indesejáveis.
A Dra. Carla apresenta um levantamento de estudos interventivos, comparando a literatura nacional com a internacional, concluindo o quanto estamos defasados neste aspecto.
Os demais autores/ apresentadores contribuem de forma contundente para programas interventivos, chamando atenção de aspectos fundamentais que devem ser levados em consideração ao se tratar dos Programas de Promoção do Bem Estar do Idoso:
A Dra. Adriana apresenta o desenvolvimento do potencial criativo (que se refere a capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível, portanto em seus aspectos cognitivos e afetivos) como um elemento fundamental para o enfrentamento de situações adversas, tão comum nesta fase da vida.;
O Dr. Marcelo enfatiza a importância da atividade física após 60 anos de idade, afirmando, em conclusão a pesquisas apresentadas, o seu potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento, devendo ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, para melhoria de vários aspectos de sua saúde biopsicossocial.
Neste sentido, a Dra. Eliane e sua orientanda apresentam um Programa de Exercícios Ritmados, que simulam atividades do cotidiano, que parece contribuir efetivamente para a melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais facilitando portanto a vida do Idoso.

Finalmente, como coordenadora da Sessão, Dra. Vera Socci farei o fechamento as apresentações destacando o papel precípuo da religiosidade/espiritualidade na vida do Adulto Idoso, destacando sua influência na manutenção da saúde e prevenção da doença. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. A pesquisa apresentada corrobora com a literatura nacional e internacional e demonstra que, embora todos participantes tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada.

Psicologia do Desenvolvimento

IDOSO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE. *DRA. VERA SOCCI (Universidade de Mogi das Cruzes),*
Ao contrário da tradição da medicina oriental, que sempre buscou integrar de forma explícita a dimensão religiosa/espiritual ao binômio saúde/doença, no Ocidente tanto a Medicina como a Psicologia negligenciaram, durante anos, este estudo. A partir da década de 80, entretanto, as evidências de que a espiritualidade assim como as práticas religiosas são decisivas na recuperação da saúde das pessoas foram extensivamente documentadas, em pesquisas multidisciplinares. Revisões da literatura especializada, relatam uma relação positiva entre a variável religiosidade e indicadores de saúde. Nestes estudos revisionais os autores demonstram resultados com significância estatística que revelam os efeitos positivos da frequência e das práticas religiosas no controle de doenças cardiovasculares, na recuperação de cirurgias, alem de uma variedade de síndromes relacionadas a neoplasias, e outras síndromes. Também em relação a saúde mental, existem revisões que concluem que as pessoas religiosas, principalmente as idosas, são mais saudáveis, mais felizes e mais satisfeitas com suas vidas, além de se sentirem menos deprimidas, ansiosas e solitárias. Estudos da psicogerontologia demonstram que a religiosidade é um recurso de enfrentamento importante frente aos eventos estressantes próprios da velhice. A religiosidade, dando um sentido para a existência, suaviza o impacto negativo de acontecimentos dolorosos e facilita a aceitação de perdas naturais ligadas ao processo de envelhecimento. O presente estudo procurou caracterizar a religiosidade de um grupo de idosos que participam de um programa para a Terceira Idade, ligado a Prefeitura Municipal de uma pequena cidade do Vale do Paraíba, cuja missão é promover o envelhecimento saudável e a integração social do idoso. Os principais resultados da caracterização sócio-demográfica: 120 idosos, 30% na faixa etária entre 60 e 65 anos, 40% entre 66 a 75 anos, 30% acima de 71 anos. Aproximadamente 60% dos participantes do gênero feminino. Quanto ao estado civil, 50% estavam casados, 31% viúvos, e os demais solteiros ou divorciados. Em relação a afiliação religiosa 44% eram Católicos, 37% protestantes/evangélicos, 18% de outras religiões, 1% declarou-se sem crença religiosa. Em segundo lugar pretendeu verificar o nível de religiosidade desta amostra, assim como sua percepção sobre a própria saúde, através de uma entrevista semi estruturada, utilizando-se o método de análise de conteúdo de Bardin para a interpretação das respostas abertas. Encontrou-se que 90% desta amostra reza/ora diariamente; 50% realiza leituras religiosas, ao menos uma vez por semana, 70% freqüentam assiduamente uma igreja. O que se pôde perceber, foi que, embora todos tomassem algum tipo de medicação (hipertensão, diabete, doenças osteomusculares, etc.) e referissem dores e complicações da saúde, os mais religiosos (70%) relataram sempre um impacto bem menor de seus males sobre suas atividades de vida diária, referindo-se a eles de forma mais otimista e bem humorada. Atualmente, numa segunda etapa, esta pesquisa está confrontando a avaliação subjetiva do estado de saúde, com medidas clínicas mais objetivas e confiáveis. Estes resultados

corroboram os achados da literatura apontada, e sinalizam sua importância para profissionais da saúde pública, que devem levá-los em consideração em suas intervenções.

Palavras-chave: velhice, espiritualidade, qualidade de vida
P
DES

ENVELHECIMENTO NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA: DOIS QUINQUÊNIOS.. *ANA LUCIA GATTI - THABATA VENTURA - MARCELO FERRO,*

A preocupação com o envelhecimento dos indivíduos e das populações tem sido tema de vários trabalhos científicos nos últimos anos e constitui-se como campo que pode ser chamado de multi ou interdisciplinar, dado concorrerem para sua compreensão e a melhoria das condições das pessoas os saberes advindos de várias áreas. A difusão do conhecimento gerado, de modo amplo à sociedade, é realizada por meios de comunicação que não pode se restringir às revistas científicas, dado o caráter e abrangência mais técnico de que estas se revestem. Por outro lado, a sociedade, como um todo, necessita e busca informação acerca do fenômeno que se faz cada vez mais presente em todo mundo, especialmente nos países em desenvolvimento- a ampliação do topo da pirâmide etária. O objetivo da investigação foi realizar um levantamento na revista semanal de maior circulação nacional quanto ao tema envelhecimento, tomando dois lustros (1997/2001 e 2007/2011), comparar como foi tratado o tema, quais os aspectos mais enfocados, os profissionais envolvidos nos artigos e o fluxo das notícias no período. A busca foi realizada manualmente a partir da leitura dos índices das 514 edições do período escolhido, disponibilizadas no portal eletrônico da publicação. Quando a chamada do artigo sugeria a possibilidade da existência de referência ao assunto, o artigo era lido na íntegra e tabulados os parâmetros de interesse pré-determinados. O ano que apresentou o maior número de artigos foi 2009, com 30, quando houve uma edição com o especial longevidade , e o ano de 1997 como o de menor incidência, com oito reportagens. Entretanto, o número dos artigos levantados em ambos os períodos (81 e 99) não apresenta diferença estatisticamente significante (2o= 1,80; g.l.=1; 2c=2,706). O total dos artigos se distribui por 38 seções, sendo que apenas seis com incidência superior a 10 (saúde= 30; medicina= 24; beleza= 20; longevidade= 20; especial= 16; guia=14) e 20 seções que apresentam apenas uma citação. Do total de 218 citações de profissionais, os da área médica são responsáveis por 65,59% das menções, o que configura, segundo o veículo, o envelhecimento como assunto predominantemente médico. Assim, de um total de 66 tipos diferentes de profissionais que aparece nas reportagens, 40 tipos surgem com apenas uma citação e dentre os mais citados estão os médicos (sem especificação, N=33 referências), dermatologistas (N=17), cirurgiões plásticos (N=15), geriatras (N=13), psicólogos (N=12) e psiquiatras (N=12). Questões como a impotência, as rugas e a calvície são periodicamente revisitadas na pauta, evidenciando a preocupação dos cientistas e o possível interesse da população em retardar aspectos externos e de desempenho sexual da passagem do tempo no indivíduo. Entretanto, temas sobre atividade física e cognitiva, bem como problemas políticos, econômicos, demográficos e previdenciários foram tratados ao longo do período analisado. Conclui que, ainda que haja uma ampliação sobre os temas tratados e de profissionais envolvidos quanto ao envelhecimento, há ênfase nos problemas estéticos e a multi e interdisciplinaridade do assunto tem se concentrado nos profissionais da área da saúde, dado serem esses que se apresentam como grupo consultado em várias reportagens.

Palavras-chave: idosos, senescência, social.
P
DES

CRIATIVIDADE E PROMOÇÃO DE BEM ESTAR NA VELHICE.. *ADRIANA APARECIDA FERREIRA DE SOUZA (Universidade de Mogi das cruzes)*

,

Ao tratar dos aspectos psicológicos do envelhecimento, uma preocupação constante é a promoção do bem estar na velhice, sendo que o envelhecimento bem sucedido é resultado de critérios como longevidade, saúde física e mental, eficácia cognitiva, competência social e produtividade, controle pessoal e satisfação com a vida. A criatividade se refere à capacidade de resolução de problemas, tendo um olhar flexível sobre os fenômenos apresentados, o que envolve aspectos cognitivos e emocionais. Nesse sentido, idosos que apresentam um potencial criativo tendem a enfrentar as situações adversas desta fase da vida de maneira mais saudável, o que promove um bem estar psicológico. O potencial criativo pode ser desenvolvido em qualquer fase da vida, inclusive na velhice.O termo late-lifebloomer tem sido utilizado para se referir a pessoas que apenas na velhice tendem a revelar talentos criativos e intelectuais. É uma metáfora a plantas que florescem na primavera, verão e no inverno. Algumas árvores americanas não florescem antes da primeira geada. Por analogia, algumas pessoas mostram seus frutos apenas quando seus cabelos estão grisalhos. A relação entre criatividade e bem estar vem sendo estudada na literatura psicológica e é objetivo do presente estudo. Para cumprir ao objetivo foi realizadauma busca na base de dados PsycINFO nos anos de 2011 e 2012 utilizando a palavra-chave creativity e selecionando-se os trabalhos com idosos participantes.Foram encontrados29 estudos (72% em 2011 e 28% até 06/2012). Destes 88% são artigos de periódicos, há duas teses/ dissertações e três livros ou capítulos de livros sobre criatividade do idoso. Uma análise dos temas dos estudos permite verificar a relação entre criatividade e bem estar em idosos. O tema mais frequente foi o desenvolvimento da criatividade em idosos com doenças degenerativas ou mentais (21%), ou seja, o desenvolvimento da criatividade para promoção do bem estar em idosos com doenças. Em segundo lugar ficou Arte, arte terapia, criatividade e saúde (17%), seguidos porResolução de problemas e promoção do bem estar e Clima organizacional/ liderança para criatividade (ambos com 10%). Com 7% dos temas ficaram Criatividade e cognição em idosos, Criatividade traços de personalidade e Criatividade e Educação. Finalmente, apareceram apenas uma vez os temas Criatividade e mortalidade, Processo criativo inconsciente, Registros de família sobre criatividade, Criatividade percepção de pesquisadores educacionais, Criatividade e auto-estima e Pensamento contrafatuais e criatividade. Conclui-se que a relação entre criatividade e bem estar em idosos aparece com diversas facetas entre os estudos internacionais, relacionado a promoção da saúde, resolução de problemas da faixa etária, arte terapia, cognição, auto-estima e educação. Faz-se necessária a realização de estudos no âmbito nacional além de trabalhos voltados para o desenvolvimento do potencial criativo em idosos e promoção do bem estar.

Palavras-chave: Envelhecimento, Criatividade, Saúde

P

DES

ENVELHECIMENTO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *CARLA WITTER - SUELI DOS SANTOS VITORINO (Universidade São Judas Tadeu),*

O idoso e o processo de envelhecimento são objetos de estudo com características multifacetadas e multideterminadas exigindo dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema. A Psicologia tem contribuido com as pesquisas sobre o envelhecimento investigando diversas temáticas, tais como: depressão, atividades físicas, demências, habilidades sociais, qualidade de vida e bem estar, funçoes cognitivas, etc., porém

poucos são os trabalhos no Brasil que relatam intervenções psicológicas realizadas com os idosos. A análise da produção científica sobre idosos e intervenções psicológicas disponível na Scielo e na PsycINFO revelou, respectivamente, quatro e 81 resumos de artigos, de 2009 à 2011, utilizando as palavras-chave: idosos (elderly) e intervenção psicológica (psychological intervention). Os resultados revelaram que a publicação na base de dados brasileira é 20 vezes menor que na estrangeira, sendo a média de 1,33 e de 27 artigos/ano, respectivamente. Em 2011, foi publicado um estudo na Scielo contra 28 na PsycINFO. Dos quatro artigos publicados na Scielo, apenas dois relatavam intervenções psicológicas realizadas em grupos de idosos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), um artigo tratava de barreiras arquitetônicas nas UBS e outro sobre a validação de um instrumento de compreensão verbal. Todas as pesquisas eram de campo e descritivas. No PsycINFO, 65,43% eram artigos de estudos empíricos, 62,96% de pesquisas quantitativas, 13,58% de intervenções, 8,64% de revisões da literatura, o que denota o avanço científica sobre o assunto na literatura estrangeira, pois este resultado é um indicador do conhecimento na área de idosos e intervenção psicológica. Nenhum registro de revisão da literatura foi encontrado na base de dados brasileira devido ao baixo número de publicações, o que denota a necessidade de aumento da produtividade sobre os idosos brasileiros com pesquisas de intervenção psicológica. Assim como é importante que a área da psicologia desenvolva pesquisa baseada em evidências para uma melhor atuação dos profissionais nos atendimentos aos idosos. Na PsycINFO foram 82,71% de participantes idosos, 53,08% do gênero feminino e 50,62% do masculino, sendo o Teste Mini-Mental (14,81%) e duas escalas diferentes de depressão (ambas com 7,41%), os instrumentos mais utilizados nas pesquisas. Os trabalhos de intervenção publicados investigaram problemas de depressão e comorbidades, cognição, demência, diabetes e outras doenças crônicas, estresse, ansiedade, atividade física e quedas, cuidadores entre outros temas relacionados ao idoso e o processo de envelhecimento. Os resultados das intervenções, na maioria dos artigos, relataram a manutenção ou promoção no bem-estar do idoso. As intervenções, geralmente, envolviam mais de uma área de conhecimento, como a médica/psiquiátrica, atividades físicas (yoga e massagem), nutricionais, etc, o que revela a interdisciplinaridade no estudo da velhice. Conclui-se que a produção científica sobre os idosos e intervenção psicológica no Brasil é incipiente e merece mais atenção por parte dos pesquisadores e agências de fomento, assim como é notoria a necessidade de pesquisas de revisão sistemática sobre o assunto.

Palavras-chave: velhice, metaciência, psicologia
Pesquisador P
DES Psicologia do Desenvolvimento

PERCEPÇÃO CORPORAL DO IDOSO ATIVO. *ELIANE FLORENCIO GAMA - EMY SUELEN PEREIRA,*
O envelhecimento é um processo progressivo e natural que se caracteriza por uma série de alterações nas funções biológicas, psicológicas e sociais e que, ao longo do tempo, levam a redução das capacidades de execução de tarefas cotidianas e até à dependência. A percepção da forma e dimensão do corpo, bem como sua relação com o ambiente ao redor, denominado esquema corporal, tem fundamental importância para o planejamento e execução das atividades motoras. Observa-se que com o avançar da idade há uma tendência dos idosos subestimarem suas dimensões corporais (hipoesquematia). Além disso, observa-se também insatisfação com o corpo (imagem corporal) devido às mudanças na sua aparência (aparecimento de rugas, redistribuição gordura corporal) e declínio da funcionalidade. A prática de atividades corporais tem sido relacionada à melhora da capacidade de percepção das dimensões corporais e mais satisfação como próprio corpo. O objetivo desse estudo foi analisar os efeitos de um programa de exercícios ritmados que simulem atividades do

cotidiano no esquema corporal e imagem corporal de idosos. Participaram dessa pesquisa 29 voluntários de ambos os sexos, divididos em 2 grupos, o grupo controle composto por 13 indivíduos (11 mulheres e 2 homens) com idade média de 73±8 anos, e o grupo experimental composto por 16 indivíduos (13 mulheres e 3 homens) com idade média de 68±8 anos. Os sujeitos do grupo experimental participaram do programa de exercícios ritmados, que consistiu em aulas coreografadas, simulando atividades do cotidiano, realizadas duas vezes por semana, com duração de 60 minutos, durante 12 semanas. Para avaliação dos indivíduos foi aplicado o teste de marcação do esquema corporal, a partir do qual foi calculado o índice de percepção corporal e uma escala de Figuras de Silhuetas para avaliação da Imagem Corporal. O grupo controle foi avaliado duas vezes, com intervalo de 3 meses, já o grupo experimental foi avaliado antes e após a intervenção. Os resultados obtidos foram: no grupo controle, 46% dos indivíduos apresentaram piora no esquema corporal, já no grupo experimental 62% dos indivíduos se perceberam mais simétricos. O índice de percepção corporal do grupo controle piorou 9% e do grupo experimental melhorou em 4% após a prática das atividades propostas. Com relação à imagem corporal o grupo grupo controle apresentou insatisfação com o próprio corpo nos dois momentos da avaliação; e o grupo experimental apresentou satisfação corporal antes da prática das atividades corporais e após a mesma. Portanto, não houve modificação na imagem corporal em ambos os grupos. Sendo assim, observamos que o programa de exercícios ritmados que simulavam atividades do cotidiano foi capaz de interferir positivamente no esquema corporal dos idosos analisados.

Bolsa CAPES
Palavras-chave: percepção corporal, atividade física, envelhecimento
M
DES

EXERCÍCIO E ATIVIDADE FÍSICA PARA O BEM ESTAR DO IDOSO. *MARCELO DE ALMEIDA BURITI (Universidade São Judas Tadeu),*

A educação para prática de atividade física tem sido mencionada como instrumento de recuperação, manutenção e promoção da saúde. No entanto, só recentemente estudos epidemiológicos com melhor rigor conseguiram demonstrar com maior clareza essa associação. Dados recentes do Centers for Disease Control and Prevention de Atlanta apontam que mais de 2 milhões de mortes por ano podem ser atribuídas à inatividade física, em função de sua repercussão no incremento de doenças crônicas não-transmissíveis, como problemas cardiovasculares, câncer e diabetes, os quais responderam em 1998, por quase 60% das mortes no mundo, índice que deve alcançar em 2020 o total de 71,7 milhões se forem mantidas as tendências atuais. No Brasil, constatou-se tendência à inatividade física de forma semelhante a observada nos Estados Unidos segundo o relatório sobre padrões de vida dos brasileiros, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, indicando que 26% dos homens realizam atividade física regular e somente 12,7% das mulheres estão envolvidas em algum programa de treinamento. Quando se verifica a quantidade de pessoas que se exercitam pelo menos trinta minutos ou mais por dia, no mínimo três dias na semana, encontra-se 10,8% e 5,2% de homens e mulheres respectivamente. A prática de atividade física, regular e sistematizada aumenta ou mantém a aptidão física da população idosa, contribuindo para o bem estar funcional, diminuindo a taxa de morbidade e de mortalidade desse segmento da população. A atividade física protege o velho jovem (tipicamente idade entre 65 a 75 anos) contra a maior parte das doenças crônicas mencionadas. Também é importante na prevenção das doenças emocionais e físicas da atividade de vida diária, assim conservando a independência evitando a institucionalização. Pesquisas revelam que a participação dos idosos em programas de atividade físicas e de lazer em grupos pode colaborar

com o individuo a lidar com a perda do (a) companheiro (a), auxilia na recuperação da imagem corporal , na auto estima e no estado depressivo, o trabalho em grupo de atividade física tem papel fundamental na consciência de participar e fazer parte de um grupo e sentir se vivo. Para o meio velho (76 85 anos) e o muito velho (maior que 86 anos) os programas de exercícios regulares factíveis e seguros, podem levar a melhora na força muscular, melhor coordenação e equilíbrio, menor tempo de reação, maior velocidade natural do andar e maior flexibilidade. Pesquisas mostram ainda que o exercício regular pode melhorar as funções a tal ponto que o individuo possa manter a independência por mais sete a 11 anos com melhora substancial na qualidade de vida. Assim, a participação do idoso (velho jovem, meio velho e muito velho) em programas de atividade física regular poderá influenciar no processo de envelhecimento, com impacto positivo sobre a qualidade de vida. Dessa forma, o incentivo à prática de atividade física regular deveria ser rotina na vida do idoso. A atividade física tem potencial para reduzir o ritmo do envelhecimento e para ser coadjuvante em programas de atendimento ao idoso, melhorando vários aspectos da saúde biológica e psicológica, além dos aspectos relacionados ao viver social.

Palavras- Chave Envelhecimento, Independência funcional e qualidade de vida

P

DES

Sessão Coordenada: **Idosos e o processo de envelhecimento: estratégias e intervenções para o bem-estar**

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial e coloca na pauta de discussões problemas importantes quanto a necessidade de se conhecer o ciclo da vida aumentado que pode ser vivido com qualidade. As informações e dados de pesquisa quanto: Leitura e qualidade de vida: estratégias cognitivas e metacognitivas pesquisado pela Dra. Elza Maria, apresenta a leitura como uma estratégia útil que pode contribuir em vários aspectos tais como: a) ter informações sobre determinadas doenças e com isto prevenir e postergar Parkinson, Alzhaimer, falta de atenção, perda de memória etc. A Dra. Claudia Gil, mostra dados sobre a importância das Oficinas psicológicas para promoção de bem estar do idoso, uma vez que, observou-se que a proposta terapêutica favoreceu maior integração e possibilidade de recordação saudável, refletindo vivências que apontaram para o crescimento pessoal dos participantes do grupo.Uma outra importante questão que será discutida é sobre Alimentação e qualidade de vida: estratégias nutricionais abordada pela Dra. Rita de Cássia de Aquino, a pesquisadora evidencia que no envelhecimento é preciso adaptar a alimentação com a finalidade de promover a saúde e reduzir o risco de desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis. Será foco de atenção também o Lazer, atividades básicas e instrumentais de vida diária: avaliação e intervenções como estratégia para a melhoria da qualidade de vida e bem estar da população idosa apresentada pelo Dr. Marcelo de Almeida Buriti, essas questões que serão discutidas durante a sessão coordenada parecem suficientes para justificar a melhoria da saúde e prevenção de problemas biopsicossociais entre os idosos. É recomendável também estabelecer políticas de saúde e desenvolver programas para estímulo às atividades desse tipo. Para que tais programas tenham maior probabilidade de êxito, são necessárias pesquisas que permitam conhecer os fatores que levam ao decréscimo das atividades com a idade, os efeitos específicos dessas atividades e que avaliem os programas propostos e executados.
Psicologia do Desenvolvimento

Lazer, atividades básicas e instrumentais de vida diária: avaliação e intervenções. *Dr. Marcelo de Almeida Buriti (Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de São Paulo-SP),*
A qualidade de vida é um conceito subjetivo que depende do nível sociocultural, da faixa etária e das aspirações pessoais do indivíduo. Está relacionado à auto-estima e ao bem-estar pessoal e abrange uma série de aspectos como a capacidade funcional, o nível socioeconômico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado, o suporte familiar, o próprio estado de saúde, os valores culturais, éticos e a religiosidade, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive. Os idosos estão realmente cada vez mais ativamente presentes em nossa sociedade, e seu engajamento em atividades de lazer está, inclusive, previsto no artigo 20 do Estatuto do Idoso, que lhes assegura o direito à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, a diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. A preservação de identidade psicológica do indivíduo é de fundamental importância, pois é ela que ajuda ao individuo a adaptar - se ao mundo externo e a enfrentar com serenidade a perda progressiva da capacidade fisiológicas e todas as outras limitações. Para seu desenvolvimento ter continuidade e para superar dificuldades psicossociais inerentes a velhice, o idoso precisa estar envolvido em diversas tarefas entre as quais, explicita ou implicitamente, espera se que busque o lazer. O lazer é uma das mais importantes dimensões da cultura, assim como o trabalho e a família. As atividades de lazer apresentam funções específicas como descanso reparar desgastes físicos e mentais decorrentes da vida diária, estresse, fadiga entre outros, a

recreação é considerada também como uma atividade importante para o lazer. Uma outra função é o desenvolvimento pessoal que viabiliza os aspectos sociais, cognitivos e a personalidade. Apesar do aumento do tempo livre, observa se a falta de preparo para usufruir dele. Esse cenário também tende a se manter porque a maioria dos idosos menospreza atividades de lazer pela influência de uma sociedade que valoriza demasiadamente a produção. Desse modo, é necessário que o idoso possa estar capacitado a participar integralmente dessas atividades de forma a aproveitar melhor seu tempo livre. Conclui-se, dessa forma, que a educação para o lazer é de fundamental importância para o processo de desenvolvimento do idoso, ao longo do seu tempo de vida, bem como, para melhoria qualidade de vida da população idosa, especialmente, as mais carcntes localizadas e aglomeradas nos grandes centros urbanos. Há muito por conquistar inclusive no que concerne ao lazer na velhice.

Alimentação e qualidade de vida: estratégias nutricionais. *Dra. Rita de Cássia de Aquino (Universidade São Judas Tadeu),*

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e tem se tornado cada vez mais frequente em razão do aumento da sobrevida dos indivíduos, e a população idosa é um segmento que vem se expandindo rapidamente no Brasil e no mundo. Envelhecer é um processo natural, dinâmico, progressivo e irreversível, em que ocorrem inúmeras alterações que levam o indivíduo a necessidade de se adaptar a alterações fisiológicas e, eventualmente patológicas, que se manifestam com o tempo. No envelhecimento é preciso adaptar a alimentação com a finalidade de promover a saúde e reduzir o risco de desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, e os idosos podem representar uma população mais frágil devido às alterações morfológicas, biomoleculares e funcionais, podendo ocorrer perda de capacidade de adaptar-se às mudanças e acarretar maior vulnerabilidade a doenças. As principais mudanças que podem comprometer o aproveitamento dos nutrientes são as alterações no metabolismo basal, mudanças na composição corporal, alterações no sistema digestório relacionados à produção de enzimas, alterações na percepção sensorial, no apetite e na sensação de sede. A avaliação do estado nutricional por meio de monitoramento de variáveis antropométricas, bioquímicas, clínicas e principalmente dietéticas, é o papel do nutricionista em conjunto com todos os profissionais de saúde. Estratégias nutricionais programadas de forma individualizada podem contribuir de forma significativa com a redução no impacto que as alterações podem acarretar na saúde do indivíduo idoso e, se realizadas em conjunto com intervenções e acompanhadas de forma interdisciplinar, vão promover saúde e qualidade de vida no envelhecimento. Tendo em vista que os alimentos não são consumidos isoladamente e que a análise dos hábitos alimentares e das combinações dos alimentos é uma forma de avaliar o consumo alimentar, uma das estratégias utilizadas na avaliação da alimentação do idoso é o Padrão Alimentar. Um adequado padrão nas escolhas alimentares no dia-a-dia, a combinação de grupos alimentares na quantidade e proporção corretas tem papel imprescindível na prevenção de deficiências nutricionais que podem acarretar desnutrição, levando a sarcopenia e a fragilidade, aumentando a morbidade e mortalidade. O uso correto de guias alimentares na orientação dietética deve levar ao atendimento às necessidades energéticas e nutricionais, além do equilíbrio hídrico, indispensável na prevenção da desidratação e hipertermia, além da constipação, problemas muito frequentes com o envelhecimento. Assim, a atenção nutricional ao idoso em conjunto com a atenção de todos os profissionais de saúde, de forma integrada e harmoniosa, pode promover o envelhecimento saudável e a qualidade de vida.

Leitura e bem estar de idosos: estratégias cognitivas e metacognitivas. *Drª Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo SP),*

No Brasil, dados do IBGE apontam que nos próximos anos o número de idosos ultrapassará a 30 milhões de pessoas (15%), por dois fatores justificáveis, a redução da taxa de mortalidade, e a redução da morbidez e da mortalidade. A esperança de vida que era de 33,7 anos em 1950 deverá alcançar 77,08 em 2020/2025. Hoje já é de 75 anos. Esses idosos formam um grupo heterogêneo, com uma nova visão, que passou a ser percebido como tendo muitas possibilidades, perspectivas e conhecimentos quanto à qualidade de vida e bem estar no contexto. Para tanto, a leitura é um estratégia útil em todas elas, pois ao longo da História ela tem sido uma das formas mais importantes de que dispõe o homem para fundir conhecimento e prazer. O auxílio da metacognição é significativa, etapa conhecida como uma conquista evolutiva do ser humano, assim o idoso pode por meio da leitura ter contribuição em vários aspectos tais como: a) ter informações sobre determinadas doenças e com isto prevenir e postergar Parkinson, Alzhaimer, falta de atenção, perda de memória etc.; b) obter informações de como melhor conduzir sua vida para usufruí-la e obter qualidade de vida; c) ficar informado sobre tarefas de desenvolvimento que se espera que as pessoas nesta faixa etária cumpram; d) auxiliar os netos em suas tarefas escolares; e) atendimento a outros leitores em trabalhos nos hospitais e entidades (leitura para pacientes); f) na escola (programas especiais de auxílio aos alunos em tarefas e de como estudar), g) preparação para a aposentadoria para aqueles que desejam ou querem sair do mercado de trabalho e, h) idosos a serem atendidos em suas necessidades de leitura, porque muitos deles têm dificuldades com a língua escrita, em função da precária escolaridade. A internet também contribui para mudança de comportamento do idoso, pois pode auxiliar a leitura dos principais jornais, escrever e responder e-mails, buscar informações sobre assuntos de interesse pessoal e mundial. Pela importância do tema, metanálises e novas pesquisas são necessárias. Um levantamento foi feito nas bases SciELO (três últimos anos) resultou em só oito artigos e na ERIC, no mesmo período, em 27. Em quatro periódicos nacionais obteve-se: Psicologia: Ciência e Profissão (2007/2012) nenhum artigo; Psicologia e Sociedade (2007/2012) um único artigo; em Psicologia: Reflexão e Crítica (2007/2012) nove artigos; Paidéia (2007/2011) publicou um único artigo. Fatos estes que demonstram carência de estudos na área sobre o idoso, em particular focando a leitura e sua contribuição. Assim, no âmbito da promoção de qualidade de vida do idoso, a leitura tida e mantida como atividade pode auxiliar a sanar e a manter motivações e possibilidades em direção ao sentimento de bem estar, mas ainda há poucas pesquisas. No Brasil, há necessidade de pesquisas relacionando a leitura e sua aplicação em intervenções que propiciem bem estar aos idosos.

Oficinas psicoterapêuticas para promoção de bem estar do idoso. *Claudia Aranha Gil (APOIAR-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo); Leila Cury Tardivo (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).*

,

O crescente envelhecimento populacional e o consequente aumento da expectativa de vida se consolidaram como uma tendência mundial. No campo da saúde mental, o aumento dos índices de depressão e demências em idosos se destaca tanto pela elevada prevalência como pelas consequências que acarretam nas vidas dessas pessoas. As políticas de saúde para os idosos enfatizam formas de prevenção com o objetivo de manter a capacidade funcional desses indivíduos, ou seja, manter as habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida autonôma. É observada a carência, principalmente na rede pública, de equipamentos e profissionais aptos a oferecer o cuidado necessário à saúde mental do idoso e que venham a contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida. Torna-se necessário o desenvolvimento de novos modelos e propostas que possam, nesse contexto, ser implementados com o

objetivo de oferecer a atenção psicológica essencial ao idoso, tanto no sentido da intervenção como da prevenção. O estudo tem como objetivo apresentar a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças como proposta de intervenção psicoterapêutica visando a promoção do bem estar do idoso. A pesquisa foi desenvolvida com o método clínico, baseado na teoria psicanalítica e, em especial, na leitura dos conceitos winnicottianos. Participaram do estudo seis idosos - um homem e cinco mulheres -com idade entre 65 e 79 anos que frequentavam um Grupo da Terceira Idade pertencente a Secretaria de Ação Social da Prefeitura de um munícipio do interior do estado de São Paulo. Para compreensão diagnóstica foram realizadas duas entrevistas iniciais e aplicados os instrumentos WHOQOL BREF (Inventário de Qualidade de Vida Forma Breve), o BDI Inventário Beck de Depressão e o Teste de Apercepção temática para Idosos - SAT. O processo psicoterapêutico foi realizado em grupo e de forma breve durante 16 sessões. Nas Oficinas Psicoterapêuticas, aos pacientes são apresentadas materialidades de diversas naturezas com o objetivo de facilitar a comunicação emocional. Neste enquadre, os participantes são convidados a trazer para as sessões cartas, fotografias e objetos, que são fixados ou apoiados em um quadro magnético e durante uma hora e meia falam sobre as recordações despertadas. Após o período de duração da Oficina foi realizada uma entrevista final com cada participante e reaplicados o Inventário de Qualidade de Vida e o Inventário Beck de Depressão. A partir da análise do processo psicoterapêutico e do resultado da analise dos instrumentos utilizados, a proposta da Oficina desenvolvida com esse grupo se mostrou eficaz. Houve significativa melhora dos sintomas depressivos e, de modo geral, da qualidade de vida dos participantes que concluiram sua participação no grupo. Ao final do estudo, observou-se que o enquadre utilizado na proposta terapêutica favoreceu maior integração e possibilidade de recordação saudável, refletindo vivências que apontaram para o crescimento pessoal dos participantes do grupo.

Sessão Coordenada: **IMPACTOS NA CRIANÇA E NA FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS NO CONTEXTO DE RISCO NEOANTAL.**

A Sessão Coordenada intitulada Impactos na criança e na família: contribuições de pesquisas no contexto de risco neonatal proposta para apresentação na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia abordará a temática do risco neonatal, considerando os impactos sobre o desenvolvimento da criança e da família. Propõe-se a apresentação e discussão de resultados de pesquisas que buscaram compreender como se dá o processo de comunicação da família com o profissional de saúde nos casos de diagnóstico de malformação fetal, prematuridade e baixo peso ao nascer; e conhecer o impacto dessas condições na mãe, no que se refere aos seus estados emocionais e suas estratégias de enfrentamento, e na criança, no que tange às queixas comportamentais relatadas pelas mães.

A malformação fetal e as condições de nascimento prematuro e de baixo peso constituem fator de risco para o desenvolvimento global da criança. Nesse contexto, variáveis psicossociais relacionadas à família e, em especial, à mãe podem contribuir para minimizar ou agravar a condição de vulnerabilidade. Desde o momento do diagnóstico da condição de risco, o qual é fornecido pela equipe de saúde, a família precisa ser assistida em suas necessidades de informação sobre os aspectos envolvidos no diagnóstico e prognóstico, bem como de suporte psicossocial para o enfrentamento do problema. Entende-se que a interação entre os microssistemas família e equipe de saúde pode se constituir em fator de proteção para a criança em diferentes etapas do seu desenvolvimento.

Sendo assim, a proposição dessa Sessão Coordenada representa a oportunidade de discutir, no âmbito da Sociedade Brasileira de Psicologia, pesquisas sobre a temática do risco neonatal que acompanha os casos de malformação fetal, prematuridade e baixo peso, incluindo nessa discussão não somente a criança, mas também sua família (representada pela mãe) e a equipe de saúde. A Sessão Coordenada está composta por quatro participantes vinculados a instituições públicas do ensino superior, situadas em dois estados do país (Espírito Santo e Rio de Janeiro), que desenvolvem pesquisas na temática proposta, sendo que duas são membros do Grupo de Trabalho Psicologia Pediátrica da ANPEPP. A proponente da sessão coordenada, Profa. Dra. Alessandra Brunoro Motta Loss, é docente do departamento de Educação Integrada em Saúde e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolvendo pesquisas na área de avaliação e intervenção psicológica, em contextos de risco biológico e psicossocial, com crianças e suas famílias. Nesta Sessão Coordenada ela apresentará a terceira comunicação, relatando um estudo sobre os estados emocionais maternos (stress e depressão) e estratégias de enfrentamento de mães de bebês prematuros e baixo peso. A Professora Doutora Ana Cristina Barros da Cunha, vinculada ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Perinatal, Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, também desenvolve pesquisas na área de avaliação e intervenção psicológica, em contextos de risco biológico e psicossocial e irá apresentar a primeira comunicação, abordando o impacto do diagnóstico de malformação fetal em gestantes, analisando variáveis psicossociais pessoais e familiares envolvidas no processo, bem como a importância do manejo do profissional de saúde na comunicação desse diagnóstico. Dando continuidade à abordagem da comunicação do profissional de saúde com a família, a segunda apresentação será realizada pela mestranda Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, que irá abordar a comunicação da mãe com a equipe de saúde como sendo um aspecto facilitador do enfrentamento da mãe no contexto da UTIN. Por fim, a quarta comunicação será feita pela

doutoranda Kelly Ambrosio Silveira, também vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, que abordará o impacto da prematuridade e do baixo peso em crianças de 18 a 36 meses, por meio da verificação de queixas maternas sobre problemas de comportamento e competência social.
Espera-se contribuir para a área da Psicologia da Saúde e da Psicologia Pediátrica, uma vez que a discussão proposta irá integrar a literatura da área aos dados empíricos produzidos nos estudos realizados, ressaltando a importância desses trabalhos na proposição de programas de intervenção psicossocial durante a gravidez de risco, a internação na UTIN e o acompanhamento ambulatorial. Tais programas devem subsidiar a avaliação e intervenção precoce junto à criança; o suporte à família, por meio da atenção às suas reações emocionais e estratégias de enfrentamento; e o manejo da equipe de saúde, no que se refere às habilidades de comunicação com a família.

Psicologia da Saúde

ESTADOS EMOCIONAIS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE MÃES DE RECÉM-NASCIDOS DE RISCO.. *Pâmella Vitória Moreno dos Santos Rigoni* (Curso de Psicologia, Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES e Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Alessandra Brunoro Motta (Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Departamento de Educação Integrada em Saúde, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).
*Fernanda Rosalem Caprini** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Brunna Laryssa Santos de Andrade (Curso de Fonoaudiologia, Departamento de Educação Integrada em Saúde, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*

,
Estudos mostram que mães de recém-nascidos de risco (prematuridade e baixo peso) podem apresentar estados emocionais de ansiedade e depressão, interferindo na qualidade da interação com o bebê e em suas estratégias de enfrentamento da condição de risco. O apoio emocional à família, em especial à mãe, tem sido incorporado às propostas de intervenção junto a essa população, exigindo uma avaliação adequada de sua condição psicológica. Com o objetivo de avaliar seus estados emocionais e suas estratégias de enfrentamento, 13 mães de bebês prematuros e com baixo peso ao nascer, em acompanhamento no Programa de Follow-up de Recém-nascidos de Risco do Hospital Escola da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), responderam aos instrumentos: Inventário de Depressão de Beck (BDI), Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL) e Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP). Para a caracterização sócio demográfica das mães e das condições de nascimento dos bebês, foram consultados os prontuários do programa de follow-up. Todo o procedimento de coleta dos dados ocorreu após o consentimento das mães, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Procedeu-se à análise estatística descritiva dos dados, sendo que as avaliações de stress, depressão e enfrentamento foram submetidas às normas dos instrumentos. A idade gestacional média dos bebês foi de 31,5 semanas (26-35) e a mediana do peso ao nascer foi 1450g (706-2040). O tempo de internação da Unidade Intensiva Neonatal (UTIN) variou entre 13 e 132 dias (Md = 51 dias). Em relação às mães, verificou-se que a média de idade foi de 25 anos (20-38), sendo que 53,8 eram primíparas e a maioria vivia uma união estável (69%), trabalhava fora do lar (54%) e seguia alguma prática religiosa (93%). Das 13 mães participantes, 62% apresentaram algum nível de stress, sendo que 62,5% encontravam-se na fase de resistência, 25% estavam na fase de exaustão e 12,5% indicaram níveis de quase exaustão. Com relação aos sintomas com maior prevalência nas participantes avaliados, verificou-se que a maioria era de origem predominantemente psicológica (75%),

12,5% relatavam sintomas físicos e 12,5% combinavam sintomas físicos e psicológicos. Na avaliação de índices de depressão, verificou-se que 46,2% das mães apresentaram níveis clínicos de depressão, sendo 50% leve e 50% moderado. Para lidar com a condição de prematuridade e baixo peso de seus filhos, a avaliação do enfrentamento por meio da EMEP indicou o predomínio de estratégias de enfrentamento de busca de prática religiosa/pensamento fantástico (Média = 3,71) e focalizado no problema (Média = 3,7), seguido das estratégias de enfrentamento de busca de suporte social (Média = 3,08) e focalizado na emoção (Média = 2,21). Esses achados corroboram a literatura que ressalta a importância da continuidade do suporte à díade (mãe e bebê) após a alta hospitalar, por meio dos programas de acompanhamento, com ênfase na atenção às reações psicológicas maternas negativas diante do neonato de risco, bem como nas suas estratégias de enfrentamento que, uma vez favoráveis ao seu processo adaptativo, poderão minimizar o impacto sobre o desenvolvimento do bebê.

Financiamento: FAPES/UFES (bolsa de Iniciação Científica).
Palavras-chave: estados emocionais maternos; estratégias de enfrentamento; recém-nascido de risco.
Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC
Área: Psicologia da Saúde Saúde

ANÁLISE DO IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DE MALFORMAÇÃO FETAL EM GESTANTES.. *Ana Cristina Barros da Cunha (Instituto de Psicologia, Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Perinatal, Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Solange Frid Patrício (Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde, Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).
Gabriela Medina Serpa (Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).*
Eduarda Costa Lima (Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).*

,

Considerando que as malformações congênitas (anomalias anatômica, cromossômica ou funcional que acometem o bebê na sua formação intrautero) são a segunda maior causa de mortalidade infantil, a gravidez com diagnóstico de malformação fetal é uma condição de vulnerabilidade importante. Para minimizar o impacto da notícia desse diagnóstico, é fundamental o planejamento de intervenções baseadas na avaliação das variáveis psicossociais envolvidas no enfrentamento desse risco gestacional pela díade mãe-bebê e sua família. Assim, o objetivo desse trabalho foi identificar e analisar variáveis psicossociais em gestantes com diagnóstico de malformação fetal, particularmente após a notícia do diagnóstico. Participaram do estudo no período de 09 meses, 36 gestantes atendidas no Setor de Medicina Fetal da Maternidade-Escola da UFRJ. Em consulta conjunta com a equipe médica, a gestante era convidada a participar da pesquisa quando assinava o Termo de Livre Consentimento Esclarecido e respondia, individualmente, aos seguintes instrumentos: 1) Protocolo de dados gerais, para identificação das variáveis psicossociais pessoais e familiares: a) idade; b) numero de filhos; c) se tem companheiro; d) tempo de união; e) se trabalhava; e f) se contava com suporte familiar durante a gravidez, por exemplo; e 2) Questionário Momento da noticia , para identificação das variáveis psicossociais relativas ao diagnóstico de malformação fetal. Em geral, as gestantes tinham idades que variavam entre 21 e 41 anos e a grande maioria contava com um companheiro (n=33), trabalhava fora (n=24), era casada pelo período de 2 a 5 anos

(n=24) e contava com suporte familiar para ajudá-las durante a gravidez (n=27). Apenas 16 responderam ao Questionário Momento da noticia , após terem confirmado o diagnóstico de malformação fetal. Todas declararam terem sido informadas por um médico, em geral um obstetra (n=13), sendo a maioria (n=12) informada durante o segundo trimestre de gestação. Do total, 10 gestantes consideraram apropriada a forma como o médico transmitiu o diagnóstico, apesar de terem inicialmente se sentido tristes, preocupadas e com medo. No entanto, no momento da pesquisa, essas mesmas gestantes declararam que já se sentiam mais confiantes (n=06) ou tranqüilas (n=04). Diante dos resultados obtidos pode-se afirmar que um diagnóstico de malformação fetal durante a gravidez constitui uma condição de vulnerabilidade para riscos físicos e psíquicos durante a gestação, já que mobiliza variáveis psicossociais na gestante (medos e preocupações), como relatado pelas mães do estudo. Essa condição exige a adoção de medidas de proteção ao desenvolvimento e de promoção da saúde materno-infantil, já que tais variáveis resultam em condições emocionais inicialmente desfavoráveis à criação de um vínculo afetivo saudável entre a gestante, o bebê e sua família, desde o início da gravidez. Condições emocionais adversas, características de uma gravidez com diagnóstico de malformação, podem gerar sinais de ansiedade e de depressão, que podem existir antes mesmo do bebê nascer. Nesse sentido, o manejo da equipe de saúde no momento de dar a noticia do diagnóstico de malformação é importante para proporcionar uma melhor elaboração de sentimentos iniciais de tristeza e de medo para uma condição emocional de confiança e tranqüilidade.

Financiamento: CNPq (bolsa de produtividade); FAPERJ (auxílio à pesquisa; bolsa de Treinamento Técnico Científico e de Iniciação Cientifica).
Palavras-chave: saúde materno-infantil; malformação fetal; vulnerabilidade.
Nível do trabalho: Pesquisador P
Área: Psicologia da Saúde - Saúde

AVALIAÇÃO DE MÃES DE BEBÊS INTERNADOS EM UTIN SOBRE A COMUNICAÇÃO COM A EQUIPE DE SAÚDE: ASPECTOS FACILITADORES DO ENFRENTAMENTO.. *Fabiana Pinheiro Ramos** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).
Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).
*Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*

,

O nascimento de um bebê prematuro e com baixo peso (PT-BP) e sua internação em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) se constitui como um potencial estressor para os pais. É importante, sobretudo para as mães, facilitar o seu enfrentamento (coping), que tem sido descrito como um conjunto de ações para minimizar o impacto do estressor e restaurar ou manter as necessidades psicológicas básicas. A comunicação com a equipe de saúde que cuida do bebê internado pode facilitar ou dificultar esse enfrentamento. Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla, e tem por objetivo descrever a avaliação de 25 mães sobre a comunicação estabelecida com a equipe de saúde. As participantes foram abordadas em um hospital público situado na Grande Vitória/ES e, após a explicação dos procedimentos, deram seu consentimento por escrito. A amostra respondeu aos seguintes instrumentos: protocolo para registro de variáveis sociodemográficas, questionário sobre a comunicação (notícia) no momento em que foi informada que seu bebê havia nascido em condição de risco e teria que

ficar internado na UTIN; e entrevista sobre a comunicação durante a hospitalização do bebê. Também foi levantada, por meio de entrevista, a avaliação que duas mães fizeram sobre a comunicação do falecimento de seus filhos. As mães tinham em média 27 anos, eram em sua maioria casadas (64%) e primíparas (52%) e pertenciam predominantemente às classes econômicas D e E (84%). A maioria das gravidezes foi de risco (52%), e a maior parte dos partos foi cesárea (56%). Os bebês tinham em média 32 semanas de idade gestacional e 1.617 gramas de peso ao nascer, tendo ficado, em média, 40 dias internados. A maioria das mães (76%) não sabia nada sobre PT-BP. As mães foram comunicadas da notícia em sua maioria (80%) pelo médico (obstetra ou neonatologista), durante ou após o parto (64%). Em relação a como a notícia foi dada, em 76% dos casos as respostas englobaram uma descrição do fato (repetição da informação dada pelo profissional), enquanto 12% das respostas apresentavam uma avaliação da forma como a notícia foi dada, e 12%, a reação da mãe à notícia. Sobre as informações recebidas, as mães responderam: bebê ser de risco ou grave; ser PT-BP; ter que ficar internado na UTIN; ficar no oxigênio ou ter dificuldade de respirar sozinho; e não perder a esperança. A maioria das mães (54%) avaliou que a notícia foi dada de forma adequada pelo profissional; enquanto 21% avaliaram a comunicação de maneira negativa, com menção à necessidade do profissional conversar mais . O restante (25%) se dividiu entre avaliações neutras e respostas que abordavam as reações da própria mãe à notícia. Em relação ao falecimento do bebê, as duas participantes avaliaram que a comunicação dos médicos foi adequada, com destaque para o fato de que eles expressaram seu sofrimento pela perda do bebê, o que as ajudou no enfrentamento desta perda. De forma geral, a comunicação com a equipe foi avaliada como sendo adequada pelas participantes, podendo ser um aspecto facilitador do enfrentamento no contexto da UTIN.

Financiamento: CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa; bolsa de Doutorado para a primeira autora); CAPES/MEC (bolsa de Mestrado para a quarta autora) e CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a segunda autora).
Palavras-chave: enfrentamento (coping); UTIN; comunicação profissional.
Nível do trabalho: Doutorado - D
Área: Psicologia da Saúde - Saúde

QUEIXAS COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS NASCIDAS PREMATURAS E COM BAIXO PESO ENTRE 18 A 36 MESES.. *Kelly Ambrosio Silveira** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*
Profa. Dra. Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).

,

O nascimento prematuro (PT: ≤37 semanas de gestação), o Baixo Peso ao nascimento (BP: ≤2.500g) e o Muito Baixo Peso (MBP: ≤1.500g) são apontados pela literatura como fatores de risco para problemas de comportamentais em crianças. Entretanto, a literatura da área também aponta ação de variáveis extrínsecas, como os fatores de risco que podem acentuar o problema, a exemplo de idade, escolaridade e saúde mental dos pais e número de irmãos. Já os fatores de proteção, como supervisão parental e promoção de cuidados estáveis, podem atenuar esses riscos. A partir dessa perspectiva, considera-se que o repertório comportamental depende de variáveis biopsicossociais que delineiam a experiência infantil, o que ressalta a importância das funções e práticas parentais e do relacionamento com os filhos. Com ênfase preventiva, este estudo investigou os problemas de comportamento de crianças nascidas prematuras e com baixo peso ou com muito baixo peso na primeira infância. Para isso, avaliou as queixas comportamentais de 30 mães sobre seus filhos PT-BP (20) e PT-MBP (10), com idade entre 18 e 36 meses, nascidos em hospital público da Grande

Vitória, ES, com idade gestacional média de 31,9 semanas e peso médio de 1.695,5g. Foram consultados prontuários médicos e aplicado o Child Behavior CheckList CBCL (1½ - 5 anos), avaliando problemas comportamentais internalizantes (como ansiedade e depressão) e externalizantes (como problemas atencionais e agressividade), escalas orientadas pelo DSM-IV e resultado geral. Em 10 % da amostram, houve perfil clínico geral. Houve predominância de problemas externalizantes (30% clínico), sobretudo atencionais (50% da amostra). A maioria (20) apresentou perfil clínico para ao menos uma queixa comportamental. Nas escalas DSM-IV, houve maior frequência para Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH (10) e Transtorno Desafiador/Opositor (5). Pelas médias dos T scores, os problemas atencionais (62,3) e a agressividade (59) apresentaram maiores pontuações. Não houve diferença significativa nas médias de BP e MBP, pelo teste de Mann-Whitney U, para resultados do CBCL (1 ½- 5 anos). Considerando outras variáveis biopsicossociais, houve diferença apenas para o total de dias na UTIN, que foi maior para os casos de MBP, BP (24,5) e MBP (64,7). As queixas comportamentais em ordem decrescente de T scores médios foram os problemas de atenção (62,2), agressividade (59,3), ansiedade (58,1), reação emocional (57,0), introversão (56,0), problemas de sono (54,1) e problemas de sono (54,1). Evidenciou-se vulnerabilidade da amostra para problemas comportamentais, sobretudo do tipo externalizante. Não houve agravo nos casos de risco acentuado ligado ao MBP. Contudo, o aumento nas queixas sobre problemas externalizantes confirma pesquisas na área. Os resultados reafirmam a necessidade da atenção em saúde, não apenas no período pré-natal, mas especialmente no período pós-natal, com intervenções que promovam comportamentos parentais facilitadores ao desenvolvimento de crianças em vulnerabilidade biológica.

Apoio: CNPq (bolsa de Mestrado)
Palavras-chave: prematuridade; baixo peso; avaliação comportamental.
Nível do trabalho: Mestrado - M
Área: Psicologia da Saúde - Saúde

Sessão Coordenada: **IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA ANEMIA FALCIFORME NA CRIANÇA E NO CUIDADOR.**

A proposição da Sessão Coordenada intitulada Impactos psicológicos da Anemia Falciforme na criança e no cuidador na XLII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia tem como principal objetivo discutir o impacto da doença e da dor no desenvolvimento de crianças. A Anemia Falciforme é a doença crônica hereditária mais prevalente no Brasil e tem a dor como sua principal manifestação clínica, a qual pode ser crônica ou aguda, de intensidade variável e recorrência imprevisível, sendo responsável por cerca de 60% dos casos de hospitalizações. Neste sentido, considera-se relevante compreender os fenômenos envolvidos no processo de adoecimento e seus impactos na trajetória desenvolvimental de crianças. Além disso, considerando que a família pode servir como mediadora na atenuação dos efeitos negativos da doença, promovendo um ambiente facilitador para o desenvolvimento do filho, compreender como os pais/cuidadores percebem a doença e a dor, bem como o seu ajustamento emocional, é de fundamental importância para a sua adaptação em relação à doença e para a adaptação da própria criança.

A discussão dessa temática se torna oportuna dentro do campo da Psicologia da Saúde e da Psicologia Pediátrica, pois possibilita refletir sobre métodos de investigação voltados para a análise dos efeitos adversos da doença crônica e da dor no desenvolvimento infantil e propor intervenções psicológicas mais eficazes com foco na díade cuidador/criança, capazes de propiciar uma melhor adaptação à doença. Mais especificamente, a proposta da Sessão Coordenada pretende contribuir para a análise da percepção de crianças e de seus cuidadores diante da Anemia Falciforme e da dor decorrente desse quadro, assim como seus impactos no desenvolvimento cognitivo, no desenvolvimento de problemas comportamentais e na competência social das crianças. Estas análises são frutos de resultados de uma pesquisa integrada, com dados coletados em duas regiões, divulgando a abrangência da Psicologia Pediátrica no país, bem como no desenvolvimento de competências específicas do psicólogo na área da saúde, com o objetivo final de melhorar a qualidade de vida de crianças, adolescentes e suas famílias. A Sessão Coordenada será composta por quatro pesquisadoras de instituições de ensino superior, situadas em duas regiões do país (Sudeste e Centro-Oeste), que desenvolvem pesquisas na temática proposta, e são membros do Grupo de Trabalho Psicologia Pediátrica da ANPEPP. A coordenadora será a Professora Doutora Kely Maria Pereira de Paula, docente do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolvendo pesquisas na área de avaliação e intervenção psicológica com crianças e suas famílias, em situação de risco e deficiência. Ela ficará responsável pela primeira apresentação, abordando os comprometimentos cognitivos apresentados por crianças com Anemia Falciforme. A Professora Doutora Sônia Regina Fiorim Enumo, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, também desenvolve pesquisas na área de avaliação e intervenção para a promoção do desenvolvimento infantil em situação de risco/vulnerabilidade, em múltiplos contextos, como os ambientes familiar, escolar e hospitalar. Ela fará a segunda apresentação, discutindo os problemas de comportamento e de competência social na mesma amostra. A terceira apresentação será realizada pela Professora Doutora Tatiane Lebre Dias, que pertence ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Estado de Mato Grosso, e desenvolve pesquisas na área de avaliação do desenvolvimento infantil e da família, em situação de doença crônica, nos contextos ambulatorial e hospitalar. Esta apresentação analisará os impactos da dor, segundo avaliação dos cuidadores e das crianças que apresentam a mesma condição. Por fim, a última apresentação será conduzida pela Professora Christyne Gomes Toledo de Oliveira, docente da

Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadora das temáticas referidas. Pretende-se, assim, abordar de forma multidimensional os problemas psicológicos associados com uma doença crônica que agrava uma parcela da população infantil de nosso país.

Psicologia da Saúde

DIFICULDADES NO DESEMPENHO COGNITIVO DE CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME..
*Daniele de Souza Garioli** (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).,*
A Psicologia Pediátrica é uma área interdisciplinar relacionada à Psicologia da Saúde e Psicologia do Desenvolvimento, que estuda, entre outros temas, processos adaptativos e suas alterações, bem como suas consequências no desenvolvimento, com base na Psicopatologia do Desenvolvimento. Nesta temática, está o estudo das doenças crônicas e seus impactos no desenvolvimento, entre as quais se destaca a Anemia Falciforme (AF). Esta doença pertence ao grupo das hemoglobinopatias, sendo a mais prevalente no Brasil. Pesquisas têm apontado que a AF causa limitações funcionais, fenômenos de vaso-oclusão, lesão de órgãos e dor constante, além de déficit cognitivo, principalmente das funções executivas. As funções executivas são um conjunto de processos cognitivos que, de forma integrada, permitem ao sujeito direcionar comportamentos a metas, avaliar a eficiência e a adequação desses comportamentos, abandonando, quando necessário, estratégias ineficazes em prol de outras mais eficientes e, assim, resolver problemas imediatos, de médio ou longo prazo. Tais funções organizam os comportamentos de forma a orientá-los a objetivos específicos, realizando ações voluntárias e organizadas. Assim, elas compreendem habilidades que são necessárias para solucionar problemas, através do planejamento, memória operacional, controle inibitório e autorregulação do comportamento. Considerando a importância dos potenciais déficits cognitivos na AF, este estudo analisou o desempenho cognitivo de crianças com AF, destacando-se o processamento das funções executivas. Participaram 12 crianças, com idades entre 8 anos e 10 anos e 11 meses (7 do sexo masculino), frequentando o Ambulatório de Hematologia Pediátrica do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, ES. Para avaliar o desempenho cognitivo, foram aplicados dois testes psicométricos: Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (Raven-MPC) e Teste Wisconsin de Classificação de Cartas, que medem o raciocínio analógico e as funções executivas, respectivamente. A correção dos dados dos testes psicométricos seguiu as normas para a população brasileira. Nos resultados obtidos pelo Raven-MPC, 3 crianças apresentaram déficits cognitivos mais significativos. Contudo, em relação às funções executivas, avaliadas nos domínios do Wisconsin, todo o grupo apresentou dificuldades nos domínios Respostas perseverativas e Erros perseverativos , e 2 crianças tiveram dificuldades no domínio Fracasso em manter o contexto . Os dados obtidos pelo Wisconsin indicaram déficits de atenção e prejuízo em habilidades do funcionamento executivo, principalmente no controle inibitório, na flexibilidade cognitiva, no planejamento e na atenção sustentada. Esses resultados sugerem a necessidade de programas de intervenção cognitiva para crianças com AF, no sentido de reabilitar as funções comprometidas - a atenção e o funcionamento executivo -, prevenindo, assim, problemas no desempenho escolar e facilitando a inclusão educacional dessas crianças.
Apoio Financeiro: CAPES (bolsa de Mestrado para primeira a autora)
Palavras-chave: 1) Funções executivas; 2) Cognição; 3) Anemia Falciforme.
Nível do Trabalho: M.
Código da Área: SAÚDE.

PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E DE COMPETÊNCIA SOCIAL EM CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME.. *Grace Rangel Felizardo Lorencini** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). ,*

A doença crônica constitui um fator de risco importante para o desenvolvimento, afetando de 10 a 15% da população infantil mundial. Os cuidados atuais resultaram em maior expectativa de vida, mas também levaram os portadores a conviver com as sequelas e intercorrências ocasionadas pela doença. Particularmente para as crianças, essas intercorrências apresentam um impacto ainda maior. As idas frequentes aos hospitais e os longos períodos de internação limitam seu funcionamento em diversas áreas, acarretando faltas recorrentes à escola, privação das atividades prazerosas, interferindo nas relações interpessoais. A vivência de uma doença crônica torna a criança suscetível a problemas psicológicos e de comportamento, ampliando a gama de prejuízos ao desenvolvimento. Entre as doenças crônicas com forte impacto sobre o desenvolvimento está a Anemia Falciforme (AF), doença que se caracteriza por uma alteração na constituição das hemácias, o que compromete a distribuição de oxigênio e provoca a obstrução dos vasos sanguíneos, dando origem a episódios dolorosos e lesões de órgãos. A forma como a criança se ajusta à doença apresenta uma relação direta ao seu funcionamento psicológico e, nesse processo adaptativo, vários fatores devem ser considerados, como, por exemplo, o grau de severidade e duração da doença, as alterações nas funções cotidianas, o estilo parental, o padrão de comportamento da criança e seu nível de competência social. No caso de crianças com AF, o comprometimento nas interações sociais pode ser agravado pelas crises de dor, pelo maior cansaço devido à anemia, ou mesmo por ficar impedida de executar determinadas atividades que podem desencadear novos episódios de dor. Essa situação acaba por favorecer o surgimento ou agravamento de problemas internalizantes e de comportamento, fator preocupante para uma população já suscetível a problemas no desenvolvimento, considerando a sua condição médica. Dada a escassez de pesquisas voltadas para a população infantil com AF e a importância de se identificar aspectos que indiquem o ajustamento da criança frente à doença, foi realizado este estudo para identificar o nível de competência e o padrão de comportamento em crianças com AF. Participaram 12 mães de crianças diagnosticadas com AF, na faixa etária de 8 a 10 anos, que frequentavam o Ambulatório de Hematologia do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, ES. Para a coleta de dados foi utilizada a Lista de Verificação Comportamental (CBCL 6-18 anos), respondida pelos pais ou cuidadores. A maioria das crianças foi classificada como clínica para problemas internalizantes (83,3%), com destaque para o retraimento (58,3%); também apresentando classificação clínica no escore total da Escala de Competência Social (83,3%). No geral, os resultados encontrados estão em consonância com a literatura, segundo a qual crianças que sofrem de alguma doença crônica são mais suscetíveis a desenvolver distúrbios comportamentais e de competência social, quando comparadas à população típica. Esses dados demonstraram que este grupo de crianças com AF está em risco para problemas de desenvolvimento e comportamento, sugerindo a necessidade de intervenções psicológicas nesta população.

Financiamento: CAPES (bolsa de Mestrado para a primeira a autora) e CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a terceira autora).
Palavras-chave: Problemas de comportamento; Competência social; Anemia Falciforme.
Nível do trabalho: M.
Código da área: SAÚDE.

A DOR E SEU IMPACTO SEGUNDO CUIDADORES E CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME..
*Tatiane Lebre Dias (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT; Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT). Christyne Gomes Toledo de Oliveira** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES). Thayane de Almeida Ferreira* (Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT).,*
O quadro clínico de Anemia Falciforme (AF) é marcado pela presença de crises dolorosas, palidez, cansaço fácil, icterícia, úlceras nas pernas e maior tendência a infecções. Na AF, a dor se apresenta de forma recorrente, imprevisível, com intensidade e duração variáveis, de modo a se tornar prejudicial, incapacitante e angustiante, comprometendo, assim, a qualidade de vida dessas pessoas. Procurando analisar como as crises dolorosas afetam o cotidiano de crianças com AF e seus cuidadores, este estudo analisou a percepção de ambos em relação à caracterização da dor da criança, seus impactos no cotidiano da família e suas formas de enfrentamento da crise dolorosa. Participaram 23 crianças com diagnóstico de AF (CID.10: D57.0) e seus cuidadores, frequentando 2 hospitais universitários federais em Cuiabá, MT e em Vitória, ES. Foi aplicado um Protocolo adaptado para Caracterização da Dor na Anemia Falciforme e seu Impacto, na versão cuidadores e versão criança, contendo dados sobre: a) caracterização da dor (intensidade, frequência, duração e descrição das crises dolorosas; localização e realização de atividades); e b) relação com a dor no cotidiano (interferência na rotina, estratégias de enfrentamento e manejo da dor). A dor na AF foi assim caracterizada pelas crianças e seus cuidadores: a) ambos associaram a dor ao quadro clínico da AF; b) ambos avaliaram a intensidade da dor como sendo extrema, seguida por intensidade leve; c) a região do abdômen/peito foi o local do corpo mais indicado por ambos como o mais dolorido; d) a dor em aperto foi o tipo de dor mais citado pelas crianças e os cuidadores indicaram a dor do tipo profunda; e) as crises dolorosas duravam um dia; f) ambos identificaram as atividades de lazer como principal fator desencadeante da dor; e g) consideraram que a atividade física intensificava a dor. Quanto ao impacto da dor no cotidiano, as crianças e seus cuidadores consideraram que a dor interfere, principalmente, em atividades como dormir, andar e comer. Diante das crises de dor, os cuidadores relataram sentir-se em estado de alerta, como se algo ruim fosse acontecer , além de tristeza, também relatada pelas crianças. Ambos citaram maior frequência de pensamentos do tipo catastrófico, ou seja, pensavam mais nos aspectos negativos da situação estressante. Para o manejo da dor, tanto os cuidadores quanto os filhos indicaram o uso de medicamentos, ficando a hospitalização em segundo lugar. Os dados mostram que, no geral, a amostra apresentou percepções semelhantes em relação a algumas características da dor, sendo esta percebida de forma negativa. Esse impacto da dor na vida das crianças com AF e de seus cuidadores levantam a necessidade de intervenções terapêuticas que visem a melhorias na qualidade de vida dessa população.
Apoio financeiro: FAPEMAT (auxílio à pesquisa para a primeira autora); FAPES (auxílio à pesquisa para a segunda autora); CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a quarta autora).
Palavras-chave: 1) Dor; 2) Cuidador e criança; 3) Anemia Falciforme.
Nível do trabalho: P.

ESTRESSE E ANSIEDADE EM CUIDADORES DE CRIANÇAS COM ANEMIA FALCIFORME..
*Christyne Gomes Toledo de Oliveira** (Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo;*

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Ednéia Bonning Oliveira (Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Vitória, ES); Nayara Silva Miranda* (Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Vitória, ES); Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).,*

Há avanços no tratamento de doenças crônicas infantis, com melhora nos índices de sobrevivência dessas crianças, mas, são poucas as investigações sobre as implicações emocionais da doença crônica nos cuidadores. Especialmente na Anemia Falciforme (AF), uma doença crônica que possui como principal manifestação clínica a dor, a atuação dos cuidadores pode ser um mecanismo de proteção ao desenvolvimento. Dessa forma, compreender como os familiares ou cuidadores enfrentam e reagem à doença da criança e percebem a sobrecarga do cuidado é de fundamental importância para facilitar sua adaptação à condição de cronicidade da saúde do filho. Com esse intuito, este estudo identificou e avaliou o impacto da doença e da dor na saúde mental de cuidadores de crianças com AF, em termos do nível de estresse e ansiedade. Foram entrevistados 8 cuidadores de crianças com AF, com idade de 8-10 anos, atendidas em um Ambulatório de Hematologia Pediátrica do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, ES. Em sessão individual, com duração média de 25 minutos, os cuidadores responderam aos seguintes instrumentos: a) questionário sociodemográfico; b) Inventário de Ansiedade Beck (BAI), composto por 21 sintomas de ansiedade que permite uma classificação em níveis de intensidade da ansiedade em mínima, leve, moderada e grave; e c) Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), que permite identificar a presença e o tipo de sintoma (somático/físico ou psicológico) e a fase em que se encontra, por meio de um modelo quadrifásico do estresse (Alerta, Resistência, Quase Exaustão e Exaustão). A média de idade dos cuidadores foi de 32,4 anos (AV: 27-36 anos), com escolaridade média de 8,63 anos, equivalente ao Ensino Fundamental completo. Todos os cuidadores eram as próprias mães, sendo a maioria (n= 6) casada com os pais das crianças; e 7 delas não trabalhavam fora de casa. Os resultados apontaram a presença de ansiedade em nível moderado e grave em 37,5% (n= 3) dos cuidadores. Na avaliação do estresse, 87,5% (n= 7) apresentaram sintomas na fase de Resistência, com predomínio de sintomas psicológicos (75%). Esses dados estão associados ao desgaste e cansaço dos cuidadores no enfrentamento de eventos estressores relacionado à AF, demonstrando diminuição dos recursos para lidar de forma adaptativa ao contexto da doença. É uma situação que coloca os cuidadores em risco aumentado para desenvolvimento de problemas físicos e emocionais, pela exposição continuada ao evento estressor (doença crônica) e pela sobrecarga de cuidado que a doença impõe. Neste sentido, considera-se relevante a proposição de intervenções psicossociais que incluam a díade cuidador-criança e que contribuam para a ampliação dos repertórios de enfrentamento das mães, de forma a atuar como medida de prevenção contra problemas psicológicos maternos associados à doença crônica e sua sintomatologia.

Apoio Financeiro: Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo (bolsa de capacitação docente-doutorado para a primeira autora); FAPES (auxílio à pesquisa Proc. nº 001/2010 TO nº 148/2011 para a primeira autora); CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a quarta autora).

Palavras-Chave: Estresse. Ansiedade. Cuidador.

Nível do Trabalho: P.

Área da Psicologia: SAÚDE.

Sessão Coordenada: **INTERAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL: A MÍDIA COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA E A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA EM CURSOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Emprega-se comumente o termo meios de comunicação social, ou mídia de massa, para descrever organizações de comunicação midiática e como referência a diferentes instrumentos ou veículos de comunicação, usados para produzir e disseminar informações em grande escala meios impressos (jornal, revista); eletrônicos (rádio, televisão); e meios digitais (surgidos com a internet). É importante, porém, que se faça distinção entre mídia como instituição e como instrumento, para não se correr o risco de confundir as funções da tecnologia com as funções ou as práticas da mídia. A mídia como instituição detentora e disseminadora de informações tem importante papel na sociedade atual, especialmente após a globalização da economia que resultou em associações e fusões entre instituições de mídia distintas e grandes empresas multinacionais. Com alcance global, e com auxilio de novas tecnologias de informação e comunicação, a mídia caracteriza-se hoje por grandes conglomerados que produzem e disseminam informações com poucas (ou sem) restrições geográficas e em tempo real. Dada a importância da mídia na sociedade e seu poder de controlar amplamente comportamentos humanos, a compreensão de suas múltiplas funções na cultura exige tratamento multidisciplinar. Neste trabalho, propõe-se: 1) refletir sobre as práticas da mídia na sociedade com base na perspectiva analítico-comportamental; 2) discutir algumas características da mídia pós-moderna que contribuem para acentuar o controle que exerce sobre o público consumidor, bem como outras características que facilitariam o contracontrole por parte desse público; 3) apresentar dados de pesquisas realizadas pela Psicologia na perspectiva analítico-comportamental e de pesquisas sobre a inserção da Psicologia em cursos de Comunicação Social, que indicam que a interação entre ambas as disciplinas pode beneficiá-las mutuamente; e 4) discutir novas estratégias de pesquisas para ampliar a compreensão da relação entre mídia e público consumidor e vice-versa. Por fim, com esse trabalho, propõe-se ampliar o diálogo entre a Psicologia e Comunicação Social, considerando que ambas dispõem de um conjunto de conhecimentos que podem contribuir para melhorar o entendimento da relação entre mídia e sociedade, de forma que se possam planejar intervenções que aumentem a probabilidade de contracontrole por parte do público consumidor.

Palavras-chave: Mídia como agência de controle; mídia e prática cultural; Análise do Comportamento; Comunicação social.
Nível do trabalho: M e D
Código da área: AEC

Análise Experimental do Comportamento

MIDIA E EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: UMA PROPOSTA DE ESTUDO EXPERIMENTAL. *CAMILA MARIA SILVEIRA DA SILVA** (PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, PUC-SP, SÃO PAULO, SP),*

Um aspecto considerado fundamental quando se discute a mídia do ponto de vista da análise do comportamento é seu papel na construção social do conhecimento. Diferente do conhecimento produzido pela interação direta com o ambiente físico, o conhecimento socialmente construído é estabelecido pelo comportamento verbal de outros indivíduos. A principal implicação da construção social do conhecimento é que esse tipo de conhecimento pode passar por várias mediações e se distanciar do controle pelo ambiente não social. Com a forte presença da mídia nas comunidades verbais atualmente, supõe-se que ela tenha grande importância na mediação do conhecimento. O controle pela mídia parece ter se ampliado com

a formação de oligopólios midiáticos, característicos da sociedade globalizada atual. Uma das sérias implicações dessa característica é a ameaça à diversidade comportamental, uma vez que notícias essencialmente idênticas são produzidas e disseminadas por fontes aparentemente diversas, impossibilitando o contracontrole por parte dos indivíduos. Considerando-se as implicações do controle pela mídia, analistas do comportamento têm se interessado pelo estudo do tema. Normalmente, estudos sobre a mídia na análise do comportamento se caracterizam pela análise de relatos de mídia acerca de algum evento específico, como atentados terroristas, acidentes aéreos de grandes proporções e propagandas políticas. O presente trabalho é uma primeira tentativa de estudo experimental para avaliar o controle da mídia, com base o paradigma da equivalência de estímulos. Na primeira fase, 32 participantes foram treinados a estabelecer classes de estímulos com função específica (S+ e S-), através de procedimentos de discriminação simples e condicional. Nessa fase, procurou-se estabelecer uma história de vida com relação a estímulos abstratos. Na Fase 2, esses mesmos participantes leram notícias cujo assunto era um acidente de trem. A causa do acidente foi manipulada: metade dos participantes leu uma notícia que acusava a companhia pelo acidente, e outra metade leu uma notícia que responsabilizava a natureza. Depois, todos os participantes leram a negação oficial da causa descrita anteriormente. Após as leituras, testes (matching to sample) foram feitos para verificar em qual das classes treinadas anteriormente o nome da companhia seria incluído: S+, S- ou neutra. Dez dos participantes também avaliaram o nome da companhia em escalas bipolares. Os resultados indicaram que não houve relação sistemática entre a inclusão nas classes e as causas do acidente: ler uma notícia que acusava a companhia pelo acidente não levou à inclusão na classe de S-. Também se verificou que metade dos participantes que realizou a linha de base com pseudopalavras a serem designadas como nome da companhia alterou a inclusão do nome da companhia, e a outra metade manteve a inclusão a despeito da leitura da notícia. Por outro lado, a avaliação em escalas bipolares replicou resultados anteriores de pesquisas na área de comunicação. A média das avaliações do nome da companhia nas escalas foi negativa quando a notícia responsabilizava a companhia, e próxima de zero quando a natureza era responsabilizada pelo acidente. A comparação dos resultados nas escalas e no matching to sample mostrou incompatibilidade entre essas medidas.

Palavras-chave: Mídia como agência de controle, construção social do conhecimento, mídia e controle de estímulos
Nível do trabalho: D
Código da área: AEC

POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES PARA A DIVERSIDADE COMPORTAMENTAL NA WEB 2.0.

*Maria A de Lima Wang** (PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, PUC-SP, São Paulo, SP)*
Maria Eliza Mazzilli Pereira (PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, PUC-SP, São Paulo, SP)

,

Em trabalhos em que se analisa a relação entre a mídia de massa e o público consumidor de produtos midiáticos, costumam-se enfatizar os efeitos dos meios de comunicação sobre os consumidores e desconsiderar a função dos consumidores na manutenção da mídia. Essa prática deve ter se sobressaído, em primeiro lugar, porque o poder de influência de grupos empresariais com objetivos específicos, como os formados pela grande mídia, é incomparavelmente superior ao do consumidor, que se relaciona com a mídia de forma individualizada. Em segundo lugar, as possibilidades de o consumidor interagir com jornalistas/editores dos meios de comunicação tradicionais jornais, revistas, rádio, televisão

e contribuir com a produção de notícias, foram sempre muito limitadas: ocorriam, normalmente, por meio de cartas à redação que chegavam às mãos do jornalista/editor sempre depois de uma matéria/reportagem ser publicada. Embora a relação mídia-consumidor não seja simétrica, em alguma medida o consumidor contribui para a manutenção da mídia com suas práticas. Há indícios na literatura de que a assimetria da relação mídia-consumidor vem se alterando nos últimos anos, particularmente após o surgimento de ferramentas que facilitaram o compartilhamento de informações pela internet, referidas por alguns autores como web 2.0, entre os quais se incluem as ferramentas de blog. Neste trabalho compararam-se interações verbais em dois blogs, para identificar aspectos que pudessem ser caracterizados como diversidade ou como uniformidade na interação de participantes sobre um tema-alvo. Serviram como fonte um post relacionado com PSDB e PT publicado em um blog e reproduzido no outro blog e respectivos comentários. Classificaram-se os comentários segundo dois aspectos principais: 1) quanto a concordância ou discordância de participantes ao interagirem entre si sobre aspectos do post, do comentário de outro participante e outros aspectos; 2) quanto ao posicionamento de participantes especificamente sobre partidos políticos/representantes de partidos mencionados nos episódios verbais analisados. Em ambos os blogs, encontraram-se mais discordâncias do que concordâncias nas interações de participantes entre si em geral. Em relação ao posicionamento de participantes sobre política, especificamente no que diz respeito a verbalizações favoráveis ou desfavoráveis a um partido e seus representantes, em um dos blogs encontrou-se polarização de participantes entre PSDB e PT: parte se posicionou de forma favorável ao PSDB; parte se posicionou de forma desfavorável ao PT, e vice-versa. No outro blog, encontrou-se uniformidade na maneira como os participantes se posicionaram sobre PSDB/PT e representantes desses partidos. Discute-se que é possível que o produto de interações verbais de comunidades na internet seja mais diverso no início dessas comunidades e vá se tornando menos diverso ao longo do tempo. Isso parece ocorrer especialmente quando se trata de interações sobre temas acerca dos quais integrantes de uma comunidade verbal têm crenças semelhantes, por exemplo, acerca de determinada corrente político-partidária. Nesse caso, manter a diversidade em interações verbais de comunidades na internet, no longo prazo, parece depender do planejamento e adoção de estratégias explícitas para esse fim. Sem estimular explicitamente a variabilidade comportamental de integrantes de dadas comunidades corre-se o risco de que apenas classes de respostas específicas, compatíveis com as crenças dessa comunidade, sejam reforçadas e selecionadas.

Palavras-chave: mídia e cultura, interações verbais em blogs, contracontrole na web 2.0.
Nível do trabalho: D
Código da área: AEC

ESTUDO DA MÍDIA ENQUANTO AGÊNCIA DE CONTROLE: A CONSTRUÇÃO DO VALOR DE UM ESTÍMULO NA COMUNIDADE VERBAL. *Henrique Valle Belo Ribeiro Angelo** (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE / PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP)*
Nicolau Kuckartz Pergher (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE / PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP); Ricardo Corrêa Martone (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP)

,

Alguns analistas do comportamento têm se dedicado ao estudo de fenômenos sociais. Dentre esses estudos, podem ser encontrados alguns estudos referentes à mídia, tanto como corporação, enfatizando seus aspectos institucionais, quanto como veículo de comunicação de massa, enfatizando seu controle sobre a vida cotidiana das pessoas. O presente trabalho teve

como objetivo verificar possíveis efeitos da forma de apresentação do nome de Dilma Rousseff em manchetes do jornal virtual Folha Online nas pesquisas de intenção de voto e na posterior resposta de escolha dos eleitores tanto no primeiro quanto no segundo turno das eleições presidenciais de 2010. Foi contabilizado o número de manchetes que continham a palavra Dilma de novembro de 2002 (primeira aparição do nome) a outubro de 2010 (segundo turno da eleição presidencial). As manchetes foram categorizadas de acordo com aspectos formais e/ou presença de outras palavras. Entre essas estavam manchetes nas quais, além da palavra Dilma , aparecia a palavra Lula ou, em outra categoria, manchetes que contivessem a palavra Serra (principal adversário de Dilma nas eleições). Também foi criada uma categoria com palavras e combinações de palavras que indicassem manchetes relacionadas à eleição. Para a construção das últimas categorias, foi feita uma analise gramatical dos sujeitos das orações principais de cada manchete e foram computadas as manchetes nas quais a palavra Dilma fazia parte do sujeito da oração principal. Todas as manchetes, dentro de cada categoria, foram registradas de acordo com o mês de publicação. Os resultados mostraram que o número de manchetes aumentou consideravelmente ao longo do período estudado, especialmente a partir de 2008 quando há uma mudança brusca na frequência de manchetes publicadas. Discute-se que a comunidade verbal passou a conhecer e utilizar a palavra Dilma em seu cotidiano, possivelmente sob influência do aumento de veiculação do nome Dilma Rousseff na mídia. A associação com Lula, cuja popularidade é alta, pode ter sido um dos fatores que ocasionou o aumento nas intenções de voto em Dilma. As expressões relacionadas à eleição podem ter auxiliado no estabelecimento de relações de forma que as pessoas tenham passado a considerar Dilma como candidata mesmo antes da candidatura ser confirmada. Conclui-se que a partir do controle de estímulos estabelecido pela mídia, relações entre estímulos se estabeleceram de forma que o estímulo Dilma passasse a ser relacionado com estímulos com valor reforçador já estabelecido na comunidade verbal de forma que fosse possível que, diante da concorrência de estímulos na hora de votar, grande parte dos eleitores votassem em Dilma Rousseff.

Palavras-chave: Mídia, Fenômenos Sociais, Comportamento de Escolha, Agência de Controle.
Nível do trabalho: M
Código da área: AEC

COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA, SUBJETIVIDADE E REPRESENTAÇÕES. *RICARDO ALEXINO FERREIRA (ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP),*

O objetivo desta pesquisa foi analisar como a disciplina Psicologia se insere nos cursos de Comunicação Social. Na evolução da disciplina nos projetos pedagógicos do curso é possível relatar três momentos: 1. O primeiro é quando, nos anos 80, a disciplina está totalmente focada no campo da Psicologia, trazendo em cena os seus teóricos e um olhar pouco voltado para a Comunicação, em que os docentes da disciplina são formados em Psicologia. 2. Na segunda fase, a disciplina passa a ter o nome Psicologia da Comunicação. No entanto, o campo ainda é colocado de forma distinta em que existe a Psicologia e a Comunicação como duas áreas com poucas interações, mas com alguns pontos de interseção. Os cursos de Comunicação Social basicamente valorizavam muito mais os teóricos da Psicologia, principalmente Experimental, do que propriamente os teóricos da Comunicação. 3. Com o desenvolvimento da Comunicação Midiática e de sua autonomia epistemológica é possível na atualidade entender a Psicologia da Comunicação como uma área interdisciplinar da Comunicação Midiática. Nesta pesquisa foi feito o estudo de caso desses diferentes momentos da Psicologia da Comunicação enquanto disciplina no curso de Comunicação Social, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Nessa fase atual utilizam-se as

produções processuais e conteudísticas midiáticas para permitir que o aluno tenha percepção da Comunicação e as possibilidades dessas ferramentas na perspectiva das subjetividades e representações, entendendo-as como elementos constitutivos da Comunicação e da necessidade do comunicador interpretar e inferir no campo do simbólico e da Psicologia. Resultados alcançados. A pesquisa realizada é contínua, considerando que a interdisciplinaridade é algo dinâmico por si só. No entanto, ao refazer a trajetória histórica da disciplina Psicologia da Comunicação (a partir de 2013, na ECA-USP, ela passará a ter o nome Comunicação, Subjetividades e Representações) é possível verificar a simbiose do processo. Atualmente, não se pode dizer que é uma disciplina da Psicologia da Comunicação ou que é a Comunicação da Psicologia, mas trata-se da construção de uma vertente mais contemporânea em que a Comunicação dialoga intimamente com a Psicologia e produz uma terceira vertente, que em certa medida torna-se transdiciplinar. Nessa fase, é uma disciplina que se molda tanto aos cursos de Psicologia como aos de Comunicação Social.

Palavras-chave: Psicologia da Comunicação; Mídia; Subjetividade; Representações; Ensino.
Nível do trabalho: D
Código da área: FORM

Sessão Coordenada: **Investigações sobre comportamentos emergentes por cães e ratos: discutindo os controles de estímulos variados presentes nas tarefas.**

A proposta tem o objetivo de, a partir de dados novos, discutir os diferentes controles de estímulos presentes em tarefas de discriminação simples e condicional. Pretende-se que a proposta permita avançar no campo das investigações sobre processos simbólicos em não humanos, a partir de discussões sobre procedimentos tradicionalmente utilizados, vantagens e limitações destes para uso com espécies diferenciadas.
Análise Experimental do Comportamento

Investigações sobre comportamentos emergentes por cães e ratos: discutindo os controles de estímulos variados presentes nas tarefas.. *Camila Domeniconi/Universidade Federal de São Carlos, Andreia Schmidt/ USP Ribeirão Preto, Isabela Zaine/ Universidade Federal de São Carlos, Matheus Felipe de Souza/ USP Ribeirão Preto,*
A Psicologia tem interesse em investigar como diferentes organismos aprendem a se comportar nos mais diferentes contextos em que vivem. Responder sob controle de estímulos refere-se à importante habilidade de se comportar diferencialmente a depender dos estímulos presentes no momento da emissão da resposta de modo a maximizar as oportunidades de reforçamento. Diferenciam-se, na Análise do Comportamento, as situações nas quais os estímulos têm suas funções previamente definidas como discriminativas ou não daquelas em que as funções dos estímulos são condicionadas por um outro estímulo. A estes dois processos foram dados nomes de discriminação simples (no primeiro caso) ou condicional (no último caso). Treinos de discriminações simples têm sido considerados importantes para observação da formação de classes funcionais e são facilmente replicáveis com uma grande variedade de espécies. Por outro lado a discriminação condicional tem se mostrado uma tarefa difícil para a maioria das espécies não humanas o que tem sido encarado por vários pesquisadores como dificuldades do procedimento tradicionalmente utilizado com humanos e as adaptações feitas para o estudo com não humanos. O primeiro trabalho trata dessa dificuldade no estabelecimento de um repertório estável de discriminações condicionais por cães e discute os controles de estímulos variados presentes no momento da emissão das respostas pelos animais. No contexto de discriminações simples diferentes investigações têm conduzido a resultados replicáveis que evidenciam a possibilidade de espécies não humanas formarem classes entre estímulos e demonstrarem repertórios emergentes. Um repertório emergente considerados de extrema importância refere-se ao responder por exclusão. Responder por exclusão pode ser demonstrado no contexto de discriminações simples. De acordo com esse padrão de resposta, o organismo forma duas classes de estímulos, uma com função discriminativa e outra não, sendo capaz de inserir estímulos novos em uma classe ou na outra a depender da relação a ele apresentada, sem nenhum treino direto com os estímulos novos. Os dois trabalhos que complementam essa proposta de sessão coordenada discutem dados obtidos com cães (estudo 2) e com ratos (estudo 3) que mostram claramente o responder de acordo com exclusão no contexto de discriminações simples. A proposta tem o objetivo de, a partir de dados novos, discutir os diferentes controles de estímulos presentes em tarefas de discriminação simples e condicional. Pretende-se que a proposta permita avançar no campo das investigações sobre processos simbólicos em não humanos, a partir de discussões sobre procedimentos tradicionalmente utilizados, vantagens e limitações destes para uso com espécies diferenciadas.

PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA O ESTABELECIMENTO DE REPERTÓRIO DE EMPARELHAMENTO VISUAL ARBITRÁRIO ENTRE ESTÍMULOS COM CÃES (CANIS FAMILIARIS). *Isabela Zaine, Camila Domeniconi/ UFSCar,*

Pesquisas com animais são interessantes, dentre várias razões, por permitirem a realização de comparações de determinados repertórios, comportamentos e habilidades entre humanos e outras espécies animais não humanas. Investigações sobre princípios básicos de aprendizagem e diversos aspectos de comportamentos sociais tem sido tradicionalmente realizadas com ratos, camundongos, pombos e primatas. Recentemente o cão doméstico (canis familiaris) tem sido considerado um interessante animal para a pesquisa comparativa com o ser humano, por ser um animal cuja história de domesticação implica no compartilhamento do ambiente físico e social com o homem, além de ser um animal de acesso mais fácil acesso do que primatas, por exemplo. Estudos com cães tem focalizado especialmente mecanismos de comunicação com o homem, investigando a sensibilidade dos mesmos em dicas sociais oferecidas por humanos, e de aprendizagem de alguns repertórios, tais como responder por exclusão e a capacidade de relacionar objetos do mundo físico a seus respectivos nomes. Este tipo de repertório, de emparelhamento entre um estímulo auditivo com um visual, foi demonstrado em alguns estudos, no entanto, ainda não há dados sobre se cães seriam capazes de realizar emparelhamento entre estímulos do tipo visual-visual. O presente trabalho apresenta variações metodológicas na tentativa de ensinar relações condicionais arbitrárias entre estímulos visuais a dois cães, por meio de procedimentos de emparelhamento com o modelo. Cada sessão de treino era composta por 24 tentativas, em que respostas corretas eram reforçadas, enquanto que não havia consequências programadas para respostas incorretas. As variações de procedimento contaram com modificações na apresentação do modelo, local de coleta e apresentação dos estímulos de comparação. Com relação à apresentação do modelo, variaram-se desde a simples presença do modelo na situação experimental, até a exigência de respostas de observação operantes por parte dos cães, como olhar diretamente ao modelo e tocar o modelo com o focinho. Já no que se trata do local de coleta, a mudança realizada foi passar para uma sala experimental maior, aumentando-se as possibilidades de localização dos estímulos de comparação na sala. Quanto a esses últimos, foram realizadas três principais variações: 1. Aumento do número de estímulos de comparação (de 2 para 4), procurando aumentar a possibilidade de estímulos os quais os cães poderiam selecionar; 2. Modificação de uma situação em que os estímulos eram posicionados sempre em posições fixas pré-determinadas, para uma situação em que os estímulos de comparação fossem posicionados em qualquer ponto da sala experimental, em uma tentativa de controlar o responder sob controle de posições fixas ocupadas pelos estímulos, ou posição relativa ocupada entre os mesmos; 3. Variações na distância entre os estímulos de comparação, procurando contornar o controle por distância percorrida até se chegar a um estímulo de comparação. Até o momento, foram realizadas aproximadamente 60 sessões com cada animal e, apesar de todas as alterações realizadas, não foram verificadas melhoras de desempenho, no sentido de os animais apresentarem um responder controlado pelo modelo, sendo que este permanece próximo aos níveis do acaso.

Palavras-chave: emparelhamento arbitrário com o modelo; discriminações condicionais; cães.
FAPESP
D
AEC

RESPONDER POR EXCLUSÃO EM RATOS WISTAR. Matheus Felipe de Souza; Andréia Schmidt*. (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).. *Matheus Felipe de Souza, Andréia Schmidt,*

O responder por exclusão é um processo específico que pode ser definido como a escolha imediata de um estímulo de comparação indefinido por meio da rejeição de alternativas de

estímulos previamente definidos. Esta forma de responder tem sido investigada tradicionalmente na espécie humana como um processo de discriminação condicional envolvido na aquisição de vocabulário. Vários estudos têm sido conduzidos com o objetivo de investigar esse mesmo processo em animais não humanos, na tentativa de identificar e rastrear a ocorrência desse fenômeno em diferentes espécies. Apesar dos resultados variados desses estudos, algumas investigações recentes têm descrito a capacidade de algumas espécies de responder desta maneira, como cães, chimpanzés, leões-marinhos e golfinhos nariz-de-garrafa. No entanto, há a necessidade de se demonstrar a generalidade desse desempenho nestas e em outras espécies. A variedade dos resultados tem sido atribuída as diferentes metodologias empregadas, por isso a importância do desenvolvimento de metodologias compatíveis com as características das espécies estudadas. Nesta perspectiva, o presente trabalho teve por objetivo ampliar os estudos de responder por exclusão em não humanos, testando a ocorrência do responder por exclusão em Ratos Wistar treinados em uma tarefa de discriminação simples simultânea com estímulos visuais. Os sujeitos foram seis ratos (Rattus norvegicus) da linhagem Wistar, machos. Os estímulos visuais foram formas geométricas, projetadas sobre túneis em uma caixa de condicionamento operante. As respostas de escolha dos estímulos eram as de focinhar (nose poken), reforçadas com a disponibilidade de água por 3 segundos. Após o estabelecimento da discriminação entre dois estímulos, foram realizadas três sessões de sonda, intercaladas com sessões de linha de base. Em cada sessão de sonda, eram apresentadas 28 tentativas de linha de base e duas tentativas de sonda: uma de controle pela novidade, na qual um estímulo novo (N1) era apresentado juntamente a um estímulo já estabelecido como S+; e uma sonda de exclusão, em que um segundo estímulo novo (N2) era apresentado simultaneamente ao estímulo treinado como S-. Apenas um animal respondeu ao estímulo novo em uma sonda de controle pela novidade. Nas sondas de exclusão, quatro animais responderam aos três estímulos novos, e um respondeu ao estímulo novo em duas das três sondas. Apenas um animal respondeu ao S- nas três sondas de exclusão. Este estudo verificou, portanto, a ocorrência de responder por exclusão em indivíduos desta espécie a partir do estabelecimento de uma linha de base de discriminação simples simultânea, ampliando, desta forma, os resultados sobre esse tipo de desempenho em espécies não humanas.

Palavras-chave: Responder por Exclusão; Discriminação Simples; Ratos Wistar.
Iniciação Científica IC
AEC-Análise Experimental do Comportamento

Responder por exclusão em cães em contexto de discriminação simples Camila Domeniconi; Isabela Zaine**. *Camila Domeniconi, Isabela Zaine, UFSCar,*

O repertório de responder por exclusão define-se pela seleção de um estímulo indefinido, cuja função não fora previamente estabelecida, na presença de um estímulo modelo também indefinido. Assim, se dentre os estímulos de comparação possíveis a serem selecionados, existem estímulos definidos e um estímulo indefinido, diante de um modelo também indefinido, o organismo tende a responder no estímulo de comparação indefinido, excluindo os estímulos cujas relações foram previamente estabelecidas com outros estímulos modelo. O repertório de responder por exclusão é considerado um desempenho emergente, na medida em que relações não diretamente ensinadas entre estímulos são demonstradas no repertório dos indivíduos sem treino direto. Estudos com humanos tem replicado o resultado da escolha pelo estímulo indefinido ao longo dos anos. Dentre estudos com animais não humanos, os dados mais consistentes encontrados foram com cães, envolvendo estímulos auditivos e visuais. O presente trabalho teve como objetivo investigar o responder por exclusão em 8 cães em situações de discriminações simples simultâneas envolvendo exclusivamente estímulos

visuais. Durante as sessões de treino, três pares de objetos eram disponibilizados e os animais eram ensinados a responder (tocar o objeto selecionado com o focinho) a somente um dos estímulos de cada par, sendo que a seleção pelo estímulo previamente definido como correto (S+) era seguido por reforço (som de um clicker junto com alimento canino), enquanto que a seleção pelo estímulo experimentalmente definido como incorreto (S-) não produzia consequências. Estabelecida a contingência de que a seleção por alguns estímulos produziam consequências reforçadoras, enquanto que a seleção de outros não produzia consequências, foram realizadas duas sessões de sonda do responder dos animais diante de estímulos indefinidos. Na primeira sessão de sonda, os itens que não produziam quaisquer consequências eram apresentados juntamente com outros três estímulos indefinidos (SI), aos pares. No segundo tipo de sonda, aqueles itens que produziam consequências reforçadoras durante o treino foram apresentados com três estímulos indefinidos, também aos pares. Os resultados apontaram que todos os cães atingiram aos critérios de aprendizagem estabelecidos durante o treino, com alguma variação no número total de sessões realizadas (mínimo: 2; máximo:7; média: 4 sessões). Na primeira sonda (S-/SI), a porcentagem média de seleção dos SI pelos cães foi de 87,3%, sendo um forte indício de que os animais estavam selecionando os novos objetos excluindo os estímulos que tinham função negativa durante o treino. Na segunda sonda, a porcentagem média de seleção dos cães pelos S+ da condição de treino, correspondeu a 83% das seleções realizadas, indicando que os cães selecionavam os estímulos positivos em maior frequência por já conhecerem sua função reforçadora. O segundo teste teve a importância de esclarecer se a seleção pelos SI na primeira sonda estavam sendo controladas pela novidade. Essa hipótese foi rejeitada pela segunda sonda, que também possuía objetos novos, sendo que, no entanto, o responder dos animais foi controlado pela função adquirida pelos estímulos. Os resultados apontaram que os cães apresentaram um repertório de responder por exclusão.

Palavras-chave: exclusão; discriminações simples; cães.

Outro

AEC

Sessão Coordenada: **JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE**

O capitalismo contemporâneo foi responsável por uma grande transformação social, trazendo desenvolvimento e riqueza. As novas tecnologias de comunicação e informação geram novas formas de interação e transformação nos modos de vida e cultura contemporâneas, tornando-se foco de atenção das ciências humanas e sociais. Porém, suas vantagens cobrem apenas uma minoria da população, convivendo lado a lado com a exclusão e a pobreza. Embora os últimos indicadores econômicos do país tenham revelado que há um menor contingente populacional vivendo abaixo da linha da pobreza, as imensas disparidades sociais ainda são, infelizmente, uma realidade nacional. Cerca de 33% da população brasileira não possui um nível mínimo de renda para satisfação de suas necessidades mais básicas. Além disso, o analfabetismo atinge ainda cerca de 16 milhões de pessoas com idades acima de 15 anos, cujo exercício da cidadania está limitado por não dominarem o mundo da leitura e da escrita. Nas famílias pobres, para aumentar a renda familiar é freqüente o engajamento dos filhos precocemente no mercado de trabalho, comprometendo seu acesso e permanência na escola. Fato que contribui para formação de mão-de-obra não qualificada e conseqüentemente com baixa remuneração. Não por acaso, a sociedade, as ciências e o governo têm debatido o tema em busca de soluções. Segundo González Rey, as condições objetivas de vida participam e interferem na construção subjetiva. Nesta perspectiva, a subjetividade não é um processo inato e natural, mas concebida como um sistema que se expressa dialeticamente na dimensão social e individual. Nesta sessão buscamos discutir algumas questões e temáticas contemporâneas ligadas aos jovens, as novas tecnologias e as práticas de exclusão social. Discutir as mudanças do mundo atual, que excluiu muitos de seu conceito de justiça social é fundamental para entendermos e conhecermos melhor os seus determinantes e a partir daí podermos buscar construir práticas que contribuam para minorar as desigualdades sociais existentes no país.
Psicologia Social

INJUSTIÇA SOCIAL: REPRESENTAÇÕES DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO. *Ana Lucia Paes de Barros (Universidade Católica de Petrópolis/ Petrópolis, R.J.)*
Elizabeth Fiuza De Giovanni (Universidade Estácio de Sá/ Rio de Janeiro, RJ.)
Jesuína Neide Morais Batti (Universidade Estácio de Sá / Rio de Janeiro, RJ.)

,

Este estudo teve como objetivo conhecer o núcleo central da representação social, que jovens do ensino médio, das camadas menos favorecidas economicamente têm acerca da injustiça social. A partir da Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais, investigaram-se os elementos que constituem o núcleo central da representação social da injustiça social, entendido como o organizador das crenças componentes de uma representação, e por isso o seu elemento mais permanente e o fator determinante da sua estruturação. Para conhecer a representação social - sua estrutura e seu conteúdo - foi realizada uma pesquisa de campo com 112 alunos do ensino médio de uma escola pública, localizada num bairro da zona norte do Rio de Janeiro. O grupo estava composto em sua maioria por jovens entre 16 e 17 anos (69%), 40% relatou ser da raça negra e 30% da raça branca, todos solteiros, sendo 60% do sexo feminino. Entre eles 20% relatou estar trabalhando. Os dados foram coletados através da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, abordando as características sócio-econômicas sexo, idade, estado civil, ocupação e renda dos entrevistados, e abertas, versando sobre a questão da representação social. Para o acesso ao conteúdo do núcleo central, utilizou-se a técnica da evocação livre. A análise dos dados das perguntas fechadas foi realizada através de procedimentos básicos de estatística descritiva. Quanto ao teste de evocação de palavras, estas passaram primeiramente por uma análise qualitativa que consistiu no agrupamento das palavras, enunciadas pelos entrevistados, em categorias de acordo com a

semelhança de conteúdo. Em seguida, buscando conhecer a estrutura da representação social do trabalho embarcado, as categorias formadas passaram pelo seguinte tratamento: cálculo das freqüências, cálculo da ordem média de evocação e montagem dos quadrantes. Dentre as categorias que compõem o núcleo central da representação social da injustiça social as que apareceram como as mais freqüentes e mais prontamente evocadas são: racismo, desigualdade, preconceito, pobreza e violência. Essas representam os aspectos mais socialmente compartilhados por este grupo. Nos esquemas periféricos, encontram-se categorias como: discriminação, indiferença, injustiça e impunidade. De fato, no núcleo central, verificamos a prevalência de palavras ligadas às vivencias dos sujeitos. Já no sistema periférico, predominam termos relativos aos sentimentos dos entrevistados frente à injustiça social. Segundo eles, para que a injustiça fosse minorada seria necessário acabar com o preconceito e a discriminação, haver maior solidariedade, diminuir o desemprego, o crime e a corrupção. Dentre eles, 74% identificam injustiça social em sua cidade, entretanto apenas 32% consideram que ela poderia ser evitada, revelação preocupante visto que uma parcela significativa não visualiza saídas para essa situação.
Palavras chaves: Injustiça social; exclusão social; jovens.
Nível do Trabalho: Pesquisador - P
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social.

JUVENTUDE E RELIGIÃO: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL. *Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha** (UFSJ São João del-Rei MG),*
A vida social é regulada, em parte, a partir do conhecimento/práticas acerca da religião, suas manifestações, suas orientações e seus interditos nas relações estabelecidas. Reconhecendo o papel da religião no cotidiano dos jovens, objetivamos conhecer a formação da opção religiosa e de algumas crenças religiosas de jovens segundo grupo religioso autodefinido. Observamos 223 estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de ambos os sexos, com idades entre 18 e 30 anos, nos turnos da manhã e da noite, em 11 Escolas Estaduais da Cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos um questionário auto aplicado e os dados foram analisados estatisticamente. Dos estudantes que participaram da pesquisa, em relação ao grupo religioso, 120 sujeitos se autodefiniram como Católicos (C), 61 como Evangélicos (E) e 42 como Sem Religião (SR). Trabalhamos com os três grupos religiosos com as faixas etárias supracitadas em face da sua representatividade nas pesquisas demográficas como, por exemplo, o Censo demográfico 2000 que revelou três grandes mudanças no campo religioso brasileiro em relação ao censo de 1991: a diminuição do percentual de católicos em 9,99%; o crescimento dos evangélicos em 6,45%; e aumento dos que se declararam sem religião em 2,6%, totalizando, 73,77%, 15,5% e 7,4%, respectivamente. Outra informação importante para nosso estudo é que os jovens entre 15 e 24 anos representam 20,13% da população do País. Esses resultados revelam que a religião não pode ser considerada como um aspecto pouco relevante no cotidiano do jovem brasileiro, e, portanto, faz-se necessário realizar mais pesquisas sobre o campo religioso, em especial, com a população da pesquisa supracitada, tendo em visto sua representatividade populacional. Quanto ao resultado, todos informaram acreditar em Deus. Entre os Católicos, 80% decidiram pela religião atual até os 12 anos de idade, 69% reconhecem a família como influência religiosa, 84% seguem a religião escolhida pela família, 23% praticam outra religião, 51% se consideram praticantes da religião, 11% participam de grupos organizados na religião, 46% consideram matar o pecado mais grave e 12% consideram a gula o pecado menos grave; entre os Evangélicos, 33% decidiram pela religião atual até os 12 anos de idade, 43% reconhecem a família como influência religiosa, 33% seguem a religião escolhida pela família, 7% praticam outra religião, 67% se consideram praticantes da religião, 51% participam de grupos organizados na religião, 41% consideram matar o pecado mais grave e 49% consideram que não existe nenhum pecado menos grave; e entre os Sem Religião, 40% tem famílias

Católicas, 19% tem famílias Evangélicas, 40% consideram matar o pecado mais grave e 19% consideram que não existe nenhum pecado menos grave. Estes resultados demonstram a forte e precoce influência que a família tem sobre a opção religiosa dos jovens, especialmente entre os Católicos. Revela também maior participação dos Evangélicos nas atividades religiosas fruto possivelmente da maior cobrança no meio evangélico por envolvimento e em face do proselitismo. Possivelmente, a influência religiosa da família coopera tanto para a opção religiosa, quanto para formação dos valores dos jovens, orientando suas práticas religiosas e sociais em geral.

CNPq
Palavras-chave: Juventude, Religião, Psicossocial
Nível do Trabalho: Mestrado - M
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social.

O ATRAVESSAMENTO DA CULTURA AFROBRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DE JOVENS DO SEXO FEMININO. *Leila Dupret (Laboratório de Estudos Afrobrasileiros /Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/RJ)*
*Eloisa Oliveira** (Laboratório de Estudos Afrobrasileiros /Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/RJ),*

Desde que os negros foram trazidos do continente africano para o Brasil pelos caminhos dos navios negreiros, esta população se enveredou por trajetórias muitas vezes atribuladas, porque sempre estiveram ligadas ao preconceito e a exclusão na sociedade. No caso da mulher negra em especial, sua história foi marcada por lutas políticas e culturais, em que estiveram envolvidos seus valores e princípios. Quando escravizada, apesar de estar em posições muito subalternas foi capaz de introduzir, de maneira peculiar, as características de sua africanidade nos modos brasileiros: estava na cozinha, na casa do senhor educando seus filhos, cuidando de sua casa. Apesar de toda a repressão, também foi ela quem inseriu sua cultura por intermédio da religião, contribuindo assim para o que denominamos cultura afrobrasileira. Pois, ao cultuar seus Orixás e seguir sua tradição, esta mulher que se manteve atuante no tecer da história do país acabou por construir pilares fundamentais para a transmissão de um conhecimento, que ainda circula vivo entre nós. Sem contar os atravessamentos dos próprios mitos africanos femininos na construção subjetiva não só da mulher, mas da coletividade de maneira geral. Entretanto, os conflitos sociais em relação às práticas religiosas afrobrasileiras permanecem mantidos até 2012; e é neste contexto atualizado que se dá a investigação sobre a subjetividade da jovem mulher que participa da Casa de Culto aos Orixás em qualquer nível de seu comprometimento com a mesma. A pesquisa de cunho qualitativo está sustentada pelos pressupostos teórico-metodológicos trazidos por Vygotsky (1988), que se traduzem basicamente em: analisar processos e não objetos; desprender-se do comportamento fossilizado e diferenciar descrição de explicação; e a técnica que operacionaliza a pesquisa refere-se à sugerida por Rey (1997), segundo a qual através da construção de unidades de sentido, que emergem do elenco de configurações advindas de entrevistas abertas foi possível uma abordagem processual e singular ao grupo estudado, jovens do sexo feminino entre 12 e 28 anos participantes de Terreiros de Candomblé e/ou Umbanda, na Baixada Fluminense, inicialmente do município de Nova Iguaçu. A partir da interpretação do referido elenco podemos entender os sentidos dados pelas jovens à prática religiosa no Terreiro, conhecer como ocorre o atravessamento religioso em suas vidas, a importância que destacam na transmissão de conhecimento através dos mais velhos, atrelada à noção de ancestralidade, preservando assim a cultura afrobrasileira. Porém, cabe destacar que as jovens demonstraram inquietações pertinentes sobre suas relações com o Terreiro, que permanecem preocupadas com o preconceito e outras manifestações indicativas de discriminação que nutrem o receio de

se dizerem praticantes de religião afro-brasileira em razão de possíveis retaliações, apesar da grande quantidade de jovens frequentadores de Terreiros na Baixada Fluminense.
Palavras-chave: jovem, cultura afro-brasileira, subjetividade.
Nível do Trabalho: Pesquisador - P
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PARA JOVENS UNIVERSITÁRIOS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS.
*Maria Cristina Figueira Louro** (Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro, RJ.)*
*Alexandre Moura Paes de Barros** (Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis/SC)*
Ana Lucia Paes de Barros (Universidade Católica de Petrópolis/ Petrópolis, R.J.),
A educação a distância (EAD) tem sido uma modalidade de educação que se intensifica e se amplia a cada dia mais no país. Considerando as enormes desigualdades sociais e as dimensões territoriais, ela se apresenta como uma das soluções viáveis para problemas tais como: falta de tempo, distância dos locais de ensino, menor custo, entre outros. O contexto de educação a distancia envolve também muitos profissionais, alunos e educadores trazendo diferentes questionamentos e posições. No entanto, favoráveis ou não a esta nova tecnologia, não podemos nos esquecer que ela já é uma realidade no nosso país, garantida pela legislação em vigor. Hoje os cursos universitários podem oferecer 20% do currículo presencial na modalidade a distância. Assim, nos parece interessante analisarmos criticamente, para conhecermos as suas possibilidades e limitações de aplicação em contextos de graduação. Acreditamos que a opção que uma organização faz pela implementação ou não da EAD nas suas práticas educacionais esteja fortemente vinculada à sua cultura organizacional. Nos parece, importante, que os gestores institucionais conheçam os sentidos construídos e partilhados coletivamente por seus membros relativos a EAD no momento da decisão de sua implementação e, na construção de estratégias para a sua viabilização, pois em função deles maiores ou menores serão as resistências enfrentadas na hora da tomada de decisão. Este trabalho teve como objetivo conhecer a representação social da educação a distância para jovens universitários. Partimos da idéia que a representação social que os estudantes possuem da EAD estará, possivelmente, influenciando na maneira com eles irão atuar neste novo contexto sócio-educacional. Para tanto, foram entrevistados 154 jovens, de ambos os sexos, distribuídos entre os cursos de administração, psicologia e engenharia de 2 universidades do estado do Rio de Janeiro, cursando a partir do sexto período. O grupo estava composto em sua maioria por pessoas do sexo masculino (66%), na faixa etária entre 25/35 anos e que estavam trabalhando. Foi utilizado um questionário semi-estruturado com perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas abordaram os seguintes temas: idade, sexo, período, e informações sobre suas atividades de trabalho e de renda. As perguntas abertas compreenderam: o que é EAD, quais são as vantagens e desvantagens desta modalidade de educação, se ela melhora as condições de educação do país. Os Conteúdos das respostas passaram, primeiramente, por uma análise qualitativa que consistiu no agrupamento das falas dos entrevistados em categorias de acordo com a semelhança de conteúdo. Os resultados ora apresentados são, ainda, produto de análises iniciais. As categorias que apareceram mais freqüentemente ligadas à educação a distância são: maior possibilidade de acesso à educação, novas tecnologias e menor qualidade na educação. As vantagens mais enunciadas pelos participantes foram: Permitir administrar melhor o tempo e proporcionar maior comodidade e praticidade. Quanto às desvantagens as mais citadas foram: Falta de interação, menor aproveitamento e dificuldade de compreensão. Vale ressaltar que a maioria deles não acredita que a EAD pode melhorar a educação no país, apenas nas regiões mais pobres e distantes, que não possuem uma estrutura educacional adequada.
Palavras chaves: Representação social; Educação a distância; Educação.

Nível do Trabalho: Pesquisador - P
Código da Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

Sessão Coordenada: **Leitura compartilhada no hospital e na escola: perspectivas para a descrição das intervenções dos mediadores de leitura e de seus efeitos sobre a aprendizagem de habilidades de leitor.**

Pesquisas recentes sobre a leitura no Brasil mostram que ainda há muitas barreiras para o crescimento do número de leitores e para o domínio de competências relacionadas ao letramento, mesmo com o aumento do acesso à escolarização. Vários estudos apontam a importância da leitura compartilhada para a aprendizagem de competências de leitor, tanto para crianças em fase de alfabetização, quanto para crianças já alfabetizadas. No entanto, há poucos estudos sistemáticos, no Brasil, que descrevem as intervenções do mediador de leitura/contador durante a leitura compartilhada e seus efeitos sobre a aquisição, pelo ouvinte, de competências de leitor, tais como ampliação do vocabulário, compreensão da narrativa, etc. As apresentações desta Sessão Coordenada descrevem uma série de estudos que investigam diferentes aspectos da leitura compartilhada, desde a perspectiva dos contadores acerca de seu trabalho até propostas de medidas de compreensão da narrativa após a leitura compartilhada. Os estudos situam-se em dois contextos: no hospital pediátrico, a partir do trabalho de voluntários que leem histórias com as crianças internadas, e na escola, a partir de um projeto de extensão que busca integrar as rodas de leitura compartilhada ao cotidiano escolar.
Psicologia Escolar e da Educação

ANÁLISE DAS FUNÇÕES DO NARRATIVA: UMA PROPOSTA PARA A AVALIAÇÃO FUNCIONAL DA COMPREENSÃO TEXTUAL. *Eileen Pfeiffer Flores, Lais Pires*, Raquel Freire* (Universidade de Brasília, Brasilia, DF) e Carlos Barbosa Alves de Souza (Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A leitura dialógica é uma forma modificada de leitura compartilhada em que o contador apresenta estímulos discriminativos para o comportamento verbal das crianças, tais como perguntas do tipo quem, o quê, quando, onde, como e qual , questões sobre as figuras do livro, etc. Além disso, o contador emite verbalizações contingentes às verbalizações das crianças ao repetir as respostas corretas, dar modelos de respostas adequadas, etc. Esta forma de leitura compartilhada tem mostrado efeitos superiores, em comparação com a leitura convencional, sobre medidas de vocabulário receptivo e expressivo, uso de recursos narrativos, dentre outros. No entanto, os estudos existentes (1) apresentam poucos dados acerca dos efeitos da leitura dialógica sobre a compreensão do texto e (2) utilizam delineamentos de grupos e apresentam as limitações inerentes a esse tipo de delineamento, como a rigidez no tempo de exposição à(s) variável(is) independente(s), o baixo número de medições da(s) variável(eis) dependente(s) (geralmente em pré-e pós- testes que usam medidas padronizadas), dentre outras. O pequeno número de medições impossibilita o aferimento de mudanças sutis que podem ocorrem durante o processo de aprendizagem individual. Buscando contornar parcialmente esssa limitações e como pré-requisito para poder estudar o efeito da leitura dialógica sobre a compreensão textual, o presente estudo objetivou desenvolver medidas de compreensão de leitura após a leitura compartilhada que permitam medidas repetidas, ou seja, que possam ser adaptadas para diversos textos narrativos. Usando-se como base a noção de unidades funcionais da narrativa proposta por Roland Barthes, cada um dos dezessente capítulo de um texto infanto-juvenil foi decomposto em: sequência de eventos, funções principais do texto, evidências das funções. Dois meninos e duas meninas com idade entre 7 e 8 anos participaram de sessões grupais de leitura compartilhada do livro, após as quais cada criança realizava a recontação livre do(s) capítulo(s) lidos. O comportamento verbal de cada criança na tarefa de recontação foi transcrito e sua correspondência com o texto foi avaliada calculando-se (1) proporção de eventos principais

citados pela criança sobre o total de eventos descritos no texto (2) o total de funções principais citadas pela criança, sobre o total de funções encontradas no texto e (3) total de evidências citadas, sobre o total de evidências presentes no texto. O acordo em dois testes separados de fidedignidade, usando cada um uma amostra aleatória de cinco transcrições e dois avaliadores diferentes, foi de 100% e 98%, respectivamente. Discutem-se algumas vantagens da avaliação funcional da correspondência entre o comportamento verbal e o texto lido, dentre as quais (1) não incorrer na exigência de correspondência formal com o texto; (2) fornecer critérios para estabelecer as funções textuais mais relevantes e (3) ser adaptável para diversos textos narrativos, permitindo assim o uso de medidas repetidas de compreensão textual.

Apoio: CNPq 400687/2011-9. A segunda autora é bolsista de IC.
Palavras-Chave: Leitura; Compreensão textual; Comportamento verbal.

P

ESC

LEITURA DIALÓGICA DE HISTÓRIAS INFANTIS: EFEITOS SOBRE A COMPREENSÃO TEXTUAL.

Laís Fernandes Pires, Eileen Pfeiffer Flores, Raquel Freire Coelho*. (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Carlos Barbosa Alves de Souza (Universidade Federal do Pará, Belém, PA).,*

A leitura dialógica consiste em uma forma modificada de leitura compartilhada em que o contador encoraja a participação dos ouvintes solicitando nomeações, fazendo perguntas, etc. e emite verbalizações contingentes às verbalizações dos ouvintes, como repetir as falas destes e ampliá-las, etc. Estudos anteriores, usando delineamento de grupo, mostraram ganhos superiores no vocabulário expressivo e receptivo de crianças pré-escolares que participaram de encontros de leitura dialógica, em comparação com a leitura compartilhada convencional. No entanto, a maior parte dos estudos usou livros ilustrados e centrou as intervenções dialógicas sobre as figuras do livro, havendo poucas evidências acerca do possível efeito das intervenções sobre a compreensão textual. O principal objetivo deste estudo foi investigar os efeitos de intervenções da leitura dialógica adaptadas a livros com predominância de texto, sobre a compreensão textual de crianças em processo de alfabetização, conforme medido pela correspondência funcional entre o texto lido e o comportamento verbal do ouvinte em tarefas de recontação. Uma criança de oito anos, matriculada no terceiro ano de uma escola particular, e três crianças, um menino e duas meninas, com idades entre 7 e 8 anos e matriculadas em uma escola pública, referenciadas pela equipe pedagógica como tendo dificuldades no processo de alfabetização e na expressão oral e escrita, participaram do estudo. Um texto infanto-juvenil foi dividido doze partes (um ou dois capítulos), consistindo cada parte em uma narrativa completa, com início, meio e fim, embora cada uma, por sua vez, fizesse parte da narrativa maior. O texto a ser lido em cada sessão foi analisado e foram listadas as funções da narrativa e a sequência de eventos, a partir da proposta de Roland Barthes de análise da narrativa. Foram preparadas intervenções dialógicas (prompts para participação) relacionadas a cada função da narrativa, para cada uma das doze sessões. Na condição de linha de base (A Leitura não dialógica), o texto era lido para a criança sem as intervenções dialógicas. Na condição experimetnal (B - Leitura Dialógica), o texto era lido com as intervenções dialógicas planejadas para aquela sessão e com outras que surgissem a partir da interação com a criança. As sessões eram feitas individualmente com cada criança, usando-se um delineamento de linha de base multipla por sujeito. Uma das crianças participou inicialmente da condição A (Delineamento A-B-A). As outras duas foram submetidas primeiramente à condição experimental (Delineamento B-A-B) por razões aplicadas de demanda imediata de melhorias na compreensão textual. Toda sessão era sucedida

imediatamente pela coleta de medidas de compreensão em três fases: (1) Recontação Livre (instruções gerais para recontar a história ouvida (2) Recontação Dirigida (perguntas fixas sobre cenário, personagens e partes da história e (3) Jogo de Frases (julgamento de frases, pré-gravadas e redigidas a partir da análise das funções do texto (duas frases para cada função, uma certa e outra errada). Os dados até o momento apontam que: (1) o número de verbalizações correspondentes a funções do texto na contação livre é inferior ao atingido na contaçã livre + contação dirigida, mostrando a complementariedade das duas medidas; (2) No sujeito em que já houve mudança de condição (de B para A), o percentual de funções presentes na recontação variou entre 80 e 100% (média de 88,3%) e entre 40 e 83% (média de 60%) na Condição A, indicando que os efeitos da leitura dialógica não são irreversíveis e que a correspondência entre aspectos funcionais do texto e do comportamento verbal na recontação livre é maior na leitura dialógica.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Leitura dialógica, comportamento verbal, compreensão textual

IC

ESC

LEITURA COMPARTILHADA EM UM HOSPITAL PEDIÁTRICO: INTERVENÇÕES DOS CONTADORES SEGUNDO A IDADE E O REPERTÓRIO VOCAL DAS CRIANÇAS. *Gabriela Fiúza de Almeidas Santos*, Eileen Pfeiffer Flores, Luíza Ferreira da Motta Amadeu* (Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Adriana de Rezende Dias (Associação Viva e Deixe Viver, Brasília, DF).,*

A hospitalização infantil, principalmente se prolongada, se consolida como uma quebra da rotina da criança e de seu desenvolvimento escolar. A criança tem o desafio de lidar com a doença e com a isolação social, enfrentando, portanto, problemas são só físicos como emocionais em virtude da hospitalização. A Associação Viva e Deixe Viver (Viva), nascida em um contexto de humanização da saúde, tem como objetivo promover entretenimento, cultura e informação educacional através do estímulo à leitura e do brincar, visando transformar a internação hospitalar em um momento menos traumático. Diversas práticas didáticas apoiam-se sobre a premissa do impacto positivo das atividades de contação de histórias sobre processos de aprendizagem ligados à leitura. Entre as práticas de contação de histórias, encontra-se a atividade de leitura compartilhada, em que uma ou mais crianças ouvem uma história lida em voz alta por um adulto. Considerando que a criança ou adolescente hospitalizado vive um cotidiano privado de experiências de aprendizagem, a contação de histórias pode exercer o papel de preencher parcialmente essa lacuna ao promover habilidades relacionadas à leitura em um contexto prazeroso. Um estudo anterior categorizou as intervenções dos contadores durante a leitura compartilhada em 30 categorias, agrupando-as em quatro eixos: (1) Tatos, textuais e/ou intraverbais acerca do texto e/ou das ilustrações; (2) Prompts para comportamento verbal (3) Consequências para tatos, textuais ou intraverbais (4) Consequências ou prompts para comportamento não-verbal. O presente estudo, de caráter descritivo, teve como objetivo verificar se as intervenções dos contadores variam com a idade e/ou com o repertório verbal das crianças. Foram observados 36 episódios de contação com crianças entre 3 meses e 12 anos de idade, utilizando-se o registro contínuo categorizado (registro de evento) em intervalos de 1 minuto. O índice de acordo entre dois observadores independentes foi de 80%. O índice é considerado satisfatório, considerando quo número de categorias dificulta os acordos devidos ao acaso. Os resultados apontam que (1) intervenções do Eixo 1, como nomeações e dramatizações, são mais frequentes quando os ouvintes são crianças pequenas ou possuem repertório vocal limitado; (2) Essa relação se inverte em contações com crianças maiores, nas quais as categorias pertencentes ao Eixo 2, como perguntas complexas tipo o quê? (p□rguntas tipo \"qu\") □ □vocar □xpansõ□s ac□rca d□

asp□ctos da histórias (□ncorar □xplicação ou d□finição), ocorr□ram com maior fr□quência; (3) A int□rv□nção dos contador□s modifica-s□ d□ acordo com as n□c□ssidad□s d□ cada criança: livros com sons, por □x□mplo, são utilizados com crianças qu□ possu□m baixa visão como m□io d□ □ncorajar a participação das m□sma na história; □ (4) Os contador□s faz□m int□rv□nçõ□s qu□ sinalizam r□forço para ant□cipaçõ□s □ nom□açõ□s, m□smo quando a criança não vocaliza. Discut□-s□ a s□nsibilidad□ da int□rv□nção dos contador□s □m r□lação às contingências □sp□cíficas a cada criança □ ao cont□xto hospitalar □ o pot□ncial da l□itura compartilhada para o d□s□nvolvim□nto d□ r□p□rtórios v□rbais □ comp□tências d□ l□itor.
Palavras-chav□: l□itura compartilhada; contador□s d□ história; crianças hospitalizadas.
Outro
ESC

ANÁLISE DE ENTREVISTAS COM CONTADORES DE HISTÓRIAS: O MAPA CONCEITUAL COMO FERRAMENTA PARA A REPRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE CONTEÚDO VERBAL.. *Victor Guevara Loyola de Souza*, Eileen Pfeiffer Flores, Beatriz Leão Yamada* (Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Adriana de Rezende Dias (Associação Viva e Deixe Viver, Brasília, DF).,*

O mapa conceitual é uma ferramenta esquemática que auxilia na representação das relações entre conceitos ou termos, dentro de uma estrutura composta por proposições. Muito utilizado como ferramenta didática, o mapa conceitual pode ser também uma estratégia importante para a análise de conteúdo verbal, especificamente para a análise do conteúdo de entrevistas, pois permite representar visualmente os termos mais frequentes e suas inter-relações na fala do entrevistado. O presente trabalho apresenta algumas vantagens dos mapas conceituais para a interpretação de dados fornecidos por entrevistas semiestruturadas e ilustra seu uso por meio da análise de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito voluntários contadores de histórias em um hospital pediátrico. O objetivo das entrevistas foi conhecer as concepções dos contadores acerca de seu trabalho e acerca das relações que estes postulavam entre o trabalho de leitura compartilhada e processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Primeiramente, foi realizado um mapa conceitual para representar o conteúdo das entrevistas com cada contador. O mapa é formado por nódulos, que representam termos ou conceitos usados pelo entrevistado, e ligações, que resumem as relações entre dois conceitos, conforme aparecem no discurso do entrevistado. As ligações possuem direção. Por exemplo, se os nódulos criança e livro estão relacionados pela ligação distrai, considera-se que a direção da relação é de livro para criança (o livro distrai a criança, mas não o contrário). Desta maneira, cada nódulo pode ter x ligações saindo para outros nódulos e x ligações chegando de outros nódulos, e algumas ligações podem ser bidirecionais. A partir de um metamapa (mapa que juntou os mapas conceituais de todas as entrevistas, elaborado com a ferramenta CmapTools, versão 5.04.02), foi possível verificar os nódulos que apresentaram o maior número de ligações. Estes foram: contação -neologismo comumente usado para definir o ato de contar histórias, narrar- (41 ligações saindo e 38 chegando, sendo 18 das ligações com o nódulo criança); criança (s) (31 ligações saindo e 30 chegando); livro (6 ligações saindo e 12 chegando, sendo 3 para idade e 2 para criança, respectivamente); contador (a/es/as) (7 ligações chegando, sendo 2 para UTI); UTI (8 ligações chegando, sendo 2 para contador) e literatura infantil (6 ligações saindo, sendo 2 para idade). A partir destes dados, torna-se possível proceder a análises semânticas mais detalhada, por exemplo, unindo-se ligações semelhantes entre dois nódulos em uma única categoria. São discutidas três características do recurso de mapas conceituais para análise do conteúdo de entrevistas: 1) o mapa reduz o tamanho das entrevistas esquematizando as falas do entrevistado, porém sem perder o conteúdo específico das proposições; 2) permite ao pesquisador análises visuais e quantitativas imediatas dos conceitos mais frequentes e de suas

inter-relações; 3) trata-se de um método flexível que permite facilmente tanto análises visuais e quantitativas, quanto análises semânticas baseadas na semelhança conceitual entre proposições.
Palavras-chave: mapa conceitual, entrevista, contadores de história.
Outro
ESC

OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA PERSPECTIVA DOS CONTADORES.. *Beatriz Leão Yamada*, Eileen Pfeiffer Flores, Victor Guevara Loyola de Souza* (Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Adriana de Rezende Dias (Associação Viva e Deixe Viver, Brasília, DF).,*
A hospitalização, dependendo das condições em que ocorrer, pode ocasionar diversos prejuízos, incluindo prejuízos afetivos, familiares e escolares. A humanização da saúde é uma proposta de tornar o cenário da hospitalização menos duro e minimizar o sofrimento psicológico produzido pela internação, tanto para a criança quanto para seus familiares. Nesse contexto, a Associação Viva e Deixe Viver (VIVA) reúne voluntários mediadores de leitura (contadores) para crianças e adolescentes hospitalizados, que através de atividades culturais que estimulam o desenvolvimento das aptidões dessas crianças, contribui para a humanização dos serviços a elas destinados, integrando no seu cotidiano as condições sensíveis de comunicação e interação com a realidade externa . O presente trabalho teve por objetivo investigar as concepções dos contadores a respeito do desenvolvimento e aprendizagem dentro do contexto hospitalar. Hipotetizou-se que os voluntários, por realizarem um trabalho de leitura compartilhada com crianças e adolescentes em idade escolar, fariam referência ao seu trabalho como ferramenta útil para a aprendizagem das crianças. Foram entrevistados oito contadores de histórias que participavam regularmente do projeto VIVA. Dentre os entrevistados, sete eram do sexo feminino. As entrevistas semiestruturadas foram transcritas e as informações foram organizadas por meio de mapas conceituais, representando-se os conceitos presentes nas falas dos entrevistados e suas relações. Os mapas conceituais de cada entrevista foram agregados em um único mapa (metamapa) com o objetivo de verificar os conceitos e relações comuns aos vários contadores. A análise semântica das proposições presentes no metamapa revelou as seguintes relações entre conceitos: 1) a leitura e/ou a contação de histórias são vistos como quesitos importantes no processo de desenvolvimento infantil (21 proposições); 2) o hospital é visto como um lugar depressivo, baixo astral , triste e, ainda, relacionado à doença/enfermidade (13 proposições), para o qual a contação de histórias traz alegria (5 proposições), alivia a dor e ajuda a criança a abstrair o contexto imediato (10 proposições); (3) o contador busca estratégia/recursos variados que o aproximem da criança (13 proposições), sendo que as reações positivas da criança à contação são muito importantes para sua motivação (8 proposições); 4) a contação de história aprimora-se, sobretudo, com a prática ou com a observação (mais que com cursos ou instruções) (11 proposições). Em geral, embora os contadores citem a leitura como sendo importante no processo geral de desenvolvimento infantil, fazem poucas referências diretas a relações entre seu trabalho no hospital e processos de aprendizagem. Espera-se fornecer informações preliminares para fomentar o estudo acerca da aprendizagem em contexto hospitalar no cenário brasileiro e discutir as possibilidades de atuação de contadores de histórias nessa área.
Palavras-chave: contação de histórias, mediadores de leitura, hospital.
Outro
ESC

Sessão Coordenada: **Meditação e Yoga sem preconceito: evidências para programas em saúde mental**

Nos últimos anos tem havido um crescente interesse na investigação dos efeitos das práticas de meditação na saúde mental e física, devido aos seus promissores resultados na redução de sintomas de estresse, ansiedade e depressão. De alguma maneira, o treinamento da atenção focada em um objeto específico, ou o monitoramento dos padrões de pensamentos e emoções - habilidades treinadas nas diferentes práticas meditativas -, parece agir, modificando o funcionamento cerebral e comportamental. Ressalta-se que no Brasil este campo ainda é incipiente. Portanto, o aumento e a sistematização da investigação científica da prática meditativa, da sua aplicação nas áreas da saúde em contextos clínicos e não-clínicos , assim como a publicação e divulgação destes achados podem contribuir neste sentido. No que tange ao campo da Psicologia, em especial, estes estudos podem incluir investigações qualitativas e quantitativas sobre como as pessoas vivenciam a sua prática, os seus efeitos, quais as dificuldades encontradas, o que as motiva a buscar e manter a mesma, além de outros fatores possivelmente associados, tais como traços de personalidade. A meditação também é uma alternativa para a pesquisa aplicada, através de estudos clínicos que testem sua eficácia como tratamento complementar e/ou preventivo para diversas condições psicológicas e psicossomáticas, possibilitando o estudo da tão referida relação mente-corpo. Da mesma forma, pode contribuir para a pesquisa básica, auxiliando na compreensão de processos como atenção, consciência, percepção, emoção, e suas interrelações, bem como no entendimento da plasticidade cerebral e da relação mente-cérebro. Além disso, através do estudo da meditação, a Psicologia encontra-se com outras áreas importantes e relacionadas, como Neurociências, Psiquiatria, Medicina Comportamental, Psiconeuroimunologia, entre outras. Por fim, dentro da própria ciência psicológica, a meditação pode ser estudada e aplicada dentro de diferentes abordagens, visto que todas visam ao desenvolvimento de uma mente mais saudável e a um estado de bem-estar psicológico.
Psicobiologia e Neurociências

O efeito de um treino de 5 dias de meditação da atenção focada em variáveis emocionais e cognitivas. *Carolina Baptista Menezes[1]; Mirtes G. Pereira[2]; Lisiane Bizarro[1] ([1]Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS; [2]Laboratório de Neurofisiologia do Comportamento, Instituto Biomédico, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ),*
Estudos indicam que intervenções de meditação do tipo mindfulness e mindfulness combinada com outras técnicas tão breves quanto três, quatro e cinco dias já podem produzir mudanças significativas em variáveis como ansiedade e desempenho atencional. O objetivo neste estudo foi avaliar o efeito de um treino de cinco dias em meditação do tipo atenção focada sobre variáveis emocionais e cognitivas. Comparou-se o desempenho de universitários (M=24.5 anos, DP=4.70; 60.4% mulheres) aleatoriamente distribuídos a um grupo de meditação (N=13) ou à lista de espera (N=20) em uma tarefa comportamental de discriminação utilizada para avaliar o controle cognitivo e a interferência emocional. Nesta, imagens (9º x 12º) neutras (120) e emocionais (120) - negativas e ativadoras - eram flanqueadas por duas barras periféricas (0.3º x 0.3º), equidistantes do centro da imagem (9°), igualmente distribuídas e apresentadas randomicamente entre três blocos, um com baixa demanda atencional (BD) e dois com alta demanda (AD). Os participantes indicavam se as barras eram, ou não, paralelas, pressionando um de dois botões. Nas condições BD e AD, respectivamente, as barras diferiam com 90° e 6° em metade das tentativas. Cada tentativa começava com uma cruz de fixação (1500ms), seguida pelas imagens flanqueadas (200ms). A seguir, um quadro de xadrez permanecia na tela até a resposta ou por 2000ms. Também

foram utilizados o Inventário de Ansiedade Estado-Traço, a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo, o Teste de Atenção Concentrada e o subteste de Dígitos Ordem Inversa do WAIS. O efeito dos fatores intra grupo valência (emoção x neutra), carga (fácil x difícil) e tempo (pré x pós), e entre grupo (meditação x controle) sobre as variáveis tempo de reação (TR), taxa de erro (TE) e desvio padrão (DP) foram analisadas através do modelo linear geral (GLM). Observou-se uma interação tempo x grupo para TE [F(1,29)=8.1, p=.008]. Ambos os grupos reduziram TE após o treino (meditação=<.001; controle=.044), mas esta diferença foi maior na meditação (p=.008). Também houve interação significativa entre valência x grupo para o DP geral (pré + pós) [F(1,29)=4.5, p=.043]: no grupo controle, o DP foi maior para imagens emocionais (M=74.60, DP=7.85; neutras: M=53.91, DP=7.63), ao contrário da meditação (M=58.93, DP=9.88; M=63.37, DP=9.60). Não houve efeito desses fatores sobre TR. O treino em meditação reduziu os escores de ansiedade estado e traço (p=0.016, p=0.02, respectivamente), de afeto negativo (p=.035), e melhorou o desempenho em atenção (acertos: p=.0.002) e memória de trabalho (p=.05). A ansiedade traço correlacionou-se negativamente com a atenção (r=-.44, p=0.05) e com a diferença na TE (r=-.53, p=0.37) na meditação, e positivamente com o DP para imagens emocionais pós-teste (r=.42, p=0.03) no grupo controle. Estes resultados corroboram e complementam outros estudos, sugerindo que um treino breve de meditação da atenção focada também pode gerar algumas mudanças, auxiliando praticantes na melhor regulação da atenção e da emoção. As correlações com a ansiedade sugerem que a sua redução pode ser um dos mecanismos facilitadores desta capacidade regulatória. Ressalta-se que a continuidade dos benefícios deste treino só poderá ser verificada através um estudo longitudinal.

Apoio Financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
Palavras-chave: meditação da atenção focada, controle cognitivo, interferência emocional.
Nível: D
Código da área: BIO

Efeitos da prática de meditação no funcionamento e na estrutura cerebrais.. *Elisa Harumi Kozasa1; João Ricardo Sato2; Shirley Silva Lacerda1; Maria Angela M. Barreiros1; João Radvany3; Luiz Eugênio A.M. Mello4; Edson Amaro Jr1 (1Instituto do Cérebro- Hospital Israelita Albert Einstein, 2Universidade Federal do ABC, 3Departamento de Imagem- Hospital Israelita Albert Einstein, 4Departamento de Fisiologia- Universidade Federal de São Paulo),*

Nos últimos anos tem havido um crescente interesse na investigação dos efeitos das práticas de meditação na saúde mental e física, devido aos seus promissores resultados na redução de sintomas de estresse, ansiedade e depressão. De alguma maneira, o treinamento da atenção focada em um objeto específico, ou o monitoramento dos padrões de pensamentos e emoções - habilidades treinadas nas diferentes práticas meditativas -, parece agir, modificando o funcionamento e a estrutura cerebrais. Na última década, importantes trabalhos de neuroimagem têm ajudado a elucidar possíveis mecanismos de ação das práticas meditativas no cérebro. Algumas áreas implicadas no treinamento em meditação são aquelas que participam de funções executivas, como áreas pré-frontais, além de áreas de processamento sensorial, como a ínsula. Este trabalho tem como objetivo apresentar a literatura com os estudos mais recentes sobre os efeitos da prática de meditação no cérebro, assim como apresentar resultados de um protocolo com ressonância magnética funcional dentro desta temática. Para tanto, foi realizada uma revisão sobre estudos de neuroimagem funcional e estrutural e a coleta de dados através de um estudo realizado com 39 participantes, 20 que praticavam meditação regularmente (idade 46,39 ± 9,30) e 20 sujeitos inexperientes em meditação (idade 43,80 ± 9,35), sem diferenças significantes em escolaridade e gênero. Foram considerados sujeitos que meditam regularmente aqueles que praticavam meditação pelo

menos três vezes por semana, por três anos. Na revisão encontramos que estudos recentes têm mostrado alterações funcionais e estruturais resultantes da prática de meditação, tal como a atividade cerebral, a espessura de áreas corticais e a densidade de substância cinzenta. Estas alterações são encontradas em áreas atencionais, sensoriais e motoras. Nossos resultados preliminares corroboram estes resultados, mostrando que sujeitos que praticam meditação regularmente precisam de um menor recrutamento de áreas cerebrais, em especial frontais, do que pessoas inexperientes em meditação para ter o mesmo desempenho em uma tarefa atencional e de controle de impulsos: o Stroop Word Color Task. Nesta tarefa existem três condições - congruente, neutra e incongruente - e o participante deve escolher a cor em que uma palavra está pintada. A condição incongruente é aquela com maior grau de dificuldade (a palavra azul, por exemplo, está pintada de vermelho e a pessoa deve responder vermelho). Os resultados permitem concluir que a prática de meditação pode trazer mudanças não apenas psicológicas, como mostram boa parte dos estudos, mas também modificações na fisiologia e anatomia cerebrais. Nosso estudo indica que pessoas que praticam meditação regularmente podem apresentar um cérebro mais eficiente no desempenho de uma tarefa de atenção.

Apoio Financeiro: Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein e CNPq. Agradecimentos: Monja Coen e Zendo Brasil pela orientação das prática meditativas do projeto.
Palavras-Chave: meditação; neuroimagem; atenção
Nível: P
Código da área: BIO

Avaliação da efetividade do programa de mindfulness-based relapse prevention (mbrp) como estratégia adjunta ao tratamento da dependência de tabaco.. *Isabel Cristina Weiss de Souza1; Ana Regina Noto2; Elisa Harumi Kozasa2; Telmo Mota Ronzani1 (1Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Outras Drogas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP),*

A dependência de tabaco é reconhecida como uma das principais causas previsíveis de morte no mundo. Apesar do tratamento baseado na terapia cognitivo-comportamental, incluindo prevenção de recaída, ter se tornado padrão, avanços são necessários uma vez que as taxas de abstinência têm demonstrado certa estagnação ou declínio. Identificar fatores relacionados à regulação emocional e do comportamento após a cessação do consumo de tabaco pode ser relevante na prevenção das recaídas. Torna-se necessário pensar em modelos de tratamento que contemplem um componente crítico no processo de mudança de comportamento, que é a habilidade de resposta aos afetos negativos. O objetivo do projeto que iremos apresentar é avaliar a efetividade do programa de Mindfulness-Based Relapse Prevention (MBRP) como adjunto no tratamento de cessação do tabagismo instituído pelo Ministério da Saúde, por meio do Instituto Nacional de Câncer (INCA). O Programa MBRP consiste de dois componentes: treino em meditação e Prevenção de Recaída/técnicas de Terapia Cognitivo-Comportamental, desenvolvidas para prevenir recaídas em indivíduos dependentes de substâncias psicoativas. Para tal, será realizado um ensaio clínico randomizado, com alocação aleatória simples. A fim de detectar com um poder de 85% e um nível de confiança de 95%, diferenças na proporção de abstinência entre os grupos, participarão do estudo 232 sujeitos (considerando-se uma perda de 50% da amostra até o final do estudo) que serão randomizados entre dois grupos: pacientes que receberam tratamento padrão e serão submetidos a oito encontros de manutenção grupo controle e, pacientes que além do tratamento padrão serão submetidos a oito sessões de MBRP grupo experimental. Serão incluídos pacientes com diagnóstico de dependência de nicotina, que estejam abstinentes do

tabaco. Estes serão avaliados no baseline (T0) e em quatro momentos: 1 (T1), 3 (T2), 6 (T3) e 12 meses (T4) após o início do estudo, além de serem submetidos às avaliações de manutenção previstas no protocolo INCA. Serão utilizados um instrumento de rastreamento de transtornos mentais não psicóticos (Self Reporting Questionnaire SRQ-20) e instrumentos de medida de fissura (Questionnaire of Smoking Urges QSU), ansiedade (Hamilton-Anxiety HAM-A), depressão (Center for Epidemiologic Studies Depression Scale CES-D), mindfulness (Five Facet Mindfulness Questionnaire FFMQ), abstinência (Smokerlyser - medida de CO), dependência de tabaco (The Fagerstrom Test for Nicotine Dependence FTND) e de afetos positivos e negativos (Positive and Negative Affect Schedule PANAS). Para análise dos dados será utilizada Análise de Variância com Medidas Repetidas e Regressão Logística Longitudinal, a fim de avaliar o efeito dos dois tipos de intervenção sobre a evolução de comorbidades e abstinência dos pacientes.
Apoio Financeiro: 1) Desenvolvimento, Avaliação e Implementação de Inovações em Intervenções para Usuários de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (Chamada Pública MCT/CNPq/MEC/CAPES - Ação Transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad): Processo 552452/2011-4; 2) Estudo sobre Desenvolvimento, Avaliação e Implementação de Inovações em Intervenções para Usuários de Tabaco e Outras Drogas (PRONEM - Programa de Apoio a Núcleos Emergentes de Pesquisa da FAPEMIG) Processo Nº: APQ-04279-10.
Palavras-chave: tratamento do tabagismo; mindfulness; prevenção de recaída.
Nível:D
Código da área: SMental

YOGA para melhora dos sintomas do climatério em mulheres na pós-menopausa com insônia. *Rui Ferreira Afonso1;Helena Hachul2; Elisa Harumi Kozasa3, Denise Souza de Oliveira1; Viviane Goto1; Dinah Rodrigues4; Sérgio Tufik1; José Roberto Leite1 (1Departamento de Psicobiologia Universidade Federal de São Paulo, São Paulo SP, 2Departamento de Ginecologia e Departamento de Psicobiologia- Universidade Federal de São Paulo, São Paulo SP, 3Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva e da Família, Universidade Nove de Julho, São Paulo SP, 4International Yoga Teachers Association, São Paulo SP),*
O Yoga é uma prática milenar que surgiu na Índia há aproximadamente 5.000 anos. Inicialmente, estava relacionado com o desenvolvimento da espiritualidade. Recentemente a comunidade científica tem observado os benefícios e os efeitos das diversas técnicas de Yoga no controle de algumas doenças e na manutenção da saúde. A prática de yoga tem se mostrado positiva na redução de insônia em diversas populações. Outros estudos mostram redução de sintomas de climatério, sendo que destes, os sintomas mais comuns são os sintomas vasomotores com uma incidência de 70 a 80% e os distúrbios de sono. Porém, nenhum estudo havia sido realizado até o momento para verificar os efeitos da prática do yoga em mulheres na pós-menopausa com diagnóstico de insônia. O trabalho teve como objetivo avaliar o efeito da prática de Yoga como um tratamento na saúde física e mental, e na redução dos sintomas do climatério em mulheres na pós-menopausa com diagnóstico de insônia. Foram selecionadas mulheres entre 50 e 65 anos na pós-menopausa sem terapia hormonal, IAH <15, com diagnóstico de insônia. Estas foram randomizadas em 3 grupos: grupo controle, grupo alongamento passivo, grupo Yoga. Foram aplicados questionários no momento pré e 4 meses após o início do estudo para avaliação da qualidade de vida na menopausa, avaliação dos sintomas de ansiedade e sintomas de depressão, sintomatologia climatérica, gravidade de insônia, sonolência diurna e estresse. Também foi realizado um exame de polissonografia nos momentos pré e pós. O estudo teve duração de 4 meses. No total, 44 voluntárias terminaram o estudo. Quando comparado ao grupo controle, o grupo Yoga teve escores significativamente mais baixos para sintomatologia climatérica, gravidade de insônia, melhores

índices de qualidade de vida na menopausa e da fase de resistência do estresse na condição pós-tratamento. A melhora na gravidade de insônia no grupo Yoga foi significativamente maior que os grupos controle e alongamento passivo. Além disso, o grupo Yoga apresentou diferenças significativas quando comparados os momentos pré e pós-tratamento. Sugere-se que as melhoras experimentadas pelas voluntárias do presente estudo se devem às alterações do sistema nervoso central, autônomo e neuroendócrino. Por meio dos resultados obtidos, foi possível destacar melhora na qualidade do sono das voluntárias que participaram dos quatro meses de prática de Yoga. Este estudo também mostrou que uma sequência específica de Yoga pode ser eficiente para melhora da qualidade de vida e sintomas de menopausa em mulheres na pós-menopausa com insônia. Salienta-se que há escassez de estudos mais rigorosos, controlados e randomizados envolvendo Yoga.
Apoio Financeiro: não houve
Palavras chave: Yoga, pós-menopausa, insônia.
Nível: M
Código da área: BIO

Sessão Coordenada: **Narrativas e Símbolos de Experiências Subjetivas e Comunitárias nos Estudos em Psicologia Social**

A sessão consistirá da apresentação de cinco estudos em Psicologia Social, alinhados pela preocupação com o esclarecimento das relações entre as experiências subjetivas e comunitárias de pessoas que compartilham um mesmo território de existência. Este alinhamento se dá em torno de considerações sobre o projeto epistêmico da modernidade e seus desdobramentos históricos, dentre os quais se pode apontar a emergência da Psicologia Científica. Assim, conforme preconiza o professor Luís Cláudio Figueiredo (1996), admite-se que a tarefa da psicologia é, inapelavelmente, reconhecer a experiência subjetiva e, ao mesmo tempo, desvelar criticamente suas condições de possibilidade e de impossibilidade. Hodiernamente, tais condições correspondem predominantemente ao chamado Paradigma Ocidental Moderno Clássico (a expressão provém do geógrafo e orientalista francês Augustin Berque), cuja face mais saliente é o fenômeno das megalópoles e a supremacia do modo de vida urbano; nesta perspectiva, os trabalhos também coordenam-se porque ilustram diferentes situações próprias do mundo urbanizado: as memórias de uma cidade-satélite proletária (Osasco), a precarização de um bairro histórico vinculado às origens e ao processo de urbanização de uma das maiores cidades do mundo (bairro da Luz, em São Paulo), uma localidade cujos saberes tradicionais encontra-se ameaçado pelo processo de urbanização (a região dos lagos, no estado do Rio de Janeiro) e, por outro lado, porque ilustram a situação de dois grupos que mantém uma relação sui generis com o espaço, o grupo dos moradores de rua e o grupo dos internautas que habitam as redes sociais do ciberespaço, ambos direta ou indiretamente engendrados no/pelo processo de urbanização. A importância destas discussões reside em que as repetidas crises por que passam as grandes cidades, além do crescente mal-estar subjetivo expresso pelas chamadas psicopatologias contemporâneas , têm suscitado reflexões que alertam para a necessidade de urgentes e profundas transformações no nosso modo de ser, viver e conviver - ou seja: de uma reorientação do ethos humano. Por outro lado, é preciso considerar que qualquer transformação efetiva no ethos implica mudanças no lugar e no comportamento ou, em termos correlatos: na morada e na moralidade, na habitação e nos hábitos dos homens; também que a subjetividade e a intersubjetividade têm um papel fundamental nessas transformações. Por isto mesmo, uma condição fundamental para o delineamento e a execução de estratégias que possam efetivamente promover as transformações, tanto no plano individual quanto no plano coletivo, necessárias à superação do momento crítico vivenciado pelo mundo contemporâneo é compreender os elementos e articulações que constituem a complexa dialética psicossocial que sustenta nossos modos de sentir, pensar e habitar este mundo, na companhia de outros seres. Neste sentido, a Psicologia Social deve assumir a tarefa de, em diálogo com os campos de saber adjacentes, investigar as interveniências entre lugar, subjetividade e comportamento - tarefa que se mostra de uma urgência crítica, na medida em que este modelo civilizatório tem se mostrado, cada vez mais claramente, insustentável. Mas, quando se intenta operacionalizar esta perspectiva em termos da pesquisa e da intervenção psicossocial surgem também dificuldades de ordem metodológica - não é fácil concatenar com os procedimentos adequados à investigação das relações das pessoas com o mundo, quando se admite a necessidade de apreendê-las em sua complexidade e concretude. Sobretudo o fluxo temporal destas relações dificulta a pesquisa empírica; qualquer estudo mais abrangente passará, obrigatoriamente, pelo campo das memórias e narrativas. Além disso, a dimensão simbólica que perpassa todas as relações do sujeito com o mundo circundante exige um trabalho hermenêutico quando se quer compreender tais relações. Na medida em que integra diversos procedimentos inspirados pelas correntes compreensivas da Psicologia (observação participante, recolhimento de narrativas autobiográficas, aplicação de instrumentos para o

mapeamento das atividades cotidianas e para a modelização do imaginário grupal etc.), a sessão traz valiosas contribuições metodológicas para os estudos em Psicologia Social.
Psicologia Social

MITOPOÉTICA DA CIDADE. ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE, AMBIENTE E SUBJETIVIDADE.. *Sandra Maria Patrício Vichietti. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social (USP),*
A comunicação consistirá na apresentação de uma pesquisa teórica acerca das relações intrínsecas entre psicologia, ética e política, realizada pela autora entre 2009 e 2011. A pesquisa teve por objetivo formular as bases metodológicas para uma descrição mais sistemática dos processos de subjetivação e socialização, em relação com a experiência subjetiva privada e o território de existência do sujeito. O estudo serviu para destacar a necessidade de se adotar uma perspectiva transdisciplinar, à altura da complexidade das relações visadas pela Psicologia Social, como condição para compreender (mesmo apenas parcialmente) as interveniências entre lugar, subjetividade e comportamento. Por outro lado, destacou o valor heurístico das noções de paisagem e imaginário , que têm sido objeto de elaborações muito sofisticadas nas áreas da Filosofia, Geografia Cultural e Antropologia - elaborações que escapam aos reducionismos sociologizantes e psicologizantes, tão denunciados e, mesmo assim, ainda muito frequentes no campo da Psicologia Social. Deste estudo, derivaram alguns projetos de pesquisa empírica que vêm sendo executados junto a moradores de diversas localidades, dentre as quais os bairros paulistanos Luz, São Miguel Paulista e Itaquera, algumas cidades da região noroeste do estado de São Paulo e na região dos lagos, no estado do Rio de Janeiro. A comunicação destacará alguns dos resultados preliminares já alcançados por estas pesquisas, de modo a ilustrar a fecundidade do delineamento conceitual e metodológico adotado. Em linhas gerais, tal delineamento caracteriza-se por um conjunto de procedimentos de coleta, análise e interpretação de informes sobre a paisagem e o imaginário de seus habitantes, nos quais estão contidos dados qualitativos e quantitativos, de natureza espacial e temporal, abrangendo diferentes aspectos da vida humana (cognitivo, afetivo, imaginativo, comportamental, expressivo etc.), em suas dimensões individuais e coletivas. Dentre os muitos procedimentos empregados neste tipo de estudo, destacam-se a observação participante, o recolhimento de narrativas autobiográficas, a aplicação de instrumentos para o mapeamento das atividades cotidianas e para a modelização do imaginário dos moradores. Os informes assim coletados são processados e discutidos de maneira interdisciplinar, envolvendo saberes sobre diversos níveis de organização da vida humana: psicológicos, sociológicos, geográficos, históricos (sócio-culturais), etológicos e antropológicos. Finalmente, a comunicação abordará a importância da articulação de uma rede temática interdisciplinar dedicada a discutir os resultados, de modo a alcançar uma compreensão mais refinada das situações investigadas - neste sentido, será mencionada a constituição do Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade , organizado em torno do interesse pelo ethos contemporâneo e da premissa de que a memória, a experiência subjetiva, a paisagem e o imaginário consubstanciam processos psicossociais cruciais para a configuração e sustentação dos modos humanos de ser, viver e conviver (logo, também para as suas transformações).
PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Paisagem; Imaginário
P
SOCIAL

MEMÓRIA COLETIVA E AFETIVIDADE: NARRATIVAS ORAIS SOBRE A RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR EM OSASCO. *Marta Gouveia de Oliveira Rovai. Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO)/Diversitas. Universidade de São Paulo. Doutora em História Social (USP),*

A apresentação abordará a pesquisa em torno das relações de gênero na construção da memória de trabalhadores, estudantes e donas de casa que tiveram sua trajetória marcada por uma greve realizada durante regime militar, em 1968, na cidade de Osasco. O acontecimento promovido por eles teria sido breve - apenas um dia mas seu significado teria ultrapassado o tempo físico e se prolongado no tempo da memória, dos sentidos e da ucronia. As ações repressivas do Estado promoveram prisões, tortura e exílio aos membros que organizaram o evento, além de grande sofrimento às famílias, que perderam seus entes queridos e sua liberdade, no contexto ditatorial. Depois de longo silenciamento produzido pelo regime autoritário, com a redemocratização, houve movimentação na cidade em busca de abrir espaços públicos para a discussão sobre a greve e seu significado de luta contra a ditadura. Desde 1987, acompanhei a atuação dessa colônia, profundamente marcada por perdas e traumas, e também por vitórias e projeções políticas e sociais que ainda se delineiam no horizonte futuro. Foi possível perceber nesse espaço identitário, alimentado constantemente pelo grupo, um esforço para romper com estereótipos negativos criados pelo regime contra a cidade e lutar contra o esquecimento e a memória oficial, impostos pela repressão. O consenso muito grande nos discursos e encontros promovidos após o início da democratização, também apresentou constantes negociações, licenças, silenciamentos, enquadramentos e limites entre as redes na memória coletiva e que nos fazem pensar sobre os efeitos desse evento sobre as pessoas e suas relações, e como a memória coletiva lhes permitiu sobreviver e se reconstruir. O trabalho com história oral testemunhal procurou compreender o significado da experiência da greve na memória de seus participantes e os elementos identitários que mantêm viva a ideia de pertencimento coletivo. A repressão à greve, entendida como trauma coletivo, estaria sendo superada por meio dos testemunhos orais? As entrevistas permitiram registrar e analisar as histórias de vida e suas relações na construção de uma memória coletiva, cruzadas por questões políticas, sociais e de gênero, na busca da justiça contra um passado opressor. Isso se revelou de extrema importância no contexto atual em que o testemunho ganha força no embate entre memórias de resistência e repressão, e no momento em que a Comissão da Verdade pretende que a sociedade brasileira tenha acesso a outras formas de lembrar e encarar seu passado.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Memória Coletiva; Trauma Coletivo.

P

SOCIAL

A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO DESENCANTADO - PAISAGEM, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NA TRANSMISSÃO COTIDIANA DOS OFÍCIOS, SABERES E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA REGIÃO DOS LAGOS RJ.. *Paulo Sérgio Barreto Santos. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestre em Sociologia da Cultura (UNICAMP),*

A apresentação consistirá no relato de uma pesquisa-ação em andamento há dois anos na região dos lagos (RJ), junto a grupos de pescadores artesanais. Nas pequenas histórias de vida cotidianas, ordinárias e corriqueiras contadas por estes pescadores, expressam-se as angústias suscitadas pelas transformações que atingem seu território de existência desde meados do século passado e que se intensificaram nos últimos anos: o sentimento de que lhes escapa das mãos o pedaço do mundo da tradição: práticas, saberes, ensinamentos, ofícios, modos de ser, de estar e de ver a vida com suas paisagens, narrativas orais, memórias, gestos, imaginários, experiências, vivencias e subjetividades. Sentimentos de deriva e impotência

frente à sedutora lógica do mercado, do consumo e do individualismo contemporâneo; perplexidade diante do desinteresse, da desorganização, da desqualificação e da perda de legitimidade e de reconhecimento do saber-fazer tradicional frente às novas subjetividades, individualidades e as relações sociais advindas dos atuais sistemas abstratos de conhecimento e dos saberes modernos. Em particular, em Arraial do Cabo (RJ) existem os pescadores tradicionais que fazem a pesca de arrasto em canoas de boçarda (canoas de um tronco-só), realizada por uma Campanha composta por nove companheiros e o mestre vigia. Na Praia do Pontal, o mestre Vica , do alto do morro, com lenço na mão, acena e gesticula para os membros da Companha sobre o movimento, a quantidade e as espécies de peixes da manta que passa nos pesqueiros (Porto , Cruz da menina , Leôncio etc.). Para estes moradores, os lugares são marcados por narrativas épicas, inscritas entre a beira de praia, dunas, restinga, brejos e lagoas - marcas inaudíveis para os forasteiros. Na Praia Grande, existe o Porto da Canoa , espaços de trabalho da carpintaria naval e de encontro dos antigos pescadores tradicionais do pau mole . Neste local, havia uma pedra conhecida por Galeão ; hoje, tem um restaurante plantado em cima dela. Também havia a pedra chamada Buraco da Pulga que protegia os pescadores das chuvas, sol e vento; hoje, ela está enterrada pelo tempo e por obras antigas e recentes no Porto da Canoa . Neste espaço, há 40 anos existe o estaleiro naval do Chonca que restaura sozinho as canoas de borsata . Os saberes da pesca são acumulados, transmitidos e assimilados, através das gerações, em cada canto das praias da cidade - cantos cujas marcas também são visíveis apenas para aqueles que guardam a memória ancestral deste lugar. Para os pescadores tradicionais a falta de visibilidade e de reconhecimento social os constrangem, ao perceberem que a sua volta se constrói um mundo desencantado . Esta pesquisa-ação inspira-se nas reflexões de pensadores como, dentre outros, Anthony Giddens, Boaventura de Souza Santos, Gilbert Durand, Augustin Berque, Eugène Enriquez, Jean Maisonneuve, Frederic Munné, Gilberto Safra, Ecléa Bosi e Luiz Claudio Figueiredo. Nesta perspectiva transdisciplinar e dialogando com os saberes tradicionais, temos construído e executado intervenções socioambientais e psicossociais dirigidas à preservação do modo de vida tradicional daquelas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Memória; Subjetividade

P

SOCIAL

A PROPAGANDA TELEVISIVA E A PUBLICIDADE ONLINE NA PRODUÇÃO DE UM SABER SOBRE O GOZO COM O USO DAS REDES SOCIAIS DA INTERNET. *Gabriel Monteiro da Fonseca Leal Maia. Núcleo de Psicanálise e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica (SP).,*

O entendimento a respeito da emergência, na passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, de um imperativo de gozo como dever moral imputado aos sujeitos pelo discurso social, implica no reconhecimento da produção de um saber sobre o gozo que, ao afirmar a alienação narcísica e justificar a compulsão ao consumo, sustenta esse dever de gozo como ideologia contemporânea. Tal produção é em parte realizada pela propaganda e pela publicidade ao interpelarem os sujeitos enquanto detentoras de um saber gozar, deixando oculto o objetivo de privilegiar necessidades ligadas ao modo de produção capitalista atual por meio da regulação do gozo e seu direcionamento a opções pré-concebidas para o consumo. Se atualmente os sujeitos são interpelados pela propaganda e pela publicidade a gozar com o uso das redes sociais da internet, entendemos que assim respondem ao imperativo de gozo consumista de nossa época - imperativo esse que deve igualmente estar sustentado por um saber sobre esse gozo. Pretendemos, nesta apresentação, discorrer a respeito da nossa investigação, em curso no Núcleo de Psicanálise e Sociedade do

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP, sobre a existência deste saber sobre o gozo obtido pelos sujeitos no uso das redes sociais da internet. Investigação que se dará mediante o estudo do manejo e da articulação de símbolos nas propagandas televisivas e na publicidade direcionada aos usuários nos principais portais brasileiros da Internet.
PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Psicanálise; Subjetividade Contemporânea.
ME
SOCIAL

DECIFRA-ME OU TE DEVORO: A PROBLEMÁTICA DO BAIRRO DA LUZ E A CRISE DO CONTEMPORÂNEO. UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM PSICOLOGIA SOCIAL.. *Paulo Rodrigo Unzer Falcade. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestrando em Psicologia Social (USP).,*
A apresentação consistirá da discussão de dimensões coletivas e individuais subjacentes à problemática dos moradores de rua que transitam pelo bairro da Luz, em São Paulo, aspectos estes observados e refletidos durante a participação do autor, ao longo de 18 meses, em um programa assistencial dirigido a esta população. Esta experiência permitiu a elaboração de projeto de pesquisa, ora em desenvolvimento, que explora as relações entre a crise da Modernidade, o mal-estar contemporâneo e a forma como isso se comunica com a crise urbana valendo-se, para isso, do modelo emblemático do bairro da Luz. Posto que o objeto específico da Psicologia Social está na interação entre o nível individual e o nível coletivo de organização da vida humana, tal como esta se dá nas condutas de sujeitos em situações, o objetivo específico deste projeto será investigar como o lugar de vida se imbrica com a experiência subjetiva em um caso marcante: o bairro da Luz. Para a análise da dimensão coletiva objetiva e histórica procederemos com a análise de discurso, e para a análise da dimensão individual subjetiva, procederemos a partir da história oral e com a aplicação do Teste Arquetípico com Nove Elementos em Urbanismo (ATU-9). A relevância científica consiste na exploração de hipóteses heurísticas e de uma metodologia inovadora na investigação das relações entre o lugar, a subjetividade e o comportamento que, ademais, respeitam a função desilusionadora (analítica, crítica e desconstrutiva), à qual o psicólogo se reporta em sua forma de fazer ciência, coincidindo, exaustivamente, a objetividade da análise histórica com a subjetividade daquele que vive (ou viveu) uma dada situação. A relevância social está na urgência inexorável de produções científicas que produzam um saber necessário para reverter a problemática instaurada na Luz, um dos mais emblemáticos avatares da crise urbana que se expande pelo mundo.
PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Morador de Rua; Imaginário.
ME
SOCIAL

Sessão Coordenada: **O ESTÁGIO BÁSICO COMO CONDIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO COMO CIENTISTA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE DIFERENTES INSTITUIÇÕES**

O exercício da prática científica é fundamental na formação do profissional da área da Psicologia. Neste sentido, fazem-se necessários investimentos ao longo de todo o percurso do aluno, durante o processo de sua formação, no estabelecimento de atividades voltadas ao raciocínio científico. A proposta dessa sessão se foca em relatos de professores responsáveis pelo acompanhamento de modalidade de estágios básicos que visam promover a formação científica dos alunos de Psicologia, desde os primeiros momentos de sua formação, empregando principalmente a observação como um recurso essencial nessa formação.
Formação em Psicologia

ENSINO DE CONCEITOS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIOS BÁSICOS EM UMA UNIVERSIDADE. *Mariliz Vasconcellos**, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*
Como parte da sessão coordenada intitulada: o Estágio Básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: relatos de experiências de diferentes instituições esse trabalho objetiva descrever algumas experiências que ocorreram em estágios básicos (ao longo de onze semestres) que buscaram investigar estudos experimentais de ansiedade e depressão em Análise do Comportamento, no curso de Psicologia, em uma universidade da cidade de São Paulo. Nos cursos de Psicologia, as atividades de estágio são parte obrigatória da formação acadêmica. Na universidade na qual foram realizadas as experiências aqui relatadas, os estágios básicos são dados ao longo de quatro semestres. Nesses estágios que ministrei selecionei algumas atividades que considerei relevantes, a saber: inicialmente havia revisão de conceitos básicos e discussão desses conceitos. Em seguida iniciavam-se os estudos dos experimentos, de forma que os conceitos básicos fossem ilustrados nos experimentos vistos. A partir daí havia ensino da aplicação desses experimentos em situações cotidianas, clínicas, psiquiátricas, dentre outras. E por último cada aluno selecionava um tema que tivesse correlação com questões vistas nos experimentos, e dava um seminário desse tema. Os experimentos vistos foram: desamparo aprendido, anedonia ou Chronic Mild Stress (CMS), depressão por separação e supressão condicionada. Todos esses experimentos tratavam de questões relacionadas à incontrolabilidade, ou a falta de controle do indivíduo sobre seu meio. Esses modelos experimentais permitem mostrar que alguns arranjos ambientais podem produzir sintomas nos indivíduos a eles submetidos, tais como, ansiedade e seus transtornos, e depressão leve ou mais grave. Os seminários que faziam parte da disciplina consistiam em algum tema (abuso sexual, violência doméstica, institucionalização de idosos, doenças terminais, dentre outros) que tivesse relação com alguma condição incontrolável e o objetivo era que o aluno abrangesse os conceitos para situações aplicadas diversas. É possível dizer que dos onze semestres em que essa disciplina foi ministrada foi observado que: 1) embora os alunos tivessem tido quatro disciplinas de conceitos básicos em Análise do Comportamento ao longo do curso, dentre outras oportunidades de cursar disciplinas nessa abordagem, havia grande falha em seu repertório acerca dos conceitos, somada à grande dificuldade na aplicação da teoria; 2) mesmo com as falhas apontadas no item 1 houve aproveitamento por boa parte dos alunos, de modo que eles puderam compreender porque a abordagem comportamental se utiliza de experimentos para validar seus conceitos básicos e suas aplicações e como psicopatologias relacionadas a transtornos de humor e de ansiedade podem ser explicadas na abordagem comportamental; 3) foi surpreendente a percepção de que os alunos tinham uma idéia bastante distorcida da Análise do Comportamento, já que achavam que ela era proveitosa para tratamento de sintomas específicos e não era uma abordagem que

possibilitava uma intervenção mais profunda do ser humano. Dessa forma vale ressaltar que é necessário repensar em novos meios de ensino da teoria comportamental nos anos iniciais do curso de forma a tornar mais claros seus conceitos e suas aplicações na vida cotidiana.
Palavras-chave: estágio básico, ansiedade, depressão, Análise do Comportamento.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: FORM

A OBSERVAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO.. *Eliana Isabel de Moraes Hamasaki**, Departamento da Saúde Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho Uninove São Paulo (SP).,*
Como parte da sessão coordenada intitulada: o estágio básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: relatos de experiências de diferentes instituições, esse trabalho apresenta atividades desenvolvidas por estudantes de psicologia em uma modalidade obrigatória de estágio de uma universidade particular, da cidade de São Paulo. Os estágios básicos (ou EB), que compõem o currículo dessa universidade, são determinados como obrigatórios aos alunos, iniciando-se no terceiro semestre letivo e encerrando-se no sexto semestre. A proposta que cada docente apresenta é livre e relacionada à sua área de interesse e/ou aderência, desde que cumpridas as exigências institucionais. No caso das atividades aqui descritas, o objetivo principal tem sido o de capacitar o aluno de psicologia, desde o início do curso, no processo de investigação científica. Para tanto, estabelece-se a técnica da observação como o recurso essencial na introdução dessa prática. Basicamente, o material introdutório para essa prática é a obra de Danna e Matos (2006). O estágio se configura da seguinte maneira: (1) a exigência de um registro de evento cotidiano qualquer, com duração de no máximo dois minutos, como tarefa inicial a ser executada pelos alunos. Nesta tarefa, pretende-se identificar o repertório de entrada do aluno quanto à linguagem científica, especificamente; (2) a descrição desse registro inicial, com discussão supervisionada pela professora responsável, enfatizando tal como descrito anteriormente questões relativas à linguagem científica; (3) o estabelecimento de objetivos para a condução de uma investigação efetiva. Para tanto, o aluno é exposto às atividades de buscas em bases de dados eletrônicas para a seleção de artigos que deverão ser lidos e apresentados nas reuniões semanais de supervisão e o material selecionado deverá fundamentar a proposta de investigação do aluno. A partir do estabelecimento dos objetivos, o aluno deverá decidir se a sua proposta requer (4) o desenvolvimento de protocolos de observação, com a definição de categorias pré-determinadas para o registro. Caso a opção seja pela definição de categorias, estas são determinadas, após discussões levando-se em consideração os objetivos estabelecidos e os dados da literatura selecionada para a fundamentação da proposta. Uma vez que os dados são obtidos, o aluno, então, parte para (5) a organização e a análise de eventos observados e registrados, sob a ótica analítico funcional. Como produto final do estágio desenvolvido, o aluno deverá (6) apresentar um relatório científico, contendo todas as seções que o compõem (título; resumo; abstract; Introdução; Método; Resultados e Discussão; Referências). A experiência tem se revelado promissora na modelagem de repertórios básicos para, pelo menos, a redação de relatórios, seguindo a linguagem científica e o interesse na prática de pesquisa científica, tanto bibliográfica quanto empírica. Além disso, o aluno tem se exposto a situações de apresentação de seu trabalho, tanto em eventos internos da universidade como em congressos da área.
Palavras-chave: supervisão graduação; estágio básico; observação; pesquisa.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: FORM

OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS ADOTADAS POR PAIS NA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO BÁSICO EM UMA UNIVERSIDADE PRIVADA.. *Emileane Costa Assis de Oliveira, Departamento da Saúde, Curso de Psicologia, Universidade Nove de Julho UNINOVE São Paulo (SP).,*

Como parte da sessão coordenada intitulada O Estágio Básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: relatos de experiências de diferentes instituições , o presente trabalho propõe descrever algumas experiências que ocorreram em quatro estágios básicos realizados na Universidade Nove de Julho ao longo de dois semestres, abrangendo alunos do 3º, 5º e 6º semestres. Nos cursos de Psicologia, as atividades de estágio básico são parte obrigatória da formação acadêmica e acontecem do 3º ao 6º semestres da graduação, tendo como meta desenvolver competências relevantes para o exercício da profissão assim como colocar o aluno em contato com áreas de atuação do psicólogo. A proposta de estágio aqui descrita teve como objetivo a observação e descrição das práticas educativas adotadas por pais na educação de seus filhos. Desse modo, os alunos tiveram contato com a área de estudo dos Estilos Parentais, a qual investiga a forma como os pais educam seus filhos e como esta pode ou não levar à promoção de comportamentos apropriados ou que prejudicam a interação da criança com seu ambiente. Foi estudado as práticas educativas que compõe o Estilo Parental Negativo, relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais: abuso físico, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e negligência; as relacionadas ao Estilo Parental Positivo, favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos próssociais: monitoria positiva e comportamento moral e o Inventário de Estilos Parentais Paterno (IEP), que tem como objetivo investigar as práticas adotadas pelos pais. As competências treinadas envolveram a observação e registro de comportamentos, o estabelecimento de relações funcionais entre as ações do organismo e os eventos ambientais observados e a aplicação e correção de um Inventário. A metodologia de trabalho adotada envolveu: 1) leitura e discussão de textos relacionados aos Estilos Parentais e à observação científica; 2) treinos de observação e registro do comportamento em sala de aula, usando filmes comerciais e envolvendo o uso de um protocolo de observação composto pela descrição do (a): objetivo, sujeito observado, diagrama da situação, ambiente físico e social e interação propriamente dita; 3) observação e descrição de interações entre pais e filhos em ambiente natural ou por meio de filmes; 4) análise dos estilos parentais observados classificando-os de acordo com a literatura e estabelecendo relações funcionais e 5) aplicação do IEP em um pai e uma mãe e posterior correção e análise dos resultados. A execução da proposta permitiu aos alunos adquirirem repertório de observação científica e descrição objetiva do comportamento, uma vez que a maioria chegou ao estágio sem estes repertórios desenvolvidos. Os treinos de observação em sala (usando filmes e comerciais) e em ambiente natural foram efetivos para este objetivo. O estágio também criou condições para que os alunos entrassem em contato com uma área de estudo que será útil em etapas futuras do curso, por exemplo, nos estágios profissionalizantes em clínica e instituições, quando possivelmente trabalharão com pais e seus filhos.

Palavras-chave: estágio básico, práticas educativas parentais, observação de comportamento.
Nível do Trabalho: M - Mestrado
Código da área: FORM

OBSERVAÇÃO E REGISTRO DA PRÁTICA DE PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA. *Samanta Palmieri, Departamento da Saúde, Curso de psicologia do Centro Universitário Padre Anchieta, Jundiaí (SP),*

Como parte da sessão coordenada intitulada: O Estágio Básico como condição para a formação do psicólogo como cientista: experiências de diferentes instituições , esse trabalho apresenta as atividades desenvolvidas por estudantes do 4º e 5 º semestres do curso de psicologia de uma Universidade Particular de ensino pertinentes a disciplina obrigatória intitulada: Estágio Básico em Observação: Contextos Institucionais. A proposta desse estágio é proporcionar ao estudante o aprimoramento das habilidades de observação e do registro do comportamento associado ao conhecimento da prática do profissional de psicologia em diferentes contextos de atuação. Para a realização dessa atividade de observação os estudantes foram orientados a: (1) Observar e registrar as intervenções, em grupo ou individualmente, realizadas por um psicólogo em uma instituição qualquer e (2) realizar uma entrevista semiestruturada com o mesmo psicólogo anteriormente observado. Para a observação e registro das intervenções os estudantes utilizaram um protocolo de observação que abrange uma série de informações relevantes para a análise do comportamento. Os itens do protocolo estavam relacionados a três conjuntos de informações, são eles: identificação geral (nome dos observadores, objetivo da observação); identificação das condições em que a observação ocorre (data, horário, descrição do sujeito, descrição do ambiente físico e descrição do ambiente social); e registro de comportamentos e circunstâncias ambientais (relato dos comportamentos da psicóloga e seus efeitos sobre as pessoas). A entrevista foi elaborada pelo supervisor do estágio por meio de um roteiro composto de 16 questões divididas em quatro blocos a seguir descritos: bloco 1 questões referentes a caracterização do campo (contexto, área) de atuação; bloco 2 questões pertinentes a população atendida pelo psicólogo; bloco 3 - questões relativas a formação profissional do psicólogo; e bloco 4 questões sobre o mercado de trabalho. Os dados coletados pelos estudantes estagiários de psicologia- foram apresentados, discutidos e analisados durante as supervisões que ocorriam semanalmente. Podemos considerar que a atividade de estágio proporcionou aos estudantes um aprimoramento das habilidades de observação científica, ou seja, uma melhor compreensão dos fenômenos observados e um entendimento mais apurado sobre a diversidade de práticas que a profissão da psicologia se propõe, a importância social que ela exerce e as abrangências e limitações da atuação do profissional da psicologia, uma vez que o aluno está em contato direto com a realidade da profissão escolhida por ele.

Palavras chaves: estágio básico, intervenção psicológica, observação

Nível do Trabalho: M - Mestrado

Código da área: FORM

Sessão Coordenada: **O TRABALHO NO CONTEXTO DE INSTITUIÇÃO PÚBLICA E PRIVADA E A INSERÇÃO DE JOVENS NO MERCADO**

Pelo que se percebe é quase consenso que as empresas estejam cada vez mais apostando em modelos de gestão voltados para as pessoas, tentando tornarem-se as empresas mais humanizadas, motivo pelo qual o seu capital intelectual tem sido valorizado como um dos ativos mais importantes e as mais variadas ações implantadas têm propiciado um melhor bem-estar e satisfação dos empregados, o que, consequentemente, tem promovido também um aumento na qualidade de vida articulada com o trabalho. No contexto atual, marcado por ambientes turbulentos e diante de mudanças que vêm ocorrendo rapidamente em todos os setores, a situação que está posta é a preocupação com os indivíduos e que passam a ser, quando comprometidos com a organização, o diferencial competitivo de onde provém a inovação e conhecimento capazes de estabelecer este diferencial. O investimento no capital humano, além de uma exigência, traz um enorme retorno ao nível da qualidade e produtividade da empresa. A organização do ambiente de trabalho é um dos fatores importantes para a melhor da qualidade de vida do trabalhador, o qual vive grande parte de sua vida voltada a funções operacionais, que de alguma forma interfere no seu estado de saúde. Em face do exposto o interesse em pesquisar o trabalho no contexto da instituição pública e privada, e motivo para apresentação do tema no Congresso da SBP com o tema central Psicologia sem fronteiras se dá em função de que há poucos estudos com esse enfoque nessas organizações. Por outro lado com os resultados da pesquisa acredita-se que subsidiará os gestores dessas organizações no sentido de que se conheça a percepção dos servidores em relação ao ambiente de trabalho a sua satisfação com relação aos benefícios, que a instituição oferece. Ainda possibilitará tomar conhecimento se nas atividades que desenvolve está causando o stress e causa para aposentadoria. Esses dados também poderão possibilitar aos gestores nas estratégias para tomada de decisão organizacional na área de gestão de pessoas, tendo um trabalho mais humanizado. O tema ainda é importante, pois contemplará com estudo da manutenção de jovens universitários no mercado de trabalho. É oportuno e relevante a divulgação dos resultados desse tema no evento, pois a maioria da clientela do mesmo são jovens e contribuirá para que essa eles estejam sempre preparado para se manter no mercado trabalho.
Psicologia Organizacional e do Trabalho

SATISFAÇÃO NO TRABALHO E VIDA PESSOAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. *Ávilo Roberto de Magalhães** (Professor Adjunto IV, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT) Anaiza Ferreira da Cruz** (Técnica de Enfermagem do Setor de Pediatria do Hospital Universitário Julio Muller Cuiabá-MT) Rosa Almeida Freitas Albuquerque** (Professora Assistente I, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT);*

,

O interesse pela Satisfação no Trabalho, tanto em nível nacional como internacional, tem sido particularmente demonstrado por psicólogos, principalmente da área organizacional, desde o início da década de 30. A motivação para o estudo da Satisfação no Trabalho dos profissionais de saúde parte do pressuposto básico de que esta variável influencia o desempenho do trabalhador e pode atuar sobre inúmeras facetas do comportamento, desde o profissional até o social, interferindo em sua saúde mental. O objetivo geral deste estudo é compreender a satisfação relacionada à vida pessoal e profissional dos servidores da área de pediatria do Hospital Universitário Julio Muller em Cuiabá Mato Grosso. Especificamente buscou-se: identificar o nível de satisfação no trabalho e na vida pessoal dos profissionais de saúde; verificar as influências negativas e positivas existentes entre o trabalho e a vida pessoal dos

profissionais de saúde. A pesquisa realizada foi do tipo descritivo-exploratório. A população foi constituída de aproximadamente 60 servidores efetivos e contratada do setor de pediatria do Hospital, do sexo masculino e feminino dos períodos matutino, vespertino e noturno. Dessa total foram escolhidos aleatoriamente 20 servidores. O instrumento aplicado para coletar os dados foi um questionário estruturado com 10 perguntas objetiva. A análise dos dados foi feita de forma qualitativa e quantitativa. Os resultados mostram que 91% servidores participantes do estudo são do sexo feminino, predomina uma faixa de 30% entre (26-31 anos), 35% possuem o 2º grau completo. 74% dos servidores disseram que vão para o trabalho com prazer. Os dados mostram que o grupo atuante na pediatria do hospital é maduro, experiente na especialidade, apresenta-se um grande índice de satisfação intrínseca no trabalho. Consideram que trabalham bem, em ambiente agradável que atende suas necessidades. Declararam que os materiais de trabalho de boa qualidade e em bom estado de conservação. Observou-se no grupo que as pessoas estão emocionalmente equilibradas, pois 45% dos respondentes afirmam que suas frustrações pessoais não interferem em seu ambiente de trabalho. Concordam que a valorização do ser humano, a preocupação com sentimentos, emoções e com a qualidade de vida são fatores que fazem a diferença no trabalho de uma pessoa. A grande maioria desses profissionais desempenha sua atividade com prazer, pois, gostam de sua profissão e sentem-se realizados. Declararam que em função disso, tem a oportunidade de tornar sua vida mais solidária e feliz, em contrapartida extraem do trabalho oportunidade de crescimento espiritual e material. Concluindo os participantes do estudo apontaram que apesar da vida acirrada em função dos compromissos e responsabilidades, os profissionais de saúde estão satisfeitos com sua vida tanto pessoal quanto profissional e dentro desse contexto dual, referem trabalhar em um ambiente agradável e em contrapartida tem uma boa qualidade de vida.

Palavras Chave - satisfação, vida pessoal, trabalho.

Pesquisador - P

ORG Psicologia Organizacional

STRESS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS EM PROCESSO DE APOSENTADORIA. *Patrícia da Motta Vieira Figueredo* (Faculdade Mackenzie Rio e Unicarioca) e, Janes Santos Herdy**) (Depto de Psicologia -Universidade Federal Fluminense-Niterói-RJ)*

,

O objetivo desta pesquisa foi investigar se os indivíduos aposentados e/ou em processo de aposentadoria são acometidos por stress. Para Hopf (2002), conhecer e compreender a passagem para inatividade profissional e o (des) apego dos relacionamentos grupais construídos e vividos no trabalho torna-se de suma importância para professores no momento da aposentadoria. Cunha (2004, p.530) coloca que (...) o exercício docente nunca é estático e permanente; é sempre processo, é mudança, é movimento, é arte: são novas coisas, novas experiências, novo contexto, novo tempo, novo lugar, novas informações, novos sentimentos, novas interações . Santos (1990) afirma que a aposentadoria é freqüentemente vivenciada como a perda do próprio sentido da vida, uma espécie de morte social. Ao se valorizar apenas aqueles que produzem, deprecia-se o sujeito aposentado, no modo de produção capitalista, que idolatra a produção e aliena o trabalhador do processo de produção. O stress pode ser definido como um desequilíbrio interno que afeta o indivíduo física, psicológica e socialmente e, consequentemente, afeta a vida profissional. Para Paschoal e Tamayo (2004, p.46) o stress ocupacional é um processo em que o indivíduo percebe demandas do trabalho como estressores, os quais, ao exceder sua habilidade de enfrentamento, provocam no sujeito reações desfavoráveis . A metodologia utilizada neste estudo foi a revisão bibliográfica sobre stress e aposentadoria e uma pesquisa de campo, tendo como recurso os instrumentos:

Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) (2005) e um roteiro de entrevista, semi-estruturada adaptado do modelo de Marchi (2002). A amostra contou com cinco professores universitários da Universidade Federal Fluminense, com idade média de 59,6 anos, sendo quatro casados e uma divorciada, todos são doutores. Na análise dos resultados não foi identificado nível relevante de stress em nenhuma das respostas dos participantes, considerando-se a análise do ISSL. Os participantes não apresentaram preocupação quanto a questão financeira, pós- aposentadoria; 80 % dos participantes afirmam que haverá perda de vínculo afetivo com os colegas de trabalho quando se aposentarem, mas também 80% comentam que terão mais tempo com a família e para o lazer. Todos os participantes afirmaram que um projeto de aposentadoria promovido pela universidade, seria de grande ganho para eles e para os demais professores. Aponta-se como considerações finais que as respostas dos participantes não demonstraram que estão estressados (ISSL), porém, todos se queixam da falta de tempo quanto à família e quanto ao lazer. Os professores afirmaram que a aposentadoria traz uma perda das relações afetivas, mas, por outro lado, eles afirmaram também que farão novos vínculos após essa etapa, o que não era possível antes, pelo tempo absorvido na universidade. A limitação desse estudo apresenta-se a partir do pequeno número de professores entrevistado, bem como a impossibilidade de encontrar pessoas aposentadas para participar da pesquisa; ressalta-se que o projeto para esta pesquisa foi elaborado para um cronograma de execução em três meses. Para sugestão futura, seriam necessários que mais professores fossem entrevistados, inclusive professores de instituições privadas.

Palavras Chaves: Stress, Aposentadoria, Professores Universitários,
Doutorado D
ORG Psicologia Organizacional e do Trabalho

BELEZA MASCULINA, INSERÇÃO E MANUTENÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS.. *BELEZA MASCULINA, INSERÇÃO E MANUTENÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS.*

*Patrícia da Motta Vieira Figueredo** (Professora da Faculdade Mackenzie Rio e UNICARIOCA) Maria Cláudia Tardin** (Professora da Faculdade Mackenzie, Rio e Escola Superior de Propaganda e Marketing/RJ).*

,

No final da década de 90, surge um modelo de beleza, na moda e na mídia, que requer dinheiro, tempo ocioso, uma concentração obsessiva para manter o corpo "esculpido, com exercícios na academia, orientação de um personal trainer, lipoaspiração e possivelmente implantes (ETCOFF, 1999, p.259). O culto ao corpo aparece disfarçado de um cuidado de si direcionado a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma, e, segundo Costa (2004, p.131), vem produzindo uma obsessão pela forma e pela saúde, que se transformou em uma verdadeira hipocondria cultural . Para Novaes (2011, p.1), em se tratando de mercado de trabalho, o capital erótico é uma moeda de troca. Enquanto a aparência for valorizada na sociedade, é burrice não investir nela . Pinheiro e Figueredo (2011) identificaram, a partir de pesquisa relacionando as variáveis beleza e stress, que o padrão de beleza vigente é fator condicional à inserção no mercado de trabalho, na percepção das jovens universitárias, participantes da pesquisa. Segundo a psicóloga Joana de Vilhena Novaes (2006), a beleza passou de um dever social de se apresentar mais belo para um dever moral . Se a pessoa quiser, ela consegue ser bela, só basta se informar, investir em tratamentos, dietas, malhação, cirurgias e trabalhar seu corpo com disciplina. Desta forma, a beleza tornou-se um critério para legitimar os indivíduos capazes de sucesso. Pinheiro e Figueredo (2011), em pesquisa anterior relacionando stress e beleza, observaram que todas as entrevistadas mencionaram que a estética é fator importante na aprovação em processos seletivos. Uma entrevistada afirmou só

ter conseguido entrar no mercado de trabalho depois que fez dieta e emagreceu vinte e cinco quilos. Foi observado também que uma participante da pesquisa, com mais de trinta anos, disse ter tido dificuldade em se empregar e apontou o padrão de beleza socialmente estabelecido como fator responsável por tal dificuldade, principalmente, porque no segmento que tentou trabalhar, o de comércio, a imagem pessoal é muito exigida. Portanto, como pôde ser visto através da revisão de literatura, a beleza é fator essencial para o mercado de trabalho vigente. A partir dos resultados desta pesquisa anterior, as autoras da pesquisa em questão, objetivaram investigar a percepção de jovens universitários, de 19 a 35 anos, do sexo masculino, a respeito da relação existente entre beleza, inserção e manutenção no mercado de trabalho. Esta pesquisa é descritiva que tem como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica e, para coleta de dados, uma entrevista estruturada, elaborada pelas próprias autoras. Portanto, além dos resultados já observados em pesquisa anterior e em pesquisa bibliográfica, as autoras Figueredo e Pinheiro estão em fase de análise e discussão dos resultados da pesquisa em questão.

Palavras-chave: Inserção no mercado de trabalho; jovens universitários, sexo masculino; beleza.

Pesquisador - P

ORG Psicologia Organizacional

CAPACITAÇÃO E QUALIFICAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL: UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO NO ANO DE 2010.. *Autores: (Domingos Salvio Santana** (Técnico Administrativo da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT); Rosa Almeida Freitas Albuquerque** (Professora Assistente I, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso*

,

Os avanços observados nas últimas décadas têm levado as organizações sejam elas públicas ou privadas a buscarem novas formas de gestão com o intuito de melhorar o desempenho, alcançar resultados e atingir a missão institucional para o pleno atendimento das necessidades dos clientes. No Serviço Público Federal estas observações não se diferenciam muito. A partir da década de 90, com as profundas mudanças nos cenários nacional e internacional, o Estado teve a necessidade urgente de buscar novos paradigmas para a Administração Pública Federal. Este artigo propõe demonstrar que a qualificação e a capacitação profissional dos servidores da Universidade Federal de Mato Grosso devem possuir em estreita relação com as políticas de Recursos Humanos do serviço público federal, utilizando- se de planejamento estratégico e políticas institucionais que possibilitem melhores resultados na gestão dos recursos da Instituição. O modelo de gestão pública pressupõe ações planejadas mediante o cumprimento de metas que deverão ser constantemente mensuradas, aumentando as probabilidades de diagnosticar problemas e sugerir aperfeiçoamentos, gerando com isso mais eficiência e qualidade na prestação dos serviços. Para isso desenvolveu-se este estudo na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, analisando o Plano de Desenvolvimentos Institucional, a Política de Recursos Humanos na esfera pública federal e o plano de capacitação desenvolvido na UFMT com o objetivo de verificar o alinhamento das propostas de ações no que diz respeito a capacitação e qualificação dos servidores, sem deixar de lado a realidade institucional. Para o delineamento da pesquisa, contribuíram com o tema: MATOS E MATOS E LERCHE: 2001; Bresser-Pereira (apud Arvate, 2004, p. 12); Graham (1994, p. 19). O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica,e documental e qualitativa. Para a pesquisa documental o suporte teórico foi o Plano Anual de Capacitação dos servidores da UFMT e o Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal de Mato Grosso. Na análise dos dados verificou-se que os dirigentes das diversas unidades da UFMT e os do HUJM, preocuparam-se

mais em preparar o servidor para o cargo competência técnica - sendo que o foco deveria ser o de qualificar os servidores para desenvolver habilidades e competências estratégicas para o desenvolvimento organizacional. Poucos cursos de capacitação, do total desenvolvido, preparam os funcionários para assumirem novas responsabilidades, melhorar o seu desempenho e manter a sua competência face às mudanças de conhecimento e tecnologia.
Palavras-Chave: Capacitação, Qualificação, Gestão Pública.
P - Pesquisador
ORG - Psicologia Organizacional e do Trabalho;

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DO TRABALHO E QUALIDADE DE VIDA PELOS PILOTOS DE AVIÃO..
*Rosa Almeida Freitas Albuquerque** (Professora Assistente I, Departamento de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT); Ávilo Roberto de Magalhães** (Professor Adjunto IV, Departamento de Administração, Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá-MT); Guilherme Andrade de Souza*(Administrador - Universidade Federal de Mato Grosso- Cuiabá-MT),*
A Qualidade de Vida no Trabalho é uma busca de humanização no ambiente corporativo, com o objetivo de alterar suas características, para obter uma maior satisfação do trabalhador e maior produtividade organizacional. A questão da Qualidade de Vida no Trabalho foi encarada, inicialmente, como uma reação individual ao trabalho e, posteriormente, passou a ser uma preocupação dos gestores que passou a possuir uma visão mais global do ser humano. O objetivo desta pesquisa foi analisar na percepção dos pilotos de avião nas diferentes categorias em relação à Qualidade de Vida no Trabalho. O estudo é de caráter exploratório e foi desenvolvida com uma amostra selecionada por acessibilidade com 25 pilotos, no Aeroporto Internacional Marechal Rondon, em Cuiabá, Mato Grosso. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário, com 17 perguntas objetivas, uma subjetiva. A análise foi feita de forma quantitativa e qualitativa. O aporte teórico da pesquisa baseou-se nos seguintes autores: Machado (1996, p.47, apud CHIAVENATO, 2003), Barros e Santos (2002), Limongi-França (2009), Lehdermann et al (2009 apud FISCHER, 2009), Lima (2008, p.17), Moraes et al. (2000, apud AYRES et al, [200-], p.4), Lima (2008), Filho e Moreira (apud LIMA, 2008), (RODRIGUES, apud LIMA, 2008, p.12), (BRUK-LEE e SPECTOR, 2011, apud ROSSI, 2011), (FAJER, 2009). Os dados que 90% dos pilotos são do sexo masculino, brasileiros, mais de 60% possuem mais que 31 anos de idade e 60%, são casados. Através dos resultados da pesquisa, verificou-se que a vocação pela profissão de piloto pode ser um fator determinante na percepção da Qualidade de Vida no Trabalho. Os pilotos, em sua maioria (56%) disseram que não sofrem pressão no trabalho e a totalidade, deles tem autonomia para solicitar manutenções nas aeronaves e até vetar vôos por falta de condições adequadas, A satisfação com o trabalho está presente em 84% dos pilotos entrevistados. Dentre os pilotos da aviação executiva, 72,6% se sentem valorizados em seu emprego; verifica-se que 80% entraram na aviação por vocação, ou seja, por gostar da profissão. 100% dos pilotos disseram que possuem autonomia para solicitar manutenções nas aeronaves. De maneira geral, os pilotos estão satisfeitos com a profissão que desempenham e a carga horária de trabalho é, em média, menor que a carga de trabalho dos brasileiros de modo geral. A reação dos familiares, tanto da aviação executiva quando de linha aérea são de compreensão e satisfação. Fatores desgastantes para o convívio familiar como insegurança não foram citados pelos profissionais. Já a preocupação foi identificada apenas por uma pequena parcela dos pilotos. Conclui-se com o estudo que a Qualidade de Vida dos pilotos de avião é de maneira geral, satisfatória. As companhias aéreas, no entanto, devem melhorar a relação com seus pilotos, já que metade dos aviadores que estão nesse ramo não percebe com clareza a valorização no emprego e que funcionários de uma mesma companhia têm opiniões diferentes sobre um mesmo assunto.

Palavras-Chave: Qualidade de Vida no Trabalho Satisfação - Pilotos de Avião
IC
ORG Psicologia Organizacional e do Trabalho

Sessão Coordenada: **O USO DE PROCEDIMENTOS COM DESENHOS COMO INSTRUMENTOS MEDIADORES DA COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA: CONSIDERAÇÕES DAS IDEIAS PSICANALÍTICAS**

O conhecimento do funcionamento psicodinâmico do indivíduo é imprescindível para a efetivação de seu atendimento psicológico, em especial, quanto ao seu funcionamento global, para que seja proposto o melhor encaminhamento e cuidado oferecido. Para que haja o conhecimento dos psicodinamismos de diferentes populações, uma possibilidade é recorrer ao uso de desenhos, como instrumentos mediadores da comunicação, que facilitam o contato e permitem um conhecimento amplo da personalidade em um curto período de tempo, sem a necessidade de atendimento psicológico prolongado. Alguns dos procedimentos que usam desenhos são: Procedimento de Desenhos-Estória (D-E), Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E) e Procedimento de Desenhos-Estórias com Temas, formas de intermediação comunicativa que não se mostram invasivas. Tal procedimento possibilita a percepção de uma visão global do indivíduo, ou seja, suas dinâmicas intrapsíquicas, intrafamiliares e socioculturais, considerando a dinâmica desenvolvimental e maturação do indivíduo, realizando uma interpretação e intervenção baseadas na abordagem psicanalítica, em particular, partindo das ideias do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott. O grupo de trabalhos envolvidos na proposta desta sessão coordenada trará pesquisas realizadas com crianças, adolescentes e adultos, buscando conhecer os psicodinamismos de todas elas por meio dos procedimentos de desenhos com estórias. O primeiro trabalho se inicia com uma abordagem do potencial clínico e formativo do uso transicional do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, relacionado às primeiras entrevistas feitas por alunos de graduação. Assim, assinala-se um momento particular da formação do psicólogo, que se realiza por meio do atendimento clínico a crianças. Na sequência, o segundo trabalho retrata a análise do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre maternagem, por meio do Procedimento de Desenho-Estória com o Tema. Indo na mesma direção, o terceiro trabalho aborda as especificidades deste mesmo procedimento em situação de entrevista grupal, no intuito de realizar abordagem da pessoalidade coletiva, tendo por base uma investigação desenvolvida sobre as manifestações imaginativas de estudantes de psicologia em relação ao sofrimento psíquico contemporâneo. Pensando no contexto clínico, junto a indivíduos com determinados diagnósticos, o quarto trabalho apresenta dados de uma pesquisa realizada com crianças com tendência antissocial, ou seja, comportamentos desafiadores, no intuito de conhecer seu funcionamento psicodinâmico, por meio do DF-E e, assim, poder propiciar estratégias de intervenção eficazes. Na sequência, tem-se o estudo realizado com adolescentes com transtorno alimentar, buscando conhecer o uso do DF-E no contexto hospitalar. E, por último, apresentar-se-á uma pesquisa desenvolvida com mulheres obesas, entre 30 e 40 anos, cujo atendimento fez uso de mediadores da comunicação, como o D-E, com enfoque interventivo. A técnica foi avaliada por meio do método da livre inspeção, em uma abordagem qualitativa de perspectiva psicanalítica. Assim, o intuito de apresentar tais trabalhos nesta sessão é oferecer conhecimento acerca do uso dos desenhos como instrumentos mediadores da comunicação terapêutica, em especial, inseridos na clínica winnicottiana. Além disso, também é possível refletir sobre os tipos de psicodinamismos envolvidos em pacientes com diferentes patologias, tanto crianças, como adolescentes ou adultos. Com isso, pretende-se propiciar reflexões acerca do uso de tais procedimentos, que podem ser usados em populações de diferentes faixas etárias e comprometimentos diversos, tanto no contexto da universidade, clínico ou no hospitalar, no intuito de oferecer ao indivíduo conhecimento mais aprimorado, possível encaminhamento mais delineado, acolhimento e a experiência do encontro analítico, por meio do fornecimento de holding e a vivência de um ambiente suficientemente bom, oferecido durante a avaliação/intervenção. Tal proposta mostra-se atual e de extrema

relevância, pois, além do acolhimento dado ao paciente e também ao terapeuta, é possível pensar nos psicodinamismos e nas implicações envolvidas nas patologias apresentadas, seja na clientela infantil, adolescente ou adulta. Além disso, é possível mostrar a abrangência do procedimento e sua aplicação como uma maneira possível de realizar estudos científicos e atuar dentro do contexto clínico, da universidade, estendendo-se à comunidade. Para tanto, é de suma relevância a discussão dessas possibilidades de atuação junto ao público, propiciada pelo encontro na Reunião Anual. Os participantes da mesa estão aptos a falar do assunto, pela experiência prática e teórica, além da participação frequente em grupos de estudos sobre o tema. A discussão desta temática trará reflexões acerca de outras possibilidades de atuação do psicólogo clínico, em especial, considerando o uso de instrumentos mediadores da comunicação terapêutica, como o procedimento utilizado.
Psicologia Clínica e da Personalidade

OS DESENHOS COMO INSTRUMENTOS MEDIADORES DA COMUNICAÇÃO NO ATENDIMENTO BREVE PSICANALÍTICO DE MULHERES OBESAS. *Dra. Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*
Uma das patologias de mais alto risco e com graves consequências para a saúde física e mental é a obesidade. Nem sempre os tipos de tratamentos utilizados são eficazes, pois, em geral, as pessoas sentem dificuldade em seguir dietas alimentares e manter atividades físicas. Com isso, a perda de peso não permanece por muito tempo. Pensando em outras modalidades de tratamento, este trabalho objetivou averiguar os psicodinamismos de mulheres obesas e, assim, as possibilidades de auxílio advindas do atendimento breve psicanalítico no tratamento de mulheres com obesidade grau II. Foram realizados cinco estudos de caso com mulheres entre 30 e 40 anos, com Índice de Massa Corporal considerada nível obesidade grau II. Elas foram encaminhadas por uma equipe médica de um Centro de Saúde-Escola. Realizou-se avaliação psicológica em oito sessões, por meio do uso de mediadores da comunicação, como o Procedimento de Desenhos-Estória (D-E), com enfoque interventivo. A técnica foi avaliada por meio do método da livre inspeção, em uma abordagem qualitativa de perspectiva psicanalítica. Dentre os aspectos comuns observados nas mulheres avaliadas, tem-se que todas elas apresentaram experiências iniciais com um ambiente que não se mostrou suficientemente bom, que foi incapaz de prover as necessidades afetivas. A figura materna não foi capaz de acolher as necessidades das mulheres, e ainda não houve auxílio da figura paterna, vista com intensa rigidez, autoritarismo e severidade. A falta de confiança no ambiente familiar pareceu se estender ao convívio social dessas mulheres, em especial, em seus relacionamentos amorosos, considerados insuficientes e até traumáticos. Em diversos momentos foi possível perceber que o outro funcionava como figura provedora de afeto e cuidado, em uma tentativa de substituir o prejuízo advindo das figuras parentais. Nesse sentido, o companheiro era visto como cuidador e não aquele capaz de prover satisfação sexual. Ainda como semelhança, as mulheres apresentaram sentimentos de desvalorização de si e baixa autoestima, recorrendo à submissão ao outro e à busca incessante por agradá-lo para não perder o seu afeto. O alimento era usado como forma de se proteger do contato interpessoal, por receio de sofrerem e não serem amadas, semelhante a uma capa falso self que protegesse o self verdadeiro. Consequentemente, afastavam-se deste convívio e sentiam-se isoladas. A deficiência de provimento das necessidades dessas mulheres na infância acarretou em dificuldade na aquisição da autonomia e quanto à possibilidade de fazer uso pessoal dos objetos, com prejuízos na passagem pela transicionalidade. Durante o atendimento breve psicanalítico, o encontro entre participante/paciente e pesquisadora/terapeuta permitiu que as mulheres se sentissem seguras, confiantes e aceitas, mesmo ao demonstrar seus sentimentos mais hostis em relação ao outro. O fornecimento de

holding e a vivência de um ambiente suficientemente bom, oferecido durante a avaliação/intervenção, permitiram que elas entrassem em contato consigo mesmas, para que, ao conhecer suas próprias necessidades e desejos, pudessem expressá-los sem o perigo de sofrer retaliação ou perder o objeto amado. Finalmente, foi possível oferecer um sentido para o alimento e cada uma pôde fazer uso desta significação em sua vida pessoal.

RABISCO PEDAGÓGICO COM USO DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS COM TEMA NAS PRIMEIRAS ENTREVISTAS CLÍNICAS. *Dra. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro (Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica - Universidade Estadual Paulista Campus de Assis - SP),*

O uso de mediadores dialógicos na clínica psicanalítica winnicottiana deve ser efetivado sempre no encontro da dupla terapêutica e como facilitador de uma comunicação entre esta. Na transicionalidade, portanto é que o uso de mediadores dialógicos faz sentido na clínica, seja com crianças, adolescentes ou adultos. O brincar é possibilitado na transicionalidade e este brincar deve ser a busca de estagiários/terapeutas, facilitada por supervisores clínicos, com uso ou não de materialidades e/ou mediadores dialógicos. A questão que se apresenta neste trabalho é o favorecimento da comunicação entre paciente e estagiário/terapeuta, assim como entre estagiário/terapeuta e supervisor, desde as primeiras entrevistas clínicas. Este trabalho investiga o potencial clínico e formativo do uso transicional do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em primeiras entrevistas realizadas por alunos de graduação e em reuniões de supervisão grupal, concebida como atividade que articula transmissão de conhecimento e holding. Insere-se, portanto, em um particular momento da formação do psicólogo, que se realiza por meio do atendimento clínico a crianças. Pensada a partir do abandono de uma visão positivista e da adoção de um paradigma epistemológico, que privilegia a intersubjetividade, o trabalho se estrutura segundo arquitetura complexa, na medida em que entende o atendimento clínico e a supervisão como práticas indissociáveis. Foram psicanaliticamente examinadas, em próxima interlocução com o pensamento winnicottiano, dezesseis narrativas do uso do Procedimento, elaboradas num período de dois meses letivos, ao longo dos quais dezesseis alunos realizaram vinte e quatro psicodiagnósticos interventivos completos. Duas narrativas são detalhadamente apresentadas neste estudo. O conjunto das análises de duas narrativas selecionadas para este estudo permite afirmar que o uso transicional do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema revela-se heuristicamente valioso por favorecer comunicações emocionais significativas, entre todos os envolvidos, nos contextos do atendimento e da supervisão. No entanto, o uso criativo de mediadores dialógicos na clínica psicanaliticamente orientada não garante, por si, que haja uma comunicação significativa entre a dupla analítica. Assim foi a proposta para que sujeitos/estagiários usassem o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, ou seja, dependendo do encontro e da possibilidade de uso deste, como mediador dialógico e naquele momento único. Nota-se que, em 24 processos psicodiagnósticos interventivos dezesseis estagiários usaram o Procedimento em 16 primeiras entrevistas clínicas. Todos que utilizaram o Procedimento autorizaram seu uso na pesquisa. Apesar de o uso ter sido significativo em termos numéricos, nota-se que houve situações em que o estagiário optou livremente por não usá-lo. Este fato demonstra que se sentiram à vontade para usá-lo livremente, conforme a proposta do supervisor. Este também se surpreendeu com a experiência dos estagiários, pois experimentou uma superação dissociativa por meio da recuperação de um saber vivencial, de um encontro-criação de sentidos a partir da obra winnicottiana, que parece ter ocorrido exatamente quando não estava pensando conceitualmente nisso. A surpresa, portanto, pôde ser vivenciada pelos pacientes, pelos estagiários/terapeutas e também pelo supervisor/pesquisador, na medida em que os Desenhos-Estórias tornaram-se seu rabisco pedagógico.

O IMAGINÁRIO COLETIVO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SOBRE A MATERNAGEM. *Larissa Garcia Ponce ** (Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica-SP), Dra. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro (Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica - Universidade Estadual Paulista Campus de Assis SP),*

Considerando o fato de que a subjetividade individual do profissional de psicologia está indissociavelmente implicada no exercício de sua profissão, este trabalho objetivou refletir sobre as concepções subjetivas sobre maternagem e suas possíveis implicações nas práticas clínicas com crianças, na atualidade. O objetivo principal foi o de analisar, winnicottianamente, o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre maternagem. Em amostra de 25 estudantes ingressantes no curso de psicologia de uma universidade pública foi utilizado o Procedimento de Desenho-Estória com o Tema: Desenhe e conte uma estória sobre uma criança sendo cuidada em seu primeiro ano de vida . Salienta-se que os sujeitos ainda não haviam entrado em contato com teorias psicológicas, apenas com conteúdos introdutórios do curso. Enfatiza-se que, apesar da produção do Procedimento ter sido realizada individualmente, a análise foi do conjunto da produção a fim de apreender as associações do psiquismo grupal para obtenção dos campos psicológico inconscientes, no qual o imaginário coletivo é organizado. Os campos psicológicos predominantes encontrados são: Campo da família perfeita: 5 sujeitos; Campo da mãe/amor que nutre e não pode falhar: 4 sujeitos; Campo da teoria popular: 12 sujeitos; Campo da maternagem não idealizada: 4 sujeitos. Os assuntos abordados nos primeiros três campos revelam uma boa maternagem, com cuidados suficientemente bons efetuados principalmente pela mãe. Esta figura pode ocasionalmente desempenhar vários papéis, tais como se dividir entre os afazeres do trabalho e os relativos à função materna. A família como um todo também foi um tópico presente nas produções, com as associações efetuadas revelando uma família idealizada, amorosa e que se responsabiliza pela formação da criança. Aqui observamos um subcampo imaginário que é: Criança bem cuidada precisa de família unida e com todos os membros . Questões referentes à maternagem insuficiente apareceram no último campo. Os conteúdos emergentes têm relação com falhas parentais e as consequências negativas destes erros à criança. Alguns tópicos destacados pelos sujeitos se referem a rejeição materna, rivalidade fraterna e paterna. Também apareceram nas estórias conflitos na relação mãe-filho como fatores que atrapalham o bom exercício da maternagem, independente de quem a realiza, e prejudiciais ao amadurecimento emocional. Para Winnicott, o processo de humanização do bebê necessita de um cuidado sensível e constante de um cuidador que apresente falhas em pequenas e gradativas doses . Desta forma se pode supor que outros cuidadores, independentemente de gênero, possam também ser mães suficientemente boas . No entanto, a hipótese inicial sobre a atuação dos paradigmas tradicionais de família na atualidade se fez presente no imaginário coletivo apreendido. O pai e outros cuidadores aparecem como secundários e até mesmo como dispensáveis, bem como se observa a ausência de novas configurações familiares. É necessário apontar que, embora este grupo de participantes represente uma pequena amostra da sociedade, se infere que esta possa refletir certa tendência de nossa população nacional. Destaca-se, portanto a relevância deste estudo como fomento de reflexões no meio científico sobre novas configurações de cuidado e família que nos parece indispensável para o exercício de práticas psicológicas libertas de preconceitos.

RECURSOS DIALÓGICOS NA INVESTIGAÇÃO: SUBJETIVIDADE E PSICANÁLISE. *Heloisa Aguetoni Cambuí** (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências de Bauru, Bauru/SP); Carmen Maria Bueno Neme (Prof. Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências de Bauru, Bauru/SP).,*

A psicanálise apresenta em seu bojo um comprometimento clínico-reflexivo acerca da compreensão dos fenômenos humanos. Em sua especificidade, caracteriza-se como um método de investigação que busca revelar as dimensões inconscientes, e delineia-se, também, como uma técnica direcionada ao tratamento psicoterápico, despontando como um conjunto de proposições psicológicas referentes à constituição da subjetividade. A psicanálise, enquanto método investigativo, não restringe a possibilidade de compreensão da experiência humana e se sustenta em pressupostos éticos que permitem revelar a complexidade inerente aos fenômenos investigados. Configura-se, portanto, como um instrumento potencialmente disposto a compreender o campo experiencial humano em suas diversas possibilidades, por meio de diferentes propostas procedimentais. No presente trabalho, pretende-se abordar as especificidades do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em situação de entrevista grupal para a abordagem da pessoalidade coletiva, com base em uma investigação desenvolvida sobre as manifestações imaginativas de estudantes de psicologia em relação ao sofrimento psíquico contemporâneo. Compreendemos que a produção de conhecimento sobre o ser humano configura-se como um fenômeno intersubjetivo, e, sob esse enquadre a investigação acerca do imaginário coletivo viabiliza a captação dos variados significados advindos das experiências específicas dos fenômenos complexos em sua manifestação natural. O acesso a conteúdos inconscientes e a captação do imaginário coletivo por meio do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema é oportunizado pela criação de um espaço apropriado para a expressão subjetiva, realizado sob um enquadre transicional diferenciado, denominado entrevista grupal para abordagem da pessoalidade coletiva. O delineamento do instrumento sustenta-se sob os preceitos do jogo do rabisco e da consulta terapêutica de Winnicott, tratando-se de um recurso mediador dialógico. Por meio da criação de um espaço apropriado para a expressão subjetiva, esse instrumento possibilita a comunicação emocional significativa entre os membros do encontro, o acesso aos conteúdos inconscientes e a captação do imaginário coletivo. A utilização deste instrumento propicia, portanto, a investigação das angústias, defesas e elaborações imaginativa, que tem efeito determinante na constituição e manutenção representacional, além de, permitir o encontro intersubjetivo, a partir do qual esta experiência possibilita a liberação de novas formas de pensar e de agir. Tal procedimento dialógico é passível de ser psicanaliticamente analisado, na medida em que esclarece os pressupostos lógico-emocionais estruturantes das representações que se revelam. A produção de conhecimento sobre o humano configura-se como um fazer intersubjetivo e, sob um enquadre investigativo psicanalítico, o uso de mediadores dialógicos favorece o necessário encontro inter-humano. Viabilizando a emergência de significados advindos das experiências específicas dos fenômenos complexos em sua manifestação espontânea, os mediadores dialógicos mostram-se importantes recursos na busca e produção de conhecimentos na psicanálise e Ciências Humanas em geral.

O FUNCIONAMENTO PSICODINÂMICO DE CRIANÇAS COM TENDÊNCIA ANTISSOCIAL: O USO DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS DE FAMÍLIAS COM ESTÓRIAS. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP),*

A psicopatologia e o atendimento psicoterápico infantil foram abordados por diversos autores, em especial, considerando o uso de formas de expressão da criança, como o brincar. Winnicott ressalta que o brincar é um acontecimento que acontece na área transicional, ou seja, existe uma forma de comunicação entre o mundo interno e externo. Para facilitar esse processo pode-se fazer uso dos desenhos com estórias, que também permitem uma compreensão do funcionamento psicodinâmico infantil. Uma das patologias estudadas pelo psicanalista inglês foi a tendência antissocial, decorrente de um período de de-privação sofrido em detrimento

de insuficientes provisões afetivas. A Tendência Antissocial é caracterizada por comportamentos como desobediência, agressividade, desafios; é um diagnóstico infantil, pois a permanência dos sintomas após os dezoito anos altera o diagnóstico para Transtorno de Personalidade Antissocial. Sua etiologia é atribuída a fatores genéticos associados a desencadeadores ambientais, particularmente o relacionamento familiar. Este trabalho apresenta a pesquisa desenvolvida com 10 meninos de 7 a 12 anos, que apresentavam tendência antissocial, comparados a 10 meninos sem dificuldades psicológicas, aspectos conhecidos por meio do Strengh and Difficulties Questionnaire. Fez-se uma comparação entre os dois funcionamentos, a fim de verificar as peculiaridades dos psicodinamismos de crianças com comportamentos desafiadores. Para tanto, foi realizada avaliação psicológica com o uso do Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E). As crianças com tendência antissocial demonstraram particularidades na percepção da dinâmica familiar em comparação aos outros meninos. Também foi possível observar diferenças na qualidade da percepção das figuras materna e paterna: as crianças desafiadoras perceberam a figura paterna como ambivalente, não desempenhando sua função satisfatoriamente, com atributos positivos e negativos; a figura materna foi vista como positiva, desempenhando sua função de forma satisfatória e apresentando características positivas. Já o outro grupo, percebeu a figura paterna também como ambivalente, mas conseguindo desempenhar suas funções de maneira satisfatória; a figura materna foi vista por metade das crianças como positiva e pela outra metade como ambivalente, também com desempenho satisfatório de sua função. De maneira geral, os meninos com tendência antissocial apresentaram uma autoimagem preservada, com características positivas; suas necessidades predominantes referiam-se à busca por auxílio no controle dos impulsos, por afeto (por parte dos pais), proteção, diversão, inclusão e aceitação na família. Estas necessidades eram atendidas de maneira parcial, o que confirma a presença de conflitos entre a criança e os pais. Os meninos sem dificuldades psicológicas também apresentaram autoimagem positiva, atribuindo-se características como harmonioso, feliz, amoroso, legal, concomitante a atributos negativos, como solitário, rígido, arrependido. Em relação às necessidades expressas, houve predomínio de ser amado e acolhido em sua espontaneidade, de união familiar, independência protegida e proximidade com a mãe, que eram atendidas de forma parcial. Assim, as principais características passíveis de diferenciar o funcionamento psicodinâmico dos dois grupos foram quanto à natureza das necessidades e angústias (mais primitivas nos meninos desafiadores) e, por consequência, as defesas usadas. Consequentemente, é possível pensar em formas estratégicas de intervenção com meninos que apresentam condutas desafiadoras, oferecendo-lhes um ambiente suficientemente bom por meio do holding e cuidado afetivo.

USO DO DESENHO DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS COMO PROCEDIMENTO DE INVESTIGAÇÃO CLÍNICA EM PAIS DE ADOLESCENTES COM ANOREXIA NERVOSA. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

A dinâmica familiar de pessoas com Transtornos Alimentares (TA) é consistentemente apontada na literatura como um dos fatores desencadeadores/ mantenedores desses quadros psicopatológicos. O relacionamento mãe-filha no contexto do TA é marcado pela dificuldade de estabelecimento de limites claros, caracterizando uma relação invasiva. A inserção da figura paterna nessas famílias é pouco referida. Todavia, sabe-se que o pai tem papel importante na constituição da identidade das filhas. Por esse motivo, para compreensão dos TA, são relevantes investigações que tematizem a figura paterna. O presente estudo objetivou investigar a inserção da figura paterna na dinâmica de famílias que têm filhas com TA, a partir da perspectiva do pai. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e Desenho de Família com Estórias (DF-E) em três pais de adolescentes com Anorexia Nervosa. A

estratégia metodológica utilizada foi o estudo de caso. O DF-E é um instrumento gráfico projetivo, escolhido por permitir detectar conteúdos e processos emocionais inconscientes e conscientes que dizem respeito às relações que o sujeito estabelece com seu universo familiar. Os resultados mostraram que os pais exibiram resistência na elaboração dos desenhos e das histórias, todavia, isto não os impediu de responderem ao instrumento. Essa dificuldade foi percebida concretamente, de acordo com o relato dos pais, como indicativa de não terem habilidades específicas de desenhar, porém, sugere dificuldade de entrar em contato com emoções despertadas pela proposta de aproximação com a temática relações familiares . Na entrevista, os pais sentiram-se mais à vontade e verbalizaram com clareza sobre os sentimentos em relação à família e à filha acometida. Nas histórias, os personagens eram os próprios familiares e foram produzidos relatos corriqueiros do cotidiano familiar, evidenciando dificuldades de se engajar no jogo imaginativo. No Desenho da Família que Gostariam de Ter repetiram o Desenho de suas Famílias: a família que eu gostaria de ter é a minha . Um dos pais, ao desenhar a Família em que Alguém não Está Bem, representou graficamente apenas sua mãe, que é deficiente física, excluindo do contexto da doença os outros membros, como a filha com Anorexia. Pode-se pensar na necessidade de apresentação de uma família idealizada, que destoa das dificuldades encontradas antes e depois do surgimento do TA. Esses dados sugerem um envolvimento afetivo restrito da figura paterna com os outros membros da família, não somente com a filha doente, mas também com a esposa. As dificuldades encontradas para aplicação do DF-E, dada a resistência dos pais, podem ser vistas como uma limitação para a utilização do instrumento nesse contexto. Por outro lado, corrobora a literatura sobre as relações familiares nos TA: pais que, aparentemente, são apoiadores (como se apresentaram no decorrer das entrevistas), nos momentos de maior dificuldade e exigência emocional mostram-se evasivos (como se pôde perceber a partir do desempenho na técnica projetiva). A técnica projetiva exige maior grau de regressão e contato com emoções mais arcaicas, suscitando o uso inconsciente de defesas mais regredidas, que aparecem sob a forma de resistências à tarefa. Essas particularidades devem ser consideradas na aplicação do instrumento.

Sessão Coordenada: **OS DIFERENTES CONTEXTOS DA PARENTALIDADE**

A parentalidade pode ser exercida de diferentes formas de acordo com o contexto em que está inserida. Múltiplos fatores podem afetar o relacionamento pais-bebê, como a questão da depressão pós-parto, o contexto da prematuridade, as gestações em que a mãe está afetada pelo vírus HIV, a questão da monoparentalidade das famílias de mães solteiras, assim como a questão da qualidade da assistência pré-natal. A peculiaridade de cada contexto será explanada por cada uma dos pesquisadores que fazem parte dessa proposta, mas em comum há ênfase na promoção da saúde e do bom desenvolvimento das relações iniciais pais-bebê.
Psicologia da Saúde

PARENTALIDADE NO CONTEXTO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO. *Giana Bitencourt Frizzo, Cesar Augusto Piccinini, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS)*
Milena da Rosa Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS)
Aline Grill Gomes (Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicanálise- IEPP, RS)
Cristiane Ajnamei dos Santos Alfaya (Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Ba)
Daniela Delias de Sousa (Universidade Federal de Rio Grande, RS)
Evanisa Helena Maio de Brum (Curso de Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha, CESUCA, RS)

,

Palavras-chave: depressão pós-parto, família, parentalidade
Nível: P
SAÚDE - Psicologia da Saúde

O papel exercido pela depressão pós-parto tem sido abordado por inúmeras investigações nas últimas décadas, devido às evidências de que o estado depressivo da mãe pode repercutir negativamente no estabelecimento das primeiras interações com o bebê e, em conseqüência, no desenvolvimento afetivo, social e cognitivo da criança, bem como no relacionamento com o pai do bebê. Inicialmente serão apresentadas as características da depressão pós-parto, com destaque para sua incidência no contexto brasileiro e internacional, assim como os principais fatores de risco associados a esse transtorno. A seguir, serão revisados aspectos da maternidade e da conjugalidade nesse contexto, uma vez que esse transtorno tem sido associado a inúmeras dificuldades nos relacionamentos interpessoais da mãe deprimida. A paternidade nesse contexto também será examinada, a fim de explicitar o papel do pai, particularmente como fonte de apoio à mãe deprimida. Após, será abordado o impacto da depressão pós-parto no bebê, especialmente com relação ao seu desenvolvimento emocional. Por fim, destacam-se as várias abordagens que compõem o panorama atual da psicoterapia pais-bebê, que tem sido muito utilizada no tratamento dos distúrbios nas relações iniciais pais-bebê, com resultados positivos na melhora dos sintomas depressivos maternos e dos relacionamentos da mãe com o bebê, com o marido, com a família de origem e consigo mesma.

PARENTALIDADE NO CONTEXTO DO NASCIMENTO PRÉ-TERMO: A IMPORTÂNCIA DAS INTERVENÇÕES PAIS-BEBÊ. *Lígia Braun Schermann (Curso de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, ULBRA-Canoas, RS)*
Evanisa Helena Maio de Brum (Curso de Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha, CESUCA, RS)

,

Palavras-chave: prematuridade, família, parentalidade
Nível: P

SAÚDE - Psicologia da Saúde

Os rápidos avanços científicos e tecnológicos nos cuidados dos recém-nascidos internados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), bem como o desenvolvimento da tecnologia de reprodutividade assistida, permitiram uma diminuição de óbitos neonatais e um aumento da incidência de nascimentos múltiplos, prematuros e de baixo peso. Em Porto Alegre, RS, os óbitos neonatais, diminuíram de 20 para 7,4 óbitos a cada 1.000 nascidos vivos nos últimos 25 anos. Inversamente, a incidência de nascimentos prematuros passou de 8,2% dos nascidos vivos, em 1999, para 10,3% dos nascidos vivos em 2005. Este panorama configura-se como uma realidade brasileira e mundial, caracterizando uma transição epidemiológica. Nesse sentido, os esforços, antes investidos na busca da sobrevivência dos bebês prematuros, passam a focar a qualidade desta sobrevivência, tanto no que se refere ao desenvolvimento infantil propriamente dito, como à busca de condições que auxiliam a parentalidade nesse contexto. O nascimento pré-termo está invariavelmente associado à imagem de um bebê pequeno e frágil, nascido antes do tempo. Esta imagem estende-se, na atualidade, a dois adultos, aos quais foi conferida a parentalidade antes de estarem prontos para tal e, provavelmente, com mais estresse e ansiedade do que o usualmente esperado. Conforme o modelo bidirecional da interação social, interações satisfatórias entre os pais (cuidadores primários) e seu bebê são mediadas por sentimentos mútuos de eficácia. Nesse modelo, o bebê saudável é visto como competente e capaz de prover experiências contingentes aos pais através de comportamentos legíveis, preditivos e responsivos. Estas qualidades ajudam os pais a entender os sinais do bebê e a intervir de forma sensível e eficaz, gerando um ciclo de interações gratificantes. A interação cuidador-criança é, portanto, considerada como um processo ativo, estruturada dentro de uma mutualidade de comportamentos do cuidador e da criança. No caso do nascimento pré-termo, muitos fatores podem afetar esse processo como o comportamento particular das crianças nascidas pré-termo, o seu estado de saúde, a necessidade de ajustamentos psicológicos dos pais e as dificuldades de estarem em contato com seu filho quando ele se encontra na Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal. Nesse contexto, é esperado que os pais realizem vários ajustes para poderem lidar com o seu bebê. Esses ajustes dizem respeito tanto a aspectos emocionais, quanto ao reconhecimento e cuidado do bebê, e podem ser mediados através de programas de intervenção. Com base nessas questões, o objetivo do presente trabalho é revisar condições que promovem a vivência favorável da parentalidade no contexto do nascimento pré-termo, especialmente os programas de intervenção precoce.

A REVELAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE SOROPOSITIVIDADE PARA HIV ENTRE MÃES ADOLESCENTES SOROPOSITIVAS. *Daniela Centenaro Levandowski/UFCSPA, Lara Monteiro Schuck*/UFCSPA, Gabriela Nunes Maia*/UFCSPA, Aline Assmann Ruas Munhós*/UFCSPA, Luciana Castoldi/UNISINOS, Maria Cristina Canavarro/Universidade de Coimbra, Marco Daniel Pereira/Universidade de Coimbra ,*

Apoio Financeiro: CNPq, FAPERGS. Lara Monteiro Schuck é bolsista PIBIC CNPq; Daniela Centenaro Levandowski é Bolsista PQ CNPq.

Palavras-chave: adolescência, maternidade, soropositividade, revelação, diagnóstico

Nível do trabalho: P

Área da Psicologia: SAÚDE

O diagnóstico de soropositividade para HIV é uma questão médica, mas também social, pois ainda se percebe um estigma associado à infecção. Tal fato muitas vezes impede a revelação do diagnóstico até mesmo para a família. Medo da rejeição, discriminação e estigmatização são apontados pela literatura como razões para a não revelação desse diagnóstico. Além da

possibilidade de perda de emprego, do lar ou rejeição, essa revelação implica também desvelar segredos ocultos, como uma traição. Pode ainda se associar a outras fantasias relativas à vida sexual do indivíduo, gerando sofrimento. Embora a não revelação possa ser mantida em algumas situações, no caso de uma gestação a sua manutenção fica dificultada diante da não amamentação do bebê ou da necessidade de administração de medicamentos. Esse estudo apresenta uma análise preliminar de dados coletados com mães adolescentes soropositivas sobre a revelação do diagnóstico de soropositividade para HIV, derivados do projeto Avaliação e Intervenção com Mães Adolescentes Soropositivas: Focalizando a Saúde Mental, a Adesão ao Tratamento e a Relação com o Bebê . Quatro adolescentes (17 a 19 anos, nível socioeconômico médio-baixo) foram entrevistadas em serviços de saúde de Porto Alegre, a partir do terceiro mês do bebê. Nenhuma trabalhava e três estudavam. Todas moravam com o atual companheiro, que, em um dos casos, não era o pai do bebê. A causa provável de contaminação foi sexo desprotegido; para duas delas, o transmissor foi o pai do bebê. A partir da transcrição das entrevistas, foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa das respostas das adolescentes às questões: A sua família sabe que você é HIV+? , Como foi a reação dos seus familiares ao saberem? , A sua relação com a sua família foi afetada pelo fato de você ter HIV? , Caso eles não saibam, você pensa em contar para eles? Por quê? . Três participantes afirmaram o conhecimento de algum familiar sobre o seu estado sorológico, havendo tanto aceitação como reação negativa à notícia. Dentre os familiares que conheciam o diagnóstico, a mãe foi mais frequentemente mencionada, seguida do pai. Já dentre os que não o conheciam, foram mencionados irmãos e pai. Todos os parceiros conheciam o diagnóstico e o aceitavam. As participantes que revelaram o diagnóstico para algum familiar referiram melhora no relacionamento com este, especialmente mais apoio e união. Contrariamente, o desconhecimento do diagnóstico pela família dificultou o auxílio para o tratamento de saúde. A aceitação pessoal da soropositividade foi considerada condição necessária para a revelação. Esses achados permitem vislumbrar a complexidade do processo de revelação e a necessidade de acompanhamento dessas mães adolescentes pelos profissionais, para a facilitação desse processo, que, no presente estudo, trouxe ganhos em termos de apoio. Devido à importância do apoio familiar para a adolescente no enfrentamento das diversas demandas relacionadas à doença e à maternidade, faz-se necessário abordar o tema nas consultas e intervir junto às famílias neste momento crítico. A melhora nos relacionamentos após a revelação pode favorecer a adesão das adolescentes ao tratamento de saúde pessoal e do bebê, merecendo novas investigações.

FAMÍLIAS DE MÃE SOLTEIRA. *Angela Marin (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS)*
Cesar Augusto Piccinini (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto aLegre, RS)

,

Palavras-chave: família; mães solteiras; desenvolvimento infantil.

Pesquisador P

FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

Em muitas das sociedades contemporâneas ocidentais co-existem, atualmente, diversas configurações familiares sujeitas a transformações psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Entre essas novas configurações, as famílias uniparentais, que possuem, na maioria dos casos, a mãe como progenitor responsável, têm aumentado em proporção. Isso está ocorrendo em função tanto dos altos índices de divórcio, quanto da opção de mulheres por terem um filho/a enquanto solteiras. As famílias de mães solteiras tendem a exigir intensos recursos adaptativos, visto que aspectos relacionados à ausência do pai têm sido apontados

como importantes para o desenvolvimento familiar e, conseqüentemente, para a criança. Estudos têm indicado que o pai tem uma influência tanto direta sobre o desenvolvimento de seus filhos/as, provendo as bases para as relações sociais, quanto indireta, através do apoio dado à mãe. A presença do pai também tende a potencializar a vivência mais rica e afetiva da interação da mãe com a criança. Nesse sentido, o presente estudo visa apresentar as eventuais implicações de ser mãe solteira e como esta configuração familiar tem sido abordada pela literatura nacional e internacional. Algumas pesquisas têm mostrado que a criança pode se desenvolver sem prejuízos em lares de mães solteiras, mas em oposição a estes, parte expressiva da literatura aponta para as implicações negativas destas configurações, especialmente em relação às suas características sociodemográficas, psicológicas e sociais. Apesar da inconsistência de achados, é possível pensar que, no caso das famílias de mães solteiras, a ausência do pai pode ser compensada pela dedicação das mães ou por outros fatores como o apoio social de avós, parentes e amigos, o que pode substituir, ao menos parcialmente, o papel do pai. Assim, acredita-se que a ausência do pai não traz, necessariamente, conseqüências negativas para a maternidade e a interação familiar e expectativas a esse respeito podem ser meros preconceitos. Por fim, é importante ressaltar que a maternidade envolve uma situação subjetiva que acaba não dependendo, necessariamente, da configuração da família. Existe uma série de outros fatores familiares (atitudes e comportamentos maternos, ausência do pai), sociais (nível socioeconômico, escolaridade da mãe, rede de apoio social, prestígio profissional) e emocionais (aspectos subjetivos, estresse, depressão) que podem afetar, diferentemente, a dinâmica e o funcionamento familiar. Portanto, as necessidades das crianças podem ser supridas por uma variedade de rearranjos sociais, pois o que parece ser mais importante é que todos aqueles que contribuem para o desenvolvimento das crianças tenham recursos emocionais, sociais e materiais adequados para este fim.

PERCEPÇÃO DE GESTANTES ACERCA DA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL, SEUS SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS QUANTO AO PREPARO PARA O PARTO. *Natalia Almeida Tostes** (Universidade de Brasília, Brasília/DF); Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília, Brasília/DF),*

**Bolsista do CNPq.
assistência pré-natal; gestantes; preparação para o parto
M- Saúde

A gestação e o parto são experiências significativas para a maior parte das mulheres, podendo trazer consequências para o puerpério e influenciar suas concepções e vivências como mulheres, mães, companheiras. Estudos apontam que as expectativas de gestantes influenciam nas vivências relacionadas ao parto e à maternidade, destacando a necessidade atual de melhor preparação das gestantes e dos casais para esses momentos. Políticas públicas de saúde e o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento no Brasil vêm destacando a forte tendência à medicalização no parto, além dos riscos que intervenções desmedidas e a primazia da tecnologia podem causar à mulher e ao bebê. Recomenda-se hoje maior foco nas relações interpessoais e na humanização da atenção pré, peri e pós-natal. Esta pesquisa teve por objetivo investigar as expectativas de mulheres primigestas sobre o parto e suas percepções acerca da assistência pré-natal oferecida em serviços da rede pública de Brasília (DF). Focalizou-se, assim, a preparação para o parto, sentimentos e expectativas das mulheres para a chegada desse momento. Trata-se de estudo descritivo com metodologia qualitativa, de caráter exploratório, feito por meio de entrevistas com gestantes em duas unidades de saúde da rede pública. Participaram 18 mulheres primigestas em acompanhamento pré-natal que estavam no terceiro trimestre de gestação. A média de idade foi de 24 anos (dp=5,5 anos),

variando de 18 a 40 anos. As entrevistas foram realizadas, após consentimento das gestantes, nas próprias unidades de saúde onde faziam o pré-natal. O tratamento dos dados foi feito com base em procedimentos da análise de conteúdo. Foram identificados 14 eixos temáticos, havendo a nomeação e a contagem da frequência de categorias para cada eixo. Como principais resultados, destacaram-se: as vivências referentes à descoberta da gestação como um susto e sua relação com a gravidez não planejada; a diversidade de dificuldades relatadas pelas participantes, advindas das vivências da gravidez; as expectativas relacionadas ao parto, em geral bastante negativas, perpetuando ideias de um momento de medo, dor e sofrimento, que pode trazer riscos para a mulher e para o bebê; os relatos de sentimentos de despreparo e falta de confiança para vivenciar os momentos de trabalho de parto e parto. Pôde-se constatar demanda por mais informações e ações educativas sobre temas da gestação, em particular o parto, bem como a necessidade de maior apoio psicoemocional às gestantes em geral percebido como insuficiente no acompanhamento pré-natal, segundo relatos das entrevistadas. São feitas sugestões para a contribuição de profissionais da psicologia nesse cenário, particularmente associadas a ações interdisciplinares da equipe de saúde ao longo de todo o pré-natal. Entende-se que, ao compreender melhor a realidade do pré-natal e do parto, pode ser possível melhorar sua qualidade tanto no âmbito das vivências das mulheres e casais gestantes, quanto no campo da saúde pública e das recomendações do Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento. Dessa forma, pode-se favorecer a implementação da atenção integral e humanizada no pré-natal, parto e nascimento que, ainda hoje, esbarra em dificuldades para sua consolidação.

Sessão Coordenada: **Pesquisas com o CBCL no Brasil**

O Child Behavior Check List (Inventário de comportamentos da infância e adolescência) é um instrumento utilizado internacionalmente para avaliar o comportamento de crianças e adolescentes desde a perspectiva dos pais. Tem se mostrado útil para avaliar o desenvolvimento típico e para investigar problemas de comportamento nessas faixas etárias. As publicações brasileiras já são em número significativo em periódicos nacionais e estrangeiros e essa sessão de comunicaçãos evidencia as últimas pesquisas levadas a efeito com o instrumento em várias regiões do país.
Avaliação Psicológica

PERCEPÇÃO DE PAIS E MÃES ADOTIVOS EM RELAÇÃO AOS SEUS FILHOS ADOTIVOS. *Andrea Kotzian Pereira**, Rafaele Medeiros*, Maria Lucia Tiellet Nunes (Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*

A literatura brasileira sobre os pais adotivos aponta alguns fatores que não contribuem para uma adoção bem sucedida, dentre estes o despreparo, por parte destes pais, para receber e acolher seu filho adotivo. Somado a este aspecto, também existe o preconceito em relação à origem do filho adotivo, podendo isso interferir na forma como os pais adotivos percebem seu filho. Estudos científicos, sobre esta temática, são escassos e muitas conclusões são baseadas em relatos de atendimentos clínicos e de experiências pessoais. Faz-se necessário, dessa forma, averiguar se a percepção dos pais adotivos frente aos seus filhos adotivos difere da percepção dos pais biológicos diante dos seus filhos biológicos. Para tal análise, foi utilizado o instrumento Child Behavior Check-List-CBCL, que é um questionário destinado aos pais ou aos responsáveis para que respondam questões referentes aos aspectos sociais e comportamentais de seus filhos. Os itens do questionário listam uma série de comportamentos desejáveis e disruptivos e, para cada um deles, é marcada a frequência com que esses problemas ocorrem. A presente pesquisa foi realizada junto aos pais de crianças adotivas e biológicas que são atendidas em duas clínicas-escolas de Porto Alegre. Foram analisados questionários CBCL de 50 pais, sendo 25 de pais/mães adotivos e 25 de pais/mães biológicos, emparelhados por sexo e idade. A idade das crianças se encontra compreendida na faixa etária de seis a 10 anos, com a maior concentração na idade de 9 anos (28%). Os resultados indicam que não existem diferenças significativas, do ponto de vista estatístico, entre a percepção dos pais adotivos em relação aos seus filhos e a percepção dos pais biológicos frente aos seus filhos biológicos (p=0,268 para problemas internalizantes e 0,737 para problemas externalizantes). Os resultados são discutidos à luz da literatura psicanalítica na temática da adoção, dos pais adotivos e do desenvolvimento infantil. A partir dos dados obtidos, busca-se desmistificar a idéia de que os pais adotivos apresentam preconceitos em relação aos seus filhos pela condição da adoção.

CAPES/CNPq
Palavras-Chave: Adoção, Pais Adotivos, CBCL
M/IC/P
CLIN

COMPORTAMENTOS E PROBLEMAS DE SONO AVALIADOS PELO CHILD BEHAVIOR CHECKLIST (CBCL). *Renatha El Rafihi Ferreira**, (Programa de Pós-Graduação Psicologia Clinica, Instituto de Psicologia-USP), Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Instituto de Psicologia, USP), Maria Laura Nogueira Pires (Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Unesp-Assis), Cynthia Borges de Moura (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e Francisco Assumpção Jr (Instituto de Psicologia, USP).*

,
Problemas de sono são frequentes na infância, afetando cerca de 25% a 40% da população infantil. Dentre os problemas de sono, a insônia comportamental é o distúrbio de sono mais comum entre as crianças. A insônia comportamental tipicamente é observada em crianças de zero a cinco anos, embora possa persistir em idade escolar e na adolescência. Os distúrbios de sono na infância podem causar prejuízos nas crianças e em seus familiares. Estudiosos apontam que a má qualidade de sono na infância pode prejudicar a funcionalidade diurna e afetar aspectos cognitivos, comportamentais, emocionais e acadêmicos da criança. Pesquisadores apontam uma possível associação entre distúrbios de sono e problemas de comportamento. Partindo da hipótese que número considerável de crianças em idade pré-escolar apresenta problema de sono, o objetivo do presente estudo foi investigar a presença de problemas de sono em crianças pré-escolares e suas relações com problemas internalizantes e externalizantes avaliadas pelo Child Behavior Checklist (CBCL). Participaram do estudo 83 mães de crianças (58 meninos e 25 meninas) com idade entre dois e cinco anos. As mães participantes foram chamadas para uma sessão de triagem na qual assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam às questões do CBCL - versão 1½ a 5 anos. Para análise de dados foram realizadas análises descritivas (proporções, médias e desvio padrão) e comparações entre grupos foram feitas com ANOVA de uma via, seguida pelo teste de comparações múltiplas de Duncan, quando apropriado. Medidas de associação entre exposição (problemas de sono) e desfecho (problemas internalizantes e externalizantes) foram feitas por meio do cálculo da razão de prevalência (RP). Os resultados demonstraram que 29% (n=24) das crianças atendiam aos critérios para Problemas de Sono (escores T igual ou maior que 65). Dentre os problemas, foi observado em alta frequência o fato da criança não querer dormir sozinha, apresentar problemas no momento de dormir, resistir ir para cama e despertar várias vezes durante a noite. O presente estudo demonstrou associação entre problemas de sono e problemas de comportamento. O cálculo da razão de prevalência demonstrou que crianças com problemas de sono tem chances 40% maiores de apresentarem problemas internalizantes (RP = 1,4; IC 95%= 1,14-1,67) e externalizantes (RP = 1,4; IC 95%=1,07-1,73) em comparação com as que não apresentam dificuldades com o sono. Este dado sugere que problemas de sono podem constituir-se como fator de risco ou mesmo agravar outros problemas de comportamento. O presente estudo demonstrou que problemas de sono são frequentes em crianças pré-escolares e que estão associados com problemas de comportamento internalizantes e externalizantes.

CNPq
Palavras-chave: Problemas de sono; Problemas Internalizantes; Problemas Externalizantes; Child Behavior Checklist (CBCL).
DR/P
CLIN

PERCEPÇÃO DE PAIS E MÃES ACERCA DE SEUS FILHOS GÊMEOS. *Elisa Bochernitsan*, Cristiane Friedrich Feil, Erika Jeckel, Maria Lucia Tiellet Nunes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

,
A origem gemelar é intrigante para a ciência, que não consegue justificar a divisão de um óvulo em dois seres semelhantes. Com o avanço da medicina, no caso da reprodução assistida, a gemelaridade tem se tornado mais freqüente. Entretanto, são poucas as pesquisas que versam sobre o assunto da gemelaridade, embora exista muita procura por esse tema de importância social e carente de aprofundamentos teóricos. O nascimento de gêmeos apresenta desafios

específicos para aqueles que vivenciam esta situação - os próprios gêmeos, os pais, irmãos, amigos, entre outros. Estudos realizados com gêmeos demonstram que os pais de gêmeos normalmente despendem um trabalho com carga maior para dar conta dos filhos, assim como problemas econômicos conseqüentes. Também é salientada as dificuldades desses pais, pois quando se atende a um dos filhos, o outro pode se sentir menos valorizado. As diferenças de comportamento e temperamento de cada um dos filhos vai se tornando mais clara aos poucos, mas será através da diferenciação do pai e, principalmente da mãe, que, em geral, convive mais tempo com as crianças, que os filhos poderão também conhecer e aceitar suas diferenças e características individuais. O presente estudo tem por objetivo verificar se há diferença na percepção dos pais e mães sobre o comportamento dos filhos gêmeos, no tocante ao grupo de gêmeos assinalados pelos pais e mães como semelhantes ou diferentes. Os sujeitos foram 75 casais, pais de filhos gêmeos entre um ano e meio até 13 anos de idade, de todo o Brasil. Os instrumentos utilizados foram o CBCL 1 ½ até 5 anos e 6 a 18 anos, respondido individual e separadamente pelo pai e pela mãe, para cada um dos gêmeos. Foi calculado o T de Student para amostras independentes em relação aos comportamentos internalizantes, externalizantes e comportamento total. Os resultados não foram significativos nem para o pai nem para a mãe no comportamento externalizante (mãe, p=0,595; pai, p=0,769) e no comportamento total (mãe, p=0,339; pai, p=0,318); no tocante ao comportamento internalizante, houve diferença significativa para as resposta do pai (p=0,023), mas não para as respostas da mãe (p=1,188). A estabilidade psíquica dos gêmeos só pode acontecer quando eles conseguem transitar e afirmar suas diferenças; é possível o desenvolvimento de gêmeos com identidades próprias bem definidas e maduras. Estudos mostram como resultado que para os comportamentos internalizantes e externalizantes não há diferença significativa entre os gêmeos monozigóticos e dizigóticos do mesmo sexo, compostos tanto por duplas de meninos como de meninas, assim como para as avaliações de pais e mães.
Palavras-chave: CBCL, Gêmeos; Pais e Mães.
M/P
TEP/DES

INDICADORES DE COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS AVALIADOS ATRAVÉS DO CBCL. *Juliane Callegaro Borsa** e Denise Ruschel Bandeira (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFRGS, RS, Brasil),*
O comportamento agressivo é definido como a conduta que visa a prejudicar ou causar dano físico ou psicológico a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Trata-se de um problema comum na relação entre crianças e adolescentes e frequentemente relatado nos consultórios e nas clínicas-escola de Psicologia. O comportamento agressivo, quando intenso e persistente, pode trazer sérias consequências ao longo do desenvolvimento, tais como problemas de interação, ansiedade, depressão e atitudes opositoras. Instrumentos padronizados têm sido comumente utilizados para avaliar os comportamentos agressivos ocorridos em crianças e adolescentes. Um dos instrumentos para essa finalidade é o Child Behavior Checklist (CBCL) - instrumento baseado nos critérios nosológicos do DSM-IV, que tem como objetivo avaliar o grau de competência social e a presença e intensidade de problemas comportamentais de crianças e adolescentes. O CBCL fornece informações sobre os problemas de comportamento comuns de crianças e adolescentes, a partir do ponto de vista dos pais ou responsáveis. Classifica os problemas de comportamento em externalizantes e internalizantes, de acordo com a frequência dos relatos ante os diferentes tipos de problemas. Os comportamentos externalizantes são avaliados a partir de duas escalas-síndrome: Comportamento Agressivo e Comportamentos Opositores. Este estudo teve por objetivo testar a associação entre a Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL com duas outras medidas correlatas: O Questionário

de Comportamentos Agressivos e Reativos entre Pares - Q-CARP e a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens EACJ ambas medidas de autorrelato. Participaram do estudo 727 crianças (52% meninos), de 8 a 13 anos, estudantes de 2ª a 5ª série do ensino fundamental, de escolas públicas e privadas do Rio Grande do Sul, Brasil. Participaram, também, os pais, mães e cuidadores destas crianças, os quais responderam ao CBCL. Foram realizadas análises de correlação entre a Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL, o Questionário de Comportamentos Agressivos e Reativos entre Pares - Q-CARP e a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens EACJ. Os resultados indicaram correlação positiva e significativa da Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL e a Escala de Comportamento Agressivo (ECA) e Escala de Reação Agressiva (RA) do Q-CARP. Do mesmo modo, apresentou correlação positiva e significativa com a Escala de Comportamento Agressivo na Família e com a Escala de Comportamento Agressivo na Escola da EACJ. Tais achados apontam que a Escala de Comportamentos Agressivos do CBCL é uma medida sensível para avaliar a presença destes comportamentos em crianças, sendo, assim, uma medida útil para screening, tanto no contexto clínico, como no contexto de pesquisas.

CNPq
Palavras-Chave: Comportamentos Agressivos, Avaliação, CBCL, Crianças.
D/P
TEP

TRANSCORRER DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: ETAPA DE ESTUDO LONGITUDINAL QUANDO OS FILHOS CHEGAM À ADOLESCÊNCIA. *Nancy Ramacciotti de Oliveira-Monteiro (Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP)*

,

Com desafios teórico-metodológicos para compreensão dos fenômenos da gravidez e maternidade de adolescentes, em contextos socioambientais de vulnerabilidade por pobreza e/ou proximidade de territórios permeados por criminalidade e tráfico de entorpecentes, vem se realizando estudo psicossocial longitudinal com oito díades (mães/filhos primogênitos nascidos na adolescência), acompanhadas desde 1997. Aspectos de desenvolvimento estão sendo considerados com uso da teoria ecológica do desenvolvimento. A primeira etapa do estudo aconteceu quando os filhos das mães adolescentes tinham menos de cinco meses; etapas subsequentes ocorreram aos três anos e meio das crianças e quando estavam com 10 anos. A atual etapa do seguimento acontece aos 14 anos do nascimento das crianças. Como estudo de caráter longitudinal, o objetivo do trabalho refere-se à atualização e comparação dos dados psicossociais com os três estudos realizados anteriormente. Os objetivos específicos são avaliar aspectos pessoais e ambientais do desenvolvimento das díades, incluindo: condições de cotidiano; relações mãe/filho(os) com o pai do filho primogênito, na manutenção, construção ou reconstrução de família; trajetória escolar e profissional; condições gerais de desenvolvimento e segurança do filho primogênito, incluindo avaliações relativas a recursos de competência e de indicadores de problemas psicológicos e comportamentais; proximidade ou experiência de situações de risco, de condutas marginais, uso e dependências de drogas ilícitas, situações de exclusão. Os instrumentos utilizados foram: 1) observação de moradias e de seu entorno; 2) Critério Brasil; 3) entrevistas de discurso livre autobiográfico; 4) ASR (Adult Self-Report), YSR (Youth Self-Report) e CBCL (Child Behavior Check List). Após buscas para reencontro, as oito mães foram localizadas, e sete manifestaram interesse para continuidade na pesquisa. Para obtenção de validade ecológica no estudo, anteriormente, os encontros para levantamento dos dados ocorreram nas próprias residências, em três a quatro visitas com intervalo aproximado de uma semana entre os

encontros. O material das entrevistas foi tratado por análise qualitativa, com utilização de referências dos eixos temáticos considerados nas etapas longitudinais anteriores. Os dados do ASR, CBCL e YSR foram transcritos para o software de correção dos inventários; o programa permite a apresentação dos escores nas faixas clínica, não clínica (normal) e limítrofe, na avaliação de escalas de Competência e de Problemas psicológicos e comportamentais. Os dados das observações das moradias foram considerados para levantamento de /indicadores ambientais, de forma semelhante às etapas longitudinais anteriores do estudo. Os dados de todos os instrumentos foram tratados em parâmetros longitudinais referentes a alterações e constâncias nas diferentes etapas da sequência temporal. Os resultados indicaram tendência à manutenção e consolidação das condições apresentadas na etapa longitudinal anterior. Maiores problemas ficaram identificados em associação a ambientes de tráfico de drogas e criminalidade, e a prejuízos com as figuras paternas. A maternidade, valorizada por todas as investigadas, pode ter sido escudo protetor diante de condições maior vulnerabilidade social.
FAPESP
Palavras-chave: gravidez na adolescência; estudo longitudinal; desenvolvimento humano
P
DES

Sessão Coordenada: **Possibilidades de Prevenção e Intervenção em Violência**

São apresentados trabalhos de pesquisa em prevenção e/ou intervenção na temática da violência.
Psicologia do Desenvolvimento

Possibilidades de Prevenção e Intervenção em Violência. *Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-SP),*
Coordenadora da sessão.

METAPARENTAGEM: UMA NOVA POSSIBILIDADE DE AVALIAR A RELAÇÃO PAIS-FILHOS. *Sabrina Mazo D Affonseca**; Estela Manfrin*; Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP).,*
A metaparentagem consiste em um conjunto de processos internos que resultam em uma compreensão mais abrangente da parentalidade, envolvendo o pensar sobre ou o refletir a respeito das praticas parentais. Tal constructo como proposto, divide-se em quatro componentes: (1) antecipação ou considerações intencionais dos pais/mães sobre algo que ainda não aconteceu; (2) avaliação ou ato de aferição dos pais em relação à criança; (3) resolução de problemas - ato de identificar o problema e sua origem, selecionar possíveis soluções; (4)reflexãoenvolve pensar sobre quais características os pais/mães querem evitar, assegurando-se do seu comportamento. Espera-se que os pais/mães que pratiquem a metaparentagemcom freqüencia tenham menor probabilidade de se engajar em práticas parentais mal-adaptativas ou extremas, tornando esse constructo um fator importante de se avaliar para a prevenção de maus-tratos. O presente trabalho objetiva identificar se uma amostra de mães brasileiras se engaja na metaparentagem e de que maneira. Participaram do estudo, até o presente momento, 40 mulheres com pelo menos um filho de 2 a 12 anos (M=7,5). Das participantes 30% tinha o ensino médio completo e 25% pós-graduação. A maior parte das participantes (32,5%) tinha renda familiar superior a 7 salários mínimos (SM), 22,5% de 2 a 3 SMs e 20% de 4 a 5 SMs.Todas as mães responderam a versão traduzida e adaptada do Questionário de Metaparentagem. Os dados obtidos demonstraram que todas as mães praticavam a metaparentagem, sendo que, em média, as mães praticavam mais a avaliação (M=16, dp=2,4); seguido pela antecipação (M=12,3, dp=2,49); resolução de problemas (M=10,8, dp= 3,25); e reflexão(M=8,87, dp=2,8), ou seja, aparentemente as mães buscam identificar as causas dos problemas de comportamento de seus filhos, tentam realizar atividades que previnam o aparecimento dos mesmos e com frequencia menor, utilizam estratégias de resolução de problemas ou refletem a respeito do seu papel. Tais dados são semelhantes aos encontrados em uma pesquisa com mães norte-americanas e parecem indicar caminhos para a implementação de intervenções com essa população. Pesquisas futuras poderão investigar se tal configuração se mantem em amostras maiores e quais variáveis das mães (escolaridade, renda familiar, presença de problemas familiares) influenciam esse comportamento.
* Graduanda em Psicologia, UFSCar, Bolsista IC, CNPq
** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSCar
Palavras-chave: mães, metaparentagem, habilidades maternas
DES

INTERVENÇÃO A MÃES COM HISTÓRICO DE AGRESSÃO FÍSICA AOS FILHOS. *Paolla Magioni Santini**; Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-SP),*

Crianças que sofrem maus-tratos podem apresentar vários problemas de saúde, desenvolvimento, aprendizado e de comportamento no futuro caso não recebam ajuda, e uma das maneiras de se prevenir tais problemas é por meio de programas parentais. O presente estudo tem como objetivo descrever dados sobre problemas emocionais e de comportamentos em crianças, coletados na fase pré-teste de uma intervenção a mães com histórico de agressões físicas aos filhos. As mães participantes foram selecionadas por três instituições diferentes, pertencentes à rede de proteção a criança e adolescente do município, e foram indicadas pelos profissionais em função do histórico mencionado. Após o consentimento de participação na pesquisa, 17 mães e seus filhos responderam ao Questionário de Dificuldades e Capacidades da Criança (Strenghts and Difficulties Questionnaire SDQ), o qual faz um rastreamento de problemas de saúde mental em crianças. Os itens são pontuados nas seguintes categorias: total de dificuldades, sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas com colegas e comportamento pró-social. Os resultados do SDQ aplicados às mães indicaram o escore total de dificuldades como desenvolvimento anormal e às crianças indicaram desenvolvimento limítrofe . A queixa mais frequente das mães era em relação à hiperatividade, e das crianças era em relação aos problemas de comportamento. A queixa menos frequente, tanto das mães quanto das crianças, era em relação aos problemas com colegas. Na categoria que avalia o comportamento pró-social houve maior concordância de respostas entre as mães e os filhos, e na que avalia a hiperatividade houve menor concordância. Em geral, as respostas das mães pontuaram escores mais elevados em todas as categorias em comparação às respostas das crianças, com exceção na categoria que pontua problemas com colegas. Isso pode indicar que as crianças não se autoavaliaram com tantos problemas quanto suas mães o fizeram o que também está refletido no escore total de dificuldades. No entanto, seus filhos pontuaram escore mais elevado de problemas com colegas em comparação à pontuação nas respostas das mães. Tais dados apontam que a comunicação entre as mães e seus filhos não é efetiva, o que pode ser um dos motivos de as mães agredirem fisicamente seus filhos. Apesar de as mães acreditarem que o maior problema de seus filhos era relacionado à hiperatividade, eles não se avaliaram de tal maneira, sendo os problemas de comportamento a queixa mais presente nas respostas deles. Isso indica que as crianças respondentes devem receber, em geral, reclamações mais frequentes direcionadas aos comportamentos inadequados, e não à agitação ou falta de concentração. Na fase de intervenção, pretende-se aliar técnicas de comunicação positiva e manejo de comportamento às mães participantes por meio de sessões de observação com seus filhos, por meio de um ponto eletrônico auricular. Além disso, serão realizadas sessões individuais de orientação sobre educação positiva baseadas na abordagem cognitivo-comportamental.

Palavras-Chave: intervenção a mães, maus-tratos, mães que agridem

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSCar, bolsista FAPESP, Apoio CNPq
FAMI

AVALIAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS EM MÃES ENCARCERADAS. *Gabriela Reyes Ormeno,** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP) Juliana Saito*, (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP) Simone Sanches Rojes, (Aprimoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams*

(Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP),

De acordo com perfil traçado por relatório oficial, grande porcentagem das mulheres presas é mãe de pelo menos uma criança. No Brasil não existem muitos estudos a respeito do estilo parental de mães encarceradas, ficando tanto essas mães quanto seus filhos esquecidos, mesmo que estes últimos estejam correndo sérios riscos de se tornarem a próxima geração de encarcerados, por estarem expostos aos mesmos fatores de risco que a atual geração. O presente estudo investiga quais práticas educativas foram utilizadas por tais mães no período anterior ao encarceramento, bem como e estilo parental de suas progenitoras. Participaram deste estudo 45 mães, com filhos de até 15 anos de idade. Foi utilizado o Inventário de Estilos Parentais (IEP) que é composto por 42 questões que avaliam sete práticas educativas (monitoria positiva, comportamento moral, punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada e monitoria negativa, e abuso físico), obtendo-se com sua análise escores de cada uma das práticas e também o índice de estilo parental geral. Valores do IEP variam de estilo parental ótimo, regular acima da média, regular abaixo da média e de risco. As participantes responderam ao instrumento em dois momentos: em relação a seus filhos e em relação a suas mães (avós das crianças). O instrumento foi aplicado de forma individual com duração aproximada de 45 minutos, em uma sala oferecida pelas próprias instituições. A coleta se deu em três locais diferentes, uma penitenciaria, uma cadeia e um centro de ressocialização. Como resultado, pode ser observado que as participantes apresentavam uma média de 28,16 anos e grau de escolaridade variando entre ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. O estilo parental apresentado pela maioria das participantes foi o de risco, com 47% das participantes, seguido pelo estilo regular acima da média, com 35%, o estilo parental regular abaixo da média foi apresentado por 11%, enquanto que o estilo parental ótimo foi apresentado por apenas 5% das entrevistadas. Com relação às progenitoras das encarceradas, o estilo parental mais presente foi o regular acima da média, com 37% das respondentes, seguido pelo de risco, com 31%, regular abaixo da média, 18% e ótimo, com 12%. Relacionando o estilo parental com a escolaridade, temos 50% das mulheres com ensino médio incompleto, apresentando estilo parental ótimo e 50% regular acima da média. Dentre as mulheres com ensino fundamental completo, temos 20% apresentando estilo parental regular acima da média, 20% regular abaixo da média em 60% apresentando estilo parental de risco. Entre as mulheres com ensino fundamental incompleto, 44% demonstravam um estilo parental regular acima da média, enquanto que 56% apresentavam estilo de risco. A partir dos resultados, é possível observar práticas educativas de risco em ambas as gerações, o que indica a necessidade de intervenções para esta população, visando a diminuição de maus-tratos infantis e a quebra do ciclo intergeracional da violência.

Palavras-chave: Estilos parentais, mulheres encarceradas, fatores de risco.

* Graduanda em Psicologia, UFSCar, Bolsista IC, CNPq

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSCar

DES

PSICOTERAPIA BASEADA EM EVIDÊNCIAS PARA MENINOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL.

*Jean Von Hohendorff**, Luísa Fernanda Habigzang, Silvia Helena Koller (Centro de Estudos Psicológicos CEP-Rua Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*

Crianças e adolescentes vítimas de violência sexual (VS) tendem a apresentar consequências psicopatológicas necessitando, assim, de intervenções psicoterápicas. O desenvolvimento e aplicação de tais intervenções devem ser subsidiados por evidências científicas acerca de seus elementos (formato, abordagem, técnicas). Ademais, é necessário que as intervenções psicoterápicas sejam avaliadas com o intuito de verificar sua efetividade. Diante disso,

objetivou-se adaptar e avaliar um modelo de psicoterapia cognitivo-comportamental (CC) para meninos vítimas de VS. O modelo de psicoterapia CC foi adaptado a partir de um modelo já existente, o qual foi avaliado para o tratamento de meninas vítimas de VS. Estudos prévios e profissionais experts também foram consultados no processo de adaptação da nova intervenção. Após a adaptação, o modelo de psicoterapia CC para meninos vítimas de VS foi avaliado com a participação de três meninos entre oito e 16 anos de idade. O delineamento utilizado foi o estudo de casos múltiplos. Os participantes foram avaliados por meio de instrumentos psicológicos para investigar sintomas de depressão, estresse, transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), transtorno desafiador-opositivo (TOD), transtorno de conduta (TC), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), uso/abuso de substâncias, além de atribuições e percepções relacionadas à VS antes e após a aplicação do modelo de psicoterapia CC. Foram produzidos relatos detalhados após a aplicação de cada sessão e, ao final da aplicação de todo o modelo, tais relatos foram analisados por três juízes experts a partir de seis indicadores: Aliança terapêutica, participação nas sessões, resposta às técnicas empregadas, estrutura, objetivos e tarefas de casa. Os participantes também realizaram avaliações qualitativas acerca da intervenção em sua última sessão. Os principais resultados indicaram a adesão dos participantes ao modelo de intervenção CC e redução no número de sintomas de depressão e estresse. Houve grande variabilidade quanto aos demais sintomas, sendo que fatores pessoais relacionados à VS e ao histórico de cada um dos participantes podem ter influenciado esses resultados. A avaliação da aplicação revelou a adequação do modelo adaptado quanto a dois indicadores (Aliança Terapêutica e Auto-revelação). A análise das avaliações qualitativas realizadas pelos participantes indicou a adequação da maioria das atividades. No entanto, os participantes mencionaram não ter gostado das atividades relacionadas à construção de narrativas sobre a VS sofrida. Tal resultado pode estar relacionado à dificuldade que meninos vítimas de VS tendem a ter em produzir relatos sobre as memórias traumáticas. Diante desses resultados, ajustes no modelo de psicoterapia CC para meninos vítimas de VS foram propostos.

Bolsa: CNPq Mestrado
Palavras-chave: Violência sexual contra meninos; Terapia cognitivo-comportamental; Psicologia baseada em evidências
Nível: M
Área: SMENTAL

LIDANDO COM O CHORO DO BEBÊ: POSSIBILIDADES DE PREVENÇÃO DA SÍNDROME DO BEBÊ SACUDIDO. *Nahara Rodrigues Laterza Lopes** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP) Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São C*

Os bebês humanos são dependentes de apoio e proteção ativas de seus cuidadores para sua própria sobrevivência, sendo crucial para seu bem-estar o desenvolvimento de um relacionamento próximo com seus pais. Este relacionamento é formado ao longo do tempo e depende tanto de características dos pais, como dos bebês. Dentre as características do bebê, destaca-se aqui seu choro. O choro é o principal meio de o bebê comunicar suas necessidades e tem efeito poderoso sobre pais e cuidadores, aumentando a frequência cardíaca e a pressão arterial dos mesmos. Literatura recente aponta para um padrão normal do choro que aumenta de frequência nas primeiras seis semanas de vida, quando começar a diminuir e se tornar mais intencional. Além disso, até os dois primeiros meses de vida, pode haver episódios de choro inconsolável, caracterizados por terem duração entre 40 minutos a 2 horas consecutivas, ocorrerem no final da tarde ou começo da noite e serem muito difíceis de acalmar. Este padrão foi observado em diversas culturas, estando relacionado com a ocorrência da Síndrome

do Bebê Sacudido (SBS). A SBS é uma forma de violência física que consiste em sacudir violentamente um bebê, usualmente em resposta ao seu choro inconsolável. Sacudir um bebê pode acarretar em consequências gravíssimas para o desenvolvimento infantil, podendo levar até à morte da criança. Neste sentido, é importante reconhecer as estratégias que pais brasileiros têm utilizado para lidar com o choro de seus filhos, de modo a subsidiar futuras ações de prevenção de casos da Síndrome do Bebê Sacudido e outras formas de maus-tratos infantis. Este estudo é parte da dissertação de Mestrado da primeira autora, que tem como objetivo avaliar se o vídeo informativo Respondendo ao Choro do Bebê é capaz de mudar o conhecimento relacionado a esta forma de maus-tratos e auxiliar em sua prevenção. Participaram do estudo 90 pais de recém-nascidos que estavam na maternidade por ocasião do nascimento dos filhos. Os participantes responderam um questionário sobre o Choro do Bebê, que contém questões sobre crenças à respeito das causas do choro do bebê, bem como sobre estratégias que os cuidadores utilizam para lidar com ele. Após análises estatísticas observou-se que as estratégias mais utilizadas foram trocar a fralda do bebê (100%), trazer o bebê para perto do corpo (100%), consultar o pediatra ou outro profissional de saúde (100%), sendo estas estratégias consideradas adequadas para lidar de forma saudável com o bebê. Destaca-se que 38,5% dos participantes sacudiriam o bebê para tentar acalmá-lo, evidenciando a necessidade de intervenções que ensinem outras estratégias mais adequadas para lidar com o choro em um momento de estresse. Apesar de adequada, a estratégia colocar o bebê em um lugar mais escuro foi pouco utilizada (18,5%), apontando para possibilidades de intervenção com os pais. Os resultados deste estudo mostram que pais brasileiros têm utilizado estratégias adequadas para lidar com o choro do bebê, porém apontam também para a necessidade de intervenções breves que informem os riscos de sacudir o bebê e previnam a ocorrência dos maus-tratos infantis.

CNPq

Maus-Tratos Infantis, Prevenção, Síndrome do Bebê Sacudido

M

DES

Sessão Coordenada: **PREVENÇÃO E AVALIAÇÃO DA SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA**

Compreender os problemas vivenciados pelos adolescentes é um desafio para os profissionais de saúde mental. Muitos dos esforços empregados no tratamento da dependência química favoreceram diretamente apenas os adultos envolvidos, seja o usuário ou seu conjuge, ao passo que, em um contexto preventivo, o núcleo de filhos de usuários vem sendo, de certo modo, protelado. Os esforços dirigidos a esta população vem se modificando na literatura internacional, porém no Brasil, esta realidade ainda é presente, ficando evidente ao se observar a escassez de referências sobre o tema. O presente estudo pretende elucidar alternativas de prevenção e avaliação da saúde mental na adolescência, através da apresentação de dados referentes à organização de serviços para crianças e adolescentes em situações de risco, apresentação de um instrumento de avaliação de comportamentos de adolescentes (Inventário de Autoavaliação para Adolescentes - YSR), validado para a população brasileira e aplicado na amostra de adolescentes assistidos pelo CUIDA (Centro Utilitário de Intervenção e Apoio a Filhos de Dependentes Químicos) e o impacto da dependência química nos núcleos familiares. Esse trabalho pretende somar com os achados da literatura nacional sobre o tema, norteando estratégias de prevenção e promoção de saúde direcionadas a familiares e filhos de dependentes químicos. Além disso, considerando a escassez de políticas públicas e financiamentos direcionados para prevenção no Brasil, esta sessão coordenada pretende apontar a importância da prevenção e a necessidade de investimento em serviços e políticas públicas desta ordem.

Saúde Mental

ADOLESCENTES QUE CONVIVEM COM A DEPENDÊNCIA QUÍMICA: AVALIAÇÃO DE UM SERVIÇO DE PREVENÇÃO. *Thaís dos Reis Vilela**, Rebeca Souza e Silva, Marina Monzani da Rocha, Neliana Buzi Figlie (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP) ,*

As investigações das últimas três décadas têm demonstrado que a exposição ambiental de crianças e adolescentes ao uso de álcool ou drogas pelos pais está associada a vários resultados negativos em seu desenvolvimento. O objetivo deste estudo foi investigar a efetividade de um modelo de intervenção preventiva com adolescentes que convivem com a dependência química em suas famílias. A amostra do estudo foi composta por um Grupo Intervenção (GI), no qual foram alocados 67 adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, assistidos em um serviço de prevenção localizado no Bairro Jardim Ângela, periferia da cidade de São Paulo entre 2001 e 2008. O Grupo Controle (GC) foi composto por 35 adolescentes participantes de Centros de Juventude da região. Os grupos foram pareados por sexo, idade e tipo de substância consumida pelo dependente químico. Os dados foram coletados por meio de um protocolo contendo questões sobre dados sociodemográficos e o Inventário de Autoavaliação para Adolescentes de 11 a 18 anos (YSR). Realizou-se a análise descritiva dos dados e, para a verificação de presença de associações estatísticas significativas (p≤0,05), o teste X2 de Pearson foi utilizado. Para a análise múltipla, utilizou-se a regressão logística. Da amostra pesquisada 57% é do sexo masculino e 43% do sexo feminino. A idade média é 14 anos (dp=1,70). De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil, (CCEB) 20,6% pertence à classe D, 66,7% à classe C e 12,7% à classe B2. A maioria dos pais são casados ou amasiados (51%) e 71,6% das mães e 81,3% dos pais estão no mercado de trabalho. Em 66,7% dos casos, o dependente químico é parente em primeiro grau e em 33,3% parentes em segundo grau. A substância mais consumida é o álcool (58,8%) enquanto que 41,2% consome substâncias ilícitas. Os resultados apontam que o GI é mais protegido de presenciar agressões físicas entre familiares (p=0,014) e tem mais chances do membro dependente químico já ter passado por algum tratamento anteriormente (p=0,021). Apesar do

GI ser o grupo mais vulnerável no fator socioecônomico, ainda assim é o grupo mais protegido, ou seja com a menor proporção de adolescentes com escores clínicos no YSR (p=0,009). Esse trabalho pretende somar com os achados da literatura nacional sobre o tema, norteando estratégias de prevenção e promoção de saúde direcionadas a familiares e filhos de dependentes químicos. Além disso, considerando a escassez de políticas públicas e financiamentos direcionados para prevenção no Brasil, este estudo aponta a efetividade de um serviço de prevenção e sustenta a necessidade e importância de investimento em serviços e políticas públicas desta ordem.

ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÕES DE RISCO: FAMÍLIA, PERIFERIA E USO DE SUBSTÂNCIA. *Neliana Buzi Figlie (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP),*

A convivência com um dependente químico traz diversos prejuízos sendo grande fator de risco para criança/adolescente que pertence à essa família. Evidências apontam que os filhos de alcoolistas apresentam-se em desvantagem quando comparados com filhos de não alcoolistas, e costumam apresentar maior predomínio de problemas, tais como: déficit cognitivo, baixa autoestima, dificuldades acadêmicas, problemas de comportamento, dificuldades emocionais e de relacionamento. Além disso, podem apresentar algumas características psicológicas que têm sido citadas como precursoras no desenvolvimento do alcoolismo e de distúrbios psicológicos, que são: insegurança, baixa autoestima, impulsividade, agressividade, baixa tolerância às frustrações, transtorno de conduta. O objetivo desse trabalho é discutir um modelo de organização de serviços preventivos em saúde mental para crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade social e familiar, bem como discutir a urgente necessidade de implementar serviços de saúde mental comunitários, especializados no atendimento a crianças e adolescentes, principalmente em regiões carentes, bem como na periferia das grandes cidades. Na periferia de São Paulo, em um dos bairros mais violentos da cidade, foi criado o serviço CUIDA (Centro Utilitário de Intervenção e Apoio a Filhos de Dependentes Químicos). O CUIDA manteve suas atividades por dez anos e assistiu 1109 crianças e adolescentes (não incluindo o atendimento de familiares). Da experiência do serviço, foram realizados estudos sobre esta população, como perfil, aderência, risco de distúrbios em saúde mental tanto na população assistida quanto nos pais e cuidadores. A proposta de tratamento tinha a duração de um ano, focada na prevenção do uso de substâncias e de transtornos na área de saúde mental, com avaliação constante dos fatores de risco de modo a reduzir danos e favorecer os fatores de proteção, pautada na resolução de problemas dentro do referencial da Terapia Cognitiva e Entrevista Motivacional. Por fim, é considerada que as intervenções preventivas são economicamente benéficas quando a condição a ser prevenida é prevalente; quando a condição ou doença tem um custo elevado; quando as intervenções preventivas são consideradas efetivas; e quando os custos das intervenções são baixos. O que podemos perceber é que as intervenções preventivas relacionadas ao uso de álcool, tabaco e outras drogas preenchem, para não dizer todas, várias dessas condições. Além disso, os valores investidos na prevenção ao uso de substâncias retornam à sociedade, como diminuição dos agravos de saúde e custo social relacionado.

INVENTÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO PARA ADOLESCENTES: OBTENÇÃO DE NORMAS PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA.. *Marina Monzani da Rocha (Consultório Particular, São Paulo, SP) e Edwiges Ferreira de Mattos Silvares (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

,

Compreender os problemas vivenciados pelos jovens é um desafio para os profissionais de saúde mental. O Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR) é um instrumento de autorrelato desenvolvido nos Estados Unidos e traduzido para diversos outros idiomas,

respondido por adolescentes de 11 a 18 anos para que estes fornecem informações sobre seus comportamentos. Diversos estudos de validação e normatização do YSR têm sido realizados em diferentes países. Dentre esses estudos, merecem destaque os esforços empreendidos para realizar comparações multiculturais, através dos quais foi possível verificar que os escores obtidos por jovens de diferentes sociedades nas escalas do YSR são bastante parecidos. Apesar de parecidos, os valores médios obtidos nas escalas do YSR em algumas sociedades foram substancialmente mais altos ou mais baixos que a média estabelecida para as outras sociedades, de maneira que um conjunto de normas multiculturais pôde ser estabelecido: Grupo 1 (aquelas que ficaram mais que um desvio padrão abaixo da média geral), Grupo 2 (aquelas que ficaram dentro da faixa de um desvio padrão abaixo ou acima da média geral) e Grupo 3 (aquelas que o escore médio do total de problemas de comportamento ficou pelo menos um desvio padrão acima da média geral). Mais recentemente, um estudo nacional evidenciou a validade do YSR para a população brasileira. Dando continuidade a estes esforços, o objetivo do presente trabalho é comparar os resultados obtidos pelos jovens brasileiros na resposta ao YSR, com os dos adolescentes das demais sociedades onde o YSR já foi validado, de maneira que normas adequadas para nossa população possam ser identificadas. Um total de 2836 adolescentes não-encaminhados para serviços de saúde mental, 1315 meninos e 1521 meninas, com idades entre 11 e 18 anos, provenientes de quatro das cinco regiões brasileiras, preencheram o inventário. Tal comparação foi feita separadamente em cada um dos sexos. Os escores médios obtidos pelos adolescentes do sexo masculino (Média = 46,8; DP = 21,9) e feminino (Media = 50,8; DP = 22,8) na escala Total de Problemas Emocionais/Comportamentais, que engloba todos os itens de problemas do instrumento, foram muito semelhante ao do Grupo 3 das normas multiculturais. O fato dos adolescentes brasileiros responderem ao YSR de maneira semelhantes aos adolescentes das sociedades que compõe o Grupo 3 não implica necessariamente que eles apresentem mais problemas que aqueles pertencentes aos Grupos 1 e 2. Escores mais elevados podem refletir uma maior facilidade de expor suas fraquezas e falar sobre problemas, ou um baixo índice de encaminhamento para serviços de saúde mental, em função da ausência de recursos, tanto por parte da família, quanto por parte da comunidade, para que o encaminhamento pudesse ser efetivado. Dessa maneira, os resultados obtidos indicam parâmetros mais precisos para que possamos usar o YSR na avaliação dos adolescentes brasileiros, facilitando, assim, a compreensão dos problemas vivenciados por nossos jovens.

O IMPACTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NOS NÚCLEOS FAMILIARES: FILHOS, PAIS E CUIDADORAS.

Roberta Payá, Neliana Buzi Figlie (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP)

,

A população de filhos de dependentes químicos representa um importante público-alvo de prevenção seletiva. Investigar os fatores de risco e de proteção envolvidos no ambiente familiar e no desenvolvimento de crianças e adolescentes inseridos em contexto de vulnerabilidade social e familiar é fortemente recomendado. No entanto, dados de pesquisa refletem em maior número estudos internacionais, caracterizando um cenário nacional limitado. Este estudo investigou fatores de risco presentes nos núcleos familiares que convivem com a dependência química, com ênfase dada no núcleo de filhos, participantes do serviço de prevenção seletiva para filhos de dependentes químicos e da pediatria do posto de saúde, ambos localizados na periferia de São Paulo. Trata-se de um estudo de caso controle com uma amostra de conveniência pareada por sexo e idade. Foram entrevistados 305 participantes, sendo 133 famílias com pai dependente de álcool (44%), 50 famílias com pai dependente de cocaína/crack/maconha (16%) e 122 famílias do grupo controle (40%). Na

análise estatística foram utilizados os testes Qui-Quadrado, exato de Fisher, para variáveis categóricas; Análise de Variância para média das idades e comparações dos escores da resiliência familiar; teste t de Student para a comparação de médias entre os grupos; e regressão logística para associação dos fatores de riscos e de proteção. Foi aplicada às cuidadoras uma entrevista estruturada com dados demográficos, CBCL (Child Behavior Checklist), Estressores Psicossociais da Família segundo CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) e FIRA-G - Índice Familiar de Regeneração e Adaptação Geral. Os resultados apontaram que filhos de dependentes de substâncias ilícitas demonstram maior comprometimento em problemas de comportamento, retraimento, queixas somáticas, problemas de contato social, problemas de pensamento, comportamento delinquente, e total de problemas de comportamento. O grupo álcool tende a desenvolver problemas como ansiedade e depressão, problemas de atenção, internalizing e, por último, comportamento agressivo. A faixa etária de 4 a 8 anos apresenta maior vulnerabilidade quando comparada com as restantes para aspectos de comportamento, agressividade e delinqüência. A faixa etária de 9 a 12 anos apresenta maior vulnerabilidade para depressão e ansiedade e a de 13 a 18 anos, para comportamento sexual. Entre os fatores de risco mais recorrentes, tensões familiares, condições psiquiátricas da cuidadora, morte e doenças crônicas na família, agressões entre familiares e envolvimento policial do pai revelaram ter relação direta com o aumento da vulnerabilidade dos filhos, pois quanto mais fatores de risco presentes, maior a probabilidade de risco para desenvolver problemas de comportamento e conduta. Os dados deste estudo sugerem que intervenções preventivas são fundamentais para a saúde mental de filhos de pais usuários de substâncias lícitas e ilícitas, uma vez que a dependência química paterna apresenta ser um fator de risco significativo para o desenvolvimento de problemas de saúde mental e quanto mais nova for a criança maior a vulnerabilidade para o desenvolvimento de algum comportamento de risco. O ambiente familiar inserido no contexto de abuso de substâncias ilícitas provoca maior vulnerabilidade para crianças e adolescentes do que um ambiente que apresente dependência do álcool.

Sessão Coordenada: **Procedimentos em Análise do Comportamento: Educação e Saúde.**

A Análise do Comportamento Aplicada a diferentes contextos tem sido um excelente recurso na melhoria da qualidade de vida de diversas populações. A presente sessão coordenada apresenta trabalhos que tem o objetivo de contribuir na aplicação dos conceitos e procedimentos da Análise do Comportamento. No primeiro trabalho a ser apresentado, os princípios básicos da Análise do comportamento foram ensinados a professores do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de educação através de um software desenvolvido para sua capacitação. O segundo trabalho levanta uma preocupação crescente apresentada por analistas do comportamento em atuar em contextos mais complexos a partir da compreensão do conceito de cultura, a fim de aumentar suas possibilidades de intervenção na redução de problemas sociais a partir do estudo da formação de professores e da Educação como um sistema complexo, formado por diferentes agentes e determinado dentro dessa complexidade de relações e, portanto, só entendendo as contingências em um âmbito mais global é que será possível programar intervenções mais eficazes. O terceiro trabalho apresentado trata de uma revisão conceitual sobre o procedimento de Reforço Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA), um procedimento que tem sido utilizado com sucesso no tratamento de problemas comportamentais em populações humanas distintas, mas, em especial, aquelas que apresentam alta frequência na emissão de comportamentos inadequados que trazem prejuízos para quem os emite ou para outros. Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão conceitual apresentando algumas das principais definições acerca do procedimento, bem como seu alcance em relação à área de intervenção, suas diferenças em relação a outros procedimentos (NCR, DRO, DRI, DRL e Extinção), tipo de comportamento estudado e limitações. Por fim, o quarto e último trabalho relata um estudo que considera os dois parâmetros necessários para programação de implantes cocleares, que são medidas de limiar e máximo conforto elétrico para a estimulação gerada em cada eletrodo implantado. Na prática clínica a obtenção destas medidas depende crucialmente das habilidades orais dos implantados e, entre crianças com deficiência auditiva neurosenssorial pré-lingual a obtenção destas medidas com precisão torna-se bastante comprometida, pois a capacidade de fala pode encontrar-se seriamente limitada. O trabalho apresenta um procedimento para delimitação de medidas de limiar e máximo conforto com base no controle de estímulos. Concluindo, espera-se que a sessão possa ser um momento de reflexão e estudo sobre as possibilidade de aplicação da Análise do Comportamento em Saúde e Educação.
Análise Experimental do Comportamento

ENSINANDO ANÁLISE FUNCIONAL E REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS (DRA): CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES POR MEIO DE PROGRAMA INFORMATIZADO. *Silvia Aparecida Fornazari, Nádia Kienen, Edmárcia Manfredin Vila, Patrícia Belgamo Rossetto*, Mariana Rodrigues Proença*, Franciane de Oliveira Nantes* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR, Brasil).,*

ENSINANDO ANÁLISE FUNCIONAL E REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS (DRA): CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES POR MEIO DE PROGRAMA INFORMATIZADO. Silvia Aparecida Fornazari, Nádia Kienen, Edmárcia Manfredin Vila, Patrícia Belgamo Rossetto*, Mariana Rodrigues Proença*, Franciane de Oliveira Nantes* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR, Brasil).

Os princípios básicos da Análise do comportamento estão sendo ensinados a professores do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de educação através de um software desenvolvido para sua capacitação. A importância está no fato de que esses conceitos podem ser aplicados diretamente às situações de ensino como, por exemplo, o comportamento do

aluno em relação ao professor, às suas técnicas de ensino e às contingências de reforço em sala de aula. Este trabalho tem como objetivo ensinar esses princípios básicos e assim, capacitar os professores por meio de um programa informatizado, para que possam intervir com os alunos ao utilizar o procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA). Os materiais utilizados são: Software ENSINO , que se divide em 3 etapas: (1) conceitos básicos da Análise do Comportamento; (2) análise funcional e capacitação no procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA); e (3) capacitação em habilidades sociais. Cada etapa é composta por fases de treino e de teste, sendo que na fase de teste são necessários 100% de acerto para que o participante possa avançar para o próximo conceito. Participaram da capacitação 5 professoras da escola, das quais 1 leciona em classe especial e a diretora; sendo que os encontros ocorrem na própria rede de ensino na qual as professoras atuam. Foram realizadas avaliações pré e pós-intervenção por meio de um protocolo para levantamento de repertório em Análise do Comportamento, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e entrevistas para o relato das dificuldades encontradas em sala de aula e as soluções por elas empregadas. Enquanto resultados, considerando o software, a etapa que as professoras apresentaram maior dificuldade e maior número de repetições da capacitação para o alcance do critério para mudança de categoria foi a Etapa 2, apresentando uma média de 2,6 repetições por conceito. Com relação ao protocolo foi possível observar resultados positivos, com melhoras no desempenho de 83,3% das participantes. As professoras acertaram em média 6,5% questões a mais após a capacitação. Apenas uma das participantes teve queda no número de acertos em 30%. Todos as outras professoras tiveram aumentos no número de acertos entre 3% à 29%. No IHS foi constatado um aumento de 4,6% na média do número de acertos, considerando as avaliações pré e pós-intervenção. Com esse trabalho visa-se o desenvolvimento de um instrumento informatizado, que possibilite uma capacitação de professores, e que seja de baixo custo e alto benefício aos envolvidos. Para futuras pesquisas, populações e conteúdos diferenciados podem ser trabalhados a fim de averiguar a efetividade do software para novos e diferentes contextos.

Apoio financeiro: Fundação Araucária / Bolsa IC: Universidade Estadual de Londrina e Fundação Araucária

Palavras-chave: Educação; Capacitação de professores; Instrumento informatizado para capacitação.

Pesquisador P

AEC

ELEMENTOS DE ANÁLISE NA PROGRAMAÇÃO DE INTERVENÇÃO CULTURAL.. *Cassiana Stersa Versoza**, Verônica Bender Haydu, Silvia Aparecida Fornazari (Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR),*

ELEMENTOS DE ANÁLISE NA PROGRAMAÇÃO DE INTERVENÇÃO CULTURAL. Cassiana Stersa Versoza**, Verônica Bender Haydu, Silvia Aparecida Fornazari (Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR)

Há uma preocupação crescente apresentada por analistas do comportamento em atuar em contextos mais complexos a partir da compreensão do conceito de cultura, a fim de aumentar suas possibilidades de intervenção na redução de problemas sociais. Para esse tipo de análise e intervenção tem sido utilizados conceitos como metancontingência e macrocontingência, que permitem a análise de relações as quais tem como consequência produtos culturais. Esses conceitos têm colaborado com pesquisas que visam produzir predições e intervenções mais eficazes de analistas do comportamento, diante de questões sociais. Inclui-se, portanto, nessas possibilidades de intervenção, além das contingências de reforçamento, as metacontingências, as macrocontingências e as contingências não selecionadoras. Para um procedimento de

pesquisa ou intervenção ser caracterizado como um dos tipos de intervenção citados, ele deve seguir os critérios que caracterizam cada um. Elementos de análise de procedimentos para intervenção foram descritos a fim de auxiliar na análise de intervenções já realizadas e na programação de novas intervenções. Esses elementos são: produtos comportamentais, consequências funcionais, número de participantes, variedade de comportamentos e locus de mudança. Todos esses elementos devem ser análisados para que se possa garantir que uma dada intervenção seja no nível cultural ou comportamental. Atualmente, discute-se a necessidade de olhar para a formação de professores e para a Educação como um sistema complexo, formado por diferentes agentes e determinado dentro dessa complexidade de relações e, portanto, só entendendo as contingências em um âmbito mais global é que será possível programar intervenções mais eficazes. Nessa perspectiva, esse trabalho teve como objetivo analisar os artigos de estudos empíricos publicados no JABA entre 2000 e 2011 sobre formação de professores para diferenciar aqueles que se caracterizam como intervenções comportamentais dos que são de cunho cultural, a partir dos elementos de análise. Os artigos foram classificadas quanto ao tipo de intervenção realizado. Foram selecionados todos os artigos que tinham como uma das palavras chave a palavra teacher training (treinamento de professores) e que haviam sido publicados dentro do período delimitado. Dos sete artigos localizados e analisados, apenas um tinha como foco explícito de interesse da pesquisa um produto cultural através da intervenção em uma macrocontingência. As demais intervenções ocorreram no nível comportamental, sendo o foco o próprio indivíduo. Esses dados apontam para a necessidade de os analistas do comportamento ampliarem o foco de análise de suas intervenções a fim de contribuírem mais eficazmente na solução de problemas sociais, pois, apesar de os analistas do comportamento enfatizarem a importância da Educação e da formação de professores, os estudos publicados no JABA, no período da revisão feita para o presente estudo, revelam que os procedimentos e programas de intervenção descritos focalizaram as contingências comportamentais. Espera-se com esse trabalho, divulgar os elementos que definem cada tipo de intervenção a fim de auxiliar que pesquisas que se proponham a intervir em um problema social programem seus procedimentos corretamente para atuar no nível cultural.

Bolsista Capes
Palavras-chave: formação de professores; análise do comportamento e cultura; intervenção cultural.
Mestrado - M
AEC

REVISÃO CONCEITUAL DOS PROCEDIMENTOS DE REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS. *Everton Vieira Martins** (Faculdade Guairacá, Guarapuava, PR; Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR), Silvia Aparecida Fornazari, Victor Hugo Bassetto** (Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR),*

REVISÃO CONCEITUAL DOS PROCEDIMENTOS DE REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS. Everton Vieira Martins** (Faculdade Guairacá, Guarapuava, PR; Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR), Silvia Aparecida Fornazari, Victor Hugo Bassetto** (Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

O Reforço Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA) pode ser definido como um procedimento no qual o reforço é liberado após uma ou mais ocorrências de um determinado comportamento, que seja ensinado, e que não necessariamente seja incompatível com o comportamento indesejado. Este procedimento tem sido utilizado com sucesso no tratamento de problemas comportamentais em populações humanas distintas, mas, em especial, aquelas que apresentam alta frequência na emissão de comportamentos inadequados que trazem prejuízos para quem os emite ou para outros. Entretanto, há diferentes entendimentos em relação a alguns pontos do procedimento de DRA e sua aplicação. Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão conceitual apresentando algumas das principais definições acerca do procedimento, bem como seu alcance em relação à área de intervenção, suas diferenças em relação a outros procedimentos (NCR, DRO, DRI, DRL e Extinção), tipo de comportamento estudado e limitações. Para isto foi realizada uma busca por artigos que continham a palavra chave DRA no Journal of Applied Behavior Analysis (JABA) nos 10 últimos anos. Inicialmente foi apresentado o conceito de reforço diferencial e as principais estratégias de controle de contingências utilizadas na pesquisa aplicada e em seguida foram apresentados os diferentes entendimentos quanto à definição e o uso do termo. Por fim, tem-se que, para a aplicação bem sucedida do procedimento, faz-se necessário considerar o efeito de diferentes variáveis tais como: o uso ou não da extinção em sua aplicação, o efeito da história prévia do participante e o efeito de diferentes esquemas de reforço no comportamento desejado. Além destes, outros autores ainda consideram fatores como: a saciação de reforçadores, o tempo de permanência do reforçador, a qualidade do reforçador e o atraso do reforço. Observou-se que estas pesquisas acontecem em populações diversas e em várias áreas de estudo, mas, em sua grande maioria, estão preocupadas com as diferentes utilizações de reforço diferencial e suas aplicações nos contextos de educação, saúde e clínica. As pesquisas em geral são realizadas com crianças com desenvolvimento típico e atípico, adolescentes, portadores de transtorno mental e não humanos. Os comportamentos de interesse que as pesquisas tratam compreendem desde obediência, fobias, aceitação alimentar, repertório verbal e problemas do sono. Espera-se que este trabalho possibilite esclarecer as diferenças entre os procedimentos de controle, o uso ou não da extinção no reforço diferencial, o efeito da história prévia e o efeito de diferentes esquemas de reforço nas diversas populações. Desta forma, novas possibilidades de pesquisa e de intervenções comportamentais aplicadas podem se tornar possíveis com a utilização da análise funcional e o uso de diferentes arranjos de contingências.

Palavras-chave: DRA, revisão de literatura, reforço diferencial, procedimentos de controle.
Nível do Trabalho: Mestrado M
AEC

PROCEDIMENTOS OPERANTES PARA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS COM SURDEZ: MAPEAMENTO EM USUÁRIOS DE IMPLANTE COCLEAR PRÉ-LINGUAIS.. *Wagner Rogério da Silva (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR, Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Maria Cecília Bevlacqua (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Deisy das Graças de Souza (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil),*

PROCEDIMENTOS OPERANTES PARA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS COM SURDEZ: MAPEAMENTO EM USUÁRIOS DE IMPLANTE COCLEAR PRÉ-LINGUAIS. Wagner Rogério da Silva (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR, Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Maria Cecília Bevlacqua (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP, Brasil); Deisy das Graças de Souza (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil).

Dois parâmetros necessários para programação de implantes cocleares são medidas de limiar e máximo conforto elétrico para a estimulação gerada em cada eletrodo implantado. Na prática clínica a obtenção destas medidas depende crucialmente das habilidades orais dos implantados. Entre crianças com deficiência auditiva neurosenssorial pré-lingual a obtenção destas medidas com precisão torna-se bastante comprometida, pois a capacidade de fala pode encontrar-se seriamente limitada. Respostas à estimulação elétrica de diferentes áreas do sistema fisiológico da audição têm sido utilizadas como procedimento alternativo para se estimar medidas, principalmente de máximo conforto auditivo com crianças pré-linguais implantadas. A literatura da área de implante coclear sugere que as medidas eletrofisiológicas carecem de consistência na correlação com a sensação auditiva produzida pela estimulação gerada com o implante. Um estudo realizado por da Silva (2005) avaliou a possibilidade de um procedimento operante produzir medidas de máximo conforto auditivo. Participaram do estudo sete crianças com deficiência auditiva neurosenssorial pré-lingual submetidas a implante coclear, com idades entre 5 e 7 anos e foi utilizado um eletrodo. Para avaliar máximo conforto foi empregado um procedimento operante para ensinar que uma resposta motora (não oral) interrompia o estímulo elétrico e, posteriormente, com esta linha de base, foi realizada uma variação ascendente na quantidade de corrente elétrica aplicada ao estímulo para verificar se a resposta aprendida seria utilizada. Os resultados mostram que a maioria dos participantes apresentou dificuldade em aprender a função da resposta e sugeriram a necessidade de revisão e modificação do procedimento. Para isso, foi realizado o presente estudo do qual participaram crianças menores (abaixo de 5 anos) e mais de um eletrodo. As alterações foram inspiradas em procedimentos operantes de esquemas concorrentes e procedimentos que fazem uso de estímulos compostos como antecedentes em operantes discriminados. Assim o procedimento aplicado buscou estabelecer via consequência reforçadora duas possibilidades de desempenho simultâneas durante a estimulação elétrica aplicada com quantidade de corrente confortável: uma resposta motora que produza consequência reforçadora sem interrupção do estímulo e sirva para manter a elevação na quantidade de corrente; e outra resposta motora que também seja seguida de consequência reforçadora, mas interrompa a estimulação elétrica e leve à redução na quantidade de corrente. Tendo estas duas respostas como linha de base, o uso da resposta que interrompe a estimulação elétrica foi avaliado quando a elevação na quantidade de corrente aplicada tornar o estimulo desconfortável. Os resultados foram positivos, consistentes e mostraram a aplicabilidade de procedimentos operantes na regulagem de implantes cocleares de crianças com surdez pré-lingual e também para evidenciar a utilidade e eficiência de tecnologia operante na resolução de problemas aplicados em ambiente hospitalar.

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na forma de bolsa de Pós-doutorado para o primeiro autor (Processo: 150742/2009-6).

Palavras-chave: Controle de estímulos, esquemas concorrentes, implante coclear.

Pesquisador P

AEC

Sessão Coordenada: **PROCESSOS COGNITIVOS E CONHECIMENTOS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA**

Nos últimos 30 anos, estudos na área da Psicologia Cognitiva têm contribuído para a construção de modelos que procuram identificar e explicar a contribuição das diversas habilidades cognitivas envolvidas na aprendizagem da leitura e escrita. Os modelos do processamento fonológico têm enfatizado a consciência fonológica, particularmente no que se refere às habilidades de discriminar, segmentar, manipular e aglutinar os fonemas, assim como os processos de codificação fonológica, que se referem às habilidades de armazenar, recuperar e manipular informação fonológica na memória de trabalho, demandando também a participação da memória de longo prazo. Outro fator que tem se mostrado significativamente relacionado ao desempenho na aprendizagem da leitura e escrita diz respeito ao conhecimento do nome das letras, o qual envolve também aspectos relacionados ao processamento fonológico, porém os extrapola na medida em que demanda também habilidades relacionadas ao processamento visual, tais como: discriminação, memorização e extensão visuo-atencional. Dessa maneira, a presente sessão coordenada visa a apresentar resultados de pesquisa que justificam a atenção que vem sendo dada a essas habilidades, no sentido de contribuir para a explicação/compreensão dos complexos e multifacetados processos cognitivos envolvidos na aprendizagem da leitura e escrita. Considera-se que tal conhecimento é relevante, não apenas para a ampliação e aprofundamento do conhecimento sobre o tema, mas também tem implicações práticas para as questões relativas ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita.
Psicologia Cognitiva

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, CONHECIMENTO DO NOME DAS LETRAS E ESCRITA DE PALAVRAS.. *Maria José dos Santos (Universidade Federal de Goiás/GO),*
Aprender a ler e escrever é um grande desafio que as crianças enfrentam nas fases iniciais da escolarização. O sucesso na alfabetização, não só condiciona o percurso escolar, mas também favorece o acesso a bens culturais e o desenvolvimento de processos intelectuais. Nesse sentido, as investigações sobre os processos de aprendizagem da leitura e escrita se revestem de uma importância que vai além do acadêmico e se constituem em responsabilidade social. Nas últimas décadas, diferentes tipos de investigações têm sido realizadas buscando uma melhor compreensão das condições pedagógicas que favorecem a aprendizagem da leitura e escrita bem como dos aspectos cognitivos e conhecimentos envolvidos no processo de alfabetização. Entre esses últimos, a consciência fonológica tem sido apontada como elemento favorecedor do sucesso na aprendizagem da leitura e escrita. Há também indícios de que o conhecimento das letras é indispensável para a aprendizagem da linguagem escrita alfabética, na qual as letras refletem o som das palavras faladas. Esse conhecimento tem sido considerado como um dos alicerces para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita. Resultados de pesquisas sugerem que o conhecimento do nome das letras por crianças pré-escolares é um bom preditor do sucesso futuro na aprendizagem da leitura de palavras. A literatura aponta algumas hipóteses que explicariam a estreita associação entre conhecimento do nome das letras e habilidade inicial de leitura e escrita: (a) o conhecimento do nome das letras refletiria simplesmente um ambiente familiar rico em estimulação educacional, antes da entrada da criança na escola; (b) o nome das letras, assim como as pseudopalavras, não tem sentido fonológico, portanto memorizar essa etiqueta dependeria do processamento de memória fonológica; (c) familiaridade visual, ou seja, conhecer o nome das letras pode favorecer a familiaridade com a forma da letra e, finalmente (d) o conhecimento do nome das letras auxiliaria a criança em suas tentativas de conectar a escrita à fala. Na presente investigação nosso objetivo foi estudar a relação entre habilidades metafonológica,

desempenho em escrita de palavras e diferenças individuais no conhecimento do nome das letras. Foram investigadas 35 crianças pré-escolares, com idades entre 4 e 5 anos que frequentavam uma instituição de educação infantil. Foram aplicadas tarefa de conhecimento do nome das letras, tarefa de consciência fonológica e tarefa de escrita de palavras. Os resultados mostram uma correlação entre conhecimento do nome das letras, habilidades metafonológicas e escrita de palavras. O estudo oferece evidências de que as crianças utilizam o conhecimento do nome das letras na tentativa de conectar a escrita à fala. Discute-se implicações pedagógicas do ensino do nome das letras para crianças pré-escolares como elemento favorecer do processo de aquisição da linguagem escrita.
Palavras-Chave: consciência fonológica; conhecimento de letras; escrita inventada.
P
COG

A CONTRIBUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, MEMÓRIA DE TRABALHO E VELOCIDADE DE NOMEAÇÃO NA HABILIDADE INICIAL DE LEITURA. *Sandra Puliezi**, Dr. Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP),*
Pesquisas recentes na área da Psicologia Cognitiva da Leitura têm evidenciado a importância de algumas habilidades do processamento fonológico na aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita, quais sejam: a consciência fonológica, a memória de trabalho fonológica e a velocidade de nomeação. Conhecer o funcionamento dessas habilidades subjacentes à aprendizagem da linguagem escrita é essencial para entender os processos cognitivos envolvidos no ato de ler e escrever. Essa área de estudos ainda necessita de muitas pesquisas para ampliar o conhecimento sobre o assunto. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar como essas três habilidades de processamento fonológico citadas (consciência fonológica, memória de trabalho e velocidade de nomeação) se relacionam com a habilidade inicial de leitura em um grupo de crianças recém-alfabetizadas que são falantes do português do Brasil. Também foi objetivo verificar se variações na habilidade de leitura (bons e maus leitores) estão relacionadas a variações nas habilidades de processamento fonológico. Participaram do estudo 28 alunos da rede particular de ensino com idade média de 6 anos e 7 meses. O procedimento consistiu na aplicação individual de tarefas de: leitura de palavras, identificação de rima, identificação de fonema inicial, segmentação de palavras em sílabas, repetição de dígitos, repetição de pseudo-palavras e nomeação rápida de figuras. Os resultados encontrados indicaram uma forte correlação entre a habilidade inicial de leitura e as habilidades de processamento fonológico corroborando as hipóteses de outros autores. Os dados foram expressos em pontos e submetidos a testes estatísticos. Os resultados do Teste-t, comparando os bons e maus leitores, nos permitiram concluir que os bons leitores são mais fluentes, leem mais rápido, que os maus leitores, assim como possuem melhores resultados em consciência fonológica. Com relação à memória de trabalho fonológica, podemos dizer que a diferença entre os bons e maus leitores não foi significativa. Na velocidade de nomeação há uma diferença significativa entre os bons e maus leitores. Os resultados das correlações de Pearson nos permitem concluir que o desempenho na leitura inicial está associado com o tempo de leitura. Também podemos dizer que a leitura inicial está associada com as três habilidades do processamento avaliadas: consciência fonológica, memória de trabalho fonológica e velocidade de nomeação. O presente estudo representa apenas uma fração de todas as possibilidades de pesquisa no campo da linguagem escrita. São essenciais muitas outras análises para que se consolide um conhecimento nessa importante área da psicologia cognitiva. Pesquisas ulteriores poderão dar continuidade a esta pesquisa para avançar na explicação dos processos que influenciam a aprendizagem da leitura nos primeiros anos de

escolaridade. Estudos longitudinais e experimentais envolvendo o treinamento das habilidades de processamento fonológico também se fazem necessários.
Bolsa auxílio CNPq
Palavras-chave: Leitura, consciência fonológica e velocidade de nomeação.
M.
COG

A IMPORTÂNCIA DA INSTRUÇÃO EM CONSCIÊNCIA FONÊMICA E DO CONHECIMENTO DAS LETRAS PARA A APRENDIZAGEM INICIAL DA LEITURA. *Luciene Aparecida Felipe Siccherino** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ SP). Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ SP).,*
A aprendizagem da leitura e da escrita requer primeiramente o conhecimento de como funciona o sistema alfabético. A compreensão do funcionamento do sistema alfabético de escrita exige duas aquisições essenciais: a consciência fonêmica e o conhecimento do nome das letras. A consciência fonêmica refere-se à identificação e manipulação dos fonemas, que são os menores sons da fala e, por isso, são difíceis de serem percebidos na fala contínua. Há evidências empíricas de que as habilidades de reflexão e manipulação dos fonemas (consciência fonêmica) são essenciais para a aprendizagem da leitura e escrita alfabéticas. É importante que o aprendiz da linguagem escrita desenvolva a capacidade de manipular fonemas, como por exemplo, isolando-os, segmentando-os ou excluindo-os. Resultados de pesquisas apontam também que o conhecimento do nome das letras do alfabeto concomitantemente à instrução fonêmica assume grande importância porque (1) o nome da letra é escutado na pronúncia de muitas palavras e (2) ao representarem os fonemas de forma sistemática na grafia das palavras, os grafemas dão ao fonema uma certa materialidade. Dessa forma, é possível que a criança utilize o conhecimento que tem do nome das letras e das correspondências grafema/fonema para conectar a escrita á fala. Diante disso, o conhecimento das letras importa para o aprendizado da relação grafema-fonema, tendo em vista que grande parte dos nomes das letras contêm também os fonemas que as letras designam o que facilita a aprendizagem. Assim por exemplo, a letra t para telefone, ou a letra b para bebê. Há dados que sugerem que as crianças se beneficiam do conhecimento do nome das letras mesmo quando apenas parte do nome da letra é detectado na pronúncia da palavra. Nesta apresentação temos como objetivo expor os resultados de uma revisão de literatura realizada sobre pesquisas que tratam do papel da consciência fonêmica na aprendizagem inicial da linguagem escrita. Em um segundo momento, foi feita também uma revisão de pesquisas sobre as relações entre conhecimento do nome das letras e aprendizagem da linguagem escrita. A revisão incluiu pesquisas feitas com falantes do inglês e com falantes do português do Brasil. Para isso foram consultadas bases de dados dos últimos cinco anos, que incluíram artigos publicados em periódicos com avaliação por pares e teses/dissertações aprovadas em cursos de pós-graduação. Os resultados revelam evidências de que a instrução em consciência fonêmica e o ensino do nome das letras são fortes facilitadores da aprendizagem da leitura. No Brasil essas pesquisas ainda são muito pouco numerosas, porém vem se multiplicando nos anos mais recentes.
Apoio: Bolsa CAPES Integral.
Palavras-chave: consciência fonêmica; conhecimento das letras, aprendizagem da leitura.
D
COG

O PAPEL DO PROCESSAMENTO VISUAL SIMULTÂNEO DE LETRAS NA APRENDIZAGEM INICIAL DE LINGUAGEM ESCRITA E DE REGRAS ORTOGRÁFICAS. *Renan de Almeida Sargiani** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP); Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP),*

Aprender a ler em sistemas alfabéticos de escrita requer que sejam aprendidas as correspondências letra-som (grafema-fonema). Assim, a habilidade de leitura envolve, necessariamente, um processamento visual, além do processamento fonológico já amplamente estudado na literatura da área. O processamento visual de leitura foi muito estudado desde o início do século 20, como um fator crucial para a aprendizagem de linguagem escrita, mas devido aos resultados que indicavam correlações, mas não indicavam efeitos de causalidade, essa hipótese passou a ser menos estudada. Em contrapartida, desde os anos 1970, muitas pesquisas demonstraram a importância das habilidades fonológicas na aquisição da leitura. No entanto, a importância do processamento fonológico já amplamente aceita na área de Psicologia Cognitiva da Leitura, não possibilita explicar algumas variações na aprendizagem inicial da linguagem escrita e na aprendizagem de regras ortográficas. Muitas das regras ortográficas, por exemplo, não podem ser explicadas por correspondências letra-som unívocas e então requerem que o leitor se concentre no tratamento visual de todas as letras para que possa memorizar e aprender tais regras. Assim, algumas pesquisas estrangeiras mais recentes têm demonstrado também uma relação entre a aprendizagem da linguagem escrita e a extensão visuo-atencional (EVA), independentemente da consciência fonêmica. A extensão visuo-atencional se refere ao número de letras processadas individualmente em um conjunto específico de letras (palavras). Dessa forma, quanto maior a capacidade de processar letras em um determinado conjunto, melhor a aprendizagem inicial da linguagem escrita e das regras ortográficas específicas. O conceito de extensão visuo-atencional (EVA) é coerente com o modelo conexionista de memória multi-traço de leitura de palavras polissilábicas, que possibilita integrar as hipóteses fonológicas com hipóteses visuo-atencionais, para compreender o desempenho em leitura. Esse modelo de leitura, ainda pouco estudado no Brasil, oferece importantes contribuições para a compreensão das diferenças no desempenho em leitura que não são explicadas apenas por dificuldades fonológicas. Nesta apresentação iremos expor e discutir o modelo de memória multi-traço de leitura e resultados de pesquisas recentes que apresentam evidências sobre a importância do processamento visual na aprendizagem inicial da linguagem escrita, independentemente das habilidades fonológicas. Pesquisas recentes (nacionais e estrangeiras) têm demonstrado que a extensão visuo-atencional contribui de maneira específica para o desempenho em leitura durante todos os anos iniciais de escolarização, principalmente no que se refere à leitura de palavras irregulares. Além disso, os resultados indicam que a impossibilidade de processar todas as letras de uma palavra decodificada parece dificultar a aprendizagem de regras ortográficas específicas.

Apoio: Bolsa GM de dedicação exclusiva do CNPq

Palavras-chave: desempenho em leitura, extensão visuo-atencional, psicologia cognitiva da leitura

M

COG

Sessão Coordenada: **PROJETOS FUTUROS DE JOVENS QUE SE ENCONTRAM EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SÓCIO ECONÔMICA**

A juventude é momento de transição para a vida adulta que envolve uma série de transformações biopsicossociais e a aquisição de novos papéis. Refere-se ao período do ciclo vital, no qual os indivíduos passam da infância à condição de adultos, sendo permeado por importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Esse período é considerado como particularmente sensível, pois inúmeros fatores podem tanto potencializar o desenvolvimento dos indivíduos como limita-los. Inúmeros jovens em nosso pais se encontram em situação de vulnerabilidade sócio econômica. A presente sessão busca apresentar estudos e experiências desenvolvidas no sul do pais que investigam ou trabalham com projetos de vida futuros de jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade econômica ou social. Compreende-se que a vulnerabilidade está associada a um conjunto de situações mais, ou menos problemáticas, que situam a pessoa numa condição de carência, necessidade, impossibilidade de responder com seus próprios recursos as demandas presentes em seu cotidiano. O primeiro trabalho ao investigar a percepção de 200 jovens, oriundos de classes socioeconômicas desfavorecidas, a respeito de suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e da continuidade da vida acadêmica, discute alternativas para realização de orientação profissional de jovens provenientes de contextos socioeconômicos desfavorecidos. O segundo trabalho, por sua vez, investigou em que medida a institucionalização de adolescentes pode interferir nas expectativas desses adolescentes com relação ao seu futuro, a partir de informações coletadas em três contextos escola, instituição de acolhimento e unidade de internação para cumprimento de medida socioeducativa. Essa pesquisa conclui que a privação de liberdade possui forte impacto no desenvolvimento desses jovens; contudo, ter boas expectativas quanto ao futuro pode ser um importante fator de prevenção ao envolvimento com atos infracionais. O terceiro trabalho que foi realizado com de adolescentes privados de liberdade que cumprimento de medida sócio-educativa em função da prática de atos infracionais buscou investigar qualitativamennte os projetos de vida futuros desses jovens. Através da análise de casos múltiplos, observou-se que os jovens apresentam diferentes projetos, mais ou menos definidos, relacionados ao contexto familiar, afetivo e laboral. Os resultados apontam para a necessidade das instituições socioeducativas conseguirem identificar esses projetos de vida dos adolescentes, a fim de que as intervenções possam estar em consonância com os mesmos para sua efetivação. Por fim, o quarto trabalho apresenta o relato de uma experiência com jovens egressos do sistema sócio educativo denominado Programa de Oportunidades e Direitos Socioeducativo, que propõe alternativas de trabalho com esses jovens e suas famílias, baseadas nos princípios de protagonismo juvenil, justiça restaurativa e ressocialização.Esse projeto busca favorecer a educação, reinserção e ressocialização desses jovens, através do trabalho com círculos de compromisso.

Palavras chave: juventude, vulnerabilidade, projetos de vida, intervenções
Código da área da psicologia: DES - Psicologia do Desenvolvimento

Psicologia do Desenvolvimento

PROJETOS PROFISSIONAIS APÓS ENSINO MÉDIO DE JOVENS QUE SE ENCONTRAM EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA. *Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)*
Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)

Marco Antônio Pereira Teixeira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS) ,
As dificuldades características da transição do ensino médio para a universidade ou ao mercado de trabalho, muitas vezes, somam-se a obstáculos culturais e econômicos, em especial, quando se pensa em jovens provenientes de comunidades de baixa renda. Esta transição pode estar associada a condições adversas, que influenciam tanto na passagem para o mercado de trabalho como na construção do projeto de vida dos jovens. Muitas vezes, a inserção no mercado de trabalho e o desenvolvimento de um projeto de vida acabam sendo marcados pela busca de equilíbrio entre o ideal e o possível, determinado por fatores individuais e sócio históricos. O objetivo deste estudo foi investigar a percepção de jovens, oriundos de classes socioeconômicas desfavorecidas, a respeito de suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e da continuidade da vida acadêmica. Foi aplicado um questionário a 200 estudantes de duas escolas públicas do ensino médio do município de Santa Maria. O instrumento continha questões abertas e fechadas, que objetivaram conhecer os planos educacionais e profissionais dos participantes, bem como as dificuldades por eles percebidas para realizar esses planos. As informações obtidas nos questionários foram submetidos a análises de conteúdo descritivas e de frequencia. Os jovens que responderam ao estudo pretendem, em sua grande maioria, continuar os estudos, preferencialmente, cursando um curso de nível superior, uma vez que 23,5% apontam que esperam iniciar uma faculdade e 22% realizar um curso pré-vestibular. Entre os jovens 81% dos estudantes indicaram que pretendem realizar o concurso, 13,5% não sabem se prestarão ou não o vestibular, 4,5% não pretendem realizar esse concurso e 1% dos participantes não respondeu à questão. As principais dificuldades identificadas pelos jovens para se realizar um curso universitário foram passar no vestibular (38%), dificuldades de conciliar estudos e trabalho (26%), dificuldades financeiras (25,5%), escola não preparou o suficiente para entrar na universidade (9,5%), não sabe que curso fazer (8,5%). Também se procurou investigar as intenções dos estudantes no que diz respeito à realização de cursos técnicos. Foi encontrado que 43,5% pretendem obter uma qualificação neste nível de ensino, 38,5% não sabem se realizarão algum curso técnico, 14,5% apontam que não têm essa intenção e 3,5% dos jovens não responderam à questão. Ao serem questionados se acreditavam que encontrariam alguma dificuldade em fazer um curso técnico 35,5% afirmaram que teriam, 51% não esperavam encontrar dificuldades e 13,5% não responderam. As dificuldades esperadas pelos jovens que esperam encontra-las na realização do ensino médio são: dificuldades financeiras (18,5%), conciliar estudos com trabalho (17,5%), não sabem qual curso técnico fazer (9%), escola não preparou para ingressar em curso técnico (5,5%), não conhece alternativas de curso técnicos (4%). Conclui-se que os jovens consideram ser mais difícil ingressar em um curso de graduação do que obter qualificação de nível técnico, pois tanto o vestibular como limitações financeiras são percebidos como empecilhos a esse processo. As dificuldades financeiras também são identificadas na realização de cursos técnicos, assim o ingresso no mundo do trabalho é uma alternativa encontrada para suprir essas dificuldades. Observa-se ainda a necessidade de se trabalhar junto a esses jovens processos de orientação profissional com informações tanto relacionadas a cursos de graduação com o de nível médio.

EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO NA ADOLESCÊNCIA: O IMPACTO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO COMO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO. *Jana Gonçalves Zappe** (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Adolescência, Bolsista de Doutorado (CNPq), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Débora Dalbosco Dell Aglio (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Adolescência, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)

,

A construção de um projeto de vida faz parte da adolescência e está relacionada com as expectativas de futuro. Por um lado, encarar a construção de um projeto de vida envolve realizar escolhas e responsabilizar-se por elas, o que pode se constituir como um evento estressante, mas, por outro lado, os projetos de vida refletem aspirações e desejo de realizações para o futuro, sendo considerados como fatores de proteção ao desenvolvimento. A institucionalização de adolescentes é um recurso previsto legalmente tanto como medida protetiva, em situações de risco pessoal e/ou social, quanto como medida socioeducativa, quando o adolescente praticou um ato infracional. Tendo em vista que o contexto possui forte influência no desenvolvimento humano, este estudo investigou em que medida a institucionalização pode interferir nas expectativas do adolescente com relação ao futuro. Participaram do estudo 946 adolescentes de diferentes contextos: escola (n=681), instituição de acolhimento (n=109) e unidade de internação para cumprimento de medida socioeducativa (n=129), sendo 53.4% do sexo feminino e 46.6% do sexo masculino, com idades entre 12 e 19 anos (M= 15,42; d.p.= 1,67). Os participantes responderam a um questionário (Questionário de Juventude Brasileira), sendo que neste trabalho serão apresentados os resultados referentes à questão que avaliou expectativas dos jovens quanto ao futuro. A pesquisa seguiu as recomendações éticas para pesquisas com seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS. Análises de Variância (ANOVA) indicaram diferenças significativas entre os adolescentes dos três contextos com relação ao escore total de expectativas quanto ao futuro ($F=15,17$; $p<0,001$). Identificou-se que os adolescentes internados para cumprimento de medida socioeducativa possuem expectativas mais baixas que os adolescentes escolares quanto a concluir o ensino médio ($F=50,91$, $p<0,001$), entrar na universidade ($F=44,56$, $p<0,001$), ter um emprego que garanta boa qualidade de vida ($F= 18,16$, $p<0,001$), ter um trabalho que dará satisfação ($F=6,07$, $p=0,03$) e ter amigos que darão apoio ($F= 13,28$, $p<0,001$), enquanto que os adolescentes que viviam em instituições de acolhimento apresentaram expectativas mais baixas que os adolescentes escolares apenas quanto a concluir o ensino médio ($F=50,91$, $p<0,001$). Os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa também apresentaram expectativas mais baixas que os adolescentes que viviam em acolhimento quanto a entrar na universidade ($F=44,56$, $p<0,001$), ter um emprego que garanta boa qualidade de vida ($F=18,16$, $p<0,01$) e ter amigos que darão apoio ($F=13,28$, $p<0,01$). Não houve diferença significativa entre os grupos quanto a ter casa própria, ter uma família, ser saudável a maior parte do tempo e ser respeitado na própria comunidade, indicando que estas expectativas são compartilhadas pelos adolescentes dos três contextos investigados. No entanto, os adolescentes institucionalizados apresentaram expectativas mais baixas de concluir o ensino médio que os adolescentes escolares. De modo geral, as expectativas mais baixas foram identificadas entre os adolescentes internados para cumprir medida socioeducativa, o que indica, por um lado, que a privação de liberdade possui forte impacto no desenvolvimento e, por outro lado, que ter boas expectativas quanto ao futuro pode ser um importante fator de prevenção ao envolvimento com atos infracionais.
Apoio Financeiro: Apoio para pesquisa (CNPq e FAPERGS) e Bolsa de Doutorado (CNPq)
Palavras-chave: adolescente, expectativa quanto ao futuro, institucionalização
Nível do trabalho: D (Doutorado)

PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI. *Cristiane Rosa dos Santos** (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Bolsista de Mestrado (CAPES/CNPq), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)*
Kátia Simone da Silva Silveira (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Faculdade Integrada de Santa Maria, Santa Maria, RS)*

*Jana Gonçalves Zappe** (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Adolescência, Bolsista de Doutorado (CNPq), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)

,

Estudos apontam que adolescentes em conflito com a lei vivenciaram situações de risco pessoal e social antes de praticar atos infracionais, o que tem o potencial de prejudicar a construção de projetos de vida positivos. A legislação brasileira prevê medidas socioeducativas que, além de responsabilizar o adolescente autor de atos infracionais, deve oportunizar a reconstrução de seu projeto de vida através da oferta de outros valores e perspectivas. O objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão acerca dos projetos de vida de adolescentes privados de liberdade para cumprimento de medida sócio-educativa em função da prática de atos infracionais. Realizou-se um estudo de casos múltiplos, do qual participaram cinco jovens do sexo com idade entre 15 e 18 anos. A coleta de informações foi realizada através de entrevistas individuais guiadas. Foram adotados os procedimentos éticos para pesquisas com seres humanos e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM. A análise das informações revelou que o projeto de vida mais presente na fala dos jovens envolve questões afetivas e familiares, pois todos os adolescentes revelaram que desejam ter uma família, ter um relacionamento afetivo ou ajudar a mãe no futuro. Três adolescentes revelaram que pretendem trabalhar e dois adolescentes relataram à intenção de adquirir algum bem material, como uma casa e uma moto. Apenas dois adolescentes indicaram o projeto de estudar e dois apresentaram projetos mais vagos, como ser um homem de bem (sic) e mudar de vida (sic). Um dos adolescentes revelou um projeto altamente negativo, que consiste em vingar-se da morte de seu irmão que morreu assassinado matando alguém, o primeiro que cair na minha frente (sic). Diante disso, pode-se concluir que os adolescentes investigados, em que pese todos terem cometido um ato infracional, apresentam diferenças importantes quanto aos projetos de vida e, consequentemente, quanto ao suporte que necessitam para efetivá-los. Entende-se que os adolescentes que apresentam projetos positivos e concretos para suas vidas, como ter uma família, estudar, trabalhar e adquirir bens, precisam ser incentivados a realizar tais projetos e receber suporte para isso através da inclusão em políticas de educação, profissionalização, trabalho e renda. Os adolescentes que apresentam projetos ainda vagos precisam ser estimulados a construir projetos mais concretos através de acompanhamento psicossocial, para então serem encaminhados para a busca de efetivação destes projetos. Finalmente, o caso do adolescente que possui um projeto de vingança merece atenção especial, pois este é um projeto bastante negativo que pode estar revelando indícios de dificuldades mais sérias, o que exige intervenção imediata. Por fim, salienta-se a responsabilidade das instituições socioeducativas em identificar os projetos de vida dos adolescentes para que as intervenções sejam condizentes com eles, oferecendo suporte tanto para a (re)construção quanto para a efetivação dos projetos de vida dos jovens institucionalizados.

Apoio Financeiro: Bolsas de Mestrado e Doutorado (CAPES/CNPq)
Palavras-chave: Adolescente em conflito com a lei; Projeto de vida; Instituição.
Nível do trabalho: M (Mestrado)
Código da área da psicologia: DES - Psicologia do Desenvolvimento

CÍRCULOS DE COMPROMISSO E PROGRAMA DE OPORTUNIDADES E DIREITOS SOCIOEDUCATIVO: POSSIBILIDADES NA RECONSTRUÇÃO DO PROJETO DE VIDA DE ADOLESCENTE EM EGRESSO DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO.. *Iara da Silva Ferrão (Grupo de*

Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Faculdade Integrada de Santa Maria, Santa Maria, RS)
Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)

,

A internação de adolescentes que cometeram um ato infracional parece mostrar-se cada vez mais ineficiente tanto na reconstrução do projeto de vida dos jovens como na superação do cumprimento de uma medida socioeducativa (MSE). São poucas experiências exitosas no sistema socioeducativo e inúmeras as dificuldades enfrentadas por esse tipo de atenção, assim torna-se necessário pensar e implementar novas possibilidades de atuação junto aos indivíduos envolvidos no cumprimento da MSE. A necessidade de novas oportunidades de desenvolvimento pessoal e social são fundamentais à reconfigurção da MSE, para além do viés punitivo, tornando-as atividades pedagógicas e ressocializadoras, como previsto no Estatuto da criança e adolescente. O presente trabalho busca apresentar as atividades que vem sendo realizadas na cidade de Santa Maria com jovens egressos do sistema sócio educativo. Considera-se que o Programa de Oportunidades e Direitos Socioeducativo POD pode ser uma alternativa para os adolescentes que cometeram ato infracional, uma vez que oferece um auxilio para o enfrentamento das principais dificuldades encontradas por esses jovens na sua reinserção familiar, social, escolar, no mercado de trabalho. O POD Socioeducativo teve inicio no Centro Social Marista Santa Marta no mês de abril de 2010, com objetivo de atender, de maneira multidisciplinar, aos jovens egressos da FASE. O programa através do acesso e permanência em espaços educativos pretende oferecer aos jovens à possibilidade de um desenvolvimento pessoal e profissional, uma vez que objetiva o retorno a educação formal, proporcionando a participação em oficinas de qualificação profissional e de formação humana cidadã. Os jovens que decidem participar voluntariamente do Programa recebem uma bolsa com valor monetário de duzentos e vinte reais ($220,0). São exigências impostas pelo Programa para participação: o não envolvimento em atos infracionais, frequentar regularmente a escola e participar das oficinas e/ou cursos oferecidos pelo Programa. O Programa fundamenta-se nos princípios da Justiça Restaurativa (JR), prevendo a realização de Círculos nas suas ações. Os Círculos de Compromisso dividem-se em três etapas: o pré-círculo (preparação para o encontro com os participantes); o círculo (realização do encontro propriamente dito) e o pós-círculo (acompanhamento). O pré-circulo é momento no qual são realizadas oficinas, que apresentam o projeto aos adolescentes, se realiza o contato com as famílias, comunidade e redes de profissionais que atendem aos jovens. O Círculo, por sua vez, é feito entre pessoas diretamente envolvidas no processo de acompanhamento ao egresso que optam por participar do POD. Neste momento busca-se articular o trabalho ao Plano Individual Atendimento (PIA) do egresso, responsabilizando os diferentes atores pelas ações acordadas no circulo. O pós-círculo é a fase do acompanhamento da execução do PIA construído, em equipe, no Circulo de Compromisso. A execução do Círculo de Compromisso é um momento único, sendo que cada círculo carrega a singularidade da historia de vida destes adolescentes. Por fim, considera-se que o POD Socioeducativo e os Círculos de Compromisso por proporcionarem espaços para a construção e a pactuação de novos projetos de vida aos adolescentes, suas famílias e outros atores envolvidos se constituem em uma possibilidade mais efetiva de intervenção junto a essa população.

Nível do trabalho: extensão relato de experiência
Código da área da psicologia: DES - Psicologia da saúde

Sessão Coordenada: **PROMOÇÃO DE SAÚDE E ATENÇÃO AO USO DE DROGAS**

Os estudos epidemiológicos indicam o significativo envolvimento da população brasileira com o uso de álcool e outras drogas, assim como a iniciação precoce no uso das mesmas, constituindo-se, dessa forma, em um dos graves problemas de saúde pública no Brasil. Esta situação espelha, na verdade, um fenômeno que tem contornos mundiais. O campo da atenção aos problemas relacionados ao uso de drogas esteve marcado, entretanto, durante sua história recente (até início dos anos 1990), por um predomínio do modelo biomédico, que se caracteriza pelo reducionismo da abordagem do fenômeno da saúde à lógica da doença e, no caso específico da drogadição, interpretada basicamente pela sua dimensão genética e neuroquímica, tratada através de internações em hospitais psiquiátricos ou clínicas especializadas e controlada através do uso de medicações. No entanto, as transformações no campo da saúde, produzidas pelo movimento sanitário e pela reforma psiquiátrica brasileira trouxeram uma ampliação na abordagem deste fenômeno, sendo que nas últimas duas décadas, ele vem, pouco a pouco, sendo incorporado a lógica da promoção da saúde e introduzido no campo dos novos dispositivos da área da saúde mental. A promoção de saúde é um conceito forjado nos anos 1970, que busca ampliar a visão do campo sanitário, introduzindo a visão da complexidade do fenômeno saúde e da necessidade da análise de suas determinantes, considerando-as em um processo de interação dialética entre as várias dimensões: a biológica, a social, a ambiental, a cultural, os estilos de vidas individuais. Este modelo, adotado mundialmente, organiza as ações em saúde em diferentes níveis de atenção, em ordem crescente de complexidade da intervenção requerida. Essa sessão coordenada buscará compreender, através do relato de diversas pesquisas de mestrado, sobre a relação entre promoção de saúde e tratamento ao uso de drogas tanto na atenção básica, enquanto porta de entrada do Sistema Único de Saúde, como nos CAPSad (Centros de Atenção Psicossocial, especializados em álcool e outras drogas), enquanto dispositivos centrais da atenção em saúde mental no Brasil. Essa discussão será introduzida por um estudo sobre a produção científica internacional, nos últimos cinco anos, sobre esta relação, buscando discutir os indicadores internacionais para o tema. A sessão coordenada tem como meta contribuir para a reflexão e proposição de melhorias no sistema público de atenção à drogadição em nosso país.
Saúde Mental

PROMOÇAO DE SAÚDE E ABUSO DE DROGAS: ANÁLISE DA PRODUÇAO CIENTÍFICA INTERNACIONAL (2007-2011). *Daniela Ribeiro Schneider (Núcleo de pesquisas em Psicologia Clínica. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC),*

O movimento de promoção da saúde surgiu nos anos 1970, inicialmente no Canadá e logo se internacionalizou. O primeiro grande evento mundial foi a I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde (1986), no qual foi redigido a Carta de Ottawa, um dos documentos de referência nessa área. Inúmeros eventos, publicações e pesquisas têm contribuído para a definição de seu conceito e dos seus desdobramentos práticos para o campo sanitário. Destacam-se entre as produções o Relatório Lalonde (1974), os relatórios da I Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde (Alma-Ata, 1978), e das seis Conferências Internacionais de Promoção da Saúde. O conceito de promoção introduz a análise dos chamados determinantes da saúde, estabelecendo as bases para uma nova forma de pensar saúde, que supera as limitações do modelo biomédico, ao considerar a interlocução entre os aspectos da biologia humana, do ambiente, dos estilos de vida individuais e coletivos, além da proposta da organização dos diferentes níveis da atenção em saúde como princípios norteadores da intervenção na área. Os problemas relacionados ao uso de drogas são hoje um dos mais relevantes problemas de saúde pública mundial, sendo que seu campo da atenção

esteve marcado, durante sua história, por um predomínio do modelo biomédico. Nas últimas duas décadas, ele vem, pouco a pouco, sendo incorporado a lógica da promoção da saúde. A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma revisão das publicações internacionais nos últimos 5 anos (2007-2011) acerca da relação entre promoção de saúde e dependência de drogas, visando conhecer o estado da arte da temática em questão. Foi feita uma busca, em junho de 2012, nas bases de dados Science Citation Index Expanded (SCI) e Social Sciences Citation Index Science (SSCI), da Web of Science (WOS), com os seguintes indexadores Health Promotion, Substance* disorder*, Abuse Disorder*, Addiction, Substance abuse, com os anos de publicação acima definidos. Resultaram em 196 artigos. Foram aplicadas metodologias procedentes da bibliometria, utilizando o software Bibexcel, e da análise de redes sociais, com o software Pajek. Serão apresentados alguns indicadores bibliométricos, como o número de trabalhos publicados por ano, os países que mais produzem na temática, as redes de pesquisadores e instituições que investigam o tema, as principais áreas em que os artigos foram publicados, sendo detalhada a análise da co-ocorrências de palavras-chaves entre os artigos, como forma de discutir o universo semântico da produção científica da área. Esta revisão servirá de introdução para as pesquisas que serão apresentadas a seguir na sessão coordenada, sobre o tema de promoção de saúde e uso de drogas, em diferentes níveis de atenção em saúde.

Palavras-chaves: promoção de saúde, dependência de drogas, produção científica, bibliometria.

PRÁTICAS E ESTILOS DE PENSAMENTO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO BÁSICA. *Inea Giovana da Silva-Arioli (Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Lages, SC),*

A promoção de saúde constitui-se em um modo de significar a saúde e a doença, e pode tanto estar embasada no modelo biomédico, quanto trazer contribuições para o rompimento com esse modelo, implicando em significações radicalmente diferentes para as ações neste âmbito. A localização deste assunto no contexto nacional e internacional auxilia a análise deste campo em construção e evidencia indícios norteadores em pontos obscuros. Por esse motivo, foi realizada uma revisão de literatura que abarca a promoção de saúde inserida na especificidade da Atenção Básica, e que evidencia o que foi produzido entre 2006 e 2010 no portal CAPES e na Biblioteca Virtual de Saúde. O trabalho, aqui apresentado, configura-se em uma pesquisa de mestrado realizada na Atenção Básica de um município do interior de Santa Catarina que tem como objetivo compreender os estilos de pensamento e práticas de promoção de saúde de Equipes de Saúde da Família. Como trajeto mais coerente para consecução de seus objetivos utiliza o enfoque qualitativo, sendo uma pesquisa de campo de corte transversal. Para coleta de dados foi utilizado observação participante para a entrada em campo, seguida de grupos focais e entrevista semi estruturada. Para auxiliar na organização dos dados foi utilizado o software denominado ATLAS TI 5.0 (Qualitative Research and Solutions) e a análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo. Os resultados apontam as dificuldades e precariedades das condições de trabalho na Atenção Básica, os problemas do financiamento insuficiente e da falta de infraestrutura do sistema de saúde, assim como de sobrecarga de trabalho, que aliada às queixas de falta de motivação por boa parte dos profissionais participantes, resulta em sofrimento no trabalho e um processo de medicalização destes profissionais, como estratégia para lidar com este sofrimento. Esta situação evidencia que os caminhos trilhados dentro do próprio sistema de saúde vão em direção contrária as práticas de promoção, visto que o processo de medicalização é um caminho inverso. É fundamental ressaltar a contradição da situação: apesar do movimento de promoção de saúde constituir-se enquanto alternativa de oposição à medicalização do social, o que foi constatado nesta pesquisa é que a medicalização está arraigada nas práticas da AB e, inclusive, presente

nos processos de trabalho dos próprios profissionais da área, como uma alternativa para seu sofrimento. No que tange as práticas e estilos de pensamento em promoção de saúde, verificou-se um predomínio deste tema associado à prevenção de agravos e à perspectiva da educação em saúde tradicional, que dificultam o protagonismo da população. Conclui-se que existem estilos de pensamento divergentes de promoção de saúde entre os profissionais da Saúde da Família, sendo que a descrição do cotidiano indica, prioritariamente, ações voltadas para a prevenção, com dificuldade para o estabelecimento de práticas que visem intervir na determinação social da saúde e promovam a autonomia dos usuários.
Palavras-chaves: Promoção de saúde; Atenção Básica; Estilos de pensamento.
Mestrado
SMENTAL

AS AÇÕES DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DA ATENÇÃO BÁSICA JUNTO AOS USUÁRIOS COM PROBLEMAS DECORRENTES DO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. *Dálberti Sciamana de Lima** (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC). ,*

A dependência e o uso abusivo de álcool e outras drogas se constitui como um grave problema no âmbito da saúde pública mundial e brasileira. A Política Integral do Ministério da Saúde para atenção destes usuários prevê, entre um conjunto de diretrizes e ações, a instalação de dispositivos especializados como os CAPS-ad. Contudo, em municípios que não apresentam estes serviços, a demanda em saúde gerada por estes usuários acaba sendo absorvida pelas Unidades Básicas de Saúde, mais especificamente, pelas equipes da atenção básica. Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa foi analisar as ações dos profissionais de saúde da atenção básica, junto a usuários com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, em um município de porte médio do Estado de Santa Catarina cuja rede de saúde não apresentava, até 2010, nem equipes de referência em Saúde Mental, nem Núcleos de Apoio a Saúde da Família (NASF), nem mesmo os serviços previstos pela política nacional de atenção à saúde mental, como os CAPS e os CAPS-ad. Foram realizadas entrevistas semi estruturadas com as Equipes da Saúde da Família (ESF), sendo um médico clínico geral, um enfermeiro e um agente comunitário de saúde de cada uma das cinco maiores Unidades Básicas de Saúde do município em questão. Ao todo, foram entrevistados quinze profissionais. Esta pesquisa se caracterizou como um estudo de campo qualitativo, do tipo descritivo exploratório, de corte transversal. Os dados foram gerados por análise de conteúdo e, depois de transcritos, organizados em categorias estabelecidas a priori, de acordo com eixos norteadores das entrevistas. A partir dos agrupamentos das respostas dos sujeitos dadas pelas semelhanças entre elas, foram definidas as subcategorias e os principais elementos de análise. Os resultados obtidos indicam que as equipes de saúde da atenção básica, em sua maioria, desconhecem as políticas públicas de atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas do Ministério da Saúde, apresentam dificuldades no manejo destes usuários por decorrência da ausência de conhecimentos técnicos especializados e da falta de suporte de equipes de referência em saúde mental. Por essa razão, quando identificados por demanda espontânea ou por relato dos familiares, os usuários de álcool e outras drogas recebem a administração farmacológica como principal método de intervenção e são encaminhados para grupos de ajuda mútua, como Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos, ou para os hospitais psiquiátricos da região. As equipes de ESF, que não haviam recebido até o momento da pesquisa, nenhuma capacitação específica para atuação na área do uso da saúde mental e uso de drogas, acabam por reproduzir o modelo de saúde mental tradicional, dentro da racionalidade biomédica, o que acaba por ferir, os princípios básicos que regem o Sistema Único de Saúde e as políticas de atenção integral aos usuários de drogas do Ministério da Saúde.

Palavras Chave: Atenção Básica Álcool e outras drogas Profissionais da Estratégia Saúde da Família
Mestrado
SMENTAL

RACIONALIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE PROFISSIONAIS DE CAPSAD: IMPLICAÇÕES PARA AS PRÁTICAS E CUIDADOS NO SERVIÇO. *Jeovane Gomes de Faria (Faculdade Metropolitana de Guaramirim/SC FAMEG/UNIASSELVI),*

O modelo de atenção aos usuários de álcool e outras drogas desenvolvido no CAPSad, contextualizado no âmbito das Reformas Sanitária e Psiquiátrica, ainda está em fase de implementação, sendo constituído de diferentes racionalidades teórico-metodológicas entre os profissionais nele inseridos. O objetivo deste estudo foi compreender essas racionalidades e suas implicações para as práticas e cuidados do serviço e para o projeto terapêutico institucional. Constituiu-se em um estudo qualitativo exploratório-descritivo, com delineamento de estudo de caso. Os participantes foram dezesseis profissionais do CAPSad de uma cidade de médio porte de um estado do sul do Brasil. A coleta de dados realizou-se por meio da observação participante, realizada ao longo de uma semana e cobrindo todos os períodos de funcionamento da unidade de saúde, com registro em diário de campo; e de entrevistas semi-estruturadas com todos os profissionais inseridos no CAPSad estudado, que foram captadas via gravador digital de áudio e posteriormente transcritas em sua íntegra. Os dados foram divididos e analisados a partir de oito categorias, sendo três emergentes das observações e cinco das entrevistas, que procuraram descrever a realidade da instituição pesquisada, compreendida pelas racionalidades teórico-metodológicas de seus profissionais e pelas práticas e cuidados desempenhados pelos mesmos diante dos usuários e demandas do serviço. Verificou-se um serviço composto por profissionais com trajetórias acadêmicas e profissionais bastante diferentes entre si e com importante experiência na atenção ao público em geral, mas que apresentavam dificuldades em organizar essa diversidade de forma convergente na atenção aos usuários, o que acabava tendo como consequência um conjunto de contradições entre as trajetórias e as formações profissionais com as práticas e cuidados desenvolvidas dentro do CAPSad, o que vai ao encontro dos resultados da revisão bibliográfica deste estudo, que demonstraram intervenções ainda baseadas em um modelo biomédico e moral, em contradição com a política oficial de atenção, voltada para a integralidade e promoção de saúde. A ideologia da reforma psiquiátrica, bem como a do movimento sanitário, apareceu apenas enquanto discurso, uma vez que a prática observada era baseada em uma postura disciplinar e focada na ideia de periculosidade dos usuários, não apresentando uma preocupação com a forma como os usuários inseridos no programa compreendiam a atenção recebida, apresentando assim um modelo de atenção verticalizado e superficial, eclodindo na ausência de um fluxograma formal e em projeto terapêutico institucional fragmentado. Sugere-se assim aproximar o serviço com a gestão municipal, a fim de promover a melhor compreensão da função do CAPSad dentro da rede de atenção, estabelecendo uma maior convergência das ações. Os resultados apontam para a necessidade de formação continuada que contemple tanto as questões relacionadas com a política de atenção, quanto procedimentos de planejamento estratégico. Também se faz importante a organização do dispositivo da supervisão clínico-intitucional, disponibilizado pelo Ministério da Saúde, como complemento na elaboração e efetivação de um modelo de atenção em álcool e outras drogas para o serviço estudado.

Palavras-chave: racionalidades; saúde mental; uso de drogas.
M

SMENTAL

O PERFIL DOS USUÁRIOS DE DROGAS EM TRATAMENTO NUM CAPS I DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL. *Cinthia Maria Cecato Picoli** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).,*

O crack tornou-se uma droga popular nos últimos vinte anos e está presente, cada vez mais, como a substância de preferência de muitos usuários, em função de ser relativamente barata e de fácil acesso, bem como por produzir efeitos prazerosos de forma breve e intensa. Por outro lado, é uma droga que causa uma deterioração psicofísica e social muito rápida nos usuários, o que os leva a procurarem ou serem trazidos ao sistema de saúde, seja por problemas de ordem orgânica, seja pela própria questão da adição e seus desdobramentos psicossociais, em poucos meses após o início do uso. Aqui será discutida a primeira etapa da pesquisa de mestrado, que tem como foco a adesão de usuários de crack aos tratamentos. Esta primeira parte teve como objetivo descrever o perfil dos usuários de um CAPS I, de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e, em especial, dos usuários de crack. Durante o período de um ano, realizou-se uma coleta de dados sobre as características dos usuários através dos prontuários do Serviço, totalizando 379 sujeitos. Identificou-se dados sócio-demográficos: sexo, religião, idade, estado civil, escolaridade, com quem reside, região de onde procede, como foi encaminhado ao serviço e a renda. Coletaram-se também informações acerca do diagnóstico, substância mais usada, nos casos de usuários de drogas. Realizou-se análises univariadas, como frequências, porcentagens e médias. Os dados coletados forma incluídos no programa SPSS. Verificou-se que 54,89% dos usuários buscaram o serviço em decorrência de problemas por uso de álcool e outras drogas e 45,11% por problemas mais específicos de sofrimento psíquico. Dentre os usuários de drogas, a substância mais consumida foi o álcool, em 46,6% dos casos. O uso múltiplo de drogas, como por exemplo, o uso concomitante de álcool, crack, cocaína e maconha; álcool e crack, crack e maconha e outras combinações, aparece em seguida representando 29,8% dos casos. Em terceiro, verificou-se que 20,2% dos usuários buscaram o serviço devido ao uso do crack. Destaca-se que dos usuários que fazem uso múltiplo de drogas, 26,9% associam ao crack. Portanto, ao se somar o uso exclusivo e o uso combinado constatou-se que 47,12% dos sujeitos fazem uso desta substância. Em relação aos dados sociodemográficos, os usuários de álcool e drogas são, na maioria, homens, de religião católica, com idade entre 30 e 39 anos, de baixa escolaridade, residem com familiares, buscaram espontaneamente o serviço e possuem uma renda entre 1 e 3 salários mínimos. Discutir-se-á os desafios para os CAPS na abordagem dos usuários de crack, na medida em que estes se caracterizam como uma das maiores demandas de atendimentos e os relatos de profissionais dos serviços apontam as dificuldades de adesão desses usuários aos tratamentos. Os serviços devem ofertar ao usuário um atendimento que tenha resolutividade sobre as consequências agudas e crônicas relacionadas ao consumo, as quais podem afetar tanto as áreas física, social, psíquica, familiar, tendo sempre como meta ampliar a acessibilidade aos serviços e a qualificação de suas ações.

Palavras-chave: crack, saúde mental, tratamento, avaliação de serviços

Mestrado - M

SMENTAL

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO. *Ana Priscila de Oliveira Benites (Faculdade Metropolitana de Blumenau - Fameblu - Grupo Uniasselvi, Blumenau-SC). ,*

Devido às características desenvolvimentais da adolescência, o consumo de bebidas alcoólicas, nesta fase, configura-se como um preocupante problema de saúde pública, que vem ocorrendo de uma maneira cada vez mais precoce - já na pré-adolescência. Ademais, as diferenças de outrora no padrão de consumo entre adolescentes do sexo feminino e masculino têm diminuído, o que chama a atenção para os efeitos desse comportamento nas adolescentes. Sujeitas a prejuízos físicos e psicológicos, tais como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e dificuldades de aprendizagem, as adolescentes são mais vulneráveis aos efeitos negativos do uso frequente e/ou excessivo de álcool, dadas às peculiaridades biológicas do organismo feminino, como a maior quantidade de gordura, que faz com que elas absorvam o álcool mais facilmente, quando comparadas com os rapazes, com a ingestão da mesma quantidade de bebida. Embora o consumo de bebidas alcoólicas seja um fenômeno complexo e multideterminado, esse estudo centrou-se na relevância do contexto familiar e sua atuação, tanto como fator de risco, quanto de proteção, para o uso de álcool pelas adolescentes, visto que a literatura tem apontado que elas necessitam de maior apoio familiar como fator protetor ao envolvimento com grupo de pares desviantes. Dessa forma, o objetivo foi compreender a influência da família, no consumo de bebidas alcoólicas, em adolescentes do sexo feminino. A pesquisa, de natureza qualitativa, teve caráter exploratório, descritivo e corte transversal, e ocorreu em duas etapas. Na primeira, foi realizado um grupo focal em uma escola particular e outro em uma pública, em uma cidade do interior de Santa Catarina, para discutir com as adolescentes essa temática. Na etapa seguinte, as participantes foram convidadas para uma entrevista individual, além de responderem a um questionário sobre o uso de álcool e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar, para avaliar como percebiam o suporte familiar recebido. Nos grupos participaram 17 adolescentes, sendo que destas, 12 foram entrevistadas. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo categorial temática. Os resultados sinalizaram que as adolescentes participantes têm um padrão de uso social do álcool, assim como suas famílias e que elas perceberam o pai como mais proibitivo em relação ao consumo do álcool do que a mãe, que se mostrou mais permissiva. Para essa amostra, beber descontroladamente foi percebido como algo negativo e a ser evitado pelo sexo feminino. Ainda, regras claras para beber, suporte familiar e proximidade emocional com figuras femininas, mães e avós, atuaram como mecanismos de proteção, corroborando dados de pesquisas anteriores.

Palavras-chave: Adolescência, álcool, fatores de risco e proteção.

M

SMENTAL

Sessão Coordenada: **PSICOLOGIA DA SAÚDE E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: ESTUDOS E APLICAÇÕES EM ENFERMIDADES CRÔNICAS**

A Psicologia da Saúde é um campo da ciência psicológica em expansão, com avanços evidentes na atuação profissional e na produção de conhecimentos. A avaliação psicológica é uma atividade de suma importância que faz parte da atuação do psicólogo da saúde, tendo em vista a necessidade de investigar variáveis psicológicas associadas a outros indicadores  como adesão a tratamento, por exemplo , bem como de identificar demandas de atendimento. Assim, a identificação de instrumentos validados e adequados aos indicadores psicológicos que se pretende investigar é um desafio para profissionais e pesquisadores que pautam sua atuação na psicologia baseada em evidências. Outro ponto relevante é que estudos com enfermidades crônicas tem sido prioritários na área de Psicologia da Saúde, diante do propósito de conhecer melhor o impacto psicológico e social de condições com as quais as pessoas terão que conviver por toda a vida. A sessão coordenada denominada Psicologia da saúde e avaliação psicológica: estudos e aplicações em enfermidades crônicas têm por objetivo relatar quatro trabalhos de pesquisa direcionados à avaliação de variáveis psicológicas em contextos de doenças crônicas, como diabetes, obesidade e câncer ginecológico. Um dos estudos a ser apresentado tem características distintas  mas se insere no tema avaliação psicológica  pois teve por objetivo adaptar e validar para a cultura brasileira o Brief Illness Perception Questionnaire, um instrumento para avaliação da percepção de doenças, com grande potencial de utilização em serviços de saúde por equipes interdisciplinares. Sua amostra foi composta de pessoas com HIV/aids, diabetes, hipertensão arterial, psoríase e asma, ou seja, pacientes em condições crônicas. Um ponto comum dos trabalhos se deve ao seu desenvolvimento em instituições públicas, sendo que a coleta de dados ocorreu em hospitais universitários nos quatro estudos. Assim, os estudos articulam pesquisa e prática profissional da psicologia, o que qualifica a atenção em saúde. Destaca-se que os trabalhos possuem, entre seus autores, docentes que atuam em nível de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado), sendo que três deles (Eliane Seidl, Maria Cristina Miyazaki e Eleonora A. P. Ferreira) fazem parte de GTs da ANPEPP com temáticas do campo da Psicologia da Saúde. Um trabalho se refere a dissertação de mestrado e outro tese de doutorado. Destaca-se ainda que três dos quatro trabalhos tiveram apoio de agências de fomento, tal como explicitado em seus resumos. Esclareço que na qualidade de proponente da sessão coordenada, sou coautora do trabalho Propriedades psicométricas da versão brasileira do brief illness perception questionnaire (Brief IPQ), a ser apresentado pela primeira autora, Graziela Nogueira. Tal como orientado pela secretária da SBP, Kelly, digitei essa justificativa no campo Proponente, já que o primeiro trabalho a ser apresentado está listado no campo Apresentador 2. Isso foi feito para viabilizar a aceitação pelo sistema, já que este torna obrigatória a inserção de trabalho pelo coodenador da sessão.
Psicologia da Saúde

PSICOLOGIA DA SAÚDE E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: ESTUDOS E APLICAÇÕES EM ENFERMIDADES CRÔNICAS. *Eliane Maria Fleury Seidl,*
Esclareço que na qualidade de proponente da sessão coordenada, sou coautora do trabalho Propriedades psicométricas da versão brasileira do brief illness perception questionnaire (Brief IPQ), a ser apresentado pela primeira autora, Graziela Nogueira. Tal como orientado pela secretária da SBP Kelly, digitei essa justificativa no campo Proponente, já que o primeiro trabalho a ser apresentado está listado no campo Apresentador 1. Isso foi feito para viabilizar a aceitação pelo sistema da presente sessão. O segundo trabalho será apresentado pela Prof. Eleonora Ferreira (UFPA) denominado Avaliação de indicadores emocionais em adultos com diabetes tipo 2 e adesão ao tratamento. A terceira apresentação será feita pela Profa. Cristina

Miyazaki com o trabalho Candidatos a cirurgia bariátrica: análise de protocolos da avaliação psicológica pré-cirurgia. O quarto trabalho será apresentado pela psicóloga do Hospital Universitário de Brasília Nadielle Lira intitulado Mulheres em braquiterapia para câncer ginecológico: avaliação de aspectos psicossociais.

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO BRASILEIRA DO BRIEF ILLNESS PERCEPTION QUESTIONNAIRE (BRIEF IPQ). *Graziela Sousa Nogueira**; Eliane Maria Fleury Seidl (Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília-UnB, Brasília-DF),*

Nos últimos anos houve o crescimento de pesquisas em âmbito mundial sobre a temática percepção de doenças. Tal expansão tem sido observada especialmente a partir do desenvolvimento e difusão de instrumentos embasados no Modelo de Autorregulação de Leventhal. Entre os instrumentos construídos a partir desta perspectiva cita-se o Brief Illness Perception Questionnaire (Brief IPQ), medida utilizada em diversos países, que auxilia no direcionamento de intervenções psicológicas, particularmente cognitivo-comportamentais. No Brasil são inexistentes instrumentos validados que avaliam a percepção de doenças, o que assegura a relevância de pesquisas com esta proposta. O objetivo deste estudo foi adaptar e validar o Brief Illness Perception Questionnaire (Brief IPQ) para a cultura brasileira, com análise de suas propriedades psicométricas. Trata-se de instrumento composto de oito itens (respondidos em escala de 0 a 10) e um nono item aberto que investiga a percepção de causalidade da doença (item não incluído na análise fatorial). O instrumento avalia a representação cognitiva e emocional da doença. Inicialmente, o Brief IPQ foi traduzido da versão original (inglês) para a língua portuguesa, mediante técnicas de tradução reversa e análise semântica, constituindo a validade linguística. A versão em português foi, então, aplicada a 324 pacientes (59,9% mulheres, idades entre 18 a 85 anos, média=40,4) com enfermidades crônicas: HIV/aids (n = 65), diabetes (n = 65), hipertensão (n = 65), psoríase (n = 65) e asma (n = 64), que constituíram amostra de conveniência. A análise dos componentes principais com rotação varimax extraiu três fatores: Fator 1, denominado representação emocional (α = 0,80), que agrupou dois itens originais da representação emocional (emoções e preocupações) e dois itens correspondentes originalmente à representação cognitiva (consequências e identidade); Fator 2 nomeado representação cognitiva (α =0,52) agrupou três itens de representação cognitiva, tal como na versão original (controle do tratamento, controle individual e compreensão); Fator 3 (percepção de temporalidade) constituído pelo componente de representação cognitiva \"dimensão temporal\", com item único. Para verificar qual estrutura fatorial possuía o melhor ajuste foram realizadas análises fatoriais confirmatórias, sendo testados dois modelos: Modelo 1, constituído por uma estrutura teórica com base no Modelo de Autorregulação de Leventhal; e Modelo 2 baseado na solução fatorial obtida no presente estudo, sendo excluído o item referente à dimensão temporal por se tratar de fator com item único. O Modelo 2 apresentou o melhor ajuste. A solução fatorial obtida, portanto, se refere a um instrumento com sete itens avaliados por uma escala de 0-10, mais uma questão aberta sobre causalidade da doença. Conclui-se que o Brief IPQ é uma medida válida e confiável para avaliar a percepção de doenças, sendo útil na prática de profissionais de saúde no Brasil que prestam assistência a pessoas com doenças crônicas. Porém, os achados revelaram a necessidade de mais estudos com outras populações para verificação de qual estrutura fatorial melhor representa o Brief IPQ, tendo em vista o Modelo de Autorregulação de Leventhal. Propõe-se ainda que sejam desenvolvidos itens alternativos, principalmente no que tange à dimensão temporal, que se mostrou pouco confiável neste estudo.

**Bolsista do CNPq

validação; percepção de doenças; Brief Illness Perception Questionnaire

M
Saúde

CANDIDATOS A CIRURGIA BARIÁTRICA: ANÁLISE DE PROTOCOLOS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PRÉ-CIRURGIA. *Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto e IPECS, São José do Rio Preto, SP), Ana Cláudia Russoni (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP), Paula Sforcin Lopes Macedo (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP), Neide A. Micelli Domingos (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto e IPECS, São José do Rio Preto, SP), Nelson Iguimar Valerio (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP), Sérgio A. Brienze (Hospital de Base, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP).,*

Por sua etiologia multifatorial, várias formas de tratamento são utilizadas no manejo da obesidade. Uma revisão sistemática dos resultados clínicos e econômicos da cirurgia bariátrica concluiu ser esta mais efetiva para casos de obesidade mórbida quando comparada a outros procedimentos, já que atua na manutenção da perda de peso em longo prazo. Contudo, o procedimento não está isento de complicações e o emagrecimento súbito pode tornar o paciente mais vulnerável a uma série de transtornos mentais. Entre os aspectos que ainda precisam ser investigados sobre a cirurgia bariátrica, encontram-se o impacto desta sobre a qualidade de vida dos pacientes e as complicações psicológicas após o emagrecimento súbito promovido pela cirurgia. A avaliação pré e pós-cirurgia, bem como o acompanhamento durante todo este processo, fazem parte do atendimento oferecido a todos os pacientes do Sistema Único de Saúde, candidatos e submetidos ao procedimento no Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (SP). O objetivo deste estudo foi caracterizar o perfil psicológico de candidatos à cirurgia bariátrica, a partir da análise dos protocolos de avaliação psicológica pré-cirúrgica no Hospital de Base. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da FAMERP. Foram analisados os protocolos da avaliação psicológica de pacientes do SUS candidatos à cirurgia bariátrica, no período entre 2003 e 2011. O protocolo da avaliação psicológica pré-cirurgia contém dados demográficos e resultados dos seguintes instrumentos: histórico de vida do paciente e roteiro de entrevista que inclui motivos subjacentes à escolha terapêutica (cirurgia); Inventário de Depressão de Beck (BDI); Inventário de Ansiedade de Beck (BAI); Inventário de Qualidade de Vida SF-36. Foram analisados protocolos de 353 pacientes, com idade entre 15 e 61 anos (M=37,38; DP=10,55), 277 (78,47%) do sexo feminino, 211 (59,77%) em união estável. A maioria tinha ensino médio completo (n=114; 32,29%), seguido de ensino fundamental incompleto (n=109; 30,87%). O Índice de Massa Corpórea (IMC) dos pacientes variou entre 32,71 e 74,77 (M=48,92; DP=7,12), as indicações para cirurgia foram motivos de saúde (n=237; 67,14%), saúde e estética (n=113; 32,01%) e estética (n=3;0,8%), sendo que 347 (98,30%) dos pacientes apresentavam comorbidades. Entre os pacientes com comorbidade, 170 (48,16%) faziam uso de substâncias psicoativas: 79 (22,37%) usavam álcool, 44 (12,46%) tabaco e 47 (12,46%) consumiam álcool, cigarro e outras drogas. Para a maioria dos pacientes a obesidade iniciou-se na infância (n=173; 49%) e na adolescência (n=37; 10,48%) e 351 (99,43%) já haviam tentado emagrecer anteriormente. O escore médio do BAI foi 14,61 (DP=11,81) e do BDI 15,83 (DP=32,21). No Inventário de Qualidade de Vida SF-36 foram obtidos os seguintes resultados: capacidade funcional (M=43,49; DP=24,65), aspectos físicos (M=33,62; DP=38,02); dor (M=45,30; DP=24,86), estado geral (M=54,77; DP=26,05), vitalidade (M=47,57; DP=23,95), aspectos sociais (M=59; DP=28,47), aspectos emocionais (M=59,99; DP=63,84) e saúde mental (M=59,40; DP=24,16). A avaliação psicológica no pré-operatório permitiu identificar dificuldades e problemas, favorecer seu manejo e prevenir complicações futuras. Um estudo longitudinal com estes pacientes está em andamento e

permitirá identificar aspectos relacionados a uma evolução positiva (ou negativa) após a cirurgia bariátrica.
Apoio: CNPq (M. Cristina Miyazaki é bolsista de produtividade em pesquisa) e FAMERP (Ana Claudia Russoni é bolsista de Iniciação Científica).
P
cirurgia bariátrica; obesidade; avaliação psicológica
Saúde

AVALIAÇÃO DE INDICADORES EMOCIONAIS EM ADULTOS COM DIABETES TIPO 2 E ADESÃO AO TRATAMENTO. *Luciane Ramos** e Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA).,*
Em razão da complexidade que caracteriza o tratamento do diabetes Tipo 2, diversas variáveis têm sido investigadas para avaliar a adesão. Dentre estas, indicadores emocionais como estresse, ansiedade e depressão têm sido relacionados às dificuldades de adesão do paciente ao tratamento do diabetes. Entretanto, esta relação não está suficientemente clara. Este estudo objetivou analisar a relação entre indicadores emocionais (estresse, ansiedade e depressão), características sociodemográficas e adesão ao tratamento do diabetes. Participaram 30 adultos com diabetes Tipo 2 (18 mulheres e 12 homens, entre 33 e 59 anos) atendidos no programa Hiperdia de uma unidade municipal de saúde, com tempo de diagnóstico entre seis meses a 15 anos. Foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico, entrevista clínica semiestruturada, os Inventários de Ansiedade e de Depressão de Beck e o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp. Valores de hemoglobina glicada dos participantes foram obtidos para avaliar a adesão ao tratamento. Os resultados mostraram que 70% (n=21) dos participantes estavam com valores de hemoglobina glicada acima de 6,5% (variando de 6,8 a 14%; M=8,54, DP=1,82, amplitude=7,3), indicando baixa adesão ao tratamento. Destes 21 casos com dificuldades de adesão, 67% eram do sexo feminino, 66,7% apresentaram estresse, 50% obtiveram escores indicativos de depressão e 36,6% de ansiedade. Os resultados revelaram, no entanto, que não houve relação estatisticamente significativa entre indicadores emocionais e adesão ao tratamento (avaliada por meio da hemoglobina glicada), sugerindo que tais indicadores não foram variáveis determinantes para a baixa adesão. Entretanto, os resultados apontaram a presença de alterações emocionais nos adultos com diabetes. Fez-se análise da associação entre adesão ao tratamento e as variáveis sociodemográficas idade, sexo, faixa etária, estado civil, escolaridade e renda familiar. Nesta análise foram considerados somente os 21 participantes (14 mulheres e sete homens) que apresentaram resultados de hemoglobina glicada indicativos de dificuldade no controle do diabetes. A análise demonstrou não existir diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com relação às variáveis sociodemográficas e adesão ao tratamento. Explorando variáveis clínicas, verificou-se correlação positiva significativa entre tempo de diagnóstico e valores de hemoglobina glicada (r=0,591;
p=0,01), sugerindo que quanto maior o tempo de diagnóstico maior o valor da hemoglobina glicada, indicando histórico de não adesão às orientações prescritas. Esses dados sugerem que outras variáveis além dos indicadores emocionais podem estar interferindo na adesão ao tratamento desses participantes. Contudo, neste estudo não foi possível identificar quais fatores contribuíram para a baixa adesão, indicando a necessidade de estudos longitudinais que permitam acompanhar o indivíduo no processo de adesão ao tratamento.
** Bolsa de Doutorado da CAPES
Apoio Financeiro: FAPESPA (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Pará)
diabetes, indicadores emocionais, adesão ao tratamento.

D
Saúde

MULHERES EM BRAQUITERAPIA PARA CÂNCER GINECOLÓGICO: AVALIAÇÃO DE ASPECTOS PSICOSSOCIAIS.. *Nadielle de Paula Moura Lira**; Juciléia Rezende Souza**; Elizabeth Queiroz; Christiane Xavier Ramos Magalhães (Centro de Alta Complexidade em Oncologia - CACON/Hospital Universitário de Brasília - HUB, Brasília-DF).,*

Apesar dos avanços tecnológicos, o diagnóstico e o tratamento do câncer ginecológico são ainda uma experiência física e psicologicamente desafiadora para as mulheres. A braquiterapia é uma modalidade de radioterapia que aplica elementos radioativos em cavidades do corpo para obter maior controle da doença e preservar as estruturas anatômicas adjacentes. No tratamento do câncer ginecológico, os aplicadores são colocados no canal vaginal com a mulher em posição ginecológica, podendo receber sedação para diminuição do desconforto gerado pelo procedimento. Esse tratamento é percebido como agressivo e invasivo e que expõe a intimidade da mulher no contexto da assistência à saúde. O presente estudo teve a finalidade de descrever aspectos psicossociais relativos à experiência de pacientes em braquiterapia para câncer ginecológico. Participaram dez mulheres entre 35 e 76 anos (M=48; DP=11,37) diagnosticadas com câncer de colo do útero e do endométrio, atendidas em uma unidade especializada em oncologia da rede pública de saúde do Distrito Federal. Utilizou-se um protocolo de pesquisa com roteiros de entrevista, um questionário de dados sociodemográficos e médico-clínicos, além de escalas para avaliar as variáveis psicossociais: estratégias de enfrentamento (Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas); intensidade de dor (Escala Visual Analógica); suporte social (Escala de Suporte Social); ansiedade e depressão (Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão). As entrevistas e avaliações ocorreram antes das consultas de admissão no serviço e depois das quatro sessões do tratamento. Os dados quantitativos foram analisados empregando-se estatísticas descritivas e o Teste t pareado para comparar os níveis de ansiedade, depressão e dor, antes e depois da realização da braquiterapia. As variáveis estratégias de enfrentamento e suporte social foram avaliadas antes do início do tratamento com braquiterapia, mas não comparadas nos dois momentos. Os resultados indicaram que a maioria das pacientes relatou disponibilidade e satisfação com as modalidades de suporte social. As estratégias de enfrentamento focalização no problema (M=3,59; DP=0,65) e busca de prática religiosa/pensamento fantasioso (M=4,05; DP=0,44) foram as mais utilizadas. Verificou-se diferenças estatisticamente significativas nos escores de ansiedade obtidos antes e após a braquiterapia (t(9) = 2,42; p=0,038): os níveis de ansiedade (M=7,30; DP=3,92) foram maiores no período anterior ao tratamento, indicando a importância da preparação adequada da mulher para o procedimento. Por sua vez, não houve diferenças estatisticamente significativas entre as medidas de depressão obtidas nos dois momentos (t(9)=0,99; p=0,35). Quanto à intensidade de dor, constatou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas (t(9) = -2,69; p = 0,025): as pacientes apresentaram uma intensidade de dor maior no final da braquiterapia (M=1,40; DP = 0,97), evidenciando a demanda por abordagens psicossociais para o controle da dor e o prolongamento da sedação até o término do procedimento de forma a minimizar o nível de sofrimento. O estudo contribuiu para o levantamento de aspectos a serem trabalhados em intervenções psicossociais para a redução dos níveis de distress e dos efeitos do tratamento de braquiterapia em mulheres com câncer ginecológico.

neoplasias ginecológicas; braquiterapia; variáveis psicossociais.

P
Saúde

Sessão Coordenada: **Psicologia do esporte: contribuições de pesquisas na perspectiva fenomenológica**

A sessão coordenada tem como objetivo apresentar o desenvolvimento e os resultados de investigações que se unem contemporaneamente pela temática e pela abordagem utilizada. Nesta sessão, diferentes objetos do universo da Psicologia do Esporte salientam a especificidade do fenômeno esportivo junto a certa variedade de manifestações corporais e psicológicas contempladas pelo mesmo. A perspectiva fenomenológica busca suspender o uso de concepções previamente determinadas, tais como a otimização do desempenho atlético, para dar abertura à emergência das experiências vividas por sujeitos da prática esportiva, a fim de apreendê-las e descrevê-las compreensivamente. Pretende-se, assim, ampliar a abrangência de experiências esportivas enfocadas e estimular o diálogo com abordagens predominantes na área, que tendem a enfatizar aspectos psíquicos funcionais à atividade esportiva. O entrelaçamento entre sujeito e objeto, evidenciado pela fenomenologia, encontra sua correspondência no desafio de investigar fenômenos nos quais a objetividade prática venha apresentada correlativamente à subjetividade do praticante. É enfrentando esse desafio investigativo que a sessão se dedica a destacar o desenvolvimento e os resultados, isto é, os meios e os fins que marcam as passagens e chegadas de investigações caracterizadas pelo esforço compreensivo dos diferentes trabalhos propostos na sessão.
Psicologia do Esporte

A EXPERIÊNCIA DE MORAR EM ALOJAMENTO DE UM TIME DE FUTEBOL PARA ATLETAS JUVENIS: UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA. *Rodrigo Lourenço Salomão* e Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira*
Centro universitário de Franca, Uni-Facef
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, EEFERP
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

,

A EXPERIÊNCIA DE MORAR EM ALOJAMENTO DE UM TIME DE FUTEBOL PARA ATLETAS JUVENIS: UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA
Rodrigo Lourenço Salomão* e Cristiano Roque Antunes Barreira
Centro universitário de Franca, Uni-Facef
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, EEFERP
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto
Este trabalho aborda a compreensão psicológica no que diz respeito à condição de jovens jogadores de categorias de base que vivem em alojamentos de Clubes de Futebol. É em relação a esse recorte contextual - e em acordo com a questão da responsabilidade social - que emergem experiências que são demandadas a tematizar esse trabalho. A instituição esportiva e seus profissionais, especialmente os psicólogos, devem se preparar para trabalhar de maneira adequada com as demandas formativas dos jogadores nessa condição, o que solicita, antes de mais, o reconhecimento apropriado das mesmas. É a partir desse ponto que se ergue a necessidade de um possível diagnóstico qualitativo sobre essa condição existencial, a fim de preparar encaminhamentos interventivos adequados para o acompanhamento formativo dos jovens nos clubes. Dessa maneira a presente investigação teve como objetivo identificar e compreender o conjunto de experiências típicas vivenciadas por jovens na condição de atleta da base de time de futebol morando em alojamento pertencente à equipe, com ênfase no modo como este sujeito enxerga esta situação e também a maneira na qual ele vive estas experiências. Valendo-se de procedimentos de cunho qualitativo, optou-se pela aplicação de uma metodologia de referencial fenomenológico, já que a mesma possibilita o acesso à experiência vivencial do indivíduo, por meio de análise da narrativa acerca de sua experiência.

Ao todo realizaram-se 19 entrevistas em clubes de futebol de primeira divisão dos campeonatos paulista e mineiro. As entrevistas foram, segundo os passos para análise fenomenológica, submetidas à redução intencional após terem sido áudio-gravadas e transcritas, possibilitando assim à individuação de unidades de sentido da experiência. Com os resultados conquistados, foi possível esclarecer os sentidos presentes nas narrativas dos sujeitos e suas articulações essenciais numa descrição do horizonte de experiência comum a todos os sujeitos e à especificidade dessa condição. Os elementos que caracterizam o fenômeno estudado foram individuados via cruzamento intencional, chegando-se à composição individuaram-se os elementos. das seguintes categorias: Brincadeira X Seriedade; Dificuldade de estar fora de casa; Processo de ambientação; Projeto de profissionalização; Correr atrás. Por fim, foi possível concluir que os elementos que delineiam a experiência vivenciada pelos atletas neste recorte contextual se entrelaçam alicerçados na última categoria, responsável por abrir e manter o devir que sustenta o projeto. O balanço entre sacrifício e meta molda e determina as decisões fundamentais para o posicionamento desses jovens. A justificativa e o valor do esforço de correr atrás compõem os atos espirituais fundamentais do sentido de ser atleta. É nessa dimensão decisória, irrestrita à assunção de estratégias positivas de enfrentamento, que o exercício profissional do psicólogo joga seu papel ético neste delicado contexto de transição de carreira. Disto desponta a demanda por compreensão da experiência singular dos atletas e por uma atitude do profissional de psicologia do esporte que priorize a liberdade e sacrifício das escolhas pessoais, favorecendo as condições psicológicas de sua realização.

Apoio CNPq
Palavras chave: transição de carreira, fenomenologia, psicologia do esporte.
IC
ESP

OLHARES DA PSICOLOGIA SOBRE O FENÔMENO DA TRANSIÇÃO NA CARREIRA ESPORTIVA.

Keila Sgobi de Barros (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo São Paulo/SP)
Dr. Marcelo Afonso Ribeiro (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo São Paulo/SP)

,

A carreira esportiva pode ser compreendida como processo vivido por quem pretende aperfeiçoar-se e ser reconhecido no esporte que pratica. A transição na carreira esportiva é estudada como parte deste processo iniciado a qualquer momento e que pode se apresentar primeiramente como prática de lazer e depois adquirir características competitivas que exigem aperfeiçoamento esportivo e diversas mudanças na vida do praticante. Nesta temática, o fenômeno mais abordado inclusive no Brasil é a transição de carreira, ou seu encerramento, com uma série de estudos que visam compreender suas causas e consequências físicas e emocionais aos atletas. Acreditando que tão importante quanto o encerramento da carreira é a vivência e compreensão pelo atleta das transições ocorridas durante uma carreira esportiva, o objetivo deste estudo é conhecer de que maneira este fenômeno tem sido estudado e qual o olhar dos fenomenólogos para ele nos últimos dez anos. Para isso, realizou-se uma busca nas principais revistas científicas relacionadas ao esporte no Brasil, Europa e Estados Unidos da América a partir dos descritores transição de carreira (retirement), transição na carreira (career transition), carreira esportiva (sport career), planejamento de carreira (career planning). Observa-se que os principais modos de analisar e compreender a transição baseiam-se nos estudos de Stambulova; Alfferman, Lavalle e Wylleman e Olgivie e Taylor (autores da psicologia do esporte que estudam o fenômeno há

pelo menos duas décadas) e Schlossberg (teoria da transição). Apresentam-se diversas propostas de intervenção. Em alguns casos, assemelham-se a processos de aconselhamento e orientação profissional, voltados a universitários e atletas em processo de encerramento da carreira numa abordagem cognitivista, sócioconstrutivista, ecológica holística, multicultural. Predominantemente, a carreira é apresentada como foco, tendo como público atletas universitários e de rendimento esportivo (principalmente de elite e olímpicos). Identificamos a aplicação de inventários e análise estatística para compreender como atletas sentem-se; entrevistas e análise qualitativa para a caracterização da trajetória esportiva; análise hierárquica de conteúdo; análise cross-cultural e outros métodos visando conhecer dificuldades e estratégias de enfrentamento. Apesar de haver estudos voltados à compreensão de diversos fatores envolvidos nas transições, não foram encontradas referencias na perspectiva fenomenológica ou fenomenológico-existencial. É possível que a busca não tenha sido suficiente, até o momento, para encontrar autores com este olhar voltados para este fenômeno. Entretanto, os estudos encontrados ampliam nosso olhar para o fenômeno da carreira esportiva, apontando ligações que podem ser estabelecidas pelo atleta com o mundo. Analisando resultados, valorizamos a futura ampliação do escopo deste trabalho em dois âmbitos: primeiro, direcionar-se àquele que vive a carreira esportiva e como vivencia sua carreira e transições que a constitui, abrangendo o sentir, pensar, imaginar como foi, é e será sua vida a cada passo dado na prática esportiva que se torna carreira profissional. Faz parte desta vivência o contexto social, cultural e econômico em que vive e neste ponto a Psicologia Social e do Trabalho no Brasil, o segundo âmbito, nos auxiliará na compreensão deste fenômeno por se apresentar como campo de estudos vasto a respeito da carreira e da pessoa na sociedade.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS COMPETITIVOS SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL. *Thania Xerfan Melhem** e Katia Rubio (Programa Pedagogia do Movimento Humano - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, SP).,*

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS COMPETITIVOS SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Thania Xerfan Melhem** e Katia Rubio (Programa Pedagogia do Movimento Humano - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, SP, 2012).

Esta apresentação busca compartilhar e refletir a pesquisa realizada cujo objetivo foi compreender, segundo a concepção fenomenológico-existencial, o processo de formação de atletas competitivos apresentando possíveis contribuições dessa perspectiva no contexto esportivo. Pautando-se em pensadores existenciais como Kierkegaard, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Nietzsche, Buber e na fenomenologia de Husserl foi possível ressignificar a visão de mundo sobre a questão do ser atleta, sua formação e o esporte competitivo. Desta forma, falamos do atleta como corpo vivido, como um homem sem retalhos, consciente de sua liberdade e, portanto, sempre acompanhado pela angústia; de um homem aberto às possibilidades e que existe somente a partir de suas relações; de um homem que deseja, se motiva, busca sentido em sua vida; e que é sempre um ser inacabado. Assim, enquanto procedimento, foram realizadas quatro entrevistas com atletas de ambos sexos das modalidades voleibol e basquetebol que se encontravam em diferentes passagens da carreira esportiva: iniciação, especialização, profissionalização e saída do processo (aposentadoria). Orientada pela metodologia fenomenológica e pela concepção existencial a análise buscou explicitar o vivido expressado pelos atletas participantes da pesquisa. Dos discursos centrais dos entrevistados foram extraídas as unidades de significado das experiências convergentes do processo de formação. A partir dos relatos das experiências vividas foram encontradas dez unidades de significado constitutivas do processo de formação de atletas competitivos: 1 -

relação de empatia entre atleta e olheiro; 2 - importância da presença da família; 3 - vínculo do atleta com educador-técnico; 4 - vínculo afetivo do atleta com a modalidade praticada; 5 - jogar como projeto de ser-no-mundo; 6 - vivência da emoção à excitação; 7 - natureza do ser atleta competitivo; 8 - dores próprias da carreira esportiva; 9 - projeto de ser atleta e projeto de futuro; e 10 - transformações pessoais importantes. As unidades de significado se expressaram com frequências diferentes em cada passagem do processo de formação esportiva e, no todo, revelaram a importância da rede de apoio para o envolvimento dos atletas com a prática da modalidade, o jogar como forma de experiência singular de significação e o processo vivido como caminho de construção constante do existir destes atletas. Pensar o processo de formação de atletas competitivos a partir da realidade vivida por eles nos permite resgatar a questão do ser atleta em sua totalidade e mobilizar profissionais para uma visão ampliada sobre o trabalho realizado com eles e sobre o esporte competitivo como lugar educativo, formador e transformador da condição humana.
formação-atletas; fenomenologia; existencialismo.
M
ESP

FENOMENOLOGIA E PSICOLOGIA DO ESPORTE: REFLETINDO A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA JUNTO A ATLETAS LESIONADOS EM TRATAMENTO. *Giovanna Pereira Ottoni* (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP), Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*
Os desenvolvimentos recentes na área da Psicologia do Esporte têm revelado a experiência vivida por atletas lesionados em fase de reabilitação como um fenômeno bastante complexo. Nota-se que o processo ligado a essa ruptura de projeto na vida e carreira de um atleta profissional passou a ser foco de estudos na área, favorecendo a compreensão dos elementos implicados nessa experiência frequente no âmbito esportivo de alto rendimento. Os resultados encontrados na literatura recente se comprometem a delinear técnicas de intervenção, oferecendo alternativas práticas no intuito de facilitar o retorno do atleta. As discussões têm colocado em pauta, sob diversas perspectivas, a possibilidade de abranger a especificidade deste fenômeno, apreendendo as diferenças subjetivo-relativas/pessoais que o compõem sem precisar, com tal direcionamento, abrir mão das generalidades que o definem enquanto tal. Nesse contexto, buscando contribuir com o panorama científico vigente, teve início uma investigação fenomenológica com o objetivo de compreender a experiência de dor vivida por atletas lesionados que se encontram em tratamento e afastados da prática. Os dados foram acessados por meio de 20 entrevistas semiestruturadas, realizadas com atletas de diferentes faixas etárias e modalidades. As análises se dividiram em duas etapas: a primeira seguindo as indicações teórico-metodológicas da fenomenologia clássica de Husserl, permitindo elucidar categorias/unidades de sentido e destacando aspectos definidores do fenômeno conforme o mesmo se mostrou nos relatos. Identificou-se, em todas as categorias, um núcleo central de adversidade configurado pela condição presente do atleta, evidenciando o descompasso estrutural entre a vontade e a condição limítrofe imposta pela lesão relativa à corporeidade. Essa descrição essencial estimulou, por sua vez, a continuidade do tratamento dos dados, agora com referência a uma análise ontológica/existencial, ampliando os desdobramentos da pesquisa para o campo profissional de atuação do psicólogo. Isto se justifica pelo fato de que a adoção adequada de estratégias de enfrentamento requer um gradual ajustamento afetivo próprio à condição vivida. Constatou-se, porém, a necessidade de fundamentar as concepções de corporeidade e afetividade que norteiam a prática psicológica de forma determinante nesse processo. Assim, como segunda etapa de análise, foi considerada a antropologia

filosófica de Stein, trazendo o conceito de pessoa para designar uma consciência que o eu tem de si não apenas enquanto corporeidade, mas também como um eu corporal-psíquico-espiritual, isto é, dotado de materialidade, como ser animado e como pessoa espiritual. Esta unidade expressa nas análises de Stein elucida uma nova perspectiva para lidar com os fenômenos de natureza humana/espiritual, distinguindo-os daqueles que se inscrevem no domínio de apreensão e conhecimento das ciências naturais. Assumindo o caminho percorrido pela fenomenóloga, passa-se a reconhecer, em meio à análise dos relatos, a dinâmica experiencial relativa ao que Stein denominou potência, força, vontade, responsabilidade e liberdade, adentrando o terreno da corporeidade em sua ligação estrutural com a atividade anímica psíquica e espiritual. Esta retomada filosófica e fenomenológica, por fim, oferece possibilidades de articulações para o campo, precisamente no que se refere à compreensão em um nível integral de intervenção psicológica junto a atletas lesionados em tratamento.
FAPESP
Palavras-chave: atletas lesionados, fenomenologia, reabilitação.
IC
ESP

CAPOEIRA, MALÍCIA E A MALANDRAGEM: UM MOVIMENTO INTENCIONAL. *Pedro Henrique Martins Valério**(Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP) e Cristiano Roque Antunes Barreira(Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP),*
A capoeira se mostra em variadas faces, entrelaçadas em diferentes intensidades: a luta e seus ataques e esquivas, a dança no gingar e negacear, a brincadeira no jogo mais despreocupado, suas histórias e formas de ver e agir no mundo presente nos cantos, rituais e gestos. Estas e outras considerações, de modo geral, são bastante presentes na literatura. Toma-se a capoeira como uma manifestação cultural, ou seja, como um processo dinâmico e contínuo, que se re-origina ao ser transmitida de geração a geração mantendo, apesar das transformações ao longo do tempo, características essenciais que a permitem continuar sendo reconhecida como tal. Apesar da escassez de estudos sobre como a capoeira se constitui na intencionalidade dos praticantes, a partir de alguns resultados já alcançados, evidencia-se que o uso de um aparato conceitual prévio, fundamentado predominantemente na objetividade competitiva, como referência interpretativa da capoeira, seria impertinente. A execução de um trabalho de orientação fenomenológica no campo da psicologia do esporte, por outro lado, permite a apreensão de aspectos irredutíveis a conceitos estabelecidos previamente, acessando as especificidades do fenômeno abordado. Para acessar as vivências em capoeira foram coletados e transcritos depoimentos de 10 praticantes com o mínimo de 28 anos de prática. Nesta etapa são executadas entrevistas de inspiração fenomenológica, abertas e em profundidade, a fim de apreender o conteúdo intencional do relato sobre o tema estudado, almejando desviar-se de qualquer conteúdo pré-conceitual para acessar os fundamentos vividos em capoeira. Tal etapa é seguida por uma análise intencional dos depoimentos para individuar e compreender estas vivências. Os resultados mostram variações dos modos de aparição da capoeira que dão a ver a presença da luta, mesmo quando de forma lúdica, como um traço essencial que cruza o fenômeno. Porém, para além da luta, o desdobrar temporal da experiência da capoeira se desenvolve como uma gradativa sofisticação dos movimentos e alternativas gestuais. Esse desdobrar temporal está implicado em um processo de amplificação de alternativas frente ao perigo e/ou risco inerentes ao jogo. Neste movimento intencional, destacam-se a malandragem e a malícia. Apesar da distinção entre estas não ser clara, a primeira se revela predominantemente como sabedoria que envolve a percepção do risco/perigo, a ponderação das condições em que há exposição a estes e as ações a serem

realizadas. Já a malícia tende a uma espécie de cumplicidade adversa em que a atração, ou participação na intenção do outro, oculta uma contrariedade que pretende solucionar o jogo, vencendo, contornando ou evitando um confronto. Desta forma, malícia e malandragem emergem simultaneamente e se constituem na ação do capoeirista de modo essencial. A manifestação destes elementos essenciais varia em um amplo arco de possibilidades, sempre de acordo com cada capoeirista e as diferentes situações em que cada um pode se encontrar inserido. Uma interpretação da capoeira pautada em um aparato conceitual próprio à objetividade competitiva distorceria seu sentido por deixar de apreender o que os presentes resultados evidenciam como essencial à capoeira: o processo de amplificação do arco de alternativas e relacionamentos interpessoais no agir capoeira.

Bolsista CNPQ
Palavras chave: Capoeira, Fenomenologia, Malícia e Malandragem.
M
ESP

Sessão Coordenada: **Psicologia e Cultura**

Pesquisas teóricas e empíricas sobre a relação entre sujeito e seu mundo do social em termos culturais possibilitam um diálogo de caráter interdisciplinar, renuindo trabalhos de psicologia social, psicologia da religião e história da psicologia.
Psicologia Social

A POÉTICA DA CASA DA MINHA INFÂNCIA: REFLEXÃO SOBRE OPÇÕES COMO PESQUISADORA. *Elaine Pedreira Rabinovich, Família, Auto(Biografia) e Poética (Grupo de Pesquisa Família, Autobiografia e Poética, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA),*
Poetas e escritores denunciam, direta ou indiretamente, a influência de vivências infantis na produção de suas obras. De fato, por meio de um olhar renovado para o passado enquanto crianças, podemos ficar mais perto do eu que sendo tecido na medida em o fundamento do narrar é sempre a experiência, perceber como acontecimentos que fizeram parte de nossa história pessoal se constituíram em bases motivacionais para o presente que somos e como a linguagem pode também abrir, e não apenas ocultar, significados singulares, além dos decorrentes de suas injunções sócio-culturais. Na medida em que a criança é um in-fans, alguém que ainda não fala, esta linguagem que revela pode ser dita corresponder à poética ao abrir espaços para a liberdade individual na mesma medida em que esta revela o devir. As experiências evocadas pelo adulto em um posicionamento como criança podem trazer à tona as fissuras do sistema totalizador e repressor nas quais se instala o sujeito individual e desde onde este tem a oportunidade da intervenção criativa, ou seja, de um ato poético. Esta apresentação está baseada em dois relatos: a lembrança da minha moradia enquanto criança; e o conteúdo da introdução da tese de doutorado sobre moradia. A tese foi estruturada por meio das seguintes dimensões: simbólica; corporeidade; temporalidade; poética; brasilidade e, entre a temporalidade e a poética, um item denominado A casa dos mortos . Nos relatos, pode-se observar a continuidade entre as rememorações da infância e a tese: em ambas, a vivência do corpo por meio de seus sentidos atravessa os significados dados à casa; em ambas, um imaginário se sobrepõe aos aspectos materiais da moradia; em ambas, a história é atravessada pelo tempo que marca a vida e a morte e que, ele, não a narrativa, ordena os acontecimentos; em ambas, o não dito se refere a uma ruptura em que o símbolo passa a ser a coisa; em ambas, a territorialidade se expressa como enraizamento em um solo concreto. Esta continuidade, atravessada por 50 anos de diferença, levou a reflexões sobre experiências infantis que se perpetuam dentro de um itinerário sombra que pode se projetar como uma motivação fundamental no decorrer da vida. Ao mesmo tempo, este rememorar permitiu uma nova leitura das motivações implícitas no conteúdo da tese evidenciando, no caso do capítulo inconcluso, A casa dos mortos , como um mesmo acontecimento pode dar margem a uma abertura a percepção de que a moradia marca o tempo entre a vida e a morte - e a um fechamento, ou seja, enquanto os demais temas da tese foram fechados , este permaneceu em aberto.
Palavras-chave: (auto)biografia; infância; casa; experiência.
Pos-doc
SOCIAL

ASPECTOS DOS SABERES PSICOLÓGICOS NA HISTÓRIA DO PREDESTINADO PEREGRINO E SEU IRMÃO PRECITO. *Lidiane Ferreira Panazzolo*, Lívia Tieri Kuga* e Nayara Aparecida Saran* e Marina Massimi (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP),*
A novela intitulada A história do Predestinado peregrino e de seu irmão Precito , escrita por Alexandre de Gusmão, membro da Companhia de Jesus no século XVII, insere-se no âmbito

cultural brasileiro da Idade Moderna. A obra narra a história de dois irmãos que partem da mesma cidade, Gerson, optando por rotas diferentes de acordo com suas próprias escolhas. No início da história, percebe-se que as personagens são bastante semelhantes, e conforme o desenrolar da obra, estas vão percorrendo caminhos opostos até o Fim último de cada um: enquanto Predestinado se dirigia a Jerusalém, Precito optou por ir até Babilônia. A análise dessa novela alegórica permite um estudo sobre o entendimento da dinâmica do ser humano. O objetivo é compreender como ocorre o processo de elaboração das experiências individuais em contato com a realidade a partir das evidências das modalidades de elaboração das experiências ora expressas por meio das atitudes das personagens, ora narradas pelo autor em termos anímicos, corporais e de relações pessoais dos protagonistas e referentes às alegorias presentes na novela. A obra foi digitalizada e transcrita do português arcaico para o contemporâneo. Posteriormente, foram confeccionados dois mapas topológicos que demarcam as cidades visitadas por cada um dos peregrinos e a arquitetura presente nelas, juntamente com os principais personagens. Ademais, foram utilizadas fontes secundárias para embasar as análises. Sendo assim, pode-se perceber que os encontros entre as personagens principais e alegóricas, como a Vontade e a Razão, influenciaram no direcionamento dos caminhos opostos escolhidos por Predestinado e Precito. Outrossim, é provável que a obra tenha sido permeada por influências dos autores jesuítas Conibricenses, da Filosofia Clássica e da Escolástica. Ela insere-se no filão da literatura característica da época, marcada por uma dualidade entre a escolha do prazer imediato e o compromisso com a salvação da alma e a obtenção da vida eterna. De uma maneira geral, observa-se uma permanente influência da visão de mundo da época na construção da novela, que repercute no modo como o autor articula o texto de maneira persuasiva e didática. Além disso, a respeito do conteúdo da novela, pode-se ver que a dinâmica corporal está relacionada diretamente às escolhas e às experiências em ambas personagens principais, de modo a reiteirar a relação corpo e alma como una. Também evidencia-se um sentido intrínseco nos caminhos escolhidos por Predestinado e Precito que refletem na constituição das personalidades diferentes entre os irmãos, de acordo com as experiências e as modalidades de potências psíquicas do entendimento e vontade manifestadas.

Apoio Financeiro: FAPESP e CNPq

Palavras-chave: Alexandre de Gusmão SI, história dos saberes psicológicos, experiência

IC

HIST

SABERES PSICOLÓGICOS E CULTURA: AS CONCEPÇÕES DE CORPO, ALMA E ESPÍRITO NOS SERMÕES DE ANTÔNIO VIEIRA. *Sandro Rodrigues Gontijo**, Marina Massimi (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP),*

A oratória religiosa do período colonial é uma importante fonte para o estudo de saberes psicológicos difundidos na época. A cultura do século XVII, rotulada como barroco é uma cultura de persuasão, sendo a pregação religiosa o meio de comunicação de massa privilegiado. A oratória religiosa materializa-se, por excelência, nos sermões. Poucos dominaram essa arte tão magistralmente quanto Antônio Vieira (1608-1697). Ao inquirirmos sobre os conceitos e relações entre corporeidade, psique (alma) e espírito (intelecto e vontade) presentes na obra de Vieira, estamos fazendo uso de uma chave de leitura que nos propicia acesso à antropologia, psicologia filosófica e visão de mundo da época, bem como à tradição milenar de origem helênica e judaico-cristã que alicerçou o pensamento ocidental e que nos influencia fortemente até hoje. Tal operação não tem de modo algum o objetivo do resgate ou reatualização de conhecimentos passados, mas ajudar a clarear as distinções e

escolhas epistemológicas atuais, bem como evidenciar o forte vínculo entre psicologia e cultura. Aclarando a história de um tema, podemos repropor problemas, ampliar categorias e rever metodologias. Utilizamos como fonte primária a edição em português moderno da obra de sermões publicada pelo jesuíta. A partir de elementos teóricos retirados da Historiografia, da História Cultural e da História da psicologia, buscamos identificar o contexto de produção dos sermões e as apropriações feitas por Vieira. Foram lidos e analisados 208 sermões, onde as principais recorrências conceituais e as passagens mais representativas foram selecionadas e analisadas. Utilizamos como fontes secundárias, obras consideradas significativas da visão de mundo do período e da tradição no qual se fundamenta, tais como tratados de retórica e oratória sagrada, clássicos gregos e latinos e obras clássicas de cunho filosófico-teológico, assim como literatura crítica a respeito. Constatamos que o autor, compartilhando a visão de mundo de seus contemporâneos, realizaria uma apropriação da psicologia filosófica de inspiração aristotélico-tomista, em voga no século XVII, possuindo também grande influência agostiniana. Segundo o pressuposto da época, potências internas (senso comunis, cogitativa, imaginativa e memorativa) e externas (visão, audição, tato, paladar, olfato), paixões, apetites, vontade, intelecto e espírito são os elementos que compõem a alma em sua dinâmica. O homem é considerado como sínolo , composto indissociável entre corpo e alma. A corporeidade está relacionada à captação dos dados sensíveis, sendo imprescindível para ocorrer a dinâmica da alma e elaboração do conhecimento. Além disso, segundo a teoria dos temperamentos vigente na época a constituição corporal influencia diretamente o funcionamento da alma. O espírito é diversas vezes associado à alma racional, onde se encontram a potência volitiva (vontade), potência intelectiva (intelecto), e livre alvedrio (livre arbítrio e capacidade de deliberar). O espírito representa também o lugar de interação com o transcendente (é o pneuma, sopro divino) e junto com a memória representam a peculiaridade do homem.

FAPESP
Palavras-chave: Antônio Vieira, saberes psicológicos, cultura.
D
HIST

PSICOLOGIA E CULTURA: A VIVÊNCIA DO LIMITE E OS MODOS DE RESPOSTA DA PESSOA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL. *Eduardo Vinícius Moura de Carvalho*, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte MG),*
Em Psicologia Social há um relevante campo de discussão quanto à mútua relação entre pessoa e cultura: como a cultura incide na estruturação e no posicionamento de cada pessoa e como cada pessoa incide na cultura a partir de seu posicionamento. Partimos do fato de que cada pessoa é lançada a um contexto específico o qual convida e provoca a estabelecer miradas sobre a realidade, de modo tal que, cada pessoa, em sua unidade, remete-se a um contexto como orientador do posicionamento pessoal. Tivemos como objetivo identificar, a partir de entrevistas autobiográficas, como as modalidades de elaboração pessoal sobre a história de sua vida tangencia características próprias da cultura e tradição local. O presente trabalho teve como objeto duas entrevistas autobiográficas realizadas com Dona Clarinda, de 83 anos, por se tratar de alguém que é referência para comunidade onde nasceu e mora sob diversos pontos de vista, tais como educação, política, religião e música. Dona Clarinda é de Morro Vermelho, uma comunidade rural tradicional, distrito da cidade de Caeté, de aproximadamente 800 habitantes, localizada no interior de Minas Gerais. A comunidade se caracteriza por tradições advindas da colonização portuguesa que continuam vivas e transmitidas desde o início do século XVIII. Utilizamos o método fenomenológico para a análise

dos relatos autobiográficos para apreender, do encontro com o material, as vivências próprias de Dona Clarinda a partir de um recorte tangencial às tradições de Morro Vermelho. Como resultado, encontramos características buscas e respostas a elas dadas por Dona Clarinda: em meio à diversidade de modos de respostas às suas buscas ora reclamando, ora contemplando, às vezes admitindo as impossibilidades, outras lutando ela manifesta uma unidade de experiência, vivenciada em situações entendidas por ela como limite. A partir disso, propomos a organização de seus limites nas seguintes categorias: 1) Pessoais e 2) Comunitários. Dentre os pessoais, encontramos limites relacionados a fatores: a) Econômicos; b) Educacionais; c) Familiares; e d) Morte. Já dentre os comunitários, encontramos tipos de limites que dizem respeito a: a) transmissão de conhecimentos: b) Religiosidade; c) Artes (música, teatro, etc.); e d) Patrimônios da comunidade. Chegamos a apreender que Dona Clarinda toma as experiências de sua comunidade através da forte valorização da manutenção e transmissão das tradições locais, vivenciando frustração quando não obtida; da forte vinculação à religiosidade, como horizonte total e de apoio último; tem orgulho e cuidado com os bens da comunidade, vinculados à sua força e espírito de luta a fim de mantê-los; vivenciar as artes não apenas enquanto diversão, mas como continente de valores. As experiências de Dona Clarinda são um convite a nos atentarmos às possibilidades de apreender uma cultura tradicional de maneira viva, isto é, não enquanto comunidade fechada e/ou moralista, mas através de um horizonte de sentido e de pertença.
Palavras-chave: Psicologia e Cultura; Fenomenologia; Autobiografia
FAPEMIG
IC
SOCIAL

A TENSÃO ENTRE FINITO E INFINITO NA CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR DO CIENTISTA MIGUEL ROLANDO COVIAN. *Rafael de Paula da Silva*, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte MG),*
A presente pesquisa se insere no campo de investigação dos modos característicos de uma pessoa elaborar a própria experiência e se posicionar no mundo para, assim, chegar a aspectos universais da experiência humana. O objeto deste trabalho é a apreensão da elaboração da experiência de mundo do médico fisiologista argentino Miguel Rolando Covian (1913-1992) convidado para consolidação do então recém criado Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto - a partir da sua correspondência epistolar com o cientista argentino prêmio Nobel de medicina Bernardo Alberto Houssay, considerado seu mestre, e com o padre jesuíta Jesus Montanchez, seu diretor espiritual. Foi feita uma análise fenomenológica das correspondências onde se evidenciou, na experiência de Covian, uma profunda tensão entre finito e infinito. Segundo Luigi Giussani, esta tensão é um aspecto constituinte da própria experiência originária da pessoa e, em Covian, ela se explicita 1) na sua relação com o cristianismo e com Deus, tomada por ele como elemento de grande importância em todos os campos de sua vida, de modo que esta relação sempre o estimulava a testar e melhorar a si mesmo; 2) na sua concepção ampla de ciência e religião, em que ambas são complementares, evidenciando em sua experiência uma unidade entre o passo do caminho científico e o passo religioso; 3) na sua concepção de universidade na forma como ela deve se posicionar criticamente na sociedade e no modo como deve formar os estudantes, possibilitando uma formação não apenas técnica dos alunos, mas também humanística; 4) nos seus constantes questionamentos sobre suas ações e escolhas pessoais evidenciando um movimento de busca de sentido e de procura por respostas que não dependiam apenas dele, mas também da vontade de Deus , onde se relaciona com um horizonte totalizante

onicompreensivo na tentativa de se aproximar de Deus; e 5) nos relacionamentos com seus mestres, principalmente Houssay e Montanchez, nos quais encontra a possibilidade de sair da mediocridade por meio do encontro entre espíritos que se sintonizam na busca da verdade. O elemento característico da experiência de Covian e da forma como ele se posiciona no mundo, que explicita a tensão entre finito e infinito, é a sua religiosidade: fica evidente, em todos os campos de sua vida - inclusive na sua atividade científica -, a sustentação da Religião como algo fundamental e estruturante da sua pessoa. A elaboração presente nas cartas de Miguel Rolando Covian deixa, portanto, a possibilidade de uma complementaridade entre Ciência e Religião como uma experiência pessoalmente enriquecedora.
Palavras-chave: Experiência Elementar, Fenomenologia, Psicologia e Religião
IC
RELIG

O EU SE REALIZANDO EM COMUM UNIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA. *Ana Cláudia Bernardes Guimarães**, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG),*
O objetivo do presente trabalho é compreender a complexidade da relação entre o processo de formação da pessoa e vivência comunitária, sem reduzir a um âmbito subjetivista nem socializante. Realizou-se pesquisa teórica a partir da obra da fenomenóloga Edith Stein, fazendo uma ponte com outros autores importantes da Fenomenologia tais como Husserl, Berger, Luckmann e Schutz. Apreendeu-se que a pessoa que somente é em relação é um ser uno incluído na realidade social e sujeito da própria experiência. A pessoa se realiza, ou seja, desenvolve suas potencialidades e suas características próprias, via a mútua constituição sujeito-mundo. O sujeito já se realiza ao se posicionar em direção à realização da estrutura de seu eu sua pessoalidade , ainda que vivencie dificuldades nesse processo. A dinâmica de realização é potencializada quando a pessoa participa ativamente e comunitariamente no mundo de relações que a constitui. Mundo este, concomitantemente pessoal e coletivo; mundo histórico-cultural concreto, organizado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores: é o mundo-da-vida. Sendo assim, o mundo das relações é constituído por um dinamismo de mútua constituição entre contexto sociocultural e pessoa. Além de a pessoa apreender as formações de sentido oferecidas pelo mundo-da-vida, também se apropria ativamente delas posicionando-se em seu ambiente. O sujeito ao se inserir num contexto sociocultural vivencia seu mundo-da-vida de modos variados, dependendo de como se posiciona em seu meio social. Uma das formas desse contexto é a comunidade. Nela não somente existem relações mútuas entre pessoas, mas sim elas comparecem como uma unidade e formando um nós. As pessoas que vivem esse nós se posicionam comunitariamente criando uma cultura compartilhada. As comunidades podem ser passageiras, durando algumas horas, ou duradouras. É o ato de solidariedade, de abertura diante do outro solicitando uma responsabilidade comum que é fundamental para a comunidade. A vivência comunitária implica um reconhecimento de uma experiência de nós , uma experiência de pertença. Este tipo de vivência é constituído pelo posicionamento pessoal dos membros que compõem a comunidade. Nela é possível existir um certo tipo de vínculo intersubjetivo que tem a força da constituição da pessoa. A cultura de uma comunidade pode contribuir para a constituição de um eixo organizador da vivência pessoal favorecendo o sujeito a lidar com os contextos externos. Ou seja, a integração da pessoa numa ordem de sentido comunitário possibilita uma unidade de experiência. O processo de o sujeito se posicionar intersubjetivamente na comunidade, realizando a estrutura pessoal, também permite a continuidade da constituição do mundo-da-vida dessa comunidade. Dessa forma, a

pessoa ao se colocar em seu contexto sociocultural constrói tanto a si mesmo quanto seu meio. Conclui-se que tanto a formação da pessoa quanto o desenvolvimento da comunidade dependem da relação eu-mundo para emergirem.

Palavras-Chave: fenomenologia; psicologia e cultura; conceito de pessoa.

M

SOCIAL

Sessão Coordenada: **PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: MEDIAÇÕES POSSÍVEIS EM TEMPO DE INCLUSÃO**

A inclusão sugere um processo de desenvolvimento de culturas, políticas e práticas, que permitem o desenvolvimento social e intelectual de todas as pessoas, independente de suas peculiaridades. Para nós, a concepção de ser humano construído se dá no contexto cultural, entendido como resultante de um diálogo historicamente criado em uma dada sociedade. Portanto, a inclusão só faz sentido se for compreendida no seu contexto de construção, seja ele o hospital, a escola, a universidade ou organizações da sociedade civil. Nesse sentido, pensamos não somente em inclusão, mas em inclusões enquanto práticas e concepções que viabilizam o posicionamento das diferentes pessoas em um determinado contexto de atuação profissional e/ou estudantil. Tais contextos estão relacionados à dialética própria do processo de inclusão, vinculada ao processo de pertencimento e não pertencimento dos indivíduos e dos lugares. Esta sessão coordenada apresenta quatro trabalhos de pesquisa realizados em diferentes universidades e centros de pesquisa e formação profissional, como o Hospital Sarah, em que a experiência do trabalho com a inclusão, seja por professores e/ou estudantes, é problematizada e investigada em seu contexto próprio de construção. O primeiro trabalho levantou com os professores de escolas públicas inclusivas as ausências sentidas por eles no processo de inclusão de escolar. O segundo trabalho investigou a construção de identidade de jovens com paralisia cerebral. A terceira pesquisa investigou questões de formação de professores de ciências naturais para a atuação em inclusão. A quarta apresenta resultados de uma pesquisa realizada com uma aluna com altas habilidades em artes visuais sobre o conceito de inclusão. Os resultados dos trabalhos apontam para a compreensão de que a inclusão é um fenômeno múltiplo e que requer, de fato, a desconstrução de paradigmas que apontam para uma forma padrão de ser escola, hospital, instituição e para formas padrões de ser estudantes e profissionais. A inclusão nos desafia a nos posicionar diferentes em contextos diferentes, porque é a diferença que sustenta as práticas inclusivas e o sentir-se incluído/a em determinado contexto sociocultural.

Palavras chaves: inclusão, educação, psicologia
Psicologia do Desenvolvimento

OS PROFESSORES E AS AUSÊNCIAS SENTIDAS NA INCLUSÃO. *Rafaelle Estrela Lopes* (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

O direito a uma educação de qualidade, respeitando a diversidade dos alunos, reforça, cada vez mais, a necessidade de professores habilitados em sala de aula. A ausência de formação especializada dos professores constitui um sério problema visto que torna deficiente o processo ensino-aprendizagem com os alunos deficientes e/ou superdotados inseridos nas classes regulares. No entanto, estudos mostram que muitos professores não se sentem preparados para lidar com a diversidade nas salas de aula inclusivas. Nesse trabalho, nosso objetivo foi investigar as ausências sentidas pelos professores da rede pública de ensino, inclusive de formação acadêmica, na vivência do processo inclusivo, assim como sugestões apontadas pelos docentes para viabilizar a inclusão escolar. Para isso, realizamos entrevistas semi-estruturadas com quatro professores da rede pública de ensino do Distrito Federal que vivenciavam o processo inclusivo em suas práticas docentes. Nesse sentido, o roteiro das entrevistas focalizou as seguintes dimensões: ausências sentidas pelos participantes na realização do processo de inclusão em sala de aula; existência de capacitação durante a graduação e formação continuada para a atuação junto aos educandos com deficiência e/ou superdotação, além de sugestões apontadas pelos professores quanto a mudanças necessárias

para a viabilização da inclusão escolar. Para a análise, as entrevistas foram transcritas na íntegra, o que totalizou em, aproximadamente, duas horas de gravação e submetidas à análise dialógica temática que permitiu a elaboração de mapas de significados com os temas centrais de cada participante e um mapa de significados para todos eles. As principais ausências relatadas pelos professores disseram respeito à ausência de formação profissional, à inadequação da estrutura física e pedagógica, inclusive, dos recursos pedagógicos, à curta duração do tempo da aula e ao número adequado de alunos em sala. Como principais sugestões, os professores afirmaram ser: a capacitação do professor, com início na graduação; capacitação dos demais profissionais da escola; a redução do número de alunos por turma; ambiente escolar adaptado para receber alunos com deficiências e materiais didáticos de apoio ao professor. No entanto, o posicionamento preponderante dos professores foi sobre a questão da formação profissional. Para eles, os cursos de capacitação precisam de modificações na sua estruturação, ou seja, precisam relacionar teoria-prática, possibilitando troca de experiências entre profissionais e aprendizado de estratégias de atuação.
Palavras-chaves: inclusão; formação de professores; educação especial.
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

HISTÓRIAS DE VIDA E SEUS SIGNIFICADOS NAS IDENTIFICAÇÕES DE ADULTOS COM PARALISIA CEREBRAL. *Paulo França (Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação/ Universidade de Brasília, Salvador, BA)*

,

Este trabalho objetiva estudar as prática discursiva e como acontece a construcao de significados relacionados às identificações de pessoas com paralisia cerebral. Por esse motivo, nosso estudo se baseia na fala de cinco participantes adultos (03 homens e 02 mulheres com diagnóstico de paralisia cerebral em atendimento em um centro de reabilitação). Buscamos investigar quais os significados emergentes das trocas dialógicas presentes nas narrativas de histórias de suas vidas; como esses participantes se autodescrevem e como elaboram as suas identidades; quais são as dificuldades enunciadas e como as enfrentam? Tomamos como referencial a pesquisa qualitativa em uma abordagem dialógica a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural. Esta escolha metodológica fundamenta-se no argumento de que a pesquisa qualitativa é um processo complexo de construção do conhecimento que atenta para aspectos importantes na exploração de um problema humano ou social. O trabalho de construção de dados aconteceu em três encontros individuais com cada um dos participantes, onde foram realizadas as entrevistas abertas e individuais. Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete totalizando 35 horas de gravação. Utilizamos o programa QDA Miner, software para análise qualitativa de dados, que nos permitiu agrupar o conjunto de respostas e formar um documento para cada um dos participantes. Os resultados foram definidos e organizados nas seguintes categorias: Gêneros (drama, comédia, romance, epopéia) referem-se ao tipo de texto em sentido mais amplo, uma vez que abrange também os contextos e se aplica para classificar os produtos culturais Períodos vitais: (nascimento, infância, adolescência, vida adulta, mudanças de lugar, mudanças de atitudes) referem-se aos episódios acontecidos na vida dos participantes; Conteúdos: (autopercepção, percepção social, diagnóstico, relacionamentos, expectativas) definidos a partir das diversas leituras dos textos produzidos a partir das entrevistas. As respostas obtidas e confrontadas com a teoria nos permitem entender que as narrativas se apresentam como uma maneira particular de compreendermos como as pessoas constroem os significados de suas histórias de vida. Neste estudo pensamos que os adultos com paralisia cerebral constroem suas identificações em relação com os aspectos constitutivos de suas histórias de vida e a deficiência.

Palavras-chaves: narrativas, história de vida, paralisia cerebral
Nível do trabalho: D
Código da pesquisa: DES

OS SIGNIFICADOS DE FORMADORES DE PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DISTÚRBIOS NEUROMOTORES, EM DISCIPLINAS DAS CIÊNCIAS NATURAIS. *Maynnã Amaral* (Faculdade UnB Planaltina, Brasília, DF)*
Silviane Barbato (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)

,

Neste trabalho discutimos o processo de construção da inclusão, como dinamogênico, gerado por e gerando conflitos pessoais e institucionais. Considerando nosso interesse nesta sessão, entendemos que, a partir do diálogo da psicologia do desenvolvimento com o ensino de ciências naturais, os conflitos referentes à inserção de novas políticas no âmbito da escola geram uma crise e colocam os professores e outros membros da comunidade escolar em transição. Essa transição implica, por sua vez, em um embate entre práticas culturais assentadas com as novas práticas introduzidas pelo conjunto de instrumentos da política de inclusão escolar, implicando a geração e adaptação destes e a geração de novas funções: na medida em que avançamos no processo de inclusão escolar, novos instrumentos vão sendo criados e novos significados vão sendo elaborados. Esse processo desencadeia e está implicado em duas dinâmicas importantes: a de hibridização em termos sociológicos e de convencionalização em termos psicológicos. Propomos analisar os significados que os especialistas, formadores de professores estão construindo sobre o estar na escola, o aprender e o desenvolvimento do ensino-aprendizado de alunos com distúrbios neuromotores enfocando o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, relacionando a inclusão com a política pública e perspectivas na formação e estratégias de mediação. A pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de questionários enviados via internet para especialistas em inclusão tratando de questões de formação de professores de ciências naturais para a atuação em inclusão. Aplicou-se a análise de conteúdo temática, onde os resultados obtidos foram o de formação inadequada de professores, dificuldade na formação continuada, péssimas condições físicas das escolas publicas, dentre outros. Espera-se contribuir para o desenvolvimento da compreensão da formação de professores inclusivos e apoiar professores de ciência na elaboração de novos materiais didáticos.
Palavras-chave: Ensino Inclusivo, formação de professores de ciências naturais e distúrbios neuromotores
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

SIGNIFICADOS DE INCLUSÃO NOS DESENHOS DE UMA ALUNA DO ENSINO MÉDIO COM ALTAS HABILIDADES EM ARTES VISUAIS. *Haianne Santos Sousa* (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Bruno Nascimento Morais (Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*
Thiago Rodrigues da Silva (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)*
Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF)

,

São considerados superdotados ou com altas habilidades indivíduos que apresentam notável desempenho ou elevada potencialidade em qualquer um dos seguintes aspectos isolados ou combinados: habilidade intelectual geral, talentos acadêmicos, pensamento criativo, artes visuais e cênicas e habilidades psicomotoras. Este trabalho foi desenvolvido com uma aluna do

ensino médio, de 16 anos, que apresenta altas habilidades em artes visuais, demonstrando sua alta habilidade em desenhos e pinturas. O objetivo do trabalho foi investigar as concepções de inclusão da aluna para que ela pudesse desenvolver uma história em quadrinhos sobre inclusão. Para tanto, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação, numa compreensão da metodologia qualitativa da pesquisa. Neste projeto, utilizaremos a metodologia da pesquisa-ação como perspectiva metodológica. Nesse sentido, o grupo de pesquisadores planejou um conjunto de intervenções que contemplaram: sessões de desenho livre, sessões de desenho mediados por oficinas de vivência das deficiências (visuais, físicas e auditivas) e sessões de desenho mediados por filmes de ficção ou não. Ao todo, foram realizados oito encontros nos quais foram realizados as mediações e os desenhos. Foi solicitado que a aluna também escrevesse um diário sobre suas experiências e reflexões que ela desenvolveu sobre os encontros. Para procedimento de análise, foi desenvolvida uma análise temática dialógica para os dados textuais e análise da imagem parada para os desenhos. Os resultados evidenciaram uma ampliação do conceito de inclusão, haja vista que, inicialmente, ele centrava-se na noção de incluir alunos das camadas populares nas escolas. Nesse contexto, a escola se apresentava como um espaço privilegiado de inclusão e de mobilidade social. Com o tempo, a aluna passou a desenhar temáticas como a diversidade de ser humano e dos direitos que toda pessoa tem de viver em sociedade tendo suas especificidades respeitadas e potencializadas não só na escola, mas em todo espaço social.

Palavras-chave: altas habilidades em artes visuais, imagens, inclusão
Nível do trabalho: IC
Código da pesquisa: DES

Sessão Coordenada: **Questões Filosóficas das Terapias Cognitivas**

As terapias de ênfase cognitiva são fortemente direcionadas à prática clínica e à construção de modelos psicopatológicos, geralmente negligenciando a sistematização de suas concepções de personalidade e fundamentações teórico-filosóficas, como a análise da origem de seus conceitos ou as concepções epistemológicas nas quais se assentam suas alegações de conhecimento. A presente sessão coordenada tem como objetivo apresentar os resultados iniciais das pesquisas de quatro mestrandos sobre diversos aspectos teóricos relevantes de abordagens como a Terapia Cognitiva de Beck, a Terapia do Esquema de Young e ainda a concepção de virtude na nascente Psicologia Positiva. Acreditamos poder contribuir com o aprofundamento do conhecimento sobre os fundamentos teóricos das terapias cognitivas, aspecto essencial para a coerência da prática clínica e o desenvolvimento da abordagem.
Psicologia Clínica e da Personalidade

IMAGEM DE HOMEM IMPLÍCITA NA TERAPIA COGNITIVA DE BECK. *Gustavo Arja Castañon Natália Quintela Rocha ** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG),*

A Terapia Cognitiva (TC) tem como uma de suas distinções mais características o fato de não ter nascido de uma teoria integrada, seja da aprendizagem ou da personalidade. Se definirmos personalidade como o conjunto de características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos, podemos concluir que, apesar disto, não faltam elementos nas obras de Beck que propiciem o reconhecimento de uma teoria da personalidade, sendo esta integrada ao modelo antropológico vigente no cognitivismo. Este estudo é uma análise teórica com base em dados levantados em pesquisa bibliográfica de fontes primárias da obra de Beck e de clássicos da revolução cognitiva. Implícita ou explicitamente, o Cognitivismo postula e defende um modelo de ser humano que: 1) é consciente, 2) ativo e 3) um processador de informação, uma vez que os processos são ativos e envolvem tanto dados inspectivos ou sensoriais (de uma realidade objetiva) quanto introspectivos (de uma realidade pessoal e subjetiva, em um tipo de configuração significativa), por exemplo, o processo de percepção. 4) É também reagente a significados atribuídos, ou seja, o significado que uma pessoa atribui a uma situação determinaria como aquela pessoa se sentirá e se comportará. Este é um dos principais fundamentos da TC. 5) É dono de emoções que atuam através da cognição, o que podemos ver centralmente na teoria cognitiva de Beck, que postula a especificidade do conteúdo cognitivo, no qual respostas emocionais específicas são associadas com diferentes tipos de construções ou cognições. 6) É possuidor de tendências inatas, dito de outro modo, é dotado de predisposições genéticas que na interação com as influências ambientais torna possível o desenvolvimento de certas capacidades especificamente humanas. Assim, pode-se dizer, por exemplo, que padrões comportamentais que são geralmente atribuídos a traços ou disposições de personalidade representam, na verdade, as estratégias interpessoais desenvolvidas a partir da interação entre disposições inatas e influências ambientais. Dessa forma, as características inatas devem ser vistas como tendências , que podem ser acentuadas ou diminuídas pela experiência . 7) É dono de um inconsciente cognitivo, caracterizado por processos mentais que operam fora da consciência fenomenal, mas que determinam a experiência consciente e o pensamento por meio do processamento cognitivo automático , como podemos por exemplo ver no conceito de pensamento automático elaborado pela TC, que, apesar de ser inicialmente inconsciente, pode ser facilmente admitido à consciência através das técnicas cognitivas. 8) É movido por causas e razões, 9) é construtor de parte das regras que coordenam sua cognição, como seu sistema de crenças. 9) É orientado a metas e epistemicamente motivado, 10) É constituído de mente e corpo que interagem e se influenciam mutuamente, num tipo de dualismo de propriedades. A teoria cognitiva clínica,

originalmente nascida de um modelo bem sucedido de terapia da depressão, se integrou à revolução cognitiva assumindo muitas de suas teses gerais e contrastando com o espírito reducionista e determinista disseminado na Psicologia e Psicoterapia pelo Behaviorismo e pela Psicanálise.
Psicologia Cognitiva, Teoria Cognitiva, Cognitivismo.
P
CLIN

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA TERAPIA COGNITIVA. *Carlos Henrique Gonçalves** (Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ)*

,

Os primeiros movimentos exploratórios da Terapia Cognitiva se deram a partir de 1956, quando Beck, na tentativa de fornecer apoio empírico a certas formulações psicodinâmicas de depressão (modelo psicanalítico), que entendia como certas na época, encontrou alguns fenômenos inconsistentes reformulando o conceito de depressão, passando a considerar a cognição como a chave para os transtornos psicológicos. Beck afirma que a Terapia Cognitiva é uma terapia ativa, diretiva, estruturada e limitada no tempo cujos objetivos principais são ensinar o paciente a reconhecer as cognições negativas e as conexões entre cognição, afeto e comportamento, e após exame de pensamentos que são automaticamente distorcidos, poder substitui por outros mais orientados para a realidade. A ênfase da experiência consciente subjetiva proveniente do movimento fenomenológico, das teorias comportamentais e dos trabalhos e Adler, Kelly, Mahoney, Bandura e Ellis, forneceram alguns dos conceitos básicos para a Terapia Cognitiva, que tem também algumas influências do estoicismo grego e budismo que postulavam a influência das ideias sobre as emoções. Estas afirmavam que os homens não eram perturbados pelas coisas, mas sim pelas visões que tinham das mesmas, e que as ideias não só podiam controlar os sentimentos mais intensos de uma pessoa, como também eram capazes de modificá-los. Paralelas às afirmações acima se observaram sugestões relacionadas às origens da Terapia Cognitiva provenientes de terapeutas construtivistas, afirmando que a Terapia Cognitiva é essencialmente objetivista, o que não é corroborado por Beck, que afirma ter no Racionalismo Crítico de Popper sua referência. Sendo assim, é válido questionar quais são os pressupostos epistemológicos assumidos, implícita e explicitamente pela Terapia Cognitiva. Nota-se que o foco de sua teoria e prática é voltado principalmente para os estudos da psicopatologia e elaboração de modelos psicoterapêuticos, apresentando a fragilidade de contar com pouca reflexão filosófica sobre seus fundamentos, e pouca ou nenhuma discussão epistemológica. Esta investigação teórica pretende contribuir para o reforço do conhecimento sobre a Terapia Cognitiva, que tem se expandido de forma considerável no Brasil, procurando também contribuir para uma solidificação de suas bases de estudo tornando mais claro e definido o perfil de atuação do terapeuta cognitivo, evitando confusões de orientações epistemológicas equivocadas.
Terapia Cognitiva, Terapia Construtivista, Racionalismo Crítico.
M
CLIN

A VIRTUDE NA PSICOLOGIA POSITIVA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE ARISTÓTELES E SELIGMAN. *José Augusto Rento Cardoso ** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG) ,*

A presente pesquisa trata de uma investigação no campo da Psicologia Teórica onde se buscou realizar uma clarificação do conceito de virtude no contexto da Psicologia Positiva, tendo como recorte o principal nome dessa abordagem, Martin Seligman. A Psicologia Positiva é um movimento contemporâneo da Psicologia, com origem na década de 90 nos Estados Unidos, que se volta para o estudo das qualidades pessoais e dos chamados estados positivos. Nesse contexto, tal abordagem vem resgatando conceitos que ficaram durante algum tempo relegados à filosofia, entre eles felicidade, caráter e virtude. Segundo a Psicologia Positiva a máxima aristotélica de que a vida feliz é a vida virtuosa é verdadeira e, descobrir as principais virtudes e forças do caráter pessoais seria um dos caminhos para proporcionar maior bem-estar subjetivo, sendo essa uma das metas da Psicologia Positiva. Para isso, diversos estudos vêm sendo realizados buscando mapear virtudes universais, sua manifestação em comportamentos pessoais e as consequências dos mesmos. Dentre estes um estudo realizado por Seligman e Peterson, indica a existência de seis virtudes universais, presentes em diferentes culturas ao longo do tempo: sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência. Tais virtudes foram divididas dando origem às chamadas 24 forças do caráter. Como ponto relevante da abordagem observa-se a elevada preocupação em realizar pesquisas empíricas, metodologicamente esclarecidas que buscam promover o caráter científico da Psicologia. Diante desse renovado interesse da Psicologia por abordar conceitos filosóficos torna-se importante investigar como a apropriação de tais termos vem sendo feita, com base em que pressupostos e as conseqüências do mesmo para teoria. Para isso, buscou-se realizar um estudo das principais obras éticas de Aristóteles Ética a Nicômaco, Moral a Eudemo e Magna Moralia como fundamentos para conceituação de virtude. A opção pelas obras do referido filósofo deve-se a importância do mesmo como sistematizador do conceito de virtude e a própria referência da Psicologia Positiva a suas ideias. Os objetivos principais foram a análise do conceito de virtude no contexto das chamadas obras morais de Aristóteles como base para clarificação do conceito de virtude na Psicologia Positiva, sobretudo no trabalho realizado pelo seu principal fundador, Martin Seligman, e a comparação entre a perspectiva Aristotélica e a perspectiva desse atual movimento da Psicologia no que diz respeito à virtude e a vida feliz. Tal análise permitiu apontar pontos convergentes e divergentes, bem como ressaltar a importância da fundamentação filosófica na abordagem da Psicologia Positiva para um maior esclarecimento de conceitos de origem filosófica.
Bolsista CAPES/REUNI
Palavras-chave: Psicologia Teórica, Psicologia Positiva, Virtude
M
CLIN

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DA TERAPIA COGNITIVA E TERAPIA DO ESQUEMA SOBRE O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE.
*Melissa Gevezier Fioravante** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG),*

O termo Terapia Cognitiva (TC) e Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) são frequentemente usados como sinônimos para descrever as psicoterapias baseadas no modelo cognitivo. As abordagens cognitivas tem como pressuposto filosófico a crença em que um processo interno de cognição media cada comportamento. O significado de cada evento é construído pela pessoa, não sendo um componente pré-existente na realidade. A característica que melhor define a Terapia Cognitiva, do ponto de vista teórico, é a ideia de que os sintomas e os comportamentos disfuncionais e, consequentemente, as psicopatologias, são cognitivamente mediados. Nos últimos 30 anos, surgiram diversas abordagens em Terapia Cognitiva. Essas diferentes abordagens compartilham bases comuns, embora haja

consideráveis diferenças em princípios e procedimentos entre elas. Isso ocorre devido ao fato de que os pioneiros no desenvolvimento de intervenções cognitivo-comportamentais vieram de diferentes fundamentos teóricos. Estudos propõem uma classificação das terapias cognitivas em três diferentes tipos de modelo: de reestruturação cognitiva, cognitivo-comportamentais e construtivistas. Atualmente, observa-se o crescimento de Terapias Cognitivas com proposta integrativa, as quais, além de apresentarem características pertencentes as três abordagens, somam-se preocupações pertinentes às diferenças culturais e espiritualidade. A Terapia do Esquema foi criada por Jeffrey E. Young, em 1990, com a publicação do livro Cognitive therapy for personality disorders . Surgiu como proposta de continuação da teoria inicial da TC de curto prazo, como forma de superar a possível limitação que a Terapia Cognitiva tradicional (de Beck) apresenta no tratamento de pacientes com transtornos de personalidade ou aqueles com transtornos mais severos ou arraigados. Segundo O DSM-IV-TR, o traço de personalidade é um padrão persistente de perceber, relacionar-se com o pensar sobre o ambiente e sobre si mesmo, que se manifesta sobre vários contextos sociais e pessoais. Esses traços, quando inflexíveis e desadaptativos, causam mal-estar subjetivo e prejuízo funcional significativo, caracterizando assim, um Transtorno de Personalidade (TP). Os pacientes com Transtornos de Personalidade estão entre os casos clínicos mais desafiantes e difíceis, pois estes evitam ativamente trabalhar suas cognições e emoções gerando, por conseguinte, um elevado índice de abandono da terapia. Segundo Young, as habilidades ou características necessárias para que o paciente seja adequado a TC tradicional incluem (1) acesso aos sentimentos após breve treinamento; (2) acesso a pensamentos e imagens após curta orientação; (3) questões identificáveis a serem focadas; (4) motivação para realizar as tarefas e aprender estratégias de autocontrole; (5) problema importante como foco na terapia que não seja o relacionamento terapêutico; e (6) problemas cognitivos e comportamentais que possam ser mudados por meio de intervenções e práticas. Para Young, os pacientes com TP preenchem pouco ou nenhum dos critérios apontados, o que explicaria a baixa adesão ao tratamento de TC tradicional. O objetivo deste trabalho será discutir as confluências e divergências da Terapia Cognitiva tradicional (Beck) e a Terapia do Esquema, no que tange a intervenção clínica no atendimento de pacientes com Transtorno de Personalidade (TP).
Transtornos de Personalidade, Terapia Cognitiva, Terapia do Esquema
M
CLIN

DETERMINANTES INTERNOS E EXTERNOS DA PERSONALIDADE: VISÃO DA TEORIA COGNITIVA DE BECK. *Natália Quintela Rocha ** (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*
,

O presente trabalho é uma investigação no campo de pesquisa da Psicologia Teórica, tratando-se de uma análise sobre a perspectiva teórica de Aaron Beck sobre os determinantes internos e externos da personalidade. Esta análise teórica foi elaborada por meio de dados obtidos a partir de pesquisa bibliográfica em fontes primárias da obra de Aaron Beck e literatura sobre teorias da personalidade. Tendo em vista que cada teoria enfatiza determinados aspectos como componentes constituintes do conceito e definição da personalidade, esta pesquisa teve como objetivo evidenciar o que a teoria cognitiva de Beck apresenta a respeito do debate em questão. Considerando, segundo Beck, os esquemas como elementos idiossincráticos e compostos por uma carga genética, estes se enquadram, de acordo com os teóricos da personalidade, nos fatores internos, portanto é possível afirmar que a perspectiva de Beck tende a considerar e a enfatizar os determinantes internos. Apesar disso, Beck não descarta os

fatores externos ou ambientais, mas sim observa a inter-relação existente entre ambos, assim como tem sido apresentada a discussão da maioria dos pesquisadores da personalidade. Observa-se que, na perspectiva de Beck, o peso maior é dado aos fatores internos, representado pelos esquemas (sistemas de crenças) que se referem ao modo de interpretar e organizar as experiências, ou seja, como o indivíduo vê o mundo, a si mesmo, aos outros e dá significado às situações. Ressalta-se que estas situações estão inseridas em um contexto, o que remete ao fator externo/ambiental, demonstrando assim a inter-relação, ou seja, certa influência de fatores externos, porém, sem que o contexto (fator externo) seja o determinante, mas sim a maneira de interpretar do indivíduo (fator interno no caso, representado pelos esquemas). O autor observa ainda que, a formação dos padrões de personalidade depende da interação das tendências inatas ou predisposições genéticas com a experiência, podendo ser mais ou menos acentuadas pelas condições ambientais. Contudo, para o autor em questão os esquemas idiossincráticos é que são os elementos básicos que constituem a personalidade, sendo a personalidade, portanto, um conjunto de esquemas individuais que determinam o funcionamento dos sistemas motivacionais, cognitivos, emocionais em relação ao contexto ambiental, social e biológico. E, se considerarmos ainda os pressupostos básicos da abordagem cognitiva que considera o ser humano como ativo, orientado a metas, capaz de processar informações e interpretar as situações atribuindo significados, além da capacidade de mudança, fica ainda mais evidente a ênfase nos fatores internos, até porque seria incoerente logicamente a suposição de determinismo externo/ambiental. Conclui-se portanto que apesar do reconhecimento de Beck do papel da inter-relação entre os fatores internos e externos, o que vai ao encontro da posição atualmente predominante entre os teóricos da personalidade, a tendência teórica fundamental dos modelos e pressupostos da Teoria Cognitiva de Beck aponta para o predomínio dos fatores internos da personalidade.

Bolsista CAPES/ REUNI

Palavras-chave: Personalidade, Teoria Cognitiva, Determinantes internos e externos

M

CLIN

Sessão Coordenada: **RELAÇÃO TERAPÊUTICA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS EM SUPERVISÃO CLÍNICA COM GRADUANDOS**

Na formação do futuro profissional psicólogo, há aspectos fundamentais, desenvolvidos no processo de ensino-aprendizagem, que merecem atenção no que diz respeito à prática clínica. Um desses aspectos é a importância da relação terapêutica que deve caracterizar a prática clínica e, portanto, professores responsáveis pelo acompanhamento das atividades relacionadas à modalidade de estágio profissionalizante clínico vem se dedicando à reflexão e à discussão do processo ensino-aprendizagem dos alunos de Psicologia, nesse momento de sua formação. Para tanto, a proposta dessa sessão coordenada apresenta, em primeiro lugar, elementos globais de avaliação do desempenho dos alunos no exercício dessa atividade. Após, são apresentadas formas de atuação de professores supervisores, sob diferentes enfoques teóricos e técnicos, mais especificamente sob os referenciais da Psicanálise e da Psicoterapia Analítico-Funcional acerca das características desse momento da formação dos alunos.
Psicologia Clínica e da Personalidade

O USO DA FUNCTIONAL ANALYTIC PSYCHOTERAPY (FAP) COM GRADUANDOS.. *Eliana Isabel de Moraes Hamasaki**, Diretoria da Saúde, Curso de Psicologia, Universidade Nove de Julho UNINOVE São Paulo (SP).*

,

Como parte da sessão coordenada intitulada: relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, este trabalho descreve a introdução de atividades relacionadas à modalidade de estágio profissionalizante clínico desenvolvido obrigatoriamente por alunos de uma universidade particular da cidade de São Paulo. Para tanto, convencionou-se a functional analytic psychoterapy (FAP), descrita por Kohlenberg e Tsai (2001), como a proposta de atuação nos atendimentos prestados pelos estudantes na clínica-escola da universidade. A FAP ou psicoterapia analítica funcional, em tradução para a língua portuguesa é um tipo de processo terapêutico no qual as relações configuram-se intensas entre terapeuta e cliente e são determinantes tanto para detectar os chamados comportamentos-problemas do cliente, como, também, para promover a sua posterior mudança, quando esta faz-se necessária e desejada. Antes dos atendimentos propriamente ditos, o grupo de alunos era apresentado à proposta desse estágio, com leituras específicas e exposição de casos atendidos e/ou supervisionados pela professora responsável pelo acompanhamento do referido grupo. Faz-se pertinente, aqui, ressaltar que a escolha do aluno por uma determinada orientação teórico-prática para a realização dessa atividade, não se configura necessariamente como escolha; pois, os alunos são agrupados de acordo com critérios diversificados, com destaque para a compatibilidade de oferta (dos estágios) e disponibilidade na carga horária (dos alunos). Após essa apresentação teórica, os alunos começavam os seus atendimentos que eram relatados e discutidos em reuniões semanais supervisionadas. Os relatos descritos pelos alunos eram minuciosamente discutidos, levando-se em consideração a noção de comportamentos clinicamente relevantes (CRBs sigla da expressão na língua inglesa clinically relevant behavior). Os CRBs são divididos em três categorias: (a) CRB 1, como aquele(s) que se configura(m) como o problema ou alvo ; (b) CRB 2, como progresso(s) do cliente e que ocorre(m) na própria sessão, inclusive; e (c) CRB 3, como os próprios relatos do cliente, incluindo a sua interpretação da relação estabelecida com o terapeuta. Nos atendimentos dos alunos, estabeleceu-se a necessidade de atentar para a especificidade das cinco regras fundamentais para a condução dos casos, segundo a proposta da FAP: (1) observação dos CRBs; (2) evocação dos CRBs; (3) reforçamento dos CRBs; (4) observação dos efeitos reforçadores do comportamento do terapeuta em relação aos CRBs do cliente; e (5) fornecimento de interpretações de variáveis que afetam o comportamento do

cliente. Uma estratégia adicional que demonstrou eficácia na condução dos casos foi o uso de recursos artísticos, tais como letras de música e poesias, para o acesso e a descrição de sentimentos importantes experimentados pelos clientes e, também, dos alunos estagiários. Como resultados, tem-se permitido a modelagem de repertórios compatíveis com a atuação clínica do aluno em formação, além de promover o rompimento com certos estereótipos e preconceitos com relação à análise do comportamento aplicada à clínica.
Palavras-chave: supervisão graduação; psicologia clínica; FAP.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: CLIN

AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO EM SUPERVISÃO.. *Angélica Capelari, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo (SP).,*
Esse trabalho compõe a sessão coordenada intitulada: Relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, e enfoca a questão da avaliação dos atendimentos realizados por estagiários em supervisão, em uma universidade particular do grande ABC. Durante a graduação, quando realizam estágios em clínicas-escola, os estagiários são avaliados pelo seu desempenho nos atendimentos, e pela qualidade e pontualidade na entrega de relatórios. A pontualidade na entrega de relatórios não é difícil de ser avaliada; basta acompanhá-la a cada supervisão. A qualidade do relatório já envolve outras questões, tais como o tipo de relato, a fidedignidade entre os fatos ocorridos e o relato efetuado e as relações estabelecidas entre teoria e prática. Quando o relatório é na forma dialogada, ele pode dar possibilidade de avaliar inclusive a própria relação terapêutica, que é estabelecida entre o cliente e o estagiário e, a depender da qualidade da mesma, o atendimento terá um melhor ou pior desenvolvimento. Assim, a relação terapêutica acaba fazendo parte da avaliação do desempenho do estagiário. De qualquer forma, a grande questão acaba sendo então, como avaliar a relação terapêutica estabelecida. Além dessas questões, deve ser lembrada a própria relação entre o supervisor e o supervisionando. Esta relação é muito específica e não deve influenciar a avaliação do supervisor sobre o desempenho do estagiário. Para que não haja vieses na avaliação do desempenho do estagiário em função da relação entre supervisor e supervisionando, nesta universidade, houve algumas tentativas de fichas de avaliação do desempenho do estagiário. Essas fichas envolviam questões fechadas sobre o desempenho do estagiário, diminuindo a possibilidade de avaliações enviesadas. Em função da dificuldade de manter o preenchimento das fichas de avaliação e as discussões sobre os atendimentos clínicos, as fichas deixaram de ser usadas, mas a discussão sobre uma avaliação isenta do desempenho dos estagiários, constantemente é retomada e, de qualquer forma, parte dos itens das fichas continua sendo avaliados, mas não como um documento formal.
Palavras-chave: supervisão graduação; psicologia clínica; avaliação.
Nível do Trabalho: M - Mestrado
Código da área: CLIN

O IMPACTO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA SOBRE GRADUANDOS EM SUPERVISÃO CLINÍCA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL.. *Cristina Moreira Fonseca**, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Centro de Análise do Comportamento (CeAC).,*
Esse trabalho compõe a sessão coordenada intitulada: Relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, a qual visa refletir e discutir acerca da importância da relação terapêutica em diferentes abordagens (psicanálise e terapia analítico-comportamental). Nesse sentido, o presente trabalho procura abordar o impacto da relação terapêutica sobre o cliente e a pessoa do terapeuta, no caso aqui, o terapeuta-estagiário em

supervisão clínica analítico- comportamental. Enquanto uma variável que compõe o processo terapêutico, entende-se a relação terapêutica como um tipo de interação social em que se consideram as qualidades pessoais de um terapeuta, de um cliente e a interação entre os dois em um contexto clínico. Em se tratando de supervisão de estágio em clínica como, então, ajudar o terapeuta-estagiário a desenvolver uma boa relação terapêutica com seu cliente, já que esta é considerada uma medida importante para o sucesso da terapia? Ensinar o aluno a se portar como uma audiência não punitiva, ser empático e reforçador são condições essenciais, porém, podem não ser suficientes. Situações comuns ao setting terapêutico como, por exemplo, gestos, silêncios, atrasos, faltas, férias do terapeuta, bem como características do terapeuta (como idade, gênero, raça, peso, características físicas) e até ser parecido com alguém conhecido do cliente podem afetar o comportamento do cliente. Todas essas situações, ainda que não possam ser controladas pelo terapeuta, podem aumentar ou diminuir a probabilidade de uma boa relação terapêutica contribuindo, assim, para o sucesso ou não da terapia, respectivamente.
Palavras-chave: supervisão graduação; psicologia clínica; relação terapêutica.
Nível do Trabalho: D Doutorado
Código da área: CLIN

A FUNÇÃO ESPECULAR COMO RECURSO CLÍNICO NA SUPERVISÃO DE GRADUANDOS EM PSICOLOGIA: A RELAÇÃO TERAPÊUTICA X RELAÇÃO SUPERVISOR E ESTAGIÁRIO.. *Fernando Genaro Junior**, Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.,*
Esse trabalho compõe a sessão coordenada intitulada: Relação terapêutica sob diferentes perspectivas em supervisão clínica com graduandos, a qual visa refletir e discutir acerca da importância da relação terapêutica em diferentes abordagens (psicanálise e terapia analítico-comportamental). Nessa sessão, enfatizo aspectos fundamentais desenvolvidos no processo de ensino-aprendizagem da prática clínica com adultos de orientação psicanalítica junto aos alunos-estagiários do 5º. ano da faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, instituição em que exerço a função e de professor e supervisor. Desta forma, recorro à própria experiência como supervisor de estágio da disciplina psicoterapia de orientação psicanalítica para apresentar algumas considerações sobre a relação terapêutica estabelecida pelo aluno-estagiário e suas vicissitudes, positivas e/ou negativas no processo psicoterápico e de formação. Durante o exercício da supervisão clínica nos últimos anos, tenho percebido e me deparado com diferentes reações emocionais e psicológicas por parte dos alunos-estagiários diante da experiência vivida no setting analítico, e nesse âmbito, a do campo relacional, o receio e o medo surgem a partir da intensidade e da qualidade do tipo de relação vivida. Não raro, solicitam textos e técnicas a ser aplicadas no lugar daquilo que seria a relação com o outro. Assim, o espaço de supervisão sendo um lugar fecundo na formação e desenvolvimento clínico do aluno-estagiário torna-se fundamentalmente lugar de espelhamento das experiências vividas na relação com o supervisor a qual pode oferecer subsídio relacional pra a transposição na relação aluno-estagiário e paciente. Ao final do trabalho, discuto o conceito de função especular desenvolvido por Winnicott, como recurso clínico psicanalítico no espaço de supervisão para manejar o favorecimento de uma relação terapêutica que possa surgir e ser sustentada na singularidade e espontaneidade do encontro único entre terapeuta e paciente, relação que traz consigo impactos de diferentes registros pessoais dos alunos-estagiários.
Palavras-chave: Relação Terapêutica, Supervisão, Função Especular.
Nível do trabalho: D Doutorado.
Código da área: CLIN

Sessão Coordenada: **Relacionamentos românticos: escolha de parceiros e manutenção de relacionamentos.**

Os seres humanos são caracterizados por sua complexidade, que os leva a aprimorar cada vez mais seu sistema de sobrevivência e reprodução. Para isso, diferentes estratégias são utilizadas, incluindo a etapa de escolha de parceiros românticos, que possui papel fundamental para a continuidade da espécie. Devido à complexidade das relações românticas humanas e o tempo de investimento e de duração delas, é possível ver com clareza que existem inúmeros critérios para escolha de um parceiro romântico; critérios estes, que podem variar de acordo com os fatores, como a cultura e com o sexo, por exemplo. De forma a contribuir mais profundamente sobre o conhecimento deste tipo de interação humana, pesquisadores de três instituições brasileiras juntaram os resultados de suas pesquisas para propor a presente sessão coordenada. Nela, pretendemos abordar sobre: 1) como homens e mulheres avaliam atratividade, característica importante para a escolha de parceiros de ambos os sexos; 2) a satisfação feminina com os seus relacionamentos ao longo do tempo; 3) o índice de função sexual feminina durante a gravidez; e 4) qual a preferência de idade, de homens e mulheres, dos parceiros românticos, em adolescentes e jovens adultos. Portanto, o objetivo da nossa proposta é de que possamos abordar, sob ponto de vista evolutivo, os resultados e as diferenças culturais encontrados, uma vez que o Brasil é um país com uma ampla diversidade cultural e este fator pode influenciar diretamente na escolha de parceiros, além de ampliar a discussão sobre o tema.
Psicobiologia e Neurociências

HOMENS E MULHERES AVALIAM ATRATIVIDADE DA MESMA FORMA?. *Anthonieta Looman Mafra** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Felipe Nalon Castro** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Wallisen Tadashi Hattori (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Flora Santos Nüssle (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Amanda Toledo Pereira de Carvalho (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
A seleção de parceiros pode ocorrer de diferentes maneiras nas espécies animais. Entre mamíferos, sabe-se que o sexo que investe menos na prole compete por aquele de maior investimento, tido como recurso limitante, tornando-se, este, mais seletivo. No caso dos humanos, acredita-se que o sexo limitante seja o feminino, pois, comparado aos homens, as mulheres apresentam maior investimento fisiológico na prole, embora ambos invistam tempo e energia no cuidado. A Teoria das Estratégias Sexuais sugere que, para maximizar o sucesso reprodutivo individual, homens tendem a procurar parceiras que indiquem melhor fisiologia para gestação e amamentação, enquanto mulheres tendem a procurar bons provedores de recurso e cuidado. Para isso, estamos sempre avaliando os nossos competidores (indivíduos que possuem o mesmo interesse sexual), a fim de inferir quais as nossas possibilidades de nos relacionarmos com um parceiro romântico de alta qualidade. Procurando investigar se homens e mulheres avaliam de forma diferente a atratividade de indivíduos de ambos os sexos, realizamos uma pesquisa com 66 universitários (32 homens e 34 mulheres) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN. Os participantes, de forma voluntária e não

remunerada, após assinatura de TCLE, foram expostos a 80 fotos, sendo destas, 40 fotos de homens e 40 fotos de mulheres. Para cada foto, havia uma reta de 10 cm no questionário, na qual o sujeito deveria marcar quão atraente julgava ser o modelo apresentado. Quanto mais à esquerda da reta o participante marcasse, menos atraente ele considerava o modelo e quanto mais a direita, mais atraente. Para a análise dos dados, foi realizada uma ANOVA de medidas repetidas, comparando as médias das avaliações das fotos de homens e das fotos de mulheres realizadas pelas mulheres com as médias das avaliações das fotos de homens e mulheres realizadas pelos homens. Posteriormente, foi feito um teste t para cada foto, comparando as médias das fotos entre os sexos. A nossa hipótese era de que o sexo do modelo influencia na avaliação da foto. Dessa forma, homens tenderiam a avaliar melhor fotos de mulheres e mulheres tenderiam a avaliar melhor as fotos de homens, quando comparados com o sexo oposto. No entanto, o resultado contrariou nossa hipótese, pois as análises indicaram que não houve diferença significativa na maneira com que homens e mulheres avaliaram as fotos, independentemente do sexo. Todavia, embora homens e mulheres tenham analisado a maioria das fotos de forma similar, foi visto que, em algumas fotos, os homens atribuíram as maiores notas, independentemente do sexo do modelo da foto. Provavelmente, se o contexto de relacionamento romântico tivesse sido especificado (curto ou longo prazo), ou ainda, se outras informações sobre status social e personalidade, por exemplo, tivessem sido acrescentadas, os participantes poderiam ter avaliado diferentemente, uma vez que homens e mulheres geralmente possuem maneiras distintas de avaliar os seus parceiros românticos potencial.

SE OS OPOSTOS SE ATRAEM, NÃO FICAM SATISFEITOS: PREDITORES DA SATISFAÇÃO COM O RELACIONAMENTO AMOROSO EM MULHERES. *Heitor Barcellos Ferreira Fernandes* (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
*Jean Carlos Natividade** (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),
O amor romântico pode ser compreendido a partir de mecanismos psicológicos adaptativos que envolvem busca, seleção e manutenção de parceiros, tendo a reprodução e os cuidados parentais como fins últimos. Ao longo da trajetória evolutiva, as idiossincrasias de cada sexo proporcionaram diferenciações cruciais nesses mecanismos. Uma das disparidades entre os sexos pode ser verificada nas qualidades valorizadas em possíveis parceiros românticos - como tem sido denominado o conjunto dessas qualidades: valor de mercado. Para a seleção de parceiros, há evidências abundantes na literatura de padrões diferenciados para cada sexo. Outro tema fundamental para o sucesso adaptativo do amor, menos estudado que a seleção, é a manutenção do relacionamento. Manter um relacionamento por tempo suficiente para a reprodução e para garantir a sobrevivência da prole é especialmente importante para as mulheres, e envolve um complexo de variáveis entre as quais a satisfação com o relacionamento pode ser considerada central, funcionando como uma constante reavaliação do parceiro. Evidências de relações entre o valor de mercado e a satisfação com o relacionamento são escassas, sobretudo no Brasil. Considerando-se isso, os objetivos deste estudo foram verificar relações entre satisfação com o relacionamento amoroso e (1) o valor de mercado do parceiro romântico, (2) a distância entre valores de mercado (o quadrado da subtração entre próprio valor de mercado e o valor de mercado do parceiro); e (3) testar o poder preditivo do valor de mercado do parceiro e da distância entre valores de mercado para a satisfação. Participaram 169 mulheres heterossexuais, média de idade de 26,4 anos, todas em relacionamentos compromissados. Utilizou-se um questionário online com questões sociodemográficas e sobre satisfação com o relacionamento, além da Escala de Valor de

Mercado no Amor nas versões autodirigida e dirigida ao parceiro. As correlações entre os itens do valor de mercado dos parceiros e a satisfação com o relacionamento amoroso mostraram-se positivas para 14 itens; e não significativa para os demais. No que diz respeito às correlações da satisfação com a distância entre valores de mercado, as correlações foram negativas para 14 itens; e não significativas para os demais. Ao se testar o poder preditivo dessas variáveis para a satisfação com o relacionamento (regressão linear múltipla hierárquica), constatou-se que a variância explicada pelas características dos parceiros mostrou-se maior que a explicada pelos itens da distância entre valor de mercado. Foram preditoras positivas de satisfação com o relacionamento, responsáveis por 36,5% da variância explicativa do modelo, as seguintes características do parceiro: rosto atraente, gentil e compreensivo, inteligente, fiel e interessado em sexo. Já as variáveis relacionadas à distância entre valores de mercado foram preditoras negativas responsáveis por 5,8% da variância da satisfação, a saber: desejo de ter filhos e segurança financeira. Os resultados apontam para a importância da semelhança no valor de mercado entre os parceiros, além de algumas já esperadas qualidades do parceiro, enquanto preditoras da satisfação com o relacionamento amoroso. Esses achados fortalecem a importância da confluência de características de valor adaptativo relacionadas aos fins últimos do amor para a manutenção do relacionamento.

ANÁLISE DO ÍNDICE DE FUNÇÃO SEXUAL NA GRAVIDEZ. *Cibele Nazaré Da Silva Câmara** (Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Universidade Federal do Pará, Belém, PA)*
Regina Célia Souza Brito (Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Universidade Federal do Pará, Belém, PA)
*Mauro Dias Silva Junior** (Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Universidade Federal do Pará, Belém, PA/Experimental Psychology/University of Oxford, United Kingdom)*
Adriana S Oliveira (Universidade da Amazônia, Belém, PA)
Cassio V. Santos Aguiar (Universidade da Amazônia, Belém, PA)
Flávia Lima Costa (Universidade da Amazônia, Belém, PA),
Durante a gravidez ocorrem profundas adaptações anatômicas, fisiológicas e bioquímicas na mulher, cujo início ocorre logo após a fertilização e perduram por todo o período podendo exercer influência sobre a sua sexualidade. Tais mudanças são orquestradas pelos hormônios, dentre eles os que mais provocam alterações no comportamento sexual e diminuição da libido, estão a progesterona e a prolactina. A progesterona tem como função impedir as contrações uterinas, podendo também interromper os espasmos que ocorrem durante o orgasmo, funciona como um sedativo em doses moderadas e anestésicas em doses elevadas amortecendo o impulso sexual, cuja diminuição é devida também à redução nos níveis de testosterona, hormônio ligado ao impulso sexual. A progesterona trabalha em harmonia com a prolactina, outro hormônio que durante a gravidez apresenta níveis elevados visando preparação para a amamentação, porém, diminui a receptividade sexual interferindo no desejo sexual e orgasmo. Filogeneticamente o orgasmo feminino evoluiu para incentivar as fêmeas à procurar pelo sexo e estabelecer uma relação intima com parceiro amoroso, bem como, sinalizar sua satisfação e contribuir para a fertilização. O sexo na espécie humana é responsável pelo prazer e a formação de vínculos entre os casais. Objetivou-se analisar se o índice de função sexual em grávidas atendidas na Santa Casa de Misericórdia do Pará seria diminuído pelo estado da gestação. As informantes da pesquisa foram 102 gestantes no último trimestre gravidez com idade entre 18 e 38 anos, as quais não apresentavam gravidez de risco, que tiveram atividade sexual nas últimas quatro semanas e estavam em um relacionamento estável por no mínimo dois anos. Foi utilizado na pesquisa o questionário Female Sexual Function Index (FSFI) o qual avalia a resposta sexual feminina nos domínios do desejo sexual, excitação sexual, lubrificação vaginal, orgasmo, satisfação sexual e dor. Também foi utilizado o Questionário de Escolha de Parceiros, o qual investiga aspectos da relação amorosa com o

parceiro. Constatou-se que o índice geral de função sexual foi de 26,3, ligeiramente abaixo do escore de normalidade, que é acima de 26,6, indicando risco de disfunção sexual nas gestantes. Houve correlação positiva fraca entre orgasmo e desejo, entre orgasmo e relações sexuais que dependiam da vontade da informante e entre orgasmo e Satisfação com o relacionamento, ou seja, quando aumenta a quantidade de orgasmos aumenta a satisfação no relacionamento, na quantidade de relações sexuais dependentes da informante, ainda que o índice geral de função sexual seja baixo. As questões hormonais na gravidez conduzem a certos efeitos no comportamento incluindo a diminuição da libido e um comportamento materno de proteção da prole. No entanto, mesmo com o desejo diminuído e com a função sexual alterada, a gestantes não recusam as relações sexuais, o que denota uma estratégia evolutiva de manter o parceiro próximo. Acrescenta-se a necessidade de compreender mais a fundo a sexualidade durante a gestação especialmente em relação ao relacionamento com o parceiro.

PREFERÊNCIA DE IDADE DOS PARCEIROS ROMÂNTICOS EM ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS. *Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Felipe Nalon Castro** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
*Anthonieta Looman Mafra** (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
Wallisen Tadashi Hattori (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Maria Emília Yamamoto (Laboratório de Etologia Humana, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN),
A investigação de preferências idealizadas em parceiros românticos pode nos fornecer pistas sobre a origem de determinados comportamentos ao longo da evolução humana. A idade do parceiro pode ser importante, já que a fertilidade pode variar em função do desenvolvimento. Para os humanos, a chance de reprodução aumenta da adolescência à idade adulta e diminui na velhice; todavia a reprodução feminina é mais sensível à idade já que o período reprodutivo é menor que o masculino. Este estudo investigou as preferências ideais da idade de parceiros românticos para homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Neste trabalho, objetivamos verificar se as preferências sexuais típicas para a idade dos parceiros observadas na literatura são encontradas em uma amostra brasileira, considerando possíveis modificações ao longo da adolescência até o início da idade adulta. Um total de 1063 estudantes brasileiros, 356 do sexo masculino e 707 do sexo feminino, com idade entre 12 e 27 anos participaram do estudo. Para as faixas etárias abordadas no estudo, aproximadamente 24% da amostra possuía de 12 a 15 anos de idade, 36% de 16 a 19 anos, 31% de 20 a 23 anos e 9% possuíam idade entre 24 e 27 anos. A coleta de dados foi realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Escola Estadual Atheneu Norte Riograndense e na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, Natal-RN. Os participantes responderam, de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE pelos pais/responsáveis ou pelos participantes, conforme o caso, a um questionário anônimo e individual, indicando seu sexo e sua idade, além de avaliar as idades máxima, mínima e ideal preferidas em um parceiro romântico idealizado. Para as análises realizadas neste trabalho, calculamos a diferença entre a idade dos sujeitos e as idades preferidas (mínima, máxima e ideal). Para verificar se as preferências sexuais típicas para a idade dos(as) parceiros(as) um teste Modelo Linear Geral [GLM] Multivariado foi aplicado utilizando as variáveis sexo (masculino e feminino) e faixa etária (12-15, 16-19, 20-23 e 24-27 anos completos) como variável independente e as variáveis diferença da idade mínima

preferida, diferença da idade máxima preferida e diferença da idade ideal preferida em um parceiro romântico como variáveis dependentes. Nossos resultados mostram que houve efeito do sexo ($F(3, 1053) = 217,97$, $p < 0,001$), da faixa etária ($F(9, 3165) = 36,96$, $p < 0,001$) e interação entre estas variáveis ($F(9, 3165) = 4,36$, $p < 0,001$), sobre a diferença entre a idade dos sujeitos e idades preferidas. Análises posteriores indicaram que, para idade mínima e ideal, mulheres mantêm a preferência em todas as faixas etárias, enquanto homens preferem parceiras cada vez mais jovens. Para idade máxima, observamos que as mulheres preferem parceiros mais velhos quando comparadas à preferência dos homens. Ressaltamos que a idade é importante na seleção de parceiros românticos e que os sexos avaliam este traço de forma diferente. Este trabalho acrescenta evidências de que as preferências por idade podem ser universais na nossa espécie, já que o mesmo padrão foi encontrado em muitas culturas.

Sessão Coordenada: **Relações Familiares e Conflitos ao Longo do Ciclo Vital: Infância, Adolescência e Conjugalidade**

O conflito é inerente às relações. No ambiente familiar, estas divergências, que podem ser de opiniões, gostos e preferências, muitas vezes assumem intensidades exacerbadas. Sendo assim, não é incomum que as famílias encontrem dificuldades de resolver seus conflitos tanto de ordem interna como externa. Normalmente, as estratégias de resolução dos conflitos diferem de acordo com os valores, estrutura e regras familiares. Na atualidade, as famílias tendem a apresentar relações mais igualitárias, com fronteiras mais difusas e hierarquias mais flexíveis. Tendo em vista que a capacidade de resolução dos conflitos é um dos indicadores de saúde familiar, é importante conhecer as relações entre as estratégias utilizadas na família e os níveis de saúde e bem-estar que vivenciam. Já existem evidências, por exemplo, de que os conflitos conjugais, quando manejados de forma inadequada, podem reverberar na forma como os pais exercem a parentalidade (efeito spillover). Nesse sentido, já se sabe que o que conta não é a existência ou não de conflitos, mas sim a sua intensidade e a forma como são resolvidos. Esta sessão coordenada objetiva discutir os conflitos familiares em diferentes momentos do ciclo vital e em diferentes contextos, visando explorar a reverberação destes na saúde familiar. Para tanto, serão apresentados resultados de pesquisas que abordam o tema sob diferentes perspectivas. A pesquisa Estratégias de Resolução de Conflitos de Adolescentes Envolvidos em Relacionamentos Amorosos: Resultados Preliminares, inicia apresentando o modo como adolescentes portoalegrenses lidam com os conflitos que vivenciam com seus parceiros amorosos. Em seguida, o estudo Temas e Estratégias de Resolução de Conflitos de Homens e Mulheres Gaúchos aborda a frequência com que homens e mulheres discutem com seus cônjuges sobre temáticas comuns à vida familiar e apresenta as estratégias que mais utilizam para resolver seus conflitos conjugais. O trabalho Satisfação e Violência nos Relacionamentos Conjugais segue abordando o modo como a satisfação e a violência conjugal se correlacionam, discutindo como se processa a violência entre os casais como uma estratégia de resolução de seus conflitos. Na sequência, a pesquisa A Perspectiva dos Filhos sobre os Conflitos Conjugais de seus Pais explora a percepção que crianças e adolescentes têm acerca dos conflitos vivenciados entre seus pais. Por fim, o estudo Os Conflitos na Relação Família e Escola: Desacomodar para Intervir aborda os conflitos existentes na interação entre os sistemas familiar e escolar, evidenciando aspectos necessários para que se possa promover um desenvolvimento saudável das crianças, adolescentes e suas famílias. Em seu conjunto, os trabalhos desta sessão coordenada ilustram nuances das conflitivas familiares em diferentes fases do ciclo vital e em diferentes contextos. Assim, possibilitam reflexões sobre questões da prática profissional com famílias e casais, bem como apontam para lacunas que demandam novas pesquisas.

Psicologia da Família e da Comunidade

ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DE ADOLESCENTES ENVOLVIDOS EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: RESULTADOS PRELIMINARES. *Daniela Centenaro Levandowski/UFCSPA, Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira/UFCSPA, Adriana Wagner/UFRGS, Lara Monteiro Schuck*/UFCSPA, Ivy Pimenta Dias*/UFCSPA, Paulo Roberto Taborda Souza Jr.*/UFCSPA ,*

Embora o estabelecimento de relações amorosas seja um fenômeno típico da adolescência, a literatura brasileira sobre esse tema ainda é escassa. Os adolescentes podem tanto se beneficiar destas relações no que tange à autoestima, popularidade e segurança, como se deparar com alguns desafios e conflitos inerentes a elas. O objetivo desse trabalho é apresentar uma análise preliminar de dados obtidos na primeira etapa do estudo Relações Amorosas de Adolescentes Gaúchos: Avaliação e Intervenção Psicossocial , no que se refere às

estratégias adotadas para a resolução de conflitos. Os dados foram coletados entre agosto/2011 e maio/2012. Participaram 100 adolescentes de escolas da rede pública e privada de ensino de Porto Alegre/RS, após o consentimento da escola e pais/responsáveis. Para avaliar as estratégias de resolução de conflitos usou-se o Conflict Resolution Behavior Questionnaire. Os adolescentes, em sua maioria (64%) tinham entre 14 e 16 anos de idade, eram do sexo feminino (56%) e 70% cursava o Ensino Fundamental. A renda familiar predominante variou de quatro a seis salários mínimos. No que tange aos relacionamentos, somente 19,6% declarou estar apaixonado/a pela pessoa com quem mantinha um relacionamento amoroso no momento de realização do estudo. Quanto às estratégias de resolução de conflitos empregadas pelo/a adolescente e percebidas por ele/a como sendo empregadas pela/o parceira/o, destacaram-se: ir direto ao ponto no momento das discussões (77,5% dos participantes e 76,7% das/os parceiras/os), buscar acordos (71,9%; 66,7%, respectivamente), pedir desculpas (74,2%; 66,7%), e raramente ou nunca dizer/fazer algo para machucar os sentimentos do outro (81,2%; 70%). Falar com amigos/parentes sobre o problema também foi bastante referido (64,6%; 54,8%). Encontrou-se níveis semelhantes de uso das estratégias \"revidar de algum modo\" (31%) e ficar nervoso e jogar coisas um no outro (15%) pelos próprios adolescentes e pela/o parceira/o. A análise preliminar dos resultados indicou a presença de estratégias de resolução de conflitos bastante diversificadas, com predominância de estratégias de negociação. Estas são consideradas adequadas e denotam um panorama positivo das relações estabelecidas pelos adolescentes. Entretanto, estratégias agressivas também foram referidas, embora menos frequentemente. Esse achado merece atenção, devido à intensidade com que os jovens tendem a viver suas experiências. Evidenciou-se também percepção mais positiva de si mesmos quanto às estratégias de negociação empregadas, em comparação ao parceiro/a. Esse dado pode estar enviesado por questões de desejabilidade social e falta de empatia, características da adolescência, o que pode ser corroborado pelo fato de que, frente às estratégias agressivas, não houve diferença, mas sim igualdade nessa percepção. Essa igualdade remete ao emprego de critérios diferentes para essa avaliação, com os sujeitos possivelmente minimizando os aspectos considerados negativos na sua autoavaliação. Sobre a busca de apoio para os conflitos, também constatada como estratégia, pode tanto contribuir para a efetiva resolução, como para intensificar o conflito, dependendo do tipo/qualidade do apoio recebido pelo adolescente. Os resultados reforçam a importância de novos estudos sobre o tema. A partir desse conhecimento, poderão ser organizadas intervenções para a promoção de estratégias de negociação e prevenção daquelas consideradas violentas na resolução de conflitos nessa população.

Apoio Financeiro: CNPq (Lara Monteiro Schuck - bolsista PIBIC/CNPq; Daniela Centenaro Levandowski, Adriana Wagner - Bolsistas PQ/CNPq)

Palavras-chave: relações amorosas, adolescência, estratégias de resolução de conflitos

Nível do Trabalho: Pesquisador - P

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

TEMAS E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DE HOMENS E MULHERES DO RIO GRANDE DO SUL. *Juliana Szpoganicz Rosado**/UFRGS, Angélica Paula Neumann**/UFRGS, Adriana Wagner/UFRGS,*

Pesquisas apontam que o nível de satisfação e a estabilidade das uniões conjugais não estão associados à ausência de conflitos, mas sim à frequência de interações positivas e negativas que os casais vivenciam diariamente e às estratégias que adotam para a resolução de suas divergências. Considerando a importância desta temática para a saúde conjugal e familiar, o objetivo deste estudo é investigar a frequência com que homens e mulheres discutem com seus cônjuges a respeito de temas comuns à vida familiar e identificar as estratégias de

resolução de conflitos mais utilizadas para resolver divergências na esfera conjugal. A amostra foi composta por 1500 participantes, sendo 750 homens e 750 mulheres, com idades médias de 42,4 (dp=11,12) e 39,5 anos (dp=10,72), respectivamente. A amostra, acessada por conveniência, é proveniente de 67 cidades do estado do Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Conflito Conjugal, que avalia a frequência com que os sujeitos discutem com seus cônjuges sobre tarefas domésticas, dinheiro, sexo, filhos, questões legais e tempo que passam juntos, e o Conflict Resolution Style Inventory (CRSI), que avalia as estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelos participantes no contexto conjugal, de acordo com os estilos: resolução dos problemas, envolvimento no conflito, afastamento e submissão. Foram efetuadas análises descritivas. Numa escala de 6 pontos entre (1) quase nunca e (6) quase todos os dias, constatou-se que os temas mais recorrentes de conflitos são o tempo que os sujeitos tem para ficar com seus cônjuges (X=3,18 para homens e 3,08 para mulheres), sexo (X=2,39; 2,24), filhos (X=2,34; 2,36) e tarefas domésticas (X=2,13; 2,32). No que se refere às estratégias de resolução de conflitos, evidencia-se que a mais utilizada tanto por homens quanto por mulheres é a resolução positiva (X=14,42; 14,48), seguida por submissão (X=10,05; 9,65), afastamento (X=8,93; 8,78) e, por último, envolvimento no conflito (X=7,24; 8,20). Percebe-se que a amostra apresenta baixa frequência de discussão sobre as temáticas investigadas, e aponta estratégias de resolução positivas frente aos desentendimentos conjugais. Tanto homens quanto mulheres apresentam percepções similares acerca da frequência com que discutem por determinados temas, bem como sobre as estratégias que utilizam para resolver seus conflitos. A maior média na temática tempo que possuem para ficar com seu cônjuge corrobora a preocupação de preservar o espaço conjugal. Isso está associado a aspectos contemporâneos da conjugalidade, a qual tem se caracterizado pelo aumento de casais de dupla carreira, pela crescente demanda por investimentos profissionais e pela dinâmica entre a preservação do espaço da conjugalidade e da individualidade, entre outros fatores. Conclui-se que os participantes que mantém o vínculo conjugal apresentam boas estratégias de resolução de seus conflitos e demonstram investir em seus relacionamentos.

Apoio financeiro: PRONEX (FAPERGS/CNPq)
Palavras-chave: casais, conflitos, estratégias de resolução.
Nível do trabalho: P (pesquisador)
FAMI

TEMAS E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DE HOMENS E MULHERES DO RIO GRANDE DO SUL. *Angélica Paula Neumann**/UFRGS, Juliana Szpoganicz Rosado**/UFRGS, Adriana Wagner/UFRGS,*

Pesquisas apontam que o nível de satisfação e a estabilidade das uniões conjugais não estão associados à ausência de conflitos, mas sim à frequência de interações positivas e negativas que os casais vivenciam diariamente e às estratégias que adotam para a resolução de suas divergências. Considerando a importância desta temática para a saúde conjugal e familiar, o objetivo deste estudo é investigar a frequência com que homens e mulheres discutem com seus cônjuges a respeito de temas comuns à vida familiar e identificar as estratégias de resolução de conflitos mais utilizadas para resolver divergências na esfera conjugal. A amostra foi composta por 1500 participantes, sendo 750 homens e 750 mulheres, com idades médias de 42,4 (dp=11,12) e 39,5 anos (dp=10,72), respectivamente. A amostra, acessada por conveniência, é proveniente de 67 cidades do estado do Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Conflito Conjugal, que avalia a frequência com que os sujeitos discutem com seus cônjuges sobre tarefas domésticas, dinheiro, sexo, filhos, questões legais e tempo que passam juntos, e o Conflict Resolution Style Inventory (CRSI), que avalia as

estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelos participantes no contexto conjugal, de acordo com os estilos: resolução dos problemas, envolvimento no conflito, afastamento e submissão. Foram efetuadas análises descritivas. Numa escala de 6 pontos entre (1) quase nunca e (6) quase todos os dias, constatou-se que os temas mais recorrentes de conflitos são o tempo que os sujeitos tem para ficar com seus cônjuges (X=3,18 para homens e 3,08 para mulheres), sexo (X=2,39; 2,24), filhos (X=2,34; 2,36) e tarefas domésticas (X=2,13; 2,32). No que se refere às estratégias de resolução de conflitos, evidencia-se que a mais utilizada tanto por homens quanto por mulheres é a resolução positiva (X=14,42; 14,48), seguida por submissão (X=10,05; 9,65), afastamento (X=8,93; 8,78) e, por último, envolvimento no conflito (X=7,24; 8,20). Percebe-se que a amostra apresenta baixa frequência de discussão sobre as temáticas investigadas, e aponta estratégias de resolução positivas frente aos desentendimentos conjugais. Tanto homens quanto mulheres apresentam percepções similares acerca da frequência com que discutem por determinados temas, bem como sobre as estratégias que utilizam para resolver seus conflitos. A maior média na temática tempo que possuem para ficar com seu cônjuge corrobora a preocupação de preservar o espaço conjugal. Isso está associado a aspectos contemporâneos da conjugalidade, a qual tem se caracterizado pelo aumento de casais de dupla carreira, pela crescente demanda por investimentos profissionais e pela dinâmica entre a preservação do espaço da conjugalidade e da individualidade, entre outros fatores. Conclui-se que os participantes que mantém o vínculo conjugal apresentam boas estratégias de resolução de seus conflitos e demonstram investir em seus relacionamentos.
Apoio financeiro: PRONEX (FAPERGS/CNPq)
Palavras-chave: casais, conflitos, estratégias de resolução.
Nível do trabalho: P (pesquisador)
FAMI

SATISFAÇÃO E VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS. *Larissa Wolff da Rosa**/UNISINOS, Denise Falcke/UNISINOS,*
O relacionamento conjugal caracteriza-se como um palco no qual são vivenciadas complexas e intensas experiências. A satisfação no relacionamento é definida a partir da interação entre múltiplos fatores, dentre eles a forma como os casais lidam com seus conflitos e a presença ou não de indicadores de violência. A violência conjugal pode se manifestar de diversas maneiras, sendo as formas mais comuns a agressão física, psicológica e sexual. Na prática clínica, muitas vezes, percebe-se que casais violentos reportam bons níveis de satisfação conjugal, considerando que permanecem juntos porque se amam e são felizes no relacionamento. No entanto, ainda são imprecisas as correlações entre satisfação conjugal e violência. Partindo de tais pressupostos, o presente estudo teve por objetivo correlacionar violência e satisfação conjugal. A hipótese de pesquisa é de que a violência pode estar presente nos relacionamentos independente dos níveis de satisfação conjugal. Participaram deste estudo 751 casais, heterossexuais, residentes no Estado do Rio Grande do Sul, casados ou em união estável por, pelo menos, seis meses. A média de idade dos participantes foi de 41 anos (dp=11,09) e o tempo médio de união foi de 15,76 anos (dp=10,41). Os instrumentos utilizados foram o The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS), como medida de satisfação conjugal, e o Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), para mensuração dos níveis de violência conjugal. Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS, por meio de análises descritivas e correlação de Pearson. Os resultados revelaram índices altos de violência conjugal na amostra, que variaram entre 2,4%, para coerção sexual grave, e 81,3%, para agressão psicológica menor. Observou-se uma correlação negativa entre satisfação conjugal e violência física (r=-0.117; p<0,001), agressão psicológica (r=-0,407; p<0,001) e sexual (r=-0,116;

p<0,001). Em relação à dimensão negociação, percebeu-se uma correlação positiva com a satisfação conjugal dos sujeitos (r=0,452; p<0,001). Desta forma, conclui-se que os casais com maiores índices de violência apresentam, a partir dos instrumentos utilizados, piores níveis de satisfação conjugal, contrariando a hipótese inicialmente definida para este estudo de que a violência poderia estar presente mesmo em relacionamentos com altos níveis de satisfação. Possivelmente esse resultado ocorra em vista das variáveis que compõe a medida de satisfação conjugal, que estão relacionadas ao companheirismo, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. Nesse sentido, sugere-se, para futuras investigações, que sejam utilizados outros instrumentos complementares para avaliação da satisfação conjugal, podendo ser incluída uma dimensão mais relacionada à constituição do vínculo amoroso, por exemplo.

** Larissa Wolff da Rosa - Bolsista PRONEX (FAPERGS/CNPq)
Palavras-chave: casal; violência; satisfação conjugal.
M
FAMI

A PERSPECTIVA DOS FILHOS SOBRE OS CONFLITOS CONJUGAIS DE SEUS PAIS. *Viviane Ribeiro Goulart** / UFRGS, Adriana Wagner/ UFRGS,*

Os conflitos conjugais são inerentes ao relacionamento dos casais. Entretanto, a literatura científica aponta que determinadas formas de expressão dessas situações familiares podem representar risco ao desenvolvimento saudável dos filhos. Considerando a relevância da temática, desenvolvemos um estudo qualitativo de caráter exploratório-descritivo, sobre a visão dos filhos acerca dos conflitos conjugais de seus pais. Objetivamos conhecer a perspectiva de crianças e adolescentes sobre os conflitos conjugais de seus pais, especialmente no que diz respeito às características destes e à forma como os filhos avaliam, se sentem e lidam com tais situações. Fizeram parte deste estudo 17 estudantes de uma escola pública de Porto Alegre, que coabitavam com seus pais. Os participantes foram divididos em dois grupos focais, de acordo com a faixa etária. Um dos grupos foi composto por 8 crianças com idade entre 8 e 9 anos, enquanto o outro grupo foi formado por 9 adolescentes, com idade entre 12 e 13 anos. Cada grupo teve um encontro único de 1h30min, aproximadamente, conduzidos na própria escola. Os grupos foram gravados em áudio e vídeo. Trabalhamos as seguintes temáticas que orientaram a discussão: percepção dos sujeitos sobre os temas dos conflitos conjugais, os sentimentos despertados e as estratégias utilizadas para lidar com tais situações no contexto familiar. Durante o grupo focal os participantes se engajaram em atividades como desenho e confecção de cartazes, que motivaram a discussão das temáticas. Todos os procedimentos adotados na coleta dos dados foram usados na compreensão dos aspectos investigados. Os dados foram transcritos na íntegra e o seu conteúdo foi analisado qualitativamente. A análise dos dados de cada grupo foi realizada em separado, em função das peculiaridades de cada faixa etária. Os resultados revelam que, na percepção dos filhos, os conflitos conjugais são situações que variam entre a discussão verbal e a agressão física, são frequentes, de temática abrangente e de expressão predominantemente negativa. Os resultados indicam que crianças e adolescentes estão atentos aos conflitos entre os seus pais, buscando identificar as causas das brigas e as suas consequências para si e para a família. Os filhos adotam estratégias para lidar com os sentimentos negativos despertados pelos conflitos conjugais. Essas estratégias compreendem a evitação e a mediação, podendo incluir comportamentos extremamente destrutivos, como a autoagressão. Embora a comparação entre os grupos não tenha sido o objetivo deste trabalho, os resultados apontam que a visão de crianças e adolescentes se assemelha em vários aspectos, entretanto, com algumas

diferenças. Especula-se que essas diferenças possam estar associadas à fase do desenvolvimento.
Apoio financeiro: Bolsa de mestrado CNPq - Viviane Ribeiro Goulart
Palavras-chave: conflitos conjugais; filhos; relações familiares
Nível do trabalho: Mestrado M
Área: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

OS CONFLITOS NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: CONHECER E DESACOMODAR PARA INTERVIR.
Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira/ UFCSPA, Adriana Wagner/UFRGS,
O presente trabalho visa problematizar e explicar os conflitos na relação família-escola através de análise de estudos empíricos, destacando as continuidades e descontinuidades nesta relação num estudo realizado em escolas privadas de Porto Alegre. Historicamente, no Brasil, estima-se que a relação família-escola tenha sido influenciada pelo movimento higienista ocorrido por volta dos anos cinquenta e caracterizado pela maciça orientação de normas de saúde, alimentação, educação e cuidados básicos na criação de crianças e adolescentes. Tais orientações eram feitas por médicos às famílias em vistas de epidemias de doenças decorrentes de maus hábitos de higiene, reforçando a hierarquia do saber médico sobre os demais e as culturas e saberes familiar. Mesmo tendo um cunho preventivo, tais ações parecem ter modificado intensamente a relação da família com outros sistemas sociais. Em virtude desse movimento as famílias parecem ter sido invadidas e desempoderadas em sua função educativa, já que desqualificaram seus conhecimentos e práticas educativas. Muitos conflitos na atualidade se referem à delimitação de papéis e funções educativas, culpabilização pelos problemas de comportamento das crianças e adolescentes e baixo envolvimento parental na vida escolar dos filhos. Identificou-se que as expectativas de pais e professores, o envolvimento parental, a comunicação, a valorização de saberes, o compartilhamento de decisões e a participação nas atividades educativas fora da sala de aula são variáveis em destaque para compreender a qualidade desta relação e seus conflitos. No estudo realizado em três escolas privadas de Porto Alegre investigou-se quatro casos de crianças, em idade escolar, que apresentavam problemas de comportamento na escola, utilizando-se o delineamento de estudos de caso. Foram realizadas duas entrevistas com os pais e as professoras destes escolares, sendo uma entrevista dirigida (para levantamento das práticas educativas utilizadas por ambas) e uma entrevista semi-dirigida (para exploração das formas de interação família-escola). A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada a partir de categorias mistas (construídas a priori e a posteriori), que reiteraram dados de pesquisas nacionais e internacionais e sugeriram conflitos nessa relação. Observou-se a ambivalência quanto ao problema de comportamento da criança, delimitação rígida de fronteiras entre a família e a escola, dificuldades na comunicação entre os sistemas, ideias ligadas à submissão da família ao saber e orientações da escola e atitudes conjuntas focadas no caráter curativo e orientador da escola sobre a família. A discussão dos dados destaca a falta de modelos integrativos família-escola e a necessidade de maior flexibilidade de fronteiras entre os sistemas, participação da família junto a atividades escolares e empoderamento da mesma. Associando-se os aspectos históricos mencionados, surge a necessidade de planejar, mobilizar tais sistemas e intervir junto aos mesmos para além das questões de aproveitamento escolar, mas de saúde pública que envolvem o desenvolvimento saudável de famílias, crianças e adolescentes.
Doutorado - D
FAMI-Psicologia da Família e da Comunidade

Sessão Coordenada: **TDAH: a pesquisa que o tipifica, a clínica que o amplia e o ensino que o traduz**

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, TDAH, embora seja tema exaustivamente estudado há muitos anos, ainda hoje é assunto que demanda muitas reflexões, talvez por habitar a interface da psiquiatria, da psicologia e da pedagogia, bem como se imbricar com comportamentos muitas vezes da alçada da moral e dos costumes. O certo é que crianças podem se beneficiar de um diagnóstico preciso e cuidadoso que realmente as identifiquem como tais e avaliem seus sofrimentos psíquicos e prejuízos sociais, fornecendo-lhes em muitos casos a medicação que as equilibrem, associado a tratamentos objetivos que visam a sua adequação como um todo, denominados de psicossociais. Esses são os indicadores da pesquisa em bancos de dados nos últimos dez anos, que validam como realmente eficientes e eficazes os tratamentos comportamentais muitas vezes associados aos fármacos. Mas, contudo, deixam em aberto tanto as crianças que deles não se beneficiam, em porcentagem expressiva de 30%, como também o fato de seus efeitos não perdurarem quando os tratamentos se finalizam. Espaço que poderia ser ocupado por muitos trabalhos clínicos que, contudo, não alcançam visibilidade científica por não se pautarem pelas regras da pesquisa quantitativa. Exemplarmente trazemos à luz casos clínicos que ampliam o entendimento possível sobre a criança denominada TDAH, contextualizando-a em seu ambiente psíquico, familiar, social e cultural, trazendo qualidade às descrições comportamentais que as escalas propiciam. Deixando espaço para que seja apreendida sob setting acolhedor, com espaço definido para projetar suas angústias, muitas delas provindas da própria contemporaneidade, período sem tempo, em meio à produtividade e consumo desenfreado, para que se forneça espaço de crescimento à criança entendendo-a como tal, um ser em desenvolvimento. O estudo de caso, assim, mostra-se pesquisa empírica eficiente para que se possa aprofundar as informações sobre a criança com acuidade para o latente, ou seja, o não manifesto, bem como para a pertinência de se considerar a criança como um todo, sem querer dela produtividade padronizada. O cenário da pesquisa e da clínica, assim, afunila-se no ensino, em que se enquadra o TDAH como transtorno psicopatológico descrito no DSM-IV e perceptível por meio de escalas objetivas, deixando de lado tanto o contexto sociocultural de formação do sintoma e construção da queixa escolar, quanto da necessidade de se ter profissionais com acuidade para perceber e tratar o sofrimento que necessita ser entendido em toda a sua complexidade.

Psicologia Clínica e da Personalidade

Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, TDAH: o que se ensina na universidade?.
Maria Regina Brecht Albertini (Universidade Presbiteriana Mackenzie),
Em geral, no curso de formação de psicólogos a disciplina de psicopatologia infantil apresenta o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, TDAH, mas as informações são ampliadas em um conjunto de disciplinas que abordam diferentes aspectos do desenvolvimento humano e que culminam nas disciplinas de estágio. O objetivo final é oferecer um repertório de conhecimentos que serão integrados nas atividades de atendimento. Especificamente na área infantil, não se pode deixar de considerar que, na atualidade nossas crianças são objeto de idealizações exacerbadas projetadas pelo ambiente, portanto torna-se fundamental a construção de formas de atendimento capazes de discriminar em seus comportamentos os distúrbios reativos. Esses distúrbios seriam reações da criança a situações em que são exigidas a realizar adaptações sociais nem sempre possíveis, pois não estão em sintonia com o seu estágio de amadurecimento emocional. Como sabemos, adaptação social não é sinônimo de saúde mental. Os estudos sobre as psicopatologias na infância apontam cada vez mais para uma especificação de critérios de diagnóstico. Nesse contexto social, como articular a

demanda dos pais, que buscam respostas e soluções para as dificuldades da criança, e, ao mesmo tempo, oferecer novos olhares, menos centrados em classificações discutíveis, para os delicados e complexos comportamentos infantis? O pedido para que seja efetuado um psicodiagnóstico em uma criança geralmente ocorre em função do aparecimento de algum comportamento considerado desviante, na escola ou em casa, relacionado ao desempenho de atividades ou, ainda, a dificuldades relacionais apresentadas pela criança. Os pais procuram ajuda a partir de uma indicação da escola, do pediatra ou, do fato de estarem espontaneamente preocupados com as dificuldades do filho. Usualmente, chegam ao consultório com uma pergunta central: o que está acontecendo com meu filho? Para responder a essa indagação, pertinente do ponto de vista dos pais, o psicoterapeuta infantil inicia um processo de investigação e intervenção repleto de outras questões, tais como: por que essa criança está apresentando esses comportamentos? Como foi desde o nascimento? Ela nasceu com dificuldades? Em que medida a criança tem clareza do que está acontecendo com ela? E os pais, como eles se relacionam entre si e com a criança? Qual a história dessa família? Quais as características do ambiente familiar, escolar e social em que essa criança vive? Diante de tal quadro, de questões e argumentos a respeito dos critérios de saúde mental quando voltados à criança a perspectiva da formação precisa atender às demandas atuais da clínica psicológica, que clama por uma compreensão aprofundada dos sintomas. Estes surgem, muitas vezes, como reação da criança às invasões ao seu desenvolvimento. Essas reações, sinais vitais de sofrimento e construção de defesas, de forma não rara, infelizmente, são rotuladas como patológicas e tratadas de maneira medicamentosa. Em um curso de formação de psicólogos o TDAH precisa ser compreendido a partir desse cenário.
Palavras-chave: TDAH; psicopatologia; clínica-escola.
CLIN

Revisão de literatura das psicoterapias para crianças e adolescentes com déficit de atenção e hiperatividade, TDAH. *Me.Déa Bertran Munhoz; Dr.Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP),*
Esta pesquisa de mestrado revisou as publicações científicas dos últimos dez anos (2000 2010) referentes a psicoterapias e tratamentos psicológicos para crianças e adolescentes de 6 a 16 anos, diagnosticadas como portadoras do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, TDAH, a fim de conhecer como os bancos de dados refletem essa realidade (Medline, PsycINFO, Lilacs, SciELO, Psicodoc). Embora descrito na literatura médica desde 1900, o TDAH sempre primou por revelar-se assunto amplo que, desde que foi descrito, permaneceu associado à controvérsia científica. De um lado há os que o remetem à doença psiquiátrica e, oposto a este, aqueles que o associam à época contemporânea. Com incidência na população entre 3% a 7%, é descrito como causador de prejuízo pessoal e social significativo, já que seus portadores não conseguem acompanhar o ritmo de seus pares, pois expressam hiperatividade, desatenção e impulsividade em graus incompatíveis principalmente com as normas escolares que exigem concentração, imobilidade e controle dos impulsos. A pesquisa resultou em um total de 2.214 artigos que, após seleção, totalizaram 92 referências. Os resultados demonstraram a relevância do Medline e do PsycINFO sobre os demais bancos, principalmente os latinoamericanos. Quanto aos Tipos de tratamentos utilizados, o tratamento combinado foi o mais indicado, com boa relação custo-benefício. Encontramos em quatro trabalhos a recomendação do uso da medicação isolada, sendo o metilfenidato o que obteve respostas mais efetivas. Foram citadas raras evidências de abordagens não mensuráveis experimentalmente, como é o caso da abordagem psicodinâmica, bem como a variante sistêmica, além de um trabalho na abordagem existencialista. Quanto à duração dos tratamentos observou-se uma variação de seis semanas a 36 meses, sendo que os ganhos

obtidos não permaneceram por longo tempo, assim que a medicação e/ou tratamento psicoterápico são interrompidos, os sintomas retornaram. Observando-se Tipos de pesquisa utilizados percebeu-se a presença dos trabalhos empíricos com pouca diferença dos obtidos pelos teóricos e de revisão. Isso talvez possa ser explicado pela necessidade dos textos sobre TDAH serem informativos sobre o transtorno. A metodologia do estudo de caso foi privilegiada em 14 artigos (15,21%), sendo que enquanto o Medline publicou somente um artigo referente a este método, o PsycINFO, por sua vez, trouxe à luz 12 trabalhos. Considerando-se Número de sujeitos nas pesquisas empíricas e nas de estudos de caso, as pesquisas empíricas aglutinaram número significativo de crianças, totalizando 3.634 crianças estudadas. Já a metodologia do estudo de caso contemplou um total de 23 crianças. As metodologias mostraram-se incomparáveis neste quesito, no que se refere à sua abrangência. Finalmente, estudando-se Países em que as pesquisas foram publicadas, os Estados Unidos mostraram toda a sua potencialidade de pesquisa, respondendo por 25 das 44 pesquisas, ou 56,81%, seguido da Inglaterra, com sete estudos e 15,90% da totalidade. A Alemanha ficou em terceiro lugar, com cinco pesquisas e 11,36%, sendo o restante localizado em países europeus. A partir deste estudo é inquestionável a predominância da corrente comportamental e sua variação, a cognitivo-comportamental, na imensa maioria dos trabalhos referentes a tratamentos psicológicos para o TDAH.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), psicoterapias, tratamento psicológico.

M Mestrado

CLIN

O TDAH para além das escalas: a busca constante do entendimento do sofrimento psíquico e do desenvolvimento do self. *Sonia Regina Jubelini,*

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, TDAH, é resultado de um diagnóstico clínico estabelecido, frequentemente, pelas observações dos pais e professores, acrescido da aplicação de escalas baseadas em sintomas do comportamento da criança. Através do viés da psicologia se buscou, neste trabalho, trazer a discussão sob o ponto de vista do apuro na compreensão de cada caso, requisito definitivo para que se encontre o tratamento adequado. Isso se faz necessário para que o TDAH seja contextualizado à época atual, em que o tempo, o sucesso e a felicidade são supervalorizados, com um nível alto de exigência, ansiedade, racionalização tudo tem que ser entendido, solucionado rapidamente e pouco sentido. Como agravante, tem-se a negação do desconforto psíquico quando os pais, frente às exigências dos filhos, só procuram o caminho da satisfação e da ampliação das expectativas materiais. Evitam as frustrações, apresentando frente a elas sentimentos de menos valia, raiva ou tristeza. Uma das demandas frequentes de pais e escolas tem sido o de como lidar com crianças inquietas, impulsivas, oposicionistas e agressivas. Elas não tratam bem seus iguais, não aceitam os combinados, nem normas estabelecidas. Encontram problemas na aprendizagem em função da dispersão da atenção, embora evidenciem bom potencial intelectual. Normalmente identificadas como TDAH, todos querem uma maneira rápida para modificar seus comportamentos estressantes, devido à sociedade atual não conviver bem com a falta. O que combina melhor com esses tempos é a medicalização e não o exercício da observação, questionamento e hipóteses, algo que ocorre no psicodiagnóstico que, primeiramente, visa identificar e compreender como está a criança em suas funções executivas, quais sejam a atenção, a concentração, a percepção visomotora, a organização tempero-espacial, assim como seu julgamento de valores, tipo de raciocínio e planejamento das ações. Mas estende sua observação para outros elementos importantes de investigação, entre eles: a) a atenção aguçada à queixa trazida, analisando de quem é a demanda e como é formulada; b) identificar

o histórico do nascimento e dos primeiros dias de vida; c) aplicar desenhos; d) aplicar desenho após uma história contada; e) observação do ambiente escolar. Em nossa experiência na pesquisa e na clínica temos constatado que apesar do humano ser singular, encontra-se similaridades no psicodinamismo das crianças com TDAH, e uma delas é que este transtorno se evidencia na relação com o outro, senão na origem, em sua manutenção e em seu desenvolvimento. No caso de em se existir falhas nessas relações, buscar a explicação através de seu psicodinamismo pelo modo como percebe a si, o outro, o meio ambiente, os conflitos, ansiedades predominantes, os mecanismos defensivos que utiliza para ir à busca do que necessita, com o foco no desenvolvimento psíquico possível na idade em que se encontram, com considerações sobre o seu ser e o cuidado necessário para que fluam em seu crescimento. Esta questão é de bastante relevância neste momento em que tanto se discute a medicalização infantil, tema relevante tanto para o instrumento de avaliação quanto para o tratamento.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), psicodiagnóstico, medicalização.

P Pesquisador

CLIN

Estudo de caso: a busca por um encontro possível na delicada relação entre mãe e criança com TDAH. *Me. Carmen Silvia de Souza Nogueira; Dr. Geraldo Fiamenghi Jr. (Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP).*

,

A pesquisa clínica do estudo de caso é pertinente e de extremo valor no entendimento de circunstâncias vivenciais que se apresentam no Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Em nosso trabalho, procedeu-se à análise de um caso clínico a fim de discutir a importância de auxiliar a mãe e/ou os familiares a investir no relacionamento com a criança que apresenta comportamento hiperativo e, portanto, gerador de grande incômodo no meio familiar e escolar. As crianças TDAH iniciam a sua jornada de dificuldades, expressando inquietude, voracidade de contato sobrecarregando as mães e familiares que se veem despreparados para lidar com as solicitações de seus filhos, afligem-se com sua movimentação e não se sentem ouvidas por sua distração. Esses percalços acabam por originar sofrimento psíquico e, ao ser frustrada em suas expectativas maternas, a criança é olhada e percebida apenas parcialmente, não havendo o investimento em suas possibilidades e recursos internos. Através do psicodiagnóstico com vista à compreensão psicodinâmica, buscou-se o entendimento da qualidade do vínculo estabelecido no par mãe-bebê/criança, os dados sobre o histórico de vida e de seu desenvolvimento, propiciando uma dimensão ampliada de compreensão dos aspectos afetivos, emocionais e cognitivos da criança. A queixa de dificuldades escolares de uma criança de dois anos apontadas pela professora do maternal gerou forte impacto na mãe, já que esta reconhecia no comportamento agitado e inquieto do filho um aspecto natural de sua idade e de desenvolvimento. A escola enfatizou a diferença dele das outras crianças, solicitando avaliação médica, encaminhamento feito a neurologista que diagnosticou transtorno hipercinético com prescrição medicamentosa, que vem sendo utilizada há dois anos. Embora tenha relutado em admitir o comportamento do filho como anormalmente inquieto, a própria mãe descreveu inúmeras dificuldades vividas na relação com o filho, desde seu nascimento, revelando a presença de um descompasso entre ambos. Insatisfeita e impaciente ao constatar que ele não respondia de acordo com o que esperava, afastou-se do contato, e a criança ficou sem apoio nem continência para sua imensa necessidade de atenção. As várias demandas impostas pela escola, pelo médico e pela própria vida diária tornou a mãe desgastada e frustrada em suas expectativas. Buscou o auxílio de

especialistas, mas não pareceu perceber que poderia contribuir para a atenuação do sofrimento de ambos. O caso clínico a ser apresentado discute a promoção da aproximação afetiva, e o investimento nos recursos internos da criança, enfatizando que a compreensão nos tipos de vínculo que a mãe faz tanto com a criança como quanto com as dificuldades encontradas se torna fundamental para dar perspectivas de mudança na vida dessas famílias.
Palavras-chave: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; psicodiagnóstico; orientação pais.
P - Pesquisadora
CLIN

Sessão Coordenada: **Tema: adolescente em contexto de aprendizagem: reflexão e propostas de escuta e olhares.**

Existem muitas teorias com formulações distintas, que buscam explicar a adolescência, e é por meio delas que a sociedade vê, compreende e se relaciona com o adolescente. Apesar de avanços nos estudos sobre desenvolvimento e psicologia infanto-juvenil foi nos trinta últimos anos que começou o interesse por parte dos especialistas nesta etapa da vida. Na década de 80 as autoridades brasileiras começaram a se preocupar com a assistência ao escolar e ao adolescente, instituindo em 1986 procedimentos e rotinas para o atendimento dessas faixas etárias, mas na prática houve uma atenção reduzida para os escolares e praticamente nenhuma ao adolescente. A organização Pan-americana de Saúde (OPAS,1990) , definiu o marco conceitual da saúde integral do adolescente. O estudo científico da adolescência é recente, contudo, historicamente as preocupações em relação a esse grupo etário vêm desde a antiguidade. Platão já estava preocupado com a educação dos jovens. Rousseau (2004) propôs um projeto para a formação de um novo homem e uma nova sociedade. A proposta deste pensador do Século XVIII, de uma educação de acordo com a natureza, foi considerada inovadora e revolucionária, pois ele se opõe a educação do seu tempo e a formação humana em geral proposta pela educação de sua época. Apresenta uma proposta que valoriza a liberdade, bem como o desenvolvimento das faculdades das crianças, priorizando a educação conforme a natureza, Rousseau desejou que o homem fosse educado para si mesmo. Vendo assim a necessidade de se repensar à educação, considerando para tanto uma nova forma de compreender a infância, a adolescência e a fase adulta. A partir disto chega-se aos diferentes modos de educar segundo as diferentes etapas de formação humana. A primeira destas etapas é a infância, segunda a adolescência, e a última a vida adulta. A adolescência é um período de modificações, um novo nascimento que remete o indivíduo a um processo de aprendizagem em direção a autonomia da vida adulta. No período que vai dos doze aos treze anos, próximo à adolescência, a criança, por não ter todas as suas necessidades desenvolvidas, suas forças são superiores. Pois, aos doze ou treze anos, as forças da criança desenvolvem-se bem mais rapidamente do que suas necessidades (ROUSSEAU; 2004, p.211). A educação de quinze a vinte anos, se educa o coração para a vida em comum e para as relações sociais. Este é o período de preparar o indivíduo moralmente para as suas relações com a humanidade. A adolescência é uma fase importante, pois é o momento em que o jovem começa a ter um papel na sociedade. Trazendo para os dias atuais, segundo o movimento todos pela educação com base no Censo demográfico de 2010, na região Sudoeste do Brasil mais de 1,2 milhão de jovens na faixa etária de 04 a 17 anos, estão ausentes da escola, a região Nordeste está em segundo lugar com 1 milhão e 84 mil pessoas nesta faixa etária fora da escola e a região Sul esta em terceiro lugar com 591 mil crianças excluídas da escola, dados obtidos pelo IBGE divulgados em fevereiro na quarta edição do relatório. Hoje, a atenção ao adolescente é imprescindível, Esse número dimensiona a magnitude e a importância da necessidade de atenção a essa faixa etária, pois se sabe que há algo acontecendo e que urge por mudanças, e nós como sociedade na qual está inserido esse jovem, precisamos ter olhares diferenciados para este núcleo de pessoas que necessitam de atenção. E sendo assim, se questiona as várias causas que leva o adolescente a evasão escolar e o péssimo rendimento escolar; questões familiares, de dificuldades de aprendizado, problemas com vícios, violências, algumas doenças mentais mais frequentes na adolescência, como a depressão, os transtornos de ansiedade, transtornos de conduta, abuso de substâncias etc. Este tema justifica-se no sentido de abrir caminho para outros olhares e escutas no cuidado com o indivíduo que se encontra na fase de adolescência, com isso trazer possibilidades de reflexão sobre a questão da saúde e encaminhamentos do nosso adolescente, e o que psicólogos e educadores podem fazer para enxergar este indivíduo em conflito, a partir daí questionar o que podemos fazer para esta fase

primeira, que irá nortear as outras subseqüentes, ser ouvidos e ter atenção e primordial, acreditamos que dessa maneira seremos iguais no entendimento de sermos humanos. Saber ouvir o que pensa o adolescente é de extrema importância, é uma maneira de aproximação do mundo deste, justifica-se a pesquisa do artigo A visão do adolescente sobre a questão do bom professor, por dar a oportunidade ao adolescente, em ambiente escolar, de ser ouvido, permitir que esses tenham o conhecimento, mostrar que dependem deles também a construção de seu próprio saber e reconhecer que sua opinião tem valor. O tema aprendizagem nos artigos que apresentaremos, é entendido como um processo inerente ao ser humano, por conceber que o indivíduo está sempre aprendendo, ele se apropria da realidade integrando-a com seu conhecimento pessoal desenvolvendo uma habilidade de elaboração para explicar o meio em que vive. Sendo assim, aprender permite aos seres humanos adquirir habilidades e conhecimentos necessários para se adaptar à realidade de suas vidas e também permitir transformá-la. O processo de aprendizagem emerge como um mediador da relação entre seres humanos e seu meio ambiente, tanto objetal quanto social. Ao mesmo tempo, o aprendizado em si é um ato mediado por uma série de mecanismos, tais como os órgãos dos sentidos, redes conceituais prévias, paradigmas de pensamento, etc. Considerando que a relação entre professor e aluno, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina a compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. No artigo intitulado concepções do adolescente sobre a aprendizagem , com o objetivo de identificar e refletir sobre a concepção de aprendizagem, por adolescentes em fase escolar, justifica-se este, pois permiti que o estudante se expresse, dando voz a sua opinião. Em um mesmo ambiente, o escolar, justifica-se o artigo projeto e mediação de novas tecnologias em ensino e aprendizagem de adolescentes que trata de adolescentes entre 10 e 15 anos, em aprendizagem por meio das novas tecnologias, ou seja, computadores, abordando essa relação com fundamentos da psicopedagogia, pois levando em consideração que a linguagem da contemporaneidade é a tecnológica, e que ao nos aproximarmos desta linguagem, estamos nos aproximando do nosso adolescente, podendo entende-lo e ter uma participação maior em sua vida, justificando que temos e podemos usar todas as ferramentas que está ao nosso dispor em benefício do adolescente em sua aprendizagem. Na sequência a relevância da pesquisa em que se deu o artigo adolescente com problemas de aprendizagem: resgate em arteterapia nos leva a pensar em arteterapia como sendo mais uma ferramenta viável para a atenção ao adolescente, com problemas de aprendizagem, em decorrência de conflitos familiares que o levou a um quadro depressivo. Para justificar a utilização desta terapia, a arteterapia faz o participante se observar e ter um autoconhecimento de si para melhorar sua auto-estima. Mesmo sendo uma terapia pouco conhecida e que ainda é vista com desconfiança por alguns setores da área da saúde, por entenderem que ela requer subsídios teóricos e práticos mais consistentes que melhor fundamentem sua eficácia como instrumento diagnóstico psicodinâmico e como estratégia psicoterapêutica, esta pesquisa justifica-se, inicialmente, por buscar contribuir para a análise compreensiva de um processo arteterapêutico em indivíduo em fase escolar e pelo número expressivo de adolescentes que, atualmente, apresentam transtornos no Brasil. Além disso, a necessidade de se buscar estratégias para promoção da saúde mental dos adolescentes é reconhecida pelos órgãos públicos.

Psicologia Escolar e da Educação

A VISAO DO ADOLESCENTE SOBRE A QUESTAO DO BOM PROFESSOR.. *Maria do Carmo dos Santos Motta (Faculdade Polis das Artes, Embu das Artes, SP), M, ESC.,*

A etimologia da palavra adolescente vem do latim, que significa para e olescere, que quer dizer crescer; ou seja, \"crescer para\". Pensar na etimologia desta palavra nos remete à idéia de

desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, algo já estabelecido mais à frente; preparação esta para que a pessoa se enquadre neste à frente que está colocado. O termo deriva também de adolescer, origem da palavra adoecer, fazendo com que estes significados indiquem a condição de crescimento físico e psíquico, que ocorre como um adoecimento, ou seja, com sofrimentos emocionais, transformações biológicas e mentais. Sociologicamente, adolescência é o período de transição da dependência infantil para a auto-suficiência adulta. Psicologicamente falando, é uma situação marginal nos quais novos ajustes, que diferenciam o comportamento da criança do comportamento adulto em uma determinada sociedade, têm que ser realizados; e, fisiologicamente, ocorre no momento em que as funções reprodutivas amadurecem. Existem muitas teorias com formulações distintas, que buscam explicar a adolescência, e é por meio delas que a sociedade vê, compreende e se relaciona com o adolescente. Apesar de avanços nos estudos sobre desenvolvimento e psicologia infanto-juvenil foi nos trinta últimos anos que começou o interesse por parte dos especialistas em estudar sobre esta etapa da vida. O objetivo desta pesquisa foi entender o que é ser um bom professor na visão do adolescente de escolas da região sudoeste de São Paulo: uma da Rede Pública do Estado e outra da Rede Particular. Participaram 60 adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, distribuídos em dois grupos: grupo (G1) formado por 30 adolescentes da escola particular e grupo (G2) composto por 30 adolescentes de escola pública. Para a coleta de dados foram utilizados questionário e entrevista semi-dirigida. Os dados foram analisados pela técnica análise de conteúdo. A pesquisa conclui que a visão que o adolescente tem sobre o bom professor aparece cristalizada em dois temas: dimensão humana e dimensão técnica. Em relação à dimensão humana surgem duas categorias teóricas: O Eros aqui entendida enquanto dimensão do desejo, das pulsões, dos impulsos, da corporeidade, das emanações vitais básicas. O Pathos definido como a dimensão da sensibilidade, do sentimento, da afetividade, geradora da simpatia, da empatia, da antipatia e da apatia na relação do homem consigo mesmo e com os outros. A categoria teórica que emerge relacionada à dimensão técnica é o Logos, dimensão do pensamento, do conceito ordenador e dominador da realidade pela razão, ciência e técnica. Os resultados indicam que, embora a competência técnica seja valorizada, a dimensão pessoal aparece numa freqüência duas vezes maior que a primeira. Esse resultado parece sugerir que, embora valorizada pelo aluno, a competência técnica deixa de ser o diferencial do bom professor.

Palavras chave: Adolescentes; professor; Representações sociais

CONCEPÇÕES DO ADOLESCENTE SOBRE A APRENDIZAGEM. *Wilma Nascimento dos Santos Ganso Carvalho (UNIFIEO - Centro Universitário FIEO, Osasco, São Paulo) M, ESC.,*

Este artigo objetiva identificar e refletir sobre a concepção de aprendizagem, por adolescentes, estudantes do Ensino Médio. Tendo em vista estudos e literatura atual em que a capacidade de aprender se mostra imprescindível, esta pesquisa teve por problematização: \"o que o adolescente, na atualidade, pensa sobre o aprender/a aprendizagem?\". Sabendo-se que a aprendizagem faz parte de toda a vida e de todos os espaços vitais que habita o ser humano. Essa situação remete à necessidade de aprender a aprender. O processo de busca do conhecimento parece executar um movimento próprio em que o saber e a vida se integram de modo mais ou menos harmonioso. Não existe um saber separado das condições mesmas de sua produção. Assim, na educação, é preciso entender o papel fundamental de todos os elementos compreendidos no processo. O saber passa a ser compreendido não como um dado estanque que pode ser \"apreendido\", mas como algo que se constrói em comunidade. Para se alcançar o objetivo proposto realizou-se três estudos de caso descritivos de caráter transversal: participaram da pesquisa 82 adolescentes de ambos os sexos, estudantes do

Ensino Médio, com idades entre 15 e 19 anos, divididos em três grupos: O primeiro grupo (GEP1) formado por 10 alunos de escola particular (EP1); o segundo grupo (GEP2) formado por 54 alunos de escola particular (EP2) e o terceiro grupo (GEPu) formado por 18 alunos de escola pública estadual (EPu). Todos os participantes foram selecionados por meio de amostra aleatória de conveniência. O critério de inclusão foi ser adolescente, estudante do Ensino Médio, aceitar participar da pesquisa e apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado. Para a coleta de dados foi aplicado questionário semi-estruturado combinando-se questões fechadas e abertas. Foram realizadas duas formas de análise: os dados qualitativos foram analisados pela técnica da Análise de Conteúdo; aos dados quantitativos foram conduzidas análises descritivas e inferenciais. Foram levantadas, a posteriore, três categorias teóricas que emergiram dos discursos dos participantes indicando distintas representações sociais e concepções sobre aprendizagem: concepção tradicional, renovada e contemporânea. Os resultados indicam que há predominância da concepção contemporânea nos grupos estudados. Essa situação sugere que os adolescentes representam a aprendizagem de forma vinculada ao sistema periférico, dispositivo que prepara as transformações, amortecendo o confronto entre a realidade subjetiva e elementos consensuais, constitutivos das representações sociais. Concluindo que nas representações identificadas e analisadas, subjazem certas concepções, mais ou menos conscientes e explícitas, sobre o que é o conhecimento e como se chega a conhecer, suas crenças epistemológicas. Ainda que as crenças epistemológicas pessoais não sejam realmente concepções sobre aprendizagem, a maneira como concebem a natureza do conhecimento influi no tipo de processos e estratégias que se emprega para aprender. Dessa forma esta pesquisa representa uma contribuição no conjunto de pesquisas que apresentam dados sobre a população adolescente e sua escolaridade.

Palavras-chave: Aprendizagem; Adolescente; Representações sociais.

PROJETO E MEDIAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM ENSINO E APRENDIZAGEM PARA ADOLESCENTES.. *Jane Nogueira dos Santos (Faculdade Polis das Artes, Embu das Artes, SP), M.; ESC.,*

Este artigo teve como objetivo refletir criticamente sobre as respostas de aprendizagem de adolescente na aplicação da informática educacional. Foi realizada a implantação de cinco projetos envolvendo as disciplina como Língua Portuguesa, História, Artes, Religião e Geografia, em uma escola particular localizada na Zona Sul de São Paulo, de filosofia Adventista. Os objetivos específicos da pesquisa foram: ressaltas a situação de aprendizado numa perspective psicopedagógica, apresentando os fundamentos da Psicopedagogia, seu objeto de estudo, relacionando-a com a informática e aprendizagem; analisar a influência da tecnologia na educação apresentando o computador como uma ferramenta de aprendizagem para o adolescente em aprendizagem; refletir sobre as novas formas de ensinar e aprender com a interação professor e aluno, utilizando-se de projetos de informática educacional. Participaram da pesquisa 60 alunos com idades entre 10 e 15 anos e 05 professores. A escolha do grupo de adolescentes se deve a experiência particular da pesquisadora em seu trabalho de informática educacional, que desenvolveu junto à educação infantil, fundamental e médio nesta instituição de ensino, na qual verificou a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a prática da Informática educacional e seus efeitos no processo de aprendizagem das crianças e adolescentes. Para a coleta de dados foi utilizado entrevistas semi-estruturadas, que possibilitou aos participantes falarem sobre seu envolvimento com as atividades desenvolvidas no laboratório de informática da instituição. Verificou-se por meio das análises de conteúdo a fala e a visão dos educadores e adolescentes, no caso alunos, com relação à contemporaneidade tecnológica, e que os computadores não são mais somente mais uma

tecnologia. Para fundamentar teoricamente esta pesquisa, utilizamos à situação da aprendizagem numa visão psicopedagógica, a informática educacional como ferramenta da aprendizagem para o adolescente e uma didática para o professor. Diante dos dados coletados pelos alunos e professores e das análises realizadas, podemos perceber que foi notório nas falas de todos a respeito da aprendizagem bem sucedida por meio da tecnologia da comunicação e da informação. Ficou evidente, durante os estudos, que toda e qualquer atividade, seja ela na informática ou não, precisa ter uma aprendizagem vincular. Nesta visão, concluímos que o envolvimento dos participantes dos projetos tende a enriquecer toda ação, o que leva-nos a acreditar que a coletividade é o caminho para alcançar o sucesso escolar. Foi notório perceber, através das entrevistas e dos indicadores que o professor precisa incluir em sua proposta pedagógica e em seu trabalho individual, estar aberto ao diálogo, abrir mão de espaços (sala de aula), tempo (hora-aula). É necessário que o professor não perceba seu aluno como alguém deficitário em determinado conteúdo. Cabe ao professor capturar o que o adolescente em fase de aprendizagem tem para oferecer e ajudá-lo a construir um conhecimento maior, valorizando suas capacidades e suas habilidades. A partir dos resultados, as propostas didáticas que utilizam as tecnologias de informação e comunicação como instrumentos de aprendizagem devem ser complementares e integradas com perspectiva de ensino que visem às questões sociais, afetivas e cognitivas do adolescente.
Palavras Chave: Adolescentes, Ensino Aprendizagem, Informática Educacional.

ADOLESCENTE E DIFICULDADES DE APREDIZAGEM: RESGATE EM ARTETERAPIA:. *Magali Marques Macêdo Martins (Faculdade Polis, Embu das Artes, SP) M, ESC.,*

Este artigo teve como objetivo realizar uma análise compreensiva do processo de intervenção arteterapêutica em adolescente com problemas de aprendizagem. Como trazer uma estrutura para este adolescente com problemas emocionais e comportamentais que interfere em sua aprendizagem? Como ajudá-lo a enfrentar seus conflitos internos? A adolescência é compreendida, por alguns, como uma fase especial do desenvolvimento humano caracterizada por conflitos e turbulências decorrentes das alterações físicas que remete à biologia e a estados do corpo. Porém, indivíduos que além de estar neste processo de mutação, também passa por problemas emocionais e/ ou familiares, a atenção precisa ser diferenciada, porque a instabilidade emocional pode acarretar problemas de saúde. Sendo um estudo de caso, este artigo tem a participação de um adolescente de 14 anos, que na ocasião da pesquisa, cursava a 6ª série do Ensino Fundamental, e que já havia feito tratamento na Clinica Escola, em psicopedagogia; veio a participar do grupo em atendimento arteterapêutico, para a pesquisa, e em paralelo, fazia tratamento psiquiátrico para depressão. O participante foi encaminhado com diagnóstico médico de transtornos de comportamento e emocional. O método utilizado nesta pesquisa de intervenção foi clínico-qualitativo. Foram utilizados na coleta de dados dois tipos de instrumentos: entrevista com o responsável visando a levantamento de sua história pessoal; e na sequência aconteceram 23 sessões de arteterapia, durante dois semestres letivos, no Atelier Terapêutico da Clínica-escola. É importante esclarecer que a proposta de intervenção adotada foi a arteterapia, terapia que consiste no fazer terapêutico que por meio da Arte, o indivíduo percebe seus conflitos internos, analisa-os e visualiza-os, tendo uma compreensão da totalidade desse conflito interno, se direcionando para o seu equilíbrio integrador. Todas as sessões analisadas neste estudo foram gravadas com a autorização prévia do participante, sendo transcritas em momento posterior. Todas as produções artísticas foram arquivadas e digitalizadas, formando um arquivo de imagens digitais, para serem posteriormente analisadas. O responsável pelo participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido. A coleta de dados nas sessões arteterapêuticas constou de

técnicas lúdicas, de atividades artísticas e da condução das dinâmicas espontâneas, com o propósito do participante entrar em contato consigo mesmo, externalizando seus sentimentos e emoções. As técnicas empregadas procuraram oferecer atividades livres /espontâneas e também dirigidas. Como resultado e discussão desta pesquisa houve algumas categorias temáticas recorrentes, que emergiram das produções do participante: O sentimento de rejeição provocado pelo abandono da mãe, sua necessidade de proteção e a dificuldade em expressar a mágoa decorrente dessa separação; observa-se na simbologia das cores em seus trabalhos, oposição das cores primárias, parece representar o conflito provocado pelos sentimentos de amor e ódio, que o participante pareceu vivenciar na relação com sua família. Nesse sentido, pode-se estabelecer como categorias recorrentes a insegurança e o conflito. Além destes resultados o participante, antes de finalizar o tratamento arteterapêutico, o psiquiatra lhe deu alta de seu medicamento. Concluindo assim, que a arteterapia, como uma ferramenta de escuta, pode vir a resgatar esse ser fragmentado, ajudando-o num todo, aumentando sua auto-estima, dando-lhe oportunidade para seu autoconhecimento.
Palavras-chave: Adolescente, dificuldades de aprendizagem, Arteterapia

Sessão Coordenada: **Terapia assistida com cães para crianças com autismo**

O Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, como é classificado o Autismo pelo CID-10, causa prejuízos severos na esfera social e psicológica, exigindo atendimento especializado. Entre as principais características do autismo estão déficit na interação social, evitação de olhar, dificuldade de adaptar-se a um ambiente novo e também reação inadequada a estresse. Apesar do crescente volume de estudos dedicados ao autismo, a sua etiologia ainda permanece incerta e não existe ainda nenhum tratamento realmente eficiente para esse distúrbio.

A Terapia Assistida com Animais (TAA) consiste em intervenções terapêuticas ou programas de apoio, em que haja a inserção de animais, com vistas à promoção do desenvolvimento físico e/ou psicológico de crianças, jovens ou adultos. A TAA tem um histórico de séculos de prática e alguns estudos lhe atribuem um grande potencial. Um deles mostra que o simples fato de acariciar um cão, de interagir positivamente com ele, é suficiente para, tanto no animal como no ser humano, diminuir a pressão arterial e elevar as concentrações sanguíneas de β-endorfina, de ocitocina, de prolactina e de dopamina (todas substâncias relacionadas com o comportamento afiliativo e a formação de laços sociais) assim como reduzir a concentração sanguínea de cortisol do ser humano. A primeira comunicação relativa aos benefícios da interação prazerosa com cães sobre a capacidade de comunicação social de crianças autistas foi feita em 1961, numa reunião da American Psychological Association pelo psiquiatra Boris Levinson da Yeshiva University Medical School. Quando a criança brinca com o cão , escrevia o autor alguns anos depois ela estabelece seu próprio mundo cujos limites ela mesma determina. O terapeuta, então, participa desta aventura penetrando num cantinho do mundo da criança, onde a criança se sente segura. Nele criança e terapeuta estão em pé de igualdade e as portas da comunicação podem se abrir entre eles . Passados 50 anos, muitos relatos vieram confirmar esta abertura mediada pelo animal. A maioria da informação disponível, porém, é qualitativa ou anedótica e ainda falta uma clara demonstração por estudos científicos criteriosos dos benefícios da TAA para pacientes autistas. A necessidade de fundamentação científica rigorosa do uso da TAA é grande e urgente, desafiando os profissionais e pesquisadores.

Por todos esses motivos, uma equipe multidisciplinar de psicólogos, terapeutas ocupacionais, biólogos e veterinários está desenvolvendo um projeto que tem como finalidade investigar quão benéfica é a participação de um cão em sessões de terapia de uma criança autista. Parceria inédita entre o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a Marinha do Brasil e o Centro Educacional de Integração Paulista, e o Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais, o projeto envolve 27 crianças com autismo severo, suas terapeutas, cães especialmente condicionados e seus condutores e uma veterinária. Nossas hipóteses são que: 1) a participação de um cão numa sessão terapêutica aumenta a motivação da criança a se engajar nas atividades propostas e a tomar iniciativas de atividades, 2) facilita as ações comunicativas e diminui a aversão ao contato visual do autista e 3) torna a sessão menos estressante para os envolvidos. Para testar estas hipóteses, cada criança participa de 20 sessões de terapia, alternando-se blocos de sessões com e sem o animal. Todas as sessões são filmadas e os comportamentos das crianças registrados nas filmagens são avaliados posteriormente para verificação de padrões de variação ao longo do tratamento, e mesmo no decorrer de cada sessão. A fim de complementar os indicadores comportamentais com indicadores fisiológicos, o estresse resultante de cada sessão será avaliado por determinação da concentração de cortisol salivar de cada participante (criança, terapeuta e cão) antes e depois da sessão. Serão também analisadas potenciais correlações destas concentrações com comportamentos indicadores de estresse.

INDIVÍDUOS COM AUTISMO EVITAM MENOS O OLHAR DE UM CÃO DO QUE DE OUTRO SER HUMANO. *Marie Odile Monier Chelini (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP); Juliana Rhein Lacerda** (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP); Victor Mangabeira** (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP); Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP) ,*

A primeira comunicação relativa aos benefícios da interação prazerosa com cães sobre a capacidade de comunicação social de crianças autistas foi feita em 1961. Passados 50 anos, a literatura dedicada ao assunto tende a confirmar esses efeitos, mas ainda falta uma clara demonstração por estudos científicos criteriosos dos benefícios da TAA para indivíduos autistas. Quais características dos cães fazem deles instrumentos terapêuticos eficientes no autismo, é uma das perguntas às quais nenhum estudo respondeu até então. No contexto de um projeto interdisciplinar envolvendo psicólogos, terapeutas ocupacionais, biólogos e veterinários com a finalidade de investigar quão benéfica é a participação de um cão em sessões de terapia de uma criança autista, quantificamos a tolerância de 18 crianças com autismo severo ao olhar de outro ser humano e de um cão. Nossa hipótese era de que a aversão ao contato visual com um cão era menor do que a aversão ao contato visual com outro ser humano. Para testar esta hipótese, foi medido o tempo durante o qual cada criança desviou o olhar de fotografias apresentadas individualmente durante 5 seg: a) um rosto feminino cujo olhar não estava dirigido para o observador, b) um rosto feminino com olhar dirigido para o observador, c) um rosto masculino cujo olhar não estava dirigido para o observador, d) um rosto masculino com olhar dirigido para o observador e) uma paisagem, f) um cão cujo olhar não estava dirigido para o observador, g) um cão com olhar dirigido para o observador. Duas crianças não conseguiram realizar o teste todo. A comparação estatística das durações médias de desvio de olhar de cada estímulo entre as 16 crianças que completaram o teste mostrou que o tempo durante o qual desviaram o olhar das fotografias da mulher e do homem olhando diretamente para o observador (1,79 ± 1,49s e 2,67 ± 1,35s respectivamente) foi significativamente maior (Teste t, com nível de significância fixado em 0,05) do que o tempo médio durante o qual desviaram o olhar tanto da paisagem (0,79 ± 1,01s) como das duas fotografias de um cão, olhando (1,31 ± 1,23s) ou não (1,31 ± 1,40s) para o observador. Os resultados deste teste simples sugerem, portanto, fortemente uma melhor tolerância por parte de crianças com autismo ao contato visual com um cão do que com outro ser humano. Este dado vá de encontro à proposta segunda a qual os animais atuariam como objetos transicionais para crianças com dificuldades na interação social, facilitando o estabelecimento de vínculos que podem depois ser transferidos para pessoas.

Apoio Financeiro: CAPES, CNPq

Autismo, terapia assistida com animais, contato visual

PD

AEC

AVALIAÇÃO DE ESTRESSE EM CÃES DURANTE SESSÕES DE TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS DE CRIANÇAS COM AUTISMO SEVERO. *Carolina Faria Pires Gama Rocha**; Juliana Rhein Lacerda**; Monica Baptista Ciari**; Patricia de Oliveira Muñoz**; Marie Odile Monier Chelini; Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - São Paulo SP),*

Um dos principais desafios levantados pela incorporação de animais, cães por exemplo, em intervenções terapêuticas com humanos é de natureza ética e resulta da falta de

conhecimento sobre o bem estar do animal durante a sessão. São ainda escassos os estudos dedicados ao cão nesta situação e por isso não sabemos se ocorre ou não um aumento dos níveis de estresse do animal. Através da análise de comportamentos de resposta ao estresse, específicos à espécie canina, é possível avaliar se as atividades e o ambiente aos quais o animal é submetido levam à diminuição do seu bem estar geral. Caso isso ocorra, esperamos que ocorra uma adaptação do animal no decorrer das sessões, levando à uma redução nos níveis de estresse. Nosso trabalho é parte de um estudo sobre os benefícios da introdução de um cão em terapia de crianças com autismo. Crianças autistas com baixo funcionamento receberam 20 sessões individuais de terapia ocupacional em blocos alternados de sessões com e sem o cão. Todas as sessões foram filmadas. O objetivo deste estudo foi verificar se ocorre uma diminuição dos comportamentos de estresse nos cães da primeira para a terceira sessão. Analisamos registros filmados da primeira e terceira sessão de seis duplas (6 cães e 6 crianças) entre o quinto e o décimo minuto após o início da sessão e registramos com qual frequência ocorrem os seguintes comportamentos considerados como indicadores de estresse: sacudir o corpo, agachar, abrir a boca, comportamentos orais, levantar a pata, bocejar. Também foi registrada a duração de: farejar, ofegar, tremer, deitar, sentar, andar, em pé, postura baixa, e postura muito baixa. Além disso, analisamos a alternância dos quatro estados locomotivos supra citados. Verificamos que, para todos os cães houve uma redução na frequência média dos comportamentos orais, abrir a boca, levantar a pata, na duração de ofegar, postura baixa, do estado locomotivo de andar, e na alternância entre os estados locomotivos de andar e ficar em pé. Observou-se também o aumento na frequência do comportamento agachar, na duração do comportamento farejar e dos estados locomotivos de deitar, sentar e se manter em pé, comportamentos esses associados à participação do cão nas atividades da sessão. Cada cão apresentou predominância de um ou dois comportamentos, caracterizando diferentes perfis de respostas ao estresse, sempre com comportamentos descritos na literatura como indicadores de estresse. Nossos resultados sugerem uma redução do estresse do animal entre a primeira e terceira sessão associada a um aumento de sua participação nas atividades propostas.
Apoio financeiro: CAPES, CNPq
Cães, estresse, autismo.
M
AEC

TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS PARA CRIANÇA COM AUTISMO: ESTUDO DE CASO. *Juliana Rhein Lacerda**; Carolina Faria Pires Gama Rocha**; Marie Odile Monier Chelini; Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).,*

Desde a primeira descrição clínica do transtorno do espectro autista feita em 1943, muito tem-se pesquisado e estudado sobre o assunto. Apesar dos avanços tecnológicos da ciência, a causa e possíveis implicações do transtorno ainda não foram totalmente esclarecidos, dificultando o planejamento de uma intervenção eficaz. Apesar de ser uma técnica muito utilizada, pouco se sabe sobre a utilização de animais como metodologia de atendimento para indivíduos com autismo. A pouco literatura encontrada relatando esse tipo de atendimento aponta para a necessidade de mais pesquisas que mostrem os benefícios da utilização de animais bem como uma metodologia clara nos atendimentos clínicos. O presente trabalho tem por objetivo verificar o efeito da participação de um cão em sessões terapêuticas sobre o comportamento social de uma criança com transtorno do espectro autista. Para tanto, foram realizadas 20 sessões de terapia divididas em blocos de 5 sessões, com delineamento de

reversão ABAB (A= sem cão e B= com cão), todas as sessões foram filmadas. Foram selecionados comportamentos de interação social e comportamentos de estereotipias e cada comportamento foi analisado quanto a frequência e duração utilizando um software de análise comportamental específico para esse fim. De acordo com os resultados encontrados, durante as sessões nas quais o cão estava presente, houve aumento significativo nos comportamentos de interação social e diminuição dos comportamentos de isolamento, em especial na primeira sessão com a presença do cão e na primeira sessão subsequente sem a presença do cão. Esses resultados mostram que o cão nas sessões de terapia pode fazer o papel de objeto transicional e a relação que a criança estabelece com ele é transferida para os humanos. Esses achados, condizentes com a literatura encontrada, apontam a terapia assistida por animais como escolha plausível no atendimento de crianças com transtorno do espectro autista.

Apoio Financeiro: CAPES, CNPq

Terapia Assistida por Animais, Autismo, Interação social.

M

AEC

A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES EM CRIANÇAS AUTISTAS. *Renata Paula Silva Roma (Centro de Atenção Psicossocial Infantil, Osasco SP); Marie Odile M. Chelini; Carolina Faria Pires Gama Rocha**; Emma Otta (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP),*

Diversos estudos sobre a habilidade de crianças autistas de expressar e compreender emoções apontam que elas têm dificuldade em manter a atenção e atribuir significado às expressões emocionais, habilidade fundamental nas interações sociais por permitir conhecer o estado emocional dos membros do grupo para elaborar respostas adequadas a cada situação. No esforço de estudar abordagens terapêuticas que facilitem o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças diagnosticadas com autismo, a terapia assistida por animais utilizando cães tem ampliado seu espaço de pesquisa, porém ainda são pouco investigadas quais características do cão favorecem o desenvolvimento dessas habilidades. Este estudo de caso de uma criança de oito anos do sexo masculino é parte de pesquisa sobre os benefícios de um cão na terapia de crianças autistas. O objetivo deste piloto foi investigar quais caracteristicas na interação criança/ cão são diferentes quando comparadas com a interação da criança com terapeuta e condutor do cão. Foram selecionados comportamentos comuns entre terapeuta, condutor e cão ao interagirem com a criança, observando se a abordagem era realizada com posicionamento frontal ou lateral e se esta diferença poderia interferir nas respostas acompanhadas de expressões de alegria ou rejeição emitidas pela criança. As expressões selecionadas foram baseadas nas seis emoções básicas. Considerou-se expressão de alegria comportamentos apontados como sinais de alegria/ afirmação; e expressões de rejeição aquelas apontadas como sinais de raiva/medo. A hipótese testada é que cão, terapeuta e condutor utilizam estratégias diferentes para interagir, sendo que o cão prefere a abordagem lateral ao interagir, facilitando a receptivade emocional. A criança foi atendida em 20 sessões divididas em quatro blocos intercalados com e sem o cão. As sessões foram gravadas em video, cinco minutos da primeira e da penúltima sessão de cada bloco foram analisadas quantitativamente utilizando-se o software Solomon. Calculou-se a razão entre quantidade de cada expressão por abordagem. Verificou-se que o cão utilizou a abordagem lateral em 75% das sessões, sendo nesta abordagem o maior número de respostas acompanhadas de expressões de alegria/aceitação, a razão dessas expressões variou entre 0,3/1,3. A razão de expressões de rejeição foi maior com terapeuta/condutora (0,8) do que com o cão (0,3), nos dois casos em abordagens frontais. A razão das expressões alegria/aceitação em abordagens

frontais da terapeuta/condutora aumentou de 1,4 da segunda sessão sem cão para 4,0 na penúltima sessão com cão e variou entre 0,5/4,0. Os resultados confirmaram a preferência do cão pela abordagem lateral o que, nesta interação, favoreceu a expressão de alegria/aceitação. Terapeuta e condutora preferiram a interação frontal, abordagem que favoreceu o aumento de expressões de rejeição, porém não demonstrou interferir negativamente na frequência de expressões de alegria/aceitação. A criança respondeu mais com expressões de alegria/aceitação às abordagens frontais da terapeuta/ condutora na presença do cão.

Apoio financeiro: CAPES, CNPq

Autismo, Cães, Terapia assistida por animais.

P

AEC

INTERAÇÃO ENTRE CÃES E CRIANÇAS AUTISTAS O QUE FAZ O CÃO SER ESPECIAL?. *Patricia de Oliveira Lima Muñoz**; Marie Odile Monier Chelini; Emma Otta*

(Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)

,

Existem diversos relatos de casos de sucesso em terapia para crianças com autismo onde foram inseridos um cão como coterapeuta. Além destes relatos algumas poucas pesquisas apoiam a eficiência da Terapia Assistida por Animais para melhorar habilidades sociais de pessoas com autismo. No entanto, qual a especificidade comportamental do cão é responsável por este resultado é uma questão que permanece sem resposta. Nosso trabalho é parte de um estudo sobre os potenciais benefícios da introdução de um cachorro na terapia de crianças autistas. Crianças autistas de baixo funcionamento receberam 20 sessões individuais de terapia ocupacional em blocos alternados de sessões com e sem cão. Todas as sessões foram vídeo-gravadas. O objetivo deste estudo piloto foi avaliar quem - criança ou cão - é responsável pela criação de um relacionamento e como este relacionamento se mantem ao longo das sessões. Fazendo uso de um software específico, foram analisados os vídeos dos primeiros e dos últimos encontros de seis díades (3 cães e 6 crianças, sendo duas meninas e quatro meninos) e registrado quantas vezes cada um deles se aproximou do outro e quanto tempo eles ficaram a uma curta distância, bem como quantas vezes um deles dirigiu seu olhar para o outro e quantas vezes se tocaram. Os cães foram responsáveis pela maioria das interações (51,02% a 97,23% da duração total da sessão) e ficaram um longo período de tempo perto das crianças (38,78% a 91,67% da duração total da sessão) nas primeiras sessões. Em contraste, como esperado, as crianças iniciaram muito poucas interações espontâneas na primeira sessão (menos de 4,08% da duração total da sessão). No entanto, três participantes tocaram os cães enquanto estes estavam perto (até 8 vezes durante a sessão). Nas últimas sessões os cães continuaram demonstrando disponibilidade (93% da duração da sessão) enquanto que as crianças tocaram mais vezes o cão (aumento de 39%) durante a sessão. Observou-se também uma redução do número de contatos negativos ao cão pela criança, e um aumento dos contatos positivos como acariciar, agradar e sentir o pelo do cachorro. Ainda na última sessão, três crianças se engajaram em interações com o cão com brincadeiras como arremessar bolinhas, entre outros, comportamento inexistente nas primeiras sessões. Nossos resultados mostram que os três cães tentaram estabelecer contato com as crianças autistas, mesmo quando estes não responderam e nem os incentivaramm. Nossos resultados apontam para uma possível explicação para o relativo sucesso da inserção de um cão em Terapia Assistida por Animais para indivíduos com transtorno autista.

Apoio financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Palavras-chave: Cão, Terapia Assistida por Animais, Autismo
M
AEC

Sessão Coordenada: **TESTE DAS FÁBULAS: PERSPECTIVAS ATUAIS E NOVAS PESQUISAS**

De acordo com a resolução 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) todos os instrumentos psicológicos devem passar por constantes aprimoramentos para garantir sua qualidade e a conseqüente confiabilidade dos resultados neles obtidos. Diante de tal cenário o número de testes disponíveis aos profissionais de psicologia sofreu um decréscimo considerável. Na área de avaliação projetiva infantil esta realidade se apresenta ainda mais preocupante, visto que não há nenhum instrumento validado para tal faixa etária. O Teste das Fábulas é um instrumento projetivo que visa avaliar os conflitos postulados pela teoria psicanalítica. Tal instrumento visa especificamente explorar crises situacionais e de desenvolvimento, conflito de tipo neurótico e transtornos de tipo neurótico e psicótico. Além disso, este instrumento tem sido um valioso colaborador na compreensão psicodinâmica de crianças, recurso bastante válido em estudos sobre o desenvolvimento infantil, para avaliação de resultados de psicoterapia, assim como tem se apresentado como ferramenta para diversas questões de pesquisa e testagem de hipóteses a partir da psicanálise. O objetivo desta sessão coordenada é apresentar estudos atuais desenvolvidos com Teste das Fábulas ou utilizando-se dele como ferramenta de pesquisa, discutindo sua importância e as questões éticas do uso de instrumentos psicológicos projetivos em avaliação psicológica.
Avaliação Psicológica

UMA REVISÃO DA LITERATURA ACERCA DO USO DO TESTE DAS FÁBULAS EM PESQUISAS BRASILEIRAS. *Rodrigo Luis Bispo Souza*, Laura Zaslavsky** e Maria Lucia Tiellet Nunes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS),*
O Teste das Fábulas surgiu como ferramenta que pudesse investigar os conflitos postulados pela teoria psicanalítica e teve resultados que demonstraram rapidez e evidência de manifestação dos mesmos através deste instrumento. Na década de 90, o teste foi adaptado para o Brasil e tem sido utilizado em avaliação psicológica e em pesquisas. Tal instrumento tem sido recurso bastante válido em estudos sobre o desenvolvimento infantil, para avaliação psicológica, para avaliação de resultados de psicoterapia, assim como tem se apresentado como ferramenta para diversas questões de pesquisa e testagem de hipóteses a partir da psicanálise. O objetivo deste estudo é fazer uma revisão dos estudos brasileiros feitos com o Teste das Fábulas e publicados em periódicos nacionais, visando conhecer a realidade do instrumento no contexto de pesquisa no país. As palavras-chave usadas para a pesquisa foram: Teste das Fábulas, Técnicas Projetivas e Método das Fábulas. Os critérios utilizados para avaliação inicial dos trabalhos foram: o artigo deveria ter sido publicado em periódico científico; o Teste das Fábulas deveria ser um dos instrumentos utilizados na pesquisa; deveria ser um estudo que usasse a versão de Cunha e Nunes para a amostra brasileira, e o estudo deveria ser brasileiro ou com amostra brasileira. Foram encontrados ao final da busca, realizada nas bases Scielo, IndexPsi, Lilacs e Pepsic, 11 artigos que atendiam aos critérios de inclusão no estudo. A época de publicação do material compreendida pelos artigos encontrados variou de 1989 a 2011, e o total das amostras somado os participantes de todos os estudos foi de 447 sujeitos. A idade dos pesquisados foi de três anos e três meses a 12 anos. Os estudos também foram avaliados quanto ao uso do teste de forma direta e/ou indireta, metodologia empregada e os principais achados. A partir disso pode-se constatar, como descrito na literatura sobre o tema, que os testes projetivos podem ser considerados como mediadores capazes de operacionalizar construtos teóricos que de outra forma seriam intangíveis, o que corrobora a hipótese deste estudo. Entretanto, os resultados obtidos neste estudo também apontam que, mesmo que haja a demonstração da validade clínica do uso do Teste das Fábulas como instrumento de pesquisa, ainda existe um paradoxo entre esta utilidade e o desenvolvimento de trabalhos sistemáticos usando o teste e publicados no meio

científico. Tal realidade pode ser resultado da ainda presente distância entre a prática clínica e a pesquisa acadêmica que dificulta a articulação entre profissional que utiliza o teste em sua prática e a produção cientifica sobre a qualidade e uso do teste em diferentes contextos. Outra possibilidade reside no aumento de exigências acerca das qualidades psicométricas sobre os instrumentos de avaliação que, ao serem transpostas às técnicas projetivas ainda apresentam maior dificuldade de serem atendidas do que em testes psicométricos, levando à menor opção pela produção com tais instrumentos.
Conselho Nacional de Pesquisa
Palavras-chave: Teste das Fábulas; Crianças; Revisão de Literatura
M; IC
TEP

O TESTE DAS FÁBULAS NA AVALIAÇÃO DO FUNCIONAMENTO PSICODINÂMICO DE CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO FENÔMENO DA ALIENAÇÃO PARENTAL. *Vera Regina Röhnelt Ramires e Fabiana da Motta Damiani* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS),*

O objetivo dessa comunicação é discutir o uso do Teste das Fábulas, de Cunha e Nunes publicado em 1993, na avaliação de características do funcionamento psicodinâmico de crianças envolvidas no fenômeno da alienação parental. O estudo apresentado tem por base o procedimento de Estudos de Casos Múltiplos, realizado com crianças que vivenciaram separações altamente conflitivas de seus pais e estavam afastadas de um desses genitores, numa dinâmica de interações que corresponde àquela que tem sido descrita na literatura como alienação parental. Foram avaliados dois meninos e duas meninas com idades entre de seis a 10 anos, em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS, através do Teste das Fábulas, instrumento que possibilita a compreensão do diagnóstico psicodinâmico, identificando os conflitos centrais organizadores da personalidade, além de ser um indicador da natureza das relações entre a criança e seus pais. Os resultados apontaram para conflitos das crianças com ambos os pais, sendo predominantes os conflitos de: separação-individuação, com características de dependência, passividade, controle da expressão afetiva e imaturidade. Nos protocolos, é evidente a pobreza das fantasias, fragilidade na organização egóica das crianças, ansiedade de separação, percebidas pelas respostas do tipo medo de luz apagada , a criança teve um sonho que perdeu a mãe dele , o pai e a mãe foram para bem longe , a criança sonhou com a mãe morrendo . São utilizados, para fazer frente aos conflitos, mecanismos de defesa tais como: racionalização e repressão. Tais resultados apontam para funcionamento psicodinâmico regressivo, com ansiedade de separação associada a vivências de relação fusional com as genitoras alienadoras.
Palavras-chave: Teste das Fábulas; Alienação Parental; Crianças.
IC
TEP

O TESTE DAS FÁBULAS EM CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. *Letícia Ferreira Lima e Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro (Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT)*

,

Este trabalho tem como objetivos avaliar os indicadores emocionais e os danos psíquicos causados em crianças vítimas de violência doméstica, que estavam em situação de acolhimento institucional provisório, em uma instituição que acolhe mães e seus/suas filhos/as. Para o estudo, foram utilizadas uma entrevista e a técnica projetiva do Teste das

Fábulas, em uma amostra de seis crianças, (quatro do sexo masculino e duas do sexo feminino), com idade entre seis a 10 anos. O Teste das Fábulas é interpretado com base em referencial teórico psicodinâmico, sendo instrumento de medida qualitativa que facilita a emergência de material inconsciente e explora aspectos da personalidade. Para este estudo foi utilizada a versão pictórica brasileira, desenvolvida por Cunha e Nunes, em 1993. Como resultados no Teste das Fábulas, em relação ao estado emocional, a categoria alegria apareceu de modo mais freqüente, seguida de medo e tristeza . Em relação às fantasias, destacaram-se com maior frequência a agressão deslocada para o ambiente , manifestada se o agente agressivo está localizado no ambiente, ou quando o próprio ambiente é hostil, seguido de privação , que ocorre quando a criança manifesta a falta de algo ou quando alguém o deixa, mas não por vontade própria. Os mecanismos de defesa mais frequentes foram de racionalização e projeção . As situações mais conflitantes vivenciadas por estas crianças foram: na Fábula 6 , ao tratar das reações frente às experiências fálicas; na Fábula 8 , em relação ao conflito edípico (pai agressor); na Fábula 9 , em relação aos medos e proibições; e na Fábula 10 , manifestada pela heteroagressão e autoagressão. Durante as entrevistas, as crianças relataram que estavam tristes, pois sabiam que ficariam na instituição por tempo determinado, mas que não queriam sair de lá, já que tinham o que comer todos os dias e que lá sentiam-se protegidas. Houve demanda espontânea dessas crianças em falar sobre a situação de violência doméstica vivenciada, mais especificamente sobre o medo e raiva que sentiam do pai por terem agredido a mãe (não necessariamente elas) e ainda por esses pais não darem carinho a elas. Em relação ao estado emocional de alegria , mais evidenciado na análise, parece relacionado à condição atual de acolhimento provisório na instituição. Pode-se concluir que a situação dessas crianças de terem sido vítimas de violência doméstica vem lhes causando sofrimento e dano psíquico, que possivelmente interferem no seu desenvolvimento emocional.

Palavras-Chave: Teste das Fábulas; Crianças; Violência Doméstica.
IC
TEP

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TESTE DAS FÁBULAS EM ESCOLARES: DADOS PRELIMINARES.

*Marcelle Louise Coelho de Freitas** e Sonia Regina Pasian (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP),*

Dentre os diversos recursos para avaliação psicológica, os métodos projetivos destacam-se pela riqueza de suas informações a respeito dos componentes e do funcionamento psíquico, nomeadamente na área da investigação de características de personalidade. Para examinar crianças, o Teste de Fábulas tem se mostrado relevante e útil, embora com necessidade de revisão de suas evidências psicométricas no contexto brasileiro. O presente trabalho objetiva buscar evidências de validade do Teste das Fábulas, em seu uso em crianças escolares de seis a 12 anos de idade, comparando as produções obtidas deste método projetivo em três grupos, a saber: a) crianças usuárias de um serviço de psiquiatria (G1); b) crianças com problemas de desempenho escolar e/ou emocional (G2); c) crianças não pacientes, isto é, com sinais de desenvolvimento psíquico e escolar típicos (G3). Pretende-se, deste modo, identificar variáveis do Teste das Fábulas que favoreçam o diagnóstico clínico diferencial em crianças escolares de seis a 12 anos, examinando-se ainda eventuais efeitos do sexo e da idade sobre os resultados nos três grupos de crianças. Os participantes serão selecionados de serviços clínicos e de escolas públicas do interior do Estado de São Paulo, procurando-se pareá-los em termos do sexo e da idade, excluindo-se aqueles com limite intelectual. Para tanto, serão utilizados os seguintes instrumentos: formulário de identificação dos participantes; Questionário de

Capacidades e Dificuldades (SDQ); Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e o Teste das Fábulas, devidamente aplicados e codificados conforme seus respectivos manuais técnicos. Neste momento, são apresentados resultados iniciais deste estudo, por meio da contraposição de dois casos, de modo a ilustrar a sensibilidade e possibilidades informativas do Teste das Fábulas em psicodiagnóstico infantil. O primeiro participante trata-se de uma criança identificada como caso clínico psiquiátrico (G1) e, o segundo participante, caso não clínico (sem dificuldades pelo SDQ - G3), ambos de mesmo contexto sociocultural, pareados em termos etários. Suas características principais são: a) criança de G1: nove anos, 5ª série, sexo feminino, quadro de transtorno alimentar, em geral apresentou recursos cognitivos, entretanto com produção marcada por defesas de somatização e hipocondria; b) criança de G3: nove anos, 5ª série, sexo masculino, inteligência acima da média no Raven, em geral fez uso de defesas maduras e, em momentos de maior mobilização afetiva, sinalizou uso de projeção, mas conseguiu reconhecer conflitos do herói, evidenciou boa adaptação. Embora parciais e preliminares, os atuais resultados buscam, por meio de ilustrações de casos individuais, apontar a sensibilidade do Teste das Fábulas para questões do funcionamento psíquico, estimulando seu uso e investigação para o avanço do conhecimento científico sobre este método projetivo, bem como embasar sua utilização na prática profissional de psicólogos no contexto brasileiro.

Palavras-Chave: Métodos projetivos; Teste das Fábulas; Avaliação Psicológica.

M

TEP

QUESTÕES ÉTICAS NO USO DE TESTES PSICOLÓGICOS EM PESQUISAS COM CRIANÇAS. *Rita Petrarca Teixeira - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Maria Lucia Tiellet Nunes - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

,

O objetivo de qualquer investigação científica na área da saúde é descobrir novos métodos na prevenção, recuperação e reabilitação. Considerando que a criança está em desenvolvimento e, portanto vulnerável em seus aspectos biopsicossociais e a especificidade dos testes projetivos, a pesquisa com crianças envolve questões éticas próprias que devem ser cuidadosamente avaliadas. Historicamente, a investigação científica teve sua primeira normatização em 1947 por meio do Código de Nuremberg. Desde então as questões éticas continuam merecendo atenção de órgãos e instituições da área da saúde. No Brasil, o primeiro documento destinado a regulamentar a pesquisa com seres humanos em todas as áreas da saúde data de 1996 por meio da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. No que se refere à participação da criança em pesquisa, as resoluções existentes enfatizam o cuidado que os pesquisadores devem tomar na análise dos riscos e benefícios da pesquisa em virtude da condição especial de vulnerabilidade da criança. Ainda se faz importante destacar a obtenção do consentimento, pois são os pais ou responsáveis legais pela criança que devem anuir com sua participação, mas sendo de fundamental importância o assentimento da própria criança. Alguns autores argumentam que crianças só devem ser envolvidas em pesquisa quando o proposto é obter conhecimento relevante sobre elas e, nesse sentido, o uso de testes projetivos fornece um rico material sobre as percepções, pensamentos, sentimentos que a criança tem sobre diversos aspectos do seu mundo, permite obter uma amostra do comportamento e de aspectos globais da personalidade infantil que não seriam possíveis sem a participação direta da criança na pesquisa. A realização de pesquisas com testes projetivos e crianças se faz cada vez mais necessária a fim de verificar empiricamente construtos, de desenvolver novos instrumentos de avaliação ou qualificar os existentes, possibilitando maior conhecimento do mundo infantil e de suas manifestações. Outros aspectos que merecem

atenção na pesquisa com criança diz respeito ao sigilo das informações, a garantia do anonimato e a proteção da identidade da criança, respeitando o direito da mesma e dos seus pais ou representantes legais ao acesso aos resultados. Cabe ao pesquisador responsabilidade e competência ética e técnica para utilizar os testes projetivos na pesquisa com crianças.
Palavras-chave: Testes Projetivos, Ética, Pesquisa com crianças.
TEP

Sessão Coordenada: **Triagem e Diagnóstico Psicológico: os procedimentos técnicos na compreensão da psicodinâmica da criança**

O tema tratado nesta sessão coordenada intitulada Triagem e Diagnóstico Psicológico: os procedimentos técnicos na compreensão da psicodinâmica da criança , inserido na área da Avaliação Psicológica, conta com um grupo de pesquisadores que parte da consideração destas etapas como fases do atendimento clínico, imprescindíveis, tanto para a compreensão prévia do paciente, especialmente quando envolve crianças e adolescentes, quanto para a proposição de ações interventivas no âmbito do tratamento terapêutico, orientando, deste modo, a prática clínica.

Neste caso, a triagem e o psicodiagnóstico buscam acolher a queixa inicial, esclarecendo-a e integrando-a em um quadro global e dinâmico, que vai além da mera explicitação de seus aspectos constitutivos, mas pressupõe uma análise mais profunda atravessada pelo raciocínio eminentemente clínico.

Ressaltamos a necessidade de ampliar a dimensão dos indicadores de análise, pois, por mais complexo que seja o motivo da consulta, ou por maior que seja o comprometimento emocional do paciente, cabe ao profissional investigar os recursos positivos de sua personalidade.

Assim, justificamos a pertinência destes estudos, apresentando diferentes estratégias diagnósticas. O primeiro trabalho relata a Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) utilizada em uma família composta por mãe e filha com dificuldades no relacionamento, ilustrando como este procedimento acrescenta novos elementos ao contexto clínico apontando dificuldades no exercício da função materna. No segundo estudo, nos deparamos com uma situação de triagem, na qual a escuta especializada, marcada pela atitude de acolhimento às angustias do paciente infantil podem assegurar conforto psicológico e uma resolução positiva da queixa. A terceira pesquisa que compõe esta sessão demonstra a contribuição do método de Rorschach para o psicodiagnóstico da criança, analisando aspectos psicodinâmicos e psicopatológicos relacionados ao sofrimento psíquico trazido na queixa. Já no quarto trabalho apresentado contamos com o manejo das entrevistas diagnósticas realizadas com crianças e seus responsáveis, sob a prespectiva winnicottiana, no âmbito da unidade básica de saúde, demonstrando, ainda que provisoriamente, falhas na provisão ambiental.

Na totalidade dos estudos são apresentadas situações diagnósticas que partem de recursos e procedimentos diferenciados, mas em comum, identificamos a importância do psicólogo afastar-se dos rótulos e das classificações e de encontrar um sentido para a multiplicidade de fatores presentes em cada caso estudado, tendo como base suas próprias habilidades clínicas e seu contato com a vida mental.

Avaliação Psicológica

A PSICODINÂMICA DA RELAÇÃO MÃE E FILHA: PSICODIAGNÓSTICO A PARTIR DA ENTREVISTA FAMILIAR DIAGNÓSTICA.. *Profa. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia, Eunice Porto Fernandes*, Silmara Ruzza Pretti Barciella*, Viviane Caruso Farnocchia Veras* (Curso de Psicologia - Universidade Metodista de São Paulo/ São Bernardo do Campo/ SP).*

,

O psicodiagnóstico se constitui em um processo que visa uma compreensão profunda e completa da personalidade do paciente. Trata-se de um procedimento que, em um curto espaço de tempo, é norteado por um olhar essencialmente clínico fazendo uso de técnicas e instrumentos diversos. No caso do diagnóstico de uma criança, sempre consideramos as relações que esta mantém com seus familaires, pois o paciente que vai à clínica é resultante, não apenas de seus próprios conflitos intrapsíquicos, mas também da intersubjetividade

desencadeada por relações familiares patológicas. Em alguns momentos, uma complexidade de sentimentos interage na família de forma predominante entre as progenitoras e suas filhas, instalando-se o conflito. Alheias a essa dinâmica, mães e filhas perdem-se no caminho da compreensão do conflito, permeadas por vários universos, de saber, amizade, afeto, compreensão, amor incondicional, apego e dedicação. Entretanto, coexistem outros sentimentos, tais como raiva, rivalidade, cobrança, conflito, inveja, disputa e dependência. Assim, neste estudo, temos como objetivo descrever e analisar o relacionamento entre mãe e filha por meio do procedimento da Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) durante o processo diagnóstico da filha. A participante é uma adolescente de 13 anos com queixa de dificuldades no relacionamento com a mãe, com quem reside. O diagnóstico ocorreu em um total de 6 sessões, na Policlínica da Universidade Metodista de São Paulo. Entre as diversas técnicas e estratégias utilizadas no diagnóstico, destacamos a EFD que investiga a estrutura familiar inconsciente, o significado do sintoma e visa trabalhar com o núcleo familiar quando não se tem conhecimento acerca do mesmo. Por meio desta estratégia diagnóstica foi possível perceber que a mãe, neste caso, mostrou-se regredida e narcisicamente envolvida com suas próprias necessidades sem condições de oferecer um modelo de família capaz de apoiar, compreender e dar continência às angústias de sua filha. Os papéis mãe-filha mostraram-se invertidos, revelando uma comunicação distorcida entre elas, além de assumirem a variante de acusado-acusador. Outro aspecto relevante observado foi a insuficiente elaboração do complexo de Édipo e a persistência incontrolada de fortes impulsos incestuosos, tanto na mãe quanto na filha. Este estudo evidencia a relevância de pesquisas que envolvam mais famílias, possibilitando ampliar a compreensão sobre o assunto, especialmente no que tange a função materna, podendo contribuir para que as mães assumam de modo mais comprometido sua função nestas relações. Além deste aspecto, acredita-se também na contribuição do procedimento de Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) para a prática clínica, pois possibilitou uma visão ampliada dessa relação e, consequentemente, da compreensão diagnóstica.
Palavras-chave: psicodiagnóstico, relação mãe e filha, Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD).
Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC
Código da área: AVAL Avaliação Psicológica.

TRIAGEM INTERVENTIVA E O AMOR ÀS VERDADES DO PACIENTE. *Nayara Cristina Cavalheiro*, Dra. Helena Rinaldi Rosa, Dra. Maria Luísa Louro de Castro Valente (Departamento de Psicologia Clínica Universidade Estadual Paulista - Campus Assis/SP.),*
Trata-se de uma reflexão sobre o processo de triagem da demanda que chega ao atendimento psicológico na clínica-escola de uma universidade. A triagem é um processo de contato inicial com a pessoa que busca auxílio psicológico, que permite uma contenção das questões que afligem o paciente. Pensando assim, na triagem interventiva nota-se como ela é um momento de acolhimento de angústia, um primeiro contato, essencial. Quando o paciente procura atendimento psicológico, ele está no ápice de sua ansiedade e angústia. Desse modo, esse contato inicial que a triagem proporciona é muito significativo e um dos mais importantes, pois aquele que tria irá manejar essa ansiedade que impulsionou o paciente a buscar ajuda. É nesse contato, devido à grande carga de ansiedade, que o paciente nos expõe mais claramente sua dinâmica de funcionamento. Nesse primeiro contato devemos imprescindivelmente, e com grande afinco, demonstrar amor às verdades que o paciente nos traz, ainda que estejamos lidando apenas com suas fantasias. Ter amor às verdades do paciente não significa fazer conluios conscientes ou inconscientes com ele, e nem mesmo sair da postura necessária na relação terapeuta-paciente, mas com o respeito e profissionalismo necessários adotar uma postura de comprometimento profissional com a dor do outro. É por meio desse interesse que transmitiremos a sensação de acolhimento ao paciente, de que esse foi compreendido e teve

abrigo para a angústia que tanto o mobilizava e paralisava. Na triagem o paciente sente no atendimento um porto seguro para as turbulências que o impedem de navegar. A cada novo encontro, o empenho com que o terapeuta dedica-se à escuta sincera das angústias do paciente possibilita não somente um acolhimento verdadeiro, como também a compreensão ampla da demanda e pensar sobre os possíveis encaminhamentos a serem tomados. No entanto, outra possibilidade que a triagem e a escuta sincera das verdades do paciente proporcionam é que não seja necessário nenhum encaminhamento, visto que muitos casos encerram-se no próprio processo de triagem. Como no caso abaixo que exemplifica como um contato sincero com as verdades do paciente, já no processo de triagem, é responsável por um acolhimento que possibilita a resolução de alguns tipos de conflitos, sem que seja necessário passar por uma psicoterapia. S., um menino de cinco anos, chega com uma queixa inicial de agressividade tanto em casa, com a família, como na escola. Os pais estavam separados há quatro meses. Durante o atendimento, S. mostrou-se uma criança inteligente, comunicativa e com muita imaginação, sua agressividade não foi percebida. Isso foi dito na devolutiva com a mãe, que comunicou que S. estava bem mais calmo, pois os pais estavam fazendo atividades junto dele. Dessa forma, a conclusão a que se pode chegar é que a postura do profissional diante do atendimento é muito mais essencial do que se pensa, para se obter uma resolução positiva da queixa. Sendo que nem sempre a demanda trazida corresponde à real necessidade, mas a escuta sincera do conteúdo apresentado possibilita ler as entrelinhas e direcionar o caso para um encaminhamento adequado.

‎Apoio financeiro: Bolsa Proex
Palavras-chave: triagem interventiva, acolhimento, amor às verdades.
Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC
Código da área: AVAL Avaliação Psicológica.

CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO DE RORSCHACH PARA O PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL: ESTUDO DE CASO.. *Dra. Carla Luciano Codani Hisatugo** (Pós Doutorado) e Dra. Eda Marconi Custódio.*
(Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - Universidade de São Paulo/ São Paulo/SP).

,

A avaliação psicológica infantil com o uso do Rorschach possibilita uma abrangente análise de aspectos emocionais, cognitivos e interpessoais. Com base nestes aspectos, podem-se desenvolver planos de atuação psicoterápica após uma triagem de principais sintomas psicopatológicos. Entre os sistemas em uso para a técnica de Rorschach no Brasil, existem o Sistema Compreensivo e o R-PAS (Rorschach Performance Assessment System) - em fase de estudos normativos. A avaliação destes dados psicológicos é obtida com modo objetivo de codificação e delineamento de inferências. Objetivo: Indicar a contribuição do método de Rorschach para o psicodiagnóstico infantil por meio da análise de aspectos psicodinâmicos e psicopatológicos relacionados ao sofrimento psíquico. Método: Trata-se de um recorte de uma pesquisa normativa com o Rorschach, em andamento. Neste estudo de caso, há uma análise qualitativa de dados apresentados por uma criança, a qual chamaremos de Leila, com baixa renda econômico-social, idade de 07 anos, estudante de escola pública. Utilizou-se o CBCL, Child Behavior Checklist e as Matrizes Progressivas Coloridas de Raven para comparação de dados obtidos pelo Rorschach sob variáveis de dois sistemas de interpretação (Sistema Compreensivo e R-PAS). A criança foi avaliada em quatro encontros. Resultados: Leila pontuou sintomas de transtorno de oposição pelo CBCL com nível intelectual médio (III+) e percentil = 70 no Raven. No Rorschach houve habilidade para realizar tarefas (R=25); percepção adequada do convencional (P=1); aptidão imaginativa (M=0, FM=2, m=1); dificuldade no aspecto

interpessoal e de percepção de si mesma (A=19, H=0), habilidade para concentração (DR1=02) e dependência emocional (ODL=2). Estão presentes conteúdos agressivos (AGC=1); respostas dadas com base em próprio conhecimento e experiências pessoais (PER=1). São ausentes as respostas conteúdo humano e referência a figuras femininas ou masculinas (H), as quais são substituídas por respostas de conteúdo animal (A) e anatomia (An), indicando dificuldade no processo de identificação com figuras parentais e relacionamento interpessoal debilitado. Discussão: Leila apresenta alguns recursos cognitivos para lidar com situações adversas. O levantamento de sintomas de transtorno de oposição está de acordo com sofrimento psíquico emocional, dada a presença de agressividade, dificuldade interpessoal e dependência afetiva. Há indicação para psicoterapia com ênfase nas relações interpessoais e na internalização de figuras parentais acolhedoras. Conclusão: Os dados permitem a interpretação de aspectos psicodinâmicos do desenvolvimento e de questões relacionadas ao sofrimento psíquico, além de sintomas de quadro psicopatológico presente.
Apoio financeiro: FAPESP
Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Teste de Rorschach; Crianças.
Nível do trabalho: Pós-Doutorado - PD
Código de área da Psicologia: AVAL - Avaliação Psicológica.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COMO CONDUTA INTERVENTIVA WINNICOTTIANA EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE. *Dra. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro (Universidade Estadual Paulista/ UNESP/ Campus Assis/SP).,*
A avaliação psicológica é própria da prática clínica em saúde mental, sendo etapa crucial para avaliar a real demanda do paciente. Winnicott considerava possível que houvesse uma conduta interventiva e terapêutica já nos primeiros contatos com os pais, nas entrevistas iniciais avaliativas com crianças, por ele denominadas de Consultas Terapêuticas. Este modelo pode ter sido usado como paradigma para a prática atualmente denominada como Psicodiagnóstico Interventivo. O objetivo deste trabalho, no entanto, é refletir sobre o manejo winnicottiano de entrevistas diagnósticas em situação de acolhimento de pacientes, crianças e seus responsáveis, em unidades básicas de saúde em um município do interior do estado de São Paulo. Metodologia: O fazer psicodiagnóstico com crianças à luz dos conceitos psicanalíticos winnicottianos pressupõe o conhecimento prévio da teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, como um balizador dos pensamentos clínicos deste procedimento. A partir desta teoria realizam-se análise de casos clínicos considerando a etapa maturacional das crianças e seus responsáveis, especialmente aquelas condizentes com as etapas iniciais: dependência absoluta e dependência relativa. Na busca por este conhecimento, qual seja a etapa maturacional na qual o paciente se encontra seja a criança trazida para avaliação e/ou os adultos por ela responsáveis -, entrevistas clínicas são efetivadas levando-se em consideração a possibilidade comunicacional do paciente e de seus responsáveis. São realizadas seis entrevistas diagnósticas com esta metodologia, por semana, em três diferentes unidades de saúde pública. Resultados e Conclusões: Ao longo do primeiro semestre de 2012, as entrevistas com o uso desta metodologia, possibilitaram que um olhar avaliativo para os membros da família, em suas diversas configurações, fosse também lançado, além daquele já posto na criança depositária da queixa. Não se trata de metodologia inovadora, haja vista outros trabalhos que lançam mão de entrevistas familiares, inclusive, mas a proposta aqui é de se levar em conta a constituição individual de cada membro familiar e ainda da provisão ambiental que se dispõe para aquela criança e aquelas pessoas participantes desta avaliação naquele especial momento de suas vidas. A demanda para psicologia é assim delimitada por uma avaliação que pensará o encaminhamento a ser efetuado - ou não - e também a opção por manejo ou atendimento psicoterápico apropriado do ponto de vista winnicottiano grupal ou individual. Observa-se que o manejo tem sido privilegiado nos encaminhamentos, haja vista

que a maioria da origem da problemática psíquica - entendida como falha importante na provisão ambiental - ter ocorrido em várias crianças, assim como em seus familiares na dependência absoluta destes com o meio, tal como preconizado por Winnicott. Podemos concluir provisoriamente que a maioria das crianças que são encaminhadas para avaliação nestes contextos públicos de saúde contou com provisão ambiental insuficientemente boa, de diversas características, desde os primórdios de seu amadurecimento emocional.

Palavras-chave: Winnicott; avaliação psicológica; manejo terapêutico.

Nível do trabalho: P Pesquisador

Código da área: AVAL Avaliação Psicológica.

Sessão Coordenada: **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: EPIDEMIOLOGIA, DIAGNÓSTICO E PREVENÇÃO**

A Violência Doméstica contra crianças e Adolescentes (VDCA) é um problema social que atualmente vem preocupando pesquisadores e trabalhadores de várias áreas de conhecimento, em função dos altos índices de incidência na população mundial, aliados às graves sequelas e transtornos desenvolvidos pelas vítimas. A literatura científica mais atual na área tem apontado que a experiência de vitimização doméstica pode trazer sérias consequências para a vítima, implicando em distúrbios de personalidade, cognição, adaptação social e outros.

Esse fenômeno deve ser entendido como um problema configurado na família enquanto espaço privado, numa esfera micropolítica, e também um problema de relações sociais de gênero e geração, numa esfera macro política, em que o adulto transgride o seu poder disciplinador, negando, negligenciando as necessidades e direitos da criança e tolhendo sua liberdade, colocando-a, assim, numa posição de mero objeto dos desejos do adulto.

A abordagem profissional da VDCA apresenta inúmeras dificuldades, pois se caracteriza como um problema que se manifesta de maneira sigilosa, configurando um segredo familiar, e por estar envolvido por dispositivos de velamentos que, muitas vezes impedem sua identificação e notificação.

A partir do exposto e devido às graves consequências da experiência de vitimização doméstica nas diversas áreas do desenvolvimento das vítimas, torna-se fundamental o desenvolvimento de estratégias de identificação precoce e compreensão dos casos, visando, principalmente, à prevenção da cronificação dos traumas advindos desta experiência e o planejamento das intervenções psicossociais, visando minimizar as sequelas e interromper o ciclo de VDCA, levando-se sempre em consideração o perfil epidemiológico do fenômeno.

Embora extremamente relevante para o estabelecimento de políticas públicas de atendimento, é difícil definir com rigor a incidência e o perfil epidemiológico da VDCA e esta dificuldade decorre de alguns fatores. Primeiro por que dependem da própria definição de violência doméstica, que muitas vezes, é controversa, parcial e não consistente. Segundo, destaca-se a existência da cifra negra, quando se trabalha apenas com os casos notificados, não considerando a existência de inúmeros outros que não chegam aos órgãos competentes, e que com certeza, pode aumentar os índices encontrados nas estatísticas. Apesar disso, pesquisas epidemiológicas desenvolvidas em diversos contextos têm mostrado que o enfrentamento eficaz deste problema social exige a compreensão de suas mais diversas facetas, principalmente na realidade social em que se está inserido.

No campo da intervenção psicossocial em situação de VDCA torna-se fundamental também um trabalho de sistematização dos passos para compreender o impacto desse tipo vivência na psicodinâmica da vítima e em sua saúde mental. Nessa perspectiva, o profissional de psicologia deve apreender esse tipo de experiência subjetiva, fundamentando-se em instrumentos que facilitem essa tarefa. Mas, por outro lado, deve-se considerar que para se proceder a uma avaliação psicológica nessa situação é importante não só escolher um instrumento adequado, mas também garantir a confiabilidade das inferências feitas a partir da aplicação de instrumentos que devem ter propriedades psicométricas, como precisão e validade.

Assim, a avaliação de saúde mental de uma criança ou adolescente vitimizado pode ser mais relevante e válida mediante a inclusão de medidas específicas que podem ser usadas no atendimento de criança ou adolescente em que o problema da violência esteja presente.

Entretanto, pesquisas mostram que não existem muitos instrumentos que medem e avaliam a exposição de uma criança à violência doméstica e que foram submetidas a estudos de análise psicométricas, e que sãos poucos os instrumentos projetados para monitorar a exposição das crianças à violência doméstica, principalmente no Brasil.

Portanto, percebe-se a necessidade de estudos e pesquisas que visem à adaptação e validação de instrumentos aptos à avaliação psicológica de crianças e adolescentes vítimas de VDCA que possam auxiliar os profissionais que trabalham na área para melhor atender essa clientela e embasar estratégias interventivas junto a essa população.
Se por um lado, a identificação das diversas facetas da VDCA no que se refere aos aspectos epidemiológicos e psicodinâmicos são estratégias importantes para o seu enfrentamento, por outro, o efetivo trabalho de combate a esse problema social deve incluir outras ações de proteção, promovendo a integração dos diversos segmentos sociais e estimulando o diálogo e a reflexão entre os diferentes atores sociais e instituições que possam gerar estratégias preventivas, numa ampla rede de apoio social e comunitário.
Dentre os setores importantes nessa rede de proteção e prevenção da VDCA, destaca-se a área da Saúde Coletiva, pois os profissionais de saúde desempenham um papel importante em todos os níveis de prevenção da VDCA, atuando desde a sua identificação e tratamento até o encaminhamento a outros níveis de maior complexidade. Mas, sobretudo, estes profissionais cumprem uma função primordial como agentes de denúncia em casos suspeitos de maus-tratos para as instituições de proteção à Infância.
Mas, para que haja a notificação dos casos de VDCA por parte dos profissionais de saúde é necessário que esses sejam preparados e habilitados na identificação deste problema. Contudo, deve-se salientar que a maioria das profissões não possuem em seus currículos e programas de educação continuada a formação e o treinamento dos aspectos relacionados com a violência.
Sobre isso, diversos estudos apontam para a precariedade da formação destes profissionais sobre o tema, o que interfere na oferta de uma atenção adequada à saúde das vítimas e de sua proteção. Além disso, outros fatores dificultam o trabalho dos profissionais de saúde frente a esses casos. Primeiramente, percebe-se a falta de integração entre os profissionais e os diversos setores dentro do campo da saúde que deveriam lidar com essas questões. Além disso, a formação quase exclusivamente biomédica dos profissionais de saúde impõe obstáculos para intervir, de forma eficaz, em problemas mais relacionados com o social, como a VDCA. Da mesma forma, as dificuldades dos profissionais de saúde em trabalhar com casos de VDCA implicam quase sempre em uma vivência que provoca emoções intensas de revolta, indignação a até mesmo de medo de serem perseguidos pelos familiares das vítimas e seus agressores. Essas emoções geram obstáculos para a abordagem satisfatória por parte desses profissionais.
Esse fato impõe a necessidade de desenvolver estratégias de capacitação dos profissionais de saúde para a identificação precoce dos casos suspeitos de VDCA, o seu correto encaminhamento e, principalmente, para a sua prevenção.
Considerando o exposto acima, a presente Sessão Coordenada objetiva apresentar e discutir estudos e pesquisas na área da VDCA, focando:
1. Os dados epidemiológicos e de caracterização da VDCA no Estado de São Paulo.
2. Os dados de validação e adaptação de dois instrumentos de avaliação psicológica de crianças e adolescentes vitimizados.
3. Os dados de um projeto de capacitação de profissionais de saúde para a prevenção da VDCA no Estado do Mato Grosso do Sul.

Psicologia do Desenvolvimento

A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA. *Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense,*
Este trabalho discute os resultados de um projeto de extensão desenvolvido pelo curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), visando à capacitação dos

profissionais das equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Dourados/MS para a prevenção, identificação precoce e encaminhamento de casos de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA). Para tanto, foram realizados encontros semanais em cada Unidade de ESF, com duração média de 04 horas, seguindo as seguintes etapas: a) apresentação e discussão das concepções teóricas do tema, suas definições, epidemiologia e consequências; b) apresentação e discussão acerca dos indicadores comportamentais da criança, do agressor e da família vitimizada que facilitam a identificação pelos profissionais de saúde; c) apresentação da trajetória de intervenção, apresentando os recursos que os profissionais de saúde dispõem para cada caso e os tipos de encaminhamentos necessários; d) discussão de um caso clínico fictício para orientar as ações de intervenção na área. Ao todo foram capacitadas 29 equipes de ESF, perfazendo um total de 442 profissionais sensibilizados para a prevenção da VDCA. Para a análise da eficácia do trabalho, antes e logo após as capacitações foi aplicado de um questionário visando identificar o conhecimento prévio dos profissionais sobre o fenômeno da VDCA e suas formas de identificação, enfrentamento e prevenção (Pré-teste), e as mudanças de suas representações sobre o tema após o trabalho realizado (Pós-teste). O questionário empregado nas duas fases do trabalho foi o mesmo e composto por 12 questões, baseadas nos mitos sobre VDCA, apresentados por Azevedo e Guerra (1998), em que o profissional deveria responder Verdadeiro (V) ou Falso (F). Após a realização de todas as capacitações procedeu-se a análise estatística dos dados para verificar se houve mudança de percepção e representação da VDCA pelos profissionais da ESF com o trabalho de sensibilização realizado. Para tanto, foi utilizado o teste t de Student para mostras pareadas, a fim de verificar as diferenças nas freqüências de pontuação dos itens dos questionários pré e pós-teste respondidos pelos participantes do referido projeto de extensão. A análise dos dados aponta que houve diferença significativa em 11 das 12 questões do questionário de sondagem acerca das representações da VDCA respondidas pelos profissionais de saúde, todas com $p < 0{,}001$. Os dados apresentados apontam para a importância da realização de projetos de capacitação com os profissionais de ESF, pois verificou-se, neste trabalho, que ideias errôneas acerca da VDCA antes apresentadas pelos profissionais de saúde foram desconstruídas e transformadas por representações mais ética e cientificamente corretas, o que pode favorecer a sua prevenção a partir do engajamento no combate a este tipo de problema social que aflige a vida de crianças e adolescentes brasileiros.

DADOS EPIDEMIOLÓGICOS DA INCIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESTADO DE SÃO PAULO. *Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo*

Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense,

A violência doméstica contra crianças e adolescentes vem sendo reconhecida como um importante problema de saúde pública, no Brasil e em outros países, pelas sérias consequências que traz. Em diversos contextos são desenvolvidas diversas pesquisas epidemiológicas, de incidência e de prevalência, que mostram o aumento desse fenômeno, sendo que o enfrentamento eficaz deste problema social exige a compreensão e sistematização nos passos para identificar sua ocorrência. Sendo assim vem sendo desenvolvidas pesquisas nessa área. A partir dos resultados de uma destas (apoiada pela FAPESP processo n. 06/56308-0) destacam-se os dados da população estudada, visando o presente trabalho apresentá-los como estudo epidemiológico da ocorrência do fenômeno no Estado de São Paulo. Como aspectos metodológicos, ressalta-se que se trata de uma amostra por conveniência, de crianças e adolescentes de ambos os sexos, de 6 a 16 anos de idade . Ou seja, foram estudadas crianças e adolescentes vitimas de violência (física e sexual) comprovada e atendidas por instituições especializadas, governamentais e não governamentais, que manifestaram a concordância na participação na pesquisa. Os responsáveis também

manifestaram essa concordância, sendo o projeto aprovado por Comitê de Ética. Assim foram estudados um total de 502 crianças e adolescentes nesse intervalo de idades. Entre os dados pesquisados, foram mencionados sexo, idade e nível de escolaridade. Assim como resultados, que receberam tratamento estatístico, pode-se citar os seguintes: a maior parte é do sexo feminino, sendo (31) e 191 do masculino. Vale mencionar que muitas instituições que apoiaram a pesquisa se dedica ao cuidado de vítimas de abuso sexual, o qual é mais frequente no sexo feminino. Por outro lado, muitas instituições dedicam-se à atenção à criança vitimizada de forma geral, e ainda assim há esse predomínio do sexo feminino. No total da amostra (502) há o predomínio da violência física, (pouco mais da metade) o que ocorre também em outros contextos. Considerando o total de meninas, praticamente há o mesmo úmero de vitimas de violência física e sexual com um certo predomínio da primeira. Porem há muito mais meninas vitimas de abuso sexual do que meninos; no total de sujeitos e principalmente quando se considera o conjunto de sujeitos do sexo masculino. Entre os meninos é muito menor o numero de vitimas de abuso sexual. O tipo de violência mais raro em todo o grupo e em cada um dos grupos é o que conjuga as duas formas de violência: física e sexual, porém é o que traz em outros estudo mais intensos prejuízos. Com respeito às idades, as maiores frequências concentram-se entre 10 e 12 anos para as meninas, e 11 anos para os meninos. Quanto ao nível de escolaridade, observa-se muitas crianças fora da escola, ou em séries posteriores às esperadas pelas idades, confirmando os transtornos cognitivos e ainda mais o abandono e a negligência de que são vítimas. Como conclusões se considera a importância de serem feitos estudos como esse, mais amplos e abrangentes e que sejam desenvolvidos projetos de prevenção e intervenção junto a essas crianças e adolescentes.

O EMPREGO DO INVENTÁRIO DE FRASES NO DIAGNÓSTICO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES (IFVD) COM CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR. *Viviane Manfre Garcia de Souza/Universidade de São Paulo*
Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo
Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense,

O abuso sexual infantil intrafamiliar é considerado um grande fator de risco para o surgimento de inúmeros transtornos nas vítimas. Alguns instrumentos têm sido utilizados para avaliar os efeitos da violência nas vítimas, como o Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes IFVD. Trata-se de um instrumento qualitativo (inventário de autodescrição) elaborado a partir das expressões verbais mais utilizadas pelas crianças e adolescentes (entre 06 e 16 anos) vítimas de violência física e/ou sexual e que objetiva avaliar transtornos nos níveis: emocional, cognitivo, social, física e comportamentos observáveis na clínica. O presente estudo objetivou avaliar especificamente crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual através do IFVD. Para tanto, o instrumento foi aplicado em 747 crianças brasileiras com idades entre 06 e 16 anos, sendo 209 vítimas de abuso sexual (grupo experimental) com uma amostra de 538 sujeitos sem histórico de violência sexual. Os resultados de cada indivíduo foram analisados de acordo com os transtornos associados à experiência de vitimização, ou seja: comportamental, cognitivo, emocional, físico e social. Para a análise dos dados, foram obtidas as médias e os desvios padrão para o total de pontos do IFVD e o total para cada tipo de transtorno associado, tanto para o grupo de controle quanto para o experimental, em função do sexo, da idade do participante e do tipo de violência sofrida. Para verificar se os resultados no teste seriam capazes de diferenciar o grupo de vítimas de violência de um grupo sem queixa de violência, foram comparadas as médias dos diversos grupos (em função das variáveis descritas acima) através do teste t de Student e da Análise de Variância (One-Way Anova). A análise dos resultados apontou que as médias do grupo experimental foram maiores que o de controle em todas as situações investigadas, tanto quando são consideradas a pontuação total no instrumento quanto nos totais por

transtorno associado. Conclui-se que o IFVD é um instrumento útil e auxiliar no trabalho de profissionais na área da violência doméstica, pois se mostrou muito capaz de discriminar entre crianças vítimas de violência doméstica das sem essa suspeita, tendo apresentado, assim, validade.

4º. TRABALHO: VALIDAÇÃO DO TESTE DO DESENHO DA PESSOA NA CHUVA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CONTEXTO BRASILEIRO. *Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo*
Antonio Augusto Pinto Junior/Universidade Federal Fluminense
Lucilena Vagostello/Universidade São Judas Tadeu,

A compreensão e o conhecimento da experiência emocional de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica se torna cada vez mais relevante, em função do número crescente de casos e das sérias consequências que o fenômeno acarreta ao processo de desenvolvimento e à saúde física e mental das vítimas. Além disso, trata-se de problemática com deletérios efeitos sociais tais como inadaptação escolar e repetição de atos violentos em cadeia, dentre outros. . As técnicas projetivas, desde que validadas e aprovadas, configuram poderoso recurso no contexto do Psicodiagnóstico, pois permitem a expressão de aspectos inconscientes, favorecendo o tratamento e encaminhamento adequados, especialmente em situação de violência doméstica. O Desenho da Pessoa na Chuva, técnica projetiva pouco conhecida no Brasil, é empregada por profissionais de países latinoamericanos em diversos contextos, em especial na avaliação das crianças vítimas de violência doméstica. O presente trabalho descreve os dados de uma pesquisa multicêntrica, financiada pelo CNPq, que tem como objetivo principal realizar um estudo de validação e padronização do Teste do Desenho da Pessoa na Chuva em crianças e adolescentes brasileiros em situação de violência doméstica, nas modalidades física e sexual. Nesta pesquisa, participaram 1030 crianças e adolescentes de ambos os sexos, de 6 a 16 anos de idade, distribuídos em diversas regiões do Brasil (Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste), sendo 515 com confirmação de serem vitimas de violência doméstica, e 515 do mesmo sexo e idade, das mesmas regiões, sem suspeita de vitimização. A coleta dos dados, em aplicações individuais, foi realizada em instituições de atendimento de crianças e adolescentes em situação de violência doméstica e em escolas públicas por psicólogos previamente treinados e capacitados. A análise dos resultados foi procedida a partir da categorização e classificação das respostas de cada um dos desenhos, e submetidos a tratamento estatístico para realização dos estudos normativos, de validade e precisão (fidedignidade). Foram feitas todas as comparações possíveis entre os dois grupos: com vitimização comprovada e sem suspeita, considerando a amostra total. A análise dos dados aponta que o grupo de crianças e adolescentes vitimizados apresentou diferenças significativas em comparação com o grupo sem suspeitas de vitimização em vários indicadores da técnica projetiva, tais como: dimensão pequena, cabeça grande, ausência de linha de solo, entorno, chuva setorizada, ausência de guarda-chuva, e presença de raios. A partir dos dados analisados, conclui-se que o Teste do Desenho da Pessoa na Chuva é uma técnica útil no trabalho do psicólogo que atende crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, principalmente na tarefa de diagnóstico psicológico, pois auxilia a compreensão dos aspectos psicodinâmicos associados a esta vivência.

JOGO DAS RELAÇÕES INTRAFAMILIARES: APRESENTAÇÃO DE UMA TÉCNICA LÚDICA PARA CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. *CHRISTIANI MARTINS RODRIGUES TIRONI/Universidade de São Paulo*
Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo/Universidade de São Paulo
Maria Aparecida Mazzante Colacique/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo,

O presente estudo tem como objetivo apresentar o Jogo das Relações Intrafamiliares (JRI), no contexto brasileiro. Trata-se de uma técnica lúdica baseada no Desenho de Família, técnica projetiva gráfica que permite que o psicólogo tenha acesso a informações sobre o paciente, por meio dos recursos formais e de conteúdo do desenho realizado. O Desenho da Família permite ainda analisar a conduta do sujeito, características do conjunto desenhado, primeira pessoa desenhada, sequência das figuras restantes, ações atribuídas ao desenho e o próprio relato da pessoa avaliada, no contexto da família. As técnicas lúdicas também permitem a expressão de crianças, no que diz respeito aos desejos, medos e angústias. O Jogo das Relações Intrafamiliares (JRI) é uma técnica lúdica, criada por pesquisadoras argentinas, que vem se mostrando muito promissora com crianças e adolescentes que apresentam dificuldades em se expressar pelo desenho, como crianças pequenas, ou resistência em realiza-los. O JRI foi baseado no Teste da Família e permite avaliar as relações familiares e os vínculos de parentesco. Proposto pelas pesquisadoras argentinas para ser empregado no estudo de crianças vítimas de violência doméstica. Consiste em um jogo de quebra-cabeças, onde as peças representam diferentes figuras que podem compor a família. A criança é convidada a montar duas famílias: uma família qualquer e a sua família. A partir de um referencial de análise proposto pelas pesquisadoras argentinas, se pode fazer a análise: inclusão do avaliado; conceito de família; posição da criança, personagens valorizadas e desvalorizadas, mais felizes e mais tristes, identificação das emoções felicidade e tristeza, identificação com um personagem, entre outros. O presente estudo foi realizado a partir de estudos de casos múltiplos, sendo participantes três crianças entre 4 e 6 anos de idade, vitimas de violência doméstica, atendidas em instituição especializada (com os consentimentos necessários). Como resultados foram obtidos: duas das três crianças não se incluíram nas famílias construídas e, a criança que se incluiu, na família real, posicionou-se entre os irmãos e, na família imaginada, posicionou-se ao lado da personagem que representava seu agressor sexual e longe dos pais. Duas crianças não souberam definir o conceito de família, e uma o fez de modo confuso. Em dois dos três casos, a personagem mais valorizada foi a mãe, e no caso da criança cuja mãe era um dos agressores, não houve personagem mais valorizada. A personagem desvalorizada divergiu entre as três crianças. Ao se comparar essa escolha com a história de vida da criança, percebeu-se que essa representava o seu agressor. Por fim, a identificação da criança ou foi com a personagem desvalorizada ou não foi atribuído valor. Como na pesquisa argentina, o JRI no Brasil, ainda que de forma preliminar, permitiu que a criança, mesmo pequena, pudesse mostrar as relações em sua família, bem como o lugar que ocupa, como se identifica e identifica os demais membros da família; e nesses acoso se evidenciaram os conflitos que sentem em consequência da situação abusiva que viveram.

Sessão Coordenada: **Violência e Família**

A temática da violência, mais especificamente da violência doméstica vem ganhando destaque no cenário mundial. Apontada como uma das prioridades nas ações da Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência tem sido considerada um problema de saúde pública global a partir do reconhecimento das suas sérias implicações de curto e longo prazo para a saúde, bem como para o desenvolvimento psicológico e social de indivíduos, famílias e comunidades. A referida instituição destaca a necessidade de pesquisas visando a mensuração da violência, a caracterização de seus diferentes tipos, suas causas, fatores de risco e sua associação com outros fenômenos. Além disso, evidencia a importância da elaboração de estratégias capazes de prevenir o problema. Nesse sentido, o âmbito da família é percebido como contexto no qual emergem tais condutas e também como ambiente propício à intervenção e prevenção do problema.

Psicologia Social

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: UM ESTUDO DOMICILIAR COM MULHERES NUM BAIRRO DE BAIXA RENDA. *Fernanda Monteiro de Castro Bhona (Psicóloga do Tribunal de Justiça de Minas Gerais)*
Carla Ferreira de Paula Gebara (Universidade Federal de São Paulo)
Marcel de Toledo Vieira (Universidade Federal de Juiz de Fora)
Ana Regina Noto (Universidade Federal de São Paulo)
Lelio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora)

,

Estudos na área de violência doméstica tendem a focalizar determinados grupos considerados mais vulneráveis (mulheres, crianças e idosos por exemplo) ou se centrar em díades específicas. Contudo, a violência que acontece no contexto das relações familiares é fenômeno complexo cujo impacto e manifestações vão além de díades e relações unidirecionais. Com o objetivo de identificar condutas de violência na família, foram investigadas mulheres entre 18 e 60 anos, num bairro de baixa renda da cidade de Juiz de Fora/MG/Brasil. Realizou-se estudo descritivo, transversal, através de levantamento domiciliar por amostragem probabilística. Utilizou-se um questionário sócio-demográfico e duas escalas de violência: CTS2, para avaliar a violência entre o casal e a CTSPC, para avaliar a violência praticada contra os filhos. Realizou-se análises estatísticas bivariadas (Q quadrado de Pearson) com o objetivo de avaliar a associação entre os diferentes episódios de violência doméstica. Na amostra pesquisada (N=292 mulheres com companheiro; N=252 mulheres com filhos) as mulheres adotaram mais condutas agressivas que seus companheiros. A violência psicológica praticada pelas mulheres apresentou prevalência de 77%, e de 71%, quando praticada pelos homens. A violência física foi de 24% para mulheres agressoras, e de 20% para homens agressores. Quanto às agressões aos filhos, as prevalências foram de: 90% de violência psicológica, 77% de punição corporal e 20% de maus tratos físicos. Considerando a mulher como agressora dos parceiros e dos filhos, verificou-se associação estatisticamente significativa entre a prática de violência física contra o parceiro e contra os filhos (p=0.005), bem como da violência psicológica contra o parceiro e também contra os filhos (0.000). Além disso, praticar violência psicológica contra os parceiros mostrou-se associado à perpetração de outros tipos de violência contra os filhos (punição corporal, p=0.004, e maus tratos físicos, p=0.002). Os dados obtidos também indicam que existe associação entre a vitimização da mulher pelo parceiro e a prática, pela mulher, de violência contra os filhos. Na amostra analisada, ser vítima de violência psicológica praticada pelo parceiro associou-se (p=0.008) a praticar o mesmo tipo de conduta contra os filhos. De forma equivalente, observou-se associação estatisticamente significativa (p=0.010) entre sofrer injúria do parceiro e maltratar fisicamente os filhos, ambas as condutas consideradas modalidades de violência física graves. No que tange à violência entre parceiros, foram

encontradas associações estatisticamente significativas (p<0.05) entre agredir e ser vítima de todas as modalidades de violência investigadas (psicológica, física, sexual e injúria). A exceção diz respeito à relação entre ser vítima de violência sexual pelo parceiro e praticar violência psicológica contra ele (p=0.076). As elevadas prevalências e as associações entre os diferentes tipos de relações de violência familiar evidenciam a circularidade das relações violentas e, dessa forma, a relevância de ações preventivas no sistema familiar em detrimento a ações individualizadas.

Apoio financeiro: FAPESP (processos n°: 2010/51094-7e n°: 10/518370) e CNPQ (processo n°400675/2010-2).
Palavras-chave: violência na família; conflito conjugal; abuso da criança.
Nível do Trabalho: D
Código da área: SOCIAL

QUAL A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO APARECIMENTO, MANUTENÇÃO E TÉRMINO DE COMPORTAMENTOS CRIMINAIS? UMA DISCUSSÃO À LUZ DA TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL.. *Adriana A. de Almeida** (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS),*

Tentar entender porque as pessoas cometem crimes não é uma tarefa fácil. Não há uma verdade universal, tendo apenas diferentes fatores que quando combinados tentam explicar a causa de tais comportamentos, havendo na literatura vários modelos teóricos que focam alguns fatores em particular. Dentre tais fatores estão os individuais: baixa realização escolar, hiperatividade, conduta antissocial na infância, bullying; familiares: supervisão parental pobre, disciplina severa, abuso físico infantil, inconsistência na disciplina, atitudes parentais frias, conflitos parentais, pais infratores, irmãos delinquentes; socioeconômicos: baixa renda familiar e tamanho da família; de pares: ter pares delinquentes, ser rejeitado pelos pares, baixa popularidade; escolares: taxa de delinquência alta na escola, gestão escolar ruim; e fatores da vizinhança: alto número de crimes. Alguns eventos da vida também podem encorajar o sujeito a desistir de cometer crimes, como casar-se com parceiros que não aprovam os atos cometidos contra a lei; ter filhos; converter-se a uma religião; entre outros. Esta sessão coordenada visa discutir qual a influência dos fatores familiares no aparecimento, manutenção e término de condutas violentas ou criminais. Para isso utiliza a teoria da aprendizagem social, que reúne elementos do interacionismo simbólico, das teorias cognitivas e do behaviorismo radical. Sua principal proposição é de que o comportamento, independentemente de ser criminal ou não, é uma resultante das diversas influências e experiências vivenciadas pelo indivíduo. O processo de aprendizagem é o mesmo tanto para os comportamentos desviantes como para os conformistas, podendo ser descritos e explicados por meio de quatro grandes conceitos: associação diferencial, definições, reforço diferencial e imitação. A família aparece como variável fundamental e pesquisadores afirmam que o comportamento criminal está diretamente vinculado ao modelo apresentado pelos pais, que são os principais responsáveis pelas primeiras informações que favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais nos filhos. Crianças com pais negligentes, que oferecem disciplina errática, têm conflitos entre si, ou cometem crimes, envolvem-se precocemente em comportamento criminal, o que está por sua vez relacionado à manutenção do comportamento a longo prazo. Adolescentes com pouco apego maternal ou com pais ausentes, pouco engajados, conectados emocionalmente ou muito permissivos relacionam-se a aumentos na frequência de delinquência, uso de álcool/drogas e vínculo com pares delinquentes. Comportamentos antissociais de início precoce, segundo a teoria em questão, refletem falhas nos processos de aprendizagem social devidas, entre outros fatores, a falta de aptidões educativas da parte dos cuidadores. Para enriquecer a discussão, serão apresentados os resultados encontrados em tese de mestrado

sobre o tema, em que 55 entrevistas abertas foram realizadas com egressos do sistema prisional da cidade de Juiz de Fora/MG. Os dados encontrados corroboraram esta teoria, com egressos filhos de pais com problemas com a lei, que usavam de castigos físicos para educar , que eram muito permissivos, usuários de substâncias, entre outros. Debater sobre o tema torna-se importante a partir do momento em que abre o campo do conhecimento e influencia na criação de medidas protetivas e de intervenções mais eficazes na área.
Apoio financeiro: Bolsa CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Palavras-chaves: criminalidade; família; teoria da aprendizagem social.
Nível do trabalho: M
Código da área: SOCIAL

TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA PRATICADA POR PARCEIRO ÍNTIMO. *Andréia Monteiro Felippe** (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Professora de Psicologia Jurídica do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora-MG),*
A violência contra a mulher é considerada como um problema de saúde pública, devido às graves sequelas físicas e emocionais que produz. De acordo com a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), a violência doméstica e familiar contra a mulher é configurada em três hipóteses: a) no âmbito da unidade doméstica, b) no âmbito familiar, c) em relações íntimas de afeto, ou seja, quando o(a) agressor(a) convive ou tenha convivido com a vítima, independente de coabitação. O foco deste estudo é a violência por parceiro íntimo (VPI), com base no referencial dado pela lei Maria da Penha, ao destacar a violência praticada em relações íntimas de afeto. A VPI causa consequências sérias para a mulher, principalmente, do ponto de vista emocional, como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Os sintomas do TEPT podem ser divididos em três grupos: revivescência do trauma (em pesadelos, pensamentos incontroláveis), esquiva ou entorpecimento emocional e hiperestimulação autonômica (como a irritabilidade e a insônia). O diagnóstico é feito se esses sintomas gerarem comprometimento social e ocupacional significativos. Sendo assim, o objetivo geral do projeto é investigar a relação entre TEPT e violência contra a mulher por parceiros íntimos, com foco nas vítimas atendidas pelo setor de psicologia no Grupo Tático Operacional Família (GTO-Família) da delegacia de Juiz de Fora-MG. Os objetivos específicos são: constatar qual a prevalência de TEPT nos casos de VPI acima citados; analisar quais os sintomas típicos mais prevalentes nos casos de TEPT em mulheres vítimas de VPI; e verificar se fatores como suporte social, histórico de violência na família de origem, vitimização prévia, tempo de exposição ao evento traumático e tipo de violência sofrida podem estar associados ao desenvolvimento do TEPT ou agravar o seu curso, no grupo acima mencionado. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, com amostra compreendida por mulheres, de idade superior a 18 anos, vítimas de violência por parceiro íntimo. Os instrumentos utilizados foram: cadastros do setor de psicologia, Post-Traumatic Stress Disorder Checklist- Civilian Version (PCL-C), Escala de Percepção de Suporte Social (EPSS) e uma entrevista estruturada com dados sobre a vítima, o tipo de violência praticada, tempo de exposição ao evento traumático, histórico de violência na família de origem e vitimização prévia. A partir dessas informações pretende-se colocar em discussão a relação entre TEPT e violência, assunto que ainda carece de estudos no Brasil.
Palavras-chaves: violência por parceiro íntimo; transtorno de estresse pós-traumático; Lei Maria da Penha.
Nível do trabalho: M
Código da área: SOCIAL

A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA FAMILIAR, SUAS PRINCIPAIS INTERAÇÕES E FENÔMENOS CORRELATOS. *Prof. Dr. Associado Lélio Moura Lourenço (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS),*

De origem latina, o vocábulo violência vem da palavra vis, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e superioridade física sobre o outro. No sentido material os eventos violentos são relativos a conflitos de autoridade, às lutas pelo poder e à vontade de domínio. A consideração sobre a mesma é plástica, variando de acordo com épocas, circunstâncias, locais, e culturas. Frequentemente o fenômeno integra o âmbito familiar, afetando as relações interpessoais nesse e desse organismo. Embora ocorra entre todas as faixas etárias, são as crianças e adolescentes, por estarem em processo de crescimento, os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade. A preocupação com a temática da violência familiar traduz-se no grande aumento das investigações sobre a temática, sendo a mesma entendida ou descrita em suas diversas especificidades: violência doméstica, violência intrafamiliar, violência entre parceiros íntimos e abuso sexual são algumas das realidades vivenciadas e analisadas neste universo. A violência familiar foi sendo, cada vez mais, referenciada como um grave problema de saúde pública tendo um forte impacto no desenvolvimento de famílias e comunidades. Violência doméstica como fator de risco para crianças e adolescentes, violência doméstica e transtornos associados, e violência doméstica relacionada a criminalidade juvenil e adulta são algumas das interações vigentes nas academias e nas pesquisas voltadas para o fenômeno da violência e em particular no ambiente familiar.

Palavras-chave: violência; violência familiar; violência doméstica.
Código da área: SOCIAL

A VIOLÊNCIA FAMILIAR COMO FATOR DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Luciana Xavier Senra**, Lélio Moura Lourenço (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS),*

A violência familiar ou doméstica é um dos tipos de violência interpessoal (comunitária e familiar ou doméstica) que atinge a população mundial independente do nível cultural, social e econômico. É descrita pela Organização Mundial de Saúde-OMS como uma modalidade de violência interpessoal, que ocorre necessariamente entre membros da mesma família, com ou sem laços consanguíneos. O fenômeno consiste em ato ou omissão cometidos por uma pessoa, membro da família ou que conviva no mesmo espaço doméstico, em posição de poder, que prejudique o bem-estar físico ou a integridade psicológica, a liberdade e o direito ao desenvolvimento integral de um indivíduo ou grupo. Os tipos dessa modalidade de violência podem ser o físico (lesões ósseas e cutâneas), sexual (lesões do aparelho sexual e doenças sexualmente transmissíveis), psicológico (agressões verbais), financeiro (extorsão financeira), patrimonial (danos a objetos de uso pessoal ou de valor sentimental), abuso (geralmente abuso sexual de menores) e negligência (omissão de cuidados). As principais vítimas são idosos, mulheres, adolescentes e crianças. O contexto traz repercussões negativas de curto e longo prazo para aqueles envolvidos, sobretudo crianças e adolescentes vítimas diretas e/ou indiretas da violência. Dentre tais repercussões prejudiciais e de impacto negativo para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, destacam-se (a) problemas fisiológicos como dores abdominias, enurese, enxaqueca, transtornos alimentares e do sono; (b) problemas psicológicos tais como transtornos de ansiedade e de stress pós-traumático, depressão, baixa estima por si mesmo e insegurança; e (c) problemas comportamentais e

sociais que envolvem agitação motora, choro, queda no desempenho escolar, comprometimento das relações interpessoais, adoção ou reprodução de condutas agressivas como estratégia para resolução de conflitos com a família e com os pares, além de envolvimento com violência na escola e bullying, com comportamentos indisciplinares, agressivos e intencionais, repetitivos e de assimetria de forças, visando causar danos físico e moral. Dessa forma, pode-se inferir que esses problemas acabam por culminar em novos prejuízos sociais e familiares, compondo, talvez, um caráter cíclico do fenômeno da violência.

Apoio financeiro: Bolsa CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Palavras-chave: violência familiar ou doméstica; bullying; crianças; adolescentes.
Nível do trabalho: M

Sessão Coordenada: **Violência e transversalidade de gênero**

A violência está presente em nosso cotidiano, trazendo insegurança e perplexidade diante de sua expansão e instrumentalidade. A mídia, particularmente a televisiva, tem nos atos violentos seu objeto preferencial de divulgação exibindo-os em forma de espetáculo nas primeiras páginas dos noticiários. Entre os diferentes atores sociais, vítimas e autores, alguns grupos sociais são mais vulneráveis aos atos violentos, como crianças e adolescentes, mulheres e homossexuais. Grupos que podem ser considerados minorias políticas, com menor poder nas relações sociais. No que diz respeito à violência contra a mulher, esta é praticada, majoritariamente, por pessoas próximas à vítima e, mais frequentemente, no espaço doméstico. Com a promulgação de Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, em 2006, a violência contra a mulher ganhou visibilidade, passou a ser criminalizada, podendo os autores receber punição em conformidade com a lei. Já a violência contra homossexuais, em uma sociedade que tem se manifestado homofóbica, ainda é um problema a ser contemplado com ações governamentais e educativas mais assertivas. Gays, travestis, lésbicas, transgêneros são ainda considerados desviantes ou doentes pelo senso comum, crença partilhada por muitos agentes que deveriam prevenir e conter as manifestações violentas contra essas minorias, sejam agravos de ordem moral, física ou psicológica. Já a violência cometida por adolescentes de ambos os sexos, que pode ser enquadrada como ato infracional, recebe um tratamento diferenciado àquela cometida por adultos, cumprindo os adolescentes em conflito com a lei medidas socioeducativas em instituições especializadas. Os temas acima, de inegável relevância, serão tratados nesta proposta de sessão coordenada em quatro pesquisas realizadas por pesquisadores de duas instituições Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás. A violência contra a mulher é tratada do ponto de vista de alunos e professores buscando-se entender como construíram representações sociais sobre o problema e se as ações governamentais, incluindo a Lei Maria da Penha, foram incorporadas nas explicações e compreensão de tal violência. Outra pesquisa focalizou a violência contra homossexuais a partir de notícias sobre o tema, buscando caracterizar tal manifestação e verificar os avanços em relação aos direitos conquistados como, também, os desafios enfrentados cotidianamente por estes sujeitos. Outro estudo teve lugar em instituições onde adolescentes estão internados cumprindo medidas socioeducativas, tendo como sujeitos os agentes socioeducativos. O objetivo foi entender como esses agentes vivenciam o seu cotidiano com os adolescentes internos e que impactos seu trabalho tem em suas vidas profissionais e pessoais. Finalmente, em pesquisa documental realizada nessas mesmas instituições, o objetivo foi verificar se existem diferenças entre o perfil dos adolescentes acusados de prática de agressão letal, que justifiquem estratégias específicas de gênero para prevenção. Os resultados obtidos em tais pesquisas podem ser úteis para politicas publicas que visem o combate e a prevenção da violência assim como a capacitação de profissionais que lidam com essa questão.
Psicologia Social

RESPOSTA A VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO.
*Luíza Mariana Brito Soares ** Guilherme dos Santos Novaes* Débora de Paula da Silva* Ana Lúcia Galinkin (Laboratório de Diversidade e Cultura nas Organizações, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF),*
O Sistema Socioeducativo é uma rede articulada em todas as esferas governamentais que prioriza atendimentos educacionais, de saúde, e de inserção no mercado de trabalho bem como a aplicação de medidas socioeducativas. Que é a manifestação do Estado em resposta aos atos infracionais praticados por adolescentes menores de 21 anos incompletos. Sua aplicação objetiva é inibir a reincidência, desenvolvida com a finalidade pedagógico-educativa. Atendente de Reintegração Social ATRS, ou Os Agentes Socioeducativos, ou Atendente de

Reintegração Social ATRS são responsáveis pela execução de tarefas relativas à guarda, à vigilância, ao acompanhamento e à segurança de adolescentes em conflito com a lei. Muito embora a já citada função de reintegração socioeducativa esteja prescrita na descrição de atividades, o que existe de função real nas atividades dos ATRS s é evitar fugas, lesão corporal grave e dano ao patrimônio. Cabendo ainda, executar guarda, planejamento e execução dos horários de atividades dos menores, e resolução de demandas não programadas (brigas internas, tentativas de fugas e rebelião) o que pode gerar estresse. O estresse pode ser entendido como o desequilíbrio entre as demandas do trabalho e a capacidade de resposta dos trabalhadores. Fatores estressantes como um ambiente de trabalho perigoso, baixo controle sobre o processo de trabalho (cumprimento de ordens), frequente contato com o público (atendimento da comunidade geral), longas jornadas de trabalho (em razão da escala), recursos insuficientes, insatisfação com a atividade e a remuneração, dificuldade de ascensão profissional, além da exposição ao sofrimento alheio e a problemas familiares, estariam relacionados ao sofrimento ou distúrbios psíquicos e, no caso dos Agentes, todos esses fatores estão presentes . O objetivo desse estudo foi investigar as diferentes reações de stress entre sexos diante da ameaça eminente de violência, além de distinguir as formas com as quais o estresse se manifesta. Foi usado como um dos instrumentos, o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos que possibilita diagnosticar o estresse em diferentes etapas e formas de manifestação (física ou emocional). A pesquisa foi realizada em três dos quatro Centros de Internação Socioeducativos de Brasília, em duas etapas. A primeira contou com a participação de 160 Agentes, respondendo a escala ISSL, além de um questionário construído pela pesquisadora. Constatou-se que as mulheres, ao contrário dos homens, encontram-se em fases menos avançadas do stress e têm prioritariamente, manifestação do estresse por sintomas emocionais, enquanto os homens apresentam sintomas físicos. E na segunda etapa foram feitas entrevistas semiestruturadas baseadas nos com 6 agentes de cada sexo, onde foram constatadas diferentes formas de tratamento e possibilidades de ação entre homens e mulheres. Observou-se diferentes formas de reação entre sexos frente às dificuldades no trabalho, entre elas ameaças eminentes de violência, pelo menos no que tange às reações de stress.

Bolsista CAPES
Gênero, Agente Socioeducativo, stresse
M
SOCIAL

VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS NO BRASIL CAMINHOS E DESCAMINHOS NA BUSCA PELO DIREITO DE SER . *Adair Marques Filho, Ana Lúcia Galinkin, Jaqueline Gomes de Jesus (Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goias, Goiânia-GO) ,*

Por meio deste trabalho objetivamos apresentar dados sobre os casos de violência contra homossexuais no Brasil nos últimos cinco anos (2007-2011), evidenciando de um lado, os avanços em relação aos direitos conquistados e, de outro, os desafios enfrentados cotidianamente por estes sujeitos. Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no período supracitado, em que a coleta dos dados se deu através de notícias veiculadas pelos meios de comunicação, sobretudo por meio da internet. Foi realizada uma pesquisa através de sites de busca, utilizando como parâmetro o termo violência contra homossexuais . A partir da coleta das noticias encontradas, a maioria veiculadas em jornais de notícias, realizamos uma análise de conteúdo dos documentos a fim de verificar as principais ocorrências relativas a violência contra homossexuais. Os resultados da pesquisa apontam para um cenário preocupante em relação à violência contra homossexuais, violência esta que não é somente física, é também e, principalmente, uma violência psicológica. Os casos estudados ocorrem

dentro do grupo familiar, dentro de escolas e faculdades e, também no ambiente de trabalho. Não bastassem as pressões externas, os sujeitos homossexuais, criados dentro de preceitos cristãos, se fragilizam cada vez mais em uma sociedade ainda homofóbica, privados que são de seus direitos individuais. No entanto, quando nos referimos aos avanços relacionados aos direitos conquistados pelo público LGBTT de um modo geral, percebemos que ainda há muito a ser feito. Entre os avanços na conquista de direitos temos a equiparação da união civil entre pessoas do mesmo sexo, aprovada pelo STF em 2011, as decisões judiciais em favor do reconhecimento de duas pessoas do mesmo sexo como família e da possibilidade de adoção de filhos, de uma maior visibilização, mesmo que algumas vezes caricata, tanto nas paradas LGBTT, quanto por meio de personagens na Televisão, etc. Já os retrocessos são encabeçados, em grande medida, justamente por membros do cristianismo, representantes de igrejas católicas e evangélicas que, em vez de amar o próximo como a si mesmo acabam por promover uma caça às bruxas em pleno século XXI, buscando entre outros projetos, promover a cura gay , questão já superada desde anos de 1980. Outro ponto que merece destaque e que não podemos deixar de reconhecer é, sem dúvida, a visibilidade que os homossexuais vêm experimentando nos últimos anos, seja através das já citadas participações na televisão, seja por meio das pesquisas que vem sendo realizadas e divulgadas em congressos nacionais e internacionais, criando espaços institucionalizados ou não de debates sobre as relações de gênero e o papel da diversidade e seu respeito na sociedade brasileira.
Gênero. Violência. Homossexualidade
D
SOCIAL

PRÁTICA DE VIOLÊNCIA LETAL NA ADOLESCÊNCIA: GÊNERO E PREVENÇÃO. *Fernanda Campos Marinho**Ana Lúcia Galinkin,Carolina Knihs de Camargo*, Samantha Lima dos Santos*(Laboratório de Diversidade e Cultura nas Organizações, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF),*
A violência letal tem sido fenômeno de preocupação social, principalmente devido à gravidade e irreversibilidade de suas consequências. A prevenção deste tipo de violência é, assim, uma prioridade. Estudos sobre agressão entre humanos demonstram que esta é uma estratégia opcional, determinada pela experiência prévia do indivíduo, bem como pelo contexto social específico em que vive. Apesar de os homicídios praticados por adolescentes responderem por apenas 3,69% do total praticado no DF, estudos realizados com adolescentes em conflito com a lei apontam para a necessidade de maior produção científica sobre o tema. Apesar de muitas vezes negligenciada, a questão do gênero na prática ilícita é significativa, pois, avalia-se que 96% dos adolescentes que cumprem internação são do sexo masculino. As mudanças decorrentes das transformações socioeconômicas, especialmente com a participação mais protagonista do feminino nas esferas de poder, evidenciaram, também, mudanças no perfil das mulheres envolvidas com crimes. A presente pesquisa objetivou verificar se existem diferenças entre o perfil dos adolescentes acusados de prática de agressão letal, que justifiquem estratégias específicas de gênero para prevenção. Trata-se de uma pesquisa documental cuja amostra é composta de 100 documentos, relativos à 100 adolescentes que cumpriram internação provisória pela tentativa ou prática de homicídio e latrocínio. Foram selecionados aleatoriamente 21 Relatórios sociais de meninas e 79 de meninos. Os dados foram analisados a partir do Software Statistical Package for Social Sciences, por meio do teste Qui-quadrado e Correlação de Pearson. Como resultados destacam-se a similaridade entre gêneros quanto á idade do cometimento do ato, que apontam para um padrão curvo ascendente em direção aos 17 anos. Também, não foram obtidas diferenças significativas entre gêneros, quando comparados quanto à escolaridade, o tipo de violência e frequência escolar por ocasião da apreensão. A variável reincidência foi a que obteve a maior diferença e

a única significativamente forte ($x^2(9)=21,87$; $p<0,05$). Os resultados demonstraram que, quando se leva em conta o perfil dos adolescentes que praticam agressão letal, a diferença de gênero não é tão saliente. Assim, quanto aos fatores de risco envolvendo idade e evasão escolar, não se justificam estratégias diferentes de prevenção primária. Quanto ao tipo de violência letal, o fato de não terem ocorrido diferenças significativas, podem apontar que os adolescentes envolvidos com práticas ilícitas, independente do gênero, compartilham o mesmo contexto de conflitos. Pesquisas têm sugerido que a falta de acesso aos bens e serviços, a distância do poder público e a marginalização contribuem para a violência, inclusive, como forma de resolução de conflitos. Quanto à reincidência, a diferença pode sugerir a necessidade de reforço em estratégia de prevenção secundária para meninos, uma vez que 78% já haviam praticado outros crimes antes da violência letal. Os dados podem indicar que o controle social exercido sobre as mulheres e a divisão sexual de papeis sociais, tradicionalmente prescritos, exerce influência sobre a vulnerabilidade destas à reincidência. Dado ser o delito uma construção social, este não pode ser explicado pela concepção de natureza humana, demandando uma maior compreensão dos lugares sociais que originam as ações humanas.
Violência Letal, Adolescentes, Gênero, Prevenção.
M
SOCIAL

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ELABORADA POR ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA.. *Karine Brito dos Santos** , Ana Lúcia Galinkin (Departamento de Psicologia Clinica,Universidade de Brasília, Brasília, DF),*
A violência contra a mulher é um fenômeno que ocorre em vários países, em diversas culturas. No Brasil, esse tipo de violência de gênero possui alta magnitude, expressa por meio de estatísticas alarmantes. A literatura tem apontado essa questão como um problema mundial de saúde pública, uma violação de direitos humanos, situando-a no âmbito da judiciarização e criminalização dos conflitos interpessoais, notadamente a partir da sanção da Lei Maria da Penha no Brasil em 2006. Diversos autores têm dedicado esforços para compreender a etiologia da violência de gênero e seus efeitos nas vítimas, havendo, no entanto, uma escassez de trabalhos situados para além da perspectiva da vitimização, ao modo de abordagens de cunho preventivo, dirigidas ao âmbito escolar, no intuito de refletir sobre os papeis de gênero que legitimam a violência e acabam por naturalizar essa prática. Nesse sentido, o presente trabalho objetivou identificar as possíveis representações sociais da violência contra a mulher elaboradas por alunos e professores do ensino médio de uma escola pública. Para alcançar tal objetivo foram realizados dois estudos. No estudo 1, com a participação de 238 alunos, os dados foram coletados por meio de um questionário de evocação livre e a análise realizada através dos softwares EVOC e ALCESTE. O estudo 2 contou com a participação de 8 professores, mediante realização de um grupo focal com base em um roteiro semi-estruturado, com posterior análise de dados pelo ALCESTE. Os resultados dessa pesquisa apontam para a existência de conteúdos comuns e divergentes nas representações sociais da violência contra a mulher. Quanto aos aspectos comuns, pode-se dizer que ambos, alunos e professores, consideram a violência contra a mulher como uma construção sociocultural, uma violência baseada no gênero, notadamente conjugal, perpetrada pelo marido contra a mulher, e localizada no âmbito doméstico e intrafamiliar. Dentre os aspectos divergentes, os alunos significam essa violência em função das diferenças de gênero, e caracterizam-na como uma violação dos direitos humanos. Já os professores, significam a violência contra a mulher em razão das relações de poder construídas e legitimadas por ambos os sexos e da educação familiar, e apontam barreiras para falar e/ou lidar com esse tipo de violência na escola. A partir dos resultados encontrados foi possível identificar que alunos e professores construíram

representações sociais da violência contra a mulher, as quais podem não somente orientar práticas, como servir de substrato para se pensar em políticas públicas de enfrentamento, com foco na prevenção primária desse tipo de violência de gênero.

Violência contra a mulher, gênero, representações sociais
M
SOCIAL

Sessão Coordenada: **Violência intrafamiliar contra mulheres e crianças: Prevenção e Intervenção**

A Violência contra mulheres e crianças vêm atingindo índices alarmantes. Em contrapartida, as pesquisas acerca desta temática ainda são incipientes, principalmente, ao se tratar da literatura nacional, que ainda se restringe a estudos predominantemente teóricos acerca da temática. O conjunto de estudos envolvidos na presente proposta procura desenvolver pesquisas na direção da prevenção do fenômeno e do enfrentamento do mesmo, por meio de estratégias e possibilidades de intervenção.
Dentre os cinco estudos, dois tiveram como objetivo investigar a atuação de profissionais envolvidos na rede de proteção à mulher e a criança, vítimas de violência intrafamiliar, ressaltando a necessidade de se compreender o importante papel que tais profissionais têm, tanto no combate a práticas de violência, como na prevenção desta.
Um terceiro estudo procurou investigar as conseqüências, a longo prazo, da exposição à violência intrafamiliar, identificando fatores de risco e de proteção presentes no contexto familiar, apontando possibilidades de prevenção.
Um quarto estudo procurou identificar e analisar as estratégias de enfretamento da violência doméstica por mulheres e o impacto desta violência em seus filhos, tentando estabelecer relações entre ações mais adequadas, que podem reduzir o impacto dos atos agressivos no desenvolvimento infantil. E um último, mas não menos importante, buscou levantar os estudos encarregados de investigar programas de prevenção acerca da violência intrafamiliar contra crianças. A despeito da crítica, anteriormente feita, de que os estudos no país são predominantemente teóricos, não se descarta a necessidade de fazê-los, principalmente em relação ao levantamento de estudos de intervenção, ou seja, avaliações e análises de programas ou projetos de intervenção e prevenção da violência contra crianças, foco da última pesquisa. Aponta-se, sim, a necessidade de estudos que investiguem as possibilidades de intervenção a respeito do fenômeno da violência intrafamiliar e possibilitem uma discussão de formas mais exitosas de enfrentamento ao problema e o alcance de ações de prevenção, em seus diferentes níveis. Adicionalmente, a presente proposta de sessão coordenada pretende discutir a necessidade de se estudar o fenômeno da Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes e contra a mulher (violência conjugal) de forma relacionada, uma vez que apresentam aspectos em comum e dizem respeito a uma complexa rede de relações familiares, em que são praticadas relações de poder entre homens e mulheres, e entre adultos e crianças, bem como a perpetuação do ciclo da violência e do fenômeno da Intergeracionalidade, em que vítimas de agressões podem se tornar futuros agressores.

Psicologia da Família e da Comunidade

O PAPEL DESEMPENHADO PELO CONSELHO TUTELAR E AS POSSÍVEIS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA CONDUÇÃO DE CASOS DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR ENCAMINHADOS PELA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA. *Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos); Lívia Maria Bolsoni (Aprimoramento em Psicologia Clínica e Institucional, Hospital Psiquiátrico Santa Tereza, Ribeirão Preto). ,*
A violência intrafamilar é, sem dúvida, responsável por milhares de crianças e adolescentes vitimizados. Sendo assim, a notificação torna-se um poderoso instrumento de política pública, pois é um elemento crucial na ação pontual contra a violência, ajudando a dimensionar a questão da violência em família, a determinar a necessidade de investimentos em núcleos de vigilância e assistência, e ainda permitir o desenvolvimento de pesquisas e o conhecimento da dinâmica da violência em família. Devido às dificuldades na notificação, como: a identificação

da violência nos serviços de saúde ser ainda carregada de muitas incertezas, o despreparo dos profissionais em suas formações e dificuldades relacionadas ao Conselho Tutelar, como exposto pelos médicos do Programa Saúde da Família, constatado em estudo anterior, identificou-se a necessidade de analisar a interlocução do Conselho Tutelar e as unidades da Estratégia de Saúde da Família no que se refere a encaminhamentos de casos suspeitos de violência contra crianças. Este estudo, portanto, teve como objetivos: descrever quais os procedimentos adotados pelo Conselho Tutelar diante de casos encaminhados pelas unidades da Estratégia de Saúde da Família de um município do interior de São Paulo; analisar tais procedimentos de acordo com a legislação vigente, apontando se houve resolutividade para os casos encaminhados; e, por último, levantar e analisar as dificuldades enfrentadas pelos conselheiros na condução dos casos. Participaram do estudo os Conselheiros Tutelares que atuaram em casos encaminhados pela ESF acerca de violência contra crianças no referido município. Foi aplicado um roteiro de entrevista semi-estruturado para uma análise qualitativa de conteúdo. Os resultados encontrados possibilitaram indicar os principais determinantes da não resolutividade dos casos encaminhados por profissionais que trabalham diretamente com crianças. Verificou-se, além disso, a falta de comunicação entre os serviços que compõem a rede para articular as medidas de proteção às crianças necessárias e acompanhar seu cumprimento. A partir dos mesmos, foram então apontadas soluções para que o Conselho Tutelar se torne um órgão mais efetivo na proteção às crianças vítimas de violência e deixe de ser indicado pelos profissionais como uma das principais razões para o não encaminhamento de casos de violência contra crianças aos órgãos de proteção. Considerando que a efetividade da intervenção e do tratamento desses casos depende, em grande parte, da boa coordenação e comunicação entre os profissionais e serviços envolvidos na rede de proteção à crianças e adolescentes. É importante ressaltar também que, independente dos resultados obtidos com a notificação, o conselheiro tutelar deve ser encarado como um parceiro que abre possibilidades de ação complementares àquelas desenvolvidas pelo profissional de saúde, as quais são fundamentais à meta comum de proteger a criança.

Palavras chaves: maus-tratos, notificação, médico da Estratégia de Saúde da Família, Conselho Tutelar.

FAMI

IC/Pesquisador

* Fapesp

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O ATENDIMENTO PRESTADO ÀS VÍTIMAS: A PERSPECTIVA DE POLICIAIS CIVIS. *Patrícia Tonissi Migliato Nunes** (Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Laboratório de Análise e Prevenção da violência, Universidade Federal de São Carlos) Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da violência, Universidade Federal de São Carlos). ,*

As Delegacias de Defesa da Mulher foram criadas para combater e prevenir a violência contra a mulher, e assim, consequentemente, intervir a tempo de evitar a ocorrência ou agravamento de danos ao desenvolvimento dos indivíduos. Porém, alguns estudos observacionais, bem como pesquisas realizadas junto às mulheres vítimas de violência, evidenciam que o atendimento nestas delegacias é insatisfatório, marcado por costumes patriarcais, colaborando para que as mulheres não dêem continuidade à queixa de crime praticado contra elas, o que contribui com a perpetuação da violência. Desta forma, é social e cientificamente relevante estudar a realidade que cerca o policial civil e os desafios enfrentados por ele. O presente trabalho teve como objetivo identificar e caracterizar as crenças de policiais civis a respeito da violência contra a mulher e as suas concepções acerca de tal tipo de violência e do atendimento que prestam às vítimas. Participaram do estudo 20 policiais civis da circunscrição

de uma cidade de médio porte no interior do Brasil. Foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta de dados: a) Questionário sobre Crenças a Respeito de Violência Doméstica e b) Questionário sobre as concepções do policial civil acerca da violência contra a mulher e do atendimento que prestam às vítimas. A aplicação dos instrumentos ocorreu em dois momentos distintos. Por meio dos instrumentos, foram feitas análises quantitativas e qualitativas. A análise quantitativa foi obtida usando-se métodos descritivos. A análise qualitativa foi obtida a partir das categorias definidas. Os resultados obtidos indicaram que a grande maioria das respostas dos policiais às afirmações do primeiro questionário apontou para baixa porcentagem de respostas inadequadas, porém, os policiais civis que participaram da pesquisa apresentaram crenças específicas a respeito da violência contra a mulher com altas taxas de inadequação, incluindo culpabilização da vítima pela permanência na relação violenta, concepções errôneas sobre os efeitos da violência no desenvolvimento da criança e concepções que culpabilizam a vítima pela violência. Contudo, os participantes apresentaram visão mais adequada com relação a algumas crenças, tais como: concepções sobre as mulheres precisarem ou merecerem apanhar e o abuso físico ser mais ameaçador do que o abuso psicológico. As crenças nas quais os policiais civis apresentaram taxa mais elevada de respostas inadequadas podem afetar diretamente o atendimento oferecido por eles às mulheres vítimas de violência. Os resultados também indicaram que a violência doméstica é mais frequentemente vista pelos participantes como agressões físicas, apesar dos participantes demonstrarem um bom conhecimento acerca das diferentes práticas de violência. Adicionalmente, os policiais civis apontaram alguns desafios enfrentados por eles ao atenderem as vítimas de violência, como a falta de capacitação, escassez de funcionários e debilitado estado emocional dos funcionários, que pode produzir um atendimento insuficiente. Como considerações finais aponta-se a necessidade de uma melhor formação aos profissionais no tocante a questões da violência contra a mulher, bem como a elaboração, realização e avaliação de cursos de capacitação para tais profissionais, visando preencher esta lacuna na formação dos mesmos.

Palavras-chave: Atendimento Policial; Crenças Patriarcais; Polícia Civil; Prevenção da Violência; Violência contra a Mulher.

FAMI

Mestrado

FAMÍLIAS ENVOLVIDAS EM VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E CONSEQUENCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS. *Leila Estevão da Silva Cacciacarro Lincoln** (Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência Universidade Federal de São Carlos); Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência - Universidade Federal de São Carlos). ,*

O presente trabalho tem como objetivo levantar e caracterizar como vítimas de violência doméstica enfrentam tais situações, descrever as estratégias utilizadas por vítimas de violência doméstica no enfrentamento desta, descrever os fatores de risco e de proteção identificados neste contexto e verificar a influência desta violência para as crianças, que são expostas a tais situações. Para isso, este trabalho está estruturado em três eixos: resiliência, violência doméstica e desenvolvimento de crianças expostas à violência intrafamiliar. O primeiro eixo diz respeito a resiliência, conceito este que surgiu nos Estados Unidos nos anos 70, e alguns autores consideram que sua definição ainda está em construção na literatura, mas o mesmo pode ser compreendido como um conjunto de processos intrapsíquicos e sociais, que faz com que o indivíduo supere as adversidades da vida, portanto, tendo seu desenvolvimento de uma forma sadia. O segundo eixo descreve que a violência contra a mulher pode ser caracterizada

pela interação do marido/companheiro de intimidar, ameaçar, fazer uso da forma física, bem como fazer algo contra a propriedade da mulher. O terceiro eixo discorre sobre as conseqüências para o desenvolvimento das crianças expostas a este contexto de violência conjugal. Neste estudo, foi feita a escolha, construção e adequação dos instrumentos, sendo eles: entrevista semi-estruturada, aplicada de forma individual às mulheres vítimas de violência doméstica, casadas e com filhos. Em seus respectivos filhos foi aplicada a Escala de Resiliência para crianças e adolescentes de Sandra Prince-Embury, traduzida e validada em 2008, que é comporta por 3 sub-escalas (controle, capacidade de relacionamento e reatividade emocional). Antes da realização da pesquisa, foi feito um teste piloto para estimativa do tempo de aplicação e adequação dos instrumentos. Após aprovação do Comitê de Ética, e os devidos esclarecimentos da pesquisa, participaram da mesma 4 mulheres vítimas de violência doméstica e 3 filhos dessas mulheres. Como resultados, pode-se destacar que as mulheres participantes sofreram violência psicológica e física (apenas duas mulheres relataram ter também sofrido violência sexual). As mulheres apresentaram algumas estratégias de enfrentamento, como por exemplo: a realização de denúncia, apoio de pessoas importantes no cotidiano, apoio de instituição (CREAS e Centro de Referência da Mulher) e bom relacionamento com seus filhos. Em relação à Escala de Resiliência, foi observado que 2 crianças/adolescentes estão na média na sub-escala de controle e a outra criança obteve baixo controle. Em relação à sub-escala de capacidade de relacionamento, 2 participantes estão na média e um obteve alta capacidade de relacionamento. Na sub-escala de reatividade emocional, um participante teve como resultado abaixo da média, outro obteve uma baixa reatividade e o último teve uma alta reatividade. Especificamente nesta sub-escala, quanto maior o índice, mais vulnerável é a pessoa, e apenas uma criança/adolescente apresentou alta vulnerabilidade. É possível apontar, a partir dos resultados, que a violência doméstica sofrida pela mãe têm impacto nos filhos, por meio de diferentes conseqüências e estes, por sua vez, apresentam diferentes maneiras de enfrentamento, sendo necessários novos estudos, com um número maior de participantes, a fim de se identificar tendências neste impacto.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Resiliência; Vulnerabilidade; Fator de Risco e Proteção.

FAMI

Mestrado

ESTUDO LONGITUDINAL COM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR. *Paulo Celso Pereira** (Centro Universitário FAFIBE, Bebedouro) e Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos),*

Sabe-se que a violência intrafamiliar é um fenômeno internacional, vitimizando, dentre outras pessoas, prioritariamente, crianças e mulheres. A criança pode ser alvo do abuso e/ou estar exposta à violência conjugal; a mulher é a vítima preferencial dessa agressão. Trata-se de um grave fator de risco para o desenvolvimento. O objetivo da pesquisa foi realizar um estudo longitudinal para investigar as vicissitudes ao longo do tempo, de famílias que conviviam com a violência intrafamiliar, para: a) verificar o impacto da violência intrafamiliar no desempenho escolar dos filhos; b) identificar fatores de risco e fatores de proteção presentes no contexto marcado pela violência intrafamiliar e c) identificar história de vitimização do pai e sua concepção sobre violência intrafamiliar. Participaram do estudo, 18 adolescentes, 17 mães e 12 pais, que foram atendidos na condição de vítima ou de agressor pelo Setor Técnico de Psicologia do Fórum Judicial de Catanduva-SP. Os adolescentes foram atendidos na escola e responderam a uma entrevista semiestruturada e ao Inventário de Estilos Parentais (IEP); apresentaram o caderno escolar e o Boletim Escolar para o registro dos conceitos das disciplinas de Português e Matemática e elaboraram uma redação sobre um desenho livre

para a análise da escrita. As mães e os pais foram atendidos nas respectivas casas, respondendo a uma entrevista semiestruturada. Foram seis anos de acompanhamento, com coleta de dados em 2004 e 2005, 2008 e 2010. Os dados obtidos revelaram que para a maioria das famílias dois fatores de risco violência intrafamiliar (contra o adolescente e contra a mulher) e uso de álcool e/ou droga tinham cessado. A condição de pobreza dessas famílias, outro fator de risco, se manteve ao longo do tempo. A média de filhos era de quatro, acima da média nacional, segundo o IBGE; família numerosa é um fator de risco de acordo com a literatura. A baixa escolaridade materna pode ser um fator de risco para o desempenho escolar do filho; as mães tinham menos de 4 anos de estudo e, apesar dessa condição e a presença de violência no lar, ao longo desse período de acompanhamento apenas um adolescente estava evadido da escola. Mais da metade dos adolescentes manteve ou melhorou o desempenho escolar; assim, permanecer na escola atuou como fator de proteção. Ajuda material e/ou financeira oferecida pela família extensa e/ou pelas politicas públicas foram dois fatores de proteção verificados nas famílias com o estudo longitudinal. Dos 12 pais que responderam à entrevista, seis informaram história de vitimização na infância. Os resultados do IEP, aplicado nos filhos antes e depois de um programa de intervenção - Projeto Parceria, conduzido com as mães, revelaram, segundo as respostas daqueles, uma melhora no estilo parental tanto do pai, como da mãe, sendo que, quanto às praticas parentais maternas essa mudança foi estatisticamente significativa.
Palavras-chave: violência intrafamiliar, violência conjugal, estudo longitudinal.
FAMI
Doutorado

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E INTERVENÇÃO PRECOCE JUNTO À FAMÍLIAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. *Domitila Shizue Kawakami Gonzaga** (Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos) e Rachel de Faria Brino (Departamento de Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos). ,*
A violência doméstica é reconhecida mundialmente como um dos principais problemas sociais e de saúde pública devido a sua elevada ocorrência. Um aspecto crucial, que caracteriza a violência contra a criança, é a relação de poder dos pais perante os filhos. Trabalhar com as famílias aumenta a probabilidade de a intervenção trazer benefícios para a criança, pois as famílias são as principais responsáveis pela solução dos problemas diários que surgem durante as várias etapas de desenvolvimento de seus filhos. O objetivo desse estudo foi realizar uma revisão bibliográfica a respeito de estudos enfocando intervenções para prevenção da violência contra crianças e adolescentes. A revisão envolveu a identificação de artigos que visavam a violência contra crianças e a capacitação de profissionais da saúde e da educação e o desenvolvimento de práticas parentais e habilidades parentais adequadas em famílias e pais. Com as premissas de que a família é o principal meio de proteção ou de risco para a criança e que as situações de violência contra crianças e adolescentes são prejudiciais ao desenvolvimento infantil saudável, uma vez que crianças e adolescentes como seres em desenvolvimento, psicológica e moralmente imaturos, não conseguem resistir a um familiar adulto que lhes impõe sua autoridade, transformando-os em objetos para agressões. Os principais achados indicam que quanto mais a família toda estiver envolvida nos programas de prevenção e quanto mais cedo estes forem incorporados, melhores serão os ganhos para a criança e para agregar conhecimentos de proteção aos pais. Entretanto, na literatura nacional, ainda são escassos os programas de intervenção precoce que incluem a família e que atentam para as necessidades destas. Além disso, foi visto que os profissionais que trabalham diretamente com crianças em órgãos de proteção às mesmas, têm pouco conhecimento

acerca do assunto e se sentem inseguros frente a essas situações. Dentre os resultados, também não foram encontrados estudos que propusessem um treinamento para pais, que visasse principalmente que os mesmos atuassem como principal protetor da criança contra maus-tratos, possibilitando assim, um desenvolvimento adequado aos filhos. Adicionalmente, esses mesmos estudos apontam que seriam necessários programas de capacitação para pais que objetivassem a família como principal meio de proteção à criança e ao adolescente. Indica-se que são necessários programas que auxiliem os pais que podem apresentar déficits nas habilidades parentais em sua totalidade, que supram saudavelmente o desenvolvimento da criança, atuando como fatores de proteção no enfretamento do fenômeno da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

Palavras chave: Intervenção Precoce, Violência Intrafamiliar, Família.

FAMI
Mestrado

Sessão Coordenada: **VITIMIZAÇÃO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO, AVALIAÇÃO RETROSPECTIVA E PREVALÊNCIA**

Há carência de estudos brasileiros em relação a quanto ocorre violência a crianças e adolescentes, seja a que é cometida por um adulto em relação à criança, ou a que ocorre entre crianças ou a que é devida a ineficiência dos sistemas governamentais de zelar pelos Direitos dessas, como ter o acesso à Educação formal. Diante dessa lacuna, essa sessão tem como objetivo destacar como importante apontar que a avaliação de prevalência da violência a crianças e adolescentes deve ocorrer por meio do uso de instrumentos com suas propriedades psicométricas avaliadas e adequadas, investigar a prevalência do problema e realizar estudos retrospectivos que permitam inferir as consequências em longo prazo de tal vitimização. Tais objetivos serão alcançados por meio da apresentação de estudos empíricos, derivados de projetos de doutorado.
Psicologia Jurídica, Forense e Criminal

ALUNOS DE 6º. A 9º ANO DE ESCOLAS PÚBLICAS: VITIMIZAÇÃO POR CELULAR E COMPUTADOR E SINTOMAS DEPRESSIVOS.. *Ana Carina Stelko-Pereira**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência LAPREV - Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP),*
A violência entre alunos com a utilização da tecnologia vem sendo investigada em estudos internacionais, porém há carência de investigações brasileiras sobre o tema. Diante dessa lacuna, esse estudo teve como objetivo avaliar qual a frequência de alunos que dizem ter sido vítimas de ofensas, ameaças ou humilhações por meio do uso do celular e/ou internet. Participaram do estudo 397 alunos, com idade média de 13.34 anos (dp=1.4), sendo 53.4% meninas e estes estavam entre 6º. a 9º ano de duas escolas públicas situadas em um bairro vulnerável socialmente (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social igual a 6) do interior de São Paulo. Esses estudantes responderam a Escala de Violência Escolar (EVE) e ao Inventário de Depressão Infantil (Child and Development Inventory). Do total de alunos, 20 recebeu mensagens violentas pelo celular e 15 pelo computador. Não houve relação entre essas formas de vitimização e sexo, a partir de análises por teste qui-quadrado (X^2=0.041, p=0.84 para vitimização por telefone e X^2=0.273, p=0.84). Houve correlação positiva significativa entre ser vítima por celular e índice de depressão (R=0.11, p=0.01), e correlação negativa significativa entre ser vítima por celular e idade (R=-0.15, p=0.02). Não houve correlações significativas em relação a ser vítima por computador, possivelmente por ter sido pequena a porcentagem dos alunos que foram vítimas desse tipo de violência (4%). Apesar das limitações dos estudos correlacionais, como a impossibilidade de controlar terceiras variáveis, esse estudo foi capaz de evidenciar ser necessário atentar para as vítimas desse tipo de violência, pois podem também apresentar sintomas depressivos. Adicionalmente, esses resultados destacaram a importância de se priorizar o ensino do uso adequado da tecnologia digital e de se prevenir o cyberbullying principalmente entre os alunos mais novos, uma vez que conforme aumenta a idade diminui o índice de vitimização. São necessários outros em escolas atendendo público com diferentes características sócio-econômicos, com a análise de outras variáveis como punição por funcionários, violência doméstica, auto-estima, autoria de violência por bullying tradicional e com o uso de técnicas de análises estatísticas mais complexas, como análise de regressão.
Bolsa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
Palavras chaves: cyberbullying, depressão, violência na escola
JUR

INVENTÁRIO DE POTENCIAL DE ABUSO INFANTIL - CAP: ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL, FIDEDIGNIDADE E VALIDADE PARA O BRASIL.. *Karyne de Souza Augusto Rios (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência-LAPREV; Centro Universitário Adventista de São Paulo-UNASP); Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência-LAPREV; Universidade Federal de São Carlos-UFSCar).,*

O objetivo geral foi realizar a adaptação transcultural do Inventário de Potencial de Abuso Infantil (CAP) para o Brasil. Os objetivos específicos foram realizar e avaliar a equivalência semântica do instrumento, sua validade de conteúdo e sua validade de constructo. Para avaliar o sentido geral e referencial de cada item, 6 pesquisadores realizaram a tradução do Inventário CAP e o avaliaram, por meio do Formulário para Avaliação de Equivalência Semântica. Um professor de inglês realizou a retrotradução, e 13 cuidadores avaliaram a compreensão dos itens. Em relação ao significado geral, 89.4% dos itens foram considerados inalterados. O Inventário CAP demonstrou um índice de 81.9% de concordância entre os juízes sobre o significado referencial dos itens. No total, 19 itens (12%) do instrumento foram reformulados. Para verificação da validade de conteúdo, participaram três pesquisadores especialistas que atuaram como juízes. Por meio do Formulário para Avaliação da Validade de Conteúdo verificou-se que, quando havia apenas um conceito expresso no item, houve concordância acima de 80%, entre os juízes, em 9 itens (31.1%). Em relação à validade de constructo, participaram 135 cuidadores que foram selecionados por amostragem aleatória simples e responderam ao Inventário CAP e a um questionário sociodemográfico. Bancos de dados de outras pesquisas, realizadas no Brasil, foram utilizadas para ampliar a análise dos resultados. O perfil dos participantes do estudo foi: cuidador com idade média de 35.9 anos, sexo feminino, casado(a), com escolaridade inferior a quatro anos de estudo, com média de 2.5 filhos. Os dados sociodemográficos foram semelhantes aos encontrados nos outros bancos de dados do Brasil e na amostra comparativa norte-americana, excetuando-se, o nível de escolaridade, que foi maior na amostra norte-americana. Para analisar os dados advindos das escalas do Inventário CAP, procedeu-se, primeiramente, a adaptação das escalas de validade do instrumento que possibilitou a definição das notas de corte para o Brasil. Em relação ao escore de potencial para abuso físico infantil, a média de escore da amostra brasileira foi de 180.1 (102.5), resultado superior ao encontrado na amostra norte-americana que foi de 91 (75). A partir da Análise Fatorial de Componentes Principais decidiu-se pela estrutura de 5 fatores, denominados como: sofrimento, infelicidade, rigidez, problemas com a criança e com os outros e disciplina. A estrutura encontrada apresentou similaridades com a análise fatorial original do Inventário CAP, excetuando-se o fator disciplina. Hipotetiza-se que a versão brasileira do instrumento possa apresentar uma estrutura fatorial alternativa à versão original norte-americana, sendo necessário outros estudos a fim de verificar tal hipótese. Por meio do alfa de Cronbach chegou-se ao coeficiente de 0.95 de consistência interna. Em geral, os dados apresentaram resultados positivos sobre a equivalência semântica do instrumento, sua validade de conteúdo, validade de constructo e fidedignidade, confirmando as hipóteses relacionadas à viabilidade de adaptação do Inventário CAP para o Brasil. Entretanto, a fim de gerar um corpo de conhecimento que permita a análise de tendências e relações entre os resultados aqui principalmente relacionadas à verificação da validade de constructo.

Apoio financeiro CAPES

Palavras-chave: abuso físico, adaptação transcultural, potencial de abuso, maus-tratos

Nível do Trabalho: D (doutorado)

Código de área: AVAL - Avaliação Psicológica

MULHERES ENCARCERADAS: BAIXA ESCOLARIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA O INGRESSO NA VIDA CRIMINAL. *Gabriela Reyes Ormeno** Centro Universitário Paulista e Lúcia*

Cavalcanti de Albuquerque Williams (Departamento de Psicologia Laprev. Universidade Federal de São Carlos- SP),
A população carcerária a nível mundial e nacional vem aumentando consideravelmente. O total de presos, no Brasil, em dezembro de 2010 era de 496.251, já em dezembro de 2011 passou para 514.582, sendo que 29.347 eram do sexo feminino; no estado do São Paulo o número de encarceradas era de 9.762. A mulher presa brasileira possui o seguinte perfil: mulheres jovens, solteiras, com pouca ou baixa escolaridade, afrodescendentes, com filhos e predominância no envolvimento com drogas seja como usuária ou com tráfico. Estas características colocam tais mulheres em uma situação de vulnerabilidade social. Ao analisar a situação da escolaridade do preso, os dados do Ministério de Justiça apontaram que 42% dos presos brasileiros ou (216.870), possuem apenas o ensino fundamental incompleto; no caso das mulheres encarceradas no Estado de São Paulo 36,8% era (3.601). Tinham o ensino fundamental incompleto. Entende-se por fatores de risco as situações negativas que podem comprometer o bem estar do indivíduo ou seu desempenho social, e fatores de proteção aqueles que podem diminuir as respostas para os riscos no ambiente. Considerando que quanto maior o nível de escolaridade menor a possibilidade de os indivíduos estarem envolvidos em situações delituosas ou de risco, o presente trabalho tem como objetivo descrever a média de escolarização de mulheres encarceradas e apontar as principais dificuldades enfrentadas por elas durante sua trajetória escolar. Participaram do estudo 152 mulheres encarceradas em uma penitenciária e de quatro cadeias do interior do estado de São Paulo. Foram realizadas entrevistas estruturadas com duração aproximada de 60 minutos nas unidades prisionais em ambiente privado. Percebeu-se que 3.0% das mulheres não tinham qualquer instrução formal; 73.7% das participantes realizaram apenas o ensino fundamental, sendo que dessas mais de 60% teve apenas quatro anos de estudo; 16.7% terminaram o ensino médio, 1.3% finalizaram o ensino superior; 4.5% apresentaram ensino técnico ou outros e 1.5% freqüentaram aulas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Ao serem questionadas se por algum motivo, durante sua infância ou adolescência, seus pais foram chamados pelo conselho tutelar, 28.3% das participantes responderam afirmativamente e em 50% dos casos os assuntos estavam relacionados a problemas de disciplina na escola enquanto 50% eram relativos a assuntos envolvendo maus- tratos ou abuso de substâncias por elas ou familiares. Estes dados apontam para a necessidade eminente de se lidar com a baixa escolaridade desta população, assim como, intervir no ambiente escolar, buscando que alunos que apresentem dificuldades de aprendizagem e de comportamento possam se manter na escola, já que está é indiscutivelmente um fator de proteção para o não ingresso na vida criminal.
CNPQ CAPES
Mulheres encarceradas, Educação Inclusiva, Escolarização
D
ESC

PRINCIPAIS FORMAS DE VITIMIZAÇÃO AO LONGO DA ESCOLARIZAÇÃO: RELATO DE UNIVERSITÁRIOS. *Paloma Pegolo de Albuquerque**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência LAPREV - Universidade Federal de São Carlos São Carlos/SP),*
A violência na escola pode envolver diversos atores escolares, como a vitimização praticada por professores e a agressão repetida por pares, fenômeno conhecido como bullying. Tais experiências podem levar a consequências para as vítimas, como problemas emocionais, intelectuais, sociais e comportamentais. Esse estudo teve o objetivo de identificar os principais tipos de violências vivenciados pelos estudantes no período escolar, a frequência de tais

ocorrências e os agressores principais. Para tanto utilizou-se uma versão traduzida e validada semanticamente do Student Alienation and Trauma Survey (SATS), instrumento retrospectivo sobre as experiências escolares aversivas dos estudantes e os sintomas decorrentes das mesmas para a saúde mental das vítimas. Participaram 691 estudantes universitários pertencentes aos 34 cursos presenciais de uma universidade pública do interior de São Paulo, com média de 21,1 anos, sendo 54,8% do sexo feminino e 45,2% do masculino. Das dez experiências escolares mais citadas pelos participantes, cinco pertenciam à categoria violência relacional , duas a violência verbal , duas a violência física e uma a disciplina injusta . As experiências mais relatadas foram As pessoas me \'zoavam\' , vivenciada por 604 estudantes; Eu fiquei com vergonha , citada por 509 participantes e Me escolheram por último , com 402 citações. A maioria dos participantes, 80,2%, relatou que sua pior experiência envolveu um(a) estudante como autor da violência; 28,6% afirmaram ter sido vitimizados por um(a) professor(a); 5,8% tiveram experiências envolvendo o(a) diretor(a), vice-diretor ou coordenador(a) e 1,7% relataram o envolvimento de funcionários. Em relação ao sexo do agressor, 53,4% era do sexo masculino, 43,4% do sexo feminino e 12,6% relataram o envolvimento de agressores dos dois sexos. A idade de início da pior experiência escolar foi em média 12,3 anos, variando de 4 a 20 anos; sendo que na época 71,3% dos participantes estavam no Ensino Fundamental, 19,5% no Ensino Médio e apenas 2% na Educação Infantil. Em relação à duração da experiência, 32,1% afirmaram ter durado apenas um dia , 19,4% dias ou semanas , 22,6% meses , 8,4% um ano e 10,5% relataram ter durado anos . Sobre o grau de incômodo a partir da vivência da pior experiência escolar, a maioria, 55,4%, afirmou ter se incomodado muito ; 35,6% se incomodou um pouco ; e 6,8% não se incomodaram . Além disso, 45,3% afirmaram que obtiveram algo de bom ou positivo com a experiência, apontando alguns fatores de proteção, como bom relacionamento com funcionários escolares, amparo familiar e amizades. A partir dos resultados foi possível traçar um esboço de como a violência se expressa nas escolas, apontando para a gravidade e frequência dos principais tipos de vitimização escolar. Os dados encontrados podem auxiliar programas de intervenção que, além de buscarem prevenir e reduzir casos de vitimização escolar e de bullying, podem conscientizar professores e demais funcionários sobre os males que uma única experiência traumatizante pode trazer, prejudicando o desenvolvimento sócio-emocional e acadêmico do indivíduo.

Bolsa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
Apoio Financeiro: CNPq Produtividade
Palavras-chave: Violência Escolar, Bullying, Experiências traumáticas
D
ESC Psicologia Escolar e da Educação

Sesiones paralelas: **La inclusión de la perspectiva de género en el ámbito académico**

En esta sesión se considera relevante el tema a tratar dado que parte de la base de la necesidad de analizar el papel que tiene hoy la inclusión de los temas de género en el ámbito académico, considerando que el género se ha posicionado como una categoría para el análisis de la desigualdad desde hace más de treinta años. Pero a pesar del auge de lo que se ha denominado Estudios de Mujer o Estudios o Escuelas de Género, no ha habido una transversalización e inclusión de los conceptos en todas las disciplinas y en este caso, el simposio pretende analizar la situación en la psicología, particularmente la psicología social. Todo esto reconociendo que la psicología, estudia la exclusión y marginación y desde distintas áreas, como es el caso de la psicología clínica, trabaja los efectos de la discriminación de la que han sido objeto las mujeres, como consecuencia de la construcción de género basada en patrones de socialización de la cultura que reafirman la desigualdad. Las autoras consideran que el simposio es un aporte a la formación de profesionales de la Psicología para avanzar hacia una sociedad en donde la igualdad entre los seres humanos deje de ser un discurso muchas veces considerada una utopía y trabaje por la igualdad de oportunidades entre hombres y mujeres. Así mismo en el análisis que hacen de los retos proponen líneas de acción basadas en la colaboración, en la creación de alianzas y la cooperación internacional como estrategias para avanzar en la equidad.
Psicología Social

Los retos y dificultades para la inclusión de la perspectiva de género y el lugar de los feminismos en el medio académico en la Universidad Simón Bolívar de Barranquilla, Colombia. *MG. García Acuña Yomaira** (Programa de Psicología, Instituto de Investigaciones, Universidad Simón Bolívar, Barranquilla, Colombia),*
El trabajo tiene relevancia al vincular al mundo de la psicología dos temas que a menudo no son considerados en este campo, como son los feminismos y la perspectiva de género. Los primeros, ubicados en el plano de los derechos, y al tener un lugar destacado en la historia de la humanidad, deben tener su inclusión en esta disciplina. Por su parte, la incorporación de la perspectiva de género, es una estrategia para el logro de la igualdad entre hombres y mujeres y como tal fue establecida en la Plataforma de Acción para la promoción de la Mujer en Beijing durante la Cuarta Conferencia Mundial sobre la Mujer en 1995, y fue firmada por más de 100 países entre ellos Colombia. Una de las 12 Líneas de Acción se refiere a la educación y a pesar de los avances en el acceso de las mujeres a la educación superior, esto no ha ido acompañado de otras medidas que garanticen el logro de la igualdad. Los movimientos de mujeres, reclamaron que era necesario ir más allá de una incorporación de las mujeres al mundo universitario: es necesario un replanteo de las prácticas que perpetúan la desigualdad y esto pasa por la revisión de los planes de estudio, las metodologías, el análisis de los textos es decir todo el sistema educativo. La autora reconoce los avances y al vincular la perspectiva de género como un asunto relacional se reconoce que la igualdad sólo es posible, con la vinculación también de los hombres. Destaca que la psicología trabaja con categorías vinculadas a situaciones que afectan a las personas como la discapacidades, la raza , etnia , el nivel socioeconómico, etc. El género es una categoría que permite ver las diferencias entre hombres y mujeres y cómo afectan los patrones que se definen en función del sexo a cada uno de ellos. La ponente muestra cómo a pesar de los avances desde lo público, poco es lo que se hace en la práctica desde los medios universitarios por incluir en los currículos esta perspectiva y así lo muestra soportado en los resultados a partir de los resultados de sus investigaciones, examinado los temas de trabajos de grado, análisis bibliográfico y el currículo visto a través de los planes de estudios de tres Programas académicos: psicología, Trabajo Social y Derecho. Se considera de relevancia las conclusiones del trabajo, las cuales se dirigen a una propuesta de revisión crítica de la formación de profesionales en Psicología, los retos y dificultades para

trabajar el tema, particularmente en un país como Colombia atravesado por conflicto armado desde hace más de 60 años, lo que le agrega otro carácter a la formación. También destaca la importancia de la articulación con investigadoras de otras universidades y de otros países para realizar alianzas, y desarrollar trabajos conjuntos, y cita como ejemplo el Proyecto SIFIIO, que se llevó a cabo bajo la coordinación de la Dra. Tomasa Luengo de la Universidad de Valladolid, con vinculación no sólo de docentes sino de estudiantes

Análisis y propuestas desde la perspectiva de género de la bibliografía en el programa de la licenciatura de psicología de la FES Iztacala. *Dra. Aguado Herrera Irene (Departamento de Psicología, Universidad Nacional Autónoma de México, FES Iztacala, México, México,D.F; Dra. Palomino Garibay Laura (Departamento de Psicología, Universidad Nacional Autónoma de México, FES Iztacala, México, D.F, México);,*

La exclusión y marginación de la que han sido objeto las mujeres como consecuencia de la construcción de género basada en la desigualdad y la discriminación ha tenido como resultado su exclusión o presencia marginal en el mundo público. El ámbito de la educación superior no es la excepción a esta situación, y se encuentra en todos los niveles, como estudiantes, docentes e investigadoras, y en las prácticas que se sostienen. En consecuencia los ámbitos de la investigación, así como de la producción y la transmisión de conocimiento han sido construidos desde una perspectiva masculina a partir de la cual lo universal, lo humano se interpretan y se reducen desde y a lo masculino. Gracias al constante y persistente movimiento por la vindicación de la posición y derechos de la mujer se han dado cambios que ha propiciado una mayor presencia de las mujeres en todos los espacios y prácticas sociales; entre ellos el de la educación superior. De tal suerte que la presencia de las mujeres se ha modificando de manera significativa al pasar por ejemplo de 1920 a 2000 de un 20 a un 49.6 por ciento de matrícula femenina a nivel licenciatura de manea global, siendo la presencia femenina mucho alta en las llamadas carreras femeninas alcanzando hasta un 90 por ciento en algunas carreras. A nivel del personal académico también se encuentra la misma tendencia ya que ha pasado de un 13.4 por ciento en 1960 al 39.5 por ciento en 2000 de mujeres. Sin embargo, la sola presencia de un mayor número de mujeres en las aulas, la docencia y la investigación no basta para transformar el carácter monogenérico que la educación superior ha tenido; también es necesario analizar y modificar las lógicas institucionales que reproducen o trasmiten prácticas discriminatorias e inequitativas dentro este ámbito. Entre los diferentes aspectos en los que se pueden llevar estas acciones están: el laboral, el administrativo, el legislativo y el curricular. Con este marco de referencia se puede señalar que la relevancia del trabajo que se presenta consiste en: Realizar un análisis de los contenidos curriculares de la carrera de Psicología de la UNAM FES Iztacala, a fin de romper con una tradición androcéntrica y dar lugar a una formación que se formule desde la perspectiva de género. Elaborar propuestas tendientes a visibilizar las aportaciones teóricas y metodológicas realizadas por autoras en el campo del conocimiento y la investigación psicológica en los contenidos que se imparten en la licenciatura de Psicología. A partir de lo anterior impulsar que los contenidos curriculares se formulen teniendo como uno de sus ejes rectores el análisis que la implicación desde el género tiene tanto en el proceso de producción de conocimiento como en su transmisión.

Construyendo redes para una cultura de equidad: Enfoque de Género y Universidad. *Dra. Luengo Rodríguez Tomasa (Departamento de Psicología, Universidad de Valladolid, Valladolid, España; Dra. Rodríguez Suaza Carmen (Departamento de Sociología y Trabajo Social, Universidad de Valladolid, Valladolid, España).,*

Las autoras parten de que las universidades españolas han asumido las demandas de la sociedad y los lineamientos establecidos en la Ley Orgánica 3/2007 de 22 de marzo para la

igualdad efectiva entre mujeres y hombres, la cual establece entre otros artículos que :El sistema educativo incluirá entre sus fines la educación en el respeto de los derechos y libertades fundamentales y en la igualdad de derechos y oportunidades entre mujeres y hombre (Artículo 23). Así mismo, retoman La Ley Orgánica 4/2007, de 12 de abril, por la que se modifica la Ley Orgánica 6/2001, de 21 de diciembre de Universidades, haciéndose eco de la necesidad de igualdad se pronuncia de la siguiente forma en la Exposición de Motivos: Esta Ley no olvida el papel de la universidad como transmisor esencial de valores. Esta Ley impulsa la respuesta de las universidades a este reto a través no sólo de la incorporación de tales valores como objetivos propios de la universidad y de la calidad de su actividad, sino mediante el establecimiento de sistemas que permitan alcanzar la paridad en los órganos de representación y una mayor participación de la mujer en los grupos de investigación. De igual forma se basan en lo establecido en el Real Decreto, la ANECA ha elaborado un Protocolo de Evaluación de Títulos Universitarios Oficiales de Grado y Master de la ANECA, de 18 de febrero de 2008. En el Protocolo, además de recordar que tanto en los objetivos relacionados con las competencias generales y específicas como en la planificación de la enseñanza se deben incluir los principios establecidos en el Real Decreto relativos a la igualdad entre hombres y mujeres. No obstante, en demasiadas ocasiones se da por conquistado el equilibrio entre hombres y mujeres porque ya hay una ley que así lo contempla, lo que genera la idea de que no es necesario hacer nada más. Sin embargo, la práctica diaria en las aulas nos ofrece ejemplos de enorme distancia entre la igualdad legal y la igualdad real. El estudio de las cuestiones relativas a la igualad entre hombres y mujeres es piedra angular en la construcción de la sociedad del conocimiento, y su tratamiento es imprescindible en todos los niveles educativos, especialmente en el ámbito universitario. La Universidad, como espacio del conocimiento y la libertad, debería custodiar la conquista de la igualdad, ser la institución donde todas las personas pudieran lograr el desarrollo integral de sus capacidades. En este sentido, integrar la perspectiva de género en todas aquellas disciplinas concomitantes con la igualdad, generadoras de cambios psicológicos y sociales (identidades), y hacerlo desde una óptica interdepartamental, pluriinstitucional y transversal (mainstreaming), puede ayudar a construir ese espacio de conocimiento, de democracia

Los grupos de discusión como técnica para recabar información en la investigación de la violencia de género contra las mujeres en Aguascalientes. *Mg. Carrillo Flores Irma** (Departamento de Educación, Universidad Autónoma de Aguascalientes);,*

Relevancia: Los investigadores tenemos a nuestra disposición un conjunto muy variado de diseños, estrategias y técnicas metodológicas para desarrollar los estudios de género. En el grupo de las técnicas de conversación contamos con los grupos de discusión que en combinación con la estrategia de encuesta, mediante cuestionarios cerrados y semiabiertos permitieron en el trabajo los grupos de discusión como técnica para recabar información en la investigación de la violencia de género contra las mujeres en aguascalientes confirmar que los grupos de discusión son un recurso valioso y eficaz al hacer acopio de información. Los investigadores tenemos a nuestra disposición un conjunto muy variado de diseños, estrategias y técnicas metodológicas para desarrollar los estudios de género. En el grupo de las técnicas de conversación contamos con grupos de discusión que en combinación con la estrategia de encuesta, mediante cuestionarios cerrados y semiabiertos permitieron en el trabajo los grupos de discusión como técnica para recabar información en la investigación de la violencia de género contra las mujeres en aguascalientes confirmar que los grupos de discusión son un recurso valioso y eficaz al hacer acopio de información.

El instrumento grupos de discusión es una guía de entrevista abierta colectiva que se compone del Modelo gráfico del protocolo de Acompañamiento y los flujo-gramas de los protocolos de Atención, Contención y Tratamiento de agresores. Este documento es el apoyo de la

coordinadora. Le servirá para poder guiar a los participantes y respetar los lineamientos que se requieren, así como obtener la información de acuerdo a los temas a considerar. Primero, se entrega a los participantes el modelo gráfico y los flujo-gramas correspondientes a cada protocolo, como recordatorio de lo visto en la capacitación y para facilitar su participación en el grupo de discusión. Este elemento lo llamaremos: Conocimiento de los protocolos de actuación. El siguiente elemento a indagar es la viabilidad de los protocolos, posteriormente se recupera información sobre fortalezas, debilidades y sugerencias para mejorar estos protocolos. La información obtenida, posteriormente será la materia prima para realizar mapas conceptuales con ayuda de la herramienta computarizada del mindjet Mind Manager. El MindJet MindManager, en este estudio, ayudó a elaborar mapas conceptuales, es decir, instrumentos de representación de los conocimientos sencillos y prácticos, que permiten transmitir con claridad mensajes conceptuales complejos y facilitar tanto el aprendizaje como la enseñanza. Para mayor abundamiento, adoptan la forma de grafos.
Este método de investigación que combina dos tipos de conocimientos: el conocimiento teórico y el conocimiento de un contexto determinado, implica un esfuerzo conjunto entre los profesionales y entrevistados. El criterio de verdad se desprende de discusiones cuidadosas sobre informaciones y experiencias específicas. Permite la generación de nuevos conocimientos al investigador y a los grupos involucrados así como el mejor empleo de los recursos disponibles con base en el análisis crítico de las necesidades. El enfoque etnográfico en este estudio, se realiza al recabar hechos observados y registrados por el grupo relator que serán sujetos a la descripción y a las proposiciones que de ellos haga el equipo investigador. Se trata entonces de una manera de recabar información muy util en la Psicología cuando es necesario reunir información de uno o varios sujetos en estudio

Trayectoria de las mujeres en las instituciones de salud. *LAURA PALOMINO GARIBAY**, IRENE AGUADO HERRERA** (UNAM FES Iztacala, México).,*
El presente trabajo tiene como propósito exponer los avances del trabajo realizado por las ponentes sobre la trayectoria de las mujeres en el campo de la salud, trabajo que dividen en tres momentos, el primero de ellos ubican los referentes teóricos que guían el documento. En un segundo momento presentan los avances de la matriz bibliográfica que muestra los puntos de análisis que se realizan y finalmente proponen algunas líneas de reflexión. El trabajo destaca como un hecho indiscutible, soportado en estadísticas el proceso de feminización de la matrícula universitaria, su crecimiento y las preferencias de hombres y mujeres sobre ciertas carreras lo que permite prever que existirá un impacto en las instituciones laborales donde se insertan las egresadas toda vez que las expectativas profesionales desde lo femenino difieren de lo masculino. Es necesario señalar que en los últimos cincuenta años la incorporación laboral femenina ha ido en aumento, por lo cual se hace necesario recuperar la trayectoria que han mostrado en las instituciones de salud, carreras como la medicina, odontología, enfermería, trabajo social; nutrición y psicología. Así, investigar su trayectoria es el punto de partida para delimitar el lugar desde el cuál se puede recuperar el impacto de la presencia de la mujer en el área de la salud. La relevancia del presente trabajo se encuentra en: Analizar los espacios y el lugar que ocupan las mujeres dentro de la organización de las instituciones prestadoras de servicios de salud como indicadores de los cambios que se han propiciado contribuye a documentar una mayor presencia en actividades que actúan como extensión del papel de lo femenino y menor presencia en los lugares de toma de decisiones lo cual supedita sus acciones a políticas de índole masculina. Debatir la relación entre la formación profesional de las mujeres en carreras de la salud y su inserción laboral permite reflexionar las políticas educativas que subyacen a la formación académica lo cual permite retroalimentar a las instituciones formativas sobre la importancia de incluir la perspectiva de género en sus planes y programas para favorecer relaciones diferentes en lo laboral y en la redefinición de roles

profesionales. Reflexionar sobre la trayectoria de la inserción laboral de las mujeres supone atender cuestiones de coherencia educativa lo cual favorece la puesta en práctica de aspectos de inclusión de lo masculino y femenino que permitan crear una cultura laboral de equidad

Sesiones paralelas: **Logros y retos: Experiencias de investigación Psicología del Trabajo y las Organizaciones en Colombia**

A partir de la temática definida en este evento sobre Psicología sin fronteras presentamos desde Colombia y desde la Red de Investigadores en Psicología del Trabajo y las Organizaciones los siguientes trabajos que corresponden a proyectos desarrollados por algunos grupos de investigación pertenecientes a dicha Red. El VIII Congreso Iberoamericano de Psicología - FIAP - Sao Pablo, Brasil, 17 al 20 de octubre de 2012 nos permitirá presentar a la comunidad académica avances de trabajos de investigación desarrollados en reconocidas universidades del país, y a la vez, fortalecernos como grupo para asumir los nuevos retos con miras a lograr la integración de esfuerzos académicos, de proyección social, de investigación y de formación de investigadores de Iberoamérica.
Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

LA EXPERIENCIA DISCURSIVA DEL METAVERSO SECOND LIFE EN LA COMPRENSIÓN DEL CONFLICTO ORGANIZACIONAL. *Luis Felipe González-Gutiérrez/Universidad Santo Tomás,*
El presente trabajo de investigación tiene por objetivo establecer los aportes conceptuales y metodológicos de la ciencia social performativa y la simulación virtual de prospección de problemas sociales y culturales para la comprensión cualitativa del conflicto organizacional. Para tal fin, se consideran los aportes del metaverso Second life para crear un escenario de simulación de un contexto organizacional (unos consultorios en psicología) en los que se han creado dos situaciones potencialmente conflictivas, en el que sus participantes (gracias a las interacciones con otros avatares dentro de la simulación) crean estrategias de resolución del conflicto, a partir de la identificación con los roles diseñados dentro del escenario. La metodología es cualitativa, específicamente orientada al análisis del discurso. Como producto de esta investigación, se ha creado un juego de rol en second life, para indagar las experiencias de participación de los participantes, además de encontrar formas de comprensión del conflicto en las organizaciones a partir de miradas narrativas, construccionistas sociales y performativas. Como resultados del estudio, se rescata la interacción de las tecnologías de la información y la comunicación, la utilización del metaverso second life y la creación de niveles de realidad, expresados en un juego de rol interactivo, que accede a la creación conjunta y a los principios de la inteligencia colectiva, como motores de la interacción humana y la consolidación de respuestas actualizadas y narrativas sobre lo que se entiende por conflicto en las organizaciones.

EMPLEABILIDAD Y MERCADO LABORAL. *María Constanza Aguilar/Universidad Santo Tomás,*
Los cambios económicos, tecnológicos, sociales y culturales que se viven en las organizaciones en general, Colombia no es la excepción, crean nuevos retos a las instituciones de educación superior. Uno de éstos, es la evaluación permanente del impacto que en la sociedad tienen los procesos académicos y para esto es necesario generar estrategias que permitan conocer el impacto de su acción y al mismo tiempo, identificar nuevas demandas formativas en cada una de las prácticas profesionales, todo ello con la finalidad de responder a las necesidades sociales.
Es, en este contexto, cuando la transición de los jóvenes de la universidad al mundo del trabajo es un fenómeno complejo que se da en múltiples puntos y niveles del sistema educativo y productivo, presentando en cada caso una problemática propia (Burke y Cooper, 2002). Si se analizan las trayectorias educativas y laborales (Rentería, García, Restrepo y Riascos, 2007) en la vida de las personas, se puede identificar que se desarrollan en distintos ámbitos y que influyen en su desarrollo todos ellos significativos para su presente y su futuro (p. 3) (Gallart y Bertoncello, 1997). Por lo general, las personas son trabajadoras y su participación social en

el mundo del trabajo y en la sociedad en general, como afirman estos autores, puede depender de la adquisición equitativa de competencias que les permitan discernir libremente sus opciones y faciliten trayectorias de crecimiento a lo largo de la vida (p. 4) .

Una vez, las personas egresan de las instituciones de educación superior se espera, - como expectativa social que se construye-, que todos tengan al menos una oportunidad de competir por la obtención de trabajos calificados/competentes de acuerdo con su formación, que a su vez, les permitan fortalecer sus aprendizajes y competencias. Este esfuerzo no es tarea solamente de las instituciones de educación, sino que también le compete a las diferentes instancias públicas y privadas, empresarios, que definen parte de las políticas de empleo y de integración social.

Este proyecto de investigación se concentró en el paso de la vida universitaria al trabajo como experiencia laboral con una característica importante y es que los profesionales debían tener un trabajo coherente con la formación realizada y con la trayectoria educativa. Adicionalmente, se incluye el análisis de los antecedentes y las consecuencias de la empleabilidad como una cuestión de especial relevancia práctica pues se requiere el incremento del conocimiento en un campo donde las conclusiones derivadas de datos empíricos son muy escasas (Fundación Chile, 2004) y más aún, se considera importante para la psicología del trabajo y las organizaciones, identificar las relaciones entre formación, inserción laboral y empleabilidad desde el punto de vista de los egresados de instituciones de educación superior.

En el marco de esta investigación, se presenta este trabajo que describe la posición actual de los psicólogos en el mercado laboral, su capital de movimiento, la facilidad de movimiento percibido, el contexto, factores externos o contextuales, transición, disposición al movimiento para tomar otro empleo con un empleador nuevo o la disposición para moverse a otro proceso y/o actividad dentro/fuera de la organización, eventos de choque o situaciones que llevan al individuo a hacer juicios deliberados sobre el hecho de mantener o dejar su empleo, actividades de mejora del capital de movimiento o llevar a cabo acciones que enriquecen oportunidades y disposición para mantener y mejorar el propio capital de movimiento, según Forrier y Sels (2003). Se llevó a cabo un estudio de caso en una institución de educación superior, en Bogotá, Colombia, con la participación de 22 psicólogos. Los resultados se analizaron a nivel cuantitativo, descriptivo a través del SPSS 15.0 y, del SPAD versión 5.0. Se presentan los resultados descriptivos y se evidencian aspectos importantes sobre la percepción que tienen acerca de las oportunidades de empleo que ofrece el mercado laboral colombiano.

DISEÑO, ELABORACIÓN Y VALIDEZ DE CONTENIDO DE UN MODELO DE FORMULACIÓN EN PROBLEMÁTICAS ORGANIZACIONALES, BASADO EN OBM. *Irma Yaneth Gómez/Fundación Universitaria Konrad Lorenz,*

Para el siglo XXI las empresas públicas y privadas requieren de los Psicólogos para mantener y mejorar sus procesos productivos, lo cual a su vez, obliga al psicólogo del nuevo milenio a capacitarse gradualmente para analizar científicamente el comportamiento Organizacional. Hoy, la Psicología Organizacional reconoce que las organizaciones son sistemas sociales complejos y que los determinantes de la conducta de un individuo dentro de la organización se deben considerar desde el punto de vista de todo un sistema social. El desarrollo de nuevas teorías en las ciencias físicas, biológicas y sociales, han planteado formas diferentes de ver los problemas de orden psicológico. Los grandes y rápidos cambios que ha sufrido la tecnología y la sociedad durante las últimas décadas, han obligado a científicos y profesionales a reconocer la interdependencia de factores humanos y tecnológicos y la necesidad de desarrollar teorías y conceptos que puedan explicarla (Pérez & Cols, 2004) .

El propósito del presente trabajo fue diseñar, elaborar y realizar el análisis de contenido de un modelo de formulación en problemáticas organizacionales basado en los planteamientos de OBM (Organizacional Behavior Modification), para lo cual se realizó una revisión documental de la literatura disponible en el campo de diagnóstico y formulación organizacional a nivel nacional e internacional, así como de las investigaciones que se han realizado para probar los diferentes modelos disponibles tanto en la psicología organizacional como en OBM. Posteriormente, se diseñó el modelo de formulación a partir de las variables internas y externas de la organización, así como las variables asociadas al comportamiento humano dentro de las organizaciones, luego, se elaboró la matriz de formulación, junto con los respectivos formatos de soporte, para finalmente realizar en análisis de contenido a partir de la validación por jueces expertos del modelo planteado. La evaluación desarrollada por los expertos, permitió realizar una serie de correcciones al modelo en sus componentes teóricos y metodológicos. Después de los ajustes realizados se puede afirmar que, en términos generales, el Modelo FIPO-OBM es válido, tomando en cuenta las categorías evaluadas.

VALIDEZ DE CONTENIDO, PROPIEDADES PSICOMÉTRICAS Y ANÁLISIS FACTORIAL DEL SBI UN INSTRUMENTO PARA EVALUAR BURNOUT EN ADOLESCENTES. *Diana Riaño-Hernández/Universidad Santo Tomás,*

Freudenberg conceptualizó el síndrome de burnout como el sentimiento de cansancio absoluto.Estudios recientes han trasladado el concepto de burnout al contexto escolar, dadas las similitudes entre este contexto y el laboral. Los estudiantes están expuestos a una sobrecarga de información en el medio escolar, generando en los estudiantes estados de apatía, baja autoestima, depresión y ansiedad. Se conceptualiza el síndrome por medio de tres dimensiones: 1. agotamiento por las demandas de la escuela (fatiga crónica por la sobrecarga escolar). 2. Cinismo (indiferencia hacia la escuela) 3. Sentido de eficacia en la escuela (sentimiento de incompetencia como estudiante).

Debido a la existencia de burnout en estudiantes adolescentes, resulta relevante evaluar el burnout en el ámbito educativo, siendo además necesario contar con instrumentos que permitan evaluar el burnout en el contexto escolar. Por ello, el propósito de este estudio es validar y examinar las propiedades psicométricas de la adaptación del SBI para población adolescente colombiana, para este fin se ha realizado la validez de contenido y se han analizado las propiedades psicométricas junto con el análisis factorial exploratoria del SBI. Para la validez de contenido se realizó un juicio de de nueve expertos, seleccionados según su especialidad, junto con una entrevista cognitiva realizada a 28 adolescentes escolarizados de la ciudad de Bogotá. Los jueces completaron un formulario en el grado de comprensión y equivalencia de cada uno de los ítems y los adolescentes respondieron al protocolo de la entrevista donde se hizo énfasis en posibles dificultades en la comprensión de cada ítem. Los resultados fueron analizados teniendo en cuenta tres criterios: a) Los comentarios de los jueces sobre el Ítem, b) Coeficiente V de Aiken y c) Porcentaje de total acuerdo en equivalencia y comprensión que estos brindaron, estos tres criterios, también se tuvieron en cuenta con los resultados de los participantes o sujetos en el proceso de Entrevista Cognitiva. Los resultados muestran que el análisis de las características del instrumento, es adecuado para la población, indicando que el SBI es una herramienta comprensible para la población a la cual va dirigida. Luego de contar con un instrumento adaptado a población colombiana, se procedió a evaluar 567 adolescentes; pertenecientes dos colegios de la ciudad de Bogotá. La edad estuvo comprendida entre los 12 y los 19 años. Se realizó el análisis de las propiedades psicométricas del SBI en una muestra adolescentes colombianos, donde se puede concluir, en primer lugar, los ítems presentan adecuadas propiedades psicométricas, lo cual asegura que cada uno de ellos, es pertinente para la evaluación del Burnout Escolar en adolescentes. En segundo lugar,

el AFE muestra la estructura de tres dimensiones, al igual que los autores originales. Finalmente, se evidencia para la escala total una fiabilidad de 0,80 específicamente para la dimensión de agotamiento = 0,65, cinismo = 0,63 y eficacia = 0,55. El presente estudio ofrece por tanto el primer instrumento para evaluar el burnout en estudiantes adolescentes colombianos.

Sesiones paralelas: **PSICOLOGIA HISTÓRICA-CULTURAL: APROXIMACIONES EPISTEMOLÓGICAS PARA LA INVESTIGACIÓN EN CONTEXTOS**

La presente propuesta se somete a consideración del comité científico de la 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia bajo la modalidad SESSÕES COORDENADAS . Se trata de un grupo académicos de instituciones universitarias de dos países Universidad de San Buenaventura Cali (Colombia) y Universidade de Brasília (Brasil) cuyos intereses epistemológicos, teóricos, metodológicos y políticos tienen convergencia en lo que se ha conocido como psicología desde la perspectiva histórico-cultural. Esta visión paradigmática ha sido relativamente desconocida en buena parte de los círculos académicos y científicos, en tanto todavía éstos conservan un significativo, e incluso hasta hegemónico, acervo de las pretensiones positivistas que le apostaban a las explicaciones lineales, causales, a-históricas y desarrollistas. Una de las consecuencias de esa concepción científica dominante fue la negación de la subjetividad como dimensión articuladora de varias esferas que se integran en la experiencia del sujeto concreto.

Esta invitación no pretende descalificar esa visión monolítica de la realidad que representa el positivismo, toda vez que este ha mostrado ser pertinente para el progreso de ciertas áreas del conocimiento. Un ejemplo de ello son la industria y la tecnología, sectores que lograron acumular una amplia información y capital financiero sin parangones en la historia reciente de Occidente. No obstante, también tenemos la convicción de que los actuales problemas de la sociedad y que conciernen a la psicología , la tecnologización de la relación profesor - estudiante, las transiciones subjetivas en la escuela y los trastornos en la salud mental, temas específicos que abordaremos en nuestras presentaciones precisan de una cosmovisión que esté más allá de la otrora lógica científica centrada en la relación mecánica de variables.

Evitamos, así, cualquier búsqueda de conocimiento objetivo y asumimos que también metodológicamente el investigador se posiciona subjetivamente frente a los fenómenos a estudiar. Por tanto, con los temas a trabajar en esta mesa, tenemos la intención de mostrar cómo al retomar la subjetividad dentro de la investigación reducimos considerablemente el apego a un modelo de reglas objetivas. Así, nos ubicamos como investigadores que no pretenden la búsqueda de la verdad absoluta, ni neutralidad en su trabajo, por el contrario, apelamos a una visión flexiva y compleja de la realidad, la cual no puede ser aprehendida totalmente en la pesquisa, buscando armonizar epistemología, teoría y metodología. En la práctica, no se trata solamente de un problema epistemológico de las comunidades científicas, sino también un asunto que tiene sensibles implicaciones de tipo socio-político y ético. En este sentido, partimos de la hipótesis de que insistir en un paradigma esencialista, universalista y determinista de lo psíquico deja por fuera una gran cantidad y variedad de elementos significativos para la comprensión e intervención de las demandas más apremiantes de los sujetos y sus tejidos socio-culturales. Por esta razón, nos inscribimos y creemos en una línea de trabajo que asume los siguientes presupuestos de base:

1) una concepción ontológica de tipo dialéctico-constructivo, que nos lleva a comprender que la constitución de la subjetividad se produce en la tensa y abierta imbricación entre el sujeto, el tiempo y el contexto.

2) una innovadora forma de imaginar la relación entre los científicos, los sujetos estudiados y las problemáticas sociales, en la cual la reflexividad epistemológica permite constantemente cuestionar las teorías, las presunciones morales y éticas del investigador y las metodologías que se emplean en los abordajes investigativos e interventivos.

3) una conciencia del papel social que cumplimos quienes estamos vinculados a centros investigativos e instituciones educativas. Este papel no solo nos lleva a ser productores y consumidores de la industria científica de las publicaciones; también nos exhorta a ser sujetos

que, en el marco de las ciencias sociales y humanas, contraemos una responsabilidad social frente al malestar subjetivo de este mundo en transición.
Con lo anterior, juzgamos que las cuatro temáticas tanto en conjunto como de manera independiente, proporcionan elementos de análisis para pensar problemáticas actuales que son de interés de nuestra disciplina. La apertura para que la novedad sea integrada en la investigación científica, pasa a ser premisa básica para la construcción de un pensamiento cualitativamente diferenciado, comprometido con la realidad a la cual nos remitimos. Siendo fieles a este compromiso, confiamos en que una discusión de esta naturaleza, como la que proponemos para el presente congreso, enriquezca nuestra mirada científica y nuestra capacidad de agencia social, posibilidad que representa desdoblamientos ingentes para la paulatina edificación de una sociedad más digna, solidaria y significativa.

Otras

CONSIDERACIONES SOBRE LA PSICOLOGÍA CULTURAL: EL GIRO EPISTEMOLÓGICO EN LA MIRADA. *JOSE FERNANDO PATINO TORRES - UNIVERSIDAD DE SAN BUENAVENTURA CALI COLOMBIA*
El presente texto es un ejercicio de investigación epistemológica en el cual se hace una exploración de los elementos que llevaron al surgimiento de la epistemología cualitativa, nuevo pensamiento paradigmático en la psicología caracterizado por un giro complejo en la mirada. Para llevar a cabo este cometido, se realiza una caracterización de las condiciones históricas y socio-políticas ocurridas en la naciente sociedad capitalista y que dieron origen a la psicología occidental de finales del siglo XIX e inicios del XX, cuyas concepciones resultaron siendo una herencia acrítica de la cosmovisión de las ciencias modernas y sus tres pilares fundamentales: la división, el análisis y la síntesis. El autor parte de la tesis de que es urgente construir una reflexión filosófica y política para comprender cómo cierta parte de la psicología devino como una disciplina cuyo objeto quedó confinado a las restricciones de los métodos de las ciencias positivistas. Es una psicología a-ontológica pero instrumentalmente útil para las nuevas formas de producción cultural, social y económica, enmarcadas en las coordenadas sociales de los estados modernos. Empero, esta revisión también contrapone, ante esa hegemonía, el surgimiento de una visión alternativa iniciada en la perspectiva histórico-cultural de los trabajos de Lev Vigotsky, y continuada por autores actuales como Fernando Luis González Rey, Jerome Bruner y Michael Cole, camino que ha posibilitado desdoblamientos de gran calado para constituir otra forma paradigmática de ciencia psicológica que va a poner a la subjetividad en el centro de la discusión epistemo-ontológica. Asumir la subjetividad como objeto es una decisión que promueve nuevas concepciones, prácticas y roles para los investigadores que ahora se ubican como sujetos sensibles hacia las personas y situaciones que estudian, así como creadores de múltiples escenarios sociales investigativos y productores de comprensiones más abarcantes sobre los problemas psicológicos contemporáneos. Este trabajo tiene, como propósito más significativo, desnaturalizar las formas dominantes que han dado lugar a una psicología sin sujeto. Una psicología que, desde su lugar de ciencia mistificada, desconoce los elementos más importantes del acontecer subjetivo en la compleja madeja social, por el proclive uso a-crítico de las teorías y los métodos. No solo es un problema de formación profesional en los psicólogos, es también un asunto ético y político que escasamente se examina. En últimas, el giro epistemológico propiciado por la epistemología cualitativa es una alternativa que nos exhorta a asumir una posición intelectual en la que el conocimiento científico sea un tejido erigido colectivamente, atravesado por los saberes transdisciplinares y generador de potencialidades imaginativas para una sociedad más digna, justa y con sentido.
Key Words: epistemología cualitativa, subjetividad, psicología moderna.

Código de la actividad: HIST Historia de la psicología

EPITEMOLOGIA, SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL: CONSTRUINDO ALTERNATIVAS PARA IR ALÉM. *DANIEL MAGALHÃES GOULART - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Nesta apresentação, busco abordar algumas discussões epistemológicas travadas na atualidade período que considero ser de transição entre os ideais modernos de ciência e a construção do conhecimento sobre novas bases. Nesse sentido, ressalto alguns limites e consequências do pensamento moderno, com destacada ênfase para a negação da subjetividade enquanto dimensão articuladora de várias esferas que se integram na experiência do sujeito concreto. Argumento como as condições para se alcançar o conhecimento científico construídas pelo próprio ser humano pretensamente o excluiu das questões por ele mesmo colocadas. Assim, o mundo passou a ser questionado e, no entanto, o olho que via não, culminando num posicionamento que parece ter deixado de lado questões fundamentais. Posteriormente, aponto para algumas alternativas epistemológicas e ontológicas que têm emergido dessa discussão, sobretudo, para a Teoria da Subjetividade e para a Epistemologia Qualitativa. A partir de novas elaborações teóricas e novas formas de conceber o conhecimento, a pretensa busca pelas verdades universais parece visivelmente fadada aos limites inerentes à sua própria concepção. A noção de um conhecimento instável, localizado historicamente, sem uma continuidade, com imprevisibilidades e acidentes e, sobretudo, implicando o sujeito que conhece na produção do conhecido foram importantes inovações nessa discussão. Os objetos antes isolados e reificados transformam-se em complexas redes em conexão e a relação difusa entre as diversas esferas existentes passa a ser foco de atenção, sem lançar mão da simplificação em explicações descritivas estéreis. Nesse debate, algumas noções caras à modernidade passam a ser profundamente questionadas, como a continuidade, o processo e a generalização. Novas proposições teóricas dão visibilidade às dimensões da ruptura, do momento e da singularidade. Para além da discussão do que seriam essas dimensões em si, a questão se coloca na relação que o pesquisador estabelece com elas. A abertura para que a novidade seja integrada na pesquisa científica passa a ser premissa básica para a construção de um pensamento qualitativamente diferenciado, comprometido com a realidade à qual nos remetemos. Por fim, busco uma articulação dessas idéias com as nuances epistemológicas que sustentam, e ao mesmo tempo são implicações, do movimento social conhecido como Reforma Psiquiátrica, buscando aproximações que permitam novas inteligibilidades desse processo. Nesse sentido, estabeleço uma discussão a partir dos conceitos de desinstitucionalização e de complexidade e coloco como desafio urgente a recriação de práticas clínicas sobre outras bases, numa concepção que privilegie o cuidado, mediante favorecimento do potencial da subjetividade, afastando-se da noção tradicional de consultório, que postula a cura como objetivo central da relação terapêutica. Nessa discussão, aponto para a possibilidade de pensar dimensões pouco consideradas no âmbito clínico, como o modo de vida, a educação e as relações de poder implicadas nas dinâmicas sociais. Parto da premissa de que refletir sobre essas questões e transformar as ações cotidianas com base em elaborações pertinentes a esses questionamentos não é apenas questionar o estatuto da pessoa atendida e de quem a atende, senão questionar os meios sociais que dispomos e podemos criar com vistas a transformações sociais fundamentais em nosso tempo.

Agência financiadora: CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Palavras-chave: Epistemologia, subjetividade e saúde mental
Nível do trabalho: Mestrado M.
SMENTAL Saúde Mental.

A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DOS CONTEXTOS ESCOLARES. *MONICA RONCANCIO MORENO - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Na abordagem sociocultural o desenvolvimento humano é considerado como dinâmico, complexo e em permanente transformação. A partir de uma perspectiva epistemológica qualitativa consideramos o desenvolvimento em qualquer nível (biológico, psicológico, sociológico) como um fenômeno sistêmico-aberto no qual a novidade se cria constantemente. Abandona-se a idéia de desenvolvimento por etapas, acumulativo, e finalista. Centra-se em propor um diálogo entre cultura e sujeito, reconhecendo que cada indivíduo é único e que traz consigo uma história e uma cultura que não podem ser ignoradas. Nesta abordagem o sujeito não é apenas histórico e cultural, mas também qualquer fenômeno humano e social, sendo assim fundamental a sua contextualização. A cultura se constitui em um contexto privilegiado de co-construção de sentidos e significados, legitimando a interação como fundamental para o desenvolvimento. Como conseqüência, todos os participantes da cultura em que o sujeito está inserido são fundamentais para o desenvolvimento, isto é, pais, irmãos, mídia, professores, etc. são importantes agentes de canalização cultural das gerações mais novas. O sujeito não somente recebe mensagens dos outros, mas também modifica os sentidos e significados do meio no qual está se desenvolvendo, ou seja, existe uma transmissão cultural bidirecional entre sujeito e contexto cultural. Desta maneira, quando a psicologia sociocultural assume um caráter co-construtivista, epistemologicamente enfatiza a participação ativa do sujeito na construção de seu desenvolvimento, e a existência de mecanismos de canalização cultural orientados pelos limites (constraints) presentes nos contextos sócio-culturais dentro dos quais se dá o desenvolvimento humano. Essa perspectiva faz contribuições aos contextos educativos, especificamente, enxerga as práticas na escola como fundamentais para a socialização da criança, para a construção de um sistema de crenças e valores que vão lhe permitir se relacionar com os outros, na sua comunidade e em outros grupos sociais. Assim, o estudo dessa prática e de todos os atores da escola é fundamental para compreender as interações entre os diferentes membros da comunidade e propor novas formas de ações pedagógicas. A teoria sociocultural de orientação construtivista também contribui na maneira de enxergar os processos envolvidos nos sujeitos que interagem na sala de aula. O reconhecimento da complexidade dos fenômenos psicológicos com um embasamento desde a epistemologia qualitativa fornece elementos para pensar as relações tecidas professor-aluno e aluno-aluno na sala de aula.

Bolsa Capes.

Palavras chave: Abordagem sociocultural, desenvolvimento humano, contextos educativos.

D

DES

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO PARA O USO DE AMBIENTE ONLINE: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL. *ROSSANA MARY FUJARRA BERALDO - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Na contemporaneidade, temos sido lançados em uma cultura digital, produtora e produzida pelos avanços tecnológicos que implica na revolução nos suportes da informação e comunicação, criando novas formas de aprender e produzir conhecimento. A importância da cultura e dos contextos sociais ganham ênfase na sociedade pós-moderna e pós-industrial, novas perspectivas foram estabelecidas por meio dos estudos que descreviam e explicitavam padrões comportamentais referentes aos aspectos de mudança e estabilidade, continuidade do biológico para o psicológico, da organização e reajuste das estruturas, da cronologia variada conforme o ritmo de cada indivíduo etc. Buscando contribuir para a formação de professores

de ensino médio para essa nova realidade, a Universidade de Brasília vem ofertando, desde 2006, o curso Construa sua sala em Moodle, para professores da rede pública de ensino com base em um modelo de aprendizagem colaborativa. Considerando que 88,5% dos 86 professores da turma de 2009 construíram salas online, usando-as em sua prática pedagógica rotineira, no presente estudo objetivamos investigar as diferentes formas de salas online que têm sido criadas e como eles têm percebido a relação entre essas práticas e os processos de aprendizagem dos alunos. Uma primeira análise interpretativa dos resultados indica o uso criativo desses ambientes e a percepção de que o modelo colaborativo incide positivamente nas práticas educativas. O propósito da apresentação é mostrar de que maneira a psicologia sociocultural permite sustentar teórica e epistemologicamente este tipo de pesquisa. Tomamos como ponto de partida um modelo colaborativo, onde o papel do professor é central no gerenciamento da informação e na condução das dinâmicas que vão sendo construídas em torno dos conteúdos propostos para o estudo. Sob essa perspectiva, abre-se uma gama de opções para que o educador use criativamente o ambiente e promova situações para que a aprendizagem ocorra. Os alunos, por sua vez, passam a atribuir valor, significado e sentido à construção do conhecimento, bem como, no compartilhamento das informações. Assim, temos em consideração os pressupostos da abordagem sociocultural, e principalmente os aspectos histórico-culturais do grupo a pesquisar. Tendo em vista ainda as pesquisas contemporâneas podemos verificar um alargamento metodológico da ciência do desenvolvimento devido à inter-relação das teorias psicogenética, sociogenética, teorias sistêmicas e culturalistas.

Palavras-chave: formação de professores, processos de aprendizagem colaborativa, ambientes online.

Sesiones paralelas: **USO DE PRUEBAS PSICOLOGICAS EN LATINOAMERICA, DESARROLLO Y PERSPECTIVAS DE LA CALIDAD DE PRUEBAS USADAS EN LA PRÁCTICA.**

La practica de la psicologia en cualquier area hace uso de las pruebas psicológicas como herramientas de trabajo para la recoleccion de datos, informacion que es soporte de diagnosticos, seguimientos, valoracion, calificacion e investigacion. La calidad de la informacion depende directamente de la calidad de las pruebas, que como tecnologias permiten la evalucion y medicion de constructos psicologicos, que en su naturaleza dependen de variables culturales
y demograficas, razon por la cual su uso en grupos poblacionales requiere de una valoracion previa, que permita garantizar la sensibilidad y pertinencia. En América Latina, el uso de pruebas psicologicas, es una actividad del que hacer profesional que en muchos paises no cuenta con un acompañamiento que permita garantizar la validez y confiabilidad de las ungran numero de pruebas. La sesión presenta experiencia desarrolladas en algunos paise latinoamericanos que contextualizan esta situacion, y presenta la experiencia brasilera como un ejemplo de desarrollo, alcance e impacto de la adopcion y aplicacion de estandares de calidad en el uso de pruebas psicologicas. Esta sesión pretende ser un espacio de discusion que permita abrir discusion y alianzas para en el futuro desarrolar una comision latinoamericana que permita
el seguimiento del desarrollo y calidad de las pruebas psicologicas en los paises Latinoamericanos.
Evaluación Psicológica

MODELOS INTERNACIONALES USADOS EN LA EVALUACIÓN DE PRUEBAS PSICOLOGICAS Y EL DESARROLLO DEL MODELO DE ESTANDARES PARA COLOMBIA. *Flor Angela Leon Grisales (Universidad Nacional de Colombia)*
Se presentan los modelos de estándares desarrollados dos de las asociaciones de psicología internacionales que han servido como guías para el desarrollo, uso y aplicación de pruebas psicológicas también se presentan los modelos de desarrollados en México y España. El modelo mexicano muestra una iniciativa completa y sencilla para construcción de pruebas objetivas, desarrollado por la empresa privada en México, es un modelo ejemplo de las actividades de control de calidad necesarias para garantizar la idoneidad de las pruebas usadas en la medición psicológica. También se refiere una breve revisión de la experiencia Española, que desde hace más de una década adelanta la revisión de pruebas mediante la aplicación de un protocolo desarrollado a partir del modelo ITC, ejemplos de las actividades pendientes a desarrollar en el contexto latinoamericano. De igual manera mostrará brevemente el plan de desarrollo para el desarrollo de un modelo de estándares para Colombia, experiencia que en curso que gracias al apoyo del Colegio Colombiano de Psicologos se encuentra en su fase inicial.
Frente al impacto del uso de las pruebas psicológicas en los procesos de evaluación que se adelantan en el quehacer del psicología profesional, asociaciones internacionales como la APA American Psychology Association , la EFPA European Federation of Psychologist Associations, de psicología han publicado documentos técnicos que sobre la revisión de los criterios para garantizar la calidad técnica de las pruebas psicológicas, modelos de estándares que sirven como directrices para la construcción, traducción, revisión y uso de las pruebas. Estos modelos han servido como orientadores de diferentes experiencias internacionales sobre el desarrollo de modelos de evaluación de pruebas psicológicas, en varios países, como ejemplo se revisa la propuesta desarrollada en México después de la Meta evaluación de la pruebas diseñadas por (Ceneval) Centro Nacional para la Evaluación de la Superior de México, desarrollado por Agustin Tristan y Rafael Vidal desde el IEIA Instituto para la Evaluación y la

Ingeniería Avanzanda. Se reseña el avance en España que ha implementado por medio del Colegio Oficial de Psicologos, la evaluación de la calidad de las pruebas más utilizadas en la práctica profesional de los psicólogos españoles, se exponen los puntos de mejora a considerar para el desarrollo de experiencias similares.

Aportaciones de la Etnopsicometría: Desarrollo y validación psicométrica de pruebas culturalmente relevantes. *Isabel Reyes Lagunes (Universidad Autónoma de México),*
A pesar del generalizado acuerdo con la importancia del papel de la cultura en la medición psicológica, los esfuerzos para su vigilancia han sido pocos. Partiendo de la afirmación de Clyde Kluckhon (1954) de que Cultura es a Sociedad lo que Memoria es al Individuo y nuestra definición de instrumento de medida situación estandarizada experimental en la que obtenemos una muestra representativa de conductas en las que se refleja la característica, atributo, que queremos medir (Reyes Lagunes, 1993) hemos desarrollado una serie de propuestas de metodología mixta (cuali-cuanti) que nos permitan asegurar que las pruebas psicológicas evalúen los diversos atributos psicológicos en forma culturalmente relevante. Presentaremos, tanto las técnicas desarrolladas (ej. Redes Semánticas Naturales Modificadas) como ejemplos (Ej. Masculinidad-femineidad, Locus de Control, Orientación al Logro, Estilos de Enfrentamiento, Individualismo-Colectivismo) en los que se ha probado su eficacia aunado a lineamientos propuestos para su validación psicométrica.

RECOGIENDO EXPERIENCIAS PARA EL DESARROLLO DE LOS TEST EN EL PERU Y AMERICA LATINA. *José Livia (Universidad Nacional Francisco Villareal - Perú)*
Se describe el panorama internacional de los test psicológicos destacando recursos de información, organizaciones académicas y profesionales, así como directivas para la investigación y uso adecuado. Se destaca el desarrollo histórico de los test en América Latina y el desarrollo editorial, tomándose la experiencia de la psicología brasileña al haber sistematizado la evaluación de los test, la formación de usuarios y el desarrollo de la investigación. Sobre ese contexto se plantea el rol del colegio de psicólogos del Perú para la regulación de la evaluación psicológica y se recomienda algunos aspectos para su aplicación en América Latina.

PANORAMA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO BRASIL. *Ana Paula Porto Noronha (Universidade de São Francisco - Brasil)*
A avaliação psicológica no Brasil é uma das práticas mais antigas, sendo que as primeiras publicações são anteriores ao reconhecimento da profissão de psicólogo em 1962. Ao longo dos 50 anos de história de psicologia muitos foram os avanços nas teorias e práticas avaliativas. O Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) foi promulgado pelo Conselho Federal de Psicologia em 2001 e tem sido considerado um marco no desenvolvimento da avaliação psicológica; ele é composto por um sistema operacional que disponibiliza as informações em um sítio na internet, por um conjunto de Resoluções e por uma comissão de especialistas. Qualquer instrumento psicológico utilizado em avaliações deve possuir o parecer favorável do SATEPSI, que por sua vez, considera alguns critérios mínimos para sua aprovação. Todo instrumento deve possuir uma fundamentação teórica bem articulada, estudos de validade para os objetivos aos quais são destinados, estudos de precisão e normas com amostras brasileiras. As informações devem estar disponíveis em um manual organizado, no qual há um responsável técnico (psicólogo) por ele. Ao lado desse sistema, outros elementos contribuíram para o avanço da área, tal como a organização de duas instituições científicas relacionadas à avaliação que a defendem e impulsionam, bem como a criação de muitos laboratórios de pesquisa em regiões distintas do Brasil, que desenvolvem pesquisas e articulam publicações. O que se pretende com esta apresentação é refletir sobre o

cenário da avaliação psicológica atual e os desafios ainda necessários para seu permanente desenvolvimento.

ABSTRAÇÃO DE UNIDADES TEXTUAIS COMPLEXAS APÓS TREINO DE MULTIPLOS EXEMPLARES. *Viviane Verdu Rico, Julio Cesar de Rose (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP)*

As habilidades de leitura são de grande importância para a vida dos indivíduos. Pesquisas apontam, entretanto, que o Brasil ainda apresenta elevados índices de analfabetismo e um grande número de crianças com dificuldade de aprendizado dessas habilidades nas escolas públicas. Torna-se vital, portanto, que sejam desenvolvidos procedimentos que garantam esse aprendizado. Inspirados pelas análises de Skinner sobre relações verbais e unidades verbais mínimas, de Rose e colaboradores tem desenvolvido e aperfeiçoado programas individualizados de ensino de leitura e escrita, que vem sendo aplicados em crianças com dificuldade no aprendizado de leitura em um currículo suplementar de ensino. Este currículo conta com três programas. O primeiro deles, que tem sido o mais estudado, propõe-se a ensinar a leitura e escrita generalizada de palavras compostas por sílabas "simples" (do tipo consoante-vogal). O segundo, aplicado aos alunos que terminam o primeiro, ensina a leitura e escritas de palavras com sílabas mais "complexas" (contendo dígrafos, encontros consonantais, etc.). O terceiro programa propõe-se a utilizar as habilidades estabelecidas nos dois programas anteriores para a leitura de livros infantis de complexidade crescente. O presente estudo avaliou a eficácia do segundo programa no ensino de leitura de unidades textuais complexas da língua portuguesa. Este programa se baseia no ensino de emparelhamento com o modelo entre palavras ditadas e palavras impressas, apoiando-se na exclusão de palavras conhecidas. O programa ensina múltiplos exemplares de unidades textuais complexas e testa a leitura de novas palavras contendo cada unidade alvo. Participou deste estudo uma criança de 9 anos, sexo feminino, de desenvolvimento típico, que apresentou aproximadamente 0% de leitura correta em um pré-teste com palavras contendo as quatro unidades textuais a serem ensinadas. Foi utilizado um delineamento de linha de base múltipla. A participante aprendeu 16 palavras com cada unidade textual. Sondas de leitura seguiram o ensino do conjunto de palavras de cada unidade. No geral, foram observados percentuais de acerto próximos a 100% na leitura de palavras de cada unidade alvo após o treino. A participante também mostrou generalização da leitura para palavras novas contendo cada unidade alvo, com percentuais de acerto próximos a 100%. Ocasionalmente, a participante lia corretamente algumas palavras de unidades ainda não ensinadas. Isso ocorreu esporadicamente e provavelmente se deveu ao fato de que tais palavras continham unidades textuais já conhecidas pela criança, de modo que ela podia identificar uma palavra baseada no som da leitura das unidades textuais já conhecidas. Os resultados sugerem que o controle por uma nova unidade textual pode ser abstraído após a aprendizagem de múltiplos exemplares de palavras contendo aquela unidade.

Leitura; abstração de unidades textuais; emparelhamento ao modelo

Bolsa de Pós-Doutorado CNPq (primeira autora); Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq (segundo autor)

AEC

ANALISE DA AQUISIÇÃO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS E EMERGÊNCIA DE EQUIVALÊNCIA SOB CONDIÇÃO DE REFORÇAMENTO DIFERENCIAL. *Guilherme Jorge Sousa e Silva*, Adriana Regina Rubio** (Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP)*

Nas últimas três décadas a Análise Experimental do Comportamento (AEC), enquanto ciência do comportamento vem desenvolvendo pesquisas que subsidiam diferentes formas de aplicabilidade dos princípios de aprendizagem estudados, entre eles, o campo da educação tem sido o foco da análise do comportamento. Um dos objetivos da AEC é a produção de conhecimento científico que tem sido alcançado por meio da pesquisa básica realizada em situação controlada de laboratório e utilizando animais não humanos e humanos em seus estudos. Uma das áreas de aplicabilidade do conhecimento produzido pela AEC é a educação. Nesta área, em particular, a AEC tem contribuído para a análise e conhecimento dos processos básicos de aprendizagem de leitura, escrita e conceitos matemáticos e para o desenvolvimento de procedimentos e programas de ensino. Ao longo do desenvolvimento destas pesquisas, a preocupação da AEC está, particularmente, relacionada ao desenvolvimento de procedimentos e tecnologia que permitam facilitar a aprendizagem de indivíduos com desenvolvimento atípico e possibilitar-lhes a aprendizagem de comportamentos ditos complexos, como por exemplo: abstrair, resolver problemas, ler com compreensão, entre outros. Essas pessoas, frequentemente, apresentam déficits comportamentais em diversas áreas de desenvolvimento: na linguagem, por exemplo, e, portanto, apresentam dificuldades de aprendizagem que têm sido sanadas com o uso de tecnologia comportamental (como por exemplo, software especializado) e procedimentos alternativos que possam facilitar a aprendizagem. Dentre as contribuições da AEC, o paradigma de equivalência de estímulos proposto por Sidman e Tailby (1982) têm favorecido não apenas o entendimento de comportamentos complexos como também têm desenvolvido procedimentos úteis e econômicos para a aprendizagem destes comportamentos. O presente estudo tem, portanto, como objetivo investigar a aquisição de relações condicionais entre estímulos e a formação de classes de estímulos equivalentes em estudantes universitários submetidos a procedimentos alternativos que evoquem a emergência de relações de equivalência. A presente pesquisa se inscreve como uma proposta metodológica para investigar a formação de classes de estímulos equivalentes em condições parciais de reforçamento, alternativamente ao emprego de testes em extinção. Para isto foram conduzidos quatro experimentos, sendo que em cada um dos experimentos uma das propriedades definidoras da Classe de estímulos equivalentes (simetria ou transitividade ou simetria da transitividade) foi treinada (ou seja, seguida de reforçamento). Em seguida testes subseqüentes de equivalência foram realizados a fim de se verificar os efeitos do treino destas relações sobre a formação de classes de estímulos equivalentes. Como resultado, todos os participantes formaram classes de estímulos equivalentes e o treino de uma das propriedades definidoras favoreceu a emergência imediata das relações de equivalência. Além disso, foi levantada a questão da ressurgência de erros nas relações condicionais apresentadas, mesmo em condições de reforçamento. Pode-se considerar que os dados do presente estudo ainda não são conclusivos, pois, a previsão da continuidade do estudo e o aumento do número de participantes em cada condição experimental deverão contribuir para a generalização dos resultados.

Equivalência de Estímulos, Cognição e Análise do Comportamento

AEC

ANÁLISE DA LITERATURA SOBRE ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS PARA BEBÊS ATÉ 36 MESES. *Graziele Thomasinho de Aguiar**; Christiana Gonçalves Meira de Almeida**; Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil (Universidade Federal de São Carlos, São Carlo, SP)*

Os resultados obtidos na pesquisa sobre ensino e aprendizagem de discriminações condicionais alcançaram um alto grau de generalidade, mas ainda há escassez de estudos com crianças de até 36 meses. Quando comparada a outras populações, os bebês parecem refratários à permanência e realização das tarefas propostas pelos procedimentos clássicos dos estudos deste tema. O objetivo do presente trabalho foi analisar relatos de pesquisas empíricas, publicados entre 1982 e 2012, sobre o ensino de discriminações condicionais para crianças de até 36 meses, considerando: os periódicos de livre acesso pela internet, até 1/06/2012 e características do método. Foram consultadas as bases de dados: PEPSIC; INDEXPSI; LILACS; CAPES; PsycINFO. Selecionaram-se os periódicos a partir das seguintes palavras-chave: conditional discrimination, relational responses, stimulus equivalence, matching-to-sample, young children, babies, toddler e infants. Os artigos foram analisados considerando-se as características de: a) participantes; b) estímulos antecedentes; c) consequências programadas, d) equipamentos; e) procedimentos; f) aprendizagem das discriminações condicionais. Foram localizados 14 artigos completos. As revistas com maior número de publicações foram: Journal of The Experimental Analysis of Behavior (sete estudos), The Psychological Record (três estudos), Experimental Analisys of Behavior Bulletin (dois estudos) e dois diferentes periódicos publicaram um artigo cada. Nas 14 pesquisas participou um total de 76 crianças. Em cada estudo o número de participantes variou de um a 20 e a menor idade foi de 18 meses sendo a maior de 36 meses. As consequências para acerto froam elogios do experimentador, acesso ao estímulo comparação, acesso a adesivos, visualização de figuras ou bolas de sabão. Os erros tinham como consequências procedimentos de correção e\ou retirada dos estímulos. Com relação ao equipamento utilizado para exposição dos estímulos antecedentes (discriminativos), sete estudos apresentaram objetos ou figuras sobre uma mesa; três estudos apresentaram figuras no monitor do computador; dois estudos apresentaram objetos diversos ou brinquedos em caixas apropriadas, um estudo expos os estímulos (brinquedos) no chão e um estudo apresentou figuras em papel sem especificar o aparato. O procedimento matching to sample simultâneo foi adotado em oito estudos; cinco deles utilizaram maching to sample com múltiplos exemplares; um estudo utilizou contagem de histórias para exposição dos estímulos e testes no formato de matching to sample. Quanto ao número de estímulos comparação, seis estudos variaram a quantidade (entre 2 e 12); quatro estudos apresentarem dois comparações; dois estudos usaram três e um estudo usou alternadamente dois e três comparações. Sobre a aprendizagem das discriminações condicionais, 12 dos 14 relatos afirmaram a aprendizagem das relações condicionais por todos os participantes. Em dois dos estudos os resultados indicaram sucesso parcial dos procedimentos. O pequeno número de artigos com participantes de até 36 meses, considerado o montante de estudos sobre discriminações condicionais, indica avanço no planejamento e execução dos procedimentos, pois as crianças permanecem na situação experimental e são bem sucedidas na realização das tarefas propostas. Ao mesmo tempo, a análise dos artigos sugere a necessidade de prosseguir nos estudos com esta população para ampliar a generalidade dos dados obtidos até o presente.

Discriminação condicional; bebês; revisão de literatura.

CAPES; INCT-ECCE

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE INDICADORES DE APRENDIZAGENS NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE DIMENSÕES OPERANTES. *Claudia Cristina de Góes*, Mayara Paula da Silva Matsunaka*, Jair Lopes Junior (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP).*

No âmbito dos anos iniciais da Educação Básica, diretrizes oficiais preconizam a importância de temas e de orientações didáticas que promovam aproximações de conteúdo e de aprendizagens entre diferentes componentes curriculares. O presente estudo investigou possíveis correspondências entre indicadores de alfabetização científica provenientes da pesquisa acadêmica e descritores de aprendizagens de Língua Portuguesa, com ênfase na identificação de dimensões operantes na apresentação de tais indicadores e descritores. Para efeito de análise foram consultadas pesquisas acadêmicas da área de Ensino de Ciências, bem como as Matrizes de Referência do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) para a área de Língua Portuguesa. A pesquisa acadêmica advoga indicadores de alfabetização científica definidos por seriação, classificação e organização de informações, raciocínios lógico e proporcional, levantamento e teste de hipóteses, justificativa e previsão, com acentuada ênfase para o desenvolvimento de processos de argumentação. Estima-se que tais indicadores sustentam correspondências tênues e parciais com descritores especificados nos seis tópicos das Matrizes do SAEB e do SARESP para a área de Língua Portuguesa. Contudo, constatou-se variabilidade na terminologia que designa as aprendizagens esperadas, como, por exemplo, referências a habilidades, descritores e indicadores de competências, dentre outros termos. Verificou-se, assim, a reincidência de explicitações de metas ou de aprendizagens esperadas, no âmbito de políticas públicas educacionais, que comprometem a visibilidade, o acesso às dimensões críticas dos processos comportamentais envolvidos. Prescindir da especificação ou da proposição das relações de controle de estímulo que devem vigorar na emissão dos repertórios designados pelos indicadores e descritores restringe o alcance de intervenções qualificadas. Por seu turno, análises comportamentais podem fundamentar o delineamento de contingências de ensino diretamente vinculadas com o desenvolvimento das aprendizagens enunciadas pelos indicadores, em especial, pela ênfase na aquisição de repertórios precorrentes, envolvendo temas da Língua Portuguesa, para a emissão de indicadores de alfabetização científica, como por exemplo: a) estabelecer relações entre imagens (foto ou ilustração) e o corpo do texto, comparando itens de informação explícita; b) inferir tema ou assunto principal de um texto, com base em informações contidas em título, subtítulo ou corpo do texto; e c) estabelecer relações de causa /consequência, entre segmentos de um texto, sendo que a causa é relativa a um fato referido pelo texto e a consequência está explícita. Contingências delineadas a partir de análises comportamentais podem igualmente favorecer transferências ou extensões de relações de controle de estímulo que definem as aprendizagens preconizadas pelos componentes curriculares de Língua Portuguesa e de Ciências Naturais.

PIBIC/CNPq-UNESP

Palavras-chave: descritores de desempenho, matrizes de referência, Análise do Comportamento

IC

AEC

ANÁLISE DE VOCALIZAÇÕES ESPONTÂNEAS NO ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS EM CRIANÇAS ATÉ 24 MESES. *Lara Rosa*; Christiana Gonçalves Meira de Almeida** e Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP).*

Estudos com bebês podem trazer esclarecimentos importantes sobre o papel do repertório verbal na emergência de relações de equivalência. O presente estudo teve objetivo de analisar as diferenças na emissão de vocalizações espontâneas de quatro crianças entre 22 e 24 meses de idade,em procedimentos de ensino de discriminações condicionais, apresentadas no formato de Matchingtosample (MTS). No procedimento, respostas corretas foram apontar ou pegar o objeto correspondente ao modelo auditivo e tinham como consequência: receber um adesivo e elogios e brincadeiras com a experimentadora. Respostas incorretas, apontar ou tocar o objeto não correspondente ao modelo, eram seguidas pelointervalo entre tentativas. Na primeira relação auditivo-visual ensinada, os nomes "Lodi" e "Pepe" tiveram função de modelo e dois objetos tridimensionais confeccionados para o estudo tinham função de comparação (AB). Na segunda relação, os mesmos nomes serviram como modelo e as comparações eram outros objetos que guardavam similaridade física com os anteriores (AB'). Após a linha de base de ensino, foi testada a emergência das relações objeto-objeto (BB'). Na sequência, uma terceira relação foi ensinada (AC), os mesmos nomes eram o modelo, mas os estímulos comparação(C) não guardavam similaridade com nenhum dos objetos dos conjuntos anteriores (B ou B'). As relações entre os objetos e nome (BC e CB) foram testadas. O critério de aprendizagem era de seis acertosem oito tentativas com duas comparações: três acertos para cada relação ensinada. Os testes com tentativas reforçadas tinham critérios semelhantes, mas caso ocorressem dois erros nas quatro primeiras tentativas, as relações poderiam ser novamente ensinadas e a criança submetida à re-teste. O desempenho das crianças filmado em todas as sessões foi analisado por meio do preenchimento de um protocolo de registro das vocalizações topograficamente semelhantes às palavras "Lodi" e "Pepi". As vocalizações foram agrupadas em emissões ocorridas fora ou dentro de tentativas (imediatamente antes, durante ou após a seleção), sendo as últimas separadas em correspondentes ou não-correspondentes aos nomes previamente atribuídos aos objetos e neutro (vocalização do nome sem a presença do objeto) e foram comparadas ao acerto ou erro na tentativa. Os participantes 1 e 2 não atingiram critério de aprendizagem para aprimeira relação ensinada e não emitiram nenhuma vocalização. O participante 3 aprendeu todas as relações de linha de base, sem emergência da relação BB' e com emergência de relações de equivalência (BC e CB). O participante 4 aprendeu todas as relações de linha de base e com emergência das relações BB', BC e CB. Foram observadas vocalizações na maioria das sessões e maior o número de vocalizações correspondentes do que não-correspondentes e neutras para as crianças 3 e 4. Além disso, esses participantes apresentaram maior número de vocalizações correspondentes em tentativas com acerto e não correspondentes em tentativas com erro. Embora a relação entre linguagem e sucesso nas tarefas de aprendizagem de relações condicionais e emergência de relações de equivalência continue controverso na literatura, os resultados do presente estudo sugerem para uma possível relação entre as emissões de vocalizações espontâneas e o estabelecimento da equivalência de estímulos.

Bebês, discriminações condicionais; vocalizações.

Apoio: CNPq – CAPES – INCT/ECCE

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

APRENDIZAGEM DISCRIMINATIVA E CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES: AMPLIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE AVALIAÇÃO DA SUBSTITUTABILIDADE NA EMERGÊNCIA DE COMPORTAMENTOS SIMBÓLICOS. *Renan Gonçalves Passos*, Felipe Bulzico da Silva*, Jair Lopes Junior (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP)*

A literatura em Análise Experimental do Comportamento atesta recorrentemente a emergência de relações equivalentes a partir do ensino de relações condicionais. Trata-se de modelo para a análise operante do comportamento simbólico definido pela substitutabilidade de estímulos. Contudo, de modo predominante, as contingências de teste de relações de equivalência sustentam uma característica restritiva na avaliação da substitutabilidade: como estímulos de escolha são exibidos somente os estímulos dos conjuntos experimentalmente utilizados. O presente estudo investigou se as relações de equivalência seriam igualmente atestadas sob duas condições distintas de avaliação: envolvendo os mesmos estímulos de escolha dos conjuntos experimentalmente utilizados, bem como estímulos de escolha vinculados às classes de estímulos excludentes previstas experimentalmente, como, por exemplo, (B1 e C2), ou (B2 e C1). Participou uma criança com 11 anos de idade e desenvolvimento típico. Um aplicativo exibiu tentativas de MTS simultâneo visual-visual sob a forma de slides. A cada tentativa, o estímulo condicional foi exibido no centro e os estímulos de escolha nos vértices do slide. Foram utilizadas 12 figuras arbitrárias sem significado definido pré-experimentalmente. Na Fase 1 ocorreu o treino de 10 relações condicionais em esquema de CRF. A cada acerto o participante recebia uma ficha. As fichas eram permutáveis por guloseimas ao final. Os estímulos condicionais X1 e X2 foram exibidos com pares de estímulos de escolha dos conjuntos A (A1, A2), B (B1, B2), C (C1, C2), D (D1, D2) e E (E1, E2). Nas Fases 2 e 3 ocorreram, respectivamente, os testes das relações simétricas e equivalentes. Nos testes foram exibidos como estímulos de escolha pares de estímulos apresentados anteriormente nas tentativas de treino de modo sucessivo (X1 e X2 – teste de simetria) e simultâneo (os pares dos conjuntos A, B, C, D e E – teste combinado de equivalência). Na Fase 4, no teste combinado de equivalência, os pares de estímulos de escolha foram estímulos mutuamente excludentes, de conjuntos diferentes, considerando as classes experimentalmente previstas, como por exemplo, (B1 e E2) e (C1 e D2). Nas Fases 2, 3 e 4 vigorou o procedimento de extinção. O participante obteve 97,5% de acerto nas tentativas de treino da Fase 1. Nos testes das relações simétricas (Fase 2), equivalentes com os pares dos conjuntos do treino (Fase 3) e equivalentes com permuta de estímulos de escolha entre os conjuntos (Fase 4) foram registrados, respectivamente, 90% , 96,2% e 88,7% de acerto. Os resultados mostram-se consistentes com o modelo de equivalência sob condições ampliadas de avaliação da substitutabilidade, com variações nos índices de acerto registrados. Em continuidade, estima-se relevante investigar se as condições ampliadas de avaliação da substitutabilidade acentuam efeitos de variáveis de procedimento, como número de estímulos de escolha e de nódulos, na emergência de repertórios simbólicos.

Repertórios simbólicos, classes de estímulos equivalentes, criança

AEC

APROXIMAÇÕES GRADUAIS E SUCESSIVAS A REALIZAÇÃO DE ANÁLISE FUNCIONAL DO PRÓPRIO COMPORTAMENTO-PROBLEMA EM CONTEXTO CLÍNICO. *Francielli Sarmento, Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Certos procedimentos derivados do conhecimento em Análise Experimental do Comportamento quando utilizados na intervenção clínica são importantes recursos para desenvolvimento de comportamentos do cliente de difícil manejo direto, seja pelo seu alto grau de aversividade, seja por repertório comportamental insuficiente. Foi possível observar as decorrências da utilização do procedimento de analisar funcionalmente comportamentos e o princípio de aproximações graduais e sucessivas ao comportamento de interesse no atendimento clínico a uma mulher de 38 anos de idade, com dois filhos, raça ariana e ensino médio incompleto. A cliente solicitava auxílio para lembrar-se de situações da infância com a função de entender seus comportamentos passados e atuais. Foram realizadas 45 sessões, com duração de uma hora, semanalmente, no período de dois anos, com início no ano de 2010. Por meio da caracterização das contingências passadas foi identificado o desenvolvimento de comportamentos de fuga e de esquiva diante de situações nas quais havia necessidade de responsabilizar-se pela ocorrência de algo que produzia danos a seus familiares. Foi observado que apresentava comportamentos de fugir com alta frequência e concomitantemente as classes de comportamentos que envolviam "situações de decisões relacionadas aos filhos" e "culpar-se por não cuidar dos filhos". Considerando essas duas classes de comportamentos apresentadas com alta frequência e a caracterização das contingências passadas, foi definido como classe de comportamento clinicamente relevante "tomar decisões relacionadas aos filhos sob controle de variáveis relevantes". O procedimento utilizado para ensino dessa classe de comportamentos foi análise funcional de comportamentos, pois a cliente apresentava baixo grau de visibilidade acerca das decorrências de suas respostas e a análise funcional possibilitava que fossem explicitadas as variáveis das quais um comportamento é função. Após a primeira análise funcional, foram observados comportamentos de fuga de realização da análise e concluiu-se que o procedimento utilizado apresentava propriedades aversivas. Para atenuar tais propriedades, os comportamentos que produziam consequências relacionadas aos seus filhos foram analisados funcionalmente por meio de aproximações sucessivas e graduais. As gradações das análises funcionais foram: 1. análise do comportamento de outra pessoa, sem a interferência do próprio comportamento; 2. análise dos próprios comportamentos apresentados em ambientes gratificantes; 3. análise dos próprios comportamentos, relacionados aos filhos, com consequências gratificantes; 4. análise dos próprios comportamentos, componentes da classe "tomar decisões relacionadas aos filhos sob controle de variáveis relevantes". Ao analisar funcionalmente o próprio comportamento com relação aos filhos, mesmo que o procedimento tenha sido realizado de maneira gradual, comportamentos de fuga por meio de explicações religiosas ou místicas e auto-regras foram apresentados. Tais explicações não foram analisadas, sendo postas em extinção por não constituírem objeto da análise e sua frequência foi diminuindo ao longo das sessões. Enquanto que os comportamentos componentes da classe "tomar decisões relacionadas aos filhos sob controle de variáveis relevantes" aumentaram de frequência ao longo das sessões. A apresentação de comportamentos de fuga, mesmo com utilização de um procedimento aplicado de maneira gradual, indica o grau de dificuldade em manejar, na prática clínica, essa classe de comportamentos e indica necessidade de desenvolver mais procedimentos que facilitem esse tipo de intervenção.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Análise funcional; aproximações sucessivas; terapia comportamental.
CAPES
AEC

AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DE UM PROGRAMA PARA ENSINAR FRASES A PESSOAS DEFICIENTES MENTAIS QUE ESTÃO EM PROCESSO DE INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO. *Rosaria Maria Fernandes da Silva (UNIVALI), José Gonçalves Medeiros (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Comportamentos acadêmicos básicos (ler, escrever e contar) são imprescindíveis na vida diária. No entanto, estes comportamentos nem sempre são adquiridos, por pessoas que apresentam algum tipo de deficiência mental (DM). No entanto, estes comportamentos nem sempre são adquiridos, por pessoas que apresentam algum tipo de deficiência mental. Neste sentido é importante refletir sobre algumas questões: Será que o D.M é mesmo incapaz de aprender a ler e a escrever? De que forma os comportamentos de ler, escrever e contar estão sendo ensinados ao D.M ao longo de sua vida acadêmica? Se houvesse um ensino eficaz, o deficiente mental continuaria sendo considerado incapaz? Procedimentos baseados no Paradigma de Equivalência são descritos na literatura como um dos meios mais eficientes para ensinar pessoas DM a ler e escrever. Para tanto, é necessário programar as condições para ensinar estes comportamentos e, por fim, avaliar a eficiência do programa proposto. A necessidade de estabelecer mais claramente estas etapas evidencia a relevância de produzir conhecimentos que possibilitem responder a questão: Qual a eficiência de um programa para ensinar frases a pessoas deficientes mentais que estão em processo de ingresso no mercado de trabalho? Participaram deste estudo cinco alunos deficientes mentais, de uma instituição do sul do Brasil. Os comportamentos de ler e escrever frases foram ensinados por meio de um procedimento de Matching To Sample por exclusão informatizado, programado por meio de um delineamento de Linha de Base Múltipla. Os resultados mostram que os participantes adquiriram o comportamento de ler com compreensão as classes de estímulos apresentadas. Com relação às classes de estímulos frases, o percentual de respostas corretas foi de 66% para P7 e de 4,7% para P8. O restante dos Ps (3, 4, 5) não apresentou respostas corretas, resultando num percentual de zero por cento. Os dados do teste final demonstram que os benefícios do programa de ensino, ainda que limitados, favoreceram o desenvolvimento do repertório de leitura e escrita dos Ps 3, 4, 5, 7, 8. Os resultados obtidos por meio do procedimento demonstraram a emergência de novas relações (frases) que surgiram a partir das relações condicionais ensinadas independentemente. Nas Fases de testes de equivalência, os participantes estabeleceram as relações de equivalência BC/CB. Os dados obtidos indicam a eficiência do programa de ensino das relações AB, AC, AE, AC. Pode-se afirmar sobre a relevância social do programa, em particular, da relevância educacional, na medida em que possibilitou o aumento do repertório de ler frases a adultos deficientes mentais que estão em processo de ingresso no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Programação de ensino; Repertórios acadêmicos; Equivalência de Estímulos; Ensino de leitura e escrita; Uso de recursos informatizados.

AEC

AVALIAÇÃO DE EMERGÊNCIA DE LEITURA DE FRASES A PARTIR DO ENSINO DE SUAS UNIDADES CONSTITUINTES. *José Gonçalves Medeiros[1]; Leonardo Pereira de Lima*; André Souza[2]; Graziela Rodrigues Medeiros[2]; Paula Cogno Lermen* e Priscila Gasperin Pellegrini* (Dep. de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

Ler com compreensão é considerado uma habilidade fundamental para lidarmos com várias atividades do cotidiano. Uma das primeiras metas de ensino, ou seja, a leitura com compreensão, se não for bem sucedida, promoverá dificuldades na aprendizagem de diversos conteúdos na vida do estudante. Durante a alfabetização, é possível que o estudante aprenda apenas a decifrar o código lingüístico da comunidade verbal na qual ele está inserido, ou seja, aprende a repetir com sucesso as palavras que lhe foram expostas, sem compreender o seu significado. É o que denominamos de analfabetismo funcional. Este estudo foi realizado com crianças da primeira série de uma escola da rede pública estadual da região sul do Brasil, cujas idades variavam entre seis e sete anos. Das 18 crianças, 11 constituíram o Grupo Experimental e 7 constituíram o Grupo Controle, cujo objetivo foi, portanto, verificar se o ensino em separado das unidades constituintes de frases (substantivos, números, cores e verbos) produziria a emergência de leitura da frase quando apresentada em sua forma completa. As palavras foram ensinadas por meio de um procedimento computadorizado de discriminação condicional. O experimento foi conduzido em tarefas que compunham três blocos de ensino, seguidos de Testes de Agrupamento, cujas palavras ensinadas foram testadas conjuntamente, formando frases, cujo desempenho não foi consequenciado e de Testes de Equivalência de Agrupamento, para verificar se a leitura estava sendo realizada com significado. Os participantes do Grupo Controle realizavam apenas os testes iniciais e finais além de uma atividade experimental (ensino da relação AB). Antes do Teste de Agrupamento, atividade de cópia era apresentada aos participantes do Grupo Experimental. Para metade deles, na Condição 1, era exibida a frase a ser lida. Era solicitado ao participante que copiasse cada uma das palavras da frase exibida. Cada cópia da palavra na ordem correta era seguida de conseqüências verbais positivas. Depois da cópia de todas as frases (nove), as mesmas foram reapresentadas uma a uma. Era solicitado então sua respectiva leitura, sem conseqüências verbais. Para a outra metade dos participantes, na Condição 2, era exibida a frase a ser lida porém nessa condição apenas a cópia da frase completa era reforçada verbalmente (ao invés de cada cópia dos componentes da frase). Além disso, a leitura de cada frase era solicitada imediatamente após sua cópia. A criança avançava para a tarefa e bloco seguintes apenas quando obtinha aproveitamento de 100%. Os resultados mostram que todos os participantes, exceto um (E-10) leram as frases no Agrupamento do Bloco 1. Apenas o participante E-3 completou a leitura das frases do Bloco 2. Em relação à cópia, em ambas as condições, ocorreu a aquisição de leitura das frases. Na Condição 1, em que a cópia de cada elemento da frase era consequenciada, a aquisição foi progressiva. Na Condição 2, em que a cópia da frase completa era consequenciada, a aquisição foi mais abrupta. Discute-se a importância de se aplicar procedimentos nos quais se planeja a aquisição não apenas de palavras isoladas, mas fundamentalmente de frases curtas porém completas e com sentido.

Emergência de leitura; Discriminação condicional; Leitura de frases

1 Bolsa de Auxílio à Pesquisa (APQ/CNPq). Processo nº 471402/2009-5

2 Bolsistas de Iniciação Científica (IC/CNPq). Processo nº 508029/2010-4

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

AVALIAÇÃO DE HABILIDADES NUMÉRICAS EM ESTUDANTES AUTISTAS. *Camila Straforin Oliveira* (Universidade Paulista, campus Araraquara, SP), João dos Santos Carmo (Universidade Federal de São Carlos, SP e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino).*

O presente estudo objetivou levantar habilidades numéricas presentes em estudantes diagnosticados com autismo. Participaram quatro estudantes, A, B, C e D, que frequentavam, respectivamente, o 2º, 2º, 3º e 5º ano do Ensino Fundamental. O participante B era o único que frequentava uma escola pública. Os estudantes foram expostos, em sessões individuais, a um conjunto de tarefas programadas no software ProgMTS, o qual disponibiliza tentativas no formato matching to sample padrão e de resposta construída. As 51 tarefas foram elaboradas a partir das indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e envolviam: uma de matching de identidade numeral-numeral; quatro de contagem envolvendo numerais e quantidades; quatro de matching envolvendo relações arbitrarias entre numerais e quantidades; seis de discriminação de numerais, quantidades e figuras; seis de comparação de conjuntos; quatro de comparação de figuras; quatorze de produção de sequência envolvendo quantidades e numerais; duas de aproximação numérica e dez tarefas de resolução de problemas com um digito e diferentes posições da incógnita. Os dados foram analisados com base no percentual de erros e acertos totais, erros e acertos por tarefa, tipos de erros, tarefas que geraram mais erros, latência por tarefa. As tarefas 9 (matching auditivo-visual envolvendo número ditado-quantidade), 16 (comparação de conjuntos, identificando o que tem o mesmo número de bolinhas), 27 (aproximação numérica identificando o valor mais distante do valor do modelo) e 28 (aproximação numérica identificando o valor mais próximo ao valor do modelo), foram as que apresentaram o maior acúmulo de erros entre todos os participantes. As tarefas que não geraram nenhum erro foram a 33 (produção de sequência numérica verbal em ordem crescente), 35 (resolução de problema de subtração com incógnita na posição c) e a 43 (comparação de figuras identificando a figura diferente do modelo). Os tipos de erros mais comuns entre os participantes foram: continuar seguindo o comando da tarefa anterior em detrimento da mudança na tarefa; não conseguir fazer a sequência de 2 em 2 e de 3 em 3, produzindo uma sequência aleatória; as crianças erravam ao contar para completar incógnitas nas posições a e b, e não conseguiam identificar a diferença entre o retângulo e o quadrado. Entre os quatro participantes as tarefas que apresentaram menor e maior latência foram, respectivamente, a tarefa 12 (discriminação de numerais) e a 25 (produção de sequência do maior para o menor). O participante A obteve o melhor desempenho e a maior latência na realização das tarefas, devido contar os numerais e as figuras das tarefas e fazer a comparação quando necessário entre as figuras. O participante B apresentou o pior desempenho e a menor latência na realização das tarefas, pois raramente realizava a contagem e quando diante de tarefas de comparação, não comparava e nem contava as figuras. Os dados apontam para a utilidade do conjunto de tarefas na avaliação de repertórios de habilidades numéricas e na possibilidade de obtenção de linha de base a partir de qual será possível programar etapas de treino que gerem ganhos de repertório matemático.

Palavras-chave: Habilidades numéricas, Autistas, Ensino Fundamental, Análise do comportamento.

Iniciação Científica

AEC

AVALIAÇÃO DE REPERTÓRIO INICIAL DE LEITURA E ESCRITA DE ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS: ANÁLISE DOS DIFERENTES COMPORTAMENTOS QUE COMPÕEM ESTE REPERTÓRIO DE UMA PERSPECTIVA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL. *Alessandra Rocha de Albuquerque; Lilian Maria Borges (Universidade Católica de Brasília); Raquel Maria de Melo (Universidade de Brasília); Pabline Coimbra Bemfica de Sousa*; Lídia Magalhães* (Universidade Católica de Brasília)*

A leitura e a escrita são compreendidas pela Análise do Comportamento como um conjunto de comportamentos distintos, funcionalmente independentes, mas que podem integrar-se formando uma rede de relações. Pesquisas que investigam a alfabetização sob esta perspectiva trabalham, em geral, com crianças e envolvem avaliações que visam identificar comportamentos adquiridos antes e após os procedimentos de ensino. O presente estudo teve por objetivo avaliar o repertório inicial de leitura e escrita de adultos e idosos considerados analfabetos antes de submeter parte deles a um programa informatizado de ensino de leitura fundamentado no paradigma de equivalência de estímulos. A avaliação ocorreu com o uso de dois instrumentos comumente utilizados em pesquisas de base analítico-comportamental: Diagnóstico de Leitura e Escrita com Palavras com Sílabas Simples – DLE e Avaliação de Leitura e Escrita de Palavras com Dificuldades da Língua – LEPAD. O DLE é um instrumento composto por 238 tentativas, distribuídas em blocos que avaliam diferentes categorias de respostas: leitura expressiva (nomeação de palavras, sílabas, vogais, consoantes); leitura receptiva (pareamento som-palavra, figura-palavra e palavra-figura); pareamento (figura-figura, palavra-palavra, som-figura); nomeação de figura; cópia e ditado. O LEPAD compreende 46 tentativas, que avaliam parte das categorias de respostas do DLE incluindo palavras com dificuldades da língua. Inicialmente, 47 participantes foram expostos ao LEPAD e, posteriormente, 17 destes ao DLE. Foram realizadas de 1 a 4 sessões de 30 minutos de duração com cada adulto. A análise dos resultados no LEPAD demonstrou que apenas 28 dos 47 participantes apresentaram percentuais de acerto inferiores a 40% em tarefa de ditado manuscrito; destes, 24 tiveram escores abaixo de 50% de acerto (13 apresentaram escores nulos) em leitura expressiva de palavras com dificuldades da língua. Os resultados do DLE, referentes à leitura, mostram que apenas 3 dos 17 participantes apresentaram escore nulo de acerto em leitura expressiva de palavras com sílabas simples e os demais obtiveram percentuais de acerto entre 13% e 93%. Verificou-se que os participantes apresentaram desempenhos superiores na leitura receptiva em relação à leitura expressiva e que a escrita foi mais precisa na tarefa de cópia do que no ditado. Estes resultados indicam a independência funcional dos diferentes comportamentos que compõem o repertório de leitura e escrita e sugerem a possibilidade de aprendizagem informal dos mesmos. Os instrumentos utilizados demonstram o potencial de avaliações que analisam cada um dos comportamentos componentes do repertório de leitura e escrita, em especial para adultos, uma vez que tais instrumentos permitem a identificação de desempenhos já estabelecidos e a realização de intervenções individualizadas que considerem as idiossincrasias de cada aprendiz e priorizem comportamentos ainda não aprendidos ou que precisam ser fortalecidos.

Avaliação de leitura e escrita; adultos analfabetos; análise do comportamento.

Universidade Católica de Brasília e CNPq

AEC

BANCO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO (BDTAC). *Maria do Carmo Guedes (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP)*

Introdução. O Banco de Dissertações e Teses em Análise do Comportamento (BDTAC), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PExp:AC) da PUC-SP, cobre trabalhos defendidos entre 1968 e 2000. Objetivo. Resultado de pesquisa em grupo realizada na atividade "Pesquisa Supervisionada", obrigatória aos mestrandos do PEx:AC, teve por objetivo liberar informações sobre o período anterior à publicação do Banco de Teses e Dissertações da Capes, criado em 2001. Método. A cada semestre, entre 2004 e 2006, grupos de 6 a 8 alunos participaram do planejamento e execução de pesquisa em diferentes fontes: inicialmente, sites das universidades com Programa de Pós-Graduação na área ou ao menos área de concentração ou linha de pesquisa na área; na seqüência, foram consultados Lattes dos Orientadores identificados na primeira fase e Bibliotecas de Universidades, além de alguns arquivos particulares para completar informações. Resultado. Apresentado em planilha Excel e com sistema de busca igual ao do Banco da Capes, o BDTAC está à disposição de pesquisadores em site próprio do LeHac (Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento) ou no link especial do PExp:AC: Produção do Programa, no site da PUC-SP.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CAPACITAÇÃO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS DE ESTUDO A PARTIR DE SUAS NECESSIDADES, OFICINA OFERECIDA EM PROJETO VINCULADO AO PROGRAMA REUNI. *Flávia Trento Rost**; Flora Moura Lorenzo**; Marucia Patta Bardagi (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

As políticas de expansão do ensino superior brasileiro implicam em um maior ingresso de estudantes no ensino superior, porém é necessária a implementação de ações que aumentem a probabilidade de permanência dos estudantes na universidade. O Programa Reuni, criado em 2007 pelo Governo Federal, tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Para atingi-lo, uma das condições criadas pelo projeto Reuni do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC foi o desenvolvimento de oficinas intituladas "Organização e métodos de estudos", cuja função foi capacitar alunos de graduação a desenvolver estratégias de estudo a partir de suas necessidades. O trabalho realizado em uma das oficinas foi ministrado por duas psicólogas bolsistas Reuni e atendeu três estudantes de graduação durante seis encontros. Foi identificada a classe de comportamentos "Controlar variáveis que interferem no comportamento de estudar" como necessária de ser desenvolvida pelos participantes, bem como os seguintes comportamentos intermediários constituintes dessa classe: "Planejar atividades de estudo e outras atividades da semana", "Evitar interferências durante as atividades de estudo", "Estabelecer metas semanais ou diárias de estudo e criar estratégias para executá-las" e "Organizar atividade de estudo". Para o desenvolvimento do comportamento "Planejar atividades de estudo e outras atividades da semana" foi solicitado o preenchimento de cronogramas de distribuição das atividades na semana, avaliada a distribuição das atividades na semana, identificadas alterações a serem realizadas e solicitado o preenchimento de um novo cronograma de acordo com a avaliação realizada conjuntamente. O comportamento "Evitar interferências durante as atividades de estudo" foi desenvolvido por meio dos procedimentos de identificação em conjunto de variáveis que interferem na realização das atividades (início e permanência nas atividades) e identificação em conjunto de comportamentos de fuga e esquiva de cada participante em relação a sua execução. O comportamento "Estabelecer metas semanais ou diárias de estudo e criar estratégias para executá-las" foi desenvolvido por meio da apresentação de uma proposição de cadeia de comportamentos que o constituem e da solicitação de preenchimento de tabelas de estabelecimento de metas e de distribuição das atividades. Para o desenvolvimento do comportamento "Organizar atividade de estudo", foi realizada a apresentação de uma proposição de cadeia de comportamentos que constituem esse comportamento e solicitada a execução dessa cadeia em relação a um exemplo de atividades de estudo durante a oficina. Os três participantes identificaram variáveis que interferiam ou interferem em seu comportamento de estudar. Para dois dos participantes, a classe de comportamentos "Controlar variáveis que interferem no comportamento de estudar" foi desenvolvida com diferentes graus de perfeição em relação a seus comportamentos intermediários. Para a terceira participante, somente o comportamento intermediário "Organizar atividade de estudo" foi desenvolvido, uma vez que não se encontrava em atividades regulares de estudo. A partir dos resultados obtidos, é possível sugerir que os objetivos de intervenção e as condições oferecidas a seu desenvolvimento foram apropriados para o atendimento às necessidades dos participantes. No entanto, foi identificada a necessidade de oferecimento de condições complementares a participantes que não estejam envolvidos em atividades de estudo durante as oficinas.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Projeto Reuni; Organização de estudos; Controle de variáveis
REUNI
AEC

CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE MANEJO DE SITUAÇÕES ESTRESSORAS UTILIZADAS POR JOVENS QUE SE DISTANCIAM DE SUAS FAMÍLIAS NUCLEARES PARA CURSAR O ENSINO SUPERIOR EM OUTRA CIDADE. *Camila Felipe* (Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC), Nádia Kienen (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR)*

Estratégias de manejo de situações estressoras caracterizam-se pelas tentativas que o indivíduo empreende com o objetivo de reduzir, minimizar, controlar ou tolerar situações avaliadas como estressoras (que envolvem dano, ameaça ou desafio). ingresso na universidade e o distanciamento da família nuclear parecem configurar situações potencialmente estressoras com as quais jovens se deparam. O objetivo deste trabalho foi caracterizar as estratégias de manejo de situações estressoras utilizadas por jovens que se distanciam de suas famílias nucleares para cursar o ensino superior em outra cidade. Foram sujeitos da pesquisa 38 alunos que cursam do 1° ao 4° semestre dos cursos da área da saúde (Naturologia Aplicada, Medicina, Psicologia, Nutrição, Fisioterapia e Educação Física) de uma Universidade da Grande Florianópolis, que moram a uma distância mínima de 300 km de suas famílias nucleares. Foi aplicado um questionário cujas variáveis objetivavam identificar as características dos acadêmicos que mudam de cidade para cursar o ensino superior; tipos de situações potencialmente estressoras; tipos de estratégias de enfrentamento utilizadas pelos acadêmicos; e tipos de mudanças ocorridas em relação a alguns aspectos da rotina antes e depois da saída da casa da família nuclear. Os dados foram tratados por meio de estatística descritiva, sendo comparadas variáveis relativas a estudantes de 1o ano (incluindo 1o e 2o semestres) e 2o ano (3o e 4o semestres). Quanto às estratégias de manejo de situações estressores, as mesmas foram categorizadas em estratégias de enfrentamento (do problema e da emoção) e de evitação (do problema e da emoção). Como resultados, foi possível verificar que quase metade dos participantes da pesquisa mora sozinha e não possui parentes que residem próximos. Cerca de 85% dos jovens indicaram pensar em voltar para a casa dos pais. Sob a perspectiva dos jovens que cursam o 1° ano: sentimentos como ansiedade, pressão e responsabilidade foram relacionados às exigências acadêmicas e saudade, responsabilidade, ansiedade e confiança à distância da família; as principais estratégias de manejo relacionadas às exigências acadêmicas e a distância da família foram de enfrentamento do problema e da emoção. Os jovens que cursam o 2o ano, por sua vez, indicam que os sentimentos presentes em relação a exigências acadêmicas são responsabilidade, ansiedade e pressão; em relação à distância da família foram indicados saudade, responsabilidade e tristeza; no que tange aos tipos de manejo de situações estressoras, as estratégias de enfrentamento do problema e da emoção frente às exigências acadêmicas foram as mais presentes e, em relação à distância da família, houve um aumento significativo de indicações da utilização de estratégias de evitação do problema e da emoção. Com isso, foi possível identificar que os jovens que cursam o 2° ano apresentam mais dificuldades para administrar as experiências de morar longe dos pais em relação aos jovens que estão no 1° ano. Assim, é importante que sejam realizadas intervenções para maximizar a possibilidade dos jovens manejarem as situações estressoras com as quais se deparam, a fim de aperfeiçoar a vivência acadêmica e a qualidade de vida desses jovens.

Estratégias de Enfrentamento, Estratégias de Manejo de Situações Estressoras, Ensino Superior.

Programa Unisul de Iniciação Científica - PUIC

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE "AVALIAR OCORRÊNCIAS DE FALÁCIAS DE DIFERENTES TIPOS" IDENTIFICADAS EM UMA FONTE DE INFORMAÇÕES NÃO-COMPORTAMENTAL. *Gabriel Gomes de Luca; Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Apresentar a classe geral de comportamentos denominada "avaliar a confiabilidade de informações" aumenta a probabilidade de a pessoa que a apresenta comportar-se sob controle de informações confiáveis. Uma das sub-classes que constitui essa classe geral de comportamentos é a sub-classe "avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos", uma classe que possibilita a uma pessoa identificar ocorrências de falácias (argumentos defeituosos ou raciocínios enganosos) de diferentes tipos (falácia de autoridade, argumentos circulares, apelo à tradição etc.) e, conseqüentemente, deixar de comportar-se sob controle de falácias. Por ser uma classe de comportamentos complexa, composta por muitos comportamentos, é necessário descobrir quais comportamentos a constitui. Com base nisso, foi objetivo responder "Quais as classes de comportamentos constituintes da classe geral "avaliar a ocorrência de falácias de diferentes tipos?". O conceito orientador para responder a essa pergunta consistiu na noção de comportamento, fenômeno constituído pela interação entre três componentes básicos: classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes. A fonte de informação utilizada foi o capítulo A enciclopédia de falácias, do livro Pensamento Crítico e Argumentação Sólida, de Sergio Navega (2005). Para identificar comportamentos constituintes da classe, foram realizadas 15 etapas, entre elas: selecionar trechos que indicavam algum componente básico de comportamento constituinte da classe geral; identificar ou derivar componentes dos trechos identificados; propor nomes de classes comportamentos a partir dos componentes identificados ou derivados; avaliar coerência entre os nomes de classes de comportamentos propostos e os trechos selecionados da fonte de informação. A partir desse procedimento, foram identificadas 543 classes de comportamentos constituintes da classe geral denominada "avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos", relativas à avaliação de 42 tipos de falácias. De maneira geral, para cada tipo de falácia, as classes de comportamentos identificadas consistiram em "caracterizar contexto no qual a falácia foi apresentada", "identificar ocorrências da falácia", "identificar o tipo de erro que constitui o tipo de falácia", "demonstrar equívoco apresentado em uma ocorrência de falácia", "avaliar eficiência do procedimento utilizado para demonstrar equívoco apresentado em uma ocorrência de falácia", entre outras. A descoberta das classes de comportamentos aumenta a clareza a respeito do que constitui o processo comportamental investigado (a classe de comportamentos "avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos") e, conseqüentemente, a probabilidade de intervenções sobre ela. Uma das possíveis intervenções consiste na programação de ensino para desenvolver, de modo gradual, as classes de comportamentos identificadas. A descoberta das classes de comportamentos viabiliza também avaliar o repertório de diferentes pessoas a respeito do quanto elas são capazes de avaliar a confiabilidade de informações, aumentando a probabilidade de identificar os comportamentos que elas ainda precisam desenvolver para apresentarem de maneira satisfatória a classe de comportamentos. A descoberta das classes de comportamentos ainda aumenta a probabilidade de verificação experimental das classes de comportamentos identificadas (possibilitando verificar se elas efetivamente constituem a classe geral) e a probabilidade de organizá-las conforme seu grau de abrangência, viabilizando identificar relações (de pré-requisito, cadeias comportamentais etc.) entre as classes de

comportamentos constituintes da classe geral “avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos”.

Classe geral “avaliar a confiabilidade de informações”; classe geral “avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos”; Programação de ensino; Decomposição de comportamentos.

Gabriel é bolsista do Programa REUNI - MEC.

AEC

COMPORTAMENTO AUTOLESIVO ASSOCIADO AO AUTISMO: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA. *Aline da Costa Jerônimo, Denise Raíssa Lobato Chaves, João Victor Medeiros da Silva Reis, José Alex Rodrigues Lobato, Olívia Misae Kato (Universidade Federal do Pará, Belém, PA)*

Considerando a alta prevalência de comportamentos autolesivos em indivíduos autistas, e que tal assunto é pouco abordado na literatura especializada, objetivou-se neste estudo uma análise metodológica de sete artigos científicos recentes sobre o assunto, onde são analisadas as variáveis que afetam o comportamento autolesivo. Tal comportamento caracteriza-se por uma ação auto infligida, geralmente repetitiva, estereotipada e crônica, que resulta em dano físico direto para a pessoa, configurando-se como um desafio constante para pais, cuidadores e professores. A literatura revela várias formas de comportamentos autolesivos, tais como bater-se, morder-se, arranhar-se, beliscar-se, pressionar o olho, puxar o cabelo e ingerir substâncias não comestíveis como cigarro e fezes. Estes comportamentos podem atuar como uma liberação de tensão e/ou ansiedade, podendo estar associados a problemas de comunicação, como também à busca de atenção. Nota-se também o agravamento das implicações da doença no que diz respeito às relações sociais, seja familiar, escolar, além de graves consequências físicas, podendo chegar a níveis extremos com complicações significativas em tecidos moles, lesões ósseas, traumatismo craniano, deslocamento de retina e até mesmo cegueira e morte. Os complexos mecanismos etiológicos de autolesão no autismo são muitas vezes incertos, e demandam diferentes intervenções que abrangem, no geral, tratamentos psiquiátricos, com possíveis intervenções baseados na administração de psicofármacos, além de terapia psicológica. Na revisão dos artigos foi realizada uma análise metodológica, comparando-se os parâmetros das variáveis de participantes e de procedimentos, investigando o comportamento autolesivo em crianças e adultos de variadas idades e sexo. Foram analisados sete artigos, no qual três destes além de analisarem as variáveis que afetam o comportamento autolesivo em indivíduos autistas, também analisam tal comportamento em indivíduos portadores de outras patologias, tais como epilepsia e deficiência intelectual. Três dos artigos propõem intervenções que tem como finalidade conter ou minimizar comportamentos autolesivos, utilizando atividades lúdicas e procedimentos farmacológicos. Dois artigos realizaram uma análise funcional e apenas um utilizou procedimentos bioquímicos com serotonina. Dois dos trabalhos analisaram a correlação entre duas variáveis, sendo que o primeiro analisou a correlação entre comportamento autolesivo e níveis de serotonina, enquanto o outro comparou o problema da autolesão em grupos de indivíduos com autismo, deficiência intelectual, e epilepsia. Em relação aos instrumentos de coleta de dados estes variam entre questionários, observação direta e indireta. Quanto à análise de dados, seis dos sete artigos pesquisados utilizaram o método estatístico para análise dos dados, somente um destes utilizou o método qualitativo descritivo na sua análise. Os estudos sugerem que há uma relação inversa entre nível de serotonina e comportamentos autolesivos, verificou-se ainda que indivíduos com deficiência intelectual combinada com autismo e epilepsia apresentam mais problemas de comportamentos e que atividades lúdicas, criação de rotina e intervenções farmacológicas foram eficazes na minimização dos episódios de autolesão.

Palavras-chave: autismo; comportamento autolesivo; métodos de intervenção.

Graduação

AEC

COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS "ESTIMAR-SE". *Flora Moura Lorenzo**; Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,SC)*

O conhecimento existente acerca do processo denominado "Auto-estima" aproxima-se, ainda, do conhecimento de senso-comum que conceitua tal processo como um conjunto de características pré-determinadas dos indivíduos que os tornam mais ou menos capazes de "sentir-se" bem consigo próprios e, consequentemente, de agir de determinadas formas conforme a qualidade do sentimento. No entanto, examinar o conceito "Auto-estima" na perspectiva da Análise do Comportamento implica em considerá-lo como amplo e complexo processo comportamental, cuja expressão mais coerente é "Estimar-se", mais do que simplesmente um nome de sentimento. O conceito base para tal proposição é a noção de "comportamento" definido como um sistema multideterminado complexo de relações entre ações que um organismo e seu ambiente físico ou social. Com o objetivo de identificar os comportamentos constituintes da classe de comportamentos "Estimar-se", foi utilizado como fonte de informações um texto desenvolvido sob a perspectiva da Análise do Comportamento, cuja função é instrumentalizar pais acerca de procedimentos que potencialmente desenvolvem o processo referido pela expressão "Auto-estima". Para realizar a observação indireta dos comportamentos constituintes da classe de interesse, foram selecionados trechos da obra que se referiam a possíveis componentes desses comportamentos e tais trechos foram fragmentados em unidades mínimas de informação, a partir das quais foi possível identificar e registrar componentes de comportamentos potencialmente constituintes da classe investigada. A redação e disposição dos componentes foram examinadas e aperfeiçoadas conforme seus graus de clareza e adequação às características do conceito "comportamento", etapa que possibilitou derivação de componentes complementares. A partir da caracterização dos comportamentos identificados, foi possível identificar relações de cadeia e pré-requisitos entre eles, o que favoreceu a derivação de elos intermediários das cadeias de comportamentos identificadas. Por fim, os comportamentos descobertos a partir da fonte de informações foram nomeados conforme suas características e dispostos em um sistema comportamental constituído de 53 comportamentos distribuídos em três grandes conjuntos: A) "Processos de desenvolvimento da classe Estimar-se", constituído de 38 comportamentos; B) "Comportamentos constituintes da classe Estimar-se, depois de desenvolvida", constituído de 9 comportamentos; e C) "Comportamentos cuja probabilidade é aumentada em função do desenvolvimento da classe Estimar-se", constituído de 6 comportamentos. Exemplos de comportamentos identificados em cada conjunto são: "Atribuir valor positivo a si próprio sob controle da própria capacidade de produzir consequências naturais por meio de suas próprias respostas" (conjunto A), "Identificar própria capacidade em apresentar comportamentos cujas consequências sejam estímulos reforçadores para si" (conjunto B) e "Apresentar comportamentos em conjunto com o outro cujas consequências são estímulos gratificantes para ambos, sem depender do outro para tanto" (conjunto C). A proposição desses conjuntos de comportamentos relacionados à classe "Estimar-se" e das relações de cadeia e pré-requisitos entre os comportamentos constituintes de cada conjunto servem como condições para aumento do grau de clareza, precisão e suficiência do conceito "Estimar-se" – termo alternativo ao conceito "Auto-estima" em função de diminuir a probabilidade de ser definido como atributo dos indivíduos – como fonte de informações para orientar a intervenção profissional do psicólogo, quando necessária.

Auto-estima, Sistema comportamental, Noção de Comportamento

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CONTINGÊNCIAS DE ENSINO E DESCRITORES DE DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO DE RENDIMENTO EM LARGA ESCALA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Mayara Paula da Silva Matsunaka*, Claudia Cristina de Góes*, Jair Lopes Junior (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP).*

As Matrizes de Referência do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) especificam, sob a designação de habilidades vinculadas com diferentes modalidades de competências, as aprendizagens previstas para as diferentes áreas curriculares ao final do primeiro e do segundo ciclos do Ensino Fundamental. Estima-se que durante os respectivos ciclos, as exposições dos alunos às contingências de ensino mostrem-se capazes de estabelecer os repertórios exigidos pelos exames de rendimento ao final dos mesmos. O presente estudo objetivou investigar se contingências de ensino relacionadas com o tema Grandezas e Medidas da área curricular de Matemática se constituiriam em condição adequada para a manifestação de medidas comportamentais consistentes com respectivos descritores por ocasião da exposição dos alunos a tais contingências e não posteriormente diante da exposição ao exame. A partir do registro em vídeo de aulas ministradas por um professor de matemática para uma turma de 8ª. Série em uma escola estadual de Ensino Fundamental sobre Teorema de Pitágoras, ocorreram as transcrições e as análises das interações orais entre os alunos e o professor. As Matrizes de Referência do SARESP designam para tal conteúdo o descritor H36: Resolver problemas em diferentes contextos que envolvam as relações métricas dos triângulos retângulos. Em contato com o vídeo das aulas, todas as verbalizações dos alunos foram transcritas, de modo consecutivo, em linhas, ocupando a coluna do meio de uma tabela com três colunas. Para cada registro da coluna central, na mesma linha ocorreram registros nas colunas da direita (eventos antecedentes) e da esquerda (eventos subsequentes). De acordo com os registros em vídeo, duas classes de eventos antecederam oralizações dos alunos relacionadas com os conteúdos ministrados. A primeira classe foi definida por descrições orais detalhadas do professor sobre nome, localização e função de parâmetros do conteúdo ministrado, acompanhadas de indicações visuais expostas na lousa. Diante de eventos desta classe predominaram respostas intraverbais e ecoicas. De modo contingente a tais respostas foram registradas ocorrências de correção, bem como a continuidade de instruções orais pelo professor. Por sua vez, a segunda classe de eventos antecedentes consistiu em verbalizações do professor sobre regras e estratégias de resolução dos exercícios, finalizadas com indagações que impunham escolhas entre certo ou errado, bem como consentimento ou não para emitir um passo subsequente na cadeia que define a resolução do exercício. Embora as topografias das respostas dos alunos possam sustentar aparentes semelhanças com as aprendizagens previstas nas Matrizes, as relações de controle de estímulos mostram-se distintas daquelas não devidamente explicitadas nas Matrizes. Tais resultados acentuam as possibilidades de contribuição da Análise do Comportamento na identificação de possíveis relações de controle de estímulos inadequadas, bem como na proposição de estratégias mais consistentes com o estabelecimento dos repertórios operantes especificados pelos descritores.

PIBIC/CNPq-UNESP

Palavras-chave: Matrizes de referência, Análise do Comportamento, Matemática

IC

AEC

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: O COMPUTADOR COMO UMA MÁQUINA DE ENSINAR. *Mirela Louise Alves*, Celso Socorro Oliveira, Fábio de Brito Scarpin*, Jader Cruz Brião* (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Bauru - SP)*

A tecnologia de ensino Skinneriana tem sido bastante utilizada, considerando a grande importância dos cursos à distância no cenário educacional atual. Para verificar o uso dos conceitos comportamentais em EAD, pretendeu-se aplicar um curso completamente online para alunos de Psicologia (e outros) para verificar a efetividade de técnicas utilizadas nas máquinas de ensinar, como a de fading, em contexto de curso à distância. O curso teve duração de um mês, sendo aplicadas dez aulas com texto básico, texto explicativo com imagens, exercícios de treino e exercícios de associação como teste em cada aula, exceto as aulas sete e oito, que não tiveram exercícios de treino, e as aulas quatro e sete, que tiveram vídeos como complemento. Foi realizada uma avaliação no início do curso e a mesma no final para verificar a diferença no desempenho dos alunos após a apresentação das aulas. Foi possível, utilizando as ferramentas do software Moodle de ensino à distância, executar o treino de forma muito semelhante ao aplicado nas máquinas de ensinar, no qual os alunos preenchiam as lacunas que completavam as frases em cada exercício e verificavam se a resposta estava correta, recebendo feedback imediato, antes de ir para a próxima pergunta, podendo, também, realizar a sessão mais de uma vez. Porém, havia a possibilidade de passar para a próxima pergunta sem responder e o sistema não fornecer opções que evitasse que os alunos o fizessem. Era indicado que eles verificassem se a resposta estava correta antes de ir para a próxima pergunta. Também foi indicado que eles podiam repetir a sessão, mas não de forma obrigatória. Foram inscritos 20 alunos no curso, oito deles concluíram e tiveram o desempenho total final melhor que o inicial nas avaliações. Desses oito, seis realizaram todas as atividades de treino e teste e dois fizeram mais da metade delas. Três alunos realizaram pelo menos uma sessão de treino duas vezes e um deles repetiu três diferentes sessões. Houve queda no desempenho dos alunos nos testes da aula com maior número de exercícios de treino (aproximadamente oito exercícios a mais que a média), na primeira aula sem estes exercícios e nas aulas após as que não tinham treino. A aula em que foram aplicados vídeos e exercícios de treino foi a única em que todos os alunos acertaram todos os exercícios de teste, e na aula com vídeo e sem treino não houve diminuição no desempenho dos alunos nos testes. O treino nos formatos apresentados mostrou-se eficaz de uma forma geral em um curso cujas aulas foram apresentadas de forma principalmente textual, produzindo melhores resultados quando apresentado com recursos audiovisuais, mas podendo causar diminuição no desempenho quando a sessão for muito longa e tenha o efeito reduzido quando apresentado após interrupção do padrão de treinamento. Aparentemente a técnica utilizada nas máquinas de ensinar pode ser aplicada em cursos à distância de modo satisfatório, visto que foi capaz de promover aprendizagem nesse novo contexto.

Ensinar, distância, treino.

PROEX-UNESP

IC

AEC

EFEITOS DE ATIVIDADES VERBAIS CONCORRENTES SOBRE A RESOLUÇÃO DE ANAGRAMAS. *Rodrigo Henrique Puppi* (Universidade Positivo, Curitiba – PR); Cauan Esplugues Silva* (Universidade Positivo, Curitiba – PR); Bruno Angelo Strapasson** (Universidade Positivo, Curitiba – PR e Universidade de São Paulo, São Paulo - SP).*

Há ampla discussão na literatura acadêmica sobre a interferência de regras formuladas no desempenho de participantes de experimentos em psicologia. Alguns autores sugerem que impor tarefas verbais concorrentes pode concorrer com o controle por regras. Este experimento objetivou analisar o papel de tarefas verbais e não verbais concorrentes à resolução de tarefas verbais com e sem a apresentação de regras para sua resolução. Participaram da pesquisa 52 universitários que foram requisitados individualmente a resolver 60 anagramas (12 anagramas por fase) em um ambiente com isolamento acústico. Todos os participantes receberam instruções mínimas e passaram por uma condição de pré-teste com 13 anagramas para garantir o entendimento da tarefa. Os participantes foram distribuídos em quatro grupos (G1, G2, G3 e G4) e todos foram expostos a um delineamento de reversão com cinco fases: ABACA. Durante a fase A os participantes deveriam resolver apenas a lista de anagramas; na fase B os participantes executaram simultaneamente à resolução dos anagramas uma tarefa verbal concorrente (falar em voz alta os meses do ano em ordem inversa); e na fase C os participantes realizaram uma tarefa não verbal concorrente (desenhar linhas dentro de um gabarito) concomitante à resolução dos anagramas. Os grupos G2 e G4 tiveram a apresentação das fases B e C invertidas para controlar o efeito de ordem. Os grupos G3 e G4 receberam instruções sobre a ordem correta para a resolução dos anagramas. O tempo máximo para a resolução dos anagramas foi de 30 segundos. Nas tentativas em que esse tempo foi excedido foi registrado o valor 30 segundos. Identificou-se um aumento significativo da latência nas fases B tanto para todos os G1 ($t[12]= 4{,}364$, $p<0{,}001$), G2 ($t[12]=3{,}226$, $p=0{,}007$), G3($t[12]=4{,}504$, $p<0{,}001$) e G4 ($t[12]=11{,}25$, $p<0{,}001$). Verificou-se também um aumento significativo nas latências durantes as fases C, mas apenas para os grupos G3($t[12]=5{,}377$, $p<0{,}001$) e G4($t[12]=5{,}806$, $p<0{,}001$). Quando comparados os aumentos de latência nas fases B e C encontrou-se maior interferência das tarefas concorrentes verbais que das tarefas concorrentes não verbais tanto nos grupos sem instrução ($t[25]=2{,}049$, $p=0{,}051$) quanto nos grupos com instrução ($t[25]=2{,}611$, $p=0{,}015$). Concluiu-se que tarefas verbais concorrentes influenciam o desempenho dos participantes na resolução dos anagramas, com maior efeito quando os participantes se encontram sob efeito de instruções para a resolução da tarefa. Sugere-se que a inclusão de tarefas verbais concorrentes pode inibir o controle por regras formuladas pelos próprios participantes em experimentos com humanos.

Controle por regras, anagramas, tarefas concorrentes

Trabalho parcialmente financiado pelo CNPq (bolsa de doutorado proc. 142638/2010-2).

AEC

EFEITOS DE AUTOCLÍTICOS DE QUALIFICAÇÃO, PRESENTES EM HISTÓRIAS INFANTIS, SOBRE O COMPORTAMENTO DE QUALIFICAR EM CRIANÇAS. *Sirlene Lopes de Miranda**; Maria Martha Costa Hübner (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

A literatura e o uso das histórias infantis na educação são meios de propagação de valores, regras e padrões de comportamento. Estas histórias, muitas vezes, incluem operantes verbais, tais como autoclíticos, que podem exercer o papel de mudança no comportamento do ouvinte. O comportamento verbal configura-se como o comportamento operante que é estabelecido e mantido por reforçamento, possuindo, dentre outras, a função de estabelecer processos autoclíticos. Em uma visão skinneriana, os processos autoclíticos são compreendidos como operantes verbais que modificam a resposta do ouvinte a outro operante verbal. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi verificar os efeitos dos autoclíticos de qualificação, descritos em histórias infantis, sobre o comportamento de qualificar em crianças, mais especificamente sobre o comportamento de qualificar a personagem da madrasta, descrita nas histórias infantis da "Branca de Neve e os sete anões" e "Cinderela". Os participantes foram dez crianças, sete crianças da rede pública de ensino de Minas Gerais e três crianças de uma creche municipal da mesma cidade. Foram realizados três experimentos: 1- Experimento de delineamento de grupo com 06 crianças de 08 e 09 anos de idade, sem história experimental prévia, sendo duas crianças para cada condição experimental, grupo controle; grupo experimental A (manipulação do autoclítico qualificador negativo) e grupo experimental B (manipulação do autoclítico qualificador positivo). Cada condição experimental era formada por três fases: Pré-Teste; Teste e Pós-Teste; Experimento 02: Delineamento de sujeito único com uma criança de 07 anos; e Experimento 03: Delineamento de grupo com 03 crianças entre 03 e 04 anos de idade. Em síntese, comparando-se os resultados do experimento 01 com os resultados do experimento 03, não se verifica diferença significativa neste estudo entre as crianças com pouco repertório verbal e as crianças com alfabetização, isto se justifica pela maioria dos participantes de 08 e 09 anos não relatarem memória de nenhuma história infantil sobre madrasta na ocasião da coleta. Verifica-se que o autoclítico qualificador parece ter adquirido função de um estímulo que interferiu no qualificar a madrasta pelas crianças participantes da pesquisa. O Experimento 02 também demonstrou o efeito do autoclítico qualificador como estímulo que parece favorecer a manutenção do comportamento de qualificar a madrasta de modo negativo. Entretanto, precisa-se considerar a história de reforçamento de cada participante por fazer relatos correspondentes às contingências; a história de reforçamento dos conteúdos de seus relatos mesmo quando não havia a correspondência entre o dizer e o fazer e o atual reforçamento pelo ouvinte. Os resultados desta pesquisa sugerem que quando o autoclítico é qualificador em histórias infantis e a qualificação é positiva, parece haver um predomínio de uma qualificação positiva posterior e quando o autoclítico é qualificador negativo, parece favorecer o comportamento de qualificar negativamente a personagem.

Comportamento verbal; autoclítico; histórias infantis.

AEC

EFEITOS DO REFORÇAMENTO DIFERENCIAL EM UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE NEGLIGÊNCIA DA TAXA BASE. *Lorena Alves de Souza Araújo **, Djalma Francisco Costa Lisboa de Freitas **, Saulo Velasco, Marcelo Frota Lobato Benvenuti (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

Em uma situação envolvendo estimativa de probabilidades, pessoas podem fazer suas estimativas com base em dados sobre probabilidades gerais envolvendo uma população (taxa base) e probabilidades envolvendo casos específicos. Para uma resposta precisa, é necessário um cálculo que considere ambas as informações. Alguns estudos, contudo, mostram que as pessoas tendem a negligenciar a taxa base e a fazer a estimativa usando predominantemente as informações do caso específico. A negligência da taxa base tem sido interpretada como um viés na tomada de decisão, mas variáveis comportamentais como reforço e treino para estabelecimento de certos controles de estímulos podem alterar o resultado indicativo do viés. O presente estudo teve como objetivo promover a seleção, por contingências de reforço, de estimativas de probabilidade que envolvessem as informações da taxa base bem como do caso específico. Seis participantes realizaram tarefas em que eram solicitados a estimarem probabilidades individualmente ou em dupla. Os dados foram coletados em salas de aula de uma instituição de ensino superior (Instituto de Psicologia da USP). Para cada participante (ou duplas), foram apresentadas 24 situações-problema, em que deveriam estimar a probabilidade de certas situações cotidianas com base em informações da taxa base e de casos específicos. Como reforçador, foram utilizadas cédulas em miniatura, sem valor. Quanto mais a estimativa de probabilidade dos participantes se aproximava do valor considerado correto, mais notas o participante ganhava. Cada tentativa correspondeu a 1) apresentação da informação acerca de uma situação de estimativa de probabilidade, contendo dados da taxa base e do caso específico; 2) a resposta do participante sobre a sua estimativa de probabilidade e 3) disponibilização de cédulas, sem valor, contingente a resposta do participante. Como resultados, foi observado que os participantes, tanto da tarefa individual como em dupla, apresentaram um desempenho conforme o demonstrado em estudos anteriores no que se refere a negligência da informação de taxa base. Nenhum dos participantes apresentou respostas semelhantes às probabilidades consideradas corretas ao longo das tentativas. Além disso, os resultados apontam para uma preponderância de respostas com valores próximos ou exatos ao da dica específica ao longo das 24 tentativas, quando tais respostas eram reforçadas com um número alto de cédulas. Com isso, a negligência da taxa base pode ter sido um efeito tanto do reforço de respostas que apresentavam valores próximos aos da dica específica, como também da forma como os dados da taxa base e caso específico foram apresentados aos participantes. Refinamentos são propostos a fim de identificar com maior clareza os efeitos do reforço diferencial em respostas de estimativa de probabilidade. Estudos dessa natureza podem contribuir para a compreensão das situações chamadas de viés como relações entre comportamento e variáveis ambientais.

Negligência da taxa base, reforçamento diferencial, análise experimental do comportamento

AEC

EMERGÊNCIA DE DESEMPENHOS EM MTS ARBITRÁRIO A PARTIR DE UM TREINO MTS DE IDENTIDADE COM ESTÍMULOS REFORÇADORES ESPECÍFICOS. *Marcelo Vitor da Silveira, Julio Cesar C. de Rose (Universidade Federal de São Carlos)*

Em um estudo conduzido anteriormente observou-se que o treino em MTS de Identidade com estímulos reforçadores específicos parece não ter oferecido as condições suficientes para a emergência do MTS arbitrário em estudantes universitários. Especulou-se que os participantes não discriminaram os estímulos reforçadores específicos como parte importante das contingências de treino, e, por esse motivo, fracassarem nos testes de MTS arbitrário emergente. O objetivo do presente estudo foi verifica se, um pré-treino de MTS de Identidade com um estímulo reforçador comum, seguido de um treino com estímulos reforçadores específicos seria uma forma de garantir que os participantes atentem para as conseqüências específicas como partes relevantes das contingências de treino e, por conseguinte, garantir a emergência do desempenho em MTS arbitrário. Os resultados mostraram que mesmo após ambas as condições de treino, os participantes não exibiram um padrão de respostas que sugerisse a emergência do desempenho MTS arbitrário. A partir desses resultados especulamos que durante o treino os participantes estariam exibindo controle por identidade generalizado e não aprendendo relações de identidade entre estímulos novos. O controle por identidade generalizado estaria se sobrepondo às contingências de treino desenvolvidas pelo experimentador. Experimentos futuros verificarão o uso de procedimentos que visem enfraquecer os efeitos de experiências prévias com o controle por identidade, com o objetivo de verificar a emergência de MTS arbitrário a partir de um treino em MTS de Identidade com estímulos reforçadores específicos.

Estímulos reforçadores específicos, MTS de Identidade, MTS arbitrário emergente, controle por identidade generalizada, universitários.

FAPESP

AEC

EQUIVALÊNCIA DE ESTIMULOS E TEORIA DE GRAFOS: OS CONCEITOS DE DISTÂNCIA NODAL E ISOMORFISMO. *Celso Socorro Oliveira (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Bauru - SP)*

Desde 2002, pesquisas sobre análise experimental têm sido conduzidas para ensinar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) utilizando o paradigma de Equivalência de Estímulos, normalmente com o uso de três conjuntos (sinais, imagens e texto) e baseados em uma área da Matemática conhecida como Teoria de Conjuntos, para explicar a Emergência de Classes Equivalentes de estímulos usando as propriedades de reflexibilidade, simetria e transitividade, durante a fase de testes to procedimento de Matching-to-Sample (MTS). Muitos termos encontrados nesses trabalhos referiam-se, entretanto, a aspectos do problema tratados por uma outra área da Matemática, chamada Teoria de Grafos. Esse trabalho apresenta dois desses conceitos, distancia nodal e isomorfismo, que são utilizados para explicar estruturas de ensino em artigos produzidos por Saunders e Arntzen, por exemplo. Amostra como Nó (SaN), Comparação como Nó (CaN) e Linear são estruturas de ensino que representam um importante aspecto de estratégia de ensino, porque exploram aspectos estruturais de Grafos utilizando o procedimento MTS para aumentar a eficiência durante a etapa de treinamento dos experimentos. A primeira parte do estudo apresenta como as propriedades de grafos são relevantes para a abordagem SaN, CaN ou Linear. Uma revisão de como os grafos são "construídos" formando classes de Estimulos Equivalentes é abordada. De acordo com a teoria clássica, se todos os três testes se aplicam, então ocorre a emergência de classes de estímulos equivalentes (A1B1C1D1, A2B2C2D2 e A3B3C3D3). Quando a leitura é realizada pela Teoria de Grafos, a classe é um grafo do tipo árvore, conexo e acíclico, sendo o procedimento MTS considerado um operador de Grafos. As operações MTS começam com um nó simples (A1, por exemplo), e sucessivamente acrescentam um arco e um nó ao grafo anterior (A1B1, seguido de A1B1C1 e finalmente por A1B1C1D1, por exemplo). O tipo de Grafo gerado é dependente da seqüência MTS utilizada na sua construção e da estratégia de ensino adotada. De acordo com a Teoria de Grafos, um grafo pode ser semelhante a outro, se as características de construção forem semelhantes, nesse caso ocorre o isomorfismo entre grafos e os resultados de duas estruturas podem ser comparáveis entre si, tal como relatado recentemente por Arntzen entre as estruturas SaN e CaN. Outro aspecto relevante diz respeito à estabilidade da estrutura que pode ser avaliada pela distancia nodal – geralmente grafos com distancias maiores são mais instáveis e requerem mais cuidados na fase de treino. Tais resultados têm sido reportados nos experimentos de ensino de ordinais, indicando que estratégias mistas são melhores do que a simples estrutura linear. Como conseqüência desses estudos teóricos, faz necessário o estudo de mais experimentos sobre a estabilidade considerando a abordagem de Teoria de Grafos (em detrimento da de Teoria de Conjuntos).

grafos, equivalência, matching-to-sample

PROEX-UNESP

AEC

ESTABELECIMENTO DE COMPORTAMENTOS SUPERSTICIOSOS POR PUNIÇÃO NÃO CONTINGENTE. *Ana Celina Belotti*, Flavia De Rosso*, Marcelo Benvenuti (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O que faz com que seres humanos ajam acreditando em efeitos produzidos pelo próprio comportamento que não são, de forma alguma, comprovados ou garantidos? Esta questão não é nova para a psicologia, e a análise do comportamento contribui ao mostrar os princípios básicos que ajudam a analisar a formação de ilusão de controle e outras crenças sobre relações causais envolvendo o próprio comportamento e mudanças ambientais. Comportamentos supersticioso, por exemplo, pode surgir quando um evento é contíguo, mas não contingente, à resposta emitida por uma pessoa. Nesse caso, a pessoa pode continuar a se comportar como se estivesse produzindo alterações no ambiente que não dependem de seu próprio comportamento. Enquanto se comporta, um participantes verbal usualmente descreve o que está fazendo: quando o desempenho não-verbal pode ser caracterizado como 'comportamento supersticioso", o relato usualmente tem a forma daquilo que pode ser caracterizado como uma "crença supersticiosa". A base da crença e da ilusão, nesse caso, seria a coincidência entre responder e alterações ambientais. As pesquisas básicas que sustentam essa posição usualmente envolvem a apresentação de reforçadores e o efeito esperado é o aumento na frequência do comportamento. No presente estudo, foi avaliado se seria possível estabelecer uma relato verbal com a forma de uma "crença supersticiosa" quando uma punição (perda de pontos) é planejada de forma não-contingente. O experimento consistia em uma atividade na qual o participante começava com vinte e oito pontos (fichas) e era exposto a vinte e quatro tentativas em que deveria organizar sequencias de cinco cartões de diferentes cores. Em cada tentativa proposta poderia, ou não, ser punido com a perda de uma ficha. O participante perdia as fichas em uma de cada quatro tentativas, de forma que as punições fossem aleatória e homogeneamente distribuídas e que todos os participantes fossem punidos sete vezes nas mesmas tentativas. Ao final de cada sessão, os seis participantes do estudo respondiam um questionário em que lhes era proposto que explicassem as teorias empregadas para formular as sequências e a razão de terem sido aplicadas as punições. As teorias, junto das sequências apresentadas, ofereceram resultados interessantes que respondem à nossa pergunta inicial. De fato, foi observado que a punição torna possível que as rodadas em que não havia punição mantenham o comportamento por correlação acidental com reforço negativo. Determinadas sequencias na organização dos cartões, apresentadas quando não havia punição, tornaram-se mais frequentes ao longo das tentativas. Esses desempenhos foram correlacionados com a formulação de "crenças supersticiosas", descrições entre certas ações e mudanças ambientais que não eram previstos pelas contingências arranjadas. Descrições verbais foram extremamente variadas: apesar de a grande maioria dos sujeitos terem proposto teorias para explicar sua perda de pontos, alguns deles explicaram comportamentos de esquiva utilizados para evitar a punição. Outros indicaram aquilo que deveriam fazer para garantir o reforço. Dos participantes que propuseram planos de ação para o reforço, poucos mantiveram a mesma estratégia do começo ao final do experimento. Além disso, também foram observadas algumas incongruências entre aquilo que alguns participantes afirmaram ter feito e o que efetivamente fizeram.

Nível da pesquisa: IC

Comportamento supersticioso, punição, reforço negativo

AEC

EXPERIMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE COMPORTAMENTO INDIVIDUAL E SELEÇÃO CULTURAL. *Lorena Alves de Souza Araújo** (Colegiado de Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE / Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), Angelo A. S. Sampaio, Christian Vichi (Colegiado de Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE)*

Embora as relações comportamentais que explicam como os indivíduos agem (contingências de reforço) inevitavelmente façam parte da evolução cultural, outras unidades de análises são necessárias para compreender as especificidades deste nível cultural de seleção por consequências. O conceito de metacontingência tem sido proposto como uma destas unidades de análise. Até o início do presente século, contudo, as discussões sobre este conceito assim como, de modo mais amplo, a abordagem dos fenômenos sociais pela análise do comportamento eram predominantemente interpretativas. Apenas recentemente estudos experimentais foram realizados voltados explicitamente para analisar metacontingências. Alguns desafios em tais estudos têm sido: a separação precisa entre as consequências para os indivíduos e para as entidades culturais; a especificação do modo como estas consequências se relacionam entre si; e um melhor controle do papel do comportamento verbal nas interações comportamentais que compõem as entidades culturais estudadas. Para lidar com tais desafios, foram realizados dois experimentos que visaram manipular consequências culturais e consequências individuais que fazem parte da metacontingência (que geralmente não têm sido manipuladas em experimentos da área), bem como as interações verbais dos participantes. Em ambos os experimentos, grupos de 3 participantes, que não puderam se ver, receberam uma instrução geral sobre a tarefa e puderam escolher linhas e colunas a partir de matrizes de 6x6 idênticas apresentadas para os três. A produção de determinadas intersecções entre as linhas escolhidas pelos Participantes 2 e 3 e as coluna escolhidas pelo Líder produzia a consequência individual (fichas) para os Participantes 2 e 3, e a escolha das linhas com cores diferentes pelos três produzia um produto agregado que poderia gerar ou não a consequência cultural (um item escolar posteriormente entregue a uma escola pública e três fichas) acessível apenas para o Líder. Os participantes foram instruídos a limitar a conversa entre si apenas a verbalizações especificadas de antemão e estritamente relacionadas à execução da tarefa experimental. Embora não tenha sido possível identificar a seleção cultural nos experimentos realizados, o estudo contribuiu metodologicamente para a área, pois permitiu o desenvolvimento de procedimentos experimentais nos quais que as consequências individuais e culturais se relacionam de modo análogo ao que ocorre fora do laboratório. Nesse sentido, mudanças foram sugeridas para viabilizar refinamentos metodológicos no presente procedimento, com o intento de viabilizar pesquisas futuras, algumas das quais já se encontram em andamento, bem como contribuir para o planejamento de intervenções efetivas em problemas sociais. Essa linha de pesquisa pode representar para a análise comportamental da cultura o que os primeiros experimentos de laboratório sobre seleção natural representaram para a Biologia Evolucionária e o que o desenvolvimento da câmera operante (também conhecida como caixa de Skinner) representou para a análise do comportamento operante.

Metacontingência, cultura, complexidade

AEC

EXPOSIÇÃO A ALTERAÇÕES AMBIENTAIS INDEPENDENTES DA RESPOSTA: EVIDÊNCIAS PARA A INSTALAÇÃO DO COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO OU PARA OS EFEITOS DO DESAMPARO APRENDIDO?

Camila Chagas Raimundo, Carlos Henrique dos Santos*, Danielle Ruiz de Lima*, Letícia Tiemi Monteiro*, Paulo Eduardo da Silva*, Simone de Cássia Freitas Manzaro*, Daniel Carvalho de Matos, Paulo André Barbosa Panetta, Vanessa Diana Di Rienzo (Diretoria de Ciências da Saúde, Universidade Nove de Julho - São Paulo, SP)*

Existem situações nas quais respostas não produzem alterações ambientais; estas ocorrem independentemente da emissão de respostas, sendo que a probabilidade da alteração ambiental ocorrer é igual na presença ou na ausência da resposta. Duas linhas de pesquisa têm investigado a relação de independência entre emissão de respostas e alterações ambientais, produzindo diferentes hipóteses explicativas. A primeira estabelece que em situações de alterações ambientais independentes da resposta ocorre uma conexão acidental entre a resposta e a alteração ambiental e a contiguidade entre estes termos é suficiente para a manutenção do padrão operante, caracterizando o comportamento supersticioso. A segunda estabelece que os organismos submetidos a tais situações aprendem que o seu responder não é efetivo no ambiente e esta aprendizagem interfere na aquisição futura de uma nova resposta instrumental, caracterizando o efeito de interferência, um dos efeitos da exposição à incontrolabilidade, segundo a hipótese do desamparo aprendido. Estudantes universitários foram expostos a um som de 3000 Hz, com duração máxima de 5 segundos. Os participantes foram instruídos a desligar os sons e submetidos a duas fases experimentais, com exceção do grupo controle, que não participou da primeira fase. Na primeira fase, o término dos sons foi pré-programado, ocorrendo independente da emissão de respostas dos participantes. Os participantes foram distribuídos em quatro grupos e as condições experimentais diferiram nas porcentagens (75% ou 25%) e distribuições (nas últimas tentativas ou randômica) de sons com 1 e 5 segundos de duração. Na segunda fase, os participantes foram expostos a sons cujo término dependeu da emissão de suas respostas. O objetivo foi verificar se sujeitos expostos a estas diferentes manipulações experimentais: a) desenvolveram algum padrão de respostas motoras supersticioso, durante a primeira fase; b) se estas diferentes condições experimentais controlaram diferentes relatos verbais; e c) se apresentaram o efeito de interferência nas respostas motoras de fuga na fase subsequente na qual é apresentada uma tarefa controlável. A coleta de dados será concluída em breve. Na análise de padrões de respostas motoras supersticiosos será utilizada uma medida indireta, denominada probabilidade de responder P(R), definida como o número de tentativas nas quais o participante emite pelo menos uma resposta, dividido pelo número total de tentativas. Será calculada a média da P(R) de cada grupo experimental e utilizada a técnica estatística ANOVA para testar a igualdade entre as médias encontradas. Os relatos verbais obtidos serão classificados nas categorias "Relatou controle sobre o término dos sons", "Relatou que não exerceu controle sobre o término dos sons" e "Relatou não saber". A análise posterior buscará identificar se o relato verbal dos participantes corresponderá com a exposição às condições experimentais. Na análise do efeito de interferência na aprendizagem da resposta de fuga do som será investigada a média das tentativas necessárias para apresentar a resposta de fuga do som, a latência média das respostas de fuga e a média do número de acertos das respostas de fuga do som apresentadas por cada grupo experimental e pelo grupo controle e utilizada a técnica estatística ANOVA para testar a igualdade entre as médias encontradas.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

eventos subsequentes ao comportamento, desamparo aprendido, comportamento supersticioso.

Fundo de Apoio a Pesquisa de Iniciação Científica (FAPIC) da UNINOVE

AEC

HISTÓRIAS INFANTIS: A TRANSMISSÃO DE VALORES VIA ANÁLISE FUNCIONAL DO FILME SHREK. *Laercia Abreu Vasconcelos, Nathália Pereira de Oliveira* (Programa de Educação Tutorial. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Histórias infantis podem ser um rico contexto para a construção de repertórios acadêmicos, sociais, transmitindo os valores de um povo. O desenvolvimento da mídia filmes, especialmente com a facilitada distribuição a partir da década de 1990 torna esse recurso um meio para que analistas do comportamento possam incentivar a mediação de pais e professores entre a exposição à mídia filme e a audiência formada por crianças e jovens. A discussão da importância da licenciatura em psicologia realça a potencial contribuição dos analistas do comportamento ao desenvolverem múltiplas análises funcionais a partir de obras da literatura infantil como um recurso educacional. Os valores, a ética, o comportamento de estudar, a alimentação saudável, habilidades sociais, a violência, o gênero são algumas das áreas que podem ser intensamente exploradas junto a crianças e jovens a partir de análises funcionais de livros e filmes. O objetivo do trabalho é, portanto, apresentar um recorte de contingências e desenvolver análises que possibilitam evocar comportamentos clinicamente relevantes ou de importância acadêmica no contexto da escola, ou ainda, relevantes para a família em diferentes situações que se mostrarem necessárias. A interpretação analítico-comportamento do filme Shrek é desenvolvida por meio de alguns dos comportamentos de personagens visando à ampliação de descrições/explicações para as relações observadas, bem como soluções para os problemas apresentados. Os resultados neste trabalho descrevem contingências que envolvem algumas das temáticas/variáveis abordadas no filme tais como: (1) habilidades sociais, especificamente o conceito de amizade e os processos comportamentais envolvidos, (2) gênero, (3) respeito à diversidade social, educacional e econômica e (4) conceito de beleza. Os dados mostram que o filme Shrek apresenta uma sátira envolvendo contos de fadas. Nesse sentido, há estímulos a discussão de diferentes valores presentes nos itens acima destacados. Entre os dados destacados encontram-se uma princesa que escolheu um padrão de beleza não convencional; um esposo que participa ativamente de tarefas domésticas, descrevendo com frequência algumas fragilidades diante de críticas sociais por ser diferente; relações de amizade estabelecidas pelo personagem Burro, mostrando cooperação, ampliação de sua rede social, além de uma visão crítica sobre o dia a dia dos personagens. O detalhamento dos elementos dessas contingências e sua utilização em diferentes contextos com crianças e jovens possibilita o emprego de modelação, modelagem, enfraquecimento/fortalecimento de regras/conceitos; promoção de aumento do repertório verbal de crianças com o reforçamento positivo de suas produções orais em uma roda de discussão; desenvolvimento de estratégias inclusivas para a abordagem dos erros, mantendo a motivação na tarefa (e.g., quando se utiliza livros ou filmes como estímulos acadêmicos).

Análise funcional, filme, Shrek

Bolsista do Programa de Educação Tutorial do MEC - PET-Psicologia

AEC

INFLUÊNCIA DA EXTENSÃO DO TREINO DA LINHA DE BASE NA EMERGÊNCIA DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES. *Jader Cruz Brião*, Celso Socorro Oliveira, Mirela Louise Alves* (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Bauru - SP)*

Desde a elaboração da adaptação da Teoria de Conjuntos da Matemática para a Psicologia Experimental para explicar a emergência de classes de estímulos equivalentes muitos estudos foram feitos dentro desde paradigma, mas pouco se foi pesquisado a respeito das condições nas quais ocorre a Equivalência de Estímulos, ou a criação das Classes de Estímulos Equivalentes. A presente pesquisa fora conduzida com o objetivo de se analisar mais profundamente o efeito do número de repetições de tentativas de treino como variável na emergência de classes equivalentes, e, para tanto, fora desenvolvido um delineamento experimental onde quatro diferentes linhas de bases foram treinadas (mesmo estímulos, mas com quantidade de tentativas de treino apresentado variando) e todos os sujeitos passaram pela mesma fase de teste que procurou avaliar a emergência das relações equivalentes (aplicando-se os testes de simetria, transitividade e reflexividade). O delineamento foi feito utilizando o procedimento de MTS (match-to-sample), onde o sujeito teria um modelo e três escolhas apresentadas a cada tentativa, utilizando-se do software MTSLab instalado em um notebook. As linhas de base diferenciavam-se pelo número de apresentações de cada relação binária (A1B1; B2C2, etc.), sendo que a linha de base mais extensa conteve 42 tentativas, onde cada uma das relações condicionais é apresentada 14 vezes. A linha intermediária conteve 21 tentativas, cada relação condicional foi apresentada sete vezes. A linha de mais curta conteve nove tentativas, cada relação condicional foi treinada três vezes. A quarta linha de base era semelhante à linha de base curta, com a diferença da utilização o procedimento de fading-in de estímulos. Em seguida, ou após o uso do software, foi indagado aos participantes sobre as estratégias para aprender que utilizou. Os resultados registrados nos arquivos texto gerados pelo programa de computador estão de acordo com a literatura (os participantes que foram submetidos à linha de base mais extensa obtiveram melhor resultado nos testes para demonstrar a equivalência). Foi relatado pelos participantes que a dificuldade se encontrava nos estímulos utilizados: afirmaram que eram imagens complexas, e não tinham como relacioná-las (estímulos abstratos); também afirmaram que davam nomes aos estímulos, de forma a facilitar a relação entre eles (por exemplo, chamavam os estímulos de "coqueiro" ou "S", sendo que eram abstratos). Esta nomeação por parte dos participantes pode ter dificultado a criação das classes equivalentes, pois, pelo relatado por eles, muitos estímulos que tinham características semelhantes (linha diagonal, quadrados, etc) não foram relacionados entre si pelo delineamento propositalmente. Os resultados obtidos, somados aos depoimentos dos participantes levaram os pesquisadores a responder a pergunta proposta de forma positiva, que a extensão da linha de base influencia na emergência da classe de estímulos equivalentes, como a literatura havia sugerido, entretanto, outros fatores também sugeridos pela literatura, mas pouco explorados exercem grande influência nesse processo. Fatores como os próprios estímulos (a divisão "abstratos" e "conhecidos" parece ser generalizante e incompleta), o fator da nomeação dos estímulos, bem como a própria força do reforço utilizado (um "parabéns, você acertou" não parece ser o suficiente para todos os participantes).

Equivalência de estímulos, linha de base, nomeação.

PROEX-UNESP.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

MANIPULAÇÃO DE ATRASO E INTERVALO ENTRE TENTATIVAS EM PROCEDIMENTO DE PAREAMENTO AO MODELO POR IDENTIDADE EM SAPAJUS CF. APELLA. *Tamyres Roberta Colares Leal, Ana Leda Faria de Brino, Olavo de Faria Galvão (Universidade Federal do Pará).*

A pesquisa relatada faz parte de um projeto que tem por objetivo verificar os efeitos de contaminação por mercúrio em crianças. Buscou-se nesse estudo desenvolver testes que não necessitem de instrução verbal para avaliar a memória de trabalho, ou memória de curto prazo. O procedimento utilizado para avaliar este processo foi o pareamento ao modelo com atraso (DMTS), com aumento gradual do atraso, com três macacos-prego como sujeitos. Com o aumento no atraso entre o desaparecimento do modelo e a apresentação das comparações o desempenho dos sujeitos tende a cair. Alguns estudos, entretanto, apontam que aumentando-se o intervalo entre tentativas (IET) é possível a recuperação do desempenho. O objetivo desta pesquisa foi investigar os efeitos da manipulação gradual do atraso e do IET sobre o desempenho de pareamento ao modelo por identidade em três macacos-prego adultos, Drácula, Guga e Tico. A tarefa era composta por 9 relações de identidade entre estímulos de três conjuntos. Em cada sessão, todas as relações eram apresentadas ao sujeito randomicamente em tentativas de três escolhas. A tentativa se iniciava com a apresentação de um estímulo modelo; cinco toques ao modelo produziam seu desaparecimento, e após o atraso programado, eram apresentadas três comparações. Se o sujeito tocasse no S+, uma pelota de açúcar de 190 mg era liberada e iniciava-se o IET. Respostas ao S- produziam apenas o IET. Partindo-se de desempenho estável em tentativas com atraso 1 s e IET 6 s, foi avaliado o nível de acertos após sucessivos aumentos de 0.5 s no atraso. Quando os índices de acerto diminuíam, aumentava-se o IET em 1 s. Dois tipos de sessão foram realizados: 1) Atraso fixo – quando a sessão apresentava apenas um valor de atraso 2) Atrasos variáveis – quando diferentes valores de atraso eram apresentados em uma mesma sessão. Drácula realizou 59 sessões com atraso fixo e 78 sessões com atraso variável, o critério de desempenho nas sessões de atraso fixo foi atingido para os atrasos de 1,0 a 13,5 s e, nas sessões de atraso variável o critério de desempenho foi atingido em atrasos de até 27 s. Guga realizou 22 sessões de atrasos fixos e 20 sessões com atraso variável, o critério de desempenho foi atingido nos atrasos de até 4,5 s nas sessões de atraso fixo e, até 7,0 s nas sessões de atraso variável. Tico realizou 27 sessões de atrasos fixos alcançando o critério em atrasos de até 5,0 s. Para os sujeitos Drácula e Guga, nas sessões em que o aumento do atraso produziu queda de desempenho, o treino continuado na mesma condição ou o aumento no IET foi suficiente para produzir recuperação do desempenho, com Tico ainda não houve manipulação de IET. Os resultados aparentemente corroboram os dados de outras pesquisas que indicam que o aumento do IET após queda de desempenho devido ao aumento do atraso pode produzir recuperação de desempenho. Serão realizados testes que verifiquem uma razão ideal entre atraso e IET para manutenção de desempenho, de modo a se produzir uma medida precisa para a avaliação do desempenho de macacos contaminados por mercúrio.

comportamento complexo, pareamento ao modelo com atraso, Sapajus cf. apella

CNPq – INC&T sobre Comportamento, Cognição e Ensino, NIEHS

PIBIC/UFPA – Ações Afirmativas

AEC

MANUTENÇÃO DO COMPORTAMENTO EM ESQUEMA DE TEMPO VARIÁVEL APÓS HISTÓRIA COM ESQUEMAS DE INTERVALO VARIÁVEL: O PAPEL DA TAXA DE RESPOSTAS E TAXA DE REFORÇO.

Elizabeth Fortunatti Albregard, Andrielly Darcanchy de Toledo, Marcelo Frota Benvenuti, Saulo Missiaggia Velasco e Gerson Yukio Tomanari (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)

O propósito deste trabalho é investigar a influência de diferentes taxas de respostas geradas por diferentes esquemas de intervalo variável sobre a manutenção do comportamento em esquema de tempo variável (reforço independente do responder). Para realizar o experimento, utilizamos 40 ratos albinos de linhagem Wistar. Cada um dos sujeitos foi deixado em estado de privação de água e foi colocado em uma caixa de condicionamento operante. Os ratos foram divididos em quatro grupos, sendo que as respostas de pressão à barra eram seguidas de uma gota de água, de acordo com um esquema de intervalo variável (VI) diferente para cada grupo. Os grupos foram de VI 15s, VI 30s, VI 60s e VI 120s. Depois que todos os ratos mantiveram o comportamento de pressão à barra numa taxa estável, o reforço de todos passou a ser apresentado de maneira independente da resposta, em tempo variável (VT 60s). Cada sessão durava o tempo necessário para que fossem apresentados 60 reforços (ocasionalmente, um critério de encerramento com base no tempo de sessão foi introduzido para os sujeitos que respondiam muito pouco). A taxa de respostas dos sujeitos variou conforme o valor do VI: nos esquemas com maior densidade de reforço, as taxas de respostas foram maiores. Na condição com o esquema VT, foi avaliado o papel dos intervalos entre apresentações de água sem respostas para a extinção do comportamento. Ratos com história de VI 120s apresentaram o maior número de intervalos em VT sem respostas e atingiram o critério de extinção do comportamento muito mais rapidamente do que os ratos do grupo com história de VI 15s. No entanto, a mesma relação não foi observada para os sujeitos dos grupos com história de VI 30s e VI 60s. Os ratos com história de VI 60s foram os que apresentaram o menor número de intervalos entre apresentações de gotas de água sem respostas, as maiores taxas e demoraram mais a atingir o critério para extinção do comportamento. Esses resultados sugerem que na manutenção do comportamento em situações de reforço independente da resposta, uma variável relevante, além da taxa de resposta e dos intervalos "vazios", é a discrepância na taxa de reforço na transição do VI para o VT (ratos do grupo VI 60s tinham a mesma taxa de reforço em VT na condição de VT).

Esquemas de reforço, manutenção do comportamento, reforço independente do comportamento

AEC

MOTIVAÇÃO DE CALOUROS NA ESCOLHA DO CURSO DE PSICOLOGIA: MATUTINO NOTURNO. *Geraldina Porto Witter Universidade Camilo Castelo Branco), Jamili Rasoul Salem de Souza* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP) (,Carla Witter (Universidade São Judas Tadeu)*

Todo comportamento tem subjacente variáveis que o direcionam inclusive na escolha da área em que pretendem buscar se formar. Considerando a relevância do conhecimento destas variáveis foram relevantes, foi feita a presente pesquisa tendo por objetivos conhecer as referidas varáveis e se eram similares entre alunos do curso matutino e noturno. Foram participantes calouros de um curso de Psicologia de uma Universidade particulares sendo 31 do diurno e 49 do noturno tendo todos assinados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o projeto aprovado pelo Comitê de Ética (Processo n○ 2135-2355/08) via redação apresentaram os motivos que os levaram a escolher a área de Psicologia. No Matutino os motivos mais referidos foram: Entender a mente/comportamento (26,79%) e ajudar os outros (15,6%). No noturno foram os mesmos, mas respectivamente com 23,6% e 18% das respostas. Entretanto houve muitas variações nas demais indicações de motivo, de modo que não foi obtida correlação com significância entre os dois grupos, sendo r=0,13 (rc=0,46, p≤0,05, N=19). Foi também aplicado um questionário em que deveriam atribuir nota de 1 a 10 a um rol de variáveis que potencialmente poderiam ter influências em suas escolhas. As variáveis com notas mais altas foram características pessoais (matutino= 7,6 e Noturno= 7,4) e características da profissão (Matutino= 7,5 e Noturno=7,4). O cálculo de correlação mostrou que a hierarquia de relevância atribuída às variáveis estava correlacionada nos dois grupos, sendo r0=0,84 (rc=0,52, ≤0,05, N=15). Os resultados mostraram que a resposta espontânea teve maior variabilidade e pouca especificidade para escolher o motivo mais relevante, já a avaliação do rol de avariáveis foi mais convergente e consoante com o esperado em escolha matura da profissão. Os dados são úteis para o planejamento educacional e para a divulgação da Psicologia como ciência e profissão da comunidade.

Palavras-chave: ensino superior, escolha da profissão, variáveis motivacionais

AEC

O JOGO DA DIVISÃO: RELAÇÃO COM GÊNERO E QUANTIDADE DE DINHEIRO. *Gabriela Esteves Lopes, Alice Frungillo Lima,Gabriel Zin, Giovana Escobal, Celso Goyos (Universidade Federal de São Carlos)*

Jogos econômicos têm sido úteis como modelos experimentais para estudo de situações de interação social complexa. Psicólogos interessados no fenômeno da generosidade têm utilizado jogos econômicos para estudar processos de tomada de decisão e distribuição de recursos. Um desses jogos se denomina Jogo da Partilha e pesquisas têm analisado os efeitos de algumas variáveis sobre como as pessoas alocam recursos, dentre elas: gênero do distribuidor ou do receptor, interação humana versus interação computadorizada, incentivo monetário real ou hipotético, idade, etc. O objetivo dessa pesquisa foi identificar o padrão comportamental de crianças pré-escolares no Jogo da Partilha e se demonstram consistentemente ou não suas opiniões em como dividir recurso em um paradigma de escolha forçada, tal como no Jogo da Partilha. Participaram 18 crianças pré-escolares, de 3 a 5 anos, com desenvolvimento típico, frequentadores de uma escola pública infantil em uma cidade no interior paulista. A pesquisa foi realizada na própria escola frequentada pelos participantes. Foram utilizados duas peças de bichos de pelúcia idênticas, cartolinas, desenhos montados em papel, folha de registro, caneta, filmadora, e computador. Os Estímulos experimentais foram representados por figuras coloridas de bolos, no formato Joint Photographic Experts Group (JPEG), editadas no programa Paint. Existiu uma relação direta de proporcionalidade entre os valores dos algarismos e os tamanhos das figuras dos bolos; quanto maior o algarismo, maior o bolo. Em um delineamento intrassujeitos, os participantes fizeram escolhas ao longo de dois blocos de repetidas tentativas, cada um envolvendo cinco oportunidades de escolha, para distribuir os recursos entre si e um participante invisível, passivo, podendo escolher otimizadamente, mas não competitivamente, igualmente, mas não de maneira otimizada, menos otimizadamente, mas mais competitivamente e de maneira altruística. O estudo também permitiu uma comparação entre - sujeitos a respeito do gênero dos participantes. Os dados mostraram que as crianças do gênero feminino escolheram otimizadamente todas as vezes e as do gênero masculino alternaram mais em suas escolhas, mas escolheram mais frequentemente a alternativa otimizada que a não otimizada. A dimensão tamanho do bolo pode ter influenciado mais os meninos, porque eles escolheram mais otimizadamente quando o tamanho do bolo era maior. Ambos os gêneros escolheram com maior freqüência a alternativa igualitária, quando essa estava sendo apresentada concomitantemente com a alternativa altruísta. Os resultados indicaram que o modelo experimental desenvolvido foi adequado para este estudo e pôde identificar o padrão comportamental de crianças pré-escolares no Jogo da Partilha e suas opiniões em como dividir recurso em um paradigma de escolha forçada. Estes jogos são importantes porque permitem: analisar as contingências envolvidas na tomada de decisão das pessoas, caracterizar as escolhas, como ideal, justa ou competitiva, e trazer sob escrutínio o exame dos possíveis efeitos de outras variáveis (por exemplo, sexo, incentivo monetário, quantidade de dinheiro, informações, etc) sobre as distribuições das escolhas das pessoas, para determinar se essas escolhas são estáveis ou influenciadas por essas variáveis. Posteriormente, os efeitos de outras variáveis serão analisados.

Apoio: FAPESP.

Palavras-chave: tomada de decisão econômica, altruísmo e generosidade, jogos comportamentais.

IC: Iniciação Científica.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O PAPEL DAS VARIÁVEIS SOCIAIS NO RESPONDER SUPERSTICIOSO EM ESQUEMAS MÚLTIPLOS. *Sirlene Lopes de Miranda**, Flávia Meneses Duarte**, Lorena Alves de Souza Araújo**, Marcelo Frota Lobato Benvenuti (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

Em certas condições, pessoas podem superestimar a probabilidade com que as suas ações são efetivas em produzir alterações no ambiente. Este fenômeno é conhecido como ilusão de controle e foi definido como uma expectativa de probabilidade de sucesso inapropriadamente maior que a probabilidade correta. Este trabalho é uma análise do fenômeno da ilusão de controle com base em contribuições da análise do comportamento, em especial, as noções de comportamento supersticioso e comportamento verbal. Quando respostas e mudanças ambientais coincidem, pode haver a seleção do comportamento mesmo que as respostas não tenham produzido as mudanças, o que gera a aquisição do comportamento supersticioso, comportamento mantido por relação acidental com reforço, facilitado por instruções e outras variáveis sociais. O objetivo deste estudo foi avaliar o papel das instruções incorretas no responder supersticioso em um componente VT de um esquema múltiplo VT EXT. Participantes trabalhavam em uma tarefa de computador na qual poderiam responder, com um mouse, em um retângulo colorido e acumular pontos. Os pontos eram apresentados independentemente do comportamento dos participantes no componente VT do esquema múltiplo. No componente EXT, não havia apresentação dos pontos. Dez participantes, estudantes de graduação, receberam instrução mínima ou incorreta antes das sessões experimentais. Na instrução mínima, os participantes eram informados que deveriam descobrir o que fazer para ganhar pontos; na instrução incorreta, era dito que os participantes deveriam clicar com o mouse no retângulo para ganhar pontos. Após as sessões, os participantes indicavam o grau de controle que julgavam ter na situação. Dos cinco participantes submetidos a instrução mínima, três responderam mais acentuadamente no componente EXT e dois responderam em ambos os componentes, porém com baixa taxa de respostas. Para os participantes que receberam a instrução incorreta, três dos cinco participantes desenvolveram o comportamento supersticioso em VT, respondendo sistematicamente mais no componente VT do que em EXT. Os participantes que receberam a instrução incorreta fizeram estimativas de controle mais altas do que os participantes que receberam instruções mínimas. Os resultados sugerem que a instrução incorreta favoreceu o desenvolvimento do comportamento supersticioso, apontando para o papel das variáveis sociais na aquisição e manutenção do comportamento supersticioso. Além disso, os resultados sugerem que as variáveis responsáveis pelo comportamento supersticioso são as mesmas do fenômeno da ilusão de controle.

comportamento supersticioso; variáveis sociais; esquema múltiplo

Capes e CNPq

AEC

O PAPEL DAS VARIÁVEIS VERBAIS NA NEGLIGÊNCIA DA TAXA BASE.

*Talita Regina de Lima Cunha**, Sirlene Lopes de Miranda**, Flávia Meneses Duarte**, Saulo Velasco, Marcelo Benvenuti (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

O comportamento de escolha e o comportamento de tomada de decisão têm sido estudado por alguns analistas do comportamento para compreender fenômenos tradicionalmente descritos como 'viés cognitivo'. Um exemplo desses fenômenos é a negligência da taxa base: em uma situação em que devem estimar probabilidades, pessoas tendem a valorizar as informações de casos específicos em detrimento das informações de probabilidades de taxa base. O objetivo do presente trabalho foi avaliar o papel de variáveis verbais na promoção de maior ou menor controle exercido pelas informações de taxa base sobre o comportamento dos participantes por meio de três situações problema (e.g., condição do taxi; diagnóstico médico e registro de cartão de ponto). Participaram do estudo 15 estudantes de Psicologia, distribuídos em três condições que variaram na maneira como as informações sobre a tarefa de estimativa de probabilidade eram apresentadas. Na primeira condição, os dados foram coletados da maneira tradicional, como descrito na literatura: uma situação problema era apresentada por escrito (e.g., houve um acidente de trânsito em uma cidade envolvendo um taxi). Em seguida, no mesmo texto, informações sobre a população eram apresentadas – taxa base (e.g., 80% dos taxis da cidade são azuis e 20%, vermelhos). Por fim, era apresentada informações sobre um caso específico (e.g., uma testemunha afirma que o taxi envolvido era da cor vermelha, mas verificando-se a acurácia de julgamento dessa testemunha em situações semelhantes, tem-se acertos em 80% das vezes). Na segunda condição, a informação da taxa base era salientada pelo experimentador na entrega das situações problema (e.g., preste muita atenção no item 1 – referindo-se a informação da taxa base). Na terceira condição houve mudança na ordem em que as informações da taxa base e do caso específico eram apresentadas (e.g., informação de taxa base apresentada ao final da situação problema). Na primeira condição, os participantes fizeram estimativas de probabilidade que sugerem, tal como encontrado na literatura, a negligência da taxa base. Nas duas outras condições, o efeito de negligência da taxa base não foi tão robusto (Condição 2) ou quase inexistente (Condição 3). Nessas duas últimas condições, estimativas dos participantes foram controladas mais fortemente pelas informações da taxa base e do caso específico. Os resultados permitem sugerir que a manipulação de variáveis verbais pode favorecer a mudanças no comportamento intraverbal dos participantes. Neste sentido, considerando os resultados deste estudo, fenômenos caracterizados como viés cognitivo pode ser estudados levando-se em conta o efeito de variáveis verbais que atuam no controle de comportamento de tomada de decisão.

Variáveis verbais, Análise Experimental do Comportamento, negligência da taxa base.

AEC

O PROBLEMA DA COLA EM CURSO À DISTÂNCIA. *Mirela Louise Alves*, Celso Socorro Oliveira, Fábio de Brito Scarpin*, Jader Cruz Brião* (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Bauru - SP)*

Pode-se afirmar que o comportamento de colar em provas é uma forma de esquiva das consequências aversivas geradas pelas notas baixas e que, portanto, é reforçado quando bem sucedido. Nos últimos anos, com o desenvolvimento dos cursos à distância cujas atividades são realizadas via Internet, as fraudes nos resultados das avaliações deixam de ser um problema exclusivo de cursos presenciais. Com a finalidade de testar o uso de tecnologia de ensino em ambientes EAD, foi realizado um curso completamente online, com duração de um mês, que foi constituído de um questionário prévio com 18 questões discursivas sobre o conteúdo do curso (para verificar o nível de conhecimento dos alunos antes das aulas), dez aulas com a apresentação de textos básicos e textos explicativos, exercícios de treino e exercícios de teste (com exceção de duas aulas que não tiveram treino), vídeos em duas das aulas, e uma avaliação final idêntica ao primeiro questionário. O curso foi gratuito e os alunos concordaram com o caráter experimental ao aceitar o Termo de Consentimento. Foi explicitado aos alunos que o desempenho no questionário prévio não influenciaria diretamente na aprovação ou reprovação deles e que não seriam atribuídas notas a ele e nem à avaliação final. O preenchimento de ambos era obrigatório para a continuidade do curso e para o recebimento do certificado. As aulas não ficaram disponíveis para consulta durante a avaliação. Dos 20 alunos inscritos, oito realizaram a avaliação final. Desses oito, dois alunos copiaram dos textos disponibilizados nas aulas e de outros sites as respostas de aproximadamente 12 questões. Três alunos não copiaram completamente as respostas, mas utilizaram partes de textos das mesmas fontes para compô-las. Nos resultados dos outros três alunos não foram identificados indícios de cola, porém não é possível afirmar que não colaram. Também foi constatada a presença de colas nas respostas do questionário prévio. O desempenho dos alunos nos treinos e nos testes foi irregular, tanto para os que colaram quanto para os que não colaram. Ficou evidente que, em um curso à distância no qual as avaliações podem ser realizadas pela Internet e de qualquer lugar, não há forma de impedir que os alunos tenham acesso às informações requisitadas e as use em suas respostas. Diante disso, não é possível assegurar que ocorra aprendizagem do conteúdo proposto. Como o comportamento de colar não foi ensinado no curso, conclui-se que ele já fazia parte do repertório dos alunos e que, provavelmente, foi reforçado nas aulas presenciais, talvez durante a escolaridade obrigatória, por ter sido bem sucedido na esquiva de qualquer punição relacionada às notas baixas. Tendo sido reforçado e mantido, o comportamento de colar não mudou repentinamente pela não atribuição de notas às avaliações ou questionários.

Cola, distância, reforço.

PROEX-UNESP

IC

AEC

REGRAS PRESENTES NA INTERAÇÃO PAIS-FILHO AUTISTA E ADOLESCENTE-IRMÃO AUTISTA. *Camila Straforin de Oliveira (Universidade Federal de São Carlos, Universidade Paulista) Valeria Mendes, João dos Santos Carmo (Universidade Federal de São Carlos)*

A pesquisa objetivou identificar regras presentes na interação de familiares com um membro autista, em famílias nucleares formadas por pai, mãe, filho adolescente com desenvolvimento típico e filho autista. Especificamente buscou-se descrever interações dos pais com filho autista e do filho adolescente com seu irmão autista, extraindo regras que podem implicar em contingências específicas e padrões de relacionamento com o membro autista. Participaram três famílias de uma cidade do interior de São Paulo. A primeira composta por: pai, 45 anos de idade, arquiteto; mãe, 43 anos, administradora de empresa; uma adolescente, 13 anos de idade; uma criança autista (J.), 9 anos de idade, que frequentava a quinta série do Ensino Fundamental. A segunda família composta por: pai 43 anos, advogado; mãe, 43 anos, bacharel em direito; uma filha pré-adolescente, com 11 anos; e uma criança autista (C.) de 7 anos de idade, que frequentava o primeiro ano do Ensino Fundamental. E a terceira, formada por pai, 43 anos, técnico de segurança no trabalho, mãe 42 anos, prendas do lar; um adolescente, com 12 anos; uma criança autista de 9 anos, que freqüentava a terceira série do Ensino Fundamental. A entrevista foi norteada por uma questão apresentada aos pais e aos irmãos: "Fale como é a relação da sua irmã (filho) autista com você e desta com os demais familiares". A partir da análise dos relatos foi possível identificar e descrever as regras presentes nas relações dos familiares com o membro autista. Os dados obtidos permitem uma análise das regras concordantes e discrepantes, presentes com regularidade nas falas da primeira família: (1) J. é normal, portanto age como qualquer criança de sua idade, (2) Ela é diferente das outras crianças da sua idade; (3) J. tem algumas limitações, ela não consegue fazer determinadas atividades. As regras presentes nas falas da segunda família, (1) C. não é normal, ele não age como qualquer criança de sua idade;(2) Vergonha do C, ele não se comporta como uma criança de sua idade,(3) C. tem manias, que uma criança normal não tem. E as regras presentes na terceira família, (1) G. estranha tudo, por isso a gente o avisa de tudo que está acontecendo; (2) G. é manhoso, porque quando ele quer algo ele começa a chorar e a fazer birra; (3) Ele não parece especial, porque ele é esperto, malandro, sabe usar as pessoas. A análise do relato indica que a primeira família apresenta falas contraditórias em relação à condição normal x anormal de J. A segunda e a terceira família apresentam dificuldades no manejo dos comportamentos inadequados dos filhos com autismo. Os dados foram discutidos em termos do potencial que a identificação e descrição de regras podem fornecer acerca do relacionamento de familiares com seu membro autista bem como do desenvolvimento de formas eficazes de orientação a estes, mais especificamente em relação a como lidar de forma mais eficaz com esse familiar a fim de instalar e fortalecer comportamentos funcionais e socialmente esperados.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

UM ANÁLOGO EXPERIMENTAL DE METACONTINGÊNCIA EM POMBOS: UMA PROPOSTA DE PESQUISA. *Arthur Mitio Nagae, Saulo Missiaggia Velasco (Universidade de São Paulo)*

Apenas recentemente estudos empíricos sobre o estabelecimento de seleção por metacontingências e perpetuação de práticas culturais passaram a ser reproduzidos em laboratório, limitando-se a modelos experimentais com seres humanos. A presente proposta de pesquisa, já em andamento no LabAEC do IP-USP, tem como objetivo investigar as condições necessárias e suficientes para que ocorra seleção por metacontingências e perpetuação de práticas culturais entre gerações sucessivas de indivíduos não-humanos. Serão utilizados oito pombos (Columbia livia) e uma caixa de condicionamento operante dividida ao meio por uma parede de acrílico transparente, formando duas câmaras. Cada uma aloja um pombo e contém dois discos de respostas alinhados verticalmente, os quais podem ser iluminados em verde ou vermelho, aleatoriamente. Na primeira condição experimental, atual estágio da pesquisa, todos os sujeitos foram individualmente treinados a bicar um dos dois discos – independente da cor – em um esquema de reforçamento de Intervalo Fixo de 10 s e disponibilidade limitada de resposta de 2 s, alternadamente a cada tentativa, para produzir 3 s de acesso ao comedouro. A Condição 2 será conduzida apenas com uma dupla de sujeitos, as contingências individuais da Condição 1 serão mantidas e duas metacontingências serão introduzidas: serão produzidos 6 s de acesso ao comedouro (chamados aqui de consequência cultural) caso diante dos discos iluminados em vermelho os pombos bicarem em discos de mesma altura; ou se diante dos discos iluminados em verde os pombos bicarem em discos de altura diferente. Assim, caso ambas as condições sejam cumpridas (contingência individual e metacontingência), serão disponibilizados, ao todo, 9 s de abertura do comedouro. Na Condição 3, as contingências e metacontingências anteriores serão mantidas e será realizada a substituição sistemática dos sujeitos. Evidência de seleção por metacontingências será considerada caso se observe a produção sistemática da consequência cultural na Condição 2. Evidência do estabelecimento de uma prática cultural será considerada caso a consequência cultural continue sendo produzida, prontamente, após a substituição dos sujeitos (Condição 3). Evidência um pouco mais fraca será considerada caso a consequência cultual comece a ser produzida, sistematicamente, após um número de tentativas muito menor do que na primeira dupla de sujeitos. Caso esses padrões não se verifiquem em nenhuma das gerações, poderá ser fornecida uma primeira evidência experimental de que metacontingências podem se restringir ao âmbito das interações sociais humanas.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

UM ENSAIO SOBRE O USO DA LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL PELO DEBATE DAS CONCEPÇÕES DE COMUNIDADE VERBAL E COMUNIDADE DE MENTES. *Henrique M. Pompermaier, Guilherme Bergo Leugi (Universidade Federal de São Carlos)*

A partir de análises das obras Verbal Behavior, de Skinner, e Young Minds in Social Worlds, de Nelson, bem como de textos complementares de pesquisas abordando temas relativos à função simbólica (linguagem e cognição) nas perspectivas analítico-comportamental e do desenvolvimento humano, o presente trabalho procurou apresentar algumas considerações sobre possíveis definições dos conceitos de Comunidade Verbal e Comunidade de Mentes, salientando possíveis diálogos e divergências, bem como dificuldades encontradas no desenvolvimento de cada uma das propostas. Os conceitos de Comunidades de Mentes e Comunidade Verbal são centrais às propostas de compreensão dos processos envolvidos com a comunicação e a linguagem por estas duas distintas vertentes psicológicas, respectivamente, a sócio cultural (ou contextualista funcional) de Katherine Nelson, e a analítico comportamental de B. F. Skinner. Em ambos os casos, os termos expressam a concepção de que a linguagem / o comportamento verbal é simbólico e que seu significado é construído e compartilhado com outros membros do grupo (comunidade). A aquisição do repertório linguístico depende de contingências dispostas/manejadas por outros. As contingências relevantes residem tanto nos antecedentes quanto nos consequentes (a "comunidade" apresenta os modelos e requer e monitora o comportamento dos novos membros). O significado é adquirido no uso ou na função: diferentes significados são aprendidos e compartilhados na relação com os outros (comunidade). Mesmo pertencendo a tradições e referenciais distintos, algumas aproximações e, especialmente diálogos, entre as duas abordagens parecem possíveis e pertinentes. Destacando uma posição pragmatista à abordagem dos fenômenos psicológicos, ambos os conceitos ressaltam o caráter fundamental do nível cultural no desenvolvimento das capacidades e habilidades da cognição humana. Contudo, tais aproximações também revelam discrepâncias, mesmo nos pontos de contato, como é o caso dos diferentes pragmatismos implicados em cada uma das propostas. Apesar da centralidade dos conceitos nas duas abordagens, é marcante também a dificuldade de operacionalização e de tratamento empírico destes conceitos. O comportamento verbal proposto por Skinner (1957) promoveu uma abordagem selecionista e pragmática acerca da linguagem. Esta proposição skinneriana apresenta um amplo programa de pesquisa, porém, ainda insuficientemente desenvolvido em relação ao escopo original. Contudo, nenhuma das propostas apresenta compromisso específico de operacionalizar o conceito ou o estudo empírico da Comunidade Verbal. O conceito, neste sentido, é tratado de maneira apenas indireta, com os estudos procurando desenvolver, de maneira análoga e, com controle experimental, determinados aspectos presentes ou constituintes do conceito de Comunidade Verbal. De maneira semelhante, nas discussões acerca de dados de pesquisa sobre teoria de mente e categorização, fica clara a pertinência da definição de Comunidade de Mentes como o conjunto de práticas de uma comunidade que promove o compartilhamento de significados. Contudo, coloca-se a dificuldade de como observar e interpretar tais práticas e as relações determinantes e determinadas por elas.

Comunidade Verbal; Comunidade de Mentes; função simbólica; linguagem

FAPESP / Bolsa mestrado (primeiro autor)

CAPES / Bolsa doutorado (segundo autor)

AEC

UMA ANÁLISE DA LEITURA DE CRIANÇAS POR MEIO DE HISTÓRIAS INFANTIS. *Laura Campos de Moura*, Graciela Hosel*, Laércia Abreu Vasconcelos (Universidade de Brasília)*

A literatura é um meio eficiente de transmissão da cultura, valores, crenças, e outros padrões comportamentais específicos. No entanto, a baixa frequência do comportamento de ler de crianças e jovens junto ao aumento de utilização de outras mídias como a televisão, aponta para a necessidade de investimentos de pesquisas voltadas para estimulação de leitura. Assim, contingências de reforçamento positivo, em um ambiente lúdico nos contextos escolar e familiar contribuem para a formação do leitor criança. O desenvolvimento de uma visão crítica de conteúdos e imagens apresentados permite que o cidadão-criança seja capaz de lidar com temas complexos e por vezes com versões contraditórias. O objetivo dessa pesquisa foi estimular a leitura de crianças utilizando três histórias de tamanhos crescentes. Foram realizadas três sessões de leitura com cada uma das crianças, de 8 e 10 anos de idade, totalizando seis sessões que eram gravadas e seguidas de um momento lúdico, no qual as participantes comentavam sobre a leitura anteriormente concluída. No momento lúdico, valores presentes na história (e.g., amizade, os benefícios do contato com a natureza, o dizer a verdade na tentativa de solucionar um problema) foram enfatizados. A unidade de análise foi a palavra e as seguintes categorias foram analisadas por sessão: (1) repetições, (2) correções, (3) erros de leitura, (4) erros de pontuação (com ausência de pausas que prejudicam a compreensão do texto ou ausência de entonação correspondente à pontuação) e, (5) motivação via relatos da criança sobre o texto, ilustrações ou ao introduzir novos temas. Vale ressaltar que a análise dos dados destacou os acertos da criança nas diferentes categorias, as quais mostraram também as interrupções de leitura por meio dos erros registrados. Pedro e Bruno mostraram um percentual de acertos total das três histórias de 76% e 79%, respectivamente. Contudo, no decorrer da leitura muitas interrupções devido ao não cumprimento da pontuação e aos erros de leitura de algumas palavras contribuíram para dificuldades no campo da fluência. Em geral, ao final das sessões os participantes formularam sínteses variadas das histórias sinalizando a compreensão da leitura. Comportamentos verbais e não verbais indicaram motivação no processo de leitura com destaque para o efeito de variáveis tais como: a quantidade de palavras, ilustrações dos livros e estilo da história (e.g., histórias de ação; histórias com marcantes estereótipos por gênero). O contexto da pesquisa com atendimento individual e alta densidade de reforçamento positivo se mostrou importante nesta amostra de crianças de uma instituição-abrigo. Portanto, apesar da alta frequência de interrupção da leitura feita pelas crianças outros fatores contribuíram para o desenvolvimento da compreensão da leitura e manutenção da motivação para se manter na tarefa. Isso foi observado apesar de ocorrências de desaprovações iniciais quanto ao tema a ser abordado. Assim, a mediação da leitura com possibilidade de produção de comentários, apresentação de novos exemplos ou situações vividas pela criança, com discussão de temas relacionados à história mostraram ser fatores facilitadores no processo de leitura.

Criança, história, literatura

Programa de Iniciação Científica - CNPq

AEC

EFECTOS DE LA POSICIÓN TEMPORAL DE UN ESTÍMULO AL INTERIOR DE LA DEMORA DE REFORZAMIENTO SOBRE LA TASA DE RESPUESTA.

Laura Rebeca Mateos Morfín**, Rosalva Cabrera Castañón y Carlos Javier Flores Aguirre (Universidad del Valle de México-Dirección de Posgrados y Licenciaturas Ejecutivas-Campus Zapopan, Universidad Nacional Autónoma de México-Campus Iztacala y Universidad de Guadalajara-Centro de Estudios e Investigaciones en Comportamiento).

Los efectos de la demora de reforzamiento parecen depender de la presencia o ausencia de una señal durante la demora de reforzamiento. En este sentido, es posible identificar un menor decremento de la tasa de respuesta cuando se introduce una demora de reforzamiento bajo condiciones de demora señalada. Varias han sido las explicaciones teóricas sobre la función que desarrolla esta señal al interior de la demora, es por ello que el presente experimento se diseñó con la finalidad de examinar los efectos de la posición de la señal al interior del intervalo de demora sobre la tasa de respuesta y de analizar la función de dicha señal, así como la ejecución durante dicho intervalo en condiciones de mantenimiento del responder. Para ello se conformaron cinco grupos de ratas, cada grupo se caracterizó por la ubicación de la señal: inicio (GI), mitad (GM), continuo (GC), final (GF) y un grupo sin señal (GSN). Se encontró que la tasa de respuesta decrementó como consecuencia de introducir una demora de 8s en los todos los grupos (GC, GF, GSN, GC y GM). Un análisis del patrón de distribución de respuestas al interior del intervalo de demora mostró un patrón diferencial de respuestas de palanqueo y de entradas de cabeza dependiente de la posición y duración de la señal agregada a la demora. Identificándose una relación consistente entre el patrón de distribución de la respuesta de palanqueo y de la respuesta de entrada de cabeza. Una prueba de resistencia a la extinción mostró que la señal presentada durante al demora mantuvo e incluso aumentó la tasa de respuesta relativa a la línea base 2 (LB) cuando se le presentó de forma contingente a la respuesta durante la prueba de extinción. Los resultados se discuten en relación a las diversas hipótesis existentes sobre la función que desarrolla la señal, así como de los parámetros involucrados.

Demora de reforzamiento, tasa de respuesta, ratas.

PD

AEC - Análisis Experimental del Comportamiento

EFECTOS DE LA PRE-EXPOSICIÓN AL RÉGIMEN DE RESTRICCIÓN DE ALIMENTO SOBRE LA ANOREXIA BASADA EN ACTIVIDAD. Carlos Javier Flores Aguirre, Luis Fernando Zárate*, Laura Rebeca Mateos Morfín** y Gabriel Velázquez González** (Universidad de Guadalajara, Centro de Estudios e Investigaciones en Comportamiento, México y Universidad del Valle de México-Campus Zapopan, Dirección de Posgrados y Licenciaturas Ejecutivas, México).

La anorexia nerviosa es un desorden de la alimentación que se caracteriza por un rechazo voluntario a comer con un concomitante decremento en el peso corporal. El modelo animal a través del cual se han estudiado las variables involucradas en dicho trastorno es la Anorexia Basada en Actividad (ABA). La ABA consiste en una disminución de la ingesta de alimento con la consecuente pérdida de peso corporal, acompañado de un exceso de actividad en ratas que son sometidas a un programa de restricción o privación de comida y que además disponen de una rueda de actividad. La preexposición de los sujetos a privación de alimento y la variación en el régimen de restricción de alimento son variables moduladoras del fenómeno. De igual manera, la preexposición a periodos de actividad modifica los patrones de alimentación y la actividad que despliegan los organismos son factores moduladores de la ABA. El estudio se diseñó con el propósito de evaluar en qué medida la historia de privación de alimento y el grado de privación modulan la pérdida de peso corporal y la actividad en ratas. Dos grupos de ratas fueron privados de alimento y restringidos a un régimen de disponibilidad de alimento por una hora al día hasta que llegaron al 80% de su peso corporal, para uno de los grupos se mantuvo el peso de las ratas al 80%, mientras que para los sujetos del otro grupo se inició una recuperación del peso hasta llegar nuevamente a su 100%; un tercer grupo no tuvo esta fase de pre-exposición. Todos los sujetos se sometieron a un periodo de disponibilidad de alimento por una hora y el resto del día con libre acceso a una rueda de actividad en las cajas experimentales. Se encontró que los sujetos que recibieron pre-exposición al régimen de restricción de alimento tuvieron mayor actividad y menor pérdida de peso corporal. Los resultados no permiten elaborar una interpretación parsimoniosa con la hipótesis del fallo adaptativo, sin embargo, interpretaciones alternativas hacen necesaria una mayor exploración sistemática del fenómeno de anorexia basada en actividad y de las variables que lo determinan y modulan. Variables asociadas al esfuerzo implicado en la actividad también son factores sobre de los cuales se modifican los patrones de alimentación y su interacción con los patrones de actividad. Los resultados derivados de la línea de investigación buscan ser integrados de manera más amplia al conocimiento establecido en favor de desarrollar estrategias de intervención que coadyuven al tratamiento de este tipo de desorden de la alimentación.

Anorexia basada en actividad, restricción de alimento, ratas

PD

AEC - Análisis Experimental del Comportamiento

EFECTOS DE LA PROBABILIDAD DE PRESENTACIÓN DE UNA SEÑAL DURANTE EL INTERVALO DE DEMORA SOBRE LA TASA DE RESPUESTA. Laura Rebeca Mateos Morfín**, Rosalva Cabrera Castañón y Carlos Javier Flores Aguirre (Universidad del Valle de México-Dirección de Posgrados y Licenciaturas Ejecutivas-Campus Zapopan, Universidad Nacional Autónoma de México-Campus Iztacala y Universidad de Guadalajara-Centro de Estudios e Investigaciones en Comportamiento).

La hipótesis de la información o de reducción de la duda sostiene que no basta la contigüidad entre la señal y el reforzador primario para que dicha señal adquiera propiedades de reforzador condicionado, puesto que es fundamental que la señal sea un predictor confiable de la ocurrencia del reforzador primario. Evidencia al respecto, sugiere que señalar el intervalo de demora con una probabilidad de 1.0 tiene efectos diferenciales sobre la tasa de respuesta respecto de una probabilidad de 0.0. El presente trabajo tuvo como objetivo evaluar el efecto de variar la probabilidad de presentar la señal de manera ascendente y descendente durante el intervalo de demora sobre la tasa de respuesta y la ejecución al interior de la demora. Se conformaron dos grupos de ratas: Grupo ascendente (A16), expuesto a una probabilidad de 0.00, 0.33, 0.66 y 1.0 de presentación de la señal. Mientras que los sujetos del Grupo descendente (D16) fueron sometidos a las mismas condiciones, excepto que el orden de exposición a los distintos valores de probabilidad de presentación de la señal fue inverso.Posteriormente, se expuso a todos los sujetos a una prueba de resistencia a la extinción. Los resultados mostraron que la distribución de la frecuencia de respuesta fue disminuyendo conforme el valor de probabilidad de presentación de la señal fue incrementando (A16). De manera simultánea a este descenso en el responder, la respuesta de entrada de cabeza fue aumentando en relación al valor de probabilidad, de tal manera que cuando el valor de probabilidad fue igual a 1.0, se observó en los sujetos un incremento gradual de esta respuesta conforme se acercaba el final de la demora. En lo que se refiere al Grupo D16, la frecuencia de respuesta no aumentó al disminuir la probabilidad de presentación de la señal, sin embargo, la frecuencia promedio de la respuesta de entrada de cabeza se mantuvo constante a lo largo de los valores, observándose una mayor frecuencia de respuesta durante la probabilidad de presentación de la señal igual a 1.0. Durnte la fase de extinción, los sujetos del Grupo A16 tuvieron un menor cambio de la tasa de respuesta durante la extinción, a diferencia de los sujetos del Grupo D-16.Estos resultados se discuten con base en la hipótesis de la información y los valores de probabilidad involucrados.

Demora de reforzamiento, tasa de respuesta, ratas.

PD

AEC - Análisis Experimental del Comportamiento

CONSTRUÇÃO DE UMA MEDIDA OBJETIVA PARA AVALIAÇÃO DO RACIOCÍNIO ECOLÓGICO-MORAL DE ADOLESCENTES. *Luana dos Santos Raymundo**, Mirian Gorete Ribeiro** (Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC), Maíra Longuinotti Felippe**(Università degli Studi di Ferrara, Ferrara/Itália), Yasmin Sauer Machado*, Ariane Kuhnen** (Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC)*

A Psicologia Ambiental tradicionalmente dedicada aos estudos da relação pessoa-ambiente, numa postura interdisciplinar vem dialogando com outras psicologias e áreas, defendendo a necessidade de modelos mais integradores e teoricamente mais robustos na compreensão das atitudes e condutas ecológicas. Tradicionalmente ela identifica como principais fatores preditivos destas dimensões, as crenças, as concepções e os valores, operacionalizáveis através de variáveis sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade). A Educação Ambiental que também vê na adoção de um sistema de crenças, valores e sensibilidades éticas e estéticas dimensões primordiais para a formação de um sujeito ecológico, ou seja, daquele que segue um modo ideal de ser e viver, com modos próprios de pensar o mundo e de pensar a si mesmo e as relações com os outros, compartilha com a PA suas inquietações na busca por formular programas de educação ambiental eficazes. Considerando que as condutas ecológicas são ações voluntárias emitidas pelos indivíduos no decorrer do ciclo de vida, avaliadas conforme suas conseqüências para o meio ambiente, que se pautam em certa medida por uma ética que leva em consideração o bem-estar de outros seres vivos em detrimento dos desejos humanos, poderíamos pensar que o desenvolvimento humano de um raciocínio ecológico-moral pode refletir num processo de mudanças nos julgamentos e comportamentos de cuidado dirigidos ao meio ambiente. O raciocínio ecológico-moral, portanto, é caracterizado como o conjunto organizado de pensamento (concepções e valores) que reflete a relação do homem com o meio ambiente. Neste sentido, o mesmo tem despertado o interesse de pesquisadores que buscam explicar sua origem e potencial para o planejamento de programas educacionais que almejem a formação de um sujeito ecológico. Entretanto, os estudos que investigam este construto nos trazem uma medida ainda predominantemente subjetiva, baseada no modelo de entrevista clinica de Piaget, o que dificulta a replicação dos resultados em contextos variados. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo construir um instrumento de medida objetivo do raciocínio ecológico-moral em pré-adolescentes e adolescentes para o contexto brasileiro. Após a construção teórica dos itens, análise da adequação semântica e dos juízes, três versões do piloto (a primeira versão contendo dois dilemas ecológicos morais com oito questões cada, a segunda versão com um dilema com oito questões e a penúltima versão com dois dilemas com seis questões cada) foram testadas em estudos preliminares com amostras independentes de estudantes do ensino fundamental e médio, de ambos os sexos, em um município no sul do Brasil (na faixa etária dos 10 aos 18 anos), totalizando 93 participantes. Para as análises psicométricas, foram realizados: o cálculo da consistência interna e o de correlação r de Sperman. Os resultados deste trabalho possibilitaram a reformulação do instrumento. A ultima versão do mesmo (com um dilema com seis questões) demonstrou como resultado adequação psicométrica para uma determinada faixa etária, numa amostra de 450 participantes. Concluiu-se a validade e precisão do instrumento, o qual poderá ser utilizado em futuras pesquisas, bem como, em diagnósticos e práticas de educação ambiental nas escolas, principalmente com a faixa etária adolescente.

Psicologia Ambiental, Educação Ambiental, Medidas

AMB

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EMOÇÕES, ACIDENTES, ERROS E VIOLAÇÕES DE MOTORISTAS DE SÃO LUÍS-MA: UMA ANÁLISE CORRELACIONAL. *Cláudia Aline Soares Monteiro, Denise Leidy da Costa Sampaio*, Enezita Vieira Feitosa*, Evelyn Hellen Sousa Costa*, Mariana Souza Pedrosa* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA)*

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados da pesquisa "Emoções, acidentes, erros e violações no trânsito: o perfil de motoristas de São Luís-MA", em fase de conclusão, sob a coordenação de docente do Departamento de Psicologia da UFMA. A pesquisa supôs que o acidente de trânsito é conseqüência de erros e violações, que surgem em momentos onde há oportunidade, sendo realizados por pessoas com alguma predisposição. Essa suposição fundamentou outras pesquisas sobre variáveis individuais e situacionais de erros e violações de motoristas, como as de Belém-PA e Brasília-DF, realizadas em 2004 e 2009 respectivamente, por meio das quais se pretende colaborar para a construção de um perfil comportamental do motorista brasileiro. Considerando a literatura pertinente da área, elaboraram-se, para esse trabalho de pesquisa correlacional, os seguintes objetivos: caracterizar o histórico de envolvimento em acidentes de trânsito dos motoristas; compreender as relações entre algumas variáveis individuais (agressividade, características demográficas, auto-atribuição de responsabilidade e raiva na direção), comportamentos inadequados (erros e violações) e envolvimento em acidentes. O método envolveu auto-relato, com a aplicação de três questionários auto-administráveis em uma amostra de 699 motoristas, abordados em diversos pontos da cidade. Os erros, as violações, as variáveis demográficas e o envolvimento em acidentes foram medidos por meio da EVEM – Escala de Violações e Erros de Motorista, constituída por 35 itens que se dividem em quatro fatores (erro, violação, violação agressiva e violação agressiva interpessoal). Já a agressividade foi medida por meio da EA – Escala de Agressividade, com 09 itens distribuídos em três fatores (agressão física, agressão verbal e raiva), enquanto a raiva na direção pela ERD – Escala de Raiva na Direção, com 17 itens que se dividem em três fatores (avanço impedido, direção agressiva e ambiente físico). Para a análise dos dados, utilizou- se um programa estatístico especializado, o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), por meio da técnica de correlação de Pearson. As análises inferenciais sugerem que: agressividade correlaciona-se com violações agressivas e violações agressivas interpessoais e também com situações no trânsito que geram irritação no motorista; motoristas que se irritam diante de situações cotidianas de trânsito tendem a cometer não só erros, mas também violações, violações agressivas e violações agressivas interpessoais. A partir disso, conclui-se que o comportamento inadequado do motorista relaciona-se com agressividade e irritabilidade, que são dificuldades intrínsecas deste em lidar com um ambiente potencialmente estressante, como o do trânsito, devendo ser medidas no momento da habilitação do motorista e consideradas ao se planejar medidas preventivas de conflitos e acidentes. Vale ressaltar que, de modo geral, o comportamento inadequado do motorista é um fenômeno complexo, com amplas possibilidades de explicação e de variáveis envolvidas.

Palavras-chave: erros; violações; motoristas.

Iniciação Científica – IC

PIBIC – UFMA

AMB

ESTUDO DA RELAÇÃO CRIANÇA-NATUREZA EM PARQUE URBANO.

*Patricia Maria Schubert Peres**, Ingrid Kuhnen Coelho*,Ariane Kuhnen (Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

Nos parques urbanos as crianças gostam de brincar tanto com estruturas construídas, como os brinquedos de playgrounds, como com elementos naturais, por exemplo, árvores, animais, água, areia, pedras. A interação da criança com elementos da natureza é mediada principalmente pelos pais que podem perceber na natureza uma oportunidade de recreação, educação ambiental e também de perigo à criança. Para melhor compreender a percepção que os pais têm da paisagem natural de parques urbanos, esta pesquisa identificou affordances que os pais percebem serem possíveis de ocorrer na interação da criança com elementos da natureza de um parque, quais elementos ou lugares da paisagem natural que propiciam essas affordances e as razões apontadas pelos pais que restringem o uso de certas affordances no parque. Nesse estudo entende-se affordances como ações que crianças realizam na paisagem natural, propiciadas pelos elementos que a compõe. Para isso, 106 pais foram entrevistados em um parque urbano, em Florianópolis, SC. A entrevista foi conduzida por um roteiro de perguntas abertas e fechadas sobre 27 affordances que são percebidas pelos pais como possíveis de ocorrerem na paisagem natural do parque e os lugares onde elas podem ocorrer. Os resultados mostraram que os pais percebem as affordances fazer esculturas (61%), cavar (45%) e brincar de amarelinha (44%) na areia, pular corda (16%), encontrar animais (12%), jogar bola (9%) e descansar (11%) no gramado, nadar (95%), pescar (89 %), interagir com outras crianças (66%), jogar bola (54 %) e frescobol (35%) e correr (16%) na lagoa, pendurar-se (95%), subir (90%), balançar-se (87%), descansar (61%), olhar de cima (60%), pular do alto (34%), esconder-se (32%) na árvore, esconder-se (40%), mexer com plantas (32%) e construir estruturas (25%) na mata, pular por cima (41%) e do alto (23%) no toco de árvore e pular do alto (20%) no barranco. Dentre os pais entrevistados, 19% não permitiriam comportamentos como atirar pedras, 22% pendurar-se, 22% subir, 19% mexer com animais, 17% olhar de cima, 17% esconder-se e 13% pular do alto. Os pais que responderam não permitir as crianças de realizarem estes comportamentos, representados pelas affordances que o ambiente oferece, justificaram suas respostas pelo perigo da criança machucar-se e machucar alguém, presença de pessoas estranhas, dano à natureza, incomodo as pessoas e falta de espaço. Conclui-se que elementos da natureza de um parque urbano são percebidos pelos pais como lugares que favorecem brincadeiras, atividade física e oportunidades de socialização e quando essa interação é impedida são por razões de segurança e respeito pela natureza e presença de outras pessoas.

Natureza, criança, affordance

Bolsa CNPq

AMB

ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO NO TRÂNSITO DE MOTORISTAS PROFISSIONAIS DE CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA. *Aline Fatturi Rodrigues*, Natalia Farias Baleroni*, Tiene Guimarães*, Alessandra Sant'Anna Bianchi (Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR)*

O Brasil apresenta índices alarmantes de mortes no trânsito, foram mais de 40.000 em 2010. O crescente número de veículos nos grandes centros urbanos e o aumento da população nesses locais tem agravado os problemas relacionados ao trânsito, tais como congestionamentos e acidentes. Os profissionais que trabalham no trânsito, tais como os motoristas de táxi e de ônibus, são muito vulneráveis às consequências desses fatores e, por sua vez, seus comportamentos têm importante impacto no sistema. O objetivo dessa pesquisa foi estudar o comportamento no trânsito de motoristas profissionais. O trabalho tem o intuito de colaborar com os esforços da Década de Ação pela Segurança no Trânsito 2011 – 2020 que visa diminuir os índices mundiais de mortalidade no trânsito. Participaram do estudo duzentos e sessenta e cinco motoristas profissionais sendo que destes cento e cinquenta e seis (58,9%) eram motoristas de ônibus urbano e cento e nove eram taxistas (41,1%). Todos trabalhavam na cidade de Curitiba e região metropolitana. Somente três participantes eram mulheres, todas elas taxistas. As idades variaram de 19 a 70 anos (média = 40,36 e desvio padrão = 10,55). Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico e a versão brasileira do Driver Behaviour Questionaire (DBQ) com 28 itens. O DBQ está dividido em quatro escalas: infrações ordinárias, infrações agressivas, lapsos e erros. Os participantes foram abordados nos seus locais de trabalho e convidados a voluntariamente participar do estudo. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Quando considerada a amostra como um único grupo, a escala com maior média foi a de infrações agressivas. Essas infrações referem-se àqueles comportamentos em que há manifestações de raiva e agressividade em relação a outros motoristas. Os resultados indicam que há diferenças significativas entre motoristas de ônibus e taxistas nos comportamentos no trânsito autorrelatados, sendo que os últimos cometeram mais infrações ordinárias. As infrações ordinárias são aquelas referentes a violações deliberadas do código de trânsito como, por exemplo, excesso de velocidade e dirigir sob efeito do álcool. É importante salientar que em nenhuma das escalas do DBQ a média foi igual a zero, indicando que, no grupo pesquisado, alguns condutores cometeram as infrações, os erros e os lapsos questionados pelo menos uma vez nos últimos doze meses. Esses resultados apontam áreas que devem ser trabalhadas no sentido da prevenção e do comportamento seguro no trânsito em condutores profissionais. Os resultados serão divulgados para que possam ser utilizados para o desenvolvimento de políticas públicas que busquem melhorar o sistema de trânsito.

Trânsito; Comportamento; Motoristas profissionais;

AMB

IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL: IDENTIDADE AO LUGAR. Lucas Brand Gomes de Albuquerque* (Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC), Gabriela Gonçalves** (Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Universidade do Algarve, Gambelas, Portugal), Renato Luis de Souza* (Universidade do Algarve, Gambelas, Portugal), Marinna Mensório* (Universidade de Brasília, Brasília, DF).

Portugal é um país com histórico de emigração, contudo passa a ser um país de acolhimento de imigrantes de diversos países, seja com objetivo de trabalhar, estudar ou residir atraído pelo clima ameno. Em consequência, os fluxos migratórios em Portugal representavam um saldo evidentemente negativo. Associado a revolução de 25 de Abril de 1974 e com a independência dos atuais países africanos de língua portuguesa, assistiu-se a um regresso massivo de indivíduos provenientes ou de alguma forma ligada ao território Português. Este fenômeno, a partir do início da década de 80 passa a apresentar um aumento exponencial e atípico do número de estrangeiros residentes em Portugal, onde a maioria dos considerados estrangeiros eram a um tempo atrás cidadãos portugueses, conhecidos popularmente como "retornados". O imigrante ao sair de seu país de origem, a fim de se sentir integrado necessita desenvolver uma identidade ao lugar, cuja identidade social está relacionada com o conhecimento individual de pertença a um determinado grupo social, ou seja uma partilha de sentimentos e valores de um determinado grupo. A identidade é um processo psicossocial construída ao longo da vida, no qual a interacção social e o ambiente estruturam o self. Considerando a importância da identidade ao lugar para o imigrante, bem como para estruturação da identidade individual e para os processos de aculturação, foi desenvolvido uma análise quantitativa, em que foi definido os seguintes objetivos específicos: em que medida é que as variáveis, género, nacionalidade, tempo, estado civil, profissão e sentimento de integração têm efeito na identidade com Portugal. O presente estudo de caráter exploratório tem como objetivo avaliar em termos quantitativos a identidade dos imigrantes em relação a Portugal. Foram analisados, mediante a ferramente de análise SPSS, no primeiro semestre de 2010 através de um questionário estruturado uma amostra de N = 170 imigrantes das seguintes naturalidades: Brasil, Países africanos de língua Portuguesa, Países do leste da Europa e cidadãos do espaço comum Europeu. Os resultados mostram que não existe qualquer efeito do gênero e da nacionalidade na variável identidade a Portugal. A Anova permitiu observar um efeito na variável profissão e identidade a Portugal, ($F(3, 166) = 5{,}72$, $p = .001$) , Após analise post-hoc de Tukey, permitiu identificar as seguintes diferenças entre: os participantes não qualificados M=4,50 e participantes técnico superior M=2,87; estudante M = 3.89, contudo não apresenta diferença significativa entre não qualificado e técnico especialista M= 4,81. Em relação à intenção inicial versus atual, o índice de Correlação de Pearson indica uma correlação positiva significativa de($r = 0{,}28$, $p = .000$) determinando que a intenção inicial tem influência na intenção atual em permanecer ou não em Portugal. Por outro lado, observamos diferenças significativas em função do tempo de residência e estado civil, como também a relação do sentimento de estar integrado. No caso dos imigrantes, foi analisado algumas variáveis que apresentam um papel preponderante na identidade a Portugal. Quanto maior o sentimento de estar integrado em Portugal maior é a identificação dos imigrantes.

P

Palavras-chave: Imigração, identidade ao lugar, psicologia ambiental.

AMB

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA ÁGUA EM MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA. *Luana dos Santos Raymundo, Patricia Maria Schubert Peres, Yasmin Sauer Machado, Ingrid Kuhnen Coelho, Ariane Kuhnen (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Entender a relação da pessoa com a água, envolve compreender entre outros aspectos, suas experiências, valores e representações sociais. Acreditando que a efetividade de programas em educação ambiental encontra-se naqueles que buscam conhecer a população com a qual trabalham, estudos de diagnósticos sobre a percepção ambiental da população baseados na representação social da água podem fornecer, por exemplo, base para que tais programas possam ser pensados a partir do contexto em que serão desenvolvidos. Com o objetivo de conhecer a representação social da água de participantes das "Oficinas de Capacitação da Comunidade para o Uso das Tecnologias Sociais", que ocorreram nas cidades de Concórdia, Urubici, Turvo, Orleans e Braço do Norte, no Estado de Santa Catarina, entre os anos de 2007 e 2009, o Laboratório de Psicologia Ambiental realizou um estudo objetivando uma análise prototípica do termo água, a partir das evocações livres de 222 adultos representantes dos municípios. Com o objetivo de conhecer as representações sociais dos participantes a respeito da água e suas variações, aplicou-se um questionário contendo, além de questões para identificação do perfil sócio-econômico, cinco questões de evocações livres: água, água de qualidade, água poluída, preservação da água e uso e exploração da água. Os dados de evocação foram analisados com o auxílio do programa Evocation 2000 (EVOC). As evocações foram agrupadas conforme procedimentos de lematização (tratamento de equivalência). A frequência mínima considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi entre 4 e 6, conforme cada questão. Referente às determinações dos pontos de corte para as coordenadas dos quadrantes, foi empregado o critério da mediana nas ordens de evocação; como haviam 5 respostas por participante, o valor do ponto de corte foi de 2,9. Nos resultados, observou-se: (1) que os elementos centrais da representação social da água foram referentes à vida, à saúde, à preservação da água e à ação humana como fundamental à manutenção do recurso; (2) um movimento de inclusão, no sistema periférico da representação social da água, elementos específicos de um conhecimento relacionado a problemática local, como aqüífero-guarani e mata ciliar; (3) que existia consciência do grupos às questões específicas da região como o uso de agrotóxico na agropecuária, a contaminação do aqüífero guarani, o desmatamento da mata ciliar, a falta de saneamento básico, o reaproveitamento da água da chuva e a reciclagem do lixo; (4) a população concebeu o recurso como um bem que precisa ser cuidado, que pode acabar e é indispensável e; (5) que o futuro do planeta depende da presença da água e do cuidado que os seres humanos têm tido e terão com ela. Podemos inferir, baseados no conhecimento de que a representação social é prescritora de comportamento, que essa população apresentava uma tendência a adotar comportamentos de conservação do recurso, também porque demonstraram ter consciência dos problemas vivenciados na própria região onde moravam e trabalhavam. É no conhecimento dos problemas locais que a representação social da água como um bem que precisa ser cuidado e, principalmente, cuidado por seus usuários pode se desenvolver.

Psicologia Ambiental, água, Representação Social

AMB

A MENSURAÇÃO DA AUTO-ESTIMA ENTRE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE AUTO-ESTIMA DE ROSENBERG. *Nathália Munck Machado*, Ana Luísa Marliere Casela*, Érika Pizziolo Monteiro*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

O conceito de auto estima refere-se às crenças e percepções que o indivíduo possui acerca de si mesmo, constituindo-se como componente importante para o bem-estar psicológico, sendo também fator de proteção para o desenvolvimento de alguns transtornos psiquiátricos como a depressão. No que se refere, especificamente, à dependência de álcool e outras drogas, a literatura aponta que é frequente encontrar entre dependentes de álcool e outras drogas baixos níveis de auto estima, muitas vezes associados com o alto nível de estigmatização associado com esta condição. Apesar da literatura não ser conclusiva acerca dos principais aspectos que influenciam a adesão ao tratamento para dependência, diversos estudos apontam a auto estima, como um preditor importante para este desfecho, haja vista que existem evidências de que pacientes com baixa auto-estima tendem a não aderir ao tratamento por não acreditarem na sua eficiência e por se sentirem menos capazes na obtenção de sucesso na recuperação. Uma vez que a Escala de auto estima de Rosenberg (EAER) tem sido amplamente utilizada para avaliar esse construto entre diversas populações, optou-se por investigar as propriedades psicométricas da escala para dependentes de substâncias. A EAER é composta por 10 itens graduados em uma escala tipo Likert de 4 pontos, que varia de concordo totalmente à discordo totalmente. Esta escala foi validada no contexto brasileiro inicialmente para uma população de indivíduos que iriam se submeter à um cirurgia plástica e, posteriormente também para uma população de adolescentes em contexto escolar. A amostra do presente estudo foi composta por 520 dependentes de substâncias que buscaram tratamento em duas instituições públicas da cidade de Juiz de Fora – MG. A análise de confiabilidade da EAER foi estimada pelo Coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui moderada consistência interna (α=0,65 / split-half=0,55). A partir da análise fatorial utilizando método de rotação varimax e extração por componentes principais, verificou-se que a existência de dois fatores – um composto pelos itens de orientação positivo e outro composto pelos itens de orientação negativa – os quais explicam 44,1% da variância total da escala, sendo o método adequado aos dados com KMO = 0,75 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2=806,34; df= 45 e com p < 0,001. Os resultados encontrados apontam que a versão do instrumento validada originalmente para população clínica e adolescentes no contexto escolar apresenta evidências de boa adequação para o seu uso junto à população de dependentes de álcool e outras drogas.

Autoestima, validação e dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

A MENSURAÇÃO DO ESTIGMA INTERNALIZADO: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Rhaisa Gontijo Soares; Fabricia Creton Nery**; Pollyanna Santos Silveira**(Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG); Ana Regina Noto (Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, São Paulo, SP); Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

O estigma internalizado é um fenômeno processual que se estabelece à medida que o indivíduo torna-se consciente de sua condição, concorda e aplica a si próprio os estereótipos negativos sobre seu transtorno. O processo de internalização do estigma acarreta consequências negativas para o indivíduo, como diminuição da autoestima. Estudos tem indicado a necessidade de instrumentos capazes de mensurar esse constructo. Com o objetivo de conhecer os instrumentos de mensuração desse fenômeno, realizou-se uma revisão sistemática da literatura nas bases de dados Web of Science, Pubmed, Psycinfo, Lilacs e Scielo, utilizando-se os termos "internalized stigma", "self-stigma", "estigma internalizado" e "autoestigma". Um total de 501 estudos foram encontrados, dos quais 229 estavam duplicados. O resumo dos 272 estudos restantes foi analisado, sendo incluídos aqueles que preenchiam os seguintes critérios: a) ser um estudo empírico; b) ser pesquisa com seres humanos; c) ser um estudo de construção e/ou validação de escala que mensure o estigma internalizado. Finalmente 11 estudos foram selecionados por atenderem aos critérios de inclusão da pesquisa, que foram lidos na íntegra e tabulados, a fim de identificar os indicadores bibliométricos das produções e as principais características das propriedades psicométricas dos estudos. Todos os artigos analisados apresentavam autoria múltipla e foram publicados em língua inglesa. A primeira publicação sobre o tema foi em 2003. A maior parte dos artigos foi publicado nos Estados Unidos da América (n=7), seguindo-se da Inglaterra (n=2), Turquia e Austrália (n=2 cada). No que se refere ao país de desenvolvimento do estudo, a maioria (n=8) foi realizado nos Estados Unidos da América. Dois estudos tinham por objetivo a validação de uma escala, os demais objetivavam construir um instrumento para avaliar o estigma internalizado. A maior parte das escalas (n=6) foi construída para a população de portadores de transtornos mentais. Houve pouca variação quanto aos autores citados para a conceituação do estigma internalizado, sendo Patrick Corrigan o autor mais referenciado (n=8). Duas justificativas utilizadas pelos autores para a construção/validação de escalas se destacaram, sendo a falta de escalas para medir o estigma internalizado e a importância de se avaliar esse fenômeno. Os procedimentos utilizados para validação das escalas foram semelhantes, caracterizando-se pela tradução e retrotradução dos instrumentos. No que se refere aos procedimentos utilizados para a construção dos instrumentos, a utilização de outras escalas e grupos focais foi mais recorrente, sendo empregados por seis estudos. Somente três estudos explicaram os procedimentos da validade de conteúdo das propriedades psicométricas das escalas. A análise revelou a necessidade de se desenvolver estudos sobre estigma internalizado em populações mais diversificadas, assim como a necessidade de se desenvolver instrumentos em outros países, que não seja os Estados Unidos da América, como no Brasil. A análise revelou problemas conceituais e metodológicos dos estudos, apontando dificuldades intrínsecas à investigação do fenômeno e fornecendo subsídios para pesquisas futuras. Apesar das limitações, o crescente número de escalas demonstra a relevância do tema no campo da Saúde Mental e proporciona um avanço do conhecimento acerca dos fatores envolvidos no processo de estigmatização.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Apoio Financeiro/Bolsas: CNPq – Edital de Demanda Universal MCT/CNPq Nº 014/2010; FAPESP – Bolsa de doutorado; CAPES – Bolsa de Mestrado

Palavras Chaves: estigma, psicometria, pesquisa bibliográfica

Nível do trabalho: Pesquisador – P

AVAL

A RELAÇÃO ENTRE USO DE ÁLCOOL E SINTOMAS DEPRESSIVOS: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS DO INTERIOR DE SÃO PAULO. *Vanessa Morato Ferreira de Lima, Maria Beatriz Machado Bordin (Centro Universitário de Franca Uni-FACEF)*

O consumo de álcool pela população tem alcançado altas prevalências, principalmente na população jovem. Para os jovens, por sua vez, o ingresso na universidade configura-se como um fator de vulnerabilidade ao uso de álcool e outras drogas. Além disso, existe uma estreita relação entre uso de álcool e sintomatologia depressiva. Nesse sentido, o presente estudo teve por objetivo avaliar o padrão de consumo de álcool e a possível presença de sintomatologia depressiva em estudantes universitários do primeiro e quarto ano dos cursos de graduação em Psicologia e Administração de Empresas de uma instituição de ensino superior do interior de São Paulo. Participaram deste estudo 25 universitários, com idade média de 22 anos, sendo oito alunos do curso de Administração de Empresas (4 do sexo masculino) e 17 do curso de Psicologia (13 do sexo feminino). Para a avaliação do uso de álcool utilizou-se o Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) e para a avaliação de sintomatologia depressiva utilizou-se o Inventário de Depressão de Beck (BDI). Um questionário foi utilizado para obtenção de informações de caracterização e sobre hábitos e comportamentos dos universitários em relação ao beber. Verificou-se que, na amostra total, a pontuação média obtida na escala BDI foi de nove pontos, indicando que, de maneira geral, os universitários avaliados apresentaram sintomas mínimos de depressão. No Audit a pontuação média obtida foi de 6,3 pontos, indicando ausência de problemas relacionados ao uso de álcool. Verificou-se que, de modo geral, a maioria dos participantes não apresenta sintomas depressivos que necessitem de intervenção psicológica nem tampouco problemas relacionados ao uso de álcool. No entanto, verificou-se que uma parcela considerável destes estudantes sinaliza a presença de sintomas leves de depressão e abuso de álcool, 24% e 32%, respectivamente. Apenas um estudante apresentou sintomatologia depressiva moderada. Ainda que bastante satisfatórios, os resultados apontam para uma possível relação entre uso de álcool e sintomatologia depressiva. Por se tratar de uma pequena parcela de estudantes universitários avaliados, ressalta-se a necessidade programas de prevenção ao uso de álcool entre universitários, assim como de estudos com amostras mais representativas para melhor compreensão da prevalência e relação entre transtornos depressivos e uso de álcool na referida população.

Uso de álcool; depressão; universitários; avaliação psicológica.

CNPq

AVAL

APERFEIÇOAMENTO DA ESCALA DE METACOGNIÇÃO INFANTIL: NOVA ANÁLISE DE PARÂMETROS PSICOMÉTRICOS. *Jussara Fátima Pascualon Araujo, Patrícia Waltz Schelini (Universidade Federal de São Carlos)*

A metacognição corresponde a pensamentos e conhecimentos que os indivíduos possuem sobre seus próprios pensamentos e processos cognitivos. O monitoramento e a autorregulação são duas habilidades metacognitivas, pois permitem aos indivíduos pensar sobre sua atividade cognitiva e, se necessário, alterá-la para atingir a meta esperada. O domínio e a utilização dessas habilidades são relevantes para a aprendizagem, especialmente no âmbito escolar, uma vez que a literatura aponta que alunos que não utilizam as habilidades de monitorar e autorregular seus processos cognitivos apresentam rendimento acadêmico inferior aos alunos que utilizam essas habilidades de maneira eficiente. Dessa maneira, assume-se que o ensino de tais habilidades aos alunos poderia ser mais uma alternativa para o alcance de um melhor desempenho acadêmico. Porém, antes de ensinar e instruir os alunos a fazerem uso dessas habilidades em diferentes situações acadêmicas faz-se necessária a verificação da existência dessas habilidades no repertório dos mesmos. Uma das formas mais comuns para se fazer essa verificação é por meio da aplicação de instrumentos padronizados destinados a habilidades específicas. Em estudo anterior, após constatação na literatura nacional de carência de instrumentos para avaliar a metacognição infantil elaborou-se a Escala de Metacognição (EMETA) destinada a avaliar essas habilidades em crianças de 9 a 12 anos de idade, bem como a realização de análise das evidências de validade e precisão da mesma. Tendo em vista que o processo de construção de um instrumento é cumulativo, o objetivo do presente trabalho foi aperfeiçoar a EMETA já existente dando continuidade a análise dos parâmetros psicométricos da escala resultante de pesquisa anterior. Para tanto, realizou-se nova análise das evidências de validade baseadas na estrutura interna (validade fatorial) por meio da análise fatorial e análise da consistência interna (precisão) da escala calculando-se o coeficiente Alpha de Cronbach. Os resultados observados em uma amostra de 196 participantes demonstraram a existência de dois fatores responsáveis por 25,8% da variância total, sendo 20% ao Fator 1 e 5,8% ao Fator 2. Após exclusão de itens que carregaram simultaneamente nos dois fatores e itens que apresentaram carga fatorial abaixo de 0,30 a EMETA ficou composta por 48 itens com uma consistência interna de 0,91. Por acreditar-se que a baixa variância total explicada pela escala seja devido ao número reduzido de participantes na amostra utilizada estudos futuros serão realizados com amostra mais ampla.

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS AOS INSTRUMENTOS PSICOLÓGICOS DE AVALIAÇÃO DESENVOLVIDOS PARA INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL. *Nathalia Piacentini**, Cassandra Melo Oliveira**, Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes (Laboratório de Pesquisa em Avaliação Psicológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC)*

Os instrumentos psicológicos são comumente utilizados no formato lápis e papel sendo a tecnologia envolvida reduzida ou ultrapassada, sobretudo no que se refere aos testes psicológicos. Tal aspecto dificulta a utilização destes por indivíduos com deficiências, pois a acessibilidade é limitada não permitindo que as ferramentas mensurem o construto desejado ultrapassando as barreiras impostas por seus materiais. Assim sendo, faz-se um desafio para os pesquisadores que trabalham com o desenvolvimento e adaptação de instrumentos psicológicos a elaboração de meios de acessibilidade e para tanto os recursos tecnológicos se tornam grande aliados. Com vistas a proporcionar a acessibilidade aos instrumentos de avaliação, entre eles os testes psicológicos, são realizadas adaptações/acomodações/modificações em seus materiais, formas de aplicação bem como utilização de tecnologia assistiva e outros recursos. Os objetivos deste trabalho são, reconhecendo a importância das adaptações, discutir a aplicação de recursos tecnológicos como forma de possibilitar acessibilidade e verificar como a tecnologia pode ser aplicada na construção e adaptação de instrumentos de avaliação psicológica para deficientes visuais. Consistiu em uma revisão de literatura com pesquisa em bases de dados eletrônicos nacionais e internacionais e na literatura científica impressa nacional. Os resultados apontam que alguns estudos envolvendo a tecnologia e a deficiência visual centram-se no ponto de vista da busca por acessibilidade, inclusos neste âmbito, estão à utilização e desenvolvimento de programas de computador, soluções baseadas em recursos de voz, recursos de auxílio à mobilidade (pisos táteis) e navegação (navegadores que utilizam GPS), bem como teclados de computador adaptados ao Braille e até as já estabelecidas e amplamente utilizadas bengalas de locomoção. Esta perspectiva pode ser aplicada aos testes psicológicos, sobretudo através dos testes psicológicos informatizados. No tocante as pessoas com deficiência visual o meio informatizado permite ao indivíduo acessibilidade aos itens utilizando-se de recursos de tecnologia assistiva como os leitores de tela – proporciona, portanto, maior independência. Os testes informatizados como especificado no tópico anterior são uma tecnologia de destaque na avaliação psicológica trazendo inúmeras vantagens. Entre elas está a possibilidade de se realizar adaptações com vistas a tornar os testes mais acessíveis ao público com deficiência. Como por exemplo: a) adaptações da forma de aplicação: trocar a aplicação tradicional por uma informatizada com o auxílio de tecnologias assistivas como os leitores de tela; b) Na forma de resposta: utilização do teclado do computador, mouse, microfone ou tela sensível ao toque (touch screens); e, c) Adaptação do material de testagem: Possibilidade de aumentar as letras; modificar a fonte e o contraste. A utilização do computador transforma o teste em uma plataforma bastante flexível a adaptações. Conclui-se que as possibilidades de modernização dos instrumentos psicológicos diante da variedade de recursos tecnológicos disponíveis no mercado são imensas. A não utilização destes recursos em benefício da ciência psicológica e da prática profissional é um retrocesso. Chegamos a um avanço tal na área tecnológica que não há mais como retroceder e as perspectivas futuras apontam para a tecnologização de todas as áreas inclusive da psicologia.

Deficiência visual, tecnologias e instrumentos psicológicos

AVAL

AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA POR MEIO DO TESTE WISC-III: ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA DIAGNOSTICADA COM TDAH.

Soraya Ivon Ramirez Moreno, Andressa Silva Rebouças (Universidade Federal de Roraima)

O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade) é visto como a mais frequente desordem comportamental da infância. Atualmente, este transtorno acomete muitas crianças e, consequentemente, traz algumas dificuldades no âmbito familiar e escolar, como: dificuldade de relacionamento e baixo rendimento acadêmico. Uma questão importante e amplamente discutida ao longo das últimas décadas diz respeito ao diagnóstico do TDAH. Este é fundamentalmente clínico, baseando-se em critérios operacionais clínicos, proveniente de sistemas classificatórios como o DSM-IV. E no que tange a esses critérios e procedimentos de avaliação e testagem psicológica, o teste WISC-III (Wechsler Intelligence Scale for Children - III - Escala de Inteligência Wechsler para Crianças - III) é o que fornece mais informações clínicas relevantes. Em vista disso, o presente estudo visou fazer uma avaliação neuropsicológica, por meio do teste WISC-III, de uma criança diagnosticada segundo os critérios do DSM-IV, como hiperativa e portadora de déficit de atenção com hiperatividade, de uma escola pública de Boa Vista- RR. Pretendeu-se com esse estudo analisar as habilidades cognitivas da criança mediante os índices fatoriais e subtestes verbais, de execução, suplementares e escalas de QI. Além disso, buscou-se analisar os aspectos psicossociais e educacionais da criança, a partir de seus próprios relatos, assim como os de seus pais/responsáveis e professores, por meio de entrevistas semiestruturadas. Ao fazer essa avaliação neuropsicológica por meio de do teste WISC-III, percebeu-se que este permite uma análise qualitativa rica, pois na sua interpretação podemos obter tanto dados quantitativos, como também qualitativos. Através das análises obtidas, a criança teve bom desempenho no teste em geral e nos índices fatoriais. Nos escores de Quociente de Inteligência (QI) da criança estão na média normativa, assim como apresentou um rendimento satisfatório nos quatro índices fatoriais avaliados. Através das entrevistas feitas com a criança, seus pais e uma professora perceberam-se as consequências favoráveis do acompanhamento contínuo da família, desde a procura do diagnóstico correto, como uma intervenção que pudesse minimizar dificuldades e impactos. Conclui-se que não se deve rotular a criança como tendo ou não uma patologia como o TDAH, mas devem-se dar subsídios para que a mesma tenha um maior desempenho escolar e social, estimulando-a e fazendo um acompanhamento com neurologistas e psicólogos. Salienta-se a relevância da orientação de pais e professores acerca do TDAH, pois é imprescindível o envolvimento das pessoas do convívio diário da criança, meio familiar e escolar, para que essas possam compreender e lidar positivamente frente as suas limitações e potencialidades.

Diagnóstico, TDAH e WISC-III.

AVAL

COMPORTAMENTO E INTELIGÊNCIA: UMA ASSOCIAÇÃO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Elizabete Pascoa Antunes Martins* , Renata Molina Luna, Márcia Regina Fumagalli Marteleto (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo SP)*

O conceito de saúde é definido pela Organização Mundial da Saúde como "um estado completo de bem-estar físico, social e mental, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade". Os problemas de saúde em crianças e adolescentes costumam ser decorrentes de diversos fatores tais como: problemas genéticos; desordens cerebrais como, por exemplo, epilepsia; violências, perdas de pessoas significativas, adversidades crônicas e eventos estressantes agudos; problemas no desenvolvimento como déficit de habilidades sociais, de atenção, de inteligência; além de aspectos culturais e sociais como pobreza e escolaridade dos pais.O interesse pelo impacto dos problemas de saúde, que envolvem os aspectos psicológicos na vida humana é crescente em função da dimensão epidemiológica dos transtornos e pelos tipos de prejuízos associados, envolvendo o indivíduo, a família e a comunidade. Dentre os problemas de saúde estão os problemas de comportamento causados pelo ambiente que rodeia a criança, pela herança genética, pela sua personalidade inata. O termo problema de comportamento é bastante ambíguo e controverso, e suas definições são vagas. As classificações são distintas, exaustivas e sem limites claros para alguns tipos de problemas de comportamento. É possível encontrar diferentes problemas de comportamento numa mesma categoria, envolvendo dimensões distintas de análise. Crianças e adolescentes com problemas de comportamentos apresentam necessidade de averiguação da procedência e da evolução de tais condutas, pois a manifestação de tais problemas é múltipla e variada. Sabe-se que uma das procedências está relacionada ao desempenho intelectual das crianças. A literatura mostra que atrasos cognitivos e intelectuais podem levar ao surgimento de problemas de comportamento, pois as crianças e adolescentes acabam tendo dificuldades para desenvolver estratégias que facilitam o enfrentamento de situações ambientais, educacionais e sociais além de serem fatores de risco para fracasso acadêmico, desde o baixo desempenho até mesmo a evasão escolar.O objetivo deste estudo foi verificar se há associação entre problemas de comportamento e nível intelectual de crianças e adolescentes. Participaram deste estudo 48 responsáveis com seus filhos de 11 a 16 anos, do município de Osasco, preenchendo respectivamente, a escala Child Behavior Checklist - CBCL, questionário de triagem para problemas de comportamento (altos escores indicam problemas nessa área) Os itens do CBCL são agrupados em Total de Problemas, Internalização, Externalização, e o teste Matrizes Progressivas de Raven, teste de nível intelectual que avalia reciocínio dedutivo e indutivo. Neste teste os pontos brutos são convertidos em percentis indicando se o nível intelectual está na média, abaixo da média ou acima da média. A amostra apresentou escore T Total= 64,8 e T Internalizante =67,9; acima do escore 60 indicando problemas de comportamento.No Texternalizante não houve apresentação de problemas (TE=59,9). O escore intelectual está no Percentil 43. Os resultados do TTotal, TInternalizante e TExternalizante não apresentaram correlação com os escores do testes de inteligência (p=0,65).Observou-se que não há associação entre problemas de comportamento e nível intelectual indicando que crianças ou adolescentes que apresentam manifestações comportamentais problemáticas não tem dificuldades para solucionar problemas de ordem cognitivos e sim precisam de intervenções educacionais, psicológicas e sociais.

Problemas de Comportamento, Inteligência, crianças e adolescentes

AVAL

ESCALA INFANTIL DE GENEROSIDADE. *Livia Pinho Teixeira, Gabriele Ott (Universidade Tuiuti do Paraná)*

O comportamento moral é um conjunto de atitudes pró-sociais, incluindo uma série de virtudes, que permitem ao indivíduo obter bom comportamento dentro de sua cultura, aceitação e aprovação social, além de ser uma alternativa a disposição da sociedade capaz de recolocar a espécie humana em um caminho onde exista preservação da cultura em gerações futuras, que podem prevenir comportamentos antissociais. A virtude generosidade foi abordada nesse estudo como um fator presente na gênese da moralidade infantil, ocupando um lugar diferenciado no universo moral das crianças por ser melhor assimilada e integrada a consciência moral que outras virtudes menos complexas. Ela é definida como o 'dom de si', ao atribuir ao outro mais do que lhe falta. É uma virtude do campo da moral que ultrapassa os limites do dever e da justiça. Existe uma predominância do tema dos direitos e deveres e pouca referência a virtudes como a generosidade, logo, o campo das produções científicas sobre o comportamento moral deve ser ampliado e legitimado. Em função disso, o objetivo deste estudo foi desenvolver uma Escala Infantil de Generosidade construída pelas autoras. Em um primeiro momento a escala foi aplicada em 67 crianças de 7 a 10 anos na cidade de Curitiba e seus respectivos pais e professores, após autorização pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A amostra infantil consiste em ambos os sexos, sendo 34 de uma escola pública e 33 de uma escola particular. Simultaneamente foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais para se testar a Validade de Critério. Os dados propiciaram o cálculo do índice de generosidade em cada criança, através de escala lickert de 3 pontos. Através dos resultados obtidos durante essa etapa pôde-se concluir que não houve diferença significativa entre a avaliação dos pais e professores para com as crianças dos diferentes ambientes, e as próprias crianças se perceberam iguais em relação ao comportamento generoso. Os dois sexos se auto-avaliaram igualmente, e também seus pais. Somente as professoras de ambas as escolas perceberam as alunas mais generosas que os alunos. Portanto, não houve discrepância entre os grupos estudados, o que justificou a escolha do prosseguimento do estudo, no intuito de padronizar a escala. Para tal, no segundo momento a escala foi aplicada em 571 crianças, de 7 a 12 anos de idade, sendo 69 participantes de 7 anos, 90 participantes de 8 anos, 100 participantes de 9 anos, 103 participantes de 10 anos, 108 participantes de 11 anos e 101 participantes de 12 anos, 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino, onde 385 sujeitos pertenceram a uma Escola pública e 186 sujeitos pertenceram a uma Escola particular da cidade de Curitiba – PR. Através dos resultados obtidos durante essa etapa pôde-se concluir que existe diferença significativa entre as respostas generosas dos diferentes gêneros estudados, apresentando as crianças do sexo feminino maior freqüência de respostas generosas que as crianças do sexo masculino. Por outro lado, o mesmo não ocorre em relação a diferentes idades, ou seja, a generosidade independe da idade tanto no sexo masculino quanto no feminino.

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESCALA METACOGNITIVA PARA IDOSOS: ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE CONTEÚDO. *Alex Bacadini França**, Patrícia Waltz Schelini (**Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP)*

O crescimento da população idosa torna-se cada vez mais relevante, pois já supera aquele da população total. Além disso, a expectativa de vida do brasileiro também aumentou significativamente, podendo chegar a mais de 73,4 anos de idade. Diante deste cenário, várias questões sobre o envelhecimento da população são levantadas, dentre elas: como auxiliar os idosos a se manterem independentes e ativos?; como criar programas de prevenção e promoção de saúde destinados às pessoas idosas? Assim, novas formas de estudar e intervir junto a tal população vem surgindo, até porque o envelhecimento não mais é visto como necessariamente acompanhado de declínio cognitivo. Juntamente à valorização dos estudos sobre o envelhecimento, os processos metacognitivos, que coordenam o desempenho cognitivo, passaram a adquirir importância na literatura das últimas quatro décadas. A metacognição corresponde aos pensamentos e conhecimentos que os indivíduos possuem sobre seus próprios pensamentos e processos cognitivos. Dois de seus elementos básicos são: o conhecimento metacognitivo, caracterizado pela consciência sobre os processos e competências necessárias para a realização de uma determinada tarefa; e o controle ou autorregulação cognitiva, que compreende o julgamento sobre a eficácia das estratégias e o estabelecimento de novas. Tendo em vista que a metacognição facilita o desempenho eficaz em diversas atividades que envolvem o cotidiano do idoso, como a apreensão de novos conhecimentos, retorno ao trabalho ou aprendizagem de uma nova ocupação com confiança; e também considerando a carência de instrumentos nacionais que avaliem o construto, o presente estudo teve como objetivo principal a elaboração dos itens de uma escala destinada à avaliação da metacognição em idosos e a análise das evidências de validade baseadas no conteúdo. Primeiramente foi elaborada a Escala de Metacognição (EMETA-S) que, destinada a adultos com idade superior a 60 anos, é do tipo Likert de quatro pontos e composta por 74 itens. Nela, o participante, a partir da leitura de afirmações, deve escolher, dentre as quatro possibilidades de resposta, aquela que mais o caracteriza. A segunda etapa teve como objetivo a investigação das evidências de validade baseadas no conteúdo. Para esta etapa, as instruções e os 74 itens originais do instrumento foram enviados a três especialistas, que classificaram os itens entre conhecimento metacognitivo e autorregulação. O índice de concordância resultante da análise das respostas dos especialistas foi de 68%. A escala também foi aplicada em uma amostra piloto de 15 participantes com a finalidade de verificar se as instruções e os itens eram compreensíveis, o que resultou em algumas modificações na redação das instruções e dos itens, bem como nos descritores da escala.

Palavras-chave: metacognição, medidas psicológicas, envelhecimento.

FAPESP

AVAL

ESTRESSE E QUALIDADE DE VIDA EM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO. Ludimila Godoi Duarte*, Sheila Francisca Machado* (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF), Sergio Henrique de Souza Alves (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF / Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, DF).

O estresse pode ser definido como uma reação do organismo diante de situações difíceis ou excitantes que pode acometer qualquer pessoa, independente da idade ou sexo. Na adolescência, por ser um período de grandes mudanças e conflitos, as dificuldades vivenciadas por este grupo podem propiciar o surgimento do mesmo. Sabendo que o estresse, pode, além de influenciar a saúde do sujeito, também interferir na sua qualidade de vida, o presente estudo teve como objetivo investigar se há correlação entre o estresse e a qualidade de vida em adolescentes da 2º e 3º série do Ensino Médio, partindo da hipótese de que quanto maior for o nível de estresse menor será a avaliação da qualidade de vida. Participaram da pesquisa 92 adolescentes, 49 do sexo masculino e 43 do sexo feminino, na faixa etária entre 15 e 18 anos, que responderam a Escala de Stress para adolescentes (ESA) e o Inventário de Qualidade de Vida (WHOQOL-Brev) da Organização Mundial de Saúde. Os resultados indicaram que 26,08% dos adolescentes estudados tinham estresse e que o número de adolescentes homens estressados foi maior do que o de mulheres. Nos adolescentes com estresse, o sintoma que predominou foi o psicológico (55,56%) e o período foi o de exaustão (46,66%). Quanto à qualidade de vida, numa escala de 0 a 100, onde maiores escores médios indicam melhor avaliação da qualidade de vida, o domínio Relações Sociais foi o que apresentou maior escore médio, 68,84 e o domínio que apresentou menor escore médio foi o Físico, com 50,62. Além dos domínios, avaliou-se também a qualidade de vida geral e a qualidade de vida relacionada à saúde, que são representadas pelas questões Q1 e Q2 respectivamente. 71,74% dos adolescentes avaliaram como boa ou como muito boa sua qualidade de vida (Q1) e 56,51 % avaliaram estarem satisfeitos ou muito satisfeitos com sua saúde (Q2). A investigação estatística da correlação entre o estresse e a qualidade de vida, deu-se, neste estudo, por meio da correlação de Pearson. Os resultados encontraram correlação significativa ($p<0,001$) entre o fator Sintoma do ESA com ambas as questões (Q1 e Q2) do WHOQOL-Brev. Houve também correlação signifcativa ($p=0,01$) entre o fator Período do ESA com a questão Q1 do WHOQOL-Brev. Já com relação aos domínios de ambos os testes, encontrou-se a maior correlação entre o Sintoma Psicológico (ESA), com os domínios Psicológico, Social e Meio Ambiente do WHOQOL-Brev. Considerando então, o material teórico estudado e com base na análise dos resultados dos instrumentos verificou-se que existe uma relação entre o estresse e a qualidade de vida dos adolescentes participantes da amostra investigada.

Palavras-chave: Estresse, Qualidade de vida, Adolescência.

IC

AVAL - Avaliação Psicológica

ESTUDO DA TÉCNICA DO DESENHO DA FIGURA HUMANA NA COMPREENSÃO PSICODINÂMICA DA ANOREXIA, BULIMIA E OBESIDADE. *Luciana Atallah Mehero, Santuza F. S. Cavalini (Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

Tendo em vista que a perturbação no comportamento alimentar é algo cada vez mais recorrente na contemporaneidade, o profissional de saúde deve estar bem familiarizado com suas principais diretrizes clínicas. O diagnóstico precoce e uma abordagem terapêutica adequada são fundamentais para o manejo clínico e o prognóstico destas condições. Dentre as ferramentas disponíveis ao psicólogo para diagnóstico e compreensão, do quadro descrito acima, encontram-se os testes psicológicos. Tais instrumentos permitem uma maior agilidade e precisão na obtenção de informações que de outra forma tardariam a ser coletadas. Além disso, os testes são auxiliares ao pensamento clínico, gerando um material de apoio às análises e proporcionando uma maior confiabilidade no diagnóstico. O Desenho da Figura Humana (DFH) é uma técnica gráfica projetiva que busca avaliar aspectos da área afetivo-relacional, pois o fator emocional interfere nas escolhas ao desenhar e o corpo com significado afetivo é explicitado no papel. Tendo em vista estas ideias, o objetivo deste trabalho foi identificar por meio do DFH um perfil psicológico típico de indivíduos adultos com bulimia, anorexia e obesidade. Optou-se por realizar uma revisão de literatura utilizando-se de estudos que utilizam o DFH nestas alterações do comportamento alimentar. Os artigos foram pesquisados nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (Scielo), Bireme, e na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS PSI). Foram encontrados 1 artigo sobre a anorexia, nenhum sobre a bulimia e 4 sobre a obesidade. Em três dos artigos de obesidade, foram identificadas algumas características comuns nos desenhos tais como: pernas finas, tronco desproporcional, e mãos desconfiguradas ou a ausência destas. Sendo estas associadas a sentimentos de baixa estima, descontentamento com o próprio corpo, falta de confiança nas próprias potencialidades, inadequação e insegurança no contato com o mundo exterior. No estudo relacionado à anorexia, a maior parte das mulheres desenhou crianças ao invés de figuras humanas adultas, com mãos desconfiguradas, ênfase no tamanho do pescoço, traços faciais simplificados, presença de botões e bolsos, e freqüentes correções e retoques. Sendo que estes aspectos revelam insatisfação com o próprio corpo, fragilidade egóica, sentimento de insegurança no contato com o mundo exterior, controle obsessivo dos impulsos (principalmente dos sexuais), indícios de ansiedade, perfeccionismo, introversão, e relações superficiais concomitante a uma necessidade de afiliação. Os resultados encontrados nos quatro artigos vão de encontro com os dados da literatura científica na área. Porém, devido ao baixo número de estudos encontrados não é possível estabelecer um perfil típico em relação à anorexia, bulimia e obesidade. Entretanto, o instrumento se mostrou essencial na compreensão psicodinâmica dos quadros e como auxiliar nas intervenções de profissionais da saúde, sugerindo desta forma que mais pesquisas sejam realizadas com a utilização do referido instrumento .

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDOS COM A ESCALA DE AUTOCONCEITO FORMA A - AFA E O INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO E SUPORTE FAMILIAR - IPSF. *Lúcia Helena Jorge Alves (Universidade Veiga de Almeida e Secretaria Municipal de Educação - Rio de Janeiro- Brasil), Francisco D. M. Takahashi (Universidade Estácio de Sá e Universidade Veiga de Almeida - Rio de Janeiro - Brasil), Cílio Ziviani (Puc-rio e Universidade Católica de Petrópolis - Rio de Janeiro - Brasil), Angela M. C. Monteiro de Barros (Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro - Brasil), Leila Borges de Araújo (Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro - Brasil)*

O autoconceito, segundo o modelo multidimensional, é definido como a percepção que o indivíduo tem de si próprio com base em suas experiências, na relação com os outros e nas atribuições que ele faz da sua conduta. Como no Brasil não contamos com muitos instrumentos para avaliar tal construto a presente pesquisa teve como objetivo adaptar e estudar psicometricamente a versão portuguesa de 2001 da escala espanhola de Autoconceito Forma A - AFA - (Musitu, Garcia e Gutiérrez, 1991) que é composta de 36 itens e contempla quatro áreas: acadêmica, social, emocional e familiar. Primeiramente, procurou-se adaptar para o português corrente do Brasil os itens mantendo o mesmo sentido. Em seguida, a versão foi submetida à apreciação por quatro psicólogos e vinte adolescentes visando verificar se os itens estavam compreensíveis e o vocabulário adequado. Após a adaptação o instrumento foi aplicado coletivamente em 420 alunos, sendo 203 do gênero masculino e 217 do feminino, com idade entre 12 e 16 anos, matriculados em turmas do 6º ao 9º ano nas escolas da rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados encontrados apontam que a média, mediana, mínimo, máximo e o desvio padrão da amostra, por escala, são similares aos encontrados na adaptação portuguesa. No que se refere às intercorrelações entre as escalas estas são moderadas, entretanto, a correlação de cada uma delas com o total é elevada o que indica a existência de um construto global subjacente. Quanto à análise dos itens a maioria se correlaciona acima de 0.20 com o total da escala e verificando-se a precisão obteve-se α = 0.72 que é mais elevado do que o encontrado em Portugal α = 0.60. Dando continuidade aos estudos correlacionou-se a escala de Autoconceito Forma A - AFA com o Inventário de Percepção de Suporte Familiar - IPSF (Baptista, 2008) que apresenta 42 afirmações relacionadas a situações familiares e avalia o quanto as pessoas percebem as relações familiares em termos de afetividade, autonomia e adaptação entre os membros. Este segundo instrumento foi aplicado em 100 estudantes da amostra. As correlações entre as dimensões da AFA e do IPSF foram positivas e significativas apontando que quanto mais elevado o autoconceito maior o suporte familiar. Até o momento, as pesquisas com a escala de Autoconceito Forma A - AFA mostraram-se satisfatórias indicando para a possibilidade de ampliação do estudo em busca de mais evidências de validade baseadas nas relações do autoconceito com outras variáveis e da validação do instrumento para a população brasileira.

Adolescentes, escala, autoconceito, suporte familiar

AVAL

EVIDÊNCIAS DA VALIDADE CONVERGENTE DO TESTE DE RACIOCÍNIO ABSTRATO E ESPACIAL (TRAE-UnB). *Felipe Valentini ** (PSTO - Universidade de Brasília – Brasília, DF), Wladmir Rodrigues da Fonseca * (Psicologia – IESB – Brasília, DF), Ronielison Loiola de Jesus Tavares (Psicologia – IESB – Brasília, DF), Laizza Silva Morais * (Psicologia – IESB – Brasília, DF), Jacob Arie Laros (PSTO - Universidade de Brasília – Brasília, DF)*

As habilidades cognitivas referem-se, especialmente, à capacidade de aprendizagem e de adaptação ao meio ambiente, utilizando processos metacognitivos. Neste contexto, o raciocínio abstrato está associado à capacidade de resolver problemas concretos e abstratos, simples e complexos, tanto de ordem intelectual, quanto em situações do dia-a-dia. O raciocínio espacial, por sua vez, diz respeito às habilidades viso-espaciais, à sensibilidade para detalhes visuais e à orientação no espaço tridimensional. Para que estes construtos psicológicos sejam avaliados adequadamente, é importante que instrumentos válidos e precisos sejam construídos. Objetivo. O presente estudo insere-se neste contexto e tem como objetivo apresentar os resultados da validade convergente e precisão de um instrumento novo para avaliação do raciocínio abstrato e espacial. Método. Participaram da pesquisa 91 estudantes (52,7% do sexo masculino) com idades entre 14 e 19 anos (Média=16,6; Desvio-Padrão=0,76). Os participantes responderam ao Teste de Raciocínio Abstrato e Espacial (TRAE) e à Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5). O TRAE é composto dos fatores de raciocínio abstrato (RA) e espacial (RE). No que se refere à BPR-5, foram aplicados os subtestes de raciocínio abstrato, espacial, numérico e verbal. Os instrumentos foram aplicados em sessões coletivas, que duraram, em média, 60 minutos. Tais aplicações foram realizadas em duas etapas: na primeira aplicou-se o TRAE, e na segunda, a BPR-5. As análises foram realizadas com o auxílio do software SPSS (versão 18). As relações entre o TRAE e a BPR-5 foram testadas por meio da correlação de Spearman. Resultados. A média de acertos para o teste TRAE foi de 8,96 questões (DP=2,62) para o raciocínio espacial; e 12,09, para o raciocínio abstrato (DP=2,41). Os subtestes apresentaram os seguintes indicadores de consistência interna, estimados pelo Lambda 2 de Guttman: RE=0,77, RA=0,64 e escala total=0,84. As correlações encontradas entre o TRAE e a BPR-5 foram positivas e estatisticamente significativas ($p < 0,05$). Os valores do tamanho do efeito variaram de 0,29 a 0,66. Os resultados também indicaram correlação de moderada/forte entre os escores totais do TRAE e da BPR-5 ($r = 0,66$). Ademais os escores de RE e RA da TRAE correlacionaram-se de maneira moderada aos escores totais da BPR-5 (respectivamente, $r = 061$ e $r = 0,50$). Conclusões. Os resultados indicaram que o subteste de RE é mais difícil se comparado ao RA. Ademais, a consistência interna é aceitável para RA e para a escala total. Todavia, os escores de RE tendem a apresentar bastante instabilidade. Além disso, as correlações indicam que a validade convergente é maior para a escala total, se comparada aos indicadores das subescalas. Assim, é possível indicar evidências da validade e da precisão da escala geral de raciocínio da TRAE. Entretanto, recomenda-se cautela na interpretação dos resultados das subescalas.

Raciocínio, Avaliação Psicológica, Psicometria.

Felipe Valentini é bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

AVAL

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE ESPERANÇA DE HERTH PARA POPULAÇÃO DE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS. *Érika Pizziolo Monteiro*, Ana Luísa Marliere Casela*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Nathália Munck Machado*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

Estudos tem apontado uma relação entre esperança e populações em condições crônicas, entre elas a dependência de substâncias, uma vez que este construto pode ser definido como expectativa de futuro positivo mesmo diante de circunstâncias adversas. Diante de uma doença crônica, alguns fatores se destacam, entre eles a esperança e a forma como esta variável interfere na qualidade de vida dos dependentes, inclusive na adesão ao processo de tratamento. Para que o fator "esperança" seja efetivamente avaliado é necessário que instrumentos possuam evidências de validade entre populações diversas, mostrando-se confiáveis em mensurar os estados de esperança de forma que intervenções sólidas possam ser pensadas visando a diminuir o impacto da condição do transtorno. A Escala de Esperança de Herth (EEH) é composta por 12 itens em que a graduação ocorre por escala tipo Likert de 4 pontos, desde concordo completamente até discordo completamente. Tal escala foi validada em contexto brasileiro para população de pacientes oncológicos e diabéticos e apresentou propriedades psicométricas adequadas. Uma vez que este instrumento tem sido utilizado entre diferentes populações, o presente estudo tem por objetivo avaliar as propriedades psicométricas em uma população de dependentes de álcool e outras substâncias. A amostra foi composta por 528 dependentes de substâncias, entretanto 7 destes foram excluídos da amostra por não responderem a um dos itens, totalizando 521 dependentes de substâncias de dois serviços públicos para tratamento de dependência em Juiz de Fora – MG. A análise de confiabilidade da EEH foi estimada pelo Coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui alta consistência interna (α=0,79 / split-half=0,70). A existência de dois fatores foi explicada por 45,42% da variância total da escala, sendo o método adequado aos dados com KMO = 0,87 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2= 1473,166; df= 66 e com p ≤ 0,001. Tal resultado mostrou-se diferente da escala original a qual era composto por 3 fatores. Ao analisar o fator composto por apenas dois itens, observou-se que eles apresentavam-se na ordem inversa, o que se aproxima da ideia de desesperança. A utilização da escala com o restante dos itens apresentados pelo primeiro fator parecem estar mais adequados para a avaliação do nível de esperança entre dependentes. Por conseguinte, é possível afirmar que a EEH possui propriedades psicométricas satisfatórias e evidencia ser um instrumento útil para mensurar a esperança entre dependentes de substâncias. Dessa forma, psicólogos e demais profissionais de saúde podem se encorajar e incluir a esperança como parte da avaliação de características que influenciam a adesão ou progresso no tratamento para dependência de substâncias.

Esperança, validação e dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

HABILIDADES COGNITIVAS DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE MÖBIUS. *Scheila Gandra Aguiar Mariotto* (Departamento de Saúde Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP), Renata Ramalho da Silva Barreto (Departamento de Distúrbios da Comunicação Humana Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Zelita Caldeira Ferreira Guedes (Departamento de Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Márcia Regina Fumagalli Marteleto (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP)*

A inteligência é uma capacidade mental geral e envolve a habilidade para raciocinar, planejar, solucionar problemas, pensar abstratamente, compreender ideias complexas, aprender rapidamente e aprender com a experiência. Dentre as abordagens psicológicas, a abordagem psicométrica é conhecida como a ciência da medida em geral; se propõe a quantificar as diferenças individuais de determinadas características psicológicas, tais como, mensurar a inteligência. Esta abordagem define a inteligência como a capacidade cognitiva geral composta por habilidades cognitivas que são consideradas como variáveis da inteligência geral que interferem na qualidade do desenvolvimento de crianças com desenvolvimento típico bem como atípico, como é o caso de crianças com diagnóstico sindrômico. A Síndrome de Möbius é uma desordem rara; acontece quando dois nervos cranianos (VI e VII pares), responsáveis por controlar o movimento lateral dos olhos e as expressões do rosto, apresentam alterações totais ou parciais em seus núcleos ou em sua ligação à placa motora e ocasiona paralisia congênita facial. Pode vir associada à problemas na fala, na deglutição, audição, visão e malformações de membros inferiores e superiores. Em muitos casos, a causa está relacionada ao uso da substância misoprostol, princípio ativo do Cytotec, medicamento utilizado para o tratamento de úlcera gástrica, mas usado de forma clandestina para provocar aborto. Além de um comprometimento físico, a criança pode apresentar dificuldades com a linguagem, com os relacionamentos interpessoais e com os processos de aprendizagem. O objetivo deste trabalho foi caracterizar o perfil cognitivo de crianças com Síndrome de Möbius. Para isso, seis (6) crianças e adolescentes com SM, com idade entre 6 e 16 anos de ambos os sexos, foram avaliadas individualmente pela Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC-III); todas as crianças estavam em terapia fonoaudiológica no Ambulatório de Distúrbios da Comunicação Humana do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo e inseridas no ensino regular. As crianças apresentaram um nível intelectual abaixo da média (QIT= 83,8) e uma variabilidade no desempenho cognitivo, que pode estar relacionada à patologia. Houve um melhor desempenho na capacidade de organização viso espacial, na percepção de detalhes e na resolução de problemas práticos. As crianças apresentaram dificuldades em perceber similaridades que exigem correlações lógicas, verbais e conceituais. Constatamos que elas apresentam estimulação do ambiente para pensar e manipular estímulos visuais, mas está prejudicada com relação à estimulação da linguagem para verbalizar relações entre conceitos que exigem capacidade para estabelecer níveis elevados de abstração e de fluência verbal, e, quanto menor o poder aquisitivo maior a dificuldade das crianças para o processamento perceptual.

Inteligência, habilidades cognitivas, síndrome de möbius, avaliação psicológica

AVAL

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE BULLYING – UM PANORAMA DA LITERATURA NACIONAL. *Felipe Alckmin Carvalho**; Márcia Helena da Silva Melo Bertolla; Luan Flávia Barufi Fernandes**, Thaíla Alessandra Silva Toledo** (Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo, São Paulo/SP).*

A vitimização entre pares, ou bullying, tem sido definida por pesquisadores em todo mundo como uma subcategoria bem delimitada de comportamento agressivo e persistente, com intenção de causar dano físico ou moral ao outro. O fenômeno tem sido estudado por países desenvolvidos, como Noruega e Canadá, desde a década de 80, e nos últimos anos vêm sendo objeto de crescente atenção em países em desenvolvimento, como México e Brasil. Trata-se de um problema de saúde pública de elevado custo social e econômico, estando associado a uma série de alterações comportamentais de curto e longo prazo. Considerando a importância de pesquisas que avaliem a ocorrência de bullying em âmbito nacional, o presente estudo tem como objetivos: (1) Verificar que instrumentos de avaliação/ rastreamento de bullying têm sido utilizados em pesquisas nacionais e (2) Mapear a distribuição desta produção científica no Brasil. Foram selecionados para a presente revisão estudos com dados empíricos provenientes de pesquisas de campo e estudos de caso sobre rastreamento de bullying com, pelo menos, um pesquisador brasileiro na condição de autor. Os estudos foram pesquisados nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme), que contempla LILACS, IBECS, MEDLINE, Biblioteca Cochrane eSciELO, além de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Ficaram excluídos da seleção estudos no formato de revisão teórica, revisão sistemática e metanálise. O levantamento bibliográfico dos artigos foi realizado mediante as seguintes palavras-chave em combinação: bullying e Brasil, e seus correlatos em inglês: bullying e Brazil. Dos 55 artigos encontrados, 13 satisfizeram os critérios de inclusão descritos. Deste total, seis foram produzidos na região na região Sudeste e seis na região Sul, sendo apenas um estudo produzido na região Centro-Oeste, com a parceria de universidades do Sudeste. Não foram encontrados artigos nas regiões Norte e Nordeste. A maioria dos estudos selecionados avaliou / rastreou o bullying a partir de questionários semi-estruturados e versões traduzidas de instrumentos padronizados. Os resultados apontam para a escassez de produção acadêmica metodologicamente bem estruturada, uma vez que cada pesquisa adota critérios próprios para a compreensão do bullying e para seu rastreamento. Desta maneira, Conclui-se que seria de grande importância o desenvolvimento de instrumentos padronizados e validados para a população brasileira, a fim de possibilitar a comparação entre estudos realizados em diversas regiões do país, produzindo assim conhecimentos que possam sustentar políticas públicas de prevenção à violência na escola, diminuindo problemas de comportamento que a exposição ao bullying pode produzir.

Bullying, Instrumentos de Avaliação, Escola

CAPES

AVAL

O APEGO E OS VÍNCULOS AFETIVOS DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL. *Viviane Manfre Garcia de Souza, Tardivo, L.C. (Universidade de São Paulo)*

O abuso sexual infantil (ASI) é um fenômeno de destaque em todo o mundo nas últimas décadas e é considerado uma questão de saúde pública, por tratar-se de um importante fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias. Seus efeitos têm sido amplamente estudados, devido à sua diversidade, magnitude e consequências, e podem ser observados inclusive nos vínculos afetivos que a criança estabelece. O presente estudo buscou verificar a qualidade do apego de vítimas de ASI, pois acredita-se que esta experiência tenha grande influência no desenvolvimento das relações afetivas da criança, podendo alterar seu padrão de apego até a vida adulta. Para isso, foi realizado um estudo piloto com o inventário Pessoas em minha vida (PIML), o qual foi elaborado com o objetivo de mensurar a qualidade destes vínculos em crianças. A amostra foi composta por 60 crianças de 09 a 12 anos, sendo 30 vítimas de ASI (grupo clínico). Também foi aplicado o Inventário de Frases auxiliar no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes (IFVD), a fim de coletar mais dados acerca dos efeitos da violência, além de ser utilizado como critério de exclusão no grupo comparativo, caso a criança apresentasse suspeita de vitimização. Após consentimento dos pais ou responsáveis pelas crianças, pesquisadores treinados realizaram aplicações individuais na própria escola ou instituição, que disponibilizaram salas para tal. Os resultados apontaram diferenças significativas entre os dois grupos (clínico e comparativo). As crianças vitimizadas apresentaram menores pontuações em relação ao apego quando comparadas a seus pares, indicando maior dificuldade em confiar nas pessoas e sentir-se segura na presença dos cuidadores. Além disso, apresentaram maiores pontuações em todos os níveis de sintomas referentes aos transtornos investigados pelo IFVD, demonstrando a variedade dos efeitos do ASI naqueles que o sofrem. A partir deste estudo piloto, observou-se que este instrumento não é capaz de avaliar padrões de apego infantil, entretanto mostrou-se eficaz na avaliação dos vínculos e relações afetivas estabelecidas pelas crianças com as pessoas próximas a ela, bem como o sentido de segurança e confiança no mundo que a cerca. São feitas algumas ressalvas acerca da estrutura e utilização do instrumento, além de sugestões no sentido de aprimorá-lo. Destaca-se ainda a necessidade de novos estudos e dados mais específicos sobre a incidência de ASI no Brasil e no mundo, a fim de desenvolver políticas públicas eficientes para prevenir e lidar com esse fenômeno.

Abuso sexual infantil; apego infantil; PIML; IFVD.

AVAL

PREVALÊNCIA DE TRAÇOS DE PSICOPATIA EVIDENCIADOS EM ADOLESCENTES CUMPRINDO MEDIDAS SÓCIOEDUCATIVAS. *Ana Carla Crispim*, Keitiny Cristina Diogo*, Sueli Terezinha Bobato, Eduardo José Legal, Jamir João Sardá Junior (UNIVALI)*

A psicopatia constitui-se como um fenômeno de etiologia multifatorial ainda pouco conhecida, englobando fatores psicológicos, biológicos e socioculturais. Suas características se manifestam desde a infância, expressando-se por meio de problemas de conduta que persistem posteriormente, conforme a personalidade se estrutura até a fase adulta. Evidenciam-se em psicopatas, traços como insensibilidade afetivo emocional, redução de culpa, bem como desrespeito em relação aos outros e seus direitos. Considerando que o entendimento do transtorno pode contribuir para o tratamento e desenvolvimento de medidas preventivas, este estudo investigou a prevalência de traços de psicopatia em adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. Os objetivos consistiram em levantar dados sóciodemograficos e histórico de vida dos adolescentes, descrever o histórico infracional e o comportamento institucional no programa de medidas socioeducativas e identificar a prevalência de traços de psicopatia nos adolescentes investigados a partir da aplicação da escala Hare PCL-R. A coleta de dados foi realizada a partir da referida escala com dez adolescentes em um Centro de Internação Provisória. A idade mais prevalente foi 17 anos, porém a idade da amostra variou entre 15 e 18 anos, sendo que metade dos adolescentes haviam parado os estudos entre a 5ª e 6ª série. Todos os adolescentes já haviam cometido crimes contra a vida, e oito haviam apresentado fugas da Instituição. Os resultados indicaram que seis adolescentes tiveram pontuação <30 e quatro adolescentes tiveram pontuação ≥30 na escala, sendo este ponto de corte utilizado por referir maior confiabilidade quanto ao diagnóstico de psicopatia, e menor margem de erro para falsos diagnósticos positivos de psicopatia. Os traços mais prevalentes foram ausência de remorso ou culpa, indiferença/falta de empatia e insensibilidade afetivo emocional. Importante ressaltar que os itens referentes ao Comportamento Infracional, também obtiveram prevalência significativa entre os adolescentes, uma vez que a amostra se mostrava agressiva em seus crimes. O estudo detalhou a multiplicidade e complexidade dos fatores etiológicos a partir das variáveis propostas pela PCL-R, descrevendo o histórico de vida dos adolescentes até o crime. Considera-se que o estudo poderá contribuir para uma reflexão sobre a formulação e a importância da implementação de políticas públicas voltadas para a criança e o adolescente, além de práticas de cuidado à criança durante o seu desenvolvimento. Práticas estas, que poderiam minimizar os fatores de risco – que se precipitam e se perpetuam por todo o desenvolvimento infantil, trazendo impactos à personalidade – e maximizar os fatores protetores, mediados pelas redes de apoio social e afetivo.

Palavras-chave: adolescentes infratores; psicopatia; medidas socioeducativas.

Nível do Trabalho: IC - CLIN

AVAL

PROCESSOS DEFENSIVOS OBSERVADOS EM PACIENTES ONCOLÓGICOS AVALIADOS PELO DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA.

Thais Cristina Arcas de Felippe (Universidade de Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos - SP).*

O objetivo do presente trabalho foi levantar os mecanismos de defesa indicados por um grupo de pacientes oncológicos, observados na produção do desenho-estória com tema. O câncer é consiste em uma doença genética, resultante de alterações acumuladas no DNA das células, estas que se proliferam até se transformarem em células malignas, que se aglomeram e formam os tumores. A Psico-oncologia, área de estudo que integra a Medicina, Oncologia e Psicologia, compreende a ocorrência de um quadro oncológico como multifatorial, resultado de aspectos de ordem psicossomática, associados a questões do ambiente. Em termos psicodinâmicos, depressão, ansiedade, delírio ou idéias suicidas podem surgir como aspectos psicológicos mais frequentes durante o câncer. O trabalho foi desenvolvido com a aplicação do desenho-estória com tema em 12 pacientes com câncer, sem discriminação de idade, sexo ou condição sócio-econômica. Foi requisitado que os sujeitos desenhassem uma pessoa com câncer e em seguida, contasse uma estória sobre o desenho. Dentre os aspectos levantados na produção dos pacientes, por meio da análise dos desenhos e das estórias contadas, destacou-se no presente trabalho os mecanismos de defesa utilizados nas narrativas. Em relação aos processos defensivos utilizados, foi possível observar sete mecanismos de defesa predominantes distribuídos nos 12 pacientes: três apresentaram sublimação, sendo o mecanismo de defesa de maior incidência, revela capacidade de reverter as dificuldades vividas em relação ao câncer em conteúdos e ações produtivas, fortalecendo as condições de enfrentamento da doença; dois revelaram repressão, movimento de recalque diante das vivências oriundas do comprometimento de saúde que passam; dois apresentaram isolamento, demonstrando com isso a necessidade de excluir a vivência do quadro de câncer do foco das atenções e demandas pessoais; dois apresentaram o deslocamento, que indica um processo de substituição dos conteúdos gerados pela doença, por outros de outra ordem, no sentido de evitar o contato com esse sofrimento; um revelou o uso de formação reativa, no qual o paciente assume uma atitude de sentido oposto a um desejo que tenha sido vivido diante da doença, no sentido de reagir contra essa vivência; um indicou a cisão como defesa, onde o paciente tem uma tendência de separar os conteúdos mais dolorosos na ocorrência do câncer; por fim, um revelou projeção, significando que a necessidade que tem de exteriorizar a outro objeto o impulso que o angustia diante da doença. Considerando que sublimação e formação reativa são mecanismos de defesa mais elaborados e os restantes são de ordem mais primitiva, conclui-se que na maioria dos casos é predominante o uso de mecanismos mais primitivos, representados por oito pacientes da amostra e apenas quatro revelaram o uso de mecanismos elaborados, permitindo melhor enfrentamento perante o câncer.

Palavras chave: Avaliação Psicológica; Desenho-estória com Tema; Psico-oncologia.

Nível do Trabalho: Iniciação Científica - IC

AVAL

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA CES-D EM UMA AMOSTRA DE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS EM TRATAMENTO. *Érika Pizziolo Monteiro*, Ana Luísa Marliere Casela*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Nathália Munck Machado*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

Diversos estudos apontam que a dependência de substâncias, em muitos casos, se associa a outras morbidades psiquiátricas, entre elas, a depressão. No que se refere à dependência de substâncias, a depressão tem sido apontada como um fator que implica fortemente na recuperação, uma vez que representa uma barreira a adesão ao tratamento podendo afetar diretamente a qualidade de vida desses pacientes. Ainda que a depressão seja um transtorno psiquiátrico que afeta todos os tipos de populações, existem diferenças acentuadas quanto à incidência e a prevalência de transtornos depressivos entre dependentes. Visto que a Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D) vem sendo amplamente utilizada em estudos clínicos e populacionais, o presente estudo objetivou avaliar as evidências de validade da CES-D para população de dependentes de álcool e outras drogas, visando maior conhecimento das propriedades psicométricas deste instrumento. A CES-D é composta por 20 itens relacionados a humor, comportamento e percepção, graduada em escala tipo Likert de 4 pontos (1 a 4), variando de "raramente" a "durante a maior parte do tempo". A pesquisa contou com uma amostra de 528 dependentes, sendo que 11 foram excluídos por não responderem a uma das questões, totalizando 517 dependentes de substância de dois serviços públicos para tratamento da dependência da cidade de Juiz de Fora – MG. Para avaliar as evidências de validade e confiabilidade foi utilizado o coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui alta consistência interna (α=0,87 / split-half=0,79). A existência de três fatores foi explicada por que explicaram 44% da variância total da escala, sendo o método adequado aos dados com KMO = 0,91 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2=2884,510; df=190; p<0,001.. A partir da análise fatorial, observou-se que os itens se agrupavam em três fatores que de acordo com a validação original podem ser interpretados como a dimensão relativa à relações interpessoais, atividade somática, e, por fim, o terceiro fator agrupando os itens que avaliam afetos depressivos relacionados ao humor assim como prejuízos associados com afetos positivos foram agrupados. Apesar da divergência da composição fatorial da presente escala com a sua validação original para a realidade brasileira, pode-se observar que as evidencias de validade e confiabilidade apresentadas indicam o uso da CES-D para dependentes de substâncias, embora necessite de outros estudos que confirmem o resultado encontrado no presente trabalho. Considerando os níveis de comorbidades entre depressão e dependência de substâncias, os dados apresentados podem contribuir para suprir uma lacuna da literatura acerca desta temática bem como colaborar para uma melhor avaliação clínica deste pacientes.

Depressão, validade, dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

RELAÇÃO ENTRE DESEMPENHO INTELECTUAL E NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO DE CRIANÇAS COM FENILCETONÚRIA. *Juliana Nassau Fernandes*, Isabel Pimenta Spínola de Castro**, Jéssica Evelyn de Andrade* (Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico/Faculdade de Medicina/Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte MG)*

A fenilcetonúria é uma doença genética causada por uma mutação no gene que codifica a enzima Fenilalanina Hidroxilase, responsável pela conversão de fenilalanina (phe) em tirosina. Essa doença repercute nas atividades do córtex frontal, uma vez que a tirosina é precursora da dopamina, neurotransmissor utilizado nas funções dessa região cerebral. Além disso, concentrações altas de phe podem atingir um nível tóxico ao organismo. Esta condição atinge diferentes níveis de comprometimento da inteligência, alcançando o retardo mental na maioria dos casos não tratados. Pesquisas com a população brasileira tentam estabelecer uma relação entre os níveis sanguíneos de phe e capacidade intelectual dos pacientes. Contudo, estudos que investigam a relação entre QI e nível socioeconômico na população alvo são escassos e devem ser encorajados, a fim de se verificar o papel desse elemento na competência dos indivíduos. A inteligência foi concebida aqui como a capacidade do indivíduo de agir com propósito, pensar racionalmente e lidar efetivamente com seu meio ambiente. O objetivo foi verificar a chance de uma criança fenilcetonúrica, com nível socioeconômico superior, ter melhor resultado no WISC-III quando comparada a uma criança com condição socioeconômica inferior. A amostra foi composta por 63 pacientes, com idades entre seis e doze anos, que iniciaram o tratamento a partir dos 90 dias de vida e que são acompanhadas pelo Programa Estadual de Triagem Neonatal de Minas Gerais. Elas representam 90% da população alvo deste estudo, considerando os critérios de inclusão e exclusão. Nenhum dos participantes apresentava outra doença física ou mental que comprometesse o desenvolvimento cognitivo, e todos tiveram o TCLE assinado pelo responsável legal. 52,4% eram do sexo feminino e 85,7% dos participantes estudavam em escolas públicas. Para a medição do QI, foram utilizados 12 subtestes do WISC-III – excetuou-se o subteste Labirintos, uma vez que este não foi adaptado à população brasileira, – divididos em duas sessões de aplicação. Além disso, foi utilizado o Questionário para Avaliação do Nível Socioeconômico Familiar desenvolvido pelo Setor de Assistência Social da Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da USP. Entre as 63 famílias avaliadas socioeconomicamente, 9,3% foram classificadas na categoria baixo inferior; 60,4% na categoria baixo superior; 28,6% no nível médio inferior e 1,6% no nível médio. Nenhuma família se encaixou na classificação de nível alto ou médio alto. Verificou-se que aquelas classificadas no nível socioeconômico médio tiveram 4,03 vezes mais chances de apresentar QI superior e médio, quando comparadas às crianças cujas famílias foram classificadas no nível baixo. De fato, estudos anteriores sobre inteligência encontraram alta correlação entre QI dos familiares, o nível socioeconômico e o desempenho intelectual das crianças. Em consonância com achados anteriores, observa-se o quanto estas variáveis co-ocorrem. Hipotetiza-se que o nível socioeconômico dos participantes esteja relacionado à estimulação cognitiva, mas para a compreensão do papel deste elemento no desempenho em QI dos participantes, é necessário que novos estudos sejam realizados.

Fenilcetonúria, inteligência, quociente intelectual, nível socioeconômico

Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa - FUNDEP

AVAL

RELAÇÕES ENTRE AUTOCONCEITO E SATISFAÇÃO SEXUAL EM ADULTOS. Bianca de Franco de Oliveira* (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF), Sergio Henrique de Souza Alves (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF e Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, DF).

O autoconceito se caracteriza como sendo a definição psicológica que permite ter a noção da identidade do sujeito e da sua consistência e coerência. Já a satisfação sexual é definida como sendo o nível no qual a atividade sexual de um indivíduo corresponde aos seus ideais e expectativas. Sabendo que esses dois construtos são bastante significantes na construção de um bom equilíbrio mental e que se percebeu uma escassa revisão bibliográfica abordando os dois temas paralelamente, muito embora sejam abordados relacionando-se a outros temas, esse estudo teve como objetivo avaliar as possíveis relações existentes entre autoconceito e satisfação sexual em homens e mulheres adultos, utilizando-se, para isso, de dois questionários – o Inventário Clínico de Autoconceito e o Questionário de Satisfação Sexual, este último elaborado pelos próprios pesquisadores. Participaram da pesquisa, 140 pessoas de uma instituição de ensino superior para responderem aos questionários, sendo 52 homens e 88 mulheres. Também foram analisadas outras variáveis como religião, escolaridade, inserção no mercado de trabalho, início da vida sexual, se possui parceiro fixo, com quem o participante reside estado civil e percepção do sujeito acerca de problemas que podem estar interferindo no seu desempenho sexual, além da frequência sexual mensal. Encontrou-se correlação linear positiva entre as notas globais de ambos os construtos (correlação de 0,36 – numa escala que vai de 0 a 1) e entre as notas dos Fatores F1 (aceitação/rejeição social), F2 (autoeficácia), F3 (maturidade psicológica) e F4 (impulsividade/atividade) do Inventário Clínico de Autoconceito e a nota global de satisfação sexual. Observou-se, ainda, que o autoconceito tende a ser maior em quem já iniciou a sua vida sexual (p-valor = 0,030) e em quem possui parceiro fixo (p-valor = 0,033), e que a satisfação sexual tende a ser maior nos homens (p-valor < 0,001). Não foram percebidas relações estatisticamente significativas entre as notas globais de satisfação sexual e de autoconceito com as variáveis: religião, idade, escolaridade, inserção no mercado de trabalho e com quem o sujeito reside. A média de idade dos participantes foi de 28,2 anos, com uma frequência sexual média de 6,4 vezes por mês. Os resultados obtidos corroboram a ideia inicial desta pesquisa, confirmando a existência de uma associação linear positiva entre as duas características intrínsecas ao sujeito, e podem vir a colaborar com a Psicologia e suas várias formas de intervenção. Além disso, evidencia-se a necessidade de se realizar novos estudos com metodologias diferentes, tanto qualitativas quanto quantitativas, para a maior compreensão das relações – e também das não relações – encontradas entre as duas variáveis centrais levantadas e as demais pertinentes aos dois temas centrais.

Palavras-chave: Autoconceito, Satisfação sexual, Desempenho sexual

IC

AVAL

REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA EM UMA AMOSTRA DE PRÉ-ESCOLARES POR MEIO DO DESENHO TEMÁTICO. *Camila Clementino da Silva*, Natália Costa Simões* (Universidade de Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos - SP).*

O presente trabalho objetiva discutir a representação da instituição escolar observada em uma amostra de crianças pré-escolares, avaliadas pelo desenho temático da escola. O estudo sobre a representação da escola mostra-se relevante uma vez que as crianças passam uma significativa parte de seu desenvolvimento em instituições escolares. Participaram do estudo 72 crianças, com idade entre três e cinco anos, de uma pré-escola pública de um município situado no Vale do Paraíba Paulista, sendo 54,2% (N=39) meninas e 45,8% (N=33) meninos, todos sem queixas ou dificuldades de aprendizagem relatadas. Todas as crianças realizaram um desenho temático onde foi solicitado um "desenho sobre a escola". A aplicação foi coletiva, durante o período letivo, com acompanhamento e observação das aplicadoras. Após verificação das produções gráficas, a representação do desenho da escola foi dividida em três categorias: rabiscos simples: nos desenhos onde a representação da escola foi produzida apenas com uma série sucessiva de rabiscos, representação primitiva: nas produções onde haviam figuras fechadas e geométricas simples e representações de objeto: onde foi possível verificar a produção gráfica da escola a partir de um desenho definido. Observando-se a relação entre idade e os tipos de desenhos, foi possível verificar que os rabiscos simples compuseram 40% (N=28) das produções dos sujeitos e foram realizadas pelas crianças com idade média em 3 anos e 9 meses; as representações primitivas da escola foram realizadas por 33% (N=24) da amostra, produzidas por crianças com idade média em 4 anos e 5 meses, por fim, os desenhos com representação clara de objeto foram feitos por 27% (N=20) das crianças, cuja idade média foi de 4 anos e 8 meses. Em relação ao uso de cores, foi observado a realização de desenhos coloridos em 50% (N=14) nas produções em rabisco, passando para 63% (N=15) nas representações primitivas e 85% (N=17) nos desenhos com representação de objeto. Em se tratando do tema empregado nos dois últimos tipos de produção gráfica, tem-se 58% (N=14) de rabiscos fechados com pouco significado e 42% (N=10) de desenhos geométricos definidos, nos desenhos classificados como representação primitiva; além disso, nas produções identificadas como representação de objeto, observou-se a incidência de paisagem, objetos e figuras humanas em 30% (N=6) para cada tipo, salienta-se que nesses casou houve a inclusão, em alguns deles, de outros temas; além disso, duas produções (10%) indicaram a articulação de vários temas, integrando os desenhos de forma mais elaborada. Os dados indicaram que é possível verificar um amadurecimento da representação da escola nas crianças que compuseram a investigação, a partir da evolução dos desenhos de rabiscos até objetos de representação mais definida, além disso, a articulação de variadas cores também foi observada, revelando capacidade de integração de componentes afetivos nessa representação. Assim, as crianças pesquisadas apresentaram a aquisição da representação da escola entre três e cinco anos de idade, com capacidade evolutiva de uso de cores e temas para seus desenhos. Para que as presentes considerações sejam generalizadas, faz-se necessário a ampliação do estudo com outras faixas etárias, outros tipos de escola e localidades.

Avaliação Psicológica; Psicologia do Desenvolvimento; Psicologia Escolar.

Nível do Trabalho: Iniciação Científica – IC

AVAL

RESILIÊNCIA ENTRE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS: AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE RESILIÊNCIA DESENVOLVIDA POR WAGNILD & YOUNG. *Jéssica Verônica Tibúrcio de Freitas*, Ana Luísa Marliere Casela*, Érika Pizziolo Monteiro*, Nathália Munck Machado*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG; Bolsista de produtividade CNPq).*

O conceito resiliência tem sido definido como um conjunto de práticas subjetivas e ambientais que auxiliam no enfrentamento de situações adversas de uma forma mais saudável, tornando os indivíduos mais fortalecidos, proporcionando uma maior qualidade de vida. No que se refere à dependência de substâncias a resiliência pode ser considerada um fator de proteção, visto que tem sido apontada como um mecanismo fundamental para auxiliar o enfrentamento de problemas e para a reestruturação das relações sociais, aumentando as possibilidades de sucesso no tratamento. Diante disso faz-se necessário a avaliação da resiliência no contexto de tratamento para dependência de substancias a fim de otimizar os benefícios do tratamento. Entretanto, não existe na realidade brasileira, um instrumento construído para esta população. Diante disso, o presente estudo buscou avaliar as propriedades psicométricas da escala de resiliência para a população de dependentes de substâncias. A escala escolhida de resiliência foi validado para uma amostra de escolares, sendo composta por i 25 itens que se propõe a mensurar os níveis de adaptação psicossocial positiva em face de eventos de vida importantes, com resposta tipo likert variando de discordo totalmente a concordo totalmente. O estudo foi realizado com uma amostra de 389 dependentes de substâncias em tratamento na cidade de Juiz de Fora- MG em serviços públicos para a reabilitação desta condição. A análise de confiabilidade da escala de resiliência foi estimada pelo Coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui moderada consistência interna (α=0,65 / split-half=0,30). Observou-se a existência de sete fatores que embora explicassem 51,67% da variância total da escala apresentou difícil compreensão, sendo que pelo método adequado aos dados com KMO = 0,88 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2= 1943,043; df= 300 e com $p < 0,001$. Apesar do presente estudo ter utilizado as mesmas estratégias de análise fatorial, a saber, a inclusão de fatores que explicavam mais que 5% da variância total, utilizando a rotação varimax no método de extração de componentes principais, não foi encontrado uma estrutura fatorial semelhante à proposta pelos autores da escala. O fato da escala não ter apresentado boa confiabilidade constitui-se ainda como uma das limitações das evidências validação do instrumento para esta população dentro do contexto brasileiro. Considerando a importância, dos aspectos associados à resiliência como fatores adjuntos ao tratamento da dependência de álcool e outras drogas, faz-se necessários maiores investigações acerca das possibilidades de mensuração deste constructo para populações distintas, sugerindo a necessidade de construções de novos instrumentos a fim de maximizar os efeitos positivos do tratamento para a qualidade de vida desta população.

Resiliência, validação, dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

REVISÃO ACERCA DO USO DO TESTE DAS FÁBULAS COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM TESES E DISSERTAÇÕES. *Rodrigo Luís Bispo Souza - PUCRS Artur Toledo Rodrigues*, Laura Glusman Roithmann*, Rodrigo Luís Bispo Souza**, Maria Lucia Tiellet Nunes***(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O Teste das Fábulas tem sido um recurso válido na pesquisa sobre o desenvolvimento infantil, assim como tem se apresentado como ferramenta a diversas questões de pesquisa e testagem de hipóteses a partir da Psicanálise. O objetivo deste trabalho foi mapear a produção de dissertações e teses utilizando o Teste das Fábulas como instrumento de pesquisa. A pesquisa foi realizada a partir da busca no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) pelo descritor "Teste das Fábulas". Os critérios de inclusão dos estudos foram: ter sido o Teste das Fábulas o instrumento de pesquisa; ter sido pesquisa realizada nos últimos dez anos; estar com material completo disponível no portal da CAPES. Foram encontrados na base de dados, a partir do descritor "Teste das Fábulas", 34 trabalhos de mestrado ou doutorado. Seguindo a hierarquia dos critérios de inclusão, ao ser aplicado o primeiro critério, foram excluídos 13 trabalhos, sendo incluídos 21 então para a análise. Em se tratando do segundo critério cinco trabalhos, foram excluídos da pesquisa, restando 16, que também estavam em consonância com o terceiro e último critério. A análise dos 16 resumos das dissertações e teses demonstra o uso prioritário do Teste das Fábulas como técnica de entendimento psicodinâmico de situações específicas do desenvolvimento, em situações de patologias ou de tratamentos médicos e psicoterápicos, aparecendo, em sua maioria, como instrumento de pesquisa de cunho qualitativo. A maioria dos estudos foram do nível de mestrado, sendo apenas um de doutorado. Apenas teve como amostra adolescentes, todos os outros pesquisaram crianças de quatro a 12 anos. É possível perceber que o Teste das Fábulas tem seu uso predominante como instrumento de exploração de conteúdos psicodinâmicos em crianças em contextos específicos (adoção, abrigos, abuso), clínicas (em atendimento psicoterápico, com doenças orgânicas) ou não clínicas. Tais resultados apontam para a realidade de que o Teste das Fábulas vem sendo utilizado em pesquisas acadêmicas, além disso, ao usar tal teste em suas pesquisas, pode-se perceber a confiança dos pesquisadores na validade clínica do instrumento para avaliação das variáveis psicodinâmicas pesquisadas. Entretanto fica claro que há pouca produção acerca de qualidades psicométricas do teste, o que pode se um dificultador da atualização do instrumento.

IC

Teste das Fábulas, Instrumento de Pesquisa, Teses/Dissertações

CNPq

AVAL

TESTE CONCISO DE RACIOCÍNIO E TRÂNSITO: ESTUDOS PSICOMÉTRICOS. *Marlene Alves da Silva, Ana Paula Porto Noronha (Universidade São Francisco - USF -Itatiba - São Paulo)*

A Psicologia do Trânsito pesquisa os comportamentos humanos, suas causas diretas ou indiretas que influenciam no sistema trânsito. Para tanto, utiliza-se de métodos científicos e da interlocução com outras ciências para aprofundar a dinâmica e as possíveis explicações para esse fenômeno. Dentre os procedimentos científicos, encontram-se os testes psicológicos. Nessa perspectiva, este trabalho objetivou buscar evidências de validade em relação às variáveis externas e ao índice de precisão do Teste Conciso de Raciocínio - TCR. Participaram 718 candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação do estado da Bahia, desse total, 482 eram homens. A idade variou entre 18 e 65 anos (M=27,65;DP=8,23). Em relação à escolaridade, 17,5% (126) cursaram até o ensino fundamental, 38,2% (274) o ensino médio, 18,8% (135) o ensino superior e 25,5 % (183) não informaram a escolaridade. Os instrumentos aplicados foram, Teste Conciso de Raciocínio, Teste de Atenção Concentrada, Teste Palográfico, exames Teórico-técnico e de Direção Veicular. Nos resultados, com relação à associação do Teste Conciso de Raciocínio com o exame Teórico-técnico e de Direção Veicular para a categoria B, os índices foram significativos, positivos e de magnitude baixa, sugerindo que o construto inteligência pouco se associou aos conhecimentos teóricos e práticos do ato de dirigir. Já a correlação entre o Teste Conciso de Raciocínio e o teste de Atenção Concentrada foi significativa, positiva e de magnitude baixa, indicando que apesar de construtos diferentes, existe comunalidade entre os mesmos. No que concerne às diferenças de média analisadas, os participantes aprovados nos exames Teórico-técnico e de Direção Veicular categoria B tiveram médias significativamente mais altas no Teste Conciso de Raciocínio que o grupo de reprovados. Em relação à idade, os resultados mostraram uma diferenciação entre as faixas etárias dos 18 aos 21 anos, dos 22 aos 32 anos e acima de 32 anos. Quanto à escolaridade, se diferenciaram os grupos até o ensino fundamental completo, médio completo e ensino superior completo. No que diz respeito ao sexo, as mulheres apresentaram média superior. Esses resultados indicaram a necessidade de serem criadas normas específicas em função da idade, escolaridade e sexo para essa amostra. Quanto à precisão, estudada por meio do alfa de Cronbach para o teste como um todo e considerando a exclusão de algum item, os índices obtidos foram considerados satisfatórios, variando de 0,72 a 0,75. Com base nos resultados, foram obtidas evidências de validade para o Teste Conciso de Raciocínio em relação às outras variáveis na situação do trânsito. Sugere-se que novas investigações sejam delineadas de modo a explorar as propriedades psicométricas deste teste psicológico em outras amostras, e, assim, fomentar discussões da avaliação psicológica no contexto do trânsito.

Inteligência; Evidências de validade; Psicologia do Trânsito

Coordenação de Aperfeiçamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

AVAL

TESTE DE ATENÇÃO CONCENTRADA TOULOUSE-PIERÓN: ATUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE VALIDADE. *Renata Silva Araújo, Irai Cristina Boccato Alves (LITEP – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP).*

O Teste Toulouse-Pierón foi um dos primeiros instrumentos de avaliação objetiva da atenção concentrada, dando origem a muitos outros, em vários países, incluindo o Brasil. A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma atualização dos estudos de validade, de modo a obter requisitos mínimos necessários para sua aprovação pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), de acordo com a Resolução N º 002/2003 do CFP. A validade convergente (simultânea) foi investigada em relação aos testes AC e D2 e o Teste das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada, que foi usado para verificar a relação entre a atenção e a inteligência. Foram empregadas três amostras diferentes para a comparação com cada um dos testes. Todos os participantes eram estudantes universitários. Para o AC a amostra foi composta por 61 sujeitos de uma universidade particular. Para o D2 foram 43 estudantes e para o Raven 94 estudantes, estes dois grupos eram provenientes de universidade pública. Para a determinação da validade em relação ao Teste AC, primeiramente foi aplicado o Teste Toulouse-Pierón e, após um intervalo aproximado de três horas, houve a aplicação do AC. Para a validade em relação ao Teste D2, inicialmente foi aplicado o Toulouse-Pierón e, após um intervalo 30 dias, ocorreu a aplicação do D2. Em relação ao Teste das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada, inicialmente houve a aplicação das duas séries deste teste. A Série I com limite de tempo de 5 minutos e a Série II em 40 minutos. Contudo, para a pesquisa foram usados apenas os pontos da Série II. Após um intervalo de um mês, foi aplicado o Toulouse-Piéron. Todas as aplicações foram feitas de acordo com as instruções padronizadas e orientações dos respectivos manuais dos testes. Foram encontrados coeficientes estatisticamente significantes entre os pontos de rapidez e acertos do Toulose e do AC, mas não em relação aos erros e omissões. Os resultados bruto e líquido do D2 tiveram correlações significantes com a rapidez e acertos do Toulouse, mas não entre os erros dos dois testes. A correlação entre o escore de Qualidade (erros) e os resultados do Raven não foi significante e a correlação do resultado de Rapidez com o Raven foi significante, mas baixa, uma vez que a atenção contribui para o desenvolvimento da inteligência, porém elas constituem duas capacidades independentes. Assim foi confirmada a validade simultânea do Toulose com outros dois testes de atenção concentrada. Os resultados confirmam as qualidades psicométricas do Teste Toulouse-Pierón e apontam a necessidade de maior aprofundamento nas pesquisas com este instrumento, de modo a obter sua aprovação junto ao CFP.

Avaliação psicológica; instrumento psicológico; validade; atenção concentrada; Toulouse-Pierón.

Editora CEPA

AVAL

TESTE DE ATENÇÃO CONCENTRADA: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE EM UMA AMOSTRA GOIÂNIA. *Alexandra Peres (Faculdade Brasileira de Educação e Cultura – FABEC), Marlene Alves da Silva (Universidade Federal do Estado da Bahia – UFBA – Campus Vitória da Conquista – BA)*

A atenção pode ser definida como uma função mental ativa que consiste em focalizar em alguns aspectos ou estímulos do meio ambiente em detrimento de outros, selecionando e controlando a entrada de informações externas e processando as informações necessárias para um determinado momento. A presente pesquisa objetivou buscar evidências de validade para o Teste de Atenção Concentrada – AC de Suzy Cambraia por meio de correlação em relação às variáveis idade e escolaridade. O estudo foi desenvolvido em uma Clínica psicológica credenciada ao DETRAN-GO para avaliação pericial de candidatos à obtenção, renovação e adição de carteira Nacional de Habilitação. A amostra foi composta de 594 candidatos,deambos os sexos, sendo 203 (34,2%) do sexo feminino e 391 (65,8%). Quanto à escolaridade, 208 (%) cursaram até o ensino fundamental completo, 332 (%) cursaram até o ensino médio completo e 54 (9,1%) cursaram o ensino superior. A idade variou entre 18 e 60 anos (M=29,4; DP=10,46), sendo que 311 (52,4%)encontravam-se na faixa de 18 a 27 anos e apenas 94(15,9%) na faixa de 41 a 60 anos. O Instrumento utilizado foi Teste AC – Susy Cambraia, cuja pontuação máximapossível é de 147 acertos. Para esta amostra, o resultado mínimo foi de 28 e o máximo de 146 pontos (M=87,52; DP=21,3). A mediana e a moda foram de 86. Em uma inspeção visual da análise descritiva, verificou-se que 415 (69,9%) da amostra estudada pontuaram acima de 74 pontos. Utilizou-se a prova de correlação de Pearsonpara verificar as associações entre os escores da amostra por idade dos participantes, o resultado da correlação forneceu um r=-0,224 com p<0,001. Essa correlação negativa aponta que conforme aumenta a idade diminui o número de acertos do teste de AC. Já para a escolaridade, um r=0,281 com p<0,001. Observou-se um coeficiente significativo e positivo, indicativo de que há relação entre a atenção e a educação formal. Dessa forma, pode-se afirmar que foram encontradas evidências de validade para o Teste AC para esta amostra.

Atenção - Trânsito - Avaliação Psicólogica

AVAL

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DA BATERIA ATENÇÃO E MEMÓRIA (AM) DO TESTE DE INTELIGÊNCIA "LEITER-R". *Roberson Machado* (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP), Teresa Helena Schoen (Departamento de Pediatria Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Marcia Regina Fumagalli Marteleto (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP)*

Inteligência é uma capacidade mental geral, que implica raciocínio, planejamento, resolução de problemas, velocidade de aprendizagem e aprender com a experiência. Este conceito é bastante amplo e, por vezes, controverso, pois envolve características biológicas, cognitivas e emocionais, o que acarreta em uma multiplicidade de visões sobre este construto. Segundo a Associação Americana de Psicologia os indivíduos diferem-se na habilidade de entender idéias complexas, de se adaptar com eficácia ao ambiente, de aprender com a experiência, de se engajar nas várias formas de raciocínio, de superar obstáculo; embora as diferenças individuais possam ser substanciais nunca são completamente consistentes, o desempenho intelectual de uma dada pessoa pode variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Alguns teóricos da inteligência ressaltam, no entanto, que caracterizá-la como independente dos aspectos culturais e sociais é uma concepção errônea de sua função e significado e deve ser concebida de acordo com a visão de mundo dos diferentes grupos culturais que traz consigo necessidades e aspirações que relacionam-se a valores e finalidades históricas e sociais. Dentre as abordagens psicológicas a psicométrica é conhecida como a ciência da medida em geral; se propõe a quantificar as diferenças individuais de determinadas características psicológicas, tais como, mensurar a inteligência. Nesta abordagem a inteligência é medida por meio de testes psicológicos, validados e padronizados para a cultura em que serão utilizados. No Brasil os testes psicológicos estrangeiros precisam ser submetidos à procedimentos que devem seguir as normas de tradução e adaptação, normatização, validade e confiabilidade exigidos pelo Conselho Federal de Psicologia. A Leiter-R é um teste não-verbal, que avalia o nivel intelectual de criancas e adolescentes com desenvolvimento tipico, bem como indivíduos com significativos distúrbios de comunicação, retardo mental, deficiências auditivas, incapacidades motoras, dano cerebral traumático, transtorno de déficit de atenção, dificuldades de aprendizagem e indivíduos com Transtornos Global do Desenvolvimento. O seu rigor psicométrico necessita ser adaptado para a cultura brasileira. O objetivo do presente trabalho é apresentar a tradução e adaptação da Bateria Atenção e Memória (AM) da Leiter International Performance Scale-Revised - Leiter-R. Para este estudo 10 crianças de ambos os sexos, na faixa etária compreendida entre 6 e 9 anos, frequentadoras de ensino regular, foram submetidas à aplicação da Leiter-R de forma individual. A Leiter-R é constituída por 20 subtestes, divididos em duas baterias: Visualização e Raciocínio (VR) e Atenção e Memória (AM), abrangendo as diversas capacidades mentais. O manual e os protocolos de respostas foram traduzidos e adaptados ao português brasileiro por um dos autores. Esta tradução foi avaliada de modo independente por outros dois profissionais com experiência na aplicação de testes de inteligência. Os subtestes foram então aplicados nas crianças da amostra para verificar a clareza da tradução. Por suas características de aplicação, observou-se vantagens em se utilizar este teste não verbal com crianças nesta faixa etária, embora observou-se dificuldades por parte do aplicador em utilizá-lo, necessitando de treinamento adequado. Futuros trabalhos devem investigar as propriedades psicométricas do Leiter R para seu uso no Brasil.

Inteligência, Psicometria, , Leiter-R

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ADAPTACIÓN LINGÜÍSTICA DEL SCHOOL BURNOUT INVENTORY (SBI) EN ESPAÑOL (CASTELLANO) A ESPAÑOL (COLOMBIANO). *Diana Riaño-Hernández** (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia) y María Constanza Aguilar (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia)*

Debido a la existencia de burnout en estudiantes adolescentes, resulta relevante evaluar el burnout en el ámbito educativo, siendo además necesario contar con instrumentos que permitan evaluar el burnout en el contexto escolar. Por ello, El objetivo de la investigación es desarrollar el proceso de adaptación lingüística del School Burnout Inventory (SBI) en español (castellano) a español (colombiano), para adolescentes escolarizados en la ciudad de Bogotá. Se establecieron dos tipos de participantes, una se compone por un panel de nueve expertos, seleccionados según su especialidad. La segunda población debía estar comprendida por adolescentes escolarizados de la ciudad de Bogotá de 28 estudiantes con rango de edad de 12 a 18 años, (M = 15) estudiantes del Colegio Fervan. Se utilizó para la evaluación un Formato para jueces y estudiantes: Compuesto por los 12 ítems del SBI, donde los jueces y estudiantes tenían que evaluar la comprensión y equivalencia conceptual de cada uno de los ítems en su correspondencia entre la versión del SBI adaptado para población española y la versión de los ítems adaptados lingüísticamente a población colombiana. Para la valoración de comprensión y equivalencia comprensión y equivalencia se tomó una escala tipo likert de respuesta de 0 a 5, teniendo en cuenta que: 0 es Totalmente en desacuerdo, 1 Parcialmente en desacuerdo, 2 en Desacuerdo, 3 Parcialmente de acuerdo, 4 De acuerdo y 5 Totalmente de acuerdo. Igualmente, se hizo uso de una entrevista cognitiva, protocolo de entrevista para recolectar información verbal sobre las preguntas o ítems que han creado dificultades a los sujetos, utiliza varias técnicas que permiten averiguar sobre potenciales fuentes de error y brindar aportes para las correcciones, en cuanto a la redacción o utilización de términos más apropiados, que midan lo mismo que se pretende en la prueba. Inicialmente se envío el formato a los jueces para que lo complementaran, posteriormente se analizaron los resultados de forma cualitativa las sugerencias realizadas y cuantitativamente con la V de Aiken. Por otra parte se paso el formato a los estudiantes junto con la entrevista cognitiva y se analizaron los resultados.Los resultados fueron analizados teniendo en cuenta tres criterios: a) Los comentarios de los jueces sobre el Ítem, b) Coeficiente V de Aiken y c) Porcentaje de total acuerdo en equivalencia y comprensión que estos brindaron, estos tres criterios, también se tuvieron en cuenta con los resultados de los participantes o sujetos en el proceso de Entrevista Cognitiva. Los resultados muestran para el panel de expertos respecto al coeficiente de V de Aiken, todos los reactivos del SBI alcanzan una puntuación superior a 0,50. La mayoría de los ítems presentan porcentajes elevados en el total acuerdo de jueces, respecto a ciertos reactivos, mostrando así pertinencia en el contenido que compone la prueba. El análisis de las características del instrumento, es adecuado para la población. Los resultados que se encontraron indican que el SBI es una herramienta comprensible para la población a la cual va dirigida.

Burnout, adaptación, adolescentes

AVAL - Evaluación Psicológica

ANÁLISIS FACTORIAL EXPLORATORIO DEL "SCHOOL BURNOUT INVENTORY" (SBI) PARA ADOLESCENTES ESCOLARIZADOS EN BOGOTÁ. *Diana Riaño-Hernández**(Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia); María Nieves Moyano** (Universidad de Granada, Granada, España); Alexandra Navarrete (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia); Daniela Lozano (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia);María Constanza Aguilar (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia).*

Freudenberg conceptualizó el síndrome de burnout como el sentimiento de cansancio absoluto. Desde el desarrollo del Maslach Burnout Inventory la investigación por este tema se ha ampliado, centrando su atención en el ámbito de las profesiones de servicio. Sin embargo, estudios recientes han trasladado el concepto de burnout al contexto escolar, dadas las similitudes entre este contexto y el laboral. Los estudiantes están expuestos a una sobrecarga de información en el medio escolar, generando en los estudiantes estados de apatía, baja autoestima, depresión y ansiedad. El contexto escolar, es por tanto, un importante contexto de desarrollo para los adolescentes. Riaño-Hernández y Moyano han adaptado el School Burnout Inventory (SBI) a población española. El SBI es un instrumento compuesto por diez ítems y evalúa el síndrome del burnout en población adolescente, el cual conceptualiza el síndrome por medio de tres dimensiones: 1. agotamiento por las demandas de la escuela (fatiga crónica por la sobrecarga escolar). 2. Cinismo (indiferencia hacia la escuela) 3. Sentido de ineficacia en la escuela (sentimiento de incompetencia como estudiante). Debido a la existencia de burnout en estudiantes adolescentes, resulta relevante evaluar el burnout en el ámbito educativo y necesario contar con instrumentos que permitan evaluar el burnout en el contexto escolar. Por ello, el propósito de este estudio es realizar un estudio de las propiedades psicométricas y el análisis factorial exploratorio del (SBI) para adolescentes escolarizados en Bogotá. La muestra estuvo compuesta por 567 adolescentes; pertenecientes dos colegios de la ciudad de Bogotá. La edad estuvo comprendida entre los 12 y los 19 años (M = 13,86; DT = 1,79). se aplicó la versión adaptada del SBI (School Burnout Inventory), que estaba formada finalmente por 12 ítems. La escala de respuesta fue tipo likert de seis puntos siendo 1 (casi nunca) y 6 (casi siempre). La versión adaptada a población colombiana del SBI fue administrada por un único evaluador dentro de las aulas. El anonimato y confidencialidad fueron garantizados. Se realizó el análisis de las propiedades psicométricas del SBI en una muestra adolescentes colombianos, donde se puede concluir, en primer lugar, los ítems presentan adecuadas propiedades psicométricas, lo cual asegura que cada uno de ellos, es pertinente para la evaluación del Burnout Escolar en adolescentes. En segundo lugar, el AFE muestra la estructura de tres dimensiones, al igual que los autores originales, siendo para la primera dimensión de agotamiento, los ítems (1, 5, 9 y 11); cinismo (2, 3, 6 y 7) y para Eficacia (4, 8, 10 y 12). Finalmente, se evidencia para la escala total una fiabilidad de 0,80 específicamente para la dimensión de agotamiento = 0,65, cinismo = 0,63 y eficacia = 0,55. El presente estudio ofrece por tanto el primer instrumento para evaluar el burnout en estudiantes adolescentes colombianos, sin embargo, es necesario continuar desarrollando el instrumento para obtener una mejor fiabilidad, estudiar la validez concurrente y confirmar el modelo factorial.

Burnout, adolescentes, AFE.

AVAL - Evaluación Psicológica

MEDICIÓN DE HABILIDADES MATEMÁTICAS Y PROCESOS COGNITIVOS. *Cecilia Murata, Mariel Musso y Ana Richter* (Universidad Argentina de la Empresa - UADE, Buenos Aires, Argentina)*

Las habilidades matemáticas son factores educacionales críticos para el desarrollo de países industrializados y consecuentemente se ha incrementado el interés en la alfabetización matemática. Las operaciones de probabilidad y cálculo estadístico se encuentran entre las habilidades matemáticas superiores. Tales operaciones son insumo clave en la toma de decisiones, sobre todo cuando se trata de la valoración del riesgo, y de decisiones en las que resulta importante la precisión. Ejemplos de la aplicación de estas operaciones son la valoración del riesgo en negocios, en la cuantificación del riesgo de salud, en niveles de exposición al peligro, entre otros. Algunos investigadores han establecido que el cálculo estadístico es un predictor importante en las estrategias de decisión, de reacciones afectivas, en decisiones de riesgo económico y en decisiones de consumo. Además, se han evaluado las decisiones de riesgo asociadas a logros educativos y habilidades o estilos cognitivos. La medición de las habilidades matemáticas superiores ha tomado distintas formas. En el ámbito de la salud se han desarrollado instrumentos que estiman la capacidad numérica a través de autoinformes. Sin embargo, una de las formas de evaluación más común es la evaluación del desempeño objetivo y concreto, esto es, a través de pruebas psicométricas. Entre las pruebas psicométricas que evalúan estas habilidades específicas se destacan las resultantes de las investigaciones lideradas por Lipkus y por Schwartz. El Test Aritmético Berlín se basó en las propuestas de estos autores constituyendo un instrumento válido, confiable y de aplicación rápida. El objetivo del presente trabajo fue estudiar los procesos cognitivos implicados en la comprensión de las operaciones de cálculo estadístico y probabilidad. Se seleccionó una muestra accidental de 200 estudiantes universitarios, de 18 a 45 años, de ambos sexos, que asisten a una universidad privada de Buenos Aires, Argentina. Se administraron el Test Aritmético Berlín, el Test de Redes Atencionales y una tarea automatizada de capacidad de memoria de trabajo (AOSPAN). El Test Aritmético Berlín consiste en la resolución de cuatro problemas. La resolución debe realizarse sin la ayuda de una calculadora, pero quien responde es libre de usar el espacio disponible para anotaciones y cálculos. El Test de Redes Atencionales provee una medida de las redes atencionales: Alerta, Orientación y Ejecutiva. Se le pide al participante que determine cuándo una flecha central apunta hacia la izquierda o hacia la derecha y que respondan tan rápido y precisamente como les sea posible. El AOSPAN mide la capacidad de memoria de trabajo. El participante es instruido para recordar una serie de letras que se presentan de a una por vez en una pantalla, mientras debe resolver cálculos aritméticos simples, con la mayor precisión y rapidez posible. Se presentan los resultados descriptivos de cada prueba, según sexo y otras variables socio-demográficas, así como las correlaciones entre las pruebas administradas.

Habilidades matemáticas – procesos cognitivos – Argentina

AVAL - Evaluación Psicológica

PRESENTACIÓN DE UN PROGRAMA DE TELESALUD PARA EL TRATAMIENTO DE LA AGORAGOBIA. *Wenceslao Peñate (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna), María José Roca Sánchez (Instituto de Biotecnología de la Universidad de Granada), Carmen T. Pitti (Dirección General de Salud Pública del Servicio Canario de la Salud), Lilisbeth Perestelo-Pérez (Servicio de Evaluación del Servicio Canario de la Salud), Juan Manuel Bethencourt (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna).*

Se presenta la web para el tratamiento de la agorafobia vía internet "Doctor Agora" (doctoragora.com/demo), con retroalimentación por parte del terapeuta.La teleasistencia ha demostrado ser un procedimiento eficaz, pero en menor medida que los procedimientos cara a cara, en un volumen importante de trastornos psicológicos, entre ellos las fobias. El tratamiento de elección en las fobias es la exposición con reestructuración cognitiva. Ocurre que en el caso de la agorafobia crónica, el procedimiento genera un importante número de abandonos (o de rechazo directamente), porque el recurso principal, la exposición en vivo, es el elemento central de sus problemas, recluyéndose, en los casos más graves, en sus hogares. El aplicativo de teleasistencia se fundamenta en las técnicas de exposición con reestructuración cognitiva y provee a los pacientes de técnicas cognitivo-conductuales para el afrontamiento de los escenarios fóbicos y la disminución de los niveles de ansiedad, evitando de entrada en tener que desplazarse y exponerse en vivo a los escenarios fóbicos. El programa consta de 11 sesiones, de carácter sucesivo: psicoeducación, técnicas de desactivación / relajación, técnicas de reestructuración cognitiva, exposición a estímulos virtuales, exposición en vivo.

Telesalud, tratamientos psicológicos vías internet, realidad virtual, agorafobia.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

TEST DE EMPAREJAMIENTO DE FIGURAS CONOCIDAS-20 (MFFT-20) ¿EVALUACIÓN POR FORMATO DE PAPEL O POR COMPUTADOR? *Diana Riaño-Hernández** (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia), Marcelino Cabrera (Universidad de Granada, Granada, España), Catalina Pedraza (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia) María Nieves Moyano**(Universidad de Granda, Granada, España)*

El constructo de Impulsividad-Reflexividad (I-R) propuesto por Jerome Kagan en los años 60, hace referencia a un estilo cognitivo caracterizado por las diferentes respuestas generadas por las personas, cuando se enfrentan a la solución de problemas que implican incertidumbre en la respuesta. Se han propuesto dos dimensiones de evaluación, la primera hace referencia al estilo de I-R, donde se encuentran personas que generan respuestas con gran número de errores y corto tiempo de latencia (Impulsivos) y otras con un bajo número de errores y alto tiempo de latencia (Reflexivos) (Buela-Casal, Carretero-Dios, Santos-Roig y Bermúdez, 2003). El objetivo del presente estudio es comparar los coeficientes de fiabilidad obtenidos de la aplicación del MFF-20 en una versión en formato ordenador (MFF-O) contra la versión en formato papel (MFF-P) y determinar las correlaciones Test- reTest, respecto al número de errores y latencias de respuestas. Obtener una versión del MFFT-20 en formato ordenador resulta útil puesto que dicha prueba es de uso constante en contextos educativos y permitiría evaluar de forma grupal a los niños de una forma más exacta. La muestra estuvo compuesta por 211 niños; de educación primaria del colegio Ave María Casa Madre y Tierno Galván de Granada-España. La edad estuvo comprendida entre los 6 y 11 años (M = 8,36; DT = 1,73). Se aplicó la versión en papel (MFF-P) y en ordenador (MFF-O) formado por 20 ítems, cada ítem se caracteriza por la presencia simultánea de un dibujo y seis opciones diferentes de respuesta de las que solo una es exactamente igual al dibujo modelo. La tarea del niño es buscar la opción que es exactamente igual al modelo. Los resultados muestran la consistencia interna (alfa de Cronbach) para la evaluación inicial del MFF-P y MFF-O fue, en orden, 0,82 y 0,84 para errores, y 0,93 y 0,95 para latencias. se muestran las medias y desviaciones típicas para los errores y latencias en el Test de cada una de las muestras junto con la diferencia entre medias. Para las puntuaciones de los errores y latencias, no se observan diferencias significativas entre los grupos. Se observa para ambas muestras (MFF-P y MFF-O) una adecuada consistencia interna, siendo sus valores más altos para la muestra evaluada con la versión en ordenador (MFF-O). Asimismo, no se hallaron diferencias significativas entre MFF-P y MFF-O.. Por lo cual se puede concluir que la versión del MFF-20 en ordenador (MFF-O) es una versión que permite evaluar la I-R en niños, lo cual resulta útil puesto que dicha prueba es de uso constante en contextos educativos y permitiría evaluar de forma grupal a los niños de una forma más exacta.

Evaluación, Impulsividad-Reflexividad

AVAL - Evaluación Psicológica

A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO NA AUTOPERCEPÇÃO DE UNIVERSITÁRIAS COMO PARCEIRAS ROMÂNTICAS. *Anthonieta Looman Mafra, Felipe Nalon Castro, Wallisen Tadashi Hattori, Fívia de Araújo Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

Os seres humanos são caracterizados por sua complexidade, que os leva a aprimorar cada vez mais seu sistema de sobrevivência e reprodução. Para isso, diferentes estratégias são utilizadas, incluindo a etapa de escolha de parceiros românticos, em que muito nos assemelhamos aos outros animais. Na maioria das espécies, a fêmea é tida como recurso limitante pelo qual os machos competem. Este fato ocorre, principalmente, pelo grande investimento fisiológico da fêmea com gestação e amamentação. No momento de selecionar um parceiro romântico, vários fatores podem influenciar. Um desses fatores é o meio no qual estamos inseridos, que pode modificar nossa autoavaliação, modelando, assim, nossas exigências para escolha de parceiros românticos. De forma a entender melhor esse sistema de escolha em mulheres, foi realizada uma pesquisa com 94 universitárias do Rio Grande do Norte sobre como a sua autopercepção enquanto parceira romântica pode ser influenciada pelo contexto no qual estão inseridas. A pesquisa consistiu de duas etapas: na primeira, as voluntárias respondiam a um questionário sobre sua autoavaliação de acordo com nove características (rosto bonito, corpo bonito, saúde, sociabilidade, bom humor, sinceridade, condição financeira, inteligência e determinação/trabalhador) em escalas Likert de 10 pontos, seguidas por uma avaliação da sua atratividade geral em uma reta de 9,5cm, na qual a participante deveria marcar quão atraente julgava ser para o sexo oposto (quanto mais a direta da reta marcasse, mais atraente ela julgava ser e quanto mais a esquerda, menos atraente). Após um período de 15 a 30 dias, a segunda etapa era realizada. Nesta etapa, cada participante recebia um caderno, que continham perfis e fotos de mulheres. Nestes cadernos, existiam oito condições experimentais, com apenas um tipo de perfil por condição. As oito condições apresentavam diferentes níveis de atratividade física, personalidade e condição, variando entre os níveis: alto e baixo. Depois de realizar a leitura desse caderno, a voluntária deveria fazer sua autoavaliação de acordo com as mesmas características anteriormente pesquisadas e marcar, novamente, sua atratividade em uma reta de 9,5cm. Os dados analisados mostraram que não houve diferença da atratividade entre as autoavaliações antes e após a exposição ao contexto para a amostra coletada. No entanto, foi possível observar que tanto mulheres que se avaliaram baixo como as que se avaliaram alto no primeiro questionário mantiveram a mesma média após a exposição ao contexto. Este resultado sugere uma possível diferença de autoestima na população estudada, mais do que propriamente uma influência do contexto na autopercepção como parceira romântica.

BIO

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A LÓGICA POR TRÁS DOS CONTRATOS SOCIAIS. *Jordana da Costa Barbalho**, Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

O trabalho objetivou verificar o uso da lógica condicional na verificação de violação de regras em contextos abstratos e em contextos sociais através da ferramenta "Teste de seleção de cartas de Wason" de acordo com o nível de conhecimento em lógica formal pelos participantes. Estudos anteriores mostram que o índice de acerto é de cerca de 25% nos testes de caráter abstrato contra 75% nos de caráter social. Para alguns autores isso é prova de que nosso cérebro evoluiu dentro de e para um contexto de grupo cooperador. Entretanto, estudos anteriores não incluíram na sua amostra sujeitos que receberam ensino formal de lógica, excluindo o papel da aprendizagem na resolução deste tipo de problema. Participaram desta pesquisa de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE, 336 sujeitos estudantes com idade entre 16 e 55 anos, oriundos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Instituto de Aulas Particulares (IAP). Os participantes respondiam um questionário sociodemográfico, que incluía informações sobre aprendizagem formal de lógica, e um caderno que continha quatro testes de seleção de cartas de Wason (dois de caráter social e dois de caráter abstrato) além de três tarefas distrativas envolvendo cálculo, atenção e semântica, apresentadas entre os testes. Os dados foram analisados considerando o desempenho dos participantes em função do tempo de realização da tarefa, do índice de acertos e erros na realização das questões, do sexo e da aprendizagem formal de lógica. Não foram encontradas diferenças entre o índice de acerto e o tempo de resolução dos testes para os grupos com diferentes níveis de aprendizado em lógica formal nem de diferentes áreas. Independente da área de formação ou da experiência com lógica formal, homens têm melhor índice de acerto e menor tempo de resolução nos testes de caráter abstrato. Diferentemente do esperado, mulheres não mostraram desempenho melhor nos testes de caráter social. Em parte, tais resultados corroboram outros trabalhos que demonstram que há diferenças cerebrais entre homens e mulheres, tendo os primeiros melhor desempenho em tarefas analíticas. O baixo desempenho das mulheres nos testes de caráter social talvez se deva à distribuição delas na amostra que, por razões circunstanciais, continha mais homens. Mais do que tratarmos de uma capacidade geral na população humana quanto à verificação de violação de regras em contextos sociais, nossos resultados sugerem que as tendências inatas típicas de cada um dos sexos podem trazer respostas importantes na compreensão da lógica que utilizamos em nossos contratos sociais.

Raciocínio lógico, teste de seleção de cartas de Wason, diferenças sexuais

UFRN, CNPq

BIO

A SATISFAÇÃO CONJUGAL DE HOMENS E MULHERES RESIDENTES NO PARÁ. *Keila do Socorro da Silva Rebello (Secretaria de Estado de Assistencia Social), Regina Célia de Souza Brito (Universidade de São Paulo)*

Neste estudo investigamos as percepções que homens e mulheres têm de seus relacionamentos conjugais. Estas percepções seriam parte dos mecanismos de monitoramento da satisfação com o relacionamento, de acordo com a Psicologia Evolucionista, referencial téorico utilizado neste trabalho, baseado fundamentalmente na teoria evolutiva darwinista. Especificamente, nosso objetivo foi verificar de que forma os homens e mulheres casados ou em união estável, residentes na região metropolitana de Belém, avaliam a qualidade de seu relacionamento conjugal atual. Utilizando a escala MARQ como instrumento de medida de satisfação conjugal, tanto os homens quanto as mulheres apontaram o ciúme sexual como fator mais importante para a satisfação conjugal - para 99% das mulheres e 98% dos homens - o que indica a preocupação de ambos com a fidelidade do parceiro. Como segundo fator mais importante, foi apontada a conciliação - por 94% das mulheres e por 93% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de assertividade no contexto de seus relacionamentos. Como terceiro fator mais importante, foi apontada a detecção de problemas com o relacionamento - por 96,5% das mulheres e 95% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de comprometimento do parceiro com o relacionamento conjugal. Utilizando estatística descritiva, encontramos que, dos 100 homens e das 100 mulheres participantes desta pesquisa (N=200), 86% deles avaliaram como satisfatórios seus relacionamentos conjugais, cuja duração média foi 12,62 anos, a maioria oriundos da classe média, segundo a escala Hollinshead, utilizada para avaliar o status socioeconômico dos participantes. A média de idade dos homens em 39,9 anos e das mulheres de 37,08. Os homens tiveram, em média, rendas ligeiramente mais altas que suas esposas e estas por sua vez tiveram, em média, seus níveis de escolaridade ligeiramente maior que os de seus maridos, concentradas na graduação e pós-graduação, enquanto que eles concentrados no ensino médio e técnico. Estas diferenças encontradas nas características sociodemográficas entre os sexos estão de acordo com os pressupostos teóricos da Psicologia Evolucionista relacionados às preferências na seleção de parceiros para homens e mulheres. O ciúme estaria influenciando fortemente o comportamento amoroso de homens e mulheres paraenses. Diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos foram bastante diluídas entre os fatores e não afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento. Ainda que milhares de anos tenham decorrido entre a seleção dos mecanismos psicológicos como o do amor, do ciúme e do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/conjugal, estes mecanismos continuam proporcionando adaptabilidade aos homininéos na contemporaneidade, especialmente na manutenção de parcerias amorosas.

Palavras-chave: satisfação conjugal, mecanismos psicológicos, psicologia evolucionista

BIO

AVALIAÇÃO DO VIÉS DE ATENÇÃO PARA PISTAS ASSOCIADAS AO COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE CRACK. *Silvia Mendes da Cunha**, Raul Gonçalves*, Augusto Pires**, Renata Brasil Araujo e Lisiane Bizarro (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento; Instituto de Psicologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, RS).*

Dependentes químicos apresentam viés de atenção (VA) para pistas ambientais relacionadas à sua substância de escolha. Pistas ambientais são objetos ou parafernália associada ao consumo. O VA é a tendência a alocar a atenção para alguns estímulos do meio em detrimento de outros. A avaliação do VA pode ser utilizada como um marcador da severidade da dependência e risco de recaídas. Por isso, o objetivo principal deste estudo foi avaliar o VA de dependentes de crack em tratamento. Adaptou-se uma tarefa computadorizada já utilizada para avaliar o VA em fumantes e em alcoolistas em nosso laboratório para desenvolver a primeira Tarefa de Atenção Visual Crack (TAVC). Na TAVC, uma seta é apresentada à esquerda ou à direita do campo visual numa tela de computador, e os participantes são instruídos a pressionar o botão do teclado que corresponde à direção apontada pela seta (para cima ou para baixo). Antes da seta aparecer, ela é encoberta durante 50, 500 ou 2000ms (tempos de exposição) por um par de imagens (uma imagem crack relacionada e uma controle) aleatoriamente selecionado dentre 12 pares. O VA foi calculado subtraindo-se o tempo de reação à apresentação da flecha quando esta substituía as imagens crack do tempo de reação quando ela substituía as controle. A TAVC foi aplicada a 115 homens maiores de 18 anos, classificados nos grupos Experimental (participantes em tratamento modalidade internação para dependência de crack; n=60), Controle I (participantes em tratamento modalidade internação para dependência de álcool; n=29) e Controle II (participantes não abusadores ou dependentes de nenhuma substância; n=26). Além disso, os participantes avaliaram a relevância e agradabilidade das imagens. A vontade de consumir crack foi avaliada antes e após a execução da tarefa. Não foi encontrada diferença quanto ao VA entre os grupos, entre os tempos de exposição ou na interação destes fatores. Os grupos Experimental e Controle I apresentaram tempo de reação maior ($p<0,001$). Os participantes do Grupo Experimental atribuíram maior relevância às imagens associadas ao comportamento de consumir a droga em comparação aos grupos-controle ($p<0,05$), sugerindo que as imagens são adequadas para avaliar o VA para tais pistas. Quanto à agradabilidade, ambos os tipos de imagens (crack e controle) foram avaliadas negativamente por todos os grupos. Não houve diferença na vontade de consumir crack antes e depois da TAVC em nenhum dos grupos. As imagens parecem adequadas quanto à relevância e a ausência de diferença no viés entre os grupos pode dever-se a uma dificuldade em responder à tarefa entre os participantes em tratamento.

Viés de atenção, crack, Tarefa de Atenção Visual Crack

bolsa doutorado CAPES

BIO

CONSCIÊNCIA DE SI E A DOENÇA DE ALZHEIMER: UM ESTUDO TEÓRICO. *Mariana da Silva Amorim* e Mariane Lima de Souza (Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)*

Este estudo teve como objetivo uma revisão da produção científica acerca da consciência de si (self) e sua relação com aspectos psicológicos da sintomatologia e evolução da Demência de Alzheimer (DA) nos últimos seis anos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se como fonte artigos de periódicos acessíveis através de bases de dados nacionais e internacionais, entre os anos 2006 e 2011. Inicialmente, foram pesquisados artigos em português e inglês a partir dos descritores 'consciência de si', 'percepção de si', 'self-consciousness', 'self-perception', 'self' e 'Alzheimer'. Em seguida, nova triagem com foco na temática dos resumos, compôs a amostra final de sete artigos, incluídos somente aqueles que combinaram 'Alzheimer' com pelo menos um dos temas referidos pelos quatro primeiros descritores. Os dados coletados foram analisados quantitativamente (distribuição numérica das publicações por ano, periódico, área de conhecimento em que o estudo se concentrou e instituição de pesquisa a que os autores eram vinculados), bem como qualitativamente, focalizando os principais achados apontados nos estudos e suas consequências para o entendimento da relação entre self e DA. Os resultados apontaram um número pequeno (N=07) de estudos publicados no período. Os artigos concentraram-se em três áreas de conhecimento: psicologia (n=2), psiquiatria (n=3) e neurologia (n=3). Os pesquisadores eram vinculados a diferentes instituições, distribuídas por quatro países, incluindo o Brasil, em quatro continentes. A análise qualitativa dos artigos sugere que os pesquisadores estão atentos ao impacto de variáveis psicológicas no desenvolvimento da DA e na qualidade de vida do indivíduo portador de demência. Os principais achados apontam para uma ruptura do self que impossibilita a percepção de pertença única no mundo, destacando como principal sintoma a anosognosia, isto é, a incapacidade de ter consciência de si. Somado a isso, o grau de consciência do portador de Alzheimer de sua doença aparece como determinante no surgimento de sintomas secundários como depressão e apatia. Embora tais sintomas secundários possam ser amenizados por fármacos cada vez mais especializados, o sofrimento gerado por uma agravante crise de identidade derivada da progressiva perda da consciência de si escapa ao tratamento. Conclui-se que, apesar de ainda escassos, os estudos sobre a consciência de si na DA são fundamentais tanto para a melhor compreensão do fenômeno self, quanto para um entendimento mais preciso do impacto psicológico da doença no próprio paciente.

Palavras-chaves: consciência de si, percepção de si, Alzheimer.

Nível: Iniciação Científica – IC- (Trabalho de Graduação).

BIO

DIFERENÇAS SEXUAIS NA PREFERÊNCIA DE CORES: CONSTRUÇÃO SOCIAL OU MECANISMOS EVOLUTIVAMENTE SELECIONADOS? *Cláudia de Moraes Bandeira**, Jean Carlos Natividade**, Heitor Barcellos Ferreira Fernandes*,Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Os estudos na área da psicologia sobre as cores sugerem haver um componente transcultural nos padrões de preferência por determinadas cores. Entre esses padrões, podem-se apontar diferenças entre os sexos, tais que homens preferem azul ou verde com maior frequência que as mulheres. Elas, por sua vez, preferem roxo, vermelho e rosa com maior frequência que os homens. Esses padrões não foram suficientemente explorados no Brasil. Diante disso, elaborou-se este estudo com o objetivo de testar a replicabilidade das diferenças entre sexo na preferência por cores. Participaram 349 pessoas com média de idade de 28,4 anos, sendo 65,3% mulheres. A escolaridade variou de ensino médio completo a ensino de pós-graduação completo, sendo a maioria de ensino superior incompleto. Foi utilizado um questionário em plataforma on-line com perguntas sociodemográficas, um quadro com nove cores (baseado no Teste das Cores de Lüscher, com a inclusão do branco), escalas de seis pontos para atribuição do grau de apreciação de cada cor e uma questão solicitando a escolha de apenas uma cor como a preferida. A partir das médias da escala de apreciação das cores, realizou-se uma ANOVA e verificou-se que as cores foram diferentemente apreciadas pelos participantes em geral. O preto, branco, azul e verde foram as cores que tiveram a maior média de apreciação; já o marrom obteve a menor média. Testes qui-quadrado permitiram constatar que a distribuição de preferência das cores não foi aleatória para os participantes em geral. O verde foi escolhido por um maior número de participantes e o cinza foi menos frequentemente escolhido. Quanto às diferenças entre os sexos, foram realizados testes t de Student e verificou-se que duas cores mostraram diferenças nas médias de apreciação: o azul foi mais apreciado por homens, enquanto o roxo foi mais apreciado por mulheres. Em relação à escolha das cores preferidas, verificou-se associação entre o sexo e duas cores: o azul foi escolhido por um número maior de homens enquanto o roxo foi escolhido por um número maior de mulheres. Os resultados obtidos neste estudo a partir duas fontes diferentes de informação (apreciação e escolha de cor preferida) sustentam os achados encontrados em outras culturas sobre diferenças sexuais em relação à preferência por cores. Hipóteses evolucionistas sugerem que a distinção entre preferência por cores foi selecionado em função das características biológicas de ambos os sexos, bem como das atividades desenvolvidas por homens e mulheres no ambiente de adaptação evolucionário. Pode-se concluir que o estudo replicou os achados em outras culturas quanto à preferência por cores entre homens e mulheres, apontando para padrões de preferência comuns aos sexos que reforçam hipóteses evolucionistas.

Cor; diferenças sexuais; preferência por cores

CAPES, CNPq

BIO

DIFERENÇAS SEXUAIS NAS RESPOSTAS A CENÁRIOS IMAGINÁRIOS DE INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL. *Vinicius Santos Ferreira** (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF), Rafael de Melo Balaniuk* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Vitor Gomes Rodrigues* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Foi verificado na literatura que homens e mulheres reagem diferencialmente a sinais de infidelidade sexual e emocional de seus parceiros. Psicólogos evolucionistas propõem que isso aconteceria devido aos distintos problemas evolucionários enfrentados por cada um dos sexos. Devido à incerteza de paternidade, problema comum a machos de diferentes espécies de mamíferos, homens teriam mecanismos de ciúme mais afetados por sinais de infidelidade sexual. No caso das mulheres a ajuda de um parceiro seria muito vantajosa já que ela necessita de uma grande quantidade de recursos devido a gestação, amamentação e cuidado parental; isso as tornariam mais reativas a sinais de infidelidade emocional, devido ao risco de perder os recursos investidos por seu parceiro para uma rival. Essa hipótese vem sendo amplamente testada através dos chamados "Dilemas de Buss". Cada um destes é composto por um par de cenários imaginários (um de infidelidade sexual e outro de emocional) que deve ser respondido por uma escala de escolha forçada indicando qual dos dois cenários é mais perturbador. Esse estudo verificou a hipótese evolucionista através dos "Dilemas de Buss" pela primeira vez em uma amostra da cidade de Brasília. A amostra foi composta por 51 estudantes universitários (25 homens e 26 mulheres), com média de idade de 23,12 anos, sendo que 61% estão atualmente envolvidos em uma relação romântica. Foram aplicados dois dos Dilemas de Buss em forma de questionário. Ambos foram precedidos pela seguinte introdução "Por favor, pense em uma relação de envolvimento romântico séria que você teve no passado, tem agora ou que você gostaria de ter. Imagine que você descobre que a pessoa com a qual você esta seriamente envolvida torna-se interessada em outra pessoa. O que te perturbaria ou incomodaria mais? (Por favor circule apenas uma alternativa para cada um dos dois dilemas).". O primeiro dilema foi composto pelos seguintes cenários (a) "Imagine o seu parceiro formando um profundo vínculo emocional com essa outra pessoa" e (b) "Imagine seu parceiro desfrutando de uma ardente relação sexual com essa outra pessoa". O dilema dois foi composto pelos cenários (a) "Imagine seu parceiro tentando diferentes posições sexuais com essa outra pessoa" e (b) "Imagine seu parceiro se apaixonando por essa outra pessoa". No primeiro cenário observou-se que 64% dos homens contra 7,7% das mulheres elegeram a infidelidade sexual como mais perturbadora; essa diferença foi estatisticamente significativa x^2 (1) = 17,69, (p = 0,000). No segundo cenário o mesmo se repetiu com 52% dos homens contra 7,7% das mulheres x^2 (1) = 12,05, (p = 0,001). Lembrando que o cálculo da infidelidade emocional é a porcentagem oposta a sexual, portanto mulheres foram mais suscetíveis a sinais de infidelidade emocional do que os homens. Conclui-se que a hipótese evolucionista foi apoiada e que a obtenção desses resultados em uma nova amostra depõe a favor da universalidade das diferenças sexuais na ativação do ciúme.

Ciúme, diferenças sexuais, Infidelidade sexual e emocional

Bolsa de mestrado CAPES.

BIO

EFEITO DE DIFERENTES MAGNITUDES DE REFORÇO SOBRE O EFEITO DE OMISSÃO. *Danielle Marcilio Judice-Daher, Henrique Guindaline Deliberato, José Lino Oliveira Bueno (Universidade de São Paulo)*

Os Efeitos de Omissão de Reforço (EORs) são caracterizados por taxas de respostas mais altas após a omissão do reforço (N) do que após a liberação do reforço (R). Esses efeitos têm sido interpretados tradicionalmente em termos de um dentre dois fatores: (1) facilitação comportamental após N induzida por frustração primária; (2) supressão comportamental após R induzida pelo estado pós-consumatório. A abordagem proposta por Amsel e Roussel (1952) para se interpretar os EORs em termos de Efeitos de Frustração prediz que há uma relação positiva entre a facilitação do comportamento após N e a magnitude do reforço: quanto maior a discrepância entre o reforço esperado e o reforço obtido, maior o Efeito de Frustração. Os estudos realizados para analisar esta relação entre magnitude do reforço e efeito de omissão obtiveram resultados contraditórios. Recentemente, os resultados de um estudo empregando esquemas de intervalo-fixo com limited hold e diferentes magnitudes de reforços (0,05 e 0,5 ml de água) sugeriram que a magnitude do reforço continua controlando o comportamento após a omissão do reforço, mas não em um sentido de facilitação comportamental. Tem sido sugerido que qualquer que seja a relação entre os EORs e a magnitude do reforço, ela é sutil e de difícil documentação. Portanto, o presente estudo procura ampliar a compreensão de como magnitudes de reforço atuam sobre os EORs utilizando, para tanto, maiores discrepâncias entre reforços e uma diferença qualitativa em seus estímulos reforçadores. Ratos foram submetidos a um Treino de Aquisição no qual dois esquemas de intervalo-fixo 12s com limited hold 6s sinalizados foram apresentados, aleatoriamente, na mesma sessão. A resposta correta sempre foi seguida da liberação de uma dentre duas magnitudes de reforço (0,05 ou 0,5 ml de solução de sacarina 0,15%). Nas sessões de Teste, foi introduzida a omissão parcial do reforço. Os resultados do Treino de Aquisição sugerem que: (1) o reforço de maior magnitude melhorou a discriminação temporal das respostas no decorrer do intervalo-fixo em relação ao reforço de menor magnitude; e (2) que o estímulo exteroceptivo evocou propriedades antecipatórias as quais se associaram as duas magnitudes de reforço. Os dados das sessões de Teste mostraram que tanto a omissão do reforço de maior magnitude quanto do reforço de menor magnitude produziu os EORs, pois a média de resposta foi mais alta após a omissão do reforço do que após a liberação deste. Além disso, os dados mostraram que a média de resposta foi mais alta após a omissão do reforço de maior magnitude que de menor magnitude. Porém, não houve facilitação comportamental após a omissão do reforço, seja o de maior ou o de menor magnitude. Estes resultados apoiam a sugestão de que a magnitude do reforço continua controlando o comportamento após a omissão do reforço, mas não em um sentido de facilitação comportamental.

Efeitos de omissão do reforço, magnitude do reforço, condicionamento operante, ratos

CNPq

BIO

NEUROPSICOLOGIA NO HOSPITAL GERAL DE RORAIMA. *Soraya Ivon Ramirez Moreno, Erlândio Andrade de Sousa* (UFRR, Boa Vista, Roraima)*

A Neuropsicologia é uma ciência que se interessa em estabelecer relações entre o funcionamento do sistema nervoso central, processos cognitivos e comportamento, levando em consideração fatores qualitativos e quantitativos. Assim ela se faz relevante em estudos, como auxílio diagnóstico, prognóstico, orientação para o tratamento, auxílio para planejamento da reabilitação, seleção de pacientes para técnicas especiais e perícia. Com isso, o objetivo deste trabalho foi levantar dados acerca da existência (ou não) do serviço de neuropsicologia em um dos principais centros de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) de média e alta complexidade em saúde de Boa Vista, o Hospital Geral de Roraima (HGR), em caso de resposta negativa, vislumbrar os empecilhos e facilitadores quanto à possibilidade de uma futura implantação de um Serviço de Neuropsicologia no HGR, além de conhecer, a partir das falas dos sujeitos entrevistados, as principais demandas passíveis de atendimento neuropsicológico. Para tanto, foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com seis profissionais vinculados ao HGR, sendo três psicólogas, dois neurologistas e um neurocirurgião, Obtivemos como resultados aspectos que foram considerados como empecilhos: a) a pouca interdisciplinaridade nos atendimentos; b) o fato de os psicólogos não frequentarem as reuniões clínicas; c) questões infraestruturais, como disposição de uma sala adequada para guardar matérias de avaliação, desde formulários específicos a testes padronizados, além da aquisição destes mesmos materiais; d) escassez de recursos humanos, tanto de profissionais psicólogos e neuropsicólogos quanto neurologistas e neurocirurgiões; e) a inexistência de um vínculo, entre as Instituições de Ensino Superior (IES) locais que oferecem o curso de Psicologia ou uma especialização em Neuropsicologia, que favoreça a implantação de um possível Serviço; e f) a incipiente realização de trabalhos interdisciplinares no âmbito acadêmico local. Entenderam-se como facilitadores: a) a existência de profissionais especializados; e b) a visão positiva por parte de todos os entrevistados quanto a uma futura implantação do Serviço. Por fim, considera-se interessante a possibilidade de, em trabalhos futuros, verificar a realidade *in loco* de serviços de Neuropsicologia já implantados em outros Estados do país, a fim de se coletar materiais relevantes à montagem de um projeto fundamentado para a implantação desse serviço. Destaca-se que houve grande dificuldade em encontrar, em periódicos eletrônicos, informações advindas destes centros especificamente sobre a implantação e funcionamento de seus serviços de Neuropsicologia.

Apoio financeiro UFRR

Palavras Chave: Neuropsicologia –hospital – implantação.

IC

BIO- Neurociências

EFEITOS DA EXPOSIÇÃO AO ETANOL NA ADOLESCÊNCIA SOBRE A ANSIEDADE E A EXPOSIÇÃO AO RISCO EM RATOS WISTAR. *Letícia Scheidt**, Augusto Pires**, Jonatas A. F. Passos**, Lisiane Bizarro, Rosa M. M. de Almeida (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Introdução: A adolescência é uma importante etapa do neurodesenvolvimento do córtex pré-frontal. Comportamentos impulsivos e de risco, de responsabilidade do córtex pré-frontal, muitas vezes relacionados a uma intensa busca por reforçadores imediatos, apresentam importante prevalência nesta etapa do ciclo vital em virtude dessa imaturidade do sistema executivo. Desta forma, os adolescentes tendem a não avaliar seus comportamentos que podem acarretar em consequências negativas em determinados contextos, como implicações para o uso de álcool e outras substâncias. O consumo de bebidas alcoólicas em padrões intermitentes, denominados binge, é comum durante a adolescência. O uso de álcool pode ocasionar alterações neurológicas e comportamentais permanentes durante a adultez. Objetivo: Avaliar os efeitos da exposição ao álcool durante a adolescência, em episódios binge, sobre a ansiedade e comportamentos de risco de ratos Wistar. Método: Quarenta ratos machos Wistar foram distribuídos em três grupos, com administração de etanol por gavagem, sendo o grupo A30 com dose 3.0g/kg (15% w/v em água, 2ml/100g), o grupo A10 com 1.0g/kg (10% w/v em água, 1ml/100g) e o grupo controle, com água (alternando volumes de 1 ou 2ml/kg). Na ocasião da primeira administração, aos 30 dias, os ratos pesavam em média 90g. No total, nove administrações foram realizadas. No 64° dia pós-natal, portanto ainda na adolescência, os animais foram testados no Labirinto em Cruz Elevado. Os comportamentos foram filmados e os parâmetros avaliados pela análise das imagens gravadas. Foram analisadas a freqüência e a duração de entradas nos braços abertos e fechados e área central; e a freqüência e a duração de levantamentos (rearing), mergulhos (head dipping) e ato de espreitar (risk assessment). Resultados: A latência para head dipping, relacionado a comportamentos de risco apresentou importante significância (F= 3,42; p=0,43). Sujeitos dos grupos A10 e A30 apresentaram média de tempo de aproximadamente 42 e 43 segundos a menos do que os controles. A latência para risk assessment apresentou uma tendência a significância (F=2,82; p=0,69). O grupo Controle apresentou média 29,8s, enquanto os grupos A10 e A30 apresentaram 17,8s e 20,2s, respectivamente. As outras variáveis relacionadas a ansiedade (latência, freqüência e permanência nos braços abertos e fechados) não apresentaram significância estatística. Discussão: O head dipping no labirinto em cruz elevado é normalmente associado com comportamento de risco, portanto pode-se observar que os animais que tiveram administração de doses de álcool levaram menos tempo para dar início aos mergulhos nos braços abertos (latência), podendo indicar tendência a maior exposição a risco.

Etanol, ansiedade, adolescência

BIO

ENSAIO CONTROLADO RANDOMIZADO PARA AVALIAR O EFEITO DE UM TREINO DE SEIS SEMANAS DE MEDITAÇÃO NO VIÉS DE RESPOSTA EM UMA TAREFA DE DISCRIMINAÇÃO. *Carolina Baptista Menezes** (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Mirtes G. Pereira (Laboratório de Neurofisiologia do Comportamento, Instituto Biomédico, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ), Lisiane Bizarro (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A meditação sentada e silenciosa da atenção focada compreende a focalização voluntária e sustentada da atenção em um determinado objeto (p.ex., um som), com o objetivo de desenvolver habilidades de regulação atencional e emocional. Apesar de a meditação se distinguir do simples treino cognitivo, uma vez que a prática não deve envolver esforço, tampouco gerar fadiga, estudos têm apontado uma relação significativa entre a meditação e uma melhor performance atencional em tarefas que exigem controle executivo. No entanto, a maioria dos estudos investigou intervenções de dois e três meses; a meditação do tipo mindfulness; e às vezes combinando a meditação formal com outras técnicas. O objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito de um treino exclusivamente de meditação sentada e silenciosa da atenção focada em parâmetros atencionais através de uma tarefa de discriminação, comparando os índices de discriminação e viés de resposta antes e depois do treino. Estudantes universitários foram randomizados ao grupo de meditação (N=35), de relaxamento progressivo (N=37), ou lista de espera (N=28). 120 imagens neutras e 120 emocionais - negativas e ativadoras - (9º x 12º), flanqueadas por duas barras periféricas (0.3º x 0.3º), equidistantes do centro da figura (9º), foram igualmente e randomicamente distribuídas e apresentadas em três blocos, um com baixa carga de atenção (B) e dois com alta carga (A). Os participantes indicavam se as barras estavam paralelas, ou não, pressionado um de dois botões. Nas condições B e A, respectivamente, as barras diferiam 90º e 6º em metade das tentativas. Cada tentativa começava com uma cruz de fixação (1500ms), seguida por uma figura com barras (200ms). A seguir, um quadro de xadrez permanecia na tela até a resposta ou por 2000ms. ANOVAs mostraram que não houve diferença na discriminação comparando os grupos (meditação=26; relaxamento=24; controle=24) pré e pós teste; apenas a dificuldade da tarefa afetou a discriminação, a qual foi pior para a condição de alta carga [$F(1,68) = 739.8$, $p < .001$; B > A]. O viés de resposta também foi afetado pela carga [$F(1,68) = 81.2$, $p < .001$; B < A]. Além disso, houve uma interação significativa entre carga x tempo x grupo [$F(2,68) = 4.02$, $p = .02$]: a meditação (M = .58, SE =.36) e o relaxamento (M = .65, SE =.36) apresentaram uma redução no viés de resposta em relação ao controle (M = .69, SE =.37), mas apenas depois do treino na condição de alta carga ($p < 0.05$). Também observou-se no pós-teste um efeito significativo de dose-resposta no viés de resposta, o qual foi menor na meditação, aumentando linearmente no relaxamento e no controle ($p= 0.02$). A redução do viés de resposta sugere que os participantes que fizeram meditação e relaxamento buscaram responder à demanda da tarefa conforme solicitado, ao invés de priorizar uma estratégia ou uma resposta automatizada, indicando que houve um maior controle executivo para guiar o comportamento orientado a um objetivo. A meditação mostrou o menor viés, consistente com achados prévios relacionando este tipo de treino com processos atencionais e de monitoramento.

Meditação da atenção focada, controle executivo, viés de resposta

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

BIO

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

FATORES QUE INFLUENCIAM A NEOFOBIA ALIMENTAR EM ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO. *Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN), Ivanise Augusta de Farias Luna Sandes*, Raí Nabichedí*, Suzanne Raissa Salvador Fernandes*, Diana Quitéria Cabral Ferreira (Curso de Nutrição, Universidade Potiguar)*

A diversidade da dieta dos seres humanos é surpreendente, conferindo vantagens adaptativas, mas proporcionando a complexa tarefa de decidir o que devemos comer. No entanto, apesar de ser onívoro, o ser humano, não apresenta uma tendência a consumir qualquer item desconhecido que encontre. A neofobia alimentar caracteriza-se pela relutância em experimentar alimentos novos ou mesmo cautela quanto à ingestão de alimentos desconhecidos. Indivíduos adultos apresentam enorme variação no grau de neofobia alimentar. Existem diversos fatores que podem estar envolvidos na expressão desse comportamento, como a idade, escolaridade, sexo e renda, entre outros. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi identificar o grau de neofobia alimentar entre estudantes de Nutrição e avaliar a influência de fatores sociodemográficos na resposta ao comportamento neofóbico. Participaram da pesquisa 178 indivíduos adultos (idade média = 25,7±5,5), de ambos os sexos, sendo 94,4% do sexo feminino, estudantes do curso de graduação em Nutrição da Universidade Potiguar, Natal-RN. Os participantes responderam, de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE, a uma versão traduzida da Escala de Neofobia Alimentar (ENA - Pliner & Hobden, 1992). Os dados de escolaridade, poder aquisitivo, estado civil, idade e sexo foram coletados com um questionário sociodemográfico. Para análise dos dados foi utilizado o teste t de Student e o nível de significância adotado foi de 5%. Os indivíduos que possuíam outro curso superior completo apresentaram menor neofobia alimentar quando comparados com os que possuíam curso superior incompleto ($t(173) = -2,274$; $p=0,024$). Na comparação com base nas classes sociais (ABEP, 2012), os estudantes pertencentes às classes A e B apresentaram menores escores na ENA do que os estudantes das classes C e D ($t(173) = -2,761$; $p = 0,006$). Para os demais parâmetros não foram observadas diferenças significativas. Esses achados corroboram com outros estudos que mostram que o grau de escolaridade e o poder aquisitivo possuem uma relação inversamente proporcional ao comportamento neofóbico. Estudos apontam um maior escore na escala de neofobia alimentar para as mulheres, mas no presente trabalho deve-se considerar que uma das limitações foi o número reduzido de participantes do sexo masculino na amostra estudada, o que é uma característica comum nos cursos de Nutrição. A identificação de neofobia alimentar e a compreensão dos fatores que a influenciam é de extrema importância para que possa ser trabalhada a fim de atenuar esse comportamento neofóbico, principalmente naqueles profissionais que irão trabalhar com a alimentação da população e a prescrição dietética como principal ferramenta.

Neofobia alimentar, nutrição, perspectiva evolucionista

UFRN, APEC/UnP

BIO

FIGURAÇÃO HUMANA EM PINTURAS ABSTRATAS CUBISTAS E A PERCEPÇÃO SUBJETIVA DE TEMPO. *Francisco Carlos Nather, Paola Alarcon Monteiro Fernandes, José Lino Oliveira Bueno (Universidade de São Paulo)*

A percepção subjetiva de tempo pode ser afetada pelas características pictóricas de obras de arte, sendo uma delas a representação de movimento. A representação de movimento em pinturas abstratas e figurativas pode ser feita de diferentes maneiras, levando-se em consideração critérios de representação de movimento em obras de arte estáticas. Superestimações temporais, relacionadas a maiores níveis de arousal, foram obtidas quando pessoas observaram obras de arte bidimensionais com figuração humana de movimentos corporais com durações de 1,5 s de exposição. O presente estudo verificou se pinturas abstratas com diferentes tipos de representação de movimento afetariam a percepção subjetiva do tempo, se apresentadas por 3,0 s de exposição. Participaram do estudo 15 estudantes universitários não treinados em artes visuais (8 homens; 20,26 ± 2,12 anos). Para a realização do experimento foram utilizados: um notebook conectado a um monitor LG 19'; o programa Wave Surfer para exibição das imagens, e registro das estimações temporais e registro do tempo de latência; reproduções digitais de 20 pinturas dos movimentos artísticos: futurismo, cubismo, expressionismo abstrato, dentre outros. As estimações temporais foram realizadas de acordo com o paradigma prospectivo no método da reprodução. As pinturas foram apresentadas de forma aleatória pelo tempo de exposição de 3,0 s cada. Ao término da apresentação de cada uma, o participante estimou a sua duração. Em seguida, foram aplicadas as Escalas de Diferencial Semântico para avaliar as locuções Movimento, Arousal e Valência das pinturas (1-7 pontos). Os dados foram submetidos a análises de variância One Way (ANOVA) e de t-Student. Não foram verificadas diferenças nos valores médios das estimações temporais entre as 20 pinturas. Entretanto, houve diferença significativa para o tempo de latência: o valor médio desta variável para a pintura simbolizando uma pessoa descendo uma escada (cubista) foi maior que o das outras 4 pinturas deste e dos outros movimentos artísticos estudados (futurismo e expressionismo). Análises considerando apenas as 5 pinturas cubistas mostraram diferenças significativas para todas variáveis: estimação temporal, latência, percepção de movimento e níveis de arousal. A pintura simbolizando a pessoa descendo a escada foi julgada como tendo mais movimento e produzindo maior nível arousal que as demais. Ela foi estimada com maior duração que as pinturas abstratas simbolizando uma pessoa tocando uma guitarra. Além disso, quando comparadas com a duração real de 3,0 s de exposição, a pintura da pessoa descendo a escada foi superestimada, mas as pinturas de pessoas tocando uma guitarra foram subestimadas. Os resultados corroboram com estudos anteriores no enunciado de que o movimento representado numa obra de arte pode afetar a percepção subjetiva de tempo. Neste sentido, diferentes movimentos implícitos em obras de arte figurativas e abstratas podem ser suficientes para alterar a percepção de tempo.

Tempo subjetivo, imagens estáticas, movimento, pinturas

PIBIC/Santander, CNPq e FAPESP

BIO

FREQÜÊNCIA DE HISTÓRICO FAMILIAR DE TENTATIVA DE SUICÍDIO EM PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR. *Carolina Soraggi Frez*, Cristina Yumi N. Sediyama**, Isabela M. Lima**, Fabrícia Loschiavo-Alvares**, Fernando Neves, Humberto Corrêa, Leandro Malloy-Diniz (Laboratório de Investigações Neuropsicológicas, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Medicina Molecular, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais).*

Introdução: O Transtorno Afetivo Bipolar é caracterizado por uma alta prevalência de tentativa de suicídio, sendo que aproximadamente 25% dos pacientes apresentam comportamento suicida. Um dos fatores associados ao suicídio é o controle genético, portanto, a transmissão familiar é independente da transmissão de doenças psiquiátricas em si. O Transtorno Afetivo Bipolar apresenta um risco maior de comportamento suicida quando comparados com outros transtornos psiquiátricos. As taxas de suicídio em pacientes bipolares são em média 1% ao ano, cerca de 60 vezes a taxa de população internacional. Objetivo: O presente estudo tem como objetivo investigar a freqüência da medida de histórico familiar de tentativa de suicídio em pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar e controles, e comparar a prevalência desse construto em cada grupo. Método: A amostra contou com um total de 160 pacientes em eutimia, diagnosticados através do MINI Plus por psiquiatras do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo que 80 pacientes,com média de idade de 42,76 anos (dp=11,2), foram diagnosticados com Transtorno Afetivo Bipolar, sendo 57 pessoas do sexo feminino. O grupo controle contou com 80 sujeitos, com média de idade de 31,11 anos, sendo 57 pessoas do sexo feminino. Os pacientes foram entrevistados com protocolo específico para a verificação da presença de histórico familiar de tentativa de suicídio em cada grupo. Resultados: Em relação à análise estatística, optou-se por uma análise preliminar descritiva de frequência entre os grupos. Nesse sentido, o grupo de pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar apresentou 52.5% de histórico familiar de tentativa de suicídio e o grupo controle não apresentou histórico familiar de tentativa de suicídio. Conclusão: A literatura aponta para uma maior prevalência de histórico familiar de tentativa de suicídio no grupo de pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar, quando comparado com os controles. Ressalta-se a importância desses achados, não só como preditores do comportamento suicida, mas também como indicadores de medidas profiláticas para a abordagem terapêutica do suicídio.

Suicídio, Transtorno Afetivo Bipolar e familiares

BIO

INCIDENCIA DE INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL EM UNIVERSITÁRIOS GOIÂNOS. *Vinicius Santos Ferreira**, Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Diversos estudos têm demonstrado que existe uma incidência muito alta de sexo extraconjugal entre homens e mulheres casados. Uma possibilidade teórica que vem ganhando força em pesquisas evolucionistas é a divisão da infidelidade em sexual e emocional. Homens mais do que as mulheres estariam dispostos a se engajar em sexo casual com terceiros, enquanto as mulheres, em comparação aos homens, tenderiam a buscar um envolvimento afetivo com terceiros. Poucos estudos têm investigado a prevalência na população e as diferenças sexuais desses aspectos da infidelidade. Esse estudo verificou a incidência de infidelidade sexual e emocional, nas duas vias possíveis, trair e ser traído e suas relações com variáveis de história de vida. Os resultados em universitários podem ser diferentes dos encontrados em pessoas casadas, já que as relações são menos sérias e houve menos tempo hábil para trair devido a pequena média de idade. A amostra foi composta por 302 estudantes universitários (133 homens e 169 mulheres), com média de idade de 21,08 anos. Foram excluídos dessa amostra os participantes com mais de 30 anos, que nunca fizeram sexo ou que nunca estiveram envolvidos em uma relação romântica. Os dados desse estudo foram obtidos por um questionário fechado de um estudo mais amplo sobre ciúme e traição. Todas as recomendações éticas foram seguidas. Nesse estudo foi encontrado que 55,5% dos homens e 48,3% das mulheres já traíram seus parceiros em algum momento da sua vida. Homens tiveram uma tendência maior a trair com sexo (58,2% dos que traíram), enquanto as mulheres tenderam a trair sem sexo (78,9% das que traíram). 65% dos homens e 72% das mulheres que já traíram relataram que pelo menos 2 de seus 3 amigos mais próximos já foram infiéis em um relacionamento; essa tendência a trair mais quando a maior parte de seus amigos próximos já traíram foi estatisticamente significativa para homens x^2 (1) = 6,93, p = 0,007 e mulheres x^2 (1) = 18,65, p < 0,001. Em relação a ter sido traído, 68% das mulheres souberam ou desconfiaram que foram traídas emocionalmente e 56,2% sexualmente. Mulheres relataram com maior freqüência que foram traídas emocionalmente quando a maior parte de seus amigos mais próximos traíam, x^2 (1) = 5,29, p = 0,032. No caso dos homens de 51,9% souberam ou desconfiaram de uma infidelidade emocional e 18,8% de uma sexual. Os homens que souberam ou desconfiaram de uma infidelidade sexual de seus pais foram mais propensos a inferir que foram traídos sexualmente, x^2 (1) = 4,06 (p = 0,038) e emocionalmente, x^2 (1) = 3,91, p = 0,036. Os resultados mostram uma surpreendente incidência de infidelidade sexual e emocional em universitários homens e mulheres, ainda mais se levarmos em conta a baixa média de idade dos participantes. Parece haver uma tendência a homens traírem mais sexualmente e mulheres sem sexo como predito pela hipótese evolucionista. Variáveis históricas e sociais relacionadas a influências de amigos e dos pais parecem modular a infidelidade ou a percepção desta.

Incidência, infidelidade sexual e emocional, diferenças sexuais

Bolsa de mestrado CAPES

BIO

O AMOR TRAZ FELICIDADE? DIFERENÇAS SEXUAIS NAS RELAÇÕES ENTRE O AMOR E O BEM-ESTAR SUBJETIVO. *Heitor Barcellos Ferreira Fernandes*, Jean Carlos Natividade**, Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Frequentemente especula-se a importância do amor enquanto um componente indispensável para a felicidade. Um modelo bem estabelecido (o Modelo Triangular do Amor de Sternberg) propõe que o amor é formado por três dimensões: intimidade (o sentimento de proximidade e conexão com o parceiro), compromisso (a vontade e a disposição para manter o relacionamento por um longo período), e paixão (a atração física e sexual pelo parceiro). Ainda que seja bastante discutida a importância do amor para a felicidade, as investigações a respeito dos efeitos do amor sobre o bem-estar subjetivo são escassas. O objetivo deste estudo foi verificar o poder das três dimensões do amor para predizer a satisfação de vida, afetos positivos e afetos negativos. Foram participantes 278 mulheres e 91 homens; a média de idade foi respectivamente 27,8 e 28,4 anos, sem diferenças significativas entre os sexos. Além disso, não foram encontradas associações entre o sexo dos participantes e o estado marital. Estavam namorando ou noivos 51,2%, 37,1% estavam casados, e 11,7% estavam envolvidos em relacionamento casual. Todos responderam um questionário online contendo questões sociodemográficas (sobre sexo, idade, escolaridade, estado marital, frequência de relações sexuais no último mês), uma escala de satisfação geral com o relacionamento, uma escala de satisfação com a frequência de relações sexuais, além de versões brasileiras da Escala Triangular do Amor, da Escala de Satisfação de Vida, e da Escala de Afetos Positivos e Negativos. Três análises de regressão foram realizadas para cada sexo: uma para satisfação de vida, uma para afetos positivos e uma para afetos negativos. Em todas as análises, foram incluídos como preditoras: frequência de relações sexuais no último mês, satisfação com a frequência de relações sexuais, satisfação com o relacionamento, e as três dimensões do amor. A variável satisfação com o relacionamento predisse positivamente a satisfação de vida, tanto para mulheres quanto para homens, explicando respectivamente 13,8% e 11,3% da variância. A variância explicada para o afeto positivo nos modelos para mulheres e para homens foi 15,8% e 24,6%. As variáveis preditoras desse afeto foram diferentes para os sexos: para ambos a satisfação com o relacionamento e paixão foram preditoras positivas; entretanto para mulheres a frequência sexual entrou como preditora positiva e, para homens, o compromisso entrou como preditora negativa. No modelo para afeto negativo a variância explicada para mulheres foi 7,4%, enquanto para homens foi 18,8%. Diferenças sexuais também foram encontradas nesse afeto: para ambos os sexos a satisfação com o relacionamento foi um preditor negativo, entretanto no modelo para homens o compromisso foi incluído como uma preditora positiva. Os resultados mostraram que a satisfação com o relacionamento foi a variável predominante em todas facetas do bem-estar subjetivo, agindo similarmente nos dois sexos. Os efeitos das três dimensões do amor foram diferentes entre os sexos e não explicaram muito além do já explicado pela satisfação com o relacionamento. Esses achados sugerem que estar em um relacionamento prazeroso, independente dos níveis de amor experienciados, é a mais importante contribuição dos relacionamentos para a felicidade.

Bem-estar subjetivo, amor, psicologia positiva

CNPq, CAPES

BIO

PINTURAS ABSTRATAS DA ARTE ÓPTICA ALTERAM A PERCEPÇÃO DO TEMPO. *Francisco Carlos Nather, Fernando Figueiredo Mecca, José Lino Oliveira Bueno (Universidade de São Paulo)*

Fotografias de esculturas de bailarinas do impressionista Edgar Degas, realizando diferentes passos de balé, alteraram a percepção subjetiva de tempo. Tempos de exposição curtos (1,5 s) e longos (36,0 s) destas imagens mostraram que a intensidade dos movimentos implícitos modulou a percepção temporal, independentemente dos tempos de exposição: imagens com 1,5 a 3,0 pontos de movimento implícito nas imagens foram subestimados, mas com 6,0 pontos foram superestimados. Formas geométricas, como quadrados em movimento numa tela de computador e expostas por cerca de 9,0 s (imagens em movimento), foram estimadas com maior duração que aquelas paradas. O presente estudo procurou verificar se formas geométricas estáticas (linhas justapostas que criam movimento ilusório óptico) poderiam afetar a percepção subjetiva do tempo, se apresentadas com diferentes tempos de exposição (9,0 e 36,0 s). Participaram do estudo 48 estudantes universitários não treinados em artes visuais (23 homens; 23,27 ± 4,07 anos). Para a realização do experimento foram utilizados: um notebook HP-Pavilion conectado a um monitor LG 19'; o programa Wave Surfer para exibição das imagens e registro das estimações temporais; reproduções digitais das pinturas "Chant 2" e "Fall" (Estímulos A e B) da artista plástica inglesa Bridget Riley, representante do movimento artístico Op Art. Respectivamente, juízes pontuaram estas pinturas com 2,0 e 6,0 pontos de intensidade de movimento a partir de uma escala tipo Likert de 1-7 pontos. A imagem da pintura "Diagonal Curve" (5,5 pontos), da mesma autora, foi utilizada para o treinamento do dos participantes no procedimento experimental. No método da reprodução, os indivíduos observaram cada estímulo por 9,0 (Grupo G9) ou 36,0 segundos (grupo G36). Eles reproduziram o tempo observado de acordo com o paradigma prospectivo, no qual eles são informados que farão estimações temporais. Após as estimações temporais, foram aplicadas as Escalas de Referencial Semântico para as locuções Movimento e Complexidade, bem como a respeito de como eles perceberam o movimento das pinturas. Os dados foram submetidos a análises de variância Two Way (ANOVA) e t-Student. No grupo G9 não foi verificada diferença estatística entre os valores médios das estimações temporais dos Estímulos A e B, bem como dos estímulos em relação ao tempo real de exposição das pinturas de 9,0 s. No grupo G36 os Estímulos A e B foram temporalmente diferenciados entre si: o Estímulo B (6,0 pontos de movimento) foi estimado com maior duração em relação ao Estímulo A (menos movimento). Entretanto, ambos não tiveram suas estimações médias significativamente diferentes da duração de exposição fixa de 36,0 s. Os resultados deste estudo confirmaram as informações obtidas em pesquisas anteriores, nas quais imagens de corpos humanos com maior movimento implícito, apresentadas por 36 s, foram estimadas com maior duração que aquelas com menos movimento implícito. A ausência de diferenças nas estimações temporais no grupo G9 pode indicar que processos cognitivos e de percepção de ordens superiores devem estar envolvidos na percepção do tempo e de movimento ilusório óptico nas obras de arte estudadas. Deste modo, 9,0 s podem ter sido curtos para que o efeito da percepção do movimento ilusório de formas geométricas simples, como linhas justapostas, afetasse a percepção temporal dos indivíduos.

Tempo subjetivo, imagens estáticas, movimento

CNPq e FAPESP

BIO

PREVALÊNCIA DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA EM PACIENTES COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR DOS TIPOS I E II.

Juliana Nassau Fernandes (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais), Cristina Yumi Nogueira Sediyama** (Porgrama de Pós Graduação em Medicina Molecular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais), Fabrícia Quintão Loschiavo-Alvares** (Programa de Pós Graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais), Isabela Maria Magalhães Lima** (Porgrama de Pós Graduação em Medicina Molecular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais)*

O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em indivíduos diagnosticados com Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) do tipo I e do tipo II triados no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Estudos anteriores encontraram comorbidade de 7% a 32% de TAG e TAB, mas não há consenso no que se refere à prevalência de TAG em cada tipo de TAB. Pesquisas realizadas com indivíduos com transtornos de ansiedade identificaram prevalência superior do TAB tipo II em relação ao tipo I. Contudo, quando sintomas de ansiedade foram investigados em pessoas com TAB, verificou-se prevalência superior do tipo I em relação ao tipo II no que se refere a esses sintomas. Assim, a literatura evidencia a necessidade de novos estudos que ajudem a esclarecer a prevalência de sintomas de ansiedade nos tipos de TAB. Portanto, esta pesquisa contou com uma amostra total de 112 participantes com idades entre 19 e 68 anos, sendo 75% do sexo feminino. 14,3% tinham o Ensino Fundamental completo, 57,1% o Ensino Médio/técnico completo e 28,6% Ensino Superior completo. A amostra dividiu-se em dois grupos, o primeiro composto por indivíduos com TAB tipo I, e o segundo por participantes diagnosticados com TAB tipo II, e ambos foram pareados por sexo, idade e escolaridade. Para a definição dos diagnósticos, entrevistadores treinados utilizaram o Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI-Plus), Brazilian Version 5.0.0, um instrumento que permite a avaliação de mais de 60 variáveis psiquiátricas, incluindo os transtornos do DSM-IV-TR e risco de suicídio. O MINI-Plus averigua as condições abarcando o passado, o presente e todo o período de vida do indivíduo, e é sensível a quase todos os transtornos do DSM-IV-TR. A partir de então, foi encontrada prevalência de TAG de 41,0% naqueles com diagnóstico de TAB tipo I e de 64,3% nos indivíduos com TAB tipo II. Ao se reunir os grupos em uma única amostra, verificou-se a prevalência de 52,7% de TAG dentre os participantes. De fato, tais resultados são consistentes com pesquisas que avaliaram amostras de participantes com sintomas de ansiedade, conforme mencionado anteriormente, e de modo geral, essa investigação se mostra relevante enquanto evidência que justifica tentativas de compreensão das bases biológicas comuns entre TAG e TAB. A comorbidade desses transtornos, por sua vez, tem sido relacionada à gravidade do quadro e à redução da funcionalidade do indivíduo acometido, bem como a risco de suicídio, de abuso de substâncias e à responsividade ao lítio.

Transtorno Afetivo Bipolar, Transtorno de Ansiedade Generalizada, prevalência

BIO

QUEIXAS DE COMUNICAÇÃO ORAL COM AUDIOMETRIA NORMAL: ESTUDO COMPORTAMENTAL E ELETROFISIOLÓGICO. *Marta Regueira Dias Prestes**, Maria Angela Guimarães Feitosa (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Muitos indivíduos que apresentam em atendimento clínico auto relato de dificuldades auditivas relacionadas a situações de comunicação apresentam limiares auditivos dentro do padrão clínico de normalidade na audiometria tonal convencional, sugerindo a necessidade de pesquisas buscando entender melhor a natureza da dificuldade auditiva. O presente trabalho teve como objetivo investigar o auto relato de dificuldades auditivas nas situações de comunicação apresentado por adultos com audiograma normal e verificar o quadro subjacente por meio de avaliações comportamental (Escala Abbreviated Profile of Hearing Aid Benefit (APHAB) para auto avaliação da queixa auditiva, Audiometria tonal, Testes monóticos de reconhecimento de sentenças no silêncio e do ruído) e eletrofisiológica (Potencial evocado auditivo de tronco encefálico e Imitanciometria). Participaram do estudo 20 adultos com idade entre 16 e 49 anos, distribuídos em dois grupos balanceados quanto a sexo e idade: grupo queixa, 10 adultos com limiares normais e queixas auditivas e grupo controle, 10 adultos, com limiares normais e sem queixas. Os principais resultados encontrados foram que o grupo queixa apresentou escores no auto relato de dificuldades auditivas acima do percentil 95 dos valores normativos da escala e se diferenciou estatisticamente do grupo controle. Nas demais avaliações os grupos não se diferenciaram. Foi constatada uma correlação positiva entre os limiares tonais e os escores no auto relato de dificuldade. Concluiu-se que a presença de queixa auditiva na ausência de alterações no audiograma não esteve associada a uma diferença no desempenho no reconhecimento de fala no ruído, nem nas demais avaliações, quando comparados aos resultados do grupo controle. Com base na análise de correlação dos resultados dos grupos, observou-se que, quanto mais elevados os limiares auditivos, maiores os escores no auto relato de dificuldades auditivas relacionadas às situações de comunicação, mesmo os limiares variando de 0 a 25dB, ou seja, estando dentro dos critérios clínicos de normalidade. Sugere-se em estudos posteriores a investigação da via auditiva após o tronco encefálico, na busca de novas evidências sobre o substrato neural das dificuldades de comunicação oral em situações do dia a dia, de pessoas com audiometria tonal dentro de padrões clínicos de normalidade.

Auto relato de dificuldade auditiva, audiometria tonal, potencial evocado auditivo.

BIO

RELAÇÃO DE DIFERENTES PALAVRAS COM INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL: DIFERENÇAS SEXUAIS. *Vinicius Santos Ferreira** (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF), Vitor Gomes Rodrigues* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Rafael de Melo Balaniuk* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Ronaldo Pilati Rodrigues (Programa de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Segundo a psicologia evolucionista, o mecanismo de ciúme seria mais ativado por sinais que indiquem uma infidelidade sexual (IS) em homens em comparação a mulheres, e no caso das mulheres por sinais que indiquem mais uma infidelidade emocional (IE) em comparação aos homens. Essas diferenças seriam devidas a diferentes problemas evolucionários enfrentados pelos sexos. Homens por sofrerem o risco da incerteza de paternidade teriam que se proteger de uma possível infidelidade sexual e mulheres por necessitarem de mais recursos para ter e cuidar de seus filhos não poderiam perder o vinculo emocional com seus parceiros. Portanto a percepção diferencial desses sinais de infidelidade seria de fundamental importância para o funcionamento adequado do mecanismo do ciúme. Esse estudo investigou como homens e mulheres relacionam diferencialmente palavras ambíguas (que indicam ambos os tipos de infidelidade) com IS e IE. A hipótese foi que poderia haver um viés de interpretação: os homens avaliariam as mesmas palavras como mais sexuais e as mulheres como mais emocionais. Em uma amostra universitária de 11 homens e 11 mulheres foi aplicado um questionário que continha, dentre outras, 20 palavras ambíguas que podem indicar os dois tipos de infidelidade ao mesmo tempo (ex.: trair, extraconjugal, infiel, rejeitar e fingir) boa parte sendo sinônimos de infidelidade ou palavras relacionadas diretamente aos sinônimos. Os estudantes avaliaram cada uma das palavras em dois aspectos: o quanto elas se relacionam a infidelidade sexual e quanto se relacionam a infidelidade emocional. As avaliações foram feitas utilizando uma escala tipo Likert de 7 pontos. Dentre as análises, foram encontrados efeitos significativos na interação fator sexo com IS e IE, apenas para duas palavras: "trair" para homens com uma média de 6,73 para IS e 4 para IE e para as mulheres as médias foram de 6,91 para IS e 6,09 para IE, $F(1, 20) = 7,45$, $p = 0,013$; e "desconfiança" com média de 4,09 IS e 4,73 IE para homens e M = 4,73 e 3,82 para mulheres, $F(1, 20) = 6,34$, $p = 0,020$. Outra palavra apresentou um efeito marginalmente significativo "extraconjugal" $F(1, 20) = 3,99$, $p = 0,059$ com médias semelhantes a palavra "trair". Levando em consideração a diferença entre as médias de respostas entre homens e mulheres, pode-se perceber que nas palavras "trair" e "extraconjugal" os homens apresentam maiores diferenças entre a relação que a palavra tem com a infidelidade sexual e a emocional, enquanto que as mulheres responderam de forma muito similar para os dois tipos de infidelidade. No caso da palavra "desconfiança", houve uma divergência entre os sexos, os homens consideraram como sendo mais ligada à infidelidade emocional e as mulheres consideraram como sendo mais ligada à infidelidade sexual. As diferenças sexuais foram poucas, em geral as palavras evocaram uma avaliação muito parecida para homens e mulheres. Uma possibilidade condizente com outros achados na literatura é que o mecanismo do ciúme não parece ser ativado por processos deliberados como as avaliações utilizadas.

Ciúme, infidelidade sexual e emocional, psicologia evolucionista

Bolsa de mestrado CAPES

BIO

TOMADA DE DECISÃO EM PACIENTES EUTÍMICOS E DEPRIMIDOS COM TRANSTORNO BIPOLAR. *Juliana Nassau Fernandes* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Isabela Maria Magalhães Lima**, Cristina Yumi Nogueira Sediyama** (Programa de Pós Graduação em Medician Molecular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Fabrícia Quintão Loschiavo-Alvares**(Programa de Pós Graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Fernando Neves, Humberto Corrêa, Leandro Fernandes Malloy-Diniz (Departamento de Saúde Mental, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

O Transtorno Afeitvo Bipolar (TAB) é caracterizado por alterações de humor que se manifestam como episódios depressivos alternados a episódios de euforia, as quais variam quanto à intensidade, duração e frequência. A taxa de prevalência do transtorno é de aproximadamente 3 a 5%, e o risco de suicídio alcança por volta de 15% dos indivíduos acometidos. Atualmente é um consenso que o TAB está associado a alterações neuropsicológicas, como na atenção e nas funções executivas, mas pouco se sabe sobre a natureza e a extensão dos prejuízos na capacidade de tomada de decisão nos diferentes estados de humor durante o percurso do transtorno. Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho foi investigar a diferença entre os desempenhos na medida de tomada de decisão de sujeitos eutímicos e de sujeitos deprimidos diagnosticados com TAB do tipo I ou II. A amostra foi composta por 125 participantes, sendo 55 do grupo de eutímicos e 70 do grupo de deprimidos. O critério utilizado para a composição dos grupos foram os escores do Inventário de Depressão Beck (BDI), no qual pontuações superiores a 10 indicaram a presença de sintomas depressivos. Os participantes foram pareados por sexo, idade e escolaridade, e configuraram uma distribuição normal. Como medida de tomada de decisão, foi utilizada a tendência central do Iowa Gambling Task (IGT). A tarefa contém quatro pilhas de cartas que oferecem, em padrões distintos, recompensas financeiras fictícias a cada escolha. Certas pilhas são prejudiciais a longo prazo, enquanto outras são favoráveis. O participante é solicitado a ganhar o máximo de dinheiro possível, e acredita-se que, a partir da imprevisibilidade do padrão de punição e recompensa, a tarefa é capaz de simular a tomada de decisão no dia a dia. Desse modo, a tendência central do IGT foi analisada a partir da ANOVA One-way, a partir do nível de significância de $p<0,05$. Foi encontrada diferença significativa entre os grupos ($F=4.150$, $p< 0.05$) no que diz respeito à tendência central do IGT, sendo o grupo de pacientes eutímicos aquele que obteve melhores resultados. De fato, pesquisas anteriores sugerem que pacientes deprimidos têm dificuldades em tomada de decisão em suas atividades diárias, ou seja, apresentam maior tendência a fazer escolhas que acarretam em resultados negativos. Além disso, são verificadas diferenças no desempenho do IGT em indivíduos com transtornos neuropsiquiátricos caracterizados por dificuldades em controle de impulsos e regulação emocional. Portanto, os resultados encontrados corroboram a literatura que trata do tema, apontando que os sintomas depressivos interferem na tomada de decisão de indivíduos com TAB, de modo que pacientes nestes estados de humor tendem a fazer escolhas desvantajosas a longo prazo.

Transtorno Afetivo Bipolar, Iowa Gambling Task, tomada de decisão

BIO

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A PERCEPÇÃO DE SI NO ELETROENCEFALOGRAMA: DESENVOLVIMENTO DE UM PROTOCOLO EXPERIMENTAL COM POTENCIAIS EVOCADOS VISUAIS. *Dennis Romero Lopez**, Jhon Freddy Sarmiento Vella** (Laboratório de Automação Inteligente 2, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES), Paola Zanotti Epifanio* (Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES), Mariane Lima De Souza (Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES), Teodiano Freire Bastos Filho (Laboratório de Automação Inteligente 2, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)*

O estudo experimental da percepção de si nos últimos anos tem se empenhado no esforço de mapear correlatos neurais da consciência. Contudo, uma dificuldade considerável no desenvolvimento de protocolos experimentais adequados é a definição de tarefas eficientemente representativas de um processo mental que implique a autoconsciência, isto é, a percepção de si. Em estudo recente sobre autorreconhecimento facial em adultos, pesquisadores utilizaram uma tarefa de reconhecimento de fotos de rostos impressas ou exibidas na tela de um computador, para obter dados do funcionamento cerebral, no caso, os potenciais evocados visuais (PEVs) captados por eletroencefalograma (EEG). Embora os achados indiquem a existência de um padrão de ativação neuronal específico associado ao autorreconhecimento facial, o experimento não foi desenvolvido especificamente para investigar correlatos neurais da percepção de si. Desta forma, o objetivo do presente estudo foi o desenvolvimento de um protocolo experimental para a captação da atividade neuronal (EEG) através de PEVs relacionados à ação comportamental de percepção de si. Para tanto, tomou-se por linha de base o protocolo experimental para investigação de PEVs relacionados ao autorreconhecimento facial, com mascaramento visual. O programa utilizado para elaboração do protocolo experimental foi desenvolvido em plataforma Linux, utilizando-se uma extensão de processamento em tempo real do mesmo sistema operacional, a fim de obter maior precisão no processamento da tarefa apresentada na interface de usuário (os estímulos visuais na tela que serão vistos pelo participante da pesquisa), em tempos menores que um segundo. O resultado é uma tarefa de autorreconhecimento facial com uso da imagem em preto e branco (P&B) do rosto (estímulo alvo) do participante apresentado em tela de computador, seguida de imagens em P&B do Teste de Rorschach (máscara). O protocolo experimental deve iniciar com o participante sentado em uma cadeira a uma distância de 100 cm da tela do computador, com as mãos pousadas sobre as pernas. O ambiente experimental deve ter isolamento acústico e durante o experimento as luzes devem ser desligadas. Cada alvo é então apresentado mediante ciclos compostos por sete máscaras que se repetem até completar 60 segundos. Os alvos se apresentam com variação de tempo de 17, 23, 33, 53, 63 e 83 milissegundos, enquanto as máscaras permanecem sem variação de tempo, a 83 milissegundos. A escolha de imagens do Teste de Rorschach como mascaramento visual foi definida em função do seu tamanho (permitem cobrir homogeneamente o estímulo alvo) e cor (P&B). Como considerações finais do estudo, apresenta-se uma discussão das vantagens e desvantagens da tarefa de autorreconhecimento facial para a investigação da percepção de si, indicando-se possibilidades para estudos futuros.

Apoio: CNPq
Palavras-chave: percepção de si, eletroencefalograma, autorreconhecimento facial.
Nível do trabalho: IC
Código da área da psicologia: BIO

EFECTOS DE UN ESTRESOR PSICOSOCIAL SOBRE LA MEMORIA EMOCIONAL EN UNA MUESTRA DE SUJETOS FÓBICOS. *Mónica Marquina Peñalver ** (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia, España), Laura Espín López (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia, España), Mª José Catalán Frias (Decana del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia, España), Alicia Salvador Fernández Montejo (Laboratorio de Neurociencia Social. Universidad de Valencia, España) y Jesús Gómez-Amor (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia, España)*

Los efectos del estrés sobre la ejecución de tareas de memoria parecen depender del proceso de memoria evaluado (aprendizaje, consolidación y recuperación) y de la valencia del material aprendido. Sin embargo, existen muy pocos datos sobre la respuesta cognitiva al estrés en grupos de sujetos especialmente vulnerables como sería el caso de los que padecen Fobia Social generalizada (FS). El objetivo de este estudio fue medir los efectos de un estresor psicosocial (Trier Social Stress Test, TSST) sobre la respuesta neuroendocrina, cardiovascular y cognitiva de una muestra de 95 sujetos (Media= 19.35 años, SD=0.18), 45 con criterios diagnosticos del DSM-IV de Fobia Social Generalizada (FS) y 50 no-FS (NFS), ante una tarea de recuerdo de imágenes con diferente valencia emocional (International Affective Pictures System, IAPS). Los resultados mostraron que ante la presentación de las imágenes, los FS presentaron mayores niveles de cortisol y menor activación parasimpática que los NFS. Los varones FS presentaron mayores niveles de cortisol que las mujeres FS y que los varones NFS. En cuanto a la respuestas subjetivas, los sujetos FS presentaron mayor ansiedad y humor negativo que los NFS. Durante la exposición al TSST no encontramos diferencias en la respuesta de cortisol y de alfa-amilasa entre FS y NFS. Aunque en situación de descanso los FS presentaron una menor activación parasimpática que los NFS, tras la exposición al estresor dichas diferencias de grupo desaparecieron. Por otra parte, los FS expuestos al TSST, recordaron menos imágenes agradables que los FS controles. Además, encontramos diferencias de sexo en el grupo FS al mostrar las mujeres mayor recuerdo de imágenes neutras y agradables que los varones FS. Estos datos indican que los FS podrían tener un patrón de respuesta neuroendocrina y cardiovascular ante estímulos emocionales diferente al de los sujetos NFS y muy semejante ante estímulos estresantes. Por otra parte, el estrés parece deteriorar de forma especifica el recuerdo de imágenes agradables en los FS.

Palabras clave: Fobia Social, Estrés Psicosocial y Memoria

Este estudio forma parte de un proyecto de investigación financiado por el Ministerio de Educación y Ciencia (SEJ2007-62019). España.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

EFECTOS DE UN ESTRESOR PSICOSOCIAL SOBRE LA RESPUESTA PSICOFISIOLOGICA Y NEUROENDOCRINA EN HOMBRES Y MUJERES: IMPLICACIONES DE LA FASE DEL CICLO MENSTRUAL. *Laura Espín López (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia. España), Alicia Salvador Fernández Montejo (Laboratorio de Neurociencia Social. Universidad de Valencia, España), Pilar Larraz Galindo (Secretaria del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia, España), Mª José Catalán Frias (Decana del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia, España) y Jesús Gómez-Amor (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia. España)*

Sobre la reactividad fisiológica al estrés en humanos, la mayoria de estudios han encontrado que las mujeres experimentan mayor malestar en situaciones estresantes que los varones, demostrando asi una tendencia a experimentar emociones negativas con mayor frecuencia. Sin embargo, el papel del género sobre dicha respuesta no ha sido claramente establecido y los resultados experimentales son contradictorios. El objetivo de este estudio fue medir los efectos de un estresor psicosocial (Trier Social Stress Test, TSST) sobre la respuesta autonómica, hormonal y psicológica de una muestra de 96 sujetos (Media= 19.18 años, SD=0.18), 32 varones (Media=19.56 años SD=1.68) y 64 mujeres (Media=18.82 SD= 1.46) de las cuales, 34 fueron valoradas en su fase lutea del ciclo menstrual y 30 en su fase folicular. Se midió la frecuencia cardiaca (FC), parámetros de variabilidad cardiaca (HRV), la respuesta de la α-amilasa y cortisol y los niveles de ansiedad estado, humor negativo y positivo. Los resultados mostraron que la exposición al TSST produjo incrementos en ansiedad estado, humor negativo, respuesta de la alfa amilasa, cortisol y frecuencia cardiaca y una disminución del humor positivo y de la actividad parasimpática en todos los grupos. No encontramos diferencias de género en la respuesta de la alfa amilasa al TSST pero si un efecto de la fase del ciclo menstrual en la respuesta de cortisol al estrés, ya que mujeres en fase luteal mostraron similares respuestas de cortisol al estrés que los varones. Además, independientemente de la exposicion al estresor, encontramos un predominio de la actividad simpática en varones frente a los dos grupos de mujeres. Estos datos muestran la necesidad de considerar la fase del ciclo menstrual a la hora de evaluar las respuestas psicofisiológicas y neuroendocrinas al estrés de laboratorio en mujeres.

Palabras clave: Respuesta Neuroendocrina, Estrés Psicosocial y Ciclo Menstrual .

Este estudio forma parte de un proyecto de investigación financiado por el Ministerio de Educación y Ciencia (SEJ2004-07191/PSIC). España.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

IMPACTO DE LA DESIGUALDAD DE OPORTUNIDADES EDUCATIVAS EN EL DESARROLLO DE LA MEMORIA DE TRABAJO. *Marcela López**, María Soledad Sartori**, Lucía Zabala* y María José Aguilar** (Centro de Investigación en Procesos Básicos, Metodología y Educación. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Mar del Plata. Buenos Aires. Argentina-Consejo Nacional de Investigaciones Científico Tecnológicas, CONICET).*

En la última década diversas investigaciones han realizado importantes aportes a la vinculación entre desarrollo cognitivo y oportunidades educativas, principalmente en lo que respecta a las funciones ejecutivas. Este creciente interés se sustenta en el conocimiento que un buen desempeño cognitivo es reflejo de la correcta maduración del cortéx prefrontal, una región cerebral sensible a una amplia variedad de factores genéticos y ambientales. En este marco es de esperar que la calidad de la enseñanza que recibe cada niño ejerza una fuerte influencia sobre la maduración de su sistema nervioso y por ende en su proceso de aprendizaje. Diversos estudios realizados en Argentina encontraron menor rendimiento en tareas que miden habilidades de alfabetización emergente en niños sometidos a ambientes desfavorables. El objetivo del presente trabajo fue analizar comparativamente el desempeño en memoria de trabajo en dos poblaciones de niños entre 9 y 11 años con a oportunidades educativas diferentes. La muestra estuvo constituida por 65 estudiantes que cursaban 4º, 5º y 6º año de escuelas primarias públicas y privadas de la ciudad de Mar del Plata, Argentina. Además del tipo de gestión, se categorizó a las escuelas a partir de una escala de dos niveles de oportunidades educativas. Los datos que se consideraban para la categorización fueron: 1-el nivel socio-económico predominante, 2-el porcentaje de repetidores que tuviera el colegio, 3-la tasa de ausentismo, 4-el equipamiento del colegio (biblioteca, laboratorios, sala de computación, gimnasio), 5-tipo de jornada simple o completa y 6) actividades extracurriculares. La memoria de trabajo, dentro de las funciones ejecutivas, es un sistema que permite codificar, retener y manipular información temporalmente, es necesaria para realizar operaciones cognitivas complejas, como el aprendizaje, la comprensión del lenguaje o el razonamiento. Su relevancia se acrecienta por su contribución a la memoria a largo plazo y por su relación con la inteligencia fluida, es decir, con la capacidad de razonamiento general y de resolución de problemas. Para su evaluación se empleó la tarea de dígitos en regresión de la Batería de Evaluación Neuropsicológica Infantil. Los resultados del trabajo dan cuenta de un efecto significativo del nivel de oportunidades educativas sobre la memoria de trabajo ($p=.002$), permitiendo inferir que, si bien la memoria de trabajo sigue un curso de desarrollo gradual por la influencia de los procesos madurativos, este sería significativamente inferior y más lento en ambientes educativos desfavorables. Considerando que dicha habilidad siguen un curso de desarrollo gradual que empieza en la temprana infancia y continúa durante la adolescencia hasta la adultez temprana, sustentado por cambios funcionales y estructurales progresivos del córtex prefrontal, los resultados del presente trabajo aportan información relevante que permite valorar la importancia de generar, desde la praxis educativa, intervenciones tendientes a estimular el desarrollo de dicha área cerebral, a partir de experiencias escolares positivas. Asimismo conocer estas diferencias es importante para poder arbitrar medidas de política educativa dirigidas a disminuir el impacto de las desigualdades sociales.

Oportunidades educativas-memoria de trabajo.

Secretaria de Ciencia y Técnica. Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

INVESTIGACIONES EN NEUROCIENCIAS. UN APORTE AL CONOCIMIENTO DEL COMPORTAMIENTO. *Marcela López**, Liliana Bakker**, María José Aguilar**, Josefina Rubiales**, María Soledad Sartori**, Rocío Gonzalez**, Verónica Zabaletta** y Daiana Russo** (Grupo de Investigación Comportamiento Humano, Genética y Ambiente. Centro de Investigación en Procesos Básicos, Metodología y Educación. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Mar del Plata. Buenos Aires. Argentina-Consejo Nacional de Investigaciones Científico Tecnológicas, CONICET).*

El presente trabajo incluye la exposición de dos proyectos actualmente en desarrollo dentro del Grupo de investigación Comportamiento humano, genética y ambiente: 1-Cognición social y expresión génica. Investigación en mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner y 2-Relaciones entre control inhibitorio y regulación emocional en niños con diagnóstico de trastorno por déficit de atención e hiperactividad. Con respecto al primer proyecto el Síndrome de Turner es un trastorno cromosómico determinado por la deleción total o parcial del cromosoma X en el sexo femenino. Diversas investigaciones reportan que las mujeres con este diagnóstico presentan déficit en aspectos específicos involucrados en el procesamiento social, hecho que incrementa el riesgo de problemas psicosociales. Bajo el supuesto que la presencia del par doble de cromosomas X en el cariotipo de un individuo es protector de las habilidades socio-cognitivas, este trabajo analiza en mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner procesos de cognición social que presentan una influencia directa en el desarrollo de habilidades sociales; con la finalidad de contribuir al conocimiento de parámetros biológicos que inciden en el funcionamiento social. El estudio se corresponde con un diseño descriptivo correlacional, ex post facto retrospectivo con grupo cuasi control e hipótesis de diferencias de grupos. El abordaje metodológico abarca la administración de pruebas que valoran procesos de percepción social, teoría de la mente y empatía. Se espera que los resultados permitan una mayor comprensión de la influencia multifocal de los genes del cromosoma X sobre la cognición social y profundicen en el conocimiento de las dificultades sociales de las mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner. El segundo proyecto tiene por objetivo explorar las relaciones entre el control inhibitorio y la regulación emocional en niños y adolescentes con diagnóstico de trastorno por déficit de atención e hiperactividad. Este trastorno es una de las alteraciones neuroconductuales más frecuentes en la infancia y en la adolescencia. Es un síndrome complejo con características sintomáticas amplias y variadas; que paralelamente a los síntomas principales de inatención, impulsividad y/o hiperactividad, presenta alteraciones en procesos psicológicos, tanto cognitivos como afectivos. Los síntomas tienen un gran impacto en el desarrollo del individuo e interfieren en su funcionamiento social, emocional y cognitivo. El estudio, al igual que en el proyecto anterior se corresponde con un diseño descriptivo correlacional, ex post facto retrospectivo con grupo cuasi control e hipótesis de diferencias de grupos. El abordaje metodológico se lleva a cabo a través de la administración de pruebas y cuestionarios a la población clínica, a sus padres y a la población control. Comprender las relaciones entre el control inhibitorio y la regulación emocional permitirá contribuir al conocimiento de los procesos neurobiológicos que inciden en la etiología del trastorno y cuyo aporte al campo investigativo fomente nuevas líneas de investigación en un área actualmente de vacancia, como así también aportar datos que contribuyan en el diseño de programas de intervención.

Investigación-Neurociencias-Comportamiento Humano.

Secretaria de Ciencia y Técnica. Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

RELACIONES ENTRE PROCESOS DE COGNICIÓN SOCIAL Y CARACTERISTICAS DE PERSONALIDAD. MODELO TEÓRICO EN EL SÍNDROME DE TURNER. *María Soledad Sartori**, Marcela López**, Sebastián Urquijo (Centro de Investigación en Procesos Básicos, Metodología y Educación. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Mar del Plata. Buenos Aires. Argentina-Consejo Nacional de Investigaciones Científico Tecnológicas, CONICET)*

La cognición social es un proceso cognitivo necesario para lograr relaciones sociales óptimas y una comprensión acabada de lo que las personas dicen, lingüística y paralingüísticamente en las interacciones sociales, prediciendo asimismo las conductas de los demás. La misma puede definirse como un proceso neurobiológico, psicológico y social, por medio del cual se perciben, reconocen y evalúan los eventos sociales, para construir representaciones de la relación entre uno mismo y los otros; empleando estas representaciones para guiar el comportamiento social. Asimismo, gran parte de dichas representaciones se encuentran atravesadas por características o rasgos propios de la personalidad. En la actualidad se considera a la personalidad como un constructo psicológico cuyo estudio es fundamental para lograr una comprensión integral del ser humano. La misma es definida como un patrón profundamente incorporado que se expresa claramente en rasgos cognitivos, afectivos y conductuales que persisten por largos periodos de tiempo y cuyo desarrollo está en función de la interacción compleja entre factores biológicos y ambientales. La literatura reporta que el establecimiento de relaciones sociales, así como la calidad de las mismas, están estrechamente vinculados al estilo de personalidad de un individuo; así, indagar los aspectos distintivos de la personalidad permite acercarse al conocimiento de la capacidad que posee una persona para desenvolverse en su medio social. El objetivo del trabajo es presentar al Síndrome de Turner como un modelo sensible donde es posible explorar la relación entre características de personalidad y procesos de cognición social. El Síndrome de Turner es un trastorno cromosómico no heredable determinado por la deleción total o parcial del cromosoma X en el sexo femenino, cuyos signos físicos son principalmente baja talla y disgenesia gonadal. Neuropsicológicamente una de las características más difundidas en la literatura es la dificultad que presenta esta población en el área social. Diversos autores sostienen que los procesos básicos de la cognición social como empatía y teoría de la mente se encuentran afectados en las mujeres con este diagnóstico, provocando dificultades en el establecimiento de las relaciones sociales. Estas dificultades generan, al mismo tiempo, un impacto negativo en el autoconcepto y en la imagen que las mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner tienen de sí mismas, hecho que provoca conductas de aislamiento y/o evitación de situaciones sociales. De lo expuesto se podría pensar que la personalidad de las mujeres con este síndrome estaría conformada por rasgos desadaptativos que les impiden un buen desempeño social y son fuente de desajuste social y/o malestar subjetivo, dando cuenta de una relación bidireccional entre ambos procesos, donde todos los procesos básicos que se encuentran incluidos en la cognición social serán, por un lado condicionantes de la personalidad y, al mismo tiempo, consecuencias de la misma. En este contexto el estudio de la relación entre la cognición social y la personalidad en una población que tienen afectado su desarrollo social permitiría generar nuevos conocimientos sobre la interrelación de dos procesos fundamentales en el desarrollo, al mismo tiempo que aportaría conocimiento a un área de vacancia prioritaria en investigación.

Personalidad- Cognición Social- Síndrome de Turner.

Secretaria de Ciencia y Técnica. Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS PROJETIVAS PARA INVESTIGAÇÃO DO TRANSTORNO DE CONDUTA: UM ESTUDO DE CASO. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP)*

O Transtorno de Conduta pode ser definido tanto a partir de manuais médicos quanto a partir de uma perspectiva psicanalítica. A literatura tem apontado para a importância de se investigar as características psicodinâmicas daqueles que apresentam esse Transtorno, para que se possa compreender de forma aprofundada os fatores que levam ao seu surgimento e à sua manutenção. Uma das estratégias para essa investigação é a utilização de técnicas projetivas, capazes de investigar os psicodinamismos e as características estruturais da personalidade daquele que os respondem. Neste contexto, o presente trabalho investigou as características psicodinâmicas de uma criança do sexo feminino, de sete anos, que apresenta o Transtorno de Conduta. Para isso, foram utilizados três instrumentos, sendo um para investigação de inteligência, o Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, e duas técnicas projetivas, a saber: o Teste de Apercepção Temática Infantil, forma animal (CAT-A) e o House-Tree-Person (HTP). O primeiro teste apontou para inteligência definitivamente acima da média, com percentil 95. O HTP evidenciou dificuldade de falar sobre afetos e de se diferenciar da mãe, pouca criatividade e forma de se comportar impulsiva. Esses resultados evidenciam que a criança procura por estabilidade e limites que não foram encontrados na relação com os pais. Há ainda uma tentativa de usar os impulsos para conseguir se diferenciar de sua mãe. As respostas aos cartões do CAT-A evidenciam algumas temáticas mais frequentes, como a oralidade, que representa necessidade da criança em satisfazer desejos infantis e primitivos; dependência da criança em relação à figura materna; dificuldade de entrar em contato com conteúdos afetivos; prejuízo no contato com o outro; ausência de medo, que faz entender a presença de um superego enfraquecido ou que ainda não se formou. Por fim, entende-se que há um funcionamento regredido, que distorce a realidade e que há dificuldade em discriminar o carinho do castigo, justificando sua forma de se comportar. Os dados obtidos na presente pesquisa estão em acordo com outros estudos que investigam esta queixa utilizando técnicas projetivas. O Transtorno de Conduta tem seu desenvolvimento em multifatores, que estão relacionados à forma como a criança vivencia suas relações familiares. Desta forma, este estudo tem como fator limitante a ausência de estudo com o grupo familiar, que poderiam aprofundar o conhecimento a respeito do tema. Entende-se então a necessidade da realização de outros estudos que possam aprofundar os dados obtidos, que estabeleçam estratégias de tratamento e que investiguem a influência familiar no desenvolvimento do Transtorno de Conduta.

Técnica projetiva, transtorno de conduta, estudo de caso.

CAPES

CLIN

AÇÃO DOS ANTIDEPRESSIVOS SOBRE O SISTEMA IMUNOLÓGICO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR (MDD): UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Alice Alexandra Soeiro Nunes Christofi**, Dartiu Xavier Silveira (Pós-Graduação Stricto Sensu em Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo-SP), Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP)*

Existem fortes evidencias que indicam uma relação entre a depressão e as alterações nos níveis de citocinas inflamatórias. Embora muitos estudos tenham investigado a ação dos antidepressivos sobre o sistema imunológico de pacientes com depressão, os resultados tem sido inconclusivos. Objetivo: Avaliar o efeito de antidepressivos sobre os níveis séricos de citocinas inflamatórias em pacientes com depressão maior antes e depois do uso de antidepressivos. Métodos: Foi realizada uma revisão sistemática de artigos publicados até 2010 nas bases eletrônicas PubMed, PsycINFO, Cochrane, Embase, Lilacs e SciELO, utilizando as seguintes palavras-chave: "cytokines" e "depressive disorder" ou "depression" ou "long-term depression" ou "depressive disorder, major" e "antidepressive agents, tricyclic" ou "antidepressive agents, second-generation" ou "antidepressive agents". Foram capturados 540 artigos, sendo descartados 318 porque 71 eram repetidos, 211 relatavam doenças específicas (câncer, hepatite B, etc) e 36 não atendiam aos critérios. Dos artigos restante, 80 eram de revisões, 61 de ensaios clínicos controlados, 27 eram de correlacionais, 16 estudos experimentais com animais, oito de casos de controle, duas cartas e 28 sem identificação completa. Dos 61 trabalhos de ensaios clínicos controlados, 28 estudos atendiam os critérios. Resultados: Os 28 estudos investigaram a ação de antidepressivos sobre os aspectos imunológicos de 776 pacientes com depressão maior, destes 520 (68%) estavam com alterações imunológicas e 246 (32%) não apresentavam alteração antes do tratamento com antidepressivos. Não foram encontradas alterações imunológicas em todos os pacientes com depressão maior, nem todos os pacientes com alterações imunológicas tiveram seus níveis imunológicos normalizados depois da ação de antidepressivos, todavia um número significante de pacientes apresentou valores de citocinas inflamatórias comparáveis aos dos controles normais após o uso da medicação antidepressiva (x2o= 70,26 e x2c= 19,50, p≤ 0,00001). Dos 766 pacientes estudados, 666 (87%) obtiveram melhora dos sintomas depressivos. Destes, 450 pacientes (59%) obtiveram tanto melhora clínica quanto melhora dos aspectos imunológicos alterados. Por outro lado, 216 pacientes (28%) obtiveram melhora clínica, mas não houve modificações imunológicas. Foi igualmente observado que 51 dos pacientes estudados (7%) não apresentaram nenhuma mudança significativa quanto aos aspectos imunológicos estudados nem melhora clínica depois do uso de antidepressivos e 49 pacientes (6%) não tiveram melhora dos sintomas depressivos, mas melhoraram os aspectos imunológicos. As diferenças entre o número de pacientes que melhoraram clínica e imunologicamente (N=450) e os que melhoram apenas dos aspectos depressivos (N=216) é significante (x2o= 82,21 sendo x2c= 19,50, ngl = 1 e , p≤ 0,00001). Portanto, não é casual a diferença entre estar melhor da depressão e melhor imunologicamente. Conclusões: Este estudo encontrou que as alterações imunológicas ocorrem em um número significativo de casos de depressão maior. Embora não se possa estabelecer uma relação causal clara entre as alterações imunológicas e a depressão, parece haver uma associação entre os fenômenos, e a medicação antidepressiva parece apresentar uma tendência moduladora sobre as respostas imunes.

Palavras-chave: depressão, citocinas, citocinas pró-inflamatórias.

M - MESTRADO

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ALIANÇA TERAPÊUTICA EM PSICOTERAPIA BREVE COM PACIENTE NA TERCEIRA IDADE. *Abigail Guedes Podestá, Gabriela Caldeira de Castro Novaes e Antonio Carlos Possa (FMU).*

A busca por psicoterapia por pacientes da terceira idade, embora ainda pequena, vem aumentando na última década, numa firme demonstração de sensibilização dessa faixa etária aos sentimentos decorrentes das alterações concretas da vida, somadas às perdas, agora de forma mais intensa. O objetivo deste trabalho refere-se à contribuição da aliança terapêutica, mesmo diante de paciente reticente ao trabalho psicoterápico, ilustrado com atendimento de uma senhora com pouco mais de 60 anos, cuidadora de outra senhora de 84 anos, com mal Alzheimer. Apresentou a queixa de compulsão à comida e medo enorme de envelhecer. Apesar da compulsão à comida, não apresentava sinais de obesidade mórbida. Salientou, na primeira sessão, sentir-se rejeitada pela mãe e de não servir para nada, o que não a impedia de mostrar-se disponível para cuidar de outros. Embora relutante a entregar-se ao processo terapêutico nas sessões iniciais, favorecida pela técnica breve, estabelece uma devolutiva a compreensão da dinâmica psíquica do paciente pelo terapeuta após as entrevistas iniciais, e pela retrospectiva realizada pela terapeuta, pontuando suas vivências, dores, perdas e superações desde a infância, como uma visão geral de toda a história verbalizada pela paciente e ouvida atentamente pela terapeuta, a paciente pôde vivenciar o acolhimento que lhe foi oferecido e a certeza de ter sido ouvida e olhada. Como foco de trabalho foi estabelecida a ênfase em sua dificuldade em errar, a necessidade em estar todo o tempo na posição de boa cuidadora e em dar conta de tudo. Já o objetivo do processo concentrou-se em discriminar suas qualidades, e por consequência, seus defeitos, na tentativa de resgate da autoestima. A aliança terapêutica e o acolhimento 'Holding' que persistiu no decorrer do processo beneficiaram os resultados positivos do tratamento, sobretudo porque a paciente fala ao final do atendimento que atualmente sente-se mais tranquila e percebe que os encontros nos atendimentos a fizeram sentir-se mais leve, porque falou e entendeu muitas coisas sobre sua vida, visto que até então jamais teria falado com ninguém. Verbaliza que a postura da terapeuta lhe ajudou, pois se manteve calma perante seus relatos e isso lhe deu liberdade e segurança para expressar-se, " ... hoje em dia me sinto mais tranquila, mais leve. Eu falei muitas coisas aqui, coisa que nunca fiz na vida, e isso me fez bem. E você, por não se mostrar aflita, me passou segurança para falar." Conclui-se que o estabelecimento do foco, dentro do processo de Psicoterapia Breve, é o momento em que o terapeuta consegue exercitar seu papel, visto que implica o paciente no processo e valida a sua história, na forma de devolutiva apresentada de maneira ampliada e contextualiza no tempo e espaço.

Psicoterapia Breve; Aliança Terapêutica; Holding.

CLIN

ANÁLISE DOS ASPECTOS ÉTICOS NA ATUAÇÃO DA PSICÓLOGA LISA NO FILME TERAPIA DO AMOR. *Crissia Roberta Pontes Cruz*, Júlia de Sousa Marinho*, Géssica Priscilla Figueiredo Pinheiro*, Solange da Conceição Bernardo Soares (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade da Amazônia – Belém, PA)*

Segundo consta no Código de Ética Profissional do Psicólogo, a missão primordial de um Código de Ética é a de assegurar, dentro de valores relevantes para a sociedade e para as práticas desenvolvidas, um padrão de conduta que fortaleça o reconhecimento social daquela categoria. Neste sentido, o Código de Ética Profissional do Psicólogo estabelece os princípios norteadores que dão a este profissional o balizamento para uma conduta ética nas suas diversas áreas de atuação. Deste modo, este trabalho se propõe a apresentar uma análise dos aspectos éticos infringidos na atuação da psicóloga Lisa no filme Terapia do Amor. A partir da observação das sessões psicoterapêuticas exibidas no filme fez-se uma análise fundamentada no Código de Ética do Profissional Psicólogo. Pondera-se que este código diz respeito ao psicólogo brasileiro e a fictícia atuação profissional analisada se deu nos EUA. O filme conta a história de Rafi, uma mulher recém divorciada de 37 anos que se envolve com David, um rapaz de 23 anos que é filho de sua psicoterapeuta. Observaram-se as infrações de três itens do art. 1º onde são previsto como deveres fundamentais do psicólogo: "a) - Conhecer, divulgar, cumprir e fazer cumprir este Código"; "b) Assumir responsabilidades profissionais somente por atividades para as quais esteja capacitado pessoal, teórica e tecnicamente"; "k) Sugerir serviços de outros psicólogos, sempre que, por motivos justificáveis, não puderem ser continuados pelo profissional que os assumiu inicialmente, fornecendo ao seu substituto as informações necessárias à continuidade do trabalho". Dois itens do art. 2º que veda ao psicólogo: "b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais"; "j) Estabelecer com a pessoa atendida, familiar ou terceiro, que tenha vínculo com o atendido, relação que possa interferir negativamente nos objetivos do serviço prestado". E ainda a infração do art. 9º onde é estabelecido que "é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional". As infrações cometidas por Lisa ocorreram visto o não cumprimento do código; o desconforto vivenciado no atendimento de sua cliente Rafi quando esta relatava situações relacionadas ao namoro com David; Prosseguir com este atendimento; incentivar seus clientes a irem à mesquita, à igreja, etc.; Ser mãe do namorado de Rafi e não concordar com este relacionamento; comentar com David um assunto abordado no atendimento de Rafi. Tais infrações ocasionaram prejuízos a todas as partes envolvidas e uma postura "profissional" reprovável. Este trabalho, portanto, pretende contribuir com discussões acerca do tema: ética profissional - dada a relevância social, prática e teórica deste.

Código de ética; Psicoterapia; Atuação profissional

Outro

CLIN

ANALISTA, VEM CÁ! ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA METAPSICOLOGIA FREUDIANA. *Luana Silvy de Lorenzi Tezza Magnin (FIOCRUZ)*

O manejo da transferência é considerado um dos grandes desafios da clínica psicanalítica. Pela sua fecundidade, o conceito de transferência tem sido apropriado por diversas perspectivas clínicas, porém sem que o acompanhe suficiente reflexão e discussão em relação a suas origens e contradições. Assim, esse estudo investiga a construção histórica do conceito e suas implicações nas práticas clínicas atuais. Trata-se, portanto, de uma análise epistemológica de um dos enunciados fundamentais da metapsicologia freudiana. O enunciado da transferência foi estudado em relação ao seu contexto histórico e analisado com um dos pressupostos básicos da psicanálise: o de realidade psíquica. Partindo-se dos escritos freudianos e da noção de realidade psíquica – aquilo que para o psiquismo do sujeito, enquanto desejo e fantasia, assume o valor de realidade – buscou-se encontrar possíveis relações do conceito de transferência freudiano com a figura do analista. Se, por um lado, o amor transferencial se caracterizaria como resistência, por outro consistiria na única possibilidade de sucesso de uma análise. Ao não atentar para o processo transferencial, Freud percebe que correria o risco de reproduzir os diferentes papéis que suas pacientes lhes destinavam e, assim, desperdiçar qualquer possibilidade de se realizar uma clínica significativa, pelo fato objetivo de que suas pacientes perdiam o interesse pelo tratamento, como verificado no caso Dora. Como repetição, a transferência seria capaz de atualizar as situações vividas pelo paciente, que então deixariam de ser tão-somente recordadas. O conceito, da maneira como foi construído nos textos freudianos, remontaria à repetição, por parte do paciente, de fases de seu primitivo desenvolvimento, porém desconsidera aspectos relacionados à realidade objetiva, nela incluído o analista. Notou-se que, sob o foco transferencial freudiano, o analista é tido como "observador externo", neutro, não implicado no modo como o paciente relaciona-se psiquicamente com ele, ou no modo como desenvolve suas próprias associações. Poderia esse afastamento ter sido um mecanismo de defesa desse primeiro analista? O reconhecimento da vinculação analista/enquadre/transferência poderia ter abalado o mito da neutralidade espectral do médico, que Ferenczi tanto criticou em sua obra? O presente trabalho evidencia o papel que o analista adquire na confirguração do fenômeno transferencial vivenciado pelo paciente, e permite afirmar que existe, sim, uma relação entre analista e transferência e que o fenômeno transferencial não diz respeito tão-somente ao paciente. As suposições que o paciente faz, relativas ao analista, tendem a partir de elementos da situação objetiva, ainda que a elas não se atenham. Uma das contradições verificadas é que, enquanto o paciente é estimulado a envolver-se subjetivamente no processo de análise, ao analista recomenda-se distância objetiva. O trabalho aponta a necessidade de novas reflexões acerca desse acontecimento da ordem do excesso e da paixão que é a transferência, que permitam aos psicólogos clínicos um descolamento da suposta posição de neutralidade e "inafetabilidade" ao estudar o fenômeno. Esse descolamento e ruptura com a "repetição primeira" do analista poderá, por sua vez, embasar práticas clínicas inovadoras que propiciem o ambiente de acolhimento e implicação mútua, imprescindível para a livre circulação da palavra que caracteriza o encontro terapêutico.

Apoio bolsa CAPES

Palavras-chave: transferência, clínica, neutralidade

Mestrado – M

CLIN

ASPECTOS SEMELHANTES ENTRE PSICOTERAPIAS E GRUPO DE AUTOAJUDA MADA. *Jéssica Costa dos Santos*, Valeska Maria Zanello de Loyola (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura aponta a existência de pessoas que se apresentam como dependentes em seu(s) relacionamento(s), percebendo o outro indivíduo como acima de si mesmos e repetindo padrões auto-destrutivos na forma de se relacionar. Algumas mulheres com essas características, e que reconhecem a necessidade de mudanças destes comportamentos, podem buscar auxílio em grupos de autoajuda Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), presentes em várias cidades brasileiras. O MADA segue os preceitos do grupo dos Alcoólicos Anônimos, adotando, com algumas adaptações, seus passos. Os grupos MADA são formados por pessoas com um problema em comum, não incluem a presença de terapeuta, ou coordenador, e propiciam o compartilhamento de experiências pessoais (passadas e atuais) com o grupo. Nesses grupos, refere-se que a terapia ocorre baseada em espelhos, isto é, o indivíduo identifica e modifica suas respostas com base no que extraiu do depoimento de colegas, adquirindo e mantendo novos padrões de comportamento. Indivíduos que frequentam esses grupos relatam melhoras significativas no que diz respeito a sua relação com o objeto que lhes é problemático. Algumas comparações podem ser estabelecidas entre grupos de autoajuda e sistemas de psicoterapia, principalmente no tocante a fatores promotores de mudanças de comportamento, tais como: psicoeducação, catarse, reestruturação cognitiva e insight, assim como os processos de aprendizagem, que levam a mudanças na forma do indivíduo pensar, agir e se relacionar. Além disso, ocorre a expectativa de melhora por parte do sujeito e o (re)planejamento de uma forma de agir, como fatores comuns a todas as psicoterapias. Com o objetivo de observar como funcionam os grupos MADA, em que se assemelham às psicoterapias e contribuir com a redução de preconceitos referentes a tais grupos, 10 reuniões do MADA foram observadas, efetuando-se registros posteriores às sessões no que se refere a verbalizações que refletem a ocorrência de fatores de mudança de comportamentos. Segundo normas do MADA, anotações simultâneas à realização dos grupos são proibidas. Procedeu-se a uma análise hermenêutica do conteúdo das verbalizações. Os resultados apontam que nestes grupos de autoajuda ocorre um processo de psicoedução, aumentando a probabilidade de que o indivíduo fique ciente do que está lhe afligindo, assim como seja capaz de reestruturar distorções cognitivas. A aprendizagem ocorre, principalmente, por meio da imitação de comportamentos de outros integrantes do grupo. Em relação aos fatores comuns com psicoterapias, não se encontra a relação do paciente com o terapeuta, visto que os grupos incluem apenas um(a) mediador(a). Por outro lado, o contexto é propício para o desabafo, sem julgamentos, facilitando o processo de catarse. A teorização do problema é realizada espontaneamente pelas participantes, que também apontam como podem resolver seus problemas, planejando ações práticas e diretas. Os dados obtidos corroboram a hipótese de que, nestes aspectos observados, o MADA se assemelha às psicoterapias de modo geral. Isto coloca em xeque eventuais dúvidas relativas à eficácia desses grupos, uma vez que tais fatores terapêuticos aparecem e os indivíduos, de fato, referem melhoras.

Autoajuda, Psicoterapia, Relações Humanas

Bolsista do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB)

CLIN

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FEMINILIDADE E O TORNAR-SE MULHER, DE FREUD A LACAN. *Regiane Cristhine Geromel Alves* (Curso de Psicologia/UNESP/Bauru); André Gellis (Departamento de Psicologia, UNESP/Bauru/SP).*

Partindo da leitura e análise de textos de Freud, Lacan e comentadores específicos, além de supervisões e orientações do professor orientador, o presente estudo pretendeu investigar o caminho teórico trilhado de Freud a Lacan a respeito do tornar-se mulher, percorrendo os conceitos de feminilidade, de posição mulher, a perspectiva de que "A mulher não existe" e de que "Não há relação sexual". Entende-se aqui que o concernente à psicanálise não é descrever o que é a mulher, até porque seria da ordem do impossível, mas investigar como, a partir da bissexualidade infantil e da natureza masculina da libido, alguém se torna uma mulher. Ao longo das teorias freudianas, a feminilidade se configurou como uma noção em constante construção e reconstrução. Equipara-se mãe e mulher, o masculino aparece associado à atividade e ao pênis, e o feminino à passividade e ao reconhecimento da vagina. Ao final das concepções freudianas sobre a feminilidade encontra-se um impasse, e as ambigüidades ou lacunas se chocam contra dois rochedos incontornáveis na análise das mulheres: a demanda de amor e a inveja do pênis. Diante deste ponto, surge o interesse em avançar na questão da feminilidade para além do ponto aonde Freud a levou. Lacan promoveu um grande salto em relação às discussões promovidas à época sobre o assunto ao mostrar como o falo e o gozo são definitivos para a rearticulação da problemática em questão. Ele não mais iguala mulher à mãe e faz uso de símbolos da lógica quântica para propor as fórmulas da sexuação, as quais dividem os seres falantes a partir de sua relação com o falo. De um lado do esquema há a representação do lado homem dos seres falantes, o único que pode ser universal; de outro há a representação do lado mulher, para a qual não é permitida nenhuma universalidade, é não-toda submetida à castração: "A mulher não existe", portanto. Esta divisão determina inclusive o plano de gozo do sujeito. Lacan distingue dois tipos de gozo: o gozo fálico, determinado pela linguagem, e o gozo não-todo, que escapa ao domínio do significante e é reintroduzido do lado feminino. É justamente a maneira pela qual o ser falante se posiciona diante do gozo que definirá sua posição: homem ou mulher. Assim, o fato de que "Não há relação sexual" para os seres falantes se torna mais evidente, uma vez que durante o ato sexual, entra-se mais em contato com o próprio gozo do que em uma relação com o parceiro, e por não existir o Outro sexuado para o inconsciente; então, uma relação entre os dois sexos seria impossível. O axioma "A mulher não existe", e sua construção resumida acima, permite uma discussão quanto à possibilidade de um final de análise que vai além da rocha da castração, sendo esta via outra da posição feminina, proposta por Lacan, que admite a possibilidade de haver mulheres a serem consideradas uma a uma, em sua singularidade e constante devir.

Feminilidade, tornar-se mulher, psicanálise lacaniana.

FUNDUNESP

CLIN

CONSTRUÇÃO DE UM JOGO PARA TRABALHAR ENFRENTAMENTO DE ESTRESSE COM CRIANÇAS EM PSICOTERAPIA. *Virginia Azevedo Reis Sachetti (Serviço-Escola de Psicologia - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Jean Paulo da Silva** (Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis SC), Fabiana Riegel-Silva* (Curso de Psicologia – Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim – SC).*

Uma característica central do processo de desenvolvimento humano envolve lidar com o estresse psicossocial. Desde a infância o indivíduo participa de situações potencialmente estressantes que exigem ação e adaptação. Situações estressantes são eventos internos ou externos que sobrecarregam ou excedem os recursos pessoais, desencadeando um repertório de estratégias de enfrentamento que são respostas cognitivas e comportamentais utilizadas para lidar com essas situações e que implicam esforços para mudar as circunstâncias ou sua interpretação, objetivando torná-las mais favoráveis e menos ameaçadoras. As estratégias de enfrentamento têm duas funções: regular emoções resultantes do estresse e solucionar o problema. Tendo como base esse contexto de atuação, foi elaborado um jogo para trabalhar o uso de diferentes estratégias de enfrentamento com crianças de 7-12 anos, individualmente ou em grupo. O jogo é composto por 35 cartas de completar frases e descreve diferentes situações estressantes (por exemplo: Quando chego em um lugar que não conheço ninguém, eu...), criadas a partir de uma matriz formada pelo cruzamento de três dimensões: origem (interna ou externa); pessoas envolvidas (pares ou adultos) e situação (escola, família, perda, manejo da frustração, interações sociais e situações de vulnerabilidade e risco). O objetivo é estimular a criança a conversar sobre a utilização e eficácia percebida das diferentes estratégias, fortalecendo-a para lidar com situações estressantes. O terapeuta deve selecionar antecipadamente as cartas de acordo com as características da criança ou do grupo. Na hora do jogo, deve virar as cartas com o desenho para baixo e explicar que se trata de um jogo de cartas para completar frases sobre situações que causam estresse em muitas crianças. Em seguida dá a instrução que ela deve escolher uma carta, virá-la e completar a frase dizendo o que faz para resolver o problema ou se sentir melhor, sem haver resposta certa ou errada. Diante das respostas, o terapeuta pode discutir com a criança se a estratégia funciona ou o que poderia ser feito de forma diferente. O jogo permite ainda observar padrões não adaptativos de reação diante do estresse, fontes de estressores, características básicas do desenvolvimento cognitivo e social (exemplo: autopercepção, crenças de autoeficácia, autocontrole ou mecanismos de inibição, atribuições de causalidade, amizades, isolamento social, apoio social e relações interpessoais, comportamento agitado ou desorganizado, atitudes de imobilização). Considerando que a vulnerabilidade amplia os efeitos negativos das situações estressantes e que um dos objetivos da psicoterapia é fortalecer o controle pessoal sobre os eventos da vida, pretende-se que este jogo seja um recurso que possibilite aumentar a qualidade das estratégias empregadas para lidar de forma satisfatória e adaptativa com o estresse.

Estresse; enfrentamento; psicoterapia.

Bolsa-Pesquisa FUMDES - Artigo n.171 da Constituição do Estado de Santa Catarina

CLIN

CONSTRUÇÃO DE UM PROTOCOLO DE ENTREVISTA INICIAL COM PAIS DE CRIANÇAS ENCAMINHADAS PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO.

Virginia Azevedo Reis Sachetti (Serviço-Escola de Psicologia - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Marisa Raduenz (Serviço-Escola de Psicologia - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Solange Georg (Curso de Psicologia – Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Marcelo de Assis Pereira Wojcikowski (Núcleo de Apoio Psicopedagógico - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC).*

No Serviço-Escola de Psicologia, a entrevista inicial com os pais de crianças encaminhadas à psicoterapia constitui-se um momento determinante para coleta de dados, formação da aliança terapêutica, adesão e continuidade do processo. O desafio foi conseguir proporcionar um espaço simultâneo de escuta psicológica e de coleta de dados. Se, por um lado, a técnica não diretiva é muito eficiente nessas situações; por outro lado, a inexperiência do estagiário dificulta sua aplicação para conduzir o atendimento de forma satisfatória. Sendo assim, optou-se por considerar a entrevista inicial como um processo com duração de até três sessões e pela criação de um protocolo estruturado em tópicos, englobando conteúdo e aspectos a serem observados, que devem ser abordados a partir da direção do usuário, sem a ordenação rígida de uma anamnese, tornando as perguntas e observações partes indissociáveis. O protocolo é composto por quatro partes: (1) introdução: apresentação e preenchimento da ficha de dados pessoais, com objetivo de redução de ansiedade. (2) desenvolvimento: investigação da queixa inicial, abordada por meio de perguntas não diretivas de introdução, partindo do geral para o particular, com o objetivo de coletar dados sobre a criança (constelação e dinâmica familiar, situação escolar, relacionamento com colegas, professora, desempenho escolar, relações sociais, cuidado destinado à criança, sentimentos prevalentes: medo, timidez, agressividade, raiva, ansiedade), histórico médico ou doenças relevantes (medicação, enurese, delírios ou alucinações). (3) investigação sobre a motivação e expectativas para o atendimento e necessidade de concordância da criança. Neste momento, o estagiário deve explicar que o trabalho é longo e lento, que a criança pode piorar para somente depois melhorar, deixar claro o que é e as limitações de uma relação de atendimento psicológico porque os pais chegam com expectativa irreal sobre a conduta do terapeuta e a resolução dos problemas. (4) Encerramento da entrevista: resumir a sessão, avaliar o impacto do atendimento sobre os pais e apresentar as regras de funcionamento, forma de contato e documentação (explicar sobre a entrevista devolutiva periódica aos pais; que a criança será informada sobre este procedimento; que, sem a colaboração dos pais, não há como ter sucesso no atendimento. Explicar ainda do local, das condições técnicas e éticas do atendimento, como supervisão, duração da sessão, processo de triagem, anotações, confidencialidade e sigilo), e fazer encaminhamentos quando necessário. No decorrer da entrevista, vários aspectos devem ser observados para que seja possível visualizar o curso das intervenções, tais como: uso da linguagem, (lenta ou rápida, espontânea, as palavras que utiliza, tom, articulação), as associações que a pessoa faz (lógica, relevância, abstração, insight), aparência geral (modo de se vestir, postura, gestos, expressões faciais), comportamento motor e o nível de atividade, aparência emocional (ansiedade, tristeza, tensão, confusão, timidez), a voz e o contato visual, o padrão de relacionamento (irritado, agressivo, sedutor, cauteloso, defensivo, indiferente, colaborador), afeto (coerente com a fala, instável, inapropriado, plano). A proposta elaborada fundamentou-se na hipótese de que estruturar a entrevista inicial permite reduzir a ansiedade do estagiário, aumentando a probabilidade de que demonstre empatia, neutralidade e aceitação, facilitando a formação da atitude clínica essencial à psicoterapia.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Entrevista inicial; psicoterapia; atendimento psicológico.
CLIN

DEPRIVAÇÃO E TENDÊNCIA ANTISSOCIAL: PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS REALIZADAS NO BRASIL, NA ÚLTIMA DÉCADA. *Walter José Martins Migliorini (Departamento de Psicologia Clínica, UNESP – Univ. Estadual Paulista, Assis, SP), Laila Suiama Gomes de Lima* (Graduanda em Psicologia, UNESP – Univ. Estadual Paulista, Assis, SP), Melissa Yumi Suzuki* (Graduanda em Psicologia, UNESP – Univ. Estadual Paulista, Assis, SP)*

O psicanalista D. W. Winnicott fez uma importante contribuição sobre o papel do ambiente na constituição da subjetividade, abrindo um campo de observações e teorizações até então inexplorado pela psicanálise. Por exemplo, a observação de que na psicogênese de alguns casos de tendência antissocial há (1) uma alteração significativa e, muitas vezes sutil, do ambiente, (2) ocorrida num período do desenvolvimento emocional em que a criança é madura o suficiente para perceber que algo em sua vida foi irremediavelmente perdido. Inicialmente, pode haver um período de retraimento e uma aparente aceitação da perda, seguido do surgimento de sintomas, tais como a enurese noturna, o furto, a mentira, o consumismo, a rebeldia e a crueldade compulsiva. Ocorre um processo dissociativo e a criança não reconhece esses sintomas como seus. O termo deprivação (deprivation) foi utilizado por Winnicott para se referir a esse fenômeno e não cobre os casos em que, por exemplo, o convívio diário da criança com a violência do entorno social ou as condições psíquicas da família não favorecem a constituição de um sentido ético. A investigação de Winnicott caminha no sentido contrário ao das teorias que atribuem aos fatores constitucionais ou intrassubjetivos o papel preponderante na conduta antissocial. Ela possibilita uma reflexão sobre as raízes da delinquência e da desumanização que têm marcado as relações humanas na contemporaneidade. Por outro lado, implica na proposição de novas modalidades de intervenção clínica, uma vez que a psicanálise e a psicoterapia têm um alcance limitado no tratamento da tendência antissocial. Entre essas modalidades, Winnicott desenvolveu a consulta terapêutica e o placement. É necessário que a psicologia clínica desenvolva métodos que possam colaborar com a prevenção e o tratamento da conduta antissocial e procure respostas para a compreensão do problema da delinquência crescente no mundo contemporâneo. Uma maneira de realizar essa tarefa é por meio do mapeamento das intervenções psicológicas atuais nesse campo. Entre estas, destacam-se os trabalhos inspirados no modelo winnicottiano. A presente investigação tem por objetivo a revisão da literatura psicanalítica sobre a tendência antissocial, produzida nas universidades (dissertações e teses), referente aos últimos dez anos, no Brasil. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de buscas nos seguintes bancos de dados nacionais: IBICT, CAPES, Bibliotecas Digitais UNESP, banco de teses da USP e BIREME. As palavras-chaves utilisadas nas buscas foram deprivação, de-privação, tendência anti-social e tendência antissocial. Foram encontrados 23 trabalhos, que foram analisados a partir de seus resumos. Os resultados apontam a predominância de (1) investigações que utilizam essencialmente procedimentos clínicos; (2) desenvolvidas em contexto institucional; (3) tendo por sujeitos, na maioria dos casos, crianças e adolescentes. Entretanto, duas pesquisas tiveram bebês como sujeitos e duas envolveram a análise e uma proposta de intervenção mais direta no próprio ambiente da instituição. Os conceitos de deprivação e tendência antissocial têm sido utilizados em pesquisas realizadas em diversas regiões do país, na última década e acompanham nesse sentido o interesse crescente pela obra de Winnicott no Brasil. Há uma tendência nessas pesquisas a ampliar o contexto de utilização desses conceitos para além dos limites da clínica, mantendo, porém, o método clínico de investigação.

Deprivação, tendência antissocial, Winnicott

Programa Renove / UNESP - Univ. Estadual Paulista
CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EDUCAÇÃO E DISCIPLINA NA OPINIÃO DOS PAIS: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS. *Michele Fernanda Schmitt* (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO),Michela Rodrigues Ribeiro (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO e Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF)*

A família representa o primeiro grupo de inserção social infantil. A presença e a atuação parental, assim como seu envolvimento e desempenho, se refletem diretamente na aquisição de habilidades sociais das crianças. Portanto, através do uso de práticas educativas, os pais são os primeiros e maiores responsáveis por mediar a aprendizagem de seus filhos. Práticas educativas deficitárias, ou ainda, a ausência de envolvimento afetivo dos pais, compõem fatores de risco que, em geral, afetam negativamente o desenvolvimento da criança. Tais condições podem torná-la vulnerável a variados contextos, podendo prejudicar o estabelecimento de relações interpessoais futuras da criança. Em 2010, uma proposta de alteração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), inclui o direito de educação sem a utilização de castigos físicos ou de tratamento cruel ou humilhante. Os pais que descumprirem podem ser encaminhados ao programa oficial ou comunitário de proteção à família, a tratamento psicológico ou psiquiátrico, a cursos ou programas de orientação e obrigados a encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado. No caso de lesões corporais graves, o responsável pode ser punido com uma pena de um a quatro anos de prisão. Esse Projeto de Lei tem sido popularmente denominado de "Lei da Palmada". Com os objetivos de analisar o comportamento dos pais em relação ao uso de práticas educativas positivas e coercitivas, quais os fatores de influência no desenvolvimento do repertório parental, e ainda opiniões sobre a "Lei da Palmada" o presente estudo entrevistou 9 mães e 1 pai, que tinham pelo menos um filho com idade variando de 4 a 12 anos em atendimento em uma clínica-escola. Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada elaborado para o estudo para avaliar os participantes, compreendendo as seguintes categorias: (a) parentalidade e práticas educativas; (b) apoio conjugal e social; (c) experiência quando criança; (d) percepção sobre o Projeto "Lei da Palmada". As entrevistas duraram cerca de 30 minutos em média. Os dados apontaram a utilização de diferentes tipos de práticas, evidenciando o uso de castigos físicos, retiradas de privilégios e ameaças (de castigos ou de rompimento do vínculo afetivo) como forma de controle de comportamento. Práticas parentais positivas como atenção, negociação e oferecimento de recompensas e privilégios foram infrequentes. A maioria dos entrevistados descreveu ter recebido uma educação rígida, onde não ocorria muito diálogo, indicando que houve transmissão intergeracional das práticas educativas. Em relação à lei, a maioria dos pais tinha conhecimento sobre a mesma e tinha opinião desfavorável quanto à sua aplicação. O trabalho discute a funcionalidade e aplicabilidade da lei, pois ela pode ter pouco poder de controlar o comportamento dos indivíduos, uma vez que as contingências atuam fortemente no contexto. Dessa maneira, haveria uma dificuldade de atuação diferenciada por parte dos pais em situações de estresse quando não há no repertório habilidades educativas adequado. Uma proposta alternativa à lei é o desenvolvimento de políticas públicas que auxiliem os pais na construção de um repertório de habilidades sociais e de práticas educativas positivas.

Práticas Educativas Parentais, "Lei da Palmada", Coerção

CLIN

EFEITOS DE INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS COM UNIVERSIÁRIOS DIAGNOSTICADOS COM DEPRESSÃO. *Natália Natália Pinheiro Orti**,Vivian Bonani de Souza**, Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP).*

Estudos de avaliação da saúde mental de universitários demonstram correlação positiva com desenvolvimento de habilidades de comunicação, expressão de sentimentos, assertividade e falar em público. No que se refere a pesquisas de intervenção com universitários a literatura aponta efetividade do treinamento de habilidades sociais em contexto psicoterápico para remissão de dificuldades interpessoais e problemas de saúde mental. Nesse contexto, o presente estudo diferencia-se por avaliar a aplicação de um procedimento semi-estruturado de intervenção em Habilidades Sociais com a ênfase terapêutica analítico-comportamental com um grupo de dois universitários com depressão. A intervenção foi composta de quatro sessões individuais de avaliação (cujos instrumentos foram entrevista clínica inicial, SCID-IV, BDI, IHS e o Questionário de Comportamentos e Contextos - QCC) e doze sessões de grupo, cada uma com ênfase temática em um conjunto de habilidades sociais (iniciar e manter conversações; fazer e responder perguntas; identificar direitos humanos; diferenças entre assertividade, passividade e agressividade ; expressão de sentimentos positivos, dar e receber feedback positivo; ouvir e expressar opiniões de concordância e discordância; expressar sentimentos negativos, feedback negativo e pedir mudança de comportamento; lidar com críticas, admitir os próprios erros e pedir desculpas; contexto de relacionamento amoroso; contexto de relacionamentos familiares; falar em público). As principais técnicas utilizadas foram análise funcional das dificuldades interpessoais dos clientes, psicoeducação sobre características das habilidades sociais, modelagem e role-playing. O procedimento foi avaliado enquanto delineamento de sujeito único, considerando medidas de pré-teste, pós-teste e seguimento. Os resultados de pós-teste em comparação ao pré-teste e à avaliação de seguimento demonstram remissão dos sintomas de depressão de ambos os clientes (critérios negativos na SCID-IV e decréscimo de sintomas do BDI, A: 19-6-4 e B: 12-3-2), satisfação com o tratamento (maior frequência de obtenção de consequências positivas, A:34-51-61 e B: 20-35-51 pelo QCC), generalização de habilidades sociais para contexto universitário, familiar e amoroso quanto a comunicação, expressão de sentimentos (A: 27-32-39 e B:13-17-40 pelo QCC), além de menor frequência de comportamentos não habilidosos, (A:16-13-8 e B:16-6-6 pelo QCC). Além disso, os resultados comparativos entre percentis do IHS demonstram aumento no conjunto de habilidades sociais de ambos os clientes (A:5-30-60 e B: 40-75-80). Conclui-se que o procedimento terapêutico semi-estruturado em habilidades sociais tenha contribuído para remissão dos sintomas depressivos e desenvolvimento de repertórios relevantes para o aumento na qualidade das interações interpessoais. Os resultados confirmam hipóteses de que o desenvolvimento de habilidades sociais pode ter implicações relevantes para o tratamento e prevenção de problemas de saúde mental.

Terapia analítico-comportamental; Universitários; Habilidades sociais.

CLIN

ESTUDO PSICANALÍTICO DO DESENCADEAMENTO DA ANOREXIA NERVOSA NA ADOLESCÊNCIA. *Rosana Sigler, Deyse Cristina Lázaro Soares*, Jocácia Rocha Ribeiro* (Curso de Psicologia - Departamento de Ciências da Saúde - Universidade Nove de Julho – São Paulo – SP)*

A anorexia nervosa é um transtorno mental cujas características principais são o medo excessivo de tornar-se obeso, a perda de peso importante, a distorção da imagem corporal e a amenorreia. A anorexia tem acometido com maior frequência as jovens adolescentes, mas pode ocorrer em homens, bem como numa criança com idade próxima à puberdade ou numa mulher adulta. Tem sido denominada pela Psicanálise como uma das patologias atuais e, como tal, aponta para importantes falhas na função simbólica. A presente pesquisa de Iniciação Científica objetivou compreender as razões psicodinâmicas pelas quais a anorexia nervosa é comumente desencadeada na adolescência. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica debruçou-se sobre a literatura psicanalítica acerca da anorexia em seus aspectos psicodinâmicos. A pesquisa documental foi feita no arquivo morto da clínica-escola de uma universidade, compreendendo o período de janeiro a julho de 2011 e tendo como objeto prontuários de usuários entre 12 e 18 anos. Foram levantados prontuários em que era possível identificar traços característicos da anorexia, de acordo com a literatura psicanalítica. Em seguida, foram transcritos os trechos de relatos de sessão que evidenciavam: a) episódios característicos da adolescência; b) traços da anorexia; c) outros episódios significativos vividos na adolescência antes do desencadeamento do transtorno. Foi feita, então, uma análise qualitativa de todos os dados presentes. Foi encontrado um único caso clínico. M.,16 anos, apresentou os traços característicos da anorexia: exercícios exaustivos; insatisfação com a imagem corporal e o emagrecimento de 20 quilos em um ano. M. apresentou outros episódios significativos vividos na adolescência antes do desencadeamento do transtorno: o uso de drogas; a saída da casa da mãe, por vivenciar esta relação com angústia intensa (desamparo); a vivência da sexualidade acompanhada de sensações de forte repulsa; a experiência de um aborto; e episódios de furto. O período da adolescência para a menina é, normalmente, um período de crise psíquica, pois se trata de realizar o luto do corpo infantil, a separação da mãe rumo à autonomia e a conquista da sexualidade adulta. Pode-se concluir que M. vivencia esta tarefa com angústia adicional, pela simples presença dos episódios pelos quais atravessa antes da patologia: o uso de drogas, o furto, o aborto e a saída da casa da mãe. Esses episódios antecedem os traços do quadro anoréxico. M., enfrentando sentimentos intensificados de desamparo, desvalimento e desesperança, parece anular e compensar essas vivências pelo controle onipotente sobre o próprio corpo que a anorexia promove.

Psicanálise. Anorexia nervosa. Adolescência

CLIN

EXPERIÊNCIA EM SUPERVISÕES DE CASOS CLÍNICOS NA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL. *Isabela Zaine, Jussara Fatima Pascualon – Araujo (Universidade Federal de São Carlos)*

É comum, na durante formação de psicólogo e também na atuação do profissional, a procura por orientações acerca da conduta com clientes no contexto clínico. Este trabalho relata a experiência de atuação de duas profissionais de psicologia clínica comportamental responsáveis, no período de 1 ano, pela supervisão de um grupo heterogêneo envolvendo estudantes do terceiro ao quinto ano de curso de graduação em Psicologia e profissionais já formados na área, baseado na prática adotada pelo Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento. As supervisões ocorriam semanalmente, com duração de duas horas por encontro, sendo que o tempo era dividido igualmente entre cada caso supervisionado. Cada integrante atendia um cliente (com exceção de um aluno de terceiro ano) também semanalmente, sendo que as sessões eram gravadas com a autorização do mesmo. Após os atendimentos, era requerido que os psicoterapeutas confeccionassem resumos de sessão, contendo trechos de falas literais do terapeuta e cliente, que eram lidos pelas supervisoras e outros integrantes do grupo. As sessões eram comentadas por escrito pelas supervisoras e entregues aos psicoterapeutas dias antes da supervisão, para que estes se preparassem para o encontro presencial. Neste, eram apontados os principais pontos de cada atendimento, análise de contingências e procedimentos a serem adotados nas próximas sessões. Apesar dessa atividade ser conduzida pelas supervisoras, todos os participantes do grupo eram encorajados a ler os resumos antes das supervisões e contribuir ativamente com sugestões de atuação e condução do caso. Durante o andamento do grupo, os membros que não acompanhavam nenhum cliente foram encorajados a comentar por escrito antecipadamente as sessões dos outros membros, de forma a motivar uma participação mais atuante. A avaliação sobre a maneira com que a atividade foi conduzida, os membros apontaram como pontos positivos: 1) o suporte das supervisoras tanto com relação aos comentários escritos sobre as sessões, quanto às orientações oferecidas presencialmente; 2) adequado manejo de tempo destinado aos comentários sobre cada caso; 3) comentários escritos enfatizando procedimentos aplicados, resultados obtidos e variáveis de controle de determinados comportamentos; 4) gravação das sessões e confecção dos resumos como ferramenta que propiciava supervisões com mais objetividade e riqueza de dados; 5) oportunidade de comentar por escrito sessões de outros membros, de forma a exercer uma função mais próxima a de um supervisor. Como sugestões para aprimorar as atividades desenvolvidas, foi apontado que houvesse maior exploração de conceitos básicos de análise do comportamento durante as supervisões e a oportunidade de todos comentarem por escrito as sessões de outros membros em semanas em que, por motivo de falta, o atendimento clínico não fora realizado. A avaliação apresentada pelos membros apontou que a forma como a supervisão foi conduzida favoreceu a aprendizagem da atuação clínica do psicólogo comportamental e ampliou o interesse e a confiança para atuação enquanto psicoterapeuta. Além disso, as supervisões em grupo possibilitam que os membros tenham contato e acompanhem diversos casos e suas particularidades, sendo, portanto, mais produtivas do que sessões individuais de supervisão.

CLIN

FENOMENOLOGIA DA VIDA DE RELAÇÕES: AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO ADI/TIP. *Gisela Renate Jost de Moraes (Fundadora da Fundação de Saúde Integral e Humanística - Belo Horizonte - MG); Eunides Almeida**; Maria Clara Jost de Moraes**; Ana Paula Gomes Jelihovschi*; Gerlaine Teixeira Rosa**; Ana Cláudia Lopes Fontes* (Fundação de Saúde Integral e Humanística - Belo Horizonte - MG)*

Na contemporaneidade as relações interpessoais encontram-se customizadas por uma sociedade consumista, narcisista e espetacular que produz subjetividades marcadas pelos seus excessos. Tais características favorecem o enfraquecimento dos laços afetivos, gerando, por sua vez, indivíduos ávidos para estabelecerem ligações duradouras - por proporcionarem o sentimento de pertença – e, contudo, paradoxalmente receosos em vincular-se, por temerem a perda da individualidade e liberdade. A partir de um olhar fenomenológico para as relações humanas, vislumbramos suas dinâmicas atreladas de forma temporal aos objetos, corpo, passado, presente e futuro. A ADI (Abordagem Direta do Inconsciente) tem como objetivos, através da TIP (Terapia de Integração Pessoal), utilizada como recurso complementar à Psicoterapia Fenomenológico-existencial, o desmantelamento de antigas cristalizações geradoras de sofrimentos, o fortalecimento dos vínculos afetivos, a descoberta de novas potencialidades e de outros sentidos para a existência bem como propiciar posturas de alteridade e de maior abertura ao outro e ao mundo; reforçando aspectos da transcendência humana. Para tanto, a ADI se utiliza de técnicas que possibilitam o acesso direto e consciente ao vivido e aos significados construídos. Neste processo é possível não apenas decodificar os registros negativos, ou códigos existenciais, como também desvendar as vivências que revelam posicionamentos mais autênticos nas relações interpessoais. O presente estudo teve como objetivo verificar as possíveis contribuições do método ADI/TIP para os clientes submetidos à terapia, no tocante aos relacionamentos interpessoais e amorosos. Foram selecionados 557 participantes, sendo 378 mulheres e 179 homens, que espontaneamente procuraram a Terapia de Integração Pessoal e foram submetidos ao método da Abordagem Direta do Inconsciente. A partir de um amplo questionário aplicado antes e após a intervenção terapêutica, foram selecionadas as questões referentes à dificuldade de relacionamento amoroso (DRA), dificuldade de relacionamento interpessoal (DRI) e dificuldade de expressão/percepção de afeto (DEA), que inclui o sentimento de incapacidade de amar e de sentir-se amado. Análises das variações das respostas iniciais (I) e finais (F) revelaram que houve uma redução significativa ($p<0,001$) de 59% (I:341; F:141) da DRA, 65% (I:196; F:68) de DRI, 73% (I:260; F:71) na DEA, 72% (I:225;F:64) no sentimento de incapacidade de amar e 80% (I:267; F:54) na incapacidade de sentir-se amado. Percebe-se que os sujeitos da pesquisa evidenciaram mudanças significativas após o processo da terapia em relação aos critérios avaliados. Na contramão dos traços característicos da contemporaneidade - autocentramento, descartabilidade e efemeridade - as relações afetivas assumiram aspectos mais transcendentes em decorrência das modificações em suas percepções. Tais transformações instauraram atitudes de abertura ante a descoberta de sentido no encontro consigo e com o outro. Assim sendo, a proposta desse processo terapêutico aumenta a possibilidade de reconstrução dos vínculos afetivos, o fortalecimento da capacidade de enfrentamento das adversidades, o conhecimento mais profundo de si mesmo, uma maior compreensão dos sofrimentos e a mudança dos posicionamentos assumidos diante do vivido.

ADI/TIP; Relações interpessoais/amorosas; Contemporaneidade.

CLIN

FORMAÇÃO DO TERAPEUTA NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA – UM CASO DE PSICOTERAPIA. *Bruna de Almeida Cruz*, Emanuel Meireles Vieira (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém-PA)*

Como outros profissionais, o psicoterapeuta precisa de uma formação específica, bem como atributos pessoais que o permitam exercer sua profissão. Desse modo, os cursos de Psicologia, além de oferecerem o conhecimento teórico necessário ao exercício da Psicoterapia, também dispõem de serviços-escola, nos quais os terapeutas em formação têm a oportunidade de exercitar suas habilidades de escuta. Na abordagem centrada na pessoa, o psicoterapeuta precisa, muito mais do que dominar técnicas, possuir atitudes facilitadoras para a comunicação do cliente, para a mudança significativa de suas percepções e atitudes. Essas atitudes primordiais do terapeuta são para Rogers a empatia, a consideração positiva e incondicional e a autenticidade. O objetivo deste trabalho é demonstrar, a partir da análise de um caso de Psicoterapia atendido na Clínica de Psicologia da Universidade Federal do Pará, o processo de aprendizagem do terapeuta em formação no sentido de aguçar suas atitudes facilitadoras. A terapeuta atendeu uma senhora de aproximadamente 50 anos, totalizando dez atendimentos pela Psicoterapia, após atendê-la quatro vezes num serviço de Plantão Psicológico. Para análise da interação terapeuta-cliente, foram utilizadas "versões de sentido", instrumento elaborado por Mauro Amatuzzi no qual se relata o que foi mais significativo na experiência para o terapeuta, de modo a demonstrar-se o sentido da experiência. Trata-se, portanto, mais de um relato de sentimentos e percepções do que de fatos ocorridos. As versões de sentido também eram os instrumentos utilizados para a supervisão do caso, que constitui o momento reservado para o acompanhamento e discussão do caso junto a um professor supervisor. Durante os atendimentos, a terapeuta observou uma mudança na sua percepção da Psicoterapia como modalidade de atendimento, bem como ampliou sua percepção das estratégias que poderia utilizar para facilitação terapêutica. O vínculo terapêutico, que vinha sendo formado desde os atendimentos do Plantão, foi ressignificado à medida que avançavam os atendimentos. Na interação com a cliente de psicoterapia, a terapeuta notou seu próprio movimento de rigidez inicial na sua postura diante da cliente transformando-se em uma fluidez na comunicação e no contato com a mesma, aguçando sua autenticidade na relação, representada por uma maior liberdade de expressão. Em relação à atitude empática, percebeu que sua técnica de resposta-reflexo poderia ser muito mais efetiva, na medida em que ressaltava aspectos mais relevantes da experiência da cliente, em vez de simplesmente o conteúdo explícito expresso em suas palavras, incluindo a reprodução de expressões corporais e faciais, bem como entonações da fala da cliente. Nas supervisões, foi avaliada a disponibilidade da terapeuta para o como a cliente aparecia como um fator importante para o avanço da relação terapêutica, ressaltando-se sua consideração positiva relativa ao ritmo próprio da cliente em seu processo de mudança, tendo a terapeuta aprendido a respeitá-lo. Percebeu-se durante a análise desse processo a evolução da psicoterapeuta, aprimorando sua técnica de escuta, bem como suas atitudes facilitadoras, o que a possibilitou impulsionar importantes mudanças da cliente, como maior contato com seus sentimentos e melhores estratégias para lidar com seus problemas, à medida que mudava a relação terapeuta-cliente.

Psicoterapia, formação do terapeuta, abordagem centrada na pessoa

CLIN

GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE MÃES: PROCEDIMENTOS E RESULTADOS.

Maria Benedita Lima Pardo, Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho, Ariane de Brito Santos, Maísa Santos de Jesus, Luciana Priscila Lima da Silva (Universidade Federal de Sergipe)

Os problemas de comportamento na infância e início da adolescência se constituem queixas comuns de pais que procuram atendimento para seus filhos em instituições de atendimento psicológico e/ou clínicas-escola. A despeito da variabilidade de proposições de intervenção com pais, observa-se que alguns princípios gerais regem as diferentes abordagens, tal como o reconhecimento de que os problemas de comportamento infantil estão vinculados ao contexto familiar da criança, principalmente com as práticas parentais. O objetivo desta pesquisa foi o de analisar as queixas trazidas pelas mães que freqüentaram um Grupo de Orientação (GO) e relatar as alterações percebidas por elas nos próprios comportamentos e no de seus filhos. O GO foi desenvolvido na clínica-escola de uma Universidade pública e teve a duração de oito encontros, um por semana. Participaram quatro mães com escolaridade variando do ensino fundamental ao superior completo, cujos filhos, de ambos os sexos, tinham idades entre 5 e 13 anos. Os dados foram coletados através de entrevistas individuais com as mães, antes do início e ao final dos encontros do grupo. As respostas foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados revelaram que no início as mães identificavam poucos comportamentos positivos nos filhos e tinham dúvidas quanto às práticas educativas. Suas principais queixas se relacionavam a desobediência, mentiras e medos manifestados pelas crianças. No decorrer dos encontros tais queixas foram trabalhadas através de discussões que versavam, em linguagem acessível ao grupo, sobre desenvolvimento infantil, substituição de práticas educativas negativas por positivas, importância do diálogo pais-filhos. Também foram realizadas sessões de brincadeiras em que as crianças compareciam e nas quais se observava e depois se comentava a interação mãe-criança. Nas entrevistas finais as mães foram solicitadas a retomar o motivo que as levaram a freqüentar o grupo e, além das queixas, duas delas reforçaram a importância das contribuições da Psicologia. Com relação a alterações no comportamento dos filhos, duas relataram que houve grande melhora, em especial nos comportamentos de desobedecer, mentir e ter medo. Uma indicou que a melhora foi regular, mas não relatou mudança no comportamento do filho. A outra, embora tenha considerado que não houve melhora, relatou que sua filha às vezes obedecia e às vezes não. Em relação a mudanças observadas nelas mesmas todas indicaram que haviam mudado seu modo de pensar sobre a educação do filho e que estavam preocupadas com a inserção de práticas educativas positivas no dia a dia. Identificavam também que as mudanças das práticas estavam relacionadas ao controle de suas emoções e comportamentos, tais como, ficar mais calma, escutar o que a criança tinha a dizer antes de partir para a ação. Duas delas também relataram que ainda não estavam conseguindo mudar seu comportamento com freqüência, indicando que mudar a prática educativa requer um processo de aprendizagem. Esses resultados estão em acordo com a literatura que enfatiza a importância de se trabalhar com as práticas educativas parentais, revelando também que alterações nas mesmas trazem benefícios tanto para as crianças como para os pais.

Apoio financeiro: PIBIX/PROEX/UFS

Palavras chave: grupo de orientação, práticas parentais, serviço de psicologia aplicada

P

CLIN

MATERNIDADE, RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E DESENVOLVIMENTO INFANTIL NOS SEIS PRIMEIROS MESES DE VIDA DO BEBÊ PREMATURO. *Tagma Marina Schneider Donelli, Stela Maris Henrich (UNISINOS)*

O nascimento de um bebê que necessita de cuidados hospitalares pode representar uma séria ameaça ao estabelecimento de um relacionamento saudável entre mãe e filho. Este relacionamento estaria prejudicado, entre outros aspectos, pelo afastamento físico do bebê. A internação de um bebê na UTI Neonatal e a consequente separação de mãe e bebê pode aumentar nas mulheres sentimentos de incapacidade e de impotência, que são frequentemente descritos como sensações de vazio e de perda, e incrementar os sintomas emocionais clínicos de ansiedade e depressão, ocasionando expectativas, reações e sentimentos negativos em relação ao bebê. Além disso, estudos que investigaram o impacto do nascimento de um bebê prematuro apontam alguns fatores como de risco para o desenvolvimento posterior da criança. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo investigar a vivência da maternidade, da relação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil nos primeiros seis meses de vida do bebê que nasceu prematuro. Foi utilizado delineamento de estudo de casos múltiplos, sendo participantes três duplas mãe-bebê. Durante a internação do bebê em UTI Neonatal, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados uma "Ficha de Dados Sócio-Demográficos" e uma "Ficha de Dados Clínicos" para obter informações sobre as circunstâncias em que ocorreu o nascimento prematuro, além de informações sobre idade, situação conjugal da mãe e situação familiar da dupla mãe-bebê. Também foi realizada uma "Entrevista Clínica Materna – versão hospitalar" com o objetivo de investigar as expectativas e sentimentos da mãe sobre a maternidade, o bebê e seu desenvolvimento futuro. Ainda durante a internação do bebê foi realizada uma "Sessão de Filmagem" da dupla mãe-bebê em um momento de interação livre, a fim de conhecer seus comportamentos interacionais, e aplicado o "IRDI" (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil), cuja finalidade é predizer problemas de desenvolvimento e risco psíquico. Após a alta hospitalar, as duplas foram acompanhadas a domicílio um mês após a alta do bebê, e quando ele estava completando seis meses de vida. Nessas ocasiões, as mães responderam uma "Entrevista Clínica Materna – versão ambulatorial" com o objetivo de investigar as expectativas e sentimentos da mãe sobre a maternidade, o bebê e seu desenvolvimento futuro após a alta hospitalar e após encerrada a primeira metade do primeiro ano de vida, e foram realizadas novas sessão de filmagem, além de aplicado o "IRDI". A análise preliminar dos dados vem mostrando que, durante a internação neonatal, as mães parecem experimentar uma sobrecarga emocional, o que pareceu agravar seus sentimentos de fracasso e de incapacidade para exercer seu papel materno. Entretanto, tal tendência não vem sendo observada após a alta hospitalar. Espera-se, com esse estudo, contribuir para o debate sobre a prevenção em saúde mental, tendo em vista que o pressuposto da clínica com bebês e crianças pequenas é a intervenção e a detecção precoce de transtornos psíquicos.

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O AMADURECIMENTO PRECOCE E O FALSO SELF NA SOCIEDADE ATUAL. *Ana Paula Medeiros**, Marcela Lança de Andrade**, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes e Valéria Barbieri (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP)*

Atualmente, as exigências do mercado de trabalho e das atividades cotidianas dos adultos fazem com que pais e escolas passem a exigir das crianças maiores responsabilidades e um desenvolvimento acadêmico acelerado. Para tanto, os valores e os ideais que antes prevaleciam precisam ser adaptados, os pais sentem-se na obrigação de oferecer o melhor para seus filhos, ainda que isso comprometa boa parte dos seus recursos financeiros. A educação e a promessa de sucesso profissional vinculado a ela passam a ser prioridades. Em prol disso, o sucesso ou insucesso escolar torna-se central na relação de pais e filhos, o que leva muitos pais a procurarem ajuda psicológica a fim de que os possíveis "problemas" escolares sejam solucionados, além da expectativa de que o filho seja 'perfeito'. O fornecimento de melhores condições de vida implica, muitas vezes, em uma obrigação por parte da criança, de corresponder às expectativas e altas exigências dos pais e professores. Desta forma, a criança precisa amadurecer precocemente, exigindo-se mais do que o necessário. Pensando na teoria do amadurecimento de Winnicott, baseada na capacidade inata do indivíduo de desenvolver-se e da presença de um ambiente facilitador, a maturidade é relacionada à idade da criança e resultante da sua capacidade de identificar-se com a sociedade sem sacrificar seu impulso individual. Nessa direção, analisa-se um caso atendido no serviço de triagem infantil da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto, de uma menina de 11 anos de idade, que absorve as expectativas e responsabilidades colocadas pelos pais e pela escola, mostrando-se madura precocemente. Procurou-se analisar, com base na teoria do amadurecimento de Winnicott, de que forma essa situação resulta em um amadurecimento precoce e como a cobrança excessiva por parte dos pais e da própria criança, tornam-se prejudiciais para um desenvolvimento sadio, a partir da colocação de Winnicott de que o amadurecimento é considerado saudável quando ele acompanha a idade da criança. Para que haja saúde, a criança quando cresce precisa se tornar uma pessoa adulta capaz de se identificar com a sociedade, podendo agir de forma espontânea e ser criativa. No caso estudado, durante o processo de triagem, foi possível perceber a alta exigência dos pais para com a filha, no intuito de que ela pudesse agir de acordo com as expectativas parentais, mostrando-se uma aluna exemplar na escola e capaz de lidar com situações acima do que seria esperado para a sua idade. Além das exigências escolares, a menina era cobrada por dar conta do cuidado com o irmão menor, não sendo permitida nenhuma reclamação ou questionamentos. Notou-se a submissão de suas necessidades infantis em detrimento das exigências do ambiente externo, restando à criança defender-se por meio do funcionamento falso self, pois ela se sente pressionada a corresponder às expectativas familiares e sociais para se sentir aceita. Houve indícios de dificuldades na passagem pela transicionalidade e na expressão do gesto espontâneo, denotando amadurecimento precoce, acompanhado de sentimentos de inutilidade diante do mundo, o que acarreta sofrimento a criança.

Amadurecimento precoce, falso self, psicanálise

CLIN

O ATENDIMENTO EM CONSULTAS TERAPÊUTICAS COM CRIANÇAS E ADULTOS EM UMA CLÍNICA ESCOLA. *Andressa Carolina de Souza*, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo - FFCLRP-USP)*

A modalidade de atendimento em Consultas Terapêuticas é uma das grandes contribuições do pediatra e psicanalista Donald Woods Winnicott, em que, desde o primeiro contato entre terapeuta-paciente, leva-se em consideração a possibilidade de obtenção de modificações e maior integração dos aspectos do paciente. O encontro terapeuta-paciente permite que o holding possa ser oferecido, criando um espaço de acolhimento do paciente em que ele possa vivenciar uma relação autêntica que auxilia e favorece seu processo de desenvolvimento emocional. Este trabalho tem por objetivo explicitar a modalidade de "consultas terapêuticas" em uma clínica-escola e o aprendizado depreendido de sua prática. Para isso, o trabalho propõe-se a explorar dois atendimentos em "consultas terapêuticas", sendo um atendimento de uma criança de oito anos, e outro de uma mulher de 27 anos. Os atendimentos foram realizados pela mesma terapeuta e ocorreram com frequência de duas sessões semanais pelo período de cinco meses. A criança, uma menina com oito anos de idade, chegou para o atendimento na clínica-escola trazida pela mãe, a qual relatou como queixa a ansiedade da filha, dizendo que esta era uma criança "afobada". Ao longo do atendimento foi possível notar certa insegurança, sendo que sua espontaneidade aparecia pouco nas sessões. Pôde ser observada uma preocupação excessiva, além de grande rigidez de sua personalidade, como, por exemplo, quando questionava as horas diversas vezes durante uma mesma sessão, preocupada com o término do encontro. O holding oferecido pela terapeuta possibilitou, ao longo das sessões, que fosse permitido à criança recuperar sua criatividade, permitindo, assim, o aparecimento de gestos espontâneos, como, por exemplo, o sentar-se ao chão para criar uma brincadeira nova (aspecto inadmissível no início do atendimento). Já em relação ao atendimento realizado com Maria, uma mulher adulta, informa-se que ela buscou a clínica-escola após discussões recorrentes em seu ambiente familiar devido à agressividade com as pessoas com quem convivia, inclusive seu filho de dez meses. No contato com essa paciente eram recorrentes relatos de agressividade em seus contatos interpessoais, inclusive em relação ao seu próprio corpo, por meio do ato de beliscar seu rosto, deixando-o com marcas. Além disso, notou-se também a culpa por esses relacionamentos muitas vezes conflituosos e uma grande ambivalência entre ser adolescente/mulher. Por meio do encontro analítico notou-se seu desejo de também ser cuidada, além de cuidar dos outros, demonstrado, por exemplo, pelo seu desejo de fazer psicoterapia, processo pelo qual nunca havia passado anteriormente. A agressividade pôde ser trabalhada a partir da consideração da grande exigência tanto em relação ao outro quanto a ela mesma, tendo o acolhimento e o trabalho com a identificação de seus sentimentos grande importância. Por fim, ambos os atendimentos puderam demonstrar a relevância de um espaço terapêutico que permita ao paciente o existir, auxiliando-o assim no desenvolvimento de seu verdadeiro self, em que suas reais necessidades possam ser expressas, aceitas e trabalhadas.

Consultas terapêuticas, psicanálise, clínica.

CLIN

O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DE CRIANÇA AUTISTA. *Germano Henning, Marcus Túlio Pereira Andrade, Raulny Andrade de Souza Pereira, Daniel Del Rey (Núcleo Paradigma)*

Trata-se o presente trabalho de um estudo de caso de autismo. O cliente F. foi diagnosticado com autismo tardiamente aos 13 anos e, decorrente desse atraso, tem grave comprometimento. Os pais procuraram por terapia, devido à dificuldade em lidar com o filho. Atualmente F. está com 15 anos e a intervenção iniciou há 6 meses. O objetivo da intervenção foi: (a) ensinar diversos repertórios de atividade de vida diária (AVD); (b) desenvolver a autonomia para o cliente e para os pais; (c) promover mudanças no relacionamento entre a família. A observação realizada verificou que F. não apresentava autonomia para qualquer AVD como escovar os dentes, colocar os tênis, camiseta ou meia, tomar banho, alimentar-se, higienização pessoal e outros. Além disso, ele apresenta grave comprometimento muscular facial (hipotonia) e a língua não se mexe, o que é essencial para vocalização de diversas sílabas. Ele apresenta muitos comportamentos inapropriados como não se afastar do pai, puxando-lhe pelos braços para conseguir atenção; rasgar qualquer correspondência ou folha solta pela casa; excesso de contato físico com qualquer pessoa; desligar a TV quando os pais estão assistindo; birras, riscar as paredes com canetas e outros. A intervenção foi baseada no modelo ABA (Análise do Comportamento Aplicada) e foi montada uma lista de prioridades junto com os pais. O procedimento foi organizado por fases: a primeira consistiu no treino da discriminação do chinelo direito ou esquerdo com uso de fitas. A segunda fase foi a discriminação da calça quando estava do avesso ou não, arrumar a calça, colocá-la corretamente e a última fase é de escovar os dentes. Durante as últimas sessões, foi criado ciclo de atividade, que consiste em uma bateria de exercícios, simulando a hora de acordar e se arrumar para ir à escola. Durante todas as fases, o número de respostas independentes e dependentes foi registrado para cada sessão para o desenvolvimento de gráficos para a análise da aprendizagem do cliente. Após esses treinos serem concluídos, foi verificado que o cliente adquiriu o repertório de colocar a calça e tênis na ausência do terapeuta e de escovar os dentes, que, por mais que consegue realizar o movimento sem ajuda física, ainda precisa de mais treinos devido pelos erros de realizar toda sequência para limpar os dentes. As últimas sessões foram filmadas e mostradas aos pais para uma sessão de questionamentos dos princípios que norteiam o desenvolvimento do filho, que, segundo os pais, o filho se comporta adequadamente, porque é "malandro e só faz quando quiser e do jeito dele". No decorrer da sessão, o terapeuta apontou que o comportamento do filho depende de um ambiente estável e estruturado. Entretanto, como foi observado, os pais mantêm resistência em alterar essas crenças sobre o filho e apresentam uma dificuldade para aderir às orientações do profissional.

Autismo, Atividade de Vida Diária, Análise do Comportamento Aplicada, Terapia Extra-consultório,

CLIN

O MANEJO DA TENDÊNCIA ANTISSOCIAL DENTRO DE INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO. *Twyla dos Santos do Espírito Santo e Denise de Jesus Borba Faggion (Universidade São Judas Tadeu)*

Existem diversos motivos para uma criança ser legalmente afastada do convívio familiar, como abandono, destituição da família, orfandade entre outros. Quando isso ocorre, tais crianças podem ser encaminhadas para instituições de acolhimento, que tem o papel de acolhê-las, dar proteção e satisfazer suas necessidades básicas. Esses fatores podem levar ao desenvolvimento de uma tendência antissocial, fazendo com que a criança torne-se uma "criança difícil", buscando encontrar no ambiente o que ela sente terem roubado dela. Acredita-se que a psicanálise winnicottiana tem muito a contribuir para entender como se dão essas relações, julgando-se necessário fazer um estudo sobre a mesma. Este trabalho tem como objetivo geral fazer um levantamento da literatura que permita compreender como deve ser feito o manejo da tendência antissocial dentro de instituições de abrigo. Como objetivos específicos identificar quais os possíveis papéis dos profissionais que trabalham com essas crianças e como deve se dar o manejo para que seja retomado o amadurecimento saudável. Foi realizado um levantamento da literatura winnicottiana em livros e artigos na base de dados da ScieLO pautadas na presente temática. A análise qualitativa dos dados mostrou que a pesquisa de D. W. Winnicott sobre a privação e delinquência, desenvolvido na Segunda Guerra Mundial como consultor do Plano de Evacuação, em seu trabalho com crianças que viviam em alojamentos, podem ser adaptadas ao nosso contexto, fornecendo propostas de criação de um ambiente confiável para crianças que passaram pela experiência de desapossamento. Os estudos apontaram, também, que é de grande importância a seleção adequada dos profissionais que irão atuar junto às crianças com comportamentos antissociais, sendo que estas pessoas devem, se possível, constituir casais atuando de forma espontânea junto a criança, não cedendo lugar ao sentimentalismo no manejo com estas. Os resultados enfatizam a necessidade de que os profissionais sintam-se felizes, satisfeitos e estáveis em suas funções. Além disso, todos os profissionais, sejam eles de que nível for, têm papel fundamental no convívio com as crianças e devem estar cientes da importância dessa relação para que não se transforme em um estorvo. Uma vez que uma das características da tendência antissocial é a quebra da confiabilidade, os estudos apontaram que cabe ao ambiente reestabelecer essa relação de confiança, tornando-se, previsível e sustentando as crianças em situações tensas ou difíceis dando-lhes provas de sua sobrevivência enquanto ambiente facilitador. A partir do exposto, conclui-se que, a alta rotatividade de profissionais nessas instituições é um fator que contribui para que o manejo da tendência antissocial com crianças institucionalizadas acabe por se tornar difícil, além do grande acúmulo de crianças nos abrigos, que impossibilita esta relação com um ambiente estável e confiável, fator primordial para uma relação saudável. Considera-se de grande importância manter os estudos que priorizam este trabalho junto as crianças institucionalizadas, com o intuito de entender os papéis dos profissionais nelas inseridos, assim como o manejo destes juntos a estas crianças.

Winnicott;tendência antissocial;abrigos.

CLIN

O PROCESSO DE TRIAGEM INTERVENTIVA EM UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA: UM ESTUDO DE CASO. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Eucia Beatriz Lopes Petean, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

Em um contexto de clínica-escola é fundamental que o processo de triagem seja completo, no intuito de melhor identificar a demanda do paciente e de encaminhá-lo para um serviço ou estágio que melhor posso atender a suas necessidades. Quando se trata da triagem de uma criança com algum tipo de deficiência, há a necessidade de se adaptar o processo para um aprofundamento da queixa e entendimento das influências das necessidades especiais em seu desenvolvimento. Desta forma, o presente trabalho objetiva apresentar um estudo de caso de uma triagem de uma criança do sexo masculino, com seis anos de idade e que será chamada pelo nome fictício de Pedro. A criança foi encaminhada por um neurologista para avaliação de suas capacidades e dificuldades e para atendimento psicoterápico. Diante desta solicitação, optou-se por realizar um processo de triagem interventivo, aliado a uma avaliação com a utilização de instrumentos. Realizou-se então uma entrevista inicial com os pais da criança, uma sessão lúdica, três sessões para aplicação de instrumentos e uma sessão familiar. Na entrevista, os pais contaram à psicóloga que descobriram a deficiência auditiva do filho quando este tinha quatro anos. Após o diagnóstico, foi realizada uma cirurgia que corrigiu parte do problema, sendo que Pedro passou a ter 50% da audição de um dos ouvidos. O restante da audição deste ouvido e toda a audição do outro ouvido não puderam ser recuperados. Na sessão lúdica houve dificuldade de contato entre a criança e a terapeuta, compreendendo-se que o comportamento agressivo da criança na escola e em outros ambientes ocorre por ela não se sentir entendida. A aplicação dos instrumentos Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, House-Tree-Person e Teste Gestáltico Visomotor de Bender apontam para um atraso cognitivo, uma dificuldade de ordem neurológica e dificuldades no relacionamento interpessoal. Ao observar a criança no contexto familiar, na presença dos pais e de suas duas irmãs, de 11 e 3 anos, nota-se que Pedro tem maior identificação com sua irmã mais nova, possivelmente em consequência da imaturidade emocional de ambos. Além disso, foi possível depreender que há uma dificuldade dos pais em aceitar a deficiência do filho, o que prejudica o contato familiar e o desenvolvimento da criança, já que eles passam a exigir do menino atitudes e comportamentos incompreensíveis à sua capacidade. Percebe-se então a necessidade de encaminhar a criança para atendimento psicoterápico e os pais para psicoterapia e orientação de pais, para que possam trabalhar suas dificuldades e auxiliar Pedro em suas necessidades. Diante deste quadro, destaca-se a importância da realização de novos trabalhos a respeito da psicoterapia infantil com crianças com necessidades especiais. É também relevante que sejam realizadas pesquisas sobre a aplicação de instrumentos e testes psicológicos em grupos com deficiência auditiva, para que se possa discutir as estratégias de aplicação e de análise dos dados, além da validade dos dados obtidos.

Triagem interventiva, deficiência auditiva, estudo de caso

CLIN

PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA EXPERIÊNCIA DE MUDANÇA SIGNIFICATIVA A PARTIR DE UMA RELAÇÃO EMPÁTICA. *Gabriela Di Paula Dias Ribeiro*; Emanuel Meireles Vieira (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém-PA).*

O plantão psicológico tem como característica a escuta emergencial à pessoa que o solicita. Na Clínica-escola de Psicologia da UFPA o atendimento é realizado a partir do referencial teórico da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), que tem como uma das condições necessárias para a facilitação de uma relação de ajuda terapêutica a compreensão empática juntamente com a aceitação positiva incondicional e a congruência. Uma escuta atenta torna-se essencial. Ouvir empaticamente é ser capaz de captar o sentido da experiência do cliente no momento vivido, possibilitando que este entre em contato com a sua vivência e passe a atribuir-lhe novos significados. Este estudo objetivou relatar a análise da experiência de um caso atendido no serviço de Plantão Psicológico enfatizando a compreensão empática na relação plantonista-cliente, que é a capacidade do terapeuta de adentrar a experiência da pessoa a fim de apreendê-la e comunicar o seu sentido imediato. O serviço oferece de um a quatro atendimentos psicológicos sem limite prévio de tempo e a escolha pelo retorno cabe à própria pessoa atendida. A análise foi realizada a partir de versões de sentido (VS), que é um instrumento elaborado por Amatuzzi baseado no método fenomenológico, fundamentado na fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty e na filosofia do diálogo, Matirn Buber. Sem o intuito de ser um registro objetivo, a VS é escrita imediatamente após o encontro, e nela pesquisador registra o sentido da experiência do que foi significativo na relação terapêutica vivida. Foram realizados quatro encontros, o primeiro com duração de duas horas e os outros três, em média, uma hora. O cliente tinha 27 anos e ensino superior incompleto. Ao chegar ao primeiro atendimento expôs angústia, ansiedade, incômodo que não sabia descrever, junto com o medo acentuado de estar depressivo ou de ter transtorno de ansiedade. Observou-se e confirmou-se com o cliente que suas expressões corporais comunicavam dor e confusão contiguamente às palavras que conseguiam e careciam de ser ditas. Nos atendimentos seguintes, falou sobre como se sentiu compreendido e passou a se posicionar diante de si mesmo, conhecendo os seus limites e as suas possibilidades. Suas atitudes e percepção de si haviam mudado a relação empática estabelecida entre plantonista-cliente, bem como a congruência e a aceitação positiva incondicional do terapeuta, propiciou uma fluidez experiencial. Visualizou-se que de acordo com as etapas do processo terapêutico na ACP o cliente passou do estado de rigidez, que é o distanciamento da sua experiência pessoal, para o de fluidez, que é a maior abertura, comunicação interior clara e descontração fisiológica. O caso analisado indicou também que diante de sessões menores, diferente de uma longa psicoterapia tradicional, o atendimento psicológico cumpriu o seu papel e facilitou o processo de significação da experiência da pessoa possibilitando o seu movimento de mudança. A ajuda terapêutica auxiliou o cliente a se posicionar e decidir acerca da demanda que o levou ao atendimento.

Plantão psicológico, Abordagem centrada na pessoa, Relação empática.

CLIN

PROCEDIMENTO PARA CARACTERIZAR COMPORTAMENTO-PROBLEMA A PARTIR DA QUEIXA DE "TORTURAR-SE PSICOLOGICAMENTE" APRESENTADA POR CLIENTE EM ATENDIMENTO CLÍNICO. *Fernanda Bordignon Luiz**, Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Ao procurar atendimento clínico, é comum o cliente relatar uma queixa que quer resolver ou melhorar. Para a Análise do Comportamento, tal queixa geralmente não é o comportamento-problema ou aquilo que precisa ser aperfeiçoado no repertório do cliente, uma vez que ele pode não estar sob controle das variáveis determinantes da queixa, mas apenas relatar efeitos imediatos indesejáveis ocorridos em certas situações de interação. Foi realizado atendimento com cliente do sexo masculino, de 27 anos, na clínica-escola de uma universidade pública do sul do Brasil. Nas primeiras sessões de atendimento, enfatizou como queixa o que ele denominou "torturar-se psicologicamente". A partir disso, os procedimentos desenvolvidos pela terapeuta para caracterizar o comportamento-problema foram: 1) "caracterizar situações nas quais o cliente 'torturava-se psicologicamente' (estímulos antecedentes), 2) aquilo que ele fazia que considerava 'torturar-se psicologicamente' (respostas) e 3) aquilo que era produzido a partir de tais respostas (estímulos consequentes)". À medida que são explicitadas as variáveis e os valores de variáveis constituintes dos comportamentos-queixa, assim como seus determinantes é possível 4) identificar relações de controle de estímulos desses comportamentos-queixa. Essa etapa foi feita por meio de identificação de variáveis de mesma classe relativas a cada um dos componentes de comportamentos apresentados pelo cliente: classes de estímulos antecedentes (por exemplo: "baixo grau de clareza acerca daquilo que deve produzir ao estudar"), classes de respostas (p.e.: "realizar atividades de estudo sem observar critério de urgência") e classes de estímulos consequentes (p.e.: "estímulos aversivos"). Tal etapa possibilita identificar relações funcionais de controle constituintes dos comportamentos-problema e, conseqüentemente, propor classes de comportamentos a serem desenvolvidas no repertório comportamental do cliente. A quinta etapa do procedimento constituiu em 5) "nomear as classes de comportamentos-problema", possibilitando que tais comportamentos fossem objeto de intervenção. Algumas das classes de comportamentos identificadas foram "realizar atividade de estudo sem observar grau de relevância" e "identificar atividades acadêmicas a serem realizadas sem considerar as características do resultado a ser produzido". A queixa apresentada pelo cliente de "torturar-se psicologicamente" é decorrência das classes de comportamentos-problemas, uma vez que ao escolher atividades que não produziam como conseqüências o "andamento" do trabalho, o cliente produzia conseqüências aversivas para ele. A última etapa para caracterizar comportamento-problema a partir da queixa de "torturar-se psicologicamente" consistiu em 6) identificar a classe geral de comportamento-problema a partir da função de cada classe de comportamento-problema identificada na etapa anterior. Tal classe foi nomeada como "escolher atividades a serem realizadas sob controle de variáveis pouco relevantes para produzir benefícios para sua vida profissional e pessoal". A descoberta da classe geral de comportamento-problema viabilizou a elaboração de objetivos de intervenção em curto, médio e longo prazos. Em curto prazo, o cliente aprendeu a programar condições de estudo, em médio prazo, a identificar variáveis sob controle das quais se comporta e em longo prazo foi proposto como objetivo da intervenção propor objetivos profissionais e pessoais, hierarquizar em ordem de relevância atividades que contribuem para que seus objetivos sejam alcançados, de modo que seus comportamentos sejam saudáveis para ele e para as pessoas com quem convive.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Terapia analítico-comportamental; procedimento do terapeuta; caracterização de comportamento-problema

Mestrado CAPES

CLIN

PROGRAMAS DE PREVENÇÃO SELETIVA PARA PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INTERNALIZANTES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: PANORAMA DA LITERATURA INTERNACIONAL. *Luan Flávia Barufi Fernandes**; Márcia Helena da Silva Melo Bertolla; Edwiges Ferreira de Mattos Silvares; Thaíla Alessandra Toledo**; Felipe Alckmin Carvalho** (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP)*

Os problemas de comportamento internalizantes referem-se à comportamentos privados, com intensos prejuízos para o individuo. Como exemplos, pode-se citar ansiedade, depressão, isolamento social e timidez. Geralmente, estas dificuldades psicológicas são de difícil identificação em crianças e adolescentes, pois os sinais são sutis e, em grande parte dos casos, não atingem intensamente seus cuidadores e pares. Dados de prevalência sobre ansiedade na infância e adolescência indicam que é o transtorno psicológico mais comum na idade escolar, atingindo cerca de 4 a 25% da população infanto-juvenil; enquanto a depressão afeta cerca de 1 a 2% das crianças na pré-puberdade e cerca de 3 a 8% dos adolescentes. Neste sentido, a prevenção pode atuar no desenvolvimento de métodos mais acurados de identificação de tais problemas e oferecer intervenções que fortaleçam fatores de proteção e amenizem situações de risco. A Prevenção pode ser descrita em três níveis de atuação: Universal, Seletiva e Indicada. A Prevenção Seletiva é dirigida para aqueles indivíduos ou grupos de um dado contexto que estão em situações de risco que favoreçam o desenvolvimento de problemas de comportamento. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um panorama geral da literatura internacional acerca de Programas de Prevenção Seletiva para problemas de comportamento internalizantes, principalmente, ansiedade e depressão. A pesquisa bibliográfica foi realizada em junho de 2012, nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme) e PsychINFO; com combinações das palavras-chave: prevention, psychology, depression, anxiety, childhood or adolescence. Os estudos selecionados se restringiram a artigos de revistas reconhecidas pela comunidade acadêmica e publicados no período de 1980 a 2011. Foram encontrados 15 resultados na base de dados Bireme e 14 na PsychINFO. Destes, apenas três artigos avaliaram a eficácia de programas de prevenção seletiva para ansiedade e nove artigos para depressão, junto a crianças e adolescentes. Os fatores de risco mais comuns adotados como critérios para seleção dos participantes foram divórcio dos pais, abuso de substâncias (álcool) pelos pais e morte de um dos cuidadores. Os estudos, em sua maioria, foram constituídos de intervenções voltadas para adolescentes. No que tange ao conteúdo, a Terapia Cognitivo-comportamental (TCC) e seus componentes formaram a base da maioria dos programas. Há uma tendência crescente de escolher as escolas como local para o desenvolvimento das intervenções. O sexo feminino apresentou escores mais altos para sintomas de depressão e ansiedade. Quanto ao tamanho da amostra: média de 78 participantes nos programas de prevenção para depressão e média de 214 participantes nos de ansiedade. Observou-se que todos os programas analisados obtiveram redução dos problemas de comportamento internalizantes. Poucos estudos envolveram a família na intervenção ou realizaram sessões com os pais ou cuidadores. A literatura internacional apresenta um conhecimento considerável de programas preventivos seletivos para depressão e ansiedade. Observa-se que há uma tendência crescente de comprovar a eficácia e efetividade destes programas e de promover sustentabilidade, principalmente, no contexto escolar.

Prevenção, depressão, ansiedade.

CAPES

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PSICODIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS: O USO DE DISPOSITIVOS CLÍNICOS PARA A COMPREENSÃO DA INTERAÇÃO CRIANÇA-FAMÍLIA. *Maria Regina Brecht Albertini, Lucia Cunha Lee (Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

Essa proposta de trabalho surgiu a partir da experiência clínica e como supervisoras de estágio em Serviço-Escola de Psicologia, especificamente na área do atendimento às crianças. O cotidiano da prática clínica com crianças encaminhadas para esses serviços tem estimulado importantes discussões e gerado trabalhos de investigação acerca do desenvolvimento infantil, sempre visando atualizações. Nesse sentido, um esforço central tem sido o estudo das demandas apresentadas nos atendimentos, procurando diferenciar os aspectos psicopatológicos daqueles considerados como parte do processo de desenvolvimento da criança. Esse ponto de vista parte de um pressuposto de compreensão abrangente e que concebe o desenvolvimento da criança vinculado às peculiaridades de sua família, contemplando a diversidade de configurações familiares. Na atualidade pouco se questiona a importância da inclusão dos pais no atendimento psicológico da criança. O avanço, nessa direção, busca aprimorar procedimentos que facilitem a compreensão de como se processa essa interação e qual a influência na problemática da criança. Dessa maneira, este trabalho pretende discutir procedimentos aplicados em psicodiagnóstico que propiciam a observação e análise da interação da criança com os membros do seu grupo familiar. Além disso, oferecer uma discussão acerca do impacto que esses procedimentos causam no grupo estudado. Nesses procedimentos atividades lúdicas, como desenho e histórias, são utilizadas como recurso facilitador da comunicação e da observação da interação criança - família. Participam dessa sessão a criança e os familiares com quem convive. Dependendo da configuração familiar, por exemplo em situações em que os pais são separados, são realizadas sessões distintas da criança com cada um dos pais e podem ser incluídos seus novos companheiros como também, irmãos e avós. Esses recursos são dispositivos clínicos que auxiliam tanto no processo de compreensão e análise das relações familiares, como na transmissão de informações, nas entrevistas devolutivas, realizadas ao final do psicodiagnóstico da criança. Além disso, essa modalidade de atendimento rompe com a separação rígida entre avaliação e psicoterapia, pois pode apresentar características interventivas. Como método, utilizamos o clínico-qualitativo, com fundamentação psicanalítica, sobretudo a desenvolvida por Donald Winnicott. Os resultados apontam que, nessas circunstâncias, os pais que participam não como indivíduos culpados dos sintomas das crianças, mas como elos de uma rede, compreendidos e implicados no processo, tendem a facilitar o curso de desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, os estudos na área do psicodiagnóstico têm um caráter de intervenção e de prevenção, já que promovem uma compreensão mais integrada e abrangente.

Palavras-chave: psicodiagnóstico; crianças; atendimento a pais; psicodiagnóstico interventivo; dispositivo clínico.

CLIN

PSICOTERAPIA BREVE NA 3ª IDADE: AS CONTRIBUIÇÕES DO PLANEJAMENTO PSICOTERÁPICO. *Gabriela Caldeira de Castro Novaes, Abigail Guedes Podestá*, Antonio Carlos Possa (FMU).*

A elevação da longevidade da população e a familiarização com as contribuições da psicologia para o bem-estar social têm motivado a população da terceira idade a buscar processos psicoterapêuticos em clínicas-escola. Por outro lado, a perspectiva de um processo de curta duração, geralmente não ultrapassando o período de um semestre letivo, somada à dor da retrospectiva de uma vida que exige reposicionamento de identidade, diante da ruptura da identidade profissional e mesmo da dinâmica conjugal e dinâmica familiar, com a perda e ingresso de componentes do grupo familiar, tornam o serviço oferecido pelas clínicas-escola vulneráveis ao abandono do processo pela população da terceira idade. Assim, um trabalho de Planejamento Psicoterápico torna-se forte aliado no combate ao abandono da psicoterapia, realizada por alunos-estagiários. Pilar de sustentação da psicoterapia breve, o Planejamento Psicoterápico, após as entrevistas iniciais e a identificação do núcleo do conflito, deve considerar o foco do trabalho que norteará todo o processo terapêutico, o objetivo estabelecido para o processo, a melhor combinação de intervenções, diante da estruturação egoica do paciente, como também o período de desenvolvimento do processo. Após a devolutiva das entrevistas iniciais, o Planejamento Psicoterápico é apresentado ao paciente. Como ilustração de um Planejamento Psicoterápico, utiliza-se um processo de psicoterapia breve, realizado com uma paciente de 63 anos, viúva há 2 anos. Mora com 2 filhas, 43 e 40 anos, e trabalha como cuidadora em turno de revezamento, atuando no período noturno. Queixa-se dos maltratos por parte da filha da senhora cuidada e resume sua vida como não tendo servido para nada. Alega que sempre foi desprezada desde a infância pela mãe e isso se repetiu ao longo dos anos na sua própria família. O foco do trabalho relacionava-se com sua baixa autoestima, diante de sua rigidez em não poder errar e de se submeter às vontades dos outros, mesmo com prejuízos afetivos. O objetivo estabelecido para o processo referia-se ao restabelecimento de suas qualidades, seus alcances, uma vez que, por seleção tendenciosa diante de sua rigidez, sempre colecionou fracassos na vida, não atentando para os seus méritos e conquistas. As intervenções mais frequentemente utilizadas no processo recaíram na clarificação, encorajamento à elaboração e validação empática. O trabalho foi programado para 14 sessões. A paciente, logo após a devolutiva das entrevistas iniciais, mostrou-se emocionada e motivada para a sequência do trabalho, já que se sentiu vista pela terapeuta, a partir da apreensão clínica apresentada. Desde então, após ter sido acolhida em sua história, a paciente participou ativamente das sessões, apresentando relatos que permitiam ilustrar a sua dinâmica psíquica e, dessa forma, ressignificá-los em uma nova compreensão de sua vida. Encerrou o processo terapêutico apresentando tranquilidade e menos culpa pelos acontecimentos da vida que teve, passando a se valorizar mais pelo que fez do que pelo que deixou de fazer. Verifica-se, assim, que o Planejamento Psicoterápico contribui para o desenvolvimento do processo psicoterapêutico, uma vez que apresenta uma unidade na condução do processo, permitindo ressignificações da história do paciente, evitando os frequentes abandonos nessa faixa etária.

Planejamento Psicoterápico; Terceira Idade; Clínica-escola.

CLIN

PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS NA TRANSIÇÃO DA FASE DA LATÊNCIA PARA A PUBERDADE. *Heloisa Helena Anderle*; Marilia Smanioto*; Marina Menezes** (Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, SC)*

O desenvolvimento psicossexual sob a luz das teorias psicodinâmicas é dividido em diferentes fases que caracterizam as emergências presentes no universo infantil do nascimento à entrada na adolescência. A fase da latência é considerada uma época propícia para a realização da análise, pois, nela a criança vivencia a consolidação do superego e uma maior organização do complexo edipiano, ocorrendo uma tendência ao uso da verbalização. Entretanto, ainda há a necessidade do uso do brinquedo como mediador da comunicação no setting terapêutico. Logo, a transição da fase de latência para a adolescência assume um lugar ambíguo na escala desenvolvimental, a pré-adolescência ou puberdade, que pode ser vista sob a perspectiva de uma mudança fenotípica acarretada por transformações físicas e hormonais. Estas mudanças também podem ser observadas em terapia com modificações pulsionais e do ego. A psicoterapia nesta fase assume um objetivo de trazer para o universo consciente do pré-adolescente seus conflitos e com eles elaborar estratégias que possibilitem a utilização da linguagem verbal durante o processo terapêutico caracterizando esta passagem de fase do mundo infantil para o adolescente. Neste estudo dá-se ênfase ao trabalho psicoterapêutico realizado com dois pré-adolescentes, sendo um deles de 13 anos (gênero masculino), com queixas de problemas de comportamento externalizado e uma de 11 anos (gênero feminino) com queixas de problemas de comportamento internalizado, atendidos durante o estágio curricular específico em Psicologia Clínica, no período de 2011-2 a 2012-1, em uma clínica escola de Psicologia de uma universidade do sul do Brasil. Para tanto, o modelo psicoterapêutico adotado foi a psicoterapia de orientação psicanalítica, sendo utilizadas estratégias de acesso aos conflitos mais emergentes. A participação dos pais foi menos freqüente do que na psicoterapia envolvendo crianças menores, visto que os pré-adolescentes se encontram em um período de construção autônoma marcado pelos conflitos relacionais com o mundo adulto e pelas formas de expressão mais agressivas, vindas de um afrouxamento das forças repressivas presentes no ego em transformação. Todas estas manifestações se fizeram presentes no setting terapêutico, por meio do discurso e de outras formas de comunicação não verbais que são típicas do pré-adolescente, tendo como plano norteador terapêutico a utilização das áreas mais sadias presentes no ego, favorecendo assim, a análise das demandas conflitivas trazidas como queixas manifestas e encobertas, tanto pelos pais, como pelo próprio pré-adolescente. Ambos os pacientes demonstraram a ampliação da utilização do recurso verbal como forma de expressão, substituindo paulatinamente os jogos. A capacidade de lidar com a frustração também se mostrou mais desenvolvida do que no início do processo terapêutico, assim como o incremento das relações interpessoais. Desta forma, pode-se considerar que a psicoterapia com esta população constitui-se num desafio ao aprendiz de terapeuta que necessita lançar mão de recursos variados conforme é demandado pelo paciente, indo e vindo do universo infanto-juvenil para melhor compreender e auxiliar esta fase de tamanhas transformações.

Psicoterapia psicanalítica; desenvolvimento psicossexual, puberdade

CLIN

PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS TEMPORARIAMENTE INSTITUCIONALIZADAS – A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO E SUPORTE EMOCIONAL EM UMA FASE DE TRANSIÇÃO E MUDANÇAS.

Fernanda Crosara Ladir, Marcionila Rodrigues da Silva Brito (Univerdade Federal de Uberlândia)*

O presente trabalho refere-se a um relato de caso de uma criança atendida no estágio supervisionado denominado "Psicoterapia Psicanalítica infantil", realizado desde 2011, na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, e que atende crianças vitimizadas, em situação de risco e que vivem em Instituições de Acolhimento. Milhões de crianças encontram-se distantes de seus familiares, e seja esta situação definitiva ou provisória, sabe-se que quanto mais distante de sua família mais vulnerável esta criança se torna. Neste trabalho foi dada ênfase especial às contribuições da psicoterapia no que diz respeito a crianças acolhidas em Instituição de Acolhimento, de forma temporária, de modo que este estudo possa colaborar para a produção de conhecimento acerca deste momento delicado na vida dessas crianças. Se afastar do convívio familiar e permanecer em uma Instituição de Acolhimento pode representar para a criança um trauma muito doloroso. Mesmo quando este afastamento é causado por negligências e maus-tratos, a chegada em um local desconhecido, pode representar uma experiência causadora de muitos sofrimentos que não sendo devidamente elaborados, podem acabar constituindo fontes de dor que acompanham toda a vida da criança marcando o seu desenvolvimento emocional e social. O estudo de caso refere-se a C., um menino de 6 anos, que após se perder da família em uma rodoviária, foi institucionalizado e iniciou um processo de psicoterapia, que se estendeu por seis meses, até que sua família fosse localizada e ele voltasse para o seu lar. No inicio da psicoterapia, C. estava abalado com a situação em que se encontrava, apresentava medo, desânimo, tristeza, dificuldades de dormir e de se relacionar com as outras crianças da instituição e sentimentos ambivalentes pela família. Isso tudo gerava nele uma angústia e sofrimento psíquico muito grande e fazia com que ele se sentisse por muitas vezes "um estranho no ninho". A intervenção dentro da perspectiva da psicanálise norteou nossas ações. As etapas metodológicas foram: (1) acolhimento da criança; (2) avaliação psicológica - aplicação de testes, Horas Lúdicas; (3) Processo Psicoterápico; (4) Finalização da psicoterapia no momento em que a criança volta para a família. Na psicoterapia, procuramos trabalhar os sentimentos que faziam C. sofrer, fazendo com que aquele tempo e espaço onde se realizavam as sessões, possibilitassem a escuta e acolhimento de todo o seu mundo interno, e que C. pudesse expressar todos sentimentos que experiênciava. Ao final do processo, C. demonstrava estar convivendo melhor com sua dor, e apesar da saudade e desejo de reencontrar sua família, ele relatava momentos felizes e de esperança na instituição, superando as dificuldades iniciais através da psicoterapia que lhe forneceu suporte no momento em que C. estava vulnerável. Pôde-se perceber a importância desse processo, uma vez é no processo psicoterápico por meio do lúdico, que as crianças em situação de abrigamento podem elaborar seus conflitos, traumas e sofrimentos, suas dúvidas e angústias, reconstruírem sua auto-estima, confiança, sentimentos de alegria e esperança muitas vezes perdidos em meio a ocorrência inesperada da institucionalização, conseguindo com isso suportar e reparar os danos sofridos com o abandono.

Instituições de Acolhimento; Psicoterapia Psicanalítica; Crianças institucionalizadas;

CLIN

SUICÍDIO E RELIGIÃO: POSSIBILIDADES DE CONTENÇÃO. *Bruna Gomes Garcia, Nayara Cristina Cavalheiro, Heidi Miriam Bertolucci Coelho (Unesp)*

O suicídio é um tema muito presente nas clínicas-escolas de Psicologia, e que tem surgido frequentemente na Unesp do campus de Assis. Os índices de tentativas entre os alunos dos cursos da área de humanas são muito altos. Começam a partir daí alguns questionamentos que devemos nos fazer: quais as possibilidades de contenção para que o suicídio não aconteça? Que fatores podem estar contribuindo com seu acontecimento? Seria a religião uma forma de inibi-lo? Émile Durkheim define o conceito de suicídio como a morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, sabendo que produziria esse resultado. Entre os fatores que contribuem, o que temos percebido é uma imensa dificuldade em lidar com frustrações e as dificuldades, quaisquer sejam elas, que a vida apresenta. E qual seria a relação da religião com suicídio? Talvez valha refletir porque justamente os cursos que temos visto mais pessoas desestruturadas e cometendo tentativas de suicídio, são aqueles da área de humanas, conhecidos por revolucionar o pensamento e desconstruir o mundo e as instituições, como família e a religião, tal qual como as conhecemos fora do mundo acadêmico. Pensando a partir do olhar das religiões, a vida é vista como um dom sagrado de Deus, sendo sua interrupção voluntária impetuosamente condenada e configurada como pecado. Sendo assim, a religião pode ser apontada como um importante fator protetor contra o comportamento suicida. Este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão, a partir da experiência do atendimento clínico, sobre os motivos que podem estar contribuindo com a ocorrência de casos de tentativa de suicídio, e sobre também uma possível relação entre suicídio, religião e seus desdobramentos. Foi possível observar em alguns atendimentos o cruzamento desses temas, de forma que o relato de alguns pacientes diz respeito à vontade de se matar e ao mesmo tempo ao medo desse ato, por não saberem o que aconteceria com eles depois da morte, se vão para o céu ou para o inferno, e se seriam ou não perdoados. Pode-se perceber, que a culpa pela possibilidade de cometerem suicídio, portanto, uma culpa antecipada, é outro fator que os impede de chegar ao ato em si do suicídio. Ela pode ser ligada ao conceito de pecado dentro das religiões, colocando esse sentimento de "serem julgados" caso cometam esse extremo ato de auto agressividade. Portanto, a conclusão a que se pode chegar, é a de que, conhecer o contexto de vida, os costumes, crenças, a forma como um paciente encara a vida, está muito além de um ato de praxe, é extremamente essencial para que se possa analisar a probabilidade de que atos suicidas realmente sejam concretizados. Assim, cabe a nós profissionais nos inteirarmos sobre o complexo mundo interno do paciente, como também sobre a realidade externa que o compõe, para que possamos ter um papel ativo na contenção desses tipos de acontecimentos.

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TEORIA WINNICOTTIANA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO NA BASE DE DADOS CAPES (1996-2011). *Patricia do Nascimento Tavares, Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu)*

Estudos metacientíficos sobre a teoria de amadurecimento e desenvolvimento emocional de Winnicott possibilitam ampliação de conhecimentos sobre o estado da arte. Objetivou-se levantar e analisar a produção científica produzida acerca da teoria do amadurecimento e desenvolvimento emocional winnicottiana. O método utilizado constituiu-se por levantamento de resumos de dissertações e teses indexados no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no período de 1996 a 2011 sendo localizadas 128 pesquisas. Procedeu-se com as leituras, excluindo os resumos que não tivessem ligação direta com a temática restando 125 pesquisas sendo 91 dissertações de mestrado e 34 teses de doutorado. Realizou-se a leitura e tabulação dos dados em planilha eletrônica de acordo com as categorias ano de publicação, autoria, nível de formação, tipo de instituições envolvidas, local de defesa, área do conhecimento em que foram inscritas as pesquisas. Observou-se que apenas 11,20% das pesquisas foram realizadas no período de 1996 a 2000. Verificou-se que 79,12% das publicações são de gênero feminino e nível de formação em mestrado enquanto 18,68% das produções são de autoria masculina. Quanto ao nível de formação, 72,80% foram realizadas com formação em nível de mestrado seguido de 27,20% das pesquisas envolvendo doutorado. As instituições confessionais são as que mais produziram compreendendo 59,2% enquanto as instituições públicas correspondem a 31,20% e as particulares 9,60% das pesquisas. Quanto ao local de defesa das pesquisas, 49,60% destas foram defendidas na PUC/SP, seguido da USP com 17,60%. Dentre as pesquisas analisadas, 35,26% foram inscritos na área Tratamento e Prevenção Psicológica seguido da grande área Psicologia com 25,64% das pesquisas. Verificou-se que em 52,80% das pesquisas o número de vocábulos para composição do título foi respeitado enquanto 47,20% das pesquisas o título foi composto por mais de doze vocábulos. Conclui-se, portanto, que há um aumento gradual das pesquisas que se utilizam da teoria winnicottiana como manejo ou fundamentação teórica que passa a ser mais intenso a partir do ano de 2000; o gênero feminino foi quem mais produziu havendo maior número de pesquisas em nível de formação de mestrado o que é esperado tendo em vista a complexidade que envolve as pesquisas em doutorado; as instituições confessionais foram as quem mais produziu haja vista a articulação das mesmas criando cursos de pós-graduação e parcerias com agências de fomento visando equiparar sua produção com as instituições públicas comumente mais produtoras; a maioria das pesquisas foi defendida na PUC/SP sugerindo que das instituições onde ocorreu defesas, esta possui linhas de pesquisa voltadas para a abordagem winnicottiana; a área do conhecimento que mais concentrou pesquisas foi Tratamento e Prevenção Psicológica o que sugere a relevância deste teórico para a prática clínica.

Metanálise. Teoria do Amadurecimento. Prática Clínica.

Regime de Iniciação Científica (RIC) USJT

CLIN

TERAPIA EXTRA-CONSULTÓRIO EM CASO DE TDO E AGRESSIVIDADE.

Germano Henning (Protanv)

O presente trabalho trata de um estudo de caso de A., 9 anos, para o qual não havia um diagnóstico específico devido a um conjunto de sintomas e comportamentos inadequados, dificultando um modelo ideal de intervenção. Foi indicado aos pais a inserção na equipe multidisciplinar (fonoaudióloga, psiquiatra, terapeuta ocupacional e terapeuta de família) de um terapeuta extra-consultório e analista do comportamento para uma intervenção focada na agressividade. Inicialmente, o trabalho foi específico, mas, decorrente da variedade de sintomas e outras variáveis, foi necessário planejamento mais amplo. Assim, os objetivos da intervenção foram: (a) diminuir os comportamentos inadequados, como, por exemplo, a agressividade (bater na mãe, professora, jogar objetos, morder, etc), comportamentos infantilizados, comportamentos bizarros e oposição; (b) ensinar novos repertórios, incluindo habilidades sociais, adaptação cultural e metáforas e (c) alterar a estrutura familiar para manter a autonomia da criança e dos pais. Na primeira fase o procedimento consistiu em ensinar o cliente obedecer a relação de autoridade, estabelecer regras, ser estimulado por desenhos e brincadeiras apropriados para sua idade, adquirir autocontrole através de contenção física quando houvesse agressividade e desenvolvimento de habilidades sociais, com sessões na própria residência. O procedimento na segunda fase foi ensinar habilidade social no contexto escolar, utilizando os repertórios aprendidos anteriormente. Para isso, foram realizadas sessões também na escola. Os resultados foram: (a) Comportamento agressivo: diminuiu para uma ocorrência a cada 20-30 dias, enquanto no início ocorria, em média, 4x por semana. Diminuíram os episódios de agressividade em casa depois das orientações realizadas com os pais. (b) Comportamento de oposição: Apresentou um aumento na oposição (dizer "não" a qualquer demanda), devido à diminuição dos comportamentos agressivos. No atual momento, ocorre uma intervenção específica para a oposição. (c) Hábitos de estudo: os pais seguiram as orientações e estão ajudando o filho nas atividades acadêmicas com maior ênfase na autonomia, ou seja, eles não ficam lado a lado na lição, apenas quando ele precisa de ajuda e, quando termina as tarefas, é liberado o uso da TV. (d) Comportamento social: Atualmente, ele está brincando com crianças durante o recreio, o que anteriormente não acontecia. Ele ficava apenas chupando o dedo, enrolando o cabelo e rodando em torno de si. Também tem sido capaz de expressar melhor os seus sentimentos. (e) Estrutura familiar: Inicialmente, a mãe era o centro da família e tomava todas as decisões, sem consultar a opinião do marido. O pai não podia colocar limites, pois, para a mãe, o importante era o "afeto" e não a "autoridade". Assim, a orientação para os pais incluiu a maior atuação do pai no estabelecimento de limites sem ser autoritário, promovendo uma melhora na qualidade da interação familiar. Este trabalho foi reconhecido pela equipe, pais e escola. É possível, assim, uma reflexão sobre o papel amplo e fundamental do terapeuta extra-consultório em casos como este, quando não apresentam melhora significativa após um longo histórico de intervenções.

Transtorno Desafiador Opositor, terapia extra-consultório, agressividade, habilidades sociais

CLIN

TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA: ANÁLISE DE UM CASO CLÍNICO INFANTIL. *Adriano Schlösser (Universidade Federal de Santa Catarina), Ana Paula Sesti Becker, Márcia Aparecida Miranda Oliveira (Universidade do Vale do Itajaí)*

A família é pode ser considerada como um palco em que se vivem as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana. Na perspectiva sistêmica, o ser humano é compreendido como um ser inserido em sistemas, sendo que o primeiro e o principal é a família. Em vista deste cenário, este trabalho tem como finalidade apresentar um estudo de caso realizado com base na terapia familiar sistêmica. Salienta-se a utilização de nome fictício para facilitar a reflexão sobre o caso clínico. Especificamente, o caso reporta-se a uma família que traz como queixa à terapia à menina Helena de oito anos, trazida pela mãe por apresentar comportamento fóbico aos animais, desobediência, brigas freqüentes com a irmã mais nova e principalmente, porque no âmbito escolar, levava para casa os pertences dos colegas. O núcleo familiar de Helena é constituído pela mãe, padrasto e a irmã de 5 anos; cabe salientar que a avó materna interfere significativamente na dinâmica familiar da criança, uma vez que reside próximo da neta. No período dos atendimentos, maio a dezembro de 2011, Helena cursava o terceiro ano da segunda série do Ensino Fundamental em uma escola particular. Para a realização do atendimento psicoterapêutico, utilizou-se a abordagem familiar sistêmica, tendo-se como objetivos: compreender a dinâmica familiar da paciente; contribuir para a qualidade na relação familiar; refletir com a mãe acerca do papel que o pai biológico representa para as filhas; trazer subsídios a mãe e ao padrasto quanto às práticas educativas com a criança; re-significar com a Helena acerca do comportamento fóbico aos animais e apontar estratégias de enfrentamento quanto aos conflitos acometidos na escola. Os procedimentos metodológicos empregados nos encontros foram: o psicodiagnóstico, entrevista aberta com os pais e técnicas clínicas relacionais sistêmicas. A partir das intervenções terapêuticas realizadas, constataram-se mudanças de comportamento de Helena no âmbito escolar, não levando mais para casa os pertences dos colegas e dialogando a respeito das situações ocorridas. Sobre o funcionamento familiar, houve melhora a respeito dos comportamentos de Helena, contudo, a mãe e o padrasto ainda encontram dificuldades quanto às práticas educativas das crianças e no que concerne o envolvimento parental. Perduram ainda, no âmbito familiar, barreiras comunicacionais em transmitir para as crianças, o papel do pai biológico e a real condição deste, por encontrar-se preso. Conclui-se a partir desta intervenção psicoterapêutica, que o aporte emocional proporcionado pelo núcleo familiar, contribuiu de maneira efetiva para as problemáticas enfrentadas por Helena, sobretudo, no âmbito escolar; e de maneira geral, repercutiu para que o sistema familiar da paciente entrasse novamente em homeostase. Além disto, as técnicas relacionais mediante a dramatização, o conto de histórias e o brincar, foram estratégias eficazes no manejo com a paciente e sua respectiva família.

família; criança; terapia familiar sistêmica

CLIN

VIVÊNCIA DA MATERNIDADE NO CONTEXTO DA PREMATURIDADE.
Tagma Marina Schneider Donelli, Elisa Bertoletti, Elisângela Muria,Stela Maris Henrich (UNISINOS)

Desde os anos vinte, no século passado, quando foi criada a primeira unidade de cuidado especializado ao recém-nascido, o mundo observou um intenso progresso nas práticas ligadas à obstetrícia e à neonatologia, o que vem garantindo, cada vez mais, a sobrevivência de bebês nascidos prematuramente ou doentes. No Brasil, assim como em outros países, vem se observando um aumento significativo nos índices de sobrevivência de bebês nascidos em situações extremamente adversas. A experiência de internação neonatal, em uma época da vida na qual o bebê ainda não possui condições psíquicas de lidar com tantas demandas ambientais, acaba exigindo dos pais que façam o anteparo e protejam o psiquismo incipiente do bebê do excesso de estímulos, da intensa manipulação e do sofrimento de estar separado do corpo da mãe e privado das referências que construiu durante a gestação. Mas esses pais também estão sendo exigidos a lidar com a ameaça de perda de um ser que, mesmo tão jovem, já era parceiro de uma interação e de uma relação afetiva que se iniciou desde a gestação e até mesmo antes, quando a gravidez e o bebê foram imaginados, idealizados e acalentados nos sonhos dos pais. Assim, para melhor compreender a vivência da maternidade em mães de bebês prematuros durante a internação neonatal, foi realizado um estudo qualitativo de caráter exploratório. Foram participantes da pesquisa nove mães com idades entre 18 e 40 anos, cujos bebês se encontravam internados em UTI Neonatal em função do nascimento prematuro. Foram utilizados como instrumentos uma "Ficha de Dados Sócio-Demográficos" e uma "Ficha de Dados Clínicos" para obter informações sobre as circunstâncias em que ocorreu o nascimento prematuro, além de informações sobre idade, situação conjugal da mãe e situação familiar da dupla mãe-bebê. Também foi realizada uma "Entrevista Clínica Materna" com o objetivo de investigar as expectativas e sentimentos da mãe sobre a maternidade, o bebê e seu desenvolvimento futuro. Ainda durante a internação do bebê foi realizada uma "Sessão de Filmagem" da dupla mãe-bebê em um momento de interação livre, a fim de conhecer os comportamentos interacionais da dupla mãe-bebê. A análise dos dados permitiu identificar sentimentos de tristeza e enlutamento nas mães, independente de o bebê estar correndo risco de vida ou não. Percebeu-se, ainda, uma espécie de desligamento, onde a mãe se afastou de seu bebê por ele correr perigo, talvez por ser doloroso demais preocupar-se tão profundamente e sentir-se tão completamente impotente. Esta defesa pode ser considerada natural, tendo caráter adaptativo entre mãe e bebê e deve ser aceita por ser necessária neste momento de fragilidade. Além disso, ficou evidente a sobrecarga emocional à qual as mães dos bebês da pesquisa estavam submetidas durante a internação do bebê, o que pareceu agravar seus sentimentos de fracasso e de incapacidade para exercer seu papel materno.

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DEPRESIÓN Y ANSIEDAD EN LA MENOPAUSIA: RESULTADOS DE TRES ESTUDIOS DE INTERVENCIÓN GRUPAL. *Cristina Larroy (Departamento de Psicología Clínica. Universidad Complutense de Madrid - España)*

La menopausia sobreviene en España a unas 270.000 mujeres anualmente. Cursa con sintomatología que, al menos en el 50% de los casos, supone un trastorno o problemas de salud para las mujeres que la padecen. El tratamiento mediante THS, además de provocar efectos secundarios indeseables, no parece eficaz para reducir la sintomatología depresiva ni ansiosa. Por ello, se ha diseñado una intervención cognitivo-conductual para la reducción de esta sintomatología asociada a la menopausia. En este trabajo se discuten los resultados de tres estudios que han utilizado esta intervención, y que ponen de manifiesto y confirman la eficacia del programa. Primer estudio - 28 mujeres, reclutadas en diversos ayuntamientos de Madrid recibieron un programa grupal dirigido a reducir la sintomatología asociada a la menopausia, depresión y ansiedad, y a la mejora de la calidad de vida. Todas ellas mostraban sintomatología clínica. Se consideraron VD las medidas a los cuestionarios BMI, HADS y de Calidad de Vida en Mujeres Mayores de 60 años. Se comparan los datos con los de un grupo control con las mismas características sociodemográficas y clínicas. Segundo estudio - Una vez verificada en el primer estudio la eficacia de la intervención, se aplica el programa de intervención a un grupo de 26 mujeres, de las cuales 17 cumplían con el criterio clínico de puntuación igual o mayor que ocho en ambas subescalas del HADS (ansiedad y depresión). La aplicación se lleva a cabo por distintos terapeutas que en el caso anterior. No hay grupo control. Tercer estudio - Se aplica el programa de intervención a un grupo de 12 mujeres, de las cuales todas cumplían con el criterio clínico del HADS (ansiedad y depresión). La aplicación se lleva a cabo por distintos terapeutas que en los casos anteriores. No hay grupo control. Se sometió a los grupos a una intervención grupal con técnicas cognitivo-conductuales, de dos horas de duración semanales, durante ocho semanas. La intervención incluía: psicoeducación, técnicas de desactivación, ejercicios de Kegel y reeducación sexual; identificación y control de preocupaciones excesivas y creencias irracionales; entrenamiento en solución de problemas y en administración del tiempo. Se realizaron medidas pre- post tratamiento (y de seguimiento en el primer estudio). Todos los grupos redujeron las puntuaciones en las VD respecto a la línea base (y en el primer estudio, también con respecto al grupo control). Por tanto, puede considerarse que la intervención propuesta se ha mostrado eficaz en la reducción de los síntomas de la menopausia. Los resultados obtenidos señalan que ésta es una intervención no sólo eficaz, sino también efectiva y eficiente, sin contraindicaciones ni efectos secundarios.

Depresión, ansiedad, menopausia , intervención.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

SÍNTOMAS SOMÁTICOS FUNCIONALES: ECUACIONES ESTRUCTURALES A PARTIR DE UN MODELO CONCEPTUAL EN UNA MUESTRA ESPAÑOLA. *Rodrigo Serra Giacobo, Maria Claustre Jané, Rodrigo Serra Giacobo, Albert Bonillo, Eva Araújo (Universitat Autònoma de Barcelona)*

Background: Las quejas físicas son bastante frecuentes en niños y adolescentes, siendo muchos de los síntomas de patología desconocida. Estos también han sido denominados como síntomas somáticos funcionales (SSF). Una variedad de SSF son comunes en la infancia, especialmente dolores de barriga, dolor de cabeza, cansancio, dolores en la espalda entre otros. La mayoría de las investigaciones, tanto en población general como clínica, demuestra que hay una frecuencia similar de los SSF tanto en niños como en niñas hasta la pubertad. Sin embargo, las niñas suelen presentar índices más elevados a la medida que se acercan a la adolescencia. Hay una evidencia considerable de altos niveles de psicopatología entre los niños con SSF. Muchas investigaciones confirman una importante asociación con los trastornos/síntomas de ansiedad y depresión. Los SSF son resultado de un proceso multifactorial entre factores ambientales y factores específicos del niño. Uno de los posibles factores ambientales es la presencia de trastornos psiquiátricos en alguno de los padres y la existencia de quejas físicas en algún miembro de la familia. Además, también se ha visto que la sobreprotección paterna es uno de los factores ambientales que puede tener un importante papel en el desarrollo de los SSF. El objetivo del estudio es verificar, a través de un modelo de ecuaciones estructurales, el efecto de la ansiedad y depresión tanto paterna como del propio niño sobre los SSF infantiles. Además, se verificará si los SSF están asociados con un mayor número de ausencias escolares, visitas al pediatra y sobreprotección paterna. De acuerdo con la literatura revisada, se espera que estás variables estén asociadas a los SSF. Método: Se trata de una muestra española de niños entre 6 y 8 años de edad (n=672). Los padres contestaron a cuestionarios sobre la presencia de síntomas somáticos en sus hijos, ausencias escolares, visitas al pediatra y síntomas psiquiátricos. También informaron sobre sobreprotección paterna, síntomas de ansiedad y depresión paterna y la existencia de síntomas somáticos en un miembro de la familia. Se utilizó un modelo de ecuaciones estructurales para estimar posibles efectos directos sobre los SSF. Resultados: El modelo estructural final presentó un excelente ajuste (ajuste del modelo: χ2 (df = 542) = 851.7, p = < .001; CFI = .91; TLI = .91; RMSEA = .02). Las variables latentes ansiedad de separación, fobia específica, síntomas somáticos de los padres y el género femenino ejercieron un efecto directo sobre los SSF. Por otro lado, los SSF estuvieron asociados a un mayor número de ausencias escolares y visitas al pediatra. Conclusiones: Los resultados del modelo estructural indican que la ansiedad de separación, fobia específica, síntomas somáticos en uno de los padres y el género deberían de ser considerados como importantes aspectos para comprender la presencia de SSF en niños de 6 a 8 años. En la práctica clínica, los psicólogos infantiles deberían de evaluar estos aspectos para que se pueda establecer un tratamiento adecuado.

Palabras Clave: Síntomas somáticos funcionales, modelo de ecuaciones estructurales, niños.

Nivel de trabajo: M

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

TEMPO COGNITIVO LENTO Y TRASTORNO DE DÉFICIT DE ATENCIÓN CON HIPERACTIVIDAD: DIFERENCIAS EN EL FUNCIONAMIENTO EJECUTIVO. *Claustre Jané Ballabriga, Eva Angelina Araujo Jiménez, Albert Bonillo Martin, Xavier Arrufat, Rodrigo Serra Giacobo (Universitat Autònoma de Barcelona)*

Recientes estudios han revelado la presencia de un nuevo constructo psicopatológico llamada Tempo Cognitivo Lento (TCL) asociado al Trastorno de Déficit de Atención con Hiperactividad (TDAH), sobre todo con el tipo desatento (TDAH-D). Se trata de conductas como lentitud, poca energía, somnolencia, soñolencia, y deterioro en el estado de alerta. Actualmente sigue en discusión la presencia activa de este constructo en los diferentes tipos de TDAH, por lo que es necesario el estudio detallado de sus características para una mejor comprensión de su nosología. Además de los síntomas conductuales, es importante estudiar el funcionamiento neuropsicológico asociado a estas psicopatologías, ya que es sabido que el TDAH es un trastorno fuertemente relacionado con déficits en el funcionamiento ejecutivo. Objetivo: Observar los déficits de la Función Ejecutiva asociados al TCL y a TDAH-D, y determinar si la presencia independiente de TCL impacta de manera directa sobre la Función Ejecutiva, o si los déficits vienen dados por la presencia de la desatención. Método: Se evaluó a 76 sujetos de entre 6-17 años de edad en Catalunya, España. Tanto a los niños/adolescentes como a sus padres se les realizó una entrevista diagnóstica para confirmar la presencia de desatención, un instrumento para evaluar los síntomas de TCL, y un cuestionario para evaluar la Función Ejecutiva. Se realizaron dos modelos jerárquicos de regresión lineal para evaluar la relación estadística entre la sintomatologías de TDAH-D, SCT y la FE. El primer modelo solo evaluaba la presencia de TCL y Función Ejecutiva, y en el segundo se incluía la sintomatología de TDAH-C. Resultados: Los síntomas de TCL mostraron un peso directo estadísticamente significativo sobre los déficits de la Función Ejecutiva, en las áreas de control emocional, memoria de trabajo, plan y organización, y monitorización. El TDAH-D resultó asociado a deficiencias en inhibición, control emocional, memoria de trabajo, plan y organización e iniciativa. La inclusión de la sintomatología de TDAH-D en el modelo no descartó el peso de los síntomas de SCT sobre las Función Ejecutiva. Conclusiones: Los síntomas de SCT están relacionados de manera independiente a déficits en la Función Ejecutiva. Por lo tanto, la sintomatología de TDAH-D y de SCT se asocian de manera diferente e independiente a los déficits ejecutivos. Ambos constructos promueven las deficiencias ejecutivas en los niños y adolescentes. Estos resultados pueden ayudar a la mejor comprensión de este nuevo constructo y facilitar futuras investigaciones. Conocer el funcionamiento ejecutivo de los niños/adolescentes con estas características, puede ayudar a los profesionales a implementar nuevas formas y herramientas de apoyo en su dificultades académicas, familiares y sociales. Se consideran necesarias más investigaciones con mayor número de muestra clínica.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRATAMIENTO DE LA DEPRESIÓN REFRACTARIA. UNA PROPUESTA DESDE UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA *Lilisbeth Perestelo-Pérez (Servicio de Evaluación del Servicio Canario de la Salud), Alia Pérez-Wehbe (Centro Sociosanitario El Pino, Grupo Sanitario ICOT), Amado Rivero Santana (Servicio de Evaluación del Servicio Canario de la Salud), Juan Manuel Bethencourt (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna) y Wenceslao Peñate (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna).*

La depresión refractaria o resistente al tratamiento (DRT) hace referencia a la ausencia de respuesta significativa al tratamiento de los procesos depresivos. Esa no respuesta está consensuada en relación con la ausencia de respuesta a dos tratamientos, usualmente dos psicofármacos. Sin embargo, se ha cuestionado esta conceptualización, por lo que se ha incluido modelos más complejos, donde se suelen incluir diferentes etapas en el fracaso del abordaje de la depresión. Esta dificultad en la identificación ha llevado incluso a la modificación conceptual de la DRT. Así la guía NICE para la depresión en el 2010 prefiere modificar ese concepto y cambiarlo por 'depresión compleja', evitando estigmas que podrían estar suscitando una denominación como DRT y evitando ideas prejuiciadas con respecto a su abordaje. Por otro lado, de acuerdo con una revisión sistemática llevada a cabo, lo que se observa es que para ese tipo de depresión, los tratamientos psicológicos están prácticamente ausentes, a pesar de ser tratamientos de elección para los trastornos depresivos. En este sentido, tomando en cuenta los datos y propuestas de la NICE y nuestros datos en relación con la revisión sistemática llevada a cabo, proponemos un abordaje integral de la depresión que incluya, desde un punto de vista conceptual, a las resistencias a tratamiento, y, desde un punto de vista clínico, los tratamientos psicosociales, de los que sobresalen los tratamientos psicológicos empíricamente derivados. La propuesta coincide en la propuesta escalonada hecha por la NICE, que tiene un carácter incremental en la complejidad en el abordaje de la depresión, los recursos terapéuticos y la combinación de los mismos.

Depresión refractaria, depresión resistente al tratamiento, tratamientos médicos, tratamientos psicológicos.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

AUTONOMIA E LIBERDADE: A OBJETIVAÇÃO DA CIÊNCIA EM PSICOLOGIA. *Mucuri Danillo Lisboa Batista, Leonardo Lana de Carvalho (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha)*

O presente trabalho apresenta a contradição entre o homem enquanto ser livre e enquanto objeto de estudo e intervenção da psicologia cognitiva onde os fenômenos psicológicos são explicados a partir do princípio da causalidade, seja através de causas externas ou determinantes internos como promotores do comportamento humano. Partindo da problemática de confrontar a visão de homem advinda da perspectiva fenomenológico-existencial com a da perspectiva cognitiva-comportamental, o objetivo do trabalho foi focar no conceito de liberdade, apresentando-o como um divisor de perspectivas que, diferentemente de outros conceitos, se caracteriza como uma noção de difícil "tradução" de uma perspectiva a outra. A metodologia utilizada consistiu na análise da filosofia de Sartre, focando no conceito de liberdade, para relaciona-la com presupostos cognitivo-comportamentais. Como resultados apontamos que o modelo de ciência representado com maior ênfase na psicologia por meio das abordagens cognitiva-comportamentais se evidencia por uma tradição experimental e pelo domínio da técnica em contextos de intervenção psicológica. A explicação dos comportamentos humanos é garantida a partir da descoberta das relações de causa e efeito que acontecem durante a investigação de crenças e do histórico de condicionamentos forjados pelas contingências. Partindo desses pressupostos, a idéia de liberdade encontra similar na abordagem cognitiva-comportamental na noção de autonomia. A liberdade, conforme o conceito é proposto por Sartre, tem dificuldades de dialogar com as ciências. Na perspectiva fenomenológica-existencial o ser humano é por princípio um ser livre. Desse ponto de vista, a negação desse princípio reforça a idéia de homem enquanto objeto, de que o homem é reflexo de determinantes superiores a sua condição e que sua vida estará regida por forças externas. A noção de determinismo se justificaria segundo esta abordagem pois tal pensamento possibilita a tranqüilidade e a ausência da angústia de escolhas no indivíduo, pois encontrará fora de si a justificativa para seus atos. O sujeito se veria na possibilidade de agir sem se responsabilizar por seus atos. A proposta da fenomenologia iniciada por Husserl e continuada por Heidegger visa esclarecer a existência de uma consciência intencional dos atos humanos, baseada na condição de ser-ai diante do mundo, sendo projetada para o alcance de um objetivo: a pessoa humana enquanto sujeito de ação e promotor da sua condição. Do ponto de vista comportamental a intencionalidade e o propósito são explicados como comportamentos modelados pelas contingências. O propósito, como descreve Skinner, foi substituído pelo conceito de reforço na explicação das causas do comportamento. A definição de um operante tem implicações práticas no reconhecimento de intenções e responsabilidade. A título conclusivo, em Psicologia Cognitiva existem posições que parecem variar em alternativas que estariam povoando posições intermediárias entre estes dois pontos, por princípio, contraditórios mas exercendo grande influência no pensamento cognitivo.

Palavras-chave: Liberdade, Autonomia, Determinismo, Ser-no-mundo, Ciência

IC

COG

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONTROLE INIBITÓRIO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS. *Paula Lemes**, Joaquim Carlos Rossini (Laboratório de Medidas em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).*

Dados empíricos observados em populações normativas sugerem que o comportamento inibitório, regulado pelas funções executivas, apresenta características maturacionais específicas ao longo do desenvolvimento. O presente estudo teve como objetivo investigar o desempenho de crianças de 6 a 8 anos de idade em uma tarefa atentiva agir/não-agir (go/no-go). Este tipo de tarefa avalia a capacidade de inibir uma resposta motora freqüente (estímulos agir) frente a um estímulo sinalizador para a inibição da ação (estímulo não-agir). Participaram desta investigação 130 crianças, sendo 66 do sexo masculino. Os participantes foram solicitados a pressionar uma tecla o mais rápido possível frente à apresentação de figuras de objetos na tela do computador. Em 75% das provas as figuras eram estímulos "agir" e em 25% das provas a figura de uma bola representava o estímulo "não-agir", ou seja, frente a apresentação da figura da bola, nenhuma resposta deveria ser efetuada. O tempo de reação motor (TR) e a média do número de erros cometidos (comissões e omissões) foram analisados através do teste ANOVA para medidas repetidas para os fatores gênero e idade. O TR, o número de omissões e o número de coomissões apresentaram efeito significativo em função do fator idade $F(2,60) = 4,85$; $p < 0,01$ (TR médio - 6 anos = 651ms; 7 anos = 590ms; 8 anos = 500ms); omissões, $F(2,60) = 6,95$; $p<0,01$ (média de omissões - 6 anos = 4,68; 7 anos = 2,5; 8 anos = 1); coomissões, $F(2,60)= 11,45$; $p < 0,01$ (média de coomissões - 6 anos = 7; 7 anos = 3,9; 8 anos = 3). O fator gênero não influenciou significativamente nenhuma das variáveis dependentes analisadas. A análise dos resultados com o teste post hoc de Newman-Keuls evidenciou um desempenho significativamente inferior de crianças de 6 anos quando comparadas às crianças de 7 e 8 anos, tanto para o número de erros de omissão ($p = 0,03$), quanto coomissão ($p = 0,01$). O mesmo teste mostrou uma melhora significativa no desempenho do TR com o aumento da idade. Os dados empíricos desta pesquisa mostraram que as crianças de 6 anos de idade tiveram desempenho mais lento e cometeram mais erros quando comparadas com as crianças de 7 e 8 anos. Esses achados corroboram com estudos da literatura científica vigente que também sugere diferenças entre as idades investigadas em tarefas agir/não-agir, sem uma influência significativa do fator gênero. De maneira geral, os resultados deste estudo sugerem uma maturação do sistema atentivo e do controle inibitório entre as faixas etárias estudadas e aponta para a investigação de outras etapas do desenvolvimento humano.

Apoio financeiro: Bolsa de Mestrado – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Palavras-chave: psicologia cognitiva; atenção; controle inibitório.

Pesquisa de Mestrado

COG

CAPITAL COGNITIVO: QUANDO O NÃO ESCREVER E O NÃO INTERPRETAR CHEGAM AO ENSINO SUPERIOR. *José Aparecido da Silva (Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto/SP), Rosemary Conceição Dos Santos (Universidade de São Paulo – São Paulo/SP)*

Pesquisa identificando que 38% dos estudantes de ensino superior não dominam habilidades básicas de leitura e escrita, não conseguindo entender o que leem e tampouco conseguindo fazer relações com as informações que recebem, suscitam questões do tipo "O quão brilhante um indivíduo precisa ser para lidar com o conteúdo programático ministrado na universidade?"; "Qual é a competência da universidade em fornecer um conhecimento básico e comum a todo cidadão?"; "As universidades estão se tornando obsoletas no cenário educacional contemporâneo?"; "Qual é a superioridade real do ensino superior?" e "Até que ponto um grau universitário identifica cidadãos de 'primeira' classe no mercado de trabalho?". O objetivo deste trabalho é responder estas questões. A importância conferida ao leitor como última instância que concretiza a assimilação dos textos lidos data do final de 1960 e início da década de 1970, por ocasião do surgimento, na Alemanha Ocidental, da Estética da Recepção. Nesta época, as técnicas de análise de texto, então vigentes, foram consideradas desinteressantes pelos adeptos da nova teoria, por enfatizarem a análise de conteúdo de uma obra sem relacioná-lo ao momento histórico e tão pouco refletir sobre as diferentes expectativas do público que o recebia. Meio século depois, a competência cognitiva individual e/ou da população, em âmbito nacional, associada a diferentes indicadores, demonstra que tal competência associa-se, significativamente, a uma grande variedade de atributos sociais, econômicos, educacionais, políticos, geográficos, epidemiológicos, tecnológicos e de saúde. Ao longo dos últimos dez anos, crescente volume de pesquisas tem demonstrado que considerar a qualidade da educação, mensurada, substancialmente, pelas habilidades cognitivas aumenta a avaliação do papel da educação no desenvolvimento econômico. Ignorar as diferenças cognitivas na qualidade educacional negligencia e omite a real importância do elemento-chave da educação para o desenvolvimento econômico da nação: as habilidades cognitivas. Avanços tecnológicos recentes, geradores de profundas mudanças sociais no Brasil, constituíram uma nova elite cognitiva no país. Nesta, indivíduos extremamente capazes em lidar com complexidades, localizados no topo da distribuição das habilidades cognitivas, migram, transformando tanto o lugar por eles deixado, quanto o lugar por eles buscado. A criação de novas funções, requerendo grande e variada habilidade de lidar com a complexidade, requisitou que trabalhassem no máximo de suas mentes e que aprendessem cada vez mais. A noção de cognição, inteligência e leitura deve ser mais bem explorada pelos educadores, assim como, estes devem reconsiderar o poder oferecido pela habilidade cognitiva geral, a qual é, por si só, susceptível às influências educacionais.

Cognição, leitura, ensino superior

COG

ELABORAÇÃO DE TÉCNICA PARA AVALIAÇÃO DE PENSAMENTO CONTRAFACTUAL EM ADULTOS. *Juliana Sarantopoulos Faccioli - UFSCar Juliana Sarantopoulos Faccioli**, Florença Lucia Coelho Justino**, Patrícia Waltz Schelini (Laboratório de Desenvolvimento Humano e Cognição, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

O pensamento contrafactual é um tipo de pensamento espontâneo que se refere a formas como as pessoas imaginam o que poderia ter acontecido em relação a eventos passados, geralmente evocados por situações negativas, surpreendentes e inesperadas. Esse tipo de pensamento pode descrever situações melhores do que a realidade – pensamento ascendente, ou piores – pensamento descendente. Pode ainda se referir a aspectos da realidade que, segundo a literatura, são mais prontamente modificados pelas pessoas, tais como: ação/inação, obrigação, razão, tempo e eventos não usuais. O objetivo deste trabalho foi elaborar e avaliar um material destinado à análise do pensamento contrafactual de pessoas adultas. O material elaborado foi composto de cinco notícias adaptadas de jornais e revistas, seguidas de alternativas que permitiam a modificação de aspectos da notícia e que eram referentes às categorias descritas na literatura como sendo as mais comumente modificadas. Para a análise do material, foi realizada uma capacitação de juízes, visto que não se conhece especialistas sobre o pensamento contrafactual no contexto brasileiro. A capacitação foi feita com cinco juízes, todos estudantes de pós graduação em psicologia, e teve o objetivo de explicar o significado do pensamento contrafactual, em termos dos principais conceitos a ele relacionados, sua importância e particularidades, bem como os aspectos apontados pela literatura como mais modificados pelas pessoas. Após a capacitação, o material foi avaliado pelos juízes, quanto à ascendência e descendência das alternativas propostas para cada notícia e quanto ao aspecto da realidade a que cada alternativa se referia. O material para ser avaliado continha cinco notícias, cada uma seguida de quatro sentenças, sob forma de alternativas, que consistiam em mudanças num determinado evento da notícia. Além de avaliar as alternativas, os juízes deveriam também avaliar as instruções e escolher uma notícia para ser retirada do material. A concordância entre juízes foi pareada à proposta inicial das pesquisadoras para cada alternativa. No que se refere à ascendência e descendência, a concordância entre os juízes foi de 100%, sendo que apenas três alternativas não foram categorizadas por um juiz. As alternativas com baixo índice de concordância foram reformuladas e readequadas para uma nova avaliação. Em relação aos aspectos da realidade, de um total de 20 alternativas, oito tiveram alto índice de concordância (80%), sendo que 12 tiveram que ser readequadas. Os juízes indicaram que todas as alternativas originalmente escritas no pretérito fossem reescritas no pretérito imperfeito. Três dos cinco juízes sugeriram que uma notícia sobre a vida no corredor da morte fosse retirada do material, visto que ela não era representativa do contexto brasileiro e o índice de concordância em relação às alternativas de modificação foi baixo. Sugeriu-se ainda que as notícias fossem diminuídas, já que elas estavam muito extensas. A avaliação dos juízes possibilitou um refinamento nas instruções e adequação das alternativas formuladas.

Imaginação; Pensamento Contrafactual, Avaliação do Pensamento Contrafactual.

CAPES

COG

ENERGIA VITAL: EXPLORAÇÕES SOBRE A CONTINUIDADE DE ENERGIA VITAL APÓS A MORTE EM UMA AMOSTRA BRASILEIRA E NORTE AMERICANA. *Maira M Roazzi (University of Pittsburgh)*

Pesquisas no campo da ciência cognitiva da religião (Cognitive Science of Religion) partem da premissa que conceitos sobrenaturais e/ou religiosos se originam de conceitos intuitivos básicos (Boyer, 2001). Existem inúmeros estudos investigando o conceito de agentes sobrenaturais (como fantasmas e divindades), indicando que tais conceitos se originam e se alicerçam em uma teoria intuitiva da mente (Intuitive Theory of Mind) (Bering & Parker, 2006). Em contrapartida, novos estudos que exploram conceitos de alma e espírito indicam que outras teorias intuitivas podem também estar alicerçando tais conceitos. Uma teoria intuitiva sobre essência pode ser a base para a compreensão da alma (Richert & Harris, 2006, 2008), e intuições sobre a energia vital pode estar por trás de conceitos ligados a espírito e energia espiritual (Roazzi, Nyhof, & Johnson, 2009). O objetivo geral deste trabalho visa explorar se um conceito de energia vital estende para a vida após a morte, e se esta continuidade é concebida de forma distinta em diferentes países. Foram entrevistados 280 alunos universitários do Brasil e dos EUA. Participantes foram apresentados uma situação de morte hipotética e foi pedido que julgassem se uma serie de processos psicológicos e biológicos continuavam a existir após a morte. Uma série de medidas de controle foram obtidas com o objetivo de comparar ambos Países, sendo estas: afiliação religiosa, religiosidade, crença em superstição, crença na eficácia de medicina alternativa, uso de medicina alternativa e práticas alternativas. Os resultados apontam que participantes de ambos foram mais favoráveis á continuidade de energia positiva, seguida de funções mentais e energia negativa e menos favoráveis a continuidade de uma energia biológica e a funções biológicas. Estes resultados demostram como apesar de diferenças culturais, participantes de ambos países favorecem a continuidade de uma energia mais psicológica, que está atrelada a mente, possivelmente sendo guiados por uma teoria intuitiva da mente. Ao examinar as variáveis de controle, constatou-se que as respostas da amostra brasileira estava associada a maiores crenças e práticas alternativas e supersticiosas. Implicações destes resultados serão discutidos.

COG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDO LONGITUDINAL DO ÍNDICE DE VELOCIDADE DE PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO OBTIDO PELAS CRIANÇAS INFECTADAS PELO HIV. *Ana Paula Cunha*, Camila Quintana Ribas*, Ana Paula Almeida de Pereira** (Departamento de Psicologia, Laboratório de Neuropsicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR), Tony Tannous Tahan**, Cristina Rodrigues da Cruz**, Isac Bruck** (Hospital de Clínicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Na literatura encontram-se poucos estudos longitudinais com crianças infectadas pelo HIV. O HIV é um vírus que pode com certa facilidade se infiltrar no sistema nervoso central e comprometer o funcionamento cognitivo. Na infância, estes prejuízos podem ser maiores, pois neste período, o cérebro ainda está em desenvolvimento. Entre os danos causados pelo vírus, pesquisas relatam o comprometimento na velocidade de processamento da informação (VP). A VP se caracteriza pela eficiência e rapidez com que o cérebro irá captar e interpretar as informações do ambiente, podendo determinar sucesso ou fracasso principalmente naquelas ações do cotidiano que envolvem tempo. O objetivo do presente estudo foi analisar de forma longitudinal o desempenho de crianças com HIV na VP. Para tanto, utilizou-se os seguintes subtestes da Escala Wechsler para Crianças – Terceira Edição (WISC-III) que avaliam a VP: Procurar Símbolos e Código; os quais compõem o índice de velocidade de processamento (IVP). Foram avaliadas 10 crianças, inicialmente entre 7 a 11 anos, atendidas pelo Hospital de Clínicas da UFPR. Nesta primeira avaliação os escores ponderados médios do IVP obtidos foram 97,30 (DP=14,49). Depois de um intervalo que variou entre 1 a 5 anos, os mesmos pacientes foram reavaliados, os escores ponderados médios do IVP obtidos foram 99,5 (DP=14,96). De acordo com o teste-T para amostras dependentes, não houve diferença significativa entre as pontuações nos dois momentos (t(9)= -,624; p=0,548; α=0,05), neste índice. Sendo assim, os dados indicam que o grupo de crianças com HIV, no momento, encontra-se dentro da média normativa nesta função. Além disto, os resultados mantiveram-se estáveis pelas crianças com HIV. Portanto, a análise estatística sugere que esta função cognitiva (VP) não está sendo prejudicada com o aumento de idade. No entanto, estes dados devem ser vistos com cautela, pois é possível que os instrumentos utilizados não tenham sido sensíveis na detecção de prejuízos ao longo dos anos. Cabe salientar também, a necessidade de que sejam realizados estudos futuros que tenham um número maior da amostra, controle mais rigoroso no tempo de intervalo do re-teste, e que analisem nesta população não só o desempenho no IVP, mas inclusive a média obtida em cada item que o compõe.

Crianças, HIV, avaliação neuropsicológica

Fundação Araucária

COG

FOCALIZAÇÃO ATENTIVA E FLUXOS ÓPTICOS EM CENAS COMPLEXAS.

*Joaquim Carlos Rossini, Paula Lemes**, Adriana Borborema*, Lorena Barbosa*. (Laboratório de Medidas em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).*

Muitos estudos sugerem que a mobilização dos recursos atentivos pode ocorrer em função do movimento dos estímulos contidos no campo visual. Neste sentido, vários autores sugerem que o movimento de expansão óptica deflagra uma urgência de processamento vinculada a objetos em aproximação, o que resultaria em ganhos adaptativos para o organismo (behavioral-urgency hypothesis). O presente estudo investigou em quatro experimentos a mobilização do foco atentivo em função de fluxos ópticos de expansão (looming) e retração (receding) utilizados como dicas espaciais não preditivas quanto à localização de um estímulo alvo. No Experimento 1 dois fluxos ópticos eram apresentados simultaneamente no campo visual direito e esquerdo. Os Experimentos 2 e 3 investigaram a influência do fluxo óptico na mobilização do foco atentivo nos quatro quadrantes do campo visual. No Experimento 2, ¼ do campo visual apresentava um fluxo de expansão apresentado simultaneamente a ¾ do campo visual que apresentavam fluxos de retração. No Experimento 3 esta relação de apresentação foi invertida. A tarefa dos participantes nos três primeiros experimentos (n=10) era identificar, o mais rápido possível, a orientação de um estímulo alvo (uma barra vertical ou horizontal) pressionando uma tecla do computador para o registro do tempo de reação (TR). O estímulo alvo era apresentado no centro do fluxo óptico 250ms após o início da prova. Os três experimentos iniciais sugerem que os participantes foram mais rápidos quanto o alvo era apresentado no fluxo de expansão (TR: Exp1= 519ms; Exp2= 550ms; Exp3= 511ms) quando comparado ao fluxo de retração (TR: Exp1= 577ms; Exp2= 576ms; Exp3= 537ms), Exp1:$F(3,27)=2,90$; $p< 0,05$; Exp2: $F(1,9)= 9,80$; $p< 0,05$; Exp3: $F(1,9)= 38,7$; $p< 0,05$. No Experimento 4 (n=12) cada prova era iniciada com a apresentação simultânea de dois fluxos ópticos, um de expansão e outro de retração, dispostos em quadrantes diagonalmente opostos no campo visual. Nos dois quadrantes restantes nenhum estímulo era apresentado. Os fluxos ópticos permaneciam no campo visual por 866ms sendo imediatamente substituídos por uma cena de busca visual. Os estímulos de busca eram 16 sinais de soma (0,5ºx 0,1º) e o estímulo alvo (1 por prova) foi definido pelo deslocamento do segmento vertical (0,1º para a direita ou esquerda em relação ao centro do segmento horizontal). Os resultados sugerem uma maior eficiência na detecção do alvo precedido pelo fluxo óptico de expansão (TR= 1711ms) comparado a retração (TR= 1819ms) ou ausência de fluxo (TR= 1797), $F(2,22)=5,56$; $p<0,05$. Em conjunto, os resultados sugerem que o foco atentivo é espacialmente direcionado para áreas dinâmicas do campo visual que apresentam um fluxo óptico de expansão (aproximação) em detrimento de áreas dinâmicas que apresentam um fluxo óptico de retração (afastamento). Estes dados corroboram a hipótese ecológica de urgência do processamento em tarefas complexas de busca visual.

Apoio Financeiro: CNPq/Projeto 400915/2010-3

Palavras-chave: Fluxo óptico, Focalização Atentiva, Tempo de Reação

COG

MOTIVAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: RELAÇÕES ENTRE EMOÇÕES E METAS DE REALIZAÇÃO. *Tânia Maria Santana de Souza, Rômulo Fernandes Evangelista (Universidade Federal de São Carlos)*

As evidencias da pesquisa psicológica básica e das neurociências demonstram o impacto das emoções na aprendizagem, realização acadêmica e motivação. Estes achados contribuíram para estimular o interesse dos teóricos da motivação no contexto escolar pelo entendimento das relações entre as emoções de realização acadêmica e os construtos motivacionais autoeficácia, metas de realização, atribuições de causalidade. No âmbito da teoria de metas de realização tem sido verificado que as meta aprender é um preditor positivo das emoções satisfação pela aprendizagem, esperança e orgulho, a meta performance aproximação é preditor positivo de orgulho e a meta performance evitação é preditor positivo de ansiedade, desamparo e vergonha. Dada a relevância de estudos nacionais sobre motivação passarem a considerar as emoções como componente do processo motivacional, O presente estudo visa identifcar as relações entre as metas de realização (aprender, performance-aproximação e performance-evitação) e emoções de realização relacionadas a aprendizagem durante as aulas apresentadas por um grupo de universitários. Foram participantes da pesquisa 31 estudantes do primeiro semestre de um curso de psicologia de uma instituição de ensino superior publica, sendo 25 pertencentes ao sexo feminino e 6 pertencentes ao sexo masculino. Eles responderam a dois instrumentos: o instrumento para avaliar as emoções de realização experenciadas pelos estudantes em situações acadêmicas durante as aulas, ao estudar e durante os exames. amplamente utilizado na pesquisa. No caso do presente estudo, foram utilizadas as oito escalas para avaliar as emoções satisfação em relação a aprendizagem, orgulho, esperança, aborrecimento, raiva, ansiedade, desesperança, vergonha em situação de aula composto por 80 itens. O instrumento de avaliação de metas de realização (1) aprendizagem; (2) performance–aproximação; (3) perfomance – evitação com validação brasileira composto por 9 itens. O instrumento de metas de realização foi aplicada em um primeiro momento e duas semanas depois foi aplicada o instrumento de emoções. Foi verificada uma aceitável consistência interna dos itens das escalas de ambos instrumentos. Os resultados indicam que a meta aprender mostrou-se correlacionada postivamente com satisfação e negativamente com tedio, a meta performance-aproximação correlacionada postivamente com orgulho, meta performance-evitação correlacionada positivamente com orgulho e negativamente com tédio e vergonha. Apesar da amostra reduzida, os resultados mostraram-se consistentes com os achados nos estudos prévios, indicando uma possível generalidade dos achados anteriores e apoio a relação estreita entre emoções e motivação. O estudo é discutido em termos de direções futuras para a pesquisa que visem superar a falta de atenção ao papel das emoções no processo de ensino-aprendizagem.

Emoções, Metas, Realização, Universitários

PIBIC/CNPq

COG

O EFEITO DA MUSICALIZAÇÃO NO PROCESSAMENTO MATEMÁTICO E SOB CAPACIDADE DA MEMÓRIA OPERACIONAL EM CRIANÇAS. *Fabiana Silva Ribeiro, Flávia Heloisa dos Santos (Univesidade Federal de São Carlos)*

O processamento musical é estruturado por princípios que requerem diversas fontes de conhecimento e depende de habilidades cognitivas como a Memória Operacional, além disso, números, padrões, proporções são alguns dos conceitos que devem ser dominados por músicos. Entretanto, pouco se sabe sobre o desenvolvimento da cognição matemática e da capacidade da memória operacional após a musicalização. O objetivo deste estudo foi investigar os efeitos da musicalização sob as habilidades matemáticas e capacidade da memória operacional em crianças de 9 e 10 anos de idade, por meio de um pré-teste em recém inseridas na musicalização e um pós teste após um período de 12 meses. Participaram do estudo 16 crianças de 9 a 10 anos de idade, de ambos os sexos, que no pré-teste não possuíam experiência musical prévia. Após 12 meses, devido à desistência de algumas crianças da musicalização, estas foram divididas em dois grupos: CP (Crianças com permaneceram na musicalização; N=07) e CI (Crianças que interromperam a musicalização após 5 meses; N= 09). A musicalização foi coletiva em sessões de 1h/semanal. Os instrumentos utilizados em ambas as avaliações foram a Bateria para Avaliação do Tratamento dos Números e do Cálculo na Criança, Avaliação Automatizada de memória operacional e Teste de Repetição de Pseudopalavras para crianças brasileiras. Resultados: As crianças do grupo CP apresentaram no pós-teste escores mais altos que seus respectivos pré-testes para os seguintes subtestes da Zareki-R: Memória de Dígitos e Estimativa Visual, o grupo CI apresentou maior pontuação quando comparado ao seu pré-teste apenas para Estimativa Visual. A estimativa da magnitude do efeito de grupo pelo coeficiente d corroborou estes resultados, além disso, as pontuações do grupo CP estavam até dois desvios-padrão acima da média para a idade segundo dados normativos brasileiros (Santos, 2007), além disso, os resultados expressivos para pré-teste e pós-teste nos seguintes subtestes da AWMA: Recordação de Contagem e Span Espacial em que os escores do grupo CP foram significativamente maiores do que do que seus respectivos pré-testes e do grupo CI. Tal achado indica que a musicalização pode favorecer melhores resultados tanto em tarefas referentes ao armazenamento de informações (memória de curto-prazo verbal e vísuoespacial), assim como ao controle de processamento (memória operacional). Em conclusão, o grupo que permaneceu na musicalização obteve melhores escores em tarefas cognitivas referentes à memória operacional e ao processamento numérico, contudo, ainda não se sabe se este ganho é igual ou superior ao desenvolvimento associado à idade.

COG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

QUAL É A RELAÇÃO ENTRE FALSAS MEMÓRIAS E A ALIENAÇÃO PARENTAL? *Ederaldo José Lopes, Ana Luíza Casasanta Garcia (Universidade Federal de Uberlândia- Minas Gerais)*

A memória humana pode ser entendida como a reprodução e reconstrução das informações armazenadas. Entretanto, esse fenômeno não deve ser visto de forma isolada , já que depende da percepção e também é influenciado pelas emoções e pela imaginação. Assim, dado o fato de que a memória é um processo complexo, a recuperação de uma informação pode ser distorcida, podendo surgir as falsas memórias (FM). Trata-se de uma distorção de memória que consiste na recordação de fatos que nunca ocorreram ou a recordação de fatos que ocorreram, porém de modo distorcido. As FM têm sido observadas em pesquisas experimentais bem como em situações cotidianas. Um dos fatores que influenciam o aparecimento das FM é a sugestionabilidade, que consiste na tendência de um indivíduo em incorporar informações distorcidas a sua memória, provenientes de fontes externas, de forma intencional ou acidental. Assim sendo, é possível pensar em uma relação entre a alienação parental e as FM, já que o contexto conflituoso entre os pais pode fazer com que um dos genitores sugestione uma informação errônea acerca do outro para a criança, o que poderia levar ao surgimento de uma FM. Assim, o objetivo deste trabalho foi fazer uma revisão sistemática nas bases de dados Scielo, Pubmed, Redalyc, Lilacs, Web of Science, Wilson, Ebsco e PsycINFO a fim de encontrar uma possível relação entre as FM e a alienação parental. Para esse fim foram utilizados os descritores: "Falsa memória/False memory/Falsa memoria"; "Falsas memórias/False memories/Falsas memorias"; "Cuidados parentais e falsas memórias/Parental Care and false memories/ Cuidados parentais y falsas memorias"; "Falsa memória e alienação parental/ False memory and Parental Alienation/ Falsa memoria y Alienación Parental"; "Falsas memórias e alienação parental/False memories and Parental Alienation/ Falsas memorias" e "Alienação parental/Parental Alienation/ Alienación Parental". Foram encontrados 12 artigos que se relacionavam com o tema proposto. A partir da leitura dos artigos encontrados, observou-se que há relação entre FM e alienação parental, e o principal elo encontrado é a falsa acusação de abuso sexual. Assim, uma vez inserido em um contexto alienante, a criança pode se tornar sugestionável à implantação de falsas informações por um dos genitores, já que os pais estão em um conflito cujo objetivo é separar o filho do outro genitor. Desse modo, dada a acusação, há consequências jurídicas entorno desse processo, pois a comprovação se houve ou não houve o abuso é difícil de ser averiguada. Outro fator relevante encontrado foi o questionamento acerca da cientificidade da Síndrome da Alienação Parental (SAP), já que de acordo com as opiniões dos autores dos artigos lidos, a síndrome da alienação parental proposta por Richard Gardner parece ser "autossuficiente" em diagnosticar e tratar do problema. Entretanto não apresenta argumentos suficientes para sustentar seus pressupostos. Por fim, diante do número reduzido de material encontrado, sugerimos que haja novas pesquisas sobre a temática, a fim de abordar, por exemplo, a que outros fatores ligados às FM a alienação parental está relacionada.

Falsas memórias, Alienação parental, sugestionabilidade

PIBIC/CNPq/UFU

COG

RELAÇÃO ENTRE CAPACIDADE FINANCEIRA E DOENÇA DE ALZHEIMER EM IDOSOS: UM LEVANTAMENTO DA LITERATURA. *Endy-Ara Gouvea Gonçalves* (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos - São Carlos - SP); João dos Santos Carmo (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos - São Carlos - SP; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino)*

A Doença de Alzheimer (DA) é a síndrome demencial que mais acomete idosos no Brasil; caracterizada por declínio crônico degenerativo progressivo nas áreas da cognição, função e comportamento; com comprometimento significativo da funcionalidade. Tal funcionalidade é composta por cinco áreas diferentes: memória, orientação espaço-temporal, julgamento, resolução de problemas e as AVDs. As AVDs são subdivididas em Atividades Básicas de Vida Diária (ABVD), relacionadas ao autocuidado (alimentação e higiene pessoal) e as Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), relacionadas à capacidade de administração do ambiente de vida dentro e fora do lar. Na DA as AIVDs são comprometidas logo nos estágios iniciais, sendo a capacidade financeira a com mais acentuada deterioração nos idosos portadores da doença. Capacidade financeira é definida como a habilidade de gerir, de maneira independente e conforme os interesses pessoais, as suas próprias finanças. Há poucos estudos, no Brasil, que examinam alterações relacionadas à demência e às mudanças nos diferentes componentes cognitivos da aritmética, e que estudam a relação da Capacidade Financeira com a DA. Há também a falta de homogeneização conceitual das pesquisas e padronização dos procedimentos e instrumentos utilizados por especialistas da área de gerontologia. O presente estudo objetivou analisar a relação entre capacidade financeira e DA a partir dos dados presentes na literatura. Buscou-se traçar perspectivas diante das informações que já existem sobre capacidade financeira em idosos com provável Alzheimer e indicar caminhos possíveis na tentativa de se compreender a DA na população brasileira. Realizou-se pesquisa teórica, do tipo bibliográfica com os descritores: Doença de Alzheimer, Habilidades Aritméticas e Capacidade Financeira em idosos e seus equivalentes em inglês. Os bancos de dados eletrônicos consultados, foram: Scielo; Periódicos CAPES; Web of Science; Pepsic; PsychInfo. Após a obtenção dos artigos que abordavam o tema, selecionou-se textos baseados no conteúdo contido em seu resumo/abstract, obtendo-se 14 artigos que preenchiam o critério temático. Realizou-se leitura analítica e comparativa das informações obtidas. Já é sabido que a capacidade de contagem não é afetada pelo envelhecimento normal do ser humano, porém a velocidade de contagem diminui muito com a idade, o que pode contribuir para o comprometimento observado em idosos com DA. Isto porque, constatou-se que pacientes com provável DA apresentam maior comprometimento nas habilidades aritméticas que os sujeitos saudáveis em tarefas de cálculo, tanto na realização das operações quanta na resolução de problemas. Verificou-se também que pacientes com DA leve e moderada demonstram significativas dificuldades em tarefas numéricas incorporadas em um contexto cotidiano, dificuldade essa que pode ser atribuída ao fato de que situações reais demandam múltiplas capacidades cognitivas. Sabe-se que as mudanças de comportamento e a conduta acarretam por fim a incapacidade do individuo de cuidar de si mesmo, culminando numa total dependência do idoso. O estudo das capacidades financeiras em idosos com DA e as constatações realizadas no trabalho aqui apresentado possibilitam que compreendamos melhor de que forma a habilidade aritmética se relaciona com a DA, seu diagnóstico e possíveis tratamentos, contribuindo, assim, para um diagnostico precoce da doença.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Doença de Alzheimer, capacidade financeira, habilidade aritmética.
COG

ROTAÇÃO DE IMAGENS MENTAIS A PARTIR DE UMA FONTE SENSORIAL TÁTIL E SUAS RELAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO. *Tiago Oliveira de Lima; Leonardo Rodrigues Sampaio; Luiza dos Santos Sá; Rodrigo Oliveira Damasceno (UNIVASF)*

A pesquisa objetivou avaliar se o princípio da Equivalência Funcional aplica-se à rotação de imagens mentais quando a fonte sensorial utilizada é o tato e não a visão, e em que momento do desenvolvimento cognitivo se consolida a capacidade de representação e manipulação de imagens mentais construídas a partir do tato. Desta forma, entende-se representação mental como uma projeção "interna" de coisas sentidas e percebidas externamente. Esta, pode ser posteriormente evocada, sem que haja estímulos sensoriais presentes. Dentre as formas de manipulação de imagens mentais mais investigadas destaca-se a Rotação Mental, que permite movimentar imagens em diferentes sentidos e direções partindo do princípio da equivalência funcional, no qual imagens mentais são funcionalmente análogas aos objetos reais por elas representados, além de serem processadas nas mesmas regiões corticais. É sabido que adultos podem experienciar e descrever atividades mentais privadas, mas o desenvolvimento desta capacidade em crianças ainda não foi suficientemente explorada. Sabe-se que a imaginação visual é uma forma de atividade mental à qual crianças desenvolvem acesso desde cedo, entretanto, sua capacidade em tarefas de rotação mental ainda é bastante questionada na literatura, fator que motivou o presente estudo. A amostra foi composta por 160 participantes, com idades entre 7 e 23 anos. Foram feitas estratificações por sexo e por idades. Os estímulos utilizados foram uma letra "R" e um número "2", ambos nas posições normal e invertida (reflexa), confeccionados em material emborrachado e posicionados perpendicularmente à cabeça dos participantes vendados. Os estímulos foram então rotacionados em diferentes angulações e apresentadas aos sujeitos que deveriam identificar suas posições. Por fim, os sujeitos foram indagados acerca de suas estratégias para o cumprimento da tarefa. De maneira geral, observou-se que os resultados encontrados corroboram os achados da literatura referentes aos tempos de resposta, que crescem juntamente com a disparidade angular entre os estímulos, tornando coerente o princípio da equivalência funcional também para estímulos táteis. A ideia de que estímulos familiares são mais facilmente manipulados é corroborada pelos resultados, que demonstram tempos de resposta significativamente maiores para estímulos na posição invertida que na posição normal. A taxa de erros, também cresceu proporcionalmente à disparidade angular dos estímulos, tanto na posição normal, quanto na invertida. Em relação às faixas estarias dos sujeitos, pôde-se notar que à medida que avançavam no desenvolvimento, suas taxas de erros e tempos de resposta diminuíam, demonstrando uma maturação das habilidades espaciais. Alem disso, com o avançar do desenvolvimento, o acesso consciente às estratégias empregadas na resolução da tarefa cresceu, sendo que no grupo mais jovem (7 a 10 anos), ele quase não foi manifestado. Outros dados mostram que homens foram significativamente mais rápidos e precisos que mulheres, mas não em todos os grupos. Estes resultados cobrem em parte uma lacuna empírico-teórica relacionada à importância do tato para constituição de imagens mentais ao longo do desenvolvimento.

Representações mentais; Rotação mental; Desenvolvimento cognitivo

COG

SEMIÓTICA E COGNIÇÃO: ESQUEMAS DE INTERAÇÕES SEMIÓTICAS NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO DELIRANTE. *Marcus Lepesqueur, Fabiano Gomes** (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

A presença de alterações na linguagem em pacientes com esquizofrenia e sua importância para o processo de diagnóstico, se faz presente desde a constituição da esquizofrenia como quadro nosológico até as classificações diagnósticas mais recentes como o DSM-IV e CID-10. Uma revisão da literatura mais recente sobre o tema aponta evidências de alterações no nível pragmático da compreensão e da produção da linguagem em pacientes com esquizofrenia, assim como mudanças mensuráveis nas estruturas linguísticas. O presente trabalho se baseia no quadro teórico da Linguística Cognitiva e no seu postulado de que a utilização das formas linguísticas está intrinsecamente relacionada a processos cognitivos. Pode-se esperar, portanto, que condições psicopatológicas apresentem reflexos na produção linguística e o estudo de tais reflexos podem contribuir tanto para a compreensão do processamento da linguagem, quanto para a compreensão das psicopatologias. Este trabalho é uma análise das formas como eventos delirantes foram expressos linguisticamente por uma paciente com esquizofrenia, baseado na hipótese de que existe uma relação entre o núcleo conceptual de um evento e a forma como ele é expresso em construções gramaticais. A hipótese é a de que eventos delirantes são expressos na língua por estruturas argumentais e temáticas especificas, uma vez que estão em jogo, nesses casos, esquemas de evento específicos. Foi analisada, então, a distribuição temáticas das unidades oracionais presentes no discurso delirante desta paciente, buscando definir esquemas cognitivos gerais relacionados à estrutura semântica e argumental. Pretendeu-se descrever as formas esquemáticas básicas, na perspectiva da corporeidade, ligadas a estes eventos delirantes tendo como ponto de partida a sua expressão na estrutura argumental. O corpus foi obtido a partir da transcrição de entrevistas, narrativas orais e conversações espontânea de uma paciente com esquizofrenia, registradas no documentário "Estamira", de Marcos Prado. O estudo de caso conduzido aponta que um tipo esquemático de interação semiótica representa bem aspectos semânticos e sintáticos da expressão dos eventos que compõem os delírios de influencia e persecutório dessa paciente. Essa forma esquemática de interação semiótica (ou esquema cognitivo) compõe o núcleo de eventos delirantes na medida em que se relaciona a uma forma básica de interpretação e organização dos eventos da experiência. Parte do processo de significação delirante pode ser compreendida, portanto, através de processos de integração conceptual organizados por essas formas semióticas esquemáticas. Esses achados corroboram a hipótese de uma organização básica da consciência em termos de interações semióticas e sugerem, ainda que de forma preliminar, a possibilidade da descrição de eventos delirantes em uma base linguística, o que ajudaria a compor critérios de descrição mais objetivos desses e outros sintomas psicopatológicos.

Bolsista da: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Palavras chave: Esquizofrenia; Delírio; Semiótica Cognitiva.

Mestrado – M

COG

TRIAGEM DO USO DE ANFETAMINAS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. Kelly Calixto Verdegay*, Vânia Patrícia Teixeira Vianna (Instituição: Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo os dados do II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil a dependência de anfetaminas atinge 0,2% da população adulta e o uso na vida de drogas ilícitas é feito por 22,8 % da população brasileira. Dado o crescente problema do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas é necessária a implantação de uma política de saúde eficaz, sendo a detecção precoce um modelo de atuação comprovadamente eficaz em ambientes de pesquisa. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de anfetaminas, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres para uso de anfetaminas na faixa de pontuação considerada como uso de risco de anfetaminas (4 a 26 pontos), segundo o teste Mann-Whitney (p=0,92). Homens apresentam maior uso de risco que mulheres. A porcentagem de homens com uso de risco para anfetaminas foi 1,2% e 1% para mulheres no presente estudo, sendo menor para mulheres do que as relatadas em estudo anteriormente realizado com o mesmo instrumento, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre Universitários das 27 capitais brasileiras foram encontrados 1,1% para homens e 5,9% para mulheres com risco moderado para anfetaminas, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. Discute-se a importância da detecção precoce do uso abusivo e dependência de anfetaminas em estudantes universitários que, normalmente, não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordados em levantamentos como este, na universidade onde frequentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Palavras chaves: triagem, instrumento ASSIST, anfetaminas.

Nível do trabalho: Iniciação Científica – IC

COG

ESTRATEGIAS DE ACTIVACIÓN EN TAREAS DE FLUENCIA SEMÁNTICA.

Juan Pablo Barreyro (CONICET - Universidad de Buenos Aires Macarena Martínez-Cuitilo,Geraldine Borovinsky,Juan Pablo Barreyro)

La memoria semántica es un sistema de memoria de largo plazo que almacena, procesa y recupera información respecto del significado de las palabras, objetos y conceptos, así como también del mundo y su significado (Hodges & Patterson, 1997; Patterson & Hodges, 1995). Una de las tareas más utilizadas para evaluar la indemnidad de ésta memoria es la fluencia semántica (Lezak, Howieson & Loring, 2004), en la que se le solicita al participante que, durante un tiempo restringido, produzca la mayor cantidad de palabras o ejemplares pertenecientes a una categoría (por ejemplo, animales). En esta prueba participan múltiples procesos cognitivos, tales como, sostener la atención, recuperar los conceptos, agruparlos dentro de una subcategoría (por ejemplo, animales domésticos), cambiar de una subcategoría a otra (por ejemplo, de animales domésticos a salvajes) e inhibir respuestas inapropiadas o previamente producidas (Vivas y Naveira, 2010). Investigaciones recientes en lengua inglesa (Schelble Therriault & Miller, 2011) han mostrado que el desempeño en una tarea de fluencia de animales depende de las estrategias utilizadas por los participantes, aquellos que utilicen alguna estrategia de agrupamiento o de subcategorización activarán mayor cantidad de ejemplares. El propósito de la presente investigación consistió en explorar las estrategias más frecuentes y eficaces en la fluencia semántica en español. Para ello se evaluaron cinco categorías semánticas (animales, frutas, indumentaria, medios de transporte y partes del cuerpo) de 20 participantes adultos jóvenes (de entre 20 y 30 años de edad), a quienes se les solicitó luego de cada fluencia evocar la estrategia utilizada. Inmediatamente después, se les entregó una lista de posibles estrategias a marcar, elaborada por los evaluadores y basada en la reportada para animales por Schelble Therriault & Miller (2011). Los resultados evidenciaron que no todas las estrategias permiten un mayor recuerdo de ejemplares. El uso de una estrategia de información conceptual (abstracta), basada en el conocimiento enciclopédico y el uso de una estrategia de búsqueda visual, basada en la imaginería visual, generaron una mayor activación de conceptos en comparación con estrategias fonológicas, de atributos semánticos o de asociación. Estos resultados dan cuenta que el conocimiento enciclopédico permite generar mayor cantidad de subcategorías semánticas, facilitando así, la mayor evocación de ejemplares.

COG - Psicología Cognitiva

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PROCEDIMIENTOS DE REVISIÓN DE TEXTOS EXPOSITIVOS Y CAPACIDAD DE MEMORIA DE TRABAJO. *Juan Pablo Barreyro (CONICET - Universidad de Buenos Aires)*

La comprensión del texto es una de las más complejas actividades cognitivas humanas, e implica la construcción de una representación coherente acerca del significado global del texto (Wolfe & Mienko, 2007; Zwaan & Singer, 2003). Un componente crucial en la construcción de esta representación es la generación de inferencias, la cual requiere que el lector active información no mencionada explícitamente en el texto (van den Broek, 1990, 1994; Virtue, van den Broek & Linderholm, 2006). La comprensión de textos expositivos constituye una importante herramienta para el aprendizaje (Vidal-Abarca, Martínez, & Gilabert, 2000). El objetivo de estos textos consiste en informar al lector acerca de nuevos conceptos, realidades abstractas, y aportar información técnica, lo que convierte su comprensión en un desafío (Britton, van Dusen, Glyn & Hemphill, 1990; McDaniel & Einstein, 1989; Singer & O'Connell, 2003). En consecuencia, es importante investigar cómo pueden ser mejorados para facilitar su comprensión. Los métodos que se proponen mejorar los textos reciben el nombre de procedimientos de revisión de textos (Vidal-Abarca & Gilabert, 2003). Los métodos más investigados de revisión han sido: el procedimiento de repetición de términos (Britton & Gulgoz, 1991), y el procedimiento de incremento de la densidad de relaciones (Vidal-Abarca et al. 2002). La memoria de trabajo se refiere al conjunto de procesos implicados en el control, la regulación y el mantenimiento activo de información relevante para la ejecución de tareas cognitivas complejas (Baddeley, 1986, 2000; Miyake & Shah, 1999; Unsworth & Engle, 2007). Diversas investigaciones (Burton & Daneman, 2007, Daneman & Carpenter, 1980; Friedman & Miyake 2004; Just & Carpenter, 1992) han mostrado que la capacidad de la memoria de trabajo permite explicar diferencias cualitativas y cuantitativas en comprensión. El propósito del presente trabajo es comprar el rendimiento de 48 lectores de alta y baja capacidad de memoria de trabajo en la comprensión del contenido literal e inferencial de textos analizados bajo dos procedimientos de revisión de texto: El método basado en la repetición de términos y el método basado en el incremento de la densidad de relaciones. Los resultados indicaron que los lectores de alta y baja capacidad de memoria mejoraron en la respuesta a preguntas acerca del contenido literal como del inferencial, en el texto revisado a través del método de incremento de la densidad de relaciones, sugiriendo que el método de incremento de la densidad de relaciones promueve el establecimiento de vínculos entre las ideas de las oraciones contiguas y distantes del texto, lo que promueve en el lector la construcción de una representación coherente y bien integrada de las ideas textuales.

COG - Psicología Cognitiva

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

RELACIÓN ENTRE LA MEMORIA DE TRABAJO Y VOCABULARIO EN NIÑOS DE 6, 8 Y 11 AÑOS. *Irene Injoque-Ricle, Juan Pablo Barreyro, Alejandra Calero, Débora I. Burin (CONICET - Universidad de Buenos Aires)*

La Memoria de Trabajo es un sistema de almacenamiento temporal y procesamiento concurrente de información al servicio de procesos cognitivos superiores, tales como la comprensión lectora, la lectura y la adquisición de nuevo vocabulario. Según el modelo clásico de Baddeley (Baddeley y Hitch, 1974; Baddeley, 1986), la Memoria de Trabajo está formada por tres componentes: el Ejecutivo Central, un sistema amodal de atención activo a cargo del procesamiento de información, y dos subsistemas esclavos de modalidad específica y capacidad limitada encargados del mantenimiento temporal de información: la Agenda Viso-Espacial, responsable del almacenamiento en base a sus características visuales y/o espaciales, y el Bucle Fonológico, a cargo del almacenamiento de información basada en el lenguaje. Según Baddeley (1999), el Ejecutivo Central es el encargado de activar de forma directa la información almacenada en la memoria de largo plazo que será temporalmente almacenada en la Agenda Viso-Espacial o el Bucle Fonológico, en función de su modalidad. Y por otro lado, Baddeley también propone que el Ejecutivo Central activa a través de la Agenda Viso-Espacial y el Bucle Fonológico la información almacenada a largo plazo en los sistemas cognitivos cristalizados (Baddeley 2000, 2002, 2003, 2007). El objetivo de este trabajo es poner a prueba un modelo acerca de la relación de los componentes de la Memoria de Trabajo con el sistema de información verbal cristalizada, en el que el Ejecutivo Central tiene un rol tanto directo con dicho sistema cristalizado como mediado por el Bucle Fonológico. Participaron del estudio 180 niños de 6, 8 y 11 años que concurrían dos escuelas de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Se les administró la Batería Automatizada de Memoria de Trabajo (AWMA; Alloway, 2007, Injoque-Ricle, Calero, Alloway & Burin, 2011), compuesta por doce pruebas que evalúan de manera exhaustiva cada uno de los componentes del modelo clásico de Baddeley, junto con Vocabulario del WISC-III (Wechsler, 1994). Para evaluar el ajuste del modelo a los datos se realizó un análisis de senderos con el programa estadístico AMOS 5.0. Los resultados indicaron que el modelo propuesto tiene un muy buen grado de ajuste a los datos (AGFI = .90; CFI = .98; TLI = .98; RMSEA = .04), mostrando la doble relación que mantiene el Ejecutivo Central con el sistema de información verbal cristalizada. Los datos hallados muestran el importante rol que tiene la Memoria de Trabajo en la recuperación de información verbal almacenada en la memoria de largo plazo, donde participan más de uno de sus componentes.

COG - Psicología Cognitiva

A BUSCA DE SINAIS PRECOCES DE AUTISMO EM BEBÊS DE ALTO RISCO. *Karin Yasmin Veloso Müller, Carolina Lampreia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)*

Vem sendo enfatizada a necessidade de uma identificação precoce do autismo, visando uma intervenção que procure minimizar os efeitos do transtorno. Para isto, têm sido observados bebês com irmãos com diagnóstico autístico, por haver uma recorrência significativamente maior de autismo nesta amostra. Estes estudos têm utilizado, principalmente, categorias quantitativas discretas de atenção compartilhada considerados marcadores do autismo. Porém, do ponto de vista do desenvolvimento, as interações diádicas mãe-bebê, entre o nascimento e os nove meses de idade são fundamentais também. Para que ocorram, é preciso que o bebê seja capaz de engajamento afetivo, o que parece não ocorrer com bebês com risco autístico. Objetivo: Tendo como meta encontrar subsídios para uma intervenção precoce no autismo, entre os 12 e 24 meses de idade, esta pesquisa teve como objetivo identificar sinais de risco de autismo no primeiro ano de vida. Método: Foram recrutados bebês entre 3 e 6 meses de idade, formando dois grupos: 1) Grupo Autismo (AU) – 2 bebês com irmão com diagnóstico autístico (P1 e P4) e 2) Grupo Desenvolvimento Típico (DT) – 2 bebês sem histórico familiar de autismo (P2 e P3). Os bebês foram observados e filmados até completarem um ano, em interação com suas cuidadoras e/ou uma pesquisadora em situação face a face e/ou através de brinquedos. Foram utilizadas como categorias de análise das filmagens: (1) Categorias discretas: sorriso, contato ocular e vocalização. (2) Categorias afetivas: engajamento afetivo e fluxo da interação. Foi feito o follow up com filmagens bimestrais até os 24 meses de idade. Os bebês também foram avaliados quanto a possíveis disfunções de processamento sensorial e possível atraso do desenvolvimento. Resultados: No grupo AU, o participante P1 não apresentou anormalidades quanto aos dados discretos e nem quanto ao fluxo de interação e conexão emocional. Nesse mesmo grupo, P4 obteve resultado normal para o DSM-IV e CARS, mas apresentou maneirismo aos 12 meses. Não manteve contato ocular e apresentou sorriso não social. O Fluxo de interação da díade foi mínimo e sua conexão emocional foi predominantemente alguma. Chamou a atenção para risco autístico confirmado pelo Bayley. No grupo DT, P2 mostrou ter desenvolvimento típico. Sua conexão emocional e fluxos de interação foram variáveis. P3 teve resultados normais.Conclusão: Uma parte dos sinais buscado na pesquisa foi detectada através das categorias discretas e afetivas, mas outra parte só foi possível por meio da observação clínica. Sem esta, não teríamos percebido algumas das evidências do risco autístico de P4, como não manter o contato ocular e ter um sorriso não social constante. Dessa forma, podemos concluir que a aplicação da observação clínica pode ser fundamental para a obtenção de diagnósticos mais precisos nos primeiros 12 meses de vida.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A CONFIANÇA SELETIVA EM CRIANÇAS BRASILEIRAS. *Débora de Hollanda Souza (Universidade Federal de São Carlos), Melissa Ann Koenig (University of Minnesota, E.U.A.), Rafael Lopes (Universidade Federal de São Carlos)*

Há uma visão predominante em várias culturas de que as crianças são propensas à credulidade e acreditam em tudo que ouvem. Há, no entanto, evidências experimentais recentes de que crianças americanas são capazes de rastrear a história passada de um indivíduo como alguém confiável ou impreciso e, com base nesse rastreamento, determinar quem é o informante confiável em situações em que novas informações devem ser aprendidas. O presente trabalho tem dois objetivos principais: a) investigar um mecanismo cognitivo potencial que possa explicar o fenômeno da confiança seletiva; e b) determinar a relação entre a habilidade para aceitar seletivamente informações de indivíduos confiáveis e o desenvolvimento da compreensão de estados mentais alheios (ou teoria da mente) em uma amostra de crianças brasileiras de idade pré-escolar. Quarenta e cinco crianças de 3 anos e 4 anos foram recrutadas em creches universitárias no estado de São Paulo e participam do presente estudo. As crianças foram avaliadas pelo TVIP (Teste de Vocabulário Receptivo por Imagens Peabody), pela escala de teoria da mente que é composta de sete tarefas e finalmente, por uma tarefa padrão de confiança seletiva utilizada em estudos prévios. A tarefa de confiança seletiva consiste em apresentar à criança cenas gravadas envolvendo sempre 3 atrizes, cada uma vestindo uma blusa de cor diferente (branca, vermelha ou preta). Durante a fase de familiarização (4 tentativas), a criança observa a atriz com a blusa preta trazendo objetos conhecidos e os colocando em uma mesa. Em seguida, ela pergunta às duas outras personagens "Você pode me dizer o que é isso?". Como são quatro tentativas de familiarização, quatro objetos diferentes são apresentados aos informantes (sapato, bola, copo, banana). Quinze crianças participam da condição Correto x Neutro, ou seja, uma das informantes está sempre correta ao rotular os objetos (100% de acerto) e a outra informante sempre oferece uma resposta neutra como "Vou olhar mais de perto". Um segundo grupo de 15 crianças participa da condição Incorreto x Neutro, em que uma das informantes sempre fornece a resposta errada (100% de erros) e a outra informante sempre oferece a resposta neutra. O terceiro grupo de crianças participa da condição Correto-Incorreto, durante a qual uma informante será consistentemente correta ao rotular os objetos (100% correto), e a outra informante será consistentemente incorreta (0% correto). Na fase de teste, a criança assiste a 4 diferentes vídeos em que o entrevistador (atriz de blusa preta) apresenta objetos não familiares e os dois informantes dizem o nome dos objetos (e.g., um diz que o primeiro objeto se chama "toma" e outro diz que ele se chama "danu". Em seguida, os participantes são solicitados a nomear o objeto desconhecido. Os resultados preliminares sugerem que na condição Correto x Incorreto, tanto as crianças de 3 como as de 4 anos têm um desempenho acima do esperado pelo acaso, demonstrando uma clara preferência pelo informante mais confiável (100% correto). No entanto, na condição Correto x Neutro, a maioria dos participantes (75%) não apresenta preferência pelo informante correto ou neutro.

Confiança seletiva; teoria da mente; pré-escolares

FAPESP

DES

A EXPERIÊNCIA DE APOSENTADORIA NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES FAMILIARES. *Ana Paula Couto Zoltowski**, Marco Antônio Pereira Teixeira (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Aposentar-se é uma transição de carreira importante, sendo vivenciada por cada vez mais pessoas à medida que a expectativa de vida aumenta. A aposentadoria tem sido vista como uma etapa de vida que produz impacto no contexto das relações sociais do indivíduo, em especial no contexto familiar. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi investigar qualitativamente a percepção de aposentados sobre a sua experiência de aposentadoria em relação ao contexto familiar. Participaram do estudo dez profissionais autônomos aposentados, com idades entre 60 e 91 anos, sendo que todos são ou já foram casados e têm filhos. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada com o intuito de explorar a experiência de aposentadoria. As entrevistas foram analisadas através do processo de fenomenologia empírica, seguindo as etapas de descrição, redução e interpretação. No tema "família", duas categorias descritivas foram identificadas: 1) filhos criados (percepção que o momento da aposentadoria coincidia com o crescimento e estabelecimento profissional dos filhos, o que possibilitou maior liberdade e menor preocupação para realizar escolhas e tomar decisões nesta nova etapa da vida) e 2) relação conjugal (o menor envolvimento com o trabalho, assim como a saída dos filhos de casa, demandou a aprendizagem de uma nova rotina a ser compartilhada com o cônjuge, o que foi percebido como uma crise do ninho vazio). Os resultados apontam que o contexto familiar influencia as decisões de carreira referentes à experiência de aposentadoria. Com o reconhecimento de que os filhos não são mais dependentes financeiramente do seu trabalho, os pais, agora aposentados, podem definir sua trajetória futura com base em seus interesses pessoais. Por outro lado, o casal passa a compartilhar de mais tempo juntos, visto que com a aposentadoria o envolvimento com o trabalho pode ser diminuído, se assim for desejado. Além disso, a própria saída dos filhos de casa proporciona que o casal se coloque novamente como centro de atenção. Dessa forma, novos investimentos de tempo e comprometimento com a relação podem ser feitos, possibilitados também pelo aporte financeiro estável proveniente do recebimento do benefício previdenciário. A forma como o indivíduo vivenciará sua transição para a aposentadoria envolve, portanto, não apenas o seu contexto laboral, mas também o desempenho dos seus papéis de cônjuge e de cuidador, dentre outros. Concomitantemente à aposentadoria ocorrem mudanças familiares importantes que merecem ser investigadas e compreendidas nesta nova etapa de carreira. Destaca-se a necessidade de serem adotadas intervenções que considerem a dinâmica dos papéis desempenhados pelo aposentado, buscando compreender a aposentadoria a partir de diferentes contextos de vida.

Aposentadoria, família, papéis

Trabalho desenvolvido com bolsa de mestrado CAPES

DES

A IMPORTÂNCIA DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE: OPINIÃO DE MULHERES COM MAIS DE 60 ANOS. *Gisele Maria Mello, Vera Socci (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP)*

Estudos demonstram que o fato de não ser jovem não implica necessariamente em abdicar dos prazeres da vida, incluindo a satisfação sexual. Após os 60 anos, homens e mulheres continuam mantendo uma vida sexual ativa, salutar e enriquecedora, embora existam tantos preconceitos a respeito da sexualidade do idoso. Quando se fala sobre a vida afetiva e amorosa do Adulto Idoso, é preciso salientar que a vivência satisfatória da sexualidade, continua sendo um aspecto importante de seu bem-estar, de sua qualidade de vida, portanto de sua felicidade; que esta vivência depende de aspectos físicos, mas principalmente dos emocionais, como os decorrentes de sua auto-imagem e auto-estima, infelizmente influenciadas pelos estereótipos sociais, ainda tão adversos. Ao considerar a vida afetiva e sexual do Adulto Idoso, é importante analisar tanto fatores biofisiológicos quanto os psicossociais. Entre estes fatores, o conhecimento e as atitudes constituem uma fonte importante para a manutenção prazerosa da função sexual.. Portanto, para contribuir com esta área de estudo ainda tão incipiente no Brasil, objetivou-se caracterizar a percepção sobre a vivência da sexualidade em um grupo de mulheres com mais de 60 anos. Participaram 20 idosas, todas com o histórico de pelo menos um casamento. Os instrumentos utilizados foram: o termo de consentimento livre e esclarecido; um questionário Sócio-demográfico; a adaptação de uma Escala de Atitudes e Conhecimento sobre Sexualidade no Envelhecimento. Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa a amostra foi escolhida por conveniência e os instrumentos aplicados individualmente. Os resultados sugerem. que a maioria das participantes se consideram "conservadoras" (65%). Entretanto nas questões mais objetivas a respeito, demonstraram atitudes muito favoráveis e positivas, evidenciando pouco conservadorismo em sua percepção sobre a vivência da sexualidade. Em relação ao conhecimento, foi perguntado como o avaliavam. Aqui também suas respostas contradisseram os escores das questões objetivas, pois apenas uma respondeu que conhecia bastante, e 4 "quase tudo"; ou seja, a maioria (75%) avaliou-se mal em relação ao seu saber sobre o assunto. Como resultado objetivo do questionário aplicado tem-se que a amostra pesquisada apresentou escores que denotam um bom conhecimento sobre o assunto. Os temas mais conhecidos se referem ao impulso e o interesse sexual como naturais na velhice, não constituindo perigo à saúde; entendem a influência das drogas, mesmos as lícitas, sobre a resposta sexual; assim como entendem e aceitam as mudanças naturais que caracterizam esta atividade neste período. Os aspectos menos conhecidos referem-se à autoerotização, carregada de preconceitos; às falhas eretivas e disfunções em geral; assim como demonstram pouco conhecimento a respeito de tratamentos específicos. O Coeficiente de Spearman foi utilizado para avaliar possível correlação entre entre a medida objetiva do conhecimento e a avaliação subjetiva do mesmo, relação esta não encontrada. O que se pode considerar finalmente é que a amostra pesquisada tem um bom conhecimento sobre sexualidade e uma atitude positiva e favorável à sua vivência. Entretanto outros estudos são necessários para conclusões mais definitivas.

Palavras-chave: sensualidade, velhice, menopausa

UMC/CNPq

IC

DES

A IMPORTÂNCIA DO ESTILO PARENTAL AUTORITATIVO PARA A RESILIÊNCIA EM ADOLESCENTES. *Maiala Bittencourt Silvano*, Lorena Maria Laskoski**, Jean Carlos Natividade**, Claudio Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O termo resiliência tem sido empregado na psicologia para descrever processos de adaptação que possibilitam aos indivíduos enfrentar, superar e sair fortalecidos de experiências adversas. Uma das condições constantemente apontadas como importantes para o desenvolvimento do potencial resiliente é o estabelecimento de relacionamentos com pessoas que transmitam apoio e confiança. Quando se fala de crianças e adolescentes a interação com os pais representa uma fonte primária de relacionamentos que podem contribuir para o desenvolvimento da resiliência. Entre os diferentes aspectos passíveis de observação na interação entre pais e filhos, a percepão da exigência e da responsividade dos pais tem possibilitado a caracterização dos pais em quatro grupos de estilos parentais. O presente trabalho tem por objetivo testar diferenças no potencial resiliente de adolescentes criados por pais de diferentes estilos parentais. Participaram 154 adolescentes com idade variável de 14 a 19 anos (M=16,2; DP=1,03), sendo 59,7% mulheres, todos eram estudantes do ensino médio de escolas particulares. Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário autoaplicável com perguntas sociodemográficas, a Escala de Responsividade e Exigência Parental e a Escala de Resiliência. A escala de resiliência compreende o construto a partir de três fatores: resolução de valores (fator 1); independência e determinação (fator 2); autoconfiança e adaptação (fator 3). Os estilos parentais foram calculados utilizando-se as medianas nas dimensões de Responsividade e Exigência Parental. Realizaram-se testes de diferenças de médias (ANOVA) entre os grupos de participantes formados pelos estilos parentais (de mãe e pai, separadamente) para as três dimensões da resiliência. Foram observadas diferenças em todos os fatores de resiliência entre os grupos, tanto para as respostas referentes às mães, quanto aos pais. Para o fator 1, para os estilos referentes às mães e aos pais, o grupo Indulgente (baixa exigência e alta responsividade) obteve maior média que o Negligente (baixa exigência e baixa responsividade), também o Autoritativo (alta exigência e alta responsividade) pontuou mais que o Negligente. Além disso, apenas para os pais, o Autoritativo obteve maior média que o Autoritário (alta exigência e baixa responsividade). No fator 2, para as mães e pais, o grupo Autoritativo pontuou mais que o Negligente. O grupo Autoritativo ainda pontuou mais que o Indulgente, mas apenas para os pais. Para as mães, o grupo Autoritário obteve maior média que o Indulgente. No fator 3, tanto para as mães quanto para os pais, os grupos Autoritativos obtiveram médias maiores que os Negligentes. Diante dos resultados destaca-se a importância do estilo parental Autoritativo enquanto relacionado a altos escores em todos os fatores da resiliência. Sugere-se que adolescentes criados sob esse estilo parental desenvolvem altos índices de competências psicológicas, assertividade, maturidade, responsabilidade social entre outros fatores que contribuem para o desenvolvimento do potencial resiliente nos jovens.

Estilos Parentais; Resiliência; Adolescentes

Cnpq

DES

A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NA QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS. *Caroline Leonor da Silva, Thiago Vinicius Monteleone, Marcelo de Almeida Buriti, Luis Antônio Gomes Lima, Fernanda de Franço Françoso, Marianna Barbosa Yamaguchi (Universidade São Judas Tadeu)*

O Envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento humano, caracterizado por diferentes mudanças psicológicas, sociais e fisiológicas. Nos últimos anos, devido a melhorias na saúde e na qualidade de vida dos seres humanos, a população idosa aumentou mundialmente, e tende a crescer ainda mais nos próximos 30 anos. Estima-se que em 2050, este grupo corresponderá à maioria da população mundial. Perante essas estimativas, muitos estudiosos têm pesquisado a respeito do envelhecimento, sobretudo, visando encontrar formas de se envelhecer com boa qualidade de vida. Qualidade de vida é um aspecto puramente humano e relativo, porém, de um modo geral, espera-se que este conceito englobe bem-estar, saúde, satisfação pessoal e autoestima. Tendo em vista esses aspectos, esta pesquisa teve como objetivo geral, analisar a influência de atividades religiosas na qualidade de vida dos idosos e mais especificamente, verificar a qualidade de vida dos particiapantes; verificar as possíveis diferenças da qualidade de vida entre os gêneros; verificar a qualidade de vida dos idosos religiosos e dos não religiosos; e verificar as possíveis diferenças na qualidade de vida entre idosos religiosos e não religiosos. Participaram da pesquisa 52 idosos, acima de 60 anos, moradores do estado de São Paulo, que foram divididos em dois grupos: idosos que participam ativamente de uma religião (pelo menos uma vez por semana), e idosos que não participam de uma determinada religião. A partir disso, cada grupo foi subdividido por gênero. Após o parecer positivo do Comitê de Ética em Pesquisa, iniciou-se a coleta de dados, e para isso, os idosos foram abordados em locais por eles frequentados, e após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, responderam a um questionário de dados sócio-demográficos, seguido de um questionário para avaliação da qualidade de vida (WHOQOL-OLD). Os dados foram analisados no software estatístico BioEstat 5.0. Os resultados mostraram que os participantes deste estudo apresentaram qualidade de vida com score 68.15, não tendo diferença estatisticamente significante entre as variáveis ($x^2o=2,78$ $P>0,05$); não houve diferença estatisticamente significante de qualidade de vida entre os gêneros ($t=0.11$ $P>0,05$), sendo que os homens apresentaram score total 68,29 e as mulheres 68,01; os idosos ativos em uma religião apresentaram qualidade de vida com score 75,78, sendo que o perfil "intimidade" atingiu maior score (87,24); já os participantes não ativos apresentaram, em média, score 60,37, sendo que o domínio "morte e morrer" foi o menos pontuado; O teste t de student apontou diferença estatisticamente significativa entre os participantes ativos em uma religião e os não ativos ($t=4,5793$ $P<0,05$). Pode-se concluir que os idosos estudados nesta pesquisa apresentam qualidade de vida, em média, iguais entre os gêneros, e equiparadas, se vistos dentro de seus grupos, porém quando se observou idosos ativos em uma religião diante de idosos não religiosos, foi notória uma diferença em todos os domínios que o instrumento avalia, sendo que os idosos religiosos apresentaram maiores pontuações. Estes dados evidenciam que, na população estudada, a prática religiosa pode estar relacionada a uma melhor qualidade de vida.

Crenças, Envelhecer, Bem-estar.

DES

A INFLUÊNCIA DE INDICADORES EMOCIONAIS DE ESTRESSE MATERNO NO DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS AOS NOVE MESES DE IDADE. *Mariana Biffi; Sária Cristina Nogueira; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (UNESP, Campus Bauru)*

O objetivo dessa pesquisa foi descrever a presença de indicadores emocionais de estresse em mães de bebês com nove meses de idade e comparar o desenvolvimento dos mesmos. Participaram 25 mães com idade entre 16 e 41 anos (Média= 27,96; MED=27,5; DP=7,29) de bebês com nove meses de idade. Em relação à escolaridade, 17 (68%) das mães possuíam ao menos o Ensino Médio Completo. Quanto ao tipo de família prevaleceu à nuclear (64%). Todas as participantes frequentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família. As avaliações do desenvolvimento dos bebês foram realizadas mensalmente, sempre em datas próximas ao do aniversário dos mesmos, utilizando o Inventário Portage Operacionalizado. O IPO prevê protocolos para anotações do desempenho da criança, específicos para as áreas de Socialização, Autocuidado, Cognição, Linguagem e Desenvolvimento Motor contendo 154 itens que compõem a escala de desenvolvimento geral. No nono mês, as mães foram convidadas a responderem o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL), sendo a participação voluntária. Os resultados evidenciaram que 17 das mães apresentaram indicadores emocionais de estresse (68%), sendo que desse grupo, onze estavam na fase de resistência, duas na fase de quase exaustão e quatro, na fase de exaustão, sendo os sintomas psicológicos predominantes na amostra (64,7%). Em relação ao desenvolvimento dos bebês, quando comparadas as médias dos grupos, os filhos de mães com estresse apresentaram desenvolvimento superior aos bebês, filhos de mães sem estresse em quatro das cinco áreas avaliadas, autocuidado (Médias: 16,62 e 16,94), linguagem (Médias: 9,75 e 10,52), socialização (Médias: 30,25 e 30,35) e cognição (Médias: 25,37 e 25,82), sendo que apenas na área de desenvolvimento motor, o desenvolvimento do segundo grupo foi superior (Médias: 49 e 48,35). A análise estatística realizada, utilizando o Teste T de Student, indicou que as diferenças entre as médias dos grupos não representam valores estatisticamente significativos. Os resultados, ainda que oriundos de uma amostra reduzida, indicam a presença de indicadores emocionais de estresse em mães de bebês.Todavia, uma amostra ampliada permitiria análises mais detalhadas, como por exemplo, comparar o desempenho dos bebês de acordo com o nível de estresse apresentado pela mãe, a fim de obter resultados mais fidedignos e que possibilitem a melhor aplicação da análise estatística e a elaboração de conclusões referentes aos achados.

Estresse, desenvolvimento infantil e mães de bebês

FAPESP

DES

A PARTICIPAÇÃO DAS MÃES NO PROCESSO PREVENTIVO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM PRÉ-ESCOLARES. *Thaíla Alessandra Silva Toledo; Márcia Helena da Silva Melo (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

Os problemas de comportamento podem ser definidos como déficits ou excessos que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência. Tais dificuldades estão associadas a prejuízos na vida da criança em diferentes campos, tais como desempenho acadêmico, relações interpessoais, abuso de substancias, entre outros. Diversos estudos apontam para a importância materna na supervisão dos filhos, na demonstração do afeto somado a uma atitude educativa e positiva da mãe, relacionando-os à ausência de problemas comportamentais nos filhos. Atentar para a identificação de problemas de comportamento em crianças é uma das questões de saúde de maior importância, requerendo medidas preventivas. Nos últimos anos, crianças escolares e adolescentes tem sido enfoque de estudos, porém há poucos estudos encontrados na literatura envolvendo crianças pré-escolares, enfocando uma abordagem precoce e preventiva dos problemas de comportamento. Os objetivos deste estudo foram: (1) Verificar na literatura nacional, pesquisas voltadas para mães de crianças pré-escolares (de 0 a 6 anos) acerca da prevenção de problemas de comportamento, realizadas no período de 2000 a 2011 e (2) Mapear a distribuição desta produção cientifica sobre o tema no país. Como critério de inclusão para esta pesquisa, foi definido: estudos com dados empíricos derivados de avaliação e programas de intervenção aplicados junto às mães de crianças em idade pré-escolar. Como critérios de exclusão foram definidos: (1) Estudos envolvendo ambos os pais da criança na amostra; (2) Pesquisas de revisão teórica e revisão sistemática. Os estudos foram pesquisados nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme), que contempla LILACS, IBECS, MEDLINE, Biblioteca Cochrane e SciELO, além de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), no período de junho de 2012. O levantamento bibliográfico foi realizado mediante as palavras-chave em combinação. Utilizou-se: mães; problemas de comportamento; problemas de conduta; pré-escolares. Dos 65 artigos encontrados, 13 satisfizeram os critérios de inclusão. Deste total, 7 dos artigos foram produzidos na região Sudeste; 4 artigos na região Sul, 1 no Nordeste e 1 no Centro-Oeste. Não foram encontrados artigos nas regiões Norte. Identifica-se uma concentração de pesquisas científicas sobre o tema nas regiões Sudeste e Sul. Observou-se um crescimento nas publicações sobre o tema a partir do ano de 2010. Os resultados encontrados apontam um enfoque na identificação de práticas educativas utilizadas pelas mães e avaliação dos problemas comportamentais dos filhos, porém há ainda uma escassez de produção científica baseada na prevenção de problemas de comportamento uma vez identificada quais as práticas mais comumente empregadas pelas mães. Prevenção esta caracterizada pelo planejamento de estratégias de intervenção visando a alteração de determinados comportamentos das mães (e da família), tornando-as mais competentes socialmente, aplicando práticas educativas mais habilidosas e eficazes, prevenindo futuros problemas comportamentais.

Problemas de Comportamento, Pré-escolares, Mães.

Apoio Financeiro: CAPES

DES

A PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS ACERCA DA BRINQUEDOTECA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO PROVISÓRIO. *Luísa Sousa Monteiro**; Mayara Barbosa Sindeaux Lima; Celina Maria Colino Magalhães (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém- PA).*

O brincar é um dos principais mediadores da relação que a criança estabelece com o mundo, possibilita a mesma atuar na realidade que a cerca, interpretando e produzindo significados acerca de seu ambiente/ contexto. O brincar, na espécie humana, está relacionado aos desenvolvimentos físico, social, emocional e cognitivo. O comportamento lúdico pode sofrer influências de diversos fatores, entre eles destaca-se neste estudo, a situação de acolhimento institucional, em que a criança terá que ficar afastada do convívio familiar mesmo que de forma transitória. Os abrigos se configuram como contextos de desenvolvimento humano, tendo em vista que são espaços que oferecem condições reais para a vivência cotidiana e desenvolvimento de capacidades e habilidades fundamentais para a formação da personalidade e sociabilidade da criança. Neste sentido, preconiza-se que estes espaços devem oferecer estratégias visando favorecer e promover o desenvolvimento infantil. Entre essas ações, destaca-se a implantação de brinquedotecas. Considera-se a brinquedoteca como fator de proteção, pois esta se constitui em um local organizado para facilitar e favorecer o brincar. A brinquedoteca estimula o brincar na medida em que este é favorecido pelos inúmeros recursos disponíveis, pelas trocas estabelecidas com pares (outras crianças) e com os brinquedistas. É valorizado o brincar livre e espontâneo e a capacidade de escolha. Na realidade brasileira, poucos são os abrigos infantis que possuem estes dispositivos. Portanto, este estudo objetivou investigar a percepção de crianças acerca da brinquedoteca de uma instituição de acolhimento infantil. A coleta de dados foi realizada em um abrigo infantil na região metropolitana de Belém- PA, durante os meses de março a junho de 2012. Os participantes foram sete crianças de ambos os sexos, na faixa etária de 5 a 7 anos, com as quais foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada. Os dados foram gravados em áudio, transcritos e analisados segundo a análise de conteúdo. Os resultados indicaram que na percepção dos participantes, a brinquedoteca foi relacionada a aspectos positivos, referiram gostar de ficar no espaço, pois este oferecia o contato com diversos brinquedos que não ficavam disponíveis em outros espaços da instituição. Em relação aos parceiros ao brincar, em geral foram citadas as brincadeiras entre díades ou tríades de criança-criança. Predominaram as brincadeiras entre crianças do mesmo gênero e com mesma faixa etária. Alguns pontuaram, ainda, o brinquedista como figura de referência e parceiro para brincadeiras. A vivência na brinquedoteca foi relacionada a algo prazeroso, que estimula e promove o brincar. Assim, considera-se de suma importância a implantação de brinquedotecas em instituições de acolhimento infantil, tendo em vista que se constituem em espaços favoráveis as interações entre pares, a afetividade, a capacidade de escolha, a estimulação do brincar. Os abrigos devem possuir dispositivos para que sejam de fato contextos de desenvolvimento humano, para tal promover e assegurar um direito tão peculiar da criança que é o brincar se torna fundamental.

Criança, abrigo, brinquedoteca

Capes

DES

A PERCEPÇÃO DE PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DE CRIANÇAS ATENDIDAS EM TRIAGEM EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA. *Lizele Quédina Pereira da Silva*; Nara Helena Schmitz*; Marina Menezes**; Josiane da Silva Delvan**(Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, SC)*

O tema sexualidade é cercado por tabus, ainda mais quando o assunto se refere a sua manifestação na infância. O comportamento sexual das crianças depende não só da etapa de desenvolvimento em que se encontram, mas do contexto familiar e social em que vivem. Comumente os pais relacionam a sexualidade infantil somente com o ato sexual em si, ignorando as várias formas de manifestação da sexualidade no decorrer do desenvolvimento da criança, bem como a sua importância nesse processo. Esta pesquisa objetivou compreender a percepção de pais sobre o desenvolvimento da sexualidade de crianças atendidas em triagem em uma clinica-escola de Psicologia nos anos de 2008-2011. A pesquisa foi de cunho quantitativo e documental, desenvolvida a partir da consulta de 111 prontuários de crianças de ambos os sexos, com idades entre 2 a 12 anos, usuárias dos serviços de uma clinica-escola de Psicologia de uma universidade do sul do Brasil. As informações coletadas das triagens foram referentes à caracterização dos dados sócio-demográficos das crianças e famílias; curiosidades sexuais infantis relatadas pelos pais; registro de ocorrência de educação sexual das crianças; reconhecimento dos pais acerca da masturbação infantil; relatos sobre o comportamento da criança dormir com os pais e possíveis interferências na relação conjugal dos mesmos; e relato de ocorrência de intimidade sexual dos pais na presença da criança. Os dados foram analisados através de estatística descritiva, por meio de freqüência e porcentagem. Os resultados apontaram que 52,25% das triagens indicaram a presença de curiosidade sexual, sendo que os registros apontaram como curiosidades mais freqüentes as diferenças sexuais anatômicas e o nascimento de bebês. Diante das curiosidades manifestadas pelas crianças, 44,15% dos registros referiram que os pais faziam tentativas de orientação, contudo, 37,5% das triagens apontaram que a educação sexual não foi realizada com a criança. Em 35,58% dos registros, os pais afirmavam não reconhecer a masturbação como manifestação da sexualidade infantil e em 40,74% das triagens os pais referiram que a criança dormia com o casal. Quanto à ocorrência de intimidade sexual dos pais na presença da criança, observou-se em 11,32% dos registros, sendo que em 46,23% das triagens esse aspecto não foi investigado. Os dados coletados permitiram observar que muitos pais não consideram as curiosidades em relação ao corpo como sendo curiosidades sexuais, o que revela despreparo para abordar a questão da sexualidade infantil, bem como a desinformação sobre as suas formas de manifestação na infância. Tais dados refletem a necessidade de práticas que busquem ampliar o olhar dos pais em relação à sexualidade de seus filhos, desmistificando os preconceitos que envolvem essa temática, de modo que a compreendam como parte essencial do processo de desenvolvimento do sujeito. A presente pesquisa, ainda permitiu observar a necessidade de instrumentalizar o acadêmico de Psicologia para abordar o tema da sexualidade infantil em suas práticas, visto o alto índice das questões que abordam esse tema nas triagens não terem sido devidamente investigados pelos acadêmicos, demonstrando que a sexualidade não é tabu apenas para os usuários dos serviços de psicologia.

Desenvolvimento psicossexual, infância, atitudes sexuais

DES

A PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA EM MÃES DE BEBÊS NASCIDOS PRÉ-TERMO. *Carolina Marocco Esteves,Márcia Camaratta Anton,Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A Preocupação materna primária é um estado psicológico da mãe, no qual sua sensibilidade em relação ao filho torna-se exacerbada. O objetivo deste estudo foi investigar a preocupação materna primária em quatro mães que vivenciaram o nascimento pré-termo do filho. A expectativa inicial foi a de que a preocupação materna primária era influenciada pelo nascimento pré-termo. Participaram deste estudo quatro mães de bebês nascidos pré-termo, internados em Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (UTINeo) de um hospital universitário. As mães foram convidadas a participar do estudo e entrevistadas individualmente, em setting adequado para a entrevista. Foram realizadas duas entrevistas com o objetivo de avaliar indicadores da preocupação materna primária: Entrevista sobre a gestação e o parto no contexto da prematuridade e Entrevista sobre a maternidade no contexto da prematuridade. A primeira entrevista foi realizada de forma retrospectiva, com base nas lembranças das mães de como foi sua gravidez. A segunda abordou aspectos referentes ao momento da hospitalização. As entrevistas foram realizadas de forma semi-dirigida, estimulando as participantes a falar livremente. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso longitudinal. Esta temática foi examinada com base em três grandes categorias: Preocupação materna primária na gestação, Preocupação materna primária e o nascimento pré-termo e Preocupação Materna Primária no puerpério. Para fins de análise, foram criadas algumas subcategorias. A análise de conteúdo qualitativa revelou que o nascimento pré-termo e a hospitalização do filho geraram dificuldades à díade, como foi esperado inicialmente na pesquisa, afetando a preocupação materna primária materna. Dentre tais dificuldades pôde-se identificar: a preocupação prioritária das mães com a sobrevivência dos filhos e com a sua própria vida; o distanciamento inicial imposto à díade, devido as características da internação em UTINeo; a frustração por não poder amamentar; a culpa por não ter conseguido levar a gestação a termo e as dificuldades em decifrar os sinais e necessidades do bebê. Por outro lado, alguns indicadores da preocupação materna primária foram aparecendo nos resultados. Entre estes, pode-se destacar a identificação das mães com seus bebês, depois dos primeiros contatos; a realização das mães com os cuidados do filho; a sensibilidade frente às necessidades do bebê desenvolvida ao longo das semanas; e a percepção da dependência do bebê dos cuidados e da presença materna. Como estas características se constituem em indicadores da preocupação materna primária, pode-se pensar que tal estado também acontece nas mães dos bebês nascidos pré-termo, o que pode favorecer o desenvolvimento emocional, cognitivo e físico do bebê.

Instituição financiadora da pesquisa: CAPES

Palavras-chave: preocupação materna primária, gestação, nascimento pré-termo.

Nível do trabalho: M (mestrado)

DES

A RELAÇÃO DA RELIGIOSIDADE COM A QUALIDADE DE VIDA NA IDADE ADULTA. *Thiago Vinicius Monteleone, Caroline Leonor da Silva, Marcelo de Almeida Buriti, Fernanda de Franço françoso, Marianna Barbosa Yamaguchi (Universidade São Judas Tadeu)*

Este estudo propõe apresentar e discutir a importância que a prática religiosa pode ter para a qualidade de vida em jovens e adultos. Qualidade de vida é uma percepção subjetiva do indivíduo, quanto a sua posição na vida, dentro do contexto social e cultura na qual está inserido, seus valores, objetivos e expectativas. Em suma, qualidade de vida é o produto de todas as práticas do ser humano. A religião, enquanto prática humana, pode contribuir para este bem estar subjetivo, intrínseco na qualidade de vida. O objetivo geral deste estudo foi analisar a importância da prática religiosa na qualidade de vida de jovens e adultos. Especificamente buscou-se analisar a qualidade de vida dos participantes; verificar as diferenças na qualidade de vida entre os gêneros; analisar a qualidade de vida dos participantes praticantes de alguma religião; analisar a qualidade de vida dos participantes não praticantes de alguma religião; verificar as diferenças na qualidade de vida entre os participantes praticantes e não praticantes de alguma religião. Para tal, 52 pessoas participaram deste estudo, sendo estes subdivididos, após a coleta de dados, entre os grupos A, onde foram inclusos os sujeitos que não praticantes de religião, e o grupo B, onde foram inclusos os participantes religiosos. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário de dados sóciodemográficos e uma Escala de Avaliação da Qualidade de Vida (Whoqol-bref). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, e, após parecer favorável, os dados foram coletados em abordagens dos participantes. Após consentimento foram aplicados os instrumentos e os dados foram tabulados e analisados, quanto aos objetivos, no software estatístico bioestat 5.0. Os resultados apontam que os participantes apresentam, em média, qualidade de vida com score 60,98, sendo os perfis físico e psicológico os mais elevados, scores 66,28 e 66,67 respectivamente, não tendo diferença estatisticamente significante entre às variáveis (χ²o= 3.71 P>0,05). Quanto aos gêneros, homens e mulheres apresentaram, respectivamente, scores 66,54 e 61,53, não existindo diferença estatisticamente significante (t = 0,059 P>0,05). Os participantes religiosos apresentaram, em média, qualidade de vida com score 60,61, não apresentando-se diferença estatisticamente significante (χ²o= 4.49 P>0,05). Já os participantes não religiosos apresentaram qualidade de vida com score 61,35, não tendo diferença estatisticamente significante (χ²o= 3,26 P>0,05). Verificou-se que não há diferença estatisticamente significante entre os participantes religiosos e não religiosos (t = 0.093 P>0,05). Pode-se concluir que os participantes apresentaram qualidade de vida equiparada, variando pouco entre os gêneros, sendo que esta diferença apresentou-se superficial. Conclui-se também que a qualidade de vida pouco varia entre os participantes religiosos e não religiosos, podendo-se inferir que tal variável pouco influiu na qualidade de vida dos participantes. Vale ressaltar que todos os participantes possuem uma atividade empregatícia, sendo que com isso pode-se supor que tal atividade toma maior tempo e dedicação influindo mais na qualidade de vida dos participantes, o que traz consigo a hipótese de que na ausência desta prática central, pode-se aumentar a efetividade da religião sobre a qualidade de vida.

Bem-estar, Espiritualidade, Fé.

DES

ABRINDO ESPAÇO PARA UM SEGUNDO BEBÊ: IMPACTO NA CONSTELAÇÃO DA MATERNIDADE. *Marília Reginato Gabriel, Marília Reginato Gabriel, Fernanda Schmitt Ribeiro, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Este estudo investigou a experiência de gestação de um segundo filho, a partir do fenômeno Constelação da Maternidade, postulado por Stern. Participaram 21 gestantes secundíparas, de 28 a 43 anos, que foram entrevistadas no terceiro trimestre gestacional. Todas faziam parte do Estudo Longitudinal sobre o Impacto do Nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito. Este estudo maior investigou os aspectos subjetivos e comportamentais da relação pai-mãe-primogênito, o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa das respostas das mães à Entrevista sobre a Gestação e Expectativas da Gestante. As categorias de análise foram definidas a priori baseadas nos temas de Constelação de Maternidade. No tema Vida e Crescimento os medos e receios das mães de que o bebê pudesse não sobreviver ou não ser saudável estavam presentes com menor intensidade na segunda gestação em comparação com os outros temas. Pode-se pensar que, uma vez que estas mães já tiveram sucesso de conceber e criar seus primogênitos, estes receios, ainda que existentes, não estariam predominantes. No tema Relacionar-se Primário, as mães questionam a sua capacidade de amar o bebê e oferecer a ele segurança, afeição, holding. Os medos esperados neste tema podem ser aumentados pelo receio de não ser capaz de amar os dois filhos da mesma forma ou magnitude. Na Reorganização de Identidade, a mãe reorganiza a sua identidade como mãe de dois filhos, pois a maternidade já foi inaugurada pelo primogênito. A gestante precisa abrir espaço para o novo bebê, incluir na sua identidade o ser mãe de dois filhos, o que ocorre através da abertura na relação com o primogênito e com o marido. Outro aspecto da reorganização de identidade seria quanto ao gênero do segundo filho, quando este é diferente do gênero do primogênito. Nestes casos, a mãe demonstra uma preocupação em reorganizar-se como mãe de menina, caso já tenha um menino e vice-versa. No tema Matriz de Apoio, além das gestantes contarem com a própria mãe, mencionaram sentir-se apoiadas por outros membros da família de origem, amigas, sogra, mas, principalmente, pelo marido/companheiro. Estas mães demonstraram esperar que o casal "trabalhe como uma equipe", a fim de dar conta das demandas do primogênito e do novo bebê. Neste sentido, cabe destacar os casos em que este apoio não esteve presente, a partir dos quais foi possível perceber que esta experiência de não se sentir apoiada impactou de maneira global a experiência de maternidade da mãe com o segundo filho, afetando a vivência destas mulheres em relação às demais categorias. Assim, pode-se sugerir que a categoria Matriz de Apoio tem importância fundamental para que a mãe de segundo filho seja capaz de vivenciar integralmente as demais categorias. Com base nestes apontamentos, observa-se que a mãe de segundo filho estaria segura da sua competência de garantir o desenvolvimento do seu bebê. Deste modo, haveria maior disponibilidade psíquica para investir nos outros temas, abrindo espaço emocional para o segundo filho.

Maternidade, Constelação da Maternidade, segundo filho.

DES

ACESSO À EDUCAÇÃO INFANTIL E TRAJETÓRIAS DE DESEMPENHO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL. *Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP); Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto-Portugal).*

Considerando a Educação Infantil, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento, a frequência na mesma tem sido apontada na literatura como fundamental para o bom desempenho no Ensino Fundamental. Atualmente se reconhece, ao redor do mundo, que programas destinados às crianças pequenas constituem um bom investimento social e econômico, dados seus amplos e duradouros benefícios. No pressuposto de que a educação infantil (EI) contribui para trajetórias escolares mais favoráveis, o objetivo deste estudo foi verificar o impacto do tempo de exposição à educação infantil sobre o desempenho acadêmico e avaliar o progresso escolar das crianças, na trajetória do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, em função da exposição à educação infantil. O tempo de exposição foi definido em termos de ciclos anuais completos, com variação de zero a dois anos na EI. Este estudo é um recorte de investigação mais ampla. Participaram 294 alunos de escolas públicas, reunidos em três grupos: sem EI, com um ano de EI e com dois anos de EI. Foram considerados potenciais participantes todos os alunos com idade entre 7 anos e 9 anos completos que frequentavam o 3º ano do ensino fundamental no ano de 2007 nas cinco escolas públicas de uma cidade do estado de São Paulo com aproximadamente 24.000 habitantes. O estudo seguiu um delineamento de pesquisa longitudinal. As crianças foram avaliadas três vezes: no segundo semestre do 3º ano (agosto-setembro), no segundo semestre do 4º ano (agosto-setembro) e no primeiro semestre do 5º ano (maio-junho). Os instrumentos utilizados foram: Avaliação Pedagógica, aplicada coletivamente aos alunos; Escala de Competência Acadêmica do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais - SSRS-BR, preenchida pelo professor; Teste de Desempenho Escolar, aplicado individualmente aos alunos, no 3º e no 5º ano; Critério de Classificação Econômica Brasil, preenchido junto aos pais na primeira coleta. O tratamento estatístico foi feito no programa SPSS v. 17.0. A equivalência dos grupos, em relação a gênero, idade e classificação socioeconômica, foi testada com o recurso ao qui-quadrado ou análise de variância. Para avaliar o efeito da educação infantil ao longo do tempo, foram realizadas análises de variância com medidas repetidas, tendo os anos na EI como variável independente e as medidas de desempenho como variáveis dependentes. A possível influência do nível socioeconômico foi controlada por meio de sua inclusão no modelo como variável covariada. No caso de serem observadas diferenças significativas, testes post-hoc foram conduzidos para identificar os fatores responsáveis por estas diferenças. Controlado o efeito do nível socioeconômico, a análise de variância com medidas repetidas mostrou que o acesso à EI foi consistentemente associado a melhor desempenho, porém um tempo maior de exposição à EI não teve efeito adicional. Tais resultados são sugestivos de um forte e duradouro impacto da educação infantil na trajetória escolar das crianças, acima e além do efeito da sua origem socieconômica. Parece, assim, que frequentar a EI influencia positivamente o desempenho, independentemente da classe social. Dadas suas implicações para políticas públicas, alguns resultados requerem verificação e esclarecimento por meio de novas pesquisas.

Apoio financeiro: FAPESP

Palavras-chave: educação infantil, rendimento escolar, ensino fundamental.

D

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ACESSO À EDUCAÇÃO INFANTIL E TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL. *Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP); Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto-Portugal).*

Considerando a Educação Infantil, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento, a frequência na mesma tem sido apontada na literatura como fundamental para o bom desempenho no Ensino Fundamental. Atualmente se reconhece, ao redor do mundo, que programas destinados às crianças pequenas constituem um bom investimento social e econômico, dados seus amplos e duradouros benefícios. No pressuposto de que a educação infantil (EI) contribui para trajetórias escolares mais favoráveis, o objetivo deste estudo foi verificar o impacto do tempo de exposição à educação infantil sobre o desempenho acadêmico e avaliar o progresso escolar das crianças, na trajetória do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, em função da exposição à educação infantil. O tempo de exposição foi definido em termos de ciclos anuais completos, com variação de zero a dois anos na EI. Este estudo é um recorte de investigação mais ampla. Participaram 294 alunos de escolas públicas, reunidos em três grupos: sem EI, com um ano de EI e com dois anos de EI. Foram considerados potenciais participantes todos os alunos com idade entre 7 anos e 9 anos completos que frequentavam o 3º ano do ensino fundamental no ano de 2007 nas cinco escolas públicas de uma cidade do estado de São Paulo com aproximadamente 24.000 habitantes. O estudo seguiu um delineamento de pesquisa longitudinal. As crianças foram avaliadas três vezes: no segundo semestre do 3º ano (agosto-setembro), no segundo semestre do 4º ano (agosto-setembro) e no primeiro semestre do 5º ano (maio-junho). Os instrumentos utilizados foram: Avaliação Pedagógica, aplicada coletivamente aos alunos; Escala de Competência Acadêmica do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais - SSRS-BR, preenchida pelo professor; Teste de Desempenho Escolar, aplicado individualmente aos alunos, no 3º e no 5º ano; Critério de Classificação Econômica Brasil, preenchido junto aos pais na primeira coleta. O tratamento estatístico foi feito no programa SPSS v. 17.0. A equivalência dos grupos, em relação a gênero, idade e classificação socioeconômica, foi testada com o recurso ao qui-quadrado ou análise de variância. Para avaliar o efeito da educação infantil ao longo do tempo, foram realizadas análises de variância com medidas repetidas, tendo os anos na EI como variável independente e as medidas de desempenho como variáveis dependentes. A possível influência do nível socioeconômico foi controlada por meio de sua inclusão no modelo como variável covariada. No caso de serem observadas diferenças significativas, testes post-hoc foram conduzidos para identificar os fatores responsáveis por estas diferenças. Controlado o efeito do nível socioeconômico, a análise de variância com medidas repetidas mostrou que o acesso à EI foi consistentemente associado a melhor desempenho, porém um tempo maior de exposição à EI não teve efeito adicional. Tais resultados são sugestivos de um forte e duradouro impacto da educação infantil na trajetória escolar das crianças, acima e além do efeito da sua origem socieconômica. Parece, assim, que frequentar a EI influencia positivamente o desempenho, independentemente da classe social. Dadas suas implicações para políticas públicas, alguns resultados requerem verificação e esclarecimento por meio de novas pesquisas.

Apoio financeiro: FAPESP

Palavras-chave: educação infantil, rendimento escolar, ensino fundamental.

D

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES NACIONAIS EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI. *Scheila Machado da Silveira Becker** (Núcleo de Infância e Família, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Cláudia de Moraes Bandeira**, Ricardo Bertazzo Ghilardi, Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Cesar Augusto Piccinini (Núcleo de Infância e Família, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A psicologia do desenvolvimento humano pode ser definida como disciplina científica que procura explorar, descrever e explicar os padrões de comportamento estáveis e mutáveis, expressos pelo indivíduo ao longo da vida. Seu reconhecimento como disciplina científica ocorreu ao longo do século XX, devido à utilização de metodologias inspiradas no positivismo e nas ciências naturais. Junto a ela, a psicologia do desenvolvimento infantil, disciplina que se dedica ao entendimento das mudanças e continuidades que ocorrem da concepção até os anos anteriores à adolescência, também usufruiu deste status. Na atualidade os métodos de pesquisa procuram se adequar a uma concepção mais complexa do desenvolvimento humano, através de estudos sistêmicos, longitudinais, transculturais, transgeracionais e multimetodológicos. Nesse sentido, o presente estudo objetivou caracterizar a produção científica nacional em psicologia do desenvolvimento infantil (0 a 12 anos), no período entre 2001-2010, em periódicos nacionais classificados pela CAPES como A1, A2 ou B1, disponíveis on-line. Foram selecionados 388 artigos que foram analisados em relação a três grupos de itens: características da autoria dos artigos; características dos artigos empíricos (participantes, delineamento, técnica de coleta e análise dos dados); e, temática e referencial teórico. Os resultados indicaram aumento na produção ao longo da década. A maioria dos autores provém de instituições federais (48%) e as parcerias realizadas foram entre autores da mesma instituição (63%), o que aponta para a necessidade de maior cooperação e intercambio entre as diferentes instituições nacionais e internacionais. Verificou-se prevalência de estudos empíricos (83%) em que a faixa etária mais investigada foi de 6 a 12 anos (59,5%). Na maioria das pesquisas (94%) a criança foi envolvida como participante na coleta de dados, o que pode retratar um amadurecimento dos pesquisadores em relação à utilização de instrumentos que possibilitem acessar diretamente as crianças. O delineamento mais utilizado foi de caráter transversal (94%), por meio de levantamento (49%), com prevalência de análises quantitativas (71,6%), sendo que desses, 58% utilizou estatística inferencial e 13,6% descritiva. Dentre os temas de interesse dos pesquisadores, houve diferenças de acordo com a faixa etária investigada, de 0 a 3 anos o tema mais frequente (68%) foi o desenvolvimento dos relacionamentos sociais e mais especificamente, as interações entre pais e criança. Dos 3 aos 6, o desenvolvimento dos relacionamentos sociais continua sendo o tema de maior interesse (47,1%), contudo o destaque está nas interações criança-criança. Já entre 6 e 12 anos se destaca (36,6%) o interesse no desenvolvimento cognitivo. Outra temática de interesse dos pesquisadores brasileiros, independente da faixa etária estudada, foi o desenvolvimento atípico (14,3% de todos os artigos). A maioria dos estudos (67,8%) não apresenta de forma explicita o referencial teórico adotado. Frente aos achados, percebeu-se que a pesquisa nacional em psicologia do desenvolvimento infantil ainda não apresenta mudanças expressivas na sua forma de realizar pesquisa, apresentando, sobretudo delineamentos simples, transversais e quantitativos diferentemente do proposto pelo novo paradigma na área de

desenvolvimento humano e comumente usado nos estudos internacionais mais relevantes.

Desenvolvimento infantil, Publicações nacionais, Produção científica

CNPq, CAPES, CAPES- REUNI

DES

ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (2007 - 2010). *Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).*

O idoso e o processo de envelhecimento veem exigido dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema, devido as suas características multifacetadas e multideterminadas A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (RBGG) publica artigos sobre o envelhecimento dentro de uma perspectiva interdisciplinar, sendo importante a análise da sua produção científica para verificar a sua contribuição para o avanço científico nesta área. A pesquisa é um trabalho de metaciênca cujo objetivo geral foi analisar e avaliar a produção científica publicada na RBGG, no período de 2007 a 2010. O foco das análises foram os artigos, nos quais foram estudados: autoria (gênero e número), título (número de vocábulos e tipo de oração) e tipo de trabalho (teórico, pesquisa descritiva e pesquisa inferencial). Foram elaboradas para a tabulação três planilhas no software Access da Microsoft, versão 2007, as quais foram denominadas: Registro de Artigos, Classificação do Artigo e Análise do Titulo. O principal critério de escolha do material foi o tema e o conteúdo dos artigos publicados pela RBGG, no caso, sobre o envelhecimento. Além desse critério, foram utilizados: (1) local de publicação, (2) avaliação da revista pelas comunidades científicas; (3) acesso aberto (open access) aos artigos completos nas bases de dados; (4) acesso dos artigos nos últimos quatro anos de publicação da revista, de 2007 até 2010 e (5) existência continua da publicação por mais de dez anos. Os resultados revelaram que dos 137 artigos analisados, 93,43% eram de múltipla autoria cuja amplitude foi de um dois autores até dez colaboradores, sendo que do total de 503 autores, 68,99% eram do gênero feminino. Os títulos dos artigos tiveram a amplitude de seis até 28 vocábulos, sendo que 43,79% estavam dentro do esperado, entre oito e 14 vocábulos e 97,81% dos artigos eram de orações afirmativas e descritivas. Os tipos de trabalhos publicados eram de pesquisas descritivas (75,91%) e inferenciais (13,87%). O teste de qui-quadrado revelou que a múltipla autoria (χ2o=103,36; p<0.0001), o gênero feminino (χ2o=75,27), o número de vocábulos (χ2o=21,73) e a pesquisa descritiva (χ2o=112,04) são características significantes nos 137 artigos publicados na RBGG de 2007 a 2010. Em termos de metaciência, a análise dessas variáveis revelam que a produção publicada na RBGG sobre envelhecimento apresenta evolução e tendências mundiais quanto a autoria múltipla. Entretanto, em relação aos demais aspectos analisados foi observado que os autores das pesquisas científicas publicadas precisam considerar os demais aspectos para avançar e verticalizar o conhecimento, pois o esperado é que haja um equilibrio quanto ao gênero, uma vez que homens e mulheres observam e analisam o mundo de forma diferente. Também, se espera que a maioria dos títulos estejam entre os oito e 14 vocábulos e que seja o suficientemente compreensível, claro e objetivo. Este é um aspecto formal que os cientistas deveriam estar mais atentos, pois o título é o primeiro contato do leitor com o texto, portanto é responsável por motivar a leitura e por condizer com o conteúdo que será apresentado. Outra variável importante é o tipo de pesquisa, pois para que haja uma verticalização na produção do conhecimento é fundamental o aumento de estudos do tipo inferencial. Conclui-se que é notoria a necessidade de pesquisas de metaciência com revisão sistemática e metanálise sobre o envelhecimento para que a produção seja analisada e, consequentemente, produza diretrizes para que haja evolução do conhecimento na área. As pesquisas de metaciência sobre a produção cientifica são importantes para avaliar o que está e como está sendo produzindo o conhecimento sobre determinado assunto ou área de conhecimento.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Palavras-chave: velhice, metaciência, psicologia

Pesquisador – P

DES

ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA DA ESCALA DE RESILIÊNCIA.
Vanessa Barbosa Romera Leme, Susana Coimbra, Zilda A. P. Del Prette (Universidade Federal de São Carlos)

Ainda que não haja um consenso na literatura sobre o que seja resiliência, essa pode ser descrita como a apresentação de bons resultados de adaptação que são obtidos, apesar de, ou devido à, exposição de uma quantidade considerável de risco. Esta capacidade para vencer "contra todas as probabilidades" parece ser, sem dúvida, observada na vida real. O objetivo deste estudo foi avaliar a validade de construto e a confiabilidade da versão portuguesa da Escala de Resiliência (ER). Para isso, realizou-se a validação de construto em seus três componentes: fatorial, convergente e discriminante, e avaliou-se a confiabilidade da escala por meio do alfa de Cronbach. A escala foi aplicada em uma amostra de 477 adolescentes (53,7% do sexo feminino, idade compreendida entre 13 e 17 anos - M = 15,33, DP = 0,83), provenientes do primeiro e do segundo ano do Ensino Fundamental de escolas públicas de uma cidade do estado de Minas Gerais. A ER é um instrumento construído a partir da seleção de itens de outras três escalas frequentemente usadas para avaliar a resiliência, da revisão de literatura e da análise de conteúdo de entrevistas a 54 jovens. Foi validada para a população portuguesa junto a uma amostra de 700 adolescentes e adultos com idades compreendidas entre os 15 e 27 anos de idade. O instrumento avalia a resiliência como um mecanismo de proteção interno que parece desempenhar um papel importante nas situações de exposição ao risco derivado de experiências de vida negativas. Possui 13 itens e uma estrutura bifatorial. Na análise fatorial confirmatória realizada no contexto português foram encontrados bons índices de ajustamento e confirmada sua estrutura bi-fatorial: a) Resiliência que reflete características tais como, otimismo, extroversão e proatividade; b) Vulnerabilidade que indica características de pessoas vulneráveis, por exemplo, pessimismo e susceptibilidade para ser influenciado por pessoas, situações ou emoções negativas. Nesse mesmo estudo foram encontrados valores razoáveis de consistência interna de 0,69 para o primeiro fator e 0,70 para o segundo. Para a amostra brasileira, em relação à validade fatorial, a análise fatorial confirmatória apresentou um ajustamento global e local satisfatório (χ2/gl = 2,94; CFI = 0,92; RMSEA = 0,06; SRMR = 0,05), confirmando a estrutura bi-fatoral da ER. Quanto à validade convergente, encontrou-se correlação significativa e positiva entre o fator resiliência e bem-estar psicológico e habilidades sociais, e uma correlação significativa e inversa com o fator Vulnerabilidade. Para a validade discriminante, os fatores Resiliência e Vulnerabilidade apresentaram correlação forte e negativa entre os mesmos (-0,60). Valores satisfatórios de consistência interna foram verificados para os fatores da escala (Resiliência α = 0,77; Vulnerabilidade α = 0,76). Os resultados sugerem boas qualidades psicométricas do ER para a amostra brasileira.

Palavras-chave: Resiliência; Adolescência; Análise Fatorial Confirmatória.

PD

DES

AS RELAÇÕES EM FAMILIAS COM FILHOS COM DEFICIENCIA. *Simone Cerqueira-Silva (Centro Universitário IESB, Brasília/DF) e Maria Auxiliadora Dessen (UnB, Brasília/DF)*

A família, principal contexto de desenvolvimento humano, desempenha as suas tarefas de socialização por meio de uma complexa rede de interrelações que envolve o indivíduo, a família e os diferentes níveis do sistema social. A condição social e econômica, o nível educacional e as condições de saúde da família são alguns dos fatores que influenciam a qualidade das relações no âmbito da família, com implicações diretas para o desenvolvimento da criança. No caso de crianças com deficiência, a literatura tem destacado que as famílias são particularmente afetadas, em seus diferentes níveis de funcionamento, pela condição da criança. O impacto do nascimento de uma criança com deficiência tem sido exaustivamente investigado na literatura, no que tange a sentimentos e expectativas dos familiares; no entanto, pouco se conhece a respeito do conteúdo e qualidade das interações mantidas em famílias que convivem com uma criança com deficiência. Assim, este estudo investigou as características das relações conjugais, parentais e fraternas, na perspectiva de familiares (16 mães, 12 pais e 10 irmãos) de 16 crianças com deficiência, totalizando 54 participantes. As crianças tinham deficiência auditiva (n=4), física (n=4), intelectual (n=4), múltipla (n=2) ou visual (n=2), e eram da cidade de Brasília/DF (n=12) e do interior do Estado de São Paulo (n=4). Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (individuais) com todos os participantes e foi aplicado, com um dos genitores de cada criança, um questionário de caracterização do sistema familiar, incluindo dados sociodemográficos. Os resultados mostram que a relação conjugal foi avaliada por mais da metade dos participantes (n=22; 58%) como boa ou satisfatória, especialmente pelas mães (n=11; 68,75%). As famílias (n=5) que avaliaram a relação conjugal como ruim, eram aquelas em que as mães não trabalhavam fora do lar (n=4) e que realizavam todas atividades domésticas (n=3) sem a ajuda do companheiro. Já as relações parentais foram caracterizadas, principalmente, pela harmonia entre pais e filhos (n=8), pelo diálogo (n=6), pelo compartilhamento de cuidados com os filhos (n=6), mas também por conflitos (n=5). Na percepção dos participantes, as práticas parentais acontecem com imposição de limites e autoridade (n=8), sobretudo por parte das mães (n=6), que utilizam mais de práticas coercitivas – palmadas e ameaças (n=7), do que indutivas (n=3). A menção à coparentalidade (n=11) indica que existe mais discordância e conflito (n=7) do que concordância e negociação (n=4) entre o casal para lidar com as questões relativas aos filhos. Para os irmãos, a relação com a criança com deficiência é caracterizada, principalmente, por conflitos (n=13), harmonia (n=11), cuidado e proteção (n=6) e união (n=2). Os dados sugerem que a presença da deficiência da criança parece afetar negativamente mais as mães não engajadas na vida profissional, em decorrência da sobrecarga de atividades domésticas e cuidados com a criança. É necessário que se invista em serviços e atendimentos voltados ao desenvolvimento das relações em famílias com crianças com deficiência.

Família, Deficiência, Relações conjugais, Relações parentais

CAPES

DES

AVALIAÇÃO DA TEORIA DA MENTE E DA LEITURA INTERATIVA NO CONTEXTO FAMILIAR: UM ESTUDO COM PRÉ-ESCOLARES. *Flávia Fraga Silveira*, Maíze Carla Costa Pelisson*, Renata de Lourdes Miguel da Silva**, Nathalie Nehmy Ribeiro**, Taísa Candido de Batista* e Marisa Cosenza Rodrigues (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

A teoria da mente investiga a habilidade infantil de compreender estados mentais como as crenças, os desejos e as emoções, mantendo estreita relação com o desenvolvimento da linguagem. Nesta interface, tem-se destacado a importância da leitura interativa para o desenvolvimento da linguagem mentalista. A pesquisa objetivou investigar o desenvolvimento da teoria da mente e avaliar a presença da leitura dialogada no contexto familiar de crianças de 4 e 5 anos de duas escolas públicas mineiras, bem como avaliar possíveis diferenças quanto ao sexo, idade e escola. Participaram 91 crianças, sendo 47 (20 de 4 anos e 27 de 5 anos) da escola 1 e 44 (20 de 4 anos e 24 de 5 anos) da escola 2. Após procedimentos éticos, iniciou-se individualmente a coleta de dados aplicando-se a escala de teoria da mente, composta por 7 tarefas e um questionário que investigou as experiências familiares vivenciadas pelas crianças em relação à leitura de histórias, composto por 8 questões fechadas e 2 abertas as quais foram submetidas à análise de conteúdo. Os dados obtidos foram tabulados e analisados mediante estatística descritiva e inferencial (análise de variância por 3 vias). Quanto ao desenvolvimento da teoria da mente, não foi evidenciada diferença quanto ao sexo ($p= 0,388$) e escola ($p= 0,292$). Houve diferença quanto à idade ($p< 0,001$), verificando-se que as crianças de 5 anos apresentaram melhor desempenho, dado condizente com a literatura que prevê diferenças quanto ao aspecto evolutivo. Quanto a leitura interativa, evidenciou-se que as crianças de 4 anos possuem livros de histórias em casa (95%) que são dados pelos pais (56%); a maioria (56%) relata que a leitura é feita ocasionalmente e sem mediação do texto, enquanto que 32% relatam que a leitura é feita com interação; contudo, 80% informam que os adultos mostram e conversam sobre as ilustrações. As crianças de 5 anos refletem um perfil semelhante de respostas, diferenciando-se apenas quanto a forma de leitura que oscilou entre direta - sem mediação (44%) e interativa (40%). Os dados indicam que a leitura interativa tende a ser conduzida por parte dos pais e parentes, porém, mais frequentemente com as crianças mais velhas. Esse dado, por indicar uma relação com a linguagem, pode também ter contribuído para um melhor desempenho nas tarefas de teoria da mente das crianças mais velhas, visto que a leitura mediada de histórias, por envolver conversações reflexivas sobre os personagens, tende a favorecer o desenvolvimento da teoria da mente, como prevê a literatura na área. Almeja-se que os dados obtidos ofereçam contribuições para a área, especialmente no que se refere à importância da leitura mediada de histórias para o desenvolvimento sociocognitivo infantil.

FAPEMIG

Palavras chave: Teoria da mente; livro de histórias; contexto familiar

IC – Iniciação científica

DES

AVALIANDO BEBÊS COM RISCO DE AUTISMO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA. *Mariana Luisa Garcia**, Carolina Lampreia (Departamento de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

O reconhecimento de sinais precoces do autismo tornou-se imprescindível para o encaminhamento de crianças à intervenção precoce e para as chances de minimizar o impacto dos déficits deste transtorno no desenvolvimento. Em busca de tais sinais, um corpo de conhecimento consistente para a identificação de risco no segundo ano de vida foi estabelecido a partir de estudos retrospectivos de vídeos familiares. A partir de tais estudos, o comprometimento da atenção compartilhada e do jogo simbólico foram indicados como fortes marcadores de risco de autismo naquela faixa etária. O desafio passou, então, a ser a identificação de sinais de risco no primeiro ano de vida. A metodologia de escolha para verificar sinais de autismo no primeiro ano foi o acompanhamento prospectivo de bebês de risco, irmãos de crianças mais velhas com autismo, por terem chances aumentadas de diagnóstico em comparação com as chances de diagnóstico na população geral. No presente estudo de casos múltiplos (quatro casos), o desevolvimento de dois bebês de risco (uma menina e um menino) foi acompanhado entre 3 e 12 meses e foi comparado com o desenvolvimento de bebês de um grupo controle (duas meninas) sem histórico familiar de autismo, e portanto com chances diminuídas para o diagnóstico em comparação com os bebês de risco, de mesma faixa etária. Este bebês foram filmados mensalmente em interações sociais com adulto que poderia ser face-a-face ou mediada por objetos em suas residências. Eles foram avaliados por neurologista e psicólogo que utilizaram os seguintes instrumentos: 1) critérios de diagnóstico de autismo do DSM-IV-TR; 2) escala Bayley-III (desenvolvimento infantil); e 3) escala CARS (avaliação de autismo). As interações registradas em vídeo foram analisadas de acordo com categorias afetivas, interativas e manejo adaptadas de (Gianino e Tronick, 1988). Uma análise de caráter qualitativo permitiu a construção de narrativas históricas do desenvolvimento ao longo do período de 3 a 12 meses. Os resultados das análises das narrativas mostraram dificuldades afetivas em um dos bebês do grupo de risco entre 8 e 12 meses. Aos 21 meses este bebê foi encaminhado preventivamente para intervenção precoce. O uso de categorias afetivas e análise da qualidade da expressão afetiva na avaliação de bebês de risco e no rastreamento de autismo são discutidas.

Autismo; bebês de risco; desenvolvimento afetivo.

CAPES/FAPERJ

DES

BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E PERCEPÇÃO DE APOIO SOCIAL DE ADOLESCENTES DE FAMÍLIAS NUCLEARES, MONOPARENTAIS E RECASADAS. *Vanessa Barbosa Romera Leme, Zilda A. P. Del Prette, Susana Coimbra (Universidade Federal de São Carlos)*

Muitos estudos indicam que a separação e o recasamento dos pais devem ser considerados como mecanismos de risco para o desenvolvimento de dificuldades sócioemocionais e comportamentais dos filhos durante a adolescência. Entretanto, pesquisas têm sinalizado que as transições familiares podem ser oportunidade de crescimento pessoal e de desenvolvimento de habilidades sociais dos filhos. Estudos encontraram que relações interpessoais satisfatórias extra familiares dos adolescentes estão tanto relacionadas com a qualidade de vida, quanto com o bem-estar psicológico dos filhos. Assim, a percepção de apoio social da família, dos amigos e dos professores tem sido indicada como um mecanismo de proteção e um preditor robusto do bem-estar psicológico dos adolescentes cujos pais se separaram e recasaram. Diante disso, a partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, o presente estudo teve por objetivos: a) comparar a percepção de apoio social e o bem-estar psicológico de adolescentes provenientes de diferentes tipos de famílias; b) avaliar se a percepção de apoio social da família, dos amigos e dos professores prediz o bem-estar psicológico dos adolescentes. Participaram da pesquisa 477 adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas. Os alunos (53,7% do sexo feminino, idade compreendida entre 13 e 17 anos - M = 15,33, DP = 0,83) frequentavam o primeiro ano e o segundo ano do Ensino Médio de escolas estaduais públicas de uma cidade do Estado de Minas Gerais. Os dados foram coletados com os adolescentes de forma coletiva, nas salas de aula das escolas. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: a) Questionário sobre caracterização familiar; b) Escala de Percepção de Apoio Social; c) Escala de Bem-estar Psicológico; d) Questionário sobre nível socioeconômico. A amostra foi homogênea em relação ao gênero dos adolescentes, à escolaridade materna e ao nível socioeconômico. Os dados das análises de variância indicaram que os adolescentes dos diferentes tipos de famílias não diferiram quanto à percepção de apoio social da família, dos amigos e dos professores. Em relação ao bem-estar psicológico, os resultados indicaram que os adolescentes de famílias de famílias monoparentais e recasadas apresentam mais autonomia quando comparados aos adolescentes de famílias nucleares. Segundo as análises de regressão, a percepção de apoio social dos amigos e dos professores predizeram significativamente o bem-estar psicológico dos adolescentes, explicando 16% da variância dele e revelando que quanto maior a percepção de apoio social dos amigos e dos professores, mais os adolescentes apresentam bem-estar psicológico. O estudo sugere que as transições familiares não têm impacto negativo sobre o bem-estar psicológico dos adolescentes de diferentes configurações familiares. Pelo contrário, os resultados sinalizam que vivenciar as transições familiares pode possibilitar o desenvolvimento de autonomia pelos adolescentes. Somado a isso, a percepção de apoio social extra familiar mostrou-se um preditor mais relevante para o bem-estar psicológico dos adolescentes, do que a percepção de apoio da família. Portanto, a pesquisa destaca a importância de investigar a separação e recasamento dos pais como uma oportunidade para promover recursos individuais que podem ajudar a enfrentar os desafios trazidos pelas transições familiares.

Apoio Financeiro: FAPESP

Palavras-chave: Transição familiar; Adolescência; Bem-estar psicológico.

PD

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

BEM-ESTAR SUBJETIVO E MATURIDADE DEFENSIVA NA DÉCADA DOS 40 ANOS. *Dayane Suelen de Moraes Soares, Gabriela Dias Araújo, Ana Lúcia Gatti* (*Universidade São Judas Tadeu)*

A meia-idade compreende o período no qual o indivíduo faz uma reavaliação de sua própria vida, para a aceitação do envelhecimento. O desafio de envelhecer é o de conseguir uma maior perspectiva de vida, mas com qualidade, o que se constrói em etapas anteriores do desenvolvimento. O estudo objetivou avaliar em indivíduos com idades entre 41 e 50 anos a qualidade do bem-estar subjetivo e os níveis de maturidade defensiva, fatores que podem influenciar a qualidade de vida na velhice. Um grupo de conveniência, composto por um total de 28 participantes (N feminino= 17, X = 45,4 anos, DP= 2,78; N masculino =11, X= 44,8 anos; DP =2,64), predominantemente casados (N=19, 27,71; g.l.=3; α<0,001), respondeu aos seguintes instrumentos: Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) e Defense Style Questionnaire (DSQ-40).Os resultados revelam que, no geral, os indivíduos se apresentam com predominância de satisfação quanto à própria vida e maior recorrência de emoções afetivas de prazer, em ambos os grupos. Comparados os valores médios, por meio do teste t, dos grupos feminino e masculino nas subescalas da EBES – afeto positivo (-1,42), satisfação com a vida (-1,62), afeto negativo (0,35) e insatisfação com a vida (1,58), e quanto aos níveis de maturidade defensiva – maduro (-1,28), neurótico (-1,22) e imaturo (-0,08) - não foram observadas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos estudados em relação às dimensões do bem-estar psíquico e quanto ao uso de defesas (tc =2,052; g.l.=27, α=0,05).Apresentou-se no grupo investigado maior prevalência de pessoas satisfeitas com a vida e com maior presença de afeto positivo, além de demonstrar algum nível de maturidade no modo de lidar com a ansiedade diante de situações adversas. A prova de correlação de Pearson evidenciou que, de modo geral, não houve relação entre as EBES e os níveis de maturidade defensiva. No entanto, foi encontrada no grupo feminino uma relação inversa entre a percepção de afetos positivos e a utilização de defesas imaturas (r= -0,547). Importa destacar que não se pode estabelecer, com base nos dados e no tipo de investigação, uma direção de causalidade entre as variáveis. Estudos de gênero têm apontado modos diversos de homens e mulheres expressarem suas emoções e mesmo a amplitude de vocabulário utilizado quanto aos afetos, o que pode oferecer alguma explicação para a diferença enconntrada. Outros estudos devem ser conduzidos para confirmar os achados, além de ampliar o que não pôde ser evidenciado. Vale salientar que durante a realização desta pesquisa não foram encontrados outros trabalhos que tivessem estudado possíveis relações entre bem-estar subjetivo e escores defensivos, portanto nota-se a necessidade de desenvolver pesquisas que aperfeiçoem os conhecimentos acerca do tema.

Palavras-chave: defesas psíquicas, qualidade de vida, meia-idade.

P

DES

BRINQUEDO, BRINCADEIRA E CONVIVÊNCIA NA CRECHE. *Edna Maria Marturano, Marlene de Cássia Trivellato Ferreira (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A convivência com pares em ambientes coletivos, sob a supervisão dos adultos, é vista como favorecedora da socialização de crianças pequenas. Situações de brincadeira livre permitem observar como as crianças lidam com as demandas dessa convivência. O objetivo principal do estudo foi descrever os comportamentos sociais de crianças de três a quatro anos, em situação de brincadeira livre em ambiente de creche. Participam da pesquisa 19 crianças (13 meninos) com idades entre 3 anos e 3 anos e 10 meses (média 3 anos e 4 meses), que frequentavam uma turma de Maternal em creche filantrópica. Todas tinham experiência de creche e nove eram recém-transferidas de outra instituição. As crianças foram filmadas com duas câmeras fixas, em 12 dias úteis consecutivos, durante atividades livres com brinquedos, em sala da creche, com duas educadoras presentes. Uma observadora familiar às crianças fazia o registro manual dos comportamentos e verbalizações, em rodízio aleatório, focalizando cada criança por dois minutos. Esse registro era completado com a observação das filmagens, em seguida ao término da observação ao vivo. Os comportamentos foram classificados com base em 30 classes, agrupadas em seis conjuntos: sozinho, comunicação amigável com ou sem foco no brinquedo, comunicação não amigável com ou sem foco no brinquedo, outros. Essas classes foram adaptadas de um estudo de Howes e Matheson sobre brincadeiras de pré-escolares em centros de cuidados diários. Utilizando-se o coeficiente de correlação de Spearman, o índice médio de concordância entre dois juízes na classificação dos comportamentos de cinco crianças foi 0,79, variando entre 0,57 e 0,98. A análise estatística se processou sobre dados de frequência. Quando requerido, utilizou-se o teste de Wilcoxon ou o teste U de Mann-Whitney. Nos resultados, estar sozinho foi significativamente mais frequente, seguido da comunicação amigável com foco no brinquedo. As modalidades de comunicação hostil foram significativamente menos frequentes que as demais. No nível das classes comportamentais, prevaleceu a classe ocupado com brinquedo, seguida por observa colegas e participa de brincadeira com colega. Não foram encontradas diferenças associadas ao sexo ou à familiaridade com a creche. Analisadas em pormenor as classes de comunicação com foco no brinquedo, verificou-se que 15 crianças se envolveram tanto em comunicação amigável como em comunicação não amigável. Entre as ações pela posse de brinquedo, prevaleceram o tomar e o disputar, porém apareceram também solicitação do brinquedo, negociação e pedido para brincar junto. Na posição de quem tem a posse do brinquedo, as crianças responderam aos pedidos dos colegas compartilhando ou recusando partilhar, em proporções semelhantes. A familiaridade com a creche foi associada à maior frequência de responder positivamente ao contato dos colegas e à tendência para compartilhar seu brinquedo quando solicitado. Os resultados sugerem que, apesar de brincarem sozinhas mais que juntas, as crianças manifestam claro interesse pelos pares. Também há indícios de habilidades sociais emergentes, que o educador pode modelar e fomentar na brincadeira livre, por meio de mediação apropriada, valendo-se do interesse espontâneo das crianças pelos companheiros. A familiaridade com a creche merece ser investigada em estudos com maior abrangência.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: brincadeira; socialização; pré-escolar.

IC

DES

BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: AVALIAÇÃO DE ACOMPANHANTES.

*Mayara Barbosa Sindeaux Lima; Luísa Sousa Monteiro**; Celina Maria Colino Magalhães; (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Desenvolvimento, Universidade Federal do Pará, Belém- PA).*

A hospitalização representa rupturas na vida da criança e de sua família, pois impõe a vivência de situações novas: local e pessoas desconhecidas, rotina padronizada, procedimentos invasivos, afastamento do ambiente familiar, escolar e comunitário. Esta nova rotina pode dificultar a criança a envolver-se em atividades como o brincar. Neste sentido, o adoecimento e a hospitalização podem se configurar como fatores de risco ao desenvolvimento infantil. Contudo, na última década os hospitais vêm sendo modificados e têm implantado estratégias que visem humanizar a assistência à saúde. Essas ações partem da premissa de que mesmo na condição de enferma e hospitalizada, o desenvolvimento da criança não deve estagnar e sim ser contínuo, e para isso, são necessárias medidas que promovam o seu bem-estar geral. Dentre estas estratégias, a implantação de brinquedotecas é uma medida que favorece e estimula o brincar, atividade inerente e típica da infância. Além disso, a brinquedoteca hospitalar é direito assegurado pela Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. O art. 2º desta lei considera brinquedoteca, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar. Diante disto, o objetivo desta pesquisa foi investigar a avaliação dos acompanhantes de crianças hospitalizadas acerca desse espaço. Participaram 39 acompanhantes de quatro hospitais, os quais foram entrevistados dentro da brinquedoteca ou nos leitos. Foi utiliza um roteiro de entrevista semi-estruturado, sendo os dados gravados em áudio, transcritos e depois analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados indicam que os participantes conceituam a brinquedoteca a partir das atividades e das relações que se estabelece entre as pessoas e destas com os objetos que estão no espaço. Tendo em vista que nenhum acompanhante tomou o acervo lúdico como única referência para defini-la. Além disso, verbalizaram que a brinquedoteca é promotora de desenvolvimento, saúde e alegria. Ao discorrerem acerca do que lhes agradava na brinquedoteca, a maioria dos entrevistados, independente do hospital, fez referência a algum brinquedo ou jogo específico, em particular àqueles preferidos por suas crianças ou que acreditavam ser promotores de desenvolvimento, também foram citados: observar a brincadeira das crianças e a alegria relacionada a ela, atividades artísticas ou artesanais, leitura e interagir com as pessoas. Ao serem solicitados a darem sugestões/críticas à brinquedoteca, 21 dos 39 o fizeram, sendo mencionada em todos os hospitais a aquisição ou recuperação de brinquedos e equipamentos, com destaque aos jogos eletrônicos e computadores. A respeito da equipe da brinquedoteca, esta foi avaliada favoravelmente por todos os participantes. Esta pesquisa sugere que os acompanhantes de crianças hospitalizadas avaliam a brinquedoteca como espaço promotor de saúde e desenvolvimento para as crianças. Contudo, observa-se a necessidade de investigações com uma amostra populacional estatisticamente significativa a fim de verificar a percepção e participação dos adultos na brinquedoteca.

Brinquedoteca hospitalar; acompanhantes; avaliação

Capes e CNPq

DES

COMPETÊNCIA E PROBLEMAS PSICOLÓGICOS EM ADOLESCENTES ABRIGADOS. *Amanda de Oliveira Fernandes (Universidade Federal de são Paulo), Nancy Ramacciotti de Oliveira Monteiro (Universidade de São Paulo)*

Medida excepcional de proteção, o abrigamento é experiência de milhares de crianças e adolescentes brasileiros. O desenvolvimento humano nessas circunstâncias ocorre sem o suporte familiar cotidiano e com pressões sociais advindas da própria condição de institucionalização. Sendo a adolescência uma fase de várias mudanças, instabilidades e transições, tanto físicas como psicossociais e emocionais, alguns tipos de conflitos, dificuldades e exposição a riscos podem fazer parte do contexto de indivíduos dentro dessa fase do ciclo vital, exigindo-se atenção a fatores relacionados à saúde mental dessa população. Vários fatores tornam adolescentes mais vulneráveis a sofrerem problemas psicológicos, entre os quais estariam aspectos individuais (características psicológicas, sexo e idade), familiares (históricos de transtornos mentais, uso/abuso de álcool e drogas, violência, perdas e separações) e socioculturais (pobreza, violência no contexto, apoio/suporte social). O objetivo deste estudo, recorte de uma pesquisa de avaliação psicossocial de adolescentes abrigados, foi levantar indicadores de competência e de problemas psicológicos em adolescentes abrigados. Foram realizadas avaliações de 61 adolescentes, de 11 a 18 anos, 34 meninas e 27 meninos, que vivem em abrigos da Baixada Santista (SP). O instrumento utilizado foi o YSR (Youth Self-Report for Ages 11-18), um questionário de auto avaliação comportamental para adolescentes de 11 a 18 anos de idade, da Bateria ASEBA, padronizado para população brasileira. O YSR contém 123 itens relativos a duas principais áreas: a de competência e a de problemas psicológicos de comportamento. Os problemas avaliados pelo YSR são classificados em agrupamentos denominados problemas internalizantes e externalizantes. Resultados do YSR são considerados nas faixas denominadas clínica, limítrofe e normal, indicando, respectivamente, problemas suficientes para preocupações clínicas, prováveis necessidades de intervenção, e pontos fortes que devem ser considerados no planejamento de intervenções. O estudo tem características exploratórias e descritivas propondo análises quantitativas e qualitativas dos resultados (para questões abertas do instrumento), com propostas de análises por subgrupos de idade (11– 14 anos / 15 - 18 anos), sexo e tempo de abrigamento. Resultados indicaram tendência a prejuízos relativos a recursos de competência, associados a desempenho acadêmico, na faixa clínica de resultados, especialmente para as meninas mais novas e meninos mais velhos. Em relação ao tempo de abrigamento, adolescentes com menos de dois anos de residência em abrigo, apresentaram-se, em sua maioria, na faixa normal e limítrofe para a área de competência. Problemas psicológicos internalizantes e externalizantes, em faixas clínicas, também ficaram indicados na amostra estudada, em especial problemas externalizantes nos adolescentes meninos. Adolescentes com mais de cinco anos de vivência de abrigamento, apresentaram tendência maior a problemas psicológicos, mantendo-se nas faixas clinicas dentro desta área. O estudo aponta necessidade de ampliação e aprofundamento de investigações sobre desenvolvimento de crianças e adolescentes que vivem em abrigos que possam subsidiar políticas adequadas ao desenvolvimento positivo em situação de abrigamento.

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Palavras-chave: Adolescentes abrigados; Competência; Problemas psicológicos.

Mestrado - M

DES

CONDIÇÃO DE DUPLA IMATURIDADE MÃE ADOLESCENTE-BEBÊ PREMATURO: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS MATERNAS EM UTI NEONATAL. *Lívia Caetano da Silva Leão, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A maternidade adolescente e o nascimento prematuro representam, por si só, grandes desafios na transição para a parentalidade. Quando estes dois aspectos aparecem combinados, esta transição pode assumir uma sobrecarga para a adolescente. Este estudo buscou investigar a experiência de tornar-se mãe de um bebê prematuro na adolescência, em particular, a relação que a mãe adolescente estabelece com o bebê prematuro, durante a internação hospitalar do bebê. Participaram quatro mães adolescentes entre 17 e 18 anos de idade, participantes de um projeto longitudinal maior, o PREPAR – Prematuridade e parentalidade: Fatores biopsicossociais relacionados ao nascimento e desenvolvimento do bebê pré-termo e o impacto de uma intervenção psicológica durante a sua hospitalização. Estas mães foram contatadas na UTI Neo onde estavam internados seus bebês, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Aquelas com menos de 18 anos obtiveram autorização de algum responsável adulto. Foram utilizadas entrevistas que investigavam diversos aspectos da maternidade, com questões sobre a gestação, parto, primeiras experiências com o bebê em UTI Neonatal e expectativas frente a alta hospitalar do bebê. As mães foram entrevistadas em três momentos da internação do bebê na UTI Neonatal (aproximadamente no 15º dia de vida do bebê, uma semana após este contato e no momento de pré-alta hospitalar do bebê), em locais dentro dos hospitais. Além disso, informações foram obtidas através das anotações da pesquisadora de observações do contexto da UTI Neo e das mães adolescentes participantes com seus bebês. Os resultados apontaram para um somatório de crises concomitantes como a adolescência, a maternidade e a prematuridade, o que representou um impacto importante neste momento de transição para as adolescentes. Aspectos típicos do funcionamento adolescente mostraram-se evidenciados, mesmo com a exigência de que as mães interrompessem seu processo de adolescer para cuidar do bebê na UTI Neo. Notou-se que o corpo adolescente serviu como cenário dos conflitos inerentes a esta transição para a maternidade, revelando a contratransferência ao bebê e a UTI Neo através de reações corporais intensas e dramáticas. Além disso, notou-se que houve diferentes tempos neste contexto específico: o tempo da UTI, o tempo do bebê e o tempo da adolescente, muito distintos e com características próprias, que em diversos momentos se contrapunham. Conclui-se que outros estudos devem ser realizados nesta temática específica, uma vez que não se conhece os efeitos a médio e longo prazo deste tipo de transição para a maternidade tanto para a mãe quanto para o bebê. Espera-se que este estudo possa contribuir para se considerar as especificidades do momento da adolescência no contexto da UTI Neo e a adoção de medidas que auxiliem as adolescentes a se aproximarem do filho prematuro.

Mãe adolescente; bebê prematuro; dupla imaturidade.

CNPq

DES

CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DOS COMPORTAMENTOS DE OUVINTE E FALANTE EM BEBÊS – UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA.

*Graziele Thomasinho de Aguiar**; Leylanne Martins Ribeiro de Souza**; Christiana Gonçalves Meira de Almeida**; Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP).*

O desenvolvimento da linguagem é estudado por várias áreas do conhecimento e tem especial destaque na Psicologia do Desenvolvimento. Entretanto, poucas pesquisas tem produzido uma análise comportamental do desenvolvimento do comportamento verbal. A análise funcional das interações mãe-bebê pode contribuir para a descrição de aspectos do desenvolvimento do comportamento verbal dos bebês no cotidiano familiar. O objetivo desse estudo foi realizar uma análise funcional exploratória das interações entre uma única mãe e seus dois bebês gêmeos, menino e menina, de seis meses de idade no início do estudo. Durante um mês, na casa dos participantes, foram realizadas filmagens semanais, de 15 minutos de duração cada, totalizando 60 minutos de registro. A própria mãe posicionava a câmera que captava as suas interações com os filhos. Os registros foram transcritos em ordem cronológica de ocorrência dos eventos. As emissões vocais, gestos e direção da face dos participantes foram considerados na categorização de episódios representativos de situações nas quais ocorriam condições para desenvolvimento de comportamentos de ouvinte e falante das crianças. As categorias obtidas foram: Mãe consequencia atenção da criança (CM)-criança olha/aponta objeto/evento-mãe dizia o nome do objeto/evento; Mãe dirige atenção da criança (MC)-criança olha ambiente-a mãe aponta para e fala nome de objeto/evento-criança olha/aponta objeto/evento; Mãe ecoa balbucio da criança, (CMV)-criança balbucia-mãe repete sons de vogais/consoantes emitidos pela criança; Mãe fala palavras de fácil reprodução (MCV)-criança em silêncio-mãe vocaliza-criança repete vocalizações da mãe. Nos 60 minutos de registro houve uma frequência similar de ações da mãe dirigidas à menina (33/49,5%) e ao menino (34/50,5%). A maior proporção de ocorrências (82%) diz respeito a categorias nas quais a mãe cria condições para a emissão de comportamentos da criança (MC=51% e MCV=31%) e, em ambas, a resposta da criança é condição para a mãe consequenciar tanto a atenção como as emissões vocais dos bebês (CMV). Do total de ocorrências 18,0% referem-se às duas categorias nas quais o comportamento da mãe é subsequente à ação das crianças em igual proporção (CM=9,0% e CMV=9,0). Do total de emissões, 60% foram categorizadas em circunstâncias nas quais a mãe expos os bebês à apresentação simultânea da emissão do nome e do destaque do objeto correspondente (pelo apontar) (MC=51,0%;CM=9,0%). Em 40,0% das ocorrências, a mãe consequenciou (CMV=9,0%) ou deu modelo (MCV=31,0%) para as emissões vocais do bebê. O somatório das categorias CM e MC (60%) indica que as oportunidades para a aquisição do comportamento de ouvinte são precoces e abundantes no ambiente familiar dos bebês e oferece dados de análise funcional que corroboram a literatura da Psicologia do Desenvolvimento. Ressalta-se que, no mesmo período, foram oferecidas condições para a aquisição do comportamento de falante em dois tipos de circunstâncias: quando a mãe reproduz o som do balbucio do bebê, possivelmente oferecendo uma consequência que tenderia a aumentar as emissões vocais da criança (CMV) e ao apresentar modelos passíveis de serem reproduzidos pelos bebês daquela idade (MCV). A análise empreendida parece frutífera para uma análise comportamental do desenvolvimento do comportamento verbal.

Comportamento de ouvinte, Comportamento de falante, bebês

CAPES; INCT-ECCE

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CRENÇAS E PRÁTICAS DE MÃES SANTARENAS QUANTO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. *Beatriz Martins Moura*, Bianca da Silva Medeiros*, Iani Dias Lauer- Leite (Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém-PA)*

Há muito as concepções acerca do desenvolvimento infantil tem sido estudadas na área da psicologia. A tentativa, na maioria das vezes, é compreender o que permeia o imaginário das mães quando o assunto é o desenvolvimento de seus filhos, pois parte-se do pressuposto, de acordo com estudos em Desenvolvimento realizados, que as concepções de mães quanto ao desenvolvimento interferem nas práticas de cuidado com os filhos. Sabendo disso e buscando também adentrar nesse universo das crenças parentais a respeito do desenvolvimento infantil, essa pesquisa objetivou identificar as concepções das mães que frequentam um programa de acompanhamento voltado a saúde de crianças, quanto a esse desenvolvimento. Da coleta de dados participaram dezesseis mães do município de Santarém. Os dados foram coletados segundo o método de grupo focal. Para a obtenção dessas informações quatro grupos foram realizados, com gravação de áudio e vídeo, segundo a disponibilidade dos sujeitos e foram analisados utilizando o programa computacional de análise quantitativa de dados qualitativos "Alceste. Este programa analisa o texto transcrito (corpus) operando em etapas de análise. A partir da análise os dados foram classificados em quatro classes distintas, porém relacionadas, abrangendo: desenvolvimento, música, cotidiano e alimentação. Classes são categorias encontradas de acordo com uma análise quantitativa das palavras utilizadas. Na primeira delas, que aborda as "crenças quanto ao desenvolvimento infantil", nota-se nos discursos das mães uma preocupação a respeito do que influencia no desenvolvimento de seu filhos, sendo essa, portanto, a principal classe e sobre a qual todas as outras estão interligadas em uma relação de hierarquia. Destacou-se na primeira categoria como recorrentes nos discursos dos sujeitos os termos: sono, vacina, cuidado, alimentação, mãe e família. Já na segunda classe, o tema que se destacou foi a utilização da música como um estímulo para o desenvolvimento, sendo esta classe nomeada como " práticas quanto ao uso da música no cotidiano", tanto por parte da criança quanto por parte dos cuidadores. Evidenciaram- se nas falas das mães termos como: rezar, risos, conversar e musiquinhas. Interligada à ela tem- se a terceira classe "brincadeiras no cuidado cotidiano", que trata das práticas relacionadas às brincadeiras no dia- a- dia das crianças. Essa categoria demonstrou a presença do brincar no cuidado diário do infante e destaca como termos recorrentes: brinquedinho, acordar, chegar, mamãe. As classes dois e três estão interligadas, pois tratam das práticas cotidianas relacionadas às músicas e às brincadeiras vivenciadas pelos bebês. Por último, a classe quatro refere- se à "importância da alimentação no processo do desenvolvimento infantil", estando interligada à primeira classe aqui descrita "crenças quanto ao desenvolvimento infantil", e aborda crenças e vivências quanto à alimentação das crianças. Nessa última categoria as mães associaram a alimentação a termos como: hora, dificuldade, peito, dar. Este trabalho foi relevante para compreender o que mães santarenas, nesse contexto de programa de assistência de saúde acreditam a respeito do que influencia no desenvolvimento de seus filhos e como essas crenças se refletem nas práticas adotadas por essas mães no cuidado e no estímulo das crianças.

Palavras-chave: crenças parentais, desenvolvimento infantil, bebês.

Bolsa de iniciação cientifica PIBIC para as duas primeiras autoras.

DES

CRENÇAS E PRÁTICAS SOBRE CUIDADO E DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS NA PERSPECTIVA DE EDUCADORAS DE BERÇÁRIO. *Denise Bernardi, Scheila Machado da Silveira Becker**,Gabriela Dal Forno Martins**, Cesar Augusto Piccinini (Núcleo de Infância e Família, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A história da educação infantil no Brasil tem sido muitas vezes marcada por uma dualidade entre o cuidar e o educar. Frente à defesa do caráter educacional da creche e da pré-escola, os cuidados básicos de crianças pequenas passaram a ser entendidos como independentes e opostos ao educar. Esta dualidade, cuidar e educar, é ainda mais evidente no cotidiano de trabalho de educadoras de berçário, visto que a dependência e as necessidades dos bebês, demandam das educadoras práticas que vão além do que é considerado pedagógico ou educacional. Visando contribuir para as discussões sobre a atuação de educadoras junto a bebês, usou-se, neste estudo, o referencial teórico de Winnicott. Esse autor propõe que um desenvolvimento emocional satisfatório nos primeiros anos de vida é resultado de um cuidado suficientemente bom, que atenda as necessidades do bebê. Diante disso, o objetivo desse estudo foi investigar as crenças e práticas sobre cuidado e desenvolvimento de bebês na perspectiva de educadoras de berçário. Particularmente, buscou-se descrever as crenças das educadoras sobre as necessidades desenvolvimentais dos bebês e as práticas que elas afirmam realizar como forma de suprir essas necessidades. Para tanto, utilizou-se uma entrevista estruturada, realizada de forma semi-dirigida, com 14 educadoras de duas creches públicas de Porto Alegre. Análise de conteúdo qualitativa foi usada para se examinar as respostas das educadoras com base em categorias derivadas das três dimensões de cuidado propostas por Winnicott: holding (segurar/sustentar), manipular e apresentar objetos. Os resultados indicaram que a maior parte das educadoras identificou o holding como principal prática realizada para suprir as necessidades do bebê por afeto, carinho e atenção, o que indica uma tendência das educadoras em responder às demandas dos bebês de modo bastante afetivo. Por outro lado, as categorias manipulação e apresentação de objetos foram pouco mencionadas quando as educadoras falaram das necessidades dos bebês, embora estivessem bastante presentes quando as educadoras se referiram as suas práticas com eles. Frequentemente, a inclusão dessas práticas se deu por contraposição ao holding, indicando, assim, uma maior valorização da estimulação cognitiva e motora do bebê enquanto práticas consideradas pedagógicas ou educacionais. Em conjunto, esses achados indicam uma manutenção implícita da dualidade cuidar x educar no contexto do berçário, ainda que as educadoras demonstrem valorizar de diferentes formas essas duas dimensões. No entanto, a necessidade de fazer da sala um ambiente de aprendizagem parece ainda estar em primeiro plano, pelo menos enquanto discurso. Ressalta-se, assim, a importância de que essa temática seja continuamente discutida visando superar a falsa dualidade entre cuidar e educar, já que essas dimensões suprem diferentes necessidades essenciais dos bebês e uma prática suficientemente boa caracteriza-se pela integração dessas das duas dimensões.

Crenças de educadoras, práticas de cuidado, desenvolvimento infantil

CNPq e CAPES

DES

DANÇA DE SALÃO: PERCEPÇÃO CORPORAL, EQUILÍBRIO E QUALIDADE DE VIDA EM IDOSOS. *Renata Simões Nogueira e Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu)*

O envelhecimento populacional faz a ciência volver seu olhar para pesquisas com atividades no âmbito da promoção e/ou manutenção à saúde, entre estas se encontra a dança de salão, que é uma atividade lúdica e corrobora com a melhora dos aspectos biopsicossociais por intermédio da musicalidade e de seus movimentos. O objetivo deste estudo foi avaliar a relação da dança de salão com a percepção corporal, equilíbrio e qualidade de vida em idosos iniciantes neste tipo de dança. Foram avaliados 15 idosos de ambos os gêneros, sendo 10 mulheres e 05 homens, na faixa etária de 60 a 77 anos com média de 68,73±4,71 anos, iniciantes na prática de dança de salão, atividade realizada duas vezes por semana com duração de1h30minutos, num período de 14 semanas. Foram aplicados os seguintes instrumentos antes do início da dança de salão: Timed Up and Go test, que avaliou o tempo de realização de um percurso de três metros; Whoqol bref contendo 26 questões e Whoqol old com 24 questões, que avaliaram os domínios e facetas que envolvem a qualidade de vida; Image Marking Procedure, que avaliou a percepção corporal geral e dos segmentos corporais e, um questionário sociodemográfico, contendo questões no âmbito pessoal, físico e social. Após o período da prática, foi aplicado o questionário sobre os efeitos da prática da dança de salão e os instrumentos citados anteriormente, exceto o questionário sociodemográfico. Quanto aos resultados, na avaliação do Timed Up and Go test houve melhora significante no tempo (em segundos) de realização do teste antes e após a prática, com 13,55 ± 2,23 e 11.13 ± 1.72 (p≤0,05). Em relação ao Whoqol bref houve diferença estatisticamente significante em todos os domínios avaliados e no Whoqol old não houve diferença, apenas na faceta funcionamento sensorial. Diante da avaliação da percepção corporal observou-se diferença significante no índice de percepção corporal geral com 137,78 ± 24,41 antes e 109,09 ± 5,69 após a prática da dança de salão. Para o índice de percepção corporal dos segmentos corporais os sujeitos apresentaram melhora significante nas larguras do ombro 134,95 ± 28,52 (antes) e 105,64 ± 14,26 (após), cintura 157,99 ± 45,45 e 117,19 ± 11,82 e quadril, com 154,59 ± 29,66 e 112,04 ± 10,57. Na avaliação sobre os efeitos da prática da dança de salão, observou-se diferença estatisticamente significante entre as categorias bem estar, saúde e sociabilidade, para tanto se recorreu ao teste qui-quadrado χ2o=9,87 e o χ2c=5,99 (n.sig.=0,05 e n.g.l.=2). Diante destes resultados é possível afirmar que a prática da dança de salão corrobora significativamente com a melhora do equilíbrio, da qualidade de vida e da percepção corporal, podendo ser considerada como uma via de promoção à saúde.

Movimentos ritmados, dimensão espacial do corpo, atividade física, queda, bem estar, saúde

DES

DEPRESSÃO GESTACIONAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Rafaela de Almeida Schiavo** (Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel – São Manuel – SP); Allana Guerra* (Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel – São Manuel – SP); Gimol Benzaquen Perosa (Faculdade de Medicina de Botucatu – Departamento de Neuoropsiquiatria – Universidade Estadual Paulista – Botucatu – SP)*

Sintomas de depressão são comuns durante a gestação, e podem ser indicativos de depressão pós-parto. O objetivo desse trabalho foi avaliar sintomas de depressão em gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde e associar com variáveis de uma entrevista. Participaram 34 gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde de uma cidade do interior paulista. As participantes foram identificadas junto o setor de agendamento de uma Unidade Básica de Saúde no dia de consulta pré-natal, não houve critério de exclusão para participar da pesquisa, as gestantes que aceitaram contribuir assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e foram informadas quanto à ausência de ônus para sua participação e sobre o sigilo das informações por elas prestadas. Após responderem ao instrumento essas foram informadas sobre o resultado do teste e as que apresentaram sinais significativos de depressão foram orientadas a procurarem um profissional da saúde mental. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventário de Depressão de Beck (BDI) e uma Entrevista para coleta de informações sociodemográficas e da gestação. Os resultados indicaram que 24% (n=8) apresentaram sintomas significativos de depressão. Das participantes 47% (n=16) eram primigestas e 53% (n=18) multíparas, 9% (n=3) estavam no primeiro trimestre, 23% (n=8) no segundo trimestre e 68% (n=23) no terceiro trimestre, 85% (n=29) eram adultas e 15% (n=5) adolescentes. Das primigestas 25% (n=4) manifestaram sintomas significativos de depressão e das multíparas 22% (n=4). Das que estavam no primeiro trimestre 66% (n=2) apresentaram sintomas significativos de depressão, no segundo trimestre 37% (n= 3) e no terceiro trimestre 13% (n= 3) apresentaram sintomas significativos. Das adultas, 28% (n= 8) manifestaram sintomas depressivos e das adolescentes nenhuma manifestou. Quanto a escolaridade, das que apresentaram sintomas significativos de depressão, 63% (n=5) cursaram até o ensino fundamental e 37% (n=3) concluíram o ensino médio ou superior. E quanto ao desejo da gestante pela gravidez 62% (n=5) das que não desejaram a gestação, manifestaram sintomas significativos de depressão e das que desejaram 38% (n=3) apresentaram sintomas. Os resultados apresentados ainda que com uma amostra pequena da população, indica que o índice de mulheres que apresentam sintomas significativos de depressão na gestação é elevado, quando se leva em consideração que pesquisas internacionais apontam que esse índice é de 15 a 20%. Outro resultado que se destaca é que nenhuma gestante adolescente manifestou sintomas depressivos, nota-se também que há uma tendência às mulheres com baixa escolaridade, apresentar sintomas depressivos na gestação, bem como se observou também prevalência desses sintomas em mulheres que não desejaram a gravidez. Pode-se concluir, portanto, que, durante a gestação é possível já se observar sintomas depressivos no comportamento materno, podendo esses sintomas ter relação com a manifestação de depressão-pós-parto Pesquisas indicam que o Brasil apresenta índices elevados de mulheres que manifestam depressão pós-parto, mas ainda é escassa a literatura a respeito da depressão gestacional, sendo importante que pesquisas iguais a essa com participação de uma amostra maior sejam realizadas.

Gestação. Depressão. Saúde.

DES

DESCRIÇÃO E COMPARAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ E A INFLUÊNCIA DA PREMATURIDADE. *Ana Cláudia Zerbinatti*; Mariana Tognelli Decev*; Fernanda Longhini*; Regiane Cristhine Geromel Alves*; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista. Bauru-SP)*

A interação mãe-bebê tem sido foco de estudos de inúmeras investigações nas últimas décadas, assim como os fatores de risco que podem afetar esta interação, promovendo-a ou prejudicando-a. Entre os fatores de risco para o desenvolvimento infantil está o nascimento prematuro, sendo que para um conjunto de comportamentos maternos há um conjunto de comportamentos do bebê, que se sofisticam a medida que cresce, que podem descrever interações adequadas da díade. Porém, características da mãe e da criança podem favorecer ou não o estabelecimento de interações prazerosas e eficazes. Desta forma, o presente estudo pretendeu descrever e comparar a interação de mães e seus bebês nascidos a termo e mães e seus bebês nascidos prematuros. Participaram do estudo quarenta e cinco díades mães/bebês, sendo vinte e um com bebês nascidos prematuros e vinte e quatro com bebês nascidos a termo, entre três e quatro meses de idade. Os dados foram coletados no Centro de Psicologia Aplicada, com díades que participam do projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais". A partir do aceite em participar do projeto, em horário previamente agendado, a díade era colocada em uma sala contendo uma mesa alta e cadeiras. Eram disponibilizados brinquedos (bolas coloridas, bichinhos de borracha), mas não eram dadas orientações quanto ao uso, assim como o que deveriam fazer com seus bebês. Somente era dito que a sua interação com ele seria filmada por dez minutos. No entanto, para efeito de análise dos dados os dois primeiros minutos foram desprezados. Os dados foram analisados a partir do Protocolo de Observação da Interação Mãe-Bebê (POIMB). O POIMB apresenta 21 comportamentos a serem analisados, dos quais 12 são referentes ao comportamento da mãe, oito ao comportamento da criança durante a interação, e um referente a díade. Os resultados obtidos foram iguais para os comportamentos das mães de ambos os grupos. Já em relação aos comportamentos dos bebês, observa-se que em sete comportamentos observados o bebê a termo superou o bebê prematuro. Quanto ao comportamento da díade, o grupo de mães e seus bebês nascidos a termo foi 0,8 maior que o grupo de mães e seus bebês nascidos prematuros. Os resultados apresentados sugerem que mães de bebês prematuros interagem com seus bebês tanto quanto as mães de bebês nascidos a termo. Todavia, observou-se que bebês prematuros respondem menos às tentativas de interação com suas mães. Entretanto é preciso considerar que a filmagem pode interferir no comportamento das mães. Estudos com populações maiores poderão neutralizar essa variável assim como confirmar ou não os resultados obtidos com a amostra deste estudo.

Interação mãe-bebê, Prematuridade, Fatores de risco

FAPESP; PROEX

DES

DESENVOLVIMENTO MENTAL DE CRIANÇAS COM 12, 18 E 24 MESES.

Teresa Helena Schoen Ferreira, ,Leonardo Macario Ferraz, Leidiana Peixoto,Edna Alves, Talita Gonzaga, Marcia Regina Fumagalli Marteleto (Universidade Federal de São Paulo)

O campo do desenvolvimento humano constitui-se do estudo científico de como as pessoas mudam e quais características permanecem estáveis durante a vida. Os estudiosos do desenvolvimento supõem que o processo persiste em cada área da vida humana, desde a concepção até a morte. Ocorrem mudanças muito rápidas e significativas nos primeiros anos de vida. Algumas delas são consideradas marcos para o desenvolvimento, indicativos da normalidade. As conquistas na área mental nem sempre são observadas pelos cuidadores de crianças pequenas. Instrumentos padronizados têm sido cada vez mais utilizados na avaliação de diferentes aspectos da saúde de crianças, permitindo, na prática clínica, o auxílio no diagnóstico e eficácia do tratamento. Os profissionais precisam identificar alterações no desenvolvimento, assim que comecem a ocorrer, já na primeira infância, antes que se tornem problemas ao longo da vida. Este estudo teve por objetivo identificar comportamentos indicativos do desenvolvimento mental presentes nas idades de 12, 18 e 24 meses. Participaram deste estudo 60 crianças moradoras de um município da Grande São Paulo, divididas em três grupos: G1 (15 crianças de 11, 12 e 13 meses); G2 (25 crianças de 17, 18 e 19 meses); e G3 (20 crianças de 23, 24 e 25 meses). O instrumento usado para avaliar as crianças foi a Escala Bayley 2 de Desenvolvimento Infantil (The Bayley Scale of Mental Development). A Bayley-II é uma ferramenta para identificar, medir e avaliar o desenvolvimento de crianças. Ajuda a determinar os atrasos de desenvolvimento em crianças de um a 42 meses. A Bayley 2 foi aplicada individualmente, no próprio domicílio da criança por psicólogos treinados no instrumento e especialistas em desenvolvimento infantil. Foi considerado como item de entrada para a aplicação do instrumento, o item inicial de duas faixas etárias anteriores. Os resultados são apresentados de forma descritiva, com a porcentagem das crianças que apresentam o comportamento. Não houve item comum às três faixas etárias, entretanto, comparando G1 com G2 (19 itens comuns) e G2 com G3 (21 itens comuns), observa-se que as mais crianças mais velhas realizaram as tarefas solicitadas que as mais novas. Os resultados mostram que, em sua maioria, as crianças estão se desenvolvendo dentro da normalidade. No entanto, algumas crianças, na sua particularidade, não adquiriu o comportamento motor esperado para sua faixa etária. Embora, sem esquecer que cada um se desenvolve em seu próprio ritmo, existem comportamentos marcos do desenvolvimento que são sinais indicativos de alterações desenvolvimentais.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS COM 12, 18 E 24 MESES.,
Márcia Regina Fumagalli Marteleto, Ana Paula Brasil, Scheila Gandra Mariotto, Arielle Guedes, Pepita Benjamin, Teresa Helena Schoen Ferreira (Universidade Federal de São Paulo)

O campo do desenvolvimento humano constitui-se do estudo científico de como as pessoas mudam e quais características permanecem estáveis durante a vida. Os estudiosos do desenvolvimento supõem que o processo persiste em cada área da vida humana, desde a concepção até a morte. Ocorrem mudanças muito rápidas e significativas nos primeiros anos de vida. Algumas delas são consideradas marcos para o desenvolvimento, indicativos da normalidade. As conquistas na área motora são mais facilmente observadas pelos cuidadores de crianças pequenas. Instrumentos padronizados têm sido cada vez mais utilizados na avaliação de diferentes aspectos da saúde de crianças, permitindo, na prática clínica, o auxílio no diagnóstico e eficácia do tratamento. Os profissionais precisam identificar alterações no desenvolvimento, assim que comecem a ocorrer, já na primeira infância, antes que se tornem problemas ao longo da vida. Este estudo teve por objetivo identificar comportamentos indicativos do desenvolvimento motor presentes nas idades de 12, 18 e 24 meses. Participaram deste estudo 60 crianças moradoras de um município da Grande São Paulo, divididas em três grupos: G1 (20 crianças de 11, 12e 13 meses); G2 (22 crianças de 17, 18 e 19 meses); e G3 (18 crianças de 23, 24 e 25 meses). O instrumento usado para avaliar as crianças foi a Escala Bayley 2 de Desenvolvimento Infantil (The Bayley Scale of Mental Development). A Bayley-II é uma ferramenta para identificar, medir e avaliar o desenvolvimento de crianças. Ajuda a determinar os atrasos de desenvolvimento em crianças de um a 42 meses. A Bayley 2 foi aplicada individualmente, no próprio domicílio da criança por psicólogos treinados no instrumento e especialistas em desenvolvimento infantil. Foi considerado como item de entrada para a aplicação do instrumento, o item inicial de duas faixas etárias anteriores. Os resultados são apresentados de forma descritiva, com a porcentagem das crianças que apresentam o comportamento. Os resultados mostram que, em sua maioria, as crianças estão se desenvolvendo dentro da normalidade. Sete itens eram comuns às três faixas etárias. Comparando estes, assim como, comparando G1 com G2 (14 itens comuns) e G2 com G3 (13 itens comuns), observa-se um incremento na realização das tarefas solicitadas com o aumento da idade. No entanto, algumas crianças, nas sua particularidade, não adquiriu o comportamento motor esperado para sua faixa etária. Embora, sem esquecer que cada um se desenvolve em seu próprio ritmo, existem comportamentos marcos do desenvolvimento que são sinais indicativos de alterações desenvolvimentais.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DIFERENÇA DE GÊNERO NO DESEMPENHO ESCOLAR DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Gil Gomes**(Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ), Adriana Benevides Soares** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*

Na dinâmica das relações sociais e interpessoais a criança, através de seus pensamentos, desenvolve crenças pessoais com destaque para as de autoeficácia. A autoeficácia pode ser entendida como a competência percebida em mobilizar recursos cognitivos, motivacionais e comportamentais em um momento específico para atender a determinadas demandas pessoais e sociais. Desta forma, são avaliados os resultados conseguidos e as capacidades pessoais em executar determinadas tarefas. A existência de relação entre a crença de autoeficácia em crianças e o desempenho escolar tem despertado o interesse de alguns pesquisadores. Para esses autores, a crença de autoeficácia pode contribuir na motivação dos alunos e no desenvolvimento do processo de aprendizagem, levando-os a se comportar de maneira a assumir responsabilidades por seus resultados. Estudos apontam a crença de autoeficácia como um dos preditores do desempenho acadêmico do aluno. Portanto, crianças que possuem bom senso de autoeficácia se sentem aptas em utilizar recursos indispensáveis para cumprir com sucesso seus afazeres escolares e a se comportar de maneira segura no ambiente escolar. Para desenvolver senso de autoeficácia, ao longo da formação escolar dos alunos algumas tarefas são elaboradas pelos educadores e visam desenvolver o aprendizado nas crianças. Com frequência, as tarefas têm atribuições específicas: às meninas e aos meninos. Em seus discursos os professores, na maioria das vezes, são enfáticos em afirmar que as meninas têm melhor desempenho para excuta-las em relação aos meninos e um dos motivos apontados por eles é que as meninas se dedicam mais aos estudos, são mais exigidas pelos pais, são organizadas, são caprichosas e responsáveis. Enquanto que os meninos gostam do espaço escolar, porém não gostam da sala de aula e estão mais voltados, por exemplo, para as brincadeiras com bola e são mais críticos. Assim, considerando que, as tarefas elaboradas para os meninos e meninas, são mediadas pelos limites sociais impostos e pelos saberes próprios dos professores em relação ao gênero; para as meninas normalmente são solicitadas tarefas que envolvam cuidados como, por exemplo, fazer limpeza ou organizar objetos e para os meninos quase sempre é pedido tarefas que envolvam o uso da força como carregar objetos pesados. Além da seleção de tarefas de acordo com o gênero, as meninas na maioria das vezes são mais reforçadas socialmente a emitir comportamentos de meiguice enquanto que para os meninos comportamentos mais brutos são mais tolerados socialmente. Portanto, o presente estudo comparara o desempenho de 57 alunos, meninos e meninas, matriculados em duas escolas do Município do Rio de Janeiro, nos 6o e 7o anos do ensino fundamental e relaciona seus desempenhos a variável inteligência e autoeficácia. Os instrumentos utilizados foram o Roteiro de Avaliação de Autoeficácia e o teste de Raciocínio Verbal (Forma A) da BPR-5, além das notas das avaliações escolares de Português e Redação. Os resultados indicaram a inexistência de diferenças nos desempenhos escolares entre meninas e meninos, no entanto, apontou que o desempenho das meninas está associado tanto à inteligência quanto a crença de autoeficácia enquanto o dos meninos depende apenas da crença de autoeficácia

Palavras-chave: Autoeficácia; Gênero; Desempenho acadêmico; Inteligência.

DES

DIFERENCIAÇÃO E AFIRMAÇÃO DO EU: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES DE CRIANÇAS EM UM CENTRO EDUCACIONAL. *Ana Cicília Ribeiro Siqueira, *Ludmilla Cristina Vieira Cardoso, Lúcia Helena Ferreira Mendonça Costa, (Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia)*

O presente trabalho se baseia nas contribuições teóricas de Henri Wallon sobre processos de constituição do eu e do outro e na importância do educador de creche na formação da criança como um todo. Visa compreender as estratégias que as crianças utilizam em suas interações, bem como analisar as inter-relações com os processos de diferenciação eu-outro e afirmação do eu infantil. Participaram desta pesquisa 18 crianças, com idade entre 3 e 5 anos, e 2 educadoras de um Centro Educacional da periferia da cidade de Uberlândia-MG. O registro dos dados ocorreu por meio de vídeo-gravação de interações entre as crianças. Foram realizadas duas filmagens para fins de familiarização com o equipamento e possíveis ajustes e depois seis registros realizados em dias consecutivos, com exceção do fim de semana, e em horários alternados, com trinta minutos cada gravação. A análise dos dados teve início com a transcrição das fitas e então, seguiu-se a identificação dos episódios de interação. Foram identificados 48 episódios com predomínio das estratégias de oposição representadas por: Disputa pelo objeto/espaço/ propriedade; imposição do seu desejo/autoridade/liderança; "não" /colocação de limite; ignorar o outro; "agressão" com gestos. Identificamos, também, estratégias que denotam cumplicidade/comunhão, mistura de realidade e fantasia e sedução. Na maioria dos episódios, o objeto movimentou as estratégias utilizadas pelas crianças, como o pronome "minha", além de proteger ou lutar pela posse do objeto. Buscamos então discutir as relações estabelecidas entre as estratégias utilizadas pelas crianças e os processos de diferenciação e afirmação do eu. É através das estratégias utilizadas pelas crianças, que têm início um primeiro esboço da formação da pessoa. E é no contexto do Centro Educacional, um ambiente diversificado, onde existe um contato maior com o outro, que a criança tem maiores possibilidades de se desenvolver. Surge também a reflexão sobre o papel que as educadoras desempenham junto às crianças, e a necessidade de proporcionar um espaço para se pensar, o que poderá contribuir para expandir a visão de criança e de desenvolvimento infantil.

Formação da criança, diferenciação do eu, afirmação do eu.

Projeto financiado PIBIC/CNPq/UFU

DES

EFICÁCIA DE DIFERENTES MATERIAIS EDUCACIONAIS NA PREVENÇÃO DO TRAUMA CEREBRAL NÃO-ACIDENTAL. *Nahara Rodrigues Laterza Lopes**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A violência contra crianças e adolescentes é um problema frequente e grave em nossa sociedade. Dentre as formas de maus-tratos, destaca-se o Trauma Cerebral Não-Acidental, também conhecido por Síndrome do Bebê Sacudido. Esta forma de maus-tratos consiste em sacudir violentamente um bebê, usualmente em resposta ao seu choro inconsolável. Sacudir um bebê pode acarretar em consequências gravíssimas para o desenvolvimento infantil, podendo levar até à morte da criança. Entretanto, apesar de sua gravidade, a Síndrome do Bebê Sacudido (SBS) pode ser prevenida por meio da educação parental. No Brasil, apesar da alta incidência de maus-tratos infantis, não há estudos que enfoquem ações preventivas da Síndrome do Bebê Sacudido. Este estudo é parte da dissertação de Mestrado da primeira autora, que tem como objetivo avaliar se o vídeo informativo "Respondendo ao Choro do Bebê" é capaz de mudar o conhecimento relacionado a esta forma de maus-tratos e auxiliar em sua prevenção. O vídeo, desenvolvido pela equipe do Projeto de Prevenção da Síndrome do Bebê Sacudido do Hospital da Criança de Westmead, Austrália, apresenta informações sobre o choro do bebê, os efeitos negativos de sacudi-lo, bem como estratégias que podem auxiliar os pais a lidarem com o choro de forma saudável. Para o presente estudo, o vídeo foi traduzido e adaptado para o português pelo Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (Laprev), em parceria com o Hospital da Criança de Westmead. O estudo está sendo atualmente desenvolvido, sendo este um recorte do mesmo. Participaram do estudo 100 pais de recém-nascidos que estavam na maternidade por ocasião do nascimentos dos filhos. Estes pais foram aleatoriamente divididos em três condições experimentais: (1) vídeo experimental, (2) vídeo controle e (3) panfleto. O grupo "vídeo experimental" assistiu exclusivamente ao vídeo informativo "Respondendo ao Choro do Bebê". O grupo "vídeo controle" assistiu exclusivamente a um vídeo sobre prevenção de acidentes domésticos, tais como afogamento e envenenamento. O grupo "panfleto" leu um panfleto informativo sobre a Síndrome do Bebê Sacudido. Os participantes responderam um questionário sobre o Choro do Bebê antes e após a intervenção. Após análises estatísticas, observou-se que os participantes do grupo "vídeo experimental" mudaram significativamente suas atitudes em relação ao choro do bebê, em comparação aos outros grupos, corroborando a literatura da área que aponta que o vídeo informativo é mais eficaz que o panfleto para mudar o conhecimento sobre a Síndrome do Bebê Sacudido. Atualmente estão sendo coletados dados de Follow Up com o objetivo de verificar se essas alterações são mantidas ao longo do tempo e para qual material essa manutenção é mais significativa.

CNPq

Maus-Tratos Infantis, Prevenção, Síndrome do Bebê Sacudido

M

DES

ENVELHECIMENTO E QUALIDADE DE VIDA: A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA. *Gutembergue Fagundes*; Lidiane Ferreira de Lima*; Raquel Ribeiro*; Maria Esmeralda Mineu Zamlutti e Carla Witter (Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP)*

O envelhecimento humano é o processo do ciclo de vida em que a autoestima exerce papel fundamental e estrutural para uma velhice bem sucedida. A autoestima é um dos fatores fundamentais para a qualidade de vida da pessoa idosa, pois a autoavaliação da saúde percebida é influenciada, também, pela autoestima. O trabalho teve como objetivo geral verificar os aspectos psicológicos que influenciam a autoestima na velhice, bem como a relevância desta para o bem estar físico, psíquico e social daqueles que envelhecem. Como objetivos específicos buscou-se relacionar autoestima e envelhecimento; analisar os significados da velhice para o idoso e a relação destes com sua autoestima e identificar possíveis agentes influenciadores da autoestima na velhice. O método utilizado na realização do trabalho foi o delineamento descritivo, com análise quantitativa e qualitativa dos dados. Participaram como sujeitos da pesquisa 16 idosos de ambos os sexos, com 65 anos ou mais, selecionados por conveniência em diferentes locais da cidade de São Paulo. O instrumento utilizado na coleta de dados foi a Escala Janis-Field de Inadequação de Sentimento (instrumento de avaliação da autoestima), que foi aplicada individualmente. De acordo com os resultados, 50% dos participantes quase nunca sentiram a sensação de que não podiam fazer algo direito, confiando em suas próprias capacidades; 56% quase nunca se sentiram desiludido(a) consigo mesmos a ponto de se perguntarem se existe alguma coisa na vida que vale ou não a pena; 62,5% acreditam que algum dia as pessoas que os conhecem irão admirá-los e respeitá-los; 75% não se lembram de algum dia ter pensado que não tinham qualquer valor; e 87,5% quase nunca sentem que não gostam de si mesmos. Com os resultados, observou-se que apenas em relação a fazer algo direito o resultado foi de 50% da amostra, já que nas demais questões a maioria dos participantes demonstrou sentimento positivo à respeito de si mesma, reconhecendo seu próprio valor, acreditando no respeito que as pessoas lhes têm, sentindo que a vida vale à pena e confiando em suas habilidades. Os resultados obtidos mostram que a pessoa idosa pode ter um bom nível de autoestima e de autoconfiança se sua visão acerca da velhice for positiva, se conceber o envelhecimento como apenas uma etapa do desenvolvimento humano e não como uma fase de sofrimento ou de tristeza. Os resultados demonstram, ainda, que os aspectos psicológicos são extremamente importantes para um envelhecimento bem sucedido, em especial a autoestima, e que esta depende de inúmeros fatores, como por exemplo, a pessoa poder realizar atividades básicas de vida diária, manter e desenvolver os aspectos cognitivos, sentir-se integrada socialmente e desfrutar de momentos de lazer que possibilitam a manutenção, o treinamento e o desenvolvimento de habilidades sociais. Assim, conclui-se que se o idoso, mesmo tendo que conviver com as possíveis dificuldades e limitações da velhice, tiver um olhar positivo para este momento e suas possibilidades, poderá garantir uma boa autoestima e bem estar nesta etapa de sua vida.

Autoimagem. Bem-estar. Saúde

DES

ESTRESSE EM GENITORES DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

Nara Liana Pereira-Silva, Shirley Caroline Canabrava, Cindhy Estevam, Isabela Souza Conti*, Rafaela Duque de Almeida*, Julyan Camilo Gomes*, Natalice do Carmo Lopes*, Jonayne Kelly da Silva Souza* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG).*

Estudar a família é uma tarefa difícil, por se compor de subsistemas integrados e interdependentes. Ela é um dos primeiros contextos de socialização dos indivíduos, possuindo um papel fundamental para o entendimento do processo de desenvolvimento humano. Ter uma criança com síndrome de Down pode ser um evento estressante ou não, trazendo consequências para todos os membros familiares em maior ou menor dimensão. A literatura tem apontado estresse mais elevado em famílias com filhos(as) com deficiência. O presente estudo teve o objetivo de identificar sintomas de estresse percebidos por mães e pais de crianças com síndrome de Down e apresentar dados sobre aspectos do desenvolvimento das crianças, sob a perspectiva de seus genitores. Foram selecionadas 19 famílias com pai, mãe e criança(s), tendo uma delas o diagnóstico de síndrome de Down, residentes em Juiz de Fora. A média da idade das crianças foi 7 anos, sexo masculino (n=11) e feminino (n=8) e todas elas frequentavam a escola inclusiva ou especializada. A média da idade dos pais foi 44,8 anos e das mães 42,8 anos. Com relação à renda familiar (em salários mínimos), a média foi 5,56. As famílias foram visitadas em suas residências, de acordo com a disponibilidade dos genitores para aplicação de questionário, entrevistas e o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp. Os resultados do questionário mostraram que a mãe é a maior responsável pelos cuidados com o(a) filho(a) com síndrome de Down (57,9%). A mãe leva o(a) filho(a) para a escola (42,1%), coloca-o(a) para dormir (42,1%) e lê/conta histórias (36,8%) com mais frequência que outros membros da família. Com o pai são compartilhadas as atividades de lazer (36,8%). Nessas famílias, as mães são as maiores responsáveis por realizar as tarefas domésticas: limpar casa (52,6%), passar/lavar roupas (68,4%), cozinhar (78,9%). Os dados sobre o desenvolvimento neuropsicomotor das crianças, coletados por meio das entrevistas, mostraram variabilidade na aquisição das habilidades motoras. As crianças foram descritas pelos genitores como tranquilas (n=16) e carinhosas/amorosas (n=11), mas também, desobedientes (n=9) e irritadas (n=7). Quanto à presença de sintomas de estresse, houve maior frequência das mães (n=11) do que dos pais (n=7). Destes (n=18), a maioria encontrava-se na fase de Resistência (mães - n=9; pais - n=6) e os demais na fase de Quase exaustão (mães - n=2; pais - n=1). A maioria das mães apresentou sintomas psicológicos (n=7), seguidos pelos físicos (n=2) e psicológicos e físicos (n=2). Já, os pais apresentaram sintomas psicológicos (n=3) e físicos (n=3) com frequências similares e apenas um pai apresentou sintomas psicológicos e físicos. Os resultados corroboram com a literatura, apontando para mães mais estressadas que os pais. As mães nessas famílias têm uma sobrecarga de cuidados com o filho e tarefas diárias que podem influenciar no nível de estresse. Sugere-se mais estudos que relacione a extensão da rede social de apoio dessas famílias e suas implicações no estresse materno e paterno, tendo consequências para o desenvolvimento dos filhos(as), bem a investigação de outras variáveis, tais como, a relação conjugal, tal como indica a literatura na área.

Palavras-chave: estresse, famílias, síndrome de Down.

Apoio financeiro: Programa de Apoio à Instalação de Doutores/PROPESQ/UFJF; PROVOQUE/UFJF; FAPEMIG

DES

EXPECTATIVAS ACADÊMICAS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Gil Gomes** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ), Vanessa Barbosa Romera Leme (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP), Adriana Penha da Costa Lima Peçanha**, Fátima Almeida Maia**, Claudio de Almeida Lima** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ)*

A revisão de literatura sugere que expectativas equivocadas podem afetar o processo de integração dos estudantes universitários e, consequentemente, prejudicar o sucesso acadêmico e a permanência do aluno do Ensino Superior. Todavia, a literatura nacional carece de estudos que procurem investigar diferentes dimensões das expectativas dos universitários brasileiros. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar as expectativas de estudantes universitários em relação aos seus recursos pessoais, às suas relações interpessoais, ao seu curso, a sua carreira e à instituição de ensino. Participaram desta pesquisa 205 estudantes, sendo 157 do gênero feminino e 48 do gênero masculino. A maioria dos universitários (68%) era proveniente de instituições públicas de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Os alunos tinham entre 17 e 58 anos de idade. Noventa e um estudantes cursavam psicologia, 49 pedagogia, 26 medicina, 17 direito, nove química, três letras, três matemática, dois educação física, dois biologia, um administração e um não respondeu. Metade dos alunos frequentavam o primeiro período e a outra metade o segundo período, todos do primeiro ano universitário. Quanto à classe social, 23 alunos pertenciam à classe A, 99 à classe B, 82 à classe C e D e um não respondeu. Mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes responderam a um: a) questionário com cinco perguntas abertas, conforme descrito: 1) Você acha que tem qualidades pessoais – acadêmicas para a profissão que você escolheu? Justifique sua resposta; 2) Você espera desenvolver suas relações interpessoais na Universidade?; 3) Quais as suas expectativas quanto ao curso que resolveu cursar?; 4) Que expectativas você tem quanto à carreira, no seu futuro, enquanto profissional?; 5) Você acha que a sua instituição de ensino irá lhe proporcionar uma boa formação acadêmica?; b) questionário de dados demográficos. A coleta de dados ocorreu de forma coletiva nas salas de aula em horário previamente combinado com os professores. As respostas dos estudantes foram categorizadas segundo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (1970). De forma geral, os resultados indicaram que as expectativas dos universitários de primeiro ano em relação às dimensões recursos pessoais, relações interpessoais, curso, carreira e instituição de ensino estão relacionadas: a) às suas características pessoais b) à fazer amigos e ter bom convívio social; c) à preparação para o mercado de trabalho e aprendizagem de conhecimentos; d) à possibilidade de exercer a profissão que tenha como consequência o reconhecimento profissional e crescimento pessoal; e) à boa infraestrutura e qualidade do corpo docente. Os resultados encontrados reiteram achados prévios que têm indicado que alunos do primeiro ano apresentam expectativas altas em relação ao Ensino Superior. Conclui-se que conhecer as expectativas dos universitários no primeiro ano, o qual é considerado um período crítico, pode contribuir para programas de intervenção com a finalidade de prevenir psicopatologias, melhorar o desempenho acadêmico e interpessoal dos alunos e evitar o abandono da instituição.

Palavras-chave: Expectativas Acadêmicas; Sucesso acadêmico; Ensino Superior.

DES

FATORES ASSOCIADOS À NÃO ADAPTAÇÃO DE BEBÊS AO CONTEXTO DE CRECHE. *Gabriela Dal Forno Martins, Lívia Caetano da Silva Leão, Scheila Machado da Silveira Becker, Rita de Cássia Sobreira Lopes, Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Parece haver consenso entre profissionais e pais sobre a importância de que os primeiros dias na creche sejam tratados de maneira especial. No entanto, embora diretrizes gerais para a atuação já estejam consolidadas, a complexidade do momento de transição família-creche traduz-se em desafios sutis de como lidar com especificidades de cada caso. Isso se reflete numa necessidade contínua, por parte dos educadores, de discutir o tema da adaptação, enfatizando o manejo de situações atípicas. A qualidade do processo de adaptação à creche tem sido estudada a partir da influência de três fatores principais: 1) características individuais da criança; 2) contexto de cuidado familiar, especialmente a qualidade da interação com a mãe ou cuidador principal; e 3) qualidade da creche e da relação que o educador estabelece com a criança. Diante disso, este estudo buscou identificar fatores associados a não adaptação do bebê à creche, particularmente, fatores da família e da criança anteriores à sua entrada na instituição. Para tanto, realizou-se um estudo de casos coletivo, com quatro famílias (três casais e uma mãe solteira) participantes de um projeto maior, cujos bebês foram inseridos na creche e retirados por não adaptação segundo avaliação dos pais. Os bebês entraram na creche com idades entre 10 e 12 meses e permaneceram na instituição entre uma e oito semanas. Os pais responderam a entrevistas no período da gestação, três, oito e 12 meses do bebê e suas respostas foram analisadas segundo cinco categorias: características do bebê, sentimentos dos pais ligados à separação pais-bebê e à inclusão de outras pessoas no dia a dia da criança, crenças e práticas parentais relacionadas a outros cuidados alternativos, atitudes dos pais em relação à creche e sentimentos dos pais relacionados à entrada do bebê na creche. Os resultados indicaram que, em nenhum dos casos, houve apenas um fator preponderante relacionado a não adaptação à creche. Pelo contrário, as interrelações de diferentes fatores, constituídas ao longo do desenvolvimento do bebê, conferiram particularidades aos casos. Por exemplo, no Caso 1, a dificuldade na adaptação pareceu um somatório do temperamento difícil do bebê, pouco contato com cuidados alternativos e dificuldade dos pais em se separarem do filho. Já no Caso 2, a não adaptação mostrou-se mais ligada ao sentimento de insegurança dos pais frente às decisões que envolviam separar-se da filha. No Caso 3, o fator mais relevante foi a dependência da filha em relação à mãe. Por fim, no Caso 4 a não adaptação pareceu estar relacionada principalmente aos pais não estarem preparados para a separação do bebê, assim, a escolha não foi planejada resultando em sofrimento para bebê e mãe. Também foi possível verificar mudanças na atitude dos pais em relação à creche ao longo do primeiro ano dos bebês e a utilização do choro como principal indicador de não adaptação, na perspectiva dos pais. Evidencia-se a importância de ações anteriores à entrada da criança na instituição que promovam um acolhimento à situação de separação pais-bebê e considerem aspectos do desenvolvimento emocional individual do bebê no contexto familiar.

Creche; família; adaptação do bebê.

CAPES/CNPq

DES

FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO INDICADOS NO DESENVOLVIMENTO DE MÃES ADOLESCENTES E DE SEUS FILHOS: UM ESTUDO LONGITUDINAL. *Juliana Vasconcellos Freitas*, Nancy Ramacciotti de Oliveira-Monteiro (Universidade Federal de São Paulo)*

A questão da gravidez e maternidade entre adolescentes vem trazendo desafios teórico-metodológicos, principalmente em situações de maior vulnerabilidade por pobreza e/ou proximidades ao tráfico de entorpecentes e a territórios permeados por violência e criminalidade. A gravidez na adolescência tem sido tomada como questão que traz problemas à saúde física por diversas organizações. Entretanto é importante ressaltar que a maternidade entre adolescentes possui dimensões heterogêneas considerando contextos psicossociais e ambientais. Fatores de risco e de proteção, e recursos ativos, interagem no desenvolvimento da adolescente grávida e mãe, e de seu filho. O objetivo geral deste estudo foi identificar esses fatores e recursos presentes em oito díades (mãe/primeiro filho nascido na adolescência) que vêm sendo acompanhadas há 15 anos em pesquisa de seguimento longitudinal. Este é a quarta etapa da pesquisa, quando os filhos estão com 14 anos. As etapas anteriores ocorreram: 1) no tempo da gravidez e dos filhos menores de cinco meses; 2) quando os filhos tinham três anos e meio, e 3) quando tinham 10 anos. Todos os estudos tiveram validade ecológica, incluindo observações feitas nas moradias, em bairros periféricos de cidades da Baixada Santista. Os objetivos específicos foram: identificar indicadores de fatores de proteção com relação a competências (indicadas por instrumentos da Bateria ASEBA) e descrever dados de contextos ambientais com relação a: vínculos com o pai do filho, parentes e vizinhos, esperanças e sonhos para a vida, relacionamento familiar, pertinência escolar, acesso a serviços de saúde, crenças religiosas, opções para esporte, lazer e cultura, apoio/estabilidade econômica e estabilidade em emprego; e levantar indicadores de fatores de risco com relação a problemas psicológicos – indicados por instrumentos da Bateria ASEBA – e dados de contextos ambientais sobre: proximidade da moradia ao tráfico de drogas, zona de criminalidade e de prostituição; uso abusivo de álcool/drogas (incluindo na família); problemas de conflito com a lei (na família); sentimento de culpa pela gravidez ocorrida na adolescência; violência física e psicológica; problemas de saúde; e pobreza. Os instrumentos usados na etapa atual foram: 1) entrevistas de discurso livre autobiográfico, com questionários sobre condições psicossociais; 2) Critério Brasil; 3) ASR (Adult Self-Report), CBCL (Child Behavior Check List) e YSR (Youth Self-Report). As análises dos resultados seguiram padrões quantitativos e qualitativos. A Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano foi utilizada para análises comparativas dos dados, longitudinalmente. Os resultados indicaram tendência geral a desenvolvimento positivo, em relação à competência social e à faixa não clínica de problemas internalizantes e externalizantes. Tendência a problemas psicológicos ficam presentes em díades envolvidas em contexto de prostituição, sem presença paterna e com uso abusivo de substâncias. Os principais fatores de proteção permanecem nos microssistemas familiares e no mesossistema, e a proximidade do tráfico de entorpecentes continua forte fator de risco envolvido. Recursos ativos de afeto parental foram identificados. A gravidez ocorrida na adolescência pode ter protegido algumas adolescentes diante de riscos de drogas e violência e a maternidade parece ser valorizada entre a maioria das mães.

Gravidez na adolescência, estudo longitudinal, fatores de risco e de proteção.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

DES

FUNÇÃO PATERNA E COMPORTAMENTOS DAS CRIANÇAS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *Tagma Marina Schneider Donelli, Aline Roberta Saile (Unisinos)*

Vivencia-se na atualidade um momento decorrente de diferentes transformações no contexto da família e no lugar que a criança ocupa nesta relação de parentesco. Pesquisas apontam as mudanças nos papéis maternos e paternos e sua relação com a constituição subjetiva dos filhos, compreendendo a importância de se garantir a função paterna como organizadora psíquica para a criança. Com o objetivo de identificar o comportamento das crianças no contexto da escola de Educação Infantil, compreendendo sua relação com a dinâmica das funções parentais, especialmente a função paterna, a partir de uma compreensão psicanalítica, este estudo, de abordagem qualitativa, foi realizado através de Estudos de Casos Múltiplos. Participaram da pesquisa 4 crianças aos 4 anos de idade que frequentavam escola privada de Educação Infantil em cidade da região metropolitana de Porto Alegre, e que foram identificados com comportamentos recorrentes no espaço escolar, bem como seus respectivos pais (pai e mãe) e a professora. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada com os pais e uma entrevista a partir do roteiro da Avaliação Psicanalítica de Crianças de Três Anos, com a presença dos pais e da criança. Também foi realizada uma entrevista semi-estruturada com as professoras das crianças envolvidas na pesquisa para complementar o estudo. A pesquisa mostrou que comportamentos de agitação, birras prolongadas, dificuldades de tolerar as frustrações e limites na escola de Educação Infantil estavam associados com as dificuldades associadas ao declínio da função paterna na dinâmica familiar. Nos casos em que a função paterna mostrou-se com mais dificuldade de ser operada, mais sintomas foram apresentados a partir da avaliação realizada, o que mostra o quanto as dificuldades de referência, de contenção, acabam se expressando nas dificuldades de organização corporal, de linguagem e principalmente de simbolização da criança, fatores fundamentais para a organização do funcionamento psíquico. Outros sintomas indicadores de risco para o desenvolvimento infantil também foram posteriormente observados. Os eixos analisados na pesquisa avaliaram as crianças de forma integral e foi possível perceber como foi constante a dificuldade dos pais na educação dos filhos, no sentido de referência simbólica para o seu crescimento. Também foram observados outros comportamentos e sintomas que poderiam indicar risco no desenvolvimento das crianças. Além disso, os resultados evidenciaram o quanto o professor, na escola, também mostra-se um importante representante no exercício das funções parentais, contemplando a escola como um contexto de prevenção e intervenção.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS AOS TRÊS MESES DE VIDA. *Regiane Cristhine Geromel Alves*; Ana Cláudia Zerbinatti* (Curso de Psicologia/UNESP/Bauru); Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia, UNESP/Bauru/SP); Manoel Henrique Salgado (Departamento de Engenharia de Produção/UNESP/Bauru/SP).*

A gravidez na adolescência é freqüentemente considerada de risco. Estudos indicam altas taxas de partos prematuros, bebês de baixo peso, mortalidade infantil, além de maiores índices de filhos com problemas psicológicos, atraso no desenvolvimento e deficiências no crescimento, quando comparados com filhos de mulheres adultas. Este fenômeno é atribuído ao envolvimento de fatores sociais, porém poucos diferenciam a faixa etária desta população. Pesquisas sugerem que quanto menor a faixa etária da mãe, maior é o risco para a saúde de seu filho. O presente estudo pretendeu investigar a influência da idade materna no desenvolvimento de bebês no terceiro mês de vida, em cada uma das áreas de desenvolvimento: socialização, autocuidado, cognição, linguagem e desenvolvimento motor. Participaram do projeto 154 bebês e suas mães, 35 com idade até 16 anos completos (Grupo 1); 59 entre 17 e 18 anos completos (Grupo 2) e, 60 entre 20 e 25 anos completos (Grupo 3). Os bebês e suas mães participam do projeto "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais", onde são avaliados mensalmente no primeiro ano de vida, utilizando o Inventário Portage Operacionalizado, que acontece no Centro de Psicologia Aplicada (CPA), da UNESP, campus de Bauru. Para o presente estudo foram selecionados os dados referentes ao terceiro mês, considerando o desempenho médio dos bebês de cada grupo. Os resultados foram submetidos à análise estatística (T, de Student) e indicaram que os bebês filhos das mães do Grupo 2 obtiveram desempenho médio superior aos do Grupo 3 em Desenvolvimento Motor (Grupo 2=9,7 e Grupo 3=8,28), com diferença estatisticamente relevante entre eles (p=0,0655). Nas demais áreas, o Grupo 2 teve maiores resultados em Autocuidado e Socialização, e o Grupo 3 apresentou melhor desempenho em Linguagem e Cognição, mas não houve diferença estatisticamente relevante. O Grupo 1 apresentou resultados melhores quando comparado ao Grupo 3, com exceção da Cognição, cujos resultados foram idênticos, embora nenhuma diferença tenha sido estatisticamente significativa. Os Grupos 1 e 2 apresentaram resultados semelhantes, sendo que em Autocuidado e Desenvolvimento Motor, o Grupo 2 foi melhor, em Socialização o resultado foi o mesmo, e em Linguagem e Cognição o Grupo 1 teve escores superiores. Contudo, também não houve diferença estatisticamente significativa entre eles. Portanto, em desacordo com várias pesquisas, os resultados apontam diferenças mínimas e não significativas estatisticamente entre o desenvolvimento de bebês filhos de mães no início da adolescência, ao final da mesma, e mães jovens adultas. Se confirmado por pesquisas envolvendo um número maior de participantes, os dados sugerem uma desmistificação quanto à idade materna, no caso da mãe adolescente, como um fator de risco para o desenvolvimento infantil inicial, independente de sua faixa etária (adolescentes com até 16 anos completos, entre 17 e 18 anos, ou jovens com idade entre 20 e 25 anos).

Desenvolvimento infantil, Inventário Portage Operacionalizado, maternidade na adolescência.

FUNDUNESP

DES

INDICADORES DE MAUS TRATOS INFANTIS EM CRIANÇAS EM INÍCIO DE ESCOLARIZAÇÃO E PRESENÇA DE PROBLEMAS DESENVOLVIMENTAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL. **Vanessa Ruiz Vaz Gomez; Marina Rezende Bazon (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP).*

Os maus-tratos infantis têm sido tema de muitos estudos no meio científico nacional e internacional devido, principalmente, às descobertas dos danos desenvolvimentais que podem produzir, afetando a vida das vítimas a curto e longo prazo. Dentro disso, a presente pesquisa pretende caracterizar uma amostra de crianças em fase inicial de escolarização quanto à presença de indicadores de maus-tratos infantis e quanto à presença de problemas emocionais e comportamentais, buscando verificar a associação entre as variáveis. O estudo está sendo desenvolvido em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Ribeirão Preto-SP. A amostra é de conveniência, composta por todas as crianças frequentando o 1º ano (n=40) cujos pais/responsáveis, consultados por intermédio do envio de um Termo de Consentimento, autorizaram sua participação, e seus respectivos professores (n=2). Com relação aos instrumentos, emprega-se o Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (IFVD), que visa identificar crianças/adolescentes, de 6 a 16 anos, com maior probabilidade de estarem sendo vitimizadas, por meio da sondagem de indicadores relacionadas aos transtornos que os maus tratos podem gerar, considerando aspectos emocionais, cognitivos, sociais e físicos e o Teacher's Report Form (TRF), aplicado junto aos professores, o qual avalia crianças/adolescentes de 6 a 18 anos, no tocante ao desempenho escolar e problemas de emocionais e de comportamento. Os dados obtidos estão sendo corrigidos segundo as normas técnicas dos instrumentos e serão analisados por meio de estatística descritiva e inferencial.A coleta de dados acontece no contexto da própria escola, com a aplicação do IFVD individualmente, em sala cedida pela direção. Quanto ao TRF, esse tem sido respondido pelos professores autonomamente, em suas residências, devendo-se considerar que esses até o momento responderam ao instrumento referente a somente 10 das 40 crianças. Os resultados descritivos, preliminares, indicam que a pontuação média das crianças que responderam ao IFVD, até momento, é de 17,82, o que coloca o grupo fora da faixa de risco que o instrumento propõe. Porém, merece destaque que 12 das 40 crianças obtiveram escore superior ao que o instrumento preconiza que é necessário haver para considerar uma suspeita de maus tratos, o que corresponde a 30% da amostra. Esse subgrupo especificamente, segundo o TRF, apresentaria, em sua maioria, pontuações em nível clínico no total de problemas. Mesmo considerando que a amostra de crianças investigadas tenha sido composta por conveniência, tendo por base a devolução do Termo de Consentimento assinado por pais/responsáveis, o que gere um viés significativo, pode-se afirmar, com base nos resultados que se encontrou uma proporção alta de crianças apresentando indicadores de maus tratos infantis. No que se refere aos professores, deve-se frisar que a adesão dos mesmos ao estudo representa a maior dificuldade à sua implementação, visto que esses se mostram muito resistentes à participação. De todo modo, o material indica a importância da identificação e a intervenção precoce no problema dos maus-tratos, considerando a forte associação do mesmo ao desenvolvimento de problemas na infância.

Maus-tratos infantis, Violência Doméstica, Desenvolvimento Infantil, Consequências.

RUSP

DES

INDICADORES EMOCIONAIS DE ANSIEDADE E ESTRESSE EM MÃES DE BEBÊS AOS DOZE MESES DE IDADE. *Mariana Biffi; Sária Cristina Nogueira; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (UNESP/ Campus Bauru)*

O objetivo desse projeto foi identificar e descrever os níveis de ansiedade-estado e estresse em mães de bebês de doze de idade associando-os a variáveis maternas (idade, escolaridade, tipo de família e número de filhos). Participaram do projeto 21 mães com idade entre 16 e 41 anos (Média=26,95; MED=27; DP=7,09). Em relação à escolaridade, 14 (66,66%) das mães possuíam pelo menos Ensino Médio completo, quanto ao tipo de família, prevaleceu a família nuclear (76,19%), sendo que 61,9% tinham apenas um filho. Todas as participantes freqüentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês de risco: avaliação e orientação" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família. No décimo segundo mês, as mães foram convidadas a responderem o IDATE e o ISSL, sendo a participação voluntária. O IDATE é um instrumento que avalia as variáveis traço e estado de ansiedade, o percentil entre 0 e 24 foi considerado como baixa ansiedade, 25 e 49, ansiedade controlada abaixo da média, 50 e 74, controlada acima da média e acima de 75, alta ansiedade, sendo os dois últimos, considerados como indicadores emocionais em nível clínico. Já o ISSL é um instrumento que avalia a ocorrência do estresse, a fase em que esse se encontra e identifica se os sintomas são predominantemente físicos ou psicológicos. Os resultados mostraram que em relação à ansiedade-estado, seis (28,57%) das participantes apresentaram alta ansiedade, nove (42,85%) ansiedade controlada acima da média, três (14,28%) ansiedade controlada abaixo da média e três (14,28%), baixa ansiedade. Identificou-se a presença de ansiedade-estado em nível clínico em mães com menos de 30 anos (73,33%), que possuem ao menos o Ensino Médio completo (73,33%), que vivem famílias nucleares (80%) e que tem um filho (60%). Em relação ao estresse, 13 (61,90%) das participantes apresentaram esse indicador emocional, sendo que dessas, 10 estavam na fase de resistência e três na de exaustão, sendo os sintomas psicológicos predominantes (61,53%). Observou-se a presença de tal indicador emocional em mães que possuem boa escolaridade (53,84%), menos de 30 anos (84,61%), que vivem famílias nucleares (76,92%) e possuem apenas um filho (69,23%), mesmas características observadas na análise da variável ansiedade-estado. Verificou-se que 92,3% das mães que apresentaram estresse também apresentaram ansiedade-estado em nível clínico, o que pode indicar uma correlação entre esses dois indicadores emocionais. Os resultados corroboram achados anteriores e evidenciam a necessidade de atenção às mães de bebês e de intervenções que diminuam o nível de ansiedade e estresse.

Estresse, ansiedade e mães de bebês.

FAPESP

DES

INFLUÊNCIA DE UM PROGRAMA DE DANÇA NOS ASPECTOS BIOPSICOSSOCIAS DOS IDOSOS. *Gleice Branco Silva, Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu)*

Objetivou-se analisar e comparar a qualidade de vida de idosos de ambos os gêneros e a influência de um programa de dança nos domínios físico, psicológico, social e ambiental. Trata-se de um estudo de análise quali-quantitativo de delineamento quase experimental, do qual participaram 22 idosos de ambos os gêneros, com 60 anos ou mais, não praticantes regulares de atividades físicas sistematizadas, moradores do Alto Tietê, localizado no município de Ferraz de Vasconcelos, estado de São Paulo. As inscrições para o programa de dança, proposta desta pesquisa, foi realizada no Sindicato dos Metalúrgicos de Ferraz de Vasconcelos. As inscrições foram voluntárias e já no seu ato os participantes foram selecionados por meio de entrevista, preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e preenchimento de um questionário sócio-demográfico para descrição do perfil da população estudada. Para avaliar a percepção subjetiva da qualidade de vida, utilizou-se o World Health Organization Quality of Life Questionnaire (WHOQOL-BREF), que consiste em 26 questões extraídas do WHOQOL-100, composto por quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente e o WHOQOL-old, composto em 24 questões que complementam o WHOQOL-bref para aplicação em idosos. Para a organização e tabulação dos dados, foi utilizado o programa Microsoft Excell for Windows, versão 2003, e, para a análise estatística, o software Statistical Package of Social Sciense (SPSS), versão 12.0. Aplicou-se os testes não paramétricos de Correlação de Spearman bem como também o teste Qui quadrado para verificar se houve significância estatística. Em todas as análises, adotou-se nível de significância de $p<0,05$. O procedimento realizado nesta pesquisa foi envolvido pela aplicação dos instrumentos citados, antes e após o período das aulas de dança. A amostra estudada foi constituída, predominantemente, por idosos com idade média de 66,45, sendo 50% do gênero masculino e 50% do gênero feminino. Observou-se maior freqüência de idosos com Ensino Fundamental Incompleto (50%), religião católica (81,82%), casados (90,91%), todos residência própria, com renda familiar de 1 à 3 salários mínimos mensais, de origem brancos, aposentados e a doença de maior destaque foi a hipertensão arterial (41,67%), seguida de Diabetes (29,17%). O nível de atividade física "Ativo" prevaleceu no total da amostra ainda que as respostas obtidas caracterizam o perfil da população estudada como não praticantes de nenhuma outra atividade física sistematizada e todos os participantes nunca terem praticado aulas de dança. Conclui-se que a dança apresentou melhora nos escores do Whoqol-Bref nos domínios Físico, Psicológico, Social e Ambiental em ambos os gêneros. Houve também melhora nos escores do Whoqol Old nas facetas "Intimidade", "Morte e Morrer", "Participação Social", "Atividades Passadas, Pressentes e Futuras", "Autonomia" e "Funcionamento do Sensório" pré e pós-intervenção da dança em ambos os gêneros, que apresentou valor alto do escore total. Estudos posteriores poderão utilizar os dados obtidos nesta pesquisa para outras investigações que sejam sugeridas pelos achados deste estudo.

Idoso, Qualidade de Vida, Ritmo, Envelhecimento.

DES

INTERAÇÕES FRATERNAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: O ESTADO DA ARTE. *Bruna Rocha de Almeida, Nara Liana Pereira Silva (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

A relação fraternal é uma das mais duradouras na vida dos indivíduos. Com os irmãos se aprende a compartilhar e expressar sentimentos, vivenciar experiências de companheirismo, lealdade e rivalidade. As relações fraternais podem contribuir para a aquisição de competências sociais e cognitivas que são importantes para o desenvolvimento do indivíduo. Ter um(a) irmão(ã) com deficiência intelectual pode ter consequências na rotina de vida dos irmãos com desenvolvimento típico, os quais, às vezes, se ocupam em atividades de cuidado do irmão com deficiência. A literatura aponta que o irmão com desenvolvimento típico tende a apresentar comportamentos de liderança e supervisão, assumindo papel de dirigente nas relações fraternais. A maioria dos estudos existentes dedicam-se a investigar aspectos do ajustamento dos irmãos com desenvolvimento típico aos irmãos com deficiência, questões sobre o autoconceito, o estresse e estratégias de enfrentamento utilizadas pelos irmãos, em detrimento da identificação da natureza e qualidade das interações entre irmãos. O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção científica na área de família e deficiência, especificamente as relações fraternais, focalizando o tipo de trabalho publicado, o tamanho da amostra e as técnicas empregadas para coleta de dados. Foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados BVS, Lilacs, PsyINFO e Pepsic e nos principais periódicos nacionais e internacionais. Foram identificados 11 artigos diretamente relacionados ao tema, publicados entre 1987 e 2010. Destes, cinco são trabalhos nacionais e seis são internacionais. Houve maior frequência de artigos empíricos (n=9) e, apenas, dois teóricos. O tamanho da amostra utilizada nos estudos empíricos variou entre duas e 40 famílias, sendo que 33,33% utilizaram entre 1-10 participantes, 22,22% entre 11-30, e 44,44% entre 31-40 participantes. Pessoas com o diagnóstico de síndrome de Down foram selecionadas como participantes na maioria dos estudos (n=8) e em cinco deles a amostra foi constituída apenas por pessoas com essa síndrome. No que se refere às técnicas/instrumentos de coleta de dados, a observação do comportamento foi a mais frequentemente utilizada (n=8), seja como única técnica de coleta (n=4), seja em combinação com outras técnicas, tais como entrevista, questionário, inventários e/ou formulários. Apenas um estudo utilizou a entrevista semi-estruturada com o irmão sem deficiência como único instrumento de coleta da interação. Os resultados mostram que há necessidade de se estudar as famílias de crianças com deficiência intelectual, focalizando as interações e relações entre irmãos, mas também aquelas desenvolvidas entre os diferentes subsistemas familiares e, também, a importância de se adotar a teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner para o desenvolvimento de projetos de pesquisa nessa área do conhecimento. Sugere-se a implementação de estudos com maior número de participantes, utilizando abordagem multimetodológica.

Palavras-chave: relações fraternais, deficiência intelectual, família.

DES

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA COM IDOSOS: ESTUDO DE CASO. *Sueli dos Santos Vitorino**, Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).*

Conhecendo a realidade mundial em que a população idosa tem aumentado e ampliado a necessidade de estudos que viabilizem o bem-estar psicológico nessa faixa etária este trabalho teve como objetivo geral descrever os ganhos psicológicos de um grupo de idosos, objetivamente verificou-se as mudanças ocorridas pré e pós-intervenção psicológica. O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu sob o protocolo nº 095/2010. Após assinatura do TCLE, foi feita a coleta de dados pré e após 12 sessões de intervenção em grupo, sempre pela mesma pesquisadora. Para tanto foi utilizado: entrevista individual semidirigidae questionário de qualidade de vida Whoqol-old (World Health Organization Quality of Life Questionnaire-old). Os participantes que concluíram o estudo (n=11), eram fisicamente ativos, (oriundos de um programa de atividade física de uma universidade particular de São Paulo), tinham idade entre 61 e 76 anos, sendo a média de 66,27 (± 4,43 anos). Somente um participante não era aposentado e trabalhava em casa como autônomo. Os encontros ocorreram uma vez por semana, no mesmo dia e horário, com duração de 90 minutos. Para apresentar qualitativamente o processo interventivo foi escolhido um caso para estudo que será ancorado pelos resultados quantitativos de um dos instrumentos utilizados o WHOQOL-old que avalia a Qualidade de vida geral e detalhada. A participante 1 (P1), mulher, 62 anos, sem relacionamento amoroso, aposentada, com ensino médio completo, vive com uma filha solteira, em casa própria, religiosa, praticante de atividade física, esteve presente em 10 das 12 sessões, algumas vezes atrasou-se e falou pouco em outras teve forte participação, ao final da intervenção, relatou ganhos psicológicos tendo exemplificado tais ganhos com situações concretas e, ainda, solicitou encaminhamento para continuidade de atendimento o que foi interpretado como uma demonstração de motivação. Na análise das respostas quantitativas ao Whoqol-old foi percebido ganho psicológico uma vez que houve melhora da pontuação nas facetas (F) Presente Passado e Futuro (F3) e Intimidade (F6) aspectos que ela mais enfocou durante sua participação. A diminuição de pontuação na Qualidade de Vida (Índice Geral), Funcionamento Sensorial (F1), Autonomia (F2) e Morte e Morrer (F5) pode ter sofrido influência de suas ausências ou rigidez. Já a pontuação da Participação Social (F4) se manteve. Esses resultados estão coerentes com os resultados gerais deste trabalho. Este estudo apresenta limitações que impedem a generalização dos dados devido à quantidade de idosos participantes da intervenção (n= 11) e a complexidade da temática e das variáveis envolvidas que não permitiram afirmar com precisão a eficácia da intervenção psicológica na qualidade de vida dos idosos, porém os resultados revelam, principalmente os qualitativos, que os encontros foram positivos, porque permitiu uma maior reflexão sobre aspectos da vida dos participantes. Dessa forma, conclui-se reafirmando ser essencial que sejam realizadas outras pesquisas sobre intervenção psicológicas com idosos, pois há uma lacuna na área da Psicologia no que se refere às pesquisas que envolvam intervenções psicológicas para promoção de bem-estar e de qualidade de vida dos idosos.

Envelhecimento; Velhice; Terceira idade; Gerontologia

Universidade São Judas Tadeu

DES

INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS E ENVELHECIMENTO NA BASE DE DADOS PSYCINFO (2009 - 2011). *Sueli dos Santos Vitorino**, Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).*

O crescimento mundial da população idosa tem aumentado a necessidade de estudos que viabilizem o bem-estar psicológico nessa faixa etária. Este trabalho teve como objetivo geral levantar as publicações internacionais sobre intervenção psicológica enfocando o envelhecimento. Foi definido como objetivo especifico verificar as seguintes variáveis: (1) quantidade de estudos publicados por ano, (2) tipo de estudo, (3) pesquisa com intervenção, (4) tipo de intervenção (individual ou em grupo), (5) área profissional e (6) resultados. Foi realizado um levantamento e análise dos artigos científicos publicados em periódicos indexado na base de dados PsycInfo, que é eletrônica e tem uma cobertura sistemática da literatura psicológica, com produções cadastradas a partir do ano 1800 até o presente. O acesso aos artigos é disponibilizado aos associados da Associação Americana de Psicologia (APA), às universidades e outras instituições que pagam pelo direito do uso da base. A análise dos artigos sobre intervenção psicológica com idosos foi realizada nos últimos três anos, de 2009 até 2011, e permitiu localizar 101 resumos de artigos publicados por meio das palavras-chave psychology intervention; elderly e aging. É importante esclarecer que 63 trabalhos publicados não foram considerados como pesquisas interventivas, embora na busca tenha sido utilizada a palavra-chave intervenção psicológica. Isto ocorreu porque 34 artigos eram de estudos do tipo transversal sem intervenção psicológica, oito pesquisas de revisão de literatura e 21 que não se aplicavam, porque tratavam de resumos publicados em outros suportes, tais como: anais de congresso, resenha, capítulo de livro ou apresentação de projeto. Dos 101 trabalhos capturados, foi observado que a quantidade de publicação por ano foi homogênea, próximo da média de 33 estudos por ano (χ2o=1,44; p<0.5); o tipo de estudo revelou o resultado significante de 70% de pesquisas (χ2o=64,23; p<0.0001) e sem diferença significante para os 38% das pesquisas com intervenção (χ2o=1,54; p<0.05). Do total de 101 trabalhos publicados, 38 artigos versavam sobre intervenção, sendo que 18 tratavam especificamente do tema de Intervenção Psicológica em grupo com idosos, os quais foram discutidos neste trabalho. Dos 18 artigos, seis foram publicados em 2009, nove em 2010 e três em 2011. Os artigos revelaram que as intervenções psicológicas em grupo (54%) é superior ao trabalho individual (35%; χ2o= 8,89; p<0.05) e têm estado fortemente ligadas a outras formas de intervenção como médica, física e educacional. Houve diferença significante quanto à área profissional (χ2o=10,94; p<0.01). Quanto à abordagem teórico-metodológica a mais usada foi a cognitiva-comportamental, sendo que em muitos estudos a linha teórica utilizada não foi citada. Os dados mostram ainda que as intervenções têm trazido resultados positivos aos usuários dos serviços (95%). Destaca-se que esta pesquisa tem limitações que impedem generalizações já que foi feita em apenas uma base de dados e considerando um curto período de tempo entre as publicações. Dessa forma, conclui-se que é fundamental que sejam realizadas outras pesquisas sobre intervenção psicológicas com idosos, pois há uma lacuna na área da Psicologia no que se refere às pesquisas que envolvam intervenções psicológicas para promover o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos.

Idoso; Gerontologia; Psicologia

Universidade São Judas Tadeu

DES

INVESTIMENTO PARENTAL DE MÃES SANTARENAS PARTICIPANTES DE UM PROGRAMA DE ACOMPANHAMENTO INFANTIL. *Bianca da Silva Medeiros*, Beatriz Martins Moura*, Iani Dias Lauer-Leite (Universidade Federal do Oeste do Pará)*

O investimento parental é entendido na literatura em Desenvolvimento como o cuidado dispensado a criança, seja de forma material ou afetiva. Tal investimento existe de diferentes maneiras e está relacionado à cultura. Nos estudos já realizados também foram encontradas correlações entre os tipos de investimento parental e variáveis como escolaridade e idade dos cuidadores. Este trabalho objetivou averiguar os tipos de investimento parental de mães de bebês na faixa etária de 0 a 3 anos, participantes de um programa de acompanhamento da saúde infantil, na cidade de Santarém – PA. Participaram 80 mães. Os dados foram coletados mediante questionário sociodemográfico e o Questionário de Investimento Parental, validado no Brasil e composto por três fatores: 1) Estimulação, 2) Apresentação Adequada e 3) Responsividade e Vínculo. A coleta ocorreu no espaço de atendimento às mães participantes do Programa. Os dados foram analisados através do Programa SPSS v.8.0. Quanto aos dados sóciodemográficos, a idade média das participantes foi de 29,12 anos (D.P=6,58), sendo a idade mínima de 16 anos e a máxima de 46 anos, e em sua maioria casadas. A renda variou de R$ 300,00 a R$ 5.200,00, (M=1.446,42, D.P.=1.060,81). Quanto à escolaridade, 7,5% cursaram até o Ensino Básico, 63,8% cursaram até o Ensino Médio e 28,8% cursaram até o Ensino Superior. Alem disso, 60% das mães não possuem atuação profissional, tem entre 1 e 5 filhos com idade média de 12 meses que, em 95% dos casos não frequentam creche ou qualquer outra instituição e, portanto, tem na mãe e demais membros da família os seus cuidadores. Quanto ao investimento parental, a maior média foi no fator Apresentação Adequada (M=5,11, DP=0,38). Este fator refere-se à prioridade dada a atividades que incentivem a "boa educação" devido à preocupação com a maneira com a qual tais crianças iram se comportar, portar em determinados momentos, como a utilização de palavras de boas maneiras ou a intervenção em momentos de conflitos com outras crianças. O segundo fator com média mais alta foi Estimulação (M=4,61, DP=0,29) e está relacionado aos incentivos que são feitos ao infante, através de investimento parental. Por último o fator Responsabilidade e Vínculo (M=3,63, DP=0,76) relacionam-se a estreita relação entre mãe e filho e, a valorização dessa relação por delas. A idade das mesmas, correlacionou-se positivamente com o fator Estimulação (0,230, $p<0,05$), indicando que quanto maior a idade das mães, maior a preocupação dessas em fornecer estímulos associados ao desenvolvimento, como o contato com outras crianças, culturas e manipulação de diferentes objetos, dentre outros. Não foram encontradas correlações entre as variáveis sóciodemográficas e os fatores Apresentação Adequada e Responsividade e Vínculo. Mediante teste T observou-se que não foram encontradas diferenças significativas nas médias dos fatores para as variáveis freqüência à creche e atuação profissional das mães. As diferenças nas médias para as variáveis cuidadores das crianças e escolaridade foram avaliadas mediante o teste ANOVA e não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Sendo assim, o intento do trabalho é verificar o estilo de investimento parental que é realizado por mães moradoras de áreas urbanas.

Investimento parental, estimulação e desenvolvimento

PIBIC

DES

LEITURA INTERATIVA E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO INFANTIL: AVALIANDO EFEITOS DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO.

*Nathalie Nehmy Ribeiro**, Marisa Cosenza Rodrigues (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

O desenvolvimento sociocognitivo constitui um dos facilitadores da adaptação infantil ao mundo social. Sua estimulação requer um conjunto de habilidades, destacando-se, dentre elas, a teoria da mente definida como o entendimento que a criança desenvolve acerca das emoções, intenções e pensamentos próprios e alheios. Pesquisas recentes evidenciam a importância da linguagem mental e a leitura interativa de livros de histórias como promotoras desta linguagem, bem como suas implicações no desenvolvimento infantil. A presente pesquisa-intervenção objetivou implementar um programa dirigido à promoção da linguagem referente aos estados mentais em alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola pública federal, por meio da leitura dos livros de histórias e avaliar seu impacto indireto sobre a compreensão das emoções e as habilidades sociais infantis. Participaram 70 crianças, com média de 6 anos de idade, divididas em dois grupos: GI- grupo de intervenção composto por 37 crianças e GC- grupo de comparação, composto por 33 crianças não participantes. Após procedimentos éticos, iniciou-se individualmente a pré-avaliação em duas etapas: aplicou-se o Teste de Inteligência Emocional para Crianças e a Escala de Auto-avaliação das Habilidades Sociais. Após a pré-avaliação, iniciou-se a implementação do programa junto ao GI mediante 10 encontros semanais, realizando-se, em seguida, a pós-avaliação que utilizou os mesmos instrumentos e a implementação do programa junto ao GC. Para análise dos dados utilizou-se a prova paramétrica análise de variância por dois fatores, uma vez que a distribuição obedeceu aos critérios de normalidade. A partir das médias do escore total do Teste de Inteligência Emocional verificou-se uma interação entre as variáveis tempo e tratamento ($p < 0,001$), o que significa que com o passar do tempo e por meio da intervenção os grupos se diferenciaram. Ao examinar se cada grupo se diferenciou significativamente nos dois momentos de avaliação, encontrou-se um valor de $p = 0,003$ e quanto à avaliação do tratamento evidenciou-se que o GI obteve escores maiores que o GC ($p < 0,001$). Ao realizar a comparação entre as médias do escore geral da Escala de Auto-avaliação das Habilidades Sociais não foi encontrada uma interação entre as variáveis tempo e tratamento ($p = 0,567$), devido a diferença existente entre as médias dos dois grupos já na pré-avaliação. Apesar da não interação, verificou-se uma diferença significativa quanto ao tempo avaliativo ($p < 0,001$) de cada grupo e ao tratamento dado aos dois grupos quando comparados entre si ($p = 0,009$). Conclui-se que o programa implementado, por meio da leitura interativa, contribuiu para a promoção da compreensão emocional infantil. Os resultados reforçam a hipótese da relação entre linguagem, teoria da mente e habilidades socioafetivas e destacam a relevância da utilização da literatura infantil como promotora de aspectos sociocognitivos.

Linguagem mental; livros de histórias; pesquisa-intervenção.

CAPES

DES

LEVANTAMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR EM INTERAÇÃO COM A CRIANÇA EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *Keilla Rebeka Simões de Oliveira*, Fabíola de Sousa Braz Aquino**, Clara Raíssa Fernandes de Melo* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)*

O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil tem sido destacado em uma série de estudos e pesquisas no campo do desenvolvimento e da aprendizagem. É, desse modo, um tipo de atividade social infantil, na qual, as crianças pensam e experimentam situações tanto novas, como do seu cotidiano. O adulto tem um papel essencial na mediação dos significados e usos socioculturais dos brinquedos, favorecendo momentos nos quais as crianças se apropriam gradativamente de formas simbólicas e culturais de manuseio dos objetos. Neste sentido, o presente trabalho objetivou conhecer os estilos de participação do adulto/educador(a) durante situações de brincadeira livre, com crianças na faixa etária de 1 a 3 anos. Foram realizadas três observações, em três instituições de educação infantil, em cada uma das idades. Os dados coletados foram analisados qualitativamente através da descrição o mais minuciosa possível das interações das crianças com as educadoras. Nesse estudo buscou-se identificar se as docentes iniciavam ou davam continuidade a brincadeira das crianças, se a interação era meramente verbal ou se utilizava o brinquedo, e se os episódios de brincadeira entre educador e criança(s) evidenciavam aspectos positivos como trocas faciais, sorrisos e trocas de olhares, além das possíveis variações da participação dos educadores nas interações em cada grupo de idade. Os resultados demonstraram que no grupo de crianças de um ano, o brincar sempre foi iniciado pelas educadoras e apareceu acompanhado da mediação linguística. Porém, essa linguagem se caracterizou pelo uso de diretivos de instrução (ex. coloque essa pecinha aqui). No grupo das crianças de dois anos as educadoras interagiram menos e, na maioria das vezes, apenas quando solicitada pela criança. No grupo de crianças de três anos, a educadora também deu continuidade a brincadeira já iniciada pela criança, e se utilizou da linguagem para dialogar com a criança acerca da brincadeira já iniciada. As educadoras interagiram com maior freqüência (15 episódios) nas observações do grupo das crianças de um ano. Já no grupo das crianças de dois anos, interagiram com as crianças em 6 episódios, e no terceiro grupo, essa presença foi reduzida para 5 episódios. Diante do exposto, pode-se observar que as educadoras interagiram de forma diferente em função da idade das crianças, dos contextos específicos de brincadeira e do brincar, e de suas concepções acerca de seu papel junto às crianças na creche. O tipo de interação do educador com a criança, por vezes alheio às brincadeiras ou à proposição de situações lúdicas dirigidas à criança pode estar relacionado com o contexto de brincadeira livre. Isto porque, os profissionais parecem entender as situações de brincadeira como algo espontâneo da criança e que não exige sua participação. Esses resultados sugerem a necessidade de intervenções do(a) psicólogo(a) escolar, favorecendo a circulação de concepções e práticas que ressaltem o papel dos docentes em espaços de educação infantil, a diversidade de ações que podem ser produzidas a partir do ato de brincar em contextos coletivos, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento global infantil.

Brincadeira livre; desenvolvimento infantil; psicologia escolar-educacional.

Programa Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC/CNPq/UFPB

DES

O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA CULTURA DIGITAL. *Maristela Rossato (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Brasília, DF)*

O uso das ferramentas/instrumentos (tecnológicos) transforma a cultura e, ao mesmo tempo, interfere nos processos humanos. O objetivo da pesquisa foi identificar elementos de como a cultura digital tem impactado no desenvolvimento humano. Partimos do pressuposto de que a cultura é capaz de originar formas específicas de conduta, modificar a atividade de funções psíquicas e edificar novos níveis de comportamento humano, pois estamos diante de uma nova cultura – digital – que começa a dar sinais de impactos profundos no comportamento humano, gerando novas formas de aprender, de agir e de se relacionar com o outro. A presença dos novos instrumentos culturais produz novas formas de organização da vida social que, ao serem incorporados, produzem também mudanças nos próprios instrumentos pelas novas necessidades que vão sendo produzidas. Esse olhar prospectivo que possibilita, por meio do uso do instrumento, gerar novas necessidades sobre o próprio instrumento é, sem dúvida, uma ação tipicamente humana, resultado dos usos sociais e culturais de seus instrumentos. Na perspectiva da Psicologia, somente um olhar que dimensione os processos histórico-culturais pode dar conta de produzir alguma inteligibilidade sobre desenvolvimento humano na cultura digital. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada com dez jovens universitários que se identificaram como usuários em grande potencial das tecnologias da comunicação e informação. Foi utilizado um instrumento denominado completamento de frases. Trata-se de um formulário composto por oitenta frases indutoras de informações objetivas e expressões da subjetividade dos participantes indicadoras dos modos de ser, de aprender, de fazer e de conviver dos nativos digitais. Os resultados demonstraram que as tecnologias tem se caracterizado como um novo sistema simbólico. A produção simbólica decorrente desse encontro de culturas – tradicional e contemporânea – é base para a emocionalidade do sujeito na produção dos sentidos subjetivos, que organizados e influenciados pelo sistema de configurações subjetivas e pela condição de sujeito, vão caracterizar a subjetividade individual. A constituição do sujeito se dá pela forma como este vai entrando na vida social, socializando suas diferenças e confrontando-se com sua individualidade, as quais passam a ser elementos de sentido da subjetividade social, gerando momentos de transformação no funcionamento anterior do sistema. A distinção entre o que é virtual e o que é real fazem parte da vida dos nativos digitais. Faz parte da vida dos nativos digitais circular entre dois mundos que ora se aproximam, ora de distanciam, ora até se confundem, mas sem haver uma fusão entre eles. O consciente discernimento entre o real e virtual é uma condição do sujeito da era da tecnologia.

Palavras-Chave: Desenvolvimento humano; Nativos digitais; Sujeito.

DES

O FENÓTIPO AMPLO DO AUTISMO EM PAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Renata Giuliani Endres, Simone Steyer Lampert, Kátia Carvalho do Amaral, Maira Ainhoren Meimes, Cleonice Alves Bosa (Nieped – Universidade Federal de Porto alegre, RS)*

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um comprometimento significativo da denominada "tríade diagnóstica", marcada por dificuldades nas áreas de interação social recíproca, linguagem e comunicação, e pela presença de comportamentos estereotipados e repetitivos. Nas últimas décadas, os estudos na área dos transtornos do desenvolvimento têm se ampliado através da investigação das possíveis causas genéticas do TEA. Estudos com gêmeos e familiares são consistentes em demonstrar que o TEA possui uma herdabilidade global de cerca de 90%. Apesar de não preencherem os critérios para o diagnóstico clínico, os familiares de indivíduos com esta condição expressam formas fenotípicas mais leves da mesma, denominadas fenótipo amplo do autismo (FAA), tais como comprometimentos relacionados à sociabilidade, à comunicação e à presença de um repertório restrito de interesses e atividades. Outro aspecto é que os homens tendem a apresentar mais traços de TEA do que as mulheres. O exame transcultural acerca destas questões podem contribuir para a ampliação do conhecimento neste campo, uma vez que a maioria dos estudos são europeus ou americanos. Dessa forma, este estudo buscou investigar o perfil de personalidade dos genitores de crianças com e sem o diagnóstico de TEA, através de um estudo de caso-controle. Esperou-se que (a) os pais e as mães das crianças com TEA apresentassem traços de personalidade caracterizados por maior retraimento social, rigidez comportamental, perfeccionismo e organizaçao, do que os genitores das crianças sem este transtorno; (b) ocorressem diferenças de sexo, a partir dos achados da literatura. Participaram do estudo dez pais e dez mães de crianças que apresentam o TEA (grupo 1) e um grupo de 20 genitores (dez pais e dez mães) de crianças com desenvolvimento típico (grupo 2), equiparados ao grupo 1 em relação à idade, sexo e escolaridade. Os instrumentos utilizados foram os seguintes: Ficha de Dados Sociodemográficos e de Desenvolvimento; Autism Diagnostic Interview (ADI-R); Protocolo de Observação para Crianças com Suspeita de Transtornos do Espectro Autista – PROTOCS-TEA; Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.); Matrizes Progressivas de Raven – Escala Geral; Broder Autism Phenotype Questionnaire (BAPQ); e Bateria Fatorial de Personalidade (BFP). O processo de avaliação foi conduzido em três etapas: etapa1: envio por correio da ficha de dados sociodemográficos aos participantes da pesquisa, a qual retornou respondida na primeira sessão de avaliação com os mesmos; etapa 2) administração do M.I.N.I., Matrizes de Raven, BAPQ e BFP nos pais; etapa 3) a) administração do instrumento ADI-R a um dos pais e b) observação da criança com base no PROTOCS. Os dados foram analisados com base em estatística descritiva e inferencial, sendo que os dados sociodemográficos foram utilizados na caracterização dos participantes. Foram conduzidas análises separadas para pais e mães de ambos os grupos. Os resultados do estudo serão apresentados de forma preliminar.

Fenótipo Amplo do Autismo, pais, personalidade.

CAPES/REUNI

DES

O REPARTIR EM CRIANÇAS: A INFLUÊNCIA DOS IRMÃOS EM QUATRO CONTEXTOS. *Angela Donato Oliva; Fábio Victor*; Taís de Brito Barbosa*; Nathalia Wapke Gomes Pereira*; Débora Aguiar Soares da Cunha**; Livia Gomes Viana Meireles**; Camila Menkes**; Cristina Fatima Gomes Barroso Pereira**; Gabriela Fernandes Castanheira** e José Augusto Evangelho Hernandez (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).*

Propriedade e partilha são termos fundamentais para se entender como os seres humanos estabelecem estruturas sociais coesas e que visam um benefício coletivo, dessa forma a propriedade vem sendo estudada e caracterizada como o elemento constitutivo e fundamental para as trocas sociais, desde as comunidades mais simples e primitivas até o complexo contexto urbano. Através da visão evolucionista e das pesquisas em desenvolvimento infantil buscou-se compreender que fatores influenciam a emergência do Sentido de Propriedade, um construto que descreve como cada criança, dentro de seus respectivos padrões culturais, desenvolve a capacidade de lidar e reivindicar a posse. Soma-se a isso a influência do contexto familiar nos primeiros anos de vida e a presença ou não de irmãos como fatores importantes para a compreensão do compartilhar. Como parte de uma pesquisa maior ligada ao sentido de propriedade e ao investimento parental, o objetivo deste trabalho é investigar se ter irmãos alteraria o tipo de resposta das crianças em quatro diferentes contextos envolvendo o desenvolvimento do sentido de propriedade das crianças. Participaram deste estudo 51 crianças entre três e sete anos de duas escolas públicas localizadas no centro da cidade do Rio de Janeiro. A renda média das famílias dessas crianças era de dois a quatro salários. As crianças foram testadas individualmente e o procedimento consistia em contar histórias, nas quais dois bonecos disputavam a posse de um brinquedo que podia ser dividido em duas metades. Ao todo eram contadas quatro histórias semelhantes na estrutura, mas com contextos diferentes. Foram utilizados nas contagens quatro pares de bonecos e um brinquedo divisível (tipo lego) disputado por dois bonecos iguais. As condições eram: um dos bonecos criava o brinquedo; um dos bonecos via primeiro o brinquedo; um dos bonecos morava perto do brinquedo; um dos bonecos era rico e o outro era pobre. Os dados foram analisados por intermédio do teste não-paramétrico Qui-Quadrado. Considerando $p<0,05$, os resultados não indicaram diferença significativa nas respostas de repartir o brinquedo entre os bonecos por parte das crianças em nenhum dos contextos. O mesmo foi feito com a variável ter irmãos. Nessa análise também não foram encontradas diferenças significativas nas respostas das crianças (com ou sem irmãos) de repartir o brinquedo entre os dois bonecos que brigavam. Para amostra desse estudo, o dividir um brinquedo entre dois bonecos que brigam por ele, ao que parece, pode estar mais relacionado ao contexto das histórias e não com o fato de a criança possuir ou não irmãos. De qualquer forma, sugere-se a realização de novos estudos com um maior número de participantes e provenientes de diferentes localidades.

Metas de socialização, sentido de propriedade, irmãos.

PIBIC-CNPQ / PIBIC-UERJ

DES

OPINIÕES SOBRE MATERNIDADE EM ADOLESCENTES GRÁVIDAS E NÃO-GRÁVIDAS. *Naiana Dapieve Patias (Mestre em Psicologia Universidade Federal de Santa Maria; Doutorando em Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)*

Ser mãe é um papel valorizado socialmente, que pode se constituir em uma escolha possível e viável para jovens que buscam reconhecimento pessoal em contextos nos quais existem poucas opções de ascensão social. Em contextos socioeconômicos desfavorecidos, a maternidade associada à união consensual ou ao casamento se apresenta como um projeto esperado e valorizado socialmente. Esse estudo teve como objetivo comparar as opiniões sobre maternidade de adolescentes grávidas e não grávidas, que frequentavam Unidades Básicas de Saúde e escolas públicas em uma cidade do interior do RS, Brasil. Parte-se do pressuposto que adolescentes gestantes apresentam uma visão mais positiva e favorável à maternidade que adolescentes não gestantes. Esse estudo foi realizado com 50 adolescentes grávidas primíparas com idades entre 13 a 19 anos (M= 17; dp= 1,77) e com 50 adolescentes não grávidas com idades entre 13 e 19 anos (M= 16; dp= 1,75). Foram aplicados questionários que avaliavam as opiniões das adolescentes sobre maternidade. Foram observadas diferenças estaticamente significativas ($p<0,05$) em nove das onze afirmações investigadas. Apenas as frases "uma criança me dará todo o amor que preciso" e "ser mãe me proporciona maior aceitação da sociedade" não apresentaram diferenças estatísticas significativas entre os grupos. Das nove afirmações que possuem diferenças estatisticamente significativas, em oito delas, as gestantes concordam mais que as adolescentes não gestantes, são elas: "eu acredito que ter um filho mudará minha vida para melhor", "acho que ser mãe me tornará uma pessoa importante", "com a maternidade me sinto mais independente de meus pais", "a maternidade é o sonho de toda mulher", "um filho me dá mais motivo para batalhar pelas minhas coisas", "por ter um (a) filho(a) nunca mais ficarei sozinha na vida", "não penso em trabalhar, pois pretendo me dedicar totalmente ao meu filho(a)" e "ser mãe me proporcionará novas oportunidades na vida". Já na frase "a vida será mais difícil para mim com a chegada do bebê" obteve-se um maior grau de discordância das gestantes quando comparamos às adolescentes não gestantes, o que pode indicar que as mesmas não apresentam expectativas negativas face à ocorrência da maternidade. Contudo, não é possível identificar se essas expectativas estavam presentes antes ou após a ocorrência da gestação. Compreende-se que a opinião sobre a maternidade, principalmente quando positiva, pode ser um dos fatores que tornou as jovens gestantes da pesquisa mais vulneráveis a ocorrência da gravidez durante a adolescência. Em contextos de menores oportunidades ou mesmo dificuldades no processo de escolarização e profissionalização, a vulnerabilidade à gestação parece ser maior, devido a maior dificuldade de acesso e consolidação de outros projetos de vida. A partir disso, compreende-se que é importante que as políticas públicas voltadas à saúde dos adolescentes considerem esses diferentes aspectos sociais, históricos, econômicos e culturais em sua construção. Para serem efetivas, as políticas públicas devem ter como foco de trabalho não só os adolescentes, mas adultos que convivem com eles no contexto familiar, escolar, de lazer, etc.

Adolescência, gravidez, opiniões, maternidade, vulnerabilidade

FAPERGS, CNPq/ Bolsa CAPES/DS

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

OS GESTOS NA COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ: UM ESTUDO LONGITUDINAL. *Janaina Franciele Camargo, Nádia Maria Ribeiro Salomão(Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB)*

A concepção sociocultural do desenvolvimento destaca a importância das relações sociais, das atividades conjuntas e das relações de interação para o desenvolvimento infantil. Tal interação tende a ser bidirecional e recíproca, de forma que adulto e criança contribuem para sua construção de maneira dinâmica. Admitindo-se que os bebês já possuem um aparato para a interação desde o seu nascimento, as mães interpretam as ações da criança de acordo com os seus conhecimentos, concepções e expectativas acerca de seu bebê e do desenvolvimento em geral. Partindo-se do pressuposto de que o desenvolvimento da linguagem pode ser caracterizado como um continuum que se inicia na comunicação pré-linguística e chega à comunicação verbal, em um processo que ocorre por meio de interações sociais, o objetivo do presente trabalho consiste em analisar a comunicação entre mãe e bebê na fase pré-verbal da criança. Para tanto, será verificada a frequência com que o bebê utiliza diferentes categorias de gestos em cada período evolutivo observado, como cada membro da díade responde aos gestos apresentados pelo outro e como a mãe atribui significados aos gestos, sorrisos, choro e direção do olhar do bebê. Seis díades foram observadas aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê, duas vezes em cada período evolutivo, em sessões de brincadeira livre com duração de 20 minutos cada, dos quais foram transcritos 10 minutos. As trancrições das interações foram posteriormente categorizadas em (a) gestos comunicativos da mãe e do bebê, (b) comportamentos comunicativos iniciais do bebê, (c) atribuições maternas de significado. Os gestos comunicativos dos bebês e das mães foram subdivididos em gestos dêiticos (mostrar, oferecer, responder a uma solicitação, solicitar e apontar) e gestos representativos (segurar um telefone próximo à orelha, acenar "tchau", etc.). Os comportamentos comunicativos iniciais do bebê, como chorar, sorrir, vocalizar, dirigir o olhar a um objeto ou à mãe, dirigir a atenção da mãe por meio do olhar e seguir o olhar ou o apontar da mãe, também foram categorizados por consistirem em formas de comunicação não-verbal que a criança utiliza na interação com a mãe desde os primeiros meses de vida. As atribuições maternas de significado foram classificadas em atribuições de percepção, cognição, volição e disposição. Outros comportamentos maternos como direção do olhar, vocalizações e sorrisos também foram considerados. Resultados parciais obtidos a partir da análise de uma das díades demonstraram que o bebê passou a utilizar os gestos representativos apenas aos 12 meses, havendo um aumento do uso deste tipo de gesto pela mãe no mesmo período. Além disso, nos três períodos o choro, o sorriso e a vocalização foram os comportamentos comunicativos mais utilizados pelo bebê. Dentre as atribuições de significado utilizadas pela mãe, a atribuição de volição (querer, tentar, precisar) foi a mais frequente. Espera-se que após a conclusão das análises este trabalho possa contribuir para uma melhor compreensão das interações iniciais mãe-bebê, destacando-se o uso dos gestos.

Bolsa de mestrado financiada pela CAPES.

Palavras-chave: desenvolvimento linguístico, comunicação mãe-bebê, gestos

Mestrado – M

DES

PAPEL E INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO. *Arytanna Zuitá Barbosa Ferreira*, Laura Campos de Moura*, Áderson L. Costa Junior (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Para compreender o ser humano, seus pensamentos, emoções, valores e comportamentos, faz-se necessário compreender sua cultura. E, em plena Era da Informação, os meios de comunicação de massa exercem papel central no que concerne ao acesso à informação, ao saber e ao entretenimento. Assim, a mídia televisiva tem função relevante sobre a formação de conceitos, ideias e padrões comportamentais. As informações veiculadas na televisão afetam, em algum grau, a visão de mundo e de si mesmo que o indivíduo elabora. Se a construção da subjetividade está diretamente relacionada ao meio social e a desejos inconscientes, então, o comportamento consumista e a lógica do mercado permeiam, não somente o indivíduo, mas o todo social, moldando tanto os sonhos e os desejos de cada um como os comportamentos em grupo socialmente aceito. Este trabalho teve por objetivo analisar as diversas formas como a mídia televisiva afeta o comportamento e o pensamento de seus expectadores, discutindo seus efeitos e influências. Pretende-se, ainda, apontar ideias e propostas de eventuais modificações no jeito como a televisão desenvolve sua programação, visando o alcance de um patamar de influências mais construtivas e aproveitáveis para quem a assiste. Foram realizadas coletas de dados em três emissoras de televisão, de canal aberto, diariamente, por uma semana cada, no horário (nobre) das 20:00 às 23:00 horas. Os dados foram coletados com base nas categorias: adicção, discriminação, educação, saúde, sexualidade, valores humanos e violência. O propósito da criação de categorias foi direcionar a captura da diversidade de temas para determinadas especificidades, ou seja, garante-se, dessa forma, a riqueza do fenômeno observado. Os registros de 63 horas de observação foram efetuados por duas observadoras independentes e depois submetidos à análise de concordância entre observadores. O conteúdo analisado mostrou uma ocorrência significativa de comportamentos violentos e discriminatórios que se distribuem em subcategorias. Tais comportamentos apareceram com maior frequência em telejornais, novelas e propagandas. A relativa falta de registro de categorias de valores humanos aponta para uma importante reflexão acerca do que se tem como prioridade na construção da programação transmitida em um horário que atinge grande variedade (e.g., idade, ocupação) de telespectadores. Os dados ressaltam a necessidade de modificações urgentes na programação, uma vez que o papel da mídia televisiva como um meio de comunicação de massa parece estar priorizando modelos discriminatórios e de poder econômico e social, em detrimento da transmissão de conhecimentos práticos, valores humanos, padrões de comportamento ético e uma visão de mundo mais sustentável. A maneira como a televisão tem deixado de transmitir e abordar questões relacionadas a valores, por exemplo, denota uma minimização da responsabilidade de sua influência na construção de hábitos e padrões de comportamento.

Bolsistas do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB).

Mídia, Televisão, Comportamento.

DES

PATERNIDADE NO CONTEXTO DA PREMATURIDADE: DA INTERNAÇÃO DO BEBÊ AO 3º MÊS APÓS A ALTA HOSPITALAR. *Fernanda Borges de Medeiros, Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, RS)*

Diversos estudos têm destacado o impacto do nascimento pré-termo tanto para a relação mãe-bebê e pai-bebê como para o desenvolvimento do bebê. No entanto, a grande maioria das pesquisas centra-se na investigação da maternidade e da interação mãe-bebê neste contexto, enquanto um número mais reduzido de estudos tem enfocado os aspectos subjetivos da paternidade. Apesar da importância do pai neste contexto, pela possibilidade de exercer o papel de apoio para a mãe no estabelecimento das relações iniciais com o bebê, esta temática é ainda pouco estudada no Brasil, particularmente na Psicologia. Neste sentido, o presente estudo investigou a experiência da paternidade no contexto da prematuridade desde o nascimento e internação do bebê em unidade de tratamento intensivo neonatal (UTINeo) até o 3º mês após a sua alta hospitalar. Participaram três pais de bebês nascidos pré-termo com idades entre 27 e 45 anos que residiam com a mãe do bebê. Foi utilizado um delineamento longitudinal de estudo de caso coletivo, envolvendo entrevistas durante a internação do bebê e no 3º mês após a alta hospitalar. Aspectos da gestação também foram investigados retrospectivamente. Os relatos dos participantes sobre a paternidade foram examinados através de análise qualitativa com base em quatro categorias e subcategorias derivadas da literatura (Stern, 1995) e dos dados: representações acerca de si mesmo como pai, representações acerca da filha, relação pai-filha e representações acerca da família de origem. Os resultados do presente estudo revelaram o sofrimento dos pais relacionado aos riscos envolvidos na situação de pré-eclâmpsia, já na gestação e, após o parto, à condição de vulnerabilidade do bebê nascido pré-termo, particularmente entre os de menor peso e tempo gestacional. Os relatos sobre a gestação e parto também revelaram intensas ansiedades, com destaque para o sentimento de impotência e as preocupações referentes à saúde, sobrevivência e condição emocional da esposa. Após o parto, apesar dos temores sobre o futuro da criança, os participantes, em maior ou menor grau, mostraram-se bastante dedicados e atenciosos como pais, especialmente, durante os primeiros dias de vida de suas filhas, incluindo as visitas frequentes ao bebê, a relação pai-filha e o apoio emocional à esposa. Três meses após a alta do bebê, os relatos paternos evidenciaram o quanto as filhas, embora saudáveis, ainda eram percebidas como bebês bastante vulneráveis, desencadeando uma série de cuidados e, consequentemente, tendo importantes repercussões em suas vidas. Juntos, os achados do presente estudo apontaram algumas dificuldades e fragilidades dos pais de crianças nascidas pré-termo, sugerindo a importância de se oferecer intervenções psicológicas não só para as mães, mas também aos pais dos bebês nascidos pré-termo.

Paternidade, nascimento pré-termo, relação pai-criança

CNPq

DES

PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS SOBRE CUIDADO PARENTAL NO PLANO REAL E IDEAL. *Paula Danielle Souza Monteiro, Paula Danielle Souza Monteiro, Laiane da Silva Corrêa, Dalízia Amaral Cruz, Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará)*

O modelo ecológico dá ênfase à experiência, levando em consideração tanto os elementos objetivos quanto os subjetivos. Nesse sentido, conhecer as percepções dos filhos pode ser um aspecto relevante para que pais e mães adotem práticas de cuidado promotoras de desenvolvimento, bem como aprimorar e/ou repensar suas ações a partir dos papéis que lhes são atribuídos, tanto no sentido real quanto ideal. O objetivo do presente trabalho consiste em investigar como crianças compreendem o cuidado materno e paterno em aspectos reais e ideais. Participaram do estudo 128 crianças, de ambos os sexos, com idade entre nove e 12 anos, de escolas da rede pública de ensino de Belém, Pará. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com 7 questões fechadas sobre mãe e pai no aspecto real e ideal. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e aplicação do teste T pareado para comparar as médias das sub-escalas reais e ideais. As questões foram agrupadas em quatro categorias: cuidados diretos, cuidados indiretos, interação social instrutiva e interação social calorosa. Os dados sócio-democráficos demonstram que mais da metade (51,2%) dos participantes são do sexo masculino; os pais (M=42,64, DP=6,76) são mais velhos que as mães (M=38,69; DP=5,66). Em relação à configuração familiar, identificou-se que 89,8% possuem irmãos e 95,3% moram com seus pais. A partir dos resultados na escala de paternidade, sugere-se que as crianças nesse estudo idealizam o comportamento paterno, esperando maior investimento em cuidados diretos e indiretos, bem como maior interação e interaja mais, de forma instrutiva e calorosa. Na escala de maternidade nota-se que as crianças idealizam tanto o comportamento paterno quanto o materno com destaque para condições que propiciem mais cuidados diretos e indiretos e interações instrutivas e calorosas. Na comparação entre as médias das sub-escalas, Pai Real e Pai Ideal e Mãe Real e Mãe Ideal foi encontrada diferença significativa entre pai real e pai ideal (t= 4,95; Gl=126; p=0,001), sendo que o pai real apresenta maior média (M=10,55; DP=2,42) do que o pai ideal (M=9,35; DP=2,10). Não foi encontrada diferença significativa entre mãe real e mãe ideal (t=1,61; Gl=126; p=0,11), sendo que a mãe real apresenta média maior (M=9,36; DP=2,0) do que a mãe ideal (M=9,02; DP=2,31). Neste sentido, a mãe real se aproxima mais do ideal esperado pelos participantes corroborando dados disponíveis na literatura da área. O estudo pode contribuir no sentido de possibilitar aos cuidadores principais o vislumbre de como suas ações estão sendo percebidas por seus filhos, podendo ser um balizador entre seu papel como cuidador real e ideal. O estudo também pode proporcionar uma compreensão mais acurada da relação pai-mãe-filho, fornecendo subsídios tanto para a área da Psicologia, quanto da Educação.

Cuidado parental, percepção de crianças, teoria sistêmica.

Bolsistas de mestrado pela CAPES/Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

DES

PERCEPÇÃO DE EVENTOS ESTRESSORES EM UMA INFÂNCIA POBRE E ESTILO DE APEGO ADULTO. *Rachel Coelho Ripardo Teixeira, Briseida Dôgo de Resende (Universidade São Paulo)*

A ocorrência de eventos estressantes por si só produz alterações no desenvolvimento, como em trajetórias reprodutivas, competência social e empatia, e estilo de apego. A percepção do evento estressor interfere em seu próprio efeito, mas tem sido pouco estudada, especialmente em relação ao estilo de apego adulto. Este é um estudo piloto que teve como objetivo explorar a variação no estilo de apego adulto e a percepção de eventos estressantes que ocorreram durante uma infância pobre, à luz da Psicologia Evolucionista do Desenvolvimento, que enfatiza a expressão de programas epigenéticos selecionados ao longo da ontogenia. Nossos sujeitos foram 22 mulheres, com idade entre 18 e 45 anos e com renda familiar mensal inferior a três salários mínimos (1 SM = R$622, 3 SM = R$ 1.866). A maioria das mulheres tinha filhos (N= 16) e era casada (N= 18). Com relação à renda, oito famílias ganhavam menos de 1 salário mínimo (R$ 622); sete ganhava entre um e dois salários mínimos (R$ 1.244), e o restante (N= 7), mais do que dois salários mínimos, e menos do que três. Dessas mulheres, 14 viviam com ambos os pais até aos 11 anos de idade, e cinco em famílias reconstituídas. Elas responderam a uma Escala de percepção de eventos estressores e duas escalas estilo de apego, a Escala de Estilo de Relacionamento, e a WHOTO, sobre as figuras de apego. A segunda escala foi usada de forma exploratória. Esperava-se que 1/3 da amostra tivesse um apego inseguro, e que houvesse uma associação entre percepção e ocorrência de eventos estressores. Verificamos que 14 participantes tinham um apego seguro, enquanto que cinco delas, um estilo inseguro e ansioso, e três, um apego inseguro e esquivo, o que era esperado de acordo com a literatura. As figuras de apego mais citados na escala WHOTO variaram de acordo com a função da figura de apego: na função proximidade/base segura, foram a mãe, os filhos e o marido/namorado; e na função de exploração, a mãe e os irmãos. O total de eventos estressores da Escala de percepção eventos estressores é 71. A amostra experienciou, em média, 19,64 deles (DP = 8,80). Seis entrevistadas relataram ter sofrido de 1 a 4 eventos estressantes; dez, de 16 a 22 eventos; e seis, entre de 24 para 38 eventos. Houve uma alta correlação entre a ocorrência e a percepção dos eventos, indicando que as mulheres que experimentaram mais eventos estressantes foram mais afetadas por eles. Vamos continuar a pesquisa com uma amostra de 200 pessoas, 100 homens e 100 mulheres, em que a Escala de Estilo de Relacionamento será validada em uma amostra brasileira, e na qual esperamos encontrar correlações significativas entre a ocorrência e a percepção dos eventos estressantes, e os estilos de apego adulto.

Percepção de eventos estressores; infância; estilo de apego adulto; psicologia evolucionista

CNPq/Doutorado

DES

PERFIL DA QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS ATIVOS E RESIDENTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA (ILPI). *Marianna Barbosa Yamaguchi, Caroline Leonor da Silva, Fernanda de Franço Françoso, Thiago Vinicius Monteleone (Universidade São Judas Tadeu)*

Considerando que a velhice é um fenômeno heterogêneo e que a partir do século XX essa população começou a sofrer varias transformações na experiência de envelhecer, torna-se necessária maior analisar o conceito de qualidade de vida de idosos institucionalizado e não institucionalizados na interior de São Paulo. Para isso utilizou-se os instrumentos de qualidade de vida (Whoqol-Abreviado) e outro específico para idosos (Whoqol-Old). Participaram da pesquisa 30 idosos todos do gênero masculino a partir de 60 anos, estes foram divididos em dois grupos de 15 indivíduos ativos e 15 em uma Instituição de Longa Permanência, os instrumentos foram aplicados individualmente com duração de aproximadamente 40 minutos, não oferecendo desgaste físico ou emocional aos participantes. Os dados foram tabulados e calculados estatisticamente no programa Biostats 5.0. Quanto á caracterização da amostra os dados mostraram que os 15 idosos não institucionalizados têm em média 69,4 ±6,22 anos, 66.67% são casados e possuem aproximadamente 3±2,8 filhos, 33,34% completaram o ensino médio e fundamental, 53,34% trabalham e 86,87% não fumam, relatam ter diabetes e pressão alta, sendo que 66,67% consideram seu estado de saúde boa. Já os idosos institucionalizados possuem em média 68,4±7,72anos, não trabalham, 73,34% tem ensino fundamental incompleto, 40% são solteiros, possuem aproximadamente 2,5±3 filhos, 66,66% relataram ter o hábito de fumar, 66,66% consideram tem uma boa saúde e alguns disseram ter diabetes, bronquite, pressão alta e deficiência visual. Os resultados sobre a avaliação de qualidade de vida (Whoqol-Abreviado) em idosos não institucionalizados as pontuações dos domínios foram: físico 77,58, psicológico 72,22, relações sociais 66,11 e ambiente 67,17, χo2 = 5,35 (p = 0,05 e n = 3), não apresentou diferença estatisticamente significante, em relação aos resultados relacionados ao (Whoqol-Old) instrumento mais específico sobre a qualidade de vida para idosos, observou-se as seguintes pontuações: funcionamento no sensório 74,58, autonomia 65,83, atividades passadas, presentes e futuras 67,92, participação social 69,17, morte e morrer 68,33 e intimidade 70,83, o χo2 = 10,34 (p = 0,05 e n = 6), também não apresentou diferença estatisticamente significante. Os resultados dos idosos institucionalizados em relação ao (Whoqol-Abreviado) observou-se os seguintes scores: nos domínios físico 74,13, psicológico 80, relações sociais 57,50 e ambiente 58,24, o teste inferencial os resultados mostraram que o χo2 = 1,18 (p = 0,05 e n = 3). No instrumento específico (Whoqol-Old) os resultados observados foram: 72,08 para funcionamento no sensório, 59,58 autonomia, 76,67 atividades passadas, presentes e futuras, 65,42 participação social, 85,83 morte e morrer e 52,92 intimidade o χo2 = 0,64 (p = 0,05 e n = 6), os resultados não apresentaram diferença estatisticamente significante, o que é possível concluir que os idosos da amostra apresentaram uma visão semelhante sobre qualidade de vida, mesmo apresentando em alguns domínios scores completamente diferenciados. De modo geral têm a mesma avaliação sobre a sua qualidade de vida independentemente da sua condição atual de vida. Os dados sugerem outras pesquisas com uma amostra maior e em outras situações de vida dessa população.

Bem-estar, terceira idade, velhice

DES

PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO E ESCOLAR DE GESTANTES ADOLESCENTES. *Thaís de Lima Muller,Giana Bitencourt Frizzo, Angela Polgati Diehl, Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Estudar o perfil das gestantes adolescentes é de extrema importância para que se tenha conhecimento das questões vinculadas a esta situação e ao seu contexto, o que é de extrema relevância para a criação de projetos voltados a essa questão. O objetivo do presente estudo foi descrever o perfil sócio-demográfico das gestantes adolescentes, com ênfase na questão escolar. Participaram desse estudo 61 gestantes adolescentes, que estavam fazendo acompanhamento pré-natal na rede básica de saúde ou em hospitais públicos de Porto Alegre, que, ao iniciar o acompanhamento, responderam uma Entrevista de Dados Sócio-demográficos. A idade média das gestantes foi de 16 anos (Dp = 1,22). A maioria (93,6%) residia em Porto Alegre ou região metropolitana. 50% disseram ter feito algum uso de contraceptivos. A maioria (94,6%) era primigesta e 45% das adolescentes planejou a gestação. A idade média em que as gestantes deram início a sua vida sexual foi de 14 anos (Dp = 1,164), e 52,1% tiveram com o pai da criança sua primeira relação sexual. O companheiro em geral era jovem, mas não mais adolescente – apenas 21,7%. 70,4% já namoravam o pai da criança há pelo menos um ano. Com relação à escolaridade, mais da metade das gestantes (52,5%) não completou o ensino fundamental. 41,7% das jovens não estava estudando no momento da pesquisa, sendo que dessas 50% parou por motivos relacionados à gestação, enquanto os outros 50% já haviam parado de estudar anteriormente à gestação. 35% das participantes que não estavam estudando no momento da pesquisa pensa em voltar a estudar. Grande parte delas iniciou sua educação escolar direto no ensino fundamental (90%), sem acesso ao ensino pré-escolar, e quase todas (76,3%) tinham pelo menos uma reprovação na escola. Os resultados indicaram que a questão da escolaridade na situação de gravidez na adolescência é complexa. Ressalta-se especialmente a entrada tardia na escola formal, apenas para o ensino fundamental, sem ingresso anterior na pré-escola, e as implicações que a gestação na adolescência tem no desenvolvimento escolar e profissional das gestantes. Tais fatos devem ser considerados nas políticas públicas de saúde e educacionais.

DES

PERFIS DE COMPETÊNCIA E DE PROBLEMAS PSICOLÓGICOS EM ADOLESCENTES. *Nancy Ramacciotti de Oliveira-Monteiro; Juliana Olivetti Guimarães Nascimento*; Fábio Tadeu Montesano; Maria Aznar-Farias (Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP)*

A adolescência é uma importante etapa do desenvolvimento humano na qual ocorrem modificações biológicas e psicossoais próprias da transição da infância para a vida adulta, incluindo uma crise de identidade que aponta para tomada de decisões, escolhas e desenvolvimento de valores para a vida, que trarão repercussões pessoais e em diferentes contextos ambientais. Na adolescência podem ocorrer condições de vulnerabilidade, de vértices mais pessoais e/ou ambientais, que influenciam o desenvolvimento do adolescente (e são influenciadas por ele). O desenvolvimento positivo resulta em competências em diferentes domínios (cognitivos, afetivos, sociais), que são fatores importantes para proteção frente a problemas psicológicos e de comportamento, aqueles que podem levar a disfunções do desenvolvimento, prejudicando a organização de ações, percepções, atitudes e interação com o meio. Várias pesquisas mundiais vêm se utilizando da escala Youth Self-Report (YSR), proposta por Achenbach e Rescorla - um inventário de auto-avaliação para adolescentes entre 11 e 18 anos de idade - para levantamento de perfis de competência e de problemas psicológicos. Resultados de algumas dessas investigações sugeriram haver uma diferença importante entre os sexos, quanto aos problemas de comportamentos: meninas apresentaram mais problemas internalizantes, enquanto que os meninos apresentaram mais problemas externalizantes. O presente estudo teve por objetivos identificar níveis de competência e problemas psicológicos. A amostra foi de 160 adolescentes entre 11 e 18 anos de idade, residentes em áreas urbanas da Baixada Santista, litoral de São Paulo. Comparou quatro grupos de adolescentes: 1) estudantes de escola pública em tempo integral (TI); 2) estudantes de escola pública em tempo parcial, assistidos por equipamento público sócio-cultural (AC); 3) estudantes abrigados (vivendo fora do convívio familiar) (AB); e 4) adolescentes grávidas e mães usuárias de serviço público de saúde, de pré-natal e puerpério de adolescentes (GM). Os dados foram colhidos usando o YSR, em seus itens de competência e problemas psicológicos, estudados nas variáveis: idade e condições de contextos ambientais caracterizados pelos diferentes grupos. Análises descritivas levantaram frequência, médias e desvio padrão. Resultados: níveis maiores de competência foram identificados nos grupos TI e AC. O grupo AB apresentou total de problemas e problemas internalizantes em médias maiores do que os outros grupos, aproximando-se do grupo GM, também com médias altas em problemas externalizantes. Adolescentes do grupo AB (principalmente os mais velhos) e GM (principalmente as mais novas) apresentaram problemas psicológicos em faixas clínicas. As necessidades específicas desses grupos demandam políticas públicas voltadas particularmente ao desenvolvimento positivo de adolescentes nessas condições.

Adolescência, competência, problemas psicológicos, desenvolvimento positivo.

CNPq

DES

PRÁTICAS E ESTILOS PARENTAIS DE PAIS E MÃES DE BEBÊS. Luiza Calori Domingues*, Bárbara Camila de Campos*, Sária Cristina Nogueira**, Olga Maria Piazetin Rolim Rodrigues (Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru – SP)

As práticas e estilos parentais de mães e pais possuem uma função primordial no desenvolvimento das crianças e uma estreita relação com os seus repertórios comportamentais. O presente projeto visa descrever como são as práticas parentais entre os pais e mães e seus filhos de até 12 meses de idade. A proposta inicial era de realizar o estudo com 40 pais de bebês com até 12 meses de idade e 40 mães de bebês com até 12 meses de idade, no entanto, foi possível realiza-lo com 50 pais, de 20 a 53 anos de idade e 50 mães, de 15 a 46 anos de idade. Dos filhos dos pais de bebês, a idade variou de um a 12 meses. Os filhos de bebês das mães variaram em idade de 1 a 9 meses. Foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais para Pais e Mães de Bebês (adaptado de Gomide, 2006). A coleta de dados realizou-se no Centro de Psicologia Aplicada, em horário previamente agendado e através de contatos com pais de bebês. Os dados foram analisados através de descrições e análises comparativas. Os resultados apontaram para pouca diferença entre as práticas utilizadas por pais e mães de bebês. Todavia, a análise das práticas negativas parece apontar para diferenças entre pai e mãe, com as mães utilizando mais práticas negativas do que os pais. Uma hipótese levantada é que no primeiro ano de vida o bebê é muito dependente da mãe que tende a permanecer com ele longos períodos o que pode resultar no uso de práticas negativas devido ao cansaço e a rotina de cuidados intensa. Pesquisas que explorem essas informações poderiam auxiliar no entendimento do fato.

Apoio: Fapesp;

Palavras chave: Parentalidade, Estilos Parentais, Práticas Parentais.

Iniciação Científica;

DES

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR. *Angela Helena Marin, Tonantzin Ribeiro Gonçalves ,Cesar Augusto Piccinini, Jonathan Richard Henry Tudge (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)*

A literatura tem apontado que a aquisição do comportamento social pela criança é, em grande parte, aprendida com os pares. No entanto, a interação entre pais e filhos ainda é identificada como o principal fator associado ao desenvolvimento social infantil. O relacionamento adequado entre a criança e seus pais, caracterizado por relações afetivas, disponibilidade mútua e respeito aos direitos de ambas as partes, é indicado como indispensável para o processo de socialização infantil. Nesse sentido, o estudo investigou a relação das práticas educativas parentais, em particular o uso de práticas indutivas, coercitivas e de não interferência, com os problemas de comportamento e a competência social infantil aos seis anos de vida da criança. A hipótese era de que os filhos de pais que utilizassem, mais frequentemente, práticas indutivas fossem socialmente mais competentes, enquanto os filhos de pais que utilizassem práticas coercitivas fossem menos competentes. Acreditava-se que as práticas indutivas levariam a criança a refletir sobre como seu comportamento afeta aos outros, propiciando a compreensão e o sentimento empático e impulsionando o desenvolvimento da competência social infantil. De modo contrário, as práticas coercitivas promoveriam a preocupação voltada para as consequências externas, podendo levar aos problemas de comportamento. Participaram 48 mães e 33 pais cujo primogênito tinha seis anos de idade, que responderam a uma entrevista estruturada sobre práticas educativas, envolvendo seis situações cotidianas propícias à ocorrência de práticas educativas, e ao Sistema de Avaliação das Competências Sociais, que também avalia problemas de comportamento. Foram encontradas associações positivas entre as práticas coercitivas maternas e os problemas de comportamento infantil ($r=0.37$; $p<0,01$), especialmente os de externalização ($r=0.33$; $p<0,05$). Também foram encontradas correlações positivas entre as práticas coercitivas paternas e os problemas de internalização ($r=0.38$; $p<0,05$), bem como entre as práticas indutivas e de não interferência paternas com a cooperação ($r=0.42$; $p<0,05$) e a assertividade infantil ($r=0.35$; $p<0,05$). Quanto ao sexo das crianças, observou-se que as mães de meninas referiram mais comportamentos de autocontrole ($p<0,05$) e a competência social ($p<0,01$) do que as mães de meninos. No tocante ao nível socioeconômico (NSE), as mães de classe baixa relataram mais práticas coercitivas ($p<0,01$) e as de classe alta, mais práticas indutivas ($p<0,05$). Não foram encontrados resultados significativos relativos aos pais quanto ao sexo e ao NSE, o que pode ser explicado pelo papel predominante que as mulheres ainda exercem no processo de socialização das crianças, embora os pais venham participando mais da educação dos filhos. Como esperado, os achados indicaram que as práticas indutivas paternas associaram-se com aspectos da competência social, enquanto as práticas coercitivas maternas e paternas aos problemas de comportamento infantil.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS E INDICADORES DE STRESS MATERNO. *Sária Cristina Nogueira**, Elisa Rachel Pisani Altafim**, Mariana Biffi*, Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP)*

O objetivo dessa pesquisa foi descrever e comparar as práticas parentais de mulheres com e sem stress, mães de bebês com idade entre nove a 12 meses. Participaram 43 mães com idade entre 16 e 39 anos (Média=26,63; MED=27; DP=6,13) de bebês de nove a 12 meses (Média=10,42; MED=10 ; DP=1,28). Todas as participantes frequentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família. Entre o sexto e o décimo terceiro mês, as mães foram convidadas a responderem o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL) e o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês (IEPMB), sendo a participação voluntária. O ISSL é um instrumento que avalia a ocorrência do stress, a fase em que esse se encontra e, também, identifica se os sintomas são predominantemente físicos ou psicológicos. O IEPMB é composto por 25 itens que analisam cinco práticas parentais, sendo: Monitoria Positiva, Punição Inconsistente, Disciplina Relaxada, Negligência e Abuso Físico. Os resultados evidenciaram que 13 mães (30,2%) não apresentaram sintomas significativos de stress, ao passo que 30 participantes (69,1%) apresentaram tais sintomas, estando 17 na fase de resistência, 10 na fase de quase- exaustão e três na fase de exaustão. Para a análise dos dados foram realizadas análises comparativas entre as práticas parentais e as mães classificadas com stress e sem stress, por meio do teste não paramétrico Mann-Whitney. Assim, considerando as práticas parentais, foi verificada diferença significativa na prática Disciplina Relaxada (p=0,04) que é mais utilizada pelas mães com stress (M= 5,53) do que pelas mães sem stress (M=3,31). Para as demais práticas não foi encontrada diferença significativa, sendo que a média das práticas de Negligência, Punição Inconsistente, Abuso Físico e Monitoria Positiva para as mães do grupo sem stress foram, respectivamente, 1,61; 1,38; 0,30 e 9, ao passo que as médias dessas práticas para as mães com stress foram de 1,57; 2,33; 0,20 e 9,23, respectivamente. Para ambos os grupos, a prática menos emitida é o Abuso Físico. Os resultados, ainda que provenientes de uma amostra reduzida, sugerem que as mães estressadas apresentam maior frequência na emissão de práticas referentes à Disciplina Relaxada, o que aponta para possíveis relações entre indicadores emocionais maternos e práticas parentais utilizadas, justificando futuros estudos na área.

Stress, práticas parentais, mães de bebês

FAPESP

DES

PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS E NÍVEIS DE DEPRESSÃO MATERNA. *Sária Cristina Nogueira**, Mariana Biffi*, Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP)*

O objetivo dessa pesquisa foi descrever e comparar as práticas parentais e níveis de depressão de mães de bebês com idade entre seis a 12 meses. Participaram 95 mães com idade entre 15 e 39 anos (Média=26,23; MED=26; DP= 5,96) de bebês de seis a 12 meses (Média= 8,76; MED=9 ; DP= 2,26). Todas as participantes frequentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família.. Entre o sexto e o décimo segundo mês, as mães foram convidadas a responderem o Inventário de Depressão Beck (BDI) e o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês (IEPMB), sendo a participação voluntária. O BDI é um instrumento que avalia os níveis de depressão que consiste numa escala de auto- relato, de 21 itens, cada um com quatro alternativas, subentendendo graus crescentes de gravidade da depressão. As questões presentes no BDI referem-se a: Tristeza, Pessimismo, Sentimento de fracasso, Insatisfação, Culpa, Punição, Auto- aversão, Auto-acusações, Idéias suicidas, Choro, Irritabilidade, Retraimento Social, Indecisão, Mudança na auto- imagem, Dificuldade de trabalhar, Insônia, Fatigabilidade, Perda de apetite, Perda de peso, Preocupações somáticas e Perda da libido. O escore total (que pode ser no máximo 63) é obtido somando os escores de cada um dos 21 itens. O IEPMB é composto por 25 itens que analisam cinco práticas parentais: ,Monitoria Positiva, que envolve atenção para localização e atividades dos filhos; Punição Inconsistente, que é a punição ou reforço dependente do humor dos pais; Disciplina Relaxada, que é o não cumprimento das regras pré- estabelecidas; Negligência, caracterizada pela ausência de atenção e afeto; Abuso Físico, que engloba uso de ameaça, chantagem ou castigo físico. Os resultados evidenciaram 79 mães encontraram-se com níveis de depressão mínimo e leve, enquanto que 16 mães estavam com níveis moderado e grave de depressão. Analisando as práticas parentais separadamente, verifica-se que ambos os grupos apresentaram alto índice da prática parental Monitoria Positiva, com maior média para o grupo das mães com nível de depressão mínimo ou leve (Média=9,14), enquanto mães com nível de depressão moderado ou grave obtiveram média de 8,56 nesta prática. Nas práticas negativas, as mães com nível mínimo ou leve de depressão apresentaram média menos na frequência de Punição Inconsistente, Negligência, Disciplina Relaxada e Abuso Físico (1,9; 1,28; 4,25; 0,27, respectivamente), enquanto as mães com níveis moderado e grave de depressão emitiram tais práticas com maior frequência (2,67;1,82;5,25;0.31 respectivamente). Das práticas negativas, observa-se que, para os dois grupos, a que mais ocorre é a Disciplina Relaxada e a que menos ocorre é o Abuso Físico. Conclui-se que mães com níveis mínimo ou leve de depressão têm práticas parentais melhores que as mães com níveis moderado ou grave, justificando a necessidade de atenção aos indicadores emocionais de mães de bebês, considerando que a saúde materna está relacionada ao desenvolvimento infantil adequado.

Depressão, Práticas parentais, Mães de bebês

FAPESP

DES

PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS: A INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS MATERNAS E DO BEBÊ. *Elisa Rachel Pisani Altafim**; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista, Bauru -SP).*

As práticas parentais possuem uma função primordial no desenvolvimento infantil. O presente estudo teve como objetivo descrever, comparar e correlacionar as práticas parentais de mães de bebês de até 12 meses de idade, com as variáveis: idade e a escolaridade da materna, sexo e a idade do bebê. O estudo foi realizado com 250 mães de bebês de 0 a 12 meses, nas quais foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês, que avalia as seguintes práticas: Monitoria Positiva, Disciplina Relaxada, Negligência, Punição Inconsistente e Abuso Físico. A coleta de dados foi realizada no Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP - Bauru. As análises comparativas foram realizadas por meio do Teste-t de Student para amostras independentes ($p<0,05$) e as análises de correlação foram realizadas por meio do teste de correlação de Pearson ($p<0.05$). Os resultados revelaram que as mães utilizam-se com freqüência da prática parental positiva Monitoria Positiva, no entanto as práticas negativas, também são presentes no repertório das participantes, principalmente a prática Disciplina Relaxada. Como a maioria das práticas negativas ainda não são freqüentes no repertório comportamental das mães, esta fase seria portanto, um ótimo momento para a realização de intervenções preventivas. Com o intuito de compreender a relação entre as variáveis e as práticas parentais cada umas das variáveis foi analisada individualmente. Ao comparar as práticas de acordo com o sexo do bebê, foi verificada diferença significativa para a prática Monitoria Positiva, mais utilizada pelas mães de meninas. Esse resultado demonstra, que algumas diferenças nas práticas parentais relacionadas ao sexo da criança, podem ser observadas desde as primeiras relações que as mães estabelecem com seus bebês. Analisando a idade do bebê verificou-se diferença significativa entre mães de bebês mais novos e mães de bebês mais velhos para a prática Monitoria Positiva, Punição Inconsistente e na somatória das práticas negativas, que são mais utilizadas pelas mães de bebês mais velhos (de sete a 12 meses de idade). Esses resultados demonstram que existe uma relação entre as práticas parentais e a idade do bebê. Na comparação entre mães adultas e mães adolescentes foram verificadas diferenças significativas na prática Monitoria Positiva, mais utilizada pelas mães adultas. Com relação à escolaridade materna foi verificada correlação significativa positiva na prática Monitoria Positiva, e correlação significativa negativa nas práticas Disciplina Relaxada, Punição Inconsistente e na somatória das práticas negativas, demonstrando que quanto maior a escolaridade materna melhores são as práticas parentais utilizadas pelas mães. Esses resultados vão ao encontro da literatura da área que têm demonstrado que quanto maior a escolaridade materna, mais as mães tendem a valorizar práticas relacionadas com a estimulação da criança e maior é o conhecimento sobre desenvolvimento infantil e práticas educativas. Os resultados obtidos nesse trabalho indicam relações entre as variáveis pesquisadas e as práticas parentais, e contribuem para um maior entendimento das práticas parentais de mães de bebês. Enfatiza-se a importância de sensibilizar as mães desde a primeira infância sobre seu papel na interação com seu filho e a utilização de prática parentais adequadas.

Práticas Parentais; Comportamento Materno; Desenvolvimento Infantil

bolsa de Mestrado FAPESP

DES

PRÁTICAS PARENTAIS E RECURSOS DO AMBIENTE DE FAMÍLIAS NUCLEARES, MONOPARENTAIS E RECASADAS E O COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS DURANTE A TRANSIÇÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. *Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade Federal de São Carlos), Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A literatura sobre separação e recasamento indica que tais eventos podem ser considerados como mecanismos de risco para toda a família, especialmente quando os filhos passam por um momento de transição ecológica, tal com a entrada no primeiro ano, quando são exigidas, tanto das crianças quanto dos pais, novas habilidades para lidar com as demandas do novo contexto. Entretanto, alguns estudos indicam que os efeitos das transições familiares sobre dimensões do desenvolvimento infantil, são indiretos e mediados por mecanismos de proteção, tais como práticas parentais positivas, recursos do ambiente familiar e qualidade do relacionamento entre mães-pais-filhos. A partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano e da Psicopatologia do Desenvolvimento, o objetivo do estudo foi: investigar o ajuste de um modelo de resiliência e vulnerabilidade, identificando os efeitos diretos e indiretos dos mecanismos de risco (configuração familiar e práticas educativas negativas) e dos mecanismos de proteção (práticas educativas positivas, recursos do ambiente familiar, qualidade da relação da mãe com o pai da criança e qualidade da relação da criança com o pai) sobre os indicadores de ajustamento infantil (habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica), a partir de avaliações das mães e das professoras. Participaram da pesquisa 160 mães de famílias nucleares, monoparentais e recasadas, cujos filhos frequentavam o primeiro ano do Ensino Fundamental em escolas públicas municipais. As 22 professoras das crianças participaram como informantes. As mães responderam a um questionário sobre caracterização familiar, a um inventário de práticas parentais, a um inventário de habilidades sociais e de problemas de comportamento, a um inventário de recursos do ambiente familiar e a um questionário sobre o nível socioeconômico. As professoras responderam a um inventário de habilidades sociais, de problemas de comportamento e de competência acadêmica. Os indicadores de ajustamento global, obtidos por meio das Análises de Trajetórias, para o modelo de resiliência e vulnerabilidade proposto para as avaliações das mães e das professoras foram excelentes. Os resultados indicaram que a configuração familiar não afetou diretamente as habilidades sociais, os problemas de comportamento e a competência das crianças, avaliados pelas mães e pelas professoras. Já as práticas educativas negativas afetaram tanto diretamente, quanto indiretamente os comportamentos e a competência acadêmica dos filhos. De forma geral, os resultados sugeriram a importância do papel mediador das práticas educativas positivas, da qualidade da relação da criança com o pai e dos recursos do ambiente familiar sobre os comportamentos e a competência acadêmica das crianças. Para a avaliação das mães, as variáveis do modelo contribuíram para explicar 50% e 63% da variância das habilidades sociais e dos problemas de comportamento das crianças, respectivamente, enquanto que para as avaliações das professoras, os valores foram 11% para a competência acadêmica, 15% para as habilidades sociais e 19% para os problemas de comportamento. O estudo sinalizou que as transições familiares não têm impacto negativo direto sobre várias dimensões do desenvolvimento das crianças, o que evidenciou o poder preditivo dos mecanismos de proteção nos comportamentos e na competência acadêmica das crianças de configurações familiares diferentes.

Apoio Financeiro: FAPESP

Palavras-chave: Separação conjugal; Transição; Ensino Fundamental.

D

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PREDIÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA AO COMPORTAMENTO E À SAÚDE MENTAL EM PRÉ-ESCOLARES NASCIDOS PRÉ-TERMO. *Maria Beatriz Martins Linhares, Martina Estevam Vieira, Cibelle Kayenne Martins, Roberto Formiga (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

Diversos estudos apontam que crianças nascidas pré-termo têm maior probabilidade de apresentar problemas comportamentais, dificuldades no controle emocional e na habilidade de se relacionar com os outros. Esses aspectos interferem nas atividades sociais na escola ou com os amigos, comprometendo a qualidade de vida dessas crianças. O presente estudo prospectivo-longitudinal teve por objetivo examinar modelos de predição da qualidade de vida na fase pré-escolar, relacionada ao comportamento e à saúde mental, de crianças nascidas pré-termo, considerando-se os preditores clínicos, neurocomportamentais e psicossociais do período neonatal, o desenvolvimento psicomotor no primeiro ano e na fase pré-escolar e a história de saúde na fase pré-escolar. A amostra constituiu-se de 24 crianças com idade gestacional média de 33 semanas, que foram avaliadas na fase neonatal, no primeiro ano de vida e aos cinco anos de idade. Na fase neonatal, foram identificados os indicadores clínicos, psicossociais e do neurocomportamento (NAPI-Neurobehavior Assessement of Preterm Infant). No primeiro ano, foi avaliado o desenvolvimento psicomotor pelo Teste Denver II, TIMP-Teste of Infant Motor Performance e AIMS-Alberta Infant Motor Scale. Aos cinco anos, a qualidade de vida relacionada ao comportamento e à saúde mental foi avaliada por cinco domínios do Child Health Questionnaire-50 Parent Form (CHQ-PF50). Nessa mesma idade foi reaplicado o Denver II e analisada a história de saúde atual. O menor escore nos domínios do CHQ-PF50 representa pior qualidade de vida. Foram realizadas análises de correlação e Análise de Regressão Linear Múltipla com nível de significância de p≤0,05. O escore no Comportamento foi explicado em 26% pela área pessoal-social no Denver II avaliada na fase pré-escolar (β = -0,54). O escore na Avaliação global do comportamento foi explicado em 45% pela combinação do pessoal-social no Denver II na fase pré-escolar (β = -0,47) e da escolaridade do pai (β = 0,52). O modelo composto por tipo de parto (β = 0,59), ângulo poplíteo do NAPI na fase neonatal (β = -0,51) e número de cômodos na residência na fase pré-escolar (β = 0,27) explicou 60% do escore na Limitação social devido ao comportamento. O escore na Autoestima foi explicado em 75% pela combinação das variáveis estado civil dos pais (β = -0,51) e classificação econômica (β = 0,62) na fase pré-escolar. Não foi encontrado nenhum modelo de predição significativo para o domínio Saúde mental. Os achados do estudo mostraram que a qualidade de vida pode ser influenciada por múltiplos fatores de risco verificados em diferentes fases da trajetória do desenvolvimento. De modo que os fatores de risco associados aos piores índices de qualidade de vida relacionada ao comportamento foram os seguintes: maior tônus muscular em membros inferiores na fase neonatal, maior suspeita de atraso na área pessoal-social na fase pré-escolar, menor nível de escolaridade do pai, menor número de cômodos na residência, pais separados e pertencer à classe econômica mais desfavorecida na fase pré-escolar. Recomenda-se, em programas de follow-up de prematuros, a identificação desses indicadores de risco e manejo preventivo para neutralizar os efeitos negativos desses no desenvolvimento das crianças.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: qualidade de vida; comportamento; pré-termo.

Nível: M

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PRODUÇÃO DE CARTILHA INFORMATIVA PARA PAIS ADOTANTES TARDIOS SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL. *Tatiane Alves Correia*; Susi Lippi Marques Oliveira (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Os pais que adotam crianças com idade acima de dois anos (adoção tardia) têm maior probabilidade de terem dificuldades e dúvidas para lidarem com a adaptação da criança à nova família. Em geral, estas dificuldades estão relacionadas à ausência de conhecimentos sobre aspectos do desenvolvimento infantil e às crenças equivocadas quanto à adoção tardia. Considera-se que uma alternativa para a superação deste tipo de dificuldade seja disponibilizar um material instrucional para pais adotantes contendo orientações sobre desenvolvimento infantil. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo principal elaborar uma cartilha para pais adotantes tardios contendo orientações para promoção do desenvolvimento infantil e adaptação das crianças e dos pais à situação de adoção, de forma a prevenir déficits no desenvolvimento da criança e a diminuir as chances de que tais crianças sejam devolvidas aos abrigos. Os objetivos específicos foram: obter uma avaliação da pertinência e suficiência das informações contidas em uma primeira versão da cartilha, tendo em vista incorporar as sugestões para o aprimoramento e elaboração de uma segunda versão da cartilha; obter uma avaliação da clareza e acessibildade da linguagem da segunda versão do material, buscando aperfeiçoar o material de acordo com as sugestões dadas, a fim de gerar uma versão final da cartilha. Participaram como examinadores e juízes da cartilha cinco professores que atuam com desenvolvimento infantil e três pais adotantes tardios. Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, a primeira versão do material informativo foi construída com base na literatura da área de desenvolvimento infantil, contendo o total de 26 tópicos sobre a temática. Tal versão foi submetida à análise de conteúdo e os dados obtidos foram tabulados e avaliados, buscando-se identificar pontos levantados por mais de um juiz, que traziam evidências de seu embasamento e coerência e/ou que possuíam nível de especificidade adequado. Tais pontos foram considerados na reformulação da cartilha, obtendo-se a segunda versão do material informativo que foi submetida à análise semântica. Após esta fase e a partir das sugestões consideradas pertinentes, a terceira e última versão da cartilha foi elaborada. Todos os tópicos da primeira versão do material receberam sugestões por parte dos juízes de conteúdo, sendo que a maior parte das alterações realizadas refere-se à inclusão de informações e à reformulação de sentenças. Dos três juízes semânticos, um colaborador sugeriu alterações em três tópicos, das quais duas foram consideradas pertinentes. Todos os pais participantes da pesquisa afirmam que indicariam a cartilha como forma de orientação para pais adotantes e que a cartilha teria ajudado no processo de adaptação da criança caso tivessem recebido o material no momento da adoção. Conclui-se que o estudo atingiu seus objetivos, construindo, avaliando e reconstruindo um material informativo dirigido a pais adotantes tardios sobre desenvolvimento infantil. Sugestões para pesquisas futuras incluem: análise do material informativo com um número maior de pais adotantes; avaliação e aprimoramento dos recursos didáticos do material; e avaliação da utilidade da cartilha como material de apoio para profissionais que orientem pais adotivos e pretendentes à adoção.

Desenvolvimento infantil, adoção, família

DES

PSICOLOGIA BASEADA EM EVIDÊNCIA NA REVISTA PSYCHOLOGY AND AGING: REVISÃO DA LITERATURA. *Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP) e Alice Alexandra Soeiro Nunes Christofi** (Pós-Graduação Stricto Sensu em Psiquiatria – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo-SP).*

A revista científica é a forma mais convencional de divulgar a ciência que está sendo produzida em uma determinada área, como a da psicologia do envelhecimento. A análise da produção científica é fundamental para a avaliação da evolução do conhecimento e, consequentemente, verificar demandas e consolidação das pesquisas, assim como determinar diretrizes e fomentos para o avanço da ciência. O objetivo geral foi capturar e analisar os artigos publicados na Revista Psychology and Aging da Associação Americana de Psicologia (APA) sobre psicologia baseada em evidências. A revista é especializada no estudo do Envelhecimento na área da Psicologia, teve inicio em 1986 e sua periodicidade é quadrimestral.Os objetivos específicos foram investigar: tipo de estudo, tipo de metodologia, participantes e instrumentos, ano de publicação e temática. O material foi composto de 48 resumos de artigos, de 1986 até 2010, utilizando a expressão: evidence based. Foram analisados os resumos, desde o título até as palavras-chave com a metodologia de pesquisas de produção científica, sendo elaboradas fichas de registro para a tabulação dos dados, conforme a variável, como a temática, foi permitido mais de um registro por artigo. Os resultados permitem observar que no tipo de estudo apenas 8,33% eram de artigos de revisão da literatura, 4,16% de meta-análise e 87,51% eram de pesquisas, sendo 81,25% de pesquisas empíricas. Estas diferenças são estatisticamente significantes (χ2o= 18,75 ; p> 0,0001). Dos participantes, 54,16% eram de pesquisas com grupos, tanto de mulheres como de homens idosos, destes 85,41% foram com idosos de 65 anos ou mais. O material mais utilizado na coleta de dados foi o Exame Mini Mental (20,83%). O ano de 2007 (22,91%) foi o que mais publicou artigos com a expressão, seguido pelo de 2011 (12,5%). Os temas mais estudados foram: envelhecimento (54,16%), diferenças de idade (50%), habilidades cognitivas (25%), memória (18,75%) e prática baseada em evidência (14,58%). É possível concluir que houve um predomínio de pesquisas de campo, do tipo empírica, sobre a expressão evidence based com idosos de ambos os gêneros e acima de 65 anos de idade, com a maior utilização do Exame Mini Mental, no ano de 2007 e sobre o tema do envelhecimento. Também, conclui-se que os artigos publicados na revista Psychology and Aging revelam um avanço científico na área de Psicologia do Envelhecimento pela quantidade de pesquisas empíricas com diversos tipos de delineamentos, principalmente, do tipo experimental ou quase-experimental que permitem a verticalização do conhecimento científico na área.

Palavras-chave: gerontologia, revisão, metaciência.

P

DES

QUALIDADE DA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA: MICROREGULAÇÕES EM UMA SITUAÇÃO LÚDICA-LIVRE. *Rafaela Guilherme Monte Cassiano** (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP) e Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Pret, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

A qualidade da interação mãe-criança atua como variável preditora do desenvolvimento da criança, podendo moderar atenuando ou agravando efeitos negativos de fatores de risco para problemas de desenvolvimento. A interação mãe-criança pode ser influenciada tanto por caraterísticas maternas quanto por características da criança, constituindo-se em microregulações do desenvolvimento. A análise da observação sistemática da interação mãe-criança pode focalizar aspectos específicos do comportamento da criança ou da mãe, assim como a interação da díade. Em vista da importância da qualidade dessa interação são fundamentais esforços para a elaboração de instrumentos de análise dos intercâmbios dinâmicos da díade. O presente estudo teve por objetivo adaptar e validar um sistema de categorias de análise da interação mãe-criança em situação lúdica-livre. Participaram do estudo cinco mães e suas crianças, com idade entre 18 a 36 meses, idade média de 25,40 meses, nascidas a termo e saudáveis, de ambos os sexos (60% meninas). As mães eram biológicas, cuidadoras principais das crianças e não possuíam problemas de saúde mental avaliados pela Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-III –R Versão Não-Paciente. Na coleta de dados, foram realizadas observações sistemáticas em situação lúdica-livre em ambiente natural (domicílio), por 15 minutos e filmadas para posterior análise. As mães receberam a instrução de brincar com a criança utilizando os brinquedos disponíveis em casa e no local da casa em que costumam brincar. A análise de dados incluiu três sistemas de categorias de análise que avaliaram: a) inicio dos episódios de contato; b) dinâmica das atividades; c) padrões do brincar. Além de duas escalas que avaliaram: a) responsividade materna, sincronia, ritmo, intensidade, tom emocional e direcionamento da interação; b) entusiasmo, intrusividade, qualidade das direções, raiva ou frustração e qualidade do cuidado materno. As observações foram codificadas e analisadas por meio do programa Observer XT e os dados analisados em termos de estatística descritiva por meio do SPSS (versão 19.0). Obteve-se a concordância intra-observador, com coeficiente de Kappa de 0,80. Os resultados mostraram que o padrão de brincar mais frequente foi o Brincar Compartilhado (n=40%). A atividade que ocorreu com maior frequência em quatro observações foi à exploração de figuras, e apenas uma mãe não preparou o ambiente para a interação, não deixando brinquedos disponíveis. Os intercâmbios iniciados pela mãe tiveram a maior frequência em todas as observações. As atividades compartilhadas pela díade e as atividades realizadas pela criança com participação parcial da mãe foram as duas categorias predominantes, presentes em três observações. Destaca-se a dinâmica das atividades de uma díade em que houve pouca interação, pois 42% das atividades foram realizadas pela criança de forma independente da mãe. Os itens de Responsividade materna e Sincronia apresentaram um escore mediano de 5 e 4, respectivamente, em uma escala que varia de 1 a 7. Os achados do estudo mostraram que o sistema de análise da interação proposto envolvendo avaliação por meio das escalas e categorias são complementares, revelando aplicabilidade para a análise das microregulações da interação mãe-criança.

Interação mãe-criança, métodos de observação, brincar.

FAPESP e CNPq

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

QUALIDADE DAS RELAÇÕES CONJUGAIS EM FAMÍLIAS COM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN. *Nara Liana Pereira-Silva, Jaqueline Ferreira Condé de Melo*, Eduardo Mendes Silva*, Danielle Guimarães*, Amanda Espíndola Jerônimo*, Franciele Resende de Souza*, Priscila Rezende Silva*, Thales Tácito de Oliveira Almeida* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG)*

De acordo com a visão sistêmica, as relações ocorridas no subsistema marido-esposa influenciam, especialmente, aquelas ocorridas no subsistema genitores-criança. A literatura tem mostrado alto ajustamento conjugal em casais com filhos com deficiência intelectual, mas também, há estudos que apontam para alto índice de divórcio e discórdia marital entre os genitores de crianças com síndrome de Down. Esses dados demonstram a necessidade de mais investigação sobre esse tema, diante das implicações para o desenvolvimento dos filhos. O presente estudo teve o objetivo de caracterizar a qualidade das relações conjugais em famílias de crianças com síndrome de Down. Participaram 19 famílias com pai, mãe e criança(s), tendo uma delas o diagnóstico de síndrome de Down, residentes na cidade de Juiz de Fora. A média da idade das crianças foi 7 anos, sexo masculino (n=11) e feminino (n=8) e todas elas frequentavam a escola inclusiva ou especializada. A média da idade dos pais foi 44,8 anos e das mães 42,8 anos. A maioria dos pais completou o Ensino médio (n=7), seguido pela graduação (n=5), outros completaram (n=2) ou não (n=5) o Ensino fundamental. Já as mães, a maioria não completou o Ensino fundamental (n=6), seguido por aquelas que completaram a Graduação (n=5), o Ensino médio (n=4) ou o Ensino fundamental (n=4). A renda familiar teve uma média de 5,56 salários mínimos. O tempo de convivência entre os casais é de 15,9 anos. Esses casais têm 2 filhos, em média. As famílias foram visitadas nas suas residências, de acordo com a disponibilidade dos genitores para aplicação de questionário, entrevistas e Escala de Ajustamento Diádico. Os resultados do questionário mostraram que a mãe é a maior responsável pelos cuidados com o(a) filho(a) com síndrome de Down (57,9%). Ela leva o(a) filho(a) para a escola (42,1%), coloca-o(a) para dormir (42,1%) e lê/conta histórias (36,8%) com mais frequência que outros membros da família. Com o pai são compartilhadas as atividades de lazer (36,8%). Nessas famílias, as mães também são as maiores responsáveis por realizar as tarefas domésticas: limpar casa (52,6%), passar/lavar roupas (68,4%), cozinhar (78,9%). As crianças foram descritas pelos genitores como tranquilas (n=16) e carinhosas/amorosas (n=11), mas também, desobedientes (n=9) e irritadas (n=7). Quanto à qualidade da relação conjugal, verificou-se que a maioria dos casais (n=18) está em ajustamento, de acordo com o cálculo da pontuação na Escala de Ajustamento Diádico. Para serem classificados como desajustados ou em sofrimento em seu relacionamento conjugal, os participantes deveriam atingir 101 pontos ou menos, sendo que a média na EAD, para esses casais, foi 119,3 pontos. Não houve diferenças importantes entre os grupos, a média para as mães foi 120 pontos e para os pais, 118. Destaca-se que, apesar do tempo de convivência desses casais, esta variável não se correlacionou significativamente com os pontos da EAD. Ressalta-se que, nessas famílias, os dados a respeito do ajustamento dos casais não corroboram com a literatura na área. Sugerem-se mais estudos, com número maior de casais, no contexto brasileiro.

Palavras-chave: relações conjugais, famílias, síndrome de Down.

Programa de Apoio à Instalação de Doutores/PROPESQ/UFJF; PROVOQUE/UFJF; FAPEMIG.

DES

QUALIDADE DE VIDA AO LONGO DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. *Thiago Vinicius Monteleone, Caroline Leonor da Silva, Marcelo de Almeida Buriti, Marianna Barbosa Yamagchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

O presente estudo propõe discutir e verificar a qualidade de vida em adultos e idosos religiosos ou não. Entende-se por qualidade de vida, um bem-estar subjetivo provindo da somatória de todas as experiências do individuo. O homem, a partir de seu desenvolvimento, experiência sua vida de maneira singular de acordo com a fase da vida em que está no momento. Na fase adulta, este homem tende a acumular diversas práticas, mas sempre priorizando uma atividade produtiva. Já na fase mais tardia do desenvolvimento, os sujeitos, agora idosos, diminuem bruscamente suas vivências, ficando restritos, muitas vezes ao lar. Durante o processo de desenvolvimento, a prática religiosa tem sua freqüência diminuída na idade adulta, e aumentada na idade mais tardia. Tendo em vista estes aspectos, o objetivo geral deste estudo foi analisar a qualidade de vida ao longo do processo de desenvolvimento humano. Especificamente buscou-se verificar a qualidade de vida dos participantes, as alterações desta qualidade de vida entre os gêneros, entre adultos e idosos, e entre participantes religiosos ou não. Para isso, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, e após parecer positivo, foram coletados os dados. Participaram deste estudo 104 pessoas, residentes no Estado de são Paulo, que foram divididos em dois grupos, adultos e idosos, e posteriormente, subdivididos entre religiosos e não religiosos. Após consentimento, os participantes responderam um questionário de dados pessoais, e uma escala de avaliação da qualidade de vida (Whoqol-bref para os adultos e whoqol-old para os idosos). Os dados foram analisados estatisticamente, por meio do software estatístico BioEstat 5.0. Como resultados, pôde-se observar que, os participantes adultos obtiveram qualidade de vida com score 60,98, e os idosos 68,15. Não houve diferença estatisticamente significante ente os gêneros. Quanto aos adultos religiosos e não religiosos, não houve diferença estatisticamente entre os scores totais da qualidade de vida, já entre os idosos religiosos e não religiosos, houve grande diferença nos scores totais da qualidade de vida (75,78 para os idosos religiosos e 60,37 para os idosos não praticantes de religião). Estatisticamente esta diferença foi significativa. Com base nestes resultados, pôde-se concluir que, em média, tanto adultos e idosos obtiveram qualidade de vida equivalentes, sendo que entre os gêneros não ocorreram diferenças discrepantes. Nos adultos a prática religiosa parece não ter relação com a qualidade de vida, visto que esta não interferiu entre os adultos religiosos e não religiosos. Já os idosos religiosos apresentaram maior qualidade de vida quando comparados com os idosos não religiosos. Estes dois últimos dados mostram que na fase adulta, a prática religiosa pode ter pouca influência na vida em geral, visto que é apenas mais uma das práticas exercidas. Já na idade tardia, esta prática religiosa parece ter mais influência na qualidade de vida, visto que muitas vezes é a única prática socialmente exercida por esta população. Enfim, se fazem necessários mais estudos dentro desta temática.

Bem-estar, Envelhecimento, Religião.

DES

QUALIDADE DE VIDA DE IDOSAS DE UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA E DE UMA CASA DE REPOUSO. *Marianna Barbosa Yamaguchi (Universidade São Judas Tadeu)*

A velhice é uma das etapas do processo de envelhecimento, que como as outras fases da vida ocorrem ganhos e perdas, a qualidade dessas variáveis depende da interação entre o indivíduo, o ambiente e o contexto cultural. Este seguido de cuidados pode usufruir de uma velhice saudável, sendo atores de sua própria condição, podendo contribuir e acompanhar as transformações da sociedade. Objetivou-se analisar os aspectos positivos na velhice e levantar as perspectivas de vida dos idosos. Participaram da pesquisa 30 idosas a partir de 60 anos, das quais 15 residiam na Instituição de Longa Permanência (ILPI) Santa Cruz e 15 de um Centro de Convivência para Idosos Associação de Aposentados e Pensionistas e Idosos (AJAPI) na cidade de Campos do Jordão. Utilizou-se os instrumentos Whoqol-Abreviado e o Whoqol-Old. Os dados foram tabulados em uma planilha no Excel e os cálculos estatísticos realizados pelo programa Biostats 5.0, o nível de significância adotado foi de 0,05. As mulheres da ILPI têm em média 69,27±8,5 anos, 40% são casadas e viúvas e tem aproximadamente 3±2 filhos, 46,66% são analfabetas. Sobre a saúde 40% consideram como boa e todas disseram não trabalhar. Já as mulheres da AJAPI têm em média 70,8±8,4 anos e possuem uma média de 4±2,3 filhos, 60% são viúvas, 33,34% cursaram até o ensino fundamental, 70% não trabalham e 40% delas acham sua saúde boa e indiferente. Os resultados da aplicação do Whoqol-Abreviado mostraram que às idosas da ILPI apresentaram os scores sobre os domínios físico com 73,55, psicológico 68,06, relações sociais 65 e ambiente 71,25, o χo2 = 0,60 (p = 0,05 e n = 3). Em relação aos domínios do Whoqol-Old observou se que o funcionamento do sensório apresentou 70,42, autonomia 63,39, atividades passadas, presentes e futuras 70,42, participação social 65,83, morte e morrer 72,32 e intimidade com 54,17, χo2 = 3,41 (p = 0,05 e n = 3), nos dois casos foi verificado que não existia diferença estaticamente significante entre os domínios avaliados. Com as idosas da AJAPI em relação ao Whoqol-Abreviado apresentaram-se 68,81 no domínio físico, 69,44 no psicológico, 74,44 relações sociais e 69,17 ambiente, feita a análise o χo2 = 0,30. Nos resultados do Whoqol-Old os scores dos domínios foram 69,58 em funcionamento no sensório, 63,33 na autonomia, atividades passadas, presentes e futuras com 69,58, participação social com 66,25, morte e morrer 47,5 e intimidade 62,08, o χo2 = 5,36, seguindo o mesmo critério verificou-se que também não existe diferença estatisticamente, provavelmente as idosas dos dois grupos tenham representações semelhantes sobre qualidade e vida. Observou-se que os scores sobre os domínios avaliados são semelhantes o que pode apontar mais uma vez para uma avaliação subjetiva sobre a qualidade de vida, mesmo se tratando de grupos distintos, recomenda-se novas pesquisas com outros grupos de idosas em outras cidades e instituições.

Instituição de Longa Permanência, Satisfação com a vida, Velhice

CNPq/PIBIC

DES

QUALIDADE DE VIDA PERCEBIDA POR IDOSOS ATIVOS: AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA. *Sueli dos Santos Vitorino (Universidade São Judas Tadeu)*

Sabendo-se do crescimento mundial da população idosa e percebendo a necessidade de estudos que viabilizem o bem-estar psicológico nessa faixa etária, este trabalho teve como objetivo geral avaliar os efeitos de uma intervenção psicológica sobre a qualidade de vida (QV) levando em consideração os níveis de ansiedade/depressão e, subjetivamente, a percepção de qualidade de vida e de satisfação com a vida de idosos atendidos numa universidade particular na cidade de São Paulo. Após preenchimento do TCLE, os instrumentos foram aplicados para medir a ansiedade e a depressão (escalas de Beck), a qualidade de vida (WHOQOL-old), a satisfação com a vida (escala de satisfação com vida adaptada), antes e após a intervenção psicológica que foi realizada, em dois grupos que funcionaram paralelamente, durante 12 sessões, 20 idosos de ambos os gêneros iniciaram, dos quais 11 foram até o fim e avaliados pós-intervenção. Os principais resultados permitem aferir que a caracterização dos participantes revelou um perfil semelhante a diversos trabalhos publicados sobre idosos, tais como: maioria do sexo feminino, com idade média de 66 anos, viúvas, morando com outras pessoas (cônjuge ou filhos), com renda em torno de três salários mínimos. A intervenção psicológica foi qualitativamente positiva sobre a qualidade de vida de ambos os grupos de idosos atendidos no Projeto Sênior para a Vida ativa, pois ficou claro que todos os participantes conseguiram ter um olhar diferente para a própria vida, fato este que não lhes tinha ocorrido antes favorecendo sua vivência emocional. Quanto a analise, antes e após a intervenção, foi possível verificar que, no grupo, os níveis de ansiedade e de satisfação para com a vida, praticamente, mantiveram-se entre a pré e pós-intervenção. Já os níveis de depressão e a qualidade de vida tiveram ligeira melhora, apresentando esta resultados estatisticamente significantes nas facetas Presente Passado e Futuro, Participação Social e Intimidade. Na correlação entre os níveis de ansiedade e depressão com a satisfação e a qualidade de vida, antes e após a intervenção, foi verificada forte correlação (com diferença estatisticamente significante) entre Ansiedade e Depressão, Ansiedade e Qualidade de Vida e Satisfação com a vida na avaliação pré-intervenção. O que resultou diferença na avaliação pós-intervenção em que tiveram diferença estatisticamente significante somente Ansiedade e depressão e Ansiedade e Qualidade de Vida. É importante frisar que a pesquisa apresentada limitações devido à quantidade de idosos participantes da intervenção (n= 11), o que impede a generalização dos dados. Além disso, a complexidade da temática e das variáveis envolvidas não permitiu afirmar com precisão a eficácia da intervenção psicológica na qualidade de vida dos idosos, porém os resultados revelam, principalmente os qualitativos, que os encontros foram positivos, porque permitiram uma maior reflexão sobre aspectos da vida dos participantes. Dessa forma, conclui-se afirmando ser fundamental que sejam realizadas outras pesquisas sobre intervenção psicológicas com idosos, pois há uma lacuna na área da Psicologia no que se refere às pesquisas que envolvam intervenções psicológicas para promover o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos.

Gerontologia; Envelhecimento; Psicologia

Universidade São Judas Tadeu

DES

QUALIDADE DE VIDA, DESEMPENHO COGNITIVO E PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS NASCIDAS PREMATURAS E MUITO BAIXO PESO. *Juliana Aparecida Martini**, Gimol Benzaquen Perosa, Flavia Helena Pereira Padovani (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu-SP).*

Os avanços recentes na área de Obstetrícia e Perinatologia levaram a uma redução significativa nos índices de mortalidade infantil, e a altas taxas de sobrevida de crianças nascidas prematuras. No entanto, não se verificou o mesmo impacto na redução das sequelas durante o desenvolvimento, e as consequências para a qualidade de vida da criança, tanto na infância como na adolescência e idade adulta. Há relatos na literatura que associam prematuridade com sequelas físicas e psicossociais, aumentando a chance de problemas comportamentais e cognitivos, especialmente na idade escolar. Entretanto os resultados não são conclusivos e poucos estudos associam esses déficits com qualidade de vida. O presente estudo teve por objetivo avaliar a qualidade de vida de crianças nascidas prematuras, em idade pré-escolar e escolar, e avaliar sua associação com condição de nascimento, socioeconômicas, desempenho cognitivo e comportamental. Para tanto, foram utilizadas a escala AUQEI (Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé), respondida pela criança e pela mãe, e HUI 3 (Health Utility Index 3), respondida pela mãe, para avaliação da qualidade de vida; CBCL (Child Behavior Checklist) para avaliação do comportamento; WISC e WIPPSI (Wechsler Intelligence Scale) para avaliação cognitiva. Das 57 participantes, com idade variando de 5 a 8 anos 33,3% eram extremo baixo peso e 75,4% prematuras extremas. Na avaliação cognitiva, 56,1% das crianças tiveram desempenho cognitivo de regular a superior, 22,8% eram limítrofes e 8,8 intelectualmente deficientes. Com relação ao comportamento 36,8% apresentavam problemas, especialmente de ansiedade (19,5%) e hiperatividade e atenção (21,1%). Quanto á qualidade de vida avaliada pela AUQEI, 47,4% das crianças auto-relataram que ela estava prejudicada, mas na HUI, respondida pelos pais, a mediana foi de 0,93, considerada boa em escala que varia de 0 a 1,00. Houve relação significativa entre escolaridade materna, reinternação no primeiro ano de vida e desempenho cognitivo. Houve, também, associação significativa entre desempenho cognitivo e problemas comportamentais, mais especificadamente TDAH (Hiperatividade e Déficit de Atenção). Com relação à qualidade de vida, ela esteve associada com algumas variáveis sociodemográficas: idade e ocupação materna, escolaridade da criança e sua reinternação no primeiro ano de vida. Houve forte associação também com desempenho cognitivo e problemas comportamentais. A partir disso, observa-se que a reinternação no primeiro ano de vida esteve relacionado ao pior desempenho cognitivo e maiores problemas comportamentais. A reinternação no primeiro ano de vida pareceu ser um indicador importante de possíveis deficiências cognitivas e comportamentais na idade escolar. Conclui-se que a qualidade de vida de crianças nascidas prematuras teve uma associação direta com seu desempenho cognitivo e comportamental sinalizando para necessidade de implementar intervenções terapêuticas e educacionais que minimizem as consequências negativas decorrentes da condição adversa de nascimento, quando do ingresso da criança na escola.

Prematuridade, Qualidade de vida, Desenvolvimento infantil

DES

QUEIXAS E HIPÓTESES DIAGNÓSTICAS DAS CRIANÇAS QUE UTILIZAM OS SERVIÇOS DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA. *Mariajosé Louise Caro Schulz*, Josiane da Silva Delva da Silva** (Universidade do Vale do Itajaí)*

Os problemas de comportamento na infância têm sido relatados como uma das queixas mais encontradas nas clínicas-escolas do Brasil, constituindo-se um desafio para os profissionais da área de Saúde Mental. Neste trabalho, objetivou-se caracterizar o perfil crianças de 3 a 10 anos de idade atendidas em uma clínica–escola de Psicologia em uma cidade de Santa Catarina em 2007. A pesquisa é caracterizada como documental, exploratória e descritiva. Os dados desta pesquisa foram levantados junto às triagens da população atendida analisando as variáveis referentes a identificação da população quanto a idade, sexo, escolaridade, configuração familiar e posição ocupada pela criança na prole; queixas que motivaram a procura pelos serviços da clínica-escola categorizadas em comportamentais (agitação, agressividade, hiperatividade, rebeldia, entre outras), afetivo-emocionais (angústia, ansiedade, depressão, nervosismo, entre outras), escolares (dificuldade escolar, falta de interesse na escola, queda no rendimento escolar, entre outras), relacional (isolamento, timidez, problemas familiares, dependência à mãe, entre outras), cognitivas (desatenção, falta de interesse, problemas de aprendizagem, entre outras), fisiológica (alteração de peso, encoprese, enurese, insônia, estresse, etc.) e outras (manias de limpeza, alucinações, crise noturna, entre outras) bem como as hipóteses diagnósticas. Os dados coletados receberam tratamento através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Como resultados foram atendidas um total de 89 crianças em 2007, destacam-se sujeitos com idades entre 8 e 10 anos, predomínio de meninos (68%) seguido por 23% de meninas. Quanto ao nível de escolaridade há uma maior incidência das crianças na quarta-série, em seguida crianças oriundas da segunda-série e da Educação Infantil. Os dados referentes à configuração familiar indicam uma prevalência de crianças procedentes de família nuclear (56,9%), seguida de crianças em que a mãe é o chefe de família (15,2%), e de famílias reconstituídas (13,8%). Os dados referentes à posição ocupada pela criança na prole revelam uma concentração maior de filhos únicos (34,7%) e dos filhos mais novos (34,7%) seguido pelos primogênitos (19,4%) na procura pelos serviços de psicologia. Os resultados encontrados indicam que entre as queixas mais relatadas encontram-se as Queixas comportamentais (32,6%), Queixas afetivo-emocional (18,7%) e Queixas escolares (13,8%). Foram encontradas 27 tipos de hipóteses diagnósticas, das quais destacam-se Problemas de Relacionamento entre Pai/Mãe-Criança totalizando 20,9%, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade 17,1% e os Transtornos de Aprendizagem 12,3% da população que procura atendimento nos serviços de saúde mental em 2007. Conclui-se com base nestes dados, que se deve repensar o planejamento de políticas públicas para o desenvolvimento de programas com foco no treinamento e orientação de pais, com a finalidade de promover habilidades sociais educativas como forma de prevenção e redução de problemas de comportamento infantil.

Criança; Clínica-escola; Problemas de comportamento.

Bolsa do Governo do Estado de Santa Catarina

DES

RELAÇÃO ENTRE REGRESSÃO DA LINGUAGEM E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOMUNICATIVO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. *Maíra Ainhoren Meimes, Bárbara Backes**, Regina Basso Zanon**, Cleonice Alves Bosa** (Nieped, Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) caracteriza-se por comprometimentos sociocomunicativos, assim como pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. Portanto, alterações na aquisição e no desenvolvimento da linguagem são comuns em indivíduos com TEA. Nesse sentido, em alguns casos do transtorno, pode ser observada a perda de habilidades linguísticas recém-adquiridas, fenômeno denominado "regressão da linguagem". Estudos têm demonstrado que esse fenômeno se apresenta como um fator de risco para o desenvolvimento posterior de indivíduos com TEA, mas esse achado ainda é controverso. Assim, esta pesquisa teve como objetivo investigar o efeito da regressão da linguagem no desenvolvimento sociocomunicativo posterior de crianças pré-escolares com TEA. Mais especificamente, objetivou-se comparar o desenvolvimento sociocomunicativo de dois grupos de crianças com o transtorno, com e sem regressão da linguagem. Essa pesquisa utilizou um banco de dados internacional composto por crianças com TEA em idade pré-escolar, que foram atendidas no Cincinnati Children`s Medical Center, em Ohio, entre 2008 e 2009. Um dos grupos foi composto por crianças com diagnóstico de transtorno autista com histórico de regressão das habilidades de linguagem (Grupo 1, n= 6) e o outro por crianças com o mesmo diagnóstico, porém sem histórico de regressão (Grupo 2, n= 24). Os grupos foram equiparados por sexo, raça e nível de linguagem. A regressão da linguagem foi investigada com base nos itens 11 a 19 da Autism Diagnostic Interview-Revised e o efeito desta no desenvolvimento sociocomunicativo a partir do Autism Diagnostic Observation Schedule. A média dos escores finais do ADOS, nas dimensões de interação social e comunicação separadamente, bem como no total somado de ambas as dimensões, foi comparada entre os dois grupos. Das 30 crianças participantes do estudo, 6 (20%) apresentaram regressão da linguagem, sendo a média de idade de início da perda de 25 meses (DP= 6,19) e a duração média de 16,3 meses (DP= 4,24). Não se observaram diferenças estatisticamente significativas, quanto ao desenvolvimento sociocomunicativo, entre os grupos com e sem regressão da linguagem. Embora esse resultado esteja em consonância com investigações anteriores, é necessário salientar que o número reduzido de participantes com regressão da linguagem pode ter influenciado o efeito encontrado. De qualquer forma, fica evidente que se fazem necessárias novas investigações acerca dos efeitos da regressão no desenvolvimento posterior de indivíduos com TEA, por se tratar de um fenômeno ainda pouco compreendido, especialmente em termos teóricos. Desse modo, ressalta-se a importância de que pesquisas futuras nessa temática fundamentem seus achados teoricamente, o que pode ser alcançado a partir do prisma da psicologia do desenvolvimento, mais especificamente através da abordagem sociopragmática.

Transtorno do Espectro Autista, regressão da linguagem, linguagem.

CAPES

DES

RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM REFERENTE AOS ESTADOS MENTAIS E COMPETÊNCIA SOCIAL: UM ESTUDO COM ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS. *Renata de Lourdes Miguel da Silva, Marisa Cosenza Rodrigues (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

O desenvolvimento sociocognitivo constitui um campo de pesquisas em emergência. Neste contexto, inserem-se estudos que investigam as possíveis relações entre a linguagem referente aos estados mentais e o desenvolvimento social infantil. A literatura tem sugerido que o aprimoramento da linguagem mentalista relaciona-se a uma melhor compreensão e inserção da criança no mundo social. A presente pesquisa objetivou avaliar a atribuição de estados mentais e a competência social, bem como verificar possíveis diferenças quanto ao sexo e escola, em alunos do primeiro ano do ensino fundamental de duas escolas públicas de uma cidade da zona da mata mineira. Participaram 85 crianças, com média de idade de 83 meses, sendo 43 alunos de uma escola de periferia e 42 de uma escola localizada na área central da cidade. Após procedimentos éticos, utilizou-se um livro com narrativa por imagem, para avaliar a atribuição de estados mentais e a escala de avaliação das habilidades sociais (SSRS-BR), para avaliar a competência social pela ótica da criança e do professor. A coleta de dados foi realizada individualmente na própria escola, sendo solicitado à criança que contasse uma história a partir de um livro, bem como respondesse às questões da escala referida, sendo esta última também respondida pelos professores. As narrativas foram gravadas, transcritas e analisadas. Os relatos infantis foram codificados em: termos cognitivos, emocionais, desejo/intenção e perceptivos. Os dados foram tabulados e analisados mediante estatística descritiva e inferencial (teste t de Student). Em relação à atribuição de estados mentais, os resultados indicam frequência expressiva dos termos de desejo/intenção, seguindo-se dos termos emocionais, cognitivos e perceptivos. Os dados sugerem que os participantes apresentam uma linguagem mentalista mais aprimorada, visto que atribuíram com maior frequência termos mais elaborados, como os de desejo/intenção na comparação com os termos perceptivos, considerados mais primários. Quanto à comparação por escolas, a escola da região central obteve melhores médias em todas as categorias de termos mentais, evidenciando-se, contudo, significância apenas para os termos emocionais ($p=0,012$). Quanto à comparação por sexo, evidenciou-se que na categoria termos de desejo/ intenção as meninas foram significativamente melhores que os meninos ($p= 0,002$); já em relação aos termos perceptivos, os meninos obtiveram médias maiores do que as meninas ($p= 0, 007$). No que se refere à competência social, não foi encontrada diferença significativa na autoavaliação, no entanto evidenciou-se diferença estatística na avaliação realizada pelo professor ($p= 0,001$). Tais dados sugerem que a avaliação feita pelo professor mostrou-se mais sensível para captar diferenças quanto à competência social infantil. Tanto na avaliação do professor quanto na autoavaliação, as crianças participantes tenderam a ser consideradas como socialmente competentes. A comparação quanto ao sexo também evidenciou significância somente na avaliação dos professores ($p< 0,001$), as meninas foram descritas como socialmente mais competentes do que os meninos. Os dados obtidos sugerem que escola e sexo constituíram variáveis importantes, tanto para o desenvolvimento da linguagem quanto para a competência social. Tais dados condizem com a literatura que sustenta a relevância de fatores relacionados às experiências individuais e culturais para o desenvolvimento sociocognitivo infantil.

Desenvolvimento sociocognitivo; linguagem; competência social.

Capes

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TEMPERAMENTO E COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO. *Sofia Gracioli**; Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

Crianças nascidas pré-termo podem apresentar riscos para problemas de desenvolvimento e comportamento. Quanto maior o risco clínico neonatal, maior a probabilidade de ocorrência de problemas. O temperamento, e sua relação com o comportamento, têm sido pouco explorados em estudos sobre o desenvolvimento de crianças nascidas pré-termo. Na abordagem teórica de Rothbart, o temperamento é definido como diferenças individuais de base constitucional, envolvendo os processos de reatividade e auto-regulação, assim como os domínios do afeto, atividade e atenção. Este modelo traz contribuições relevantes para a compreensão dos processos regulatórios do desenvolvimento de crianças em condição de risco. O presente estudo teve por objetivo examinar indicadores de temperamento e comportamento na fase de 18 a 36 meses de crianças nascidas prematuras (<37 semanas de idade gestacional). A amostra foi composta por 11 crianças (idade média=24 meses; idade gestacional média=27), de ambos os sexos, nascidas e seguidas longitudinalmente em um programa de folow-up de prematuros em um hospital público universitário,. O temperamento das crianças foi avaliado por meio do Early Childhood Behavior Questionnaire (ECBQ), que envolve os fatores de Afeto Negativo, Extroversão e Controle com esforço e os diferentes domínios. Os escores são atribuídos na escala de Likert que varia de 1 a 7. O comportamento foi avaliado pelo CBCL Child Behavior Checklist 1 ½ - 5 em termos de escores de problemas de comportamento total, de internalização e externalização, e suas diferentes escalas. Os dois questionários foram aplicados em entrevistas com a mãe. Os dados foram quantificados e analisados em termos de estatística descritiva, utilizando-se o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 19.0). Os achados do estudo mostraram que as crianças nascidas prematuras com relação ao temperamento apresentam escores mais altos no fator de Extroversão (escore mediano=5,6), sendo as dimensões que se encontram em destaque dentro deste domínio de Prazer de Alta intensidade, Impulsividade e Sociabilidade. No fator Controle com esforço o escore também foi alto (escore mediano=5,2) e as dimensões em destaque foram: Prazer de baixa intensidade, Aconchego e Focalização da Atenção. O fator Afeto negativo teve escores mais baixos com relação aos demais. Com relação aos comportamentos as crianças prematuras apresentaram tanto problemas externalizantes (escore mediano=64) (comportamento agressivo e problemas de atenção), quantos os internalizantes (escore mediano= 61) (reação emocional, queixas somáticas e retraimento). Os achados indicam risco para problemas de comportamento com padrões tanto externalizantes quanto internalizantes, porem com indicadores de recurso no processo de regulação do comportamento, se considera controle com esforço do temperamento. O estudo do comportamento associado ao temperamento permite uma melhor compreensão dos processos regulatórios do desenvolvimento de crianças nascidas prematuras em condição de vulnerabilidade.

Palavras-chave: prematuridade extrema; temperamento; comportamento.

M

Capes, Cnpq

DES

TEMPERAMENTO EM CRIANÇAS DO NASCIMENTO ATÉ A IDADE ESCOLAR: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Aline Limiéri Dualibe*; Rafaela Guilherme Monte Cassiano** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP); Maria Beatriz Martins Linhares (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

Temperamento é definido pelas diferenças individuais na reatividade e autorregulação, tendo uma composição biológica e podendo ser influenciado pelo ambiente, o que possibilita sofrer mudanças pelas experiências individuais ao longo do tempo. Atualmente a abordagem psicobiológica de Rothbart tem sido amplamente utilizada no estudo do temperamento. O presente estudo tem por objetivo revisar a literatura indexada e atualizada, publicada nos últimos três anos(?), sobre o tema temperamento de crianças, considerando o período do nascimento até a idade escolar, de acordo com a abordagem psicobiológica de Rothbart. O estudo visa atender às seguintes questões: a) Quais as idades mais pesquisadas?; b) Quais os procedimentos utilizados para mensurar o temperamento?; c) Quais os principais resultados encontrados? Foi realizada uma revisão sistemática de estudos empíricos publicados em inglês nos últimos três anos e indexados nas bases de dados PubMed e PsycINFO. As palavras- chave combinadas foram as seguintes: (Temperament) AND (Infant, Newborn OR Preschool Child) AND (Humans); (Temperament) AND (Early Chilhood OR Kindergarten OR Preschool Education OR Primary Education). Foram excluídos artigos de revisão, metanálise e com objetivos psicométricos. Os principais resultados encontrados, do total de 26 artigos revisados, foram estudos feitos predominantemente com crianças norte-americanas (40%) e européias (35%), além de uma predominância dos estudos feitos com crianças na idade pré-escolar. O instrumento mais utilizado para avaliar o temperamento foi o CBQ (Children's Behavior Questionnaire), como era de se esperar pela idade mais pesquisada. A maioria dos estudos avaliou o temperamento da criança por meio hetero-relato, sendo as mães as principais informantes. Os estudos associaram o temperamento com indicadores biológicos; problema de crescimento fetal associou-se com hiperatividade aos 7-9 anos, que foi mediada pelo Controle com Esforço. Menor volume ventricular cerebral na fase neonatal associou-se com maior escore em Raiva e Nível de atividade, aos 5-6 meses. O temperamento mostrou associação também temperamento com problemas de comportamento; houve relação entre fatores do temperamento (extroversão) e problemas de comportamento externalizantes (agressividade e hiperatividade) e internalizantes, aos 4-6 anos. O temperamento também O associou-se ao desempenho escolar; quanto maiores os escores em Atenção e Nível de atividade aos 4 anos, melhor foi o desempenho em leitura e matemática na 3ª série. Verificou-se um efeito moderador do suporte emocional na classe para atenuar os efeitos dos problemas de atenção e nível de atividade das crianças. Além disso, características dos pais também se relacionaram com o temperamento das crianças; quanto menor o nível de escolaridade, menos qualificado ocupacionalmente e menor renda dos pais, maiores foram os Nível de atividade e Medo no temperamento das crianças. Os achados da revisão mostram a relevância do estudo do temperamento nas fases iniciais de desenvolvimento, ampliando a compreensão de disposições pessoais relacionadas a este constructo nas relações com variáveis biológicas e do contexto social.

Agência financiadora: CNPQ; FAPESP

Palavras chave: temperamento; crianças; revisão

IC

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TEMPERAMENTO INFANTIL: INFLUÊNCIA DO NASCIMENTO PREMATURO E DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS. *Rafaela Guilherme Monte Cassiano** (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Luciana Cosentino-Rocha; Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

A abordagem Psicobiológica de Rothbart demonstra a importância do temperamento infantil na formação da personalidade e no desenvolvimento humano. O temperamento pode atuar como variável moderadora dos efeitos negativos dos fatores de risco biológico e psicossocial. Os traços de temperamento têm alta relação com problemas de comportamento. O nascimento prematuro e as baixas condições socioeconômicas são fatores de risco que aumentam a probabilidade de problemas em diferentes áreas do desenvolvimento. O presente estudo avaliou o efeito direto ou interativo do nascimento prematuro e das condições socioeconômicas no temperamento de crianças, na fase de 18 a 36 meses. A amostra do estudo foi composta por 86 crianças (idade média= 26 meses; 52% meninos), distribuídas em dois grupos de crianças nascidas pré-termo (< 37 semanas de idade gestacional; n=48) e nascidas a termo (≥ 37 semanas de idade gestacional; n= 38). Além disso, era constituída por três grupos de acordo com a classificação socioeconômica, avaliada pelo Critério de Classificação Econômica Brasil, a saber: Classe A e B (n= 18), Classe C (n= 45) e Classe D (n= 23). O temperamento infantil foi avaliado por meio do The Early Childhood Behavior Questionnaire (ECBQ), instrumento de hetero-relato em que se atribui um valor aos itens em uma escala de Likert que varia de 1 (nunca) a 7 (sempre). Os questionários foram aplicados em entrevistas com as mães. Os dados foram quantificados e analisados por meio do SPSS (versão 19.0). Foi realizada uma análise de variância fatorial 2 X 3 (Pré-termo/Termo X Classificação Socioeconômica A/B, C e D) para testar o efeito direto ou interativo das variáveis independentes nas variáveis dependentes do temperamento (fatores e dimensões). Foi adotado o nível de significância estatística de p≤ 0,05. Os resultados mostraram que, com relação às dimensões do temperamento, houve o efeito direto da prematuridade em duas dimensões; as crianças prematuras apresentaram significativamente maiores escores na Ativação Motora e menores escores no Aconchego do que as crianças nascidas a termo. Por outro lado, houve o efeito direito das condições socioeconômicas no fator Afeto Negativo e em seis dimensões do temperamento. As crianças com piores condições socioeconômicas (classe D) apresentaram maiores escores no fator Afeto Negativo e nas dimensões Medo, Frustração, Ativação Motora, Sensibilidade Perceptual e Tristeza, assim como menor escore no Controle Inibitório, em comparação com as crianças das demais classes. Finalmente, verificou-se um efeito interativo entre a prematuridade e as condições socioeconômicas na dimensão Nível de Atividade; as crianças prematuras da classe D apresentaram significativamente maiores escores nessa dimensão em relação às crianças prematuras das classes A, B ou C e as crianças nascidas a termo de todas as classificações socioeconômicas. Os achados mostram que tanto o risco biológico da prematuridade quanto o risco psicossocial podem afetar os traços de temperamento, sugerindo a necessidade intervenções preventivas para atenuar o impacto negativo destes riscos no desenvolvimento e comportamento das crianças.

Temperamento; impacto socioeconômico; nascimento prematuro.

FAPESP, CNPq e CAPES

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRANSFORMAÇÕES NO ENVOLVIMENTO PATERNO AO LONGO DOS SEIS PRIMEIROS MESES DO BEBÊ NA CRECHE. *Marília Reginato Gabriel, Marília Reginato Gabriel, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Esta dissertação investigou o Envolvimento Paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche. Baseado no conceito de Envolvimento Paterno, buscou-se investigar as transformações na Interação, Disponibilidade e Responsabilidade dos pais sobre seus bebês com a entrada na creche. Para tanto, por meio de um estudo de caso coletivo de caráter longitudinal, 4 pais (com idades entre 32 e 36 anos) responderam a entrevistas estruturadas em 3 momentos de coleta de dados, a saber: entrada do bebê na creche, um mês após a entrada e 6 meses após o ingresso na creche. Os participantes fazem parte da pesquisa intitulada "Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança" – CRESCI. O CRESCI tem como objetivo geral investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de bebês do primeiro ao segundo ano de vida. Mais especificamente, a pesquisa objetiva comparar, ao longo desse período, crianças que frequentam e não frequentam a creche, buscando relacionar a qualidade dos ambientes institucional e familiar ao desenvolvimento infantil. A partir da análise de conteúdo qualitativa dos dados, dois aspectos relacionados às transformações no envolvimento do pai se destacaram: (a) o desenvolvimento do bebê e (b) a entrada na creche. Observou-se que a creche e o desenvolvimento do bebê são aliados do pai no retorno às suas atividades, principalmente ao trabalho. A creche possibilitou que o pai dedicasse o tempo em que o bebê está na instituição para realizar atividades pessoais, para ficar mais tempo no trabalho e, até mesmo, conseguir ficar somente com a esposa por algumas horas. Em tempos de um envolvimento considerável do pai com o bebê, a creche pôde ser entendida como um terceiro membro na relação pai-bebê, que libera o pai para a realidade do mundo externo (trabalho, relação conjugal). Além disso, o pai passou a interagir menos de acordo com os aspectos maternos da interação, uma exigência que vai muitas vezes além das suas capacidades. A respeito do envolvimento paterno com a creche, ao contar com um cuidado alternativo, exige-se do pai que este se envolva com as atividades relacionadas à instituição, tais como se comunicar com as educadoras, buscar e levar o filho, arrumá-lo para a ir à creche. Entende-se que o envolvimento do pai em atividades indiretas, mas que dizem respeito ao filho, é um importante indicativo de como o pai se envolve com o próprio bebê. Além do mais, essas atividades indiretas são essenciais para a execução das tarefas diretas, muitas vezes desempenhadas pela mãe. Destaca-se como motivação para o envolvimento paterno nesta etapa inicial, a necessidade de incluir aspectos próprios da interação paterna no desenvolvimento emocional do infante. Será no decorrer deste período, que os aspectos paternos começarão a ser discriminados pela criança, sendo que as falhas paternas podem ser tão graves quanto as maternas. O presente estudo mostra a importância de se levar em consideração as necessidades e capacidades do pai que está envolvido no cuidado ao bebê.

Envolvimento paterno; paternidade; creche.

CAPES

DES

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: PERFIL SOCIOCOMUNICATIVO DE CRIANÇAS COM E SEM REGRESSAO DE LINGUAGEM. *Maira Ainhoren Meimes;Barbara Backes; Regina Basso Zanon; Renata Giuliani Endres; Cleonice Alves Bosa (Nieped, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre / RS)*

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se pela presença do desenvolvimento atípico na interação social e comunicação, bem como pelo repertório restrito de atividades e interesses. Mais especificamente com relação à linguagem, alterações na aquisição e no desenvolvimento desta são comuns em indivíduos com TEA. Atualmente, o denominado fenômeno da regressão da linguagem em crianças com TEA tem sido foco de estudos e pesquisas na área. Este fenômeno tende a ser definido como uma cessação bastante acentuada de habilidades linguísticas previamente adquiridas, como por exemplo, a perda de palavras adquiridas no final do primeiro ano de vida. Uma das preocupações dos investigadores tem sido o impacto da regressão da linguagem no desenvolvimento subsequente em crianças com este diagnóstico, cujos resultados dos estudos têm se mostrado controversos. Este panorama aponta para a necessidade de maiores investigações nesta área. Neste sentido, este estudo teve por objetivo comparar, qualitativamente, o perfil sociocomunicativo de duas crianças com TEA, tendo uma o histórico de regressão da linguagem e outra não. Mais especificamente, buscou-se examinar se a criança com regressão da linguagem apresentou um perfil sociocomunicativo mais atípico que o da criança sem regressão. Participaram do estudo, dois meninos com diagnostico de TEA, com idades de 5 e 5,4 anos, avaliados com base no Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) e Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS). O delineamento utilizado foi um estudo de caso coletivo transversal do tipo exploratório. Realizou-se uma análise descritiva dos itens do ADOS as quais foram relacionadas qualitativamente com algumas informações concernentes ao ADI. Os resultados demonstraram que a criança com histórico de regressão de linguagem apresentou um perfil de habilidades sociocomunicativas menos atípico, em comparação com a criança sem este histórico. Por exemplo, a criança com histórico de regressão apresentou mais responsividade comunicativa. Além disso, apresentou melhor habilidade em responder quando chamada pelo nome, utilizando-se inclusive do contato visual. Já na criança sem regressão isto não ocorreu, uma vez que ela não respondeu quando chamada pelo nome, bem como apresentou comunicação orientada, em sua maior parte, apenas para buscar assistência, sem responsividade. Neste caso, a regressão parece não ter se revelado um fator de risco para o desenvolvimento subseqüente desta criança em particular. Especula-se que este resultado possa decorrer da época em que a perda ocorreu (16 meses), isto é, em um período posterior a aquisição das habilidades sociocomunicativas básicas. Neste caso, esta etapa pode ter sido um possível fator protetivo na perda subsequente. Ainda, discute-se se a ocorrência da regressão da linguagem possa ser um fenômeno em potencial para o diagnóstico precoce de autismo, caso se consiga identificá-lo como algo específico dos TEA. Para futuras pesquisas sugere-se a implementação de estudos de delineamento prospectivos e longitudinais, que acompanhem o desenvolvimento da criança ao longo do tempo.

Transtorno do Espectro Autista, regressão da linguagem, linguagem

CAPES

DES

USOS DE BRINQUEDOS E MODALIDADES DO BRINCAR DE CRIANÇAS NA FAIXA ETÁRIA DE 1 A 3 ANOS EM CONTEXTO DE CRECHE. *Keilla Rebeka Simões de Oliveira*; Fabíola de Sousa Braz Aquino**; Clara Raíssa Fernandes de Melo* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)*

O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil tem sido destacado em uma série de estudos e pesquisas no campo do desenvolvimento e da aprendizagem. Em geral, os estudos nessa área convergem para a ideia de que a brincadeira é a principal atividade da infância, por favorecer situações nas quais as crianças testam suas habilidades, exercitam suas potencialidades e lidam com interações sociais, elaborando estratégias e resolvendo conflitos. A perspectiva sociocultural compreende o brincar como a forma que as crianças interpretam e assimilam o mundo. O próprio uso dos brinquedos possibilita o aprendizado das formas de ser e pensar da sociedade. O brinquedo seria uma representação da realidade, mediando às relações das crianças com a sociedade, e das próprias crianças entre si. Neste sentido, o objetivo do estudo foi identificar as possíveis variações nos usos dos brinquedos e tipos de brincadeiras em crianças nos três primeiros anos de vida, e discutir a importância do brinquedo para o desenvolvimento infantil, levando em conta a relevância do ato de brincar e do uso de brinquedos para o desenvolvimento global infantil. Participaram da pesquisa nove crianças, na faixa etária relativa aos três primeiros anos de vida; para cada idade foram realizadas três observações, em três instituições de educação infantil. Os dados coletados foram transcritos e posteriormente analisados qualitativamente através da descrição o mais minuciosa possível das interações das crianças com as demais e com os brinquedos. As interações videogravadas foram divididas em três tipos de episódios ou contextos interativos de análise: diádicos, triádicos e polidiádicos. Nos três contextos interativos, o brincar se configurou de diferentes maneiras: convencional, não convencional, exploratório e simbólico. No grupo de crianças de um ano foram observados 10 episódios de arranjos interativos diádicos, 15 triádicos e 6 polidiádicos. No grupo de crianças de dois anos foram observados 2 episódios de arranjos interativos diádicos, 9 triádicos e 9 polidiádicos. No grupo de crianças de três anos foram observados 2 episódios de arranjos interativos diádicos, 13 triádicos e 7 polidiádicos. Com relação à configuração do brincar nos três grupos de idade, também se pôde observar uma variação nas modalidades do brincar e uso dos brinquedos. No grupo de crianças de um ano foram observados 13 episódios de brincar convencional, 5 episódios de brincar não convencional e 7 episódios de brincar exploratório. No grupo de crianças de dois anos foram observados 9 episódios de brincar convencional, 3 episódios de brincar exploratório e 11 episódios de brincar simbólico. No grupo de crianças de três anos foram encontrados 8 episódios de brincar convencional e 14 episódios de brincar simbólico. Diante do exposto, pode-se perceber que a criança se relaciona de forma diferente com o brinquedo em cada período de seu desenvolvimento. Além disso, os contextos específicos de interação criados nos espaços coletivos tais como os da creche, bem como a participação do adulto e do tipo de brinquedo, tem impacto no aprendizado e desenvolvimento, desde os anos iniciais da vida das crianças.

Brinquedos e brincadeiras; desenvolvimento infantil; perspectiva sociocultural

Programa Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC/CNPq/UFPB

DES

VENDO A MENTE COM OUTROS OLHOS: UM ESTUDO SOBRE TEORIA DA MENTE E EMPATIA EM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL.

Debora de Hollanda Souza, Camila Alves Ferreira Cerminaro, Debora de Hollanda Souza (Universidade Federal de São Carlos)

A teoria da mente permite que as pessoas sejam capazes de interpretar e prever suas ações e as de outras pessoas. A empatia, por sua vez, é uma habilidade que permite interpretar o que os outros sentem através de suas ações. Essas habilidades são desenvolvidas através da comunicação das crianças com o mundo que as cerca. A visão é uma importante via para explorar o ambiente e obter conhecimento sobre ele, mas está prejudicada em crianças com deficiência visual (DV). De fato, há na literatura evidências de que as crianças com deficiência visual apresentam atrasos no desenvolvimento da teoria da mente. Com relação à empatia, a literatura indica que crianças cegas e videntes apresentam mais semelhanças do que diferenças no repertório empático e de identificação de sentimentos. O presente estudo teve como objetivo, portanto, explorar o desenvolvimento dessas habilidades em uma amostra de crianças com DV. Além disso, buscou-se compreender o trabalho realizado em uma instituição especializada no atendimento a essa população e frequentada pelas crianças participantes. Mais especificamente, o objetivo era avaliar se o trabalho realizado fomenta o desenvolvimento sociocognitivo destas crianças. Quatro crianças entre 9 e 12 anos, seis profissionais da instituição, responsáveis pelas atividades realizadas no local e a coordenadora pedagógica da instituição participaram do estudo. Para avaliação das habilidades empáticas, foi utilizado um instrumento de avaliação contendo histórias infantis e um roteiro para investigar a capacidade de identificar as emoções apresentadas pelos personagens. Para avaliação de teoria da mente, foram utilizadas três tarefas de crença falsa adaptadas para crianças com deficiência visual. Sessões de observação das crianças e entrevistas semiestruturadas com professores e a coordenadora também foram realizadas, em especial para que fosse possível avaliar a experiência das crianças na instituição e os desafios enfrentados pelos profissionais. As crianças tiveram pontuação máxima ou próxima à máxima tanto nas tarefas de teoria da mente quanto nas de habilidades empáticas. Os resultados sugerem que há muitas semelhanças no desenvolvimento de habilidades sociocognitivas de crianças videntes e com DV. Além disso, há evidências de que as crianças com DV podem se beneficiar muito de experiências em grupo que estimulam o seu desenvolvimento sociocognitivo. A maioria dessas experiências acontece durante as interações de cada criança com seus colegas e com outros adultos da instituição. No entanto, estudos prévios parecem sugerir que a qualidade das interações da criança com DV na escola regular é insuficiente ou, pelo menos, insatisfatória. Mais estudos investigando estratégias eficientes para a interação e integração destas crianças no ensino regular são fundamentais.

Deficiência Visual; Teoria da Mente; Empatia

DES

VERIFICAÇÃO DA EFICÁCIA DO CD-ROM ALFABETIZAÇÃO FÔNICA COMPUTADORIZADA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E DE LEITURA. *Priscila Maria de Lima Ribeiro Manzoli, Priscila Maria de Lima Ribeiro Manzoli, Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A aquisição das habilidades de leitura e escrita não decorre simplesmente do desenvolvimento biopsíquico do indivíduo, mas necessita de instrução sistemática e de extenso aprendizado. Ler envolve processos de decodificação e compreensão. A consciência fonológica é um conjunto de habilidades conscientes e explícitas para refletir e manipular a estrutura sonora das palavras. Já é conhecida a relação de reciprocidade entre consciência fonológica e as habilidades de leitura e escrita. Diversas pesquisas demonstraram o efeito direto do treino em habilidades de consciência fonológica sobre a aquisição da leitura e escrita e como o treino sistemático em leitura e escrita auxilia no desenvolvimento de níveis mais complexos de consciência fonológica. Dentro desse contexto, o objetivo da pesquisa foi verificar a eficácia do CD-ROM Alfabetização Fônica Computadorizada no desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica e de leitura em crianças do segundo ano do ensino fundamental. Participaram do estudo 81 crianças, com idades entre seis e oito anos, de ambos os sexos, matriculadas no segundo ano de uma escola municipal da periferia de um município com 30.000 habitantes. Para avaliar a consciência fonológica foi aplicada a Prova de Consciência Fonológica, que inclui habilidades de rima, aliteração, processamento silábico e processamento fonêmico, em tarefas de síntese, segmentação, manipulação e transposição. Para avaliar habilidades de leitura utilizou-se uma versão da Provinha Brasil e uma prova de leitura oral de palavras. Foi adotado um delineamento de comparação de grupos com três momentos de avaliação. Dois grupos foram formados. Depois da primeira avaliação, foi conduzida a intervenção somente com as crianças do Grupo 1. Na intervenção, os participantes do Grupo 1, em pequenas turmas com sete ou nove crianças, realizaram as atividades do CD-ROM, distribuídas em dez sessões, que aconteciam duas vezes por semana. Durante as sessões de intervenção, cada participante fez uso de um computador individualmente. A ajuda prestada pelo adulto se limitava a ensinar a operar o computador e o mouse, ler com as crianças o que estava escrito na tela e explicar o que era requerido para realizar a atividade em cada tela. Ao final da intervenção, todos os participantes foram avaliados novamente. As crianças do Grupo 2 passaram pela intervenção depois da segunda avaliação. Após o término da intervenção no Grupo 2, foi realizada a última avaliação nos dois grupos. Para análise dos dados foi utilizado um modelo linear de efeitos mistos. Os resultados mostraram impacto da intervenção nas habilidades de síntese fonêmica e segmentação fonêmica. Isso foi observado pela diferença significativa entre os grupos na segunda avaliação, quando apenas um dos grupos havia sido submetido à intervenção. Nas outras habilidades envolvidas na consciência fonológica e nas habilidades de leitura, os resultados não indicaram efeito da intervenção. Entretanto, tais habilidades mostraram desenvolvimento ao longo do ano letivo. O estudo demonstrou assim que ao brincar com o CD-ROM a criança pode efetivamente desenvolver habilidades fonológicas específicas. Adicionalmente, o progresso nas habilidades de leitura, independentemente do uso do CD-ROM, pode ser atribuído à exposição dos alunos ao ensino regular.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

´UM OLHAR PARA ALÉM DOS DÉFICITS: AMPREENDENDO PROCESSOS DE INTERAÇÃO SOCIAL E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS EM CRIANÇA COM AUTISMO. *Luiza Campos Menezes*, Kátia de Souza Amorim (Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

O autismo é comumente descrito, inclusive pelos manuais diagnósticos, como Transtorno Global do Desenvolvimento, que se manifesta antes dos três anos de idade e em que há prejuízos qualitativos nas áreas de interação social, comunicação verbal e não-verbal; ainda, como apresentando padrão restrito e repetitivo de comportamentos e interesses. Apesar de ser descrito, em grande parte na literatura, a partir dos déficits, há pesquisas que olham para além desses, considerando o quadro em sua diferença, de modo a apreender especificidades dos processos no seu modo de funcionamento. Nesta última perspectiva, o objetivo foi compreender se ocorrem processos de interação e produção de significação em crianças com autismo, em seus contextos familiares; e, em caso afirmativo, como ocorrem. Para isso, foram conduzidos dois estudos de caso. Apenas um será foco da presente apresentação. O sujeito é um menino de cinco anos, que vive com os pais e recebeu diagnóstico há dois anos. A coleta foi feita por videogravações no contexto familiar, semanalmente, ao longo de dois meses, totalizando 8 horas de videogravação. Fez-se, ainda, entrevista semiestruturada com os pais, para obter informações sobre o contexto no qual a criança está inserida. As cenas foram mapeadas e transcritas microgeneticamente. A base teórico-metodológica é a da Rede de Significações, que compreende o sujeito em sua complexidade e que entende que o ser humano é um ser da linguagem, sendo por meio das diversas interações em contextos sócio-culturais que se produz significações. A análise dos dados evidenciou comportamentos estereotipados (correr em círculos, balançar os braços e bater com as mãos na cabeça). Sua ocorrência se dava, muitas vezes, em situações de angústia ou contraposição à mãe. Ainda, verificou-se uma série de interações da criança com seus parceiros, um regulando o comportamento do outro (com o tempo, incluindo a própria pesquisadora). Nestas interações, mostraram-se presentes atividades lúdicas (brincadeiras de pega-pega, rodopiar o menino) e a negociação de desejos em situações cotidianas (uso de objetos e alimentos; participação em brincadeiras). Percebeu-se ainda a ocorrência de comportamentos como a capacidade de atenção compartilhada em relação a objeto (com o pai e a mãe), a expressividade emocional e aceitação/prazer de contato corporal. Finalmente, evidenciaram-se processos de construção de significados da criança em suas relações, o menino conseguindo, muitas vezes, mostrar o que quer e o que não quer. As análises dos dados têm sido relacionadas com a literatura. Sobre os comportamentos estereotipados, estes constam amplamente na literatura. Há estudos que buscam ampliar a compreensão dos mesmos, atribuindo também possíveis significados de oposição a comportamento de um parceiro. Foram, ainda, perceptíveis o estabelecimento de atenção compartilhada e de negociação com parceiros, consideradas fundamental para processos de interação social. Através de modos específicos, a criança consegue demonstrar suas vontades por meio de expressões corporais e comportamentos, que têm seus significados percebidos e construídos nas relações. Este estudo pode contribuir para um olhar para além dos déficits do transtorno e, assim, mostrar algumas das potencialidades destas crianças, e os modos particulares de interação que desenvolvem em seus ambientes familiares.

Crianças com autismo, interação social, construção de significados

PIBIC- CNPQ, FAPESP

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A COMPREENSÃO DE PROFESSORES SOBRE O FENÔMENO BULLYING.

Juliana de Castro Tourinho; Rinaldo Molina (Curso de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP).

Nossa intenção é apresentar os resultados de uma pesquisa cujos objetivos foram: conhecer como professores entendiam o fenômeno bullying; compreender como tratavam do assunto em seu cotidiano; entender quais as maiores dificuldades encontradas com relação ao fenômeno e; elencar possibilidades de prevenção. A violência é um dos fatores que mais preocupam pesquisadores e profissionais da área de educação. Dentre os atos de violência produzidos nas escolas o bullying é um dos mais preocupantes. O conceito de bullying foi criado na década de 1970 e se caracteriza como o ato de praticar ou de ser conivente às atitudes de violência - intencionais e repetidas - cometidas dentro da escola por um único indivíduo ou um grupo contra um terceiro. No geral, tais atitudes são motivadas pelas diferenças ou pela disputa de poder na relação entre os pares. A exteriorização das agressões que dão forma ao fenômeno não são apenas de natureza física, uma vez que as agressões verbais e psicológicas também devem ser consideradas. Nos últimos anos, mesmo com o aumento das pesquisas sobre o assunto não foram encontradas soluções eficazes sobre como reduzi-lo nas escolas. Nesse sentido, a mídia cumpre um papel importante em sua divulgação, porém apresenta-o de forma inadequada, assim como não há produção de instrumentos ou guias a respeito de sua prevenção ou de como poderia se agir quando ele estivesse estabelecido o que deixa os professores com poucos e até mesmo sem nenhum tipo de subsídio para refletir e atuar sobre o tema. Para a construção de nossa pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professores das séries iniciais do ensino fundamental, atuantes em escolas da rede pública e particular de ensino do município de São Paulo. Para a organização e análise dos dados optou-se pela análise de conteúdo. Por fim, o resultado das análises revelou que os professores não entendiam o que significava bullying, demonstrando ter uma visão distorcida e conhecimento escasso sobre o assunto. Nenhum deles soube definir o que era bullying levando em consideração todos os critérios que caracterizam o fenômeno. Os professores também se mostraram despreparados quanto à forma de enfrentamento do bullying, genericamente afirmando que conversavam e orientavam seus alunos com o intuito de prevenir a ocorrência de comportamentos indesejáveis ou que agiriam somente quando o problema estivesse instalado. A mídia foi indicada como principal fonte de conhecimento a respeito do fenômeno, sendo o curso de graduação citado somente uma vez, mas como um conteúdo "nada muito aprofundado". Para concluir, entendemos que apesar da literatura reconhecê-lo como um fenômeno universal, o bullying por vários fatores passaria despercebido para grande parte dos profissionais da educação. Nesse sentido detectou-se a necessidade do professor receber mais informações e formação, tanto inicial como continuada, no sentido de que esteja devidamente preparado não só para saber identificá-lo, mas também para agir em sua prevenção ou remediação.

Bullying, conhecimento do professor, prática pedagógica.

PIBIC – Universidade Presbiteriana Mackenzie

ESC

A COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA. *Lisiane Alvim Saraiva**, Lucas Antunes Machado*, Luiza Maria de Oliveira Braga da Silveira, Adriana Wagner (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Uma comunicação direta e clara entre a família e a escola é fundamental no desenvolvimento cognitivo, psicológico, social e cultural de crianças e adolescentes. As formas mais comuns de contatos entre escola e família ocorrem através de reuniões formais e mensagens enviadas nas agendas dos alunos, cujo conteúdo nem sempre é claro e não motiva a participação da família no processo de aprendizagem. Por um lado a escola queixa-se da pouca participação da família e, por outro, os pais sentem-se perdidos na orientação de seus filhos quanto às atividades acadêmicas ou derivam essa tarefa de forma plena à escola. Este estudo teve por objetivo verificar como os pais avaliam a comunicação com as escolas de seus filhos. Para tal, foi realizado um grupo focal com sete mães (39-47 anos), cujos filhos freqüentam o Ensino Fundamental de escolas particulares e públicas de Porto Alegre. A partir das informações, chegou-se a três categorias: Comunicação Padrão, Tratamento Homogeneizante e Necessidade de Informação. A categoria Comunicação Padrão reúne respostas que referem as dificuldades dos pais em falar com os professores e coordenadores sobre avaliação e rendimento escolar dos filhos. É difícil aceder ao professor, há um discurso institucionalizado que não abre espaço para atender às necessidades que se apresentam nas suas particularidades. A categoria Tratamento Homogeneizante refere a forma como a família é tratada pelos professores ou coordenadores, que se dirigem a elas chamando-as apenas de "mãe" e não pelo próprio nome, fazendo-as sentir-se desvalorizadas e insatisfeitas e prejudicando a relação singular com cada uma. Há uma massificação do tratamento, como se todas as mães fossem iguais em suas dúvidas e necessidades. A categoria Necessidade de Informação demonstra que as participantes não se sentem satisfatoriamente esclarecidas com relação às exigências e responsabilidades que são cobradas dos seus filhos no ano letivo vigente. A escola parece não preparar suficientemente os pais para que entendam o currículo, suas modificações, o sistema avaliativo, objetivos e responsabilidades de cada ano letivo e como eles, pais, poderão ajudar em cada etapa. Conclui-se, assim, que o grupo em questão revela uma dificuldade de comunicar-se com a escola de seus filhos, sendo que essas dificuldades são pautadas tanto pela estrutura burocrática institucional, como pela padronização de um discurso, dados corroborados por estudos nacionais e internacionais. Constatou-se nesse grupo que a escola tem sido pouco eficaz para atender às demandas das famílias, gerando um distanciamento a partir de relações que se instituem como superficiais, ocasionais e pautadas em aspectos de interesse da escola.

Relação família-escola; Comunicação pais e professores.

Doutoranda Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ESC

A CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA SOBRE OS TRANSTORNOS DO HUMOR NA INFÂNCIA. *Aline Jacinto*, Maiara Pereira Cunha*, Marina Menezes **, Josiane Delvan da Silva**, Eduardo José Legal ** (Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC)*

Neste estudo objetivou-se compreender a concepção de professores de 1º ao 5º ano acerca dos Transtornos do Humor (TH) na infância pertencentes a uma escola pública do município de Camboriú/SC. Os TH na infância são caracterizados por um conjunto de transtornos os quais apresentam uma perturbação do humor, compostos por: episódios de humor, transtornos depressivos, transtornos bipolares e outros transtornos do humor. Para a identificação dos sintomas destes transtornos em crianças, entende-se que os professores têm papel fundamental, auxiliando para que ocorra o encaminhamento adequado e precoce para uma avaliação e um possível tratamento. O estudo caracterizou-se por ser de cunho quantitativo, onde foi elaborado um questionário composto por 14 perguntas fechadas, desenvolvido com informações sobre TH, disponíveis na literatura. A amostra ficou composta por 21 professores, sendo que cada um assinou o termo de consentimento livre e esclarecido antes do preenchimento do questionário, estando ciente dos objetivos da pesquisa. O procedimento para análise dos resultados foi obtido a partir da análise estatística descritiva de frequência simples. Constatou-se que os participantes souberam identificar os sintomas e comportamentos dos TH na infância, sendo que os mais citados foram: dificuldade de concentração, falta de interesse em realizar atividades, choro fácil, irritabilidade, tristeza, baixo rendimento escolar e diminuição da socialização. Os participantes reconheceram-se como figuras importantes na identificação destes, assim como apontaram os psicólogos e os psicopedagogos como também reconhecedores destes sintomas. Com relação às medidas adotadas e ao manejo adequado ao serem informados que na sala de aula haverá um aluno com TH, os respondentes afirmaram que buscariam informações sobre o transtorno; manteriam contato com a família para obter mais informações e acompanhar o caso; discutiriam com especialistas da escola a melhor forma de conduzir as atividades em sala de aula; e adequariam o currículo às necessidades da criança. Os participantes da pesquisa apresentaram dúvidas quanto ao processo de ensino aprendizagem das crianças com TH, os comportamentos das mesmas na escola, a etiologia, o prognóstico e como ocorrem as formas de tratamento. O que pode ter acarretado dúvidas quanto ao reconhecimento é o fato de a maioria dos transtornos na infância possuírem vários sintomas em comum. Constatou-se que os participantes sentem-se despreparados para atuar com esta determinada população, pois apresentaram questionamentos sobre como ocorre o processo de ensino aprendizagem e os comportamentos das crianças com TH apresentados na escola. Nesse sentido, a Psicologia e suas várias interfaces aplicadas à educação poderiam contribuir para a formação e qualificação destes profissionais, instrumentalizando-os em sua prática pedagógica, favorecendo a realização de encaminhamentos, para que se busque minimizar o sofrimento e o impacto negativo no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Professores; transtornos do humor; infância.

ESC

A FORMAÇÃO DA PESSOA EM EDITH STEIN. *Adair Aparecida Sberga, Marina Massimi (Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A formação da pessoa é um tema relevante para a família e a escola, que têm funções específicas de acompanhamento e orientação, sobretudo na fase da adolescência e juventude, em que primordialmente se consolidam aspectos e características da identidade pessoal e social. Diante disso, surge a necessidade de compreender com maior profundidade e competência o que é formação e como essa deve se pautar na vida da pessoa. Para fundamentar esta investigação, buscou-se compreender nas obras de Edith Stein (1891-1942), que desenvolve um amplo estudo de antropologia filosófica e psicológica, o conceito de formação da pessoa e saber até que ponto um agente familiar ou educador pode interferir neste processo. Como o tema central de pesquisa da filósofa é o conhecimento do ser humano, constata-se que há um fio condutor, que perpassa por todas as suas obras, procurando indagar, por meio do método fenomenológico, como se constitui o ser humano e qual a sua especificidade em relação aos outros seres do universo. Após um exame cuidadoso e sistemático, Stein constata que o ser humano é superior a todos os outros seres da natureza por ser capaz de buscar a si mesmo, de ir à profundidade da sua alma e compreender-se, numa unidade de corpo, psique e espírito. Pela análise da origem da matéria verifica-se que o corpo humano, por ser vivente e animado, precisa ser preenchido por uma forma interior, definida por ela como força vital. Essa, por ter um dinamismo vitalizador, imanente nas coisas viventes, tem a propriedade de atualizar as potências contidas no ser da matéria e, portanto, atualizar as potencialidades da pessoa. Essa atualização acontece de modo lento e gradativo, segundo um processo formativo que permite o aperfeiçoamento do ser humano, segundo sua forma substancial. Essa transformação da potência em ato é uma condição ontológica do ser. Como a formação da pessoa faz parte do seu dinamismo interno, conectada com sua estrutura ontológica, ela deve conduzir às dimensões mais elevadas da pessoa, ou seja, à sua dimensão espiritual. Nessa dimensão, o ser humano tem condição de adentrar em seu núcleo, de desabrochar as qualidades da sua alma e de fazer fluir a plenitude da vida. Também aí encontra abertura para o conhecimento mais profundo de si, compreendendo-se como um ser dotado de consciência, liberdade e responsabilidade. Portanto, o processo formativo não pode ser algo generalizado para todos os indivíduos, pois cada ser tem suas características de originalidade e unicidade. Apesar de já nascer com uma forma substancial, o ser humano não nasce pronto, mas é um projeto que deve se atualizar e por isso necessita da intersubjetividade, favorecida pelo processo da empatia. Superando o contato estritamente superficial e avançando para a análise comparativa e descritiva, o sujeito cognoscente compreende melhor não só a si mesmo, mas também o outro para o qual deve se voltar num processo de abertura e convivialidade.

Antropologia filosófica, estrutura da pessoa, formação e empatia.

ESC

A FORMAÇÃO DE ATITUDES FRENTE A PESSOAS SIGNIFICATIVAMENTE DIFERENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Marie Claire Sekkel, Larissa Prado Matos (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)*

Este estudo pretende conhecer os efeitos da convivência em creches e pré-escolas inclusivas sobre a formação das crianças no que diz respeito à aceitação das diferenças, buscando identificar as atitudes e estabelecer uma possível relação entre ter convivido com crianças e educadores numa creche ou pré-escola inclusiva e o modo de se relacionar com pessoas significativamente diferentes ao longo da vida. Concebe-se um ambiente inclusivo na educação infantil como aquele que tem uma articulação coletiva e que possibilita o cuidado em relação a todos os atores institucionais: crianças, professores, profissionais de apoio, pais e comunidade. A pesquisa foi realizada com base em uma abordagem qualitativa. Foram entrevistados seis alunos(as) do ensino fundamental, egressos(as) de uma mesma creche pública com características de ambiente inclusivo no período de 2003 a 2009. A análise dos dados foi feita com base na Teoria Crítica da Sociedade, que tem como pressuposto a relevância dos processos formativos na primeira infância iluminados pelas investigações da psicanálise. Os resultados apontam que todos os sujeitos mostraram abertura ao diferente, o que vai contra a tendência à competição, dominante em nossa sociedade. Essa tendência obriga-nos muitas vezes a lançar mão de estereótipos que servem para evitar o contato com o diferente e o confronto com nossas próprias fragilidades. Isso fortalece a hipótese inicial desta pesquisa sobre a importância da formação na pequena infância e evidencia a sua permanência ao longo da vida. Cabe destacar em relação a esse ponto o potencial educativo das creches e pré-escolas como lugares distintos do ambiente familiar. Esses resultados indicam que, independentemente dos valores e atitudes presentes no ambiente familiar de cada um dos sujeitos entrevistados, há algo comum na educação dessas crianças para o qual a escola exerce forte determinação. A pesquisa indica também que o sentimento de pertencimento é algo que deve perdurar após a saída da instituição para que a memória e a formação perdurem. Portanto, o modo como se dá o desligamento desta deve ser alvo de discussão em situações de formação inicial e continuada de professores. Outro ponto diz respeito à importância da criança ter contato com a deficiência, sem as barreiras dos estereótipos. A relação acontece e somente depois a criança irá ressignificá-la, tomando como base não os rótulos, mas a experiência vivida. O estudo aponta também para a importância de que as creches e pré-escolas tenham um número de crianças compatível com a capacidade de relacionamento humano. Nesse sentido, escolas pequenas para essa faixa etária são mais favoráveis à construção de uma memória coletiva. A presente pesquisa indica que a educação infantil inclusiva tem um papel significativo no fortalecimento das experiências infantis e na manutenção de uma abertura ao outro (novo e diferente) que permanece ao longo da vida.

Educação Inclusiva, Educação Infantil, Atitudes, Preconceito

FAPESP/Bolsa TT

ESC

AÇÕES DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JOÃO PESSOA FRENTE ÀS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO. *Lorena de Almeida Cavalcante, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Ingrid Rayssa Lucena Ferreira (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)**

As recorrentes queixas escolares dirigidas pelos professores aos psicólogos educacionais têm sido alvo de reflexões de pesquisadores, que apresentam posicionamentos críticos sobre o modelo tradicional de atuação, o qual trata as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar como algo de ordem individual, uma incapacidade do aluno de assimilar os conteúdos escolares, ou como produto das relações familiares. Estar práticas fortalecem o não envolvimento dos agentes escolares da instituição e contribuem também para o desconhecimento do psicólogo dos resultados de seus encaminhamentos. Um dos principais avanços observados na área da Psicologia Escolar refere-se à consideração e à compreensão de que a queixa escolar é multideterminada, envolvendo não apenas aspectos biológicos e psicológicos, mas escola, família, aluno, fatores socioeconômicos e políticas educacionais. Diante dessa problemática, torna-se necessário obter uma compreensão acerca das ações implementadas por psicólogos diante das queixas relativas aos processos de aprendizagem das crianças. Objetivando-se conhecer as estratégias de enfrentamento das queixas escolares de psicólogos (as) que atuam em escolas públicas e privadas da primeira fase do Ensino Fundamental da cidade de João Pessoa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quinze psicólogos escolares de instituições públicas e quinze de instituições particulares. Os relatos dos profissionais, registrados por meio de um minigravador, foram transcritos literalmente para análise. Os (as) psicólogos(as) da rede pública de ensino mencionaram, dentre as situações ou queixas escolares mais frequentemente encaminhadas a eles: problemas de comportamento (66.6%), problemas de aprendizagem (15.3%), questões relacionadas à sexualidade (10.2%) e falta de respeito (7.6%). Os (as) psicólogos(as) da rede privada de ensino, por sua vez, mencionaram, dentre as situações ou queixas encaminhadas a eles, dificuldades de aprendizagem (26.6%), problemas comportamentais (17.7%), falta de concentração (8.8%), transtorno do déficit de atenção (6.6%), agressividade (6.6%), questões relacionadas à sexualidade (4.4%), problemas de relacionamento com os professores (4.4%) e indisciplina (4.4%). Quanto às ações dos (as) psicólogos(as) escolares diante das queixas escolares, na rede pública de ensino foram mencionadas atividades direcionadas aos alunos (43.9%), atividades direcionadas aos pais (24.3%), atividades direcionadas aos professores (17%), encaminhamento (9.7%) e levar os casos mais sérios à direção (4.8%). Os(as) psicólogos(as) da rede privada de ensino, por sua vez, mencionaram atividades direcionadas aos alunos (26.5%), atividades direcionadas aos professores (22.4%), atividades direcionadas aos pais (20.4%), ações relacionadas à prática clínica (12.2%), encaminhamento (12.2%) e uso de testes psicológicos (6.1%). Os resultados revelam a diversidade de queixas escolares encaminhadas aos psicólogos destas instituições, com ênfase nos encaminhamentos de queixas concentradas nos alunos, nos seus comportamentos e nos problemas/dificuldades de aprendizagem destes, referidos principalmente nas escolas particulares. Além disso, as ações dos profissionais entrevistados sugerem formas de atuação tradicionais na medida em que não mencionam a importância de um trabalho interdisciplinar e institucional como via estratégica para lidar com as queixas escolares. Esses resultados são discutidos considerando o papel do (a) psicólogo (a) escolar/educacional como agente promotor de relações interpessoais e dos processos ensino-aprendizagem no interior dos meios educacionais.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Psicologia Escolar/Educacional; queixa escolar; Escolas públicas e privadas.
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFPB
ESC

ALUNOS COM INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E DESEMPENHO ESCOLAR ACIMA DA MÉDIA. *Amanda Porto Destro, Lurian Dionizio Mendonça, Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Unesp, Bauru, SP)*

A presente pesquisa pretendeu descrever o desempenho acadêmico dos alunos identificados ou não com indicadores de altas habilidades/superdotação (AH/SD), por professores, em uma escola municipal de ensino fundamental, de uma cidade do interior paulista. Participaram 434 alunos distribuídos em 14 salas de 1º ao 5º ano. Todos foram submetidos ao Teste de Desempenho Escolar (TDE), que avalia três áreas acadêmicas: escrita, aritmética, leitura e desempenho geral, da 1ª à 6ª série, com níveis de classificação de Superior, Médio e Inferior. Para definir a amostra de alunos com desempenho superior no TDE, foi adotado o critério de que os alunos deveriam ter pelo menos dois escores superiores dentre os subtestes Escrita, Aritmética e Leitura ou, ainda, no teste total. O levantamento de alunos com indicadores de AH/SD, pelos professores, foi realizado por meio de um formulário de identificação de indicadores de AH/SD, de Zenita Guenther. Destes, 9% foram indicados pelos seus professores com indicadores de AH/SD e 6,25% dos alunos da escola apresentaram, no TDE, pelo menos dois resultados no nível superior. Todavia, deles, apenas 2,37% preencheram os dois critérios: indicação dos professores e resultado superior no TDE. Considerando os dados gerais do TDE, observa-se que, das 14 salas o melhor desempenho foi o do 1º ano C, que teve a menor porcentagem de alunos no nível inferior (28%) e de duas salas de 5º ano, com menos de 41% de classificação inferior. Nas demais prevaleceu o desempenho inferior em todas as áreas, variando de 67% a 97% dos alunos nesta classificação. Com desempenho superior no TDE, observou-se que nas salas 1º ano B, 2º A, 4º A, 4º B e 4º C, menos que 3% dos alunos o apresentaram nas áreas avaliadas. As salas 1º A, 1º C, 2º B e 3º A, entre 3,1 a 6% dos alunos apresentaram desempenho superior; nas salas 2ºC e 5º A, de 6,1 a 9% dos alunos e nas 3º B e 4º D entre 9,1 a 12% dos alunos. Nas demais salas, os resultados superiores foram: na 5º B, 13% dos alunos; na 5ª C, 48,15% e na 5ª D, 28,70% dos alunos. Há 6,68% dos alunos da escola indicados pelos professores com indicadores de AH/SD, sem apresentar um desempenho de pelo menos dois escores superiores no TDE e há 4,31% de alunos que tiveram desempenho de pelo menos dois escores superiores no TDE que não foram indicados pelos professores. Tais porcentagens pequenas se justificam pelo baixo desempenho dos alunos no TDE. Os resultados do estudo permitem concluir que o desempenho dos alunos no TDE é baixo para a maioria dos alunos, o que parece apontar para condições deficitárias de ensino. Observa-se, também, que os professores têm dificuldades em perceber o bom desempenho de alunos. Todavia, seria importante avaliar o desempenho intelectual de alunos indicados e com desempenho superior no TDE para confirmar qual das fontes é mais eficiente em identificar alunos com desempenho muito acima da média: o TDE ou a observação do professor.

Alunos, desempenho escolar

ESC

ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS SOBRE ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO NA ÚLTIMA DÉCADA. *Lurian Dionizio Mendonça *; Amanda Porto Destro* (Curso de Psicologia/UNESP/Bauru/SP); Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (Departamento de Educação/UNESP/Bauru/SP); Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia/UNESP/Bauru/SP).*

A presente pesquisa pretendeu fazer um levantamento dos artigos nacionais e internacionais publicados em periódicos no período de 2000 a 2011, referentes ao tema Altas Habilidades/Superdotação (AH/S). O levantamento dos artigos nacionais foi realizado na base de dados da Scielo (Scientific Electronic Library Online) e no Portal de Periódicos da CAPES, já os artigos internacionais foram pesquisados na base de dados Web of Science. As pesquisas foram realizadas a partir das seguintes palavras-chaves: altas habilidades, superdotado e talento em português e high-ability, gifted e talent em inglês, sendo pesquisada uma de cada vez e ano a ano. Assim, encontramos 11 publicações nacionais e 120 internacionais. Nas publicações nacionais foram encontrados 36,36% no ano de 2007; 18,18% no ano de 2009 e 9,09% de publicações nos anos de 2002, 2004, 2006, 2008 e 2010; e nos outros anos não foram encontrados nenhum artigo sobre o assunto. Enquanto que, nas publicações internacionais encontramos 13,66% em 2009 e 2010, 12,5% em 2005; 11,66% em 2008; 9,16% em 2011; 7,5% nos anos de 2000, 2004, 2006 e 2007; 2,5% no ano de 2001; 4,16% em 2002 e 3,33% em 2003. As publicações nacionais aconteceram em seis periódicos, sendo que, o que mais publicou foi a revista da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial com 36,36% e a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) com 27,27% e as demais revistas publicaram 9,09%. Nas publicações internacionais encontramos 46 periódicos, sendo que as que mais publicaram foram: a Gifted Child Quarterly, com 25%; a High Ability Studies, com 10%; a International Journal of Science and Mathematics Education com 7,5%; a Gifted Education International e a Learning and Individual Differences com 4,16%; a Gifted and Talented International e a Roeper Review com 3,33%; a Intelligence e a Psychology in the Schools com 2,5%; a Contemporary Educational Psychology, a European Journal of Psychology of Education, a Gifted Child Today, a Journal of Autism and Developmental Disorders, a National Research Center on the Gifted and Talented, a Parenting for High Potential e a Theory into Practice com 1,66% e as outras 30 com 0,83% de publicações. Os resultados permitem concluir que no Brasil houve poucas publicações sobre AH/S nesse período de 2000 a 2011, o que parece apontar pouco interesse pelo assunto. Observa-se que nas publicações nacionais em determinados anos, não houve nenhuma publicação, enquanto que as internacionais foram encontramos em todos os anos e que o ano que menos publicou foi com 2,5%. Vale ressaltar também, o baixo número de periódicos nacionais que publicam sobre esse assunto. Contudo, seria de suma importância que os periódicos investissem mais nesse tipo de pesquisa, incentivando pesquisadores e a sua posterior divulgação.

Apoio Financeiro: IC/FAPESP

Palavras-chave: Altas habilidades. Superdotação. Publicações.

Iniciação Científica (IC)

ESC

ANÁLISE DO PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA PRIVADA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA- PB. *Clara Raíssa Fernandes de Melo*, Gabriella Machado Viana*, Lorena de Almeida Cavalcante*, Lorena Azevedo Ghersel*, Luciana Fernandes Santos*, Tuíla Maciel Felinto* (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)**

O processo da aprendizagem é essencialmente social, uma vez que, através das relações pessoais e interações sociais, os indivíduos se apropriam de aspectos culturais. Uma educação preocupada com o desenvolvimento integral do aluno e em tornar a relação deste com o professor significativa envolve primordialmente os aspectos cognitivos e afetivos. O educador afetivo desenvolve estratégias educativas dinâmicas e criativas, possui prazer em ensinar, estimula seus alunos a tomarem decisões nos trabalhos em grupo, assim como compreende as principais necessidades deles e as incluí em seu planejamento de ensino. Tendo em vista que o educador exerce uma função mediadora das relações estabelecidas com os alunos e sendo a afetividade um dos elementos dessa mediação, destaca-se a importância dessa mediação na motivação dos estudantes diante das disciplinas, dos professores que as ministram e, consequentemente, da aprendizagem escolar. Apesar desta importância, a afetividade ainda é estigmatizada ou ignorada pelas instituições educativas e agentes pedagógicos. Nesse sentido o presente estudo teve como objetivo compreender as relações afetivas que se estabelecem entre professor e aluno no processo de aprendizagem de crianças do sexto ano de uma escola de ensino privado do município de João Pessoa – PB. Para análise da relação afetiva no processo de ensino/aprendizagem foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dois professores e seis alunos. Os discursos dos alunos e dos professores foram registrados por meio de um gravador e transcritos literalmente para análise. Os resultados permitiram verificar que os professores entrevistados demonstraram reconhecer a importância da afetividade nos relacionamentos escolares, na solução ou amenização dos problemas enfrentados no cotidiano escolar e sua influência na motivação e no aprendizado dos seus alunos. Já estes ressaltaram que, quando os professores estabelecem uma boa relação afetiva com os alunos, tem paciência e estão disponíveis para solucionar suas dúvidas e ensinam de forma descontraída, despertam interesse e vontade de aprender nesses alunos. Nesse sentido, considerar a afetividade na relação educativa e estabelecer uma relação dialógica entre professor-aluno é fundamental, pois cria um clima propício à construção dos conhecimentos. No âmbito dessa temática e tendo em vista o objetivo de compreender as relações afetivas estabelecidas entre professor e aluno no processo de aprendizagem, entende-se que a Psicologia escolar/educacional pode atuar para que haja transformações no processo ensino-aprendizagem. O psicólogo pode desenvolver ações enquanto um mediador a partir das relações existentes (educadora-criança, criança-criança), pois os conhecimentos da Psicologia auxiliam na resolução de questões pertinentes à Educação. Esse profissional compreende o contexto educativo como um microssistema social, em que ocorrem diferentes formas e níveis de relacionamento, para que se proponha uma ação psicológica de âmbito preventivo e que a instituição seja contemplada em sua totalidade. Espera-se que o presente estudo subsidie ações a serem implementadas por psicólogos no sentido de mediar às relações afetivas entre os educadores e as crianças em situações de aprendizado, contribuindo ainda para o desenvolvimento de habilidades acadêmico-científicas nas alunas pesquisadoras, que respondam às demandas dos contextos educacionais nos quais o (a) psicólogo (a) deve atuar.

Afetividade; processo de ensino-aprendizagem; relação professor-aluno.

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO SEXUAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Rosária Maria Fernandes,Sonia Margarida Magro-Lopes (Univali)*

A sexualidade se manifesta e faz parte de todo o desenvolvimento humano e é definida pela Organização Mundial de Saúde como necessidade básica para a vida do ser humano, quebrando o paradigma de coito ou orgasmo, sendo vista, também, como energia para as motivações do amor, afetuosidade e contato físico com outras pessoas. Quando o tema é a sexualidade de pessoa com deficiência intelectual (DI), observa-se que tanto o preconceito quanto a discriminação se maximizam, provocando polêmicas em torno do assunto. Desta forma, pode-se entender que a educação sexual, para a pessoa com deficiência intelectual deve ser priorizada, para que essas pessoas possam desfrutar de uma melhor qualidade de vida e harmoniosa convivência em sociedade. A pesquisa objetivou identificar e analisar as percepções sobre a sexualidade nas relações sociais das pessoas com deficiência intelectual. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada. Participaram cinco profissionais da APAE, cinco pais e cinco alunos (DI). As categorias analisadas abordam a percepção dos pais, profissionais e da própria pessoa, sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. As subcategorias foram: Relações Sociais; Namoro; Relação Sexual; Gravidez; Corpo/doenças sexualmente transmissíveis; Menstruação; Masturbação; Educação Sexual. Os dados demonstram que uma das principais dificuldades manifestadas pelos pais é educar o filho quanto a sua sexualidade e que esses apresentam a crença de que seus filhos são "assexuados". Os pais entrevistados optam pela superproteção e a repressão da sexualidade como única alternativa para afastar os filhos dos riscos. Os profissionais têm uma visão apropriada em relação à pessoa com deficiência intelectual, contribuindo para a autonomia desta população a partir da compreensão de si mesmo, principalmente no âmbito da sua sexualidade. Os jovens com DI apresentaram um conhecimento precário e superficial sobre sexualidade, reprodução e nascimento e as funções corporais, incluindo métodos anticoncepcionais e doenças sexualmente transmissíveis. A pesquisa contribuiu para o processo de desestigmatização das atribuições errôneas que ao longo do tempo foram feitas em relação à sexualidade do DI e a dificuldade enfrentada principalmente na compreensão da mesma na fase da adolescência pelos próprios jovens com (DI) e pela sociedade em geral. Ainda tem-se um longo percurso para a desmistificação total e em grande escala na sociedade em geral quanto às ideias errôneas em relação à sexualidade da pessoa com deficiência intelectual. No entanto, instituições como a APAE e/ou profissionais que convivem com DI podem atuar tanto para promover esses conhecimentos à própria pessoa com DI, quanto com informações e esclarecimentos por meio de conversas com pessoas próximas a estas pessoas, palestras em instituições de ensino e em geral, anúncios na mídia, folders explicativos. Ressalta-se que as pessoas com deficiência intelectual emocionam-se e apaixonam-se com naturalidade, como qualquer pessoa em sua total subjetividade.

Palavras-chave: sexualidade; deficiência intelectual; psicologia.

ESC

AUTISMO E INTERVENÇÕES PSICOEDUCACIONAIS: UMA BREVE DESCRIÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO NÚCLEO DE AUTISMO (NATEE) DA REDE PÚBLICA EM BELÉM – PA. *Anna Karen S. Mendes (Secretaria de Educação do Estado do Pará, Coordenação de Educação Especial – Belém, PA.), Leila do Socorro Rodrigues Feio, (Universidade Federal do Amapá), Maria da Conceição D. Souto, Edmilson R. L. Sousa (Secretaria de Educação do Estado do Pará/Coordenação de Educação Especial – Belém, PA.)*

Este trabalho refere-se a prática de atendimento, avaliação e acompanhamento às pessoas autistas desenvolvidas no Núcleo de Atendimento Educacional Especializado aos Transtornos Globais do Desenvolvimento (NATEE) o qual está vinculado a Coordenadoria de Educação Especial (COEES) da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC). O Núcleo desenvolve suas atividades desde 1989 e prioriza o atendimento as pessoas com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), por apresentarem alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Neste grupo estão os alunos que apresentam espectro do autismo. O Autismo está presente desde o nascimento e manifesta-se invariavelmente antes dos trinta meses de idade. Caracterizado por respostas diferenciadas a estímulos auditivos ou visuais e por dificuldades quanto à compreensão da linguagem falada e escrita. A fala custa a aparecer e quando ocorre, nota-se ecolalia, uso inadequado de pronomes, estrutura gramatical imatura e inabilidade para o uso de termos abstratos. Ocorre grave dificuldade de relacionamento social antes dos cinco anos de idade. O comportamento é usualmente ritualístico e a capacidade para o pensamento simbólico ou jogo imaginativo é diminuída. Este trabalho tem como objetivo elucidar como se dá o funcionamento do Núcleo no que diz respeito aos programas e atendimentos realizados no mesmo. Para tanto, utilizou-se como instrumento análises dos documentos do Núcleo, assim como, participação nas observações e atendimentos ocorridos no Núcleo de autismo. Os resultados mostraram que o referido Núcleo desenvolve programas que proporcionam a aquisição e o aprimoramento da linguagem, psicomotricidade, estimulação sensorial, atividades da vida autônoma e social (AVAS), comunicação e socialização, que visam à autonomia e a independência, e consequentemente uma melhor qualidade de vida da pessoa autista. Quanto aos atendimentos às crianças e adolescentes e seus familiares, os mesmos acontecem semanalmente e são realizados em pequenos grupos e tem a duração de aproximadamente 50 minutos. São realizados em salas adequadas aos respectivos atendimentos, ou seja, em espaços organizados para as crianças e adolescentes e espaços para atender aos grupos de pais. Os atendimentos estão fundamentados na análise e modificação de comportamento, assim como, nas adaptações de métodos que facilitem a comunicação. Tais métodos dizem respeito ao Sistema de Comunicação através da Troca de Figuras (PECS) e Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos de Comunicação (TEACCH). Foi possível observar também melhoria na qualidade das relações familiares e mudanças significativas na comunicação, interação e socialização, elementos indispensáveis e desencadeadores do processo de inclusão social e educacional dos participantes do Núcleo na rede regular de ensino público do estado do Pará.

Palavras-Chave: Autismo, intervenções, funcionamento, núcleo.

Nível do Trabalho – Pesquisador – P

ESC

AUTOEFICÁCIA ACADÊMICA E DESMOTIVAÇÃO COM A ESCOLHA DE CURSO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO. *Marco Antônio Pereira Teixeira, Ana Paula Couto Zoltowski, Adriana Malheiros Sacramento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A entrada no ensino superior é uma experiência importante para o desenvolvimento pessoal e de carreira dos estudantes universitários, que geralmente ingressam na universidade com expectativas elevadas e idealizadas. O contexto da universidade, porém, apresenta um nível de exigência, em termos de desempenho, bastante superior ao do ensino médio, ao menos nas áreas de ciências exatas. A autoeficácia acadêmica, ou seja, a percepção de ser capaz de dar conta das demandas acadêmicas do curso superior, é uma característica pessoal importante que afeta a vinculação do aluno com o curso, pois com crenças de baixa eficácia o estudante tende a não persistir frente a eventuais fracassos e dificuldades enfrentadas, podendo vir a desmotivar-se com o curso e abandoná-lo. Em cursos de elevado grau de exigência, como as engenharias, é sabido que um dos principais motivos de evasão é o baixo desempenho nas disciplinas. Assim, este estudo teve por objetivo investigar longitudinalmente mudanças na percepção de autoeficácia acadêmica e sua relação com a desmotivação com a escolha do curso, através de um estudo de caso de uma estudante de um curso de engenharia. Optou-se por estudar este caso, que foi selecionado de um estudo maior que acompanhou o processo de adaptação de um grupo de estudantes à vida universitária, por ele evidenciar como mudanças na percepção de autoeficácia podem levar a mudanças no modo de perceber a si mesmo e a própria escolha profissional. A participante foi uma aluna de engenharia civil, com 18 anos, em seu primeiro curso universitário. O delineamento da pesquisa foi qualitativo e longitudinal. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada com o intuito de explorar o processo de adaptação à universidade, sendo realizada em três momentos: na quinta semana de aula (início de curso), ao final do primeiro semestre e ao final do segundo semestre. As entrevistas foram analisadas através da análise de conteúdo. Os resultados foram organizados a partir dos três recortes temporais, sendo identificadas as principais temáticas presentes em cada momento: 1) início de curso: caracterizou-se por uma percepção de interesse e envolvimento com o curso e um sentimento de escolha profissional bem feita, em que características pessoais eram associadas a supostas características de engenheiro (não necessariamente civil); as dificuldades acadêmicas iniciais enfrentadas foram interpretadas como uma falta de ritmo para o estudo; 2) final do primeiro semestre: sentimento de frustração tanto pela percepção de que as disciplinas não condiziam com suas expectativas e seus interesses iniciais quanto pelo desempenho acadêmico atingido, especialmente pela reprovação em duas disciplinas; a entrevistada passou a questionar-se quanto à sua capacidade de realizar a contento futuras tarefas profissionais; passou também a perceber diferenças entre gostar de conteúdos do curso e gostar da profissão; 3) final do segundo semestre: sentimento de decepção quanto ao desempenho acadêmico, visto que esperava ir bem em todas as disciplinas; houve questionamento e reavaliação do processo de escolha realizado, culminando em um desinteresse pela profissão e em uma crescente motivação para mudar de curso universitário. Os resultados sugerem um padrão inicial de escolha profissional baseado em informações superficiais (características genéricas do que seria um engenheiro, indiferenciação entre curso e profissão), associado a expectativas de desempenho elevadas. As experiências de fracasso nas disciplinas ao longo do ano, contudo, levam a uma diminuição da percepção de eficácia acadêmica, que é estendida para o âmbito da própria profissão (dúvidas em relação à capacidade de ser uma boa profissional), levando a um descontentamento com a escolha profissional devido à dificuldade de conseguir formar

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

uma autoimagem profissional futura de sucesso. O caso ilustra como a própria experiência universitária contribui para as mudanças nas percepções de autoeficácia dos estudantes e como estas mudanças impactam sobre a imagem que têm de si, influenciando a escolha profissional. Em termos de implicações práticas, o caso aponta para a necessidade de, em intervenções de aconselhamento de carreira, serem exploradas estas crenças de autoeficácia e os questionamentos que elas produzem, de forma a ajudar o estudante a distinguir aspectos do curso e da profissão, a fim de poder tomar decisões sobre a carreira de uma maneira mais fundamentada e consciente, independente da opção ser pela troca de curso ou não.

Universitários; autoeficácia acadêmica; escolha profissional

CNPq

ESC

BULLYING, DA INTIMIDAÇÃO AO MASSACRE: O PERFIL DO AGRESSOR.

Wilian Gonçalves Nunes e Paulo Celso Pereira (Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva – Catanduva / SP)*

A manifestação de comportamento agressivo no meio escolar é antiga; mas evoluiu muito durante o século XX, com ações violentas cada vez mais graves. Dentre as diferentes modalidades de violência na escola está o bullying, palavra de origem inglesa, de difícil tradução para a língua portuguesa. Trata-se de uma violência que ocorre entre pares, no ambiente escolar. No Brasil a preocupação com a violência no ambiente escolar, nas suas mais diferentes manifestações, adquiriu força na década de 80, com a produção de estudos acadêmicos, no entanto, a revisão da literatura nacional, em especial, sobre o bullying, apontou carência de estudos sobre o tema. O objetivo do estudo foi identificar o perfil do autor de bullying, enfatizando as características do atirador, isto é, da pessoa que provoca massacre na escola, por meio de um tiroteio. Na busca desse perfil foi conduzida uma ampla revisão da literatura. Os dados deste estudo revelaram que o bullying ocorre por ações diretas, indiretas e com o uso de eletrônicos, nesse caso, chamado de cyberbullying. Na prática de bullying, tem-se além das figuras do agressor e da vítima, a da testemunha, que não se envolve na ação agressiva - é um espectador, mas, nessa posição, reforça o comportamento do agressor. Considerando a revisão da literatura, as características do autor de bullying são: boa autoestima, boa compleição física, popularidade, impulsividade, desejo de dominar, pouca empatia, baixa tolerância à frustração, temperamento explosivo, uso abusivo de substâncias, sexualidade precoce, conflito com a lei, agressividade, ser desafiador e opositor. Essas características resultam de fatores internos, mas o autor de bullying sofre a influência de fatores externos, como: família (estilo parental autoritário, presença de violência intrafamiliar, ambiente frio e pouco afetivo, etc.); comunidade (fácil acesso a armas e inversão de valores), mídia (programação de TV e filmes com conteúdo agressivo) e a escola (falta de monitoria, exclusão, etc.). Tais características são comuns a diferentes manifestações de bullying, do autor de humilhação ao protagonista de um massacre. De acordo com a literatura revisada, não se tem um perfil especifico do autor de massacre, apontando, inclusive, que é um equivoco pensar que o individuo que faz um tiroteio na escola, por exemplo, apresenta, necessariamente, uma psicopatologia. Nos casos mais conhecidos de tiroteio na escola (school shooting), a saber: Columbine, Virgínia Tech e Realengo (Rio de Janeiro), os atiradores sofreram bullying, tinham conflitos familiares, deixaram vídeos e documentos e se suicidaram depois do massacre. É preciso entender a história pessoal e familiar do agressor o mais amplamente possível para desenvolver estratégias de intervenção e de prevenção da violência entre pares na escola.

Palavras-chave: bullying, violência na escola; agressor.

IC

ESC

COMPARAÇÃO DE DOIS CURSOS DE ENFERMAGEM EM COMPREENSÃO DE LEITURA. *Elza Maria Tavares Silva, Moacir Wuo (Universidade de Mogi das Cruzes), Jamili Rasoul Salem de Souza* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP)*

A leitura diz respeito à sua vinculação à alfabetização, à aprendizagem formal do ler e escrever, assim esta leitura possibilita uma maneira de ver o mundo. É uma atividade fundamental na vida cotidiana das pessoas de nossa sociedade moderna, pois ler torna possível ao homem construir seu próprio conhecimento, na medida em que há a possibilidade de acesso a todo acervo de conhecimentos acumulado pela humanidade por meio da escrita. Esta é uma dimensão vital da leitura, o que configura a sua fluência necessária para a formação de um leitor de sucesso. Quanto à leitura no ensino superior, parece que os alunos estão chegando a ele sem terem adquiridos técnicas específicas e eficientes de como trabalharem um texto, o que os faz ficarem aquém do desejado, pois a eficiência na leitura está diretamente relacionada com o êxito no rendimento escolar. A importância da avaliação das habilidades de compreensão de leitura deve ser considerada em todos os níveis, em especial na formação do universitário. Dessa forma, o procedimento Cloze foi utilizado como instrumento desta pesquisa. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/2008. O objetivo foi comparar o desempenho em compreensão de leitura em ingressantes no curso de Enfermagem de duas universidades particulares localizadas na Grande São Paulo, sendo U1 a primeira e U2 a segunda, levando-se em consideração o curso e o gênero dos estudantes. O total de sujeitos foi de 16, que compuseram quatro grupos de 4 sujeitos, cuja referência foi o número restrito de matrículas masculinas. A denominação dos grupos seguiu a seguinte nomenclatura: U1M (Universidade 1 Masculino); U1F (Universidade 1 Feminina); U2M (Universidade 2 Masculino); U2F (Universidade 2 Feminina). A ANOVA foi utilizada para a análise de variância não paramétrica com Ho: todos os grupos são iguais, Ha: todos os grupos são diferentes entre si, portanto bicaudal. Foi definido que k=4, n=4, dc=34,6 e p≤ 0,05. Na comparação dos quatro grupos, deve ser lembrado que quanto maior o total de pontos alcançado pelo grupo, pior foi o seu desempenho, assim os resultados foram U2M=42; U2F=42; U1M=34 e U1F=18, isto evidencia que a variação de acertos para U1F de 12 a 14; U1M de 3 a 20; U2F de 4 a 8 e U2M de zero a 7. Mesmo o grupo de enfermagem da U1F ter apresentado melhor resultado, ainda não demonstrou proficiência mínima em leitura compreensiva, não havendo diferenças significativas entre os grupos. Quando comparado os gêneros, recorreu-se ao teste U em que Uo=24 e Uc=40, portanto Ho não rejeitada. Quanto à comparação por curso, obteve-se R1=52 (U1) e R2= 84 (U2). Assim, feito o cálculo de U verificou-se que U=16 a que está associado a p=0,05, o que permite concluir que é favorável à U1. Mediante os dados apresentados é válido ressaltar a importância da técnica Cloze como instrumento diagnóstico de compreensão em leitura e sua relevância educacional, pois possibilita a remediação desta habilidade, contribuindo para o desenvolvimento pleno do aluno.

Palavras-chave: avaliação psicoeducacional; habilidades básicas em leitura; universitários, desempenho em leitura.

Pesquisador – P

ESC

COMPREENSÃO DE LEITURA POR CALOUROS DE ENFERMAGEM NOTURNO VS MATUTINO. *Jamili Rasoul Salem de Souza (Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP), Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP)*

Independentemente da área do conhecimento é esperado que o aluno que ingressa em um curso superior tenha competência em leitura compatível para acompanhar as exigências de ensino-aprendizagem no ensino superior. Certamente entre as habilidades que definem a competência como leitor a mais importante é a compreensão de textos lidos. Entretanto nem sempre o ingressante na universidade parece ter a maturidade em leitura que dele é esperada. O objetivo do trabalho foi descrever e comparar o desempenho em leitura de calouros de um curso de enfermagem de Universidade particular situada na Grande São Paulo, tendo por base gênero e turno em que estavam matriculados. Como material foi usado um texto preparado de acordo com a técnica Cloze convencional para medir a compreensão. O material foi aplicado nas duas turmas e por amostragem sistemática, foram compostos quatro grupos: Diurno Masculino (DM), Diurno Feminino (DF), Noturno Masculino (NM) e Noturno Feminino (NF) cada um com 10 participantes. Usou-se uma ANOVA não paramétrica para comparar os quatro grupos, tendo por Ho:os grupos são iguais e Hi: os grupos são diferentes com dc=134,3 para p≤0,05. Quanto mais alta a pontuação pior é o desempenho. Pela ordem, o melhor resultado foi de NM=167 seguido de NF e DF ambos com 204 e o pior desempenho foi de DM=245. Entretanto a ANOVA resultou em não rejeição de Ho. A comparação por turno foi feita usando-se o teste U para amostra média (N1 e N2=20) sendo R1=371(noturno) e R2=249. Aplicada a fórmula obteve-se U=239>Uc=23 não se rejeitando Ho. no caso da variável gênero, para o masculino R1=412 e para feminino R2=408, sendo U=198>Uc=23 não houve diferença estatística atribuível a gênero. Entretanto o desempenho dos grupos tendeu a estar muito aquém do esperado. No período noturno para os sujeitos feminino a compreensão foi de quatro a 10 acertos e no gênero masculino variou de quatro até 13 acertos. No período diurno, as respostas femininas variam de um a 17 acertos enquanto para o masculino a variação foi de zero a 12 acertos. Concluiu-se que é muito baixo o nível de compreensão de leitura dos quatros grupos o que pode trazer muita dificuldade na aprendizagem das disciplinas acadêmicas. Não havendo diferença de gênero e número, cabia realizar programas de ensino de estratégias de leitura para assegurar aprendizagem e mesmo reduzir a evasão escolar. Os resultados indicam que o ensino nos níveis de ensino fundamental e médio não está tendo êxito na formação de leitores.

Palavras- chave: feminino de enfermagem, compreensão de texto, problemas de leitura escolar.

Pesquisador – P

ESC

COMPREENSÃO DE TEXTO POR INGRESSANTES EM CURSO DE PSICOLOGIA DE DUAS UNIVERSIDADES. *Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP), Jamili Rasoul Salem de Souza (Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP),Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco/SP)*

A leitura na universidade é um dos caminhos que leva o aluno a ter acesso ao conhecimento. Quando ela é bem aprendida propicia a este aluno um desenvolvimento pleno. No entanto, tal habilidade em leitura parece não estar sendo adequadamente aprendidas pelos alunos universitários ingressantes. Este estudo foi proposto com o objetivo de comparar o desempenho em compreensão em ingressantes no curso de Psicologia de duas universidades, ambas na Grande São Paulo, levando em consideração o gênero e o turno frequentado pelos estudantes. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/2008. Como se pretendeu comparar o desempenho por gênero, constatando-se a baixa matrícula nos cursos por alunos do gênero masculino, foram compostos grupos tendo por base a turma com o menor número deste gênero (N=5), as universidades receberam números 1 e 2. Foram constituídos oito grupos (N=40), todos adultos que assinaram o TCLE. A Escola 1(E1) ficou com quatro subgrupos: 1MF (cinco alunas); 1MM (cinco alunos) ambos do período da manhã; 1NF alunas do período noturno e 1NM, alunos também do período noturno. A Escola 2 (E2) ficou composta por 2MF e 2MM, com alunos do matutino e noturno (2NF e 2NM). O texto de leitura para a aplicação do teste Cloze seguiu o modelo padrão. Optou-se por comparar os oito grupos por meio de uma análise de variância não paramétrica (ANOVA), com Ho:todos os grupos são iguais, Ha: todos os grupos são diferentes entre si, portanto bicaudal. Foi definido que k=8, n=5, p≤ 0,05, o que resulta em dc= 112. Na comparação dos grupos quanto maior o total de pontos alcançado pelo grupo, pior foi o seu desempenho, assim os piores resultados foram da E1 – 1MF ficou com 142,5, seguido de 1NF com 140,0, 1MM com 123,5 e 1NM com 120,5. O teste U foi utilizado para comparar os resultados, alcançando-se R1=353,5 para os participantes masculinos e R2= 465,5 para o feminino, obtendo-se U=256,5. Por ser amostra grande recorreu-se à fórmula de transformação de U em z. O valor obtido foi z=152, associado a p=0,065, ou seja, não houve diferença estatisticamente significante entre os dois gêneros. Quanto ao turno Uo=232, z=0,86 associado a p=0,19, demonstrando não haver diferença estatística atribuível a turno. Os melhores resultados foram observados pela E2 que apresentou o grupo 2NF com 118,5, 2MF com 64,5, 2NM com 62,0 seguido do 2MM com 47,5. Para a E1 as variações de acertos foram as seguintes: 1MF de 7 a 21; 1NF de 6 a 19; 1MM de 12 a 21 e 1NM de 12 a 25. Para a E2 a variação de acertos foi a seguinte: 2MF de 1 a 14; 2NF de 6 a 12; 2MM de 2 a 18 e 2NM de 4 a 18. Na comparação das Universidades Uo=83,5, z=0,86, p=0,0008, ou seja, com alta significância estatística. Assim, detectou-se que há problemas quanto à compreensão de leitura, sugerindo-se programas que viabilizem o desenvolvimento das habilidades e competências gerais em leitura com ênfase no discurso científico.

Palavras-chave: avaliação psicoeducacional; ensino universitário; teste Cloze.

Pesquisador – P

ESC

CONCEPÇÕES DE EDUCADORES ACERCA DO BRINCAR E SUA PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÃO DE BRINCADEIRA LIVRE. *Clara Raíssa Fernandes de Melo*, Keilla Rebeka Simões de Oliveira*, Fabíola de Sousa Braz Aquino** (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Os contextos educativos como creches e pré-escolas tem sido alvo de pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento e da educação. Discute-se entre os estudiosos da área de que forma instituições de educação infantil podem se constituir enquanto espaços promotores de aprendizado e desenvolvimento e, nesses contextos, o adulto tem um papel essencial na mediação dos significados e usos socioculturais dos brinquedos, ao criar momentos nos quais as crianças se apropriam gradativamente de formas culturais de manuseio dos objetos. Neste sentido, o presente trabalho objetivou conhecer as concepções dos educadores sobre os brinquedos e as brincadeiras, e os estilos de participação dos mesmos durante situações de brincadeira livre com crianças, por entender que tais concepções influenciam nas interações estabelecidas junto às crianças, no cotidiano da creche. Para conhecer as concepções das educadoras foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com onze educadoras, sendo seis professoras, três monitoras e duas berçaristas de três instituições de educação infantil. Além disso, foram realizadas nove observações de situações de brincadeira livre dessas educadoras com suas respectivas turmas para conhecer seus estilos de participação nas interações com as crianças. Crianças na faixa etária de 1 a 3 anos participaram das observações. Para cada idade realizaram-se três observações em três instituições de educação infantil, nas quais participaram as onze educadoras entrevistadas. Em cada observação focou-se as interações entre a educadora e uma das crianças da turma, escolhida através de sorteio. Os resultados das entrevistas permitiram verificar que a maioria das educadoras ressalta o papel do brincar e da brincadeira como favorecedor da aprendizagem e do desenvolvimento, porém apenas uma educadora explorou a contribuição do brinquedo/brincadeira especificando como utilizava o mesmo. O educador mostrou-se várias vezes alheio às brincadeiras ou à proposição de situações lúdicas dirigidas à criança. Além disso, as profissionais parecem entender as situações de brincadeira como algo espontâneo da criança e que não exige sua participação. Verificou-se que o professor reconhece a importância da brincadeira e do brinquedo, mas possui dificuldades em utilizá-los, expondo uma desarticulação entre teoria e prática. Esses resultados sugerem a necessidade de intervenções nesses contextos que favoreçam a circulação de práticas que demonstrem a consideração de que as crianças se desenvolvem a partir das interações sociais e que a participação das educadoras em contextos lúdicos é imprescindível para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento global infantil, incidindo na zona de desenvolvimento proximal da criança. Dessa forma, sugere-se a realização de intervenções do(a) psicólogo(a) escolar junto aos demais profissionais envolvidos no processo pedagógico, principalmente com os educadores, no sentido de criar espaços de discussão que mobilizem os agentes educacionais, marcadamente professores, com vistas a promover um aperfeiçoamento profissional dos educadores que enfatize questões teóricas e práticas, por entender que a formação profissional possui impacto nas estratégias pedagógicas implementadas pelos docentes bem como nas percepções de agentes educacionais.

Concepções de educadores; mediação; psicologia escolar/educacional

ESC

CONCEPÇÕES DE EDUCADORES SOBRE O BRINQUEDO E O BRINCAR EM CRIANÇAS NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE VIDA. *Clara Raíssa Fernandes de Melo*,Keilla Rebeka Simões de Oliveira*, Fabíola de Sousa Braz Aquino** (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Os contextos educativos como creches e pré-escolas tem sido alvo de pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento e da educação. Discute-se entre os estudiosos da área de que forma instituições de educação infantil podem se constituir enquanto espaços promotores de aprendizado e desenvolvimento. Sobre esses contextos, debate-se de que forma a qualidade das interações adulto-criança pode auxiliar os infantes na apropriação de artefatos socioculturalmente construídos e tipicamente humanos. Ressalta-se na presente pesquisa o papel do brincar no desenvolvimento infantil e de que forma o educador que lida com a criança o concebe, principalmente pelas funções que exerce sobre o aprendizado das crianças, tais como a função lúdica, na qual o brinquedo proporciona diversão e prazer, e a função educativa, para qual o brinquedo possui o papel de ensinar. Especificamente nesse estudo, foram destacadas as concepções dos educadores sobre os brinquedos e as brincadeiras por entender que tais concepções influenciam nas interações estabelecidas e no modo como esses recursos são utilizados pelas educadoras junto às crianças, no cotidiano da creche. Defende-se que o educador pode atuar como um mediador na relação da criança com o contexto e que o entendimento deste sobre a relevância da atividade lúcida e do uso de brinquedos pode favorecer a criação de contextos que contribuam para o desenvolvimento global infantil. Nesse sentido o presente estudo teve como objetivo conhecer as concepções de educadores de creches da cidade de João Pessoa – PB acerca do brincar e do brinquedo. Para conhecer estas concepções, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte e sete educadoras, sendo quatorze professoras, onze monitoras e duas berçaristas de sete instituições de educação infantil. Os discursos das profissionais, registrados por meio de um mini-gravador, foram transcritos literalmente para análise. Os resultados das entrevistas permitiram verificar que a maioria das educadoras enfatiza o papel do brincar e da brincadeira como favorecedor da aprendizagem e do desenvolvimento, porém apenas uma educadora explorou a contribuição do brinquedo/brincadeira especificando o mesmo. Verificou-se que a maioria das professoras reconhece a importância da brincadeira e do brinquedo, mas possui dificuldades em utilizá-los como recurso pedagógico, expondo uma desarticulação entre teoria e prática. Dessa forma, sugere-se a realização de intervenções do(a) psicólogo(a) escolar junto aos demais profissionais envolvidos no processo pedagógico, principalmente com os educadores, no sentido de criar espaços de discussão que mobilizem os agentes educacionais, marcadamente professores, com vistas a promover uma formação continuada dos educadores que enfatize questões teóricas e práticas, por entender que a formação profissional possui impacto nas estratégias pedagógicas implementadas pelos docentes bem como nas percepções de agentes educacionais.Os resultados encontrados são importantes para suscitar intervenções por psicólogos escolares e educacionais no sentido de mediar às relações entre os educadores e as crianças em situações de aprendizado, tais como o da brincadeira, atuando dessa forma como um agente promotor das relações entre desenvolvimento e aprendizagem em contextos formais de caráter educativo.

Psicólogo escolar/educacional; brincar; concepções de educadoras

Programa Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC/CNPq/UFPB

ESC

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JUIZ DE FORA REFERENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZADO DE LEITURA E ESCRITA. *Leonice Bárbara de Rezende (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

As habilidades de leitura e escrita estão entre as aquisições mais importantes para o individuo na contemporaneidade, porém o que se tem visto a partir dos dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um número alarmante de crianças brasileiras da 4ª série que não estão alfabetizadas ou não são leitores competentes. Muitas podem ser as causas para estas dificuldades, o que já se sabe a partir do progresso da ciência da linguagem escrita é que fatores como consciência fonológica, a consciência morfológica, o nome das letras e a nomeação seriada rápida, são importantes no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Sabendo da importância de tais variáveis para o desenvolvimento de leitura e escrita e das inúmeras possibilidades de intervenção do psicólogo no cotexto educativo, o presente trabalho investigou o que pensam e o que fazem os psicólogos escolares frente às dificuldades de leitura e escrita. Para atingir tal objetivo foram entrevistados onze psicólogos escolares da cidade de Juiz de Fora, foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado, composto por 10 questões. A maioria das entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, após este processo foram analisadas por meio da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicaram que a maioria dos profissionais realiza um trabalho prioritariamente com o foco no aluno. As dificuldades de leitura e escrita foram apontadas por todos os psicólogos como presentes no contexto escolar. Entre as causas mais apontadas para essas dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita foram à falta de acompanhamento dos pais, porém somente dois profissionais disseram realizar um trabalho com os pais. A maioria dos psicólogos desconhecia os avanços da psicologia no que se refere às variáveis cognitivas subjacentes ao desenvolvimento da leitura e da escrita, sendo que somente um entrevistado citou a consciência fonológica, como consequência para as dificuldades de leitura e escrita. A maioria dos entrevistados não realizava qualquer trabalho de intervenção nessas dificuldades, apenas dois profissionais responderam realizar algum trabalho nesse sentido. O que se pode concluir é que os psicólogos escolares entrevistados ignoram os avanços ocorridos nos últimos vinte anos na área da Psicologia da leitura e, consequentemente, têm realizado uma prática profissional desvinculada de tais avanços científicos. Não pretendemos com o presente trabalho promulgar a ideia errônea de que o elevado índice de crianças e adolescentes com dificuldade de leitura em nosso país se deve inteiramente a problemas de ordem cognitiva, e sim o que queremos é que variáveis como a consciência fonológica, a consciência morfológica, o nome das letras e a nomeação seriada rápida sejam levadas em consideração pelos profissionais da psicologia quando se depararem com crianças e adolescentes com dificuldades em leitura e escrita em sua prática profissional, se beneficiando assim dos avanços de sua própria ciência.

Psicologia escolar; leitura e escrita; cognição

ESC

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DA LEITURA PARA A ELABORAÇÃO DE UM MODELO DE ESTRATÉGIAS DE PROCESSAMENTO TEXTUAL.

Wilsa Maria Ramos (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório Àgora Psique, professora pós-doutora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Brasília, DF).

O presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar as estratégias de compreensão leitora usadas por professores e relacioná-las com as estratégias de ensino em classe. O referencial teórico enfocou os conceitos de compreensão leitora, relações e processos constituintes, destacando as estratégias de processamento ativo do texto que devem ser aplicadas na base textual para a construção da macroestrutura e da representação situacional. Tratou-se de um estudo de caso realizado em 3 salas de aula de uma escola pública de ensino fundamental sobre os tipos de estratégias que professores e alunos lançam mão no ato da leitura. Para o estudo, desenvolvemos um modelo de análise capaz de mapear as estratégias que professores e alunos utilizam no processamento textual. Analisamos três tipos de estratégias de compreensão leitora: textuais, de conhecimento prévio e inferência e de automonitoramento. Na investigação, mapeamos as estratégias propriamente ditas do professor leitor, posteriormente, as estratégias de compreensão em sala de aula e, finalmente, relacionamos os dois momentos. Os resultados apontaram que as estratégias usadas pelas professoras divergiram das estratégias usadas em sala de aula. Em classe, houve uma tendência ao uso de estratégias de repetição das proposições, paráfrases sem aporte de conhecimentos e inferências, resultando num processo de ensino por repetição dos conteúdos textuais. No processo de leitura das professoras, utilizaram as estratégias de paráfrase e construção da microestrutura, mas também utilizaram a evocação de conhecimento prévio, contrastando o seu conhecimento com as idéias do texto, as macro-regras e o processo inferencial. Os resultados do estudo de caso demonstraram que as participantes utilizam estratégias e subestratégias no processamento textual, mas não modelam este comportamento em classe. A atividade de leitura para as professoras demonstrou ser um exercício escolar, uma atividade escolarizada, descolada das demandas dos alunos e dos próprios textos. As pesquisas apontam que a diferença entre bons e maus leitores reside basicamente na qualidade e quantidade de estratégias que se põe em jogo no momento da compreensão leitora. Mas os resultados nos apontaram que não é a quantidade de estratégias e subestratégias que resulta em uma compreensão global, mas sim a forma estratégica e ativa de selecioná-las e aplicá-las. Concluímos que, nos casos estudados, a atividade de ensino da compreensão leitora expressa um conjunto de técnicas isoladas e pouco efetivas. O currículo de formação dos professores é um fator critico que explica, em parte, esses resultados, porque não inclui o tema compreensão leitora.

PD - Pesquisador

Palavras-chaves: compreensão leitora; estratégias; formação de professores.

ESC

DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM MUSICAL PARA BEBÊS NUMA CRECHE. *Malba Cunha Tormin**; Tizuko Morchida Kishimoto (Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da FEUSP - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O presente trabalho contempla a primeira parte de uma pesquisa de doutorado, a qual foi realizada em dois berçários de uma creche na cidade de São Paulo. O objetivo foi investigar a presença da linguagem musical, de como a música tem sido ofertada para os bebês e se as atividades musicais são propiciadoras de desenvolvimento e aptidão cognitivo musical infantil. O estudo foi fundamentado nos pressupostos mediacionais de Vygotsky e Feuerstein, nas contribuições da pscologia cognitivo musical de John Sloboda e colaboradores e na teoria da aprendizagem musical para recém-nascidos de Edwin Gordon. Essa teoria aponta para a aprendizagem musical infantil desde o nascimento ou mesmo antes, sobre a capacidade de se aprender música similar à linguagem materna e propõe uma sequência de atividades que visam o desenvolvimento da audiação e aptidão musical infantil. Por essas razões, a mediação entre professores, pais e bebês são determinantes nesse processo de desenvolvimento musical e para tanto as concepções de Vygotsky e Feuerstein são imprescindíveis, pois vão sustentar o desenvolvimento das potencialidades e funções superiores da mente, critérios de mediação, como também ao considerar o meio sócio cultural como integrante desse processo de aprendizagem. Os sujeitos da pesquisa foram quatro professoras de educação infantil e 17 bebês com faixa etária de sete meses a 2 anos e 3 meses de idade dos Berçários I e II da creche. Por meio de uma investigação qualitativa, na modalidade pesquisa-ação, foi estabelecida uma parceria entre pesquisador e professores construindo ações colaborativas que favorecem a transformação da práxis e a qualidade na oferta de atividades musicais aos bebês. Como instrumentos de investigação foram utilizados as Escalas de Empenho do Adulto e Envolvimento das crianças de Ferre Leavers. Os resultados indicaram registros no empenho das professoras e no envolvimento dos bebês em relação às atividades musicais e sinalizaram que a presença da música nas atividades infantis favorece o envolvimento e o bem estar da criança. Numa comparação entre os Berçários I e II, os resultados apontaram que houve maior presença dos elementos da linguagem musical (ritmo, melodia e timbre) no Berçário I em relação ao Berçário II e que nas atividades com música o empenho das professoras do Berçário I foi maior comparado às outras atividades da rotina dos bebês. Outro dado importante foi que mesmo as professoras não tendo formação específica em música houve a presença de música em sua prática pedagógica, embora sem fundamentações metodológicas e pouco diversificada. Em relação aos bebês, sempre que houve a presença da música nas atividades houve um maior envolvimento deles. Apesar dos bons resultados mediante a presença da música no Berçário I, essas foram interpretadas como recreação, que apesar de importante, não são propiciadora de um sistemático desenvolvimento musical infantil. Portanto, faz-se necessário propor intervenções junto às professoras para sua devida formação musical habilitando-as metodologicamente a uma sequência de atividades musiciais direcionadas ao desenvolvimento cognitivo musical dos bebês. Essa será a segunda fase da pesquisa.

Bebês, desenvolvimento e aprendizagem musical, escalas de envolvimento e empenho.

ESC

DINÂMICAS DE APRESENTAÇÃO E INTERAÇÃO COMO RECURSO EM METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM APÓS DOIS ANOS DE CONVÍVIO ACADÊMICO. *Sônia Regina Cassiano de Araújo (Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo-SP)*

Nos ultimos 30 anos temos visto mudanças acadêmicas que vão da aprendizagem focada no ensino através de aulas expositivas ao ensino centrado no aluno com metodologias ativas. Os professores têm buscado promover a participação ativa dos estudantes, o que requer o envolvimento de práticas coletivas. Neste sentido acredita-se que estudantes adultos, que já experimentaram interações com as mais diferentes pessoas e culturas, e que já convivem no mesmo curso a dois anos, provavelmente apresentam condições necessárias ao desenvolvido de atividades que requerem aceitação da diversidade cultural, divergência de opiniões, atitudes e valores, e que se sentem a vontade para expor suas idéias, questionar e alterar suas próprias crenças para integrar novos conceitos em sua própria visão de mundo. No entanto, mesmo professores mais experientes podem equivocar-se na forma de entender estes pressupostos e deixar de considerar a importância das dinâmicas que favorecem prátcas em metodologia ativa. O objetivo foi identificar as respostas de estudantes de graduação superior do curso de marketing ao vivenciarem uma dinâmica de interação na primeira aula do 5º semestre do curso, após dois anos de convívio acadêmico. Aplicou-se uma dinâmica de grupo, de apresentação e quebra gelo, na primeira aula do 5º semestre do curso de marketing, disciplina criatividade e inovação da Universidade Anhembi Morumbi. 116 estudantes participaram da dinâmica em quatro classes. Ao final da dinâmica os estudantes foram estimulados a escreverem suas percepções e sensações de sua participação. A analise qualitativa que codificou, classificou e categorizou os comentários demonstrou que 97% dos participantes perceberam a atividade como: grande oportunidade de interação, conhecer melhor os colegas, tornar a classe mais construtiva, entrosamento, conhecer pontos fortes e de melhoria. Em um dos relatos pode-se ler "[...] em pouco tempo pude identificar o que não havia identificado durante todo o curso [...]". Apenas 2,6% fizeram referência a não haver surpresa com a atividade ou não considerá-la proveitosa, pois já se conheciam. Os resultados rompem a crença de que após dois anos de convívio os estudantes já se conhecem o suficiente para um ótimo desempenho ao desenvolverem trabalhos em equipe. A dinâmica mostrou que a interação entre os estudantes pode depender de um esforço contínuo dos professores para a criação de um ambiente de estudo eficaz, assim como entender por que os estudantes respondem de diferentes maneiras a determinados tipos de tarefas de aprendizagem, e que os estágios de desenvolvimento cognitivo, pré reflexivo, quase reflexivo e pensamento reflexivo de universitários pode ser extremamente útil para o sucesso dos professores e estudantes . Concluiu-se que há necessidade de rever os paradigmas de interação acadêmica para melhorar o desempenho de produção de conhecimentos de forma colaborativa. As dinâmicas de interação favorecem o melhor conhecimento de sí e do outro podendo ser aplicadas ao longo do curso e não apenas no início, pois potencializam as habilidades cognirivas como construção de argumentos e avaliação de evidências que fortalecem opiniões e posicionamento critico diante aos problemas da realidade com importante reflexo na futura atuação profissional da forma que desejamos ver nos estudantes universitários.

Dinâmica de grupo, metodologia ativa, universitários

ESC

DISCUTINDO GÊNERO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA. *Nathália Pereira de Oliveira*, Luísa Vianna Baiocchi* (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura nacional que estuda a homossexualidade normalmente investiga como diferentes grupos (ex: estudantes do ensino médio, universitários, etc.) entendem o assunto. Por outro lado, a temática acerca da homofobia tem sido negligenciada tanto pela pesquisa quanto pelo senso comum. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar como os adolescentes inseridos no contexto grupal entendem tanto a homossexualidade como a homofobia, além de identificar preconceitos e estereotipias nas verbalizações dos participantes, a fim de levantar questões que sejam pertinentes ao desenvolvimento de projetos/intervenções no Ensino Médio que minimizem os casos de homofobia nesse contexto. Para tanto, foi considerada a fala do grupo e não apenas as verbalizações individuais. Para o atendimento dos objetivos foram realizados três grupos focais com alunos do Ensino Médio de uma escola pública do Distrito Federal, com total de 21 adolescentes. Os grupos foram mistos alunos do sexo masculino e feminino e tiveram cerca de 90 minutos de duração cada. As pesquisadoras utilizaram, em cada grupo, cinco eixos que consistiam nos pontos de discussão a serem investigados: como os participantes explicavam a homossexualidade, qual era a opinião deles a respeito da união homoafetiva, o que eles entendiam sobre a homofobia, o que eles consideravam violência contra homossexuais e o que eles achavam sobre a implantação de programas educacionais contra a homofobia nas escolas. Os resultados mostraram que para os participantes a homossexualidade não poderia ser explicada apenas por uma questão biológica, no entanto, não houve consenso a respeito do entendimento da homossexualidade como uma escolha feita pelo indivíduo. Em todos os grupos focais, as posições favoráveis à união homoafetiva estiveram presentes. Quanto à homofobia, os alunos relataram que essa é uma prática ofensiva e direcionada às pessoas que mantém relações homoafetivas, além disso, entenderam que a violência objetiva discriminar esse grupo de pessoas e se manifesta no âmbito físico, verbal e psicológico. Em todos os grupos os participantes mostraram-se a favor da implementação de programas educacionais, no entanto, demonstram preferência se esses fossem apresentados com o uso de estratégias que pudessem minimizar o preconceito/discriminação de forma geral, não focando apenas no que concerne à homofobia. Pode-se perceber, a partir dos pronunciamentos dos alunos,que possuem, de forma geral, posicionamentos favoráveis a respeito das questões e lutas dos homossexuais, no entanto, essas mesmas verbalizações apontaram, muitas vezes, uma tolerância frente a questão, diferentemente de um respeito diante das problemáticas concernentes à homofobia. Tal fato pode ser ilustrado por comentários sobre a possibilidade de mudar as ideias que os homossexuais tem a respeito de sua vida afetiva. Além disso, foi possível perceber que as discussões sobre homossexualidade e homofobia seriam melhores aceitas dentro de programas educacionais se esses abordassem o respeito à diversidade de forma geral, assim pode-se identificar certa tendência a silenciar a discussão específica sobre a homofobia se essa for trazida de forma explícita e enfática. Pelos fatores descritos nos resultados, pode-se pensar em formas pertinentes de trabalhar o tema, levando em consideração a demanda dos jovens.

Homofobia - Educação - Homossexualidade

Programa de Educação Tutorial - MEC

ESC

DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: IDENTIDADE E DESAFIOS ATUAIS. *Tatiana Machiavelli Carmo Souza** (Universidade Federal de Goiás - Curso de Psicologia)*

A identidade docente é constituída por uma prática socialmente valorizada e legitimada; isto é, o docente apresenta forma própria, singular de ser e estar nas relações, de compreender as situações, de julgar a realidade, de interpretar o mundo. Denota-se que a identidade não é algo rígido ou estático, mas é um processo continuamente construído nas diversas experiências pessoais e profissionais. Valores são construídos, crenças são modificadas, atitudes são efetivadas e vão (re)significando as vivências e formas de existência. A identidade do docente não é algo cristalizado, mas uma estrutura mutante. Os atributos que caracterizam o docente e o exercício da docência relacionam-se às múltiplas e diversificadas interações sociais frutos de contexto histórico, social, político, econômico e cultural. A concepção de docência que alicerça esse trabalho transcende a ideia de ação técnica ou operacionalização de tarefas. Compreende-se, aqui, a docência como experiência que perpassa a competência técnica, entretanto, não se esgota nela. A experiência da docência comporta uma dimensão reflexiva e uma dimensão prática, atravessadas pelo elemento subjetivo, já que as relações e vivências interpessoais são marcadas pela afetividade, pela valoração e pela ética. Falar da identidade docente não se trata de agrupar os professores sob um conglomerado de aspectos ou generalidade, como se fosse possível agrupar, determinar e homogeneizar essa categoria profissional. Na discussão acerca da identidade docente, busca-se desenvolver um olhar acerca dos elementos sócio-profissionais que articulados possibilitam um fazer profissional. A docência é entendida como processo construído no curso da própria trajetória. Essa característica vem cercada do "inacabamento", já que o aprendizado da docência não se esgota e demanda o desejo pelo aprender do docente. A compreensão e a análise do significado da docência tem tangenciado muito pouco as motivações intrínsecas que conduzem a esse trabalho, dadas especialmente pela dificuldade em efetivar tal discussão. Parte-se do entendimento de que o ser professor, bem como o rol de atuações profissionais docentes, se edificam a partir dos sentidos subjetivos construídos e de certo grau de emocionalidade. É possível afirmar, então, que as práticas profissionais vão sendo construídas perpassando as experiências e vivências pessoais. As contradições que permeiam a identidade docente suscitam a necessidade de aprofundar os estudos acerca das determinações culturais, afetivas e sociais do exercício docente universitário. A identidade profissional sofre interferências, também, da imagem social. Por um lado, a sociedade valoriza e estima a atuação do professor, ressaltando sua importância no que tange o desenvolvimento e educação dos estudantes; por outro lado, há por parte da mesma sociedade uma desvalorização quanto ao salário e as políticas educacionais pouco efetivas.

Docência. Universidade. Subjetividade.

ESC

EM BUSCA DAS POTENCIALIDADES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO POR MEIO DO PERFIL PSICOEDUCACIONAL REVISADO (PEP-R). *Rosária Maria Fernandes da Silva, Micheline Evelin Jablonski Barghouti, Patrícia Luíza Slongo (Univali)*

Nos Transtornos Globais do Desenvolvimento, o problema não é a ausência do desejo de interagir e comunicar-se, e sim, a ausência da habilidade para fazê-lo. O objetivo deste estudo foi identificar as potencialidades de seis crianças do sexo masculino com idades entre seis e nove anos, já diagnosticadas com Transtornos Globais do Desenvolvimento, por meio da aplicação do Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R). Essa pesquisa foi realizada em duas etapas: (1) anamnese; (2) aplicação do PEP-R. O PEP-R avalia sete áreas do desenvolvimento infantil: imitação, coordenação viso-motora, percepção, coordenação motora ampla, coordenação motora fina, desempenho cognitivo e cognição verbal. Os dados demonstram que na Escala do Perfil do Desenvolvimento, as potencialidades foram evidenciadas em quatro áreas: Imitação, Percepção, Motora Fina e Motora Grossa, sempre considerando o somatório da pontuação das categorias de respostas "passou" e "emergente". A área Motora Grossa foi a área de potencialidade prevalencente, pois foram identificadas em três das seis crianças (B, E e F). A segunda área prevalecente, identificada como área de potencialidade no Perfil do Desenvolvimento foi a Motora Fina, identificada em duas das seis crianças (A e C). Na Escala do Perfil do Comportamento, as potencialidades evidenciadas foram Relacionamento e Afeto, Brincar e Interesse por Materiais, Respostas Sensoriais e Linguagem. As Respostas Sensoriais foram apontadas como áreas de potencialidade em três das seis crianças (B, E e F). O Relacionamento e Afeto como áreas de potencialidade em duas das seis crianças e a área da Linguagem em somente uma das seis crianças. Das seis crianças, quatro, no momento da aplicação, foram consideradas não-verbais e apenas duas obtiveram pontuações relativamente altas. É importante salientar que a condição não-verbal, não significa que a criança não tenha capacidade de compreensão da fala, principalmente se esta for formulada com aspectos concretos como gesticulações e direcionamentos que dão demonstrações concretas de como se deve realizar a tarefa. Muitas vezes, as respostas de que as crianças realmente compreenderam o que esta sendo falado, ficam comprometidas devido aos problemas relacionados a outras áreas, como por exemplo, a Motora Grossa e Fina, pois durante as aplicações, observou-se que algumas crianças compreendiam totalmente o que foi verbalizado, porém, não conseguiam responder de nenhuma forma. Conclui-se que o PEP-R deve ser considerado como uma ferramenta avaliativa que deverá ser acrescentada ao processo avaliativo e não ser considerado como único neste processo. Constatou-se também que o momento ideal para a primeira aplicação do PEP-R é no ingresso da criança na instituição, pois a avaliação forneceu dados e informações que geralmente só são obtidos, no decorrer de um ano. Contudo, sabe-se que as características dessas crianças não são estáticas e ocorrem modificações nos sintomas que podem simplesmente desaparecer ou tornarem-se mais exacerbadas. Com o desenvolvimento, outras características podem aparecer. Sendo assim, é importante investir em novos estudos, para que se possa encontrar um caminho, uma porta de entrada, para o mundo obscuro e conturbado de crianças que apresentam Transtorno Global do desenvolvimento.

Transtorno Global do Desenvolvimento. Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R). Potencialidades.

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação).

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ENSINAR PARA DESENVOLVER: O USO DE ESTRATÉGIAS COGNITIVAS E METACOGNITIVAS DE LEITURA A PARTIR DA HISTÓRIA MARCELO, MARMELO E MARTELO. *Renan de Almeida Sargiani* (Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP), Rosana Tósi da Costa (Supervisora de estágios em Psicologia Escolar/Educacional, Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP)*

O presente estudo consiste no relato do estágio final de conclusão de curso realizado em Psicologia Escolar/Educacional como requisito parcial para a obtenção do título de Psicólogo na Universidade Cruzeiro do Sul. No primeiro semestre de 2011, realizamos visitas semanais a uma escola pública de Ensino Fundamental da Zona Leste de São Paulo, com o objetivo de investigar uma queixa escolar e construir um projeto de intervenção. Após várias semanas realizando observações em sala de aula, concluímos que a queixa da diretora era pertinente e elaboramos um projeto de intervenção, aplicado no 2º semestre de 2011. A queixa era de que os alunos das 4ª séries pegavam livros emprestados semanalmente na biblioteca, mas as professoras não verificavam se a leitura havia sido realizada, de que forma foi feita, o que foi aprendido, nem havia a socialização do material lido. A diretora queixava-se de que a leitura não "circulava pela escola" e dizia que as professoras não valorizavam a leitura. Dessa forma, propusemos uma série de atividades realizadas a partir da leitura da história "Marcelo, Marmelo e Martelo" da escritora infantil Ruth Rocha. Dentre os objetivos desse projeto, fundamentados na Psicologia Cognitiva da Leitura, encontrava-se o ensino/desenvolvimento de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura e a apresentação de técnicas que pudessem contribuir para o trabalho das professoras e para que elas se reconhecessem como modelo de leitoras. Os participantes foram 4 professoras e 119 alunos de 4 turmas de 4ª série do ensino fundamental, com idades variando entre 9 e 11 anos. Entendemos por estratégias de leitura cognitivas e metacognitivas, os diferentes recursos utilizados pelos leitores para a compreensão do material a ser lido. O desenvolvimento dessas estratégias permite, portanto, uma melhor apreensão do conteúdo e maior relação com os materiais lidos. Dentre as atividades que propusemos utilizamos diferentes estratégias como a previsão, resumo, análise, inferências, dentre outras. Foram realizadas 10ª sessões com cada uma das turmas, as atividades foram desde a leitura da história proposta até a criação de uma história própria e confecção de um livro, utilizando sempre as estratégias de leitura. Essas atividades eram realizadas pelo estagiário de Psicologia em sala de aula e sempre com a presença da professora responsável que poderia então aprender a técnica. Obtivemos grande aceitação do projeto tanto dos alunos quanto das professoras responsáveis. Verificamos um aumento do interesse dos alunos pela leitura, bem como do uso de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura em situações diferentes da leitura proposta inicialmente, o que sugere que os alunos aprenderam a utilizá-las. As professoras se envolveram com o projeto e aderiram às técnicas utilizadas. De tal modo, que seguindo as sugestões das professoras, as atividades individuais dos alunos foram expostas como livros na Mostra Cultural da escola. A exposição dos trabalhos foi importante para contribuir com nossos objetivos, pois, permitiu ampliar a socialização do que era feito nas salas de aula. A exposição dos livros consolidou a intenção de "circular a leitura pela escola" o que era a demanda inicial proposta pela diretora.

Estratégias cognitivas de leitura; psicologia cognitiva da leitura; ensino fundamental

ESC

ENSINO DE ESPANHOL COM DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS – UM ESTUDO PILOTO. *Rosana Valinas Llausas**, Melania Moroz (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, NEPEN - Núcleo de Estudos sobre o Ensino).*

No Brasil há um crescente número de escolas ensinando línguas estrangeiras, entre elas o espanhol, no Ensino Fundamental e Médio da rede particular e pública de ensino, obrigatoriedade formalizada pela Lei 11.161, promulgada em 2005. Nesse contexto, torna-se importante desenvolver estudos visando ao ensino de língua espanhola. Fundamentados na Análise do Comportamento e no modelo de equivalência de estímulos, têm sido desenvolvidos estudos que apresentam resultados promissores em diferentes áreas, como em Língua Portuguesa, no ensino de leitura e escrita, em Matemática, no ensino de números e de frações, em Artes, na leitura de imagens, em Música, no ensino de notas musicais, entre outros. O presente trabalho foi aplicado a três alunos do Ensino Médio e teve como objetivos apresentar os resultados de um procedimento de ensino de leitura (com compreensão e pronúncia) de palavras e orações, em língua espanhola, contendo a letra "j", cuja sonorização é crítica para falantes de língua portuguesa. Foram ensinadas discriminações condicionais entre diferentes modalidades de estímulos, utilizando-se como recurso um software educativo. O procedimento foi dividido em: pré-teste, ensino, teste de emergência de relações, teste de leitura generalizada tanto de palavras quanto de orações. Para o ensino e teste de relações emergentes, foram utilizadas três classes de estímulos: (A) palavra ditada em espanhol; (B) imagem representativa da palavra; (C) palavra impressa em espanhol. Os participantes foram divididos em dois grupos: para o primeiro foram ensinadas as relações AC e CB, sendo testadas as relações BC, AB e a leitura das palavras em espanhol (relação CD); para o segundo grupo, foram ensinadas as relações AC e AB, sendo testadas BC, CB e a leitura das palavras em espanhol (relação CD). Foram ensinadas as palavras: "jarra", "naranja", "tarjeta", "jícara", "rojo", "julio". Finalizado o ensino e teste de relações emergentes, foi testada a leitura generalizada das palavras "jabón", "lija", "jefe", "jirafa", "jota", "jugo", e das orações: "José toma jugo de naranja en la jicara roja.", "Jinete se escribe con jota". "La jarra roja es de Julio", formadas por sílabas das palavras ensinadas. Os resultados mostraram que: o desempenho atingiu o critério estabelecido na compreensão auditiva (relação AB) e na leitura receptiva (relação AC); ocorreu a emergência das relações BC, AB e CB; não ocorreu a produção oral / leitura expressiva (relação CD) de palavras ou orações e nem a sua tradução para o português.

Equivalência de estímulos, ensino, língua espanhola

A primeira autora é bolsista CNPq

ESC

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA PARA APRENDIZES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Sonia Cristina Esplendor dos Santos**, Melania Moroz (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica-SP, NEPEN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino)*

Com estudos cada vez mais minuciosos sobre o comportamento, os analistas do comportamento têm formulado importantes princípios que tornam mais clara a descrição dos comportamentos dos indivíduos, possibilitando a intervenção no sentido de modificá-los. No caso da leitura e da escrita, pesquisas recentes têm oferecido contribuições a partir do modelo de equivalência de estímulos. A literatura indica que, ensinando algumas relações condicionais entre estímulos sonoros e visuais (figuras e texto), é possível instalar ou aperfeiçoar os repertórios de leitura e escrita. Para indivíduos com desenvolvimento atípico, os repertórios de leitura e de escrita são fundamentais, para possibilitar sua inserção social. No entanto, esses repertórios raramente são ensinados. A presente pesquisa tem como objetivo apresentar um procedimento de ensino para aquisição dos repertórios de leitura e escrita, a partir de discriminações condicionais, para aprendizes com deficiência intelectual, utilizando o software educativo Mestre®. O trabalho esta organizado em seis etapas: ETAPA 1 – Avaliação do repertório dos alunos, através do IAL –I; ETAPA 2 – Aplicação do procedimento de ensino de 10 palavras e testes de verificação de emergência de relações; ETAPA 3 – Teste de generalização de leitura e escrita de palavras e frases; ETAPA 4 – Aplicação de procedimento de ensino de 05 palavras e teste de verificação de emergência de relações; ETAPA 5 – Teste de generalização de leitura e escrita de palavras e frases; ETAPA 6 – Reaplicação do IAL-I, nas relações CE e AE utilizando-se as palavras compostas por CV. O IAL-I (Instrumento de Avaliação de Leitura – Repertório Inicial), que é utilizado para fazer o levantamento dos conhecimentos e dificuldades dos alunos em leitura, além de parte da escrita. Esse instrumento está composto por três partes: 1) Informações gerais sobre os alunos; 2) Nomeação das letras do alfabeto, ou seja, relação entre estímulos CD (leitura expressiva) e atividade com palavras de sílabas simples e complexas nas relações entre estímulos CC, BC, CB, AC, CD, CE e AE, utilizando o software Mestre®; 3) Leitura de textos: uma carta manuscrita e um anúncio de propaganda, focando a fluência e a compreensão da leitura nos dois gêneros de texto. Nenhuma das atividades realizadas no IAL-I são consequenciadas. Para análise dos resultados do IAL-I, foram utilizados como valores de referência os seguintes índices: igual ou superior a 80% para indicação de desempenho satisfatório; entre 60% e 79% para indicação de desempenho insatisfatório; abaixo de 60% para indicação de desempenho deficitário. Os resultados apresentados evidenciam repertórios de leitura pouco desenvolvidos e um repertório de escrita, menos desenvolvido que o de leitura.

Educação Especial, avaliação de leitura e escrita, software educativo.

A aluna é bolsista CAPES

ESC

ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS: PESQUISAS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL. *Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha (Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Formação e Trabalho Docente, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), Sara Janaina Alves Batista (Faculdade de Educação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas)*

Trata-se dos resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em 2010-2012 sobre o tema Ensino Fundamental de 9 anos (EF), com objetivo de localizar trabalhos que analisassem a implantação/implementação do EF a partir da teoria Histórico-cultural. Utilizamos os seguintes descritores: Ensino Fundamental de nove anos e Escola de nove anos. Com esse procedimento, localizamos 90 trabalhos. A partir da leitura dos resumos e palavras-chave, selecionamos 27 dissertações e 3 teses, que abordavam de forma nuclear o tema EF. Deste conjunto, buscamos aqueles que apresentavam obras de Vigotski, Luria e/ou Leontiev em suas referências bibliográficas, restando assim, 17 trabalhos. O material selecionado foi lido na íntegra com o objetivo de identificar: (i) modos pelos quais estas obras são incorporadas aos textos; (iii) conceitos da teoria Histórico-cultural abordados; (iv) práticas pedagógicas e/ou aspectos do processo de ensino-aprendizagem analisados à luz destes conceitos e (v) problemas e/ou contribuições que estas dissertações e teses trazem para o entendimento do EF, considerando a articulação com a teoria focalizada. O material foi analisado de modo qualitativo e quantitativo. A partir das análises, pudemos identificar que (i) apesar de mencionarem a teoria vigotskiana, das 17 teses ou dissertações, 6 utilizavam a teoria de forma incidental, citando apenas 1 ou 2 vezes os autores Vigotski, Luria ou Leontiev; (ii) a bibliografia destes autores tomada como referência concentra-se em poucas obras, dentre elas, o livro "Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem" de Vigotski, Luria e Leontiev, é o mais mencionado (em 9 trabalhos), seguido pelos títulos "A formação social da mente" e "A construção do pensamento e da linguagem", ambas de Vigotski (com 8 ocorrências cada um); interrelacionando os (iii) os conceitos da teoria Histórico-cultural abordados e as (iv) práticas pedagógicas e/ou aspectos do processo de ensino-aprendizagem analisados à luz destes conceitos encontramos vinculações, prioritariamente, nos temas da escrita e processos/práticas a ela associadas (tais como: alfabetização e letramento, desenho como pré-história da descrita e escrita como processo culturalmente constituído e desenvolvido, entre outros) e da linguagem (dentro do qual agrupamos a abordagem da linguagem como instrumento de comunicação, expressão e compreensão, como discurso, a linguagem egocêntrica, as relações com o pensamento e os conceitos de signos, sentidos e significados). Destes resultados, problematizamos: (i) as obras mais referenciadas, considerando as críticas a que tem sido submetidas entre estudiosos da bibliografia da teoria Histórico-cultural; (ii) a importância de trabalhos discutindo as questões relativas à escrita, a partir da teoria Histórico-cultural no cenário de construção do novo EF e (iii) as razões da baixa frequência de pesquisas sobre a atividade lúdica (dentro do qual agrupamos as menções dos termos brincar, brincadeira e jogos com regras), dada a relevância desta prática para o desenvolvimento infantil, segundo a matriz teórica focalizada.

Palavras-chave: Teoria Histórico-cultural, ensino fundamental de 9 anos, práticas pedagógicas, escrita, atividade lúdica.

PIBIC/CNPq

ESC

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS. *Eliana Cristina Zanette Cipriano**, Renan de Almeida Sargiani**, Camila Ramos Franco de Souza**, Sylvia Bachiegga Rodrigues Pereira**, Margarete Borsi Jarussi**, Karina Alves Biasoli Stanich** (Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP)*

Desde o ano de 2006 com a lei no. 11.274/2006, o ensino fundamental passou a ter a duração de 9 anos. Além disso, outra mudança com essa lei foi de que a partir dela as crianças devem ingressar nessa modalidade de ensino com 6 anos. A partir de então muito se tem discutido sobre os efeitos dessa nova lei sobre a educação. Todos os dias, observa-se que várias questões como a maturidade das crianças, tipos e formas de conteúdos a serem ministrados em cada série, condições físicas e materiais, têm sido constantemente alvo de discussões nos meios acadêmicos ou não. Como a modificação na lei e aplicação prática ainda são relativamente recentes, poucos estudados foram feitos sobre o tema e as discussões têm se pautado muito mais por evidências não-científicas ou ainda pela experiência adquirida no cotidiano escolar. Nesse sentido, no presente estudo preliminar, que integra uma pesquisa maior ainda em andamento, foram realizadas entrevistas com 4 professoras da cidade de São Paulo, com o intuito de investigar a opinião dessas professoras acerca dessa mudança na legislação que afeta diretamente a sua prática nas escolas. Além disso, objetivamos com esse estudo estabelecer parâmetros para uma pesquisa maior que por sua vez objetiva verificar o impacto dessa nova lei em escolas da cidade de São Paulo. Para a participação na pesquisa, as professoras escolhidas tinham que ter como requisito lecionado em escolas das redes públicas ou particulares há no mínimo 10 anos no ensino fundamental (anos iniciais) e, portanto, terem experienciado tanto o ensino fundamental de 8 anos quanto o de 9 anos. Elas foram convidadas e entrevistadas individualmente em uma sala distante das escolas em que lecionavam. As entrevistas eram semi-estruturadas e foram gravadas em vídeo e o conteúdo foi posteriormente transcrito, analisado e categorizado. Evidenciou-se que embora existissem divergências nas opiniões, as professoras relataram que em sua prática as maiores dificuldades estavam relacionadas há falta de adaptação/aquisição de materiais básicos como carteiras e cadeiras que são muito grandes para as crianças pequenas e ausência de brinquedos e parques (playgrounds) nas escolas de Ensino Fundamental. Quanto às práticas pedagógicas, as professoras disseram não terem muitas dificuldades, pois se adaptavam devido à experiência adquirida com os anos de profissão, ainda que se queixassem sobre as dificuldades em estabelecer que tipo de conteúdo deveria ser trabalhado no primeiro ano do ensino fundamental. Houve consenso de que as professoras fazem as adaptações necessárias a partir das experiências profissionais pessoais, não havendo um movimento de toda a escola na acolhida dessas crianças mais jovens. Elas também ressaltam que embora recebam cursos de formação continuada, esses não atendem às necessidades e dificuldades reais que enfrentam em sala de aula, se caracterizando por serem cursos teóricos, desconectados da realidade e excessivamente abstratos. Esse estudo preliminar possibilitou a criação de parâmetros de análise e investigação mais coerentes para outros estudos sobre as mudanças ocorridas na escola após a lei no. 11.274/2006, pois possibilitou dar voz as profissionais que de fato estão atuando nesse segmento que foi modificado.

Ensino fundamental; formação de professores; psicologia da educação

ESC

EXPECTATIVAS DE PROFESSORAS SOBRE O ALUNO E AS SITUAÇÕES DE ENSINO: RELAÇÕES E SENTIDOS. *Christiane Maria Ribeiro de Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Recife, Recife, PE), Fatima Maria Leite Cruz (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE)*

Este estudo, recorte de uma pesquisa mais ampla, identificou e analisou as expectativas de professoras acerca do desempenho em produção de textos dos seus alunos. Entende-se que a aprendizagem é uma construção alicerçada nas e pelas interações do sujeito(aluno) na sua trajetória escolar. Nesta perspectiva, as interações em sala de aula assumem papel fundamental na construção do conhecimento do aluno. Tais processos interacionais são permeados e constituídos por fenômenos e elementos de diversas ordens e natureza. Dentre esses, destacam-se as expectativas, fenômeno que permeia as relações interpessoais e que vêm sendo apontadas como importantes nos processos de ensino e aprendizagem. Participaram da pesquisa três professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental e seus alunos em três diferentes escolas, na Rede Municipal de Ensino da cidade de Recife. Como procedimentos de coleta, entrevistas semiestruturadas e 88 horas-aula de observações videogravadas. Como procedimentos de análise, a análise de conteúdo e a análise microgenética. Os resultados mostraram dois tipos de expectativas elaboradas pelas professoras em relação ao desempenho de seus alunos em produção de textos: positivas e negativas. As expectativas positivas se apresentaram de duas formas, nomeadas de "expectativas positivas tipo A" e "expectativas positivas tipo B". As "expectativas positivas tipo A" foram aquelas que a professora acredita que o aluno vai terminar bem em produção de textos, sem dificuldades; e "expectativas positivas tipo B", quando a professora acredita que o aluno vai terminar melhor, apesar de ainda apresentar dificuldades. Nas "expectativas negativas", a professora acredita que o aluno não vai terminar bem em produção de textos. Em relação às expectativas negativas, apenas uma das docentes não as apresentou em relação a nenhum de seus alunos. A análise dos dados apontou que as professoras descreveram os alunos para os quais apresentaram expectativas positivas, sejam elas, tipo A ou B, com atributos com uma conotação mais positiva, quando comparados com os alunos para os quais foram depositadas expectativas negativas, que foram descritos com características que remetem a uma representação mais negativa desses alunos. Considerando as causas atribuídas pelas professoras ao desempenho nos textos escritos pelos alunos, a professora que positivou as expectativas enfatizou o trabalho desenvolvido em sala de aula e a evolução do aluno no seu processo de aprendizagem, apontando a relação entre essa evolução e sua mediação pedagógica nas situações de ensino. Para os alunos aos quais foram depositadas expectativas positivas (tipo A), as professoras as atribuíram, predominantemente, às características dos alunos; enquanto as expectativas positivas (tipo B), elas atribuíram à responsabilização individual do aluno e aos aspectos ligados ao seu trabalho em sala. Em relação aos alunos para os quais foram depositadas expectativas negativas, as professoras não se sentem responsáveis sobre as dificuldades desses alunos, nem sobre sua superação, pois atribuem como causas do seu desempenho, as condições inerentes ao aluno, o que, segundo elas, impossibilita a intervenção didática. Este estudo contribui para a produção de conhecimentos acerca dos elementos subjetivos que permeiam a relação professor-aluno e subjazem as situações de ensino e aprendizagem.

Expectativas positivas. Expectativas negativas. Desempenho em produção de textos.

ESC

FORMAÇÃO DE EDUCADORES E INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Marivete Gesser, Adriano Henrique Nuernberg (Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC), Camilla de Amorim Ferreira (Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

A inclusão de crianças com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais é ainda hoje um grande desafio na atuação do psicólogo nos diversos contextos educativos. Reiteradas vezes esse processo é obliterado pela hegemonia dos discursos voltados a homogeneização e medicalização das diferenças que emergem no cotidiano da sala de aula. Além disso, há a presença de discursos voltados à segregação e institucionalização dessas crianças em escolas especiais. Diante disso, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC (NDI/UFSC) vem desenvolvendo um trabalho voltado à formação continuada de educadores para a atuação junto a essas crianças. O objetivo deste é o de auxiliar os professores a desenvolver estratégias pedagógicas no contexto da sala de aula com base nos princípios da educação inclusiva. O trabalho abrange os professores responsáveis pelas turmas de crianças com deficiência, o professor de educação física, os estudantes de psicologia que atuam como professores auxiliares, a psicóloga, um profissional da área da saúde e dois professores do Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional que atuam no NDI/UFSC por meio de um projeto de extensão. Quanto à operacionalização, são realizadas reuniões semanais com os professores auxiliares e uma reunião quinzenal com toda a equipe. Nestas, o foco abrange: a) o acolhimento dos educadores no que se refere às dificuldades que emergem no cotidiano; b) a criação de estratégias pedagógicas para que os educadores consigam superar essas dificuldades; c) a problematização dos discursos que reiteram a segregação e/ou medicalização das deficiências. Além da formação voltada à inclusão de cada uma das crianças em suas turmas, também tem sido realizado com frequência anual cursos de capacitação nos quais participam todos os profissionais do NDI. Os temas mais abordados são: a) a inclusão como princípio pedagógico; b) características das deficiências; e c) políticas públicas de fundamento inclusivo. O referencial teórico norteador de todo o trabalho é constituído pelo Modelo Social da Deficiência e Psicologia Histórico-Cultural. O trabalho já vem sendo realizado há mais de seis anos e vem apresentando grande potência de mobilização de todos os atores envolvidos com a inclusão de cada uma das crianças com deficiência matriculadas no NDI. Os resultados indicam que a oferta de um espaço de escuta e de construção coletiva junto aos profissionais da educação contribui significativamente para a construção de uma prática inclusiva no contexto escolar. Além disso, a participação de alunos de psicologia em todas as atividades do projeto contribui para a capacitação destes para a atuação profissional a partir do modelo social da deficiência. Esse projeto tem promovido várias conquistas, dentre elas a transformação do projeto pedagógico institucional, que passou a integrar os princípios inclusivos como fundamento do trabalho pedagógico. Por fim, a equipe administrativa e pedagógica tem buscado incorporar as questões de acessibilidade e inclusão nas suas ações, a partir da compreensão da perspectiva de direitos humanos que subjaz a esse trabalho.

Psicologia escolar; atuação do psicólogo; inclusão de crianças com deficiência.

ESC

HABILIDADES COGNITIVAS E METACOGNITIVAS DE LEITURA: PESQUISA-INTERVENÇÃO COM BOLSISTAS PET-PSICOLOGIA/UFJF.

Marisa Cosenza Rodrigues, Marília Aparecida Pontes Alves, Rafaela Duque de Almeida*, Renata de Lourdes Miguel da Silva** (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

A leitura constitui um recurso de aprendizagem e integração social. Sua relação com o ensino superior apresenta-se como singular na medida em que é atividade central em várias disciplinas e seu domínio essencial para uma formação acadêmica de qualidade como prevê o Programa de Educação Tutorial do Ministério de Educação e Cultura. Traduz um processo complexo e ativo no qual estão implicadas várias habilidades cognitivas e metacognitivas de leitura. As estratégias cognitivas envolvem os comportamentos e pensamentos que influenciam a aquisição da informação lida e as metacognitivas, o monitoramento e regulação pelo leitor do próprio pensamento antes, durante e após a leitura. Dado que a literatura indica a pertinência de se realizar programas para desenvolvimento nesta área, objetivou-se, por meio de uma pesquisa-intervenção, implementar e avaliar o efeito de um programa dirigido a promover o desenvolvimento das estratégias cognitivas e metacognitivas em um grupo de universitários – bolsistas petianos - do curso de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Participaram 11 alunos, 10 do sexo feminino e 1 sexo masculino, com média de 22,6 anos de idade. Após procedimentos éticos, para pré e pós avaliar os participantes, aplicou-se, de forma coletiva, a Escala de Estratégias Metacognitivas de Leitura- Formato Universitário, composta por 35 itens do tipo Likert de resposta. Objetivou avaliar as estratégias metacognitivas de leitura e a frequência que é utilizada antes, durante e após a leitura de textos acadêmicos. O programa envolveu 12 encontros num total de 24 horas mediante um encontro semanal, realizado na própria instituição universitária, tendo como base a conjugação de três pilares de estratégias metacognitivas conhecidas originalmente por estratégias AIM, K-W-L e K-W-L PLUS e que englobam: perguntas antes, durante e após a leitura, expectativas iniciais, elaboração de mapeamentos e forma de registro de informações dentre outras estratégias. Foram utilizados como suporte para a implementação do programa, capítulos de livros, artigos científicos, poemas, matérias jornalísticas de interesse para a área da Psicologia. Encontrou-se resultado significativo para os três fatores que compõem a escala: global ($t= 2,67$; $p= 0,002$), suporte ($t= 4,17$; $p= 0,002$) e solução de problemas ($t= 4,31$; $p= 0,002$), assim como para o escore geral ($t= 4,39$; $p= 0,001$), ou seja, os participantes apresentaram médias superiores quanto à utilização de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura após a intervenção. Os dados sugerem que a intervenção contribuiu para o aprimoramento da utilização de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura, realçando a importância de estudos dessa natureza com universitários participantes de programas de educação tutorial.

Estratégias metacognitivas, leitura, universitários.

BIC/UFJF e PIBIC/CNPq

ESC

HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM CRIANÇAS DE ENSINO FUNDAMENTAL. *Luciana Carla dos Santos Elias (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP) e Ana Cláudia Durão* (Universidade Paulista - Ribeirão Preto, SP)*

O ingresso da criança no ensino fundamental constitui um momento importante em sua vida, pois neste período muitas mudanças ocorrem simultaneamente, tornando-se um enorme desafio à capacidade adaptativa da mesma. Nesta fase do desenvolvimento a vulnerabilidade aumenta e a criança pode deixar de cumprir tarefas do desenvolvimento, entre elas as tarefas escolares. Nos últimos anos estudos apontam a importância de Habilidades Sociais (HS), no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. O termo HS refere-se a um conjunto de diferentes categorias que fazem parte do repertório comportamental e social de uma pessoa, contribuindo e favorecendo para uma relação satisfatória com os demais sujeitos. Essas habilidades são aprendidas e passíveis de intervenções e seu desenvolvimento permite ao indivíduo se relacionar de forma positiva e evitar situações sociais que resultem em interações negativas, dessa forma, funcionando como fator de proteção e auxiliando no cumprimento de tarefas desenvolvimentistas. As HS são apontadas como importantes preditores de competência acadêmica e diversos autores evidenciam a relação entre déficits de habilidades sociais e baixo rendimento acadêmico. Sendo assim, um repertório de HS elaborado pode trazer inúmeros benefícios para desenvolvimento infantil. Diante do exposto, o presente estudo objetivou avaliar a percepção dos pais quanto as HS de seus filhos e sua relação com o desempenho acadêmico dos mesmos. Participaram deste estudo 200 crianças, de ambos os sexos, com idade entre 6 e 10 anos, que frequentavam o ensino fundamental em escolas pertencentes à rede pública municipal de uma cidade do interior do Estado de São Paulo e seus pais/responsáveis. As crianças foram avaliadas quanto ao desempenho acadêmico, através do Teste de Desempenho Acadêmico – TDE e para avaliar as HS foi utilizado o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais- SSRS-BR (Social Skills Rating System) formulários para pais Os resultados apontaram que a maioria das crianças apresentou desempenho acadêmico inferior ao esperado para sua série e idade. Quanto aos dados referentes às Habilidades Sociais, na visão dos pais, observou-se que as crianças apresentaram desempenho empobrecido quantitativa e qualitativamente. Dessa forma, fica clara a relação existente entre HS e desempenho acadêmico, evidenciando a importância e a necessidade de seu desenvolvimento e treinamento para intervenção e prevenção das dificuldades de aprendizagem.

Apoio: FAPESP

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Desempenho Acadêmico, Dificuldade de Aprendizagem

IC (trabalho de Graduação)

ESC

INVESTIGAÇÕES NACIONAIS DE *BULLYING*: AVANÇOS E DESAFIOS.

Jéssica Elena Valle, Ana Carina Stelko-Pereira**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Os cientistas brasileiros cada vez mais têm investigado o tema bullying, porém não se sabe se os estudos vêm sendo realizados de modo a permitir comparações sobre os resultados encontrados e a responder perguntas de ordem cada vez mais complexa. Assim, faz-se necessário investigar como vem sendo as pesquisas nacionais sobre o fenômeno e delinear quais seriam as direções a seguir para avanço na compreensão e prevenção do problema. O objetivo desse estudo foi levantar quais seriam as pesquisas nacionais publicadas sobre bullying disponíveis na base de dados Scielo, analisando-os quanto ao público investigado, objetivos, método empregado e resultados referentes a quanto o bullying ocorre. Foram encontrados nove artigos que seguiam o critério de inclusão, por causa do baixo número de artigos encontrados decidiu-se incluir artigos conhecidos pelas autoras, totalizando 12 artigos. Notou-se que estudos brasileiros investigaram bullying em diferentes localidades do país, tanto em capitais de estados, como em outras cidades, incluindo cidades de interior. Os participantes se assemelharam em relação à escolaridade e sendo principalmente de escolas públicas e, portanto, supostamente, tendo o mesmo nível socioeconômico. Como resultados, notou-se que as pesquisas analisadas demonstraram diferentes dados de frequência em relação ao bullying, variando de 28,3% a 70% dos participantes terem apontado existir bullying na escola, o não envolvimento em bullying dos participantes variou de 30% a 69,2%, 13,9% a 26% dos alunos terem se declarado vítimas, 3% a 9,8% apontou ser autor e 4,3% a 21% foram vítimas-autores, os dados também mostraram que o bullying ocorre mais frequentemente entre meninos e alunos de faixa etária menor. Não se sabe se tais diferenças refletiram a realidade dos participantes ou se foram decorrentes do emprego de diferentes instrumentos de investigação, uma vez que alguns dos instrumentos empregados avaliaram somente a ocorrência de bullying, enquanto outros avaliaram também o tipo de envolvimento em bullying e o local onde ocorreu o bullying, o período investigado também variou, entre 30 dias prévios à coleta de dados e toda a vida. Além de investigações que apontaram a frequência de bullying, foram encontrados apenas quatro estudos brasileiros que buscaram relacionar quantitativamente índices de violência com outras variáveis, como autoestima, depressão e engajamento escolar. Portanto, observa-se que o tema bullying é pouco investigado no país, principalmente a relação entre bullying e outras variáveis, sendo o enfoque da maioria dos estudos nacionais a descrição do fenômeno e sua frequência. Pode-se dizer que as pesquisas têm sido realizadas em diferentes regiões e investigando as múltiplas formas de envolvimento no problema, o que seria um avanço no estudo da violência em âmbito escolar. Porém, ainda se faz necessário o emprego de instrumentos com validade psicométrica, a análise de relações do bullying com outras variáveis, como com a vitimização por funcionários da escola e com outros tipos de violência (doméstica, sexual). Seria importante, também, investigações dos modos de prevenção e intervenção ao problema.

Bullying; violência escolar; intimidação por pares

ESC

LETRAS E PSICOLOGIA: COMPARAÇÃO EM COMPREENSÃO DE LEITURA POR PRIMEIRANISTA. *Jamili Rasoul Salem de Souza (Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP), Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco/SP), Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo – SP).*

O objetivo principal da leitura é a compreensão do material lido, mas o simples reconhecimento e a identificação de palavras isoladas não são condições únicas, mas sim necessárias. A compreensão da leitura requer outros aspectos, tais como capacidade cognitiva, elaboração de inferências, conhecimento linguístico, vocabular e sintático da língua dentre outros. Na Universidade, a leitura constitui importante ferramenta de aprendizagem para o aluno, porém dificuldades de compreensão em leitura têm sido observadas, em especial nos alunos ingressantes, levando-os às vezes à desistência. Uma avaliação diagnóstica desse aluno primeiranista, que permita a identificação do seu nível de compreensão, é importante, para que se tenham informações úteis para o ensino-aprendizagem. Este estudo teve como objetivo comparar o desempenho em compreensão de leitura em primeiranistas dos cursos de Letras e Psicologia de uma universidade particular localizada na Grande São Paulo, levando-se em consideração o curso dos estudantes. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/08. O grupo de Letras foi composto por 12 alunos e, o de Psicologia teve o mesmo número (N=24), que assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Nesse sentido, utilizou-se como material para avaliação um texto em Cloze (tradicional), pois tem sido considerado valioso pela sua fácil aplicação e elaboração e pode ser utilizado em textos de diferentes disciplinas. Assim, a denominação dos grupos seguiu a seguinte nomenclatura: L (Letras) e P (Psicologia). Para a análise, considerando-se o N dos grupos e nível de mensuração do instrumento, recorreu-se à estatística não paramétrica, tendo por base Ho: os dois grupos são iguais, Ha: os dois grupos são diferentes entre si, p≤ 0,05. A variação de acertos no teste foi a seguinte: para o curso de Psicologia esta variação foi de 5 a 20 acertos; no de Letras de 1 a 18 acertos. Saliente-se que, quando feita a comparação dos dois grupos, deve ser lembrado que quanto maior o total de pontos alcançados pelo grupo, pior foi o seu desempenho, para tanto, levando-se em consideração o curso frequentado, recorreu-se ao teste U em que R1= 146,5 para o curso de Letras e R2= 153,5 para o de Psicologia. Com o cálculo de U, para amostra média, verificou-se que U=75,5 e U1= 68,5, Uc= 37, isto evidencia que Uo > Uc, portanto não rejeita Ho . Fica claro que os dois grupos tiveram um desempenho fraco e aquém do desejado. Apesar de a leitura ser elemento fundamental para ambos, deve ser ressaltado que esta habilidade para o curso de Letras é fator essencial, porque é por meio dela que o futuro profissional fará uso dos conteúdos de textos para a exposição e apresentação da Língua Portuguesa, que formará futuros profissionais das mais diversas áreas. No entanto, seu desempenho foi pior, embora sem diferença significante do da Psicologia. Diante disso, os resultados mostram o quão importante é o trabalho do professor em consonância com seus pares, numa interdisciplinaridade, para enfrentar o desafio da leitura e, consequentemente, garantir ao universitário melhores condições para terem êxito no curso.

Palavras-chave: avaliação; desempenho acadêmico; teste Cloze.

Pesquisador – P

ESC

LEVANTAMENTO DAS AÇÕES DE PSICÓLOGOS ESCOLARES FRENTE À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, NUM CONTEXTO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS.

Ingrid Rayssa Lucena Ferreira, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Lorena de Almeida Cavalcante* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Na sociedade brasileira, em destaque na escola, frequentemente o diferente é estigmatizado e considerado desviante e, mesmo as crianças ditas normais são muitas vezes erroneamente consideradas portadoras de variadas patologias. Diante desta realidade, faz-se necessária a transformação da escola em um espaço que valorize a diferença e a pluralidade de práticas educativas que potencializem um amplo grupo social no interior da escola. Nesse tipo de contexto, defende-se a presença do psicólogo nos meios educativos, considerando suas possibilidades de intervenção frente à situação de alunos portadores de necessidades educativas especiais (NEE). Nesta direção, o presente estudo buscou identificar os tipos de atuações de psicólogos no contexto escolar, destacando as contribuições possíveis da Psicologia Escolar/Educacional enquanto campo de conhecimento, pesquisa e intervenção, no sentido de favorecer processos de inclusão escolar de alunos com NEE que frequentam escolas regulares do Ensino Fundamental I. Para conhecer as ações de psicólogos junto a alunos com necessidades educativas especiais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quinze psicólogos da rede pública de ensino e quinze de escolas privadas da cidade de João Pessoa-PB. Verificou-se que em todas as escolas privadas havia presença de alunos com NEE; já nas escolas públicas quatro psicólogos afirmaram não haver crianças com NEE nas instituições em que trabalham. Os psicólogos escolares da rede privada relataram lidar com autismo (25.8%), Transtorno do Déficit de Atenção (19.3%), dislexia (12.9%), Síndrome de Down (12.9%), deficiência mental (6.4%) e deficiência cognitiva (6.4%). Também foram mencionadas, com frequência única, problema de conduta, Síndrome de William, paralisia cerebral, transtorno opositor e Síndrome de Turner. Já os psicólogos escolares da rede pública declararam a presença de alunos com as NEE Síndrome de Down (23.8%), deficiência mental (23.8%), autismo (19%), surdez (14.2%) e hiperatividade (9.5%). Com frequência única, foram mencionadas baixa visão e deficiência intelectual. Dentre as ações desenvolvidas pelos psicólogos de escolas públicas diante das crianças com NEE, encontram-se: orientar professores (30.7%), facilitar as interações com os outros alunos (15.3%), realizar entrevista quando o aluno ingressa na escola (15.3%), acompanhamento (7.6%), desenvolver atividades extracurriculares (7.6%), evitar que os outros alunos discriminem (7.6%), dar suporte na aprendizagem (7.6%) e solicitar auxílio da Secretaria da Educação (7.6%). Já os psicólogos de escolas particulares afirmaram adaptar atividades e avaliações (38.3%), desenvolver atividades lúdicas (11.5%), orientar professores (11.5%), acompanhamento (7.6%), avaliação psicológica (7.6%), encaminhamento (7.6%), trabalhar a autoestima dos alunos (3.8%). facilitar as interações com os demais alunos (3.8%), desenvolver atividades extracurriculares (3.8%) e evitar que os outros alunos discriminem (3.8%). Faz-se necessário mencionar que dois psicólogos de escolas privadas e três psicólogos de escolas públicas afirmaram não desenvolver ações diante de alunos com NEE. Esse levantamento é importante para que se identifiquem as práticas e, a partir delas, se planejem intervenções por parte dos psicólogos da área Escolar/Educacional frente aos estudantes com necessidades educativas especiais, objetivando a facilitação dos processos de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia e de cidadania de sujeitos com NEE.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Inclusão escolar; Psicologia Escolar/Educacional; Intervenção.
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFPB
ESC

MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS EM PREPARAÇÃO PARA O INGRESSO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.

Christiane Maria Ribeiro de Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Recife. Recife, PE), Kathia Maria Costa Neiva (Consultório Particular – São Paulo – SP)

A Educação Profissional vem sendo objeto de discussões constantes, tanto no mundo acadêmico quanto na construção de políticas públicas. Entretanto, pouco se tem pesquisado sobre o processo de escolha profissional dos jovens que ingressam nos cursos de Educação Profissional, nem desenvolvido programas para ajudar estes jovens nesta decisão. Visando uma maior compreensão deste processo, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar a maturidade para a escolha profissional dos jovens que se preparam para ingressar nos cursos de Educação Profissional oferecidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, verificando diferenças em função do sexo e do tipo de escola de procedência. O conceito de maturidade profissional, introduzido originalmente por Super, vem sendo pesquisado na realidade brasileira por Neiva que construiu a escala de Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP. Esta escala permite avaliar a maturidade total para a escolha profissional, assim como suas cinco dimensões: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional. As três primeiras se referem a atitudes que o jovem deve desenvolver e as duas últimas a conhecimentos que deve adquirir para a tomada de uma decisão consciente e madura. A pesquisa foi realizada junto a 197 jovens cursando o 9º ano do ensino fundamental em escolas públicas (38,1%) ou particulares (61,9%) da cidade de Recife. Estes jovens tinham em comum o fato de estarem realizando um curso de preparação para ingressar em cursos de Educação Profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. A amostra foi composta de 51,3% de moças e 48,7% de rapazes com idades variando entre 12 e 18 anos, com média de 13,7. O instrumento utilizado foi a EMEP, escala validada para a população brasileira e cuja qualidade métrica já foi comprovada. Ao comparar-se o nível de maturidade para a escolha profissional em função do sexo, constatou-se que as moças apresentaram mais responsabilidade para com a escolha profissional do que os rapazes (t = 2,53; p ≤ 0, 01), mas não foi constatada diferença significativa na maturidade total, nem nas demais subescalas. Com relação ao tipo de escola, os alunos provenientes de escolas particulares, quando comparados aos de escolas públicas, mostraram possuir um nível mais alto de conhecimento da realidade educativa e socioprofissional (t = 2,01; p ≤ 0,04) e de maturidade total para a escolha profissional (t = 3,12; p ≤ 0, 002). Tais resultados são semelhantes aos obtidos em outras pesquisas realizadas junto a alunos do ensino médio. Este estudo permitiu também constituir as normas da escala para este tipo de população, o que contribuirá para o desenvolvimento de programas de Orientação Profissional destinados a alunos interessados em ingressarem na Educação Profissional.

Maturidade para a Escolha Profissional. Escolha Profissional. Educação Profissional

Vetor Editora

ESC

MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM JOVENS DA CIDADE DE SALVADOR. *Kathia Maria Costa Neiva (Consultório Particular), Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro*

O conceito de maturidade profissional foi introduzido pelos teóricos da abordagem do desenvolvimento vocacional, dentre eles Super e Ginzberg e vem sendo estudado em diferentes populações e contextos. Na realidade brasileira, Neiva se interessou em estudar especificamente a maturidade para a escolha profissional e construiu uma escala para avaliá-la: a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP – publicada no final da década de noventa. Desde então várias pesquisas têm sido desenvolvidas visando avaliar este construto e contribuir assim para a compreensão do processo de escolha profissional dos jovens. Segundo Neiva, a maturidade para a escolha profissional é composta de duas dimensões: Atitudes e Conhecimentos. A primeira compreende três subdimensões: Determinação, Responsabilidade e Independência, e a segunda, duas subdimensões: Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional. O presente estudo teve como objetivo avaliar a maturidade para a escolha profissional de alunos da cidade de Salvador. Para tal foi utilizada a EMEP, escala validada para a população brasileira e cuja qualidade métrica já foi comprovada. A pesquisa foi realizada junto a 519 alunos, do 9º ano do ensino fundamental à terceira série do ensino médio, provenientes de onze escolas da cidade de Salvador, cinco particulares e seis públicas. A amostra foi composta de 63,8% de moças e 36,2% de rapazes com idades variando entre 14 e 22 anos, sendo 47,6% alunos de escolas particulares e 52,4% de escolas públicas. Ao comparar-se o nível de maturidade para a escolha profissional em função do sexo, constatou-se que as moças apresentaram mais responsabilidade para com a escolha profissional do que os rapazes (t = 3,57; p ≤ 0, 0001); mas não foi constatada diferença significativa na maturidade total, nem nas demais subescalas. Com relação ao tipo de escola, não foi observada diferença significativa na maturidade total, mas os alunos de escola pública se mostraram mais determinados (t=2,25; p ≤ 0, 02) e com mais autoconhecimento (t=2,93; p ≤ 0, 004) do que os de escola particular; embora estes últimos tenham apresentado mais independência na tomada da decisão profissional do que os primeiros (t=2,60; p ≤ 0, 0009). Ao comparar a maturidade em função da série, não foi constatada diferença significativa entre os alunos do 9º ano e da primeira série. Entretanto, os alunos da segunda série têm mais responsabilidade para com a escolha profissional do que os da primeira (t=2,09; p ≤ 0, 04) e os alunos da terceira série são mais determinados (t=1,97; p ≤ 0, 05), responsáveis (t=2,11; p ≤ 0, 04), têm mais autoconhecimento (t= 2,51; p ≤ 0, 01) e maturidade total (t= 2,26; p ≤ 0, 02) do que os alunos de segunda série. Finalmente, os alunos da terceira série quando comparados aos da primeira, mostraram uma maturidade total significativamente superior, e um maior desenvolvimento em todos os componentes da maturidade com exceção da independência, na qual não foi observada diferença significativa. Estes resultados permitem compreender melhor a evolução da maturidade para a escolha profissional no contexto educacional e socioeconômico da cidade de Salvador.

Palavras-chave:

Maturidade para a Escolha Profissional – Escolha Profissional – Desenvolvimento vocacional

Apoio financeiro: Vetor Editora

ESC

MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL: UMA COMPARAÇÃO ENTRE JOVENS DA REGIÃO NORDESTE E SUDESTE. *Kathia Maria Costa Neiva (Consultório Particular), Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro*

O Brasil é um país de grandes dimensões, com diferenças marcantes entre suas várias regiões, em termos de desenvolvimento econômico, educacional e social. Será que estas diferenças se refletem na maturidade dos jovens para a escolha profissional? A escolha profissional de jovens brasileiros tem sido objeto de preocupação e estudo de vários profissionais. Um dos aspectos importantes de serem estudados é a maturidade para a escolha profissional. Pesquisas relacionadas a este construto têm sido desenvolvidas na realidade brasileira por Neiva que construiu uma escala para avaliá-lo: a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP . De acordo com Neiva, a maturidade para a escolha profissional é composta de cinco aspectos: Determinação, Responsabilidade e Independência que compõem a dimensão Atitudes, e Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional que compõem a dimensão Conhecimentos. Para fazer uma escolha profissional madura e consciente é necessário desenvolver tais atitudes e adquirir tais conhecimentos. O presente estudo teve como objetivo comparar a maturidade para a escolha profissional de alunos provenientes de uma cidade da região nordeste - Salvador – com alunos provenientes de uma cidade da região sudeste - São Paulo. Para tal foi utilizada a EMEP, escala validada para a população brasileira e cuja qualidade métrica já foi comprovada em vários estudos. A amostra foi composta de um total de 1074 alunos, 61,5% de moças e 38,5% de rapazes; 51,7% provenientes da cidade de São Paulo e 48,3%, de Salvador. Os alunos participantes cursavam as seguintes séries: 9º ano (25,1%), 1ª série (21%), 2ª série (21,4%) e 3ª série (32,4%) em escolas particulares (65,6%) ou públicas (34,4%) e suas idades variavam entre 13 e 22 anos. Ao comparar-se o nível de maturidade para a escolha profissional em função da série, constatou-se que não existe diferença significativa entre os alunos do 9º ano do ensino fundamental e da 1ª série do ensino médio de Salvador e de São Paulo. Entretanto, os alunos da segunda série de Salvador, quando comparados aos de São Paulo, têm um nível significativamente mais alto de Determinação (t= 4,19; p &#8804 0, 0001); Conhecimento da Realidade Educativa e socioprofissional (t= 2,24; p &#8804 0,03) e de Maturidade Total para a escolha profissional (t= 2,99; p &#8804 0,003). Os alunos da terceira série de Salvador também mostraram maior Determinação que os de São Paulo (t=2,17; p &#8804 0,03), embora não tenham sido detectadas diferenças significativas nas demais subescalas. Ao comparar-se a amostra total, constatou-se que os alunos de Salvador apresentaram maior Determinação (t= 3,67; p &#8804 0, 0001) e Maturidade total (t=2,08; p &#8804 0,03) do que os de São Paulo. Vale ressaltar que na cidade de Salvador os dados foram coletados no segundo semestre letivo e na cidade de São Paulo, a coleta foi concentrada no primeiro semestre. Este fato pode ter interferido nos resultados, provocando as diferenças constatadas, visto que a maturidade para a escolha profissional é desenvolvida ao longo do ensino médio. Seria importante, portanto, ampliar a amostra balanceando a coleta nos dois semestres letivos.

Maturidade para a Escolha Profissional; Escolha Profissional; Diferenças regionais

Apoio financeiro: Vetor Editora

ESC

MEU FILHO É SURDO! UM ESTUDO DE CASO COM PAIS OUVINTES E SUA EXPERIÊNCIA COM A SURDEZ. *Leila do Socorro Rodrigues Feio (Universidade Federal do Amapá), Karla Mariah da Silva Farias* e Débora Helene Ferreira Pires* (Universidade da Amazônia - Belém, PA.)*

Esta pesquisa refere-se às implicações de pais ouvintes com filho surdo, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento psicossocial e suas relações afetivas. Para isso, foi necessário conhecer a experiência de um casal de pais ouvintes que vivenciaram na prática o nascimento de um filho com surdez; abordou-se também o período das expectativas durante a espera de um filho almejado como "normal" e o impacto ante o diagnóstico de surdez, verificando os principais sentimentos circundantes neste processo, e as futuras implicações para favorecer o desenvolvimento desta criança. A pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso que foi realizado com um casal de pais ouvintes de trinta anos de idade, que possuem uma filha surda. A criança está regularmente matriculada no Instituto de Ensino Especializado Felipe Smaldone, Centro de Referência em Educação e Assistência à Criança Surda, localizada na cidade de Belém. Utilizou-se como instrumento uma entrevista com os pais da criança e a análise dos dados foi de caráter qualitativo. Os resultados encontrados quanto às expectativas dos pais diante da espera de um filho, mostraram que a mãe ao saber que estava grávida reagiu com tranqüilidade e teve acompanhamento médico durante toda a gravidez sem nenhuma anormalidade, e tinham expectativa de que seu filho nascesse o mais saudável possível. Os pais relataram que perceberam tardiamente a surdez de sua filha e somente por volta de um ano e oito meses procuraram um especialista que fechou o diagnóstico de deficiência auditiva. Quanto ao impacto diante do diagnóstico de surdez, a mãe relatou que "foi um choque! não foi fácil! foi muito complicado". A mãe relatou também sentimento de culpa vivenciado por ela e a necessidade de justificar possíveis causas para surdez. Quanto à confirmação do diagnóstico, os resultados mostraram que o pai se mostrou mais forte e relatou: "pra mãe foi mais difícil, ela chorou no início... eu não, eu fui mais forte, fiquei do lado dela. Quanto aos sentimentos de frustração, os pais relataram que é um choque receber a notícia de que seu filho nasceu surdo. Quanto às implicações dos pais para favorecer o desenvolvimento da criança, foram encontrados três fatores relevantes: a) fatores fisiológicos da surdez, em que a mãe relata que "procurou ajudar sua filha com aulas de fonoaudiologia, estimular a fala e obter o aparelho; b) fatores comunicativos, em que o pai relata que já tinha vontade de aprender a Língua Brasileira de Sinais; e c) fatores sociais que oportunizam a criança socializar-se, integrar-se e conviver adequadamente com todas as pessoas. Como conclusão, constatou-se que embora na literatura seja ressaltado principalmente o papel da mãe como principal referência de afeto, identificou-se que o pai se constituiu para a filha como uma das principais referências, e por demonstrar uma forte ligação afetiva com a mesma. Partindo deste achado, acredita-se que seria interessante a realização de outras pesquisas na área, refletindo mais enfaticamente sobre a importância do papel do pai para o desenvolvimento de uma criança surda mediante a sua participação efetiva na criação deste filho.

Palavras-chave: Surdez; Implicações familiares; Impactos

Nível do Trabalho – Pesquisador – P

ESC

MOTIVAÇÃO DE CALOUROS PARA CURSAR BIOLOGIA MATEMÁTICA E QUÍMICA. *Ricardo Fujiwara* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP), Jamili Rasoul Salem de Souza* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP),Geraldina Porto Witter* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP)*

Motivação é um constructo que implica na ação de diversas variáveis que impulsionam e direcionam o comportamento em direção a um dado alvo. Está presente em todo o processo de aprendizagem acadêmica, inclusive na escolha de um curso. O objetivo do presente estudo foi avaliar e comparar variáveis motivacionais, que, na opinião de calouros de Biologia (N=21), Matemática (N=11) e Química (N=11) influíram em suas escolhas. Elaboraram uma breve redação e responderam a um questionário após terem assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo a pesquisa sido aprovada pelo CEP/UNICASTELO (Proc. 2135-2355/08). Os principais motivos para a escolha dos cursos para os alunos de Biologia foi afinidade como curso (36%), para os de Matemática foi ser professor (39%) e de Química também foi afinidade com o curso (30%). Para p ≤ 0,05 e r_C= 0,62 os valores de r encontrados entre o rol de motivos arrolados pelos três grupos resultou em Biologia vs Matemática r=0,34 , Biologia vs Química r = -0,13 e Matemática vs Química r = 0,68 (única com significância). Foram solicitados a avaliarem um rol de possíveis variáveis (N=15) que motivaram sua escolha. Verificou-se que para os alunos de Biologia os principais foram os professores (x = 7,7) e suas próprias características pessoais (x=7,3), para Matemática foram professores (x=8,4) e leituras sobre a Matéria (x=8,1) e para Química foram mães (x ̅=8,8) e professores (x=8,6). As correlações (r_C=0,52) foram: Biologia vs Matemática r=0,81, Biologia vs Química r=0,96 e Química vs Matemática r = 0,84. Pode-se concluir que quando se manifestaram espontaneamente, na redação, só houve concordância entre os estudantes de Química e Matemática, já face a avaliação de um rol de variáveis houve concordância com significância estatística entre os três grupos com destaque para influencia dos professores. Isto sugere a necessidade de enfatizar na formação dos professores de ciências o papel que exercem como modelos e o domínio de estratégias motivacionais para escolhas de carreiras científicas.

Palavras-chave: escolha de profissão, motivação acadêmica, formação de recursos humanos.

ESC

O IMPACTO DAS EXPECTATIVAS NA ADAPTAÇÃO ACADÊMICA DOS ESTUDANTES À UNIVERSIDADE. *Vanuza Francischetto (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói – RJ); Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói – RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro);Betânia Marques Dutra; Cátia Cristina de Carvalho Nogueira; Jacqueline Maia de Miranda (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói – RJ).*

Ao iniciar o ensino universitário o estudante entra em contato com diversos e diferentes fatores que geram tensões, interferindo em todas as áreas de sua vida. Por se tratar de uma fase de transição do ensino médio para o superior, o aluno passa por um momento delicado de muito estresse, pois o que era familiar ao entrar na universidade se torna diferente. Novos colegas, professores, objetivos e um novo ambiente fazem com que o estudante necessite de novas estratégias comportamentais, afetivas e sociais. Desta forma, o aluno pode enfrentar dificuldades de adaptação mediante as exigências acadêmicas. Uma das grandes dificuldades encontradas nesta fase é a incoerência entre a perspectiva adotada pelo estudante ao iniciar o seu curso e a realidade. Se o estudante espera encontrar e realizar atividades condizentes com realidade existente pode ser considerado um bom começo para uma adaptação acadêmica satisfatória, no entanto, quando as suas expectativas são dissonantes a realidade, pode-se deparar com um problema de enfrentamento com as novas demandas propostas. A entrada do jovem à universidade é considerada como um momento crítico. Este período precisa ser considerado com atenção para que o aluno passe pelo processo de adaptação sem dificuldades e conflitos prevenindo uma possível evasão. As expectativas irrealistas podem comprometer muito o processo de adaptação dos universitários sendo este um dos fatores que colaboram para a ocorrência do abandono no ensino superior. Desta forma, é importante investigar as razões pelas quais ocorrem tais expectativas fora da realidade em relação ao mundo acadêmico superior para que o processo de adaptação ocorra com sucesso. Portanto, este estudo teve como objetivo identificar as expectativas e as características de adaptação acadêmica e verificar como elas se relacionam. A amostra foi composta de 182 estudantes, sendo 146 do sexo feminino, 36 do sexo masculino. Os sujeitos estavam na faixa etária de 17 a 58 anos. Foram utilizados o Questionário de Vivências Acadêmicas, o QVA-r (Almeida Soares- Ferreira) e o Questionário de Envolvimento Acadêmico - QEA (Versão A – Expectativas, Almeida-Soares). Como principais resultados foi encontrado que a variável Envolvimento Social foi um preditor significativo da Dimensão Interpessoal; as variáveis Envolvimento Vocacional e Envolvimento Social foram preditores significativos da Dimensão Carreira; a variável Envolvimento Curricular foi considerada um preditor significativo da Dimensão Estudo e as variáveis Envolvimento Curricular e Envolvimento Social foram preditores significativos da Dimensão Institucional. Portanto, quanto mais expectativas acadêmicas possui o indivíduo mais adaptado ele esta à vida acadêmica. Este estudo mostra a importância da relação entre expectativas e adaptação acadêmica e o quanto estas expectativas influenciam no como e no quanto o estudante se encontra integrado a Universidade.

Expectativas Acadêmicas, Adaptação Acadêmica, Estudantes Universitários

ESC

O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS EM PESSOAS CEGAS AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO.

Adriano Henrique Nuernberg, Stephanie Band Richardson (Universidade Federal de Santa Catarina)

O processo de elaboração de conceitos por parte da pessoa cega ou de baixa visão é constituído não só por sua condição funcional, intelectual e motivacional, mas também pelas condições de acessibilidade que o universo das trocas de conhecimento lhe proporciona. As vicissitudes desse processo engendram, por sua vez, diferenças qualitativas nas formas de elaboração de conceitos nessa condição. Essa pesquisa visou identificar as diferenças qualitativas na elaboração de conceitos geográficos por parte de pessoas cegas e de baixa visão, permitindo dar relevo às vias cognitivas alternativas percorridas nas formas de significação e formação de conceitos cotidianos e científicos. Com base na psicologia histórico-cultural, desejou-se compreender os modos de organização e apropriação de conceitos geográficos na presença da deficiência visual, permitindo avançar a compreensão científica acerca do papel da percepção e da linguagem na elaboração conceitual. Para a coleta de dados utilizou-se a videografia, como registro de episódios interativos de situações de ensino sistematizado. Em uma primeira etapa, foram realizadas três aulas de geografia com o tema geral "urbano e rural", com a participação de 8 estudantes cegos de uma instituição de Florianópolis, com idades entre 12 e 23 anos. Após, realizou-se atividades lúdicas com quatro crianças com o objetivo de promover sua apropriação de conceitos relativos ao espaço e à distância entre sua casa e a instituição de educação especial. Por fim, foram realizados dois encontros com adultos cegos nos quais se propôs a elaboração de conceitos científicos avançados da área de geografia. As aulas foram ministradas por uma geógrafa, utilizando mapas táteis como recurso de apoio. O procedimento de análise dos dados baseou-se na análise microgenética, realizada a partir de recortes selecionados e transcritos que indicavam a ocorrência do fenômeno de interesse. Os resultados confirmaram a natureza interativa e social da elaboração conceitual, e reforçaram a compreensão de que as limitações implicadas na ausência de um dos sentidos (no caso, o da visão) são superadas através da compensação social, baseada no domínio da ferramenta simbólica da linguagem. A utilização dos mapas táteis também colaborou por facilitar a apropriação dos conceitos de "cidade" e "município", sendo materiais devidamente adequados para esse fim. Espera-se, assim, abrir novos caminhos para qualificar o planejamento de atividades educacionais junto a estudantes com deficiência visual.

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE DE UMA INSTITUIÇÃO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO BELÉM-PARÁ. *Leila do Socorro Rodrigues Feio (Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP). Ilze Theyme de Souza Amaral* e Denny Kelly da Silva Crisóstomo* (Universidade da Amazônia – Belém, PA).*

Este trabalho teve como foco principal estudar como as pessoas com deficiência visual congênita desenvolvem a percepção espacial, uma vez que em nenhum momento elas vivenciaram a experiência de serem videntes. A motivação deste trabalho partiu da inquietude das pesquisadoras em compreender como essas pessoas com cegueira congênita conseguem desenvolver o aprendizado e habilidades perceptos-sensórias que possibilitem a autonomia no caminhar somente com o auxílio da bengala branca. Esta pesquisa teve como foco conhecer o programa de orientação e mobilidade desenvolvido na Unidade Especializada José Álvares de Azevedo - UEEJAA, vinculada a Coordenadoria de Educação Especial do Estado do Pará. Objetivou-se verificar como as pessoas com cegueira congênita desenvolvem habilidades de orientação e mobilidade que possibilita o ir e vir de forma autônoma e independente. Participaram desta investigação dez alunos com deficiência visual congênita, com idade compreendida entre vinte e um a trinta e cinco anos, matriculados na UEEJAA há mais de seis meses. Também participaram dois professores e dois coordenadores que não tinham deficiência visual e um psicólogo com deficiência visual que atua na Instituição. Foram utilizados como instrumentos três tipos de entrevistas qualitativas, sendo cada uma delas estruturadas, semi-abertas compostas por dez perguntas diferenciadas de acordo com os participantes. As entrevistas aplicadas aos cegos foram lidas a eles e as respostas escritas, e nos casos de autorização prévia para gravar foram posteriormente transcritas pelas pesquisadoras ao formulário de entrevista. Todas as entrevistas foram aplicadas individualmente e tinham a duração de aproximadamente quarenta minutos. Os resultados mostraram que a demanda de pessoas com deficiência visual congênita é inferior a de pessoas com baixa visão e deficiência visual adquirida, isso dificultou o andamento da pesquisa por não ter o número de voluntários necessários. Verificou-se que as pessoas cegas conhecem a Instituição - UEEJAA - por meio da comunidade e familiares; no entanto, relataram que tiveram dificuldade em encontrar o endereço da Unidade para conseguir vagas e iniciar o programa de orientação e mobilidade. Verificou-se também que o processo de independência de locomoção se inicia no setor de orientação e mobilidade. Este programa dá inicio ao trabalho, assim como permite que a pessoa cega utilize os outros órgãos do sentido, como, por exemplo, aprende a proteger o rosto, corpo, noção de espaço, aprendizado da marcha e postura corporal, base necessária para se iniciar o trabalho de locomoção, autonomia e independência da pessoa cega, consequenciando vida social, autonomia e independência, possibilitando sua inserção no mercado de trabalho. Os resultados mostram também uma grande evolução de como era a postura e vivência do aluno cego antes e depois de participar desse programa. Informam que a falta de acessibilidade, como os inúmeros declives e buracos que as ruas apresentam dificultam a locomoção dos mesmos. Finalizando, essa pesquisa foi de suma importância, pois foi possível conhecer os métodos e estratégias de aprendizagem no ir e vir, suas dificuldades e avanços; assim como, é um estudo que pode contribuir com o meio acadêmico, pois se trata de uma temática relativamente nova.

Palavras-chaves: Deficientes Visuais, Programa, Orientação e Mobilidade.

Nível do Trabalho – Pesquisador – P

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O PSICÓLOGO FRENTE ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. *Wallisten Passos Garcia, Luana Silvy de Lorenzi, Tezza Magnin, Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

A formação de professores tem sido objeto de exaustivas discussões de especialistas da área da educação, de ações e reformulações promovidas por órgãos governamentais e de pesquisas em vários campos de conhecimento, como o da Psicologia. Por meio da análise das políticas educacionais e da literatura sobre formação de professores constata-se que os discursos sobre formação docente estão fortemente baseados no argumento da incompetência do professor, argumento este que assume diferentes versões de acordo com o contexto no qual aparece. De qualquer modo, os professores são identificados como os responsáveis pelos sérios problemas enfrentados na escola, tecnicamente incompetentes e politicamente descompromissados. As políticas de formação continuada são um reflexo dessa compreensão e frequentemente tem por objetivo compensar a suposta falta de conhecimento e preparo do professor. E como a Psicologia se posiciona neste contexto? Que discursos perpassam as práticas psicológicas voltadas à formação de professores? Que aspectos são considerados pelos psicólogos no trabalho de formação docente? A partir dessas questões realizou-se um levantamento de estudos publicados nos últimos cinco anos com as palavras-chaves "psicologia" e "formação de professores". Foram escolhidas uma base de dados nacional – Portal de Periódicos da CAPES - e uma internacional - Education Resources Information Center (ERIC). Uma análise qualitativa, por meio da compreensão do objetivo, metodologia, e concepção teórica dos trabalhos pesquisados, revelou que na literatura nacional a maior parte dos estudos buscam investigar quais as crenças, conceitos e representações que o professor tem sobre diversas temáticas educacionais e como isso interfere em seu trabalho com os alunos. Na literatura internacional são frequentes os estudos que enfocam a questão das competências e habilidades do professor, o seu papel como gestor em sala de aula e líder educativo, com foco na avaliação de desempenho e eficácia docente. Verificou-se que as concepções que fundamentam os trabalhos dos psicólogos com professores estão baseadas no modelo da racionalidade técnica em que a atividade do profissional é instrumental, dirigida para a solução de problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas. A ênfase nas reflexões do professor, que ao conhecer suas crenças pode modificá-las e transformar suas práticas, reforça essa compreensão. A ideia que a subjaz é a de que esse tipo de preparação leva o professor a desenvolver competências para realizar de forma eficaz sua prática pedagógica, conceituando o ensino como um processo técnico de intervenção. Esses estudos não consideram os aspectos da subjetividade e intersubjetividade do professor no processo-ensino aprendizagem, visto que o foco são as práticas realizadas com os alunos, e com isso acabam por responsabilizar os professores de diferentes modos por aquilo que acontece em sala de aula reafirmando o discurso da incompetência do professor. Em outro sentido, ressaltamos a importância de intervenções psicológicas que possibilitem a (re) constituição da identidade do professor enquanto profissional da educação. Destacamos a necessidade dos psicólogos contribuírem não apenas para formação teórica e prática, mas também para a constituição subjetiva do professor, considerando as condições do trabalho docente e o contexto educacional contemporâneo.

Psicologia, Formação de professores, Educação continuada

CAPES

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERCEPÇÃO DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JOÃO PESSOA ACERCA DE SUAS ATRIBUIÇÕES E AÇÕES. *Lorena de Almeida Cavalcante*, Aline Rodrigues Gomes*, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Raphaela Priscilla Santos Lins (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

No fim da década de 70 e início da década de 80, iniciou-se um processo de discussão acerca da função do psicólogo escolar, marcada pela publicação, em 1984, do livro Psicologia e Ideologia – uma introdução crítica à Psicologia Escolar, de Maria Helena de Souza Patto. Foi criticada a visão do psicólogo educacional como o profissional que atua com base em um modelo clínico de doença e cura, ou seja, avaliando os indivíduos, diagnosticando problemas de aprendizagem e distúrbios comportamentais, e solucionando as queixas escolares. Nos últimos anos, a Psicologia Escolar/Educacional apresentou uma mudança significativa no modo de compreender essas questões. Diante destas transformações considerou-se relevante conhecer a prática de psicólogos que atuam em instituições de Ensino Fundamental I, da cidade de João Pessoa – PB, as demandas direcionadas a estes profissionais e as modalidades de atuação destes frente às referidas demandas. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com trinta psicólogos (as) de escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental I da cidade de João Pessoa. Os relatos dos profissionais, registrados por meio de um minigravador, foram transcritos literalmente para análise. Os resultados demonstraram que, conforme a percepção dos psicólogos escolares entrevistados, as principais atribuições do psicólogo escolar consistem em atividades direcionadas aos professores (15.2%), atividades direcionadas aos alunos (14.2%), atividades direcionadas à família (9.5%), planejamento pedagógico/questões pedagógicas (7.6%), realização de encaminhamentos (7.6%), ações ligadas à prática clínica (7.6%), trabalho para favorecer o ensino-aprendizagem (6.6%), trabalho com toda a equipe da escola (4.7%), trabalho preventivo (4.7%), trabalho com o relacionamento professor-aluno (3.8%), acompanhamento (3.8%), detecção de problemas (3.8%) e trabalho com as dificuldades/limitações (2.8%). Buscou-se conhecer ainda que ações são implementadas pelos psicólogos, tendo destaque atividades direcionadas aos alunos (27.9%), atividades direcionadas aos pais (16%), atividades direcionadas aos professores (11.8%), ações organizadas em projetos (7.6%), atividades características da prática clínica (5.5%), acompanhamento (4.8%) e planejamento pedagógico (4.1%). Os resultados sugerem que houve, por parte dos psicólogos escolares, o delineamento de novas práticas, a exemplo de atividades desenvolvidas com os demais agentes escolares e a realização de trabalho preventivo. Entretanto, ainda se fazem presentes ações relacionadas a uma prática psicológica clínica, como escuta, aconselhamento e diagnóstico. Diante disso, considera-se importante estabelecer um processo contínuo de análise crítica e de reconstrução das práticas exercidas pelos psicólogos escolares, o que, para muitos estudiosos, envolve não apenas as ações desenvolvidas no contexto escolar, mas também a formação dos referidos profissionais e as políticas públicas estabelecidas no âmbito da Educação.

Psicologia Escolar/Educacional; psicólogos escolares; escolas públicas e privadas.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFPB

ESC

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JOÃO PESSOA E REFERENCIAIS TEÓRICOS UTILIZADOS POR ESTES PROFISSIONAIS. *Lorena de Almeida Cavalcante*, Aline Rodrigues Gomes*, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Raphaela Priscilla Santos Lins (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Essa pesquisa partiu do pressuposto de que a Psicologia Escolar/Educacional é um campo de produção de conhecimento, pesquisa e intervenção que vem ocupando espaço nos âmbitos do desenvolvimento humano, da educação e da saúde. Conseqüentemente a atuação profissional de psicólogos escolares tem sido marcadamente influenciada por um conjunto de desafios, os quais variam entre a formação acadêmica, ações a serem desenvolvidas e principalmente a demarcação de um espaço que seja reconhecido dentro do contexto escolar. Entende-se que o perfil profissional está estreitamente relacionado à formação disponibilizada pelos cursos de graduação em psicologia e pelas posteriores formações e práticas nas quais se envolvem os profissionais dessa área. O levantamento aqui apresentado compõe os resultados de uma pesquisa mais ampla a qual investigou as ações de psicólogos escolares junto a instituições públicas e privadas da cidade de João Pessoa-PB. Diante disso, o objetivo desse estudo foi identificar o perfil de profissionais de Psicologia que estão atuando em escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental I, da cidade de João Pessoa (PB), assim como os referenciais teóricos que embasam a prática dos psicólogos educacionais que estão em atuação. Participaram desse estudo 30 psicólogos escolares, que responderam a um roteiro de entrevista semi-estruturada no próprio ambiente de trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na integra; foi realizado um levantamento das respostas mais freqüentes dos respondentes e os dados obtidos são discutidos a partir de pesquisas e estudos da área escolar/educacional. Em relação ao perfil sócio-demográfico dos psicólogos entrevistados, verificou-se que dos (30) entrevistados, (14) relataram possuir especialização e apenas (4) possuem mestrado. Quanto à faixa etária dos entrevistados, (13) tinham de 26 a 39 anos, (10) tinham de 50 a 59 anos e (7) tinham de 40 a 49 anos. Quanto ao sexo dos participantes da pesquisa dos 30 psicólogos entrevistados apenas (3) eram do sexo masculino, o que vem a confirmar uma tendência predominante de mulheres atuando nessa área. Por fim, o tempo de atuação em Psicologia Educacional era de 1 a 10 anos (50%), 21 a 31 anos (33.3%) e 11 a 20 anos (16.6%). Os referenciais teóricos citados como os utilizados pelos psicólogos entrevistados foram Piaget (31.5%), Vygotsky (17.1%), Carl Rogers (9.2%), Paulo Freire (6.5%), Cognitivo-comportamental (5.3%), Freud (3.9%), Maria Helena Souza Patto (3.9%), Sócio-interacionismo (3.9%) e Gestalt (2.6%). Ainda sobre esse tema vale ressaltar que dos (30) entrevistados, (4) afirmaram não utilizar referencial teórico. Com base nos resultados questiona-se o impacto da utilização desses referenciais teóricos nas práticas profissionais de psicólogos nos meios educacionais e as repercussões de um distanciamento entre teorias e as intervenções implementadas, que podem estar desarticuladas com as exigências e demandas do meio educacional.

Psicologia Educacional; Educação; Perfil Profissional.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ

ESC

ENFERMAGEM E PSICOLOGIA: COMPARAÇÃO EM COMPREENSÃO DE TEXTO POR INGRESSANTES. *Moacir Wuo (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP e Universidade Camilo Castelo Branco, SP), Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP), Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, SP).*

Na leitura, entendida como um encontro a distância entre o produtor do texto escrito e o interlocutor, observa-se que ambos se constituem e são constituídos por meio desse encontro e confronto de significados gerados em interação de cada qual com seu mundo. Assim a interpretação aponta as possibilidades de significação que a compreensão projeta a partir do texto. Nessa linha, o processamento de leitura é uma atividade fundamental na vida cotidiana das pessoas e, em especial na do estudante universitário que tem como suporte de suas aulas e realização de tarefas um considerável número de leituras a serem feitas. Porém os alunos estão chegando aos bancos universitários com deficiências nessa área, que também se reflete na escrita. Assim, avaliar o desempenho em leitura desses alunos possibilita prevenção, identificação e tratamento das dificuldades de leitura. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/08 e teve como objetivo comparar o desempenho em compreensão de leitura em ingressantes de dois cursos do período matutino: Enfermagem e Psicologia, de uma Universidade particular da Grande São Paulo. Participaram desta pesquisa 20 sujeitos de cada curso (N=40). Todos eles assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Como material foi utilizado um texto elaborado segundo a técnica tradicional *Cloze,* de considerável valia e possibilita um escalonamento da compreensão em leitura. Os cursos receberam as seguintes nomenclaturas: E (Enfermagem) e P (Psicologia). Para a análise foi utilizada estatística não paramétrica. Ficou estabelecido que H_o: os dois grupos são iguais, Ha: os dois grupos são diferentes entre si, $p \leq 0,05$. Quando feita a comparação da compreensão do texto observou-se que a variação para Enfermagem foi de 9 a 17 acertos e para a Psicologia ficou entre 5 e 25 acertos. Vale lembrar que quanto maior o total de pontos alcançados, pior foi o seu desempenho, para tanto os resultados foram R_1= 432,5 e R_2= 385,5. Calculando-se U verificou-se que U=177,5 e U_1= 224,5 com Uc= 127, ficando evidencia que $U_o > U_c$, portanto não rejeita H_o, o que evidencia não haver diferença entre os grupos. A compreensão em leitura, tal como exigida no teste *Cloze,* depende, entre outras variáveis, da habilidade do leitor em estabelecer relações entre os elementos do texto e desenvolver associações apropriadas, parece que estes aspectos não estão sendo utilizados pelos estudantes aqui pesquisados. Dessa forma, deve haver um empenho maior dos professores universitários de todas as áreas para que a leitura seja incorporada e trabalhada intensa e adequadamente com os alunos, propiciando envolvimento e aprendizagem, em especial aos ingressantes. Seria relevante ensiná-los a usar estratégias de compreensão que parece não dominarem.

Palavras-chave: leitura; teste *Cloze*; universitário.

Pesquisador – P

ESC

COMPREENSÃO DE TEXTO POR PRIMEIRANISTAS DE BIOLOGIA DE PSICOLOGIA. *Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP), Moacir Wuo (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP e Universidade Camilo Castelo Branco, SP)*

O domínio da leitura, especialmente para o universitário é de extrema relevância, visto ser por meio dela que se dá o acesso ao conteúdo de diversas disciplinas, o que faz com que esta habilidade se constitua na principal ferramenta de aprendizagem. Em uma perspectiva discursiva, a leitura pode ser entendida como um processo de interlocução, delineada pela atividade discursiva, que constitui as interações sociais. Porém, a dificuldade de compreensão em leitura por alunos do ensino superior tem comprometido o desempenho tornando-se um obstáculo, em especial para o ingressante, pois limita a aprendizagem por meio de textos, que são as principais fontes de informação dos estudantes, em especial os de Biologia e Psicologia, cujos cursos demandam muita leitura. Considerando-se a importância que a leitura de textos tem não só na vida do ser humano, como especialmente para a sua formação profissional, o presente estudo teve por objetivo comparar o desempenho em compreensão de leitura em ingressantes no curso de Biologia e de Psicologia de uma universidade localizada na Grande São Paulo, levando em consideração o curso e o gênero dos estudantes. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/2008. Foram compostos 4 grupos num total de 32 sujeitos, todos adultos e primeiranistas dos respectivos cursos e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes responderam a um teste de Cloze convencional para a avaliação de compreensão em leitura. Tendo como referência o menor número de alunos matriculados por gênero (N=8), que foi o masculino. Cada grupo ficou designado como: PM (Psicologia Masculino, PF (Psicologia Feminina), BM (Biologia Masculino) e BF (Biologia Feminina). A comparação dos quatro grupos foi feita por meio de uma análise de variância não paramétrica (ANOVA), com H_o: todos os grupos são iguais, Ha: todos os grupos são diferentes entre si, portanto bicaudal. Foi definido que $p \leq 0,05$, o que resulta em $d_c = 96,4$. Ressalte-se que nesta comparação quanto maior o total de pontos alcançado pelo grupo, pior foi o seu desempenho, assim os resultados foram BM=173,5; PF=134,5; BF= 128,5 e PM=92,5, apesar de o grupo de Psicologia ter apresentado melhor resultado, após análise verificou-se não haver diferenças significantes entre os grupos. Para comparar os resultados, levando-se em consideração o gênero, recorreu-se ao teste U em que $R_1=266$ para os participantes masculinos e $R_2= 263$ para o feminino, obtendo-se $U_o=126$ e $U_c=129$, portanto H_o não rejeitada. Na comparação quanto ao curso frequentado observou-se que $U_o=90$ e $U_c=165$, o que mais uma vez demonstra que H_o não foi rejeitada. Dessa forma, vale destacar que, ler compreensivamente, utilizar estratégias adequadas para a superação das próprias dificuldades são habilidades desejáveis e necessárias na vida acadêmica independentemente da área de atuação. Programas que possibilitem aos alunos superarem suas dificuldades devem ser vistos pela instituições de ensino superior, pois assim estariam contribuindo efetivamente para a formação de seus alunos.

Palavras-chave: desempenho acadêmico; teste de *Cloze;* leitura compreensiva.

Pesquisador – P

ESC

PRÁTICAS COM O JOGO SET EM PARTICIPANTES DO PROGRAMA "ESCOLA DA FAMÍLIA". *Sandreilane Cano da Silva** e Lino de Macedo (Instituto de Psicologia/Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.)*

O Programa Escola da Família (PEF) possibilita que estabelecimentos da rede de ensino do Estado de São Paulo funcionem em finais de semana, oferecendo atividades socioeducativas para a comunidade. Estas são orientadas por estudantes universitários e voluntários e estão centradas em quatro eixos: cultura, esportes, saúde e qualificação para o trabalho. Com o intuito de conhecer este programa e compartilhar seu objetivo, realizou-se uma pesquisa em que frequentadores de uma escola integrante do PEF, pudessem realizar práticas com o jogo SET. Trata-se de um jogo de percepção visual, composto por 81 cartas diferenciadas em quatro características e três critérios (verde, vermelho e roxo para a cor / sinuosa, oval ou losângica para a forma / vazio, tracejado ou cheio para o preenchimento / e quantidade de uma, duas ou três figuras para o número). O desafio do jogo é formar trios (SETs), no contexto de 12 cartas distribuídas aleatoriamente, obedecendo à regra de que os critérios relativos aos atributos só podem ser agrupados pelas semelhanças ou diferenças. A coleta de dados foi feita ao longo de 15 semanas. Os participantes realizaram voluntariamente as práticas e foram em número de 40, com idades de 14 anos e 10 meses até 80 anos e 3 meses. Cada prática considerou a seguinte ordem: recepção dos participantes, apresentação do jogo e sua regra, manipulação do material e realização de partidas. Cada partida teve duração de 30 minutos com no máximo quatro participantes. O desafio proposto foi o de encontrar o maior número de trios. Encontrado um, o trio era separado conservando-se as cartas na ordem em que foram retiradas. Para a análise dos dados foi realizado a caracterização dos participantes segundo gênero, faixa etária e escolaridade. Também foi reconstituída cada partida, o que permitiu analisar os seguintes recortes: número de trios formados; distinção dos trios certos e errados; caracterização dos trios e possíveis hipóteses sobre o que levou o sujeito a formar o trio errado. Resultados preliminares evidenciam que um pouco menos da metade dos trios formados tiveram três dos quatro atributos agrupados pela semelhança. Isto sugere uma tendência em fazer agrupamentos por semelhanças. Ao analisar cada atributo separadamente destaca-se o da quantidade em que, na grande maioria dos trios, as figuras foram organizadas de maneira seriada do menor para o maior. Isto sugere que a seriação visual é mais facilmente identificável do que os outros atributos. Outro aspecto é a característica do erro nos trios. Em todos os trios errados os participantes agruparam as cartas relacionando-as cartas de duas em duas e não as três ao mesmo tempo. Isto mostra que possivelmente o erro aconteça por o sujeito agrupar as cartas verificando o antecessor imediato e não as cartas como um conjunto. Nossa hipótese teórica, é que tais fatos podem ser explicados pela proposta de Piaget, segundo quem observa ou coordena aspectos que resolvem um problema começa por um esforço em construir correspondências, depois funções elementares, para finalmente alcançar o estatuto das transformações ou construção de sistema, expresso no uso de esquemas operatórios pelo sujeito.

Apoio financeiro: CNPq, processo 135484/2011-1

Palavras-chave: Jogos, Construtivismo, Programa Escola da Família.

M

ESC

PSICOLOGIA E O ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ESTUDO COM ALUNOS CONCLUINTES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS ESTADUAIS. *Estefania Manholer*, Lucia Pereira Leite, Miguel Cláudio Moriel Chacon (Departamento de Educação Especial, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, SP)*

À luz do pressuposto de que a pessoa com deficiência tem direito ao convívio social de forma não segregada, tem-se a Portaria nº. 1793 de 27/12/1994, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que recomenda a inserção de disciplinas curriculares em cursos de graduação, que tratem à temática da Educação Inclusiva, com a finalidade de instituir conteúdos curriculares capazes de promover o debate acadêmico e capacitação mínima dos futuros profissionais, para que possam atuar com pessoas desse segmento populacional. Nessa medida esta pesquisa, objetivou identificar e analisar a formação acadêmica e a vivência dos graduandos concluintes dos cursos de Psicologia, no que tange à inclusão social e educacional de pessoas com deficiência. Diante disso, foi realizado o estudo sobre a formação de profissionais da Psicologia em relação à temática, em cumprimento à indicação da referida Portaria Ministerial. O estudo em questão foi desenvolvido em duas universidades públicas estaduais – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) e Universidade de São Paulo (USP), junto aos respectivos cursos de formação em Psicologia. Para tanto, buscou traçar o perfil profissional que os cursos de Psicologia da UNESP e USP estão formando para a atuação junto às pessoas com deficiência, na opinião dos graduandos de último ano destes cursos. Participaram da pesquisa 76 alunos concluintes de três cursos de Psicologia de duas universidades públicas do Estado de São Paulo, a saber: 37 alunos da UNESP/Bauru, 10 UNESP/Assis, 29 USP/Ribeirão Preto. Os alunos foram convidados a responder o instrumento de pesquisa, constituído na forma de questionário – com sete questões de múltipla escolha, seis questões de múltipla escolha com justificativa e uma questão aberta - previamente aplicado em grupo piloto para adequação do instrumento de coleta. O local de aplicação do instrumento variou de acordo com o grupo de participantes em questão, sendo que, em alguns casos a aplicação foi em sala de aula e, em outros, quando isso não foi possível, o instrumento foi adaptado para um questionário online, enviado por email aos possíveis participantes, após anuência do respectivo coordenador do curso. Todos os dados de cada curso foram tabulados e analisados, sendo que as variáveis categóricas foram apresentadas pelas frequências absolutas e relativas. A análise dos dados descritivos foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo temática, uma técnica transversal que subdivide o conjunto de respostas em categorias, que são contadas em frequências posteriormente interpretadas. Com relação aos resultados obtidos, relata-se que a maioria dos participantes, ao ser questionado sobre suas experiências de trabalho com as pessoas com deficiência, 63,2%, ou 48 alunos, afirmou não terem realizado nenhum trabalho nesse sentido, sendo que destes, eram 67,6% da UNESP/Bauru, 60% da UNESP/Assis e 58,6% da USP/Ribeirão. Outro dado relevante foi às respostas obtidas na questão que abordou se os participantes sentem-se preparados para trabalhar com a PCD, em que se notou a não homogeneidade das respostas, que variaram de acordo com cada curso. Sendo que, na UNESP/Bauru, pouco mais da metade dos alunos relataram estar preparado para trabalhar com a PCD (51,3%), enquanto na UNESP/Assim, a maioria dos participantes (50%) não soube afirmar se sentiam preparados ou não, e, na USP/Ribeirão, 51,7% afirmaram não se sentirem preparados. A investigação ainda permitiu identificar o pouco interesse dos futuros profissionais em Psicologia para se especializarem e/ou atuarem junto às pessoas com deficiência (PCD), na perspectiva inclusiva, pois respostas negativas foram frequentes em 43,2% dos participantes da UNESP/Bauru,

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

50% da UNESP/Assis e 62% da USP/Ribeirão Preto, totalizando 51,3% das respostas. As justificativas dadas versavam principalmente sobre a falta de interesse (65,8%), aparecendo também, em menor frequência, a falta de experiência e convivência na área, falta de conhecimento e contato durante a graduação (14,3%) e insegurança, medo de não dar conta e dificuldades pessoais (8,5%). Em contrapartida, 27% dos alunos da UNESP/Bauru, 10% dos participantes da UNESP/Assis e o mesmo percentual dos participantes da USP/Ribeirão Preto demonstraram interesse na área, totalizando 18,4% da amostra. A justificativa para as respostas positivas foram relevância do trabalho (71,4%) e interesse na área (35,7%), no entanto, como nas justificativas negativas, apareceu a pouca experiência na área e pouco contato durante a graduação (14,3%). Relacionando os resultados obtidos com o objetivo proposto inicialmente, a saber, analisar a formação e a vivência dos graduandos, é possível observar que a intenção destes profissionais que estão se formando, em sua grande maioria, não é trabalhar na área da inclusão da Pessoa com Deficiência (PCD). Dessa forma, é necessário refletir sobre a formação de tais alunos no que diz respeito à inclusão da PCD, pois, a partir de suas respostas, pode se inferir que ainda é muito recorrente a ideia da alta especificidade necessária para atender essa demanda, fato essencial para uma parcela, que necessita da provisão de atendimentos diferenciados. Entretanto, os dados podem ainda demonstrar que mesmo na comunidade acadêmica a ideia da PCD frequentar espaços, instituições e serviços são aspectos ainda muito novos na realidade investigada. Isso leva a dois questionamentos: o primeiro mostrando que, de modo geral, às PCD ainda se encontram as margem da sociedade e, a necessidade da provisão de investimentos e ações públicas que garantam condições mais favoráveis da inserção da PCD, garantindo o seu acesso e permanência em nas esferas sociais e culturais, como qualquer outro cidadão. Tais medidas reafirmam a importância dos cursos em psicologia se adequarem à portaria ministerial na tentativa de subsidiarem teórico e operacionalmente os futuros profissionais para atuarem tanto numa perspectiva mais diretiva – atendimentos específicos, como de forma mais generalista, ou seja, atendimentos na área de psicologia destinados a toda e qualquer pessoa, com a finalidade máxima de desenvolvimento humano. Desse modo, talvez se possa mudar no meio acadêmico as concepções e as atitudes dirigidas a um segmento populacional que por muito tempo foi entendido como constituído de sujeitos de segunda ordem, incapazes e improdutivos.

Projeto de pesquisa financiado pela FAPESP.

Educação inclusiva; Adequações Curriculares; Psicologia da Educação.

IC

ESC

PSICOLOGIA, LINGUAGEM E PROCESSOS SUBJETIVOS: CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO AO CAMPO DA LEITURA E DA ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR. *Wallisten Passos Garcia, Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Apesar do crescimento econômico e da ampliação das oportunidades educacionais para a população, são altos os índices de analfabetismos, repetência e evasão escolar no Brasil. Nesse contexto, as questões relativas à leitura e à escrita adquirem especial importância e impõem desafios às ciências que contribuem para o processo educativo, dentre elas a Psicologia. No campo da leitura e escrita constata-se que o psicólogo intervém normalmente nos "distúrbios/dificuldades de aprendizagem". Na atualidade, alguns estudiosos, referenciados na teoria discursiva de Mikhail Bakhtin, têm considerado a linguagem como prática social e discursiva, uma atividade criadora e constitutiva do conhecimento. Nessa perspectiva, ser capaz de usar a leitura/escrita não significa apenas adquirir maior mobilidade na sociedade, mas usar esse conhecimento como meio de tomar consciência da realidade e interferir no mundo, pois compreende-se que a linguagem não serve apenas como transmissão/expressão de capacidades individuais, mas produz sentidos, mundos e sujeitos, ou seja, produz subjetividade. A partir disso, é possível afirmar a dimensão formadora, discursiva, social e política da leitura e da escrita, bem como seus efeitos na subjetividade tanto dos alunos quanto dos professores. Essa compreensão dos processos de leitura e escrita permite ao psicólogo criar novas formas de intervenção para além de uma atuação clínica e focada nas "patologias" e "desvios" da leitura/escrita. Com objetivo de investigar o "estado da arte" sobre as contribuições do psicólogo ao campo da leitura e da escrita no Brasil, foi realizada uma revisão bibliográfica de trabalhos científicos produzidos nos últimos cinco anos. Elegeu-se o portal de periódicos da CAPES como fonte de busca. As palavras-chaves utilizadas foram "psicologia" e "leitura e escrita". Por meio da análise dos objetivos, metodologia, e revisão teórica dos trabalhos pesquisados, foi possível identificar que as principais contribuições do psicólogo ao campo da leitura e da escrita estão relacionadas à avaliação ou desenvolvimento das habilidades de leitura/escrita dos alunos, baseado, sobretudo, em concepções que consideram a linguagem em seu aspecto cognitivo, cujas discussões orientam-se pelos campos da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Nesse sentido, a dimensão formadora, discursiva, social e política da leitura e da escrita e seus efeitos na subjetividade tanto do aluno quanto do professor não são considerados. Ao articular a linguagem ao desenvolvimento de capacidades individuais e cognitivas nega-se a possibilidade do sujeito tomar os sentidos de suas experiências sociais e afetivas diante do ato de ler e escrever. Do mesmo modo, constatou-se que a leitura e a escrita não são tomadas como categorias relevantes no trabalho de formação de professores por parte dos psicólogos. A relação das práticas de leitura e escrita que formam o professor enquanto sujeito da cultura e que terá efeitos nos sujeitos por ele formados não são evidenciados. Ressaltamos, contudo, a importância do psicólogo considerar em seu trabalho a formação do professor enquanto leitor e escritor, pois isso reflete na forma como ele ensina seus alunos a ler e escrever. Além disso, é fundamental que o psicólogo contemple em sua formação e atuação a dimensão discursiva e social da leitura e escrita, de modo a ampliar suas contribuições para os processos educativos que repercutam em práticas de letramento efetivas no contexto escolar, ressignificando a idéia frequente de que o psicólogo pode contribuir apenas para os aspectos emocionais e comportamentais dos sujeitos na escola e pouco ou nada pode oferecer as questões relacionadas à leitura e escrita.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Psicologia, Linguagem, Formação de Professores
CAPES
ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PSICÓLOGO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILITANDO REFLEXÕES E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES INTERPESSOAIS. *Cibely Francine Pacifico**, Carolyne Tomas de Aquino (Universidade Estadual de Londrina –PR)*

Considera-se de extrema importância o trabalho do psicólogo escolar com professores da educação infantil, visto que as bases da formação de indivíduos autônomos, críticos e reflexivos se iniciam nesse período. Desse modo, o psicólogo precisa atentar para a qualidade das relações estabelecidas entre professores e alunos, além das relações estabelecidas na equipe como um todo. Assim uma maneira de melhorar a qualidade da educação infantil, de modo que esta possa alavancar o desenvolvimento das crianças como cidadãos, é investir no desenvolvimento das habilidades pró-educativas do professor. Além disso, para propulsionar avanços no desenvolvimento das crianças o lúdico e o brincar também devem ser considerados como estratégias importantes para a promoção do desenvolvimento global da criança, especialmente na educação infantil. Logo, considerou-se relevante possibilitar reflexão sobre as práticas educacionais e o desenvolvimento de habilidades interpessoais dos educadores. Portanto, o presente trabalho procurou elaborar intervenções que propiciassem o desenvolvimento de habilidades sócias dos professores, uma vez que ao investir no desenvolvimento interpessoal destes, acarretará melhoras também na qualidade das relações estabelecidas entre eles e os alunos. O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido em um centro de educação infantil de um bairro periférico de Londrina-PR, este centro era mantido com recursos da secretaria de educação do município e da associação de uma igreja da cidade. Participaram dez professoras, sendo divididas em dois grupos, com participação em encontros quinzenais. Foram utilizados materiais para anotações, bexigas, folhas sulfite, barbante, aparelho de som, dado, giz, cadeiras, canetas e lápis coloridos e questionário direcionado as educadoras. O procedimento constitui de análise do regimento interno, PPP da instituição, e referencial curricular nacional para educação infantil, além disso, observações e entrevistas com as professoras e coordenação, bem como questionário para as educadoras. Por fim realizou-se 7 encontros com cada grupo. Os temas dos encontros foram: Apresentação da proposta de trabalho e integração do grupo; O cuidar e o educar na educação infantil; Planejamento de aula; Autoconhecimento e habilidades sociais; Utilizando assertividade; A importância da empatia. Encerramento/Coesão do grupo. Durante os encontros, nos quais foram utilizadas dinâmicas, vivencias e estratégias lúdicas, como modelo de planejamento de atividades, as professoras foram participativas e compreenderam os objetivos das atividades propostas. As atividades proporcionaram reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem, e colaboraram para a prática pedagógica das educadoras. Além disso, estas compreenderam a importância do lúdico enquanto aquele que proporciona aprendizagem. Contudo, observou-se uma desmotivação em relação ao papel de educadoras, entre os motivos estava a baixa remuneração e falta de reconhecimento social. Destarte fica evidente a necessidade e importância da realização de projetos de formação continuada para os educadores, e do acompanhamento especializado de um pedagogo para auxiliar o professor a transpor o conteúdo teórico para a prática em sala de aula.

Psicologia escolar, educação infantil, habilidades sociais

ESC

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR COM BASE NA PERSPECTIVA INSTITUCIONAL. *Marivete Gesser (Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

As práticas educativas, na contemporaneidade, tem sido ancorada predominantemente nos processos de pedagogização do conhecimento e disciplinamento interno dos saberes. Estes, segundo autores que atuam a partir da perspectiva institucional de psicologia: a) naturalizam os lugares sociais do professor e dos alunos; b) limitam o estabelecimento de relações entre a teoria e a prática, c) obstaculizam a conexão dos saberes acadêmicos com os processos sociais e d) contribuem para a configuração de processos educativos que produzem como efeito a exclusão e/ou medicalização dos alunos possuem diferentes tempos e modos de aprender. Diante disso, urge a necessidade de se produzir conhecimentos voltados ao rompimento desse modo de organização escolar excludente da diversidade de modos de existência na escola. O objetivo deste trabalho foi o de, a luz da perspectiva Institucional de Psicologia Escolar, identificar alguns pressupostos teórico-metodológicos voltados à construção de processos educativos potencializadores dos sujeitos inseridos nos contextos de educação formal. A proposta de trabalho surgiu a partir do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa "Práticas educativas e constituição do sujeito" que vem sendo executado no Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional da UFSC. As reflexões realizadas pela autora como professora da disciplina de Psicologia Escolar I, supervisora de estágios curriculares em psicologia escolar e como assessora de um projeto de educação inclusiva que vem ocorrendo em um núcleo de desenvolvimento infantil da mesma universidade também contribuíram para a realização da proposta. Como principais pressupostos identificados como necessários para a construção de uma atuação em psicologia potencializadora dos processos educativos, destacam-se: a) promover dispositivos voltados à desconstrução da lógica homogeneizante de tempos e espaços escolares; b) transformar a escola em um campo de potência de criação na qual o conhecimento seja visto como invenção, construção coletiva; c) ter como perspectiva a educação como movimento, potência criadora que se engendra rumo ao devir; d) promover a garantia da apropriação crítica do conhecimento pelos alunos por meio da problematização do saber; e) favorecer espaços de circulação da palavra dentro da escola; f) produzir territórios nos quais a diversidade seja acolhida; e g) tencionar os mecanismos de produção da individualização dos "problemas" escolares. Além dos aspectos acima destacados, ressalta-se a necessidade de o psicólogo atuar profissionalmente em consonância com as políticas voltadas à garantia dos direitos humanos e sempre buscando a autonomia de todos os sujeitos envolvidos no processo. Conclui-se que, por meio dos pressupostos acima citados, será possível contribuir de maneira efetiva com a construção de processos educativos potencializadores de todos os sujeitos da escola.

Psicologia escolar; atuação do psicólogo; análise institucional.

ESC

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO. *Christiane Maria Ribeiro de Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Recife, Recife, PE), Andreza Maria de Lima (Prefeitura do Recife, Recife, PE)*

A Teoria das Representações Sociais, proposta pelo psicólogo social Serge Moscovici, se caracteriza como um campo de estudos que toma como foco as produções simbólicas do cotidiano, onde se expressam os saberes e práticas dos sujeitos. Moscovici estabelece um modelo teórico capaz de dar conta dos mecanismos psicológicos e sociais que atuam na produção das representações. A utilização da teoria, particularmente no Brasil, já se estende a diferentes áreas, configurando-se em um tipo de saber efetivamente interdisciplinar que colabora com a explicação de problemas relevantes para a saúde, meio ambiente, educação, entre outros. Considerando a educação, vários estudos vêm evidenciando que o campo educacional se apresenta como uma área privilegiada para o estudo das representações sociais, pois permitem compreender, orientar e justificar as práticas, desvelando os sentidos e significações socialmente partilhados. Este trabalho teve como objetivo analisar a produção científica sobre representações sociais aplicadas ao campo da Educação com foco na área de Psicologia da Educação. Foram estudados os resumos dos trabalhos das modalidades de comunicação oral e pôster do Grupo de Trabalho Psicologia da Educação (GT 20) nas cinco últimas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Escolhemos o GT referido, pois envolve as interfaces entre psicologia e educação. Destacamos que a ANPEd tem como finalidade o desenvolvimento e a consolidação da pós-graduação e da pesquisa na área de Educação no Brasil. Para atingir nosso objetivo selecionamos os trabalhos que adotaram como suporte a Teoria das Representações Sociais. Consideramos como critério nessa seleção a utilização do termo "representações sociais" nos resumos dos trabalhos. Os resumos foram analisados de acordo com as seguintes questões: 1ª) Quais são os objetos de representações sociais que têm sido pesquisados? 2ª) Quais os sujeitos das representações sociais pesquisadas? Destacamos, inicialmente, que todas as reuniões apresentaram trabalhos em representações sociais, o que confirma a vitalidade da teoria na área educacional. De um total de 70 trabalhos, foram localizados 14 estudos. Desses, 10 foram encontrados na modalidade de comunicação oral e 4 na de pôster. Os trabalhos estavam assim distribuídos: na 34ª reunião encontramos quatro estudos; na 33ª localizamos dois; na 32ª encontramos um; na 31ª reunião contabilizamos quatro e na 30ª contabilizamos três. Em relação aos objetos representados, identificamos diversos objetos: bom aluno; ser aluno; ser professor em formação; educação em valores morais; trabalho docente; identidade docente; escola; fala e escuta de professores em sala de aula; trabalho docente; aids, drogas, violência e prevenção e espaço narrativo na escola. Um estudo tratava-se de uma discussão sobre a historicidade das representações sociais. Considerando os sujeitos que representaram, identificamos cinco estudos que tiveram como participantes alunos da Educação Superior, dois estudos com alunos da Educação Básica, dois com professores da Educação Básica, dois com professores da Educação Superior, um com professores e funcionários da Educação Básica e um com alunos, professores e funcionários da Educação Básica. O estudo, apesar de sua natureza exploratória, possibilitou uma visão da vitalidade da teoria no campo da Educação com foco na área da Psicologia da Educação.

Representações Sociais. Produção científica. Psicologia da Educação.

ESC

UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DO PROCESSO IDENTITÁRIO A PARTIR DE NARRATIVAS DE HOMENS PAIS NA CONTEMPORANEIDADE.

Gilberto Ferreira Barreiros, Heloisa Szymanski (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo compreender o processo de constituição identitária de homens pais a partir das narrativas de suas experiências em relação a suas práticas educativas para com seus filhos. A concepção de identidade narrativa, segundo proposta de Ricoeur (1991) conduziu epistemologicamente este trabalho enquanto possibilidade de conhecimento descritivo e compreensivo. A fenomenologia embasou este trabalho enquanto um método de inquirir os fenômenos. Interrogou-se o fenômeno pelo principal conceito de Husserl (1990) seguindo a proposta de "ir à coisa mesma". Por se tratar de pesquisa qualitativa de base fenomenológica privilegiou o uso de encontros reflexivos proposto por Szymanski (2002) que visou à obtenção de narrativas dos participantes. O caminho de pesquisa desenvolvido está em concordância ao modelo de uma pesquisa interventiva de acordo com a proposta de Thiollent (1996), partindo da concepção que esses encontros tem como base uma práxis reflexiva.Trabalhamos a análise a partir do enfoque da fenomenologia hermenêutica de Ricoeur (1978), situando a hermenêutica como uma postura epistemológica que visou buscar a partir das aparências, os sentidos que emergem e que são constituídos pelo indivíduo em sua narrativa. Em consonância a essa postura utilizamos a analítica dos sentidos formulada por Critelli (2006) que parte de uma orientação epistemológica da fenomenologia existencial a qual busca o movimento do vir a ser do existir do homem em sua relação com o mundo. A partir dos sentidos que se evidenciaram nas constelações, constatou-se que os participantes da pesquisa, interagem e coexistem com diversas formas de viver o processo da paternidade, que muitas vezes, são geradores de contradições. Podemos evidenciar que a identidade pessoal de cada homem está sendo constituída em meio a uma crise identitária entre o que lhes é esperado e os modos experenciados no dia a dia. Pudemos, também atestar, que os encontros reflexivos proporcionaram um agir humano pautado pela experiência de configurar, através das narrativas, suas experiências nas relações intersubjetivas, o que proporcionou uma ativa reorganização de sentidos e a uma nova interpretação do si-mesmo nos encontros reflexivos com os outros homens pais. Portanto a experiência de narrar suas experiências levou, os participantes da pesquisa, a uma ativa reorganização e a uma auto-interpretação dos sentidos de suas experiências para consigo mesmos, fundamentais como parte do processo de constituição identitária.

Agência de fomento: CAPES

ESC

VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO ENTRE PARES NA ESCOLA: RELATO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR. *Eraldo Carlos Batista, Benedito Alves de Oliveira, Rosangela Martins Vieira (Centro de Atenção Psicossocial CAPS)*

Este trabalho é resultado parcial do estágio supervisionado em psicologia escolar, o qual teve como objetivo conhecer a realidade escolar a níveis de práticas de violência entre pares vivenciada pelos alunos. A violência na escola nos últimos anos tem se tornado motivo de interesse público. O estudo do bullying no contexto escolar tem ganhado relevância entre investigadores que procuram compreender tal fenômeno. Caracterizado por situações que conduz um aluno ou grupo a intimidar, humilhar, apelidar ou perseguir um colega mais frágil, o bullying promovem em suas vítimas vergonha de se exporem, medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu desempenho escolar. Sob essa ótica o presente estudo teve como objetivo investigar o nível de vitimização e agressão entre pares numa escola da rede de ensino público no interior do estado de Rondônia. Utilizando-se de uma abordagem qualitativa e do método dedutivo a pesquisa foi realizada com vinte e três alunos do quarto e quinto ano do primeiro ciclo do ensino fundamental, sendo 34,8 % do sexo masculino e 65,2 % do sexo feminino. Para coleta de dados utilizou-se a Escala de Vitimização e Agressão entre Pares – EVAP. Composta de dezoito questões distribuídas em quatro dimensões (agressão direta, agressão relacional, ataques a propriedades e vitimização), a escala é um instrumento de autorelato desenvolvido para investigar a agressão entre pares no contexto escolar, delimitando os últimos seis meses como período de avaliação. Os resultados obtidos apontaram para um alto índice na dimensão Vitimização, a qual inclui todos os comportamentos agressivos dos quais o participante tenha sido alvo. Nesta dimensão, os sujeitos do sexo feminino apresentam-se em índice maiores que os do sexo masculino. A Agressão direta caracterizada pelas formas de agressões diretas: físicas, verbais e a forma que descreve a reação do participante em resposta a ataques iniciados por outros, foi relatada por 29 % dos alunos participantes. Esta aparece em destaque entre os sujeitos do sexo masculino. A dimensão agressão relacional, apresentada pela forma de agressão que inclui comportamentos que prejudicam o relacionamento da vítima com outros pares, apresentou-se menor índice entre os alunos participantes, totalizando apenas 09 %. A dimensão agressão física indireta não foi relatada por nenhum participante. Assim conclui-se que 78 % dos alunos participantes do estudo se envolveram em condutas de vitimização e agressão entre pares no decorrer do período avaliado. Sendo que entre estes, os agressores aparecem com maior número entre os meninos, e as vítimas entre o grupo das meninas. As condutas que mais incidiram nesse grupo estudado foram as agressões verbais, apelidos indesejáveis, humilhações, agressões morais.

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

VIVÊNCIA ACADÊMICA E DESEMPENHO ESCOLAR DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA. *Leidiana Peixoto Ribeiro;Monalisa de Cássia Fogaça; Jonas Borsetti; Danilo Pereira; Rosana Zimbardi Martins; Julio Cesar Garcia Mendes; Solange Cardoso Santos; Izabela Galindo Silva; Daniela de Souza Teixeira (Universidade Nove de Julho)*

A etapa de formação universitária exige uma série de atividades dos estudantes, para as quais devem ser garantidas condições mínimas necessárias para equacionamento das dificuldades freqüentes encontradas, de forma a viabilizar a formação humana e profissional aí pretendida. Alguns estudos (Cardoso, 2004; Accorsi, 2007; Igue, 2008; Noronha, 2009), revelam que uma das preocupações crescentes que as universidades têm demonstrado é com relação à grande incidência de insucesso acadêmico dos seus alunos, que se manifesta de diversos modos, tais como: baixas classificações, disciplinas em atraso, mudanças de curso e abandonos. Diante dessas assertivas se faz necessário avaliar a vivência acadêmica do estudante de Psicologia, visto que este tem como função principal promover o bem-estar e o equilíbrio biopsicossocial na sua prática profissional. Estudo transversal, envolvendo alunos do 1º ao 5º ano (N = 261), de ambos os sexos, do período matutino e noturno, de uma universidade particular em São Paulo. O questionário aplicado foi o Questionário de Vivências Acadêmicas– Reduzido [QVA-r] (Almeida, 2002). O QVA tem como objetivo identificar as percepções e experiências de estudantes no que se refere à compreensão do processo de integração acadêmica. Essa versão é composta por 55 itens, divididos nas dimensões: Carreira (12 itens), Pessoal (15 itens), Interpessoal (13 itens), Estudo (11 itens) e Institucional (7 itens). Os dados foram avaliados através do Teste de Mann-Whitney. Em relação a cada ano estudado percebemos diferença estatística significante, levando em conta o período que o aluno estuda: 1º ano item estudo e instituição (p=0,039 e 0,000); 2º ano item interpessoal e institucional (p=0,014 e 0,005). Não encontramos diferenças estatísticas significantes entre o período matutino e noturno nos alunos do 3º ano. Encontraram-se diferenças entre o período matutino e noturno nos alunos do 4º ano em relação aos itens pessoal e interpessoal (p= 0,056 e 0,038). Não percebemos diferenças significativas entre os alunos dos períodos matutinos e noturnos no 5º ano. Em relação aos alunos de anos anteriores em comparação aos alunos do 5º ano, os resultados estatísticos significantes foram: 1º e 5º nos itens pessoal (p=0,004), estudo (p=0,001) e institucional (p=0,001); 2º e 5º nos itens interpessoal (p=0,050) e institucional (p=0,023); 3º e 5º ano no item pessoal (p=0,000) e no 4º ano em relação ao 5º ano não foram encontradas diferenças significativas nos dimensões avaliadas pelo QVAr. Quando avaliamos os alunos do 1º e 2º ano percebemos que as dificuldades iniciais apresentadas se referem à própria adaptação ao contexto acadêmico, tais como: planejamento do estudo, conhecimento da infra-estrutura da universidade e relacionamento com os colegas e professores. A partir do 3º e 4º ano, as relações com os colegas e sua autonomia frente às atividades acadêmicas e seus esforços para continuidade do estudo, são fatores que se destacam frente à continuidade do curso. Nossos dados se assemelham ao trabalho de Igue (2008), que avaliou estudantes de psicologia, que relata a dificuldade de alunos ingressantes e as inquietações de alunos concluintes. Concluímos que as áreas identificadas acima representam alguns domínios que, seguramente, melhor descrevem a adaptação acadêmica, servindo desta forma, como objetivos para investigações futuras, a fim de intervir e prevenir, problemas na adaptação do estudante ingressante na universidade.

Formação universitária, insucesso acadêmico, estudante de Psicologia.

ESC

VIVÊNCIAS E SENTIMENTOS DE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICAS: UM ESTUDO SOBRE O DESENHO COMO PRODUÇÃO INFANTIL. *Karmen Gouveia Correia de Oliveira*, Jéssica Andrade de Albuquerque*, Fabíola de Sousa Braz Aquino (Universidade Federal da Paraíba)*

Essa pesquisa é proveniente de um estudo mais amplo, que buscou investigar a percepção das crianças sobre a escola. Parte-se da idéia de que as pesquisas realizadas com crianças, com o propósito de conhecer seu ponto de vista, não podem se centrar na oralidade ou na escrita, pois a lógica de comunicação com as crianças envolve outros recursos, como o desenho. Esse tipo de produção permite ao infante organizar informações, avaliar experiências vivenciadas, representar de maneira particular o mundo ou situações vivenciadas, funcionar como um mediador de conhecimento e autoconhecimento para as crianças, além de se configurar como um recurso mnemônico, uma simbolização do discurso das crianças. Nesse sentido, pesquisadores consideram relevante cruzar a fala e os diálogos em grupo com desenhos ou fotografias para favorecer uma ampliação do entendimento do adulto sobre a perspectiva da criança. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo conhecer as percepções e sentimentos que as crianças possuem sobre a escola. Participaram dessa pesquisa 60 crianças, sendo 32 do sexo masculino e 28 do sexo feminino, distribuídas em turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I, matriculadas em três escolas públicas na cidade de João Pessoa-PB. Os participantes desse estudo foram escolhidos aleatoriamente, tendo como critério estar na faixa etária entre 7 e 10 anos. A coleta de suas produções foi feita individualmente e em local reservado das instituições. Durante a realização da pesquisa solicitou-se que as crianças desenhassem: (a) o que gostam de fazer na escola; (b) o que não gostam de fazer na escola; e (c) elas na escola. Observou-se que enquanto os alunos produziam seus desenhos eles empregavam palavras, cantarolavam e descreviam sua arte, conforme já apontado por pesquisadores. Em relação ao conteúdo concreto dos desenhos, notou-se os seguintes aspectos: (a) as crianças concebem como atividades que mais gostam de fazer na escola as situações de brincadeira e jogos, muitas vezes contradizendo sua fala, já que em entrevista algumas afirmaram que o que mais gostavam de fazer na escola era estudar, ler ou escrever; (b) em relação ao que não gostam de fazer na escola, os desenhos exibiam situações de coerção, como castigo, situações de conflitos entre colegas (brigas), e atividades escolares, a exemplo de cópias do quadro; (c) os desenhos que as crianças fizeram delas na escola apontam os diferentes locais da instituição. Entende-se que estudo como esse traz elementos para uma maior compreensão acerca das metodologias de pesquisa com crianças, discutindo o desenho como uma das formas de manifestação do universo infantil e de produção criativa. Além disso, os desenhos produzidos pelas crianças endereçam aos psicólogos que atuam no contexto educacional uma via de reflexão acerca da qualidade das práticas educativas docentes, dos tipos de interações sociais que se desmembram na sala de aula, dos mecanismos que afetam a motivação das crianças com as atividades escolares, e de suas repercussões nos processos de ensino e aprendizagem.

Criança; escola; desenho

ESC

CONSTRUCCIÓN SOCIOHISTÓRICA DE LA PROPENSIÓN A APRENDER DE LOS ADOLESCENTES INFRACTORES DE LEY. *Eduardo Sandoval Obando (Universidad Austral de Chile)*

La presente investigación busca develar y comprender cómo se manifiesta la propensión a aprender de los adolescentes infractores de ley derivados al Programa de Salidas Alternativas de la ACJ. Específicamente, nos interesó caracterizar los aprendizajes construidos por los adolescentes a lo largo de sus trayectorias vitales, identificar los patrones que caracterizarían su propensión a aprender, identificar y describir las condiciones, contextos y situaciones, en los cuales se manifiesta esta propensión, junto con descubrir alternativas de modificabilidad cognitiva para el adolescente infractor de ley, gracias a su propensión a aprender, que permita apoyar los procesos de reinserción social desde la educación.

IMPORTANCIA Y JUSTIFICACIÓN ESTUDIO

En la actualidad, diariamente somos testigos a través de los medios de comunicación masivos (televisión, diarios, revistas, etc.), del paulatino aumento de los delitos, cometidos por adolescentes en nuestro País y de cómo éstos no logran adaptarse a los cánones escolares y sociales tradicionales, los cuales generan en la sociedad mayores índices de inseguridad, desconfianza y miedo frente a la delincuencia, sin distinción alguna, desconociendo las causas y motivaciones del sujeto, sus historias de vida, qué lo lleva a delinquir y los contextos en los cuales se desenvuelve.

Especialmente en el ámbito de los episodios de infracción de ley cometidos por adolescentes, las acciones y esfuerzos que el Gobierno de Chile se encuentra realizando en torno a la prevención de la delincuencia juvenil (Ley de Responsabilidad Penal Adolescente Nº 20.084, Programas de Intervención en el medio libre, Semi-cerrado y cerrado del Servicio Nacional de Menores, etc.), no han sido capaces, suficientes ni idóneos, para abordar a este segmento, de manera integral. Se han generado múltiples acciones desde el nivel central, sin conocer realmente el fenómeno ni al sujeto involucrado. Menos aún, el sistema educativo actual, ya que no ha sido capaz de atender a las necesidades educativas de éstos adolescentes, aumentando las tasas de fracaso y deserción escolar.

A pesar de las acciones jurídicas anteriormente descritas, "la delincuencia aparece sistemáticamente como una de las principales preocupaciones de la ciudadanía en todos los estudios de opinión pública" (Beyer y Vergara, 2006: 2). Lamentablemente, la realidad de estos jóvenes y sus experiencias vitales, siguen siendo aún desconocida por los actores claves y encargados de la toma de decisiones en Chile (Ministerio de Educación, Salud, Trabajo; Planificación, Cultura, Servicio Nacional de Menores, etc.), por lo que esta investigación adquiere mayor relevancia y valor teórico, en tanto, permitirá develar la propensión a aprender del adolescente infractor de Ley derivado al Programa de Salidas Alternativas, presente en la Región de los Ríos, desde la exploración de sus trayectorias vitales que nos hablan de su pasado (de las relaciones que establece y de cómo éstas lo han conducido a un episodio de infracción de ley, de los aprendizajes exitosos que ha desarrollado, de las condiciones y contextos en los cuales se siente triunfante, etc.), pero también de su futuro frente al cual tiene, múltiples alternativas, como por ejemplo, continuar infringiendo la ley y convertirse en un adulto delincuente, o descriminalizarse; pero por sobre todo, descubrir cómo, cuándo y qué aprenden. Siendo una temática de estudio totalmente inédita, relevante y necesaria en la Región de los Ríos. Sumado a lo anterior, la pertinencia e importancia de esta investigación radica en que permitirá explorar la propensión a aprender de los

adolescentes y jóvenes infractores de ley, vinculados a la educación y el aprendizaje informal, como un medio eficaz para la integración social efectiva, en la medida en que se transforme en un medio dinámico, caótico y complejo, el cual permitirá entregar insumos teóricos y prácticos (propuestas) para el mejoramiento y fortalecimiento de las Políticas Públicas preventivas relacionadas con las distintas dimensiones del quehacer social (económicas, educacionales, familiares, urbanas, recreación, etc.), que tienen incidencia directa sobre éstos adolescentes, que aporten y contribuyan a conocer y comprender científicamente y con mayor profundidad esta realidad social.

En este mismo sentido, los resultados de esta investigación aportarán a perfeccionar las estrategias de intervención diseñadas por SENAME (en el marco del Programa de Salidas Alternativas), replantear la forma en que actualmente se educa y las estrategias de mantención en el sistema escolar de éstos jóvenes para que lo perciban como un medio atractivo para su desarrollo, reconociendo y valorando sus potencialidades y recursos personales, haciendo de las escuelas un medio cercano y flexible, que aproveche y reconozca las vivencias de éstos jóvenes, disminuyendo la marginación y exclusión social que existe en la actualidad. En lo práctico, nos permitirá obtener información relevante, desde la visión de los propios jóvenes (para quienes es posible que no lo sepan, ó incluso que no lo sospechen), respecto de su propensión a aprender, pesquisa que resulta clave para contribuir a incentivar la implementación de futuras intervenciones preventivas en torno a la reinserción social efectiva desde la educación, considerando la percepción de este grupo social, que constituye aquel más vulnerable, y en donde se inician las conductas infractoras de ley en la Región de Los Ríos.

Metodológicamente utilizamos un enfoque interpretativo - cualitativo para captar la complejidad de la propensión a aprender de éstos adolescentes, en términos del significado que ellos mismos le otorgan, siendo flexible y sensible al contexto social en el que se producen (Vasilachis, 2006). Asimismo, para su interpretación de los datos nos apoyamos en la Teoría Fundamentada (Strauss y Corbin, 2002) y las Historias de Vida (Denzin, 1989; Pineaud y Jobert, 1989; De Gaulejac, 1987; Le Grand, 1996; Niewiadomski & De Villers, 2004), para reunir información sobre la esencia subjetiva de la vida entera de estos adolescentes.

RESULTADOS

Entre los principales hallazgos, se encuentran el poder caracterizar la propensión a aprender que poseen estos adolescentes, descubriendo la facilidad con que aprenden en un contexto informal y la dificultad que experimentan en un contexto formal (escuela), al observar como esta anquilosaría la experiencia previa de éstos, desaprovechando las reales potencialidades que poseen para aprender.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

DESARROLLO MORAL EN ESTUDIANTES DE POSTGRADOS DE GERENCIA: UNA COMPARACIÓN. *Carlos Enrique Zerpa García, Jorge José Ramiréz (Universidad Simón Bolívar)*

El propósito de esta investigación fue comparar el nivel de desarrollo moral alcanzado por dos grupos de estudiantes de postgrado de gerencia de Universidades venezolanas al final del primer año de sus cursos. Para ello se realizó un estudio no experimental, de campo, de tipo correlacional; el primer grupo estuvo conformado por 37 estudiantes de postgrado de gerencia de proyectos de una Universidad privada y el segundo grupo lo conformaron 20 estudiantes de postgrado de gerencia y responsabilidad social de una Universidad pública. Se utilizó el Test de definición de criterios morales (Defining Issues Test, DIT), versión de tres dilemas, traducida, adaptada y validada al contexto venezolano. Se describen los estadísticos de cada uno de los grupos y se comparan con base a una prueba de significación estadística t. Los resultados obtenidos muestran que el grupo de estudiantes que cursa postgrado en gerencia y responsabilidad social obtiene un mayor nivel de desarrollo moral que el grupo de estudiantes de gerencia de proyectos al final del periodo evaluado, siendo esta diferencia significativa, lo que puede sugerir un importante efecto formativo sobre el cambio en las estructuras de razonamiento moral en programas académicos con un componente moral-valorativo como eje transversal. Los resultados permiten justificar y orientar la importancia del cambio en la concepción curricular de los estudios de postgrado en gerencia para el diseño e implantación de ejes curriculares de desarrollo de competencias morales y educación en valores, dirigido a estudiantes de estos programas.

Palabras claves: desarrollo moral, educación moral, estudiantes de postgrado de gerencia, defining issues test.

PD

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

EL ROL DEL PROFESOR JEFE EN EL APRENDIZAJE SOCIOEMOCIONAL DE SUS ESTUDIANTES: UN ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS DOCENTES. *Christian Berger, Lorena Toro (Pontificia Universidad Católica de Chile)*

El presente estudio abordó la perspectiva que los profesores jefe tienen respecto de su rol en el aprendizaje socioemocional de estudiantes de 5to y 6to año de enseñanza básica en Santiago, Chile. El aprendizaje socioemocional ha sido destacado por numerosos autores como un elemento esencial para el desarrollo de niños y adolescentes, y como un importante factor promotor de logros académicos y de bienestar en general. A pesar de la centralidad de la figura del profesor jefe para ello, no existe información ni claridad respecto de su rol como promotor de esta dimensión del desarrollo. El profesor jefe asume la responsabilidad por su curso, lo que implica generar un clima de aprendizaje y una convivencia adecuadas, relacionarse con las familias de sus estudiantes, y servir como articulador entre ellos y los profesores de otras asignaturas y la dirección de la institución educativa. Sin embargo, no hay directrices sobre los alcances de este rol ni sus límites, y la formación inicial de profesores no contempla dichos contenidos, por lo que los profesores que asumen jefatura de curso deben construir su rol desde sus propias experiencias. A través de una metodología cualitativa y siguiendo los procedimientos de la Grounded Theory este estudio buscó comprender cómo los profesores jefes de 5to y 6to año de enseñanza básica construyen su rol, y las implicancias que esto tiene para su ejercicio. Se entrevistó en profundidad a 10 profesores del sistema de educación pública de una comuna representativa de Santiago, Chile. La codificación axial de la información levantó cuatro fenómenos centrales en la perspectiva de los docentes respecto de su rol: (1) el rol docente del profesor jefe contempla un aspecto parental que subsume otros roles, siendo más relevante que el rol formativo académico; (2) Favorecer un vínculo positivo entre profesor jefe y estudiantes es central al rol del profesor; (3) A partir de los vínculos entre profesor y estudiantes se construye una red vincular ampliada, integrando familias y otros profesionales que trabajan con los estudiantes; y (4) La jefatura de curso implica distintos ámbitos de la vida del profesor, influyendo en su vida personal y familiar, lo cual se asocia a indicadores de desgaste. La codificación selectiva de los datos muestra como concepto emergente y organizador de los resultados la percepción del trabajo del profesor jefe como una construcción en torno a ser figura de apego secundario para sus estudiantes. La discusión del estudio se organiza en torno a la necesidad de clarificar el rol del profesor jefe, tanto a nivel de políticas públicas como a nivel institucional, establecer criterios claros para la selección de profesores que asuman jefatura, y la necesidad de incluir en la formación docente aspectos claves para asumir el rol de profesor jefe.

Este trabajo corresponde en parte a la tesis de Lorena Toro para optar al grado de Magister en Psicología Educacional por la Universidad Alberto Hurtado, Chile

Este trabajo ha sido financiado por el gobierno de Chile, proyecto Fondecyt # 1100391.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

COMPARAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE AS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO DE FREIRE E SKINNER: UM DIÁLOGO. *Denise Bachega***, João dos Santos Carmo (Universidade Federal de São Carlos)*

Skinner definiu educação como o estabelecimento de comportamentos vantajosos para o indivíduo e para outros em algum tempo futuro. Para ele o propósito da educação seria o de formar os alunos para o autogoverno intelectual. É bastante vasta a produção em Análise do Comportamento voltada à compreensão dos processos envolvidos na Educação como: ensino e aprendizagem; dificuldades de aprendizagem; alfabetização; aquisição de conceitos numéricos; os papéis do professor, do aluno e da escola no contexto; os propósitos da educação e formação de professores. Apesar disso alguns estudos sugerem que no contexto educacional brasileiro há inúmeras incompreensões e más interpretações acerca das contribuições dessa abordagem para a área. Diferente do contexto de preconceitos, pouco entendimento e pouca aceitação das propostas de Skinner, as propostas da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire têm grande repercussão e aceitação na comunidade educacional em âmbito mundial. Em oposição à educação bancária que considera os professores como depositários de conhecimento, as proposições de Freire ressaltam o papel do professor como educador-educando e do aluno como educando-educador e destacam a importância do diálogo e do respeito ao contexto cultural e à individualidade do educando no seu próprio processo de educação, bem como sua participação decisiva nesse processo. Alguns trabalhos mostram que há similaridades entre as propostas de educação de Skinner e Paulo Freire sobre pelo menos três aspectos: 1) a autonomia ser entendida enquanto comportamento (ação) do sujeito que é aprendido a partir de interações sociais; 2) apesar de sofrerem influência de fatores genéticos e ambientais, os seres humanos são capazes de arbitrar sobre esses fatores sendo esta uma característica fundamental da autonomia; 3) ensinar consiste num dispor de circunstâncias para o desenvolvimento de comportamentos, incluindo a autonomia. Assim, o estudo tem por objetivo realizar uma contextualização das propostas as concepções referentes à Educação presentes nas obras principais de Paulo Freire e Skinner. E, a partir disso, identificar e discutir as possíveis convergências, divergências e analogias entre as propostas e realizar uma leitura analítico-comportamental sobre método Paulo Freire de alfabetização. O projeto se constituirá em uma pesquisa teórica bibliográfica executada em três etapas principais: (1) leitura inicial de obras selecionadas de Freire e Skinner, (2) leitura pontual dessas obras e de textos subsidiários e descrição comportamental do método de alfabetização e (3) análise comparativa entre as propostas educacionais. É esperado apresentar ao final deste projeto uma contextualização dessas propostas educacionais, produzir uma leitura comportamental sobre o método Paulo Freire de alfabetização e oferecer subsídios a estudos que busquem entender aspectos fundamentais sobre o ensino e aprendizagem de leitura e escrita. Além disso, é esperado destacar conceitos importantes e comparáveis entre as propostas educacionais dos dois autores que podem proporcionar o surgimento de novas pesquisas em Análise do Comportamento sobre alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização; Proposta educacional de Skinner; Método Paulo Freire.

Apoio financeiro CAPES.

Mestrado

ESC

ENFOQUE PSICOEDUCATIVO DE LA DISCIPLINA ESCOLAR: UNA INTERVENCIÓN ORIENTATIVA PARA EL PROFESORADO. *Rosalba Zamudio Villafuerte (Instituto Superior de Ciências de la Educación - México)*

Una organización eficiente de la clase es imprescindible para mantener un ambiente ordenado de aprendizaje (LePage, et al., 2005). Por supuesto, se cuenta con un marco viable para prevenir problemas de comportamiento y conseguir un ambiente de orden en el aula, pero se demanda un profesorado consciente con respecto a las incidencias surgidas en la clase.

La perspectiva psicoeducativa de disciplina, la define como el conjunto de normas, reglas y procedimientos aplicados en el aula, cuya finalidad es conseguir las mejores condiciones para que el proceso enseñanza-aprendizaje llegue a las metas previstas. Comprendida así, de la disciplina derivan las orientaciones puntuales para no rebasar los medios asequibles y salvar problemas. Sin embargo, cuando se refieren las formas a través de las cuales el profesorado manteniéndola al margen de un proceso de planificación la gestiona en clase, las vicisitudes generadas se convierten en caldo de cultivo para hallarse con dificultades.

Algunos hallazgos revelan que las situaciones de indisciplina entre los escolares han existido siempre, pero éstas cobran cada vez más relevancia debido a las dificultades para poder llevar a cabo el proceso de enseñanza-aprendizaje (Veiga y Rodríguez, 2008). Más complicada se torna la situación, cuando se alude a las estrategias utilizadas, mismas que Estrela (2005), califica como intervenciones carentes de una teoría psicopedagógica y sustentadas en la experiencia, por ende, sumamente limitadas.

¿Cuáles son los conocimientos del profesor en temas de disciplina escolar? y ¿Bajo qué percepciones la establece en el aula? versus ¿Cuáles son lo conocimientos que el profesorado debería integrar a sus acciones en el aula, cuando éstas tienen relación con la disciplina escolar? y ¿Qué factores posibilitan superar las creencias para asumir actitudes profesionales en beneficio de la gestión escolar? se constituyeron en preguntas centrales para determinar el impacto que en el profesorado de educación primaria, despliega un programa de formación sobre disciplina escolar, cuyos contenidos la expliquen como instrumento preventivo en el establecimiento de las condiciones óptimas del aula en beneficio de la eficacia del proceso enseñanza-aprendizaje.

En base a un diseño cuasi-experimental intrasujetos, se operó un programa de formación titulado: “El enfoque preventivo de la disciplina escolar, una aplicación psicoeducativa en el aula”. La administración de un cuestionario (pretest-postest) basado en escenarios de clase, elaborado por (Zamudio, 2009) fue sobre una muestra no aleatoria de 51 profesores de educación primaria.

Frente a un concentrado de respuestas esperadas para cada uno de los escenarios, se llevó a cabo un análisis don SPSS, Versión 17 para Windows. Con un valor en la T Student de -3,762 en 50 gl y una significación estadística de,000, un total mucho menor a 0,05, en un escrutinio global de los datos, comprobó las diferencias en los puntajes del prestet y del postest. En efecto, Los profesores manifestaron cambios después del programa, incorporaron recursos para el manejo y control del grupo, cambiando tanto sus conocimientos como sus actitudes.

Disciplina escolar, formación, estrategias

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

FORTALEZAS, DEBILIDADES Y NECESIDADES PERCIBIDAS POR PROFESORES RESPECTO DE SU CAPACIDAD PARA DESARROLLAR HABILIDADES SOCIOEMOCIONALES EN SUS ESTUDIANTES. *Christian Berger (Pontificia Universidad Católica de Chile Neva Milicic,Lidia Alcalay)*

Existe consenso entre investigadores y educadores sobre la importancia del aprendizaje social y emocional para el desarrollo de los niños y jóvenes, y su relación con indicadores académicos y de bienestar durante la adultez. La percepción de un deterioro en la convivencia social, así como indicadores de dificultades sociales y emocionales en niños y jóvenes, ha generado una creciente demanda a la escuela para que ésta aborde temáticas como la convivencia escolar, el bienestar, y el desarrollo de habilidades sociales. El aprendizaje social y emocional es el proceso de adquisición de competencias tales como la habilidad para reconocer y manejar emociones, el cuidado y la preocupación por los otros, tomar decisiones en forma responsable, establecer relaciones positivas y enfrentar situaciones desafiantes de manera efectiva. El aprendizaje socioemocional provee a los establecimientos educacionales con un marco para prevenir problemas y promover el bienestar y el éxito de los estudiantes. Sin embargo, los profesores manifiestan tener una formación profesional insuficiente respecto a sus competencias para promoverlo en sus estudiantes. La investigación desarrollada se planteó por tanto como objetivo inicial "Identificar y describir las fortalezas, debilidades y necesidades percibidas por profesores de 3º, 4º, 5º y 6º año básico, respecto a su capacidad para desarrollar habilidades socioemocionales en sus estudiantes". Para el logro de este objetivo se realizaron cuatro grupos focales, dos con profesores de 3º y 4º año y dos con profesores de 5º y 6º año, de colegios municipales o particulares subvencionados de Santiago, Chile. Las temáticas abordadas fueron las siguientes: 1) ¿Qué factores son importantes para fomentar el desarrollo socioemocional?; 2) ¿Qué factores dificultan el desarrollo socioemocional?; 3) ¿Cuáles son las necesidades de los profesores para poder promover el desarrollo socioemocional al interior de la escuela? La información obtenida fue analizada de acuerdo a los principios de la Grounded Theory. Los principales resultados fueron los siguientes: 1) Factores que favorecen el desarrollo socioemocional en la escuela: Rol que los profesores como modelo y mediador en los niños; desarrollo del concepto de comunidad; que los niños desarrollen y posean expectativas futuras; vínculo positivo profesor-alumno; experiencias exitosas en el ámbito socioemocional al interior de la escuela; existencia de niños solidarios y que expresan afecto hacia sus compañeros; el que se genere una alianza efectiva entre las familia y la escuela. 2) Factores que dificultan el desarrollo emocional: Falta de tiempo de planificación y realización de actividades; Escasez de herramientas prácticas de implementación al interior de la sala de clases, falencias en la formación universitaria de los profesores; dificultades en el desarrollo socio emocional de los niños y sus bajas expectativas de futuro; falta de apoyo parental. 3) Necesidades de los profesores para poder promover el desarrollo socioemocional al interior de la escuela: aspectos programáticos, necesidad de formación docente (inicial y continua) en el área; contar con herramientas, material y actividades para apoyar el desarrollo socioemocional, más tiempo para programar; necesidad de instancias de trabajo colaborativo docente y apoyo de especialistas. Finalmente, se discuten implicancias para la formación docente y estrategias psicoeducativas.

El presente trabajo forma parte de una línea de investigación desarrollada por los autores y que ha sido financiada durante los últimos 6 años por Fondecyt (Fondo

Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico de Chile, proyectos 1070815 y 1100391).

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

RASGOS DE PERSONALIDAD SITUACIONAL Y ACTITUDES Y ESTRATEGIAS COGNITIVAS SOCIALES EN ADOLESCENTES DE COLEGIOS ESTATALES DE LIMA. *Elizabeth Dany Araujo Robles (Universidad Autónoma del Perú)*

Estudio psicométrico que permite contar con un instrumento para evaluar el perfil de las habilidades cognitivas sociales en adolescentes. Asimismo, el estudio permite determinar cómo se asocian estas habilidades con los factores de personalidad. Las habilidades cognitivas sociales son estrategias de pensamiento y de captación y procesamiento de la información que son necesarias para una adecuada interacción social. desde el punto de vista científico, esta investigación contribuye al conocimiento de aquellos rasgos de personalidad que están más asociados con la presencia de tales habilidades. Desde el punto de vista educativo, los resultados son de interés al proporcionar lineamientos para el diseño de programas preventivos para aquellos factores de riesgo social que estén relacionados con las características de personalidad del adolescente y con sus habilidades cognitivas sociales.

actitudes sociales, estrategias cognitivas, personalidad

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

RELACIÓN DEL BIENESTAR AUTOPERCIBIDO CON LA AUTOESTIMA, LA INTELIGENCIA EMOCIONAL, LA PERSONALIDAD Y EL RAZONAMIENTO ABSTRACTO EN UN GRUPO DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS. *Leonor Hernani, Alberto Aquino, Elizabeth Dany Araujo Robles. (Facultad de Psicología y Ciencias Sociales, Universidad Inca Garcilaso de la Vega, Lima, Perú).*

Los objetivos fueron, en primer lugar, examinar la relación entre el bienestar autopercibido y las variables inteligencia emocional, personalidad, razonamiento abstracto y autoestima en un grupo de estudiantes de una universidad particular de Lima metropolitana y en segundo lugar, poner a prueba un modelo de predicción del bienestar autopercibido a partir de estas variables. La muestra de 206 estudiantes de la carrera profesional de psicología del primer a quinto año de estudios en quienes se evidenció que el bienestar autopercibido denota relaciones muy significativas con los tres componentes de la inteligencia emocional: mientras mantiene relaciones positivas con claridad emocional y reparación emocional, guarda una relación negativa con atención emocional Asimismo, mantiene significativas relaciones positivas con cuatro rasgos de personalidad, a saber, extroversión afabilidad, tenacidad y apertura a la experiencia. De igual modo, la relación entre bienestar autopercibido y autoestima es altamente significativa Se encontró, de otro lado, que no existen relaciones significativas entre el bienestar autopercibido y el razonamiento abstracto y el rasgo neuroticismo. Los análisis de regresión lineal múltiple permitieron establecer que las variables de mayor peso en la predicción del bienestar autopercibido son la autoestima, y los tres componentes de la inteligencia emocional autopercibida, a decir, claridad emocional , atención a las emociones y reparación emocional , las cuales en conjunto explican satisfactoriamente el 44.6% de la varianza observada. Resultó llamativo que el poder predictivo del resto de rasgos de personalidad sobre el bienestar autopercibidio fuera menor que el de la autoestima y la inteligencia emocional. Estos resultados muestran que el bienestar percibido parece depender más de la manera en que la persona se valora y de su habilidad para manejar sus emociones, factores potencialmente entrenables, que de los rasgos de personalidad, relativamente más fijos. Por lo tanto, los datos sugieren que el bienestar autopercibido puede fomentarse mediante intervenciones adecuadas, propiciando de esta manera una mejor calidad de vida, considerando que el bienestar percibido es un factor protector en relación con diferentes indicadores de salud física y psicológica.

Bienestar autopercibido, inteligencia, personalidad.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

RELACIÓN ENTRE LAS METAS PERSONALES Y LAS CONDUCTAS ANTISOCIALES EN ESCOLARES DE SECUNDARIA DE LIMA. *Roberto Bueno Cuadra (Universidad Nacional Federico Villarreal, Universidad de San Martín de Porres)*

Este trabajo contribuye a esclarecer la relación entre determinados tipos de metas personales que se plantean los adolescentes, y la presencia de conductas antisociales de agresión, robo, vandalismo y contra normas. El objetivo es indagar acerca de cuáles tipos de metas están mejor asociados con las conductas antisociales en general, o algunas de ellas. Desde el punto de vista científico, los resultados permiten plantear una primera aproximación sobre una nueva categoría de posibles factores de riesgo para las conductas antisociales en los adolescentes, es decir, la ausencia de metas personales, o la presencia de algunas de ellas. En lo social, esta investigación señala la importancia de fomentar el desarrollo de metas personales por parte de los adolescentes como una posible acción preventiva frente a la posible participación en conductas antisociales.

Conducta antisocial, metas, adolescentes.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

A RELAÇÃO ENTRE VALORES E ATITUDES MORAIS NO ESPORTE. *Leticia Coelho de Oliveira*; Marina Pereira Gonçalves; Joíria Cerqueira Macedo Ribeiro*; Alex Ribeiro Silva*; Maria Augusta Costa Gomes* (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Petrolina-PE)*

Na sociedade moderna o esporte possui um papel bastante significativo, uma vez que, em seus campos de atuação, estão presentes característica como força, emoção, sentimentos, esforço e energia, os quais são primordiais para a vida humana em sociedade. Além disso, o esporte não é só um meio para exploração de habilidades físicas e mentais, mas é também um ambiente competitivo e gerido por regras, tornando-se um veículo para influências valorativas entre os humanos. Essas influências valorativas podem ser positivas, como respeito e igualdade, ou negativas, como agressividade e a "trapaça". No geral, as atividades esportivas apresentam um considerável poder mobilizador entre os jovens, por influenciar seus comportamentos. Alguns autores apontam que a identificação dos valores de jovens atletas é de grande importância para entender o processo pelo qual estes tomam decisões em situações esportivas. Ademais, no contexto esportivo, profissionais da área, concordam que o comportamento dos atletas deveria se pautado pelo respeito ao Desportivismo ou Espírito Esportivo (sportspersonship ou fair play), que se refere a um conjunto de "boas práticas" que confeririam um caráter educativo ao treino e à competição. Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo foi identificar se os valores podem predizer atitudes morais em atletas. A amostra foi composta por 200 sujeitos com idades entre 12 e 41 anos (m = 17,34 anos; dp = 4,85), a maioria do sexo feminino (63%). O esporte mais praticado nessa amostra foi o voleibol (42,5%). Os participantes responderam o Questionário de Valores no Esporte – 2 (YSVQ 2), Questionário de Desenvolvimento de Atitudes Morais e Tomada de Decisão em Jovens Atletas (AMDYSQ) e questões sócio demográficas. Os dados foram coletados por pesquisadores previamente treinados em locais de treinos dos atletas. A tabulação e análises dos dados foram realizadas por meio do PASW 18. Os resultados indicaram que, através de correlações r de Pearson, o fator status correlacionou-se positivamente com antidesportivismo ($r = 0,14$; $p < 0,05$), moral correlacionou-se positivamente com vitória justa ($r = 0,20$; $p < 0,01$) e inversamente com trapaça ($r = - 0,30$; $p < 0,01$). Esses resultados indicam que sujeitos que apresentam valores de status, como superar os outros ou ser líder do grupo, podem ter atitudes como, por exemplo, provocar os adversários durante uma competição. Por outro lado, aqueles que pontuam alto em valores morais, representados por justiça e espírito esportivo, podem buscar uma vitória mais justa. Esses resultados evidenciam que as influências valorativas possuem relação com atitudes morais no esporte. Estudos dessa natureza podem ser utilizados para o desenvolvimento de estratégias de intervenção que visem desenvolver valores morais em atletas, buscando minimizar condutas agressivas e ilícitas no contexto esportivo.

Esporte; valores, atitudes morais, espírito esportivo.

Universidade Federal do Vale do São Francisco/Bolsista

ESP

AGRESSIVIDADE EM COMPETIÇÕES E EMPATIA: UM ESTUDO CORRELACIONAL. *Maria Aline Rodrigues de Moura**; Marina Pereira Gonçalves; Edna Natália Batista Gonçalves*; Letícia Coelho de Oliveira* Maria Augusta Costa Gomes* (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Petrolina-PE)*

O esporte está presente no dia-a-dia dos seres humanos e atinge os mais variados níveis sócio-econômicos da população. É por este motivo que pode ser considerado como um dos fenômenos sociais mais importantes do século XX. O esporte envolve diversos fenômenos físicos e psicológicos, como a agressividade e empatia, por exemplo. Algumas pesquisas indicam que os comportamentos agressivos são inerentes aos seres humanos, uma vez que fazem parte de seu funcionamento biológico, inclusive como um instrumento de defesa frente à situações ameaçadoras. Psicólogos do esporte acreditam que existem alguns fatores que estimulam a manifestação de comportamentos agressivos nos atletas, como os espectadores, raciocínio de jogo e nível moral dos competidores. Já a empatia, deve ser analisada a partir de uma concepção psicoevolutiva, uma vez que esse construto depende do desenvolvimento cognitivo e afetivo, primordial para que um indivíduo consiga reconhecer e diferenciar seu self do outro. Portanto, diante do fato de que a agressividade constantemente está presente nas mais variadas modalidades esportivas, a presente pesquisa objetivou verificar a relação entre agressividade e empatia em atletas que participam de competições, além de identificar se esses construtos se diferenciam em função do sexo, idade, tempo de competições e tipo de modalidade esportiva. Para tanto, participaram do estudo 203 atletas, dentre os quais 67 mulheres (33%) e 136 homens (67%), com idades variando entre 14 a 42 anos (m = 19,06 anos; dp = 5,01), residentes nas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Estes praticavam diferentes modalidades esportivas: basquete (25,1%), handebol (22,2%), futebol de campo (17,9%), vôlei (17,7%) e futsal (16,3%). Os participantes responderam o Interpersonal Reactivity Scale (IRI); a Escala de Agressividade em Competições (EAGRESCOMP) e questões sócio-demográficas. Os dados foram coletados nos locais de treino dos atletas. Por meio de uma análise de correlação r de Pearson, os resultados indicaram existir uma correlação significativa e positiva entre as dimensões comportamento agressivo declarado e angústia pessoal. Ademais, a partir de uma análise de variância multivariada (MANOVA), foi possível identificar que os homens se declaram mais agressivos, enquanto as mulheres se avaliam como sendo mais empáticas; em relação à idade, os índices de empatia aumentam enquanto os escores da agressividade decaem com o passar dos anos; o futebol de campo foi a modalidade em que os participantes obtiveram os maiores escores em agressividade, enquanto o vôlei foi o esporte em que os atletas pontuaram mais alto em empatia; finalmente, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos na agressividade e empatia em relação ao tempo de competição. Sugere-se com esses resultados a realização de futuras pesquisas para melhor compreender o papel da agressividade e da empatia no contexto esportivo.

Agressividade, empatia, competições.

ESP

EFEITO DA PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA REGULAR NA SAÚDE GERAL E BEM-ESTAR SUBJETIVO EM ADULTOS E IDOSOS. *Marina Pereira Gonçalves; Tatiany Soares Torres*; Leticia Coelho de Oliveira*; Joíria Cerqueira Macedo Ribeiro*; Flávia Carvalho Ribeiro* (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Petrolina-PE)*

A prática de atividade física regular é vista como uma atividade importante para o processo de envelhecimento saudável, visto que esta pode manter o organismo com bom funcionamento dos aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. Ademais, a literatura indica que ter um estilo de vida ativo pode influenciar no bem-estar subjetivo (BES) e na saúde geral (ansiedade e depressão) das pessoas. A atividade física (AF) é conceituada como qualquer tipo de movimento corporal, que resulte em um gasto energético, entretanto, no presente estudo, serão considerados os tipos de AF (exercícios físicos ou esportes) que têm o objetivo de melhorar e/ou manter a aptidão física. O Bem-estar Subjetivo (BES) busca compreender as avaliações que as pessoas fazem de suas vidas, pensamentos e emoções, apresentando duas dimensões: satisfação com a vida e afetos positivos e negativos, uma cognitiva e outra afetiva, respectivamente. A saúde geral está vinculada a transtornos de humor e pode ser afetada pelo surgimento de fatores estressantes e incapacidades para a realização de atividades, sendo composta por dois fatores: a ansiedade e a depressão. Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo principal comparar os níveis de bem-estar subjetivo e saúde geral de adultos e idosos, praticantes de AF e sedentários. Para tanto, participaram da pesquisa 100 indivíduos, sendo 50 "praticantes de AF" (aqueles que realizavam AF, por no mínimo duas vezes na semana e que haviam iniciado a prática há no mínimo 3 meses), com 31 mulheres e 19 homens e idade média de 59,98 anos (dp =13,38); e 50 "sedentários" (aqueles que não praticavam AF regularmente), com 30 mulheres e 20 homens e idade média de 56,74 anos (dp = 11,68). Os participantes de ambos os grupos responderam a Escala de Afetos Positivos e Negativos e a Escala de Satisfação com a Vida (ambos componentes do BES) e o Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG-12), que avalia ansiedade e depressão, além de questões sócio-demográficas. Os dados foram coletados na cidade de Petrolina – PE, em parques, instituições esportivas e associações de moradores. Por meio de uma ANOVA, os resultados indicaram que os "praticantes de AF" apresentaram maiores índices de satisfação com a vida do que os "sedentários", sendo esta diferença estatisticamente significativa [F(1,96) = 20,447; p = 0,001], ocorrendo o mesmo em relação aos aspectos positivos onde os "praticantes de AF" pontuaram mais alto do que os "sedentários" sendo este resultado também significativo [F (1,96) = 6,538; p = 0,012], o que corrobora dados da literatura, indicando que pessoas que praticam atividade física parecem ter maior bem-estar subjetivo (felicidade). Quanto aos afetos negativos, como era de se esperar, os "sedentários" obtiveram maior pontuação do que os "praticantes de AF" com resultados estatisticamente significativos [F (1,96) = 5,514; p = 0,021]. Em relação à saúde geral, apesar da literatura indicar baixas pontuações nesse construto entre pessoas fisicamente ativas, na presente pesquisa não foi encontrada diferença significativa, o que demanda a realização de novos estudos nesta área.

Atividade física, bem-estar subjetivo, ansiedade, depressão.

ESP

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM UMA EQUIPE PARADESPORTIVA DE HALTEROFILISMO. *Amanda Pereira Santiago*, Ana Cristina Jesus de Oliveira*, Francisco Benedito Alves Neto*, Lindiana Slavador* (Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG)*

A Psicologia do Esporte se constitui como identificação e compreensão de técnicas e teorias psicológicas que possam ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta. Ela analisa as bases e efeitos psíquicos das ações esportivas, considerando a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção. Ela desenvolveu-se no Brasil no final da década de 70 e estudos apontam que houve um crescimento desta área, porém há uma necessidade de investimentos em formação, pesquisa e extensão junto aos profissionais e as instituições de ensino superior. Neste sentido, criou-se um projeto a fim de auxiliar o desenvolvimento de habilidades intra e interpessoais e ampliação do rendimento esportivo de paratletas do Centro Desportivo para Deficientes de Uberlândia – CDDU, que é uma associação que foi criada para direcionar, coordenar e proporcionar ao deficiente físico a oportunidade de ser um paradesportista. As intervenções foram realizadas na Arena do Sabiazinho que é um ginásio de multiuso que contribui para o desenvolvimento do esporte olímpico e paraolímpico em Uberlândia e região. Participou quatorze sujeitos, sendo nove do sexo masculino e cinco feminino. As idades variaram entre quatorze e quarenta e quatro anos. Foram realizados onze encontros, sendo estes divididos em 3 etapas - avaliação, intervenção e devolutiva. Os fatores trabalhados foram autoestima, autoconfiança, ansiedade, atenção e coesão grupal. Na primeira etapa, aplicou-se instrumentos psicológicos adaptados pelos pesquisadores e outros validados pelo CFP. Na segunda etapa de intervenção, utilizou-se técnicas como visualização in vivo, relaxamento progressivo dentre outras que otimizem os fatores que influenciam no trabalho em equipe e no rendimento competitivo. Na terceira etapa, realizou-se a devolutiva com o técnico e os paratletas. Considerando os membros do grupo e as respostas dos instrumentos Inventário de Ansiedade, Inventário de Autoconfiança, Questionário de Ambiente de Grupo e Teste de Atenção Concentrada, identificou-se que os resultados do inventário de ansiedade do grupo não apontam níveis significativos que possam influenciar na prática do desporto, o inventário de autoconfiança revela que de forma geral os paratletas apresentam índices significativos de autoconfiança frente a situações desportivas, o questionário de ambiente de grupo identificou que os resultados em conjunto indicam coesão no grupo no que tange ao relacionamento interdisciplinar dos paratletas membros da equipe, contudo ressalta-se que aspectos sociais da equipe, extra-treinos e extra-competições, apresentam-se insatisfatórios e o teste de atenção concentrada aponta que a maior parte da equipe encontra-se na classificação médio-inferior. Através das intervenções efetuadas na equipe paradesportiva de halterofilismo foi observada uma melhora no rendimento e na qualidade técnica na prática do exercício de halterofilismo, assim como, possibilitou a equipe refletir sobre as relações interpessoais, otimizando a cooperação e a evolução para uma melhora no rendimento pré, durante e pós competição.

Psicologia do Esporte, Halterofilismo, Paradesporto.

ESP

FACTORES QUE AFECTAN LA MOTIVACION DE LOS ATLETAS DE LA SELECCIÓN FÚTBOL SALA DEL INSTITUTO PEDAGÓGICO SISO MARTINEZ DE LA URBINA, EN LAS DISTINTAS FASES DE LA TEMPORADA 2011 - 2012. *Edgar Ramon Charris (Unefa)*

La investigación parte de detectar los factores que inciden en deficiencias observadas tal como la pobre asistencia a los entrenamientos, la desmotivación a la practica del mismo, razón por la cual se necesita el apoyo a los atletas y a los entrenadores de Instituto Pedagógico Siso Martínez , ubicado en la Urbina, estado Miranda. El trabajo analizar cuales son los diferentes factores que influyen en la desmotivación en algunos atletas de la selección de Fútbol Sala, en la ejecución de las distintas fases de la temporada 2011 – 2012, al contribuir de esta forma a la preparación integral del deportista. Se utilizaron métodos teóricos como el análisis síntesis e inducción deducción, al revisar literaturas especializadas de Psicología del Deporte (2008) y Psicología del Deporte, Conceptos y Aplicaciones (2007). La metodología empleada en el estudio se ubica en lo que se denomina tipo de investigación de campo interpretativo. Con un diseño emergente flexible. La unidad de estudios está constituida por 15 atletas de la selección de Fútbol sala, de la temporada 2011 – 2012 de los cuales se escogieron 8 atletas como informantes claves. La técnica de recolección de datos se basó en la aplicación de una entrevista en profundidad y el análisis de la información, se realizó a través de una categorización según Martínez (1998).

ESP - Psicología del Deporte

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL DO ADOLESCENTE. *Aline Freitas Ribeiro, Maria Luisa Casillo Jardim-Maran (Centro Universitário de Franca)*

A escolha profissional, geralmente, é feita na adolescência, momento em que o jovem passa por várias mudanças físicas e psicossociais e ainda se vê com o desafio de escolher seu futuro, algo que gera medo e ansiedade. Sabe-se que a escolha profissional é influenciada por vários fatores, entre eles, a família, os amigos, o status e a remuneração. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender de que maneira o grupo familiar poderia influenciar a escolha profissional de oito jovens do segundo ano do ensino médio de uma escola particular de Franca (SP). Para tanto, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas, ao início e ao final de um processo de orientação profissional, que incluíam perguntas relacionadas ao apoio e influência familiar na escolha profissional. Também foram confrontadas as escolhas dos adolescentes com o exercício profissional de seus familiares, buscando observar semelhanças e diferenças. Os dados coletados foram submetidos à aná¬lise de conteúdo (Bardin, 1977; Minayo, 2008) e verificou-se que entre os oito adolescentes participantes da pesquisa, apenas um declara que os pais influencia sua escolha. Este, no entanto, acredita que a influência familiar seria o mesmo que imposição dos pais quanto à escolha de uma profissão, ideia também observada entre os adolescentes que verbalizaram não serem influenciados por seus pais na escolha profissional. Interessante observar, porém, que estes mesmos adolescentes mencionam que seus pais dão opiniões, mas os deixam livres para escolher. Dessa forma, entendem que estes não interferem em seus processos de escolha porque não impõem alguma profissão, de maneira que não conseguem perceber a influência dos pais mesmo que através de sugestões e opiniões. Através do referente estudo percebeu-se também que a escolha inicial dos adolescentes mudou ao final do processo de orientação profissional, favorecendo a conclusão de que a orientação profissional tem real importância no auxílio aos jovens que pretendem alcançar uma decisão consciente e madura.

Palavras-chaves: Adolescência, escolha profissional, influência familiar

Centro Universitário de Franca Uni-FACEF

FAMI

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E OS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO NA INFÂNCIA. *Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira (UFCSPA), Adriana Wagner (UFRGS)*

O presente estudo buscou compreender como a família e a escola partilham a socialização de crianças em idade escolar com problemas de comportamento, investigando explicações que sustentem o uso das práticas educativas pela escola e pela família como indicadores de continuidades e descontinuidades nesta relação. O estudo seguiu o delineamento de estudos de caso (Yin, 2005). Analisaram-se quatro casos, entrevistando pais e professores das crianças de três escolas particulares de Porto Alegre. Para a coleta de dados utilizou-se dois instrumentos: uma entrevista dirigida para levantamento das práticas educativas utilizadas pela família e pela escola, e uma entrevista semi-dirigida para exploração das explicações que justificam o uso de tais práticas e as formas de interação família-escola. A análise dos dados do primeiro instrumento foi feita com base em classificação de estudos anteriores sobre as práticas educativas; e a análise dos dados do segundo instrumento seguiu a análise de conteúdos proposta por Bardin. A partir da análise das entrevistas construiu-se mapas explanatórios que evidenciaram ambivalência quanto ao problema de comportamento da criança, delimitação rígida de fronteiras entre a família e a escola, descontinuidade e desconhecimento a respeito das práticas educativas parentais e escolares, dificuldades na comunicação entre os sistemas, importância do auxílio da equipe escolar e idéias ligadas à submissão da família ao saber e orientações da escola como importantes elementos desta relação. A discussão dos dados destaca a falta de modelos integrativos família-escola e a necessidade de maior conhecimento e flexibilidade de fronteiras entre os sistemas.

Relação família-escola; problemas de comportamento; infância

FAMI

ATENÇÃO À SITUAÇÔES DE PERDAS E LUTO: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BRASILEIRAS. *Ivânia Jann Luna**, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

Realizou-se o levantamento do estado da arte das pesquisas sobre as perdas e lutos no contexto do ciclo vital, no Brasil, nos últimos seis anos (2005-2010), para verificar como tem sido discutida a atenção e o apoio ao enlutado durante o ciclo vital. A seleção dos trabalhos ocorreu por meio de uma consulta às diversas bases de dados, considerando as seguintes palavras-chave: luto, perda e suporte social. Foram selecionados 43 trabalhos de pesquisa, e a partir dele realizou-se a análise de conteúdo temático-categorial (Bardin, 1997), identificando-se duas categorias e oito subcategorias, como: "perdas no ciclo vital" (perda de membros familiares, perda de pacientes, perda de amigos, perdas simbólicas) e a "atenção à pessoa enlutada" (escassez do suporte social; contextos intervenção no luto e instrumentos de intervenção no luto). Discutiu-se a escassez do suporte social no que se refere ao papel da família, do profissional de saúde e demais participantes da rede social mais ampla, como amigos, colegas de trabalho ou a igreja, diante de perdas de membros familiares em situações não reconhecidas, ambíguas, repentinas e traumáticas. Notou-se, ainda, poucas pesquisas sobre intervenção e instrumentos por meio do qual se possa realizar algum tipo de trabalho educativo, clínico ou comunitário com esta população.

Luto; suporte social; perdas;morte

FAMI

DE "HOMENS E MULHERES" À "MENINOS E MENINAS": ATITUDES DOS FAMILIARES FRENTE AOS RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS DA PESSOA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Wallisten Passos Garcia (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Os pais revelam muita angústia e ansiedade diante das diversas necessidades e dos desafios de cuidar de um filho com deficiência. O choque da descoberta, a ambivalência de sentimentos a serem elaborados, às inúmeras transformações pelas quais a família passa em cada fase do desenvolvimento destas pessoas, os preconceitos a serem enfrentados e superados, os limites a serem transpostos, até chegar à aceitação desse filho, são fatos que demonstram que caminhar ao lado de um filho com deficiência é um processo de frequentes percalços. Em outro sentido, as atitudes dos familiares, seja por meio da superproteção ou do abandono, entre outras posturas, trazem implicações importantes para o desenvolvimento psicológico e social da pessoa com deficiência. No campo da deficiência intelectual, destacam-se os aspectos relacionados à sexualidade destas pessoas e a relação com seus familiares. O objetivo deste trabalho é compreender por meio do relato das pessoas com deficiência intelectual quais as atitudes dos pais frente aos seus relacionamentos afetivo-sexuais. Foram realizadas entrevistas com sete pessoas adultas com deficiência intelectual de uma escola especial da cidade de Curitiba, Paraná. A compreensão das entrevistas deu-se por meio do método fenomenológico. Como resultado, foi possível perceber que os familiares das pessoas com deficiência intelectual desacreditam na possibilidade de seus filhos virem a se relacionar amorosamente, pois não os vêem como capazes de se posicionar como homens e mulheres diante da sociedade de modo responsável. A imagem que esses pais têm dos filhos é o de "eternas crianças". Por serem "meninos e meninas" e não saberem cuidar de si, esses pais revelam receios de que seus filhos ao se relacionarem afetivamente sejam abusados sexualmente ou ocorra uma gravidez não esperada. Diante disso, evitam falar com seus filhos sobre sexualidade, pois acreditam que assim eles não despertarão para esses aspectos, ou então, tratam os interesses sexuais dessas pessoas como algo "ingênuo" e que "não precisa ser levado a sério". Em consequência desta atitude dos familiares, os participantes mostram-se dependentes emocionalmente e revelam sentirem-se incapazes de gerenciarem suas próprias vidas, cabendo à família essa função o que para os participantes é compreendido como um cuidado e proteção necessários. Com base nesses resultados, revela-se fundamental os pais trabalharem no sentido de promover a independência de seus filhos com deficiência intelectual, principalmente no campo da sexualidade, permitindo que tenham novas experiências e relações afetivas significativas e assim possam desenvolver com mais segurança sua identidade adulta. Nesse sentido, o apoio da equipe educativa, médica e terapêutica, deve se estender para além da própria pessoa com deficiência intelectual, alcançando também seus familiares, tanto na importância da escuta das dificuldades e angústia desses familiares, quanto no incremento de informações que os auxiliem na educação e facilitem a relação desses familiares com seus filhos com deficiência intelectual.

Deficiência intelectual, Sexualidade, Família

FAMI

NOS BASTIDORES DA FÉ: COMPREENDENDO A MANIFESTAÇÃO DA RELIGIÃO NO CASAMENTO EVANGÉLICO. *Cíntia Gemmo Vilani, Rosane Mantilla de Souza (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*

A proposta desta pesquisa realizada como Dissertação de Mestrado no Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP foi de compreender a manifestação da religião em casamentos evangélicos, investigando a interface das crenças religiosas e os elementos de satisfação e conflitos conjugais, de modo a obter material para orientação e desenvolvimento de programas de qualidade de vida conjugal. A escolha desta temática deveu-se ao fato que pesquisadores brasileiros e estrangeiros tem apontado sobre a interface da religião nos casamentos, identificando que a filiação religiosa pode ser um fator importante para a regulação da satisfação conjugal. Trabalhou-se com questionários utilizados para obter informações sobre os participantes, tais como, dados demográficos (idade, sexo, vida financeira dentre outros), comportamentos passados e previsão de comportamentos futuros, de acordo com as crenças pessoais de cada participante juntamente com a Escala de Ajustamento Conjugal de Spanier (DSS – Dyadic Satisfation Scale, 1976). A amostra foi constituída por 35 participantes, 16 homens e 19 mulheres, com idade média de 36,80 anos e desvio médio de 10,253, seguidores da corrente neopentecostal (9), tradicional (10) e pentecostal (16). A análise da satisfação conjugal foi realizada considerando a amostra total, as diferenças em relação de gênero e posicionamento religioso, tendo-se obtido que as relações de gênero atuam como variável diferencial da conjugalidade. Ao contrário de pesquisas internacionais e nacionais, nesta pesquisa identificou-se um número maior de mulheres satisfeitas com a conjugalidade do que homens satisfeitos. A influência da religião ficou evidente nos modelos paternos de identificação, na formação de valores morais e no papel de rede de apoio independente de gênero, sendo que em relação ao enfrentamento os homens utilizam mais recursos religiosos. Os dados obtidos sobre os tipos de conflitos são similares àqueles observados em literatura independente da variável religiosa dos cônjuges. Pode-se concluir que os preceitos religiosos ensinados na infância e adolescência parecerem ser norteadores dos padrões morais e éticos. A filiação religiosa e não propriamente a orientação religiosa, mostra-se um elemento importante na dinâmica conjugal, visto que a influência dos preceitos bíblicos é marcante na visão de mundo e na formação da personalidade, com particularidades em relação ao gênero e na relação afetiva, amorosa e social.

FAMI

O LUTO PELA PERDA DE UM FILHO NA PERSPECTIVA PATERNA. *Ivânia Jann Luna** (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC), Jamila Elias Custódio (Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí)*

Esse trabalho teve como objetivo compreender como o homem enfrenta psicologicamente a experiência da perda de um filho e quais são os aspectos psicológicos da vivência de luto. Pretende também elucidar temas importantes ligados a essa problemática, tais como a experiência da paternidade, diferenças de gênero a respeito da perda de um filho, o significado da perda e do luto, bem como tentar discutir o modelo de enlutamento materno, calcado na expressão social da dor da perda. Portanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, cuja população alvo foram 04 homens, com idades entre 37 e 65 anos, que perderam filhos adultos jovens em circunstâncias repentinas. A escolha dos sujeitos foi intencional e ocorreu a partir da indicação de pessoas próximas a pesquisadora. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semi-estruturada, composta de um roteiro básico de 08 temáticas principais em que se desdobraram em diversas questões auxiliares, e o procedimento de análise dos dados foi realizado através da análise de conteúdo. Foram construídas sete categorias analíticas para que as respostas obtidas nas entrevistas fossem analisadas e discutidas. Os resultados indicam que foi bastante relevante perceber o quanto cada pai se envolveu ao contar detalhes referentes à história da perda do filho e dentre as categorias os relatos que ficaram mais evidentes foram aqueles que manifestaram mudanças em relação à paternidade, demonstrando uma modificação em comparação com a referência de pai que os sujeitos entrevistados tinham. A vivência do luto foi relacionada à raiva, culpa, responsabilização, anseio e entorpecimento. Sendo que o comportamento dos pais foi de introspecção, isolamento, religiosidade, uso de cigarro e visitas ao cemitério. Foi discutida a diferenciação da expressão do pesar entre homens e mulheres, segundo uma perspectiva de gênero. O trabalho foi concluído destacando que os respectivos pais apresentaram as reações de luto normais, assim como também manifestaram e vivenciaram seu pesar e sua dor.

Perda de filho, luto paterno; gênero.

FAMI

OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃES-FILHOS COM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA CONJUGAL. *Sabrina Mazo D Affonseca***; Gabriela de Guzzi Bagnato*; Tatiane Alves Correa*, Viviane Dutra Gama**, Francine Fernandes**, Mayra Ap. De Oliveira Souza**, Maria Eduarda Sampaio Ferraz Ribeiro**, Bianca Andrade de Souza**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams**** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP).*

A violência contra a mulher é um problema grave e altamente prevalente que traz seqüelas para o bem-estar físico, social e emocional das vítimas. O problema se agrava mais quando essa mulher é mãe, visto que a situação vivenciada por essa mulher vitima de violência pode levar a prejuízos na interação dessas com seus filhos, afetando, também, o desenvolvimento dos mesmos. Pesquisas da área demonstram que, em geral, as habilidades maternas dessas mulheres estão prejudicadas, mas não há consenso na literatura. Cabe destacar que todos os dados obtidos até o momento consistem em dados coletados com as mães a partir de auto-relato das mães, de tal maneira que ao se realizar um estudo observacional que vise verificar esse fator, esse se caracterizaria como um estudo pioneiro na área e contribuiria para o avanço cientifico da mesma. O presente trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado da primeira autora e objetivou avaliar a interação entre mães vítimas de violência física conjugal e seus filhos. Participaram do estudo 15 mulheres, com histórico de violência física por parte do parceiro com base nos resultados da a Escala de Táticas de Conflitos (CTS-2) resumida e adaptada pelo IBGE. Todas tinham, pelo menos, um filho de 2 a 12 anos de idade. A maior parte das mães tinham ensino médio completo (46,7%), 40% tinham ensino fundamental incompleto e 13,3% ensino fundamental completo. A maioria das mães (80%) tinham uma renda mensal de 0 a 3 salários mínimos. As mães que participaram da pesquisa tinham sido abrigadas (n=3), estavam sendo acompanhadas pelo CREAS (n=4) ou seus filhos estavam sendo acompanhados pelo Conselho Tutelar (n=5) de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo. Uma mãe foi encaminhada por um projeto assistencial à crianças e duas foram encaminhadas a partir de indicação de outras participantes da pesquisas. Todas as mães assinaram os termos de compromisso participaram de uma entrevista para coletar dados de identificação, renda socioeconômica, escolaridade, características da violência sofrida (frequencia, intensidade e severidade) e problemas apresentados com a educação dos filhos. A observação da interação mãe-criança foi realizada no Centro de Atividade Diária (CAD) da USE/UFSCar. As observações foram filmadas e posteriormente decodificadas por uma equipe de estudantes de Psicologia devidamente treinados, utilizando-se um Protocolo de Observação. As sessões de observação duravam cerca de 60 minutos, assim distribuídos: 1) Observação da interação mãe-criança em uma situação livre; 2) Observação da interação mãe-criança em uma situação de atividade conjunta; 3) Observação da interação mãe-criança em atividade paralela; 4) Observação da interação mãe-criança em situação de tarefa da mãe e 5) A mãe chama a criança para tomar um lanche junto com ela. Para analisar a interação entre as mães e seus filhos foram considerados os comportamentos das mães em relação aos filhos e de um dos filhos (selecionado pela mãe antes da sessão de observação) com sua mãe. Em relação ao comportamento da mãe foram analisados, atenção social, interação verbal e contato físico, todos eram analisados como sendo positivos ou negativos, e não interação. Os comportamentos das crianças analisados foram caractegorizados como positivos (verbalização adequada e atividade engajada), negativos (não obedecer, responder, demanda aversiva e contato físico negativo) e não interação. Os dados obtidos demonstraram que as mães, em geral, interagiam bastante com seus filhos (não

interação - M=69), sendo que as mesmas apresentavam mais comportamentos positvos (M=121,3, dp=90,5) do que negativos (M=16,7; dp=12,9) com seus filhos. O mesmo padrão de interação foi observado em relação aos filhos dessas mães, ou seja, eles, em média, tenderam a se relacionar com suas mães e apresentar mais comportamentos positvos (M=175, dp=87,7) do que negativos (M=5; dp=5,2). Cabe destacar que dentre os comportamentos positivos maternos, o mais frequente foi atenção social (f=217), seguido de interação verbal (f=110) e contato físico (f=37). Já os comportamentos das crianças mais frequentes encontra-se atividade engajada (f=237) seguido de verbalização adequada (f=113). Tais dados demonstram que ao reforçar os comportamentos adequados da criança (alta frequencia de atenção social positiva e atividade engajada), as mesmas se engajam com uma frequencia menor em comportamentos inadequados o que favorece as interações e verbalizações positivas entre a díade. Ou seja, aparentemente a vitimização da mulher e a exposição da criança à violência conjugal não interfere negativamente no relacionamento da mãe com seus filhos, contudo, seria necessário comparar o desempenho dessas mães com mães sem histórico de violência física conjugal. Vale destacar que o ambiente do laboratório era isento da presença de alguns estressores do ambiente natural dessas famílias, como, por exemplo, a presença do agressor ou o engajamento das mães nas atividades domésticas, podem ter favorecido a alta frequencia de comportamentos positivos da díade. Estudos futuros com uma amostra maior de mulheres e em ambiente natural são sugeridos.

Violência física conjugal;mães-filhos; observação

CAPES/CNPq

FAMI

PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS DE ADOTANTES DA COMARCA DE GUARAMIRIM (SC) SOBRE O PROCESSO DE ADOÇÃO. *Solange Georg*, Sarajane Lais Ludero*, Virginia Azevedo Reis Sachetti (Curso de Psicologia, Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC).*

O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que a adoção é medida excepcional, irrevogável e atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres. Tratou-se de um estudo de corte transversal com o objetivo de identificar percepções e sentimentos de casais em fila de espera sobre o processo de adoção. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada, elaborada em quatro tópicos: (1) apresentação pessoal, estabelecimento do rapport e obtenção do consentimento, (2) caracterização dos participantes, (3) processo de adoção e (4) necessidade de acompanhamento psicológico e encerramento da entrevista. Participaram do estudo 10 casais com as seguintes características: homens com média de idade de 38,2 34 anos (DP=4,24) e mulheres, de 36,7 anos (DP= 6); com Ensino Médio completo; há até 3 anos na fila de espera; com causa médica para infertilidade e que desejavam adotar uma criança de até 4 anos. Os dados foram analisados agrupando as respostas por semelhança em categorias elaboradas a partir do roteiro de entrevista e foi realizada análise de freqüência sobre o número de respostas. Foram codificadas 67 respostas indicadoras de percepções e sentimentos que foram divididas nas categorias: motivação (N=20), expectativas (N=15) e medos (N=32). Os resultados apontaram a infertilidade como o maior fator de motivação para querer adotar uma criança (n=7), seguida por tratamento para infertilidade caro/mal sucedido (n=6). As respostas indicaram expectativa de que o processo seja breve e justo (n=6 e n=5, respectivamente), o que produziu sentimentos associados como o medo de que demore muito para a chegada do filho (n=10) e de que algo dê errado (n=4). Quanto ao conhecimento específico sobre o processo legal de adoção, 3 casais afirmaram que conhecem bem e 7 informaram que desconhecem ou conhecem um pouco e quanto à legalidade do processo de adoção, 7 casais desconfiam da integridade. No que se refere à exposição dos casais em diversas situações, 9 relataram que há preconceito ou discriminação de terceiros sobre casais adotantes e 7 descreveram que as pessoas diferenciam filhos adotivos dos filhos biológicos, valorizando claramente a importância dos laços sanguíneos. A maioria dos casais (n=9) acha importante que o fórum ofereça acompanhamento psicológico durante o processo de adoção e atribui ao psicólogo duas funções básicas: de mediador entre o casal e o fórum (n=5) e de oferecer ajuda para lidar com o novo filho, diminuindo a possibilidade de devolução da criança (n=4). Foi possível ainda perceber que os adotantes vivenciam diferentes fases, marcadas por características específicas, no processo de espera pela criança e demonstram associar a condição de preparo ou não para receber a criança com os recursos materiais que possuem. Conclui-se que os adotantes passam por dificuldades durante a espera pelo filho e não têm suporte emocional adequado para adotar uma criança. A incorporação de um serviço psicológico ao procedimento judiciário funcionará como fator de proteção, diminuindo o sofrimento e ampliando as estratégias de enfrentamento dos adotantes, refletindo de forma positiva no processo.

Adoção; família; atendimento psicológico.

FAMI

PERFIL DE MÃES QUE PARTICIPARAM DO CURSO PREPARATÓRIO PARA ADOÇÃO EM UBERABA (MG). *Martha Franco Diniz Hueb, Laís Cristina de Souza*, Pâmela Suelen Galego*, Ana Flavia Campeiz*, Laís Lídia Morais Dornelas* (Departamento de Psicologia Clinica e Sociedade da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG).*

Aprovada em 03 de agosto de 2009, a lei n.º 12.010, denominada "Nova Lei de Adoção", promoveu alterações na legislação brasileira, especificamente no Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA e no Código Civil, no que se refere à adoção. Entre tais mudanças está a obrigatoriedade das pessoas interessadas em adotar serem previamente preparadas para a adoção. Na cidade de Uberaba o Curso Preparatório, se dá em duas turmas simultâneas, conduzido por psicólogos e assistentes sociais professores da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e Universidade de Uberaba, em oito encontros quinzenais com duração de duas horas cada. Dos encontros participam também dois estagiários, sendo um de Psicologia e outro do Serviço Social. A preparação se dá no formato de oficinas que tratam de assuntos pertinentes ao tema adoção, são elas: amor enquanto construção, motivações para a adoção, filhos idealizados x filhos reais, história da criança, convivência entre pais e filhos na adoção e aspectos jurídicos da adoção. A presente pesquisa objetivou traçar um perfil das mães que participaram de seis diferentes turmas do Curso Preparatório para adoção, entre agosto de 2010 e dezembro de 2011. O estudo está em andamento, e até o momento foram entrevistadas 29 mulheres em um total de 49 participantes. Utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, gravada e em seguida transcrita na íntegra. Verificou-se que a idade média das mães é de 44,6 anos, sendo 86,2% delas casadas; 6,9% solteiras e 6,9% divorciadas; com uma renda familiar média de seis salários mínimos; 34,5% possuem filhos biológicos (com idade média de 26 anos); estando cadastradas no Programa para Adoção numa média de 4,2 anos e 55% já se encontram com as crianças em guarda provisória, com idade média de cinco anos. Dentre os motivos que as levaram a adotar foram evidenciados com maior frequência: infertilidade da mãe seguida da infertilidade do companheiro, dificuldade de engravidar e opção por filhos adotivos. Das 20 mulheres não entrevistadas: nove não foram encontradas; quatro não aceitaram participar e sete concordaram, contudo ainda não foram realizadas as entrevistas. De acordo com os dados parciais levantados, pode se observar o desejo de adotar em mulheres com idade avançada, dentre as quais um número significativo possui filhos biológicos já adultos. O estudo ainda não foi concluído, mas levanta-se a hipótese de que tais mulheres buscam a maternidade adotiva pela síndrome do ninho vazio e/ou pela entrada na menopausa. Ressalta-se que a maioria delas apresentaram estabilidade financeira, e matrimonial e 65,5% não possuem filhos biológicos. Porém ficou evidente que a adoção ainda tem se dado por pessoas com renda familiar média baixa. Se a presente pesquisa indicou renda média de seis salários esta não foi significativa, pois foi acrescida devido à renda de 18 salários de seis participantes, enquanto que a maior frequência se deu em torno de três a quatro salários mínimos. Ainda é necessário estimular a adoção através de diferentes canais afim de que a classe socioeconômica mais abastada possa também se sensibilizar pela filiação adotiva, e fornecer uma família a criança que dela necessita.

Adoção, Mães, Curso Preparatório.

FAMI

PREPARAÇÃO À ADOÇÃO: EXIGÊNCIA OU NECESSIDADE? *Renan de Almeida Sargiani** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP), Elisa Teixeira Bernardes** (Programa de Diagnóstico e Intervenção Precoce – ProDIP, Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – São Paulo/SP)*

A preparação psicológica de candidatos à adoção é um requisito obrigatório para a conclusão do processo de adoção que consta no artigo 197-C da lei nº 12.010/2009, conhecida como a nova lei de adoção. Observa-se, ainda que de forma empírica, que muitas pessoas acreditam que esse requisito se trata apenas de mais uma exigência que objetiva complicar ainda mas o processo de adoção que já é longo e demorado. No entanto, muitos especialistas discutem que essa exigência se faz necessária, pois a participação nesses espaços de discussão e suporte psicológico pode contribuir para que a opção pela adoção seja mais consciente e responsável como consta na proposta da referida lei. Além disso, muitas dúvidas e angustias poderiam ser minimizadas durante esse acompanhamento. Neste sentido, o processo de adoção, comumente experienciado com expectativas, angústias e inseguranças, poderia ser vivenciado de forma menos dolorosa a partir de um suporte e apoio profissional. Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi discutir o papel da preparação e acompanhamento psicológicos na perspectiva de pessoas que optaram pela adoção, buscando compreender como elas se referem a essa exigência legal. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 5 casais que adotaram antes da lei nº 12.010/2009, portanto, sem terem passado pelo requisito de preparação psicológica e 5 casais que adotaram após a promulgação da lei e participaram de um grupo de preparo à adoção. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e os dados foram analisados e categorizados. Observou-se que, de modo geral, os pais ressaltaram a importância da participação em grupos ou atendimento psicológico individual que possibilitasse a discussão das angústias, medos, esperanças e dúvidas que tinham com relação à adoção. Os pais que participaram do grupo de preparo psicológico destacaram a importância do apoio e do convívio com outros pais, pois assim o processo de adoção se torna um ato menos solitário, favorecendo uma decisão mais consciente e com apoio social. Os pais que não participaram de grupos disseram que muitas vezes se sentiam despreparados e que sentiam a falta e a necessidade desse tipo de serviço. Concluiu-se que o processo de adoção provoca uma série de incertezas e angústias para os pretendentes à adoção e o tempo de espera para que este processo seja concluído gera muito sofrimento e pode ser menos doloroso com as discussões e convívio em grupos de preparação psicológica. Evidenciou-se também que os participantes enfatizam a importância de acompanhamento após a adoção, devido à necessidade de esclarecer dúvidas e elaborar aspectos emocionais particulares a este tipo de filiação.

Adoção; Preparação psicológica; Psicologia da Família.

FAMI

RELAÇÕES ENTRE DEPRESSÃO E DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DE MÃES COM HISTÓRICO DE AGRESSÃO FÍSICA AOS FILHOS. *Luciana Barbalho Pontes**, Chayene Hackbarth**, Paolla Magioni Santini**, Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-SP.*

O presente estudo tem como objetivos descrever alguns dados de caracterização de mães que agridem seus filhos fisicamente, relacionar tais dados com indicadores de depressão e compará-los com aqueles encontrados na literatura. As mães respondentes foram selecionadas a partir de três diferentes órgãos municipais, integrados na rede de proteção da criança e adolescente, sendo indicadas pelos profissionais em função de tal histórico. Após o consentimento de participação na pesquisa, 26 mães responderam a uma Entrevista Inicial, na qual foram coletados dados sócio demográficos; de saúde e autopercepção da mãe; aspectos de interação com os filhos e de histórico familiar da mãe; e planos futuros. Além disso, as mães responderam ao Inventário de Depressão de Beck (Beck Depression Inventory – BDI), amplamente utilizado em pesquisas e intervenções clínicas para mensurar níveis de depressão. A respeito dos dados da Entrevista Inicial, observou-se que a maioria das mães apresentava baixa renda; baixa escolaridade; estava em união consensual, porém apresentava conflitos constantes com o parceiro; possuía três filhos, em média; apresentava problemas de saúde, tais como dores de cabeça, nas costas, no estômago ou dificuldades para dormir; metade tem histórico de violência pelo parceiro e a maioria de violência física na infância. Nas descrições sobre autopercepção, a maioria das mães citou mais frequentemente defeitos em comparação às qualidades. Sobre o relacionamento com os filhos, a maioria das mães relatou sentir remorso, tristeza, ou pena após as agressões físicas. Os planos futuros incluíam terminar os estudos, conseguir um emprego mais rentável, e que os filhos fossem bem sucedidos. Os escores do BDI variaram entre zero (não deprimido) e 41 (depressão grave), com Média = 16,4 (depressão leve) e Desvio Padrão = 11,4. Com base nos dados apresentados, observou-se que as mães estão inseridas em um contexto no qual são encontrados fatores de risco para depressão (baixa renda, baixa escolaridade, conflitos conjugais, problemas de saúde) e tais fatores, associados ao histórico de violência na infância, podem influenciar na maneira pela qual educam os filhos, sendo a punição corporal a forma de disciplina inadequada utilizada com mais frequência. Outros indicadores de depressão são a autopercepção negativa e o estado emocional abalado após agredir os filhos. A média dos escores de depressão ter como resultado "leve" e apresentar alta variação indicam que algumas mães possuem estratégias positivas para lidar com as adversidades. Tal conduta positiva também pode ser observada nas respostas referentes às expectativas das mães em relação ao futuro, as quais visam melhores condições pessoais e para os filhos. Portanto, apesar dos fatores de risco favorecedores para o desenvolvimento de depressão, as mães participantes podem ter desenvolvido repertório positivo de enfrentamento, indicando possível resiliência. Tais dados poderão ser investigados em estudos posteriores.

Mães que agridem os filhos, maus-tratos, depressão em mães.

FAPESP e CNPq.

FAMI

EFECTOS DE UN PROGRAMA DE INTERVENCIÓN SOBRE LAS ACTITUDES HACIA LA RELACIONES MADRE-NIÑO, EN MADRES ADOLESCENTES DEL DISTRITO DE ATE-VITARTE. *Judith María Luisa Bedoya Suárez (CEDESI)*

En la presente investigación se busca conocer si el programa de intervención desarrollado por cedesi, para adolescentes embarazadas provenientes de las zonas de extrema pobreza del distrito de ate, en la ciudad de lima, perú, tiene efectos positivos sobre las actitudes hacia las relaciones madre-niño. Por lo que permitirá determinar si es un programa de carácter preventivo de alta eficacia y que por lo tanto pudiera ser replicado en otras zonas y poblaciones semejantes.

La relación de la madre con su niño tiene significativos efectos sobre el desarrollo emocional, conductual, social y cognitivo del niño, por lo que se desea saber si se están promoviendo actitudes adecuadas en la madre que van a favorecer el desarrollo del niño.

El programa busca producir cambios en las madres tanto en sus conocimientos como en sus comportamientos y actitudes, esperando que estos a su vez produzcan incrementos en el desarrollo de sus hijos y en la dinámica de la familia y comunidad donde viven.

La oms considera que la atención de la mujer embarazada constituye uno de los aspectos fundamentales en el objetivo de lograr para la población del mundo una verdadera y completa salud. Es así que se considera que no se lograrán resolver los problemas de desarrollo social de los países a menos que se les concedan a las madres un lugar relevante en las acciones y programas con carácter preventivo que buscan el bienestar de la comunidad.

FAMI - Psicología de Familia y Comunitaria

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EXERCÍCIO ABAIXO DO LIMIAR ANAERÓBIO ATENUA EFEITOS COMPORTAMENTAIS AGUDOS DA FLUOXETINA EM RATOS WISTAR.

Fabrício Soares Souza, Yara Barbosa Gonçalves*, Nayara Suguiura Dias* (Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF), Daniel Fernandes Barbosa** (Universidade de Brasília, Brasília-DF), Claudio Olavo Almeira Cordova (Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF)*

O presente estudo investigou os efeitos da intensidade do exercício físico em ratos tratados agudamente com fluoxetina e expostos ao labirinto em cruz elevado (LCE). Os inibidores seletivos para a recaptação de serotonina (ISRS), incluindo a hidrocloreto de fluoxetina, representam um conjunto de psicofármacos efetivos para o tratamento da depressão e de transtornos de ansiedade em adultos e crianças. Relatos clínicos sugerem que os efeitos iniciais da administração aguda da fluoxetina são seguidos de elevada ansiedade, que comprometem a adesão do paciente ao tratamento. Sugere-se que os efeitos do exercício agudo reduzem a ansiedade-estado, enquanto o crônico a ansiedade-traço, Embora os mecanismos responsáveis pelos efeitos positivos do exercício aeróbio com intensidade leve a moderada sobre transtornos do humor e de ansiedade ainda não sejam conclusivos. Para o estudo foi utilizado 189 ratos machos da raça Wistar com massa entre 150 e 200g, tendo acesso à ração e água ad libitum. Utilizou-se o inibidor seletivo de recaptação de serotonina, cloridrato de fluoxetina. Para determinar a dose aplicada, foi realizado experimento de curva de dose-resposta utilizando como parâmetro as medidas do labirinto em cruz elevado (LCE). O LCE consistiu de dois braços abertos, e dois braços fechados com mesma dimensão e fechados lateralmente com paredes. As sessões foram monitoradas e gravadas. Parâmetros comportamentais no teste LCE compreenderam medidas clássicas, entradas e o tempo gasto em ambos os braços do labirinto, relacionando a permanecia nos braços abertos com efeitos ansiogênicos e as medidas etológicas de exploração, esticamento, mergulho da cabeça, rastejamento e exploração da extremidade. Para o exercício, os sujeitos foram individualmente submetidos a uma única sessão de exercício com duração de 30 min, altura do nível de água cerca de 45 cm, Como parâmetro fisiológico para a delimitação da intensidade do exercício foi utilizada a concentração de lactato sanguíneo (mmol.l-1). Após a definição da intensidade de esforço e a dose da droga, sujeitos ingênuos foram randomicamente alocados para os grupos salina, fluoxetina (Fx) ou Fx mais exercício com 0, 5 ou 50% de carga. A fluoxetina foi administrada intraperitonealmente (20 mg/Kg) cerca de 60 min anterior aos testes comportamentais. O grupo Fx reduziu significativamente os percentuais de entradas e de tempo nos braços abertos em relação aos grupos salina, 0% + Fx e 5% + Fx. Em contrapartida, o grupo 50% + Fx apresentou menor tempo em relação ao Fx. Quanto às medidas etológicas, o grupo 50% + Fx exibiu elevada freqüência de esticamentos e reduzida exploração na extremidade dos braços abertos em relação aos grupos salina, Fx, 0% + Fx e 5% + Fx. Os grupos 0% + Fx e 5% + Fx apresentaram maior número de mergulhos da cabeça em relação ao grupo Fx. Sugere-se o exercício com intensidade leve a moderada (abaixo do limiar anaeróbio - AT) para a atenuação dos efeitos comportamentais agudos da fluoxetina. Por outro lado, o exercício vigoroso (acima do AT) é indesejável, uma vez que acentua o perfil ansiogênico da droga.

Exercício Físico, Modelo animal de ansiedade, Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina.

FARMACO

EXPECTATIVAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AO CIGARRO EM UNIVERSITÁRIOS FUMANTES. *Alba Recalde Aguirre**, Fernanda Lopes**, Silvia Cunha**, Murilo Zibetti*, Lisiane Bizarro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS)*

Fatores como baixa escolaridade e baixa renda são tradicionalmente associados ao tabagismo. Entretanto, estudantes universitários utilizam mais tabaco do que a população geral. Este estudo teve como objetivo conhecer o padrão de uso de cigarro entre universitários fumantes e quais aspectos psicológicos e comportamentais estão associados a este consumo. Para tanto, foram analisados os dados de 95 universitários fumantes (m = 23 anos; dp = 2,79) de duas instituições de ensino superior de Porto Alegre, sendo uma pública e uma privada. Os jovens responderam uma ficha com dados biosociodemográficos; um questionário sobre o comportamento de fumar (informações sobre os padrões de uso, os contextos que incitam mais vontade de fumar e as expectativas frente ao consumo); o teste de dependência de nicotina de Fagerström (FTND); e o Teste de Triagem do Envolvimento com Álcool, Tabaco e outras Substâncias (ASSIST). O ASSIST indicou que 83% (n=79) dos participantes apresentaram índice sugestivo de abuso, e 14,7% (n=14) tiveram índice sugestivo de dependência. Segundo o FTND, 81,1% (n=77) do grupo mostraram escores representativos de níveis de dependência entre muito leve e leve, 4,2% (n=4) apresentaram nível médio, e 13,7% (n=13) tiveram escores de dependência elevada e muito elevada. Foram identificadas crenças relacionadas ao consumo: 87,4% têm expectativa de alívio e redução da tensão; 63,2% acreditam que o cigarro os torna mais sociáveis. Além disso, 41% utilizam o cigarro como recurso para ficar alerta. Os resultados sugeriram que esta amostra, apesar de preocupada com os riscos de doenças tabaco-relacionadas, se deixa influenciar mais pelas expectativas positivas dos efeitos do cigarro, ou seja, valoriza mais o prazer imediato do que a manutenção da saúde a médio e longo prazo, mantendo o comportamento de uso. Os instrumentos ASSIST e FTND oferecem boa sensibilidade para detecção de uso de substâncias, porém apresentam medidas diferentes na classificação de gravidade do uso, o que deve ser considerado na interpretação de resultados. As expectativas positivas com relação ao uso do cigarro demonstram uma lacuna com relação a informações que podem ser relevantes na adoção de comportamentos saudáveis a longo prazo, assim como a demanda nesta população, de estratégias específicas nos programas de cessação do tabagismo.

Tabagismo, comportamento, expectativas do consumo

Capes e Cnpq

FARMACO

ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CINEMA: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO. *Lucas Rossato*, Tales Vilela Santeiro - (Universidade Federal de Goiás, Jataí, GO).*

A formação em Psicologia Clínica pressupõe o uso de diversas ferramentas mediadoras do processo de ensino e aprendizagem. O cinema é uma delas, porque traz à tona inúmeras possibilidades de discussão, o que inclui o abuso sexual infantil/adolescente (ASI), um tema caro à formação do psicólogo clínico, haja vista sua relevância social e sua ocorrência nas práticas clínicas atuais, estabelecidas nos mais diversos cenários profissionais. Os objetivos gerais da pesquisa foram: 1) analisar filmes comerciais e ficcionais sobre o ASI, produzidos entre 2001 e 2010 (N=21), através de cenas ou relatos de personagens, para caracterizar: como o ASI é filmado, vítimas, ambientes/contextos onde ocorre, abusadores e desfechos de casos; e 2) discutir contribuições que esses filmes possam prestar ao processo de formação do psicólogo clínico. A seleção de filmes foi assistemática e realizada: a) em bases de dados on-line especializadas (Adoro Cinema, Cine Pop etc.), cruzando os vocábulos "abuso sexual", "pedofilia", "infância", "adolescência", "cinema" e "filme"; e b) junto a psicólogos que utilizam filmes como recurso no processo formativo de estudantes de Psicologia. A partir das buscas iniciais, alguns títulos encontrados foram assistidos a guisa de estudo piloto; a partir deles critérios de análise foram estabelecidos e dados eram lançados em planilhas individuais, que contemplavam os objetivos acima. Quanto ao gênero, 16 filmes eram dramas (72,7%), 2 suspenses (9,5%) e 1 de terror, 1 documentário e 1 de ficção científica (4,5% cada). Sobre a nacionalidade das produções, 12 eram estadunidenses (57,1%), 4 coproduções de diversos países (18,1%), 2 brasileiras e 2 espanholas (9,0% cada), e 1 britânica (4,5%). No que tange à forma como o ASI foi encenado, 11 o fizeram de forma explícita, através de cenas (52,0%), e 10 de forma implícita, por meio de relatos orais feitos por personagens (48,0%). Os ASI ocorreram em ambientes públicos (playgrounds, parques, ruas, etc.; n=10; 45,4%), familiares (n=4; 18,1%), escolares laicos (n=3; 14,0%), escolares confessionais (n=3; 14,0%) e religioso (n=1; 4,5%). Os abusadores eram próximos à vítima em 13 casos (59,0%), em 5 desconhecidos (23,0%) e em 3 familiares (14,0%). As vítimas eram crianças (n=15; 68,1%), adolescentes (n=4; 18,1%) e 2 eram com ambas as vítimas (9,0%). Sobre a repercussão dos casos em meios de comunicação e socialmente, 13 foram revelados (59,0%) e 8 permaneceram em sigilo (36,3%). Os filmes analisados: a) apresentaram aproximações com tópicos encontrados na literatura especializada sobre ASI no que tange a contextos, perfis de abusadores e vítimas e repercussão social; b) apesar de comerciais e ficcionais, retratam o ASI de modo semelhante ao que tem sido observado em contextos clínicos reais; c) exigem do espectador, de modo aproximado ao exigido do psicólogo na sua atitude clínica, condição emocional para "processar" e trabalhar informações de conteúdo psíquico intenso, para elaborá-las e atribuir-lhes significado; d) levam o estudante a refletir sobre tema frequente nos contextos clínicos contemporâneos, nos quais eventualmente atuará como profissional. Os achados permitiram considerar filmes sobre ASI apropriados como ferramenta didático-pedagógica e ressaltaram as potencialidades da estratégia de observação documental na formação em Psicologia Clínica.

Apoio Financeiro: CNPq (Bolsa PIBIC).

Palavras-Chave: filmes; sexualidade; psicologia clínica.

Nível do Trabalho: IC – Iniciação Científica.

FORM

A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE ATUAÇÃO: O TRABALHO DO PSICÓLOGO NAS UNIDADES DE SAÚDE DE BOA VISTA – RORAIMA.

Soraya Ivon Ramirez Moreno (Curso de Psicologia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR)

Na cidade de Boa vista a inserção do psicólogo no âmbito da saúde e outros contextos tem ocorrido de forma gradativa, porém, limitada e insuficiente para as demandas da população. Esta inserção tornou-se mais notória após terem sido realizados os concursos públicos promovidos pelo Governo do Estado de Roraima 2003 e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista em 2004. A aprovação de psicólogos nos dois concursos permitiu a inserção formal de alguns destes profissionais no âmbito da saúde nos diferentes níveis de atendimento e também em outras instituições da administração pública. Cada contexto onde o profissional faz atendimento tem suas características próprias que fazem com que seja demandado do profissional psicólogo, práticas diferenciadas que atendam às necessidades específicas do contexto no qual se encontra inserido. Alguns questionamentos emergiram em relação à inserção do psicólogo no âmbito da cidade de Boa Vista: Os psicólogos têm preparo suficiente para atuar no âmbito da saúde e no nível de atendimento no qual se encontram inseridos. Por exemplo: tiveram formação e/ou especialização em saúde pública?Existem profissionais psicólogos em quantidade suficiente para atender às demandas dos contextos nos quais se encontram inseridos? Foram objetivos desta pesquisa compreender, a partir da falas, dos saberes e práticas dos psicólogos que atuam na rede de saúde da cidade de Boa Vista e do levantamento bibliográfico pertinente aos temas; as relações entre formação e formas de atuação do psicólogo no âmbito da saúde. Para tanto foi realizada uma pesquisa da qual participaram 18 Psicólogos atuantes em diferentes níveis de atendimento à saúde constituído por 5 postos de saúde um hospital geral, um hospital infantil, uma maternidade, um centro de referência de saúde da mulher e um centro de referência de saúde mental. Foram usados como instrumentos de pesquisa questionários semi – estruturados. Os dados foram organizados em categorias de análise que abrangiam informações a respeito da formação, especialização na área de atuação, demandas, preparo suficiente e/ou insuficiente para suprir as demandas, interdisciplinaridade dentre outras. Como resultados parciais obtivemos que os profissionais não se sentem preparados para atuar no âmbito da saúde pois, tinham especialização na área organizacional, há desconhecimento das políticas públicas, 30% realizaram cursos de aperfeiçoamento em nível de especialização para atender às demandas no trabalho e a quantidade de profissionais lotados no hospital geral, hospital infantil e maternidade numericamente são insuficientes para atender às múltiplas demandas.

Palavras Chave: Formação-Inserção -Psicólogo- demandas.

P

FORM

AVALIAÇÃO DE UM CURSO PRÁTICO DE ESTATÍSTICA PARA ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: UM ESTUDO PILOTO. *Daniele Trindade Mesquita*, Marina Bilig de Aguiar*, Deborah Carla Olenka Wanderley Rocha*, Júlia Custódio Carelli de Oliveira* (Programa de Educação Tutorial - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora – MG), Henrique Pinto Gomide** (Programa de Pós Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora – MG)*

Um dos princípios norteadores do Programa de Educação Tutorial é a disseminação de conhecimentos importantes para a formação crítica de profissionais da psicologia. Métodos de pesquisa e a estatística são disciplinas fundamentais para que psicólogos sejam capazes de avaliar as evidências das técnicas psicoterápicas e possam participar ativamente da produção de conhecimento e tecnologias. Com o intuito de disseminar os conhecimentos destas disciplinas para os alunos da graduação em psicologia no futuro, um curso de métodos de pesquisa e estatística foi realizado para que os alunos do Programa de Educação Tutorial em psicologia. O presente trabalho teve como objetivo analisar a viabilidade do curso através da avaliação dos conteúdos adquiridos pelos alunos em caráter preliminar. Os instrumentos utilizados para avaliar o curso foram: questionário sócio-demográfico, questionário sobre a importância e motivação no estudo de métodos de pesquisa e estatística, e uma avaliação dos conteúdos abordados, variando de 0 a 20 (notas maiores significam maior conhecimento), sendo este último aplicado no inicío e término do curso. Quanto aos procedimentos, foi elaborado um cronograma discriminando o número total de encontros (4), os conteúdos abordados e duração dos mesmos (3 horas). O curso foi divido em aulas expositivas e aulas práticas com os seguintes temas: fundamentos da ciência e mensuração, criação de banco de dados, digitação e controle de qualidade dos dados e análise estatísticas. Em relação aos resultados, observa-se que as participantes se encontravam bastante motivadas à participação no curso e, mesmo tendo realizado as disciplinas obrigatórias de métodos de pesquisa e estatística, apresentaram nota mediana igual a 3. Quanto ao pós-teste, a nota mediana foi ligeiramente superior (7,5). As participantes relataram que o instrumento possuía alto nível de dificuldade. Ao analisar as questões individuais, são identificadas as seguintes dificuldades: definição da natureza dos tipos de variáveis (categóricas, ordinais, intervalares, razão), distinção entre significância estatística e clínica, conhecimento dos vieses de resultado da literatura publicada. São destacados como pontos positivos - conhecimentos adquiridos por meio do curso: métodos de controle de digitação dos dados, aplicação dos pressupostos de normalidade para escolha dos testes estatísticos e entendimento da lógica dos testes de hipóteses. Devido à diferença observada nos escores entre as fase pré e pós, pode-se perceber uma modesta melhora dos conhecimentos sobre o tema, indicando um leve avanço, por assim dizer, dos conhecimentos abordados através do curso. Esta modesta melhora pode ser explicada por um provável efeito piso devido à dificuldade percebida da avaliação. Desta forma, sugere-se que as próximas edições do curso devam incluir estratégias que aumentem o efeito, como maior número de aulas, práticas, lições, leituras, etc. Além disso, outro método de avaliação pode ser incluído ou elaborada para avaliar com mais eficácia os conteúdos do curso.

Ensino, estatística, estudantes

Ministério da Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora

FORM

CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE VITÓRIA - ES: ANÁLISE DOS MODELOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS QUE ORIENTAM AS PRÁTICAS DOS PSICÓLOGOS. *Alini Gusmão do Rosário*, Gustavo Roberto da Silva*, Iasmin Libalde Nascimento*, Marina Pandolfi Miranda*, Pedro de Freitas Ferreira*, Paula Pignaton de Almeida*, Rafael da Silveira Gomes (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória – ES)*

Em meio à crescente inserção da Psicologia no campo da Assistência Social, sobretudo nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), novos questionamentos foram feitos em torno do processo de formação dos profissionais da área. Estudos apontam que as práticas empregadas pelos psicólogos que atuam neste campo refletem as grades curriculares pouco voltadas para a discussão de políticas públicas. Esse distanciamento dos conteúdos disciplinares orientados na graduação e as exigências nesses novos espaços pode proporcionar insegurança de cunho teórico e prático na atuação destes profissionais. Dada a importância dos processos de formação para uma atuação profissional mais congruente com as demandas dos espaços em que a psicologia se insere, o presente trabalho teve como proposta nodal analisar os modelos teóricos e metodológicos que orientam as práticas psicológicas exercidas pelos psicólogos nos 12 CRAS do município de Vitória-ES. Para tanto, foram realizadas visitas para observação e familiarização com o funcionamento dos Centros de Referência, além de entrevistas com os profissionais psicólogos que trabalham nesses centros. Tais visitas foram registradas por meio de diários de campo, com as principais observações, impressões, informações e reflexões teóricas e metodológicas dos pesquisadores. O discurso dos psicólogos entrevistados indicou que a graduação ainda se constitui de maneira intimista, privatizada e voltada para clínica individual tradicional. Esses relatos vão ao encontro da literatura quando apontam para um curso que, em sua maior parte, possui grades curriculares que priorizam fundamentalmente a formação acadêmica clínica. Destacou-se na fala dos psicólogos, a angústia gerada pela grande demanda nestes serviços pelo acompanhamento das famílias em situação de risco e a realização de análise socioeconômica para concessão de benefícios da Política de Assistência Social, funções paras quais relatam não terem formação suficiente. Percebe-se que a atuação na proteção social básica exige o conhecimento de alguns aspectos que estão fora do escopo do saber delimitado pela psicologia. Faz-se necessário neste campo, a (re)invenção da atuação pautada nos conhecimentos teórico-práticos, bem como um posicionamento político crítico. Por fim, as entrevistas também apontaram que embora a formação não forneça subsídios teórico-metodológicos específicos para as práticas neste campo, ela oferece meios para promover a emancipação social das famílias acompanhadas pelos programas. Contribuindo ao acolher as demandas subjetivas dos indivíduos, o que favorece o desenvolvimento da autonomia e cidadania. Destacaram que a formação em psicologia permite a construção de ferramentas e formas de atuação, o que pode levar à (e é nesse momento que surge a) angústia citada pela maioria dos profissionais. Ao chegarem ao CRAS, estes questionam suas funções, papéis e ficam na procura de se localizarem nesse ambiente tão diferente das tradicionais práticas em psicologia. A crescente inserção do psicólogo na Assistência, em especial nos CRAS, vem a ser um dispositivo transformador na forma de atuação destes profissionais. Desta forma, problematizar a formação oferecida nas universidades e analisar as práticas empregadas pelos psicólogos nestes espaços torna-se essencial.

Atividade do Psicólogo; Centro de Referência em Assistência Social (CRAS); Formação.

Capes (Programa de Educação Tutorial em Psicologia – FNDE)

FORM

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O ATENDIMENTO AOS PAIS EM PSICOTERAPIA BREVE INFANTIL E AS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: ALGUMAS OBSERVAÇÕES. *Maria Regina Brecht Albertini*

Considerando que a criança se constitui e se desenvolve a partir de seu contexto familiar, o processo realizado em psicoterapia breve infantil envolve não somente o atendimento à criança, mas também o atendimento aos pais. Nesse sentido, procura-se uma compreensão da dinâmica familiar para ampliar o entendimento dos conflitos da criança. A psicoterapia breve, entendida como um modelo de atendimento clínico com objetivos delimitados e número de sessões também planejados, tem como meta oferecer a ajuda mais completa possível durante o processo. Diversos trabalhos indicam a importância da atenção que deve ser dada aos pais de crianças em psicoterapia, corrente vigente na prática clínica com crianças, mas os procedimentos ainda precisam ser aprimorados. A partir da compreensão de que as configurações familiares se transformaram nas últimas décadas, não é possível ignorar as novas possibilidades de formação do grupo familiar decorrentes, por exemplo, da separação dos pais biológicos da criança que está em atendimento. Nesses casos, qual o procedimento deve ser adotado nos atendimentos aos pais? Atender somente quem procurou ajuda para a criança ou ambos os pais? O atendimento deve ser junto ou separado? Nesse domínio de questões, o objetivo deste trabalho é destacar e analisar alguns aspectos importantes sobre o manejo clínico nessas situações, considerando a necessidade de atender os pais na psicoterapia de crianças sem criar uma situação mais difícil do que aquela que originou o pedido de ajuda. Assim, a discussão deste trabalho foi pautada na experiência de dois estagiários em Psicoterapia Breve Infantil em uma clínica-escola. Todos os atendimentos foram registrados em relatórios que continham a descrição do procedimento, uma análise do material clínico, além de um relatório final de conclusão. Os resultados apontaram a necessidade de uma flexibilização das regras clássicas instituídas para os atendimentos a pais, como a presença de uma cautela maior em relação ao sigilo no atendimento aos pais separadamente e a oferta de uma disponibilidade maior de tempo semanal dos alunos para o estágio. Os resultados permitiram ampliar a discussão tanto em relação ao modelo de atendimento quanto ao modelo de estágio. A compreensão de que os atendimentos requerem procedimentos que atendam às especificidades das configurações familiares vigentes ficou claramente evidenciado.

FORM

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERFIL DA CLIENTELA E AVALIAÇÃO SOBRE O ATENDIMENTO DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA. *Michela Rodrigues Ribeiro (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO e Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF), Juliana Rodrigues Santos*, Ludimilla Adilia Winder* (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO)*

As clínicas-escola de Psicologia são importantes espaços de formação dos alunos de Psicologia. Em geral, os atendimentos do estagiário podem ocorrer de um a três semestres, com sessões semanais a cerca de dois a quatro clientes, com supervisão de um professor a um grupo de estagiários. As clínicas oferecem atendimento gratuito (ou a valores simbólicos) à comunidade e os clientes podem buscar atendimento espontaneamente, sem necessidade de encaminhamentos. Este modelo tem sido largamente utilizado pelos cursos de graduação em Psicologia e parece ser interessante avaliar o perfil da clientela dessas clínicas e a efetividade dos atendimentos oferecidos pelos alunos. O objetivo do presente estudo foi realizar um levantamento amplo sobre a clientela atendida e o atendimento oferecido por uma clínica-escola de Psicologia. Foram avaliados os prontuários de 835 clientes atendidos durante o período compreendido entre 03/04/2003 e 15/12/2010 na Clínica-Escola Vida da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em Goiânia. A coleta de dados foi realizada a partir de consultas aos prontuários que estavam arquivados em pastas ou armários da clínica, registrando as seguintes informações: nome, data de nascimento, gênero, cidade, escolaridade, renda familiar, data de inscrição, início do atendimento, fim do atendimento, número de sessões, tipo de atendimento, abordagem, supervisor, motivo do término e queixa(s). Os dados referentes à(s) queixa(s), descrita(s) no resumo da entrevista de triagem, foram transcritos em frases curtas ou palavras-chave e, posteriormente, foram categorizados conforme as seguintes categorias: (1) problemas externalizantes, (2) problemas internalizantes, (3) dificuldades escolares/cognitivas, (4) dificuldades de relacionamento, (5) problemas fisiológicos/físicos, (6) outras, e (7) não consta registro de queixa. Os clientes atendidos tinham idades variando de 2,1 anos a 89,9 anos, com média de idade de 27,3 anos. A escolaridade variou de analfabeto a nível de pós-graduação, sendo que a maioria tinha apenas nível fundamental incompleto de escolaridade. Dos dados válidos foi observado que os atendimentos duraram 11 sessões em média (variando entre 1 sessão à 145 sessões). Os atendimentos ocorreram nas seguintes modalidades: avaliação neuropsicológica, psicomotricidade, terapia individual, terapia em grupo, terapia familiar e vários. Dentro dessa amostra, a modalidade mais comum de atendimento foi a terapia individual. Os atendimentos foram realizados de acordo com as seguintes abordagens: cognitiva, comportamental, fenomenologia, gestalt, psicanálise, psicodrama e transpessoal. A maioria dos atendimentos ocorreu na abordagem do psicodrama para adultos e idosos e avaliação neuropsicológica para crianças. Foram registrados também os motivos para o término do atendimento que poderiam ser: alta, desistência do cliente, encerramento do estágio do aluno, encaminhamento a outro profissional, número de telefone inexistente impossibilitando o contato com o cliente, indisponibilidade de horário do cliente, ausência desde a primeira sessão, desistência do terapeuta ou sem registro no prontuário. Para a maioria dos casos, não houve registro no prontuário sobre o término do atendimento, entretanto quando houve registro, a maioria dos atendimentos foi encerrado em função de desistência do cliente. A análise de tais informações pode ser útil para o planejamento de estratégias de aperfeiçoamento dos atendimentos oferecidos pelas clínicas-escola de Psicologia.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Formação em Psicologia, clínica-escola, queixas

FORM

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDIO DE DEMANDA PARA LA CREACIÓN DE POSTGRADOS DE PSICOLOGÍA EN LA UNIMET. *Elena Franklin de Martínez, Diana Carolina Aguilar, Paula Latorre,Laura Segovia (Universidad Metropolitana, Caracas-Venezuela)*

La presente investigación tuvo como objetivo estimar la demanda de nuevos estudios de postgrado en Psicología en la Universidad Metropolitana, transcurridos siete (7 años) de la creación de la Licenciatura en Psicología en esta casa de estudios. El estudio se enmarcó bajo el paradigma cuantitativo y consistió en un estudio descriptivo tipo encuesta. Se realizó bajo un diseño de tipo no experimental ya que no hubo control directo sobre las variables a estudiar, de tipo transeccional de acuerdo a su dimensión temporal. La investigación también se caracterizó por ser un estudio de campo, dado que a los sujetos se les aplicó el instrumento en el escenario natural en el que se desempeñan (estudio ó trabajo). La muestra, fue no probabilística, de carácter intencionada, ya que los sujetos fueron seleccionados según características especificas que requería la investigación. Estuvo conformada por 300 personas, 197 estudiantes del último año de las tres (3) universidades de Caracas donde se imparte la carrera de Psicología (UCAB, UNIMET, UCV) y 103 profesionales en Psicología y/o profesionales de carreras afines. Se diseñó, validó y aplicó un instrumento sencillo que constaba de 14 preguntas, para luego tabular las respuestas y expresarlas en relación a variables sociodemográficas y actitudes personales que anteceden a una toma de decisión. Entre los resultados de mayor relevancia se encontró que los principales motivos de escogencia de una Universidad para realizar estudios de postgrado son: reconocimiento nacional e internacional, prestigio y buenos profesores, sobre otros considerados de menor importancia como tipo de universidad (pública o privada), ubicación y costos. Un 66% de los encuestados manifestó estar interesado en cursar estudios de Postgrado de Psicología en la Universidad Metropolitana, no obstante un 48% también aspira estudiar postgrados fuera de Venezuela. El análisis de la demanda apunta a una mayor viabilidad de apertura de determinados postgrados que la Escuela de Psicología de la Universidad Metropolitana se ha planteado como posibilidad ofertar, en primer lugar, Técnicas de Diagnóstico y Abordajes Terapéuticos, en segundo lugar, Dinámica de Grupos y en tercer lugar, Neuropsicología Aplicada. Los niveles de especialización y maestría en las áreas nombradas fueron más demandados que los estudios de Diplomado, por lo que la Escuela deberá trazarse metas a corto plazo en cuanto al diseño y proceso de aprobación por parte de las autoridades competentes de estas opciones de Postgrado. La modalidad presencial y semipresencial resultó de mayor preferencia sobre la virtual y el horario vespertino-nocturno durante los días laborales de lunes a jueves, más atractivo que el horario intensivo de fines de semana.

Palabras clave: Demanda, Estudios de Postgrado en Psicología, Universidad Metropolitana.

PD

FORM - Formación en Psicología

A CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DO CONCEITO DE MEMÓRIA NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA MODERNA: BREVES EXPLANAÇÕES. *Pâmela Pitágoras Freitas Lima (Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Vitória da Conquista, BA)*

A Psicologia Moderna, desde seu reconhecimento enquanto uma ciência autônoma, nos meados do século XIX, buscou tratar da temática da memória como uma das instâncias primordiais para o conhecimento da subjetividade. Dos pioneiros aos já clássicos autores da Psicologia, a memória sempre foi tratada como uma faculdade humana, sendo esta considerada uma instância individual. No nascedouro da Psicologia, o fascínio que o tema da memória exerceu sobre os primeiros psicólogos, resultou em uma busca por sua conceituação, em se conhecer seu funcionamento e nos possíveis e múltiplos efeitos para o ser humano. Neste início, não foram descartadas as diversas formas de investigação sobre a memória, desde as pesquisas experimentais no campo anatômico-fisiológico, até as que abordavam a memória nas relações coletivas. Com o advento nas últimas décadas do século XIX dos laboratórios de pesquisa que visavam estudar experimentalmente os considerados "fenômenos psicológicos superiores", autores como Wilhelm Wundt e Hermann Ebbinghaus, além daqueles atribuídos as escolas pioneiras do funcionalismo e do estruturalismo deram os primeiros passos para se estudar a memória. Identifica-se historicamente na Psicologia uma preocupação em compreender os mecanismos que envolvem a memória, mas não em destacá-la também como um fenômeno socialmente construído. Esta lacuna atraiu autores como Frederic Bartlett, Sigmund Freud, Lev Vigotski, entre outros. Estes receberam destaque por não limitarem suas construções teóricas a cerca da memória como apenas uma faculdade individual, contribuindo desta forma para ampliar a noção de memória social na Psicologia. Contudo somente a partir da década de 70 do século XX, mesclando as contribuições da Psicologia Social, principalmente nas produções de conhecimento sobre a cognição social e a Teoria das Representações Sociais, em conjunto com a releitura da obra de Maurice Halbwachs, é que a Psicologia estendeu seu campo de estudo para se pensar uma memória enquanto fenômeno psicossocial. A memória social então passou a ser compreendida tanto como a ação de redesenhar o passado, quanto como a representação formal deste por determinados atores ou grupos sociais. Foram as contribuições da Sociologia que os estudos da memória ganharam qualitativamente uma inegável relação com o meio social, ampliando sua compreensão para além da esfera individual. È objetivo deste trabalho realizar uma breve revisão teórico-conceitual sobre a memória, tomando-a enquanto um fenômeno psicossocial, apoiando-se nas contribuições da Psicologia. Inicialmente, será levantado como a memória começou a ser estudada pelo viés mais fisiológico e funcional, através de um sucinto histórico conceitual desde os primórdios da ciência psicológica, até as atuais pesquisas consideradas no campo da memória psicossocial.

História da Psicologia; Memória; Psicologia Moderna.

HIST

A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO NA OBRA DE ARTHUR RAMOS DA DÉCADA DE 1930. *Bruna Kaori de Almeida (UNESP)*

Este trabalho tem por objetivo investigar a importância dos trabalhos psicanalíticos de Arthur Ramos dedicados à educação no contexto científico, cultural e social brasileiro da década de 1930, bem como situar estes em relação à psicanálise da época, identificando suas principais influências teóricas e estabelecendo as relações entre as obras psicanalíticas do autor e as propostas da Escola Nova junto à educação brasileira da época. Arthur Ramos é considerado um dos precursores da psicanálise no Brasil e a partir da década de 1930, ao começar a atuar na Clínica de Ortofrenia e Higiene Mental do Rio de Janeiro, a psicanálise passou a ter maior espaço em sua obra. Utilizamos uma metodologia própria aos trabalhos de investigação histórica da psicanálise e enfocamos a abordagem contextual, que consiste em estabelecer relações entre a psicanálise e outros campos do saber, bem como explicitar as influências que ela sofreu ao longo de sua história e os efeitos que exerceu.

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ANÁLISE SOBRE ALGUMAS TEORIAS ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE MENTE E CÉREBRO. *Rafael Monho Pinto Ribeiro (Universidade Anhembi Morumbi)*

Introdução: Algumas questões filosóficas permanecem durante séculos sem uma solução definitiva, apesar de serem revisitadas e aprimoradas por diversos teóricos. Embora seja notável um progresso quanto ao entendimento de seu conteúdo, várias questões ainda são de difícil solução. A partir dos avanços ocorridos no campo das ciências nas últimas décadas, muitos pesquisadores retomaram antigas questões com o objetivo de encontrarem soluções definitivas. Uma das questões refere-se às relações que envolvem elementos de naturezas distintas, como a relação entre o imaterial e material ou entre a alma e corpo. Atualmente os estudiosos concebem tal problema por meio de questionamentos sobre a relação entre mente e cérebro. Alguns importantes acontecimentos estimularam uma nova reflexão sobre este antigo problema mente-cérebro, como o surgimento da neurofisiologia, da psicologia cognitiva, e o desenvolvimento da inteligência artificial. Todos esses acontecimentos resultaram em uma revolução sobre o domínio das questões sobre a mente e possibilitaram uma nova visão acerca do entendimento dos processos cognitivos, dos estados de consciência e da própria natureza sobre o que deve ser entendido por "mente". Objetivos: O desenvolvimento deste estudo teve como objetivo compreender e analisar as bases e os fundamentos de diferentes teorias modernas que se propõem a solucionar as relações entre mente e cérebro. Método: este é um estudo teórico que focou na análise de cinco obras de diferentes autores que exploraram a relação em estudo. Desta forma, este estudo se concentrou em estabelecer relações entre as teorias mais influentes sobre o tema mente e cérebro e suas implicações para futuros debates no âmbito da Psicologia e das Neurociências. Resultados: detectou-se que o problema mente e cérebro possui explicações teorias múltiplas e distintas. A primeira e talvez mais conhecida deriva-se da visão dualista. Aqueles que defendem o dualismo entendem que o cérebro nunca pode ser capaz de explicar a existência de eventos mentais, deste modo, cada indivíduo deve ser visto como uma entidade não-física (alma ou mente), responsável por toda a produção dos eventos mentais. Uma posição diametralmente oposta a esta pode ser encontrada nas afirmações do chamado "materialismo estrito", onde é afirmado que a mente não é nada mais do que o cérebro em funcionamento. O Behaviorismo Analítico surge como uma terceira teoria para esclarecer as questões entre mente e cérebro com forte influência do filósofo Gilbert Ryle. Este entendia que tanto a visão dualista, quanto aquela relacionada ao materialismo estrito, estavam equivocadas uma vez que a mente deveria ser entendida como um padrão de comportamento. Conclusão: O debate acerca da questão mente e cérebro avançou muito nas últimas décadas, com uma crescente aceitação por parte da comunidade científica acerca das perspectivas oriundas do behaviorismo analítico e do materialismo estrito (apoiado pelas recentes descobertas da neuropsicologia), em detrimento da aceitação da concepção dualista cartesiana.

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CONTRIBUIÇÃO DE CAROLINA BORI PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA: ANÁLISE HISTÓRICA DE PUBLICAÇÃO. *Gabriel Vieira Candido (Universidade do Oeste Paulista – Unoeste – Presidente Prudente, SP; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FFCLRP/USP – Ribeirão Preto, SP) e Marina Massimi Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FFCLRP/USP – Ribeirão Preto, SP)*

Carolina Martuscelli Bori (1924 - 2004) tem sido descrita como um dos grandes nomes da ciência brasileira. Teve colaboração indispensável e militante na formação de docentes/pesquisadores, na implantação de cursos e laboratórios de Psicologia Experimental, na introdução e difusão da Análise Experimental do Comportamento, a atuação em associações e órgãos de fomento, na divulgação da ciência, entre outras. Diversos de seus trabalhos estão divulgados em artigos que profissionais que atuaram com Carolina Bori. Contudo, os artigos de sua própria autoria são pouco conhecidos ou citados. Este trabalho foi realizado com o objetivo de analisar historicamente os textos acadêmicos publicados por esta pesquisadora brasileira, buscando aquilo que for recorrente e mudanças ocorridas. A busca por textos foi realizada a partir do Currículo Lattes, referência de artigos sobre Carolina Bori, e publicações localizadas na biblioteca do Instituto de Psicologia da USP. Serão analisados artigos, capítulos de livro e tese de doutorado de Carolina Bori, localizados. Ao todo, 17 trabalhos publicados foram analisados e divididos em Formação do Psicólogo (Experimentação e laboratórios de psicologia), Estudos de Fenômenos Psicológicos (Motivação, Personalidade e Outras Pesquisas) e Relato de experiência. A análise aponta que a importância dada à experimentação para a formação do psicólogo e construção de conhecimento em Psicologia são temas constantes e abordados com grande semelhança. A construção do conhecimento é um tema constante em todos os artigos publicados, seja na divulgação de suas pesquisas, relato de experiência em que o resultado houve construção de conhecimento ou mesmo em artigos teóricos sobre experimentação. Apesar de seus artigos teóricos serem de grande peso, com várias citações de autores importantes na história das ciências e discussão de aspectos fundamentais de cada tema discutido, percebe-se um número maior de artigos que discutem ensino e formação de psicólogos, seja pela inovação metodológica que discutia, seja pela defesa de aspectos que ela reconhecia como fundamentais, por exemplo, a experimentação. Além disso, diversos outros trabalhos foram realizados por Bori visando a construção de conhecimento para aplicação. Faz críticas à alguns modelos de intervenção, utiliza, analisa e discute o uso de testes psicológicos e técnicas estatísticas, mas não faz nenhuma referência direta à qualquer modalidade de intervenção psicológica, a não ser na educação. Por fim, quanto aos Relatos de Experiência, em geral são apresentações do período em que esteve na UnB e o contato que teve com o professor norte americano Fred S. Keller.

Carolina Bori, Psicologia Experimental, Fred Keller

HIST

CONTRIBUIÇÕES DE LUDWIG WITTGENSTEIN ÀS IDEIAS DE SIGMUND FREUD. *Rafael Monho Pinto Ribeiro (Universidade Anhembi Morumbi)*

Introdução: Ludwig Wittgenstein é considerado por muitos estudiosos como sendo um dos pensadores mais importantes do século XX. Este pensador produziu duas filosofias assimetricamente opostas, porém complementares. Na primeira delas, classificada como filosofia analítica, o autor deu continuidade às discussões provenientes dos trabalhos de Gottolb Frege e Bertrand Russel. Na segunda, Wittgenstein proporcionou um modo totalmente novo de pensar, publicado em sua obra intitulada Investigações Filosóficas. Entre os anos 1942 e 1946, Wittgenstein teve uma série de conversas com o filósofo Rush Rhees acerca das ideias de Sigmund Freud. O farto material destas conversas foi compilado por Rhees e publicado posteriormente. Desta forma, este material proporciona a possibilidade de se compreender a análise crítica de Wittgenstein a um dos mais influentes psicólogos do século XX. Objetivos: analisar e compreender os fundamentos das críticas que Wittgenstein realizou em relação às ideias expressas por Freud durante o período de 1942 à 1946. Método: este estudo caracterizou-se como teórico exploratório e teve como prioridade a análise e compreensão de Wittgenstein das conversas deste pensador com Rhees em relação à algumas ideias de Sigmund Freud. Como forma de se aprofundar a compreensão de certos conceitos destacados por Wittgenstein algumas obras por ele citadas em suas conversas que embasassem suas argumentações. Resultados: A crítica central que Wittgenstein fez a Freud baseou-se na distinção que o filósofo realiza entre causa e a razão. A ideia de causa expressaria uma relação necessária entre dois possíveis eventos, sendo que um deles seria responsável pelo surgimento de outro, como ilustra este exemplo: o fato A é a causa de B. Assim, seria passível de ser verificado e observado por meio da regularidade de fatos A que levaram à B. Desta forma, causas estariam no âmbito do conhecimento científico, sendo passíveis de observação e previsão. Diferentemente, as razões, seriam justificativas para ações de modo que uma determinada ação poderia ter diferentes razões. Deste modo, razões seriam justificativas para ações, mas não seriam passiveis de observação empírica, nem mesmo de previsão. Além disso, outra crítica que Wittgenstein fez à Freud foi que Freud tomava suas explicações como causas, quando na verdade, eram razões, comprometendo o projeto da psicanálise enquanto ciência. Conclusão: Foi possível detectar que Wittgenstein era bastante crítico a algumas ideias psicanalíticas de Freud, destacando que havia noções bastante importantes, como a de "simbolismo onírico", chegando até mesmo considerar-se um discípulo e seguidor de Freud.

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CRIAÇÃO DE ARQUIVO EM HISTÓRIA DOS SABERES PSICOLÓGICOS E DA PSICOLOGIA NO BRASIL: ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DO ARQUIVO PESSOAL DA PROFª DRª MARINA MASSIMI. *Eneida Nogueira Damasceno, Marina Massimi – (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto – SP)*

O objetivo principal deste trabalho consiste na criação e disponibilização de um arquivo de documentos em História dos Saberes Psicológicos e da Psicologia no Brasil, a partir da organização e classificação do arquivo pessoal da Profª Drª Marina Massimi. A execução deste trabalho visa facilitar o acesso de pesquisadores e estudantes, bem como da própria professora Massimi às informações contidas neste fundo documental. Pretende-se ordenar estes documentos históricos de forma prática e simples, de modo a possibilitar a continuidade de sua organização, facilitando a introdução de novos documentos informativos, uma vez que se trata de um arquivo ativo, pois a referida professora encontra-se no exercício de suas funções acadêmicas. Facilitar o acesso a documentos históricos faz-se uma tarefa relevante, a multiplicação rápida das informações na era globalizada necessita de um proporcional acompanhamento arquivístico. Marina Massimi é Professora Titular da Universidade de São Paulo – USP – Campus de Ribeirão Preto. Atua na área da História da Psicologia e sua linha de pesquisa é a História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira. Seu arquivo constitui-se em um vasto fundo documental, por ter sido formado ao longo de suas atividades de pesquisas desenvolvidas em arquivos do Brasil e do exterior, seu acervo contém fontes documentais raras e significativas para as áreas citadas acima. Nosso trabalho, no momento, concentra-se em organizar e disponibilizar os documentos compilados ao longo da vida acadêmica da professora Massimi, que se encontram guardados em 100 caixas-arquivo, tendo como suporte o papel, uma vez que o acervo compõe-se de informações registradas em outros suportes como Microfilmes; fitas K7; diapositivos; disquetes; CDs e pen-drives. A pedido da referida professora, o planejamento da organização de seu arquivo pessoal deveria ter como base sequencial o seu Memorial, elaborado em 2008. Tendo em vista a descrição de sua vida científica e acadêmica relatada em entrevista prévia e em seu Memorial, estabeleceu-se o plano de trabalho e a escolha do método. Optou-se pela utilização do método funcional, com a técnica de ordenação de documentos por ordem numérica simples. O acervo foi dividido em grupos específicos, sendo o grupo a que nos dedicamos neste momento denominado: Grupo 1 – Produção Científica – Suporte: papel. Este grupo, por sua vez, foi subdividido de acordo com a sequência estabelecida no Memorial. Cada subgrupo recebeu uma ordenação numérica independente, facilitando, assim, a introdução de novos documentos. Com o planejamento determinado, procurou-se o auxílio de um profissional de informática, no sentido de viabilizar o programa. O planejamento ganhou forma no programa Microsoft Office Excel. Desenvolveram-se planilhas com campos específicos para a descrição do documento, sem, no entanto, fechá-los a possíveis descrições complementares. Considerando que o trabalho realizado já se encontra parcialmente disponibilizado, viabilizando a consulta e o acesso ao documento de forma rápida e simples e que a introdução de novos documentos pode ser efetuada a qualquer momento, devido à flexibilidade da organização do arquivo, pode-se concluir que os objetivos foram alcançados.

Arquivo; História da Psicologia; Documentos históricos

CNPq

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDO HISTÓRICO DA PROPOSTA PSICOLÓGICA DE J. B. WATSON: UMA ANÁLISE CONTEXTUAL. *Fernando Tavares Saraiva, Laís Mororó Corrêa (Universidade de Fortaleza)*

O presente artigo constitui-se como uma revisão bibliográfica, de caráter histórico, que objetiva apresentar a proposta de psicologia de John Broadus Watson, tradicionalmente denominada "behaviorismo metodológico", analisando-a a partir do contexto cultural e filosófico que possibilitou sua emergência. A proposta behaviorista de Watson surge em contraposição às abordagens psicológicas predominantes no fim do século XIX e início do século XX. Neste período, o uso da introspecção, método majoritariamente adotado para estudo do tradicionalmente eleito objeto da Psicologia, ou seja, estados da consciência ou "estados mentais", vinha sendo questionado, uma vez que não gerava dados confiáveis e passíveis de reprodução, devido à excessiva subjetivação envolvida no processo de análise. Desta forma, Watson buscou romper com este vigente modelo, propondo que a Psicologia deveria adotar método semelhante àquele utilizado pelas ciências naturais. Elimina, assim, o uso da introspecção. Para tal intento, fazendo uso do modelo evolucionista de Darwin e das pesquisas fisiológicas realizadas por Pavlov, Watson propõe, além da mudança quanto ao método utilizado, a adoção do comportamento observável como objeto de estudo da Psicologia. Em 1913, após uma série de palestras, publica o artigo “Psicologia como o behaviorista a vê”, que ficará posteriormente conhecido como "manifesto behaviorista", e no qual apresenta as suas principais ideias quanto a esta nova perspectiva da Psicologia, que, da forma como era apresentada, seria capaz de superar os entraves epistemológicos e ontológicos enfrentados por esta área de conhecimento. Nesta obra, é possível identificar influências de diversas correntes filosóficas e científicas, que ajudaram a balizar o desenvolvimento do behaviorismo watsoniano: mecanicismo, determinismo, interacionismo, empirismo, materialismo, positivismo, positivismo lógico, funcionalismo, pragmatismo, tropismo, evolucionismo, associacionismo e estudos avançados em fisiologia. Este quadro de influências aponta o artigo de Watson como elemento convergente de diversas posições no meio científico que ansiavam por uma revisão no modo de produção de conhecimento em psicologia. No entanto, devido ao seu polêmico conteúdo, o artigo de Watson não foi tão bem aceito na ocasião. Ainda hoje, é bastante questionado pela comunidade acadêmica, gerando, inclusive, equivocadas análises sobre a proposta de psicologia apresentada. Pode-se pontuar que algumas destas equivocadas leituras devem-se a exames parciais da produção bibliográfica de Watson. Uma vez que o "manifesto behaviorista" adquiriu um reconhecido valor histórico, tem sido prática comum, ao se discutir a proposta behaviorista do autor, levar-se em consideração apenas a referida obra. Apesar de suas principais idéias para o desenvolvimento de uma psicologia de caráter científico estarem postuladas nesta obra, importantes questões, como, por exemplo, o estabelecimento de seus compromissos ontológicos e epistemológicos, apenas seriam discutidas com clareza em produções acadêmicas posteriores. Tal estabelecimento tardio de aspectos essenciais à sua proposta de psicologia pode ser compreendido à luz da própria natureza de seu manifesto: ao adotar uma necessária postura de rompimento em relação às psicologias desenvolvidas até aquele período, o autor acaba por enfatizar discussões quanto ao método a ser utilizado, em detrimento do delineamento claro da natureza de seu objeto. Esta ênfase no aspecto metodológico seria responsável, inclusive, pela tradicional classificação da proposta behaviorista de Watson como "behaviorismo metodológico", a despeito de apresentarem posicionamentos ontológicos e epistemológicos diferenciados. Desta forma, parece claro que um estudo da obra de Watson focado apenas em seu "manifesto behaviorista"

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

aponta para uma possível distorção quanto à compreensão de sua proposta de psicologia científica.

Historiografia da ciência, Behaviorismo metodológico, J. B. Watson

HIST

NOTAS SOBRE A EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE PERVERSÃO: DO DISCURSO JURÍDICO AO DISCURSO MÉDICO. *Lucas Carvalho Peto*, Danilo Saretta Verissimo (Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP).*

Neste trabalho, discutimos a emergência do conceito de perversão a partir do declínio do poder jurídico sobre a sexualidade, âmbito que, ao longo da modernidade, foi apropriado pelo discurso da medicina. Vislumbramos a compreensão histórica como estudo do "aperfeiçoamento" das tecnologias discursivas. No tema que nos ocupa, trata-se de analisar, no que tange às práticas sexuais, o sistema de correlação entre os mecanismos religiosos, jurídicos e médicos. Nosso trabalho baseia-se, principalmente, nos escritos de Foucault e Roudinesco. Na Europa Ocidental, entre os séculos XV e XVIII, observou-se um esforço para engendrar uma visão do corpo e das práticas sexuais compatível com a ordem social, com o respeito à religião e com o contínuo aumento demográfico. O corpo e as práticas sexuais eram circunscritos, primordialmente, por três discursos, funcionando em concomitância: o religioso, o legislativo e o médico. Em conjunto, visavam disciplinar as funções reprodutivas do corpo, reprimindo as desordens do sexo em prol de normas partilhadas pelo campo social e espiritual. Lançando mão de tecnologias que objetivam menos a reprovação e a punição do que a reparação, o discurso jurídico da Europa do Antigo Regime debruçava-se sobre as práticas sexuais conjugais, único locus autorizado da sexualidade, e, através do controle destas, vislumbra a possibilidade de disciplinar os corpos e seus instintos. As incitações econômicas e políticas demandavam uma sexualidade útil: práticas regulares e administradas pelo poder público em prol do aumento populacional. Surge, assim, a necessidade de regulamentar as práticas sexuais visando à ordem e ao fortalecimento do Estado. A partir de 1810, o código penal francês, produto da Revolução Francesa, modifica profundamente a legislação vigente. Com as novas leis, desaparecem os crimes de falta moral, que passam a configurar infração às leis naturais, morais ou religiosas, desligando-se do campo jurídico. Desde o fim do Antigo Regime as preocupações demográficas foram minimizadas. Neste contexto, o discurso jurídico desenvolvido a partir do século XIX intenta menos uma defesa da sociedade do que a reforma psicológica das atitudes e do comportamento. Passa-se do problema jurídico da responsabilidade à periculosiadade individual. Isso decorre da nova disposição, a saber, o interdito ao magistrado do controle primário sobre a sexualidade. A medicina propõe à burguesia uma moral de segurança modelada pela positividade da ciência. O esforço decai não mais sobre o controle do que fizeram os indivíduos, e a conformidade de seus atos com a legislação, mas sobre o que estão na iminência de fazer. Dos corpos é retirada qualquer história, íntima ou coletiva, corpos a-históricos reduzidos à pura fisiologia. O discurso médico-positivo, atráves de re-educação, adaptação, e não mais de punição, pretendia eliminar taras e restaurar ao padrão ótimo os degenerados. Nesse discurso, referendado pela positividade da ciência, refere-se à perversão como expressão de aberrações congênitas, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas e exasperações mórbidas. Logo, ganha primazia, a partir do século XIX, um discurso científico-positivo em que se concebe a perversão como patologia biológica, hereditária e orgânica. Circunscrita pelo discurso médico-positivo, a perversão torna-se sinônimo de anormalidade fisiológica, desvios orgânicos, anatomia monstruosa, morfologia desviante.

IC

História das idéias psicológicas, perversão, história

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
HIST

O BEHAVIORISMO DE J.B.WATSON E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PUBLICIDADE NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA. *Carmen Silvia Porto Brunialti Justo**, Marina Massimi (Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/SP).*

O objetivo desse trabalho é apresentar as contribuições das pesquisas e da aproximação do psicólogo americano John Brodus Watson (1878-1958), fundador do Behaviorismo, movimento que influenciou os estudos da psicologia no início do século passado, para o desenvolvimento das técnicas e atividades publicitárias no período de 1920 a 1950, numa perspectiva histórica. Após ser afastado da universidade que atuava nos Estados Unidos, como docente, Watson ingressou numa grande agência de publicidade e passou a usar a teoria do behaviorismo para aprimorar técnicas publicitárias na criação de campanhas e estimular a compra de diferentes produtos e serviços. Nessa agência aplicou os seus estudos na área de predição e controle do comportamento e conduziu trabalhos sobre pesquisa de mercado, treinamento de pessoal e encabeçou a criação e desenvolvimento de muitas campanhas de publicidade na década de 1920 para grandes marcas e anunciantes. A carreira de Watson na publicidade foi discutida e criticada, principalmente, porque encontrou, nessa área, terreno fértil para exercer um trabalho de psicologia aplicada sobre as questões do comportamento humano. Watson foi trabalhar na área que mais enfatizava, no início do século passado nos Estados Unidos, o controle social do comportamento – a indústria da publicidade. Muitas dessas técnicas foram incorporadas pelas principais agências e publicitários dessa época e, na atualidade, ainda são pontos de referência para o aprendizado e formação dos graduandos em publicidade e propaganda. As bases para o conceito de consumidor e para o crescimento das relações de consumo no início do século tornaram-se uma obsessão do governo e do capitalismo americano, onde as teorias sobre relações mercadológicas e marketing se enraizaram e lançaram seus fundamentos para todo o mundo. Para realizar o percurso histórico desse trabalho foram analisados o contexto de fundação do behaviorismo, do marketing e da publicidade nos Estados Unidos e como esses estudos contribuíram para o crescimento da nação americana. Para analisar as influências da teoria behaviorista na área da publicidade foram analisadas as contribuições a respeito de diferentes autores nas áreas do marketing, da psicologia e da publicidade. A conclusão final aborda como a construção do conceito de consumidor, a partir do início do século, se reflete até hoje na atividade publicitária no mundo inteiro.

Behaviorismo, história dos saberes psicológicos, história do marketing.

HIST

O CONCEITO DE SUBJETIVIDADE EM EDITH STEIN: CONTRIBUIÇÕES PARA A FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA. *Carolina de Resende Damas Cardoso**, Marina Massimi ((Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – SP)*

Edith Stein (1891-1942) foi uma proeminente discípula de Edmund Husserl (1859-1938), fundador da corrente teórico-metodológica da Fenomenologia. Seguindo de maneira fiel ao mestre, contudo fornecendo contribuições autênticas à escola fenomenológica, Stein, ao longo de sua trajetória, ocupou-se principalmente da temática da estrutura da pessoa humana e da fundamentação daquelas ciências que possuem o homem como objeto de estudo. Dentre estas ciências, destaca-se a Psicologia Científica, uma das disciplinas que interessavam especialmente à filósofa, tendo em vista sua própria formação acadêmica inicial. Nesse sentido, o presente trabalho visa apresentar as contribuições que a Fenomenologia de Edith Stein pode fornecer para a fundamentação filosófica da Psicologia enquanto ciência rigorosa da subjetividade. Dentro da perspectiva da Historiografia da Psicologia Científica, utilizamos como fonte primária a obra Introdução à Filosofia de Stein. A Fenomenologia surgiu para questionar a oposição filosófica dada historicamente a partir da Idade Moderna, entre subjetividade e objetividade, criticando uma das principais decorrências da mesma, o psicologismo – posição epistemológica que afirma que os processos psicológicos básicos constituem o fundamento da lógica e de toda a teoria do conhecimento, sendo que competiria à Psicologia Científica (empírica e experimental) estudá-los. A proposta fenomenológica firma-se sobre o conceito de consciência intencional, de modo que tal estrutura é o fator que permite superar a polarização entre sujeito e objeto do conhecimento. Sendo a análise da consciência intencional o objeto, por excelência, das reflexões fenomenológicas, a análise da estrutura do sujeito torna-se fundamental para a formulação de teorias do conhecimento, todavia, sem recorrer às premissas do psicologismo. À Fenomenologia, cabe o esclarecimento de conceitos fundamentais que as ciências empíricas pressupõem em sua prática. As contribuições de Edith Stein à Psicologia Científica ocorrem justamente a partir da fundamentação que a filósofa nos oferece a respeito do conceito de subjetividade ancorado no conceito de pessoa humana, como unidade indivisível de corpo e alma. Esta definição, contudo, não é uma premissa a partir da qual seguir deduzindo consequências filosóficas e até mesmo práticas, mas é resultado de uma análise fenomenológica minuciosa sustentada pela emergência de evidências fenomênicas. A alma constitui o princípio vital, sinal de uma interioridade formada pela estrutura psíquica que, por sua vez, possui qualidades sensíveis (proveniente das sensações corpóreas) e espirituais (provenientes da intencionalidade da consciência racional). Somente é possível apreender a vida anímica de uma pessoa por meio da expressividade de seu corpo, através das vivências intencionais da percepção externa, percepção interna e empatia que devem, portanto, ser consideradas na metodologia das ciências que pretendem o conhecimento de pessoas humanas. Nesse sentido, a experiência do próprio psicólogo pesquisador deve constituir a base das investigações com sujeitos humanos. Orientada, então, pelo método fenomenológico, Stein apresenta uma nova concepção de subjetividade que compreende também a própria corporeidade. Fornece, desta maneira, uma fundamentação gnosiológica mais consistente à Psicologia, herdeira desde sua origem como disciplina científica, de concepções filosóficas enraizadas no dualismo cartesiano

Subjetividade; Edith Stein; Psicologia Científica

FAPESP

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PSICOLOGIA: HISTÓRIA DA PROFISSÃO E MOMENTO CONTEMPORÂNEO. *Tatiana Machiavelli Carmo Souza** (Universidade Federal de Goiás), Dinôr Ferreira Borges*, Juliana Aparecida de Souza* (Universidade de Franca)*

O estudo da história e epistemologia da Psicologia revelam dois aspectos importantes acerca da constituição da profissão no contexto brasileiro: (a) a diversidade de objetos de estudo, incidindo na diversidade de áreas de conhecimento como medicina, educação e filosofia; e (b) a diversidade de formas de atuação, amplamente marcadas pela elitização, dado especialmente pelo público alvo e pelas características do atendimento. O fazer do psicólogo, nos primórdios da profissão, apresentava padrões importados da Europa e Estados Unidos, sem adaptação à realidade sociocultural e econômica brasileira e nenhuma preocupação no desenvolvimento de metodologias adequadas à realidade aqui encontrada. Inicialmente, os fundamentos epistemológicos da psicologia estavam alicerçados na filosofia positivista e o modelo médico era amplamente utilizado e disseminado. Nesse primeiro momento, os objetivos da psicologia estavam atrelados à tentativa de homogeneizar a sociedade; o psicólogo atuava em esferas da educação com a tentativa de formar os indivíduos segundo os valores governamentais, buscando o desenvolvimento da sociedade a partir da ordem, da organização, da hierarquização, dentre outros aspectos. No início do século XX, a psicologia agregou-se também à pedagogia através de laboratórios de psicologia experimental ou pedagogia científica, com o objetivo de encontrar formas de amenizar as dificuldades das crianças nas escolas. A tônica, contudo, perpassava o indivíduo, na culpabilização e responsabilização do mesmo. Nesse momento histórico, a sociedade e as políticas não eram percebidas como instrumentos de perpetuação ou reprodução. Na contemporaneidade, observam-se modificações nas bases epistemológicas, assim como nas atuações práticas. Entretanto, mesmo nos dias atuais, significativa parcela da população desconhece as atuações do psicólogo, em muitas circunstâncias até mesmo desacredita nos resultados do seu trabalho. Tal fato decorre ainda do distanciamento de práticas que beneficiem a várias camadas sociais; da falta de conhecimento profissional acerca das políticas sociais e econômicas e da existência de cursos de formação ainda muito presos a padrões estrangeiros. O momento contemporâneo da profissão indica mudanças, notadamente pelo aumento das políticas públicas que vislumbram a inserção do psicólogo em núcleos como Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e na rede pública de ensino. O incremento de tais políticas indica salto qualitativo no reconhecimento social do papel do psicólogo, bem como, mobiliza o processo de formação profissional, já que as preocupações com a sociedade ganham tônica. Acredita-se que a psicologia pode e deve atuar e ajudar na mudança individual e social, com participação intensa nas várias dimensões da sociedade, pois nesse contexto, a psicologia poderá beneficiar a sociedade como um todo e não apenas parte dela.

História. Epistemologia. Sociedade.

HIST

TEORIA DE GRAFOS NA PSICANALISE: DE EULER A LACAN. *Celso Socorro Oliveira (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Bauru - SP)*

O trabalho de Lacan sobre Linguagem considera que o aparelho simbólico é constituído a partir das articulações (nós) e conexões (arcos) das unidades significantes discretas e descontinuas sobre dimensões temporais disjuntas (diacronia e sincronia), cuja conjunção produz significação. A estrutura fundamental é constituída de uma cadeia de significantes regulada por uma sucessão (diacronia) que se desenrola no tempo. E, ao mesmo tempo, um significante se define por relação com outro significante de um sistema de oposição significante, onde o segundo se desenvolve numa dimensão que implica sincronia, segundo Lacan no seminário 6. O entrelaçamento desses dois eixos temporais da linguagem para produzir uma significação introduz uma dimensão topológica – desenhando superfícies – que foi apresentada por Lacan através do Grafo do Desejo. Esse trabalho teórico tem por objetivo estabelecer um paralelo dos elementos teóricos de Teoria de Grafos – sub-área da Matemática - (estabelecidos por Euler em 1736), aplicados por Lacan para explicar os principais elementos de Psicanálise (tais como desejo e castração). Os nós, arcos e caminhos são conceitos desenvolvidos por Euler que Lacan se utiliza para explicar simbolicamente como se dá a formação dos significados, a partir dos significantes. Os grafos, reconhecidamente citados pelos seguidores de Lacan, servem para ilustrar simbolicamente e não apenas como diagramas ou figuras simplificadas de um discurso difícil e sistemático produzido por Lacan ao trabalhar os aspectos de deslocamento e condensação, sob o ponto de vista da linguagem. Lacan tentou espacialmente representar o desejo, a linguagem e o inconsciente (três dimensões que estruturam a subjetividade) através do grafo. Os pontos no grafo completo são: A é o tesouro do significante; s(A) é o significante do Outro (onde ocorre o ponto de estofo do outro e a significação é obtida); I(A) é a alienação simbólica pela detenção de um significante e i(a) é a alienação imaginária pela fixação em uma imagem; m (moi) é o eu; $<>a é o fantasma que interfere na significação dada pelo outro; $<>D é a pulsão e S(A barrado) é uma significação. Assim, através dos nós estabelecidos, Lacan construiu uma série de caminhos que tentam explicar como a série de significantes do caminho pode explicar, por exemplo: como a cadeia inconsciente fecha sua mensagem em um significante que especifica a falta de significante no Outro, ou como o enunciado da cadeia inferior do grafo completo é como o conteúdo do que se diz, enquanto que na cadeia superior é como o ato de dizer. Autores da Psicanálise ilustram os significados dos vários caminhos no grafo.

Grafos, linguagem, Lacan

PROEX-UNESP

HIST

A HOMOPARENTALIDADE SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA E DO DIREITO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Isabella Ferrarez Fernandes Lopes* (Faculdade de Direito-ESAMC e Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia - MG); Renata Ferrarez Fernandes Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia-MG).*

A Homoparentalidade é um neologismo para a situação na qual o adulto que se autodesigna homossexual é pai ou mãe de uma criança. Foi realizada uma revisão sistemática sobre o tema (período de 2008 a 2012) com os seguintes unitermos: "homoparentalidade"; "adoção"; "homosexuallity"; "adoption" nas seguintes bases de dados: PsychINFO, Scielo, BVS e Goolgle Acadêmico. Foram encontrados 37 publicações com os quais foram realizadas leituras, análises e sínteses comparativas. Os dados foram categorizados segundo os seguintes critérios: tipo de publicação (artigo, monografia, dissertação/tese, anais de congresso, cadernos de Conselhos de Psicologia); ênfase da publicação (voltada para a Psicologia, para o Direito, para outras áreas do conhecimento); posição dos autores com relação a adoção por casais homoafetivos (a favor, contra ou não cita); homoparentalidade como tema central/secundário da publicação. Os seguintes resultados foram obtidos: notou-se uma produção crescente (2008: 2 publicações; 2009:10 publicações; 2010: 6 publicações; 2011: 8 publicações e 2012: 11 publicações). Em 2008 encontramos uma publicação com ênfase no Direito (monografia: 50%) e outra com ênfase em Psicologia (estudo de caso:50%, abordando a questão da necessidade de se discutir problemas ligados à identidade sexual da criança adotada); ambas têm a homoparentalidade como tema principal de análise(100%), e a legislação é abordada de maneira sistematizada em 50% das publicações. Em 2009 encontramos 80% das publicações com ênfase no Direito e 20% com ênfase na Psicologia, assim distribuídas: artigos:30%;monografias:40%; dissertações:10% e anais de congressos: 20%. A homoparentalidade é tema principal das publicações (90%); a necessidade de discussão sobre problemas ligados à identidade sexual da criança adotada(40%) aparece tanto em publicações com ênfase na Psicologia quanto no Direito; a legislação é abordada de maneira sistematizada em 90% das publicações; 100% dos estudos são a favor da adoção. Em 2010 33,3% das publicações têm ênfase no Direito e 66,7% têm ênfase na Psicologia, distribuídas da seguinte forma: artigos em revistas na área de Psicologia:67,7% e monografias:16,7%. A homoparentalidade como tema principal e a necessidade de se discutir a identificação sexual da criança adotada estão presentes em 33,3% das publicações; a legislação é abordada em 100% das publicações e 100% dos estudos analisados são a favor da adoção. Em 2011 temos 37,5% das publicações com ênfase na Psicologia e 62,5% com ênfase no Direito: artigos: 63,5%; teses:12,5%;monografias: 25%; homoparentalidade como tema principal: 50% das publicações;necessidade de discutir a questão da identidade sexual:50%; ênfase na legislação:62,5%; 20% das publicações em revistas de Psicologia e 80% em revistas do Direito. Em 2012 temos 27,3% das publicações com ênfase na Psicologia e 63,6% com ênfase no Direito e 9% com ênfase no Serviço Social: artigos: 45,4%; teses:9,1%; monografias: 9,1%; homoparentalidade como tema principal:81,8% das publicações;necessidade de discutir a questão da identidade sexual: 36,4%; ênfase na legislação: 90,1%; 45% das publicações são realizadas em revistas de Direito e não encontramos publicações em revistas do Psicologia. Duas conclusões são notórias: há um maior interesse pelo tema do agente do Direito e faltam estudos psicológicos para além dos aspectos da ligados à identidade sexual da criança.

Direito; Homoparentalidade;Psicologia

JUR

A LEI 11.340 EM CENA: ENTRE O FLUXO FORMAL E FLUXO OBSERVADO DA JUSTIÇA CRIMINAL. *Regina Ingrid Bragagnolo, Mara Coelho de Souza Lago, Theophilos Rifiotis (Universidade Federal de Santa Catarina)*

O objetivo deste trabalho é descrever as práticas da justiça criminal construídas a partir da Lei Maria da Penha, pelos operadores de direito encarregados da aplicação deste dispositivo legal, no âmbito de uma Vara Criminal e Juizado de Violência contra a Mulher do estado de Santa Catarina.Trata-se de oferecer elementos para a análise de um campo de práticas e saberes construídos no processo de mudanças institucionais ocorridas com a homologação da Lei nº 11.340 em um Tribunal de Justiça, com a intenção de contribuir para as reflexões políticas dos movimentos feministas, ao revelar as diferentes formas de deliberação jurídica na aplicação dessa normativa. Trata-se de um estudo de inspiração etnográfica, que utilizou como principal fonte de pesquisa entrevistas com operadores do direito, diários de campo construídos a partir da observação de audiências e a análise documental de processos penais. Essa pesquisa mostra que as práticas rotineiras dos operadores do direito no tratamento jurídico dos casos tipificados como de "violência doméstica e familiar contra a mulher", estavam orientadas pelo modo como os operadores do direito lidavam com as decisões políticas estabelecidas no cenário nacional, repercutindo em diferentes arranjos institucionais na aplicação da Lei, e possibilitando que o fluxo de trabalho estivesse centrado nas audiência denominada de ratificação. No período da pesquisa, a economia de trabalho estava organizada a partir da decisão formal do Supremo Tribunal da Justiça, tornando a "audiência de ratificação" a porta de entrada no judiciário para as mulheres que apelavam à Lei Maria da Penha. Essa modalidade de audiência foi criada para atender a necessidade de "representação" da mulher, já que os outros procedimentos e sessões de audiências seguiam o mesmo rito e percurso institucional das ações penais. No plano formal, a ação era considerada condicionada à representação da mulher em "situação de violência doméstica e familiar", entretanto, na observação do fluxo dos processos referentes a Lei Maria da Penha, o conjunto das relações estabelecidas dentro e fora das "audiências de ratificação" permitiam ou não a continuidade do processo penal. De toda forma, essas audiências, nesse contexto específico, parecia representar parte significativa da economia de trabalho do juizado, resultando principalmente numa dinâmica inicial de triagem/seleção dos casos que chegavam ao judiciário e, por conseguinte, no afunilamento dos processos penais. Novos procedimentos foram instaurados, dentre os quais destaco a "medida protetiva" e a própria "audiência de ratificação", por introduzirem no sistema de justiça criminal procedimentos que visam o amparo legal da mulher nos casos de "violência doméstica e familiar". Tratam-se, assim, de práticas judiciais que se configuram como heterogêneas, ocasionando algumas vezes o arquivamento do processo, dependendo do estilo de cada magistrado/a. Nesse sentido, a 3ª Vara Criminal e Juizado de Violência Doméstica e Familiar apresentou incoerências, operando com lógicas distintas, e até mesmo contraditórias, nos encaminhamentos e procedimentos jurídicos. Aliás, as normativas legais, mesmo com os dispositivos da Lei Maria da Penha, continua não dando conta da complexidades da "violência doméstica e familiar contra a mulher" por ser este um fenômeno que extrapola a tipificação criminal, possibilitando que os operadores do direito façam uso de significados sociais e opiniões pessoais, para lidar com os casos. Desse modo, os operadores do direito não apenas regulam, avaliam e aplicam os dispositivos da Lei 11.340 e do Código Penal, mas o fazem guiados por valores morais e políticos, demonstrando que o Judiciário atua de modo complexo e nem sempre dentro das expectativas implicadas na criação dessa Lei e nas apostas dos movimentos feministas, relacionadas à defesa dos direitos das mulheres. Essa questão pode ser visualizada nas

traduções dos dispositivos da Lei Maria da Penha, em especial por terem uma margem de interpretação bastante elástica, na qual sobressaem especialmente a valoração da família, deixando perceber que a tradução dos casos de "violência doméstica e familiar contra a mulher" não se esgota nos seus enunciados legais.

JUR

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AO ACESSO À JUSTIÇA: O TRABALHO DO PSICÓLOGO NO NÚCLEO DE MEDIAÇÃO E CONCILIAÇÃO. *Vitor Vasconcelos de Araújo, Mônica Barbosa (Universidade de Fortaleza)*

O Escritório de Práticas Jurídicas, localizado na Universidade de Fortaleza, no Estado do Ceara, caracteriza-se como um espaço de aprendizagem do estudante de direito com o objetivo de proporcionar ao discente adequada formação profissional técnico-jurídica com bases humanistas. O EPJ realiza atendimentos mediante convênio entre a própria Universidade, a OAB/CE e Defensoria Pública do Estado do Ceara. Em adição ao público alvo das instituições supracitadas, o escritório conta com os assistidos que vem de convênios com diversas instituições, como associações de bairro, organizações nao-governamentais, Delegacia da Mulher, entre outros projetos sociais. A equipe do EPJ é composta pela supervisão, secretaria de processos, professores orientadores, advogados auxiliares, assistente social, psicóloga e discentes estagiários do curso de direito e psicologia. Os atendimentos da equipe de Psicologia tem como fundamento metodológico o aconselho psicológico, juntamente com a teoria da crise e a psicoteria breve focal. Outra forma de atendimento se refere ao acompanhamento dos assistidos do Núcleo de Mediação e Conciliação, no qual a Psicologia logra em facilitar um processo de decisão amigável do conflito vivenciado pelo assistido, antes, depois ou durante da sessão conciliatória, tendo como objetivo minimizar os sentimentos de angústia e ansiedade. A Psicologia,portanto, facilita o diálogo das partes, a partir dos novos paradigmas que permeiam a jurisdição brasileira.Estes que buscam a resolução do conflito posicionando-se para além da implementação da lei. Mediante esta prática, a Psicologia mira sua intervenção para além da implantação da lei e a efetivação de sua positividade. Permeia, desta forma, um campo subjetivo, dos conflitos, minimizando o sofrimento psíquico daquele que vivencia o conflito. Tal intervenção fundamenta-se em paradigmas de inclusão social, dentre os quais, modelos holistas, que defendem o multipertencimento do sujeito nas dimensões biológicas, culturais e sociais. A intervenção tem como escopo fomentar o diálogo das partes envolvidas na querela jurídica. A mediação, como anteriormente citado, pauta-se em uma decisão voluntária do assistido alvo das práticas jurídicas, sendo o acordo firmado entre os polos opostos do conflito de caráter contratual. Não se limita, portanto, a apreciação de provas ou de identificar a veracidade do discurso daqueles que trazem seus conflitos na mediação, pois sua prática é de interesse privado e a sua homologação dar-se-á pela reciprocidade de aceitação do acordo proposto. A equipe do EPJ atualmente é constituída de 5 estagiários do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza e uma Psicóloga responsável pelo setor de atendimento psicológico. Estes são realizados anteriormente às sessões de mediação com o objetivo de minimizar o sofrimento do usuário do serviço, bem como esclarecer algumas questões subjetivas e objetivas, se possível. Os atendimentos são agendados, de acordo com os horários das sessões que acontecem no próprio Núcleo de Mediação e Conciliação, e os usuários devem comparecer com meia hora de antecedência à sessão para atendimento psicológico. O setor de psicologia também atua fazendo encaminhamentos, se necessário, para o Núcleo de Assistência Médica Integrada da referida universidade. Existe também possibilidade de atendimentos focais e breves dos assistidos com o intuito de facilitar seus processos vivenciais do conflito, colaborando para a efetivação da prática de mediação.

EPJ. Psicologia. Direito. Mediação

JUR

CRIMINALIDADE COMO UMA CONSEQUÊNCIA A LONGO PRAZO DO *BULLYING*: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Adriana A. de Almeida[1]** e Lelio Moura Lourenço[2] ([1,2] Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.)*

O bullying é um dos tipos de violência escolar com maior destaque no meio acadêmico nas últimas décadas. Envolve comportamentos adotados intencionalmente por um ou mais estudantes contra outro, dentro de relações desiguais de poder, em que a vítima tem dificuldades para se defender, possuindo um caráter repetitivo com características degradantes e humilhantes. Podem acontecer agressões diretas, físicas ou verbais, e indiretas. O bullying traz consequências prejudiciais a curto e longo prazo: as vítimas podem apresentar quadros de depressão, baixa autoestima, pensamentos suicidas, incontinência urinária, dores de cabeça e de estômago, entre outros; já os autores podem apresentar comportamentos de risco como consumir álcool e outras drogas, portar armas, se envolver em brigas e em comportamentos agressivos, delinquentes e violentos. Com relação as consequências a longo prazo, este estudo visou conhecer a possível ligação existente entre bullying escolar e o envolvimento em atos de criminalidade na idade adulta. Para isso foi realizada uma revisão sistemática da literatura, entre os anos de 2007 e 2012, nas bases de dados Web of Science, Scopus, Eric, PsycInfo, Jstor, BVS, Redalyc e Dialnet, com os descritos crime, criminality, offender e delinquency associados ao descritor bullying no campo 'título' de cada base e selecionados apenas os artigos com texto completo. Foram encontrados 16 artigos. O ano com maior número de publicações foi 2011 com 62,5%; seguido por 2008 com 18,7; 2007 com 12,5% e 2010 com 6,25%. No ano de 2009 não houve publicações sobre a temática em estudo. A revista Criminal Behaviour and Mental Health foi a que mais publicou na área (7 artigos), as outras nove revistas que apareceram só publicaram um artigo cada. A maioria dos autores (61,4%) publicaram apenas 1 artigo, ficando 11 autores empatados com 2 publicações cada (3,5%), sendo eles, em ordem alfabética: Elonheimo,H., Farrington,D.P., Kumpulainen,K., Loeber,R., Lösel,F., Moilanen,I., Piha,J., Rönning,J.A., Sourander,A., Tamminen,T. e Ttofi,M.M. 37,5% dos artigos foram escritos por 3 autores e 25% por 4. Apenas 12,5% das publicações tiveram mais de 4 autores. O método de estudo mais utilizado foi o longitudinal (56,2%), seguido pelo transversal (31,2%) e o teórico (12,5%). Com relação aos resultados 90,4% dos artigos encontraram alguma associação entre bullying infantil e criminalidade posterior, apenas 9,4% não encontraram associação ou encontraram de forma limitada. Dentre as publicações que encontraram associação, os papéis nos episódios de violência entre pares que mais apareceram relacionados à criminalidade posterior foram: agressores 31,5%; sem especificação 26,3% e vítimas 15,7%. Esta mesma porcentagem das publicações (15,7%) não encontraram relação entre ser vítima de bullying e criminalidade. O resultado desta pesquisa contribui para o aumento do conhecimento sobre o tema, além de proporcionar uma maior ênfase na importância dos programas de intervenção contra o bullying na escola como forma também de diminuir a criminalidade posterior, com medidas preventivas contra comportamentos antissociais em fases ainda precoces do desenvolvimento, conscientizando escola e família da importância que exercem no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, intervindo desde muito cedo em comportamentos inadequados, na tentativa de evitar que se tornem delinquentes ou criminosos.

bullying, criminalidade, consequências

Bolsa CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

JUR

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EFEITOS PSICOSSOCIAIS NOS LAÇOS PARENTAIS APÓS SENTENÇA DE GUARDA LITIGIOSA. *Vanessa Christiane da Costa Marinho Moura, Jucinara Figueiredo Pinheiro (Tribunal de Jusriça do Estado do Amazonas)*

No Direito da Família o profissional da área da Psicologia busca a preservação do lar no seu aspecto mais significativo: lugar de afeto e respeito favorecendo o vínculo afetivo, visto que, o estado de conflito existente na realidade familiar das famílias em processo de separação, estende-se na briga pela guarda dos filhos, refletindo-se em problemas psicossociais havendo prejuízos aos indivíduos. Esta problemática é constante na atualidade, comprometendo os vínculos parentais, os desenvolvimentos psíquicos, físicos e emocionais das crianças e adolescentes envolvidos em litígio. Entende-se que o estado de família é indisponível e que o fim do relacionamento não pode comprometer os vínculos parentais, uma vez que a unidade familiar persiste mesmo depois da separação. O Judiciário é acionado quando os ex-cônjuges não apresentam capacidade dialógica e não conseguem de comum acordo, definir quem ficará com a guarda dos filhos e quanto aos detalhes da separação, porém, eles deveriam ser os maiores interessados no bem-estar da prole e no seu desenvolvimento sadio. Quando os pais iniciam a disputa judicial, há relatos de negligência, condições que comprometem o desenvolvimento saudável da criança e adolescente, como a negação de afeto, fundamental para a sobrevivência psíquica, bem como, a falta de acompanhamento escolar e de alienação para sua sobrevivência física. É através da intervenção do Juiz que nos processos de guarda litigiosa, este decide com quem os filhos ficarão, atendendo ao melhor interesse da criança e/ou adolescente, e, ainda considerando a vontade e a preservação dos vínculos afetivos, favorecendo o elo de afetividade já existente que merece ser resguardado. A finalidade do estudo tratou de analisar as mudanças psicossociais observadas no comportamento dos filhos provocadas pela dissolução dos vínculos familiares e o pedido da guarda exclusiva como alternativa para minimizar os conflitos nos processos de guarda litigiosa; identificou as formas de intervenção e suas consequências para minimizar os conflitos entre as partes após sentença judicial e delinear um programa de intervenção para os pais, com a finalidade de desenvolver atitudes conciliatórias frente ao sofrimento dos filhos. A amostra foi constituída por partes de processos de Guarda Litigiosa da 9ª Vara de Família de Manaus. O instrumento utilizado para coleta dos dados foi: entrevista individual estruturada com os pais na sala de psicologia do Fórum Lúcio Fonte de Resende, situado no bairro da Cidade Nova. Os resultados esperados subsidiarão a elaboração de um programa de intervenção que minimize os danos emocionais junto às partes de processo cuja separação desencadeia conflitos emocionais que prejudicam o desenvolvimento saudável das crianças envolvidas. Para o resultado da pesquisa, foram observadas as mudanças psicossociais na vida das crianças em situações de acomodação-sentimento permitindo a redução dos conflitos, a manutenção dos vínculos afetivos e o respeito ao melhor interesse da criança. Nos casos em que houve intervenção da Psicologia para minimizar os conflitos entre as partes, constatou-se mais escolhas por atitudes conciliatórias. Nos casos em que não houve orientação e acompanhamento, as partes não apresentaram manifestações conciliatórias. Verificou-se, portanto, a importância de sistematizar um programa de intervenção na Vara de Família para desenvolver mediações nas renegociações das relações dos pais que se separam, valorizando e encorajando a cooperação frente ao sofrimento dos filhos, visando possíveis encaminhamentos de processos para a guarda compartilhada, em que ambos os pais apresentam responsabilidade no processo de maturação dos vínculos afetivos. Palavras-chave: guarda litigiosa, mudanças psicossociais, atitudes conciliatórias.

JUR

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDO DAS FALSAS MEMÓRIAS NA PSICOLOGIA E NO DIREITO: REVISÃO SISTEMÁTICA (2008-2012). *Isabella Ferrarez Fernandes Lopes* (ESAMC-Direito/Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, MG); Ederaldo José Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

Falsas memórias (FM) são lembranças de fatos que nunca ocorreram ou distorções de fatos ocorridos. Esse tema vem sendo estudado na Psicologia Cognitiva, mas tem aplicações no Direito, relacionadas aos testemunhos. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão sistemática sobre o tema (período de 2008 a 2012) com os unitermos "falsas memórias" e "false memory" nas bases PsychINFO, Scielo, BVS e Goolgle Acadêmico. Foram encontradas e analisadas 77 publicações: Os dados foram categorizados segundo o tipo de publicação (artigos, livros, monografias, dissertações e teses; ênfase (Psicologia/Direito); temas associados às FM; FM como tema central/secundário da publicação e se o artigo cita ou não legislação. Os resultados foram os seguintes: Houve uma produção crescente nas publicações (11 publicações em 2008;14 publicações em 2009; 18 publicações em 2010; 26 publicações em 2011 e 8 publicações em 2012). Em 2008 encontramos 60% das publicações com ênfase na Psicologia e 40% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 13%; monografias :13%; livros: 6% dissertações: 40%. As FM são temas secundários em 100% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 27%, seguido de guarda dos filhos com18%; a legislação é abordada em 33%;. Em 2009 encontramos 53% das publicações com ênfase na Psicologia e 43% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 64%; monografias :7%; livros: 7% dissertações: 21%. As FM são temas secundários em 93% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 28%, seguido de depoimento sem dano com14%; a legislação é abordada em 43%; Em 2010 encontramos 29% das publicações com ênfase na Psicologia e 71% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 47%; monografias :23%; livros: 23% dissertações: 11% e teses: 11%. As FM são temas secundários em 94% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 50%; a legislação é abordada em 53%; Em 2011 encontramos 20% das publicações com ênfase na Psicologia e 80% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 68%; monografias :28%; livros: 4%. As FM são temas secundários em 96% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 65%, seguido de direito de família com 45%; a legislação é abordada em 84%; Em 2012 encontramos 20% das publicações com ênfase na Psicologia e 80% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 68%; monografias :28%; livros: 4%. As FM são temas secundários em 96% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 87%, seguido de abuso sexual com 25%; a legislação é abordada em 84%; De forma geral, os dados revelam que, embora de maneira secundária, houve um deslocamento do interesse sobre as FM da Psicologia para o Direito. Neste campo, predominaram os temas da alienação parental, abuso sexual e direito de família.

Direito, Falsas memórias, Psicologia.

JUR

HOMICÍDIOS CONJUGAIS EM FLORIANÓPOLIS. *Mariá Boeira Lodetti; Girardi, J. F.; Martins-Borges, L. (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Homicídio conjugal é o termo utilizado para definir os homicídios que ocorrem entre pessoas que estão ou estiveram vinculadas uma à outra, pelo casamento, pela união estável ou pelo namoro. Esta pesquisa objetivou realizar um mapeamento dos homicídios conjugais cometidos na cidade de Florianópolis, entre os anos de 2000 e 2010, a partir de reportagens publicadas pelo jornal de maior circulação da cidade, o Diário Catarinense, e dos processos criminais localizados no Tribunal de Justiça de Santa Catarina, Comarca da Capital, Florianópolis. Para tanto, fez-se, inicialmente, uma detalhada revisão bibliográfica, na qual se pôde constatar que entre os pesquisadores há um consenso no que se refere a algumas considerações relacionadas ao homicídio conjugal, tais como: a presença de violência no histórico da relação conjugal, o impacto da separação, o abuso de bebidas alcoólicas e/ou outras drogas, a prevalência do gesto homicida na população masculina e o impacto dos transtornos psicológicos e do perfil de personalidade. Em seguida, realizou-se uma coleta de dados em dois locais: uma consulta no banco de dados do Diário Catarinense e outra nos processos criminais referentes aos homicídios conjugais sob competência do Tribunal. Ao todo foram encontrados 31 casos de homicídio conjugal, dos quais a maior parte (29) foi cometida por agressores do sexo masculino e somente dois homicídios foram perpetrados por mulheres. Por meio da análise dos dados, verificou-se que a separação tem um impacto importante na maior parte dos homicídios conjugais estudados, uma vez que esses ocorrem quando o casal se separou ou se encontra em processo de separação. Observou-se também que os atos foram quase que na totalidade perpetrados por agressores do sexo masculino, predominantemente mais velhos que as vítimas; por casais em que havia relatos de ciúmes e que se encontravam em relações conflituosas, apresentando indícios precursores como a violência conjugal, o uso de álcool e/ou drogas. É importante ressaltar que o maior risco do homicídio se encontra no período em que um dos parceiros expressa a vontade de se separar ou em até dois meses após a concretização da separação, quando se faz presente – com maior intensidade – o sentimento de abandono. Notou-se ainda um crescimento do número de casos ao longo dos anos, o que denota a importância de se estudar mais profundamente essa temática, na procura de dados que possam oferecer um quadro mais fidedigno de tal realidade. Muitas vezes esses conflitos (geralmente expressos por meio da violência conjugal) foram relatados a membros da família, a profissionais da saúde e a policiais, o que permite pensar que o homicídio poderia ter sido evitado.

Homicídio conjugal, crime passional, uxoricídio

CNPQ

JUR

PANORAMA SOBRE OS DETERMINANTES DO CRIME: UMA REVISÃO DA LITERATURA. *Adriana Aparecida de Almeida, Lelio Moura Lourenço[2] ([1],[2] Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.)*

Para intervir de forma eficaz em situações em que há conflitos com a lei e prevenir novos acontecimentos, é importante que os profissionais (psicólogos, advogados, policiais) e a própria sociedade de forma geral, conheça quais são os principais determinantes do crime ou quais as vulnerabilidades mais ligadas com os atos criminosos para que seus trabalhos sejam eficazes e direcionados para focos específicos – indivíduo em si, comunidade, grupo característico, entre outros. Devido a importância de se conhecer sobre o assunto para propor intervenções eficientes, este trabalho teve por objetivo conhecer quais são os principais determinantes do crime trazidos pelas pesquisas publicadas. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, entre os anos 2000 e 2012, nas bases de dados Web of Science, BVS, Pubmed, PsycInfo, Redalyc, Dialnet, Eric, Jstor e Scopus. Foram utilizadas as palavras 'determinants' e 'vulnerability' associadas com a palavra 'crime' no campo título de todas as bases. Foram encontrados 23 artigos sobre a temática. Destes 52,1% estavam relacionados aos determinantes do crime de forma direta; 34,7% especificavam os determinantes relacionados ao medo do crime e 13% os determinantes envolvidos nos relatos dos crimes. Com relação aos determinantes do crime os fatores mais encontrados foram educacionais e econômicos (18,7% cada); desemprego e oportunidade para o ato infracional (12,5% cada), aplicação irregular de leis (9,3%), idade, fatores demográficos e gênero com 6,2% cada. Já com relação ao medo do crime, os principais determinantes foram gênero (20%), idade (15%), questões sociais (12,5%), status socioeconômico e vizinhança (10% cada). A relação vítima/agressor (50%), tipo de crime sofrido (25%), custo-benefício da denúncia (12,5%) e lugar onde ocorreu o crime (12,5%) foram os principais fatores encontrados que interferem no relato dos crimes. Com relação ao ano de maior publicação sobre esta temática houve igualdade entre 2011, 2009, 2008, 2007, 2004 e 2000, com 13% das publicações cada; todos os autores encontrados tiveram apenas uma publicação sobre o tema e apenas duas revistas The British Journal of Criminology e Environment and Behavior publicaram mais de um artigo (8,7% cada). Tais dados são importantes para aumentar o conhecimento dos profissionais que trabalham diretamente com esta população, assim como mostrar para os governantes de forma geral que investir apenas no sistema de segurança pública de forma a reprimir o crime não é uma medida eficaz, ao verificarmos que pontos que são cruciais para a perpetuação do crime não são alterados. É importante investir em educação de boa qualidade, em trabalho e melhoramento da renda de famílias que vivem em situações de risco, para que os frutos sejam colhidos a médio e longo prazos.

Criminalidade, determinantes do crime, vulnerabilidade

Bolsa CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

JUR

VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL: DADOS DO DEPARTAMENTO DE ATENDIMENTO AOS GRUPOS VULNERÁREIS (DAGV), SERGIPE, BRASIL. *Laize Fonseca Oliveira**, Elder Cerqueira-Santos (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE)*

A violência no Brasil, cujos índices já ocupam a terceira posição entre os países com maiores coeficientes do mundo, é um dos mais graves problemas da saúde pública. A violência sexual infanto-juvenil, uma das quatro modalidades de expressão que caracterizam a natureza dos atos violentos vem crescendo de forma notável, acontece em todo o mundo e têm mobilizado diversos segmentos sociais, no sentido de se pensar formas de enfrentamento desta cruel forma de violação de direitos. Engloba tanto as situações de abuso sexual intra e extrafamiliar que se caracterizam como não possuindo um caráter comercial como as situações de exploração sexual, nas quais a dimensão mercantil está nitidamente presente. Para se compreender estes fenômenos, fazem-se necessários estudos que consigam caracterizar os casos de violência sexual exercendo um olhar crítico desta realidade local. Objetiva-se então, descrever as características da violência sexual de crianças e adolescentes de zero a 18 anos de idade, quanto às características do agressor, da vítima e circunstâncias da violência, a partir dos casos notificados no ano de 2011 do Departamento de atendimento aos grupos vulneráveis de Aracaju-SE. Trata-se de um estudo quantitativo de corte transversal, onde os resultados estão sendo processados no programa SPSS 16.0 for Windows, obtendo-se o número de casos percentuais e prevalências entre as diferentes varáveis coletadas. Os resultados apresentam que uma investigação preliminar junto a 61 inquéritos policiais aponta: 70,5% são vítimas de abuso sexual, 23% de exploração sexual e 6,6% de estupro. Os meses que mais ocorrem tais crimes são Março (29,5%), seguido de Janeiro e Abril com o mesmo percentual (14,8%). No que diz respeito ao vínculo entre agressor e vítima, 34,4% dos agressores são pessoas conhecidas e 14,8% vizinhos. A idade da vítima quando acontece a violência está concentrada entre os 9 anos (13,1%), 12 e 13 anos com 18% e 13,1%, respectivamente. E, do agressor, cerca de 42,7% estão na faixa dos 20 aos 30 anos. A grande maioria (83,6%) são vítimas do sexo feminino e 90,2% dos agressores são do sexo masculino. A residência da vítima (52,5%) é o local onde ocorre grande parte desse tipo de violência, seguido da residência do agressor (24,6%) e da via pública (13,1%). De maneira geral, observa-se que os casos acontecem em bairros periféricos da cidade, caracterizando o nível socioeconômico baixo das famílias envolvidas. Outra variável que pode caracterizar os casos é o nível baixo de escolaridade de agressores. Apesar da teoria deste trabalho já ter sido pesquisada por várias vezes, o tema ainda não está esgotado (estando longe disso – muitas pesquisas continuam sendo desenvolvidas), pois o significado da violência e as várias realidades apresentadas não são únicas. Por fim, como não há dados científicos publicados em relação a dados de violência sexual contra crianças e adolescentes no último ano na cidade de Aracaju, este trabalho virá a contribuir as várias instâncias de redes de proteção infanto-juvenis no sentido de lhes garantir respaldo científico para ações intervencionistas, junto à sociedade aracajuana, já que esta influi diretamente no comportamento dos profissionais.

Violência; abuso sexual; criança.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

JUR

ATENCIÓN PSICOLÓGICA EN EL INSTITUTO ANATÓMICO FORENSE DE MADRID. *Eduardo Andreu Tena, Begoña Arbulo Rufrancos, Lourdes Fernández Márquez, Cristina García, Mª del Mar Gómez Gutiérrez (Instituto Anatómico Forense de Madrid, España).*

Objetivos: El presente trabajo pretende presentar la actividad desarrollada en el servicio de atención psicológica en el Instituto Anatómico Forense de Madrid durante el año 2011. La intervención psicológica que se lleva a cabo en el Instituto Anatómico Forense está enmarcada dentro de la intervención en crisis. Esta intervención pretende incidir activamente en el funcionamiento de la persona de tal manera que se amortigüe el impacto inmediato de la situación traumática y minimice posibles complicaciones psicopatológicas posteriores. Metodología: Los resultados a presentar se centrarán en diferentes indicadores que se registran diariamente tras la intervención realizada con los familiares de los fallecidos que acuden al Instituto Anatómico Forense de Madrid. En concreto, estos indicadores son; a) número de intervenciones realizadas, b) origen de la demanda de intervención psicológica (por iniciativa de la psicóloga, a petición del familiar, por derivación del personal del Instituto Anatómico Forense), c) distribución socio-estadística de la demanda (género del fallecido cuyo familiar ha requerido atención, edad del fallecido cuyo familiar es atendido, nacionalidad del fallecido cuyo familiar recibe atención, pérdidas múltiples, tipo de muerte, persona atendida, más de un familiar atendido, uso de despacho en la intervención, patología del familiar atendido), d) intervenciones realizadas y e) comparativa de intervenciones respecto a año anterior. Análisis de datos: Mediante análisis descriptivos se ha analizado cada uno de los indicadores presentados con anterioridad. Resultados: Durante el período comprendido entre el 1 enero al 31 de diciembre del 2011 se han realizado intervenciones psicológicas con familiares de 1707 fallecidos, de un total de 2110 registros de entrada de fallecidos en el I.A.F. entre los que acudieron inicialmente 1989 familias. Por lo que se ha atendido al 86.06% de las familias que acuden. De estas intervenciones, 1678 se han desarrollado a raíz de la iniciativa de la psicóloga. El mayor número de familiares atendidos han perdido a familiares mayoritariamente hombres (68.54%), de nacionalidad española (91%) y en un rango de edad entre los 66 y 80 años. El tipo de muerte ha sido, en más del 65% de los casos, muerte natural (incluidas muertes tempranas), el 14.41% se ha tratado de suicidios, 14.64% accidentes, el 2.4% homicidios y un 3.8 %, sin determinar. Con mayor frecuencia acuden al Instituto Anatómico Forense los hijos (36%) y hermanos (24%), seguidos del cónyuge/pareja y los padres del fallecido. Las intervenciones se han realizado en el despacho preferentemente en el 19% de los casos. Por último, en el 78% de los casos atendidos se aprecia un factor mórbido, alguna patología psíquica o elemento de riesgo que puede incidir en el proceso de duelo, considerándose por ello especialmente oportuna esta primera intervención en crisis.

Intervención en Crisis, Muerte.

JUR - Psicología Jurídica, Forense y Criminal

HISTORIA DE LA IMPLANTACIÓN Y DESARROLLO DE LA PSICOLOGÍA FORENSE EN EL ÁMBITO PÚBLICO ESPAÑOL. RETOS EN SU EXPANSIÓN Y ESPECIALIZACIÓN. *Mª José Catalán Frias (Psicólogo Forense de la Administración de Justicia de España - Murcia, Burgos, Madrid, Gerona y Toledo), Laura Espín López (Facultad de Psicología. Universidad de Murcia, España), Milagros del Campo Camara, Rocío Gómez Hermoso, Rebeca Gómez Martín, Josep Ramón Juárez López, Maxim Winberg Nodat (Psicólogos Forenses de la Administración de Justicia de España - Murcia, Burgos, Madrid, Gerona y Toledo)*

La historia de la psicología jurídica y más concretamente la psicología forense en España ha tenido un desarrollo exponencial en los últimos 30 años, en gran medida gracias al trabajo realizado por los psicólogos de plantilla de la Administración de Justicia de España. Fue dentro del campo civil, para trabajar en las evaluaciones familiares en los casos de ruputra de pareja, donde se contrataron los primeros psicólogos, tras aprobarse la Ley de Divorcio de 1981. Se inició el trabajo pericial como experiencia piloto con la contratación de 20 psicólogos, encontrándonos hoy con más de 300 psicólogos dentro de las distintas Administraciones de Justicia, tanto en el ámbito central como autonómico. Las evaluaciones periciales dentro del ámbito de famlia se han centrado fundamentalmente en la evaluación de las alternativas de custodia y el mejor régimen de visitas para los hijos comunes tras la separación de sus padres. Con la Ley de Responsabilidad Penal del Menor (5/2000), la evaluación de los menores infractores ha sido uno de los ámbitos de mayor implantación de los psicólogos forenses, siendo preceptiva la intervención del equipo técnico a fin de valorar la propuesta educativa para los menores que han cometido un delito. En el ámbito penal, los psicólogos están evaluando tanto víctimas como agresores. Centrando nuestro trabajo con las víctimas en los grupos especialmente vulnerables (mujeres, menores y ancianos). Las mujeres víctimas de malos tratos están teniendo una especial atención y protección con una ley específica de violencia de género, en la que los psicólogos tienen una definida labor al evaluar las secuelas psicológicas derivadas del maltrato. A su vez, evalúan igualmente a los denunciados por violencia, realizando informe sobre la dinámica del maltrato, así como a presos condenados por delitos contra las personas valorando el pronóstico de reincidencia. En menores víctimas se requiere nuestra intervención primordialmente cuando se trata de abuso sexual infantil, habiendo sido el análisis de la credibilidad del testimionio (junto con las secuelas psíquicas derivadas de los mismos) donde se han requerido más evaluaciones. Poco a poco la Psicología Forense ha ido implantándose en la Administración de Justicia, atendiendo prácticamente todas las áreas jurisdiccionales (incapacidades, imputabilidades, peligrosidad, etc) pero nuestro trabajo ha sido en muchas ocasiones desarrollado atómicamente, por lo que en este año se ha creado la Asociación de Psicólogos Forenses de la Administración de Justicia (APF), que nace con el deseo de aunar las prácticas profesionales, desarrollar y consensuar guías de buenas prácticas, y contar con un corpus común de intervención, que ayude a la mejora del desarrollo de nuestra labor pericial, así como la expansión y consolidación de nuestro campo de actuación en otras ramas del derecho.

Palabras clave: Psicología Forense, Evaluación Pericial, Historia

JUR - Psicología Jurídica, Forense y Criminal

ANÁLISE DE CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS UTILIZADOS EM ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE ANOREXIA NERVOSA: UM PANORAMA DA LITERATURA NACIONAL. *Felipe Alckmin Carvalho** (Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo, São Paulo/SP), Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira (Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/SP)*

Embora existam manuais de classificação diagnóstica de transtornos psiquiátricos, até o presente, não há consenso entre clínicos e pesquisadores quanto à caracterização diagnóstica de diversos tipos de doenças mentais. Qualquer processo de intervenção psicoterapêutica e medicamentosa de um problema de comportamento inicia-se com uma avaliação diagnóstica precisa. A identificação de características clínicas, assim como o diagnóstico propriamente dito, fazem parte, na maioria das vezes, dos critérios de inclusão de indivíduos em grupos amostrais de estudos científicos. Esta condição é válida para todos os problemas de saúde mental, dentre eles a Anorexia Nervosa (AN), descrita atualmente como um transtorno alimentar associado a altos índices de mortalidade, cujos critérios diagnósticos têm sido amplamente estudados nas últimas décadas. Partindo desta perspectiva, o presente estudo teve como objetivos: (1) Verificar os critérios diagnósticos de inclusão de sujeitos com AN em pesquisas brasileiras no período de 2005 a 2010; (2) Identificar nesses artigos, a avaliação qualis e fator de impacto (FI) dos periódicos onde os mesmos foram publicados e, por fim, (3) Mapear a distribuição da produção científica sobre o tema no país. Os critérios de seleção dos artigos foram: (1) Estudos sobre AN com, pelo menos, um pesquisador brasileiro na condição de autor, publicados entre 2005 e 2010; (2) estudos com dados empíricos provenientes de relatos de caso ou pesquisas de campo publicados nas bases de dados SciELO e PUBMED. Como critérios de exclusão foram definidos: (1) Estudos com desenho de revisão teórica e revisão sistemática e (2) Trabalhos de pesquisa básica com uso de modelos animais. O levantamento bibliográfico foi conduzido mediante os descritores de busca simples e em combinação: transtorno alimentar, Anorexia Nervosa, Brasil, brasileiro e seus correlatos em inglês: eating disorders, anorexia nervosa, Brazil, brazilian. Na temática de AN foram identificados 171 artigos, porém somente 14 satisfizeram os critérios de inclusão. Os resultados mostraram que a produção científica sobre de AN está disposta, em sua maioria, no Sul e Sudeste, sobretudo no estado de São Paulo. Não foram encontrados estudos sobre o tema produzidos nas regiões norte ou nordeste. Entre os critérios de inclusão de sujeitos em pesquisa com AN, os mais utilizados foram o DSM-IV-TR e a CID 10, empregados para o diagnóstico em nove de 14 estudos. Um estudo teve como critério de inclusão dois instrumentos padronizados. Uma pesquisa descreveu como critério de inclusão "diagnóstico médico", sem outras especificações. Três pesquisas não descreveram como os sujeitos de pesquisa, ditos anoréxicos, foram diagnosticados. Houve grande oscilação quanto ao FI dos artigos selecionados, que variou de 1.215 a 2.749, sendo que 7 artigos não tiveram o FI avaliado. O mesmo ocorreu com a avaliação qualis, que variou de "A1", grau de qualidade considerado superior, a "C", nível mais baixo de avaliação. Sete artigos não foram avaliados. Os resultados apontam para a escassez de produção científica baseada em dados de pesquisa de campo com seres humanos, cuja distribuição e qualidade sejam uniformes no país. Cinco dos 14 estudos identificados não mostraram critérios diagnósticos específicos no método, o que demonstra a fragilidade metodológica de boa parte desta produção no país.

Anorexia Nervosa, Diagnóstico e Produção científica

MET

AS DEFINIÇÕES OPERACIONAIS DE RESILIÊNCIA NA LITERATURA ESPECIALIZADA: UMA REVISÃO. *Nathalia Piacentini*, Nathalia Vallim de Oliveira*, Eduardo José Legal, Marina Menezes, Josiane da Silva Delvan da Silva (Universidade do Vale do Itajaí – SC)*

A Psicologia Positiva foca seu interesse de pesquisa sobre os aspectos saudáveis do ser humano entre eles a resiliência. Entretanto, tal fenômeno é utilizado a partir de diferentes conceitos os quais a compreendem ora como adaptação, ora como superação, o que gera divergências sobre o conceito, podendo então ser confundido com outros fenômenos como o coping. Desta forma este trabalho teve como objetivo, investigar as definições operacionais presentes em pesquisas científicas sobre resiliência, e os instrumentos utilizados nestes estudos. Para tanto foi realizado um levantamento bibliográfico e uma análise dos estudos teóricos e de campo no período de 2006 a 2010, descrevendo as definições operacionais e os instrumentos utilizados para medir este fenômeno, assim chegando aos parâmetros definidos para o estudo da resiliência. Tais dados foram levantados em bases de dados e bibliotecas. Dentre o material encontrado foram selecionados os que apresentaram suas definições operacionais, instrumento de medida e coleta e seus fundamentos teóricos. A análise dos dados se deu a partir de quadros de referência, especificando as implicações teóricas e metodológicas dessas definições operacionais de resiliência. Ao final do levantamento bibliográfico foram selecionados 14 artigos, uma monografia e um manual. Para tornar a análise mais clara e de acordo com os objetivos deste estudo foram criadas categorias por semelhança de parâmetros (o que considera-se como resiliência e como se pode observá-la): a) resiliência como adaptação às situações adversas; b) resiliência como superação de situações adversas; e, c) resiliência como adaptação e superação ante situações adversas. A partir destas categorias percebeu-se que muitas pesquisas apropriaram-se de conceitos e definições operacionais diferentes das utilizadas no instrumento de medida aplicado, pois, há um grande numero de definições vigentes atualmente. Desta forma constatou-se que se as definições operacionais são diferentes, um único método não conseguirá abranger o fenômeno pesquisado, salvo se possuir sua própria definição de modo mais amplo. Esta pesquisa também detectou uma carência de instrumentos específicos para medir resiliência no Brasil, e um grande número de pesquisas com enfoque na adaptação, não levando em conta que neste constructo, adaptação e superação são interligados. Por fim, concluiu-se que a resiliência vai além do ato de acomodar-se ou adaptar-se a uma nova situação, pois, enquanto fenômeno diferenciado indica a capacidade de reconstituição, recomposição do sujeito, que se reorganiza de forma diferenciada da sua constituição inicial após enfrentar as situações adversas. Como fenômeno diferenciado (se o é) justifica-se enquanto campo de conhecimento e desenvolvimento de estudos.

Resiliência; Definição operacional; Instrumento

MET

CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DE PROCEDIMENTO DE RECRUTAMENTO PRESENCIAL PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA ONLINE – REPREPON. *João Fernando Rech Wachelke (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG), Jean Carlos Natividade** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Alexsandro Luiz de Andrade (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES), Rafael Moura Coelho Pecly Wolter (Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ), Brigido Vizeu Camargo (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).*

No Brasil já são frequentes as pesquisas em psicologia que se utilizam de questionários com convites enviados por email ou publicados em redes sociais, caracterizando estratégias de pesquisa com o recrutamento de participantes realizado por meio da internet. Porém, as pesquisas de levantamento de dados com recrutamento online tendem a apresentar taxas de participação menores que as tradicionais pesquisas enviadas por correio convencional. Ademais, a publicação de convites em sítios de redes sociais muitas vezes ignora a taxa de resposta dos estudos realizados, implicando influência de um viés de auto-seleção dos participantes que pode propiciar problemas na cobertura da população desejada, levantando dúvidas quanto à adequação dos dados obtidos dessa maneira em termos de representatividade, ao menos em comparação com coletas de dados realizadas com estudantes universitários. O presente estudo buscou avaliar um procedimento original misto com recrutamento presencial de estudantes universitários e posterior envio de convite aos emails cadastrados. Em sete estados brasileiros (ES, SC, RS, RN, PE, RO e MS), assistentes de pesquisa fizeram exposições presenciais breves em salas de aula de diversos cursos universitários de instituições públicas e privadas, convidando os alunos a participarem de uma pesquisa sobre temas da vida social. Após garantir a idoneidade do projeto e de seus autores e retirar dúvidas, os assistentes de pesquisa convidaram os interessados em colaborar a cadastrarem seus emails numa ficha impressa, e adiantou que eles receberiam uma mensagem de email nos dias subsequentes com o formulário eletrônico com um questionário contendo perguntas opinativas sobre um de três temas: namoro, curso superior ou emprego. Para compensar os estudantes pelo tempo utilizado na participação, foram oferecidos certificados online indicando a participação na pesquisa e também um relatório simplificado ao fim do projeto, contendo as principais descobertas realizadas. Posteriormente ao recrutamento presencial, foram enviados os convites por email. Para otimizar a taxa de resposta ao questionário, foram enviados lembretes de participação aos voluntários cadastrados 12 e 22 dias após o envio do primeiro convite. Foram enviados com sucesso 2373 convites de participação. A taxa de resposta inicial (até 11 dias após o envio do convite) foi 31,5%, subindo para 41,3% após o primeiro lembrete e chegando à taxa final de 46,2% após o segundo lembrete. As taxas de resposta foram semelhantes para os três temas de questionário utilizados, variando entre 44,6% (curso superior) e 47% (namoro) . Diferenças identificadas nas taxas de resposta de cada Estado podem identificar, por sua vez, diferenças culturais, contextuais, ou de desempenho no recrutamento. Em conclusão, o procedimento, aqui denominado Recrutamento Presencial para Pesquisa Online, "REPREPOn", permite uma relação favorável de custo e benefício aliando taxas de resposta próximas da metade dos inicialmente recrutados, amostras potencialmente grandes, pouco tempo e baixos custos, além de total transparência da cobertura realizada e baixa interferência nas atividades institucionais. Porém, cabe apontar que se mostra como procedimento adequado para ambientes com certas características: o recrutamento deve ser realizado junto a grupos com certa quantidade de pessoas, tais como escolas, universidades e organizações.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Metodologia de pesquisa; coleta de dados; levantamento de dados online.
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
MET

ESCALA DE MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL - EMEP: ESTUDO ATUALIZADO DE CONSISTÊNCIA INTERNA. *Kathia Maria Costa Neiva , Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro.*

A avaliação em Orientação Profissional requer o uso de instrumentos válidos e confiáveis, adequados à realidade brasileira. Portanto, é necessário realizar sistematicamente estudos com os instrumentos existentes, reavaliando sua qualidade métrica e atualizando as normas existentes. A Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP, desenvolvida por Neiva, tem como objetivo avaliar o nível de maturidade para a escolha profissional de adolescentes. A escala é composta de cinco subescalas: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional. As três primeiras escalas se referem a atitudes e as duas últimas aos conhecimentos necessários à tomada de uma decisão profissional consciente e madura. Sua fundamentação teórica se baseia na teoria do desenvolvimento vocacional e nas ideias de Super, Ginzberg e Crites com relação ao conceito de maturidade profissional. A escala foi publicada no final da década de noventa e está aprovada pelo sistema SATEPSI desde 2003. Sua validade e fidedignidade foram comprovadas no estudo original e a escala possui normas brasileiras para alunos do ensino médio. O presente trabalho teve como objetivo reavaliar a consistência interna da escala em uma amostra maior e mais ampla do que a do estudo original, após uma década de uso da escala por orientadores profissionais e pesquisadores. O presente estudo foi realizado junto a uma amostra de 1101 alunos, 61,5% do sexo feminino e 38,5% do masculino. A amostra foi composta de alunos do nono ano do ensino fundamental, das três séries do ensino médio e de cursinho pré-vestibular provenientes de escolas particulares (66,5%) e públicas (33,5%) de duas cidades brasileiras: uma localizada na região sudeste e a outra na região nordeste. Com isso, a amostra deste estudo, comparada à do estudo original (n = 506; alunos do ensino médio de escolas particulares de uma cidade da região sudeste), foi não só ampliada, mas diversificada, pois incluiu outras séries (9º ano e cursinho) e alunos de escolas públicas e particulares de duas cidades brasileiras de regiões distintas. Para estudar a consistência interna foram extraídos coeficientes alfa de Cronbach da escala total e das subescalas. Foram obtidos valores de coeficiente alfa acima de 0,70 em todas as subescalas, ou seja: Determinação = 0,89; Responsabilidade = 0,73; Independência = 0,72; Autoconhecimento = 0,75; Conhecimento da Realidade Educativa e Socioprofissional = 0,80. A escala de Maturidade Total alcançou um coeficiente alfa de 0,89. Estes resultados indicam uma boa consistência interna da escala e de suas subescalas, confirmam os resultados obtidos no estudo original da escala e reafirmam assim a qualidade métrica deste instrumento, que tem sido bastante utilizado em Orientação Profissional.

Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – Avaliação Psicológica – Instrumento psicológico

Apoio financeiro: Vetor Editora

MET

UM ESTUDO QUANTITATIVO ACERCA DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DE ALUNOS DE PSICOLOGIA SOBRE A FUTURA PROFISSÃO. *José Wneivton Barbosa, Laís Mororo Correa, Luciana Maria Maia Viana, Maria do Pérpetuo Socorro Pinto, Maria Fábia Rocha, Mirelle Barroso Lima (Universidade de Fortaleza)*

O presente trabalho tem como objetivo identificar o nível de conhecimento de alunos de psicologia sobre aspectos relativos à futura profissão, bem como suas possibilidades e restrições condizentes à atuação ética do profissional. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória, quantitativa, com a participação de 353 alunos, entre o 1º e o 11º semestre do curso de graduação de uma universidade particular da capital cearense, Fortaleza, sem discriminar a pertinência quanto ao currículo antigo ou novo. A amostra utilizada foi do tipo não-probabilística por conveniência. Para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário, aplicado individualmente, composto por 47 questões, sendo 7 relativas a dados sócio-demográficos (sexo, idade, período do curso, estado civil, renda familiar e religião) e 40 questões fechadas, com a alternativa V, para verdadeiro, ou F, para falso, referentes ao uso de instrumentos, técnicas e formas de atuação em diversas áreas e situações. Os dados foram tabulados e analisados com o auxílio do SPSS, versão 20.0. Dos colaboradores, 275 são mulheres e 74 homens, o que corresponde a 77,9% de mulheres e 21% de homens. Em relação à idade, a faixa etária variou entre 17 e 66 anos. Em relação ao período do curso, 81 participantes, a maior frequência registrada, estão no 6º semestre. Na análise dos dados, foi utilizada a correlação de Spearman, onde se faz referência a variabilidade da escala numérica de -1 a 1, onde, -1 trata-se de uma relação inversa entre as variávieis; quando, no entanto, o número passa a ser positivo, 1, as variáveis estabelecem relação direta. Essa correlação, porém, só é analisada como significativa quando seu valor for igual ou superior a 5%. Dessa forma, observou-se, tal como hipotetizado, que o conhecimento sobre a profissão de psicologia apresenta correlação significativa e positiva com o semestre do aluno, posto que a variável encontrada equivale a o,23, ou seja, 23%. Destaca-se que as variáveis idade, sexo e renda familiar não apresentaram correlações significativas com o conhecimento em questão. Tal resultado parece indicar que o citado curso de psicologia tem, de fato, contribuído para a aprendizagem dos alunos sobre a profissão, independente de suas características sócio-demográficas. Podemos, ainda, como conclusão, perceber a viabilidade de novos estudos serem realizados, afim de relacionar as variáveis aqui analisadas, como correlacionadas ou não, com outros aspectos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Outra possibilidade é a replicação da pesquisa em tela para o acompanhamento do referido processo em um estudo longitudinal.

Nível de Conhecimento da Profissão

Pesquisa Quantitativa

Correlaçãode Spearman

MET

PROPUESTA DIDÁCTICA PARA EL APRENDIZAJE DE LA MEDIA ARITMÉTICA, LA MEDIANA Y LA MODA, PARA ESTUDIANTES DEL PROGRAMA DE PSICOLOGÍA. *Luis Alexys Pinzon Castro (Universidad Cooperativa de Colombia, sede Villavicencio)*

El estudio de la estadística en general nos proporciona técnicas y métodos de análisis de fenómenos observables, enseña y ayuda a investigar en las ciencias en donde la variabilidad es la regla, en lo que se refiere a la recolección, procesamiento, presentación y descripción de información, se ha consolidado como un requisito importante en el análisis de información, en especial el análisis de las medidas de localización; las que son de importancia y aplicación para estudiantes de diferentes áreas del conocimiento, como por ejemplo, ciencias exactas, ciencias humanas, ciencias sociales, ciencias de la salud, en particular para los estudiantes de psicología, ya que en su cotidianidad profesional utilizan herramientas conceptuales básicas como el análisis de gráficos, la caracterización y descripción de información, que se utilizan en situaciones de identificación o caracterización de pacientes.

La presente ponencia presenta una análisis comparativo sobre el rendimiento académico en el aprendizaje de las medidas de localización de estudiantes de psicología de segundo semestre al presentarse dos metodologías, la primera la aplicación de una unidad didáctica mediante la utilización de la pedagogía activa en conjunto con una serie de estrategias y materiales didácticos que pretenden reducir la poca disposición al aprendizaje de estos conceptos por parte de los estudiantes, frente al trabajo con metodología tradicional.

Así, en cuanto a la enseñanza de la estadística, nos encontramos con la complicación de pedir a los docentes que impartan un contenido, para el que no todos han tenido una formación didáctica específica. Así mismo, el número de investigaciones sobre la enseñanza de la estadística es aún escaso, y sólo estamos comenzando a identificar las principales dificultades que tienen los estudiantes en los conceptos más importantes, por mencionar algunos como por ejemplo en los conceptos de la media aritmética, la mediana y la moda" (Batanero, 2000).

Motivado por esta problemática, se realizó este trabajo, soportado en el análisis de una investigación de aula, en la que se establece un estudio sobre la comprensión de las medidas de localización que tienen los estudiantes de psicología de la Universidad Cooperativa de Colombia, sede Villavicencio. El interés por este tema proviene de mi experiencia como profesor universitario de estadística en diferentes universidades de Bogotá y Villavicencio, a lo largo de la cual he percibido múltiples dificultades en los estudiantes y carencias en su aprendizaje acerca de este tema, específicamente de las medidas de localización, su representatividad y su aplicabilidad, sobre todo causado por la poca motivación en el estudio de materias que tengan que ver con las matemáticas, en este caso la estadística.

Así también, según un sondeo realizado al interior de la facultad, mi experiencia y la de otros docentes de esta disciplina, la estadística recibe poca atención por parte de los estudiantes universitarios, en particular de los estudiantes de psicología, a pesar de la importancia en su formación para la investigación y para su aplicación, específicamente en el manejo de pruebas psicométricas.

En contraste con la importancia de la estadística en ésta área de conocimiento, las herramientas que se dan a los estudiantes de esta carrera no responden según los estudiantes sondeados a estas expectativas debido al carácter del proceso de enseñanza

aprendizaje, pues en él no se tiene en cuenta el desarrollo histórico del manejo de información y sus aplicaciones reales en el contexto en el que se están desarrollando profesionalmente, hace falta la contextualización de problemas reales que les permita vislumbrar la importancia de cada medida de localización en su labor profesional; la metodología utilizada en la aplicación es en la mayoría de las ocasiones memorística, en lo que se enfatiza es en formulas y no se da espacio al análisis de los conceptos y su aplicación, por esto mismo se presenta confusión en la utilización de algunos de estos conceptos.

Por otro lado, es evidente la necesidad sentida de aprender a manejar paquetes estadísticos y de análisis de datos. En general el estudiante de psicología, presenta poca disposición a aprender y operar herramientas estadísticas que le permitirían desarrollarse mejor en su campo profesional. Piensa que las disciplinas de las ciencias de la salud requieren de muy poco o incluso de un nulo conocimiento estadístico o matemático, pero en la práctica, tanto el profesional como el estudiante se dan cuenta de que hay profesiones de la salud como la enfermería, la medicina, la odontología, la psicología que requieren, por el contrario, de un alto contenido de ellas.

Por todo lo anterior se desarrolló una propuesta metodológica para enseñar las medidas de localización en particular la media aritmética, la mediana y la moda a estudiantes de psicología, en conjunto con una serie de estrategias y materiales didácticos que pretenden reducir, en cierta medida, esa poca disposición al aprendizaje de esta disciplina, y dar respuesta a la pregunta: ¿lograrán los estudiantes de Estadística Descriptiva de Psicología utilizar de manera adecuada y con precisión la media aritmética, la mediana y la moda después de utilizar una unidad didáctica pertinente a su contexto, enfocada en la pedagogía activa? Y se compararon los resultados obtenidos en los dos grupos, el anterior y el grupo de estudiantes aprendiendo con la utilización de la metodología tradicional, en la cual la memoria es el soporte básico.

Se utilizó en la elaboración de la unidad didáctica la pedagogía activa como una herramienta metodológica que permite utilizar los preconceptos y actividades construidas con el propósito único que el estudiante sea el que maneje los ritmos de su propio aprendizaje, con la colaboración del docente quien juega un papel muy importante, en cuanto al diseño de actividades que permita que el estudiante vaya paso a paso incursionando en cada uno de los conceptos, propiedades y aplicaciones de los mismos.

Así mismo, se presenta la metodología utilizada para evaluar la aplicación de la unidad didáctica en torno a los preconceptos adquiridos por los estudiantes desde su educación escolar, en los diferentes colegios de bachillerato de donde llegan a la universidad, frente a los estudiantes que no utilizaron la unidad y trabajaron los conceptos de media, mediana y moda con metodología tradicional y menor tiempo de trabajo.

Aprendizaje, estadística, psicología.

MET - Metodología de Investigación y Instrumentos

ANÁLISE DE CLIMA ORGANIZACIONAL COMO MEIO DE APRENDIZADO NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA. *Rebeca Harumi de Nóbrega Guenka*, Luisa Souza Trindade*, Naianne de Cassia Moura Lira*, Julia David Wahrendorff* e Ana Thereza Nunes de Aguiar Rodrigues* (Universidade de Brasília)*

O conceito de clima organizacional não é consensual, mas pode ser definido como fenômeno multidimensional e duradouro, formado e compartilhado pelas experiências dos indivíduos com a finalidade de orientar e regular o comportamento desses na organização. Uma maior compreensão do clima organizacional orienta a criação de estratégias organizacionais que visam aperfeiçoar os pontos a serem desenvolvidos na empresa, proporcionando assim a otimização do desempenho dos trabalhadores e por conseqüência do desempenho organizacional. Tal desempenho pode ser aprimorado pode meio do aumento da motivação, satisfação com o trabalho e qualidade de vida. Tendo em vista a importância da pesquisa desse construto para o crescimento de uma empresa e consequentemente da demanda desse tipo de serviço no mercado, assim como a necessidade de se colocar em prática todo o conhecimento sobre o assunto durante a graduação em Psicologia, esse trabalho tem como objetivo apresentar como foi realizado o serviço de análise do clima organizacional de organização de médio porte do Distrito Federal prestado por uma Empresa Júnior de Psicologia da Universidade de Brasília. Para a realização da pesquisa houve a confecção e a validação de um questionário formado por seis dimensões: Liderança/Autoridade, Valorização, Relações Interpessoais, Suporte Organizacional, Clareza e Interesse pelo trabalho, com a escala de respostas variando de 1 a 5, sendo 1 correspondente a discordo totalmente e 5 a concordo totalmente. A aplicação do instrumento contou com a participação de vinte e três membros da Empresa Júnior e foi realizada em uma amostra de 1060 funcionários da organização. Os dados foram analisados por meio do software PASW Statistics 18. Observou-se que a percepção dos fatores Interesse e Clareza pode ser considerada favorável. Já as percepções dos fatores Liderança/Autoridade, Relações Interpessoais, Suporte Organizacional e o fator Valorização foram indicados como aceitáveis, o que sugere que não são fatores que precisam de uma intervenção imediata. Esses resultados serviram para estabelecer e implantar ações que trouxessem melhorias para os fatores que obtiveram os escores menos favoráveis nessa organização. Desse modo, para o cliente os serviços puderam incitar melhorias organizacionais para que os funcionários tenham melhor bem estar no trabalho, podendo gerar mais produtividade na organização. No âmbito das empresas juniores, os benefícios trazidos pela realização desse serviço podem ser observados em diversas dimensões, entre elas maior visibilidade, fidelização e indicações de clientes para a empresa, a capacitação dos alunos membros em termos de conhecimentos técnicos, sendo essa uma oportunidade para aplicar na prática o que foi aprendido nas salas de aulas e em pesquisas, bem como o contato com o mercado de trabalho mais cedo, dando assim possibilidade de crescimento profissional e pessoal durante a graduação.

Clima Organizacional, Empresa Júnior, Mercado

ORG

EFEITOS DO DISCURSO DE COMPETÊNCIAS NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO CONTINUADA NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL BRASILEIRA. *Luana Silvy de Lorenzi Tezza Magnin, Wallisten Passos Garcia, Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan (Fiocruz)*

O discurso das competências tem estado em grande evidência nas discussões relacionadas à educação continuada na administração pública federal brasileira. Quais as produções subjetivas desse enunciado, aparentemente neutro e comprometido apenas com a melhora da qualidade dos serviços? Este trabalho analisa os efeitos do discurso das competências nos modos de subjetivação dos sujeitos envolvidos nas práticas de educação continuada na administração pública. Trata-se de um estudo discursivo-conceitual, a ser realizado a partir da perspectiva bakhtiniana, por meio do qual o conceito das competências será estudado em sua polissemia constitutiva e em relação aos seus movimentos de tensão e contradição. As condições de produção socio-históricas do enunciado são analisadas em sua ascensão e legitimação enquanto discurso oficial da capacitação de pessoas na administração pública. Verificamos que o discurso de valorização da capacitação de pessoas no cenário público atual está intrinsecamente relacionado à busca pela apresentação de melhores resultados para as instituições, de modo que as práticas educativas incentivadas são as que podem ser imediatamente mensuradas em termos de efetividade, eficiência e eficácia. O discurso das competências e as práticas educativas por ele engendradas produzem modos de subjetivação que conferem aos sujeitos lugares sociais específicos, cujos efeitos não se restringem à dimensão técnica do trabalho, mas se propagam para sua vida e relações cotidianas. Na forma como o discurso da competência é utilizado, a dimensão humana dos sujeitos parece ser secudarizada em relação à sua dimensão instrumental e produtiva. Apesar disso, o sujeito é convocado e seduzido, em sua existência, a ser inovador, criativo, flexível, pró-ativo, autônomo e (hiper)responsável, uma vez que deve ser capaz de responder por várias vozes. E é também convocado a se envolver, de modo capilar, na construção do futuro das instituições das quais é participante. Esse enunciado das competências responde e tensiona com os discursos dominantes das reformas educacionais do Brasil dos últimos trinta anos e se direciona às teorias atuais da administração, que sustentam a neutralidade, a objetividade, a meritocracia, a profissionalização do serviço público e a gestão estratégica de pessoas como "cláusulas pétreas" na gestão das instituições. Constatou-se que, apesar de oficial, o discurso das competências ainda não se encontra suficientemente consolidado no setor público, e que as críticas às práticas educativas amparadas por esse discurso, apesar de menos evidenciadas, são tão diversas quanto o próprio conceito. Desse modo, considera-se relevante o desenvolvimento de pesquisas que possam direcionar os programas de educação continuada e que considerem os servidores não apenas como destinatários de cursos e formações definidas por uma "cúpula estratégica", mas como sujeitos de voz, habilitados a construirem, pensarem e a responderem, para além do futuro das instituições, às necessidades atuais de qualificação do serviço público federal.

Apoio bolsa CAPES

Palavras-chave: competências, educação continuada, discursos

Mestrado – M

ORG

ELO CONSULTORIA - EMPRESA JUNIOR DE PSICOLOGIA: RELATO DE UM PROJETO DE PESQUISA E ENSINO. *Regina Márcia Brolesi de Souza (Universidade Estadual de Londrina)*

O presente trabalho apresentará um relato de experiência do Projeto de Ensino - Elo Consultoria, empresa júnior de psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Trata-se de um projeto de ensino que tem como objetivo desenvolver as habilidades profissionais e pessoais dos graduandos de todos os anos do curso de Psicologia. De acordo com o Conceito Nacional de Empresa Júnior (CNEJ), Empresa Júnior é uma associação civil constituída por alunos matriculados em cursos de graduação em instituições de ensino superior. Tem por objetivo realizar projetos e serviços na área de atuação do curso de graduação no qual a empresa júnior está vinculada, colocando em prática o que é aprendido durante a graduação. Empresas Juniores contribuem para o desenvolvimento do país, e na formação de profissionais capacitados e comprometidos com as atividades que realizam. Além disso, o desenvolvimento profissional das pessoas que compõem o quadro social da Empresa Junior é fomentado por meio da vivência empresarial, que permite aos jovens empreendedores desenvolverem habilidades relacionadas à graduação e habilidades comportamentais como trabalho em equipe e relacionamento interpessoal. A metodologia utilizada no presente trabalho foi a análise documental de registros e projetos que a Elo Consultoria, como Empresa Júnior de Psicologia, produz e já produziu, além de relato de alunos e professores inseridos no projeto, bem como ex-alunos já atuantes na área de psicologia organizacional e do trabalho. Dentre os resultados obtidos verifica-se que na Elo Consultoria, Empresa Júnior de Psicologia que realiza serviços na área de Gestão de Pessoas, os membros (atualmente com 25 estudantes, do primeiro ao quinto ano do curso) possuem oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. A diretoria de gestão de pessoas é responsável por passar feedbacks aos membros para sinalizar questões que devem ser melhoradas além de apontar as situações em que o membro se comportou de forma adequada. A Elo consultoria possui também o Programa de Capacitação Individual que trabalha com o desenvolvimento de competências individuais, em que cada membro é responsável por preencher uma ferramenta descrevendo como se auto-avalia em relação a cada competência e a partir disso, com acompanhamento da diretoria de gestão de pessoas, traçar estratégias para melhorar e aperfeiçoar suas habilidades em todas as áreas da empresa, e também no que diz respeito à sua vida pessoal. Os participantes da empresa júnior buscam também o desenvolvimento constante a partir de treinamentos que são captados pelos próprios membros a partir das demandas observadas na empresa. Verifica-se que a maioria dos ex-alunos que já foram da Elo encontram uma grande oportunidade no mercado externo quando buscam o primeiro emprego. Pode-se concluir então, que a experiência em um projeto de ensino como a Empresa Júnior Elo Consultoria é importante e significativa para a inserção dos alunos no campo de atuação da psicologia organizacional e do trabalho, uma vez que além da aproximação prática, possibilita aos alunos um aprofundamento teórico e uma maior produção de conhecimento.

ORG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NO CONTEXTO DO TRABALHO CONTEMPORÂNEO. *Nayara Silva de Noronha, Déborah Mara Siade Barbosa, Alessandro Vinícius de Paula, Cléber Carvalho de Castro (IFSULDEMINAS)*

As recentes transformações na sociedade contemporânea implicam em mudanças não só na esfera econômica, mas também nos formatos organizacionais, na gestão empresarial e no mundo do trabalho. As inovações tecnológicas são apontadas como precursoras de tais alterações e o empreendedor como agente propulsor da inovação. Em relação ao trabalho humano, a inovação e o empreendedorismo geram um fenômeno paradoxal, por um lado há uma reestruturação do trabalho, que modifica a estrutura, a cultura, a filosofia e as dimensões do trabalho, por outro, esta também pode fomentar as desigualdades sociais e exclusão, contribuindo para o desemprego e subemprego. Assim, considerando o trabalho como uma categoria estruturante para o ser humano, este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca das transformações que as inovações tecnológicas e o fenômeno do empreendedorismo podem acarretar nas formas de organização do trabalho no mundo contemporâneo. É preciso compreender que a inovação tecnológica, apesar de trazer benefícios ao desenvolvimento técnico-científico de uma sociedade, com repercussão em diversas áreas, nem sempre se traduz em uma mudança substantiva em termos de melhoria das condições do trabalho e do processo organizacional como um todo. A exaltação simplista e acrítica da inovação como componente do desenvolvimento econômico tende a não levar em consideração os seus impactos sociais, sendo, no mínimo, preocupante tal constatação. Do mesmo modo, a glorificação do empreendedor como sujeito promotor da inovação tecnológica cria estereótipos para o perfil desejado de um "novo" trabalhador. Nesta perspectiva, os indivíduos que não apresentam perfis considerados inovativos, criativos e proativos estão ficando à deriva dentro das organizações, em sub-funções ou excluídos do mercado de trabalho. Tais constatações aumentam a complexidade da compreensão do mundo do trabalho, o qual possui caráter subjetivo e central na vida do indivíduo. Destarte, essas transformações provocam diversas conjecturas acerca das consequências das mudanças na sociedade contemporânea para os formatos organizacionais, para as relações de trabalho, para a saúde do trabalhador, bem como para os aspectos macro ambientais, tais como a concentração de renda e as desigualdades sociais do país. Há de ser levar em consideração que as principais correntes teóricas de inovação e empreendedorismo são desenvolvidas em uma cultura empresarial, econômica e educacional diferente da realidade brasileira. A importação destes modelos para o cenário brasileiro apresenta particularidades de fundamental importância para a compreensão das transformações que a inovação tecnológica e o empreendedorismo podem acarretar em um país em desenvolvimento, cujas mudanças sócio-econômicas, apesar de lentas, são graduais e contínuas. Desse modo, faz-se necessário refletir acerca dessas novas configurações e ponderar se tais modificações implicam apenas em benesses à sociedade, em especial a nossa realidade brasileira. Tal reflexão crítica mostra-se urgente, em especial, para os pesquisadores e profissionais que atuam nas áreas de Gestão de Pessoas, estudos organizacionais, ciências sociais, campos multidisciplinares de investigação e atuação que congregam várias áreas do conhecimento e profissionais diversos.

ORG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

GERAÇÃO Y E VALORES: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE JOVENS TALENTOS. *Jamile Gomes Santos, Roberta da Silva Pereira, Rodolfo de Castro Ribas Junior (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ)*

O mercado de trabalho brasileiro aponta para a falta de mão de obra qualificada no país. As empresas procuram jovens talentos para preencher as oportunidades nos programas de estágio e trainee, com perspectiva futura de ocuparem cargos de liderança. Esses jovens talentos, que estão na faixa etária de 18 a 25 anos são atualmente conhecidos como Geração Y. A geração, conhecida nos Estados Unidos como "Geração Internet", é identificada por ser multitalentosa, superestimada, socialmente consciente, exigente e criativa. A Geração Y é um desafio para os gestores que geralmente têm a mesma idade de seus pais superprotetores. O advento da tecnologia pode favorecer e estimular uma nova configuração na rotina de trabalho para a liberação das pessoas do trabalho meramente operacional para a realização de atividades mais avançadas e assim poderem empregar maior força intelectual, fazendo uso da criatividade, da inovação, atributos que os jovens talentos demonstram interesse e realização nas atribuições profissionais. O objetivo geral do estudo é identificar as definições e descrições referentes a essa geração, que tem sido relevante tema de pesquisa por autores estrangeiros. Parece restrita a pesquisa científica brasileira sobre o assunto, razão pela qual, utilizar-se-ão referências bibliográficas desses autores estrangeiros com o intuito de verificar a correlação existente entre os jovens estudados por estes autores e os jovens que serão a amostra desta pesquisa. Como objetivos específicos espera-se: verificar se os valores organizacionais que as empresas possuem e apresentam nos programas seletivos, aproximam-se dos valores e expectativas desses jovens profissionais; compreender mais claramente como os valores estão vinculados aos jovens da Geração Y, identificando dados que levarão a resultados sobre a possibilidade de alinhamento de valores pessoais e organizacionais. A metodologia utilizada nesse estudo compõe uma revisão bibliográfica e uma pesquisa sobre a Geração Y, valores pessoais e organizacionais com intuito de obtenção de dados que corroborem com os estudos teóricos. Utilizar-se-ão questionários estruturados para identificar tipos motivacionais de valores pessoais e os valores organizacionais que constituem o núcleo da cultura organizacional. Analisar os valores da Geração Y e os valores estruturados das organizações possibilitará um senso de direção, sustentação de atitudes, orientação do comportamento, auxílio na identificação de interesses e desejos dos colaboradores. Pretende-se através da pesquisa, colaborar para a melhor compreensão dos profissionais que atuam com gestão de pessoas a conhecerem mais sobre os desafios e oportunidades relacionados à Geração Y na esfera profissional e ampliar os estudos e pesquisas sobre o assunto, a fim de colaborar com a ciência e a sociedade.

Geração Y, Jovens Talentos, Valores

ORG

GESTÃO DE PESSOAS DE UMA EMPRESA DO SETOR SUCRO-ALCOOLEIRO: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Ana Paula Medeiros, Carolina Ruiz Longato, Thaís Zerbini (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

O atual mercado de trabalho é marcado pela intensificação e ampliação da concorrência, pela crescente instabilidade de negócios e atividades, pela volatilidade do conhecimento, pela baixa previsibilidade da relação das empresas com seus mercados e clientes e pela intensificação de estratégias de customização. Neste contexto, a área de Recursos Humanos (RH) aparece como elemento diferencial entre as empresas. O modelo de Gestão de Pessoas por Competências tem se mostrado capaz de lidar com as exigências do contexto atual. O conceito de competência é definido como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHAs) observáveis e mensuráveis, que estão disponíveis para serem mobilizados numa situação específica, a fim de alcançar um determinado propósito no trabalho, que podem ser desenvolvidos e treinados. A adoção deste conceito permite maior flexibilidade e adaptabilidade, condizente com a tendência do mercado. Este estudo objetivou analisar atividades de uma empresa do setor sucro-alcooleiro, assim como, refletir acerca de como tais atividades poderiam ser melhor desempenhadas, tendo em vista a missão, os valores, a visão e as estratégias da organização. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com o Supervisor de Administração Pessoal e com Gerente de Recursos Humanos; análise documental e consulta ao site da empresa. Os dados foram analisados a partir da perspectiva do modelo de Gestão de Pessoas por Competências. A organização trata-se de uma empresa privada, que contava com aproximadamente 7000 funcionários, entre a matriz e duas filiais. A empresa possui clara estrutura burocrática, com alto grau de especialização vertical e horizontal. Percebeu-se que se encontra em um momento de transição de um modelo de gestão mais tradicional para um modelo de Gestão de Pessoas próximo ao modelo Gestão por Competências. Parece que essa reestruturação acontece em paralelo, porém em menor velocidade, com outras mudanças estratégicas que a empresa teve de adotar para se manter competitiva, diante da instabilidade do mercado. Existe uma tentativa de mapeamento das competências, tanto organizacionais quanto individuais. O gerente reconhece que para mapear competências e pensar em treinamentos é necessário que se desenvolva um trabalho de pesquisa nas diversas áreas da organização. A organização demonstra uma preocupação com possíveis objetivos e metas dos funcionários, o que, do ponto de vista, estratégico é fundamental. A visão estratégica permite que a organização desenvolva programas de responsabilidade sociais: pelo o que foi observado no site da empresa, são bem elaborados e reconhecidos pela comunidade. Entretanto, inferiu-se que a organização ainda possui déficits nos procedimentos de avaliação de desempenho dos funcionários, o que pode dificultar o trabalho de mapeamento das competências e a avaliação da necessidade de treinamentos. Foram sugeridas alterações, como a adoção de critérios de seleção menos subjetivos e maior esclarecimento sobre planos de carreira. Estudos que envolvem organizações do setor sucro-alcooleiro são importantes, principalmente, devido às responsabilidades econômicas e sociais que este setor assume no país como um todo. Melhorias na maneira como se organiza a Gestão de Pessoas no comércio da cana-de-açúcar significa melhores condições de trabalho e maiores possibilidades de crescimento econômico para as organizações e para o país.

Psicologia Organizacional; Gestão de Pessoas por Competência; Setor Sucro-alcooleiro.

ORG

IMPACTO DE SATISFAÇÃO NO TRABALHO, PERCEPÇÃO DE SUPORTE ORGANIZACIONAL E SOCIAL NO TRABALHO SOBRE BURNOUT. *Áurea de Fátima Oliveira, Vanessa Faria Neves**, Priscila Castro Alves** (Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia – M.G)*

Burnout é uma síndrome psicológica decorrente de tensão emocional crônica no trabalho, sendo constituído pelas dimensões exaustão emocional (sentimentos de desgaste emocional e esvaziamento afetivo); desumanização (reação negativa, insensibilidade ou afastamento excessivo do público que deveria receber os serviços ou cuidados do paciente); e decepção no trabalho (sentimento de diminuição de competência e de sucesso no trabalho). Dentre estudos empíricos sobre o tema, há aqueles que tratam de perfil epidemiológico, contudo, há uma carência de pesquisas empíricas brasileiras que sejam capazes de revelar fatores organizacionais relacionados ao desenvolvimento do Burnout. Frente a essa lacuna na literatura, este trabalho teve por objetivo estudar o impacto da satisfação no trabalho (ST), percepção de suporte organizacional (PSO) e percepção de suporte social no trabalho (PSST) sobre a Síndrome de Burnout (SB) em profissionais da saúde. A amostra do estudo consistiu em 255 trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário que responderam a um instrumento contendo dados sócio-funcionais, e escalas válidas e fidedignas dos construtos relacionados. Os dados foram analisados através do programa SPSS 12.0, sendo calculadas estatísticas descritivas, Alpha de Cronbach e análises de regressão múltipla stepwise. As variáveis dependentes foram exaustão emocional, desumanização e decepção no trabalho. Os índices de confiabilidade para as escalas nesta amostra do estudo foram satisfatórios. Os resultados indicaram que para a dimensão de exaustão emocional há quatro preditores, sendo eles: satisfação com a natureza do trabalho com maior percentual de variância explicada (29%), percepção de suporte organizacional (5%), suporte social emocional no trabalho (2%) e satisfação com o salário (1%). A dimensão desumanização teve como antecedentes a satisfação com a natureza do trabalho com 7% de variância explicada, e a percepção de suporte organizacional que explicou 2% da variância. Por sua vez, a dimensão decepção no trabalho, apresentou os mesmos preditores de exaustão emocional, com percentuais semelhantes de variância: satisfação com a natureza do trabalho (29%), percepção de suporte organizacional (6%), suporte social no trabalho emocional (1%) e satisfação com o salário (1%). Os maiores percentuais de explicação para as três dimensões da Síndrome de Burnout foram atribuídos à satisfação com a natureza do trabalho e à percepção de suporte organizacional, evidenciando a importância das organizações de saúde estabelecerem estratégias de valorização dos profissionais da área de enfermagem, bem como apoio material e gerencial às atividades desenvolvidas por esses trabalhadores. Diversas pesquisas mostram que características do ambiente de trabalho estão associadas ao desenvolvimento da exaustão emocional, que é considerada como o fator central do Burnout. Outros estudos serão necessários a fim de confirmar se essas relações se sustentam com outros profissionais da saúde. Além disso, uma das limitações desse estudo consiste no fato de ele ter sido desenvolvido em um único Hospital Universitário, o que torna restrita a generalização dos seus resultados.

Burnout, percepção de suporte organizacional, percepção de suporte social no trabalho, satisfação no trabalho

ORG

INCERTEZAS PSICOLÓGICAS NA AÇÃO EMPREENDEDORA. *Nayara Silva de Noronha (IFSULDEMINAS)*

O empreendedorismo é indicado como um dos fatores críticos de sucesso mais significativos para o desenvolvimento econômico e geração de riqueza e renda para as nações. A figura do empreendedor, devido seu papel como agente do desenvolvimento econômico e propulsor de inovação, destaca-se em um cenário globalizado que exige das organizações uma nova postura para obter ou manter sua competitividade. Dentre as diversas variáveis que compõe este fenômeno, a incerteza aparece como um dos elementos centrais que permeia a ação empreendedora. Destarte, este trabalho é resultado de estudos e reflexões acerca da temática para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, com o objetivo de expor considerações acerca da influência da incerteza psicológica na ação empreendedora. A incerteza, sob a abordagem psicológica, é compreendida como o processo de procura de regularidades naquilo que nos rodeia e por isso, os sujeitos procuram controlar e prever o desconhecido. Esta está relacionada com as inseguranças e desconfianças do ser humano a partir das suas experiências e do seu desenvolvimento. A incerteza pode tornar-se perturbadora quando os indivíduos acreditam ser capazes de influenciar o que vai acontecer ou influenciar a forma como lidar com isso. Atualmente, o aumento da competitividade e a pressão pela produtividade geram complexificação das relações profissionais, causando insegurança nos sujeitos com relação ao profissional. O empreendedorismo surge como o processo de criar algo novo com valor dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência econômica, pessoal e social. Deste modo, percebe-se que a figura do empreendedor, como sujeito promotor da inovação e agente do desenvolvimento econômico, convive com a incerteza em toda sua ação. Nesta perspectiva, os indivíduos empreendedores precisam apresentar perfis considerados inovativos, criativos e proativos para driblar a influência do desconhecido em seu contexto de trabalho. Assim, a aprendizagem social acerca das incertezas permite ao empreendedor atribuir significados aos acontecimentos e gerir as incertezas humanas. Os empreendedores, então, passam a transformar o significado do trabalho devido à vivência em um sistema caracterizado pela incerteza. A busca pelo novo, a aceitação do risco e as recompensas advindas da ação empreendedora são, muitas vezes, consideradas as variáveis motivadoras para o sujeito empreendedor. Entretanto, tal ponto de vista, desconsidera que os indivíduos encontram dificuldades em lidar com a incerteza na construção de significados para a existência pessoal e profissional. O empreendedor, na glorificação de sua figura no cenário sócio-econômico, fica a deriva da compreensão de suas inseguranças, o que provoca uma concentração de estudos explicativos sobre o empreendedorismo e não compreensivos. Como qualquer ser humano, as incertezas psicológicas afetam a tomada de decisão do empreendedor na vida pessoal, bem como em sua ação empreendedora. Desta forma, faz-se necessário compreender como os empreendedores percebem e enfrentam a incerteza psicológica e como estas afetam as decisões da ação empreendedora.

ORG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

JUVENTUDE E TRABALHO: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E UNIVERSITÁRIOS. *Iúri Novaes Luna (Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC), Vanderlei Brasil, Camila Felipe*, Marina Leal Freitas Williams*, Welton Roberto Kuwer Azambuja* (Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC)*

As constantes transformações no universo do trabalho e emprego exigem contínuas avaliações e novos posicionamentos dos indivíduos frente às escolhas ao longo de suas trajetórias profissionais, o que evidencia a relevância do planejamento de carreira. Especificamente no que se refere ao desenvolvimento profissional de alunos do ensino médio e universitários, a revisão de literatura indica a escassez de ações de planejamento de carreira entre os estudantes investigados, bem como da utilização de métodos e técnicas para esse fim em instituições de ensino. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa foi produzir conhecimento e desenvolver tecnologia, na forma de uma jogo instrucional eletrônico, para subsidiar alunos de Ensino Médio e universitários na elaboração de seus planejamentos de carreira. Os objetivos específicos foram: identificar o projeto profissional de alunos do Ensino Médio e ingressantes de cursos de graduação; identificar as principais situações de escolha nas trajetórias de trabalho de diferentes profissionais; levantar técnicas individuais e grupais utilizadas no processo de escolha profissional e planejamento de carreira; elaborar o conteúdo pedagógico do jogo; construir a estrutura e os processos do jogo; definir a interface gráfica e a modelagem digital dos elementos gráficos do jogo. A realização da investigação contou com as seguintes etapas: 1) revisão de literatura nas bases de dados sobre: formação, mercado de trabalho e campo de atuação; escolha e orientação profissional; projeto de vida; desenvolvimento e planejamento de carreira; 2) revisão de literatura nas bases de dados sobre métodos e técnicas no campo da orientação profissional e planejamento de carreira e jogos instrucionais utilizados na área da educação; 3) análise do conteúdo de acordo com a revisão bibliográfica; 4) desenvolvimento do jogo instrucional sustentado em cinco fases: Definições iniciais; Geração de Conceito; Validação do conceito; Desenvolvimento e Validação do Projeto. Como resultado, o jogo foi construído em duas etapas: “Planejamento de Carreira” (autoconhecimento e definição de objetivos e metas) que permite ao jogador visualizar quais são as etapas necessárias para elaboração de um planejamento de carreira; “Trajetória Profissional” (educação inicial, educação avançada, atuação profissional e aposentadoria) que possibilita ao jogador visualizar a simulação de situações reais que exigem tomada de decisão e, consequentemente, a efetivação do planejamento elaborado. O jogo desenvolve-se conforme decisões do participante e, evetualmente, envolve fatores impremeditados. Em cada nível, o jogador pode escolher entre opções que têm como indicadores tempo, recursos financeiros e coerência interna entre as escolhas realizadas. Ao final do jogo, o participante pode visualizar a coerência das escolhas que realizou, em relação aos objetivos e metas anteriormente definidos, assim como o saldo de tempo e dinheiro restantes. O jogo de planejamento de carreira caracteriza-se como um recurso que maximiza as possibilidades de estudantes realizarem escolhas profissionais de forma criteriosa e contextualizada, auxiliando-os a gerir suas carreiras com maior autonomia e competência durante seus processos de desenvolvimento profissional.

Desenvolvimento Profissional, Planejamento de Carreira, Orientação Vocacional.

Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC

ORG

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DE CARREIRA. *Sirlei Dias Ribeiro*, Raquel Christiane*, Anderson Garcia*, Sônia Beatriz Motta Macedo (Curso de Psicologia, Centro Universitário do Triângulo-UNITRI, Uberlândia/MG).*

O projeto pessoal de carreira consiste numa forma de apropriação da construção da própria história profissional. Implica em uma avaliação de si mesmo e num processo de criação de competências direcionado para a realização de uma identidade profissional. O presente trabalho teve como objetivo promover uma reflexão sobre a importância do planejamento de carreira a partir de uma experiência de um grupo de estagiários de psicologia, realizada com um grupo de 03 jovens estudantes do 3ª período do curso de graduação de uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Uberlândia (MG), tendo como premissa básica estimular a ampliação do autoconhecimento de suas potencialidades e interesses, discutir alternativas para o controle de suas carreiras, gerarem a crítica sobre verdades absolutas sobre carreira, além de possibilitar o planejamento da continuidade da formação acadêmica e o futuro profissional. As atividades que comporam a orientação profissional e de carreira buscaram identificar nas alunas, o autoconhecimento, aptidões, habilidades e o perfil profissional, assim como uma orientação individual, na busca de melhorias que se adéquam a meta de especialização definidas pelas alunas inicialmente. Para o desenvolvimento de um plano individual de carreira, foram necessárias algumas atividades como auto avaliação, estabelecimento de objetivos de carreira, definição de um plano de ação para realização dos objetivos. Neste processo envolveram também o conhecimento de diferentes atividades profissionais, cursos e áreas de atuação, bem como, tendências do mercado de trabalho, nos quais facilitam o processo de definição do plano de carreira. O trabalho foi realizado em um processo dinâmico, de curta duração e em grupo, sendo realizados cinco encontros semanais, de uma hora de duração. A proposta foi oferecer um espaço de reflexão e sensibilização para as temáticas relacionadas ao Plano de carreira profissional, pois a partir do autoconhecimento, da reflexão sobre o "mundo do trabalho", pode-se planejar a continuidade da formação acadêmica e o futuro profissional – construção de um "projeto de vida futura". A análise das informações contidas no material utilizado no processo de orientação profissional foi positivo no aproveitamento das atividades realizadas com ênfase ao planejamento de carreira profissional, sendo a prática confirmada com a teoria apresentada. Conclui-se então que os alunas aproveitaram a oportunidade para participar de um evento que promoveu seu autoconhecimento e desenvolvimento, para a partir daí, poder encontrar subsídios para o estabelecimento de objetivos e metas pertinentes à sua carreira profissional, oferecendo assim a busca por oportunidades que sejam condizentes com suas aspirações profissionais.

Carreira, planejamento profissional, orientação profissional

ORG

PESQUISAS SOBRE LIDERANÇA: PERCURSO DE UMA DÉCADA., *Virginia Souza Drummond (Departamento de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil), Jamile Gomes Santos (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil).*

Este trabalho apresenta percurso de dez anos de pesquisas sobre Liderança, visando: (i) construção de modelos, estratégias e instrumentos de intervenção no contexto organizacional; (ii) facilitação de mudanças no campo empírico; (iii) contribuição à formação do Psicólogo Organizacional através da integração teoria-prática. A fundamentação teórica busca a articulação entre os temas: Liderança, Confiança e Capital Social organizacionais, inserindo-se, posteriormente, Valores no Trabalho. Liderança é compreendida sob prisma relacional – e não personalógico. Destaca-se o papel da confiança para legitimação de gestores como líderes, por seus colaboradores e para geração de capital social organizacional, imprescindíveis ao processo de produção coletiva. Práticas dos gestores investigadas como facilitadoras: Comunicação, Estímulo à Cooperação, Proteção e Consideração, capazes de influenciar Comportamentos, Atitudes e Performance dos colaboradores e os resultados da organização. Metodologia: Pesquisa-Ação, com estratégias qualitativas e quantitativas complementares. Instrumentos construídos e validados: Inventários de Práticas de Gestores e de Resultados dos Colaboradores, aplicados a Gestores e Colaboradores, de forma mutuamente avaliativa. Observação participante, entrevistas em profundidade, técnica de evocação livre, são utilizadas. Resultados, analisados estatisticamente pelo SPSS, são apresentados e discutidos em workshops com os participantes, que lhes emprestam significado a partir de sua vivência. Trocas entre saber formal e conhecimento prático dos atores do campo são estimuladas. Participação voluntária, preservando-se o anonimato. Estágios de desenvolvimento: I – Duas organizações privadas do Rio de Janeiro analisadas. Avaliações dos colaboradores sobre práticas de seus gestores mostraram-se marcadamente diferentes nas duas organizações, revelando maiores ou menores graus de discrepâncias entre suas auto e hetero avaliações. Os achados corroboraram a hipótese de liderança legitimada pelos colaboradores em uma das organizações – extremamente bem sucedida em seu ramo de atuação, enquanto que na outra, deficitária, os gestores apenas exercem o poder hierárquico que emana da estrutura organizacional. Apenas a organização que apresentou os melhores resultados valorizou a etapa de discussão dos mesmos, entendendo-a como oportunidade de desenvolvimento. II - Analisadas mais 04 organizações privadas, incluindo-se Valores no Trabalho, com utilização do Questionário Valores no Trabalho, de Elizur e Tchaicovsky (1990), adaptado para auto e hetero avaliações. Considera as modalidades: cognitiva, afetiva e instrumental. Resultados nessa fase apontaram fortemente para o não reconhecimento dos gestores como líderes, por seus colaboradores, tomando como base discrepâncias fortemente significativas entre as percepções dos dois grupos sobre os quesitos analisados. O interesse pela etapa de discussão dos resultados foi variável. III - Aplicação em 03 Empresas Juniores. Ponderações altamente positivas e concordantes, entre gestores e colaboradores – face ao cenário favorável. Devolução valorizada como aprendizado, enfatizando discussões sobre formas de prevenção de futuros insucessos, através da melhor compreensão acerca da natureza relacional do fenômeno da liderança. IV - Dados considerando 05 organizações privadas, analisados em corte por Gênero, apresentaram autoavaliações menos positivas entre Mulheres que entre Homens Gestores, sinalizando intercorrência de aspectos psicossociológicos subjacentes. Desdobramentos encontram-se em curso, buscando aprofundar tais questões. Destacamos como diferencial nesses trabalhos a ênfase na etapa de devolução,

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

como ponte através da qual é operacionalizada a construção conjunta de conhecimentos (pesquisa), com vistas à facilitação de mudanças e aperfeiçoamento organizacionais (ação).

Liderança; Pesquisa-Ação; Mudança Organizacional

ORG

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ORGANIZAÇÃO DE SAÚDE: LEVANTANDO NECESSIDADES E TREINANDO HABILIDADES SOCIAIS.

*Cibely Francine Pacifico** (Universidade Estadual de Londrina –PR).*

Em uma organizações de saúde é importante considerar o atendimento ao cliente, para um atendimento eficaz alguns requisitos são necessários como: atenção ao público ver e ouvir cada pessoa em sua individualidade, acolher o problema do cliente de maneira objetiva e eficiente, ocasionando um envolvimento entre o atendente e o cliente. Com tal envolvimento é estabelecido clima de confiança. Além de ser gentil ao atender a recepcionista precisa estar preparado para sanar as dúvidas do cliente relacionadas a organização. Logo, o contato direto com o cliente é a melhor maneira de construir relacionamentos duradouros com este, para que o contato seja eficaz é necessária uma boa comunicação. Portanto, a fim de melhorar a comunicação e atendimento aos clientes podem ser realizados treinamentos com a equipe de trabalho proporcionando o desenvolvimento organizacional. O objetivo do presente trabalho foi analisar o funcionamento da organização de uma perspectiva ampla, entendendo-a em sua totalidade, bem como compreender as particularidades de cada setor e de cada colaborador. A partir disso, criar estratégias de ação e discuti-las junto com os envolvidos na organização. O trabalho se desenvolveu em uma empresa privada que realiza exames de imagem, e atendimento psicológico, a mesma era composta por um Médico, uma psicóloga e administradora da clinica, dois psicólogos sublocatários, duas secretárias, duas estagiarias de enfermagem, uma funcionária de serviços gerais. Realizou-se observações e entrevistas individuais com a equipe fim de coletar dados. Tal organização prezava pelo atendimento individualizado e de qualidade, os clientes eram fieis e muitas vezes indicavam os serviços da clinica outros. Na referida organização observou-se falhas na comunicação entre as atendentes e os demais profissionais. A partir disso foi planejado um treinamento utilizando dinâmicas e discussões pertinentes. Sendo realizados quatro dias de treinamentos com uma hora e meia de duração, que ocorreram semanalmente, os encontros trataram da comunicação oral e escrita, habilidades não verbais da comunicação, assertividade e empatia. No decorrer das atividades notou-se aumento gradual do envolvimento entre os colaboradores e o uso das habilidades transmitidas durante os treinamentos. A importância para a empresa do trabalho realizado pelas atendentes também foi frequentemente ressaltada, uma vez que observou-se, que estas se sentiam desmotivadas e menosprezavam a importância de suas atuações na instituição. Além disso, foram sugeridas estratégias para melhorar a comunicação e o relacionamento da organização, tais como reuniões mais frequentes, quadro de avisos e recados, reunião de comemoração dos aniversariantes do mês, etc. Concluindo, o trabalho do psicólogo organizacional em uma empresa de prestação de serviços com um número reduzido de funcionários, perpassa por algumas dificuldades como reunir todos os membros da organização periodicamente para reuniões, pois estas deveriam acontecer fora do horário de funcionamento da clinica. Do mesmo modo reunir as atendentes para um treinamento também implica em atividades fora dos turnos de trabalho, assim a fim de tornar as a atividade de treinamento mais prazerosa procurou-se prezar por atividades lúdicas e dinâmicas e encerra-las com a discussão pertinente sobre o tema tratado e as atividades, com a participação de todos envolvidos.

Organização de saúde, diagnóstico organizacional, treinamento de habilidades sociais.

ORG

SUPORTE À APRENDIZAGEM E IMPACTO DE TREINAMENTO NO TRABALHO. *Camila Spadotto Balarin, Thais Zerbini (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – SP)*

A partir da avaliação do treinamento é possível averiguar se os programas de TD&E estão sendo efetivos e quais aspectos restringem ou facilitam o desempenho dos treinados. Entre as variáveis que influenciam a efetividade de treinamentos, destacam-se as contextuais. Nesse sentido, o presente projeto busca estudar a relação entre as variáveis suporte à aprendizagem e impacto do treinamento no trabalho. Suporte à aprendizagem consiste na percepção de apoio e suporte psicossocial de colegas, pares e chefias à aprendizagem natural ou induzida no ambiente de trabalho. Impacto do treinamento no trabalho refere-se à influência do que foi aprendido em ações de TD&E no desempenho geral, nas atitudes e motivação do indivíduo. Serão utilizadas duas escalas validadas e fidedignas: Suporte à Aprendizagem (33 itens, escala de frequência de 0 – nunca a 10 – sempre, alfa 0,96) e Impacto de Treinamento no Trabalho (12 itens, escala de concordância de 1- discordo totalmente da afirmativa a 5- concordo totalmente com a afirmativa, alfa 0,90). A coleta de dados está sendo realizada em três organizações parceiras que oferecem ações de TD&E aos colaboradores. As organizações são do ramo sucroalcooleiro, agronegócio e rural. Até o presente momento foram coletados respostas de 22 funcionários de uma organização relacionadas a dois treinamentos ofertados: sobre produtos e sobre liderança. Os dados foram coletados após duas a quatro semanas do término do treinamento. Os questionários foram entregues a uma representante da empresa, responsável por distribuí-los aos treinados. A amostra da pesquisa é composta por 17 homens e 5 mulheres, de 21 a 64 anos de idade, 63% possui ensino superior completo, 59% trabalha na empresa entre 1 e 5 anos e 63,6% participou do treinamento sobre liderança e 36,4 do treinamento sobre produtos. Foi realizada a análise exploratória dos dados, afim de investigar a exatidão da entrada dos dados, a presença de casos omissos, a distribuição de frequência e o tamanho da amostra e análise descritiva por meio das médias, desvios-padrão, modas, mínimo, máximo e concentração das respostas. A Escala de Suporte à Aprendizagem apresentou médias entre 8,2 e 3,3, havendo uma pequena diferença entre as médias e as modas apresentadas, apresentou alto desvio padrão e alta variação nas respostas mínimas e máximas. Esses dados apontam para o fato de que os respondentes avaliaram os itens de maneira divergente. As médias das respostas da Escala de Impacto de Treinamento no Trabalho variam entre 4,4 a 3,5, e apresentam baixo desvio-padrão. A variação das respostas mínima e máxima é alta na maioria dos casos. Tal fato, apesar do baixo desvio-padrão, significa que alguns respondentes não concordam com as afirmações tanto quanto outros. No geral, os participantes percebem moderadamente o suporte à aprendizagem na organização e julgam ter ocorrido impacto de treinamento no trabalho. Ainda se faz necessário - para se chegar a determinadas conclusões - aumentar o número de dados e analisar a correlação entre as variáveis.

Avaliação de Treinamento, Suporte à Aprendizagem, Impacto de Treinamento no Trabalho.

FAPESP

ORG

VALORIZAÇÃO E SATISFAÇÃO NO TRABALHO: UM ESTUDO COM OS COLABORADORES DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO. *Jéssica Chaer Caiado*, Polyana Ribeiro de Almeida*, Nayara Suguiura Dias*, Daniel Fernandes Barbosa** (Universidade de Brasília, Brasília-DF), Fabíola Araújo Fortes (Hospital Universitário de Brasília, Brasília-DF)*

Essa pesquisa tem por objetivo identificar a relação entre as dimensões de satisfação no trabalho e a percepção de valorização dos funcionários de um hospital universitário. A satisfação é um estado emocional agradável, resultado da avaliação que o colaborador faz acerca de seu trabalho e deriva da percepção da pessoa sobre como o trabalho comporta seus valores nesse contexto. Utilizou-se o método Survey que propõe produzir descrições quantitativas da população alvo. Para o cálculo do tamanho da amostra foi utilizada uma fórmula estatística, com 90% de confiança e margem de erro de 5%, participando do estudo 252 colaboradores com diferentes vínculos empregatícios, excluindo apenas os trabalhadores terceirizados. A idade dos participantes variou entre 18 a 72 anos, (média=39,15±DP;10,64). Entre os participantes houve maior predominância do gênero feminino (76,6%). Em relação à escolaridade os participantes ficaram distribuídos em: 1,98% nível fundamental, 41,67% médio, 34,52% superior e 21,43% pós-graduação. Foi utilizado um instrumento de pesquisa desenvolvido pelo Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde (PNASS). Esse instrumento é composto pelo Perfil do Trabalhador e sete tópicos que abarcam, (1) o tipo de vínculo formal de trabalho; (2) percepção do funcionário sobre a organização do trabalho; (3) ambiente físico; (4) salário; (5) medicina do trabalho; (6) aspectos sócio-profissionais; e (7) reconhecimento. Investiga-se também a percepção dos trabalhadores sobre as atividades que realizam, a sua motivação no serviço; participação das reuniões da equipe; a existência de um espaço que acolha as opiniões, dificuldades ou reclamações e o tipo de atendimento oferecido. A aplicação dos questionários foi iniciada em agosto de 2011 e finalizada em março de 2012, de forma que o procedimento de aplicação foi feito por estudantes de psicologia. Os funcionários eram abordados no próprio local de trabalho. Foram identificadas como variáveis preditoras da percepção de valorização no trabalho [R2= 0,481; F(3,244)= 75,415; p<0,001] o estímulo do estabelecimento em relação ao seu serviço (t=11,414; p<0,001), a compatibilidade entre as atividades desempenhadas e as do cargo para o qual foi contratado (t=2,883; p=0,004) e o grau de motivação (t=3,479; p=0,001). O estímulo do estabelecimento sobre o trabalho coincide com a percepção de valorização do trabalho, este fato se justifica quando existem incentivos da instituição para a promoção profissional do trabalhador. As atividades realizadas se relacionam com a percepção de valorização profissional à medida que as mesmas agregam valor ao indivíduo, mas perdem o significado quando distanciam da expectativa do trabalhador. A motivação do colaborador evoca o aspecto pessoal e intransferível, de forma que, quando o colaborador é motivado a realizar uma tarefa, esse incentivo impacta na sua percepção da valorização acerca do seu trabalho. A partir desse estudo, conclui-se que a valorização do trabalho é multifacetada, abarcando aspectos intrínsecos e extrínsecos ao trabalhador, influenciada pela motivação e sua percepção como identificação de pertença à instituição.

Valorização no trabalho, satisfação no trabalho e profissionais da área da saúde.

ORG

VARIÁVEIS PREDITORAS DA SATISFAÇÃO NO TRABALHO. *Renata de Castro Moda, Thais Zerbini (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP)*

No estudo do Comportamento Organizacional destacam-se variáveis de interesse organizacional, como a satisfação com a organização e de interesse individual, como a percepção de suporte psicossocial e de justiça. Visto a importância do estudo dessas variáveis na predição e na manutenção de comportamentos importantes para o sucesso da organização, como produtividade, absenteísmo e rotatividade, o presente estudo tem por objetivo investigar a influência da percepção de suporte social e de justiça (distributiva e de procedimentos) na satisfação no trabalho, assim como verificar a percepção dos funcionários de uma Instituição Pública de Ensino Superior em relação a essas variáveis.O projeto está sendo realizado na Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto/SP (FCFRP/USP). Até o presente momento, participaram da pesquisa 26 mulheres e 17 homens, com idade entre 21 e 57 anos, funcionários desta instituição, ocupantes dos cargos técnicos, administrativos e de docência. Para a coleta de dados estão sendo utilizadas quatro escalas: a Escala de Satisfação no Trabalho (satisfação com os colegas: 5 itens, α = 0,86; satisfação com o salário: 5 itens, α = 0,92; satisfação com a chefia: 5 itens, α = 0,90; satisfação com a natureza do trabalho: 5 itens, α = 0,82 e satisfação com as promoções: 5 itens, α = 0,87); a Escala de Percepção de Suporte Social no Trabalho (percepção de suporte social informacional no trabalho: 7 itens, α = 0,95; percepção de suporte social emocional no trabalho: 6 itens, α = 0,83 e percepção de suporte social instrumental no trabalho: 5 itens, α = 0,72); a Escala de Percepção de Justiça Distributiva (5 itens, α = 0,89); e a Escala de Percepção de Justiça de Procedimentos (6 itens, α = 0,77). Estes instrumentos de medida foram adaptados para permissão do acesso online. Para tal, utilizou-se a plataforma do GoogleDocs. Os instrumentos, assim como um questionário sociodemográfico e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram enviados por email aos funcionários da organização. Foram realizadas análises descritivas e exploratórias para investigar a exatidão da entrada dos dados, a presença de casos extremos, a distribuição dos casos omissos, a distribuição das variáveis e o tamanho das amostras. O estudo do relacionamento entre as variáveis ainda será realizado por meio de análise de regressão múltipla padrão. Na Escala de Satisfação no Trabalho a média variou de 3,28 a 5,42, com desvio-padrão entre 1,33 e 1,67, sendo que os itens com as menores médias dizem respeito à satisfação quanto às oportunidades de promoção. Na Escala de Percepção de Suporte Social no Trabalho a média variou de 1,70 a 3,58, com desvio-padrão entre 0,66 e 0,85. Nessa escala é possível constatar a presença tanto de itens de suporte informacional como itens de suporte instrumental e emocional com médias superiores e médias inferiores. As médias dos itens avaliados na Escala de Percepção de Justiça Distributiva variaram de 3,53 a 4,30, com desvio-padrão entre 1,72 e 1,84. Por fim, na Escala de Percepção de Justiça de Procedimentos as médias dos itens variaram de 3,63 a 4,35, com desvio-padrão entre 1,58 e 1,92.No geral, os itens das escalas apresentam baixo desvio-padrão, o que indica homogeneidade das respostas. Destaca-se, também, a concentração das respostas em pontos de neutralidade (considerando as escalas utilizadas no preenchimento dos instrumentos). Tal constatação pode ser decorrente da ausência de informações e de embasamento para a avaliação por parte dos participantes. Além disso, por se tratarem de instrumentos que avaliam fenômenos que ocorrem em ambiente de trabalho, pode ter havido insegurança por parte dos funcionários quanto ao anonimato da pesquisa. Ambas as hipóteses ainda carecem de investigação. Apesar de não ser objetivo dessa pesquisa, foi levantada a necessidade de maior investimento em

pesquisas com essas e outras variáveis estudadas pelo Comportamento Organizacional em setor público, uma vez que esse campo de estudo ainda carece de instrumentos voltados para essa realidade. Ressalta-se que, para que os objetivos dessa pesquisa sejam atendidos, mais dados precisam ser coletados e outras análises precisam ser realizadas.

Satisfação no trabalho, Percepção de Suporte Social e Percepção de Justiça Organizacional

CNPq

ORG

CRECER SIN PARAR O PARAR DE CRECER…NUEVA PSICO ECONOMÍA PARA UN PLANETA FINITO. *Ricard Cayuela Dalmau (Staff Consultants)*

La caída, en el intervalo de 20 años, de los dos sistemas económicos que sustentaban la economía mundial sume a los habitantes de la tierra en una crisis sin precedentes. Esta comunicación se construye tras la evidencia comprobada de una crisis que no cesa, en parte por que se enroca sobre si misma buscando un mas de lo mismo, bien provocando debates inútiles entre austeridad o crecimiento, bien eludiendo por simple desprecio o intereses creados, el experimentar con nuevos modelos. La implantación de un nuevo modelo de vida será lenta, pero

ineludible, y casi con toda seguridad, encontrará una fuerte resistencia, propia de los «hábitos adquiridos».Keynes ya dijo que: «la dificultad no está tanto en crear nuevas ideas, sino en librarse de las antiguas. Medio siglo ha sido mas que suficiente para considerar que la felicidad pasa por el crecimiento sin fin y el mundo ha asumido y anclado este objetivo como único modelo de vida a seguir, hasta tal extremo que exista la probabilidad de que solo desapareciendo sea posible reconstruir sobre un nuevo modelo.

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

DISEÑO, ELABORACIÓN Y VALIDEZ DE CONTENIDO DE UN MODELO DE FORMULACIÓN EN PROBLEMÁTICAS ORGANIZACIONALES, BASADO EN OBM. *Irma Yaneth Gomez (Fundacion Univeristaria Konrad Lorenz)*

Para el siglo XXI las empresas públicas y privadas requieren de los Psicólogos para mantener y mejorar sus procesos productivos, lo cual a su vez, obliga al psicólogo del nuevo milenio a capacitarse gradualmente para analizar científicamente el comportamiento Organizacional. Hoy, la Psicología Organizacional reconoce que las organizaciones son sistemas sociales complejos y que los determinantes de la conducta de un individuo dentro de la organización se deben considerar desde el punto de vista de todo un sistema social. El desarrollo de nuevas teorías en las ciencias físicas, biológicas y sociales, han planteado formas diferentes de ver los problemas de orden psicológico. Los grandes y rápidos cambios que ha sufrido la tecnología y la sociedad durante las últimas décadas, han obligado a científicos y profesionales a reconocer la interdependencia de factores humanos y tecnológicos y la necesidad de desarrollar teorías y conceptos que puedan explicarla (Pérez & Cols, 2004) .

El propósito del presente trabajo fue diseñar, elaborar y realizar el análisis de contenido de un modelo de formulación en problemáticas organizacionales basado en los planteamientos de OBM (Organizacional Behavior Modification), para lo cual se realizó una revisión documental de la literatura disponible en el campo de diagnóstico y formulación organizacional a nivel nacional e internacional, así como de las investigaciones que se han realizado para probar los diferentes modelos disponibles tanto en la psicología organizacional como en OBM. Posteriormente, se diseñó el modelo de formulación a partir de las variables internas y externas de la organización, así como las variables asociadas al comportamiento humano dentro de las organizaciones, luego, se elaboró la matriz de formulación, junto con los respectivos formatos de soporte, para finalmente realizar en análisis de contenido a partir de la validación por jueces expertos del modelo planteado. La evaluación desarrollada por los expertos, permitió realizar una serie de correcciones al modelo en sus componentes teóricos y metodológicos. Después de los ajustes realizados se puede afirmar que, en términos generales, el Modelo FIPO-OBM es válido, tomando en cuenta las categorías evaluadas.

Organizaciones, Modelos, Diagnóstico, Formulación, OBM, Modelos de formulación

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

EMPLEABILIDAD Y MERCADO LABORAL. *Maria Constanza Aguilar (Universidad Santo Tomas)*

Los cambios económicos, tecnológicos, sociales y culturales que se viven en las organizaciones en general, Colombia no es la excepción, crean nuevos retos a las instituciones de educación superior. Uno de éstos, es la evaluación permanente del impacto que en la sociedad tienen los procesos académicos y para esto es necesario generar estrategias que permitan conocer el impacto de su acción y al mismo tiempo, identificar nuevas demandas formativas en cada una de las prácticas profesionales, todo ello con la finalidad de responder a las necesidades sociales.

Es, en este contexto, cuando la transición de los jóvenes de la universidad al mundo del trabajo es un fenómeno complejo que se da en múltiples puntos y niveles del sistema educativo y productivo, presentando en cada caso una problemática propia (Burke y Cooper, 2002). Si se analizan las trayectorias educativas y laborales (Rentería, García, Restrepo y Riascos, 2007) en la vida de las personas, se puede identificar que se desarrollan en distintos ámbitos y que influyen en su desarrollo "todos ellos significativos para su presente y su futuro (p. 3)" (Gallart y Bertoncello, 1997). Por lo general, las personas son trabajadoras y su participación social en el mundo del trabajo y en la sociedad en general, como afirman estos autores, puede depender de la adquisición equitativa de competencias que les permitan "discernir libremente sus opciones y faciliten trayectorias de crecimiento a lo largo de la vida (p. 4)".

Una vez, las personas egresan de las instituciones de educación superior se espera, -como expectativa social que se construye-, que todos tengan al menos una oportunidad de competir por la obtención de trabajos calificados/competentes de acuerdo con su formación, que a su vez, les permitan fortalecer sus aprendizajes y competencias. Este esfuerzo no es tarea solamente de las instituciones de educación, sino que también le compete a las diferentes instancias públicas y privadas, empresarios, que definen parte de las políticas de empleo y de integración social.

Este proyecto de investigación se concentró en el paso de la vida universitaria al trabajo como experiencia laboral con una característica importante y es que los profesionales debían tener un trabajo coherente con la formación realizada y con la trayectoria educativa. Adicionalmente, se incluye el análisis de los antecedentes y las consecuencias de la empleabilidad como una cuestión de especial relevancia práctica pues se requiere el incremento del conocimiento en un campo donde las conclusiones derivadas de datos empíricos son muy escasas (Fundación Chile, 2004) y más aún, se considera importante para la psicología del trabajo y las organizaciones, identificar las relaciones entre formación, inserción laboral y empleabilidad desde el punto de vista de los egresados de instituciones de educación superior.

En el marco de esta investigación, se presenta este trabajo que describe la posición actual de los psicólogos en el mercado laboral, su capital de movimiento, la facilidad de movimiento percibido, el contexto, factores externos o contextuales, transición, disposición al movimiento para tomar otro empleo con un empleador nuevo o la disposición para moverse a otro proceso y/o actividad dentro/fuera de la organización, eventos de choque o situaciones que llevan al individuo a hacer juicios deliberados sobre el hecho de mantener o dejar su empleo, actividades de mejora del capital de movimiento o llevar a cabo acciones que enriquecen oportunidades y disposición para mantener y mejorar el propio capital de movimiento, según Forrier y Sels (2003). Se llevó a cabo un estudio de caso en una institución de educación superior, en Bogotá, Colombia, con la participación de 22 psicólogos. Los resultados se analizaron a nivel

cuantitativo, descriptivo a través del SPSS 15.0 y, del SPAD versión 5.0. Se presentan los resultados descriptivos y se evidencian aspectos importantes sobre la percepción que tienen acerca de las oportunidades de empleo que ofrece el mercado laboral colombiano.

psicología del trabajo, psicología organizacional, egresados, empleabilidad, inserción laboral, mercado laboral

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

IMPLANTACIÓN DE UN PROTOCOLO DE ACOSO LABORAL EN LA UNIVERSIDAD CEU-CARDENAL HERRERÁ. *Óscar Cortijo Peris (Universidad Ceu San Pablo - España)*

Las sociedades a lo largo de la historia han recibido diferentes nombres según la forma predominante de la riqueza, el tipo de estructura social, así como también por el papel de los individuos en la misma (Castells, 1999). En este sentido, mientras que en la era agrícola, la principal fuente de riqueza se focalizaba en el cultivo de la tierra y la organización social era de tipo feudal, en la sociedad industrial, la fuente de riqueza se encontraba en el trabajo físico, y la estructura social o sistema de organización se basaba en la propiedad privada (Mumford, 1979). En la actualidad, asistimos a un nuevo tipo de sociedad, que ha recibido denominaciones muy dispares: Post-Capitalista (Drucker ,1993), Post-Industrial (Bell, 1973), o sociedad de la información o el conocimiento (Castells, 1999; Quintanilla, 2003). En la sociedad actual, la llamada por muchos sociedad red o de la información, (Castells, 1999; Quintanilla, 2003) la interconexión, el trabajo en equipo, la inmediatez, la revolución de las tecnologías de la información y muy especialmente los cambios, son un elemento constante (Castells, 1999; Quintanilla, 2003), desde el plano económico y empresarial asistimos a una era marcada por la hipercompetitividad, donde el éxito no deriva tanto de la obtención de recursos como de la capacidad de las empresas por aprender y adaptarse a una realidad cambiante. Hoy se requieren nuevos conocimientos y nuevas formas de trabajar (Nonaka 1995), lo que a su vez genera nuevos ambientes de trabajo. Sin embargo, las organizaciones no se pueden concebir como poseedoras de entidad en sí mismas, tal y como Quintanilla sugiere (2002) los activos más importantes de las empresas se van a dormir a casa.

Toda organización necesita crecer, aprender, adaptarse, y esto lo realiza a partir del desarrollo de su capital humano. Las personas son claves en el éxito de una organización, pero a su vez el trabajo de estas depende grandemente del contexto laboral y social en el cual cada trabajador debe desempeñar su rol.

Desde hace siglos existió un interés por mejorar la productividad organizacional, teorías y escuelas se fueron sucediendo, existía, no obstante, un nexo común en un gran número de ellas, la creencia en que el aumento de la productividad global de la empresa pasaba por mejorar la eficacia y eficiencia de su capital humano. Diversos estudios pusieron de manifiesto desde este marco, la necesidad de prestar una mayor atención a las condiciones que rodean los diversos puestos de trabajo, ya que estas pueden contribuir a (Avolio et al. 1999; Boehm y Lyubomirsky, 2008; Ford et al., 2003; Judge y Erez, 2007; Luthans y Youssef, 2007; Morgeson, Reidor y Campion, 2005; Myers y Veenhoven - citados por Myers, 2000; Romero y Cruthirds, 2006; Romero y Pescosolido, 2008; Staw, Sutton y Pelled, 1994; Wright y Cropanzano, 2004; Zamagni, 2007; entre otros) a) Mejorar la salud física y mental, y a reducir o prevenir determinadas enfermedades. b) Promover una imagen más positiva del trabajo c) Fomentar la inteligencia, la creatividad y por ende, la innovación d) Aumentar la motivación de los trabajadores y su implicación con la empresa. e) Fomentar y mejorar el trabajo en equipo. f) Mejorar el clima laboral. g) Reducir la rotación de personal, las bajas laborales, y otros elementos negativos relacionados con los rrhh. h) Mejorar el rendimiento tanto empresarial como individual. i) Promover trabajadores que toman mejores decisiones. j) Mejorar y acelerar el aprendizaje de los trabajadores. k) Mejorar la satisfacción de los trabajadores. l) Mejorar la comunicación y la cohesión de los trabajadores. m) Reducir el estrés y la ansiedad. n)Mejorar la eficiencia de los trabajadores y de la propia empresa,..

El trabajo es un elemento crucial en la vida de las personas, nos permite planificar y organizar la vida, sufragar nuestros gastos y desarrollarnos como individuos, sin embargo, por desgracia, no todo trabajo es igualmente gratificante o beneficioso, éste se puede entender tanto como un medio de desarrollo personal como un castigo, algo que debemos realizar como medio para obtener otro tipo de fines.

Así la interpretación que se haga del trabajo, así como el rendimiento y la salud de un trabajador dependerá de las condiciones en las que se desenvuelve, los denominados factores psicosociales, condiciones presentes en una situación laboral directamente relacionadas con la organización del trabajo, con el contenido del puesto, con la realización de la tarea e incluso con el entorno, que tienen la capacidad de afectar al desarrollo del trabajo y a la salud de las personas trabajadoras. (Gil-Monte, 2009).

Los factores psicosociales pueden ser favorables, contribuyendo al desarrollo personal del individuo, o desfavorables afectando negativamente no solo al rendimiento de los trabajadores sino también a su salud y bienestar. En este último caso, hablamos de factores de riesgo psicosocial o fuentes de estrés laboral, los cuales a su vez poseen el potencial de causar daño psicológico, físico, o social a los individuos. (Gil-Monte, 2010). Tradicionalmente fue difícil abordar el estudio de los riesgos psicosociales debido, entre otras cosas, a la dificultad para su medición y posterior análisis, o a la necesidad, dentro de la prevención de riesgos laborales de , había otros riesgos más acuciantes en términos de seguridad e higiene laboral, pero hoy esta realidad ha cambiado, contamos con herramientas y metodologías de trabajo sofisticadas, un amplio corpus teórico y han proliferado las revistas especializadas así como diferentes congresos y jornadas donde se intercambie este tipo de información, así mismo, algunos de esos riesgos más acuciantes parecen haberse controlado, al menos en el caso de los países desarrollados.

Los riesgos psicosociales en el trabajo son, a día de hoy, una de las principales causas de enfermedades y de accidentes laborales. Desde la ley 31/1995 de 8 Noviembre de Prevención riesgos laborales ha habido un proceso en nuestro país para reducir la siniestralidad en materia laboral. Ciertamente se han producido avances importantes, si bien es cierto que todavía queda un largo camino por hacer, en especial dentro de la prevención de riesgos psicosociales.

Según la VI Encuesta de Condiciones de Trabajo en España elaborada por el Instituto Nacional de Seguridad e Higiene en el Trabajo5 el 70,9% de los trabajadores encuestados señaló que estaba expuesto a riesgo de accidentes de trabajo –el porcentaje se eleva al 74,9% en el caso del personal sanitario–. En el estudio se concluye que los trabajadores que se perciben expuestos a factores de riesgo psicosocial (v.g., sobrecarga de trabajo, exceso de carga mental, realización de tareas repetitivas y de muy corta duración) presentan porcentajes de respuesta significativamente mayores en sintomatología psicosomática (v.g., problemas de sueño, cansancio, dolores de cabeza, mareos, etc.) que los no expuestos. El 22,5% de los trabajadores encuestados consideran que el trabajo está afectando a su salud. Las dolencias que con más frecuencia atribuyen los encuestados al trabajo son: el dolor de espalda (57,6%), el dolor de cuello (28,1%), y el estrés (27,9%). En relación con la presencia de otros síntomas, el cansancio, las alteraciones del sueño y las cefaleas inciden de forma importante sobre la población trabajadora, afectando al 12,3%, 12% y 10,4%, respectivamente. Diversos Estudios realizados en la Unión Europea (UE) así como en Estados Unidos, Japón, y otros contener parecen obtener conclusiones similares. (Gil-Monte, 2009).

A continuación se expone el protocolo de actuación en materia de acoso implantado en la Universidad CEU Cardenal Herrera el cual será presentado en el congreso.

Trabajo, riesgos psicosociales, acoso.

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

LA INTELIGENCIA EMOCIONAL, EL DESARROLLO MORAL Y LOS ESTILOS DE MANEJO DE CONFLICTO. UN ANÁLISIS DE RUTA. *Jenely Dayana Villamediana Pedrosa, Carlos Enrique Zerpa (Universidad Simón Bolívar)*

La investigación tuvo como propósito estudiar cómo la variable inteligencia emocional influencia al desarrollo moral y a los estilos de manejo de conflicto, y cómo estas variables se relacionan entre sí en una muestra de 208 estudiantes de postgrados en gerencia y en administración de empresas, en una universidad privada de la ciudad de Caracas, Venezuela. Los participantes tuvieron edades comprendidas entre 22 y 57 años. La edad promedio de los sujetos fue 29.42 años. En total, 58.20% de la muestra fueron mujeres; y 40.40%, hombres. El estudio realizado fue no-experimental, expostfacto, transeccional y correlacional-causal. En general, se esperaba que la inteligencia emocional afectara directa e indirectamente a los estilos de manejo de conflicto, y que el desarrollo moral afectara directamente a los estilos de manejo de conflicto. Específicamente, se creía que la totalidad de las dimensiones de inteligencia emocional influirían sobre los cinco estilos de manejo de conflicto y sobre la moral de principios; y que, a su vez, la moral de principios influiría sobre los estilos integrador, dominante, evitativo y comprometido. Se utilizó un análisis de ruta (path analysis) para probar las hipótesis planteadas. Los instrumentos empleados fueron: el Inventario de Inteligencia Emocional IIESS-R de Sojo y Steinkopf (2002), el Test de Definición de Criterios Morales (DIT) de Rest (1979) para medir el nivel de desarrollo moral y el Inventario de Estilos de Manejo del Conflicto (ROCI-II) de Rahim (1983). Se consideró un intervalo de confianza de 95% y un nivel de significación de $p<0.05$. Los resultados muestran que los participantes suelen comportarse de forma principalmente integradora al momento de hacer frente a los conflictos interpersonales en el trabajo. La dimensión manejo de emociones de la inteligencia emocional explica el uso de los estilos integrador, complaciente y comprometido; percepción de las emociones en otras personas explica el uso del estilo dominante y el nivel de moral de principios; y percepción de las propias emociones explica el uso del estilo integrador. Con 15% de la varianza total, integrador es el estilo más explicado por la inteligencia emocional dentro del modelo evaluado. No se halló que la moral de principios explicara de forma significativa el uso de alguno de los estilos de manejo de conflicto. En definitiva, el modelo propuesto se confirmó parcialmente. Estos hallazgos tienen implicaciones para el área de selección y entrenamiento de recursos humanos, y para el desarrollo de programas educativos orientados a la formación en valores y razonamiento moral en estudiantes de postgrados de gerencia.

Palabras claves: inteligencia emocional, desarrollo moral, manejo de conflictos

PD

ORG-Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

LA INTELIGENCIA EMOCIONAL, EL DESARROLLO MORAL Y LOS ESTILOS DE MANEJO DE CONFLICTO. UN ANÁLISIS DE RUTA. *Jenely Dayana Villamediana Pedrosa (Universidad Católica Andrés Bello, Caracas-Venezuela) / Carlos Enrique Zerpa/ (Universidad Simón Bolívar, Caracas-Venezuela)*

La investigación tuvo como propósito estudiar cómo la variable inteligencia emocional influencia al desarrollo moral y a los estilos de manejo de conflicto, y cómo estas variables se relacionan entre sí en una muestra de 208 estudiantes de postgrados en gerencia y en administración de empresas, en una universidad privada de la ciudad de Caracas, Venezuela. Los participantes tuvieron edades comprendidas entre 22 y 57 años. La edad promedio de los sujetos fue 29.42 años. En total, 58.20% de la muestra fueron mujeres; y 40.40%, hombres. El estudio realizado fue no-experimental, expostfacto, transeccional y correlacional-causal. En general, se esperaba que la inteligencia emocional afectara directa e indirectamente a los estilos de manejo de conflicto, y que el desarrollo moral afectara directamente a los estilos de manejo de conflicto. Específicamente, se creía que la totalidad de las dimensiones de inteligencia emocional influirían sobre los cinco estilos de manejo de conflicto y sobre la moral de principios; y que, a su vez, la moral de principios influiría sobre los estilos integrador, dominante, evitativo y comprometido. Se utilizó un análisis de ruta (path analysis) para probar las hipótesis planteadas. Los instrumentos empleados fueron: el Inventario de Inteligencia Emocional IIESS-R de Sojo y Steinkopf (2002), el Test de Definición de Criterios Morales (DIT) de Rest (1979) para medir el nivel de desarrollo moral y el Inventario de Estilos de Manejo del Conflicto (ROCI-II) de Rahim (1983). Se consideró un intervalo de confianza de 95% y un nivel de significación de $p<0.05$. Los resultados muestran que los participantes suelen comportarse de forma principalmente integradora al momento de hacer frente a los conflictos interpersonales en el trabajo. La dimensión manejo de emociones de la inteligencia emocional explica el uso de los estilos integrador, complaciente y comprometido; percepción de las emociones en otras personas explica el uso del estilo dominante y el nivel de moral de principios; y percepción de las propias emociones explica el uso del estilo integrador. Con 15% de la varianza total, integrador es el estilo más explicado por la inteligencia emocional dentro del modelo evaluado. No se halló que la moral de principios explicara de forma significativa el uso de alguno de los estilos de manejo de conflicto. En definitiva, el modelo propuesto se confirmó parcialmente. Estos hallazgos tienen implicaciones para el área de selección y entrenamiento de recursos humanos, y para el desarrollo de programas educativos orientados a la formación en valores y razonamiento moral en estudiantes de postgrados de gerencia.

Palabras claves: inteligencia emocional, desarrollo moral, manejo de conflictos

PD

ORG-Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

A FILOSOFIA DA MENTE E A PSICANÁLISE. *Sabrina Barros Ximenes (Universidade de Fortaleza)*

Este trabalho consiste em expor duas grandes questões. Primeiramente, avaliar a Filosofia da Mente desde seu início, o porquê de entrar nesse campo de estudo, seu desenrolar, as possibilidades de discussões dessa questão e uma possível 'solução' para sua área de pesquisa. Analisando dois pesquisadores específicos e seus pontos de vista acerca da problemática, Colin McGinn e Patrícia Smith Churchland (1993), foi tomada uma posição, neste trabalho, com relação a um dos que, de maneira plausível, consegue apresentar e 'dissolver de certa forma' esse problema mente/cérebro.

Em segundo lugar, este trabalho constará da implicação de um posicionamento relacionado à Psicanálise enquanto teoria psicológica onde é possível se exprimir uma explicação maior e mais ampla sobre a discussão (Psicanálise e o problema mente-corpo). O objetivo deste trabalho é traçar o caminho sobre a questão da Filosofia da Mente e possibilitar um olhar psicológico que capte, auxilie ou mesmo se mostre relutante acerca desse pensamento filosófico e seu desenvolvimento na atualidade. Demonstrar a possibilidade de se trabalhar essa questão amplamente em discussão na contemporaneidade, utilizando a Psicologia e a Filosofia como suporte. Os autores mais utilizados para defesa do olhar psicanalítico serão Richard T. Simanke, Saama Maani e Slavoj Zizek.

Filosofia da mente, neurociências, psicanálise, problema mente-corpo

Outras

A PERCEPÇÃO DE BRASILEIROS SOBRE CAMPANHAS DE TRÂNSITO.

Alessandra Bianchi, Isabel Balk, Tanara Pinto Baptista (Universidade Federal do Paraná)

A Organização Mundial da Saúde considera a mortalidade no trânsito uma epidemia mundial, com cerca de 1.270.000 pessoas morrendo por ano devido a acidentes de trânsito. Com o objetivo de fazer frente a estas estatísticas, a Organização das Nações Unidas declarou a década 2011-2020 um período de luta mundial contra os problemas de trânsito, buscando diminuir os índices de acidentalidade e, por consequência, de mortalidade. As estratégias para lidar com o problema podem ser agrupadas em três grupos: legislação, enforcement (fiscalização) e educação. No que tange o terceiro aspecto, é possível trabalhar com eficiência na educação preventiva de massa, campo de estudo que envolve estratégias de propaganda e marketing social para pequenos e grandes grupos. Esse foi um trabalho exploratório e objetivou iniciar um estudo relativo à percepção de brasileiros sobre campanhas de trânsito. Foi utilizada a estratégia de survey, com um questionário desenvolvido especificamente para a pesquisa. O questionário foi armazenado na internet e divulgado por e-mails e redes sociais, e era composto de 3 questões abertas e de rápida resposta. Primeiramente, os participantes deviam indicar se lembravam de alguma campanha de trânsito. Em caso positivo, deviam indicar 1) qual era a campanha e 2) o quê, especificamente, chamou a atenção na campanha citada. Também foram solicitados dados sociodemográficos e informações sobre onde (local e meio de comunicação) a propaganda tinha sido vista. Duzentas e vinte e cinco pessoas responderam ao questionário. Os participantes tinham entre 18 e 64 anos, eram de ambos os sexos (45,3% feminino), e 40,9% possuíam Ensino Superior Incompleto. Dentre os participantes, 40,4% indicaram não lembrar de nenhuma campanha publicitária (propaganda) de trânsito. As respostas daqueles que afirmaram lembrar e descreveram uma campanha foram analisadas por meio de análise de conteúdo sobre a terceira pergunta "o que chamou sua atenção na campanha citada". As respostas foram agrupadas em três categorias. A primeira categoria refere-se à forma da campanha: a maneira como a campanha foi feita, uma breve descrição da abordagem utilizada; por exemplo: um carro capotado, a comparação de maus motoristas com animais. A segunda categoria, nominada conteúdo, englobava todas as respostas que traziam a questão específica tratada pela campanha, o assunto que ela pretendia tratar como, por exemplo, utilização do cinto de segurança, uso do celular, bebida e direção. A terceira categoria, denominada "percepção subjetiva" agrupava as respostas que descreviam a forma pessoal como os participantes lembravam-se da campanha, tais como: assustadora, chocante, agressiva. A resposta de um participante poderia ser classificada em mais de uma categoria. A categoria forma agrupou a maior quantidade de respostas indicando a necessidade daqueles responsáveis pela contratação e desenvolvimento de marketing social referente à segurança de trânsito considerarem que a forma de uma campanha, os elementos nela presentes, deve ser tão considerada quanto o conteúdo que se propõe trabalhar, visto que aquele parece ter mais efeito sobre a memória das pessoas do que esse. Ainda assim considerações devem ser feitas e cuidados extremados no sentido de considerar aspectos do conteúdo e do apelo subjetivo das campanhas.

Campanhas, trânsito, marketing social

Bolsa PET e Bosla de mestrado CAPES REUNI

Outras

A PERSPECTIVA DA PRIMEIRA PESSOA E A PSICOLOGIA CONCRETA: GEORGES POLITZER, MERLEAU-PONTY E O PROBLEMA EPISTEMOLÓGICO. *Vitor Araújo (Universidade de Fortaleza)*

A ideia central de Politzer, que serve de horizonte para a obra Crítica dos fundamentos da psicologia, é reconhecer, no discurso da psicanálise, especialmente na obra A interpretação dos sonhos, a posição do método analítico, que com a saída do campo da especulação e da metafísica, assume a assunção de que o sonho não é aquilo que a psicologia empirista adotou para si como a verdade do fenômeno onírico, tomando como pressuposto o realismo psicológico. A inspiração de Politzer em Kant é evidente, na tentativa de fazer com que a psicologia deixe de ser uma ciência da coisa em si, logrando abandonar seu papel de diagnóstico do acontecimento dirigindo-se para uma análise da vivência. Politzer firma uma posição bastante favorável à psicanálise, sobretudo na afirmativa de que o saber psicanalítico demonstra sobremaneira a derrota da psicologia clássica, embora o discurso de Freud precise ser depurado, identificando nele, reminiscências dos problemas da psicologia clássica, sua ontologia e suas relações com a representação (Vorstellung). A metapsicologia, na emblemática descrição do capítulo 7 da Interpretação dos sonhos, pode ser facilmente deixada de lado, indicando um aspecto nocional da teoria psicanalítica, pois, para Politzer, a psicanálise é uma ciência da vivência concreta, trazendo à consciência não o fenômeno em terceira pessoa que tem como sustentação ontológica a teoria da sexualidade, mas significações particulares que não adentram a teleologia das relações sociais, mas não menos reveladoras da psicologia individual. Merleau-Ponty toma o trabalho de Politzer como um de seus fundamentos, especialmente porque se trata de reconhecer no inconsciente sua natureza expressiva, portanto, indiferente à sua topologia enquanto estrutura interior, ou a qualquer pressuposto ontológico que favorecesse uma suposição espiritualista do inconsciente. Tal como Merleau-Ponty, Politzer supunha que o alvorecer da psicologia dar-se-ia pela saída das especulações metafísicas, tratando a experiência psicológica mediante seus processos concretos de acontecimento. Merleau-Ponty toma como tarefa de seu pensamento assinalar os saberes que se aproximam da verdade do mundo percebido e encontra em Politzer a crítica precisa aos modelos da psicologia clássica. No entanto, parece incerto que a psicologia concreta conferiria à história da psicologia seu momento áureo, pois o argumento ontológico materialista atual, mediante a redução interteórica, segundo Churchland, tem mostrado que os fenômenos psicológicos, pelo menos em certo nível, estão subjacentes às suas causas materiais. Como fazer uma ciência de primeira pessoa, sem incorrer em problemas de método, na evidência clara de sua insuficiência no caso das anosognoses? Merleau-Ponty procura resolver este problema mediante a sua ideia de hiperdialética. Dois elementos constituem uma hiderdialética quando não existe uma síntese que anule as propriedades elementares dos elementos constitutivos da relação. O momento positivo da dialética, o momento do sentido, o fenômeno, o para-si, representa a perspectiva em primeira pessoa, que, por sua vez, não anula o momento da terceira pessoa, as propriedades intensionais do objeto, no esclarecimento da natureza do ser e seus modos de existência. Estes interpelam-se, mas não formam uma unidade que sintetize suas propriedades, propondo neste sentido uma possível resolução do problema epistemológico.

Politzer. Merleau-Ponty. Psicologia concreta. Epistemologia.

Outras

A REDE DE AMIGOS E A MELHOR AMIZADE DE BRASILEIROS VIVENDO EM OUTRO ESTADO DA FEDERAÇÃO. *Agnaldo Garcia (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)*

O Brasil apresenta grande mobilidade populacional. Segundo dados do IBGE, de 2010, mais de 20 milhões de brasileiros viviam em uma região do país na qual não haviam nascido. Contudo, pouco se sabe sobre as amizades de brasileiros que migraram para outros estados. O objetivo do presente trabalho foi investigar a composição da rede de amigos e a pessoa do melhor amigo em brasileiros que estavam residindo em outro estado da federação tendo como referencial teórico a obra de Robert Hinde. Participaram 100 brasileiros adultos com idades entre 18 e 58 anos, sendo 39 homens e 61 mulheres, originários de 15 unidades da federação e residindo em 13 unidades, sendo 46 solteiros, 39 casados, 11 em união estável e quatro separados ou viúvos. Os participantes tinham diferentes tempos de permanência fora do estado e todos responderam a um questionário com questões abertas e fechadas sobre sua rede de amigos atuais e sobre o melhor amigo, seu local de residência e local de origem. Os participantes podiam citar até cinco amigos atuais. Ao todo foram citados 465 amigos. Deste total, apenas 189 ou 40,6% viviam na mesma cidade e estado que o participante. Em relação à origem destes, 123 amigos ou 65,1% eram provenientes de outros estados ou outras cidades do estado em que viviam, podendo ser considerados migrantes também. Deste total, 35 ou 28,5% pessoas eram provenientes do mesmo estado do migrante e outros 88 ou 71,5% de estados diferentes. Apenas 66 ou 34,9% dos amigos vivendo na mesma cidade eram originários da cidade e estado onde se estabeleceram. Em relação ao melhor amigo, 99 participantes nomearam seu melhor amigo, sendo que 47 viviam na mesma cidade que o migrante enquanto 52 viviam em outro estado. Dos que viviam na mesma cidade, 36 ou 76,6% eram originários de outro estado ou cidade do estado de destino. Destes, 12 ou 25,5% eram do mesmo estado de origem e 24 ou 51,1% eram provenientes de um terceiro estado ou cidade do estado de destino. Apenas 11 ou 23,4% dos melhores amigos vivendo na mesma cidade que o migrante eram originários da cidade e estado de destino. Os dados sugerem que a migração interna afeta as redes de amigos de várias formas. Mesmo com a mudança de estado há a permanência dos amigos, especialmente do melhor amigo. No local de destino, os dados sugerem que os novos amigos sejam originários predominantemente de outros estados, compartilhando a condição de migrante. A melhor amizade foi considerada como afetando positivamente a adaptação ao local de destino para 73% dos participantes ou não afetando em 26% dos casos. Em apenas um caso a melhor amizade foi considerada como afetando negativamente a adaptação. Pode-se concluir que a migração interna afeta as redes de amigos de várias formas.

Migração; Amizade; Família

CNPq

Outras

A REDE SOCIAL DE BRASILEIROS VIVENDO EM OUTRO ESTADO.

Agnaldo Garcia (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)

O Brasil apresenta uma parcela razoável de sua população vivendo em estados nos quais não nasceram, tendo migrado em algum período de sua vida. Segundo o IBGE, há cerca de vinte milhões de brasileiros que vivem em regiões diferentes daquela onde nasceram. Pouco tem sido investigado em relação à rede social de migrantes brasileiros. O objetivo do presente trabalho foi investigar as relações entre migração interna e relações interpessoais, identificando motivos da mudança, as pessoas significativas para cada participante e a cidade e estado onde viviam utilizando como referencial teórico a obra de Robert Hinde. Participaram da pesquisa 100 brasileiros adultos que estavam vivendo fora de seu estado natal por diferentes períodos de tempo. Os participantes responderam a algumas questões fechadas e abertas sobre suas relações interpessoais à luz do processo de mudança de estado. Os principais motivos da mudança foram trabalho (55), estudo (37) ou relacionamento e família (23), por vezes conjuntamente. Os 100 participantes citaram 467 pessoas significativas em suas vidas incluindo amigos (163), pai ou mãe (97), irmão ou irmã (78), esposo, esposa ou parceiro romântico (60), filho ou filha (28), primo ou prima (15), sogro ou sogra (5), avô ou avó, (5), colega (4), tio ou tia (3), cunhado ou cunhada (3), madrinha (2), sobrinho ou sobrinha (1), enteado ou enteada (1), padre (1) e professor (1). Das 467 pessoas significativas, apenas 164 ou 35,1% viviam na mesma cidade do participante, principalmente amigos (74), parceiros românticos incluindo esposo ou esposa (45), filhos ou filhas (17), irmãos ou irmãs (9), pai ou mãe (4), colega (4), sogro ou sogra (3), madrinha (2), avô ou avó (1), tio ou tia (1), sogro ou sogra (1), cunhado ou cunhada (1), padre (1) e professor (1). Em relação à rede de pessoas significativas, pode-se observar a presença de 175 pais, mães ou irmãos totalizando 37,5% da rede. Os amigos representam 34,9% das pessoas consideradas significativas na rede pessoal de cada migrante. Os 88 parceiros românticos e filhos representam 18,8% das pessoas significativas. A família extensa, considerando avós, tios e primos totalizam 23 pessoas ou 4,9% da rede. Em relação às pessoas significativas vivendo na mesma cidade que os migrantes, parceiros românticos e filhos (62) passam a representar 37,8% da rede de pessoas significativas e geograficamente próximas enquanto os amigos passam a representar 45,1% da rede. Somente 13 pais, mães e irmãos são citados, passando a representar apenas 7,9% da rede de pessoas significativas e geograficamente próximas. Os dados sugerem que a migração para outro estado provoca o afastamento de grande parte da rede de pessoas significativas afetando as relações interpessoais dos migrantes de várias formas. Os dados também indicam o afastamento da família nuclear de origem formada por pais e irmãos, o aumento proporcional da participação de parceiros românticos e filhos e dos amigos no local de destino. Pode-se concluir que a migração afeta a rede pessoal de brasileiros que passaram a viver em outro estado.

Migração; Amizade; Família

CNPq

Outras

ARTE E PSICANÁLISE: A ANGÚSTIA E MELANCOLIA NA OBRA DE FLORBELA ESPANCA. *Sabrina Barros Ximenes (Universidade de Fortaleza)*

A Psicanálise e a arte caminham juntas de diversas formas desde os escritos freudianos. O próprio Freud analisou algumas obras de arte como escultura e literatura. Alguns pós-freudianos tomaram essa linha de pensamento de uma maneira diferente daquela que Freud pretendeu e de como, com Lacan, isso conseguiu ser reafirmado. Para Lacan, esse tema está situado no plano da cultura, Não se trata de analisar a criação pela fantasia do artista, a questão é uma Psicanálise implicada na Arte. Lacan entendia que a Arte ensina ao psicanalista a natureza do objeto e isso é crucial para a separação do objeto na dimensão do personagem e daquele que o escreve.

Nesse trabalho pretende-se discorrer sobre a questão da Arte e Psicanálise com o olhar na obra literária de Florbela Espanca, poetisa portuguesa do século XIX que ficou conhecida por sua literatura melancólica, de solidão e tristeza, mas também muita sedução, erotização e de uma feminilidade transbordante. O interessante da obra desta poetisa é que se podem analisar aspectos teóricos freudianos como a angústia e melancolia e pensá-los em sua forma de arte. Nessa jornada o livro dissecado seria o 'Poemas de Florbela Espanca', edição preparada por Maria Lúcia Dal Farra, editora Martins Fontes. E enquanto aspecto teórico, a utilização dos conceitos freudianos acerca da melancolia e angústia, além dos textos sobre arte também de Freud e a compreensão lacaniana em algumas questões identificadas. Esse trabalho implica um olhar na literatura enquanto forma de arte e sua ligação com o texto psicanalítico pensando conexões. A inserção dessa linha de pesquisa dentro do campo psicanalítico é interessante para transpassar novas formas de saber. Nesse caso 'saber fazer com o real' através da obra de arte.

Angústia, melancolia, arte e psicanálise, Florbela Espanca, literatura

Outras

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO DURANTE A OCORRÊNCIA DO DESASTRE NATURAL. *Roberta Borghetti Alves, Márcia Alves de Camargo Lacerda, Eduardo José Legal*

Os desastres naturais vêm afetando cada vez mais pessoas em todo o mundo, causando muitas vezes sofrimento psicológico às populações atingidas. No Brasil, entre 2000 e 2010, sessenta desastres naturais atingiram o país, deixando sete milhões e meio de brasileiros sem casas, com prejuízos econômicos, físicos e psicológicos. Diante disso, questiona-se como o psicólogo pode atuar durante a ocorrência do desastre natural? Este artigo objetivou analisar a produção científica no campo da psicologia, disponível em bibliotecas de dados nacionais e internacionais no período de 2000 a 2010, acerca da atuação do psicólogo durante a ocorrência do desastre natural. Para tanto, foi realizada uma análise do conteúdo da produção bibliográfica disponível nos bancos de dados CRID, BIREME e LILACS. Para este tipo de pesquisa utilizou-se a técnica de leitura e o roteiro de leitura. A primeira consistiu em leituras sucessivas dos materiais selecionados obedecendo às etapas de reconhecimento, exploração, seleção, reflexão e interpretação. E o segundo, consistiu na construção de um instrumento para o roteiro de leitura, visando auxiliar no levantamento de conceitos e considerações relevantes sobre a temática. Utilizou-se como critério de exclusão os artigos que não se referiam aos desastres naturais; os que não faziam menção ao trabalho do psicólogo durante a ocorrência do desastre natural; aqueles que se encontraram repetidos em duas versões linguísticas ou em bibliotecas diferentes; os que não se encontravam diretamente acessíveis no site ou não se referiam a data de publicação; e, finalmente, os manuais ou trabalhos organizados em forma de tópicos. Dos 72 trabalhos acessados, 4,17 % relacionavam-se ao tema, sendo 66,67% em língua portuguesa. Quanto aos resultados da pesquisa há consenso entres os autores, pois para eles os profissionais que trabalham com emergências precisam ter em mente duas necessidades programáticas abrangentes em situações de desastre natural. A primeira é com base em uma abordagem ampliada, usando uma variedade de meios e práticas orientadas à comunidade afetada, com foco em resiliência individual e coletiva, na criação de estrutura social, proporcionando estabilidade e incentivando a interação e coesão comunitárias. A segunda é estabelecer tratamentos baseados em evidências, seja em grupo ou individuais, adaptado à cultura local, que possibilitam que o sujeito relate e reelabore a experiência que teve no desastre natural, bem como detecte quais as pessoas que estão propensas a desenvolver Transtorno do Estresse Pós-Traumático. A partir dos dados levantados, nota-se que as percepções dos autores sobre a temática estão voltadas tanto ao tratamento das pessoas que foram atingidas pelo desastre natural visando diminuir o sofrimento psíquico das mesmas, bem como incentivar a coesão e a interação comunitária, para que sejam criadas redes de apoio. Além disso, salienta-se a existência de muitos poucos estudos publicados acerca deste assunto, necessitando que haja um maior investimento científico, seja por meio de eventos científicos, elaboração de artigos e manuais, que visem incentivar às discussões e capacitações para esta categoria.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO PÓS-DESASTRE. *Roberta Borghetti Alves, Márcia Alves de Camargo Lacerda, Eduardo José Legal*

Os desastres naturais vêm afetando cada vez mais pessoas em todo o mundo, causando muitas vezes sofrimento psicológico às populações atingidas. No Brasil, entre 2000 e 2010, sessenta desastres naturais atingiram o país, deixando sete milhões e meio de brasileiros sem casas, com prejuízos econômicos, físicos e psicológicos. Diante disso, questiona-se como o psicólogo pode atuar após a ocorrência do desastre natural? Este artigo objetivou analisar a produção científica no campo da psicologia, disponível em bibliotecas de dados nacionais e internacionais no período de 2000 a 2010, acerca da atuação do psicólogo durante a ocorrência do desastre natural. Para tanto, foi realizada uma análise do conteúdo da produção bibliográfica disponível nos bancos de dados CRID, BIREME e LILACS. Para este tipo de pesquisa utilizou-se a técnica de leitura e o roteiro de leitura. A primeira consistiu em leituras sucessivas dos materiais selecionados obedecendo às etapas de reconhecimento, exploração, seleção, reflexão e interpretação. E o segundo, consistiu na construção de um instrumento para o roteiro de leitura, visando auxiliar no levantamento de conceitos e considerações relevantes sobre a temática. Utilizou-se como critério de exclusão os artigos que não se referiam aos desastres naturais; os que não faziam menção ao trabalho do psicólogo após a ocorrência do desastre natural; aqueles que se encontraram repetidos em duas versões linguísticas ou em bibliotecas diferentes; os que não se encontravam diretamente acessíveis no site ou não se referiam a data de publicação; e, finalmente, os manuais ou trabalhos organizados em forma de tópicos. Dos 72 trabalhos acessados, 25 % relacionavam-se ao tema, sendo apenas 27,78% em língua portuguesa. Quanto aos resultados da pesquisa constata-se que a maior parte dos estudos focaram as ações empreendidas no pós-desastre. Tais estudos demonstraram a importância do trabalho do psicólogo e demais profissionais da saúde mental na busca da minimização dos impactos psicológicos sofridos pelas vítimas de desastres naturais. Concomitante a esta prática, os autores também levantaram diferentes técnicas e instrumentos utilizados na verificação da incidência de transtornos mentais variados e/ou do Transtorno de Estresse Pós Traumático (TEPT), tais como STAI (medição da ansiedade), SRQ-20 (investigação do sofrimento emocional), TSQ e o Composite International Diagnostic Interview (incidência de estresse pós-traumático), IES (impacto de eventos estressores), BDI (Inventário de Depressão Beck), K6 (transtornos mentais e ideação suicida), KRI (sintomas de trauma), entre outros. Quanto às práticas supracitadas pelos autores, verifica-se um maior enfoque no tratamento e avaliação de possíveis transtornos mentais, salientando-se principalmente o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), não sendo elencando pelos autores os fatores potencialmente de risco e proteção, a resiliência e as diferentes estratégias de coping que foram utilizadas pela população atingida pelo desastre natural. Além disso, salienta-se também a escassez de pesquisas empíricas no âmbito nacional, necessitando que haja um maior investimento científico no Brasil, seja por meio de eventos científicos, elaboração de artigos e/ou manuais.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO PRÉ-DESASTRE. *Roberta Borghetti Alves, Márcia Alves de Camargo Lacerda, Eduardo José Legal*

Os desastres naturais vêm afetando cada vez mais pessoas em todo o mundo, causando muitas vezes sofrimento psicológico às populações atingidas. No Brasil, entre 2000 e 2010, sessenta desastres naturais atingiram o país, deixando sete milhões e meio de brasileiros sem casas, com prejuízos econômicos, físicos e psicológicos. Diante disso, questiona-se como o psicólogo pode atuar frente à ocorrência de futuros desastres naturais? Este artigo objetivou analisar a produção científica no campo da psicologia, disponível em bibliotecas de dados nacionais e internacionais no período de 2000 a 2010, acerca da atuação do psicólogo no pré-desastre, ou seja, antes da ocorrência do desastre natural. Para tanto, foi realizada uma análise do conteúdo da produção bibliográfica disponível nos bancos de dados CRID, BIREME e LILACS. Para este tipo de pesquisa utilizou-se a técnica de leitura e o roteiro de leitura. A primeira consistiu em leituras sucessivas dos materiais selecionados obedecendo às etapas de reconhecimento, exploração, seleção, reflexão e interpretação. E o segundo, consistiu na construção de um instrumento para o roteiro de leitura, visando auxiliar no levantamento de conceitos e considerações relevantes sobre a temática. Utilizou-se como critério de exclusão os artigos que não se referiam aos desastres naturais; os que não faziam menção ao trabalho do psicólogo no pré-desastre; aqueles que se encontraram repetidos em duas versões lingüísticas ou em bibliotecas diferentes; os que não se encontravam diretamente acessíveis no site ou não se referiam a data de publicação; e, finalmente, os manuais ou trabalhos organizados em forma de tópicos. Dos 72 trabalhos acessados, 15,27 % relacionavam-se ao tema, sendo 45,45% em língua portuguesa. Quanto aos resultados da pesquisa há divergência entres os autores, pois para alguns, o psicólogo pode implementar ações destinadas à mitigação de desastres por meio de educação comunitária, visando o fortalecimento das pessoas, comunidades e redes sociais; estar inserido nas políticas públicas relacionadas à defesa civil; compreender a cultura, a representação social e a percepção de risco da população. Já para outros o psicólogo precisa identificar as estratégias de coping utilizadas no enfrentamento do estresse decorrente da vivência de um desastre, visando investigar qual o impacto das mesmas nas respostas que são dadas pelo indivíduo frente ao desastre, propondo reflexões acerca da prevenção em futuros desastres A partir dos dados levantados, nota-se a diferentes percepções dos autores sobre a temática, dificultando a criação de subsídios que respaldem o papel do psicólogo no pré-desastre. Além disso, salienta-se a existência de poucos estudos publicados acerca deste assunto, necessitando que haja um maior investimento científico, seja por meio de eventos científicos, elaboração de artigos e manuais, que visem incentivar às discussões e capacitações para esta categoria.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

***BULLYING*: PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA**. *Domiciane Araújo Azevedo (Universidade de Los Pueblos de Europa - Málaga/Espanha), Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará)*

As pesquisas acerca da violência escolar e do bullying vêm se realizando sob os mais diferentes focos e um deles volta-se para a prática docente. Enfocando esse aspecto, este estudo teve com o objetivo investigar as manifestações do bullying a partir da percepção dos educadores do Ensino Fundamental em Itaituba-Pará. Com tal propósito utilizou-se para a coleta de dados um questionário contendo 23 questões, sendo 15 com respostas abertas e fechadas e 08 perguntas referentes às informações sociodemográficas dos participantes (sexo, idade, escolaridade, tempo de serviço e turmas em que atuam) e um roteiro estruturado contendo uma situação-problema que retrata uma situação de bullying e cinco questões abertas. Fizeram parte da pesquisa 128 educadores que atuam em escolas públicas. A pesquisa caracterizou-se como um estudo descritivo e os dados receberam um tratamento estatístico com o método de análise de conteúdo para a construção das categorias de análise. Os resultados indicaram que a faixa etária dos participantes correspondeu entre 18 e 61 anos, sendo 76% pertencentes ao sexo feminino e 9% do grupo masculino. 94% desses educadores possuem o ensino superior completo e 34% dos entrevistados têm de 11 a 20 anos de experiência contrastando com o segundo lugar que corresponde a 25% dos educadores que estão em princípio de carreira com variação de 01 a 04 anos de trabalho. 51% da amostra afirmaram que já foram vítimas de bullying, principalmente através de apelidos relacionados à discriminação racial, orientação sexual, comportamentos, etc. Para a maioria dos educadores, o bullying é percebido como uma forma indireta de violência e desrespeito ao outro, manifestado principalmente pela agressão verbal representada pelos apelidos que causam constrangimentos à vítima sejam eles relacionados aos aspectos físicos (cor, aparência – magro, gordo, deficiência física, etc) ou comportamentais (timidez, comportamento homoafetivo, entre outros.). Ao que se refere ao ambiente escolar 50% das escolas não possuem nenhum procedimento padrão de combate e prevenção do bullying e por isso as medidas mais adotadas são as orientações e conversas com os envolvidos, as quais são feitas por professores, coordenadores pedagógicos ou a própria direção da escola. Considerando que 95% dos participantes afirmaram conhecer o termo bullying, geralmente por intermédio da televisão, concluiu-se que o problema maior está na falta de ações de prevenção, pois muitos educadores não sabem como lidar com as situações de violência e bullying, embora 91% reconheçam a necessidade de intervenção. Mesmo assim, nem todos sabem definir ao certo quando uma situação pode ser caracterizada como bullying ou não, e por isso, muitas vezes esse conceito é atribuído a qualquer comportamento inadequado ocorrido esporadicamente. Por isso, ao final deste trabalho, sugerem-se algumas propostas de intervenção nos casos de bullying, as quais envolvem os pais, os alunos e os educadores.

Percepção. Educadores. Bullying. Escola pública. Itaituba, Pará-Brasil.

Outras

DIVERGÊNCIAS QUANTO À RECOMENDAÇÃO DE ALGUNS PROCEDIMENTOS AVERSIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Fernanda Marques Jacovozzi, Maura Alves Nunes Gongora, Anthônia de Campos (Universidade Estadual de Londrina)*

Questionamentos referentes à recomendação de procedimentos de intervenção comportamental não são recentes, especialmente quando se discute a respeito de procedimentos aversivos. O estudo aqui descrito teve como objetivo verificar divergências entre as recomendações de procedimentos de intervenção presentes nos livros de orientação para pais, recomendados por psicoterapeutas comportamentais infantis, e as recomendações de autores da área básica da Análise do Comportamento, quanto ao uso de procedimentos educacionais aversivos. B. F. Skinner e M. Sidman fundamentam a maioria das análises de autores de psicoterapia comportamental infantil; por isso foram eleitos para serem analisados neste estudo. O estudo constou de dois passos. Primeiro foi realizado um levantamento, junto à bibliografia da área básica em Análise do Comportamento, relativo às posições dos dois autores eleitos quanto aos procedimentos de intervenção por eles recomendados. No segundo passo, foram examinados os procedimentos comportamentais de intervenção recomendados nos livros de orientação para pais mais indicados por psicoterapeutas comportamentais infantis. Foram examinados os quatro livros mais indicados por 32 terapeutas, que responderam a um questionário enviado a 50 psicoterapeutas infantis. As posições gerais de Skinner e de Sidman já são bastante conhecidas: de maneira geral, eles não recomendam procedimentos aversivos e, em seu lugar, recomendam o uso de reforço positivo. No entanto, Sidman mostrou-se mais rigoroso em suas restrições, pois, enquanto Skinner centra suas críticas à punição e recomenda o uso de extinção, Sidman estende suas restrições, também, ao uso do reforço negativo e da extinção. Ambos os autores argumentam que procedimentos aversivos produzem subprodutos indesejáveis, especialmente os de ordem emocional. No exame dos quatro livros mais recomendados pelos psicoterapeutas comportamentais infantis verificou-se que, além da prioridade ao uso de procedimentos pautados no reforço positivo, há, também, a indicação de procedimentos que são fundamentados no controle aversivo. Destacou-se a indicação do procedimento de seguir regras, acompanhado da retirada de privilégios (um procedimento de punição negativa) e a recomendação do time-out (procedimento considerado tanto de punição negativa quanto positiva), por dois dos livros. Tais procedimentos são recomendados pelos autores dos livros de orientação para pais com a argumentação de que os mesmos contribuem para diminuir a frequência de comportamentos inadequados e produzem efeitos desejáveis a longo prazo, sem resultar naqueles subprodutos emocionais indesejáveis pontuados por Skinner e Sidman. Tanto os autores dos livros de orientação para pais, quanto Skinner e Sidman, não recomendam a punição física ou o castigo corporal, sob hipótese alguma, por seus subprodutos indesejáveis e por serem contra a ética geral dos direitos humanos. Comparando-se a posição dos autores da área básica com a posição dos autores dos quatro livros de orientação para pais mais indicados, pode-se dizer que enquanto Skinner e Sidman restringem ao máximo a recomendação de procedimentos aversivos, os autores dos livros de orientação para pais, recomendam alguns procedimentos aversivos, mostrando que seus efeitos têm se mostrado desejáveis. Esses resultados indicam que ainda parece haver controvérsias quanto aos efeitos mais sutis de algumas das contingências aversivas, especialmente aquelas não violentas e que educam as crianças para respeitar limites e regras.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Análise do comportamento, controle aversivo e orientação de pais.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE NA OBRA ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR. *Milena Del Santo Rosa (Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP)*

Água Viva, de Clarice Lispector, é um livro reconhecidamente singular e de difícil classificação entre os gêneros literários. O principal eixo da sua obra é o questionamento do "ser" e o "estar no mundo". Com uma forma única de escrever, Lispector quebrou as normas da narrativa tradicional, dando espaço ao romance introspectivo, cujo mergulho nos pensamentos dos personagens é mais importante do que o próprio enredo da narrativa. A pesquisa teve como objetivo central procurar compreender, através da leitura sistemática da obra Água Viva, como uma obra de arte pode ser relacionada à vida. Pretendeu-se avaliar a relação entre "ser", conhecimento de si e linguagem, e assim contribuir com o estudo da Psicologia e da Filosofia. Os objetivos específicos consistiram na leitura da obra relacionando-a a vida da autora e a análise das relações entre o conhecido e o desconhecido em nós, a "condição de it", o "instante já", o conceito de quarta-dimensão, a noção de morte relacionada ao tempo e ao instante como sua negação, a transformação e as entrelinhas. A metodologia utilizada foi a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur e Gadamer através de uma leitura sistemática da obra, ou seja, descreveu-se a estrutura do texto e analisou-se com profundidade a obra. Para tanto foi possível ressaltar a relação que se estabelece entre a subjetividade do autor que ganha vida a partir da subjetividade do leitor e que ambas se encontram através da linguagem. O presente trabalho inicialmente sugeriu uma leitura da obra estabelecendo um diálogo entre o livro e vida da autora-narradora-personagem e estruturou-se em 5 capítulos. O primeiro capítulo teve como enfoque a vida da autora, o segundo posicionou suas obras na literatura brasileira, o terceiro procurou dialogar com estilo e a escrita no livro, o quarto capitulo apresentou os resultados obtidos por meio da análise detalhada da obra e o último sugeriu possíveis significados e interpretações sobre o título do livro. O resultado encontrado foi a construção de uma personagem-narradora que experiência o mundo por meio da pintura, da escrita, da música e de imagens. Nota-se que o livro se estrutura em blocos que são divididos em partes e que se subdividem em subgrupos de assuntos. Essa estrutura compõe uma organização de relações, de construção da própria subjetividade, de crescimento emocional e de experiências. A composição literária da obra ora se aproxima de uma autobiografia, ora se desenvolve como um romance introspectivo e mantém durante todo o texto uma prosa de teor lírico. Além disso, observou-se que a leitura, interpretação e identificação que o leitor tem com a personagem são o próprio desvelar-se da narrativa, proporcionando o contato entre a vida real e a vida narrativa. Abordou também como a arte está relacionada com o que há de mais secreto em cada um de nós e como pode ser interessante esta entrega. Água Viva, traduz segundo a autora a palavra mais importante da língua, que é "é". Que se define como centro vivo e mole, elástico e sem vértebras, corrente, continua, viva e inesgotável.

Clarice Lispector, Subjetividade, Linguagem

Outras

MEDO DE DIRIGIR: LEVANTAMENTO DAS VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM O MOTORISTA COM DIFICULDADE EM DIRIGIR. *Thatyane Caroline Machado, Maria José Nunes Maciel (Universidade Nove de Julho)*

Atualmente é possível verificar um grande número de pessoas com medo de dirigir e um aumento de escolas especializadas em atender essa demanda. No entanto, são poucas pesquisas realizadas sobre o medo de dirigir. O objetivo desse trabalho foi realizar um levantamento das variáveis que podem influenciar o motorista com medo de dirigir. Para tanto, utilizamos uma amostra de 16 participantes maiores de 18 anos, de ambos os sexos que estavam em processo de aquisição da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) ou já habilitados, que faziam aulas avulsas. Utilizamos um questionário, que foi elaborado pelas pesquisadoras que continham perguntas que visavam identificar fatores comportamentais, cognitivos e sociais envolvidos no medo de dirigir. Os resultados demonstraram que 87% das pessoas com medo de dirigir são do sexo feminino, a maior incidência dessa amostra foi na faixa etária de 40 a 50 anos de idade (43%). Vários possuem carro mas não dirige, ou o faz com muito sofrimento (24,9%), 18,7% utiliza transporte público, mas precisam do carro para trabalhar. Em relação a experiências traumáticas podemos verificar que 25% já sofreu acidente de carro , 50% nunca se envolveu em acidente, mas tem medo de dirigir e 31,2% preocupa-se em ouvir ou ver acidentes. A respeito dos sintomas 12,5% sente tremor, calafrios, suor, dores de barriga, etc; 75% pensa que pode atropelar alguém ou provocar um acidente e 25% pensa que pode perder o controle do carro; 50% se sente insegura na presença de ônibus ou caminhões na pista. Obtivemos relatos de pessoas com medo de estacionar, mudar de faixa, subir rampa (37%) e ainda medo de errar e estar sendo observado (18,7%). A respeito das crenças notamos que 43% acredita que as mulheres devem dirigir para serem independentes; e 31,2% acredita que o jovem deve adquirir a CNH aos completar 18 anos; para 31,2% dirigir representa status, autoconfiança, autonomia e poder. Notamos ainda pessoas que acreditam que devem ser perfeitas em tudo que fazem (31,2%) e que o fato de não dirigir as deixam com a auto-estima rebaixada (25%) e medo de errar na presença de outras pessoas 12,5%. Os resultados encontrados mostram que fatores culturais, expectativas e crenças podem estar associadas ao medo de dirigir, e que o medo de dirigir pode ou não estar associado a experiências traumáticas no trânsito, e que esse medo pode ser aprendido. Notamos também que a forma como as pessoas pensam podem contribuir para seu medo. Concluímos que devemos conhecer melhor a demanda dessas população e que novas pesquisas sejam realizadas a fim de se implementar medidas de tratamento e prevenção.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

MIGRAÇÃO INTERNA E RELAÇÃO COM NOVOS E VELHOS AMIGOS.

Agnaldo Garcia (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)

A migração interna é um fenômeno importante no Brasil e na América Latina, contudo, pouco se sabe sobre as amizades de brasileiros que migraram para outro estado da federação. O objetivo do presente trabalho foi investigar o relacionamento de brasileiros adultos que passaram a viver em outra unidade da federação com amigos do local de origem e a formação de novas amizades no local de destino, tendo como referencial teórico a obra de Robert Hinde. Participaram da pesquisa 100 brasileiros adultos com idades entre 18 e 58 anos que haviam deixado seu estado de origem para viver em outro estado por motivo de trabalho, estudo ou relacionamento, os quais responderam um questionário com questões abertas e fechadas. Os resultados indicaram que 95% dos participantes mantiveram contato com amigos do local de origem enquanto apenas 5% não mantiveram. O contato se deu de diversas formas. O meio de comunicação mais utilizado foi a Internet, em 84% dos casos, seguido pelo telefone, em 62%, e cartas restritas a 5% dos participantes. O contato pessoal também ocorreu e 64% dos participantes fizeram visitas aos amigos da cidade e estado de origem enquanto apenas 34% receberam visitas desses amigos. Quanto à situação da amizade com pessoas do estado de origem, 82% consideraram que essas amizades declinaram para todos os amigos, em 9% dos casos, ou para alguns amigos, em 73% dos casos. Apenas 18% dos participantes consideraram que as amizades permaneceram estáveis. Ao se mudarem para uma nova cidade e estado, 36% informaram já ter amigos na cidade enquanto 64% não possuíam. Em relação, à participação dos amigos na decisão de mudar de cidade, 15% consideraram que os amigos da cidade anterior exerceram influência e 85% não perceberam tal influência. Em relação à influência percebida de amigos da nova cidade, apenas 16% consideraram ter havido tal influência. Enquanto 85% dos migrantes declararam ter procurado fazer amigos ao chegar ao estado para o qual se mudaram, 15% não o fizeram. 48% dos participantes tiveram dificuldades para fazer amigos no novo local e 52% não relataram dificuldades. Finalmente, 80% consideraram ter obtido sucesso em fazer novos amigos no local quando chegaram, 6% relataram sucesso parcial e 13% não tiveram sucesso e 1% não respondeu. Os dados indicam que a maioria dos participantes está envolvida com velhos e novos amigos. Pode-se concluir que a mudança de estado cria dificuldades em relação aos amigos do estado de origem provocando, em geral, o declínio destas amizades. A maioria também busca fazer amigos no local de destino, embora quase metade dos participantes tenha relatado dificuldades no processo. Os dados sugerem que o processo de migração interna cria dificuldades para as amizades de adultos que mudaram de estado.

Migração; Amizade; Família

CNPq

Outras

O TESTE VISOMOTOR DE BENDER NA ADOLESCÊNCIA. *Lívia de Freitas Keppeke, Isa de Pádua Cintra, Teresa Helena Schoen (Unifesp)*

A habilidade visomotora permite uma melhor interação com o meio e é fundamental para aprendizagem escolar além de reconhecer, discriminar e interpretar estímulos. A adolescência é uma fase caracterizada por cruciais mudanças biopsicossociais. Estudos apontam a possibilidade de maturação da habilidade visomotora ainda na fase da adolescência. Por isso, este estudo teve como objetivo averiguar possível correlação entre o desenvolvimento visomotor e variáveis demográficas na adolescência. Para tal objetivo, utilizamos o Teste Gestáltico Visomotor de Bender, Matrizes Progressivas-Escala Geral e prontuários médicos. Participaram 134 adolescentes de ambos os sexos com idade cronológica variando de 10 a 15 anos ,oriundos de um ambulatório médico especialista em adolescência da Zona Sul de São Paulo. Os instrumentos foram aplicados individualmente e os dados demográficos foram recolhidos dos prontuários após os participantes passarem por consulta médica. O escore do Bender em relação à idade ($p=0,545$) e sexo ($p=0,409$) não apresentou diferença significativa, ambas as variáreis apresentaram médias aproximadas de pontos. Também não houve associação com a escolaridade ($p=0,147$), embora a variável repetência escolar tenha mostrado significativa diferença ($p<0,001$): o grupo dos pacientes que já haviam sido retidos em alguma série escoalr obteve desempenho significativamente pior do que os não repetentes. Os adolescentes que apresentaram problemas de desenvolvimento obtiveram desempenho no Bender significativamente pior com relação aos que não apresentaram suspeitas de patologias desenvolvimentais ($p<0,001$). Houve correlação negativa estatisticamente significante ($p<0,001$) com o teste de inteligência Matrizes Progressivas. Foi detectada uma associação significativa entre patologia e repetência ($p=0,005$). A proporção de participantes com problemas de desenvolvimento é significativamente maior no grupo dos repetentes (40%) do que no grupo dos não repetentes (14,6%). O motivo de insucesso escolar parece estar ligado a problemas de desenvolvimento que dificulta a aprendizagem escolar. Por isso é importante perguntar sobre o desenvolvimento inicial durante a anamnese em atendimento de adolescentes. Embora, o Teste Bender seja destinado à faixa etária de até 11 anos, neste estudo ele se mostrou fidedigno em identificar problemas de desenvolvimento também no período da adolescência, permitindo, então, sua utilização em idades mais avançadas que aquelas utilizadas na padronização do teste.

Palavras chaves: Habilidade visomotora, adolescência, Bender.

Nível do Trabalho: Outro

AVAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO. *A Celina Maria Colino Magalhães, Grauben José Alves Assis (Universidade Federal do Pará)*

O Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) visa a formação de professores universitários e pesquisadores, bem como profissionais de alto nível, em áreas de pesquisa relativas ao comportamento humano e animal, com abordagens compatíveis com a especialização e interesses de seus docentes orientadores, apoiados por políticas públicas de incentivo à pesquisa. Especificamente, visa formar teórico-metodologicamente com padrão internacional, mestres e doutores, objetivando o conhecimento e desenvolvimento da região amazônica. A formação almejada transcorre em um ambiente de pesquisa interdisciplinar em que o comportamento é estudado sob diferentes abordagens, em projetos de pesquisa básica e aplicada, com intenso intercâmbio entre os grupos do programa e de fora dele, no Brasil e no exterior. Os dados dos egressos do PPGTPC, permitem avaliar quanto o programa tem tido sucesso em atingir tal objetivo. O PPGTPC iniciou suas atividades em 1987, como Curso de Mestrado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento. A iniciativa foi pioneira na região norte, onde apenas recentemente, em 2004, foi criado um segundo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, também na UFPA. Atualmente o PPGTPC ainda é o único Programa na área de Psicologia na região norte que oferece Doutorado, tendo boa parte de seus egressos atuando em instituições de ensino superior, públicas e privadas, nesta região e na região nordeste. O doutorado passou a ser oferecido a partir de 2000, mantendo duas áreas de concentração: Psicologia Experimental e Ecoetologia. Com 24 anos de existência do mestrado e 12 de doutorado, já realizamos 263 defesas de dissertações e 51 defesas de teses.

Análise Experimental do Comportamento, Ecoetologia

CAPES

CNPq

FAPESPA

AEC

RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES FACIAIS E CENAS DE VALÊNCIA EMOCIONAL APRESENTADAS SUBLIMINARMENTE. *Beatriz Franco Barbosa*; Fernanda Pires Garcia*; Flavia Helen Moreira da Silva*, Julia Ribeiro*; Márcia Viana Amaral*; Rui de Moraes Júnior** e Sérgio Sheiji Fukusima (Laboratório de Percepção e Psicofísica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

As emoções não teriam se desenvolvido e se mantidas se não tivessem significado adaptativo para os organismos. Além disso, a adaptação social do indivíduo está relacionada à capacidade de expressar/perceber emoções. Dado sua grande importância, estímulos emocionais podem acarretar um aumento da sensibilidade perceptual, o que é corroborado por estudos que utilizam apresentações subliminares de estímulos de conteúdo emocional. Porém, pouco se sabe sobre o posterior reconhecimento destas imagens. A literatura utiliza amplamente 2 instrumentos que se constituem de modalidades diferentes de estímulos: cenas do IAPS (International Affective Picture System)e as faces de Ekman (FACS - Facial ActionCoding System). Sendo assim, torna-se necessário o desenvolvimento de estudos comparativos entre ambos os instrumentos para se testar a confiança e funcionalidade destes. Portanto, objetivo deste trabalho foi investigar se a valência agradável, desagradável ou neutra de faces com expressões emocionais e de cenas com conteúdo afetivo apresentadas subliminarmente produziam diferença em seu posterior reconhecimento. Ainda, verificaram-se diferenças no tempo de reação destes estímulos. Para isso, 32 universitários da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto (média de 20,4 anos ± 1,7, 16 mulheres) realizaram uma tarefa de matching-task. Cada tentativa se iniciava com um ponto de fixação apresentado por 500 milissegundos (ms), seguido de uma tela de ruído (200 ms, forwardmasking) que antecedia o estímulo subliminar (12 ms); novamente um ruído era apresentado (300 ms, backwardmasking), seguido de um ponto de fixação (500 ms), do estímulo de comparação (1000 ms), uma tela de resposta e outra de descanso. O experimento foi dividido em dois blocos, um de faces e outro de cenas, com 48 tentativas cada: 16 de cada valência, sendo 8 congruentes (estímulos subliminar e comparação iguais) e 8 não-congruentes (estímulos subliminar e comparação diferentes). Os 2 estímulos apresentados nas tentativas não-congruentes eram sempre de mesma valência e as faces eram sempre do mesmo sexo. O bloco de início foi contrabalanceado entre os participantes. Foi calculado o parâmetro d', definido pela Teoria de Detecção de Sinal, e o tempo dereação, ambos submetidos a uma análise de variância: [2 estímulos (cenas, faces)] x [3 valências (agradável, desagradável e neutro)]. Adotou-se um nível de significância de 5% e o teste post-hoc de Bonferroni. A análise do d' revelou efeitos estatisticamente significativo entre os estímulos, faces e cenas [$F(1,31)=17,78$; $p<0,001$]. De maneira inesperada, as cenas neutras foram mais reconhecidas (d'=2,67) do que em qualquer outra condição. O número limitado de cenas neutras normatizadas para a amostra brasileira, e a consequente maior saliência entre os estímulos, pode ter sido responsável pelo efeito. Quando analisadas as faces, o desempenho nas agradáveis (d'=1,52) foi significativamente melhor em relação às neutras (d'=0,48) ($p=0,003$). O tempo de reação revelou que o julgamento deestímulos de valência agradável foi significativamente mais rápido em relação aos de valência desagradável, independente se cenas ou faces ($p=0,26$).Estudos afirmam que imagens de ameaça apresentadas rapidamente enfraquecem a ativação da amígdala e intensificam a ativação do córtex pré-frontal, que realiza um processamento de informações com maior gasto temporal.

Percepção subliminar, IAPS, FACS

IC

CNPq
PERC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

SOBRE EFEITOS INDESEJÁVEIS DO REFORÇO POSITIVO. *Anthonia de Campos, Maura Alves Nunes Gongora (Universidade Estadual de Londrina)*

O controle positivo do comportamento exerce um papel central na constituição do corpo teórico da Análise do Comportamento. Na literatura comportamental, encontramos muitos estudos que discutem os efeitos desejáveis do reforço positivo. Contudo, muito pouco se discute a respeito de seus possíveis subprodutos indesejáveis. Essa apresentação tem como objetivo relatar os resultados de uma pesquisa bibliográfica, no campo da Análise do Comportamento, a respeito de efeitos indesejáveis do reforço positivo. Foram levantados estudos que analisavam efeitos indesejáveis do reforço positivo. A pesquisa incluiu: a) quatro bases de dados do portal de periódicos da CAPES b) estudos mencionados em referências bibliográficas de textos relevantes ao estudo do tema em pauta; c) outras fontes: coleção 'Sobre comportamento e Cognição', grupos de estudos cadastrados nos diretórios do CNPq e banco de teses e dissertações do portal da CAPES. Resultados: foram recuperados 26 textos que mencionavam tais efeitos, sendo que em quatro deles o foco principal de análise eram os efeitos indesejáveis do reforço positivo. Foram encontradas referências a sete efeitos indesejáveis: a) efeitos emocionais de excitação intensa ou de exaustão; b) efeito supressivo de outras respostas adequadas; c) indução e manutenção de comportamentos socialmente inadequados; d) dificuldades nos processos de discriminação e de generalização; e) dependência do agente reforçador; f) efeitos produzidos pela liberação não contingente de estímulo; g) uso abusivo de reforço positivo. Analisando-se tais efeitos verifica-se que, em geral, eles são indiretos e podem ser produzidos pela aplicação inadequada de procedimentos de reforço positivo. São exemplos disso os altos graus de excitação ou de exaustão que podem ser incompatíveis com o desempenho esperado com a aplicação do procedimento. Por outro lado, verifica-se que há efeitos indesejáveis do reforço positivo que são produzidos pelo próprio estímulo (e não pelo uso inadequado do procedimento). Esses efeitos devem-se a duas características próprias dos estímulos reforçadores primários (apetitivos), tais como sexo, sal ou açúcar: produzem efeitos imediatos e de prazer. Esses efeitos foram amplamente analisados por Skinner que pontuou o fato de sua origem estar na sensibilidade evoluída ao reforço que já teve valor de sobrevivência entre os humanos, mas que hoje, devido às mudanças ambientais produzidas por nossas práticas culturais, podem ter subprodutos letais. São exemplos desses subprodutos a obesidade, o consumismo e a superpopulação. Cabe ressaltar que o objetivo desse estudo não foi desqualificar o uso do reforço positivo, pois, acredita-se que a importância do reforço positivo já está consolidada na Análise do Comportamento. Contudo, esses resultados permitem concluir que o uso do reforço positivo, não é um procedimento simples para que os estudos relativos aos seus efeitos possam ser negligenciados. Ao contrário, precisamos compreender seus efeitos diretos e indiretos, sejam eles desejáveis ou indesejáveis para que sua aplicação possa ser ainda mais eficaz e eticamente apropriada.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, reforço positivo, efeitos indesejáveis - M

Fundação Araucária

Outras

TREINAMENTOS EM HABILIDADES SOCIAIS: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO. *Renata de Lourdes Miguel da Silva, Gisele de Rezende Franco, Nathalie Nehmy Ribeiro*

As habilidades sociais constituem um importante campo de investigações e atuação. A literatura aponta que tais habilidades favorecem a competência social do indivíduo, sendo reconhecidas como fator de proteção. Embora as habilidades sociais sejam desenvolvidas ao longo do curso vital, é possível fomentar tal aquisição através de treinamentos sistemáticos. Considerando a relevância dessa área para a ciência psicológica, o presente estudo objetivou realizar um levantamento de artigos científicos que fornecessem dados referentes à implementação de treinamentos em habilidades sociais. Realizou-se uma busca na base Psycinfo, escolhida por possuir um grande número de revistas indexadas, além de conter publicações de vários países. Optou-se pela utilização do descritor "Social Skills Training". Os seguintes critérios de inclusão foram aplicados: (1) estudos publicados em revistas indexadas entre 1° de janeiro de 2007 e 31 de dezembro de 2011; e, (2) estudos que apresentassem resultados referentes à implementação de treinamentos em habilidades sociais. Foram delimitados inicialmente 44 artigos publicados no período pesquisado e que possuíam o descritor utilizado. Dessa amostra inicial realizou-se uma primeira análise, sendo excluídos 16 artigos que não atendiam aos critérios previamente delimitados, sendo em geral, estudos de revisão sobre treinamentos em habilidades sociais. Finalmente, obteve-se uma amostra de 28 artigos, em sua maioria com delineamento quase-experimental, sendo 3 resultantes de pesquinas nacionais e os demais produzidos em outros países. Os dados obtidos foram analisados e categorizados. Quanto à faixa etária dos participantes, verifica-se que 32,1% dos estudos foram realizados com crianças, 28,6% com adolescentes, 7,1% com crianças e adolescentes, 28,6% com adultos e 3,6% com idosos. Em relação às características dos participantes, evidencia-se uma expressiva quantidade de investigações realizadas com indivíduos com desenvolvimento atípico, tais como autistas e portadores da síndrome de Asperger (35,7%); bem como com pacientes psiquiátricos (17,9%) e pessoas com problemas comportamentais (21,4%). Foram encontrados ainda que 21,4% dos estudos foram realizados com participantes sem características específicas e 3,6% com portadores de lesão cerebral. A respeito do número de participantes por estudo, há expressiva variação, havendo maior concentração de pesquisas com até 50 pessoas (61,3%), que são geralmente divididas em subgrupos de intervenção com até 10 participantes. Quanto às características dos programas de intervenção, observa-se que a maior parte são realizados no contexto clínico/ambulatorial (51,6%) ou educacional (21,4%), sendo previamente planejados. Os programas têm, em sua maioria, duração de até 20 encontros (71%) e são admistrados em encontros realizados uma ou duas vezes por semana, com duração entre 50 a 120 minutos. Os dados obtidos indicam a relevância e a diversidade das pesquisas com intervenção no campo das habilidades sociais. É importante destacar que, na amostra analisada, a maioria dos estudos apresentou resultados positivos a partir das intervenções e que estas tendem a favorecer a trajetória desenvolvimental dos participantes, estando, portanto, afinadas com a ótica da promoção de competências. Em conclusão, a produção realizada se mostra como uma contribuição valiosa para pesquisadores e profissionais interessados na promoção de saúde psicológica, visto que os dados obtidos reforçam a premissa de que é possível favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais.

Habilidades sociais; treinamento; intervenção.

Capes

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

MODELO PEDAGÓGICO DE CONSUMO RESPONSABLE PARA LA SOCIALIZACIÓN DEL NUEVO ESTATUTO DEL CONSUMIDOR POR MEDIO DE LA CREACIÓN DE UNA LIGA UNIVERSITARIA DE CONSUMIDORES EN LA UNIVERSIDAD DEL NORTE EN BARRANQUILLA-COLOMBIA. *Valentina Medrano Coley (Inpsicon Ltda Valentina Medrano Coley)*

El 12 de abril de 2012, comenzó a regir en Colombia el nuevo estatuto del consumidor (Ley 1480), el cual según la Superintendencia de Industria y Comercio (2012) contempla objetivos fundamentales, entre ellos, la libertad de constituir organizaciones y grupos de consumidores y la oportunidad para que estos hagan oír sus opiniones en los procesos de adopción de decisiones que los afecten. Atendiendo a estos objetivos, se incentiva la constitución y, sobre todo, la acción de ligas de consumidores que tienen entre sus propósitos: "El desarrollo de jornadas académicas y educativas con la participación de la comunidad en general para defender y difundir ampliamente el conocimiento de los derechos del consumidor, así como la promoción de organizaciones solidarias" (Armel, 2011)

La constitución de la Liga Universitaria de Consumidores atiende a la iniciativa institucional del Departamento de Psicología de la Universidad del Norte en asocio con la Confederación Colombiana de Consumidores; y se da desde el marco conceptual de la psicología del consumidor, específicamente desde el marco del consumo responsable, área que se encarga del estudio científico de las elecciones (toma de decisiones) humanas cuando éstas entrañan consecuencias económicas; es decir, cuando implican la utilización de recursos para satisfacer necesidades, también entendida como el estudio del comportamiento económico, de las variables que inciden en la toma de decisiones económicas individuales y colectivas y las formas como las personas comprenden el mundo de la economía y sus variaciones; así como los deberes y derechos que tienen en su condición de consumidores (Wärneryd, 1978, citado por Quintanilla,2004),

, La Liga de Consumidores de la Universidad del Norte tendrá como principal variable el consumo responsable, que según Quirós (2007), es entendido como el conjunto de comportamientos y decisiones de compra hechas por los consumidores que ponen en consideración los problemas ambientales y de uso de los recursos, y que están motivados no solo por el deseo de satisfacer las necesidades personales, sino también por el interés de controlar y responder correctamente ante las posibles consecuencias adversas del consumo y sus efectos consecuentes. Es decir, que con nuestra forma de consumir de una manera responsable podemos influir en la marcha de la economía y del mundo sustentable en forma directa.

Es clara la necesidad de lograr un abordaje interdisciplinario en los procesos de socialización en torno al aprendizaje y práctica del nuevo estatuto del consumidor, para generar un Consumo Responsable; por ello se contará con una iniciativa que permita comprender los procesos de enseñanza-aprendizaje dentro de la liga universitaria de consumidores en la que participarán estudiantes de pregrado de la Universidad del Norte matriculados en diversidad de áreas del saber.

Esta propuesta atiende a la innovación para el desarrollo social, como uno de pilares fundamentales del Plan Nacional de Desarrollo (2010-2014), entendida como aquel proceso que constituye el mecanismo óptimo para garantizar la sostenibilidad del crecimiento y la competitividad del país en el largo plazo, significando no sólo el desarrollo de nuevos productos y la transformación de los productos existentes, sino que consiste en crear nuevas formas de organizar, gestionar, producir, entregar, comercializar, vender y relacionarse con consumidores, clientes y proveedores;

logrando, en última instancia, generar conciencia a través de toda la cadena productiva pero especialmente en el decisor final, el consumidor.

El Gobierno Nacional quiere garantizar que cada colombiano tenga acceso a las herramientas fundamentales que le permitirán labrar su propio destino, independientemente de su género, etnia, posición social, orientación sexual o lugar de origen. (PND, 2010-2014)

De acuerdo a lo anterior, es pertinente el desarrollo y búsqueda de nuevas formas de organización que faciliten el aprendizaje del consumidor, de los proveedores y que contribuyan a establecer nuevas dinámicas de organización que responsabilicen al consumidor y lleven, como consecuencia, a una educación a la ciudadanía para el Consumo Responsable, en torno a la socialización de sus deberes y derechos.

Psicología del consumidor, Consumo Responsable, Socialización, nuevo estatuto del consumidor, ligas de consumidores.

Otras

PERSPECTIVA DE XÉNERO NUN COLEXIO PROFESIONAL. EXPERIENCIA DE BOAS PRÁCTICAS NO COPG. *Concepción Fernández Fernández (Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia, Galicia, España).*

A práctica profesional segue en moitos casos ligada ao ámbito público-político do que tradicionalmente estivo apartada a sabedoría e experiencia das mulleres. Nos ámbitos simbólicos, a linguaxe sexista define as desigualdades na identidade e rol profesional de mulleres e homes. No representativo e institucional son chamativas as desigualdades no reparto de poder e responsabilidades entre unhas e outros. Esta situación de desigualdade sociopolítica e estrutural reflíctese no escaso peso orgánico e temático que teñen cuestións que forman parte do "mainstreaming de xénero", como son a transversalidade de xénero, a abordaxe da violencia contra as mulleres, a vivencia do tempo público e privado, a coeducación ou o emprego na imaxe e quefacer diario dun colexio profesional. Conscientes desta situación de partida no Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia téñense tomado decisións e implementado prácticas organizativas para contribuír a corrixir as desigualdades de xénero que simbolicamente, sociopolíticamente e orgánicamente poden aparecer na dinámica colexial. No simbólico, desde 2006 adoptouse a decisión de utilizar unha linguaxe profesional e administrativa non sexista e no ano 2008 mudouse o nome de Colexio Oficial de Psicólogos de Galicia polo de Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia. No representativo, a máxima representación osténtaa unha muller e a Xunta de Goberno é paritaria. No organizativo, creouse unha Comisión Intersectorial de Xénero, que ten vocación transversal e obxectivos de traballo ligados ao "mainstreaming de xénero" en cada unha das sección do COPG e no Programa de Atención Psicolóxica a Mulleres Vítimas de Violencia de Xénero e no Programa de Atención Psicolóxica para Homes que exercen Violencia de Xénero. Na práctica profesional, deseñamos e desenvolvemos formación e intervención desde unha perspectiva de xénero nas areas de clínica, intervención social, educativa e traballo e organizacións. No terreo sociopolítico, en conexión con outros colexios profesionais e entidades públicas e privadas galegas, participamos de accións e proxectos estreitamente ligados coa promoción de políticas de igualdade e defensa dos dereitos das mulleres.

PALABRAS CLAVE: XÉNERO, PRÁCTICA PROFESIONAL

NIVEL DO TRABALLO: P

Otras

PROYECTO DE EDUCACIÓN AL CONSUMIDOR, EN TORNO AL CONSUMO RESPONSABLE Y COMERCIO JUSTO:RAFA AMIGO FIEL (www.rafamigofiel.com). *María Mercedes Botero Posada**, Regina María Navarro Blanco*, Teodosia Agulló López (Inpsicon Ltda. - Investigación en Psicología del Consumidor Ltda - Colombia)*

Inpsicon Ltda. es una empresa comprometida con su rol de educar al consumidor. Desde su fundación ha diseñado innovadoras formas de acercar a el hombre, en su calidad de homo consumer a una lógica de consumo más responsable que estimule un comercio más justo. Rafa amigo fiel (www.rafamigofiel.com) , surge como un proyecto de carácter social enfocado a estrechar la relación de la sociedad y las empresas que operan en ella, en respuesta a la misión de Inpsicon de acercar el consumo responsable al comercio justo, y basándose en dos premisas principales: Colombia necesita programas que generen compromiso ciudadano, y las empresas deben operar responsablemente en nuestra sociedad. Rafa amigo fiel, funciona en dos líneas de actuación básicas, como agente comunicador:1. Conocimiento del consumidor. 2. Educación al consumidor en temas de consumo responsable, comercio justo y compromiso ciudadano con parámetros de responsabilidad social empresarial. La fase de prueba del modelo se trabaja inicialmente en la ciudad de Barranquilla y Departamento del Atlántico, en Colombia. Rafa Amigo Fiel, es un proyecto que desde la psicología del consumidor, está dedicado al conocimiento y educación del consumidor en torno a 3 ejes principales: el consumo responsable, el comercio justo y la cultura ciudadana. A través de diferentes actividades, virtuales de manera global y presenciales, inicialmente en la ciudad de Barranquilla, Rafa, la Familia Rueda (Ver: www.rafamigofiel.com) y sus aliados estratégicos, empresas que son ciudadanas corporativas responsables y comprometidas con la sociedad en la que operan; difunden el mensaje de las 4R: reducir, reutilizar, reciclar y responsabilizarse, premisas claves del consumo responsable. En cada acción de RAFA Amigo Fiel se desarrollan mediciones de impacto, que a la fecha demuestran los vacios conceptuales que tiene el consumidor en torno a estos temas y surgen necesidades de participación y elaboración de resultados de investigación con seguimiento y rigurosidad científica que permiten conocer las actitudes que tiene el consumidor en la ciudad de Barranquilla (Fase inicial del proyecto) y que facilitan la orientación de nuevas intervenciones, así como material susceptible de ser divulgado, compartido y aplicado en la comunidad científica, al tratarse de temas relevantes en el contexto global, tales como vacios teóricos y conceptuales en torno al denominado consumo ecológico. Este proyecto de Intervención e investigación surge como resultado de una tesis doctoral, que orientó la adición de una cuarta R del consumo ecológico, correspondiente a Responsabilizarse. El proyecto lleva su nombre porque es representado por RAFA, quien personifica el carro de la familia RUEDA, se trata de todo un imaginario en torno a una familia tradicional colombiana, que tiene y ha logrado su finalidad de educar al consumidor, siendo en su octavo mes de aplicación un proyecto exitoso.

Psicología del consumidor, educación, comercio

Otras

INVESTIGACIÓN, INNOVACIÓN Y DESARROLLO DESDE LA PSICOLOGÍA ECONÓMICA Y DEL CONSUMIDOR. *Regina María Navarro Blanco*, María Mercedes Botero Posada** (Inpsicon Ltda. - Investigación en Psicología del Consumidor Ltda. - Colombia)*

En éste trabajo presentamos la trayectoria y experiencias de investigación, innovación y desarrollo de www.inpsicon.com, una organización con sede principal en Colombia, pero con proyección internacional. En Inpsicon (Investigación en Psicología del Consumidor), partimos del conocimiento profundo del consumidor y su realidad para trazar planes de investigación, acción y estrategias dirigidas siempre hacia lo creativo y comercial, ajustadas a la medida de nuestros cliente; garantizando exclusividad, cultivamos un terreno seguro, no actuamos por ensayo y error. Antes de generalizar, medimos, validamos y contrastamos los resultados de los hallazgos con estudios Ad hoc y empleando técnicas novedosas para el estudio y análisis psicológico del consumidor en diferentes contextos y sectores. Inpsicon, cuenta con un equipo de investigadores, consultores, asesores, diseñadores y educadores. Nuestra misión es acercar el consumo responsable al comercio justo, por eso trabajamos por beneficiar las relaciones entre consumidores, fabricantes, comercializadores y entidades gubernamentales, teniendo en cuenta estos movimientos mundiales que favorecen la economía y en consecuencia el desarrollo social. Nuestro equipo mixto en especialidades, abarca campos como la psicología, economía, comunicación, antropología, sociología, mercadeo, diseño y relaciones internacionales; lo que otorga una visión global e integral a cada proyecto que realizamos. Desde 2004, hemos construido una extensa biblioteca de artículos propios y de aliados internacionales con un contenido de corte investigativo, científico y práctico, que nos convierten en la base de datos más amplia, difundida y consultada en Psicología del Consumidor, de habla hispana. Con un page rank de 5, generamos más de 340.000 clics mensuales, además del reconocimiento con que contamos a nivel nacional. Actualmente en Inpsicon se desarrollan proyectos de variada índole, clasificados según las diferentes unidades de negocio, que demuestran que ciencia, tecnología, innovación, desarrollo y emprendimiento empresarial van de la mano y que desde la psicología podemos avanzar en interesantes emprendimientos. Tratándose de una empresa de investigación, basada en u enfoque de la psicología social aplicada, trabajamos con metodología científica, tanto desde la experiencia de la investigación cualitativa como cuantitativa, optando por enfoque de corte mixto para lograr la profundización en el reconocimiento y aprendizaje de las actitudes del consumidor en diferentes contextos, esto teniendo en cuenta los aportes y fundamentos teóricos que nos brinda la psicología social y dentro de ésta su área de especialización, la psicología económica y del consumidor. Para mayor información se recomienda visitar nuestro sitio web: www.inpsicon.com.

Psicología económica, consumo, investigación.

Otras

ATENÇÃO DIVIDIDA VISUO-ESPACIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SEM QUEIXAS DE TRANSTORNOS ATENCIONAIS. *Valéria Reis do Canto Pereira (Departamento de Processos Psicológicos Básicos; Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília; Brasília-DF), Ronald Dennis Paul Kenneth Clive Ranvaud (Laboratório de Fisiologia do Comportamento, Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo; São Paulo-SP), Maria Ângela Guimarães Feitosa (Departamento de Processos Psicológicos Básicos; Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília; Brasília-DF), Luiz Henrique Mourão do Canto Pereira (Coordenação Geral de Biotecnologia e Saúde do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Brasília-DF)*

A atenção visual é a capacidade de processar melhor determinados estímulos em detrimento de outros e pode ser medida por meio de tempos de reação (TRs). A atenção visual pode ser direcionada de forma voluntária para outras regiões do espaço que não a determinada pelo ponto de fixação. Alguns estudos relatam a possibilidade de alocação da atenção de forma dividida no espaço, entretanto outros sugerem ser o foco atencional único e impossível de ser dividido. Este estudo teve por objetivo investigar se a atenção visual de crianças e adolescentes poderia ser alocada em duas regiões não contíguas do espaço, caracterizando assim uma situação de divisão atencional. Foi realizado um experimento psicofísico de atenção dividida, em cinco grupos experimentais de acordo com suas faixas etárias (8, 9, 10, 12 e 15 anos de idade), sem queixas de transtornos atencionais. As sessões experimentais foram realizadas em um centro de apoio pedagógico, localizado em Santo André-SP, em uma sala de testes escura com atenuação acústica. O voluntário foi posicionado a 57 cm da tela do computador, distância na qual o estímulo visual corresponde a 0,2o de ângulo visual. No experimento realizado os voluntários foram orientados a direcionar a atenção para duas molduras laterais, localizadas à direita e à esquerda na tela do computador, mas sempre direcionando o olhar em uma cruz de fixação apresentada no centro da tela. A tarefa solicitada consistiu em apertar um botão do gamepad assim que aparecesse um estímulo na tela, independentemente de sua localização, mas sempre mantendo a atenção em ambas as molduras. Foram consideradas respostas válidas aquelas com tempos de reação entre 150 e 1000 ms a partir do início da apresentação do estímulo. Foram considerados erros as respostas emitidas abaixo de 150 ms (erros de antecipação), as emitidas após 1000 ms (erros de não-resposta) e as perdas de fixação (movimentos oculares). A sessão experimental foi acompanhada pela experimentadora, em tempo real, com a ajuda de um segundo monitor de vídeo de 14'. A experimentadora monitorou a fixação do olhar do voluntário durante os experimentos por meio de um monitor de vídeo de 20' conectado a uma micro câmera de vídeo sensível ao infra vermelho. Esse arranjo permitia a detecção, pela experimentadora, da ocorrência de perdas de fixação, i.e., a ocorrência de movimentos oculares durante as tentativas. Os resultados da análise de variância mostraram que os TRs dentro das molduras foram menores (261±8 ms) em comparação aos TRs fora das molduras (301±9 ms) de forma significante no grupo de 15 anos, caracterizando assim a presença de divisão atencional apenas neste grupo. Os demais grupos não apresentaram diferença entre os TRs. A análise dos erros revelou diferença significante entre os grupos experimentais. Concluímos que há capacidade de divisão atencional apenas no grupo de 15 anos. O método proposto neste estudo abre perspectivas de aplicação clínica em portadores de transtornos atencionais.

CNPq e CAPES

Atenção visuo-espacial, Atenção dividida, Crianças e adolescentes

Doutorado-D

PERC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DESENVOLVIMENTO DE UM CONJUNTO DE ESTÍMULOS ACÚSTICOS PARA TREINAMENTO AUDITIVO EM RECONHECIMENTO DE FALA.

*Luciana Carelli Henriques de Andrade**, Maria Angela Guimarães Feitosa (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Níveis mais avançados de presbiacusia, a perda auditiva que acompanha o envelhecimento, podem estar associados a dificuldades de compreensão da fala, comprometendo a comunicação oral, especialmente quando esta ocorre na presença de outros sons presentes no ambiente de comunicação, um dado fartamente documentado na literatura. Um importante meio de intervenção que minimiza este problema, e em especial a dificuldade de reconhecimento de fala, é o treinamento na audição de palavras ou sentenças, uma abordagem complementar ou alternativa ao uso de aparelhos de amplificação sonora individual. Justificam o investimento no treinamento auditivo o aumento do desempenho em tarefas de treinamento encontrado em alguns programas de treinamento desenvolvidos principalmente para a língua inglesa, e a plasticidade cerebral no adulto, objeto de renovado interesse científico e aplicado. Poucas pesquisas, softwares e registros em áudio são encontrados no português brasileiro para fins de treinamento auditivo. No presente trabalho foi desenvolvido um conjunto de estímulos adequados para treinamento auditivo do adulto falante do português brasileiro, incluindo um banco de palavras escritas, na configuração de pares mínimos, e um banco de aúdio contendo estes pares de palavras e um murmúrio multifalante. Uma análise fonética embasou a organização das palavras em três listas de pares contendo, cada uma delas, todos os fonemas do português brasileiro, balanceadas quanto às combinações por faixa de frequências. Os pares mínimos e o murmúrio foram gravados com equipamento profissional em ambiente acusticamente tratado, no Laboratório de Estúdio de Rádio da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília. Posteriormente foram acusticamente analisados através do software Praat 5.1.32 (desenvolvido no Institute of Phonec Sciences da Universidade de Amsterdam) mostrando-se adequados para uso em treinamento auditivo. Acredita-se que, acústica e foneticamente, os pares propostos propiciem graus variados de dificuldade de reconhecimento e que o murmúrio multifalante simule o ruído encontrado no dia a dia da comunicação oral. Os estímulos produzidos podem ser utilizados em tarefas de treinamento auditivo em idosos e adultos com perda neurossensorial.

Estímulos acústicos em pares mínimos, Treinamento auditivo, Reconhecimento de fala.

Bolsa de Mestrado pelo CNPq

PERC

DINÂMICA TEMPORAL DO PROCESSAMENTO DE FREQUÊNCIAS ESPACIAIS NO RECONHECIMENTO DE FACES EM HOMENS E MULHERES. *Rui de Moraes Júnior**; Álvaro Hideki Odasaki*; Juliana Tomé Garcia*, Karina Jakovac Dias*; Milca Taciana Freitas* e Sérgio Sheiji Fukusima (Laboratório de Percepção e Psicofísica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

Segundo a hipótese coarse-to-fine, as frequências espaciais baixas (FEBs) carregam informações grosseiras, são extraídas nos estágios iniciais do processamento visual e iniciam a análise da cena visual. Esta resposta decai progressivamente ao longo do tempo, dando lugar aos recursos especializados no processamento de informações detalhadas, por meio de frequências espaciais altas (FEAs). Evidências neurológicas e comportamentais foram encontradas em uma grande variedade de estímulos. A face humana, em particular, possui grande relevância social e evolutiva, e é mais dependente de frequências espaciais (FEs) do que em relação a outros estímulos. Porém, a maioria dos estudos não faz uma análise separada para cada sexo. Deste modo, o objetivo do presente trabalho é investigar como homens e mulheres processam informações de FEs nos estágios iniciais do processamento visual na percepção de faces. Participaram 42 universitários (21 mulheres) da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, igualmente distribuídos em 3 grupos, de acordo com o tempo de exposição das faces: 75, 150 e 300 milissegundos (ms). Foram utilizadas fotografias de faces caucasianas e pardas que foram multiplicadas por três filtros Gaussianos que preservaram FEAs ou FEBs, tiveram o contraste e luminância controlados e foram apresentadas a 4 graus de ângulo visual. O experimento consistia em duas partes; na primeira o participante memorizava um conjunto de 14 faces SFE apresentado por 5 vezes em tempo livre. Na etapa seguinte, eram apresentadas as faces memorizadas de maneira aleatória SFE, em FEAs e em FEBs, totalizando 42 estímulos, e o mesmo número de faces novas, que não se repetiam entre as condições de filtragens. A tarefa do participante era julgar se reconhecia ou não as fotografias de acordo com uma escala de 6 alternativas, de 1 (tenho certeza que não reconheço) até 6 (tenho certeza que reconheço). Foram calculados as curvas ROC e o parâmetro Az, definidos pela Teoria de Detecção de Sinal. Os resultados indicam que em 150 ms uma face com todo o espectro de FE já é processada, tendo em vista que a taxa de reconhecimento na condição de 300 ms (Az=0,89) não é superior que a de 150 ms (Az=0,92). Em geral, as mulheres foram melhores que os homens, e na condição que se assemelha ao tempo livre (300 ms), homens reconheceram melhor faces em FEBs (Az=0,75), e as mulheres àquelas em FEAs (Az=0,82). Não foi evidenciado o paradigma coarse-to-fine de FEs quando separado as amostras por sexo. É possível que homens e mulheres tenham padrões de ativações diferentes. Nos homens, a taxa de reconhecimento de FEAs obteve maior diferença entre os tempos 75 e 150 ms; já para FEBs, isto aconteceu entre os tempos de 150 e 300 ms. Nas mulheres aconteceu o contrário: a maior diferença nas taxas de reconhecimento para FEAs e FEBs aconteceu entre os tempos 150-300 e 75-150 ms, respectivamente. Os resultados são importantes para a área, tanto do ponto de vista experimental, como do metodológico. A pesquisa terá seguimento: aumentar-se-á a amostra e utilizar-se-á testes de hipóteses para curvas ROC.

Reconhecimento de faces, frequência espacial, diferenças de sexo

CAPES e CNPq

PERC

INVASÃO DO ESPAÇO PESSOAL NÃO AFETA DISTÂNCIA EGOCÊNTRICA PERCEBIDA POR UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS. *Rui de Moraes Júnior - Universidade de São Paulo Patricia Consolo**; Rui de Moraes Júnior**; Alice Morellato Haddad*, João Diogo Filippini* e Sérgio Sheiji Fukusima (Laboratório de Percepção e Psicofísica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

O espaço pessoal é definido como um espaço imaginário ao redor do indivíduo, necessário para manter sua privacidade e seu apropriado nível de intimidade. Quando este espaço é invadido, sem permissão, as pessoas geralmente reagem por meio de comportamentos não-verbais. Baseado nisto, este estudo investigou a influência da invasão do espaço pessoal nos julgamentos de distância. Adicionalmente, comparou o desempenho espacial entre os sexos. Para tanto, 33 estudantes universitários, sendo 19 homens [M=20,38 anos (dp=1,70)] e 14 mulheres [M=20,83 anos (dp=2,62)]; foram convidados a estimar sua distância em relação a um objeto (distância egocêntrica) em uma tarefa de produção de magnitude. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos em grupo experimental e grupo controle. A invasão do espaço pessoal foi manipulada ao se apresentar um bombom mordido pelo experimentador/invasor na condição experimental; e na condição controle o bombom não foi mordido. Em cada condição, as distâncias produzidas numa trena pelos participantes foram registradas e posteriormente submetidas a uma ANOVA (between-within) para três fatores [2 condições experimentais (invasão e controle) x 2 sexos (masculino e feminino) x (3 distâncias (10, 25 e 45 cm))]. Testes de Bonferroni ajustados para múltiplas comparações foram utilizados para identificar onde as diferenças residiram. Foi considerado o nível de significância $p<0,05$. As análises indicaram efeito estatisticamente significativo do fator sexo [$F(1,95)=10,301;p=0,002$], distância [$F(2,94)=8,262;p=0,001$], e da interação entre condição controle e sexo [$F(1,95)=6,752;p=0,011$] e condição controle e distância [$F(2,94)=4,308;p=0,016$]. E, ainda, da interação entre condição invasão, sexo e a distância de 45 cm [$F(1,95)=9,848;p=0,002$] e condição controle, sexo e a distância de 45 cm [$F(1,95)=3,952;p=0,050$]. A análise revelou que os homens apresentaram maiores erros positivos para a distância de 45 cm, possivelmente devido à menor experiência sensório-motora destes participantes sobre relações físicas espaciais e como elas surgem para os seus sentidos. Diferentemente de estudo anterior, as estimativas de distâncias foram similares em ambas as condições testadas, sugerindo que os participantes desse estudo suportam mais invasões em seu espaço pessoal. Isso pode ser explicado tanto pela influência de fatores culturais que resultam em distâncias interpessoais específicas que variam entre grupos culturais diversos, bem como pelo sexo do experimentador/invasor, que no caso desse estudo foi sempre feminino. Em conclusão, os resultados apoiam a noção de que a percepção de distância é afetada por características objetivas do ambiente, especificadas por variáveis sensoriais, motoras e perceptuais,e por habilidades do observador em lidar de maneira intencional com o espaço físico ao seu redor.

Espaço pessoal, percepção de distância egocêntrica, diferenças de sexo

CAPES e CNPq

PERC

PROGRAMA DE REABILITAÇÃO AUDIOLÓGICA PARA IDOSOS USUÁRIOS DE APARELHOS DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL E SEUS INTERLOCUTORES MAIS FREQUENTES. *Renata de Sousa Tschiedel**, Maria Angela Guimarães Feitosa (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A prevalência de uso de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) entre idosos é baixa, e o primeiro ano após a aquisição é considerado um período crítico de adaptação, dentro do qual há risco de desistência. Esta desistência reflete em perda de qualidade de vida e desperdício dos escassos recursos de serviços de saúde pública destinados à compra de AASIs. Sabe-se que o acompanhamento do usuário após a aquisição aumenta a probabilidade de adaptação ao uso do AASI e que a família apresenta um papel facilitador neste processo. Desta forma, os objetivos deste trabalho foram: 1) desenvolver um programa de treinamento de estratégias de comunicação para indivíduos idosos portadores de deficiência auditiva usuários de AASIs e seus interlocutores mais freqüentes; 2) verificar a contribuição da participação de interlocutores freqüentes no processo de reabilitação audiológica dos sujeitos em questão; 3) promover melhor adaptação dos sujeitos em relação ao uso do AASI em função de esclarecimentos a respeito do AASI, da deficiência auditiva, da percepção da fala e do uso de estratégias de comunicação. Participaram deste estudo cinco idosos usuários de AASI beneficiários de programa de doação do SUS e cinco interlocutores destes, os quais eram todos membros da família. Os participantes foram divididos em dois grupos: o grupo controle recebeu uma sessão única de orientação, tal como é praticado habitualmente na clínica fonoaudiológica; o grupo experimental participou de um programa de reabilitação audiológica fracionado em quatro sessões, nas quais foram discutidos assuntos sobre AASI, deficiência auditiva, percepção da fala e estratégias de comunicação. Antes e após estas sessões, foram aplicados questionários que procuraram mapear eventuais mudanças entre usuários e interlocutores de ambos os grupos em opiniões, conhecimentos e comportamentos referentes a AASI, deficiência auditiva, percepção da fala e estratégias de comunicação. Tanto os usuários como os interlocutores em ambos os grupos se beneficiaram do atendimento recebido, embora o impacto tenha sido maior sobre o grupo experimental. Os resultados deste estudo evidenciaram a efetividade de um programa de reabilitação audiológica delineado, a partir de sugestões da literatura, para idosos usuários de AASI e seus interlocutores mais freqüentes. A análise comparativa das respostas dos participantes nos questionários antes e após a intervenção mostrou a sensibilização dos participantes quanto a aspectos relacionados a AASI, deficiência auditiva, percepção da fala e estratégias de comunicação. O programa proporcionou melhora na comunicação entre os usuários e seus interlocutores; melhor conscientização quanto a funcionamento, uso, manuseio e cuidados com o AASI; expectativas mais realistas quanto a limitações e benefícios do AASI; maior conscientização quanto aos prejuízos da deficiência auditiva e quanto à importância da combinação das informações auditivas e visuais para a percepção da fala; e maior uso de estratégias de comunicação. O estudo mostrou que é promissor o investimento em programas de reabilitação audiológica tanto para idosos usuários de AASI como para seus interlocutores mais freqüentes, a fim de se obter maior satisfação com o AASI e melhores resultados na adaptação.

Reabilitação audiológica, Presbiacusia, Idoso

PERC

A DIFERENÇA DO BEM-ESTAR ESPIRITUAL DURANTE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO. *Caroline Leonor da Silva, Thiago Vinicius Monteleone, Marcelo de Almeida Buriti, Luis Antônio Gomes Lima, Marianna Barbosa Yamaguchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

O presente estudo investiga a importância da espiritualidade no processo de envelhecimento humano. A espiritualidade é um aspecto da vida humana, caracterizado por emoções e convicções não materiais, que auxiliam o homem a entender sua existência na Terra. O envelhecimento, por sua vez, é um processo que, teoricamente, inicia-se desde o nascimento, contudo, apesar das mudanças fisiológicas, socialmente, o envelhecimento é caracterizado após os 60 anos de idade. Durante a vida adulta, o homem encontra-se no ápice de suas atividades sociais, e com isso, apesar de haver espiritualidade, muitos não são religiosos. Ao se deparar com sua finitude, e com outros aspectos do envelhecimento, muitas pessoas passam a participar de religiões, buscando nelas, encontrar respostas para a nova fase da vida. Tendo em vista o crescimento populacional dos idosos, e o aumento na expectativa de vida, esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar o bem-estar espiritual dos participantes, e especificamente, verificar se há diferenças no bem-estar espiritual entre os gêneros, entre adultos e idosos, e entre participantes ativos e não ativos em uma prática religiosa. Vale ressaltar que foi considerado ativo, o participante que frequenta, ao menos uma vez por semana, uma prática religiosa. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade São Judas Tadeu, e após o seu parecer positivo, foram coletados os dados. Participaram da pesquisa, 52 jovens e/ou adultos, de 18 a 45 anos, e 52 idosos, acima de 60 anos. Esses participantes foram divididos em dois grupos, ativos e não ativos em uma religião, e posteriormente foram subdivididos por gênero. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e responderam a um questionário de dados sócio-demográficos, e uma escala que avalia o bem-estar espiritual (EBE). Após a coleta, os dados foram analisados estatisticamente. Para a análise, foi utilizado o nível de significância 0,05%. Os resultados mostraram que os adultos apresentaram, em média, bem-estar espiritual com pontuação total de 92,75, já os idosos apresentaram, em média, pontuação103,53; quanto aos gêneros, homens adultos apresentaram bem-estar espiritual 98,47 e as mulheres apresentaram 94,89, não havendo diferença estatisticamente entre eles (x^2o= 0,21 P>0,05), e os homens idoso apresentaram pontuação 101,52 e as mulheres 105,62, não havendo diferença estatisticamente entre eles (x^2o= 0,02 P>0,05); quanto a prática religiosa, os adultos ativos apresentaram pontuação total 110,81, sendo esta superior à pontuação dos adultos não religiosos (74,00),o mesmo ocorreu na população idosa, sendo que os religiosos atingiram pontuação 110,20 e os não religiosos 96,58. Conclui-se que os participantes apresentaram-se entre moderado e alto bem-estar espiritual, sendo que não houve diferença significativa entre os gêneros, tão pouco entre os adultos e idosos. Vale salientar que em ambos os grupos os participantes religiosos obtiveram melhor bem-estar espiritual do que os não religiosos, mesmo que com pequenas diferenças. Por fim, ficou explícito que a espiritualidade é um fenômeno que, mesmo indiretamente, está presente na vida dos participantes, e como tal deve ser levada em consideração como constituinte da vida dos mesmos.

Fé, Religião, Envelhecimento.

RELIG

A IMPORTÂNCIA DO BEM-ESTAR ESPIRITUAL NO ENVELHECIMENTO HUMANO. *Caroline Leonor da Silva, Thiago Vinicius Monteleone, Marcelo de Almeida Buriti, Luis Antônio Gomes Lima, Marianna Barbosa Yamaguchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo, que visa analisar e discutir a espiritualidade em idosos. A espiritualidade é um aspecto exclusivo da espécie humana, e sabe-se que ela faz parte da realidade do homem desde que se têm registros dele sobre a Terra. O homem faz uso de suas crenças espirituais para explicar fenômenos que ele não consegue responder sozinho. Com isso, acredita-se que a espiritualidade, acompanhada de religiosidade, é produto de uma necessidade em resignificar a própria vida, quando essa está em vias de terminar. Os idosos constituem uma fatia da população que está crescendo e que comumente está ligada a uma religião. Dentro das religiões, muitas vezes, os idosos são considerados como sábios e líderes espirituais, devido a sua experiência perante a crença. Entende-se que muitas pessoas, quando estão envelhecendo, usam-se de sua espiritualidade e de práticas religiosas, para aceitar o que passou, compreender o que está por vir e a própria morte. Com isso, esta pesquisa teve como principal objetivo analisar o bem-estar espiritual dos idosos, e especificamente verificar a diferença do bem-estar espiritual entre os gêneros; analisar o bem-estar espiritual de idosos ativos e não ativos em uma religião, ou seja, que frequentem ao menos uma vez por semana uma prática religiosa; e diferenciar este aspecto nos dois grupos. Com isso, após a permissão do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), 52 idosos (divididos em homens e mulheres, ativos e não ativos em uma religião), após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, responderam um questionário sócio-demográfico, e uma escala de Bem-estar espiritual (EBE). Os dados coletados, foram analisados estatisticamente. A avaliação feita pela escala de bem-estar espiritual revelou que os idosos estudados apresentaram, em média, alto bem-estar existencial e bem-estar religioso, com pontuações 53,51 e 50,02 respectivamente, não existindo diferença entre as variáveis (x^2o=0,118 P>0,05); Quanto aos gêneros, tanto os homens quanto as mulheres apresentaram alto bem-estar espiritual, com pontuações totais 101,52 e 105,62 respectivamente, não tendo diferença entre os grupos (t=0,82 P>0,05); os idosos religiosos apresentaram alto bem-estar espiritual, com pontuação 110,20; já os idosos que não participam de nenhum tipo de prática religiosa apresentaram moderado bem-estar espiritual, com bem-estar existencial e bem-estar religioso pontuados com 50,45 e 46,25 respectivamente; a análise estatística não considerou esta diferença como significativa (t=0,37 P>0,05). Conclui-se que os participantes apresentaram alto bem-estar espiritual, sendo que esta variável não se diferencia entre os gêneros. Quanto à variável religião, pôde-se perceber que, nos participantes que a praticam, nota-se um pequeno aumento no bem-estar espiritual, porém tal diferença não pode ser considerada visto que estatisticamente os dados são equivalentes e, também, pelo fato de que mesmo os participantes não religiosos apontam ter suas crenças e dogmas, mas não praticam sua religião por diversos motivos, mas que esta falta de prática não os afasta de seus valores espirituais. Com tudo, novos estudos são necessários, visto a importância desta variável na população idosa.

Fé, Espiritualidade, Idosos

RELIG

COMPORTAMENTOS EMITIDOS DURANTE EVENTOS RELIGIOSOS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE DIFERENTES ABORDAGENS RELIGIOSAS. *Beatriz Morales da Silva*; Eliana Isabel de Moraes Hamasaki** (Departamento da Saúde – Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove – São Paulo, SP).*

O presente trabalho constitui-se de uma atividade desenvolvida em uma modalidade obrigatória de estágio básico de uma universidade particular, da cidade de São Paulo. Tal modalidade de estágio prevê a capacitação do aluno de psicologia, desde o início do curso, no processo de investigação científica e, para isso, estabelece-se a técnica da observação como o recurso essencial na introdução dessa prática. Para cumprir as exigências desse estágio, então, a proposta desse trabalho teve como objetivo principal observar comportamentos emitidos por frequentadores, sob diferentes referenciais religiosos, durante os eventos/cultos religiosos. A despeito de a maioria da população brasileira (81%, segundo dados do IBGE, 2000) se reconhecer como seguidora do catolicismo, o Brasil é considerado um país laico e, neste sentido, há a liberdade para o seguimento e a multiplicidade de várias crenças e religiões. Assim, pretendeu-se investigar o comportamento, durante os cultos, de seguidores de três diferentes religiões: Judaísmo; Budismo e de uma igreja evangélica (especificamente da Congregação Cristã do Brasil). Para tanto, foram selecionadas, por conveniência, 12 pessoas, sendo seis homens e seis mulheres, distribuídos igualitariamente em cada um dos eventos religiosos. Isto é, dois homens e duas mulheres para cada evento religioso (evangélico, budista e judaico). A idade das pessoas observadas variou entre aproximadamente 25 e 60 anos de idade. Para a observação dos comportamentos emitidos pelas pessoas observadas foi definido um protocolo no qual estavam estabelecidas as seguintes categorias: (1) chorar; (2) ajoelhar; (3) abraçar; (4) beijar; (5) fechar os olhos; (6) atentar para eventos distratores, durante o culto. As categorias foram estabelecidas após uma revisão da literatura sobre assuntos relacionados a práticas religiosas e discussão, em grupo de estágio supervisionado por professora responsável, dos objetivos específicos da presente investigação. A coleta dos dados realizou-se nos próprios templos e teve a duração de cada evento/culto religioso: em média, 1h30m. De maneira geral, observou-se que a alta frequência do comportamento de ajoelhar, em todas as religiões. O comportamento de chorar foi o mais frequente entre as mulheres, independentemente da modalidade religiosa. Houve, apenas, um homem que emitiu esse comportamento e este ocorreu durante o culto budista. O comportamento de fechar os olhos foi muito mais frequente durante o culto judaico, se comparado aos outros cultos. Os comportamentos de abraçar e de beijar foram mais frequentes entre mulheres dos diferentes cultos. Destaca-se, ainda, que o único culto no qual não foram observadas ocorrências de atentar para eventos distratores foi o budista. Esse dado foi discutido levando-se em consideração o fato da dedicação dos adeptos dessa modalidade religiosa na prática da meditação. De maneira geral, discute-se a semelhança dos comportamentos emitidos durante eventos religiosos sob diferentes crenças e a importância de investimentos em estudos sobre práticas religiosas.

Religião; observação; comportamento; pesquisa.

RELIG

ESPIRITUALIDADE E RELIGIÃO: ANÁLISE DO BEM-ESTAR ESPIRITUAL EM JOVENS E ADULTOS. *Thiago Vinicius Monteleone, Caroline Leonor da Silva, Marcelo de Almeida Buriti, Marianna Barbosa Yamagchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

Esta pesquisa propõe apresentar e discutir o bem-estar espiritual como produto de uma prática humana. A espiritualidade é um fenômeno exclusivamente humano que é produto de uma necessidade de sustentação, proteção e explicação que o homem tem. Este fenômeno é expresso e cultivado a partir de práticas religiosas que estão presentes na vida deste homem, porém são mais freqüentes em alguns estágios da vida dos indivíduos. Sabe-se que o homem é um ser em constante desenvolvimento, e com isso, ao longo de sua vida, tende a significar e resignificar sua existência por diversos momentos. Na fase adulta o ser humano significa sua existência a partir de sua prática primária, seu trabalho. A prática religiosa, até então algo instituído e herdado pelos pais, familiares e cultura, perde seu espaço e por vezes acaba sendo extinta das vivências destes seres adultos. Porém, alguns indivíduos, mesmo com sua prática primária, permanecem praticando sua religião, mesmo que em menor freqüência. Sendo então a espiritualidade produto da necessidade do homem em se sustentar, proteger e explicar sua existência, o objetivo geral deste estudo foi analisar a importância da prática religiosa no bem-estar espiritual de jovens adultos. Especificamente buscou-se verificar o bem-estar espiritual dos participantes, verificar as diferenças entre os gêneros, verificar o bem-estar espiritual nos participantes que mantém uma prática religiosa; verificar o bem-estar espiritual nos sujeitos não religiosos, verificar se há relação entre prática religiosa e maior bem-estar espiritual. Para tal, 26 sujeitos religiosos e 26 sujeitos não religiosos participaram desta pesquisa, tendo eles entre 18 e 45 anos de idade. Para a coleta de dados foi utilizados um Termo de consentimento Livre e Esclarecido, um questionário de dados pessoais e uma Escala de Bem-estar Espiritual. Após aprovação do Comitê de ética em Pesquisa, os instrumentos foram aplicados nos participantes após consentimento dos mesmos. Os dados foram analisados no software estatístico 5.0. Os resultados apontaram que os participantes apresentaram moderado bem-estar espiritual; quanto aos gêneros, os homens apresentaram bem-estar espiritual moderado (bem-estar existencial = 49,47; bem-estar religioso = 49,00; e bem-estar espiritual 98,47), igualmente às mulheres (bem-estar existencial = 49,80; bem-estar religioso = 45,08; e bem-estar espiritual 94,89), não havendo diferença estatisticamente entre eles (t=0,7569 P>0,05); os participantes ativos apresentaram alto bem-estar espiritual (110,81), não existindo diferença estatisticamente entre as variáveis (x^2o= 0,13 P>0,05); os participantes não religiosos apresentaram bem-estar espiritual moderado (74,00); Houve diferença estatisticamente significativa entre o bem-estar espiritual dos participantes religiosos dos não religiosos (t=8,80 P<0,05). Pôde-se concluir que, em média, os participantes apresentaram bem-estar espiritual moderado, sendo que os homens apresentaram uma pequena melhora no bem-estar espiritual em relação às mulheres. Quantos aos participantes religiosos e não religiosos, percebeu-se grande diferença no bem-estar espiritual, sendo que os religiosos o apresentaram alto, já os não religiosos o apresentaram entre baixo e moderado. Com isso, novas pesquisas são necessárias para melhor explorar e conhecer tal temática.

Religiosidade, Desenvolvimento, Bem-estar.

RELIG

RELIGIOSIDADE ENTRE UNIVERSITÁRIOS. *Mayara Kuntz Martino*, Vera Socci (Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP).*

O surgimento de diversas teorias no século XVI trouxe mudanças muito significativas para a vida humana. O homem passou a enxergar-se dividido, desde a cisão mente e corpo, até mesmo suas opções de estudos: ciência e religião. Esse ponto de vista presente até hoje tende a dificultar o entendimento de aspectos da vida humana. Entretanto, no decorrer do tempo, pesquisadores interessados pelo tema mostraram novas possibilidades para modificar esta visão empobrecedora. Dentro da psicologia, há uma concordância para o fato de que os fenômenos psíquicos estão interligados com os fisiológicos. Muitas visões também podem ser destacadas, como o entendimento da religião como maneira de expressão do lado subjetivo do homem, fazendo parte da saúde psicológica, principalmente na segunda metade da vida. Em outro aspecto, o assunto também recebe destaque, estando no topo da pirâmide motivacional. Objetiva-se entender a relação de adultos com a religiosidade, focando em universitários de uma Instituição do Ensino Superior, divididos nas três áreas de conhecimento: Exatas, Humanas e Saúde. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Questionário de Caracterização dos Participantes, Questionário de Caracterização Religiosa e Escala de Religiosidade. A amostra foi composta por conveniência, através de contatos no horário de entrada dos estudantes. Os participantes são 42 do gênero masculino e 48 do gênero feminino. Em todas as áreas, a faixa etária predominante foi a dos 20-25 anos, em ambos os gêneros. Para a maior parte dos estudantes, o catolicismo foi a principal educação religiosa recebida (68,5%), seguido da evangélica (17,4%). Na fase atual da vida, a religião predominante continua sendo a católica (50%), porém, tendo um destaque maior para o aumento daqueles que se consideram sem religião (de 1,1% para 17,8%). Em todas as áreas, a maior parte dos alunos confirmou praticar atividades religiosas individuais diariamente, considerando preces e meditações. Os aspectos mais admiráveis para os estudantes nas diversas religiões foram: 'Fé' (83,3%); 'Sentido à vida, paz' (76,7%); 'Solidariedade e Compaixão' (51,1%). Os tópicos mais criticados pelos jovens são marcados pelo 'Fanatismo, irracionalidade, lavagem cerebral'(87,8%). Destaca-se em segundo lugar 'Tirarem dinheiro dos fieis'(76,7%). O terceiro aspecto mostrou diferenças entre as áreas, tendo sido 'Fuga da Realidade'(Exatas), 'Concorrência por fiéis' (Humanas) e 'Proclamarem-se donas da verdade' (Saúde). Em relação ao nível de religiosidade, o que pode ser percebido foi que apenas 20% do total apresentou uma religiosidade muito baixa, tendo a maioria (45%) demonstrado um nível médio superior. Os universitários das áreas de Exatas e Humanas demonstram-se mais religiosos do que os da área de Saúde, embora esta diferença não seja marcante.

Apoio financeiro e bolsa: CNPq.

acadêmicos, psicologia, espiritualidade

IC

RELIG

A COMPREENSÃO DOS TÉCNICOS DE ENFERMAGEM A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DURANTE O PERÍODO DE HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA. *Kamila Clemes de Souza, Priscila Melo, Josiane da Silva Delvan (Curso de Psicologia - Universidade do Vale do Itajaí- SC)*

Durante o período de hospitalização da criança há diversos fatores que afetam significativamente tanto o seu desenvolvimento como também a dinâmica familiar. Por ser um período caracterizado como estressor, a hospitalização coloca a criança diante de uma situação em que está exposta a novas condições, enfrentando muitas mudanças na sua rotina. A participação dos pais durante o processo de hospitalização infantil é benéfico, pois colaboram no enfrentamento à situação de hospitalização. A presença dos pais ou acompanhante contribui positivamente de forma a amenizar alguns dos efeitos causados pela hospitalização quando o paciente se trata de uma criança. No entanto, há divergências nas relações entre a equipe de enfermagem e o acompanhante da criança, surgindo sofrimento e luta para enfrentar a negociação dos costumes em relação ao funcionamento da unidade hospitalar. O objetivo deste estudo consistiu em conhecer como os técnicos de enfermagem percebem a participação dos pais durante o período de hospitalização de seu filho. Este trabalho sustentou-se na literatura em psicologia hospitalar, a legislação para a criança hospitalizada e sobre a equipe de enfermagem. Trata-se de uma pesquisa de campo exploratória-descritiva sendo o questionário utilizado como instrumento para coletar os dados com dez técnicos de enfermagem em um hospital pediátrico. Os dados levantados foram interpretados por meio de tratamento estatístico de freqüência simples para as perguntas fechadas e análise de conteúdo para a interpretação dos dados oriundos das perguntas abertas do instrumento. Resultados: Os dados obtidos apontam que todos os participantes do estudo consideram que a presença dos pais durante o período de hospitalização da criança pode auxiliar no processo de recuperação da mesma. Apesar deste resultado, os participantes indicaram que a relação entre equipe de enfermagem e os pais é conflituosa e os principais indicativos negativos são o excesso de perguntas dos pais à equipe de enfermagem, a interferência destes nos cuidados da enfermagem com o paciente e a ausência de diálogo. Conclusão: Os técnicos de enfermagem reconhecem que a criança fica mais segura e aderem melhor ao tratamento, bem como se recuperam mais rapidamente com a presença dos pais. No entanto, a participação dos pais durante o período de hospitalização ainda é algo que estes profissionais vêm com certa dificuldade, pois os acompanhantes das crianças requerem a atenção dos técnicos de enfermagem inquirindo-os sobre o tratamento, visto como incomodo pelos participantes do estudo.

Criança hospitalizada, equipe de enfermagem, pais.

SAÚDE

A DIMENSÃO ESPIRITUAL NA ATENÇÃO INTEGRAL AO PORTADOR DO HIV/AIDS. *Clara Raíssa Fernandes De Melo*, Gabriella Machado Viana*, Lorena De Almeida Cavalcante*, Luciana Fernandes Santos*, Tuíla Maciel Felinto* (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba)*

O vírus do HIV/AIDS constitui um dos problemas de saúde pública no Brasil, devido a sua crescente incidência e começa a surgir o desafio aos profissionais de saúde para responder às questões sobre o equilíbrio entre saúde e espiritualidade. Questões estas que refletem a nova consideração da saúde e da doença, a partir de aspectos psicológicos, emocionais, sociais e espirituais, além dos biológicos tradicionalmente ressaltados. Essa visão está inserida no novo paradigma e promoção da saúde, que prevê uma atuação interdisciplinar, com caráter educativo da assistência, humanitária, comprometida, voltada para o espaço público e com enfoque mais preventivo, tendo em vista que o processo saúde/doença é um fenômeno social. Considera-se que a espiritualidade é uma tendência humana a procurar significados para a vida através aspectos que transcendem o nível tangível e se refere a temas como significado da vida e a razão do viver, e independe de práticas e crenças religiosas. A Psicologia da Saúde considera a espiritualidade como possível fonte de apoio social no enfrentamento de doenças, especialmente em enfermidades crônicas, como o HIV/AIDS, tornando-se necessária na prática de assistência à saúde. Nesse sentido o presente estudo teve como objetivo analisar a dimensão espiritual nos portadores do HIV/AIDS explorando as contribuições da espiritualidade no enfrentamento da doença por estes indivíduos. Para explorar essas contribuições, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três portadores do HIV/AIDS, escolhidos aleatoriamente e com uma psicóloga de um hospital público da cidade de João Pessoa-PB. Os discursos dos participantes da pesquisa, registrados por meio de um mini-gravador, foram transcritos literalmente para análise. Os resultados das entrevistas permitiram verificar que a experiência espiritual pode levar a mudanças de comportamento e entendimento da realidade, facilitando a aceitação e enfrentamento da doença. Nesse sentido o presente estudo concorda com pesquisas que relatam a tendência de pessoas que tem crença espiritual à demonstrarem maior positividade na adversidade, como enfrentamento da doença e tratamento da saúde e tendência a ser mais esperançosas. Evidenciando assim a importância da dimensão espiritual na vida dos portadores do HIV/AIDS. A partir dos relatos dos participantes entrevistados, sugere-se uma atuação multidisciplinar do(a) psicólogo(a) junto aos demais profissionais envolvidos no sistema de saúde, de modo que o paciente seja visto de forma integral, levando dessa forma a um trabalho humanizador. Considera-se que os resultados desse estudo podem contribuir para subsidiar futuras atividades de extensão e estágio supervisionado e para fortalecer a interface psicologia e saúde.

HIV/AIDS; espiritualidade; promoção da saúde

SAÚDE

A EFICÁCIA DA PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA PARA CIRURGIA ELETIVA EM PEDIATRIA. *Antônio Carlos Lançoni Jr*, Ligia Maria Maurici*, Josiane da Silva Delvan, Marina Menezes (Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC).*

A preparação psicológica para cirurgia eletiva em criança hospitalizada é de fundamental importância uma vez que procedimentos cirúrgicos aliados ao contexto hospitalar, comumente desencadeiam medos e ansiedades. Nesse sentido, todos os esclarecimentos possibilitarão fortalecimento na experiência, proporcionando menor impacto traumático. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a eficácia do preparo psicológico em crianças hospitalizadas submetidas à cirurgia eletiva. Para nortear este estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) verificar o conhecimento que as crianças e pais ou responsáveis possuem sobre o diagnóstico da criança e sobre os procedimentos cirúrgicos por meio de pré-teste e pós-teste; b) comparar o conhecimento sobre os procedimentos cirúrgicos por meio de pós-teste com as crianças e pais ou responsáveis e; c) avaliar junto às crianças hospitalizadas a eficácia dos métodos de preparo psicológico pré-operatório. A pesquisa foi realizada em um hospital infantil com dez crianças entre cinco e doze anos de idade, acompanhadas dos pais ou responsáveis. Como metodologia, para levantamento dos dados utilizou-se de um pré e pós-teste com as crianças e pais ou responsáveis, visando conhecer e comparar as informações que dispunham sobre o procedimento cirúrgico, anterior e posteriormente ao preparo psicológico. Para as crianças, o pré-teste constituiu-se de questões que investigaram seu nível de conhecimento sobre o diagnóstico e procedimento cirúrgico. Após o pré-teste com as crianças, foi realizada a preparação psicológica das mesmas para a cirurgia eletiva, seguido do pós-teste que abordava as mesmas questões do pré-teste, com destaque sobre o que consideraram mais importante dentre as estratégias utilizadas no preparo psicológico. Vale destacar que esta etapa da avaliação não se limitou às respostas das crianças frente aos questionamentos, considerando-se aspectos comportamentais observados após o preparo. Com os pais, foi realizado um pré-teste constituído de entrevista semiestruturada, abordando questões relativas ao diagnóstico e procedimento cirúrgico. Seguiu-se com a aplicação de uma de uma cartilha informativa e de um pós-teste, abordando as mesmas questões do pré-teste. A pesquisa foi de cunho qualitativo e os dados coletados por meio das entrevistas foram interpretados com base na análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram o despreparo da criança frente ao contexto em que se encontra, suscitando dúvidas, medos e ansiedade. Também a falta de informações dos pais e responsáveis sobre procedimento cirúrgico e suas decorrências, bem como a falta de iniciativa destes em buscar tais esclarecimentos. Concluiu-se, corroborando a outros estudos, a importância do preparo psicológico pré-cirúrgico em pediatria realizado pelo psicólogo, caracterizando-se como ferramenta estratégica no repasse de informações e alívio da ansiedade.

Criança hospitalizada; preparação psicológica; psicologia pediátrica.

SAÚDE

A HUMANIZAÇÃO NO ATENDIMENTO NA SAÚDE: UMA COMPREENSÃO DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN. *Joelma Ana Espíndula (Professora do Centro de Educação - CEDUC - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista - RR)*

Este trabalho visa proporcionar reflexões para o processo de humanização do atendimento em saúde coletiva. O estudo baseia-se em dados de pesquisas realizadas em hospitais-escola de Ribeirão Preto e que tratam do atendimento de profissionais da área da saúde, pacientes e família. Neste sentido, discute-se a questão da subjetividade de crenças nos eixos, religiosidade e espiritualidade. É necessário pensar em novas direções de atendimento a partir da realidade dos usuários e das novas tecnologias de trabalho e gestão, que apontem à humanização e ao empenho com a vida das pessoas. A humanização hospitalar precisa abranger toda a equipe multiprofissional, trazendo para o atendimento uma visão ampla da pessoa, nos aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, sem restrição da avaliação. O papel do profissional é favorecer a promoção à vida, o restabelecimento do equilíbrio físico e psicossocial e a reinserção da pessoa à sociedade. Como suporte metodológico adota-se a fundamentação fenomenológica de Edith Stein, que favorece o aspecto subjetivo e intersubjetivo do fenômeno estudado. Esta abordagem se apresenta como recurso apropriado para pesquisar as vivências, tais como percepção, memória, reflexão e decisão; também possibilita ampliar a compreensão em relação ao fenômeno vivido. As pesquisas foram avaliadas e aprovadas pelo Comitê de Ética da Universidade de São Paulo. Para obter o material discursivo, foram realizadas entrevistas abertas com o uso do gravador. Os resultados mostraram que para os profissionais que interagem com pessoas com doença crônica, principalmente daqueles que sofrem de câncer, a angústia se faz muito presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e a sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. Contudo, a razão de uma visão parcial do profissional em saúde decorre essencialmente das estruturas fragmentadas e hierarquizadas que se apresenta na maneira naturalista e pragmática de perceber as coisas, sendo que isso parece influenciar o pensamento científico que predomina na mentalidade dos profissionais de nossa cultura. Diante disso, mostra a importância da humanização desses centros a partir do desafio de superar a “tentação tecnológica”, isto é, do esforço de não "enxergar" o paciente apenas por partes. Deve-se buscar reunir os fragmentos e compor novamente o "todo" dessa pessoa e reformular a relação médico/paciente, psicólogo/paciente.

Descritores: Neoplasias; Religião; Espiritualidade; humanização

FAPESP E CAPES

SAÚDE

A POLÍTICA DE SAÚDE E A GARANTIA DE DIREITOS: A PRODUÇÃO TEÓRICA BRASILEIRA E SUAS CONSIDERAÇÕES PARA O SISTEMA DE ATENDIMENTO À CRIANÇA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA. *Clariana Morais Tinoco Cabral (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

Cotidianamente crianças e adolescentes no mundo todo estão expostas as mais diversas situações de violência. Atualmente, no Brasil, as redes de saúde, educação e assistência social estão inseridas nas políticas de proteção e garantia de direitos cujas posições são estratégicas e privilegiadas no que tange às possibilidades de enfretamento da questão. Desta feita, faz-se premente garantir uma política de saúde pública, no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), de acesso universal e igualitário, com vistas aos aspectos da promoção, proteção e recuperação da saúde de crianças e adolescentes vítimas de violência. Na última década iniciaram-se algumas ações nesse sentido. Todavia, a materialização das práticas em saúde direcionadas ao acolhimento desse público ainda se caracterizam como pontuais, visto que tem suas ações focalizadas no eixo da recuperação. Sendo assim, tem-se como objetivo geral da presente pesquisa: Realizar "Estado da Arte" concernente aos serviços de implantação de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência, considerando artigos publicados em periódicos no Brasil de 2000 a 2010. Como objetivos específicos, temos: (1) Mapear, através de artigos publicados em periódicos indexados e disponíveis no banco de dados virtuais periódicos CAPES e Scielo, os serviços e ações arquitetados para atender crianças e adolescentes vítimas de violência; (2) Analisar, nessa produção, as práticas e a natureza da implementação dos serviços de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. Foram selecionados 13, Utilizando-se como critérios a centralização nos temas Serviços de saúde pública no Brasil; prática de acolhimento às crianças e adolescentes vítimas de violência, foram identificados 13 artigos. As publicações concentraram-se na região sudeste: 62% das pesquisas. A região norte e centro-oeste não apresentaram publicações. Em sete dos treze artigos, houve descrição de perfis de casos atendidos nos diferentes serviços de acolhimento. As relações familiares ainda se caracterizam como maior promotora de situações de violência. Questões sociais atravessam de forma decisiva esse fenômeno. Sobre os serviços, temas como os especialismos, as visões fragmentadas sobre a questão e sobre o humano, a lacuna criada pelos currículos de graduação, o precário suporte legal para dar direcionamento às demandas são alguns dos pontos levantados e que fazem coro a uma realidade ainda distante do ideal. As melhorias em direção ao aprimoramento das políticas em saúde que se destinam a dar suporte à referida demanda deixam claro o quanto ainda se precisa percorrer em direção a um acolhimento mais efetivo e eficaz. O Brasil avançou sobremaneira na implementação dessas políticas e no enfrentamento da problemática. No entanto, a insuficiência na implementação de ações que vislumbrem o eixo da promoção e proteção ainda são deficientes e necessitam ser levadas em consideração.

Violência; Infanto-juvenil; SUS.

SAÚDE

A TRAJETÓRIA DE UMA AÇÃO: EXPERIÊNCIA NO PROJETO BANDEIRA CIENTÍFICA. *Heloisa Antonelli Aun, Tereza Cristina de Cala (IPUSP)*, Henriette Tognetti Penha Morato*

Esta pesquisa pretende investigar o sentido histórico do projeto Bandeira Científica entre os estudantes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Para consecução desse propósito, faz-se necessário remontar à sua origem e desenvolvimento, ou seja, sua trajetória, a fim de poder compreender a ação realizada como significativa na formação profissional de psicólogos.

O projeto Bandeira Científica está vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária e à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Tendo se iniciado em 1957, foi interrompido em 1969, em virtude da situação política instalada no Brasil com o golpe militar de 1964. Em 1998, foi retomado e ampliado, sendo realizado anualmente desde então. Seu principal objetivo é implementar ações de promoção, proteção e recuperação da saúde em municípios ou comunidades, de pequeno ou médio porte. (SCARCELLI et al., 2009). O critério de escolha dessas cidades passa por itens como Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre 0,5 e 0,7, população entre 20 a 60 mil habitantes e cobertura do Programa de Saúde da Família (PSF) maior que 50%. Tal perfil visa contemplar cidades que carecem de recursos necessários para o desenvolvimento de políticas públicas na área da saúde.

Atualmente, o projeto tem a participação de estudantes de graduação da USP de diversas áreas, como Medicina, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Ciências Agronômicas, Fonoaudiologia, Engenharias Civil e Ambiental, Odontologia, Comunicação e Administração, visando a colaboração interdisciplinar. A cada ano, estes estudantes, denominados bandeirantes, realizam uma "expedição": viagem à cidade escolhida para as ações planejadas previamente para aquela cidade. As últimas expedições contaram com cerca de 200 pessoas, entre estudantes da graduação, profissionais (denominados de "discutidores" em alusão à sua tarefa na discussão de casos clínicos) e professores que coordenam o projeto.

O planejamento da expedição, desde sua estrutura logística e burocrática até as atividades a serem realizadas em campo, é tarefa e responsabilidade dos próprios estudantes que dela participarão naquele específico ano. Sendo assim, embora haja a continuidade na execução do projeto, a cada ano ele se reformula pela participação de um novo grupo de alunos responsáveis e novo contexto ao qual destinar-se. Nesse sentido, rotatividade de integrantes é uma das características na construção deste projeto.

A participação da Psicologia no Bandeira Científica se iniciou em 2006, quando, pela iniciativa dos participantes do projeto até então, abriu-se a possibilidade de integrar alunos de outros cursos, visando expandir sua área de atuação (SCARCELLI et al., 2009). A partir disso, a cada intervenção anual no município escolhido, forma-se um grupo de futuros psicólogos para participarem do projeto, acompanhados por discutidores para apoio, além do coordenador responsável.

Considerando o aspecto de rotatividade acima citado, pensar a trajetória da ação deste projeto apresenta-se como questão nevrálgica, uma vez que através dela seria possível ser construído um registro histórico da participação da Psicologia em um contexto de intervenção multidisciplinar na área da saúde coletiva. Tendo sempre pela frente outra nova expedição e sem um fio condutor histórico que possibilite compreender alguns procedimentos, atividades e ações possíveis, bandeirantes psicólogos abrem

questionamento quanto à ação psicológica e sua propriedade no Bandeira Científica. Surge uma questão: seria possível tecer uma cartografia dessa ação no projeto, a partir de histórias aparentemente perdidas a cada ano com a reformulação do grupo? Nesse sentido, o olhar de antigos participantes poderia apresentar-se como experiência significativa às ações de cada novo grupo de alunos, contribuindo para o futuro do projeto?

Partindo dessa questão, pretende-se investigar como foram as experiências vividas por participantes da Psicologia em cada uma das expedições do projeto Bandeira Científica, recorrendo à narratividade de ex-bandeirantes desde 2006. Pretende-se compreender como aconteceram as ações da Psicologia, tanto entrelaçadas ao projeto comum do Bandeira Científica, como vivenciadas pelos envolvidos, com uma compreensão cartográfica. A intenção não é de traçar um mapa com linhas e delimitações exatas entre fatos, mas sim, contar com a interferência do dizer daquele que narra sua vivência no projeto: investigação para dar voz a partir da reflexividade de um olhar (AUN, 2009).

O meio através do qual se pretende construir essa compreensão é a narrativa, que consolidou-se, ao longo do tempo, como transmissão e elaboração de experiência (BENJAMIN, 1994). Partindo do testemunho vivo da experiência narrada, pode ser possível a aproximação com o vivido pelos narradores (MORATO e SCHMIDT, 1999).

As narrativas dos antigos participantes do Bandeira Científica serão colhidas por meio de relato de experiência, com foco direcionado para a participação do entrevistado no projeto. Para abrir ao narrador a possibilidade de narrar sua experiência, a pergunta norteadora será: Como foi sua experiência como membro da equipe da Psicologia na expedição da Bandeira Científica? Não se buscam respostas objetivas, mas o relato de experiências, considerando que pela narrativa é possível a compreensão do sentido daquilo que é comunicado por aquele que conta, para além dos fatos concretos. Estas narrativas serão colhidas em encontro individual com bandeirantes da Psicologia de cada expedição do Bandeira Científica desde sua entrada em 2006 até 2012. Busca-se, assim, analisar as ações e transformações feitas no e pelo projeto neste período.

O que se espera com a realização desta pesquisa é dar voz àquilo que foi vivenciado por estes participantes da Bandeira Científica e que estas narrativas possam colaborar para as futuras ações do projeto.

Saúde coletiva; Intervenção Psicológica; Narrativa

SAÚDE

A VULNERABILIDADE FEMININA FRENTE AO DIAGNÓSTICO DE INFECÇÃO PELO HIV, A PARTIR DE RELATOS DE HISTÓRIA DE VIDA.

Barbara Gea, Lícia Barcelos de Souza, Marco Antonio de Castro Figueiredo (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP).*

No Brasil, o perfil epidemiológico aponta para processos de pauperização e feminilização da infecção pelo HIV/Aids, evidenciando a vulnerabilidade feminina como um elemento importante para a concepção de estratégias e programas dirigidos ao controle da epidemia e à promoção da saúde da mulher. Com base no conceito de vulnerabilidade, que considera aspectos sociais, programáticos e individuais na compreensão de seus determinantes, este estudo tem como objetivo compreender os processos envolvidos no cuidado em saúde da mulher e as estratégias de proteção à sua vulnerabilidade. Participaram do estudo 10 mulheres portadoras de HIV/Aids, usuárias da Unidade Especial de Tratamento de Doenças Infecciosas (UETDI) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, com idade entre 27 e 49 anos e escolarização até o ensino médio completo. Foram realizadas entrevistas individuais áudio-gravadas, baseadas em relatos orais de história de vida que posteriormente foram transcritas e sintetizadas segundo Análise Temática de Conteúdo. A análise das entrevistas sintetizou o conteúdo em duas Categorias Temáticas principais nomeadas: Descobrindo-se soropositiva e Vivendo com HIV/Aids. Neste trabalho, será apresentada a análise da primeira Categoria, que reuniu os conteúdos relacionados aos sentidos atribuídos às experiências vivenciadas no início do adoecimento. Esta Categoria agrupou três Unidades Temáticas: a primeira foi o Momento do Diagnóstico, que reuniu conteúdos relacionados aos impactos psicossociais do diagnóstico positivo à infecção pelo HIV. A segunda, denominada Justificativas para o Contágio, reuniu conteúdos sobre a elaboração de explicações para o contágio, baseadas principalmente em representações de vitimização pelo destino ou pelo companheiro. Por último, a Categoria Recursos Iniciais de Enfrentamento, apresenta os conteúdos associados às formas de enfretamento no início do adoecimento, ligadas principalmente ao apoio da família e à espiritualidade. De forma geral, os resultados apontaram, além de aspectos psicossociais que vulnerabilizam a mulher, recursos que a protegem na etapa inicial do adoecimento, que podem ser potencializados na perspectiva de promoção do cuidado. A história de vida dessas mulheres indicou a necessidade de maior suporte das redes de serviços e familiar/social no início do adoecimento, principalmente no que se refere à vulnerabilidade emocional, que pode resultar em situações de risco. Os resultados poderão oferecer subsídios aos profissionais de saúde e às redes de apoio social e familiar para a compreensão das dimensões da vulnerabilidade feminina à infecção pelo HIV, contribuindo assim para a qualificação das ações em saúde.

HIV/Aids, vulnerabilidade feminina, história de vida.

CNPQ

SAÚDE

ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS DE COPING EM MULHERES DIAGNOSTICADAS COM ALTERAÇÃO NO COLO DO ÚTERO COM SEUS NÍVEIS DE ESTRESSE. *Juliana Mayara Camilo Rodrigues, Valdinéia Aparecida Fernandes Benvenutti, Ricardo Alexandre Aneas Botta (Prefeitura Municipal De Cacoal/Centro Médico de Cacoal)*

As estratégias de coping são orientadas para a redução do estresse, sendo essas reações físicas ou psicológicas. O objetivo deste estudo foi identificar as estratégias de coping utilizadas por mulheres diagnosticadas com alteração no colo do útero com seus níveis de estresse. Participaram da pesquisa 29 mulheres, provenientes de um Centro de Saúde da Mulher de Cacoal (RO). Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Estratégias de Coping e o Inventário de Sintomas de Estresse. Os resultados demonstraram que a estratégia mais utilizada foi confronto, tendo possibilidade de correlação com autocontrole e afastamento. Em relação ao nível de estresse a população indica sinais fracos (no sentido de não indicar altos níveis) de estresse em relação com o histórico social demográfico e nem com as estratégias de coping.

SAÚDE

APRESENTAÇÃO DE PROTOCOLO PARA O ABANDONO DO CIGARRO EM SESSÕES DE TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: O PAPEL DO REGISTRO DIÁRIO RELATADO PELOS PARTICIPANTES. *Angela Donato Oliva, Carla Neumann Rodrigues*, Silvania Domingos*, Juliane Alves*, (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

O objetivo deste estudo foi destacar o papel que o registro de pensamentos desempenha no tratamento psicológico em grupo para o abandono do cigarro. De acordo com a perspectiva cognitivo-comportamental, o tratamento psicológico pode ser dividido em: a) Entrevista de triagem estruturada, que visa conhecer a historia do paciente, especialmente a que se relaciona a aspectos específicos do tabagismo e seu impacto em relações familiares e profissionais, presença de comorbidades (o que seria contraindicado para integrar o grupo de parada) entre outros. b) Sessão de preparação, que tem como objetivo familiarizar os participantes a respeito do programa, deixando claro que a mudança depende de esforço individual e da adesão às atividades propostas pelo programa. c) Grupo de parada, estruturado por pelo menos dez sessões semanais com duração média de duas horas e composto por no máximo dez participantes. Nas sessões o objetivo é a de redução progressiva de nicotina. Para isso as estratégias ensinadas consistem em diminuir o número de cigarros fumados por dia, atrasar em alguns minutos o momento de acender o cigarro e cortar o seu tamanho. São desenvolvidas habilidades de enfrentamento, como identificar crenças e pensamentos automáticos presentes nas situações em que fuma. Além de enfraquecer o comportamento automático de fumar, são treinados recursos para lidar com a abstinência, são propostas tarefas, há aprendizagem do autorregistro, de técnicas de relaxamento, de manejo de ansiedade, etc. d) Após a parada há oito sessões de manutenção (prevenção de recaída). Estudo com um grupo de parada, composto por seis mulheres foi submetido a este protocolo. Foi observado que quando há o entendimento do funcionamento do programa, do objetivo das tarefas e do modelo cognitivo, as participantes começam a elaborar suas próprias estratégias e a dividi-las com o grupo. Um aspecto recorrente no uso desse protocolo é a redução de quase metade dos cigarros fumados logo na primeira semana. Uma avaliação preliminar, baseada no relato informal dos participantes, indica que dentre as técnicas apresentadas, a que parece ter um maior impacto na rotina dos fumantes é a utilização da folha de registro. Neste instrumento os participantes devem registrar minuciosamente os próprios hábitos relacionados ao fumar. Para cada cigarro fumado, deve identificar os locais (data e hora), o que estava fazendo, os pensamentos e as emoções associadas e o grau de necessidade (escala de zero a dez). As participantes este estudo disseram que por ter que anotar, e isso ser "chato", já deixam de fumar alguns cigarros. Isso parece indicar um papel relevante do autorregistro nesse processo. "Ver" os pensamentos, situações, emoções em relação ao grau de necessidade de fumar, especialmente na forma de gráficos, parece fazer diferença. Uma conclusão preliminar é a de que o autorregistro favorece a autorreflexão (reestruturação cognitiva) sobre o processo pessoal do fumar e oferece um caminho seguro de "por onde se deve começar" quando tenta parar. O fumante consegue identificar quais são as situações mais fáceis para ele cortar o cigarro. Com isso, a ação tem maior eficácia e gera efeitos para situações futuras.

Tabagismo, terapia cognitivo-comportamental, tratamento em grupo

Bolsa de Extensão UERJ

SAÚDE

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A PACIENTES DE UM PRONTO-SOCORRO PEDIÁTRICO E SEUS FAMILIARES. *Pedro Henrique Vaz de Alcantara*, Josiane da Silva Delvan, Marina Menezes (UNIVALI, Itajaí/SC)*

Esta pesquisa foi realizada no Pronto-Socorro do Hospital Universitário Pequeno Anjo, no município de Itajaí, como projeto de estágio básico do curso de Psicologia. Os atendimentos foram realizados entre os meses de Março e Junho de 2011. Foram atendidos crianças e adolescentes, entre 0 e 14 anos, e seus respectivos acompanhantes, no momento da procura do serviço de emergência do hospital. Este trabalho, desenvolvido como projeto de estágio, objetivou caracterizar e trabalhar o acolhimento de pacientes infantis e seus familiares em uma sala de espera de um pronto-socorro pediátrico, no município de Itajaí, através da escuta profissional do psicólogo, da sensibilização dos profissionais e do conhecimento da história pregressa do paciente, assim focando em suas necessidades e reações emocionais a doença. Com os pacientes, foram realizadas entrevistas abertas junto de atividades lúdicas, que envolviam a elaboração de desenhos, a pintura e a realização de alguns jogos simples, como caça-palavras e jogo dos 7 erros. Essas atividades visavam a obtenção de informações relativas a queixa do paciente, suas dúvidas e seus medos. Com os acompanhantes, eram realizadas entrevistas abertas, visando a obtenção de informações relativas a queixa do paciente, idade, residência e histórico médico. Foram realizados 23 atendimentos, no total. A distribuição de gênero dos pacientes foi balanceada, sendo 54% do sexo masculino e 46% do sexo feminino. Houve uma predominância da faixa etária de cinco a nove anos e 11 meses, com um total de 40% dos atendimentos. Em sua maioria, as crianças estavam acompanhadas por seus pais, embora houvesse casos em que tios e avós estivessem juntos. Verificou-se que as queixas mais comuns eram de resfriado e tosse. A procura ao serviço ambulatorial é a primeira opção de muitos pais, que não optam pelo atendimento em postos de saúde próximos as suas residências. Além disso, constatou-se que a escuta profissional, por meio da psicologia, é um forte instrumento, quando aliado a prática médica, já que diminui a tensão e o medo dos pais e do paciente.

Emergência, Pronto-Socorro, Psicologia Hospitalar

SAÚDE

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE SOBREVIVENTES DE CÂNCER ÓSSEO. *Juliana Fákir Naves** (Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e Universidade de Brasília, Brasília, DF), Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araujo (Laboratório de Saúde e Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Durante muito tempo, a avaliação do impacto do câncer na qualidade de vida enfatizou, principalmente, as etapas diagnóstica e terapêutica. Todavia, nas últimas décadas, ampliaram-se os estudos que focalizam a etapa de sobrevivência, no intuito de melhor compreender os efeitos físicos e psicossociais da experiência oncológica a longo prazo e, a partir dessas evidências, contribuir para o aprimoramento de rotinas assistenciais e planejamento de programas preventivos em Oncologia. Mais especificamente no que se refere a tumores ósseos, ainda são poucas as pesquisas realizadas, apesar da multiplicidade de intervenções terapêuticas exigidas nesses casos, incluindo-se procedimentos invasivos e cirurgias, sendo que algumas podem acarretar mutilação e incapacidades. Assim, tendo em vista tais preocupações de natureza científica e social, realizou-se uma investigação com o objetivo geral de avaliar e comparar a qualidade de vida (QV) de sobreviventes de câncer ósseo e seus familiares. O projeto foi previamente autorizado pelo Comitê de Ética da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e todos os participantes manifestaram sua concordância por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A amostra foi constituída de indivíduos, anteriormente tratados no Programa de Oncologia do Hospital Sarah-Centro, por tumor ósseo do tipo osteossarcoma ou sarcoma de Ewing. Adotaram-se como critérios de inclusão: pacientes em remissão e fora de tratamento, há dois anos ou mais, e seus familiares. Como critérios de exclusão, estabeleceram-se pessoas com comprometimento cognitivo ou neuropsicológico. Assim, no total, participaram 27 sobreviventes e 25 familiares de contato próximo ao paciente. Inicialmente, foi feito convite por contato telefônico e, em seguida, enviou-se, por correio ou e-mail, o material previsto para a coleta de dados: a) instruções de preenchimento e devolução para a pesquisadora responsável; b) questionário sociodemográfico; e c) Quality of Life Cancer Survivors (QOL-CS), instrumento traduzido e adaptado para a presente pesquisa. Os familiares participantes deveriam registrar suas percepções acerca do sobrevivente. Para análise dos dados obtidos pela QOL-CS, adotou-se o Wilcoxon Signed Ranks Test. Constatou-se que a média da QV geral dos sobreviventes atingiu 6,52 e a média da QV avaliada pelos familiares foi de 6,33, o que revela semelhanças entre ambos os segmentos. Porém, verificaram-se diferenças significativas ($p=0,02$; $r=0,45$), ao se comparar sobreviventes e familiares, quanto ao domínio bem-estar físico ($m=7,91$ e $m=7,16$, respectivamente). Também foram constatadas diferenças de percepção entre sobreviventes que passaram por cirurgia de amputação e seus familiares ($p=0,05$; $r=0,64$). Estes resultados convergem com a literatura especializada internacional. Contudo, não foram observadas diferenças de percepção em relação ao domínio físico entre sobreviventes não amputados e seus familiares ($p=0,46$; $r=0,29$). Ao se analisar a localização do tumor, não se notou diferença de percepção da qualidade de vida entre os participantes ($p>0,05$). Por fim, recomenda-se que futuros estudos ampliem as amostras e incluam abordagens metodológicas de cunho qualitativo, visando fornecer mais subsídios para a prática clínica e preventiva em Psico-Oncologia.

Palavras-chave: sobrevivência, câncer ósseo, qualidade de vida

Mestrado - M

SAÚDE

EL ESTRÉS POSTRAUMATICO EN LA POBLACION ESCOLAR DE LORCA TRAS EL SEISMO SUFRIDO EN MAYO DE 2011. *Pilar Larraz Galindo, Mª José Catalán Frías, Angela Ruiz Arguello, (Miembros de la Junta de Gobierno del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia); Juan José López Garcia (Departamento de Metodología de la Facultad de Psicología de la Universidad de Murcia); Laura Espín López (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia. España)*

Después del seísmo ocurrido en la ciudad de Lorca en el mes de mayo del 2011, desde el Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia (COPRM), se implantó un programa de desarrollo y fortalecimiento de la Resiliencia en los escolares de los catorce centros de Educación Primaria de dicha ciudad, abarcando toda la población infantil que pudiera estar afectada. El objeto del programa consistía en mitigar las reacciones psicológicas adversas para poder comenzar a superar el trauma y volver a la normalidad cuanto antes, así como fortalecer a través de la implantación de un programa la resiliencia. El programa consistió en la implementación de unos talleres realizados con los alumnos en el medio escolar, mediante el trabajo en el manejo y reducción de miedos, el fortalecimiento de conductas resilientes y la detección de conductas anómalas que pudiesen requerir una posterior intervención profesional desde el ámbito de la Psicología Clínica. Todo ello apoyado por un material específicamente diseñado por Jorge Barudy y Maryorie Dantagnan tras el terremoto ocurrido en 2010 en Chile. Este programa se desarrolló con toda la población escolar de Lorca , de la que se extrajo una muestra de 300 escolares con la que se realizó el análisis de la eficacia del programa implantado, con una evaluación pre-programa al mes de haber sucedido el terremoto, y la reevalución al año de los seismos. Para dicha tarea se utilizaron las escalas CPSS, The Child PTSD Symtom Scale, de Foa et al, (2001) que evalúa el Trastorno por Estrés Postraumático (TEPT) y la escala ERE, Escala de Resiliencia Escolar, desarrollada en Chile por Saavedra y Castro (2009). Los resultados indican un importante descenso en la prevalencia del TEPT tras la implantación del programa. Con respecto a la resiliencia se demostró que los escolares que estando expuestos al terremoto y que no habían trabajado en el programa de resiliencia (grupo control), tuvieron una puntuación significativamente inferior en este constructo que aquellos que sí trabajaron con los materiales del programa de resiliencia (grupo experimental). Esta eficacia del programa se comprobó en las cinco dimensiones de la escala (Identidad-Autoestima; Redes-Modelos, Aprendizaje-Resolución de problemas; Recursos internos y Recursos externos). Este trabajo forma parte de un estudio de investigación patrocinado por la Fundación de Obra Social de la Caixa. España, y gracias a la colaboración de la Consejería de Educación de nuestra Comunidad para lo que se contó con los equipos de orientación y dirección de los distintos centros escolares.

Palabras clave: Resiliencia. Estrés postraumático, impacto psicológico.

Nivel de trabajo:P (Otro)

SAUDE - Psicología de la Salud

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE PACIENTES COM ATAXIA E MUCOPOLISSACARIDOSE ATENDIDOS NO PROGRAMA CAMINHAR.

Bruna de Almeida Cruz, Petruska Pereira Baptista, Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, Universidade Federal do Pará, Belém - PA)*

A ataxia e a mucopolissacaridose são duas doenças neurogenéticas que interferem no desenvolvimento físico e motor de seus portadores, afetando sua capacidade de inserção social bem como sua autonomia para realizar as atividades de vida diária, tendo consequentemente impacto negativo sobre sua qualidade de vida. Em geral, as pessoas portadoras desses transtornos do desenvolvimento têm uma baixa expectativa de vida, por se tratarem de doenças degenerativas, o que pode encadear o desenvolvimento de transtornos de humor e acelerar a evolução da doença. O objetivo deste trabalho foi comparar os efeitos da ataxia e da mucopolissacaridose na qualidade de vida de crianças e adolescentes acompanhados no serviço de crescimento e desenvolvimento - Programa Caminhar - do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, da Universidade Federal do Pará. Neste serviço, o ambulatório de psicologia é responsável pela avaliação comportamental e cognitiva desses pacientes, verificando, a partir de testes psicológicos, as dificuldades que cada paciente enfrenta em decorrência da sua condição. Pelo ambulatório de Psicologia, são atendidos 5 pacientes com ataxia e 5 com mucopolissacaridose. Além de entrevistas de anamnese e de avaliação da condição emocional do paciente, os testes comportamentais aplicados são CBCL, TRF e YSR; e os testes cognitivos são SON e Matrizes Coloridas de Raven. Em 2012 compareceram ao ambulatório de Psicologia 3 dos pacientes com ataxia, totalizando 14 atendimentos, e 2 portadores de mucopolissacaridose, com apenas 1 atendimento cada. Os primeiros frequentaram mais assiduamente os atendimentos e estão em fase de conclusão das avaliações. Os segundos, por terem faltado aos atendimentos agendados no serviço, tiveram a avaliação interrompida ou invalidada, necessitando recomeça-la. Sobre estes, é possível supor que, por se tratar de uma doença cuja qualidade de vida pode ser consistentemente melhorada com a Terapia de Reposição Enzimática (TRE) ou com o uso de fármacos, a urgência do acompanhamento psicológico seja menor do que para os pacientes com ataxia, cuja condição degenerativa é agravada pela reclusão social e frequente falta de estimulação decorrente de suas limitações físicas. Quanto aos pacientes com ataxia, os resultados da avaliação psicológica indicam haver impacto desta doença sobre a qualidade de vida, notando-se claramente a diferença entre as ambições e desejos desses pacientes (obtidos por meio dos relatos em entrevistas) e das possibilidades de concretização dos mesmos. Verificou-se, portanto, que a qualidade de vida de pacientes com ataxia tende a ser mais baixa que a dos portadores de mucopolissacaridose. Sugerimos que, após a avaliação psicológica, também sejam realizadas pesquisas aplicadas, visando o desenvolvimento de estratégias específicas de cuidado para cada tipo de condição descrita com vistas à promoção de uma melhor qualidade de vida para essas crianças e adolescentes.

Ataxia, mucopolissacaridose, avaliação psicológica

Bolsista de Extensão (Programa PIBEX-Universidade Federal do Pará)

SAÚDE

CARACTERIZAÇÃO DE SERVIÇOS DESTINADOS AO CUIDADO DO USUÁRIO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS DE NATAL/GRANDE NATAL/RN. *Magali Cabral Segundo Medeiros*, Liège Uchôa A. de Araújo, Camilla Pinho de Souza*, Rebeca da R. S. Nepomuceno* (Departamento de Psicologia da Escola da Saúde- Universidade Potiguar-UnP, Natal/RN).*

Nos últimos anos o uso de drogas lícitas e ilícitas vem aumentando de forma abusiva, chegando hoje a um problema de saúde pública. Na lacuna deixada pelas políticas do Ministério da Saúde para a atenção aos usuários de álcool e outras drogas, surgiram no Brasil diversas "alternativas de cuidado" com características fechadas e segregativas, tendo como único objetivo a ser alcançado a abstinência. Dessa forma, torna-se urgente a estruturação e fortalecimento de uma rede centrada na atenção comunitária que tenha ênfase na reabilitação e reinserção social dos seus usuários. Além disso, é relevante uma avaliação do nosso modelo de cuidado para que nossa prática seja respaldada por meio de dados concretos. No Rio Grande do Norte, essa realidade não é diferente, detectamos um crescimento significativo do uso abusivo de drogas lícitas ou ilícitas nos últimos tempos e nada se tem de informações sobre a eficácia e resolutividade dos tratamentos. Diante de tal fato consideramos importante caracterizar os serviços destinados ao usuário de álcool e outras drogas em Natal/Grande Natal, tendo em vista ser a localidade onde essa problemática mais se amplia, descrevendo o que estes têm oferecido, bem como, sua resolutividade e, dessa forma, contribuir para um planejamento coordenado da atenção em nossa cidade. Para tal, recorreu-se a uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa e uso da modalidade de pesquisa de campo para coleta de dados, realizada através de entrevistas semiestruturadas com os representantes de instituições: públicas, privadas e filantrópicas. Como resultados parciais, foi encontrado que os serviços para os usuários de álcool e outras drogas são, em sua maioria, voltados para uma política de assistência segregativa, moralista, policialesca, sem atenção às urgências/emergências, e não adotam a estratégia de redução de danos, principalmente, os serviços privados e filantrópicos. Os usuários destes serviços também não têm acessibilidade, nem há registros que possam indicar a resolutividade dos serviços. A rede pública, por meio do tensionamento provocado pelas orientações do Ministério da saúde, tendem a ser comunitários, territoriais, e abertas, mas ainda orientando sua prática pelo ideal da abstinência. Concluímos pela necessidade do monitoramento e avaliação dos serviços para orientar melhor nossa prática e nossas análises através de dados concretos.

Apoio Financeiro: Universidade Potiguar - UnP

Palavras-chave: Caracterização; álcool e outras drogas; instituições.

IC

SAÚDE

CARACTERIZAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA E AVALIAÇÃO DE ANSIEDADE, DEPRESSÃO E QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES COM PSORÍASE. *Caroline da Cruz Pavan-Cândido e Ricardo Gorayeb (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

A psoríase é uma dermatose crônica que produz diversos e amplos impactos na qualidade de vida dos pacientes e está intimamente relacionada a aspectos psicológicos. No Brasil, pouco se tem estudado sobre os impactos da dermatose na qualidade de vida de seus portadores e são raros os relatos de intervenção psicológica com estes pacientes. O objetivo deste trabalho foi realizar caracterização sociodemográfica e avaliação de ansiedade, depressão e qualidade de vida de pacientes portadores de psoríase, atendidos no Ambulatório de Doenças Psicossomáticas (DPS) de um hospital público do interior de São Paulo. Foram convidados para participar do estudo 106 pacientes e 100 aceitaram participar. Os materiais utilizados foram: roteiro de entrevista semiestrutarada, Inventário Beck de Ansiedade (BAI), Inventário Beck de Depressão (BDI), e os instrumentos Índice de Qualidade de Vida em Dermatologia (DLQI) e Índice de Incapacidade Provocada pela Psoríase (PDI). Os pacientes foram convidados para participar da pesquisa quando compareciam ao ambulatório DPS e as entrevistas eram realizadas neste mesmo local. Os resultados mostraram que 56% dos pacientes avaliados eram do sexo feminino, 62% tinham companheiro, 47% tinham ensino fundamental incompleto, 46% encontravam-se trabalhando e 47% tinham renda mensal entre um e três salários mínimos. As comorbidades mais frequentemente relatadas foram alterações cardiovasculares (32%). Pouco mais da metade dos pacientes relatou possuir dificuldades na realização do tratamento e 70% referiram receber ajuda da família para realizá-lo. A maioria dos pacientes relatou perceber relação entre a psoríase e aspectos emocionais, principalmente na piora das crises, e relatou vivenciar situações de estresse em sua rotina diária. As estratégias de afastamento/distração negativas foram mais frequentemente relatadas como forma de enfrentar as situações estressantes. Metade da amostra apresentou níveis mínimos de ansiedade e por volta de 80% não apresentou sintomas indicativos de depressão. 62% dos pacientes relataram nenhum ou pouco impacto da psoríase, segundo o DLQI, e no PDI a média do impacto foi 6,47. Os testes estatísticos mostraram evidência de associação entre os aspectos psicossociais avaliados na entrevista e os níveis de ansiedade, depressão e qualidade de vida. Também mostraram associação entre ansiedade e depressão, ansiedade e qualidade de vida e entre depressão e qualidade de vida. Considerando os resultados do estudo e a literatura da área, conclui-se que frequentemente indivíduos com psoríase apresentam impactos em sua qualidade de vida, maiores níveis de ansiedade e depressão. Conhecer estas características psicológicas é importante para o desenvolvimento de modelos de intervenção especializados que, juntamente com o tratamento médico, podem trazer para o paciente, além da melhora clínica de seu quadro, melhora da qualidade de vida.

Dermatose, qualidade de vida, avaliação psicológica

Trabalho parcialmente financiado pela CAPES

SAÚDE

CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE VULNERABILIDADE PARA O HIV. *Leandro Oltramari (CFH / UFSC, Florianópolis, SC); Frederico Tourinho dos Santos; Alessandra Scherer, Ana Paula Mattos*, Juliana da Silveira* (UNISUL, Palhoça, SC)*

No início do aparecimento da epidemia da AIDS a representação de indivíduos com sindrome foi na forma de grupos de risco. A característica principal deste modelo de representação era a doença como sendo algo que acomete "os outros"(Joffe, 1998; Oltramari, 2007). Desta maneira, cada grupo específico construiu ao longo das décadas os mais variados raciocínios para se colocar fora desses grupos. Então, nesta exclusão julgam-se a salvos da epidemia, minimizando a preocupação com as medidas de prevenção.A noção de "grupos de risco", cedeu lugar à noção vulnerabilidade (Ayres et al, 1999). Essa nova abordagem considera, não somente as práticas que levam o sujeito, como o contexto em que os mesmos vivem e que pode gerar um menor ou maior grau de vulnerabilidade ao HIV. Apesar de todos os esforços de informação e trabalhos relacionados ao tema, as pesquisas em Saúde Pública tem demonstrado que os índices de infectados não diminuem na mesma proporção que os investimentos em educação mesmo com os esforços por campanhas esclarecedoras e informativas (Camargo e Botelho, 2007; Chan, Stoove, Sringernyuang, Reidpath, 2008; Pickles, King & Belan, 2009; Seidl, Ribeiro e Galinkin, 2010). A presente pesquisa teve por objetivo identificar concepções de vulnerabilidade para o HIV de estudantes universitários de quatro cursos de diferentes campos de conhecimento de uma Universidade privada de Santa Catarina. Fizeram parte da pesquisa 40 universitários (distribuídos igualmente entre 20 mulheres e 20 homens, com idade entre 18 e 30 anos). Os alunos foram divididos entre os cursos de Psicologia e Farmácia (saúde) e Direito e Administração (ciências sociais aplicadas). A coleta dos dados se deu através de instrumentos estruturados com perguntas fechadas e de múltipla escolha. A análise dos dados foi realizada através de procedimentos da estatística descritiva simples por contagem de frequência das respostas. Os resultados demonstraram que os alunos de todos os cursos apresentaram conhecimentos satistatórios sobre a transmissão do HIV. Identificaram sexo oral como forma de transmissão, assim como uso de drogas endovenosas e relacionamento sexual sem preservativo, além da transmissão vertical da mãe para o bebê. Apesar disto não souberam localizar onde se encontrava o HIV, identificaram que ele estaria no sangue mas não no sêmen. Sobre a suscetibilidade ao HIV os entrevistados apresentaram os heterossexuais, junto à categorias de usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo como aqueles com maior vulnerabilidade. Este estudo demonstrou que não houveram diferenças significativas de conhecimento entre os estudantes dos dois cursos da Saúde. Os alunos dos cursos de Psicologia e Farmácia, apresentaram menos conhecimentos sobre vulnerabilidade ao HIV que os alunos do curso de Direito. Os alunos do curso de Administração foram aqueles que apresentaram menos conhecimento, tanto sobre infecção pelo HIV quando sobre a vulnerabilidade à ele.

Pesquisa Financiada pela FAPESC (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina.

Palavras Chave: HIV; vulnerabilidade; universitários.

P

SAÚDE

CONHECENDO A VIVÊNCIA DE HOMENS COM HIV/AIDS SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. *Geovana Nunes de Jesus*, Larissa Polejack, Luana Alcantara Fialho*, Narjara Tamyres Pedrosa Melo*, Ticiana Esmeraldo Penatti*. (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

As relações de gênero são elementos fundamentais na constituição identitária, no âmbito da sexualidade e, de modo geral, na manutenção de relacionamentos interpessoais. Estando essas dimensões presentes no contexto do HIV/aids, é necessário compreender a influência das relações de gênero nos serviços de saúde, nas políticas de prevenção e assistência, na forma como a vivência desses sujeitos se configura diante de suas relações familiares, afetivas, de trabalho e com o próprio serviço de saúde. É necessário, também, verificar se a vivência do HIV/aids tem algum impacto sobre as perspectivas de futuro desses sujeitos e se são influenciadas pela dimensão de gênero. Esta pesquisa teve por objetivo conhecer a influência das relações de gênero na vivência do HIV/aids, a partir da experiência de pacientes soropositivos, abordando, especificamente, a vivência de homens heterossexuais. O projeto de pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde/UnB, consistiu na realização de um grupo focal, com a participação de homens heterossexuais, em um centro de saúde especializado no tratamento do HIV/aids, da rede pública de Brasília, DF. O convite para a pesquisa foi feito pelo próprio serviço de saúde e só participaram aqueles que concordaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O grupo focal foi conduzido por duas facilitadoras e uma observadora. O encontro foi gravado em áudio e transcrito para análise de acordo com a Epistemologia Qualitativa. Participaram seis homens com nível de escolaridade entre ensino fundamental e nível superior completo, idades entre 18 a 45 anos, com média de 34 anos, sendo três casados e dois sem relacionamento amoroso no momento. Dois participantes eram estudantes universitários e não trabalhavam, um era aposentado e os demais estavam empregados. Os aspectos ressaltados pelos participantes foram: (a) medo de compartilhar a informação de que são soropositivos, devido à possibilidade de rejeição, principalmente em relacionamentos afetivos nos quais há, também, o risco de transmitir o vírus; (b) mudanças das relações, quando as pessoas se afastam ao saberem do diagnóstico, embora alguns participantes tenham relatado que fizeram novas amizades; (c) insatisfação com muitos profissionais de saúde que não estão preparados para lidar com pacientes soropositivos, devido à falta de informação acerca do HIV/Aids e a preconceitos, em parte, decorrente dessa desinformação; (d) o modo como são atendidos, independentemente do sexo do profissional, faz com que sintam que são tratados da mesma forma tanto por mulheres quanto por homens; (e) falta de infraestrutura do serviço de saúde, incluindo a falta de reagente para realização de exames, que atrasa a execução de procedimentos; e (f) não foram referidas mudanças nas perspectivas de futuro em decorrência do HIV/aids. Espera-se que esse estudo contribua para o tratamento das pessoas que vivem com HIV/aids e para a Psicologia da Saúde. Sugere-se que os serviços de saúde desenvolvam ações e estratégias que considerem as necessidades em função dos usuários, e que sejam promovidos grupos de apoio e psicoeducativos, que contribuem para a ampliação da rede de apoio desses sujeitos e redução do preconceito ainda existente.

Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Psicologia)

Palavras-chave: HIV/aids, Gênero, Homens

Nível do trabalho: IC

SAÚDE

CUIDANDO DO CUIDADOR: ATENÇÃO À MÃE DURANTE O TRATAMENTO DO BEBÊ SEGUNDO O PROJETO MÃE NUTRIZ. *Pérolla Goulart*, Luísa Vianna Baiocchi* (Instituto de Psicologia; Universidade de Brasília; Brasília/DF)*

Na concepção filosófica da atenção à saúde biopsicossocial as ações de tratamento e restabelecimento da saúde consideram o acompanhante do(a) paciente como uma figura valorizada. A doença afeta, além do(a) paciente, os que se relacionam com ele(a), incluindo toda uma rede social, um sistema aberto de interação onde mudanças comportamentais em um indivíduo podem ser seguidas de mudanças nos demais. Explorar essa influência mútua é positivo para o tratamento de saúde, pois oferecer apoio ao cuidador configura meio indireto de atenção ao paciente, proporcionando maior probabilidade de adesão e eficiência ao tratamento. O Projeto Mãe Nutriz parte deste pressuposto, considerando a mãe do bebê doente como a cuidadora primordial da saúde biológica, emocional e familiar. Ao permitir a permanência de pais em unidades pediátricas de cuidados intensivos e oferecer estrutura, transporte e alimentação que viabilizem as visitas, providencia que a interação familiar seja mantida. O Alcom - alojamento para acompanhantes - é uma complementação, dando às mães dos bebês internados acomodação em regime de internação para ficarem no hospital como pacientes e integrantes do tratamento dos bebês. Esta pesquisa foi realizada no Hospital Universitário de Brasília (HUB), no setor do Projeto Mãe Nutriz e Alcom, com objetivo de conhecer o serviço técnico, a experiência vivida pelas pacientes dentro do hospital e a impressão destas acerca da vivência e impacto, a curto e médio prazo, desta realidade. Foram realizadas visitas às instalações do hospital e entrevistas semiestruturadas com a psicóloga do serviço e pacientes. As visitas foram guiadas pela psicóloga, buscando conhecimento das instalações, equipe e funcionamento da rotina, e para interação com as mulheres participantes. As entrevistas, com cinco mães (capacidade máxima do alojamento) foram gravadas em áudio e organizadas nas seguintes temáticas: (a) apresentação das mulheres e vidas pregressas; (b) cotidiano do hospital e do alojamento; (c) sentimentos diários sobre autorreflexão; (d) relação com equipe e outras mães; (e) relacionamento com o mundo externo e familiares; (f) desejos e anseios; e (g) forma de ver a si no hospital e como integrante do tratamento. Observou-se que as mães sentem-se mais próximas dos bebês emocionalmente, mas não participam, de fato, do tratamento, nem servem como aporte à rede social. A comunicação com a equipe de saúde é verticalizada, sem constituir uma ponte que permita às cuidadoras conhecer o tratamento e trocar informações com a equipe de saúde. Ao contrário, as mães relataram relevante ignorância acerca da situação dos filhos, atuando somente quando autorizadas para acarinhar os bebês ou fornecer-lhes cuidados de higiene. A interação com a família e aporte da rede social não atinge o objetivo inicial, pois o estado de internação imposto as faz perder sensivelmente o contato com sua comunidade de apoio. Percebeu-se que a concepção do Projeto Mãe Nutriz, embora seja um avanço para um enfoque mais humanizado e integral de saúde, requer adequações para alcançar as metas propostas. Destaca-se a necessidade de uma abordagem pelo menos multidisciplinar, com momentos de desenvolvimento biopsicossocial às mães, bebês e família, além de melhor infraestrutura e engajamento da equipe.

Cuidador – modelo biopsicossocial – Projeto Mãe Nutriz

Programa de Educação Tutorial - MEC

SAÚDE

DE SIMPATIAS ÀS INFORMAÇÕES BASEADAS EM EVIDÊNCIAS: AVALIAÇÃO DE WEBSITES SOBRE ÁLCOOL DISPONÍVEIS EM LÍNGUA PORTUGUESA. *Leonardo Fernandes Martins (Professor da Fundação Presidente Antônio Carlos - Ubá - MG), Henrique Pinto Gomide (Programa de Pós Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora - MG)**, Telmo Mota Ronzani (Professor do Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora - MG)*

O consumo do álcool, fora dos padrões aceitáveis, contribui para o aparecimento de mais de 60 tipos de doenças e lesões, aumentando o risco de aparecimento de doenças coronarianas, derrame e diabetes, podendo-se atribuir cerca de 4,8% das mortes prematuras e 9,7% dos anos de vida perdidos ajustados por incapacidade ao seu consumo abusivo. Dentre as diversas estratégias para redução do consumo de álcool, as intervenções assistidas por internet se apresentam como uma com bons indicadores de custo-efetividade. A internet no Brasil possui aproximadamente 76 milhões de usuários, o que equivale a 37,8% de toda a população.Iniciativas governamentais, como o Plano Nacional para Banda Larga,buscam universalizar o acesso a internet, sugerindo que o número de acessos no Brasil continuará aumentando nos próximos anos. O objetivo do presente estudo foi avaliar os websites e identificar intervenções assistidas por internet destinadas a redução do consumo de álcool e alcoolismo disponíveis em língua portuguesa. Para avaliar os websites disponíveis sobre álcool na internet, foi realizada uma pesquisa no Google Adwords para definir quais são as palavras mais utilizadas pelos usuários de internet. Os termos de buscas definidos foram: (1) parar de beber, (2) tratamento alcoolismo, (3) alcoolismo, (4) como parar de beber, (5) deixar de beber, e (6) beber menos. As buscas foram feitas através dos três buscadores mais utilizados no Brasil: Google, Bing e Yahoo. Os resultados da primeira página de cada busca foram coletados e posteriormente classificados por dois pesquisadores através de uma escala de avaliação de websites adaptada.Cento e oitenta e cinco sites foram encontrados nos buscadores. Os registros duplicados foram removidos, 69 estudos compuseram a amostra do estudo. Dos 69 sites analisados, 31,9% não possuiam conteúdo relacionado à informações sobre álcool (ex. letra de música); 26,1% continham artigos sobre o tema, mas de maneira não estruturada para usuários de álcool; 24,6% (n = 17) forneciam informação diretiva sobre o processos de redução de consumo ou abstinência de álcool; e os 17,4% restantes foram classificados como venda de produtos, links para outros sites, publicidade de produtos e de clínicas para tratamento do alcoolismo. Dos 17 sites que forneciam informação diretiva sobre o processo de redução de consumo ou abstinência, 9 foram classificados conteúdo baseado em evidências e 8 como simpatias ou crenças populares como chás e garrafadas. Embora o acesso à internet e a busca por informações sobre saúde apresentem um padrão de crescimento no Brasil, a maior parte do conteúdo existente não é baseada em evidências. Desta forma, é necessário o desenvolvimento de sites com informações adequadas para os usuários que desejam reduzir seu consumo de álcool ou para aqueles que precisam ser referenciados a profissionais de saúde da rede pública.

Intervenções, álcool, internet

Universidade Federal de Juiz de Fora, FAPEMIG, CNPq

SAÚDE

DESCRIÇÃO DOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS DAS GESTANTES CUJOS FETOS APRESENTAM MALFORMAÇÃO NO AMBULATÓRIO DE MEDICINA FETAL DO HCFMRP-USP. *Lia Brioschi Soares, Maria Carolina Fontana Antunes de Oliveira, Vanessa Ruiz Vaz Gomez*, Ricardo Gorayeb (Divisão de Psicologia Médica do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Alessandra Cristina Marcolin; Aderson Tadeu Beresowski, Gerson Claudio Crott (Divisão de Medicina Fetal do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Ana Beatriz Gonçalves (Divisão de Neonatologia do Departamento de Pediatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Lourenço Sbragia Neto (Divisão de Neonatologia do Departamento de Pediatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Renata Panico Gorayeb ((Divisão de Psicologia Médica do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP)*

A gestação, na qual existe uma malformação fetal, apresenta-se de forma complexa para as gestantes e familiares, favorecendo a existência de processos ansiosos e depressivos, que muitas vezes encontram-se vinculados a situações de medo e culpa, relacionados à malformação e ao risco real de óbito fetal. A aceitação da malformação fetal demanda períodos distintos de elaboração psíquica, de acordo com as competências psíquicas de enfrentamento de cada indivíduo, dado que a situação exige adaptações profundas. Assim sendo é necessário que a equipe avalie o melhor momento e forma de se informar e explicar aos pais sobre a malformação fetal e o prognóstico, bem como em muitos casos o risco de óbito. As informações fornecidas à gestante e aos familiares devem ser claras, objetivas e afetivas, favorecendo o vínculo da gestante com a equipe e com o seu cônjuge. Este processo visa auxiliar o enfrentamento psíquico materno e familiar. Este primeiro contato com o diagnóstico infantil é realizado por um grupo treinado e especializado, composto pelos ultrassonografistas e psicólogas, que acolhem e orientam a paciente e seu cônjuge. Posteriormente em todos os retornos ambulatoriais a gestante pode esclarecer suas dúvidas, buscar compreender mais adequadamente a situação da malformação fetal, e elaborar seus sentimentos relativos à malformação fetal e ao seu papel maternal na situação que a espera. Muitas vezes, passando de um modelo de negação para uma aceitação do quadro e da maternagem infantil. Esta Equipe Interdisciplinar é integrada especialmente por psicólogos, obstetras, pediatras e cirurgiões pediátricos, além do suporte da equipe de enfermagem e assistência social quando necessário. O atendimento psicológico em medicina fetal tem como meta principal minimizar o desconforto da gestante e de seus familiares, favorecendo o enfrentamento da realidade e melhorando a qualidade de vida dos envolvidos. Com isto, busca-se minimizar as chances de intercorrências psiquiátricas após o parto, como a depressão pós-parto, especialmente em situações de óbito infantil. Nestes atendimentos são realizadas ações psicoterápicas e psicoeducativas sobre a patologia fetal, riscos cirúrgicos, hospitalização materno-infantil, rotina hospitalar, bem como os procedimentos de internação e parto. Dentro desta proposta humanizada de atendimento, busca-se avaliar e incentivar que a gestante tenha suporte social adequado. Todas as propostas do trabalho psicológico visam auxiliar a paciente e seus familiares no enfrentamento adequado e elaboração da situação vivida. Dessa forma, mostra-se relevante o acolhimento psicoafetivo feito às pacientes, que visa diminuir sentimentos de desamparo e desesperança, ajudando na construção de estratégias de enfrentamento para lidar com o presente e o futuro. Como conclusão do presente trabalho, enfatizamos

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

a importância em se falar a respeito da malformação como uma oportunidade para se reorganizar crenças disfuncionais e modificar estruturas cognitivas, além de enfrentar de forma mais adaptativa a realidade de ter um filho portador de malformação.

Palavras-chave: Gestação de Risco, Psicologia da Saúde, Medicina Fetal.

SAÚDE

DIABETES MELLITUS TIPO 1 E TRANSPLANTE DE CÉLULAS-TRONCO HEMATOPOÉTICAS: QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA À SAÚDE DE PACIENTES APÓS O PROCEDIMENTO. *Andressa Carolina de Souza*, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

O diabetes mellitus (DM) é uma doença de etiologia múltipla, em que ocorre a falta e/ou a incapacidade da insulina exercer adequadamente seus efeitos. A longo prazo, a doença pode gerar diversas complicações, como retinopatia e nefropatia. Há dois tipos principais de diabetes mellitus: o tipo 1 (DM1) e o tipo 2 (DM2). O DM1 afeta principalmente crianças e adolescentes, enquanto o DM2 atinge principalmente pessoas a partir dos 30 anos, apesar de atualmente haverem mudanças nesse quadro, devido, por exemplo, à obesidade e ao sedentarismo infantil. Este estudo focaliza o DM1, doença crônica e auto-imune em que às células beta pancreáticas são destruídas por linfócitos-T, causando deficiência na produção de insulina. Ao se considerar os tratamentos disponíveis para o DM1, o transplante de células-tronco hematopoéticas (TCTH), em sua modalidade autóloga, em que o paciente é seu próprio doador, despontou como uma alternativa experimental ao tratamento convencional. O estudo é considerado inédito em escala mundial, tendo se iniciado em 2003 na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Em relação ao tratamento convencional, ele retarda, mas não evita as complicações crônicas decorrentes da doença, sendo o controle glicêmico difícil de ser alcançado. Todos esses fatores podem acarretar em um comprometimento significativo na qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) desses pacientes, sendo sua avaliação importante para a compreensão da relevância desse novo tratamento, em comparação com a terapêutica tradicional. O objetivo deste estudo foi avaliar a QVRS de pacientes com DM1 após dois anos da realização do TCTH. A amostra foi composta por 12 participantes, sendo oito homens e quatro mulheres, com idades entre 15 e 26 anos, que concordaram em participar voluntariamente do estudo. A coleta de dados ocorreu durante os retornos ambulatoriais agendados pela equipe de saúde de um hospital universitário do interior paulista. O instrumento utilizado foi o Questionário Genérico de Avaliação da Qualidade de Vida Relacionada à Saúde (SF-36), aplicado individualmente e aferido de acordo com as recomendações específicas da literatura. Os resultados obtidos indicaram que, após dois anos da realização do TCTH, o conjunto de domínios mais preservados da QVRS dos participantes corresponde ao Componente Físico (Md=86,7; DP=11,83). No entanto, o Componente Mental também se mostrou preservado (Md=76,7; DP=5,40). Os domínios menos favorecidos, considerando as médias dos escores, foi Vitalidade, seguido por Dor e Saúde Mental, enquanto os mais preservados foram: Capacidade Funcional, Aspectos Físicos e Aspectos Sociais. Os resultados obtidos sugerem que a QVRS dos pacientes submetidos ao TCTH apresenta-se preservada dois anos após o procedimento. Apesar disso, as diferenças observadas entre os escores dos Componentes Físico e Mental fazem pensar na importância do cuidado abarcar os aspectos emocionais implicados no procedimento. Os resultados obtidos reforçam a relevância de monitorar a QVRS nos estágios do TCTH, de forma a examinar o impacto do tratamento sobre os aspectos psicossociais e a as diferenças de escores obtidas em investigações posteriores, já que estas poderão orientar futuras terapêuticas.

Diabetes mellitus tipo 1, transplante de células-tronco hematopoéticas, qualidade de vida.

(PIBIC-USP-CNPq)

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DIFICULDADES, EXPECTATIVAS E NECESSIDADES DE CUIDADORES FAMILIARES APÓS ALTA HOSPITALAR DO PACIENTE IDOSO. *Letícia Decimo Flesch, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araujo (Universidade de Brasília)*

No Brasil, significativas mudanças demográficas vêm sendo observadas nas últimas décadas, destacando-se o aumento do número de idosos e a longevidade de seus cidadãos. Tal envelhecimento populacional associa-se à maior incidência de cronicidades múltiplas, cujas consequências reconfiguram progressivamente famílias e sociedade, uma vez que idosos com elevado grau de dependência necessitam tanto de cuidadores formais (profissionais remunerados), como informais (familiares e indivíduos da rede de suporte sociocomunitário). No cenário atual, prevalecem os cuidados prodigados por familiares, o que exige atenção especial das instituições de saúde, já que este segmento não dispõe de orientação sistemática para lidar com o idoso incapacitado. Muitos estudos apontam que o cuidador familiar está exposto a diversas situações estressantes. Especificamente durante a internação – quando se preanuncia a alta hospitalar – a prática clínica revela intensificação das preocupações e inseguranças por parte de idosos e seus familiares no que se refere à continuidade dos cuidados no ambiente doméstico. Em geral, por ocasião desse retorno ao domicílio, a rotina familiar é alterada pelas limitações desencadeadas por sequelas da(s) enfermidade(s), intervenções medicamentosas, curativos e mudanças de hábitos. Considerando-se, então, o interesse desta problemática, realizou-se um estudo previamente autorizado por comitê de ética em pesquisa com o objetivo de identificar, analisar e discutir dificuldades, expectativas e necessidades de cuidadores familiares de idosos após a alta hospitalar. Para tanto, aproximadamente um mês depois da internação, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, na residência do idoso, com 13 cuidadores: filho(a) (n=7), esposa (n=1), nora (n=1), cunhada (n=1), irmã (n=1), neto (1) e esposa do neto (n=1). Apenas dois cuidadores eram homens (um filho e um neto). Os relatos foram gravados em áudio e integralmente transcritos para categorização temática. De acordo com os entrevistados, constituem fatores que dificultam os cuidados: divisão de tarefas no grupo familiar; desempenho concomitante de outros papéis sociais (ex.: trabalho, cuidado dos filhos e autocuidado); entraves do atendimento nos serviços de saúde (ex.: realização de exames e consultas; comunicação das prescrições); restrições do orçamento doméstico (ex.: compra e preparo de alimentos); problemas de locomoção (acesso a transporte adaptado); abandono do trabalho ou diminuição da jornada laboral; desgaste físico e emocional provocado pela sobrecarga decorrente dos cuidados (ex.: troca e desobstrução de sondas, medições de glicemia) e reinternações frequentes. Com relação às expectativas, cinco cuidadores avaliaram que o idoso encontrava-se em melhores condições no momento da entrevista do que supunham por ocasião da alta hospitalar; quatro afirmaram que os comportamentos do idoso correspondiam ao que esperavam preliminarmente e três comunicaram a eclosão de mais agravos de saúde. Um familiar expressou expectativa de facilitação de atendimento para o idoso após a hospitalização anterior. Dentre as necessidades mais mencionadas pelos entrevistados, sobressaíram-se: receber atendimento no domicílio e ampliação do apoio para a família. Em síntese, os resultados obtidos convergem com a literatura especializada e reafirmam a importância da capacitação e do treinamento de profissionais da saúde no intuito de preparar e acompanhar cuidadores familiares em prol de uma assistência mais humanizada e de qualidade.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: cuidador, alta hospitalar, idoso

Mestrado - M

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DOR PEDIÁTRICA, ESTRESSE E QUALIDADE DE VIDA EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: PERSPECTIVAS DAS CRIANÇAS E DAS MÃES. *Ana Claudia Matsuda Castro, Maria Beatriz Martins Linhares (Hospital das Clinicas de Ribeirão Preto – USP)*

As doenças crônicas, associadas à hospitalização, constituem-se em um fator de risco ao desenvolvimento da criança. Além de expor a criança a uma condição de estresse e dor podendo alterar a sua qualidade de vida, podem também ter um impacto na esfera afetiva dos familiares cuidadores. O modelo sócio-comunicativo da dor de Craig pode ser útil na compreensão desta dinâmica entre crianças hospitalizadas e cuidadores. O estudo teve por objetivo examinar a relação entre dor pediátrica, avaliadas pela criança e pelas mães, em crianças enfermas e hospitalizadas e o estresse da criança e da mãe, os modos de enfrentamento materno e a qualidade de vida da criança. A amostra de conveniência foi composta por 15 crianças (60% de meninas), com idade média de 9 anos (± 2,4) e suas respectivas mães, sendo na maioria de nível sócio-econômico C (47%) ou B (33%). As crianças estavam internadas (média=11 dias (± 6,2)) em uma Enfermaria Pediátrica (predominantemente nas clínicas de Nefrologia e Gastroenterologia) de um hospital público universitário do interior do Estado do São Paulo (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP). Na coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos de avaliação: Escala de Faces Revisada para avaliação da dor e Escala de Stress Infantil de Lipp (aplicados com as crianças) e Escala de Faces Revisada, Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp, Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas e Questionário de Qualidade de Vida relacionado à Saúde, além de Roteiros de Caracterização da Criança e Roteiros de Caracterização Sócioeconômica (aplicados com as mães). Na análise de dados foi processada a análise descritiva, assim como as análises de correlação (teste de Spearman) e de associação (testes Qui-quadrado ou Mann-Whitney) entre variáveis. O nível de significância adotado foi de p≤ 0,05. O tratamento dos dados foi realizado pelo SPSS (versão 19,0). O principal motivo de internação identificado foi relacionado à investigação diagnóstica. Os resultados com significância estatística mostraram que, com relação à dor pediátrica, quanto maior o escore de dor avaliado pelas crianças, maior o escore de dor avaliado pelas mães. Além disso, quanto maior a percepção de dor por parte da criança, maior o escore de estresse em reações psicofisiológicas das crianças. As mães com estresse apresentaram maiores escores no modo de enfrentamento do tipo busca de práticas religiosas e pensamentos fantasiosos do que as mães sem estresse. Quanto à qualidade de vida das crianças, detectaram-se baixos escores tanto no físico, quanto no psicossocial. Além disso, quanto pior o índice de qualidade de vida das crianças, maior indicador de estresse infantil. Em conclusão, houve relação entre dor pediátrica, estresse e qualidade de vida em crianças hospitalizadas, assim como teve relação entre a percepção da dor pela criança e pela mãe. Os achados poderão subsidiar intervenções na área de atuação da Psicologia Pediátrica, com foco na criança e na família.

SAÚDE

ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA ATENÇÃO BÁSICA: A PERSPECTIVA DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE. *Carla Silva Soares, Eduardo Paes-Machado (ISC/UFBA)*

O presente estudo teve como objetivo analisar as ações de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) diante de ocorrências de violência doméstica no seu cotidiano de trabalho. Especificamente, buscou-se identificar as formas de violência doméstica presentes no cotidiano de trabalho dos ACS; e identificar os fatores que influenciam na decisão do ACS de intervir ou não nestas. O Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e o Programa de Saúde da Família (PSF) foram criados nos anos 1990, com o objetivo de reorientar o modelo de atenção à saúde. Tendo como sua principal figura os ACS, tais programas orientam-se pela oferta organizada de serviços, baseados na promoção da saúde e na prevenção da doença. Este trabalho é parte da dissertação de mestrado "Mapeando riscos e selecionando interações: a construção de defesas contra a violência por agentes comunitários de saúde de Salvador-BA", defendida pela autora em março de 2012. Foi utilizada metodologia qualitativa, com recurso à triangulação metodológica. As técnicas utilizadas foram análise de documentos referentes à atividade de ACS, observação participante das rotinas nas unidades, dos deslocamentos e visitas aos domicílios, e entrevistas semi-estruturadas com 22 ACS. Os contextos da pesquisa foram uma entidade de representação da categoria (Contexto A) e dois Distritos Sanitários (DSB e DSC) da cidade de Salvador-BA. Para a análise dos dados, foi feito recurso ao corpo de técnicas da Análise de Conteúdo. Medidas referentes à ética incluíram apresentação de termos de consentimento livre e esclarecido e preservação de nomes, datas, locais e quaisquer outras informações que pudessem comprometer a privacidade dos sujeitos. Os resultados indicam que as formas de violência doméstica mais comuns no cotidiano dos ACS são: negligência a idosos acamados; abandono, ameaças e agressões físicas contra crianças; ameaças, agressões físicas e tentativas de homicídio entre casais. Quanto às atitudes dos ACS diante da violência doméstica, os profissionais ficam divididos entre aqueles que a consideram uma questão privada e os que a veem como um problema concernente ao setor saúde. Os ACS fazem avaliações antes de decidirem se devem ou não intervir em uma situação de violência doméstica (tanto in loco quanto a posteriori). Fatores relevantes para esta escolha são: o tipo e a gravidade da violência; a relação do ACS com a família; estado emocional das pessoas envolvidas; a intervenção de outros moradores; e o porte de armas de fogo por um dos envolvidos; apoio da coordenadora da equipe. Conclui-se que o potencial do ACS para intervenção em situações de violência doméstica ultrapassa a simples decisão de denunciar ou não denunciar. Ações mais efetivas foram realizadas nas situações nas quais o ACS socializava riscos e responsabilidades com a equipe de saúde, com outros membros da própria família afetada e com a comunidade.

Violência doméstica, agentes comunitários de saúde, atenção básica

CAPES

SAÚDE

ENXAQUECA E ESTRESSE EM MULHERES. *Luciana Leonetti Correia – (Universidade Federal da Grande Dourados), Maria Beatriz Martins Linhares*

Segundo a OMS, a cefaléia apresenta-se como a segunda queixa mais comum de dor na população mundial. Há diversos tipos de cefaléia, sendo que a enxaqueca é a mais frequente em mulheres. O presente estudo teve por objetivo investigar a relação entre enxaqueca, estresse e outras variáveis pessoais e ambientais em mulheres. A amostra foi composta de 75 mulheres, as quais pertenciam a famílias cadastradas em cinco Núcleos de Atenção Primária do Programa de Saúde da Familia de Ribeirão Preto/SP. Foram aplicados os seguintes instrumentos: a SCID Não- Paciente- Entrevista Clínica Estruturada para DSM III-R para exclusão de participantes com história psiquiátrica, o Questionário da Associação Brasileira de Estudos Populacionais para caracterização no nível sócio-econômico, a Escala de Eventos Vitais, o Teste de Sociedade Brasileira de Cefaléia, o qual permite identificar o tipo de cefaléia e o Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL) para avaliar o estresse das mulheres. As participantes foram convidadas a participar do estudo e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Utilizou-se da análise de regressão logística para identificar o melhor modelo de predição de enxaqueca em mulheres. Primeiramente, foi realizada análise de correlação de Spearman entre as seguintes variáveis: a) pessoais (idade, estado civil e nível de escolaridade); b) do contexto ambiental (número de eventos vitais) e c) presença ou não de sintomas de estresse nas mulheres. As variáveis que apresentaram associações estatisticamente significativas foram incluídas no modelo e consideradas como variáveis preditoras para a variável predita (presença ou não de enxaqueca). Em relação aos resultados, verificou-se que 55% das mulheres relataram sintomas de enxaqueca e 59%, sintomas de estresse. De acordo com o ISSL, a maioria das mulheres encontrava-se na fase de resistência do estresse, que corresponde a uma fase na qual há um agravamento dos sintomas de estresse. Além disso, a maior parte desses sintomas eram predominantemente psicológicos do que físicos. Verificou-se associação entre a presença de sintomas de enxaqueca e presença de estresse ($r=0,43$; $p=0,0001$) e o maior número de eventos vitais adversos ($r=0,26$; $p=0,02$). Além disso, a presença de sintomas de estresse foi associada ao maior número de eventos vitais ($r=0,37$; $p=0,001$) e a menor idade materna ($r=0,26$; $p=0,02$). No entanto, a presença de sintomas de estresse foi a única variável preditora com poder de explicação da presença de sintomas de enxaqueca em mulheres ($p= 0,002$). Os achados confirmam a relação entre estresse e enxaqueca em mulheres. Como desdobramento, verifica-se a importância de atenção especial à saúde da mulher, quanto aos aspectos psicológicos, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida a essa população.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: enxaqueca; estresse; mulheres.

Nível do trabalho: D

SAÚDE

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA DOR: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DE UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL.

*Mariana Spelta Cruzeiro *(Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES); Sandra Willéia Martins**; Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES).*

A dor do recém-nascido (RN) internado em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) é um fenômeno recorrente, exigindo atenção da equipe e dos familiares na utilização de estratégias de alívio que minimizem o impacto sobre o desenvolvimento. Com enfoque preventivo, este estudo, desenvolvido em hospital universitário do ES, teve por objetivo avaliar o ambiente organizacional da UTIN, além de analisar o manejo da dor em RN por profissionais de saúde. Participaram 10 enfermeiros e 10 médicos (representando 80% dos profissionais do setor), utilizando os instrumentos: Questionário de Diagnóstico Organizacional (condições de trabalho, relações interpessoais, comunicação, entre outros); Escala de Coping Organizacional, investigando como as pessoas lidam com problemas no trabalho; e Protocolo de Entrevista sobre Enfrentamento da Dor Neonatal por Profissionais da UTIN, especialmente elaborado, analisando concepções sobre dor, relação com familiares e interação da equipe multidisciplinar. Resultados do Diagnóstico Organizacional indicaram uma consciente necessidade de mudanças por parte da equipe, todavia, sem clareza sobre o que e como mudar. Problemas com hierarquia e comunicação, burocracia, ambiente conturbado, elevada responsabilidade e necessidade de treinamentos foram os principais conflitos destacados. A Escala de Coping apresentou os comportamentos de controle como os mais frequentemente utilizados no enfrentamento do estresse. As entrevistas revelaram a falta de preparo para interagir com os familiares, principalmente ao dar notícias de óbito do RN. A comunicação visa esclarecer dúvidas, grau de comprometimento do RN, possíveis intercorrências, procedimentos invasivos necessários e benefícios da presença da mãe junto ao bebê (Método Mãe Canguru). É um contato que ocorre de maneira objetiva, informativa e rápida, sem estabelecimentos de vínculo e proximidade; normalmente não há desentendimentos ou confrontos. O tema "família" é pouco discutido pela equipe e, nos relatos, este conteúdo foi abordado de forma sucinta, quando comparado a outros conteúdos levantados. No tocante ao padrão de enfrentamento, os profissionais também destacaram comportamentos de fuga e esquiva, o que pode contribuir para que os familiares se sintam inseguros. Isto decorre do ambiente agitado, da tensão gerada pela elevada responsabilidade em garantir a sobrevivência do RN, bem como da ausência de preparo para desenvolver uma interação mais integrada e conjunta com a família. No tocante ao manejo da dor do RN, há baixa frequência no uso de analgesia durante procedimentos invasivos, com maior preocupação em relação à execução da técnica, embora isto não se faça sem elevado estresse para o profissional e preocupação com as consequências da dor no desenvolvimento do bebê. Esses dados estão em consonância com achados de pesquisas sobre cuidado humanizado. De forma geral, os resultados indicaram que a assistência oferecida ao RN, embora eficaz, ocorre de maneira desintegrada, já que alguns aspectos da relação profissional-família, nessa UTIN, encontram-se fragilizados, o que poderá repercutir no desenvolvimento do RN. Assim, são relevantes novos estudos que investiguem estressores do ambiente da UTIN, considerando, em igual importância, o bem-estar da equipe de saúde. A atenção aos processos de comunicação com a família e o reconhecimento da dor do neonato certamente terão impacto positivo no desenvolvimento do RN prematuro e de baixo peso.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Coping; Profissionais de saúde e Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

FACITEC (bolsa de Iniciação Científica para a primeira a autora) e CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a terceira autora).

SAÚDE

ESTRESSE EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS NO PERÍODO PRÉ E PÓS-CIRÚRGICO. *Aline Martenthal*, Dilmara Frizzo*, Josiane da Silva Delvan (Curso de Psicologia - Universidade do Vale do Itajaí – SC)*

O ambiente hospitalar é um local com restrições para a criança que está exposta a uma rotina com falta de espaço físico, estado clínico delicado. A criança hospitalizada está afastada do convívio dos familiares e amigos e passa a habitar em um ambiente estranho e doloroso, marcado pelo uso dos medicamentos e procedimentos invasivos, principalmente quando se trata de procedimentos cirúrgicos. Este trabalho teve por objetivo compreender o fenômeno do estresse em crianças hospitalizadas no período pré e pós-cirúrgico, baseando-se no referencial teórico da psicologia do desenvolvimento, psicologia hospitalar e psicologia da saúde enfocando a hospitalização infantil, o paciente cirúrgico e o estresse na infância. Teve como metodologia participação de sete crianças que foram submetidas à cirurgia eletiva em um hospital pediátrico e seus acompanhantes. Com as crianças foi aplicada a Escala de Estresse Infantil (ESI) nos períodos pré e pós-cirúrgicos juntamente com uma entrevista que também foi realizada com seus acompanhantes. Os dados da escala receberam tratamento estatístico por frequência simples e as entrevistas foram interpretadas pela análise de conteúdo. Como resultados da aplicação da Escala de Estresse Infantil verificou-se que nenhuma das crianças participantes da pesquisa apresentou sinais de estresse significativos tanto no período pré quanto no pós-cirúrgico. Das entrevistas realizadas com as crianças e seus acompanhantes, surgiram as seguintes categorias: sentimentos da criança no hospital, sentimentos dos acompanhantes frente à cirurgia, preocupações frente à cirurgia e o pós-cirúrgico, o acompanhante ideal, atividades desejadas no hospital, situações agradáveis e desagradáveis no hospital, conhecimento sobre os procedimentos cirúrgicos, sugestões para proporcionar uma boa recuperação, agravantes para o estresse, alteração de comportamento na criança e internações anteriores. Concluiu-se a partir deste estudo que o período que antecede a cirurgia desencadeou maior ansiedade e preocupação para as crianças e seus acompanhantes. Das situações observadas como sendo desencadeadoras de ansiedade estão: a submissão a procedimentos invasivos, o período de espera entre a internação e a cirurgia, a ausência do brincar no hospital, a exigência do jejum e a falta de informações a respeito dos procedimentos cirúrgicos que seriam realizados. Desta forma, estar acompanhado de um familiar em ambiente apropriado com espaço para circular e brincar pode amenizar a ansiedade. O brincar é considerado um importante aliado diante de situações adversas como a hospitalização e os procedimentos que esta implica, pois transforma o ambiente em que a criança se encontra e a aproxima de sua realidade cotidiana. É necessário que ocorra a preparação psicológica da criança e sua família para os procedimentos cirúrgicos, pois falta de esclarecimentos aumenta a ansiedade nestas situações.

Criança hospitalizada; Estresse; Procedimentos cirúrgicos

SAÚDE

ESTRESSE, ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM PACIENTES RENAIS CRÔNICOS: BREVE REVISÃO DA LITERATURA. *Leonardo Macário Ferraz;; Ana Karina Fachini Araujo; Aline Almeida Martins;; Denise Xavier Silva;; Leonette Elias Smith Batalha Rodrigues; Priscila Amaral Ferraz Cardoso; Israel Santos; Luis Vicente (Laboratório do Sono – Universidade Nove de Julho- São Paulo-SP).*

A doença renal é considerada incurável e de evolução progressiva, causando ao portador problemas físicos, psicológicos, sociais e econômicos. Em decorrência desta situação, faz necessário que o paciente e sua família aprendam a lidar com os sintomas e incapacidades. O paciente com insuficiência renal crônica (IRC) precisa se submeter à hemodiálise e, quando indicado, aguardar o transplante. A técnica da hemodiálise implica em um procedimento delicado e estressante: um paciente ligado à máquina observa seu sangue sair do corpo e percorrer tubos em direção a uma máquina específica, para então, voltar filtrado de impurezas. O procedimento dialítico ocorre três vezes por semana, de três a quatro horas por sessão. Além do tratamento dialítico, o paciente precisa seguir uma dieta alimentar restritiva e ingerir uma quantidade pequena de líquidos por dia, além da restrição ao sódio e ao potássio. A hemodiálise impõe ao paciente uma experiência emocional difícil e intensa. Tal fato comumente implica no aparecimento de estresse, ansiedade e depressão. Esses pacientes precisam lidar com situações como: dificuldades profissionais – em geral, deixam o emprego e passam a depender de auxílio saúde público o que comumente implica na queda da renda mensal; alterações da imagem corporal, queda no interesse sexual, redução da autonomia, além do medo da morte. Sendo assim, estresse, ansiedade e depressão são comuns nestes pacientes e podem implicar no comprometimento do tratamento e na qualidade de vida. Para tanto, fizemos uma revisão da literatura nos últimos dez anos em bancos de dados nacionais e internacionais sobre o paciente renal crônico. Como critério de inclusão levou-se em consideração publicações que versam sobre a relação direta entre o paciente renal crônico em hemodiálise e a ansiedade, depressão e estresse. Foram excluídas as publicações que não fizeram correlação direta entre o quadro emocional e o tratamento da doença renal crônica. Este estudo é de natureza quantitativa e os dados foram analisados estatisticamente. Neste intervalo de tempo temos vinte oito publicações. Do ano de 2008 em diante tivemos um número mais expressivo de publicações 75%. As temáticas relacionadas ao paciente renal crônico em hemodiálise e a interface com as questões emocionais versam sobre avaliação (61%), intervenção (18%), revisão da literatura (18%) e metanálise (3%). Sobre a intervenção ainda podemos dize que de 2007 a 2009 tivemos 80% das publicações e nos últimos três anos nada foi encontrado sobre este assunto. Podemos concluir que a avaliação constitui tema de maior interesse e a intervenção que é necessária, inclusive como prevenção da saúde mental destes pacientes, ainda é pouco expressiva quando comparada à avaliação, o que também pode ser correlacionado à ausência de publicações nos últimos três anos. Tal fato configura a necessidade de ações por parte da equipe de saúde sobre as questões emocionais deste paciente, tendo em vista a melhora de sua qualidade de vida.

Paciente renal crônico, estresse e ansiedade - depressão

SAÚDE

EXPECTATIVAS DE GESTANTES SOBRE O PARTO E PERCEPÇÕES ACERCA DA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL. *Natalia Almeida Tostes - Autônoma Natalia Almeida Tostes** (Universidade de Brasília – UnB, Brasília/ DF) e Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília – UnB, Brasília/ DF)*

Desde a década de 1980, estudos apontam o parto como experiência marcante para a mulher, podendo ser visto como um rito de passagem com efeitos diversos. A vivência da parturição pode ser prazerosa, positiva ou traumática, a depender de condições da mulher, da gestação e das condições relacionadas ao sistema de saúde. A satisfação da mulher com o parto e a qualidade de sua vivência podem influenciar consideravelmente seu bem-estar físico e psicológico, bem como a interação com seu bebê. O impacto que a experiência do parto tem sobre a mãe e o bebê aponta para a importância de práticas de maior qualidade na preparação para o parto e na assistência ao parto e puerpério. No entanto, percebe-se que há predomínio de histórias que associam o parto normal a dificuldades, sofrimento e dor. O parto normal vem ganhando imagem de algo pelo qual só "supermulheres" conseguem passar, o que parece ser uma das causas para o aumento das taxas de cesarianas no Brasil. Esta pesquisa buscou investigar expectativas de primigestas sobre o parto e suas percepções acerca da assistência pré-natal de serviços da rede pública de Brasília (DF). No presente estudo, cinco eixos temáticos são apresentados: (a) parto como tema no atendimento pré-natal; (b) preferência por via de parto; (c) expectativas para o momento do parto; (d) sentimentos de preparo e confiança para o parto; (e) contribuições do serviço para melhor preparação da gestante. Trata-se de estudo qualitativo e exploratório, feito por meio de entrevistas semiestruturadas. Participaram 18 mulheres que estavam no terceiro trimestre de gravidez e faziam acompanhamento pré-natal em duas unidades da rede pública de saúde de Brasília. Para a análise dos relatos, foram utilizados procedimentos de análise de conteúdo. Como principais resultados, destacaram-se: comunicação insuficiente sobre o tema parto nas consultas médicas do pré-natal; preferência das entrevistadas por parto normal, divergente do que outros estudos apontam; diversidade de expectativas negativas relacionadas ao parto, com ideias de um momento de medo, dor e sofrimento; sentimentos de despreparo e falta de confiança para vivenciar os momentos de trabalho de parto e parto. Pôde-se perceber importante demanda das gestantes por mais informações e ações educativas que favorecessem sua autonomia e confiança frente a situações decorrentes da gravidez, parto e nascimento, assim como a necessidade de maior apoio psicoemocional no pré-natal. Entende-se que, ao aprimorar a qualidade da atenção oferecida ao longo do pré-natal, bem como a preparação para o parto, pode-se melhorar a satisfação das mulheres com suas experiências de gestação e parturição, favorecendo vivências mais positivas relacionadas ao parto e à maternidade. Dessa forma, não só as gestantes e seus bebês são beneficiados, mas mulheres, homens e a sociedade em geral, vez que o próprio rito de passagem do parto e nascimento pode ser reconfigurado e ressignificado, passando a ter representações e vivências mais positivas e empoderadoras.

Maternidade, parto, gestantes

CNPq

SAÚDE

FAMILIARES/CUIDADORES DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL: AVALIAÇÃO DA SOBRECARGA. *Maria Claudia Rodrigues, Carmen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo).*

A partir das propostas da Reforma Psiquiátrica os serviços de hospitalização em saúde mental vêm sendo gradativamente substituídos por dispositivos de cuidado em saúde caracterizados pelo modelo de intervenção psicossocial, evidenciando a necessidade de inclusão da família do paciente psiquiátrico ao tratamento. Com estes familiares sendo chamados a participar cada vez mais ativamente como provedores de suporte e cuidados aos usuários de serviço de saúde mental, pode-se supor um impacto na qualidade de vida dos mesmos. Neste contexto, o presente estudo teve por objetivo avaliar manifestações de sobrecarga em familiares/cuidadores de usuários de um serviço substitutivo de saúde mental. Participaram do estudo 20 familiares de usuários de um serviço substitutivo de saúde mental de internação parcial de uma cidade de médio porte do interior de São Paulo. Foram utilizados dois instrumentos, a saber: Questionário Complementar e a Escala de Sobrecarga dos Familiares de Pacientes Psiquiátricos (FBIS-BR). O tratamento estatístico inferencial dos dados foi feito através de estatística não paramétrica, utilizando o teste de Mann-Whitney. Os dados do presente estudo apontaram para um grau de sobrecarga de baixo a leve, obtendo um escore global de sobrecarga objetiva de 2,03 e da sobrecarga subjetiva, o escore global de 1,97, sendo o quanto mais próximo a cinco o valor obtido, maior a sobrecarga. Com a análise inferencial destes dados, tivemos que os participantes familiares de usuários com diagnóstico de esquizofrenia (n=11) apresentaram valores significativamente superiores (p=0,026 para p≤0,05) com relação à sobrecarga subjetiva de assistência a vida cotidiana do usuário, tais como: Higiene pessoal; Administração de medicação; Tarefas de casa; Compras; Preparo do alimento; Transporte; Cuidados com o dinheiro; Ocupação do tempo; e Consultas médicas, quando comparados aos usuários com outros tipos de diagnóstico. Esta sobrecarga dos cuidadores pode ser atribuída ao grau de complexidade do transtorno esquizofrênico, que exige atenção constante do cuidador frente à disfunção social/ocupacional que o transtorno acarreta, e ainda ter que lidar com o comportamento desorganizado do paciente. Tais resultados apontam a necessidade de um trabalho integrado entre as equipes de saúde mental e as famílias, onde possa ser proporcionada uma ampliação dos espaços de escuta aos familiares, sendo identificadas as necessidades de tais cuidadores e elaboradas estratégias conjuntas que possam responder as mesmas, buscando minimizar os impactos sofridos, valorizando a qualidade de vida de todos os envolvidos. Desta maneira, a análise aponta que a avaliação da sobrecarga dos familiares/cuidadores colabora para a compreensão dos fatores que impactam a qualidade de vida dos mesmos podendo favorecer uma maior instrumentalização das equipes para a construção da parceria serviço-família no cuidado ao usuário, conforme proposto pelo modelo de atenção psicossocial.

Saúde mental; família; sobrecarga.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP

SAÚDE

GÊNERO E HIV: CONHECENDO A VIVÊNCIA DE HOMENS HOMOSSEXUAIS. *Luana Alcantara Fialho*, Larissa Polejack, Geovana Nunes de Jesus*, Ticiana Esmeraldo Penatti*, Narjara Tamyres Pedrosa Melo*. (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

O significado da vivência da soropositividade depende de vários fatores relativos à experiência do indivíduo. O gênero, como constructo sociocultural, permeia a construção desse significado de forma particular para homens e mulheres, homo e heterossexuais, caracterizando, de formas distintas, a constituição identitária e a relação com a soropositividade. Levando-se em consideração as diferentes vivências, ainda é necessário compreender a influência dessas relações: (a) no âmbito familiar, afetivo e profissional; (b) no contexto do serviço de saúde (especializado ou não), incluindo políticas de prevenção e acesso ao tratamento; e (c) nas perspectivas de futuro dos indivíduos, assim como na percepção do estigma perante a doença. O objetivo dessa pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da UnB, foi conhecer e compreender como essas relações de gênero permeiam a vivência de homens homossexuais que vivem com HIV/aids e identificar possibilidades de intervenção psicológica a serem propostas aos serviços de saúde, de acordo com o princípio da equidade preconizado pelo SUS. Para isso, foi realizado um grupo focal com cinco voluntários, contatados por um serviço de saúde especializado em HIV/aids. O grupo foi composto por homossexuais com idades de 26 a 50 anos e escolaridade entre o nível superior incompleto e o nível fundamental completo. A condução do grupo, gravado em áudio, foi realizada por duas mediadoras e uma observadora que seguiram um roteiro de perguntas abertas a respeito do conhecimento da doença, relações sociais, planos de vida, serviço de saúde, autocuidado e vivências de gênero. As verbalizações do grupo foram transcritas na íntegra e analisadas de acordo com a Epistemologia Qualitativa. Os resultados revelaram que, por mais que ocorram avanços técnicos em termos de tratamento, a doença ainda é muito estigmatizada pelas pessoas. O HIV é considerado doença de gays e mulheres promíscuas e, em função desses fatores, os participantes referem dificuldades para o estabelecimento de relacionamentos afetivos. Além disso, verificou-se significativa percepção de desconforto com relação ao serviço de saúde, no que se refere a: (a) despreparo dos profissionais para lidar com a homossexualidade; (b) demora no agendamento de consultas e obtenção de exames; e (c) preconceito e estigma, com a doença, ainda presentes no contexto dos atendimentos. Além disso, os participantes referem que as informações divulgadas pela mídia, em relação à doença, são consideradas falsas e preconceituosas. Espera-se, com esse trabalho, o incentivo à mudança de concepções e ideias ultrapassadas sobre a doença e sobre o grupo em questão, como forma de tratar da dinâmica do HIV/aids, tanto no que se refere à prevenção quanto ao tratamento dos pacientes, destacando-se a necessidade de analisar funcionalmente a influência do gênero e da homossexualidade sobre a vivência soropositiva. Dessa forma, aponta-se a relevância de cursos e palestras educativas, sobre gênero e homossexualidade, para profissionais de saúde que trabalham com HIV, bem como de grupos de apoio que abordem tais questões com usuários do sistema de saúde.

Palavras-chave: HIV/aids, Gênero, Homossexualidade.

Bolsistas do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB).

SAÚDE

IMAGEM CORPORAL E CONTEMPORANEIDADE. *Elizânia Barros da Silva, Elaine Soares Neves Lange (*Departamento de Saúde, Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove, São Paulo,SP)

Esta pesquisa tem como tema de investigação a questão da imagem corporal e contemporaneidade. A busca pela imagem idealizada atravessa barreiras sociais, étnicas, culturais, dinâmicas, tendo a cultura um papel significativo, pois dita padrões que são exaltados pela mídia, o que faz com que os indivíduos fiquem alienados ao desejo de ter o corpo que foi instituído como o padronizado, utilizando-se de extremos em virtude desse desejo. Necessário se faz que a comunidade científica e a sociedade tenham um olhar voltado para o fenômeno no qual a imagem corporal, e suas distorções, provocam patologias e morte. A relevância de tal tema se apresenta na medida em que propicia à comunidade acadêmica uma reflexão acerca da importância de se estudar a imagem corporal dos indivíduos na sociedade contemporânea, os quais se utilizam, cada vez mais, de artifícios para alcançar o corpo idealizado. O objetivo principal da presente investigação foi compreender a importância da imagem corporal para os indivíduos na sociedade contemporânea, entendendo suas manifestações e ressaltando o papel da cultura na formação da imagem desejada e o que esta representa na contemporaneidade. Para tanto, buscamos priorizar a definição de imagem corporal, a visão cultural sobre o corpo, o narcisismo, as primeiras relações da criança com sua mãe e sua importância na formação da imagem corporal, bem como o culto à corpolatria. O método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica, com ênfase nas teorias psicanalíticas, tomando por base autores como: Dolto, Freud, Nasio, Shilder, dentre outros. A imagem corporal é a forma como percebemos o nosso corpo em nossa mente, sendo desenvolvida antes do indivíduo ter a constituição de Eu, ela vai se formando através das zonas erógenas que são investidas libidinalmente na primeira infância, propiciada pelo cuidado materno ou do cuidador. Na atualidade, os indivíduos são reconhecidos pela imagem, pelo corpo. A sociedade estimula os indivíduos a irem contra a castração, a não ficarem impedidos de realizar seus desejos: outrora a criança tinha amor pela mãe, hoje o indivíduo tem amor pelo corpo idealizado. Conclui-se que a busca pela imagem idealizada pelos indivíduos, baseia-se na tentativa de retomar a completude vivida, ou não, nas relações iniciais do desenvolvimento. As manifestações pela busca da imagem idealizada sofre influência da cultura, aliada à mídia, que segue as doutrinas do capitalismo, instaurando nos sujeitos o culto ao corpo como forma de consumo, pois na sociedade contemporânea a corpolatria virou sinônimo de consumismo. Percebemos que o indivíduo que não teve o investimento libidinal na infância e que não passou pela castração de forma adequada, sente uma falta, um vazio, que em seu inconsciente só poderá ser suprida pela imagem corporal idealizada.

Palavra-chave: psicanálise; imagem corporal; contemporaneidade.

Nível do trabalho: (trabalho de graduação)

SAÚDE

LEVANTAMENTO DE HÁBITOS ALIMENTARES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO.

Felipe dos Santos Siqueira; Valdenor J. S. Júnior*; Simone Soares Pereira*; Eliana Isabel de Moraes Hamasaki** (Departamento da Saúde, Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove – São Paulo, SP).*

O presente trabalho constitui-se de atividade desenvolvida em uma modalidade obrigatória de estágio profissionalizante institucional e organizacional de uma universidade particular paulistana. A proposta que se apresentou nesta modalidade de estágio previa a capacitação do aluno de psicologia no processo de investigação de determinada demanda relacionada à área da saúde. Para tanto, os alunos que faziam parte de grupos de estágio, supervisionado por professora responsável pela proposta, deveriam desenvolver habilidades quanto ao planejamento e à elaboração de instrumentos para o levantamento de informações, cujo objetivo principal fosse a identificação de variáveis que determinam hábitos alimentares de estudantes universitários. Com essa proposta, um dos objetivos do estágio era, também, introduzir os alunos na prática da investigação científica e, para tanto, foram apresentadas as diversas dimensões que poderiam caracterizar uma investigação e, levando-se em consideração a demanda apresentada, concluiu-se o levantamento epidemiológico como o mais adequado para tal. Após revisão da literatura sobre a temática de hábitos alimentares, os alunos elaboraram um instrumento, questionário composto por questões fechadas e abertas, para a coleta dos dados que, além de questões de identificação, exigiam respostas referentes a, por exemplo: peso e altura; tipos de alimentos que compunham as suas refeições; avaliações e sentimentos quanto ao seu estado atual e à sua dieta. Participaram do levantamento 194 estudantes de diferentes cursos de graduação de uma mesma universidade. A coleta foi realizada após contato individual dos alunos estagiários com cada participante que concordou na participação do levantamento. Os resultados indicaram que a amostra foi predominantemente feminina (73,8%), com idades variando entre 17 e 62 anos de idade, sendo que a maior concentração da amostra ficou entre 23 a 32 anos (49,5%). Com os dados referentes ao peso e à altura dos participantes, foi possível o cálculo do índice de massa corporal (IMC) e, com isso, verificou-se que 61,8% da amostra encontram-se na classificação de peso considerado normal e 22,8% encontram-se acima do peso. A obesidade em seus diferentes níveis foi constatada em: 6,4% (Nível 1); 2,6% (Nível 2) e 1,3% (Nível 3, já considerado como obesidade mórbida). Destacaram-se, ainda, mesmo que em baixo percentual, estudantes que encontram-se abaixo do peso (3,8%) e que omitiram peso ou altura ou ambos (1,3%). Quanto ao número de refeições realizadas diariamente, os participantes admitem, em geral, três básicas: café da manhã; almoço e jantar; porém, 69,3% admitiram o consumo de alimentos entre estas. Dentre as refeições básicas, há grupos de alimentos que de destacam como, por exemplo, no café da manhã: carboidratos e café (puro ou com leite), consumidos, respectivamente, por 36,9% e 23,5% dos participantes. Dos alimentos consumidos no almoço, destacam-se: arroz e feijão (32,0%); carne vermelha (23,8%) e legumes/verduras (19,5%). Os alimentos destacados durante o jantar foram bastante semelhantes aos do almoço. Os resultados analisados, até o presente momento, apresentam um panorama inicial acerca dos hábitos alimentares dos universitários. Atualmente, o grupo vem se dedicando à análise complementar dos dados: referentes à avaliação e sentimentos que os universitários apresentam quanto ao seu estado atual e à sua dieta.

Hábitos alimentares; universitários; pesquisa; epidemiologia.

SAÚDE

MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS: CONHECENDO SIGNIFICADOS E VIVÊNCIAS. Narjara Tamyres Pedrosa Melo*, Larissa Polejack, Ticiana Barreto Esmeraldo Penatti*, Geovana Nunes de Jesus*, Luana Alcantara Fialho* (Programa de Educação Tutorial, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)

A dimensão de gênero, no contexto HIV/aids, é relevante quando se analisam os processos de definição de estratégias de prevenção e organização de serviços de atenção à saúde, bem como a compreensão subjetiva do processo saúde-doença a partir da vivência do usuário e da sua relação com a família, trabalho, rede de apoio e serviços. O presente trabalho teve como objetivo analisar como a dimensão de gênero influencia a vivência de mulheres com HIV/aids. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde/UnB, sendo realizada em um centro de serviço, da rede pública de saúde, de referência no tratamento de HIV/aids, em Brasília, DF. As participantes foram convidadas pelo serviço de saúde, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e depois entraram em contato com as pesquisadoras para agendamento de participação e realização de grupo focal. Participaram cinco mulheres vivendo com HIV/aids. Utilizou-se um roteiro aberto com os eixos de investigação: conhecimento da doença, relações sociais, planos de vida, serviço de saúde, autocuidados e vivências de gênero. Foi realizado um grupo focal, com registro em áudio, observação direta e registro manual de comportamentos (sorrisos, som das mãos, alteração do tom de voz e silêncios longos). O grupo foi conduzido por duas entrevistadoras e uma observadora. As questões foram padronizadas, os participantes eram livres para responder às questões espontaneamente e desistir da pesquisa no momento que desejassem. Os dados foram transcritos e analisados conforme a Epistemologia Qualitativa. Os principais resultados do grupo focal apontaram mulheres entre 42 e 60 anos, com nível de escolaridade entre ensino fundamental e superior incompleto e ausência de mulheres homossexuais atendidas no serviço. As verbalizações revelaram a falta de percepção da própria vulnerabilidade ao HIV/aids antes de adoecerem; depois da infecção, se sentiram vítimas dos parceiros mesmo cientes da corresponsabilidade de prevenção; dificuldade em se relacionarem afetivamente, medo de rejeição ao revelar a sorologia, medo de expor o parceiro ao vírus. Os sentimentos foram medo, raiva, revolta, perda da expectativa de vida. A presença de serviço especializado contribuiu para o enfrentamento da doença, porém ainda não contempla todas as necessidades do paciente crônico, faltam profissionais qualificados, materiais, vagas que prejudicam a adesão ao tratamento. Percebe-se que a dimensão de gênero exerce influência na configuração subjetiva de viver com a doença e os mecanismos que estão ligados a esse processo. Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para a maior eficiência do tratamento de pessoas vivendo com HIV/aids e possibilitem serviços que contemplem as necessidades das usuárias, respeitando o princípio da equidade e da universalidades do SUS no que se refere a direitos sexuais e reprodutivos, planejamento familiar, relação com a autoimagem, negociação sexual e acesso a insumos de prevenção, além de promover, grupos de apoio e psicoeducativos. Estudos como esse podem auxiliar a fortalecer a área da Psicologia da Saúde que tem como um dos objetivos compreender o processo saúde e doença na lógica do usuário e contribuir para o fortalecimento de políticas públicas em saúde.

Palavras-chave: mulheres, gênero, HIV.

Nível do trabalho: IC

SAÚDE

O ATENDIMENTO LUDOTERÁPICO DE GÊMEAS BIVITELINAS: UM ESTUDO DE CASO. *Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Camila Motta Paiva, Stéfani Zanovello Dezan (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP)*

O Centro de Psicologia Aplicada da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, é um serviço que tem como objetivo oferecer atendimento psicológico gratuito para a cidade e a região. Entre as modalidades oferecidas está o atendimento ludoterápico de orientação psicanalítica, que atende crianças de dois a doze anos, numa frequência de três vezes por semana. Este trabalho apresenta dois casos atendidos nesta modalidade: duas meninas gêmeas bivitelinas, Maria e Monica, de 12 anos de idade. Cada uma foi atendida por uma terapeuta diferente. Elas foram trazidas pela avó materna, que trouxe como demanda dificuldades de cuidado com as meninas devido à drogadição da mãe. Logo no início, foi possível perceber que suas diferenças iam além das físicas, já que agiam de maneira distinta ao lidar com as dificuldades da figura materna. Na entrevista inicial Maria foi descrita como explosiva e irritadiça, em oposição à irmã, Monica, que foi descrita como silente e introspectiva. Durante os atendimentos, a diferença ficou acentuada. Maria assumia a posição falante, como se precisasse preencher os silêncios, por meio do excesso de verbalizações, embora muitas vezes fossem falas vazias de conteúdo afetivo. Apresentava um discurso excessivamente repetitivo e tinha dificuldade na interação, escolhia brinquedos e atividades que permitissem que ela se isolasse e evitasse a presença da terapeuta. Já Monica escolhia brincadeiras estruturadas, que não permitiam usar de criatividade e se mantinha quieta boa parte das sessões. Apresentava bastante dificuldade de simbolizar, de se comunicar e de se expressar, com um apego muito grande ao que era concreto. Demonstrou ser uma criança com receio do afeto, ou seja, que não podia se sentir 'afetada' com qualquer acontecimento, e também sem desejo, já que se mostrava apática durante as brincadeiras ("tanto faz"), como se sua vontade não tivesse importância. Durante o processo terapêutico foi possível perceber as mudanças nas crianças: com o fortalecimento dos vínculos, Maria sentiu-se à vontade para conversar sobre seus sentimentos, embora demonstrasse hostilidade quando as interpretações eram feitas. Nas últimas sessões tornou-se bastante silente, mas, por outro lado, mostrou maior interação com a terapeuta, incluindo-a nas atividades realizadas. Monica, por sua vez, passou a se sentir mais livre para poder falar, pensar e sentir o que era dela, inclusive sua dor psíquica, encontrando seu espaço – "só pode sofrer o amor, se sofrer a dor". Finamente, por encontrarem um ambiente estável e seguro, as meninas passaram a se sentir confiantes para expressar também seus sentimentos "ruins", sem que estes fossem percebidos como destrutíveis, possibilitando maior integração de si mesmas. Este aspecto permitiu que pudessem se aproximar de maneira mais afetiva da mãe, buscando compreender suas dificuldades e suas limitações, sem a exigência de pronta resolução das mesmas. Assim, evidencia-se a importância do atendimento infantil psicanalítico tanto em clínica-escola como em outros contextos, por oferecer ao paciente a experiência do encontro analítico, por meio do fornecimento de suporte emocional às crianças no intuito de que se sintam fortalecidas para lidar com as dificuldades, sentindo-se mais confiantes e seguras.

Ludoterapia, gêmeas, psicanálise.

SAÚDE

O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE OS RESULTADOS DE UM GRUPO DE IDOSOS NA ESCALA GERIATRICA DE DEPRESSÃO E O (SAT) SENNIOR APPERCEPTION TEST: A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO. *Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo); Claudia Aranha Gil (Universidade São Judas), Roberta Elias Manna , Adele de Miguel; Silésia Maria Veneroso Delphino Tosi; Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); Cristiano Esteves; (Vetor Editora Psico-pedagógica)*

A depressão é um dos eventos psíquicos mais comuns entre idosos e apresenta peculiaridades que a tornam qualitativamente diferente da depressão presente em adultos. Pode ser confundida com outras características do envelhecimento e passa muitas vezes sem diagnóstico e com isso o sofrimento aumenta muito e essas pessoas ficam sem o tratamento adequado. É fundamental que o diagnóstico seja feito, quer seja a depressão primária (como a principal condição) ou secundária – acompanhando outras manifestações frequentes nessa faixa etária, como hipertensão, diabetes, problemas cardíacos, dores crônicas, e as medicações usadas por esses pacientes. A presente pesquisa teve como objetivo discutir as relações entre os resultados na Escala de Depressão Geriátrica e o Sennior Apperception Test (SAT) num grupo de 102 idosos , de ambos os sexos , todos com mais de 60 anos de idade, e a maioria mulheres, e com idades superiores a 70 anos. Foram inicialmente enteevistados individualmente, por meio de um questionário padronizado para estabelecimento do rapport e coleta de dados básicos sobre as condições de vida do idoso; e os instrumentos que são o objeto da presente pesquisa. Vale ressaltar que ess apesquisa faz parte de um estudo de validação do SAT em nosso meio, que vem sendo conduzido por uma equipe de pesquisadores, além da autora proponente do painel (Claudia Aranha Gil , Roberta Elias Manna , Adele de Miguel; Silésia Maria Veneroso Delphino Tosi; Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva, Cristiano Esteves) .

A Escala de Depressão Geriátrica de 15 itens , validada em nosso meio foi empregada de forma a comprovar a depressão no grupo, a partir da avaliação da presença de sinais avaliados pelo instrumento, com 5 como nota de corte. (essa nota é a obtida na adaptação brasileira da escala). Assim foram obtidos que 56 idosos estavam deprimidos e 46 sem depressão, pela presença dos sintomas avaliados pela escala . O Sennior Apperception Test (SAT) , o qual esta sendo validado para apopulação brasileira, foi empregado para conhecer aspectos das relações e a forma de idosos encararem a vida, seus conflitos, suas dificuldades e conquistas. Esse teste projetivo é derivado do TAT e foi criado para a faixa etária de idosos, foi usada a versão do teste que é apresentada em sua ultima edição, tendo sido aplicado o conjunto completo de 17 cartões. Os protocolos do SAT foram analisados às cegas pelos juizes que são pesquisadores da equipe, seguindo 3 categorias (desespero, esperança, desenlace).Foram realizados todos os estudos estatísticos , que evidenciaram a validade concorrente do SAT. Foram feitos estudos estatísticos que mostraram diferenças altamente significativas entre os resultados de idosos deprimidos (com 5 ou mais pontos na Escala Geriátrica de Depressão) e os idosos sem essa manifestação (menos de 5 pontos na Escala). Assim esses resultados são muito relevantes no diagnóstico diferencial da presença de depressão em idosos, e apontam para sentimentos de rejeição , abandono e perdas entre no grupo dos deprimidos. Também foram esses que denotaram mais estado de desespero, muito relacionado à perspectiva da finitude da vida, o que gera ansiedade e depressão. Confirmou-se a relevância do SAT como um importante instrumento projetivo a ser usado com idosos,e evidenciou-se que a depressão pode ser detectada

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

pelo SAT (em seus aspectos mais dinâmicos e latentes), e pela Escala (a partir da descrição de sintomas) , e junto de outros instrumentos. Reitera-se a necessidade de serem feitos diagnósticos cuidadosos de depressão e outras manifestações clínicas nessa faixa etária, e que os idosos sejam tratados de forma efetiva, visando a melhora de sua qualidade de vida.

Envelhecimento, depressão, escala geriátrica de depressão, Sennior Apperception Test

SAÚDE

PADRÕES BIOCOMPORTAMENTAIS DE REATIVIDADE À DOR E AUTORREGULAÇÃO EM NEONATOS PRÉ-TERMO. *Beatriz Oliveira Valeri** (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Cláudia Maria Gaspardo (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Francisco Eulógio Martinez (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

A prematuridade é um fator de risco biológico para o desenvolvimento da criança. As crianças que nascem prematuras são mais susceptíveis a apresentarem problemas relacionados à cognição, atenção, aprendizagem e comportamento. Os processos de ativação-regulação fisiológica, emocional e comportamental podem ser afetados pela prematuridade. A reatividade e recuperação biocomportamental à dor dos neonatos pré-termo no período neonatal pode refletir na capacidade do sistema nervoso central de regular a organização neurobiológica e comportamental. O objetivo do presente estudo foi identificar os perfis individuais precoces de reatividade-regulação biocomportamental à dor em neonatos pré-termo internados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). A amostra foi composta por 52 neonatos pré-termo (idade gestacional < 37 semanas), de muito baixo peso ao nascimento (< 1.500g) caracterizados pelas seguintes variáveis: idade gestacional, idade pós-natal e status do risco clínico neonatal (gravidade clínica). A reatividade e regulação à dor foram avaliadas durante procedimento de punção para coleta de sangue na rotina da UTIN, divididos em cinco fases de avaliação, a saber: Linha de Base, Antissepsia, Punção, Recuperação-Manuseio e Recuperação-Repouso. A reatividade comportamental de atividade facial foi medida através do instrumento Neonatal Facial Coding System (NFCS), a reatividade e recuperação biocomportamentais foram medidos pelo instrumento de Escala de Vigília e Sono. O batimento cardíaco foi continuamente monitorado e registrado em intervalos de um minuto durante a avaliação. O status do risco clínico neonatal (gravidade clínica) foi medido pelo escore do CRIB (Clinical Index Risk for Babies), cujo risco é identificado por escores iguais ou maiores do que 4. O modelo estatístico de Análise Hierárquica de Cluster foi conduzido para identificar os perfis de reatividade e recuperação à dor de acordo com as variáveis: idade pós-natal, idade gestacional e a gravidade clínica neonatal. Os resultados mostraram quarto perfis individuais de reatividade e recuperação. A análise de aglomeração hierárquica de cluster formou basicamente dois grupos principais. O primeiro grupo (G1) foi composto por neonatos com idade pós-natal média de 2,7 dias, idade gestacional média de 29,7 semanas e escore médio do CRIB de 7.1. O segundo grupo (G2) foi composto por neonatos com idade pós-natal média de 4,3 dias, idade gestacional média de 31,6 semanas e escore médio do CRIB de 1,7. Os dois grupos apresentaram escores de reatividade à dor do NFCS maiores do que 3 (indicativo de dor), estado comportamental de vigília e sono ativado e batimento cardíaco maior do que 160 bpm durante a fase de punção. Na fase de recuperação, os dois grupos apresentaram padrões de recuperação diferentes considerando a resposta fisiológica de batimento cardíaco. Os neonatos com perfil mais vulnerável (G1) exibiram maior incidência de batimento cardíaco médio maior do que 160 bpm no final da avaliação da dor. Os neonatos pré-termo com idade pós-natal menor, menor idade gestacional e alto risco clínico neonatal apresentaram pouca habilidade para se recuperarem do procedimento doloroso, o que afeta os processos regulatórios biocomportamentais. Este dado corrobora para a relevância do

cuidado desenvolvimental individualizado no suporte aos processos de autorregulação dos neonatos pré-termo vulneráveis.

Prematuridade; reatividade; autorregulação.

FAPESP; CNPq

SAÚDE

PERCEPÇÃO DE DOENÇAS EM PESSOAS COM ENFERMIDADES CRÔNICAS. *Graziela Sousa Nogueira, Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília, Brasília-DF).*

Atualmente, as doenças crônicas são as principais causas de morte e morbidade no mundo, sendo influenciadas por fatores comportamentais e ambientais. No contexto da psicologia da saúde, os modelos de autorregulação do comportamento tem sido amplamente utilizados com o intuito de explicar os comportamentos relacionados à saúde e à doença, como o Modelo de Autorregulação de Leventhal que embasou instrumentos de avaliação da percepção de doenças. Acredita-se na importância da temática percepção de doenças para a prática dos profissionais de saúde, considerando que pessoas enfermas apresentam frequentemente distorções e crenças disfuncionais a respeito de sua enfermidade que influenciam seu comportamento de adesão ao tratamento e as habilidades de enfrentamento. Assim, objetivou-se avaliar a percepção de doenças de pessoas com doenças crônicas. Participaram 325 pacientes com diagnóstico de enfermidades crônicas (HIV/aids, hipertensão, diabetes mellitus, psoríase e asma), 194 (59,9%) mulheres, com média de idade igual a 49,5 anos (dp=13,9), com escolaridade maior que a 4º série do ensino fundamental, sem transtornos psiquiátricos ou mentais que impossibilitassem a participação na pesquisa. Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico e o Brief Illness Perception Questionnaire (Brief IPQ). O Brief IPQ possui nove itens (oito avaliam os componentes da percepção de doenças por meio de uma escala de 0-10 e um item avalia as atribuições causais à doença via uma questão aberta) e foi validado recentemente para a cultura brasileira (α=0,64). Escores variam de zero a 80, sendo que escores mais altos representam maior percepção de ameaça da doença. Foram realizadas análises quantitativas e qualitativas (questão causal do Brief IPQ). Os resultados indicaram uma percepção de doenças predominantemente centrada na ameaça em todos as subamostras de doenças crônicas investigadas, sendo que pessoas com HIV/aids obtiveram escores indicativos de menor percepção de ameaça (M=34; dp=15). As médias dos escores das demais enfermidades foram: diabetes (M=43; dp=11,5); hipertensão (M=39,8; dp=11); psoríase (M=42,9; dp=12) e asma (M=42,2; dp=11,2). Quanto às causas atribuídas às doenças crônicas estudadas, as relatadas em maior frequência foram: em HIV/aids, o comportamento sexual de risco; alimentação/excesso de açúcar foi referido por pessoas com diabetes; em indivíduos hipertensos e com diagnóstico de psoríase, as causas emocionais (como “estresse”, “ansiedade” e “depressão”) foram citadas. Pessoas com asma mencionaram o contato com mofo/ácaro/poeira. Pessoas com HIV/aids apresentaram, portanto, uma percepção de doença menos centrada na ameaça, o que pode ser explicado pelo fato de receberem atendimento psicossocial em um programa de referência especializado no tratamento de pessoas soropositivas, tipo de serviço que não estava disponível para as pessoas acometidas pelos demais agravos. Tal achado remete à eficiência do serviço prestado na instituição onde foi realizado o estudo, reforçando a importância da implementação de programas de atendimento psicossocial para os demais agravos. Contudo, sugere-se pesquisas que avaliem os efeitos desse tipo de assistência na percepção de doenças de pessoas com enfermidades crônicas em outras unidades de saúde e com outras populações, procurando identificar variáveis associadas e modalidades de intervenção que mais contribuem para uma percepção de doença menos centrada na ameaça.

Percepção de doenças; modelo de autorregulação de Leventhal; doenças crônicas

CNPq

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERCEPÇÃO DE PACIENTES IDOSOS SOBRE A ALTA HOSPITALAR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Letícia Decimo Flesch, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araujo (Universidade de Brasília)*

Devido à transformação demográfica que vem ocorrendo no Brasil, nas últimas décadas, o país enfrenta as consequências do envelhecimento populacional e do aumento das enfermidades crônicas e múltiplas. Apesar da evolução das políticas públicas, a população idosa ainda sofre com a insuficiência dos serviços prestados, sobretudo no que tange ao campo da saúde. Cabe destacar também que, em muitos casos, hospitalizações repetidas são praticadas, as quais exigem atenção especial da equipe de saúde, pois tanto pacientes quanto seus acompanhantes ficam expostos a diversos estressores psicossociais que repercutem negativamente sobre a saúde desses segmentos. Mais precisamente, evidências clínicas alertam que a alta hospitalar se constitui em um período que pode comportar riscos para o paciente e seus familiares se não for conduzida de modo a orientá-los adequada e suficientemente. Mas, apesar do interesse científico e social da temática, poucos estudos têm sido realizados no contexto brasileiro. Sendo assim, desenvolveu-se uma pesquisa visando descrever, analisar e compreender a percepção de pacientes idosos acerca da experiência de transição hospital-domicílio. Para tanto, adotou-se o método quantitativo com delineamento do tipo survey. A amostra reuniu 21 idosos entre 60 e 92 anos, sendo 14 homens e sete mulheres, hospitalizados em um hospital do Distrito Federal. Todos manifestaram sua concordância por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta de dados foi realizada em duas etapas: 1) durante a internação no serviço, aplicaram-se um questionário sociodemográfico e o "Questionário Continuidade do Cuidado com o Paciente" (QCCP); 2) aproximadamente um mês após a alta, em situação de visita domiciliar, reaplicou-se o QCCP, instrumento que avalia seis temas principais relacionados à experiência de alta: (a) relacionamento no hospital; (b) relacionamento na comunidade; (c) transmissão de informações; (d) organização de documentos; (e) continuidade do cuidado; (f) comunicação. Foram realizadas análises de descritivas e de contingência dos dados, além de análises não paramétricas de Wilcoxon e Friedman. De acordo com o levantamento efetuado, 17 idosos afirmaram ter uma opção religiosa e os demais não. A maioria (n=10) contava com o(a) filho(a) como cuidador principal, seis idosos recebiam cuidados principalmente do cônjuge e cinco eram acompanhados por outros familiares. Os resultados obtidos indicaram diferenças significativas entre sexos ($p<0,001$), afiliação religiosa ($p<0,001$) e ter como principal cuidador o cônjuge e o filho ($p<0,001$) para todos os seis temas do QCCP. Destacaram-se, também, percepções diferenciadas entre homens e mulheres sobre o atendimento antes e após a alta, o que parece indicar que a variável gênero influencia a relação entre paciente e serviço de saúde. Sugere-se o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a alta hospitalar do idoso no intuito de subsidiar intervenções adequadas e eficazes que limitem reinternações decorrentes da descontinuidade dos cuidados planejados e promovam bem-estar para a população.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: idoso, alta hospitalar, cuidador

Mestrado - M

SAÚDE

PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA DE PACIENTES PARA CIRURGIA PEDIÁTRICA. *Ana Cristina Sidrim de Carvalho*, Áderson Luiz Costa Junior, Carolina Bauchspiess*, Aline Barbosa da Silva* (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

A submissão a procedimentos cirúrgicos implica em potencial impacto adverso sobre o bem-estar físico, social e emocional dos pacientes, sendo esses fatores ainda mais significativos e complexos quando o paciente é uma criança. Com a perspectiva de identificar a percepção de médicos (cirurgiões e anestesiologistas), enfermeiros e auxiliares de enfermagem que atuam no contexto de enfermaria cirúrgica pediátrica e de centro cirúrgico pediátrico, sobre necessidades e possibilidades de preparação psicológica de crianças para cirurgia, o presente estudo aplicou um roteiro de entrevista a esses profissionais de saúde, do maior centro cirúrgico pediátrico da rede pública de saúde do Distrito Federal. O roteiro de entrevista solicitava informações sobre: (a) elementos, considerados relevantes, do perfil comportamental e cognitivo de pacientes e acompanhantes; (b) sugestão de atividades a serem desenvolvidas por psicólogos no contexto da cirurgia pediátrica; e (c) demandas dos profissionais em termos de preparação psicológica de pacientes para cirurgia. Foram realizadas 42 entrevistas, sendo 23 médicos, cinco enfermeiros e 14 auxiliares de enfermagem. Dentre os entrevistados, 41 apontaram demandas que poderiam ser atendidas por psicólogos, destacando-se a necessidade de se dar mais informações a pacientes e familiares sobre os procedimentos e suas implicações e a rotina do centro cirúrgico (referidos 19 vezes), bem como disponibilizar acolhimento e suporte psicológico (citados 24 vezes). Ao serem questionados se já haviam solicitado serviços, ou atividades, para psicólogos realizarem no centro cirúrgico e na clínica cirúrgica, apenas 11 responderam que sim, enquanto outros alegaram desconhecer esta possibilidade. Sobre dificuldades relacionadas aos comportamentos dos pacientes no centro cirúrgico, agitação motora, tensão muscular e falta de colaboração foram referidas 23 vezes e respostas indicadoras de medo foram citadas 16 vezes. O choro foi referido como o maior problema 14 vezes e as perguntas sobre onde estão e onde estão os pais foram referidas como uma dificuldade por 12 profissionais. Em relação aos familiares, foram mencionados a falta e/ou a busca recorrente por informações, 24 vezes, e as reações emocionais, 20 vezes, como as maiores demandas. As sugestões apresentadas pelos entrevistados sugerem a necessidade de uma preparação psicológica para cirurgia através do uso de manuais educativos, simulações, passeios que esclareçam aspectos físicos do centro cirúrgico e dos procedimentos a serem realizados, assim como um acompanhamento psicológico de pacientes e familiares, em caráter preventivo, que forneça informações que ajudem os profissionais a manejar os comportamentos do paciente durante o início dos procedimentos cirúrgicos e dos pais durante a espera pelo término da cirurgia. Além disso, destacaram a necessidade de maior disponibilidade de psicólogos no centro cirúrgico. Os resultados obtidos sugerem que o papel e o trabalho do psicólogo, neste contexto, têm sido gradativamente reconhecidos por outros profissionais, destacando-se sua relevância ao atendimento mais eficiente de necessidades emocionais de pacientes e acompanhantes. Ademais, esses resultados devem subsidiar projetos de pesquisa a serem desenvolvidos sobre análise de efeitos comportamentais da preparação psicológica para cirurgia de crianças, além de apontar diretrizes para estruturação de serviços profissionais de preparação psicológica para a unidade hospitalar.

Preparação Psicológica, Psicologia Pediátrica, Cirurgia.

Bolsistas do Programa de Educação Tutorial - PET-Psicologia/UnB.

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERFIL DAS MULHERES GRÁVIDAS ATENDIDAS EM UMA MATERNIDADE DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO. *Luciana Leonetti Correia (Docente Adjunto do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/ MS), Natalia Ramos Shiromoto (Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/ MS), Fabiane Ramos Portilho (Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/ MS*)

A gravidez é um período de extrema vulnerabilidade feminina. O período da gestação é caracterizado por inúmeras mudanças e, ainda, por sentimentos ambivalentes que estão intimamente relacionados à história e às experiências vividas pela gestante ao longo da sua vida. Além disso, a condição de bem-estar físico e emocional da mulher durante a gestação é de extrema importância para um desenvolvimento saudável do bebê. Sendo assim, o presente estudo de caráter exploratório e descritivo, teve por objetivo caracterizar e verificar as condições de mulheres grávidas internadas na maternidade do Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados (HU/UFGD). Participaram do presente estudo 63 mulheres grávidas, hospitalizadas na maternidade do HU/ UFGD, no período de abril a julho de 2012. As mulheres foram convidadas a participarem do estudo por meio de contato pessoal, enquanto estavam hospitalizadas na maternidade. Após a aceitação das mulheres para participar do estudo e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, procedeu-se à coleta de dados. A coleta de dados foi realizada em visita dos estagiários no referido serviço e, envolveu a aplicação de um protocolo desenvolvido pelos próprios alunos para a caracterização da amostra de mulheres participante. Os dados obtidos foram quantificados de acordo com a natureza dos mesmos, em termos de freqüência e porcentagem ou de média e desvio padrão. Em relação aos resultados, verificou-se que as mães eram em sua maioria jovens e viviam em união estável. Foram verificadas ainda dificuldades provenientes da baixa condição sócio-econômica destas mulheres, relativas às condições de saneamento e de moradia. Quanto aos antecedentes pessoais das mulheres grávidas, considerando o período anterior à atual gestação, verificou-se que em relação a alguns hábitos, o fumo e a bebida eram hábitos presentes em cerca de 20% destas mulheres. Além disso, verificou-se que o planejamento familiar ainda é muito pouco praticado por essas mulheres, uma vez que, apenas 24% destas haviam planejado a sua gestação atual. A gestação atual foi considerada de risco por metade das mulheres grávidas. De forma geral, os resultados encontrados acerca dos antecedentes pessoais das mulheres grávidas apontam para uma condição de risco, não apenas para a vida do feto, mas também de possíveis prejuízos à saúde física e emocional destas mulheres durante a atual gravidez, podendo contribuir para a promoção de uma condição ansiogênica e de estresse emocional durante a gestação, assim como no período posterior à gravidez. Verifica-se, portanto, que é de extrema importância conhecer a população atendida, para que estas possam receber um tratamento mais adequado e corente com sua condição.

Palavras-chave: mulher; maternidade; gravidez.

Nível do trabalho: IC

SAÚDE

PERSPECTIVAS DE FUTURO E ANSIEDADE ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO. *Aline Barbosa da Silva*, Carolina Bauchspiess*, Áderson Luiz Costa Junior (Programa de Educação Tutorial. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A adolescência é um período de transformações físicas e psicológicas, etapa em que, geralmente, estudantes de ensino médio tomam decisões importantes quanto a seu futuro, o que costuma acarretar dúvidas e episódios de ansiedade. Este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento das perspectivas de futuro entre adolescentes que estão cursando o 1º e o 3º anos do ensino médio de escolas públicas e privadas do Distrito Federal, bem como identificar variáveis relacionadas funcionalmente com o processo de ansiedade entre adolescentes. Para tanto, foi elaborado um questionário estruturado em duas partes: a primeira com questões relacionadas a planos, percepções e cotidiano dos participantes, no que se refere ao ambiente escolar, futuro acadêmico e profissional e vivência familiar; na segunda parte era solicitado que atribuíssem um valor, de zero (nenhuma ansiedade) a quatro (ansiedade extrema) a diversas situações-problema do cotidiano que poderiam evocar ansiedade. Participaram da pesquisa 155 estudantes, 27,7% cursavam o 1º ano em escola particular e 22,5% em escola pública, 29,6% estavam cursando o 3º ano em escola particular e 20% em escola pública. Os dados foram inseridos em banco de dados do software SPSS e analisados quantitativamente. Qualitativamente, efetuou-se análise de conteúdos temáticos. Identificou-se que 65,1% dos alunos de 1º ano de escola particular, 74,3% do 1º ano de escola pública, 86,6% do 3º ano de escola particular e 74,2% do 3º ano de escola pública, referiram já ter decidido seu futuro profissional. Os cursos mais citados foram: direito (10,3%), engenharias (10,3%) e medicina (9,0%), não havendo diferenças consideráveis entre as duas escolas, exceto pelo fato de que na escola particular ocorreu maior variabilidade de escolhas por carreiras profissionais. Mais de 85% dos estudantes pretende prestar vestibular ou submeter-se ao Programa de Avaliação Seriada para concorrer a uma vaga na UnB, tanto da escola particular quanto da pública. Por outro lado, os estudantes de escola pública demonstraram maior interesse em prestar vestibular em outras universidades federais/estaduais do Brasil (80,3%), se comparados com os estudantes de escola particular (65,17%). Além disso, estudantes de escola pública também cogitam mais a possibilidade de cursar uma faculdade particular (69,69%). Verificou-se que 52,3% sente-se pressionada, pelos pais, escola, amigos e sociedade em geral, a prestar vestibular, mas, caso não sejam aprovados, 46,3% acreditam que receberão apoio dos pais e 20,8% referem que seus pais, certamente, ficarão decepcionados. A maior parte (67,1%) afirma que seus pais exigem muito deles em relação a estudos, futuro profissional e vida familiar, sendo que 43,2% atribuem estas exigências à preocupação natural dos pais com o futuro dos filhos. Em relação à segunda parte do questionário, as situações-problema a que mais foram atribuídos o valor "ansiedade extrema" foram "punições injustas" (34,8%), "vestibular" (33,5%) e "necessidade de inserção no mercado de trabalho" (21,9%). As informações obtidas, sobre eventos potencialmente provocadores de ansiedade, podem subsidiar um programa de acompanhamento preventivo de adolescentes ao longo do ensino médio, com a participação de pais e educadores.

Adolescência, Ensino Médio, Ansiedade, Perspectivas de futuro.

Bolsa do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB)

SAÚDE

PREPARAÇÃO E ASSISTÊNCIA HUMANIZADA AO PARTO: RESULTADOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA. *Natalia Almeida Tostes**, Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília - UnB, Brasília/DF).*

Ao longo do último século, mudanças importantes ocorreram no que se refere à gestação e à parturição. A gestação foi redefinida, passando de evento privado e feminino para evento público e médico. O parto, antes exclusivo do universo feminino, passou a ser assistido por homens, médicos, predominantemente nos hospitais. Com essas mudanças, a atenção à gestação e ao parto também sofreram grandes modificações, gerando novas demandas e necessidades. A partir do ano de 1992, houve reorganização da atenção ao parto e ao nascimento no Brasil. Em 2000, foi instituído pelo Ministério da Saúde o Programa de Humanização do Pré Natal e Nascimento, adotando as recomendações feitas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Entretanto, ainda se observa discrepâncias entre necessidades atuais das gestantes e a atenção oferecida a elas. É necessário, portanto, compreender melhor o panorama em que se insere hoje a assistência à gestação e ao parto, bem como as necessidades relatadas por profissionais e gestantes no que se refere a uma melhor preparação para o momento do parto. Esta pesquisa de revisão sistemática da literatura teve por objetivos caracterizar a produção científica brasileira relacionada à assistência humanizada ao parto e à preparação para o parto, disponível em periódicos da base de dados Scientific Eletronic Library Online (SciELO), entre os anos de 2000 e 2011. Foram selecionadas as seguintes combinações de descritores para a busca dos artigos: preparação and parto; humanização and parto; apoio and parto; humanização and nascimento. A revisão referiu-se a estudos empíricos sobre os temas, publicados em periódicos brasileiros e que tratassem da realidade nacional. No primeiro passo foram identificados 123 artigos. Retirados os artigos repetidos e aplicados os critérios de exclusão, foram selecionados 20 artigos, todos publicados em língua portuguesa. Como resultados, destaca-se: a pouca produção de artigos científicos sobre os temas assistência humanizada ao parto e preparação para o parto, considerado o período investigado; o predomínio dessas publicações nas áreas de enfermagem e saúde coletiva (dos 12 periódicos com artigos selecionados, oito eram dessas duas áreas); a preponderância de estudos que investigaram a perspectiva de usuárias do serviço pré-natal (n=14); a produção incipiente da psicologia nas publicações científicas sobre os temas estudados; os artigos identificados estavam em periódicos bem avaliados (Qualis B1, A2 e A1). A maioria dos estudos empíricos (n=17) utilizou metodologia qualitativa. Os principais resultados dos estudos analisados evidenciaram que ainda permanecem grandes desafios na implantação da assistência humanizada, o que envolve mudanças nas formações dos profissionais atuantes, maior conscientização das usuárias sobre seus direitos e desenvolvimento de políticas públicas que melhor atendam as atuais demandas. Grande parte dos estudos destacou a importância e influência de fatores psicoemocionais durante a gestação, o parto e o pós-parto, sugerindo ações que permitam melhor preparação psicológica da mulher para esses momentos. Percebe-se, assim, demanda por maior envolvimento da psicologia em produções acadêmicas sobre o tema, bem como em ações que favoreçam a implantação e consolidação de uma atenção integral e humanizada às gestantes e parturientes.

Assistência ao parto, preparação para o parto, produção científica

CNPq

SAÚDE

QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES RENAIS CRÔNICOS: BREVE REVISÃO DA LITERATURA. *Ana Karina Fachini Araujo; Leonette Elias Smith Batalha Rodrigues; Aline Almeida Martins; Leonardo Macário Ferraz; Denise Xavier Silva; Priscila Amaral Ferraz Cardoso; Israel Santos; Luis Vicente (Laboratório do Sono – Universidade Nove de Julho- São Paulo-SP).*

Há poucos anos atrás o diagnóstico de Insuficiência Renal Crônica (IRC) era sinônimo de morte. No entanto, a Hemodiálise (HD) e o transplante renal alteraram este quadro, mas ambos implicam em mudanças na vida do paciente impondo, no caso da HD limitações no âmbito social, emocional, física. O cotidiano do paciente com insuficiência renal crônica se altera em função da redução das atividades ocupacionais, restrições hídricas e alimentares, sucessão contínua de consultas médicas e sessões de hemodiálise (HD). Tais mudanças fragilizam o paciente nos aspectos físicos e emocionais acarretando alteração na qualidade de vida desses. A doença renal crônica é uma preocupação para a Saúde Pública por causar uma elevada taxa de morbidade e mortalidade, além de como já salientado anteriormente, comprometer a qualidade de vida do paciente. Desde o momento do diagnóstico até a possível realização do transplante, nos casos em que o transplante é indicado, o caminho do insuficiente renal crônico é atravessado por uma gama de outras questões que colocam em evidência sua vivência pessoal, bem como a dinâmica familiar. São inúmeras as dificuldades enfrentadas por essas pessoas, as quais influenciam o seu dia-a-dia e o modo de se relacionar, seja pela dependência da máquina ou pelas idas ao médico, dificultando, dessa forma, o desempenho das suas atividades ocupacionais, o quê, conseqüentemente, desestrutura sua vida diária. Com base no que foi relatado sobre cotidiano, entende-se que a pessoa com insuficiência renal crônica pode apresentar dificuldades na sua rotina de afazeres. A partir do considerado surgiu o interesse em verificar na literatura as publicações nos últimos dez anos sobre qualidade de vida em pacientes renais crônicos. Para tanto, fizemos uma breve revisão da literatura nos últimos dez anos em bancos de dados nacionais sobre o paciente renal crônico. Como critério de inclusão considerou-se a qualidade de vida ou a falta de qualidade de vida do paciente com insuficiência renal crônica em hemodiálise, as demais publicações foram desconsideradas para este estudo. Os resultados nos permitem afirmar que neste intervalo de tempo tivemos doze publicações que satisfizeram os critérios de inclusão e o maior número delas aconteceu em 2005 (42%), depois observamos o decréscimo de estudos. Dessas 83% das publicações estão relacionadas à avaliação da qualidade de vida do paciente renal crônico em hemodiálise e 17% são revisões da literatura sobre o mesmo assunto. Assim, pudemos concluir nesta breve revisão que a temática avaliação constitui principal foco de interesse dos profissionais que compõem a equipe de saúde, mas propostas interventivas no sentido de melhorar a qualidade de vida deste paciente não foram identificadas. A população de pacientes renais crônicos cresce cerca 10% a cada ano, fato este que nos leva a entender que trabalhos preventivos e interventivos são necessários, pois é sabido que hemodiálise compromete a qualidade de vida dos pacientes.

Paciente renal crônico, qualidade de vida e psicologia.

SAÚDE

REATIVIDADE BIOCOMPORTAMENTAL À DOR E AUTORREGULAÇÃO EM NEONATOS PRÉ-TERMO DIFERENCIADOS PELO SEXO. *Beatriz Oliveira Valeri** (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Cláudia Maria Gaspardo (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Francisco Eulógio Martinez (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

A reatividade biocomportamental à dor e a regulação em neonatos pré-termo no período neonatal podem ser influenciadas por variáveis neonatais, tanto do contexto clínico, como o status de saúde clínico do neonato, como por varáveis relacionadas ao organismo do neonato, como a idade gestacional e o sexo. A literatura mostra que, em adolescentes e adultos, as mulheres possuem maior sensibilidade à dor, com menor tolerância ao estímulo doloroso do que os homens. No entanto, em neonatos pré-termo a influência da variável sexo na reatividade à dor ainda permanece inconclusiva. Assim, o objetivo deste estudo foi examinar o efeito da variável sexo na reatividade biocomportamental à dor e na recuperação em neonatos pré-termo. A amostra foi composta por 53 neonatos (56% meninos) pré-termo (idade gestacional média = 30 semanas) de muito baixo peso (média do peso ao nascimento = 1.110 gramas), que estavam internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. A amostra foi separada em dois grupos de acordo com o sexo, a saber: Grupo Feminino (GF), o qual incluiu 23 neonatos pré-termo meninas (idade média= 4 dias [± 2] de idade pós-natal) e o Grupo Masculino (GM), o qual incluiu 30 neonatos pré-termo meninos (idade média= 4 dias [± 2] de idade pós-natal). A reatividade e regulação à dor foram avaliadas durante procedimento de punção para coleta de sangue na rotina da UTIN, divididos em cinco fases de avaliação, a saber: Linha de Base, Antissepsia, Punção, Recuperação-Manuseio e Recuperação-Repouso. A reatividade comportamental de atividade facial foi medida através do instrumento Neonatal Facial Coding System (NFCS), a reatividade e recuperação biocomportamentais foram medidos pelo instrumento de Escala de Vigília e Sono. O batimento cardíaco foi continuamente monitorado e registrado em intervalos de um minuto durante a avaliação. A reatividade e regulação biocomportamentais foram analisadas tanto por meio dos escores do NFCS, da Escala de Vigília e Sono e pela média do batimento cardíaco, como pela magnitude (mudança) das medidas entre as fases. O modelo estatístico não paramétrico de comparação entre grupos foi processado pelo teste Mann-Whitney. O nível de significância adotado no estudo foi de p ≤ 0,05. Os resultados mostraram que os neonatos pré-termo, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, apresentaram padrões semelhantes de reatividade à dor e regulação biocomportamentais, avaliados pelo NFCS e Estado de vigília e sono; não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos. No entanto, verificou-se que, na resposta fisiológica, os meninos exibiram significativamente maior escore de magnitude resposta, ou seja, maior mudança no batimento cardíaco máximo entre as fases de Linha de Base e Punção (Meninos, mediana =17; Meninas, mediana=9; p≤0,01). Os achados mostraram que a variável sexo não teve efeito relevante na reatividade à dor e regulação biocomportamental após o evento doloroso em neonatos extremo pré-termo na primeira

semana de idade pós-natal. Mostrou apenas uma pequena exacerbação de resposta fisiológica complementar nos meninos, em comparação às meninas.

Prematuridade; dor; sexo

FAPESP; CNPq

SAÚDE

RECURSOS DE ENFRENTAMENTO DE PACIENTES SUBMETIDOS AO PROCESSO DE HEMODIÁLISE. *Vanessa Marques Gibran** (Pontifícia Universidade Católica, Campinas/SP e Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba, Araçatuba/SP), Glaucielen Cristina de Moura Silva*, Lumaila Marques Rodrigues* (Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba, Araçatuba/SP).*

A hemodiálise é um dos métodos de tratamento utilizados para compensar a falência dos rins. Funciona como um processo de filtragem artificial do sangue e é de importância vital para o organismo do indivíduo. O paciente renal crônico passa a ter restrições que o afetam de maneira significativa, tanto física, quanto psicossocialmente. O simples fato de comer uma fruta pode ser um transtorno para um indivíduo nesse processo. Além disso, tem que lidar com expectativas quanto ao transplante, e ainda, com o ambiente penoso de um hospital, no qual passa grande parte de seus dias. O tratamento traz diversos significados que passam no imaginário do paciente, por exemplo, o reconhecimento da gravidade da doença, do tratamento e suas consequências, como por exemplo: efeitos medicamentosos, limites nos hábitos alimentares e na vida social, dentre outras situações adversas que provocam medo, dúvidas e insegurança quanto à cura e à possibilidade de viver. Diante dessa realidade, este estudo teve por finalidade compreender as experiências de pacientes em tratamento de hemodiálise e identificar os possíveis recursos de enfrentamento utilizados por eles, a partir de suas próprias percepções, utilizando da escuta terapêutica e acolhimento como instrumentos para amenizar o sofrimento causado por este processo. Foram entrevistados 16 pacientes com insuficiência renal crônica, sendo 12 homens e 4 mulheres, com idade entre 29 e 68 anos, que estão em tratamento de hemodiálise. O instrumento utilizado, elaborado especificamente para este estudo, foi um questionário com cinco questões abertas relacionadas ao tratamento e suas implicações, especificamente em relação aos recursos de enfrentamento utilizados pelos pacientes. Os dados foram categorizados através da análise de discurso de Bardin e, posteriormente, apresentados em percentuais. Os resultados evidenciaram a família como maior recurso de enfrentamento destes pacientes, sendo 50% das respostas descrevendo como ponto de apoio mais significativo. Outro aspecto relevante citado pelos pacientes foi a medicina (13%), envolvendo os profissionais atuantes no processo, vistos como outro recurso de enfrentamento. Por outro lado, 13% deles relataram não necessitar de apoio. A religião ou "Deus" aparece em 18% das respostas, como essencial ao prosseguimento do tratamento. Muitos pacientes disseram se "acostumar" com as restrições e mudanças cotidianas que no início lhes causavam tanto sofrimento, e descrevem que o ambiente hospitalar se torna menos penoso, devido ao tratamento que recebem da equipe de enfermagem e funcionários em geral, sendo este um suporte importante no processo. Portanto, o suporte familiar, assim como a religião e também os próprios médicos e enfermeiros envolvidos são fundamentais na continuação e manutenção de condições saudáveis de vida destes, visto que o respeito às restrições e dietas, são requisitos que sustentam um tratamento com bons resultados, e muitas vezes precisam ser cuidadas por outras pessoas pela dificuldade de aceitação por parte do próprio paciente.

Palavras-chave: hemodiálise, enfrentamento, família.

IC

SAÚDE

RECURSOS DE ENFRENTAMENTO DO STRESS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA. *Vanessa Marques Gibran** (Pontifícia Universidade Católica, Campinas/SP e Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba, Araçatuba/SP), Solange Muglia Wechsler (Pontifícia Universidade Católica, Campinas/SP)*

Dentro do contexto acadêmico, várias são as dificuldades encontradas pelo universitário, entre elas o esquema de estudo, sensações experimentadas em sala de aula e estágios, atendimento a clientes difíceis, quantidade de clientes, dilemas éticos, medo de cometer erros, lidar com as exigências internas, falta de tempo para lazer, família, amigos, preocupações com seus próprios conflitos/problemas emocionais, entre outros. Assim, as formas de enfrentamento (coping) de situações estressantes podem servir de fatores de proteção contra o stress. O coping pode ser entendido como os esforços cognitivos e comportamentais que são constantemente alteráveis para controlar, vencer, tolerar ou reduzir as demandas internas ou externas específicas e que são avaliadas como excedendo ou fatigando os recursos da pessoa. A forma como a pessoa lida com as situações estressantes desempenha um importante papel na relação entre o estresse e processo de saúde-doença. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi verificar a conceituação do stress, as situações entendidas como estressantes e os recursos de enfrentamento utilizados por estudantes de psicologia. A amostra foi composta por 25 estudantes do 5º ano de psicologia, sendo 92% do sexo feminino e 8% do sexo masculino. A faixa etária predominante foi dos 20 aos 30 anos (72%) e o estado civil solteiro (56%). O instrumento utilizado foi um questionário com 3 questões abertas e 1 estruturada. A análise dos dados foi realizada em três momentos: transcrição integral das respostas de cada questão; leitura minuciosa de todas as respostas e agrupamento em sistema de categorias, contando com a ajuda de juízes e, por fim, os dados foram tabulados e descritos através dos percentuais em relação ao número de participantes (quando a amostra foi descrita) ou frequência relativa das respostas para a análise das questões. Os resultados evidenciaram que as principais definições de Stress foram a "sobrecarga de energia por excesso de responsabilidade" (38,5%), "acúmulo de sensações negativas que afetam o humor" (28,2%), "reação do corpo (psicológica ou física) diante de estímulos estressores" (20,5%) e "desequilíbrio psicológico" (12,8%). As principais situações que desencadeiam o stress foram: "excesso de atividades/falta de tempo" (30,4%) e "faculdade" (27,1%). Os recursos de enfrentamento utilizados por eles abarcaram: "descansar/relaxar" (13,6%), "conversar/sair com amigos" (12,1%), "ouvir música" (9%) e a busca pelo "apoio familiar" (9%). Por fim, através da questão estruturada, o principal recurso de enfrentamento utilizado pelos estudantes é o apoio dos "Amigos" (30%), seguido pela "Família" (29%) e "Religião" (22%). Apesar da amostra não ser suficiente para generalizar os resultados, evidenciou-se que os universitários apresentaram como principais causas do stress fatores relacionados ao acúmulo de atividades, principalmente em relação aos deveres vinculados à faculdade e a dificuldade de conciliar toda demanda em pouco espaço de tempo. Deve-se ressaltar a importância de realizar investigações adicionais, sendo importante estender a pesquisa aos alunos de todos os períodos do curso, inclusive com uma avaliação mais pormenorizada dos sintomas de stress, bem como a qualidade de vida destes estudantes, através de instrumentos padronizados existentes na área.

Palavras-chave: enfrentamento, stress, estudantes.

P

SAÚDE

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA COM IRMÃOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM CÂNCER. *Vanessa Ruiz Vaz Gomez*, Flávia Martins Beduschi* (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP), Nichollas Martins Areco (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP).*

O diagnóstico e adoecimento de uma criança ou um adolescente por doença neoplásica pode gerar muitas alterações na estrutura e dinâmica de uma família, sendo necessária reestruturação da rotina para a inclusão de eventos pertinentes ao tratamento, como hospitalizações freqüentes e consultas ambulatoriais, convivência com profissionais de saúde, realização de procedimentos invasivos, e utilização de métodos terapêuticos com reações adversas. Esse impacto psicossocial afeta não somente quem adoeceu, mas todos os membros da família. Além da dificuldade encontrada em adaptar-se a essa nova realidade, há também o desafio de conviver com os outros membros da família, principalmente os filhos sadios. Não raro os pais optam por ocultar deles informações sobre o câncer e como será o tratamento de seu irmão e, muitas vezes verifica-se que os cuidadores parentais acabam focando suas atenções no filho doente, o que pode gerar conflitos na dinâmica familiar e alteração na qualidade dos vínculos e relacionamentos familiares. A literatura tem mostrado que essa ausência de comunicação, e a dedicação e aumento de atenção ao do filho enfermo acaba sendo favorecedora da desagregação familiar, do aumento da sensação de abano e da criação de fantasias por parte dos irmãos sãos, por não saberem ao certo o que vai acontecer com o irmão doente. Dentro disso, o objetivo deste trabalho é de apresentar o Programa de Irmãos desenvolvido no Grupo de Apoio a Crianças com Câncer de Ribeirão Preto. É realizado a partir do encaminhamento por parte da Psicologia da Oncologia Pediátrica do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto quando se observa que há demanda na família. Podendo ser caracterizada como uma intervenção focal breve, tendo como objetivo esclarecer a experiência do adoecer e do tratar, bem como os diversos procedimentos realizados dentro do contexto hospitalar, e os impactos na família, buscando integrá-lo neste processo e reconhecer suas necessidades. São realizados encontros semanais com o irmão saudável, em que, após uma sessão de Rapport, é realizada uma visita guiada ao hospital, com intuito de apresentar os ambientes em que são realizados o cuidado do familiar enfermo. Nos encontros subseqüentes, utiliza-se como disparador temático um material estruturado intitulado "O livro dos irmãos". Além de seu caráter informativo, por ele ser um livro interativo, esta estratégia propicia a expressão de sentimentos e significados a respeito da vivência no grupo familiar e, através de verbalizações ou desenhos, o irmão saudável pode refletir e elaborar sua forma de experienciar o contexto. Por fim, solicita-se que escreva uma carta aos pais, comunicando seus sentimentos, dúvidas e impressões, de modo a favorecer o diálogo e a revisão da atual dinâmica de relacionamento no grupo. Esse trabalho possibilita que este irmão tenha um espaço para esclarecer suas dúvidas e para poder expor medos e legitimar os sentimentos que a vivência do adoecer traz. Com isso, busca-se a elaboração de estratégias de enfrentamento mais saudáveis e eficazes, além de facilitar a vinculação entre os membros da família e a saúde existencial de todos.

Câncer, criança, adolescente, família, relações familiares

SAÚDE

RELATO DE EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM UM GRUPO DE CONTROLE DE PESO. *Pâmela Pitágoras Freitas Lima (Psicóloga do NASF de Barra do Choça. Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Vitória da Conquista, BA), Danillo Sousa Almeida (Nutricionista do NASF de Barra do Choça, especialista em Saúde Pública), Nair Meiry Nolasco (Fisioterapeuta do NASF de Barra do Choça, especialista em Reeducação Postural Global (RPG)),Demétrius Amorim Côrtes (Profissional de Educação Física do NASF de Barra do Choça, especializando em Fisiologia do Exercicio), Vanessa Rezende Santos (Assistente Social do NASF de Barra do Choça)*

È cada vez maior o número de pessoas que apresentam sobrepeso e/ou obesidade, considerado hoje um grave problema de saúde pública. A obesidade é uma doença crônica de natureza multifatorial (fatores ambientais, nutricionais e genéticos) caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura no corpo, acarretando prejuízos à saúde. Esta é responsável pelo aumento de casos de doenças como a hipertensão e doenças cardíacas, diabetes, além de alguns tipos de câncer. È importante então promover ações de mudanças de hábitos e que visem à qualidade de vida, com objetivo de prevenir a obesidade e diminuir suas consequências no organismo. Neste âmbito, surgiu do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) do município baiano de Barra do Choça uma ação que visou a promoção de bem-estar, partindo de uma maior sensibilização da população sobre os agravos da obesidade, através da formação de um grupo de controle de peso corporal, partindo de uma perspectiva de educação em saúde. Esta objetiva disseminar informações e práticas para o beneficio da promoção de saúde, cuidados e prevenção entre a população, a fim de que esta seja capaz de se responsabilizar pela saúde própria e permitir a propagação das informações coletivamente. O objetivo desta intervenção foi proporcionar promoção e prevenção em saúde na população com sobrepeso e com necessidades de emagrecimento. Visou-se trabalhar com todo e qualquer usuário que quisesse perder e/ou controlar seu peso, buscando trabalhar as dimensões da nutrição, da fisioterapia, da atividade física, bem como aspectos subjetivos e sociais, fazendo um trabalho interdisciplinar e integrado. O grupo teve duração de quatro meses, com encontros quinzenais em uma sede comunitária, contando com a participação de 12 pessoas moradoras de um distrito rural do município de Barra do Choça e coordenadas por cinco profissionais do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Os resultados preliminares desta experiência demonstram uma significativa redução do peso corporal da maioria dos participantes, bem como relatos de melhoras no quadro global de saúde e das relações sociais. demonstrando que o modelo de educação em saúde, bem como a prática grupal são ferramentas fundamentais para levar à população qualidade de vida. A partir dessa relação mais direta e menos vertical entre usuários e profissionais do sistema de saúde, a propagação de práticas favoráveis à prevenção e cuidados epidemiológicos deixou de circundar apenas na esfera de atendimento, voltando-se para o diálogo permanente entre estes atores sociais. Nesta perspectiva, as medidas implantadas em um serviço de saúde podem favorecer a ação para educação em saúde, como práticas que estimulem o indivíduo a participar do processo educativo, exercendo assim autonomia para aquisição e formação de hábitos, assim como para a assimilação, construção e reconstrução de experiências, promovendo sempre quando possível à independência do usuário. Além do campo individual, é fomentada a didática, que vislumbra responsabilizar a população pela transmissão e veiculação dos conhecimentos. E como proposta para diminuir a evasão da população tem-se a medida terapêutica que permite retificar os eventuais descaminhos do processo educativo.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Psicologia da Saúde; NASF; Trabalho Interdisciplinar.
SAÚDE

SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS DE UM HOSPITAL-ESCOLA DO DF. *Nayara Suguiura Dias*, Polyana Ribeiro de Almeida*, Jéssica Chaer Caiado* (Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF), Fabíola Araújo Fortes (Hospital Universitário de Brasília, Brasília-DF), Daniel Fernandes Barbosa** (Universidade de Brasília, Brasília-DF)*

O objetivo do estudo foi mensurar o grau de satisfação dos usuários de um hospital universitário em relação aos serviços prestados em ambulatório que oferece atendimento em várias especialidades na área de saúde. A satisfação dos usuários dos serviços de saúde pode ser definida como um julgamento das características peculiares de um serviço provocam um nível prazeroso de completude e deve ser avaliada considerando as várias dimensões implicadas na percepção desse tipo de serviço. Para o cálculo do tamanho da amostra foi utilizada uma fórmula estatística, com 95% de confiança e margem de erro de 5%, sendo o número de participantes igual a 373. O critério utilizado foi o de paciente de retorno, por já terem utilizado o serviço anteriormente. A idade dos participantes variou entre 1 a 89 anos, (média=42,57±DP; n=373) e houve predominância do gênero feminino (71,20%; n=368). Em relação à escolaridade, 5,29% dos participantes eram analfabetos e os demais tinham os níveis básico (23,12%), fundamental (17,27%), médio (42,06%), superior (11,14%) ou de pós-graduação (1,11%). Para o estudo foi utilizado o método Survey. O instrumento, retirado do Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde (PNASS), é composto por questões que abordam a estrutura, os processos e a satisfação dos cidadãos com relação aos serviços de saúde. A aplicação dos questionários ocorreu de Agosto de 2011 a Janeiro de 2012 e foi realizada por estudantes de psicologia, que abordaram os participantes nas filas de marcação e nas salas de espera enquanto estes aguardavam o atendimento, quando os pacientes eram crianças as respostas eram direcionadas ao acompanhante. Entre os aspectos avaliados, mais da metade dos usuários mostraram-se insatisfeitos com o tempo de espera para o atendimento. A partir do período de 2 horas, os usuários revelaram que a demora no atendimento impacta em 92% da percepção de insatisfação. A satisfação do usuário avaliada pela ótica do atendimento apontou predominância da percepção de que há um bom atendimento quando ocorre demonstração de educação, respeito e interesse pela equipe de saúde, o que foi evidenciado por altos escores (>90%) nesses três aspectos. Outros quesitos relevantes foram o grau de confiança dos usuários na equipe (86%), o acesso à informação sobre o estado de saúde do paciente (88,47%) e o conhecimento do nome do profissional (84,99%), que ressaltam a busca pela aproximação com o paciente como necessária para oferecer um serviço de saúde com qualidade e humanizado. Os serviços de saúde públicos precedem uma ideia de precariedade de atendimento e de profissionais, dessa forma a expectativa dos usuários carrega aspectos negativos da assistência que será oferecida, sendo o fato de ter conseguido atendimento já alcança a expectativa. A forma de tratamento da equipe de saúde é a principal fonte de satisfação dos usuários. Este hospital possui algumas peculiaridades devido a seu caráter universitário, todavia a satisfação do usuário é um direcionador para as melhores práticas de ensino e atendimento ao usuário.

Hospital Escola, Atendimento ambulatorial e Satisfação de usuário.

SAÚDE

SER PAI E OS TRANSTORNOS ALIMENTARES: RESSIGNIFICANDO A PATERNIDADE. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A entrada da mulher no mercado de trabalho abalou a divisão do trabalho presente nas famílias brasileiras: mulheres responsáveis pelos cuidados do lar e dos filhos e homens pelo provimento financeiro. Assim, observa-se um aumento considerável da responsabilização da figura paterna no cuidado dos filhos. Essas mudanças remodelam a maneira como o homem vivencia a paternidade e a sua identidade masculina. Os Transtornos Alimentares (TA) caracterizam-se pela presença de relações problemáticas com a alimentação e a imagem de si. Apesar do conhecimento das repercussões físicas, sociais e emocionais do TA em todo o contexto familiar, são poucos os estudos que abordam a família como um todo, incluindo irmãos e o pai. Este estudo objetivou investigar as repercussões identificadas pelo pai na sua percepção enquanto pai após o aparecimento do quadro de TA na filha. Participaram da pesquisa quatro pais (progenitores do sexo masculino) de mulheres com diagnóstico de TA. As filhas são atendidas em um serviço especializado e os pais acompanhantes delas no tratamento. Os participantes responderam a um roteiro de entrevista semi-estruturada. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram analisados a luz do referencial psicanalítico. Os quatro pais relataram que perceberam mudanças no relacionamento com as filhas após o surgimento do TA. Eles mencionaram que a maior mudança foi em relação à preocupação com as filhas: a preocupação aumentou e começaram a ser mais exigentes e rigorosos, influenciados pela ideia de que poderia ser "frescura". É comum no depoimento dos participantes o relato de que, com o passar do tempo, começaram a perceber melhor a gravidade do quadro das filhas, adotando outras estratégias de ajuda, como a busca por tratamento. O pai que possui a filha com mais tempo de tratamento disse que, com o tempo e com o suporte do serviço de saúde, passou a compreender melhor as necessidades da filha, percebendo que não seria pelo rigor que conseguiria ajudá-la. Ele relatou que desejava ser um pai "perfeito", mas percebeu que "não era nada daquilo" e que o "peso" deste desejo estava muito grande. Este depoimento lembra os pressupostos da obra winnicottiana: o cuidado "suficientemente bom" com o filho também apresenta falhas, sendo que é na falha do cuidador que a criança terá a possibilidade de desenvolver a capacidade de enfretamento das adversidades. Apesar das melhoras, os pais relataram dificuldades no contato afetivo: continuaram problemas já existentes de diálogo e de expressão do afeto pelas filhas. Eles relataram que, com o surgimento do TA, vivenciaram sentimentos de angústia e questionamentos sobre sua adequação enquanto pais, julgando-se, em certos momentos, culpados pela doença. Mostraram-se desejosos de maior contato afetivo, todavia, ainda em conflito com aquela visão de pai chefe de família, distante afetivamente dos outros membros. Os dados encontrados corroboram o fato de que o surgimento do TA repercute na família com um todo, inclusive na figura paterna, apontando para a necessidade de olhares direcionados ao pai das pacientes, que também sofre e vivencia crises de identidade com a erupção da doença nas filhas.

Transtornos alimentres, paternidade, família

SAÚDE

SER-ADOLESCENTE-COM CÂNCER: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO.

Kássia Karina Amorim Gomes (Tribunal de Justiça do Amazonas)

O câncer é uma doença crônica que compromete uma diversidade de tecidos e afeta a vida de quem é acometido e, quando surge em um adolescente várias são as modificações que se fazem presentes a partir da comunicação do diagnóstico afetando suas relações interpessoais e, consequentemente, sua estrutura familiar. Esta pesquisa teve como objetivo compreender, à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial, como adolescentes com câncer vivenciam a doença – o significado em seus discursos. Entre os objetivos específicos cita-se: compreender os aspectos causadores de maior sofrimento psíquico no enfrentamento da doença, identificar as influências da patologia sobre as características de personalidade do adolescente e conhecer as mudanças na dinâmica familiar de adolescentes portadores de câncer. Dessa forma, torna-se relevante esse estudo, uma vez que a sociedade, a família e os profissionais de saúde devem buscar compreender como estes adolescentes se relacionam com a doença, a fim de que possam ajudá-los a minimizar o sofrimento decorrente da hospitalização, terapêutica agressiva e todos os outros aspectos que envolvem ser um adolescente com câncer. Essa pesquisa é de natureza qualitativa e desenvolveu-se de acordo com os preceitos do método fenomenológico, que preconiza compreender o outro naquilo que ele traz em seu discurso e a análise foi realizada com base nos pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial. A obtenção dos dados ocorreu a partir de uma questão norteadora que sofreu desdobramentos para identificar os significados dos discursos. As entrevistas foram áudio-gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. Os participantes da pesquisa foram dez adolescentes com diagnóstico de câncer acompanhados pelo Grupo de Apoio à Criança com Câncer (GACC) em Manaus-AM. Quanto aos resultados alcançados através desse estudo os aspectos revelados na análise do discurso dos entrevistados referem-se: ao choque diante do diagnóstico, as profundas transformações ocorridas em suas vidas, as mudanças em seu cotidiano e na dinâmica familiar, além da difícil vivência do tratamento agressivo. Outro fato analisado na fala desses jovens é a maneira como cada um conseguiu criar estratégias de resiliência para enfrentar a enfermidade, destacaram também a importância do apoio dos familiares e amigos, da fé e dos profissionais que o cercaram durante esse período, fatores fundamentais em sua recuperação. Todos os jovens pesquisados relataram que continuam tendo sonhos e projetos e confirmam que a doença contribuiu para dar um novo sentido à vida e propiciou um processo de amadurecimento. Dessa forma, este estudo possibilitou uma compreensão maior das relações familiares, pessoais e sociais frente um caso de patologia crônica e muitas vezes letal – como o câncer - permitindo, dessa forma, que o profissional e o discente de psicologia tenham a possibilidade de ampliar o conhecimento acerca das reações diferentes e diferenciadas do sujeito diante de um fato que modifica de forma significativa suas vidas. Sabe-se que o tema é muito abrangente e não se tem a pretensão de esgotá-lo, assim, cabe a partir desta pesquisa suscitar e/ou estimular novas pesquisas referentes à temática em questão.

Palavras-chave: Câncer, Adolescentes, Psicologia Fenomenológico-Existencial, Método Fenomenológico

SAÚDE

SIGNIFICADO DA MORTE PARA MÉDICOS FRENTE A SITUAÇÃO DE TERMINALIDADE. *Fernanda Cristina de Oliveira Santos Aoki*, Manoel Antônio dos Santos (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A questão da morte, muitas vezes, abre uma ferida narcísica na prepotência médica, pois o profissional se vê destituído de sua função precípua que é salvar vidas. A literatura tem abordado como diferentes profissionais de saúde significam e lidam com a morte e o morrer, porém estudos relacionados à perspectiva médica ainda são escassos. Diante dessa realidade, o presente estudo teve como objetivo investigar os significados da morte para médicos que atuam com pacientes em condição crítica de saúde. A pesquisa foi realizada a partir do enfoque metodológico clínico-qualitativo e do estudo de caso coletivo. Para análise dos dados utilizou-se o referencial teórico da psicodinâmica do trabalho. Participaram do estudo 5 médicos (2 docentes e 3 contratados) vinculados a uma Unidade de Transplante de Medula Óssea de um hospital universitário do interior paulista. Foram realizadas entrevistas individuais, audiogravadas, a partir de um roteiro semiestruturado, que abordou as vivências pessoais, acadêmicas e profissionais com a terminalidade. Os resultados foram sistematizados nas seguintes categorias: "o trabalho e a identidade: o médico e a morte", "a hibris e o equilíbrio", "as dores e as delícias de ser quem se é", "aprendendo com os pacientes", "o médico como parteiro às avessas" e "trans-formações". Essas categorias permitiram apreciar as diversas faces das vivências dos médicos e acompanhar a morte como parte do exercício de seu ofício, sendo possível apreendê-lo também em sua dimensão humana, passível de conflitos e sofrimentos que passam muitas vezes desapercebidos e, consequentemente, não passíveis de cuidados. A não legitimação do sofrimento do profissional faz com que ele tenha que lançar mão de mecanismos de defesa – negação, repressão, racionalização, como forma de proteção para manter a saúde psíquica e a continuidade de seu trabalho. As significações da morte, fundamentadas nos valores da sociedade contemporânea, nos percursos e percalços enfrentados ao longo da história de vida e na formação acadêmica, influenciam o modo como os profissionais vivenciam o processo do morrer. Este, por sua vez, também influencia a formação de inúmeros significados que vão se consolidando na trajetória profissional de cada um. Quando o médico é visto apenas como responsável pela cura e continuação da vida, conflitos são despertados diante da possibilidade de morte, abalando sua identidade e função profissional; porém quando o profissional significa sua função como o cuidar da vida e compreende a morte como parte desta, pode acolhê-la como integrante de sua dimensão laboral e encontrar novos modos de expressão de sua identidade profissional nesse momento de despedida. Conclui-se que as significações da morte são moldadas pelos valores vigentes na sociedade, pela história de vida e formação acadêmica, que influenciam o modo como o médico vivencia o morrer em sua prática profissional. O estudo oferece pistas para se repensar a formação e atuação profissional, sugerindo necessidade de oferecer suporte psicológico para abrir formas de pensar o trabalho médico e suas potencialidades, bem como para fortalecer seu ego para lidar com os desafios do trabalho com a terminalidade, considerando os conflitos, sofrimentos e prazeres envolvidos nos cuidados no final da vida.

Morte, médico, psicodinâmica do trabalho

FAPESP

SAÚDE

TRANSTORNOS ALIMENTARES: LEVANTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES GERAIS SOBRE O ASSUNTO E ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES SOB O ENFOQUE ANALÍTICO COMPORTAMENTAL. *Bruna Fernandes de Souza*; Eliana Isabel de Moraes Hamasaki** (Departamento da Saúde – Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove – São Paulo, SP).*

O presente trabalho constitui-se parte das exigências para o trabalho de conclusão do curso (TCC) de psicologia, destacando um levantamento das publicações sobre transtornos alimentares (TAs), especificamente os transtornos de anorexia e bulimia nervosas (AN e BN). Adicional e especialmente, enfatiza-se uma análise dessas publicações, sob o enfoque analítico comportamental. Os objetivos principais dessa investigação foram: (1) ilustrar o número de publicações apresentadas por profissionais de orientação analítico comportamental; e (2) apresentar a compreensão e a intervenção destes profissionais em relação à demanda especificada pelos indivíduos que são acometidos pelos TAs. O levantamento se deu a partir de buscas por artigos nas seguintes bases de dados: Scielo, Pubmed, Lilacs, além dos bancos de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Para tanto, foram estabelecidas, em um primeiro momento, as seguintes palavras-chave para busca e seleção do material: anorexia, bulimia, transtornos alimentares, eating disorders associadas às palavras análise do comportamento, terapia comportamental e tratamento. A partir dos primeiros resultados obtidos, considerou-se a importância da inclusão das seguintes palavras-chave ao levantamento: transtornos, análise do comportamento, disorders, behavioral therapy. Além disso, também foram selecionados capítulos referentes ao tema, da coleção "Sobre comportamento e cognição" (dos volumes 1 ao 20) e da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC), elaborados por profissionais da área que integram a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC). Esse segundo momento de busca foi determinado a partir da obtenção dos primeiros resultados, nos quais se evidenciou o baixo número de publicações sob o referencial principal de interesse: o analítico comportamental. Após o levantamento inicial, foram estabelecidos alguns critérios para a seleção propriamente dita. Em especial, que os artigos ou capítulos tivessem a análise do comportamento como referencial teórico e técnico no estudo dos TAs da AN e BN. Alguns estudos, mesmo sob esse referencial, foram excluídos por não se apresentarem na íntegra (por exemplo, alguns artigos que estavam disponíveis na PubMed que apresentavam apenas o resumo ou abstract). Outros estudos excluídos referiam-se à temática "transtornos", mas não com a especificação de TA: AN e BN. De maneira geral, quando comparado o número de publicações total sobre o assunto, verificou-se que o número de publicações sob o referencial analítico comportamental é baixo, incluindo a comparação direta com o referencial cognitivo-comportamental, por exemplo. Entretanto, a partir de uma análise mais detalhada de cinco estudos especificamente sob o referencial analítico comportamental, foram identificadas práticas de intervenção bastante comprometidas e eficazes em relação à demanda dos TAs. Considera-se, assim, altamente relevante o maior investimento na divulgação dos trabalhos desenvolvidos pela análise aplicada do comportamento em publicações destinadas a comunidades diversificadas tanto em relação à produção e científica quanto às áreas de conhecimento.

Transtorno alimentar; anorexia nervosa; bulimia nervosa; análise do comportamento; publicação.

SAÚDE

TRIAGEM DO USO DE ÁLCOOL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.
Andressa da Silva Felix, Vânia Patrícia Teixeira Vianna (Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo dados do II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil a dependência de álcool atinge 12,3% da população adulta. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde o uso de álcool está associado a 3,2% das mortes. Dado o crescente problema do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas é necessária a implantação de uma política de saúde eficaz, sendo a detecção precoce um modelo de atuação comprovadamente eficaz em ambientes de pesquisa. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de álcool, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres para uso de álcool na faixa de pontuação considerada como uso de risco (11 a 26 pontos no ASSIST), segundo o teste Mann-Whitney (p=0,34). Homens apresentaram 22,1% na faixa de uso de risco e mulheres 16,8% do total geral da amostra. Esses dados foram ligeiramente menores para homens do que as relatadas em estudo anteriormente realizado com o mesmo instrumento, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras, onde foram encontrados 24,6%% para homens e 15,1% para mulheres com risco moderado para álcool, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. Discute-se a importância da detecção precoce do uso abusivo e dependência de álcool em estudantes universitários que, normalmente, não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordados em levantamentos como este, na universidade onde freqüentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Triagem, instrumento ASSIST, álcool.

Iniciação Científica – IC

SAÚDE

TRIAGEM DO USO DE COCAÍNA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS..

Raquel Alves de Souza, Vânia Patrícia Teixeira Vianna (Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo os dados do II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil a dependência de cocaína atinge 0,2% da população adulta e o uso na vida de drogas ilícitas é feito por 22,8 % da população brasileira. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de cocaína, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, comparando-se as categorias, observamos que não houve diferença significativa entre gênero masculino e feminino para uso de cocaína na faixa de pontuação considerada como uso de risco (04 a 26 pontos no ASSIST), segundo o teste Mann-Whitney, homens apresentaram 3,5% na faixa de uso de risco e 1% para mulheres (p=0,65). Esses dados foram ligeiramente menores para homens do que as relatadas em estudo anteriormente realizado, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre Universitários das 27 capitais brasileiras onde foram encontrados 2,4% para homens e 1,3% para mulheres com risco moderado para cocaína, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. A diferença entre os dois estudos foi muito pequena, uma vez que, o instrumento utilizado foi o mesmo e o público alvo também foi semelhante. Considerando os resultados acima expostos, concluímos que é importante detectar precocemente o uso abusivo e dependência de cocaína em estudantes universitários, que normalmente não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordadas em trabalhos como este, na Universidade onde frequentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Palavras chaves: triagem, instrumento ASSIST, cocaína.

Nível do trabalho: Iniciação Científica – IC

SAÚDE

TRIAGEM DO USO DE TABACO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.
Vânia Patrícia Teixeira Vianna, Viviani Roberta Batista Ribeiro (Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde , no Brasil, cerca de 63% dos homens e 33% das mulheres adultas são usuários de tabaco. Dado o crescente problema do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas é necessária a implantação de uma política de saúde eficaz, sendo a detecção precoce um modelo de atuação comprovadamente eficaz em ambientes de pesquisa. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de tabaco, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres para uso de tabaco na faixa de pontuação considerada como uso de risco (4 a 26 pontos no ASSIST), segundo o teste Mann-Whitney (p=0,78). Homens apresentaram 19,8% na faixa de uso de risco e mulheres 23,8%, no uso sugestivo de dependência homens apresentaram 2,3% e mulheres 2%. Os estudantes, participantes do presente estudo, com uso de risco para tabaco constituíram 21,9% do total geral da amostra.. Esse dado corrobora os resultados do estudo realizado, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras, no qual verificou-se que, dentre os estudantes dessas capitais, 22% encontravam-se na categoria de risco moderado para tabaco, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. Discute-se a importância da detecção precoce do uso abusivo e dependência de tabaco em estudantes universitários que, normalmente, não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordados em levantamentos como este, na universidade onde frequentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Palavras chaves: triagem, instrumento ASSIST, tabaco.

Nível do trabalho: Iniciação Científica – IC

SAÚDE

UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO CAUSADO PELO CONSUMO DE ÁLCOOL E TABACO NO PERÍODO GESTACIONAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O FETO. *Paulo Eduardo da Silva, Maria José Nunes Maciel* (*Universidade Nove de Julho)*

O uso de substâncias psicoativas se constitui num importante problema de saúde pública. Embora o número de pesquisas tenha aumentado, notamos que ainda é necessário maior número de estudos com mulheres, principalmente no período gestacional, visto que o uso de tais substâncias, nesse período podem provocar danos para a gestante e para o feto. O objetivo da mesma foi demonstrar a importância de se estudar os efeitos e as conseqüências provocadas pelo uso de álcool e tabaco no período gestacional e suas conseqüências para o feto. Método: A pesquisa apresentada nesse projeto foi realizada através de levantamento bibliográfico em bases de dados (Scielo, Bireme e Medline) e bibliotecas presenciais. Os resultados apontaram que o consumo de álcool no período gestacional afeta o desenvolvimento fetal, colaborando com a redução significativa do peso, comprimento e perímetro cefálico no recém nascido, além de aumentar a probabilidade de aborto espontâneo. Os estudos demonstraram ainda que fatores tais como baixa renda, baixa escolaridade, faixa etária elevada, situação marital instável ou ausência de companheiro são fatores que contribuem para o consumo de álcool e tabaco por parte das gestantes no período gestacional. O consumo de tabaco no período gestacional provoca a perfusão materno-fetal podendo ocasionar no feto hipóxia crônica, má oxigenação e nutrição do feto além do aumento na vascularização cerebral do feto. Filhos de mães tabagistas apresentam maior dificuldade em ganhar peso. A partir dos dados levantados podemos concluir que a capacitação e aprimoramento por parte dos profissionais da saúde se fazem necessário além da criação de novos programas psicoeducativos que colaborem na prevenção e intervenção dos danos causados pelo consumo de álcool e tabaco no período gestacional.

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA CONTRA A MULHER DURANTE O TRABALHO DE PARTO. *Rosângela Aparecida Barbosa Paulo Ricci* (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, São Manuel, SP); Fernanda Maria Vernini* (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, São Manuel, SP); Patrícia Renata Bariquello Cavalcante* (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Botucatu, SP); Rafaela de Almeida Schiavo (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Bauru, SP).*

O relato de mulheres que sofrem violência dos profissionais de saúde em instituições públicas e privadas durante o trabalho de parto estão aumentando em nosso país. Pesquisas recentes apontam que os tipos de violência na assistência ao parto, sofrida por parturientes são de negligência, abuso verbal, físico e sexual. Este trabalho tem por objetivo apresentar relatos verbais de gestantes que passaram por violência obstétrica durante gestação e trabalho de parto anterior à atual gravidez. As informações foram obtidas em um grupo realizado com 12 gestantes em uma cidade do interior paulista, o atendimento ao grupo de gestantes ocorre em uma Instituição Municipal de Ensino Superior, como atividade de estágio no curso de psicologia, com o objetivo de promover discussão e reflexão a cerca das mudanças biopsicossociais da gravidez, parto e puerpério. O relato sobre violência obstétrica sofrida por algumas dessas participantes, surgiu no encontro direcionado ao tema sobre parto, onde as gestantes que já pariram anteriormente relataram suas experiências vividas no parto e que causam medos e inseguranças na gravidez atual. Os relatos de violência obstétrica sofrida por algumas dessas mulheres foram: "[...] o médico me disse, vamos ver se conseguimos escutar o seu bebê no meio de tanta banha [...]"; "[...] tenho medo do parto normal por causa da episiotomia, tive que realizar grande sutura [...]"; "[...] o médico me disse, na hora de fazer gostou né? Agora tem que aguentar [...]"; "[...] durante o trabalho de parto, no toque me machucaram, fiquei com medo da dor e passei meses sem ter relações sexuais com meu marido [...]"; "[...] me disseram que quanto mais eu gritasse, mais fariam com que eu sofresse [...]"; "[...] ter um acompanhante na sala de parto é lei, mas mesmo assim não deixam entrar ninguém com a gente, pelo menos aqui na cidade, ninguém pode ter acompanhante [...]". Diante desses relatos, é possível dizer que infelizmente as mulheres em vez de exercer o seu protagonismo na cena de parto, estão sendo submetidas ao papel de vítimas nesse momento. Pesquisas revelam que intercorrências obstétricas durante o parto, influenciam negativamente na saúde mental materna, no pós-parto, sendo uma das fortes causas do estresse, ansiedade e depressão no puerpério. O nascimento de um filho deveria marcar positivamente a história da díade mãe-bebê, para um bom desenvolvimento dessa relação, evitando-se assim prejuízos à saúde materno-infantil. Entretanto, o que se observa nos relatos, indica que o momento do nascimento do filho é marcado por dor e sofrimento, gerando até mesmo para algumas sensações traumáticas. É de extrema importância e urgência que o atendimento à gestante e a parturiente, ocorra de forma mais humanizada, evitando-se assim futuros problemas de saúde mental em decorrência dos maus-tratos sofridos por estas, em instituições de saúde públicas e privadas, locais estes que deveriam garantir e zelar pelo bem estar físico e mental da paciente.

Parto. Violência. Gestação.

SAÚDE

VULNERABILIDADES NO CONTEXTO DA TALASSEMIA: ELABORANDO ALTERNATIVAS PARA APRIMORAR O CUIDADO. *Juliana Siquinelli Padula*, Mirian Van der Geest*, Érika Arantes Oliveira Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A talassemia é uma doença genética do sangue, de caráter progressivo e curso crônico-degenerativo que exige uma rotina cansativa e ininterrupta de tratamento. O tratamento envolve transfusões regulares de hemácias, associado a uma terapia de quelante de ferro por toda a vida. Como consequência da condição da doença e do tratamento, diversas complicações e limitações parecem surgir para o portador e familiares, tais como desconfortos físicos e prejuízos psíquicos, sociais e ocupacionais. Assim, vê-se que, associadas à condição orgânica, diversas dificuldades psicológicas se desenvolvem, como: quadros de depressão e transtornos de ansiedade, problemas de conduta, medo excessivo em relação ao futuro, intensa insatisfação em relação à aparência física, dificuldades nos relacionamentos familiares e amorosos, dificuldades no rendimento acadêmico e profissional e problemas socioeconômicos (como o desemprego). Tal quadro acaba tornando a vida do talassêmico uma rotina exaustiva circundada por permanentes cuidados para a manutenção da vida. Nesse contexto, o objetivo do presente estudo é investigar as vulnerabilidades que envolvem a situação de pessoas portadoras da talassemia, a partir das percepções de diferentes olhares atuantes no cuidado a essas pessoas. A intenção é de que, a partir das reflexões elaboradas, possam-se pensar alternativas em direção ao aprimoramento do cuidado no tratamento a esses pacientes. O estudo foi realizado com 2 profissionais – um médico e um psicólogo – e um paciente do Hemocentro de Ribeirão Preto. Foram utilizados três roteiros de entrevista semi-estruturados, construídos para a finalidade da pesquisa. O referencial teórico-metodológico utilizado foi a abordagem psicodinâmica, que tem como modelo perguntas abertas destinadas a facilitar o fluxo da história sobre a pessoa e sobre a doença, concebendo a pessoa em sua singularidade, a partir de uma postura empática e atenta aos aspectos emergentes da relação. A partir da análise proposta, foram percebidas nas entrevistas temas em comum nas falas dos diferentes atores. Dessa forma, foi possível agregar tais temas em categorias, fazendo, então, uma analise temática das entrevistas. As categorias construídas foram: (1) Percepção da doença; (2) Percepção do tratamento; (3) Percepções de dificuldades; (4) Expectativas para o futuro. Dentro dessas categorias, os temas representantes de possíveis vulnerabilidades envolvidas nesse contexto da talassemia foram: a exaustiva rotina de tratamento; a vergonhaculpa da doença; o medo e o desejo da morte; a perda e a falta de uma rede de apoio psicossocial. Posteriormente, visando tecer olhares para além do cuidado já disponibilizado, a análise detém-se na proposta de alguns direcionamentos: capacitar a equipe para realizar orientações com o paciente e familiares; formação de equipes multiprofissionais nos centros de tratamento, incluindo profissionais de psicologia; implementação de grupos terapêuticos; e acolhimentos individuais e ambulatoriais.

Palavras-chave: Talassemia, vulnerabilidades, tratamento.

SAÚDE

“OS MORTOS NÃO TRAEM”: ASPECTOS PSICODINÂMICOS DA PERSONALIDADE DE UM ADOLESCENTE COM ANOREXIA NERVOSA.

*Lilian Regiane de Souza Costa**, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

Transtornos Alimentares (TA) são quadros psiquiátricos que afetam, majoritariamente, mulheres. Como consequência da maior prevalência no sexo feminino, poucos estudos investigam sua incidência em homens. Até a década de 1980, acreditava-se que a preocupação em relação à imagem corporal limitava-se às mulheres. Todavia, estudos recentes mostram que os adolescentes e jovens adultos também sofrem com preocupações relativas à aparência física, o que os torna vulneráveis aos TA. A literatura aponta que indivíduos do sexo masculino com TA tendem a ser mais perfeccionistas e desconfiados do que as mulheres acometidas, indicando que a ocorrência desses quadros em homens merece uma discussão à parte. O presente estudo teve por objetivo investigar aspectos psicodinâmicos da personalidade do adolescente com TA. Trata-se de pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, fundamentada no referencial teórico psicanalítico. Foi selecionado um paciente de 17 anos, com diagnóstico de Anorexia Nervosa do tipo restritivo, assistido por um serviço especializado. Os instrumentos utilizados foram: entrevista semiestruturada e Teste de Apercepção Temática (TAT). Os resultados mostram que a preocupação com o peso iniciou-se após as vivências de bullying na escola. O participante relatou que era fortemente discriminado por alunos e professores por não aceitarem sua aparência e seu jeito de ser, o que culminou no abandono da escola. De fato, sua apresentação física ao exame é diferenciada, principalmente na maneira como se veste e como penteia o cabelo. Observou-se preocupação exacerbada com a aprovação social: a percepção de não aceitação é vivida com intensa angústia e desamparo. Nas histórias do TAT projetou heróis tristes e sem amigos: em umas das produções, o herói, passara 30 anos de sua vida dormindo; em outra, preferia o convívio com os mortos aos vivos, alegando que “os mortos não traem”. O outro é constantemente percebido como aquele que “trai” e “machuca”. A sensibilidade acentuada à rejeição do outro pode ser compreendida como projeção da sua própria dificuldade de autoaceitação. A partir da percepção das ameaças do outro, apresenta duas vias defensivas: ora se esquiva e se esconde, buscando proteger-se do sofrimento, como foi o abandono da escola; ora também ataca, com sua aparência extravagante e ostensivamente impactante. Nessa vertente, os sintomas anoréxicos podem ser entendidos como resultantes tanto de uma moção autodestrutiva, devido à insatisfação consigo próprio, quanto como um ataque ao outro, principalmente à figura materna, internalizada como hostil e tóxica: “já que você não me aceita, eu também não preciso do seu alimento”. Por outro lado, demonstrou ter recursos e controle lógico-racional na elaboração das narrativas, apreendendo os estímulos de forma global, explorando-os para compor sua produção de forma criativa. Entretanto, evidenciou necessidade de empreender esforços extras para autoconter suas emoções, que são percebidas como destrutivas, produzindo inibições, auto-recriminação e empobrecimento pessoal, o que é favorecedor de vivências depressivas recorrentes. Assim, a vida pulsional não encontra vias adequadas de expressão criativa no sentido da sublimação dos impulsos. Os dados apontam para necessidade de mais estudos sobre o universo masculino dos TA, considerando os prejuízos sociais e afetivos vivenciados pelo participante deste estudo.

Transtornos alimentares, Teste de Apercepção Temática, masculino.

SAÚDE

ANÁLISIS DE LA EXPERIENCIA SEXUAL DE ADOLESCENTES ESPAÑOLES: DATOS PRELIMINARES. *Mª Teresa Ramiro, Inmaculada Teva, Mª Paz Bermúdez* (*Universidad de Granada)*

El objetivo principal del presente estudio es analizar la experiencia sexual de los adolescentes españoles y determinar la conducta sexual de riesgo. Para ello, se seleccionó una muestra representativa de los adolescentes españoles, formada por 1.504 adolescentes españoles de todas las comunidades autónomas, de ambos sexos y de edades comprendidas entre los 15 y los 18 años (Media=16,31; DT=1,00). Se aplicó el cuestionario sobre conducta sexual (Teva, Bermúdez y Buela-Casal, 2009) a todos los adolescentes bajo las mismas condiciones, tras obtener el consentimiento informado. Se trata de un estudio ex post facto tipo prospectivo según la clasificación de Montero y León (2007).

Los resultados mostraron que el 96,1% de los adolescentes, indicaron tener una orientación heterosexual y tan solo el 2,2 % bisexual. El 38,1 % contestó que tenía pareja estable. Del total de la muestra el 17 % nunca ha tenido relaciones sexuales, el 37,1% ha mantenido relaciones sexuales sin penetración y el 45,9% ha mantenido relaciones sexuales con penetración.

En relación al grupo de sujetos que ha mantenido únicamente relaciones sin penetración, la edad media del primer contacto fue 13,55 años, el 44,2% informó que su último contacto había sido con una pareja esporádica y el 16,5% que había mantenido ese contacto bajo el efecto de la drogas.

En relación al grupo de adolescentes que informaron tener relaciones sexuales con penetración, los resultados permitieron afirmar que éstos tuvieron relaciones sexuales bajo el efecto de las drogas una media de 0,56 veces en los últimos dos meses. La edad media de la primera relación coital fue 15,15 y el 13,8% de los adolescentes no hicieron uso del preservativo en dicho contacto. Además cabe destacar, que la media del número de parejas a lo largo de su vida fue de 2,83 y de 1,10 durante los dos últimos meses, y que el 69,3% de los adolescentes hicieron un uso inconsistente del preservativo en la relaciones coitales mantenidas durante los dos últimos meses. Asimismo, el 16,2% de los adolescentes indicaron haber mantenido relaciones sexuales anales y el 45,45% relaciones sexuales orales.

Los resultados encontrados ponen de manifiesto que los adolescentes emiten conductas sexuales de riesgo, por lo que de este estudio se desprende la necesidad de aumentar y/o mejorar las intervenciones que se están llevando a cabo con este rango de edad.

Esta investigación ha sido realizada gracias al apoyo financiero de la Consejería de Economía, Innovación y Ciencia, Junta de Andalucía (Ref: P09-SEJ-5068)

PD (investigador)

SAÚDE - Psicología de la Salud

BURNOUT Y SOBRECARGA PERCIBIDA EN AMAS DE CASA CON DIFERENTES JORNADAS LABORALES. *María Erika Ortega Herrera, Godeleva Rosa Ortiz Viveiros (Universidad Veracruzana - México)*

Ante las altas exigencias a que se ve sometida la mujer de hoy en día con más de un rol de vida (jornada única, doble o triple), puede llegar a la presencia de Burnout, derivado del estrés al que están enfrentadas y verse reflejado en su salud física y emocional. El objetivo de este estudio fue conocer el nivel en el que se presentan las dimensiones: agotamiento emocional y realización personal del SBO, la sobrecarga percibida, la sintomatología asociada al estrés y la manera en como perciben su estado general de salud las amas de casa que laboran en jornadas: única, doble o triple. Es un estudio cuantitativo descriptivo correlacional y diseño no experimental transversal. Se aplicó un cuestionario de datos generales, además de las subescalas de Agotamiento Emocional y Realización Personal del MBI, Cuestionario General de Salud (GHQ), Inventario de Sintomatología del Estrés (ISE), y Escala de Carga Percibida de Zarit en una muestra total de 759 amas de casa pertenecientes a cinco estados de la República Mexicana.

Resultados: En esta investigación se encontró que las amas de casa con jornada única presentan mayor agotamiento emocional, se perciben sobrecargadas en sus actividades y presentan porcentajes ligeramente más elevados en las categorías de sintomatología asociadas al estrés en comparación con las de jornada triple. No obstante, las amas de casa con jornada triple reportan niveles altos en sintomatología psicológica y social, pero son las que reportan mayor realización personal en comparación con las mujeres en los otros dos tipos de jornada.

Conclusiones: La intensidad de la jornada laboral es considerada como sobrecarga por las amas de casa con jornada única y doble, teniendo como resultado repercusiones en su salud. Por otra parte el agotamiento emocional (dimensión del síndrome de burnout) y los síntomas asociados al estrés, no mostraron relación con la intensidad de la jornada, sin embargo, si se encuentran en riesgo de padecerlo.

Burnout, amas de casa, jornadas laborales

SAÚDE - Psicología de la Salud

EVALUACIÓN DE LA ACTITUD HACIA LOS ROLES DE GÉNERO: DIFERENCIAS POR GÉNERO EN ADOLESCENTES ESPAÑOLES DE CENTROS DE ENSEÑANZA PÚBLICOS Y PRIVADOS. *Inmaculada Teva, Mª Teresa Ramiro, Mª Paz Bermúdez* (*Universidad de Granada)*

Los adolescentes y las mujeres se encuentran en mayor situación de riesgo de transmisión de EST/VIH. Cabe pensar en la existencia de una serie de factores relacionados con el género y el aumento en la vulnerabilidad frente a la infección por el VIH/sida y otras ITS. Se pueden identificar factores que hacen referencia a los roles de género y las dinámicas de poder en relación con la infección por el VIH/sida. Se estima que unas actitudes más favorables a la existencia de roles diferenciados (Hombre/Mujer) fomenta una mayor desigualdad de género, que puede relacionarse con un comportamiento pasivo en el contexto de las relaciones sexuales de la mujer y con la mayor emisión de conductas sexuales de riesgo, ya que las mujeres tienen menos capacidad para decidir que los varones. Por todo ello, el objetivo del presente estudio es determinar las actitudes hacia los roles de género en una muestra de adolescentes españoles, en función del sexo y del tipo de centro escolar (público y privado).

La muestra está formada por 1.504 adolescentes de edades comprendidas entre los 15 y 18 años (Media=16,31; DT=1,00). Se trata de una muestra una muestra representativa de la población de adolescentes españoles escolarizados, en función de la comunidad autónoma, el sexo y el tipo de centro (público y privado). Se aplicó el Cuestionario de Actituces hacia los Roles de Género (Matud, Padilla y Gutiérrez, 2005). Los investigadores, acudieron a los centros de enseñanza seleccionados donde la evaluación fue realizada en las aulas en grupos de 15-20 alumnos, bajo las mismas condiciones.

Los resultados ponen de manifiesto que los varones mostraron mayores actitudes favorables a la existencia de roles separados para hombres y mujeres, que las mujeres. Además se confirmó que dichas diferencias se mantuvieron independientemente del tipo de centro al que asistían.

Por ello, se pone de manifiesto la necesidad de intervenir a este nivel, debido a que se ha demostrado que las desigualdades de género conllevan a manifestaciones estructurales, sociales y sexuales, entre las que se encuentra una mayor probabilidad de infectarse por el VIH/Sida y otras ITS

Esta investigación ha sido realizada gracias al apoyo financiero de la Consejería de Economía, Innovación y Ciencia, Junta de Andalucía (Ref: P09-SEJ-5068)

PD (investigador)

SAÚDE - Psicología de la Salud

MIEDO A LA NEGOCIACIÓN DEL USO DEL PRESERVATIVO Y ASERTIVIDAD SEXUAL EN ADOLESCENTES: DIFERENCIAS EN FUNCIÓN DE LA SATISFACCIÓN SEXUAL. *Mª Paz Bermúdez, Mª Teresa Ramiro, Inmaculada Teva* (*Universidad de Granada)*

Según la UNESCO, 40 millones de adolescentes se infectarán del VIH hasta el año 2030. Por ello, es necesario determinar las variables que influyen en la conducta sexual de riesgo. En este sentido la búsqueda de la satisfacción sexual entre los adolescentes puede motivar una conducta sexual no segura. Por ello, el objetivo del presente estudio es determinar la relación entre la satisfacción sexual y el miedo la negociación del uso de preservativo y la asertividad sexual.

La muestra está formada por 1.504 adolescentes de edades comprendidas entre los 15 y 18 años (Media=16,31; DT=1,00). Se trata de una muestra una muestra representativa de la población de adolescentes españoles escolarizados, en función de la comunidad autónoma, el sexo y el tipo de centro (público y privado). El 48,4% son varones (Media=16,33; DT=0,99) y el 51,6% mujeres (Media=16,28; DT=1,02). Los investigadores, previamente entrenados en la aplicación de los cuestionarios, acudieron a los centros de enseñanza seleccionados donde la evaluación fue realizada en las aulas. Los cuestionarios se aplicaron de forma colectiva en grupos de 15-20 alumnos, bajo las mismas condiciones para todos los participantes. Se proporcionó a todos los estudiantes información sobre el estudio y se garantizó la confidencialidad y el anonimato de sus respuestas. Se aplicó el Cuestionario sobre Miedo a la Negociación del Uso del Preservativo (Wingood y DiClemente, 1998), la Escala de Asertividad Sexual (Morokoff, Quina, Harlow et al., 1997) y la Escala de Satisfacción Sexual (Diclemente, 2006).

Los resultados ponen de manifiesto que los adolescentes que indicaron mayor satisfacción sexual personal mostraron mayores puntuaciones en asertividad para iniciar la actividad sexual, para rechazar mantener relaciones sexuales y para llevar a cabo conductas preventivas. Igualmente, los adolescentes que otorgaron mayor importancia a la satisfacción sexual de su pareja para su propia satisfacción sexual, mostraron mayores tasas de asertividad para rechazar relaciones sexuales no deseadas y para llevar a cabo conductas preventivas. Sin embargo, no se encontraron diferencias en la asertivadad para iniciar las relaciones sexuales. Por último, aquellos adolescentes que otorgan mayor importancia a la necesidad de sintonía entre la pareja para su propia satisfacción sexual, mostraron mayores tasas de asertividad tanto para iniciar las relaciones sexuales, rechazar las relaciones sexuales no deseadas, llevar a cabo conductas preventivas, y menos miedo para negociar el uso del preservativo.

Se destaca la necesidad de evaluar las prácticas sexuales habituales en la población adolescente y la satisfacción sexual por considerar que la insatisfacción sexual es un factor de riesgo para el VIH y otras infecciones de transmisión sexual.

Esta investigación ha sido realizada gracias al apoyo financiero de la Consejería de Economía, Innovación y Ciencia, Junta de Andalucía (Ref: P09-SEJ-5068)

PD (investigador)

SAÚDE - Psicología de la Salud

MODELO PRACTICE: ADAPTACIÓN AL ESPAÑOL Y AL CATALÁN PARA ADULTOS, NIÑAS Y NIÑOS. *Josep Vilajoana Celaya (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya, Barcelona, España), Mª Claustre Jané Ballabriga (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, España), Mª Teresa Sánchez-Mora García (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya , Barcelona, España), Ricard Cayuela Dalmau (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya ,Barcelona, España), Stephen Palmer (Coaching Psychology Unit, City University London, UK).*

El movimiento de Coaching Psychology está presente en muchos países. Se originó en Australia y en Reino Unido en los grupos de interés de las asociaciones oficiales de Psicólogos (APS y BPS). España se adhirió en 2010, siendo su representante oficial el "Col•legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya". PRÁCTICE es un enfoque cognitivo-conductual orientado a solución en siete pasos, desarrollado por el profesor Stephen Palmer.

Objetivos: El objetivo de este trabajo es centrar el marco de la Coaching Psychology como una subdisciplina de la psicología, así como un movimiento internacional que se basa en tres pilares: la investigación, los modelos teóricos y la aplicación profesional. El modelo de coaching PRACTICE, está suficientemente contrastado así como la revisión de la "P" que incluye un enfoque positivo del tema a tratar. Aun así, es preferido el sentido original de la "P" de problema. Otro objetivo es desarrollar la adaptación del modelo de coaching PRACTICE para su uso en los idiomas español y catalán, así como la adaptación a los niños y adolescentes.

Metodología: Realizamos una revisión a fondo del modelo de literatura práctica con el fin de conocer todas las posibles connotaciones en diferentes idiomas que se han adaptado al modelo. El acrónimo, PRACTICE, representa exactamente los siete pasos claves: Opciones preferidas; Metas realistas desarrolladas; Soluciones alternativas generadas; Consideración de las consecuencias; Identificar la solución/es más viable (s) ; Implementación de la solución/es elegida (s); Evaluación.

El propósito del acrónimo PRACTICE en español y catalán, expresa el enfoque a solución y a la psicología cognitivo-conductual. Al mismo tiempo, fueron revisados los programas de prevención para niños y adolescentes, que informaron del revisado modelo PRACTICE, para implementar en niños.

Resultados: El significado de cada paso del acrónimo PRACTICE, convenientemente traducido al español y al catalán, con las palabras IDEACIÓN / IDEACIÓ respectivamente. En su aplicación en el programa infantil, al acrónimo se traduce en TÍTERE / TITELLA respectivamente. La adaptación de modelos de coaching, como es el caso de PRACTICE, al español y al catalán para adultos y niños, está en marcha y se espera poder demostrar la utilidad del trabajo de investigación con el acrónimo de las lenguas del trabajo.

Conclusiones: PRACTICE, ha sido adaptado a lenguas y culturas diferentes, incluyendo portugués y español. Sin embargo, la adaptación de los modelos de coaching a diferentes culturas, es un proceso continuo y la investigación se llevará a cabo para confirmar su idoneidad. El programa infantil es nuevo y se espera que la implantación resultante, abra un nuevo camino para la aplicación del modelo en estas primeras etapas de la vida.

Modelo de Coaching Practice, adaptación al catalán, adaptación al español, adaptación infantil.

SAÚDE - Psicología de la Salud

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

RELACIÓN ENTRE INTENSIDAD DEL DOLOR MENSTRUAL Y LA EDAD: ESTUDIO EN LA COMUNIDAD AUTÓNOMA DE MADRID. *Cristina Larroy (Departamento de Psicología Clínica. Universidad Complutense de Madrid - España)*

Se define como dismenorrea primaria o funcional al conjunto de síntomas (de los que el dolor es el más importante) que aparece asociado a la menstruación sin que exista ninguna causa orgánica que los justifique.

Los estudios sobre la dismenorrea en España han sido escasos, a pesar de que los pocos que se han realizado revelan una elevada presencia del trastorno entre la población femenina . Estos estudios se han centrado en la prevalencia, más que en las características sintomatológicas del trastorno

En este estudio, se investiga la relación entre la intensidad del dolor menstrual y la edad de las mujeres a las que afecta

Método:

1.387 mujeres con edades comprendidas entre los 13 y 52 años (M = 23,99; DT= 9,24) contestaron al Cuestionario de Dolor Menstrual que hacía referencia a la última menstruación.

La muestra se dividió en cuatro submuestras, en función de la edad de las mujeres: adolescentes, jóvenes, adultas, mayores)

Se realizó un análisis de la frecuencia e intensidad del dolor menstrual para la muestra total y cada una de las submuestras estudiadas.

Resultados:

Los resultados indican que el dolor menstrual afecta al 60% de la muestra estudiada, oscilando entre el 70% y el 40%, en función de la edad de las mujeres, siendo mayor la prevalencia en las adolescentes y menor entre las mujeres mayores.

Asimismo, los resultados indican que la intensidad tiene una relación inversa con la edad, siendo mayor en las submuestras de adolescentes y jóvens y menor en os grupos de adultas y mayores. Un resultado llamativo es que, en este ultimo grupo, un 30% de las mujeres sufre dolor severo o incapacitante, lo que contradice los resultados de estudios previos

Dolor menstrual, intensidad , edad.

SAÚDE - Psicología de la Salud

RELACIÓN ENTRE LA LOCALIZACIÓN DE LA SINTOMATOLOGÍA MENSTRUAL Y LA EDAD: ESTUDIO EN LA COMUNIDAD AUTÓNOMA DE MADRID. *Cristina Larroy (Departamento de Psicología Clínica. Universidad Complutense de Madrid - España)*

La dismenorrea primaria o funcional está constituida por un conjunto de síntomas (entre los que destaca el dolor) que aparece asociado a la menstruación sin que exista causa orgánica que lo. Justifique- Los estudios sobre la dismenorrea son escasos en España y se han centrado, habitualmente, en la prevalencia del trastorno, más que en otras características el mismo. Sin embargo, parece importante conocer esas características: cómo y cuando aparecen los síntomas, dónde se localizan (área corporal de la mujer), cuánto duran y cómo varían em función de la edad de las mujeres que sufren esos síntoma. En este estudio, se investiga la relación entre la localización del dolor y las molestias menstruales y la edad de las mujeres a las que afecta. Método: 1.387 mujeres con edades comprendidas entre los 13 y 52 años (M = 23,99; DT= 9,24) contestaron al Cuestionario de Dolor Menstrual que hacía referencia a la última menstruación. La muestra se dividió en cuatro submuestras, en función de la edad de las mujeres: adolescentes, jóvenes, adultas, mayores). Tras la revisión de estudios previos, se establecieron cinco áreas corporales relacionadas con la sintomatología dismenorreica: abdomen, región lumbar, mamas, parte alta de las piernas (o muslos) y otros. Se realizó um análisis de la frecuencia y localización del dolor y molestias menstruales para la muestra total y cada una de las submuestras estudiadas. Resultados: Los resultados indican que existen diferencias significativas entre los grupos de edad respecto al area corporal donde se localizan el dolor y las molestias menstruales. En general, existe una relación inversa entre el dolor abdominal y la edad y una relación directa entre la tensión mamaria y la edad. Se define como dismenorrea primaria o funcional al conjunto de síntomas (de los que el dolor es el más importante) que aparece asociado a la menstruación sin que exista ninguna causa orgánica que los justifique. Los estudios sobre la dismenorrea en España han sido escasos, a pesar de que los pocos que se han realizado revelan una elevada presencia del trastorno entre la población femenina . Estos estudios se han centrado en la prevalencia del trastorno, más que en otras características el mismo. En este estudio, se investiga la relación entre la localización del dolor y molestias menstruales y la edad de las mujeres a las que afecta.

Dolor menstrual, localización, edad.

SAÚDE - Psicología de la Salud

XÉNERO E COIDADO DE PERSOAS DEPENDENTES: POR QUE COIDAMOS AS MULLERES E QUE CUSTOS PSICOSOCIAIS SOPORTAMOS. *Concepción Fernández Fernández (Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia, Galicia, España).*

Coidar é un verbo feminino. No inicio do s. XXI, as mulleres continúan soportando maioritariamente a carga do coidado das persoas dependentes. Desde unha perspectiva de xénero, esta situación está fondamente ligada coa construción da identidade e desenvolvemento dos roles de xénero, que colocan as mulleres nunha situación de desigualdade estrutural respecto dos ámbitos públicos-políticos e privados-persoais, nos que se soporta o coidado e reprodución da sociedade. En calidade de fillas, esposas ou nais, as mulleres somos coidadoras dalgunha persoa dependente en cerca de 100.000 fogares galegos. Este desigual reparto da carga do coidado ten importantes consecuencias psicosociais na vida das mulleres, como o nomeado síndrome da coidadora, que se manifesta en diferentes trastornos psicolóxicos, psicosomáticos e sociais, que deben abordarse profesionalmente tendo en conta a perspectiva de xénero. Con estes presupostos, coordinouse e desenvolveuse un proxecto de colaboración entre o Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia e a Secretaría de Igualdade da Xunta de Galicia durante dous anos para crear e dinamizar en diferentes concellos galegos grupos de autocoidado psicosocial dirixidos a mulleres coidadoras informais. Desde unha perspectiva psicosocial, considerouse que a forma máis adecuada para abordar a situación era o traballo en grupos. Os obxectivos xerais dos grupos eran a toma de conciencia da situación e as consecuencias psicosociais asociadas á relación de coidado de dependentes, recoñecer e aplicar habilidades sociais e de comunicación na relación coa persoa dependente e co entorno, e coñecer e aplicar hábitos de autocoidado. A dinámica do grupo comezaba coa toma de conciencia da situación e, as consecuencias psicosociais asociadas á relación de coidado de dependentes para ir empoderándose e recoñecendo recursos propios e comunitarios para a corresponsabilidade e apoio instrumental, informativo, emocional e social das coidadoras. Entre os aspectos traballados destacamos o perfil da coidadora, a relación de coidado, as consecuencias psicosociais do coidado, a necesidade de empoderamento das coidadoras, o autocoidado físico e emocional, habilidades sociais e de comunicación da coidadora e asertividade. A avaliación da dinámica grupal realizouse rexistrando o grao de participación nas actividades propostas, reflexión e análise dos casos presentados para o diálogo e discusión, así como sinais verbais e non verbais de satisfacción coas actividades propostas. Completouse a avaliación recollendo nun breve formulario as valoracións das persoas participantes.

Palabras clave: xénero, coidado, consecuencias psicosociais

Nivel do traballo: P

SAÚDE - Psicología de la Salud

A INTEGRALIDADE NA ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA VISÃO INTEGRAL DE KEN WILBER. *Célio Carlos de Souza*, Alexandre Frank Silva Kaitel (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG)*

Objetivou-se com o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentar uma reflexão acerca da integralidade na atenção em saúde mental, bem como da teoria integral de Ken Wilber. Este tema foi destacado a partir do interesse pela área de saúde mental e por estar presente na atual legislação do Sistema Único de Saúde (SUS), como um de seus princípios, junto à universalidade e a equidade. Antes de adentrar especificamente no âmbito do SUS, perpassou-se por uma exposição da História da Loucura, no intuito de retomar a triste realidade encontrada nos manicômios e hospitais psiquiátricos, para melhor compreender as novas políticas da luta antimanicomial. Para a compreensão do princípio da integralidade, bem como a verificação de sua aplicabilidade nas práticas dos profissionais de saúde, notadamente na área de saúde mental, fez-se uma minuciosa pesquisa em diversos documentos e publicações relacionados ao SUS. A integralidade no Sistema Único de Saúde pôde ser compreendida a partir de duas definições, a saber: numa perspectiva holística, com a compreensão da pessoa como um ser biopsicossocial, ou seja, levam-se em consideração questões como as relações familiares, afetivas, comunitárias, com a justiça, a educação, a saúde, a assistência, a moradia etc.; ou como um conjunto articulado de ações e serviços que abrangem a promoção, prevenção, tratamento e reabilitação dos usuários do Sistema Único de Saúde. Apresentou-se também a contribuição de autores que se propõem a discutir temas ligados à área da saúde, principalmente às duas definições relacionadas ao princípio da integralidade. No entanto, o principal teórico abordado neste trabalho foi o filósofo americano Ken Wilber, criador do Integral Institute, organização dedicada ao detalhamento, difusão e implantação do Modelo Integral, por ele desenvolvido ao longo das últimas três décadas e que é aplicável a variadas áreas de atividades como psicologia, política, ecologia, medicina, educação, direito, negócios, arte, espiritualidade, entre outras. Atualmente, a base da teoria wilberiana é o Modelo AQAL, compreendido por quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos, dentre os quais, para estudo neste trabalho optou-se apenas pela parte referente aos quatro quadrantes. A principal metodologia utilizada neste trabalho foi a revisão bibliográfica, além da observação participante realizada em alguns dispositivos da Rede de Atenção em Saúde Mental da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. Notou-se a difícil tarefa de compreender o princípio da integralidade no SUS através de sua legislação e diretrizes, bem como de autores que discutem o tema, além das dificuldades em sua aplicabilidade nas práticas dos profissionais da Rede de Atenção em Saúde Mental. Verificou-se a existência de possíveis pontos de correlação e convergência entre o princípio da integralidade na atenção em saúde mental e a Visão Integral de Ken Wilber. Percebe-se a proximidade do princípio da integralidade no Sistema Único de Saúde com a teoria wilberiana, sobretudo em relação à ideia dos quatro quadrantes verificada neste trabalho.

Integralidade. Atenção em Saúde Mental. Modelo AQAL.

SMENTAL

ACOLHIMENTO DA CRISE E POSSIBILIDADE DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS: AS OFICINAS TERAPÊUTICAS E O MÉTODO INTERPRETATIVO. *Fernanda Crosara Ladir, Camila Assis Muniz (Graduandas de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia- MG), Maria José de Castro Nascimento (Mestre e Psicóloga da Enfermaria de Psiquiátrica do Hospital de Clinicas da Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia- MG).*

O presente trabalho trata de um relato de experiência de quatro oficinas terapêuticas realizadas na Enfermaria de Psiquiatria do Hospital de Clínicas da UFU, decorrente do projeto de extensão intitulado "Oficineiros do HC" realizado em 2011 e que envolveu graduandos de Psicologia, profissionais de Psicologia da enfermaria psiquiátrica e pacientes da psiquiatria, e objetivou a reflexão, o conhecimento e os resultados dessa forma de intervenção em saúde mental. Nortearam nossas ações intervenções-investigativas dentro da perspectiva da psicanálise. As etapas metodológicas foram: (1) revisão bibliográfica sobre os temas que envolvem oficinas terapêuticas, reforma psiquiátrica e saúde mental, (2) agendamento das oficinas, (3) criação e planejamento das oficinas, (4) confecção e aquisição dos materiais necessários para a realização das oficinas, (5) realização de quatro oficinas terapêuticas, (6) elaboração de relatórios pelas organizadoras e coordenadoras das oficinas, (7) supervisões após cada prática realizada, e (8) discussão, reflexão e supervisão final sobre a experiência. Partiu-se de uma perspectiva que percebe a arte como uma estratégia terapêutica produtiva e as oficinas como um espaço de reabilitação psicossocial, expressão e resgate da condição de seres humanos escondida pela crise. Essas atividades lúdicas permitem que os pacientes psiquiátricos constituam subjetividades no momento de crise, e consigam com isso elaborar melhor seu sofrimento psíquico. Para esclarecer os objetivos das oficinas, é fundamental entender que elas estão intimamente ligadas a um outro paradigma que ampara a Reforma Psiquiátrica no Brasil: a reabilitação psicossocial, entendida como o processo que facilita ao usuário com limitações, a sua melhor reestruturação de autonomia de suas funções na comunidade. A Reforma tem a finalidade de recuperar o louco como cidadão, através de ações que passam fundamentalmente pela inserção do paciente psiquiátrico no trabalho e/ou em atividades expressivas, artísticas, artesanais, ou em dar-lhe acesso aos meios de comunicação, entre outros. O papel do coordenador das oficinas é o de considerar além dos sintomas, as particularidades de cada paciente, bem como o contexto institucional onde este se encontra. Após tudo que foi visto e observado no decorrer da realização dessa prática pode-se perceber o quanto atividades como estas fazem surgir nos alunos da graduação reflexões e questionamentos que são de extrema importância para a sua formação profissional. Os pacientes participaram bastante fazendo com que as oficinas ocorressem de forma tranqüila e nos trouxessem uma experiência positiva quanto à realização, prática e possibilidades da mesma, demonstrando o quanto é importante o espaço de escuta que essa atividade proporciona a tais pacientes. Esta prática permite uma apropriação da história de vida desses sujeitos. As oficinas, o trabalho e a arte podem funcionar como catalisadores da construção de territórios existenciais, ou de "mundos" nos quais os usuários possam reconquistar ou conquistar seu cotidiano. Entende-se portanto, que as oficinas em Saúde Mental caminham na direção da Reabilitação Psicossocial, e na humanização do atendimento em saúde mental, possibilitando uma redução do sofrimento psíquico de pacientes em crise, e uma possibilidade de reorganização e reestruturação psíquica e social de tais pacientes.

Oficinas terapêuticas; acolhimento da crise; Reabilitação Psicossocial;

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ADAPTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL PARA MENINOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL.

Jean Von Hohendorff, Luísa Fernanda Habigzang, Silvia Helena Koller (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Objetivou-se adaptar e avaliar um modelo de intervenção cognitivo-comportamental para meninos vítimas de Violência Sexual (VS), derivado de um modelo avaliado com meninas. Os estudos sobre avaliação de tratamentos psicológicos de crianças e adolescentes vítimas de VS realizados no Brasil indicam a eficácia da terapia cognitivo-comportamental na redução de sintomas, porém, esses focalizaram apenas o público feminino. O estudo é composto por um artigo teórico sobre VS contra meninos, um capítulo de livro que descreve o processo de adaptação do modelo de intervenção, um artigo no formato de relato de experiência sobre a produção e utilização de um documentário sobre VS contra meninos utilizado na aplicação do modelo adaptado e um artigo com os resultados da avaliação desse modelo. O conteúdo abordado no artigo teórico sobre VS contra meninos foi utilizado na adaptação do modelo, a qual compreendeu cinco etapas distintas. Essas foram detalhadamente descritas em um capítulo de livro: 1) reunião com a equipe responsável pela aplicação da intervenção utilizada com meninas; 2) reunião com um psicólogo que possuía experiência na condução de pesquisas com meninos vítimas de VS; 3) confirmação, com base na literatura científica, das adaptações propostas nas etapas anteriores; 4) nova reunião com a equipe responsável pela aplicação da intervenção psicológica utilizada com meninas para discussão final das adaptações; 5) realização de um estudo piloto com um menino vítima de VS, no qual se verificou, na prática, a adequação das adaptações propostas. Durante esse processo de adaptação, um documentário sobre VS contra meninos foi produzido. Sua produção e utilização foram descritas em um artigo no formato de relato de experiência. Para a avaliação do modelo adaptado, utilizou-se o método de estudo de casos múltiplos. Três meninos vítimas de VS, com idades entre oito e 16 anos, foram avaliados antes e após a intervenção por meio de instrumentos psicológicos quanto a sintomas comumente presentes em vítimas de VS. A aplicação do modelo adaptado foi realizada por três pesquisadores distintos e avaliada por três juízes independentes por meio de seis indicadores. Além disso, os participantes avaliaram a intervenção por meio de relatos escritos. As avaliações sintomatológicas realizadas antes e após a intervenção indicaram a variabilidade no número de sintomas para cada participante, sendo que fatores pessoais relacionados à VS e ao histórico de cada um deles podem ter influenciado esses resultados. A avaliação da aplicação do modelo adaptado indicou a formação de uma boa aliança terapêutica entre os participantes e os pesquisadores, o que facilitou a autorrevelação por parte dos meninos. Os relatos escritos realizados produzidos pelos participantes indicaram a adequação da maioria das atividades, com exceção das atividades de Treino de Inoculação do Estresse (TIE), uma vez que os meninos mencionaram não gostar de falar sobre os episódios de VS sofridos. Tais resultados se constituem como evidências iniciais sobre a ação terapêutica do modelo adaptado.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ADOLESCENTES QUE CONVIVEM COM A DEPENDÊNCIA QUÍMICA: AVALIAÇÃO DE UM SERVIÇO DE PREVENÇÃO. *Thaís dos Reis Vilela**, Rebeca Souza e Silva, Marina Monzani da Rocha, Neliana Buzi Figlie. (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federalde São Paulo, São Paulo, SP)*

As investigações das últimas três décadas têm demonstrado que a exposição ambiental de crianças e adolescentes ao uso de álcool ou drogas pelos pais está associada a vários resultados negativos em seu desenvolvimento. O objetivo deste estudo foi investigar a efetividade de um modelo de intervenção preventiva com adolescentes que convivem com a dependência química em suas famílias. A amostra do estudo foi composta por um Grupo Intervenção (GI), no qual foram alocados 67 adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, assistidos em um serviço de prevenção localizado no Bairro Jardim Ângela, periferia da cidade de São Paulo entre 2001 e 2008. O Grupo Controle (GC) foi composto por 35 adolescentes participantes de Centros de Juventude da região. Os grupos foram pareados por sexo, idade, tipo de substância consumida e membro dependente químico. Os dados foram coletados por meio de um protocolo contendo questões sobre dados sociodemográficos e o Inventário de Autoavaliação para Adolescentes de 11 a 18 anos (YSR). Realizou-se a análise descritiva dos dados e, para a verificação de presença de associações estatísticas significativas (p≤0,05), o teste X2 de Pearson foi utilizado. Para a análise múltipla, utilizou-se a regressão logística. Da amostra pesquisada 57% é do sexo masculino e 43% do sexo feminino. A idade média é 14 anos (dp=1,70). De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil, (CCEB) 20,6% pertence à classe D, 66,7% à classe C e 12,7% à classe B2. A maioria dos pais são casados ou amasiados (51%) e 71,6% das mães e 81,3% dos pais estão no mercado de trabalho. Em 66,7% dos casos, o dependente químico é parente em primeiro grau e em 33,3% parentes em segundo grau. A substância mais consumida é o álcool (58,8%) enquanto que 41,2% consome substâncias ilícitas. Os resultados apontam que o GI é mais protegido de presenciar agressões físicas entre familiares (p=0,014) e tem mais chances do membro dependente químico já ter passado por algum tratamento anteriormente (p=0,021). Apesar do GI ser o grupo mais vulnerável no fator socioecônomico, ainda assim é o grupo mais protegido, ou seja com a menor proporção de adolescentes com escores clínicos no YSR (p=0,009). Esse trabalho pretende somar com os achados da literatura nacional sobre o tema, norteando estratégias de prevenção e promoção de saúde direcionadas a familiares e filhos de dependentes químicos. Além disso, considerando a escassez de políticas públicas e financiamentos direcionados para prevenção no Brasil, este estudo aponta a efetividade de um serviço de prevenção e sustenta a necessidade e importância de investimento em serviços e políticas públicas desta ordem.

Filhos de Dependentes Químicos, Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR), Prevenção

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

SMENTAL

AMBIENTE FAMILIAR E DEPRESSÃO MATERNA: ESTRESSORES E CUIDADOS FAMILIARES. *Isabela Mendes Vilanova e Silva* (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Fernanda Aguiar Pizeta**, Ana Paula Casagrande Silva**, Sonia Regina Loureiro (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

Sob o enfoque teórico da Psicopatologia do Desenvolvimento, o contexto familiar de desenvolvimento das crianças pode contribuir tanto para promover competência quanto a dificuldade. A depressão materna configura-se como uma condição que influencia o ambiente familiar, favorecendo dificuldades comportamentais de crianças em idade escolar, o que mais recentemente, tem sido relacionado não só à psicopatologia materna, mas à cronicidade de eventos estressores no ambiente familiar. Destaca-se que nem todas as crianças que convivem com mães depressivas desenvolvem problemas comportamentais, sendo de interesse verificar as condições que favorecem tais desfechos. Objetivou-se comparar as condições contextuais do ambiente de famílias que convivem com a depressão materna recorrente, identificando os principais estressores presentes no ambiente familiar de crianças com e sem dificuldade de comportamento, segundo a percepção das mães. Foram avaliadas 40 díades, mães e crianças, estas de ambos os sexos, na faixa etária de sete a 12 anos, cujas mães apresentavam diagnóstico psiquiátrico de Depressão Recorrente. As crianças foram distribuídas em dois grupos de acordo com os indicadores comportamentais, sendo G1 crianças com dificuldades comportamentais (n=18) e G2 crianças sem tais dificuldades (n=22). As mães responderam aos seguintes instrumentos: a) Entrevista Clínica Estruturada para o DMS-IV; b) Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ); c) Escalas de Eventos Adversos e de Adversidade Crônica; c) Entrevista com Roteiro Semi-Estruturado; d) Questionário Sociodemográfico. As crianças responderam aos testes: a) Matrizes Progressivas Coloridas de Raven; b) Teste do Desempenho Escolar. Os instrumentos psicométricos foram codificados conforme as normas. As entrevistas foram transcritas, categorizadas e submetidas à concordância, sendo pontuadas quanto à presença ou ausência de estressores e eventos adversos relativos: a) ao contexto geral; b) a doenças, perdas e organização familiar; c) às interações familiares e práticas educativas; d) a problemas de saúde e de comportamento das crianças. Os dados foram quantificados e os grupos comparados por procedimentos estatísticos ($p<0,05$). Com relação ao perfil sociodemográfico e aos recursos do ambiente familiar, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Na análise estatística relativa às categorias de eventos estressores verificou-se, com diferença significativa, a presença de maior número de estressores (total) para o G1 em comparação ao G2 (G1=27,50; G2=14,77; Mann-Whitney=72, 000; p=0,000), além de diferenças quanto aos estressores do contexto geral, das interações familiares e práticas educativas e dos problemas relativos à criança. Verificou-se que o ambiente familiar, das crianças com dificuldade de comportamento que convivem com a depressão materna, caracterizou-se pela presença de um maior número de eventos estressores em comparação às crianças sem dificuldade, as quais se mostraram mais adaptadas, o que se faz pensar na possível ação de fatores de proteção. Conclui-se que, a presença de mais dificuldades comportamentais em crianças que convivem com uma diversidade de estressores, que se sobrepõem à depressão materna, aponta para a sinergia dos problemas comportamentais das crianças com outras condições além da depressão materna. Tal dado é relevante para o planejamento de práticas de saúde mental que abarquem a complexidade e a

multiplicidade dos eventos estressores presentes no cotidiano de famílias que convivem com a depressão materna.

CNPq

Palavras-chave: Depressão Materna; Comportamento Infantil; Estressores

Iniciação Científica – IC

SMENTAL

ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA SOBRE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL PARA PORTADORES DE TRANSTORNO MENTAL.

*Fabricia Creton Nery**; Bárbara Any Bianchi Bottaro de Andrade*; Marcela Gouvêa Guedes*; Ramon Theodoro de Sousa Braga*; Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

Estudos apontam diversas dificuldades no tratamento de pacientes portadores de transtorno mental, como o estigma relacionado a essa condição de saúde, ressaltando a necessidade de desenvolver intervenções eficazes. As intervenções psicossociais têm sido apontadas como uma estratégia importante para melhorar a qualidade de vida dessa população. O presente estudo objetivou avaliar os indicadores bibliométricos da literatura científica sobre intervenções psicossociais elaboradas para portadores de transtorno mental. As buscas foram realizadas nas bases de dados Web of Science, Pubmed, Psycinfo, Scielo, Lilacs e Scopus, utilizando os descritores "mental disorder" e "mental illness" cruzados com o termo "psychosocial intervention". A busca resultou em 458 artigos, dos quais 100 estavam duplicados e foram excluídos. Os 358 artigos selecionados foram analisados seguindo os critérios de inclusão: a) ser um estudo empírico; b) referir-se a um estudo sobre intervenção psicossocial para portadores de transtorno mental; c) ter o texto completo disponível. Após a avaliação desses critérios, 25 artigos foram incluídos na amostra final para categorização. A partir da análise dos indicadores bibliométricos, verificou-se um crescimento de 20 % da publicação entre os intervalos de anos de 2002-2007 e 2008-2012, com destaque para o ano 2011 que publicou o maior número de artigos (n=8). No que se refere ao tipo de delineamento dos artigos, 24% possuíam o delineamento transversal e 76% delineamento longitudinal. Noventa e dois por cento dos estudos apresentaram metodologia quantitativa, 4% apresentaram metodologia qualitativa e 4% apresentavam metodologia mista. Na amostra analisada, duas revistas apresentaram mais de uma publicação (Schizophrenia Bulletin e International Journal of Psychiatry in Clinical Practice). Dentre os países nos quais os estudos foram desenvolvidos, destacam-se os Estados Unidos da América (44%), seguido por Austrália, Holanda e Israel (8% cada). Com relação à população estudada, 52% dos estudos utilizaram uma amostra composta por apenas um tipo de transtorno, sendo o mais frequente a esquizofrenia; 24 % utilizaram uma amostra composta por mais de um transtorno; e 24 % não especificou o transtorno estudado. O tamanho da amostra variou de n = 4 a n = 1071, sendo que cinco trabalhos constituíam-se de estudos piloto. Nos artigos analisados, cinco mencionavam o estigma, dentre os quais três estudos abordavam o estigma na intervenção e dois o mencionavam na discussão. No tocante às temáticas mais recorrentes nas intervenções, ressalta-se a relação com a comunidade, a promoção de habilidades, a psicoeducação e o gerenciamento da condição de saúde. Verificou-se que todos os artigos foram publicados em língua inglesa e todos se caracterizaram-se por autoria múltipla, nos quais 88,8 % dos autores publicaram apenas uma vez sobre o tema e 11,2 % publicaram mais de uma vez. Tendo em vista o crescimento de publicações na área, salienta-se o crescente interesse e necessidade em se promover intervenções qualificadas para essa população. Ressalta-se a necessidade de uma investigação mais ampla sobre a temática, sobretudo o desenvolvimento de pesquisas que busquem investigar como, onde e com qual objetivo as intervenções psicossociais são realizadas nos serviços de atendimento ao portador de transtorno mental.

Saúde mental, intervenção psicossocial, psicologia social

CNPq - MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 07/2011

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ASPECTOS COMPORTAMENTAIS DE CRIANÇAS QUE CONVIVEM COM A DEPRESSÃO MATERNA: ESTUDO LONGITUDINAL. *Maria Isabela Brasil Cartafina, Thaysa Brinck Fernandes Silva, Ana Vilela Mendes, Sonia Regina Loureiro (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

Estudos empíricos recentes têm demonstrado que a depressão materna tem um impacto negativo para o comportamento das crianças, apontando, ainda, para a carência de estudos longitudinais, que permitam avaliar a continuidade de tal impacto em momentos distintos do desenvolvimento. Objetivou-se: comparar os indicadores comportamentais de crianças, em idade escolar, que convivem com a depressão materna ao de crianças que convivem com mães sem história psiquiátrica, avaliadas em dois momentos próximos do seu desenvolvimento, com um intervalo de dois anos e seis meses. Participaram do estudo 62 díades mãe-criança, distribuídas em dois grupos, a saber: Grupo 1 (G1) - 31 crianças cujas mães apresentaram diagnóstico de depressão, e Grupo 2 (G2) - 31 crianças cujas mães não apresentaram diagnóstico de depressão e outros transtornos psiquiátricos. As mulheres/mães com depressão foram identificadas na atenção primária, em uma Unidade Básica de Saúde de Uberaba-MG, quando buscavam atendimento clínico, não psiquiátrico, para si. Procedeu-se a avaliação das mulheres por meio do Patient Health Questionnaire (PHQ-9) e da Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID), sendo priorizada a confirmação diagnóstica pela SCID, de Depressão Maior para a inclusão no G1 e a exclusão de depressão e de outros transtornos psiquiátricos para a inclusão no G2. As crianças, com idade entre seis e 12 anos, foram identificadas por meio de suas mães. As mães responderam ao Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança (SDQ), instrumento de rastreamento de indicadores comportamentais e a um Questionário Complementar, relativo aos dados sócio-demográficos e familiares. Os dados foram codificados segundo as recomendações técnicas e analisados por procedimentos estatísticos (p ≤ 0,10). Foram observadas diferenças significativas entre os grupos no primeiro momento, na escala problemas de relacionamento com pares e/ou colegas, constatando-se uma maior porcentagem de crianças classificadas com dificuldade em G1, em comparação ao G2; e no segundo momento, nas escalas sintomas emocionais e problemas de relacionamento com pares e/ou colegas, observando-se uma maior porcentagem de crianças com dificuldades em G1, em comparação ao G2, em ambas as escalas. Na comparação entre os momentos, as crianças de G1 e G2 apresentaram, com significância estatística, no primeiro momento, mais indicadores de problemas comportamentais em geral. Nos dois momentos verificou-se uma alta taxa de crianças com problemas comportamentais, superior a 50%, sem diferença significativa. Constatou-se que os dois grupos mostraram-se vulneráveis, independente da convivência com a depressão materna, possivelmente em função da carência econômica e da baixa escolaridade materna. Verificou-se a não continuidade dos problemas, já que ambos os grupos de crianças apresentaram menos problemas comportamentais gerais na segunda avaliação, possivelmente em função de variáveis clínicas, como o tratamento psicológico ou psiquiátrico das mães e crianças, que após a primeira avaliação e devolutiva dos dados buscaram ajuda especializada. Conclui-se que o estudo longitudinal contribuiu para verificar a ação de múltiplas variáveis quando da identificação de grupos vulneráveis, atendidos na atenção primária, sendo nesse contexto, a depressão materna mais uma variável de adversidade a adaptação das crianças.

Apoio Financeiro: CAPES, FAPESP, CNPq.

Palavras-chaves: Comportamento, crianças, depressão materna.

Mestrado - M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE FAMÍLIAS QUE CONVIVEM COM A DEPRESSÃO MATERNA E O COMPORTAMENTO INFANTIL. *Paula Mayara Souza Theodoro* (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP), Fernanda Aguiar Pizeta**, Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP)*

Sob a perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento aspectos psicossociais podem potencializar os riscos ou favorecer o desenvolvimento infantil. Nesse contexto, a depressão materna tem sido considerada uma condição de adversidade que favorece dificuldades comportamentais de crianças em idade escolar. Aspectos como a gravidade e recorrência da depressão e condições socioeconômicas e de suporte social podem modificar os desfechos comportamentais das crianças. Formulou-se como hipótese que crianças com dificuldades comportamentais estariam expostas a condições psicossociais mais precárias e à convivência com mães com maior gravidade clínica. Objetivou-se caracterizar e comparar os aspectos psicossociais de famílias que convivem com a depressão materna recorrente, quanto às condições sociodemográficas das famílias e clínicas das mães de crianças com e sem dificuldades comportamentais. Foram estudadas 40 díades mãe-criança, estas de ambos os sexos, na faixa etária de sete a 12 anos, residentes com suas mães biológicas, as quais têm história clínica psiquiátrica com diagnóstico de Depressão Recorrente. As mães foram avaliadas pela Entrevista Clínica Estruturada para o DMS-IV para confirmação diagnóstica, e responderam aos seguintes instrumentos: a) Questionário Sociodemográfico; b) Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), relativo ao comportamento da criança. Com base na avaliação comportamental as crianças foram distribuídas em dois grupos: a) G1 - composto por 18 crianças com indicadores de dificuldades comportamentais, e b) G2 - composto por 22 crianças sem dificuldades comportamentais. Os dados dos instrumentos foram codificados, categorizados e quantificados, sendo os grupos comparados por meio de procedimentos estatísticos ($p<0,005$). Observou-se o predomínio de mães com até oito anos de estudo (72,5%), casadas ou convivendo em união estável (77,5%), com até três filhos (77,5%) e pertencentes às classes C e D (75,0%), sem diferenças estatísticas significativas em relação ao perfil sociodemográfico. Quanto às crianças, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas quanto à idade, escolaridade e gênero. Com relação ao perfil clínico das mães verificou-se que a maioria da amostra apresentou episódios depressivos moderados (75,0%) e mais de três episódios ao longo da vida (60,0%), estando 85,0% delas em uso de antidepressivo por ocasião da avaliação, sem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Quanto ao perfil comportamental das crianças, verificou-se que as crianças de G1 apresentaram escore total do SDQ superior (18,5) ao de G2 (10,8), com diferença estatisticamente significativa ($U=59,0$). Na escala de sintomas emocionais, verificou-se que as meninas tenderam a apresentar mais dificuldade que os meninos. Nas demais escalas do SDQ, não foram verificadas diferenças significativas. Considerando as semelhanças quanto ao perfil sócio demográfico e as variáveis clínicas das mães, a hipótese formulada não foi confirmada. Pode-se inferir que a presença ou ausência de dificuldades de comportamento das crianças se relacione a outras variáveis, tais como recursos do ambiente familiar e social ou mesmo recursos da própria criança, não abordadas nesse estudo. Tais dados evidenciam a necessidade de avaliações que incluam múltiplas variáveis quando do estudo do ambiente familiar de crianças que convivem com a depressão materna.

Palavras chave: depressão, família ,comportamento

Apoio: FAPESP

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE TRATAMENTO PARA DEPENDÊNCIA QUÍMICA. *Thaís dos Reis Vilela**, Janice Facchini, Valdemir Euzebio, Fabíola Alvares Garcia Serpa, Daniela Marinho Pintos, Marcelo Priante Pintos (Instituto de Terapia Comportamental / Clínica Médica Animare, São José dos Campos, SP)*

A dependência química é uma doença crônica e recorrente, que resulta de uma interação de efeitos prolongados da droga no cérebro. Entretanto, importantes aspectos sociais, culturais, cognitivos e comportamentais são partes integrantes dessa doença, que deve ser entendida e tratada dentro de um enfoque biopsicossocial. Um tratamento eficaz precisa considerar o comprometimento do usuário em todas as áreas da sua vida e, para isso, a intervenção deve ser delineada de acordo com as necessidades de cada paciente. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é apresentar os resultados preliminares de um programa de tratamento para dependência química, desenvolvido por médicos e psicólogos de São José dos Campos, interior de São Paulo. O programa envolve acompanhamento médico, testagem semanal, acompanhamento psicoterapêutico pautado na terapia cognitivo-comportamental e terapia familiar. A amostra foi composta por 15 pacientes, com idade entre 17 e 41 anos, atendidos no programa no período de Abril/2011 a Abril/2012. De acordo com os resultados, 66,7% é do sexo masculino e 33,3% do sexo feminino. A idade média é 28 anos (dp=8,45). Com relação ao estado conjugal, 53,3% são solteiros, 40% são casados/amasiados e 6,7% divorciados. A maioria (66,7%) trabalha e 46,7% possuem ensino superior incompleto. A idade média de início do uso de substâncias psicoativas foi 15 anos (dp=3,68) e a primeira substância consumida foi o álcool (53,3%), seguida por maconha (33,3%) e cocaína/crack (13,3%). No momento de ingressão ao tratamento, 46,7% eram poliusuários, 20% usuários de maconha, 20% usuários de cocaína/crack e 13,3% usuários de álcool. A maioria (66,7%) passou por algum tratamento para dependência química anteriormente, 40% possuem histórico de dependência química na família e 86,7% apresentam alguma comorbidade, entre elas transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno esquizoafetivo, transtorno bipolar e transtorno de personalidade antissocial. Constatou-se uma adesão da maioria dos pacientes (60%) atribuída ao desenvolvimento de vínculos de boa qualidade com a equipe. Para o sucesso desse trabalho interdisciplinar foi necessário encontrar uma linguagem em comum e manejar as "manipulações" dos pacientes durante os atendimentos, mantendo equilíbrio entre o estabelecimento de limites e postura não punitiva. As dificuldades encontradas nessa modalidade de tratamento envolveram a facilidade de acesso do usuário à substância psicoativa e exposição a situações de risco, além da falta de apoio familiar. Entre os desafios encontrados destacam-se a mobilização de recursos para possibilitar mudança de estilo de vida, por exemplo, volta aos estudos/trabalho, ampliação de rede social entre não usuários e melhora da qualidade das relações familiares. Considera-se que o trabalho interdisciplinar foi um dos fatores cruciais na produção de bons resultados: foi estabelecida uma comunicação adequada, clara e freqüente entre a equipe, o que cooperou para alinhar as condutas e possibilitou o acesso a informações importantes dos pacientes, bem como uma melhor compreensão clínica, mais abrangente, dinâmica e integrada.

Dependência Química, Terapia Cognitivo-Comportamental, Interdisciplinaridade

SMENTAL

AVALIAÇÃO DOS USUÁRIOS ACERCA DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. *Mara Soares Frateschi*, Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP)*

As novas práticas exercidas em saúde mental após a Reforma Psiquiátrica preconizam a desinstitucionalização e centram-se em recursos comunitários e em atendimento extra-hospitalar. Dentre os desafios e iniciativas da Reforma Psiquiátrica está a inserção da saúde mental na Atenção Primária à Saúde (APS). Neste contexto, a avaliação do usuário quanto à assistência que recebe é uma importante referência para a conformação dos novos fazeres em saúde. O presente estudo objetivou investigar a avaliação que os usuários fazem do cuidado em saúde mental oferecido por dois serviços públicos de saúde da APS e especificamente, buscou-se avaliar expectativas, experiências e satisfação dos usuários em relação ao serviço que usufruem. Os participantes foram usuários em sofrimento mental, assistidos por dois serviços de saúde da APS, a saber: a) Unidade de Saúde da Família; b) Unidade Básica de Saúde tradicional. Para a coleta de dados foi utilizado o Grupo Focal, sendo realizado um grupo em cada serviço. O material foi submetido à análise qualitativa em pesquisa e utilizou-se como ferramenta a Análise de Conteúdo Temática. Os grupos foram áudio gravados e transcritos na íntegra. A partir da leitura exaustiva do material, os resultados foram dispostos em cinco categorias temáticas, a saber: 1. Pontos Fortes - abrange os aspectos dos serviços avaliados como satisfatórios; 2. Pontos Frágeis - abarca os aspectos dos serviços avaliados como insatisfatórios; 3. Necessidades/Sugestões - inclui propostas para uma melhor assistência; 4. Comparação com outros serviços de saúde mental - trata da avaliação de outros serviços de saúde e a comparação destes com os da APS; 5. Concepções - abarca concepções acerca do serviço, do cuidado e da pessoa em sofrimento mental. Os usuários se posicionaram criticamente diante da assistência que recebem e puderam explicitar suas experiências, expectativas e percepções acerca dos serviços. Tais informações são relevantes, uma vez que carregam conteúdos individuais e coletivos, permeados por fatores econômicos, sociais, políticos e culturais. Observou-se, através dos relatos, que muitas dificuldades são encontradas para a assistência à saúde mental no contexto da APS, por exemplo, despreparo para a escuta, intervenções focadas na doença e ausência de atividades de promoção de saúde. Os usuários percebem a necessidade de uma escuta mais qualificada, que promova acolhimento e vínculo, bem como de uma assistência mais humanizada, longitudinal e integral. Conclui-se que existe uma lacuna entre ações em saúde mental e APS, e, que a avaliação feita pelos usuários constitui peça fundamental neste contexto, uma vez que os usuários fornecem informações essenciais para a construção de uma nova modalidade de agir em saúde.

Saúde Mental, Atenção Primária à Saúde, Avaliação de Serviços de Saúde.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

SMENTAL

BURNOUT E DEPRESSÃO EM RESIDENTES MÉDICOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Karina Pereira Lima, Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

Alguns ambientes de trabalho são potencialmente de risco à saúde do trabalhador, entre esses, inclui-se o hospitalar, sendo recente o estudo dessa temática. Os altos índices de burnout e depressão em residentes médicos caracterizam problemas de saúde mental associados à ideação suicida e ao aumento de erros médicos. Esta revisão sistemática teve como objetivo identificar e analisar artigos empíricos publicados nos últimos cinco anos (2007 – 2012) sobre a temática burnout e a depressão durante a residência médica, tendo por fonte as bases de dados Medline/Pubmed; LILACS; PsycInfo e Web of Science. Procedeu-se a busca, utilizando-se as palavras-chave "burnout and internship"; "depression and internship"; "burnout and residency training"; "depression and residency training", seguida da leitura sistemática dos resumos com o objetivo de aplicar os critérios de inclusão e exclusão. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a) idioma – português, inglês, espanhol; b) artigos publicados nos últimos cinco anos (2007-2012); c) população – residentes médicos; d) artigos empíricos. Excluíram-se os estudos com a) amostras específicas de residentes e peculiaridades de área; b) foco em pacientes; c) foco em condições de ensino e instrumentos de avaliação. Foram identificados 561 artigos, sendo que 271 destes se repetiram entre as bases e 58 abordavam revisões e editoriais. Dos 232 possíveis, foram excluídos 213 tendo em conta os seguintes critérios: 111 por peculiaridades dos participantes, tais como graduandos, profissionais não médicos e amostras específicas de médicos e 102 foram excluídos por ter como foco principal as condições de ensino e os pacientes em tratamento. Após esse procedimento, foram selecionados e analisados 19 artigos empíricos, sendo 16 com delineamento transversal e 03 com delineamento longitudinal. Analisando-se os principais resultados, verificou-se a presença de altos índices de burnout e depressão em residentes médicos relacionados a fatores, como: dados demográficos (sexo, estado civil, número de filhos); condições de trabalho (carga horária semanal, número de plantões por mês, privação de sono, ano de residência); características pessoais (variáveis de personalidade); problemas prévios de saúde mental (consumo de álcool e tabaco, histórico de depressão); eventos estressores, enfrentamento e suporte social. Sobre a relação entre especialidade médica e burnout, nove estudos realizaram comparações entre grupos, destes, três não identificaram diferenças significativas, quatro constataram maiores índices de burnout nos residentes de áreas cirúrgicas e dois relataram maiores índices de burnout em residentes de áreas clínicas, sem um consenso sobre a relação entre burnout e especialidade médica, o que sugere a necessidade de novos estudos. A relação entre depressão e especialidade médica foi estudada em cinco artigos e nas comparações entre grupos não identificaram diferenças significativas. Conclui-se que na literatura indexada, a temática burnout e depressão na residência médica tem sido abordada predominantemente com o objetivo de identificar condições de risco para tais manifestações, verificando-se uma carência de estudos que incluam fatores de proteção para tais problemas, bem como a realização de estudos longitudinais que permitam verificar o impacto para saúde mental ao longo do tempo de residência, o que poderá contribuir para a proposição de medidas preventivas voltadas para essa população.

Apoio FAPESP; CNPq

SMENTAL

BURNOUT: COMO VAI A SAÚDE MENTAL DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA? *Rosana Zimbardi Martins, Monalisa de Cássia Fogaça, Jonas Borsetti, Izabela Galindo Silva, Leidiana Peixoto Ribeiro, Daniela de Souza Teixeira*

Introdução: A entrada na universidade corresponde ao momento inicial de um projeto de vida decisivo para a maioria dos estudantes universitários. As características pessoais do estudante, bem como os apoios que a universidade lhe disponibiliza, desempenham um importante papel nos níveis de adaptação dos estudantes ao contexto universitário. Estudantes estão constantemente expostos a diversos estressores psicossociais ao longo de sua formação. Estes se persistentes, podem ocasionar a Síndrome de Burnout (SB). No caso dos estudantes de Psicologia, a SB também se revela como uma questão relevante e diferenciada, pois durante a formação acadêmica, o aluno poderá viver momentos de ansiedade pela carga emocional desencadeada pelo próprio curso (TARNOWSKI, 2007; CARLOTTO, 2006 e 2008). Diante dessas assertivas se faz necessário pesquisar sobre a Saúde Mental do estudante de Psicologia, visto que este tem como função principal promover o bem-estar e o equilíbrio biopsicossocial na sua prática profissional. Metodologia: Estudo transversal com 282 alunos do curso de Psicologia de uma universidade particular de São Paulo, cursando do 1º ao 5º ano, matriculados no período diurno e noturno. Aplicou-se o Maslach Burnout Inventory – Student Survey [MBI-SS] (CARLOTTO, 2006) e os dados foram avaliados através do Teste de Mann-Whitney. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Nove de Julho – UNINOVE sob o nº 349215. Marco Conceitual: O conceito de Burnout em estudantes também se constitui de três dimensões: Exaustão Emocional, caracterizada pelo sentimento de estar exausto em virtude das exigências do estudo; Descrença, entendida como o desenvolvimento de uma atitude cínica e distanciada com relação ao estudo; e Ineficácia Profissional, caracterizada pela percepção de estarem sendo incompetentes como estudantes. Resultados: Não foram percebidas diferenças estatísticas quando comparamos os alunos do período matutino e noturno. Ao avaliarmos os alunos do 1º, 2º, 3º e 4º anos em relação aos alunos do 5º ano, em ambos os períodos, constatamos que alunos concluintes apresentam diferenças estatísticas significantes (p ≤ 0,02), nos quesitos: Exaustão Emocional, Descrença e Ineficácia Profissional. Discussão: Recente estudo desenvolvido com alunos de psicologia da Universidade de Valencia, por Figueiredo-Ferraz (2009), encontrou dados semelhantes ao nosso, quando compararam alunos do 3º e 4º anos, sendo que estes últimos apresentavam escores de desgaste psíquico superior. Um estudo brasileiro com acadêmicos de psicologia (Carlotto, 2007), também encontrou alunos do ultimo ano do curso com escores alto na dimensão exaustão emocional. Considerações Finais: Esta pesquisa nos revela a necessidade de ajuda expressa pelos estudantes concluintes e nos alerta no que tange a adoção de medidas preventivas que diminuam o estresse durante a trajetória acadêmica dos mesmos.

SMENTAL

COLABORACIÓN CIENTÍFICA EN DROGODEPENDENCIAS ENTRE LATINO AMÉRICA Y UNIÓN EUROPEA. *Daniela Ribeiro Schneider, Rafael Aleixandre Benavent, Antonio Vidal Infer, Máxima Bolaños-Pizarro, Francisco J. Bueno Cañigral, Juan Carlos Valderrama-Zurián*

El fenómeno de las drogodependencias se caracteriza por su carácter multifacético y multidisciplinar, estando presente en todos los países y afectando a personas de todas edades y niveles sociales.. En el campo científico cada vez adquiere más importancia la colaboración que se establece entre diferentes grupos de investigadores e instituciones, pues ésta permite consolidar el quehacer científico, garantiza la mejora de los métodos de investigación y la calidad de los resultados obtenidos. Los estudios comparativos que analizan la cooperación entre países, comunidades y grupos aportan información que puede ayudar a esclarecer las diferencias y similitudes entre el consumo de drogas y el contexto biopsicosocial de cada uno de ellos. Este estudio objetiva analizar las redes de colaboración en drogodependencias entre países latinoamericanos y de la Unión Europea, aplicando metodologías procedentes de la bibliometria y del análisis de redes sociales.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

COMPARAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE COMORBIDADES PSIQUIÁTRICAS, VARIÁVEIS NEUROPSICOLÓGICAS E NÚMERO DE TENTATIVA DE SUICÍDIO EM PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR (TAB) TIPO I E TIPO II. *Carolina Soraggi Frez*, Fabricia Loschiavo-Alvares**, Isabela M. Lima**, Cristina Yumi N. Sediyama**, Fernando Neves, Humberto Corrêa, Leandro Malloy-Diniz (Laboratório de Investigações Neuropsicológicas/ Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Medicina Molecular/ Faculdade de Medicina/ Universidade Federal de Minas Gerais/ Belo Horizonte/ Minas Gerais).*

Objetivo: Investigar o valor preditivo das variáveis neuropsicológicas e comorbidades psiquiátricas quanto ao número de tentativas de suicídio, em pacientes com TAB tipo I e II, e comparar a prevalência desses construtos em cada grupo. Método: A amostra contou com um total de 96 pacientes em eutimia, diagnosticados através do MINI Plus. 58 pacientes foram diagnosticados com TAB tipo I, sendo 38 pessoas do sexo feminino com média de idade de 42,01 anos (d.p.= 13,2) e 40 pacientes foram diagnosticados com tipo II, sendo 30 mulheres com idade média de 40,17anos (d.p.= 10,6). Para a caracterização do perfil cognitivo, foram utilizados o IGT, CPT, WCST, além de um protocolo específico para contagem do número e tipos de tentativas de suicídio. Resultados: Inicialmente foi realizada uma comparação intergrupos quanto às variáveis investigadas, a saber: tabagismo, transtorno psicótico e IGT total. Portanto, foi conduzida uma Anova One-Way, e os grupos, TAB tipo I e tipo II foram diferentes para todas as comparações, sendo tabagismo (F= 5. 211 / p=.025), transtorno psicótico (F=16.690 / p= .000) e IGT Total (F= 3.113 / p= .05). O TAB tipo I apresentou maior freqüência de tabagismo e transtorno psicótico, além detomada de decisão mais desvantajosa quando comparadas ao tipo II. Para a condução da análise de regressão, foi conduzida uma correlação de Pearson, e separadas as variáveis que apresentaram um nível de significância de até 25%. Após corroborados os princípios da normalidade e homocedasticidade, foram rodados os modelos de regressão, sendo as variáveis independentes o número de episódios maníacos, o escore no IGT e a medida de impulsividade por não-planejamento, e a variável dependente o número de tentativas de suicídio. A regressão foi conduzida usando o método enter, no pacote estatístico SPSS (versão 19), e foi adotada a redução manual passo a passo. A relação entre as variáveis dependentes e independentes foram investigadas considerando-se o nível de significância de 5%. Por fim, foi obtido um modelo de regressão, no qual as variáveis número de episódios maníacos e IGT total, em associação, respondiam por .32 do numero de tentativas de suicídio (F= 6.42 / p= .001/ R2= .32). Conclusão: A literatura aponta para uma maior severidade de sintomas e prognóstico para o TAB tipo I quando comparado com TAB tipo II, fato que corrobora os resultados encontrados neste estudo. Ressalta-se a importância destes achados, não só como preditores do comportamento suicida, mas também como indicadores de medidas profiláticas para a abordagem terapêutica do suicídio.

Transtorno Afetivo Bipolar, suicídio e tomada de decisão

SMENTAL

COMPARAÇÃO DOS PERFIS NEUROPSICOLÓGICOS DE PACIENTES COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR TIPO I E TIPO II. *Ana Paula Gomes Jelihovschi*; Cristina Yumi Nogueira Sediyama**; Fabricia Loschiavo-Alvares**; Isabela M. Magalhães Lima** (Laboratório de Investigações Neuropsicológicas - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais);Fernando Neves (Coordenador do Núcleo de Transtornos afetivos do Hospital das Clínicas- UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais); Humberto Correa; Leandro Malloy- Diniz (Departamento de saúde mental, faculdade de medicina UFMG, Laboratório de Investigações Neuropsicológicas, INCT, Belo Horizonte, Minas Gerais)*

Alterações do humor envolvendo episódios esporádicos de mania ou hipomania e depressão é o que caracteriza o transtorno afetivo bipolar (TAB). Este transtorno é crônico e traz prejuízos funcionais e cognitivos significativos para a vida de sujeitos com TAB, durante o seu curso. O TAB é subdivido em tipo I e II. No primeiro deles ocorre um ou mais episódios maníacos ou mistos e, com freqüência, os recorrentes episódios depressivos. Já o tipo II envolve episódios de depressão e presença de pelo menos um episódio de hipomania. Estudos mostram haver diferença quando comparamos indivíduos com TAB tipo I e II em relação a certos critérios cognitivos e comportamentais. O presente estudo teve como objetivo comparar o número de episódios de hospitalizações, prevalência de tabagismo, transtorno psicótico, freqüência de tomada de decisões desvantajosas e impulsividade atencional entre pacientes diagnosticados com TAB tipo I e II. A amostra contou com um total de 96 pacientes em eutimia, diagnosticados através do MINI Plus por psiquiatras do Hospital das Clínicas da UFMG. Dessa amostra, 58 pacientes eram TAB tipo I, 38 pessoas do sexo feminino, com média de idade de 42,01 anos (d.p.= 13,2) e 40 pacientes com TAB tipo II, sendo 30 pessoas do sexo feminino com idade média de 40,17 anos (d.p.= 10,6). Os grupos foram pareados quanto ao sexo, idade e escolaridade. Para a caracterização do perfil cognitivo, os pacientes passaram por avaliação neuropsicológica e eram entrevistados com protocolo específico para contagem do número de episódios de hospitalização. Para a análise dos dados foi conduzida uma Anova One-way, e adotado o valor de significância $p<0.05$. O grupo TAB I apresentou maior prevalência de tabagismo, transtorno psicótico, maior frequência de tomada de decisões desvantajosas e maior impulsividade atencional. Através desse estudo foi possível perceber que os critérios avaliados aparecem de forma mais severa em indivíduos com TAB tipo I do que no tipo II, sendo a maior gravidade de prejuízos daquele em relação a este, corroborada pelos resultados apresentados. Dessa forma, verifica-se que o perfil neuropsicológico desses dois grupos de sujeitos apresenta certo grau de diferença ao avaliarmos e compararmos esses critérios.Tal situação deve ser levada em consideração durante a avaliação neuropsicológica e diagnóstico dos mesmos. Sendo assim, haverá maior possibilidade de uma intervenção com tratamento mais direcionado e específico para os sujeitos com cada um desses tipos de TAB, permitindo-se a realização de tratamentos de melhor qualidade com diminuição de prejuízos na vida de quem tem esse transtorno.

Transtorno Bipolar tipo I; Transtorno Bipolar tipo II ; Perfil neuropsicológico

SMENTAL

CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DE UM GRUPO PSICOTERAPÊUTICO EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL. *Juliana Siquinelli Padula* , Thaís Thomé Seni Oliveira Pereira**, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

O modelo de atenção em saúde mental brasileiro, resultado do processo da reforma psiquiátrica, é denominado Atenção Psicossocial, e tem como serviço estratégico o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que é substitutivo ao manicômio e ao modelo asilar de assistência. Especificamente, o CAPS II é um serviço de atendimento diurno a pessoas com transtornos mentais severos e persistentes, proporcionando vários tipos de cuidados clínicos, de reabilitação e reinserção psicossocial, por meio de atividades que contam com ações de uma equipe interdisciplinar, sendo algumas realizadas ou incluindo o psicólogo. Dentre elas temos os grupos psicoterapêuticos, modalidade que vem sendo bastante utilizada e valorizada devido à efetividade das trocas interativas para a reabilitação psicossocial. O grupo potencializa as interações, funcionando como um espaço adequado para a exploração da subjetividade e para o desenvolvimento de recursos pessoais para lidar com situações cotidianas, proporcionando aos participantes uma adaptação ativa à realidade. Além disso, o grupo se torna uma valiosa estratégia de intervenção no contexto da saúde pública, ao possibilitar o atendimento de vários pacientes com uma mesma demanda ao mesmo tempo, reduzindo custos e otimizando a participação de usuários dos serviços de saúde mental. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo apresentar a experiência de um grupo operativo psicoterapêutico em um CAPS II de uma cidade do interior do estado de São Paulo, na perspectiva do pesquisador e coordenador do grupo. Trata-se de um estudo descritivo do tipo exploratório de abordagem qualitativa. Foi realizada análise dos registros de observação de 16 encontros grupais, realizados utilizando a técnica do grupo operativo de Pichón-Rivière, de freqüência semanal e 1 hora de duração. Em cada encontro, participaram, em média, 6 usuários, além dos 4 estagiários de psicologia coordenadores do grupo. O material foi submetido à análise que objetivou extrair eixos temáticos que apontavam a relevância terapêutica dessa modalidade. Os resultados sugerem que a psicoterapia grupal favorece o empoderamento e a reabilitação psicossocial do usuário, colocando-o como agente da sua própria mudança, na interação e no desenvolvimento da psicoterapia, sendo eles próprios quem definiam os temas trabalhados. Também foi evidente que o grupo permitiu a explicitação de conflitos cotidianos, como o isolamento social e os estigmas associados à doença mental. A partilha desta condição entre os participantes facilitou a troca de experiências das vivências psicóticas e da intensa carga de sofrimento que estes acarretam e, por conseguinte, possibilitou o apoio e a elaboração de outras possibilidades de lidar com tais aspectos. Além disso, as regras estabelecidas para o funcionamento grupal se tornaram importantes instrumentos, por se relacionarem a acontecimentos vivenciados pelos membros fora do espaço do grupo. Ainda, a modalidade grupal proporcionou a aprendizagem pela convivência com diferentes formas de pensar e sentir. Por fim, a investigação desta modalidade de intervenção permitiu explorar alguns dos caminhos do trabalho em grupo que constituem finalidades terapêuticas e que tornam o grupo um espaço continente e facilitador do desenvolvimento de recursos subjetivos para uma melhora na qualidade de vida presente e futura dos participantes.

Saúde mental, grupo, psicoterapia, CAPS.

SMENTAL

DEPRESSÃO INFANTIL EM UMA COORTE DE CRIANÇAS ESTRATIFICADA PELO PESO AO NASCER. *Claudia Mazzer Rodrigues** (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Sonia Regina Loureiro (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

O risco biológico relativo ao baixo peso ao nascer, sob a perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento, tem se destacado dentre as condições consideradas adversas ao desenvolvimento infantil, por promover a exposição da criança a uma série de adversidades, tanto logo após o nascimento, como ao longo do desenvolvimento, quando da presença de riscos pessoais e psicossociais relacionados ao ambiente familiar, podendo configurar-se como uma condição de vulnerabilidade e de múltiplos riscos. Apesar do impacto do baixo peso ao nascer ser amplamente estudado, poucos estudos tem abordado a influência desse fator para a depressão em crianças em idade escolar, apontando a presença de depressão como característica da adolescência. O construto depressão pode se referir a diferentes níveis de manifestações, todavia, no presente estudo, considerou-se como depressão infantil a identificação de sintomatologia depressiva por parte das crianças. Nesse contexto, considerou-se como hipótese norteadora que o baixo peso ao nascer associa-se à presença de depressão em escolares. Objetivou-se comparar os indicadores de depressão de uma coorte de escolares, estratificada em cinco grupos de peso ao nascer, segundo os valores de referência da Organização Mundial da Saúde, a saber: muito baixo peso ao nascer (MBP), baixo peso ao nascer (BP), peso insuficiente ao nascer (PI), peso normal ao nascer (PN) e muito alto peso ao nascer (MAP). Foi avaliada uma coorte de 665 crianças, aos 10/11 anos de idade, de ambos os sexos, nascidas em Ribeirão Preto-SP. Procedeu-se à avaliação da depressão por meio do Inventário de Depressão Infantil (CDI) respondido pelas próprias crianças. As informações referentes às condições do nascimento foram obtidas por meio da consulta aos prontuários médicos e os pais responderam a um Questionário sobre dados sociodemográficos. Os dados foram codificados de acordo com a proposição do instrumento e analisados por procedimentos estatísticos, adotando-se o nível de significância de $p < 0,05$. Observou-se que cerca de 7% das crianças da coorte, independente da estratificação por peso ao nascer, apresentaram indicadores de sintomatologia depressiva. Verificou-se que o grupo MBP apresentou a maior frequência de indicadores de depressão (34,8%), seguido dos grupos BP (11,7%), PN (5,0%) e PI (4,4%), sendo que o grupo MAP não apresentou crianças com sintomatologia depressiva. O grupo MBP apresentou escores significativamente mais elevados de sintomas depressivos quando comparado a todos os outros grupos de peso ao nascer (BP ($p=0,03$), PI ($p=0,01$), PN ($p<0,001$) e MAP ($p=0,01$)). Tais achados confirmaram a hipótese de maior vulnerabilidade das crianças da coorte, expostas ao fator de risco relativo ao nascimento com baixo peso, para a sintomatologia depressiva já na idade escolar, antecedendo a adolescência, como já demonstrado em estudos prévios. Evidenciou-se a importância de investigações longitudinais acerca dos indicadores de depressão em crianças de grupos vulneráveis, conforme propõe a psicopatologia do desenvolvimento, com a finalidade de subsidiar a instrumentação de medidas preventivas e interventivas voltadas para a promoção da saúde mental infantil.

FAPESP,CNPq

Palavras-chave: Depressão, Criança, Coorte

Mestrado-M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DIFICULDADES NO TRABALHO E CONDIÇÕES DE SAÚDE MENTAL DE PROFISSIONAIS DE EQUIPES DE SAÚDE DA FAMÍLIA. *Ester Konig da Silva* (Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça - SC), Nádia Kienen (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR)*

A realidade dos profissionais da saúde no Brasil indica que, muitas vezes, as experiências cotidianas no ambiente de trabalho têm produzido adoecimento. Considerando isso, esta pesquisa teve por objetivo caracterizar a percepção de profissionais que compõem as equipes de Saúde da Família acerca das dificuldades em realizar suas intervenções junto aos usuários e as consequências destas dificuldades para as condições de saúde mental desses profissionais. Foram selecionados profissionais que compõem três equipes de Saúde da Família do município de Palhoça/SC. Participaram da pesquisa 16 sujeitos, entre médico, dentista, enfermeiros, técnicos/auxiliar de enfermagem e agentes comunitários de saúde. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário misto, composto por 32 questões (abertas e fechadas). Para a construção do questionário foram consideradas as seguintes variáveis: caracterização das intervenções afetadas devido a dificuldades na unidade de saúde, situações estressoras, desempenho nas atividades, sentimentos relacionados ao trabalho, possíveis transtornos mentais e a relação entre o trabalho e a saúde mental, estabelecida pelos profissionais. Os dados das questões fechadas foram tratados e analisados por meio de estatística descritiva. Para as questões abertas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Como resultados, foi possível perceber que as principais dificuldades relatadas pelos profissionais da saúde são: falta de apoio dos órgãos responsáveis pela Equipe de Saúde da Família; falta de verba da prefeitura e condições precárias do ambiente de trabalho. Essas categorias também foram apontadas como as dificuldades que causam maior incômodo aos profissionais. A maioria dos participantes afirmou que estas dificuldades afetam as intervenções realizadas nas unidades de saúde, entre as quais as mais ressaltadas foram as atividades que envolvem intervenções em grupo com usuários, os encaminhamentos para outros níveis de atenção à saúde e as atividades de assistência básica. Sobre os sentimentos e percepções frente às dificuldades, os participantes afirmam buscar soluções para as dificuldades e afirmam que não há interferência das dificuldades sobre outros contextos da vida, em contrapartida, ressaltam sentirem-se frustrados diante das dificuldades. A análise das características da saúde mental dos profissionais indica que, apesar de não terem um estilo de vida adequado, os profissionais, em sua maioria, não apresentam sintomas incapacitantes, sendo que apenas dois participantes possuem diagnóstico psiquiátrico. Quanto à relação estabelecida pelos profissionais entre sua saúde mental e as condições de trabalho, foram identificadas as seguintes categorias: cisão entre a vida profissional e a vida pessoal do sujeito, condição de trabalho geradora de sofrimento, estratégias defensivas para enfrentar as condições geradoras de sofrimento, bem estar pessoal para boa atuação profissional e bem estar emocional gerado pela realização profissional. Portanto, percebe-se que a maior parte dos profissionais participantes da pesquisa consegue lidar com as dificuldades presentes no trabalho, apesar da frustração existente. Os resultados encontrados contribuem para refletir sobre os impactos das condições de trabalho sobre a saúde mental dos trabalhadores da saúde. A frustração e insatisfação geradas por essas dificuldades, além de afetar a relação com o trabalho, interfere na relação com os usuários e, consequentemente, ambos os fatores interferem na resolutividade preconizada pelo SUS.

Saúde mental. Profissionais da saúde. Atenção Básica.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO SOBRE EMPODERAMENTO EM ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO. *Ana Aparecida Vilela Miranda (Universidade de Brasília, Brasília, DF); Sheila Giardini Murta (Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Ao longo da história diversas formas de relacionamento foram sendo verificadas, cada qual com suas especificidades, devido à sociedade e a época. Muito dessas relações foram evoluindo e percebe-se a recriação das relações amorosas. Porém, apesar da "evolução" nas relações afetivo-sexuais, ainda se verifica que os papéis de gênero, construções históricas, ainda se mantêm. E, a violência perpetrada contra as mulheres, apesar dessas também serem perpetradoras, ainda se mostra muito elevada. Essa violência que ocorre no namoro muitas vezes está relacionada à falta de informações a cerca dos direitos pessoais, a falta de respeito entre os adolescentes que se relacionam, acreditar que algumas formas de violência são formas de cuidado, entre outros. Dessa forma se faz necessário programas que trabalhem de forma a promover o empoderamento desses adolescentes para que os mesmos não se envolvam e nem perpetuem namoros abusivos. Tendo em vista tais informações, o presente trabalho apresenta os resultados de um grupo psicoeducativo com foco na prevenção à violência no namoro. O grupo contou com a participação de 30 adolescentes de uma escola pública do distrito federal, contando com 9 sessões de 90 minutos aproximadamente. Os principais resultados mostram correlação positiva na avaliação de dose recebida, onde os participantes apresentaram maior consciência crítica sobre suas ações, pensar de forma diferente a determinados assuntos e colocar em prática assuntos tratados nas sessões. Conclui-se que ao fornecer informações novas, promover vivências que levem os jovens a repensar ideias prontas, e pensar criticamente sobre as próprias ações, promove-se o empoderamento desses indivíduos, ou seja, levam o indivíduo a uma maior autonomia, emancipação, respeito entre os pares, e maior consciência na tomada de decisão. Com isso diminui-se os fatores de risco para a violência no namoro (vitimização e perpetração).

Violência no namoro, empoderamento, prevenção

CNPq

SMENTAL

GRUPO DE ORIENTAÇÃO A PAIS COM FILHOS EM TRATAMENTO PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO. *Silvia Aparecida Fornazari, Bruna Bajo Munhoz**, Soraya Pistori**, Isadora Camargo Cardoso*, Letícia Jacomini*, Larissa Flausino Banuth Rodrigues*, Samara Nunes França* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, Brasil).*

Diferentes revisões sobre a produção científica na área de atendimento infantil têm indicado o treinamento de pais como uma das abordagens mais efetivas no tratamento de problemas comportamentais das crianças, principalmente para problemas como desordens de conduta, comportamento opositor e agressividade. Sabe-se que as crianças que contam com a colaboração dos pais, melhoram mais rapidamente e mantém suas mudanças ao longo do tempo. O objetivo geral deste estudo foi oferecer aos pais, cujos filhos menores de idade, estão em tratamento psicológico e/ou psiquiátrico na Clínica Escola e/ou Ambulatório de Psiquiatria da Unibersidade de Londrina, informações e orientações que permitam a eles colaborar com o processo de melhora de seus filhos e assim agilizar os resultados do tratamento individualizado oferecido. Enquanto objetivos específicos têm-se: fornecer informação sobre problemas psicológicos/psiquiátricos mais frequentes e seus tratamentos; orientar quanto as ações que os pais podem empreender para ajudar na melhora de seus filhos; e, fornecer apoio às tentativas de prática das habilidades sugeridas, ouvindo os relatos, analisando-os com os pais e refinando a aprendizagem dos comportamentos requeridos. Considerando-se as características do atendimento prestado nas clínicas-escola, como a alta demanda de clientes, e as longas filas de espera, trabalhos que visem apoiar o tratamento individualizado se justificam, uma vez que as orientações oferecidas aos pais podem levar ao favorecimento da adesão ao tratamento e levar ao alcance de resultados positivos no menor tempo possível. Foram realizados 10 encontros durante o ano de 2011, com periodicidade mensal, no Hospital das Clínicas (HC/UEL). Os participantes foram 15 famílias de crianças em atendimento. Os grupos tiveram formato aberto, ou seja, durante os encontros havia um tema geral para discussão, mas as questões e demandas trazidas pelos pais eram discutidas e orientações básicas realizadas. Os conteúdos trabalhados nos encontros tratavam de conceitos e procedimentos da Análise do Comportamento (Reforço, Reforço Intermitente, Punição, Extinção, Reforço Diferencial, Discriminação, Generalização, Análise Funcional e Discussão de casos). As avaliações pré e pós intervenção foram realizadas por meio de entrevistas com relato dos pais a respeito dos problemas apresentados pelos filhos e sua forma de trabalhar com eles. Enquanto resultados foi possível verificar mudança no repertório comportamental dos pacientes/clientes atendidos e também nos familiares, com consequente melhoria na qualidade de vida das famílias a partir das orientações fornecidas. Ainda foi possível perceber que o trabalho trouxe contribuições para a aprendizagem dos estudantes da residência em psiquiatria acerca dos aspectos psicológicos dos atendimentos, assim como contribuições para a aprendizagem dos estudantes da graduação em Psicologia acerca dos aspectos psiquiátricos dos atendimentos, demonstrando as vantagens e desvantagens do trabalho multiprofissional.

Atendimento infantil, Psicologia, Transtornos Psiquiátricos, Orientação de pais

PROEX- UEL

SMENTAL

HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO COM E SEM INDICADORES DE DEPRESSÃO: AVALIAÇÃO E COMPARAÇÃO.

*Josiane Rosa Campos**, Almir Del Prette (Programa Pós Graduação em Psicologia-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A literatura tem mostrado consistentemente altas taxas de transtornos depressivos na adolescência, especialmente em meninas. Diferentemente dos adultos, os sintomas depressivos na adolescência podem manifestar-se com "comportamentos explosivos", o que pode trazer dificuldade de socialização, afastamento e rejeição social. Os estudos têm apontado que parte dessas dificuldades de socialização pode ser devido a déficits de habilidades sociais. Pressupõe-se que o repertório de habilidades sociais pode funcionar como fator de proteção e a ausência, fator de risco ao desenvolvimento dos transtornos depressivos. A premissa é que as meninas que sem indicadores de depressão apresentam maior repertório de habilidades sociais quando comparadas às meninas com indicadores de depressão. No entanto, ainda não se tem claro quais são as diferenças e semelhanças de repertório de habilidades sociais em adolescentes do sexo feminino com e sem indicadores de depressão. Diante disso, a presente pesquisa apresentou por objetivo identificar e comparar o repertório de habilidades sociais de adolescentes do sexo feminino com e sem indicadores de depressão. Participaram da pesquisa 75 meninas com indicadores de depressão (grupo AID) e 74 meninas sem indicadores de depressão (grupo ASD), com idade de 12-14anos, de escolas públicas. As características sociodemográficas como idade e status socioeconômicos foram pareadas e o teste Qui-quadrado apontou que não houve diferença estatística entre os grupos. Os instrumentos utilizados foram Inventário de Depressão Infantil e Inventário de Habilidades Sociais Para Adolescentes (IHSA-Del Prette). Para avaliar as comparações entre as frequências das classes de habilidades sociais nos indicadores de frequência dos grupos ASD e AID foi utilizado o teste estatístico Qui-quadrado de independência r x 2 e foi adotado um nível de significância de 5% (p ≤ 0,05). Os principais resultados apontaram que as respondentes do grupo AID relataram repertório deficitário em todas as subescalas (F1-Empatia, F2-Autocontrole, F3-Civilidade, F4-Assertividade, F5-Abordagem Afetiva, F6-Desenvoltura Social), o que contrasta com os dados das respondentes do mesmo sexo, no grupo ASD, que relataram, majoritariamente, apresentar bom, elaborado e repertório altamente elaborado de habilidades sociais na maioria das subescalas, com exceção da F1-Empatia e F5-Abordagem Afetiva. O teste Qui-quadrado indicou que existiu diferença significativamente estatística entre os grupos no Indicador Geral de habilidades sociais, no F2-Autocontrole, F3-Civilidade e F4-Assertividade. Concluindo, o grupo ASD relata apresentar com maior frequência o repertório de habilidades sociais quando comparado ao grupo AID, o que confirma a premissa teórica. A partir dos dados obtidos, hipotetiza-se que as adolescentes com indicadores de depressão podem apresentar um padrão considerado agressivo, pois há baixo repertório de autocontrole e assertividade quando comparadas às adolescentes sem indicadores de depressão. Este dado parece esclarecer sobre o que a literatura aponta sobre os "comportamentos explosivos" presentes na depressão na adolescência. Além disso, o baixo repertório de civilidade relatado pelo grupo AID pode auxiliar a iniciar ou manter o isolamento social característico de pessoas deprimidas. As limitações e alcances do estudo serão discutidas.

CAPES

Adolescentes, habilidades sociais, depressão
D
SMENTAL

HABILIDADES SOCIAIS E DEPRESSÃO ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DO PERFIL DOS ESTUDOS. *Josiane Rosa Campos**, Almir Del Prette (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

As pesquisas indicam que os adolescentes que possuem diagnóstico ou indicadores de depressão apresentam muitas dificuldades em iniciar e manter relacionamentos sociais. Frequentemente, eles são rejeitados pelos seus pares, o que produz um mal estar clinicamente relevante e os prejuízos dizem respeito ao desenvolvimento do adolescente, a sua família e ao contexto escolar. A preocupação relativa às dificuldades interpessoais presentes nesses transtornos não é algo recente. Os estudos do campo teórico prático das habilidades sociais preconizam que os déficits de habilidades sociais podem estar presentes na depressão e a partir da década de 90, estudos de revisão foram realizados para melhor compreender o fenômeno. No entanto, não foram encontradas revisões sistemáticas da literatura que abordassem especificamente o tema habilidades sociais e depressão na adolescência. Nesse sentido, a presente pesquisa apresentou por objetivo identificar qual o estado da arte com a temática habilidades sociais, adolescência e depressão. As bases de dados consultadas para a realização da pesquisa foram: Lilacs, PsycINFO, Scielo, MEDline, Redalyc. Os critérios de inclusão dos artigos foram: (a) participantes de ambos os sexos; (b) publicações na língua, inglesa e espanhola; (c) estudos que contemplassem o diagnóstico e os indicadores de depressão; (d) publicações em periódicos com artigos completos ou disponíveis para compra; (e) população adolescente (idade correspondente de 10 a 19 anos, conforme critério estabelecido pela Organização Mundial da Saúde). Os critérios de exclusão dos artigos foram: (a) estudos farmacológicos; (b) outros diagnósticos (transtornos, síndromes e doenças); (c) pesquisas cujos objetivos eram associar as variáveis especificadas associadas a outras variáveis (educação de pais, problemas de comportamento, vício em internet, estresse, comportamento sexual, doenças sexualmente transmissíveis, uso de drogas e álcool, deficiência intelectual, resolução de problemas). Os artigos foram lidos na íntegra, descritos e analisados, a partir de um protocolo que abrangia as seguintes categorias: Bibliografia, Temática e Método. Foram identificados 8 artigos. Os principais resultados apontaram que: (a) os estudos são produzidos internacionalmente, com destaque para os EUA; (b) todas as pesquisas são empíricas; (c) a maioria dos estudos apresenta número maior que cem participantes; (d) a idade predominante dos participantes é de quatorze anos; (e) dentre as classes de habilidades sociais investigadas, a assertividade apareceu com maior frequência; (f) os estudos são majoritariamente pré-experimentais; (g) instrumentos de autorrelato foram utilizados, na maioria das pesquisas; (h) o tratamento de dados mais utilizado foi a estatística inferencial. Conclui-se que pesquisas que abordam o tema habilidades sociais, depressão e adolescência poderiam ser encaminhadas no contexto brasileiro, para que fatores protetivos e de risco relacionados a esta problemática pudessem ser compreendidos.

CAPES

Revisão, habilidades sociais, depressão

D

SMENTAL

INDICADORES DE SAÚDE MENTAL INFANTIL SEGUNDO RELATO DOS PAIS E DAS CRIANÇAS. *Claudia Mazzer Rodrigues** (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Sonia Regina Loureiro (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

Sob a perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento, os aspectos comportamentais se configuram como relevantes indicadores do desenvolvimento e dos recursos de saúde mental das crianças. Os problemas de comportamento podem ser diferenciados em: problemas externalizantes, que correspondem a dificuldades comportamentais dirigidas para o ambiente externo, e problemas internalizastes, que compreendem as manifestações comportamentais mais internas, como a ansiedade e depressão. Nas avaliações, os problemas externalizantes tendem a apresentarem maior concordância entre os informantes pais e crianças, por serem mais facilmente observados, enquanto os problemas internalizantes, são frequentemente menos reconhecidos pelos pais em comparação às próprias crianças, por serem menos visíveis. Ressalta-se a relevância de informações por múltiplos informantes, destacando-se que ao se autoavaliarem, as crianças tendem a considerar a sua percepção do momento da avaliação, ao passo que os pais tendem a referirem sintomas mais gerais, percebidos ao longo do tempo. Objetivou-se correlacionar os indicadores comportamentais e de depressão infantil apresentados por crianças em idade escolar, tendo por base informações fornecidas pelos pais e pelas próprias crianças, por meio de instrumentos de avaliação sistemática. Formulou-se como hipótese norteadora que a identificação dos indicadores de saúde mental infantil apresentaria uma concordância limitada entre os informantes pais e crianças, especialmente quanto à escala de sintomas emocionais, avaliada pelos pais e a depressão avaliada pelas crianças, ambas relativas a comportamentos internalizantes. Avaliou-se uma coorte de 665 crianças, aos 10/11 anos de idade, de ambos os sexos, nascidas em Ribeirão Preto-SP. Procedeu-se à avaliação dos indicadores comportamentais, por meio do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) respondido pelos pais e à avaliação de depressão, por meio do Inventário de Depressão Infantil (CDI) respondido pelas crianças. Os dados foram codificados de acordo com as proposições dos instrumentos e posteriormente, foram correlacionadas às pontuações do CDI e as pontuações do SDQ (escore total e escores de cada uma das cinco escalas, a saber: sintomas emocionais, hiperatividade, conduta, relacionamentos e pró-social). Observou-se correlação positiva moderada somente entre os escores relativos aos indicadores de depressão infantil, relatados pelas crianças, e os escores referentes aos indicadores de dificuldades comportamental total (rho=0,231, p<0,001), relatados pelos pais. Tais achados confirmaram a hipótese de concordância limitada entre os informantes pais e crianças, uma vez que a sintomatologia depressiva percebida pelas crianças foi identificada pelos pais como a presença de dificuldades comportamentais gerais, com especificações diversas, não sendo verificada associação significativa quanto à avaliação específica de depressão e sintomas emocionais. Tais dados referendam a relevância da avaliação das manifestações comportamentais e emocionais por meio de diferentes informantes, de modo a considerar as concordâncias e discrepâncias entre as diversas perspectivas, favorecendo assim, uma compreensão mais abrangente da situação da criança na proposição de práticas de saúde mental infantil.

FAPESP, CNPq

Palavras-chave: Comportamento, Depressão, Criança

Mestrado - M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

INVESTIGAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM ESTUDANTES COM DIFERENTES SINTOMAS DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE. *Diana Kraiser Miranda (Aluna Voluntária de Iniciação Científica), Danielle de Souza Costa (Mestranda do PPG em Medicina Molecular da UFMG), Leandro Fernandes Malloy-Diniz (Prof. Adjunto do Departamento de Saúde Mental da UFMG), Débora Marques de Miranda (Profa. Adjunta do Departamento de Pediatria da UFMG), António Marcos Alvim Soares Junior(Doutorando do PPG em Medicina Molecular) e Marco Aurélio Romano-Silva (Prof. Titular do Departamento de Saúde Mental da UFMG)*

OBJETIVO: Verificar se há diferenças na vulnerabilidade para psicopatologias em três grupos de estudantes que apresentam sintomas do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH, Critério A -DSM-IV). MÉTODO: 18 estudantes com idades entre 7 e 14 anos cujos responsáveis responderam os questionários padronizados MTA-SNAP-IV de avaliação de sintomas de TDAH e o Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes entre 6 e 18 anos (CBCL) foram divididos em três grupos de estudantes segundo a quantidade de sintomas: 8 estudantes com 6 ou mais de desatenção (D), 4 estudantes com 6 ou mais de hiperatividade-impulsividade (H/I) e 6 estudantes com 6 ou mais de desatenção + 6 ou mais de hiperatividade/impulsividade (combinado) (C). Os grupos não diferiram em relação à idade (média=10,2 anos; dp=2,4) ou sexo (38,9% do sexo feminino). A comparação entre os grupos foi realizada através de análise de variância. RESULTADOS: Os grupos apresentaram diferenças com magnitude elevada (η2>0,14) em todas as classes sindrômicas do CBCL, mas não foram significativas (p>0,05) para 'Ansiedade/Depressão', 'Depressão/Dificuldades no contato social' e 'Problemas sociais'. Uma análise post hoc corrigida para múltiplas comparações mostrou que as diferenças foram significativas (p<0,017) entre: D x HI/I: queixas somáticas (d= -5,69), problemas relacionados ao TDAH (d= -2,16) e total de problemas (d= -2,77); D x C: problemas relacionados à atenção (d= -1,92), quebra de regras sociais (d=-3,77), comportamento agressivo (d=-2,02), problemas externalizantes (d=-2,38), problemas relacionados ao TDAH (d=-3,22) e problemas do Transtorno de Conduta (d=-2,36). CONCLUSÃO: Indivíduos com sintomas de TDAH subtipo Combinado tendem a apresentar com mais freqüência problemas comórbidos do que indivíduos com sintomas do TDAH subtipo Desatento ou Hiperativo/Impulsivo. Comparando-se, porém, esses dois últimos subtipos, a diferença entre eles é mais expressiva. Estudos com grandes amostras revelaram que hiperatividade e impulsividade aumentam o risco para comorbidades no TDAH e, embora a presença desses sintomas já possa ser um fator decisivo para comprometimentos sociais e acadêmicos, as diferenças de freqüência de problemas relacionados a esse transtorno podem ajudar a entendê-lo melhor e as diferenças existentes entre os seus subtipos.

TDAH, subtipos, comorbidade

SMENTAL

INVESTIGAÇÃO DOS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO RELACIONADOS COM SINTOMAS DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE EM ESTUDANTES. *Diana Kraiser Miranda (Aluna Voluntária de Iniciação Científica), Danielle de Souza Costa (Mestranda do PPG em Medicina Molecular da UFMG), Isadora Morais de Paula (Aluna Voluntária de Iniciação Científica), Leandro Fernandes Malloy-Diniz (Prof. Adjunto do Departamento de Saúde Mental da UFMG), Débora Marques de Miranda (Profa. Adjunta do Departamento de Pediatria da UFMG), António Marcos Alvim Soares Junior (Doutorando do PPG em Medicina Molecular) e Marco Aurélio Romano-Silva (Prof. Titular do Departamento de Saúde Mental da UFMG)*

OBJETIVO: Verificar a frequência de problemas de comportamentos relacionados à vulnerabilidade para transtornos psiquiátricos em dois grupos de estudantes separados segundo a quantidade de sintomas do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). MÉTODO: 38 estudantes com idades entre 7 e 15 anos cujos responsáveis responderam os questionários padronizados MTA-SNAP-IV de avaliação de sintomas de TDAH e o Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes entre 6 e 18 anos (CBCL) foram divididas em dois grupos de estudantes segundo a quantidade de sintomas de desatenção (D) e/ou hiperatividade-impulsividade (H/I): A) 6 ou mais (D: média=6,5; dp=1,8; H/I: média=4,6;dp=2,9) e B) menos que 6 mais (D: média=2; dp=1,85; H/I: média=1;dp=1,5). Os grupos diferiram significativamente quanto à quantidade de sintomas ($p<0,001$), mas foram pareados em relação à idade (média=10 anos; dp=2,5) e sexo (36,8% do sexo feminino). RESULTADOS: Apresentaram classificação superior ao percentil 93 (limítrofe ou clínico) em porcentagem de estudantes e segundo subescala do CBCL, no grupo A: 42% Comportamento agressivo, 37% Queixas Somáticas e Ansiedade/Depressão, 23% Problemas Sociais e 21% Problemas quanto ao pensamento; 58% risco para transtornos Externalizantes, 53% Internalizantes, 37% Problemas Relacionados ao Transtorno de Oposição e Desafio. No Grupo B, 26% Ansiedade/Depressão, 16% Problemas quanto ao pensamento e 21% risco para transtornos Internalizantes. Em relação ao Total, foram classificados com risco clínico 58% dos estudantes de A e 16% de B. CONCLUSÃO: Indivíduos com sintomas de TDAH (critério A, DSM-IV) apresentam maior vulnerabilidade a psicopatologias mesmo em populações não clínicas, portanto são candidatos para o investimento de políticas que diminuam a quantidade de fatores de risco associados ao desenvolvimento de psicopatologias.

TDAH, comorbidade

SMENTAL

MEDICALIZAÇÃO E SEMIOLOGIA INDICIAL: O ESQUECIMENTO DO SUJEITO NAS ENTREVISTAS DE EVOLUÇÃO PSIQUIÁTRICA. *Valeska Zanello; Gabriela Macedo Pinheiro da Fonseca*; Ana Carolina Romero*; Guilherme Freitas Henderson* (Universidade de Brasília – Brasília/DF)*

Somente no século XIX, período de criação da clínica psiquiátrica, é que o louco atingiu sua especificidade enquanto sujeito/objeto a ser estudado e tratado: tornou-se "paciente". É o início da apropriação da loucura pela Medicina, tal como conhecemos ainda hoje, início de uma atitude clínica de observação sistemática e prolongada do comportamento do alienado: a classificação nosológica dos tipos de alienação. Isto é, firmou-se uma proliferação, cada vez mais frequente, de inúmeras síndromes mentais e comportamentais, cujo caráter era descritivo e taxonômico. Houve uma importação da lógica semiológica indicial, dominante na Medicina, para o campo da saúde mental. Nesta lógica, parte-se de sinais e sintomas, para se chegar a uma síndrome e implicitar uma causa (etiologia), buscando com isso prescrever um prognóstico, isto é, uma forma de tratamento. Ao objetivar o sintoma, destituindo dele seu caráter idiossincrático e repleto de semiosis, houve a reificação da loucura como doença mental e a eleição de uma forma de tratamento objetivo, campo no qual os medicamentos encontrariam terreno fértil, tempos depois. A palavra, o gesto e as expressões do sujeito passaram assim, cada vez mais, a representarem possibilidades de sintomas, mais do que serem portadores de sentido. Este trabalho objetivou investigar as concepções implícitas acerca da loucura e de sua cura nas perguntas realizadas por psiquiatras, nas consultas de evolução de um grande hospital psiquiátrico de Brasília. Ao todo, foram observadas 88 consultas de evolução (323 intervenções), realizadas por 4 psiquiatras. As entrevistas tiveram uma duração média de 1 minuto e a mais extensa durou 3 minutos. As consultas foram transcritas pelos observadores no momento de sua ocorrência. As entrevistas de evolução foram submetidas a uma análise qualitativa(análise de conteúdo) e quantitativa (frenquência das categorias). Nas intervenções, encontraram-se as seguintes categorias: perguntas (71%); medicamentos (9%); informação ao paciente (7%); bate-papo (7%); corte (2,3%); aconselhamento (1,4%); consolo (1%); orientação ao tratamento psicológico (0,5%); recaída (0,5%), planos pós-internação (0,3%). Percebeu-se que a principal finalidade dos psiquiatras observados era fazer o levantamento da existência de sinais e sintomas em sua classificação sindrômica. A prescrição do medicamento apareceu como única e exclusiva forma de tratamento, representando a possibilidade de supressão desses sintomas. Para uma doença mental, reificação da loucura e supressão de seus aspectos sociais, o medicamento figurava a reificação da saúde e a possibilidade de reinserção social do sujeito. Ao invés da contenção física, pratica-se agora a contenção química que é, inclusive, aclamada por alguns pacientes. Conclui-se que o psiquiatra não se atenta para o sentido do discurso do paciente, priorizando tão somente sinais e sintomas, em um funcionamento semiológico tipicamente indicial e uma lógica binária onde o que se perscruta é apenas a presença/ausência do sintoma. Nesse sentido, o medicamento desponta como a possibilidade privilegiada e quase exclusiva de tratamento. Em um momento no qual a discussão sobre a Reforma Psiquiátrica e a desinstitucionalização encontra-se tão em voga, faz-se premente sublinhar a necessidade de ascender aos níveis intersubjetivo e cultural, nos quais o paciente se encontra, e não somente diagnosticar e dar remédio.

Entrevistas; saúde mental; medicalização

SMENTAL

O ASILO COMO INSTITUIÇÃO TOTALITÁRIA: VELHICE E SAÚDE MENTAL. *Guilherme Freitas Henderson*; Lívia Campos*; Valeska Maria Zanello de Loyola (Universidade de Brasília – Brasília/DF)*

O envelhecimento populacional é um fenômeno que vem ocorrendo de maneira rápida e significativa no Brasil. Uma experiência possível para a população idosa do Brasil é o asilo público ou particular. Ser internado em um asilo ou casa para idosos pode ser mais um fator de risco para a saúde mental e o bem estar dessas pessoas. Apesar de não ser um manicômio, uma prisão ou um convento, a instituição asilar tem seu modo de funcionamento baseado em posturas repressoras, controladoras e hierárquicas, típicas do que Goffman denominou de instituições totais. Essas organizações agem de forma a impossibilitar os indivíduos de exercerem um mínimo de eu, sendo obrigados a seguirem um conjunto de regras e normas. Esse tipo de instituição utiliza estratégias de controle do tempo, sistematizando ao longo do cotidiano atividades pré-estabelecidas sem dar à pessoa idosa o direito de opinar ou expressar seus desejos e vontades. Além disso, a internação representa, em muitos casos, o abandono e a separação da família, bem como das relações sociais de amizade. Deparar-se com a realidade asilar representa uma ruptura social e afetiva, cujas consequências psíquicas precisam ser estudadas no que diz respeito a ser mais um fator de risco para a saúde mental dos idosos. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho visou levantar o modo como a instituição asilar é vivenciada pelos idosos, bem como os sentidos, e as rupturas de sentido, representados pelo internamento, e suas consequências para a saúde/sofrimento mental. O lugar escolhido para realizar esta análise foi uma instituição asilar particular de Brasília. Foram realizadas 5 visitas ao asilo, com duração média de 2 horas cada, que visaram: a observação do cotidiano, a convivência e o estabelecimento de conversas informais com os idosos e as idosas. As observações e informações obtidas foram anotadas em um diário de campo, e, posteriormente, discutidas em supervisões semanais com a orientadora. A partir dos dados colhidos, foram criadas as seguintes categorias de análise: Perseguição e ameaça (queixa de maus tratos, desleixo); Materialismo (a instituição desqualifica, na visão dos idosos, o que não é concreto); Hipermedicalização; Totalitarismo (o sujeito não pode exercer o Eu); Silenciamento dos idosos(as) lúcido(as) (as críticas destes não são ouvidas); "Matadouro" (a visão de que a Instituição prepara para morrer e acelera este processo); Interesse financeiro (cada idoso representa uma soma de dinheiro). Pode-se afirmar que há nestas vivências da Instituição Asilar, a construção de um sentido privilegiado da instituição como sendo total (Goffman). Tal sentido proporciona uma visão negativa do envelhecimento levando os idosos a um desconhecimento (ou esquecimento) de que é possível exercer outras potencialidades de si. Sugere-se que tal visão pode oferecer riscos à saúde mental de idosos e idosas.

Asilo; velhice; saúde mental

SMENTAL

O SURGIMENTO DO CRACK E A EVOLUÇÃO DO CONSUMO. *Cinthia Maria Cecato Picoli**, Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).*

O crack tem sido identificado, cada vez mais, como a substância de preferência de muitos usuários de drogas no Brasil, em função de ser uma droga relativamente barata e de fácil acesso, e por produzir efeitos prazerosos e intensos, ainda que breves, o que acarreta na necessidade de se consumir cada vez mais. Sendo assim, um padrão de uso compulsivo é frequente entre os usuários de crack, o que demonstra o poder de dependência associado ao consumo desta droga. Aqui será discutida parte da revisão bibliográfica da pesquisa de mestrado, que tem como foco a adesão de usuários de crack aos tratamentos. Esta etapa teve por objetivos descrever o contexto em que o crack foi introduzido como droga de consumo e conhecer a conjuntura nacional e internacional referente ao surgimento do crack. Pesquisa bibliográfica sobre o tema. Ao se contextualizar o crack é necessário considerar o momento sócio-histórico-cultural do consumo da cocaína. Seu uso teve grande popularidade entre 1885 e 1905, quando, nos Estados Unidos, o uso de bebidas alcoólicas, opiáceos e de cocaína passou a ser visto como um problema social. O prestígio da cocaína diminuiu muito entre os anos de 1920 e 1970, pois seu uso era considerado uma prática das populações marginalizadas. A partir desta década ela reaparece, desta vez pelas camadas de maior poder aquisitivo, devido ao valor elevado que era vendida, momento em que também iniciam as políticas referentes à repressão da sua produção e comercialização, o que impulsiona o surgimento do crack. A descrição do crack na literatura norte americana ocorre pela primeira vez em meados dos anos 1980. O uso do cloridrato de cocaína em pó era muito comum, porém o crack tornou-se logo muito popular. Dois fatores influenciaram para que isso acontecesse: o valor de venda reduzido permitiu o acesso à população de menor renda; e pela via de administração ser pulmonar, rapidamente atingindo o cérebro levando a efeitos mais potentes. A partir da década de 1990 o consumo de crack começa a diminuir em decorrência da melhora da economia e da entrada de outras drogas, como as anfetaminas. Se por um lado a redução do consumo neste país chega a 60%, no Brasil ele começa a ser conhecido e utilizado pela população nesta época, logo se tornando uma droga de consumo intenso. No Brasil a via nasal e injetável já foram predominantes, sendo que a forma fumada é a mais utilizada nos últimos anos, e é a preferência dos consumidores mais compulsivos, devido aos seus efeitos serem rápidos, breves e intensos. Logo há o esgotamento dos recursos financeiros em favor da eliminação da fissura e da urgência em repetir o uso da droga, acarretando em danos que são difíceis de serem disfarçados: comorbidades clínicas, desnutrição, falta de asseio pessoal, problemas sociais e judiciais. Mesmo assim, é possível manter o uso do crack ao longo do tempo, demonstrando que em termos de rede de cuidados em saúde deve-se considerar os padrões de consumos relativos à esta substância.

Crack, cocaína, consumo de substâncias

SMENTAL

PROSA UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA DE PROMOÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA NA UNIVERSIDADE. *Ana Aparecida Vilela Miranda; Lydia Galdino Veras; Bruno Nogueira Costa; Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Ao compreender que a universidade traz diversos desafios aos estudantes e que seu papel não se restringe em formar pesquisadores e profissionais, mas se estende em efetivar um ensino orientado na formação integral do discente, desenvolveu-se o programa PROSA UNIVERSITÁRIA (Programa de Saúde para Universitários) para estudantes da Universidade de Brasília. O programa teve como objetivo contribuir para a formação emocional, o desenvolvimento de habilidades sociais e a construção de redes sociais de apoio, além de auxiliar nas mudanças presentes na vida acadêmica do aluno. Em sua quarta edição, o grupo foi conduzido com três alunos do primeiro semestre do curso de psicologia. As sessões realizaram-se na própria instituição. A intervenção compreendeu 10 sessões, semanais, com 90 minutos de duração. Foi conduzida por duas estagiárias de psicologia do estágio em Psicologia Preventiva do Instituto de Psicologia. Para avaliação de interesses dos discentes, propôs-se um questionário estruturado com diversos temas para que eles escolhessem, na primeira sessão, aqueles que deveriam compor a intervenção, conforme suas necessidades. Os resultados desta avaliação de interesses, associados à observação dos facilitadores sobre o processo grupal, guiaram a escolha dos temas e técnicas para as sessões. Foram abordados os temas autoconhecimento, identidade, redes de apoio social, assertividade, relacionamento afetivo, enfrentamento, tomada de decisão, manejo do tempo e empatia. As técnicas utilizadas foram vivências grupais, ensaio comportamental, treinamento em habilidades sociais e tarefas de casa, derivadas dos referenciais teóricos cognitivo-comportamental e sistêmico. Registros dos eventos relevantes ocorridos nas sessões foram mantidos em um diário de campo, avaliação de pré- e pós-teste com a Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP) e avaliação de processo. A análise destes dados evidenciou que o programa propiciou aos participantes maior senso crítico sobre eles mesmos e a vida na universidade, a expressão de seus sentimentos de forma assertiva, maior autoconhecimento, reflexões sobre o seu agir no mundo e ainda configurou um espaço de escuta para expressarem as suas angústias pessoais. Conclui-se que o PROSA UNIVERSITÁRIA favoreceu o desenvolvimento de recursos para enfrentamento dos problemas, para autocuidado e fatores de proteção à saúde mental do universitário. Esta experiência aponta para a importância da continuidade e ampliação do programa na Universidade como estratégia de facilitação do desenvolvimento integral do discente na sua formação acadêmica e sua inserção bem sucedida no ambiente universitário. Expandir para toda a universidade o programa é a sugestão para as próximas experiências

Promoção de saúde mental, enfrentamento, vida universitária

SMENTAL

PSICOEDUCAÇÃO NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR. *Ana Paula Gomes Jelihovschi*, Cristina Yumi N. Sediyama**, Isabela M. Magalhães Lima**, Renata Caetano Vieira (Laboratorio de Investigacoes Neuropsicologicas- UFMG, Belo Horizonte, MG), Fernando Neves (professor do departamento de saúde mental da faculdade de medicina da UFMG, coordenador do Núcleo de Transtornos Afetivos do Hospital das Clínicas da UFMG), Leandro Malloy-Diniz (Professor do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG, Coordenador do Laboratório de Investigações Neuropsicológicas do INCT em Medicina Molecular UFMG).*

O transtorno afetivo bipolar (TAB) é caracterizado por alterações do humor envolvendo episódios recorrentes de mania ou hipomania e depressão. É um transtorno crônico, que em seu curso tende a apresentar aumento do número de episódios e prejuízos funcionais e cognitivos. Apesar do tratamento farmacológico ser de fundamental importância no tratamento e controle do transtorno, pesquisas apontam que muitas vezes ele não é suficiente para estabilização do humor e melhor qualidade de vida dos pacientes. Para esses casos, intervenções não farmacológicas como a Psicoeducação tem apresentado resultados favoráveis, quando combinadas ao tratamento medicamentoso. A Psicoeducação tem como objetivo informar aos pacientes sobre o transtorno e tem alcançado resultados significativos referentes à adesão ao tratamento e redução do número de episódios e hospitalizações. Algumas características do processo da psicoeducação apresentam resultados positivos para o bom funcionamento dessa intervenção. O número de profissionais atuantes ajuda o paciente a sentir-se acolhido e, por ser em grupo, a intervenção permite modelagem, facilita o suporte dos pacientes entre os mesmos, reduz o estigma, facilita a conscientização sobre o transtorno, é mais eficiente e econômico. O grupo de psicoeducação do Hospital das Clinicas (HC) de Belo Horizonte, é constituído por pacientes atendidos no Núcleo de Transtornos Afetivos (NTA) diagnosticados com Transtorno Afetivo Bipolar. Esses pacientes são previamente submetidos à avaliação neuropsicológica e ao Mini Plus, sendo então encaminhados para o processo de intervenção. O número de participantes no grupo varia entre 4 e 6, sendo que os mesmos devem estar eutimicos e ter entre 18 e 55 anos. O grupo é conduzido por 1 terapeuta e 2 co-terapeutas, que são psicólogos ou psiquiatras com experiência no tratamento de TAB e habilidade para lidar com grupos. O projeto prevê 8 sessões de 60 minutos, sendo os primeiros 10 minutos de interação entre o grupo e os próximos 50 minutos dedicados a palestra interativa sobre o tema da sessão. Os temas das sessões consistem em: 1)_ Apresentação do projeto, regras do grupo, consciência do transtorno bipolar; 2)_ Sintomas TAB tipo I e II; 3)_ Evolução e prognóstico (saúde biopsicossocial); 4)_ Medicação, tratamento e gravidez, 5)_ Uso de drogas e transtorno bipolar; 6)_ Aprendendo a detectar sintomas; 7)_ Estilo de vida e estresse; 8)_ Resolução de problemas e finalização. A psicoeducação aborda temas relevantes para os portadores do TAB e seus familiares, e tem alcançado resultados tais como a diminuição de hospitalizações, o aumento da adesão ao tratamento e a redução de episódios. Assim, tem sido considerada de relevância significativa para a maior eficácia do tratamento farmacológico e uma possibilidade de melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Psicoeducação; Tratamento; Transtorno Afetivo Bipolar

SMENTAL

REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL E INTERDISCIPLINARIDADE EM SAÚDE MENTAL. *Andréa Batista de Andrade Castelo Branco*

A interdisciplinaridade em saúde refere-se à construção de saberes e práticas conjuntas realizadas por diversos profissionais com vistas ao cuidado integral do sujeito através do diálogo e da co-responsabilidade. No campo da saúde mental, o Sistema Único de Saúde (SUS) propõe a necessidade da realização de práticas interdisciplinares que possibilitem maior integralidade, humanização e acolhimento dos serviços de saúde para garantir a materialização da reabilitação psicossocial na rede. Diante deste contexto, objetivamos suscitar reflexões acerca das novas metodologias de ações interdisciplinares que aspiram superar práticas individuais e fragmentadas na esfera da saúde mental. Para tal, realizamos um levantamento bibliográfico de cunho qualitativo, no qual foram utilizadas as bases de dados do LILACS e do SCIELO, priorizando os artigos publicados nos últimos 5 anos. A coleta e a análise de dados ocorreram nos meses de janeiro a novembro de 2011, onde foram pesquisados os seguintes descritores: saúde mental; interdisciplinaridade e reabilitação psicossocial. Após o levantamento, verificamos que há um total de 1044 artigos com o descritor saúde mental e 256 artigos com o descritor interdisciplinaridade. Entretanto, ao cruzarmos estes dois descritores localizamos apenas 7 artigos sobre saúde mental que mencionam a questão da interdisciplinaridade. Encontramos também um total de 10 artigos com o descritor reabilitação psicossocial. Além disso, os achados evidenciam que práticas conjuntas tendem a potencializar os resultados das intervenções, possibilitando a reinserção do sujeito no seu contexto social e auxiliando na desmedicalização quando necessário. Concluímos que há maior resolubilidade nas ações interdisciplinares em detrimento de práticas realizadas isoladamente por profissionais da saúde mental, visto que a reabilitação psicossocial só é possível a partir de um olhar integral do sujeito e da sua família.

SMENTAL

REFORMA PSIQUIÁTRICA E ASPECTOS PSICOSSOCIAIS: UM ENFOQUE NO ESTIGMA SOCIAL. *Fabricia Creton Nery**; Flaviane Bevilaqua Felicissimo**; Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

O estigma representa um problema significativo a ser enfrentado pelos portadores de sofrimento mental, uma vez que impacta de forma negativa, aqueles que sofrem com essa condição, gerando sofrimento, discriminação, rejeição e isolamento social, podendo inclusive, atuar como uma barreira para a busca de tratamento adequado a sua condição de saúde. Este constructo fundamenta-se em características negativas aplicadas a membros de um determinado grupo, atribuindo-lhes um caráter desfavorecido ou desonrado pela sociedade em geral e implicando em julgamentos morais direcionados à esses grupos. Em uma perspectiva psicossocial, o estigma é compreendido como a coexistência de discriminação, estereótipo, rotulação, distância social, categorização e perda de status, dentro de uma estrutura de poder. Nesse sentido, o estigma pode ser considerado como um constructo dinâmico e contextual, influenciado por concepções históricas, sociais e culturais, construídas a partir da compreensão do conceito de portador de sofrimento mental, sendo esta última, influenciada pelos diferentes fatos que marcaram essa temática e que propiciaram o surgimento de crenças estigmatizantes observadas atualmente em nossa sociedade. Perceber o lugar ocupado pelo portador de sofrimento mental na sociedade pode contribuir para a compreensão dos desdobramentos atuais das concepções voltadas para essa população. Desta forma, o presente estudo objetiva descrever o processo de construção histórica do sofrimento mental, relacionando-o com a existência de crenças estigmatizantes, conduzindo o leitor a uma reflexão crítica acerca do processo de formação do estigma entre os portadores de sofrimento mental e a sua influência na percepção atual dessa população. Objetiva-se discutir a construção do modelo hospitalar psiquiátrico e os impasses ligados a essa instituição, tais como as condições desumanas de tratamento. Além disso, destaca-se a importância da construção do Movimento de Reforma Psiquiátrica e as medidas tomadas para a substituição do modelo hospitalar, assim como a criação de serviços substitutivos e alguns desafios para a implementação efetiva da reforma psiquiátrica. As percepções da sociedade sobre uma condição de saúde estigmatizada, como o sofrimento mental, podem exercer um papel importante na forma como os grupos estigmatizados são tratados. Portanto, espera-se que com essa reflexão crítica, o leitor seja capaz de identificar os diversos acontecimentos históricos que permitiram a criação de crenças estigmatizantes e problematizar tais crenças a fim de identificar estratégias de enfrentamento ao estigma que atinjam o imaginário social. Almeja-se que o leitor, seja capaz de pensar intervenções que levem em consideração o contexto cultural em que o indivíduo está inserido, propondo alternativas que envolvam o estigmatizado, a comunidade, a família, dentre outros, possibilitando beneficiar os grupos estigmatizados e maximizar sua qualidade de vida e adesão ao tratamento adequado para sua condição.

História da Loucura; Transtornos Psiquiátricos; Reforma Psiquiátrica; Estigma.

CNPq - MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 07/2011; BIC/UFJF – Bolsa de Iniciação Científica

SMENTAL

RELEVÂNCIA DOS TRANSTORNOS MENTAIS ENTRE OS REQUERIMENTOS DE AUXÍLIO-DOENÇA E APOSENTADORIA POR INVALIDEZ NO CENTRO JURÍDICO SOCIAL DA UNESP CÂMPUS FRANCA-SP. *Claudia Mazzer Rodrigues, Leliana Fritz Siqueira Veronez, Maria Bernadete Saldanha Lopes, Adriana Regina de Almeida, Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca-SP)*

O auxílio-doença e a aposentadoria por invalidez são tipos de benefícios concedidos, pela Previdência Social brasileira, a segurados que, sob avaliação médico-pericial, obtenham a comprovação do comprometimento de sua capacidade laborativa decorrente de agravo a sua saúde. Segundo estudos atuais, dentre as doenças que com maior frequência têm sido consideradas as principais responsáveis pela incapacidade dos trabalhadores, se incluem os transtornos mentais. Os transtornos mentais podem ser entendidos como condições de alterações patológicas do modo de pensar ou do humor, e/ou de alterações mórbidas do comportamento associadas à angústia expressiva ou deterioração do funcionamento psíquico global. Esses transtornos se configuram como patologias que podem ocasionar relevante sofrimento ao indivíduo, especialmente se associadas ao comprometimento da capacidade laborativa e a altos custos individuais, sociais e econômicos. Nesse contexto, formulou-se como hipótese norteadora que os transtornos mentais representariam um dos diagnósticos mais frequentemente apresentados como responsáveis pela incapacidade laborativa. A partir disso, objetivou-se investigar a frequência relativa com a qual os transtornos mentais foram indicados como justificativa para os requerimentos de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez na Unidade Auxiliar Centro Jurídico Social (UACJS) da Unesp de Franca-SP. A UACJS oferece atendimento sociojurídico à população de baixa renda da cidade de Franca e região. Ressalta-se que os requerimentos dos benefícios em questão, dos casos atendidos na UACJS, foram anteriormente indeferidos quando requeridos por via administrativa, sendo então solicitados por via judicial. Diante do objetivo proposto, foi realizado um estudo retrospectivo com levantamento e análise descritiva dos dados contidos nos arquivos da UACJS referentes aos anos de 2010 e 2011. Verificou-se que os transtornos mentais foram a segunda causa de prejuízos da capacidade produtiva (23,1%) apresentada nos requerimentos por auxílio-doença e aposentadoria por invalidez, sendo precedidos somente das doenças osteomusculares (50,0%) e seguidos das doenças circulatórias (15,4%), neoplasias (7,7%) e doenças do olho e anexos (3,9%). Dentre os transtornos mentais, os transtornos de humor, mais especificamente a depressão, foram mais frequentemente apresentados, correpondendo a 66,7%. O outro transtorno mental indicado foi a esquizofrenia, representando 33,3%. Os transtornos mentais foram mais frequentemente apresentados por pessoas do sexo feminino (66,7%). Tais achados confirmaram a hipótese norteadora referente à relevância dos transtornos mentais entre as doenças responsáveis pelo comprometimento da capacidade produtiva dos trabalhadores. Ao se verificar que os transtornos mentais ocuparam o segundo lugar dentre as queixas apresentadas nas solicitações de benefícios devidos a segurados que tiveram sua capacidade de trabalho comprometida, evidencia-se a importância da expansão e priorização dos serviços especializados na assistência em saúde mental, bem como de adequação das políticas públicas de prevenção e assistência, com a finalidade de melhor contemplar os agravos à saúde mental do trabalhador.

Palavras-chave: Transtornos mentais, Incapacidade, Previdência Social

Outro

SMENTAL

SAÚDE MENTAL E GÊNERO NA TERCEIRA IDADE. *Lívia Campos e Silva*; Guilherme Freitas Henderson*; Valeska Maria Zanello de Loyola (Universidade de Brasília – Brasília/DF)*

O envelhecimento populacional é um fenômeno que vem ocorrendo de maneira rápida e significativa no Brasil. A temática da velhice não pode ser abordada desarticulada de especificidades importantes que a perpassam e que, portanto, lhe dão facetas de leitura específicas. Dentre os recortes possíveis, está a perspectiva das relações de gênero. Os estudos sobre gênero e saúde mental na terceira idade ainda são escassos. No entanto, existem fortes evidências de que a vivência do envelhecimento é mediada pelas relações e valores de gênero, proporcionando sofrimentos subjetivos diferenciados. Pesquisar a especificidade destas vivências se faz necessário para que a elaboração de projetos de intervenção possa levar em conta esta dimensão, de forma a potencializar sua eficácia. Assim, este trabalho teve como escopo investigar, sob o viés das relações de gênero, como a velhice é vivenciada por mulheres e homens idosos de uma instituição asilar, e de que forma essas vivências se relacionam com o/a sofrimento/saúde mental que essas pessoas apresentam. Foram realizadas 5 visitas ao asilo, com duração média de 2 horas cada, que visaram: a observação do cotidiano, a convivência e o estabelecimento de conversas informais com os idosos e as idosas. As observações e informações obtidas foram anotadas em um diário de campo, e, posteriormente, discutidas em supervisões semanais com a orientadora. A partir dos dados colhidos, foram criadas categorias de análise para os discursos de homens e mulheres. As categorias encontradas dentre os homens apontam para uma vivência de virilidade, experienciada, sobretudo, no passado, através dos seguintes itens: sexo (quantidade de sexo realizada no passado), viagens realizadas, número de carros que teve, e ter sido provedor. No presente, a virilidade masculina apareceu nos seguintes itens: sexo na atualidade (através de desejo ativo, seja imaginário, seja exercido com as cuidadoras, e uso do Viagra) e força física. Dentre as mulheres, as categorias encontradas apontam para uma dimensão do cuidado, exercido na atualidade com os outros e consigo mesmas (cuidar da aparência), espiritualidade (com uma valorização da alma em detrimento do corpo), negação da sexualidade e elogio da ternura, família, exercício das tarefas domésticas. Além da diferença entre categorias, parece haver uma diferença na temporalidade enfatizada nos discursos dentre homens e mulheres. Nos homens, é valorizada uma virilidade exercida no passado; nas mulheres, o exercício das categorias encontradas é enfatizado na atualidade. Os dados parecem apontar que os idosos e as idosas vivenciam o envelhecimento de formas diferenciadas e possuem mecanismos diferentes para manter sua saúde mental. De um lado, os homens continuam a proteger sua virilidade, agora localizada mais no passado, enquanto as mulheres investem mais no presente, em atividades a elas relacionadas pela cultura por meio de valores de gênero.

Velhice; relações de gênero; saúde mental;

SMENTAL

SAÚDE MENTAL E UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA: DESAFIO OU POSSIBILIDADE? *Rafael Pereira dos Santos, Nayara Gomes de Souza, Márcia Rodrigues Messias dos Santos, Luciane Martinelli, Monalisa de Cássia Fogaça (Universidade Nove de Julho), Regina Grigolli Cesar (*Profª Drª responsável pela UTI Pediátrica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo)

Objetivo: Avaliar a saúde mental de profissionais da saúde que trabalham em UTI Pediátrica.

Método: Estudo transversal incluindo médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, técnicos e auxiliares de enfermagem que trabalham em hospital-escola na cidade de São Paulo, em UTI Pediátrica. A amostragem foi por conveniência, onde 32 profissionais responderam a dois questionários: inventários de depressão e ansiedade de Beck. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da universidade sob o nº 447751. O intervalo de confiança para a média foi construído com 95% de confiança com bases na tabela de Distribuição Normal.

Resultados: Em relação ao inventário de ansiedade conclui-se com 95% de confiança que a média para o nível de ansiedade está em um IC (intervalo de Confiança) de $6,68 < \mu < 7,69$, ou seja, os profissionais alocados nesta unidade apresentam o nível mínimo de ansiedade, obedecendo ao ponte de corte de escores de 0 a 10 para este nível. Obteve-se, também com mesmo nível de confiança, o intervalo de $7,31 < \mu < 8,19$ para depressão, ou seja, o nível mínimo em relação ao ponte de corte de escores de 0 a 11, para pacientes psiquiátricos, quando a versão em português é aplicada em relação aos dois inventários.

Conclusão: Apesar do número limitado de participantes, o que dificulta a generalização de dados para profissionais da saúde que trabalham em UTI Pediátrica, os dados retratam o perfil de uma unidade de cuidados intensivos, mostrando um perfil organizacional com baixa estimativa para transtornos psiquiátricos.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

SAÚDE MENTAL E VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO DF. *Valeska Maria Zanello de Loyola; René Marc Costa e Silva; Lívia Campos e Silva**

Transtornos de ansiedade e depressão são diagnósticos frequentes no mundo ocidental. Autores os definem como transtornos mentais comuns e pesquisas têm apontado uma alta correlação entre seu aparecimento e condições socioeconômicas, tais como gênero, pobreza e baixa escolaridade, dentre outros. O gênero aparece como uma lupa no entendimento da doença mental, uma vez que afeta os múltiplos aspectos da psicopatologia, como: a prevalência dos transtornos mentais, a maneira como os sintomas se expressam, o curso da doença, a busca do tratamento pelo paciente e se este melhora com o tratamento. Assim, faz-se mister reler a saúde mental sob o viés das relações de gênero, uma vez que leva a outras reflexões e à compreensão do quanto a loucura pode ser engendrada. O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise dos sintomas e diagnósticos encontrados em prontuários de pacientes homens e mulheres de dois grandes hospitais psiquiátricos do Distrito Federal. Visou-se, portanto, frisar a importância da perspectiva de gênero como um instrumento fundamental para rever o campo da saúde mental e proporcionar formas de intervenção efetivas. Foram analisados 72 prontuários masculinos e 165 femininos. A frequência dos sintomas foi contabilizada, da mesma maneira que os diagnósticos. Dentre os sintomas masculinos mais frequentes estavam (por número de pacientes): insônia (27%); alucinação auditiva (24%); agressividade (22,4%); ansiedade (13,5%); ideação suicida (13,5%); depressão (13,5%); delírio (13,5%); isolamento (12%); medo (12%); irritabilidade (12%) e; tristeza (12%). No que se refere aos diagnósticos destes, os mais incidentes foram: psicose (44%); transtorno de humor (19%); transtorno de ansiedade (8,5%); transtornos de base orgânica (6,5%) e; déficit cognitivo (6,5%). Já em relação às mulheres, os sintomas mais protuberantes encontrados (por número de paciente) foram: insônia (46%); ansiedade (34%); tristeza (28,5%); vontade de chorar/choro incontido e imotivado (25%), angústia (23,5%), irritabilidade (23%); depressão (19%); nervosismo (19%); agressividade (18%) e; cefaléia (18%). No que diz respeito aos diagnósticos mais frequentes destas, foram encontrados: transtornos de humor (38,3%); psicose (23,4%); transtornos de ansiedade (15%); transtornos de personalidade (neurótica/histriônica, 11%); transtornos mistos de depressão e ansiedade (6,3%). Observou-se que 27,5% dos diagnósticos masculinos e 59,6% dos femininos podem ser considerados transtornos mentais comuns. Portanto, pode-se observar que o caráter social da doença mental se expressa objetivamente na sua distribuição desigual entre homens e mulheres. O perfil biométrico levantado aponta para a prevalência de mulheres, negras, pobres e domésticas como usuárias destes serviços. Questiona-se se tais diagnósticos apontam para um quadro médico ou se o que está ocorrendo é uma medicalização de mazelas sociais.

Saúde mental; psiquiatria comunitária; feminismo.

SMENTAL

SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: COMPARAÇÃO ENTRE DOIS SERVIÇOS. *Mara Soares Frateschi*, Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP)*

A Atenção Primária à Saúde (APS) tem se apresentado como um recurso estratégico para o enfrentamento de importantes problemas de saúde mental. As equipes de saúde da APS atuam nas comunidades, com maior ênfase no vínculo, priorizando as práticas de promoção de saúde e prevenção de agravos, e assim podem operar em sintonia com os preceitos da Reforma Psiquiátrica que preconiza a desinstitucionalização dos usuários dos serviços psiquiátricos. O presente estudo objetivou comparar o cuidado em saúde mental ofertado por dois serviços públicos de saúde da APS, a saber: a) Unidade de Saúde da Família (USF); b) Unidade Básica de Saúde (UBS) tradicional. Os participantes foram 13 usuários em sofrimento mental que freqüentam os dois serviços de saúde estudados. Para a coleta de dados foi utilizado o Grupo Focal, sendo realizado um grupo em cada serviço. O material foi submetido à análise qualitativa em pesquisa e utilizou-se como ferramenta a Análise de Conteúdo Temática. Os grupos foram áudio gravados e transcritos na íntegra. A partir da leitura exaustiva do material, os resultados foram dispostos em cinco categorias temáticas, a saber: 1. Pontos Fortes - abrange os aspectos dos serviços avaliados como satisfatórios; 2. Pontos Frágeis - abarca os aspectos dos serviços avaliados como insatisfatórios; 3. Necessidades/Sugestões - inclui propostas para uma melhor assistência; 4. Comparação com outros serviços de saúde mental - trata da avaliação de outros serviços de saúde e a comparação destes com os da APS; 5. Concepções - abarca concepções acerca do serviço, do cuidado e da pessoa em sofrimento mental. Comparando a avaliação feita pelos usuários de ambos os serviços, observou-se algumas diferenças entre os mesmos. A USF apresentou melhor padrão de registro; vínculo mais evidente entre equipe e usuário; maior índice de identificação do serviço como local de ajuda. A UBS apresentou, de acordo com os participantes, um padrão de encaminhamentos dos usuários para serviços especializados e certa desresponsabilização pelo acompanhamento das situações de sofrimento mental. Infere-se que a USF, em relação à UBS, desempenha uma atuação mais próxima da preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de forma que se encontrar mais afinada com o processo de transformação do modelo assistencial. Entretanto, sua avaliação não divergiu substancialmente da avaliação da UBS no que diz respeito à prática pautada no modelo médico, visando à cura; falta de profissionais qualificados para atender a demanda de saúde mental; ausência de atividades de promoção de saúde e necessidade de continuidade do cuidado. Conclui-se que a conduta adotada pelos serviços ainda está muito aquém das suas potencialidades e que avaliação feita pelos usuários é essencial para a efetivação das mudanças de paradigma em saúde mental.

Saúde Mental, Atenção Primária à Saúde, Estratégia Saúde da Família.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

SMENTAL

SAÚDE MENTAL NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN. *Nara Helena Lopes Pereira da Silva, Cármen Lúcia Cardoso, Angela Ales Bello (Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

A Tese trata do tema da Saúde Mental na Estratégia Saúde da Família (ESF), tendo como fundamentação a fenomenologia de Edith Stein. Este é um tema relevante e atual no contexto das políticas públicas em saúde e que necessita de novos olhares, visando o desenvolvimento de práticas que superem o modelo assistencialista tradicional, centrado na medicalização e estigmatização das diferenças, em busca de ações direcionadas aos territórios e comunidades, além de concepções e práticas que abarquem o cultural e as relações entre as pessoas. Neste contexto, a literatura da área tem apontado inúmeras dificuldades para a incorporação da saúde mental nos territórios de atuação da Saúde da Família. A proposição da Tese foi efetuada a partir de um percurso de vivência prática e teórica/reflexiva da pesquisadora/Psicóloga na ESF. A oportunidade do doutorado sanduiche (CAPES/USP/FAPESP) com coorientação da doutora Angela Ales Bello, especialista em Edith Stein e presidente do Centro Italiano de Pesquisas Fenomenológicas de Roma, favoreceu o intercâmbio cultural e científico, as reflexões filosóficas sobre práticas ainda recentes, além da conscientização da relevância mundial da temática nas políticas de atenção primária. Assim, o objetivo da Tese foi compreender a Saúde Mental na ESF a partir de uma leitura fenomenológica. O estudo tem como inovação a leitura de tal realidade a partir dos conceitos de uma filósofa alemã pouco conhecida chamada Edith Stein. Discípula e orientada em seu Doutorado (1911) por Husserl, fundador da fenomenologia, suas concepções estão fortemente enraizadas no método fenomenológico clássico. Seus estudos oferecem fundamentos sobre a estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades e a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano, além de fundamentações sobre ética, cidadania, valor, formação, Política e Direito ao investigar a essência do Estado. A análise da Tese procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na ESF; a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; por fim, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. As fundamentações sobre empatia, comunidade, constituição dos valores e formação da pessoa, Estado, Direito, além de contribuições sobre a epoque fenomenológica e a legitimação do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, fornecem subsídios para a compreensão da estrutura humana em sua singularidade, além das relações da equipe de saúde com os usuários, ou desta com os demais profissionais e também do lugar desta equipe enquanto representante das diretrizes provenientes do Estado. Auxilia nas reflexões sobre a integralidade do cuidado, a intersetorialidade, a construção de redes de apoio social, a formação e desenvolvimento humano, superando, assim, as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A Tese contribui para a ESF com sugestões de novas reflexões e novos fazeres no âmbito da Saúde Mental ao evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia. Destaca a relevância da interdisciplinaridade e também a necessidade de alargamento das fronteiras para uma compreensão integral do cuidado humano.

Atenção Primária à Saúde; Saúde Mental; Fenomenologia

CAPES-PDEE

FAPESP
“Premio Tese Destaque USP, 2011” (menção honrosa)
SMENTAL

SOBRE SUICÍDIO E PSICOLOGIA: A PRODUÇÃO DE UMA DÉCADA.

Joanneliese de Lucas Freitas, Aneliana da Silva Prado, Bruna Mathias*, Géssica Greschuk*, José Dequech Neto* (DEPSI, Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR)*

O suicídio é um fenômeno pensado segundo diversas perspectivas filosóficas, científicas, religiosas e artísticas. Recentemente tem ganhado expressividade como tema relevante em saúde pública como se verifica nos documentos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde (MS) que visam à capacitação dos profissionais de saúde para lidar com a crise suicida. Segundo a OMS, estima-se que aproximadamente 90% das pessoas que cometem suicídio apresentam algum sofrimento mental. Diante desse quadro, esta pesquisa teve como objetivo mapear e categorizar as produções e publicações acerca do suicídio, a fim de identificar quais as temáticas mais frequentes de seu estudo em psicologia e, por conseguinte, como tem sido abordado. Para tanto, realizou-se uma busca de teses e dissertações no banco de dados da CAPES (de 2000 a 2010), e de artigos nas bases MEDLINE, PEPSIC e SCIELO (de 2002 a 2011) em português e espanhol, com a palavra-chave "suicídio", com critério de inclusão de revistas conceito A ou B (Qualis Capes). Neste trabalho, apresentamos os dados das análises das publicações em psicologia. Entre os 393 artigos encontrados, 64 eram de psicologia (46 em português e 18 em espanhol). A diferença numérica entre os idiomas deveu-se ao critério de inclusão supracitado, por meio do qual, muitos artigos em espanhol foram excluídos. Os primeiros resultados apontam que, na área da saúde, a psicologia apresenta a menor proporção entre produção de teses/dissertações e publicações, de onde se levanta a hipótese de que em psicologia publica-se menos do que se produz sobre o tema. Os artigos foram classificados em categorias temáticas construídas a partir da análise de todo o universo de dados. São elas: epidemiologia; comportamento suicida; perfil suicida; motivações suicidas; prevenção/intervenção/assistência; representação social; conceitualização; suicídio em população específica; patologia orgânica; psicopatologia; outros fatores de risco e proteção; tema secundário e outros. Em português, houve uma maior frequência de publicações nas quais o suicídio aparece como tema secundário (34,8% dos artigos), seguido por 21,7% dos artigos que priorizavam a conceitualização do tema. Com 10,9% de frequência mostram as populações específicas e as representações sociais (8,7%). Nota-se baixa frequência de estudos sobre prevenção/intervenção/assistência (4,4%) e nenhuma publicação sobre comportamento suicida ou que relacionem o suicídio à patologias orgânicas. Em espanhol, há igualmente uma predominância de artigos que trataram o tema como secundário (27,8%). Os temas mais abordados, depois deste, são fatores de risco/proteção e populações específicas (22,2% e 16,7%, respectivamente). Não há publicações em espanhol sobre epidemiologia, comportamento suicida, representações sociais e patologias orgânicas. Diante disso, identificou-se que, enquanto dados da OMS e MS que apontam para a necessidade de capacitação de profissionais para prevenção/intervenção, a produção acadêmica em língua portuguesa apresenta uma defasagem em relação a tais questões, mais evidente do que em língua espanhola. Com frequência os estudos focam a compreensão do suicídio (conceitualização e representações sociais). Entretanto, percebe-se que a academia pouco se tem voltado às necessidades das populações mais atingidas, à prevenção ou a reflexão sobre políticas públicas e suas implicações, especialmente em países de língua portuguesa.

Suicídio; psicologia; produção acadêmica

UFPR/Tesouro Nacional

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRANSTORNO BIPOLAR: UM OLHAR SOBRE O PACIENTE NA PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE MENTAL. *Amanda Pereira Santiago*, Ana Cristina Jesus de Oliveira*, Dirce Maria de Oliveira Silva*, Elen Cássia Braz Pereira*, Eliab Gonçalves Silva*, Francisco Benedito Alves Neto*, Lindiana Slavador*, Michelle Aline Ribeiro* (Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG).*

O transtorno bipolar é um transtorno do humor caracterizado pela repetição de pelo menos dois episódios. Um episódio consiste em períodos de elevação do humor e aumento de energia e de atividade, o outro apresenta períodos de rebaixamento do humor e redução de energia e de atividade. Segundo o DSM-IV-TR, os transtornos bipolares se subdividem em: transtorno bipolar do tipo I, transtorno bipolar do tipo II, transtorno ciclotímico e transtorno bipolar sem outra especificação, eles abrangem a presença ou histórico de episódios maníacos, episódios mistos ou episódios hipomaníacos, geralmente acompanhados pela presença de episódios depressivos maiores. Seguindo o tratamento adequado que envolve medicação e acompanhamento psicoterápico, a doença pode ter os sintomas controlados e melhorar a qualidade de vida do portador. Este trabalho propõe um estudo sobre a bipolaridade na perspectiva de profissionais da saúde mental com os objetivos de compreender a visão destes a respeito dessa patologia clínica e identificar os procedimentos específicos no trabalho com pacientes bipolares. Neste estudo quali-quantitativo, participaram da amostra 30 profissionais da saúde, graduados em Psicologia, Medicina ou Enfermagem, que trabalham ou tenham trabalhado com pacientes bipolares. Foram utilizados dois instrumentos: entrevista estruturada e questionário sócio-demográfico. As respostas dos participantes foram organizadas em categorias e codificadas numa planilha do SPSS, versão 15.0. A pesquisa foi desenvolvida em clínicas particulares e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Os resultados apontam que 46,7% dos participantes entendem o TB como uma alteração significativa do humor e utilizam a anamnese, observação, entrevista ou relato comportamental para realizar o diagnóstico. Quando indagados sobre os procedimentos de intervenção que são adotados após o diagnóstico 36,7% da amostra afirmou utilizar medicamentos, estabilizadores de humor ou ansiolíticos e 33,3% dos participantes ressaltaram a importância do tratamento psicoterápico, intervenção verbal ou oficinas. Com relação a como acontece o diagnóstico de transtorno bipolar na infância, 40% dos participantes declarou desconhecer o transtorno bipolar em crianças e 16,7% afirmou utilizar os mesmos critérios para o diagnóstico dos adultos. Quando questionados sobre a perspectiva de melhora para pacientes bipolares, 26,7% da amostra afirmou que a melhora depende da adesão e aceitação do paciente. A análise dos dados deste estudo que teve por objetivo investigar a percepção de profissionais de saúde sobre o transtorno bipolar revelou que, de forma geral, a conceituação do transtorno bipolar acompanha as definições, de caráter internacional, do DSM-IV-TR e da CID-10 e que as dificuldades ressaltadas pela amostra no manejo com os pacientes portadores estão referenciadas na literatura sobre o tema. A terapêutica medicamentosa e o tratamento psicoterápico foram citados como as principais fontes de intervenção pelos sujeitos entrevistados e ressalta-se, que a possibilidade de melhora ou controle dos sintomas do transtorno foi associada a aspectos farmacológicos do tratamento. Sobre o diagnóstico do TB na infância, os dados coletados convergem com a carência de estudos sobre o transtorno nessa fase do desenvolvimento e especificações na literatura sobre o tema.

Transtorno bipolar, Profissionais de saúde, Saúde mental

SMENTAL

TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL E SUAS ASSOCIAÇÕES COM COMORBIDADES PSIQUIÁTRICAS. *Larissa Forni dos Santos, Sonia Regina Loureiro, José Alexandre de Souza Crippa, Flávia de Lima Osório (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

O Transtorno de Ansiedade Social (TAS) é uma doença que se caracteriza sobretudo pelo medo e evitação de situações sociais em que o individuo possa vir a se sentir constrangido. Apresenta altos níveis de comorbidades psiquiátricas associadas, principalmente com a depressão, a ansiedade geral e o uso de álcool, além de acarretar prejuízos no funcionamento global. Assim, teve-se como objetivo avaliar as associações entre a ansiedade social avaliada através da Escala de Ansiedade Social de Liebowitz-versão auto-aplicada (LSAS-SR) com indicadores de depressão, ansiedade geral e alcoolismo através do Questionário Sobre a Saúde do Paciente (PHQ-2), Questionário de Saúde Geral-12 (QSG-12), Fast Alcohol Screening Test (FAST) e respectivamente. A amostra utilizada foi composta por estudantes universitários classificados como casos (C=118) e não-casos (NC=95) de TAS, sendo esta categorização realizada pela aplicação do Mini Inventário de Fobia Social (Mini-SPIN) e confirmada através do Módulo F da Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID-IV). Os sujeitos incluídos no grupo C foram aqueles com pontuação maior ou igual a seis no Mini-SPIN e com diagnóstico positivo para os critérios da SCID-IV, enquanto os NC foram aqueles eu obtiveram pontuação menor ou igual a dois no Mini-SPIN e diagnóstico negativo na SCID-IV. Todos os instrumentos foram aplicados individualmente, tendo sido tomados todos os cuidados éticos relacionados a pesquisa com seres humanos. Os dados foram analisados do ponto de vista estatístico, sendo utilizado o teste de correlação de Pearson com nível de significância de p ≤ 0,05. Foram evidenciadas correlações positivas moderadas, independente do grupo em questão, tanto para depressão (r = 0,36-0,40) quanto para ansiedade geral (r = 0,43-0,48), no que tange o escore total e as subescalas da LSAS-SR. Já em relação ao uso de álcool, foi encontrada apenas uma correlação negativa, no grupo casos, associada à evitação (r = -0,21), evidenciando que, quanto maior o número de situações evitadas, menor é a tendência ao abuso de álcool e vice-versa. Os resultados referentes às correlações entre a depressão, a ansiedade geral e o TAS encontram-se dentro do esperado e de acordo com a literatura internacional, sobressaltando a interação destes constructos. Em contra partida, às correlações encontradas entre a FAST e a LSAS-SR ficaram muito aquém do esperado, sendo que esse resultado, controverso em um primeiro momento, sugere que aqueles indivíduos que apresentam sintomatologia de TAS tendem a diminuir o uso de álcool na medida em que evitam as situações sociais que possam ser ansiogênicas.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRANSTORNOS MENTAIS E ABUSO DE SUBSTÂNCIAS: CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ATENDIDA EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO DE DEPENDENTES QUÍMICOS DO INTERIOR DE SÃO PAULO. *Lívia Sicaroni Rufato, Maria Beatriz Machado Bordin (Centro Universitário de Franca Uni-FACEF)*

O consumo de substâncias psicoativas tem sido alvo de preocupação de profissionais da área de saúde mental, devido aos riscos significativos à saúde ocasionados pelo mesmo. Além disso, é reconhecida a coocorrência de transtornos devido ao uso de substâncias (TUS) e transtornos mentais. Nesse sentido, este estudo, de caráter epidemiológico, teve como objetivo caracterizar pacientes atendidos em uma instituição pública de saúde especializada no atendimento a dependentes químicos de Franca quanto à presença de comorbidades psiquiátricas à dependência química. A coleta de dados foi feita por meio de consulta documental de pacientes que frequentaram a referida instituição no período de 2009 a 2011. Foram analisados os dados referentes a 1.008 pacientes que ingressaram no serviço no referido período. Para a classificação dos transtornos mentais utilizou-se o CID-10. Do total da amostra, 66,7% são do sexo masculino, casados (24,4%), com idade média de 40 anos. Em relação ao diagnóstico principal destes pacientes, observou-se que 71,8% apresentavam Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas - síndrome de dependência (F19.2) e 26,8% apresentaram Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool - síndrome de dependência (F10.2). Os transtornos psiquiátricos comórbidos mais frequentes relacionados ao TUS, agrupados em categorias do CID-10, foram: Transtornos de Personalidade (3%), Transtornos de Humor (2,9%), Transtornos de Ansiedade (2,4%) e Esquizofrenia Paranóide (2,3%). Cabe ressaltar que em 83,5% dos prontuários analisados não constavam os registros referentes a comorbidades. Os resultados desse estudo contribuem para um melhor conhecimento acerca da população que busca tratamento para a dependência química, principalmente no que se refere ao seu quadro clínico, contribuindo para o planejamento de ações terapêuticas específicas para esses pacientes.

Epidemiologia; dependência química; comorbidade psiquiátrica

CNPq - PIBIC

SMENTAL

TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM GRUPO DE FARMACODEPENDENTES: MUDANÇA COMPORTAMENTAL. *Maria Claudia Rodrigues, Flávia Volta Cortes de Oliveira, Marcella Beatriz Ayer Abdalla, Erikson Felipe Furtado (Universidade de São Paulo)*

O aprendizado de novas habilidades sociais e interpessoais pode capacitar o individuo na aquisição e ampliação de seu repertório comportamental, permitindo que este possa ter uma interação mais efetiva com outras pessoas, e auxiliando no reconhecimento e evitação de comportamentos que resultem em interações sociais negativas. No caso específico dos transtornos por uso de substâncias, os chamados déficits em habilidades sociais podem estar presentes sob a forma de baixa competência social e dificuldades específicas, como de enfrentar situações de risco, baixa autoestima e resolver problemas. Muitos dos programas para o tratamento a usuários de álcool e drogas têm como foco fatores motivacionais, que visam explicar ao paciente o porquê ele deveria se abster do uso da substância. Entretanto, estes programas não fornecem habilidades necessárias ao repertório do usuário, uma vez que não mostram como evitar a substância, como modelar este repertório comportamental de uso já instalado e controlar sua ocorrência no futuro. Desta forma, a promoção de habilidades sociais nos farmacodependentes, pode auxiliar na criação e maximização das redes de apoio social, buscando a prevenção dos comportamentos dependentes e das recaídas de abstinentes. Os Programas de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) vem sendo considerado como auxiliar no tratamento dos transtornos por uso de substâncias tornam-se úteis para minimizar fatores de risco à saúde, incrementar fatores de proteção ao desenvolvimento humano e reduzir o impacto dos déficits graves em habilidades sociais. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi descrever as mudanças comportamentais, observáveis e relatadas, em um grupo de pacientes de um Ambulatório de Prevenção e Atenção ao Uso de Álcool e Drogas de um Hospital-Escola do interior de São Paulo, que passaram por um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais realizado em um grupo. O treinamento foi desenvolvido para um grupo heterogêneo de 7 pacientes encaminhados pelo Ambulatório de Prevenção e Atenção ao Uso de Álcool e Drogas de um Hospital-Escola do interior de São Paulo, tendo idades entre trinta e setenta anos (M=52,3). O treinamento constituiu em um programa de 20 sessões, sendo o manejo terapêutico baseado fundamentalmente na utilização de técnica de role-play em grupo; manejo de raiva; técnicas de enfrentamento; técnicas de resolução de problemas; técnicas de relaxamento; técnicas de distração; motivação à abstinência e prevenção de recaídas. Ao final do programa, os pacientes relataram um aumento da autoestima e enfrentamento diante de estímulos desencadeadores do uso de substancias. Também, foi possível observar mudanças comportamentais positivas, de uma maneira geral, como a ampliação do comportamento assertivo; manejo de comportamento agressivo; manejo de situações aversivas; posicionamento assertivo frente a críticas; reconhecimento e enfrentamento de ansiedade e principalmente comportamento abstinente. Desta forma, podemos apontar para relevância do treinamento das habilidades sociais para a instalação e modificação comportamental de pacientes em tratamento de dependência química. Nesse sentido, faz-se necessária a realização de estudos de ampliação científica, investigando a efetividade destas mudanças comportamentais, através, por exemplo, de estudos follow-up.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

VALIDADE DO SDQ EM UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS IDENTIFICADAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA. *Thaysa Brinck Fernandes Silva, Flávia de Lima Osório, Maria Isabela Brasil Cartafina, Ana Vilela Mendes, Sonia Regina Loureiro*

A identificação precoce de problemas comportamentais de crianças e jovens por meio de instrumentos aferidos é relevante para o planejamento de serviços de prevenção e intervenção em saúde mental. No Brasil dispõe-se dos instrumentos de uso livre, traduzidos, adaptados e com estudos psicométricos iniciais de confiabilidade e validade. Destacam-se como tal o Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança (SDQ), proposto para o rastreamento de problemas comportamentais de crianças e jovens, e a entrevista estruturada Levantamento sobre o Desenvolvimento e Bem Estar de Crianças e Adolescentes (DAWBA), instrumento de diagnóstico de transtornos psiquiátricos. Objetiva-se apresentar o estudo da validade discriminativa do SDQ, no rastreamento de dificuldades comportamentais, adotando-se como parâmetro de comparação o instrumento de diagnóstico de transtornos psiquiátricos - DAWBA. Procedeu-se a avaliação de uma amostra de conveniência de 120 crianças, de ambos os sexos, com idade entre seis e 12 anos, que não estavam em tratamento psicológico ou psiquiátrico no momento, identificadas na atenção primária, quando suas mães buscavam atendimento clínico para si. Além dos instrumentos SDQ e DAWBA, as mães responderam a um Questionário Complementar relativo às características sociodemográficas das crianças e suas famílias. Os dados foram codificados e comparados por procedimentos estatísticos. Com relação ao perfil demográfico, todos os participantes frequentavam o ensino fundamental, com distribuição igual entre as séries iniciais e as posteriores, igual distribuição de meninos e meninas, e quanto à classe socioeconômica, todos os participantes foram incluídos nas classes C (46,7%) e D-E (53,3). Foram identificadas 48,3% de crianças com problemas de comportamento em geral pelo SDQ e 30 crianças (25%) com pelo menos um dos diagnósticos de transtorno depressivo e/ou transtorno de ansiedade generalizada. Na comparação dos instrumentos verificaram-se as seguintes concordâncias: a) 96,7% entre os dois instrumentos para os casos de depressão e/ou ansiedade identificados como positivos, e de 42,2% para os casos identificados pelo DAWBA como negativos; b) 81,8% das crianças identificadas com dificuldades relacionadas à hiperatividade por meio do SDQ apresentaram critérios para o diagnóstico de problemas de atenção e atividade pelo DAWBA, e 78,2% das crianças não preencheram critérios para os dois instrumentos; c) 90% identificadas pelo SDQ com transtorno de conduta apresentaram este indicador pelo DAWBA, e 60% para os casos identificados como negativos; e d) 85,7% de transtorno antissocial, segundo o DAWBA, foram concordantes com o SDQ para problemas de relacionamento interpessoal e de 76,1% para os casos negativos deste indicador. O SDQ, instrumento de rastreamento de rápida aplicação, mostrou valores positivos de validade discriminativa com o DAWBA, instrumento sistemático de diagnóstico, que requer avaliador com preparação e formação clínica especializada. Constatou-se, na atenção primária, por meio de instrumento de rastreamento e diagnóstico, uma alta taxa de crianças com dificuldades comportamentais, o que coloca em destaque a necessidade de atenção à saúde mental nesse contexto. Conclui-se que esses dados recomendam a utilização do SDQ de modo a identificar e planejar práticas de saúde mental na atenção primária.

Bolsas: CAPES, CNPq, FAPESP

Palavras-chave: Validade, Comportamento, Atenção Primária

Mestrado - M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

FACTORES CONTEXTUALES ASOCIADOS A LA PRACTICA DE ACTIVIDAD FISICA Y LA PROMOCION DE ESTILOS SALUDABLES A PARTIR DEL MODELO ECOLOGICO Y DE EDUCACION PARA LA SALUD EN UNA INSTITUCION DE EDUCACION SUPERI. *Jose Alfredo Velasquez Vega, Yessika Rodriguez Arce, Ayrthon Bustamante (Universidad Cooperativa de Colombia)*

Santa Marta, ciudad cultural, y emblemática de Colombia por su contexto turístico, es una de las ciudades que representa una alta problemática en factores de riesgo para la salud como la obesidad, el sedentarismos y el consumo de comidas chatarras, en un estudio realizado en los últimos años por el politécnico Jaime Isaza Cadavid,(2009), el cual con una muestra de 179 niños entre edades de 4 a 12 años, mostro que el 46.4% de la muestra padecían de obesidad, lo anterior es un indicativo a tener en cuenta de las malas conductas alimenticias y consumismo excesivo de la población Colombiana, la poca actividad física y deportiva son prácticas que en los últimos años ha venido decayendo en la población colombiana, en Santa Marta, esta problemática no es ajena, los adolescentes samarios siguen la tendencia presentada por los estudios realizados, poca participación en actividades lúdicas y actividad física.

En la Universidad Cooperativa de Colombia sede Santa Marta se evidencia una desmotivación por las artes lúdicas y poca participación de actividades de ejercitamiento y utilización del gimnasio, algunos de estos comportamientos pueden estar muy relacionados con los hábitos inadecuado que muchos de los jóvenes uceistas presentan, igualmente otros factores que pueden influir radican en variables culturales o familiares, lo cuales en muchas de las tomas de decisiones de las personas se convierte en mediador de las situaciones, por lo cual se refleja una decisión clara y prioritaria para realizar dicha acción, desde un punto de vista más amplio, la poca participación de carreras como psicología, ingeniería, derecho o contaduría para colocar algunos ejemplos, se contrarresta con la participación en su mayoría de facultades como medicina y enfermería, y de este modo tendríamos que hablar de factores psicológicos que podrían estar incidiendo en la práctica de actividad física de los jóvenes estudiantes de la Universidad Cooperativa de Colombia, que a su vez se convierte en una totalidad de la ciudad samaria.

Algunos de los problemas que padecen los jóvenes actualmente radican en hábitos alimenticios inadecuados, obesidad, problemas digestivos, cardiacos, dermatológicos, diabetes, entre otros (basado en Datos de incapacidades de Bienestar Universitario). Lo cual ha generado el interés por abordar esta temática por parte de en las entidades de salud del distrito, y la Académica, en este caso a partir de las líneas de investigación que aportan a la promoción de estilos de vida saludables, de la Facultad de Psicología y Medicina de la Universidad. Así mismo, ha conllevado a la creación de programas de promoción de actividad física , la alimentación sana y nutrición en los jóvenes de Santa Marta, como se ha intentado con la iniciativa de Bienestar Universitario y del programa Santa Marta Activa de la Ciudad, dentro de la política de ciudades prosperas del Distrito; y más aun, trabajando en pro del mejoramiento cultural, lo que implica el respeto a las normas, las instituciones y los demás ciudadanos, a través de ejercicio colectivos conscientes de cambios de comportamientos negativos con la ayuda de la misma ciudadanía

Por otro lado se encuentran otros inconvenientes como son la falta de infraestructuras deportiva adecuadas que permita realizar actividad física, caminos adecuados para el tránsito de peatones, parques, señalizaciones adecuadas, lo cual dificulta la realización de actividad física por parte de los Samarios.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Igualmente, este problema de falta de actividad física está muy relacionado con un factor cultural, muchos de los habitantes samarios no han incorporado en sus hábitos la practica de actividad física en su tiempo libre, dentro de su tiempo laboral o académico lo cual evidencia la existencia de otros factores que inciden en la realización de actividad física de los jóvenes samarios.

Otra de las problemáticas que se evidencia es la ausencia de un modelo preventivo claro, para la implementación de cualquier estrategia de ejecución hacia la actividad física en la ciudad; por tal razón no se puede evaluar ciertas características poblacionales que permitan diagnosticar el estado de salud de la población, un ejemplo claro de la falta de identificacion de las variables, para llevar a cabo la ejecución de estos programas se evidencia en larealización del programa Santa Marta activa el cual es una iniciativa pedagógica, promocional y de intervención de carácter gubernamental que busca modificar el estilo de vida de los habitantes de Santa Marta por medio de la puesta en marcha de actividades que brinden a los niños, jóvenes y adultos espacios de recreación, donde se complementa la actividad física, la cultura y el deporte.

Según la Organización Mundial de la Salud (OMS) es la inactividad física el cuarto factor de riesgo de mortalidad en todo el mundo (6% de defunciones a nivel mundial), relacionado con enfermedades como la hipertensión (13%), el consumo de tabaco (9%) y el exceso de glucosa en la sangre (6%) y finalmente el sobrepeso y la obesidad, que aumenta cada año, reportándose a nivel mundial aproximadamente 1600 millones de personas con sobrepeso y cuatrocientos millones con obesidad. Este es un factor de riesgo para la hipertensión, enfermedad que afecta a cerca de un billón de personas a nivel mundial y de las cuales predominan personas de raza negra, atribuido a causas genéticas asociadas (Navarro & Vargas, 2009; OMS, 2010)

En el contexto Colombiano y del Caribe, la organización Panamericana de la salud y la encuesta nacional de nutrición (2010), reportan que en el departamento del Magdalena, la población con sobrepeso ha incrementado, y se considera un factor de riesgo para la hipertensión, la diabetes obesidad comorbida y otras enfermedades cardiovasculares asociadas a la inactividad física.

Según Alonso Palacio, Pérez, Alcalá, Lugo y Consuegra (2008), en una muestra de jóvenes universitarios del Caribe que recién ingresan a la Universidad , se encontró que el 13% presentan sobrepeso y el 2,7% califica como obeso, reporta a su vez, que 1 de cada cinco estudiantes , camina más de diez minutos diarios, evidenciando el estado de inactividad de esta población. Estos resultados son concurrentes con los publicados por Campo Arias, Cogollo y Díaz (2008), quienes presentan datos relacionados con inactividad física, de los jóvenes de 14 a 19 años que identificaron con patrones de comportamiento de riesgo para la salud, encontrando que el 18% es inactivo y que los comportamientos de riesgo para la salud están asociados a estados de ánimo bajo o depresivos y a niveles bajos de religiosidad.

Según Viloria de la Hoz (2007), en Colombia, más del 46 % de las personas de 18ª 64 años, presenta problemas de exceso de peso. En la población del Departamento del Magdalena, más del 42% padece de sobrepeso , y esto esta relacionado con la dieta cada vez más desequilibrada, donde es notorio que en la composición de la dieta hacen falta nutrientes como el hierro , zinc, yodo, vitamina A, y prevalecen nutrientes con grasas saturadas que confluyen en sobrepeso y obesidad. Un indicador significativo es que en América Latina y el Caribe, son crecientes y cada vez mayores, los niveles de obesidad y sobrepeso en la población más pobre y con las necesidades básicas insatisfechas. Estos resultados son coherentes con los datos de inseguridad alimentaria revelados en el

Caribe, donde el 52% de la población del Caribe ha tenido problemas en el acceso a seguridad alimentaria en los últimos treinta días , esto indica que aunque estos problemas de nutrición estén disminuyendo en las últimas décadas, aun no son suficientes para alcanzar las metas y objetivos del milenio y evidencian que poco o nada se está haciendo de manera integral y altamente efectivo, para el abordaje de problemáticas relevantes como los problemas de sobrepeso, obesidad, desnutrición .

SMENTAL - Salud Mental

A CONCEPÇÃO DOS AGENTES AMBIENTAIS SOBRE TRABALHO, SOCIEDADE E NATUREZA. *Sandra Maria Guisso, Paulo Rogério Meira Menandro (Universidade Federal do Espírito Santo)*

O ambiente é o fator desencadeante de comportamentos, que podem ser os mais variados para o mesmo espaço, o que vai determinar como e quanto o ambiente influencia são as condições sociais, econômicas, políticas, de poder, culturais, que por sua vez, são influenciadas e influenciam o ambiente. O objetivo da investigação foi desenvolvido a partir de três vertentes articuladas entre si: identificar e descrever modalidades de atividades que integram a rotina de trabalhadores encarregados de lidar com lixo, com dejetos e com a limpeza urbana (agentes ambientais), assim como as condições em que tais atividades são executadas; identificar, a partir de concepções relatadas por tais trabalhadores, evidências de compreensão das inter-relações entre suas atividades e aspectos ambientais de interesse geral para a comunidade, verificando se tais concepções estão diferentemente associadas às modalidades de atividade exercidas; identificar a trajetória desses trabalhadores de forma a descrever elementos que contribuíram para que se tornassem agentes ambientais e analisar como vêem seu próprio trabalho e como percebem que a sociedade o vê. Participaram da pesquisa 43 sujeitos, provenientes de quatro cidades do interior do Espírito Santo. A pesquisa aconteceu de duas formas: primeiramente iniciou-se com um questionário fechado abordando os dados sociais dos participantes, os quais foram trabalhados a partir da estatísitica descritiva. Após as informações sociais, iniciou-se as entrevistas, compostas de questões abertas, que abordaram aspectos do trabalho, ambientais, perspectivas de vida, preconceito e exclusão. Os dados provenientes das entrevistas foram analisados com a utilização da análise de conteúdo. Os resultados obtidos através da análise de conteúdo foram utilizados para relacionar os saberes e fazeres dos entrevistados com a teoria sócio-interacionista de Vygotsky. Essa relação foi possível realizar, pois, as concepções dos entrevistados foram construídas socialmente, o que vem de encontro com a teoria de Vygotsky, a qual entende que o conhecimento é social antes de ser individual. Os resultados da pesquisa trouxeram a luz algumas questões que permitiram conhecer os sujeitos estudados, tais como: a compreensão das atividades ambientais exercidas pelos agentes foi importante para entender quais condições sociais e econômicas levaram essas pessoas a trabalhar com tais atividades. Os dados sociais permitiram entender que os fatores condicionantes são a falta de estudo, (44,2%) dos entrevistados não completaram a 4 série do ensino fundamental, a atividade anterior (34,9%) era lavrador e (76,7%) não tinham carteira assinada na atividade anterior, ou seja, esses dados demonstram que a falta de instrução e a desvalorização das atividades do campo foram os fatores que levaram esses sujeitos ao trabalho com os restos ambientais. Nas entrevistas abertas o que pode-se perceber é que os sujeitos da pesquisa tem consciência ambiental, proveniente basicamente de informaçoes da mídia e não por capacitação através do trabalho. Os dados também demonstraram que eles valorizam mais a sua atividade quando se apoderam do valor ambiental que podem atribuir a mesma e que procuram transmitir valores ambientais as demais pessoas do seu núcleo de convivência.

Agentes ambientais; meio ambiente; trabalho; sociedade.

CAPES

SOCIAL

A DESPERSONALIZAÇÃO DOS NEGROS: PRECONCEITO E INFRA-HUMANIZAÇÃO. *Floricelia Santana Teixeira, Claudia Mara de Oliveira Bezerra, Marcus Eugênio O. Lima, André Faro Santos*

O presente estudo visou à análise do fenômeno da despersonalização dos negros, bem como a presença de infra-humanização e de preconceito implícito e explicito. A despersonalização é uma forma de inferiorização do outro que consiste em não percebê-lo como dotado de idiossincrasias. Para estudar o fenômeno avaliamos o tempo de duração para formar impressões sobre pessoas brancas e negras e o conteúdo destas impressões. O preconceito implícito foi avaliado pela utilização do Teste de Associações Implícitas (IAT). O preconceito explícito foi medido através de uma adaptação da escala de McConahay e Hough (1976). Finalmente, analisamos a infra-humanização utilizando a atribuição diferenciada de emoções e sentimentos. Este fenômeno se diferencia da despersonalização, visto que para ocorrer a infra-humanização o individuo precisa reconhecer o outro, para assim estereotipá-lo negativamente e discriminá-lo, já na despersonalização não há o interesse em perceber o outro; assim não há nenhum tipo de avaliação nem positiva nem negativa, predominando a indiferença. Participaram 49 estudantes de graduação de uma universidade pública de Sergipe, com idades entre 17 e 36 anos (M = 20.8, DP = 4.3), dos quais 34 declararam-se como negros (pretos ou pardos) e 15 como brancos. Na primeira etapa do experimento, verificamos que os estudantes, independente da cor da sua pele, personalizaram, ou seja, demoraram mais tempo em formar impressões sobre as pessoas brancas do que sobre as pessoas negras (Mbrancos = 1843.76 vs. Mnegros = 1684.85), $F(1, 47) = 14.42$, $p = .000$. Para explorar o preconceito implícito, calculamos o efeito IAT através da subtração médias de resposta no bloco incompatível (Branco/Não gosto – Negro/Gosto) das do bloco compatível (Branco/gosto – Negro/Não gosto). Os estudantes levaram menos tempo no bloco compatível do que no incompatível, implicando em preconceito implícito contra os negros (M= 419.11, DP = 454.84), $t(48) = 6.45$, $p = .000$. Este resultado também não foi influenciado pela cor da pele dos participantes. Em termos de infra-humanização, observamos que os participantes demoram mais tempo para atribuírem afetos (sentimentos e emoções) aos brancos (M = 1549.25) que aos negros (M = 1464.30), $F(1, 47) = 3.86$, $p = .05$. Encontramos correlações significativas entre a despersonalização e a infra-humanização, $r(49) = .46$, $p= .000$. A despersonalização não manteve correlações com o preconceito implícito, $r(49) = .-12$, $p= .40$, nem com o preconceito explicito $r(49) = .07$, $p= .65$. Consideramos que estudos como este, que analisem a formação de impressões para identificar o fenômeno da despersonalização e da infra-humanização, são relevantes para a identificação de possíveis comportamentos preconceituosos que tem como consequência a exclusão do individuo. Apesar de ser um fenômeno comum na história da sociedade, a despersonalização ainda recebe pouca atenção na literatura psicossocial.

Preconceito, despersonalização

SOCIAL

A GESTÃO NA EDUCAÇÃO E NA SAÚDE CONCERNENTES À VIOLENCIA: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA. *Gerson Vieira de Paula Junior , Fellipe Soares Salgado, Lelio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

O ambiente escolar é um local estratégico responsável pela socialização dos alunos. A avaliação de desempenho, comportamentos, atitudes e crenças ocorre na relação entre colegas e seus educadores, sendo estes responsáveis pelos direcionamentos nesse espaço com finalidade de promover aprendizagem social e formal. Assim, eles podem influenciar positivamente e promover proteção diante de fatores de risco, como Bullying. A implementação de programas de prevenção e gerenciamento abrangente da violência apresenta-se como desafio aos diversos setores da sociedade, incluindo o da saúde. Assim, entender a relação entre violência e saúde a partir do ponto de vista de profissionais e gestores é fundamental para compreender o fenômeno e formular intervenções. Percebe-se, então, que a violência é um problema que diz respeito a duas importantes instituições sociais: educação e saúde. Nesse sentido, esse trabalho pretendeu caracterizar a produção científica sobre os temas bullying e violência doméstica, associados, respectivamente, à escola e ao setor saúde, ressaltando a percepção de profissionais e gestores dessas instituições, no período de 2002 a maio de 2012. Não foram considerados artigos de revisão. Sobre bullying, foram recuperados artigos com texto completo publicados nas bases de dados ERIC, PsyInfo, BVS, RedaLyc, PsycArticles e PubMed, utilizadando os descritores: bullying, gestão educacional, school management, school climate. Sobre violência doméstica, foram recuperados artigos das bases Medline e Scielo, utilizando os descritores violence e man, woman, child, men, women, children, elderly, intimate partner, family, domestic ou gender. Foram observados: periódicos de publicação, ano, metodologia utilizada e análise dos resultados. Em seguida, foram selecionados aqueles que investigaram crenças tendo gestores de saúde, profissionais de saúde e educadores como sujeitos da pesquisa. Foram encontrados 76 artigos com educadores, sendo o periódico Journal of School Psychology o mais prevalente (11%). Existe uma variedade de revistas menos prevalentes, porém que concentram publicações nos temas da saúde, agressão e educação ao discorrer sobre o bullying. O ano mais prevalente foi 2008 (17%), seguido de 2009 (13%) e 2010 (10%). O estudo com desenho correlacional aparece em 16% dos trabalhos, os brasileiros e de outros países latinos são prevalentemente qualitativos (82%). Observa-se pouca frequência de artigos brasileiros indexados nas bases internacionais e com um desenho mais robusto quanto ao tratamento de variáveis relacionadas ao bullying no país. Porém, tais publicações apontam para a co-ocorrência de outras violências no contexto escolar, apontando uma possível diferença cultural quanto as manifestações agressivas na escola. Essa diferença deve ser pesquisada com mais atenção para subsidiar práticas interventivas ecologicamente válidas. No tocante à violência doméstica e saúde, foram encontrados 62 artigos. Sobre os sujeitos das pesquisas, 45 trabalhos (73%) utilizaram profissionais de saúde, 8% estudantes, 8% profissionais e gestores, 5% residentes, 3% estudantes e residentes, 2% diretores de curso de graduação e 2% foram com gestores. Sobre metodologia, 53% dos estudos foram qualitativos, 42 % quantitativos e 5% empregaram métodos mistos. Esses estudos, de uma maneira geral, apontam para a necessidade de adequação dos serviços e sensibilização e formação dos profissionais para lidar melhor com o tema violência doméstica e estabelecer práticas consistentes.

Violência. Escola. Saúde.

SOCIAL

A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO TRABALHO: UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO COM GESTORES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA. *Lucia Pereira Leite , Laiza Oliveira Vilela** (Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - Departamento de Psicologia - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Unesp/Bauru-SP.)*

Atualmente, por conta das normativas legais, discussões sobre diversidade e acessibilidade da pessoa com deficiência têm se tornado alvo de destaque no contexto laboral. Entretanto, muito há que se fazer para que este ambiente seja de fato inclusivo. Pesquisas recentes apontam que a concepção de gestores acerca do conceito de deficiência se constitui em um fator contribuinte para os estilos de gestão adotados no trabalho. Diante disso, desenvolveu-se uma proposição teórico-operacional, no formato de um curso de sensibilização à inclusão da pessoa com deficiência no trabalho. O curso foi ofertado aos gestores de uma universidade pública do interior paulista e, após a sua execução, foram recolhidas as concepções desses profissionais sobre a temática deficiência. Em termos de amostragem, o curso atingiu 24 funcionários do campus e foi apresentado em cinco encontros, que objetivaramo refletir criticamente o conceito de deficiência, empregabilidade e as condições laborais das pessoas com deficiência. Para identificar se houveram mudanças nas concepções dos participantes, foi solicitado que eles respondessem por escrito, antes e após a intervenção, o que entendiam sobre deficiência e os seus causais. As repostas dadas foram submetidas ao método de Análise de Conteúdo (Bardin, 1991), e foram classificadas em categorias e subcategorias de análise. Os resultados das análises apontaram que antes da participação no curso as respostas ao conceito de deficiência foram classificadas na categoria individual e na contextual. A primeira interpreta a deficiência como um atributo inerente ao indivíduo, sendo que esta categoria foi subdividida em duas subcategorias, uma que percebe a deficiência como falta ou ausência de algo em um indivíduo e a outra que percebe a deficiência como uma dificuldade ou limite que determinado indivíduo apresenta. A outra categoria interpreta a deficiência como um atributo do contexto, sendo subdividida apenas na subcategoria atitudinal que descreve a deficiência como algo decorrente das atitudes negativas das pessoas em relação à ela. Entretanto, após a intervenção, uma nova subcategoria dentro da categoria contextual foi identificada, a ambiental - que percebe deficiência como atrelada a necessidade de ajustes e/ou adequações no ambiente. Em relação as causas da deficiência, antes da intervenção as repostas foram classificadas na categoria individual, que define que a deficiência tem origem no próprio organismo humano – esta categoria foi dividida em duas subcategorias: uma que considera que a deficiência é causada por acometimentos orgânicos e a outra por causas não naturais, por exemplo, acidentes – e na categorial contextual, que inicialmente foi subdividida na categorial atitudinal, atribuindo que a deficiência é decorrente das atitudes negativas das pessoas em relação à ela. Depois da intervenção apareceram outras duas novas subcategorias dentro da categoria contextual, a sócio-cultural - que atribui que a deficiência decorre de questões sociais e culturais, e a ambiental - que atribui que a deficiência decorre de ambientes não adaptados e inclusivos. Portanto pode se concluir que após o curso os participantes ampliaram seus conceitos sobre deficiência, passando a considerar a provisão de ajustes e/ou adequações no ambiente/contexto para que ele se torne inclusivo e acessível às pessoas com deficiência.

Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Palavras-chave: Pessoa com deficiência; Empregabilidade; Inclusão.

Mestrado-M

SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A LIDERANÇA NO CONTEXTO DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. *Carla Regina Santos Almeida*, Annie Larissa de Carvalho Gonçalves*, Bruno de Brito Silva*, Camila D'Avila Moura*, Henio dos Santos Rodrigues*, Thatianne Vasconcelos Almico*, Yris Monalizza de Souza*, Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe)*

A liderança pode ser entendida como o processo de influenciar as atividades de um indivíduo ou de um grupo para a consecução de um objetivo em uma dada situação. O poder do líder pode ser formal, devido à sua posição hierárquica, e/ou pessoal, quando a influência está relacionada a características pessoais. Há diversas teorias sobre os estilos de liderança. Porém os autores geralmente consideram os fatores ligados ao relacionamento, os ligados à tarefa e, nas teorias mais recentes, os situacionais como base para a definição dos estilos. Esse fenômeno pode ser encontrado em diversos agrupamentos sociais. Logo, as residências universitárias, por serem um tipo de agrupamento social, estão sujeitas à sua ocorrência. No caso das residências universitárias da Universidade Federal de Sergipe, a liderança é legitimada por uma resolução que determina que cada residência deve possuir uma diretoria, que é formada por um coordenador, um tesoureiro e um secretário. Tendo em vista os aspectos supracitados, temos como objetivo verificar como o fenômeno da liderança se manifesta nas residências universitárias da Universidade Federal de Sergipe, observando se o poder exercido pelo líder é formal e/ou pessoal e qual(is) o(s) estilo(s) predominante(s). Acreditamos que a liderança se faça presente nesse ambiente e que se apresente de maneiras variadas no programa. Para tanto, foram utilizadas transcrições de grupos focais, com dezesseis participantes no total, para averiguar questões como o modo com o qual as decisões são tomadas e o quanto os residentes não-participantes da diretoria fiscalizam e se interessam pela gerência da residência. Dos dezesseis participantes, nove foram do sexo feminino (idade: m=20,89, dp=1,90) e sete do masculino (idade: m=22,71, dp=2,98). Foram realizadas duas sessões de uma hora e trinta minutos com cada grupo focal. Os residentes participantes são de ambos os sexos, sem restrição de curso ou faixa etária. Ao analisar preliminarmente os dados, nota-se que há uma resistência quanto a assumir algum cargo na diretoria e que há uma desorganização quanto ao cumprimento dos deveres de cada membro. Os residentes também alegam faltar orientação e acompanhamento por parte do órgão responsável e que ocupar um cargo dificulta o relacionamento com seus pares. A hipótese de que existe uma variedade de estilos gerenciais foi corroborada, havendo cinco manifestações do estilo democrático, quatro do laissez-faire, uma do autocrático e uma de liderança situacional. Esta análise nos permitiu coletar material que servirá de base para a próxima etapa da pesquisa, que contará com uma escala do tipo likert, que será aplicada em todos os estudantes beneficiados pelo programa com o intuito de comparar com os resultados do grupo focal, responder a perguntas geradas a partir deste e preencher lacunas sobre o tema. A melhor compreensão da dinâmica relativa aos processos de liderança nesse contexto poderá melhorar a interação entre os residentes, diminuindo a ocorrência de conflitos, uma vez que esta é uma pesquisa-ação e pretende propor estratégias para formação e acompanhamento mais eficazes da diretoria.

Residentes, líder, grupo focal.

SOCIAL

A MULHER NA PROPAGANDA TELEVISIVA. *Jéssica Costa dos Santos*, Áderson Luiz Costa Junior (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Os indivíduos tendem a selecionar os programas televisivos que assistem. No entanto, os comerciais, por ocorrerem em curtos espaços de tempo podem passar a impressão de que são irrelevantes, sem atenção seletiva significativa. As propagandas, no entanto, não são vistas como um sistema de valores criticáveis, mas como fatos, comunicações breves, intencionais, contextualizadas e mediadas por estímulos carregados de apelos afetivos, motivacionais, financeiros, estéticos e de outras naturezas referenciais. Desta forma, uma propaganda pode servir para reafirmar padrões de pensamentos e comportamentos não desejados para uma sociedade mais igualitária. A propaganda pode destacar o corpo como uma imagem forte, algo a ser explorado, percebido como uma mercadoria, compatível com o culto à beleza, juventude, prazer. A supervalorização destes conceitos permite que a propaganda os utilize de diversas formas. No caso da mulher, muitas vezes objetificada, sua beleza e corpo são tratados como elementos associados a mercadorias e serviços para consumo. A sexualidade e a objetificação da mulher, usadas para aumentar o consumo de um determinado produto, foi analisada neste estudo. Foram observadas as propagandas veiculadas entre às 19 e 22 horas, por uma emissora brasileira de canal aberto, por 15 dias úteis consecutivos. A partir da seleção de categorias temáticas de propaganda, foram registrados dados sobre comportamentos de mulheres, relação da mulher com os outros integrantes da propaganda, vestimenta e se a mulher era usada como recompensa por algum comportamento e/ou pelo consumo de algum produto. Dados obtidos apontam que as propagandas ainda apresentam, mesmo que eventualmente, comerciais onde a mulher é usada como recompensa pelo uso de algum produto (6% das propagandas), ou retratada apenas como mãe/dona de casa (16% das propagandas), enquanto o homem é mais comumente retratado em contextos de trabalho. Observou-se: (a) prevalência de mulheres em propagandas de produtos voltados para beleza e estética, em todos os comerciais com esta temática; (b) mulheres chamam a atenção em propagandas de bebidas e veículos automotivos (12% das propagandas), muitas vezes (6%) nem mesmo como consumidoras; (c) em propagandas de empresas/serviços há certa igualdade, em termos numéricos e de papeis, para cada gênero; (d) em propagandas de produtos voltados para a vida doméstica, é muito raro ver homens usando o produto (menos de 4% do total de propagandas destes produtos). Esses dados levam à reflexão de que ainda há questões a serem pensadas e feitas em relação à conscientização de questões de gênero para a população de modo geral, mas que muita coisa já está mudando. Pelo fato da rede escolhida ser um canal aberto, supõe-se que atinja um maior número de pessoas, de vários níveis sociais; com a igualdade de gênero sendo mostrada cada vez mais nestas propagandas, com exceção de uma ou outra, espera-se que isso se reflita no repertório geral de comportamentos das pessoas, no dia-a-dia.

Propaganda televisiva, Mulher, Gênero.

Bolsista do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB)

SOCIAL

A ORIENTAÇÃO TEMPORAL E MECANISMOS DE CONTROLE: UM ESTUDO SOBRE O ENDIVIDAMENTO DO CONSUMIDOR. *Marcos Pimenta - Banco Central Marcos Pimenta, Fabio Iglesias, Barbara Monteiro, Lucas Caldas (Universidade de Brasília)*

A orientação temporal dos consumidores e seus mecanismos de controle exercem um papel essencial na formação de poupança e dívidas. Essa orientação e mecanismo de controle influenciam nas decisões envolvendo trocas intertemporais em que os consumidores compram algo no presente e pagam em momentos futuros, gerando um endividamento no presente. Assim como, os consumidores poupam no momento presente para consumo futuro, gerando poupança e, consequentemente, prevenindo um (presente e/ou futuro) endividamento no presente e no futuro. O objetivo deste estudo foi avaliar a influencia da orientação temporal e os mecanismos de controle no endividamento do consumidor, relacionando com variáveis sócio-demográficas. Participaram 69 consumidores (55% mulheres) com média de 25,4 anos de idade (DP = 9,8), abordados de forma não-aleatória em lugares públicos como praças, universidades e shoppings centers. O instrumento de survey incluiu uma escala com 24 itens atitudinais (concordância e frequência em 5 pontos) sobre orientação temporal (8 itens para o presente e 8 itens para o futuro), inspirada no instrumento ZPTI do Zimbardo, mecanismo de controle (8 itens), 10 itens relacionados com o nível de endividamento do consumidor e relatos de comportamento para formação de dívida, além dos itens socio-demográficos (idade, sexo, escolaridade e renda). Encontrou-se uma solução bifatorial para os itens atitudinais (KMO = 0,71), sendo um fator com a predominância de item de orientação ao presente e mecanismos de controle extrínseco (ex: "Gastar com o que me dá prazer é melhor do que poupar para os riscos do amanhã") com 9 itens e alfa = 0,77 e outro fator com itens de orientação ao futuro e mecanismos de controle intrínseco (ex: “Na minha vida particular tenho planos para vários anos à frente”) com 10 itens e alfa = 0,81. Os resultados preliminares revelaram que a orientação temporal explica 11,5% da variação do nível de endividamento. Não houve diferença significativa entre sexos quanto à orientação para o futuro ($F_{1,67} = 1,94$; ns.) e para o presente ($F_{1,67} = 1,88$; ns.). Uma ANOVA apontou diferenças significativas na orientação temporal entre níveis de escolariadade ($F_{2,66} = 3,5$; $p<0,05$). O resultado encontrado indica que a orientação temporal é diferenciada de acordo com o nível educacional, o que pode ser explicado pelo fato de que indivíduos que se orientam para o futuro, investem mais tempo em educação. Além disso, os resultados apontam para uma a relevância das variáveis de orientação temporal e de mecanismos de controle em relação os nível de endividamento, sugerindo uma amostra maior para aumentar o poder do teste e para observar outras relações significativas com os níveis de endividamento do consumidor. A pesquisa pode ter implicações práticas nos campos da regulação bancária, educação financeira e defesa do consumidor.

Orientação temporal; mecanismos de controle; endividamento

SOCIAL

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM OLHAR DA MULHER VÍTIMA DE ARACAJU. *Vanessa Araujo Souza Côrtes**, Joilson Pereira da Silva (NPPS - Universidade Federal de Sergipe/UFS)*

A violência é um fenômeno social complexo, multifacetado, que abrange todas as culturas, em suas diferentes parcelas sociais, seja nos níveis públicos ou privados. Uma violência que atinge, prioritariamente, os níveis privados é a violência doméstica, em especial, contra a mulher. Essa pode ser definida como um ato de violência (ação ou omissão), que tem por base a questão do gênero e, que pode ter consequências biopsicossociais. Este tipo de violência é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como uma questão de saúde e uma questão social, principalmente, por ser caracterizada como uma manifestação da relação de poder histórica e culturamente desiguais, que favorecem a dominação dos homens sobre as mulheres. Nos últimos anos, entretanto, com a divulgação da Lei Maria da Penha (L. 11340), houve um aumento do número de casos denunciados e noticiados na imprensa de mulheres que sofrem violência ou que foram mortas em decorrência desta. Todavia esses índices, ainda, não condizem com a grave realidade, pois, por diversos motivos, muitas mulheres permanecem caladas e submissas, configurando-se como um problema crônico. Investigar quais as Representações Sociais (tendo em vista que são pensamentos utilizados para a comunicação, compreensão e ensino do meio social, material e ideativo) que essas mulheres têm sobre a violência doméstica sofrida e qual a influência dessas representações para a submissão a tal violência é um ponto de partida para se identificar caminhos para uma redução dos índices reais da violência doméstica contra a mulher. Este trabalho, portanto, tem por objetivo investigar as Representações Sociais que mulheres vítimas têm sobre a violência doméstica sofrida e qual a relação dessas representações com a submissão a tal violência, principalmente, observando as ancoragens sociais que influenciam este tipo de fenômeno. Tem por hipótese que quanto mais negativamente a mulher representa a violência doméstica, maiores são as reações a esta. O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, com entrevista semi-estruturadas. A amostra é composta por 15 mulheres vítimas de Violência Doméstica, residentes no município de Aracaju-SE, selecionadas por conveniência entre as usuárias de Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializada da Assistência Social São João de Deus e da Delegacia de Atendimento à Grupo Vulneráveis. Os resultados parciais apontam que, frequentemente, as mulheres vítimas tem consciência da gravidade da situação e representam a Violência Doméstica negativamente. Entretanto, corroborando com a nossa hipótese, as reações (procurar ajuda, denunciar, romper com a relação violenta e etc.) a esta só aumentam quando representam mais negativamente a situação vivida e/ou quando a situação está muito grave.

Representação social, violência, mulher.

SOCIAL

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO PARA O CONTEXTO BRASILEIRO DE UMA ESCALA GERAL UNIFATORIAL DE IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO. *João Fernando Rech Wachelke (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).*

Em boa parte dos fenômenos psicossociais, indivíduo precisa sentir-se como parte do grupo, perceber a importância da pertença, para que a instância coletiva possa influenciar seu comportamento ou pensamento. Esse tipo de conexão chama-se identificação social ou grupal. É um construto definido pela medida da força de conexão de indivíduos com grupos de que fazem parte. Há medidas de diversos tipos para a identificação, geralmente no formato de escalas de Likert, mas não se encontram medidas genéricas validadas para o contexto brasileiro. Este trabalho teve o objetivo de propor e buscar evidências de validade de uma medida simples constituída pela tradução e adaptação de alguns itens já consagrados na literatura internacional, de modo a constituir uma escala geral que possa ser utilizada para avaliar a identificação com potencialmente qualquer grupo social. Foram escolhidos seis itens de medidas de identificação com o grupo utilizadas em estudos internacionais, tratando especificamente ou de orientação geral para o grupo ou da centralidade do grupo para a identidade individual. Os itens foram incluídos no instrumento de uma pesquisa com coleta de dados pela internet, realizada junto a 1203 universitários de sete estados brasileiros, matriculados em diversos cursos de graduação de instituições públicas e particulares; 65% dos participantes eram mulheres, com média de idade 21 anos. Os participantes responderam formulários online contendo questões opinativas sobre temas da vida social. As escalas de identificação com dois grupos estavam incluídos no instrumento: os grupos "jovens" e "estudantes universitários", apresentadas em ordens diferentes aleatoriamente. Os itens consistiam em afirmações relativas à conexão com o grupo, por exemplo: "os jovens são um grupo importante para mim", e os participantes deveriam expressar concordância em escalas de 7 pontos. O software R (especialmente pacotes psych e lavaan) foi utilizado para análise de dados. A amostra foi aleatoriamente dividida em 2, uma com 600 participantes (amostra 1) e outra com 603 (amostra 2). Junto à amostra 1, foi realizada análise dos componentes principais (ACP) dos itens da escala de identificação com jovens. O KMO teve resultado 0,88 e a análise paralela e ACP sugeriram a extração de um único componente explicando 67% da variância. Os 6 itens tiveram carga fatorial variando de 0,91 a 0,77. O alfa de Cronbach calculado para a escala foi 0,90. Uma análise fatorial confirmatória (CFA) junto à amostra 2 mostrou razoável adequação do modelo com um único fator e covariação dos erros relativos a alguns itens ($X2=1658,12$; $gl=15$; $p<0,001$; $CFI=0,99$; $RMSEA=0,05$; $SRMR=0,01$). Uma CFA da escala de identificação com estudantes universitários realizada com a amostra global mostrou adequação do mesmo modelo ($X2=3437,53$; $gl=15$; $p<0,001$; $CFI=0,99$; $RMSEA=0,1$; $SRMR=0,01$). A medida de identificação grupal apresentada atende aos requisitos de validade e confiabilidade para inclusão em projetos de pesquisa de identificação social. Ressalta-se que a medida apresentou índices psicométricos semelhantes quando foram avaliadas relações com dois grupos diferentes. Finalmente, aponta-se que a adequação marginal dos modelos confirmatórios sugere maior complexidade da estrutura do construto, implicando necessidade de instrumentos mais detalhados quando for necessário lidar com a identificação de modo mais refinado.

Identificação social; identificação com o grupo; validação de instrumentos.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

SOCIAL

ANÁLISE DOCUMENTAL DA MÍDIA DIGITAL SOBRE O CRACK: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E PROBLEMAS ASSOCIADOS.

*Gabriela Correia Lubambo Ferreira** (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG), Pollyanna Santos da Silveira** (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Ana Luísa Marliere Casela*, Érika Pizziolo Monteiro*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Nathália Munck Machado* (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG), Ana Regina Noto (Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG; Bolsista de produtividade CNPq).*

Existe atualmente no Brasil, uma preocupação em se estudar a população usuária de crack, uma vez que a popularização do uso dessa substância trouxe complexidades e dificuldades para o planejamento de estratégias de enfrentamento ao consumo. A mídia desempenha um importante papel como fonte de identificação de normas sociais, produtor de atitudes e crenças ou como divulgador e facilitador de políticas de prevenção ao uso de drogas. O objetivo do presente estudo foi analisar os conteúdos divulgados pela mídia digital brasileira acerca do crack, entretanto, utilizaram-se as palavras crack, óxi e merla a fim de ampliar o escopo da pesquisa. A busca foi realizada em três revistas de ampla circulação nacional: VEJA, ISTOÉ e ÉPOCA. Foram encontradas 680 notícias. A seguir, procedeu-se a leitura inicial e foram excluídas 256 notícias que não focavam na temática deste estudo ou estavam. Com este delineamento, 424 notícias preencheram os critérios de inclusão. Destas, 258 foram veiculadas na revista VEJA, 129 na ISTOÉ e 37 na ÉPOCA. Para análise documental, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. A categoria "combate e enfrentamento", a qual descreve as iniciativas públicas preventivas e de intervenções bem como estratégias pessoais voltadas para o enfrentamento ao uso de crack e protestos foi a mais veiculada em todas as revistas, sendo 129 notícias relacionadas ao tema. A seguir, destaca-se a categoria "tráfico" envolvendo as notícias de prisão decorrente do tráfico (n=95) ou porte de crack e apreensão de pedras de crack (n=123). A categoria saúde foi abordada em 81 notícias, sendo que 45 estavam veiculadas na revista VEJA. Dentro desta categoria, foram encontradas 11 notícias na subcategoria epidemiologia, 21 na subcategoria consumo e 18 na subcategoria implicações físicas e sociais. Por fim, na categoria "economia", foram encontradas 2 notícias na subcategoria produção e 4 notícias na subcategoria publicidade. Em relação à percepção dos dependentes de crack, o termo "usuário (s)" foi o mais utilizado (n=96). No entanto, o termo "viciado (s)" também foi amplamente utilizado (n=68), sendo o principal nas revistas ISTOÉ e ÉPOCA para a descrição dos dependentes. Ressalta-se que mensagens veiculadas pela mídia podem facilitar uma produção de crenças inverídicas sobre as substâncias psicoativas e sobre os dependentes. O uso de crack geralmente se associa à marginalidade e criminalidade, pois, muitas vezes, o usuário se vê forçado a participar de atividades ilícitas como meio para conseguir a droga. Essa relação com a droga afeta negativamente a saúde e o funcionamento social do dependente de crack, de forma a marginalizá-lo ainda mais, além de afetar sua disposição para busca de ajuda. Considerando que a mídia exerce uma função social, a veiculação da dependência através de uma perspectiva altamente estigmatizante pode vir a contribuir para a manutenção de crenças e estereótipos negativos acerca do dependente, aumentando o desejo de distância social dessa

população. Devido à credibilidade da imprensa na sociedade, destaca-se a necessidade de se pensar a mídia como uma importante ferramenta para estratégias de prevenção ou promoção de saúde, e não como fonte de propagação do estigma.

Crack, mídia, enfrentamento

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

SOCIAL

ANSIEDADE SOCIAL E EXPERIÊNCIAS DE VITIMIZAÇÃO NA ESCOLA E FAMÍLIA. *Andriele Monteiro de Oliveira*, Francesca Stephan Tavares**, Daniel Alexandre Gouvêa Gomes**, Ernani de Barros Gomes Neto Segundo, Lucas Pereira da Silva* e Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG)*

O presente trabalho estudou a interrelação entre episódios de Bullying na infância e na adolescência e Ansiedade SocialFobia Social na idade adulta. O Bullying é um tipo específico de violência entre pares, descrito como um abuso de poder continuado ao longo do tempo, com a intenção clara de afligir, intimidar e agredir outra pessoa no convívio permanente em locais coletivos, ocorrendo principalmente, mas não exclusivamente, nas escolas. Envolve os agressores, que praticam as ações violentas, os agredidos, que muitas vezes são mais frágeis socialmente ou fisicamente e os expectadores. O Bullying pode então ser considerado como um fator de forte interferência negativa para o desenvolvimento saudável. A Ansiedade Social ou Fobia Social é caracterizada como um quadro patológico no qual uma pessoa teme a convivência social por estar preocupada em ser humilhada e constrangida, o que pode gerar comprometimentos em suas relações sociais e funcionais. A dificuldade em situações sociais durante a infância e adolescência pode influenciar no desenvolvimento de habilidades sociais necessárias para posterior funcionamento acadêmico, social e profissional. Com o objetivo de analisar a relação que os participantes estabelecem entre as experiências de Bullying na infância e adolescência e os sintomas atuais de Ansiedade Social, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pacientes fóbico sociais do Programa de Transtornos de Ansiedade da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Juiz de Fora. Foram realizadas duas entrevistas com o mesmo roteiro semiestruturado com quinze participantes, dos quais doze eram mulheres. Como resultado podemos destacar o número importante de relatos de experiências significativas de vitimização escolar. Grande parte dos participantes foi alvo de apelidos durante todo o período escolar, e também sofreram experiências de isolamento ou exclusão. A violência física foi menos citada. Essas experiências em sua maioria ocorreram em sala de aula, mas também no recreio e intervalo entre as aulas e grande parte dos participantes não contou para ninguém os episódios sofridos. Relataram lembranças ruins marcantes deste período e têm medo de passar por situações semelhantes novamente. Apontaram ainda que sofreram episódios de vitimização semelhantes também no ambiente familiar. Segundo os relatos dos participantes, estes se sentiram inferiorizados e humilhados por membros da própria família, presenciaram brigas entre os pais, entre parentes, violência do marido e abuso sexual. Os participantes afirmaram que percebem as conseqüências da vitimização sofrida na escola e na família em aspectos da socialização adulta, com comprometimento dos relacionamentos no trabalho, dificuldades de fazer amigos e confiar nos demais.

Bullying; Ansiedade Social; Família.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

SOCIAL

AS CONCEPÇÕES DOS COMUNITÁRIOS DA COMUNIDADE POÇO DAS ANTAS SOBRE A INCIDÊNCIA DE LIMITAÇÕES FÍSICAS E MENTAIS EM PARTE DE SEUS MORADORES. *Clara Ermana Pacheco Neves*, Genelci Corina Cardoso Feitoza**, Anna Tereza Froes de Sousa*, Moacir Carvalho de Sousa Junior*, Lucas Sérgio de Sousa Lopes*, Iani Dias Lauer Leite** (UFOPA, Santarém, PA)*

A importância da abordagem desse tema está no fato de ser expressiva a incidência de portadores de deficiências físicas e mentais na comunidade Poço das Antas, aqui em Santarém, e também por não haver registros anteriores de trabalhos que tenham dado enfoque para a realidade vivida por essas pessoas. Este trabalho teve como objetivos interar-se das concepções dos moradores da comunidade sobre deficiências físicas e mentais, e identificar a presença ou não de trabalhos de assistência médica para os deficientes. Participaram 11 sujeitos, moradores da comunidade Poço das Antas. A comunidade é composta por 104 famílias de pequenos agricultores. Os participantes tinham idades entre 34 anos e 63 anos, sendo 6 homens e 5 mulheres, com ensino fundamental incompleto. Os dados foram coletados mediante entrevistas grupais, com representantes de cada família local. Para realização das entrevistas foi utilizado um questionário de dados sócio-demográficos e um roteiro com quatro perguntas: 1. O que vocês acham que é a deficiência física? E a mental? Por que as deficiências ocorrem? 2. Como é o dia a dia das pessoas que possuem deficiências físicas e mentais? 3. Como é a convivência com pessoas que possuem deficiências físicas e mentais? 4. Como são tratadas as pessoas portadoras de limitações físicas e mentais na comunidade Poço das Antas? Os dados foram analisados mediante o programa Alceste que analisa quantitativamente os dados qualitativos. Foram encontradas 5 classes de respostas: a) As fatalidades na comunidade: Os comunitários relatam sobre as fatalidades ocorridas com os deficientes que expressam o lado trágico da deficiência na comunidade. A família tentando controlar esses acontecimentos tranca os deficientes e isso traz sofrimento aos parentes. b) Ideias dos comunitários sobre deficiências: Percebe-se as concepções dos moradores da comunidade sobre deficiências. Alguns comunitários pensam que a deficiência é uma herança genética vinda dos avós dos deficientes ou vinda de casamentos entre primos. Uma concepção bem expressiva é sobre a deficiência ser um problema. Outros não sabem o que é deficiência. c) Assistência e questões financeiras: Os comunitários abordam a questão financeira que dificulta na obtenção dos remédios para os deficientes. d) Convívio com os deficientes: É abordada a convivência dos comunitários com os deficientes. A comunidade vê a convivência como normal e os comunitários os tratam bem, porém, alguns afirmam que a convivência não é boa, pois, irmão bate em irmão. e) Necessidades de auxílio médico e tratamento: Os comunitários abordam sobre o auxílio e o tratamento que os deficientes devem ter, fica evidente na fala dos moradores a necessidade de um acompanhamento médico para os deficientes. A partir dos dados analisados percebem-se as múltiplas concepções dos comunitários sobre o que são as deficiências físicas e mentais, como é o relacionamento com os deficientes e como os deficientes são vistos pela comunidade. Este trabalho por trazer dados nunca antes pesquisados oferece material indispensável para futuras pesquisas, como também, leva para a sociedade acadêmica e científica a realidade de deficientes físicos e mentais que necessitam de ações especializadas que lhes auxiliem em suas limitações.

Deficiência, problema, comunidade.

UFOPA

SOCIAL

CRENÇA NO MUNDO JUSTO E SUAS IMPLICAÇÕES NO JEITINHO BRASILEIRO. *Raíssa Costa Faria de Farias Seabra*, Bruna Rocha Amorim*, Ivan Hamamoto Marques da Silva*, Luanna Moura Estanislau*, Pedro Lacerda Chaves dos Santos*, Beatriz Leão*, Luiza Mariana Brito Soares** e Ronaldo Pilati Rodrigues (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A Crença no Mundo Justo (CMJ) é um conceito clássico em Psicologia Social e refere-se a suposição de que o indivíduo recebe o que merece e merece o que recebe, isto é, coisas boas acontecem a pessoas boas e coisas ruins a pessoas ruins. Essa crença é um constructo de defesa do indivíduo, que o assegura a pensar que as pessoas são responsáveis pelo que lhes acontece, sendo assim, sentem-se seguros contra qualquer infortúnio que possa ocorrer. O objetivo deste trabalho é correlacionar a CMJ com cinco fatores do Jeitinho Brasileiro: simpatia, criatividade, malandragem, prejuízo aos outros e desrespeito a regras. Entende-se por Jeitinho Brasileiro um complexo fenômeno social caracterizado pelo comportamento dos brasileiros diante algumas situações, empregando simpatia, criatividade e jogo de cintura. Também faz parte da dimensionalidade do Jeitinho a violação de regras, podendo chegar até à corrupção. Participaram da pesquisa 243 pessoas na cidade de Brasília. Como instrumentos foram aplicadas a escala de Jeitinho Brasileiro descontextualizada, que se refere a vinte e cinco itens de tipos de conduta que descrevem as cinco dimensões do modelo teórico de Jeitinho, e a escala de CMJ, já com evidências de validade para o Brasil. Os questionários foram aplicados presencialmente ou via internet, por meio de software de coleta de dados on-line. Para o cálculo e análise de dados foi utilizado o programa (Statistical Package for the Social Sciense). Os resultados parciais encontrados com a correlação de Pearson indicaram apenas correlações fracas ou inexistentes. Por exemplo, entre CMJ e Simpatia obteve-se um coeficiente de relação moderadamente baixo (r=0,20; p=0,002) e CMJ e Desrespeito às Regras também moderadamente baixo (r=0,225; p menor que 0,001), sendo os dois positivos. A hipótese, levantada no início do trabalho de que entre a CMJ e os fatores de conotação otimista (simpatia e criatividade) haveria uma correlação positiva e entre os de conotação pessimista (malandragem, prejuízo e desrespeito a regras) a correlação seria negativa, não foi confirmada, pois, como mostrado acima, a correlação entre CMJ e Desrespeito às Regras, mesmo baixa, foi positiva. Dessa forma conclui-se que a visão otimista do mundo, proporcionada pela CMJ, leva as pessoas a quando se depararem com uma ação caracterizada como jeitinho brasileiro, a classificarem como simpática, positiva dando importância à cordialidade, afeto e polidez. Entretanto, não impede que a mesma ação seja julgada como desrespeito às regras e normas da sociedade implícitas e explicitas. A maioria das correlações entre os fatores de Jeitinho Brasileiro e os dados sócio demográficos foram fracos e negativos, um resultado encontrado é a correlação baixa e negativa entre a CMJ e Renda Mensal Familiar (r=-0,133; p=0,41). Pode-se especular que os indivíduos menos favorecidos são mais otimistas, esperançosos e possuem forte a falsa impressão de que o mundo é justo. Este trabalho servirá de base para se entender esses dois complexos fenômenos sociais. O Jeitinho brasileiro é um campo novo na psicologia social e, a CMJ, apesar de ser um conceito antigo, só teve a escala utilizada na pesquisa validada no Brasil em 2010.

Crença, jeitinho, social

IC

SOCIAL

DESENVOLVIMENTO DE UMA MEDIDA IMPLÍCITA PARA A ATITUDE UNIVERSITÁRIA EM RELAÇÂO AO SISTEMA DE COTAS. *Saulo Maciel Oliveira*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Raquel Raissa de Souza Silva*, Thaís Vaz de Paula*, Ronaldo Pilati (Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Mathieu Turgeon (Laboratório de Pesquisa em Comportamento Político, Instituições e Políticas Públicas , Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Na psicologia social o conceito de atitude é entendido como uma avaliação relativamente geral e duradoura de um objeto ou conceito em uma dimensão de valência. Um dos problemas encontrados pelos pesquisadores, quando se pretende medir a atitude de indivíduos em relação a determinado conceito que envolva aspectos socioculturais, é o fenômeno conhecido como desejabilidade social. Este fenômeno é caracterizado por uma tendência por parte dos participantes a apresentar respostas consideradas mais aceitáveis ou aprovadas socialmente. Uma das estratégias utilizadas, para evitar esse tipo de problema, é o uso de medidas implícitas, como o Teste de Associação Implícita (TAI). O TAI mede o tempo de resposta do sujeito para cada associação, quanto maior for o tempo, menor a força desta. Assim ele revela as associações implícitas e não as produzidas de forma consciente e deliberada. O objetivo do presente estudo é desenvolver e aplicar um TAI para medir as associações implícitas feitas por estudantes universitários em relação ao sistema de cotas como forma de ingresso na universidade. O primeiro passo foi pesquisar os estímulos adequados a serem usados no instrumento, no caso, palavras de valência negativa e positiva, que serão associadas aos termos "sistema de cotas" e "sistema universal". Inicialmente, foram feitas 105 entrevistas com o intuito de conseguir estímulos associados positiva e negativamente às categorias "cotas" e "vestibular/PAS". Foi solicitado aos entrevistados que mencionassem cinco palavras negativas e cinco positivas que eles relacionassem às duas categorias em questão. Com base na literatura e nas palavras mais mencionadas nas entrevistas, foram selecionadas 26 palavras, 13 relacionadas a "cotas" e 13 relacionadas a "vestibular/PAS". Com essas palavras, foi feito um questionário que foi aplicado em 162 estudantes universitários de vários cursos da Universidade de Brasília. Neste questionário, os participantes avaliaram, por meio de escalas o quanto cada palavra representa o respectivo sistema de ingresso, a compreensibilidade e sua valência em relação a "vestibular/PAS" ou "cotas". Uma análise preliminar dos dados obtidos constatou que os participantes avaliavam as palavras relacionadas a vestibular/PAS como mais compreensíveis (M = 2,20; SD = 2,64), mais representativas (M = 2,30; SD = 2,59) e mais positivas (M = 1,43; SD = 2,75) que as relacionadas a cotas (respectivamente, M = 1,22; SD = 3,01; M = 0,84, SD = 3,10; M = 0,40; SD = 3,086). Esses resultados sugerem um desequilíbrio entre as palavras de cotas e vestibular/PAS, portanto serão descartadas e agregadas palavras de modo a equilibrar as duas categorias. Com as categorias equilibradas, serão selecionados estímulos para a elaboração de um um TAI. Este teste será submetido a validação no contexto de uma pesquisa de delineamento experimental para avaliação de indicadores de fidedignidade e validade convergente da medidas com outras medidas indiretas relacionadas ao sistema de cotas.

TAI, cotas, atitudes implícitas

SOCIAL

DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS NA PERCEPÇÃO DE PERSUASÃO E IMPULSIVIDADE: UM ESTUDO COM CONSUMIDORES. *Stela Lemos*, Fabio Iglesias, Heloí Mello*, Maria Tereza Sucena*, Mariana Cardoso*, Natália Klavdianos*, Rafaela Carvalho* (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Um tema que tem sido bastante investigado, em áreas como psicologia, marketing e economia, é o comportamento de compra dos indivíduos, pois quando sujeitos ao papel de consumidor, os indivíduos sofrem fortes influências psicológicas, pessoais, sociais e culturais. Contudo, o comportamento de compra de cada pessoa é influenciado por sua personalidade, sendo esta uma variável necessária e importante para análise do consumidor. Desta forma, é possível que pessoas detentoras de um perfil mais impulsivo podem ser levadas a consumir produtos e serviços em função disto. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de persuasão e a impulsividade na compra de um produto em lançamento, com base na hipótese de que pessoas mais impulsivas, mesmo sabendo que são persuadidas pelos vendedores, compram com maior incidência esse tipo de produto. Participaram 477 consumidores (269 mulheres), de 18 a 51 anos, que responderam a um questionário composto por duas escalas: Escala de Percepção de Persuasão, com 27 itens, que apresenta comportamentos frequentemente observados em vendedores ao tentar persuadir um cliente; Escala de Impulsividade, com 22 itens, que mede a intenção de comportamento dos participantes referentes à impulsividade na hora da compra. Ambos os instrumentos utilizaram uma escala Likert de cinco pontos de concordância para avaliação das situações. Análises fatoriais sugeriram para a Escala de Percepção de Persuasão (KMO= 0,90) uma solução bifatorial: Exclusividade (α = 0,88), com itens referentes ao tratamento diferenciado do vendedor em relação ao cliente; Supervalorização do produto (α = 0,81), com itens de exaltação do produto pelo vendedor. Para a Escala de Impulsividade (KMO = 0,85) as análises também sugeriram uma solução de dois fatores: Impulsividade (α = 0,81), e Imprudência (α = 0,71). Testes t revelaram que as mulheres apresentaram maior impulsividade, $t = 4,85$, $p < 0,001$; maior imprudência, $t = 3,99$; $p < 0,001$; e perceberam mais as técnicas de exclusividade que os homens, $t = 1,78$, $p = 0,07$. Os indivíduos com idade de 22 a 34 anos mostraram maior impulsividade, $t = 3,43$; $p < 0, 001$. Não foram encontradas relações significativas com renda, composição familiar e entre as escalas de percepção de persuasão e impulsividade. Enquanto uma atenção significativa tem sido dada as pesquisas voltadas para as respostas dos consumidores a táticas de preços individuais, poucos estudos têm sido realizados para investigar o conhecimento de persuasão dos compradores e os efeitos de tal conhecimento sobre suas respostas. Além disso, o estudo de comportamento de compra por impulso permaneceu durante certo tempo negligenciado como foco de investigação. Nas últimas décadas, contudo, esforços vêm sendo realizados para se obter uma maior compreensão desse fenômeno e fomentar políticas pró-consumidor e de educação financeira.

Persuasão, impulsividade, produtos em lançamento e diferença entre sexos.

SOCIAL

DIVULGAÇÃO CIENTIFICA NA REDE: BULLYING. *Juliana Soares da Silva*, Fellipe Soares Salgado** (*Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão**Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social – NEVAS, Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG).*

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI divulgaram, através de seu sítio, mudanças na plataforma Lattes que serão utilizadas na avaliação do pesquisador. Serão somadas informações sobre inovação de pesquisas e iniciativas de divulgação e educação científica, tendo como objetivo o contato entre a sociedade e a ciência. Será observado se os (a) pesquisadores se utilizam das várias mídias para revelar seus resultados de pesquisa, e (b) se estão promovendo palestras nas escolas. Pouco se sabe sobre sítios que produzem informação de qualidade sobre o bullying, tendo como alvo pessoas não inclusas nos grupos de pesquisadores. Nesse sentido, as divulgações sobre bullying, podem ser relevantes para educadores, pais de alunos e profissionais da saúde que atendam crianças e adolescentes. Estudos sobre intervenções com foco no bullying apontam que o conhecimento de sua definição e seus tipos por parte dos docentes e pais de alunos é um elemento positivamente correlacionado à queda na prevalência da violência escolar. O presente trabalho objetivou observar a qualidade da informação sobre bullying na rede de internet diante dos indicadores: (1) Conceito: Se a divulgação do conceito de bullying é adequada segundo o conceito de Dan Olweus; (2) Tipologia: se os sítios apontam uma tipologia do fenômeno (físico, psicológica, virtual); (3) Credibilidade: teve como critério (a) os seus domínios ".edu", ".org", ".gov" e/ou (b) titulação acadêmica/profissional do autor do conteúdo. Foi utilizada a ferramenta de busca eletrônica Google, considerando seu alcance mundial e a crescente utilização do Google chrome como navegador no mundo (26% contra 0,3% quando da sua criação). Como critério de busca foi utilizada a opção "busca avançada" com os descritores: "bullying", "escola", "crianças" e "adolescentes". O ano de 2012 foi escolhido considerando a velocidade e a diversidade de informação da internet e a divulgação pelo CNPQ das alterações na plataforma lattes neste ano. Outros limites foram utilizados, tais como: paginas em português brasileiro, resultados para Blogs (considerados as fontes especializadas e mais sistemáticas na apresentação dos conteúdos). Foram privilegiados para a análise dos resultados os sítios referenciados nas primeiras paginas, já que a hierarquia segue um critério de exibição composta de algumas variáveis, tais como: sítios pagos e mais acessados anteriores, com maior variedade de links e palavras alvo. Outros critérios de inclusão foram: a) apresentar o tema bullying como foco, (c) ser um conteúdo de texto informativo (excluído legenda de fotos) proveniente de noticias ou blogs. Como critério de exclusão descartou-se (a) Artigos Científicos, (b) Imagens, (c) Books (d) sítios que não contivessem os todos descritores. Em 35 sítios observados, em 54% não se encontrou o conceito de bullying e suas tipologias, e 25% não apresentaram todos os aspectos do conceito de Olweus, mesmo que 46% tenham um conceito adequado, deixavam de falar sobre algum aspecto do bullying, por exemplo: desigualdade de poder entre pares. Os textos jornalísticos (40%) são mais prevalentes quanto à ausência de conceituação. Dos textos observados 52% são da área de educação.

Palavras chave: informação, bullying, internet

SOCIAL

DO EU PARA O TU: UMA PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES DIALÓGICAS E DA ALTERIDADE. *Priscila Pires Alves (Universidade Federal Fluminense)*

O trabalho tem como objetivo apresentar um relato de atividades realizadas em escolas de educação infantil na cidade de Barra Mansa – RJ, voltado para uma reflexão sobre a construção de relações dialógicas e o exercício da alteridade. Diante dos fatos que temos assistido na realidade contemporânea, aonde temas como Bullying, violência, desrespeito tem se acentuado, torna-se urgente o desenvolvimento de ações nos espaços relacionais da criança de forma a valorizar a condição relacional do ser humano, favorecendo assim a promoção da saúde. Os conceitos de inclusão dialógica e de alteridade são provenientes da perspectiva dialógica desenvolvidos por filósofos como Martin Buber e Emmanuel Lévinas que nos apresentam o grande desafio do ser humano - como ser de relação -, que é o de fundar e manter relações éticas. O projeto, consistiu em ações de sensibilização dos professores e atividades com as turmas das séries iniciais e educação infantil nos espaços das aulas de filosofia sobre os conceitos de alteridade e de relação dialógica, desenvolvendo como resultado dessa atividade o livro: "A história do respeito", construído coletivamente pelos alunos e compartilhado com a escola através de cartazes nos murais. Como conseqüência, observamos que a mobilização de todos os atores envolvidos nesse processo pais, professores, alunos e escola fortaleceu a díade família-escola, favorecendo a reflexão sobre a importância do estabelecimento das relações dialógicas nos espaços vitais da criança.

SOCIAL

EFEITOS DO PRIMING DE PENSAMENTOS ACERCA DA MORTE: UM EXPERIMENTO COM DESEMBARALHAMENTO DE SENTENÇAS. *Luiza Fernandes Lootens Machado*, Raphael Sandes de Oliveira*, Túlio César de Araújo Porto*, Karina Dias Silvino*, Letícia Nunes Vieira*, Luiza Mariana Brito Soares** e Ronaldo Pilati (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília-DF).*

A morte é a única certeza na vida. Diferentes culturas encontraram formas distintas de lidar com ela. No entanto, o pensamento de finitude parece causar um "terror paralisante" no sujeito independente da cultura, pois contraria radicalmente o instinto de auto-preservação humana. Para diminuir potencial desse terror, indivíduos investiriam em seus sistemas culturais e em relacionamentos com grupos sociais dos quais faz parte. Essa é a ideia principal da teoria do gerenciamento do terror. Visões de mundo, compartilhadas dentro de uma cultura, têm como função básica aliviar a ansiedade resultante do nosso conhecimento acerca da vulnerabilidade humana e da certeza de que morreremos. Segundo a teoria, quando o pensamento de morte é ativado, por meio da saliência desta, indivíduos tendem a apresentar maior identificação com seus grupos, se comparado com sujeitos que não tiveram contato recente com pensamentos aterrorizantes. Esta pesquisa teve por objetivo verificar se a saliência de morte ou a ativação de pensamentos aterrorizantes causariam fortalecimento do sentimento de identificação aos ciclos sociais do sujeito. Participaram da pesquisa 141 alunos (73 do sexo feminino), de 34 diferentes cursos da Universidade de Brasília, com idade média de 20,73. Foi utilizado um questionário em duas versões, divididos em três partes: (I) desembaralhamento e formação de sentenças, (II) escala de identificação com os brasileiros - grupo social escolhido - e (III) dados sociodemográficos. A diferença entre as versões estava na parte de desembaralhamento e formação de sentenças. O primeiro instrumento continha frases estruturadas com o objetivo de ativar pensamento de morte nos respondentes (priming). A tarefa do participante era desembaralhar as palavras para formar as frases. Os participantes que responderam a este questionário constituíram o grupo experimental. Já o grupo controle respondeu a segunda versão, que continha frases de conteúdo neutro, que não objetivava ativar nenhum juízo específico. O participante que recebeu o instrumento com priming, que pretendia não ativar pensamentos ligados ao terror, morte ou identificação com grupos, ficou no grupo de controle, ficou no grupo experimental. Em média, os participantes mostraram-se mais identificados com os brasileiros na condição experimental de priming de morte (M=67,09, EP=1,836) do que no caso do grupo controle (M=62,52, EP=1,761). A diferença foi marginalmente significativa t(139)=-1,796, p=0,075. Entretanto, o tamanho do efeito foi relativamente baixo r=0,15. Percebe-se, assim, que foi encontrada uma tendência ao aumento da identificação com o grupo na condição de saliência da morte. Isso fornece evidências de confirmação da hipótese da teoria do gerenciamento do terror, segundo a qual apegar-se a sistemas culturais seria um potencial amenizador ao temor pela própria morte. No entanto, o resultado marginalmente significativo aponta para algumas problematizações. Acredita-se que a adaptação do questionário à internet pode ter comprometido a eficácia do experimento. Não foi possível, com isso, controlar todas as variáveis no ambiente online, como por exemplo, responder o questionário sem interrupção e em sequência. Ademais, a internet é um meio de comunicação conhecido pela sua infinidade de conteúdo, são muitas informações que competem pela atenção do internauta.

Teoria do gerenciamento do terror; identificação grupal; morte.

IC
SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ENTREVISTA DE SELEÇÃO: PAPEL DAS EXPECTATIVAS DO ENTREVISTADOR NA TOMADA DE DECISÃO. *Rebeca Harumi Nóbrega Guenka*, Maria Emília Araújo**, Beatriz Rios Zanetti*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

No contexto de entrevistas de seleção, estratégia frequentemente utilizada para a contratação de candidatos, sabe-se que expectativas prévias (i.e. estereótipos, características de personalidade, experiência profissional) influenciam na decisão do selecionador. A literatura apresenta um modelo no qual as impressões prévias obtidas dos candidatos influenciam a tomada de decisão do selecionador. Tal modelo indica que quão mais favoráveis são as impressões prévias a respeito do candidato, maior a probabilidade dessas impressões serem confirmadas após a realização da entrevista – o que na psicologia social configura o viés de confirmação - e, consequentemente, maior a probabilidade do selecionador aprová-lo. O viés de confirmação é intimamente relacionado com a teoria da profecia auto-realizadora, que, segundo a literatura, se refere à situação na qual uma falsa pré-concepção é formada, evocando comportamento que torna uma pré-concepção, até então falsa, verdadeira. Esse estudo teve como objetivo analisar se as expectativas prévias eliciadas pelos currículos dos candidatos influenciam o julgamento dos entrevistadores, de tal modo que aquelas sejam confirmadas. Para o alcance do objetivo foi desenvolvido um estudo de delineamento experimental entre sujeitos, com manipulação do viés de confirmação por meio de três currículos (negativo, neutro e positivo), avaliando-se o efeito sobre as impressões do entrevistador e a decisão de contratação. Participaram 22 entrevistadores, todos estudantes empresários juniores do Distrito Federal, que já haviam participado como entrevistadores em processos seletivos. Os participantes foram contatados por email. Após o consentimento, os participantes receberam uma análise de cargo, um currículo fictício, um questionário para avaliar o currículo e foram instruídos a criar perguntas que fariam para aquele candidato em uma entrevista. As perguntas foram respondidas pelas pesquisadoras - fato desconhecido pelos participantes - e reenviadas a estes com outro questionário para nova avaliação do candidato. A expectativa do entrevistador foi manipulada a partir da visualização de um dos currículos fictícios que eliciavam expectativas positivas, negativas ou neutras. Os resultados indicaram que quanto maior as expectativas iniciais, maior é avaliação geral do candidato anterior à entrevista ($r=0,72$; $p<0,05$). A expectativa do desempenho do candidato anterior à entrevista foi correlacionada com a avaliação geral deste após a entrevista ($r=0,46$; $p<0,05$). Dessa forma, quanto maior o grau da expectativa do participante em relação ao desempenho do candidato antes da entrevista, melhor a avaliação geral que é feita após a entrevista. Além disso, houve relação direta e positiva entre a expectativa anterior à entrevista e a probabilidade do candidato ser aprovado na seleção ($r = 0,58$, $p<0,05$), resultado equivalente ao encontrado na literatura. Foi possível verificar que há indícios do viés de confirmação por meio da análise das expectativas prévias e da avaliação posterior à entrevista. Esse resultado aponta para o importante papel que as expectativas possuem no processo seletivo, principalmente no que diz respeito ao recrutamento de candidatos a partir do currículo analisado, e à condução da entrevista feita por um indivíduo já enviesado por uma informação prévia.

Processo seletivo, viés de confirmação, profecia auto-realizadora

SOCIAL

ESTEREÓTIPOS SOBRE O IDOSO: A DISSOCIAÇÃO E O MODELO DO CONTEÚDO. *Rodrigo de Sena e Silva Vieira**, Marcus Eugênio Oliveira Lima (Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE)*

Os idosos são cada vez mais representativos de nossa sociedade, seja pelo crescimento demográfico ou pelas conquistas que acumulam nos últimos anos. Sua constituição como um grupo importante, dotado de direitos, serve como ponto de partida para este trabalho, que se interessa pelo modo como eles são vistos no imaginário popular. Para isto, adotamos o conceito de estereótipo, que inicialmente diz respeito aos ícones ou figuras que vêm à mente quando pensamos num grupo social; em análise mais aprofundada, entretanto, pode ser entendido como preditor das relações, revelando hierarquias sociais. Adquire, portanto, grande importância no estudo deste tema. Ajudando a entender a composição das imagens sobre o idoso, um breve apanhado histórico mostra que a noção de velhice se fortaleceu na transição dos séculos XIX e XX, quando o conhecimento médico delimitou-a como um estado fisiológico específico, a partir de referenciais como os problemas clínicos característicos. A instituição das aposentadorias também é um marco neste sentido, pois contribuiu para a solidificação do idoso como cidadão de direitos, embora também o associando à improdutividade. Autores apontam que, no Brasil, a discussão sobre os idosos nas últimas décadas envolve duas dimensões: uma trata do abandono e da desvalorização, enquanto outra os caracteriza como um grupo ativo, que busca o bem-estar a partir de novos hábitos e atividades. No cotidiano, a dualidade no modo como os idosos são representados pode ser operacionalizada pelo modelo dissociativo, segundo o qual os indivíduos, por serem capazes de distinguir crenças pessoais dos estereótipos negativos sobre os grupos, também podem evitar a manifestação aberta de tais estereótipos, uma vez que vão de encontro às normas sociais. Numa pesquisa com 400 estudantes universitários da cidade de Aracaju, este trabalho buscou investigar os estereótipos formados a respeito dos idosos, perguntando aos participantes sobre suas visões pessoais e sobre o que eles julgavam ser a visão coletiva a respeito daquele grupo. As respostas foram categorizadas e inseridas no software SPSS for Windows. Os resultados, ainda em análise, mostram que há uma clara dissociação entre crenças pessoais e coletivas, em que os estereótipos negativos – como "incapazes", "empecilho" ou "doentes" - são deslocados para a sociedade. Nas crenças pessoais, observa-se uma predominância de termos positivos, como "experientes" e "sábios". Percebe-se também grande incidência de enunciações como "divertidos", "amigos" e "precisam de carinho", próximas de um status de cordialidade ou afetividade. Esses traços são identificados pelo modelo do conteúdo dos estereótipos como típicos de grupos que, embora recebam certas características positivas, são desvalorizados em diferentes esferas sociais por não serem considerados competentes.

Idosos, estereótipos, dissociação

CAPES

SOCIAL

EXPERIMENTAÇÃO POLÍTICA DA AMIZADE EM COMUNIDADES DA INTERNET: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DOS AFETOS DE ESPINOSA. *Lívia Godinho Nery Gomes Azevedo, Reniton de Santana Souza**, Arci Gardênia Alves Santos*, Gicelma Barreto Nascimento*, Lívia Mendes de Almeida* , Luana Costa Chagas*, Marcelo de Almeida Ferreri (Universidade Federal de Sergipe, Aracaju - SE)*

A experimentação política da amizade refere-se ao alargamento de pontos de vistas fixos favorecidos pelo diálogo onde os sujeitos têm igualmente a possibilidade de expressar-se e revelar-se mediante o discurso e a ação. Tal concepção política da amizade é iluminada por Arendt que concebe este vínculo desligado dos ideais de intimidade e fraternidade, mas baseado no gosto pelo outro em sua radical alteridade. Para a autora, o inquietante encontro com o outro e a vivência dos afetos ali produzidos reverbera de forma singular em cada sujeito podendo levar esses corpos a comporem movimentos transformadores de alcances inimagináveis. Nesse sentido, tais encontros não se restringem apenas ao âmbito presencial, mas a qualquer forma de interação que desestabilize e provoque esses sujeitos a engajarem-se em ações coletivas inéditas. Dessa forma, os encontros virtuais podem se caracterizar como uma ferramenta valiosa para a articulação de ideias, projetos e eventos que promovam importantes mudanças no cotidiano de seus atores. Para pensar esse sujeito relacional que na interação com o outro sofre e produz mudanças em sua subjetividade, parte-se da concepção de corpo proposta por Espinosa, a qual é sustentada pela unidade corpo-alma e capacidade de afeto. Esta concepção constitui um elemento precioso para a compreensão da presença e das intensidades afetivas em jogo nas relações de amizades mediadas pela internet, que prescindem do contato físico. Uma vez que os sujeitos são afetados na ordem dos pensamentos ou no registro da mente, em contato com diferentes ideias nas comunidades virtuais que frequenta, a potência para agir desses corpos também é afetada. Nesse sentido, a concepção espinosana da unificação corpo-mente ilumina a qualidade da presença do interlocutor bem como a condição de intercoporeidade dessas relações. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa Prodoc/DCR que visa investigar a experimentação política da amizade em comunidades da internet a partir da teoria dos afetos em Espinosa. O método utilizado para a procura das comunidades e contato com os sujeitos foi à etnografia virtual. Os coletivos da internet pesquisados foram blogs e comunidades do Orkut e Facebook que possuem o caráter de promover debates coletivos sobre temáticas sociais. Foram realizadas entrevistas online com quinze participantes, adultos, de várias cidades do país e um residente no exterior. As narrativas foram interpretadas à luz da teoria dos afetos de Espinosa. Os resultados revelam que as experiências vivenciadas nesses espaços têm promovido mudanças na forma de pensar de seus atores, que passaram a entrar em contato com opiniões diferentes e a refletir em que medida o discurso do outro pode contrapor-se e complementar suas ideias. Apesar de poucos relatos sobre ações concretizadas, tais discursos revelam a autenticidade dos afetos nas relações de amizades mediadas pela internet que produzem transformações nas capacidades de reflexão e de experimentação de novas habilidades. Percebe-se então, que a maneira como a composição desses encontros é feita, reverbera de forma ímpar em cada sujeito, podendo a potência desses afetos favorecer ações fundamentais para o exercício da cidadania.

Internet, Amizade, Espinosa.

CNPq e Fapitec

SOCIAL

HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS. *Camila D'Avila Moura*, Annie Larissa de Carvalho Gonçalves, Bruno de Brito Silva, Thatianne Vasconcelos Almico*, Carla Regina Santos Almeida*, Yris Monalizza de Souza*, Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe)*

O presente trabalho tem por objetivo estudar as relações interpessoais de estudantes no contexto de residências universitárias com base na teoria das habilidades sociais. O programa de residências universitárias tem se mostrado importante por permitir o acesso de jovens de baixa renda ao meio universitário. A literatura mostra que as habilidades sociais têm um papel importante no rendimento escolar, por exemplo, prestar atenção às instruções, cooperar, demonstrar autocontrole, fazer, responder e perguntar. Dessa forma, autores citam que um repertório de habilidades sociais pobre se reflete no desempenho acadêmico. Um estudo pormenorizado possibilitará intervenções necessárias que qualifiquem os tipos de relações dentro desse contexto. Portanto, o objetivo do trabalho é analisar as habilidades sociais de residentes universitários. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica do grupo focal, além de um inventário de habilidades sociais (IHS). O grupo focal tem uma característica de intervenção já que os dados são coletados a partir de uma discussão em grupo. Participaram 16 residentes divididos em grupos por sexo e tempo de residência. Sendo nove meninas com média de idade era 20,9 (dp=1,9) e sete meninos com médias de idade 22,7 (dp=2,9). Os entrevistados eram selecionados por meio de um sorteio. Além do convite por telefone, os participantes recebiam uma carta-convite que informava a hora e o local da pesquisa e um termo de consentimento livre e esclarecido que continha todas as informações sobre a pesquisa a ser realizada. No momento foram analisados somente os dados do grupo piloto que foi composto por três residentes femininas (media de idade 21,2;dp=2,1) sendo duas calouras e uma veterana. No grupo das calouras, o tema "conflito na residência" foi citado 15 vezes, dentre elas, 10 vezes foi citado conflitos relacionados a falta de habilidades do grupo e 5 vezes foram citados conflitos relacionados a falta de habilidade do próprio sujeito. Em todas essas citações, foi constatado um alto grau de conflitos nas residências, o que é um indicador de déficit de habilidades sociais. A quantidade de vezes que o tema foi apontado no discurso dos sujeitos revela que esses conflitos são muito recorrentes em residências universitárias. Sendo assim, é possível que os outros quatro grupos a serem analisados apresentem também alto nível de conflitos provocados por falta de habilidades sociais. Bem como, a análise do IHS será a próxima etapa para avaliar essa hipótese.

Desempenho acadêmico, grupo focal, comportamento habilidoso

PROEST

SOCIAL

IDENTIDADE SOCIAL EM MOVIMENTO: INVESTIGAÇÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO E DINÂMICA SOCIAL EM RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS. *Bruno de Brito Silva*, Annie Larissa de Carvalho Gonçalves*, Camila D'Avila Moura*, Carla Regina Santos Almeida*,Henio dos Santos Rodrigues*, Thatianne Vasconcelos Almico*, Yris Monalizza Souza*, Zenith Nara Costa Delabrida (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE)*

A inserção de jovens nas universidades envolve aspectos fundamentais do desenvolvimento de qualquer indivíduo. Uma das estratégias para o acesso ao ensino superior é o Programa das Residências Universitárias da Universidade Federal de Sergipe, que compreende a moradia de estudantes de baixa renda do interior sergipano ou de outros estados do país que não têm como sustentar suas despesas sendo assistidos material e financeiramente, até a conclusão do seu curso. Porém, esta entrada acarreta uma série de "novidades": a própria entrada na universidade, a convivência com outras pessoas de origens e costumes distintos, além do gerenciamento dos recursos disponibilizados pelo programa de maneira satisfatória para todo o grupo. É com base nesse aspecto que a noção de identificação de um sujeito com o seu grupo de pertença se mostra um fenômeno de alta importância, já que a identidade social se encontra relacionada com o conhecimento de sua filiação a certos grupos sociais e com a significância emocional e valorativa que resulta desta filiação. Hipotetiza-se que o quanto o indivíduo se sente pertencente a determinado grupo influenciará a visão que o mesmo tem de si, dos outros e de como será cumprido seu papel social. Portanto, este trabalho teve como objetivo investigar como acontece a identificação no ambiente social das residências universitárias inquirindo quais as características que vinham logo à mente quando os participantes pensavam nos residentes universitários e se quando conhecem pessoas novas na universidade como se apresentam, para saber se os mesmos se utilizam da palavra residente universitário ou se explicam a sua condição de ser residente, também verificou-se durante toda a fala dos participantes como os mesmos caracterizavam o grupo. Para tanto, foram realizados grupos focais investigando os conflitos enfrentados na convivência dentro das residências universitárias com 16 residentes, divididos em grupos por sexo e tempo de residencia: sendo nove mulheres com idade média de 20,9 anos (dp=1,9) e sete homens com médias de idade de 22,7 anos (dp=2,9).Verificou-se por meio da análise de conteúdo das falas do grupo focal que a identificação do residente com o grupo de pertença é instável. Quando se tratam de questões relativas à dinâmica do programa e a relação com o órgão administrativo do programa, os residentes se caracterizam como uma entidade afirmando sua condição de residente. Mas quando foi colocado em pauta a convivência, adaptação e aceitação de regras existentes na própria residência, percebe-se uma repercussão negativa na identidade deste grupo, pois este fato se configura como um problema para a grande maioria dos residentes, dificultando o sentimento de pertença ao grupo. Estes aspectos podem agir como facilitadores, ou ativadores para os conflitos entre esses residentes, já que se não houver uma identificação com o grupo dos residentes, consequentemente esses indivíduos não agirão como um grupo, não trabalhando em prol da boa convivência coletiva.

Identificação Social, Grupo de Pertença, Grupo Focal.

CNPQ

SOCIAL

INFÂNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DO ABRIGO.
*Khalil da Costa Silva** (Universida Federal de Sergipe)*

O presente trabalho teve como objetivo compreender a estrutura e o conteúdo das representações sociais da infância por educadores de abrigos. Na pesquisa realizada, as representações sociais foram concebidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida cotidiana e no decurso da comunicação interindividual e que direcionam o indivíduo para a ação, por meio da convencionalização de significados e da prescrição de condutas. Dentre as diferentes propostas de análise das representações sociais, adotou-se um modelo estrutural destas representações, compreendendo-as como sendo formadas por um núcleo central de significação e núcleos periféricos. O grupo considerado neste estudo é composto por doze educadores de seis diferentes instituições de abrigamento da cidade de Aracaju-SE, os quais lidam diariamente com crianças na faixa etária dos seis aos doze anos de idade e que foram institucionalizadas devido às situações de risco e vulnerabilidade a que estiveram expostas em suas famílias de origem. Optou-se pelo estudo com educadores de abrigos pelo fato de que estes desempenham um papel significativo no desenvolvimento das crianças institucionalizadas, posto que tais adultos assumem o papel de orientar e proteger estas crianças, e, ao mesmo tempo se constituem enquanto modelos identificatórios para as mesmas, enquanto permanecem institucionalizadas. Com a utilização de entrevista estruturada e técnicas de associação livre de palavras, pudemos identificar as representações referentes aos conceitos de infância, criança e criança abrigada. Através de análise quantitativa dos resultados, evidencia-se que a maioria dos participantes estruturam a representação da infância a partir da palavra brincadeiras, estando este núcleo associado às palavras aprendizagem, família e escola. Estes mesmos educadores, em sua maioria, trazem como modelo ideal de criança como sendo obediente, respeitadora das normas, da autoridade e da disciplina, bem como identificam o adulto como sendo o responsável por transmitir às crianças tais normas e práticas sociais. A criança abrigada, por sua vez, foi representada como sendo o oposto do modelo padrão de infância, sendo então concebida como agressiva, desobediente e carente de afeto. Após a análise dos dados, questionamos a necessidade de se empreender novos estudos que possam correlacionar as representações sociais da criança com as práticas educativas que são direcionadas a este grupo de crianças, considerando que tais representações influenciam diretamente em sua formação identitária e em seu processo de socialização. Ademais, compreendemos a necessidade desses educadores em receber apoio refletir acerca das concepções de criança que norteiam o modelo de educação que é legitimado nas instituições de acolhimento, evitando que sejam naturalizadas práticas que desqualifiquem socialmente as crianças por elas atendidas.

Infância, representações sociais, educadores

SOCIAL

INSTRUMENTOS PARA RASTREAR VIOLÊNCIA ENTRE CASAIS E CONTRA A MULHER: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.

*Adriana Aparecida de Almeida, Lelio Moura Lourenço, Makilim Nune Baptista, Caroline Basílio, Adriana A. de Almeida**, Luciana Xavier Senra**, Fernanda Monteiro de Castro Bhona, Géssica Castellani Andrade**, Bruna Mattos Koga*, Jéssica Kiemy F, Hashimoto*, Thiago Virgílio da S. Stroppa*, Ingrid Nayara de Souza*, Natalice do Carmo Lopes* (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG).*

A violência tem se destacado de maneira preocupante em todo o mundo. Essa problemática é prioridade nas ações da Organização Mundial de Saúde(OMS) devido às consequências e graves problemas de curto/médio/longo prazo para a saúde, desenvolvimento psicológico e social de indivíduos/famílias/comunidades. Ações de intervenção e rastreio frente aos problemas ocasionados pela violência exigem que ela seja compreendida como "o intencional uso da força física ou do poder, em ameaça ou real, contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha probabilidade de resultar em injúria/morte/dano psicológico/privação ou prejuízos no desenvolvimento". Essa definição é evidenciada em diversos estudos e norteia a compreensão do fenômeno, sobretudo em âmbito doméstico, que abarca a violência física/sexual/psicológica/financeira entre pessoas com vinculação afetiva e de convivência comum no espaço doméstico e na relação de parceria íntima. O presente estudo consiste em uma revisão e descrição de instrumentos usados para rastrear violência entre casais e contra a mulher. Para isso foi feito levantamento bibliográfico nas basesWeb of Science, Medline, Dialnet, Redalyc, Lilacs e PsycInfo, através dos descritores:domestic violence scale, domestic violence instrument assessment identification,intimate partner violence scale instrument assessment identification e violence scale instrument assessment identification, entre os anos de 2000-2010.Foram selecionadas publicações que rastreavam a violência doméstica (VD) sem quaisquer identificações de temáticas relacionadas; que rastreassem a violência entre casais; entre casais jovens; contra a mulher e que fossem disponibilizados para acesso completo com indicação de referência do instrumento utilizado.Foram encontrados 5 instrumentos de rastreio e avaliação sobre a temática: Conflict Tactic Scale-CTS; Conflict Tactic Scale Revised-CTS2; Conflict Tactic Scale Revised-CTS2; Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory-CADRI; e World Health Organization Violence Against Women-WHO VAW. No que concerne à apresentação das escalas/instrumentos, a CTS em sua versão inicial possui 60 itens sem a investigação das variáveis negociação de conflitos e injúria; a CTS2 possui 78 itens distribuídos em afirmativas sobre violência e agressão física/sexual/psicológica/negociação de conflitos e situações de injúria. A CADRI-espanhola possui 50 itens subdivididos em duas escalas com 25 afirmações cada. Tanto a CTS, quanto a CTS2 e CADRI avaliam violência cometida e sofrida pelo respondente, utilizando escalas tipo likert. A WHO VAW possui 204 itens distribuídos em doze sessões que investigam aspectos sobre a saúde geral, saúde reprodutiva, relação com a comunidade, com filhos e com o parceiro atual ou anterior, atitudes e papéis de gênero, sobre o parceiro, entre outros. Dentre os instrumentos apresentados é possível identificar algumas vantagens e limitações de cada um. Pode-se perceber, com este estudo, que algumas facetas da violência perpetrada entre casais ou parceiros não são contemplados, como é o caso da violência financeira e patrimonial. Há uma tendência em priorizar as tipologias sexual/física/psicológica. Além disso, através dos resultados encontrados, constatou-se falta de instrumentos construídos em conformidade com a realidade brasileira, incluindo população de baixa escolaridade e com características socioculturais diversas. Instrumentos válidos e confiáveis possibilitam e auxiliam

profissionais de diferentes seguimentos, já que o impacto do referido fenômeno também ocorre de modo amplo na vida de indivíduos/famílias /comunidades.

Violência; violência entre parceiros íntimos; revisão sistemática.

SOCIAL

INTERAÇÕES ENTRE CONSUMIDORES E VENDEDORES: ESCASSEZ, RECIPROCIDADE, CONSISTÊNCIA, SIMPATIA, PROVA SOCIAL E AUTORIDADE COMO ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO. *Raissa Damasceno*, Lucas Caldas**, Fabio Iglesias (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

O uso de táticas persuasivas é a base do esforço de venda em situações de interação entre vendedores e consumidores em lojas de varejo. Definida como um modo de comunicação que visa provocar mudança de atitudes em um contexto de livre escolha, a persuasão pode gerar consumo indesejável, pela baixa resistência dos consumidores a essas estratégias. O objetivo desta pesquisa foi analisar em campo as táticas de persuasão que são utilizadas por vendedores no contexto de lojas de tênis em seis shopping-centers de um grande centro urbano. No modelo teórico de Cialdini são previstos seis princípios de influência social nos quais as táticas de persuasão se organizam: simular escassez de produtos, forçar a manutenção do compromisso e da coerência, promover simpatia, estimular a reciprocidade, fazer referência a autoridades e, por fim, prova social. Foram criadas 44 oportunidades de venda quando um confederado (ora homem, ora mulher) entrava nas lojas simulando interesse em um tênis de corrida, registrando as táticas dos vendedores e apresentando a justificativa do preço parecer caro para se ausentarem sem efetuar a compra. Foram identificadas 19 táticas distintas, num total de 160 ocorrências. Cada interação durou em média cerca de cinco minutos e os dados foram planilhados tão logo deixassem as lojas. Organizando-se os resultados por princípio, verificou-se que o mais frequente foi o uso de autoridade (40,6%), com as táticas de dar uma aula sobre o produto, oferecer um tratamento de especialista ou fazer referência direta a experts (ex: "a tecnologia do tênis foi desenvolvida pela NASA"). Prova social configurou o segundo princípio mais frequente (20,6%), juntamente com reciprocidade (20,0%). Nesses casos o vendedor apresentava as "evidências" de que tanto na loja quanto em maior escala o produto é muito consumido, assim como o uso das mais conhecidas técnicas de "porta-na-cara" (apresentar produto mais caro antes do produto que realmente quer vender). Os dois menos frequentes foram compromisso e coerência (11,9%), com táticas como "pé-na-porta" (apresentar produto mais barato e evoluir a venda para um mais caro) e simpatia (6,9%), com táticas como o vendedor querer parecer amigo do consumidor. O uso de táticas baseadas no princípio de escassez não foi verificado. Diferenças em função do sexo do vendedor não puderam ser testadas, dado que a maior parte deles era homem. Pode-se concluir que, por conhecer bem o produto a ponto de dar uma aula sobre este, é coerente a alta frequência de táticas de autoridade. O baixo uso de táticas de simpatia talvez possa ser explicado devido a interação com o consumidor ser mais objetiva, já que o vendedor tem como maior triunfo seu conhecimento sobre o produto. Considerando a frequência com que consumidores relatam serem persuadidos a fazer compras inadequadas, esses dados ajudam a criar subsídios para um primeiro programa de pesquisas no Brasil sobre resistência de consumidores a táticas de persuasão em vendas com base na literatura de psicologia social.

Persuasão; comportamento do consumidor; varejo.

CNPq

SOCIAL

MEMÓRIA SOCIAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SUA ABORDAGEM TEÓRICA E SUA APLICAÇÃO AO ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE MÃES TRABALHADORAS RURAIS. *Pâmela Pitágoras Freitas Lima**, Lívia Diana Rocha Magalhães (Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Vitória da Conquista, BA).*

A memória vista por uma perspectiva social é multimodal e tem um caráter eminentemente construtivo; do ponto de vista da psicologia social tem como característica ser simultaneamente social e psicológica; possue dependência estreita da comunicação e da interação social; está diretamente relacionada com o conceito de pensamento social e possui uma variável de cunho nitidamente afetiva A memória, a rigor, responde a uma necessidade social, individual do presente., Lembrar demanda partilhar lembranças: quando lembramos, mesmo que nos achemos sozinhos, o lembrar implica na inserção em um meio social que o possibilita. As teorias memória e a teoria das Representações Sociais têm sua origem epistemológica e influencia comum da obra de Émile Durkheim. Além deste marco comum, estas duas teorias ainda partilham aspectos de abordagem próxima como a dependência dos processos comunicacionais; a importância dos processos de interação e a inserção do sujeito em um meio social; a relação dialética entre individuo e sociedade; semelhança entre a memória social com os processos de ancoragem da teoria das Representações Sociais, como a evocação do passado para o presente; semelhança entre a memória social com os processos de objetivação da teoria das Representações Sociais, em que as recordações são reconstruídas e não evocadas sem sofrer transformações e a importância da linguagem no processo de construção de uma representação e de uma lembrança. Resumindo, as semelhanças são profundas, e podem ser encaradas como formas específicas de apreensão da realidade social. È inegável que a articulação entre estas duas teorias vem se constituindo em grandes avanços no campo da Sociologia e da Psicologia Social. Este movimento vem ganhado força na América Latina e no Brasil, despontando a partir da década de 90 do século passado e cada vez ampliando os números de pesquisas que abrangem a conjugação das duas teorias. A expansão destas teorias no território latino ocorre por abordar fenômenos psicossociais a partir de um contexto sócio-cultural. Pode-se então observar que a teoria da Representação Social é uma rica abordagem teórica e metodológica para se estudar questões relacionadas com a memória social. Tomando estas abordagens estamos analisando a memória que mães trabalhadoras rurais da localidade no município baiano de Barra do Choça apresentam com relação a educação de seus filhos e estamos observando que as suas referências ao passado vivido é evocado pelo núcleo central para falar das preocupações com a educação de seus filhos a partir da referência de que na sua infância havia a ausência da escola e que agora no tempo presente é garantido a escola as sua proles,mas também evocam a educação recebida em suas casas e lamentam que não estão sabendo como educá-los com os parâmetros de outrora. A construção histórico-conceitual destas duas teorias e suas abordagens na América Latina,particularmente no Brasil tem possibilitando a análise dos núcleo central e periférico estudado e indicando perspectivas promissoras para a continuidade da análise dos resultados da pesquisa.

Psicologia Social; Representações Sociais; Memória Social.

SOCIAL

MUJER, INMIGRACIÓN Y VIOLENCIA: LA TRIPLE DISCRIMINACIÓN.
Roberta de Alencar-Rodrigues, Leonor María Cantera Espinosa (Universidad Autónoma de Barcelona), Gabriela Reyes Ormeno (Universidade Federal de São Carlos), Patricia Elizabeth Alvarado Sánchez (Universidad Autónoma de Barcelona)

Esta investigación hace referencia a la violencia de género en la pareja contra la mujer inmigrante en Barcelona, España. Este trabajo pretende presentar cómo las mujeres inmigrantes latinoamericanas que han sufrido violencia de género en la pareja han logrado romper con la relación abusiva. Se hace hincapié en el largo proceso que comprende muchos intentos de búsqueda de ayuda en diversos servicios institucionales en Barcelona, España, buscando poner de manifiesto representaciones que conciben las mujeres maltratadas sin voz, sin capacidad de decisión y reducidas al papel de víctima. El software atlas.ti y los principios de la Teoría Fundamentada fueron empleados en esta investigación cualitativa para analizar los datos obtenidos a través de 14 entrevistas focalizadas en el proyecto migratorio y vivencia de la violencia. Se focaliza la capacidad de resistencia de las mujeres inmigrantes al resistir a la opresión y a acceder a recursos internos y externos para salir de la relación de maltrato, aunque se posicionen en situación de vulnerabilidad ante la violencia de género, debido a las condiciones del proceso migratorio. Además, se pretende mostrar las diferentes trayectorias emprendidas por estas mujeres inmigrantes que han vivido maltrato de género en la pareja, evidenciando su protagonismo al enfrentar la odisea que representa la falta de redes de apoyo, la dificultad de conseguir un trabajo, la imposibilidad de compaginar la vida laboral con las tareas familiares y la discriminación vivida en el ámbito laboral. También se aborda la maternidad transnacional, pues algunas de las mujeres entrevistadas han venido a trabajar a España con el fin de enviar remesas a los hijos que se han quedado en el país de origen. Se considera que el fenómeno migratorio es un motor que impulsa y desafía un cambio de creencias culturales y de actitudes relativas al género, pues algunas mujeres reconocen que estar lejos de la familia y de la sociedad de origen les permite plantearse el salir de la violencia, pues perciben a sus familias no como fuente de apoyo, sino como factor de riesgo que refuerza la situación de violencia de género en la pareja. El estudio realizado nos permitió observar que aunque la migración les brinde emancipación e independencia, ellas siguen sufriendo desigualdades de género en el ámbito laboral y familiar. Al poner de manifiesto las experiencias de las participantes del estudio, se espera que los consulados, los servicios sociales, las políticas públicas de los países emisores y receptores de inmigrantes tengan en cuenta sus necesidades de las mujeres inmigrantes.

Mujeres, inmigración, violencia

CAPES, FUNDAÇÃO CAROLINA

SOCIAL

NORMAS SOCIAIS RELACIONADAS À INFIDELIDADE NO ESPAÇO VIRTUAL. *Brigido Vizeu Camargo, Catarina Durante Bergue Alves*, Daniela Xavier Morais*, Larissa Papaleo Koelzer* (Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

As normas sociais expressam as expectativas de um grupo em relação a um comportamento, têm como consequência a manutenção das ideias e entidades deste, além de facilitar a interação entre seus membros. Esse comportamento tem relação direta com as ideias e conceitos do contexto cultural no qual o grupo está inserido, e pode estar relacionado à frequência e ao número de indivíduos que realizam um dado comportamento e aos valores morais e padrões sociais referentes a um determinado meio social. A maneira peculiar como ocorre a troca de informações no ambiente virtual o caracteriza como um espaço no qual os grupos de usuários criam novos significados para as informações. Portanto, esse meio proporciona novas formas de relacionamento interpessoal, não necessariamente verdadeiros, e pode se constituir como um espaço de transgressão das normas sociais. No Brasil, a fidelidade constitui-se como uma norma social, dada a valorização das emoções e o posicionamento tradicional dos membros dessa cultura diante das normas sociais. Portanto, nesse contexto, pode-se considerar a infidelidade como uma prática contra normativa. O presente estudo teve como objetivo analisar as reações normativas expressas em comentários acerca de uma reportagem online, divulgada em um site de notícias brasileiro, sobre o lançamento de um site de relacionamentos extraconjugais. Foram analisados 407 comentários, emitidos no período compreendido entre os dois primeiros dias de divulgação, em sua maior parte por indivíduos do sexo masculino, correspondendo a 69% dos comentários, enquanto 31% foram do sexo feminino. O conteúdo dos comentários foi submetido à análise lexical de conjuntos de segmentos de texto no software ALCESTE, e analisados a partir de um corpus de análise. A análise hierárquica descendente reteve 83,78% das UCE do corpus (341 das 407 UCE), organizadas em quatro classes. Os resultados indicaram que o espaço virtual também é passível das normas sociais, pois mesmo que se diferencie de outros meios, permite a formação de grupos que estabelecem sentido em suas relações virtuais. A infidelidade aparece como uma prática contra normativa, que se evidenciou através de elementos racionais e emocionais dirigidos à infidelidade, a objetos e instituições sociais e às reações normativas dos participantes. Ela foi percebida pela maior parte dos participantes a partir de posicionamentos tradicionais e normativos, mesmo sendo uma prática existente na sociedade brasileira. Isso pode indicar que, mesmo as pessoas que se posicionaram favoráveis à norma têm conhecimento de que a prática contra normativa existe. Houve, portanto, um distanciamento entre o reconhecimento da existência da norma social e as ações a ela relacionadas.

Normas sociais; infidelidade; espaço virtual.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ

SOCIAL

NOVAS VISÕES E PERSPECTIVAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM PANORAMA MUNDIAL SOBRE ESTE TIPO DE AGRESSÃO. *Ana Claudia Ferreira Cezario, Natalice Carmo Lopes, Lélio Moura Lourenço*

A violência doméstica entre casais é um fenômeno social e um problema de saúde pública. De acordo com a Lei Maria da Penha, Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, este tipo de violência poderá se manifestar através de agressões físicas, psicológicas, sexual, patrimonial e moral. Entretanto, na maioria dos casos, esta é abordada apresentando apenas a mulher como vítima e homem como seu respectivo agressor; sem a perspectiva de que o oposto também possa ocorrer, além de apresentar a discussão da violência doméstica apenas em relacionamentos heterossexuais. Contudo, novas estruturas familiares têm se formado solicitando dos pesquisadores novos estudos e discussões para atender a esta demanda da contemporaneidade. Desta forma este trabalho traz os resultados de duas revisões sistemáticas acerca da violência doméstica entre casais. Em ambas as revisões foram utilizadas as respectivas bases de dados: Web of Science, Scopus, Pubmed, Lilacs e Scielo. Os termos de busca utilizados, na primeira revisão, foram“domestic violence against men", “intimate partner violence against men", "man victim of domestic violence", "adult domestic violence against men", " intimate partner violence of women against men" e "el hombre victima de violencia domestica" e na segunda revisão “domestic violence in same sex relations*”,”intimate partner violence in same sex relations*” e “spouse abuse in same sex relations*”. A primeira, feita em março de 2012, coletou os trabalhos publicados entre os anos de 2000 e 2011, que abordavam o homem como vitima e a esposa/companheira como sua respectiva agressora. A análise resultou em 87 artigos completos. Já a segunda revisão sistemática, ainda em construção, permitiu-nos trazer alguns dados preliminares acerca da violência doméstica entre casais homossexuais. Nesta, foram coletados todos os trabalhos já publicados, sem delimitações de ano, totalizando 1150 publicações encontradas. Foram excluídas 419 publicações que fugiram ao tema, restando 678 artigos dos quais serão analisados pelo resumo, com o objetivo de se chegar aos artigos completos para analise das categorias. Assim, propõe-se neste trabalho apresentar os dados destas duas revisões sistemáticas e levantar novas discussões acerca do tema. O trabalho traz uma ampliação da análise da violência doméstica, de forma a se investigar também a possibilidade do homem ser vítima, além de propor maiores estudos acerca da violência doméstica em relações homossexuais, visto ser ainda um tema pouco discutido e acessado pelos pesquisadores; se comparados à violência contra a mulher. Torna-se importante ressaltar também a importância do trabalho na contribuição de futuras ações e prevenções a este tipo de violência.

SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O ABRIGO PÚBLICO ENQUANTO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO: MEDIDA DE PROTEÇÃO À CRIANÇA, MAPEANDO DEMANDAS. *Clariana Morais Tinoco Cabral (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

Os primeiros anos de vida de todo ser humano são caracterizados como um período singular para o seu desenvolvimento físico, psicológico e emocional/afetivo, cabendo às ciências como a Psicologia legitimar tal perspectiva. No contexto dessa discussão, os movimentos populares que se mobilizaram, na década de 1980, deram início também a uma nova perspectiva de atuação das políticas públicas para a infância e a adolescência, visando a promoção, proteção e defesa dos direitos desse grupo social. O Estatuto da Criança e do Adolescente materializou a lógica da criança e do adolescente como sujeito de direitos, pessoa em peculiar estágio de desenvolvimento e prioridade absoluta nas ações do Estado, da família e da sociedade. Previamente ao surgimento do ECA as ações do Estado restringiam-se às medidas remediativas exclusivas para crianças e adolescentes marginalizadas ou órfãs e delinquentes. Entre as medidas mais empregadas estava a medida de internação. Com a aprovação do Estatuto a medida de internação foi substituída pela medida de acolhimento institucional, que se caracteriza como Medida de Proteção, atuando nas circunstâncias onde já se instalou uma situação de violação de direitos ou onde há risco iminente de violação, não incorrendo em privação de liberdade, mas, sim, de caráter provisório e excepcional. Sendo assim, esta ação legal destina-se fundamentalmente a garantir o direito de crianças e adolescentes ao desenvolvimento saudável, longe de fatores de risco. No município onde esta pesquisa foi realizada esses abrigos são nomeados Casas de Passagem I, II e III, assim organizadas em função da faixa etária. Desta feita, de acordo com o exposto, o abrigo público destaca-se como novo lócus de desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de risco. O presente trabalho, inserido nesse movimento de questionamento e potencialização da realidade das políticas públicas para a infância e adolescência no Brasil, objetiva caracterizar a população assistida pelo abrigo público Casa de Passagem I. Os procedimentos empregados com esse propósito foram: leitura dos documentos institucionais das crianças abrigadas e entrevistas com profissionais da equipe técnica. Com o mapeamento realizado constatamos ser o ambiente sócio-familiar o grande impulsionador do abrigamento, uma vez que os genitores são ou usuários de drogas ilícitas e/ou estão sob condição de internação em hospital psiquiátrico, e/ou envolvidos com prostituição. Ainda de acordo com os dados encontrados, observamos que há crianças que estão, desde a mais tenra idade, na instituição; algumas chegaram a ser abrigadas logo após o nascimento. A condição de excepcionalidade e provisoriedade da medida de abrigo não se apresenta como realidade na instituição pesquisada, pois, em sua imensa maioria, o tempo de permanência da criança excede o período de três (3) meses, tempo limite para a provisoriedade da medida previsto legalmente. O Estatuto se constitui como marco para a efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes. As unidades de acolhimento institucional situam-se nesse movimento, porém encontram-se inseridas em uma realidade histórico-cultural complexa, onde a luta pela garantia desses direitos apenas se inicia, apesar de praticamente 22 anos da promulgação do Estatuto.

Palavras-chave: Abrigo; Infância; Direitos Humanos.

SOCIAL

ORGANIZAÇÕES CARITÁRIAS: TESTANDO EXPERIMENTALMENTE O USO DE TÁTICAS DE PROVA SOCIAL E APELO À CULPA PARA DOAÇÕES. *Raissa Damasceno Cunha, Fabio Iglesias, Brisa Oliveira, Bruna Borges Beze, Michel Cordeiro, Natharry Almeida de Araújo, Victor Vasconcelos de Souza (Universidade de Brasília)*

Embora sejam frequentemente associadas ao marketing voltado para vendas, as pesquisas sobre estratégias de persuasão também podem ser usadas para esforços prosociais, auxiliando organizações caritárias a arrecadar doações materiais e recrutar voluntários. O presente estudo teve como objetivo testar experimentalmente, em campo, a operacionalização de dois princípios de influência persuasiva no contexto de doações: prova social, usada para informar (ou simular) que grande número de pessoas está adotando o mesmo curso de ação; e apelo à culpa, usada para criar compromisso de ação ao enfatizar a responsabilidade pessoal por condições

Utilizou-se como contexto a doação de dinheiro para uma associação beneficente que realmente existe (creche Associação Maria de Nazaré). e para a qual o valor arrecadado foi posteriormente doado. Participaram 180 indivíduos (90 homens) em um campus universitário, não se controlando suas outras variáveis sócio-demográficas. Na primeira condição experimental (n = 60) os indivíduos foram abordados com um discurso orientado pela prova social, em que os aspectos de consenso da doação foram utilizados ("a campanha esta tendo boa aceitação e várias pessoas estão doando"). Na segunda condição (n = 60) a indução de sentimentos de culpa orientou a persuasão, procurando causar um desconforto no indivíduo quando informado sobre as más condições em que a creche se encontrava, sendo a doação uma maneira de aliviar o desconforto sentido. No grupo de controle (n =60) os indivíduos eram simplesmente requisitados a doar dinheiro para a instituição. As duas estratégias de persuasão se mostraram efetivas quando comparadas ao controle (χ2 = 6,98; p = 0,03), entretanto uma ANOVA revelou não haver diferença no valor doado entre as duas primeiras condições experimentais (F < 1; p = ns). Não se verificaram diferenças no valor doado em função do sexo (t = 1, 17; p = 0,24), mas atributos pessoais do pesquisador fizeram diferença (F = 4,62; p = 0,01). Dos indivíduos abordados, 49,4% não doaram. Dos que doaram, 31,2% doaram até 1 real, 16,5% doaram de 1 a 2 reais, e somente 3,3% doaram mais do que isso. A média de valor doado foi de 66 centavos, sendo 80 centavos a média de Prova Social, 73 centavos a média de apelo á culpa e 45 centavos a média do grupo de controle mostrando a utilização de estratégias persuasão pode contribuir para fins prósociais e o seu uso deve ser aplicado de outras formas para que haja um ganho ainda maior que o apresentado por estas. A diferenças individuis devem ser melhor controladas em estudos posteriores.

Persuasão, prova social, reciprocidade, doação de dinheiro

SOCIAL

OS NEGROS EM COMERCIAIS DE TELEVISÃO ABERTA BRASILEIRA.

Nathália Pereira de Oliveira, Áderson Luiz Costa Junior (Programa de Educação Tutorial. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura levanta a hipótese de que os comerciais, por consistirem em uma espécie de elemento secundário a outros conteúdos, podem ser observados sem um detalhamento mais apurado e isso não diz respeito apenas aos produtos, mas também aos modos de agir e pensar. Diferentes autores apontam que apesar dos avanços conquistados pelos(as) negros(as) na sociedade em geral, a inserção destes(as) na mídia ainda é escassa e estereotipada, com desempenho de papeis associados a posições hierarquicamente inferiores e a contextos específicos, tais como comerciais de programas do Estado ou produtos de baixo custo. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi analisar os papeis desempenhados por negros(as) em propagandas, comparando-os aos descritos pela literatura. Como objetivo específico, pretende-se identificar e analisar criticamente o que, em comparação com publicações recentes, tem mudado em relação ao tema da participação de negros(as) em comerciais de televisão. Foram analisadas, durante quatro semanas (domingo a sábado), os comerciais apresentados em duas redes de televisão aberta (Rede Globo e Rede Bandeirantes), respondendo a questões preestabelecidas: com que frequência os(as) negros(as) são retratados em comerciais? Em quais comerciais os(as) negros(as) são representados? Que tipo de personagem os(as) negros(as) representam? Existe uma relação de poder dentro das propagandas? Onde o(a) negro(a) se encaixa nessa relação? Os comerciais foram gravados em vídeo, para análises posteriores e testes de fidedignidade com outros juízes. O horário para observação ocorreu entre 20 e 23 horas, pela suposição de que este é o horário com maior probabilidade de encontrarmos a família brasileira em casa, abarcando, por isso, um público considerável, desde crianças até idosos. Cada emissora foi observada durante duas semanas. Os resultados mostraram a presença de pessoas negras especialmente em comerciais do Governo Federal/Distrital e propagandas de eletrodomésticos. Com exceção dos comerciais patrocinados pelo Estado, os(as) negros(as) eram minoria dentro dos comerciais de cosméticos, roupas, empreendimentos imobiliários, concessionárias de veículos, entre outros, apontando uma invisibilidade da população negra quando se trata da venda destes produtos, além disso, assumiam, geralmente, a posição de vendedor(a) ou prestador(a) de serviços, enquanto quem detinha o poder de compra era, na maioria das vezes, uma pessoa branca. Este dado é considerado relevante a partir do momento em que a capacidade de consumo é um fator que posiciona as pessoas hierarquicamente. Neste caso, portanto, o(a) negro(a) estariam em desvantagem em relação ao(à) branco(a). Sendo assim, é importante considerar que o presente estudo corrobora o que tem sido apontado pela literatura: a escassez de negros(as) nos comerciais de televisão e a associação destes a propagandas com conteúdos específicos, como as que divulgam programas sociais do governo federal. A apresentação dos resultados suscita discussões tais como o reforçamento de estereótipos que colocam continuamente o(a) negro(a) em posições hierárquicas desprivilegiadas. Levando-se em consideração que a televisão é um meio de disseminação de ideologias, as pessoas podem partir de modelos preconceituosos e estereotipados quando se trata da população negra, além disso, a televisão não se mostra, ainda, como um meio no qual o(a) negro(a) possa encontrar, com frequência, modelos de identificação valorizados socialmente.

Negros, comerciais, televisão

Bolsista do Programa de Educação Tutorial do MEC - PET-Psicologia

SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PANORAMA DA VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA. *Lelio Moura Lourenço, Makilim Nunes Baptista, Caroline Basílio, Adriana A. de Almeida**, Luciana Xavier Senra**, Fernanda Monteiro de Castro Bhona, Géssica Castellani Andrade**, Bruna Mattos Koga*, Jéssica Kiemy F, Hashimoto*, Thiago Virgílio da S. Stroppa*, Ingrid Nayara de Souza*, Natalice do Carmo Lopes* (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG).*

Violência entre Parceiros Íntimos(VPI) refere-se a qualquer comportamento inserido num relacionamento íntimo que cause prejuízos físicos/psicológicos/sexuais para os envolvidos nessa relação. É considerada um grave problema de saúde pública devido às várias consequências diretas/indiretas que traz para vítimas/parentes/pessoas próximas. Este estudo tem como finalidade apresentar investigação bibliométrica acerca dessa temática, objetivando uma maior compreensão conceitual e tipológica, que servirá de base para construção de um instrumento de detecção de VPI. A revisão foi realizada por meio de busca eletrônica nas bases de dados Web of Science, PsycINFO, Dialnet, Lilacs e Redalyc, entre os anos de 2006-2011. As buscas foram realizadas com o termo em inglês (intimate partner violence), no campo 'título' de cada base. Foram selecionados apenas artigos disponibilizados com texto completo, em português/inglês/espanhol. Foram encontradas 426 publicações. O ano com maior número de artigos indexados foi 2010 (28,6%), seguido por 2008 (20,6%) e 2009 (20,1%). O autor mais produtivo foi Silverman,J.G. , com 2,1%, seguido por Caetano,R. (1,8%) e Ramisetty-Mikler,S. (1,6%). Com relação ao número de autores por artigo, a maioria foi escrito por três autores (22,5%), dois (20,8%) e quatro (16,1%). A revista que mais publicou foi "Journal of Interpersonal Violence" (17,8%), seguida pelas revistas "Journal of Family Violence" (12,6%) e "Violence Against Women" (10,7%). Ao analisar os títulos das publicações, o termo VPI apareceu mais associado com os termos: mulher (21,5%), crianças/adolescentes (8,3%) e homens (7,4%). A questão do uso de álcool/drogas foi encontrada em 6,8% das publicações, e o Transtorno de Estresse Pós-Traumático foi a comorbidade que mais apareceu associada (3,4%). Também houve ênfase nas doenças sexualmente transmissíveis (2,8%), e na depressão (2,5%). Com relação à forma como os artigos delimitam a VPI, a maioria deles (40,1%) faz apenas uma contextualização; 39,4% não faz nenhuma referência ao conceito; 6,1% aponta as consequências. Apenas 19% de fato definem a VPI. Dentre os autores mais mencionados para definir a VPI a Organização Mundial de Saúde obteve 13,2%; seguida pelos autores 'Saltzman, Fanslow, McMahon & Shelley' com 10,2%; Tjaden & Thoennes, com 9,18%; Centers for Diseases Control & Prevention, 7,14%; entre outros. Os tipos de violência mais citados foram física e sexual (29,5% cada). Os resultados corroboraram estudos feitos por outros pesquisadores ao identificar o crescente número nas publicações sobre VPI nos últimos anos, e revistas que mais tem se destacado na temática. Os dados sugerem que a mulher parece ser mais estudada nesse contexto que os homens, os quais são citados nos títulos numa frequência 3 vezes menor que suas parceiras. A relação da VPI com fatores como o uso de álcool/drogas indica que a violência relaciona-se a outro grave problema de saúde pública. Um dado também relevante demonstrou que há casos relacionados à VPI entre parceiros do mesmo sexo e de mulheres contra homens, contudo, ainda são necessárias pesquisas mais abrangentes que procurem entender estas outras realidades.

Violência; violência entre parceiros íntimos; revisão sistemática.

SOCIAL

PERSPECTIVA DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL / FOBIA SOCIAL: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO.

Andriele Monteiro de Oliveira, Sabrina Maura Pereira**, Andrezza Souza Martinez*, Francesca Stephan Tavares**, Jonayne Kelly da Silva Souza*, Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG)*

O transtorno de ansiedade social (TAS), também chamado de fobia social (FS) é caracterizado pelo Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais - 4º Ed.-texto revisado como um medo acentuado de situações sociais ou de desempenho nas quais o indivíduo teme se sentir envergonhado ou embaraçado. Mais especificamente, a FA se caracteriza pelo medo de ser exposto à observação atenta de outrem, levando, assim, evitar situações sociais. O TAS é o terceiro problema de saúde mental mais comum depois da depressão e o abuso de álcool. Ele possui curso crônico associado a um considerável comprometimento funcional, podendo ser incapacitante em suas formas mais graves. No entanto, o TAS é sub-reconhecido e subdiagnosticado por profissionais da saúde. Este estudo objetiva fornecer um panorama das produções acadêmicas referentes a teses e dissertações indexadas na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre o tema Transtorno de Ansiedade Social / Fobia Social, pois ao analisar a produção científica da área é possível ampliar e problematizar o conhecimento produzido pelo tema. A pesquisa eletrônica utilizou como descritores os termos "Fobia Social" e/ou "Transtorno de Ansiedade Social" no período disponível no periódico, de 1987 a 2009, a fim de encontrar teses e dissertações cujo tema principal fosse o TAS/FS. A busca encontrou 33 Teses e Dissertações e, a partir da leitura dos resumos disponíveis, seis foram excluídas. O resultado final constitui-se de 27 teses e dissertações, das quais puderam ser analisadas de acordo com os seguintes indicadores: ano das produções, instituição, departamento, nome dos autores, palavra chave e temática do estudo. Através dos resultados pode-se observar que o conjunto das pesquisas transmite uma concatenação de ideias, discussão das questões teóricas, validação de instrumentos, diagnóstico, comorbidades e tratamento. Isto proporciona uma melhor compreensão do curso e as implicações do TAS. Percebe-se um aumento do interesse na temática e de pesquisas que buscam encontrar fatores causadores desse transtorno. Houve também o desenvolvimento de trabalhos referente às comorbidades que são tão comuns no transtorno e que usualmente são graves e causam severos prejuízos aos sujeitos, como o transtorno por uso de substâncias, depressão, suicídio, etc. Além dessas duas dimensões de estudo, encontramos ainda trabalhos que buscam desenvolver instrumentos de rastreio que possuam propriedades psicométricas confiáveis para que possam ser utilizados na população, melhorando a identificação precoce do transtorno. Ainda não foram encontrados trabalhos de cunho preventivo o que podemos creditar à falta de conhecimento sobre as razões pela qual a ansiedade social/fobia social se desenvolve em alguns indivíduos e em outros não. Assim, ressalta-se a relevância desse tema para a promoção de saúde dos indivíduos além da importância de mais estudos sobre este tema para fornecer uma melhor compreensão do seu desenvolvimento e maior divulgação entre os profissionais de saúde.

Transtorno de ansiedade social; fobia social; dissertações.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

SOCIAL

PRÁTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NO CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL (CREAS). *Lorena Azevedo Ghersel*, Clara Raíssa Fernandes de Melo*, Gabriella Machado Viana*, Lorena de Almeida Cavalcante*, Luciana Fernandes Santos*, Tuíla Maciel Felinto (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba)**

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é um sistema público que organiza, de forma descentralizada, os serviços socioassistenciais no Brasil. O Suas organiza as ações da assistência social em dois tipos de proteção social. A primeira é a Proteção Social Básica, destinada à prevenção de riscos sociais e pessoais, por meio da oferta de programas, e benefícios a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social. A segunda é a Proteção Social Especial, destinada a famílias e indivíduos que já se encontram em situação de risco e que tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros aspectos. O psicólogo dentro dos Centro de Referência Especializados da Assistência Social (CREAS) atua realizando diagnóstico e avaliação dos processos psicológicos dos sujeitos; coordenando e manejando processos grupais; desenvolvendo vínculos interpessoais com o outro; realizando orientação, aconselhamento e atendimento psicológico no âmbito de proteção social especial; dentre outros. Desta forma, este profissional constituir a atenção psicossocial operacionalizada por um conjunto de procedimentos técnicos especializados e visa estruturar ações de atendimento e proteção a crianças e adolescentes, proporcionando a estes condições para o restabelecimento de seu direito de conviver em família e com a comunidade, o fortalecimento de sua auto-estima e a reparação da violência sofrida.Assim, o presente estudo teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre atuação do psicólogo dentro dos CREAS, visando compreender as ações realizadas pelos mesmos e de que forma tais ações se aproximam ou se afastam das diretrizes citadas pela Cartilha de Parâmetros sobre atuação dos assistentes sociais e psicólogos na Política de Assistência Social, elaborada com base nas normas reguladoras dessas profissões, ou seja, o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e o Conselho Federal de Psicologia (CFP). Para isso, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com um psicólogo que atua no CREAS do município de Cabedelo – PB, registrada através de um gravador de voz, e transcrita de forma literal para análise posterior. A partir desta entrevista foi possível observar que as ações do psicólogo estão de acordo com as diretrizes especificadas pela Cartilha de Parâmetros sobre a atuação dos assistentes sociais e psicólogos na política de assistência social e do código de ética que determina que o trabalho do psicólogo deve ter como objetivo a promoção de saúde e de qualidade de vida, tanto das pessoas como das coletividades e contribuir para a eliminação de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Tendo em vista os objetivos do trabalho, pode-se observar a importância dada pelo serviço ao espaço familiar, uma vez que os atendimentos são realizados visando à integração da família como espaço de construção da cidadania, em prol do bem da comunidade.

CREAS, assistência social, atuação do psicólogo

SOCIAL

PRÁTICAS PSICOLÓGICAS NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE VITÓRIA - ES: ANÁLISE DAS CAUSAS DA ROTATIVIDADE DO PROFISSIONAL PSICÓLOGO NO CRAS. *Alini Gusmão do Rosário*, Gustavo Roberto da Silva*, Iasmin Libalde Nascimento*, Marina Pandolfi Miranda*, Pedro de Freitas Ferreira*, Paula Pignaton de Almeida*, Rafael da Silveira Gomes (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)*

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) foi designado como medida de proteção básica da Política Nacional de Assistência Social, com intenção de minimizar os efeitos da vulnerabilidade e risco social, além de fortalecer vínculos familiares e comunitários. Diante disto, o psicólogo se depara com novas exigências e saberes, sendo convocado a atuar fora das práticas tradicionais da Psicologia, o que se torna um desafio para profissão. Discute-se neste trabalho a atuação do Psicólogo nos CRAS do município de Vitória-ES, especificamente, as causas da rotatividade deste profissional nesses serviços. Debater a atividade dos psicólogos no CRAS ganha importância diante do crescimento e legitimação da sua atuação nestes espaços, que vem se constituindo como mercado de trabalho importante, sobretudo para os recém-graduados. Foram realizadas visitas aos 12 CRAS do município de Vitória-ES com o objetivo de aproximarmo-nos da atividade dos psicólogos a partir do acompanhamento do cotidiano destes serviços. As informações foram registradas em diários de campo, com o intuito de relatar as observações, inquietações e experiências dos pesquisadores. A partir da análise dos dados apresentados nos diários de campo, destacamos que a rotatividade emerge como uma questão relevante, que interfere diretamente as práticas diárias dos Psicólogos no CRAS, sobretudo em seu vínculo com os usuários e com o serviço. A rotatividade parece ser decorrente de três aspectos em especial: 1) o vínculo contratual temporário, que se configura como um vínculo precário com a administração pública, intermediada por Organizações não Governamentais (ONGs), evidenciando a geração de instabilidade empregatícia e baixa remuneração. Com isso, muitos destes trabalhadores mantêm-se no CRAS apenas enquanto não encontram proposta mais atrativa; 2) além disso, os psicólogos destacaram o excesso de atividades burocráticas e que eles julgam assistencialistas, como: entrega de cestas básicas, de benefícios eventuais e o preenchimento do CadÚnico, etc, o que gera insatisfação por não perceberem estas atividades como função dos psicólogos. Eles relatam que a prioridade deveria ser o acompanhamento das famílias, porém, infelizmente, é recorrente que tal acompanhamento não ocupe esse lugar. O trabalho da psicologia, em promover ações que envolvem a sociedade (desenvolver a autonomia dos usuários e assim tirar as famílias da vulnerabilidade em que se encontram) muitas vezes é deixado de lado; 3) por outro lado, os psicólogos relatam atenderem cotidianamente demandas emergenciais, em que se deparam com usuários em grande vulnerabilidade social, para as quais não se sentem instrumentalizados teórico e metodologicamente. Além disso, estas atividades demandam tempo, o que impossibilita o psicólogo de progredir nos trabalhos que já desenvolve, estes aspectos geram angustia e sentimento de impotência profissional. Deste modo, destacamos que os pontos elencados acima: o vínculo empregatício temporário, o excesso de atividades percebidas como não relacionadas à Psicologia e a distância entre os conteúdos trabalhados na graduação e as exigências do serviço influenciam diretamente a motivação desses profissionais e a decorrente rotatividade constante do psicólogo no CRAS. Tal rotatividade prejudica a realização do acompanhamento das famílias, fragilizando um possível vínculo entre as elas e o psicólogo.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Trabalho do Psicólogo; Centros de Referência de Assistência Social (CRAS); Rotatividade.

Capes (Programa de Educação Tutorial em Psicologia – FNDE)

SOCIAL

PRIMING FÍSICO E EFEITOS SOBRE JULGAMENTOS SOCIAIS. *André Pereira dos Santos*, Alan Douglas Araujo Gomes*, Flávia Oliveira Gomes*, Natalia Alves Bêlo de Souza*, Rafael Medeiros Roriz*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Fernanda Campos Marinho**, Maurício Sarmet, Ronaldo Pilati (GEPS Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O priming é visto como um processo de ativação inconsciente de um determinado conceito (prime) que pode afetar comportamentos posteriores a ele de forma automática. Esse efeito também tem sido investigado, mais recentemente, no campo da cognição situada, segundo a qual conceitos abstratos (e.g. importância, tristeza, estresse) são aprendidos, também, por associações a experiências sensoriais (e.g. peso, frio, distância). O objetivo deste estudo é determinar o efeito que um priming físico de peso exerce sobre julgamentos do participante em relação a um conjunto de situações. Neste estudo a variável independente foi a variação de peso da prancheta. Participantes na condição prancheta leve seguraram uma prancheta de 230g enquanto respondiam ao questionários de avaliação, enquanto participantes da condição pesada seguravam uma prancheta de 1,6kg. Considerando o caráter de severidade da metáfora física 'peso', hipotetiza-se que os participantes da condição experimental tenderão a ser mais severos em suas avaliações do que os participantes da condição controle. Foram coletados questionários de 139 participantes,sendo que 69 participaram na condição experimental (i.e. prancheta 1,6kg) e 70 na condição controle. Como instrumento foi utilizado um questionário que deveria ser respondido com base nas duas imagens mostradas pelo experimentador, que retratavam situações cotidianas neutras, não consideradas estressantes nem demasiadamente tranquilas. O questionário apresentava 5 questões às quais os participantes responderam por meio de escalas Likert de 10 pontos, sendo que quanto maior a marcação na escala, mais positiva seria a avaliação. Duas das questões avaliavam o estado emocional que o participante atribuía ao individuo e as outras 3 avaliavam a severidade atribuída à situação do mesmo. Os resultados indicaram que os participantes na condição da prancheta pesada julgaram as situações apresentadas como mais tristes ou estressantes ($F(1,138)= 10,84$; $p < 0,001$, para a primeira avaliação de estado emocional, e $F(1,138) = 5,02$; $p = 0,03$, para a segunda). Observou-se, ainda, uma tendência significativa em 1 das 3 escalas de os participantes na condição experimentaljulgarem situações propostas para as imagens como mais severas ($F(1,138) = 6,48$; $p = 0,01$). Estes resultados indicam que os participantes que responderam o questionário segurando a prancheta pesada tendiam a analisar mais severamente as situações, o que corrobora as hipóteses do estudo além de evidências prévias da literatura de cognição social situada. Estes resultados sugerem que os processos cognitivos complexos, como o julgamento de situações sociais abstratas, podem ser afetados por estimulações sensoriais físicas, como peso, temperatura, texturas, entre outros fatores. Tais evidências suportam um modelo no qual processos cognitivos são desenvolvidos, também, graças às experiências sensoriais dos indivíduos.

Cognição Situada, Priming, peso

SOCIAL

PSICOLOGIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL: INTERFACES DISCIPLINADORAS E EMANCIPADORAS. *Silvio José Benelli (Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras/Assis, SP)*

Estudamos a interface entre a Psicologia Clínica e a Assistência Social no âmbito das políticas públicas, por meio de uma revisão da literatura pertinente, utilizando o instrumental da Análise Institucional. Realizamos uma análise dos documentos oficiais do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, bem como de documentos normativos e de relatórios dos Conselhos Federal e Regional de Psicologia e de Serviço Social relativos ao tema. Em bancos digitais de dissertações e teses da UNESP, da USP e da UNICAMP buscamos dados sobre as modalidades de inserção dos psicólogos na Assistência Social. A literatura indica que as formas históricas de práticas assistenciais baseadas na ajuda samaritana, na filantropia assistencialista e no paternalismo político e clientelista estão profundamente enraizadas na cultura brasileira. Tanto a Psicologia quanto a Assistência Social emergem num contexto público estatal com a encomenda de promover cada uma a seu modo, processo disciplinares de normalização social do indivíduo e de controle da população. Haveria uma interface altamente congruente e bastante problemática entre esses dois campos institucionais: trata-se de uma potente estratégia de despolitização e naturalização da questão social e dos seus efeitos na realidade social por meio de processos de psicologização e patologização. Ambos são saberes que se constituíram no bojo da sociedade disciplinar e neles se torna explicita a hipótese de que em sua função, o poder de punir não é necessariamente diferente do de curar ou educar, permitindo uma problematização da emergência dessas duas modalidades de intervenção social como sendo essencialmente disciplinares, correcionais e normalizadoras. As transformações históricas evidenciam a formação de um sistema assistencial com características predominantemente preventivas, correcionais, repressivas e ressocializadoras, com atravessamentos institucionais entre um conjunto de ciências humanas disciplinares: psiquiatria, psicologia, pedagogia, serviço social. Uma análise histórica da Psicologia Clínica e da Assistência Social revela que esses dois campos institucionais compostos por saberes e práticas, dispositivos e equipamentos, discursos e poderes, inclusive num plano macro e paradigmático, promovem efeitos semelhantes de patologização do indivíduo e de adaptação social. Para que a Assistência Social, incluindo psicólogos, possa buscar um efetivo equacionamento do "problema social", é preciso que ela se paute radicalmente pelo enunciado ético que deve orientar seus efeitos: o sujeito cidadão de direitos. O psicólogo é um ator social e um profissional cuja atuação tem uma dimensão claramente política – que tanto pode promover a adaptação social na direção de uma subjetividade serializada e capitalística quanto a transformação social no sentido da singularização subjetiva e desejante – certamente contextualizada em marcos institucionais da própria categoria profissional e do campo da Assistência Social. A formação crítica e instrumentalizada de novos profissionais psi é um dos elementos significativos para que possam, com sua atenção e escuta, colaborar para que o SUAS possa promover, de modo mais efetivo, a cidadania e a emancipação social dos pobres.

Psicologia, Assistência Social, cidadania

P

SOCIAL

RASTREIO DE *BULLYING*: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.

*Luciana Xavier Senra**; Lelio Moura Lourenço; Jéssica Kiemy Ferrari Hashimoto*; Ana Carolina Brando Coelho Reis*; Bruna Valladares de Toledo*; Lucas do Vale Costa*; Eduardo Mendes Silva*; Thiago Virgilio da Silva Stroppa*; Bruna Mattos Koga*; Marcel de Toledo Vieira (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS/Equipe VDBullying, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil).*

O bullying é, atualmente, um dos fenômenos mais comuns no ambiente escolar e pode ser expresso através de diversas formas. Ele pode ser descrito como o intencional uso de poder, de um indivíduo ou grupo, de maneira sistemática, repetitiva e persistente com a intencionalidade de causar danos à integridade física e moral de indivíduos que são percebidos como frágeis e incapazes de se defenderem ou reverterem situações de risco. Contudo, apesar de sua seriedade, recorrência e impacto negativo na vida dos envolvidos, o bullying não esta ganhando a atenção necessária, tanto por parte de professores e gestores quanto por parte dos próprios pais de crianças vítimas e de crianças envolvidas com o bullying. Dessa forma, o presente estudo consistiu em uma revisão sistemática da literatura realizada através de uma busca eletrônica nas seguintes bases de dados: Web of Science; Dialnet; Redalyc; PsycInfo; Lilacs; Eric e RepositoriumUM; com descritores bullying questionnaire, bullying scale e bullying instrument. O objetivo desse estudo foi à verificação da frequência de pesquisas com uso e/ou construção e validação de instrumentos de identificação de bullying. Com 2071 artigos catalogados e 70 selecionados após critérios de exclusão, foram analisadas as seguintes categorias: frequências por base de dados; países e autores que mais publicaram; periódicos; ano de publicação; definição de bullying, metodologia, instrumento utilizado/construído e resultados das publicações. Os resultados apontaram que a Redalyc foi a base de dados com o maior número de publicações, disponibilizando o maior banco entre os anos de 2006 e 2011, com um total de 48.57%. Em relação aos autores, Pereira e Veiga foram os mais produtivos, cada um com 5.71% do total. Dentre os periódicos, o International Journal of Psychology and Psychological Therapy e Interacções juntos produziram 11.42% dos artigos. A metodologia mais frequente foi a quantitativa transversal e observacional. Esses resultados evidenciaram que o percentual de vítimas é equivalente em diferentes países e continentes e que enquanto os meninos utilizam mais a força para intimidar seus colegas, como por exemplo, bater e chutar; as meninas utilizam mais de ameaças e de insultos. Sendo assim, as formas mais comuns de bullying entre as meninas são a agressão verbal ou psicológica e entre os meninos se destaca a agressão física. Além disso, observou-se que os tipos mais comuns de bullying, são o físico e o verbal ou psicológico. Também pôde ser observado que os locais onde esse fenômeno mais ocorre são nas salas de aula, nas áreas de recreio e no pátio do colégio.

Bullying, instrumento de identificação e rastreio, revisão sistemática da literatura.

SOCIAL

REPRESENTAÇÃO DA RECAÍDA EM DEPENDENTES DE CRACK: UM ESTUDO QUALITATIVO EM UMA RESIDÊNCIA TERAPÊUTICA. *Bruno Pelícia* (Graduando em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. Aluno do Projeto de Pesquisa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UMESP), Evelyn Cristine Bognar* (Graduanda em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP), Alessandra Nagamine Bonadio** (Psicóloga clínica, pesquisadora da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas – UNIAD/UNIFESP – São Paulo/SP – Brasil), Manuel Morgado Rezende** (Doutor em Saúde Mental, professor da Universidade Metodista de São Paulo e líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Processos psicossocial na Promoção de Saúde)*

A dependência química é uma condição crônica que acarreta prejuízos em diversas áreas da vida da pessoa acometida, poucos que enfrentam o tratamento estabeleceram a abstinência no processo de tratamento. O objetivo desta pesquisa foi verificar a representação social da recaída em dependentes de crack em tratamento, quais são os aspectos envolvidos no processo de recaída e como ele ocorre, utilizando à luz da Teoria da Representação Social de Moscovici. A pesquisa foi realiza entre os meses de agosto a novembro de 2011, em uma residência terapêutica particular situada na capital de São Paulo. Recorremos à abordagem qualitativa para investigar o fenômeno em questão, a partir das entrevistas semi-estruturadas. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Metodista de São Paulo (Processo n° 452661 -11). O material emergente em campo foi submetido à análise de conteúdo, identificando-se os principais temas (categorias) emergentes, entre os quais se destacaram: recaída como qualquer uso de substâncias psicoativas durante ou após o tratamento, marcados pelos estereótipos do programa de 12 passos e dos tratamentos tradicionais pautados na abstinência total; sintomas afetivos negativos tal como culpa, raiva, remorso, vergonha, magoa, frustração, solidão, tristeza ou angústia no momento da recaída; vivências psicopatológicas durante a recaída, nessas circunstâncias os indivíduos podem alcançar o empobrecimento psíquico e dos laços afetivos, perda do vínculo e suas formas discursivas entre o conhecido e o desconhecido; controle externo da recaída sendo que socialmente os participantes do estudo "prometem" a abstinência, mais intimamente estão ameaçados pela recaída, ou seja, a centralidade esta na substância psicoativa. Conclui-se que os resultados sobre a representação social da recaída em dependentes de crack apontam evidentes dificuldades de se discutir o processo do que eventualmente ocasionou esse complexo fenômeno, cronificando a ideia, que qualquer uso de substância psicoativa (ilícitas), seja recaída, "recaída" = "uso" ou, ainda, "abstinência" = "cura", bem como a necessidade de repensar nas estratégias de planos de prevenção a recaída e dos modelos tradicionais de tratamento, propiciando experiência de abertura capazes de favorecer a inscrição na cultura e na coletividade. Outra questão para os clínicos e profissionais da saúde, e fomentar o trabalho psíquico, que vão além dos ditames dos manuais – diagnósticos e da repetição dos discursos de ajuda mútua, já que a identidade destes grupos circunscreve-se pelo espectro do adoecimento.

Bolsa PIBIC/UMESP

Palavra chaves: Representação Social, Recaída, Crack.

IC

SOCIAL

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INJUSTIÇA SOCIAL. *Ana Lucia Paes de Barros, Aline Joanna de Souza*, Alex Ramos*, Clovis da Silva Barros*, Natalia Dornellas Pimenta* (Universidade Católica de Petrópolis/ Petrópolis, R.J.)*

O destino imposto pelo capitalismo contemporâneo aprofundou a miséria e a concentração de renda. A promessa de que o "progresso" traria um mundo melhor e mais igualitário não se concretizou. Na contemporaneidade o "problema" não é mais da esfera do "mundo comum", tampouco a sua "solução" passa por aí. Problemas e soluções são, agora, quase que exclusivamente, atribuições do indivíduo. Neste contexto, verdadeiras cidades exclusivas são criadas e, com isso, espaços de convivência vão sendo retirados da totalidade da cidade. A cidade passa a ser um lugar onde a diversidade do mundo é olhada passivamente e as pessoas tornam-se distantes e indiferentes. Nela a percepção da desigualdade social não tem como resultado uma maior percepção e compreensão da exploração social. Quando pensamos sobre a pobreza, a sociedade brasileira, os fatos e protestos, e as diferentes condições de vida que se apresentam no país, alguns conceitos invadem nossos pensamentos: O que seria e como seria percebida, representada uma injustiça ou uma desigualdade social. Neste estudo tivemos como objetivo conhecer a percepção que jovens universitários têm acerca da injustiça social. De fato, estamos interessados em conhecer o que eles consideram uma injustiça social e que fatores são percebidos como os determinantes desta condição. A abordagem teórica adotada foi a Teoria das Representações Sociais. Participaram da nossa pesquisa aproximadamente 300 jovens (sendo 100 do curso de psicologia, 100 do curso de direito e 100 do curso de administração), voluntários, universitários do estado do Rio de Janeiro e com idades variando de 25 a 35 anos. Para a coleta das informações, foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas. Com as questões objetivas pretendemos abranger os seguintes aspectos: características pessoais, composição da família, renda, ocupação e educação dos familiares, condições de moradia e acesso aos serviços públicos. Com as questões abertas pretendemos conhecer o que os jovens pensam sobre suas vidas, sobre a realidade em que estão inseridos, como categorizam a si próprios, o que pensam sobre a injustiça e a desigualdade social, quais as causas que atribuem a elas, a quem atribuem essas causas, quais as causas e conseqüências do quadro social atual e como acreditam que esse fenômeno interfere em suas vidas. Na análise preliminar, a noção de injustiça social definida pelo grupo envolve, sobretudo, a percepção de que uns têm muito e outros, nada – referindo-se especialmente à moradia e educação. Além disso, as falas dos participantes apontam para diferentes tipos de injustiça, destacando-se aquelas na educação, seguida pelas condições de vida, distribuição de renda e classe social. Nas falas deles, para que a injustiça fosse minorada seria necessário acabar com o preconceito e a discriminação, haver maior solidariedade, diminuir o desemprego, o crime e a corrupção.

Injustiça social; exclusão social; jovens.

CNPQ/FCRM

SOCIAL

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROCESSOS DE TREINAMENTO INSTITUCIONAL JUNTO A FUNCIONÁRIOS DO SETOR DE LIMPEZA.

Maria Carolina Fregonezi Gonçalves (Psicologia, UNIFRAN, Franca, SP), Maria Carolina Osti Fregonezi Gonçalves** (Observatório de Violência-USP/RP, Franca, SP), Ana Paula Barbosa** (Psicologia, UNIFRAN, Franca, SP), Sérgio Kodato **(Psicologia, USP de Ribeirão Preto, SP)*

Este estudo objetivou investigar as opiniões e representações sociais de treinamento institucional, por parte de funcionários do setor de limpeza, de uma instituição de ensino superior. Aplicado na modalidade de treinamento em serviço, buscou-se a estimulação nas relações de cooperatividade e companheirismo, visando uma melhora no clima organizacional e produtivo. Para tanto, foi planejado e executado um treinamento institucional, que envolveu o aperfeiçoamento no trabalho em grupo, desempenho de papéis e relações sociais. O treinamento foi gerido por uma equipe de alunos e professores do curso de graduação em Psicologia, de uma instituição de ensino superior, de um município de médio porte, 318.239 habitantes (I.B.G.E. – 2010), do interior do país. Como sujeitos participantes do treinamento e da pesquisa foram convidados funcionários do setor de limpeza. Enquanto justificativa, o diagnóstico institucional apontava para as dificuldades dos sujeitos no desempenho de papéis e práticas de escutar, conversar, entender o outro, inverter seu papel com o outro, demonstrar empatia. Para que o relacionamento interpessoal melhorasse, optou-se por se criar um dispositivo de dinâmica de grupo, de sociodrama e psicodrama institucional, baseado no role-playing, treinamento de papéis, dramatizações de situações conflituosas e desenvolvimento de potenciais para a execução das tarefas, imbuídos de espírito de equipe. A pesquisa referenciou-se no método de análise das representações sociais. Enquanto procedimento, foi realizado um processo de treinamento que contou com dez encontros de grupos, com a duração de uma hora, uma vez por semana, com cinco subgrupos formados, tendo em média 15 participantes. Nos encontros trabalharam-se temas como competências e habilidades, motivações e expectativas, a comunicação e a cooperatividade, a hierarquia e situações conflitivas. Ao final, foi aplicado um questionário semiaberto para permitir uma avaliação do treinamento por parte dos sujeitos. Os questionários foram tabulados e as respostas analisadas pelo método de análise de conteúdo. Enquanto resultados pode-se afirmar que o treinamento foi representado de diversas formas: como possibilidade de crescimento, como troca, encontro afetivo, treinamento de habilidades, proporcionando uma transformação qualitativa dos funcionários que, modificaram efetivamente suas práticas cotidianas e, consequentemente, melhoraram o clima organizacional. Entretanto, pode-se dizer que, para a instituição, a mudança não foi totalmente efetiva, devido a desistência dos supervisores imediatos, que alegando fatores inerentes à organização do trabalho, se ausentaram do evento. Esse fato revelador indicou que o maior conflito estava nas relações hierárquicas entre os supervisores e os funcionários do setor de limpeza. Dessa forma, as relações sociais e de trabalho melhoraram, ou seja, ampliou-se a convivência entre os funcionários da limpeza e a forma de se lidar com os problemas pessoais, que acabam por afetar o desempenho no trabalho. Mas por outro lado, a convivência entre os supervisores e funcionários não progrediu, devido a não aderência dos primeiros ao treinamento, deixando assim, para a instituição, a questão de que seria preciso trabalhar as relações hierárquicas de poder, de mando e submissão.

Representações Sociais. Psicologia Social e Institucional. Treinamento em Serviço.

SOCIAL

SOBREVIVER OU SOBRE-VIVER: OS SIGNIFICADOS DE TRABALHO PARA CATADORES DE LIXO DO INTERIOR PAULISTA. *Fernanda Cristina de Oliveira Santos Aoki*, Ana Paula Chacon*, Manoel Antônio dos Santos. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

Há consenso na literatura de que o trabalho é um organizador psíquico, estabelecendo-se como cenário para o reconhecimento social e a construção da identidade individual. Porém, certas formas de trabalho não fornecem este reconhecimento; ao contrário, inserem o trabalhador em uma realidade de invisibilidade, como acontece com os catadores de lixo que ficam muitas vezes identificados como o próprio lixo. Este estudo teve por objetivo analisar como os catadores significam o trabalho com o lixo e como este trabalho repercute na estruturação psíquica e formação da própria identidade. Trata-se de um estudo etnográfico, com entrevistas abertas e observação participante, acompanhando dois contextos: a rotina de trabalho de uma associação de catadores de lixo e de um aterro sanitário do interior paulista. Foram elaborados diários de campo e videogravação. A análise do corpus foi feita com base na literatura e no referencial da psicodinâmica do trabalho. Os resultados mostraram diferenciações marcantes na significação de si e do trabalho entre os dois contextos pesquisados, podendo-se constatar o quanto um "trabalho estruturado", vinculado a uma associação, adquire valor de um trabalho reconhecido, embora tal reconhecimento fosse também motivo de vergonha, por ser socialmente visto como pejorativo. No aterro a atividade não era concebida pelos catadores como trabalho, mas como estratégia de sobrevivência; não se observou sentimento de vergonha, provavelmente por nem sequer sentirem-se reconhecidos, pois traziam frequentemente nos relatos o sentimento de anonimato. Notou-se que esses catadores ficam tão misturados ao simbolismo psicossocial do lixo que não conseguem diferenciá-lo de sua própria identidade, percebendo-se como uma continuidade dos resíduos descartados. Em suas narrativas, os catadores do aterro transformavam o trágico em cômico. Os mecanismos de defesa pareciam estar a favor de um exercício mecânico, que lhes garantissem a sobrevivência. Tal como o chorume do lixo impregnado nas mãos, escondendo as linhas que delineiam as digitais, a realidade do lixão parecia embaralhar os traços de história, memória e identidade social e pessoal. Porém, nos limites da dignidade humana, alguns catadores pareciam SOBRE-viver buscando tirar daquela situação o máximo de proveito; encontravam no trabalho uma forma de realização, re-colhendo aquilo que, para eles, era significado como presentes: rádio, relógio, comida, livros. Aprenderam utilizar o lúdico para amenizar a crueza do cotidiano e permitirem-se sonhar. O estudo permitiu dar visibilidade à condição não apenas social, mas psíquica dos catadores; percebendo a diferença da concepção de trabalhadores que acreditam trabalhar COM o lixo como material a ser transformado, e aqueles que "trabalham NO lixo", indistintamente misturados a um sofrimento não passível de ser nomeado, ligado à mera manutenção da sobrevivência. Transcendendo a condição externa de miséria, alguns mostraram saber "tirar proveito de um mau negocio", conseguindo utilizar a própria miséria como ferramenta para esculpirem-se em seu melhor formato, Sobre-Viverem.

Catador de lixo, psicodinâmica do trabalho, lixão

SOCIAL

TÁTICAS DE PERSUASÃO E RESISTÊNCIA DE CONSUMIDORES EM PUBLICIDADE NA MÍDIA. *Stela Lemos, Fabio Iglesias, Amalia Raque Pérez Nebra, Carolina Passos, Rafaela Serôa da Motta (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Vive-se em um período de rápida mudança, o que contribui para a aceleração do consumo e conhecimentos acerca também de publicidade. A literatura sobre influência em psicologia social identificou a existência de mais de 100 táticas para persuadir consumidores, operacionalizadas empiricamente, sendo grande parte delas usadas no formato audiovisual. O objetivo desta pesquisa foi identificar o uso dessas táticas na publicidade brasileira veiculada na TV aberta. A amostra para este estudo foi definida como a programação de um telejornal de grande audiência em uma rede de televisão aberta durante as duas semanas antes do natal do ano de 2011. Foi registrado um total de 149 de anúncios publicitários, sendo 67 distintos. Foram selecionadas 82 táticas de influência passíveis de serem aplicadas ao formato audiovisual, utilizadas para se verificar a frequência e associação em cada peça, considerando-se ainda outras variáveis como o tipo de produto, sua duração e repetição. As análises de classificação foram realizadas por duas pesquisadoras em um formato de escala Likert, de modo a se garantir a consistência dos julgamentos. Considerando as frequências absolutas (n=149), os anunciantes mais foram exibidos foram: de carros (n=37); bancos (n=15); empresas de telefonia (n=13); e lojas populares de eletrodomésticos e eletroeletrônicos (n=10). Os demais anunciantes possuem juntos 38 peças publicitárias. Quanto ao número de peças publicitárias distintas e repetição do mesmo anunciante, tem-se que uma empresa de telefonia e um anunciante de automóveis possuem cada um o número de quatro propagandas diferentes de seus produtos. Ademais, três outros anunciantes de automóveis, um banco e uma loja popular de eletrodomésticos e eletroeletrônicos possuem cada um três propagandas diferentes. É interessante observar, em relação à frequência, que na última semana antes do natal foram exibidas duas peças publicitárias relativas a comidas típicas da época natalina e na semana do natal este número dobra, sendo então quatro propagandas. Do total de peças publicitárias, apenas 18 fazem referência ao natal. A investigação qualitativa pode ser considerada como a ponte que permite a articulação entre a psicologia social e a do consumidor, já que incorpora ao estudo do consumidor o contexto social que o rodeia; constrói sua realidade de forma tal que a cultura, sua história e interação com outros são elementos relevantes que se enquadram na multiplicidade de variáveis que explicam seu comportamento de consumo. A pesquisa pôde, assim, gerar um primeiro conjunto de conhecimentos sobre esses fenômenos no contexto brasileiro, amparados em dados empíricos produzidos de maneira sistemática.

Persuasão; publicidade; comportamento consumidor.

CNPq

SOCIAL

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CONHECENDO SUAS MANIFESTAÇÕES NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO. *Fernando Willian Juiz Assunção*, Geovana Nunes de Jesus*, Arytanna Zuitá Barbosa Ferreira*, Áderson Luiz Costa Junior (UnB, Brasília, DF)*

O termo "violência de gênero" tem sido muito utilizado na literatura nacional como sinônimo para violência contra a mulher, principalmente em contexto de relação conjugal, portanto é necessária a realização de estudos que envolvam mais elementos da dimensão de gênero. Contudo, a categoria gênero está atrelada a uma percepção crítica sobre as relações interpessoais, que são mediadas pelas identidades de gênero e sexualidades dos sujeitos, não se limitando ao entendimento das relações homem-mulher. A violência ocorre quando uma ou mais pessoas adotam comportamentos que causam danos a alguém. Esses danos podem ser tanto físicos quanto psicológicos. O encontro da dimensão de gênero e da violência ocorre quando as pessoas recorrem à violência para manter e reforçar a ideologia de gênero heteronormativa, segundo a qual a heterossexualidade é a única identidade e sexualidade normal. Deste modo, pode-se dizer que violência de gênero é aquela que incide, abrange e acontece sobre/ com as pessoas em função do gênero ao qual pertencem. Este conceito abrange todos os tipos de violência tanto física (uso de força, causando danos físicos ou danos materiais, etc.), psicológica (intimidação, agressões verbais, dependência financeira forçada etc.) e quanto sexual (atos sexuais não consensuais, humilhação devido ao corpo ou sexualidade etc.) enfrentadas pelas pessoas. Esta pesquisa teve por objetivo identificar as manifestações de violências de gênero (psicológica, física e sexual) que ocorrem na comunidade universitária do campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, de que forma e a quem são direcionadas e propor uma discussão sobre esse tema, tornando-o mais visível e diminuindo as ocorrências das violências. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas/UnB e consistiu na realização de grupos focais, com a participação de alunos de graduação de diversos cursos com idades entre 17 e 25 anos, na própria universidade. Todos eram estudantes dessa universidade e só participaram aqueles que concordaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O grupo focal foi conduzido por dois facilitadores e uma observadora. O encontro foi gravado em áudio e transcrito para análise de acordo com a Análise de Conteúdo. Os resultados obtidos através do grupo focal demonstram uma grande ocorrência de diversas formas de violência dentro do campus universitário, sendo que as mulheres apontaram serem as principais vítimas, seguidas por lésbicas e gays. A principal forma de violência apontada foi a psicológica, a maior parte das mulheres já foi assediada dentro do campus, seja por outro aluno, professor ou servidor. Muitos participantes comentaram sobre a grande quantidade de professores que fazem comentários e piadas que inferiorizam as mulheres e homossexuais. Todos os participantes afirmaram saber de casos de estupros que ocorreram dentro da universidade, contudo nenhum dos participantes foi vítima desse tipo de violência. A partir dos dados obtidos percebe-se que mesmo a universidade sendo um suposto espaço de diálogo e mudanças sociais, seus integrantes reproduzem todos os dispositivos heteronormativos da sociedade, perpetuando violências e opressões simbólicas à mulheres e homossexuais, principalmente.

Violência; Gênero; Universidade

Bolsista

SOCIAL

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E *BULLYING* ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UM MUNICÍPIO BRASILEIRO. *Luciana Xavier Senra**; Lelio Moura Lourenço; Jéssica Kiemy Ferrari Hashimoto*; Ana Carolina Brando Coelho Reis*; Bruna Valladares de Toledo*; Lucas do Vale Costa *; Eduardo Mendes Silva*; Thiago Virgilio da Silva Stroppa*; Bruna Mattos Koga*; Marcel de Toledo Vieira (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS/Equipe VDBullying, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, MG, Brasil).*

O fenômeno da violência afeta a população mundial causando prejuízos sociais e de saúde para indivíduos, famílias e comunidades. No âmbito doméstico a violência ocorre entre membros com vínculo afetivo, convivendo no mesmo ambiente. A natureza dos atos violentos pode ser física, sexual, psicológica, patrimonial e financeira, de abuso e negligência. Envolvem condutas agressivas expressas entre pessoas em condições desiguais de poder, impossibilitadas de defesa ou de reversão da situação de violência. As principais vítimas são crianças, adolescentes, mulheres e idosos. Os danos causados às crianças e adolescentes relatados em pesquisas são: problemas fisiológicos, transtornos de stress pós-traumático, depressão, ansiedade, isolamento e conduta agressiva, baixo desempenho acadêmico, envolvimento em situações de bullying, violência escolar e delinquência juvenil. A violência escolar consiste em danos patrimoniais e em atos de agressão contra gestores e entre os pares escolares. A agressão entre pares é denominada bullying, o qual é definido como um fenômeno sem motivação aparente, caracterizado por agressão física e psicológica, intencionais e repetitivas por um longo período de tempo contra um indivíduo em situação de desigualdade de poder, sem condições de defesa ou reversão da situação. Tais situações acontecem devido às características psicológicas, físicas, étnicas, sociais, culturais e econômicas específicas. O bullying é caracterizado por atos de bater, chutar, empurrar, apelidar, humilhar, ameaçar, coagir, xingar, falar depreciativamente de alguém, excluir e isolar socialmente. Os principais envolvidos, segundo a pesquisa Plan Brasil realizada em 2009, são adolescentes com faixa etária entre os onze e os quinze anos, que estejam cursando o ensino fundamental. O estudo visou identificar e estudar características da relação entre Violência Doméstica e Bullying entre adolescentes do sexto ao nono anos do ensino fundamental da rede pública municipal de Juiz de Fora. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos; e consistiu num estudo transversal de natureza observacional, que alocou os participantes por meio de técnica de amostragem probabilística e que envolverá duas etapas de abordagem: (I) uma pesquisa de campo quantitativa e descritiva, visando o levantamento da prevalência de bullying e para explorar os tipos de envolvimento dos adolescentes nas situações de intimidação entre pares, utilizando o Questionário de Bullying; e (II) um estudo de campo qualitativo que objetivou identificar e estudar os contextos e perspectivas relativas à violência doméstica (VD), ao bullying e a relação (ou não) de ambos com os adolescentes, por meio de entrevistas semi-estruturadas. Todos os participantes receberam informações relativas à pesquisa e a adesão, voluntária, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE por todos eles. Espera-se que seja possível sensibilizar profissionais de educação frente a essa realidade apresentada por esta pesquisa por meio do fornecimento de informações e subsídios para o desenvolvimento de programas de intervenção e de prevenção efetivos tanto para de situações de bullying, quanto de violência doméstica. Poderão também ser beneficiadas escolas, instituições que assistem casos de violência doméstica, profissionais de saúde, a comunidade e o poder público, interessados em conhecer e estabelecer estratégias para essa problemática.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Violência doméstica, bullying, adolescentes.
SOCIAL

LA INFLUENCIA DEL CONTEXTO EN LAS DINÁMICAS DE PROTESTA POLÍTICA. *Cristina G. Román**, Xiana Vilas (Universidad de Santiago de Compostela - España), Wilson López-López (Pontificia Universidad Javeriana-Colombia), Mónica Alzate, Mar Durán y José Manuel Sabucedo (Universidad de Santiago de Compostela-España)*

En este trabajo queremos estudiar hasta qué punto el contexto influye en las variables explicativas que determinan la participación en la protesta. En concreto, comprobamos si los motivos expresivos e instrumentales, la eficacia, la ira y la identidad tienen el mismo peso explicativo sobre la participación política en diferentes contextos.

Para ello, comparamos dos manifestaciones organizadas por los mismos sindicatos en España, en dos momentos diferentes: uno antes de la reforma laboral y otro tras la reforma. Esta situación contextual nos permite estudiar, en un experimento natural, si hay diferencias en el contexto que llevan a la movilización y si éstas apelan a diferentes dinámicas de motivación para participar en la protesta.

El procedimiento de recogida de datos se llevó a cabo durante las manifestaciones del 1º de mayo (antes de la reforma), y del 29 de septiembre (tras la aprobación de la reforma).

La metodología utilizada en la recogida de datos pretendía garantizar que cada participante en la manifestación tuviese la misma probabilidad de ser entrevistado. Para ello utilizamos supervisores del trabajo de campo que dirigían a un grupo de entrevistadores en cada manifestación. Los supervisores contaban las filas para garantizar un reparto aleatorio de los cuestionarios en la marcha y evitar así el sesgo del entrevistador.

Además, para controlar el sesgo por la falta de respuesta, se usaron dos tipos de recolección de datos: (1) breves entrevistas cara a cara que eran contestadas durante la protesta e incluían las cuestiones más importantes de la investigación; y (2) cuestionarios pre-franqueados más amplios que los participantes tenían que cubrir en casa y reenviar por correo.

Participaron en nuestro estudio 180 manifestantes de la primera protesta (67% hombres, 33% mujeres, con una edad media de 52 años) y 307 participantes de la segunda (El 55,5% fueron hombres y el 44,5% mujeres, siendo la edad media de 42,76 años).

Los resultados obtenidos en la regresión jerárquica muestran que las variables estudiadas y la relación entre ellas no es la misma en ambas manifestaciones, por lo que el modelo de ecuaciones estructurales diseñado es diferente en un contexto y en otro. Así, en la manifestación del 1º de mayo, los motivos instrumentales y la identidad determinaron directamente la participación en la protesta, actuando como mediadores de las otras variables sobre la determinación a participar. Mientras que en la manifestación del 29 de septiembre, la identidad es la que determina fundamentalmente la participación en la protesta, actuando como variable mediadora de los motivos expresivos y la eficacia.

Palabras clave: variables psicosociales, participación política y contexto.

Financiado por: Beca FPU (Ministerio de Educación) y EUROCORES.

SOCIAL - Psicología Social

LA OBLIGACIÓN MORAL EN LA PROTESTA POLÍTICA. *Xiana Vilas, Cristina Gómez** (Universidad de Santiago de Compostela- España), Wilson López-López (Pontificia Universidad Javeriana- Colombia), Mónica Álzate, Mar Durán y José-Manuel Sabucedo (Universidad de Santiago de Compostela-España)*

En las sociedades actuales la acción colectiva se está convirtiendo en parte del repertorio común del comportamiento político de los ciudadanos. De hecho, en los últimos tiempos hemos visto surgir un gran número de movilizaciones colectivas en diferentes partes del mundo. Esto ha llevado a que los psicólogos sociales dirijan su atención hacia estos fenómenos. El modelo instrumental, que ha gozado de una posición privilegiada en los últimos años, asume que la gente actúa con el objeto de alcanzar determinados beneficios. Por tanto, según este modelo, los individuos saldrían a la calle porque desean producir cambios eficaces. Sin embargo, estudios recientes han mostrado que la variable instrumental no tiene una influencia tan importante sobre la intención de participar. Estos estudios señalan la relevancia de otras variables como la identidad, la ira o la ideología. Aunque se han hecho esfuerzos para incluir variables nuevas que permitan explicar las dinámicas motivacionales de la protesta, todavía existen lagunas importantes sobre las motivaciones morales. El objetivo de nuestro trabajo se dirige a explorar el papel que juega la obligación moral para explicar la intención de protesta, así como su relación con otros motivos de participación. Estudios previos han mostrado que la obligación moral ejerce una influencia importante en algunas movilizaciones, sobre todo en aquellas más relacionadas con los valores. Situándonos en el contexto de crisis económica que vive España se ha realizado una investigación con estudiantes universitarios (N=316) con el objeto de conocer su intención de participar en acciones de protesta en contra de la subida de las matriculas. Se les aplicó un cuestionario donde se preguntaba por diversas cuestiones relacionadas con las variables de interés de nuestro estudio: eficacia, identidad politizada, ira y obligación moral; además de otras. En el análisis de datos se utilizó el método de ecuaciones estructurales con el programa estadístico Amos, para conocer cómo se relacionan estas variables entre sí y con la intención de protesta. Los datos arrojan resultados que indican que la identidad politizada se consolida como una de las principales vías explicativas de la protesta política, y la obligación moral a participar aparece como un potente predictor de las intenciones de protesta en el path analisis. Por otro lado, es importante señalar que la eficacia y la ira presentan efectos indirectos sobre la intención de participar, esto nos hace cuestionar el papel predictor que se le ha venido otorgado de la eficacia percibida. Con este estudio se abren nuevas cuestiones para trabajos futuros, destacando esencialmente el papel de la obligación moral y la necesidad de incluir esta variable en los futuros modelos de protesta política.

Palabras Clave: obligación moral, acción colectiva de protesta.

SOCIAL - Psicología Social

LA REPRESENTACIÓN SOCIAL DE LA VIOLENCIA EN MÉXICO. UN NUEVO LENGUAJE SOCIAL. *Silvia Valencia Abundiz*, Luz Elena Ramírez Flores**, Rubén Soltero Avelar**, Roque Quintanilla Montoya** (Departamento de Salud Pública*; Departamento de Psicología Aplicada**, Universidad de Guadalajara, Guadalajara, Jalisco, México).*

Los tiempos modernos en nuestro país se han visto manchados con el dolor y la sangre de los mexicanos anónimos, quienes malamente han sido llamados por los canales oficiales como el "daño colateral" de la guerra contra El narcotráfico. La percepción de La población es de inseguridad extrema, cambiando los hábitos y las prácticas sociales, en algunos estados de la República Mexicana, no solo de un grupo sino de poblaciones enteras, donde incluso se pueden apreciar pueblos fantasmas, acosados por La sentencia de un cartel de La droga de quien salga a La calle será muerto por sus sicarios.

La presente investigación se aboco a conocer las representaciones sociales de La violencia en México, luego de que en este país, en los últimos 5 años, ha habido más de 60,000 muertos por ajusticiamientos, enfrentamiento o simples mensajes criminales, de terror, de poder y/o de control de un territorio.

La investigación se realizó por medio de una encuesta aplicada a población abierta, con 300 instrumentos contestados, donde 180 fueron mujeres y 120 hombres, de entre 18 y 45 años de edad. El análisis operado en el instrumento fue realizado con el software Alceste, el cual es un analizador lexicográfico, permitiéndonos un análisis de discurso, al cual se le sumo un análisis de contenido, elaborado a partir de un procesamiento secuencias, otro de palabras (donde los verbos, sus conjugaciones y los adjetivos fueron las palabras elegidas). Estos procedimientos permitieron conocer las diversas representaciones sociales, como formas de apropiación de la realidad, así como su función de guías para la acción han matizado lo que denominamos un nuevo lenguaje social, así como un nuevo sistema de códigos sociales que involucran nuevas formas de expresión de vida, de trabajo y de prácticas sociales.

Representación Social, Violencia Social, Alceste

SOCIAL - Psicología Social

PRIMEROS AUXILIOS PSICOLOGICOS ESTUDIO PSICOLÓGICO EN BOMBEROS DE LA COMUNIDAD DE MADRID, ESPAÑA. *Miriam Susana González Pablo, Ernolando Parra Parra, Eduardo Samper Lucena.*

Las situaciones de emergencia son desgraciadamente un fenómeno frecuente en el mundo. En algunos casos estas situaciones son fruto principalmente de fenómenos naturales como por ejemplo un terremoto, una inundación o una erupción volcánica, y el volumen de personas afectadas puede llegar a ser tan grande como las aproximadamente 300.000 muertes resultantes del tsunami de diciembre de 2004 en el Pacífico. Son catástrofes que a menudo vienen marcadas por determinadas situaciones geográficas que pueden incidir en que, desde nuestro país, las contemplemos como lejanas: es lo que algunos autores han denominado percepción de invulnerabilidad (Weinstein, 1989), aunque tenemos profesionales que intervienen en estos ámbitos de la emergencias como Bomberos, Personal Sanitario o Militares (UME)

En otras ocasiones, las situaciones de emergencia tienen una relación directa con los comportamientos humanos. Por ejemplo el atentado terrorista en la estación de Atocha de Madrid con casi 200 muertes y numerosos afectados el año 2004. O bien, el derrumbamiento de pisos en Madrid en el barrio de Moncloa o en el barrio del Carmel de Barcelona como consecuencia de las obras de una nueva línea de metro el año 2005. Son situaciones que también afectan a un grupo pero que se dan a una mayor proximidad geográfica. En estos casos, nuestra percepción de vulnerabilidad puede verse incrementada.

Todavía podemos hablar de un tercer tipo de situación de emergencia: aquel que implica a un número reducido de personas en comparación con las anteriores pero que proporcionalmente se da con mayor frecuencia. Algunos ejemplos serían: sufrir un accidente de tráfico, perder a alguien significativo, ser víctima de una agresión o de un robo, los intentos de autolisis, los ataques de pánico, entre otros.

Este amplio abanico de situaciones evidencia la necesidad de formación en conocimientos y estrategias básicas de intervención en el ámbito de las emergencias por parte de los equipos de intervención y profesionales, y entre estas las técnicas psicológicas (Gutiérrez, 1999)

Es decir, ¿cómo debe actuar un profesional desde la perspectiva psicológica si una persona a la que atiende, manifiesta un ataque de pánico, por ejemplo? Actualmente, los planes de estudios para acceder a ser profesional de emergencias no contemplan la formación en primeros auxilios psicológicos, teniendo que adquirir los conocimientos a través de cursos posteriores y en la mayoría de los casos por motivación personal.

Surge así una curiosa paradoja, mientras los autores más reconocidos de la intervención en crisis, como por ejemplo Slaikeu (1996), insisten en la necesidad de formar en primeros auxilios al personal profesional vinculado a las emergencias (bomberos, policías, sanitarios, etc.), No todos lo reciben de forma reglada en su currículum formativo.

Estimamos que es necesario esta formación en los equipos de intervención: Bomberos, Sanitarios, Militares etc., proporcionando primeros auxilios psicológicos a los afectados, sin empeorar la situación y con la suficiente seguridad y convicción de que aquello que hacen es adecuado o, como mínimo, no es perjudicial.

Hay algunos modelos en nuestro país como SAMUR-PC, ENPC, el grupo de emergencias del Ayuntamiento de Guadalajara o el grupo para el Estudio Psicosocial de

las Emergencias (GEPSE), dirigido a la formación de bomberos, mossos de esquadra y personal sanitario de Cataluña (Lorente, Subirá y Vacas, 1998).

En este Postrer pretendemos mostrar un estudio realizado con Bomberos de la Comunidad de Madrid sobre la aplicación de técnicas psicológicas en sus intervenciones, Primeros Auxilios Psicológicos, medidas de Autocuidado etc. y la posible necesidad de formación que se percibe por este colectivo en cuanto al manejo de Técnicas Psicológicas de intervención en emergencias necesarias para su trabajo y la atención a los afectados en su trabajo diario.

Investigación realizada por González-Pablo, Miriam; Parra Parra, Ernolando; Hernández Martín, Concepción; Salido Rivas, Mariano; Culebras Pérez, Beatriz; Samper Lucena, Eduardo

Primeros Auxilios Psicológicos, Emergencias, Psicologia Social, bomberos, intervinientes, tecnicas psicológicas de emergencias

SOCIAL - Psicología Social

A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO E A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE: COMO O TEMA É ABORDADO PELO JORNAL FOLHA DE BOA VISTA. *Soraya Ivon Ramirez Moreno, Juscyelly de Mesquita Pereira* (UFRR, Boa Vista, Roraima)*

A violência contra a criança e o adolescente ocorre há muito tempo e a pesar de dos avanços para a proteção do desenvolvimento físico, psíquico e social desses indivíduos, ainda é alarmente o numero de casos de violência. Esta pesquisa tratou sobre os casos de violência sexual contra a criança e o adolescente noticiados no jornal impresso de maior circulação no estado de Roraima – Jornal Folha de Boa Vista, tendo como objetivos levantar características sobre as vítimas, os dos agressores; além de analisar se o jornal faz alguma menção sobre o trabalho do profissional de psicologia no que diz respeito à prevenção e/ou intervenção para os casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes. Dentre as reportagens foram selecionadas para análise publicações entre os anos de 2005 a 2011, totalizando 61 noticias consideradas relevantes para a pesquisa. Como resultados obtivemos que nos casos de abuso sexual, houve o predomínio de vítimas do sexo feminino, as idades de maior prevalência para os casos de abuso sexual foram entre os 4 até os 14 anos. Em relação aos agressores 40% foram os vizinhos e os padrastos, o que nos leva a perceber que são as pessoas mais próximas e que convivem com as vítimas as que mais cometem violência sexual. No que diz respeito a encaminhamentos para atendimento psicológico e/ou apoio psicossocial as menções são escassas. Em relação às alusões ao trabalho do profissional de psicologia encontraram-se duas menções sendo uma delas uma entrevista ao profissional e outra fazendo referência à inserção do profissional dentro de uma equipe multidisciplinar que atende casos de violência sexual. Em relação aos dados de vítimas e agressores concluiu-se que os resultados são similares aos de outras pesquisas, destaca-se, entretanto, que é de extrema importância a divulgação de encaminhamentos para atendimento psicológico e o trabalho do profissional da psicologia para o tratamento de danos ocasionados por essa violência para a vítima e para a família da vítima, haja vista que o atendimento pelo profissional de psicologia é oferecido estando este inserido em equipes multiprofissionais ou trabalhando nas redes de atendimento básico tais como as unidades de saúde, desenvolvendo trabalhos de prevenção e de intervenção para este tipo de violência.

Apoio financeiro UFRR

Palavras Chave: Violência Sexual- Criança e adolescente- Psicólogo.

IC

SOCIAL